POESIAGALEGA.ORG
arquivo de poéticas contemporáneas na cultura

GAAP
GRUPO ALEA DE ANÁLISE POÉTICA

# A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário

**José Manuel Rodríguez Gómez**
**(Joel R. Gômez)**

**Formas de citación recomendadas**

**1 | Por referencia a esta publicación electrónica***
RODRÍGUEZ GÓMEZ, JOSÉ MANUEL (JOEL R. GÔMEZ) (2011 [2009]). *A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*. Santiago de Compostela: Universidade. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1214>.

**2 | Por referencia á publicación orixinal**
RODRÍGUEZ GÓMEZ, JOSÉ MANUEL (JOEL R. GÔMEZ) (2009). *A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*. Santiago de Compostela: Universidade. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.

* Edición dispoñíbel desde o 24 de novembro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

© O copyright dos documentos publicados en *poesiagalega.org* pertence aos seus autores e/ou editores orixinais.

# TESE DE DOUTORAMENTO

# A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário

José Manuel Rodríguez Gómez (Joel R. Gômez)

Director: Elias J. Torres Feijó

**Agradecimentos.**

Foram muitas as pessoas que, em diferentes países, se prestaram a colaborar, facilitando dados e materiais em entrevistas pessoais, através dos correios ou por outros meios, e sem cuja ajuda nunca esta investigação teria atingido a actual dimensão.

Devo citar em primeiro lugar os familiares directos de Ernesto Guerra da Cal, em especial à viúva, Elsie Allen da Cal, que sempre teve as portas abertas nas suas moradas de Lisboa e do Estoril, permitindo consultar o Espólio, dando indicações preciosas sobre pistas a seguir, facilitando endereços e telefones muitas vezes através de contactos pessoais prévios, e esclarecendo com pormenor e muita paciência diferentes questões respeitantes à trajectória dacaliana, nem sempre fáceis para a investigação por causa dos muitos países em que desenvolveu a sua actividae e os muitos campos em que interveio. Também foi boa a recepção pela primeira esposa de Da Cal, a Professora Doutora Margarita Ucelay, na sua morada de Madrid; e pelo filho, o Professor Doutor Enric Ucelay da Cal residente em Barcelona.

Os Professores Doutores José Luís Rodríguez, Anxo Tarrío, Arturo Casas, Elvira Souto e Francisco Salinas, das universidades de Santiago de Compostela e da Corunha, fizeram contributos ao julgarem em 2000 e 2001, o Trabalho de Investigação Tutelado e a Memória de Licenciatura em que se alicerça esta investigação.

Outras pessoas da Galiza que ajudaram no trabalho foram Maria do Carmo Henríquez Salido, Francesco Traficante, José-Martinho Montero Santalha, Carlos Garrido, Isaac Alonso Estravis, Maria Pilar García Negro, Francisco Fernández del Riego, Xosé Luís Franco Grande, José Posada, Xosé María Álvarez Cáccamo e Darío Villanueva Prieto. A Isaac Díaz Pardo e a Rosário Portela, de Ediciós do Castro, devo gratidão pelo apoio como editores.

Foram também de relevo os contributos, em Portugal, de Carlos Reis, Aníbal Pinto de Castro, José Luzio Vaz; Assunção Monteiro, Henriqueta Gonçalves, Joaquim de Montezuma de Carvalho, José Blanco (Fundação Calouste Gulbenkian); João de Amaral Cabral (Fundação Casa de Bragança), Maria da Graça Salema de Castro (Fundação Eça de Queirós); Aldegice Machado da Rosa; Francisco Pimenta (Editora Figueirinhas, do Porto), Paula Figueira Santos (Casa Rodrigues Lapa, em Anadia), Helena Cidade Moura e o seu esposo Domingos Moura.

No Brasil a Professora Doutora Gilda da Conceição Santos, que me acolheu em estada de investigação nessa cidade;  e as colaborações de Eduardo Portella, António Olinto e Evanildo Bechara, (Academia Brasileira de Letras); Leodegário A. de Azevedo Filho (Academia Brasileira de Filologia); e os professores Márcio Muniz Coelho e Flávio Garcia .

Nos Estados Unidos, os doutores John O'Neill (The Hispanic Society of America), Alison Maginn (Monmouth University), Nechama Kramer-Hellinx, Gonzalo Sobejano, Eva L. de Barcia, Onésimo Teotónio de Almeida, Vítor Meirinho e Manuel Vilar.

Alargo os agradecimentos, no País Basco, ao Professor Doutor Xosé Estévez; na Andaluzia, a María Victoria Atencia e seu esposo Rafael León; em Londres, a Carlos Durão; na República Checa, a Ivám Cozinha.

A "Fundación para la Formación Continua (Forcem)", outorgou uma ajuda individual para formação (algo mais de 33 dias laborais), que se aproveitou pelas facilidades dos companheiros da Redacção do jornal *La Voz de Galicia* de Compostela; a USC, financiou uma estada de investigação no Rio de Janeiro; e a Conselharia do Governo da Galiza aprovou uma ajuda dentro da convocatória de projectos realizado no ano 2006 para o estudo da memória histórica da Galiza, que fez possível o deslocamento a Nova Iorque, muito valioso para o labor de pesquisa; os três foram apoios muito valiosos para levar para a frente o trabalho de investigação.

No plano pessoal, citação especial para Mercedes e para Inês Mercês, pelo muito tempo e espaços partilhados por causa da pesquisa; e a  a minha maior gratidão para o Grupo de Investigação Galabra (de Estudo dos Sistemas Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa), pela colaboração permanente, com contribuições metodológicas e com outras intervenções nas diferentes fases da produção do trabalho. As professoras Carme Villarino e Felisa Rodríguez Prado, bem como Gonçalo Cordeiro Rua, Carlos Figueiras González, Roberto Lôpez-Iglésias Samartim, e Raquel Bello Vázquez merecem, entre os membros do Grupo, citação especial pelas suas continuadas ajudas; e sobretudo o director, e orientador da presente pesquisa, o Professor Doutor Elias  Torres Feijó, sempre disposto, com tempo e paciência, para ajudar, abrir caminhos e encorajar com acerto e eficácia.

Santiago de Compostela, Junho de 2009.

I.-Introdução.

A investigação que aqui se apresenta como Tese de Doutoramento culmina um processo iniciado em 1999, na sequência dos estudos de Terceiro Ciclo na Universidade de Santiago de Compostela (USC), sob orientação do Professor Doutor Elias J. Torres Feijó. A pesquisa centra-se em Ernesto Guerra da Da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994), uma personalidade controversa e muito insuficientemente conhecida na altura na Galiza. Ignorado em ocasiões, mesmo em trabalhos de especialistas; considerado figura central por outros, precisavam-se dados certos das suas intensas biografia e produção, que permitissem explicar a sua trajectória.

Inicialmente tentou-se verificar como Guerra da Cal se situou no centro dos estudos queirosianos, posição que lhe era reconhecida no Campo dos Estudos Literários (CEL) Portugueses, e qual o significado certo disso. O facto de se comemorar no ano 2000 o Centenário da Morte de Eça de Queirós, acontecimento central em Portugal, onde se constituiu uma Comissão, com o maior apoio oficial e institucional para as celebrações, nas quais foi assinalado em diferentes ocasiões e mesmo se convocou o prémio internacional de investigação "Professor Ernesto Guerra da Cal", contribuiram para aquela escolha temática.

Os primeiros frutos da pesquisa foram discutidos em sessão plenária do Grupo Galabra em Abril de 2000, antes da defesa, como Trabalho de Investigação Tutelado na Faculdade de Filologia, em Setembro. Em Dezembro, alguns dados eram utilizados em contributo apresentado no encontro internacional *Galego no mundo. Latim em Pó*, celebrado em Santiago de Compostela, entre as actividades organizadas com ensejo da Capitalidade Europeia da Cultura, e editado no ano seguinte (Gômez, 2001: 79-80).

Aquele primeiro fruto académico, revisto, acrescentado e reescrito em grande parte, alicerçou a posterior Memória de Licenciatura, apresentada em Abril de 2001, *A produção queirosiana de Ernesto Guerra da Cal e o Polissistema Literário Português. (Estudo de um duplo processo de canonização)*, em que se incluiam materiais que, por imperativos temporais dos prazos académicos, não se puderam tomar de consideração no ano anterior. O mesmo dia da defesa esse trabalho era apresentado em Compostela *Caracol ao Pôr-do-Sol*, poemário póstumo de Da Cal,

editado pela Associaçom Galega da Língua, para o que contribuiu a mediação realizada com a viúva e com a editora por causa do labor de pesquisa.

Ao se conhecerem os trabalhos iniciais, que ecoaram na imprensa, surgiu interesse de duas editoras galegas para a sua publicação, não programada. Isso propiciou que, por causa do deficiente conhecimento sobre Guerra da Cal na Galiza, sobretudo no respeitante ao assunto privilegiado nessa pesquisa inicial, se decidisse preparar uma edição, alicerçada nesses textos, revistos e acrescentados, que deram como resultado o volume (Gômez, 2002b) *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX* (FUN), incluído pela editora O Castro na colecção "Ensaio Filoloxía" e que saiu ao mercado em Novembro do 2002, com um texto prefacial do Professor Doutor Elias Torres Feijó (Torres Feijó, 2002). O lançamento desse livro aconteceu em 28 de Novembro desse ano, na Faculdade de Ciências da Educação da USC, na sequência da programação do "VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura", com intervenção dos professores doutores Elias J. Torres Feijó e Aurora Marco, presidenta do comité organizador desse acontecimento e da sociedade científica que o promocionava. Nesse congresso foi apresentada comunicação sobre *Caracol ao Pôr-do-Sol*, trabalho com posterioridade também publicado (Gômez, 2004).

Naquele ano 2002, o Club de Prensa do Ferrol solicitou-me colaboração para um volume especial de homenagem a Da Cal da sua revista *Ferrol Análisis*. Assim surgiu novo contributo, publicado em Agosto de aquele ano, (Gômez, 2002a), com afã de vulgarização da sua figura na cidade natal. Esse mesmo trabalho foi recolhido num volume de homenagem publicado em Dezembro pela Câmara Municipal do Ferrol.

Consequência dos contactos com professores portugueses presentes nas sessões do congresso de didáctica em que teve lugar o lançamento do livro foi o convite para intervir no "VII Encontro Internacional de Reflexão" organizado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Vila Real, em Junho de 2003, onde foi apresentado relatório intitulado "1900-2000: um século para o processo de canonicidade de Eça de Queirós", redigido de parceria entre o autor desta investigação e mais o orientador, o Professor Doutor Elias Torres, e publicado na *Revista de Letras* dessa Universidade portuguesa (Torres Feijó/ Gômez, 2003). Nesse

Encontro, a Professora Doutora Henriqueta Gonçalves, reputada queirosianista e docente da UTAD, fez leitura crítica de *Fazer(-se) um nome* num outro relatório oferecido nas sessões, igualmente publicado na mesma *Revista de Letras* (Gonçalves, 2003) [1].

Em 2003, na revista *Agália* foi difundido um artigo sobre o relacionamento de Guerra da Cal com o Brasil (Gômez, 2003), que servia como introdução para um estudo dele que se recuperava e se reeditava nesse mesmo número da revista (Da Cal, 2003).

A pesquisa recebeu importante impulso por causa de uma ajuda para estada de investigação no Rio de Janeiro aprovada pela USC, no verão de aquele ano. A deslocação permitiu, a convite de Gilda da Conceição Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dirigente do Pólo de Pesquisa Luso-Brasileiro do Real Gabinete Português de Leitura nessa cidade, ter acesso a numerosos materiais novos, e poder ver espécies que se não encontrara ocasião de consultar com anterioridade[2]. Consequência de aquela estada foi outra posterior, em Abril de 2004, em que foi apresentado um outro trabalho de investigação, difundido nas *Actas* de aquele acontecimento disponíveis no site do Real Gabinete (Gômez, 2005).

Ainda um novo trabalho queirosiano foi aprovado aquele ano 2003 para publicação na revista *Queirosiana*, da Fundação Eça de Queirós, e incluído no número duplo 12-13 (Gômez, 2006a), com apresentação de Carlos Reis.

---

[1] Para além desta valorização, de FUN ocuparam-se outros críticos, como Carlos Reis (1-X-2003) e Henriqueta Gonçalves (XII-2003) em Portugal, o brasileiro Wilson Martins (29-XI-2003), o francês Daniel-Henri Pageaux (1/III-2004) e o galego Roberto Lôpez-Iglésias Samartim (XII-2004). Também foi citado como livro de referência na Biblioteca del Exilio da Universidade Autónoma de Barcelona (Enric Da Cal, 2003a), que dirige o Professor Aznar. Para além disso merece salientar-se a receptividade de *Fazer(-se) um nome*, na imprensa convencional e em alguns meios electrónicos da Galiza com ensejo do lançamento do livro nas sete grandes cidades galegas e mais em Quiroga, merecendo aqui destaque a Biblioteca Virtual Galega, da Universidade da Corunha (www.bvg.udc.es), onde está disponível para consulta o discurso proferido no primeiro lançamento do volume em Compostela, antes assinalado.

[2] Na sequência dessa deslocação, e entre as muitas gestões realizadas pela Professora Doutora Gilda Santos, propiciou a possibilidade de proferir uma palestra em Agosto de 2003 nesta última instituição, em que novamente os assuntos focados na investigação foram objecto da dissertação, para além de se apresentar mais uma vez o livro. Os trabalhos queirosianos e o labor científico de Guerra da Cal foram objecto de mais uma palestra pública, em Novembro de 2003, na Universidade de Vigo (câmpus de Ourense), organizada pela Associaçom Galega da Língua num curso de Galego-Português celebrado na instituição e com reconhecimiento oficial para a docência. Merece ainda salientar-se a intervenção, em 9 de Dezembro de 2003, na Universidade de Lisboa, num acto em que o Grupo de Investigação Galabra da USC deu a conhecer as linhas de pesquisa, difundido as suas produções, entre elas *Fazer(-se) um nome*.

Em Julho de 2005, no VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, apresentou-se outro relatório sobre os estudos queirosianos de Guerra da Cal, também publicado (Gômez, 2008). Em Outubro desse ano, a convite da "Asociación de Escritores en Lingua Galega" foi focado um novo aspecto de Da Cal, consequência da pesquisa em andamento, no "I Simposio Internacional Letras na Raia", posteriormente publicado (Gômez, 2007a).

Em 2006, na revista brasileira *Convergência Lusíada* foi recolhido (Gômez, 2006b) um verbete sobre Da Cal, solicitado pela coordenadora do volume, Gilda Santos. Neste ano merece destaque a deslocação para investigação a Nova Iorque, só possível graças a uma ajuda da Consellería de Cultura da Xunta de Galicia dentro da convocatória pública "Subvencións a particulares, asociacións e institucións culturais para a realización de actividades culturais relacionadas coa recuperación da memoria história". Essa estada decorreu nos dias 14 a 28 de Outubro e centrou-se nos materiais disponíveis na Hispanic Society of America, para além de contactos na Casa Hispánica da Columbia University e no Graduate Center da City University of New York e na Casa Galicia.

No ano 2007 foi revisto, e publicado na Galiza (Gômez, 2007b), o trabalho defendido no ano 2004 no Rio, com dados novos fruto das pesquisas posteriores. Também nesse ano, no Porto, foi apresentado outro trabalho no "I Congresso de Pensamento Galaico-Luso-Brasileiro" celebrado em Outubro na Universidade Católica (no prelo).

No ano 2008 foi apresentado outro contributo, no VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (no prelo), e na revista brasileira *Matraga 3* foi publicado novo trabalho sobre o relacionamento entre Eça de Queirós e Machado de Assis segundo os estudos dacalianos, realizado de parceria (Torres Feijó/Gômez: 2008).

Objectivo primordial deste trabalho de investigação foi contribuir para o conhecimento de Ernesto Guerra da Cal. No instante de pôr o ponto e final a este empreendimento académico julgo ter realizado esse labor. As deficiências que possa haver são da minha exclusiva responsabilidade e espero, em todo o caso, que exista ocasião de as reparar con novas pesquisas, algumas já em andamento. No entanto, devem tomar-se de conta aqui algumas dificuldades, como a impossibilidade

(frustração em ocasiões) de acesso a certos materiais. A este respeito deve ficar constância especialmente, em Portugal, da não disponibilidade do espólio de Jacinto do Prado Coelho, após ser doado pela família para o Instituto Camões e não se facilitar a sua consulta pública; a desaparição da vultosa correspondência de Da Cal com a Fundação Eça de Queirós que, segundo depoimento da presidenta da instituição, se encontra extraviada; a quase nula presença de documentação nos arquivos da Universidade de Coimbra; no Brasil, o não poder consultar os espólios, no Rio, de Cecília Meireles, Celso Cunha, ou de Pedro Calmon; e em Nova Iorque a falta material de tempo para alargar a pesquisa à New York University (NYU) e a outras instituições, bem como o não poder contactar com outras pessoas. Foram igualmente muito poucos os programas da estação de rádio norte-americana *Voice of América* que se conseguiram documentar.

No entanto, julgo que os materiais sobre que se trabalhou permitem estudar adequadamente a trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário (e não só), como era o objectivo, e talvez esses materiais que não estiveram disponíveis só contribuíssem para redundar aspectos mas, até onde conhecemos, parecem ter sido explorados os diferentes âmbitos da sua actuação que permitem um conhecimento suficiente da sua biografia e produção para poder defender a investigação.

A presente Tese de Doutoramento aspira a arvorar-se num ponto de partida que permita avançar nos estudos sobre Guerra da Cal, ao oferecer dados certos e seguros da sua biografia, produção e trajectória, que permitam iluminar novas produções, algumas já em andamento. A figura de Ernesto Guerra da Cal pode contribuir para um maior conhecimento das lutas travadas na Galiza, sobretudo no Campo Literário, no século XX, e esclarecer caminhos de futuro que permitan atingir umas melhores condições de vida para a população da Galiza. Os caminhos por ele percorridos no intersistema lusófono são uma experiência que merece ser melhor conhecida na Galiza e que permitirá porventura exprimir conclusões que possam ser de aplicação para a vida da comunidade galega.

I.1.-Lista de Abreviaturas utilizadas no presente estudo

a) De produtos de Ernesto Guerra da Cal:

APCR: *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*.

BQ: *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografia Queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*.

EC: *Espelho Cego*.

Espólio EGC: Espólio de Guerra da Cal, conservado pela viúva, Elsie Allen da Cal.

FI: *Futuro Imemorial. (Manual de Velhice para Principiantes).*

HFGL: *Homage to Federico Garcia Lorca on the 30º Aniversary of His Death*, de D. C. Warnest.

LAM: *Lua de alén Mar*/ (*Lua de Além Mar*).

LAM-RST: *Lua de Além Mar/ Rio de Sonho e Tempo*, em reedição da Agal.

LEEQ: *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*/ *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*/ *Língua e Estilo de Eça e Queiroz*.

RST: *Rio de Sonho e Tempo*.

b) Outros Produtos:

DLPGB.-*Dicionário das Literaturas Portuguesa,Galega e Brasileira*, (1956-60 e edições posteriores), dirigido por Jacinto do Prado Coelho.

FUN: *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade na segunda metade do século XX*, de Joel R. Gômez.

SPG: *Seis Poemas Galegos*, de Federico García Lorca.

TRF: *A Tragédia da Rua das Flores*, narrativa de Eça de Queirós

c) Instituições:

AELG: Asociación de Escritores en Lingua Galega.

Agal: Associaçom Galega da Língua.

CEL: Campo dos Estudos Literários.

CL: Campo Literário.

CU: Columbia University de Nova Iorque

CUNY: City University of New York.

EUA: Estados Unidos da América.

HSA: The Hispanic Society of America, de Nova Iorque.

IFGP: Irmandades da Fala de Galiza e Portugal.

JY: Junior Year, da New York University.

NYU: New York University.

RHM: *Revista Hispánica Moderna*, editada pela CU.

UC: Universidade de Coimbra.

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

USC: Universidade de Santiago de Compostela.

## II.-Pressupostos metodológicos.

### II.1.-Campo como movimento, luta e transformação

A Literatura e os estudos literários atingiram no século XX o máximo desenvolvimento, produtividade e formas de expressão, e foram-se independizando progressivamente, até conformar um campo próprio. Nas centúrias anteriores, nunca a actividade relacionada com este âmbito conseguira tantas e tão variadas manifestações, que se traduziram em movimentos e em escolas diferentes, bem como propostas que chegaram com a passagem do tempo a realizações que pudessem parecer porventura inverossímeis e inaceitáveis a produtores antecedentes. Essa tendência à continuada transformação e à singularização persiste nos inícios do novo milénio.

Poesia, narrativa, ensaio e teatro, os géneros tradicionais, mesmo se fundiram e foram questionados como tais, ou chegaram a confluir com outros. Formulações como as de, v. gr., “prosa poética” ou “teatro do oprimido” assim o exprimem: prosa e poesia, considerados antitéticos, misturaram-se por parte quer de poetas , quer de narradores que reivindicavam uma renovação; e a teoria pedagógica e cultural de Paulo Freire aplicou-se a muito diferentes âmbitos, entre eles a dramaturgia, com a criação de uma escola própria, que se internacionalizou. São só dois bem significativos exemplos, mas aqueles quatro géneros clássicos se cruzaram entre si em muitos outros produtos que exploraram, por vezes audaz e atrevidamente, caminhos para outros proibidos ou impensáveis. E a multiplicidade de propostas e alternativas levaram a falar igualmente conceitos como o de “contraliteraturas”(Mouralis, 1975).

Esta multiplicidade foi aproveitada para acompanhar mudanças sociais e políticas, consequências de lutas que frutificavam e se resolviam, evoluiam e se transformavam, ou eram substituídas. Embora não sempre fosse assim. Igualmente encontramos produtores que se bateram activamente por consolidar o status e conservar privilégios, e outros que defenderam diferentes posições no decurso da sua vida, atitudes que vistas com perspectivas de hoje podem parecer por vezes contraditórias.

O primeiro centro de interesse ao estudar Ernesto Guerra da Cal foram, como se indicou, os seus trabalhos sobre Eça de Queirós, de teor científico, em que conseguiu um maior reconhecimento, até ao ponto de ter sido considerado o fundador dos modernos estudos queirosianos e ter-se situado no centro dos mesmos. Foi Eça de Queirós, com certeza, o produtor a que mais esforços dedicou. Mas a trajectória de Da Cal contempla outros interesses e, ao ser estudada globalmente, como aqui se propõe, Eça de Queirós ocupa apenas um dos centros; e arvorará propostas com conteúdo político que ultrapassam o campo literário (CL) por mais que tenham nele o seu ponto de partida.

A trajectória vital de Ernesto Guerra da Cal, decorreu durante quase 83 anos de vida (Ferrol, 19 de Dezembro de 1911-Lisboa, 28 de Julho de 1994) e foi muito acidentada, com acontecimentos biográficos principais como a morte do pai quanto tinha um só ano; a criança com familiares directos em Quiroga (Lugo); acompanhar a mãe, em Madrid, onde realizou os estudos secundários e o curso universitário; intervenção na Guerra de Espanha de 1936 e posterior exílio; dous matrimónios; trabalho profissional em três universidades de Nova Iorque, e até quatro residências diferentes (Estoril, Londres, outra vez Nova Iorque e finalmente Lisboa nos últimos anos da vida, após o seu aposentamento na docência). Manteve-se activo até ao final da vida, com produções de diversa feição em muito distintos âmbitos, com incidência em campos como o Literário, o dos Estudos Literários, o do Ensino e o da Política, com intervenções constantes e desde posições por vezes de grande relevo. Desde a década de 50, como catedrático e com um posicionamento das mais altas responsabilidades administrativas na instituição universitária, a sua labuta desenvolveu-se como autoridade, e ganhou progressivamente capital simbólico, até se consagrar já em vida no campo científico como crítico e estudioso da literatura de prestígio lusófono e com importante reconhecimento igualmente no campo literário pela sua poesia.

Ir no encalço de Guerra da Cal não resulta simples, porque ele participou em muitas lutas com o fim de impor os seus pressupostos e introduzir modificações umas vezes, ou opor-se a actuações de outros. Esta intervenção aconteceu através da acção directa, mas também por meio de contactos com muito diferentes grupos, elites e especialistas, que serviram de mediadores para coadjuvar a que as suas teses

prosperassem; das quais, as melhor sucedidas são hoje referência, e por elas conseguiu alargado reconhecimento, em vida e depois da morte.

Para tentar abranger uma figura tão "invulgar" ou "incontornável", adjectivos que se lhe têm aplicado, tiveram-se presentes no presente trabalho os quadros metodológicos da Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar, e a Teoria do Campo, de Pierre Bourdieu, e as suas respectivas escolas, para além de contributos do Grupo de Investigaçom Galabra que emergiram em diálogo com elas. A concepção de que se parte, de pendor sociológico, tenta fugir dos essencialismos e conhecer os elementos que contribuiram para esclarecer a posição dos produtores nos diferentes campos em que operaram. Não interessa preferencialmente o resultado dos processos de canonicidade, como é habitual nos estudos mais tradicionais, mas explicar a trajectória seguida e as motivações dos produtos; ver como funcionaram, e a repercussão nos campos a que foram destinados, ou em outros. Porque, por exemplo, a literatura não é uma actividade isolada na sociedade, mas muito directamente implicada nela, e resulta factor identificador principal, como demonstram estudos realizados a respeito das que se conhecem. Isso explica que se inclua nos currículos escolares obrigatórios, que esteja no dia-a-dia da comunicação social e em actividades muito diversas, ou se utilize com fins ideológicos pelos poderes públicos. Consequência disso, há umas formas de canonicidade dos produtores e dos seus produtos que se espelham em ruas que se baptizam com os seus nomes e/ou títulos da sua produção, descerramento de bustos na sua memória, dedicatória de monumentos, edições comemorativas, designação de elementos colectivos como escolas, clubes desportivos, ou serviços públicos, ou actividades particulares. Existem fundações e sociedades dedicadas a espalhar certos produtores, e uma crítica literária, especializada, ou não, que difunde, promove, mas também reprova e censura. Há interesses em promocionar o consumo da literatura como uma actividade preferentemente de ócio, mas também com intencionalidade política, ou com outros fins. Em definitivo, existem múltiplas formas de considerar a escrita, e pode concluir-se de regra a existência de uma dupla orientação: a que valoriza o modo de actuar individual, ou a que insiste na funcionalidade social. Entre os defensores da primeira destas opções inserem-se escolas como a Estilística ou a Teoria do Cânone de Harold Bloom; e entre as de corte sociológica as antes assinaladas de Even-Zohar e Bourdieu.

II.2.-Legitimação e cânone.

Relacionam-se literatura e estudos literários porque ambas foram sempre muito unidas, sobretudo desde o século XIX. É claro que tanto uma como a outra experimentaram importantes evoluções. Pouco têm a ver, v. gr., as composições poéticas elaboradas na época medieval sob a protecção de mecenas; ou a progressiva independização dos produtores que se dá desde o século XIX, com o surgimento de elementos como o reconhecimento da propriedade intelectual ou a consciência da posteridade. Um conceito tão condenado e que hoje mesmo dá lugar a litígios judiciais como o de plagiato, não existia quando uns produtores utilizavam propositadamente textos de outros e essa prática era valorizada como acerto, pelo grande prestígio dos clássicos como modelos de imitação. Ou quando, como no século XVIII, a poesia funcionava preferencialmente no âmbito particular e não tinha como objectivo único a publicação e/ou a intervenção social. Num dos seus estudos, Ernesto Guerra da Cal (1973) conclui como o *Don Quixote* teve "percepções conflitivas" e "interpretações epocais discordantes", por utilizar os seus próprios termos, e foi lido de uma maneira pelos iluministas do século XVIII, depois pelo Romantismo, ou como na segunda metade do século XX, quando ele elaborava o seu trabalho, havia divisões entre os produtores que defendiam um posicionamento optimista próximo do pragmatismo científico e aqueloutros que comungavam mais com o existencialismo pessimista. Outros estudos seus servem de exemplo, por defender visões de produtores como Eça de Queirós (v. gr. Da Cal, 1954, 1961, 1975) ou Rosalia de Castro (Da Cal, 1985) que baterão contra as críticas estabelecidas dominantes.

Ficou assinalado como um dos principais contributos de Guerra da Cal a sua produção literária. Veremos como se dão nele diferentes formas de trabalhar a poesia, um género que também experimentou transformações muito relevantes na passada centúria. Assim o demonstra Cristovão Tezza, que dedicou parte importante de um estudo sobre o assunto para (2003: 56 e passim) "investigar algumas das afirmações que se fizeram e se consolidaram no século XX sobre poesia" e ai, após questionar "o que foi poesia?" afirma (Tezza, 2003: 56-57):

> Definir "poesia" com algum rigor é dessas tarefas que, uma vez colocadas, parecem condenadas *a priori* ao fracasso não tanto pelo objecto em si, mas pelo esmagador

> acúmulo de História que obrigatoriamente se apresenta, o que exigirá um desdobramento metodológico (com suas variedades) que dificilmente chegaria a algum fim –ou a um princípio. As escolhas teriam de ser tantas e tais, que no máximo poderíamos chegar, instavelmente, a *alguma poesia*, ou a um modelo que, definido, excluiria a multidão dos outros, um pecado que parece fazer parte da natureza das vanguardias. A própria ideia de que poesia possa ser definida –e certamente pode, como qualquer outro objecto de cultura— já implica, é claro, uma moldura teórica, uma concepção de linguagem, uma visão histórica, um pressuposto estético e daí por diante.

Essas diferenças a que se refere o pesquisador brasileiro dão-se, com certeza, entre representantes de tendências díspares na sua concepção do trabalho literário, mas por vezes também entre instantes diferentes no tempo de um mesmo autor.

A vantagem da Teoria dos Polissistemas ou da Teoria do Campo é que resultam uma visão mais ampla, abrangente, integradora e relativista. Porque assumem o produtor e o seu produto resultado dos processos de canocidade, mas não intervêm neles; e estão numa sociedade e nela se desenvolvem, relacionados e interdependentes de umas instituições, um mercado, uns mediadores, uns repertórios e uns consumidores, para além de outros produtores e produtos, que vão condicionar muito directamente um produtor e o(s) seu(s) produto(s) e favorecer o seu funcionamento, ou não, quer em vida quer após a sua morte. E nesse(s) condicionamento(s) não só intervirão os processos dos campos literário e dos estudos literários, mas também outros, muito especialmente o económico ou o político, que serão porventura os garantes em muitas ocasiões de que certas produções prosperem, ou não. Veremos, no caso de Guerra da Cal, como nos poemários que publicou durante a ditadura franquista na editora Galaxia havia expectativa sobre se a censura os deixaria ver a luz; ou como a situação que se deu em Portugal como consequência da Revolução do 25 de Abril de 1974 ameaçou com gorar o projecto da *Bibliografia Queirociana*, apesar do enorme interesse não só dele, mas dos defensores de Eça de Queirós, de muitos produtores do campo dos estudos literários em que Da Cal intervinha, de uma instituição como a Universidade de Coimbra, e mesmo de parte dos opositores à derrubada ditadura portuguesa. Estes últimos tiveram entre os campos de lutas no âmbito dos estudos literários a imposição de um novo discurso, no qual a posição de maior centralidade atingida por Eça de Queirós ocupava lugar relevante e tinha entre os seus principais defensores precisamente Da Cal, como se verá. No que diz respeito ao tão utilizado conceito de "qualidade literária", convém não esquecer que costuma ser (Torres Feijó, 2002: 12) "um lugar a que aspirar exclusivamente definido polos poderosos de

cada momento", e no presente estudo vai ser entendida, como acrescenta Torres Feijó, como "a produçom de valor como construçons históricas" para "recuperar dimensons de liberdade e interpretaçom do indivíduo, contribuir para o optimismo das possibilidades de progresso e manter a legitimidade da defesa de determinadas posiçons para isso conseguir".

As produções materializadas por um escritor podem ser muito diversas e ter todas relacionamento, directa ou indirectamente, com o campo literário; ou não necessariamente. No caso de Guerra da Cal vão ser analisados no presente estudo os seus muitos diferentes produtos, como os trabalhos iniciais publicados dispersos, além de livros de poesia, estudos literários, contributos para meios de comunicação, intervenções em congressos e outras actividades académicas, promoção e organização de acontecimentos e instituições; relacionamentos com representantes dos poderes cultural, económico ou político, e honras de que foi merecedor de muitos desses campos; epistolários muito diversos; trabalhos editados em revistas representativas de élites com interesses díspares e que mesmo chegaram a ser contraditórios. A maior parte dessa produção tem a ver, com certeza, com os campos literário e dos estudos literários. Mas também veremos intervenções de Da Cal na elaboração de produtos para outros campos e âmbitos por vezes bem díspares, nomeadamente os da pintura, a música, a dramaturgia ou a arquitectura; ou estudos respeitantes à História, à Pedagogia ou às artes plásticas; estudar-se-ão intervenções dele no campo político; ou como solicitou directamente de outras pessoas que elaborassem novos produtos com a orientação que a ele interessava. E não só: comprovaremos como vingaram as produções, mas também por vezes algum, chamemos-lhe "não produto", quer dizer: um produto que se anuncia e que não se chega a elaborar, mas que ainda assim influi muito directamente, como aconteceu, v. gr., com o estudo tantas vezes por ele anunciado, e que tantas vezes lhe foi demandado no Brasil entre as décadas de 50 e 70 do século passado, sobre Machado de Assis, a quem ia dedicar esforços do mesmo teor que a Eça de Queirós, mas que afinal não materializou.

Se a literatura e os estudos literários emergem numa sociedade, eles participam das transformações por ela experimentada como consequência de lutas e tensões entre elites que defendem situações estabelecidas ou que visam a sua conservação ou a sua mudança, entendidas como um processo. Assim, há escritores, e críticos (como

políticos, economistas, advogados, professores, etc.) em favor de manter o sistema, e outros que se posicionam com aqueles que trabalham para mudá-lo; ou que chegam a partilhar as duas possibilidades, o que mais uma vez adverte da dificuldade de certeza neste como nos restantes campos do conhecimento, do saber e da actuação humanos. Num recente trabalho sobre os contos de Eça de Queirós justifica-se que o intitulado "A Catástrofe" ficasse inédito e só se publicasse após a morte do produtor por focar nele o melindroso tema da invasão de Portugal por um exército estrangeiro e assim (Reis, 2003:11) "Eça prefirió prudentemente dejar en el cajón ese cuento de tonalidades realmente apocalípticas, como conveniente, por lo demás, para quien, como el autor, era cónsul de Portugal"; uma decisão, pois, "prudentemente" conservadora por parte de um dos produtores paradigmáticos da luta pela mudança, que se manifesta nas inovações que introduziu cientemente no campo, e que foram merecedoras de fortes críticas por Pinheiro Chagas e outros produtores coevos, que ocupavam posições mais centrais no seu tempo. Em Guerra da Cal, veremos como ele detenta posicionamentos diferentes e existem mesmo algumas, pelo menos aparentes, actuações que pudessem parecer contraditórias, fruto de pontos de vista próprios também de momentos de conhecimento diferentes. Um dos mais esclarecedores a este respeito pode ser o entusiasmo com que acolheu, e difundiu num primeiro instante, a existência de um romance inédito de Eça de Queirós, *A Tragédia da Rua das Flores*, cuja edição mesmo defendeu; e como quando se publicou afinal esse texto por outros produtores, na década de 1980, não só o desaconselhou quando foi consultado, mas manifestou claramente a sua oposição, negando o seu interesse literário apesar do sucesso –e polémica– que atingiu; ou a satisfação com que acolheu numa epístola o polémico estudo de Machado da Rosa (1954) sobre Rosalia de Castro quando se publicou, pelas novas possibilidades e perspectivas que oferecia na altura para o estudo da produtora galega, e a avaliação negativa que fará dele em 1985.

II.3.-Trajectória e complexidade do campo.

O estudo da trajectória de Ernesto Guerra da Cal levará a tomar de conta todos estes elementos, que demonstram até que ponto são complexos o campo literário, bem como os estudos literários e as actuações que se dão em redor deles numa sociedade determinada, e que também não são exclusivos dela, outra questão certamente problemática. Porque Da Cal interveio apesar de residir a muita distância física dos

principais centros de decisão, e num país como os EUA de língua, cultura e civilização bem diferentes aos de Portugal, Espanha, ou a Galiza. Os poderes públicos valorizaram muitos dos seus contributos, exemplos de um trabalho continuado de décadas, de uma constante preocupação por participar activamente até ao instante da morte, que fizeram dele uma personalidade de enorme atractivo e interesse; muito estudiada já em parte da sua produção, e que continua a deitar luz para novos trabalhos e para alicerçar e construir reptos para o futuro.

A privilegiada situação de que desfrutou Da Cal faz que o seu estudo, como se verá, leve a colocar muitas das principais questões respeitantes aos campos literário e dos estudos literários no século XX, e ajude privilegiadamente para conhecer como funcionam, se renovam, se transformam e sobrevivem.

A Literatura, como sistema cultural, tem capacidade para produzir novos modelos. No dizer de Shelly Yahalom, é isso o que lhe assegura possibilidades de evolução e, portanto, de adaptação e de sobrevivência, o que depende fundamentalmente de duas das suas características: a complexidade e a abertura. Afirma Yahalom (1980: 406):

> Ces deux traits caractéristiques impliquent l'existence de relations dinamyques, à l'intérieur du système, d'une part (le système étant complexe, on suppose qu'il est, en fait, un *poly*système composé de plusieurs éléments-systèmes hiérarchiquement structurés) et entre le système et son environnement, d'autre part. L'ensemble de ces relations dynamiques, qu'on peut nommeer *interférences*, se trouve ainsi au centre des problémes qui peut aborder une sémiotique de la culture, définie comme "science des corrélations fonctionnelles des différents systèmes de signes[3]."

O Polissistema abre um leque de possibilidades para mergulhar na repercussão das actividades literárias na construção social da realidade, na configuração das normas de comportamento social, pois os modelos de realidade regulam por sua vez os modelos de interacção social.

Estes conceitos resultarão básicos, como se verá, para o presente estudo. Também o formulado por Bourdieu a respeito do capital simbólico (atingido por críticos, produtores consagrados, etc.), e como este influi no campo literário (ou no artístico, e outros). Bourdieu deita abaixo o conceito de "criador" ao defender (1992: 238) que "l'artiste qui fait l'oeuvre est lui-même fait, au sein du champ de production, par tout l'ensemble de ceux qui contribuent à le 'découvrir' et à le consacrer en tant qu'artiste

[3] Yahalom, com as aspas finais, remete para o assinalado por J. Lotman sobre esta questão.

‘connu’ et reconnu”. Ao analisar a relação entre os agentes singulares e as forças do campo, que se objectiva numa trajectória e numa obra, valoriza (Bourdieu, 1994:78-79):

> A la différence des biographies ordinaires, la *trajectoire* décrit la série des positions successivement occupées par le même écrivain dans les états successifs du champ littéraire, étant entendu que c’est seulement dans la structure d’un champ, c’est-à-dire, une fois encore, relationnellement, que se définit le sens de ces positions successives, publications dans telle ou telle revue ou chez tel ou tel éditeur, participation à tel ou tel groupe, etc.

Uma individualidade, segundo este investigador, pode chegar a ser portadora de propriedades e de poderes que lhe proporcionem, em certos casos, uma superfície social, ou o que é o mesmo, a capacidade de existir como agente em diferentes campos. Guerra da Cal representará um magnífico exemplo.

Para o presente estudo tiveram-se em conta outras trajectórias estudadas sob esta mesma metodologia. Serão os casos de Nélida Piñon, produtora ainda viva, investigada por Carme Villarino (1999, 2002) pela sua produção no século XX; de Camilo Castelo Branco, segundo a perspectiva de Elias Torres Feijó (2003) e de Rosalia de Castro segundo a pesquisa de Celia Armas García (2005), focando assim dois produtores canonizados do XIX; de Teresa de Mello Breyner Andressen, analisada por Raquel Bello Vázquez (2005), e de Teresa Margarida da Silva e Orta, estudada por Eva Loureiro Vilarelhe (2004), produtoras que desenvolveram papeis que se valorizam de centrais no século XVIII; de Leonor de Noronha, estudada por Roberto López-Iglésias Samartim (2003), produtora portuguesa que interveio com destaque no século XVI; e o trabalho antecedente (Gômez, 2002; Torres Feijó/ Gômez, 2003) com ensejo dos estudos queirosianos de Da Cal.

Neste caso verifica-se como um produtor morto, Guerra da Cal, pode também ver-se modificado pelo conhecimento de novos produtos (Da Cal, 1995, 2000, 2002), reedições (Da Cal, 2003) ou estudos sobre a sua produção (AA. VV. 1998, 2002, e outros) que devem ser valorizados para comprovar como mudam a sua posição no campo; ver se se quebram resistências ou surgem outras novas, se é aceite e reconhecido e de que maneira, e assim por diante. Quebra de resistências, que foi estudada a respeito de Eça de Queirós por causa da actuação privilegiada de Da Cal, e também de outros (Gômez, 2002). A perspectiva metodológica do Polissistema e a

Teoria do Campo permite ultrapassar pressupostos errados e oferecer nova luz sobre a intervenção de produtores no campo político e literário, como, no âmbito de Galabra, demonstraram para diversos períodos Bello Vázquez, Loureiro Vilarelhe e López-Iglésias Samartim nas suas investigações; ou como os produtores progridem por conhecerem bem as interioridades do campo e a maneira de se moverem nele para atingir progressivamente uma maior centralidade, casos de Piñon e Camilo. No caso de Teresa Margarida da Silva e Orta, após muitos anos de esquecimento, é agora valorizada como (Loureiro Vilarelhe, 2004: 249) "a primeira romancista brasileira" e aventura-se que preconceitos respeitantes ao género, outro elemento a tomar de conta, contribuam a esclarecer que se lhe tenha prestado menor atenção.

II.4.-Fabrico de ideias e intervenção institucional.

As lutas no interior do campo têm a ver também com o fabrico de novas ideias que permitem que surjam novas oportunidades, e justificar e legitimar as mudanças. No tempo de Guerra da Cal os modos de agir do denominado movimento galeguista foram-se modificando com posicionamentos diferentes a respeito do repertório e das instituições, como demonstra López-Iglesias Samartim em dois significativos trabalhos (2003, 2004): no primeiro deles evidencia como mudou a consideração da Real Academia Galega e como conseguiu prestigiar-se e afiançar-se; e no segundo os sucessivos posicionamentos a respeito da língua e do relacionamento com Portugal.

Essas diferentes fases têm a ver com as possibilidades que permite o Campo do Poder Político e a própria posição nele dos produtores e dos grupos a que pertencem em períodos sucessivos. Da Cal, desde o enclave galeguista de Nova Iorque, contribuiu de maneira decisiva para o progresso do galeguismo actuante na Galiza durante o franquismo, fornecendo produtos e promocionando objectivos partilhados, mesmo com apoio económico, por mais que na sua actuação já desde os inícios deixasse claro um posicionamento discrepante a respeito de uma questão central do repertório como era a do cânone ortográfico da língua galega e a sua defesa da necessidade de integração desta no intersistema lusófono; essa actuação favoreceu que fosse um produtor muito valorizado na Galiza sobretudo na década de 60. Com a mudança de regime político, após a morte de Franco, emergem novas possibilidades propiciadas pela transição, ao gizar um quadro autonómico em que a Galiza foi reconhecida com um Estatuto de Autonomia. No processo da redacção desse texto político os

postulados a respeito do relacionamento da Galiza com o intersistema lusófono foram variando de uma perspectiva plena até serem praticamente banidas no reconhecimento oficial e específico, como estudou González Figueiras (2007). E isso levou a que, enquanto aquele grupo galeguista que apoiava Da Cal no período de oposição ao franquismo mantivesse critérios e modos de actuação privilegiando o relacionamento da Galiza com o intersistema hispanófono, Da Cal (e Carvalho Calero, e outros) se distanciaram e reivindicaram posicionamentos diferentes a favor do intersistema lusófono, o que levou à posta em andamento de novos grupos, e consequentemente de novos repertórios, bem como da procura de novas instituições.

O quadro político propiciado pelo Estatuto de Autonomia repercutiu muito directamente em todas as instituições, com renovações metodológicas e a inclusão de novas propostas. O campo literário não foi alheio a essas transformações. O estudo da língua galega na escola levou a que também entrassem produtos literários, e que se desenvolvesse a empresa editorial com livros de texto e outros produtos que tinham um mercado alargado entre os docentes e os discentes.

II.5.-O estado do campo e o posicionamento de Ernesto Guerra da Cal.

Os agentes em conflito no campo do poder, para atingirem posições dominantes ou perpetuarem-se nelas, tentam impor os seus pressupostos, e essa complexidade social, e as lutas e tensões que desde diferentes âmbitos se geram e travam no seu interior, levam a realidades muito diferentes. A organização desde posicionamentos de oposição também repercute na emergência de produtos que compitam na procura de legitimação e de uma nova ordem.

Na Galiza, e apesar da centralidade exercida desde as instituições, no campo literário foram aparecendo múltiplas possibilidades, não existindo na actualidade nenhum produtor que se dedique exclusivamente à literatura na língua da Galiza para viver profissionalmente dela, mas partilhando todos quer diferentes repertórios (em especial o hispanófono), quer diferentes campos (entre os quais são maioritários os do ensino e o do jornalismo). Assim, um estudioso exterior que investigue o campo literário galego entre 1975, ano da morte de Franco, e a actualidade, encontrará entre os produtores literários da Galiza, no respeitante aos usos linguísticos:

-exclusivamente em espanhol.

-exclusivamente em galego pré-normativo[4].

--exclusivamente em galego ILG-RAG[5].

-exclusivamente em galego segundo a normativa galego-portuguesa da Agal.

-em galego ILG-RAG e em espanhol.

-em galego pré-normativo, em galego ILG-RAG e em espanhol.

-em galego pré-normativo, em espanhol e em galego-português da Agal.

-em galego pré-normativo, em galego-português Agal e em português padrão.

-em galego ILG-RAG, em galego de mínimos reintegracionistas, em galego-português da Agal.

-em galego ILG-RAG e em galego-português da Agal.

-em galego-português da Agal e em português padrão.

-em galego pré-normativo, em galego-português da Agal, em português padrão, e nos Acordos Ortográficos de 1986 e 1990.

-em galego-português da Agal, em português, e nos Acordos Ortográficos de 1986 e 1990.

-Em galego pré-normativo, em espanhol, em galego ILG-RAG, em galego segundo a normativa de mínimos, em galego-português da AGAL, e em português segundo os cânones de Portugal e do Brasil.

Há também produtores que utilizam esporadicamente o francês ou o inglês.

Inserido nessa complexidade encontra-se Ernesto Guerra da Cal, por sua vez também muito complexo, pois produziu textos em galego pré-normativo, em espanhol, em galego-português da Agal, em português padrão e em inglês; utilizou diferentes assinaturas[6] (Pérez Güerra, Guerra da Cal, D. C. Warnest...); publicou em línguas diferentes às dos países em que se editaram os produtos (em espanhol em Portugal; em galego pré-normativo nos EUA ou em Porto Rico, em português padrão na Espanha, em inglês em Portugal e na Galiza). Da Cal interveio também em diferentes campos e tem trabalhos considerados de referência e produtivos em muitos

[4] Entende-se aqui por "galego pré-normativo" o que segue normativas diferentes à do ILG-RAG institucionalizada desde 1983; galego de mínimos reintegracionistas ao que, respeitando a ortografia de ILG-RAG introduz marcas que aproximam o idioma do português como o traço na separação do pronome ou elementos de acentuação, entre outros;e galego-português da Agal àquele que respeita a normativa formulada por esta autoridade, vigorante desde 1983.

[5] A complexidade seria ainda maior de acrescentarem-se os produtores que utilizaram a normativa aprovada pela Junta de Galiza em 1980, que teve apoio institucional entre 1980 e 1982, antes de se aposentar Carvalho Calero da Cátedra de Galego da USC, o que favoreceu a aprovação da normativa ILG-RAG, promocionada sobretudo desde 1983 e que continua a vigorar.

deles (literaturas medieval, galega, portuguesa, brasileira, hispano-americana; estilística, literatura comparada, linguística galega...), e não só elaborou produtos próprios, mas a sua implicação foi decisiva para que outros trabalhassem com dedicação concreta, e mesmo chegou a elaborar produtos por outras pessoas como acontece, v. gr. com o "poema rosaliano" de Cecília Meireles que editou em 1985, construindo uma composição a partir de um depoimento da autora brasileira. Foi um mediador, que favoreceu um maior conhecimento de línguas, literaturas e culturas de diversos povos em outros diferentes e mesmo em outros intersistemas (da galega e espanhola nos intersistemas lusófono e anglófono, da portuguesa e brasileira no intersistema anglófono e na Galiza, da literatura portuguesa na França), favorecendo o diálogo entre povos e mesmo chegando a implicar-se de tal maneira neles que assumiu os seus próprios reportórios[7].

Num recente estudo Even-Zohar reflecte sobre a importância dos reportórios na configuração dos modernos Estados, e como a defesa dos mesmos originou conflitos e mesmo guerras para garantir o seu controlo. Frisa como a heterogeneidade oferece oportunidades para a emergência de alternativas e portanto para a criação da complexidade, que por sua vez é assumida como precondição para o sucesso, por mais que a heterogeneidade não seja condição suficiente para o sucesso, mas sim precondição para fazer potencialmente possível outro tipo de componentes alternativos. Nesse trabalho, escreve (Even-Zohar, 2007: 3):

> Homogeneity blocks change by making it unthinkable, impossible or simply not available. By contrast, heterogeneity is a pre-condition for potentially making it possible for alternative components, or even whole repertoires, to emerge. Therefore, to hypothesize a relation between heterogeneity of culture and subsistence of groups is elementary in any theory of complex systems. The gist of the argument would be that since it is the multiplicity of repertoires which co-exist as permanent competitors that makes it possible for a system to change; and since change is necessary because systems necessarily clash and conflict with other systems, heterogeneity allows systems to subsist in the long run.

Indica igualmente Even-Zohar como os que estão a favor de manter o repertório sem mudanças frequentemente consideram a heterogeneidade como negativa e a mudança como disruptiva, e como do seu ponto de vista a desaparição do reportório em funcionamento ou qualquer parte dele significaria a desaparição do grupo como tal. Uma perspectiva esta do professor israelita, que se pode aplicar ao acontecido na Galiza nos últimos anos nas lutas por exemplo na esfera da reforma e fixação da

ortografia da língua, questão em que se implicou Da Cal durante décadas e de maneiras muito diferentes.

II.6.-O estudo da trajectória de Ernesto Guerra da Cal.

O presente trabalho fica, em alguma dimensão, aquém do título: o estudo da trajectória de Ernesto Guerra da Cal teve de ser sacrificado, por razões de volume informativo e de capacidade, à amostra dos seus percursos e tomadas de posição, com menor atenção, explícita ao menos, à análise das redes configuradas e, praticamente nenhuma, ao estado dos diferentes campos em que interveio, para cada um dos momentos fortes dessas tomadas de posição, ao longo de, pelo menos, sessenta anos, o que evidenciaria precisamente o seu habitus, a sua trajectória, posições o e funções fundamentais ocupadas e desempenhadas.

Este "sacrifício" na análise obedeceu ao que se julgou prioritário: oferecer todos os dados disponíveis, e, se possível, o conhecimento gerado. Não era isto tudo compatível, com a análise e interpretação da trajectória, nos termos elaborados por Pierre Bourdieu, certamente evidenciando o estado do campo dos estudos de trajectórias no nosso âmbito, onde figuras como Ernesto Guerra da Cal, são insuficiente, e, por vezes, deficientemente conhecidas, entre outros motivos pela pura ausência de dados ao respeito. Se calhar, num futuro livro sobre a sua trajectória, o presente estudo pode servir como base documental para o mesmo.

Na arrumação do presente trabalho, decidiu-se mostrar a linha discursiva e analítica apoiada por extensas e pormenorizadas notas de rodapé, que esclarecessem e/ou localizassem as informações colocadas no corpo central do texto. A que pode parecer exagerada abundância de dados obedece não apenas à quantidade das muito díspares intervenções de Guerra da Cal, mas também, e, por vezes, sobretudo, à pluridimensionalidade das mesmas: quer dizer-se, ao diverso interesse que, em função dos diferentes campos de actuação, podem eles ter, o que explica, igualmente, a por vezes desequilibrada ou inexistente hierarquia nos mesmos. De resto, deve confessar-se, a pretendida exaustividade de dados (nem muito menos esgotada) tem a ver com a pretensão de poder fechar, quanto possível, o acúmulo de dados (aprioristicamente de relevo qualquer deles. E, talvez, mesmo a alguma *contaminação* do corpus estudado, no caso da Bibliografia Queirosiana...). Para isto

trudo, acompanhou-se uma via de exposição e consequente análise cronológica, no entendimento que esta, em ocasiões podendo entorpecer fios discursivos, é a que melhor dá conta da trajectória de Ernesto Guerra da Cal e permite a sua avaliação.

Para uma melhor apreciação dessa trajectória, decidimos colocar, ao final de cada grande capítulo, uma síntese conclusiva parcelar. Assim mesmo, ao início de cada epígrafe, resume-se as linhas mestras dessa trajectória para o período focado.

Certamente, conduziu o nosso propósito esse afã informativo, sem por isso descurar o carácter de tese do mesmo. Na síntese conclusiva final pensamos avançar algumas das fundamentais, que podem deduzir-se do percurso seguido.

III.-A trajectória de Ernesto Guerra da Cal.

Um dos objectivos ao estudar a trajectória de Ernesto Guerra da Cal será oferecer um roteiro certo a respeito dos principais acontecimentos da sua vida e produção. No aspecto biográfico, interessa delimitar com precisão os factos principais, e esclarecer a sua posição progressivamente. Será prioridade estabelecer datas exactas, verificadas. Ver as modificações que os diferentes produtos introduziram nos campos a que foram destinados e a sua funcionalidade. Bem como apontar os diferentes grupos em que se inseriu e o seu papel neles; os relacionamentos com outros colectivos e pessoas, e a finalidade proposta com as actuações em cada caso.

Na análise da trajectória literária, ao não partirmos de uma visão essencialista nem textocentrista, mas de uma perspectiva que contempla os campos literário e da crítica literária dentro dos estudos da cultura, valorizando-os entre as principais entidades organizadoras da cultura humana, como indicou Even-Zohar (1990), a visão será abrangente e não só atingirá as consideradas obras primas. Privilegiar-se-ão as tensões e os processos de mudança, partindo do pressuposto defendido também por este teórico israelita de que o escritor quer ser reconhecido como um modelo para a literatura. Indicam-se os projectos bem sucedidos, os fracassados, e outros que se gizaram mas que se não chegaram a materializar segundo as aspirações que se visavam.

Para alcançar estes propósitos, consultar-se-ã um corpus integrado pelos próprios produtos de Da Cal, comprovando a sua receptividade e as repercussões em diferentes âmbitos, mas  também as informações extraídas de cartas por ele redigidas ou recebidas. Alguns dados, de facto, só se puderam documentar em epístolas, que testemunham uma situação e um alvo a atingir pela influência directa da sua escrita. Para além de espelhar com quem se relacionava Da Cal e de que maneira, as missivas particulares põem de manifesto projectos, aspirações e lutas, muitas das quais não se puderam documentar por outros meios ou de que são o principal testemunho, de aí o seu especial valor. Embora se tenha de considerar este material com cuidado pois, ao não sempre existir elementos de contraste para provar todos os dados, há que tomar de conta que algumas das informações facultadas pudessem não ser de todo correctas.

A trajectória será analisada segundo os diferentes momentos da actividade, com uma pespectiva cronológica, vendo como se reflectiram no tempo as diferentes lutas e como evoluiram os projectos até materializarem-se, transformarem-se na procura de novas fórmulas para atingir o sucesso, ou abandonarem-se. Interessarão sempre as relações

pessoais, ver como elas se travam e se consolidam (ou não) e as repercussões que têm, e como intervêm para ajudar ao progresso ou para interditar os processos derivados do fabrico de ideias que tentam conservar o estado das coisas ou mudá-las, segundo o propósito que queira alcançar em diferentes situações, ou mesmo em tempos, pois elementos que pudessem ser julgados válidos num determinado momento chegam a abandonar-se, e vice-versa. Esclarecer a complexidade que caracteriza as decisões humanas nos campos científico e literário, principais âmbitos de actuação de Ernesto Guerra da Cal, será pois uma finalidade preferente da análise da sua trajectória nos seus quase 83 anos de vida, procurando o amparo de fontes que se refiram à mesma, quer directamente ou através da pesquisa e interpretação da sua actuação.

### III.1.-Do nascimento ao exílio.

Dos primeiros 27 anos –quase 28– de vida, do nascimento até que se vê obrigado ao exílio em Nova Iorque, são poucas as informações que se puderam documentar, mas sim se encontraram algumas em jornais, revistas e diversos estudos, além de em epistolários. Orfão de pai aos poucos meses de vida, a sua infância e primeira adolescência decorre na vila de Quiroga, onde começa a sua formação, que continua em Madrid onde realiza estudos no liceu San Isidro e na Universidad Central. Na Galiza e na capital de Espanha contacta com pessoas de diferentes esferas da cultura, sobretudo do campo literário mas também do cinema e das artes plásticas, intervindo como actor em algumas encenações de que se ocupou a imprensa madrilena da altura. Será em Madrid onde o surpreenda a Guerra de Espanha, lutando em favor da legalidade da República e propiciando a sua saída ao estrangeiro, e nesses anos estreia-se na produção literária.

#### III.1.1.-Os inícios da vida na Galiza: Ferrol e Quiroga.

Na cidade de Ferrol, em 19 de Dezembro de 1911 nasceu Ernesto Román Laureano Pérez Guerra, filho do médico Román Pérez Cal e de sua esposa, Laura Güerra Taboada, que tinha iniciados os estudos de Magistério. Pai e mãe contavam 34 e 22 anos, respectivamente; e outro filho, Fernando, nascido dois anos antes. Com a passagem do tempo, o mais novo atingirá celebridade internacional como Ernesto Guerra da Cal, após simplificar o nome e mudar a ordem dos apelidos, por causa de adoptar nacionalidade norte-americana.

No “Esboço biográfico” redigido pela sua segunda esposa, Elsie Allen da Cal (1991: 31), consta que o seu pai “foi colega de turma –e amigo íntimo– de Castelao[1] nas aulas da Faculdade de Medicina da Universidade compostelana” e a sua mãe “filha do engenheiro italiano Carlo Guerra –que dirigiu a construção na Galiza da linha ferroviária Madrid-Corunha– e oriunda[2], pelo galho materno, do Vale de Quiroga, em Lugo. A sua mãe foi também amiga muito chegada de Virgínia Pereira, que o rianxeiro [Castelao] viria desposar”.

A acta do seu nascimento conserva-se no Registo Civil de Ferrol e foi editada fac-similarmente e transcrita literalmente por José-Martinho Montero Santalha (1995: 19-22[3]). Nela consta que nasceu às 23.30 horas, na casa número 142, segundo andar, da rua Sagasta (hoje rua da Igreja) de Ferrol; sendo neto por via paterna de Román Pérez Pazos, natural de Betanços, e de Maria del Carmen Cal, de Ferrol, defuntos; e pela materna de Carlo Güerra Scópoli, natural de Verona (Italia) e de Fernanda Taboada, de Barcelona, vizinhos de Quiroga (Lugo). Montero Santalha informa igualmente ter sido baptizado Da Cal na igreja paroquial de São Julião, de Ferrol, em Janeiro de 1912. Ali, acrescenta, fora baptizado o seu irmão Fernando em 1910.

Muito pouco tempo passará na sua cidade natal, onde aos poucos meses morre o seu pai, o que propicia a sua deslocação para Quiroga (Lugo), junto com o irmão, enquanto a sua mãe vai para Madrid, onde finaliza o curso para mestra de escola primária. A nova residência, já em 1912, resultará marcante, segundo reconhecerá em diferentes ocasiões, até ao ponto de mesmo se chegar a considerar (Da Cal, 1986: 105) “lucense”. Em Quiroga mora na casa da sua tia Consuelo, familiarmente conhecida de Teteyo, a quem dedicará o primeiro poemário em 1959, e com outros familiares.

Nessa vila permanecerá pelo menos até aos 9 anos, e regressará a ela nos verões nos anos posteriores, ao igual que a outros diferentes lugares da Galiza. Resulta difícil precisar a data com certeza. Da Cal indica que de 9 anos foi para viver com a sua mãe em Madrid, em carta a Xosé Estévez datada aos 8 de Junho de 1982, e assim se espelha também no estudo que lhe dedicou Celia Díaz (1995: 56) segundo dados por ele

---

1 Com efeito, segundo os dados do Arquivo Histórico da USC, o pai de Da Cal e Castelao coincidiram nos anos iniciais da carreira de Medicina. Acontece que o pai de Da Cal aprovou na convocatória de Setembro de 1905 três disciplinas que lhe permitiram adiantar um curso (Castelao aprovou as mesmas em Junho de 1906) pelo que finalizou o curso um ano antes. Isso explica que não partilhem a orla que se exibe na Faculdade de Medicina da USC.

2 O primeiro apelido escrito originariamente “Güerra”, é natural de Murielo de Gállego (Zaragoza), segundo Enric Ucelay Da Cal (2003).

3 Montero Santalha informa assim mesmo da acta de baptismo.

fornecidos pela mesma via epistolar. Outros depoimentos indicam ter acontecido com posterioridade, e pretere-se (Allen da Cal, 1991) esse acontecimento até aos 11 anos[4]. Em todo o caso, será uma estada que terá relevo sobretudo na sua formação e produção literária. Em nova carta a Xosé Estévez, datada em 23 de Novembro de 1985, Da Cal oferecerá dados de "aquela Quiroga da minha infância que tão vivamente na minha alma perdura" e que citará no poema "Pátria" aquele mesmo ano; um tema que será recorrente nas 21 epístolas que enviou a este professor e amigo.

Três foram as principais casas em que morou naquela altura, as três conservadas na actualidade. O principal acolhimento foi no primeiro andar de uma vivenda da hoje denominada Rua Real (até há uns anos General Franco) esquina com a de San Martinho de Abaixo, separada só por outro imóvel da Câmara Municipal de Quiroga; e muito perto, na actual Praça Maior da vila, na conhecida como Casa Tabacalera, em que uma inscrição indica ter sido construída em 1898, e que era concesionária de produtos dessa indústria para a comarca; e de outra, muito próxima desta, a residência de Santiago Prol Blas, seu tio, em cujo rés-do-chão funcionou a escola em que ele realizou os primeiros estudos, ministrados por esse parente. Santiago Prol foi em vida um reconhecido escritor galego[5], e a ele se deve um *Estudio bibliográfico-crítico de las obras de Rosalía de Castro*, editado em Santiago de Compostela em 1917. Nessa mesma Praça Maior, que com antecedência teve outros nomes, como Praça General Girón, residia o "Senhor Ricardo", avó de Xosé Estévez, a quem Da Cal dedicará um poema na década de 80 como consequência da sua amizade com este seu neto, historiador e professor da Universidade de Deusto. Trabalhos do próprio Estévez (1989, 1997, 2002a, 2002b, 2004 e 2007) e de Celia Díaz Núñez (1995, 1997) são generosos em informações respeitantes à estada quiroguesa. Esta estudiosa ampara-se, segundo manifesta, em dados facilitados por Da Cal na correspondência com ela, em que se define e reconhece como (Díaz Núñez, 1995: 59) "neno quirogués". Afirma esta pesquisadora (Díaz Núñez, 1995: 60):

> Quiroga é para Guerra da Cal um "jardim interior que eu venho com amor cultivando, dia a dia, durante as últimas quase sete décadas, à roda do mundo", é tamén un "Vergeul [sic] de Consolação" no que "reside o âmago mais intocado da minha mais sacra

[4] Esta é também a data que oferece o seu filho Enric da Cal (2003), na biografia da Biblioteca del Exílio da Universidade de Barcelona. Afirma que a mãe "ganó oposiciones, siendo destinada a una plaza de la capital estatal, en el barrio obrero de Las Delicias".

[5] Está soterrado no cemitério de Quiroga, onde numa lápide se faz constar a sua pertença à Real Academia Gallega, bem como membro de "escritores gallegos laureados".

identidade". É o "Edem da infância que levo no meu coração e nas entranhas da alma como a custódia leva a hóstia", un "Refúgio mental, jardim de lembranzas sossegado", o seu "Paraíso interior inexpugnável às investidas e dissabores da vida", pois é o "Paraíso infantil da memória". Quiroga, en definitiva, forma a "Paisagem da lembrança, humana, urbana e natural que eu levo entesourada nas camadas mais fundas da alma".

E o escritor conserva na súa mente a fisionomía da vila que el coñeceu, coas suas rúas, comercios e cafés (a tenda de Maria e Celia Taboada na Praza, o comercio novo do "Derroche", a mercería do "Maragato", a fonda de D. Amalia, o Comercio da Ponte, a casa de Peniche, o café do Maximino, a taberna do Parranda, a chapelaría do Mourenza, a tenda de comestibles de D. Adolfo o "Caga-poquito"...) Recorda tamén os lugares que foron o escenario dos seus anos de infancia e adolescencia (a Pena da Ola desde onde se tiraba para mergullar no Sil, o Cinseiro, o Souto, a Fonte, o Pombar, a Seariña, a Caracocha...) E rememora as xentes quiroguesas daquel tempo (o cabreiro Roque, que lle daba érbedos do monte, a toliña Patarita, o Ferruxe, o Sr. Ricardo, o gaiteiro "O Piripichiñas", o Noi, o Callandra, o Rediós, o Carbón...)[6]

Quiroga permanece[7], pois, inalterable na súa mente e será tamén presencia reiterada na súa obra lírica.

Reproduz Díaz (1995: 65) uma árvore elaborada pelo próprio Da Cal, em que consta a sua genealogia desde o tempo dos seus bisavôs quirogueses, Inocêncio Taboada e Júlia Fernández. Entre os antepassados cita Flora Montoto Barral, irmã da Condessa de Torre Novais, Segunda Montoto Barral.

Estes testemunhos indicam a procedência de uma família acomodada, muito bem situada, e culta em termos relativos à altura. Na carta a Xosé Estévez que data aos 23 de Novembro de 1985 relata Da Cal que a sua tia Consuelo "regia a escola de meninas", e Santiago Prol era o "mestre de meninos". Nessa mesma epístola oferece outros dados a respeito do "avô materno, Carlo Güerra Scópoli, veronês, formado na politécnica de Viena, –a minha bisavó era austríaca". Esse avô conhecerá sua mulher, Fernanda, dos Taboada de Quiroga "durante a construção da via férrea". Em 6 de Maio de 1993, em

[6] Depoimentos semelhantes encontram-se na correspondência com Xosé Estévez, em que também cita lugares e pessoas, e refere acontecimentos do tempo em que residiu nesse Concelho.

[7] Díaz utiliza o presente porque, quando escreveu este trabalho, Da Cal era vivo. No livro refere-se a escritores relacionados com Quiroga, por nascer neste Concelho ou por terem-se ocupado dele na sua produção. Além de Da Cal trata Ánxel Fole, Eduardo Moreiras, Manuel María, Xulio López Valcárcel, Ramón Rodríguez Porto e Xosé Estévez, como os principais, para além de outros, diferenciando-os segundo a dedicação a "Creación" ou a "Ensaio".

nova carta a Estévez, ao se referir ao projecto de apresentação da reedição dos volumes de poesia *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo* em Quiroga, afirma Da Cal:

> Fiquei varado. Então na bucólica Quiroga, naquela saudosa vilazinha da minha infância, há livrarias? E há um público para a poesia? Nunca me passou pela cabeça que nesse Paraíso da minha alma pudesse nada ter mudado –de tal maneira ele se mantém intocado, paralizado, com todos os seus habitantes de então, todos vivos [...] Essa Quiroga suspensa no tempo, acarreta no meu celme cordial o censo completo de homens, mulheres, velhas e crianças, proprietários, funcionários, camponeses, mendigos, tolos, os de riba, os de baixo e os do meio, todos, não falta um. E lá vivem e comem e constituem um cosmos completo no qual eu tamém vivo e sempre vivi, sem dele arredar pé. Ora, um livro meu, apresentado na Quiroga real, na de hoje, é coisa que me desnorteia, seria coisa impossível na Quiroga supra-real, na imperecível e imutável da minha imaginativa lembrança.

Parece ter sido, pois, o ambiente familiar onde de maneira principal se favorecia a sua formação. Um nome dos que cita resulta especialmente relevante pela sua posição intelectual: o do mestre e produtor literário Santiago Prol Blas. Aos 18 de Abril de 1993, em carta a Xosé María Álvarez Cáccamo refere Da Cal que "No meu Vale, em Quiroga, o galego era a língua predominante, mesmo entre as pessoas pertencentes às camadas sociais superiores" e cita outros antecessores, como "o meu tio-avô, Inocêncio Taboada –que era o cacique do Partido Liberal [de Romanones] rara vez falava castelhano. A cunhada dele, a Condessa [consorte] de Torre Novais, sempre falou galego, por pertencer a uma família de tradição carlista".

Um dos seus parentes, Inocêncio Taboada, exerceu como Secretário do Concelho e da Junta Local de primeiro ensino de Quiroga, e dele conserva-se no Arquivo Histórico da USC uma interessante acta, citada por extenso por Antón Costa Rico (2004: 918-920) como representativa do interesse por melhorar o serviço da instituição escolar. Da redacção do escrito deduz-se ser uma pessoa muito religiosa e respeitosa dos preceitos católicos e tradicionais que, em 1903, quando está datado o relatório, se preocupava por ultrapassar uma situação da escola que Costa Rico (2004: 920) descreve como de "escasa valoración social e económica do significado dos estudos primarios e a extrema precariedade familiar vivida nos extensos medios populares, ademais do distanciamento existente entre o programa escolar, a cultura e a lingua ambiental claramente dominantes", factores que julga de "motivos máis que suficientes para as preocupantes taxas –fundamentalmente estacionais– de inasistencia escolar ao que, por suposto,

contribuían o insuficiente número de escolas [...] ou a climatoloxía adversa". Era também um tempo caracterizado pelo elevado analfabetismo, que se irá reduzindo "apreciabelmente" em valorações de Costa Rico (2004: 921), mas que em 1910 atingia "60,32% da poboación total de mais de dez anos" e em 1920 "50,82%", para descer progressivamente até 1940, com uma maior incidência entre as mulheres. Ao valorizar os aspectos didácticos e metodológicos do ensino na Galiza de aquele tempo, quando Da Cal participou nas primeiras aulas, salienta o (Costa Rico, 2004: 882) "tradicionalismo didáctico procedente dun saber de oficio, artesanal, propia da maior parte dos mestres primarios" que estaria marcado, acrescenta, "polo recurso ao memorismo nun clima de severa disciplina, en ocasións guiado por un máis cultivado intelectualismo" e constituia "un precario saber e bagaxe para un alumnado sometido pasivamente a este proceder". Ao analisar a situação do ensino naquela altura, afirma este investigador (Costa Rico, 2004: 932):

> O conxunto das escolas primarias estiveron marcadas até o período da II República por unha orientación tradicional e artesanal do ensino, observábel nas estruturas físicas, na moblaxe e na súa disposición, nos libros de texto e outros materiais ao servizo da práctica escolar, na forma memorística e declamatoria da aprendizaxe que acadaba un dos seus fitos no estudo do catecismo.
>
> A pobreza e escasez de medios para un ensino intuitivo, o dominio das tradicionais fórmulas de organización dos ritmos de clase, e a humildade dos libros de texto, eran aspectos dominantes [...]

As pesquisas de Antón Costa referem como se dá um progressivo melhoramento da situação, com um quadro de mestres cada vez melhor formado e mais profissionalizado, que se preocupa por introduzir metodologias apropriadas para o seu trabalho, num tempo em que (Costa Rico, 2004: 973) "pouco a pouco íase abrindo paso unha visión máis perfilada e mellor considerada da profesión de mestre".

A respeito dos seus estudos primários, tudo faz indicar que os conteúdos a que teve acesso na escola de Quiroga atenderam à programação escolar vigorante no primeiro terço do século XX, o qual (Costa Rico, 1989: 67) "quedou basicamente configurado por un R[eal]. D[ecreto]. Do 26/X/1901 (Gaceta de 30/X/1901) do seguinte xeito: Doutria Cristiá e nocións de Historia Sagrada; Lingua castelá (Lectura, escritura e gramática); Aritmética; Xeografía e Historia; Rudimentos de Dereito; Nocións de

Xeometría; Nocións de Ciencias físicas, químicas e naturais; Nocións de Hixiene e de fisioloxía humana; Debuxo; Canto; Traballos manuais; Exercicios corporais. Tal programa foi confirmado posteriormente por um R. D. do 8/VI/1910". Essa programação, acrescenta Costa Rica na continuação, experimentou algumas modificações, entre elas as de maior relevo no tempo coincidentem com a sua escolarização foram duas: em 1913, "a non obrigatoriedade do ensino da doutrina cristiá e historia sagrada para os fillos daqueles pais que non profesasen a relixión católica"; e em 1918 outro Real Decreto que "introducía os paseos e excursións escolares, dedicando a iso unha sesión semanal de clase e empregándose a tal fin un diario de excursións por parte dos nenos e un libro rexistro para o profesor".

A intimidade da vida no lar, a religiosidade, o contacto com a natureza, e um clima de permisividade num contorno feliz e amável, em que o veículo de comunicação quase exclusivo era a língua galega parecem ter sido, e assim se reflecte nos testemunhs que nos chegaram da sua lembrança, as características dominantes dessa primeira infância dacaliana, segundo se pode concluir dos seus próprios testemunhos na produção escrita de epístolas e de poesias, e no assinalado por especialistas como Xosé Estévez ou Celia Díaz que estudarom aquele ambiente. Os jogos, cantigas, romarias e outras tradições e manifestações da cultura popular, ou a liberdade de que desfrutavam as crianças, contribuiram igualmente para a sua formação, crescendo num lar sem dificuldades económicas ou, em todo o caso, com menos problemas desse teor que a generalidade das suas amizades da vizinhança, o que faz supor que favoreceu a sua presença nas aulas e que foi uma criança que, pela situação familiar acomodada, teve menos episódios de inasistência à oferta escolar.

São poucas as informações que se puderam verificar a respeito de Da Cal na altura, e nem se conseguiram encontrar dados da sua trajectória na escola primaria. Xosé Estévez (2004: 1) documenta que, em 2004 morava em Quiroga só "unha persoa que recorda a Ernesto e foron xuntos á escola, Concha Regueiro. Afirma que era moi traste e rebezo". Mas nada diz das disciplinas concretas que se ministravam e de outras actividades escolares e extraescolares. Estévez aventura que o tio Santiago Prol lhe terá falado de Rosalia de Castro, na sequência do seu interesse pessoal nesta produtora a cujo processo de canonização contribuiu directamente, e que talvez de aí (2004:1) "lle veña a sua querencia rosaliana" a Da Cal.

III.1.2.-Deslocamento para Madrid.

No período da infância e puberdade também residiu (Allen da Cal, 1991: 31) "em Castroverde e Pol onde a sua mãe exerceu o magistério primário, antes de obter praça em Madrid"; e o posterior tempo de residência madrilena viu-se interrompido "com longas estadas estivais, não apenas em Quiroga, mas também na Galiza atlântica, da origem paterna. Conhece, pois, em miúdo, as rias ferrolanas. São Martinho do Porto, – onde a família ainda possuia uma azenha e umas leiras– Ares, Mugardos, Redes, Pontedeume, Betanços, integram-se nas lembranças da sua meninice. Convive com as formas do galego ocidental, diferentes das do lucu-auriense".

Na década de vinte residiu maiormente em Madrid, onde a vida não parece ter sido fácil nos inícios, e a adaptação não chegou a ser total nunca, a acreditarmos nos seus depoimentos. Mas será uma etapa frutífera para a sua formação e para o estabelecimento de relações e contactos com o campo literário e com outros âmbitos, que lhe resultarão marcantes. Da Cal parece ter acusado primeiramente o idioma, provocando nele um forte impacte o contacto com o castelhano, o que dificultou a sua adaptação, em parte amortecida pelo bom relacionamento com o irmão mais velho, que o ajudou para se mover pela capital de Espanha[8].

Realizou os estudos secundários no Instituto General y Técnico de San Isidro, no bairro de La Latina, onde não constam, segundo as averiguações efectuadas na sequência do presente estudo, certidões da sua vida académica, nem sequer confirmam que fosse aluno desse centro, pois parece ter-se extraviado toda a documentação por causa da guerra. No entanto, nele finalizou os estudos no ano 1928, segundo recolhem as edições do *Who is who in America* em diferentes anos ao referenciar a sua biografia, e outros repositórios semelhantes, sempre segundo dados fornecidos pelo próprio Da Cal.

Mais uma vez é através do epistolário nos três últimos lustros da sua vida em que se conseguem algumas averiguações a respeito dessa etapa. Assim, refere que, quando tinha 13 anos, a aula de Geografia do liceu era regida pelo professor D. Pio Zabala, e nela havia uma lápide com o nome de Becerro de Bengoa, geógrafo basco de que lhe falara Xosé Estévez por causa de ser autor de um livro de viagens sobre Galiza em que cita Quiroga. Também comenta ter sido colega de D. Juan de Borbón, quem com efeito

[8] Segundo depoimento do filho, Enric Ucelay da Cal, em entrevista pessoal, Ernesto admirava o seu irmão, pensava que era mais inteligente, e foi um relacionamento chave para ele. Fernando foi residir antes com a mãe a Madrid, enquanto Ernesto permanecia em Quiroga, pelo que quando ele se transladou exerceu como guia, pela maior experiência e conhecimento da cidade e dos seus ambientes.

estudou nesse centro na altura[9], e relatará em epístola a Victoria Atencia como numa ocasião se encontraram os dois no Casino do Estoril e memoraram aquela etapa escolar, com lembranças de amizades e docentes, o que lhes oferecera ocasião para risos e comentários do que parece ter sido um tempo de satisfações nesse estabelecimento de ensino secundário.

Da Cal seguiu o plano de estudos de bacharelato segundo a reforma do mesmo efectuada pelo ministro liberal Álvaro de Figueroa y Torres, mais conhecido como Conde de Romanones em 1901 (Costa Rico, 2004: 875 e passim), quem partiu da actuação do anterior ministro de Instrução, o conservador reformista García Alix, cuja regulamentação estabelecia uma duração da etapa secundária de seis cursos; o ingresso do alunado a partir dos dez anos; e outras questões respeitantes a horários, modalidades desse ensino, formas de acesso do pessoal docente e condições para a abertura de centros privados. E acrescenta (Costa Rico, 2004: 876-877):

> O conde de Romanones confirmou substancialmente o anterior e restabeleceu a non obrigatoriedade do estudo da relixión e a moral católica, determinou diferencias favorábeis cara aos alumnos oficiais á hora da realización das probas de exame, suprimiu a categoria *colexiada* (colexios incorporados aos Institutos públicos, que em 1901 agrupaban ao 75% do alumnado) quedando reducidos a *oficiais* e *libres*, mellorou a situación do profesorado público, e perceptuou que os exames de todos os alumnos se realizasen nos estabelecementos do Estado. Así mesmo, por Real Decreto de 17 de agosto de 1901 reformou os seus estudos, así como as ensinanzas técnicas de maxisterio, agricultura, industria, comercio, belas artes e artes industriais, concentrando nos centros que pasaron a chamarse Institutos Xerais e Técnicos os estudos xerais do grao da bacharel, os estudos elementais e superiores de maxisterio, agás no caso excepcional dalgunhas Escolas de Maxisterio (por exemplo a Superior de Mestres de Pontevedra), e os estudos elementais de agricultura –suprimidos logo en 1904–, de industrias, de comercio, de belas artes e os nocturnos para obreiros.
>
> A reforma curricular de Romanones, que mantivo os seis cursos foi parcialmente revisada polo ministro conservador conde de Bugallal en 1903 pero durou até 1926, en que houbo un novo plan de curta duración.

[9] O jornal madrileno ABC deu a notícia do ingresso dos infantes D. Juan e D. Gonzalo de Borbón (Sem Autor, 30/31-V e 1/VI-1926, reproduzida 50 anos após na secção de efemérides, aos 1-VI-1976). Sendo assim, a coincidência foi nos últimos anos, pois Da Cal, segundo ele próprio indicou a diversos repositórios que referenciaram a sua actividade (v. gr., Cattell, 1957: 167; ou o *Who's Who in America*, AA. VV., 1963: 714) finalizou os seus estudos nesse centro de ensino em 1928.

As matérias que se ministravam nesses anos escolares eram (Costa Rico, 2004: 877): em primeiro, Língua Castelhana, Geografia, Aritmética e Geometria, Religião, educação artística ("Debuxo"), Ginástica (estas duas mantêm-se em todo o currículo dessa etapa) e Caligrafia; em segundo, as mesmas, com a única variação de Aritmética e não Geometria; em terceiro Geometria (não Aritmética), Historia de Espanha, Língua Francesa e também as outras dos cursos anteriores; en quarto introduzia Língua Latina, História Universal e Cosmografia; em quinto as matérias de Psicologia e Lógica, História da Literatura, Física, Química e Língua Inglesa ou Alemã; e em sexto, Ética e rudimentos do Direito, História natural, Fisiologia e higiene, Agricultura, e Técnica industrial[10].

Também não se conseguiu documentar a sua passagem pela Universidade Central, onde primeiramente estudou Arquitectura, durante dois anos, que deveram coincidir com os últimos dessa década de 20, segundo o depoimento da sua primeira esposa, Margarita Ucelay. Apesar de ter abandonado essa carreira, com o tempo afirmará que lhe valeu para firmar as suas faculdades para as artes plásticas e para o desenho, actividades que practicou em diferentes formas ao longo da vida, mesmo como crítico ocasional. Os conhecimentos dessa altura utilizou-os igualmente para elaborar as capas dos últimos livros de poesia que publicou, segundo ele próprio reconheceu numa epístola a Victoria Atencia na década de 80.

Não se puderam encontrar, em todo o caso, documentos escritos que registem a sua actividade nesses anos de juventude e de formação, excepto os testemunhos que ele próprio ofereceu. Em Madrid, segundo depoimento de Margarita Ucelay, continuará a falar galego e a interpretar cantigas populares da Galiza, com o irmão e com outras pessoas, ao tempo que parece evidenciar pendor para a vida intelectual desde a adolescência, e toma contacto com as feiras do livro e com outros acontecimentos que o predisporão para a actividade literária. Segundo ele próprio relatou em diferentes epístolas, foi mesmo um estudante rebelde, e por isso resultou detido em duas ocasiões por participar em movilizações contra a Ditadura e contra a Monarquia, e (Allen da Cal, 1991: 32) "É preso por militância activa no movimento grevista estudantil que abalou

[10] Costa Rico ampara-se a seguir na valorização do professor Ruiz Berrio para assinalar que se tratou de um plano realista, equilibrado, mais moderno que a situação anterior, pedagógico, formativo, e não só apto para conducir discentes para o ensino superior mas mesmo para satisfacer muitas das necessidades que a educação de uma pessoa exige.

nos anos 28 e 29 a ditadura de Primo de Rivera; e novamente com motivo dos grandes confrontos públicos que precederam a queda da Monarquia".

Aos 25 de Julho de 1929 o boletim *Nós*, de Ourense, publica o poema "Chove na eira", assinado por Fernando Pérez Güerra, o que demonstra uma certa predileção no lar pela produção de literatura e como o seu irmão tinha contactos com o grupo galeguista que editava essa publicação, central para o estudo da cultura galega no período. Fernando também continuará com este pendor durante a sua breve vida e, como se verá, a mãe publicará póstumo um livro com as suas composições.

A actividade de aqueles tempos finais da década de 20 e inícios da de 30, evidencia um pendor nacionalista na juventude através do relacionamento directo com vários vultos hoje valorizados como bem representativos desse movimento político, quer da sua idade ou mais velhos. Assim se espelha na sua biografia autorizada, segundo a reconstrução do passado que ele próprio faz no final da década de 80 (Allen da Cal, 1991: 32-33)

> Nunca perde o contacto com a Terra-Mãe, e, nacionalista ferrenho, acompanha a efervescência galeguista que nela se vivía naqueles dias de exaltação pré-autonómica. Nas grandes férias do verão quase sempre retorna à Galiza, por períodos de tempo mais ou menos longos. Em 1930 convive em Lugo com todo o grupo de galeguistas lucenses: Luís Pimentel, Anxel Fole, Evaristo Corrêa Calderón, Xesus Bal e Gay e o pintor Arturo Souto –que o usa como modelo para a figura de um marinheiro, nos paineis que naquele verão realizou para o "Círculo de las Artes". No 25 de Julho iça com esse grupo, no balcão desse edificio, a bandeira galega –de uso público interdito desde o Real Decreto de 1923, que acabava de ser revogado, em Junho, pelo Governo do General Dámaso Berenguer.
>
> Implantada a II República, em 1931, encontra-se em Madrid com Castelao –deputado galeguista nas Cortes Constituintes– que visita sua mãe acompanhado de Virgínia (não se tinham visto desde os tempos estudantis de Santiago!). Ernesto assiste regularmente à tertúlia dos galeguistas que se reuniam no "Café Regina" e conhece ali Otero Pedrayo, Suárez Picalho, Antão Vilar Ponte –todos representantes da Galiza no Parlamento da República– além de Ramón Cabanilhas, Blanco Amor e Serafín Ferro. No verão de 1932 percorre de automóvel toda a costa atlántica da Galiza: detém-se no Ferrol, para visitar os seus padrinos, Ernesto e Victorina Eiras, e contempla as rias ferrolanas da sua infância. Em Santiago, nas Festas Apostólicas, acha-se presente na reunião de Galeuzca, encontra velhos amigos e conhece outros novos: Álvaro Cunqueiro, Álvaro de las Casas, Carvalho Calero e Arturo Cuadrado.

Na biografia redigida pelo seu filho, o historiador Enric Ucelay Da Cal (2003a), indica que "Mantuvo activa una dualidad galleguismo-izquierda española" e após assinalar o relacionamento com o grupo galeguista em Madrid, acrescenta: "simultáneamente y en paralelo, gracias a su hermano mayor, se afilió al Partido Comunista".

Esta inquietação política contribui para esclarecer a sua presumível presença na reunião do Galeuzca em Compostela, aos 25 de Julho de 1933, em que políticos nacionalistas de Galiza, Euscádi e Catalunha chegaram a um pacto para a actuação política conjunta na defesa dos interesses dos seus respectivos países, que não terá grande efectividade por causa do forte impulso centralista devido à vitória das direitas no ano seguinte, segundo as investigações de Xosé Estévez, especialista nesse período. Este historiador acredita que, bem Ernesto bem os dois irmãos, participaram naquele acto, e são eles a quem corresponde o "Guerra" a que se refere Álvaro das Casas no relato que faz do acontecimento no primeiro número, o duplo 1-2, da revista *Alento*[11]. Estévez perguntou-lhe sobre essa intervenção no acto na primeira das cartas que lhe encaminhou, e na primeira resposta que recebeu de Da Cal esclarecia que (Estévez, 2004:5) "gardaba neboentos recordos por mor do tempo transcurrido, aínda que eu xa sabía que estivera o 25 de xullo presente nos actos".

As biografias de Allen da Cal (1991) e Enric Ucelay (2003a) coincidem em ressaltar os relacionamentos na altura com o cineasta Luis Buñuel, com o pintor Luis Quintanilla e com o poeta Manuel Altolaguirre, que se deveram aos seus "contactos con la bohemia madrileña de izquierdas", segundo Enric Da Cal (2003a). Elsie Allen da Cal (1991a) cita, por causa dos estudos universitários, a relação de amizade discipular com alguns docentes, como Américo Castro, Tomás Navarro ou José Fernández Montesinos, com os quais coincidirá anos depois no exílio nos EUA. Refere igualmente a sua segunda esposa a convivência no Ateneo matritense "com algumas figuras gradas da 'Geração de 1998'", bem como as relações de amizade com membros da Geração do 27, nomeadamente Juan Ramón Jiménez, Luis Rosales e Federico García Lorca, para além do citado Altolaguirre e, igualmente, "assiste às reuniões literárias e de divertimento que Pablo Neruda organizava no seu apartamento da 'Casa de la Flores'. Ali conhece muitos

[11] Álvaro das Casas (1934: 20-21) refere como, aos 24 de Julho "en Compostela están á nosa [em referência à expedição de representantes dos tres países] espera Manuel Banet Fontenla, Casal, Barreiro Salaño, os irmaos Beiras, D. Xesús Carro, Carnero Valenzuela, Castelao, Guerra, Santiso Xirón, Cuadrado, Suárez Picallo, Alonso Ríos, García Suárez e moitos máis" que se deslocaram para participar nas actividades organizadas o 25 de Julho em Compostela, e em dias posteriores em cidades diferentes.

hispano-americanos, entre eles o poeta cubano Nicolás Guillén e o ficcionista galego-cubano Lino Novás Calvo, –reencontrados depois em Havana".

III.1.2.1.-Actor de teatro e contactos com Federico García Lorca.

Em diferentes ocasiões Da Cal data no ano 1931 os seus primeiros contactos com Federico García Lorca. Segundo testemunho em cartas a Victoria Atencia, no Outono de aquele ano, em companhia do seu colega e também poeta galego residente em Madrid, Serafín Ferro, ouve o "Vals de las ramas" recitado pelo granadino para ambos. Esta composição memorizá-la-á, segundo vai rememorar quase seis décadas mais tarde nessa correspondência com Atencia[12], e tentou influir para que se publicasse numa versão para língua inglesa, segundo ele lembrava na colaboração com o tradutor Rolfe Humphries nos primeiros tempos do exílio em Nova Iorque (ver infra). De aquela amizade dão fé as dedicatórias de livros de Lorca a Da Cal, datadas em 1931 três delas (de *Libro de Poemas*, *Poema del Cante Jondo* e *Canciones (1924-1927)*), com desenhos realizados pelo granadino, além de outros produtos publicados com posterioridade, e que após a morte de Da Cal, em 1999, foram doados pela viúva para a Fundación Federico García Lorca (ver infra)[13].

Por volta de 1932 Da Cal integrou-se no grupo de teatro que promovia Pura Maortua Lombera[14] na Asociación Femenina de Cultura Cívica, uma entidade "de difusa proximidad socialista", em valorização de Enric Ucelay (2003a), que aquele ano se consolidara. Por diferentes testemunhos de Da Cal e de quem seria a sua primeira esposa, Margarita Ucelay, em 1933 começaram um relacionamento de noivado, e assim o afirma também o filho de ambos. Pura Maortua conseguiu que Federico García Lorca se associasse à companhia teatral "gracias a la tozudez mostrada por ella en el rescate del manuscrito de *Dom Perlimplím*, retenido por la policía desde 1929 por 'obscenidad'", acrescenta Enric Ucelay (2003a). Lorca dará a esse grupo o nome de Anfistora.

[12] Assim o refere nas cartas que lhe encaminha datadas aos 15 de Agosto de 1990 e de 12 de Agosto de 1992.

[13] No Espólio EGC também se conserva cópia de alguma dedicatória de Federico García Lorca para o irmão de Da Cal, que mantinha amizade com ele em Madrid.

[14] Esta é a mãe de Margarita Ucelay Da Cal, a primeira esposa de Da Cal. Margarita adaptou este nome ao se naturalizar norte-americana na etapa do exílio nos EUA, por causa do sistema onomástico norte-americano.

Em todo o caso, sim se pode documentar a participação de Da Cal em duas encenações de Anfistora. Assim, aos 7-VI-1934, pelas 22,30 horas, no Teatro Español de Madrid, estrou-se (Sem Autor, 4-VI-1934: 5) *Lilióm*, de Franz Molnar, espectáculo apresentado por García Lorca, Manuel Fontanals e Pura Maórtua de Ucelay, segundo consta no programa, alicerçado em texto traduzido por Gregorio Martínez Sierra. No reparto encontram-se Ernesto P. Guerra e Margarita Ucelay, nos papéis de Fiscur e Maria, respectivamente; e Severino Mejuto como papel principal, para um total de 14 actores. A crítica qualificou a função de (Olmedilla, VI-1934) "memorable estreno" salientando a participação de "Ernesto P. Guerra, eficacísimo en su papel".

Aos 25 de Janeiro de 1935 Da Cal interveio como actor na encenação de *Peribáñez y el Comendador de Ocaña*, de Lope de Vega, pelo Club Anfistora, sob direcção de Pura Ucelay e Federico García Lorca, no Teatro Capitol de Madrid. Foi das primeiras actividades organizadas aquele ano na capital da Espanha para comemorar o terceiro centenário de Lope de Vega, com música de Bal y Gay, amigo a quem Da Cal tinha conhecido anos antes em Lugo, e que na altura era pesquisador do Renascimento no Centro de Estudios Históricos de Madrid. Outra vez a crítico se ocupou elogiosamente da actuação e referenciou a sua intervenção, da qual se afirmou que (Olmedilla, 26-I-1935: 4) "debe quedar constancia en los anales volanderos de la Prensa, por su respetuosa y feliz aportación de anoche al homenaje de España a Lope de Vega", valorizando na sua crónica que se tratara de um "espectáculo esquisito para una feliz minoría". Antonio de Obregón (26-I-1935) referiu-se à representação como "solemne acontecimiento" e "jornada espléndida", frisando a actuação dos principais actores, bem como do vestiário e da direcção e afirmando que Pérez Guerra e outros actores secundarios "hicieron un conjunto delicado y lleno de interés y originalidad". E ainda assinado como "S.", no quotidiano madrileno *El Sol* publicou-se outra crónica, que também elogiosamente valorizara: "La clase de teatro que nos 'hicieron' anoche sería para la mayor parte de esas compañías selectas, de ensayo, de experimentación, que circulan por el mundo, una meta apetecible" e indigitava Ernesto Guerra entre os actores que "descollaron [...] el acento propio de sus personajes y la actitud siempre correcta".

Carlos Morla Lynch, da Embaixada de Chile em Madrid, refere num livro o seu relacionamento com García Lorca na altura. Nele relata um encontro, em Março de 1935, na morada madrilena do casal McKinley em que interveio o grupo Anfistora, com presença de Lorca e de membros da companhia, entre eles Pilar Bascarán, Severino

Mejuto e Ernesto Guerra [Da Cal] nos papeis principais. Oferece de Da Cal a seguinte descrição no "diario íntimo", como ele próprio apresenta esse volume, de aquele tempo (Morla Lynch, 1957: 451):

> Un chico éste muy saleroso y agraciado, delgado como un junco, fino de cara, muy corto de vista –casi no ve–, con un aspecto de mozalbete un poco cínico y un poco impertinente… pero de una simpatía seductora no exenta de inteligencia. Sufre esta noche de un flemón bajo el labio superior, lo que no le impide fumar como una chimenea. A cada chupada que le da al cigarrillo, exclama: "¡Ay, qué dolor!", pero sigue echando humo.

Na continuação, Morla Lynch dá conta do namoro de Ernesto con a "hija encantadora" –em referência a Margarita, embora não cite o seu nome– da directora da companhia, Pura Ucelay, como exemplo de relacionamentos entre os membros da mesma.

Do ponto de vista literário, 1935 será um ano de relevo para Da Cal, por ser quando frutificou a edição dos *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca. A publicação aconteceu com data "27 de Nadal de 1935", segundo consta no cólofon, em Santiago de Compostela, na gráfica de Ánxel Casal, dirigente do galeguismo político que presidiu à Câmara Municipal da cidade[15]. O volume inclui um "Prólogo", em castelhano, de Eduardo Blanco-Amor, em que se não faz qualquer referência a Da Cal. Um desses poemas lorquianos fora publicado em Dezembro de 1932, em diferentes meios da Galiza e de Madrid, como foram (Alonso Montero, 2006: 31) as revistas *Yunque* de Lugo, *Resol* de Santiago, e os jornais *El Pueblo Gallego* (8-XII-1932) e *El Sol* (11-XII-1932). A autoria destas composições será objecto de forte polémica desde a década seguinte, ao questionar-se o conhecimento de Lorca do idioma galego e a necessidade de colaboração para a tarefa da sua escrita, um assunto que, como se verá, levará a Da Cal a um primeiro plano sobretudo por volta dos meados da década de 80. Este produto literário terá imensa fortuna, com sucessivas reeimpressões, sendo um dos mais[16] reeditado de toda a poesia galega do século XX. Margarita Ucelay testemunhou em diferentes ocasiões, e assim o fez também em diálogo pessoal com ensejo da presente pesquisa que, segundo lembrava, Da Cal fizera a proposta de elaborá-los para tentar

[15] A edição estava programada para o Dia de Galiza desse ano, mas não foi possível. Fora anunciada em artigos jornalísticos (Sem Autor, 30-VI-1935 e 6-VII-1935), mas segundo informará Blanco-Amor anos mais tarde (ver infra, 1959, no artigo que escreve em *Ínsula*) só lhos entregou em finais de Julho e estavam compostos em Novembro desse 1935.

[16] Assim o assinala v. gr. Alonso Montero, quem calculava que o número das edições desse produto, há quase três décadas (Alonso Montero, 1980: 187b) "tal vez supere el centenar si tenemos en cuenta su inclusión en obras completas, antologías, misceláneas, etc."

elevar o muito decaído ánimo de Lorca no tempo posterior à morte do toureiro Ignacio Sánchez Mejías. Ernesto e Federico reuniam-se de manhá, muito tarde, em casa de Lorca e dedicaram vários dias a esse labor. Margarita indica igualmente não lembrar que Da Cal tivesse na altura um acidente de esqui por ele referido para explicar uma das mudanças de letra que se verificará quando em 1985 se encontraram os autógrafos desses poemas.

Na Faculdade de Filosofía e Letras madrilena Ernesto teve tratamento com Carlos Martínez Barbeito, também estudante originário da Galiza, a quem lhe comenta a sua colaboração com Lorca para a elaboração desse produto, segundo este lembrará dez anos mais tarde no trabalho que suporá o início da polémica a respeito da autoria (ver infra).

Mantém o noivado com Margarita Ucelay e a colaboração com Anfistora, embora tenha passado alguma crise, pois segundo o testemunho de Enric Ucelay Da Cal (2003a), no "tenso y politizado invierno de 1935-36" o grupo cindiu-se e ele optou pelas pessoas que se aproximaram a Maria Teresa León e Rafael Alberti. E acrescenta: "Las maledicencias al respecto en la ruptura del club teatral le convirtieron en indeseable para el padre de Margarita, por mucho que Pura tomó una actitud más indulgente. Alejado por las circunstancias, Ernesto apareció brevemente al comienzo de la revolución, con lo que se restableció su relación formal". Um relacionamento que já permaneceu durante três décadas.

Até ao início da Guerra de Espanha continua as aulas, finalizando o curso de Letras em Junho, pouco antes de testemunhar como o seu centro universitário "se transformaría en 1936 en uno de los frentes más sangrientos de la defensa de Madrid"[17].

III.1.2.2.-Na Guerra de Espanha: Com a República e início da produção literária.

Na Guerra de Espanha Da Cal participa activamente desde o primeiro momento em favor da legalidade da causa da República. Segundo depõe Margarita Ucelay, não teve dúvidas ao respeito, mas foi decisivo para a sua maior implicação o conhecer-se as circunstâncias da morte de García Lorca. Afirma Enric Ucelay (2003a), o filho de ambos, sobre aquela altura: "Al estallar la guerra en el verano de 1936, aprovechó su militancia comunista para intentar salvar a personas internadas en 'checas' de la capital y pronto se afilió a las Milicias Gallegas, con una dura iniciación al combate en el frente

[17] Assim figuram em epístola que Da Cal enviou para María Victoria Atencia, datada em 9-X-1987.

de Toledo". E acrescenta este historiador, ao redigir a biografia de Margarita Ucelay (Enric Ucelay, 2003b): "Ascendido a oficial, se le asignó la responsabilidad ["al empezar el traslado del gobierno Largo Caballero", segundo esclarece na biografia de Da Cal: Enric Ucelay, 2003a] de conducir un convoy de camiones con personal administrativo de Madrid a Valencia, y se llevó a Margarita con él. Se casaron allí en un juzgado el 31 de octubre de 1936[18], entre otras parejas milicianas. Margarita estuvo con su nuevo marido en Valencia –durante un tiempo residiendo en pueblos de la Huerta– y más adelante, le acompañó con el traslado del gobierno republicado a Barcelona". O casamento culmina uma relação de três anos de noivado com esta mulher, nascida em Madrid em 5 de Maio de 1916, algo mais de quatro anos, pois, mais nova; e filha de Pura Maortua (Enric Ucelay, 2003b) "de burguesía de ascendencia vasca de la ría de Limpias" e de Enrique Ucelay Sanz, conhecido advogado de Madrid, um casal que (Enric Ucelay, 2003b) "manifestó aficiones culturales, él dedicado a una intensa bibliofilia y ella, con inquietudes feministas". A sua irmã maior, Matilde, foi "activista de la FUE en la facultad de Arquitectura y se licenció en junio de 1936, siendo la primera mujer arquitecto de España". Margarita era a terceira filha e, após estudar o bacharelato, cursou Direito na Universidad Central de Madrid entre 1933-1936, finalizando posteriormente os estudos em Nova Iorque; a escolha dos estudos devera-se a que, de novo segundo testemunho da biografia redigido pelo filho "en teoría, debía trabajar con su padre".

A respeito da formação das Milicias Galegas e da sua intervenção, em condições muito desfavoráveis, no Frente de Toledo, existem testemunhos de quem era o seu principal responsável político, o com o tempo destacado dirigente comunista, Santiago Álvarez (1984, 1987, 1989), ou de Florencio Delgado Gurriarán (1989), entre outros. Aquelas Milicias, segundo indicam, contaram com mais de 2.000 homens, foram para a luta com escassos meios, e sofreram as primeiras baixas naquela batalha inicial. Depois decidiram (Delgado Gurriarán, 1989: 181) integrar-se na primeira brigada mixta da 11 División, como "Batallón Galego" [19]. Da Cal referir-se-á a essa experiência em Toledo,

[18] Segundo depoimento de Enric Ucelay em entrevista pessoal, o casamento aconteceu conjuntamente com o de outros 20 milicianos e na partida de matrimónio em lugar de Ernesto figura como nome Evaristo. Este documento não se pôde localizar na presente pesquisa, apesar das gestões realizadas. Enric Ucelay manifesta o seu convencimento de que este primeiro matrimónio tinha como alvo preferente o de "ascender socialmente", por causa da boa posição social que desfrutavam em Madrid a família da esposa, pois o pai de Margarita tinha herdado muito, e era um advogado de muito prestígio.

[19] Máiz Vázquez (1983: 46a) precisa que este grupo "fue encuadrando a los antifranquistas gallegos que combatían a favor de la República. Con 824 hombres en armas, en octubre de 1936 fueron

e à sua dureza, que testemunhou, numa entrevista que lhe fizeram anos mais tarde (Sem Autor, 23-IV-1959) para a revista brasileira *Visão*.

Em Barcelona, aos 30 de Novembro de 1937, no número 13 de *Nova Galiza*, revista que se autodefinia de "Boletín Quincenal dos Escritores Galegos Antifeixistas", inclui-se "Mariñeiro Fusilado", primeiro poema de Da Cal, assinado como Ernesto Pérez Güerra. Esta revista, editada com o apoio da Generalitat de Catalunha, difundiu 18 números, entre Abril de 1937 e Junho-Julho de 1938, e nela colaboraram os deputados galeguistas Alfonso Rodríguez Castelao e Ramón Suárez Picallo, para além de Rafael Dieste (quem também utilizou o pseudónimo de Félix Muriel), R. Cabanillas, Serafín Ferro, Antón Lobeira, R. Cabanillas Álvarez, J. R. Barcia, Ramón Rey Baltar; e desenhadores como o próprio Castelao, Ramón Gaya, Colmeiro ou Arturo Souto, nomes todos eles que na altura começavam a despontar nos campos da literatura e da pintura da Galiza, tendo alguns deles já um certo prestígio, mesmo centralidade como era o caso de Castelao.

O poema dacaliano leva como dedicatória "A noite de tres cores de Serafin Ferro"[20], e supõe uma homenagem àquele amigo originário da Galiza com quem travara estreita amizade em Madrid, e a um marinheiro fuzilado, que

> Morreu de pé, como as frores, como os albres, como os foguetes,
>
> Como os homes.
>
> Cando foron a vel-o, un verme lle rubía por riba d'un ollo,
>
> Pro unha volvoreta se lle pousara no furado roxo da morte.

Da Cal participa, pois, activamente do ponto de vista literário, ao pé dos luitadores em prol da legalidade da República espanhola e da autonomia da Galiza, junto com amigos como Serafín Ferro ou Arturo Souto, ou políticos leais à causa com os quais travara

---

absorbidos por el V Regimiento de Milicias Populares, aunque sus hombres jugaron siempre um papel destacado en el ejército republicano, en la resistencia antinazi en Francia y en la guerrilla antifranquista gallega".

[20] No Espólio EGC encontra-se uma cópia, mecanografada, desse poema. Aparece datado em "Barcelona 1937" e assinado como "Ernesto Perez Da Cal", indicando igualmente a publicação nessa revista. Ao pé dele encontra-se outro, inédito, intitulado "Anguria da paisaxe ausente", datado em "Valencia 1937" e também assinado como Ernesto Perez Da Cal: um poema de saudade da terra galega em que se espelha o anelo de voltar a ela. Nos dois utiliza a mesma ortografia e pelas características do papel conservado, muito avelhantado, parecem ser de um mesmo tempo, Consta de 24 versos, em estrofes de 4-5-4-5-4, e finaliza com estes dois a modo de conclusão:

> Se o meu cor de novo abrangue a paisaxe
> morrerei en verde fondido con ela.

amizade em Madrid, nomeadamente os deputados galeguistas que assinam nessa revista. Fê-lo com uma composição de poesia, um produto pouco habitual nesse período bélico, segundo reconhecerá a historiografia literária galega (González Martín, 1979) ao estudá-lo.

Do restante tempo em que participou na Guerra de Espanha não se documentaram testemunhos coevos. Ao respeito escreve o seu filho, o historiador Enric Ucelay Da Cal (2003a) que foi ascendido a capitão do Exército Popular e encomendaram-lhe "tareas delicadas (entre ellas investigar las ejecuciones de no comunistas en las Brigadas Internacionales)". Depois integrou o Servicio de Información Militar, o que o levaria a Nova Iorque. Assim o esclarece o seu filho (Enric Ucelay, 2003a):

> mientras estuvo en Valencia, quedó desengañado de su militancia comunista a raíz de su trato, primero amistoso y luego amenazante, con los responsables de los servicios secretos soviéticos, en particular con el general de la NKDV, Alexander Orlov. Cuando Pérez Güerra entró en el Servicio de Información Militar (SIM), a partir de su creación en el verano de 1937, se alineó con el sector socialista en su seno, formando parte, en Barcelona, del equipo dedicado al control de pasaportes y vigilancia de extranjeros. Muy al final de 1938, fue encargado de una misión política acerca de las sociedades filorepublicanas en Nueva York, en particular en la Casa de Galicia.

Do período de Barcelona até ao deslocamento em Nova Iorque não se encontraram outros testemunhos da sua actividade[21]. A viagem à cidade norte-americana não terá regresso para Espanha, e ficará lá exilado. Segundo esclarece Margarita Ucelay, a ideia com efeito era voltar, mas a queda de Barcelona em poder do Exército insurgente franquista desaconselhou que se movesse de Nova Iorque, pois era previsível o muito próximo final da guerra, como assim foi.

### III.1.3.-Chegada a Nova Iorque em 1938.

Naquele final da década de 30 viviam em Nova Iorque (Pérez Rey, 1999: 190) "máis de 10.000 galegos", segundo cálculos de Emilio González López, que desde os inícios da Guerra de 1936 se tinham movimentado em favor dos interesses da República, através de associações como (Pérez Rey, 1999: 192) "o Comité Antifascista Español dos Estados Unidos, constituído em Brooklyn o 27 de xullo de 1936, [ou, as] Sociedades Hispanas Confederadas, creadas na primavera de 1937" e que, segundo esta mesma

[21] Enric Ucelay, em entrevista pessoal, afirma que durante um tempo trabalhou pelas tardes no Ministério de Marina, embora desconheça se em situação de contratado ou funcionário interino.

pesquisadora concederam ajuda a muitos refugiados que chegaram ao porto de Nova Iorque (Pérez Rey, 1999: 193) "tanto económica como legal". Também emerge nessa cidade a (Pérez Rey, 1999: 194) "Fronte Popular Antifascista Galega, o organismo galego máis importante, dentro das Sociedades Hispanas Confederadas, que interviu na chegada a Nova York de moitos exiliados galegos. A Fronte naceu en decembro de 1937 no local do Centro Galicia situado no 147 da Columbus Avenue. Ramón Mosteiro, fillo dun antigo emigrante galego, que estudiara Medicina en Santiago de Compostela e loitara na Guerra Civil, foi elixido o seu secretario xeral".

Esse Frente Popular Antifascista Gallego tinha na altura grande actividade em favor da República, procurando ajuda económica para os seus fins. Os problemas de desvíos desses fundos  e o mal uso dos mesmos parece ter sido um dos objectivos da missão de Da Cal, que deveria esclarecer as quantidades atingidas parao financiamento da República e o destino que se lhes dava, segundo esclarece de Margarita Ucelay em entrevista pessoal[22]. Aos 19 de Agosto de 1938 Luís Soto endereça uma carta em que testemunha aquele dinamismo, com ensejo da sua estada na cidade acompanhando a Castelao (Villaverde García, IV/VI-1995: 266):

> La colonia española de los Estados Unidos trabaja activamente por la causa del pueblo español. […] En el mitin organizado por el Frente Popular Antifascista Gallego, y celebrado el domingo último se han recaudado para España 600.000 francos. Esto te dará una idea de lo bien que traban estos compañeros[23].

Quando parte para os EUA, a esposa Margarita fica em Barcelona, junto com uma irmã dela, Luz. Esta tinha uma filha, e partilharam as difíceis circunstâncias do final da Guerra e a saída de Espanha pela fronteira francesa. Finalmente a esposa de Da Cal pôde embarcar num vapor britânico e dirigir-se a Nova Iorque. Seguindo mais uma vez o testemunho de Enric Ucelay (2003b):

---

[22] Sobre este assunto manifesta-se Xoán Xosé Pla, antigo secretario da Xunta Xeral Executiva do Partido Galeguista em Barcelona durante a guerra quem (Núñez Seixas, 1999: 37n) "laiábase em setembro de 1939 das desviacións de fondos recadados polos galegos de Nova York e Bos Aires e entregados ao SERE [Servicio de Evacuación de los Republicados Españoles], de xeito que 'os de New York [o Frente Popular Antifascista Galego] tiñan diñeiro para máis de 1000 pasaxes e non poideron embarcar máis que uns 200. Ao SERE sobranlle cartos', en beneficio de corruptelas e de beneficiarios que non serían galegos". A respeito do exílio galego republicano em Nova Iorque, da comunidade galega nessa cidade, da posição dos EUA a respeito da Guerra de Espanha de 1936 e do labor do exílio, é importante o trabalho de Pérez Rey (2006).

[23] A carta tinha como destinatário Varela Ferro, na Embaixada de Espanha em Paris, e conserva-se no Espólio Luís Soto, no Arquivo Histórico Provincial de Ourense. Este trabalho de Elixio Villaverde é de interesse para conhecer mais dados de aquela actividade, bem como da estada de Castelao em Nova Iorque.

> vivieron la masiva retirada humana que se dirigió primero a Figueras y después a la frontera francesa de El Pertús, sufriendo bombardeos de la aviación italiana. Como disponía del coche oficial con chófer de su cuñado, Margarita la cruzó disfrazada ella de joven madre burguesa y Luz de niñera; pagó, con algo de moneda francesa que tenía, a los gendarmes, que la acompañaron a un hotel, en vez de a un campamento. Desde Perpiñán, las dos hermanas fueron a casa de su tía Asunción Maortua en San Juan de Luz, quien echó a Margarita por 'roja', perdonando en cambio a su hermana. Margarita consiguió documentación de la embajada norteamericana ante España (localizada en la población vascofrancesa), pero se encontró con que la representación de este país en París rechazó estos papeles. Cuando pudo embarcarse en el vapor británico 'Queen Mary' (gracias a la ayuda de los galleguistas de Nueva York), a un día de navegación de su destino el gobierno de F. D. Roosvelt reconoció a Franco, con lo que su pasaporte careció de valor y fue internada, como indocumentada, en Ellis Island. Presiones ejercidas por filorepublicanos en Nueva York le consiguieron un visado estudiantil, que la obligó a ir a Cuba, antes de entrar formalmente en Estados Unidos.

Em entrevista pessoal com ensejo da presente pesquisa, Margarita Ucelay afirma que Ernesto não sabia que ela viajaba no "Queen Mary", pois não tivera ocasião de comunicar-lho. No entanto, quando a sua chegada, ele encontrava-se casualmente no porto, junto com um amigo, e ao ver entrar esse barco, que ao parecer destacava muito pelo seu grande porte, os dois ficaram por curiosidade, sendo uma surpresa quando viu baixar dele a esposa. Isso facilitou que contactassem desde o primeiro instante, e que ele se movesse para conseguir que se pudessem reunir. Era o 1 de Abril de 1939.

Dias antes (11-II-1939), em carta assinada em Nova Iorque por Víctor Fernández, José Castro e A. Rodríguez, endereçada para Luís Soto, que se encontrava em Havana, com o carimbo do "Frente Popular Antifascista Gallego. Afiliado a las Sociedades Hispanas Confederadas", há uma referência a Da Cal. A carta parece ter sido redigida por Castro, porque faz referência aos outros dois, e nela indica-se que "No puedo darte la información que me pides porque la tiene Mosteiro, pero trataré de ponerme en contacto con él para que te escriba cuanto antes. La labor de S..... sigue su curso con la colaboración del compañero D'a Cal (?)[24] que se encuentra en New York. Ha venido de España con el estudiante".

[24] O interrogante encontra-se no texto e quiçá indique dúvida sobre se se escrevia assim o apelido de Da Cal, ou talvez mesmo sobre a sua militância comunista. Emilio González López (1990: 318) afirma nas suas memórias que Castro chegara a ser secretário geral das Sociedades Hipanas Confederadas e do Frente Popular Antifascista Gallego de Nova Iorque "que era una de las sociedades antifascistas más

Declarado já oficialmente o final da Guerra de Espanha, no sábado, 17 de Junho de 1939, documenta-se outra intervenção sua em Nova Iorque: trata-se de um programa de mão, conservado no Espólio de Luís Soto, no qual consta que "El secretario general de Alianza Obrera Española invita a todos los españoles de esta ciudad a la Cena Española pro unidad ofrendada por nuestro centro al sacerdote Leocadio Lobo, Apóstol de nuestra Unidad y de la causa española en nuestro local social". O acto, segundo esse escrito, decorreu em "50 Bowery, New York" e estava agendado "A las 7:30 P.M". Nele "Hablarán intelectuales españoles. Cantará Folclore Español, Ernesto Pérez Dacal. Recitará poesias Castellanas: el Padre Lobo". Da Cal tentava, pois, sobreviver e reanudar a vida em colaboração com a colónia de exilados.

Encontrou-se em Nova Iorque com Castelao, quem permaneceu nessa cidade entre Agosto de 1938 e Junho de 1940. Está documentado o relacionamento entre ambos e a participação em actividades conjuntas para angariar fundos para a causa da República[25]. O jornal espanhol *La Voz*, editado em Nova Iorque, inclui em 30-IX-1939 uma crónica intitulada "Grandiosa velada de arte y cultura". Segundo relata Manuel Vilar (2007: 117) "esa velada estaba organizada polo crego Leocadio Lobo e celebrada no teatro McMille da Universidade Columbia. No acto, presentado por Ernesto Guerra da Cal, actuou o coro do 'Frente Popular Antifascista Gallego de Nueva York y Brooklyn'"[26].

---

activas, y que había sido la que había invitado a ir a Nueva York a Castelao y Ernesto Pérez da Cal". No caso de Da Cal, no entanto, parece ter sido a missão para o Servicio de Información Militar, embora talvez para que mediasse através dessa entidade e angariar assim financiamento para a República.

[25] No Espólio de Luís Soto, quem era secretário de Castelao, conservado em Ourense encontra-se um escrito respeitante ao Frente Popular Antifascista Gallego. Nele, Soto informa à Comisión Ejecutiva de FETE, sindicato de ensino adscrito à central socialista UGT, de ter intervido em 66 actos e de ter recolectado "muchos miles de dólares y aunque no tengo los datos exactos la cifra se aproxima a 1.000.000 de francos". "El trabajo ha sido duro. Quemados en la diaria tarea todos los minutos", acrescenta.

Em documentação conservada no mesmo Espólio de Soto indicase como o Embaixador de Espanha em Washington, Fernando de los Rios, lhe outorgou passaporte "en misión oficial del Gobierno español, para toda Europa y América": tinha validez por um ano, e data de 11 de Outubro de 1938. Em 4 de Junho de 1939 continuava em Nova Iorque; porém, aos 8 de Setembro de 1939 solicita praça de mestre em México, no colégio Luís Vives; e aos 19 de Junho de 1940 consegue um novo passaporte, expedido no México.

[26] Na noticia de *La Voz* de Nova Iorque (Sem Autor, 30-XI-1939) afirma-se que estava prevista a actuação da "famosa recitadora de la raza de color Eusebia Cosme" e que "aparecen en el sensacional programa el Coro del Frente Popular Antifascista de Nueva York; Ernesto Pérez Dacal, que actuará de maestro de ceremonias; Grupo de Jóvenes de Newark; María Chacón, Leonor Garrido, J. Caramés, Lolita Roca, Juan de Seijo... recitarán y cantarán canciones populares e hispanoamericanas. Disertarán D. Federico de Onís, Director del Instituto de las Españas de la Universidad de Columbia y don Tomás Navarro, profesor de filología de la Universidad de Madrid, actualmente profesor también de la Universidad de Columbia. Al terminar el acto se sorteará un dibujo original del gran artista Afonso R. Castelao. Además de Don Leocadio Lobo, forman parte del comité organizador los profesores Tomás Navarro y Emilio González López".

Das conversas que teve com o pai respeitantes a esse tempo, Enric Ucelay afirma, em entrevista pessoal, que Castelao e a esposa Virginia reagiam com uma atitude "paternalista" com Ernesto e Margarita. Castelao, por causa da sua progressiva perda de visão, tinha medo de não se poder valer. Segundo depoimento de Enric Ucelay em entrevista pessoal com ensejo da presente pesquisa, existe muita confusão e imprecisões sobre o que acontecia na Casa de Galicia de Nova Iorque. Afirma igualmente que, segundo testemunho que lhe comunicou o pai, não figurava na primeira lista de pessoas redigida pelo Embaixador Fernando de los Ríos para solicitar asilo nos EUA, por não ter sido gestionada a sua viagem através da Embaixada e porque a sua missão não estava sob a autoridade do cônsul, embora admita que a sua mãe nega isso. Uma questão que se não pôde documentar e que, em todo o caso, reflecte as dificuldades dos primeiros dias de exílio de Da Cal. No entanto, sim conseguiria com posterioridade ser acolhido e arranjar a situação favoravelmente.

Margarita Ucelay, em entrevista realizada com ensejo da presente pesquisa, depõe que Castelao mostrava medo ao futuro, ao que contribuia em parte a dificuldade com a que se desenvolvia em Nova Iorque por não conhecer bem o idioma inglês; além disso, e por causa da situação da Espanha, recriminava-os por vezes por factos que para eles não tinham maior valor, como consumir um simples gelado[27]. A estreita vigilância a que parece ter sido submetido pela agência americana de informação CIA[28], e de que possivelmente ele fosse ciente, para além dos condicionantes da sua situação pessoal, teriam contribuído porventura àquela inquietação. Da Cal, entretanto, angariava trabalhos, e participou na Exposição Universal de Nova Iorque de 1939.

O início do exílio marca o final de uma etapa na vida, quase uma terceira parte da sua trajectória, com 27 anos. Formação, intensidade de contactos intelectuais e sociais, casamento, compromisso político, luta em favor da República, são as características principais de um período intenso, bem invulgar de se comparar com a vida da maioria

---

[27] Margarita Ucelay, ao igual que Enric Ucelay Da Cal, coincidem em salientar a inquietação de Castelao pelo seu futuro durante aquele tempo em Nova Iorque. As afirmações ao respeito realizadas por Enric Ucelay levaram mesmo a alguma reprovação, como a de Bieito Alonso Fernández quem, no trabalho que apresentou no congresso sobre o exílio galego celebrado em Santiago de Compostela em 2001, defende o prestígio, carisma e flexibilidade táctica de Castelao (Alonso Fernández, (2006: 347) "por mais que historiadores como Enric Ucelay aludan, nun exercicio reiterado de teimosía, ao seu 'profundo idealismo y poco saber político'".

[28] Sobre esta questão, ver os trabalhos de Díaz Pardo (1989) e González López (1989), apresentados em Novembro de 1986 em Santiago de Compostela no Congreso Castelao. Nas *Actas* deste acontecimento (Beramendi, Justo G. /Villares, Ramón, 1989 eds), para além desses dois estudos há outro de Amado Ricón (1989) em que também se centra nessa etapa de Castelao em Nova Iorque.

das crianças galegas do seu mesmo tempo. Da Cal desfrutou de mais oportunidades, por proceder de uma família acomodada, e por saber mover-se entre pessoas que o ajudaram a progredir e situar-se. Tudo faz pensar que, pela trajectória naqueles anos anteriores, se lhe podiam abrir boas possibilidades de futuro naquela Espanha republicana, que a Guerra truncou, levando-o para outro país e outras realidades onde teve, em grande parte, de começar de novo a sua vida. Margarita Ucelay, em entrevista pessoal, afirma que a ideia que lhe tinha transmitido Ernesto era a de deslocar-se para residirem na Galiza, mas nunca o puderam fazer.

Segundo testemunho de Emilio González López (2000: 53-54) "pronto deixou de asistir ás xuntanzas da Fronte Popular Ernesto Guerra da Cal, que viñera de España a mediados de decembro de 1938, acompañado de Ramón Mosteiro[29], que o fora buscar a Barcelona por encargo de Unidade Galega para que participase nos traballos de propaganda nos Estados Unidos e na organización clandestina que debía de dirixir a loita contra Franco dentro do territorio español". Acrescenta González López que Da Cal entrou em relação "rapidamente" com o Professor Federico de Onís, e tanto ele como a esposa Margarita Ucelay fizeram "unha importante carreira académica como profesores de español, ela, e de portugués da [sic] Cal. Fose por dedicarse intensamente ao estudio ou por calquera outra razón, o caso é que da [sic] Cal deixou de asistir às reunións da Fronte Popular". No entanto, não especifica a data em que isso aconteceu, em todo o caso depois de Setembro de 1939, pois nessa data documenta-se a sua participação com a associação. Nos anos seguintes, no entanto, Da Cal manterá, até meados da década de 60, contactos frequentes (semanais mesmo a maior parte do tempo, segundo testemunho do seu filho Enric Ucelay Da Cal em entrevista pessoal) com a colectividade galega, o que propiciará numerosas produções e actividades (ver infra)[30].

---

[29] Este testemunho de González López será difundido na edição do (Núñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar, 2006, ed. em CD) *Repertorio Bibliográfico do Exilio Galego. Unha achega*, no verbete número 1.365, dedicado a Ramón Mosteiro.

[30] Neste livro de Emilio González López, redigido em colaboração com Amado Ricón Virulegio e editado por Xosé Ramón Fandiño, afirma-se ser Ernesto Guerra da Cal (González López, 2000: 53) "pseudónimo literario de Ernesto Pérez Guerra" e indica-se o título da sua tese em português, segundo a tradução posterior portuguesa de Helena Moura (Da Cal, 1967). Também se assinala: "Dedicouse á ensinanza da lingua portuguesa porque nela viu realizado o destino que as circunstancias históricas impideron que tivese a literatura galega" e citam-se LAM e RST, concluindo que esses poemários "recollen a saudade da súa Galicia natal, ademais de poñer en práctica unha aproximación ortográfica ao portugués".

No entanto, o certo é que enquanto ele iniciava um grande desafio pessoal, tendo de reiniciar a vida sobre alicerces completamente novos, na Galiza principiava uma "longa posguerra", segundo a qualifica Ramón Villares. Este historiador assinala como, além das víctimas directas da contenda, podem ser citados como elementos marcantes desse tempo os seguintes: (Villares, 2004b: 420-421) "toda a organización social e institucional mudou de súpeto. Os cargos públicos, desde alcaldías a gobernos civís, foron ocupados por militares. A Igrexa recuperou o protagonismo que a República lle negara. [...] unha nova moral se instala no seo da poboación, na que a sospeita e a delación son condutas premiadas. As familias dos paseados ou fuxidos son obxecto dunha represión psicolóxica". Acrescenta que as bases sociais em que se apoiou o franquismo na Galiza não diferiram do resto do panorama geral espanhol, mas com (Villares, 2004: 421-422) "dous matices de interese" que foram o *fascismo agrario*, alicerçado na aliança da Igreja com parte da classe dos camponeses, e a debilidade da Falange. Aquela longa e difícil posguerra esteve "agravada pola coxuntura bélica internacional da II Guerra Mundial", acrescenta Villares, quem afirma que a guerra, embora finalizada oficialmente em 1939, (Villares, 2004: 423) "a súa terminación real demorouse moitos anos. De feito, o estado de guerra mantívose ata 1948". Nesses anos Da Cal começará a afiançar-se profissionalmente e a integrar-se com sucesso na sociedade dos EUA que os acolhia a ele e à esposa.

III.2.-A etapa profissional universitária nos EUA.

A situação de Da Cal no exílio era na partida muito difícil. Sem bom conhecimento do idioma inglês, sem poder documentar o título universitário, sem trabalho e sem nacionalidade, tem de começar a reconstruir a vida aos 27 anos, com o só apoio da esposa e com a solidariedade de que outros exilados espanhóis beneficiaram. Uma ajuda principal recebeu-a do professorado da área de Letras da Columbia University (CU), muito em especial de Federico de Onis[31], quem desde 1916 organizava e promocionava os estudos de língua e literatura espanhola na instituição.

[31] Esta figura intelectual e o seu labor nos EUA foi estudiada por Matilde Albert Robatto (1999, 2003), quem defende que (Albert, 2003: 212) "rompió barreras para que se reconociera y se le diera el lugar que le corresponde a la lengua y literatura española e hispanoamericana". Reproduz cartas de Onís a outros vultos da intelectualidade espanhola da altura, que espelham como Onís desde 1937 ajudou os republicanos espanhóis. Ao respeito são reveladoras epístolas a (Albert, 2003: 97-98) Claudio Sánchez Albornoz e (Albert, 2003, 141-142 e 149) a Américo Castro, onde comunica gestões perante universidades e o Institute of International Education com essa finalidade.

Nos finais de 1939 e na década de 40 começa a actividade profissional como docente universitário em Nova Iorque. Antes disso tivo empregos temporais muito diversos, entre eles na Exposição Universal de 1939 em Nova Iorque, segundo assinala Margarita Ucelay em entrevista pessoal. Quando consegue inserir-se na Universidade e para poder fazer carreira principia a realização da Tese de Doutoramento, em que estudará sobre Eça de Queirós e será a primeira sobre literatura portuguesa moderna defendida nos EUA; um trabalho que o ocupará quase uma década. Publica os primeiros trabalhos e progressivamente será reconhecido como iberista. Será igualmente um tempo de relacionamento muito estreito com a colectividade galega e espanhola, e em que participe em actividades em defesa da República.

III.2.1.-Primeiros trabalhos: Brooklyn College e Columbia University.

Segundo depoimento de Enric Ucelay em entrevista pessoal, foram Isabel García Lorca e Laura de los Ríos as pessoas que testemunharam que Da Cal tinha finalizado o Curso de Letras na Universidade de Madrid em 1936. Era normal entre os exilados ajudarem-se, ao não disporem de documentos que certificassem a situação, por causa da guerra, que o impossibilitava. O título abria portas, e ele escolheu o ensino universitário.

O seu primeiro posto docente nos EUA será professor adjunto de Língua e Literatura Espanhola nas aulas da tarde, no Brooklyn College. Em Outubro de 1939, num artigo de Chester Burguer, na publicação desse centro *Brooklyn College Vanguard*, dedicam-lhe uma reportagem, que partilha com Miguel Pizarro Zambrano. Os dois eram refugiados da Guerra de Espanha, e afirmavam que esperavam permanecer nos EUA indefinidamente devido ao "terroristic govern" (Burguer, X-1939) de Franco que os tinha ameaçados: a um com o fuzilamento e ao outro com prisão por longo período. Da Cal é descrito como um homem alto, com bigode, "handsome"[32]. Inaugurava assim a

[32] A descrição de Da Cal como um varão de grande atractivo físico e elegância será muito constante, como se verificará infra. Era um homem muito lindo para os cânones de beleza masculina da altura, segundo afirma Margarita Ucelay, e de facto em 1959, no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado na Bahia, será escolhido entre os participantes como "o mais bonito" (ver infra). Margarita Ucelay assinala que quando o conheceu, e nos primeiros tempos nos EUA, estava muito magro, mas depois ganhou algo de peso, o que ainda o favorecia mais. Aquela presença tão atraente fez que o cineasta Luís Buñuel mesmo o convidasse para fazer cinema em Hollywood, convite que rejeitou por ter o convencimento de que o seu futuro estava no ensino universitário, sempre segundo testemunho de Margarita Ucelay em entrevista pessoal.

carreira docente, num posto secundário, mas que lhe oferecia a possibilidade de ganhar dinheiro para sobreviver e de se inserir no campo do ensino universitário[33].

Consequência dessa actividade e dos relacionamentos estabelecidos nos ambientes culturais da cidade, na primavera de 1940 foi requerido pela sua nova amiga Mildred Adams para colaborar na tradução para inglês de *Poeta en Nueva York*, de Federico García Lorca, labor que estava encomendada a Rolfe Humphries (Eisenberg, 1976). Em epístolas de 1990 e 1992 com María Victoria Atencia rememorará privilegiadamente este acontecimento. Aparecerá citado no volume, o que contribuiu para divulgar o seu nome e fazê-lo mais conhecido nos ambientes profissionais e intelectuais dos EUA.

No Verão de 1940 acrescenta um novo trabalho na docência, como "lecturer" estival na Columbia University, o que lhe facilitará melhoras económicas e também novas possibilidades de contactos. Esse posto conserva-o durante cinco anos consecutivos.

Pela primavera e Verão de 1940, a colectividade galega de Nova Iorque, com a que mantinha estreita ligação, organiza-se em redor de uma nova sociedade, que substitui o antigo Centro Gallego. Não existe certeza documental de quem activou aquele empreendimento, embora seja possível a presença de Da Cal, por estar promocionado por pessoas que tiveram ligação com Castelao e com a actividade em favor da República. Assim o explicará um dos mais antigos associados e testemunha directo (Zapata, 2000: 62-63):

> A la conclusión de la guerra civil, los inmigrantes y exiliados gallegos, sabiendo que para ellos España ya no guardaba esperanza alguna, sintieron la necesidad de crear una pequeña Galicia fuera de Galicia. Fue cuando el *Frente Antifascista Gallego* se transformó en Unity Gallega, mejor conocida por Casa Galicia.
>
> Ello sucedió en 1940 poco antes de marcharse Alfonso Castelao para Buenos Aires. En las tertulias llevadas a cabo con los fundadores habló de la falta de un lugar propio donde los gallegos pudieran reunir y satisfacer el anhelo de conservar la lengua, folklore, música y valores culturales. Si Castelao fue una inspiración, la necesidad fue el

[33] A informação acrescenta que nenhum deles pertencera a qualquer partido político. A respeito da formação, assinala que Da Cal antes da guerra estudara e recebera títulos de ensino secundário e da Universidade de Madrid, e que ensinara na Escuela de Artes y Oficios y el Fomento de las Artes, aspecto este que também não se pôde documentar. Especializou-se em Literatura Espanhola e Línguas Clássicas e contribuira com muitos artigos sobre essas matérias em revistas espanholas, igualmente não documentados na presente pesquisa. A sua língua nativa era o galego. Não estivera nunca interessado em política, mas nos anos de estudante fora membro da FUE, que lutava contra a ditadura militar de Primo de Rivera. "Só queríamos liberdade para pensar e falar", afirma. Ao surgir a rebelião fascista em Julho de 1936, de imediato se ofereceu para o serviço militar e uniu-se à "Galician People's Militia". Da Cal condena o Reino Unido, França e mesmo América por não terem ajudado mais á República

> ejecutor. Aquellos que no desoyeron sus palabras se organizaron y la colaboración fue entusiástica. [...]
>
> Desafortunadamente, si hubo una lista con los nombres de los fundadores lamentamos decir que no ha llegado a nuestras manos, pues no se halla en los archivos.

Nessa sociedade Da Cal participará muito activo durante anos, com publicações e assistindo com assiduidade às suas sessões[34]. Coincidirá com outros exilados, alguns deles professores, nomeadamente Emilio González López, outro exilado galego que desempenhara cargos de responsabilidade política na República, e o já assinalado Federico de Onís. Como frisa Zapata (2000: 63) "Fue durante los años 40, 50 y 60, cuando la Casa Galicia de Nueva York mejor cumplió con su misión al proveerle los gallegos las actividades culturales y sociales que habían formado parte de la vida antes de tener que abandonar la tierra nativa". São essas as três décadas em que Da Cal mais interveio nas actividades dessa sociedade.

Os seus problemas começam a solucionar-se e abrem-se possibilidades de futuro no campo do ensino. Assim se conclui da carta que data em 20 de Agosto de 1940, com a qual reata o contacto com Eduardo Blanco Amor. Na epístola[35] lembra Serafín Ferro[36]; amigo de ambos do tempo em que se tinham conhecido em Madrid, e cita por duas vezes Castelao[37], na altura já em Buenos Aires. Nessa carta há referências a um tal "Piñeiro", que se dirigira a Da Cal para lhe solicitar ajuda em Nova Iorque, por indicação de Blanco Amor, mas ao que não pudera auxiliar, pois os seus contactos eram só no âmbito da educação. Informa Da Cal a Blanco Amor que "estoy todo lo feliz que la situación permite", e que no Brooklyn College o seu alumnado era judeu. Comunica-

---

[34] O filho de Guerra Da Cal, Enric Da Cal, em entrevista pessoal, afirma que durante muito tempo se ausentava uma vez por semana com a justificação de que acudia à Casa de Galicia.

[35] Este epistolário conserva-se na Biblioteca da Deputação Provincial de Ourense e foi editado por Luís Pérez Rodríguez (2002).

[36] No final da carta acrescenta que "Serafín, creo que está en Méjico". Seve Mejuto, ex colega de Anfistora; e o deputado galeguista Picallo são outras personagens citadas na epístola; deste último informa que se encontrava em Santo Domingo e que "Pasé muy buenos ratos con él aquí, en N.Y.".

[37] Da Cal pede a Blanco Amor que medeie para que Castelao lhe escreva, e alegra-se do recebimento ao líder galeguista em Buenos Aires, afirmando: "Ahí podrá arreglarse mucho más fácilmente que aquí, donde todos sus valores, no fueron estimados, porque no lo podían ser. El idioma es una muralla china". Também escreve Da Cal "Tienes la ventaja inmensa de que no crees una sola palabra de todo lo que dices, que es la única manera humana de ser sincero. Y conoces el valor constructivo de la mentira, como terapéutica educativa de las masas". Esta inclinação de Blanco Amor para não dizer a verdade será assinalada também por outras pessoas, nomeadamente Méndez Ferrín (ver infra) muitos anos mais tarde ao dilucidar-se a questão da autoria dos *Seis Poemas Galegos* de García Lorca. O facto de utilizar espanhol na epístola talvez se deva a que fosse o idioma em que ambos se relacionavam em Madrid, quando se conheceram, uma situaçom favorecida pelo ambiente em que se moviam na cidade.

lhe que “Tengo lo necesario para vivir sin demasiados aprietos y cierto porvenir en la enseñanza en este país. Estoy haciendo mi doctorado en Columbia University, en Portugués. Doy cursos en Columbia los veranos y probablemente, daré este verano un curso de literatura Portuguesa en la Universidad católica de Fordham (New York) pues carezco de prejuicios ateos”. Também lhe diz que a esposa, Margarita, “se ha licenciado ahora del grado de Master of Arts in Spanish –equivalente a nuestra licenciatura, y creo que encontrará pronto un puesto en la enseñanza. Le concedieron una beca de 1.200$ y ha terminado sus estudios”.

Em Setembro de 1940 publica-se de novo “Mariñeiro fusilado” no nº 9 da revista *Loita*[38], em Havana. O poema aparece assinado como Ernesto Pérez Güerra, sem a dedicatória a Serafín Ferro, e colocado por baixo de um contributo de Castelao.

III.2.2.-A New York University (NYU): Lançamento como produtor nos campos científico e literário (1941-1964)

Em 1941 finaliza o periodo no Brooklyn College e progride profissionalmente ao ser integrado no quadro professoral da New York University, onde inicia uma carreira de mais de duas décadas, leccionando línguas e literaturas ibéricas.

Margarita Ucelay, em entrevista pessoal, esclarece ter sido Federico de Onís quem o convenceu de opção de dedicar-se ao ensino do português. Influiu também uma questão de carácter prático: na altura havia muitos especialistas em espanhol por causa do exílio, o que complicava a procura de ocupação para todos. No entanto, existia demanda para ensinar português, um idioma cujo atractivo e demanda nos EUA aumentara por causa das alianças na Segunda Grande Guerra, e faltavam docentes, pelo que Onís julgava que Da Cal, pela sua condição de galego, teria mais facilidade. A primeira esposa relata que adquiriu as competências para esse labor em muito pouco tempo.

Da progressão do português nos EUA ocupa-se *Hispania* (Lopes, III-1941: 69-70), revista editada pela associação de docentes de espanhol mas de referência na altura para os iberistas (para os especialistas em português não havia nenhuma publicação

[38] Este periódico mensal editava-o desde finais do ano anterior o partido esquerdista Hermandad Gallega, e dirigia-o o seu líder, Xerardo Álvarez Gallego. Era oposição de *Lar*. Nele publicaram produtos de prestigiosos nomes do galeguismo e do incipiente nacionalismo político galego, vivos ou de referência entre os mortos: Otero Pedrayo, Ramón Cabanillas, Roberto Blanco Torres, Rubia Barcia, Manuel Lugrís Freire, Basilio Álvarez, Eduardo Blanco-Amor, Rodolfo Prada... mas também Murguía, Alfredo Brañas, Lamas Carvajal, Valle-Inclán, e um dos SPG de García Lorca. Dessas duas revistas publicadas em Cuba fez reedição fac-similar (1999) o Centro Ramón Piñeiro.

específica), junto com a RHM. Lopes frisa as relações económicas, militares e culturais estabelecidas na altura pelos EUA com o Brasil; para além da presença de milhares de pessoas de ascendência lusa, assentados nas costas do Noroeste e do Leste. Cita a missão de Cabrilho, em 1542, indicando ser ele português e não espanhol como muitos acreditavam. Da tradição literária salienta Camões e Gil Vicente em Portugal; e Graça Aranha, Machado de Assis, Euclides da Cunha, e outros brasileiros. A respeito da língua, só se ensinava em poucas escolas de secundária e nas universidades de California, Harvard, Michigan, New Mexico, Pennsylvania, Texas e Wisconsin. Julga ter sido maior o interesse filológico que o literário demonstrado pelos especialistas norte-americanos, e salienta o contributo de Edwin B. Williams, no clássico estudo *From Latin to Portuguese*, editado em 1938, que não tivera cotinuidade. Em 1941, de ser idioma quase reservado para eruditos, contou com uma resolução, por voto unánime, da Modern Language Association e acrescentou uma nova secção à sua estrutura interna, para a investigação da língua e literatura de Portugal, Brasil e a Galiza, num mesmo conjunto[39].

Além disso, e consequência da "guerra fria", Nova Iorque passou a ocupar um lugar cimeiro em muitos âmbitos, entre eles no cultural, uma situação favorecida pela volumosa quantidade de intelectuais exilados que se instalaram na cidade no final da Segunda Grande Guerra, procurando lá novas possibilidades de vida. Assim o sintetizam três especialistas catalães de História Contemporânea (Veiga et alii, 2001: 49-51):

> Ya que a los intelectuales se les reservaba el papel de conciencia colectiva, lógicamente la dinámica de polarización política contagió toda la vida cultural. En primer lugar, la misma Segunda Guerra Mundial significó un cambio de modelos culturales a muchos niveles. Al caer Paris dentro del imperio hitleriano, la capitalidad mundial de la vanguardia se trasladó a Nueva York, proceso señalizado por la instalación en esa ciudad de los surrealistas [...]
>
> Por tanto, la capital del Hudson se convirtió en el centro cultural más importante del mundo, reflejo de la nueva situación económica de los Estados Unidos. [...]

[39] Embora se não pudesse documentar, é provável que a presença da Galiza se devesse a uma proposta de exilados espanhóis, e possivelmente Da Cal, pela posição que desfrutava na altura, tivesse participado para atingir esse objectivo, que a ele (como a Emilio González López e a outros galegos) lhe abria mais possibilidades de actuação e de poder progredir.

> La alta cultura de los Estados Unidos –influenciada o, mejor, transformada por toda la riqueza intelectual europea que de golpe le había llegado con el final de los años treinta– reflejó su naciente hegemonía en tonos sombríos.

Os Da Cal formavam parte dessa "riqueza intelectual", para a qual contribuiam os exilados espanhóis. Encontravam-se, pois, num lugar privilegiado no respeitante às oportunidades de que poderiam desfrutar e porventura aproveitar.

III.2.2.1.-As produções do Doutoramento.

Na sequência dos estudos de Doutoramento na CU, Da Cal apresenta na primavera de 1941 un trabalho[40] para o curso sobre o Século de Ouro espanhol que dirigia Ángel del Rio. Ocupa-se do heresiarca espanhol do século XVII Miguel de Molinos, a quem apresenta como um místico heterodoxo, que durante um tempo foi "centro de la atención del mundo católico en Roma" e conseguiu discípulos, alguns de grande relevo social, pela sua doutrina, que o sagrou como referência do denominado "quietismo", que questionava o tradicionalismo dos místicos espanhóis, e acabou sendo vítima da Inquisição e ajusticiado e atraiçoado por algum antigo admirador. Apresenta a biografia e a produção de Molinos utilizando uma metodologia comparatista, relacionando as ideias de Molinos com outros produtores da Espanha, Alemanha e mesmo "con los místicos orientales, el tao de Laot-Sé o el nirvana indio", e julgando que "difícilmente podía encajar en el, aunque deformado, el todavía vivo activismo español del XVII". Frisa ser na França ondee coa o "molinismo, en el ruidoso asunto de Mme. Cuyon y el P. La Combe y la degradación de Fenelon. La correspondencia del Cardenal D'Estree prueba que Luis XIV relacionaba este neo-quietismo francés con las doctrinas del hereje español".

A conciliação do doutoramento com as muitas horas de aulas, e as exigências da vida em Nova Iorque, levam-no a desempenhar uma grande actividade. Uma vantagem era residir muito perto da CU, o que lhe permitia mesmo poder ir andando a esse centro universitário. Em Julho de 1941 responde carta de Eduardo Blanco Amor do ano anterior, em que a respeito da sua situação pessoal lhe comunica que "Trabajo como un bárbaro" e valoriza que "Enseñar el idioma propio es una cosa tan antibiológica como si uno tuviera que ir todas las tardes a horas fijas a enseñar a un grupo de gentes distraídas

[40] Este trabalho conservou-se no Espólio guardado por Elsie Allen da Cal.

el estómago propio o el páncreas propio". No entanto, anuncia que "felizmente el curso próximo no tengo más que cursos de literatura (Hispanoamericana, y la novela contemporánea) y un curso de portugués. Trabajo mucho en mi tesis". Informa igualmente do projecto de publicar em Chile, de colaboração com Mildred Adams, uma antología de poetas modernos americanos de língua inglesa, indicando estar a realizar traduções, para além de que "También tengo entre las manos la traducción de algunas de las novelas brasileñas de Machado de Assis"; dois projectos que não se concretizarão, mas que demonstram como os novos relacionamentos lhe permitiam colocar-se essas possibilidades, importantes para a promoção pessoal e económica. Revela também a Blanco Amor que "he sido llamado a filas en este país, del que estoy a punto de ser ciudadano. Por suerte van a limitar la edad a 28 años y como uno se va haciendo viejo... pues quedaré fuera. Naturalmente si se declara la guerra iremos todos. Qué remedio!"[41]; e pede-lhe que lhe consiga e lhe envie publicações argentinas de interesse para a sua Tese de Doutoramento sobre Eça de Queirós[42].

O futuro dos estudos portugueses nos EUA é tema de que se ocupa de novo *Hispania*, a revista dos profissionais de ensino. William Berrien (III-1942: 87-93), da Rockefeller Foundation, reconhecia a precariedade e reivindicava planos a longo praço para investigar as relações entre as culturas de Portugal, Brasil e Galiza. Frisava o interesse de prestar atenção ao século XIX, por existir disponibilidade de materiais nas bibliotecas dos EUA; salientava a influência de Eça de Queirós ou Guerra Junqueiro no Brasil e Hispanoamérica, e indicava o caminho de realizar estudos comparatísticos e de preparar publicações críticas. Nesse mesmo número, J. H. D. Allen Jr. (III-1942: 94-100) apontava o crescimento dos estudos luso-brasileiros nos 12 últimos anos e salientava a constituição, na Modern Language Association of America, de um grupo

---

41 Esta afirmação bate com Enric Ucelay (2003), que indica "Durante la Segunda Guerra Mundial, tras fracasar en su empeño de ser voluntario en el Ejército norteamericano, participó en actividades de preparación de inteligencia, cara a una posible invasión norteamericana de España, si Franco hubiera respondido con hostilidad al desembarco estadounidense en Marruecos en noviembre de 1942". Segundo Margarita Ucelay, não o chamaram para a luta ao verificar uma cicatriz que conservava como consequência de um ántrax que padecera na Guerra de Espanha, e os dois acolheram a decisão com grande alegría. Margarita aprendeu inglês graças a Zenobia Camprubí, esposa de Juan Ramón Jiménez.

42 Oferece pagar as despesas em dinheiro ou com livros. Entre estes indica-lhe o romance de Hemingway *For whom the bell rolls*, sobre a Guerra de Espanha de 1936 "que se ha discutido tanto". E afirma Da Cal: "De Castelao tampoco sé, más que indirectamente. Es lástima que un hombre tan grande sea tan pequeño en algunas cosas. Aquí estuvo diciendo misas stalinistas de pontifical todo el tiempo. Esto hizo que nuestras relaciones, cordiales a pesar de todo, no lo fueran tanto como antes. Es hombre de reacciones acentuadamente ováricas, quizás por una excesiva permeación con el delicado pontevedrismo femenino de Virginia, que es uno de los seres que con más facilidad se le sientan a uno en el hipograstrio".

dedicado à língua e à literatura de Galiza, Portugal e Brasil. Allen Jr. Referenciava 26 centros universitários e a Academia Militar dos EUA, que promocionaram o ensino da língua, e algumas traduções e estudos, indicando temas que mereciam maior atenção, e a continuidade para alguns projectos. Dois trabalhos, portanto, em que se pressionava para que se prestasse maior dedicação ao português, com o fim de firmar este idioma nos EUA, o que interessava à associação de docentes que promocionavam essa revista.

III.2.2.2.-A primeira publicação: reivindicação de materiais para o ensino.

A respeito da precariedade indicada por Berrien, também será objecto do primeiro trabalho publicado por Da Cal, na revista *The Modern Language Journal*, uma recensão do volume de Edwin Williams *An Introductory Portuguese Grammar*. Neste artigo queixa-se dos poucos textos disponíveis para o ensino do português nos EUA, o qual resultava desalentador para docentes e discentes, sobretudo porque muitos eram já obsoletos. Põe em destaque a apresentação clara e simples desse novo método, que seguia o modelo utilizado por Barlow para o espanhol, e que no respeitante a questões como a pronunciação resultava de ajuda para principiantes. Descreve o volume, salientando que nele se sublinhassem variantes brasileiras, e conclui (Da Cal, V-1942): "This grammar is most timely as it fills a need that has been acutely felt". As últimas linhas da recensão dedica-as a outra novidade, o volume *Artigos e contos portugueses*, do professor George I. Dale, da Cornell University, frisando a sua atractiva leitura e o ser um texto pedagogicamente destacável por apresentar a riqueza e o sabor da literatura[43].

Encontramos, pois, um Da Cal principiante na carreira profissional, que fazia méritos para se reivindicar como crítico e especialista, como integrante de uma rede, a dos exilados espanhóis, que o ajudavam. Com o domínio do idioma inglês começava a se firmar naquele país de acolhimento. Além de entrar numa revista de interesse para a sua projecção profissional, contribuia para a difusão do português e principiava um pioneirismo nesse âmbito que anos mais tarde lhe será reconhecido.

Em 1942, em diversas revistas universitárias começam a ecoar as suas actividades, que reflectem dinamismo e atractivo. Aos 2 de Março, o *Commerce Bulletin*, da New York

[43] Da Cal assina como docente do Washington Square, da NYU. A revista editava-a a The National Federation of Modern Language Teachers, tinha a Editorial Office na University of Cincinnati e publicava-se com periodicidade mensal. Integravam essa federação associações de docentes de línguas modernas, nomeadamente de espanhol, francês, italiano e alemã, de diversos estados dos EUA.

University, incluia uma informação sobre a sua visão da Guerra da Espanha, assinalando que falara do assunto num acto no Clube Espanhol. Na ocasião afirma que a sua participação estivo motivada por amor à terra, não por uma filosofia política. Para atingir a democracia eram necessárias reformas, que supunham a oposição desde interesses económicos, sociais e religiosos, e isso levou ao conflito. O Frente Popular estava composto por grupos incompatíveis, unidos por uma causa comum; e os opositores uniram-se temporalmente baixo a bandeira de Franco. Não foi propriamente uma batalha da esquerda contra a direita.

Aos 3 de Abril, em *Evening News*, revista do Washington Squarre College, Meyer Schwebel assinava um trabalho sobre uma palestra de Da Cal respeitante a assunto musical[44], valorizando-o de conferencista magnífico por combinar conhecimento prático, investigação intensiva, anedotas interessantes e um bem definido sentido do humor, tendo propiciado um ambiente extremamente interessante e formativo, evidenciando assim valores que eram de interesse para o seu ascenso[45]. Aos 27 de Abril, em nova intervenção perante o Clube Espanhol, segundo referência aparecida em *Evening News*, falou das diferentes línguas e culturas da península ibérica[46]. Outro jornal universitário, *Phoenix*, informava aos 11 de Maio de nova palestra musical, e incluia dados biográficos dele[47]. E *Evening News*, aos 4 de Janeiro de 1943 dava conta de outra palestra em que falou da importância da língua portuguesa e do interesse

---

[44] Outra informação, publicada em *Evening News*, que não se pode datar (mas da década de 50, pois é apresentado já como "chairman" do Departamento de Espanhol), sob o título "Prof. DaCal Discusses Music of Galicia at Spanish Club", dá conta de outra intervenção sobre música tradicional da Galiza. Nela disse que a Galiza era caracterizada por uma dualidade notável: política e geograficamente integrava a Espanha, mas linguistica e emocionalmente estava ligada a Portugal. Mencionou a importância histórica de Santiago de Compostela como centro cultural durante a Idade Média, à altura de Roma e Jerusalem, e a que se tinha referido Chaucer nos *Contos de Canterbury*. Apresentou o "gallego" (sic) como um dialecto português, com qualidades especiais que se podiam aplicar à música galega, em que predominava a melancolia ou "saudade" (sic), que definiu como "a longing for the sake of longing".

[45] Falou perante a Music Apreciattion Society e amostrou por meio de palavras e música a relação das danças e canções sudamericanas e as espanholas. Afirma-se dele que tinha viajado por toda a Espanha e Portugal na procura de novos e diferentes achegamentos com o que ele considera a interrelação da música sudamericana. A conferência, segundo assinala a notícia, foi longa e supreendeu o auditório.

[46] Anunciava-se a sua intervenção e apresentava-o como docente especialista em línguas ibéricas, que dedicaria na palestra especial atenção ao castelhano, catalão, galego e português. Avançava que Da Cal, conhecido pela sua boa voz, cantaria canções populares e advertia que muitos estudantes de espanhol tinham a impressão de que essa língua era a única falada em Espanha e, segundo frisava Da Cal, era a língua de Castela, que se voltara a *língua franca* e literária; mas havia outras, diferentes e mais próximas ao latim. Porém, existiam ligações entre as comunidades pela tradição e cultura espanhola comuns.

[47] Esta informação, sem assinar, intitula-se "Commerce Musikers Revel In Latin American Songs", e oferece um dado biográfico de interesse que não foi possível documentar: refere que, enquanto estudava em Espanha, Da Cal foi membro de expedições culturais missionárias, que viajavam por Espanha e Portugal, recolhendo música e danças tradicionais. Apresenta-o como conferencista muito qualificado e indica que ilustrava a palestra sobre músicas populares como a rumba, conga, tango e samba com gravações. A Music Appreciation Society orientava a sua actividade para estudantes do Comércio.

de conhecê-la como consequência das novas relações de mercado latinoamericanas[48]. Também em 1943 Da Cal foi convidado por Américo Castro como professor visitante da Princeton University, em New Jersey, numa demonstração de como funcionava a rede dos exilados espanhóis com dedicação no ensino universitário dos EUA.

A inquietação dos especialistas pelo ensino do português reflecte-se em novos contributos publicados em *Hispania* (Perdew, III/VI-1943: 100-106 e 243). Neles informava-se dos cursos desta língua no âmbito universitário norte-americano e indicava-se que aumentara a oferta com celeridade: Num inquérito realizado em Outubro/Novembro de 1942 em 74 instituiçons verificaram que em 60 delas tinham reconhecido o seu ensino. No relacionamento aparece (Perdew, 1943:104) Ernesto da Cal como docente do Washington Square College, onde leccionava um ano de "Elementary Portuguese".

Esse crescimento da presença do português no sistema de ensino dos EUA favoreceu que, em 1944, a American Association of Teachers of Spanish, por voto unánime na assembleia geral anual, acordasse ampliar o título corporativo, acrescentando "and Portuguese"; uma mudança na qual se pode aventurar a influência da pressão exercida por Da Cal e outros docentes dedicados ao português, para assim ter um maior reconhecimento. E a revista *Hispania* mudou a capa e passou a definir-se como "devoted to the interest of the teachings of Spanish and Portuguese", acrescentando as duas últimas palavras. Esta publicação informava (Stewart, 1944: 351-355) de um novo inquérito, mais recente e completo, que confirmava o notável aumento do ensino do português, presente em 92 instituições.

III.2.2.3.-Os inicios como queirosianista.

Naquele tempo, o primeiro estudo queirosiano de Da Cal foi uma recensão do livro *Eça de Queiroz e o século XIX*, de Vianna Moog. Publicou-a na *Revista Hispánica Moderna* (RHM) dirigida por Federico de Onís, o orientador da sua Tese de Doutoramento, e editada na CU, o centro em que trabalhava nessa pesquisa. Nesse artigo salienta que o crescente interesse polo produtor português (Da Cal, 1944: 60) "prueba que en vez de

[48] Salientou as grandes possibilidades do Brasil, pela sua grande população e indústria, em campos como a minaria, a borracha, e muitos outros ramos técnicos e que seria o país que forneceria os EE UU com as matérias primas indispensáveis, tão necessárias quando um país está em guerra. Insistiu nas vantagens de conhecer a língua portuguesa, diferente do espanhol e mais variada na fala; e defendeu que resultava mais fácil, no caso de se conhecer uma língua próxima, como o italiano ou o espanhol.

envejecer la obra de Eça, despierta hoy mayor interés que nunca y asegura su valor definitivo en el tiempo, y su preeminencia en la literatura hispánica". Do volume de Moog adverte "el ambicioso título de que va precedido" afirmando não responder a ele, e apresenta o produtor português de maneira muito atractiva (Da Cal, 1944: 60-61):"

> Eça fue el típico hijo del siglo, mejor dicho de la crisis, de la fermentación y disolución de todos sus procesos y todos sus valores. A través de su obra podemos seguir la trayectoria, llena de matices, que va de la fe al desencanto. Fue un barómetro sensibilísimo que desde los centros cardinales de Europa, registró todos los complejos fenómenos espirituales de la segunda mitad del siglo, con una escala sustantivamente portuguesa, hispánica. Todo está presente en su obra: la fe en el cientifismo, el afán de síntesis universal y de leyes generales, y su desmoronamiento, la crisis de la conciencia religiosa, el ocaso del individualisbo (sic), la revuelta social de las masas, el nacionalismo, el maquinismo, la expansión colonial, y la videncia de la tormenta presente. Toda la intrincada fenomenología artística y social de la época tiene un reflejo en su monóculo impertinente de dandy escéptico y sentimental [...] En Eça, hondamente português bajo su sobretodo cosmopolita, Portugal tiene una importancia de primera magnitud; su portuguesismo es el punto de vista, es la lente de observación del mundo y, por tanto, Portugal está contenido en su obra siempre en función de universalidad.

O escritor português era conhecido mas muito periférico para os leitores da revista, orientada para os hispanistas, aos quais faz algum apelo directo como a referência à "escala sustantivamente portuguesa, hispánica". Já se encontra significativa dissidência com os que viam antinacionalismo em Eça, de quem frisa ser um adiantado do seu tempo. Estes assuntos caracterizarão o novo discurso, que demorará décadas em frutificar e impor-se, e que aqui Da Cal principia publicamente a arvorar. Vê o livro de Moog, que atingira grande sucesso, como "un intento muy digno", mas reprova "desorganización" e alguns erros na bibliografia. E conclui (Da Cal, 1944: 62):

> Será necesario espigar cuidadosamente la obra periodística del gran humorista —labor que aún no se ha hecho inteligentemente— para poder ofrecer al público la arquitectura de su ideario y su evolución en congruencia con la época. Esta labor dará como corolario esa relación de Eça con el clima espiritual del siglo XIX, que al escritor brasileño se le ha escapado por las rendijas de su inseguro propósito.

Observam-se características dominantes de Da Cal: a defesa de Eça como vulto principal do XIX; uma perspectiva iberista e metodologia estilística e comparatista, que

respondiam á orientação da revista; a pesquisa bibliográfica, também muito valorizada na RHM; o afã canonizador, e a luta contra pressupostos vigorantes do CEL.

A RHM informa também aquele ano (Sem Autor, 1944: 167) de trabalhos de Onís e Da Cal sobre os estudos de português no congresso anual da American Association of Teachers of Spanish, celebrado em Novembro na CU; e de uma conferência proferida por Da Cal em Dezembro no Instituto Hispánico da CU (Sem Autor, 1945: 181), em que se ocupou do centenário de Eugénio de Castro, o que prova a sua crescente especialização em português, onde tinha maior facilidade para progredir e fazer-se sitio que em espanhol.

Também em 1944 a sua actividade profissional no ensino regista o ter exercido como "Lecturer" no City College of New York, actividade que pôde conciliar com a programação da NYU.

III.2.2.4.-Nacionalização, novo nome e avanço profissional nos EUA. Início da polémica dos *Seis Poemas Galegos* de García Lorca, em 1945.

O ano 1945 resultou importante para o seu estabelecimento na sociedade americana e para consolidar-se profissionalmente nela com o seu novo nome já oficializado. Avançou como especialista em línguas e literaturas ibéricas, com a publicação de trabalhos de crítica e novos contactos, para além de ser já reconhecido como queirosianista na CU. Também principiou a ver-se envolvido na que será a polémica de décadas respeitante à autoria dos *Seis Poemas Galegos* (SPG) de Federico García Lorca.

Questão central nesse ano foi conseguir a nacionalidade dos EUA, o que lhe dará uma tranquilidade pessoal muito importante, segundo refere a sua primeira esposa Margarita Ucelay em entrevista pessoal: finalizavam assim as obrigadas saídas a países como Cuba ou México para poder renovar a permissão de residência, e conferia-lhes direitos e estabilidade, além de poderem dar alicerces firmes à nova vida nesse país.

Em 18 de Abril de 1945 adquire a nova nacionalidade no Tribunal Distrital Sul de Nova Iorque. Este facto supõe a perda da nacionalidade espanhola, e assim se faz constar segundo nota marginal acrescentada ao Acta de nascimento que figura no Registo Civil de Ferrol (reproduzida em Montero Santalha, 1995: 20 e 22, nesta última página fac-similarmente). Também representa o reconhecimento, a todos os efeitos de forma oficial, do seu nome como Ernesto Guerra da Cal. A respeito da mudança oferecerá

esclarecimentos em diferentes ocasiões, para frisar que a nova forma era ortónimo, não pseudónimo nem heterónimo, como por vezes se tem assinalado. Assim, em carta a Maria Victoria Atencia sem datar, mas possivelmente de Outubro de 1986, esclarece Da Cal:

> Incómodo siempre con el peculiar sistema onomástico hispánico, que hace que las personas que tienen un Pérez, González, Ruiz, García, etcétera como parte del patronímico pasen a ser conocidas por el matronímico como Lorca, Picasso, Galdós, Castelao, etcétera, yo ya durante la guerra civil comencé a usar "P. Güerra" (la diéresis la añadió mi abuelo que era italiano, para que no le pronunciasen el nombre a la española. Sólo mi hermano y yo, jóvenes, la usamos por algún tiempo). Cuando ya en 1945 abandoné para siempre la nacionalidad española y me hice ciudadano de los EE UU suprimí el Pérez superfluo y quedé con el orden onomástico anglosajón, más racional, matronímico como "middle-name" y patronímico como "last-name", que es el distintivo. Desde entonces es mi único nombre civil pues hice que esa alteración se registrase oficialmente en O Ferrol, lugar de mi nacimiento[49].

A perda da nacionalidade española naquela altura era confirmação do que acontecia de facto desde 1939, pois fora-lhe retirada pelo novo poder político emergido da Guerra de Espanha de 1936, ao invalidar os passaportes dos perdedores e não os reconhecer no estrangeiro como espanhóis, segundo esclarece Margarita Ucelay.

Do ponto de vista profissional, e por causa dos estudos que realizava sobre Eça de Queirós, contactou Gaspar Simões, assim dando-se a conhecer para quem ocupava uma posição central no CEL português na altura. Em 13 de Julho de 1945 dirige-lhe carta em que, com delicadeza, lhe solicita o envio de dois trabalhos citados por Simões no volume *Cadernos de um romancista*, de Casais Monteiro e de José Régio, pelas dificuldades para os conseguir desde os EUA, comprometendo-se a assumir as despesas

[49] Em carta posterior a Atencia (9-XI-1990), refere-se ao mesmo assunto, com ensejo dos esclarecimentos que oferece a estas amizades andaluzas para a nota biográfica a incluir num poemário. Nessa epístola, afirma: "El apellido de mi padre era Pérez da Cal y por eso su simplemente Da Cal era conocido. Cuando fui para los Estados Unidos, donde el nombre de uso es el paterno en último lugar, yo, a pesar de ser Mr. Pérez, cosa que no me atraía, o usar el matronímico como 'last-name' lo cual me hacía sospechoso de 'hijo de las hierbas', suprimí el Pérez y añadí al Guerra el apellido distintivo paterno. Guerra quedó como middle-name de acuerdo con el buen uso anglosajón. Simplemente rehusé como Picasso quedarme a un Ruiz pero no seguí su ejemplo adoptando como único el apellido materno. Guerra da Cal, simplificado a G. da Cal en el mundo de habla inglesa es mi nombre jurídico, incluso en España, pues para marcar fui al consulado de España a pedir que se comunicase oficialmente al Registro Civil ferrolano que yo había renunciado a la nacionalidad española y había alterado el nombre de mis apellidos. Y así consta. Te doy todas estas explicaciones porque sino parece que yo siguiendo el ejemplo de mi ilustre compatriota don Ramón del Valle Inclán que de nacimiento se llamaba Ramón Valle Peña".

que originasse a encomenda. A respeito desse estudo de Simões, afirma Da Cal nessa epístola não concordar integralmente com ele, mas "a valorização crítica das qualidades e limitações da obra do Eça está focada tão agudamente que me tem feito meditar e mesmo reformar muito juízo de longo estabelecido", e anuncia estar a fazer uma resenha do livro para a Romanic Review. Aproveita para dar a conhecer a sua pesquisa de doutoramento respeitante a Eça, nestes termos:

> O tema da minha tese doutoral –na que estou a trabalhar na Universidade de Columbia, N.Y.– é Eça de Queiroz e trato de estabelecer a profunda influência que sua obra exerceu no meu país e na América espanhola. O meu trabalho há de ir acompanhado de um subsídio bibliográfico onde coligí muitos materiais até agora dispersos, especialmente da crítica estrangeira.

Deste modo entra em contacto com quem será o seu grande rival no âmbito dos estudos queirosianos, com quem já evidencia discrepâncias. Também anuncia a primeira compilação bibliográfica, embrião do que chegará a ser a *Bibliografia Queirociana*. Desde a sua posição completamente periférica como doutorando nos EUA acede desta maneira a um nome central do movimento presencista e na altura já crítico reputado, quem será figura central do queirosianismo com a publicação de uma biografia elaborada coincidindo com o centenário do nascimento de Eça, premiada em 1945 na sequência das comemorações organizadas com tal ensejo. Da Cal também participará dessas celebrações, em Nova Iorque: en Novembro de 1945, com ensejo do centenário do nascimento de Eça, profere nova conferência no Instituto Hispánico da CU sobre o produtor, segundo informará a RHM (Sem Autor, 1946: 176), o que mais uma vez demonstra como o grupo envolvido em redor dessa instituição, em que se encontravam importantes figuras do exílio e do hispanismo nos EUA, ajudava Da Cal a firmar-se profissionalmente, e como o reconheciam queirosianista.

Outro acontecimento de relevo nesse ano teve lugar em Madrid: Carlos Martínez-Barbeito, galego que fora seu colega de aulas na Universidade Central, publicou na revista *El Español* um trabalho sobre os *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca em que, por vez primeira, revela a participação de Da Cal nesse produto. Barbeito testemunha a sua amizade com o produtor andaluz, a quem neste artigo qualifica de "poeta gallego", e também com Da Cal. Ao se referir aos "seis poemitas que componen el pequeño volumen editado por 'Nós' en 1935" afirma (Martínez-Barbeito, 24-III-1945):

> Nunca creí que Lorca fuese capaz de escribirlos directamente en gallego, pues me consta que sus conocimientos de esta lengua eran muy rudimentarios. Descartada la profunda originalidad, inconfundiblemente suya, […] será preciso pensar que sus poemas sufrieron una reelaboración, más importante de lo que pudiera creerse, tal vez una verdadera traducción –por cierto muy afortunada– por mano del prologuista del libro, Eduardo Blanco Amor o de Ernesto Pérez Güerra, cuya intervención me confesó, siendo él y yo estudiantes de Filosofía y Letras en la Universidad Central, el mismo año de la publicación.

Emerge assim um assunto que resultará enormemente polémico, iniciado por um testemunho privilegiado como Barbeito, que tinha conhecido e tratado García Lorca.

Da Cal também se ocupa esse ano de Lorca, numa recensão (Da Cal, I/IV-1945: 62) publicada na RHM respeitante a um volume de homenagem ao poeta andaluz editado no Brasil em que, segundo frisa, também se incluem os poemas galegos. Nela não faz qualquer alusão à autoria dos mesmos, mas sim cita a nota de apresentação de Blanco Amor.

Na mesma revista publica outras três recensões, que ajudam para a sua firmação como especialista em línguas ibéricas. As duas primeiras (Da Cal, I/IV-1945: 106) sobre métodos para o ensino do português que vingavam nos Estados Unidos: *Braziliam Portuguese from Thought to World*, e *A Graded Work Book of Brazilian Portuguese*, em que destaca a utilidade e novidade de ambos, sobretudo do último, que valoriza de "un trabajo de la mayor utilidad y que todos los interesados en los estudios de lengua portuguesa deben congratularse de su aparición". A terceira comenta a (Da Cal, I/IV-1945: 106-107) *Catalan Grammar*, em que salienta um resumo das relações entre Catalunha e Inglaterra e que incluisse autores valencianos e das Baleares.

Na sua actividade ocupavam igualmente um lugar central os contactos com a colectividade galega, com visitas regulares à Casa Galicia. Esse ano, Castelao regressou a Nova Iorque, ao finalizar a Segunda Grande Guerra, e com tal ensejo foi designado sócio de honra de aquela sociedade. Ao verificar a vitalidade da entidade, chega a qualificá-la de "xoia", segundo um telegrama que enviou em 27 de Novembro desse ano desde Miami, no qual afirma (Zapata, 2000: 62, onde se reproduz)

> non teño ningunha dúvida de que os galegos de Nova York, aunque sean poucos, multiplicaranse espritualmente para formaren o trípode que manteña, a sona e o creto de

> Galiza. O Plata, a Habana e Nova York, velahi os tres puntos fortes, que deben entenderse e coordinarse a súa aición.

A comparativa com Buenos Aires e Cuba, países que bem conhecia Castelao e onde residiam mais galegos, demonstra até que ponto o político e intelectual galeguista ficara impressionado pela actividade desta sociedade de exilados fieis ao ideário republicano.

III.2.2.5.-Internacionalização da literatura galega e produção de poesia, em 1946.

Em 1946 Da Cal publica o primeiro trabalho que lhe foi encomendado para uma publicação especializada, a *Encyclopedia of Literature*. Ocupa-se de um único verbete, mas supõe introduzir-se numa esfera superior, que oferecia oportunidade de maior projecção profissional e de ganhos económicos e, sobretudo, um reconhecimento como especialista, que favorecia progredir no campo profissional nos EUA.

Para essa enciclopédia, editada ao cuidado de Joseph T. Sipley, foi-lhe encomendado o artigo "Galician Literature", o que prova como era reconhecido como especialista nesse tema nos EUA. Sipley, também docente universitário, apresenta esse projecto enciclopédico como a primeira colecção de estudos de literaturas do mundo. Relaciona literatura e língua e sublinha que nunca antes em inglés aparecera um empreendimento semelhante, realizado por especialistas, que demorou quatro anos em chegar ao mercado por causa dos entraves que representara a Grande Guerra.

Nesse trabalho, Da Cal relata a história do galego-português, desde a etapa medieval, colocando datas significativas para enquadrar autores e produtos. Cita A. Bell para salientar como outras literaturas não ofereciam uma riqueza paralela à os Cancioneiros, e este especialista atribuia-lhes um relevo semelhante à produção de Chaucer para as literaturas em língua inglesa, uma referência para frisar o relevo dos trovadores e jograis para o público anglófono. Afirma Da Cal que, com o ascenso de Castela, Galiza perdeu a entidade política e a expressão cultural, e refere a evolução da produção e condicionantes da mesma até chegar ao Ressurgimento do XIX, que alicerçou a aspiração a uma autonomia política e em que surgirá como figura mais importante Rosalia de Castro. Salienta a fundação da Academia Galega e como nos últimos anos do XIX, até a primeira Grande Guerra, as Letras Galegas ofereceram grande riqueza. Dá relevo a Antonio Noriega Varela e a Ramón Cabanillas, a quem qualifica de "brilliant", frisando que "who finds his inspiration in the haunting rhythms of the sea and in the sufferings of his fatherland". No período posterior destaca Afonso R. Castelao e os

contributos dos inmigrantes a Hispanoamérica, singularizando Eduardo Blanco Amor "is perhaps foremost among the trasatlantic writers". Valoriza no final que, em 1936 a guerra civil e as suas repercussões num centralismo opressivo e numa repressão sanguenta da vida cultural galega causaram um cesamento dramático, ainda que provavelmente temporário, do seu brilhante desenvolvimento, oferecendo no final referências bibliográficas.

Trata-se de um contributo de relevo. Não só do ponto de vista pessoal para Da Cal, pelo que representava de reconhecimento o contribuir nesse repositório, mas para a Galiza, pelo tratamento de destaque que nesta obra de consulta, de referência para a projecção no intersistema anglófono, recebiam a sua língua e literatura, com uma informação que recolhia os principais momentos e com uma visão mais alargada da que se podia porventura atingir mesmo na própria Galiza na altura, além da repercussão para o intersistema anglófono. Embora Da Cal cite o bilingüismo, o seu maior destaque é para as produções no idioma autóctone.

Também em 1946 Da Cal assina e difunde de novo poesia. Fê-lo na publicação que, como memória de actividades do exercício, editou no final do ano a Casa Galicia de Nova Iorque, onde se dedica uma página a três composições suas: "Procura", "Barcarola" e "Sagrada Familia", as três datadas em Nova Iorque, em "Outubro, 1944", "Abril, 1943" e "Dezembro, 1946", respectivamente. Som apresentados desta maneira:

> Nuestro querido amigo y paisano el joven profesor Ernesto Da Cal nos ha dado para nuestra Memoria Anual tres poemas gallegos de su libro en preparación "LUA DE ALÉN-MAR". Da Cal, uno de nuestros más positivos valores intelectuales, publicará próximamente dicho libro, para deleite de los amantes de nuestra lengua.

Nestes produtos ainda utiliza para o galego uma ortografia de teor semelhante à do seu poema de estreia, de 1937. Do ponto de vista da língua[50], observam-se algumas marcas de aproximação à ortografia comum com o português.

---

[50] Na altura não existía um cânone ortográfico de referência para o idioma da Galiza e Da Cal experimenta já soluções de teor "lusista", que serão progressivas em produtos literários posteriores até assumir o cânone português como próprio para a língua da Galiza, na década de 80. Estamos perante uma questão central da actividade de Da Cal a que dedicará grandes esforços, e fulcral na sua trajectória.
Neste caso, no primeiro dos poemas há seguramente intenção de utilizar ç ("coracon", nos versos 13 e último) e o uso do demonstrativo "isto". Em "Barcarola" usa o traço para separar o pronome, no único caso que se apresenta ("Deixa-me"), usa do acento circunflexo em "frôl", e no respeitante ao léxico merece destaque o uso de "ultrapasado" ou "nau". Em "Sagrada Familia" encontra-se o demonstrativo "iso", e no léxico o uso de "calafate". Neste último poema, e segundo o exemplar que se encontra no Espólio de EGC, corrigiu o verso 5 e, em lugar de "viaxe" colocou "romaxe" ("Queria facer un romaxe",

Esta colaboração confirma a sua dedicação de novo à poesia pelo menos desde 1943, o seu interesse pela literatura e a cultura galegas, e também o estreito relacionamento com a comunidade de galegos emigrados e exilados. Essa memória anual tinha especial significação: a capa da publicação ocupava-a, inteira, um retrato de Alfonso R. Castelao, quem aquele ano fora homenageado como primeiro sócio de honra da instituição em viagem que realizara a Nova Iorque, e também começara a integrar o Governo da República no exílio. O próprio presidente dessa Casa Galicia assinava um breve texto, intitulado "Nuestra portada", em que lembrava como partilhavam os dois objectivos indicados por Castelao de "restablecimiento de la República Española y la Autonomía de Galicia", e como com data de 16 de Outubro de aquele ano lhe enviaram um telegrama para parabenizá-lo, fazendo a junta geral de membros de Casa Galicia "votos por exito gestiones triunfo República Española y Galicia Ceibe" e deixavam constância de "Gobierno Giral nuestra firme adhesión pro República".

Esse número da memoria anual informava da presença de Da Cal como conferencista[51] nas actividades da secção de "Instrucción y Cultura"; e na celebração do "Dia de Galicia", num banquete com numerosa participação do exílio e presença de representantes dos governos de Euscádi e Catalunha, além de um lugar central para Castelao, segundo a fotografia do acontecimento, do qual em crónica sem assinar, indicam:

> Día de gratos recuerdos, día de exaltación y de afirmación de nuestra galleguidad. Reunidos en una comida popular en nuestro local social socios y amigos, ensalzáronse las virtudes de nuestra región, los hechos históricos, las características de nuestro pueblo, las ansias de un mejoramiento social y político, los valores que ha dado a la madre patria.
>
> Participaron en esta celebración, numerosas representaciones de otras sociedades hermanas, intelectualidades españolas e hispano-americanos, además de numerosos asociados. En la cabecera de la mesa aparecían, de izquierda a derecha: Don Julio Garzón y Srta. Inés Camprubí, director y propietaria del diario "La Prensa"

---

seria a versão definitiva para ele); e no derradeiro verso colocou um signo de "!" (ficando, portanto: "Iso eu arranxo enseguida!"). Observa-se um léxico cuidado, com introdução de formas que frisavam a aproximação para com o português. Nos três poemas há referências ao mar. Em "Barcarola" evoca Paio Gomes Charino (sic). No terceiro dos poemas encontram-se referências religiosas como "Dous anxiños mariñeiros", "Nosa Señora da Barca", "San Xosé", "o neno Xesús" ou "Maria"; e já assina como Ernesto Guerra da Cal.

[51] Outros oradores que colocavam em destaque eram Federico de Onís, Angel del Rio, Leocadio Lobo, Ciro Alegria, Emilio González López, Julio Cantala, Eduardo Zamacois "y otras ilustres figuras del mundo literario que han desfilado por Nueva York".

> respectivamente; el gran novelista peruano Ciro Alegría; don Leocadio Lobo; Don Federico de Onis, director del Instituto Hispánico de Nueva York y profesor de la Universidad de Columbia; Sr. Emilio Flores, presidente de la Casa Galicia; Don Jesús Canabal, del Uruguay; Sr. Ernesto Dacal, profesor de la New York University; Sr. José Castro, representante del Centro Español; Sr. Galíndez, de la Delegación Vasca y el Sr. Fontanals de la Delegación Catalana.
>
> Gran resonancia tuvo este acto en el que se le dedicó un grato recuerdo también a la figura máxima de Galicia, Don Alfonso R. Castelao, cuyo retrato aparecía en lo alto del escenario. En el decorado del salón, aparecían varias alegorías a las cuatro provincias gallegas y entre las banderas de Galicia, de la República Española y de América del Norte, se destacaban dos letreros: LUCHAMOS POR UNA ESPAÑA LIBRE Y POR UNA GALICIA AUTÓNOMA.

Da Cal aparecia com o máximo relevo entre aquela colectividade galega que defendia a República a e Autonomía, e que reforçava os vínculos através da organização de actividades de reafirmação, em que tentavam o diálogo com outros povos da Espanha e da América Latina. O grupo galego reconhecia-o como membro de destaque, oferecia-lhe a sua tribuna e ajudava os seus projectos, além da difusão de trabalhos literários. Mantinha assim uma posição de destaque entre os galegos de Nova Iorque.

Aquele mesmo ano, na *The Romanic Review*, outra revista da CU[52], publicou-lhe novo trabalho de interesse queirosiano: uma recensão dos *Ensaios de Crítica*, de Moniz Barreto, segundo a edição de Vitorino Nemésio de 1944. Salienta mais uma vez o relevo do século XIX português no tempo de Eça e a sua geração (Da Cal, 1946:96):

> El último cuarto del siglo XIX es un momento estelar de la literatura portuguesa, en que ésta cobra una fuerza y un latido universales inigualados desde el Renacimiento. Produce entonces una poesía cualitativa y cuantitativamente digna de su tradición lírica, un pensamiento histórico y filosófico a tono con las coordenadas de la alta cultura europea, dotado de ideas y medios expresivos propios, y una creación novelística rica y original.

[52] O "General editor" dessa empresa era o Professor Horatio Smith, da CU. A revista tinha no Conselho de Redacção a vultos como Federico de Onís, Ángel del Río ou Navarro Tomás, todos eles reputados hispanistas e relacionados com empreendimentos de Da Cal na altura. Colaboravam também Leo Spitzer, e outros vultos da estilística.

Acrescenta ser Barreto o fundador da crítica literária em Portugal; refere-se a Fidelino de Figueiredo[53] como "brújula que tantos rumbos ha marcado a la historiografía literaria de Portugal" e, embora valorize de positiva a edição de Nemésio, reprova a ausência de um estudo sobre Eça publicado na *Revista Brasileira* em 1896, e algum erro.

Da Cal posiciona-se, pois, sobre um dos principais defensores de Eça de Queirós, analisa os contributos do seu tempo e geração, e ocupa-se de figuras do Campo dos Estudos Literários (CEL) luso, reivindicando-se também como especialista em Eça de Queirós e em bibliografia, permitindo-se mesmo emendar Nemésio, na altura conhecido crítico e reconhecido professor universitário português.

Foi 1946 um ano de afiançamento profissional, firmando a sua posição como especialista reconhecido em Literatura Galega e em Eça de Queirós, dois assuntos centrais na sua produção e nos seus interesses, e arvorando uma importante influência entre a comunidade de exilados galegos e espanhóis. Desde a revista da Casa de Galicia de Nova Iorque contribuia com produção literária para o Proto-Sistema cultural galego.

III.2.2.6.-Projecção da Literatura Portuguesa no intersistema anglófono, em 1947.

Em 1947 publica-se um novo contributo de Da Cal, no *Columbia Dictionary of Modern European Literature*. Nele oferece uma visão do cânone da literatura portuguesa que apresenta para o intersistema anglófono. Também continua com a produção literária e difunde novas composições de poesia em Nova Iorque.

No *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, publicado sob edição de Horatio Smith pela CU, colabora com os verbetes "Camilo Castelo Branco", "Eugénio de Castro", "Abel Botelho", "João de Deus", "Abílio Guerra Junqueiro", "Fialho de Almeida", "Magalhães Lima", "Wenceslau de Morais", "António Nobre", "Oliveira Martins", "Camilo Pessanha", "Fernando Pessoa", "Portuguese Literatura", "Eça de Queiroz", "Antero de Quental", "Ramalho Ortigão", "Teixeira de Queiroz", e "Trindade Coelho". Esses 18 artigos representaram a primeira notícia sobre a maioria desses produtores de Portugal em países anglófonos. O próprio Da Cal assim o assinalará anos mais tarde num trabalho (1989:169-182) em que ressalta como o seu verbete sobre Fialho de Almeida foi a primeira notícia deste produtor nos países de fala inglesa.

[53] Figueiredo já se tinha destacado na altura em Portugal como um renovador da teoria literária, e da crítica e a historiografia literária, com as principais produções nestes ámbitos já publicadas.

Também José Blanco admite (1989:188-190, 2008) ter sido Da Cal pioneiro neste dicionário em apresentar Fernando Pessoa na comunidade anglófona[54].

A encomenda significava reconhecê-lo como lusitanista[55]. Dois verbetes interessam especialmente como mais representativos da sua posterior dedicação[56]: "Eça de Queiroz" (Da Cal, 1947:237-240) e "Portuguese Literature" (Da Cal, 1947:638-643).

No primeiro apresenta Eça como "the indisputable master of the Portuguese novel". Após dados biográficos, assinala que a longa ausência do país natal desde 1873 permitiu-lhe julgá-lo desapaixonadamente e adquirir uma riqueza de experiência intelectual, que actuou como um lévedo na sua já rica personalidade. Estuda *Prosas Bárbaras, As Farpas, O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, Os Maias, O Mandarim, A Relíquia,* "O Suave Milagre", *Contos, A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e as Serras, Últimas Páginas*, Fradique Mendes, e a escrita hagiológica, jornalística e epistolar. Refere o relacionamento com Ramalho Ortigão, as Conferências do Casino e as escolas literárias a que se filiou. Julga injusto que fosse chamado de Zola português. Insiste em características e do estilo e em que renovou a estrutura da língua "and indeed he started the greatest revolution that Portuguese prose ever underwent in all its history". Relata as críticas de que foi objecto e o facto de ter sido "a victim of the 'illness of perfection'" e que "he succeded in evolving a new aesthetic in a new language". Compara Eça com Maupassant, Bernard Shaw, Anatole France, Hoffman, Poe, Heine, Baudelaire, Alertine, Renan, Flaubert, Balzac, Dickens, Thackeray; ou com *Madame Bovary*. Salienta as traduções a numerosas línguas e põe em destaque a sua influência, colocando-o em diálogo e puxando pela sua inclusão no cânone ocidental. No final fornece referências bibliográficas.

---

[54] Outras vezes, como na epístola que enviou à poeta andaluza Victoria Atencia, datada em 29-VII-1987, salienta o contributo sobre Fernando Pessoa, e afirma: "Conocí a casi todos los presencistas. Pocos sobreviven. Eran casi todos también de una generación anterior a la mía. De algunos, como de Adolfo Casais Monteiro, gran poeta además de crítico, a quien conocí en el Brasil y con quien tuve una fraterna amistad, soy deudor. Él me introdujo a Pessoa, ya muerto, y fue quien me proporcionó textos entonces de muy difícil acceso sobre todo en los Estados Unidos. Esta feliz circunstancia hizo que yo fuese el primer crítico que se ocupó en inglés del poeta heterónimo en 1947 cuando incluso en Portugal sólo sus compañeros del Orfeu y de la Presença se ocupaban de él en artículos de revistas".

[55] Em 1980, ao se revisar este repositório, Da Cal, residente em Portugal e reformado da docência, não colaborou; e nessa reedição foi banido, muito surpreendentemente, o autor de *Os Maias* Na segunda edição os "general editors" fôrom Jean-Albert Bédé (figura importante de *The Romanic Review*) e William B. Edgerton; e a parte de literatura portuguesa estivo ao cuidado de Gerald M. Moser.

[56] Os verbetes queirosianos em dicionários de literatura e enciclopédias editados nos EUA resultam fulcrais para fazer-se melhor ideia do seu trabalho e conhecer a evolução do seu queirosianismo. Também não se deve esquecer a importância destas publicações de consulta para propagar Eça.

No registo "Portuguese Literature" também se ocupa com preferência dos contributos da Geração de Eça de Queirós e destaca as principais personalidades e acontecimentos da mesma. Refere as lutas entre diferentes escolas. Aquela geração beligerante produziu três vultos do mais alto nível: Quental na poesia, Eça no romance e Oliveira Martins no ensaio histórico, afirma. Dá relevo a que "The novel reached its apogee at this time with Eça". Na abordagem da década de 40, em que se edita o dicionário, afirma que "The novel is still under the influence of Eça de Queiroz. Themes vary, descriptive naturalism is accentuated, but the structure remains unchanged. Aquilino Ribeiro (q.v.) with his copious production is the most consistent follower of Eça".

Nos dous artigos verifica-se o seguimento da Estilística e o afã comparatista, que se acentuarão. Há coerência com a crítica ao volume de Vianna Moog, embora nestes verbetes desenvolva mais as suas teses. Começa a insistir no relevo das traduções, e a manifestar preferência por *A Relíquia*. Combate teorias precedentes e toma posição para os novos postulados que vai introduzir no CEL e que resultarão decisivos para o novo discurso canonizador sobre Eça.

No final de 1947, Da Cal colabora de novo na *Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque, com outro contributo literário: "Canto da Ribeira" e "Ladaíña a Rosalía de Castro", poesias às quais se dedica uma página inteira. No final, entre parênteses, afirma-se que ambas foram seleccionadas "D'un libro de poemas inédito, LUA DE ALÉN-MAR", o que indica como avançava a elaboração desse volume literário[57].

III.2.2.7.-Sucesso pessoal e profissional no final da década: 1948-1950.

Os três últimos anos da década de 40 serão de importante sucesso pessoal e profissional e alicerçarão definitivamente as perspectiva de um novo e sólido futuro nos EUA. Há dois acontecimentos marcantes: nasce o seu filho e consegue o doutoramento na CU. Além disso, começa a ser reconhecido publicamente pelos seus pares como especialista em línguas e literaturas ibéricas e nomeadamente pelos seus contributos sobre o intersistema lusófono. No contacto com Eduardo Blanco Amor tem nessa altura especial relevo o assunto dos SPG lorquianos.

[57] As escolhas do idioma são do teor das do ano anterior na mesma publicação, com a diferença mais apreciável de que agora usa a forma "corazón", ao igual que "canzón". No segundo dos poemas encontra-se a conhecida formulação de "Nosa Señora da Saüdade (sic)" aplicada à poeta galega, na linha de Teixeira de Pascoaes, e também se prefere a forma "mai".

Em 29 de Abril de 1948 nasce em Nova Iorque o seu único filho, Enrique, familiarmente chamado de Ricky. Era um instante de felicidade com a sua primeira esposa, Margarita Ucelay. Os Da Cal integram-se bem na cidade. A sua morada era centro de reunião de exilados, com quem mantêm contactos estreitos, e participam na actividade cultural e política, o que favorece a sua promoção social e profissional. Enric Ucelay lembra festas muito concorridas, e afirma que eram célebres as que organizavam pelo final do ano. Com aquele descendente culminava um período em que enfrentaram importantes dificuldades pela situação de exílio, ultrapassadas com esforço pessoal e com muitas colaborações, assinala Margarita Ucelay em entrevista pessoal. O futuro parecia apresentar-se aliciante.

Esse ano, no exemplar correspondente de Setembro-Outubro da revista mexicana *Cuadernos Americanos*, Da Cal publica o trabalho "*Don Segundo Sombra*. Teoría y símbolo del Gaucho", em que se ocupa desta narrativa do produtor argentino Ricardo Güiraldes. Este trabalho será reconhecido como uma novidade pela perspectiva estilística e comparativa que utiliza e será várias vezes citado nos anos posteriores. Supõe publicar o primeiro artigo numa revista especializada, e ocupar-se de um produto de alto interesse para o intersistema hispânico.

Será nos finais da década quando Da Cal materialize a primeira grande produção académica, que em poucos anos o situará em lugares de privilégio: a leitura da Tese de Doutoramento, subordinada ao título *La lengua literaria de Eça de Queiroz*, que será diferente ao que utilizará aquando a publicação do estudo, em 1954[58]. Aos 16 de Maio de 1949, Arturo Uslar-Pietri, docente na CU, como membro do comité julgador da mesma, emite o seguinte parecer:

> Me parece un trabajo concienzudo, completo y muy penetrante. Pocas veces se ha hecho un estudio similar del estilo y de la lengua de un autor ibérico.
>
> Su estudio no sólo es útil para el mejor conocimiento de la obra de Queiroz, sino que su valor y utilidad se extiende a lo más de la época coetánea de las letras hispánicas.

[58] Não se pode documentar a data exacta do Doutoramento, apesar das gestões realizadas directamente na própria CU, onde também não se conserva nenhum original da própria Tese, segundo confirmaran na sequência das pesquisas realizadas em Outubro de 2006 nessa instituição. Na carta que em 15-XII-1949 envia a Blanco Amor afirma que "el año pasado me doctoré"; no entanto, diferentes repositórios, v. gr.no *Directory of Amercan Scholars* (1957 e edições seguintes), *Who's Who in America* (desde a edição de 1962-62) ou *Contemporary Authors* (desde 1982) consta sempre 1950 como data do Doutoramento. Parece poder inferir-se que finalizou todos os trámites nos meses finais de 1949.

> No solo no encuentro nada que objetar sino que me parece una obra llamada a constituir un valioso aporte a la crítica literaria erudita de lengua castellana, y que merece ampliamente la aprobación del Comité, la que yo por mi parte aquí consigno muy gustosamente.

Valorização muito elevada de uma figura dos campos literário e da crítica literária, que frisava o interesse não só para o intersistema lusófono, de que se ocupava preferentemente o estudo dacaliano, mas também para o hispanófono, o que lhe oferecia as maiores possibilidades de projecção.

Esse acontecimento aparece referenciado na *Revista Hispánica Moderna* (Sem Autor, I-XII-1949: 364), que informa como Da Cal superara na CU a prova final[59]. Interessa-se na publicação da Tese e procura apoios que o favoreçam, do teor desse parecer de Uslar Pietri, que não tardará em conseguir (ver infra). Conseguir esses apoios dão-lhe certeza de que o trabalho eram meritório, e confiança em que prosperarão os seus ambiciosos planos de edição, que favoreceriam a sua promoção. Assim o comumica em carta que endereça para Eduardo Blanco Amor, o seu amigo e um dos mais firmes contactos com os exilados galegos do exterior, em que anuncia Da Cal (15-XII-1949):

> Voy a publicar, seguramente para la primavera, mi tesis doctoral. Un ponderoso estudio del estilo de Eça de Queiroz [450 págs.!!] siguiendo los métodos de Charles Bally y de Vossler. Dicen que es bueno –yo lo creo– pero de ameno no tiene ni esto. Alimento pastoso para especialistas. Antes de mencionar otra publicación mía que saldrá pronto impresa por el *Instituto do Livro* del Ministério de Educação del Brasil, rasgaré mis vestiduras y cubriré mis cada vez más escasos pelos con el resto de cigarrillos del cenicero. Imagínate, una Bibliografía metódico-crítica de Eça de Queiroz. [...]

Aqueles projectos queirosianos no entanto vão demorar, apesar de conseguir reunir mais aprovações de especialistas que servissem para agilizar o processo de edição. No Verão de 1950, recebe cartas de Tomás Navarro, Ángel del Río e de Federico de Onís, três figuras consagradas e consagradoras do hispanismo, com esse claro objectivo de apoio

[59] Os contributos dacalianos de crítica literária começaram a ser salientados já o ano anterior por Moser (1948: 387-398) em *Hispania*, e as notícias sucederam-se nos anos seguintes. Isso supunha un reconhecimento, pois publicações como estas eram valorizadas pelos profissionais. Intensificava igualmente na altura o seu relacionamento com algumas figuras espanholas e hispanoamericanas, portuguesas e brasileiras que acudiam a leccionar a Nova Iorque. No entanto, e apesar desses progressos, Da Cal estava ainda em situação periférica.

para a publicação da sua Tese de Doutoramento, escritos solicitados por ele próprio, com o fim de avançar nas gestões e podê-las apresentar o estudo em Washington em Outubro desse ano no I Colóquio Internacional de Estudos Brasileiros, e conseguir assim mais facilmente apoios para a edição. As três epístolas são claramente favoráveis. O primeiro que lhe escreve é Tomás Navarro (30-VI-1950), quem salienta o método utilizado e os valores do estudo recomendando a publicação e almejando que se materializasse em breve. Afirma este reputado especialista:

> Me gustaría mucho ver publicado pronto su libro sobre el estilo literario de Eça de Queiroz. Seguí de cerca su elaboración y lo leí con todo cuidado cuando usted lo presentó como tesis para su doctorado en Filosofía en Columbia University. Además de mi impresión personal sobre el trabajo realizado por usted, observé en aquella ocasión las opiniones coincidentes de los demás profesores que tomaron parte en el examen del mismo y que en términos expresivos elogiaron la importancia de su contenido y el método de su elaboración.
>
> Ha realizado usted una fina y penetrante investigación que explica en todos sus aspectos el prodigioso arte expresivo del gran escritor portugués. Esto solo bastaría para definir el interés de su libro. Pero usted además ha sabido utilizar la materia estilística para descubrir e iluminar hasta los más íntimos secretos de la rica personalidad del referido autor y para señalar todo el relieve de su figura no sólo en el marco de las letras portuguesas sino en el marco de la moderna literatura comparada y especialmente en el cuadro de conjunto de la novelística hispana del presente siglo en la que tantos testimonios existen de la influencia de Eça de Queiroz.
>
> De este modo el interés del estudio de usted alcanza un extenso radio que de una parte puede servir para proporcionar a usted la satisfacción que le corresponde por el largo esfuerzo que en tal obra ha tenido que emplear, y de otra parte hace esperar que la publicación de la misma alcance la venta necesaria para compensar el coste editorial. Espero que tenga usted éxito en las gestiones relativas a este punto y que no se retrase mucho el gusto de felicitarle por la aparición de su libro.

A missiva de Del Río, datada aos 3 de Julho de 1950, após indicar ter lido "con gran placer y aprovechamiento su tesis doctoral sobre *El estilo de Eça de Queiroz*" salienta igualmente o método que tinha utilizado, assinalando que podía servir de modelo para outros empreendimentos semelhantes. Afirma este estudioso, referente central na altura para o estudo da Literatura Espanhola:

> Se trata en mi opinión de una obra sumamente valiosa por su método, sus ideas y la justa interpretación que en ella hace de la creación queirociana. No sólo constituye uno de los estudios de conjunto más claros, sistemáticos y penetrantes que sobre el gran novelista conozco, sino que la parte especial representa una seria aportación al análisis de sus procedimientos creativos, de su lenguaje artístico. En este sentido ilumina muchos de los problemas estilísticos de las escuelas de fin de siglo, da la clave para entender mejor toda la original visión de Eça de Queiroz, y además me parece que puede servir de modelo para esta clase de estudios, que tanto interesan hoy a la nueva filología.
>
> Supongo que pensará usted publicarla, ya que por las razones antes expuestas será un libro de interés indudable para los muchos admiradores que Eça de Queiroz tiene en el mundo portugués e hispánico.

E o seu orientador, Federico de Onís, em carta datada em 1 de Agosto de 1950, além de se exprimir em termos semelhantes aproveita para salientar a importância dos estudos portugueses, e lembrar o relevo que ainda se lhes dava na CU, apesar de terem passado os anos de maior demanda após o final da Segunda Grande Guerra. Indica Onís:

> Aunque la Universidad no exija ahora la impresión de la tesis para obtener el grado de doctor, creo de suma importancia que su tesis sobre el estilo de Eça de Queiroz se publique en forma que pueda llegar a ser conocida por todos los interesados en el estudio de la literatura portuguesa y de la literatura comparada. La importancia de Eça de Queiroz, no sólo en Portugal y Brasil sino en España y en Europa, y la modernidad y perfección del estudio que usted ha hecho de su lengua y estilo, hacen muy deseable y urgente su publicación. Espero que no tenga usted dificultad para publicar su obra bajo los auspicios de alguna institución interesada en los estudios portugueses. Al hacerlo así, además de poner su obra al alcance del público, se lograría otro objetivo de política cultural que creo también de máxima importancia: el de dar prestigio y fuerza al estudio del portugués y su literatura en los Estados Unidos. Como usted sabe bien el estudio de esta lengua no ha logrado establecerse y después del auge que adquirió durante la guerra ha empezado a decaer y es de temer su pronta desaparición. Es seguro sin embargo que su estudio volverá a renacer algún día por motivos prácticos relacionados con la importancia creciente del Brasil; pero como esto puede tardar años en ocurrir, conviene mucho mantenerlo vivo dando a conocer ahora y siempre el valor de la cultura de Portugal y el Brasil. A ello contribuirá muy eficazmente el que se sepa, mediante la

> publicación de su tesis, que Columbia University mantiene los estudios portugueses en su nivel más alto, lo cual servirá de ejemplo a otras universidades de este país.

Este escrito implica reconhecer a dificuldade para publicar o estudo nos EUA, apesar dos seus muitos valores e interesse, pois a demanda de um volume desse teor era escassa. De aí a recomendação de procurar apoio numa "institución interesada en los estudios portugueses", como assim fará Da Cal, ao se amparar na Universidade de Coimbra[60].

Del Rio escreve em papel carimbado do Middlebury College, de Vermont; e Navarro e Onís no da CU, centros universitários em que leccionavam estes três professores e críticos consagrados, figuras dos estudos literários hispánicos, e exiliados. Estas opiniões, junto com a de Arturo Uslar-Pietri, também já um vulto consagrado e conhecido, representavam um aval importante perante qualquer editor.

O decair do ensino do português referido no escrito de Onís seria focado nesse mesmo ano, entre 15 e 20 de Outubro, no I Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros[61], organizado em Washington D. C. sob o patrocínio da Library of Congress e da Vanderbilt University. Será um acontecimento de relevo para o intersistema lusófono. Participaram mais de 250 especialistas dos estudos literários, linguísticos, antropológicos, históricos, das belas artes e da investigação. Representavam universidades e instituições dos EUA, Brasil, Portugal, França, Reino Unido, Argentina, Espanha, Equador, Canadá e do Chile[62].

---

60 O manifestado no escrito de Onís de que na altura já não se exigia a impressão da Tese de Doutoramento para obter o grao de Doutor bate com o afirmado por Margarita Ucelay, em entrevista pessoal, que afirma que sim era preceptivo, e que supunha uma despesa muito gravosa.

61 Segundo informação em *Hispania* (Moser, 1951:97), o acontecimento, celebrado em Outubro, durou 4 dias, contou com estudiosos dos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Argentina, Canadá, Inglaterra e França, e com contibutos de Alemanha, Itália e Japão. Pedro Calmon, Ministro da Educação e da Saúde do Brasil, propôs uma periodicidade bianual. No encontro houve uma exposição de 2.000 livros editados na última década, contributo do Governo de Portugal. Nesse mesmo número da revista (Moser, 1951: 102) informava-se que a Universidade de Coimbra aceitara para publicar em 1951 o trabalho da Tese de Doutoramento de Da Cal, que ia editar-se com o título *La lengua literaria de Eça de Queiroz.*

62 Estiveram representantadas as Universidades de Vanderbilt, NYU, CU, UCLA, CUNY, Pennsylvania, Illinois, St. Louis, Washington, Catholic, Virginia, Maryland, Johns Hopkins, Novo Mexico, North Carolina, Tulane-New Orleans, Princeton, Minnesota, Iowa, Duke, Stanford, Syracuse, Michigan, Harvard, Rutgers, Marquette, Purdue, Georgetown, Cincinnati, Howard, American, Tennessee, Florida State, Notre Dame, Northwestern; Departamento de Estado; U.S. Naval Academy; Biblioteca do Congresso; Pan American Union, Hispanic Institute de Florida, *Voz de America*..., dos EUA; Ministério da Educação; Embaixada em Washington; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Universidades do Brasil, São Paulo, Recife, Pontifícia do Rio; Federação das Academias de Letras, Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Instituto do Ceará, Ginásio Nossa Senhora da Penha de São Paulo..., do Brasil; Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto; Instituto de Alta Cultura, Sociedade de Geografia de Lisboa, *Diário de Notícias*, *Revista de Portugal*, *Ocidente*, Academia Nacional de Belas Artes, de Portugal; o

Entre a importante representação de Nova Iorque encontrava-se Da Cal, e a sua pesquisa sobre Eça de Queirós foi referenciada nas sessões e teve repercussão, como um importante contributo para os estudos literários portugueses desde os EUA, mas também pela sua novidade metodológica, e assim se reflectirá nas *Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, editadas três anos mais tarde, e em algum trabalho publicado posteriormente (v. gr., Moser, 1964) em que se focou esse encontro. Nas *Atas*, em mais de 330 páginas encontram-se trabalhos de conhecidos especialistas nas diferentes áreas, com vultos de universidades e da literatura e as artes entre os relatores, dos EUA e de outros países, sobretudo da comunidade lusófona[63].

Entre os relatórios apresentados, Henry Hare Carter, da Universidade de Pennsylvania, referiu-se ao desenvolvimento dos estudos luso-brasileiros nos EUA entre 1920-1950, pondo em destaque várias universidades. Ao se referir aos trabalhos de pesquisa salienta (Carter, 1953: 325)[64] dois de Da Cal: *Bibliografia metódico-crítica de Eça de Queiroz* e *La Lengua Literaria de Eça de Queiroz. I. Elementos Estructurales del Estilo*, os dois ainda inéditos. A referência, porém, contribuia para que a investigação queirosiana de Da Cal começasse a conhecer-se e a internacionalizar-se.

III.2.2.7.1.-Explicações a Blanco Amor sobre os *Poemas Galegos* de Lorca.

No final do ano, Eduardo Blanco Amor publicou no jornal *La Hora de Chile*[65] um longo trabalho sobre os *Seis Poemas Galegos* (SPG) de García Lorca. Queixava-se de que o seu prefácio à edição príncipe se suprimisse[66] na edição das *Obras Completas*, e

---

Instituto de Cultura Hispánica, da Espanha; o Ateneo Equatoriano, do Ecuador; e as Universidades francesas de Bordéus e Toulouse; com as de Londres, Buenos Aires, Toronto, a Católica de Chile.

63 O antropólogos Mendes Corrêa; o linguistas Armando de Lacerda; os estudiosos das Belas Artes Robert C. Smith; da literatura, Hernani Cidade, Wolfang Kayser, Dorothy S. Loos, Cecília Meireles, Raymond Sayers ou Helen Caldwell; os historiadores Manuel Lopes de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda, Gerald M. Moser ou José Honório Rodrigues, por citar só alguns dos nomes mais significados que terão relacionamento com Da Cal, deram-se cita nesse acontecimento. Pedro Calmon e Pedro Theotónio Pereira, como chefes das delegações brasileira e portuguesa –que também terão relacionamento de destaque com Da Cal– apresentaram propostas conjuntas, que foram aprovadas, para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas do intersistema lusófono, nos EUA ou nos respectivos países.

64 Afirma (Carter, 1953:334) que na NYU havia 15 estudantes de português. Salientava Wisconsin, com várias propostas docentes, 54 estudantes e 4 professores, entre eles Lloyd Kasten e Alberto Machado da Rosa. Da Cal aparece também indigitado (Carter, 1953:v4) entre os participantes no Colóquio.

65 Esta colaboração talvez a conseguisse por mediação de Ramón Suárez Picallo, quem o considerava (Mariño Davila, 1999) o seu grande amigo e que na altura se encontrava no exílio no Chile, iniciado anos antes, e colaborava nesse jornal, que representava ao Partido Radical de Chile e onde (Cornejo Serrano, 1949) entre 1946 e 1949 Picallo publicou a segunda época da sua coluna "La Feria del Mundo", com o pseudónimo de Pick Up. Suárez Picallo (Mariño Davila, 1999: 382) "en las fechas posteriores a 1946 permanece trabajando en *La Hora*, donde publica artículos con diversos nombres".

66 Uma maneira de proceder semelhante à dele ao não citar Da Cal naquele texto prefacial.

afirmava que das seis composições ele só não tivera participação no “Madrigal a Cibdá de Santiago”. As outras dizia ter-lhas ouvido recitar várias vezes ao produtor andaluz. Reconhece a intervenção de Da Cal, e oferece a seguinte versão (Blanco Amor, 5-XII-1948):

> Las otras cuatro canciones se las dictó –algunas de ellas a mi vista– a su gran amigo Ernesto Pérez Güerra. Estos originales, que también conservo, están trazados sobre papeles que Federico iba cogiendo al azar, de su mesa de trabajo. [...] Un día de mayo de 1935 el poeta me entregó todo este material y me pidió que lo estudiase a fondo y que “si valía la pena” lo publicase en Galicia y que no volviese a hablarle del asunto, a enseñarle pruebas ni nada por el estilo... Y así fue. Rehice su ortografía –la de Pérez Güerra era por aquel entonces muy vacilante–, encuadré esta o aquella palabra; les puse un prólogo, que él me había pedido [...]

Reivindica assim publicamente o seu papel nesse produto. O intelectual ourensano aviva, pois, uma polémica que se prolongará durante anos, com dúvidas sobre em quem e como se apoiou Lorca para se desenvolver em galego, idioma que não conhecia suficientemente para compor aqueles poemas.

Blanco Amor enviou uma carta, extraviada, a Da Cal, em que se insurgia contra aquela supressão do seu nome nas *Obras Completas*, e solicitava ajuda para reparar aquele e outros desaires. O progressivo maior reconhecimento e internacionalização que atingia Lorca fazia prever a sua canonização, e supunha um activo importante para contagiar-se do seu capital simbólico e projectar-se como especialista, com o prestígio e possíveis ganhos económicos que acarretava isso, em trabalhos como o de aquele jornal chileno, conferências e outras possibilidades, que se fechavam pela ausência do reconhecimento do seu contributo. Para Blanco Amor era aquilo de especial relevo, ao não ter uma posição tão segura como outros exilados espanhóis no ensino universitário ou em empreendimentos particulares, e depender de colaborações e ajudas muito diversas para a sobrevivência.

Responderá Da Cal aos 15-XII-1949 aquela carta de Blanco Amor, com uma epístola da qual merecem destaque vários parágrafos pelas informações de teor biográfico, profissional e de produção em diferentes âmbitos, pois informa do seu sucesso profissional na docência e de produtos que elaborava na altura e projectos de futuro. Mas tem especial valor para os estudiosos de Lorca, pois esclarece o seu contributo na

elaboração dessas composições. Isso fará que, desde que se revelou em público esta carta na segunda metada da década de 80, fosse muito citada. Afirma Da Cal:

> Aquí me tienes igual que siempre. Más gordo, mi silueta de marfil gótico juncal, ha adquirido una solidez próspera y burguesa como corresponde a un hombre con responsabilidades familiares. Por dentro soy el mismo infantil, informal, estudiantil. Enseño en New York University –unas clases también escandalosamente vivas y antiacadémicas e inexplicablemente triunfantes entre los alumnos –¡una vergüenza! [...]
>
> **Sobre los poemas de Federico** –los gallegos se entiende– mi intervención fue servirle de diccionario viviente, y –si me es permitido el decirlo– poético y discriminativo. Él me decía un verso en castellano y yo lo traducía libremente al gallego, buscando, como es natural las palabras que a él más pudieran impresionarle por color, sonido, y evocación mágica. Si no le gustaba alguna –pura y simplemente en un juicio poético, inmediato– yo le daba otras en opción, y el, augustamente, elegía la que le salía de los cojones líricos. Este es el caso de todas –menos la que compuso en Galicia "Chove en Sant-Iago" –. Ahora, yo no sé si después él cambió palabras por otras que halló en tu obra poética. Eso dímelo tu y cuéntame cual fue tu colaboración. Yo escribía los primeros originales que él después copiaba. Algunos los corregí yo luego. Por eso quizás en los que tu tienes hay cosas en mi letra.
>
> Cuéntame, desmenuzadamente en sus detalles eso que tu llamas la "tenue intriga literaria" que se ha tejido alrededor de esto. Cítame capítulo y versículo de lo que dice ese mendrugo, honesto industrial de las letras, primo político mío y que responde por Díaz-Plaja, [o Plaga como lo conocen en el ruedo ibérico]. Estoy dispuesto a oponer a esa tenebrosa intriga un sólido frente único contigo y Federico. [...]
>
> Publico cosas. En inglés en su mayoría. Soy especialista en Literatura Portuguesa, que enseño además de la española.
>
> Traduzco poetas, Sandburg, T. S. Eliot, Vachel Lindsay. Y –ven aquí a un rincón. ¿Sabes guardar un secreto? Hago poesía gallega. Creo además que es publicable –pero en eso tengo un pudor adoncellado inexplicable. Ya te mandaré algo. [...]

Informa aliás a Blanco Amor de algumas publicações concretas[67] e refere-se a amizades comuns. O parágrafo sobre Lorca, utilizado pela Fundação Garcia Lorca com ensejo das

[67] Refere-se a "diversos artículos de crítica" e cita como último deles o dedicado a *Don Segundo Sombra* em *Cuadernos Americanos* de México.

comemorações do escritor granadino nos finais da década de 80, considera-se que esclarece a génese da elaboração dos SPG. Blanco Amor ofereceu diferentes variações a este respeito, como a assinalada supra do artigo publicado no Chile, e outras posteriores que se verão infra. Da Cal coloca-se de parte do ourensano para a defesa de Lorca.

Enquanto ele mantém intensa actividade em Nova Iorque tentando a consolidação profissional e trabalhando para atingir novos objectivos, na Galiza vai-se produzir uma profunda mudança, por causa da estabilidade que demonstrava o régime franquista e a falta de esperança numa mudança. Em 7 de Janeiro de 1950 morre Castelao, em Buenos Aires; e esse mesmo ano (Villares, 2004: 438) "disólvese o Partido Galeguista, ficando deste modo o galeguismo sen organización política propia no interior". Esse ano funda-se a editora Galaxia na Galiza. A perda do líder galeguista e esta empresa serão dois acontecimentos marcantes, que representam, segundo o historiador Ramón Villares (1981: 294) fechar uma "etapa de resistencia" sobretudo desde o exterior, liderada por Castelao ao frente do Consello de Galiza e como Ministro da República, e passar na Galiza para "la transición de la lucha política a la lucha cultural, prosiguiendo así los presupuestos de la generación NOS, de la que siguían viviendo tres de sus más destacados integrantes: Risco, Cuevillas y Otero Pedrayo". Este mesmo historiador, num outro trabalho assinala que a nova etapa iniciada em 1950 estará (Villares, 1980: 291) "caracterizada polo cultivo da cultura galega, especialmente no plano literario, que non fai senón manter, anque as circunstancias eran adversas para calquera manifestación discrepante, os postulados básicos enunciados xa de vello por Risco, anque agora sexan outras persoas as que protagonicen este galeguismo cultural".

III.2.2.8.-A promoção profissional em 1951-1953.

Em 1951, e como consequência da obtenção do Doutoramento, Da Cal consegue importante promoção profissional, ao ser promovido para *full profesor*, ou catedrático, uma posição superior que lhe permitia novas possibilidades, além de maior valorização entre os seus pares, e melhor ordenado e garantia de estabilidade. A partir desse momento terá oportunidades mais vantajosas para realizações em diferentes campos e com iniciativas de destaque na docência, na pesquisa, na literatura, e na comunicação social através de uma colaboração habitual na estação de rádio *Voice of America*. Foi

igualmente um ano importante para a promoção da sua esposa, Margarita Ucelay, que publicou o estudo da Tese de Doutoramento[68].

A sua boa situação pessoal e profissional, bem como as expectativas de futuro, apareciam recolhidas numa informação no jornal universitário *The Cuny Courier*. Essa notícia apresentava-o como (Engle, 25-III-1951) dinâmico, erudito, popular entre o seus alunado, jovem de boa aparência ("good looking"), que desfrutava cada momento do seu ensino, profissão que fora a ambição da sua vida. Ele depunha estar feliz com a vida nos EUA, mesmo os seus amigos da Espanha econtraram-no muito americano em contraste com as suas próprias vidas e ideias. Escrevia para várias publicações, e confirma que a Universidade de Coimbra lhe tinha aceite dois livros para publicação, como já tinha anunciado Gerald Moser (ver supra). A sua afeição favorita era cantar e coleccionar e escutar discos de canções populares espanholas e americanas, e tinha autoridade no tema. Tocava a guitarra, acompanhando as suas canções populares favoritas, e actuara nos clubes espanhóis do W.S.College, pelo dia e pela noite, com as suas canções e com várias palestras. A notícia, intitulada "Profesor Ernesto Da Cal Enjoys Life in America", apresenta-o como uma pessoa que se tinha encontrado sempre a si próprio em conflito com a maioria das tradições espanholas de direita ou esquerda. Nascido na província de fala portuguesa da Galiza, ele aprendeu o português galego durante a infância e mais tarde dominou o espanhol pelo seu uso na escola. Quando tinha 14 anos foi enviado a estudar em Madrid e recebeu o B.A. (bachelor of arts) e o seu M.A. (master of Arts) na Universidade de Madrid. A guerra civil começou nos dias em que recebeu a licenciatura. Experimentou um giro radical no fim da guerra, na "doce terra de liberdade" que eram os EUA. Cidadão americano, tinha um filho pequeno, de 2 anos e meio. Recolhia Engle que lhe fora concedido recentemente um doutoramento pela CU, e noticiava dos centros em que tinha ensinado[69].

Nesse ano concretizou, junto com a sua esposa Margarita Ucelay, o projecto de elaborar um livro de texto, com materiais mais actualizados que os disponíveis no mercado,

---

[68] Ocupou-se de *Los españoles pintados por sí mismos (1843-1844)*, um repositorio que inclui productos de José Zorrilla, Mesonero Romanos, e outros escritores e ilustradores com presença e repercussão social na altura, mas muitos deles esquecidos. Margarita Ucelay Da Cal realiza um estudo detido desses contributos, e o seu trabalho converter-se-á numa referência, com numerosas citações por outros especialistas.

[69] Este "recentemente" faz pensar que fosse em 1950, com efeito, quando foi oficial a todos os efeitos o Doutoramento, como se recolhe nos repositórios assinalados supra. Surpreende a data que se dá, 14 anos, do seu deslocamento para Madrid, a única vez que consta uma idade tão tardia: Da Cal em diferentes ocasiões, como se indicou supra, afirmou ter ido para junto da sua mão e irmão entre os 9 e os 11 anos, alguma vez aos 12, mas só nesta ocasião de 14.

orientado para o ensino da literatura –e da língua, pois terá importante presença sobretudo o léxico– dos diferentes países do intersistema hispano nos EUA. Com tal ensejo começam a enviar cartas a produtores, ou a seus herdeiros, para conseguir as preceptivas autorizações[70]. No entanto, o projecto demorará três anos em sair dos prelos.

III.2.2.8.1.-Colaboração com a *Voz de América*, desde 1952.

Em Março de 1952 a imprensa portuguesa anunciava a emissão de dois novos programas da estação de rádio *Voz de América* dedicados a Portugal, "Revista Literária" e "Factos Históricos", ao cuidado de Da Cal. *O Século* incluiu a primeira notícia, indicando como finalidade "o estreitamento das relações culturais entre os Estados Unidos e Portugal", e acrescentava que nos primeiros programas se ocuparia de Eça de Queirós, dos navegadores portugueses e de vultos da história dos EUA (Sem Autor, 8-III-1952):

> No programa inaugural da 'Revista Literária', o sr. Guerra da Cal descreverá o que foi a viagem de Eça de Queirós através dos Estados Unidos, em fins do século passado. Os programas seguintes tratarão de análises do panorama literário americano, dos êxitos alcançados nos Estados Unidos por trabalhos literários portugueses traduzidos para inglês e dos livros ingleses que se referem a Portugal.
>
> No primeiro programa de 'Factos da História', fala-se sobre as descobertas dos navegadores portugueses no território hoje conhecido por Estados Unidos da América. Programas futuros tratarão de factos pouco conhecidos da História americana, da biografia dos grandes chefes, como Abrahan Lincoln e George Washington, e da história e desenvolvimento das colónias portuguesas nos Estados Unidos.

Além disso informava do horário de emissão, pelas 16.00 horas. No dia seguinte apareceram informações do mesmo teor no *Diário de Coimbra* (na primeira página) ou nos eborenses *Diário do Sul* e *A Defesa*, (Sem Autor, 12-III-1952)[71]. Começa uma

---

[70] As primeiras respostas chegam-lhes de José Ortega y Gasset (9-I-1952), de José Martínez Ruiz, Azorín (26-I-1952) e de Josefina Blanco, viúva de Ramón del Valle-Inclán (8-II-1952). O projecto demorará três anos.

[71] Estes três jornais salientan ter recebido Da Cal o grau de "doutor honoris causa" (sic) da CU pela Tese sobre Eça, e o leccionar português nos EUA, além da procedência galega e estudos em Madrid. Este destaque demonstra interesse pelo empreendimento dacaliano, que ajudava para a projecção num país estratégico como os EUA, onde era muito periférica a presença de produtos portugueses.

longa colaboração, com esse meio dos EUA, que se prolongará por mais de duas décadas[72].

Enric Ucelay (2003a) esclarece ser essa estação de rádio "dependiente del United States Information Service, la propaganda radiofónica estadounidense dirigida a España, Portugal y sus colonias, así como a Brasil, tanto en castellano como en portugués" e que supôs "una intensa actividad de redacción y presentación". Merece salientar-se a disciplina que representava procurar um tema semanal, e tempo para redigir o trabalho com a extensão exacta para a duração do programa[73].

Numa das primeiras emissões, aos 21-VII-1952, para a programação da "Revista Literária", ocupou-se da tradução para inglês das *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, de Machado de Assis, realizada por William L. Grossman, professor de economia da NYU, sob o título *Epitaph for a Small Winner*, que literalmente, segundo tradução de Da Cal, significava *Epitáfio para um que ganhou pouco*. Parabeniza-se de que por fim uma narrativa desse autor brasileiro se vertesse para inglês[74]. Qualifica a tradução de "excelente. Só algumas vezes, poucas, o estilo do inglês, muito espontáneo, não é totalmente fiel à maneira de dizer do original português: purista, abstracta, duma urbanidade contida e calculada". Actua com autoridade, como crítico experiente, com a vantagem de poder opinar com propriedade sobre o uso do inglês e do português. A versão escrita desta recensão, conservada na HSA, consta de 3 laudas, semelhante a outros trabalhos que se encontraram destinados para a *Voz de América*. Se se tomar de conta que foram 22 anos de colaboração, com produtos semanais, conclui-se que redigiu

---

72 Na sequência da presente pesquisa foram muito escassos os contributos que se conseguiram documentar, que serão indicados oportunamente segundo a data de emissão, ou publicação posterior. Na HSA comunicaram que dispunham de mais desses produtos, em texto e em gravação, mas não estavam disponíveis para a pesquisa em Outubro de 2006. Em algumas das pastas em que se conservam os materiais dacalianos foram encontradas cópias de alguns, como este primeiro contributo.

73 Enric Ucelay depõe, em entrevista para a presente pesquisa, que muitos dias ficava até bem entrada a noite, como ele podia verificar ao escutar digitar os textos a máquina.

74 Defende que teria sido melhor que a apresentação no mercado dos EUA fosse com *Dom Casmurro* ou *Quincas Borba* "que são, na nossa humilde opinião, romances mais sólidos, mais arquitecturados, mais clássicos –no sentido estético da palavra". No entanto, valoriza a novela traduzida como "um bem extraordinário livro", "obra completíssima" e "uma das obras de Ficção em que Machado de Assis, mais fortemente, mais autenticamente projectou o seu ser íntimo", mas com "debilidade estrutural" que lhe fora apontada pela crítica quando se publicou. Lembra como o próprio Machado identificou influências de Xavier de Maistre, Garrett ou Sterne. Define a novela como "um pequeno, solto, e irónico tratado de desilusão vital –delicadamente embrulhado numa desesperança que não pode ser mais suave, mais polida, nem mais funda. […] é como um efluvio que emana duma expressão que, possivelmente, é das mais objetivas, exatas e precisas que a língua portuguesa já produziu em toda a sua história". No final da crónica insiste em que a produção machadiana não era para agrado da multidão, porque as suas narrativas "inquietam a hipocrisia mental e sentimental dos leitores excesivamente satisfeitos consigo mesmos".

mais de um milhar de produtos diferentes para esse meio de comunicação, o que supõe uma vultosa produção de 3.000 páginas no mínimo. O estudo desses materiais, quando for possível, permitirá verificar como utilizou esse trabalho para a promoção pessoal e profissional ao lhe facilitar chegar a pessoas e instituições na procura de materiais, e ser retribuído com agradecimentos pelo tratamento dado a alguns produtos, para além do benefício económico, pois era um labor pagado.

Um acontecimento, pois, central na biografia de Da Cal, que oferece uma dimensão de comunicador no campo do jornalismo muito pouco conhecida e valorizada[75].

Em 25-X-1952 Benjamin M. Woodbridge, professor assistente de português na Universidade de Califórnia, solicita por carta colaboração de Da Cal para um estudo sobre Rosalia de Castro. Afirma tê-lo conhecido no Colóquio de Washington, e diz dirigir-se a ele por sugestão do profesor Manuel Pedro González, da UCLA. Estes relacionamentos entre produtores serão uma constante, e Da Cal receberá solicitudes de ajuda que atenderá e que facilitarão, em ocasiões como agradecimento, que outros se ocupem de difundir a sua produção, recomendando-a como bibliografía de referência, assim funcionando como uma verdadeira rede para uma melhor projecção e para firmar a sua autoridade no campo.

Também em 1952 começa a publicar-se a colaboração de Da Cal em alguns dos 20 volumes da ***Collier's Encyclopedia***, para que contribuirá com oito verbetes: "J. M. de Alencar", "Casimiro de Abreu", "Aluizio de Azevedo", "A. de Castro Alves", "Euclides da Cunha", "Gonçalves Dias", "Machado de Assis", e "Portuguese Literatura". Da Cal **aproveita as entradas para oferecer uma visão do cânone da literatura brasileira**, e aprofundar na da portuguesa, utilizando a perspectiva comparatista e estilística. Actua assim de mediador para difundir a literatura dos dois países lusófonos nos EUA, numa publicação de consulta importante, que se reeditará. Para além do interesse económico pela contribuição, esta actividade servia para se promocionar como especialista nos EUA, no Brasil e em Portugal. O trabalho é reconhecido entre os seus pares, como evidencia o que a revista *Hispania* (Moser, 1952: 231) desse notícia dele.

Em 1952 continua o estreito relacionamento com a comunidade da Casa Galicia de Nova Iorque. Na *Memoria Anual*, ao referenciar a actividade cultural, salientan a sua

[75] O responsável da biblioteca da HSA, John O'Neil afirmava em Outubro de 2006 que na instituição têm as gravações e os scripts desses programas, mas não estavam disponibilizados ainda nessa altura para a pesquisa, excepto os que se citam no presente estudo.

colaboração no concurso literário que convocaram. Mantém assim posição preeminente como figura cultural galega em Nova Iorque, com reconhecimento entre os seus compatriotas. O nome de Da Cal continua muito unido nessa entidade aos de Federico de Onís e Alfonso R. Castelao, este já morto na altura, figuras cimeiras do hispanismo, do galeguismo e da República.

III.2.2.8.2.-O contacto com Machado da Rosa, em 1953.

No ano 1953 produzir-se-ão dois importantantes acontecimentos marcantes na sua trajectória: estabelece contacto com Alberto Machado da Rosa, que será um importante aliado durante mais de duas décadas, até que morreu; e começou a exercer em responsabilidades administrativas na NYU, o que supunha uma maior promoção e atingir poder na instituição. Além disso, continua a elaborar dois produtos que concretará nos anos seguintes e serão de relevo para a sua projecção: a antologia de literatura espanhola e hispanoamericana e o poemário *Lua de Alén Mar*.

No Verão Da Cal recebe uma carta da bibliotecária da Universidade de Wisconsin, Helen Northup, que procurava a sua Tese de Doutoramento, pelo interesse de Machado da Rosa no seu conteúdo. Da Cal responde-lhe (9-VII-1953) esclarecendo que o estudo não se encontrava disponível na biblioteca da CU porque ia ser publicado pela UC, e estaria pronto em Setembro ou inícios de Outubro, em edição limitada de uns 300 exemplares para a venda. Nessa epístola afirma Da Cal:

> Its printing is now about to be completed and the book will be available nest Fall. Its title is *LA LENGUA LITERARIA DE EÇA DE QUEIROZ*, I, and it is the first part of a longer study of the style of the great Portuguese novelist. The second part will go to press next winter. In between, Coimbra will publish my BIBLIOGRAFIA METODICO-CRÍTICA DE EÇA DE QUEIROZ, which is already being printed.

Segundo se infere da epístola, mantinha para o livro o mesmo título da Tese de Doutoramento, só com o aditamento de "I", decisão que mudará[76].

[76] A noticia da edição fora dada por *Hispania* (Moser, 1953: 363) nesse Verão, indicando ser aquela a altura em que se previa a saída dos prelos, com o título *La lengua literaria de Eça de Queiroz*. Parece, pois, que a mudança de título foi muito próxima ao instante da publicação. Na informação de Moser adiantava-se que nesse trabalho Da Cal "deals in it with the structure of Eça's prose and its relations with European prose forms of the late nineteenth century. An extensive critical bibliography is to follow toward the beginning of next year, after which Professor Da Cal plans to undertake the publication of the second volume, in which Eça's imagery, techniques of composition and themes are to be studied". No mesmo número de *Hispania* também se noticiava (Moser, 1953: 365) dos planos de Da Cal e de outros quatro professores dos EUA para se deslocarem aquele Verão a Portugal.

Esse mesmo mês é Machado da Rosa (28-VII-1953) quem o contacta pela via epistolar: este professor de Wisconsin solicitava-lhe umas informações sobre a bibliografia inglesa de Eça de Queirós, e referia um incidente em que saira em defesa do escritor português na revista portuguesa *Labor*. Com a resposta (27-IX-1953) Da Cal inicia o contacto epistolar com ele, que frutificará em estreita amizade: na ocasião pede desculpas pela demora, que justifica por ter recebido a carta só ao regresso de umas "férias luminosas na adorável terra portuguesa", em que deixara nos prelos de Coimbra a "Bibliografia Geral" sobre Eça. Pede-lhe as fichas dessa polémica de Da Rosa "com o obtuso enxovalhador do patriotismo eciano" para as incluir, na revisão das provas. Confia Da Cal que esta epístola sirva para o início de uma relação "que entre dois eçólatras não pode deixar de ser agradável fructífera e duradoura" e justifica que este contacto inicial seja breve pois "por ausência de Del Rio, achei-me, de chôfre, Acting Chairman". Oferece colaboração, pede correspondência, e num P. S. final acrescenta elógios para o trabalho sobre Rosalia que Da Rosa tinha enviado para a RHM:

> Neste momento acabo de fazer a estúpida –porém agradabilíssima descoberta– de que o meu caro professor Machado da Rosa não pode ser outro senão o Snr. Rosa cujo ensaio sobre Rosalia de Castro foi-me tão altamente e tão longamente elogiado polo meu querido amigo Pepe Montesinos. Novo motivo de alvoroçado interesse nesta relação. Saiba meu caro professor que Rosalia é outro dos meus amores –e que tenho um livro em projecto sobre a minha delicada compatrícia.

Começa assim um relacionamento com aquele professor açoriano, também exilado, e com quem coincidia em dois interesses principais respeitantes a figuras literárias de destaque do XIX que ambos contribuirão a canonizar: Eça e Rosalia; elementos de interesse comum para afiançar vínculos. Em Janeiro de aquele ano Da Rosa tinha defendido com sucesso em Wisconsin a Tese de Doutoramento sobre a poeta galega[77].

Nestas primeiras cartas, num tempo em que se não conhecem, observa-se a intenção dos dois de procurar a simpatia mútua ao comprovarem como tinham pontos de encontro e interesses comuns.

---

[77] Essa tese está publicada (Machado da Rosa, 2005) e sobre a mesma pode ver-se o estudo prefacial (Torres Feijó-Gômez: 2005), em que se entra nestas questões. Machado da Rosa (9-X-1953) responde Da Cal, informando que lera também em Dezembro de 1951, em Detroit, na reunião da MPLA, um "paper" sobre Rosalia, que mandara refundido e muito aumentado para a RHM. Em Detroit, acrescenta, Ángel del Río indicara-lhe ser a tese de Da Cal sobre Eça "uma dissertação modelar". Também fornece as datas da polémica na revista portuguesa *Labor* com Cruz Malpique, um professor e escritor português que atacava Eça, e frisa que desde 1947 não regressara a Portugal e que visitara a Galiza em 1944.

Aquele Setembro de 1953, com efeito, ao se reincorporar à NYU após as férias, Da Cal encontrou-se com o nomeamento de "Chairman" do Department of Spanish and Portuguese do Washington Square College, uma situação que o apanhou de imprevisto e que fora motivada pela ausência de Ángel del Río, que desempenhava o posto. Principiava assim com as responsabilidades administrativas, que ocuparão parte da sua actividade nos seguintes anos nessa Universidade, e com posterioridade na CUNY. Representava também avançar um novo degrau na profissão, e a confirmação plena do bom encaminhamento que levava a sua carreira docente nos EUA.

Durante o ano, Da Cal e esposa recebem mais respostas de produtores a que se dirigiram para os incluir na antologia de literatura espanhola e hispanoamericana do século XX[78], um projecto que avançava; e também os dois colaboram na encenação, no Barnard College da CU, onde ela leccionava, do texto lorquiano *La Zapatera Prodigiosa*[79].

No final desse ano[80], de novo a *Memoria Anual* da Casa de Galicia de Nova Iorque inclui os poemas de Da Cal "Canto da Ribeira" e "Ladaíña a Rosalía de Castro"; com duas ilustrações e indicando-se a procedência dessas composições "D'un libro de poemas inédito, LUA DE ALEN-MAR", afirmação que evidenciava que talvez já tivesse pronto esse produto, mas que ainda demorará seis anos em se publicar[81]. Colaborava assim mais uma vez para manter a produção de literatura galega no exterior, num instante em que na Galiza o uso da língua atravessava por muito sérias dificuldades, por causa da repressão a que era submetida pelo franquismo. Apesar de ter

---

78 Em concreto, respondem-lhes afirmativamente os herdeiros de Antonio Machado (12-II-1953), e de Pío Baroja (18-III-1953); e Zenobia Camprubí (7-IV-1953), esposa de Juan Ramón Jiménez.

79 Na página de uma revista conservada no Espólio EGC oferece-se notícia do acontecimento, redigida em inglês (talvez proveniente de alguma publicação universitária) com fotografia em que Da Cal aparece num instante da encenação juntamente com os também professores de espanhol Eugenio Florit e Carmen del Río. Indica-se que a representação tivera lugar no McMillin Theater os dias 26, 27 e 28 de Fevereiro; e que também se oferecera "The Magic Theater", de Miguel de Cervantes, embora não conste se neste espectáculo participou também Da Cal.

80 Nesse ano também se publicaram as *Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* celebrado em Washington dos 15 aos 20 de Outubro de 1950 (ver supra)

81 No respeitante à língua, em "Canto da Ribeira" observa-se o uso sistemático do traço, além de léxico e uso do circunflexo como principais marcas de aproximação à ortografia comum portuguesa. "Barcarola" evoca a lírica medieval, um dos assuntos do seu interesse e uma maneira de reivindicar uma singularidade das manifestações da literatura autóctone, de frisar a sua validade e originalidade já desde os tempos medievais. Mantinha-se assim como o principal produtor literário em galego no enclave de Nova Iorque, num tempo em que a maior produção tinha lugar em enclaves do exterior, sobretudo Buenos Aires, Montevideu e Caracas; enquanto na Galiza dava o primeiros passos o projecto de Galaxia, que enfrentava problemas com a censura franquista, que proibira a série dos Cadernos, e preparava a intervenção perante a Unesco no ano seguinte, em Montevideu, de denúncia internacional de aquela situação. As composições que editava em Nova Iorque não se afastavam da tradição da literatura galega, e no contributo de 1953 mesmo salientava a produção medieval, quando já o conhecido neotrovadorismo, que será para Da Cal um assunto de relevo na actividade dos campos científico e literário, tinha sido cultivado por Bouza Brey ou Álvaro Cunqueiro.

surgido a editora Galaxia, o seu labor era muito difícil, e mesmo se davam situações como a acontecida em Vigo em 30-XII-1951, na recepção a Gómez Román como membro da Real Academia Gallega, com resposta de Otero Pedrayo: receberam uma advertência das autoridades do régime de que deviam fazer a sua intervenção em castelhano, um dos acontecimenos que se tornarão públicos na procura de apoio internacional perante a reunião celebrada pela UNESCO em Montevideo em 1954, onde foi apresentada a publicação *Denuncia diante da UNESCO da perseguizón do idioma galego polo Estado Hespañol* (AA. VV., 1954), elaborada no enclave galeguista de Buenos Aires e assinada pelos centros galegos Coruñés, Orensano, Pontevedrés, Betanzos, Corcubión e Irmandade Galega[82]. Ou em 1952 um escrito da própria Real Academia Gallega ao Consejo Superior de Investigaciones Científicas para reivindicar que o galego fosse incluído no Atlas Lingüístico que tinha aprovado elaborar aquela instituição, sob a direcção do linguista Manuel Sanchis Guarner, em que se assinalava por parte do presidente, o secretario e o tesoureiro da RAG, Manuel Casas, Francisco Vales Villamarín e Leandro Carré Alvarellos uma defensa de "nuestra lengua regional [...] que es una de las lenguas románicas de la Península, ya considerándola aparte, por existir hoy diferencias apreciables con la portuguesa, o bien como una rama de ésta y conjuntamente con ella; es decir, como lengua Galaico-Portuguesa", concluindo nesse documento (Casas Fernández et alii, 1952): "No pretendemos exclusivas para el idioma gallego, pero si que se respete la tradicional hermandad galaico-lusitana". Amostras, portanto, da situação já não só de subordinação, mas de total esquecimento e mesmo humillação por parte da Administração franquista.

III.2.2.9.- Intervenção no intersistema lusófono: o assalto ao centro do queirosianismo com *Lengua y Estilo de Eça de Queirós* (1954).

Após quatro anos de espera depois das primeiras notícias que dera na carta a Eduardo Blanco Amor em dezembro de 1949, e das informações fornecidas por Moser em *Hispania*, em Janeiro de 1954, segundo data que consta no cólofon, a colecção dos Acta Universitatis Conimbrigensis deu ao prelo *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. I.- Elementos Básicos* (LEEQ). Esta publicação de Da Cal marcará muito o seu futuro. O

[82] Esse acontecimento foi estudiado por Alonso Montero (2003). O franquismo responderá em 1955 com a criação de uma "Cátedra Rosalía de Castro" que se devia dedicar à língua e a literatura galega na Universidad de Madrid, um facto que foi contestado fortemente, dentro das possibilidades da altura, por julgar que não fazia sentido que houvesse uma Cátedra de galego em Madrid, enquanto se proibia o uso da língua própria na Galiza.

estudo é fruto da Tese de Doutoramento, acrescentada e actualizada com alguns materiais posteriores. Trata-se de um produto central na sua trajectória.

O volume consta de 393 páginas no total e diferencia várias partes. Começa com a dedicatória à mãe. Continua com uma "Nota Prévia", em português; a lista das abreviaturas das obras de Eça analisadas; o estudo em si, em nove capítulos; bibliografia final, índices e uma página de errata.

Encontramo-nos perante um trabalho inovador, para o qual contribuirão as transformações nos diferentes elementos que conformam o polissistema. Assim, temos um produtor que vai contar com o apoio de uma instituição, a UC, que inclui o seu produto na prestigiosa colecção dos Acta Universitatis Conimbrigensis. Esse produto foi elaborado tendo em conta a situação do campo, de que demonstra ser bom conhecedor pela bibliografia que acompanha; e que procura um novo repertório, alicerçado em metodologias como a literatura comparada e a estilística, ainda incipientes na altura no CEL português. O trabalho de Da Cal funcionará no mercado como proposta inovadora, sendo assim reconhecido por muitos consumidores, que o verão como uma nova metodologia, na linha do indicado pelos julgadores da sua Tese de Doutoramento (ver supra), afastada do subjectivismo da psicanálise e da interpretação ideológica e das influências, vigorantes na altura. Sobre Eça de Queirós funcionavam análises como a de Gaspar Simões (1945), para as quais eram centrais elementos como os traumatismos psíquicos provocados na personalidade de Eça por factos como v.gr. o nascimento irregular alheio ao matrimónio, ou os falhos derivados de um mau trabalho técnico, que justificavam por exemplo que uma narrativa como *A Relíquia* fosse preterida, além de acusações de plagiato e de estrangeirizar a língua. Essas doutrinas criavam resistências que empeciam a maior centralidade do produtor.

O estudo de Da Cal supõe uma luta, ao reivindicar a metodologia utilizada na instituição universitária para a pesquisa e a docência, alicerçada em elementos objectivos e visando a cientificidade, difundida desde publicações especializadas, em contra dos elementos interpretativos livres e subjectivistas que predominavam entre escritores e outros produtores que exerciam a crítica privilegiadamente nos jornais. Mas também satisfazia e respondia às aspirações de escritores e estudiosos, que viam nesses elementos mais objectivos uma maior valorização do trabalho literário, pela orientação predominantemente textocentrista. A proposta dacaliana ajustar-se-á aos interesses dessas pessoas por estar muito centrada no texto queirosiano. Valoriza o trabalho da

escrita, do produtor na sua oficina, o que o leva a conseguir achados estilísticos originais, um trabalho literário em que influi a psique. Fruto desse labor serão as novidades introduzidas pelos seus produtos, que no caso de Eça serão aceites e assumidas pela sociedade. Este textocentrismo coloca no centro o produtor de literatura, e a crítica ao seu serviço; uma crítica que, na concepção de Da Cal, não terá capacidade para chegar ao final de uma exegese com sucesso das finalidades do "criador". Está na base dessa doutrina a genialidade: é o grande escritor o que modifica o campo.

No entanto, a teoria de Da Cal introduzirá um elemento social que em parte a diferencia e contribuirá para manter a sua vigência: é o relacionamento que formula entre o produtor e os movimentos sociais do seu tempo que intervirão na sua formação. O produtor, portanto, não deve só o seu estilo à sua personalidade, à sua genialidade, à sua originalidade: também estão os seus companheiros de geração que o condicionam e ajudam, as lutas contra as velhas escolas na procura de uma sociedade nova, mais moderna, adaptada à Europa no caso das inovações que atribuirá a Eça.

Da Cal partia de uma formação muito sólida da escola estilística espanhola, na Universidade Central de Madrid e com posterioridade nos círculos de exilados de Nova Iorque. Uma escola que se centrava justamente na língua e no estilo, mas desde posições dominantes de um país, Espanha, com uma língua internacional, com costume da imposição de produtos que funcionavam para outros muitos povos com culturas diferentes, quer dentro do seu próprio território como em outros continentes. Na teoria de Da Cal observaremos um certo relativismo, como a sua posição de pessimismo a respeito das possibilidades da estilística para conhecer o significado último da literatura ou o seu posicionamento a respeito do plagiato, da realidade e da verdade ao qual talvez tenha influído a sua condição de galego e o contacto que isso lhe proporcionou com a língua autóctone da Galiza, secundarizada e minorizada por motivações políticas, mas também com potencialidade para atingir dimensão internacional como ele defenderá. Será por isso pelo que elementos da sua teoria estilística se poderão aplicar à própria produção literária, e a sua poesia espelhará procedimentos e mesmo doutrinas que defendeu no campo científico com decisão, e que contribuiram para o seu sucesso nele. Talvez com isso pretendesse igualmente alcançar o sucesso no CL, embora se tratem de dois campos com leis e procedimentos diferentes, e que portanto requerirão modos de actuar também diferentes.

Eça de Queirós, como é bem conhecido, foi um escritor envolvido em numerosas polémicas, que propiciaram confrontos com Pinheiro Chagas e com outros produtores coevos. Mas, ao pé destes, contou grandes defensores, como o crítico Moniz Barreto, e outros da denominada em Portugal de Geração de 70. Essa dualidade persistiu no instante da morte, em que alguns, como Fialho de Almeida, posicionaram-se publicamente em contra de que fosse homenageado, enquanto outras pessoas pediam o seu reconhecimento; e manteve-se com posterioridade[83]. Contra aqueles escritores e críticos que persistiam na sua defensa, entre eles nomes de prestígio e legitimação como Fidelino de Figueiredo ou Manuel Paiva Boléo, desde posições universitárias; outros condenavam-no sem reservas, entre eles talvez o caso mais paradigmático fosse o do padre Alyrio de Melo, que dedicou estudos para lhe reprovar imoralidade ou antinacionalismo, publicados em livros ou nos contributos na imprensa salazarista, nomeadamente no jornal de orientação católica *Novidades*, onde também publicará um forte ataque contra Da Cal por causa dos seus estudos queirosianos (ver infra).

Existiam igualmente críticos que reconheciam valores na produção queirosiana, mas também assinalavam entraves que empeciam a canonicidade do escritor. Entre eles, Manuel Rodrigues Lapa, quem na *Estilística da Língua Portuguesa* salientava acertos mas mostrava-se contrário aos estrangeirismos que julgava desnecessários e contrários ao bom uso da língua; ou Gaspar Simões, quem por um lado comparava *Os Maias* com *Os Lusíadas* em importância para a literatura portuguesa, mas reprovava uma narrativa como *A Relíquia*, por entender que Eça utilizava mal o realismo de escola, o que o convertia num literato falhado e deficiente, entre outros elementos que, partindo de uma interpretação de teor psicologista, agiam também como resistências.

A produção queirosiana continuava a ser reeditada e traduzida, sem que existisse em Portugal conhecimento certo da verdadeira dimensão a respeito do interesse internacional que suscitava. Muitas edições apresentavam problemas por manipulações dos textos por parte do filho de Eça e de outras pessoas, e notava-se a falta de uma edição crítica, demandada por diferentes vozes, entre elas o próprio Da Cal.

[83] Algumas destas questões começam a transparecer em LEEQ, como se verá, mas serão mais desenvolvidas em trabalhos posteriores de Da Cal, em especial na Bibliografia Queirosiana, mas também no publicado em 1961 ou no ensaio sobre *A Relíquia* (1971 e 1973).

Neste estado do campo, Da Cal oferecerá um contributo que ajudará para banir resistências e oferecer um novo discurso, mais favorável e canonizador, de Eça de Queirós, até ao ponto de chegar a situá-lo numa posição central no CL português.

III.2.2.9.1.- A inovação no repertório: fabrico de ideias com introdução de nova metodologia**.**

*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* (LEEQ) foi publicado em espanhol. A explicação é que a língua portuguesa não era aceite no doutoramento na NYU na altura. Além disso, assim ganhou interesse não só entre os lusitanistas, mas também entre os hispanistas. As referências ao CL espanhol e a produtores de Hispanoamérica, e o seu relacionamento com o português (e o brasileiro), ajudaram, com efeito, a consegui-lo, para além de que também para os hispanistas a proposta metodológica de Da Cal tinha um valor induvitável.

A respeito do conteúdo, na capa do livro, debaixo do título, há um "I" e "Elementos Básicos", o que fazia pensar numa segunda parte, anunciada em notas de rodapé juntamente com uma posterior bibliografia queirosiana (Da Cal, 1954: 11, 16 , 137, 361). Inclui uma "Nota Prévia", de três páginas, datada em "New York, Natal de 1953", em português. No parágrafo inicial, citado em numerosas ocasiões, Da Cal apresenta-se como galego e defendendo a relação de Galiza com Portugal, destarte:

> Este estudo é obra de amor. Um amor já antigo. Amor que me levou, muito cedo na minha vida, a internar-me com uma curiosidade gozosa pelas verdes veigas e as praias sonoras da literatura portuguesa –que representaram para mim um assombrado encontro com o meu próprio espírito, uma inesperada descoberta da minha verdadeira intimidade. Portugal era o desenvolvimento cultural, pleno, da minha Galiza natal. Era o que a Galiza deveria ter sido se as vicissitudes e os caprichos da História não a tivessem transvirado do seu destino natural, deturpando a sua fisionomia espiritual, quebrando a sua tradição, impondo-lhe formas de cultura alheias, estranhas ao seu carácter.

Explica como nas suas aulas universitárias nos EUA tentava convencer o alunado e colegas de que "desconhecendo-se a cultura lusitana, o génio Peninsular fica mutilado" e como "ainda esse amor" o levou a escolher como tema da sua tese "a figura sedutora de Eça de Queiroz". Também exprime agradecimentos à UC pela edição, indigitando o Reitor, Maximino Correia, e os professores Joaquim de Carvalho, Manuel Lopes de

Almeida e César Pegado. O "acto de amor", que chamou a atenção de pessoas que se ocuparam deste volume, insere-se na doutrina coerente da estilística (Prado Coelho 1987: 405 e passim).

Divide a "Introducción" em duas partes: uma analisa o estado dos estudos queirosianos e outra o que denomina "problema del estilo". Aborda a prosa portuguesa anterior, salientando a "novedad y su necesidad" de Eça. Continuam "El ideal literario de Eça. El culto queirociano a la forma y el 'Amor da Perfeição'" e "Coordinadas externas e internas de la prosa queirociana". Estes cinco capítulos ocupan 46 páginas. Na continuação, o intitulado "La palabra", de quase 200 páginas, no qual se ocupa do léxico, sintaxe e morfologia. Nos capítulos seguintes estuda a frase, a "poetización de la prosa" e "La originalidad estilística de Eça de Queiroz". Divide as referências bibliográficas em "Repertorio de trabajos relacionados con la lengua y el estilo de E. de Q." (pp. 369-371) e "Elenco de las obras citadas en este estudio" (pp. 372-381)[84]. Inclui um "Índice Onomástico", com 256 autores; um "Índice de Materias" e "Errata".

Na "Introducción" apresenta como objectivo de LEEQ o estudo do estilo, julgando-o de aspecto central de Eça que, "curiosamente" não fora ainda objecto da atenção crítica demorada e metódica merecida, pois (p. 10) "Con una que otra estimable excepción, estos trabajos sólo traducen impresiones superficiales, —y con harta frecuencia una actitud crítica estrechamente provinciana y 'caturramente' gramatical". Posiciona-se sobre o estado do CEL e reivindica o seu lugar, bem como uma edição crítica da produção eciana e a coordenação do epistolário (p. 11). Analisa o processo de canonicidade de Eça, frisando a tradução das suas produções para 22 idiomas. Reivindica uma investigação séria e metódica das fontes literárias queirosianas, sobre a ironia, a "arquitectura ideológica", a influência e impacte nas literaturas portuguesa, brasileira, espanhola e hispano-americana, e a investigação coerente da temática.

[84] O "Repertorio" inclui 35 autores diferentes, dos quais cita 44 produções, além de um trabalho sem autor publicado no *Diário de Lisboa*. Duas das referências correspondem ao século XIX; as restantes estão datadas até 1947, excepto uma de Álvaro J. Costa Pimpão (catedrático de Literatura Portuguesa na UC) e outra de Paulo da Silveira (publicado em Lisboa), de 1952, posteriores portanto à leitura da Tese de Doutoramento. Estas duas não foram utilizadas para redigir o estudo e só figuram na Bibliografia. O "Elenco" inclui 139 produtores e 196 referências. A mais antiga é de 1791. Figuram seis textos de 1949 ou posteriores, um contributo a maiores e actualização. Diferencia produções literárias e textos teóricos. Os autores mais aludidos são Ramón del Valle-Inclán (10 títulos); Gustave Flaubert (7); Victor Hugo (5); Charles Baudelaire, Rubén Darío, Théophile Gautier e Paul Verlaine (4 cada um); e "Azorín", Camilo Castelo Branco, J. V. Fialho de Almeida, e Fidelino de Figueiredo (3 cada um).

Assinala Eça de Queirós como um dos clássicos das literaturas ibéricas e uma das inegáveis contribuições destas para a literatura universal.

Da Cal afirma que se propõe fornecer dados sobre o que considera a originalidade da sua concepção estética e ajudar a desvendar as raízes psicológicas que determinam as preferências idiomáticas, com a observação das mudanças da sua "arquitectura estilística", para avaliar com maior exactidão a contribuição renovadora de Eça às letras ibéricas. Admite ser um "pesimista" da estilística, pela dificuldade para chegar aos últimos extremos da análise de um produtor literário. Define o estilo como aquilo que individualiza um autor e o distingue dos outros, que é caracteristicamente seu ou se vê como seu, harmonicamente integrado no conjunto da sua originalidade e impregnado dela. Acrescenta que ter um estilo [literário] não é possuir uma técnica de linguagem, mas principalmente ter uma visão própria do mundo e haver conseguido uma forma adequada para a exprimí-la. Partilha a ideia da Estilística de teóricos como Vossler, Leo Spitzer, Helmut A. Hatzfeld, Fidelino de Figueiredo, Willa Cather, Robert Frost, mesmo de produtores literários como Flaubert.

No segundo capítulo estuda a situação da prosa portuguesa, e salienta como Eça favoreceu a sua transformação para atingir um instrumento com capacidade para exprimir uma nova maneira de ver a vida e a arte, segundo os sentimentos do século europeu, ligando novamente a cultura portuguesa ao movimento universal.

No capítulo III afirma que Eça representou uma agressiva novidade pelo seu estilo, que transgride as normas dos gramáticos e das academias e subverte as estruturas estabelecidas na língua literária. Por isso vai dar origem talvez à maior revolução que a prosa portuguesa já sofreu na longa história do seu cultivo como instrumento artístico. Ressalva o impacto do estilo queirosiano em Camilo, Fialho de Almeida ou Sampaio Bruno; e nas gerações posteriores. Exerceu um efeito "deslumbrante", segundo reconheceriam anos depois da sua morte alguns críticos.

No capítulo IV insiste no ideal de Eça de Queirós atacado do "mal da perfeição"; por isso critica desde o seu mestre supremo, Flaubert, e outros, pois em todos via manifestações estilísticas que o deixavam insatisfeito. Da Cal mergulha na correspondência privada e nas produções para elaborar a sua ideia do estilo. Vê a estética de Eça estreitamente aparentada com as de Óscar Wilde e de Rubén Darío.

No capítulo V estabelece as características determinantes do estilo queirosiano, como "sabia" síntese das manifestações do Romantismo, do Realismo, do Naturalismo, do Parnasianismo, do Simbolismo e do Impressionismo francês; com técnicas literárias que assimila dos romances do período vitoriano da Literatura Inglesa. Acrescenta a forte interpenetração de todas as artes e também conhecimentos da erudição e da ciência coeva. Da Cal dá a Eça um forte protagonismo no quadro do desenvolvimento histórico da literatura portuguesa, e posição de relevo entre os autores ibéricos, ao indigitá-lo de modelo e referente para as gerações contemporâneas e posteriores da Espanha e da América (tanto do intersistema hispánico como do luso-brasileiro).

Nos capítulos VI, VII e VIII, tenciona demonstrar as inovações concretas introduzidas pela prosa queirosiana, com profusão de exemplos. Insiste nas raízes psicológicas dos factos estilísticos e nas que denomina de volições estéticas que suscitam. Analisa demoradamente as inovações na língua e no estilo literário por meio do estudo do vocabulário, do substantivo, do adjectivo, do advérbio, do verbo, da estrutura da frase e da poetização da prosa. O capítulo dedicado ao adjectivo é o mais amplo (pp.103-167), e o que terá maior repercussão nas críticas do volume. Põe em diálogo Eça com os produtores portugueses da altura e anteriores, e com outros espanhóis, franceses, britânicos, alemães e latinoamericanos, inserindo-o assim no cânone ocidental. Ressalta as críticas que recebeu de Machado de Assis ou Camilo Castelo Branco, mas também os reconhecimentos, entre eles do próprio Camilo. Insiste na dívida que a modernização da prosa literária em língua espanhola tem para com Eça, pela sua influência em diversos produtores, nomeadamente Valle-Inclán e Rubén Darío, entre outros; e lembra os elogios de personalidades como Emilia Pardo Bazán. A sua concepção do estilo é muito diferente do cânone em vigor: aproveita recursos como a repetição, tira grande rendibilidade do vocabulário de todos-os-dias sem abusar do dicionário, e a sua revolução atinge usos dos signos de pontuação. Foi um grande experimentador e mesmo modificou a colocação que era mais habitual dos elementos da frase. A modalização narrativa foi outro elemento em que interveio para modernizar a prosa. O resultado final foi uma radical transformação, que influiu no modo de utilizar o idioma, até ao ponto de ser assumidas e introduzir-se nos hábitos da população propostas que no seu dia pareciam muito arriscadas e de grande atrevimento.

No capítulo IX, como conclusão, insiste na profunda revolução a que Eça submeteu o instrumento de expressão literária em seus próprios alicerces. O vocabulário e a sintaxe, a palavra, a frase e o período, ganharam em suas mãos um sentido novo, uma renovada realidade estética. Ao toque mágico da sua imaginativa sensibilidade idiomática, a matéria verbal e as suas combinações e permutações adquiriram uma virtude inédita, inesperada, que teve o carácter de um redescobrimento. E reitera o esforço de criação férreo e angustioso. Assim, o estudo da sua língua e estilo julga que lança luz sobre a história da língua literária em Portugal, na passagem do século XIX para o XX. Qualifica-o de "escritor de auténtica originalidad", que fez na sua língua literária uma fusão de novidade e tradição, com grande influência em Portugal e no Brasil, mas também em Espanha e no mundo hispanoamericano.

Da Cal difunde o texto (p. 539) "À Duse", por vez primeira após a sua edição originária em 1898. Apela a ele para argumentar a originalidade estilística de Eça. Em definitivo, tenciona introduzir ideias sobre Eça como produtor que se insurgiu contra a tradição mais obsoleta da língua, para a renovar, revitalizar e transformar; e adaptou contributos estilísticos característicos dos clássicos, da melhor tradição da prosa nacional e de produtores europeus do seu tempo. Como resultado conseguiu um modo de expressão própria, que mesmo ultrapassou em alguns aspectos a mestres como Cervantes ou Flaubert, e que operou de modelo produtivo nos intersistemas lusófono e hispânico coevos; e nas gerações posteriores.

Alguns desses pressupostos dacalianos já se encontravam na sua produção anterior, mas agora aparecem mais desenvolvidos e argumentados. Em LEEQ há luta, alicerçada na Estilística e na Literatura Comparada –que com ele se consolidam definitivamente no âmbito lusófono– contra a tradição da crítica portuguesa. Combate para quebrar resistências que agiam contra a canonicidade de Eça, com argumentos antitéticos, em que transparece um discurso novo. Foge das impressões e do subjectivismo, tentando demonstrar o que afirma e de maneira objectiva.

O estudo complementa-se com 426 notas, que visam alicerçar a sua teoria da concepção queirosiana da literatura e explicitar os fenómenos lingüístico-estilísticos de que se ocupa. E um elevado número de exemplos, sem precedente nos estudos literários portugueses. Diferenciam-se exemplificações de questões teóricas e ideologia literária, e de língua e estilo. Para as primeiras, as produções mais rendíveis foram *Cartas Inéditas*

*de Fradique Mendes e outras Páginas Esquecidas*, de que tira 15 exemplos; *O Mandarim* (8), *Notas Contemporâneas* (7), *Correspondência* e *Prosas Bárbaras* (6 vezes cada uma). E para a língua e estilo, *A Relíquia* (163 exemplos), *A Cidade e as Serras* (157), *Prosas Bárbaras* (130), *Os Maias* (102), *Últimas Páginas* (53), *Notas Contemporâneas* (52), *A Correspondência de Fradique Mendes* (51) e *O Primo Basílio* (50). Ao primar *A Relíquia* e *A Cidade e as Serras* posiciona-se em favor de duas produções que tinham problemas no CEL: a primeira por ser considerada um fracasso dentro dos cânones do Realismo pelos sectores mais conservadores; e a segunda valorizada como reacionária entre os mais progressistas (ver infra).

III.2.2.9.2.-As repercussões no Campo dos Estudos Literários (CEL): primeiras críticas legitimadoras no intersistema lusófono.

LEEQ terá uma receptividade internacional que se alargará vários anos no primeiro plano do CEL, e funcionará como modelo produtivo para novas pesquisas. Em poucas semanas começaram as reacções de críticos e especialistas, que destacam esse volume como modelar[85]. Publicam-se em 1954 as três primeiras recensões, em Portugal e no Brasil, assinadas duas delas por Jacinto do Prado Coelho e Gilberto Freyre, nomes centrais do CEL de ambos os países e figuras legitimadoras. Além disso, as reacções que lhe chegam pela via epistolar anunciam novas críticas. Dos EUA, de Portugal, de Espanha, da França, nomes principais pela sua posição na Universidade, comunicam-lhe boas impressões. Estas respostas evidenciam a intencionalidade de Da Cal de procurar o impacte, ao distribuir exemplares entre pessoas certas para influir no CEL, muitas delas amizades. Começava assim a fazer-se um nome no CEL, ao mesmo tempo que o seu

[85] No Espólio de EGC conserva-se recorte de um anúncio publicado nos Estados Unidos, em que se indica "$4.00" como preço de LEEQ e se reproduzem trechos das testemunhas que recebera (ver supra) de Arturo Uslar Pietri, Tomás Navarro e Ángel del Río. Na continuação, e após assinalar do seu labor docente na NYU, informa-se nesse lugar que "His second volume on Eça de Queiroz, to be published soon, will be a definitive bibliography of the Portuguese author. Professor Da Cal is also preparing a book on the Spanish drama of the 'Siglo de Oro'", um projecto que alertava os hispanistas e com o que se procurava pois o seu apoio para o estudo queirosiano, mas que não realizou. Também no Espólio EGC encontra-se, em papel carimbado da Biblioteca Geral da UC, manuscrito de um programa de "Ecos Literários" de *Rádio Universidade*, de Lisboa, transmitido em 9-IV-1954. Nesse programa, de Maria dos Remédios e Fernando Castelo Branco Chaves, afirmaram de LEEQ ser trabalho de pesquisa em que "dentro das inúmeras que podiam ser sugeridas pela obra literária desse grande romancista, preferiu o estilo. Foi uma escolha feliz, pois não eram numerosos nem de grande valor os estudos estilísticos sobre Eça, cuja prosa maravilhosa encontrou agora um autor que analisou o tema de maneira condigna ao seu elevado interesse", ocupando-se na continuação do que apresenta como "primeiro volume" desse estudo.

estudo queirosiano principiava a construção de um novo Eça de Queirós, alicerçando um processo de canonicidade.

**Jacinto do Prado Coelho,** professor da Universidade de Lisboa e crítico favorável a introduzir metodologias renovadoras no CEL português, como uma das estratégias de oposição ao conservadorismo da crítica salazarista, ocupa-se de LEEQ na *Revista da Universidade de Lisboa*. Oferece uma elevada valorização do estudo dacaliano, salientando a novidade do método e julgando-o de uma "nova fase" para os estudos queirosianos. Afirma Coelho:

> pela primeira vez, em trabalho de fôlego, se aplicou a Eça de Queirós o método da Estilística (entendida à maneira ampla dum Spitzer ou um Dámaso Alonso) que é o exame minucioso, *científico* quanto o permite um campo de estudos em que a intuição desempenha um papel fundamental, da obra de arte como obra de arte verbal. Do resultado obtido ressaltam a eficácia do método, a arguta inteligência do intérprete e o extraordinário talento com que o autor dos *Maias* recriou a prosa literária portuguesa, explorando todas as suas virtualidades latentes. Por isso, o estudo de Ernesto Guerra da Cal, que será completado por um segundo volume [...] ficará sem dúvida a marcar, no conjunto da bibliografia queirosiana, o início duma nova fase.

Põe em destaque o "moderado optimismo" de Da Cal respeito "da Estilística como Ciência da Literatura". Frisa a naturalidade da Galiza assinalada na "Nota prévia", e o ser professor da NYU, concluindo que "este seu belo livro sobre Eça de Queirós nasceu, portanto, do fervor dum apostolado". Analisa com pormenor os capítulos, referenciando que "a arquitectura do livro me parece perfeita", pondo como senão não ter dedicado maior espaço aos aumentativos e diminutivos. Salienta o tratamento do adjectivo e do advérbio "o que não admira", matizando que a respeito da influência de *Prosas Bárbaras* na poesia simbolista já fora assinalada por Óscar Lopes, mas faltava estudo de maior amplidão. Adverte um "reparo de importância", respeitante à valorização da prosa portuguesa anterior a Eça, por ver minimização do papel do Iluminismo e do Romantismo, e reclama melhor valorização dos "predecesores portugueses". Também não considera justa a asseveração sobre a função dos românticos, frisando as características da prosa de Camilo, e o contributo de Garrett. Da bibliografia, diz ser "bastante completa", mas com ausência de títulos de Rodrigues Lapa, Harri Maier, Wolfang Kayser, Maria Isabel Saraiva e o seu próprio estudo sobre a novela camiliana.

Finalmente pede que “da próxima vez, seja o Autor quem pessoalmente corrija as provas tipográficas...”.

Coelho, uma das vozes mais respeitadas da Universidade e da crítica portuguesas coevas, salienta assim a novidade de LEEQ no campo da crítica literária lusa, mas nesta valorização transparece luta, para reivindicar pressupostos vigorantes, como os seus próprios estudos e os de outros especialistas de Portugal, e pela insistência em Camilo, a quem ele dedicava maiores esforços e era especialista de referência. Há, pois, prevenção perante um produtor, a quem pessoalmente não conhecia na altura, por mais que simpatize pela galeguidade e pela “Nota prévia”. LEEQ irrompia pois, com força, no CEL da mão de Coelho, quem ocupava um dos centros no mesmo, no âmbito universitário.

**A. L**[86]**.** (31-III-1954) publicou um “Comentário Cultural” no ***Diário Popular*** **de Lisboa**, em que se refere a Eça de Queirós como “forasteiro por dever de ofício na sua pátria” e afirma que “escreveu como falou” com “sonoridades rítmicas embaladoras”, afirmando ter-se lembrado delas ao ler LEEQ. Valoriza o volume de Da Cal como “Bom livro, escrito com amor e saber, apegado em demasia às fontes literárias do pensamento eciano mas longe do ambiente social propiciatório desse pensamento: os portugueses do último quartel do século XIX”. Este comentário defende Eça como modelo nacional português, apesar de ter desenvolvido o seu labor no exterior. Dele infere-se uma crítica contra as resistências que suportava Eça no Portugal da altura, combatidas no trabalho dacaliano.

A primeira recensão de LEEQ no Brasil assinou-a **Gilberto Freyre** (31-VII-1954), um consagrado dos CL e da CEL. Refere-o como “excelente trabalho escrito nos Estados Unidos por um estudioso espanhol de literatura portuguesa sobre assunto que a Universidade de Coimbra deveu considerar particularmente seu: Eça de Queiroz”. Coloca a edição como exemplo da actividade do centro universitário, “que rivaliza com os melhores da Europa e da América”, e de que salienta os nomes de Joaquim de Carvalho, Lopes de Almeida e César Pegado, indigitados por Da Cal nos agradecimentos. Alude Freyre à “Nota Prévia”, concluindo ser “nova confirmação do fato de que dentro do complexo hispânico, a Galiza é mais Portugal do que Espanha”. O

[86] Talvez as iniciais se correspondam a [Ruben] Andresen Leitão, quem em 1968 (ver infra) neste mesmo jornal voltará ocupar-se da tradução do estudo para português.

critico brasileiro concorda com valorizações de LEEQ, assegura que nunca o estilo de Eça fora "tão minuciosamente analisado", e conclui: "É um livro, êsse do Professor Cal, que nenhum devoto brasileiro de Eça e do seu estilo, da sua expressão literária, deve deixar de ler".

Entre as **reacções particulares**, através de epístolas, encontram-se outras primeiras figuras da crítica, da Universidade e de revistas especializadas. De Portugal responde-lhe **Fidelino de Figueiredo** (6-IV-1954)[87], talvez uma das pessoas, junto com Coelho, que mais interessava a Da Cal, pela sua autoridade no CEL. Na resposta a Figueiredo Da Cal (25-IV-1954) informa que tramitava o apoio do Governo Português para a "fundação dum Instituto de Estudos Luso-Brasileiros" na NYU, para o qual "O Brasil já prometeu uma verba" e pede-lhe ajuda; e anuncia que "No próximo mês entrará nos prelos de Coimbra a minha Bibliografia Metódico-Crítica de Eça de Queiroz, que compilei como subproduto do meu trabalho estilístico. Terá umas 400 páginas", anunciando desse modo dois importantes projectos. Figueiredo (9-VI-1954) escreve de novo para Da Cal e dedica-lhe estas palavras: "Exhorto-o a prosseguir o seu magistral estudo sobre o estylo de Eça de Queiroz, exemplar demonstração da efficiencia da nova estylística"[88].

Dos EUA respondem-lhe nomes centrais do hispanismo e do ensino universitário, como **Fernández Montesinos** (8-IV-1954)[89], **Gerald Moser** (9-IV-1954)[90], **Helmutz**

---

87 Qualifica LEEQ de "precioso volume", que lhe enviara a UC "acompanhado de umas gentis palavras suas". Acrescenta Figueiredo: "Agradeço-lhe a generosa offerta e felicito-o pela sua obra, contribuição importantíssima para a estylistica moderna, a maior que ainda se produziu sobre um autor português. Muito e muito obrigado, como collega e como português. O seu conhecimento é profundo e exacto nas mais íntimas minucias e a sua penetração [palavra ilegível] é a de um verdadeiro mestre. Também lhe agradeço que houvesse utilizado alguns pequenos escriptos meus sobre o mesmo thema. Mas eu tenho andado por caminhos muito distantes e, nesse campo, estou já muito antiquado. Peço-lhe, meu caro Professor, que me conte entre os seus amigos, que também o tenho sido sempre da sua Hespanha e da sua Galliza enfeitiçada. Estive duas vezes na Universidade de Santiago".

88 Nesse epístola congratula-se de que esteja ao frente dos estudos portugueses no Instituto de las Españas e agradece as notícias que lhe dera de Ángel del Río, acrescentando Figueiredo: "Aplaudo muito o seu plano de trabalhos e que houvesse entrado em relações com o Instituto para a Alta Cultura, de Lisboa, que dispõe de muitos meios de acção. Infelizmente nada posso fazer junto delle: é um organismo de carácter político partidario e eu continuo no exilio que iniciei em 1927, quando fui perseguido".

89 Diz que Ángel del Río lhe tinha anunciado a saída do livro e mesmo lhe pedira uma resenha, que estava disposto a escrever. A carta é elogiosa, e este exilado e figura na universidade dos EUA, afirma terem-se posto em LEEQ "los puntos sobre las íes". Escreve Montesinos: "pocos libros de estilística han merecido mi admiración en la medida que la merece lo poco que conozco del tuyo. Claro es que el tema es prodigiosamente fecundo, porque siempre hay que dejar ventanas abiertas detrás de cada análisis, y tú lo has hecho, movido por una sensibilidad artística envidiable, y por que el asunto te lo imponía. […] te encuentro inatacable. […] Has recogido todo Eça, y has abierto una ventana detrás de su figura. Dios te bendiga. Así se hace crítica. La reseña que haga […] será sobre […] Eça como maestro de la literatura peninsular moderna. Lo pondré en contraste con otro asno de seriedad, en el que también se incluye todo

**Hatzfeld** (10-IV-1954)[91], **Machado da Rosa** (30-V-1954)[92], **Reginald F. Brown** (30-V-1954)[93], **Lloyd Kasten** (8-VII-1954)[94] ou **Ángel del Río**[95]; de Espanha, **Enrique Canito** (10-IV-1954) de *Ínsula*[96], revista central no CEL da Espanha franquista, e

---

el modernismo y al que tienes muy poco en cuenta: D'Annunzio. […] Díme, si es que se entiende, qué te parece de todo esto y si quieres que me ocupe de tu libro en estas líneas. Otrosí, díme, si lo crees posible o deseable, a qué piensas dedicar el segundo volumen de estos estudios. Mil entusiastas enhorabuenas. Con este libro te pones a la cabeza de todos cuantos en adelante se atrevan a enfrentarse con el estilo de un autor. Tengo la impresión, después del primer hojeo, que no has dejado escapar nada".

[90] Moser, professor da Pennsylvania State University e um dos artífices da revista *Hispania*, agradece o primeiro volume "da sua bela obra". Afirma: "Fico-lhe muito e muito obrigado: é um livro que logo me despertou a maior curiosidade. Já o folheei, lendo desde logo as páginas sobre a reforma estilística de Eça. As citas de Camilo são decisivas; já conhecia uma, mas não a outra. Para quando lhe prometeram a publicação da Bibliografia? [...] Com muito prazer chamarei a atenção dos leitores de *Hispania* à publicação da sua obra, esperada desde há tanto". Interessa-se no projecto de Da Cal de um centro de estudos luso-brasileiro e refere-se aos problemas que começa a ver na sua Universidade para o ensino do português, pois "não se pode esperar mais da gloriosa era atómica". Moser contribuira no *Livro do Centenário* de Eça, e coincidiram com Da Cal no Colóquio de Washington de 1950 (ver supra).

[91] Destaca o "excellent study of the style of Eça". Hatzfeld também incluirá LEEQ na revisão de 1955 seu repositório sobre Estilística, tradução para espanhol (ver infra).

[92] Inicia a epístola assim: "Li o seu livro três vezes: primeiro, com veracidade e deslumbramento; depois, com entusiasmo e incredulidade; e, finalmente, com olhos abertos e cépticos. E a opinião das três leituras é a mesmíssima: uma obra prima de crítica, sem dúvida o melhor trabalho escrito sobre o nosso Eça. Para que V. compreenda o meu alvoroço explicarei que sempre supus e afirmei que desfolhar a "rosa" queirosiana seria reduzi-la ingloriamente a folhas secas e artificiais. Nunca pensei que fosse possível exibir-lhe as pétalas uma por uma, duas por duas, e todas juntas, quase até ao tal 'sanctum' inacessível. A meticulosidade expositiva, o acerto das intuições, a integração luminosa das matérias; tudo isso é superado pelo sopro cordial que anima o vasto corpo da análise e da síntese. As virtudes 'técnicas do livro' bastariam para o erguer como modelo, um modelo de investigação como poucos, pedagógico e excepcional. Mas o virtuosismo da técnica de *per se* não o tornaria necessariamente legível. É a cordialidade discreta, (que Deus nos livre dum certo "amor" de eçófilos) a essa compreensão passional reprimida que lhe garante o primeiro lugar da bibliografia eciana. Sendo obra completa e exaustiva da matéria em questão, tem o encanto e a frescura de abrir e iluminar caminhos inexplorados. Não me refiro as sugestões explícitas, mas as entrelinhas. Em resumo e mais uma vez: uma obra prima".
Após algumas matizações e discrepâncias, pergunta-lhe se "chegou a publicar a sua conferência do centenário sobre a repercussão de Eça no mundo hispânico? Não imagina como estou impaciente por lê-la. Idem do estudo prometido na página 9 e do segundo volume de *Lengua y Estilo* e *Bibliografia*".
Esta carta, das poucas de Da Rosa que se encontrou no Espólio EGC, foi longamente meditada. Na cópia que se conserva no espólio de Da Rosa, na volta da primeira folha há um rascunho autógrafo, datado aos 2 de Maio, que começava com estas palavras: "A sua tese é um modelo, sem dúvida o melhor trabalho até hoje publicado sobre o nosso homem". Esta significativa carta de Da Rosa encontra-se reproduzida, Na íntegra, fac-similarmente (Gômez, 2002: 65-66).

[93] Brown, do Departamento de Espanhol da The University Leeds 2 valoriza positivamente "la abundancia no sólo de citas sino de consideraciones generales que nos llevan de la mano a pensar en otros autores y problemas literarios. Es un estudio vivido y vivificador", embora afirme achar a menos un capítulo de conclusões "más largo y comprensivo, especie de resumen de edificio lingüístico, que tu ves claro, pero que el lector no especializado no puede ver […] seguramente en el tomo segundo de tu estudio ya nos darás un resumen literario de tu estudio lingüístico".

[94] Kasten, da Universidade de Wisconsin, comunica que a sua discípula Emma M. Hill trabalhava para o Doutoramento em Eça de Queirós e pensava dedicar-se à ironia no escritor português, interessando de Da Cal se essa pesquisa entrava em conflito com os seus estudos, para não duplicar esforços. Parabeniza-o por "your most excellent book", e indica que "Both Professor Rosa and I have been most impressed by this significant contribution to our knowledge of this outstanding author".

[95] Susana Redondo (23-XII-1954), Secretaria de Redacción da RHM, solicita Alberto Machado da Rosa, em nome do director da revista, Ángel del Río, recensão de LEEQ. Esclarece que "puede ser de las más largas, es decir, de unas 800 a 1.000 palabras".

[96] Anuncia resenha de "una persona competente" e, além de se interesar na venda do libro, afirma ser "particularmente grata esta oportunidad de ponerme en relaciones que ojalá sean frecuentes".

**Gaspar Gómez de la Serna** de *Clavileño* (26-IV-1954)[97], além de **Carlos Bousoño** (9-V-1954)[98] e **Vicente Gaos** (18-XI-1954)[99]; e **Robert Ricart** (10-VIII-1954)[100] da França, que põem em destaque a boa impressão que lhes tinha produzido o estudo. Da Cal procura, pois, a crítica universitára especializada, aventurando que caso de ser bem recebido por ela poderia existir mesmo sucesso de vendas, para além do prestígio que representaria o seu reconhecimento. Busca igualmente a internacionalização. Dois elementos decisivos para a sua fortuna, e também para a de Eça de Queirós.

Verifica-se como LEEQ lhe supunha reconhecimentos de Portugal e do Brasil, com figuras cimeiras entre as mais legitimadoras que elogiavam o seu trabalho, como Coelho e Freyre; e como era bem acolhido por lusitanistas e hispanistas dos EUA e da França, entre eles por figuras com postos de relevo na Universidade e com posições que lhes permitiam apoiar o estudo. Assim acontecerá, em recensões e na promoção do trabalho dacaliano, como ele anelava. LEEQ oferecer-lhe-á igualmente a oportunidade de reatar o relacionamento com Espanha, valendo-se de conhecidos.

III.2.2.8.3.-Impacte social e profissional em Nova Iorque como actor e crítico.

Para além do livro, Da Cal teve esse ano outras realizações e interveio como actor e como crítico literário, com amparo da CU. Eram estas actuações também do maior interesse para reforçar os seus contactos com outros profissionais e reafirmar a sua posição como especialista de referência para os estudos ibéricos.

Como actor contribui para a encenação de um espectáculo alicerçado num texto de García Lorca, orientado para a comunidade da instituição universitária, nomeadamente

---

97 Era o secretario da revista, editada pela Asociación Internacional de Hispanismo, e afirma: "Aunque no se trata de un texto de Literatura Española procuraré hacerle una nota".

98 Valoriza este vulto do CCL espanhol: "Acabo de terminar la lectura de su excelente obra sobre el estilo de Eça de Queiroz. Primeiro le he agradecido a usted el amable envío de su libro, y ahora tengo que agradecerle el hecho de que usted haya escrito tan limpiamente y tan penetrantemente estas páginas, que el gran escritor portugués estaba reclamando. Será difícil que en bastante tiempo alguien pueda decir muchas cosas más de las que usted ha dicho". De novo Bousoño (12-XI-1954) escreve para Da Cal e exprime "mi admiración y mi simpatía por obra tan acabada como la suya. Y tambiém quiero decirle algo subjetivo: el íntimo placer con que lo fui leyendo hace bastante tiempo".

99 Gaos escreve de Valência, após ter-se ausentado de Fordham. Valoriza: "He leido tu Eça de Queiroz y pienso ocuparme por extenso del libro en una revista de Madrid. Te diría que tu trabajo me parece estupendo y auténticamente nuevo... pero no te lo digo para que no lo tomes a lisonja interesada. Ya te mandaré recorte o separata de la revista en que me ocupe de tu libro".

100 Ricart, do Instituto de Estudos Hispânicos da Universidade de Paris, responde carta de Da Cal de 10-III desse ano. Agradece "su apreciación tan simpática y benévola acerca de mi modesto trabajo sobre Eça de Queiroz". Afirma ter recebido LEEQ e promete resenha no *Bulletin Hispanique* e, apesar de estar doente a pessoa a quem lhe encomendaram esse trabalho "puede Vd. tener la seguridad de que haremos todo lo posible, teniendo en cuenta la importancia del libro".

o alumnado de espanhol[101]. E como crítico, no exemplar de Outubro-Dezembro de 1954, na *Revista Hispánica Moderna,* publica recensão dos *Siete ensayos sobre Rosalía*, livro editado na Galiza por Galaxia. Valoriza Da Cal a crítica rosaliana até a altura e, desse volume salienta o estudo do "perspicaz crítico português" Jacinto do Prado Coelho, pois "enfoca la crítica rosaliana desde un nuevo punto de vista, estableciendo la relación con la tradición literaria lusitana"[102], além dos de García Sabell e Salvador Lorenzana, embora frise serem todos os contributos de valor. Parabeniza os rosalianistas, e também Galaxia "que lleva camino de convertirse, con sus recientes publicaciones, en uno de los más eficaces instrumentos del estímulo y proyección de la cultura gallega" [103].

No final do ano, nos dias 29 e 30 de Decembro, Da Cal **exerceu de "chairman" da 36ª reunião anual da The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese**, celebrada no Hotel Statler de Nova Iorque, trabalho de organização que lhe

---

101 O *Barnard Bulletin*, do Barnard College da CU informava (25-II-1954) da encenação no McMillin Theater, de *La Zapatera Prodigiosa* de Lorca e *Entremés del Retablo de las Maravillas* de Cervantes, assinalando ser uma sessão benéfica do Departamento de Espanhol. A notícia está ilustrada por uma fotografia de uma cena de *The Prodigious Shoemaker's Wife*, em que aparece Da Cal entre os protagonistas, com os professores Eugenio Florit e Carmen del Río.
Segundo esclareceu em entrevista pessoal Margarita Ucelay, este teatro fazia parte da programação das aulas de espanhol, com a finalidade de acrescentar o atractivo pela língua, e indicar modelos de pronúncia. Os espectáculos eram preparados com o maior cuidado. Da Cal reencontrava-se com um labor cénico que tinha desempenhado em Madrid antes de Guerra de Espanha (ver supra). Os ensaios, as estreias e as actividades relacionadas com este teatro eram também ocasião para promover a difusão de LEEQ, e outros projectos, pelos contactos que estabelecia com tal ensejo.
Barnard College era centro feminino asociado à CU, a cujo quadro professoral pertencia desde 1943 Margarita Ucelay, segundo informa Enric Ucelay (2003b), que acrescenta: "El primer teatro en castellano en la ciudad de Nueva York fue fundado en Barnard en los años cuarenta por las profesoras Amelia del Río, Laura de los Ríos y, muy especialmente, por Margarita. En las numerosas representaciones tomaron parte profesores de Barnard y otras universidades de la zona, así como actores profesionales y aficionados hispanoparlantes" e cita alguma estreia de relevo, como o de *La Casa de Bernarda Alba* em 1953.

102 Uma referência que chegará a Jacinto Coelho, e que este terá muito em conta e lha agradecerá quando, no ano seguinte, lhe proponha participar no projecto do *Dicionário de Literatura* da editora Figueirinhas (ver infra). A correspondência nas críticas (Coelho fala de Da Cal, e Da Cal de Coelho) é uma das características do funcionamento das redes.

103 Esta recensão publica-se no número da RHM seguinte ao que difundira o muito polémico ensaio de Alberto Machado da Rosa "Rosalia de Castro, poeta incompreendido". Na altura Da Cal não conhecia pessoalmente nem a Da Rosa nem aos críticos do volume galego, com que contactará anos depois. Da Rosa e Da Cal, nestes dois trabalhos na RHM, coincidem em apontar limitações da crítica rosaliana até aquela altura, embora com interesses diferentes: no caso de Da Rosa pela novidade do seu estudo, que focava uma Rosalia como mulher com actividade sexual, um dos aspectos que escandalizou, e que se insurgia contra a consideração da produtora como "santinha", além de reprovar a não existência de uma biografía fiável e uma edição crítica da sua produção; Da Cal aponta à ausência de uma focagem mais moderna da crítica rosaliana, o que era também uma maneira de reprovar um anquilosamento crítico no franquismo, e frisar assim a sua posição de defensor da República.

será reconhecido na revista *Hispania* no volume editado poucas semanas após (Turk, 1955: 3; também Englekirk-Chalmeers Herman, 1955: 6).

Finaliza assim um ano de sucesso. A publicação de LEEQ por uma instituição de referência para o assunto focado no estudo como era a UC, suporá reconhecimento e projecção internacional, e afiançamento profissional, com a consolidação de redes em que estava inserido nos últimos anos e alicerçando ou reforçando outras, entre.elas a de Portugal, de especial interesse para ele profissionalmente, onde Jacinto Coelho, a quem não conhecia, se somava em Lisboa aos bons contactos de que já dispunha em Coimbra. Abandona a situação periférica e começa a atingir posições de maior centralidade nos EUA e no exterior. Com 43 anos, o jovem que chegara àquele país de acolhida quinze anos antes com dúvidas sobre o futuro, encontrava-se plenamente integrado e principiava a conhecer o sucesso.

III.2.2.10.-Especialização no intersistema hispano e consolidação no lusófono em 1955.

Como o ano anterior, 1955 começará com um novo livro, pois em Janeiro publicou *Literatura del Siglo XX*, projecto em que o casal dos Da Cal trabalhara desde 1952. Representará a sua presença como especialista de maior projecção no intersistema hispano, com um volume de referência para o ensino. Após pequenos trabalhos em revistas e contributos de colaboração para repositórios como dicionários de literatura e enciclopédias, para além da docência, emergiam os dois no mercado com um produto promocionado por uma importante editora, The Dryden Press, que orientava a sua actividade para o ensino das línguas estrangeiras nos EUA e chegava por diferentes estratégicas de publicidade e marketing às instituições docentes para as que encaminhava os seus produtos[1]. Ele confirmará igualmente a sua consolidação no intersistema lusófono, pela receptividade de LEEQ. Foi assim mesmo requerido por Jacinto do Prado Coelho para participar no projecto do *Dicionário de Literatura* portuguesa, brasileira e galega[2].

Para além disso, Da Cal consegue importantes reconhecimentos professionais. A Modern Language Association of America, a principal sociedade para o ensino das línguas modernas dos EUA, nomeou-o *chairman* da secção de "Bibliography and

[1] No catálogo de 1955 este produto ocupa as duas páginas centrais, inteiras, e salienta sobre os restantes textos orientados para o ensino do espanhol, francês e alemã, apresentando-o destarte: "The volume has been admirably designed for use as a reader in the fourth or fifth semester or as a text in contemporary Spanish literature. Extensive linguistic and historical footnotes supplement the text. The vocabulary is complete. Finally, the editors judicious introductions to each work give the student a very definite impression of the unique contribution of each of the seventeen authors represented to the Hispanic literature of the twentieth century".

[2] A notícia desse empreendimento chegou-lhe através de carta de Coelho (20-IV-1955), em que o professor da Universidade de Lisboa lhe anuncia que a editora Figueirinhas do Porto lhe propôs preparar esse produto, e que ele julgava que também se devia incluir Galiza, interessando-se em se Da Cal se ocuparia de Eça e da Galiza. Diz conhecer LEEQ, o verbete no *Dicionário* de Horatio Smith e a recensão dos *Siete ensayos* na RHM, e que "lisonjeou-me o que a meu respeito escreveu na recensão". Não se conheciam pessoalmente. Esta escolha, ao indigitá-lo para trabalhar a produção queirosiana, supunha grande reconhecimento por uma figura central como Coelho, pois em Portugal muitos produtores se ocupavam de Eça em jornais e no ensino. Contribuirá para o seu progredir com firmeza no caminho para o centro do queirosianismo. E a projecção para a Galiza a que se referia na "Nota Prévia" de LEEQ através do intersistema lusófono começava assim a ser realidade nestas realizações em que se implica directamente.
Coelho (4-V-1955) escreve-lhe de novo para perguntar se recebera a carta anterior e se está interessado, prova do empenho que tinha em contar com ele.
Em nova epístola (20-V-1955), informa: "O editor não pensava na literatura galega; fui eu que lha sugeri, porque o meu critério é o linguístico e além disso Galiza e Portugal constituem uma unidade cultural". Agradece as sugestões e a boa acolhida de Da Cal ao projecto, e acrescenta: "Prefiro que todos os artigos sobre literatura galega moderna sejam da sua autoria, quer pelo apreço em que tenho os seus trabalhos, quer para que haja perfeita unidade de critério, bom doseamento de assuntos entre artigos panorâmicos e artigos sobre obras e autores, etc." e indica que na literatura medieval, Romanceiro, conto popular ou no artigo sobre saudade estará também a Galiza.

Research of Galician, Portuguese and Brazilian Literatures", um posto que com certeza era do seu maior interesse; e começou a servir em diferentes cargos e responsabilidades, de "New York Chapter, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese", a que presidiu entre 1955 e 1956 e de que foi vice-presidente entre 1956 e 1958; de "Inter-University Seminar of Latin American Studies", no qual pertenceu ao "Executive Council" em 1955-56; e do "Institute of International Education", no qual foi membro do "Selecting Committee for Scholarships to Spain" em 1955-57, posições todas elas do maior relevo para ganhar capital simbólico e, além disso, para favorecer o relacionamento e a promoção dos seus interesses, e facilitar contactos e ajudas e posições de poder no seu campo.

III.2.2.10.1.-Renovando o repertório para o ensino nos EUA: *Literatura del Siglo XX*.

O volume consta de duas partes: uma sobre produtores, até à página 368; e mais 100 de vocabulário. Estudam 10 autores espanhóis e 7 de Hispanoamérica, todos eles entre os mais salientáveis segundo a visão do cânone da altura[3]. Numerosas notas, em inglês, esclarecem aspectos de maior complexidade. Dedicam o livro para o filho.

[3] Na introdução à parte da Espanha defendem que os produtores do novo século reagiram (1955: 3) "contra la literatura inmediatamente anterior, al mismo tiempo que tratan de personalizarse, de distinguirse, individualmente". Salientam deles o "prestigio internacional". Assinalam que a Guerra de 1936 (1955: 5) "puso fin a una era –la que comenzaron los hombres del 98. […] de los más ricos de la literatura española".
No tratamento individual dos produtores, apresentam Miguel de Unamuno como (1955: 7) "una de las personalidades literarias y humanas de mayor vigor de todo el mundo hispánico" e oferecem dele um texto. Definem Ramón del Valle-Inclán de (1955: 51) "artista puro", referência do Modernismo, insistem na presença da Galiza natal na sua produção, na qual destacam os elementos estilísticos e o seu "extraordinario virtuosismo artístico"; incluem dele dois textos em prosa. Apresentam Galiza, reforçando tópicos, como (1955: 51) "una de las regiones de España de pasado más arcaico –país de origen céltico, envuelto en um ambiente de tradiciones misteriosas y de creencias milenarias, habitado por una raza de carácter acentuadamente subjetivo, lírico, irónico y musical. En Galicia pasó Valle-Inclán su infancia y su adolescencia, y de su tierra extrajo la mejor substancia de su arte y de su estilo"; salientando ter como base a língua literária de Valle o (1955: 52) "castellano hablado en Galicia, es decir, una mezcla de castellano y gallego" e dessa "mixtura lingüística saca Valle-Inclán efectos estéticos de extraordinaria expresividad, incorporando al castellano todas las suaves y matizadas cadencias líricas del idioma vernáculo de su tierra natal".
Pío Baroja afirmam ser (1955: 79) "el más conocido y traducido de los novelistas de la 'Generación del 98'", e incluem uma narrativa. De "Azorín", também dessa Geração, ressaltam (1955: 157) "la sugestividad lírica del estilo" incluindo um texto em prosa. Antonio Machado é (1955: 173) "uno de los poetas de más hondo sentimiento de la lengua española", que na Guerra de 1936 "se puso decididamente al lado de la causa del pueblo", valorizando-o de (1955: 172) "uno de los poetas españoles de acento más auténtico de todos los tiempos"; incluem dele cinco poemas. Definem Jacinto Benavente como (1955: 179) "el maestro del teatro español de nuestro siglo" e "autor de la renovación del drama español", frisando a sua internacionalidade e ter conseguido o Prémio Nobel; editam dele um texto teatral. Valorizam Juan Ramón Jiménez de (1955: 238) "uno de los valores clásicos de la poesia de lengua española", e "uno de los guías y maestros de los poetas de nuestros días"; incluem dele dois poemas e um trecho de prosa. Um dos poemas, "Como la pared riendo", trata-se de nova versão oferecida para esta *Antologia*.

No volume, escrito com prosa directa e didáctica, observa-se uma visão da literatura com perspectiva da estilística. Predominam na apresentação dos autores as referências ao uso e valorização da lingua comum castelhana, trasparece a diversidade do idioma mas defendendo a sua unidade. As alusões ao estilo e às técnicas dos produtores são constantes, tentando indigitar o que os singulariza e a temática predominante. Oferecem dados biográficos básicos. Na explicação da literatura, aparecem as referências às lutas entre produtores, mas defende-se uma continuidade na sucessão de estilos e escolas, para a qual essas lutas foram como pretexto, mas não consequência. O géneros mais valorizado é a poesia, e os produtores mais salientados García Lorca da Espanha e

---

Indigitam José Ortega y Gasset de (1955: 243) "una de las figuras de mayor significación en el pensamiento, no sólo español sino europeo, del siglo XX" e "el guía más importante de las nuevas generaciones intelectuales y literarias de España, desde la Guerra Mundial de 1914 hasta la Guerra Civil de 1936", oferecendo um trecho de um ensaio. De García Lorca afirmam ser (1955: 253) "uno de los pocos poetas de habla española que han logrado la alta estimación de la minoría al mismo tiempo que la popularidad entre la mayoría", salientam a sua poesia e teatro, frisam as traduções e internacionalidade atingidas; oferecem dele duas poesias e *Amor de Don Perlimplín con Belisa en su jardín*" (Não fazem menção especial deste texto, como acontecerá na edição posterior da *Antología* em 1968 [ver infra], porque esta edição apresenta problemas que na revisão do estudo puderam ser ultrapassados, segundo esclareceu Margarita Ucelay em entrevista pessoal). Rafael Alberti, poeta vivo, tem a apresentação mais reducida, indicando que (1955: 283) a sua personalidade "se destaca vigorosamente en la lírica contemporánea", e incluíndo dele três poemas.

A parte dedicada a "Hispanoamérica" começa com introdução de quatro páginas, justificando estudar (1955: 289) "desde Rubén Darío hasta la época presente" afirmando que esse produtor nicaraguano "no sólo emancipa a América de la tutela literaria de España, sino que la lleva a influir vigorosamente por primera vez en la creación artística de la antigua metrópoli", combinando na sua produção passado indígena e tradição espanhola do *Don Quijote* "los dos elementos que constituyen indisolublemente la personalidad espiritual del conjunto hispanoamericano". Dos narradores mais recentes salientam o contributo de José Santos Romero, por ter fundido (1955: 290) "en el molde clásico de la novela picaresca española de los siglos XVI y XVII las realidades populares más vivas del México post-revolucionario, y las formas más contemporáneas del arte de la ficción, sin abandonar la nota de protesta social común", para concluir em que (1955: 291): "La literatura hispanoamericana del siglo XX, tan rica y vital, es la prueba más palpable de la existencia de esa unidad –que hace del mundo hispánico un factor de primer orden en la cultura universal".

No tratamento individual dos produtores, apresentam Rubén Darío de (1955: 293) "cabeza visible del movimiento literario llamado 'modernismo' impuso en la poesía de habla española una renovación amplia y profunda. (...) Bajo su influjo se formó toda la poesía contemporánea de ambos lados del Atlántico", insistindo no seu carácter innovador e no facto de fazer "una total revaluación de la prosodia de la lengua poética"; incluem dele três poemas. José Eustasio Rivera dizem ser (1955:303) "uno de los más grandes novelistas hispanoamericanos del siglo XX" e seleccionam um trecho da sua narrativa. Apresentam Gabriela Mistral como (1955: 319) "la voz de más alta calidad" entre as produtoras, e salientam o facto desta poeta, viva na altura, ter recebido o Premio Nobel; escolhem dela dois poemas. De José Vasconcelos frisam a influência que exerceu (1955: 325) "sobre la juventud hispanoamericana y sobre el pensamiento continental", que afirmam ter sido "muy vigorosa", destacam o ter-se somado à "Revolución Mexicana de 1910" e oferecem dele um ensaio. Apresentam José Rubén Romero de (1955: 339) continuador da tradição da novela picaresca espanhola "com um espírito completamente moderno, de nuestro tiempo", indigitando-o de "gran narrador, espontáneo, gracioso, y natural", indica-se o "carácter costumbrista", e oferecm uma narração. De César Vallejo frisam que (1955: 357) "su manejo del idioma supone una elaboración artística muy cuidadosa y original" e incluem um poema. E de Arturo Capdevila, também vivo na altura, salientam (1955: 359) a sua preocupação pela língua castelhana "contra el suicida localismo dialectal", oferecendo dele um ensaio.

.

Rubén Darío de Hispanoamérica, indigitando-os de renovadores e muito influentes. O reconhecimento da crítica, com citações directas em certos casos, e a internacionalidade atingida através das traduções ou do Prémio Nobel são dos assuntos salientados. O trabalho destes produtores hispanófonos apresenta-se como continuidade de uma história e uma tradição literária, que teria o seu centro no Siglo de Oro espanhol, sobretudo no *Don Quijote* e na picaresca, em Cervantes e Quevedo; no século XX adaptam e revitalizam as técnicas, incorporando realidades como o indigenismo, a negritude ou a guerra civil espanhola para actualizar os temas. Valoriza mais a literatura da Espanha, mesmo faltam representações de alguns países americanos. Este volume servir-lhe-á a Da Cal e à sua esposa Margarita Ucelay para se colocarem como referências para o ensino da literatura espanhola nos EUA.

III.2.2.10.1.1-Repercussão no CEL: As revistas hispanistas dos EUA.

A RHM e *Hispania*, as duas revistas de maior interesse para a difusão do livro no principal mercado ao que se dirigia, ocupavam-se dele ao pouco de sair e muito positivamente, o que era um contributo de grande valor para o seu afiançamento, pois estas revistas funcionavam certamente como de referência e eram tidas muito de conta.

Anthony Tudisco, hispanista da CU, na RHM afirma ter-lhe surpreendido agradavelmente "porque no se parece en nada al tipo corriente de antología preparada para el uso del estudiante norteamericano". Frisa "importante" que "la mayor parte de las selecciones aparecen por primera vez en un libro de texto". Descreve o volume, sublinhando "el conocimiento y el buen gusto de los editores" e conclui tratar-se de "una valiosa aportación a la enseñanza de la literatura hispánica en los Estados Unidos".

Em *Hispania*, valoriza-se também o seu valioso contributo didáctico para a prática do ensino (Watland, 1955:248):

> If you are searching for an intermediate reader for a good class, a book that containts only selections of the very finest literary and intellectual character, here is undoubtedly what you want. Each selection is proceded by a careful and often penetrating introduction, which gives essential facts about the author and explains his place in the history of ideas and of literature in this century in the Hispanic world[4].

Watland julga de "admirable" a selecção dos autores, por mais que coloque como senão as só 82 páginas devotadas para os produtores de Hispanoamérica. Destaca positivamente o vocabulário, uns 6.000 vocábulos, as notas e outros aspectos.

[4] Este trecho será utilizado pela editora na publicitação do livro no catálogo do ano seguinte, frisando ter-se publicado em *Hispania*. Aproveita assim a recensão para legitimar o volume perante os profissionais de ensino.

As reacções particulares de outros colegas não demoraram em chegar. Oferecem a maior valorização ao estudo, e alguns confirmam que o adaptarão como livro de texto, o que era do maior interesse do casal Da Cal, para a projecção nos EUA e pelos ganhos económicos. Através de epístolas, recebem notícias de Homero Serís[5], Alberto Machado da Rosa[6], José Rubia Barcia[7], Robert Ricart[8] e Fidelino de Figueiredo[9]. Também lhes chegam agradecimentos dos autores e herdeiros ao receberem o livro[10].

---

[5] Serís, da Syracuse University, outra figura legitimadora do hispanismo nos EUA, oferece ocupar-se do volume na revista *Symposium*. Afirma em carta (30-I-1955): "me ha complacido mucho. Se necesitaba […] Esto era algo difícil y lo habéis logrado omitiendo despiadada, pero necesariamente, nombres y escritos". Junta uma recensão de duas páginas para demonstrar, afirma, ter lido o livro inteiro, e valoriza: "La Introducción general y las particularidades que preceden a cada escritor, forman un conjunto que, por su brevedad, justeza y literario estilo, es lo mejor que conozco sobre este período a ambos lados del Atlántico. Las notas al pie de las páginas son también las mejores que he visto en obras de texto. Es maravilloso el conocimiento del inglés que revelan. La oportunidad y acierto en las notas históricas completan la utilidad de la información. El vocabulario me parece completo, incluso los americanismos". Serís, figura de referência da historiografía literaria española e autoridade pela sua posição de relevo nos EUA e entre os hispanistas, reprova muito diplomaticamente não terem sido citados produtos seus. Discrepa de algumas escolhas e deseja que se reimprima "pronto", o que demonstrava boa receptividade.

[6] Aos 29-III-1955, Da Rosa valoriza-o de "Belíssimo livro: pelo critério selectivo, pela organização, pelo aspecto gráfico, por tudo. Além disso, foi um verdadeiro achado para mim. Desde que sou chairman dos nossos cursos elementares de literatura espanhola que venho orando por uma antologia que nos livrasse de "cuentos" e outros pecados textuais. Logo que tive notícia da publicação do seu livro tratei de o adoptar na secção que, por coincidência, me tocou leccionar este semestre. Começaremos a usá-lo imediatamente depois das próximas férias". Promete transmitir-lhe "as impressões dos alunos [...] para a segunda edição", prova de que confiava no sucesso. Nessa carta Da Rosa fala-lhe do seu trabalho como rosalianista e das dificuldades que enfrenta para conseguir estudos editados na Galiza.
Poucas semanas após (16-V-1955) Da Rosa agradece por carta a opinião favorável de Da Cal do seu estudo sobre Rosalia de Castro publicado no ano anterior na RHM, pois estava confuso sobre aquele trabalho pela receptividade negativa que lhe chegava da Galiza, e a positiva de produtores não galegos, pelo que esperava o julgamento de Da Cal para se fazer uma ideia mais certa, segundo assinala. Na epístola aparecem também questões queirosianas, e uma crítica muito negativa de Da Rosa sobre Costa Pimpão, professor da UC.

[7] Da Cal (9-IV-1955) agradece por carta a Rubia Barcia, profesor da UCLA, "tu benemérita adopción de nuestro humilde texto", o que supunha nova confirmação, esta vez de outro colega, muito próximo por ser galego de Ferrol e exilado como ele. Nesta epístola atribui a demora em responder a carta de Barcia a diversas ocupações, entre outras "el 'Northeast Council of Teaching of Foreing Languages', del cual, por mis abominables pecados me nombraron del Local Committee 'in charge of registration'". Fornece dados e contactos de Portugal, aonde projectava deslocação aquele colega. Anuncia-lhe a intenção de viajar em 29 de Julho para "las tierras antárticas". Referências bibliográficas e pessoais finalizam esta primeira epístola que se conserva entre ambos. Carta amical, pois, redigida com grande confiança e dirigida a alguém que conhecia e com quem mantinha o contacto. Entre outros interesses comuns, os dois colaboraram com Luis Buñuel em diferentes produtos cinematográficos: Da Cal em dobragens, aquando a sua residência em Madrid; e Rubia Barcia em empreendimentos de aquele cineasta em Hollywood.

[8] Ricart (10-X-1955), da Universidade de Paris, encaminha-lhe carta em que afirma ter recebido *Literatura del siglo XX*, que "leí con interés, y saldrá una nota en el próximo fascículo del *Bulletin Hispanique*". Confirma que também nessa mesma revista aparecerá uma "reseña bastante extensa" de LEEQ, de Paul Teyssier. Os dois produtos funcionavam internacionalmente, o que contribuirá para a projecção no campo profissional, além dos ganhos económicos.

[9] Em cartão, sem datar, agradece a Da Cal e esposa "a preciosa antologia da literatura espanhola do século XX. Muitos parabéns pela excellente realização didáctica".

[10] Josefina Blanco (1-III-1955), viúva de Valle-Inclán, agradece-lhes por carta o amável envio da Antologia; Arturo Capdevila (17-III-1955) escreve de Buenos Aires, afirmando que "siempre consideraré

III.2.2.10.2.-Consolidação como lusitanista pela receptividade de LEEQ.

Enquanto esse novo produto começava a sua caminhada, LEEQ consolidava-se como estudo de referência e contribuia para a progressão de Da Cal, que recebia notícias do bom andamento desse trabalho de vários países[11]. Ele preocupava-se da recepção ao enviar exemplares para pessoas, revistas e instituições apropriadas.

**Paul Teyssier**, figura principal do lusitanismo na França e tradutor de *Os Maias* em 1953, em recensão publicada no primeiro volume do *Bulletin Hispanique* desse ano assinala a análise realizada por Da Cal e o interesse com que demonstra a renovação estilística realizada por Eça. Afirma (Teyssier, 1955):

> On trouvera dans ces pages d'excellentes analyses, qui font comprendre dans le détail la façon dont s'est opéré le renouvellement stylistique 'queirocien' et que offrent un intérét particulier pour le lecteur français. Eça semble, a première vue, imiter assez servilement des procédés empruntés à ses maîtres français. Mais la realité est plus complexe. Eça intègre ces procédés, les fait siens et les transforme finalement en quelque chose de nouveau que n'est plus français, mais portugais, qui n'est plus du Flaubert ni du Zola, mas de l'Eça de Queiroz.

---

como señaladísima honra en mi carrera literaria ver figurar mi nombre y mi obra en esa Antología selecta"; ou os herdeiros de Antonio Machado (22-V-1955), que valorizam "esa antología selecta – verdaderamente selecta— que les acredita de una alta y gran competencia. Es de esperar que esta obra alcance el gran éxito que merece y que nosotros le deseamos".

[11] Da Cal (14-II-1955) responde a carta que lhe encaminhara em Novembro Vicente Gaos, que continuava em Espanha:"Te agradezco mucho tus amables palabras sobre mi mamotreto queirociano, y me ilusiona extraordinariamente el que seas tu quien se ocupe de él en Madrid. Por cierto que te quisiera pedir un pequeño favor. Entre los ejemplares que mandé a España, envié uno a Enrique Canito y otro a Gaspar Gómez de la Serna. Ambos me prometieron sendas reseñas en *Ínsula* y *Clavileño*, respectivamente. Como yo no recibo ninguna de esas dos honestas publicaciones, me agradaría mucho saber si las susodichas reseñas han aparecido o no. En caso afirmativo, también me gustaría saber en qué números, para pedirlos. Han salido cosas sobre el libraco en Francia, en Inglaterra, en Puerto Rico, y aquí, y naturalmente me dolería mucho que en mi bendita tierra natal nadie se ocupase de mi plumeo investigatorio. Por cierto que si ves a Dámaso Alonso –no sé si tienes relación con él– dile que también estoy esperando una impresión privada que me prometió en los Estados Unidos". Anuncia que se não pensava ocupar por mais tempo dos cursos de Verão, o que demonstrava progressão profissional e a bonança económica, que lhe permitiam desobrigar-se dessas tarefas e dedicar mais tempo para outros projectos e para descansar.

Vicente Gaos (30-IV-1955) responde-lhe: "Acabo de estar en Madrid un mes, y te he hecho el "pequeño favor" que me pedías, a saber, lo de las críticas a tu "mamotreto queirociano". Para "Ínsula" hablé con su secretario, José Luís Cano. Me dijo que no recordaba haber visto ejemplar de tu libro, pero quedó en hablar con Canito, y si en efecto hay ejemplar, hacerte enseguida una amplia crítica. Con respecto a "Clavileño", revista prácticamente inexistente porque sale cuando Dios quiere y apenas circula, no pude ver a Gaspar Gómez de la Serna (que, por lo demás, ha cesado en su puesto), pero hablé con Germán Bleiberg, que trabaja con Javier Conde (director de "Clavileño"), para que se interesara por el asunto. En cuanto tenga noticias, te las daré. Y haré que te lleguen ejemplares de ambas revistas. ¿Mandaste tu libro a "Índice"? Es una buena revista, donde yo escribo, y donde, si no has mandado tu libro (*dímelo*) podré yo escribir algo sobre él". Nas epístolas há também referências ao interesse de Gaos em leccionar de novo nos EUA, para o qual lhe pedia gestões a Da Cal.

Estes favores mútuos e gestões evidenciam o funcionamento em rede, e como Da Cal se preocupava da fortuna do seu livro, pois as recensões publicadas favoreciam o seu progresso profissional. Também prova como tinha poder e, por isso, Gaos pede-lhe ajuda para leccionar em Nova Iorque.

Julga a análise de Da Cal "extrêmement suggestive", pois o leitor fica com vontade do segundo volume. Adverte que o capítulo de coordenadas internas e externas da prosa queirosiana merecia ser mais desenvolvido "et qu'en tout cas il devrait constituer una conclusion plutôt qu'une introduction. On peut regretter, d'autre part, que l'auteur n'ait pas étudié sur le vif le travail du style chez Eça". Indica que Da Cal poderia ter comparado as três versões do *Crime do Padre Amaro*. E conclui: "Félicitons sans réserve M. Guerra da Cal de nous restituer Eça de Queiroz dans toute sa grandeur de styliste et de renovateur de la langue".

Teyssier salienta assim alguma das principais linhas mestras de LEEQ e aponta à polémica pelo francesismo de que tinha sido acusado Eça por parte da crítica lusófona, assinalando como este estudo de Da Cal desmontava aquela valorização desligitimizadora do produtor português pela sua pretensa estrangeirice e reivindicava a sua lusitanidade, com o que ele concorda.

**Sílvio Elia**, professor aderente ao movimento que na sua produção defendia uma renovação no campo da crítica literária brasileiro[12], ocupa-se de LEEQ na *Revista de Filologia*. No mesmo número, nas páginas anteriores, recenseia o estudo de Jesús Belo Galvão "Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa". Elia põe em diálogo os dois volumes, por quanto representam contribuições para a introdução (VI-1955: 66) "das modernas indagações estilísticas, as quais, por começarem agora a frutificar, não podem obviamente ser numerosas". Adverte uma diferença entre os dois estudos, ao indicar que Galvão, na linha de Marouzeau (1955: 70) "preferiu a monografia de autores a monografia de processos" enquanto Guerra da Cal "colocou a sua tese na linha das pesquisas estilísticas realizadas em função da obra de determinado literato", trabalho que entende necessário, por quanto frisara a necessidade de (1955: 69) "os estudos estilísticos que os nossos grandes autores estão a exigir". Na comparativa, Elia concorda mais com a doutrina de Da Cal a respeito do pessimismo do crítico para apreender a produção de um autor, citando (1955: 68) LEEQ ao respeito, que assinala ser obra (1955: 70) "de valor, em primeiro lugar porque cultiva um gênero de estudos cujos operários infelizmente ainda são poucos, pelo menos no que diz respeito à nossa língua; em segundo lugar porque traz para o melhor conhecimento da linguagem artística

[12] Este movimento consolidará a sua posição em 1960, com a organização do I Congresso de Crítica e História Literária, organizado no Recibe, sob organização de Eduardo Portella, outro dos novos nomes que trabalhava por uma renovação crítica e metodológica. Nesse congresso Elia será um dos principais relatores e valorizará como modelo LEEQ (ver infra).

portuguêsa farto material escrupulosamente escolhido e interpretado". Põe em destaque não pertencer Da Cal "à grei dos 'estatísticos', que julgam poder reduzir a criação literária a um labirinto de índices esotéricos". Coloca numerosas exemplos do bom trabalho de LEEQ, afirmando (1955:72)

> Em alguns capítulos, graças à apreciável cópia de conhecimentos da obra de Eça que o A. possui, à sua fina capacidade de análise e à mestria do seu próprio estilo, vamo-nos convencendo de certas particularidades da obra de Eça de Queirós. No entanto, pouco depois vemos, que o A., com igual segurança, poderia desenvolver demonstração contrária. Que fazer, porém, se era assim mesmo o consagrado autor das *Prosas Bárbaras*?

Salienta Elia que "respeito da pretensa feição galiciparla da linguagem de Eça de Queirós, cremos que o prof. Guerra da Cal diz a palavra justa" e referencia como Serafim da Silva Neto[13], em 1948, chamara a atenção sobre a prosa queirosiana, na linha do assinalado por Da Cal. A respeito do estilo de Eça ressalta as (1955: 73) "numerosas e ricas observações" de LEEQ, citando exemplos a respeito do adjectivo. Conclui que, após a "proveitosa leitura" do "valioso livro" (1955: 73) "não podemos deixar escapar esta exclamação cheia de verdade: 'Não só de gramática vive a Filologia!" Em nossos dias, a Estilística vai pouco a pouco ocupando o lugar a que tem direito". Finaliza com reparos para as "numerosas gralhas" do volume e ao facto de que a expressão "harmonia imitativa" ser "comum na retórica tradicional" discrepando da atribuição a Grammont por parte de Da Cal.

Elia indigita LEEQ como modelo para aplicar a outros produtores literários e reivindica maior atenção para a estilística no âmbito luso-brasileiro, trabalhando em favor dela. Assim se situava na linha dos produtores do CEL brasileiro que buscavam renovação no reportório. Nesta crítica, de relevo pelo autor[14] e por onde se publica, a referência às "gralhas" aponta para a discrepância com o cânone ortográfico, num instante em que as diferenças nesta questão levantavam problemas entre Portugal e Brasil.

Em Portugal, em Julho, na revista *Brotéria*[15], **João Mendes**, figura de referência no ensino da literatura e na crítica portuguesa, salienta ser LEEQ um rigoroso estudo em que Da Cal demonstra "sentido poético". Afirma tratar-se de (Mendes, 1955):

---

[13] Cita ao respeito Elia trabalho de Neto publicado no *Boletim de Filologia* do Rio de Janeiro. Essa referência está bem singularizada no exemplar da recensão conservado no Espólio EGC.

[14] Elia, na altura na casa dos quarenta anos, era um reputado especialista universitário. Em 1955 publicou *Orientações da Linguística Moderna*, onde teorizava sobre estilo e estilística.

[15] Esta recensão em *Brotéria*, revista mensal de cultura e informação publicada pelos Jesuítas portugueses, tem especial valor por causa das críticas muito vivas que persistiam contra Eça de Queirós nos ambientes católicos portugueses.

> um estudo rigoroso e abundantíssimo de exemplos característicos, donde se podem induzir conclusões documentadas. Mas não se pense que se trata aqui, sòmente, de acumular grandes massas de documentos, organizando, depois, uma espécie de estatística que dispense aquele imponderável de gosto e finura que foge à ingenuidade dos métodos indutivos, quando aplicados à literatura ou tentar surpreender o segredo de um alma. O Autor, cheio de simpatia e sentido poético, vai acompanhando, com penetrantes observações, os estudos referentes a cada uma das funções sintácticas ou morfológicas.

Mendes valoriza as conclusões de Da Cal a respeito das características do estilo queirosiano e a sua influência nos autores de língua espanhola, um assunto que

> nos parece acertado, bem documentado, e estudado com uma simpatia onde o carinho se une à penetração poética. Somente, julgamos que esta visão de conjunto viria muito melhor, como resultado, ao fim da obra, do que ao princípio, como ponto de partida. Pois, não é indutivo o método adoptado? E assim, notamos, em toda esta magnífica recolha de materiais, certa falta de organização e estrutura.

Sublinha o relacionamento poeta-investigador em Da Cal ao frisar o "sentido poético" do estudo.

Nesse ano, LEEQ será incluído e valorizado no repositório sobre estudos estilísticos de **Helmut Hatzfeld**, na sua versão para espanhol. Será correspondência para com Da Cal, que nos inícios do ano publicou uma recensão da edição original inglesa, outra evidência do funcionamento da rede. Da Cal procurava com interesse o tratamento do seu estudo nesse volume, ciente de que a nova edição teria repercussão nos países ibéricos, pela maior proximidade e actualização. Tenta conseguir esse objectivo de aquele reputado mestre, e colega em Nova Iorque, para a maior projecção do seu estudo. Assim, no primeiro exemplar de 1955 Da Cal publicou na *RHM* recensão de *A Critical Bibliography of the New Stylistics Applied to the Romance Literatures, 1900-1950*, de Helmut A. Hatzfeld[16]. Ressalta o "estilo económico y eficaz" empregado nesse repositorio, em que se valorizavam productos julgados de interesse para os estudos literários segundo as novas aplicações dessa metodologia, e valoriza Da Cal: "Sabemos que está en prensa, en Madrid, en la Editorial Gredos, que dirige Dámaso Alonso, una traducción española de este inestimable repertorio y nos alegramos por ello".

É significativo que fosse Da Cal o escolhido para realizar a recensão de volume tão relevante e de figura com tanto destaque na CU, prova do grande reconhecimento que já tinha como cientista. O próprio Da Cal enviou a Hatzfeld a resenha, junto com LEEQ, segundo a resposta do próprio Hatzfeld conservada no Espólio EGC.

[16] O volume desta figura de referência da Estilística fora editado em 1953. Da Cal repassa os contributos de Hatzfeld desde 1929 e apresenta os onze capítulos, que davam conta de 1.600 livros e artigos.

Hatzfeld incluiu, com efeito[17], no volume *Bibliografía Crítica de la Nueva Estilística Aplicada a las Literaturas Romances* julgamento de LEEQ, em que comparava este trabalho com outros que focavam menos produções, mais restritos. Esta crítica representava progresso para Da Cal no CEL, ao figurar num volume de referência, que acrescentava mais de 300 verbetes à ediçom em inglês. Frisa este especialista como Da Cal (Hatzfeld, 1955: 573-574):

> trata de interpretar a Eça como un creador original enraizado en una completa síntesis que él desmenuza en la forma que Amado Alonso aplicó al estilo de Larreta, A. Zamora Vicente al de Valle Inclán, Anderson Imbert al de Payró, escritores que eran realmente "discípulos" del novelista portugués. Este resultado general está fortalecido con el minucioso análisis formal de todas las posibilidades estilísticas de las categorías de palabras, estudiadas, siguiendo a Bally, según sus implicaciones lógicas, imaginativas y emocionales. Guerra da Cal señala especialmente las variedades de repetición, los estados de ánimo expresados por el léxico (dulzura, caricatura, voluptuosidad, vulgaridad), la inusitada combinación de adjetivos con fines rítmicos y musicales, la multivalencia del adverbio, la función expresiva de los tiempos verbales y la combinación de formas de prosa realista y poética en la estructura de la frase.

Hatzfeld assumia a tese dacaliana sobre a presença de Eça nos produtores hispanos, e anunciava a segunda parte de LEEQ.

Outra recensão, no segundo semestre de 1955, realizou-a **Teresa Babín**, da Universidad de Puerto Rico, na revista *La Torre*, dessa instituição. Afirma que "Cualquier lector interesado en el problema estético y humano que se funde en el estilo de un escritor moderno ha de sentirse atraído hacia esta obra" na qual "se hallan juicios de gran significación sobre la época literaria a que pertenece la novela de Eça de Queiroz y se abre brecha para un estudio renovado del concepto del modernismo". A proposta de Da Cal, segundo interpreta Babín "nos sacude de la inercia en que yace la crítica […]. La síntesis en la cual Ernesto Da Cal hace un resumen de los extremos que se aúnan en el estilo de Eça de Queiroz puede muy bien definir el lenguaje de los mejores prosistas del siglo XX", e ao respeito cita um trecho de LEEQ. Afirma que "aporta a la crítica moderna una interpretación del estilo de un 'adelantado del modernismo', sometiendo la prosa del novelista al juicio que acostumbramos limitar al mundo de la poesía casi

[17] Através de carta Helmut Hatzfeld (31-V-1955), da The Catholic University of America, comunica Da Cal ter sido incluído LEEQ "en la versión castellana de mi bibliografía de la que estoy leyendo las pruebas últimas en este momento", e agradece "su reseña amistosa" desse repositório na RHM. Acrescenta que "No sabiendo yo nada de las cosas internas de Comparative Literature escribí desde luego al profesor Beal y aguardo su respuesta que le comunicaré a usted". Essa resposta de Chandler Beall foi enviada, com efeito, a Hatzfeld, e este fê-la chegar por sua vez a Da Cal, pois figura conservada no Espólio EGC. Não figura a data em nenguma das duas epístolas. Beall afirma: "As well as I can now remember, I decided not to have Mr. Da Cal's book reviewed in *CL*, since it did not seem to be comparative". Na mesma epístola de Beall, Hatzfeld escreveu "Lo siento muchísimo". Da Cal, pois, fracassava nesse intento de reconhecimento.

siempre. Y si no dudamos de que en materias de estética literaria, lo mismo da la prosa que el verso, Ernesto Da Cal lo prueba convincentemente al plantearse en esta tesis el fenómeno lingüístico de un prosista". Conclui frisando o interesse didáctico do livro e anunciando o segundo volume (Babín, 1955):

> Para los profesores y estudiantes de literatura española y portuguesa, esta tesis aporta datos e interpretaciones que rebasan el estilo de Eça de Queiroz y penetran el mundo literario anterior al 1900 y el principio del siglo XX, época tan cercana todavía que merece siempre una cuidadosa revalorización crítica.
> Desde ahora esperamos el estudio anunciado por Ernesto Da Cal para un volumen futuro. […] Su crítica ha de esclarecer muchos aspectos ignorados y ha de contribuir a redondear la personalidad del novelista, tal como este primer volumen sobre los *Elementos Básicos* plantea problemas de juicio literario sobre las letras peninsulares y americanas de la época finisecular y provoca una serie de inquietudes sobre el modernismo y el realismo en España y en América.

Babín também assume a tese dacaliana de ter sido Eça precursor do Modernismo e merecedor do "título de creador de la prosa realista", bem como da ascendência queirosiana sobre a Geração do 98 e sobre Valle-Inclán ou Azorín, oferecendo a mais elevada valorização crítica para a pesquisa de LEEQ.

No âmbito das reacções particulares exprimidas através do epistolário, vale a pena referenciar as de Machado da Rosa[18] e Fernández Montesinos[19], que se manifestarão

[18] Com quase um ano de demora, Da Cal (9-IV-1955) responderá e valorizará a carta de Da Rosa, em que o professor de Wisconsin manifestava as suas impressões sobre LEEQ, de maneira "tão construtiva e tão carinhosa". Da Rosa (16-V-1955) responde e refere-se a LEEQ com a melhor crítica, ao lhe comunicar que a "aqui, em várias reuniões do nosso club literário, tanto estudantes como alunos se têm referido a ele como 'Da Cal's book', ponto final. Quando Erico Veríssimo aqui esteve (ficou cá em minha casa) tive a oportunidade de lho recomendar e de lhe dar umas páginas a ler. Ficou sendo mais um convertido". Esta boa concepção do estudo contribuia para a privilegiada boa recepção em Wisconsin e em visitantes de destaque como Veríssimo, reputado produtor literário brasileiro. Duas novas epístolas, de 14 e 16 de Novembro, são de relevo no relacionamento entre ambos: na primeira, Da Cal pergunta a Da Rosa se não se importava com que a recensão que tinha enviado em Janeiro de LEEQ, em lugar de na *Revista Hispánica Moderna*, para onde ele a dirigira, se difundisse na *Romanic Review*. A mudança devia-se a que José Montesinos "há tempos, longínquos", oferecera uma resenha para a primeira, que acabara por enviar quando já se não contava com ela. "Espero que não leve a mal a minha consulta. E de joelhos e a mão abjecta espero a palmatória", conclui Da Cal. Da Rosa responde com celeridade, dando a sua conformidade.

[19] Por essa altura deveu receber a resenha de Montesinos, conservada no Espólio EGC, e que lhe anunciara, em carta sem datar, em que lhe pedia uma "anticipación" do segundo volume de LEEQ. Montesinos era das figuras mais legitimadoras e de maior prestígio entre os hispanistas exilados, quiçá mesmo o maior pela sua trajectória e reconhecimento atingido, pelo que se ocupasse de LEEQ com uma recensão supunha de algum modo uma consagração, e mais se o fazia numa revista de referência.
Ao final de 1955 ou inícios de 1956 deve corresponder outra carta, sem datar, de Montesinos a Da Cal, em que lhe envia o texto da recensão de LEEQ para a RHM, que afirma ter remetido no mesmo dia a Ángel del Río. Montesinos dá liberdade a Da Cal para mudá-la "que para algo eres especialista". Afirma que talvez fosse boa ideia encomendar-lhe esse trabalho a Machado da Rosa "que es buen queirocianista, pero tan fanático en su admiración que se sale un poco de la raya".

No Espólio EGC conserva-se ainda outra carta posterior de Montesinos, também sem datar, redigida em papel carimbado da University of California, em que este mestre se felicita de ter reatado comunicação com ele após "tu largo silencio", que o tinha feito pensar em que talvez a recensão de LEEQ ou a carta em que a enviava não foram do seu agrado. Afirma Montesinos: "Naturalmente que estamos de

publicamente sobre LEEQ através de recensões. Outras cartas de consagrados do CEL nos EUA e em Portugal, como Emilio González López[20] e Fidelino de Figueiredo[21] confirmam o interesse de publicações referenciais por se ocupar do seu estudo, e de que o fizessem pessoas especializadas e reputadas no campo.

III.2.2.10.3.-Actividade política em Nova Iorque: Na celebração do Dia de Galiza.

Em 25 de Julho de 1955 Da Cal participa activamente na celebração do "Dia de Galicia" organizada pela Casa Galicia. Na *Memoria* desse ano inclui-se fotografia em que ele aparece na mesa principal, junto com outros representantes da entidade e convidados, entre eles os professores Emilio González López e Jesús de Galíndez, este último "Delegado del Gobierno Vasco". Na crónica do acontecimento afirma-se que a celebração fora brilhante, com mais de 400 pessoas, e indica-se que foi orador e que (Sem autor, 1956): "Da Cal en gallego destacó los valores espirituales y artísticos de la cultura gallega de las que era símbolo el día de Santiago, e hizo un llamamiento a todos los gallegos para que trabajen sin descanso en favor de Galicia y su cultura".

Um ano mais mantinha-se assim ao lado dos exilados galegos e espanhóis nos EUA, e confirma-se a mais alta valorização que conservava igualmente neste âmbito, pelo posto de destaque que lhe conferiam nesse acto central de reivindicação política.

Esta referência da *Memoria* da Casa Galicia evidencia o contacto entre Da Cal e o basco Galíndez, quem em pouco tempo desapareceria em circuntâncias pouco claras, e que era das pessoas que visitava a casa dos Da Cal[22]. Este acontecimento provocará que com a

---

acuerdo, en lo esencial y hasta en los detalles, seu semsaborão! Y estoy seguro de que la segunda parte [de LEEQ] será mejor de la primera –en estos casos nunca segundas partes fueron malas—pues en ella te la vas a ver con un montón de bomboncitos que prometen ser cousa rica. Lo que es menester es que te pongas a ello sin tardar, zafándote en lo posible de las semsaborias del cargo [refere-se à responsabilidade que assumira Da Cal como chefe de Departamento]. Si te demoras mucho, más el hecho de que esas imprentas portuguesas trabajan muito devagarinho, los vejestorios como yo vamos a tener que renunciar al placer de leerte –para no hablar del placer de reseñarte, que lo es de veras".

[20] A epístola deste colega galego, exilado e docente de literatura espanhola no Hunter Collegue da CUNY está datada aos 13-VII-1955: comunica-lhe que Raimundo Lida lhe indicara que tinha encomendada uma resenha de LEEQ a Anderson Imbert "por parecerlle a persoa mais competente para facela". Na despedida, afirma: "Supoño que te verei no banquete da dia de Galiza". O tuteamento e a referência ao acto agendado para apenas duas semanas após confirma a boa comunicação entre os dois.

[21] Aos 29 de Outubro de 1955, Fidelino de Figueiredo escreve para Homero Serís, da Syracuse University e da revista *Symposium*, para lhe comunicar que não esquece a dívida que tinha com a revista, que era "a resenha crítica do livro excellente do Prof. E. da Cal. Mas Deus é que se esqueceu de mim" pela sua doença "martirizante". Propõe solicitar a algum Professor amigo da Faculdade de Letras "que redija essa apreciação", por se não sentir ele com forças. Esta carta encontra-se no Espólio EGC, junto com as duas epístolas referenciadas supra enviadas por Figueiredo a Da Cal, pelo que é de supor que Homero Serís lha enviou para justificar a ausência da recensão de Figueiredo (As três epístolas de Figueiredo são autógrafas, justificando não utilizar máquina por causa da sua doença).

[22] Enric Ucelay depõe que estivera 6 dias antes de desaparecer.

passagem dos anos o casal apareça referenciado num romance (Vázquez Montalbán, 1991) sobre esse agente basco.

III.2.2.10.4.-Produção literária própria e do irmão Fernando.

Esse ano publicou (Da Cal, V-1955 e XI-1955) poesia em castelhano e em galego, em revistas universitárias de Porto Rico. Em Maio o poema "Adivinha"[23], foi incluído em *Lorca, Hojas de Poesía*. Em 30 de Novembro (segundo data do colofon), em *Asomante*, de San Juan,[24] "Dos tiempos del amor". Continuava assim a produção literária que lhe servia também para a projecção profissional.

Em 1955 a sua mãe, Laura Guerra Taboada, publicou em Madrid, em edição póstuma, um livro com as poesias do seu irmão, Fernando Pérez Guerra, morto em acidente, com o título *Inicua Rueda*. O volume continha produtos em castelhano e em galego (com ortografia lusitanizante), um prólogo de Guillermo Díaz Plaja e um epílogo de Federico Muelas. Foi acolhido com críticas favoráveis.

III.2.2.11.-A internacionalização das ideias fabricadas por Da Cal em 1956.

A recepção internacional de LEEQ acrescentar-se-á em 1956. Recensões em publicações de referência de vários países impõem o novo discurso desse produto e reforça-se com os verbetes que Da Cal começa a publicar, em Portugal, no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira* (DLPGB).

Corrobora também esse ano o impacte dos seus contributos na estação de rádio *A Voz de América*, por especialistas que lhe solicitam o tratamento dos seus produtos nesse apreciado espaço de divulgação. Mantém o prestígio entre os galegos do exterior, ao receber convite para o Primeiro Congresso da Emigração, e em Nova Iorque.

III.2.2.11.1.-LEEQ vinga nos EUA, Espanha, Brasil, Portugal, México e Alemanha.

---

[23] No poema, de temática amorosa, que será incluída em LAM (ver infra), acentua a tendência lusitanizante no uso ortográfico.

[24] O exemplar correspondia ao terceiro trimestre e era o número 3 desse ano, segundo se indicava nos créditos. Entre os seus colaboradores citavam-se Teresa Babín e Harriet de Onís. Tinha intercâmbios e colaboração com outras publicações hispanoamericanas, de Argentina, Cuba ou México, além dos EUA.
O seu poema ocupa quatro páginas e está dividido em duas partes. É de teor amoroso,e lembra uma relação sexual apaixonada, de que sente saudade.
Um exemplar da revista conserva-se no Espólio EGC. Nele aparece uma correcção, no terceiro verso da terceira estrofe , pelo que a literalidade do v. deve ser "dulce aguja en mi carne". O poema de Da Cal é o primeiro que se insere na parte literária, junto com quatro produtores argentinos e um espanhol. Dos 15 colaboradores desse número da revista que se apresentam na página final, Da Cal é o único de que não consta nacionalidade –dos outros informa-se serem 5 da Argentina, 3 de Porto Rico, 2 espanhóis e um holandês, um chileno, um dominicano e uma equatoriana— e é apresentado como docente da NYU.

Figuras da crítica universitária e legitimadora recenseiam LEEQ em revistas especializadas. Valorizam positivamente o estudo, mesmo na única de teor claramente negativo se ressalvam alguns acertos, como em outras que apontam alguma carência. O balanço resultará muito favorável para os interesses e para a projecção internacional de Da Cal.

Em Janeiro, em ***Ínsula***, **Antonio Gallego Morell** salienta ser LEEQ "una ambiciosa empresa que viene a rellenar la más importante laguna que se ofrecía en la bibliografía queirociana". Assinala a " tarea rigurosa de ordenación de materiales". Valoriza ser um trabalho necessário para o estudo de Eça, e aponta (Morell, 1956):

> Estudio especialmente minucioso y trascendental […] porque era necesario revisar, tras una lectura inteligente del autor de la *Reliquia*, el puesto que Eça debe ocupar como pionero peninsular del Modernismo y su posible influencia en una línea de escritores que, arrancando de Valle Inclán y de Miró, llega a nuestros días hasta Fernández Flórez y Camba. Guerra da Cal nos ofrece un cuerpo de doctrina a través de toda su obra que habrán de tener siempre en cuenta cuantos estudian la prosa peninsular del siglo XIX.

Acrescenta que o livro "en correcto castellano, viene a resaltar la ausencia en nuestras letras de obras que señalen los contactos de las literaturas castellana y portuguesa". Assume assim a necessidade de uma maior pespectiva iberista, como reclamava LEEQ. A recensão encontra-se na revista literária mais reputada na altura na Espanha, espelho da estilística espanhola, com uma orientação crítica que não incomodava ao régime ditatorial, por insistir nos conceitos mais individualizados da produção literária. Estar LEEQ em castelhano contribuia para atingir maior eco. Da Cal via cumprido um objectivo: uma crítica positiva numa revista referencial do CEL espanhol, em que se admitiam muitas das suas teses e se indigitava a sua pesquisa como modelo para o estudo do XIX, além do pioneirismo para o relacionamento ibérico.

Em Fevereiro, na ***Romanic Review***, **Alberto Machado da Rosa** assina uma recensão consagradora, em que salienta a metodologia. Começa afirmando (Da Rosa, 1956):

> este extraordinario estudio del Profesor Ernesto Guerra da Cal sobre Eça de Queiroz es una demostración brillante de lo que pueden lograr los modernos métodos de la investigación estilística al servicio del buen gusto y orientados por un conocimiento firme de la historia literaria. Su mérito excepcional sobresale aún más si uno no olvida que el estilo del Artista portugués, misterio de los misterios de su genio, solía catalogarse de filtro indefinible e inefable, irreductible a un análisis completo y... útil.

Valoriza a sistematização bibliográfica por vez primeira feita por Da Cal, embora cite alguma ausência, que justifica, e define LEEQ de "obra maestra y precursora". Valoriza também o estilo utilizado por Da Cal, destarte (Da Rosa, 1956):

> Excepcionalmente el Profesor Da Cal ha demostrado cómo la sensibilidad estética puede superar el más rigoroso deslinde lingüístico. Para conseguirlo evitó siempre los gongorismos "científicos", buscando la sencillez expositiva dentro de la máxima economía de la expresión. Todo ello, naturalmente, sin caer nunca en el impresionismo improvisado. A través de todo el libro resalta una luminosa sobriedad verbal capaz de traducir y sugerir los múltiples matices de las percepciones del crítico, y una capacidad, igualmente brillante, de separar, graduar e integrar los elementos del análisis en una fórmula perfectamente natural y consistente.

Refere as "páginas magistrales, hábilmente centradas en el panorama literario que va de Horacio a Valle-Inclán". Qualifica-a de "obra modelo en perspectiva y desenvolvimiento, precursora como crítica en extensión y profundidad, definitiva en la investigación". Frisa como é indigitado Eça de "adelantado del Modernismo y sugiriendo la extensión de su influencia en las letras de lengua española. […] ha logrado establecer e iluminar por primera vez, sobre el mapa universal de la literatura, las premisas del significado histórico del estilo queirociano". Cita a página onde se afirma que desde Cervantes não se produzira um fenómeno semelhante nas literaturas ibéricas, e conclui ser LEEQ "manifestación de un hispanismo esclarecido y fecundo, constituye un espléndido ejemplo y una esperanza […] uno de los más sólidos y bellos monumentos de la crítica estilística contemporánea".

Da Rosa utiliza o castelhano[25] para chamar a atenção dos hispanistas sobre a literatura e a cultura portuguesas, secundarizados nos EUA a respeito da espanhola, e mais periférica. A ascendência de Eça no estudo de Da Cal representava um caminho para tentar atingir maior presença dos produtores portugueses, e mais reconhecimento para

[25] Da Cal (14-V-1956) agradece-lhe em carta essa recensão. Na epístola diz que já recebera "enviada por ele, a do J. do Prado Coelho, que achei benévola e gentil". Justifica a demora epistolar pela "desgraçada vida neo-iorquina, atabalhoada, sem rumo certo, destrutora de toda intimidade". Afirma ver, pelas notícias que circulavam, indícios de que "talvez os dias do regime [de Franco] estejam contados. Isso, naturalmente afectaria a situação política da Península inteira", e que esperava "ter uns vagares para pôr a *Bibliografia* –monumento catedralício da maçada erudita– prestes para a imprensa. Suponho que para Julho poderei enviá-lo para Coimbra. O vol. II está à espera de atenção". Responde um pedido de recomendação de Wisconsin para ajudar o matemático Gallego-Díaz Moreno e anuncia gestões, com Severo Ochoa, entre outras. Encoraja Rosa para escrever sobre o relacionamento Heine-Rosalia, que fará (Rosa, 1957). Anuncia a intenção de pedir um ano sabático e uma bolsa Guggenheim, e participar no Colóquio Luso-Brasileiro em 1957, para o qual "sugeri ao J. de P.C. [...] que os intelectuais da Galiza deveriam ser convidados". No Verão de 1956 conhecem-se persoalmente, antes da viagem que Rosa realizou à Europa.
Há mais contactos epistolares: Em 12-IX-1956 Rosa escreve-lhe de Lisboa e informa-o "dos entusiasmos despertados pela sua obra [LEEQ] nos círculos da *Seara* [*Nova*]" e pede-lhe algum trabalho inédito sobre Eça para essa revista. Aos 23-XII-1956 Da Cal agradece gestões de Rosa para facilitar os seus estudos, e a promoção em Portugal de LEEQ. Pede-lhe que medeie para conseguir que o convidassem para o Colóquio Luso-Brasileiro, pois aproveitaria a deslocação para tentar de concretizar um Instituto Português na NYU, onde "O Instituto Brasileiro leva neste momento muito bom andamento". Da Rosa reforçava assim as redes de Da Cal duplamente: nos EUA e também em Portugal, pelos contactos que mantinha.

os especialistas lusófonos, que nem dispunham de uma revista e eram preteridos nas publicações hispanistas. Esta crítica tentava assim abrir caminhos muito almejados.

**Silveira Bueno**[26], no ***Jornal de Filologia*** de São Paulo, indica ser LEEQ "um dos primeiros e mais bem fundados estudos da estilística moderna, com apreciações equilibradas e justas". Qualifica-o de "minucioso e completo. Disto decorre, porém, o primeiro senão do livro: só há elogios; só encontrou perfeições [...] elogios e aplausos. Às vêzes, mercê dos exemplos que cita, o leitor só encontra defeitos e de modo algum pode concordar com os louvores do autor. Outro e muito grave defeito do Sr. Guerra da Cal é o do seu desconhecimento dos demais escritores portugueses". Para este professor da Universidade de São Paulo, muitas inovações salientadas não o eram, e coloca outros modelos, frisando: "Eça ainda hoje é tido como um dos autores mais afastados do padrão comum da língua portuguesa. Um grande narrador, mas em língua estrangeira". Reprova as valorizações sobre o léxico queirosiano pois "lendo Eça [...] nós brasileiros não entendemos muitas das suas palavras". Julga acertos estilísticos destacados por Da Cal de "mau gosto literário e pobreza de vocabulário", e o juízo de LEEQ sobre os galicismos "absolutamente falso". Assinala ser dos capítulos mais acertados o do adjectivo, mas "nada, porém, de novidade no que diz a respeito da atribuição da qualidade a uma parte pelo todo: desde Virgílio que se pratica tudo isso" e estende-se com outras valorizações negativas. É crítica paradigmática das forças contrárias à canonicidade de Eça, alicerçadas na perspectiva excessivamente apegada à tradição gramaticalista que combatia LEEQ ao referir-se a ela como "caturramente gramatical" (ver supra). Se a compararmos com a de Sílvio Elia (1955), verifica-se também a luta no CEL brasileiro.

**José Montesinos** na **RHM** ocupou-se de LEEQ num espaço superior ao habitual, amplidão que alertava os hispanistas do relevo desse volume. Assinala a satisfacção que lhe produz o estudo, que apresenta como "de consulta indispensable" e em que vê valor para empreendimentos semelhantes orientados a estudar produtores do intersistema hispânico. Afirma que o estudo de Da Cal (Montesinos, IV-1956: 144-147):

> es una de las más ricas y logradas aportaciones de esa nueva ciencia del estilo que tan dudosos resultados da con frecuencia. [...] La insatisfacción que ciertas de entre esas cosas me producen es un motivo más para recalcar desde ahora, cálidamente, lo mucho que el libro del señor Da Cal me satisface. […] A duras penas podría encontrarse nada tan aleccionador, tan completo y tan fino como las páginas dedicadas al estudio del

[26] Bueno era referente no Brasil pela *Gramática normativa da língua portuguesa* (1944) e *A Formação da língua portuguesa* (1955), para além de outros trabalhos de literatura e linguística.

> adjetivo en la obra de Eça (103-168), de consulta indispensable [...] Una de las cosas que hacen este libro indispensable a cuantos traten de estilística española es que su autor nunca pierde ocasión de notar los paralelismos que puedan existir entre el estilo del novelista portugués y el de otros grandes autores nuestros. [...] Todo lo que sigue en el libro del señor D. C. es de la misma manera excelente, cada vez más excelente […] Un libro análogo sobre Rubén Darío, sobre no importa qué autor modernista –y ya va siendo hora de que se hagan—nos daría en muchos casos, casi siempre, el mismo resultado. […] Vuelvo a decir que tanto los hispanistas como los lusistas deben tener muy a mano el excelente libro de D. C. Todo en él es de gran valía por el rigor, por la claridad, por el cumplido conocimiento, por todo. Y repito: una vez terminado, desplegando el rico temario que reserva para la segunda parte, no habrá otro libro tan completo y docto sobre autor peninsular alguno[27].

Montesinos puxava por um quase debutante Da Cal para os lugares e funções de mais privilégio do CEL. Esta crítica será citada por outros estudiosos ao analisar produtos de Da Cal (ver infra), o que confirma a autoridade de Montesinos e a centralidade da revista.

**Câmara Reys** na ***Seara Nova***, revista que dirigia e fundara, referencia e valoriza a bibliografia de Eça desde 1880. Afirma que LEEQ faz reparar no relevo que o tempo lhe tinha dado em diferentes países, e qualifica-o de (Reys, IV-1956) "portentoso trabalho [...] a amplitude panorâmica da obra recorda-nos, embora num plano e numa feição muito diferentes, os estudos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre Gil Vicente e Sá de Miranda". Frisa ser Da Cal "galego", concluindo que o estudo "marca época. A leitura deste primeiro volume faz-nos aguardar, com o mais vivo interesse, o segundo. Daqui saudamos, com respeito e admiração, a obra do autor".

LEEQ recebia assim apoio de uma figura da oposição portuguesa, o que favorecia a sua aceitação[28] para essa corrente, pois Reys era referência do queirosianismo, por organizar o *Livro do Centenário*, um volume altamente canonizador de Eça.

Nos EUA[29], **Gerald M. Moser,** na ***Hispanic Review***, publicação universitária de referência para os hispanistas, inicia deste modo a sua recensão:

---

[27] Montesinos, na altura professor da University of California (Berkeley), fora figura do Centro de Estudios Históricos e da Universidade de Madrid no período da República e tinha grande autoridade.

[28] Reys afirma que Da Cal se filiava nos trabalhos de filosofia da linguagem iniciados por Vossler, que em Portugal tinham representação em produtores como Rodrigues Lapa, também opositor à ditadura.

[29] O estudo funcionava nos EUA, e outros produtores se propunham ocupar-se dele. É o caso de William Berrien, da University of Southern California, quem aos 7-III-1956, em carta, frisa "no dejo de reconocer tu derecho a sentirte, por las razones que sean, con impaciencia de ver publicarse algo en HISPANIA a la brevedad posible", e insiste em "esta urgencia que vienes sintiendo hace ya tiempito", justificando aquela demora. Aos 27-XII-1956, Berrien exprime em nova carta a sua "gratitud por la gentil invitación a dictar cursos en tu departamento durante el verano ppdo.", e justifica não ter escrito antes por diversos motivos, e entre eles "no quería hacerlo sin poder decirte que la susodicha reseña de marras (la de tu precioso libro [LEEQ] para HISPANIA) ya estaba en manos de George Cushman".

> Every thoughtful reader of Eça de Queiroz notes, sketches, tales or novels has felt that even on the most casual looking pages an artist was at work, fashioning Portuguese prose into something new and exquisite. But before Da Cal, no one had taken the trouble to analyse all the basic ingredients that went into the making of Eça's style, because the task required an intimate knowledge of several literatures and a sensitiveness to the niceties of artistic composition. Da Cal has had the necessary patience, insight and fervor to undertake such a study. The result is an excellent book, a model in the field of stylistics.

Diz que Da Cal, como galego, sentindo-se cómodo em português e em espanhol, permite-se afirmar o que muitos portugueses preferiam ignorar, a continuidade da influência mútua das duas grandes literaturas ibéricas. E que estava familiarizado com os escritores franceses favoritos de Eça, e todos os mestres modernos da estilística. LEEQ ultrapassa a análise da língua e penetra nas ideias e nas inquietações que explicam o desenvolvimento do escritor. Julga que demonstra o efeito revigorizante das reformas estilísticas e que chega a uma conclusão surpreendente: as inovações de Eça como predecessoras das de Rubén Darío e outros modernistas em dez-vinte anos, renovou através de Clarín e Valle-Inclán a prosa espanhola. Assinala que seria de interesse ter reproduzido alguns documentos ou comparar diversas versões, embora de o fazer dificilmente afectaria as conclusões. Segundo Moser, a bibliografia acrescenta o valor do livro, e refere os projectos [segundo tomo e bibliografia] que se avançam.

**William L. Fichter**[30], na ***Nueva Revista de Filologia Hispánica***[31], afirma ser LEEQ "una obra tan importante para el hispanista como para el lusitanista. No había hasta ahora un estudio tan completo del estilo de Eça de Queiroz […] apreciaciones atinadas, y una sólida documentación literaria y erudita, nos revelan a un crítico de primer orden". Julga o volume "como hispanista" e conclui Fitcher:

> obra básica e indispensable para todo investigador de la prosa española moderna, a partir de la generación del 98. Como repite Da Cal varias veces, el novelista portugués fue un precursor de esta prosa. Es más: sus dos principales forjadores, Rubén Darío y Valle Inclán, en varios aspectos de su estilo no hicieron, al parecer, sino imitar a Eça, cuando no bebían en las mismas fuentes francesas que él […] Ojalá salga pronto a la luz la segunda parte de esta obra excelente [...] modelo y estímulo a todos los que trabajan en el campo de las modernas letras portuguesas e hispánicas.

[30] Fitcher ensinava na Brown University. Era conhecido por publicações sobre figuras como Valle Inclán. Esta revista era referência para a estilística hispânica.

[31] Raimundo Lida (5-II-1956), da Harvard University, comunica encontrar-se "apenadísimo con ese retraso de su reseña en *NRFH*", e confirma que a tinha encomendado a Fitcher. Em carta posterior, Lida (21-II-1956) confirma o interesse de Fitcher e "que lo va a reseñar" para essa revista.

Valorização de relevo pelo autor e pelo meio[32]. O estudo de Da Cal espalha-se, sendo assinalado de modelar pelos hispanistas[33], que assumem o seu discurso. Apontam-se elementos de discussão, mas não se rebatem as teses de LEEQ.

**Heinz Kröll**, em ***Romanistisches Jahrbuch***, salienta a ousada tentativa de LEEQ de expor e interpretar pela primeira vez a língua e o estilo de Eça em toda a sua produção. Salvo raras excepções, afirma, a crítica portuguesa ficava pelo puro aplauso entusiástico ou pela rejeição radical, poucas tinham sido as tentativas sérias para interpretá-lo, sem preconceitos, e analisar os seus caracteres estruturais. Parece-lhe mérito especial de Da Cal tentar penetrar no teor estético e determinar a configuração linguística individual, partindo do estilo global de toda a produção. Dá-lhe a razão por defender uma nova estética do adjectivo na prosa queirosiana. Conclui que com LEEQ, estudo de notável mérito, a crítica literária sobre Eça entra numa nova fase, um importante reconhecimento respeitante ao valioso que se lhe afigurava o estudo.

Apesar da edição restrita, LEEQ suscitava reacções de figuras consagradas e outras emergentes do CEL, que assinalavam o volume como modelo para os modernos estudos literários e reconheciam a novidade e inovação do seu método. Excepções, como a de Silveira Bueno, evidenciam tensões por manter a centralidade. Os portugueses mais progressistas, como Coelho ou Reys, aproveitam LEEQ para reivindicar posições renovadoras e ultrapassar as metodologias vigorantes na dictadura. O estudo dacaliano servia assim privilegiadamente nas lutas interiores, na procura de posicionamentos mais centrais por parte dos opositores do campo do poder político.

III.2.2.11.2.-Internacionalização da Galiza: O *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*.

Em 1956 Da Cal colabora no *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira* (DLPGB), que se começou a publicar em Agosto, em fascículos, sob a

---

[32] Esta revista tinha estreito relacionamento com a RHM. Fundada por Amado Alonso, dirigia-a Alfonso Reyes, e no quadro de redacção constavam Dámaso Alonso, Marcel Bataillon, William Berrien, Fidelino de Figueiredo, José F. Montesinos, Tomás Navarro ou Federico de Onís.

[33] Uma carta de Dorothy S. Loos (22-II-1956), da The New Lincoln School, de Nova Iorque: esclarece-lhe o seu interesse em Eça de Queirós, para o Doutoramento na CU. Afirma ter falado com ele por sugestão de Onís e Del Río, e confirma-lhe que "I am happy to have the opportunity to review your work and hope that I will be able to do a good job. I note in your bibliography some Brazilian authors with whom I am familiar. Eça's influence on Brazilian literature is a world of research. I hope that Portuguese studies are increasing in importance at NYU". Aos 4-III-1956, Homero Serís, da Syracuse University, confirma por carta que "siguiendo tus deseos" solicitaram-lhe a Loos uma recensão de LEEQ para *Symposium*, e que também lhe enviasse dados para a bibliografia que preparava Da Cal.
Em finais de Dezembro, William Berrien reitera-lhe as dificuldades para redigir recensão de LEEQ, que qualifica de "precioso libro".

direcção de Jacinto do Prado Coelho[34]. Segundo os arquivos da editora Figueirinhas[35], a intenção era editar uns 10 ou 12 fascículos, mas já nos inícios se publicitou para 15: "3 histórias literárias, 3 geografias literárias, 3 guias bibliográficas (selectivas e actualizadas) e um só volume de fácil manejo", e foram finalmente 21. Colaboraram no empreendimento 32[36] professores de diferentes universidades e países[37], escritores e/ou críticos de literatura e arte, prestigiosos nos seus âmbitos de trabalho. Os fascículos

[34] Coelho demonstrou o maior interesse em incluir a Galiza e implicar Da Cal. Dá-lhe por carta (20-I-1956) ultimatum para que envie os artigos A-F ou: "renunciarei definitivamente a incluir a literatura galega no Dicionário (o que deveras lamento) e encarregarei outrem dos artigos sobre Eça de Queiroz". Em epístola posterior (9-II-1956), afirma: "Esperarei pela sua precisa colaboração até 16-III. [...] Lamento que os últimos meses lhe tenham sido adversos". Poucos dias apos (20-II-1956) confirma "Recebi os seus três primeiros artigos e muito lhos agradeço. Estão óptimos, principalmente os que dedicou a Cabanillas e a Acácio". Quando recebe novos trabalhos confirma e valoriza (12-III-1956): "Gostei muito dos seus dois novos artigos, verdadeiramente lapidares". Em 11-IV-1956 informa-o que o filho de Eça falou de uma versão de *Os Maias* diferente da conhecida e que se preparava a edição, e apressa-o para não demorar os artigos. Aos 23-IV-1956 reclama-lhe outros 2 artigos. Pouco mais tarde (2-V-1956) Coelho valoriza de "óptima" a sugestão de convidar intelectuais galegos para o Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros de Lisboa, e em cuja organização participava, e no mês seguinte, pede (VI-1956) a Da Cal uma lista de entidades e instituições a que podem interessar o *Dicionário de Literatura* e anuncia que propôs Filgueira Valverde para participar no Colóquio.
Da Cal fala do Dicionário na carta que encaminhou (14-V-1956) para Machado da Rosa, em que indica ter trabalhado no inverno "como um diabo" nele, e esclarece: "A insistência dele [Coelho] –e o sentimento patriótico—levou-me a me encarregar de 39 dos 45 artigos, mais ou menos, da lit. Galega. Eu sugeri que se distribuisse o trabalho entre um número de especialistas, mas êle não cedeu –baseando-se em que queria que a coisa tivesse uma unidade de critério. [...] Também tomei sobre os meus débeis ombros os artigos referentes a Eça. O importante é que, finalmente, a Galiza aparece, literariamente vinculada à das terras irmãs, numa unidade cultural".

[35] A comprovação realizou-a, em Junho de 2004, Francisco Pimenta, director dessa editora portuense desde 1993. No arquivo conserva-se o contrato com Coelho, assinado em 23-IV-1955, que percebeu 90.000 escudos. O responsável da edição foi o sócio Mário Figueirinhas, neto de António Figueirinhas, fundador da livraria e empresa editora em 1894. Em 1961 assumiu a gerência Mário Figueirinhas Lopes Pinto, pelo falescimento do pai, e continuou o exitoso projecto. Pagavam-se os colaboradores, para além de receberem um exemplar gratuito. Nos fundos da Figueirinhas figura que os seis primeiros fascículos sairam até 30-V-1957, com tiragem de 3.100 exemplares; a mesma que os fascículos 7, de Agosto de 1957; e 8, de Setembro de 1957. O 9 publicou-se em 31-I-1958; o 10, em 30-IV-1958; o 11, em VII-1958; o 12, em X-958. No 12 e posteriores, a tiragem foi de 4.500 exemplares. As seguintes datas de edição foram: número 13, II-1959; 14, V-1959; 15, IX-1959; 16, XI-1959; 17, IV-1960; 18, V-1960; 19, VIII-1960; 20, IX-1960; e fascículo 21, X-1960. Distribuiam-se a assinantes e para a venda em livrarias. Em anos posteriores realizaram-se reimpressões em volume: primeiramente um; dois desde 1969, com o mesmo conteúdo; três volumes na edição de 1976 e, desde esse mesmo ano, em 5 volumes. Ao não ter qualquer concorrência houve anos em que se vendeu muito, acrescenta Pimenta, que tem registadas reimpressões de 4.500 exemplares em 1968; de 3.500 em 1970; mais 3.500 em 1972; 1.000 em três volumes em 1976; e outros 1.000 no mesmo ano dos 5 volumes; 1.000 em 1981; 2.000 em 1982 (esgotados em Portugal no período Março-Julho), com mais outra específica de 500 exemplares para o Brasil; mais 2.000 em 1984. Pimenta afirma que, segundo os dados de que tem constância, até 1994 nunca se venderam menos de 1.000 exemplares anuais; e nesse ano 94 publicaram uma edição brochada, em 5 volumes, também esgotada. Em Novembro de 1997 houve nova reimpressão. No total calcula terem-se vendido mais de 50.000 exemplares.

[36] Esta é a cifra certa, apesar de figurar 31 em diferentes lugares. A preeminência era da Universidade de Lisboa, pois mais de um terço exerciam nela.

[37] Nos EUA *Hispania* noticiou dele esse Verão, indicando o título *Dicionário das Literaturas Portuguesa e Brasileira*. Acrescenta (Moser, 1956: 225): "The inclusión of Galician literatura is contemplated; one of our colleagues in this country was to be entrusted with this section", mas sem indigitar Da Cal.

ofereciam a informação em verbetes, sem ilustrações, em páginas divididas em duas colunas. Na maioria das entradas consta a assinatura do autor. O responsável da maioria foi Coelho, e Da Cal figura entre os principais produtores deste repositório.

A primeira edição leva uma "Advertência", que frisa o facto de se tratar da primeira obra que tentava "abranger na totalidade, e em estreita correlação, as literaturas portuguesa, galega e brasileira, contribuindo assim para uma consciência mais perfeita da unidade cultural dos três povos de língua comum", salientando obedecer motivos "rigorosamente científicos". Defende aí Coelho o "critério linguístico" como o melhor para balizar uma literatura, porque "a língua, com a sua estrutura e o seu ritmo próprios, condiciona o *estilo* individual (emprego aqui *estilo* no sentido mais íntimo), imprimindo um *estilo* comum aos escritores de língua comum", indigitando o galego de "variedade regional, e até certo ponto arcaica, do português". Acrescenta a respeito do conteúdo e dos objectivos da obra (Coelho, 1956:7)

> Este é também, para qualquer das três literaturas, o primeiro Dicionário, não apenas de autores, mas de obras, de revistas, de temas, de personagens, de épocas, de movimentos, de géneros, de formas poéticas, de regiões, de conexões da Literatura com a História e com outros ramos da Cultura, de variados aspectos secundários ou marginais. Um Dicionário, na minha intenção, o mais possível compreensivo e orientador. Um Dicionário que permite encarar a Literatura como realidade *viva* e segundo novos ângulos, como, por exemplo, o da Geografia Literária.

Põe em destaque o "carácter histórico-literário", e o facto de incluir a literatura contemporânea "com a discreta objectividade de quem procura fazer História", dando preferência aos autores de ficção. Insiste no critério de *literatura nacional* –por ele sublinhado— como "criação estética em língua nacional", e atribui a "relativa unidade" do repositório ao "espírito de equipa" dos colaboradores e a visar "um equilíbrio entre variedade e unidade, como também se tentou um compromisso entre informar e interpretar, orientar, abrir novos caminhos". Exprime gratidão para Da Cal e Soares Amora "que revisaram o plano por mim traçado, respectivamente, para as literaturas galega e brasileira", e indigita o *Dicionário* de "obra de boa vontade, de coragem, de sacrifício até –e uma obra de interesse colectivo, em Portugal, na Galiza[38] e no Brasil".

A referência à literatura como realidade viva, sublinhando este adjectivo, coloca-se na tradição da crítica do movimento presencista, central em Portugal; e o destaque ao "estilo", sublinhando o termo as três vezes, indica como a estilística se impunha em

[38] Coelho será recebido como membro correspondente da Real Academia Gallega.

Portugal, sendo Da Cal representante pioneiro e central dessa metodologia, por LEEQ; acompanhando uma figura tão bem posicionada como Coelho essa orientação.

O trabalho de Da Cal será certamente de relevo. No respeitante aos contributos queirosianos[39], são da sua responsabilidade[40] 20 entradas, que oferecerão visões por vezes polémicas e que batiam com o discurso dominante na crítica lusófona da altura, com o objectivo de contribuir a banir resistências que empeciam a canonicidade de Eça. Esses verbetes são os seguintes (Da Cal, 1956-1960):

"Acácio, conselheiro" (pp. 14-15), personagem de *O Primo Basílio* que, "além de enriquecer a literatura, teve uma projecção lexical", como os termos "conselheiral", e "acaciano".
"Alencar, Tomás de" (pp. 26-27), personagem de *Os Maias*.
"Cidade (A) e as Serras" (p.152), não oferece bibliografia para esta narrativa.
"Crime (O) do Padre Amaro" (pp. 190-191),
"Ega, João da" (p. 228), "personagem d'*Os Maias* e cruel autocaricatura".
"Fradique Mendes" (pp. 274-275), "tipo queirosiano"
"Gonçalo Mendes Ramires" (p. 292), herói de *A Ilustre Casa de Ramires*.
"Ilustre (A) Casa de Ramires" (p. 356).
"Jacinto" (pp. 386-387), personagem de *A Cidade e as Serras*, "exemplo de homem civilizado".
"José Matias" (pp. 393-394), "um dos relatos breves onde a arte de contista de Eça se manifesta com mais subtil eficácia",
"Juliana" (p. 394), personagem de *O Primo Basílio* em que Eça deixou o profundo e invulgar estudo duma alma –de validade permanente e universal".
"Luísa" (p.438), heroína de *O Primo Basílio*. Discrepa da comparação com Madame Bovary e defende que "como figura de ficção, tem viva verdade humana e perfeita validade artística".
"*Maias (Os)*" (pp. 449-450) "famoso romance" e "uma das obras-primas da arte de ficção em português, comparável ao melhor que se escreveu no género na Europa do século XIX".
"O Mandarim" (pp. 450-451), "obra fundamental na evolução da arte do A.". Destaca o prólogo incluído a partir da 5ª edição como "documento importantíssimo para a história das ideias estéticas de Eça".
"Primo (O) Basílio" (pp. 646-647), romance com "êxito de escândalo" que "Apesar de todas as críticas de que tem sido objecto, desde Machado de Assis até aos nossos dias, esta obra ficará sendo, como sagazmente profetizou Moniz Barreto, 'exemplar culminante do romance português'".
"Queirós, José Maria Eça de" (pp. 654-657). Um dos verbetes mais compridos do DLPGB. Refere as "circunstâncias irregulares" do nascimento, indicando que "parte da crítica" lhes atribuira "importância talvez excessiva". Nos dados da trajectória biográfico-profissional, indica que "O longo exílio consular deu-lhe da Pátria, que fundamente amava, certa perspectiva de distância que lhe permitiu julgá-la desapaixonadamente mas também às vezes com excessiva exigência. Sem nunca deixar de ser inteiramente lusíada, teve contacto diário e por toda a vida com as grandes correntes universais de ideias do seu tempo. Esta variada experiência intelectual fertilizou extraordinariamente a sua personalidade, tão rica de si". Analisa a sua produção, indicando influências e salientando dele a "língua provocadoramente nova, afrancesada, torturada e nevoentamente lírica",

[39] Um maior desenvolvimento destas entradas encontra-se no volume FUN, nas pp. 89 e passim.
[40] Outros verbetes respeitantes a Eça de Queirós e o seu tempo que aparecem no DLPGL são "Farpas, As", "Prosas Bárbaras" e "Revista de Portugal", redigidos por Jacinto do Prado Coelho; e "Cenáculo" e "Conferências do Casino", por Ester de Lemos.

pois Eça "se mostrou capaz de assimilar tudo, fazendo-o inequivocamente seu". Relata as reacções de produtores coevos, e afirma: "tem-se designado Eça como o 'Zola português'. Coisa injusta, visto o naturalismo ter sido para o seu espírito e a sua arte, mesmo nos momentos de mais fé nos postulados naturalistas, um elemento subalterno, em que nunca se sentiu completamente à vontade, e do qual logo se libertou para afirmar a sua arte, livre e pessoal". E acrescenta: "A sua evolução foi lenta, harmoniosa, intensa. [...] a sua 'maneira' inconfundível, sugestiva e irónica, sintese consciente dos dois pendores contraditórios da sua psique" o que o leva a "um estilo específico" para encontrar soluções e "uma nova estética", que se inicia com *O Mandarim.* Qualifica *A Relíquia* de "obra única nas literaturas hispânicas, pela singular combinação de caricatura e realidade, de lirismo e crueza, irreverência e unção poético-religiosa, triunfante ilustração da supremacia da Arte sobre a Vida". Rebate as acusações de "antipatriotismo", "estrangeirice" e crítica "aparentemente desnacionalizadora" das suas produções, indicando encontrarem-se nos últimos escritos queirosianos os "valores portugueses essenciais: homem, paisagem, História" e "a riqueza da sua personalidade humana de lusíada universal" projectada em Fradique Mendes. Acrescenta que era "mais analista social do que psicológico"; no seu trabalho sobre a realidade transparecem a "verdade cómica" em lugar de "a verdade trágica", e faz comparatismo com Quevedo, Bernardo Shaw, Anatole France, Maupassant, Balzac, Flaubert, Zola, Thackeray, Renan. Frisa o estilo renovador, e que "realizou numa língua nova uma estética nova". Ocupa-se da produção ensaísta, epistolar e jornalística, e conclui que em muitos dos seus escritos Eça adiantou o complexo século XX. Insiste em que "Portugal está sempre telùricamente presente, mas em função da universalidade", salientando a fama "universal" do produtor, traduzido a doze idiomas, com influência fecunda nas letras portuguesas, brasileiras e hispânicas de ambos os lados do Atlântico.

"Questão Coimbrã" (pp. 661-663). Conclui que "essa geração surgida à vida pública na famosa 'Questão' avulta como uma das mais brilhantes constelações que a cultura portuguesa produziu em qualquer época. O carácter regenerador e de revisão de valores, o afã de reforma do estilo da vida e da literatura do país, o europeísmo cultural, a preocupação com as raízes históricas da decadência, fazem dela um antecedente da grande geração espanhola 'de 98', que lhe é devedora em muitos aspectos fundamentais – influência esta que reclama urgente estudo".

"Realismo na Literatura Portuguesa", (pp. 672-675), define-o como um movimento caracterizado pela "irreverência e liberdade, o sentimento de revolta contra a estagnação do Ultra-romantismo constitucionalista, e o intuito de renovação do clima das letras e da vida portuguesa". Refere as lutas e polémicas travadas entre os defensores das novas e das antigas ideias, assinala não ter repercutido no teatro e, na poesia[41], as diferentes correntes, e conclui: "Não foi o Realismo português, visto no seu conjunto, tanto uma escola literária bem definida como um sentimento novo, uma nova atitude espiritual em que couberam direcções e dimensões muito divergentes, que se alçou contra um 'idealismo' sem ideais [...] abrindo as comportas do espírito nacional a todas as influências de fora, alargando a escolha de motivos literários e renovando as letras duma maneira ampla".

"*Relíquia, A*" (p. 680). Apresenta-a como "ampla sátira social contra a beatice e a hipocrisia em geral" e "novela picaresca –tanto pela técnica como pela atitude corrosivamente satírica". Estabelece "todo um sistema de antíteses" que "têm como fundo o confronto entre a sociedade tradicional e a nova geração" e caracterizam um estilo "ricamente antitético". Salienta a "celebridade internacional", as línguas para que fora traduzida, e oferece como bibliografia só dois trabalhos, e de críticos estrangeiros.

"Vencidos (Os) da Vida" (pp. 837-838). Diz que "representam uma das projecções da corrente inovadora que agitou a vida espiritual portuguesa no último terço da passada centúria [...] Simbolizam a direcção aristocrática e intelectual do movimento de

[41] Da Cal teoriza neste verbete sobre poesia, ao afirmar: "a própria natureza do género, de carácter subjectivo, íntimo e pessoal, conspirava contra o predomínio duma determinada doutrina".

> 'insurgência' de 70, e da 'revolução feita de cima' que, em conflito com os valores vigentes do constitucionalismo, por um lado, e com o plebeísmo demagógico pelo outro, desembocara num pessimismo desencantado, irónico e elegante, à Fradique Mendes", concluindo ser o "vencidismo" uma "manifestação externa duma atitude profunda de insatisfação, quase de protesto, perante o tónus da vida portuguesa".

Nestes verbetes começava a espalhar-se o novo discurso queirosiano alicerçado em LEEQ. Salienta-se a coerência patriótica de Eça, com um nacionalismo diferente, que visava uma renovação da vida social e política, e da transformação de Portugal de acordo com as ideologias de progresso que vingavam na Europa. Nas referências bibliográficas transparece a luta com outros produtores. Especial relevo mercem entradas como "*A Relíquia*"; ou a *A Cidade e as Serras*, os títulos de Eça a que dedica maior destaque em LEEQ, para os quais reivindica nova interpretação que sirva para alicerçar o novo discurso de Da Cal, discrepando assim da crítica lusófona.

No respeitante à Literatura Galega os seus artigos[42] são[43]22, dois mais que os queirosianos. Contribui com 14 verbetes individuais e 8 colectivos[44], e oferece uma imagem da Literatura Galega com informação actualizada, e com um discurso que segue a tradição galeguista, incorporando novidades dos produtores com dedicação nos campos literário e da crítica literária, na Galiza e no exterior. Frisa a linha biografista e a análise da língua e o estilo, utilizando como guias metodológicos a Estilística, com

---

[42] Também assinam verbetes respeitantes à Literatura da Galiza Emílio González López, Coelho, Diego Catalán, Luís da Câmara Cascudo, Lindley Cintra, Ester de Lemos. Tendo em conta esta e as seguintes edições deste respositório publicadas em vida de Da Cal (para a publicada depois da sua morte, já no século XXI, ver infra) o total de contributos respeitantes à Galiza de outros produtores é o seguinte: de Jacinto de Prado Coelho os verbetes "Academia Galega", "Amor, nas literaturas galega e portuguesa", "Bibliotecas e Arquivos na Galiza", "Bretão (O Ciclo) na Galiza, "Cancioneiro de Baena", "Cancioneiro Popular em Portugal e na Galiza", "Castro, Rosalia de", "Influencia portuguesa na literatura galega: Na poesia contemporânea", "Leandro Carré Alvarellos", "Infantil, literatura, na Galiza", "Lias, Lopo", "Lusofilia", "Macias, o Enamorado", "Maravilhoso na Galiza", "Meogo (ou Moogo), Pêro", "Nunes, Airas", "Nunes Camanês, Joam", "Ponte, Pêro da"; de Luís Filipe Lindley Cintra: "Afonso X, o Sábio", "Crónica Geral de Espanha de 1344", "Crónica Troiana"; de Celso Ferreira da Cunha: "Airas, Joan, trovador de Compostela", "Cancioneiro da Ajuda", "Codax, Martim", "Guilhade, D. Joan Garcia de", "Lago, Fernan do"; de Leandro Carré Alvarellos: "Antologias da Literatura Galega", "Conto na Literatura Galega", "Labarta Pose, Enrique", "Lugris Freire, Manuel"; de José Vitorino Pina Martins: "Cancioneiro da Biblioteca Nacional", "Cancioneiro da Vaticana"; de Ramón Lugris: "O movimento de regeneração na literatura galega [de parceria com Da Cal, ver infra ao analisar a terceira edição, em 1987]; "Contemporâneos: O Ensaio", "Risco, Vicente Martínez"; de Luís da Câmara Cascudo: "Conto Popular em Portugal e na Galiza"; de Emilio González López: "Curros Enríquez, Manuel", "Emigração na Literatura Galega", "Folclore na literatura galega", "Influência portuguesa na literatura galega", "López Abente, Gonzalo", "Morrinha", "Santiago de Compostela"; de Urbano Tavares Rodrigues: "Morte como tema literário"; de Luís de Sousa Rebelo: "Traduções de clássicos gregos e latinos em Portugal e na Galiza".

[43] Como se indicou supra, estes trabalhos foram publicados até 1960. Coloca-se aqui a produção completa, para facilitar a sua valorização global. Este repositório influiu desde o primeiro instante quer no CL português quer no exterior, ecoando com noticias em diferentes países.

[44] Antes dos Índices, uma "Addenda et Corrigenda" inclui emendas e acréscimos em verbetes como "Acácio, conselheiro", "Academias Galegas", "Castro, Rosalia de", "Cabanillas, Ramón" "Contemporâneos na Galiza", "Murguia, Manuel", e "Saudade na Literatura Galega".

comparações com outras literaturas, nomeadamente a espanhola e a portuguesa. Eis as entradas respeitantes às letras galegas (Da Cal, 1956-1960):

"Amado Carballo, Luís", (p. 38). Apresenta-o como um "renovador da poesia".

"Añón Paz, Francisco", (pp. 49-50). Destaca a sua vida de romântico e a participação na "fracassada revolução galega de 1846", exílio a Portugal e morte na indigência em Madrid.

"António, Manuel", (p. 52). Assinala-o como um dos mais originais poetas galegos da geração nascida no começo do século e "o mais rebelde às formas herdadas".

"Bibliografia Geral da Literatura Galega", (p. 88). Referencia numerosos estudos e publicações, difundidos em livros e em revistas, do século XIX a 1955. Entre os trabalhos seleccionados inclui o verbete "Galician Literature" publicado em 1946 na *Encyclopedia of Literature* (ver supra).

"Bilinguismo na Literatura Galega (Escritores Galegos que escreveram em castelhano)", (pp. 94-95)[45]. Data o início do bilinguismo nos "meados do século XV".

"Bilinguismo na Literatura Galega. (Escritores não galegos que escreveram em galego)", (pp. 95-96)[46]. Começa com referências desde Idade Media. Cita García Lorca "íntimo conhecedor dos *Cancioneiros* medievais e da poesia galega moderna publicou *Seis Poemas Galegos* (1935) que não são um jogo erudito nem um capricho virtuosista, mas uma tentativa de interpretação poética da alma da Galiza; o poeta começa por tentar penetrar nela pela via medular do idioma", sendo exemplo para outros.

"Bouza Brey, Fermín", (p.101). Afirma ter iniciado em *Nao senlleira* "um dos movimentos de renovação da lírica galega contemporânea, reatando a distante tradição medieval".

"Cabanillas Enríquez, Ramón", (pp. 111-112). Salienta ter contribuído a tirar a poesia galega do ruralismo oitocentista e a sua produção de exaltação do terrão natal

"Caracteres da literatura galega", (pp. 129-130)[47]. Cita Teixeira de Pascoaes e Fialho de Almeida para frisar as semelhanças que se deram e persistiam entre a Galiza e Portugal, apesar das vicissitudes históricas diferentes

"Escritores contemporâneos na Galiza", (pp. 171-172)[48]. Cita como fitos a fundação da Real Academia Galega e do Seminário de Estudos Galegos, salientando "a consciência dos laços espirituais com Portugal" nas melhores mentalidades, e a definição das aspirações autonómicas. Porém "a contenda civil de 1936 interrompeu este brilhante ressurgir da Terra", desde 1939 "abafada sob o peso duma cultura alheia", assinalando os principais produtores e tendências.

"Iglesia Alvariño, Aquilino", (pp. 352-353). Salienta nele a influência de Teixeira de Pascoaes e "caracteres que fazem lembrar Juan Ramón Jiménez", e menciona as contribuições para a prosa galega hodierna e traduções dos clássicos.

"Lamas Carvajal, Valentín", (pp. 398-399). Afirma que com Rosalia, Curros e Pondal, constitui "a tetrarquia poética do Renascimento literário galego do séc. XIX".

"Martínez Risco, Vicente", (pp. 459-460)[49]. Indigita-o de umas das "figuras de destaque da cultura galega contemporânea –tanto pela obra como pela influência intelectual, que

---

[45] Verbete remissivo para as entradas "Camba, Julio" (p.115), "Cela, Camilo José" (p. 147), "Cernadas de Castro, Diego" (p.150), "Feijóo, Fr. Benito" (p. 258), "Pardo Bazán, Emilia" (p- 582), "Rodríguez del Padrón, Juan" (p. 705), "Sarmiento, Fr. Martin" (p. 734), "Trillo y Figueroa, Francisco" (p. 824) e "Valle-Inclán, Ramón del" (p. 833).

[46] Este verbete é remissivo para "García Lorca, Federico" (p. 283), "Rodríguez Marín, Francisco" (p. 705), e "Santillana, Marqués de" (p. 725).

[47] Verbete remissivo para "Autonomismo na Literatura Galega" (p. 68) e "Celtismo" (p. 148).

[48] Entrada remissiva para "Blanco Amor, Eduardo" (p. 97), "Carballo Calero, Ricardo" (p. 132), "Casas, Álvaro de las" (p. 137), "Casas, Augusto" (p.137), "Correa Calderón, Evaristo" (p. 185), "Del Riego, Francisco" (p. 207), "Dieste, Rafael" (p. 215), "Filgueira Valverde, José" (p.262), "Lirismo. Época moderna. Na Galiza" (p. 421) e "Montes, Euxenio" (p. 498).

[49] Verbete remissivo para "Risco, Vicente" (p. 704).

contribuiu "mais do que nenhum outro escritor para a europeização da cultura galega dos nossos tempos"[50].

"Murguia, Manuel Martínez", (p. 510). Apresenta-o como "um dos principais propulsores do Renascimento Galego do séc. XIX", frisando o carácter enciclopedístico da sua produção, quase exclusivamente em castelhano, com alguns escritos "na língua mãe".

"Noriega Varela, António", (pp. 545-546). Diz que "é, com Cabanillas, um dos iniciadores do movimento renovador da lírica galega nos começos do século XX, embora seja, aparentemente, menos revolucionário". Assinala a relação com Teixeira de Pascoaes e traduções da sua produção.

"Otero Pedrayo, Ramón", (p. 576). Apresenta-o como "uma das personalidades de maior relevo da cultura galega contemporânea, salientando o trabalho na prosa por ser "quem mais a dignificou, tirando-a do perímetro rural, oral e pitoresco em que ainda se encontrava, e fazendo dela um flexível instrumento estético".

"Pondal Abente, Eduardo", (p. 621). Salienta as suas leituras linguístico-literárias e a "alma medularmente romântica", e conhecedor em tradução francesa das "mistificações ossiánicas de Macpherson, ficou preso ao sonho céltico, e foi através desse prisma que procurou surpreendeer e exprimir a realidade poética da Galiza".

"Renascimento galego (Século XIX)", (pp. 683-684)[51]. Atribui à defesa contra a invasão napoleónica e ao espírito do Romantismo o ressurgir do século XIX, finalizando o parêntese que se abriu nos finais da Idade Média. Galiza adquiriu de novo "consciência da sua personalidade histórica— secularmente desvirtuada pelo assimilismo castelhano".

"Rodríguez Castelao, Alfonso", (pp. 704-705). Afirma ter derivado em "uma espécie de símbolo místico das melhores essências da Terra".

"Saudade na literatura galega", (p. 749). Define-a como "peculiar pendor anímico luso-galaico" e "complexa vivência dos dois povos irmãos do Ocidente peninsular", defendendo serem amor e ausência –"temas sempiternos do nosso lirismo— duas das suas "importantes motivações", concluindo tratar-se de "uma das notas definidoras da literatura galega e que esse sentimento doloridamente inefável, que tão intimamente irmana a Galiza com Portugal, constitui o substrato mais fundo do seu espírito, um dos ingredientes inevitáveis da visão galaica do mundo".

"Teatro na Galiza", (pp. 803-804)[52]. Cita os vilancicos, como "relíquias folclóricas" da tradição popular, e assinala ser com o Renascimento do século XIX "que começam a aparecer os primeiros tentames embrionários do drama galego [...] Nas últimas décadas um novo factor –a atitude do Estado perante as manifestações da cultura galega— veio contribuir para que, no momento presente, a Galiza não passe dum mercado regional para as formas mais banais do teatro castelhano contemporâneo— teatro, aliás, de modesta craveira".

"Varela Vázquez, Jesús, 'Lorenzo Varela'", (pp. 834). Defende "A sua estética, de inequívoca singularidade, responde a certas formas de post-modernismo hispânico – Lorca, Alberti, López Velarde— harmònicamente fundidas num substrato fundamente galego".

Os verbetes espelham uma visão positiva da Literatura Galega, um desenvolvimento importante desde o século XIX, ligado às aspirações de autonomismo político, e esperança no futuro. Reflecte-se antifranquismo, críticas à opressão de Castela, e

[50] Nas edições do *Dicionário de Literatura* publicadas em vida de Da Cal, manteve-se sempre este verbete, e mesmo se acrescentou uma ilustração de Risco na de 1987. No entanto, nas edições posteriores a esta, também Ramón Lugris escreveu novo verbete respeitante a Risco, que se encontra na letra R, como "Risco, Vicente Martínez". Lugris (1963) publicou em Galaxia um ensaio sobre Risco.

[51] Entradas remissivas: "Album de la Caridad", p. 23; "Autonomismo na Literatura Galega" (p. 68); "Cuveiro Piñol" (p. 205), "Faraldo, Antolin" (p. 256); "Lirismo. Época Moderna. Na Galiza" (p. 421) "Pintos, Juan Manuel" (p. 615); "Romantismo na Galiza" (p. 719), e "Valladares, Marcial" (p. 833).

[52] Remissivo para "Castelao, Alfonso Rodríguez" (p. 137), "Cotarelo, Armando" (p. 189), "Feixóo de Araúxo, Gabriel" (p. 258), "Lugrís Freire, M." (p. 438), e "Villar Ponte, Antón" (p. 876).

salienta a confluência com Portugal. Da Cal aponta a ambivalência existente no CL galego, com orientações para os intersistemas hispanófono e lusófono. Merecem destaque a referência às traduções de Noriega Varela, ou singularizar Lorenzo Varela[53]. Há intencionalidade de alargar os contactos da Literatura da Galiza com outras europeias, valorizando a unidade da produção desde a Idade Média e entendendo os autores contemporâneos como continuadores de uma tradição que não se interrompera; pois julga que produtos como os vilancicos ou certos textos teatrais demostravam actividade e permitiram sobreviver a tradição do instante áureo da Idade Média, em que produtores de outros povos utilizavam o idioma Galego-Português. Defende a ideia de ter sido o povo galego que conservou o idioma e a cultura contra a invasão cultural e política de Castela. Uma imagem, pois, positiva da Galiza e que pulava pela integração no intersistema lusófono.

Esta produção de Da Cal constitui porventura a difusão da Literatura da Galiza no repositório de consulta mais difundido internacionalmente e em que melhor tratamento se lhe deu. O galeguismo actuante na Galiza, e no exterior, conheceu esta produção, e divulgou-a durante anos com os meios de que dispunha (ver infra), orgulhando-se dela[54].

A primeira recepção galega publicou-se na *Memoria Anual* de 1956 da Casa Galicia de Nova Iorque, onde Emilio González López ressalta o DLPGB entre os três acontecimentos culturais principais de aquele ano[55]. Valoriza que (González López, 1956): "supone el reconocimiento de la madurez cultural de la literatura gallega, colocándola al lado de las otras dos literaturas de la misma lengua, la de Portugal y la de Brasil", com o que se mantinha na linha tradicional de aproximação lusófona. O

[53] O facto se ser um artista multifacetado, que dedicava interesse às Letras mas também à pintura, e que era uma personalidade muito bem relacionada e influinte em certos âmbitos do galeguismo, para além de antifranquista, seriam argumentos que convenceram Da Cal desta singularização, que não se ofereceu a outros produtores vivos na altura e com uma produção com maior consideração na Galiza. No ano 2004 a Real Academia Galega acordou dedicar a Lorenzo Varela o Dia das Letras Galegas.

[54] Mesmo se teria apropriado em parte desse contributo, de acreditarmos em Alonso Estraviz (2007: 611), quem afirma que em 1978 Ramón Piñeiro aceitara que Galaxia publicasse um dicionário que ele estava a elaborar com "uma ortografia próxima à portuguesa" e acrescenta que Piñeiro "naquela altura tinha certa simpatia para os portugueses e mesmo sentia um grande orgulho de ter conseguido que a literatura galega tivesse cabida no Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira". Consultado sobre este assunto, o Professor Estraviz afirma que foi na sequência de uma conversa e que talvez os termos exactos não fossem esses. Da correspondência do director do empreendimento, Jacinto do Prado Coelho, conservada nos fundos de Da Cal da HSA infere-se que foi ele próprio quem teve essa iniciativa, sem qualquer contacto com os galegos.

[55] Os outros eram a organização do primeiro congresso da emigração em Buenos Aires e os reconhecimentos da música tradicional galega em "festivales célticos".

veterano docente lembra nas últimas linhas a repressão que se vivia na Galiza na altura, que empecia materializar aquela aspiração.

III.2.2.11.3.- Convidado para o primeiro congresso da emigração galega.

Uma prova da centralidade que lhe era conferida por outros enclaves galegos no exterior foi o facto de ter sido convidado através de carta (datada aos 7-V-56) de Manuel Puente e Francisco Regueira, presidente e secretário geral do *I Congreso da Emigración Galega e Conmemoración do Banquete de Conxo*, agendado aquele Verão em Buenos Aires, para participar naquele acontecimento. Na epístola indicam: "é moi grato invitalo oficialmente a concurrir a esta xuntanza de irmáns, correndo por conta desta Comisión os gastos que ocasiona a sua estada n'esta cidade". Acompanham folheto com o manifesto, temário e regulamento. Da Cal responde que "infelizmente" não pode acudir nessas datas, pelas suas ocupações. Adere ao congresso e aos seus fins, afirmando[56]:

> A natureza especificamente galega da xuntanza, o temario de problemas a se desenvolver nela, a tan significante data centenaria que se escolleu para o celebrar, todo, fai unha chamada ao meu corazón e ao meu sentimento de galeguidade a que eles responden fonda e plenamente. [...] Alén de que este congreso sen dúbida há de ter unha transcendência vital no estímulo do rexurdir da conciência histórica da terra, cuxo despertar está a tornarse máis evidente de dia en dia dentro e fora da Galiza –a despeito dos "iñorantes e feridos e duros" que ainda non souperon ouvir a voz telúrica da Matria.

Diz que Emilio González López "leva unha breve mensaxe miña de adhesión", mas essa mensagem, caso de a chegar a redigir e entregar a González López, não se incluiu em todo o caso nas *Actas*.

Em 25 de Julho, Da Cal participou mais uma vez activamente na celebração do Dia de Galiza, em Nova Iorque[57]. A *Memória anual* da Casa Galicia recolhe a sua presença na reportagem fotográfica que dedica ao acto, e cita-o na crónica, frisando que ele (Sem Autor, 1956): "y Leonardo Santamarina, pronunciaron discursos relacionados con este acto 'Día de Galicia' o 'Día de Santiago'". Conservava portanto a maior consideração entre os galegos da América, quer residentes nos EUA ou em outros países, uma

[56] A cita é segundo a cópia da epístola conservada na HSA, em que não figura data, mas que corresponde à altura.

[57] Da Cal recebeu, e conservou, um programa da Comissão de Festas de Sada, de "Xunio de 1956", redigido em galego, que talvez lhe chegara através do sadense Emílio Flores, grande animador da Casa de Galicia de Nova Iorque e galeguista republicano, ou de alguma outra pessoa natural de Sada. Aquele ano era toda uma novidade usar a língua autóctone em documentos desse teor na Galiza.

posição que lhe será reconhecida também nos anos sucessivos, até a actualidade. Merece reparar-se como esses contactos eram exclusivamente com galegos da diáspora em Cuba, México, Argentina, Chile e nos EUA, mas não com a intelectualidade que agia na Galiza, com a qual ainda não tendera pontes, por mais que já houvesse conhecimento mútuo, que se intensificará por causa do contributo no DLPGB.

III.2.2.11.4.-A projecção pela divulgação na *Voz de América*.

Da Cal mantinha regular contribuição na programação cultural da estação de rádio *A Voz de América*. A emissão tinha finalidade política, ao tentar propagar os EUA e o modelo de vida norte-americano nuns anos marcados pela chamada de "guerra fria". Dos trabalhos de aquele ano, em Janeiro ocupou-se de dois livros: um de Buffalo Bill e outro sobre Cervantes[58]. Em agosto envia outro trabalho intitulado "The American West: An Artistic Myth", de teor semelhante.

Aos 30-XI-1956 Edmund de Chasca, da State University of Iowa, envia-lhe carta em que afirma ter conhecido, através de Roggiano[59], a boa opinião que a Da Cal merecera o seu estudo sobre *El Mío Cid* e a intenção de se ocupar dele na *Voz de América*, indicando que "espero ansioso el ´script´". Um trabalho que fará Da Cal[60].

Na emissão radiofónica transfere assim produtos americanos para o exterior. Essas tarefas eram do agrado dos dirigentes da estação de rádio, mas também respondiam aos próprios interesses profissionais. O exigente trabalho semanal nesse meio radiofónico supunha estar bem informado da actualidade da cultura dos EUA, e facilitava-lhe introduzir-se nela desde uma posição de privilégio, o que por sua vez lhe podia abrir as portas para contactos e para a sua promoção.

III.2.2.12.-A mediação de Machado da Rosa na Galiza e em Portugal, em 1957.

---

58 No primeiro, de Henry Blackman e Victor Weybright, conclui comparando aquela figura do Oeste americano, para o imaginário infantil, com as de Robin Hood, D'Artagnan ou El Cid. No segundo comenta a tradução de um livro de Juan Arbó, *Cervantes Life*, e refere críticas que teve de Thomas Bergin, na *Saturday Review*, e de Charles Poore, no *New York Times*. Estes trabalhos encontram-se na HSA. Foram aprovados para a emissão por J. P. Fromer e por J. Castro.

59 Refere-se a Alfredo Roggiano, da Universidade de Iowa e da *Revista Iberoamericana*, quem, em carta (27-X-1956), convida Da Cal para participar num número extraordinário dessa publicação. Roggiano agradece o envio de LEEQ, e afirma estar na mesma linha que Da Cal. Refere ter estudiado na Universidad Central de Madrid. Da Cal continuava a procurar contactos privilegiados com os principais centros do hispanismo, com especial atenção aos EUA, e difundia LEEQ nos âmbitos das revistas especializadas.

60 A esta crítica refere-se Chasca anos mais tarde (ver infra) quando lhe envía novo estudo e lhe pede que se ocupe dele, reconhecendo que o trabalho divulgativo de 1956 tivera repercussão no âmbito académico e lhe resultada favorável. Nesta mesma epístola, Chasca acusa recepção de LEEQ: afirma que lhe parece "brillante labor [...] de grandísima importancia para mi propia orientación". Anuncia que pensa finalizar a leitura, e depois escrever juíço "acaso en el *Philological Quartely*, de esta universidad".

Desde o início do exílio, Da Cal não tinha relacionamento directo com os grupos que agiam na Galiza em prol da recuperação da cultura autóctone e do seu reconhecimento como comunidade. Conhecia actividades deles, como evidenciou na recensão na RHM dos *Siete ensayos rosalianos*. Em 1957 estabelecerá laços com aquelas pessoas. Resultarão um sucesso e contribuirão para novos produtos científicos e literários, para a sua maior projecção nesses campos, e para arvorar uma nova rede. Alberto Machado da Rosa resultou fulcral, como mediador com a intelectualidade galega, para além de continuar a favorecê-lo em Portugal, por causa da permissão sabática.

Nesse ano manteve-se a receptividade internacional de LEEQ e apareceram no mercado novos produtos seus orientados para o intersistema hispânico. Foi nomeado membro honorário de uma fraternidade universitária dos EUA, Phi Beta Kappa, segundo lhe comunicou carta de J. Binns[61]; e começaram os preparativos para ir de professor visitante à Universidad de Puerto Rico[62]. Do ponto de vista biográfico, por vez primeira apareceu inserido num directório publicado em Nova Iorque em que se incluiam os professores considerados de maior relevo nos EUA. Nesse repositório (Cattell, 1957: 167; também inclui a esposa, como "Da Cal, Prof. Magarita [sic] U." na página seguinte) indica-se a sua formação e sobressai o facto de ser na altura "Prof. Spanish & Portuguese & Head Dept., N.Y. Univ", além da autoria de LEEQ, *Literatura del Siglo XX* e os verbetes no DLPGB. Também é apresentado como professor de língua espanhola e portuguesa, e de literaturas espanhola, portuguesa e galega.

III.2.2.12.1.-O contacto com os agentes do galeguismo na Galiza.

---

61 Na epístola, de 27-XI-1957, este representante da entidade fraternal explica que O Beta de Nova Iorque foi o segundo capítulo do "national scholastic honorary" do Estado de Nova Iorque e o 15º do país. A notícia foi recolhida no *Square Journal* (Sem Autor, 16-XII-1957).

62 Eugénio Granell, que residia nessa ilha, indica-lhe em carta (22-IX-1957) que "Hablé de tí con Sebastián González. […]. Él da por seguro que vendrás el próximo verano. Está muy animado con tu visita". Granell sublinha que González não conhecia Da Cal, e manifesta o anelo pessoal de se deslocar para Nova Iorque, onde moravam a sua esposa e a filha Natalia, e ao respeito indica: "Por éso quiero insistir acerca de tu buena voluntad, para que me tengas en cuenta y no eches en olvido mis deseos, si se presenta alguna ocasión propicia a los mismos". Este parágrafo indica como Da Cal tinha poder na NYU e como lhe era solicitada ajuda por outros exilados. Da Cal responder-lhe-à aos 22-X-1957, indicando que "hace ya una semana escribí a Sebastián González, con el fin de fijar la cuestión de mi visita a Puerto Rico en el próximo verano", ao tempo que oferece apoio para facilitar a deslocação de Granell para Nova Iorque.
Margot Arce de Vázquez (31-XII-1957), directora do Departamento de Estudos Hispánicos desse centro de Porto Rico, encaminha carta a Da Cal em que lhe comunica que o decano, Sebastián González, também galego exilado, lhe dera ordens de que prosperasse aquela iniciativa, de que Da Cal fosse como professor visitante. Na carta, Margot Vázquez faz referência ao encontro que tivera com Da Cal em NY "en el verano de 1939 y tendré mucho gusto en renovar nuestra breve relación de entonces".

Da Cal (26-I-1957) responde carta de Rosa, em que este lhe solicitara colaboração para publicar Fernando Namora nos EUA[63]. Na resposta, interessa de Da Rosa que lhe confirme as datas do Colóquio Luso-Brasileiro agendado em Lisboa, e agradece a sua mediação em favor dele com os organizadores para conseguir que o convidassem. Os bons ofícios de Da Rosa resultavam do maior interesse para a apresentação de Da Cal em Portugal, como valedor da cultura e da literatura lusa nos EUA, e acrescentava a sua projecção, sobretudo nos ambientes em que era menos conhecido, entre eles o dos produtores literários coevos, com os quais Da Rosa tinha boas relações.

Em Março, Da Rosa viaja à Galiza, por causa dos seus estudos rosalianos e contacta as pessoas que se movimentavam em redor de Galaxia e dos *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Conhece Fermín Bouza Brey, que polemizara com o seu estudo de 1954[64]. Falou-lhes de Da Cal e da actividade que realizava em favor da cultura galega. Os galeguistas conheciam a "Nota Prévia" de LEEQ e os fascículos do DLPGB, e assim estabeleciam laços com aquele aliado nos EUA. Fruto dessa mediação, Ramón Otero Pedrayo escreve em Compostela carta para Da Cal, que assinam ele e Fermín Bouza Brey, Ramón Piñeiro, Jesús Alonso Montero, López Nogueira, F. R. Cordero Carrete "en nome das novas xeracions" e Antonio Rubal. A epístola indica (Otero Pedrayo et alii, 16-III-1957):

> Noso querido amigo: Hoxe temos pensado moito en Vde, sen o coñecer, mais a concenza e consolo de seu outo esprito nado no fogar das Burgas vivindo e alentando no desterro como Vde. foi pra nós a millor e mais saudosa presenza niste raioso dia de marzal parolando –o doutor A. Machado da Rosa, Ramón Piñeiro, Felipe Cordero Carrete, Fermín Bouza Brey e mais Ramon Otero Pedrayo que é quen escrebe—na Quintán dos Mortos, nos pórticos da Rua Nova de Sant-Yago, nas romanticas alamedas de Padron e na soleira, bicados por o poente de primadeira da casa onde foi o pasamento de Rosalia… No noso pensamento brilaba como una [ilegível] irradadación transcendente a Galiza emigrada como a sotil esencia inmorrente da Nosa Terra, [ilegível] en amor e espranza. E a Vde., fillo das néboas e dos merlos, do humorismo e da saudade ourensán, adicamos as millores lembranzas do serán. Van sobre do soante acento do Atlántico levando a Vde. a seguranza de unha nova mocidade severa e nidiamente adoutriñada, a que deben ser (ensoada?) por os Precursores. Noso amigo o Dr. Machado da Rosa leva istes nosos sentimentos e arelanzas espreitando na fidalga figura de Vde. o símbolo e querenza da grande Galiza raiolante a través da sua door por o mundo cara o futuro… de Vde. sempre amigos

[63] Da Cal promete mediar com duas amigas, tradutoras e próximas a editores, Mildred Adams e Harriet de Onís. Interessa-se Da Cal no projecto da nova versão de *Os Maias* de que lhe informara Jacinto Coelho (em carta referenciada supra): pede-lhe que faça averiguações, porque soubera que Vitorino Nemésio era primo dele, uma circunstância que com certeza favorecia os bons contactos que Da Rosa estabelecia em Portugal.

[64] Sobre esta polémica rosaliana Da Rosa, ver Torres Feijó-Gômez (2005).

Da Rosa (10-IV-1957) relata-lhe as boas impressões de aquela visita. Refere-se com admiração a Ramón Piñeiro "esse Sócrates compostelano", e confirma ter falado dele às pessoas "que assinam a carta que junto envio e que é uma homenagem (creia que bem sentida) ao que V. realizou, realiza e promete realizar. Parabéns". Diz que há interesse de que algum instituto inclua o nome de "galaico" e propõe que seja o de NY[65].

Em longa resposta àquela epístola[66] de Da Rosa, confirma Da Cal (15-IV-1957) ter-se emocionado perante a carta de Otero Pedrayo. Afirma que "V. sabe o que a Galiza supõe para mim, e essa delicada e poética lembrança de fraternidade, assinada por um grupo dos espíritos mais finos da minha Terra não podia deixar de me comover profundamente. Já pode imaginar como me penhorou". Dá novidades a respeito do projecto de posta em andamento de um Instituto de estudos luso-brasileiros na NYU, e a respeito dos objectivos propostos indica Da Cal nesse escrito:

> os meus planos são o estabelecimento duma Cadeira de Língua Literatura e Civilização Portuguesas, para estudos graduate e undergraduate, como base dum Instituto Português no qual se fizessem exposições de arte, se dessem concertos de música lusitana, conferências, filmes, etc. Se criasse uma Secção de Bibliografia que pudesse servir de referência para todos os lusitanistas norte-americanos. O meu ideal é fazer de NYU THE CENTER OF PORTUGUESE STUDIES IN THE USA com um programa completo de Linguística, Literatura, Historia, Antropologia, Folclore, etc. com amplas possibilidades de especialização para AB, MA, Ph.D. Portugal tem em N.Y. uma Casa de Portugal, luxuosa, que serve para distribuir folhetins de turismo e provavelmente para justificar uns generosos ordenados burocráticos. Com uma parte infinitesimal desse orçamento, dedicado a actividades culturais e universitárias, o que se poderia fazer!

---

65 Confirma ter entregado LEEQ a Dona Maria Eça de Queirós, que ficara entusiasmada. Rosa mediava activamente em favor dos interesses pessoais e profissionais de Da Cal: a Galiza e Eça.

66 Diz-lhe que podia comunicar Cámara Reys que enviaria para *Seara Nova* "o artigozinho prometido" sobre Eça, Verlaine e o Parnaso. [Deste artigo fala também em carta sem datar, anterior]. A respeito do conteúdo, esclarece: "encontrei no corpo das *Prosas Bárbaras* um poema de Verlaine, completinho, subtilmente inserido no urdume da prosa. Curiosamente Eça nunca teve nada bom a dizer sobre o poeta da *Sagesse*. A sua atitude a respeito de Baudelaire também é digna de estudo." Rosa solicitara-lhe dados a respeito dos estudos portugueses nos EUA, e responde-lhe com informação tirada de "uma cópia do Relatório que há já tempos enviei a diversas autoridades oficiais e académicas de Portugal", com informações desde 1816, afirmando aí: "Os meus sonhos já produziram algumas realidades. Para minha grande humilhação e raiva ferina, essas realidades porém, não são portuguesas mas brasileiras. Este é o segundo ano em que conto no meu departamento com um professor enviado e pago pelo Itamaratí (Ministério dos Estrangeiros do Brasil). Neste momento vai ser substituido por outro, que esperamos seja um "scholar" conhecido. A minha Universidade como resultado destes favoráveis desenvolvimentos tomou um grande interesse pelo Brasil, e no próximo mes de Novembro vamos celebrar com grande espalhafato um "Forum" on Brazilian Affairs, com assistência dos Embaixadores (que são três: Washington, U.N., e OEA (Organização de Estados Americanos). E de Portugal nada. Portugal estabelece cadeiras de Estudos Portugueses na Albánia, em Andorra, em Mónaco –mas nos E.U. não. Os E.U. é um deserto cultural que não conta! Ora, sebo!".

Nessa epístola[67] há elementos respeitantes aos estudos queirosianos, interesse pessoal pela filha de Eça; o pedido de mediação a respeito de Fernando Namora[68] e Cardoso Pires, e solicita Da Cal que lhe envie o estudo sobre Heine e Rosalia, publicado em Fevereiro por Da Rosa (1957) numa revista da Universidade de Wisconsin. A respeito das reservas que Da Rosa afirma encontrar em Portugal para convidá-lo oficialmente para o Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros pela sua posição antifranquista, esclarece Da Cal como era requerido pelas novas elites que ocupavam posições centrais na Espanha na altura, e como ele se firmava nas convicções republicanas e antifranquistas. Diz em concreto na epístola a respeito dessas prevenções:

> fez-me rir às gargalhadas das ironias da vida. Quero que o Alberto saiba, para que se regocije comigo, que neste Anno Domini de 19..., melhor dito no passado Anno Domini de 1956, recebi uma embaixada do Director do Instituto de Cultura Hispánica de Madrid, para me oferecer uma bolsa anual para um estudante de NYU –que aceitei, sob certas garantias— e um convite oficial para assistir à celebração do Centenário de Menéndez y Pelayo –arregale os olhos, faça favor! – com despesas pagas, convite esse que rejeitei. Apesar disso, o convite foi-me novamente feito por carta do Sánchez Bella –e novamente declinei, deliciado. Imagine se acharei graça que em certas camadas oficiais portuguesas possa haver hesitações ao meu respeito na questão do convite – parece ser um caso evidente de "mais franquistas do que Franco". Enfim, a vida é uma grande troça.

Aquela mediação na Galiza favoreceu que, pouco tempo depois, Da Cal começasse o relacionamento epistolar com Otero Pedrayo.[69] Na primeira carta refere-se, com agradecimento, à mensagem assinada por Otero e pelos outros galeguistas que lhe fizera chegar Da Rosa. Uma mensagem, afirma Da Cal, "tan xentil, tan saudosa, tan chea de acesa galeguidade". Informa-o de ter recebido poucos dias antes a narrativa *Entre a Vendima e a Castañeira* "enviado por Galaxia". Nesta epístola figuram parágrafos em

---

[67] Rosa enviara-lhe também uma nota autógrafa de Fidelino de Figueiredo, perante a qual Da Cal afirma ter ficado "sensibilizadíssimo". Também lhe sugere que "Seria bom comunicar aos irmãos galegos que na Argentina existe um Instituto Cultural Galego-Argentino e que a MLA of America tem uma Secção dedicada às Literatures of Portugal, Galice and Brasil", que porventura era desconhecida para os agentes do Galeguismo.

[68] Os contactos respeitantes à mediação de Da Cal sobre os produtos de Namora continuarão neste ano. De Lisboa, Namora (28-IV-1957) escreve para Da Cal: diz que estavam livres os direitos em lingua inglesa de *Mountain Doctor*, que tivera sucesso na Inglaterra, e tinha também tradução para inglês disponível de *O trigo e o jóio*. Aos 28-VII-57, Namora envia-lhe tradução francesa de *O trigo e o joio* indica que uma tradução americana "Seria uma oportunidade extraordinária na minha carreira de escritor" e agradece o interesse de Da Cal.
Mildred Adams (6-IX-1957) comunica por carta a Da Cal que lera *Mountain Doctor* "with considerable interest", que lhe tinha enviado Da Cal.
Fernando Namora (5-X-1957) lamenta em carta não o ter conhecido no colóquio de Lisboa.
Harriet de Onís (29-X-1957) escreve Da Cal a respeito da tradução de *Fogo na noite escura*, que valoriza positivamente, mas não oferece certeza da publicação nos EUA, como era o objectivo.

[69] Apesar de não aparecer datada, parece acertada a dedução de Isabel Seoane (2002b: 147) de corresponder a 1957. Da Cal anuncia o envio de um exemplar de LEEQ, que Otero comentará esse mesmo ano (ver infra).

que se tenta dar a conhecer a Otero pelo relacionamento que tiveram em Madrid e em que esclarece o labor que se fazia pela cultura galega nos EUA pela rede que funcionava ao respeito entre os exilados. Afirma Da Cal (Seoane, 2002b: 133-136):

> Vde. non se pode recordar de min, mais eu me lembro de Vde.. Eu era um rapaz nos tempos da República en Madride, amigo do inesquecíbel Castelao –que fora compañeiro de carreira do meu pai en Santiago—e do Suárez Picallo. E acodia regularmente á tertulia do Café Regina, na Rua de Alcalá. Alí ouvín falar moitas veces ao Mestre Otero Pedraio, criador da prosa galega moderna, cuia obra literaria eu tanto admiraba, e cuia obra política de redenzón material e espritoal da Terra era un outo e inspirador guieiro dos meus ideais galeguistas. Despois veu a guerra, despois a Diáspora. E eu vin para os E.U. E aquí en Nova Iorque, con Castelao, o seu nome estaba nos nosos beizos acotío. Daquí temos seguido día a día a laboura que Vde., e os outros que aí ficaran, ten realizado para manter viva, ao longo destes duros tempos, a chama do ideal duma Galiza limpa, esgrevia e pura. Nós aquí facemos o que podemos. Digo nós, porque nos E.U. hai un grupo de galegos "bos e generosos" que levan a Terra no corazón a todas horas. En N.Y. está Emilio González López, de Profesor no Hunter College. Perto de nós, no estado de Nova Jersey, na Rutgers University están os irmãos Santamarina. Na California está o Rubia Barcia, na Universidade. En Texas o Ramón Martínez López, tamén de Profesor. O Outeiro Espasandín está en Waynesburg e o Sebastián González é Decano da Universidade de Porto Rico. Con algúns deles mantemos contato regular e con outros esporádico. O Emilio González López e eu estamos planexando a publicazón dun manifesto dos intelectuais galegos na emigrazón, que tenderá a ser uma decrarazón de principios encol do problema histórico da nacionalidade, e o seu futuro, --mais do que un pronunciamento imediatamente político. Os galegos do México, da Venezuela, do Uruguai e da Arxentina, que foron consultados, están plenamente dacordo. Coidamos que nos momentos presentes poda ter unha certa importancia siñificativa, dentro e fora da Terra. Eu, pola miña homilde personalidade no campo da investigazón da literatura portuguesa, teño tratado de facer o meu anaco na aproisimazón luso-galaica, ao meu ver fundamental para o noso futuro cultural. Agora, como seguramente xa sabe, estáse a publicar, no Porto, un *Dicionario das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, de cuia seizón galega tiven a honra de ser incumbido polo director da obra, o Dr. Jacinto do Prado Coelho, grande amigo das nosas letras e *rosaliano* ilustre. Xa viu algún dos fascículos?[70]

Da Cal reivindica-se perante o mestre galeguista, figura já consagrada na altura e o maior referente e autoridade legitimadora na Galiza. Na epístola fornece elementos muito diversos para que Otero o tenha presente entre aqueles que, no exterior, trabalhavam em prol da Galiza. É de interesse frisar a referência ao manifesto que tinha projectado juntamente com González López, sobretudo pelas consultas a enclaves da América, o que demonstra os contactos de Da Cal. No entanto, o principal interesse da epístola é o facto de contactar Otero e através dele com o galeguismo, favorecido pela mediação de Da Rosa, recuperando um elo que quebrara o exílio.

---

[70] Refere nessa carta o relacionamento que teve em Madrid com um irmão de Bouza Brey e informa Otero do projecto de se deslocar a Lisboa em Setembro para participar no III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, e que "eu suxerín ao Prado Coelho que os intelectuais galegos deberían ser invitados". Na carta envia-lhe três poemas, dedicados para Otero, Bouza Brey e Piñeiro, que se incluirão em *Lua de Alén Mar* (ver infra).

Aquele ano, Da Cal estabelece relação também com Ramón Piñeiro, que servirá para projectar a publicação do seu primeiro poemário, e para colaborar numa homenagem a Otero Pedrayo[71]. Da Cal também informará de iniciativas que pensavam organizar em NY para favorecer os interesses de aquele grupo. Segundo se referenciou nos finais desse ano, na *Memoria anual* da Casa de Galicia, Da Cal interveio numa exibição de filmes e na velada necrológica anual em lembrança dos sócios falecidos e de Alfonso R. Castelao. Na primeira dessas actividades falaram também Emilio Flores (directivo da Casa Galicia muito preocupado pela actividade cultural) e Emilio González López. A respeito de Da Cal indica-se que "trató del renacimiento de la cultura gallega y de la cooperación para formar un teatro gallego, ayudando a Galicia en lo que se pueda para obtener ese propósito". Os mesmos oradores, com Eugenio Granell, falaram na homenagem aos mortos, celebrada igualmente com "nutrida concurrencia" e na qual Da Cal (Sem Autor, 1957)

---

[71] Estas iniciativas concretar-se-ão: Ramón Piñeiro (16-X-1957) responde à carta que Da Cal lhe enviara de Lisboa e confirma-lhe que "en GALAXIA acolleremos co máis cordial entusiasmo o seu libro de poemas", convidando-o para participar no volume de homenagem a Otero Pedrayo.
Piñeiro (5-XI-1957) escreve para Fernández del Riego, em que afirma (Del Riego, 2000:126) "Agora mesmo recibo carta de Da Cal na que me informa que van constituír de contado a Asociación de Amigos de Galaxia. Tamén acolle con entusiasmo a idea de colaborar no tomo-homaxe a Otero".
Piñeiro (7-XI-1957) escreve nova carta a Del Riego, em que assinala (Del Riego, 2000:126): "Recibín a túa carta co artigo de don Ramón sobre o libro de Da Cal [a recensão de LEEQ]. Alegreime moito de que o tiveras, pois o interesado ten natural curiosidade polo coñecer. Coido, coma ti, que iremos facendo o milagre de convertir os soños en realidades".
Piñeiro (7-XI-1957) escreve para Da Cal e insiste em solicitar-lhe colaboração para a homenagem a Otero. Diz que lho comunique a Emilio González López. Oferece colaboraçom para os artigos do DLPGB. Envia artigo de Otero sobre LEEQ. Diz que espera o poemário de Da Cal *Lua de Alén Mar* na primavera. Afirma conhecer os poemas de Da Cal enviados a Otero.

A respeito da produção poética, Da Cal (em carta de 26-IX-1957; dois dias antes, em 24-IX-57, Da Rosa escrevera-lhe de Madison para solicitar "impressões e novidades"), de regresso em Nova Iorque, escreve epístola para Machado da Rosa, em que agradece todas as gestões que fizera o professor de Wisconsin para favorecer a su participação no Colóquio Luso-Brasileiro como convidado oficial, e fala da produção literária nestes termos: "Non fique magoado, por favor lho pido, por non lhe ter eu enviado algum dos pobres frutos da minha parca musa. O afazer poético era um segredo pudorosamente guardado nos recantos da minha carteira de trabalho. Parte por pudor, parte por falta de segurança no valor desses *pilritos* –como diria o Eça. Agora o segredo já não é segredo, por um momento de fraqueza –quem não os tem!. E esse momento de emoção galaica, causado por uma carta adorável do adorável Piñeiro, vai fazer com que eu me decida a deixar sair à praça pública ese *vício* inconfessado. O Piñeiro pediu-me o livro (*Lua de Alén-Mar*) e eu accedi, em princípio, a lho entregar, – se depois de uma certa selecção e acepilhação eu encontrar que não é totalmente inapresentável. Agora vou-lhe rogar que aceite um desses poemas, que tive o atrevimento de lhe dedicar. Não sei se é bom ou mau, mas vai direitamente do coração, como coisa íntima que é. (Observará que eu emprego no galego a grafia mais próximamente possível da portuguesa, o qual me parece coisa de sentido comum da que só vantagens pode derivar para as letras da Galiza. Oxalá esta idea, que não é nova, encontre eco entre os nossos escritores. Os galeguistas portugueses como V., podem ajudar muito neste sentido.)"

Da Rosa (30-IX-1957) responde e agradece a Da Cal o poema dedicado, ao que se refere como "uma daquelas gratíssimas surpresas que não surpreendem muito e comovem muitíssimo. Acho-o muito, muito bom, cheio da mais fina graça poética", e confessa-lhe que ele também escreve poesia. No primeiro poemário de Da Cal, *Lua de Alén-Mar*, será incluído, com efeito, um poema em honra a Rosa.

> dijo que Castelao fue importante en la literatura gallega, breve, pero sólida, de prosa narrativa, arte plástico, satírico, pero no sarcástico. Siente emoción en el ambiente gallego con rasgos caricaturistas que representan el espíritu de Galicia contribuyendo al desarrollo de la lengua gallega. Operaba sobre elementos populares y era un narrador esencial. Terminó leyendo unos escritos de Castelao.

Na *Memoria*[72] publica-se um escrito de Salvador Lorenzana, em que destaca o labor de Galaxia[73].

Da Cal, portanto, estabelecera contacto e começava a rendibilizar aquele relacionamento, que lhe servirá com o tempo para confirmar um novo grupo em favor dos seus interesses, dentro da rede que se estava a tecer e que já tinha frutos nos EUA através dos hispanistas e dos lusitanistas; e em Portugal, através dos queirosianistas e sobretudo da Universidade de Coimbra, sem esquecer os galegos exilados. Aos 45 anos encontrava-se portanto em plena actividade e efervescência para acometer novos reptos e consolidar ainda mais a sua autoridade e projecção em diferentes campos.

III.2.2.12.2.-Firmando a autoridade no Colóquio Luso-Brasileiro de Lisboa.

Da Cal continuava esse ano envolvido com as gestões para pôr em andamento um Instituto Luso-Brasileiro na NYU. A resposta que tinha era boa só pela parte brasileira. Em 1957 começará a firmar também a sua autoridade ao conseguir o primeiro convite oficial português para participar no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, agendado em Setembro em Lisboa[74]. A sua presença nesse acontecimento teve repercusão na imprensa[75] e serviu-lhe para estabelecer muitos contactos, mesmo ao mais

---

72 Não faz referência a publicação, talvez por se ter fechado para entregar à gráfica sem dar tempo para recolher a notícia, um acontecimento agendado para o domingo 8-XII-1957: um "Gran festival Pro Cultura Galega" com o fim de conseguir financiamento para Galaxia, Bibliófilos Gallegos, Academia Gallega e Editorial Citania, segundo figura num anúncio do acto conservado na HSA.

73 Defende que "la personalidad literaria de Galicia es fundamentalmente lírica" frisando como "el centro de la literatura galaico-portuguesa medieval, se encuentra en nuestro país" e sublinha que "en los actuales momentos se está viviendo, con cierta intensidad, un proceso de resurgimiento poético". Conclui que o panorama cultural apresentava na altura "una incuestionable vitalidad" e "una firme continuidad".

74 Manuel Cavaleiro de Ferreira (3-VI-1957), Presidente da Comissão Organizadora, (de que era Vice Presidente Américo da Costa Ramalho) comunica-lhe: "desejando manifestar-lhe o seu alto apreço pelos notáveis serviços que V. Exª. tem prestado à cultura portuguesa, resolveu que as despesas com a sua estadia em Lisboa durante a realização do Colóquio estariam a cargo da Comissão".

75 O *Diário de Coimbra* noticiava na capa que (Sem Autor, 9-IX-1957) "Dois professores americanos em Coimbra", assinalando Da Cal e Carleton Sprague Smith, da NYU, que participavam no Colóquio de Lisboa. De Da Cal diz ser "grande amigo de Portugal e esteve já várias vezes em Coimbra, onde conta relações de amizade com muitos professores universitários, sendo um apaixonado pelos estudos 'queirosianos'" e indicando a publicação de LEEQ. Assinala que os dois passaram o dia em Coimbra. Da Cal, segundo o jornal, visitara os professores Lopes de Almeida, César Pegado e cumprimentara o reitor, Maximino Correia.

alto nível político[76]. A participação era importante pelo reconhecimento profissional que supunha, e pela oportunidade para estabelecer laços com os produtores científicos e literários luso-brasileiros que participavam e conhecer o estado dos campos que representavam. A mediação de Machado da Rosa[77] resultou fulcral para atingir esse objectivo, pois aquele aliado açoriano interveio activamente perante os organizadores para ajudar a quebrar uma resistência de tipo político que Da Cal desconhecia e que empecia o seu relacionamento com as elites que geriam o sistema cultural luso: a sua oposiçom à ditadura franquista, como o próprio Da Rosa lhe comunicou. Da Cal era já um especialista reconhecido, como o demonstrava a receptividade dispensada a LEEQ e a colaboração no DLPGB.

Aquela deslocação a Portugal aproveitou-a para numerosos contactos de interesse pessoal, profissional e mesmo político. Assim o relatará, já de regresso em Nova Iorque, em carta que envia para Machado da Rosa (26-IX-1957), em que refere as experiências do contacto com Fidelino de Figueiredo, Soares Amora, Câmara Reys –de quem afirma que "me levou numa peregrinação queiroziana, por todos os lugares lisboetas da vida e da obra do meu Eça"—, a revista *Seara Nova*, Pinto Valente, Castro Soromenho, Joaquim Barradas de Carvalho, António Neves Pedro, figuras todas elas da primeira

---

76 Da Cal (26-IX-1957), em carta datada para Da Rosa, já de regresso em Nova Iorque, diz que também se ocupou do seu projecto de Instituto na NYU: "Consegui do Paulo Cunha, Ministro dos Estrangeiros –que me concedeu nas Necessidades uma entrevista de meia hora— a promessa dum Leitorado de Português, ou Cadeira, para a NYU. Eu trabalhei com o Vitorino Nemésio –que também me procurou e com quem liguei uma agradável relação –para que ele não deixasse descair o assunto. Nesta semana envio o relatório que o Cunha me pediu, e que o Medeiros Gouvêa serviçalmente prometeu não só transmitir mas também apoiar desde o Instituto para a Alta Cultura".

77 Da Cal (30-VII-1957) responde carta de Da Rosa em que esclarece que "O artigo da Seara Nova –ai de mim!—teve de ser protelado, pela urgência de levar a bibliografia queirosiana a Lisboa comigo –(se a não parir agora vai-me apodrecer no ventre!). Além de ter que deixar findo antes da minha partida um projecto completo de um JUNIOR YEAR ABROAD IN SPAIN [...] Comunique isto todo, docemente, ao Camara Reys, diga-lhe do meu respeito pela SEARA, e do meu agradecimento e da minha admiração por ele. Justifique-me, please! No outono ele terá o seu artigozinho.
Da Rosa (1-VIII-1957) propõe Da Cal realizar conjuntamente uma *Anthology of Portuguese short stories*, confirmando-lhe ter arranjado autorização de 18 autores vivos.
De novo Da Rosa (6-VIII-1957) escreve-lhe de Lisboa, indicando que Castro Soromenho, Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio aguardavam a oportunidade de "conhecer o amigo Da Cal" em Lisboa, com ensejo da deslocação para participar no Colóquio Luso-Brasileiro.
Da Cal (7-VIII-1957) responde a Da Rosa dando a sua conformidade e apoio ao projecto da *Antologia*. Indica estar em disposição de colaborar nesse produto, mas não economicamente, pois: "Se fala em recursos económicos, parece-me uma pungente ironia, sabendo, por conta própria, quais são os recursos da humilde e sofrida classe dos professores. Tenho, isso sim, dívidas, abundantes. Com Macy's, com Sloan e outras empresas judaicas que me ajudaram a mobilar o meu apartamento –que é seu. Dívidas com médicos e hospitais, dívidas até com o ar que respiro". Da Cal interessa-se pela recepção do DLPGB.
Da Rosa (23-XI-1957) envia para Da Cal o primeiro conto traduzido para antologia, de M. de Fonseca.

linha da intelectualidade portuguesa da altura[78]; e também com velhos conhecidos da sua estada em Madrid, como Dámaso Alonso ou Ramón Menéndez Pidal –a quem se refere como "ilustre galego 'nominal'". Foi um instante especialmente importante do ponto de vista da sua trajectória, em que também se ocupou do relacionamento entre a Galiza e Portugal. Assim se espelha em carta que encaminha para Eugenio Granell, em que frisa Da Cal (22-X-1957) o bom tratamento que recebera e o interesse na cultura galega que lhe demostraram "algunas de las personalidades más destacadas de la crítica, como Jacinto do Prado Coelho, Vitorino Nemésio y Rodrigues Lapa". E acrescenta:

> Hay varias revistas, entre ellas *Graal* y *Quatro ventos*, dedicadas especialmente al acercamiento Luso-Gallego. Esto puede tener una transcendencia enorme para el futuro cultural de Galicia, sobre todo en vista de los grandes proyectos de la Editorial Galaxia de Vigo que está en vías de recomenzar una organización semejante a la del Seminario de Estudios Gallegos, destrozado por el furor falangista. Las colonias gallegas de América, entre ellas la de Nueva York, están ayudando económicamente con entusiasmo estos planes.

Mas também estabelecera contactos com brasileiros e com especialistas de outras nacionalidades, de interesse de diferentes campos, e "tengo esperanzas de haber conseguido del Gobierno de Portugal, un lectorado de lengua y literatura portuguesa en la Universidad de Nueva York".

III.2.2.12.3.-Recepções de LEEQ nos EUA, Galiza, Itália, Checoeslováquia, Brasil e Portugal.

A autoridade queirosiana de Da Cal continuava a impor-se, com a internacionalização progressiva, que aumentou nesse ano. Mais especialistas salientam nos EUA e na Europa LEEQ como modelar. Apesar dos poucos centos de exemplares editados pela UC, a repercussão crescia e multiplicava-se.

[78] Reconhece aí Da Cal que "a entrevista do meu caro Alberto no *Diário de Notícias*, que religiosamente me enviaram, ajudou muitíssimo", admitindo assim o beneficioso de aquele depoimento jornalístico, em que Da Rosa salientara o trabalho que Da Cal fazia em Nova Iorque em favor de Portugal e da sua língua, literatura e cultura. Na epístola exprime "gratidão imensa por tudo o que por mim fez durante a sua estadia naquela bendita terra, que –agora estou completamente seguro –é a minha Pátria verdadeira (a Galiza é a minha Mátria)". Uma carta, pois, em que parece observar-se como Da Cal sente maior segurança ao verificar a boa impressão que causara o seu lusitanismo, para o qual contribuira certamente de forma decisiva Machado da Rosa ao apresentá-lo em público e em privado de maneira privilegiada, pondo em destaque os seus méritos e abrindo-lhe caminhos. Da Cal tinha, pois, em aquel professor açoriano um aliado certo com o qual coincidia ideologicamente e profissionalmente, além de afiançar uma amizade estreita pelos interesses também comuns a respeito da Galiza.

Na mesma carta, Da Cal informa que Bouza Brey não participara no Colóquio, mas enviara o seu contributo, e questiona se conhecia a causa dessa ausência.

A primeira recensão de 1957 foi a que lhe tinham anunciado (ver supra) de **Dorothy S. Loos**, na revista ***Simposyum***, da Universidade de Syracuse. Indica esta jovem crítica, da escola hispanista:

> the book is a model for students of a writer's language and style. All too often such books are so overburdened with trivia that the reader is restive long before he reaches the broad outlines and is able to grasp the sensitivity of a writer's style. Secondly, the work is of interest and value not only for students of Hispanic literature, but also for those whose primary interest is in comparative literature.

Sublinhava assim o estudo como modelo metodológico, com umha valorização alargada, ao assinalar-se a validade do método para estudar qualquer escritor. Esta crítica salienta a comparação constante entre produtores ibéricos, ressalta especialmente os casos de Valle Inclán e da Geração do 98, e as raízes ibéricas de Eça ao assinalar semelhanças da sua produção com Cervantes ou Quevedo. Após pormenorizada análise, conclui: "Certainly this study is a guide to deeper appreciation of Eça by his present admirers and should draw new adherents to his novels".

Igualmente nos EUA, na Universdade Wisconsin, Emma May Hill utilizou LEEQ na Tese de Doutoramento sobre *Irony in the novels of Eça de Queiroz*, completando o estudo que também lhe tinha anunciado o chefe do departamento, Lloyd Kasten, e filiando-se no modelo metodológico de Da Cal como o provam as numerosas citações de LEEQ e a semelhança da estrutura do estudo[79].

Em Maio, no jornal ***La Región***, de Ourense, **Otero Pedrayo**, num artigo intitulado "El gran libro de un orensano", admite ter sido Eça "un amigo de nuestra juventud, uno de los autores más leídos en Orense". Apresenta Da Cal como professor da NYU, que "pertenece a la joven generación gallega [...], sin momento inútil". Salienta tratar-se do primeiro volume, em castelhano, de uma tese "acogida por la gloriosa Facultad de Letras de Coimbra", indigitando Joaquim de Carvalho e Lopes de Almeida. Referencia a "Nota Prévia", com emoção perante a dedicatória à mãe. Pedrayo elogia o método e o modo de encarar a produção queirosiana por parte de Da Cal, e afirma:

> Con simpatía y un saber manejado constantemente con maestría, con gracia intelectual, el autor estudia la lengua y el estilo, reduciéndose voluntariamente a los elementos de la Lengua y el estilo, del leve, cambiante, expresivo estilo que el gran escritor persiguió a lo largo de toda su vida.

---

79 Hill põe em destaque o contributo dacaliano e inclui a recensão que Montesinos dedicou a LEEQ na RHM para reforçar a sua boa valorização do estudo. Reproduz mesmo exemplificações utilizadas por Da Cal.

> Con amor y respeto se acerca a la forma viva. [...] Eça de Queiroz no traiciona ni adultera la lengua portuguesa. La moderniza, la vuelve al necesario medio moderno. La devuelve a su antigua universalidad.
> La impresión es de cazador o de botánico en el bosque de la lengua. [...] Queiroz no se calaría el monóculo de la ironía ante el sistemático esfuerzo que con aire ligeramente deportivo de vencedor de dificultades lleva a cabo Guerra Dacal. […] Vale el libro –y no tenemos intención crítica en esta breve nota— como alto y fino ejemplo de trabajo, de conciencia estricta, nunca enemiga de la emoción en el tratamiento de esos bellos, vagos y casi diríamos seres que son las palabras. Constancia y método, respeto a lo inefable, valoración de lo cotidiano lucen en libros como el de Guerra Dacal.

Finaliza louvando que um autor ourensano "se atrevió con autor difícil, sutil, peligroso. Apresa todo lo que puede ser apresado en el proceso inexplicable de la creación literaria. No padece la casi divina ingenuidad de la lengua y el arte. El autor es orensano[80] y sabe por eso: 'apañar a rosa sin abalar a roseira'". O Grupo Galaxia sumava-se assim ao reconhecimento internacional de LEEQ e Da Cal começava a recolher frutos de aquele nova rede que esse mesmo ano começara a tecer através do relacionamento com a Galiza.

Em 9 de Junho, em ***Idea***, de Roma, o lusitanista italiano **Giuseppe Carlo Rossi** refere a origem galega de Da Cal e a docência na NYU, salientando que LEEQ tenta mostrar a complementariedade das literaturas portuguesa e espanhola "allo scopo di una comprensione della vita spirituale della Peninsola", citando estar o "grosso volume" em espanhol mas com o texto prefacial "certo con una precisa finalità simbolica" em português. Para este crítico:

> Il lavoro è il più compiuto esame che sia apparso finora su Eça dal punto di vista dello studio del suo linguaggio. E il linguaggio è inteso da questo studioso come una suggestiva unità di mezzo e di fine, di soggetto e ei oggetto. Domandandosi se e fin dove si possa condividere l'opinione espressa dal notissimo critico letterario portoghese Fidelino de Figueiredo, secondo il quale proprio in Eça de Queiroz si identificherebbero i termini di "arte" e di "stile", l'autore di questo libro pone basi chiare, metodologicamente del tutto moderne, e criticamente innovatrici, sua vari e complicati problemi chi notoriamente suscita la lettura dell'opera del più grande prosatore portoghese.

[80] Em carta a Machado da Rosa, Da Cal (6-I-1958) afirma que "não sei em que dados se fundou para me fazer *ourensán*, como ele", frisando que já se manifestara assim numa longa epístola que "eu não me atrevi ao desenganar e o resultado dessa minha debilidade foi que na sua simpática notícia sobre o meu livro ele desenvolveu novamente essa errónea suposição". Informa que nascera no Ferrol mas, pela deslocação para Quiroga considerava-se "de facto lucense".

Rossi salienta a metodologia e a inovação que representava LEEQ para a crítica portuguesa e valoriza que trabalhava em favor da leitura da produção de Eça[81]. Esta crítica era do mais elevado interesse para Da Cal, ao proceder da maior autoridade dos estudos luso-hispânicos na universidade italiana, o que representava igualmente um estabelecimento de um contacto bem alicerçado para novas colaborações.

Na Itália, outro hispano-lusitanista, o checo **Zdenek Hampejs**[82], recenseia LEEQ em ***Quaderni Ibero-Americani***, de Torino, prestigiosa publicação de que era correspondente. Publica-se no número de Dezembro, em alemão. O modelo de LEEQ vinga e internacionaliza-se numa nova língua. Vale-lhe para estabelecer novos contactos e aliados, entre iberistas e queirosianistas, e em outros âmbitos.

E igualmente para acrescentar e confirmar os que já tinha iniciados em países como o Brasil e Portugal. Do Brasil, o professor Américo J. Lacombe (9-XI-1957) anuncia-lhe a publicação do livro de Paulo Cavalcanti *Eça de Queiroz agitador brasileiro*. Lembra que Da Cal lhe tinha pedido no Colóquio de Lisboa que o avisasse quando a edição, e fala do conteúdo do volume[83]. E em Portugal Da Cal (carta de 10-XI-1957) apoia o projecto de Helena Cidade Moura da edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro*. Desculpa a demora epistolar "mas a minha vida nestes dias tem sido um turbilhão: Orçamentos, programas dos cursos de férias 1958 e dos cursos regulares 1958-59. Isto é já doidice –um destes dias as coisas neste país vão-se planear com 7 anos de antecipação. E mesmo assim –olhe o que nos aconteceu com o 'Sputnik' ou satélite artificial! Chegamos tarde". Junta com a epístola "a almejada bibliografia" o oferece uma carta de recomendação que Moura lhe solicitara, pedindo que lhe indique os termos da mesma. Sobre o estudo do romance queirosiano, afirma:

> Quando quiser envie o plano do trabalho, para eu lhe dar algumas indicações. Deve, certamente, recolher todos os dados que possa para uma possível edição crítica do CPA.

---

81 Rossi, em cartão postal (12-VI-1957) anuncia esta recensão a Da Cal, e envia-lhe o exemplar da revista por correio registado. Afirma tratar-se de "uma curta nota sobre o seu ótimo livro", questionando se "terá esse livro uma segunda parte?".

82 Este iberista encaminha carta para Da Cal datada aos 29-XI-1957, em português. Apresenta-se como tradutor de Eça para checo e envia-lhe a versão de *Os Maias*. Diz ter lido LEEQ, que lhe enviaram da UC havia um ano, e anuncia a resenha nos *Quaderni Iberoamericani*. Pede-lhe ajuda queirosiana e solicita contacto. Aparece pois um novo e valioso aliado, difícil de conseguir porventura desde os EUA com um país na altura enquadrado no bloco soviético.

Esta crítica é basicamente coincidente, com alterações sem relevo, com outra publicada por este mesmo especialista pouco depois na Alemanha mas que tinha elaborado antes, e é analisada com mais pormenor infra, quando se esclarecem as circunstâncias da repetição.

83 Informa que "Também espero sua passagem pelo Rio. Onte mesmo estive com o [José] Honório e falamos muito a seu respeito. Lembranças ao Carleton S. Smith".

> Acho razoável, em princípio, de agrupar criticamente as edições de 1875 (Rev. Ocidental) e 1876, duma parte e esta e a de 1880 de outra[84].

No final da epístola Da Cal insiste na sua disponibilidade para colaborar com ela: "Quero-lhe dizer que reitero novamente a minha vontade –prazenteira—de lhe ajudar no seu empreendimento. Se não quisesse ou não pudesse –dizia, francamente. V. sabe que eu não sou de estilo encoberto. Se sou amigo sou e se não o sou logo se faz evidente".

Os estudos queirosianos serão também a justificação principal de Da Cal para solicitar uma bolsa à Fundação Guggenheim[85]. Assim o esclarece na felicitação que esse Natal envia para Fidelino de Figueiredo, em que o informa que "Tomei a liberdade de mencionar o seu nome nas minhas referências, em relação com o pedido à Guggenheim de uma bolsa para completar o vol. II do meu 'Eça'. Peço desculpas por qualquer incômodo que isso lhe puder causar e agradeço de antemão a sua recomendação, caso a puder fazer", manifestando-se "amigo e discípulo" dele. O facto de se tomar essa liberdade demonstrava até que ponto existia confiança e cumplicidade no relacionamento entre eles, iniciado, como se indicou, após a publicação de LEEQ[86].

Pouco antes (28-X-1957) Federico de Onís responde, de Porto Rico (onde continuava após o aposentamento em Nova Iorque), carta de Da Cal do 17-X-1957. Diz que "Hoy mismo le envío mi recomendación al ACLS. Espero que le ayude, como merece[87]".

III.2.2.12.4.-Produtos para o intersistema hispánico nos EUA sobre Lorca e Afonso X.

Da Cal mantinha a actividade na sua cadeira na NYU, e contactos estreitos com os hispanistas, para o que contribuiam também os relacionamentos através da esposa, Margarita Ucelay, com as pessoas do exílio vinculadas com a Casa Hispánica da CU, instituiçao a cujo quadro professoral continuava a pertencer. Isso favorecia a produção de novos trabalhos de interesse para o campo dos estudos literários hispânicos. No

---

84 Esta carta, conservada por Moura, está incompleta: falta a p. 2, em que Da Cal falava da "evolução do estilo", segundo anuncia no final da primeira.

85 Através dos estudos queirosianos também se relaciona com John Harrison, da The Rockefeller Foundation, que em 18-X-1957 através de carta, indica: "This is to thank you for your kidness in lending me your copy of Aubrey Bell's translation of Eça de Queiroz. I immensely enjoyed reading it, and thought the translation exceptionally good. If I am still unsuccessful in finding it in the book store, I will write directly to the publishers".

86 No cartão de Natal reproduz o provérbio "Venturanzas no aninovo con pantrigo e mais un ovo", com o que Da Cal lembrava a infância em Quiroga. As referências à Galiza no relacionamento com portugueses indicavam o seu anelo de se singularizar e se reivindicar lusófono pela raiz comum da língua.

87 Comenta Onís a respeito de um doutoramento sobre Adolfo Bioy Casares, que devia ser pesquisado na totalidade, não só um aspecto dele, por ser autor que se estuda por primeira vez. Recomenda um trabalho na linha do que Da Cal fizera com Eça, abrangente de toda a produção: difundia assim LEEQ entre os hispanistas, um trabalho que ele orientara e em que, portanto, tinha interesse.

primeiro semestre de 1957 oferecerá duas publicações de interesse para manter a referencialidade iniciada com a publicação de *Literatura del Siglo XX*.

No exemplar do primeiro trimestre do ano da RHM escreve recensão da tradução de Ben Bellitt sobre *Poeta en Nueva York*, de Federico García Lorca, e o estudo que o acompanhava, de quem fora seu professor e figura reconhecida dos estudos hispanista, Ángel del Río. Após definir a tradução como "una de las artes más difíciles –e ingratas", e frisar as dificuldades de traduzir poesia por ser "una forma intensamente personal de expresión", mas admitir a necessidade desse labor, valoriza o acerto do trabalho de Ben Bellit, que julga mais acertado que o anterior sobre o mesmo poemário de Rolfe Humphries, do ano 1940, porque Bellit (Da Cal, I-1957:50) "ha sido siempre fiel al *significado* en la medida que esta palabra tenga validez aplicada a poemas cuyo *sentido* viene expresado en términos de alucinación, visión caótica, metamorfosis y asociaciones inconcebibles". Ao se referir ao ensaio de Ángel del Río insiste na ideia de ter sido este produto lorquiano mal interpretado (Da Cal, I-1957: 31) "por los que quieren ver un Lorca monofacético, gitanista y folklórico" e salienta que Del Río estudasse "sagazmente las circunstancias de espacio y de espíritu que entraron en la creación del clima poético de este libro" e o facto de que chegasse à conclusão "de que Lorca –poeta natural e intuitivo por excelencia—tenía como fuente esencial la experiencia vivida y la impresión directa y que este libro, hondamente auténtico, está en un plano radicalmente distinto del de la 'inconsciencia' buscada, consciente e intelectual de los surrealistas". Afirma que o ensaio de Del Río "será la base obligada sobre la que tendrá que asentarse todo futuro estudio de este capítulo del arte del genial y universal granadino". Da Cal implica-se assim em favor da canonicidade de Lorca, um labor em que se empenhavam os exilados, reprovando a crítica que se fazia da produção do andaluz e desse produto em concreto. Reivindicará Lorca em diferentes ocasiões como nome central das letras hispânicas, após Cervantes.

Por volta de Junho de 1957 a editora musical Experiences Anonymes, de Nova Iorque, editou o disco *Las Cantigas de Santa Maria del Rei Alfonso El Sabio*[88], em que Ernesto G. Da Cal é referenciado como "Language Consultant". Num texto introdutório, esclarece questões biográficas e a importância de Afonso X na produção cultural e

[88] Trata-se do terceiro volume da série "Music of the Middle Ages", dedicado a "The Thirteenth Century". Citam-se como outros principais contribuidores Russell Oberlin ("Countertenor"), Joseph Iadone ("Lute"), Beverly Merrill ("Production"), Saville Clark ("Musical Direction"). Na cara A contém um "Prólogo" e as Cantigas 7, 97, 36, 261 e 330; e na cara B as Cantigas 160, 118, 205, 364, 111 e 340. As cantigas reproduzem-se em Galego-Português, com versão para inglês.

literária da altura. Enquadra as Cantigas na lírica medieval, lembrando a comparativa de Aubrey Bell com Chaucer para o sistema anglófono, e frisando como (Da Cal, 1957) "About the end of the 12th century Galician had become the vehicle of a vigorous lyrical movement, the first in the Peninsula". Salienta a importância dos peregrinos a Santiago de Compostela, e justifica a preferência de Afonso X pelo Galego-Português. Refere-se também aos problemas da autoria, e põe em destaque a importância das Cantigas pela sua "extraordinary variety, and point to the 'learned' character of Alfonso's art". Informa no final que "Summaries are provided for the omitted parts of the miracles".

Trata-se de um produto com sucesso pelas sucessivas reedições, e que se encontrará no mercado ainda na década de 90, incluindo sempre o contributo de Da Cal. Nesse texto verificam-se postulados semelhantes aos do artigo sobre literatura galega (Da Cal, 1946, ver supra). Ocupa assim um espaço de especialista também para a lírica medieval, como um dos instantes centrais das literaturas ibéricas.

Em 21 de Junho a revista *Visión* noticia desse disco[89]. Recolhe um depoimento de Saville Clark, jovem compositor e director musical de Expériences Anonymes, quem salienta a colaboração de Da Cal, frisando pertencer à NYU[90].

III.2.2.13.-Consagração profissional nos EUA e projecção luso-brasileira, em 1958.

Dois projectos em que trabalhava os últimos anos, o Instituto Brasileiro e o Junior Year (JY) em Madrid, frutificam em 1958. Suporão a consagração profissional de Da Cal ao tempo que farão da NYU referência iberista. Exigir-lhe-ão grande dinamismo, num ano em que o Governo de Portugal começou a favorecer o desenvolvimento dos estudos portugueses nos EUA. Assim o assinalará ele próprio anos mais tarde, numa conferência proferida no Brasil (Da Cal, 1970, inédito):

> 1958 foi crucial para os estudos luso-brasileiros. Nessa data recebemos a mais potente ajuda com a que poderíamos ter sonhado: o Congresso dos EE. UU. classificou o português entre o grupo de línguas consideradas "críticas" em relação aos interesses nacionais –as outras assim qualificadas eram o chinês, o russo, o japonês e o indostano–

89 Thomas F. Sousa (14-VI-1957), Professor da Universidade de Wisconsin, escreve para Elaine F. Anderson, de Experiences Anonymes. Na epístola confirma que ele dedicou a Tese de Doutoramento sobre a prosa de Afonso X o Sábio, e indica a dificuldade de trabalhar sobre a língua desse período. Essa carta chegou a poder de Da Cal, e encontra-se na HSA.

90 A revista *Visión*, publicada em espanhol nos EUA, muito bem editada, com páginas e fotografias a cores e maquetação de atractivo, era de referência para as gentes de países de fala hispana, ao se ocupar de acontecimentos de interesse respeitantes a eles que se davam nos EUA. Era pois importante para a projecção de Da Cal.

> [...]. A *National Defense Education Act*[91], promulgada nesse ano provia verbas abundantes para subsidiar àquelas instituições que estabelecessem programas de língua portuguesa e estudos luso-brasileiros –com ênfase mais acentuada no segundo elemento desses estudos. Além de um sistema de bolsas destinadas a atrair estudantes a esses programas de especialização.
>
> Essa acção oficial contribuiu, com os outros factores antes mencionados[92], a focalizar a atenção dos "colleges" e universidades mais importantes do país sobre o campo que nos ocupa. Na base desses subsídios começaram a surgir "Portuguese Language Centers" e programas de "Brazilian Area Studies" nos centros educacionais onde já existia uma base prévia de desenvolvimento curricular; e em outras, onde o português não era ainda matéria docente, principiaram a alicerçar-se núcleos de ensino que logo atingiram desenvolvimento. O português deixou de ser uma língua esotérica e o interesse nela começou a transbordar da academia e a transitar para a rua. Como índice desse início de popularidade bastará citar o extraordinário crescimento desde 1959 das frequências das aulas de matrícula livre oferecidas ao público pelo "Brazilian American Cultural Institute" of Washington e as iniciadas naquela data pelo Brazilian Trade Bureau, de N.Y., repartição oficial do Governo Brasileiro, hoje conhecida como Trade Promotions Center, do Consulado Geral[93] daquela cidade e dele dependente.

Intensifica também as relações com a Galiza[94] e com Portugal, e continua a internacionalização de LEEQ. Esse ano[95]acrescenta o seu capital simbólico: começa a servir no cargo de director do "Spanish Program. Romance Language Group. Graduate School of Arts and Science" da NYU, que desempenhou até 1962; foi professor visitante na Universidad de Puerto Rico; concedeu-se-lhe uma bolsa da Fundação Guggenheim, e admitiram-no na Academia das Ciências de Nova Iorque. Recolhe assim frutos de intensos anos de trabalho, e atinge impacte no sistema universitário e na vida académica dos EUA.

III.2.2.13.1.-O Junior Year in Spain da NYU.

Da Cal foi designado supervisor do (Mead 1958: 224-225) "New York University Junior Year in Spain at the University of Madrid", que implicou 102 estudantes de 54 faculdades e 31 estados. O boletim *New York Alumni News* recolhe depoimento dele, que explica a preferência de que esse alunado conviva com famílias. Nessa publicação universitária esclarece Da Cal (Sem Autor, 1958):

---

91 Esta lei fazia prever "que a grande viragem de fortuna da língua portuguesa e da cultura luso-brasileira nas universidades americanas constituirá uma nova fronteira para a década de 1960", segundo escrito de Machado da Rosa encaminhado para a Modern Language Association (reproduzido por Moser, 1965: 377).

92 Sobretudo a Universidade de Vanderbilt que, em 1948 "de colaboração com as de Tulane, na Luisiana, a de Carolina do Norte e a do Texas" estabelecera o primeiro *Institute for Brazilian Studies.*

93 A responsável do Consulado era Dora Vasconcellos, com que Da Cal estabelecerá boa relação.

94 Os seus contactos com o Grupo Galaxia acrescentam-se num ano em que, segundo assinala Ramón Villares (2006: 525) se produziu a ruptura entre muitos dos líderes galeguistas que se encontravam no exílio e que continuavam a militar na oposição ao franquismo com os galeguistas do interior.

95 Da Cal começou ano com férias no Canadá, segundo confirma aos 11-I-1958 em carta a Manuel Lopes de Almeida. Anuncia-lhe o propósito de se deslocar para Portugal na primavera e visitar Coimbra.

> Students are encouraged to make their homes with Spanish families because of the benefit in international living it affords both parties. The Americans have a rare opportunity to become a part of the close-knit family life of their hosts, with its rewards in friendship, intimate acquaintance with Spanish language and culture, and a share in the Spaniards' social life.

Em Madrid as matérias a que iam prestar maior dedicação eram, segundo acrescenta essa mesma fonte "language and literature, history and civilization, geography, fine arts and music". A iniciativa teve sucesso e foi acolhida com interesse pelos hispanistas[96].

III.2.2.13.2.-Na The New York Academy of Sciences, na The John Simon Guggenheim Memorial Foundation e na The Hispanic Society of America.

Eunice Thomas Miner (28-III-1958), Executive Director da The New York Academy of Sciences comunica-lhe que, na reunião do Council tinha sido eleito "Active Membership" da instituição. Acrescenta Miner:

> Your dues are paid up to December 31, 1958, and you are now entitled to all the privileges of such membership. Your membership card is enclosed. [...]
> Active Members are entitled to receive, gratis, current numbers of the Annals. The enclosed letter indicates those now available and, if requested by you, will be sent as soon as they are ready for distribution. Publications wich have appeared previous to the current year may be obtained at a discount of 20% below list price.
> We hope that you will enjoy your membership in the Academy. We shall look forward to the privilege of showing you through the Academy's handsome building at any time you find it convenient. Please do not hesitate to call upon the courtesy and service of this office at any time.

Presidia à Academia Boris Pregel e diferenciava oito secções[97]. Supor-lhe-á progresso profissional e acrescentar capital simbólico.

Da Cal foi (Sem Autor, *The New York Times*, 28-IV-1958; Moser, VI-1958: 377) um dos 42 produtores de Nova Iorque distinguidos com ajudas da The John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Foram 322 os seleccionados nos EUA. No seu caso

---

[96] Da Cal (6-I-1958) confirma Machado da Rosa que o JY estava ultimado, e aquela iniciativa pedagógica tinha ocupado todo o seu tempo. Com posterioridade (17-II-1958) junta "advance copy" do JY e esclarece a Da Rosa que esta iniciativa fora proposta pela Universidade de Madrid "e eu, pedindo uma serie de garantias, escritas e contractuais, aceitei, por considerar, como considero que a presença dum forte núcleo de estudantes americanos na Universidade espanhola é, simplesmente por presença, um agente de estímulo e de catálise de fermentações inconformistas".
Edmund de Chasca (28-II-1958), da State University of Iowa, anuncia que vão fazer o possível por conseguir algum participante para o JY. Sterling A. Stoudemire (25-III-1958), chairman do Department of Romance Languages da University of North Carolina felicita Da Cal pela iniciativa, e comunica-lhe também o interesse do volume *Literatura del Siglo XX*, que utilizavam nesse centro. O projecto, pois, afiança o relacionamento com os hispanistas dos EUA.

[97] Outros dirigentes eram Hilary Koprowski, "President-elect"; e M. J. Kopac, C. P. Rhoads, Frederick C. Nachod, Emerson Day e Robert F. Light. Os *chairman* das secções eram Kurt E. Lowe ("Geology and Mineralogy"), Albert S. Gordon ("Biology"), Elaine Grimm ("Psichology)", Margaret Mead ("Anthropology"), Joseph Greenspan ("Physics and Chemistry"), Abraham S. Kussman ("Oceanography and Meteorology"), Lyle Borst ("Mathematica and Engineering"), e M. L. Littman ("Division of Mycology").

assinalava-se para (Sem Autor, 28-IV-1958) "A study of the works of the Portuguese novelist Eça de Queiroz". É outro reconhecimento que firma a sua posição na NYU[98].

Em 1958 iniciou também os contactos com a Hispanic Society of America[99], recebendo boa resposta desta instituição.

III.2.2.13.3.-O Instituto Brasileiro da NYU: Impacte social, profissional e académico.

Em Junho começou o andamento do Instituto Brasileiro da NYU. No entanto, deu-se a conhecer nos finais do ano com a selecção de estudantes brasileiros para um estágio nos EUA, e o acto da inauguração oficial. Com ensejo desses acontecimentos, Da Cal viajou ao Brasil, onde foi objecto de atenção, reflectida na comunicação social[100].

Do 12-XI-1958 a finais desse mês selecciona vinte estudantes de Direito de várias universidades brasileiras para um estágio de seis semanas em Nova Iorque, Washington, Filadelfia, Boston, Williamsburg e Albany, onde (*Visão*, 21-XI-1958) "assistirão a conferências e tomarão parte em debates, onde serão usados o inglês e o português". O *Diário de Notícias* da Bahia anunciou (Sem Autor, 26-XI-1958) a sua mediação para um intercâmbio entre as universidades da Bahia e Porto Rico[101]"; e o *Jornal do Commercio*[102], de Recife, (Sem Autor, 29-XI-1958) um Junior Year previsto para Agosto na Bahia.

---

98 John E. Ivey Jr. (1-V-1958), vice presidente executivo da NYU felicita-o pela "Guggenheim Fellowship grant", manifestando ser uma honra para ele, mas também para a instituição.

99 Da Cal (6-III-1958) solicita de C. L. Penney, da HSA, informação sobre o pintor Sorolla, para um programa da *Voz de América*. Esclarece Da Cal: "This feature is broadcast by 'Radio Nacional', in Madrid, and then re-broadcast by about 20 minor local stations in the Peninsula and in the Spanish African possessions. This program is presented under the sponsorship of the American Embassy in Madrid with the title 'Aquí Washington'. Because of the close relations between Spain and the United States on account of out three military bases there, the Spanish Services broadcast of the Voice of America is considered vital to our teneral policy in Spain". É este o primeiro documento dele conservado no seu Expediente da HSA. Adelaide M. Meyer, responsável de publicações da sociedade hispânica, aos 19-III-1958 oferece-lhe facilidades, requerindo cópia do programa.

100 *Visão* (Sem Autor, 21 e 28-XI-1958), *Jornal do Brasil* (Meira, 21-XI-1958; Trota, 7-XII-1958), *Diário de Pernambuco* (Sem Autor, 25 e 29-XI-1958), *Diário de Notícias*, da Bahia (Sem Autor, 26-XI-1958), *Estado da Bahia* (Sem Autor, 26-XI-1958), *Jornal do Commercio*, de Recife (Sem Autor, 29-XI-1958) e *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro (XII-1958) espelham a sua actividade e intervenções.

101 Hélio Simões (27-XI-1958), professor da Universidade da Bahia, informa-o que "o *Diário de Notícias* publicou hoje a sua entrevista". Esclarece que ele falou com o repórter 10 minutos depois da partida de Da Cal. Lamenta que desse mais relevo na notícia a Porto Rico que ao JY. E que o poema "Nouturnio" virasse para "Roteiro" "por imaginação jornalística". "V. deixou aqui um grande rastro de amizades", acrescenta. Simões acompanha 3 poemas, intitulados genéricamente "Pobres versos da Bahia para o amigo Da Cal".

102 Informa que Da Cal tinha debatido com o Reitor, Edgar Santos, a criação de uma sociedade de amigos da Bahia em Nova Iorque, e favorecera contactos entre as universidades de Bahia e Porto Rico.

É apresentado como[103] (Meira, 21-XI-1958) "a maior sumidade em assuntos relativos a Eça de Queiroz[104]" **anunciando-se pela primeira vez que "leva do Rio grande material sôbre Machado de Assis para um novo livro**[105]. Neste, pretende fazer um trabalho comparativo entre o estilo de ambos os escritores [Eça e Machado]". Da Cal manifestou desejo de regressar ao Brasil com mais vagar para novos estudos, e insistiu (Sem Autor, 25-XI-1958[106]): "Não morrerei sem fazer um estudo comparativo entre Machado de Assis e Eça de Queirós, dois irónicos tão diferentes", uma declaração que evidencia a consciência da sua centralidade no CEL. Pouco depois, o mensal *Jornal de Letras*[107] do Rio de Janeiro destaca na capa "Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis"[108]: informa que "logo que termine as investigações bibliográficas sobre Eça [...] voltará a sua atenção para Machado de Assis [...] para uma obra semelhante"[109]. Frisa que "como ocorre a tantos investigadores espanhóis da sua

---

[103] Apresenta-o como "espanhol de nascimento (da Galícia, conforme faz questão de frisar)". Isto faz pensar que talvez na altura acontecesse a entrevista televisiva que, após a morte de Da Cal, referenciou Xavier Alcalá (1994, XI-1994) e de que se faria eco Wilson Martins (2003): Da Cal esclareceu que era galego e não espanhol antes do início da entrevista, e o jornalista apresentou-o deste modo "Aquí a meu lado o professor Ernesto Guerra da Cal que insiste em ser chamado de galego".
Meira indica ter conocido Da Cal na casa de Celso Cunha, numa reunião em que estavam conhecidos nomes da intelectualidade do Rio: "Rodrigo Melo Franco de Andrade, Simão Leal, Eduardo Portela, Francisco de Assis Barbosa, Lêdo Ivo, Eugénio Gomes, A. J. Chediak, Professor Antônio Pedro ("Livros de Portugal"), Rodrigues Lapa, Roberto Assunção, Tristão da Cunha, Cândido Jucá (filho), Cláudio Ganns". Na reunião, o compositor Lamartine Babo interpretou canções carnavalescas, e Da Cal "lindas canções espanholas, de acentuado toque oriental". Ao escutá-lo, assinala Meira, um dos presentes comentou "Êle é bom em tudo, até na voz".

[104] LEEQ "é considerado unânimemente o principal estudo no gênero. Nessa obra Da Cal estuda Eça à luz da nova crítica, dando maior atenção à impressão literária de Eça, o que não havia sido feito até então –a não ser em pequenos trabalhos sem maior extensão", afirma. Noticia que Da Cal lhe indicou que a UC "publicará dentro de pouco [...] a Bibliografia de Eça"

[105] Este assunto é estudado com mais pormenor em Gômez (2007), onde se evidencia a centralidade de Da Cal e como o facto de ele não fazer esse trabalho privou Machado de um estudo estilístico referencial e mesmo favoreceu os interesses da canonicidade de Eça de Queirós.

[106] O *Diário de Pernambuco* noticiava a chegada de Da Cal procedente de Salvador na secção "Aéroporto" (Sem Autor, 25-XI-1958: 9). Rod Horton, que terá relacionamento com Da Cal (ver infra), exercia na altura no Consulado dos EUA no Recife, e seguramente se conheceram nesta ocasião.
Apresenta Da Cal como fundador do Instituto Brasileiro, que "nasceu na Galícia (Espanha), mas é de formação cultural portuguêsa". Relata a experiência com empregados da Champion and Fiber Company que "comeram comida brasileira e ouviram português, enquanto tiveram aulas de língua, relações sociais e costumes do Brasil"; atribui o precedente fracassado de Vanderbilt a não estar vinculado a grandes centros culturais. Acrescenta que para a inauguração do Instituto havia mais de 500 delegados inscritos, e a conferência que organizaram demonstraria que a América Latina não era "só de língua espanhola, como pensam muitos americanos", segundo Da Cal. A informação indica que visitara o Real Gabinete Português de Leitura do Rio, homenageara-o com um coquetel o Clube do Eça do Rio como "um dos maiores conhecedores de Eça de Queirós no mundo", recolhendo este depoimento de Da Cal: "O Brasil é uma terra queirosiana. Quem quiser estudar bem Eça de Queirós tem de vir até aqui".

[107] Esta notícia trata Da Cal como conhecido no Brasil pelos seus estudos. O *Jornal de Letras* levava 10 anos no mercado, em que se arvorarara como referência para os CL e CEL do Brasil.

[108] Qualifica LEEQ de "magistral estudo", anuncia "o segundo volume e tem quase pronta a bibliografia de Eça".

[109] Entre as informações que trataram com destaque na altura este assunto merece citar-se a do *Jornal do Brasil* (Trota, 7-XII-1958), em que a maior parte do espaço é ocupado por referências a

geração e da geração anterior, o professor Guerra da Cal alia à vocação da pesquisa uma sensibilidade criadora, que se manifesta já bem nítida em sua prosa de ensaista". Era esta notícia de relevo, pois comemorava-se o cinquentenário da morte de Machado, e existia interesse no Brasil para dar-lhe maior projecção internacional. Viam em Da Cal pessoa idónea para esse fim, em parte por como estava a ruir resistências de Eça, do teor das que ainda suportava Machado[110].

Além de dados a respeito da biografia[111] e produção literária, indica-se o seu interesse na aproximação da ortografia galega à luso-brasileira, e de organizar uma reunião entre especialistas das diferentes partes implicadas para tentar um acordo sobre essa questão (*Jornal de Letras*, 1-XII-1958):

> Ernesto Guerra da Cal, galego de nascimento (mas antifranquista por sua vocação democrática), tem pronto para publicação um livro de versos galegos que se chamará *Flôres d'além mar*.
> Nesse livro, fará êle a inovação de utilizar uma ortografia bàsicamente portuguêsa, uma vez que a que se adota atualmente entre os escritores galegos, não corresponde mais às necessidades de representação do idioma da Galiza e de certa maneira constitui um sério obstáculo à compreensão dos textos.

---

Machado de Assis, anunciando Da Cal a intenção de estudar este produtor brasileiro e "deu-nos a entender que pretende, no futuro, escrever um vasto trabalho de literatura comparada sôbre ironistas como Eça, Machado, Swift, Anatole", e ia iniciar esse labor preparando texto introdutório para as Obras Completas de Machado para a editora José Aguilar, como anúncio de trabalhos futuros "contendo, inclusive, um estudo sôbre o ironismo luso-brasileiro e completa análise estilística da obra de Machado". Atribui este depoimento a Da Cal: "Exceto Cervantes (que por sinal tinha galegos os dois nomes, Cervantes e Saavedra...) não há ironistas na literatura de língua castelhana. Os grandes ironistas do mundo ibérico são mesmo Eça de Queirós e Machado de Assis.[...] A ironia de Eça é mais lingüística, mais aparente, mais sensualista, epidérmica em comparação com a de Machado. Eça não era um pessimista: não perdia a esperança no ser humano. Machado, um recalcado, um escondido, um críptico, com sua linguagem correta de mais, com seu purismo por complexo de inferioridade. Eça é antes de mais nada um renovador da língua, alguém que nos ensina a dizer de maneira nova o que já conhecemos de sobra. Não há ideias em Eça de Queirós: há maneiras de dizer. Já em Machado temos toda uma visão do mundo, vista do ângulo de uma linguagem instrumental, sóbria, funcional".

110 Por citar dois exemplos disto, o *Jornal de Letras* do Rio comentava (Sem Autor, VI-1958) um livro de Agripino Grieco sobre Machado e salientava que segundo este estudioso "as críticas estrangeiras não encontraram um Machado muito autêntico". No mesmo jornal, (Pessoa, Alfredo de Belmont, X/XI-1958) fazia-se uma encendida defesa de Machado afirmando que nenhum dos seus críticos o entendera.

111 No *Jornal do Brasil* foi apresentado assim (Trota, 7-XII-1958): "É da Galiza e desde cedo vinculou-se ao movimento de recuperação cultural dessa nacionalidade ibérica. Seu sonho é a integração, pelo menos cultural, da Galiza, de Portugal e do Brasil –única maneira, aliás, segundo êle, de realizar uma federação política ibérica, com os catalães de um lado e os galaico-portugueses, do outro, a impedir o imperialismo castelhano". Anuncia ter em fase de impressão "um 'Poemário' galego"; e acrescenta Trota: "Fala-nos, com entusiasmo, do ressurgimento da literatura de língua galega. Acredita que, no futuro, o português será a língua literária dos galegos**,** que continuarão a falar o galego da mesma maneira que os suíços alemães falam seu dialeto e escrevem em alemão**.** Luta, aliás, em prol da adoção, pelos galegos, da ortografia portuguêsa. E sonha com o momento em que, afastado Franco do govêrno espanhol, o galaico-português voltará a ser ensinado nas escolas da Galícia".

> A nova ortografia galega é uma das preocupações atuais do professor Guerra da Cal, que está mesmo pensando em organizar para dentro de pouco tempo um congresso de filólogos para estabelecer os pontos mínimos de acôrdo sôbre essa questão[112].

Do Instituto da NYU indica-se como objectivo (Sem Autor, 25-XI-1958) "dirigir as relações culturais" entre o Brasil e os EUA. Aos 28-XI-1958 *Visão* dedica o editorial e amplo espaço à inauguração desse centro[113] e recolhe depoimento de "entusiasmo" de Da Cal, que afirma: "Será um centro de difusão da cultura brasileira em Nova York [...] um órgão vivo e dinâmico, para beneficiar a ambos os países. Desde o início, serão ministrados cursos práticos de Português e Literatura Brasileira". *Visão* inclui o programa da inauguração, para o qual já se deslocara o governador eleito do Estado de Nova York "e grande amigo do Brasil, Nelson Rockefeller[114]"; mas também iriam vultos da política bem como da economia e a cultura do Brasil e, segundo Da Cal:

> O instituto se tornou uma realidade operante, graças à cooperação de fortes grupos financeiros americanos e brasileiros que têm interêsses em ambos os países e que encontraram assim um modo eficiente de facilitar o preparo linguístico e social dos seus funcionários, que têm de trabalhar intermitentemente num e noutro país. Sete doadores americanos já contribuiram com 90 mil dólares, com os quais o Instituto empreenderá um programa experimental de dois anos.

Thomas C. Pollok, director interino do Instituto, segundo citava *Visão*[115] depunha que os Estados Unidos compravam mais do Brasil que de qualquer outro país americano, cifrando ter investidos "mais de um bilhão de dólares USA" no Brasil. Também indicava que para a inauguração foram enviados "4.000 convites". Salienta-se (*Jornal*

---

112 Acrescenta que o único brasileiro convidado para esse empreendimento filológico seria Celso Cunha e indica estar em preparação a tradução brasileira de LEEQ, realizada por Eduardo Portella, que publicaria a editora Agir "ainda neste ano", com introdução de Alceu Amoroso Lima; projecto que não se concretou.
Sobre a questão ortográfica há uma significativa carta datada aos 15-XI-1958 por Rodrigues Lapa (na altura exilado no Rio de Janeiro), enviada para Francisco Fernández del Riego, em que afirma (Lapa, 2001: 136): "A inesperada visita que tive ontem de um professor galego, Guerra da Cal, residente nos E.U., tornou forçosa esta carta de hoje. Que rapaz admirável: belo tipo físico, sentimento transbordante de galeguidade. Veio aqui para fundar na sua universidade un Instituto de Estudos Brasileiros. Falámos em vocês, Castelao, Otero Pedrayo, Ramón Piñeiro, tudo veio à baila, política, literatura, ortografia. Pensa ele, e muito bem, que devíamos fazer uma reunião entre portugueses, brasileiros e galegos, para lançar as bases de uma reforma ortográfica". Aquela ideia concretizar-se-á em Coimbra em 1963 (ver infra). Era um assunto, pois, central para ele. A novidade de incluir a Galiza suscitava simpatía pelas outras partes.

113 Inclui fotografias de Da Cal e de figuras da intelectualidade, a política e a economia brasileira, nomeadamente Alceu Amoroso Lima, Lucas Lopes, Villa-Lobos e Roberto Campos, com o que o colocam partilhando um mesmo primeiro plano.

114 Rockefeller, governador do Estado de Nova Iorque, tinha interesses económicos no Brasil. Poucas semanas antes visitara o Brasil convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Outros vultos da política que participaram nas actividades foram (*Visión*, 2-I-1959) o presidente da Câmara de Nova Iorque, Robert Wagner; e o ministro brasileiro (Moser, III-1959) Pedro Calmon.

115 *Visão* proclamava-se "a revista dos homes de negócios" do Brasil, e com certeza que o era e, como uma das publicações mais influintes, fora escolhida para ter participação na inauguração do Instituto. Isso explica que se volcasse tão decididamente para publicitar a inauguração, para além do interesse estratégico que lhe pudesse conferir.

*do Commercio*, 29-XI-1958) que "A Semana proporcionará um temário (colóquio) amplo sôbre economia, educação, sociologia, enfim assuntos brasileiros. A promoção conta com o apoio oficial das Nações Unidas. Pela primeira vez faz-se nos Estados Unidos uma Semana do Brasil"[116].

Na sequência da inauguração[117] do Instituto (Sem Autor, 3, 4 e 5-XII-1958) aconteceu a "première" da partitura *Bendita Sabedoria*, de Villa-Lobos, cantada pelo Côro Universitário e "aclamada pela assistência de mas de 2.000 pessoas, a qual, toda a pé, aplaudiu, calorosamente, por espaço de dez minutos". O presidente da Câmara Municipal de Nova Iorque declarou "Semana do Brasil" os primeiros dias de Dezembro (Trota[118], 7-XII-1958) "devendo a bandeira brasileira ser hasteada em todos os edifícios públicos da cidade". O dia 3 outorgou-se doutoramento Honoris Causa a Alceu Amoroso Lima (Letras), Roberto de Oliveira Campos (Ciências Comerciais), Pedro Calmon (Direito), Lucas Lopes (Direito) e Heitor Villa-Lobos (Música), em cerimónia presidida por Carroll V. Nelson, presidente da NYU. O ministro Lucas Lopes, em

---

116 O Professor Américo J. Lacombe (29-XI-1958) informa a Da Cal de ter recebido convite para ir à Conferência na NYU, mas não conseguira arranjar bilhete. Envia-lhe informação bibliográfica queirosiana, e acrescenta "Estive ontem longo tempo com o velho Castro Rebêlo que é um fervoroso admirador seu".

117 Da inauguração deste centro volta a se ocupar *Visão* (Sem Autor, 5-XII-1958:75) indicando que, para a ocasião, deslocaram-se do Brasil a Nova Iorque personalidades como Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil; Ministro Lucas Lopes, titular da pasta de Fazenda; Roberto de Oliveira Campos, Presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico; e Hernani Tavares de Sá, director de *Visão*. Esta revista, na semana seguinte (Sem Autor, 12-XII-1958:14) oferece um relatório mais comprido dos presentes na inauguração na qual, para além desses quatro, figuram por Brasil o compositor Heitor Villa-Lobos, Alceu Amoroso Lima, Amaral Peixoto, Dora Vasconcellos, Américo Lacombe e Murillo Melchior; e também nomes de pessoas dos Estados Unidos, entre eles o Governador Nelson Rockefeller, ou o Professor William Grossmann. Indica terem-se celebrado mesas redondas, conferências e palestras, e deixa constância do desconcerto que provocou entre os norte-americanos a alusão à "Operação Pan-Americana", por "praticamente desconhecida" entre eles. Essa "Operação" visava (Sem Autor, 10-X-1958) que "Brasil assume a liderança de América Latina" no diálogo com os EUA, e era um projecto que anunciara o Presidente Juscelino Kubitschek nesse ano, do maior enlevo para as elites do país.

118 Teresa Trota assina reportagem no suplemento dominical do *Jornal do Brasil* intitulado "Ernesto da Cal: Eça e Machado", em que foca a maioria das principais preocupações de Da Cal nessa viagem a inauguração do Instituto Brasileiro, a produção de poesia, o trabalho em favor de que o galego adopte a ortografia portuguesa, o projecto de estudo Eça-Machado, a amizade "com todos os grandes nomes da literatura espanhola deste século", singularizando a de Lorca. Indigita LEEQ como a principal publicação de Da Cal, referenciando a recepção internacional desse estudo, mesmo "na Rússia"; afirma encontrar-se na altura "corrigindo as provas do segundo volume, que estuda a obra de Eça de um ângulo mais amplo", acrescentando que "em maio ou junho de 1959 sairá, também em Coimbra, a monumental 'Bibliografia metódico-crítica de Eça de Queirós', outro trabalho de Da Cal destinado a repercussão universal", afirmando Da Cal que essa bibliografia permitiria preparar "uma verdadeira edição crítica", com as diferentes versões de obras de Eça e o restabelecimento dos seus textos "que elimine as 'contribuições' e os cortes dos filhos do escritor, que restabeleça os textos de acôrdo com os manuscritos, que inclua o numeroso material inédito. Imagine que há romances inteiros ainda inéditos". A reportagem, na primeira página do suplemento, dá a impressão de ter sido redigida para publicar antes, por como se refere à inauguração do Instituto Brasileiro e à presença de Da Cal em Novembro no Brasil, anunciando-se os actos programados na NYU. Informa que, com tal ensejo "entre as cerimónias já marcadas figura a deposição de uma coroa de flôres ao pé da estátua de José Bonifácio, em Nova Iorque".

discurso de quase uma hora na Faculdade de Direito da NYU, falou "em tom muito otimista" sobre o futuro do Brasil. No acto foi lida mensagem do presidente brasileiro, Juscelino Kubitschek, da qual merecem destaque estes parágrafos (Sem Autor-Associated Press, 5-XII-1958):

> Situa-se esta relevante ocorrência em ocasião particularmente oportuna. Em Washington, nêste momento, os representantes dos 21 Estados americanos congregam o melhor das suas vontades e esforços para formular uma atualização necessária e vigorosa dos ideais Panamericanistas que tão caros nos são.
> A fim de que os altos objectivos da "Operação Pan-Americana" sejam plenamente alcançados, é entretanto indispensável que os povos americanos cada vez mais se aproximem e entendam através do melhor conhecimento recíproco dos seus valores culturais.
> É pois em nome do povo brasileiro e no meu próprio, que formulo os melhores votos pelo êxito dêsse empreendimento que veu contribuir na ocasião justa e de forma adequada para esta tão necessária aproximação.

Esta mensagem do presidente demonstra a importância que se outorgava a esta instituição da NYU para os interesses brasileiros[119], que respondia aos interesses de élites políticas, económicas e culturais do país para atingir uma mais efectiva introdução nos EUA e ter presença no seu mercado e num relacionamento efectivo.

Outra iniciativa em que Da Cal estava empenhado contribuirá para esse mesmo objectivo, através da colaboração entre instituições universitárias. Será o projecto do Junior Year da NYU na Bahia, que se concretiza no final desse ano e que deveu ultrapassar as últimas dificultades com ensejo do bom ambiente propiciano pelo funcionamento do Instituto. Assim, em carta para Thomas C. Pollock, datada em 9-XII-1958, Da Cal propõe a este superior da NYU o nome de Machado da Rosa para director desse empreendimento, que frutificará em 1959 (ver infra).

III.2.2.13.4.-Reconhecimentos e iniciativas para firmar a autoridade em Portugal.

Em 1958 afiançará laços em Portugal. Os estudos queirosianos manter-se-ão como elo importante para consegui-lo. Continuarão os reconhecimentos pelo estudo de LEEQ[120],

---

[119] Num editorial da altura, o *Jornal do Brasil* (7-XII-1958) a respeito da "Integração Pan-Americana", propunha revisar a política dos EUA em relação à América Latina para ultrapassar a linguagem dos ressentimentos de José Vasconcelos e outros pensadores da "América enferma", populares antes de Franklin Roosevelt.

[120] Para além das novas recensões, recebe reconhecimentos particulares. V. gr., do director da *Seara Nova*, Câmara Reys (I-1958), quem responde carta e cartão de Da Cal e afirma: "A sua carta generosíssima e agora o seu bizarro e graciosíssimo cartão luso-galaico muito me honraram e sensibilizaram, recordando o autor do mais elevado e profundo estudo (entre tantos!) sobre o querido Eça". Memora "aquela tarde em que visitamos os Santos Lugares [queirosianos]" poucos meses antes. Prova esta resposta de Reys como Da Cal se preocupava de manter relacionamentos que conseguira no Colóquio de Lisboa em Setembro e que via de especial valor, como o director de aquela revista, que sabia

e chegar-lhe-ão convites para participar em novos empreendimentos de destaque da cultura portuguesa. Continuava a pensar na possibilidade de apoio de Portugal para o Instituto da NYU, o que também contribuiria para acrescentar o orçamento e a projecção do Instituto Brasileiro, apesar da frustração que lhe produziam as continuadas negativas e o desinteresse que recebia, que comunica com desassossego ao sem fiel aliado Machado da Rosa semanas antes da bem sucedida inauguração do brasileiro[121]; e igualmente a amizades galegas, como Eduardo Blanco Amor, a quem fazia partícipe destes planos e da intenção de incluir neles à Galiza[122].

Um convite que recebe Hernâni Cidade[123](17-IV-1958) confirma como nos ambientes relacionados com a sua profissão e produção se afiançava a sua autoridade em Portugal ao ser requerido para que apoiasse novos projectos, como tinha feito já com o DLPGB, que continuava em andamento: Cidade anuncia-lhe que a Fundação Gulbenkian tinha

---

era uma publicação de referência em Portugal sobretudo para grupos relacionados com a oposição ao régime da ditadura.

121 Da Cal (13-IX-1958) informara a Da Rosa que o encontro com o ministro Paulo Cunha do ano anterior não frutificara, e "O meu projecto de Instituto Luso-Brasileiro na NYU leva bom andamento —no segundo elemento. Em poucos dias receberá os primeiros releases do 'forthcoming Conference on Brasil'". Anuncia a previsão que havia já na altura, e que se confirmou, de que participasse o Ministro dos Estrangeiros do Brasil, confirma que "já se recolheram 100.000$, doação de companhias americanas que têm interesses na Terra de Santa Cruz" e que "o Itamarati enviou o Alceu Amoroso Lima —que é um sujeito seráfico, além de ser uma inteligência de primeira categoria— como Professor Visitante para leccionar na nossa Universidade por um prazo mínimo de dois anos. De Portugal, nada [...] Enviei novo relatório —que me pediu— [Paulo Cunha] e que ficou sem resposta, como de costume. Depois enviei cópia, por intermédio do Dr. Albano Nogueira —Consul Geral de Portugal em N.Y.— e nada soube. O Paulo Cunha, segundo me disseram, foi varrido pelo vendaval ministerial que teve lugar com motivo do barulho eleitoral. Agora, quando eu volte a Portugal na primavera, terei que começar de novo. Como pode ver eu não descaio, apesar de que já tenho motivo para crer que o Governo Português não pensa que os E.U. tenha importância nenhuma do ponto de vista dos interesses culturais lusos. A asneira das elites dirigentes da nossa desgraçada Lusitania é insondável. Pelo menos nas esferas políticas".
Da Rosa (18-XI-1958) responder-lhe-á que não podia participar na inauguração do Instituto Brasileiro e pede-lhe que faça público o descontentamento pela falta de resposta de Portugal, ou que o autorizasse para ele fazer saber a negativa de ajuda do Governo português "aos amigos de Lisboa que a possam arejar", citando Aquilino Ribeiro e António Sérgio, o primeiro deles pelo seu acesso ao *Diário de Notícias*.

122 Em carta datada ao dia seguinte da que tinha enviado a Da Rosa, Da Cal (14-IX-1958) comunica a Eduardo Blanco-Amor: "Para el año que viene mi viejo sueño de un Instituto de Estudios Luso-Brasileños será ya media realidad, con la inauguración del Brazilian Institute. En mi viaje a Portugal creo que conseguiré, sea del Gobierno, sea de la Fundación Gulbenkian, plata, para el establecimiento del Portuguese Institute, en el que naturalmente habrá um Seminario de Estudos Galegos". Esta referencia à instituição que funcionou antes da Guerra de 1936 na Galiza demonstra como visava dar continuidade ao que foi um projecto central do nacionalismo galego e como ele aspirava a contribuir para a restauração de oportunidades que, na Galiza, tinha eliminado a nova situação política da ditadura franquista.

123 Os contactos de Hernâni Cidade serão continuados nesse ano, com cartas aos 13-VII, 4-VIII e 31-VIII-1958, com a nova revista e Eça de Queirós como tema, e com intervenção da sua filha Helena.

acordado publicar uma revista de artes e letras, e pergunta se quer ser correspondente nos EUA, e se estava disposto a colaborar[124].

Da Cal (11-IX-1958) escreve para José Rodrigues Migueis[125], a quem conhecera em Nova Iorque e com quem tinha amizade, e que se encontrava em Lisboa. Solicita-lhe que atenda bem "a minha amiga de Nova Iorque, Mildred Adams de Kenyon, que vai passar uma semana em Portugal"[126]. Uma carta que mostra Da Cal mediador e criador de cumplicidades, o que igualmente o favorecia a ele[127].

III.2.2.13.5.-Recepção de LEEQ em Portugal, EUA, Brasil, Checoeslováquia e na Alemanha.

A respeito da repercusão internacional de LEEQ, em 15-I-1958, Pedro de Moura e Sá, no *Diário de Notícias* de Lisboa, afirma em nova recensão que "o doutor Guerra da Cal conhece admiravelmente a obra de Eça de Queiroz e, o que é notável, conhece-a através de uma experiência espanhola e hispano-americana [...] e procura demonstrar cientificamente que a prosa espanhola deste século foi profundamente influenciada pelo autor de *Os Maias*". Salienta que "chama ao grande Valle-Inclán 'discípulo estilístico de Eça de Queiroz'. Tem isto sido dito muitas vezes, mas a categoria científica deste espanhol, que é universitário americano, dá singular relevo a esta afirmação". Conclui que em LEEQ "o que ressalta é, por detrás da prosa, a personalidade viva do escritor". Evidencia esta crítica positiva o impacte que para certas esferas da sociedade portuguesa

124 Num P.S. a esta carta de Cidade, a sua filha Helena manifesta que está a fazer a edição crítica do *Crime do Padre Amaro*, no Centro de Estudos Filológicos, e que a carta para a Gulbenkian que lhe tinha solicitado era já desnecessária.

125 Valoriza Da Cal dos últimos livros que lhe tinha enviado Miguéis: "Parece-me que estás à cabeça dos novelistas portugueses de hoje, sem lisonja".

126 Apresenta Adams como colaboradora da secção de livros do *Times*, tradutora e "grande amiga dos povos peninsulares, e tem feito muito por dar a conhecer as suas literaturas nos E.U", com o que o avisava do relevo que tinha oferecer-lhe uma boa atenção.

127 Do relacionamento com Portugal merecem destaque outras epístolas desse ano: Da Rosa (16-IX-1958) insiste em solicitar-lhe colaboração para a *Seara Nova*, anuncia-lhe que preparava um artigo queirosiano para a *Revue de Littérature Comparée* de Paris, e faz votos para que se publique LAM. Joaquim Montezuma de Carvalho (14-XI-1958) inicia contacto epistolar para solicita-lhe que participe no volume de *In Memoriam* dedicado a seu pai, Joaquim de Carvalho, e em 2-I-1959 insistirá.
Da Cal e Da Rosa não descuram a Antologia de contistas portugueses: Da Cal (6-I-1958) elogia a tradução que Da Rosa lhe tinha enviado de um conto de Manuel da Fonseca, e indica-lhe que vai mediar perante Harriet de Onís para a sua publicação, pois "está muito interessada, em parte devido as minhas manhas suasórias, em projectar literatura portuguesa no mundo americano. E ela pode ser-nos de grandíssima utilidade, pois é mulher de relações multiplas e influência estabelecida solidamente no mundo das traduções"; informa-o de ter recebido dois exemplares de *Viragem*, de Castro Soromenho, enviados por este escritor, indicando que mediará para ver da sua tradução para inglês, bem como para realizar recensão do livro, como lhe pedia Da Rosa.

representava o que um catedrático americano (e mais como neste caso espanhol pela sua naturalidade, que frisa no texto) se ocupasse de Eça.

Em Abril, *Books Abroad* publica recensão de Robert G. Mead, Jr., da University of Connecticut, professor de alargada influência nos meios hispanistas dos EUA. Apresenta brevemente o volume, pondo em destaque o contributo da bibliografia crítica sobre Eça do final. Mead valoriza este "labor of love" de Da Cal:

> The many admirers of Portugal's great modern novelist will welcome this comprehensive, thoroughly readable analysis of Eça's language and style. It should be stated, however, that the author is careful to point out that in this volume he limits himself to a consideration of Eça's use of words and sentences as affective and imaginative elements of meaning basic to style, and notes his intention to study the novelist's broader stylistic aspects in a later work.

Uma recensão breve, na linha dessa publicação, mas de interesse quer pelo especialista que a assina quer por se encontrar inserida numa revista prestigiada no CEL norte-americano[128]e que contribuia assim para uma maior repercussão do estudo queirosiano.

Zdenek Hampejs[129], lusitanista e queirosianista checo, em *Deutsche Literatur Zeitung*, de Berlim, valoriza LEEQ como "apology of Eça de Queiroz [...] As a contrary balance to the existing and often hostile attitude to the works of the novelist, this work brings much new light, but also some exaggerations, which can be explained by the wish to defend the writer". Julga ser um mérito a edição para a Universidade de Coimbra, e apesar de alguns reparos, oferece uma valorização positiva do estudo. Conclui Hampejs:

> The work of G. da Cal provides incentive for many further works. Every expert, critic or reader of the Portuguese classic looks forward with pleasure and will welcome the

---

128 O próprio Mead envia a "notita" para Da Cal aos 23-V-1958, e afirma: "Por fin la publican –y espero que le guste algo. Ya sabe que todo el mundo espera la segunda parte de su trabajo".

129 Desde 1964 este iberista checo assinará como Zdenek Hampl, segundo assinala *Ibero-Romana Pragensia* (1974: 177).
Hampejs (7-IV-1958) escreve epístola para Da Cal, em que confirma a publicação desta resenha, que lhe tinha anunciado aos 7-I-1958. Esclarece que enviou a crítica primeiro para a Alemanha e, como não lhe confirmaram a publicação, refizera-a para os *Quaderni*. Finalmente publicou-se trabalho muito parecido nos dois lugares. Isso resultava "desagradável" para ele mas "pode ser agradável para o amigo, que verá assim duas vezes propagada a sua excelentíssima obra". Em 15-III-1958 diz que LEEQ não é "livreco" como o qualificara Da Cal "se não importantíssimo estudo", e acrescenta as referências bibliográficas. Também se interessa pelos estudos portugueses nos EUA. Da Cal confirmava assim um aliado importante, pelas dificuldades derivadas da "guerra fria" para estabelecer contactos com os países do bloco soviético e tenta manter aquele apoio enviando-lhe novos contributos, como se conclui de carta posterior de Hampejs (8-V-1958), em espanhol, em que acusa recepção de *Literatura del siglo XX*, que "será muy útil en mis cursos de español". Pede conhecer a revista *Hispania* "que nunca vi" (e que Da Cal lha fará chegar), e junta nova nota de bibliografia queirosiana. Aos 23-V-1958, 12-VI-58, 10-VII-58 e 7-X-1958 envia-lhe novas notícias do mesmo teor. Hampejs (30-VIII-1958) comunica que nas publicações checas *Krásná Literature* e *Knizni novinky* publicaram-se aquele ano referências sobre os estudos queirosianos de Da Cal.

> author's appeal for a critical edition of the works and of the epistolography of Eça de Queiroz. Also other works, suggested by G. da Cal, should be analyzed; different statistics and extensive studies on the influence which Eça de Queiroz had on Valle-Inclán; of interest also would be the problem of the rhythm of the novelist's prose.
> In his Portuguese citations the autor uses the conventional ortography; but it is known that this agreement is not valid anymore in Brazil. Therefore, the observation of the author about the validity of his terms in both countries, Brazil and Portugal, (p.12) does not apply nowadays.
> E. Guerra da Cal's book is essential for all who are interested in the personality of the Portuguese writer and in his literary works.

As recensões alicerçam um estreito relacionamento epistolar entre Da Cal e este especialista checo, a quem não conhecia pessoalmente, e que assim se acrescenta à rede que Da Cal tinha estabelecida com hispanistas e lusitanistas da Europa.

Em Julho e Agosto o crítico brasileiro Moacir de Albuquerque escreve sobre LEEQ dois longos artigos no *Diário de Pernambuco*, que em Setembro reproduziu *O Jornal* do Rio de Janeiro. Em 6 de Julho valoriza o estudo como "um livro erudito, profundo e absolutamente original, pelas ideias e pela técnica de análise", e num longo artigo refere várias passagens de LEEQ. Cita exemplificações e assume várias formulações de Da Cal, como bom modelo para os estudos literários para o Brasil. Defende que "a técnica da linguagem" faz parte do estilo, por ser "sua base física, na estrutura, sua chave, sua porta de entrada. [...] E o admirável livro deste escritor galego, professor da Universidade de Nova Iorque, eruditíssimo, manuseando a mais completa bibliografia de Eça de Queirós que já encontrei em qualquer estudioso do genial novelista luso é uma comprovação deste asserto". Julga que "a campanha sofrida por Eça, acusado a torto e a direito de galicista e desnacionalizador, está sendo hoje destroçada por críticos ilustres e vem excelentemente explicada por Guerra da Cal**"** e qualifica "notáveis" os capítulos "sobre o adjetivo, o verbo e o advérbio na obra queirosiana". No segundo trabalho oferece alusões num tom mais divulgativo, e favorável ao estudo dacaliano. Albuquerque evidencia os problemas para a canonicidade de Eça e as lutas que se travavam entre defensores e contrários do produtor português. Esta crítica tem especial interesse, pois Da Cal será convidado de destaque em 1960 para participar no primeiro congresso brasileiro de crítica e história literária, promocionado desde a Universidade de Pernanmbuco, onde exercia e ocupava posição de relevo Eduardo Portella (ver infra)[130].

[130] No Brasil, Gaspar Simões publica esse ano *Eça de Queirós. Trechos Escolhidos*, na editora católica Agir. Na "Bibliografia sobre o autor" cita LEEQ. Esta escolha de Simões demonstra como os dois pugnavam pelo centro dos estudos queirosianos. Da Cal ganhara uma importante batalha em Portugal

Na Alemanha LEEQ recebe uma segunda crítica esse ano. Wido Hempel, em *Romanische Forschungen*, no segundo semestre, qualifica o estudo de primoroso, refere os projectos do segundo volume e da Bibliografia, menciona à origem galega de Da Cal e frisa que se revela como excelente conhecedor da evolução da prosa literária francesa no período focado, e da literatura espanhola e ibero-americana. Para este crítico, o mais brilhante de LEEQ são as secções dedicadas ao adjectivo e ao advérbio. Ressalta os dotes dacalianos para a crítica estilística, a sua cautela, subtil capacidade discriminadora, erudição, habilidade para a redacção precisa, e para ajudar o leitor a compreender rapidamente, mesmo através da disposição tipográfica do material. Advoga porque esta investigação modelar ache leitores atentos não só no reduzido âmbito dos especialistas, mas também entre representantes das outras filologias, com o que avisa a respeito da validade do estudo como método geral para aplicar a CEL diferentes do português, para o que se orientava de preferência o estudo.

A respeito dos outros trabalhos anunciados em LEEQ, Da Cal afirma esse ano ter entregue uma primeira versão da Bibliografia Queirosiana[131]para a gráfica da UC, mas o projecto demorará ainda 15 anos em estar finalizado[132].

---

ao ser escolhido para se ocupar de Eça no DLPGB, mas Simões, muito mais veterano, ainda era preferido para empreendimentos como este volume antológico.

[131] Da Cal (8-I-1958) comunica a Machado da Rosa que "recebi as primeiras provas da *Bibliografia* do Eça, cuja primeira parte deixei nas mãos amicais do César Pegado, durante o meu fugaz pulo para a Atenas do Mondego. Agora, se receber o interessante apoio do ouro dos cofres obesos da Guggenheim, poderei dedicar o ano próximo a terminar o segundo volume do livreco, que vai bastante adiantado". Reconhece assim a necessidade da implicação económica das instituições para preparar esse novo projecto e prosperar no CEL.

Também fala desse projecto em carta que encamina (14-IX-1958) para Eduardo Blanco Amor, a quem confirma: "ya está en prensa en Coimbra una montañosa, catedralicia, espesa —y abominable para mí—*Bibliografía metódico-crítica de Eça de Queiroz*, surgida como un subproducto de mi investigación y que hará babearse de envidia a los Simón Díaz y Homero Serís y demás beneméritos del servicio doméstico y de la tracción de sangre de la literatura. (Barbosa Machado y Nicolás Antonio se sonreirán lívidamente en sus respectivas tumbas). La única justificación que te doy de ese hecho culpable es que a base de ese imponente mamotreto se podrá —Dios lo quiera!— hacer muy fácilmente la edición crítica del adorado Eça, que tanta falta hace. Estoy ahora embreñado con el vol. II de mi *Lengua y Estilo* –que tengo que completar de aquí a la primavera, pues Coimbra lo demanda "com a mão no arcaboiço" y además recibí una beca de la Fundación Guggenheim para ese fin. El vol. I ha tenido bastante éxito". Da Cal compara assim o seu projecto bibliográfico com outros que já funcionavam no mercado para a Literatura Espanhola, e ele acha que o seu será muito melhor. Ao igual que nesta carta a Blanco Amor, em outras ocasiões Da Cal minusvalora este contributo bibliográfico a respeito de LEEQ, sem suspeitar quiçá que será a *Bibliografia Queirociana* o produto que, após a sua publicação, o consagrará definitivamente. A elaboração desse repositório deveu resultar com certeza dificultosa, pelos numerosos dados que deveu adicionar provenientes de contribuidores de diferentes países e das suas próprias pesquisas; isso levou a sucessivas reelaborações e a ter que refazer páginas num instante em que não havia meios informáticos, o que permite esclarecer e justificar a longa demora. Essas primeiras provas que diz receber, pois, não se aproveitarão.

III.2.2.13.6.-Implicação e apoio directo para a cultura galega desde Nova Iorque.

Da Cal tinha presentes na sua actividade a língua e a literatura da Galiza. Em 1958 participará directamente em empreendimentos do Grupo Galaxia e mediará desde a sua privilegiada posição nos EUA para difundir iniciativas orientadas à recuperação de aqueles elementos que julgava centrais para a identidade da Galiza. E intensifica os contactos para publicar o primeiro livro de poesia, acontecimento que prosperará no ano seguinte. Assim fortalecia os alicerces colocados nos primeiros contactos epistolares do ano anterior, pois continuavam sem se conhecerem pessoalmente[133]. Ramón Piñeiro (21-I-1958) referencia alguns pontos de união e solicita a sua colaboração, que valorizavam como especialmente valiosa na altura, até ao ponto de manifestar a intenção de demorar algum projecto central, como a homenagem a Otero Pedrayo, para poder contar com ele. Afirma nessa epístola Piñeiro:

> O noso interés pola sua presencia no homaxe a D. Ramón é, como lle dixen anteriormente[134], moi grande. Tanto por nós como polo mesmo D. Ramón. Estamos dispostos, e isto demostraralle con feitos a sinceridade do noso interés, a retrasar hastra meiados de febreiro a posta en marcha da pubricación pra dar tempo a que chegue o seu traballo. ¡Polo que máis queira faga porque nos chegue o traballo pra esa data!
> Moito celebramos a iniciativa que tomaron vostede, o Emilio, o Mosteiro, o Veciño e os demáis irmáns[135]. Eso danos alento pra seguirmos loitando eiquí con enerxía e con fe contra tantos e tan penosos atrancos como decote se nos presentan. Pouco a pouco imos cubrindo as etapas do noso plan. Agora dentro de poucos días sairá o primeiro número de unha Revista de Economía de Galicia na que se tratarán e discutirán os problemas económico-sociás da nosa Terra percurando sinalar os camiños máis comenentes pra a sua solución. Cobizamos chegar a ter unha revista cultural na que tratar axeitadamente as nosas cousas. Polo de agora non pode ser. Xa o temos percurado inutilmente. Pro chegará o dia en que tamén eso se conquerirá.

Diz gostar dos poemas que lhe tinha enviado, que qualifica de "inagardado tesouro". A respeito do projecto de edição de um poemário de Da Cal[136], oferece Piñeiro aprovação e garantias, aceitando as condições que ele anelava, como o respeito à ortografia ou que levasse um prólogo de Jacinto do Prado Coelho, o especialista português que continuava

---

132 Vicente Gaos (11-X-58) interessa-se pela continuação de LEEQ e diz que o que escreveu da parte primeira para RFE por má fortuna ficou impublicado. Pede dados do JY para um projecto de outra universidade norte-americana, que o contactara, pois conhecia o projecto da NYU com Madrid

133 Da Cal (6-I-1958) confirma a Machado da Rosa que se implicará para que frutifique esta iniciativa. Estabelece-se assim diálogo entre os dois sobre este novo interesse comum com os galegos.

134 Em carta datada aos 1-I-1958, Piñeiro já insistira em reclamar trabalho de Da Cal para a homenagem a Otero Pedrayo. Anuncia-lhe novo livro de Galaxia, de Rof Carballo.

135 Refere-se ao acto, indicado supra, celebrado em Dezembro anterior na Casa Galicia de Nova Iorque para ajudar economicamente as iniciativas culturais galegas, entre elas Galaxia.

136 Em nova carta (17-VII-1958) Piñeiro confirma que em Galaxia estão "Compracidos de contar co orixinal" de LAM para o Outono. Acha "excelente" a ideia de editar poesia norte-americana preparada por Da Cal, como ele tinha anunciado, e dá mais notícias de Galaxia, e de actividades de cultura galega.

a divulgar privilegiadamente a Litetura Galega no DLPGB, em andamento na altura. Escreve ao respeito Piñeiro:

> Coido que poderá quedar un libro fermoso, que non hai millor modo de conquerir a plena presencia espritoal ouxetiva no mundo galego que navegando nun fermoso libro. E iste seu será fino, lanzal e lixeiro coma unha dorna espritoal que Galaxia botará a navegar mar adentro cara ás praias da inmortalidade. Comprácenos moito que leve prefacio do noso moi bó amigo Prado Coelho. Tampouco temos reparo que lle pór ó seu criterio ortográfico e respetarémolo de boa gana. Tocante ás consideracións que fai sobre dise problema, eu estou de acordo –e tamén o están outros— co seu ponto de vista. O que ocurre é que se procedeu dun xeito tan anárquico e tan embarullado dende o XIX pra acó que se tiña chegado a unha situación totalmente caótica, na que cada un seguía unha grafia persoal. Pra remediar tal estado de cousas, Galaxia tomou unha medida moi radical: a simprificación máisima. Diste xeito váise anulando no ánimo da xente aquela impresión de galimatías que producía o galego escrito. Certo que a simprificación adoitada por Galaxia ten un caraiter puramente transitorio e terá que dar paso a unha futura grafia con certa base científica, da que hoxe en día carece evidentemente. Confiamos en que dentro duns poucos anos poderase abordar iste problema con seriedade i eficacia, apoiándonos, naturalmente, na autoridade "oficial" da Academia pra lexislar nesta materia. Mais niste intre a Academia é pouco máis que un sartego de respetábeles fósiles e levará algún tempo o revitalizala no grado necesario pra tales empresas. Dende logo, teña a certeza de que compartimos as suas inquedanzas por iste importante problema cultural.

Informa igualmente de projectos de Galaxia, como a edição da obra completa de Manuel António, o que indicava a segurança que tinham no grupo galeguista no apoio de Da Cal tanto económico, ao adquirir exemplares, como para os divulgar na sua actividade e favorecer que funcionassem internacionalmente, vencendo assim os entraves da censura e da repressão da Administração centralista na Galiza.

Uma nova demonstração prática de aquele apoio ofereceu-a na RHM correspondente ao primeiro trimestre de 1958, onde publicou Da Cal "Galicia al trasluz", uma recensão do livro de Emilio González López *Galicia, su alma y su cultura*, premiado e editado pelo Centro Galego de Buenos Aires em 1954. Inicia este trabalho com afirmação contundente (Da Cal, 1958:54): "La restauración cultural de Galicia es hoy ya un hecho incontroversible", e acrescenta Da Cal:

> Al recuperar Galicia nuevamente noción de su ser, de su "etnos", y dejar de ser un inerte elemento "provincial" en el rico conjunto peninsular e hispánico; pudo otra vez –como en la Edad Media—hacer oir su voz rescatada, dar tónica y reintegrarse como factor agente al devenir histórico ibérico –papel para el que está en ventajosísima posición por su hermandad de espíritu y cultura con Portugal. La manifestación más inmediatamente palmaria de la nueva vigencia de la personalidad galaica ha sido la revitalización del idioma, que [...] en menos de una centuria ha reconquistado su validez total en el alma de las zonas más finas de la sensibilidad y el saber gallegos.

Salienta uma série de ensaios galegos e julga o de González López de "Libro jugoso, rico […] de indispensable lectura para todos cuantos quieran adentrarse, bien guiados,

por la intimidad de esa zona del mundo plural hispánico". Assim, para além de estreitar laços com González López, dá visibilidade à cultura galega numa revista que era referência internacional. Insiste em frisar a variedade de culturas hispanas, em contra do centralismo uniformador[137].

Em Junho[138] publicou-se na Galiza o volume de homenagem a Otero Pedrayo, que se aposentara o dia 5 de aquele mês[139]. Aos 14 de Junho, Galaxia envia-lhe um exemplar, e anunciam-lhe que em poucos dias lhe farão chegar as separatas do trabalho com que contribuia[140] naquele empreendimento do maior interesse simbólico para o grupo galeguista. O texto desse produto dacaliano fora encaminhado aos 3-IV-1958 por Ramón Piñeiro para Fernández del Riego, valorizando ser "un excelente ensaio", e advertindo: (Del Riego, 2000: 139): "Cómpre que lle respetes a ortografía sobre a cal ten criterio persoal, consistente no achegamento consciente ó portugués". O contributo nesse volume intitula-se (Da Cal, 1958:145-172) "Glosas superficiaes ao tema do mar da nosa lírica primitiva".

Neste estudo alude às diferenças que na "creazón poética" se observan no tratamento do mar em portugueses e galegos após a "Renascenza", pois "na Idade Media ambos pobos, que a despeito da separazón política constituían unha só entidade lingüística e espritoal, manifestan perante o mar, como motivo de escitazón lírica, unha atitude idéntica" que diferenciam essa lírica (p. 148) da castelhana coeva. Analisa composições

137 Um centralismo que suportava lutas no interior por diferentes grupos que tentavam diferenciar outras culturas, entre elas a galega. Em nova carta, Ramón Piñeiro (28-III-1958) confima Da Cal ter recebido o trabalho de homenagem a Otero e fala da "batalla idiomática", afirmando que "coido que esa batalla nunca tivo o vigor interno que agora acadou e que irá en aumento".

138 Piñeiro (28-IV-1958) informa da coroação de Cabanillas em Padrón, perante a estatua de Rosalia, o dia 8 de aquele mês. Durante o discurso de Otero Pedrayo no acto, em galego, escuitaram-se berros de "ceibe", o que tinha provocado que as autoridades reagissem ofendidas. Anuncia o projecto de editar a *Obra Completa* de Cabanillas, em Buenos Aires, ao impedí-lo a censura na Galiza.

139 O volume foi-lhe entregue a Otero o dia 8, segundo refere Piñeiro em epístola do 12-VI-1958. A sua derradeira lição na USC fora proferida no Paraninfo onde, segundo Piñeiro, quando dixo que ia "falar na lingua de Rosalia e de Pondal" recebeu "ovación verdadeiramente épica". Acrescenta que, com ensejo de entregar o volume "Fomos xantar coil uns 30 amigos de toda Galicia". Nessa epístola Piñeiro valoriza positivamente os projectos na NYU e afirma a respeito do seminário de estudos galegos que lhe tinha anunciado como possibilidade Da Cal que seria "maravilhoso que pudera inaugurar Otero". Diz ter notícia da estada de Da Cal em Porto Rico e anuncia o novo projecto de Galaxia, de editar o texto para teatro *Don Hamlet*, de Cunqueiro.

140 Com aquele volume Galaxia visava surpreender Otero com ensejo do seu aposentamento na USC, aos 70 anos. Da Cal elogia Pedrayo e as aulas "que tan esgreviamente rexeu" e afirma que o seu anelo era ter colaborado (Da Cal, 1958: 145) "con un traballo sólido e demorado. Infelizmente, as circunstancias vertixinosas da miña vida novi-iorquina niste intre deixáron-me apenas vagares pra escrebiñar apresadamente estas notas. Sexan elas, xa que non pola calidade, ao menos polo esprito que as informa, testemuño da fonda admirazón que a vida e a obra do Mestre me inspiran".
Outras cartas se entrecruzaram na altura Piñeiro e Da Cal. Numa delas, Piñeiro informa da morte de Luís Pimentel que, segundo indica, trabalhava num livro para Galaxia; e valoriza o assunto escolhido por Da Cal para a homenagem a Otero: "o tema é, por certo, ben interesante".

dos cancioneiros, defendendo que (p.147) "Tres son os principaes cantores do tema mareiro dos Cancioeiros: Paio Gomes Chariño, Xohán Zorro e Martin Codax", valorizando também composições de Nuno Fernandes Torneol, Pero Meogo, Estebo Coello [sic], Roi Fernándes e Meendiño [sic].

Da Cal ampara-se em bibliografia de especialistas[141] e utiliza a Estilística e a Literatura Comparada, introduzindo elementos de índole psicológica. Admite ser esta sua tese (p. 155) "debatíbel", na linha do defendido em LEEQ sobre a impossibilidade da crítica de chegar à interpretação última da obra literária. Afirma que (p.170) "o verdadeiro poeta non mora nunca no terreo das realidades imediatas. A sua creazón non é, por tanto, 'real'. É unha 'irrealidade' por meio da cal se alumean verdades inesprimíbels i-escuras, imposíbels de seren ouxetivamente elucidadas". Salienta (p. 172) as dificuldades de pôr em destaque um estilo individual nestes produtores. Relaciona os autores medievais entre si e coloca-os como precedentes de outros posteriores[142]. Oferece maior valorização para a composição de Meendinho: Rejeita (p. 170) "a interpretazón literalmente ouxetiva" que alguns eruditos tinham dado a essa cantiga e afirma (p. 171): "A estroitura do poema é curiosísima e contén procedimentos estilísticos dunha sorprendente modernidade", acrescentando que (p. 172) "creou unha estroitura lírica inmorredoira", e "antecipou recursos de estilo que só a poesia dos nosos dias virá 'descobrir'". Finaliza o ensaio (Da Cal, 1958: 172)

> com a espranza de que talvez fique ata certo ponto evidenciado nestas glosas que este grupo estelar de adiantados da poesía amatoria peninsular souperon facer desabrochar, en relación con o tema oceánico, algunhas das mais raras e delicadas frores de que se pode orgullar o vizoso "xardín a beiramar plantado" que é o vello lirismo galaico-lusitano.

Tenta respeitar o cânone ortográfico vigente na Galiza, mas apela para a identidade galego-portuguesa através da unidade do idioma na Idade Média, com usos em que evidencia insegurança. Questiona algumas das consideradas descobertas poéticas mais recentes que estariam alicerçadas nestes produtores, e aprofunda em Charinho, Codax ou Meendinho, que incluirá na sua própria poesia (ver infra)[143].

---

141 Rejeita algumas interpretações de estudos do medievalista português José Joaquim Nunes e valoriza sobretudo as do brasileiro Celso Cunha e as do galego Álvarez Blázquez.

142 Entre os devedores dos líricos medievais cita Quevedo (p. 153); Garcilaso (p.154); Camões (p. 159); Rosalía, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Lorca e Alberti (p. 162); e compara uma cantiga de Codax a (p.166) "delicada imaxe de Solveig galega à eterna espera do seu Peer Gynt".

143 Otero Pedrayo (15-VI-1958) agradece por carta aquele contributo no livro de homenagem.

Aos 18-VI-1958, Da Cal conhece persoalmente alguns dos agentes de Galaxia, num encontro na fronteira portuguesa[144], ao qual não poderá acudir finalmente Otero Pedrayo, como estava inicialmente previsto. Organizou a expedição aproveitando nova estada em Portugal. Principiava assim a tecer afectos pessoais com Piñeiro, que fortaleciam os contactos epistolários prévios, e com outras pessoas do grupo galeguista. O irem várias pessoas, como acontecerá de novo no ano seguinte (ver infra) era uma maneira de causar boa impressão a um professor como Da Cal que tanto estava a apoiar desde o exterior a cultura galega e assim mesmo o projecto de Galaxia, angariando financiamento e divulgando as suas iniciativas e actuações. Correspondiam assim ao muito que tinham recebido dele oferecendo em troca escassas contrapartidas.

Mantém o contacto com Eduardo Blanco Amor, a sua mais firme ligação com outros galegos que tinha conhecido antes da Guerra de 1936 e que residiam no exterior. Da Cal (14-IX-1958) escreve extensa carta com importantes dados[145]. Envia-lhe o poema que lhe dedica "que en breve publicará *Galaxia*[146]", pedindo-lhe opinião e afirmando que "La poesía ha sido mi vicio secreto durante muchos años". Esclarece que a publicava por conselho de Piñeiro e Machado da Rosa, embora ainda não tinha entregue o original. Junta separata do trabalho na homenagem a Otero que "En su día lo que ahí va vertiginosamente pergeñado será un capítulo de un libro ya bastante adelantado, sobre la sustancia lírica de nuestra poesía medioeval. Libro que pretenderá rescatar a esos poetas

144 Ramón Piñeiro (12-VI-1958) tinha-lhe confirmado por carta que "Os amigos de Galicia D. Ramón, García Sabell, Del Riego, etc., acudirán con dilixencia á cita. Eu, se me deixan, irei con alegria": estas últimas palavras referiam-se aos problemas que podia ter com a Administração franquista para que lhe permitissem o cruzamento da fronteira, pois após a saída do cárcere tinham-lhe (Vázquez, XII-1985: 15) "vedade a concesión de pasaporte as autoridades españolas, durante dez anos", segundo o seu próprio depoimento..

145 Da Cal comunica-lhe alguns dos principais projectos em que estava envolvido, valoriza muito a produção literária, em castelhano e em galego, do ourensano, e cita Herminia Prieto, argentina amiga de ambos e ex aluna de Da Cal na NYU, quem o informara de ter falado dele com Blanco Amor.

146 Ramón Piñeiro (18-IV-1958) informara em carta a Da Cal que Jacinto do Prado Coelho lhes tinha confirmado que enviaria o "Limiar" para o 15 de Maio, após gestão ao respeito de Soveral, leitor, em Lisboa, e que "depois irá todo para a censura". Piñeiro fazia constar a sua esperança de que "se poda editar con tempo para enviar e que poda levar o libro ao Brasil", pelo interesse de Da Cal em apresentar aquele produto no país sudamericano com que tão estreito relacionamento tinha na altura, e que se acrescentaria desde finais de 1958 por causa do Instituto Brasileiro da NYU (ver supra); e onde tinha importantes projectos para 1959, entre eles o de participar no Colóquio Luso-Brasileiro da Bahia com produção científica e literária (ver infra), de aí o interesse em fazer circular aquele livro de poemas. "Pola nosa parte non se perderá nengún tempo", manifesta Piñeiro. Mas a publicação demorará mais do previsto.
Em nova carta, Piñeiro (17-VII-1958) confirma que em Galaxia estão "Compracidos de contar co orixinal" de LAM para o Outono. Acha "excelente" a ideia de editar poesia norte-americana preparada por Da Cal, como ele próprio lhes tinha anunciado, outro projecto que não prosperará pois não consta que finalmente o chegasse a preparar; e dá mais notícias de Galaxia, de visitas e actividades de cultura galega, para que Da Cal visse a actividade e confiasse neles.

de las garras, o mejor, de la apisonadora erudita de historiadores y medioevalistas", outro projecto que não prosperou. E acrescenta Da Cal a respeito do seu relacionamento com a Administração franquista por causa do Junior Year (JY) em Madrid, e dos projectos em que estava empenhado em Nova Iorque, entre eles uma iniciativa de teor político juntamente com Emilio González López:

> he podido hacer un *Junior Year in Spain* con toda facilidad –del cual te envío el folleto. El Instituto de Cultura Hispánica me invitó a ir a España, con todos los gastos pagados– yo me reí en sus barbas, las de Sánchez Bella. "Si me agarran Vds. en 1939 me fusilan, ahora me invitan. Parece que han mudado Vds. de opinión sobre mí, pues bien, yo sigo creyendo que son Vds. los mismos *perros* de entonces, aunque el collar parezca un poquito diferente". Lo que a mí me interesa es meter estudiantes americanos en España, que por su mera presencia son un agente catalítico de inquietudes universitarias y de toda índole. […] Para el año que viene mi viejo sueño de un Instituto de Estudios Luso-Brasileños en NYU será ya media realidad, con la inauguración del *Brazilian Institute*. En mi viaje a Portugal creo que conseguiré, sea del Gobierno, sea de la Fundación Gulbenkian, plata, para el establecimiento del *Portuguese Institute*, en el que naturalmente habrá un *Seminario de Estudios Galegos***.** Eso ofrecerá la posibilidad de traer gente destacada a dar cursos y conferencias. Ni que decir tiene que la primera tal persona que vendría a la Sección Gallega serías tú. Esperemos que todo vaya "according to schedule". […]
>
> Aquí, con Emilio G.L., hemos pensado en la conveniencia de publicar un manifiesto de los intelectuales gallegos de América sobre el presente y futuro de la cultura gallega y la realidad, ya indudable, de la restauración de su personalidad histórica. De propósito se evitarían hacer referencias concretas a las realidades políticas de hoy, ni a las que el futuro desenvolvimiento de la conciencia gallega, como tal, pueda llevar implícitas. Sería puramente una afirmación de fé, y una adhesión, a la recreación de la entidad histórica "Galicia". Todo el que concuerde con ese postulado esencial *é benvindo*. En este momento me parece lo más hábil –y lo más constructivo. Dime qué opinas. Este manifiesto sería naturalmente firmado por profesores, artistas, profesionales, –*específicamente ajenos a la política como profesión*. Esto me parece fundamental.

A epístola reconhece a necessidade de apoio institucional do Campo do Poder Político para poderem frutificar projectos profissionais, a se considerarem de interesse para a orientação da política geral do país[147], como acontecia com os projectos que arvorava respeitantes a Portugal; mas também como se singularizavam como um campo próprio

[147] No espólio de Eduardo Blanco Amor encontra-se ainda um fólio, sem datar, que dá a impressão pertencer a outra possível carta que talvez seria por essa altura, tomando de conta as iniciativa de que fala. O único parágrafo de que consta é este: "No te sorprenda la ortografía. Yo creo que ya es hora de empezar a unificarla con la portuguesa, en aquellos sonidos en los que no hay diferencia. Así podremos ganar los escritores gallegos la atención de Portugal y el Brasil, que como gallegos es nuestro verdadero mundo. No te puedes figurar el interés que hay entre lo mejor de las letras lusitanas por lo que se hace en gallego. Ahora mismo estamos publicando –digo estamos porque yo he tenido parte, y tengo en la edición—el primer diccionario de las literaturas portuguesa, gallega y brasileña. Yo pondré a los libros un vocabulario para portugueses, con aquellas palabras que ellos no usan. Jacinto do Prado Coelho me ha ofrecido un Prologo".
Luís Pérez Rodríguez afirma a respeito desta página avulsa (2002b: 100) que "ten que ser de 1956" por se fazer referência nela ao DLPGB; no entanto, este repositório, na primeira versão editou-se, como se indicou, em fascículos, e demorou até ao ano 1960, pelo que bem pôde ser posterior; e a alusão ao prólogo prometido por Jacinto do Prado Coelho assim o aconselha pensar.

para influir perante a Espanha desde o exterior e tentar forçar um novo rumo e uma situação de maior permissividade para com a cultura galega.

Ramón Piñeiro (25-X-1958) escreve a Da Cal[148]: "Sei que tributaron cordial homenaxe a Emilio Flores e que falaron V. e Emilio González López", pelo que se mantinha atento à actividade em Nova Iorque. Informa-o da actualidade cultural galega, e exprime alegria de que nos planos dacalianos estejam LAM e uma antologia de poetas americanos para Galaxia. Afirma Piñeiro que tinham a "afervoada[149] esperança" de que "cando teña concluído o seu sistemático e fundamental estudo da obra queiroziana decídase a facer o gran libro que a Galicia actual lle debe ós nosos poetas medievais, deuda que hoxe por hoxe somentes o amigo Da Cal pode pagar cumpridamente en nome da cultura galega" uma formulação que ressalta a função comemorativa que se visava desde a actuação cultural galeguista, como uma das formas de afiançar a sua difusão e prestigiá-la, quer no interior, quer desde o exterior[150]. Aventura Piñeiro que também Da Rosa[151] e Sánchez Barbudo (que "estivo por aqui a fins de xullo") se prestarão a apoiar em Wisconsin, e na Universidade de Montreal "un rapaz novo que se chama Cores, fillo de galegos". Julga de "asisados e intelixentes" os termos do escrito que preparavam em Nova Iorque, e pede coerência para que não acontecesse um fracasso como o que tinha havido na Irmandade Galega de Cuba; o que supunha uma advertência para que não houvesse passos para atrás que empecessem os projectos em que trabalhava o grupo galeguista e que começava a dar frutos[152]. Tenta-se assim desde a Galiza tecer uma rede

148 Esta carta deve ser resposta a outra, que se conserva em cópia na HSA, na qual anuncia Da Cal LAM e oferece fazer uma Antoloxía de Poetas Norte-Americanos "e o plano xá pasou à miña carteira de traballo. Agora teño que dar cabo ao segundo volume do meu Eça, pois Coimbra está a pedi-lo aos berros. Teño no prelo unha gigantesca Bibliografía Queiroziana". Diz que vai falar com Sebastián [González] e "vamos tratar de desenvolver os estudos luso-galaico-brasileiros na Universidade de P[orto]. R[ico]. Estenderon-me unha invitación pra ir en Dezembro a fazer ali unhas conferencias, das quais polo menos dúas serán sobre as nosas literaturas. O Emilio e mais eu estamos a traballar sobre o manifesto referente à cultura galega. O Sebastián concordou afervoadamente com a ideia".

149 É esta uma palavra muito emblemática na altura, com muita carga afectiva, que utilizavam também como exemplo do galeguismo e da identidade própria que visavam impor.

150 De facto, Piñeiro acrescenta nessa epístola que "Tamén me alegrou moito a noticia de que no mes de nadal voltará vostede a Porto Rico e de que Sebastián está disposto a poñer en marcha os estudos luso-galegos naquela Universidade. Como vostede ten o mesmo plan en relación coa de New York, pouco a pouco imos afianzando importantes bases de difusión e prestixiamento da nosa cultura", com o que demonstra a Da Cal como estavam atentos à sua actividade, e como se ocupavam dela em contactos com outras pessoas.

151 Machado da Rosa apoiava sem reservas o projecto galeguista, pessoal e profissionalmente. O professor açoriano comunicara (13-I-1958) por carta a Da Cal que "os meus amigos mais queridos são dois galegos: Você, que eu conheço parcialmente e intuo totalmente, e São Piñeiro".

152 Outra carta de interesse é a que encaminha nos finais de ano (26-XII-1958) Machado da Rosa para Da Cal, em que informa de que lhe enviara quatro poemas Franco Grande: um dedicado para Emilio González López, 2 para Da Cal e outro para ele próprio. Diz que Franco Grande na carta depoe "que a

de apoio que favorecesse desde o exterior os projectos de Galaxia e do grupo envolvido em redor dessa editora.

No final desse ano 1958, a *Memoria Anual* da Casa de Galicia referencia a participação de Da Cal numa homenagem à actriz galega Maria Casares, com ensejo da sua actuação em Nova Iorque, salientando que tanto ele como Emilio González López falaram em galego na ocasião, embora sem referenciar o conteúdo das suas palavras[153].

Por estes produtos verifica-se como o relacionamento iniciado em 1957 com o grupo galeguista através de Machado da Rosa propiciava que Da Cal tivesse a Galiza num lugar mais central da sua actividade. Tudo favorecia os interesses dos agentes galeguistas, que conseguiam apoio para os seus empreendimentos nos EUA e de um lugar tão central como a Universidade, em que tão necessitados estavam para atingir a projecção que procuravam no exterior e que lhes permitisse sobrelevar as numerosas resistências que suportavam procedentes de instituições do Campo do Poder Político da ditadura governante na Espanha.

III.2.2.13.7.-Convidado na universidade de Porto Rico e na Suécia.

No Verão e em Dezembro intervirá como Professor Convidado na Universidad de Puerto Rico. A primeira ocasião[154] coincidiu em Junho, nas datas em que iniciava o seu andamento o Instituto Brasileiro, e a segundo imediatamente depois da inauguração desta instituição. Porto Rico oferecia-lhe mais capital simbólico, e a possibilidade de contactar com amizades que se encontravam nesse estado livre associado aos EUA, nomeadamente Federico de Onís e Ricardo Gullón[155].

---

continuação de Franco no poder não é inteiramente indesejável porque dá às novíssimas gerações a oportunidade de tomarem as rédeas com maior destreza. Em resumo: é uma carta que transborda de gozo".

153 Este assunto merece o máximo destaque na publicação, que inclui trabalho de duas páginas de Leonardo Santamarina, em que se refere ao reconhecimento da actriz galega pela crítica norte-americana; e dá pé a Emilio González López para, mais uma vez, se refirir ao impacte de (González López, 1958) "gallegos ilustres en las artes y en las letras fuera de España", e concluir que se podem destacar em línguas e culturas diferentes da Europa e da América "más lo podrán hacer en la suya, tan entrañablemente unida a su temperamento y carácter, cuando la empleen como el instrumento artístico por excelencia de su creación artística", palavras que aludem à repressão existente na Galiza.

154 Da Cal (11-I-1958) responde a Margot Arce de Vázquez e indica que o convite para ir como professor visitante a Porto Rico no Verão desse ano lho fizera Federico de Onís, e junta o programa dos cursos, dos quais um será sobre Lope de Vega e Calderón, orientado para alunado de español.

155 Ricardo Gullón (26-II-1958) escreve a Da Cal. "Estoy informado por Rodrigo Molina de tu buena disposición en cuanto a mi proyectado trabajo como profesor visitante en la Universidad de Nueva York durante el curso de verano de 1959, y quiero darte desde ahora las gracias por ella". Lamenta que coincida com a ausência de Da Cal, que na altura tinha prevista viagem aproveitando o descanso sabático, pois "hubiera sido excelente ocasión para estrechar una relación de que guardo tan buenos recuerdos".

Em 8 de Março, no jornal *El Mundo de San Juan de Puerto Rico,* Da Cal publica a crítica "Esteban Vicente, Pintor Español", com fotografia deste produtor, na altura residente em Porto Rico[156].

Em Junho  oferece em Porto Rico dois cursos sobre o Século de Ouro da Literatura espanhola, um sobre Lope de Vega e outro sobre Calderón, orientado para alunado dessa disciplina[157].

Aquelas intervenções e contactos servirão para concretar a publicação do estudo que lhe tinha demandado Gullón[158]. Aos 26-VIII-1958, este hispanista confirma-lhe por carta a aceitação da tradução de "Glosas superficiais" para publicar na revista universitária *La Torre,* e diz que "el mus y los musistas lloran tu ausencia"[159]. Outro dos contactos que estabelecera naquele país, Enrique Laguerre (20-IX-1958) envia carta de Porto Rico a Da Cal em que manifesta o desejo de ir conhecer o Instituto Brasileiro "para anticipar la idea de un Instituto de Cultura Puertorriqueña. Ténme, por favor, informado"[160]. Na epístola indica que tinha almoçado no dia anterior com Federico de Onís, quem "habló con simpatía y elogio de ti", e como outras pessoas também falaram bem de Da Cal.

---

156 Em nota final indica-se ser texto de uma palestra proferida na *Voz de América* em Março de 1957. Na introdução desse trabalho Da Cal lembrara ter-se ocupado "no hace mucho tiempo" da última exposição do escultor, também espanhol, José de Creeft, bem como do "grupo de artistas plásticos hispanos residentes en los Estados Unidos, incorporados al mundo artístico norteamericano y reconocidos en él como figuras de prestigio y alta jerarquía creadora". De Vicente, que chegara aos EUA em 1936, a referência é com ensejo da quinta exposição realizada em Nova Iorque, na Rose Fried Gallery. Da Cal refere-se a ele como "consagrado", pelo facto de que "Las mejores revistas de arte de los Estados Unidos se han ocupado de él, los museos han comprado obras suyas y varias universidades lo han invitado en diferentes ocasiones a formar parte del profesorado visitante de sus departamentos de Bellas Artes". Apresenta-o como um dos grandes nomes internacionais do expressionismo abstracto.

157 A aceitação do programa que ele indicara é confirmada por Margot Arce de Vázquez (26-V-1958), em carta em que confirma estar certo. Três dias antes, esta docente informa a Da Cal de ter recebido, com a sua carta de 10 desse mês, um cheque no valor de 25 dólares "con destino al fondo para la tumba de Antonio Machado, contribución de ustedes y del capítulo neoyorquino de la AATPS". Indica que preparava os detalhes do alojamento e outros para a sua presença em Porto Rico nesse Verão.

158 De Río Piedras, Biblioteca Universitaria, Ricardo Gullón (19-VIII-1958) responde carta de Da Cal recebida desde Ticonderoga: Confirma Gullón que lhe enviaram os livros em que ele se interessara de Porto Rico e despede-se deste modo: "Te recuerda y quiere con entrañable amistad y vivísima simpatía, como a un hermano encontrado tarde, tu (Ricardo Gullón)". De novo de Rio Piedras, um mês mais  tarde (18-IX-1958) Gullón informa que estava à frente da Editorial Universitaria, de Porto Rico (Universidade). Pede-lhe "un buen ensayo tuyo para La Torre", revista universitária que dependia de aquela empresa, e dá-lhe liberdade de tema. Solicita que use na NYU textos de Ortega e Lope editados pola empresa em que agora trabalhava, uma demonstração do funcionamento da rede, que oferece e pede correspondência.

159 Na carta que encamina para Blanco Amor, afirma Da Cal (14-IX-1958): "Yo lo pasé muy bien en Puerto Rico. Me han invitado a volver en diciembre para dar unas conferencias, dos de ellas sobre tema galaico-portugués. Allí tenemos de decano a Sebastián González –tú te acuerdas de el, no?— que tiene un enorme interés en desarrollar lo luso-galaico-brasileiro en aquella universidad".

160 Da Cal conhecera Laguerre na sua estada de Junho como conferencista, segundo se infere de carta anterior do próprio Laguerre (16-IX-58), em que lhe comunica a boa impressão da estada de Da Cal e de o ter conhecido e agradece livros enviados por Da Cal. A professora Teresa Babín, conhecida por Da Cal, mediu para o estabelecimento desta relação.

Deste documento infere-se que Da Cal, após a organização do Instituto Brasileiro colocava também a possibilidade de uma instituição semelhante da cultura boricúa, com o que por um lado continuava o labor de abrir novas possibilidades de pesquisa mas também de financiamento para a NYU, ao tempo que progredia na própria promoção pessoal[161].

Margot Arce de Vázquez (25-IX-1958) reata a comunicação com Da Cal, para organizar outro ciclo de conferências, em Dezembro. Indica que na altura estavam em Porto Rico professores e intelectuais hispanistas como Américo Castro, Onís e a esposa, Gili Gaya, e também o matemático José Gallego Díaz. Afirma Arce nessa epístola que estivera a falar com Onís "del proyecto de seminario de asuntos puertorriqueños en la Universidad de Nueva York. Espero que, cuando usted tenga redactado el plan, me lo envíe, de modo que podamos discutirlo cuando usted venga. Ya le dije que puede contar con mi cooperación y la de algunos miembros del Departamento de Estudios Hispánicos", uma informação que revela como o projecto tentava estabelecer-se em firme, perante o bom andamento que levava o Instituto Brasileiro. Essa carta de Margot Arce de Vázquez finaliza com cumprimentações de Compostela, conhecido artista plástico de origem galega que era o seu esposo e a quem tratava Da Cal. A multiplicidade de interesses entre a literatura, as artes plásticas e a Galiza puxava pois em favor de Da Cal em Porto Rico[162], pelas possibilidades de que dispunha, profissionalmente na NYU e também na estação de rádio da Voz de América. Os dias 5 e 8 de Dezembro Da Cal regressará, com efeito, como conferencista à Universidade de Porto Rico[163]. Profere conferências sobre (Sem Autor, XII-1958) "Cervantes" e "Galician-Portuguese Medieval Poetry".

Se 1957 finalizara com o anúncio das gestões para organizar o primeiro dos ciclos de conferências no país boricúa, 1958 fê-lo com um projecto semelhante para Suécia: o

---

161 Laguerre (8-X-1958) comunica a Da Cal que "ya se dio cuenta de tu carta a la Junta de Gobierno del Instituto". Embora não se esclareça o conteúdo da de Da Cal, é muito possível que o projecto de organizar um centro de cultura de Porto Rico na NYU fosse o alvo da mesma. Laguerre agradece ter recebido exemplar de *Literatura del Siglo XX*, que lhe tinha enviado Da Cal.

162 Ricardo Gullón (21-X-1958) escreve a Da Cal. Da Editorial Universitaria. Porto Rico. Resposta a carta do dia 6. Confirma que publicará as "Glosas" em espanhol em *La Torre*. Agradece-lhe que fizera proposta a Ángel del Río para ir leccionar à CU no verao de 1959. Agradece o convite para assistir à Conferência Brasil, mas lamenta nom poder ir. Oferece-lhe o seu departamento para os dias da estada.
Aos 5-XI-1958 Gullón afirma estar anelando a chegada do dia "para ir a recibirte al aeropuerto y llevarte a mi departamento" para a estada em Porto Rico. Lamenta que seja pouco tempo. Agradece gestons de Da Cal perante Rodericus (Rodrigo Molina) para ir a NY.

163 As datas confirma-as por carta Margot Arce (21-X-1958), esclarecendo que, de acordo com as indicações do decano Sebastián González, não havia possibilidade de demorar mais as palestras. Arce afirma ter recebido convite para a conferência sobre o Brasil na NYU, mas adianta não poder acudir. Aos 20-XI-1958, enviou-lhe os bilhetes para a deslocação do mês seguinte.

hispanista sueco Magnus Mörner (31-XII-1958) escreve a Da Cal para solicitar curriculo, com o fim de organizar umas conferências no seu país. Ambos se conheceram precisamente durante a estada de Da Cal em Porto Rico, e aquele convite supunha mais um reconhecimento à boa impressão que causara a sua permanência boricúa. A visita prosperará em 1959.

III.2.2.14.-Consagração internacional como cientista e reconhecimento no campo literário, em 1959.

Da Cal começa 1959 em Porto Rico; permanece até finais de Abril em Nova Iorque; desloca-se na continuação pela França e países do Norte da Europa; em Junho e inícios de Julho está em Portugal; depois no Brasil; e em Setembro reincorpora-se a Nova Iorque. Os dois primeiros cuadrimestres serão talvez os mais plenos da etapa da NYU: prospera o Junior Year no Brasil; tem sucesso entre os seus pares no ensino e na investigação, e culmina com o reconhecimento internacional como cientista ao lhe serem entregues as medalhas de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia, e com novas intervenções de destaque no Brasil. Concretiza o apoio do Governo de Portugal para o ensino do português na NYU[164]. Tem encontros com D. Maria Eça de Queirós e com o Grupo Galaxia e recebe mostras do impacte positivo da colaboração na *Voz de América*[165], além de contactos privilegiados com Porto Rico e com a Checoeslováquia[166].

---

164 Da Cal (9-I-1959) anuncia a Machado da Rosa que insistirá nas gestões para "a parte portuguesa do Instituto [...] (tenho as minhas esperanças postas na Fundação Gulbenkian)". Indica que, na viagem ao Brasil, verificara interesse no novo Ministro dos Estrangeiros: "Fiz uma intriga com o Embaixador de Portugal no Brasil e ele enviou um relatório para Lisboa [...]. O Teotónio Pereira, ex-Embaixador em Washington, agora Ministro da Presidência e grande factotum da Gulbenkian sabe do assunto. E quando fôr a Lisboa na primavera vou remover 'Roma com Santiago' para lograr alguns resultados".

A revista brasileira *Visão* informava (Sem Autor, 21-VIII-1959) que no novo curso, o português se beneficiaria de uma lei aprovada no Congresso do Estados Unidos em 1958, pela qual "as universidades que instalarem centros de estudo [do idioma] serão subvencionadas em 50% pelo Departamento de Estado".

165 Da Cal (18-III-1959) comunica a Da Rosa ter dedicado um dos programas da *Voz de América* a Lloyd Kasten, pelo Seminário Medieval da Universidade de Wisconsin: Kasten (13-X-1958) tinha-lhe enviado comprida informação sobre esse assunto, em epístola muito informativa. Aos 12-IV-1959, Edmund de Chasca, da State University of Iowa indica que acabava de receber a carta de Da Cal, do 1-IV-1959 com a emissão também na Voz de América sobre o seu livro do *Mio Cid*, e "acepto con gozo y respeto su aprobación, la cual es para mí autoritaria y definitiva".

166 Z. Hampejs valoriza aos 5-III-1959: "O seu estudo sobre a poesia medieval galaico-portuguesa [o publicado na homenagem a Otero Pedrayo no ano anterior, que Da Cal distribuia em separatas] é magnífico". Aquele trabalho receberá este ano novos reconhecimentos, públicos e privados (ver infra).

Ao se reincorporar às aulas começarão problemas, que alicerçarão a sua saída da NYU em 1964. A crise profissional resultará esse ano amortecida pela edição, no outono, de *Lua de Alén-Mar* (LAM).

Foi 1959 um ano central, das perspectivas profissional e literária. Quando completava 18 anos como professor da NYU, e restavam outros 18 para o aposentamento, confluiam grandes acontecimentos com algumas decepções, que levarão a mudanças para continuar a progredir em campos em que conhecia bem como se desenvolver.

III.2.2.14.1.-A projecção do Instituto Brasileiro da NYU no Brasil e nos EUA.

Nos primeiros meses do ano continua a ecoar a inauguração do Instituto Brasileiro da NYU. Notícias em revistas especializadas confirmam o impacte e o acerto de aquela realização[167]. Uma consequência foram os intercâmbios de estudantes: o grupo brasileiro por ele seleccionado realiza um estágio nos EUA; e com posterioridade, alunado dos EUA desloca-se para o primeiro Junior Year (JY) na Bahia.

Aos 9 de Janeiro Da Cal encontra-se em Porto Rico[168], à espera da "turma gentil dos escolares brasileiros, organizando-lhes o recebimento oficial nesta vitrine do 'enlightened colonialism'"[169]. Esclarece que os fundos para o financiamento de aquela actividade "vêem do 'ouro de Washington' (leia-se State Department), que com feliz decisão canalizaram através do nosso flamejante Instituto Brasileiro todas as suas atividades de aproximação com as ferazes terras do Pindorama".

---

167 *Visión*, publicação hispanista dos EUA, ao informar da inauguração, salienta (Sem Autor, 2-I-1959) a implicação de Da Cal e anuncia que "durante cinco meses, todos los años, se dictarán cursos especiales para miembros de firmas norteamericanas que planeen ir a radicarse a Brasil. Estos serán muy completos […] lo que hará que a su llegada al país lo hagan con plenos conocimientos del mismo".

O *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portugueses* da Universidade de São Paulo recolhia declaração do presidente da NYU, Carroll U. Newson, segundo a qual (Sem Autor, VI/1958-I/1959: 6) "o instituto manterá cursos de graduação e pós-graduação, organizará seminários, fará pesquisas, editará publicações e instalará biblioteca adequada"; e depoimento do decano Thomas Clark Pollock: "os assuntos abrangerão problemas de vária ordem".

*Hispania* informou (Moser, III-1959: 119), e salientou o trabalho em prol do desenvolvimento dos estudos lusófonos nas universidades de Yale, Pennsylvania e Nova Iorque, indigitando os esforços de Da Cal com a ajuda do governo brasileiro.

168 Em Porto Rico, Ricardo Gullón oferece-lhe colaborar na revista universitária que dirigia. Fruto disso será a tradução para espanhol do estudo medieval de 1958.

169 Assim o indica em carta em que responde às "três ou quatro" últimas que recebera de Da Rosa. Comunica-lhe que LEEQ ia ter tradução de "Eduardo Portella, um jovem da 'nova crítica', filho de galegos", e que continuava a ler provas "da minha 'chatice' biblio-eciana. [...] há tempos que não devolvi as últimas. [...] Mas acho que isso pode esperar". Trata-se de dois projectos que demorarão ainda anos.

Da Cal faz oferta a Machado da Rosa para dirigir o JY no Brasil, e proposta de futuro de poder contar com ele na NYU[170]. O JY frutificará, após vencer muitas dificuldades: se a Da Cal se lhe deviam as gestões para que instituições dos dois países aceitassem o empreendimento, a implicação do seu amigo e aliado da Universidade de Wisconsin resultará decisiva. Rosa aposta pela possibilidade de se deslocar para Nova Iorque, uma praça mais atractiva para ele, e aceita o posto[171]. A respeito desse empreendimento pedagógico no Brasil tem também contactos com o Institute of International Education[172].

No Washington Square College Da Cal recebeu reconhecimento dos seus colegas do Departamento de Espanhol e Português, no clube da Universidade (Sem Autor, II-1959) "por el éxito obtenido en su labor de acercamiento cultural entre el Brasil y los Estados Unidos", que "ha dado su fruto" na posta em andamento do Instituto Brasileiro[173].

Em 17-IV-1959 o semanário *Visão* dedicou a capa, com fotografia a toda a página, a Da Cal e a Carleton Sprague-Smith, salientando em grande manchete que os dois, na NYU, criaram o Instituto Brasileiro. No interior dedica duas páginas a cada um. Trata-se do "Artigo de capa", o de mais relevo, para contar (Sem Autor, 17-IV-1959:20) "o presente

---

170 De início, para o período Julho de 1959-Junho de 1960, com possibilidade de renovação. Da Cal anuncia Rosa que vai fazer o possível para que, a querer, se transfira para o seu departamento da NYU, onde "vejo a possibilidade duma vacante num futuro não muito distante".

171 Aos 15 e 18-II-1959; 18 e 21-III-1959; e 7, 9, 19 e 24-IV-1959 cruzam-se cartas em que os detalhes da organização do JY é o tema principal. Nelas aparecem assuntos como a colaboração para oferecer como presente um fonógrafo a Fidelino de Figueiredo; informações queirosianas e respeitantes à Galiza; e as gestões na Universidade de Wisconsin para pôr em andamento um Portuguese Brazilian Center. Da Rosa também medeia para que Da Cal seja recebido em Tormes por D. Maria Eça de Queirós.

Aos 9-III-1959, Lloyd Kasten agradece a Da Cal a oportunidade que lhe dava a Rosa para o JY.

172 Hilda Andersen (Associate Information and Counseling Division), dessa instituição, escreve-lhe aos 24-III-1959, por indicaçom de J. Manuel Espinosa "of the International Educational Exchange Service". E aos 2-IV-1959, acrescenta Andersen: "This sounds like a most excellent program and we shall be very interested to hear of the sucess of the first exchange this year. With regard to the Junior Year Program in Madrid receiving approval of the Council on the Junior Year Abroad, it would seem that this is a more formality at this point. We have heard of the sucess of this program, and Dr. Toven has had such an active interest in the Council that we are sure the matter of approval will be taken up very soon. We are delighted to hear of your new idea of an exchange program with Portugal as this has been of great interest to us. Perhaps a Junior Year exchange is the answer to the problem or the Portuguese governement's lack on interest in an educational exchange with the United States, as they would not have to be concerned with acceptance of advanced scholars. We shall be so interested to hear of any progress you make with regard to this exchange. We hope that you will have a goad trip to boht Europe and South America and will look forward to hearing about the results of your visits".

173 Assistiram "todos los miembros" do Departamento, e o Professor Molina, encarregado interinamente do mesmo, salientou a dimensão de Da Cal como docente e investigador e "recordó el significado de Compostela, la eximia ciudad gallega" comparando Da Cal "con um peregrino – caminante— de nuestros días, que porta el mensaje de esa cultura, y como las estrellas, alumbra o deslumbra". Também intervieram Alceu Amoroso Lima, quem "hizo hincapié en la importancia de la fusión de la cultura brasileño-luso-hispano-americana para la sobrevivencia de la cultura occidental", e o próprio Da Cal que "valiéndose del español y portugués, dio las gracias en emocionadas palabras".

e o futuro dêste centro de nossa cultura –e a história dos dois homens que por êle batalharam". De Da Cal (Sem Autor, 17-IV-1959: 22 e 23) incluem duas fotografias: uma com Alceu Amoroso Lima, apresentando este como "grande entusiasta do Instituto"; e outra com a esposa Margarita e o filho Enrique.

A primeira das páginas é de teor biográfico[174]. A seguir frisam o seu labor profissional e projectos. No espaço dedicado a Smith (Sem Autor, 17-IV-1959: 20 e 21) valoriza-se que o Instituto "já dá indícios de poder tornar-se o mais importante centro de estudo das coisas nossas no exterior. Êsse futuro promissor, que se antevê, se deve a dois amigos do Brasil que juntos trabalharam mais do que ninguém para que a idéia vingasse", indicando serem esses dois "companheiros de jornada", Da Cal e Smith[175].

Observa-se o interesse dos campos Económico e do Poder Político nesta realização. O Instituto devia contribuir para o desenvolvimento cultural e os negócios bilaterais; para os EUA ganharem influência perante um país com importantes recursos e mercado, objectivo que partilhavam com elites e grupos de intereses do Brasil, e vice-versa. Para NYU, contribuia para o seu financiamento e para ser considerada centro de referência para o relacionamento das maiores potências demográficas do continente.

III.2.2.14.2.- Reconhecimentos, apoios, novos aliados e discípulos de Portugal.

No relacionamento com Portugal, Da Cal realizou pesquisas e manteve contacto pessoal com D. Maria Eça de Queirós, em Tormes, e com destacados representantes dos campos da cultura, literário, do jornalismo, do ensino, e da política.

---

174 Relata os seus primeiros anos na Galiza, em Madrid e o exílio; os inícios na docência, na CU, na escola Henry Street da zona leste de Nova Iorque, e no Brooklyn College, até integrar o quadro da NYU, e cita os cursos de português ministrados para o Exército dos Estados Unidos. Referencia como o professor Barlow, por influência sua, mudara o nome do Departamento da NYU para "de Espanhol e Português", quando antes era só de Espanhol. Ao falar do Instituto, há destaque para João Sampaio Brandão, Samuel Rizzo, e a cônsul geral Dora Alencar Vasconcellos. A reportagem refere LEEQ e a crítica favorável de Gilberto Freyre; o ter recebido uma bolsa Guggenheim para completar o segundo volume, e o projecto de publicação de um poemário, bem como o facto de que "para a Editora Aguilar, preparou uma introdução crítica à edição das obras completas de Machado de Assis, que será lançada em 1960"; projecto este falhado. Da Cal manifesta-se a favor de que o Instituto servisse "de centro cultural e social para os brasileiros em Nova York", e alude aos interesses económicos das duas partes, às contribuições de empresas e ao apoio político para o melhor sucesso dessa instituição.

175 De Smith indica-se ter sido delegado americano nos II e III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. A respeito das realizações do Instituto, salienta o convite a estudantes de Direito brasileiros, o projecto do JY no Brasil; e cursos de orientação para americanos que pretendem trabalhar no Brasil e criação de bolsas para atrair estudantes "altamente qualificados para estudos brasileiros e para especializar professores e estudantes brasileiros no Instituto".

*Visão* informou (Sem Autor, 31-VII-1959) do regresso de Alceu Amoroso Lima, após permanência de oito meses como professor visitante do Instituto Brasileiro da NYU.

Na *Seara Nova*, P.[edro] da S.[ilveira] referenciou em Janeiro o estudo "Glosas superficiaes ao tema do mar na nosa lírica primitiva". Apresenta Da Cal com elógios a LEEQ e como "um dos maiores ensaístas vivos das culturas peninsulares, erudito de larga e penetrante visão, que não deve ser ignorado por quem quer que, entre nós, preze o sentido total da palavra cultura". Refere o seu "justo prestígio nos meios universitários norte-americanos, bem como em todos os meios afectos à cultura hispânica" e que "o seu nome avulta na falange dos grandes obreiros do renascimento literário do povo irmão da Galiza", uma afirmação na linha do relacionamento da revista com a Galiza já desde antes da Guerra de 1936.

A respeito da contribuição para a homenagem a Otero Pedrayo, Silveira julga-a "do maior interesse para o estudo do período comum das literaturas galega e portuguesa [...] O tema do mar, tão frequente nessa poesia, e bem pouco analisado até agora, encontra nele o estudioso à altura do assunto". Vê no estudo "uma sagueza que está bem longe das pobres coisas do reverendo J. Joaquim Nunes, talvez um razoável filólogo e conspícuo latinista, mas falho de espírito crítico e completamente destituído da sensibilidade fina que é de exigir a quem lida com textos poéticos". Salienta o galego utilizado "cheio de elegância e de vivacidade" e pede "que desenvolva as suas glosas" com "um estudo completo. [...] fazendo-o, dará à cultura comum da Galiza e de Portugal obra necessária, básica, também se não duvida". Ao propor Da Cal para redigir esse trabalho sobre a etapa medieval, Silveira reprova a produção existente. Aproveita para insistir na luta que se dava desde a *Seara Nova* para reivindicar uma renovação que atingisse o CEL e outros âmbitos da vida portuguesa, servindo-se de Da Cal para os seus fins, e indigitando a validade de LEEQ[176] para conseguí-la.

---

[176] Pela via epistolar, Da Cal tem contactos que lhe permitem importantes apoios em Portugal. **Luís de Câmara Reys** (6-II-1959), director da *Seara Nova*, encaminha-lhe carta em que solicita as "prometidas colaborações" dele e de Da Rosa para a revista. Refere-se a Da Cal como "para mim, *pontifex maximus*, de todos os tempos e países, no culto a José Maria [Eça de Queirós]. Posso dizer-lho sem lisonja nem exagêro, porque fui um dos dois organizadores do Livro do Centenário de Eça". Fala das "Glosas superficiais", que indica serem "nada superficiais" e diz que Pedro da Silveira lhas tirou das mãos para fazer referência na revista "muito entusiasta e justa".
**Joaquim Montezuma de Carvalho** (25.II-1959) responde carta de pêssames de Da Cal pela morte do seu pai. Diz que visitou as irmãs de Lorca em Madrid e "elas me disseram ser muito íntimas amigas de Usted, sobretudo Conchita". E também em Mallorca, em casa de Cela, falaram de Da Cal. Refere-se a LEEQ como "do melhor que existe. [...] o pai sempre acarinhou quem tinha mérito. Não admira que ele, na sua justiça e compreensão dos valores, tivesse ajudado Ud. nessa edição que se impunha".
**Hernâni Cidade** (14-III-1959) comunica-lhe que, após ler a carta que tinha enviado à filha, Helena Cidade Moura, e as queixas polas dificuldades para organizar o Instituto Português na NYU, falou com o ministro de estrangeiros, Marcello Mathias, quem viu a coisa com a maior simpatia e mediou perante o presidente do Conselho e com o antigo embaixador e ministro da Presidência, Teotónio Pereira. Diz que viu notícia de Nuno Simões da inauguração do Instituto Brasileiro no "Janeiro" e de novo se interessou

Realiza gestões para ser recebido por D. Maria de Eça de Queiroz, com apoio de Machado da Rosa, a quem informa aos 18-III-1959, da pretensão de editar *A Tragédia da Rua das Flores*, e de conseguir na visita a Tormes a máxima informação, que iria disposto a microfilmar. Nessa missiva comunica os ambiciosos planos de viagens de aquele ano sabático, que se confirmarão:

> Partimos para Paris[177] no dia 27 de abril e passaremos no norte da Europa o mês de Maio. Depois, em Junho para Portugal. Recebi o convite da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro) para lá ir –pagam a viagem da Margarida e o Ricky— no mes de Julho. Dali subiremos rumo a Bahia.

Em 1-IV-1959 Da Cal confirma Rosa ter recebido "uma delicada epístola" de D. Maria de Eça de Queiroz, convidando-o "gentilíssimamente a dar o pulinho até Tormes" e agradece-lhe os "seus bons ofícios![178]". Acrescenta que ela prometia amostrar "dois caixotes com papelada do Pai Eça", e que tentaria fotocopiar tudo o que lhe deixasse. Nessa epístola afirma que lhe escreveu a Câmara Reys e prometeu-lhe para a *Seara*

---

pelo assunto perante o ministro. Informa a Da Cal que o Marcelo Mathias ia viajar para NY e "ele conhece o seu livro sobre E de Q". Um apoio de relevo, pois, e uma confidência de grande valor para Da Cal, que terá encontro com esse ministro e estabelecerá com ele relacionamento permanente durante muitos anos.

Da Cal informa a **Da Rosa** (18-III-1959) que dois açorianos [como Da Rosa], Pedro da Silveira e Jonas Negalha, lhe comunicaram que se tinham ocupado do artigo das (Da Cal, 1958) "Glosas superficiais", manifestando que "Este êxito desse apressadíssimo e mal alinhado trabalho me deixa estupefacto".

Da Cal (28-III-1959) pergunta a **Helena Cidade Moura** pelo trabalho para o Colóquio da Bahia em Agosto; fala-lhe do seu, e diz de LAM que "está ja nos prelos da Galaxia, de Vigo [...] leva uma nota explicativa das razões que me levam a adoptar a ortografia lusa, que não sei se o censor a deixará passar". Anuncia os projectos da edição brasileira de LEEQ e artigos para homenagens a Dámaso Alonso e a Joaquim de Carvalho, que não fará (Segundo informação do seu currículo depositado na Sociedade de Geografia de Lisboa, para a homenagem ao professor de Coimbra pensava contribuir com um trabalho sobre o *Don Quijote*, um dos três que lhe publicou em 1973 na UFRJ [ver infra]). Da *Bibliografia Queirosiana*, indica: "encontrei muita coisa em Rio, completamente desconhecida e penso que êsse elenco há-de-ganhar muito se protelo o seu aparecimento até ao outono", o que lhe permitiria acrescentar os materiais que lhe mostrassem em Tormes. Agradece as ajudas para o Instituto Português na NYU e diz que a inauguração do Brasileiro "foi coisa bela, para se babar. Eu so pensa[va] durante todo o tempo que o que eu planejara para Portugal florira só para o Brasil. Ironias do destino! O Carleton e eu recebemos a Ordem do Cruzeiro do Sul, que nos será soleníssimamente imposta na Universidade pela Presidenta do Brasil, D. Sara Kubitcheck nos começos da próxima semana, aproveitando a visita dela aos E.E.U.U": expectativa esta que se não confirmará e demorará ainda um ano. Da estada em Porto Rico afirma: "consegui que no Departamento Hispánico daquela Univ. se estabelecesse uma cadeira de língua portuguesa". Depõe ter estado "atarefadíssimo com a organização do Instituto Brasileiro. Finalmente se nomeou o Diretor –que é o Carleton Sprague Smith". A respeito do JY no Brasil esclarecee que será "curso de um ano (para estudantes de terceiro ano do Bacharelado) [...]. A cousa está já pronta, mas levou tempo e trabalho organizar –e caiu sôbre mim". Anuncia-lhe a estada em Lisboa e que "Minha mãe irá da Espanha me visitar e a Margarida e o Ricky chegarão nos fins de Junho para partirmos juntos de volta para os E.U".

[177] Com ensejo desta viagem contactará de novo o pintor Luis de Quintanilla, com quem tivera relação em Madrid. Aos 12-III-1959 escreve-lhe Quintanilla: "Recibí carta anunciándome vuestra llegada el 28 de abril". Indica que encerra uma exposição em Paris aos 25 de Abril e lamenta que não chegue a tempo.

[178] Da Rosa (21-III-1959) confirma que D. Maria de Eça de Queiroz lhe tinha escrito com indicações de que receberia Da Cal em Tormes, em resposta à consulta que lhe realizara, por indicação do próprio Da Cal. Da Rosa conhecia a filha de Eça, a quem tinha visitado em 1957.

*Nova* um artigo "sobre 'Lorca, poeta galego', que cuido há de ter algum interesse biográfico (do poeta) pois eu fui o seu dicionário poético vivente –os originais desses poemas estão da minha mão em Buenos Aires, segundo me disse o Eduardo Blanco Amor"[179]. Utiliza de novo o termo "dicionário poético vivente", como na década anterior em carta a Blanco Amor, e alude à conservação dos autógrafos, que se confirmará na década de 80. Na última parte da epístola, Da Cal informa a Da Rosa que "ontem chegou a N.Y. o Marcelo Matias, Ministro dos Estrangeiros da nobre Lusitânia. Eu sabia da vinda dele por uma carta do Hernâni Cidade. O Consul me chamou para me dizer que o Ministro, leitor do meu Eça, teria um grande prazer em se entrevistar comigo". Falaram com cordialidade, acrescenta, e fora-lhe reconhecido o trabalho em favor da cultura portuguesa, e prometido enviar um professor em Setembro, livros "e talvez um certo número de bolsas". Perante essa nova atitude, anuncia que na viagem a Lisboa gestionaria mais fundos da Fundação Gulbenkian, que o ministro lhe prometera também apoiar. Indica que, a se materializar o Instituto Português "V. sabe que eu tenho já candidato para Diretor, que não é outro que o fidalgo do", indicando ser ele[180].

Aos 27 de Abril a família Da Cal partiu para Paris. Em Maio deslocou-se para os países nórdicos[181], onde proferiu conferências e falou na rádio[182]. A viagem serviu para

---

179 Da Cal confirma que Hélio Simões ia estar em NY e afirma que mediará para que Machado da Rosa profira uma conferência sobre Rosalia de Castro na Universidade da Bahia. Da *Antologia* de contos que ambos planeavam indica: "Vai ter que ficar para Setembro. Daqui ao 26 [...] Tenho que traduzir e comentar (análise poético estilística) dois poemas portugueses (prov. de F. Pessoa e do Sá Carneiro) e dois brasileiros (talvez do Manuel Bandeira, da Meireles ou Jorge Amado) para uma Antologia do [ilegível, mas refere-se com certeza a Stanley Burnshaw] –se não o fizer eu o mundo luso-brasílico fica ausente! [...] e ainda tenho de ir a Princeton dar uma conferência cervantesca", talvez uma das três que lhe publicará a UFRJ. Da Cal mantinha o contacto com Princeton que tinha estabelecido já em 1943 por mediação do seu antigo professor Américo Castro.

180 Não cita o nome, mas desenha um machado e uma rosa que não deixam dúvidas. Rosa responder-lhe-á recusando-se, por temor a que aquele centro fosse uma armadilha do salazarismo, com finalidade propagandística.

181 Esta viagem começou a preparar-se nos finais de 1958, como se assinalou. Nils Hedberg (10-III-1959), do Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo, assinala por carta a Da Cal que Ramón Bela y Armada, do Instituto de Cultura Hispánica, e Magnus Mörner, de Estocolmo, lhe tinham comunicado a sua visita, e convida-o para proferir palestra. Aos 27-III-1959 e 2-IV-1959 acordam que o tema será "Algunas notas características de la cultura española" e fica agendada para os 12 de Maio, oferecendo pagamento de 200 coroas. Aos 3-IV-1959 Mörner confirma que o título para a conferência na Universidade de Estocolmo seria o mesmo. Aos 15 e 23-IV-1959 acerta novos detalhes com Nils Hedberg para a estada em Gotemburgo. Em 14-V-1959 Da Cal intervém (Sem Autor, IX-1959) como conferencista no Ibero-Amerikanska Institute Handelshogkilan, de Estocolmo, com palestra sobre "Spanish Literary Tradition vs. Europe's". No Espólio EGC conserva-se um convite para participar no acto, em espanhol, no qual figura serem organizadores "La Biblioteca e Instituto de Estudios Ibero-Americanos en colaboración con el seminario de español de la Universidad de Estocolmo y el Club se Habla Español" e é indigitado "eminente hispanista y Catedrático de la Universidad de Nueva York".

Aos 20-V-1959 Da Cal escreve de Oslo para Ramón Piñeiro breve cartão "para lhe enviar uha forte aperta desde as zonas hiperbóreas, e con elas a esperança dun próisimo encontro nas verdes terras lusas do Minho", avançando assim um encontro que se produzirá com agentes do galeguismo.

reencontros com exilados na França; e com professores que partilhavam o mesmo campo, sempre segundo informações de epístolas. Os convites para proferir palestras e para outras intervenções provam o seu atractivo, espelhado (Sem Autor, 14-V-1959) na comunicação social.

A última parte da viagem foi em Portugal, onde teve intenso programa. Em 5 de Junho, uma das primeiras missões que realiza é oferecer o presente de um gira-discos a Fidelino de Figueiredo, como tinha planeado com Rosa e Moser[183]. Figueiredo recebeu-o com grande "emoção", acompanhado da esposa[184]. Entrevistou-se com D. Maria de Eça de Queirós, mas não conseguiu todos os objectivos que pretendia[185]. No entanto (Sem Autor, 21-VIII-1959: 67 e 30-VIII-1959) conheceu uma nova versão de *O Crime do Padre Amaro* e um novo romance, *A Tragédia da Rua das Flores*, que possivelmente seriam publicados pelo Instituto Brasileiro, e examinou e apreciou vários documentos deixados por Eça de Queiroz e originais que julgou de grande importância para a sua pesquisa.

O valor e o prestígio da literatura como produção cultural, e o ser ele considerado uma pessoa certa para materializá-lo nos EUA, favoreceu que também discutisse com membros do Governo Português (Sem Autor, 21-VIII-1959: 67) a respeito de fundar um Instituto Português na NYU, com ajuda dos ministérios de Educação e das Relações Exteriores, que financiariam uma cátedra durante cinco anos, com o nome de Eça ou Camões. Sugerira ajudas do Instituto para a Alta Cultura de Lisboa e da Fundação Gulbenkian, esclarecendo que o objectivo era a colaboração para programas que sairiam

---

182 Segundo consta no seu curriculum vitae, na sequência dessa viagem, em Estocolmo foi "invited by Swedish National Radio Services to speak on Hispanic and Luso-Brazilian Studies in the U.S.A., in a programa beamed to Spain, Latin American, Portugal and Brazil".

183 Da Rosa (21-III-1959) informa Da Cal de ter consultado o Professor brasileiro Soares Amora a respeito do melhor presente para Figueiredo, concordando o professor paulista, que fora discípulo e tivera tratamento estreito com Figueiredo, na boa ideia de um gira-discos, aspiração a que o admirado especialista português não chegava "pela míngua do pataco". Da Rosa também fizera gestões sobre esse assunto com um parente em Lisboa, e já tinha eleito um aparelho. Da Cal (I-IV-1959) comunicar-lhe-á que Gerald Moser também demonstrara interesse em participar no financiamento de aquele presente.

184 Figueiredo (29-XI-1959) agradece a Da Cal "o disco das doze Cantigas de Affonso o Sábio, gravação dirigida com superior critério e gôsto por esse Ernesto, sábio também e gigante. Logo o ouvimos e tornámos a ouvir, e em breve convidaremos amigos comuns para o ouvir. O seu texto vale por uma conferência introductória. Será um programma todo ernestino: a sua introdução litterária, a sua seleção; o seu apparelho e as suas saudades –saudades extensivas a D. Margarida e a Henrique [...] Voltando ao disco alfonsino e ernestino: acho-o uma obra prima [...] Estou a pensar que um bom leitor do seu texto traduzido seria o Lindley Cintra. Vamos a ver como se dispõem as coisas".

185 Assim o confirmará a Machado da Rosa.

Rodrigues Lapa (11-VI-1959) escreve a Da Cal, do Brasil. Acusa recebimento de LEEQ e de "Glosas superficiais..." e fala da sua "labuta missionária" no Brasil para dar a conhecer a cultura galega nas aulas que ministrava.

demasiadamente caros para um instituto sozinho, e anuncia a intenção de criar um "Conselho Luso-Brasileiro".

III.2.2.14.3.-O sucesso no Brasil como produtor científico e literário.

O sucesso no Brasil iniciado com ensejo da visita do ano anterior continua e acrescenta-se, para o que contribuirá o Junior Year na Bahia e a nova presença de Da Cal no Verão, com intervenções de destaque em acontecimentos científicos e com projecção na comunicação social.

Antes, em 30 de Abril, assinado por All Right[186], publicou-se no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro nova recensão de LEEQ, que apresenta como "livro admirável". Concluindo que "nenhum admirador do Eça poderá deixar de ler[187]". Este último parágrafo lembra a recomendação de Gilberto Freyre, de cinco anos antes. Insiste-se assim em valorizar o estudo mais uma vez numa publicação da ainda capital do Brasil, e o centro de maior importância para a difusão no país.

Também em Abril de 1959, a revista *A Ordem*,[188] do Rio de Janeiro, publicou-lhe o poema "Serán mística", dedicado (Da Cal, 1959: 53) "A Alceu Amoroso Lima". A versão coincide com a que aparecerá em *Lua de Alén-Mar*. Em chamada de rodapé salienta-se que "pela primeira vez" publicava essa revista "um poema em língua galega". Na página seguinte, uma Nota da Redação esclarecia o que isso significava, ao tempo que oferecia uma apresentação de destaque sobre Da Cal, frisando o seu estudo queirosiano, e favorecendo que com este contributo começasse a difundir a sua produção literária no Brasil, destarte (1959: 54):

> A literatura galega é da maior importância e não apenas histórica. A grande poetisa Rosalia de Castro a renovou no século passado. Hoje prosseguem na mesma linha trovadores, críticos, poetas, um dos quais e dos maiores, Ernesto Guerra Da Cal, é o autor dêste belo poema. O lirismo religioso da poesia galega é incomparável. Ernesto Da Cal –cuja obra já hoje clássica sobre o estilo de Eça de Queiroz (com o 1º volume

186 Pseudónimo de Aderson de Magalhães, segundo identifica o próprio Da Cal (1981: 389) na BQ. No Espólio EGC conserva-se um exemplar desta crítica, com dedicatória e assinatura de Pedro Calmon, o qual indica como este vulto da intelectualidade brasileira cuidava a amizade com ele.

187 Frisa Magalhães ter escrito "muita gente" sobre Eça "mas o que Da Cal apresenta é coisa completamente nova e que naturalmente terá proporcionado aos cultores da memória de Eça imensa satisfação". Assume formulações do estudo, que qualifica de "realmente precioso", com uma valorização que puxava para que funcionasse no mercado.

188 Esta publicação, de periodicidade mensal, editava-se desde 1921 e apresentava-se como "órgão do centro Dom Vital". Este número inclui trabalhos sobre Kierkegaard, Pío XII e notícias sobre cultura, literatura, ensino ou religião. Do âmbito literário merece destaque um contributo que se ocupa (Villaça, IV-1959: 22-29) da trajectória de Tristão de Athayde, pseudónimo de Alceu Amoroso Lima. Também tem secções de crítica literária e de cinema-teatro. A revista tinha assinaturas em "Brasil, Américas, Espanha, e Portugal", contava com agentes em seis estados brasileiros e incluia publicidade comercial.

> publicado e o segundo quase pronto, está sendo traduzido para português por Eduardo Portela) –é um dos mestres do renascimento literário galego nos nossos dias. "A ORDEM" se sente desvanecida de abrir suas colunas, pela primeira vez, a uma voz poética tão alta e tão intimamente ligada à nossa alma e à nossa lingua.

Apesar de não assinada, pelas referências que inclui o autor dessa nota foi com certeza o próprio Alceu Amoroso Lima, um dos diretores da revista, junto com Gonçalo Corção. A poesia anunciava-se na capa. A amizade pelo relacionamento no Instituto Brasileiro da NYU e as referências religiosas que se incluiam no poema contribuiam para aquele avanço, que divulgava a sua produção literária num país de especial interesse para ele.

O Junior Year na Bahia concretizou-se[189], com o que prosperou mais uma iniciativa profissional, valorizada pela NYU[190]. Da Cal (5-VI-1959) escreve, já de Lisboa, para parabenizar a Machado da Rosa pelo sucesso, e por ter conseguido com as suas gestões candidatos suficientes para o poder realizar[191].

---

189 As resistências que se colocaram no primeiro quadrimestre, antes da sua partida para a Europa, foram ultrapassadas, e assim lho confirma Machado da Rosa aos 21-V-1959: nesse escrito Da Cal é informado de que em 4 de Junho Da Rosa iniciava o seu périplo no JY: do 4 ao 8 de Junho estaria em Washington, no Departamento de Estado; o 9 e o 10 de Junho, na NYU; e o 11 de Junho estava agendada a partida, e chegada, para Bahia. Rosa também oferece a Da Cal a possibilidade de que recomende algum candidato para o Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Wisconsin, que prosperara, orientado "exclusivamente para graduados".

A respeito desta iniciativa pedagógica, o Washington Square College, no seu catálogo de serviços para o ano lectivo 1960-1961 apresentava-a destarte: "The JUNIOR YEAR IN BRAZIL recognizes the importance of Brazil in cultural and political affairs. Washington Square College has dedicated itself to the development in the United States of an awareness of Brazil's importance and the promotion of increasingly stronger ties between the two countries. During 1959-1960, a pioneering group of American students from areas as widely diverse as Massachusetts, Florida and California attended the first Junior Year in Brazil at the University of Bahia. A second group pursued their studies during 1960-1961 at the University of São Paulo".

190 Sobre este acontecimento tem novo contacto com o Institute of International Education: Hilda Anderesen escreve-lhe (27-V-1959): "We appreciated very much receiving the brochures on the Junior Year in Spain, and most certainly will be able to use them in your counseling. I regret very much the delay in answering your letter of Appril 30th, but I have been holding it to see if I could not give you a more complete answer about the decisions of the Council. At the present time, there has been a great deal of re-thinking about the nature and organization of the Council, and there is a goog possibility that the present Council as such may be re-formulated. We shall, therefore, keep your letter, and as soon as there is any concrete decision about the Council, we will let you know. Again, thank you very much for your letter and the brochures. We shall be extremely intested to hear of the sucess of your trip to Portugal".

191 Da Cal manifesta "sincera alegria" pelas notícias do Instituto de Wisconsin, e pela designação de Da Rosa como Director do mesmo. Responde às prevenções que o professor açoriano lhe fizera sobre o perigo de utilização política pelo salazarismo: "Encontrei muito razoável todo o que V. me disse respeitante à minha hipotética sugerência de V. ocupar esse posto no hipotético Instituto de E[studos]. P[ortugueses]. da NYU. Entendo e compartilho os seus sentimentos. Eu também não dirigiria um Instituto Espanhol, feito com o apoio, mesmo indirecto do Estado franquista. Organizei o JY em Madride, com a Universidade de Madride e o Instituto de Cultura Hispánica, depois de eles darem-me todas quantas garantias eu pedi, de absoluta autonomia cultural e política e ausência completa de contacto administrativo com o governo franquista. Além disso, pela natureza mesma do projecto, ele não tem problemas como os que podem, pelo menos teoricamente surgir da colaboração num empreendimento como o Instituto. Naturalmente que também neste caso haveria que estabelecer bases que evitassem que o projeto pudesse estar em perigo de interferências políticas que não fariam senão produzir-lhe a morte

Nesse Verão, do 13 ao 17 de Julho[192], Da Cal participou como convidado na Semana de Estudos Americanos organizada na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, inaugurada (Sem Autor, 14-VII-1959: 9) pelo presidente da República, e que tentava ser "uma réplica à Semana de Estudos Brasileiros" celebrada em Dezembro em Nova Iorque. Participaram Pedro Calmon e Thomas Pollock, reitores da Universidade do Brasil e da NYU e teve protagonismo o labor intelectual e o relacionamento económico[193]. Era um instante fulcral para esse relacionamento, que ocupou o editorial do *Jornal do Brasil* em 17 de Julho[194], quando informava da chegada do novo embaixador dos Estados Unidos, John M. Cabot. Para o encerramento das sessões o ministro Negrão de Lima preparara um discurso que não proferiu por um curioso incidente: falara de início Calmon, e Carleton S. Smith, como representante da delegação dos EUA, em lugar de falar interpretou com a flauta uma composição, com surpresa para o auditório. De Lima lamentou não ter levado o violão[195], e (Sem Autor, 18-VII-1959: 1) "preferiu então não discursar também, e deu o não dito por dito". O *Jornal do Brasil* informou (Sem Autor, 18-VII-1959: 5) do discurso preparado pelo ministro[196], em que pedia maior atenção dos EUA para o Brasil.

Após finalizar aquele congresso, Da Cal demorou a estada no Rio, o que favoreceu a presença na comunicação social. O *Correio da Manhã* (Sem Autor, 2-VIII-1959) do Rio dedicou-lhe informação intitulada "Da Cal, Professor galego de Nova York. Depois de Eça, fará crítica de Machado", em que é descrito deste modo, mais uma vez com destaque para a sua presença física e para a sua trajectória:

---

antes ou depois. Seja como for, V. me conhece, como irmão meu que é, e sabe que sempre estimei e estimo a maneira franca, nobre e simples como se referiu ao assunto. Falaremos sobre o tema na Bahia".

192 Aos 28-IV-1959 Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, após mediação de Hélio Simões, enviou-lhe o programa frisando que "contamos com o seu comparecimento".

193 O *Jornal do Brasil* informava (Sem Autor, 15-VII-1959) que os embaixadores discutiriam sobre as relações Brasil-EUA, e destacava na capa (Sem Autor, 16-VII-1959: 1 e 4) a apresentação, por parte do ministro Negrão de Lima, de um trabalho em seis volumes preparado pela Embaixada de Brasil em Washington "sobre a possibilidade de maior penetração do mercado brasileiro nos Estados Unidos", e depoimento do Embaixador João Neves proferido na Semana, (Sem Autor, 16-VII-1959: 9).

194 Nesse dia informava da presença de Lewis Hanke, da Universidade do Texas, e de que nas sessões de literatura se ocuparam de auores como Whitman, Faulkner ou Hemingway.

195 O incidente do violão foi salientado em manchete pelo jornal *Tribuna da Imprensa* (Sem Autor, 18/19-VII-1959:5), que indicava que T. Pollock anunciara a criação da Casa do Estudante Brasileiro na NYU, e Calmon correspondera com o anuncio da posta em andamento no Rio de uma Casa do Estudante Norte-Americano e da criação de um Centro de Estudos Americanos na Universidade do Brasil.

196 Este jornal informava no editorial que o ministro "tinha preparado um longo e sério discurso" e que fizera votos porque na "próxima Semana de Estudos Americanos" tiveram maior protagonismo os instrumentos musicais, que dispensariam do aprendizado de idiomas "e assim a semana afinará como uma vasta orquestra, encontrando solução harmoniosa para os problemas do Hemisfério". Segundo *Tribuna da Imprensa*, o discurso constava (Sem Autor, 18/19-VII-1959) de "15 laudas".

> um homem forte e alto, voz calma e grave. Foge do modelo pré-concebido que temos de um professor universitário. [...] Nasceu em El Ferrol, Galícia [...] Formou-se pela Universidade de Madrí, mas galego ficou. Com a república, batalhou pela independência relativa da Galícia, a exemplo das província basca e catalã.

Informa que, na altura, no Rio, conseguira "descobrir algumas crônicas da *Gazeta de Notícias* e estabelecer a data do 'Testamento de Mecenas'[197]", um texto que Eça de Queirós redigira após uma crónica publicada nessa revista (ver infra). Informa da visita a Portugal e da estada com a filha de Eça, e dedica um destaque a Machado de Assis, afirmando que Da Cal "já tem pronto um ensaio sôbre o Dom Casmurro, que será publicado juntamente com a edição das obras completas de Machado, pela [editora] Aguilar". Recolhe depoimento de Da Cal a respeito do sucesso com que tinha sido acolhido nos EUA este produtor brasileiro pela crítica literária, e acrescenta: "Espero obter fundos de alguma fundação para editar em inglês meu estudo sobre a estilística machadiana".

A respeito da deslocação para a Bahia, citada nessa informação, em Julho recebeu no Rio carta de Edgar Santos[198], Reitor da Universidade da Bahia, em nome da Comissão Organizadora do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, para convidá-lo formalmente "a participar, como um dos Relatores, dos trabalhos da Secção III, A literatura. Estou certo de que Vossa Excelência emprestará sua colaboração ao êxito dessa reunião internacional de estudiosos da civilização de língua portuguêsa a realizar-se nesta Cidade de Salvador, sob o patrocínio da Universidade da Bahia e da UNESCO, de 10 a 21 de agôsto próximo". Da Cal teve participação de destaque nesse acontecimento, em que intervieram (Ribeiro, 1999: 53) "os mestres das várias gerações deste século na área das Letras, por obras acadêmicas e editoriais até aos dias de hoje aceitas, discutidas e respeitadas, responsáveis tanto pela instituição da crítica literária moderna enquanto campo do conhecimento, como pela sua difusão em âmbito público, sobretudo no circuito universitário, na formação de futuros professores e investigadores

[197] Esta descoberta dará pé para um trabalho publicado em Coimbra em 1992 (ver infra). Na informação indica-se estar acompanhado Da Cal da esposa e do filho de 11 anos, anuncia-se a sua próxima participação no Colóquio da Bahia e que pretendia "descer um pedaço do Amazonas para conhecer um pouco a aventura da selva e do rio grande". Define LEEQ como "um dos primeiros livros que aplicam a um escritor de língua portuguêsa os modernos critérios da crítica estilística" e anuncia a intenção de publicar "um volume de bibliografia com mais de cinco mil verbetes" sobre Eça. Indica ser aquela a terceira visita de Da Cal ao Brasil: a primeira fora só de 12 horas, tempo que esteve aportado no Rio o navio em que viajava, e que aproveitara para uma ascensão ao Pão de Açúcar, com grande susto porque "ficaram pressos horas no alto do morro"; a segunda em 1958, quando convidara estudantes para a actividade do Instituto Brasileiro; e aquela, "prometendo voltar em 60 para pelo menos, dois meses".

[198] Santos, junto com o Reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, fizeram conjuntamente (Sem Autor, X/1957-I/1958) em Coimbra a proposta de celebrar a nova edição do Colóquio em 1959 na Bahia e no Rio, mas será finalmente Salvador a única sede.

no plano dessa instituição de segundo grau que é a universidade[199]". Fôrom uns dias de extraordinárias realizações, com presença na imprensa, impacte nas sessões, e que finalizaram com o recebimento das medalhas de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia, no que supunha um reconhecimento internacional como cientista. Também se projectou como produtor literário, reencontrou-se com Machado da Rosa, e contribuiu para colocar os alicerces para a constituição de um centro de estudos galegos nessa cidade brasileira. Apurava assim o final do seu período sabático[200].

Da Cal terá protagonismo nesse acontecimento, que reuniu muitas das principais figuras intelectuais do Brasil, Portugal, França, Itália, Alemanha, Espanha e dos EUA, figurando em diferentes lugares ele entre os citados com destaque[201]. A sua presença foi ressaltada pela imprensa, que lhe fez entrevistas e se ocupou das suas intervenções. Foi escolhido para falar em nome dos coloquistas na recepção oficial que ofereceu o Governador do Estado da Bahia, Juracy Magalhães. Constituiu, sem sombra de dúvida, um dos instantes biográficos principais. Apresentou um trabalho de investigação

199 Entre esses "mestres" cita Da Cal. Ribeiro fez uma comprida pesquisa de Doutoramento sobre este acontecimento, defendida com sucesso na Universidade da Bahia em 1999.

200 A participação no Colóquio tinha-a prevista Da Cal desde primeiros de ano, após comunicação aos 14-I-1959 com Hélio Simões, Secretário-Geral da organização. Aos 23-III-1959; e aos 14 e 16-IV-1959 cruzam-se cartas para acertar detalhes.
No entanto, o encontro esteve a ponto de gorar pelas diferenças políticas entre os dois países. Da Cal assim o verificou em Portugal, em Junho, e em carta que data aos 5-VI-1959, para Machado da Rosa, comunica-lhe que em Lisboa estavam à espera de Hélio Simões para concretizar a participação portuguesa, pois "até há pouco não se fez nada, devido ao incidente do Delgado e houve perigo iminente de que Portugal ficasse ausente das sessões. Agora já se nomeou a Comissão e ainda que o tempo que fica não é muito haverá representação". Na delegação portuguesa destacaram (Sem Autor, I/VI-1959: 4) Marcelo Caetano, Urbano Tavares Rodrigues, Gaspar Simões, Delfim Santos, Silvestre Pinheiro Ferreira e Cid dos Santos, e Vitorino Nemésio.

201 Segundo relação de personalidades presentes publicada pelo jornal *Estado da Bahia*, entre os primeiros em chegar encontravam-se na cidade "de Portugal: José Osório de Oliveira, escritor e representante do Museu do Dundo, de Angola; sr. Santos Simões, especialista em azulejos; escritores Adolfo Casais Monteiro, Joaquim Paço D'Arcos, professores Ernani [sic] Cidade e Álvaro Pimpão, da Universidade de Coimbra; dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. Da França: dr. Marcel Bataillon, administrador do 'College de France'; prof. Bernard Poltier, diretor do 'Instituto de Português-Espanhol' da Universidade de Strasbourg; professor Jean Triçard, do Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg. Da Itália: Giuseppe Carlo Rossi, professor de Literatura Portuguesa da Universidade de Roma. Da Alemanha: professor Joseph Piel, da Universidade de Colônia. Dos Estados Unidos: Ronald Hilton, professor da Universidade de Stanford-Califórnia; Robert Smith, professor de História da Arte, em Massachussets; Ernesto Da Cal, diretor dos Institutos de Estudos Hispánicos e Portugueses da Universidade de New York. Da Espanha: dr. Diego Catalán, da Universidade de La Laguna; Manuel Alvar, Catedrático da Universidade de Madrid; García Viñolas, historiador". Da Cal também aparece entre os nomes de destaque salientados em notícia sobre o Colóquio publicada na capa do *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro (Sem Autor, VIII-1959). Com anterioridade o jornal *A Tarde*, também da Bahia, informara (Sem Auor, 27-VII-1959) da chegada de Joaquim Paço d'Arcos, presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, e de Carlos Malheiro Dias.

queirosiano de grande relevo, na linha do discurso renovador sobre o produtor português em que continuava empenhado[202].

*O Estado da Bahia* (13-VIII-1959[203]) informava da maior concorrência de público na secção de Literatura e incluia fotografia em que aparecia Da Cal na sequência da sua intervenção como relator. Indica, já na capa, que na véspera (Sem Autor, 13-VIII-1959:1) houvera "acirrados debates" entre o português Coimbra Martins e Da Cal. No interior, acrescenta (Sem Autor, 13-VIII-1959: 3):

> Críticos literários portugueses entraram ontem, à tarde, em violenta polémica na secção de literatura, quando o tema de Eça de Queiroz ("Ainda o ilustre casa dos Ramires"), tese do professor Coimbra Martins, foi criticada pelo relator da mesma, Professor Ernesto da Cal. Indignado o crítico espanhol revidou em palavras violentas, fato que logo trouxe ao centro dos debates as figuras de Adolfo Casaes Monteiro, Alvaro Pimpão e Ernani Cidade. Todavia venceu por fim o professor Da Cal, após discorrer vibrantemente sôbre o escritor Eça, foi aplaudido com delírio pela assistência[204].

Da Cal conseguira, pois, uma simbólica vitória nesse enfrentamento com a crítica portuguesa, o que reforçava a sua posiçom. Na análise desse episódio, Fátima Ribeiro

---

[202] Os jornais *A Tarde* (7 e 10-VIII-1959), *Estado da Bahia* (8, 11 e 12-VIII-1959), *Diário de Notícias* [da Bahia] (9, 10 e 12-VIII-1959) e *Jornal da Bahia* (9/10 e 11-VIII-1959) destacaram a sua presença. Este último incluiu entrevista com Da Cal (Sem Autor, 9/10-VIII-1959) em que se refere ao projecto de estudo de Machado de Assis, afirmando: "Considero Machado de Assis o melhor escritor brasileiro e reconheço nêle um estilo mais profundo que o de Eça de Queiroz [...] Tenho a intuição de que Machado tem mais profundidade que Eça, talvez pela própria visão pessimista do autor de 'Dom Casmurro', diversa da de Eça, um otimista que se revela um estilo de fôgo de artifício. O escritor brasileiro se escondia num estilo aparentemente neutro, mesmo conservador, que possui elementos de profundidade que atingem o recôndito do ente humano. Creio que Machado, no seu tempo, ficou um bocado ao lado da evolução da língua portuguesa". A respeito do seu estudo a apresentar no Colóquio, Da Cal esclarece nesse meio: "A influência do 'Parnasse' e de seus poetas (Gautier, Mallarmé, Verlaine, etc.) sôbre Eça é sencível [sic] nos 9 poemas desses poetas aos quais o romancista se referiu numa crônica. Não resta dúvida do plágio no melhor sentido".

[203] Aos 12-VIII-1959, foi-lhe encaminhado telegrama para o Hotel Bahia. assinado por Césio Regueira Costa, Director do Departamento de Documentação e Cultura do Recife, em que em nome do Prefeito da capital pernambucana o convidava para visitar a cidade em "qualidade hospede oficial". Da Cal aceitou, e deslocou-se ao finalizar o Colóquio, "tendo sido recepcionado pelo Prefeito Pelópidas Silveira e Senhora", segundo noticiou a imprensa de Recife. Com tal ensejo proferiu conferência sobre Eça no Real Gabinete Português de Leitura do Recife, salientado-se nas informações ser ele "um dos mais profundos estudiosos" desse romancista. Da Cal esteve na ocasião acompanhado da esposa e do filho.

[204] O *Jornal da Bahia* intitulou a informação sobre a polémica (Sem Autor, 14-VIII-1959) "Da Cal deu uma lição", afirmando que Da Cal relatara a tese de ACM ("Ainda A Ilustre Casa de Ramires"), em que este coloquista como que procurou defender o que chamou de o nacionalismo de Eça de Queirós. Essa expressão chegou a ser tomada como uma explicação de que Eça de Queirós havia preconizado, como bom, o regime atual em Portugal, e, por extensão, o hitlerismo e o fascismo. Mostrando-se contrário à tese, Guerra da Cal recebeu, no rosto, de ACM a afirmação de que havia dito "uma série de asneiras". Da Cal ficou calado. Mais adiante, o crítico (português) João Gaspar Simões deu uma lição a seu patrício ao afirmar, que para êle era "uma honra" ter uma tese sua relatada pelo mestre conhecedor de Eça de Queirós. Com isso, o professor ACM ficou em situação insustentável. Mas a maior lição foi depois dada pelo próprio Da Cal ao se referir à acusação de ACM em têrmos altamente elogiativos, de uma fina irônia. A assistência deu-lhe demoradas palmas. Martins não sabia onde botar as mãos".
O *Diário de Notícias* (Sem Autor, 14-VIII-1959) falava em "violenta polémica na Secção de Literatura".

(1999: 54) salienta que no debate não houve "assimilação das críticas" e "além da polêmica, fato raro no Colóquio, foi ainda novidade o desafio à autoridade acadêmica".

Em 15 de Agosto, o jornal *A Tarde*[205] indicava (Souza, 15-VIII-59:11) que para os especialistas portugueses o Colóquio tinha emprestado "uma significação mais do que científica [...] menos do que a erudição fria, é a integração sentimental que a delegação portuguesa procura alcançar, emprestando à expressão 'Comunidade Luso-Brasileira' um sabor afetivo" o que provocara que "os debates tomaram ares de conversa de surdo", advertindo que se tomassem providências para "evitar-se que algum mal-entendido degenere em ressentimento". Depoimentos e notícias que evidenciam como as rivalidades luso-brasileiras transpareciam nas sessões quando havia ocasião, com luta pela primacia no âmbito lusófono. O problema das colónias portuguesas também se encontrava nos argumentos de aquele distanciamento, ao exigir-se desde o Brasil e outras instâncias internacionais mudanças ao Governo de Portugal; e o facto de ter um regime de governo democrático fazia pensar numa superioridade política, por contraposição à ditadura portuguesa e aos problemas que esta suportava, mesmo internos, de que o incidente com Humberto Delgado, ainda recente, era clara amostra. O Colóquio espelhava assim aquela disparidade de interesses.

Da Cal falou (Sem Autor, 17-VIII-1959) em nome dos coloquistas na recepção oficial que lhes oferecera o Governador da Bahia, Juracy de Magalhães. E no "programa extra" das actividades, na tarde do 20 de Agosto, no Auditório da Reitoria da Bahia, foi executada a cantata "Colóquio"[206], na sequência de um concerto de música de cámara. Em comunicação distribuída ao efeito indicava-se que a música escrevera-a Camargo Guarnieri, compositor de referência da música clássica brasileira, talvez o mais reputado junto com Heitor Villa Lobos, e como solista interviria Olga Maria Schroeder. Informava-se de que:

> O poema do Professor Ernesto Guerra da Cal, lido há algumas semanas numa sessão da Academia Brasileira de Letras[207], do Rio de Janeiro, foi escrito pelo conhecido queiroziano, a pedido do professor Sprague Smith [...]. O Maestro Camargo Guarnieri, em quem pensava o professor Da Cal ao escrever o poema, ficou encantado com os versos e completou a "Cantata" em poucos dias. Será a sua "premiére" mundial.

---

[205] A imprensa (Sem Autor, 15-VIII-1959) indicava que os coloquistas resolveram organizar uma comissão coordenadora de uma bibliografia luso-brasileira, e incluia (Sem Autor, 15/16-VIII-1959: Segundo caderno p. 4) entrevista com Adolfo Casais Monteiro, firme opositor à ditadura portuguesa.

[206] No Espólio EGC conserva-se breve nota, datada em 3-XII-1958, em que Carleton Sprague-Smith se interessa por se Da Cal tinha escrita já a cantata, e pede que a envie a Carmargo Guarnieri.

[207] Em pesquisas na Academia Brasileira de Letras não se documentou este acontecimento.

Este poema de Da Cal fechava os temas a interpretar no concerto[208]. Da Cal também recebeu (Sem Autor, 20-VII-1959: 3) o diploma de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia. A imprensa noticiou do acontecimento, que presidiu o Reitor da Bahia, Edgar Régo dos Santos[209]. Aquele Honoris Causa correspondia os que outorgara a NYU com ensejo da inauguração do Instituto Brasileiro; mas também reconhecia reputação internacional como cientista. Da Cal encontra-se ladeado por primeiras figuras da Universidade de vários países, de destaque internacional.

Em 20-VIII-1959, assinado por N. P., na secção "Notas avulsas" do *Estado da Bahia* de Salvador publica-se comentário sobre a conferência de Da Cal a respeito de Eça[210].

Da Cal conseguiu impacte[211] de diferentes maneiras na Bahia[212], tendo o maior reconhecimento e respeito, ganhando capital simbólico e acrescentando a sua projeção como figura de destaque do CEL, e prolongou a sua estada com novas realizações no Brasil antes do regresso para Nova Iorque[213].

---

208 Os outros eram de G. P. Haendel, H. Purcell, C. Seixas, Frei Jacinto, H. Villa Lobos e Ch. Debussy. O de Da Cal aparecia com C. Guarnieri como autor da música, e como "poema de Ernesto Guerra da Cal, para soprano, conjunto coral e quinteto de sôpro". No dia seguinte, o *Jornal da Bahia* (Sem Autor, 21-VIII-1959: 5) informava do concerto, assinalando que Da Cal "ao final, foi solicitado a comparecer ao palco, sendo bastante aplaudido e obrigado a assinar dezenas de autógrafos".

209 Também foram distinguidos Marcel Bataillon (França); Charles Boxer (Inglaterra); Francis Rogers, Sprague Smith e Lewis Hanke (EUA); e Costa Pimpão, Azeredo Perdigão e o crítico de arte Reinaldo dos Santos (Portugal). No *Diário de Notícias* de Bahia inclui-se fotografia do instante em que Da Cal recebe o diploma. O *New York Alumni News* noticiou (Sem Autor, XI-1959) na secção "Honors".

210 Em 1-IX-1959, o mesmo comentário publicar-se-á no *Jornal do Comércio*, de Recife. O autor afirma não conhecer LEEQ e compara Eça e Camilo em favor do primeiro. Afirma não querer polemizar, e acrescenta: "O que desejo dizer é que, com a presença, no Recife, dum professor norteamericano –para quem me chama a atenção Paulo Cavalcanti— lá me vem à lembrança todo o Eça, inteiro e autêntico, dramático e irónico na sua arte". Ecoa assim o seu trabalho na imprensa, o que não aconteceu com a maioria dos contributos apresentados no Colóquio.

211 No Espólio EGC conserva-se um documento com o "Quadro de Honra do IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro", em que ele é indigitado como "O mais bonito". O seu físico, pois, continuava a impactar muito positivamente.

212 O *Jornal da Bahia* (21-VIII-1959), *Diário de Notícias* [da Bahia] (22-VIII-1959) e o *Estado da Bahia* (22-VIII-1959), noticiaram do encerramento das sessões.
Aos 29-VIII-1959 o *Diário de Pernambuco* noticiou da presença de Da Cal no Recife, onde o Prefeito, Polípides Silveira, homenageou-o, com presença dos escritores e jornalistas Paulo Cavalcanti, Nilo Pereira, José Gonçalves, Paulo Craveiro, Ronildo Maia Leite e Helena Velho"; e ofereceu conferência queirosiana no Real Gabinete Português de Leitura dessa cidade.
Em 2 de Setembro, ofereceu conferência sobre Eça de Queiroz em Fortaleza, na sede do Instituto Brasil-Estados Unidos, organizada (*Boletim da Universidade do Ceará*, Sem Autor, IX/X-1959: 399) pela Universidade do Ceará: foi recebido pelo Reitor, Antônio Martins Filho e gravou para a Discoteca Cultural do Serviço de Documentação, Estatística e Divulgação".

213 De regresso em Nova Iorque, Da Cal recebe cartas de Costa Pimpão, datadas aos 12-IX-1959 e 18-X-1959 que manifestam o interesse da UC pela *Bibliografia Queirosiana* e por outros contributos.
*Visão* dedica-lhe outra página inteira, com fotografia e com a reprodução do mapa de Portugal. Na informação (Sem Autor: 21-VIII-1959: 67) indica-se que "será brevemente fundado um Instituto Português" na NYU, igualmente sob os auspícios de Da Cal.

Em Setembro de 1959, o *Jornal de Letras* do Rio oferece o máximo destaque para a publicação do poema de Da Cal "Disparate miniado da morte do rei sábio", que anuncia na capa. Está dedicado "A Celso Cunha, afervoado amigo da Galiza". Reivindica-se assim como produtor literário no Brasil, esta vez numa revista muito de referência para a poesia[214].

De regresso a Nova Iorque, Da Cal tentará manter os contactos estreitos com aquelas pessoas que tratara no Brasil, para ver de concretizar projectos e favorecer o desenvolvimento do Instituto Brasileiro[215]. Emergerão dificuldades, pela falta de definição de empreendimentos do maior interesse para ele, como a tradução de LEEQ; e pelas complicações de algumas pessoas que ele propunha para se poderem deslocar para leccionar em Nova Iorque[216].

III.2.2.14.4.-O regresso para os EUA: inícios da crise na NYU.

Após aquela prolongada estada europeia e brasileira, Da Cal reincorpora-se à NYU. Começará uma crise, que se acentuará nos anos seguintes, e levará à sua transferência para outra Universidade da cidade[217].

O primeiro problema que enfrente é que Américo da Costa Ramalho, Professor enviado pelo Governo de Portugal para leccionar na NYU, demora a sua presença, o que provoca inquietação e desconfiança de que a promessa não se efectivizasse; mas após dias de dúvidas sim chegou e ajudou a solucionar a organização da docência e da actividade do Departamento, pois Ramalho ofereceu aulas e participou em diferentes iniciativas, firmando-se uma boa amizade entre ele e Da Cal, que terá continuidade quando o professor de Coimbra regresse para Portugal.

---

Também é destacado no *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portugueses* da Universidade de São Paulo correspondente ao segundo semestre do ano.

214 Utiliza o cânone que ele propunha na altura para a ortografia da Galiza, com elementos que tornavam o texto de fácil leitura e compreensão para o leitor luso.

215 Antes da partida anunciou como objectivo para o Instituto (Sem Autor, 21-VIII-1959: 67) "criar um Bureau de Traduções, que se incumbiria de difundir nossa literatura nos Estados Unidos. Da Cal vai empenhar-se junto ao Governo português para que cursos de férias para estudantes americanos sejam abertos na Universidade de Lisboa".

216 Assim se espelha em cartas que lhe envia (9-XI-1959 e 2-I-1960) Alceu Amoroso Lima, e na que lhe encaminha, em Dezembro, Eduardo Portella. Nesta última Portella anuncia o congreso de crítica e história literária do Recife, para o qual lhe solicita apoio. Também a esse ano deve corresponder uma carta de Serafim da Silva Neto, sem datar, em que se congratula pelo nomeamento de Da Cal como Doutor Honoris Causa pela Universidade da Baía (sic).

217 Da Cal (17-IX-1959) relata a Machado da Rosa como o reencontro com a vida universitária estava a ser difícil, com muito trabalho e problemas, depois de "quase 17 meses de viajar alegremente à roda do mundo, sem a escravidão do trabalho diário"

Do U.S. Fulbright Program, do Institute of International Education, encaminham-lhe carta em que se diz conhecer a sua aceitação para participar no Comité Nacional de Selecção do U.S. Fulbright Program do Institute of International Education[218]. Mantinha-se assim numa posição do maior destaque no campo profissional, ao ter a possibilidade de decidir sobre candidaturas de colegas que solicitavam ajudas de aquela instituição, o que lhe oferecia ascendência sobre eles. Ser seleccionado para aquele posto evidenciava como sabia agir para conseguir maior influência no âmbito oficial e acrescentar a sua autoridade[219].

Também nesse último trimestre do ano se concretizou a sua colaboração numa antologia preparada pelo Professor Stanley Burnshaw, que tentava apresentar a poesia europeia de uma maneira diferente e mais atractiva para o mercado anglófono, pois ofereceria o texto original do poema, a sua tradução e um comentário; e que se editará no ano seguinte (ver infra)[220].

No entanto, a situação na NYU experimentará importante deterioro nesse ano. Da Cal perderá poder, o que o levará à demissão do posto administrativo de Chairman do Department of Spanish and Portuguese do Washington Square College, após sete anos desde que assumira essa responsabilidade, e suporá colocar os alicerces para a saída da instituição. Verificará como começam a falhar-lhe antigos apoios, pelos posicionamentos exigidos nas lutas pelo poder académico. Isso levará a um debilitamento na instituição, a pesar de que ainda lhe restarão alguns sucessos profissionais na NYU.

III.2.2.14.5.-Contactos com a Galiza: Incitador dos *Seis Poemas Galegos* de Lorca, segundo Blanco Amor; e publicação de *Lua de Alén-Mar*.

---

218 David Wodlinger (17-IX-1959), Director da instituição, comunica-lhe detalhes dessa encomenda.

219 Uma prova dos requerimentos que recebia para exercer mediação perante instituições oficiais dos EUA por causa da sua privilegiada posição é a carta que lhe encaminha Camila P. Campanell (15-VII-1959), esposa de José Rodrigues Miguéis, que lhe agradece "ter dado à Guggenheim a informação que pediam acerca de José".

Também no relacionamento epistolar com Ricardo Gullón há testemunhos de pedidos de colaboração aos 12-IX-1959, 1-X-1959 e 21-XI-1959, em que lhe pede medeie para se poder transferir para a NYU, com a que era a grande rival na altura de Da Cal, Germaine Brée, a chefa do Departamento de Francês do Washington Square College que contribuirá para a sua crise.

220 A publicação dessa antologia propiciou um intenso relacionamento postal entre os dois. Stanley Burnshaw (29-XII-1959) comunica-lhe o pagamento dos direitos que lhe correspondiam pelo contributo a respeito dos poemas de Cecília Meireles, Fernando Pessoa e Manuel Bandeira, para a antologia. Não figurava, pois, Jorge de Lima, como lhe fora proposto inicialmente, e sim a poeta brasileira e mais Pessoa, que talvez fossem sugestões de Da Cal.

Também esse ano teve contacto continuado com a Galiza. Com ensejo da viagem à Europa, em Junho, Margarita Ucelay, que visitou Espanha, confirmou-lhe a morte da Tia Consuelo, o que provocou nele grande abalo[221]. Aquela perda familiar também lhe foi comunicada aos 8-VI-1959 por Ramón Piñeiro, quem lhe escreve carta de pêssames, em que comunica a intenção de reunir-se com ele uma representação de Galaxia o dia 14 em Valença do Minho[222]: Pensavam ir "Otero Pedrayo, García Sabell, Fernández del Riego, Isla Couto, Fernández Albor e máis eu. E algunhas das nosas donas tamén irán. Co troque de datas Otero non poderá ir. García Sabell informaráo"[223]. O encontro produziu-se, e Fernández Albor[224] lembra a especial insistência por parte de Da Cal da necessidade de actuar para que confluíssem os interesses galegos com os luso-brasileiros[225]. Estes contactos evidenciam a sintonia entre Da Cal e o Grupo Galaxia e

[221] Em carta a Da Rosa, refere-se a ela como "segunda mãe com a que passei no vale de Quiroga, no Sil, a minha primeira infância. Era uma mulher adorável, que eu adorava, e sabendo que estava seriamente doente eu tencionara quebrar o meu voto de não entrar na Espanha atual, e fazer uma fugaz visita a Vigo, mal chegar a Lxa., para a abraçar antes que me pudesse morrer. Deus não o quis! A ela é a quem dediquei a minha pobre Lua, que não chegou a ver".

[222] Desta viagem fala também Piñeiro em carta sem data, mas anterior, assinalando a respeito da viagem à Europa: "Mágoa ben grande que non poida completala eiquí en Compostela! Todo há chegar, de certo". Indica que quando estiver em terras lusitanas "non deixe de me comunicar o seu enderezo. En principio temos mentes de concidir con vostede o día de San Pedro"; quer dizer, o 29 de Junho.

[223] Assim lho anuncia em carta que Piñeiro encaminha na véspera a Franco Grande, em que lhe indica que (Franco Grande, 1985: 158) "Tivemos que adiantar a data" do encontro [o 29, em que pensaram inicialmente, Da Cal viajava para o Brasil]. em nova epístola de Piñeiro para Franco Grande, de 1-VII-1959, assinala que (Franco Grande, 1985: 156) "O número de 'Ínsula' vai por moi bo camiño e xa debe estar moi adiantado. Tamén o album de Maside, o libro de Pimentel e mailo de Guerra da Cal", o que indica como Galaxia tentava cumprir os desejos de Da Cal de ter o livro em Agosto.

[224] Depoimento realizado em entrevista pessoal. Albor não lembra o produto que lhe enviou com posterioridade Da Cal como presente, que também não pôde encontrar na biblioteca, mas afirma que não foi LEEQ, talvez algum estudo relacionado com a Galiza; e salienta o interesse do Grupo Galaxia em Eça, em especial de García Sabell.

[225] Piñeiro (15-VI-1959) escreve para Fernández del Riego: informa-o (Del Riego, 2000:160): "Onte estivemos con Da Cal unhas horas. É home moi cordial e simpático e ten un fervor galego verdadeiramente extraordinario. Non parou de preguntar cousas. Está totalmente identificado cos nosos puntos de vista. Di que, ollando desde fóra, o actual rexurdir da cultura galega é craramente superior a ningunha outra etapa. Por outra banda, coida que o esforzo cultural é necesario e fundamental". Da Cal dava assim a razão aos agentes de Galaxia numa polémica galeguista que se dava na altura na Galiza.
Piñeiro (18-VI-1959) escreve para Da Cal do encontro do 14: "Pola mañá éramos nove a camiñar cara Portugal e polo serán éramos 10 a camiñar cara Galicia. [...] Foi, en verdade, un encontro inesquecente. No fogar de cada un de nós, no fogar común de Galaxia e no gran fogar verdecente que Galicia é ti tés, e terás para sempre, un lugar de honra a te agardar".
Em nova carta, Piñeiro (21-VI-1959) informa Da Cal que na véspera ingressara García Sabell na Real Academia Gallega, e "Contámoslle a D. Ramón Otero Pedrayo o noso encontro miñoto. Sentiu moito non estar naquelas datas en Galicia para nos acompañar. Tamén llo contei a Cabanillas". Confirma que LAM "xa está na censura. Co de Pimentel". E aos 3-VII-1959, de novo por carta, Piñeiro informa do envio para a censura. Espera que os dois livros possam estar prontos para o dia 25 de Julho "que era moi boa data".
Piñeiro (11-VII-1959) escreve duas cartas para Fernández del Riego. Na primeira afirma que (Del Riego, 2000: 160-161) "En Lisboa o Da Cal, dacordo con Prado Coelho, deixou en marcha unha iniciativa para o achegamento cultural luso-galego. A Facultade de Letras de Lisboa patrocinará unha serie de conferencias a cargo de intelectuais galegos que será inaugurada por Otero".

como colaboravam. Da Cal contribuia com produtos de interesse para publicar, meios económicos ao comprar produtos que editavam (e contribuir ao financiamento dos seus poemários com a aquisição de um elevado número de exemplares, para evitar prejuízos económicos a Galaxia, como se verá) e propiciando contactos que favorecessem uma maior projecção no exterior, na procura de que isso fortalecesse a sua posição interior. Galaxia tinha encontrado nele um aliado principal e tentava não o desairar, embora a censura empecesse os planos como o da edição do poemário, que se demorará uns meses e não poderá estar pronto para a viagem brasileira, anelo que lhes tinha anunciado e que eles, à partida, estavam na disposição de fazer realidade.

No Verão, Da Cal teve presença em duas revistas de relevo para a projecção da cultura galega. *Insula* incluiu[226] (Da Cal, VII/VIII-1959) "Frol de Mágoa, Minha Terra!", composição de LAM, nas páginas especiais desse volume duplo da revista dedicado às "Letras Gallegas"[227]. Nele merece salientar-se um trabalho de Eduardo Blanco Amor[228], "Los poemas gallegos de Federico García Lorca", em que relata a génese desse produto lorquiano, refere a sua intervenção, e afirma (Blanco Amor, VIII-1959):

> creo que el incitador decisivo para que escribiese los poemas gallegos –al menos los cinco que me dio manuscritos— fue Ernesto Pérez Güerra, igualmente gallego, su amigo más íntimo y personal en aquellos días […] sin la presencia e insistencia de

---

No epistolario de Piñeiro a Del Riego publicado por Galaxia referencia-se uma carta, datada aos 12-VII-1959, em que informa que (Del Riego, 2000:161) "Acaba de chegar unha carta de Da Cal entusiasmado polo exemplar de *Lúa* que lle chegou. Expresa o seu afervoado agradecemento para Galaxia polo agarimo e primor con que o libro foi editado". A data desta apístola está errada e deve ser uma confusão na edição, pois na altura o volumen de poesia não saíra dos prelos. Existe ainda nova carta de Piñeiro, sem data, a Del Riego em que valoriza, após receber LAM, que (Del Riego, 2000: 161) "quedou moi fermoso".

[226] Este volume foi preparado pelo Grupo Galaxia, segundo confirma Piñeiro a Da Cal em carta datada aos 23-III-1959, em que lhe anuncia que "incluiremos un dos poemas do seu libro [LAM]".
Aos 15-III-1959, esta revista madrilena inseriu um comentário sobre o volume de homenagem a Otero Pedrayo, assinado por S[alvador]. L[orenzana]. Valoriza entre os ensaios "el que Guerra da Cal dedica al tema del mar en nuestra lírica primitiva. Se diseñan en él las dimensiones generales del tema; pero, sobre todo, se enfoca la originalidad y modernidad de ciertos procesos expresivos y evocativos en la obra de los cultivadores del motivo talásico en los albores de la literatura gallega".

[227] O lugar de destaque da capa ocupava-o Ramón Cabanillas, como membro da Real Academia Espanhola. Incluia trabalhos de numerosos produtores e o poema de Da Cal singularizava-se pelas marcas ortográficas de maior confluência do Galego com o Português.

[228] Da Cal continuava com o relacionamento com este intelectual. Aos 20-I-1959 Blanco Amor valoriza a poesia de LAM como "versos, deliciosos, absolutamente. ¡Ya sabía yo...! Es poesía de necesidad". Encoraja-o para visitar Espanha e afirma que "Lo del manifiesto sobre la cultura gallega [deve referir-se ao que Da Cal lhe anunciava que estava a preparar juntamente com Emilio González López, embora não especifique], me parece muy bien". Blanco Amor critica Galaxia, aconselha-lhe a relação com Valentín Paz Andrade, com quem ele tinha relacionamento mais estreito e que defendia uma posição de maior intervenção política e não cultural como fazia Galaxia; fala de mãe de Da Cal, que diz conhecer, e do seu irmão; e dos García-Lorca, além de anunciar que "Ahora sale 'A Esmorga' (algo así como 'La Parranda' en lenguaje orensano) una novela que tendría que haber publicado 'Galaxia' y que la censura ha rechazado totalmente".

> Ernesto (el único poema con dedicatoria, a él está dirigido: "Cántiga do neno na tenga (sic)" éstos no hubieran nacido.

No artigo há outras referências em que trata Da Cal com simpatia, mas sem revelar o seu novo nome.

No Verão de 1959 publicou-se o número 1 de *Vieiros*, sob os auspícios do Padroado da Cultura Galega do Mexico[229]. Na penúltima página desse volume inicial Da Cal aparece indigitado entre os "Novos colabouradores" dos EUA[230].

No segundo semestre Galaxia publicou o poemário *Lua de Alén-Mar* (LAM). Em 1937 Da Cal debutou com o primeiro poema, a que acrescentou outros em Nova Iorque e em Porto Rico nas décadas de 40 e 50, e no Brasil aquele mesmo ano; mas não se tinha difundido nenhuma amostra dessa produção literária na Galiza. Com data "31 do mes do outono de 1959", segundo o cólofon[231], publicou-se aquele volume de 132 páginas, com capa de Fernando Teixidor, outro nome do exílio espanhol, que se dedicava à produção artística e com quem mantinha amizade nos EUA. Será um produto central na trajetória dacaliana[232].

---

229 Esta revista tinha três directores: Luís Soto, Carlos Velo e Florencio Delgado Gurriarán. Como responsável do "Axeito artístico" figurava Arturo Souto. Incluia trabalhos de residentes na Galiza; exilados; e produtos de vultos já falecidos, além de vários desenhadores.

230 A publicação tinha entre os objectivos iniciais o estreitamento de relações com Portugal e o mundo lusófono, com contributos em português padrão. Mas também por assim figurar expressamente em lugares significativos, como no "Alicerce", texto editorial ("Sentímonos avencellados afervoadamente a Portugal, que non somentes é a nosa gran irmán na xeografía, e na hestoria, e na saudade, senón que erguéu a cumes de groria a nosa fala, a cal impideu que desaparecésemos, cecais pra sempre, coma povo diferenzado"); ou no contributo de um dos directores, que indicava (Soto Fernández, 1959): "Ningunha circunstancia histórica poido arredar a ialma da Galiza da de Portugal. O Miño –ou a raia enxoita— non fenden ren. Língua, tradizón, reaiciós sicolóxicas, *saudade*, paisaxe, senso da vida e da morte, literatura, arte, economia, cultura, son os mesmos no Portugal e na Galiza".

231 A saída dos prelos e presença no mercado deveu ser, no entanto, algo posterior, segundo se infere da carta de Ramón Piñeiro (3-XI-1959), que comunica como LAM "está impreso dende a semana pasada. Só falta a 'capa', por demora do litógrafo. [...] Firmado por todolos concurrentes a Valença enviámosche un album de dibuxos do gran artista galego Carlos Maside. Quizais xa o terás recibido".

232 A edição suporá intenso contacto epistolar: Piñeiro (21-I-1959) escreve para confirmar que ("Alegrámonos moito do anuncio da sua LUA, que será moi ben recibida 'aquen-mar'", confirmando que a edição entra nos planos para esse ano); Da Cal (8-II-1959) envia o poemário e nota biográfica para Piñeiro. Responde Piñeiro (17-II-1959: afirma que estavam à espera do prólogo de Jacinto Coelho, entretanto "iremos facendo as duas copias que hai que enviar á censura" e promete facer o possível para "que antes de que chegue agosto botaremos esta nova Lua –unha lua galega—a brillar de seu no mundo estelar da poesia inmortal [...] Respetaremos, naturalmente, o seu criterio ortográfico, tan lexítimo –e máis lóxico— como calquera dos outros que se veñen usando". Há novas epístolas aos 2-III-1959 (Piñeiro confirma a chegada do desenho de Teixidor. Agradece o lugar de honra do poema a ele dedicado "asi como a adicatoria tan categórica i espresiva que lle puxo, pois no mundo espritoal galaico-luso-brasileiro –ou seña, no noso mundo espritoal—dificilmente se poderia acadar mais outo doutorado"); 23-III-1959 (confirma que tem as cópias para a censura. Informa que costumavam editar 500 exemplares como moito, mas "no caso concreto de LAM e tendo en conta que se vai difundir en varios países, a tirada será meirande. Calculo que será de 750 ou 800, pois aínda non se decidiu"); 26-VII-1959 ("Acabamos de recibir autorización da censura para editar LUA"; 24-XI-1959 ("Hoxe enviaríanche por correo aéreo dende Vigo o primeiro exemplar de "Lua". Indica que Coelho tentou modificar o "Limiar",

No livro indicam-se "1939-1958", como datas de elaboração, coincidindo com a primeira metade do seu exílio. Em nota inicial, assinada por Galaxia, informa de dados biográficos, em que destaca LEEQ e a repercussão internacional desse estudo e salienta que "o Governo brasileiro lle outorgou a Orden do Cruzeiro do Sul". No "Limiar", Jacinto Coelho admira-se de ser Da Cal "poeta inédito" aos 47 anos; salienta LEEQ –a que se refere como "livro fundamental sobre o estilo de Eça— e do DLPGB, apresentando-o de persoalidade atractiva, que lhe fez "sentir concretamente a irmandade que une os povos do Ocidente peninsular", na linha marcada por Teixeira de Pascoaes. Afirma que apesar da separação da "Terra-Mãe" Da Cal permanecia "em poesia, castiçamente galego", não só pelos temas que foca, mas por

> Sentimento da Terra que se desdobra em compreensão à luz da tradição literária e da História: Da Cal deliberadamente regressa (com que delicadeza de genuino artista!) ao "clima" de sábia ingenuidade das cantigas de amigo; inspira-se em Gomes Charinho, em Airas Nunes, em Gil Vicente; assimila os velhos ritmos, a graça insistente do refrão; transfunde em modernidade os valores tradicionais. [...]
> Pela autenticidade dos motivos, pela invenção de imagens fortemente sugestivas, pela novidade rítmica, enfim pela apurada consciência estética, Ernesto Da Cal afirma-se neste livro, que é de estreia em plena maturidade, um poeta verdadeiro, dos melhores da sua Terra. [...]
> Explorando por íntima necessidade as virtualidades da língua, Da Cal enriqueceu o património de Galegos e Portugueses, estreitou ainda mais os laços que nos unem, fez-nos mais conscientes do que somos.

Na continuação desta elogiosa valorização insere-se a dedicatória: "A Teteyo, tía e mai". Segue "Nota do autor", em que justifica o uso da "grafía portuguesa" para respeitar a "peculiaridade idiomática" galega e aduzindo duas razões:

---

mas nom foi possível: pelo temor à censura e a que se demorasse mais decidiram tirar para a frente), 14-XII-1959 (Indica que é suficiente que compre 200 exemplares); 9-XII-59 (envia-lhe o comentário de Rabanal [ver infra]) e 24-XII-1959 (junta o artigo de Anxel Fole [deveu começar a redigir-se o 24, e acrescentar o comentário de Fole, publicado só dois dias depois] sobre LAM, ao mesmo tempo que informa de que lhe pensavam enviar 150 exemplares, e guardam outros 50 para fazer presentes e enviar a quem eles lhes diga).

Também merecem destaque as epístolas de Da Cal a Franco Grande, de 2-II-1959 (Agradece-lhe um breve poema, que lhe chegara por mediação de Machado da Rosa [quem o enviara para Da Cal aos 26-XII-1958], e "Correspondendo à sua xentileza tomei a liberdade de lhe dedicar outro meu –de ton e clima ata certo punto semelhantes—que fai parte do poemario intitulado LUA DE ALEN-MAR").

José Landeira Yrago, do Rio de Janeiro, escreve (19-IV-1959) para Francisco Fernández del Riego (informa das páginas dedicadas a Da Cal em *Visão* e *Jornal do Brasil*, salientando a sua tendência para a confluência do galego com o português).

Domingo García Sabell escreve para Da Cal (2-XII-1959) e afirma: "Levas unha carreira ascendente, ben merecida por certo, que é como un fulgor cuios brilos a todos nos alcanzan. Os teus éisitos son sempre éisitos da terra que contigo conta e na que tantos ademiradores tés". Agradece o envio de LEEQ e do disco das Cantigas e diz que vai ler demoradamente LAM e LEEQ, para uma conferência que prepara sobre personagens queirosianas.

Além disso, Da Cal (7-II-1959) inicia contacto epistolar com Camilo José Cela, a quem escreve em castelhano. Cela contactara-o previamente, atingindo o seu endereço por mediação do Grupo Galaxia. Da Cal responde-lhe que não lhe dera tempo para enviar colaboração para o número especial com que *Papeles de Son Armadans* projectava homenagear Menéndez Pidal. Qualifica de "agradable sorpresa" a carta, e de "honor" o convite. Inicia-se assim o que será um contacto frutífero entre eles.

> A primeira é a evidencia de que o sistema gráfico vixente ata hoxe entre nós non ten base alguha[233]respeitábel nen histórica nen científica; a segunda, i-ainda mais importante, é o considerarmos inadiábel o restabelecimento dos vencelhos tradicionais das nosas letras com o ámbito amplo e rico da cultura luso-brasileira, à cal, tanto pola verbo, canto polo esprito pertencemos. [...] o verdadeiro meridián espritoal da Galiza pasa por Lisboa e polo Rio, e canto antes reconheçamos esta verdade, antes se abrirán à nosa antiga voz recuperada as posibilidades de ecoar fóra dos restritos confins comarcaes nos que nos estamos pechando, cegos às vastas perspectivas que temos diante dos olhos.

Nesse texto ainda alude à doutrina "do patriarca Murguia, que xá recomendou a unificaçón lingüística com Portugal, apontando que nela estaba o porvir do noso idioma" e insiste ser preciso para ultrapassar os limites que estavam a estreitar a "espresión cultural galega" reentrar nas "correntes universais do 'mundo que o português criou' aquén i-alén mar".

Encontram-se a seguir 48 composições, distribuídas em seis epígrafes: "Tríptico", "Fiestra da saudade", "Cançonetas do amor, em clave de lua", "Desenhos à toa", "Miradoiro infindo" e "Alemparte do espelho". Vinte e cinco poemas estão dedicados: a Otero Pedrayo, Jacinto do Prado Coelho, Ramón Piñeiro, Ricardo Gullón, Margarita Ucelay, Aurorita e Jorge Enjuto, Ricky (Enric Ucelay da Cal, o seu filho), Helena Cidade Moura, Maria Antonieta Pessanha Santos Azevedo, Serafín Ferro, Fermín Bouza Brey, Dora Alencar de Vasconcellos, César Pegado, Carlitos de Piniés, Eduardo Blanco Amor, Celso Cunha, Alberto Machado da Rosa, Emilio González, Xosé Luís Franco Grande, Alceu Amoroso Lima, Fidelino de Figueiredo, Eduardo Portella, Hélio Simões, Langston Hughes e Carleton Sprague Smith: para além de pessoas próximas da família; figuras de relevo galego-luso-brasileiras, amizades dos tempos de Madrid; colegas novaiorquinos, e republicanos exilados; muitas dessas pessoas formavam parte das diferentes redes que fora arvorando. Em cinco composições encontram-se epígrafes: de Gil Vicente (em 2), Airas Nunes, Paio Gomes Charinho e Rosalia de Castro. Charinho e Rosalia dão título às composições primeira e terceira que, juntamente com outra dedicada a Camões, conformam o "Tríptico" inicial. Outros dous poemas têm nome próprio: o dedicado a "Xan Quinto" (p. 58) e o intitulado "Disparate miniado da morte do Rei Sábio". O Caminho de Santiago está presente em "Pelerinaxe Final" (p. 107). O díptico final refere o presente e realidade do poeta em Nova Iorque.

No final, um "Glosario de termos para portugueses e brasileiros" aponta 108 vocábulos. Neles inclui formas habituais na escrita galega que podiam provocar confusão (v. gr. "aboa, abraira, abrente, acougo, adoitar...) acompanhando do seu significado e forma no padrão português; mas também arcaismos; formas morfológicas (v. gr. "dixo", "mai-la [sic]")[234].

[233] O u, grafado com til de nasalidade.
[234] Na reedição de *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo* (Da Cal, 1991, ver infra) incluirá um texto prefacial com esclarecimentos de pormenor sobre o seu modo de proceder, bem como os critérios utilizados para as emendas que introduziu.

O poemário procura um equilíbrio que partisse da história e tradição da língua; reivindica o passado e almeja um futuro diferente de confluência com o português. Evidencia ser muito bom conhecedor da poesia pelos procedimentos estilísticos que emprega. Utiliza recursos que o enquadram no neotrovadorismo, reivindica os clássicos, homenageia Rosalia, faz apelos a técnicas modernas, e deixa constância da saudade da Terra e afã de reencontro com o passado comum galego-português.

Vale a pena lembrar aqui a "Nota prévia" de LEEQ e o assinalado nela por Da Cal no sentido de ter realizado Portugal o que era aspiração dele para a Galiza. LAM será uma realização na procura de atingir isso. Mas também um trabalho com outras pretensões, mesmo do ponto de vista profissional: vultos da estilística como Dámaso Alonso ou Carlos Bousoño davam relevo a que o crítico demonstrasse a sua capacidade como "criador". Da Cal atinge com LAM categoria de poeta com livro editado: não só poemas isolados, que se podiam valorizar como simples tentativas; mas um produto acabado, que respondia a critérios de "qualidade" definidos na altura pelas hierarquias do campo literário, que oferece um valor acrescentado à sua posição no CEL. Além disso, através do seu trabalho em favor do reencontro galego-português e do renascimento galego da altura, reivindicava o seu papel como membro de pleno direito dos CL e CEL lusófonos, pela sua naturalidade galega; um assunto que era reforçado por ir LAM com apresentação de Jacinto Coelho, figura legitimadora. Para além, pois, da aspiração ao reconhecimento e ao sucesso, em consonância com o seu habitus e com a sua trajectória, esta inserção no CL culminava outros reptos pessoais e profissionais, longe das preocupações dos galeguistas, que nem se questionavam essas possibilidades perante as urgências para conservar uns mínimos de cultura e idioma autóctone, ameaçados pela esmagadora uniformidade centralista da ditadura franquista, amparada na censura e repressão[235], e com o uso de todo o aparelho do Estado.

[235] Os galeguistas, de facto, com colaboração dos intelectuais que estavam na emigração, mesmo apresentaram formalmente denúncia perante a UNESCO sobre a situação da Galiza. Ao respeito veja-se o estudo de Alonso Montero (2003).

Nos meses finais do ano publicam-se as primeiras notícias e recensões[236]. Em 9-XII-1959, Manuel Rabanal[237] escreve em *La Noche* uma crítica intitulada "Regreso a lo galaico-português", na qual a questão ortográfica e o apelo de Da Cal a se inserir a literatura galega no âmbito luso-brasileiro é assunto central. Parte do "Limiar" de Jacinto Coelho, e cita a teoria de González Alegre de que "cancionerismo medieval y romanticismo rosaliano son las dos constantes históricas a la que nada poético gallego ha logrado escapar". Qualifica de "postura regressiva" o neotrovadorismo, pelo que significava de volta a um passado que julgava de anacronismo, embora julgue que Da Cal competia com Bouza Brey e Cunqueiro "por no citar más que dos muy señaladas figuras dentro de esta pujante escuela lírica de repristinizadores", dirigindo o qualificativo de "epígonos" aos cultivadores do galaico-português. Frisa as "grafías portuguesas" de LAM, e afirma que o apelo a que o meridiano lingüístico e cultural da Galiza passava por Lisboa e pelo Rio é questão "muy discutible y que sería muy difícil inclinar en tal sentido a buena parte de la opinión del país". E acrescenta ao respeito Rabanal:

> al gallego como lengua le asisten unos sagrados derechos de maternidad que sería casi imposible dejar a salvo con su "luso-brasileirización" de última hora.
> Y uno –torpe, seguramente que es— no comprende del todo bien cómo se pueden rebasar los "limites regionales y dialectales" que, al parecer, aún comprimen la expresión cultural gallega, desertando del mundo hispánico, tan rico en variadas, y aun antagónicas, personalidades étnicas, entre las que ocupa un puesto de vanguardia la gallega, para inscribirse "motu propio" en el bastante más difuso mundo luso-parlante, en el que si que cobraría verdadero "rango" dialectal la variante idiomática y literaria de más arriba del Miño.

Finaliza assinalando que essas ideias ocupam só "um angosto rinconcito" em LAM "y no son obstáculo, ni las ideas ni las exóticas grafías, para que en él reconozcamos la existencia de buenos tramos de pura y limpia poesía indiscutible". Reivindica assim a pertença da Galiza ao intersistema hispanófono e alerta dos perigos do lusófono, uma atitude recorrente desde o século XIX e que já se tinha espelhado, v. gr., no prólogo a *Cantares Gallegos* de Rosalia de Castro aquando a sua edição príncipe.

---

236 No Espólio de EGC conserva-se notícia, sem assinar, em que se informa do preço do poemário (60 pesetas), com o seguinte comentário: "En Guerra da Cal –romanista ilustre de la Universidad neoyorkina—, se conjugan felizmente las cualidades del estudioso y del investigador, con el empuje creador del poeta. En estas bellas composiciones trasfunde en imágenes de moderno lirismo, los valores tradicionales de los Cancioneros Gallego-Portugeses"; a publicação em que foi inserida essa nota não foi possível identificá-la. E no boletim *New York University Alumni News* na secção "NYU Authors", W. J. K. assina breve referência de LAM, afirmando se tratar de "An anthology of the author's poetry in the Galician language" e indicando o prefácio de Jacinto do Prado Coelho.

237 Rabanal, docente leonês que exercia em Compostela, especializado em cultura clássica e colaborador da imprensa, era apreciado pelo galeguismo e participou no volume de homenagem a Otero Pedrayo, com um trabalho sobre a língua da Galiza que mesmo fora premiado.

Em 26-XII-1959, em *El Progreso*, Ángel Fole inicia recensão de LAM com estas palavras: "He aquí un libro de versos bien gallego. [...] Si no fuese gallego, sería portugués; si no fuese portugués –por lo menos o por lo más— sería muy celta. Una reciente y pulcra edición de Galaxia". Referencia que o "ilustre prologuista", Jacinto Coelho "nos recuerda que la comunidad espiritual luso-galaica supone un substrato celta siempre operante". Apresenta Da Cal como "paisano nuestro emigrado" e docente em Nova Iorque, e assinala o livro como:

> "sentido, inspirado por el paisaje de la lejana tierra natal [...] Un libro de rigurosa nostalgia. Son cantos del dolor del regreso [...] Este libro de versos, muy antiguo y muy moderno, muy tradicional, está en la línea amable y graciosa de la poesia trovadoresca, como "Cantiga Nova" de Álvaro Cunqueiro. [...] Fue escrito con el corazón floreciente de gracia. Para cualquier tiempo o país. Especialmente para nosotros".

Salienta Fole do "trovador Da Cal" versos que teriam deleitado "a Meendiño o a Martín Codax". O elogioso comentário vai seguido de epígrafe em que, sob o título "Envio", Fole dirige-se a Da Cal em segunda pessoa afirmando que quando ele esteve em Quiroga "Nada sabía de tu infancia quiroguesa", no que "Era mi tiempo de trovar", sublinhando quanto influira nele a lua, como reflectem igualmente os versos de Da Cal. E concluir: "Ahora comprenderás, amigo Da Cal, por qué me ha impresionado tanto tu hermoso libro de versos".

Apoia assim este poemário, com simpatia por partilharem os dois experiências em Quiroga, onde Fole passou anos vários depois da guerra de 1936.

A revista *Quatro Ventos*, de Braga, começa com uma alusão (A. L[238]., VII/XII-1959) ao "reconhecido valor" do estudo de LEEQ. Refere a idade do poeta e a espera em publicar poesia em volume: "Não deixa de nos surpreender que este Poeta, que sabe –e é obrigado a saber— o que vale e o que não vale em literatura, só hoje ouse apresentar-se ao grande público. E essa nossa surpresa é tanto maior quanto *Lua de alén Mar*, é, sem sombra de dúvida, um excelente livro". Analisa na continuação o conteudo, indigitando vários poemas. Para este crítico

> De assinalar é o facto de Guerra da Cal, como vários outros poetas galegos, estarem, por assim dizer, a constituir uma escola que se sente, vive e se procura fazer reviver a temática da poesia trovadoresca. E esse facto tem de nos impressionar, sobretudo a nós portugueses, que dificilmente nos debruçaremos sobre os velhos cancioneros com olhos

[238] Esta crítica surpreendeu especialmente Da Cal, por desconhecer o nome do assinante. Fernández del Riego (11-V-1960) assinala em carta que, a respeito da assinatura com as iniciais A.L., aventura que "suponho que será de António Losa, um dos redactores" e relata do impacte positivo de LAM. Del Riego encaminha nova epístola (30-V-1960), em que junta a resenha de *Quatro Ventos* a LAM.

> e mentes que não sejam arqueólogos. Nessa revivescência, Guerra da Cal assimila perfeitamente os ritmos medievos.

Salienta que "nesse vasto e nunca esgotado tema da saudade o Poeta não podia esquecer a sempre viva Rosalia", citando versos do poema a ela dedicado. Afirma que o livro "merece bem a pena ser lido" e destaca o prefácio de Coelho "que não esconde o entusiasmo que a sua leitura lhe provocou", lamentando não poder dar maior desenvolvimento à apreciação do livro. Esta crítica publica-se numa revista especialmente devotada ao relacionamento entre Galiza e Portugal, com presença também brasileira, que prestava na altura muita atenção à literatura galega, e que tinha Leandro Carré Alvarellos, Otero Pedrayo e Sebastián Martínez-Risco como principais representantes da Galiza.

Na *Memoria Anual* de 1959, Da Cal publica novo poema, dedicado outra vez a Rosalia: "Chamada a Rosalia na Derradeira Noite da Galiza", que data em "Nova-Iorque, Outubro, 1959". Indica-se que procede "Dun livro en preparazón, tiduado *Pombal de Sonhos*", com o que anuncia já no final desse ano um novo poemário[239].

III.2.2.15.-Crise na NYU, internacionalização como produtor literário, e novos sucessos em Portugal e no Brasil em 1960.

Em 1960 Da Cal acrescenta o capital simbólico no Brasil, com a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, a Medalha Padre Anchieta, e a designação de Cidadão de Honra do Rio de Janeiro. A sua poesia internacionaliza-se, convidam-no para importantes congressos no Brasil e em Portugal, para novos produtos queirosianos, e para participar no centenário do Infante Dom Henrique, para além de principiar um

[239] Da Cal é referenciado nessa revista por Emilio González López no artigo que dedica à cultura galega naquele ano, em que salienta o número especial de *Ínsula*, mas não cita LAM, o que pode dever-se a que não tivesse recebido o livro ao redigir esse trabalho. Também se faz referência a Da Cal na informação sobre o acto de encerramento do concurso literário: indica-se que foi um dos oradores, que coincidira com o presidente da sociedade, Emilio Flores, e com membros do júri (Sem Autor, 1959) "en señalar el despertar del pueblo gallego en todos los órdenes, y de manera muy especial 'en los campos de la cultura y la democracia'". De Da Cal acrescenta-se que "disertó elocuentemente sobre la proyección gallega en las culturas luso-brasileñas, dijo que el día se acerca en que se establezca la unidad de la cultura gallega, portuguesa y brasileña". Na comunidade galega de Nova Iorque havia pois quem secundava as suas teses sobre a língua, como acontecia em outros enclaves galegos no exterior (v .gr., em Junho de 1959 o Centro Gallego de Buenos Aires editou o volume de Valentín Paz-Andrade *Galicia como tarea*, em que afirma ser o idioma da Galiza (Paz-Andrade, 1959: 145 e seguintes): "un instrumento eficaz [...] Sólo el gallego puede utilizarse como vehículo para la relación con el Brasil". Critica a "postergación" do idioma (Paz-Andrade, 1959: 153): "gallego-portugués, lengua internacional en la historia y en la realidad, hablada por más de setenta millones de personas, repartidas en cuatro continentes".

novo programa na *Voice of America*, "Cultural Coloquium", orientado para o Brasil[240]. Consolida a proeminência no CEL português ao ser convidado pela Universidade de Coimbra como membro de honra do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que se começava a organizar.

Nos EUA reafirma-se em pioneiro na projecção das literaturas ibéricas no intersistema anglófono. Reforça a referencialidade como figura de destaque do hispanismo ao ser confirmado para novos empreendimentos do Institute of International Education[241], o que evidencia como se tinha sabido promocionar entre a Administração dos EUA até atingir a máxima consideração pelas instituições. Será um ano de transição, em que rendibiliza produções precedentes e procura no exterior o sucesso que se lhe resistia na NYU[242].

III.2.2.15.1.-Novas oportunidades nos EUA: ingresso na Hispanic Society of America e produtos para os intersistemas lusófono e hispânico.

---

240 Essa produção, segundo a última versão do seu currículo, decorreu entre 1960 e 1966. Não se encontrou disponível para pesquisa, embora talvez esteja entre os fundos que diz ter a HSA, mas que na altura da visita realizada a essa instituição (Outubro 2006) não se podia consultar.

241 Kenneth Holland, Presidente da instituição, confirma-lhe (25-VII-1960): "On behalf of the Board of Trusteers of the Institute, I take pleasure in inviting you to serve again this time as chairman of the Institute's National Screening Commitee on Fulbright Awards to Spain for the academic year 1961-62. Your contributions to the deliberations of the committee in the past are much appreciated and we hope that we may have the benefit of your judgment and advice this year. The meeting of your section is scheduled to take place at the Institute's headquarters in New York on December 14 from 9:30 A.M. to 5:00 P.M. David Wodlinger, Director of the U.S. Student Programs, will be communicating with you further after we have received your reply, which we hope will be in the affirmative".
Wodlinger (9-VIII-1960), director do U.S. Fulbright Program do Institute of International Education, como tinha anunciado Holland, indica: "I am delighted to learn from your letter of August 4 to Mr. Holland that you have accepted the invitation to serve as chairman of the section of the National Screening Committee which will review applications for awards to Spain. Is it heartening to all of us to have this evidence of your continued interest in our work. Nearer the time of the meeting of your section you will, as you know, receive informational material on the work to be done and the candidates to be considered, from the appropriate members of our staff.With best wishes, I am"
Giovanna delle Donne (9-XII-1960), do Program Assistant U. S. Government Scholarship Programs encaminha-lhe carta nos seguintes termos: "I am enclosing the briefs of the applications we have now received for Portugal. There are six awards available, unspecified as to field: but, as you will note, we have only five candidates. There is, however, a possibility that we will have one or two more by the day of the meeting. Also included are the briefs of the applications in the general competition wich arrived after the first mailing. The spunish quotas remain the same, but you will not be reviewing a total of 65 Spanish dossiers at the meeting. I look forward to seeing you next Thursday". Esta carta conserva-se na HAS, numa pasta em que também há materiais sobre U. S. Government awards under the Fulbright and Smith. Mundt Acts.1959-60 University Lecturing Advanced Research Latin American the Pacific South and Southeast Asia. 1958-59 Interim Programs. Institute of International Education Annual Report 1960.

242 O boletim *NYU Notebook* (Sem Autor, II-1960) noticiava do Centro para Desenvolvimento e Assuntos Internacionais (CIAD), uma agência para os interesses estrangeiros da NYU, de que era responsável Frank N. Trager, e tinha associados Da Cal e Jonh L. Landgraf. Mas não se conseguiu documentar qualquer produção de Da Cal respeitante ao CIAD.

Da Cal ainda terá sucessos na NYU, e aproveitará oportunidades que o reafirmarão como referência para os intersistemas hispánico e lusófono, bem como para o protossistema galego, os seus principais interesses, acrescentando a sua projecção nos EUA e exterior. Testemunho valioso da sua situação oferece-o em carta a Machado da Rosa, em que Da Cal (11-III-1960)[243] transmite desassossego sobre o Instituto Brasileiro ("está pelo chão, e, se Deus não o remediar, irremediavelmente perdido"), e esclarece em que termos se dava o conflito profissional que vivia:

> Quando voltei das delícias do meu ano sabático encontrei-me com a deliciosa situação de que a "Head" do Departamento de Línguas Romances, aproveitando a fusão que se tinha levado a cabo o ano anterior –(a creação dum Departamento "all-University" das ditas Línguas Romances, com a Germaine Bree à cabeça)— me tinha situado numa posição de subordinação. O Departamento de Francês, dirigido napoleonicamente pela tal "femme terrible" se apoderara da direcção de tudo, orçamentária, académica, etc. (Quando se fez a reorganização eu protestara e naquela altura me foram dadas todas as garantias, verbais, de que a coisa era puramente nominal e nada ia mudar). Em vista da situação, e de que não só o Espanhol e o Português estavam baixo a bota gala, mas que mesmo o Russo e o Italiano passaram a ser colónias do império bonapartista, sob o nome pitoresco de Dept. of Romance *and Slavic Languages*, eu pus o grito no céu e disse que ou me devolviam a autonomia perdida ou demitia. (O Smithy[244] hipocritamente tinha apoiado a manobra da Bree). Como o besta do Decano Pollock não me deu o apoio claro que eu esperava –demiti. Coisa que causou grande escândalo na Universidade, pois eu voltava das terras de além mar cheio de louros. [...] Se perpetuam a situação presente, eu fico à margem, com os meus livros e as minhas aulas, e feliz, pois a verdade é que a administração não é coisa que me entusiasme.

Os problemas acrescentam-se pelas dificuldades do Junior Year na Bahia[245], que suporão o abandono de Da Rosa e que se questione a continuidade dessa iniciativa pedagógica[246].

---

243 Da Cal desculpa-se por não ter respondido cartas de Rosa de 18-IX e 3-XI-1959, e 1-I e 11-II-1960: a situação conflituosa mesmo lhe fazia descurar a atenção a aliados como ele.

244 Responsabiliza a este docente, Carleton Sprague Smith, do desastre para que evoluira o Instituto Brasileiro. Da Cal (12-V-1960) confirma Da Rosa a perda de aquele aliado, a quem chama de "Carretão": e também é muito crítico com o seu superior Pollock.

245 Da Rosa (14 e 15-III-1960) refere aqueles problemas a Da Cal e à secretária do Instituto, Celeste Amaral Coutinho. No entanto, a comunicação social brasileira informa do Junior Year. Machado da Rosa, no jornal paulista *A Gazeta* salienta a importância do acontecimento e (Sem Autor, I-1960) diferencia esta oferta de outras em países como a França. Salienta os Institutos de Nova Iorque e Wisconsin-Madison, e ao respeito depõe: "Outro fator que favoreceu mais recentemente a difusão de assuntos luso-brasileiros nos Estados Unidos, resultou, indiretamente, da competição russo-americana no campo da astronáutica. Após os sucessos soviéticos e correspondentes malogros norte-americanos, decidiu o Governo de Washington realizar um 'exame de consciencia', para determinar quais as deficiências do sistema americano de educação".

246 O *NYU Notebook* (Sem Autor, II-1960) informa dos JY com as universidades de Madrid e da Bahia. Afirma que no curso 1958-59 participaram no da Espanha 64 estudantes de 40 instituições de 26 estados e receberam-se "some 450 inquiries about the 1960-61 program", salientando como nomes principais da iniciativa Da Cal, Richard Toven e Anthony Castagnaro; no brasileiro, assinala 30 participantes e Machado da Rosa como "resident director and counselor at Bahia".

Da Cal não descura o intersistema hispânico[247], e colabora com outros especialistas[248]. Os dias 19 e 20 de Fevereiro, no teatro McMillin de Nova Iorque, o Departamento de Espanhol do Barnard College (CU), encenou *Don Juan Tenorio*, de José Zorrilla, e no reparto intervém a família Da Cal[249]. Por via dos contactos da sua esposa mantinha posição de destaque entre os hispanistas da CU, onde ela ensinava. Também com Margarita Ucelay principia a preparar nova edição de *Literatura del Siglo XX*[250].

Aos 30 de Março, Da Cal e o decano da sua Faculdade, Thomas C. Pollock[251] receberam a Orde do Cruzeiro do Sul concedida pelo Governo do Brasil e que ele esperava desde o ano anterior, como reconhecimento ao Instituto Brasileiro da NYU, num acto presidido pela cônsul brasileira, Dora Vasconcellos. Do acontecimento noticiou a agência internacional UPI e diferentes meios da imprensa[252]. Para além de acrescentar capital simbólico, Da Cal ganhava novo impulso na NYU, mas não arranjará os problemas que enfrentava nas lutas pelo poder no ensino.

---

247 Muitos hispanistas eram também lusitanistas, ou demonstravam simpatia pelo intersistema lusófono como "aliado natural" para a promoção das culturas ibéricas nos EUA. Deles recebe Da Cal amostras de apoio e colaboração. Gerald Moser (27-I-1960) parabeniza-o pelo Doutoramento Honoris Causa da Bahia e pelos seus trabalhos científicos e literários. Oferece-se para ver "o teu pessoal no JY em Madrid", pois viajava lá. Em *Hispania* (Moser, V-1960: 284), noticia da actividade de Da Cal e insiste em se referir à organização na NYU de um Instituto Português.

248 Os contactos com o intersistema hispânico eram muito diversos. O livreiro Antonio Sieso Peiró (8-I-1960), de Barcelona facilita-lhe referências bibliográficas. Da Cal informava-se por muito diferentes fontes, o que lhe convinha profissionalmente e para a programação da *Voz de América*, para estar actualizado e para ter de primeira mão os produtos que julgava de maior relevo para os seus interesses.

249 Os três, Ernesto, Margarita e Enric Da Cal, integravam um reparto em que figuravam Francisco García Lorca, Laura de los Ríos García Lorca, Ángel del Río, Amelia Agostini del Río e outros hispanistas, nomes principais entre os exilados e republicanos espanhóis residentes em Nova Iorque e dedicados à docência universitária. Margarita e Ernesto encontravam-se entre os responsáveis da maquilhagem; e Margarita também dos vestiário e traspuntes, segundo o programa do espectáculo, conservado no Espólio EGC.

250 Georgette Vallejo (23-II-1960), viúva de César Vallejo, propõe-lhe poemas para a antologia e trata dos direitos de autor.

251 Em V-1960, Da Cal esclarece a Machado da Rosa que ele próprio lhe tinha insinuado a Dora Vasconcellos que o Governo do Brasil também distinguisse "o besta de Pollock" pela implicação e apoio na organização do Instituto Brasileiro; e afinal concederam a este um título de maior grau, de que não era merecedor pois, apesar de ter posto superior, tinha trabalhado menos pelo Instituto.

252 Noticiaram *The New York Times* (Sem Autor, 31-III), *El Diario de Nueva York* (Sem Autor, 6-IV-1960), *New York Alumni News* (Sem Autor, IV-1960); *Brazil Herald* (Sem Autor, 10-IV-1960), *Visão* (Sem Autor, 15-IV-1960), e um jornal brasileiro (Sem autor, IV-1960). A UPI distribuiu fotografia, e é provável que o seu serviço ecoasse em muitos outros meios da comunicação social.

Aos 4 e 7 de Abril ofereceu conferências sobre Rosalia de Castro e o *Dom Quixote* na Universidad de Puerto Rico. Regressa assim àquela instituição em que contava com amizades que lhe facilitavam a deslocação como professor visitante[253].

Em Junho[254] publicou-se o volume *The Poem Itself*, antologia coordenada por Stanley Burnshaw, docente na NYU, que apresentava em língua inglesa com tradução de poemas e comentários de teor estilístico e comparativo, 45 produtores[255] europeus. Atingirá sucesso, com reimpressões e uma versão posterior europeia (ver infra). Contribui com o tratamento de Manuel Bandeira[256] (Da Cal, 1960: 194-197), Fernando Pessoa (Da Cal, 1960: 198-201), e Cecília Meireles[257] (Da Cal, 1960: 228-231). Por primeira vez poemas em português[258] destes produtores eram divulgados em inglês.

---

253 A esta viagem refere-se Ricardo Gullón (24-II-1960), em carta. As datas definitivas das duas conferências confirmara-as Margot Arce de Vázquez (18-III-1960). Gullón (18-V-1960) enviar-lhe-a semanas depois elementos que deixara em Porto Rico, e outros que lhe pedira.
Consequência dos contactos que estabelecera, Enrique Laguerre (18-VI-1960) pede-lhe que medeie com Bahia para ele ensinar na universidade brasileira e para apoiar um possível intercâmbio entre Porto Rico e a Bahia. Laguerre comunica que pensa tomar um sabático no ano lectivo 1961-62 e questiona se "¿podrías hablar de mí con las autoridades de la Universidad de Bahia?", para favorecer esses planos.

254 Stanley Burnshaw (18-IV-1960) e Ruth Stark (30-V-1960) acertam com Da Cal detalhes para a publicação dessa antologia.

255 Os produtores antologados agrupam-se em quatro epígrafes e um apéndice, com destaque para 13 de língua francesa, 5 da alemã, 16 (10 de língua española, 4 da portuguesa e 1 galega, que se ofereciam agrupados) dos intersistemas hispânico e lusófono, e 11 do italiano. Em apéndice ocupa-se de um poema russo e oferece informações gramaticais e de pronunciação, e apontamentos sobre os autores que contribuiram para a apresentação dos produtores seleccionados.
De Rosalia de Castro esta antologia inclui os poemas "Nasín cand'as prantas nasen" e "Negra sombra", apresentados por John Frederick Nims, produtor literário e docente, que tinha sido professor visitante na Universidade de Madrid, e que também era tradutor. A ordem em que se oferecem os produtores da secção "Spanish and Portuguese" é esta: Rosalía de Castro, Miguel de Unamuno, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, León Felipe, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Pedro Salinas, Jorge Guillén, Jorge de Lima (apesar de ter-lhe sido encomendado inicialmente a Da Cal, este produtor foi afinal trabalhado por Dora Alencar de Vasconcellos, a quem se apresenta como cônsul geral do Brasil em Nova Iorque e poeta), César Vallejo, Cecília Meireles, Federico García Lorca, Rafael Alberti, Eugenio Florit e Pablo Neruda. Na documentação de Da Cal que se conserva na HSA, numa pasta figuram provas dos poemas de Rosalia de Castro e de outros dos produtores da secção, em que ele fez emendas, pelo que foi consultado ao respeito embora não se ocupasse deles.

256 Da Cal (30-I-1960) comunica a Manuel Bandeira que "não se trata de *traduções* no sentido convencional. O poema aparece na língua original, seguido duma versão quase literal, e depois duma explicação 'inteira'"; e solicita-lhe apoio para "fazer mais conhecidas e estimadas aqui as letras luso-brasileiras". Bandeira (10-II-1960) responde e autoriza a utilização dos seus poemas.

257 A esta altura deve corresponder um trabalho, inédito, de Da Cal sobre o poema "Sugestão", de Cecília Meireles, conservado no Espólio EGC juntamente com documentação sobre este volume, e que talvez utilizasse nas suas aulas.

258 De Bandeira "Profundamente" e "Tema e Voltas"; de Fernando Pessoa, "Autopsicografia" e "Entre o sono e o sonho"; e de Cecília Meireles "De longe te hei de amar" e "Motivo". Os poemas em português de Pessoa nunca antes foram traduzidos, pelo que Da Cal, que fora pioneiro no estudo da sua produção e na divulgação para língua inglesa em 1947 (ver supra) agora também o será na tradução.

A antologia impacta Manuel Bandeira, que lhe dedica dois artigos no *Jornal do Brasil*[259] do Rio de Janeiro (Bandeira, 19/20 e 22-VI-1960), sob o título "Uma antologia diferente". No primeiro questiona se é traduzível a poesia[260]. No segundo conclui que nessa antologia colaboraram "comentaristas de grande prestígio", entre os quais singulariza Da Cal, a quem reconhece ter oferecido interpretações novas e insuspeitas para ele da sua poesia, o que era uma maneira de valorizar Da Cal como crítico (Bandeira, 22-VI-1960):

> Os seus comentários ao meu *Tema e Voltas* são dos mais argutos do volume, e a mim próprio me esclareceram, pondo-me em pleno foco da consciência valores conteudísticos e formais abrolhados na franja do subconsciente: fiquei querendo bem o meu poeminha.

Este contributo favorecerá que Da Cal estreite o relacionamento com este produtor, que na altura ocupava indiscutivelmente um dos centros do CL brasileiro e cujo contacto podia ser positivo para os seus interesses também como produtor literário[261].

Da Cal fará nesse semestre outra parêntese na sua actividade em Nova Iorque para realizar breve deslocação a Portugal, onde ganhou o "Prémio Rosalía de Castro" nos Jogos Florais Galaico-Portugueses de Guimarães, por uma composição "em louvor da Galiza ou de Portugal" intitulada "Rosalía (Perfil de sombra)". O certame estava organizado pela Emissora Nacional, com o apoio do Governo de Portugal. Concorreu sob o pseudónimo "Xan de Alén"[262]. Deslocou-se de propósito para recolher o galardão por um poema que incluirá em *Rio de Sonho e Tempo*[263]. O acontecimento teve muita

---

259 Bandeira (25-VI-1960) envia para Da Cal os dois artigos, que também se publicaram na *Folha da Manhã* de São Paulo. Afirma que os seus poemas estavam "primorosamente apresentados", e pede-lhe que comunique esses dois trabalhos a Burnshaw e à empresa editora

260 Lembra que esse problema lhe fora colocado por Da Cal no Verão anterior, na *Semana de Estudos Americanos*, indicando que segundo Da Cal "em tal caso, o que resulta não é mais tradução, e sim, criação nova". Na antologia de Burnshaw afirma que se faz apresentação "de maneira que o leitor de qualquer outra língua possa compreender cada um dos poemas e ao mesmo tempo senti-lo como poema".

261 Com datação de "Junho 1960" Da Cal envia-lhe LAM, com esta dedicatória: "Ao grande mestre da poesia brasileira oferece, com humildade e admiração" (e a assinatura). Assim, ao tempo que prova como ele também tinha dedicação à poesia, parece procurar a correspondência de Bandeira, que com efeito terá: o poeta brasileiro ocupar-se-á de LAM esse mesmo ano (ver infra).

262 O segundo premio dessa secção foi concedido a José María Álvarez Blázquez. O júri integraram-no José Filgueira Valverde, Jesús Ferro Couselo, Luís de Pina, Maria de Lourdes Belchior, Dionisio Gamallo Fierros, Francisco Moreira das Neves, Enrique Chao Espina, e David Mourão-Ferreira. A entrega dos galardões foi no sábado 11 de Junho, no Paço dos Duques de Guimarães, na sequência de um acto em que estiveram autoridades espanholas e portuguesas, organizado pela Emissora Nacional de Lisboa, com colaboração do Serviço Nacional de Informação e "patrocínio dos governadores civis das províncias da Galiza". Houve "corte de amor", discursos, concertos e muito aparelho oficial. Enrique Moreno Baez, da USC; e Manuel Lopes de Almeida, da UC, exerceram de "arautos".

263 Também se publicou no "Programa" editado com ensejo do acto. No exemplar conservado no Espólio de EGC figura com a mesma ortografia que utilizará em RST, com uma só emenda (no verso "unha voz de frol seca" colocou til de nasalidade sobre o u e baniu o n).

repercussão na imprensa[264] e favoreceu diversos objectivos: para além do reconhecimento como poeta laureado, estabeleceu relações com as Administrações salazarista e espanhola, e com pessoas das culturas galega e portuguesa. Resultou tudo bem sucedido, segundo a informação que lhe fornecerá Piñeiro[265], e ecoou na NYU.

Do trabalho realizado com antecedência começava a obter influência em Portugal, para o que contribuia o potenciamento dos estudos portugueses com a incorporação de Américo da Costa Ramalho. Este facto será reconhecido em publicações especializadas orientadas para hispanistas e para o alunado da NYU[266], e para portugueses nos EUA[267]. A posição de destaque como lusitanista favorecerá que continuem a solicitar-lhe apoio para diferentes iniciativas[268]. Não obstante, a resposta da Administração salazarista distava dos seus objectivos, pois não lhe permitia arvorar o anelado Instituto Português.

Da Cal procura a aproximação dos representantes portugueses nos EUA, para através deles tentar influir em Lisboa. Consequência desses contactos, aos 26 de Junho profere no Sport Clube Português de Newark[269] a palestra "Os navegadores portugueses na descoberta e exploração do actual território dos Estados Unidos", na sequência das comemorações do Centenário do Infante Dom Henrique. Nestas celebrações envolveram-se a maioria das colectividades luso-americanas de Nova Iorque, New

---

264 Incluiram compridas informações do acontecimento o *Jornal de Notícias* (Sem Autor, 12-VI-1960a), *O Comércio do Porto* (Sem Autor, 12-VI-1960b), *O Primeiro de Janeiro* (Sem Autor, 12-VI-1960c), *El Progreso* (Sem Autor, 14-VI-1960a), *La Región* (Sem Autor, 14-VI-1960b) e *El Pueblo Gallego* (14-VI-1960). Os quotidianos galegos não tiveram tempo de informar no dia seguinte, e o 13-VI não se publicavam por ser segunda-feira. Nas informações galegas não há referências a LAM, nem a sua condição de exilado, mesmo se alude a ele como Ernesto Guerra. Também informou no início do novo curso o *New York University Alumni News* (Sem Autor, X-1960).

265 Ramón Piñeiro (21-VI-1960) parabeniza-o pelo sucesso em Guimarães. Informa que "viñeron todos", entre eles Filgueira e Ferro, encantados do contacto pessoal com ele.

266 *Hispania* informou dessa colaboração (Mead, 1960:121-122). O *NYU Notebook* (Sem Autor, II-1960) indica ser Ramalho o primeiro dos cinco professores visitantes que iriam à NYU em cinco anos, por acordo entre a instituição e o Governo Português, que pagaria o salário e despesas, e que se comprometera a doar à NYU uma biblioteca. Reconhecia-se o labor de Da Cal na negociação.

267 O *Diário de Notícias* de New Bedford-Massachussets (Sem Autor, 5-II-1960: capa), e o *Luso Americano* de Newark (Sem Autor, 11-II-1960), noticiaram da actividade de Da Cal na NYU e no Hispanic Institute da CU, assinalando este último que "a projecção da Cultura Portuguesa no mundo Universitário ficou devendo ao Prof. Da Cal um inestimável serviço".

268 Aos 31-I-1960, Joaquim Montezuma de Carvalho insiste no pedido de colaboração para o volume de *Miscelânea* em honra de seu pai, Joaquim de Carvalho.

Nos finais de Fevereiro, José Rodrigues Miguéis encoraja Da Cal para apoiar a candidatura de Aquilino Ribeiro para o Prémio Nobel. Sobre esse assunto há cartas de Miguéis aos 15 e 25-II-1960, e outra sem data. Não se pôde confirmar se Da Cal apoiou. Ribeiro fora objecto de censura da Administração salazarista (Vidigal, 13-VI-1989, pp. 16-17).

269 O convite fora-lhe realizado aos 21-IV-1960. Em 12-V-1960 Da Cal anuncia essa palestra a Machado da Rosa, além de que: "Agora estou embrenhado em uma grande empresa: a estátua ou monumento em NY a Estevão Gomes –que navegando sob as aguias do Cesar Carlos V, tocou nestas terras e baptizou de Santo António o rio Hudson, em 1525"; e informa-o da previsão de participar nos congressos do Recife e Lisboa (ver infra).

Jersey, Penssylvania e Connecticut, para além de membros do clero, funcionários consulares e representantes da Casa de Portugal em Nova Iorque, segundo explica J. M. Fragoso, na altura Cônsul Geral de Portugal nesta cidade, no "Prefácio" do volume editado com tal ensejo[270]. Da Cal não falou directamente do Infante, justificando-o pelo facto de que já o fizeram Dora Vasconcellos e Américo Ramalho, mas referiu-se à contribuição dos portugueses na descoberta dos EUA, assunto de que se tinha ocupado na programação da *Voz de América*.

Na intervenção diferenciou cinco instantes: a presença de Gaspar e Miguel Corte-Real com o seu irmão bastardo João Martins, a gesta de Cabrilho, a de Sebastião Rodriges Soromenho, e Estevão Gomes. No início, afirmou (Da Cal, 1960: 10):

> A minha presença pode, porém, ter uma certa significação –que vai muito além da minha humilde personalidade. E é que, nestas comemorações centenárias da gigantesca figura do Infante Dom Henrique e da gesta dos descobrimentos oceánicos lusos que ele iniciou e inspirou, parece-me que não deveria faltar, unida às vozes de Portugal e do Brasil, mais uma outra. A de outra parte do mundo espiritual luso-brasileiro, que embora secularmente separada de Portugal pelas vicissitudes caprichosas da História política, constitui, pela raça, pela língua, pelo espírito, pela vizinhança, pela paisagem e pelas tradições comuns, um pedaço desse mundo, que, das terras atlânticas do Além-Minho, continuam hoje a olhar, como sempre olhou, com amorosa saudade a Grande Lusitânia, de aquém e além mar. Essa terra é a Galiza:
>
> "Galiza, terra irmã de Portugal
> que o mesmo Oceano abraça longamente"
>
> como com verdade profunda disse Teixeira de Pascoaes, que sempre exaltou essa indestrutível irmandade dos dois povos, selada pelo eterno abraço talássico.
>
> Essa irmandade é o único título que eu quero hoje invocar aqui, antes e evocar grandezas de Portugal, de que fraternalmente, como coisa própria, me orgulho.

Nas palavras finais almejou que se remediasse o esquecimento sobre a figura de Estevão Gomes, como justo reconhecimento à sua empresa de descobridor (1960: 22) "para satisfação e orgulho de todos aquêles que, como eu, trazem Portugal no fundo do coração". Segundo noticiou *O Século* (Sem Autor, 2-VII-1960), "O cônsul-geral de Portugal em Nova Iorque encerrou a sessão, apoiando e pondo em destaque o alcance da sugestão [sobre Estevão Gomes] feita pelo conferente". Este ecoar em Portugal ajudava as aspirações de Da Cal de atingir apoio para os seus projectos; ao igual que as diferentes formas de publicação dos textos de aquelas intervenções[271], que chegaram a Portugal. De facto, foi

---

[270] Nessa publicação figuram adesões do Consulado Geral do Brasil e outras intervenções (José Capote, 1960: 40-46; Dora Alencar de Vasconcellos, 1960:1-9; Américo da Costa Ramalho, 1960: 23-39; e Ebelardo Telles Machado 1960:47-56). Nas intervenções salientou-se o bom relacionamento de Portugal e do Brasil, e insistiu-se na glória passada de Portugal.

[271] O volume comemorativo desse acontecimento foi impresso por *A Luta*. Este jornal, orientado para a comunidade de emigrados portugueses nos EUA, editou separata do trabalho de Da Cal, de 13 páginas, com os textos do Embaixador Fernandes e do cônsul Fragoso. Também se publicou parcelarmente no Vol. V, nº 1, da *Revista dos E.U.A.* (Da Cal, 1961: 13-16), da Embaixada de Lisboa,

convidado oficialmente para participar no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (ver infra). Essa participação de Da Cal em Newark ecoará ainda no final do ano, no jornal *A Luta*[272].

Continuava igualmente com um bom relacionamento com os exilados espanhóis. Em 2 de Setembro, a publicação do Governo de Euskadi no exílio *España Libre* difundiu o seu artigo "Eugenio F. Granell. Honrado con el premio Copley", em que salienta o reconhecimento internacional que representava para a "nueva pintura española" a distinção que a Fundação Copley outorgara a Granell[273]. Mantinha assim os laços com os pintores e com o âmbito universitário de Porto Rico[274].

Em 27 de Outubro foi designado "Corresponding member" da The Hispanic Society of America (HSA). Com data de 28-X-1960 assim lho confirma através de carta o presidente: esclarece que a eleição fora por unanimidade, na reunião da directiva celebrada na véspera. Ingressava assim numa instituição referencial nos EUA, com o que acrescentava o seu prestígio e o seu capital simbólico. Reforçava pois, como intelectual e como docente universitário, a sua posição, e afiançava ainda mais a privilegiada autoridade como hispanista e lusitanista nos EUA. Tratava-se de um

---

que em VI-1961 editou o texto completo, em separata. No Espólio EGC conserva-se tradução para inglês, de Shepard L. Forman, mas não consta que se publicasse.

[272] Inclui notícia, com destaque na capa, em que Da Cal (Sem Autor, XII-1960) aparece numa fotografia junto com Monsenhor Cacella e Américo Ramalho. Referem-se a ele como " 'espanhol' que fala lindamente português e é grande mestre da nossa literatura. Mora há muitos anos na América e, embora o tenham convidado a regressar à sua Nação de origem, não o faz porque, no seu entender a Galiza, donde é natural, é um Território com características de autonomia e jamais deve fazer parte de uma Espanha unificada. [...] A Galiza uma das províncias da Espanha, que tem uma língua e cultura própria, é mais "irmã" de Portugal do que da Espanha! As raízes do passado e a alma do povo –no entender deste professor da Universidade de Nova York—prendem-se com a pátria de Camões!". Esse convite para regressar a Espanha não se conseguiu documentar, e não parece que existissem razões objectivas políticas, sociais nem económicos para que lhe pudesse interessar deixar os EUA e incorporar-se à Espanha franquista..

Este jornal, orientado para a comunidade lusa dos EUA, apresentava-se como "The Only Portuguese Newspaper in the Empire State" e "Orgão oficial da Mensagem de Fátima na América do Norte". Frisava na capa que tinha distribuição em Nova Iorque, Nova Jersey, California e New England.

[273] É provável que este trabalho reproduzisse uma emissão da *Voz de América*. Da Cal referencia uma recente exposição de Granell em Nova Iorque.

[274] Ricardo Gullón incorporara-se esse ano à Universidade de Austin-Texas, de onde (26-X-1960) insiste em pedir ajuda para se poder incorporar na NY, e "Además necesito ser incluido en el rango 'preferente' en la cuota de inmigración española para 1961. Es asunto urgente, en el que me juego mucho. ¿Puedes ayudarme con tus buenas relaciones en Washington?". Insistirá (12-XII-1960) em reiterar aquela ajuda, para poder permanecer nos EUA sem contratempos. Mas uma vez reconhece como Da Cal estava bem inserido nos EUA e tinha acesso a influências que estavam porventura vetadas a outros hispanistas, que não atingiram uma posição de tanto relevo no relacionamento com a Administração de aquele país.

reconhecimento para a sua actividade, que resultará muito frutífero mesmo do ponto de vista económico, como se verá, e que se prolongará até depois do seu aposentamento[275].

III.2.2.15.2.-Reconhecimento internacional como poeta galego.

Em 1960 LAM terá fortuna crítica, pelas suas gestões[276] e as da editora Galaxia[277], e começa a ser requerido para antologias[278]. Publicam-se na Galiza recensões, algumas de jovens que principiavam a se firmar no incipiente CL galego, e outras de vultos legitimadores bem situados no quadro das tendências protossistémicas que vingavam entre as pessoas e grupos que defendiam a recuperação da língua e outras manifestações que julgavam mais representativas da identidade autóctone. Otero Pedrayo contribuiu com duas críticas, mas também Aquilino Iglesia Alvariño, Fernando Mon, Ramón Lorenzo, Franco Grande, Ramón Piñeiro e Vicente Risco; e Concha Castroviejo em Madrid; Helena Moura em Portugal; e S.L. e Manuel Bandeira no Brasil.

Em *La Noche*, **Otero Pedrayo** põe em destaque o neotrovadorismo indicando que em LAM "La íntima unidad y belleza de sus versos de su lengua y estilo demuestran como aun sin la liberación de las cantoras aprisionadas durante siglos en las jaulas de oro y sueño de los cancioneros la lengua gallega vivía en sus acordes como propios y en su ejercicio diario es actual y constante su expresión y ritmo". Afirma que neste poemario (Otero Pedrayo, 1-II-1960)

---

275 O filho, Enric Ucelay, afirma que foi um dos instantes de mais satisfacção que lembra do tempo da convivência com o pai.

276 Em carta que lhe encaminha Del Riego (5-I-1960), confirma que Galaxia reservava 200 exemplares de LAM comprados por Da Cal: 150 que distribuiriam como ele indicasse, e 50 mais que lhe enviariam para Nova Iorque. Chegaram a professores, críticos e amizades, e muitos destinatários se manifestaram sobre o poemário em recensões, através de epístolas e por outros meios.

277 Ramón Piñeiro (12-I-1960) comunica a Del Riego ter recebido carta de Otero Pedrayo em que este (Del Riego, 2000:171) "anuncia un artigo sobre o libro de Da Cal". Piñeiro é das pessoas que mais promove o volume, e faz-lhe chegar a Nova Iorque os comentários publicados aos 23-I-1960, e 16 e 26-II-1960. Também Del Riego lhe envia reacções ao poemário (cartas de 11 e 23-III-1960).
Del Riego (19-XII-1960) informa-o do 10º aniversário de Galaxia e da reorganização da editora. Indica que 150 exemplares de LAM foram adquiridos por ele e outros 50 eram agasalho do editor, e devia 13.330 pesetas e 1.179,55 mais por compra de outros livros. Indica-lhe que "liquide quando queira". Da Cal, portanto, contribuira directamente para o financiamento da edição ao comprar um número elevado de exemplares para que o risco de Galaxia fosse menor, e colaborava com a aquisição de outros produtos, para além da publicidade que realizava de Galaxia e da cultura galega no exterior.

278 Em 7-I-1960 Da Cal envia Alejandro Finisterre elementos para uma antologia de poesia galega. Indica que "tengo casi listo para la imprenta otro pemário con el título *Pombal de Sonhos*", com "obra actual", e anuncia que "En breve voy a enviar un número de poemas de este último libro a la revista *Vieiros*". Para além de referenciar aspectos já assinalados, resume a sua actividade: "He dictado cursos e los Colegios Universitarios e [sic] Universidades siguientes: Brooklyn College, City College (Ambos de N.Y.); Princeton University (New Jersey); Columbia University (N. Y.); e Universidad de Puerto Rico. He dictado conferencias en estos centros y en Rutgers University (N.J.), Temple University (Pennsylvania), Barnard College (N.Y.), Universidad de Estocolmo; Escuela de Altos Estudios Mercantiles de Göteborg (Suecia); Universidad de Bahia; Douglas College, Connecticut College, etc".

> Una vez más es posible una gran confirmación de nuestra poesía occidental. Todo un mundo de lengua galaico-portuguesa, de célticas raíces […] hoy parecen anacrónicas, pedantemente pueblerinas, opiniones de Valera, Núñez de Arce, Pereda, el mismo Galdós, sobre la dignidad y uso de las lenguas. Es que la Filología, su método, su sentido humano, han devuelto las lenguas a su originaria dignidad de seres únicos, irreemplazables, cada una inspirada por el soplo inmortal. […]
> Guerra da Cal vive en la seguridad de amor y esperanza de ser algún día el gallego el romance más expresivo de Occidente pues no ha olvidado sus hermandades y presta a todos la gracia de saber esperar y aceptar el don en este y en el mundo de "alén", de la mañana siempre nueva. [...]
> Saludamos con emoción y agradecimiento un libro destinado a devolver muchos espíritus al umbral de la patria prometida.

Pedrayo está a assumir destarte a função da literatura como um locus privilegiado para veicular o projecto político cultural para o futuro, e valoriza as possibilidades de uma comunidade galego-portuguesa. As referências directas a LEEQ[279] advertiam os não avisados que se tratava da poesia de um grande especialista, que com o seu labor e método "rejuvenece" o escritor que estudou.

**Aquilino Iglesia Alvariño** valoriza em *La Noche* os três últimos anos da poesia galega, e refere LAM entre "dos libros de gran porte". Afirma (Iglesia Alvariño, 2-II-1960):

> El libro de Guerra da Cal fue para mi una grata sorpresa. Acallada la llamarada de los años 30, de Fermín Bouza Brey, Cunqueiro y Carballo Calero, Sigüenza, Sevillano, etc., es una grata sorpresa sentir, al fin del camino a gentes de uno y hablas conocidas. Sentir como esta voz tan íntima se va haciendo grave, y es fuerte y verdadera y anima la nuestra ya en la línea indecisa de la desconfianza.

Este crítico era uma respeitada autoridade como recuperador da poesia em galego após a Guerra de 1936, e pelos seus trabalhos, traduções e estudos sobre a língua e a literatura. Ao singularizar LAM entre o melhor da literatura galega naqueles três últimos anos, e mesmo identificar-se com a proposta de Da Cal, oferecia um grande apoio legitimador defendendo-o assim também dos ataques dos nomes como Rabanal (na altura seu colega no ensino no Instituto Rosalía de Castro de Compostela) que questionavam a linha ortográfica.

**Fernando Mon,** em *La Voz de Galicia* elogia LAM e Da Cal, de quem salienta a sua "gran labor universitaria", LEEQ, e que, apesar da ausencia desde 1939, "no perdió sus vinculaciones espirituales con Galicia". Destaca a "pureza idiomática impecable", o

[279] Nesta recensão, a respeito de LEEQ afirma haver "pocos libros de saber y erudición tan profundamente emocionantes", e lembra que "El autor de 'Os Maias', el más portugués y el más europeo de los grandes maestros portugueses del XIX, siempre tuvo un atractivo renovado para los jóvenes gallegos". Frisa que Da Cal realiza da sua língua e estilo "análisis simpatizante [...] Le rejuvenece. Hace que el llover atlántico y la luz meridional reverdezcan la gentil prosa. La devuelvan a su atmosfera".

glossário final, o ritmo de poemas que encontra "muy semejante a las cantigas de amigo de Gil Vicente o Payo Gómez" e acrescenta (Mon, 5-II-1960):

> Esa misma semejanza identificada en el espíritu de los cancioneros galaico-portugueses, unido por otra parte al vigor de la rima moderna, convierte la lengua común en una motivación de sugerencias y vinculaciones espirituales, precisamente por el lado más importante de nuestra proyección: la palabra.

Mon, respeitado escritor, poeta e crítico de arte, com relevo na crítica jornalística na Corunha, apoiava assim desde outro campo o funcionamento de LAM.

Os dias 12 e 15-II-1960, em *La Noche* publicaram-se dois trabalhos sobre LAM que, pela personalidade do seu autor, **Ramón Lorenzo**[280], serão com a passagem dos anos dos mais citados, pelas referências à questão da ortografia. No primeiro reivindica novos repertórios para a poesia galega na procura de um lugar para a sua geração. No segundo insiste em reclamar uma renovação do cânone, e valoriza LAM de "un libro muy interesante" afirmando de Da Cal que "Como poeta no dudamos en ponerlo a la altura de Bouza o Aquilino. Como ellos, pertenece a otra generación. Pero yo comprendo su poesía". No final deste artigo entra na questão ortográfica. Reprova o registo utilizado pola maior parte dos galegos residentes em América por "completamente artificial", e manifesta: "Sin embargo Da Cal presenta un gallego bastante flexible, más flexible que su prosa", e acrescenta (Lorenzo 15-II-1960):

> Pero lo más interesante es su deseo de acomodar el gallego a los lectores luso-brasileños. Sería verdaderamente maravilloso que la literatura gallega fuese conocida en el mundo luso-brasileño y romper el cerco que hoy le tienen trazado. Pero sabe [sic] preguntar: ¿Será posible? Debemos que [sic] todos los intentos de eliminar las diferencias luso-brasileñas en cuanto al lenguaje han resultado fallidas. Y nosotros tendríamos que hacer una acomodación a los fonemas portugueses. La idea encontraría opositores. Pero no me parece descabellado. Sólo me refiero a algunos fonemas, o hablando más propiamente a la grafía de algunos fonemas como nh, lh, x, j (como hacía Pondal). Adoptar ç sería más complicado. [...]
> La idea, repito, es interesante. Habría que luchar. Pero sería fundamental que nos acercásemos al mundo luso-brasileño, siempre que no perdiésemos nuestros derechos y nuestro patrimonio.

Uma conclusão na linha da "Nota" introdutória de LAM, de relevo por ser Lorenzo na altura estudante de último ano de Filologia, em Madrid, onde se licenciou esse ano com um trabalho sobre os cancioneiros, orientado por Dámaso Alonso que o encaminhava para o medievalismo[281].

---

280 O primeiro apareceu assinado como Lourenzo, e o segundo como Lorenzo.

281 Lorenzo, de 24 anos na altura, fora premiado nas Festas Minervais catro ano consecutivos (1956-1959) em poesia galega e um (1957) em narrativa, e também em 1957 no Centro Galego de Buenos Aires por um livro de narrativa; era pois um dos jovens que despontava no âmbito do galeguismo. Ramón

*La Noche* publica nova recensão de outro dos nomes novos do CL galego, **X.L. Franco Grande**[282], quem lembra o labor investigador de Da Cal e os "rigurosos estudios" sobre Eça "que le valieron merecida nombradía en todo el mundo románico". Ressalta os poemas de linha neotrovadorista, que considera dos melhores desta tendência, e insiste na (Franco Grande, 26-II-1960) "honradez poética de Guerra da Cal. Porque […] la forma cancioneril es su cauce natural; su poesía se encuentra a gusto dentro de los moldes medievales". Destaca "Xanela na noite", composição a ele dedicada que, asegura, "quedará como uno de los más bellos poemas trascendentales de nuestras letras [...], que nada tiene que envidiar a los mejores poemas metafísicos de Rilke, Rosalía o Hölderin". Valorizando que LAM une "ambas orillas del Atlántico" e "Puede sentirse satisfecho el profesor Guerra da Cal de la notable aportación que ha hecho a la literatura de su país. Nosotros estamos satisfechos de creerlo así". Insiste-se, portanto, em salientar a autoridade científica de Da Cal como legitimadora do seu fazer literário, e compara-o com grandes nomes de entre os mais canonizados da literatura europeia, frisando a renovação que representava LAM.

Em *La Voz de Galicia*, **Ramón Otero Pedrayo**[283] assina segunda crítica de LAM, com "um deseo al mismo tiempo gratulatorio e informativo", em que salienta (Otero Pedrayo, 3-III-1960):

> Hay en el proceder de Guerra da Cal un secreto emocionante para el dolor de la Tierra y ninguno es ajeno a su propio dolor. Pocas veces las palabras gallegas fueron dornas tripuladas de tanto sentimiento para el tránsito a la otra orilla... Los dos poemas quebrados de música moderna "Negro espiritual" y "Nocturno de Nova-Iorque", terminando el hermoso volumen de "Galaxia" demuestran la facultad expresiva del gallego artístico. [...]

---

Piñeiro (16-II-1960) apresenta-o a Da Cal: "é un estudante galego que estuda Filoloxía Románica en Madrid. Licénciase niste ano. Acaba de publicar en Brais Pinto. Vai para linguista, cousa que necesitamos moito": era uma necessidade aquela especialização para a legitimação científica, num instante em que existia muito desconcerto e falta de autoridade a respeito do idioma galego, que ainda não entrara no ensino de maneira oficial.

[282] Formado na USC, Franco Grande, de 24 anos na altura, também recebera prémios nas Festas Minervais da USC em cinco ocasiões e do Centro Gallego de Buenos Aires em 1955 por um livro de poemas; colaborava na comunicação social e era tido em muito elevada consideração pelo Grupo Galaxia. O seu texto teatral *Vieiro Choído* inaugurou a colecção Illa Nova da editora, em 1957.

Da Cal (12-III-1960) agradece esta resenha de LAM, parabeniza-o por um prémio que recebera e pede que lhe envie novos poemas, a que corresponde Franco Grande (4-IV-1960: esses contributos conservam-se na HSA).

[283] Da Cal (28-II-1960) agradece a Otero Pedrayo (Seoane, 202b:137) "o seu xeneroso comentario". Pouco mais tarde (12-III-1960) agradece assim mesmo esta segunda crítica, exprime o anelo de se encontrar com ele na raia portuguesa aquele Verão, e anuncia ter preparado um novo poemário (Seoane, 2002b: 138): "tentativamente tiduado *Pombal de Sonhos*", para o qual avança que lhe pedirá um prólogo. Esta petição de prefácio será bem sucedida, embora o livro tardará mais de três anos em sair dos prelos. Em Abril, Da Cal enviará a Otero o poema "Chamada a Rosalía na derradeira noite de Galiza".

> Lo románico y lo poético tocan alborozadas campanas. Un nuevo gran poeta nos afirmará a los viejos y a los nuevos en la verdad de los precursores del XIX y en el ilustre y excepcional sino de la cultura gallega.

Qualifica a trajectória de Da Cal de "grave y ejemplar", salienta o seu labor de especialista em Filologia Românica, e a metodología que utiliza[284]. Discrepa do "Limiar" de Jacinto do Prado Coelho, em que o professor português se surpreendesse da demora de Da Cal em publicar poesia. Salienta o relacionamento com os Cancioneiros medievais, uma eleição que "la decidió el sentido occidentalista y europeo, compostelano y atlántico, del tiempo poético en que no podía ser discernido lo gallego de lo portugués en la lengua literaria", com alusões a Charinho e ao Rei Sabio, e comparando LAM com poetas posteriores como António Nobre ou Rosalía. Crítica elogiosa, pois, de uma figura muito respeitada do galeguismo, em que se valorizava como acerto a aproximação realizada no poemário na linha da história e tradição da Galiza e da sua língua e literatura, e em que também compara Da Cal com grandes nomes das letras galegas e portuguesas[285].

As constantes alusões ao neotrovadorismo indicam como se recuperava este repertório no CL galego, após a interrupção motivado pela Guerra de 1936 e a repressão posterior. Supunha reatar e dar continuidade a um repertório antigo, que se mantinha apesar da passagem de mais de quatro décadas, e que reforçava a ideia de comunidade galego-portuguesa na produção literária.

No exterior, **Concha Castroviejo,** uma produtora galega que estivera no México após o final da Guerra de 1936 e que regressara a Madrid em 1950, no jornal madrileno *Informaciones*, valoriza que "el gallego nos llega familiar, conocido, sin que lo desvirtúe el cambio de grafismos", afirmando tratar-se essa proposta ortográfica

---

[284] Otero refere-se de novo a LEEQ, como "el estudio profundo, afectuoso, de la lengua y estilo de Eça de Queiroz. Ningún gran autor moderno, creemos, ha obtenido en nuestra cultura interpretación y glosa semejante. Dio a Guerra da Cal un nombre. [...] Labrarse un nombre universal en el complejo y exigente mundo de la Filología significa un fuerte y fino valor".

[285] Da Cal (11-III-1960) opina destas primeiras recensões na Galiza em carta que envía para Machado da Rosa: "Houve besteirazinha, bem intencionada; e houve boa crítica (boa, de qualidade, pois de atitude todas foram boas): o Mestre Pedrayo publicou dous longos artigos pondo a minha LUA polas estrelas, com excessiva bondade, mas dizendo coisas interessantes. O São Pinheiro publicou outra coisa muito fina na *Insula* de Madride. E um senhor Rabanal, leonês, disse que eu era um excelente poeta, mas que isso de empregar grafias *exóticas*, não tinha sentido, pois estava tentando 'sacar a Galicia del rico conjunto hispânico para alinearla en el vago mundo cultural luso-brasileiro'. E isso, além de ser um delito de lesa pátria, conduziria à Galiza a perder os direitos que lhe correspondem de maternidade lingüística sobre o português e a devir um triste dialecto no mundo luso. Imagina. […] Que te pareceu a edição, eu acho que não ficou mal, muito melhor do que as edições habituais da *Galáxia*. Coisa que tenho que agradece ao nosso Santo [por Ramón Piñeiro]". Da Cal devia ter recebido já a crítica redigida por Piñeiro e que este lhe tinha enviado por carta datada aos 8-III-1960, mas ainda demorará dois meses em se publicar em *Ínsula* (ver infra).

dacaliana de “una innovación”. Refere-se com grande simpatia a LAM e apresenta várias composições, frisando o relacionamento com as tradições literárias espanhola e galega, e sublinha o teor filosófico das composições. Singulariza ““Disparate miniado da morte do Rei Sabio”, e valoriza ser neste poema onde (Castroviejo, 9-III-1960): “se expresa con más fuerza la personalidad de Guerra da Cal [que] queda ante nosotros con un carácter definido, nos ha dado la clave para conocerle literariamente”. Frisa o relacionamento com a “tierra física natal”, mas também o “impulso de universalidad que se desprende de la categoría del verso y del mismo sentir del poeta, y que trasciende a veces del tema”. Castroviejo apresenta-o assim com um comentário elogioso. Mais uma vez a autoridade científica dacaliana alicerça o labor literário, mas também a proposta linguística que oferecia para o galego, que emergia como assunto central nas referências do livro.

No jornal ourensano *La Región* **Vicente Risco** oferece alta valorização de LAM. Apresenta também Da Cal como autoridade na NYU, e afirma não sentir medo, como lhe acontecera em outras ocasiões, ao falar deste volume, porque “es un hermoso libro, de todas todas, como dice la gente. Es un mangado de preciosos poemas extraidos de sus paisajes sentimentales”. Destaca o tratamento de diversos temas, e refere-se também à questão ortográfica, apoiando as soluções dacalianas (Risco, 21-IV-1960):

> Guerra da Cal habla en un estilo sencillo, moderno de un modo natural, espontáneo, diríamos guiado por el sentimiento, claro, emocional. Emplea la grafía portuguesa en donde quiera que no pueda desfigurar nuestra particularidad gallega. Y lo hace, en primer lugar, porque estima que la grafía vigente hoy en Galicia no tiene justificación. Estou completamente de acuerdo con él en este particular. Hace muchos años, habíamos emprendido algunos –entre los que me parece recordar que estaban Viqueira y Correa Calderón— la reforma, quitando la terrible ‘x’ con que se quieren representar los sonidos ‘j’ y ‘g’, con el pretexto de que la gente los pronunciaría como en castellano. La ‘x’ parece que fue tomada de los asturianos... Claro que las grafías portuguesas ‘lh’ y ‘nh’ para ‘ll’ y ‘ñ’, tomadas, según se dice, del provenzal antiguo, tampoco tienen más justificación que la costumbre.
> Pero lo hace también, y es justo, para facilitar la lectura a los portugueses y brasileños.
> Me parece muy digna de tener en cuenta la opinión de un cultivador tan autorizado de la filología galaico-portuguesa como Guerra da Cal. Sus mismos poemas pueden ser una prueba experimental de su modo de pensar.

Risco, que tinha sido uma autoridade respeitada do galeguismo nos tempos em que se refere que se tinha iniciado a reforma ortográfica na linha proposta por Da Cal, evoca aqueles tempos, em que havia um sentimento de muitos produtores de teor semelhante, que interrompera a Guerra de 1936, e apoia em público essa iniciativa. LAM, pois, fazia acordar um assunto que se considerava tabú por entender que o regime político vigorante não autorizaria. O facto de que o poemário ultrapassasse a censura era

decissivo para que se colocasse novamente a questão da ortografia, como demonstravam estes comentários.

Em *Ínsula*, **Ramón Piñeiro**[286] apresenta Da Cal como autoridade no CEL e oferece uma valorização muito elevada e positiva da sua poesía, numa revista referencial para os CL e CEL da Espanha. Afirma que Da Cal era conhecido pelo "magistral estudio" sobre Eça e (Piñeiro, V-1960) "desde ahora será también conocido por su obra de creación poética, pues este libro de versos que Galaxia acaba de editar lo incorpora al mundo de la poesía gallega actual, en el que pasa a ocupar un lugar destacado". Salienta a "variedad" do conteúdo "pues va desde las más tradicionales formas *cancioneiristas* hasta las más diversas y afiligranadas combinaciones del moderno *caligrama*. En parte, sin duda, esa variedad nace de la amplitud cronológica que el libro abarca, lo que le hace reflejar las distintas experiencias y tentativas de la evolución poética del autor". Cita vários dos poemas, e finaliza afirmando que a poesia de Da Cal (Piñeiro, V-1960) "mezcla diestramente la más depurada tradición con la más acrobática modernidad". Da Cal era visto também como mediador de privilégio com Portugal e com o Brasil pelo Grupo Galaxia, que continuava a procurar no exterior ajuda para os seus empreendimentos e conhecia bem os seus bons relacionamentos com diversos sectores dos campos do poder político e da cultura desses países[287]. Galaxia procurava apoio

[286] Piñeiro (24-III-1960) afirma que achegara à mãe de Da Cal os comentários de Otero, Franco Grande, Concha Castroviejo "e mais o meu". Esta atenção, que talvez fosse solicitada pelo próprio Da Cal, patenteia como visavam reforçar os laços afectivos com ele. Diz Piñeiro nesta epístola que Fernández Albor recebera LEEQ dedicado. No entanto, em entrevista realizada com ensejo da presente pesquisa, Albor diz não ter esse livro, e que na realidade lhe tinha enviado um trabalho de tema galego, que não lembrava.

[287] O interesse em que participasse como mediador com o intersistema lusófono aparece confirmado em carta que lhe encaminha Ramón Piñeiro (6-VI-1960), em que informa da visita de Rodrigues Lapa à Galiza, e de reuniões que tiveram com tal ensejo, com participação de Martínez López. Lapa, segundo Piñeiro, comentara que Jacinto Coelho e Da Cal "podíades ser os máis calificados intermediarios e padriños da xestión" com a Fundação Gulbenkian, para atingir financiamento e editar documentos medievais galegos. Nesses contactos com Lapa, acrescenta Piñeiro "Tamén falamos do problema da ortografía. Il está moi preocupado e moi interesado en que lle procuremos algunha solución. Como primeira medida, propuxo que, aproveitando a visita a Portugal do Celso Cunha e máis de outro importante romanista brasileiro agora en xullo ou agosto, entre ises dous, o Prado Coelho, o Lapa e tres galegos celebrar unha xuntanza pra ver de chegar a unhas bases mínimas". Na epístola informa que "Estivemos un día en Viana co Emilio [González López], que andivo peleriñando polo Norde de Portugal coa emoción de andar pola Terra". As pessoas de Galaxia acompanhavam também este exilado e colega de Da Cal em Nova Iorque, como fizeram com ele, uma maneira de se solidarizar mas também de ganhar a sua simpatia e condicionar que a visão da realidade do país lhes chegara através da sua opinião, além de agradecer a colaboração que lhes prestara e solicitar mais apoios.
Da Cal está muito presente nos contactos de Lapa com o Grupo Galaxia nessa altura. Assim, Lapa (19-III-1960) escreve epístola a Del Riego, em que valoriza (Lapa, 2001:150-151): "acho bom o livro de poesias de Guerra da Cal e sumamente interessante a sua declaração prefacial. Essa coisa de fixar a ortografia do galego é de uma urgência gritante. Isso mesmo declarei a Martínez López. Como se pode ensinar uma língua tão rica e desordenada?".

económico e projecção exterior, e julgava o intersistema lusófono como apropriado para conseguir esses objectivos. No entanto, a falta de contacto directo com ele dificultava-lhes chegar aos centros de decisão, e também os entraves da Administração salazarista ao se conhecer o seu posicionamento de oposição à ditadura franquista. A melhor opção era portanto procurar conselho de aliados portugueses, como Rodrigues Lapa, ou intermediários como Da Cal, que assim se confirmava como peça chave para as esperanças de Galaxia, um grupo que na altura se mantinha aberto para falar da questão da ortografia do galego.

Com ensejo da deslocação para participar em Setembro no Congresso de História dos Descobrimentos, celebrado em Lisboa (ver infra), Da Cal organiza novo encontro com pessoas do Grupo Galaxia em Portugal. Foi o domingo 18 de Setembro, em Valença do Minho[288]. Galaxia também tinha o maior interesse, porque anelava que Da Cal mediasse para conseguir ajudas muito diversas, em Portugal e nos EUA[289]. Da Cal beneficiava deste relacionamento, do ponto de vista afectivo e de interesse pessoal, por ver como se restaurava a cultura galega, um dos objectivos da sua luta política na República e causa do seu exílio, e participava activamente nesse processo de recuperação, que também era de oposição à ditadura franquista. Conseguia, aliás, implicar um novo grupo que, no exterior, trabalhasse em favor dos seus interesses professionais, com a promoção de produtos, críticas, facilidades para publicações, e também mediava em favor dele com

---

Em nova epístola de Lapa (15-VIII-1960) a Del Riego, o professor português recomenda ao estudioso galego de falar com Da Cal a respeito de publicações que programava a editora Galaxia.

[288] Piñeiro (17-VIII-1960) indica em carta que tinha sabido pela mãe de Da Cal que ia estar em Lisboa no Congresso de D. Henrique. Informa-o da previsão de um encontro "ti, o Jacinto [Coelho], o Lapa, o Del Riego e máis o Isla Couto, que tamén se desplazaría oportunamente a Portugal con ese fin pra tratar de cousas moi importantes en relación coa nosa cultura. O teu viaxe a Portugal nesta ocasión considerámolo verdadeiramente providencial. Si os nosos plans saen ben –e non hai razón de peso para que así non ocurra—poderemos dar un paso importante no noso rexurdir cultural. O Lapa está entusiasmado". Aos 18, 22 e 24-VIII-1960 Piñeiro prepara com Del Riego aquela viagem (Del Riego, 2000:177) "porque a ocasión era espléndida para facer a xestión directa coa Gulbenkian".
Piñeiro (1-IX-1960) informa a Da Cal que já contactara Otero Pedrayo, Celestino Fernández de la Vega, Fole e Franco Grande para o encontro de Valença; e aos 12-IX-1960 oferece as últimas instruções: "O sábado podes chamar desde Valença á casa de García Sabell. [...] Nós percuraremos chegar canto antes – mais cedo que da outra vez—para termos tempo de falar".

[289] De facto, Piñeiro (1-IX-1960) pede-lhe que se reuna com Del Riego, que se encontrava em Lisboa, como assim acontecerá, e que use diplomacia "para convencer os da Gulbenkian". Piñeiro (14-IX-1960) escreve para Del Riego, e indica (Del Riego, 2000:178) "Sinto que non te animas a ir a Valença. Como tamén vai o Carballo, era boa ocasión para que os tres académicos cambiasedes impresións. En fin, eu cumprirei o teu encárrego o mellor que poida. Por certo que o Da Cal escribiume falándome da conversa que tivo contigo e mais co Lapa, e amostra unha grande simpatía persoal e gran cordialidade ó falar de ti". Também houve o ansiado contacto com a Gulbenkian, em que mediou Da Cal.
Além disso Piñeiro solicita-lhe que ajude Suárez-Llanos, outro dos novos nomes do galeguismo e relacionado com Galaxia, que se deslocava de professor de espanhol para a Universidade de Siracusa.

grupos e elites da cultura espanhola, como fizera Piñeiro na revista *Ínsula* ou ao facilitar o contacto com Camilo José Cela, do maior interesse pessoal e profissional para Da Cal.

Em *Cidade Nova*, revista de Lisboa de orientação monárquica, **Helena Cidade Moura** publica estudo de LAM, o primeiro grande trabalho sobre a poesia de Da Cal, posteriormente editado em separata de 24 páginas. A pesquisadora queirosiana[290] dedica esse estudo à mãe de Da Cal, e salienta (Moura, 1960: 7-8) "O imprevisto do idioma mergulha-nos no mundo medieval galaico-português [...] pela música da língua. [...] ficamos em presença de um lirismo universal, ligado ao seu autor galego pelos vínculos normais da criação, sem nenhum marcante academismo de tópicos culturais". Define-o como "poeta culto" e salienta a "convivência literária" com clássicos como Camões, Virgílio, Dante ou Gil Vicente. Analisa e reproduz várias das composições, e afirma (Moura, 1960: 9-10): "Todo o livro respira um clima de grande autenticidade. A perfeição da métrica, o arranjo gráfico do verso denotam o artista cuidando a sua obra". Ao se referir (Moura, 1960:16-18) a "Flor de mágoa, minha terra", afirma tratar-se de

> um poema que liga o poeta de forma inequívoca à sua condição de poeta galego, e é grato ao nosso sentir português o homem a quem a cultura mais enraizou na terra, a quem o exílio e o êxito em continente distante não alteraram a escala de valores e a gama dos sentimentos.

Mais uma demonstração da amizade entre a crítica e o produtor está na citação que faz na continuação (Moura, 1960:19-23) de "poemas inéditos que constituirão o livro próximo", incluindo versões de "Eternidade", "Non sum dignus" e do poema ganhador dos Jogos Florais Galaico-Portugueses dedicado a Rosalia. Finaliza com referência a Rosalia de Castro (Moura, 1960:23) "a grande companheira de um poeta que mergulha as raízes da sua poesia na própria verdade do seu destino". A recensão reivindica como poeta Da Cal, na altura já conhecido queirosianista em Portugal, sobretudo em meios especializados, num exemplo de relacionamento entre o CL e o CEL que, como se verá, se repetiu várias vezes. A própria Helena Moura envia-lhe este trabalho[291], que Da Cal agradece em cartas datadas aos 7 e aos 19-VII-1960[292].

---

[290] Refere-se a LEEQ como (Moura, 1960:7) "exemplo nítido e exacto da força recriadora e do poder de clarificação da análise inteligente, onde o espírito da arte não se disseca, mas se vivifica pelo lançamento na fogueira de lenha-irmã. Ao ler e ao estudar este trabalho, sente-se que o próprio crítico se realiza no seu labor analítico. Apesar de toda a sua objectividade e dos métodos científicos empregados, ele não é um ser externo à obra de arte, mas autor, pelo que de si próprio, dá e consubstancializa. Um crítico deste tipo é necessariamente um artista". E a publicação de LAM "veio confirmar este nosso postulado, revelando-o como poeta".

[291] Nesta epístola solicita-lhe que "chama à SEARA para perguntar se o Dr. Câmara Reys recebeu os poemas que lhe enviei ao Pedro da Silveira para a Revista". Nestes contactos, como com

No quotidiano *O Jornal do Comércio*, de São Paulo[293], **S. L.** assinala que LAM "confirma uma surpresa que não se esgota, mas tende a renovar-se. É que Da Cal é um nome bastante conhecido pela excelência da sua formação cultural, pela sua vivacidade espiritual, pela sua profunda sensibilidade e erudição" citando LEEQ, que refere de "estudo clássico", como exemplo, e igualmente os "pequenos estudos que tem publicado, marcados sempre por uma visão extremamente pessoal das coisas". Frisa que o autor tenha 47 anos e afirma (S. L., 16-VIII-1960):

> Muito dele ainda nos virá. É que Da Cal é uma arvore que os anos renova e que em cada ano tem sua sombra e seus frutos com novos sabores. E "Lua de Alén Mar" não é apenas um livro de poesias galegas, expressas por um temperamento original, que renova certos motivos de "sabia ingenuidade das cantigas de amigo" [...] É também o livro um ensaio linguístico de aplicação pratica, que demonstra a unificação preconizada pelo patriarca Murguia entre a Galiza e Portugal.

Insiste nos bons frutos que consegue Da Cal em vários poemas, que cita, assinalando também o glossário de termos. A respeito da poesia, afirma ser: "muito e de sobra o que há que admirar: a precisão da linguagem, a beleza do ritmo, a riqueza dos motivos, a transferencia do caráter humano, pelo seu profundo tradicionalismo, ao tema quase sempre con valores esteticos perfeitos tal o domínio de Guerra da Cal sobre a expressão e a forma". Após LAM, amostra-se convencido de que "outros hão de vir com a mesma constante temática –a paisagem macia e úmida do rio Sil e do mar— com a mesma beleza da língua". Salienta a "admirável introdução" de Jacinto Coelho, mas o crítico brasileiro insiste ainda mais na questão linguística, parecendo-lhe insuficiente a

---

posterioridade (3-VII-1960), há referências a respeito do estudo comparatístico sobre as versões do *Padre Amaro* em que estava empenhada Moura e a que ele ajudava.

[292] Nesta carta, e em resposta a uma consulta de Moura respeitante a quem podia demonstrar interesse no Brasil, por este produto queirosiano, Da Cal indica que talvez fossem Adolfo Casais Monteiro "que quer publicar inéditos do Eça, [...] –e me pediu ajuda na Bahia para o empreendimento; ou bem, e isto é mais provável, para a nova edição das Obras Completas que prepara o Pepe Aguilar, agora que já não tem que contar com os Lelo, visto o Eça entrar já no domínio público no Brasil. O Pepe, que foi colega meu de liceu em Madride, falou-me no Rio, na possibilidade de eu me incumbir da direcção dessa edição. O Afrânio Coutinho tinha um grande interesse em que fosse eu quem dirigisse essa nova edição –a outra é lamentável, mas a única que se podia fazer com a anuência dos Lelos. Parece, porém, que já haviam tido conversas com o Gaspar Simões nesse sentido e o Aguilar não queria que ele pensasse que se tratava de o eliminar. À minha volta do Brasil, o ano passado, escreveu-me pedindo que colaborasse com Simões quando a coisa começasse a andar. Depois, 'un grand silence on a fait sur cet affaire'. Nem mais soube, nem mais perguntei". Da Cal dá resposta que demonstra como estava bem informado dos movimentos no campo, e de projectos brasileiros que porventura ainda se desconheciam em Portugal.

[293] O professor José E. Midlin (29-VIII-1960), da Universidade de São Paulo, confirma ter recebido LAM, e agradece as gestões que Da Cal tinha realizado em NY para favorecer os seus estudos. Midlin lembra na epístola "o meu entusiasmo pelas poesias, cuja leitura me trouxe um verdadeiro encantamento". Antes de final de ano Da Cal voltará a São Paulo (ver infra) por questões profissionais e ampliará os laços que já tinha com essa universidade, e que afiançava com a sua disponibilidade para favorcer projectos de professores, como fizera com Midlin em Nova Iorque. A assinatura S. L. possivelmene correspondesse a algum docente dessa instituição.

referência do Professor e crítico português neste assunto. Este texto evidencia alguém muito bem informado a respeito de Da Cal e das suas intenções e projectos. A recensão, intitulada "Um poeta galego", acompanha-se de fotografia de Da Cal e supõe uma continuidade de relevo da fortuna crítica que, na Galiza e no exterior, acompanhava LAM, galeguizando aqui a recepção para o leitor brasileiro.

**Manuel Bandeira** (21-XII-1960), no *Jornal do Brasil*, define LAM como "um livro de espontaneidade cancioneiril"[294]. Entra na questão linguística, frisando a proximidade de galego e portugês e oferecendo explicações da teoria de Da Cal respeitante a que este último termo do seu nome não se refere ao óxido de cálcio "que em galego é masculino. A cal, feminina, é cano de moinho, calha de azenha; existe também em português". Bandeira assinala conhecer o estudo de LEEQ "hoje clássico no assunto. Sabia haver em Da Cal um poeta, mas nunca lera um poema seu" e afirma que "Na sua poesia galega sentimo-nos em casa", referindo na continuação o trecho da "Nota" en que se indica que o "meridiano espiritual" da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro. Bandeira concorda com Da Cal em ser a poesia "coisa intraduzível. Mas traduzir do galego para o português não é traduzir. Às vezes é só trocar um 'x' por um 'g'", e cita uns versos da "Cantiga a Luís de Camões" como exemplo. Finaliza informando de ter nascido Da Cal no Ferrol e da infância nas margens do Sil, o que explica que a "sua poesia está cheia de cantigas de mar e rio". Esta crítica acrescenta a projecção de Da Cal como poeta no intersistema lusófono. O trabalho de Bandeira retribui e corresponde o labor prévio de Da Cal ao ocupar-se dele e da literatura brasileira nos EUA. Nesta crítica, como na de S. L. ou na de Moura, Da Cal comprova como vinga a sua ideia de aproximação galego-portuguesa no intersistema lusófono, e como e recebida com interesse a sua proposta para a ortografia do galego, reconhecendo-se a afinidade da língua e o acerto da sua posição.

No final desse 1960 Da Cal terá importante presença na *Memoria Anual* de Casa Galicia. Numa recensão de LAM, assinada por **Daniel Cortezón**, um dos nomes que começava a destacar no CL galego e que ganhara aquele ano o (Sem Autor e s/n, 1960) prémio literário de aquela sociedade nova-iorquina, afirma que "lendo a Guerra da Cal lémbrome de cote do brasileiro Manuel Bandeira". Também relaciona LAM com Curcio

[294] É este um valor para o poeta brasileiro, quem assinala como, frente ao "enjôo mortal" que lhe produziam os produtores que se filiavam em repertórios como os discursivos ou os concretos recorria aos velhos cancioneiros galaico-portugueses pois "sua inefável frescura me desaltera, me recoloca no amor à poesia". Bandeira, consagrado na altura, firmava a sua autoridade no CL.

Malaparte e Pedro Schlemihl e, nun contributo de teor filosófico-metafísico, cita vários poemas. Valoriza positivamente LAM, pelo bom trabalho do poeta ao se referir a questões importantes para o homem e pelo relacionamento com outras literaturas. Nesta mesma revista referencia-se Da Cal entre os renovadores, que (Lorenzana, 1960, s/n) "dan à poesía galega de hoxe unha sobresaínte presencia" e "teñen incorporado ò plano da nosa poesía, inéditos e vigorosos acentos". Esta valorização encontra-se num trabalho em que Fernández del Riego avaliava a situação da cultura galega da altura e se salientava a presença pública da língua em diferentes âmbitos. Também Emilio González López (1960, s/n) destaca LAM entre os últimos livros editados em galego.

Da Cal recebeu durante o ano outras valorizações da sua poesia através de cartas pessoais, que lhe exprimiam opiniões em geral favoráveis[295], que lhe chegam dos EUA, Espanha, Portugal, Brasil, Tchecoeslováquia, Itália, Suécia ou Porto Rico, e que confirmam a internacionalização na recepção desta produção. Após aquele sucesso, colocar-se-á de imediato preparar un novo poemário, já nesse mesmo ano[296].

III.2.2.15.3.-Caminho do centro dos estudos queirosianos: No Congresso de Crítica e História Brasileira, com Jean-Paul Sartre.

---

[295] Asim o fazem Giussepe Carlo Rossi (31-I-1960), de Roma (que o convida para colaborar nos *Annali*, que se começavam a publicar); Joaquim Montezuma de Carvalho (31-I-1960), de Portugal**;** Nils Helberg (2-II-1960), da Suécia; Zdenek Hampejs (15-II-1960), de Praga; Vicente Gaos (28-II-1960), de Madrid; Ricardo Gullón (17-III-1960), de Porto Rico; Machado da Rosa (14-III-1960) desde o Brasil, ond dirigia o JY da NYU; Hernâni Cidade (21-III-1960), de Lisboa; Teresa Babín (28-III-1960), de Porto Rico; Raymond Willi (4-V-1960), da Princeton University; da *Revista de Occidente* (21-V-1960), de Madrid; José Rubia Barcia (20-IX-1960), da Califórnia; ou Francisco José Velozo (s/d), que lhe escreve desde Roma. Da Cal (11-III-1960) comunica a Machado da Rosa ter também recebido elogio de LAM de Fidelino de Figueiredo.

*Hispania* informa da publicação, que apresenta como (Moser, V-1960) "a collection of Galician poems", frisando o prefácio de Jacinto do Prado Coelho, e informa de que preparava uma antologia de poemas de Rosalia de Castro, uma antologia de contos de Eça de Queirós e a segunda parte de LEEQ.

[296] Assim se conclui da carta que Da Cal (29-XII-1960) encaminha para Machado da Rosa: anuncia-lhe novo livro de poesia, e promete que para o encontro que tinham previsto em Fevereiro "levarei o livro todo, que está quase pronto –ainda não tem título, talvez V. possa sugerir um, depois de ouvir. É uma coisa muito diferente da LUA".

Na intervenção de 1959 no Colóquio da Bahia[297] Da Cal começou a ser reconhecido como o mais grande especialista queirosiano. E assim se confirmou em 1960 no Brasil, no I Congresso de Crítica e História Literária, organizado nesse país, e pela forma em que lhe são encomendados novos produtos[298]. LEEQ continua a ecoar com novas críticas favoráveis, e Da Cal edita esse ano em Portugal um texto de Eça, com o que prossegue o seu caminhar para o centro do queirosianismo no CEL do país natal do produtor, onde terá mais difícil atingir essa privilegiada posição. Em todo o caso, firma a autoridade nesse âmbito, após LEEQ e o contributo no DLPGB, que nesse ano chegou ao final da primeira edição, sendo indigitado de renovador, por defender pressupostos que batiam contra a ideologia dominante em muitos grupos e sectores da oficialidade.

A primeira recensão desse ano publica-se em Fevereiro, em *Cuadernos Hispanoamericanos*, revista central para o intersistema hispánico, editada em Madrid pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas. O Professor **Ildefonso Manuel Gil**[299] ocupa-se de LEEQ e ressalta o valor do volume:

> el especial valor que dentro de la historiografía literaria portuguesa ha de tener un estudio de la lengua y el estilo de Eça de Queiroz. El empeño en sí es valioso y si se ha realizado con cumplida perfección nos encontraremos ante un libro capital para el conocimiento de la moderna literatura lusitana. Y así es, porque a tal tarea se ha

---

297 O iberista checo Zdenek Hampejs (17-I-1960) lembra o acontecimento e afirma: "foi para mim muito agradável ver que o Amigo era a pessoa mais simpática do Colóquio não só para mim, mas também para todos os participantes, em outras palavras, o protagonista, o herói do Colóquio".

Da Cal (11-III-1960) comunica a Machado da Rosa, na altura na Bahia, que enviara o seu trabalho para publicar nos *Anais* do IV Colóquio e que, a se não editarem, ele o fará em inglês ou em espanhol. Aos 14-VI-1960 Marcel Bataillon (com quem partilhara na Bahia Doutoramento Honoris Causa) agradece-lhe o oferecimento de "vôtre excellent étude sur 'Eça de Queiroz, Baudelaire et Le Parnasse Contemporain'" para a *Revue de Litterature Comparée* "comme je vous l'avais suggére". Começa assim o andamento do que será um novo trabalho queirosiano de relevo (ver infra), embora não fosse fácil a concretização, pois meses depois Bataillon (20-X-1960) lhe comunicará problemas para a tradução do estudo. Mas prosperará.

298 Recebe 3 convites formais para participar em projectos editoriais brasileiros da obra de Eça de Queirós, embora nenhum deles prosperará. As propostas chegam-lhe de Adolfo Casais Monteiro ("A Civilização Brasileira aceita editar os três volumes do Eça –se a edição é consentida pela família, e se nada tiver a pagar a estes"; indica-lhe aos 14-I-1960; um projecto que Monteiro anunciara já aos 23-IX-1958, a Câmara Reys), Jorge de Sena (em 15-I-1960 convida-o para entregar antes de fim de ano um volume de Contos e crónicas, para a colecção "Nossos Clássicos" da Livraria Agir Editora) e António Pedro Rodrigues (deste projecto informa Da Cal a Machado da Rosa, em carta datada o dia 29-XII-1960: diz que seria uma nova edição das *Obras Completas* de Eça): os dous primeiros, conhecidos produtores portugueses que se encontravam no Brasil por problemas com a ditadura salazarista, e Rodrigues era um livreiro e editor do Rio com muita preferência queirosiana. A situação no Brasil era favorável para esses projectos, pela nova normativa que afectava os direitos de autor da produção queirosiana.
De novo esse ano no Brasil anucia-se que (Sem Autor, 20/21-VIII-1960) "prepara um trabalho crítico sobre Machado de Assis, com objectivos e técnica semelhantes aos utilizados no estudo sobre Eça". Insiste-se, pois, em reclamar-lhe esse projecto.

299 Vicente Gaos (28-II-1960), de Madrid, informa da sua mediação perante Ildefonso Manuel Gil sobre a resenha que tinha prometido para LEEQ, frisando que em *Cuadernos Hispanoamericanos* havia uma nota sobre o livro para publicar. Gaos (9-VI-1960) confirmar-lhe-á a publicação dessa recensão.

> aplicado el magnífico livro que comentamos, utilizando los nuevos medios que para el estudio de una obra literaria facilita la estilística. […]
> Guerra da Cal ha sometido a perspicaz y atentísimo análisis la obra de Eça. [...] el análisis estilístico que aquí se nos ofrece es convincente. [...]

Insiste no "más sistemático rigor" da metodologia, que logra "la mejor caracterización que conocemos del estilo del gran novelista português". Este crítico, pela forma em que destaca a aplicação da estilística, frisa a ascendência desta escola, que seria uma superioridade da intersistema hispano a respeito de Portugal, que também beneficiaria dessa metodologia com o estudo de Da Cal.

Na Galiza, **Francisco Fernández del Riego**, no jornal compostelano *La Noche*, assinala que outros críticos se ocuparam antes de Eça, mas "ninguno como el propio filólogo ferrolano ha penetrado con más lucidez y hondura en la lengua y el estilo del autor de *A Cidade e as Serras*. Constituye ciertamente un ejemplo modélico de elegancia y rigor, fundidos en un verdadero alarde de maestría técnica y de saber crítico". Acrescenta (Del Riego, 23-VI-1960):

> Da Cal revela en este volumen una fina intuición política [sic] aliada a una inteligencia penetrante, en las que se equilibran y compensan sus arrebatos de poeta y su disciplina de erudito. Es un crítico sagaz, con dotes de escritor pocas veces superados por sus colegas. Esas dotes corresponden más bien al creador puro que lleva en sí, que al exégeta y comentarista erudito que podría ser por su formación […] es más un poeta que ejerce el cultivo de la erudición, que un erudito que consagra sus ocios al cultivo de la poesia. Su carrera literaria presenta esta doble faz, que permite adscribir su nombre a dos trayectorias paralelas, profesadas con idéntico fervor.

Este agente da elite galeguista oferece o maior destaque para o Da Cal pesquisador, mas reivindica-o como poeta galego num instante em que se sucediam as críticas de LAM na Galiza. Del Riego alerta assim da autoridade científica de Da Cal, que tentava favorecesse os interesse da difusão do poemário editado por Galaxia. Não há referência explícita à "Nota Prévia", embora a "fina intuición política" talvez tivesse muito a ver com ela pois, por causa da censura, nos jornais havia de ler nas entrelinhas[300].

Da Cal terá presença no Verão em dois congressos de referência para o intersistema lusófono, no Recife e em Lisboa. No primeiro deles, firmará a sua consagração no

[300] Bem pudesse ser, certamente, uma gralha em lugar de "poética". Del Riego (19-VIII-1960) envia por carta a Da Cal nota de LEEQ publicada em *La Noche*, em que não faz qualquer alusão a esse detalhe. Afirma que o livro "producíume unha grande impresión".

Rubia Barcia (20-IX-1960) anuncia-lhe o envio de um exemplar do seu estudo biobibliográfico de Valle-Inclán, publicado pela Universidade de Califórnia. Da Cal (25-XII-1960) responde-lhe, com indicações de algumas ausências, e anuncia-lhe estar "leyendo pruebas de una catedralicia *Bibliografía metódica e anotada de Eça de Queiroz*, con iconografía también. Ese monumento de la pesadez dará unas 500 páginas". Agradece-lhe os elogios a LAM, e avança que tem quase pronto novo poemário, indicando como provável título *Pombal de mortes*.

campo dos estudos literários pelos especialistas brasileiros. E em Lisboa ajudará a quebrar resistências com a oficialidade salazarista para favorecer os seus projectos na NYU.

No Recife[301], do 7 ao 14 de Agosto[302] participou no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literaria. O convite para intervir neste acontecimento[303] confirma a mais alta valorização de que desfrutava no Brasil, onde a sua presença ecoará na imprensa (Sem

[301] Da Cal regressava assim a esta cidade, em que já estivera no ano anterior e tinha proferido uma conferência ao finalizar o Colóquio da Bahia. Na altura também tivera intervenções em Fortaleza, na Universidade do Ceará: esta instituição, em Maio de 1960 publicou a revista *Clã*, que incluia a informação "Guerra da Cal, Casais Monteiro, Jorge Amado e a Universidade do Ceará", e dava conta da presença dos três naquela jovem instituição. Na intervenção de Da Cal, reproduzida entre aspas, sublinha-se que já visitara Brasília, que julga de "um empreendimento realmente de uma magnitude extraordinária, sendo o síntoma mais evidente, no meu ver, do ritmo geral do Brasil [...] um país que pulou para a comunicação aérea sem ter passado realmente pela comunicação terrestre". Assegura ter-lhe impressionado Fortaleza e a cultura brasileira, afirmando que "nós, os americanos, temos muitíssimo que aprender do Brasil. Não há países inferiores nem superiores: há países diferentes"**,** salientando a respeito do problema do racismo que "encontramos no Brasil o problema resolvido". Finaliza com referências ao Instituto Brasileiro na NYU que "pode ter um valor transcendental no futuro para estabeleceer o contacto humano". Na visita que realizara a essa universidade Da Cal fizera uma gravação e proferira conferencia sobre Eça de Queirós (ver supra).

[302] Também rendibiliza a sua estada do ano anterior no Brasil. Da presença de Alberto Machado da Rosa para dirigir o JY beneficiou, ao actuar como divulgador e mediador em projectos, além de falar dele a figuras da cultura e a universidade brasileira, o que lhe permitiu ganhar novos aliados. Um deles, Francisco Casado Gomes, Director do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia de Rio Grande do Sul, parabeniza-o em Fevereiro pela iniciativa do JY e propõe-lhe colaboração.
Hélio Simões (2-II-1960) comunica-lhe projectos, entre eles "Continuo bolando a sua idéia de associar a cultura galega à luso-brasileira. Esta coisa da cultura galega me seduz. Poderemos constituir aqui um centro luso-galego de primeira ordem. Que lhe parece? Que sugere? Você é o pai da criança porque foi quem teve a primeira ideia. Aguente as consequencias". E Da Rosa (16-II-1960) comunicar-lhe-á que tinha falado desse mesmo assunto com Agostinho da Silva, que regentava um Instituto na Universidade da Bahia. A ideia que emergera no Colóquio do ano anterior, concretizou-se em Maio (Sem Autor, 9-V-1960) com uma cerimónia de instalação oficial: proferira conferência Da Rosa, sobre "A saudade existencial e os fundamentos da cultura galega", em que invocou o testemunho de Ramón Piñeiro e recitou poemas "de Rosalia de Castro e Ernesto Guerra da Cal", salientando a actividade de Da Cal. A frutificação de aquela iniciativa fora possível pela mediação de Agostinho da Silva, pessoa com grande amizade com Da Rosa. Esse acontecimento dará pé pouco depois a Xosé Neira Vilas, quem na altura era editor e tinha influência no enclave da intelectualidade galega na Argentina, para escrever um artigo numa publicação de Mar del Plata, em que afirma (Neira Vilas, 1960): "Di Ernesto Guerra da Cal no prólogo do seu livro 'Lua de Alén Mar', que convén non esquecer que 'o meridiano da cultura galega pasa por Lisboa e polo Rio'. Estamos totalmente dacordo. [...] Se prescindísemos por un intre do prexuizo das divisiós políticas e reflexionamos encol da lingoa –feito espritoal e sicolóxicamente mais fondo do que moitos pensan— temos meirande afinidade cun carioca, poñamos por caso, que a que podemos ter cun aboríxen do centro ou do sul da Hespaña.[...] Ista teoria, se podemos así chamala, non é nova", lembrando iniciativas como a revista *Quatro Ventos*, a edição do DLJPC, o ensino de Literatura Medieval de Rodrigues Lapa no Brasil, e o novo Instituto da Bahia. Observa-se como a doutrina linguístico-cultural de LAM se espalhava entre significados membros da comunidade galega, e como era acolhida com interesse. Mas, sobretudo, como prosperava mais uma iniciativa que ele propusera e que era bem acolhida pelo Galeguismo, quer o que agia na Galiza como no exterior, nomeadamente Argentina, Brasil e México.

[303] Convidara-o aos 12-II-1960 o Reitor, José Alfredo G. da Costa Lima, assinalando que a sua presença: "será considerada como uma alta distinção à Universidade do Recife, tal o mérito da sua contribuição aos estudos literários contemporâneos". A organização enfrentou problemas que colocaram a hipótese da sua não realização, segundo indica Da Cal a Helena Moura aos 19-VII-1960.

Autor, 7 a 16-VIII, e 1-IX-1960[304]). O secretário-geral do congresso, Eduardo Portella, empenhou-se especialmente na sua presença, pois buscava favorecer uma renovação da crítica e dos estudos literários universitários na linha do modelo que Da Cal representava. Nas sessões discutiu-se sobre o objectivo do ensino da literatura; debateu-se sobre a crítica jornalística e a necessidade de dar maior protagonismo à critica especializada universitária; defendeu-se a necessidade de introduzir a Estilística e a Literatura Comparada, ou de pôr em andamento uma Associação de Críticos, também relacionada com a instituição universitária[305].

Da Cal teve protagonismo importante e foi, com Jean Paul Sartre (que esteve acompanhado da esposa, Simone de Beauvoir), Convidado de Honra. Segundo os *Anais* (Portella, 1964: s/n) participou no comentário e debate das comunicações, e na solene sessão de encerramento fez parte da Mesa, pronunciando uma alocução como representante dos congressistas estrangeiros, em que Da Cal mais uma vez aproveitou para propagar a sua função de mediador entre a Galiza e o intersistema lusófono, e afirmou na ocasião (Portella, 1964: 63):

> Disse da importância, não apenas nacional, mas internacional, do Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, onde foram abordados temas os mais transcendentes para os estudos literários contemporâneos. Agradeceu, em nome dos seus colegas estrangeiros, a oportunidade oferecida pela Universidade do Recife para um contato tão revelador com aquelas fôrças vivas da cultura brasileira. Disse ainda que essa constatação que fazia não estava acompanhada de nenhuma dose de surprêsa, porque de há muito segue de perto o desenrolar cultural do Brasil e, auxiliado pela sua condição de galego-luso-brasileiro, sempre confiou na realidade e no destino dêste país.

Para além desse papel de destaque, várias das intervenções frisaram a necessidade de realizar estudos na linha de LEEQ. Ao respeito são de especial relevo duas: a do consagrado Alceu de Amoroso Lima, quem, numa mensagem, insistia em não ter

---

304 Assinado por C. S., com posterioridade publicou-se no *Jornal de Letras* do Rio artigo intitulado "Caruraru e o bode". Nele indicava que, ao encerrar o congresso, Da Cal somou-se a um passeio, com refeição, a proposta de Elisio Condé, em que participaram, Celso Cunha, Portella e outros, em Caruaru. Da Cal comentou a Portella que, em lugar de um bode, no almoço suspeitava que tinha sido servido um cão perdigueiro que vira no quintal quando chegaram, o que se fez célebre entre os congressistas. O assunto chegara mesmo "a um grupo literário mais extremista a tratar do caso do cachorro apresentado como 'bode' em têrmos de heterônimos". Além disso, mesmo provocara uma dedicatória em verso de J. Carlos Lisboa quando o lançamento da peça *A casa do bode*, cujo título lembrara aos amigos o almoço no Caruaru. Na década de 80, ao memorar esse acontecimento, Condé reivindicou-se autor de aquele trabalho (ver infra).

305 O congresso, com efeito, supôs o início de novos rumos na crítica e nos estudos literários brasileiros, o mesmo que aconteceu na América Latina. Como assinala Eduardo Coutinho (2003: 117): "Na América Latina, os estudos literários sofreram uma grande transformação nas décadas de 1960 e 1970, passando do periodismo para o meio académico e das mãos dos críticos em geral para as de professores e pesquisadores universitários". Também no congresso do Recife, Jânio Quadros, personalidade que teve grande projecção no campo do poder político, ocupando altas responsabilidades no Governo do Brasil, reclamou um Ministério da Cultura.

dissociado, na sua trajetória, crítica e criação, reivindicando essa linha e finalizando com esta frase: "E, acima de tudo, seja a crítica uma obra de amor", como principiava a "Nota Prévia" de LEEQ; e, muito em especial Da Cal foi protagonista da comunicação de Sílvio Elia, intitulada "*Sílvio e Sílvia*, uma aproximação estilística": Nesse trabalho, ao analisar contos de Machado de Assis, indigitava como modelo LEEQ (estudo de que fora pioneiro em divulgar no Brasil, com uma crítica em 1955, como se indicou supra), que qualificava de "conhecido e valioso estudo" citando diversos exemplos e parágrafos, e fazendo uma análise da língua e o estilo machadianos de teor semelhante. Confirmava-se assim como no CEL brasileiro vingava aquele estudo de Da Cal e como se valorizava de interesse para ser aplicado a Machado, o escritor nacional mais canonizado, emblema da Academia Brasileira de Letras. A intervenção de Elia era, com certeza, um novo apelo para que tivesse dedicação às letras brasileiras[306].

Da Cal, pois, consagra-se no Brasil com aquele reconhecimento de LEEQ como modelo para o estudo de Machado de Assis. Os novos críticos do Brasil, de que Eduardo Portella e Sílvio Elia eram nomes principais, indigitavam-no como representante do novo trabalho que se devia fazer com os estudos literários na universidade. A luta no CEL brasileiro ajudava os interesses dacalianos ao poder influir nesse grupo.

Após finalizar o congresso de Recife, Da Cal deslocou-se para o Rio de Janeiro e proferiu palestra na salão nobre da Faculdade de Filosofia sob o tema "Tempo, espaço e realidade no Dom Quixote"[307].

A respeito da presença em Lisboa, A. Moreira de Sá (19-VIII-1960), da Comissão Organizadora e Secretário-Geral do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, que contribuia para as comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, confirma a Da Cal o convite oficial para participar, e ter-se-lhe concedido "um subsídio de estadia de 2.000$00, a utilizar durante a realização do Congresso"[308]. As datas oficiais do acontecimento foram de 4 a 12 de Setembro, em Lisboa, e a sessão de abertura teve marcação para o dia 5, na Sala das Sessões da

306 Segundo os *Anais* (Varejão, 1964: 45) "Em aparte, o Professor Afrânio Coutinho ressalta a seriedade do trabalho do Professor Sílvio Elia, elogiando-lhe o valor estilístico, no que é acompanhado pelo Professor Eduardo Faria. Ambos pedem um voto de louvor ao trabalho, que é aprovado por todos". Um parágrafo que reforça ainda mais a ascendência da estilística de teor dacaliano no Brasil, salientada por estes dois dos vultos, legitimadores, da universidade brasileira.

307 Assim figura em recorte de uma notícia que se conserva no espólio, mas de que não consta data nem meio em que foi publicada. Nela informa-se que "há cerca de um ano, começou a preparar um livro sobre Machado de Assis, com objectivos e técnicas semelhantes aos do que dedicou a Eça de Queirós".

308 No Espólio EGC conserva-se um telegrama, assinado por Medeiros Govea (27-VIII-1960) confirmando o apoio para a sua participação.

Assembleia Nacional, num acto "sob a presidência do Chefe do Estado", segundo comunicação da "Presidência do Conselho" que figura no espólio de Da Cal[309]. Este convite, com as formas oficiais, significava que começavam a melhorar as suas relações com o as instituições governamentais portuguesas, o que abria possibilidades para ajudas aos seus empreendimentos sobretudo no âmbito profissional universitário, como ele procurava havia anos. Da Cal começava a ter-se em conta como um interlocutor de privilégio para a difusão e a promoção da cultura portuguesa nos EUA e reconheciam-se assim os seus méritos e esforços na investigação universitária especializada, na divulgação através da estação de rádio da *Voz de América*, contactos com intelectuais, e outras iniciativas.

Em Dezembro **Da Cal editou o conto "Um milagre", de Eça de Queirós,** na revista *Escola Portuguesa*.[310] Helena Cidade Moura, colaboradora dessa publicação, em texto de apresentação explica como Da Cal lho enviara, com umha carta na qual informava tê-lo encontrado durante as pesquisas no Rio, no folhetim da *Gazeta de Notícias*, e informa de traduções desse conto para outros idiomas. A apresentação indica como Da Cal era conhecido no CEL, mas não por outros sectores, para os quais se introduzia com contributos como este.

A forma como é editado este conto, com as informações adicionais que fornece sobre onde fora publicado originariamente, diferentes versões, e traduções, é um apelo por parte de Da Cal para uma nova edição dos textos de Eça. Insurgia-se assim contra as edições descuidadas e as manipulações por parte de diferentes produtores da produção de Eça, em vida dele e depois da morte. Essa reivindicação era também do maior interesse para Moura, que se dedicará a restituir a produção de Eça, labor que

---

309 Aí indica-se que para o acto pode vestir "Trajo de passeio". Da Cal conservou a acreditação que se lhe entregou para participar, um "carnet de congressiste", em francês, assinado por A. Moreira e datado em 1 de Junho desse ano. No Espólio EGC conserva-se também exemplar da "Circular Nº 7" desse congresso, em inglês, em que se frisa ser organizado "Under the Auspices of the Portuguese Government" e indica-se estar marcado o solene acto de inauguração na Palácio de São Bento, às 11 a. m. do dia 5, com participação do presidente do congresso, o Professor Caeiro da Matta, e representantes de Brasil, Espanha, Grão Bretanha, Itália e o Ministro da Presidência, para além de uma sessão de trabalho de 3 p. m. a 7 p. m. na Faculdade de Letras e uma "Soirée" no Teatro D. Maria II. Nesse mesmo documento figura o comité organizador, presidido por José Caeiro da Matta, com Damião Peres como "Vice-Chaiman", e como membros M. Lopes de Almeida, Fernando Magano, Rui Ulrich, Vitorino Nemésio, Costa Brochado e A. Moreira de Sá (este último como secretário geral); e como secretários assistentes Fernando Bandeira Ferreira e Alexandre Lobato. .Do grande relevo oficial conferido a este acontecimento dão fé as *Actas*, publicadas em sete volumes (AA. VV., 1961), com trabalhos em português, espanhol, inglês, francês e italiano; bem como outro livro comemorativo de Gilberto Freire, *O Luso e o Trópico*, respeitante também à sua intervenção com ensejo das celebrações

310 A revista apresentava-se como "Boletim de Acção Educativa e de Difusão da Cultura Popular", editada pela Direcção Geral de Ensino Primário.

principiava na altura, orientada por Jacinto do Prado Coelho e com indicações por parte do próprio Da Cal.

Os novos pesquisadores portugueses, ao igual que os renovadores da crítica, de que Coelho era nome principal, começavam a deixar constância pública da preferência pela metodologia de Da Cal, que assim avançava no CEL de Portugal para o centro do queirosianismo. A edição desse breve conto de Eça era portanto um elemento mais nas lutas que se travavam no queirosianismo e no CEL português entre os sectores mais conservadores, que continuavam a condenar Eça pelos estrangeirismos, antinacionalismo, má técnica literária em *A Relíquia*, e outras questões que empeciam a centralidade do produtor; e os que se colocavam na linha de Da Cal e combatiam essas resistências para tentar colocar Eça no centro[311].

No final do ano, Da Cal fez nova deslocação ao Brasil, com ensejo dos problemas do novo Junior Year, que esse ano era na Universidade de São Paulo. Visita esta cidade, além do Rio e Belo Horizonte. A sua presença mais uma vez foi acolhida com interesse e teve repercussão na comunicação social paulista (*O Estado de São Paulo*, Sem Autor, 10-XII-1960: 11; *Folha de São Paulo*, Sem Autor, 11-XII-1960 e 18-XII-1960), que informa da sua actividade e projectos. Frisam contactos com John Culver, Sergio Buarque de Holanda, editor Mestre Jou e Fernando Henrique Cardoso e Sergio Buarque de Holanda; bem como com representantes de instituições dos EUA e "com varias entidades culturais da Península Iberica". Contactava assim com quem será o derradeiro presidente do Brasil do século XX, Fernando Henrique Cardoso, na altura um professor destacado naquela universidade[312]. O Governo do Brasil mantém o apoio do Instituto Brasileiro da NYU e enviou para leccionar (Moser, 1960: 282) Américo Jacobina Lacombe e Abgar Renault, mas, apesar de todo o apoio exterior persiste o declínio na NYU, onde a sua posição nesse ano não melhora, após a demissão que tinha apresentado de chefe do departamento.

311 Da Cal continuava os contactos para a *Bibliografia Queirociana* e recebe (28-III-1960), do Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo (Suécia) novas informações bibliográficas para esse produto.

312 No final do ano, Da Cal (29-XII-1960) relata por carta a Machado da Rosa a dificuldade com que se estava a realizar o segundo JY no Brasil, esta vez sediado na Universidade de São Paulo. Em São Paulo verificara pessoalmente a difícil situação, que contribuiram a paliar os brasileiros, sobretudo Aderaldo Castelo, Sérgio Buarque de Holanda e Lourival Machado, que organizaram um programa interessante que a turma de alunado soubera apreciar; e também "Tínhamos, além disso, a sorte de que o Professor nomeado pelo Reitor para servir de coordinador, o Fernando Henrique Cardoso, é um rapaz 'very far to the left' e com grande autoridade entre os líderes estudiantis".

III.2.2.16.-Promoção nos EUA, e produção no estrangeiro, em 1961.

Em 1961 Ernesto Guerra da Cal acrescentará o seu capital simbólico com novas responsabilidades em instituições dos EUA. Continuava a progressão na carreira profissional: insiste na NYU[1] com novas iniciativas do Junior Year[2] e recebe reconhecimentos dos seus pares[3]. Difunde novos produtos no estrangeiro: estudos em Portugal e na França, e poesia em Espanha. Continua a internacionalização de LAM e manterá estreitos contactos com lusitanistas, hispanistas e com os galeguistas.

Em Portugal, Manuel Lopes de Almeida foi designado Ministro da Educação[4], com o que um dos seus aliados na UC passava a ocupar um lugar central no Campo do Poder Político, o que favorecerá as suas gestões e empreendimentos. A **Embaixada dos EUA em Lisboa editou a conferência sobre as Comemorações Henriquinas**, para distribuir em Portugal[5]: em Março divulgou-se um extracto na *Revista dos E.U.A.*, e

---

1 O Washington Square College, num catálogo da altura sobre a sua oferta educativa, destaca Da Cal como um dos mais representantivos membros do seu Claustro. É apresentado como Professor de espanhol e português, "Chairman" para 1960-61 da "Fubright Selections Committee for Spain and Portugal", supervisor do Junior Year na Espanha, autor de LEEQ e outros livros, distinguido com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul brasileira. Era, pois, um importante activo para atraer alunado.

2 Em Agosto de 1961 finalizou o JY em São Paulo, que tivera John W. Culver como director (Moser, 1961: 169; e Tyre, 1961: 333). No final do ano concretizou-se nova edição do JY da NYU no Brasil, para 1962, em que Da Cal (Mead, 1961:534-535) teve mais uma vez participação de relevo.

3 Duas provas de como a sua autoridade estava bem firmada são a carta que lhe encaminha Horace L. Friess (31-III-1961), da CU, por sugestão de José Ferrater Mora, para solicitar-lhe que participe no júri de uma Tese de Doutoramento de Literatura Brasileira; ou o concerto organizado em 1 de Junho pelo The Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, como abertura das ceremónias do *The Twelfth Century Spanish Apse:* no programa fazia constar que "The New York Pro Music is indebted to Professor Ernesto Da Cal for his help with the old Galician text of the 'Cantigas'", um reconhecimento como especialista em literaturas galega e medieval, além de hispanista. Este acontecimento era do mais alto interesse cultural em Nova Iorque pois na actuação, e segundo o programa de mão, anunciava-se a presença de Mariano de Yturralde, Embaixador de Espanha nos EUA; o Governador, Nelson A. Rockefeller; e Roland L. Redmond e James J. Rorimer, Presidente e Director do Museu.

4 *Hispania* informa da designação, frisando (Moser, 1961: 541) o seu labor nos *Acta* da UC e salientando LEEQ entre os principais frutos desse labor.

5 Rod W. Horton (10-II-1961) solicita-lhe autorização para imprimir esse produto, e pouco depois (6-III-1961) agradece-lha. Horton era na altura figura central no relacionamento dos EUA e Portugal e atingiu importante projecção. Segundo noticiará o *Boletim da Comissão Cultural Luso-Americana-Programa Fulbright-Hays* (Sem Autor, VI-1971: 2) "em 1960 desempenhou papel de relevo na assinatura do Acordo Fulbright entre Portugal e os Estados Unidos. Nessa altura, o Prof. Horton desempenhava as funções de Adido Cultural da Embaixada Americana em Lisboa, tendo regido subsequentemente, durante três anos, a cadeira de Estudos Americanos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, função que desempenhou com o maior brilho e dedicação e que, ao deixar Portugal em 1964, levou aquela Universidade a conceder-lhe a distinção de doutor 'honoris causa'".

Esta iniciativa tem repercussão nos meios de comunicação. Em 1 de Março o *Diário da Manhã* de Lisboa, na sua primeira página, no artigo "Os portugueses foram os primeiros", qualifica o estudo de Da Cal como "um monumento em favor da prioridade da nossa presença" na América antes que os espanhóis, e assinala da conferência proferida em Newark "que bem gostaríamos de ver para aí publicada e espalhada pelas escolas, pelas oficinas, pelos escritórios e depois traduzida em várias línguas por todo esse Mundo". Neste artigo Da Cal é apresentado como docente da NYU e "luso-galego de inteligência aberta e sensibilidade em chama".

anunciava-se a publicação "na íntegra, em folheto, pelos Serviços de Informação dos EUA"[6], o que acontecerá em Junho (Da Cal, 1961). Os EUA tentavam assim ganhar simpatia em Portugal, e ajudavam para que Da Cal fosse mais conhecido e apreciado[7].

III.2.2.16.1.-Cargos na HSA e no Instituto Internacional de Educação.

O **Institute of International Education** convida Da Cal para **participar na Comissão Fulbright para estudos em Espanha e Portugal no período 1962-63**[8]. Manter aquele posto permitir-lhe-á apoiar a eleição de determinadas pessoas e representava ter poder numa instituição à qual solicitavam ajuda muitos membros do sistema universitário dos EUA.

Aos 2 de Novembro de 1961 Da Cal **é eleito para o patronato da Hispanic Society of America** (HSA), em qualidade de "Trustee". No seu expediente nessa instituição nova-iorquina consta a sua assinatura. Aceitou em presença de dois membros (o presidente A. Hyatt Mayor[9], e mais outro com nome ilegível). Esta escolha oferecer-lhe-á mais possibilidades de influir na HSA e de se aproveitar das possibilidades de promoção que oferecia. É uma posição de relevo do ponto de vista do hispanismo e do lusitanismo. Da Cal servirá nesse cargo administrativo até ao seu aposentamento.

Afiança assim a sua posição entre os iberistas e aproveita as possibilidades que lhe oferece a profissão para ascender socialmente e influir nos âmbitos do seu interesse. A colaboração na Voz de América, o trabalho docente e investigador, e estes dois novos postos confirmam a sua ascendência e como se movia na sociedade norte-americana, em que estava bem integrado após 22 anos de residência.

III.2.2.16.2.-Internacionalização de LAM: EUA, França, Porto Rico.

---

6 Os Serviços de Informação da Embaixada dos EUA em Lisboa editavam esta revista.

7 Da Cal distribuiu a primeira edição desse trabalho entre especialistas de vários países. Federico de Onís (10-I-1961) agradece-lhe um exemplar; e poucas semanas após fê-lo Manuel Paiva Boléo (20-II-1961), afirmando que na leitura aprecia-se "alguém que 'traz Portugal no fundo do coração", e oferece a *Revista Portuguesa de Filologia* para que colabore.

Joaquim Montezuma de Carvalho (7-III-1961) insiste em solicitar-lhe colaboração para a homenagem a seu pai, pois encontrava-se próximo para se publicar o volume nº 6.

8 O presidente da instituição, Kenneth Holland escreve (18-VIII-1961) para fazer a proposta para essa função, que Da Cal aceitará.

9 Mayor (7-IV-1961) já lhe havia avançado a proposta de eleição.

Da Cal (7-VI-1961) conhece Boston, segundo comunica em cartão a Jean R. Longland, bibliotecária da HSA, que era de aquela cidade: tentava ganhar a simpatia dela, e os dois colaborarão muitos anos: Longland fornecendo informações bibliográficas tendo-o actualizado de edições luso-brasileiras. Da Cal prologar-lhe-á um livro sobre literatura portuguesa em 1966 (ver infra).

Três reconhecidos críticos ocupam-se de LAM, nos EUA, França e Porto Rico. Para além disso, no jornal galego *El Progreso* Anxel Fole difundiu o inquérito "Parlamento de las letras gallegas", em que Fernández del Riego (aos 16 de Março) e Correa Calderón (aos 19 de Abril) salientaram[10]a produção literária de Da Cal.

Na *Revista Hispánica Moderna* correspondente a Abril, publica-se recensão de LAM por parte do crítico, e docente no Hunter College novaiorquino, Emilio González López. Apresenta Da Cal como "acreditado crítico de las literaturas hispanas", e ofrece relevo a este produto, ao afirmar que se revela (González López, IV-1961):

> como una de las voces poéticas más originales de la poesía gallega moderna. […] la poesía de Ernesto Guerra da Cal vuelve a expresar, con una nueva forma y sensibilidad, una concepción céltica del arte en la que el poeta es como el visionario de los mundos del misterio y de la lejanía más que del drama de lo próximo e inmediato.

Assinala a presença da saudade "compañera de todo poeta galaico-português". Frisa "la vinculación de estos poemas a la vieja sensibilidad y concepción poética céltica y a los mitos de la cultura galaico-portuguesa" e indica estar unido Da Cal à poesia dos Cancioneiros. Salienta que "emplea las formas métricas más varias y distintas con gran originalidad y encanto". Com esta crítica Da Cal consegue eco numa revista muito prestigiada e de referência para os iberistas, na qual eram sem dúvida do seu maior interesse que se difundisse uma valorização de LAM, e por um dos principais assinantes de crítica literária na altura nessa publicação. González López era respeitado entre os hispanistas não só pela sua posição no ensino universitário, mas pelo seu passado político na República. Um trabalho, pois, de singular relevo para a projecção de Da Cal, em que se salienta a proposta lingüística. E não só: ao ser uma revista de referência internacional, ajuda privilegiadamente para difundir a poesia galega no exterior e de maneira muito positiva, pelas referências ao celtismo e ao galego-português, que interessavam em diferentes países.

Em *Cuadernos*, de Paris, correspondente a Março-Abril, **E[ugenio]. G[ranell]** valoriza que os 48 poemas de LAM "más bien resulta ser uno sólo extenso. [...] Trátase de un

[10] Foi uma iniciativa que decorreu do 15 de Março ao 19 de Abril, com respostas de 27 produtores galegos e mais o português Oliveira Guerra, com valorizações posteriores. Em oito perguntas sobre diferentes questões culturais incluiam-se sobre a literatura galega nos últimos anos. Das respostas, merece destaque a de Novoneyra, quem aos 17 de Março defendia que "debe ser adoptada la ortografía portuguesa", depoimento referenciado nos titulares. Detecta-se preocupação pela língua e reclama-se a regulamentação do ensino na USC. Carballo Calero e Ramón Lorenzo coincidem em reivindicar uma secção de Filologia Românica para a USC. Amado Silvar (1995) recolheu num volumen estes depoimentos, e reacções que provocaram. O de Novoneyra, em 1990 também foi reproduzido na *Agália*, indigitando-o como antecedente do Reintegracionismo.

poema-diadema: uno en cada engarce y todos el mismo". Afirma que o poeta "Desarraigado de su Galicia natal, se torna utópico, y así, arrojado al margen de su tiempo, también deviene ucrónico"[11]. Esta crítica projecta-o entre o exílio, para o qual era referente esta revista, e ajuda para internacionalizar o Da Cal poeta. Granell era um muito conhecido e respeitado produtor nos campos literário e da pintura..

No número de Julho-Novembro da revista universitária do Porto Rico *Asomante*, publica mais uma recensão a Professora **Aurora de Albornoz**. Afirma que Da Cal (após lembrar LEEQ e "otros importantes trabajos de crítica literaria") "se nos revela como un verdadero poeta que logra hermanar las viejas tradiciones galaicas con el dolor universal de ese ser perdido en alguna ciudad del mundo, que es el hombre del siglo XX"[12]. Conclui ser LAM "un libro que todo amante de la poesía debe conocer". Esta crítica salienta para os hispanistas o valor de Da Cal como poeta, com perspectiva da estilística, pelo pormenor da análise e a amplidão de espaço que lhe dedica[13].

III.2.2.16.3.-Presença no CL: editado por Cela e traduzido por Celso Emilio Ferreiro.

Nesse ano mantém o contacto com Camilo José Cela, que aos dois interessava: a Da Cal para ganhar um aliado, de naturalidade galega, que sabia ocupava já um lugar central no CL espanhol, e estava muito bem relacionado com pessoas influentes em muito diferentes âmbitos em Madrid e numa situação de privilégio que o podia favorecer, de ser necessário; e a Cela porque aspirava a maior internacionalização e

[11] Cita várias composições e assinala que "Este poético éxtasis que proclaman los poemas de Ernesto G. Da Cal, genera una voz viva que aun latiendo entre otros luna y mar, inaugura en Galicia sus estremecimientos".

[12] Para além dos cancioneiros e da "dolorida tierra de Rosalía" indica sentir nos versos "la presencia oscura de la urbe neoyorkina, con toda su tragedia y su vacío". Defende que "el recuerdo es el tema principal" de LAM. Cita vários poemas, e valoriza a presença do "mundo del pasado", o voluntário retorno a "la niñez", as lembranças, a saudade, a morte, "poemas llenos de misterio", e "una cierta afinidad" con **García Lorca**. Assinala que nos poemas finais "Nueva York es como la vuelta a la realidad, después de un viaje largo por el mundo aquel que existe más en el fondo de nosotros mismos que en un lugar geográfico cualquiera". Frisa a "deliberada insistencia en el uso del pretérito imperfecto", e cita a crítica de Helena Cidade Moura em *Cidade Nova*, com a que concorda no respeitante à saudade. . Possuir o estudo de Moura demonstra a amizade com Da Cal, que lho enviara, talvez para influir nela

[13] Aurora de Albornoz (12-III-1961) faz-lhe chegar cópia da resenha, que enviara "a Nilita" para publicar na revista, mas que ia demorar, mais uma estratégia do modo de funcionar da rede. Afirma nessa epístola: "A ver si te gusta. Yo creo que ha salido bastante bien, pero me parece que tiene muy poco de reseña, y mucho de opinión personal sobre esa maravillosa poesía de tu tierra que cada vez me interesa más". Propõe modificá-la e enviar a outro lugar sendo un artigo "casi-nuevo digamos (la trampita me la enseñaron nuestros queridos [Francisco] Ayala y Ricardo [Gullón])". Solicita ajuda para fazê-lo e para que oriente sobre onde publicá-la. Informa de que *Insula* difundiu "mi ensayito sobre Rosalía –en el que se te cita", uma informação em que deve haver confusão, pois esse artigo não aparece na revista madrilena. Pede-lhe conselho sobre a Tese de Doutoramento em que trabalhava, sobre matéria de literatura espanhola.

sabia que aquele galego que ocupava lugar tão estratégico na NYU, e que era escutado e valorizado na *Voz de América*, podia servir para a sua maior projecção nos EUA. Assim se infere da correspondência entre ambos[14].

Da Cal envia-lhe uns poemas para publicar na revista que dirigia Cela, e com tal ensejo os dois dialogam epistolarmente sobre o trabalho com a língua. Da Cal (23-III-1961) esclarece sua posição, favorável à aproximação com a ortografía portuguesa e afirma numa das cartas Da Cal (23-III-1961)"Yo creo que los escritores gallegos tenemos la ventaja –que no tienen los catalanes– de poder acudir, en la reconstrucción de nuestra lengua literaria, al acervo de un idioma más que hermano, en busca de enriquecimiento léxico. En fin de cuentas el portugués no es sino lo que el gallego habría sido de no haber quedado interrumpido su desenvolvimiento histórico-literario por un paréntesis de silencio escrito y cultural –y por lo tanto de dialectización de casi cuatro siglos. Creo que es mucho más legítimo –y mucho más biológico–lingüística y artísticamente, recurrir a la fuente viva, rica y natural de allende el Miño que a la artificial resurrección de vocablos muertos, tanto en nuestra tradición como en la lusitana, –o lo que es peor, a la nueva intervención o hibridación galaica de voces castellanas– como vemos a menudo".

[14] Da Cal (22-II-1961) agradece-lhe o envio do sumário de *Papeles de Son Armadans* e parabeniza-o por esta iniciativa editora. Reconhece a "atención que Vd. presta a las manifestaciones de nuestra cultura gallega" nas páginas dessa revista, o que o leva, acrescenta, a "Adjuntarle unos cuantos poemas en nuestra lengua vernácula, que forman parte de mi próximo libro –tentativamente titulado *Pombal de Mortes*". Infoma da boa recepção de LAM e do prémio em Guimarães, para valorizar a sua produção literária. Finaliza a epístola "Poniéndome enteramente a su disposición para todo aquello en que yo pueda serle de alguna utilidad, a Vd. o a la Revista, en este torbellino neoyorkino".

Cela (7-III-1961) acusa recepção dos poemas, e confirma que "¡cómo no!, aparecerán en las páginas de *Papeles de Son Armadans*". Indica-lhe que a política da revista era respeitar e "fomentarlas hasta donde sea posible" as outras duas línguas espanholas, o galego e o catalã, e por isso incluem versão bilingue. Junta já a tradução, realizada por Celso Emílio Ferreiro, dos poemas de Da Cal, para que a revise. Também pede esclarecimento do significado de "sorumbático", termo de "Broadway very late" que diz desconhecerem ele e Ferreiro.

Da Cal (23-III-1961) responde e concorda com a versão bilingue, com "levísimas alteraciones de matiz", mas "Dejo al criterio de Ferreiro el aceptar o rechazar esas sugerencias, en todo o en parte, pues como traductor tiene el derecho a la libertad absoluta de su versión personal. Déle las gracias más cordiales en mi nombre". Esclarece o significado de "sorumbático". Nessa epístola anuncia-lhe que em breve lhe solicitará autorização para incluir um texto seu na nova edição de *Literatura Hispánica del Siglo XX* (sic) "que mi mujer y yo publicamos en 1954 y que está en uso como libro de texto en cursos de lengua y literatura castellanas de más de 50 instituciones universitarias de los EE UU [...] Estamos ahora preparando una segunda edición y planeamos en ella ampliar el ámbito cronológico, para incluir escritores de nuestros días (la primera edición se detendría en 1936). Naturalmente es inevitable que Vd. aparezca destacadamente como el narrador de valor más inequívoco y de personalidad más caracterizadora de las letras actuales. Estamos ocupados en la selección del referido texto suyo". Indica-lhe que gostaria de receber separatas dos poemas publicados na revista, oferecendo-se para sufragar as despesas.

Aos 30-VIII-1961 Cela envia-lhe 46 separatas, reservando 4 para a revista.

Em Junho, na revista *Papeles de Son Armadans*, publicou-se aquela colectânea "Poemas"[15]. São a composição premiada em Guimarães e cinco mais, inéditas, que serão todas incluídas em *Rio de Sonho e Tempo* (ver infra). Da Cal apresenta-se como poeta numa publicação muito prestigiada na Espanha na altura. O tradutor, Celso Emílio Ferreiro, colaborador naquela publicação, já era conhecido no CL, embora ainda nom publicasse o livro que o consagrará, *Longa noite de pedra*, que sairá do prelo em 1962.

III.2.2.16.4.-Luta no queirosianismo: Da Cal contra Costa Pimpão e Gaspar Simões.

Na luta pela sua posição e pela renovação do CEL português salientam esse ano dois trabalhos especialmente paradigmáticos: um de Da Cal, em que se posiciona contra Costa Pimpão e contra Gaspar Simões para banir resistências que colocavam a Eça; e outro de Maria Helena de Novais Paiva, nova pesquisadora portuguesa que, no Centro de Estudos Filológicos que dirigia Jacinto do Prado Coelho em Lisboa, efectua um estudo sobre a estilística da ironia, em que LEEQ é modelo e referência principal. Pimpão e Simões representavam o velho sistema que se combatia; e Da Cal e Coelho agiam como renovadores. Enfrentam-se assim modos diferentes de entender e estudar a literatura, e reivindica-se por Da Cal e Coelho uma metodologia diferente à vigorante na altura em Portugal, onde estudos como LEEQ se salientavam pelo rigor e pela orientação mais objectiva e perspectiva científica.

No volume correspondente ao terceiro trimestre desse ano, Da Cal **publicou o estudo "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*"** na França[16], na *Revue de Litterature Comparée*, revista central do CEL europeu, amparada pela Universidade da Sorbona. Neste produto, ocupa-se das transferências de *Le Parnasse Contemporain* para as primeiras narrativas queirosianas. Vai ser um trabalho considerado modelar para a

[15] Consta de duas partes: nas páginas 267-278 encontram-se as composições "Visión dela em dous tempos. I: Rosalía (Perfil da Sombra); II: Chamada a Rosalía no apocalipse da Galiza" nas pp. 267-272; "Trasmundo" (p. 273), "Luar de Morte" (p.274), "Onte de Cor I-Auga" (p.275) e "Broadway, very late" (pp. 276-278), dedicando as duas últimas a "Ao Novoneyra, cantor do Caurel" e "A Domingo García-Sabell". Nas páginas 279-290 aparece uma "versión castellana autorizada por E.G.D.C." da responsabilidade de C[elso]. E[milio]. F[erreiro].

[16] Trata-se de uma tradução, realizada por R.A. Lawton, do trabalho que apresentara no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado na Baía em 1959.

Também se editou na França, dentro das *Obras Completas* de Lorca, uma **tradução para francês dos SPG de Lorca** (Belamich, 1961), com o que aquele produto continuava a sua internacionalização, e divulgava a língua da Galiza de maneira privilegiada no estrangeiro.

Literatura Comparada[17], no qual combate o conceito de plagiato em Eça[18]. Assim, **além de continuar o combate das resistências que agiam em contra da canonicidade de Eça**, muito em especial as acusações de plagiato, **oferece um importante valor para internacionalizá-lo** ao lhe conferir ter introduzido a estética do Parnasianismo em Portugal quando vingavam outras modas literárias. Como já fizera em LEEQ, dá a volta aos argumentos dos contrários a Eça e combate preconceitos, com um discurso renovador e decisivamente canonizador[19].

**Maria Helena de Novais Paiva ampara-se em LEEQ** no estudo *Contribuição para uma estilística da ironia*, publicado pelo Centro de Estudos Filológicos que dirigia na

---

17 Moser (1962: 149) dá conta da publicação em *Hispania*. Duas décadas mais para a frente, Machado e Pageaux (1981) colocarão este trabalho entre os modelares de literatura comparada.

18 Na apresentação deste estudo indica Da Cal que vai rebater uma tese de Costa Pimpão num trabalho de 1952, do volume *Gente Grada*, e reivindica Eça como introdutor do parnasianismo no CL português, o que supõe um valor acrescentado para a sua canonicidade. Da Cal prova como, ao escrever "Misticismo Humorístico", Eça conhecia *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire. Compara esse artigo de Eça com produções de *Le Parnasse Contemporain*. Apresenta o trabalho em duas colunas; na da direita figuram trechos do texto queirosiano e na da esquerda de Stéphane Mallarmé, Léon Valade, Alber Mérat, Jules Forni, Paul Verlaine, Henry Winter, Charles Baudelaire, François Coppée e Théophile Gautier, da revista francesa. **A disposição tipográfica visa demonstrar como parágrafos do artigo de Eça eram paráfrases, mesmo traduções directas de *Le Parnasse***. Indica (Da Cal, 1961: 419) que **esta descoberta fora casualidade, e chama a atenção de que ninguém antes indicara tal relacionamento**. Atribui isto, a que o trabalho de Eça era "d'une nature si complètement différente de celle des oeuvres que entrent partiellement dans sa composition". Segundo Da Cal, Eça de Queirós fez "de cette matière colective une oeuvre personnelle et vivante, en parfaite harmonie avec le reste de son oeuvre de cette période" e conseguiu um "poème en prose" de "qualité littéraire" mais elevada que a dos poemas que lhe serviram de alicerce. Reconhece Da Cal esta afirmação como atrevida e "peut-être erronée", mas insiste em que parte dos poemas utilizados por Eça correspondem a produtores como Valade, Mérat, Forni ou Winter que "ont été ensevelis dans un oubli total" e que "il est rare les trouver cités même dans des ouvrages destinés aux spécialistes". E, no respeitante aos "de premier plain", nomeadamente Mallarmé, Verlaine ou Gautier "ne seraient pas passés à la posterité si leur réputation avait dû reposer sur les poèmes qu'Eça utilisa". Julga "livre magistral" *Eça de Queiroz, o Homem e o Artista*, mas **rejeita as acusações de plagiato que faz Gaspar Simões** nesse volume, pois podem acontecer casos (como este, e outros que cita de Shakespeare e de Calderón) em que "le 'plagiat' est incontestablement supérieur a l'original". Defende que o verdadeiramente importante no respeitante às fontes, é "c'est ce que fait l'écrivain de la matière qu'il s'approprie" e **coincide com Valle-Inclán** –quem, afirma, se apropria "beaucoup d'Eça" –, em que "Les thèmes sont à tout le monde –ce que appartient en propre à chacun c'est la manière de les traiter". Para Da Cal, esta produção queirosiana demonstra a utilidade da influência dos parnasianos franceses sobre a primeira etapa do "futur grand romancier portugais", pois ajudou a tirá-lo do "ambiance romantique irrespirable oú il se débattait". Aliás, "Misticismo Humorístico" julga que "demeurera toujours un document de valeur pour la connaissance du mouvement parnasien dans les letres portugaises". Para além disso, conclui que a "'réthorique' du Parnasse" nos seus inícios literários é "un facteur important dans la formation et l'evolution de son style". E julga ser de interesse "d'entreprendre un jour une étude stylistique de la composition de cet article, évaluant, pesant ce qu'Eça prit à ses sources, ce qu'il rejeta, ce qu'il transforma ou développa. Pareil travail critique, qui exige une objectivité scientifique libre de toute idée préconçue, una sensibilité éveillée, fournirait des données d'un gran intérêt pour l'étude de la création chez Eça de Queiroz au début de sa carrière littéraire".

Da Cal edita também umha carta a João Penha, na qual Eça aconselha ao poeta a leitura de *Parnasse Contemporain, recueil de vers nouveaux*, com argumentos que são uma das melhores provas do entusiasmo de Eça nos inícios literários pelo Parnasianismo.

19 Outro trabalho do Colóquio da Baía vê a luz na revista *Ocidente*, de Lisboa: "Três versões do *Crime do Padre Amaro*. Algumas variantes", de **Helena Cidade Moura** (XII-1961). Nele cita LEEQ para reivindicar nova edição da produção queirosiana e para alicerçar questões respeitantes ao estilo, e adianta aspectos da edição que fará em 1964 sobre as três variantes do romance (ver infra).

altura em Lisboa Jacinto do Prado Coelho, com um subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian. Com numerosas citações do estudo dacaliano, reproduz vários exemplos de LEEQ[20], que se encontra referido na "Bibliografia de consulta" sobre o assunto do objecto de estudo. **A metodologia de Da Cal difunde-se assim entre os novos pesquisadores da universidade portuguesa**, promocionada por professores como Coelho, empenhados em introduzir inovações para legitimar-se e atingir posições que lhe permitissem progredir e ultrapassar os poderes críticos estabelecidos no CEL. Era, pois, uma luta contra o conservadorismo crítico e com o anelo de intrometer mudanças e quebrar o imobilismo que se tinha consolidado nos anos da ditadura salazarista. O CEL era um campo de lutas com repercussões políticas: Coelho apoia estrategicamente um aliado como Da Cal, que colaborava com ele no DLPGB ou na orientação de Helena Moura, e tenta dessarte adquirir vantagem na introdução das novas metodologias.

Da Cal difunde os novos produtos editados nesse ano entre numerosos especialistas de vários países, uma maneira de se valorizar perante eles e de dar a conhecer o seu labor e procurar o reconhecimento do mesmo[21].

III.2.2.17.-Capital simbólico em Portugal e reivindicação do galego, em 1962.

O capital simbólico de Da Cal acrescenta-se em 1962 com a condecoração da Ordem de Santiago da Espada do Governo do Portugal. Tem participação de destaque num encontro de lusitanistas dos EUA na Universidade de Wisconsin, em que reivindicará a pertença da Galiza ao intersistema lusófono. No relacionamento com a Galiza coloca os alicerces para a publicação do segundo poemário, e colabora na revista *Vieiros*. Receberá novos reconhecimentos pela sua produção.

---

[20] Paiva cita LEEQ a propósito da animização e do humorismo (pp. 87-88); dos atributos exteriores que adquirem valor moral e o uso da hipérbole (pp. 91-92); ao tratar da aplicação das características animais ao homem (p. 201); a contaminação semântica através do zeugma, (p. 138); ao estudar o advérbio (pp. 267, 268, 271 e 272); ao focar formas particulares de expressividade (pp. 294, 299, 300 e 307); nos valores fónicos, ao focar a aliteração (pp. 356, 357 e 358); e também a rima (pp. 360, 361 e 362).

[21] Além de exemplos já referenciados, **Fernández Del Riego** (2-X-1961) agradece por carta o estudo sobre os navegadores portugueses. **Tomás Navarro** (21-XI-1961) agradece- *Poemas*, o artigo sobre Eça e o *Parnasse*, e a conferência sobre os navegadores portugeses: este docente na Universidade de Massachussets afirma que "le veo muy bien esta representación tan variada […] los tres trabajos dan muy bien la imagen de usted. Es gran mérito saber dejar en todo lo que se hace el sello de lo que se piensa y se siente con amor y sinceridad". **Federico de Onís** (27-XI-1961) agradece-lhe o "múltiple regalo de Navidad: Dom Henrique, Eça y sus poemas gallegos, todo muy bueno".

Na NYU perde poder, ao ser designado novo director do departamento de espanhol e português (Mead, 1961: 534-535) J. Richard Toven, mas implica-se para a organização de um novo Junior Year no Brasil.

III.2.2.17.1.-Na estratégia da organização dos lusitanistas dos EUA.

Em 6 e 7 de Abril participa no "Luso-Brazilian Symposiun", na Universidade de Wisconsin[22], dirigido por Alberto Machado da Rosa. O acontecimento congregou importante representação de docentes de português[23] nos EUA e contou com o apoio (Moser, 1962: 149) das fundações Rockefeller e Ford. Da Rosa visava organizar um grupo de pressão para atingir maior influência nos EUA. Insistiu-se na necessidade de contar com um meio de expressão próprio, proposta que contou com apoio maioritário. Foi nesse encontro em que se colocaram os alicerces para a edição da *Luso-Brazilian Review* em 1964 (ver infra). Da Rosa insistia neste projecto, por valorar que os estudos portugueses se secundarizavam nas revistas de hispanistas. Da Cal proferiu nesse simpósio de Wisconsin uma conferência sobre o renascimento galego contemporâneo, que inaugurará a revista (ver infra).

O convite evidencia até que ponto era peça central para a fortuna dos estudos portugueses nos EUA, e como se procurava que se implicasse ainda mais. Para Da Cal supunha também uma oportunidade de sondar a situação no sistema universitário dos EUA, pois a sua situação na NYU continuava sem melhorar.

III.2.2.17.2.-Produções culturais em Nova Iorque.

Mantém o relacionamento com a CU, onde leccionava sua esposa Margarita, o que lhe valia para um maior reconhecimento profissional e social. Aos 29 de Abril, o Departamento de Espanhol do Barnard College, da CU (o centro onde ela exercia a docência), patrocinou um concerto especial, *Spanish Medieval and Renaissance Music*,

[22] Da Cal confirma a sua participação neste acontecimento em carta que encamina para Da Rosa (14-II-1962). Afirma que "em abril haverá aí ensejo para 'papos' mais demorados", e pergunta-lhe se tinha recebido "os poemas e o artigo da *Revue de Litterature Comparée* que te enviei".

[23] Na comunicação "A Cultura Portuguesa nos Estados Unidos", apresentada à Academia Internacional de Cultura Portuguesa em 11 de Novembro de 1966, assegura (Da Rosa, 1966: 264-279) que o simpósio reuniu o maior número de especialistas, mais de cem. E afirma que duas das principais questões focadas foram um apelo perante um aspecto da National Defense Education Act, de 1958, que discriminava os estudos portugueses em favor dos brasileiros, e pedir aos participantes "que favoreçam, na medida do possível, a conjugação da cultura portuguesa com a galega", uma orientação em que ele e Da Cal se vinham empenhando nos últimos anos.

em que se interpretaram composições redigidas originalmente em espanhol, catalã, latim e "galician". Da Cal contribui com as versões para inglês de textos das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X: do "Prólogo" e das cantigas XLVIII, XLIX, I, CLXVI, XXV, CXXXIX, XXIX, XVIII, VII, XXXV e LXXVII[24]. Só uma coincide com as incluídas no disco editado em 1957.

Em 8 de Maio participou num acto do Brazilian Institute da NYU, lendo poemas próprios[25], junto com Dora Vasconcellos e com o professor visitante Florindo Villa-Alvarez[26]. O Instituto, portanto, continuava o seu andamento apesar dos problemas que indicara Da Cal dois anos antes (ver supra). Esta actividade poética é precedente de outro recital, em 1964, em que também Da Cal e Vasconcellos terão participação de destaque (veja-se infra). Na NYU sobressaia assim também como produtor de literatura.

Em Novembro, em *La Voz*, uma publicação para estudantado e professorado de espanhol promovida por Las Americas Publishing Co., inclui-se o contributo de Da Cal "Federico de Onís, maestro de maestros"[27]. Trata-se de um louvor dessa figura do hispanismo, quem tanto o ajudara nos seus primeiros tempos nos EUA, por ocasião da segunda edição da *Antología de la Poesía Española e Hispanoamericana*. Lembra (Da Cal, XI-1962:20):

> Su contacto con la América Española fue siempre constante y el Instituto de la Universidad de Columbia fue bajo su dirección el punto de encuentro de las bisectrices

[24] Segundo o programa, o director do concerto foi Noah Greenberg. Os outros tradutores de textos para inglês foram Joel Newman e Denis Stevens, do latim; e Safford Cape, Joel Newman e Francisco García Lorca, do espanhol e o catalã.

[25] Da Cal continuava a difundir a sua poesia nos EUA, que utilizava também para estreitar laços de amizade. Assim o evidencia um postal para felicitar o novo ano que envia a Alice M. Mayer, da HSA, em que junta uma versão do poema "Non sum dignus", de que Alice tivera notícia através de Helena Cidade Moura. A carta encontra-se sem data. A lápis indica-se corresponder a Janeiro de 1962.

[26] Com antecedencia, Antônio Soares Amora, também professor brasileiro visitante na Universidade de Wisconsin, proferira uma palestra no instituto nova-iorquino sobre "Análise e interpretação crítica e estética de 'Os velhos marinhos', de Jorge Amado". Este acto indicava o relacionamento entre os dois institutos, favorecido, para além de outros interesses, pela amiza de Machado da Rosa-Da Cal. Da Cal fortalece o relacionamento com o professor paulista, e também com a cônsul brasileira em Nova Iorque.

[27] Este trabalho foi difundido inicialmente na Voz de América, segundo se infere da carta que Da Cal enviou (28-II-1963) a Federico de Onís, a Porto Rico. Na epístola dá notícias de amigos comuns ("me encontré en las Naciones Unidas con Sam Pope Brewer", este um conhecido jornalista) e junta cópia do trabalho que lhe tinha dedicado na *Voz de América* e que "Gaettano Massa me lo pidió para su revista". No artigo, Da Cal agradece o labor do proprietário da editora, Gaetano Massa, a quem se refere como (Da Cal, XI-1972:20) "entusiasta librero" que, com esta iniciativa "ha respondido a la demanda ininterrumpida de profesores y alumnos de los Departamentos Hispánicos de las Universidades de los EE UU y del mundo de habla española, que venían clamando por ese instrumento básico de consulta". Com este produto afiança a rede e reconhece a jerarquia na mesma.

> del triángulo EE.UU.-España-Hispanoamérica sin olvidar nunca a Portugal y al Brasil, parte integrante para él de la supra-Hispania o Iberia universal[28].

Da Cal salienta o apoio de Onís para com os novos produtores, e refere os seus contributos nas universidades de Nova Iorque e Porto Rico, concluindo que "Onís tiene en el más alto grado merecido, el título más señero que la enseñanza puede conferir: que es el de MAESTRO DE MAESTROS"[29].

III.2.2.17.3.-Reconhecido pelos "relevantes serviços prestados à cultura portuguesa".

O relacionamento com o Governo de Portugal e as atenções que tinha dispensado para a promoção da língua e a cultura portuguesa nos EUA tem resultado favorável para a sua lusofilia, ao ser-lhe outorgada uma nova condecoração. Em carta, o Embaixador de Portugal em Washington, Pedro Theotónio Pereira (2-VIII-1962), comunica-lhe que pela mala do Ministério dos Negócios Estrangeiros chegara-lhe o diploma e as insígnias da Ordem Miltar de Sant Iago da Espada, com a qual "o Governo resolveu premiar os seus altos méritos, a sua amizade por nós e os relevantes serviços prestados à cultura portuguesa. [...] Muito me alegra esta distinção por parte do meu Governo. Sant Iago da Espada é uma condecoração para si com profundo significado pois até no título traduz uma intenção que lhe deve ser profundamente grata". Esta distinção ecoou favoravelmente na NYU[30]

---

[28] Refere Da Cal como, entre a volumosa produção de Onis, a antologia poética que provocou o trabalho talvez fosse a de mais alargada repercussão.

[29] Um trabalho que realizou Da Cal na década de 40 quando era orientado para a Tese de Doutoramento por Onis, em que se ocupava de *Don Segundo Sombra* de Ricardo Güiraldes (ver supra) é assinalado esse ano nos EUA como referência no estudo desse produto, por Predmore (1961: 428-430): este profesor da Universidade de Wisconsin-Madison indigita-o a par de outros de Amado Alonso, Cortázar, Torres-Rioseco e Anderson Inbert, com o que o nome de Da Cal se afiançava como especialista nessa narrativa.

[30] James M. Hester (27-VIII-1962), presidente da NYU, parabeniza-o pela distinção do Governo de Portugal, assinalando que "All of us take pride in the wide recognition your outstanding work has received". Dirigiu-lhe epístola com o mesmo fim William E. Buckler (28-VIII-1962), "Dean" da NYU, quem assinala: "Your reputation was clearly in the zenith when I was in Portugal, and so I expect a never-ceasing procession of honors to visit you", informando-lhe ter comunicado a distinção, passando cópias da carta em que Da Cal dava conta da mesma (de 20-VIII-1962) a Mr. Pollock e a outros directivos da instituição. O mesmo fará Wilmarth H. Starr (7-IX-1962), director do Department of Romance&Slavic Languages and Literature da NYU, quem faz constar: "Certainly no one is more deserving than you of his award on both scores, that of contributions to Portuguese scholarship and promotion of Portuguese culture".
Do acontecimento noticiou o jornal *The New York Alumni News*, em Outubro, incluindo fotografia dele. A informação, na secção "Honors", assinalava ser a mais elevada distinção de mérito de Portugal pelos seus extraordinários logros em Ciências, Literatura e Artes, justificando-a no seu caso pelos seus contributos e erudição, por "foremost contributions to Portuguese letters and scholarship" e por "promotion of Portuguese culture in the USA and in the Hispanic countries".

Da Cal soma o primeiro grande reconhecimento oficial português aos que já tinha recebido do Brasil. **A condecoração[31] supunha ultrapassar as resistências que enfrentara com antecedência**, e um abrir as portas para novas colaborações com o Governo português. A presença de um Ministro da Educação amigo facilitava as coisas, para além dos privilegiados contactos que tendera nos anos anteriores com pessoalidades de diferentes campos, sobretudo dos da cultura e da universidade.

III.2.2.17.4.-Valorizações da sua produção no intersistema lusófono.

Em Portugal e no Brasil Da Cal recebe mais reconhecimentos ao frisar-se o valor dos seus produtos e ser requerido para participar em novos empreendimentos.

Em Junho, dois anos depois de ter recebido o premio poético nos Jogos Florais de Guimarães, na revista *Gil Vicente* dessa cidade publica-se o artigo "Ernesto Guerra da Cal um lusófilo galaico-americano", de **Francisco José Velozo** (1962), em que este jurista se ocupa da sua trajectória[32]. Velozo arvora-se como um aliado de Da Cal, e assim se manterá durante décadas. Assume a tese dacaliana de LEEQ, valoriza a poesia e indigita como modelar a proposta de aproximação da língua da Galiza da grafia portuguesa, alertando da castelhanização que ficava no português do período filipino. Da Cal ganha o favor de um produtor de outro campo, mas que tinha influência no cultural pelas suas intervenções e produções.

---

31 Da Cal (26-II-1963) informa a Alberto Machado da Rosa que "Recebi do Embaixador, inesperadamente, a Cruz de Santiago à Espada, que é coisa para inglês ver".

32 Este trabalho inicia-se com uma referência a **LEEQ**, assumindo a tese dacaliana da renovação necessária da língua portuguesa efectuada por Eça. Assinala tratar-se de livro "justamente aplaudido" pois "a crítica e o público em geral reconheceram nessa obra marco fundamental dos estudos queirosianos, e, do mesmo passo, avanço notável no estudo da técnica linguística do consumado artífice do nosso moderno idioma". Velozo afirma ter conhecido a Da Cal no congresso da Bahia, onde diz que apreciou "a sua extraordinária actuação, justamente coroada pelo doutoramente *honoris causa*, que lhe conferiu a Universidade de Rui Barbosa"; e posteriormente no congresso histórico comemorativo do V Centenário da morte do Infante dom Henrique. Refere-se a Da Cal como "Mestre insigne" e analisa o trabalho sobre os navegadores portugueses e LAM, salientando neles a sua lusofilia. De LAM observa que "o Autor fala como galego. O leitor português sem dificuldade o compreende. […] E isto mostra que o caminho é bom, e deve ser trilhado, para se efeituar a comunhão cultural, em que os portugueses cultos muito têm também que aprender, distanciados como andam, até certo ponto, da falta viva do Povo, por uma castelhanização empreendida ainda em tempos filipinos". No final do artigo refere-se ao labor que realizava a revista *Quatro Ventos*, de Braga, onde se vertiam para grafia portuguesa padrão textos galegos, e finaliza com esta afirmação: "Nosso intento agora é vincar o lusofilismo deste Mestre americano, de raízes galegas, isto é lusitano do norte, pelo nascimento". E para o "documentar" reproduz o *Cantiga a Luís de Camoes*, de LAM, e no final uma fotografía de Da Cal a página inteira. Utiliza assim argumentos semelhantes aos que tinha empregado o brasileiro Manuel Bandeira, e contribui para divulgar o pendor de Da Cal para a confluência ortográfica de galego e português.

No Brasil, **Eduardo Portella** reclama-lhe colaboração em novos empreendimentos em que estava empenhado. Alude à tradução de LEEQ[33], e informa que na altura estava pronto o primeiro número de *Tempo Brasileiro*, revista que dirigia, e que (Portella, 17-IX-1962) "ela espera e anseia por colaboração sua. E também deseja suas sugestões, seus reparos, sua opinião. Não se esqueça de que é uma revista sua". Portella oferece deste modo elevada valorização para a produção dacaliana[34]. No entanto, e apesar de que Da Cal terá destaque nesta revista, onde receberá crítica elogiosa da sua poesia, não publicou nela.

**LEEQ continuava como estudo produtivo para o queirosianismo**. No Segundo Congresso brasileiro de Crítica e História Literária, Hélcio Martins acompanha no trabalho "Como Eça de Queirós elabora os seus personagens" a citação desse estudo de Da Cal. Não tem a participação de destaque da edição anterior celebrada em 1960 no Recife, mas a sua presença continua pelo relevo da sua produção.

III.2.2.17.5.-Intervenção na cultura galega: em *Vieiros* e projecto com Galaxia.

Da Cal mantém relacionamento com os principais agentes do Protossistema cultural galego, na Galiza e no exterior, que frutificará esse ano com a sua colaboração na revista *Vieiros*, e a preparação da edição do seu segundo poemário.

No "Outono-1962" publica-se o **número 2 de *Vieiros***, revista do Padroado da Cultura Galega do México. Da Cal terá especial protagonismo, ao se incluir um poema e uma carta dele, para além de ser referenciado em outros trabalhos. O poema é "Broadway very late", que ocupa página inteira, e que se publica com uma ilustração e com a

[33] Em carta, Portella (17-IX-1962) fala de crise editorial no Brasil que provocava demora. No entanto, comunica-lhe que "estou incumbido de dirigir uma biblioteca de crítica literária que reuna os principais textos (segundo o meu modesto critério) de crítica contemporânea. O primeiro volume será os *Anais* do congresso do Recife. O segundo gostaria que fôsse o seu. O terceiro de Bousoño, etc., etc. […] Seu volume, de V. concordar, estará em Março próximo. Lembrarei ao Alceu o prometido prefácio para o leitor brasileiro". O projecto prosperará, mas ainda se demorará até ao final da década (ver infra).

[34] Responde Da Cal (2-X-1962), em carta em que afirma: "você sabe que eu sou galego-luso-brasileiro". Diz que "Fico encantado da edição brasileira do meu Eça", e ao respeito da indica: "Incluo devidamente preenchido o Boletim de assinatura de homenagem, que muito lhe agradeço. Corresponderei à gentileza enviando colaboração densamente. Fica já autorizado a incluir o meu nome entre os colaboradores da revista. Aguardo gulosamente a chegada do primeiro número que me anuncia". Aquela resposta positiva demonstra a intenção de querer estar em todo, mas não poderá atender essa demanda (como também não o estudo que se lhe reclamava sobre Machado de Assis). As exigências da profissão e a disciplina que representava a colaboração semanal na Voz de América sem dúvida contribuiram para não ter tempo que dedicar a propostas como esta, que seriam certamente do seu agrado, pela grande estima que tinha por Portella.

dedicatória a Domingo García Sabell. Indica-se pertencer ao "livro inédito" intitulado *Rio de Sonho e Tempo*[35], e aparece datado em "New York, 1962"[36].

A carta[37] de Da Cal inclui-se na epígrafe "A encrucillada dos vieiros"[38]. Indica ter ficado "entusiasmado" perante o número de estreia de *Vieiros*, e justifica não ter respondido por se encontrar em viagem sabática pelo Brasil e a Europa "na que fixen unha xeira de conferencias encol da cultura galega e luso-brasileira". A respeito de LAM, acrescenta Da Cal:

> Nile, nuha "Nota previa" xustifico as razons que me levan a adoptar a grafia luso-brasileira para todos aquiles fonemas galegos que por meio dela podan ser representados sen infidelidade á realidade da nosa peculiaridade idiomática. Pareceme o milhor caminho para acabar con o noso caos ortográfico ata o momento en que as circunstancias permitiren a celebraçon dun Congreso da Lingoa Galega e a revitalizaçon da nosa letárxica Academia.

Na epígrafe final, "Os homes ias ideias", assinada pelos três directores da revista, C[arlos].V[elo].C[obelas] informa do "Symposium Luso-Brasileiro" de Wisconsin, salientando a presença de Da Cal, a quem indigita de colaborador de *Vieiros*.

A revista continua com a mesma doutrina de aproximação das culturas de Galiza e Portugal[39]. Apesar desta boa disposição, o idioma continuava como assunto da maior

---

35 Este dado evidencia não ter sido a primeira composição enviada por Da Cal para a revista. No Espólio de Luís Soto encontram-se outras, indicando-se pertencerem ao livro inédito *Pombal de Sonhos*.

36 No Espólio de Luís Soto ("Caixa 14.623, Folder 10") encontra-se um texto autógrafo deste codirector da revista, em que valoriza aquela produção e indica: "Ernesto Guerra Dacal noso amigo, gran poeta, gran galeguista, catedrático na Universidade de Nova Iorque. Debalamos poesia inédita. E percisamente un dos millores poetas galegos na aitualidade. A sua poesia ferve sempre chea de anguria e de protesta. Escoita ista maravilhosa poesia de Ernesto Guerra Dacal". Nesse mesmo fólio, a lápis, na parte superior, lê-se "Pasou". Soto admirava o labor de Da Cal, com quem o unia amizade, que datava do tempo da Guerra da Espanha, e do posterior encontro em Nova Iorque, já no exílio, com Castelao.

37 A epístola, apesar de não figurar a data, deve corresponder a 1959, por fazer referência nela à LAM "que acaba de ver o lume" e se interessar Da Cal por se a editora lhes enviou um exemplar.

38 Aí encontram-se mais de meio cento de depoimentos de diferentes países que saudavam a publicação do número 1, além de referências da imprensa galega e de publicações da emigração em Argentina e Nova Iorque (a revista de Casa de Galicia), bem como um jornal de Madrid.

Entre os assinantes nesta secção encontra-se Francisco Jose Velozo, que envia "o meu comovido aplauso pela sua corajosa e patriótica luta em prol dos valores eternos da sua Pátria", e acrescenta: "O noso comum amigo Da Cal honrou-me sobremaneira ao considerar-me digno da vossa atenção". A direcção da revista afirma ter feito uma selecção, na qual se encontram nomes de literatos, estudiosos, professores e outros representantes da intelectualidade galega (da Galiza e do exterior), mas também luso-brasileira e de outros países, entre eles Fernández del Riego, Cesar Teixeira, Dante de Laytano, Neira Vilas, Daniel Cortezón, Xohana Torres, Emilio Pita, R. Martínez López, Alberto Vilanova, J. R. Fernández Oxea, V. Paz Andrade, R. Otero Pedrayo, Manuel Maria, Xosé B. Abraira, John W. Blackburn, Leandro Carré, E. Blanco Amor, M. García Barros, Ramón Piñeiro, Celso E. Ferreiro... o que demonstra a alargada influência da revista, e como era considerada referência principal para o galeguismo no exterior.

39 No "Alicerce", texto editorial, afirma-se: "Polo idioma, pola sicoloxía e pola espranza nun porvir, amósase esplendente a irmandade de Galiza con Portugal. Nin o Miño nin a 'raia seca' fenden a nosa semellanza inmorrente". Ou os de L[uís] S[oto] F[ernández] e F[lorencio] D[elgado] G[urriarán], na epígrafe "Os Homes ias Ideias": o de Soto, intitulado "Portugal", indica: "De calquer xeito, e por calquer

polémica. Assim se espelhava num contributo de **Ramon Lourenzo Vázquez**, intitulado "Problemas da lingua", em que começa deste modo: "Fálase hoxe con afinco nun achego da nosa cultura á cultura luso-brasileira. Esta xuntanza, que de feito esiste en diversos ordes culturás, é fundamental polo que respeita á literatura". Frisa na continuação o dessinteresse de Espanha a respeito da cultura galega e mesmo da portuguesa, para acrescentar:

> Tendo en conta esta perspectiva vemos que a única solución das letras galegas é arrimarse a Portugal, arrincar o pano que afasta ás duas rexións pra traballar nos mesmos eidos. Esta posibilidade fai algún tempo que se comezou a entrever con certa forza. En América lóitase por esta xuntanza. Em Portugal contamos em primeirísimo termo con o grande mestre Rodrigues Lapa. En Galicia somos moitos os que queremos esta xuntanza.
> Agora ben. Todos sabemos que entre o portugués e o galego esisten diferencias. Non moitas. Non se tratan de diferencias esenciás, pro son dabondo pra lle dar un xeito particular a cada fala. Daí que xurda a solución deste problema. En distintas tempadas se pensou na solución. Por citar tres nomes e tres tempos lembrarei a Eduardo Pondal, E. Correa Calderón ("Ontes". Lugo, 1928) e Guerra da Cal ("Lua de Alen Mar". Galaxia, 1959). Os tres achegan a grafia galega da portuguesa, pro non trunfan. Non trunfan porque ao mesmo tempo traguerían problemas pras letras galegas.

Depois de umas considerações filológicas, nas quais indigita Guerra da Cal para indicar que "non foi moi feliz" na representação da nasal velar ao utilizar *uha* com til de nasalidade sobre o u, por não ser das soluções mais empregadas nas Cancioneiros[40], Lourenzo Vázquez conclui não se poder unificar as grafias "ó menos por agora" , e assinala como modelo o labor de Rodrigues Lapa no Brasil, que suporia dar a conhecer "ao mundo luso-brasileiro as nosas producións, que non se queden fechadas en Galicia

---

ángulo que se olle a custión: Portugal e Galiza son a mesma cousa [...] Pra solución dos nosos problemas [...] é indispensable abrir as fenestras e non pechar as portas"; e Gurriarán, em referência a *Galicia como tarea*, de Paz Andrade, afirma: "A nosa fala –dí Paz Andrade e estóu prenamente de acordo coíl- ten brillantemente asegurado o seu destino antre os grandes idiomas atlánticos, xa que é tamén a de Portugal e a do Brasil, país das meirandes posibilidades no mundo do porvir".

Pode-se acrescentar também, nessa mesma epígrafe da revista, o texto sem assinar "Seminário de cultura galega", onde se dá conta do início do andamento desse centro na Universidade da Bahia, fazendo um chamado para a colaboração de todos os escritores galegos e especialistas em cultura galega "seja qual fôr o seu país de residência, com menção muito especial dos galeguistas brasileiros e portugueses como representantes dos países em que a mesma tradição cultural se diversificou a novos rumos", texto este que corresponde a uma carta de George Agostinho da Silva, o director da entidade, e que deste modo fazem seu os directores de *Vieiros*.

[40] No entanto, assinala ser pior a solução escolhida por Bouza Brey, "ua" com til de nasalidade sobre o u, indicando ao respeito os estudos de Dámaso Alonso nos Ancares. Lourenzo Vázquez analisa outros três elementos: o uso de nh e lh, admitindo que "a adoución dunha ou doutra grafia nun comenzo foi casual" e defendendo que "non vexo a necesidade deste cambio" pois "Os portugueses conocen perfeitamente a grafía galega, e non atopan dificultade na sua leutura"; de j e g em lugar x, por não existir a diferença fonológica z/s em galego como em português e porque "corríamolo risco de que os propios galegos lesen mal e pronunciasen x (jota) velar onde hai s prepalatal"; e a solução para a terminação latina –tione, escolhendo para o galego –ción en lugar de –zon como faziam maioritariamente os escritores galegos residentes na América, escolha que atribui ao seu afastamento.

sin acadar mais horizontes" afirmando que isso "xa se está a facer", embora considere necessários maiores esforços, e conclui: "Aí está a xuntanza e aí é onde todos debemos traballar pra chegare a esa grande unificación galego-luso-brasileira. A nosa forte irmandade de tantos séculos debe froitificar na creación dun eido cultural común que non desmereza do das outras lenguas románicas. Nós temos o vieiro". Agora Lorenzo fala com autoridade de filólogo e com vontade de fazer(-se) um nome como especialista, pelo que já se afasta do que afirmara aquando a sua recensão de LAM (veja-se supra), mais favorável à confluência de galego e português e em que mesmo apelava à necessidade de "loitar" para conseguir esse objectivo. Começavam assim a colocar-se os alicerces de uma alternativa que, desde o campo científico, defenderá o afastamento de galego e português, de que Lorenzo será um dos principais representantes.

No entanto, aquele vieiro para atingir "un eido cultural común" era, com certeza, pelo que caminhava Da Cal no seu trabalho, embora com uma posição decidida a favor da unificação, dando pasos concretos e levando-os à prática por um lado, e divulgando a cultura galega privilegiadamente nos países lusófonos, e em outros. No caso concreto desta revista da emigração e o exílio mexicano, nos seus contributos persiste na sua defesa da aproximação da língua da Galiza ao português, e nomeadamente neste número em que não há presença de produtores de países lusófonos[41]; e merece salientar-se o facto de que a revista seguisse a sua recomendação de enviar um exemplar a Francisco José Velozo, pois confirma mais uma vez a boa consideração que tinham dele, e o valor que outorgavam às suas opiniões. No entanto, aquela lusofilia mudará de orientação nos próximos números da publicação.

**Da Cal não descura o relacionamento com o Grupo Galaxia, que nesse ano será intenso e terá como objectivo central preparar a edição do seu novo produto literário: *Rio de Sonho e Tempo,* poemário que na altura dava por finalizado**. Desde inícios de ano preocupa-se em conseguir o prólogo que anelava de Otero Pedrayo[42], e traça o projecto da edição com ele e com Ramón Piñeiro[43].

---

41 Luís Soto, no já assinalado texto intitulado "Portugal", ao salientar a boa recepção de *Vieiros* em Portugal anuncia para o próximo número colaboração de portugueses. Neste número 2 só se incluem algumas amostras na epígrafe "Na encrucillada dos vieiros", ao reproduzir algumhas cartas, bem como no trecho reproduzido do texto de Agostinho da Silva ao noticiar o centro de cultura galega na Bahia.

42 Da Cal (15-I-1962) lembra a Otero Pedrayo a petição que lhe fizera em III-1960 (ver supra) e da qual tivera resposta favorável. Fê-lo desta maneira (Seoane, 2002b: 139-140): "I-eiquí estou nos degraus da sua porta a pedir, a pedir-lhe que me perdoe e se lembre dun grande favor que me prometeu en tempos

xa alongados: o prefacio para o meu novo poemario, que daquela levaba o tíduo tentativo de *Pombal de Sonhos*. Aquil *Pombal* vai-lhe agora às suas maos con nova rúbrica –que mudou para *Rio de Sonho e Tempo*. Vostede que percebeu como ninguén algumas das dimensións mais íntimas da minha lívida *Lua*, entenderá, logo que ler, as razóns do troco de tíduo. Un livro de versos, como Vde. dixo, ten que ter 'estrutura e designio' non é un proceso acumulativo, senon tectónico, orgánico. Se é o que debe ser ten o seu sistema interno, espontâneo e irrebatibel e o tíduo ten que reflectir ise sentido *total*, que vai moi alén do senso individual de cada un dos poemas que o componhen. Cando o livreco amadureceu, rexeitou o velho tíduo e con inevitabilidade incontrovertíbel impuxo iste dagora. O original que eiquí lhe incluo é a versión case definitiva, nefeuto *definitiva*. Hai apenas dous ou tres poemas que cecais logren ainda atinxir a sua forma e entrar na corrente do *Rio* interior. Falta tamben, como verá, a tobada –i-a razón é que a orden non esta ainda completamente estabelecida, mas é evidente que iso son accidentes. O *Rio* aí está. Como Vde. irá vendo, segundo ler, iste é un livro moi diferente de *Lua***.** A infancia, xa recuperada, apenas asoma alguhas vegadas. A Galiza, se bem é ainda –e sempre– substratum, xa non constitue un tema esencial. I-as duas veias de *sonho* e *tempo*: o erótico e –o metafísico, son a sístole e a diástole da saudade do home melancolico dos 50 anos. [...] Atrevo-me a asaltar meu caro Mestre Pedrayo con iste pedido das palavras limiares para o *Rio*, por me ter dito o Claudio Guillén que no conxeito da pasaxen dele pola Galiza, no vrao pasado, Vde. lhe perguntou polo livro. Se resolvese fazer-me ise grandísimo honor eu ficaria feliz. Que honra mais alta me cabería que ser apresentado pola figura mais sinhificativa das letras galegas. A *Lua*, deus sexa louvado! –teve um razoabel acolhimento crítico e falou-se a respeito dela na França, na Espanha, em Portugal, no Brasil e nos E.E.U.U. favoràbelmente". Indica o seu anelo de oferecer o poemário de novo à editora Galaxia, embora de nom ser factível "eu podo pubrica-lo en Bos Ares, ou en Portugal, ou no Brasil", e informa de estar a fazer o desenho da capa "o meu amigo Texidor". Confirma pois Da Cal o seu desejo de se poder contagiar do capital simbólico de Otero Pedrayo.

Da Cal (20-II-1962) responde uma epístola de Otero do mês anterior. Informa-o que faltavam uns poemas "que non acababan de se concretizar, embora eu soubese que fazian parte do livro e que finalmente non podian deixar de tomar forma definitiva", poemas que junta com a epístola; para alén de emendar alguns "erros lusitanizantes" da dactilógrafa. E acrescenta (Seaone, 2002b: 141): "Ainda non escrebin ao Piñeiro. Tenho estado ocupadísimo, con inúmeros afazeres academicos e privados. Mas, diste fin de semana non pasa. Tenho, aliás, que lhe mandar un breve poemario duha rapaza americana da California, Anne Marie Morris". Observa-se como Da Cal começa a firmar-se perante os galeguistas como interlocutor.

Datada em "8 antroido 1962", Otero Pedrayo encaminha carta para Da Cal em que confirma que "farei o prólogo ben logo", e fala muito bem de LEEQ (como já fizera em carta de 22-VIII-1957).

Otero (25-III-1962) confirma que "Galaxia terá infinda honra e lediza en imprimir o seu novo libro"**.**

Com data "Nadal de 1962" escreve Da Cal a Otero Pedrayo, indicando haver "longo tempo". Pergunta (Seoane, 2002b: 142): "Non sei se xa terá findado o prefácio con o cal tan altamente vai honrar o meu humildoso *Rio*. Cal foi afinal a sua impresión desas minhas toldadas augas erótico-metafísicas? Debo-lhe fai séculos carta ao San Pinheiro, que me pide a capa do *Rio*, para o imprentar. (Iso é o que me fai pensar que o prólogo está pronto). Hoxe finalmente lha mando. É do meu amigo Texidor, catalán triunfador nos E.E.U.U. e tenho a impresión de que ficou ben. Xa verá".

[43] Piñeiro (12-IV-1962) confirma ter recebido o novo livro de Da Cal, e anuncia que se comprava exemplares como de LAM também o editaria Galaxia. Indica que por E. González López soubera de uma norte-americana que escrevia versos em galego, e de quem se publicará um livro na colecção Salnés. Escreve Piñeiro: "Que tal en Wisconsin? Foi ben interesante que lle falaras do rexurdimento cultural galego a ises profesores de portugués. Compre que vaiam asimilando esa realidade [...]. Pode ser que neste mesmo curso comecen a ensinar o galego na Escola de idiomas da Universidade de Santiago. Pídeno os estudantes e apóiano os profesores. [...]" e solicita-lhe o prólogo para o libro de Anne Marie Morris. Agradece ainda Piñeiro nesta epístola que Da Cal lhe tivesse enviado o seu currículo. Este agente central do Grupo Galaxia continuava a apoiar as suas iniciativas, que valorizava do maior interesse. Desta epístola conclui-se que algo se estava a mexer na Galiza a respeito do reconhecimento da língua, que principiava a ser reclamada na Universidade.

Piñeiro (25-V-1962) reitera que "foi un bó éisito a tua aituación en Wisconsin" e fala de novo do poemário da Morris.

Também Piñeiro (8-V-1962) valoriza *Rio de Sonho e Tempo* (RST): "Certamente, diferénciase marcadamente da 'Lua'. A añorante malenconía erótica i a malencónica saudade metafísica que o definen son novas na tua poesía. Unha e maila outra semellan fillas lexítimas dunha sensibilidade moi afincada na vida e moi ben dotada pra o seu goce sensorial, apaixoado, que, mesmamente por eso, esprésase nunha

Nesse ano, **na Universidade de Santiago de Compostela davam-se avanços para o reconhecimento da língua galega**. Estudantes de todas as faculdades solicitaram do Instituto de Idiomas que contemplasse na sua oferta o seu ensino. Ramón Piñeiro relata o aconteciment o em artigo que publica no final do ano na *Memoria Anual* da sociedade Casa de Galicia, de Nova Iorque, onde indica que paralelamente o Reitor, Jorge Echeverri, por própria iniciativa solicitou a criação de uma cadeira de Língua Galega na Faculdade de Filosofia. E acrescenta (Piñeiro, XII-1962):

> Froito de tales iniciativas é a creación da Seición de Filoloxía Románica na nosa Facultade de Filosofía. No seu plan de estudos esta Seición incruie, no 5º curso, a asignatura de Língoa e Literatura Galega, que capacitará ós futuros licenciados en Filoloxía Románica pola Universidade de Santiago pra insinaren o noso idioma nos Institutos, Normales, Academias e demais centros do insino da nosa terra. [...]
> Esta é, coido, a noticia máis trascendente que lles podemos comunicar ós nosos irmáns da Casa de Galicia de New York ó facéremos balance cultural do ano 62 en Galicia.

Estavam a se colocar, pois, os alicerces para que o galego atingisse no âmbito universitário o primeiro reconhecimento oficial, fruto da pressão que se exercia na instituição. Un reconhecimento para o qual contribuia também o interesse que em diferentes países se demonstrava pela cultura da Galiza, como frisava Piñeiro nesse contributo, onde igualmente indicava a ausência que tinha na mais importante instituição de ensino do próprio país. Da Cal trabalhava por esse reconhecimento em diferentes âmbitos, como se indicou anteriormente, mas privilegiadamente desde a NYU[44].

---

poesía máis malencónica que angustiada. Nela está presente, máis que outra cousa, a door, o desencanto que a vida agroma de seu cando a vai debilitando o ferruxe do tempo. Trátase, si, dunha vivencia saudosa, xa que, ó traspasar a bebedeira gozosa da plenitude vital, tan rica en intensos esplendores sensoriais, hai como un quedarse a solas consigo mesmo. Ora, en tal situación anímica caben duas aititudes: ollar rememorativamente cara o pasado ou ollar interrogativamente cara o futuro. A primeira perspeitiva trocaranos a verdade da vida en lembranza malencónica; a segunda, en valdeiro angustioso que se disolverá en espranza ou en desespranza asegún poidamos ou non enchelo coa fe. Por estar fondamente arraizado na vida, o teu temperamento arrempúxate máis na primeira direición que na segunda. Pra o meu ver, o caudal poético do teu "Rio" ven do manantío da Malenconía máis que do da Angustia. Ou seña: seméllame máis Romántico que Metafísico. Quizáis non estarás dacordo e quizáis teñas razón en nono estar. Non esquezas que son pouco esperto en materia de poesía. A miña opinión carece de responsabilidade crítica. Con todo, non deixo de cha manifestar coa fraternal sinceridade que é de lei entre nós". Nessa mesma epístola Piñeiro indica que com certeza na altura Da Cal já terá recebido outra carta dele anunciando que se publicará o livro de Morris na colecção Salnés: : "Comunícallo, manda o teu prólogo e dille que me mande a decir o título que lle quer poñer". Também pede que lhe envie impressões do simpósio de Wisconsin. A respeito de RST, que demorará mais do previsto, Piñeiro trata da edição com Da Cal em nova carta desse ano, datada aos 26-VIII-1962.

[44] A residência em Nova Iorque permite-lhe estabelecer numerosos contactos e a sua posição de destaque profissional faz que seja objecto de petições de ajuda muito diversas. Assim, **Vicente Escudero** (7-VII-1962) escreve-lhe de Barcelona carta autógrafa, em que indica "Carmita y yo os recordamos con mucho cariño. No olvidamos lo amables que estuvisteis con nosotros en Nueva York".

E o sueco **Nils Hedberg** (10-X-1962) comunica-lhe que o representante do seu Instituto (de Gotemburgo) em Lisboa, o Dr. João José Pereira de Silva Duarte "acaba de ser nombrado lector de

III.2.2.18.-Envolvido numa dupla estratégia: Um acordo ortográfico para o português e a recuperação do galego, em 1963.

Em 1963 Da Cal encontrar-se-á envolvido numa dupla estratégia: a procura de um acordo para simplificar e unificar a ortografia do português, e a promoção de maiores usos do galego, objectivos que manterá até ao final da vida. Nos dois empreendimentos coordenar-se-á com pessoas e grupos, e defenderá propostas institucionais, para atingir mudanças ao legitimado pelos poderes públicos. Ao reconhecimento e projecção conseguidos nos CEL e CL de Portugal e da Galiza, somará a maior acção no da língua.

Em Coimbra, presidiu à Secção de Literatura no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros; e na Galiza publicou novo livro de poesia, num ano muito especial, em que se instituiu o Dia das Letras Galegas. O seu relacionamento com Federico García Lorca e a sua implicação na génese dos *Seis Poemas Galegos* ecoará esse ano na Galiza: *Faro de Vigo* informou (Sem Autor, 26-III-1963) de palestra de Eduardo Blanco-Amor nessa cidade, em que indicou Da Cal como um dos novos poetas galegos que tinha lido Federico, e que participara na transcrição de três poemas; as outras três "canciones" eram autógrafas de Lorca. Este novo dado, ao que aludirão outros pesquisadores, contribuirá à polémica sobre o produto lorquiano nos anos posteriores.
Da Cal vale-se da sua posição profissional para tentar ajudar colegas; e também pede ele favores desse teor[45]. Projectos de anos anteriores no Brasil e nos EUA exigem novos contactos, embora muitos resultarão adiados ou não frutificarão. Continua com dedicação para o intersistema hispânico e, no âmbito institucional, apresentou proposta para novos membros da HSA[46].

---

portugués en esa universidad (NY)" e pede-lhe apoio e que receba bem a ele e à sua esposa Maria José. Diz aliás ter estado num congresso em Oxford onde o acharam a menos e que "os hemos mandado saludos por Casalduero, pídeselos por si se olvidó del encarguito". Em carta posterior, (15-X-1962) este hispanista indica que "nada hubo del lectorado aquel".

[45] Ricardo Gullón (21-X-1963) recomenda-lhe a Aida Barrera para uma ajuda Fulbright. E Da Cal (15-XI-1963) informa a Machado da Rosa de que o apoiara para uma bolsa Guggenhein. Intervinha perante essas duas instituições dos EUA, o que supunha uma posição privilegiada, que por sua vez podia redundar em benefícios próprios caso de lhe tentarem retribuir favores ou quererem conquistar a sua simpatia para os conseguir.
Da Cal (28-II-1963) solicita de Federico de Onís que leve a Arturo Serrano Plaja como professor para a Universidade de Porto Rico. Da Cal também solicita a este profesor apoio para que resulte bem sucedida a sua transferencia para a City University of New York, e Onís (24-V-1963) confirmar-lhe-a que "He recibido su carta y he escrito al profesor Hartle, recomendando lo mejor que he sabido su nombramiento en la nueva Universidad, que creo, como usted, que tiene un gran porvenir. Espero que entienda la importancia que debe darse a lo portugués y brasileño", preparando assim a saída da NYU.

[46] Em papel carimbado da NYU e sem datar (a lápis figura 1963), assinala como numerários Harry Bernstein, do Brooklyn College, e Waldo Frank; e como correspondentes Maria José Bernardete

Assume, portanto, novas actuações, ao mesmo tempo que madura e decide a saída da NYU, que se producirá em 1964. Continua a ser incluido nos directórios biográficos publicados nos EUA, como no conhecido e sucessivamente reeditado *Who's Who in America*, que lhe dedica espaço (AA. VV., 1963: 714) na edição desse ano[47]. Tenta igualmente reorientar a vida pessoal, o que acentua a crise no matrimónio[48]. Trata-se de um tempo de mudança e transição, de consolidar e solidificar posições.

III.2.2.18.1-Trabalho com Galaxia para ultrapassar a situação periférica da língua e a cultura da Galiza. A edição de *Rio de Sonho e Tempo* (RST).

Da Cal atende pedido de Ramón Piñeiro, e em Abril dirige-se ao Reitor da USC para apoiar o ensino da língua galega. As mobilizações a que se referia Piñeiro na *Memoria Anual* da Casa de Galicia nova-iorquina de 1962 terão como resultado o reconhecimento. O Reitor toma a iniciativa, talvez forçado para que o não ultrapassassem os acontecimentos e as protestas, e promove a inclusão de uma cadeira de Língua e Literatura Galega na nova secção de Filologia Românica. Galaxia solicita de diferentes personalidades que lhe enviem escritos de apoio, para legitimar aquela iniciativa, que não era do agrado da Administração centralista. Da Cal (3-IV-1963) confirma a Piñeiro[49] que ele também o fará. E em 19-IV-1963 escreve para Jorge Echevarri, Reitor da USC, carta de reconhecimento por ter impulsado o galego, em que afirma a "transcendeza incalculábel" da medida e acrescenta Da Cal:

---

(Brooklyn College), Zdenek Hampejs (Universidade de Praga), Magnus Mörner (Instituto de Estudios Iberoamericanos de Estocolmo), Maria de Lourdes Belchior Pontes (da Universidade de Lisboa, na altura destinada na Embaixada de Portugal no Brasil), e Vitorino Nemésio (Universidade de Lisboa).

47 Como era regra nestas publicações, recolhem-se alguns dos principais dados biográficos e da sua trajectória profissional. Neste destaca-se a sua colaboração na *Voz de América* e diversas instituições a que pertencia, singularizando-se o facto de ser "trustee" de HSA. Da Cal (1991: 288) informa de ter sido incluido neste produto desde 1961.

48 Da Cal (11-VII-1963) indica a Machado da Rosa que "tenho que preparar com a Margarida a 2ª edição da *Literatura del Siglo XX* corrigida e *alargada*. Tenho anseios de falar contigo. Estou numa crise emotiva feroz. Deus me ajude!". Essa crise implicará divórcio e novo casamento (ver infra).

49 Piñeiro (13-IV-1963) refere-se a 1963 como "verdadeiro 'ano santo' das nosas letras porque cumpren 100 anos de idade", pela edição de *Cantares Gallegos* de Rosalia. Entre os projectos de Galaxia indica editar *Rio de Sonho e Tempo* de Da Cal e o livro A. M. Morris, a norte-americana que escrevia em galego. De quatro iniciativas, essas duas implicavam Da Cal, o que demonstra a sua centralidade na altura para Galaxia. En nova carta (também de IV-1963) Piñeiro informa-o de que Ramón Lugrís se trasladava para Nova Iorque, para "trabalhar na ONU", e que "É de Ferrol, como tu", uma maneira de procurar o contacto e a cumplicidade entre os dois aliados de Galaxia. Lugris era um (Fernández [Carlos], 2002: 75) "teórico" do Grupo Galaxia que participava activamente desde 1955 e que defendia ser "absolutamente necesario superar o nacionalismo. [...] non podemos seguir a facer do galeguismo unha doutrina nacionalista porque a pervivencia de Galicia como comunidade cultural –e, polo tanto, social, política e económica—depende da sorte de toda Europa. Si toda Europa non acada a salvación, Galicia tamén non se salvará", segundo testemunhou Franco Grande e recolhe o professor Carlos Fernández, da Universidade de Vigo, num trabalho em que julga serem "o romanticismo e a ilustración" os principais eixos definidores do grupo galeguista.

> A vitalísima iniciativa de V. Exa., que prestando ouvidos aos calorosos sentimentos patrióticos da mocidade académica fixo posíbel o cumprimento deses anceios tan longamente frustrados, merece o agradecimento de todos 'os bons e xenerosos' e de todos os amantes da cultura galega renascida à roda do mundo –que non son poucos.

Responde assim à estratégia de Galaxia[50], como um mais desse grupo que trabalhava no exterior, para conseguir um maior reconhecimento para a língua galega. Um reconhecimento que a ele convinha também para atingir repercussão da sua produção literária na própria Galiza, que aquele ano cresceu com um novo título.

A edição de *Rio de Sonho e Tempo* (RST) aconteceu em 16 de Abril[51], segundo data do cólofon, sob a chancela de Galaxia. Este novo poemário de De Cal, de 120 páginas, inclui capa de Fernando Teixidor; leva dedicatória à sua mãe, "Limiar" de Otero Pedrayo; 41 poemas e "Glosario de termos galegos para portugueses e brasileiros".

No "Limiar[52]" Da Cal é definido como (Otero Pedrayo, 1963: 14) "mestre da nova Galeguidade [...] um dos millores representantes do esprito de Coimbra e Compostela". Dirige-se a ele como "poeta benamado" indicando que a língua de Da Cal coincide com a de Eça de Queiroz "o mais comprexo e sotil mestre moderno da lingoa". Finaliza com referência à "dinidade da adicación de 'Galaxia'", salientando o labor da editora por devir "nun dos traballos mais fermosos e ledos dos nosos andados tempos; de xeito que, pechando os ollos, sentimos as palabras e os traballos dos amigos e irmáns de mañás da nosa empresa, e co valente labio de entón ouzamos nacer as estrofas do himno pondalián". O símbolo maior do galeguismo, e de Galaxia, valoriza como o poemário de Da Cal estava na linha do que talvez mais almejassem.

---

50 Galaxia tinha na altura o maior protagonismo cultural na Galiza, iniciado em 1950, mas esse ano organiza-se o Partido Socialista Galego, a que seguirá em 1964 a fundação da Unión do Pobo Galego, o que favorecerá uma nova situação em que a actuação do grupo começa a ser questionada pois (Villares, 1980: 292) "desde meados dos 60 e con máis intensidade no decenio seguinte vaise afirmando un novo galeguismo, baseado no labor dos partidos políticos e beneficiado pola incorporación do marxismo, que constitui un digno sucesor daquel nacionalismo de tantos pulos nos anos inmediatos á guerra".

51 Do processo da edição documentam-se as seguintes datas: 23-I-1963 (carta de Piñeiro); 29-I-1963 (Del Riego indica que já tudo estava na censura, em Madrid. Anuncia as mesmas condições que para editar LAM); 19-II-1963 (Del Riego confirma que lhe reservavam 200 exemplares. Valoriza: "é un fermoso libro"que via superior a LAM, e agradece "infindamente a honra que me fas" ao dedicar-lhe um poema). 26-II-1963 (Da Cal informa a Anne Marie Morris: "O meu RST está já no prelo"); 9-III-1963 (A. Bernárdez, secretário de Galaxia, comunica-lhe o saldo devedor a 31-XII do ano anterior, 2.615,95 pesetas. Remete os últimos exemplares de LAM retirados das livrarias, pois no armazém "el libro figura como agotado"); 19-III-1963 (Da Cal solicita Del Riego que incorpore emendas a RST).

Da Cal (23-IV-1963) agradece a Otero Pedrayo (Seoane, 2002b: 143) os dois prólogos que lhe tinha enviado. Del Riego (29-IV-1963) afirma que havia 3 dias lhe tinha enviado o primeiro exemplar de RST por avião; justifica a não inclusão de nota biográfica, porque Da Cal era já poeta conhecido. Del Riego (21-V-1963) comunica Da Cal que o livro se distribuirá como ele quer. Piñeiro (28-V-1963) informa-o que "gosta sen reservas a cantos o ollan, certamente con motivo, pois é unha edición fermosa".

52 Na HSA encontra-se um segundo prólogo, autógrafo, redigido por Otero.

No volume há citações, de Shakespeare, Pessoa, Shelley, Milton, A. Gide, Teixeira de Pascoais, Marquês de Santilhana, Bernart de Ventadorm e Robert Frost. Uma composição, "Haikus", especifica-ser ser "À maneira de Bashô". Encontram-se poemas dedicados a Ánxel Fole, Rodrigues Lapa, Uxio Novoneyra, Cecília Meireles, Fernández del Riego, Elysio Condé, Manuel Bandeira, Domingo García Sabell, Otero Pedrayo, Hernâni Cidade, Ángel del Rio, Thiers e Rosita, e sua cunhada Matilde. Que dizer: a família, e também nomes dos CL e CEL da Galiza, Portugal e o Brasil, que conformavam as diferentes redes que Da Cal tinha tecido. Nos temas há presença da Galiza, embora de maneira diferente a LAM, e o erotismo e a metafísica são eixos explicativos do *sonho* e do *tempo*. Da Cal lembra a geografia e motivos da infância, reflecte sobre a existência e sobre o amor (merecem destaque os poemas "Vazio", nas pp. 70-71 e "Descoberta", colocado na continuação: o primeiro deles sobre o final de um amor, e o segundo sobre o reinício possivelmente com um amor português, num poema em que se parafraseia Camões), há referências religiosas, e experimenta com a forma das composições, com o ritmo, a medida  e a rima, e com a incorporação de um poema ao modo japonês[53] e a presença da França (em "Paradise Lost", para além da presença de produtores literários franceses citados) e dos EUA (com poemas sobre Broadway e Connecticut), e de voltar de novo a motivos neotrovadorescos (em "Alva em maneira de proençal" ou nas citaçons de Bernart de Ventadorm). Os dois poemas finais, rosalianos, aprofundam na identificação da poeta como símbolo da Galiza. O vocabulário, de 55 termos, é de teor semelhante ao de LAM.

Aos 7 de Junho publica-se a primeira crítica de RST, de **Francisco Fernández del Riego** (sob pseudónimo Salvador Lorenzana[54]) em *La Noche*, e nela encontram-se referências que reatam com a memória da guerra, o exílio e a proscrição da galeguidade, e também relaciona o poemário com tendências como o existencialistas que tinham na altura presença no CEL galego. Salienta Del Riego a "fonda devoción pola sua terra" do autor, que "fai gala dunha sabia maestría formal". Afirma que "puidera somellar, de primeiras, unha poesía sensorial e metafórica. Pero, en realidade, trátase dunha poesía eisistencial que xurde dunha íntima raigame corporal e humá".

[53] Este país oriental já estava presente em LAM, no poema (Da Cal, 1959:57) "Dibuxo para un ventalhe xaponés". Os dois são poemas breves e em estrofes de três versos, seguindo o estilo dos haikus.

[54] Com este mesmo pseudónimo (Del Riego, XII-1960), no artigo "Panorama da Cultura Galega" na epígrafe "Renovación da poesía" frisa que, na altura, a "lírica do país" vivia "un novo rexurdir", unindo à obra dos poetas consagrados "outros, que dan á poesía galega de hoxe unha sobresaínte presencia", citando Luís Pimentel, U. Novoneyra, Da Cal em LAM e Díaz Castro que "teñen incorporado ó plano da nosa poesía, inéditos e vigorosos acentos".

Indica que "Vive Guerra da Cal na distancia. [...] Prefire deixar ceibe a memoria pra inventar a verdade das cousas que pasaron, sin pasar". A "breve glosa", como ele próprio a define, finaliza com esta valorização de Del Riego:

> É un libro de calidade, que complementan ainda os maníficos poemas finás nos que o poeta dá, en dous tempos, unha orixinal visión do mundo rosalián. Niles como en todos os máis, Ernesto Guerra da Cal apreixa en versos rotundos e armoñosos, a beleza fonda e perdurabre.

Del Riego acompanha atentamente, pois, a produção de Da Cal. Como antes fizera com LAM e LEEQ, o novo poemário merece-lhe elevada valorização[55], e divulga-o num meio na altura de relevo para a difusão da cultura galega, como era o jornal compostelano.

Na RHM, **Raymond S. Sayers,** professor do City College de Nova Iorque e reputado crítico (com especial dedicação à literatura do Brasil), afirma ser Da Cal conhecido pelo seu labor de "crítico e historiador das literaturas ibéricas, e sôbretudo por seu livro fundamental sobre Eça de Queirós". Frisa que "sempre tem sido poeta, sempre escreveu poesia", apesar da demora em publicá-la. Sublinha como emprega o português ou o espanhol no ensaio, mas o galego na poesia, como "língua de seus antepassados e de suas recordações infantis, das experiências que mais profundamente ficam no seu subconsciente". Assegura que com LAM e RST "faz uma contribuição notável à renascença cultural galega, e toma um lugar de destaque entre os seus líderes". Analisa composições e valoriza que "no novo livro o autor ainda se serve da velha temática", indicando que na segunda secção, "Ego", se encontra "a consciência do mundo desaparecido, das experiências que se tornaram apenas oníricas, são também as saudades da infância, que trazem à consciência do autor a ideia de que já desceu o rio que leva até ao mar da morte. Embora não sinta mêdo da velhice, todos os símbolos, todas as metáforas, demonstram que ela o preocupa". Defende que as "imagens vagas e imprecisas" de certos poemas lembra produtores ingleses. Para Sayers (VII/X-1963):

> como Shelley, Da Cal é um artista do indefinido e do impreciso, um impressionista, cuja qualidade mais notável é a musicalidade dos versos e a fluidez do estilo. [...] Outra coisa que se nota é a consistência com que o poeta escreve versos rimados; o efeito, porém, por causa da variedade das formas, não é monótono, e a impressão total deixada após a leitura do livro, é de uma coleção de poesias de grande modernidade.

---

55 Del Riego (8-VI-1963) envia-lhe o comentário, e terá neste ano novos contactos epistolares com Da Cal, e pessoal em Coimbra: em epístola datada aos 18-X-1963 fala-lhe da distribuição de RST; e aos 11-XI-1963 remete-lhe novo artigo sobre o livro publicado no jornal *La Noche* (ver infra).

Refere finalmente a facilidade de leitura para brasileiros e portugueses. Esta crítica inicia a internacionalização do poemário.

Em 9 de Novembro **Arcadio López Casanova** ocupa-se de RST em *La Noche*. Avisa da dupla dimensão de Da Cal como investigador e poeta, e ressalta o impacto que supunha para os novos produtores galegos pela sua produção e interesse na língua:

> Mais, pra nós novos, hai outra dimensión, no caso concreto de Ernesto Guerra da Cal, que tamén e por riba de todo nos interesa sinalar: i é a do home que sinte afervoadamente a sua terra, que manten unha liña de identificación co seu país, que sigue sempre fidel a voz do seu pobo. E ten, por mais, doble valor ista postura, si cavilamos que il se atopa lonxe da sua Galicia entrañabel si cavilamos que hai anos se atopa alonxado da nosa realidade doorida.

Defende estar LAM na linha de Bouza Brey, Cunqueiro, os Álvarez Blázquez "revitalizadores da nosa literatura, das estroituras das antergas cantigas galaico-portuguesas". Reproduz trechos de poemas, indicando que Da Cal "Quere recobrar o tempo ido" e conclui que no último poema, dedicado a Rosalia, "acada un fermoso retrato do noso mais outo poeta de todolos tempos, que ven a ser un retrato da ialma limpa e doorida de Galicia, que de xeito tan fondo sinte Ernesto Guerra da Cal".

Em 8 de Dezembro, **Salvador García Bodaño**, em *Faro de Vigo*, singulariza alguns poemas, afirmando que esta produção de Da Cal pode ficar "hoxe encaixada, ainda que somentes en certo xeito, dentro da liña do neotrovadoresquismo que con aguda brevedade sinalóu xa Arcadio López Casanova". Salienta "unha dualidade afectiva cara os dous países nos que transcurre a súa mocedade e se consolidan os alicerces da súa formación: a vella Galicia das grandes espranzas i o Portugal". Acrescenta Bodaño:

> niste poeta a forma do seu verso non obedez –como noutros da mesma liña— a unha preferencia estética senon á total necesidade de dar trascendencia ás raigañas máis fondas diste peculiar sentimento no que, asomade, se misturan todas isas vivencias que o home porta no seu cor cando se ve viaxeiro involuntario: ausencias, nostalxias, vagas señardades que o tempo non leva.

Também salienta poemas de "maneira 'íntimo-afectiva'"; a construção de "Broadway very late", em que encontra "resoancias Valleinclanescas e de Rafael Alberti", e ainda alude do "fermoso" poemario ao texto prefacial de Otero Pedrayo.

No final do ano, em *Grial*, **Ánxel Fole** –que o ano anterior ingresara na Real Academia Galega– afirma ser RST "máis fermoso e máis inspirado" que LAM e "máis fondamente sentido e pensado. Tamén máis ricaz. [...] máis ateigado de relembros e saudades". Refere a presença das "montanas do Caurel, olladas dende o val do Queiroga" e do rio Sil, lembrando a sua presença naquele território. Fole manifesta-se

sobre os dois poemários de Da Cal com simpatia e alta valorização, e coloca-o entre os poetas com maior personalidade e que mais contribuiam para impulsar as letras galegas, com uma literatura julgada de maior qualidade e destaque.

Em Portugal, no número de Outubro-Dezembro de 1963, *Perspectivas* –revista de orientação católica, de Lisboa– inclui recensão conjunta de LAM e RST assinada pela directora, **Maria Joaquina Nobre Júlio**. Afirma que na poesia de Da Cal "cabe toda a paisagem galega" e indigita Rosalia de Castro como a "sua mestra". Salienta o relacionamento com a cultura portuguesa, por LEEQ, e cita trechos do texto prefacial de Otero em que se frisa o seu pendor para o relacionamento galego-português. Ao analisar LAM interpreta o tríptico que abre o volume, pela presença de Charinho, Camões e Rosalia como uma maneira em que (Júlio, 1963:271)

> Consciente, devotamente, o poeta coloca a sua lírica sob a égide dos mestres cuja ligação colheu e procura transmitir. [...] Aprendeu com eles, encontrou neles talvez o estímulo que o fez poeta, mas depois seguiu caminhos seus, tão pessoais e tão autênticos, que lê-lo é encontrarmo-nos como uma personalidade rica e original.

Salienta os temas da viagem (Júlio, 1963: 272) ou o amor, e observa na poesia dacaliana que (Júlio, 1963: 273) "é antiga e que é moderna, que é profundamente original, e por isso, sendo muito sua, a sentimos como nossa também". Põe em destaque três poemas ("Adivinha", "Alva em maneira de proençal" e "Non sum dignus", também cita um trecho longo do "Poema a Luís de Camões") que transcreve no final, "para que os nossos leitores possam aquilatar do valor da sua poesia e sintam desejos de conhecê-la", embora cite outros dos dois produtos. Os elementos religiosos presentes nessa produção literária dacaliana ajudavam para essa tão elevada valorização, pelo teor da revista. Este trabalho contribui para a projecção de Da Cal em Portugal ao salientar a sua lusofilia. Respeita Júlio a ortografia, oferecendo imagem positiva de Da Cal e da sua produção.

Para além destas críticas publicadas na Galiza, nos EUA e em Portugal, Da Cal recebe valorizações através de epístolas de outros produtores aos que lhe enviara RST[56], nomes consagrados dos CL e/ou CEL português, brasileiro e hispânico: Alberto Machado da Rosa[57], Cecília Meireles[58], Joaquim Paço D'Arcos[59], Manuel de Paiva

---

[56] No "Verão 1963", enviou exemplar para Manuel Bandeira, com dedicatória, e acompanhado de cartão em que pedia "a sua impressão deste poemário".

[57] Da Cal (20-VI-1963) confirma a Da Rosa: "Recebi 10 exemplares e um deles é para ti [...] es uma das pessoas, não muitas, para quem foi escrito". Em 31-VII-1963, acrescenta: "gozei imenso con todas as coisas tuas a respeito do meu *Rio* [...]. De facto, a relação da *Lua* com o *Rio* foi-me revelada por

Boléo[60], Fidelino de Figueiredo[61], Tomás Navarro[62], Ricardo Gullón[63]. Na NYU, RST ecoa através do boletim *New York University Alumni News*[64].

Além disso, Da Cal implica-se nesse ano para preparar a edição do poemário de Anne Marie Morris[65], e em favorecer outros interesses de Galaxia[66].

---

ti duma maneira nova". Responde-lhe Da Rosa (2-VIII-1963) que os estudos estilísticos queirosianos "te deram um extraordinário sentido das estruturas poemáticas e que as centenas de influências que a tua permeabilidade quase queirosiana absorbem e transmutam, nada, absolutamente nada te prejudicam". Epístolas desse verão demonstram interesse em se ocuparem dos produtos que os dois publicaram na altura: RST o mais o estudo *Eça discípulo de Machado?* que editara Da Rosa no Brasil.

58 Meireles (17-IX-1963), escreve: "Agradeço-lhe muito ter-me oferecido uma de suas páginas: mas (desculpe-me) eu considero minhas tôdas as suas páginas! porque me parecem tão familiares, tão naturalmente cantadas e conversadas como se as conhecesse antes mesmo de serem escritas. É uma coisa muito estranha, mas é assim. Talvez haja na nossa família algum antepassado trovador que explique o assunto...". No final de ano, em cartão de Natal, acrescenta Meireles: "Da Cal: seu livro não é para ser lido, mas para ser cantado. Cantei-o, pois, com alegria, comovida diante de cada palavra".

59 Arcos (2-X-1963) retribui com uma *Antologia* dos seus contos, organizados por Hernâni Cidade.

60 O reputado crítico e Professor da Faculdade de Letras da UC, acusa recibo (X-1963) da "amável oferta" de RST, e salienta: ¡Que poder de síntese o daquele 'Arrepío'".

61 Figueiredo (21-X-1963), responde carta de Da Cal de 3-X-1963: acusa recepção de RST, e fala elogiosamente do livro: "O seu galleguismo de mar a mar, do cantábrico à costa algarvia reconstitui a velha unidade galaicoportuguesa de idioma e sensibilidade. Ao ler os seus poemas, esquecia-me de que estavam compostos em língua estranha, ainda que irmã, uma irmandade apartada pelo destino".

62 Agradece (XII-1963) RST, que afirma ter lido "con admiración". Navarro, também exilado nos EUA e referência nos estudos de métrica espanhola, valoriza: "En su poesia hay melancolía y nostalgia de auténtica estirpe gallega. La lleva usted muy bien disimulada bajo su animado y expresivo trato personal. Nadie que piense y sienta hondo puede ser verdaderamente alegre. He leído en voz alta algunas de sus composiciones y nos han sonado muy bien, a pesar de lo mal que yo debo pronunciar el gallego. Hubiéramos querido oírselas a usted. Se percibe muy bien su ritmo y armonía, por debajo de la libre y variada disposición tipográfica en que aparecen muchos versos. Habría que oirlos de su voz para ver como se combinan en ellos el ritmo óptico y el musical".

63 Agradece (11-XII-1963) o poemário, e pede-lhe que NYU celebre o centenário de Unamuno.

64 Em XII-1963, na secção "NYU notebook", informa da publicação de RST, e da participação, em Setembro, no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado em Coimbra (ver infra).

65 Assim se evidencia por epístolas entre ele, Morris e Piñeiro. O volume mesmo se anunciou num catálogo de Galaxia para esse ano. Documenta-se este processo: 22-II-1963 (Piñeiro anuncia Da Cal o projecto de editar o livro com ensejo do centenário de *Cantares Gallegos*); 26-II-1963 (Da Cal confirma Morris o interesse de Galaxia e pede-lhe dados para o "Limiar"; cita artigo de Del Riego no *Faro de Vigo* em que lhe fai referência, e propõe o título, que será definivo: *Voz Fuxitiva*"); 7-III-1963 (Da Cal urge de Morris os dados biográficos para poder preparar o volume aquele ano, como anelava Galaxia); 3-IV-1963 (Da Cal confirma a Piñeiro que já tinha o poemario, cujo titulo era *Voz Fuxitiva*. Morris encomendara-lhe a selecção e texto definitivo "cousa que estou a facer"); 28-V-1963 (Piñeiro reclama-lhe o livro e o prólogo, para sair no ano). O empreendimento será retomado em 1964.

66 Os contactos epistolares evidenciam como Da Cal trabalhava activamente em prol dos interesses de Galaxia, para favorecer as conveniências económicas do grupo e dar a conhecer os seus empreendimentos. Assim, recomenda (19-III-1963) a Del Riego que envie catálogos de Galaxia para a Holanda (Utrech) e a Suécia. No entanto, a principal gestão será perante a Fundação Calouste Gulbenkian: Procurava Galaxia o contacto para conseguir financiamento e para estreitar laços com a fundação que Fermín Penzol disponibilizara aquele 1963 em Vigo. Piñeiro (31-VIII-1963) indica a Del Riego (Del Riego, 2000: 201) que aproveite para esse contacto com ensejo da presença de Da Rosa e Da Cal, que em Setembro participavam no Colóquio de Coimbra. Representantes de Galaxia deslocam-se a Lisboa e a Coimbra, estão com Da Cal e Da Rosa, e acontece aquele contacto anelado com a Gulbenkian. Piñeiro (12-X-1963), em carta para Da Cal, exprime satisfacção, afirmando: "Práceme decirche que voltamos de Coimbra co esprito conmovido pola vosa fraterna e xenerosa cordialidade. Aquelas horas, cheas de ledicia e de emoción, son das que non se esquencen endexamáis. Nise tesouro íntimo que cada

Na *Memória* de 1963 da Casa de Galicia de Nova Iorque, Da Cal aparece na "Sección de Cultura y Colaboradores", presidida por Emilio Flores, como membro da mesma, juntamente com Alberto Uriarte, Ramón Lugris, José Vecino, Antonio Calvo, José Castro Barral, Frank Velando, os professores Leonardo Santamarina e Emilio González López, e o doutor Enrique Santamarina. Continuava, pois, a colaborar com a colectividade de exilados, e esse ano também participou nos actos de homenagem a Rosalia de Castro, com Emílio González López. Para além dessa intervenção, Da Cal ofereceu para aquela publicação anual um duplo contributo literário: a tradução para galego de dois poemas de Langston Hughes, e a publicação de dois poemas próprios[67].

III.2.2.18.2.-Iniciativas para o intersistema lusófono: a necessidade de reformar a ortografia e uma nova revista especializada nos EUA.

No intersistema lusófono emergem em 1963 duas iniciativas que envolverão numerosos produtores de diferentes campos, sobretudo os dos estudos linguísticos e literários, e nas duas participa de forma central Da Cal. A primeira, que se efectiviza no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Coimbra, é respeitante à necessidade de uma reforma ortográfica, que ultrapassasse as diferenças entre portugueses e brasileiros; e a segunda será ultimar a edição da *Luso-Brazilian Review*.

Além de presidir à Secção V do Colóquio, dedicada a Literatura[68]; Da Cal reivindicou, com Machado da Rosa, Celso Cunha e Pedro Calmon, a aproximação lingüística de Portugal, Galiza e o Brasil. Os quatro defenderam uma proposta conjunta para a constituição de um Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa Contemporânea. Segundo as *Actas*, a proposição resultou muito polémica e provocou

---

un forma coa lembranza das mellores horas da sua vida estará sempre presente a maravillosa xornada conimbricense" e confirma uma visita de Domingos Monteiro, dirigente da Gulbenkian, quem "Estaba moi ben enteirado das vosas conversas de Coimbra co Perdigão. Sabía do teu interés e do do Alberto [Da Rosa]. Presinto que il mesmo rematará por compartir ise interés. Considero bó sinal esta visita particular, que proba a profunda eficacia da vosa xestión". Na epístola encoraja-o para visitar a Galiza e pede-lhe para *Grial* um artigo sobre os poemas galegos de García Lorca.

[67] Traduz "Too, Sin America" e "The Negro", como "Eu também canto a América" e "O Negro". Em breve apresentação, define Hughes como "talvez o poeta de raça negra mais eminente dos EE UU". Os dois poemas podiam-se aplicar à situação da Galiza, para parafrassear o que acontecia com os defensores da cultura e da identidade própria na altura.

A respeito dos dois poemas próprios, intitulados "Pergunta Tola" e "Vieiro", trata-se de composições de interrogação, de falta de certeza, em que salienta o desconcerto perante a realidade no primeiro deles, e o total desencanto pelo resultado do existir no segundo. Poesia, pois, de pendor metafísico, na linha da produção de Galaxia, que se preocupava pela saudade e temáticas desse teor.

[68] No *Diário de Coimbra* (Sem Autor, 5 e 6-IX-1963) fica constância do seu labor na presidência. Da Cal (26-II-1963) confirmou a Machado da Rosa a decisão de participar no acontecimento. Américo Ramalho (14-VI-1963), Vice-Presidente do Colóquio, informa-o que a Comissão Organizadora tinha acordado pagar-lhe as viagens "bem como um subsídio de estadia e assistência ao Colóquio, na importância de 2.500 escudos".

numerosas intervenções, entre as quais Celso Cunha, quem insistiu na (AA. VV., 1965: 361) "necessidade de simplificações ortográficas que permitam uma alfabetização mais rápida" bem como "a conveniencia de uma uniformização ortográfica que, sem prejuízo de ocasionais diferenças fonéticas (unidade na diversidade), apresente uma grafia única do português de Portugal e do Brasil". Também se recolhe como (AA. VV., 1965: 362) "Um dos comentarios mais enérgicos e bem fundamentados a respeito da necessidade de uma política comum luso-brasileira do idioma foi o do Prof. Ernesto Da Cal, ao apontar o exemplo da Espanha que ainda recentemente se ocupou desse grave assunto na área do espanhol em congresso reunido em Madrid". Apesar do empenho nessa iniciativa nos anos posteriores, a instituição não prosperou[69].

Da Cal estava na primeira linha de defesa de um empreendimento especialmente sentido no Brasil, como o demonstravam a presença de Calmon e Cunha, e projectava-se também pela preocupação pelo futuro da língua. A secundarização da língua a respeito da literatura na concepção metodológica que defendia contribuía para este passo, que deveu surgir do diálogo no próprio Colóquio, pois não se encontrou nenhum indício de contactos prévios. A polémica que se seguiu fez de novo de Da Cal centro deste novo Colóquio, como acontecera no celebrado em 1959 na Bahia.

**A edição da *Luso-Brazilian Review*** confirmou-se nesse ano. Concretizava-se assim um projecto de longa data aguardado por muitos lusitanistas dos EUA, para ultrapassar a secundarização de que eram objecto nas revistas dos hispanistas, e conseguir uma maior presença nos EUA para fazerem pressão em favor dos seus interesses. Da Cal era requerido como colaborador de destaque, e ocupará papel de relevo desde o primeiro número, que se editará em 1964[70].

---

69 Talvez o maior erro foi o não ter aderido algum português com autoridade em Portugal, como Lindley Cintra, de quem falariam a posteriori (ver infra): Da Rosa era português, mas encontrava-se exilado, pelo que não era a pessoa mais certa, pois precisava-se acesso a instituções do Campo do Poder Político salazarista para favorecer aquele propósito, e ele era opositor. Os receios de Portugal para este empreendimento derivavam-se do convencimento de que tinha mais a perder com o um acordo, por se considerar a origem da língua e valorizar que lhe deveria corresponder a iniciativa principal a respeito da mesma, um posicionamento que nas décadas seguintes manterão muitos grupos e elites.

70 Os contactos por causa deste acontecimento são constantes. Machado da Rosa (14-II-1963) pede-lhe de urgência o trabalho que apresentara no simpósio de Wisconsin do ano anterior para publicar, pois "a Johnson Foundation forneceu os chamados 'meios' indispensáveis".
Da Cal (26-II-1963) responde que demorará uma semana em enviar o trabalho..
Da Rosa (22-IV-1963) solicita formalmente aquele contributo, em carta redigida em inglês. E previamente (11-IV-1963) tinha-lhe encaminhado epístola em português com a mesma finalidade.
Da Rosa (21-V-1963) comunica-lhe: "Quero que sejas o primeiro, fora de Madison, a saber de um grande acontecimento, a realização de uma aspiração minha (e nossa) de muitos anos: a *Luso-Brazilian Review*". Esclarece que será uma revista devotada para os estudos luso-brasileiros, de que sairão dois exemplares

Não descura Da Cal os estudos queirosianos: continua a divulgar Eça e a elaborar a *Bibliografia Queirosiana*[71], e mantém gestões sobre propostas dos anos anteriores[72]. P**ublicou novos verbetes sobre Literatura Portuguesa na *Grolier Encyclopedia***, onde oferece uma visão própria do cânone da literatura portuguesa, que assim contribuia a difundir para o intersistema anglófono, privilegiando a metodologia estilística e comparativa. Nesse repositório ocupou-se de "Eça de Queirós", "Almeida Garrett",

---

anuais, de 200 a 250 páginas cada um. "O primeiro número deve sair em abril e incluirá os trabalhos dos simpósios de 1961 e 1962 [...]. É possível que o teu trabalho (ergo, a Galiza) apareça em primeiro lugar. Naturalmente que conto contigo, *for the future and always*. Se não me engano é a primeira vez que aparece uma revista (com ambições) ´scholarly' exclusivamente concerned with Portugal, Brasil (e Galiza). *It cannot fail, and it will not fail*".

Da Cal (20-VI-1963) congratula-se pela confirmação da nova revista "que realiza essa nossa velha aspiração. Espero que a Galiza apareça, oficialmente, em letra redonda, ao lado de Portugal e o Brasil, no subtítulo dessa almejada ilusão. Fico radiante com o aparecimento, possível, do meu *paper* no primeiro número. Prometo, desde já, colaboração nela". Esse anelo a respeito da presença privilegiada da Galiza no título não prosperará.

Da Rosa (22-VII-1963) comunica gestões com a Fundação Ford para o financiamento, mas finalmente decidiram fazê-la com fundos estatais o que garantia "dada a força da inércia, a sua perpetuidade".

[71] Da Cal (20-VI-1963) reprova Machado da Rosa o ter-se inteirado por *Hispania* da publicação de um seu trabalho queirosiano, e reclama-lhe a referência para o incluir "na gigantesca e bolorenta Bibliografia que, finalmente, levarei a Coimbra, completa, para ultimar a publicação. Já há impressas umas 50 pp. Julgo que virá a lume, Deo Volente, em começos de 64".

Da Rosa, em carta sem datar, confirma a publicação de *Eça discípulo de Machado?*, de que recebera um só exemplar. Solicita-lhe recensão para a RHM, e frisa: "Para te falar com franqueza (tenho-o dito a minha mulher e a todo o mundo), em matéria queiroziana tu és realmente o mestre e a tua opinião é para mim a que mais prezo e a que mais ansiosamente aguardo".

Da Cal (11-VII-1963) confirma a Da Rosa que "naturalmente que me interessa a tua iguaria queirosiana" e e promete ocupar-se dela na *Romanic Review* ou na RHM. Pede-lhe que corresponda ele com RST, na revista que se ia editar em Wisconsin. Refere que "O *Rio* está tendo sucesso na Galiza" e que "estou trabalhando como um louco na *Bibliografia* que é obra urgente. Espero acabá-la para Setembro".

Da Rosa (22-VII-1963) diz em carta a Da Cal: "Em nome de ele (Eça) te pergunto, homem peripatético e cruel, se não sabes o que sente um autor [...ilegível] e nervoso, cuja única cópia do seu livro se encontra nas mãos de uma autoridade, da Autoridade". Diz qu estava a preparar um trabalho para Coimbra que esperava fosse melhor e mais original do que o livro. Reclama o vol. II de LEEQ e mais a Bibliografia.

Da Cal (31-VII-1963) confirma a Da Rosa a boa impressão da leitura de *Eça, discípulo de Machado?*. Valoriza-o como "de primeira categoria –e faço esta afirmação com uma longa mão espiritual posta sobre a arca santa de Santiago"; e promete "epístola quilometriquíssima", com pormenor.

Da Rosa (2-VIII-1963) comunica a Da Cal que prefere a recensão em espanhol, talvez na procura de um maior impacte que ultrapassasse o interesse dos lusitanistas, para assim chegar melhor aos hispanistas; e lembra que ele também utilizara esse idioma ao se ocupar de LEEQ. Promete Da Rosa estudo de RST.

Da Cal (15-XI-1963) indica que tem pronta a resenha do volume de Da Rosa, e solicita um exemplar para a biblioteca, pois ia leccionar um curso sobre Eça e queria que o alunado o lesse.

Da Rosa (1-XII-1963) agradece a Da Cal: "por te teres ocupado do meu livro e por estares em vias de acabar a recensão". Talvez Da Cal lhe tivesse dedicado comentário na programação da *Voz de América*, que se não pode documentar na presente pesquisa; mas não consta que publicasse nenhum trabalho.

[72] Jorge de Sena (13-II-1963) encaminha carta para Da Cal, em que se interessa pelo volume queirosiano que lhe tinham encomendado.

Outro projecto brasileiro que sim virá a lume, mas demorará, será a tradução de LEEQ. Da Cal (14-X-1963) solicita ver provas da tradução brasileira, anunciada num prospecto de publicações que lhe enviara Portella. Carta de Portella, de 1963, talvez posterior a esta de Da Cal, anuncia que "A tradução do seu Eça está praticamente concluída", com a ajuda de Estella Glatt. Fala do compromisso dele porque "considero o seu livro a obra mais importante que se escreveu sobre um ficcionista de língua portuguêsa, porque tenho por você a maior admiração intelectual, e porque estamos irremediavelmente comprometidos com uma amizade que nos torna irmãos".

"Luís de Camões", "Camilo Castelo Branco", "Eugénio de Castro", "Inês de Castro", "Júlio Diniz", "António Ferreira", "Alexandre Herculano", "*The Lusiads*", "Abílio Guerra Junqueiro", "Francisco de Moraes", "António Nobre" e "Garcia de Resende". Neste repositório apresenta os produtores muito brevemente, oferecendo informações elementares da sua vida e produções canonizadas. O artigo de Inês de Castro assina-o como membro do Brazilian Institute da NYU, e os restantes sem a referência ao Instituto ou mesmo os mais breves, como o de Eugénio de Castro, sem assinatura[73]. O maior espaço é dedicado para Camões, a quem apresenta como "the faremost Portuguese poet", qualificando *Os Lusíadas* como "Camões' masterpiece, and the most universal of all Portuguese literary works", sendo o único título da sua produção que refere, comparando-o com trabalhos dos italianos Ariosto e Vergílio mas definindo o poema épico português de "the work is highly original" e salientando as suas traduções às mais importantes línguas do mundo (em inglês em 1950 e 1952) e oferecendo como bibliografia sobre ele inglês um trabalho de C. M. Bowra (*From Vergil to Milton* [1945]). A respeito de Eça, define-o como como "Portugal's greatest novelist". Após dados biográficos, afirma que introduziu o Realismo na ficção portuguesa, e coloca em destaque o estilo e as traduções para diferentes línguas. A Inês de Castro apresenta-a como "Spanish noblewoman and literary heroine" e oferece dados da sua vida e da repercussão em produtos literários, singularizando os de García de Resende, António Ferreira, Jerónimo Bermúdez, Luis Vélez de Guevara e Luís de Camões.

Apesar da intensa dedicação ao intersistema lusófono e à Galiza, não descura o intersistema hispânico e oferece realizações que o mantêm como especialista de referência nos EUA[74].

---

[73] De facto, só no seu "Curriculum vitae" consta ser ele o autor, ao assinalar a relação de verbetes redigidos para este repositório. Da Cal encontra-se entre os "contributors" e é apresentado como professor de espanhol e português da NYU e autor de LEEQ e RST.

[74] O *Vassar Míscellany News* noticiou (Tunick, 27-IV-1963) da conferência que tinha proferido nesse centro universitário sobre o tempo, o espaço e a realidade em *Don Quijote*. No Espólio EGC encontra-se recorte de uma notícia, sem data nem sem poder identificar jornal de procedência, em que se anuncia uma sua intervenção no auditório do Chicago Hall, um 25 de Abril para comemorar a morte de Cervantes, em que falaria desse mesmo tema, em inglês.

O *The Hampshire Gazette*, de Northompton, referenciou palestra sobre o teatro de García Lorca proferida por Da Cal, sobre *La casa de Bernarda Alba* em que (Wolkstein, 29-X-1963) "Da Cal described Lorca as a man greater than his works, skilled in all forms of art and dedicated to bringing the "theatrical truth" to the people. In his own poetical terms, Da Cal epitomized Lorca, saying 'sadness dwelt in his gracious gaiety'".

Da Cal (22-XI-1963) solicita através dos correios livros sobre a poesia do Século XIX espanhola à Livraria Studium, de México D. F., indicando tê-los visto no catálogo dessa empresa, o que evidencia como se mantinha atento às novidades no estrangeiro para as incorporar no labor profissional.

III.2.2.19.-Últimas actividades na NYU: produções com projecção para o hispanismo, o lusitanismo e a poesia.

O ano de 1964 ficou marcado na trajectória de Da Cal pela mudança para a City University of New York (CUNY), após 23 anos na NYU. Teve um desenlace que, segundo testemunhou em epístolas na altura, lhe ocasionou desassossego.

O curso final deveu ser especialmente difícil, até ao ponto de solicitar de Ricardo Gullón que lhe organizasse uma estada na Universidade de Texas[75]. O deterioro da sua situação transcende, e oferece-lhe ajuda um conterrâneo, José Rubia Barcia, na UCLA, que rejeita[76] por motivações económicas e pessoais. Esclarece Da Cal que tivera duas ofertas da CUNY, aceitando a de Queens Collegue apesar de ser ordenado inferior ($18.500, 500 menos que a outra), porque nesse "flamante" centro, apoiado pelo município de Nova Iorque e o Estado, "queren desenrolar un programa de Portugués". A competência de instituições que puxavam por ele demonstra a sua alta valorização profissional. Continuar a promocionar o português e a possibilidade de incorporar estudos respeitantes à Galiza eram aspectos que tomava de conta para a escolha.

Em Setembro transferiu-se para a CUNY, uma mudança de que oferecerá explicações a várias pessoas[77], indicando as muitas vantagens. Justificá-la-á pelo deterioro da NYU, que propiciara que outros docentes (como Casalduero) também a abandonassem, e salienta o apoio da Fundação Gulbenkian para a nova instituição. Os últimos meses na NYU Da Cal terá intensa actividade em novas realizações, em que se projectará como hispanista, lusitanista e poeta, os três âmbitos em que mais destacara.

---

Joaquim Montezuma de Carvalho (9-XII-1963) envia para Da Cal um questionário sobre "arte y libertad", para um livro que projectava com esse título. Diz que já lhe responderam "Gilberto Freyre, Wilson Martins, Ferreira de Castro, Guillermo de Torre, Roberto F. Giusti, Alejandro Casona, Cintio Vitier, Charles Aubrun, Fidelino de Figueiredo, Cela, Salvador de Madariaga, etc", e junta curriculum vitae com uma petição de ajuda por causa das dificuldades pelas que estava a passar.

Na última actualização do curricula de Da Cal indica-se neste ano mais um produto, referenciado também em versões anteriores do curricula, que é nova tradução para inglês de *Cantigas* de Afonso X, na gravação Spanish Medieval Music, editada em Nova Iorque por Pro-Musica Antiqua, Decca Records.

[75] Gullón (8-I-1964) esclarece as dificuldades para conseguir esse objectivo. Propõe-lhe Porto Rico. Mais uma vez solicita-lhe apoios na Fundação Fulbright.

Gullón (5-III-1964) afirma que escreveu para Hartle, o futuro chairman de Da Cal pois "hay cosas que aún siendo notorias conviene recordarlas y ponerlas por escrito". Ao igual que fizera no ano anterior Federico de Onis, Gullón apoia a Da Cal para fortalecer a sua posição no novo destino profissional.

[76] Rubia era "chairman" do departamento de estudos ibéricos. Da Cal oferece explicações da negativa, frisando que "non tinha mais opción que a de ficar [em Nova Iorque]. [...] eu sinto-me mais que nunca amigo teu porque sentín ben quente a tua irmandade".

Da Cal (25-III-1964) justificará novamente perante Rubia Barcia a negativa, e oferece-lhe outras alternativas para os postos docentes que visava cubrir na UCLA.

[77] Assim o fez em cartas que envia para Lloyd Kasten (9-III-1964); Rod Horton, da Embaixada Americana de Lisboa; Machado da Rosa (15-V-1964) ou Otero Pedrayo (Verão desse ano).

Publica-se o ***The New Appleton-Cuyas Dictionary*** (*New York Times*, Sem Autor, 21-III-1964) "revised and abridged under the **editorial direction of Ernesto Guerra da Cal**"[78], um contributo que inova a sua produção como hispanista, num campo diferente.

Em 5 de Abril **tem intervenção de destaque numa homenagem a Camilo José Cela** em Nova Iorque, **e em benefício da Fundação Penzol**[79].

Em 28 de Abril no Brazilian Institute da NYU **participou no recital "Três Poetas em Auto-Leitura"**, com Dora Vasconcellos e Cassiano Nunes[80]: foi a primeira aparição pública como poeta nos EUA num âmbito académico e literário, ultrapassando os restritos limites da revista da Casa Galicia, em que difundira algumas composições.

Em Junho, a Universidade de Wisconsin publicou **o primeiro número da *Luso-Brazilian Review***, que se apresentava como "a bilingual journal devoted to the culture of the Portuguese-speaking world". Concretizava-se assim o anelado projecto de os

---

[78] Neste volume inglês-espanhol e espanhol-inglês, esclarece em texto prefacial que o objectivo foi oferecer a estudantes, tradutores, homens de negócios, viajeiros, trabalhadores sociais e outras pessoas que tivessem o Cuyás grande um volume portátil, mais reduzido, que respondesse às "necesidades expresivas básicas de todos los campos principales de la actividad humana [...] a todos los niveles de uso aceptado de expresión hablada y escrita de los dos idiomas", com atenção aos americanismos e com secções "de especial utilidad" que não era costume encontrar juntas em repositórios deste tamanho.
Klein Jr. (IV-1964) informa em *New York Alumni News* que ultrapassa as 40.000 entradas. Stavrou (*Hispania*, XII-1964) escreveu recensão muito crítica.

[79] Da Cal (28-I, 16-II e 8-III-1964) acerta com Camilo José Cela a programação, que contempla presenças na *Voz de América* e na Casa Galicia. A *Memoria Anual* desta entidade informa dessas actividades. Indica que na homenagem a Cela foram oradores Emilio González López e Da Cal, e que (Sem Autor, 1964): "Da Cal señaló que el Sr. Cela viene a los Estados Unidos a recibir el título de Doctor Honoris Causa por la Universidad de Syracuse y a pronunciar conferencias en treinta universidades del país. Señaló que este dato demuestra por sí solo el prestigio de que goza en los Estados Unidos el gran novelista gallego. También se refirió el Sr. da Cal al contenido gallego de la obra de Cela, afirmando, con palabras del propio escritor, que su naturaleza de gallego no sólo le ha valido para enriquecer su expresividad cuando escribe en castellano, sino que le lleva a utilizar el gallego para escribir sus más íntimos pensamientos. Efectivamente, el Sr. Cela, después de agradecer el homenaje que se le hacía, leyó tres poemas suyos en gallego, que ha escrito recientemente".

[80] Na antologia figuram 14 poemas de Nunes (1964: 8-16), 10 de Dora Vasconcellos (1964: 18-39) e 18 de Da Cal (1964: 40-64): 8 de LAM e 10 de RST. Os três escolheram os seus textos e também os recitaram, segundo consta numa publicação realizada ao efeito. Nela, uma "Nota Prévia" de Antônio Houaiss apresenta os três participantes e salienta como "aquela original co-identidade linguística galaico-portuguesa perdura, ao cabo de um milênio de formação e de oito séculos pelo menos de documentação, no essencial de suas formas e recursos expressivos, a tal ponto que o conceito de 'galego, codialeto românico do português' é tão bom quanto 'português, codialeto do galego', ficando toda hierarquia entre as duas línguas reduzida a uma contingente conveniência política", doutrina coincidente com a de Da Cal nessa questão. Apresenta os três poetas, e de Da Cal, afirma (Houaiss, 1964:5): "Sábio da palavra como poucos o são no mundo ibérico, pesquisador eminente, conhecedor dos segredos da prosa expressiva artística (Eça de Queirós e Ernesto Guerra da Cal terão seus nomes reunidos sempre, após o estudo estilístico que o último fez do estilo do primeiro, o maior romancista português) –gramático, lexicógrafo, filólogo, erudito do campo ibero-românico, professor sem jaça –, Ernesto é homem múltiplo, que no fazer completa seu saber, fazer de artesão nos ócios impossíveis para êle, fazer de poeta –com a sua *Lua de Alén Mar*, de 1959, e seu *Rio de Sonho e Tempo*, de 1963. Não é de maravilhar que em tanto conhecedor da poesia nos outros, haja tanto domínio da poesia de si mesmo, [...] na linguagem da Galiza que Rosalía universalizou de nôvo, fiel às origens primeiras da lírica natal".

lusitanistas poderem contar com uma publicação própria nos EUA. Machado da Rosa[81] aparece como editor, com Wilson Martins e Marvin Raney. Da Cal figura incluído entre os treze membros dos "Advisory Board". A revista começa (Sem Autor, VI-1964:3-4) com uma nota de apresentação de duas páginas, em que não há qualquer referência à Galiza. **Como primeiro artigo está "O Renascimento Galego Contemporâneo", de Da Cal** (1964: 5-18), um trabalho[82] em que reclama lugar para a Galiza, em igualdade,

[81] Da Rosa, apesar dessa importante realização, tinha também problemas na Universidade de Wisconsin, e Da Cal ajudá-lo-á para reorientar a sua dedicação profissional. Oferece o primeiro apoio ao recomendá-lo para o Civil Service, quando lhe chegou o formulário do professor de Wisconsin, segundo lhe confirma em carta que lhe encamina em 15-V-1964. Da Rosa (3-VII-1964) solicita de Da Cal uma carta de recomendação para José Rubia Barcia, para se transferir para a UCLA, decisão que confirma aos 11-VII-1964. Da Cal (15-VII-1964) promete-lhe recomendá-lo e confirma ter recebido "a *nossa* revista" confiando que "continuarás a colaborar nesse empreendimento do qual és pai e mãe". Da Cal fala dos seus projectos para a CUNY, indica ter-se entrevistado com Theotónio Pereira, do Conselho da Administração da Fundação Gulbenkian, que prometera subsidiar com uma verba entre 20.000 e 30.000 dólares anuais "para docência, publicidade, prémios, livros e outras actividades" e que um "catedrático será enviado de Portugal sujeito à minha anuência", na Cadeira e Seminário Gulbenkian de Estudos Portugueses no Queens College, afirmando ter a certeza de que, caso se mudar para a Califórnia "a Cadeira iria comigo". E informa Rosa: "Espero também que daqui a dois anos a minha vida privada esteja organizada sobre novas bases acentuadíssimamente lusófilas. (Keep this under your hat)".
Da Rosa (20-VII-1964) comunica que, de ir para a UCLA, a sua ideia era convertê-la "no centro luso-galaico-brasileiro dos nossos sonhos"; confirma que não deixará a revista de Wisconsin "E adorei que a chamasses *nossa*", e lembra-lhe a recomendação para Rubia Barcia. Da Cal (23-VII-1964) recomenda Da Rosa a Rubia Barcia, afirmando que "la apuesta es segura pues todo lo que hay en Wisconsin, que es mucho: el Instituto Luso-Brasileño, la flamante Luso-Brazilian Review –que ya habrás recibido— los programas 'graduate' y 'undergraduate' en el Brasil, y los contactos estrechos con lo mejor de la intelectualidad, tanto del Portugal y del Brasil como de Galicia es obra suya y lo hacen único en su especie. [...] La verdad es que primero por la amistad con ambos y segundo por mi interés en extender el área de los Estudios Luso-Brasileños y Galaicos vería con enorme alegría su traslado a la U.C.L.A. porque lo de Wisconsin ya está en marcha y ya habrá quien lo continue. En cambio la oportunidad de crear otro gran centro ahí es única ahora que se dá la circunstancia felicísima de que seas tú quien tiene la sartén administrativa por el mango". Da Rosa, com efeito, transferiu-se para a UCLA.

[82] Nele, Da Cal explica a situação desde o século XIX, frisando a internacionalidade de Rosalia de Castro. Defende ter "avançado consideravelmente" a reconstrução da personalidade histórica galega no século XX, ao qual dedica a maior parte do artigo, assinalando demoradamente os principais instantes e personagens envolvidas na mesma, com avaliação da poesia, a narrativa, o ensaio, as iniciativas editoriais e outras, na Galiza e nos enclaves da emigração. Refere como, ao igual que aconteceu na Idade Média, de novo produtores de outras nacionalidades que utilizam o galego, entre eles portugueses, e com especial destaque a Federico García Lorca "o poeta espanhol contemporâneo de mais fama universal, íntimo conhecedor dos *Cancioneiros* medievais e de Rosalia, publicou *Seis Poemas Galegos* (1935), que não são um jogo erudito, nem um capricho virtuosista, mas uma tentativa de interpretação poética da alma da Galiza; o poeta começa por tentar penetrar nela pela via medular do idioma". Enumera características da literatura galega e alude às "circunstâncias adversas" políticas que condicionavam o maior desenvolvimento da Galiza e da sua cultura na altura, afirmando que (Da Cal, VI-1964:16) "a política centralista atingiu formas não apenas odiosas mas obtusamente contraproducentes para os mesmos fins a que ela visa", explicitando em nota como a língua galega estava banida do palco, da tribuna, o rádio, o jornal e a revista, e mesmo nos *Cuadernos de Estudios Gallegos* nos quais "não pode inserir artigos redigidos na língua do país, que é o objecto principal desses 'estudios'". Frisa a "irmandade" e a "aproximação cultural luso-galaica –visto o futuro da cultura galega residir na sua reintegração ao mundo da língua portuguêsa de aquém e além mar. O meridiano da cultura galega renascida tem de ser o eixo Lisboa-Rio. Felizmente cada dia os síntomas dessa reintegração se tornam mais evidentes e esperançadores". Enumera alguns deles, salientando o DLPGB e aludindo a que "recentemente se anunciou o próximo aparecimento no Rio duma História das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira, paralela à obra anterior, dirigida esta pelo poeta Adolfo Casais Monteiro" [projecto que não prosperou], e

no intersistema lusófono. A conferência de dois anos antes publicava-a com destaque e reforçava a trajectória dacaliana de defesa da presença galega. Da Cal enviará separatas deste trabalho para a Galiza, que receberão Otero Pedrayo e outros destacados produtores.

**A poesia de Da Cal continua a se internacionalizar e recebe duas críticas de reputados especialistas de universidades europeias: Giuseppe Carlo Rossi e Jacinto do Prado Coelho**, publicadas em revistas de referência do CEL português[83]. A crítica de Coelho insiste na alta valorização da produção de Da Cal, como já fizera com

---

finaliza deste modo (Da Cal, VI-1964:18): "Se já não cabe duvidar da vitalidade da cultura galega renascida, é evidente que de maneira totalmente natural ela tenderá a reintegrar-se mais e mais às suas irmãs portuguêsa e brasileira. Antes de pôr fim às minhas palavras, não quero deixar de exprimir a enorme satisfacção, que me produz, como escritor galego e modesto luso-brasileirista, ter sido convidado a falar neste simposium acerca de tema que me é tão caro. E quero agradecer profundamente ao Director do Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Wisconsin, meu fraterno amigo Alberto Machado da Rosa, que tão brilhantemente tem contribuido aos estudos rosalianos, não apenas o convite, mas também o facto –aliás, também reconhecido pela Modern Language Association of America— que o convite implica, a saber: que a Galiza faz parte do mundo cultural luso-brasileiro".

Nesse número, Da Cal aparece citado com destaque no artigo de Gerald M. Moser (VI-1964: 19-42), em que este especialista da Universidade de Pennsylvania avalia o ensino do português nos EUA.

[83] Em Fevereiro o hispanista e lusitanista italiano Giuseppe Carlo Rossi ocupa-se de LAM e RST em *Idea*, de Roma. Apresenta-o como "un simbolo della comunione di vita da un lato fra le genti della Peninsola Iberica e dall'altro fra le genti al di qua e quelle al di là dell'Atlantico". Salienta o "libri fondamentali" sobre Eça de Queiroz, frisando que "E invence le presenti composizioni documentano che sotto il rigore e lo scrupuloso del paziente ricercatore e critico vive una sensibilità delicata e signorilmente emotiva. Gli stati d'animo che ispirano questi versi continuano quelli della tradizione galiziano-portoghese, di gente di tanto ripiegata sul proprio spirito di quanto protesta, con lo sguardo, sulla immensità dell'Oceano; e i metri e le modalità formali di essi versi richiamano quelli e quelle degli antichi trovatori della stessa lingua". Salienta que nos dois volumes haja vocabulários para leitores luso-brasileiros, e frisa: "A un lettore distaccato questo potrebbe apparire non più che una fazilitazione formale; ma da um lettore attento al vivere interiore di quei popoli ciò è subito sentito come un'ulteriore esigenza, da parte di questo studioso delicato poeta, di farsi sentire compartecipe di un mondo umanamente più grande di quello della piccola terra da dove egli è partito ma a cui sente il bisogno di restare fidele, facendola oggetto della propria poesia". Rossi atende à questão ortográfica e põe em destaque a orientação galego-portuguesa de Da Cal, a sua pertinência do ponto de vista da história da língua, e as possibilidades que isso abre para a Galiza.

Também em Fevereiro, Coelho ocupa-se de RST na revista *Colóquio*, da Fundação Calouste-Gulbenkian. O professor da Universidade de Lisboa redige recensão muito elogiosa. Qualifica RST de "sedutor" e, a diferença de LAM, (Coelho, 1964:55) "de temática mais concentrada e duma gravidade (relativa) mais constante, própria dum outono desencantado. Muito artista, muito lúcido, moderno até, com frequência, no delicado actualizar de elementos tradicionais, emprestando a velhas imagens-símbolos o bafo vital da sua respiração, soube escolher um título adequado: o fulcro de quase todos os poemas é a dialéctica do passado e do presente, e, porque vivemos no tempo, também o sonho (passado, presente) o sentimos fluir como as águas dum rio –embora por vezes nos dê a ilusão do regresso impossível "transmundo" de eternidade". Coelho insiste na dialéctica passado-Galiza/ presente-Nova Iorque e põe em diálogo este produto dacaliano com Garrett, Villon, Bocage, Camões, Pessoa (e Álvaro de Campos), Ronsard; refere as "reminiscências de cultura nas epígrafes" e o (Coelho, 1964: 56) "cultivo dos velhos géneros que Da Cal actualiza, como a alva, a cantiga de amor. Algumas das aproximações atrás esboçadas deram a entender a integração do poeta na cultura galaica-portuguesa, com particular acento no segundo termo. [...] Portuguesismo que se reflecte no léxico, na própria grafia". Salienta a utilização das pausas e a alternância de "poemas de alinhamentos simétricos com poemas, mais numerosos, de desenho irregular, que acompanha os movimentos incertos, caprichosos, sincopados, da vida subjectiva".

anterioridade com LEEQ, no prólogo de LAM, ou ao dar-lhe destaque no DLPGB. Coelho faz uma apresentação muito atractiva do poemário e insiste nos acertos do estilo, além de aludir ao "portuguesismo" de Da Cal "que se reflecte no léxico, na própria grafia" e alerta tratar-se de um produtor merecedor de atenção não só como pesquisador, mas também pelo trabalho literário. Afirmação de especial relevo para a projecção de Da Cal muito em especial em Portugal, mas também como poeta galego na própria Galiza, ao proceder de um nome muito prestigiado e reconhecido. Da Cal encontra no professor liboeta um aliado principal.

O hispanista e lusitanista checo **Zdenek Hampejs** (25-V-1964) agradece-lhe por carta "O seu belíssimo livro que me apaixonou bastante". Afirma Hampejs que a leitura de RST "Despertou em mim um interesse ainda maior de estudar um pouco o galego e a literatura escrita nesta língua. O Amigo poderia ajudar-me um pouco neste sentido? Este meu estudo teria um lado prático: estamos preparando aqui um Dicionário dos Escritores da Península Ibérica. Sugeri a inclusão de um verbete: a literatura galega e dos mais representativos escritores galegos". Pede-lhe ajuda e informação para esse labor, que se concretará num trabalho deste especialista publicado em 1968[84]. **A poesia de Da Cal abre assim as portas para uma maior projecção da literatura galega no estrangeiro, para um mercado inexplorado e desconhecido**. A autoridade no CEL servirá portanto para ajudar no CL de maneira individual e colectiva.

No Verão, **Ramón Piñeiro valoriza em *Grial* conjuntamente LAM e RST** e incorpora dois poemas inéditos, datados em 1963. Piñeiro afirma que Da Cal mudou a partir de 1957, por causa das impressões que lhe comunicara Machado da Rosa da Galiza e (Piñeiro, 1964: 384) pois "o contaito con esta Galicia nova abalóu profundamente o esprito do Da Cal e aviveceulle as suas vellas lembranzas. Pouco despóis, comezóu a enviar a Galicia os primeiros poemas". Analisa os dois produtos editados por Galaxia e afirma que Da Cal estabelecera com a realidade galega (Piñeiro, 1964:385) "un contaito fondo. [...] hai nil clara vontade de ser galego […] O Ernesto Guerra da Cal é unha persoalidade verdadeiramente brillante, ás veces mesmo fulgurante, i é, de certo, un dos mellores talentos que produciu Galicia niste século[85]".

[84] Assinado como Zdenek Hampl, segundo a nova escrita do seu apelido que já tinha adoptado.

[85] Este artigo reproduziram-no no final do ano na *Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque. Isso representava mais um reconhecimento ao seu trabalho perante a colectividade galega, que vinha da própria Galiza por um bem conhecido intelectual galeguista, o que supunha ainda maior destaque.

No Verão **participou no número de estreia da *Revista Camoniana***, editada na Universidade de São Paulo[86] pelo Instituto de Estudos Portuguêses. Esse volume está encerrado pelo "Poema a Luís de Camões" (Da Cal, 1964: 197-200), indicando-se a procedência de LAM e a dedicatória para Jacinto Coelho[87], e vai acompanhado de uma nota em que, para além da alta consideração de Da Cal como crítico, é celebrado como poeta com referência ao seu pendor pela literatura dos produtores medievais. No comentário a respeito de Camões, assume-se o discurso do poema dacaliano[88].

Em Portugal e no Brasil publicar-se-ão esse ano três volumes do maior interesse para Da Cal, por neles ser **indigitado como modelo e contribuir de maneira decisiva ao seu avanço para o centro do Campos dos Estudos Literários**. O estudo de LEEQ continua a vingar e a impor-se como metodologia renovadora e é aceite pelos novos nomes que na Universidade e na crítica se valiam do contributo dacaliano nas lutas por deslocar os antigos modelos. Em Portugal, **Helena Moura** publicou edição crítica de *O Crime do Padre Amaro* e na "Introdução" (Moura, 1964: XXVI), frisa que esse trabalho

---

Da Cal mantivera esse ano contacto epistolar com o Grupo Galaxia: Aos 7-I-1964 Piñeiro reclama-lhe trabalho para *Grial* sobre os SPG de Lorca, afirmando "Temos que facer de *Grial* unha boa revista cultura galega". No "entroido do 64" escreve-lhe Otero Pedrayo. Aos 4-III-1964, Piñeiro insiste em pedir o trabalho sobre os SPG lorquianos. Aos 9-III-64, Del Riego insiste em pedir-lhe o artigo sobre Lorca para *Grial* e o poemário de A. M. Morris. Em 9-VI-1964 Da Cal escreve para Piñeiro, e para Del Riego, cartas de recomendação de Ralf Mesure, estudante da NYU que tinha programada visita à Galiza.

[86] A revista, segundo informa na "Apresentação", começara a se preparar no ano anterior e tinha como objectivo a difusão dos trabalhos de camonistas, num instante em que a Universidade de São Paulo tinha recente a criação da disciplina de Camonologia, como desdobramento da Cadeira de Literatura Portuguesa; essa nova matéria encontrava-se a cargo do na altura professor-associado Segismundo Spina, quem travara amizade com Da Cal no ano anterior, no Colóquio celebrado em Coimbra. Spina figurava como secretário do Conselho de Redacção, junto de prestigiosos vultos do CCL, relacionados na altura com Da Cal por amizade e/ou colaboração em diversos empreendimentos: Álvaro Júlio da Costa Pimpão catedrático da UC; Fidelino de Figueiredo; o italiano Giuseppe Carlo Rossi; e Hernani Cidade, da Universidade de Lisboa. No primeiro número inclui artigos em português (de A. Álvaro Doria e Luís Piva), inglês (de Brian F. Head, R. M. Walker e Madonna Letring) e francês (de H. Houwens Post), professores de universidades brasileiras, portuguesas, Inglaterra e Holanda.

O poema vai precedido de significativa apresentação, sem assinar, mas talvez da responsabilidade de Spina (Sem Autor, 1964: 197): "Guerra da Cal, galego como os ancestrais de Camões, estava em condições de nos legar a mais autêntica biografia do grande poeta do séc. XVI. Biografia poética, sentimental, lendária: biografia crítica, espiritual. Numa ânsia de identificação com o fidelíssimo Jau, e numa moldura serenamente quixotesca, o Trovador do Ferrol elege o poeta da Tristura seu modêlo na poesia e no sofrimento: deseja carregar a sua lira e a sua espada".

[87] O poema reproduz-se igual que em LAM, só com uma variação: no verso 7 figura "Meu Polifemo", riscando o adjectivo "amoroso". Trata-se porventura de lapso na transcrição, pois Da Cal acrescentou a mão esse adjectivo no exemplar da revista guardado no Espólio EGC; e também o conservou na edição definitiva do poemário (Da Cal, 1991: 68).

[88] Afirma-se: "Cavaleiro andante, exilado ovidiano, missionário de saudades,façanhas e naufrágios, Camões foi o Grão-Mestreo do Sonho na cruzada que corporificou no seu poema; foi o Comendador da Tristura na sobrevalorização da coita como fundamento da Poesia; é o símbolo do homem quinhentista na sua peregrinação por mares e por outros mundos; do guerreiro, nas suas campanhas de Ceuta; do incompreendido, na sua miséria final". No poema de Da Cal, Camões é indigitado de "Gran-Mestre do Sonho" e "Comendador da Tristura", e também se refere ao épico de *Os Lusíadas* como peregrino, guerreiro; e igualmente como "meu irmao!".

"deve o seu estímulo inicial ao Prof. Ernesto Da Cal, da Universidade de Nova Iorque". Também se publicou uma segunda versão, acrescentada, do estudo de **Machado da Rosa** *Eça discípulo de Machado?*, precedida de "Nota" em que se afirma merecer LEEQ[89] (Da Rosa, 1964: 23-24) "singular referência" por ser "brilhante estudo" e se tratar de "o melhor ensaio queirosiano publicado até hoje". Da Rosa vale-se de LEEQ para questões respeitantes ao estilo de Eça, reconhecendo a autoridade de Da Cal[90].

No Brasil publicaram-se os Anais do *I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*, celebrado em Agosto de 1960. O volume inicia a Biblioteca de Estudos Literários, nova colecção da editora Tempo Brasileiro, do Rio de Janeiro, dirigida por Afrânio Coutinho e Celso Cunha. Anuncia-se nesse volume que a colecção "tem programado já o lançamento de obras como *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, famoso estudo de Ernesto Guerra da Cal, professor da New York University", para além de outros de Celso Cunha, A. Coutinho, Adonias Filho, Gregory Rabassa ou Eduardo Portella[91]. **Estar nesta elite favoreceria os interesses de Da Cal**, por se tratar de um grupo que, com a passagem dos anos, ocupará espaços de poder nos campos da política, cultural e académico brasileiro, e consolidará portanto um importante sucesso.

Outros projectos que se promocionavam por diferentes grupos de Portugal e do Brasil requeriam a atenção de Da Cal como colaborador, valorizando-o assim como figura central do CEL: Aos 14-I-1964 Costa Pimpão, representante das posições mais seguidoras do conservadorismo na UC, pede-lhe algum artigo para a *Revista de História Literária*, e solicita-lhe apoio para que encoraje a colaborar a outros amigos; aos 18-II-1964 Jacinto Coelho anuncia-lhe a segunda edição do DLPGB, para que ele também se implique nesse trabalho; e aos 3-VII-1964, Alfredo Marques Vianna, superintendente da revista *Tempo Brasileiro*, solicita uma crítica a Da Cal para a revista e indica-lhe que estavam à procura de títulos para a editora que pudessem ser utilizados como manuais em universidades, um convite para que ele proponha algum. Celso

---

89 Da Cal valoriza este estudo de Da Rosa como "de primeiríssima categoría", em carta que lhe encaminha aos 31-VII-1964.

90 Na receptividade do estudo de Da Rosa há, por vezes, referências a LEEQ. Assim acontece, V.gr., na recensão que Wilson Martins publicou, em 27 de Julho de 1964. Os lusitanistas continuam a reclamar a prometida segunda parte de LEEQ. Também Gaspar Simões, em Julho e Outubro desse ano, no *Diário de Notícias* de Lisboa e em *O Estado de São Paulo*, indigita Da Cal como testemunha do seu trabalho apresentado no IV Colóquio da Baía, como relator do mesmo, pois julga, polemicamente, ter sido aproveitado por Machado da Rosa em *Eça discípulo de Machado*?

91 Aos 8-IV-1964 Portella reage com desassossego pela falta de notícias de Da Cal a respeito da tradução brasileira de LEEQ, que a editora tinha interesse em agilizar, por "já é inclusive texto na cadeira do Celso [Cunha] na Faculdade". Mas o projecto demorará até ao final da década (ver infra).

Cunha, aos-VIII-1964[92], comunica-lhe boas notícias a respeito da iniciativa do ano anterior no Colóquio Luso-Brasileiro de Coimbra[93].

**Nesse ano saiu edição europeia de *The Poem Itself**: 150 European Poems, translated and analyzed*,** com as versões de Da Cal dos brasileiros Manuel Bandeira e Cecília Meireles (pp. 194-201) e do português Fernando Pessoa (pp.228-231). A antologia dirigida por Stanley Burnshaw tinha sucesso nos EUA e visava introduzir-se na Europa através desta edição no Reino Unido.

III.2.2.20.-Síntese conclusiva

Aquele Verao de 1964 Da Cal finaliza um período de 23 anos no quadro da NYU. Ao valorizar esta etapa há que salientar alguns elementos muito positivos:

-Progrediu profissionalmente até atingir as mais altas responsabilidades administrativas.

-Conseguiu um reconhecimento entre os seus pares como pesquisador e produtor de literatura, atingindo importante projecção internacional pelos seus produtos e por implicar-se em projectos de sucesso como a posta em andamento do Instituto Brasileiro.

-Arvorou relacionamentos através de uma série de grupos que constituiam uma espécie de rede em favor dos seus intereses. Entre esses grupos merecem salientar-se:

a) Nos EUA, os hispanistas, entre os quais os exilados como perdedores da Guerra de Espanha de 1936 e outros especialistas que leccionavam nos EUA, entre eles alguns com dedicação lusitanista, entre os quais salienta Machado da Rosa, conseguiram que se visibilizasse a língua, e literatura e a cultura portuguesas, acrescentando mesmo o nome de "português" ao de "espanhol" em vários âmbitos, e contribuindo para introduzir mais o seu ensino e difusão.

---

92 Na epístola também afirma que "Enquanto ao diploma, a culpa não é propriamente minha. O Maciel Pinheiro –um grande trapalhão— sempre que me encontra, diz que a coisa está pronta... e não me entrega...". Cunha devia referir-se com este parágrafo à entrega do diploma da Medalha Padre Anchietta, que fora outorgado a Da Cal quando ele ocupava um cargo em 1960 (ver supra) e de que ainda lhe não fizeram entrega do correspondente diploma.

93 Afirma Cunha nessa epístola: "Parece que agora o nosso Centro de Documentação e Informação do Português Contemporâneo irá para a frente. Há interesse dos dois lados (Brasil e Portugal) no caso. A Maria de Lourdes Belchior Pontes é atualmente adido cultural de Portugal e está levando a coisa a sério". O professor brasileiro continuava a trabalhar para que aquela instituição não ficasse no esquecimento, com gestões ao mais alto nível político, mas afinal não terá sucesso.
O lusitanista francês Raymard Cautel, aos 6-VI-1964, solicita-lhe ajuda para ir passar dois dias em Nova Iorque, e escreve-lhe em papel carimbado do Colóquio de Coimbra. Este pedido é uma amostra de simpatia e também de confiança que contribuia para estreitar os laços de amizade e colaboração.

b) Em Portugal, docentes da Universidade de Coimbra, que favoreceram a edição de LEEQ e também o convidaram para um lugar de destaque no Colóquio Luso-Brasileiro celebrado na cidade em 1963. À par deles, Jacinto Coelho e as pessoas que colaboravam com ele em Lisboa, em especial Helena Moura, que se tinham esforçado em novos trabalhos sobre Eça seguindo os seus conselhos e orientação, com o intuito de renovar a metodologia e os pressupostos sobre este produtor que vigoravam, bem como favorecer uma nova edição que respeitasse mais a textualidade de Eça.

c) No Brasil, nomes da nova crítica, em especial o grupo que se movimentava em redor de Eduardo Portella e que promovia a empresa editora e a revista *Tempo Brasileiro*. Estes produtores convidaram Da Cal e indigitaram o seu estudo de LEEQ como modelo para os estudos literários no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, e pressionavam para que dedicasse esforços do mesmo teor para a projecçom de Machado de Assis. O ter sido um dos principais agentes para a posta em andamento do Instituto Brasileiro na NYU tinha contribuído também para estabelecer contactos privilegiados com as universidades brasileiras, de que recebeu um Doutoramento Honoris Causa na Bahia e numerosas oportunidades para se projectar profissionalmente.

d) Na Galiza, a partir de 1957 contacta com pessoas que trabalhavam pela recuperação da cultura autóctone, em especial com o Grupo Galaxia. Da Cal contribui para a edição de novos produtos e para a maior projecção do seu próprio labor mas também dos grupos galegos nos EUA, Portugal, Brasil e outros países, conseguindo interessar o ressurgir da língua, a literatura e a cultura galega a produtores doutros países, como a Holanda, Suécia ou a Checoeslováquia.

e) Nos países sudamericanos de fala espanhola, nomeadamente em Argentina e no México, e também em Porto Rico, Da Cal introduziu a sua metodologia pela que foi reconhecido.

f) Para além de contactar privilegiadamente com as novas figuras que emergiam sobretudo nos campos literário e dos estudos literários, Da Cal estreitou o relacionamiento com vultos consagrados, como Fidelino de Figueiredo em Portugal; Manuel Bandeira, e Gilberto Freyre no Brasil, ou Otero Pedrayo na Galiza, que contribuiram de diferentes maneiras para favorecer as suas aspirações.

Em definitivo, aquele período de 23 anos servira para se revelar como um reputado produtor de sucesso nos CL e no CEL. No campo da língua, Da Cal estava inserido numa dupla estratégia: trabalhar em favor de uma maior confluência ortográfica da língua portuguesa; e impulsar a restauração da língua da Galiza, também com perspectiva de a inserir na lusofonia. Este labor não atingira sucesso, por mais que se mantinha a luta, com feitios muito diferentes: no caso da ortografia do português, Da Cal atingiu apoio de grupos do Brasil e dos lusitanistas dos EUA, representados no primeiro dos casos por Celso Cunha e Pedro Calmon, e nos EUA por Machado da Rosa (além de por ele próprio), mas não conseguiam o dos grupos portugueses mais próximos e influintes no campo do poder político do país que se considerava berço da língua e onde havia muitas resistências para ceder em questão que julgavam própria; no caso da Galiza, a distância a que aludia Piñeiro no artigo que lhe dedicara esse mesmo ano em *Grial* não lhe permitia ver a nova realidade que se estava a desenhar, com uma maior permissividade do regime franquista e uma defesa do apegamento ao "povo" por parte quer de Galaxia quer do nacionalismo galego que começava a organizar-se (em 1963 e 1964 fundaram-se o Partido Socialista Galego e a Unión do Povo Galego; para além da actividade que tinha o Partido Comunista de Espanha na Galiza) e que procurava a praticidade para contactar com a população, mais simples com a utilização de uma ortografia alicerçada na castelhana em que se alfabetizava nas escolas.

A saída da NYU deveu-se ao deterioro da sua posição profissional desde o curso 1959-60, após a reincorporação às aulas depois de 17 meses de ausência, em que tinha desfrutado de um ano sabático e de outras licenças por causa da organização do Instituto Brasileiro e o Junior Year Bahia que foram (juntamente com o Junior Year em Madrid) das suas principais realizações nesse período. O nomeamento da professora da francês Germaine Bree como responsável máxima do departamento, ao que se uniram as línguas eslávicas, e a conseguinte nova situação de subordinação do espanhol e o português levou inicialmente à sua demissão em responsabilidades administrativas, e puxou progressivamente para a sua saída de aquela instituição, uma decisão favorecida porque outras figuras, como o hispanista Joaquín Casalduero, também se tinham ido. Na NYU tentaram retê-lo, mas afinal foi-se para a City University de Nova Iorque, apesar de ter uma melhor oferta económica, mas optou por esta instituição pela perspectiva de bom desenvolvimento dos seus interesses profissionais.

III.2.3.-O período da City University of New York (CUNY): 1964-1977

Da Cal começa nova etapa profissional na City University of New York (CUNY), no Queens College, quando estava próximo aos 53 anos. Neste tempo deslocou-se para Amytiville, mais longe de Manhattan, o que condicionará a sua actuação, mas manterá a actividade na *Voice of America* e na Hispanic Society of America.

A sua vida pessoal estará marcada pelo divórcio de Margarita Ucelay e o novo casamento com Elsie Allen da Cal. Priorizará o CEL e secundarizará o literário, e orientará mais a sua produção para o intersistema lusófono, mas sem descurar o hispânico. Na partida, o apoio da Fundação Calouste-Gulbenkian favorecerá essa nova dedicação. Intensificará os estudos queirosianos, além de continuar empenhado em lutas como a da ortografia da língua galega.

III.2.3.1.-O novo projecto profissional desenvolve os estudos portugueses.

Nos primeiros meses na CUNY atende antigos projectos[94] e organiza o maior desenvolvimento dos estudos portugueses. O jornal universitário *Phoenix*, desta instituição, salienta (Daniel, 20-X-1964) uma doação de 90.000 dólares da Fundação Gulbenkian, que potenciaria a biblioteca portuguesa, e com a que se promocionariam ajudas e actividades para atrair alunado, segundo esclarecia Robert Hartle, chefe do Departamento de Línguas Românicas. Responsável disto era assinalado Da Cal, apresentando-o como um notável erudito no campo dos estudos portugueses[95].

---

[94] Anne Marie Morris (3-X-1964) agradece-lhe a colaboração para a publicação de *Voz Fuxitiva*. Em epístolas sem datar, anteriores, Morris tinha salientado o "Limiar" dacaliano como "o melhor do livro". Esse projecto materializou-se no ano seguinte.

Fernández del Riego (12-XII-1964) confirma a Da Cal a recepção de duas cópias de *Voz Fuxitiva*, e anuncia que uma fora enviada para a censura. Insiste em demandar-lhe trabalho sobre os SPG de Lorca para *Grial*.

Ramón Piñeiro (17-XII-1964) envia-lhe o nº 6 de *Grial*. Pede-lhe artigo sobre os SPG para o número 7 dessa revista, e afirma: "Alegroume infinito que o comentario que che dediquei no número 5 de *Grial* fora do teu agrado. Fíxeno con absoluta sinceridade". Também se alegra do melhoramento pola passagem para o Queens College, valorizando que "O programa que me anuncias é verdadeiramente espléndido".

[95] Da Cal (6-XI-1964) oferece a Fernández del Riego explicações da nova situação profissional. Indica que "a mudança foi ventaxosísima", pois NYU entrara "nun período de esclerose" e dera-se um "éxodo professoral". Relata "possibilidades óptimas" para desenvolver os "estudos luso-galaico-brasileiros" no novo centro e alude a essa ajuda da Fundação Gulbenkian, assinalando que esperavam a incorporação de Armando Lacerda, da UC, e Hermildo Ramalhete, do Instituto de Alta Cultura de Lisboa; e no curso 1965-1966 do brasileiro Tristão de Ataíde. E conclui a respeito da nova situação: "estou radiante".

Uma das primeiras actuações públicas na CUNY foi uma palestra sobre *La vida es sueño*, para os membros da Spanish Honor Society[96]. Mantinha assim a dedicação a um período da Literatura Espanhola especialmente caro para ele, e a metodologia estilístico-comparativa. Em 8 de Novembro, no The Einhorn Auditorium de Nova Iorque, participou como leitor num acto do Hispanic Institute da CU sobre "Don Juan. A Discussion and Readings"[97]. Aos 23 de Novembro proferiu conferência sobre Lorca, de que se ocupa *Phoenix*[98], que informou que aquele semestre leccionava um ciclo de espanhol, um curso sobre Cervantes e outro de graduação sobre prosa renascentista espanhola; e que no próximo conduziria um seminário sobre poesia portuguesa, um curso sobre Cervantes, e outro de graduação sobre o teatro clássico espanhol.

No final de 1964[99] Da Cal solicita a Machado da Rosa um escrito de recomendação de Armando Lacerda, para o convidar como docente na CUNY. Refere-se a notícias que lhe comunicara Da Rosa, deslocado em Lisboa, deste modo: "Tudo o que me contas da tua visita a Tormes enche-me de alegria e entusiasmo. Há tanta coisa a fazer ainda sobre o nosso José Maria e tu podes –e deves– ser um dos que têm de contribuir com solidíssimas pedras ao edifício queiroziano que temos que erigir", indicando assim

---

96 Comparou essa produção de Calderón com outras de Shakespeare e Cervantes, afirmando que (Suter, 27-X-1964) "presentan los mismos problemas –la naturaleza de la realidad, la conducta y el destino del hombre— pero los resuelven en diversas maneras. [...] Calderón presenta dualidades –vida-muerte, sueño-vigilia, irrealidad-realidad— que logran síntesis al final". Da Cal afirma que a peça de Calderón não se poderia encenar na Inglaterra de Shakespeare "siendo que allí el espíritu protestante de la predestinación reinaba"; e a respeito do *D. Quijote* manifesta que "cuando su sueño es destruido, él lo es también. D. Quijote no nos da respuestas sino plant[e]a problemas".

97 Foi relator Claudio Guillén, da Princeton University, e junto com outros docentes dedicaram atenção a *El burlador de Sevilla* de Tirso de Molina, e a *Don Juan Tenorio* de José Zorrilla.

98 Informa-se que em 1929 conheceu Lorca em Madrid, e foram amigos até 1936. Salienta-se a naturalidade galega de Da Cal e a luta na Guerra da Espanha. As suas razões para (Wolf, 24-XI-1964) "his liberal orientation and his desire for Galician autonomy. As a result of his activities in Spain he emigrated to the U. S. in 1939". Indica-se que Da Cal teve o privilégio de conhecer o processo íntimo de criação, das alterações segundo Lorca escrevia e reescrevia, e ouviu produtos como *Poeta en Nueva York* ou *Bodas de Sangre* antes da sua publicação e estreia mundial. Destaca a colaboração em Anfistora, e que os dois trabalharam juntos para formar o grupo La Barraca, salientando o relevo de Lorca no teatro espanhol pois "Lorca had the mind of a 20th century director –assuming time affects works of art, though the validity of what is eternal does not change", conseguindo pôr ao dia os dramas clássicos espanhóis do século XVI e XVII, uma modernização que continuava em Espanha apesar da oposição governamental. Apresenta-se também Da Cal como cientista e como poeta, e salienta-se outro depoimento dele ao respeito da produção literária: "'there is only one poetical language; the first word learned for a certain term carries its emotional quality. He thus considers the numerous other languages he speaks as academic languages". Da Cal disse estar feliz no Queens College: "I like the atmosphere, colleagues, and students. I am enthused with the interest and cagerness of the students".

99 A epístola, sem datar, poderia corresponder a inícios de 1965. Em todo o caso, elementos de nova carta de Da Cal, de 11-II-1965, permitem a datação na altura. Utiliza agora papel carimbado do Queens College da CUNY (Department of Romance Languages). Fala-lhe da recensão do seu livro e também se interessa pela sua nomeação para a UCLA, indicando que "Rubia Barcia disse-me no MLA que a coisa estava fora de dúvidas"; e pergunta pelas possibilidades de futuro da *Luso-Brazilian Review*.

como não descurava o novo discurso queirosiano em que estava empenhado. Será 1964 um ano de destaque na sua trajectória com acontecimentos biográficos principais, em que se manifesta como um especialista com alta consideração entre os seus pares. Mantém igualmente a sua dedicação para as Letras Galegas, com novos contributos. Todos os frentes profissionais em que se batera nos EUA mantinham-se activos e com papel de relevo neles; com uma inclinação mais acusada para o Intersistema Lusófono.

III.2.3.2.-A consolidação na CUNY em 1965. As revistas como pressão de elites e a sua funcionalidade nos campos literário e dos estudos literários.

Em 1965 Da Cal consolidará posição na CUNY[100]. Os primeiros anos serão os melhores na nova instituição, em que consegue mais objectivos, pois progressivamente muitos dos seus planos serão aproveitados para outras finalidades[101]. Nessa altura confirma-se a mudança introduzida pelo lançamento de novas revistas no estrangeiro, orientadas para os CL e CEL. São publicações promovidas por elites, que defendem interesses específicos, e que verão potenciado o seu papel sobretudo desde a segunda metade da década de 50. Coincide no tempo com a ascensão da crítica de teor universitário, que releva progressivamente a que se fazia nos jornais e fora da instituição académica. Aquelas revistas já influiam nos EUA desde antes, e *Hispania*, a RHM ou a *Romanic Review* eram algumas que Da Cal tinha aproveitado. Também nos EUA emergera em 1964 a *Luso-Brazilian Review*. Na Galiza e no intersistema lusófono apareceram *Grial*, *Vieiros*, *Tempo Brasileiro, Camoniana* ou *Colóquio*, que junto com o *Jornal de Letras*

[100] Uma posição que era bem conhecida e mesmo invejada por exilados portugueses. Assim se espelha, v. gr., na epístola que José Rodrigues Miguéis (1-IX-1965) encaminha para Jorge de Sena, em que afirma não ter-se inteirado da sua deslocação para esse centro, pois não lho tinha dito Da Cal, a quem não via havia mais de um ano, nem outras amizades comuns. E acrescenta Miguéis (Almeida, coord., 2001: 261): "Talvez a atitude dos exilados espanhóis nos sirva de paradigma: mas eles estão muito mais seguros, e andam por cá há há mais de 25 anos! (O Da Cal, que é fortemente anti-comunista, é também muito prudente: goza hoje de uma situação mais que invejável –e não tem nove filhos, tem um só", fazendo uma chamada e esclarecendo que "tem inclusive um programa da Voz de América e agora o subsídio ($ 68.000, pessoal) da Gulbenkian". Nesta epístola Miguéis queixava-se de que, na altura, "Portugal não é só um zero, é um trambolho antipático, sobretudo com a ditadura e a guerra em África" e transparece também rivalidade com o Brasil, ao verificar Miguéis como no caso de Machado de Assis "aumenta a estatura a cada novo livro traduzido" e assim acontecia com outros produtores brasileiros, enquanto dos portugueses "o Eça só conheceu certo éxito com o Pe. Amaro; o F. de Castro passa despercebido; o Sttau Monteiro não atraiu as atenções... Pouco temos que dizer de novo ou de empolgante ao mundo cá de fora. E esse pouco não o apresentamos atraentemente".

[101] Assim o esclarece, em entrevista realizada no Graduate Center da CUNY em Outubro de 2006, com ensejo da presente pesquisa, o Professor Ottavio di Camilo, quem coincidiu com ele, e verificou como se isolava e mantinha poucos contactos (entre eles o seu, afirma), decepcionado com muitos colegas.

Da Cal (24-III-1965), em carta para Celso Cunha junta "informação impressa dos novos programas de português que com a aurífera ajuda da Gulbenkian organizei na CUNY". Num P.S. final acrescenta que "O problema da minha situação pessoal vai se resolver definitivamente no próximo outono", em alusão ao divórcio e aos planos de nova união em casal com Elsie Allen.

do Rio e outras como *Brotéria*, a *Revista da Universidade de Lisboa* ou as editadas pela UC ou pela Universidade de São Paulo começam a cumprir a nova função. Da Cal terá relacionamento com esses e outros grupos, o que se espelhará na atenção que as revistas oferecem aos seus produtos e empreendimentos, e ajudará para que se mantenha na primeira linha. No ano 1965 os seus projectos ecoarão em várias delas, o que permite verificar a centralidade atingida e atenção que se lhe dispensava.

Em 1965 iniciou-se na CUNY o "Doctoral Program in the Portuguese Language and Luso-Brazilian Literatures", de que Da Cal foi *executive officer* entre 1965 e 1968; e *coordinator* nesses mesmos anos do "Council of the Gulbenkian Chair and Seminar of Portuguese and Brazilian Studies". Também foi eleito Vice-Presidente do Conselho Executivo do "Inter-University Seminar of Latin-American Studies in the U.S." Se na NYU contara com a colaboração de empresas e instituições brasileiras para o Brazilian Institute, agora era de Portugal de onde vinham as ajudas e facilitavam o desenvolvimento dos estudos portugueses, num ano muito conflitivo internamente para o salazarismo no relacionamento com o CL[102]. O Programa de Doutoramento implantava esse curso superior em Nova Iorque[103]. Essa preeminência da cultura portuguesa espelhava-se no nome do empreendimento, como Luso-Brazilian, que provocará problemas com intelectuais brasileiros, ao verem essa denominação como secundarização da sua nacionalidade (ver infra).

Da Cal tenta organizar um departamento à sua medida, para não repetir o insucesso da NYU, mas encontra dificuldades no reclutamento de professorado: Tanteia Ricardo Gullón[104], mas não o concretizará. Armando Lacerda estará na CUNY menos dos três

---

[102] Foi o ano em que, por atribuição de um prémio ao angolano Luandino Vieira, o Governo encerrou a Sociedade Portuguesa de Escritores e a Casa dos Estudantes do Império. A respeito deste conflito, ver o estudo de George (2000).

[103] Machado da Rosa (21-XII-1965), a quem informou do empreendimento, valoriza: "Estupendo o projecto do Doctoral Program em Queens College. Obrigado".

Outras universidades dos EUA também potenciam os estudos respeitantes ao intersistema lusófono. Da Cal (11-II-1964) informa a Machado da Rosa que em Setembro estava agendada a visita de Afrânio Coutinho à CU; e em 11-III-1965 comunica a Celso Cunha que Wilson Martins se incorporava na NYU para preencher a vaga que ele deixara, e que Da Rosa tinha confirmado o posto na Califórnia.

[104] No Natal de 1964 e inícios de 1965 Gullón esteve em Nova Iorque com Da Cal, quem lhe apresentou Elsie Allen, com quem tinha relação aberta, e falou-lhe dos planos de divórcio com Margarita Ucelay e de formalizar novo relacionamento com aquela mulher anglo-portuguesa. Todas estas informações encontram-se na carta que Gullón (20-I-1965) lhe encaminha, da Stanford University, onde se encontrava a passar um período profissional. Pouco depois, Gullón (2-V-1965) fala-lhe da oferta em firme que tinha recebido de Da Cal para levá-lo para Queens College, diz que vai enviar currículo, que já pedira a Texas: "Creo que NY es lo único que me interesa y me interesa por tres o cuatro personas", afirma. Gullón reage radiante perante essa possibilidade, e afirma na epístola: "Pide por esa boca, guapísimo, y te será concedido". Mas não se concretizará a sua transferência para a CUNY.

anos previstos; e Jacinto Coelho e Lindley Cintra justificarão o não poderem ir[105]. Nessa altura ajuda Jorge de Sena para a incorporação nos EUA, na Universidade de Wisconsin[106], para substituir o lugar que deixava Da Rosa ao se transferir para a UCLA.

A nova situação profissional de Da Cal é seguida com atenção em *Hispania*, a influinte revista da associação de professores de espanhol e português, que salienta (Moser, V-1965: 380), os seus esforços na NYU e agora na CUNY para o desenvolvimento dos estudos ibéricos, referenciando o subsídio recebido da Gulbenkian, e anunciando a participação de Lacerda e Ramalhete no novo seminario de estudos portugueses do Queens College, e o apoio do Governo de Portugal para aquela iniciativa. A orientação da sua actividade, partilhada nos estudos espanhóis e portugueses, e a repercussão exterior, fazem pensar mesmo na intenção de estabelecer um macrointersistema hispano-lusófono, para o qual a sua competência em ambas as pôlas do mesmo favorecia a sua privilegiada situação de preeminência.

No mesmo número da revista (Moser, V-1965: 377) reproduz-se um escrito de Machado da Rosa encaminhado para a Modern Language Association, no qual solicita dos hispanistas uma maior atenção para o português, com o fim de favorecer a "sua eventual integração nos currículos dos high schools", e assim contribuir para "uma melhor compreensão da língua e cultura hispânica" bem como "adquirir un conhecimento básico do português e do significado da cultura luso-brasileira no conjunto da cultura

---

Da Cal (22-V-1965) informa a Gullón a respeito da sua situação pessoal e profissional: "Ricky va para el College en setiembre y eso abre la solución final a mi problema puesto que mis planes son el primer semestre ir a la separación de domicilio. La circunstancia de que Margarita tiene su sabático el año que viene favorece estos planes, de los que, si no de una manera concreta pero sí específica hemos hablado. Te mantendré informado, porque tú eres de las pocas personas a las que yo confío toda mi intimidad y de las tres o cuatro que realmente me pueden ayudar a pasar esa crisis que no será suave, como puedes imaginarte. Sin embargo, sé bien que por grave que sea no es comparable a la vida partida que vengo llevando de la cual no se deriva sino infelicidad para los cuatro protagonistas del asunto – incluyo a Ricky". Fala de numerosos asuntos de interesse comum e insiste na possibilidade de levá-lo para a CUNY sobretudo quando, depois do doutoramento de português, a primeira língua estrangeira em Queens College, se estabelecer o de espanhol, o que aumentava a possibilidade do ordenado para 25.000 dólares.

[105] Da Cal (11-II-1965) agradece a Da Rosa a recomendação de Lacerda, como lhe tinha solicitado.

[106] Da Cal, nessa carta já citada (11-II-1965) informa a Da Rosa que "há dois dias recebi na minha casa a visita duma senhora –e gostosa, por certo— do Pindorama que me trazia uma carta do Jorge de Sena com um S.O.S. angustiado a me pedir que fizesse os impossíveis para o tirar da Araraquara" e relata as gestões que realizara, propondo-o para Wisconsin, e pedindo-lhe também a ele apoio. Afirma que R. Sayers lhe tinha indicado a dificuldade por ter Sena nove filhos. "Eu gostava de fazer qualquer coisa pelo coitado do Sena", conclui.

As suas gestões foram bem sucedidas, e assim poucas semanas após Da Cal (11-III-1965) confirmará a Celso Cunha que Wisconsin tinha aceite Sena para o curso 1965-1966.

hispânica, e na expansão dos seus valores pelo mundo". Da Rosa[107] assume assim como táctica a perspectiva iberista que Da Cal reivindicava havia anos e que se tinha espelhado na "Nota Prévia" de LEEQ e em outras ocasiões, e evidencia a preocupação dos lusitanistas para atingir maior presença no ensino secundário dos EUA, uma estratégia para garantir a própria sobrevivência. Em *Hispania* (Menton, IX-1965: 606) ecoa igualmente o projecto, para 1966, de um Junior Year em Lisboa, e indica que os interessados apresentem solicitações a Da Cal, que transferia assim para a CUNY a iniciativa que com sucesso organizara na NYU, sendo agora Portugal o objectivo.

Aquele esforço em Nova Iorque será reconhecido como positivo pela Fundação Calouste Gulbenkian. Assim se espelha no *III Relatório do Presidente*, correspondente ao período 1963-1965, em que José de Azeredo Perdigão assinala no capítulo "Cooperação com universidades estrangeiras e missões culturais" (Perdigão, 1966:225):

> De entre os projectos aprovados e agrupados neste capítulo faremos apenas referência, pelo considerável interesse que oferece, ao acordo realizado com o Queens College, da City University, de Nova Iorque, para a criação da "Cadeira e Seminário Gulbenkian de Estudos Portugueses".
>
> Esse acordo tem por base um subsídio da Fundação asegurando, por três anos, o funcionamento da nova Cadeira, a partir de Setembro de 1964, com o fim de, como se lê no programa dos cursos do Queens College, "desenvolver o interesse académico pela língua, literatura, história e cultura portuguesas".
>
> Sob os auspícios da Fundação, e com o apoio do Ministério da Educação Nacional, foram para Nova Iorque reger a nova "Cadeira e Seminário", um catedrático e um leitor, ambos portugueses. Em 1964-1965 desempenharam aquelas funções o professor de Coimbra Dr. Armando de Lacerda e o Dr. Hermílio Branco Ramalhete. O curso de 1965-1966 foi regido pelo Dr. Raul Miguel Rosado Fernandes (que substituiu o Dr. Lacerda) e que também em 1966-67 será o catedrático português da Cadeira. Por sua vez, o Dr. Ramalhete completará em Nova Iorque o período de três anos já mencionado.
>
> O programa do Queens College, na parte relativa à organização da nova Cadeira, abrange cerca de vinte matérias e cursos especiais destinados a completar o âmbito da cultura portuguesa, tal como é ensinada por aquele estabelecimento de ensino superior de Nova Iorque.
>
> Em consequência do interesse suscitado pelos seus estudos portugueses, já o Queens College anunciou a criação do Doutoramento (Ph.D.) em Português, que se apresenta modelarmente organizado. Pensa-se que este foi um passo de considerável alcance para a difusão da cultura portuguesa nos meios universitários americanos.

Da Cal não é mencionado apesar de parabenizar a sua actuação, mas estas últimas palavras revelam como em Portugal se considerava estratégico que o idioma e a cultura se espalhassem nos EUA, e como nesse empenho se implicava uma entidade particular

[107] Na mensagem, Da Rosa rememora a apresentação do estudo sobre Rosalía de Castro na reunião da Modern Language Association do ano 1951, e o estímulo que recebera de Ángel del Río e de José F. Montesinos por aquele trabalho, publicado depois na RHM (Da Rosa, 1954) e que tão polémico resultou.

como a Gulbenkian, mas com um papel de primeira ordem pelo elevado orçamento que destinava para a actividades de promoção[108], e de colaboração com o Governo.

Da Cal insere-se também activamente aquele ano na organização do VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, agendado para o ano 1966 nos EUA, e com Nova Iorque como uma das sedes. Agora interessava-lhe especialmente aquele acontecimento, por causa da nova situação profissional. Ele figurará no comité organizador do que será o derradeiro Colóquio e trabalhará para o seu sucesso[109].

Também nos finais de 1965 a *Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque oferecia destaque aos 25 anos de existência que comemoravam[110]. Da Cal difunde o poema "Enigma", de RST, com dedicatória para Elysio Condé. Será este o seu derradeiro contributo nessa publicação. Nos anos 1963 e 1964 a sua presença fora especialmente intensa, talvez porque aproveitava para falar com Emilio González López a respeito da possibilidade de mudança para a CUNY. A partir de 1966, com nova situação profissional e vital bem estabelecidas, e também por causa da maior distância geográfica, começa o seu afastamento desta colectividade, que também experimenta uma mudança ao secundarizar os fins com que tinha sido promovida, para o apoio à causa da República, e aproximar-se e aceitar cada vez mais a nova situação política espanhola, como se conclui do trabalho sobre a história da entidade (Zapata, 2000: 63) citado supra. Continua igualmente com a colaboração na *Voz de América*[111].

III.2.3.2.1.-Intervenção no CL galego: Apoio a Galaxia para editar Anne Marie Morris.

---

[108] Azeredo Perdigão e os dirigentes da Fundação tinham como modelo fundações dos EUA como a de John Rockefeller, segundo assinalou Perdigão no discurso proferido em Lisboa aos 20 de Julho de 1965, ao assinalar os recursos com que contavan e os fins da instituição (Perdigão, XII-1965: 3-7).

[109] Em carta que encaminha para Jean Longland, bibliotecária da HSA, Celso Cunha (14-XII-1965), confirma que irá ao Colóquio, e lembra a estada de Longland no de Coimbra, bem como "jantar, bebida, e do Guerra da Cal a cantar cantos tradicionais com aquela sua voz belíssima". Apesar da passagem dos anos, as referências ao seu atractivo físico e às suas qualidades como esta para cantar, são uma constante que se reitera por produtores com interesses muito diversos, como nessa altura fazem Gullón e Cunha.

[110] Emilio González López relata as vicissitudes da colectividade galega por contar com uma instituição própria, referenciando as actividades solidárias que celebraram para ajudar a cozinha económica, o sanatório de Oza e a Real Academia Gallega, na Corunha; a fundação Penzol em Vigo; o Asilo de Lugo; uma escola de Castro Caldelas, e vítimas de naufrágios nas costas galegas; entre outras. Conclui (González López, XII-1965:7): "Nunca, como en esta fase, en la que la sociedad cuenta ya con mayores posibilidades económicas, tuvo tan intensa vitalidad la Casa de Galicia". Na secção literária dessa publicação colaboram Da Cal, Eduardo Blanco Amor e Xosé Luís Franco Grande.

[111] Da programação desse ano documenta-se uma entrevista que fez a Henry V. Basso, emitida em Março, sobre o simpósio sefardi de Madrid do ano 1964 (Basso, 1967). Mantinha, pois, o interesse e o relacionamento privilegiado com a comunidade judaica nos EUA, com divulgação da sua cultura, que foi também um dos seus centros de interesse.

Em Janeiro de 1965[112], segundo o cólofon, **publicou-se** na colecção Salnés[113] **o poemário *Voz Fuxitiva,* de Anne Marie Morris**. Materializou-se assim um objectivo do mais alto simbolismo para Galaxia, pois tratava-se de oferecer para a sociedade galega o produto de uma norte-americana que escolhia o idioma da Galiza para a expressão poética de maneira voluntária, sem traduções, o que contribuia para prestigiar a língua perante a situação de secundarização em que se encontrava. Na altura, o galego experimentara novo retrocesso, ao se recusar a Igreja Católica à sua utilização no culto, tendo acordado a hierarquia eclesiástica que a língua vernácula era o castelhano, o que provocara protestos, entre eles do grupo Galaxia[114]. O volume de Morris **leva texto de "Apresentazón" de Da Cal**, em que oferece uma visão estilística e comparatística da produtora, além de fornecer dados biográficos[115]. Utiliza nesse texto uma escrita do galego com marcas que o aproximavam do português, mas com muitas vacilações. Valoriza a respeito deste produto de Morris (Da Cal, 1965:11 e 13)

> A poesía de Anne Marie semella proceder, como a de Rosalía, como a de Yeats, de outro mundo, onde as cousas parecen ter uha dimensión adicional, saudosa e inquedante. Toda ela está impregnada de medos irracionaes, de anseios inconcretos, de amores fantasmalmente tráxicos e degoiros remotos ou imposibels, do eterno "mors amor" céltigo. [...]
>
> A cantora do Sar non é a única influenza asimilada niste livro. Hai nile formas, módulos da nosa poesia medieval que se evidencian na musicalidade dos padróns paralelísticos e no eficaz emprego da gracia iterativa dos refráns. A proiezón lusa tamén está presente. Encontramos, por exemplo, como ponto de partida dun poema, un verso completo de Fernando Pessoa ("Antre o sono i-o sonho"). Porén, repetimos, tudo iso está dixerido,

---

112 Na capa e nos créditos do livro de Morris consta 1964, pelo que se tem dado esse ano como da edição, embora na realidade se demorasse em aparecer até 1965.

113 Trata-se de um espaço de grande relevo na altura para a poesia editada na Galiza. A "Coleición" [sic] estava ao coidado de Celso Emilio Ferreiro, Emilio Álvarez Blázquez e Salvador Lorenzana.

114 Piñeiro (8 e 23-I-1965) informa disto em epístolas que envia para Da Cal. Aquele anelo por prestigiar a língua era o que explicava o maior interesse em que Da Cal enviasse o prometido artigo sobre os SPG, assunto que também está presente nessas duas epístolas de Piñeiro, quem se parabeniza na última delas pelo anúncio "inminente" do trabalho que ao parecer lhe indicara Da Cal, e também na do dia 23 lhe anuncia a intenção de Alejandro Finisterre de publicar uma antologia da poesia galega, que com efeito se materializará e na qual colaborará Da Cal (ver infra).

115 Neste trabalho de 7 páginas, datado em "Agosto de 1964" afirma não conhecê-la persoalmente e não tê-la visto nem em fotografia, pelo que (1965:7) "É pra min un nome sen imaxe física". Reconhece ter sabido dela através de Rubia Barcia. Da Cal ampara-se numa carta de Morris, em que esta salienta 1959 como o ano do seu "nascimento galego, poético". Esclarece que o seu primeiro contacto com o galego foi através dos Cancioneiros galaico-portugueses, e depois nuns versos de Valle-Inclán e que (Da Cal, 1965: 8-9) "Os seus profesores dixeron-lhe que aquile idioma era o galego, a velha fala románica do Noroeste peninsular, de nobre pasado medieval, mas de fraco presente, condenada ao desaparecimento". Da Cal informa de posteriores leituras de Morris de Rosalia e Curros, do magistério de Rubia Barcia, do facto de a ter animado Ramón Menéndez Pidal, das aulas de literatura medieval de Marion Zeitlin, e de ter conhecido a biblioteca que César Barja doara à Universidade da Califórnia em que estudava.

O poema "Boas mans" está dedicado (Morris, 1965:14) "A Elsie Allen, que xentilmente traballóu fora de horas pra mecanografar este poemario sen coñecer á autora", o que revela mais uma mediação de Da Cal perante quem será a sua segunda esposa.

> integrado na identidade insubornábel do sentir do poeta, que nos aparêz como inalienàbelmente proprio.

Defende que o livro de Morris, como "novos cantares" (em lembrança dos de Rosalia) cobrava "uha particular significanza" e "marcan novamente o sentido universal i-ecuménico da nosa língoa i-a nosa cultura" pois, segundo conclui (Da Cal, 1965:13-14)

> A nosa fala de nova e vizosamente feita letra dempóis da sua letarxía trisecular na que a teimosía oral do povo a salvou de morte certa, non só recada o seu imperio sobre os nosos, mais outra vez é capaz de enfeitizar os alheios, como nos séculos áureos do Medioevo e do Prerrenascimento, cando nela trovaron monarcas, senhores, eclesiásticos e xograes de case toda a Península e mesmo de fora dela. Xa no noso século recebeu a homaxe dun García Lorca –e doutros poetas da Espanha e do irmao Portugal. Esa homaxe amplia-se agora com a *Voz* lírica de Anne-Marie Morris, que dos aléns lonxincuos do Novo Mundo de fala inglesa ven, atravesando imensidades continentais i-oceánicas, a unir-se a nós, recolhendo-se na intimidade universal do noso milagre.

Neste trabalho responde aos interesses do Grupo Galaxia ao salientar aquela singularidade da escrita galega de Morris, e ao referir igualmente o antecedente dos SPG lorquianos[116] e de outros produtores do exterior que tinham utilizado o galego, e oferece uma apresentação de atractivo da produtora norte-americana. O comparatismo com Rosalia e com Yeats puxa pola nova autora, ao relacioná-la com nomes canonizados. Da Cal mantinha-se assim como colaborador principal de Galaxia, e mesmo implicava outras pessoas, como Elsie Allen, para que favorecessem os interesses do grupo galeguista.

III.2.3.2.2.-Valorização como produtor literário galego no Brasil.

**O segundo poemário de Da Cal receberá esse ano duas críticas em revistas do Rio de Janeiro: no *Jornal de Letras* e em *Tempo Brasileiro***. A preparação do lançamento da projectada e tão anelada tradução de LEEQ explica este interesse nesta promoção no Brasil.

Em Fevereiro, **Antônio de Oliveira Coelho** recenseia RST no *Jornal de Letras*. Num trabalho em que evidencia um bom conhecimento da produção literária galega, salienta Manuel António e Roberto Blanco Torres como renovadores da poesia, sobretudo o primeiro, que "quis ser do seu tempo sem deixar de ser galego". Para António Coelho

> Em todos os poetas galegos, mesmo nos mais radicais (quanto à estética ou à forma), o sentimento da paisagem e a saudade do mais além são-lhes constantes aderidas à sensibilidade. É o que acontece com o novo poemário de Ernesto Guerra da Cal, intitulado *Rio de Sonho e Tempo*, no qual se misturam, numa beleza harmónica as

[116] Piñeiro (12-VI-1965) envia-lhe por carta o comentário de *Voz Fuxitiva* publicado no nº 8 de *Grial* e lembra a Da Cal os 2 anos de promessas do artigo sobre os SPG de Lorca.

> velhas estrofes, de sabor mediévico, com as novidades mais excitantes, quer quanto à estrutura quer quanto ao pensamento.

Frisa ser Da Cal conhecido no meio literário do Brasil "como crítico de aguda penetração", assinalando que este poemário "lhe expressa ou define uma outra faceta não menos importante de que a de ensaísta, a sua imagem poética mais sugerente e carregada de incitações intelectuais", afirmando que este poemário "marca uma fase nova no lirismo de Guerra da Cal. Não sendo apenas o poeta intelectual e inquiridor de metafísicas humanas, preocupado com exegeses profundas, Guerra da Cal revela, em alguns poemas, depurados de toda a circunstancialidade transitória, o renovador da lírica tradicional, à qual incorpora as técnicas da poesia moderna". Cita vários exemplos, com reprodução de versos de "Cantiga antiga", "Desespero", "Desencontro" e "Compaixon", sublinhando que neste último "o poeta incorpora em si próprio as dôres dos sêres e das coisas, vive êsses dramas porque estão no mundo que o rodeia, e porque, afinal de contas, os sente como homem angustiante que é". Conclui com uma alta valorização em que assinala ser Da Cal "estruturalmente galego" e atingir "dimensão universal" com este produto, que exprime desta maneira Coelho:

> A poesia de Ernesto Guerra da Cal é duma densidade espiritual que marca no movimento lírico galego da contemporaneidade uma atitude de profunda exaltação. Conquanto o sentir racial se imponha afirmativamente (e não poderia ser de maneira diferente pois o poeta é estruturalmente galego), êste poemário adquire uma dimensão universal. E se toda a poesia vale pela respectiva ressonância espiritual como expressão inequívoca dum temperamento, a lírica de Ernesto Guerra da Cal é a transposição da sua dramaticidade naquilo que ela tem de humana e inquieta.

Da Cal, pois, serve de pretexto para falar da poesia galega e projectá-la nesta importante publicação brasileira, de referência para a crítica poética, na qual é apresentado como galego e se frisa a sua actualidade e universalidade, que ultrapassa os limites territoriais[117].

[117] Aos 27-III-1965, Rodrigues Lapa dirige carta, de Anadia, para Fernández del Riego, em que informa que (Lapa, 2001:218): "o *Jornal de Letras* nº 180 (Fevereiro-Março) do Rio de Janeiro, trazia um estudo desenvolvido sobre o Guerra da Cal, 'voltando-se –diz o jornalista—desse modo para as letras galegas, tão afins das luso-brasileiras'. Logo que tenha à mão um exemplar do *Jornal* lho enviarei". Também se interessa Lapa nessa mesma epístola pela edição, na colecção Salnés, do volume *Frauta lonxana*, da produtora portuguesa Maria Manuela Couto Viana, solicitando-lhe um exemplar do volume "com todos os informes que me puder dar. Como é que a poetisa chegou ao conhecimento do galego? Ou a sua língua foi aperfeiçoada por algum poeta galego? De qualquer maneira, o caso tem um grande significado cultural, e tudo isto vem na hora própria". Esta epístola demonstra como Galaxia teve conhecimento desta recensão, importante pelo que supunha favorecer a projecção da literatura galega no exterior, e como através do poemário de Maria Manuela Viana, igual que o de Morris, se tentava prestigiar a lingua, destacando o uso da mesma por produtores estrangeiros, o que era um claro apelo aos galegos para que também a valorizassem, como faziam aqueles produtores do exterior.

Em **Outubro**, no número 7 de *Tempo Brasileiro*[118], Estella Glatt (1965: 169-172) apresenta Da Cal como "o estudioso fino, meticuloso e penetrante do estilo de Eça de Queiroz, já consagrado em meio mundo" que também, embora fosse menos conhecido, era um "poeta de estirpe nobre, sem mistificações, fazendo poesia pela poesia, naquela língua em que a poesia vive nele. A distância é mesmo o fator estimulante da sua saudade". Põe em diálogo LAM com RST; salienta o prólogo de Jacinto do Prado Coelho ao primeiro, frisando que no segundo poemário "a inspiração continua alta e enriquecida e, embora ainda ligada aos temas centrais dos primeiros poemas, significa uma etapa adiante, mais profunda na autoanálise". Glatt insiste na ideia de saudade, reproduz poemas, sublinhando "um movimento de estranha humildade para com a Vida e a Morte", e conclui (Glatt, 1965:171-172):

> Na verdade, os dois livros de poemas se completam conteudisticamente. Lê-los é entrar em contato com uma sensibilidade ao mesmo tempo mista e pura, mista pelas próprias circunstâncias, pura apesar delas. O poeta já se fazia adivinhar pela acuidade do capítulo em que, em *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, fala da poetização da prosa; mas o imprevisto encontro com o poeta nos dá a dimensão ampla e fascinante da personalidade de Ernesto Guerra da Cal, o embaixador cultural da Galiza no Nôvo Mundo. Da Cal está para a Galiza como António Nobre para Portugal –a mesma poesia envôlta em mágica pureza, e que em momentos faz lembrar Machado e a sua humanização da natureza: "Donde acaba el pobre río la inmensa mar nos espera", um mar imenso pelo qual navega com destino certo –"rumo das bandas do Sonho".

É esta uma crítica a valorizar especialmente, ao ser a assinante, apesar de não figurar no Conselho de Redacção da revista, figura importante do grupo que se movimentava em redor da editora Tempo Brasileiro, como o demonstra o ter recebido a encomenda de preparar os *Anais* do primeiro Congreso Brasileiro de Crítica e História Literária (ver supra); e também a de trabalhar na tradução de LEEQ, que materializará e se publicará

[118] Trata-se de um número muito singular desta publicação, que vivia o seu terceiro ano no mercado e experimentou os entraves da censura por causa das decisões do Governo da ditadura. A revista, dirigida por Eduardo Portella, iniciava esse número 7 com um texto editorial, sem assinar, intitulado "Como dizíamos ontem" em que (Sem autor, 1967: 3-4) explica ter-se visto "perturbada pelas contingências sombrias de abril" a caminhada da publicação por causa de "uma alteração episódica no quadro político brasileiro, desde o nosso último número. Transformaram-se os personagens e modificou-se a causa, Mas a máquina de destruição da razão só fêz avançar na sua febre demolidora" e por isso justificava-se que "*Tempo Brasileiro*, que não se fez uma pequena fábrica de verdades intocáveis, que não se quis uma bíblia desviada ou um subcódigo, se converte agora, com a autoridade de quem não deixará de dizer hoje o que sempre disse ontem, num núcleo de resistência. [...] Queremos trazer o nosso esfôrço para a superior tarefa de libertação do homem. É o que dizíamos ontem e o que reafirmamos hoje". Era este, pois, um número especialmente aguardado, por supor o reencontro da revista com o mercado, e que sem dúvida foi acolhido com expectação. Nele assinam trabalhos figuras de relevo bem conhecidas e relacionadas com Da Cal, como Tristão de Athayde, que solicitava no seu contributo (1967: 45-52) ao novo Governo ditatorial "*anistia* aos que politicamente participaram do govêrno deposto em 1964", um texto certamente comprometido dentro das possibilidades da altura e tendo em conta a situação da revista; e outros de António Houaiss, Gregory Rabassa, Luiz Costa Lima, José Guilherme Merquior, ou quem fora com ele convidado de honra no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, Jean-Paul Sartre.

nos finais desta década (ver infra). As circunstâncias políticas favoreciam, pois, que esta recensão da poesia dacaliana cobrasse maior relevo. Era a única crítica de poesia incluída nesse volume e, ao relacionar o trabalho literário com o científico de Da Cal, e aludir-se a este repetidamente, era uma maneira de lhe oferecer maior destaque. Nisto havia, com certeza, interesse da própria editora, ao ter em projecto a tradução de LEEQ; no entanto, tudo contribuia para a maior projecção brasileira de Da Cal.

Entre essas duas recensões de RST produziu-se um acontecimento de relevo para os interesses de Da Cal como produtor literário: em Agosto, **o *Jornal de Letras* do Rio dedicou-lhe uma página inteira, com uma apresentação de Eduardo Portella e a publicação de dois poemas, "Compaixón" e "Enigma", em original e em versão para português do Brasil de Manuel Bandeira**, a quem está dedicada a primeira das composições. A segunda era destinada para Elysio Condé, o director dessa revista.

Portella escreve texto breve, em que foca o labor de Da Cal nos campos científico e literário com alta valorização da trajectória e produtos dacalianos. Afirma Portella:

> Deseja o meu bom amigo Elysio Condé que traga uma palavra à homenagem que JORNAL DE LETRAS presta a Ernesto Guerra da Cal. Não será uma palavra de apresentação porque, para sorte nossa, Ernesto Guerra da Cal já não precisa ser apresentado no Brasil. Sua lição de crítico, sua voz de poeta, seu calor humano, fizeram dèle uma extraordinária legenda que preservamos conosco, e onde se mistura, numa estranha e perfeita combinação, o mestre que seguimos e o irmão que amamos.
> Ernesto Guerra da Cal é professor do *Queens College*, de *City University of New York*. Esta condição super-metropolitana não apagou nele o cidadão da sua província natal, o galego impedernido que carregou consigo as rias claras e os campos verdes da sua Galiza, que se manteve fiel à lua de além mar e construiu um imenso rio de sonho e de tempo. A êle, "navegador e troveiro", parente próximo de Don Paio Gomes Charinho, e de todos os construtores da tradição galaico-portuguêsa, reverenciamos aqui, agora e sempre.
> O seu livro *Lengua y Estilo de Eça de Queirós* significa uma verdadeira revolução no nosso modo de entender o fenómeno romanesco. A fortuna crítica do criador dos Maias vinha sendo submetida à visão minúscula ou simplesmente monocromática, que desconhecia na sua insuficiência o universo vário do grande romancista português. Poucos percebiam o quanto de deficitário havia naquele vasto acêrvo crítico. As frágeis kódacs críticas não faziam mais do que improvisar fotografias de emergência. E só o livro de Ernesto Guerra da Cal pôde corrigir as mutilações que se processavam, só êle pôde restaurar o nosso verdadeiro Eça, restitui-lo à nós e à sua grandeza original.
> *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*, no mesmo tempo em que redime a crítica eciana, oferece-nos um modêlo de trabalho, onde a sensibilidade criadora se junta ou se completa com o saber aprofundado do fato estilo. E não será difícil antever nessa crítica criadora, na superior forma literária do seu Eça, o poeta que logo nos daria dois admiráveis livros de poesia.
> *Lua de alén mar* (1959) e *Rio de Sonho e Tempo* (1963) dilata o horizonte expressivo desse território comum e múltiplo da lírica luso-galego-brasileira. A arregimentação apropriada de recursos idiomáticos novos e velhos, o tratamento renovado dos nossos temas de sempre, a saudade, a mesma da sua Rosália de Castro, a angústia do tempo, o sortilégio do mar, fazem dêsse trovador antigo e moderno, navegador e astronauta, um

> património nosso que nos cabe preservar. E por ser nosso é que acertou Elysio Condé ao escolher Manuel Bandeira, poeta estruturalmente brasileiro, para traduzir estes poemas que o infatigável JORNAL DE LETRAS oferece aos seus leitores. Êles serão compreendidos pelos brasileiros, correrão mundos, e multiplicarão essa palavra mágica e presente: Ernesto Guerra da Cal.

Portella, de estirpe galega, reivindica assim em Da Cal por um lado o estudioso de Eça, um aspecto que lhe interessava particularmente pela tradução de LEEQ em que estava empenhado para a sua editora, salientando a renovação que oferecia esse estudo (muito pouco difundido no Brasil, por causa da restrita edição príncipe) para o queirosianismo; mas também admite a pertença da Galiza ao intersistema lusófono, na linha que defendia Da Cal, identificando na sua produção de poesia as que julgava características comuns para o lirismo luso-galego-brasileiro, com o que assumia a integração da Galiza no intersistema lusófono, como almejava Da Cal. Neste texto oferece uma imagem muito positiva e consagradora para Da Cal, que com certeza podia não precisar apresentação para muitos leitores de aquela revista em que privilegiadamente o projectavam, como também ele frisava.

Na continuação, Manuel Bandeira adapta para português do Brasil os dois poemas de Da Cal[119], reproduzidos também em original. Uma página, pois, de grande destaque. Em primeiro lugar, pelo reconhecimento que recebe Da Cal de Portella, na altura já figura de relevo, pela docência universitária e reconhecido como crítico e ensaista, pelos seus trabalhos e influência –lembre-se a sua posição proeminente já na organização do congreso de crítica do Recife em 1960, onde Da Cal fora convidado de honra–; e Bandeira, quase na casa dos oitenta anos, já poeta consagrado (conhecido não só pela sua própria poesia, mas pelas traduções de outros), num instante em que os seus admiradores reuniam a colectánea *Estrela da Vida Inteira*, que sairá em 1966 (apenas dois anos antes da morte)[120]. O trabalho de Portella merece ainda destaque pela grande valorização que faz de Da Cal, salientando LEEQ, LAM e RST, e reconhecendo a amizade com Da Cal, o que ajudava para banir a possível estrangeirice da sua naturalidade galega. No respeitante à adaptação de Bandeira, ao aparecer as duas

[119] Em "Compaixão", para além de introduzir o til de nasalidade, o "m" final, a acentuação segundo vigorava no Brasil, e outras questões ortográficas e morfológicas, no respeitante ao léxico muda "bágoas" por "gotas" e "valdeiro" por "vazio". No verso 24, onde Da Cal escreve "Sôbre o meu pobre Eu de cada dia" Bandeira coloca "Dobre o meu pobre Eu de cada dia"; e no 28 em lugar de "como pel de serpente" ele põe "qual pele de serpente". Em "Enigma" procede da mesma maneira, com maiores adaptações.

[120] Machado da Rosa (21-XII-1965) envia para Da Cal um recorte do *Diário de Notícias* de Lisboa "noticiando da tradução bandeirense dos teus poemas. Parabéns", o que supunha mais um reconhecimento em Portugal também como produtor literário.

versões, sublinha-se a semelhança entre galego e português. A este trabalho de Bandeira referir-se-á Rodrigues Lapa reprovando a utilização do termo "tradução"[121] (ver infra). Bandeira experimentava directamente com Da Cal um assunto sobre o que dialogaram ambos durante anos, como era o facto de versionar e traduzir poemas e a sua dificuldade, embora aqui fosse a mesma a língua, segundo defendia Da Cal e se frisava nessa página poética do *Jornal de Letras* do Rio.

III.2.3.2.3.-A luta ortográfica na Galiza: *Ken Keirades* contra Da Cal em *Vieiros*.

No entanto, essa identificação ortográfica que visava inserir a Galiza no intersistema lusófono tinha resistências na Galiza. Se aquando a edição de LAM várias vozes, entre elas muitas das mais legitimadoras da altura (v. gr. Otero Pedrayo e Vicente Risco) para além de outras entre os novos produtores valorizavam aquela opção, outras resistiam-se à mudança e defendiam a ortografia vigente, alicerçada na ortografia castelhana, que era a que se aprendia no ensino e que portanto se conhecia melhor.

Aquela luta ortográfica propiciou no Outono de 1965, **no número 3 de *Vieiros*[122]**, publicado no México, **um ataque contra Da Cal, num artigo assinado por Manuel García Barros Ken Keirades**. Nesse escrito, intitulado "Ao poeta Guerra da Cal", partindo da publicação de LAM, que citava, oferecia considerações deste teor:

> Moi ben que se trata de unificar os dous idiomas, o noso e o portugués, pero, ó rivés da herexia en perspeitiva de aportuguesar o galego, que galeguicen iles, os portugueses, o seu, que sairían ganando moito.
> Eiquí acábase de realizar unha especie de fixamento do galego limpándoo de sinos que, en certo xeito o caraiterizaban, pero, que se está vendo que os escusaba. Aseguido, foron aparescendo obras de outa calidá en todolos ordes literarios que poden servir de vezo ós que sintan anceios de superación literaria. O Diccionario de Carré contén vintetrés mil vocablos. ¿Pra que crearnos agora novos problemas?

Para este produtor, a aproximação do galego com o português não era evolução, mas "deformación"; reprova o uso de léxico e da ortografia do português, assinalando que outro problema da aproximação defendida por Da Cal seria "que teriamos que lle por

---

121 Em *Estrela da Vida Inteira* não aparecerão estas duas versões, apesar do afã de rigorosidade dos compiladores e de ser trabalho recente antes dessa publicação consagradora.

122 Não inclui *Vieiros* os contributos portugueses anunciados no número anterior nem nenhuma amostra de aproximação ou simpatia para com Portugal como nos números anteriores. Da Cal aparece citado ainda duas vezes: por Ramón Piñeiro, nun artigo em que salienta o facto de que Galaxia, por vez primeira, depois de 14 anos, tivesse presença na Feira do Libro de Madrid, e em que aproveita para lembrar os autores editados, salientando que "incorporóu igualmente unha serie de galegos espallados por América", citando-o entre eles; e na secção final, assinada por Luís Soto, onde se inclui o seu nome entre os "esgrevios colabouradores" que enviaram trabalhos para publicar, e que seriam incluídos no número 4. Na revista exprime-se satisfacção pola evolução da cultura do país apesar de, como indicava Albino Núñez, "non hai ningunha Gramática da nosa fala", nem outros materiais; os poucos avances que permitia o franquismo amplificavam-se exageradamente.

unha letra mais ó noso alfabeto: a c con rabico". Afirma ter lido autores portugueses e admite que "no referente a cantidá lévannos moita dianteira. Favorecéunos a Historia un pouco mais que a nós. Pero, no tocante a léxico coido que deberían achegarse mais iles a nós que nós a iles. Diste xeito, quizáis todos iriamos ganando".

Exprime assim García Barros um posicionamento que não era individual, mas que predominava entre certa parte do galeguismo que agia na Galiza e que tentava recuperar usos para o idioma de forma voluntarista, vendo na "fala" a defesa de um certo sentimento, e visando a sua conservação de uma maneira afectiva como, como expressão do *Volkgeist*, partindo do desequilíbrio existente com o castelhano e da agressividade do franquismo. O idioma via-se como um elemento mais de uma Galiza tradicional que desaparecia pelos efeitos da industrialização e o desenvolvimento, e que era preciso preservar e defender da adversidade que supunha a não presença no ensino e na comunicação social, a ausência de materiais para o seu aprendizado, bem como de especialistas que se ocupassem do seu estudo e promoção.

Em Dezembro de 1965, **na revista lisboeta *Colóquio*[123], Da Cal publica o poema "Canto Quinto Elementar"**, em grafia adaptada para o cânone do português de Portugal. O tema da composição é pôr em diálogo Deus com os quatro elementos tradicionais, Terra, Água, Ar e Fogo. É o único poema que inclui esse número, junto com o intitulado "Antologia", celebrada composição de Manuel Bandeira, que Odylo Costa, Filho, oferecera para a ocasião, com reprodução de uma carta de Bandeira em que explicava a génese desse produto. O poema de Da Cal aparece sem qualquer apresentação nem comentário, do qual se pode inferir como se considerava uma personalidade bem conhecida para os receptores dessa publicação.

Esse ano Da Cal prepara nova edição de poemas na revista *Papeles de Son Armadans*, dirigida por Camilo José Cela, que frutificará em 1966. Na relação epistolar entre os dois encontram-se igualmente projectos como a nova edição de *Literatura del Siglo XX* e a colaboração de Da Cal na *Voz de América*. Acrescenta-se a cumplicidade entre eles, com interesses de Da Cal para atingir uma maior projecção na Espanha, e de Cela para

[123] Hernâni Cidade, director artístico da revista, tinha confirmado a Da Cal a recepção desse contributo em carta datada em 30-III-1965, em que valoriza: "O seu poema é admirável e sairá no *Colóquio* o mais depressa que me seja possível".
Como tinha acontecido com *Tempo Brasileiro* uns meses antes, também este número da *Colóquio* era certamente especial, pois era dedicado para dar conta das comemorações organizadas com ensejo do décimo aniversário da morte de Calouste Gulbenkian, o fundador da instituição editora dessa publicação.

prosperar nos EUA e também no próprio intersistema hispânico pela privilegiada promoção que se lhe fazia nos EUA.[124].

III.2.3.2.4.-Impactes no CEL português: a reivindicação de um "novo Eça".

Para além das realizações nos EUA e das actuações já assinaladas respeitantes à sua produção literária, **Da Cal tem outras intervenções no intersistema lusófono, pelo funcionamento dos seus trabalhos de teor científico e pelos pedidos que recebe para colaborar em diferentes empreendimentos**. As actuações de maior relevo serão sobre as gestões para pôr em andamento a instituição para a língua portuguesa que se aprovara no Colóquio Luso-Brasileiro de Coimbra[125], a nova edição do DLPGB[126], o

[124] Da Cal (18-I-1965) reata o contacto epistolar com Camilo José Cela. Interessa-se por se recebeu informação académica que lhe enviara desde a NYU e informa-o que "ya no estoy allí, sino en la flamante City University donde hay más vida y más plata". Afirma que por correio marítimo lhe envia o disco com a gravação "de nuestra segunda charla de *La Voz de América* y las fotografías de la velada memorable en la Casa de Galicia", prometendo fazer-lhe chegar a *Memoria Anual* editada por esta entidade, em que há referência desse encontro. E acrescenta: "Te incluyo *Seis Poemas* gallegos, para los *Papeles*", solicitando que, caso de os publicar, lhe envie exemplares como na ocasião anterior. Na carta indica que falam dele em Nova Iorque e desejam que regresse e que, a o fazer "ya cuentas con una conferencia en Queens desde ahora". Publicar-se-ão aqueles poemas, mais com outro título (ver infra), sem a referência tão explícita aos SPG lorquianos que transparecia nessa epístola.

Da Cal (1-IV-1965) dirige-se de novo a Cela para solicitar que lhe responda se recebeu os materiais enviados na carta anterior, de Janeiro. Informa-o que, com Margarita Ucelay, ainda não decidiram que texto dele iam incluir na nova edição de *Literatura española del Siglo XX* (sic), um volume "para uso en clases avanzadas de lengua castellana de este país", avançando que talvez seja "'La merienda' u otra cosa breve. En la selección entran factores pedagógicos (frase y léxico) de idioma y temas ajenos a lo literario". Pede-lhe autorização para adiantar tempo, e indica que depois lhe comunicaram o texto escolhido. E anuncia-lhe: "En estos días voy a hacer una charla en *La Voz de América* sobre ti (Traducciones del "Pascual", la "Alcarria" y sendas ediciones escolares). Ya te avisaré con una semana para si quisieras oirla (Radio Nacional y otras retransmisiones locales) y después te enviaré el 'script'".

Cela (2-V-1965) confirma-lhe ter recebido "tus versos gallegos que, como es lógico, irán en los Papeles saltándose no pocos turnos". Autoriza a inclusão de um texto seu na revisão da antologia que tinham em preparação os Da Cal, informando que não recebera a versão anterior, de 1954, e acrescenta: "Te agradezco la permanente labor que dedicas a mi labor literario en tus clases, en tus escritos y en tu radio, y si no te lo digo cada dos o tres días –como probablemente sería mi deseo— es porque ando siempre de cabeza y sin tiempo para nada".

Da Cal utiliza pois a colaboração radiofónica como elemento para tender pontes e procurar influências, com o que mantém uma produção muito interessante para os seus projectos. Neste caso tenta que a mudança profissional não prejudique o seu relacionamento com uma figura literária de especial relevo, não só pela alta valorização que Cela tinha nos EUA e em outros países como o produtor do CL espanhol com maior projecção internacional na altura, mas também pelos seus contactos. Estava pois em andamento a segunda colaboração em *Papeles de Son Armadans*, de novo com composições galegas.

[125] Da Cal está atento e mantem-se informado das gestões que em Portugal e no Brasil se realizavam para materializar o pojecto do Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa Contemporânea que ele e outros especialistas tinham proposto em Coimbra. Em Portugal, e segundo carta que lhe encaminha Alberto Machado da Rosa (2-II-1965), estava-se a tratar que Lindley Cintra se unisse à comissão. Era um propósito certamente inteligente, pois supunha integrar melhor Portugal, já que Da Rosa era um exilado e agia no estrangeiro, pelo que uma figura que no Portugal continental trabalhasse directamente em favor de aquele empreendimento e tentasse somar mais aliados, além de contactos com as instituições, parecia maior garantia de sucesso. Cintra, figura respeitada e prestigiada

ressoar do seu estudo sobre a poesia de Pessoa e do dicionário da Appleton-Cuyas, junto com questões relacionadas com o queirosianismo.

Dois trabalhos de Da Cal ecoam esse ano em importantes publicações de Portugal: o estudo que dedicara a Fernando Pessoa em *The Poem Itself* é traduzido no *Diário de Lisboa*, uma publicação de referência pelo labor de oposição ao régime[127]; e a *Revista Portuguesa de Filologia*, da UC, que noticia o dicionário da Appleton-Cuyás[128]. Isto

---

no interior e no exterior, podia influir na Administração salazarista: era assim uma estratégia para que pudesse prosperar aquela iniciativa. Da Rosa anima a Da Cal para se deslocar ao Rio com ensejo do centenário da cidade brasileira, o que seria oportunidade para aproximar mais posicionamentos a respeito de aquela idea, ao poderem confluir as quatro pessoas que defenderam em Coimbra a proposta de criação da nova instituição.

É do Rio de onde Celso Cunha (19-IV-1965) escreve carta para Da Cal, em que afirma: "Sabe que a nossa proposta de criação do Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa Contemporânea começa a tomar corpo. Os portugueses –e o que é mais importante: a Gulbenkian—estão de acôrdo. E mais. Feito êste debate prévio, as conclusões a que chegarmos serão submetidas aos professores estrangeiros (você é considerado nacional) num seminário que será realizado no próximo ano, possivelmente em Paris, tudo às expensas do Itamaraty e da Gulbenkian".

Cunha pergunta se lhe tinha enviado o seu livro *Uma política do idioma*, em que se focava este assunto e Da Cal está citado. Ele era dos mais empenhados em que aquela iniciativa não decaísse, e a consideração que faz de Da Cal como "nacional" e não estrangeiro era sem dúvida do agrado de Da Cal, pois representava atingir um dos objectivos pelos que lutava, como era a integração no intersistema lusófono, pela sua condição de galego. As gestões perante as instituições como a Gulbenkian portuguesa e o Ministério dos Negócios Estrangeiros brasileiro tentavam conseguir os apoios económicos e políticos suficientes para colocar alicerces firmes para aquela iniciativa que valorizavam de estratégica e do maior interesse para o desenvolvimento da língua portuguesa, mas que não prosperará.

[126] Da Cal trabalhou para actualizar verbetes do DLPGB. Jacinto do Prado Coelho (3-V-1965) reclamava-lhe novos artigos com urgência para a reedição. Mais tarde, Coelho (13-VIII-1965) confirma-lhe que a segunda edição do DLPGB entrará nos prelos em Outubro. O sucesso de aquele pioneiro dicionário favoreceu que, também em 1965, começasse a publicar-se o *Dicionário de História de Portugal*, sob coordenação de Joel Serrão, com colaboração de numerosos especialistas. Tratava-se de novo projecto da Figueirinhas do Porto, publicado em fascículos, à semelhança do DLJPC, que finalizou em 1971. No verbete que neste repositorio se dedica a Eça de Queirós, assinado por António Coimbra Martins, salienta-se o estudo de LEEQ como o principal, do ponto de vista estilístico. No respeitante às bibliografias, cita como de referência a de Vitor de Sá, de 1945, indicando que "há anos já que Ernesto Guerra da Cal promete, a propósito do mesmo, uma *Bibliografia Metódica Crítica*", reclamando-se-lhe pois mais uma vez esse projecto.

[127] Em 11 de Junho, o *Diário de Lisboa* publica o trabalho "A 'Autopsicografia' de Fernando Pessoa comentado pelo prof. dr. Ernesto Guerra da Cal da Universidade de Nova York". Trata-se de tradução do contributo de Da Cal incluído em *The Poem Itself* (ver supra), sem se fazer constar o tradutor. O jornal justifica a inclusão por causa da edição europeia recente desse volume, e qualifica de "interessante" o comentário sobre a "célebre poesia". A tradução é parcial, pois faltam dois trechos: um, em que Da Cal refere os quatro principais heterónimos pessoanos e coloca-os em diálogo com a poesia do espanhol Antonio Machado; e mais a parte final, em que oferece informações de teor biográfico, e na qual também compara a produção do literato luso com as de Blok, Yeats, Unamuno, Rilke e George. Essas mutilações podem-se explicar bem por se tratar de informações desnecessárias para o leitor português, que na altura devia estar já informado dos principais heterónimos e, no caso da comparação com outras literaturas, elemento central da metodologia dacaliana, quer por também não interessar especialmente, ou por não compreender precisamente o teor da nova crítica universitária que precisamente lutava com a crítica tradicional jornalística. Outra explicação podia ser o de problemas de espaço, mas não se sustenta muito porque, ao não se tratar de uma notícia do dia que se impusesse pela actualidade, bem se podia protelar.

[128] No volume duplo, correspondente ao biénio 1964-65, esta publicação da UC inclui comentário crítico em que afirma que (Boléo, 1965: 572): "Além da parte propriamente de dicionário, insere úteis indicações, como sejam, entre outras: quadros de verbos irregulares, abreviaturas mais usuais em inglês e nomes próprios pessoais e geográficos". Um produto orientado para os intersistemas hispanófono e

prova até que ponto conseguira impor-se nas diferentes frentes, pois imprensa e revistas especializadas que lutavam por manter a referencialidade no CEL reivindicavam-no por igual, o que também patenteava a sua autoridade em Portugal.

O caminho iniciado por Helena Cidade Moura para reivindicar um "novo Eça" em Portugal, com uma textualidade mais fiel, terá continuidade em 1965 e Da Cal estará presente e será indigitado como modelo, pelo estudo de LEEQ. Esse volume editado 11 anos antes em Coimbra não perde actualidade: antes pelo contrário, incrementam-se os esforços, em Portugal e no Brasil por reeditá-lo em versão portuguesa, para facilitar a sua circulação para o público universitário e para os interessados em Eça, visto o restrita da edição príncipe da UC. Da Cal firma pois a sua autoridade como queirosianista, começa a ser cada vez mais referência em Portugal, onde o centro ainda estava ocupado por João Gaspar Simões desde o seu estudo biográfico de 1945 e outros contributos posteriores. Aquela luta entre a nova crítica de teor universitário e pretensamente mais científica e objectiva, que tentava relevar as propostas vigentes mais subjectivas, biografistas e impressionistas favorece a imposição de Da Cal, que progride para o centro do queirosianismo e vai deslocando pouco a pouco os que ocupavam essa posição prilegiada no CEL de Portugal.

Em *Colóquio*, em Abril, o Professor **Guilhermino César** publicou o artigo "Diante da nova crítica: Eça de Queirós", em que se ocupa da edição de *O Crime do Padre Amaro* realizada por Helena Moura no ano anterior. Vale a pena atender aqui a como é um especialista brasileiro, do âmbito da universidade, quem acuda em favor de Moura na revista que dirigia seu pai, Hernâni Cidade, precisamente para dar mais valor ao comentário crítico e pôr em destaque o novo trabalho textual que se defendia, mais rigoroso. Afirma-se nesse artigo (César, 1965: 54):

> Eça nunca deixou de ser institivamente Cenáculo, seria um dos primeiros objectivos do moço para se integrar no espírito europeu do tempo, não querem senão valorizar, através da acção artística, uma cultura, uma paisagem social, uma língua –a da sua pátria.
> Tudo quando procure discriminar em Eça a presença atuante dessa cultura nativa, em termos de antropologia cultural, até agora pouco vista, ou jamais vista, deve ser motivo de atenção. A lenda de um Eça despaisado tende a desaparecer, e tanto mais depressa quanto mais fundo a sociologia literária examine os frágeis alicerces em que se apoia. [...]

---

anglófono ressoa assim naquela revista especializada portuguesa, que oferece destaque em positivo, o que supunha uma recomendação do trabalho de Da Cal e alta valorização do seu contributo como lexicógrafo. Da Cal mantinha assim a ascendência sobre aquela universidade em que publicara LEEQ e tinha o projecto da Bibliografia de Eça já por mais de uma década.

> Não há dúvida de que, pelo facto mesmo de lhe exaltar a obra até ao exagero, a crítica tradicional adivinhou a importância de Eça, muito antes de sobre ela incidir a luz da Estilística.

César insiste portanto em como as disciplinas de teor científico, como a sociologia literária ou a Estilística favoreceriam uma nova visão de Eça, que vinham demonstrar com argumentos diferentes e mais válidos a importância que a crítica mais tradicional tentava impor sem sucesso. A respeito das investigações no domínio da Estilística frisa que "começaram bem" em Portugal, com LEEQ, e que esse produto dacaliano (César, 1965: 54-55) "abriu caminho a uma crítica universitária de alto nível", citando os contributos de Maria Helena de Novais de Palma e de Helena Moura. Refere-se à edição desta que comentava no artigo como "façanha editorial", e afirma que "honra os editores de Eça de Queirós". Esta valorização, de relevo por proceder de uma personalidade brasileira com produção reconhecida na altura no CL e mais no CEL, puxava pois por Da Cal para o centro do queirosianismo, ao indigitá-lo de precursor.

Também começaram a publicar-se esse ano, com novo e mais rigoroso tratamento textual, na editora Presença de Lisboa, **os cinco volumes de *Eça de Queiroz. Prosas Esquecidas,* ao cuidado de Alberto Machado da Rosa**[129]. O professor açoriano recupera dispersos da primeira época de Eça, de interesse para conhecer melhor a produção queirosiana nesse período, e posiciona-se nas lutas do queirosianismo em favor dos pressupostos da crítica universitária, o que provocará uma reacção contra ele de Gaspar Simões. No "Prefácio" do primeiro desses repositórios (Rosa, 1965: 10) há referência a LEEQ, e à recuperação no estudo dacaliano do texto de "A Duse"[130].

---

[129] Da Cal (11-II-1965) agradece por carta a Machado da Rosa o envio da nova versão do livro *Eça, discípulo de Machado?*, e a referência feita a ele na nota que tinha acrescentado Da Rosa "tão desproporcionadamente gentil e generosa, como tua". Pergunta por que não mudou o título, mas concorda e afirma ser esta nova versão superior. Valoriza Da Cal nessa epístola: "É um contributo formidável ao queirosianismo. Calha lindamente o aparecimento do teu estudo, quase coincidente com a edição da Helena das três versões do *Crime*: o teu é esclarecimento argutamente realizado e o dela o documento, benemeritamente paciente, que torna accessíveis os textos nos que se baseia a tua análise. Acho que esse problema da história literária do Eça fica doravante definitivamente cartografado e que tudo o que no futuro se escrever não pode deixar de se referir ao teu magistral estudo".

Esta carta de Da Cal responde a que Da Rosa lhe enviara, datada em 2-II-1965, em que o professor açoriano diz que esperava crítica do seu livro sobre Eça-Machado e anuncia nova edição, portuguesa, "muito refeita", desse volume, confirmando igualmente que no dia 15 desse mês "parto para Santiago", com o que o contacto com a Galiza se revela de novo como elemento de cumplicidade entre os dois.

[130] Estes volumes foram acolhidos com sucesso, embora não faltassem críticas em contra como se indica na carta que Francisco Espadinha, desta empresa editora, lhe enviou a Machado da Rosa, datada em 26 de Agosto de 1965, onde se refere a um trabalho de Gaspar Simões, no *Diário de Notícias* de Lisboa, "cheia de maleitas de fígado", que evidencia a luta no queirosianismo e como Simões queria manter a sua posição privilegiada, para o qual combatia contributos que questionavam a sua produção ao reivindicar novos pressupostos, como faziam Da Rosa e Da Cal.

O projecto de Da Rosa faz reviver LEEQ e puxa por esse estudo dacaliano para o centro do queirosianismo, o que justifica o interesse na sua tradução em Portugal e no Brasil[131].

O ano de 1965 resultará portanto do maior interesse nos campos profissional e literário, ao se consolidar a sua mudança para a CUNY com sucesso, renovar antigos projectos e colocar os alicerces para novos empreendimentos. Mas também no plano pessoal, ao cessar o primeiro matrimónio com a formalização do divórcio, e encaminhar a nova relação pessoal com Elsie Allen, que em breve seria a sua segunda esposa.

III.2.3.3.-Progresso na CUNY e acréscimo de capital simbólico em Portugal, em 1966.

O segundo matrimónio foi acontecimento marcante para Da Cal em 1966. O divórcio não resultou bem sucedido, pois quebrou os laços com Margarita Ucelay e com o filho, e distanciou-o de alguns hispanistas. A convivência com Elsie Allen estreitará a relação com o intersistema lusófono e ajudará em projectos profissionais, pois implicou-se nos seus trabalhos de pesquisa ajudando-o em bibliotecas de vários países e digitando

---

Na recepção desse volume de Da Rosa haverá referências privilegiadas para com o contributo dacaliano. Assim faz Wilson Martins, que reivindica de novo a segunda parte de LEEQ numa recensão de *Prosas Esquecidas I*, no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, onde frisa (Martins, 19-VI-1965): "Enquanto isso, o conhecimento de Eça de Queirós, a análise dos seus processos artísticos, o estudo dos seus recursos e das suas concepções literárias, eram relegados no mais estranho desprezo. Excetuadas as três ou quatro observações convencionais sobre o seu 'estilo', sobre a sua técnica particular de dispor os adjectivos, sobre o enorme poder da sua ironia, nada se fez, praticamente, em matéria de investigação crítica até à publicação do conhecido volume de Guerra da Cal, em 1954. Mas, até agora, ainda está por ser publicada a segunda parte, a parte de síntese e conclusão, que dará o seu pleno sentido ao que foi feito nos domínios da análise estilística e linguística; além disso, Guerra da Cal se serviu, e só se podia servir, das obras de Eça de Queirós tal como foram publicadas: não o víamos ao trabalho, viamo-lo apenas com os resultados finais do seu trabalho".

[131] Em carta que envia para Celso Cunha, afirma Da Cal (24-III-1965): "Estou acabando a revisão da tradução do meu *Eça* feita por D. Stella [Glatt] e o Eduardo [Portella]. Na última carta que recentemente tive dela anuncia-me que há planos de que eu me desloque aí para o lançamento do livro, coisa que me enche de prazer. Já me imagino aí com vocês em farras infindàvelmente nocturnas à bela cantiga berrada e borrifada de coisas espirituosas"; mas o projecto ainda demorará quatro anos.

Na carta que envia Francisco Espadinha (26-VIII-1965), da editora Presença, a Machado da Rosa, para lhe comunicar notícias a respeito do andamento da publicação dos seus volumes queirosianos e interessar-se por novos trabalhos dele, também lhe pergunta: "Mudando de assunto: em tempos falou-me naquela obra do Dr. Da Cal, sobre a linguagem de Eça de Queirós. Gostaria de pensar em inclui-lo nas nossas edições; haverá hipótese? Como sei que tem muito boas relações com esse senhor, ficar-lhe-ia muito grato se o abordasse nesse sentido".

No final do ano, Machado da Rosa (21-XII-1965) escreve carta a Da Cal, da Califórnia, em que o informa de que Espadinha tinha interesse em publicar tradução de LEEQ na Presença, e oferece-lhe o endereço para que o contacte. Confirma estar encantado em Califórnia e na UCLA, onde já se encontrava incorporado nesse ano académico, e que no próximo verão dará "novo pulo à Lisboa amada".

.

muitos trabalhos, sendo o seu um labor fulcral sobretudo para a *Bibliografia Queirociana*, como Da Cal reconhecerá (ver infra).

Na CUNY acrescentaram-se os meios económicos que providenciava a Fundação Gulbenkian, e o desenvolvimento dos estudos portugueses traduzir-se-á no ganho de maior capital simbólico de Portugal. A sua posição no queirosianismo afiançou-se, e na produção literária publicou novo poemário. Também obteve reconhecimento pelos seus trabalhos orientados para o intersistema hispânico.

III.2.2.3.1.-Reorganização da vida pessoal: O casamento com Elsie Allen da Cal.

Os finais de 1965 foram-lhe muito difíceis no plano pessoal, com contratempos, segundo esclarece a Machado da Rosa em carta em que relata a "crise horrível do meu divórcio", e acrescenta Da Cal (1-I-1966):

> Já estou fora da casa. Já fui ao México e voltei –e já sai do pesadelo dos últimos tempos, que não podes imaginar. Agora tenho que reorganizar a minha vida sôbre novas bases. Fiquei economicamente bastante quebrantado pois a Margarida ficou com o apartamento, a casa de campo e uma parte substancial do meu ordenado. Não me queixo, porém, pois tudo é preferível a viver numa perpétua ficção[132].

**Em 4 de Março de 1966 casa por segunda vez, com Elsie Allen da Cal**, em Nova Iorque[133]. Finaliza assim a mudança no plano pessoal. O novo casal residirá em Amytiville, uma localidade mais perto de Queens e separada de Manhattan, o qual será um entrave para o desenvolvimento de actividades em Nova Iorque.

III.2.3.3.2.- Trabalhando pelo intersistema lusófono nos EUA.

Esse ano **na CUNY prosperarão projectos, pela maior ajuda de Portugal**. A respeito do bom desempenho do programa de estudos portugueses, na já citada carta para Da Rosa, esclarece Da Cal (1-I-1966):

> Temos já dois candidatos para o Ph. D. muito bons –que para o ano próximo serão cinco e 8 para o M.A. que também ameaça crescer consideravelmente. A Gulbenkian aumentou o orçamento da cadeira em $10.000, já para este ano, o que quer dizer que temos 40.000 anuais "to play wiht". Também nos ampliaram as bolsas para o estudo do curso de férias na Univ. de Lisboa, para 25 (tínhamos 20). Dentro em pouco receberás o

---

132 De Texas, Ricardo Gullón (7-I-1966) comunica-lhe que "unas líneas de Amalia [talvez Del Río], hace tres semanas, me dieron noticia de tu divorcio, pero sin el menor comentario […] Quiero, amiguísimo entrañable, decirte cuánto me pesa lo que has sufrido hasta llegar a lo presente, y cómo deseo que el futuro te de la alegría y la calma que te mereces. Gran fortuna ha sido que tu chico comprendiera y que la ruptura con Margarita no lleve consigo la ruptura con él, tan inteligente y simpático". No entanto, este entendimento com o filho não se produzirá. Em nova epístola, Gullón (21-III-1966) alegra-se da felicidade de Da Cal e fala-lhe de projectos.

133 A respeito deste período, decorridos 25 anos Da Cal (X-1991), indicará em carta a Maria Victoria Atencia e a Rafael León que um dos elementos que contribuiu para a separação de Ucelay foi o idioma, ao não ser da sua preferência o uso do castelhano.

> anúncio para recomendares algum bom candidato, se tiveres. No undergraduate vamos vento em popa –com 47 estudantes nos cursos de Português. Tivemos muita sorte com o Gulbenkian Visiting Professor –que é o Raul Rosado Fernandes, da Univ. de Lisboa – um esplêndido rapaz, inteligente, *liberal*, simpático e ótimo professor[134].

Mais alunado, mais dinheiro, apoio de professorado, e melhores perspectivas, representavam um balanço bem positivo. Além disso, a selecção de alunado para a actividade de Verão com a Universidade de Lisboa, semelhante ao JY, possibilitava-lhe contactos com várias universidades dos EUA. A mudança da NYU para a CUNY estava a confirmar-se, na partida, tão favorável como previa. Era, portanto, uma etapa profissional de plenitude.

Da Cal **foi membro da Comissão Organizadora[135] do VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros**, celebrado do 6 ao 10 de Setembro na Harvard University; e do 11 ao 13 na HSA, na CU, na NYU e no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque. Promoveu a presença galega, ao propor Ramón Piñeiro[136]como especialista para falar na secção de Lingüística, com José Herculano de Carvalho da UC, e o brasileiro Joaquim Mattoso Câmara, na altura professor visitante na Georgetown University. Entre as realizações desse acontecimento[137] esteve (Moser, 1966: 874) o lançamento de *Selection from Contempory Portuguese Poetry*, de Jean R. Longland, volume bilingue inglês-português, em que a bibliotecária da HSA difundiu 43 poemas de 28 produtores. Da Cal escreveu o texto prefacial de apresentação.

Finalizavam com este Colóquio 17 anos de história destes encontros, desde o primeiro de Washington em 1950[138]. Foi um acontecimento polémico, em que houve ausências

---

134 Anuncia-lhe também o projecto de visitar Portugal em Junho para passar "um mês ou mês e meio –pois desde 63 que não vou e agora mais do que nunca preciso dessa viagem, para me reconfortar".

135 Presidia Francis M. Rogers, da Harvard University; e integravam-na tambem Theodore S. Beardsley Jr, da HSA; Lewis Hanke e Charles Wagley, da CU; Raymond S. Sayers, da NYU; Thomas E. Skidmore, da Harvard University; Carleton Sprague Smith, da NYU; Robert C. Smith, da University of Pennsylvania. Pertenciam a diferentes áreas e representavam a diversidade de interesses dos Colóquios.

136 Piñeiro falou sobre (Sayers, 1966: 872) "Galiza [sic] nos estudos luso-brasileiros", relatório editado em inglês por Sayers (1967, ed. da Universidade de Minnesota), com os outros contributos do congresso, e publicado em posterior versão galega (Piñeiro, 1974, 2007). Piñeiro (29-IX-1966) lembrará em carta a estada em NY, e agradecer-lhe-á o convívio e a atenção que lhe dispensou Da Cal: nessa mesma epístola aproveita a ocasião para demandar novamente o artigo prometido por Da Cal sobre os SPG de Lorca, assunto de que talvez falassem no convívio em Nova Iorque.

137 Zdenek Hampl (1967:184-190), Moser (1966:152, 315, 503 e 873-874); e Sayers (1966: 872-873) informaram compridamente desse derradeiro Colóquio.

138 Ofereceram-se as alternativas de (Moser, 1966: 874) Fortaleza ou Paris como sedes do seguinte, mas não se produziu. Carleton Sprague Smith (1966: 1-23), no *Journal of the American-Portuguese Society* fez percurso pelos seis colóquios e destaca a participação de Da Cal nos de 1959 e 1966.

Da Cal aproveitou estes acontecimentos: no primeiro promocionou o estudo de LEEQ; no terceiro estreitou contactos com Portugal; no quarto foi protagonista do maior destaque, após a posta em andamento poucos meses antes do Instituto Brasileiro da NYU; no quinto presidiu à secção de literatura e

notáveis, como a Celso Cunha, quem (14-V-1966) esclareceu Da Cal as razões pelas quais não acudiria, por discrepar com a organização[139]. As lutas e os interesses encontrados por usufruir os generosos fundos da Fundação Gulbenkian ajudam para esclarecer estas complicações. Assim, já finalizado, Jorge de Sena (13-IX-1966) indica, também em carta para Da Cal, elementos para entender a situação: as lutas de interesses luso-brasileiros, a que Sena se refere como "a maior das confusões". A epístola, de início, indica que "Aqui vai o abraço que foi de muito grata alegria de tornar a ver-te ao fim destes anos, nesta América a que fôste um dos agentes principais da minha vinda, para ter o sossêgo que não nos consentem em parte nenhuma". E acrescenta Sena:

> Junto envio a fotocópia do mavioso artigo do nosso querido Afrânio [Coutinho]. Não tenho notícias do que se terá passado aí na Columbia, ou na sessão de encerramento, para onde os inocentes (?) úteis Calmon[140] e Montello talvez tenham guardado as últimas peças de um fôgo de artifício, já velho, mas sempre de algum efeito. Mas confio que os meus amigos não terão permitido mais nada. [...] Creio que sabes que havia uma história, de que o Afrânio deve ter sido o hábil articulador. Atacar estudos portugueses e os portugueses (eu nunca o ataquei nem escrevi dele, mas era amigo do Casais que ele odiava, do Cândido que é a nobre sombra negra dos seus pesadêlos e intrujão), visto que ele passa a vida nisso (a Maria de Lourdes Belchior que te conte o que ele fêz com ela mais do que uma vez): fingir que a Gulbenkian está pagando toda a gente aqui (e eu também, quando é o Wisconsin quem me paga); insinuar que eu, sendo brasileiro de naturalização, estava ao serviço de Portugal, etc., etc. Pouco depois de o artigo ter saido, já o Itamaraty me cortara o subsídio de leitor brasileiro, alegando que o cortara a toda a gente aqui (o que eu soube ser mentira, mas só percebi a razão quando recebi o recorte). [...] Enfim, deixemos coisas tristes. Apenas espero que os americanos, na sua boa fé, tenham percebido o jogo que os envolve.

Esta carta de Jorge de Sena está acompanhada de cópia dupla de um artigo publicado no Brasil, intitulado "Literatura Luso-Brasileira", em que Afrânio Coutinho (3-IV-1966) se insurge contra esta denominação, por considerá-la despropositada. Sem citar directamente a CUNY, Coutinho reprova numa universidade norte-americana o que qualifica de "caso de pasmar", por oferecer um programa em língua portuguesa e literatura luso-brasileira, patrocinado pela Gulbenkian. Coutinho pede respeito para com a independência cultural brasileira e o seu artigo é claro protesto contra o ideado por Da Cal com apoio da fundação portuguesa. O contributo de Coutinho finaliza com

---

foi um dos assinantes da proposta conjunta para uma nova instituição que favorecesse a unidade e projecção da língua portuguesa; e neste último esteve na organização.

[139] Cunha tentava organizar o sector brasileiro do Centro de Documentação aprovado em Coimbra, que "ainda não foi instalado por falta de uma sede apropriada", mas contava para esse fim com a biblioteca de Serafim da Silva Neto, de Filologia, e outra de Literatura. Reage com pessimismo perante o VI Colóquio, e fala do de Coimbra com sensação de fracasso, talvez por verificar os entraves para que prosperasse aquele projecto e da falta de resposta positiva por parte de Portugal.

[140] Segundo salientou *Hispania* (Moser, 1966: 874), Calmon falou perante os 300 participantes que acudiram ao banquete oferecido na NYU, afirmando que "Os coloquios são animados todos eles, duma unânime divergência" e salientando que "Somos inteligências livres", palavras que reflectem as discrepâncias de pareceres das sessões.

o pedido de “que se promova a separação dos estudos brasileiros dos portugueses [...] Que sejam levados a abandonar o tratamento para conosco com a primitiva mentalidade colonialista, julgando que a cultura brasileira é luso-brasileira”.

A carta reflecte as resistências que enfrentava Sena: em Portugal, por causa da sua oposição à ditadura; e no Brasil, por considerar que era uma peça mais na estratégia contrária aos interesses nacionais no sistema de ensino universitário dos EUA, pela sua naturalidade portuguesa e pelo papel que desempenhava em Wisconsin como docente contratado que lhe conferia uma posição porventura de maior influência, que não a de um Professor visitante como eram Coutinho e outros brasileiros. Esta epístola colocava a Da Cal numa difícil posição pela luta que via entre pessoas que a ele interessavam por diferentes motivações e com que tinha amizade: o próprio Sena, a quem ajudara a conseguir o posto em Wisconsin, e que portanto estrategicamente podia ajudar os seus interesses profissionais nos EUA; e Coutinho, com quem a amizade pessoal chegara ao extremo de ter sido o padrinho de seu filho, que casara nos EUA naquele tempo em que ele foi professor visitante, e que era pessoa estratégica para a sua projecção no Brasil e muito em especial para poder atingir um objectivo que se colocará claramente nos anos seguintes (ver infra) e que talvez já pensasse na altura: a possibilidade de poder leccionar no Rio de Janeiro ao se aposentar da docência nos EUA. Naquelas lutas misturavam-se muitos interesses profissionais mas também económicos, e a competência por usufruir o financiamento de uma instituição pujante como a Fundação Gulbenkian, com a qual Da Cal tinha um relacionamento directo e frutífero na CUNY. Aquelas disputas transpareceram no que foi o derradeiro Colóquio, segundo se infere da carta de Sena, que se considerava alvo dos ataques brasileiros, que o viam porventura débil ao conhecerem que, pela sua condição de exilado, não ia encontrar defesa na delegação portuguesa e que, segundo referia, já se concretara ao ser-lhe retirado parte do apoio económico que desfrutava em Wisconsin procedente do Governo do Brasil.

III.2.3.3.3-Capital simbólico com reconhecimentos académicos em Portugal.

O trabalho em prol dos estudos e da cultura portuguesa na CUNY e nos EUA propiciará que Da Cal seja eleito esse ano membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, e proposto para a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, acrescentando o seu capital simbólico. Da Cal (5-VI-1966) responde a António de Almeida, Secretário

Perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa[141], aceitando a nomeação como Membro Correspondente, e valorizando o facto como "alta honra". Solicita o envio do *Boletim* da sociedade para a biblioteca do Queens College, indicando: "Estamos tentando estabelecer os fundos bibliográficos necessários para a eficaz realização dos nossos trabalhos académicos e de pesquisa. O Boletim dessa Sociedade contribuiria inapreciàvelmente a concretizar esse objectivo".

Armando Cortesão (30-IX-1966), o docente da UC que presidira à delegação portuguesa ao VI Colóquio Luso-Brasileiro, solicita-lhe também o curriculum, para propô-lo como membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Pouco depois (2-XI-1966), confirma que já o fez. Será aceite em 1967.

III.2.3.3.4.-A projecção de Eça de Queirós no intersistema anglófono.

Em 1965 publicou-se em Londres *The Maias*, tradução para inglês do romance de Eça de Queirós, em versão de Patricia McGowan Pinheiro e Ann Stevans, com edição específica para os EUA em 1966. E em Ohio editou-se *The Mandarin and Other Stories*, com a versão dessa narrativa realizada por Richard Francko Goldman, e três contos, com lançamento em Londres no ano seguinte[142]. Esses produtos terão muito bom acolhidmento e suporão o regozijo dos lusitanistas por aquele avanço na internacionalidade do produtor português, e pelo que supunha de impulsar o interesse pela língua e literatura que ensinavam num instante em que trabalhavam pela sua maior introdução no ensino secundário. Na *Bibliografia Queirociana* (Da Cal, 1976: 473 e seguintes) dedicará vários verbetes às valorizações destas traduções[143].

---

[141] Em 1965 a instituição reeditou o Estatuto Geral, aprovado em 3 de Junho de 1895, de que lhe fizeram chegar exemplar. No Diploma enviado a Da Cal, redigido em francês como era regra para os membros estrangeiros, e datado em 1 de Fevereiro de 1966, indica-se que por parte da Sociedade "espérant que vous voudrez bien nous accorder votre concours, soit en collaborant a notre Bulletin, soit par des donations au profit de notre Bibliothèque et de notre Musée Colonial et Etnographique".

[142] A tradução de *Os Maias* provocara expectativa em Portugal, e mesmo fora anunciada (Da Cal, 1976: 484, v. 4.782) no verão de 1963 pelo *Diário de Lisboa*. A resposta do mercado anglófono foi muito positiva, e aquela versão, segundo testemunhará anos mais tarde a *Bibliografía Queirociana*, (Da Cal, 1975: 96, v. 348) "figuró durante varias semanas en la lista 'Best Reading', de la revista *Time*, de Nueva York". Aquela boa receptividade está presente na carta, ja referenciada, que Da Cal (1-I-1966) encaminha para Da Rosa, em que lhe agradece deste modo o envio das *Prosas Esquecidas* (ver infra) "do nosso bem amado José Maria", em que afirma Da Cal: "Deus te pague esses esforços para tornar-nos accessíveis essas páginas raras. Por certo que o nosso Eça está tornando-se figura de actualidade. Já viste as revistas de *Os Maias* e o *Mandarim*? Tanto aqui como na Inglaterra é um coro de "olos!! E alos!! maravilhados pela descoberta do nosso homem 'a major writer'. Cá já vá o nome do Eça nas listas de leitura dos cursos de Literatura Comparada. A coisa é animadora –não?".

[143] Nos EUA publicaram-se referências sobre *Os Maias* no *New York Herald Tribune* (v. 4.709 da *Bibliografia Queirociana*), *Saturday Review* (vv. 4711 e 4.719), *The New York Times- New York Times Book Review* (vv. 4.721 e 4.865), *Hudson Review* (v. 4.738), *Atlantic Magazine* (v. 4.755), *Choice* (v.

Da Cal continuava empenhado na tradução para português de LEEQ[144], e manifesta-se a respeito da mediação de Machado da Rosa. Este professor açoriano, ao igual que Helena Moura, publica novos estudos sobre Eça em Portugal, na linha renovadora e reivindicativa de nova textualidade, que favorecem os interesses de Da Cal[145].

O conteúdo das cartas e os acontecimentos revelam como continuava a formação de um círculo, de uma rede com o intuito de renovar o queirosianismo através de luta contra o discurso legitimador vigente no salazarismo, com claros núcleos de interesses em que Rosa no exterior, e Moura no interior, junto com Da Cal, agiam como os principais agentes. A legitimação metodológica e textual eram os alicerces que davam coerência a tudo. Da Cal estava cada vez mais e melhor escoltado na defesa da sua nova proposta canonizadora sobre Eça, que se espalha, ganha adeptos e impõe-se, à par de favorecer um maior conhecimento, difusão e actualização da produção do literato.

---

4.776), *Commonweal* (v. 4.864), de Nova Iorque; *Kirkus*, de Virginia (v. 4.772), *Booklist and Subscriptions Book Bulletin*, de Chicago (v. 4.775) e *Best Sellers* de Pennsylvania (v. 4.842). No Reino Unido, no *The Observer* (v. 4.732), *Financial Times* (v. 4.774), *New Statesman and Nation* (v. 4.791), *Punch* (v. 4.846), *The Times Literary Supplement* (v. 4.856) e *Spectator* (v. 4.862) de Londres; *The Manchester Guardian*, de Manchester (v. 4.773 e v. 4.86), e no *Bulletin of Spanish Studies* de Liverpool (no ano 1967, v. 4.762). Também em Portugal ecoou esta tradução e mesmo provocou polémica: Jorge de Sena difundiu comentário crítico no *Diário de Notícias* de Lisboa, reproduzido em *O Estado de São Paulo*, em Janeiro e Março de 1966 (v. 4.843 e 4.844) assinalando problemas da tradução, a que respondeu Ann Stevens defendendo-se (v. 4.855), e houve intervenção posterior de Carmo Vaz (v. 4.863).

O volume sobre *O Mandarim* e os outros três relatos ecoou nos EUA no (Da Cal, 1976: 435 e seguintes) *New York Heral Tribune* (v. 4.484 da *Bibliografia Queirociana*), *Saturday Review* (v. 4.485), *Library Journal* (v. 4.500), *Choice* (v. 4.516), *Commonweal* (v. 4.548) e *The New York Times* (v. 4.549) para além de uma nota do próprio tradutor (v. 4.498); no Reino Unido, no *The Times Literary Supplement* (v. 4.515) e *Spectator* de Londres (v. 4.547), e no *Bulletin of Spanish Studies*, de Liverpool, em 1967; para além de uma referência na *Revue de Littérature Comparée* de Paris, em 1966 (v. 4.502).

144 Da Cal (1-I-1966) responde à proposta de Rosa de traduzir LEEQ em Portugal, para a editora Presença, como lhe tinha solicitado: "Estou acabando de rever uma tradução brasílica, do Eduardo Portela e da Estella Glatt (de colaboração) que o *Tempo Brasileiro* tem programada para sair na primavera. Não sei se isso desanimará o Espadinha ou se não se importará. A Helena Cidade Moura tem uma versão pronta que se lhe poderia oferecer à Presença. Que achas?". Havia, pois, competência por colocar no mercado um produto que se adivinhava de sucesso. Da Cal mexe os fios, deixa-se querer, propõe, na procura do melhor para o seu produto, que não descura, mas para o que calcula o melhor proveito e projecção.

145 Moura e Da Rosa convergem em 1966 na reivindicação de *A Correspondência de Fradique Mendes*: Da Rosa, no quinto e derradeiro volume das *Prosas Esquecidas* (Nele inclui dedicatória: "A José Rubia Barcia, Ernesto Guerra da Cal, Ramón Piñeiro, fraternos amigos e autênticos mestres, dignos filhos da indómita Galiza, heróica e mártir, pátria de Rosalia e Castelao, de Emilia Pardo Bazán e Valle Inclán, para todo o sempre irmã de Portugal e do Brasil, terra dos antepassados de Camões e berço de um avô do genial devoto de *Cantares Gallegos* [em referência a Eça de Queirós] que escreveu há um século estas *Farpas* de agora, mais aceradas, perfurantes e completas que outrora"); e Moura (X-1966) num artigo publicado na revista *Colóquio*.

Da Rosa (1966b: 264-279) também aludiu a Da Cal na comunicação "A Cultura Portuguesa nos Estados Unidos", apresentada na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, em Lisboa, em que se referiu a LEEQ como "esplêndido estudo".

Jean Girodon (1966) utiliza metodologia comparatista semelhante à do estudo de Da Cal de 1961 publicado em francês (ver supra).

III.2.3.3.5.-A referencialidade para o intersistema hispânico.

Apesar da maior dedicação para os interesses do intersistema lusófono, Da Cal continuava a ser considerado referência para o intersistema hispânico.

Esse ano encontrar-se-á com um velho conhecido, com quem perdera contacto a raíz do exílio: Evaristo Correa Calderón, que lhe propõe que prepare um volume para Anaya[146], uma das editoras referenciais para o ensino na Espanha, o que supunha um reconhecimento como especialista do maior destaque em literatura espanhola e também a intenção de que dedicasse maiores esforços para o intersistema hispânico. Da Cal não atenderá esta proposta.

Igualmente em 1966 o professor John F. Garganico, da Washington University, publica na RHM um estudo comparatista entre *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, e *Gaucho Tierra*, de Adolfo Montiel Ballesteros, em que Da Cal é citado pelo estudo dedicado ao primeiro desses produtos em 1948[147]. E Harriett de Onís (1966: 219-220) cita-o também como estudioso de referência de *Don Segundo Sombra* e traduz parte de aquele seu estudo para inglês no texto prefacial que redigiu com ensejo da versão realizada aquele mesmo ano (Güiraldes, 1966) desse produto para língua inglesa. É assim colocado como modelo para o estudo de uma narrativa que se consolidava como referencial da literatura hispano-americana do século XX, e difunde-se o seu estudo mais uma vez num meio privilegiado como era a revista da CU, o que contribuia por sua vez para reproduzir mais aquele discurso que ele defendia segundo a sua metodologia estilística. Um dos seus primeiros trabalhos, já com duas décadas, quando ainda nem era Doutor e estava longe de publicar LEEQ e *Literatura del Siglo XX*, continuava a funcionar e a projectá-lo no intersistema hispânico.

---

146 Em papel carimbado dessa editora, Correa Calderón (2-V-1966) escreve carta para Da Cal, na qual memora aquela relação que tiveram de jovens na Galiza, e afirma que "Al regreso de Nueva York, Germán Sánchez Ruipérez nos habló de ti a Fernando Lázaro y a mí, trajo tu dirección". Anuncia em catálogo as edições de *Fuenteovejuna* e *La vida es sueño*, de Valbuena Prat e López Estrada, e pergunta que outro livro lhe interessaria.
Na epístola, Correa Calderón valoriza com destaque a poesia de Da Cal e o uso da ortografia portuguesa. Oferece este apoio de maneira privada, o que também tinha valor, tendo em conta que ele fora um dos precursores no uso de aquela grafia na Galiza nos anos anteriores à Guerra de Espanha de 1936. Porém, Correa Calderón estava devotado naquela altura de 1966 para o intersistema hispânico, bem integrado na estrutura criada pelo franquismo, pelo que o apoio, singular naquele instante, terá nula repercussão; por mais que, com certeza, teria representado porventura novo encorajamento para Da Cal ao comprovar como mantinha aquele aliado, que estava num posto importante, mas não era o adequado aos seus interesses respeitantes à língua da Galiza.

147 Garganico, na linha de F. Giusti e Da Cal defende que *Don Segundo Sombra* atingiu o carácter de mito e ultrapassou o de ser humano, conseguindo isso Güiraldes pelo tratamento que oferece a essa personagem na narrativa.

III.2.3.3.6.-Novos produtos literários para a Galiza.

Em Junho, sob o título *Seis motivos do eu*, Da Cal publica nova colecção de poemas na revista *Papeles de Son  Armadans*, que dirigia Camilo José Cela. Trata-se de seis composições inéditas: "Tarde (Riverside Drive)", nas pp. 283-285; "Voo", (p. 286); "Destino" (p. 287), "Xornada (pp. 288-289), "Queixa" (p.290) e "Esmorecimento" (p. 291). Nos seis textos domina a primeira pessoa. Deus, a passagem do tempo, o existencialismo, são assuntos que se encontram na leitura destes versos, em que também aparece a Galiza e o exílio. No Índice, a revista informa que se tinham tirado 50 separatas numeradas, que Da Cal distribuiu entre diferentes amizades, muitos nomes consagrados dos CL e CEL em diferentes países. Serve-se assim da poesia para procurar uma maior promoção, por mais que esta vez não se publicará nenhuma recensão[148].

Em Julho celebraram-se as **"Jornadas de la canción gallega" em Pontevedra**, no salão da "Diputación Provincial"[149]. Na sequência desse festival **interpretaram-se três poemas de Da Cal**: "Desespero", "Instante" e "Cantiga antiga", com música dos compositores José Maria Evangelista, Vicente Asensio e Matilde Salvador. A imprensa ocupou-se deste acontecimento[150]. O festival contribuia para a difusão da poesia galega. A selecção de Da Cal demonstrava a ascendência que mantinha na altura como um dos nomes principais, e assim influia num campo diferente e chegava ao público galego[151].

No Rio de Janeiro esse ano foi publicado o volume *Andorinha, andorinha*, com textos inéditos em livro de **Manuel Bandeira, sob selecção e coordenação de Carlos**

148 Cela (28-VII-1966) indica que esse dia lhe enviam 46 separatas desses poemas, rogando-lhe que devolva uma, dedicada. Da Cal receberá valorizações pessoais, todas pela via epistolar: de Armando Cortesão, da UC (30-IX-1966: "Que magnífico poeta o Ernesto, e que sensibilidade tão enternecedora") Machado da Rosa (19-X-1966: "Encantado, como sempre, com os teus poemas. Neles encontro aquele imortal 'não sei quê' de autêntica poesia, um não sei que voluptuosamente triste e sábio, poesia dourada feita de cinças e esperança. Qualquer coisa de cálido e gêlido como a própria vida de quem sente... com todas as potências da saudade e do desejo"); Fidelino de Figueiredo (s/d, acusa recepção em cartão autógrafo, de difícil leitura, em que agradece e parafrasseia o título como "ou seis razões para querer bem a esse gigante..."); Manuel Bandeira (13-XII-1966: "Gostei muito, muito, dos Motivos", e comenta alguns versos, para concluir "Enfim [gostei] de tudo". Datado em "Nova Iorque, Outuno 1966", Da Cal tinha enviado separata para Manuel Bandeira, com a dedicatória "Para Mestre Bandeira, com admiração e amizade".); Edison Nery da Fonseca (13-II-1967: "Foi bom ler e reler os seus versos (embebidos?) de um lirismo tão ibérico [...] Muitíssimo obrigado, meu grande poeta, pelas horas felizes que sua poesia me proporcionou e ainda me proporcionará".

149 No Espólio EGC conserva-se exemplar do convite.

150 Publicaram notícias (Sem Autor, VII-1966) *Faro de Vigo*, *El Pueblo Gallego* e *Diario de Pontevedra*. *Faro de Vigo* (13-VII-1966) incluiu relação das 88 canções estreadas desde o primeiro festival, em 1960.

151 Anne Marie Morris (7-II-1966) envia para Da Cal poemas traduzidos de Rosalia para inglês, que se conservam na HSA. A produtora norte-americana mantinha assim a dedicação para as letras galegas, tendo Da Cal como mediador de referência. Não consta que essas traduções se publicassem.

**Drummond de Andrade**. Nese volume incluem-se (Bandeira, 1966: 262-264) os dois artigos em que Bandeira comentara *The Poem Itself*, em Junho de 1960 (ver supra).

III.2.3.4.-Nova projecção no instersistema lusófono e no queirosianismo e visita à Galiza, em 1967.

Em 1967 Da Cal será eleito membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, o que acrescenta o seu capital simbólico, para além de oferecer-lhe maior projecção no intersistema lusófono. Viu publicada a primeira tradução de LEEQ, em Portugal, e interveio perante Eduardo Portella para não frustrar a também tantas vezes anunciada versão brasileira, esclarecendo-se as causas de que não prosperara esta iniciativa publicitada desde a década anterior. No âmbito do queirosianismo receberá novos reconhecimentos, e contribuirá com mais dois novos verbetes em repositórios dos EUA, em inglês. Outros antigos produtos em que trabalhará, com o intuito da sua renovação, serão o contributo no DLPGB e o volume de *Literatura del siglo XX*.

Aquele ano celebrou-se o 50º aniversário de *Hispania*, o que ofereceu ocasião para publicar trabalhos em que se valorizava esse período. O presidente da Associação de Professores de Espanhol e Português nos EUA, Renato Rosaldo, num artigo assinalava a frustração que representara aquele ano o facto de se não desenvolver a "International Education Act" aprovada pelo Congresso dos EUA aos 21 de Outubro de 1966 e assinada pelo Presidente Johnson aos 29 de Outubro do mesmo ano. Nesse escrito frisa (Rosaldo, V-1967: 327) "Desgraciadamente, el Congreso no ha apropiado fondos para poner en vigor la Ley de de Educación Internacional durante el año fiscal de 1967". Esperava-se, no entanto, que se facilitassem fundos para apoiar os centros já estabelecidos ou por estabelecer especializados em assuntos latino-americanos, portugueses e outros, e que (Rosaldo, 1967: 328) "esta nueva Ley seguirá la ruta internacional que se ha venido trazando el Gobierno Federal beneficiando, por ende, a los socios de nuestra agrupación tanto en las escuelas secundarias como en los centros universitarios".

Esse novo quadro legal dinamizava reuniões como a que em Junho se organizou na Universidade de Vanderbilt, com participação de destaque de Da Cal, para promocionar os estudos portugueses no ensino secundário dos EUA, organizada pela Phi Lambda Beta, a fraternidade portuguesa que mantinha grande dinamismo e que se tinha

constituído graças ao apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e outros patrocínios.

III.2.3.4.1.-A reafirmação do discurso renovador de Da Cal sobre Eça de Queirós.

Da Cal intervém no queirosianismo em 1967 através de novos produtos que reafirmam o discurso que defendia desde a década de 40. Publica novos verbetes em que amplifica, nos EUA, o seu posicionamento, colocando em destaque elementos de língua e estilo, privilegiando essa perspectiva para o intersistema anglófono. No intersistema lusófono reiterar-se-á aquela doutrina com a tradução de LEEQ, um estudo que continua com boa fortuna crítica.

Muitos produtos de Da Cal nos campos científico e literário tiveram reconhecimento internacional, mesmo o mantiveram alguns anos. No entanto, nenhum obtivera sucesso como LEEQ, reivindicado e posto em destaque como modelo. A nova versão portuguesa facilitará o seu uso, ao prover maior número de exemplares para o aproximar dos estudiosos e interessados em Eça, o que por sua vez redundará em maior projecção de Da Cal, maior prestígio e também benefícios económicos pela boa recepção do mercado.

III.2.3.4.1.1.-Projecção do discurso queirosiano no intersistema anglófono.

Da Cal publica esse ano dois trabalhos sobre Eça nos EUA, em ***European Authors*** **e na** ***New Catholic Encyclopedia***. O primeiro destes repositórios, editado em Nova Iorque, apresentava-se como "A Biographical Dictionary of European Literature". Incluia num único volume 967 biografias e 307 retratos, entre estes o de Eça. E a enciclopédia editada por The Catholic University of America era um compêndio de referência para as pessoas desta religião, que Da Cal aproveitará para intervir em questões melindrosas que elevaram resistências a Eça pelo seu suposto anticlericalismo. Serão, portanto, dois contributos de relevo para favorecer o funcionamento de Eça no intersistema anglófono, numa altura de sucesso naquele mercado para os seus produtos literários.

Em *European Authors*[152] (Da Cal, 1967: 250-251) apresenta Eça para o leitor anglófono fornecendo os principais dados biográficos, e frisando a sua pertença à Geração de Coimbra, referindo a polémica de 1865 nessa cidade e a posterior com Camilo. Põe em destaque *O Mistério da Estrada de Sintra, As Farpas, Uma campanha alegre, O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio*; *Os Maias, O Mandarim, A Relíquia*, *Contos*, "O

[152] Este produto teve como editores Stanley J. Kunitz e Vineta Colby.

Suave Milagre", *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras*, "Lendas de Santos", *Últimas Páginas* e *Fradique Mendes*. Assinala o plano de Eça de redigir romances sobre cenas da vida portuguesa ao estilo da *Comédie Humaine* de Balzac, mas que abandonou; qualifica de injustiça o ter sido valorizado como o Zola português e de antinacionalista; aponta características estilísticas, insiste nas traduções queirosianas para vários idiomas, avisando dos títulos disponíveis em inglês; e finaliza valorizando que "the influence of his style, urbane, gently skeptical and humorous, is still being felt not only in Portugal and Brazil but in the whole Hispanic world". Observa-se, portanto, coerência do seu discurso a respeito de produtos anteriores. Da Cal tenta oferecer atractivo para o produtor português, indigitando-o de renovador, de progressista, frisando o seu bom fazer literário e a sua ascendência sobre outras literaturas, que se mantinha no tempo. Compara-o com nomes canonizados e mais conhecidos pelo leitor anglófono, como os franceses Balzac e Zola, estabelecendo diferenças para ressaltar a originalidade e a singularidade do produtor português, convidando para se abonar à leitura dos seus textos.

Este trabalho de Da Cal é importante para a maior projecção de Eça no intersistema anglófono, ao ser colocado mais uma vez à par dos mais canonizados do CL europeu, e pelo grande destaque que se oferece da sua produção. A inclusão em *European Authors* favorecia o seu maior conhecimento pelos consumidores dos EUA, com uma apresentação atraente da sua produção.

Na *New Catholic Encyclopedia*[153] assinala Da Cal, após dados biográficos, que os primeiros esforços literários de Eça revelam uma personalidade vigorosa, embora em luta pela autoafirmação, sob uma variedade de influências estrangeiras. Apresenta *Prosas Bárbaras*, *O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio* e *Os Maias*, insiste na injustiça de ter sido considerado o Zola português ou antinacionalista. Frisa na continuação *O Mandarim* e *A Relíquia*, assinalando que esta foi traduzida para inglês em 1925; refere-se à produção jornalística e aos escritos ensaísticos, para valorizar o estilo de Eça como urbano, gentilmente céptico e harmonioso, sentido ainda em Portugal, no Brasil e em todo o mundo hispánico. Da Cal coloca como exemplos de atractivo a narrativa "A morte de Jesus" e afirma que Eça escreveu nesta veia uma das suas melhores histórias curtas, intitulada "O Suave Milagre", cuja versão inglesa tinha

[153] Esta compilação foi editada com autorização de Patrick A. O'Boyle, arcebispo de Washington, e do censor eclesiástico John P. Whalen. O contributo sobre Eça, com ilustração, figura no Volume XII, nas pp. 17-18.

dez edições. Uma visita a Terra Santa acelerara o seu interesse nos assuntos cristológicos, embora as leituras de historiadores positivistas de Jesus, como D. Strauss e J.E. Renan, deram alguma forma à sua expressão literária, bem como Proudhon, que via Cristo como figura humana e como um grande revolucionário. Também comenta *A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e as Serras, Últimas Páginas* e *Correspondência de Fradique Mendes.* Neste contributo indica que Eça renovou a língua literária e foi um mestre da expressão metafórica, e acrescenta Da Cal:

> Most of his life Eça remained a melancholy agnostic. He probably never practiced his faith, though he married in the Catholic Church and did not oppose the Catholic upbringing of his children. Although he never lost his satiric anticlerical attitude, it became better tempered through the years. Moreover, repelled as he was by Jacobinism, ha always seems to have kept his enthusiasm for the aesthetic aspect of Christianity, including hagiology. At his death he received the Last Sacraments, apparently with consent.

Finalmente cita *Cartas de Inglaterra, Ecos de Paris, Cartas e Bilhetes de Paris* e *Notas Contemporâneas*; e valoriza que, próximo de Camões, era o mais conhecido escritor português e as suas obras estavam traduzidas para doze línguas.

A visão atractiva que oferece na enciclopédia católica é bem diferente das ideias que defendiam os sectores mas integristas relacionados com esta religião em Portugal, nomeadamente os que se moviam em redor do jornal *Novidades*, como o padre Alíryo de Melo, em que emergem preconceitos morais contra a produção queirosiana, de que será também alvo Da Cal (ver infra). Aqui insiste de novo no argumento das traduções como capital para reivindicar avanços no processo de canonizaçidade de Eça, além do facto de ter servido a estilística queirosiana de modelo para outros produtores dos CL luso e hispano, na linha do que defendia em LEEQ.

III.2.3.4.1.2.-A tradução de LEEQ em Portugal.

A **tradução de LEEQ para português**, assinada por Helena Cidade Moura, publicou-se na editora lisbonense Aster, sob o título *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*. No interior indica-se que a empresa tinha os "direitos reservados", uma advertência que tinha a ver com o conflito para a publicação com a Tempo Brasileiro. Consta de 351 páginas. Entre as novidades está uma referência bio-bibliográfica, nas badanas, em que se afirma ser Da Cal "justamente considerado um dos maiores especialistas de temas queirosianos" e "dentro da cultura galega e das letras hispanas um lusófilo de primeiro plano", com o que oferece uma autonomização da cultura galega a respeito das letras hispanas. Assinala-se o seu labor como docente universitário e conferencista, e a

nomeação como Doutor Honoris Causa pela Universidade da Baía e de cidadão honorário do Rio de Janeiro. Informava-se que a edição consistia na "tradução rigorosa do original castelhano", à qual Da Cal acrescentara "já em provas algumas notas bibliográficas". Salientava-se a receptividade da edição "necessariamente restrita" de 1954, a qual "teve o mérito de tornar conhecida esta obra em todos os meios intelectuais capazes de se interessar por Eça de Queiroz como estilista e reformador da língua literária", e indicava-se como prova desta afirmação as "31 recensões críticas em 11 países", até 1960. Também se qualificava o estudo como "novo pelo tema e pelo método", e salientava-se que Da Cal "poeta laureado e professor de Literatura espanhola e portuguesa, julgou que valia a pena desmontar todo o mecanismo da prosa queiroziana, e foi encontrar oculta nessa prosa revolucionária, muitos dos cânones da mais clássica poesia", citando partes do estudo[154]. Moura insistia assim na actualidade e validade deste trabalho, que era a principal mudança no CEL português a respeito de Eça desde que aparecera no mercado. Esta tradução, que favorecia o seu uso pelos estudiosos, visava contribuir para um maior funcionamento e para a renovação de aquele campo em Portugal, além de facilitar uma maior centralidade do escritor.

Em Dezembro de 1967[155], no jornal universitário lisbonense *Tempo*, a tradução de Helena Moura[156] estreia a nova secção "O livro do mês", com comentários dela própria

---

154 A maior diferença com a edição da UC está na Bibliografia, pois Moura organizou-a segundo a forma de citar portuguesa. No entanto, os nomes são quase os mesmos: dentro dos "Trabalhos relacionados com o presente livro", equivalentes ao "Repertorio" de 1954, acrescenta trabalhos de André Brun (1947), Fernando Campos (1933), May Hill (tese de doutoramento inédita), Wofgang Kaiser (1948), M. Rodrigues Lapa (s/d), Maria Helena Palma Novais (1961), Vladimir Olbriny (1955), um estudo de Costa Pimpão (1942) e uma tese inédita de Lucrécia da Silva Clemente Pinto (1952), além de mudar a data do volume de Virgílio Ferreira de 1943. Na "Lista de obras citadas neste estudo", equivalente ao "Elenco" de 1954, acrescentou dois títulos de Ramalho Ortigão (de 1945 e 1941) ao tempo que baniu outros de Júlio Brandão (1922), Mary Burns (1916), António Cabral (1916), Agostinho de Campos (1922, 1923), Navarro Tomás (1946), Ramalho Ortigão (1874) e Rodrigues Lapa (1934). O "Índice Onomástico de Autores" coincide com o de 1954, mas com classificação alfabética diferente. O "Índice de matérias" é também o mesmo, mas incluindo a "Nota Prévia", ausente na edição em espanhol.

155 No Espólio EGC conserva-se script de recensão emitida num programa radiofónico em 18-XII-1967. Trata-se de uma cópia em mal estado, com carimbos. Nela refere amplamente a "Nota Prévia" e indigita Da Cal de "duas vezes irmão por ser oriundo da Galiza", afirmando que no livro "se conjugam o tom científico, realista e de permanente contacto com o assunto a desbravar, e o alento de uma excelente prosa, andante, analítica, explicadora e nada maçuda". Defende-se ser Eça "um píncaro que divide duas vertentes adentro do idioma português. Antes de Eça, a toda a longura e vastidão, descortina-se a imensa toalha do português escrito, desde as Cantigas e os Cronicões até Garrett e Herculano, até à safra formidável de Camilo. Depois de Eça... temos Eça e o seu influxo". Acrescenta ainda que Da Cal "dá o devido sentido a uma análise tão pormenorizada de todos os elementos do estilo e linguagem de Eça" assinalando ter Da Cal "plena consciência da irradiação no mundo da obra de Eça de Queiroz", e sublinhando como "um dos valores adjacentes ou complementares deste livro é pôr-nos ao corrente da influência estilística de Eça nos autores espanhóis". A crítica finaliza com este parágrafo: "Podemo-nos justamente sentir ufanos que um catedrático peninsular, haja proposto na Universidade de Nova Iorque, com este acento científico e artístico os valores de criatividade e estilo de Eça de Queiroz que agora esplendem neste livro".

e de Jacinto do Prado Coelho. Inicia-se assim a recepção desse produto com duas valorizações muito consagradoras. Coelho salienta a originalidade do método, como um caminho próprio dentro da estilística de orientação idealista, e indica ser Da Cal um companheiro de viagem dos Vossler e Spitzer, não discípulo, afirmação que o situa num plano de igualdade. Trata-se de uma crítica bem diferente à de treze anos antes. Na mudança influem porventura a amizade pessoal e a colaboração em projectos comuns, mas também o ambiente de grupo e de interesses partilhados no CEL de teor universitário, no intento de renovar a crítica portuguesa, labuta em que Coelho levava empenhado muitos anos e em que era referência indiscutível. Helena Moura demonstra admiração pelos dois mestres –Da Cal e Coelho– e partilha com eles um posicionamento crítico a respeito do poder político, que explicita através das referências ao exílio e à repressão de anos contra Coelho no Centro de Estudos Filológicos; no seu trabalho, refere-se à produção poética de Da Cal como ajuda para a projecção no CEL português. Coelho mais uma vez dá o primeiro passo na valorização do trabalho dacaliano desde a sua posição de catedrático, intervindo desde uma publicação orientada para o público universitário decididamente em favor de LEEQ.

Coelho lembra ter-se publicado "esta obra magistral" em castelhano, em 1954 na colecção dos Acta da UC, e alude à "Nota Prévia", afirmando que "não fazia sentido que tal estudo ficasse em língua estranha". Acrescenta Coelho:

> E outras razões havia, estas de ordem prática e pedagógica: cumpria pôr ao fácil alcance dos leitores de língua portuguesa uma indagação estilística das mais seguras, originais e bem sucedidas que têm sido levadas a cabo no domínio românico –ao mesmo tempo que um verdadeiro marco na história dos estudos queirosianos. Ernesto G. Da Cal, mestre universitário e poeta (como Dámaso Alonso), conseguiu demonstrar, por esta realização concreta, que uma análise sistemática de instrumentos e processos verbais, fiel à disciplina da melhor *scholarship*, pode não excluir a constante intervenção da intuição, do gosto, do entusiasmo até, a revelar-se num estilo expositivo que Helena Cidade Moura ("queirosiana" lúcida e devotada, a quem devemos a edição crítica do *Crime do Padre Amaro*) soube *servir* na tradução; que a observação, necessàriamente sincrónica dos factos estilísticos se concilia com referências frequentes à personalidade global do escritor, às suas ideias e intenções estéticas, à sua situação numa literatura e numa época; que essa observação minuciosa, atenta ao pormenor significativo, pode evitar a dispersão e, sem nos patentear o *sanctum* "inacessível e incaptável", o enigma último do "*milagre*" estético, a que Ernesto Da Cal humildemente alude, pode aproximar-nos da compreensão duma personalidade, duma "visão interior" original, que comanda sempre o manejo e a renovação dos recursos da língua.

---

156 Esta tradução foi publicitada na imprensa com anúncios em que se indicava ser o autor docente da CUNY e tratar-se de "Estudo sistemático e literariamente acessível a todos, da técnica estilística de Eça de Queiroz".

Refere como o estudo dacaliano evidencia a influência de Eça em Valle-Inclán, Gabriel Miró, Julio Camba, Fernández Flórez e outros escritores da literatura espanhola. O único senão é que não se apresente o livro como a primeira parte de uma obra maior, e confia no segundo volume em perspectiva que "formará com o primeiro uma unidade indissolúvel, já que ambos visam a compreensão do estilo num sentido lato". Afirma que a concepção de estilo de Da Cal coincide com Fidelino de Figueiredo, e conclui **Jacinto Coelho:** "Posição, aliás, que nos leva a considerar Ernesto Da Cal não tanto como um discípulo (dada a originalidade do seu método) como um representante da corrente idealista que teve em Vossler e em Spitzer grandes iniciadores". Da Cal é assim assinalado como um referente dos estudos estilísticos por um dos vultos mais legitimadores do CEL português, que mais uma vez se ocupava com destaque deste volume, para facilitar o seu funcionamento no mercado português, o que beneficiava os seus objectivos renovadores.

**Helena Cidade Moura** apresenta o estudo de Da Cal como "uma obra séria de crítica literária profunda, minuciosa, dissecadora, poética e total" e aconselha a leitura aos universitários. Apresenta o autor como "um poeta galego ametrado e identificado nos métodos experimentais e científicos da análise literária". Lembra a edição da UC que estava escrita "nun espanhol correcto mas pensado em português [...], sentido em português de tal maneira que, dir-se-ia que eu não fiz uma tradução, mas antes a reconstituição duma tela primitiva onde se tivesse pintado uma outra por cima. Na sua qualidade de galego há de facto uma maior aderência a Portugal do que à grave Castela dos Castelhanos". Refere-se o labor "de bandeirante" em favor da língua e a literatura portugesa e advoga por "uma ajuda mais racional que facilitasse o êxito dos seus esforços", com o que evidenciava um bom conhecimento da sua situação e trabalhos e gestões em andamento. Na continuação, acrescenta Moura:

> Quanto ao livro que acaba de sair, pessoalmente considero-o um caso único nos estudos sobre Eça de Queirós que conta com uma bibliografia exaustiva. Trata-se duma dissecação pormenorizada da frase do escritor, duma observação microscópica dos seus adjectivos, dos seus advérbios, dos seus verbos, de tal forma minuciosa e global que longe de ser um livro para eruditos é quase um romance com personagens, em que vários elementos da frase jogando cada um o seu papel nos revelam a totalidade.

Moura alude ao facto de se tratar de um estudo que "nasce no exílio" e lembra a destituição do "grande professor" Jacinto do Prado Coelho do Centro de Estudos Filológicos, apesar da seriedade dos empreendimentos que realizara, entre eles trabalhos

queirosianos dela própria, com o que oferece dimensão política ao seu contributo ao criticar a situação interior de Portugal e dar realce ao exílio[157].

No final desse ano, Da Cal aproveitará a edição para buscar reacções positivas que difundam a tradução e que assim trabalhem em favor dos seus interesses. Faz que cheguem exemplares a nomes conhecidos da universidade dos EUA e de diversos países para provocar que se manifestassem a respeito do estudo. Assim o fará com Armando Cortesão, o seu valedor perante a Academia Internacional de Cultura Portuguesa; Rodrigues Lapa, bom conhecedor do seu posicionamento ortográfico a respeito do galego desde 1958 e um aliado entre os portugueses nesta questão; ou o iberista tcheco Zdenek Hampejs, também bem favorável à produção científica e literária de Da Cal, como lhe tinha demonstrado em diferentes ocasiões[158]. Com posterioridade divulgará exemplares dedicados entre outros especialistas[159], o que era uma maneira privilegiada de dar a conhecer o estudo, pois a dedicatória, sempre amável, propiciava simpatias e apoiava a possível recomendação para as aulas ou possíveis recensões[160], objectivo principal que se procurava para assim garantir que funcionasse no mercado e que ajudasse a reproduzir aquele modelo estilístico-comparativo para os estudos literários que propugnava, e que fora pioneiro nos estudos no CEL por duas singularidades certamente difíceis de imitar: por atingir toda a obra publicada de Eça, incluindo romances, contos, epistolários, textos jornalísticos e de ocasião, etc.; e por comparar a sua produção com muitas literaturas, não só as dos intersistemas hispânico e lusófono (Portugal e Espanha, mas também o Brasil, Nicaragua, México ou Argentina), mas produtores de outros intersistemas, como o francófono, anglófono, italiano ou alemão, o que dava a Eça uma singularidade importante que trabalhava pela sua canonicidade, ao

157 Coelho presidiu essa instituição entre 1954 e 1965, ano que a deixou, por problemas políticos. Foi nesse lugar onde Moura preparou a edição crítica, referenciada supra, do *Padre Amaro*.

158 Armando Cortesão (15-XII-1967), valoriza: "Recebido o seu E. de Q. [...] Vou lendo aos poucos, e saboreando, não poucas horas (ou meias horas!) livres. [...] Foi um belo presente de Natal". Lapa (26-XII-1967) aponta três gralhas da edição, e frisa: "Tem lido o *Grial*? Os nossos amigos de além-Minho estão trabalhando bem. Falta-lhe colaboração do lado português e brasileiro, pois são (ou deviam ser) interessados neste surto cultural". Hampejs (24-XII-1967) congratula-se da edição portuguesa, pois considera o estudo como "a mais valiosa obra sobre o clássico português que existe".

159 Como, v. gr., as que facilitou em 1968 a a Emilio González López (em exemplar conservado na biblioteca da Casa Galicia de Nova Iorque em Outubro de 2006); ou a Gonzalo Sobejano, a quem entregou um volume no Outono de 1968 em cuja dedicatória sublinhava a "amistad muy cordial".

160 No Espólio EGC encontram-se cópias digitadas a máquina, em espanhol e em inglês, assinadas por Rafael Bosch, do Queens College, sobre esta edição de LEEQ, mas não consta que fossem publicadas. Nesses comentários, Bosch frisa que sem uma grande sensibilidade poética teria sido impossível o descobrimento e a exacta valorização de tantos fenómenos que havia para interpretar e sistematizar na produção de Eça, como demonstrava o estudo dacaliano.

ser difícil encontrar de uma maneira tão concentrada contributos semelhantes para outros produtores.

A edição portuguesa resultará uma surpresa para a editora Tempo Brasileiro do Rio, que como se indicou tinha anunciado esse projecto havia anos. As duas empresas estabelecerão contactos para esclarecer a situação, e terá de intervir Da Cal, que conseguirá a solução mais favorável para os seus interesses: que saisse primeiro a versão portuguesa e, ao cabo de dois anos, a brasileira. Apesar da boa amizade com Eduardo Portella, o seu maior defensor no Rio, a Da Cal convinha porventura mais que o novo volume funcionasse antes em Portugal, pelo maior relacionamento que tinha na altura com instituições portuguesas como a Gulbenkian, o próprio Governo ou a Universidade de Lisboa, que favoreciam mais directamente os seus interesses profissionais; por enquanto no Brasil via aparecer resistências, como as que lhe assinalava Jorge de Sena na carta que lhe enviara após finalizar o derradeiro Colóquio Luso-Brasileiro[161]. No final do ano, a editora carioca aceita adiar o lançamento com a

[161] Pela sequência cronológica, tudo faz pensar que a primeira ideia fora editar a tradução no Brasil, e só quando se confirmou a possibilidade certa de Lisboa mudou de ideia. Assim se infere dos testemunhos que se conservam da altura, em cartas dos diferentes agentes implicados:

a) Da Cal (10-IV-1967) escreve para Eduardo Portella: esclarece que, depois de problemas que enfrentara por causa do divórcio, casamento novo, e outros, tinha revista já a tradução de LEEQ que realizara Estella Glatt. Comunica que quando Afrânio Coutinho volte para o Rio a levará consigo, e pede descupas pelo atraso. Em nova carta de Da Cal (27-IV-1967) a Portella afirma que envia a tradução revista através da pianista Sonia Maria Strutt.
b) Eduardo Portella (3-VII-1967), afirma: "O seu Eça já o entreguei à direção editorial de TB". Lembra o prólogo que tinha pensado solicitar a Alceu Amoroso Lima "que um dia mo prometeu. Sei que ele o fará com prazer". Fala ainda nessa epístola do plano de Guerra da Cal de ir para o Brasil, e indica que concretará ao respeito com o Afrânio quando este regressar dos EUA.
c) A partir de aí surgem complicações, que provocarão o adiamento da edição brasileira. Henrique Saraiva (5-VII-1967), director editorial da Tempo Brasileiro, escreve para Osvaldo Aguiar, da Aster, carta em que pergunta pela ideia de traduzir LEEQ em Portugal.
d) Osvaldo Aguiar (3-VIII-1967) responde a Henrique Saraiva: diz ter contrato assinado por Da Cal sobre os direitos para a língua portuguesa, também no Brasil. Afirma que Da Cal irá a Lisboa "para dar o Vº Bº" às folhas de impressão e "gostaríamos de ter uma conversa com o Prof. Guerra da Cal sobre este assunto aborrecido em que, segundo parece, nem V. Ex. nem nós temos responsabilidades".
e) Em nova carta de Henrique Saraiva (23-VIII-1967) a Osvaldo Aguiar, o representante da Tempo Brasileiro esclarece: "Não foi nosso propósito prejudicar-lhe com a edição brasileira. [...] En nenhum momento nos foi comunicado que também V. S. estava autorizado a idêntica iniciativa. Só mesmo o Prof. Da Cal, no encontro que tem marcado com V. S. poderá esclarecer tudo isto e dizer da nossa lisura e boa fé".
f) Osvaldo de Aguiar (12-IX-1967), em carta para Henrique Saraiva afirma que depois de falar com Da Cal concluiram que "nós estaríamos dispostos a não levantar a questão dos direitos autorais desde que medeasse um certo tempo entre as duas edições", mas que a portuguesa devia ser publicada primeiramente. "Esperando que aceitem esta sugestão, aguardamos notícias de V. Sas.", conclui Aguiar.
g) Osvaldo Aguiar (16-XI-1967) confirma a Henrique Saraiva que "não levantamos qualquer obstáculo à vossa edição", pelo interesse de Da Cal na Tempo Brasileiro. Lembra a carta de 12-

vantajosa condição de não pagar direitos, mas mantém o projecto como buscava Da Cal, que prosperará em 1969 (ver infra). Mais uma amostra, pois, de como conhecia e se sabia mover no meio, e também da sua autoridade e ascendência.

O discurso de LEEQ continuava a impor-se favorecido pela nova edição. No entanto, aquele ano acontecem outras manifestações que permitem verificar como funcionava o modelo que Da Cal propugnava, ganhando aliados e espalhando-se entres diferentes produtores que assumiam e divulgavam as suas teses, mas também participando directamente nas lutas do queirosianismo entre os defensores do velho modelo e os que trabalhavam pela renovação, com o que isso implicava de poder avançar para o centro do CEL. Detrás destes debates literários há uma ética política e há produtores que aproveitam para discutir, por vezes indirectamente ou nas entrelinhas, sobre a ditadura, valores e outras questões.

Um exemplo disso será a intervenção que tem em Agosto desse ano **Alberto Machado da Rosa,** com ensejo de participar no Congresso das Comunidades Portuguesas, em Lisboa. A sua presença teve repercussão na imprensa. Em entrevista publicada no *Diário de Notícias*, assinada por Cândida Cortes (3-VIII-1967), perante a pergunta de como surgira nos Estados Unidos a ideia de celebrar o centenário da Geração de 70, esclarecia tratar-se de uma ideia da UCLA porque, nos EUA "contamos já com artigos e teses de muito bom nível sobre o assunto, como o ensaio (livro) do Prof. Ernesto Da Cal sobre o estilo de Eça de Queirós". Mais uma vez exercia de embaixador privilegiado dos interesses dacalianos e alertava para que se não descurasse a comemoração da renovadora Geração de 70 em Portugal, no centenário já próximo, uma efeméride que sabia não ser do agrado do regime político da ditadura.

LEEQ continuava a tornar-se notável por causa da citação por outros especialistas, e dois exemplos desse ano são estudos publicados na Argentina e em Portugal. Em 15 de Setembro de 1967, segundo consta no próprio volume, publicou-se em Buenos Aires *La anunciación de Valle-Inclán*, de **Valentín Paz-Andrade**, um estudo entregado no ano

---

IX-1967, que ainda não respondera, e interessa se aceita demorar a edição brasileira como nela se indicava.

h) Finalmente, em carta de Da Cal (22-XII-1967) para Eduardo Portella, diz que recebeu carta de Gregory Rabassa quem o informara que tinha visto na revista *Tempo Brasileiro* o anúncio do próximo lançamento de LEEQ no Brasil. Alude a uma carta de Estella Glatt sobre a tradução e o problema com a Aster, e Da Cal esclarece a sua posição: a tradução de Helena Moura fora havia 4 ou 5 anos, mas como a Aster não pagava direitos ficara esquecido o projecto. Pensava haver lugar para as duas edições ao não pagar direitos Tempo Brasileiro, pois assim a empresa carioca teria maior benefício. Nessa epístola cede os direitos a Eduardo Portella para a edição brasileira.

anterior à editora, com ensejo do centenário do nascimento do produtor galego. Nesse trabalho julga que, no respeitante ao estilo (Paz Andrade, 1967: 44) "parece mucho más directo el magisterio de Eça de Queiroz, al que Guerra da Cal estudia como renovador de la prosa portuguesa", indicando argumentações de LEEQ-1954, frisando ter sido Valle-Inclán tradutor de *A Relíquia* e de outras narrativas queirosianas para o castelhano, e o facto de ter realizado neste idioma "una revolución paralela a la de aquél [Eça]". Paz-Andrade foca esta questão ao analisar os críticos que se ocuparam de Eça, e conclui ser a tese de Da Cal mais forte que as de outros como Guillermo Díaz-Plaja, Ramón J. Sender ou Rubia Barcia. Da Cal recebia assim reconhecimento de um dos nomes centrais e mais reputados da política galeguista e da intelectualidade galega, reconhecido pelo seu labor como jornalista, poeta e jurista, e que era muito respeitado. Neste livro favoreciam-se os seus interesses ao divulgar as teses de LEEQ, que não foram bem acolhidas entre valle-inclanistas como v. gr. Diaz Plaja (ver supra).

Outro estudo de 1967, que se revelou como referência dos estudos queirosianos no século XX foi o de *Ensaios Queirosianos*, de **António Coimbra Martins**, na altura leitor de Português na Universidade da Sorbona. O contributo de maior relevo é, sem dúvida, sobre *O Mandarim*, que ocupa a maior parte do volume, e que será continuadamente citado nos estudos sobre essa produção. A sua tese fora dada a lume previamente na revista *Seara Nova.* Martins nunca alude directamente Da Cal. No entanto, o "Prefácio" começa com um significativo parágrafo (1967:7), no qual frisa que "Escrevendo seja o que for, temos a preocupação de não fazer estilo. As letras portuguesas estão podres de estilo.[...] Com os nossos ditos e escritos a impar de estilo, nós, Portugueses, impamos, e vamos apodrecendo também, de seriedade, gravidade e dignidade". Nessa crítica ao estilo, e no propositado esquecimento de Da Cal, talvez não estivesse ausente a lembrança do conflito em que os dois se viram envolvidos no ano 1959, no Colóquio da Baía; um acontecimento presente nas páginas dos *Ensaios Queirosianos*[162], focado de modo crítico, ao se referir (1967: 262) à ausência de um trabalho de Vítor Ramos, que Martins considera de valor e que "O douto júri não a aprovou, de forma que falámos, ou escrevemos, de ouvido, não a tendo podido ler nas actas do Colóquio".

[162] Neste estudo, porém, algumas valorizações podem resultam surpreendentes, como a cita a (1967: 254) Arlidno da Cunha como "mestre da literatura"; e a Alyrio de Melo como (1967: 264) "o estupendo queirosianista": Cunha não se encontra entre os principais nomes de referência do CEL português, e Melo foi uma das resistências contra Eça durante o salazarismo.

Esse ano Da Cal trabalhou em materiais para a nova edição do DLPGB[163]. Os verbetes queirosianos dessa compilação eram um dos veículos de penetração da sua metodologia e pressupostos, em que desmontava muitas ideias que agiam como resistências contra Eça de Queirós. A elevada valorização dos seus produtos e personagens, e a justificação de atitudes do produtor que eram condenadas, bem como o ser indigitado como modelo literário e estilístico e as justificações que oferecia Da Cal sobre o seu nacionalismo e outras questões melindrosas, batiam contra as considerações negativas que ainda perviviam e que se transmitiam em muitos centros de ensino, onde se dava maior destaque a outros literatos. O sucesso do DLPGB provava que se utilizava e, desse modo contribuia para mudar atitudes e banir preconceitos.

III.2.3.4.2.-Capital simbólico: Na Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Armando Cortesão (21-IV-1967) comunica por carta a Da Cal que a sua eleição para a Academia Internacional de Cultura Portuguesa estava só à espera de receber por escrito a sua aceitação, como indicava o regulamento da instituição.

Adriano Moreira (15-V-1967), Presidente da Academia, informa por carta a Da Cal que, na reunião do dia 9 desse mes, fora eleito "académico correspondente", apresentando-lhe "calorosas felicitações". Nessa mesma data[164], João da Costa Freitas, o Secretário Geral, envia para Da Cal o diploma que o acreditava como membro "que fica registado nesta Secretaria sob o nº 72".

Armando Cortesão (16-V-1967) pergunta: "Diga-me se já recebeu da Academia de Cultura Portuguesa a comunicação de ter sido eleito, pois duvido da burocracia daquela gente. [...] Cá vos espero em Junho". Cortesão (30-V-1967) encaminha nova carta, autografada, para Da Cal. Numa P. D. diz que Adriano Moreira, presidente da Academia, lhe confirmou a eleição, e acrescenta: "Convinha que o Ernesto, enquando cá estiver, fizesse uma comunicação (paper) à nossa Academia. Vá pensando nisso. A coisa é para 20-30 minutos, que podem ir até 45 minutos".

---

163 Jacinto Coelho (7-VI-1967) envia-lhe provas de um verbete sobre bibliografia galega. Da Cal (18-VI-1967) responde em carta em que fala do encontro agendado na Vanderbilt University sobre a introdução do português no ensino secundário nos EUA e anuncia que chega a Lisboa no 21 desse mês.

164 Ainda datada nesse dia foi-lhe enviada "Circular", em que se lhe comunicava que podia adquirir o colar na sede da Academia "o qual lhes pode ser enviado pelo correio. O preço é de 1.500$00 (mil e quinhentos escudos) ou $54 (cinquenta e quatro dólares)"; e indicava-se que "A Academia se responsabiliza pela confecção das capas dos Senhores Académicos, bastando para tal que nos enviem as seguintes medidas: comprimento desde a gola até à curva da perna, largura dos ombros. O preço é de 1.650$00 (mil seiscentos e sessenta e cinco escudos)", e agradecem que comunique "com a possível urgência, a sua resposta".

No boletim da CUNY correspondente a esse mês (Sem Autor, V-1967) informa-se dessa eleição indicando que "This academy was organized to honor outstanding scholars in the field of Portuguese literature".

Da Cal (5-VI-1967) responde a Adriano Moreira e confirma a sua aceitação como membro da instituição. Fê-lo nos seguintes termos:

> É com enorme satisfação que aceito esta grande honra. Tenho dedicado muitos anos da minha vida profissional ao estudo da cultura portuguesa, com a qual, como galego, me sinto totalmente identificado, vindo, desde há muito, labutando pelo justo reconhecimento dos seus altos valores nos meios académicos deste país.

Informa da intenção de passar o Verão em Lisboa[165] e, com tal ensejo, "agradecer pessoalmente o alto galardão que me foi conferido. Ofereço desde já a minha humilde, porém entusiasta, colaboração aos trabalhos da Academia daquela maneira que essa Instituição julgar que as minhas actividades possam ser de algum préstimo".

III.2.3.4.3.-Na defesa da implantação do português no ensino secundário dos EUA.

Da Cal participa activamente nas gestões que se faziam nos EUA para tentar de implantar o português no ensino secundário e para favorecer o conhecimento da literatura portuguesa[166]. Fazia parte de Phi Lambda Beta, a "Portuguese National Honor Fraternity", uma entidade que se implicava especialmente em atingir aquela finalidade.

Norwood Andrews (13-IV-1967), da Vanderbilt University, dirige-se por carta a Da Cal para focar assuntos respeitantes à Phi Lambda Beta. Utiliza papel carimbado da entidade, e nele informa-se das pessoas que ocupavam as principais responsabilidades da mesma na altura: como presidentes de honra figuravam Fidelino de Figueiredo[167], Edwin B. Williams, Lloyd A. Kasten, Antonio Soares Amora e Melissa A. Cilley; presidente, William Holloway Roberts, da Vanderbilt University; First vice-president,

---

165 Da Cal estreita contacto com Armando Cortesão, em Coimbra. Este profesor escrever-lhe-á carta de Londres, datada aos 18-IX-1967, em que afirma que "Luís de Albuquerque e a [outra pessoa, ilegível] quedaram encantados com vocês, queridos amigos". Diz que foi participar a Londres num congresso internacional de cartografia e lamenta não ver mais esse ano Ernesto e Elsie na Casa das Rosas, convidando-os de novo para o ano seguinte

166 Em Julho, João Maia ocupou-se na sua habitual "Crónica da poesia", na revista portuguesa *Brotéria*, do volume de Jean R. Longland, *Selections from Contemporary Portuguese Poetry*, salientando o prólogo do "lusófilo Ernesto Guerra da Cal". Maia refere-se a este produto como "admirável volume bilingue" e "livro em que tudo é de louvar" frisando ainda (Maia, VII-1967:117) "assinada por Ernesto Da Cal deu a lume esta introdução como primícias de obra mais vasta que, decerto, transportará, em corpo inteiro, a poesia moderna portuguesa para as terras de Walt Whitman".

167 Esta carta conserva-se na HSA, onde também se encontra outra, datada aos 20-IV-1967, em que Andrews Jr. se refere à morte de Fidelino de Figueiredo em Lisboa, que qualifica de ""a tragey in and for itself". Pouco mais tarde, de novo Andrews Jr. (12-VI-1967) se dirige por carta a Da Cal para informar de questões respeitantes à conferência sobre os estudos portugueses programada em Vanderbilt.

Francis Millet Rogers, da Harvard University; Second vice-president, Lawrence A. Sharpe, da University of North Carolina; e como Charter Member of Executive Council, Ernesto Guerra da Cal, do Queens College. Como Executive Secretary constava o próprio Norwood Andrews Jr; nomes que evidenciam a implicação de profissionais de relevo do âmbito universitário nesse projecto.

Em Junho, Da Cal teve intervenção de destaque numa reunião celebrada na Vanderbilt University em que se tratou como tema preferencial a maneira de promocionar os estudos portugueses no ensino secundário dos EUA. Esse acontecimento teve como director William Holloway Roberts, e foi patrocinado pelo Institute of International Studies (United States Office of Education), The Gulbenkian Foundation, The Hispanic Society of America, United Merchants and Manufacturers, Phi Lambda Beta, e a Vanderbilt University[168]. G. Moser (IX-1967:583) salienta ao informar a respeito das sessões do mesmo também o apoio que oferecera o Governo do Brasil[169]. Da Cal abriu as sessões, o que demonstra a elevada representatividade neste ámbito. Na conferência proferida defendeu a utilidade do português e do seu ensino nos EUA, e mais uma vez reclamou meios para esse fim. Ao se referir à literatura, afirmou Da Cal:

> The perspective of the historical themes of "decadencia" and "regeneración" in the Spanish Generation of '98 is distorted unless we trace it to the impact of the Portuguese Generation of Coimbra, parallel to and assyncronic with its later Spanish counterpart. We can find in Antero de Quental and Oliveira Martins the historical thesis and the Iberian approach to them later develop by some of the "noventayochistas". The role of Eugénio de Castro, one of 'los raros' that Rubén Darío exalted in his lectures in Buenos Aires –in the esthetics of Hispanic "modernismo" – is still to be studied, although we know about it. Ponderous treatises on that movement are being written one after another without a single mention of the Portuguese poet. With all humbleness, I think that I contributed in some part to clarify the impact of Eça de Queiroz on the style of Valle-Inclán, one of his early translators. One could go on multiplying the examples from every angle.

168 Nas *Actas* desse encontro (Andrews Jr., 1970) publicam-se as discussões das sessões, com intervenções de Da Cal, sobretudo numa sessão presidida por Oscar Fernández (NYU), com Jean R. Longland (HSA) como secretária; Leroy Benoit (Cornell University), Anthony Castagnaro (NYU),Camila Miguéis (New School of Social Research) e Maria de L. Sá Pereira (ONU) como "Resource Consultants"; e Afrânio Coutinho e Da Cal como participantes. Nesse encontro Da Cal defendeu as possibilidades académicas e profissionais do ensino do português nos EUA, dizendo que não era uma (Andrews, 1970) "esoteric language" e que oferecia oportunidades para progredir, e insistindo na programação que se tinha implementado os três últimos anos na CUNY e os avanços que ele verificava nessa e outras universidades, nomeadamente nas NYU, CUNY, Wisconsin, Texas, The New School e CU, uma afirmação que batia com o escepticismo manifestado por outros dos intervinientes.

169 Em crónica posterior, na revista *Hispania*, Moser (III-1968: 154) reconhece também o apoio do Governo de Portugal e o facto de que Da Cal insistisse na necessidade de gente treinada em português nos Estados Unidos e do interesse em colaborar com o professorado de espanhol, e a sua bem conhecida doutrina de não perder nunca a referência iberista.

Insistia assim no interesse do Português, num foro fulcral para o desenvolvimento dos estudos nos EUA. E na referência a Eça reiterava a sua visão comparatista e a reivindicação da ascendência não admitida das letras portuguesas no ámbito ibérico, convidando a estudá-la e a fazer-lhe justiça.

Em 1970, em conferência proferida no Rio de Janeiro, Da Cal lembrará que naquele encontro participou Afrânio Coutinho, pois este vulto dos estudos literários brasileiros estava na altura a leccionar como professor convidado em Nova Iorque, e a respeito das sessões conseguiram-se alguns avanços para o ensino do português nos EUA (Da Cal, 1970, texto inédito):

> O grave problema do estabelecimento do português no sistema de ensino secundário dos EE. UU. foi nesse congresso analizado em todos os seus aspectos. Os resultados concretos que daquela reunião já se derivaram são muito animadores: Conseguiu-se a formulação de umas normas unificadas de ação, e a criação de organismos regionais e locais visando a efectivação daquelas normas e objetivos. Desde aquela data já se conseguiu implantar aulas experimentais de português num certo número de High Schools, nos estados de Massachussets, Rhode Island, Virginia, Michigan e no Distrito Federal.

Frutificavam assim trabalhos em que ele próprio e outros lusitanistas promocionavam sobretudo desde os tempos da Segunda Grande Guerra. O estabelecimento do estudo do português no ensino não universitário favorecia as probabilidades de emprego para os especialistas que formavam e, além disso, alicerçava a possibilidade de que as aulas das universidades dos EUA se nutrissem de mais alumnado interessado nos estudos portugueses e que pudessem prosperar os departamentos e os projectos em andamento.

III.2.3.4.4.-Intervenções para o intersistema hispánico.

Da Cal continua com intervenções que o mantêm como referente para o intersistema hispánico. Através das **emissões da *Voz de América*** difunde produtos dos EUA na Espanha, por vezes a pedido de hispanistas que queriam conseguir uma maior projecção. Também trabalha esse ano para reeditar *Literatura del Siglo XX*, com novos textos e autores, ultimando a nova versão de aquele volume que preparava com a primeira esposa, Margarita Ucelay.

Em Abril, Da Cal envia para difundir na *Voz de América* um trabalho sobre “The Historia de la Conquista de México by Francisco López de Gomara translated in the USA”. Ocupa-se do livro desse hispanista da Universidade de Califórnia, que traducira

*El Cid* e *La Celestina*. O trabalho de Da Cal figura ter sido aprovado para emitir por J. G. Fernández.

Aos 7-IX-1967, Edmund de Chasca, da Universidade de Iowa, anuncia que lhe vai enviar *El arte juglaresco en el Cantar del Mío Cid*, que tinha publicado na editora espanhola Gredos. Esclarece que se trata de uma reelaboração, com materiais novos "de *Estructura y forma en el Cantar del Mío Cid*, que también tuve el placer de presentarle en 1956. […] En esa ocasión V. me honró haciendo un comentario de este estudio en una de sus charlas en *La Voz de América*, lo que me valió enormemente para la difusión del libro, cuya primera edición se agotó". Lembra um recente diálogo, perante Óscar Fernández "nuestro nuevo chairman", em que Da Cal se oferecera agora para fazer também novo comentário. Indica que mandou fazer quatro exemplares especialmente enquadernados: para Da Cal, para Dámaso Alonso, para Ramón Menéndez Pidal e para ele próprio como autor. E que esse especial será a maiores do que lhe enviem os editores, o que permite verificar como aquele programa funcionava e havia pessoas atentas aos seus contributos, que tinham valor para contribuir a que alguns produtos fossem bem sucedidos no mercado.

Também aquele ano **intensifica as gestões para reeditar *Literatura del Siglo XX***, o exitoso volume que preparara na década de 50 com a primeira esposa, Margarita Ucelay, orientado para o ensino da literatura do intersistema hispânico nos EUA. Agora visam a inclusão de novos produtores, e modificam alguns textos para ganhar em atractivo. Contacta para aquele fim autores e herdeiros, para solicitar autorização de novos textos[170].

[170] Assim, e sempre através de epístolas:
a) Ana María Matute (17-II-1967) autoriza a inclusão de "La rama seca".
b) Angélica de Palés (2-III-1967), irmã do escritor, além de autorizá-lo responde-lhe: "Su carta me llenó de profunda alegría. Ella rezuma satisfacción y felicidad. No hay duda de que Elsie ha contribuido con su cariño y comprensión a crearle ese estado de ánimo ideal, que todos anhelamos y que pocas veces logramos llegar. Mis felicitaciones para ambos". Fala também de Harriet (de Onís). Da Cal (26-III-1967) responde a Angélica de Palés. Afirma que "su carta resuelve todos los problemas sobre la 'Danza negra'". Pergunta pelo nome da esposa de Palés, que Angélica (2-IV-1967) facilitou em nova carta.
c) Josefina Manresa (5-III-1967), viúva de Miguel Hernández, responde: "le agradezco su recuerdo a la amistad con mi marido y me alegra siempre saberlo" [...] "Le autorizo los dos poemas de mi marido que V. me señala en la carta para incluirlos en la antología". Comunicar-se-á (20-V-1967 e 24-VI-1967) de novo com ele por causa dos direitos de autor.
d) Gabriel Celaya (11-III-1967 e 23-IV-1967) autoriza a publicação de poemas, esclarecendo alguns problemas por direitos de autor.
e) Francisco Ayala (24-XI-197), professor da Universidade de Chicago, autoriza a inclusão do conto "El Inquisidor". Na epístola envia "nuestros saludos afectuosos a Elsie y para ti un abrazo", o que significa que esta figura do exílio mantinha a amizade com Da Cal e não se

Mantém o contacto com **Ricardo Gullón**, quem em carta de 25-III-1967, afirma: "Fue lástima que no pudierais venir a las celebraciones lorquianas".

III.2.3.4.5.-Regresso à Galiza após o exílio.

Da Cal passou esse Verão na Europa, com estada em Portugal, mas com deslocação à Galiza, que supunha regressar por vez primeira depois do exílio.

Em Agosto esteve em Vigo com a sua mãe, que residia na cidade, e também com pessoas do Grupo Galaxia.

Da sua presença ficou constância numa fotografia publicada em dia 24 desse mês no jornal *Faro de Vigo*, em que aparecem ele com a sua esposa Elsie e Fernández del Riego. No pé da fotografia assinala-se que no jornal "cuenta con tantos amigos y admiradores de su obra"[171].

afastava dele como consequência do divórcio com Margarita Ucelay. Ayala (28-XII-1967) autoriza de novo a inclusão desse conto na antologia, e afirma: "He repasado la introducción que has puesto a "El Inquisidor", y te agradezco muchísimo tus juicios y opiniones" e acrescenta esclarecimentos a respeito da edição e da tradução para inglês desse trabalho literário.

171 Pelo Natal, Ramón Piñeiro enviou um cartão a Da Cal em que interessava mais uma vez o trabalho para *Grial* e lamentava não ter coincidido com ele em NY, aonde tinha realizado nova deslocaçao aquele ano.

III.2.3.5.-Nova condecoração do Governo de Portugal e renovação da influência nos intersistemas lusófono e hispânico em 1968.

O capital simbólico de Da Cal acrescentar-se-á em 1968 com uma nova condecoração do Governo de Portugal, como Comendador do Infante Dom Henrique, que recebe em acto solemne na CUNY. A tradução portuguesa de LEEQ e a reedição de *Literatura del Siglo XX* renovarão a influência nos intersistemas lusófono e hispânico. No âmbito profissional, começou a participar no programa de doutoramento em espanhol, acrescentando a sua presença na CUNY. Como produtor literário recebeu reconhecimentos em Portugal e na Galiza.

Realiza viagem para pesquisa em Portugal encontrando-se com a filha de Eça de Queirós em Tormes; e pisa de novo Espanha, numa breve viagem a Madrid, o que supõe o retorno após o exílio. Também realiza nova visita, muito breve, à Galiza[172], onde nesse ano se publica um interessante volume, *O porvir da lingua galega*, de relevo para conhecer a situação e perspectivas a respeito do idioma e da cultura autóctone[173].

---

[172] Estas estadas documentam-se no epistolário. Gamallo Fierros, de Oviedo, numa longa carta datada aos 25-VI-1968 afirma: "muy de veras lamento que azares artísticos [...] me hayan impedido convivir unas horas en Madrid, con [Ramón] Bela y contigo". Parabeniza-o pelo ingresso na Academia Portuguesa "tan afecta a nuestro galaico corazón". Lembra que se tinham conhecido e que se viram por única vez em Junho de 1960, em Guimarães. Escreve-lhe ao Estoril, pois diz que Bela, do Instituto de Cultura Hispánica de Madrid, lhe tinha facilitado o endereço, e que também Bela lhe pedira que escrevesse sobre os livros de Da Cal. Se o ano anterior pisara solo galego, agora estava na capital de Espanha onde tinha ligações desde os contactos para o JY da NYU, e em que recabara diversas colaborações, entre elas de Bela y Armada para os estudos queirosianos.
Da Cal realizou esse ano também breve deslocação à Galiza para estar com a sua mãe, mas não consta que efectuasse especiais contactos com os grupos da cultura galega, e de existirem não ficou documentalmente resenhado. Acudiu a Vigo em Agosto para estar apenas três horas segundo o seu próprio depoimento ao jornalista de Radio Nacional de España, Martínez Anido (em carta de 6-XII-1968).

[173] O volume recolhe trabalhos coleccionados pelo Instituto de Estudios do Círculo de las Artes de Lugo, em que estão representados agentes dos principais grupos que na altura trabalhavam em prol da cultura galega. O presidente da entidade editora, Ramón Varela Méndez (1968: 3) assinala no texto de apresentação que "Atopámonos nun intre sin precedentes como non tivo nunca a Literatura nin o pensamento galego. A concencia do seu rexurdimento é unha realidade que pregoa a intensa laboura intelectual que hoxe estáse desenrolandoe [sic] que non se limita ó ámbito das élites sinon que cala na concencia popular". Entre os trabalhos mais relacionados com a língua, Alonso Montero (1968: 7-11) intitula o seu contributo, significativamente, "Unha nova dimensión do galego", em que salienta o interesse polo idioma na Universidade e propõe que se ensine nas escolas como meio mais eficaz para a sua sobrevivência. Méndez Ferrín (1968: 13-18) defende que "o galego e o portugués son duas ramas, dous dialectos, dunha mesma lingua" embora "esencialmente diferenciados". Sebastián Risco (1968: 21-25) informava que a Real Academia Galega "elevou ó Ministro de Educacion e Ciencia, fai mais de un ano, proposta fundada, hastra de agora non resolta, interesando a incrusión do estudo do idioma galego no primeiro e segundo ensinio; interesóuse tamén perto [sic] das autoridás eclesiástecas pola adoución da nosa língoa na liturxia". Carballo Calero (1968: 39-46) referia-se à presença do ensino do idioma na Universidade de Santiago e perspectivas para conseguir a "súa proxeición estra-universitaria. Os filólogos

III.2.3.5.1.-A tradução de LEEQ reaviva o reconhecimento internacional pelo estudo.

A tradução de LEEQ reaviva o reconhecimento por esse estudo, que lhe chega através de novas recensões e por cartas[174]. Das críticas em jornais há duas muito significativas em Portugal, de Gaspar Simões e de Ruben A. Leitão; e outras reacções positivas na Galiza, na Alemanha, nos EUA e no Brasil.

Aos 25 de Abril, **Gaspar Simões**, dedica-lhe a secção de crítica literária no *Diário de Notícias* de Lisboa, uma tribuna que ocupava desde 1955, segundo lembra neste artigo. A recensão exemplifica a luta pela centralidade no queirosianismo, ao reivindicar Simões o seu papel e tentar subvalorizar o contributo dacaliano. Frisa a "excepcionalidade" de se ocupar de produtos "estrangeiros", e afirma que só o faz, como neste caso, "quando se trata de obras importantes a respeito de grandes figuras da nossa história literária". Simões salienta a tradução para português de "essa tese quase esquecida, escrita na língua do seu autor espanhol", assinalando a metodologia estilística e afirmando estar "ultrapassada essa fase da crítica. Nos nossos dias uma tese universitária aproveitaria logo o vento da feição, em vez de uma análise estilística da obra de Eça de Queirós, consagrar-se-ia a estudar-lhe as estruturas....". Refere-se à escrita do nome de Eça e justifica que ele modernizasse desde o seu estudo de 1945 o "s" final em lugar do "z" como escolhia Da Cal, e acrescenta Gaspar Simões:

> Serve este parêntesis para mostrar quão precária é a crítica inspirada em modas mais ou menos efémeras, embora o trabalho do prof. Guerra Da Cal mantenha hoje o mesmo interesse de há catorze anos. Uma análise detalhada da *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz* terá sempre apreciadores e nunca deixará de representar valiosa contribuição

---

que se formen na Facultade compostelá coa preparación galega dos cursos que voluntariamente escolleron, estarán capacitados para difundir no insino oficial e libre as nosas letras". Paz-Andrade (1968: 115-132) ocupou-se da "evolución tras-continental da lingua galaico-portuguesa", um contributo em que defendia fazer "os axustes necesarios" para inserir o galego "na área falante do portugués", insistindo nas vantagens que isso suporia sobretudo para a Galiza. E Alonso Montero e Ramos de Castro (1968: 135-159) elaboravam uma "Bibliografia de lingüística galega". Estes contributos evidenciam diferentes propostas existentes na altura e as expectativas que se abriam pela incorporação do ensino do idioma na USC e as perspectivas de que se ampliasse o âmbito de estudo. O volume tem também interesse por respeitar a ortografia de cada produtor, sem qualquer unificação, o que põe de manifesto as inseguranças e vacilações existentes pela ausência de uma normativa ortográfica própria e por usar-se como referência o castelhano, idioma de alfabetização exclusivo na altura.

174 **Otero Pedrayo** (22-I-1968) comunica-lhe por carta que "estou enfeitizado co seu Eça", e reconhece ter sido leitor do produtor português na mocidade.

**Luís dos Santos Ferro** (29-II-1968) valoriza: "o livro sobre o Eça é o melhor que já li, sem qualquer dúvida". Nesse ano terão relacionamento pessoal, e conseguirá em Ferro um valioso aliado para os estudos queirosianos. Da Cal (18-X-1968)comunica-lhe que: "Hoje consegui queiroziar um bocado, pela primeira vez" (após regressar de Portugal), e solicita-lhe dados para a bibliografia.

O professor alemão **Heinz Kröll** (2-IV-1968) agradece a tradução, a que dedicará breve comentário numa revista, e assevera: "Quando pensa publicar o anunciado segundo volume? Depois de o primeiro ter sido tão favoravelmente acolhido pela crítica seria por todos os motivos uma pena que o segundo não aparecesse".

> para o conhecimento de uma obra da importância deste. Trabalho essencialmente escolar? Com certeza, tanto assim que, publicado o seu primeiro volume em 54 – Elementos Básicos— nunca o segundo veio à luz e a versão portuguesa que agora aparece nem sequer menciona o facto. [...] Acontece frequentemente isto mesmo com trabalhos universitários. Conhecemos muitas teses de doutoramento que nunca passaram do primeiro volume. E, com efeito, na maioria dos casos, ainda bem. Neste, por exemplo, tudo está dito a respeito da língua e do estilo do grande escritor português, embora o que se disse seja de importância primacialmente didáctica. Desse ponto de vista esgota o assunto, pelo menos em nossa opinião, que não é, repetimos, a de um especialista.

Simões julga que Da Cal não oferece uma visão completa do panorama da prosa portuguesa anterior a Eça e valoriza existirem omissões importantes. Oferece a maior valorização para *O Crime do Padre Amaro*, salientando o trabalho de Helena Moura sobre esse romance, e *Os Maias*. Reivindica a visão da história da língua e da narrativa portuguesa que ele tinha oferecido nos seus trabalhos, assinalando que "pelo menos até ao primeiro quartel do século XX, e muito particularmente no final do século XIX, quando Eça de Queirós cria um português capaz de moldar-se à forma poliédrica na ficção moderna".

Simões ocupava um lugar central no CEL em Portugal e visava minimizar o interesse de LEEQ e assim o da crítica universitária –que ele ainda tinha legitimação para combater–, que não eram o seu âmbito, e que se impunham progressivamente[175]. Da Cal era o principal rival no queirosianismo e por isso tenciona limitar a validade de um volume que conseguira repercussão e que se mantinha apesar da passagem dos anos.

Na revista *Grial* correspondente ao segundo trimestre desse ano valoriza LEEQ **Fernández del Riego** (Salvador Lorenzana): lembra a "Nota prévia" e afirma ser Da Cal "ben conocido antre nós polo seu labor de poeta en galego". Resume diferentes partes de LEEQ, salientando que "fai unha crítica analítica, ouxetiva, da singularidade estilística de Eça. Unha crítica que tende á valoración xusta e lúcida do labor literario do escritor", e acrescenta que Da Cal (Lorenzana, 1968: 236):

> andivo a tracexar un escelente cadro do conxunto do que poderíamos chamar xénese e desenrolo da liña estilística de Eça de Queiroz, e mesmo das suas implicaciós e contaitos coas tendencias e movementos coetáneos. Mais o profesor galego adica ainda a parte final do seu volume a un aspeito do meirande interés: seguindo os testos de Eça,

[175] O movimento presencista, a que ele pertence, opunha (Régio, 1-III-1927) a "literatura viva", que seria a "original, tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística [...] aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria" à "literatura morta, aquela em que um autor pretende ser original sem personalidade própria", defendia que "uma obra é um documento humano" e nela devia haver "sinceridade". Desfrutava Simões de projecção pelo grande público a que chegava e, em 1967, dera a lume o volume *Novos Temas, Velhos Temas. Ensaios de Literatura e Estética Literária*.

> no seu evoluir histórico, vai somentendo a un análise furador e sagaz os materiais lingüísticos e as estruturas idiomáticas do seu estilo.[...]
> Da Cal pon cabo ó seu lumioso estudo sinalando que o máis cernemente orixinal da persoalidade estilística de Eça é, quizaves, a súa capacidá de absorción; e recalcando, asimade, que o infruxo do seu estilo foi considerábel. En Portugal e no Brasil foi o faitor que máis contribuiu a criar a moderna espresión na prosa.

Defende ser LEEQ "un libro todo o imparcial, ouxetivo e completo que o tema esixía", salienta a "intelixencia crítica" de Da Cal; e finaliza com esta valorização: "Estamos, sin dúbida, frente da obra máis lograda que se ten feito deica agora sobre o que constitúe un dos aspeitos fundamentais da obra de Eça: o do seu estilo". Umha crítica, pois, que reivindica Da Cal como cientista galego, num instante em que na Galiza predominava a crítica de teor jornalístico[176].

Em 1 de Agosto, no *Diário Popular* de Lisboa, **Ruben Andresen Leitão**[177] faz crítica consagradora de LEEQ. Este reputado produtor literário e um dos novos nomes de destaque na narrativa portuguesa, refere-se ao estudo de Da Cal como

> livro de excepcional gabarito, apaixonante interesse; a obra de Eça impõe-se pelo método, pela segurança na exposição, pela clareza de ideias, e ainda pelo excelente panorama que nos traça dos quadros mentais da literatura portuguesa nos fins do século XIX, melhor ainda da segunda metade desse século.

Leitão valoriza a boa tradução de Helena Moura, de quem refere o seu queirosianismo, e coincide com Da Cal no labor de renovação da língua por parte de Eça quem "é hoje um clássico, mas no seu tempo foi um iconoclasta, foi combatidíssimo, desprezado". Afirma que Da Cal "compreendeu em cheio a mensagem, dissecou Eça na compreensão da síntese". Assume que as transgressões queirosianas do idioma foram incorporadas "em dicionários e textos escolares". Sublinha que Da Cal "vai tentar lançar –e com êxito— uma nova visão sobre os processos de que o autor dos *Maias* se serve para fundir os ingredientes de culturas alheias (com os que lhe eram oferecidos pela tradição nacional)"; e finaliza Leitão com esta valorização:

---

176 Nesse número da revista *Grial*, **Ramón Piñeiro** ocupa-se de *El arte dramático de Valle-Inclán*, de Emilio González López, a quem coloca, junto com Da Cal, como exemplos de galegos que tiveram de abrir novos caminhos incorporando-se a sociedades de cultura bem diferente e que (Piñeiro, 1968: 232) "libraron a batalla da adaptación e todos souperon trunfar. Pro todos iles, frente á soedade da vida en terra allea, foron recreando no seu esprito a imaxe ideal da Galicia real que perderan". Assume Piñeiro, na linha de LEEQ, a influência de Eça na "etapa inicial" de Valle-Inclán. Aquele discurso crítico, acolhido com certa polémica por alguns estudiosos de Valle-Inclán, continuava a espalhar-se. Como no ano anterior Paz-Andrade, estende-se aquela formulação de Da Cal, que assim continuava a impor-se, aqui para o público galego, especialmente interessado no assunto. Além disso, novamente Piñeiro oferecia destaque para a personalidade de Da Cal como uma das mais brilhantes do exílio galego.

177 Leitão fora docente do King´s College londrino e trabalhava na altura na Embaixada do Brasil em Lisboa, sendo personalidade controversa para os grupos dominantes, polo seu público inconformismo com a situação de Portugal. Conhecido literariamente como Ruben A., era colaborador habitual da secção "Livros Escolhidos" deste jornal, e tinha publicados já a maioria dos títulos que o notibilizaram como figura de relevo no CL e no CLL.

> Este livro é para ter à cabeceira da cama, é de um bom senso raro, de uma informação preciosa, mostra a influência extraordinária de Eça nos escritores de língua espanhola, sobretudo nos escritores sul-americanos. Foi a lufada de Eça que permitiu realizar no idioma castelhano a renovação linguística debaixo de um prisma moderno. [...] Julgo que esta preciosa obra de Da Cal deveria ser divulgada entre professores de língua portuguesa, prosadores, poetas [...]. Notável o capítulo sobre a originalidade estilística de Eça de Queiroz. Densa bibliografia e preciosos índices recomendam o valor excepcional de uma interpretação válida que todo o português deveria ler.

Uma crítica que se contrapõe à de Gaspar Simões de uns meses antes e evidencia os novos grupos que puxavam por uma mudança para ultrapassar a ditadura, que se espelhasse também na crítica literária. Para Ruben A., que dedicava esforços a produzir literatura, LEEQ tinha de ser do maior agrado, pois era de agradecer uma crítica centrada no texto, que visasse exprimir com objectividade os seus valores e sublinhasse as inovações como fazia Da Cal com Eça. De aí aquela tão elevada valorização e o facto de colocar o estudo como modelo privilegiado.

Na Alemanha, **Heinz Kröll**, em *Romanische Forschungen*[178], lembra que a primeira edição do estudo do "conhecido lusitanista" encontrou muito boa crítica e reacção geral "excelente". Da tradução, frisa algumas "notas bibliográficas" a maiores. Kröll remete o leitor para a valorização que realizara de LEEQ na década de 50, e conclui que só havia de lamentar a demora em aparecer a anunciada segunda parte do estudo, como comentara a Da Cal na carta que lhe encaminhara aos 2-IV-1967.

Para além destes trabalhos específicos, LEEQ tem produtividade perante os novos queirosianistas. Assim acontece com **René de Costa**, que publica no número do Inverno da *Luso-Brazilian Review* um estudo sobre *A Cidade e as Serras*, onde afirma que tal e como Da Cal tinha destacado, a odisséia era componente estrutural fundamental da narrativa de Eça, e alicerça-se (1968: 72) na afirmação de LEEQ de que, em várias produções queirosianas, a viagem era eixo fundamental de composição. Este trabalho é exemplo de como o estudo de Da Cal se impunha no CEL.

Na estada em Portugal desse Verão, Da Cal e a esposa Elsie estiveram **três dias em Tormes** "trabalhando activissimamente com a D. Maria na bibliografia"**, s**egundo relatará em carta que encaminha para Machado da Rosa, já de regresso em Nova Iorque. Nessa epístola acrescenta: "–deu-me ainda mais coisas que eu não tinha do inventário do espólio do pai. Ficou espavorida com o calhamaço do meu manuscrito, que atingiu já mais de 4 milhares de verbetes. Agora estou a trabalhar na iconografia,

[178] Kröll anuncia Da Cal aos 6-V-1968 que da tradução "darei uma pequena notícia" nesta revista. Em 14-II-1969 envia-lhe exemplar desta breve referência e tradução para português.

na que encontrei muita coisa pouco conhecida em mãos de particulares" e afirma que "A tradução [de LEEQ] teve muita boa imprensa" e que "o Euryalo Cannabrava mandou-me um ensaio de 26 páginas que parece vai ser publicado no *Colóquio"*[179], e que se incluirá inteiro na tradução brasileira de LEEQ dois anos após[180].

---

[179] Cannabrava escreveu para Da Cal em 20-V-1968 e juntava esse comprido estudo sobre LEEQ "o seu livro admirável a respeito do Eça. Nada mais fiz do que um complemento cibernético às suas magníficas considerações". Julga-o de "ensaio metacrítico, isto é, crítica da crítica" e anuncia que "estou preparando outro artigo sôbre a sua lírica galaica que me parece original e profunda". Faz sugestão Cannabrava de traduzir aquele trabalho para inglês, e recomenda enviá-lo para a revista *The Word*, de Jakobson "dado que aquele linguista anos atrás convidou-me para colaborar nela". Também indica que "Celso Cunha já sugeriu uma revista internacional que se publica na Itália".
Cannabrava tinha-se notabilizado sobretodo por trabalhos de filosofia e análises culturais e literárias, e estivera nos EUA, na década de 40, na CU. Também era conhecido por ter sido (Alvarenga, 1964: 107) Chefe da Secção da *Enciclopédia* e do *Dicionário* no Instituto Nacional do Livro em 1957, aquando se tentara impulsionar o projecto da *Enciclopédia Brasileira.*

Hernâni Cidade (9-X-1968) escreve carta para Da Cal, em que juntava um livro sobre Camões e pedia-lhe opinião, ao mesmo tempo que agradecia o exemplar da tradução de LEEQ, que Da Cal lhe tinha mandado, e avançava que a *Colóquio* se ia ocupar do livro.

Da Cal (18-X-1968) fala a Hernâni Cidade do estudo de Cannabrava: "é um ensaio de teoria lingüístico-estilística de primeira categoria [...] sem deixar de ter função de resenha [...] um sólido ensaio teórico, ao meu ver de alto interesse, no qual não deixa de apontar alguma fraqueza do meu livro", afirma. Diz que lho envia por Ruben Leitão para ver se o publica em *Colóquio*, e acrescenta: "estou preparando um artigo queiroziano e outro cervantino para lhos enviar em breve. [...] Trabalho activamente nos volumes II e III de LEEQ"; referindo-se ao terceiro como "uma catedralícia" Bibliografia queirosiana que "julgo estar pronta para dar nos prelos de Coimbra no próximo verão".

Da Cal (19-X-1968) esclarece a Cannabrava [a quem não conhecia personalmente] que tinha voltado havia poucos dias de longas férias na Europa, de mais de 3 meses, e "encontrei a radiante surprêsa do seu longo ensaio sobre o meu humilde estudo estilístico do Eça. Não sabe quanto prazer dele recebi: primeiro pelo brilhantismo da exposição –magnífico exemplo de estilo comunicativo– e pela nitidez orgânica da sua estrutura; segundo, por ver até que ponto compartilhamos os mesmos critérios meta-estilísticos e as mesmas estruturas psico-emotivas a respeito dos problemas de expressão literária; e terceiro porque não podia deixar de me lisonjear o facto de ter sido o meu livro o ponto de partida de tão lúcida análise". Anuncia-lhe que vai enviá-lo para a *Colóquio* de Lisboa, pelo interesse de Hernâni Cidade em publicar algo sobre a tradução de LEEQ, e sugere a possibilidade de publicá-lo também na *Tempo Brasileiro*. Diz que vai traduzir para o inglês, para a revista do Jakobson. Acrescenta ainda Da Cal que por causa de um malentendido entre a Tempo Brasileiro e a Aster a edição brasileira ficou protelada.

Aquele contacto frutificará numa solução satisfatória para todas as partes (ver infra): a *Colóquio* publicará parcelarmente o texto de Cannabrava, com destaque, mas de maneira a não obstaculizar o novo projecto, de utilizá-lo como prefácio da edição brasileira, com o que se satisfazia o interesse de Eduardo Portella de que o volume brasileiro acrescentasse algum texto inédito a maiores.

Cannabrava (31-X-1968) aceitará a proposta de que se publique como prefácio da edição brasileira de LEEQ.

Cannabrava (20-XII-1968) reagirá com o maior entusiasmo perante a poesia dacaliana. Diz que leu também o seu ensaio sobre a cultura galega [da *Luso-Brazilian Review*] e interessa-se por Rosalia e por Pondal. Da Cal ganha assim um novo aliado para as Letras Galegas. Como acontecera anos antes com Zdnek Hampejs, acorda o interesse de uma pessoa com importante presença no seu país e que podia favorecer a difusão dos produtos galegos, como assim fizera o professor checo.

[180] Eduardo Portella (17-VII-1968) afirma que a tradução de LEEQ da Aster circulava normalmente no Brasil e reage com inquietação porque, quando se recebeu na Tempo Brasileiro a primeira carta da Aster, já estava no prelo a tradução brasileira e tiveram de a suspender, e diz procurar um "esforço desesperado por lhe anunciar uma nova solução". Afirma ter feito uma proposta de colaboração à Universidade de São Paulo (que prosperará, ver infra) e faz um pedido: "Você não poderia juntar algo inédito, talvez uma pequena introdução para esta edição?", questão que abriu a porta à inclusão do ensaio de Canabrava.

O impulso do bem sucedida que estava a resultar a tradução por um lado, como evidenciava o bom acolhimento do livro; e as facilidades pela colaboração que lhe prestava a nova esposa, faziam avançar aquele antigo projecto que tanto lhe demandavam e tanto se demorava no tempo. Da Cal preparava o que será o assalto ao centro do queirosianismo em Portugal, situação que usufruirá com a publicação da bibliografia, um empreendimento para o qual ainda faltavam anos e, a serem certos os 4.000 verbetes a que se referia na epístola a Da Rosa, ainda não alcançara nem um terço da dimensão definitiva final.

No fim do ano[181] escreve Da Cal carta para Da Rosa, em que afirma ter-lhe enviado "há algum tempo" a tradução de LEEQ e reprova que se não tivesse comunicado com ele, apesar de saber por diferentes condutos que tinha estado em Portugal no Verão, mesmo por D. Maria Eça de Queiroz, e ter-lhe deixado avisos para que o contactasse. Da Cal descreve a sua estada aquele Verão em Portugal desta maneira:

> Nós [ele e Elsie] fizemos uma viajata linda pelo Condado de Portucale –percorremos e esmiuçamos todo o Alto Minho, com o nosso Volkswagen, que entrava por toda a parte[182]. Fizemos uma imensa colecção de torres henriquinas, castelos, mosteiros, capelas românicas e visigóticas –e casas solarengas fenomenais. Estivemos depois nas terras moiras do Algarve –convidados por amigos ricaços, terra-tenentes, que nos levaram e trouxeram de avião. (Já chegamos à conclusão que é mais cómodo ter amigos ricos do que sê-lo –e estamos a cultivar em Portugal longas teorias de maçudos generosos, que são umas delícias).
> Eu tive que protelar o meu ingresso na Academia –e o meu discurso sobre "Eça de Queiroz e o mundo hispânico" porque como sabes o Presidente estava noivo– e eu não quis de maneira nenhuma interferir com o conúbio e a lua de mel. Concordamos, pois, em protelar a cerimónia até ao verão vindouro –e em compensação fomos convidados ao casamento, na Quinta Velha de Sintra, que foi uma cerimónia brilhante e gastronómica. (Por acaso a rapariga com quem o Adriano casou é sobrinha do nosso muito amigo António Maia, e filha de uma colega do convento das freiras, da Elsie).

Fora, portanto, aquela viagem à Europa um período em que avançaram os projectos queirosianos, excepto o de proferir a conferência na Academia Internacional de Língua Portuguesa por aquele incidente do presidente da instituição

III.2.3.5.2.-Capital simbólico: Comendador do Infante Dom Henrique e dirigente da Fraternidade Portuguesa nos EUA.

---

[181] Convidam a essa datação factos como a cópia de uma epístola de Da Rosa, encontrada no seu espólio de Évora, datada aos 18-XII-1968, em que se responde a questões colocadas por Da Cal, e em que o professor açoriano confirma ter estado em Sintra, como lhe indicava Da Cal, mas valoriza aquele Verão como "um fracasso". Em contra da felicidade e satisfacções de Da Cal, o velho amigo da UCLA afirma ter estado doente, razão do seu silêncio epistolar.

[182] Da Cal memora também estas viagens em carta que encaminha para Hernâni Cidade, datada aos 18-X-1968, em que lembra a estada em Évora, no Alentejo.

Aos 21 de Novembro, em cerimónia organizada na CUNY, Da Cal recebeu nova condecoração do Governo de Portugal e **foi distinguido como Comendador do Infante Dom Henrique**. No acto participaram uns 100 convidados, com representantes de Portugal perante as Nações Unidas, membros do Consulado de Portugal e da comunidade universitária. Entre os presentes estivera Alexandre Lencastre da Veiga, Cônsul Geral de Portugal em Nova Iorque. A publicação universitária *graduate newsletter*, da CUNY esclarecia as razões de se lhe ter concedido essa distinção e frisava (Sem Autor, XII-1968: 6):

> The award is in recognition of his many years of excellent scholarship in Portuguese and Iberian literature and in recognition of his efforts to promote better cultural relations and understanding between Portugal and the United States. This honor is seldom awarded to foreigners.

Da Cal aparece nesta publicação (Sem Autor, XII-1968: 3) entre os "Executive Officers of the Doctoral Programs", no correspondente a "Portuguese Language and Luso-Brazilian Literature" na CUNY, e mantinha-se na primeira linha profissional para a defesa dos interesses do intersistema lusófono naquela Universidade.

Intervém também activamente nesse ano na fraternidade portuguesa Phi Lambda Beta, que mantinha a preocupação pelo impulso dos estudos portugueses nos EUA[183]. Em 31 de Dezembro participou numa candidatura em que constavam para presidentes honorários, Hernani Cidade (Portugal) e Albert R. Lopes (USA), para suceder Fidelino de Figueiriedo e Melissa A. Cilley, mortos. E para o Executive Council, como presidente Francis Millet Rogers, de Harvard; vice-presidente primeiro, Lawrence A. Sharpe, de North Carolina; vice-presidente segundo, Ernesto Guerra da Cal, de Queens College; e Executive Secretary, Norwood Andrews Jr, deVanderbilt. Como "members of the nominating Commitee 1968 National Election" figuram Wilson Martins, de NYU; Maria Elizabeth Brooks, de Wisconsin; e Jean Longland, da HSA. A proposta supunha mais um reconhecimento pelos seus pares.

III.2.3.5.3.-Intervenção no intersistema hispânico: Reedição de *Literatura del Siglo XX*.

Para além de começar a participar no programa de doutoramento em espanhol na CUNY, Da Cal prestou especial atenção nesse ano aos seus interesses relacionados com

[183] Noorwod Andrews Junior (14-X-1968) também da fraternidade e da Universidade de Vanderbilt, trata com Da Cal questões respeitantes ao ensino do português nos EUA. Da Cal (19-X-1968) responde-lhe "We are still here, working away with all levels of the teaching of Portuguese, but having greater sucess our Ph. D. Program, which as you know, is my special assignment. I would like to use your booklet 'Why Study Portuguese' to encourage prospective students. If you can spare 30 or 40 copies. I shall be veri glad, indeed".

o intersistema hispánico através da nova edição de *Literatura del Siglo XX* e as emissões radiofónicas da *Voice of America*. São actuações que também representavam ingressos económicos em conceito de direitos de autor e favoreciam o manter-se como uma referência para a mediação entre os EUA e o mundo hispânico

**Em 1968 publica-se[184] a segunda edição, revista e acrescentada, de *Literatura del Siglo XX***, volume assinado de parceria com a primeira esposa, Margarita Ucelay. Dedicam-no ao filho de ambos, que colaborou na revisão do vocabulário incluído no final, segundo indicam. Este trabalho melhora o precedente de 1955, corrigindo erros, incrementando os produtores, e com maior cuidado nos textos seleccionados. Contribui para fixar o cânone das literaturas do intersistema hispânico nesses países prestigiando-o como cientista, e também lhe oferecia importantes benefícios económicos.

Nesta nova versão, em 456 páginas, na parte dedicada a "España" incluem Miguel de Unamuno, Ramón del Valle-Inclán, Pío Baroja, "Azorín", Antonio Machado, Jacinto Benavente, Juan Ramón Jiménez, José Ortega y Gasset, Federico García Lorca, Jorge Guillén, Rafael Alberti, Francisco Ayala, Miguel Hernández, Camilo José Cela, Gabriel Celaya, Blas de Otero, Miguel Delibes e Ana María Matute; e na de "Hispanoamérica", ocupam-se de Rubén Darío, Horacio Quiroga, José Santos Chocano, José Eustasio Rivera, Luis Palés Matos, José Vasconcelos, César Vallejo, José Rubén Romero, Arturo Capdevila, Pablo Neruda e Jorge Luis Borges. Cada uma vai precedida de introdução, e no final acrescentam um vocabulário de 130 páginas a maiores. Informam assim mesmo de permissões e agradecimentos dos próprios produtores[185], dos herdeiros[186], ou mesmo dos editores, como representantes legais[187], para a reprodução dos textos.

No tratamento dos produtores existe afã canonizador. Indicam dados biográficos e do labor literário, juntando amostras muito diversas da sua produção: desde apenas uma página com dois breves poemas de Jorge Guillén; a seis escolhas diferentes e um texto teatral completo em mais de 30 páginas de García Lorca; ou uma narrativa de 67 páginas de Baroja.

---

184 O volume deveu sair dos prelos nos últimos dias de Abril desse ano. O alemão Heinz Kröll (6-V-1986) confirma ter recebido a "nova edição de *Literatura del siglo XX* que me chegou de Londres, mandada pela casa editora", e agradece o livro. E Josefina Manresa (24-V-1968), viúva de Miguel Hernández, encaminha carta para Da Cal confirma e agradece a recepção do volume, valorizando "El libro a (sic) salido bonito y ha sido de mi agrado".

185 É o caso de Francisco Ayala, Borges, Cela, Celaya, Delibes, Jorge Guillén, Matute e Neruda.

186 De Jacinto Benavente, Miguel Hernández, Juan Ramón Jiménez e Horacio Quiroga.

187 Só de García Lorca.

No volume, escrito com prosa directa e didáctica, observa-se uma visão da literatura com perspectiva da estilística, com alusões à técnica e à temática dos produtores. Predominam, na apresentação dos autores, as referências ao uso e valorização da língua comum castelhana, trasparecendo a diversidade da mesma e defendendo a sua unidade. Oferecem-se dados biográficos básicos, que em muitos casos se relacionam com a produção literária, com defesa da República espanhola, críticas para a Espanha franquista e referências à repressão da ditadura. Na explicação da literatura, aparecem às lutas entre produtores, mas defende-se uma continuidade na sucessão de estilos e escolas, para a qual essas lutas foram pretexto, mas não a sua consequência. Ainda que se atende a todos os géneros, o mais valorizado é a poesia, e os produtores mais salientados são García Lorca da Espanha e Rubén Darío de Hispanoamérica, indigitando-os como renovadores e muito influintes. O reconhecimento da crítica – mesmo com citações directas em certos casos— e a internacionalidade atingida são dois dos assuntos mais salientados.

O trabalho destes produtores apresenta-se como continuidade de uma história e uma tradição literária, que teria o seu centro no Século de Ouro espanhol, sobretudo no *Don Quixote* e na picaresca, e em autores como Cervantes e Quevedo; e os produtores do século XX adaptam e revitalizam as técnicas, e incorporam o indigenismo, a negritude ou a guerra civil espanhola para actualizar os temas.

É de notar como se valoriza mais a literatura da Espanha que a de Hispanoamérica, e faltam alguns países americanos, sem nenhum produtor seleccionado. Todos os nomes escolhidos estão no cânone e figuram entre os mais reconhecidos até aquela altura, o que lhe servia da Da Cal e à sua já ex esposa Margarita Ucelay para se colocarem como referências para o ensino da literatura espanhola nos Estados Unidos, ao ter este volume-antologia como alvo preferencial o estudantado universitário. De facto, durante muitos anos o livro utilizou-se como texto de consulta em numerosas universidades[188].

As emissões na programação da estação de rádio oficial ***Voice of America***, orientadas para a Espanha e outros países, eram seguidas pelos especialistas e tinham repercussões favoráveis muito diferentes para Da Cal, que enviava cópias dos textos que se emitiam para o conhecimento dos interessados, o que era uma maneira de influir perante eles e procurar as suas simpatias. Isso também propiciava um clima favorável para que lhe

[188] Em 1971 comunicará a Joaquim Montezuma de Carvalho que tivera "desde 1954 considerável venda nos EE. UU., no Canadá, na Inglaterra e até nas longínquas Austrália e Nova Zelândia".

retribuíssem o favor e não o esquecessem. A programação de aquela estação de rádio norte-americana era assim da maior utilidade para reforçar a sua posição, estabelecer e renovar contactos, e manter uma influência muito directa perante pessoas que lhe interessavam especialmente[189].

No âmbito do hispanismo nos EUA, **Eugenio Cranell indigita-o como referência para o estudo do *Don Quijote* e de Valle-Inclán**. Este professor do Mount Holioke College, de Massachussets, aos 7-IX-1968 envia-lhe cópia de um artigo sobre o *Quijote*, em que cita Da Cal e Américo Castro aos quais deve, diz, que a literatura seja para ele uma vocação mais que uma profissão. Afirma que vai preparar um livro sobre o *Don Quijote* para publicar em Espanha. Dois meses após, Cranell (9-XI-1968) propõe-lhe: "participar en un simposio que vamos a tener sobre Valle-Inclán el 12 de Abril de 1969" como conferencista. Cranell reconhece-o assim como autoridade nesses dois temas centrais para o ensino da Literatura Espanhola.

A respeito da sua especialização em Valle-Inclán, com o título "Observaciones sobre 'Mi hermana Antonia'" publicou-se (Da Cal, 1968) o estudo que realizou desse relato de Valle em *Literatura del Siglo XX*, num volume (Zahareas, 1968, coord) publicado em Nova Iorque com ensejo do centenário do nascimento do produtor.

III.2.3.5.4.-Reconhecimento como produtor literário em Portugal e na Galiza.

Em 1968 Da Cal só publicou um poema, em Portugal. Foi "Paraíso da memória", que se incluiu no número de Dezembro da revista *Colóquio*[190]. Não se fez qualquer apresentação de Da Cal. A celeridade na difusão e essa ausência de dados evidenciam como já se considerava um produtor muito conhecido em Portugal, e como também se reconhecia assim como produtor literário, um aspecto em que esta era das poucas amostras dele nesse país. O director dessa revista, H. Cidade, sim tinha boa informação dessa produção dacaliana, quer directamente, quer através da filha Helena Moura.

---

189 Duas amostras encontram-se em epístolas que lhe encaminham os professores Edmundo de Chasca e Homero Serís. De Chasca (11-III-1968) acusa recepção da carta de Da Cal datada quatro dias antes, e as duas copias que se juntavam da charla sobre *El arte juglaresco*, que agradece "sin palabras", e acrescenta: "Hace diez años su reseña redundó enormemente en mi favor en esta universidad y en otras partes" [...] ¡diez años! […] Su carta y su charla han llegado oportunamente para reanimarme en un momento de profunda pena en mi existencia".
Homero Serís (14-V-1968) agradece o programa que lhe tinha dedicado: Afirma que no número 1 de *Asomante*, Gullón inclui Da Cal na "Generación de 1936" e que "yo, en mi libro *Guía de temas de literatura española*" também fará o mesmo (ver infra, 1973). Serís diz que o considera como da família.

190 Hernâni Cidade (9-X-1968) escreve carta para Da Cal, em que diz que a revista *Colóquio*, em que continuava com responsabilidades directiva, "tem saudades de V. E."
Da Cal (18-X-1968) envia-lhe "Paraíso da memória", que diz ser "o meu último poema", e que com efeito será publicado na revista.

No entanto, durante o ano dedicou atenção para preparar um programa de Radio Nacional de España sobre poesia galega, à par de outros muitos produtores que responderam positivamente para com aquela iniciativa[191].

Na "Primaveira-1968" publicou-se na cidade de México o quarto, e derradeiro, volume da revista *Vieiros*. Da Cal aparece referenciado na página final, entre a "Relación de colabouradores literarios e artísticos, críticos e amigos que, dende o número 1, tiveron afervoadas xentilezas" com essa publicação. Não se incluem os seus poemas, anunciados no número anterior, lançado em 1965, e na revista nada lembra o número de estreia, de clara vocação de reintegração da língua da Galiza no âmbito lusófono[192].

---

191 Os contactos para a participação de Da Cal nessa programação, que frutificarão em 1969, documentam-se desde Maio, em que se verifica o seguinte processo:

a) Ramiro Martínez Anido (21-V-1968) encaminha carta em papel carimbado de Radio Nacional de Espanha para Da Cal. Informa que havia dous anos tinha um programa semanal dedicado à poesia galega e que, desde Fevereiro de aquele ano, realizava novo programa, "Poetas de Galicia", no qual "venimos divulgando la obra poética de diversos escritores del momento, procurando darle una mayor agilidad y mostrandolo a los oyentes como algo auténticamente vivo, y no como una simple antología. Para ello precisamos de la colaboración de los poetas gallegos, entre los cuales Vd. ocupa un destacado lugar". Indica que o programa se emitia nas sextas-feiras, por volta das 20:25 horas, e solicita-lhe que grave respostas a um questionário que lhe enviará, bem como um ou dois poemas. Até aquela altura participaram Álvarez Torneiro, Manuel María, Bouza Brey, Carballo Calero, Castroviejo, Moreiras, Casado Nieto, Arcadio López Casanova, María del Carmen Kruckemberg, Luz Pozo Garza, Abuín de Tembra "y disponemos ya de las contestaciones de Paz Andrade, Cunqueiro, Franco Grande y otros más".
b) Da Cal (30-V-1968) responde a Martínez Anido e oferece-lhe a colaboração. Alude a dificuldades de tempo para a gravação e propõe-lhe fazê-la através da *Voz de América*, pois vai estar de viagem. "Como voy directamente a Madrid y voy a estar allí con mis amigos del Instituto de Cultura Hispánica durante cinco días" oferece a possibilidade de "hacerla en Madrid [a gravação] y que el Instituto se la envíe a A Coruña". Também oferece a alternativa de fazê-la nos serviços de rádio da Embaixada Americana em Lisboa; ou em Vigo em Agosto, aonde pensava deslocar-se para estar com sua mãe. Pergunta se "sería permisible responder en lengua vernácula?". Afirma que o questionário lhe parece "muy pertinente".
c) Martínez Anido (2-V!-1968) indica que as respostas devem ser de 7 ou 8 minutos em total para que haja tempo para incluir os poemas. O programa durava de 20 a 25 minutos. Diz não haver inconveniente em que a resposta seja em língua vernácula, e assim o fizeram dous dos poetas. Mas o programa era para toda Espanha.
d) Martínez Anido (9-IX-1968) informa que o programa que estava nas últimas emissões, e que desde o 30 de Maio não teve notícias de Da Cal. Agradece que responda "ya que tengo especial interés en que figure Vd. en esta antología".
e) Da Cal (6-XII-1968) desculpa-se pela demora na resposta para o programa de poesia de Radio Nacional de España. Diz que a gravação será feita na *Voz de América*, e que a enviará para Plácido Caldevilla, da Embaixada dos EUA em Madrid. Nas respostas suprimiu as perguntas 3 e 9 e fundiu a 4 e a 5. Escolheu dois poemas, um de LAM e outro de RST, sendo um deles "Rosalía, perfil de sombra", advertindo ter sido premiado em Guimarães em 1960, e juntando resenha de RST de Jacinto do Prado Coelho "de la Facultad de Letras de la Universidad de Lisboa, crítico literario de alto prestigio y galaicófilo portugués muy destacado".
f) Em nova carta, Da Cal (27-I-1969) interessa-se pela anterior, ao não ter recebido resposta. Roga avise à mãe da hora da transmissão. Indica que ela está na residência das Angélicas, na rúa López Mora, 2, de Vigo.

192 Há alusões em vários trabalhos à presença da língua nos Cancioneiros medievais, mas sem reivindicá-la como uma tradição que se deva recuperar. Nos contributos prevalece a denúncia das penúrias da Galiza e do seu subdesenvolvimento, criticam-se as políticas franquistas e mesmo se aplica

Finaliza assim o andamento de uma revista que tentou unir os galegos da Galiza e da diáspora. No respeitante à língua, apesar dos intentos para unificar a grafia, predominam soluções muito díspares, mesmo contraditórias, em consonância com a realidade que caracterizava na altura o galego, sem um cânone ortográfico de referência, sem materiais suficientes para o seu ensino e aprendizagem, em situação completamente marginal e periférica, suportando uma pressão muito forte da Administração espanhola, centralizadora e interessada na unificação do castelhano.

III.2.3.5.5.-Outros contactos e iniciativas no Brasil e em Porto Rico.

Da Cal prossegue os contactos com Porto Rico. Harriet de Onís (15-I e 24-I-1968) encaminha duas cartas para Da Cal: Na primeira delas, responde epístola de Da Cal (21-XII-1967) e fala de traduções de Jorge Amado e de um trabalho sobre Unamuno, e convida-o para ir a Porto Rico. Na segunda refere-se a *Don Segundo Sombra*, em que também trabalhava, e fala na tradução de *Os pastores da noite*, de Jorge Amado. Mantém, pois, aquele contacto privilegiado com a esposa de Federico de Onís, uma mulher muito bem relacionada no âmbito das traduções, e que ao lhe pedir colaboração reagia disposta a transmitir a metodologia e a visão de Da Cal, que com efeito aparecerá citado no trabalho que esta produtora fez para apresentar a narrativa de Ricardo Güiraldes, aumentando assim a referencialidade de Da Cal para o estudo deste livro de narrativa sudamericana.

No Brasil, Francisco Casado Gomes (2-I-1968), do Gabinete Português de Leitura de Porto Alegre, interessa a permuta do *Boletim* da instituição, que ia editar o número 9, com possíveis publicações da universidade de Da Cal.

Celso Cunha (7-II-1968), na altura com responsabilidades no Ministério da Educação e Cultural do Brasil, escreve-lhe e confirma que pensava organizar uma reunião para tratar da idéia da ida de Da Cal para o Brasil[193]. Começa assim a tratar-se um projecto a que Da Cal dará publicidade nos anos seguintes, mas que não se concretizou: o de ir

(Míguez, 1965) o adjectivo "país colonial" para se referir à situação de dependência, e há reivindicações de outras propostas e alternativas para progredir, com reprovações para a emigração. Há referências também aos "Dereitos Humanos", por se comemorar internacionalmente neste ano, e denuncia-se a repressão das autoridades franquistas. No respeitante à língua galega, defende-se o seu uso mas, frente à maior orientação de reencontro com o intersistema lusófono do primeiro número, neste último a orientação é totalmente diferente e já não há aquelas referências e simpatias. O nascente nacionalismo galego chega a esta publicação e difunde as suas teses, que na altura estavam muito afastadas de qualquer preocupação por uma orientação para o galego de teor Reintegracionista, assunto central para Da Cal.

[193] É esta uma carta triste, em que lhe comunica a morte do genro, que deixara viúva a filha, de 25 anos. Esse dado confirma a amizade estreita entre eles.

residir para o Brasil parte do ano ao se aposentar em Nova Iorque e manter a dedicação profissional naquele país em que tão boas experiências tivera[194].

A respeito de contactos com hispanistas, Francisco Ayala, aos 26-VIII-1968, propõe-lhe encontro em Lisboa para poderem falar. Ayala mantinha a amizade com Da Cal apesar do divórcio, que o tinha afastado de outros hispanistas.

III.2.3.6.-A produção queirosiana e literária e a política da língua da Galiza no centro da actividade em 1969.

Em 1969 Da Cal terá intensa actividade nos campos científico e literário. No queirosianismo, com produções nos EUA, no Brasil, Portugal e Checoeslováquia, para o que contribuirá a tradução portuguesa de LEEQ, à que se une nesse ano a versão brasileira; além de um programa queirosiano na *Voz de América* orientado para países hispânicos. Pelo labor de hispanista atingirá reconhecimentos nos EUA. Difunde poesia na Galiza e no Brasil, e é estudado como produtor literário com destaque nos EUA e no Brasil, e também no Uruguai.

A preocupação pela ortografia do galego espelha-se no relacionamento com Valentín Paz-Andrade. Era assunto não só cultural, mas de perspectiva política, principal na Galiza para os grupos galeguistas. Um artigo de Carballo Calero prova as lutas entre os produtores que trabalhavam pela aproximação ao intersistema lusófono e os que defendiam partir da alfabetização em castelhano.

Mantém contactos com produtores de diferentes países na procura de apoios para novos empreendimentos[195]. Continúa com actividade na Hispanic Society of America e com

---

194 No final do ano, em carta a Machado da Rosa afirma que "Eu há quase um ano que não sei directamente do Ricky. A mãe conseguiu separá-lo de mim. Paciência. Algum dia voltará. Esperemos...". Indica ter já a casa de Long Island, em que residia com Elsie, muito transformada: "Fiz uma cozinha luso-hispânica, com azulejos portugueses, loiça de Cordova, da Galiza, de [palavra difícil de ler], de Bisalha, de Alcobaça, chaminé minhota e soalho extremenho. Os visitantes ficam com os olhos arregalados. Você "planeja" vir a Feira e arraial do M. L. A.? Se vier tem que dar o pulinho a Amityville. Não? Estou a fazer uma cama portuguesa do século XVIII –(o modelo tomei-o duma do palácio do Conde de Aurora em Ponte de Lima, com acréscimos galegos de outra de Sant Iago, que vai ser um primor, palavra de honra!". Também comunica num P.S. que "Estou farto de administração e vou deixar o Executive Officership no colo do Sayers, em Junho".

Em carta de resposta, Da Rosa (20-XII-1968) oferece os seus parabéns a Da Cal pelos sucessos ("Academia, etc.") e agradece o envio do livro [a tradução portuguesa de LEEQ].

195 Entre os principais que se documentaram, Marcel Bataillon (28-V-1969) ofereceu-lhe apoio perante da Comissão Fulbright, para conseguir financiamento dos seus estudos em 1970, em que desfrutava sabático.

ligação com aliados de muitos anos que facilitaram o seu progresso e lhe ofereceram ajuda em diferentes instantes. Aos 2 de Agosto, Jean R. Longland, bibliotecária da HSA assina uma nota, conservada nessa instituição, a respeito de uma ligação telefónica com ele. Desse diálogo, em que emergeram os principais projectos em andamento de que falava nos últimos anos, conclui-se como tinha problemas com algumas pessoas por prometer projectos que não podia fazer, quer pelo alto volume de trabalho, quer pela vontade de estar em toda a parte, o que o podia chegar a minar em algumas esferas. Salienta Longland os seguintes termos:

> The second and third volumes of his *Lengua y Estilo de Eça de Queirós* are almost ready for press; they include a vast bibliography of Eça items from all over the world. The first volume has been translated into Portuguese both in Portugal and in Brazil; for almost simultaneous publication.
> His third book of poetry is almost completed.
> He collaborated on Lorca's Gallegan poems, since Lorca did not know Gallegan; still has the manuscripts and is preparing a work about them.
> The Portuguese Supreme Court has taken the Eça copyrights away from Lello company and given them to the family for 20 years. Unfortunately the family is not interested in critical editions. In the forthcoming editions, some of the worst errors have been cleaned up and EDC is writing prefaces.
> He has reviewed MARTÍNEZ MONTAÑES for the Voice of America and is preparing a review of TILE PANELS OF SPAIN. He will send us transcripts of both. He spoke very admiringly of Mrs. Proske and Mrs. Frothingham.
> He was interested to hear of RMA's golilla article and wants a copy. He may be able to work a review of it into some broadcast.
> Predictably, he had done nothing about the Pessoa book he is supposed to be writing with JRL, but promised to make a start immediately.
> (Promises, Promises!)

A bibliotecária de HSA, reage com cepticismo perante algumas promessas que lhe indicava Da Cal. Fala mais uma vez dos dois novos volumes de LEEQ, dos quais o segundo nunca será realidade, e para o terceiro, a *Bibliografia Queirociana*, ainda faltava um lustro; assinala ter quase pronto um terceiro poemário, que só sairá quando já aposentado, 16 anos após aquele diálogo; e nada houve dos supostos prefácios que redigia para as novas edições queirosianas. Também não se chegaria a publicar nunca o trabalho que supostamente preparava sobre Lorca e os poemas galegos. Próximo à casa dos 60 anos e a na recta final do período profissional, os objectivos e a maneira de enfrentar aqueles empreendimentos eram já outros.

III.2.3.6.1.-Produtos para a canonicidade de Eça de Queirós.

O processo de canonicidade de Eça de Queirós avançava por diferentes caminhos, que contribuiam para situá-lo cada vez num lugar de maior centralidade no intersistema lusófono. Contribuiam para isso o lançamento ao mercado de novos produtos, que

actualizavam a sua produção e alargavam a sua difusão. Por um lado, as novas edições que Helena Cidade Moura promocionava em Portugal, às quais se unirão outras no Brasil, mantinham na primeira linha os textos de Eça, e davam pé para que se falasse deles com ensejo das novas versões. Além disso, a reivindicação de uma nova textualidade, mais fiel a Eça, que banisse as intervenções de outras pessoas, e as resistências que se combatiam a respeito da sua actividade, propiciavam uma melhor consideração pública, favorável para os interesses da sua canonicidade. Essas resistências eram múltiplas e variadas: as derivadas de factos biográficos, como o nascimento fora do matrimónio ou a demora em se casar, que amparavam especulações (pseudo)psicologistas/psicanalíticas para tentar dar explicações da sua produção; também o seu trabalho literário, acusado de galicista, desnacionalizador, ou de mau narrador pela forma de *A Relíquia* (ver infra a polémica sobre este romance), às quais se uniam acusações de plagiato; temas das suas narrativas, como o incesto, o adultério, as relações sociais, ou a crítica moral e política; entres outras. Essas resistências iam quebrando pela actuação de Da Cal e de outros defensores, que as desmontavam, e que faziam circular uma nova imagem em que Eça saia reforçado. Mas também estava a oposição da família, como indicava o depoimento de Da Cal recolhido na nota de Longland, pouco interessada na reconstituição da nova textualidade, pois na deturpação dos textos interviera um dos filhos do produtor.

Internacionalmente, a tradução da produção queirosiana era cada vez maior, em mais línguas e países. Isso também se utilizava como um valor perante os opositores, ao frisar o reconhecimento exterior e como não tinham razão os senões que empeciam a sua canonicidade no intersistema lusófono, e que se relacionavam com as esferas sociais mais conservadoras e imobilistas. Por isso o queirosianismo era também uma luta política e no CEL tentavasse contribuir para ruir o modelo da ditadura salazarista e favorecer a democratização; como acontecia também no CL e em outros da sociedade portuguesa, que anelavam o final do longo período autoritário e opressor iniciado na década de 30.

III.2.3.6.1.1-As traduções como elemento legitimador.

Em Março de 1969 Da Cal enviou para a estação de rádio *Voice of America* um trabalho, intitulado em inglês “Eça de Queiroz, A Great Hispanic Writer”, mas redigido e difundido em castelhano. Nesse texto, ocupa-se da tradução de Eça para outras línguas, com ensejo do lançamento da versão para inglés de *A Ilustre Casa de Ramires*,

realizada por Ann Stevens. Começa por salientar a recepção do produtor português no intersistema hispânico, pois

> se cuentan hoy, que sepamos fidedignamente, 132 versiones diferentes de sus novelas al español, con incontables ediciones cad a una de ellas. El número de sus traductores hispanos alcanza la cifra de 38 y entre ellos hallamos, entre otras de menor destaque, las firmas de Valle-Inclán, Fernández Flores [sic], y Francisco Romero, el filósofo argentino. Su influencia en la literatura hispánica comenzó a actuar muy tempranamente y aun sigue operante.

Após insistir em diferentes aspectos dessa influência na Espanha e em Hispanoamérica, o mesmo que no Brasil, conclui que o produtor português pertencia "a la comunidad espiritual hispánica" e era "con Cervantes, com Camões y con Lorca uno de los cuatro autores del gran conjunto bilingüe ibérico más traducidos y admirados en el mundo entero". Ressalta as traduções: "14 idiomas lo conocen en repetidas versiones y en cuantiosas ediciones". A respeito da tradução da *Ilustre Casa de Ramires*, editada pela Universidade de Ohio, indica Da Cal:

> se une  a las numerosas ya existentes en inglés. Ya la crítica nuevamente ha depositado a los pies del gran efabulador ibérico los laureles del homenaje declarándolo maestro de la ficción universal del siglo XIX. El que se llamó a si mismo 'un pobre hombre de Póvoa do Varzim' es, a los 69 años de su muerte, uno de los grandes hombres de las letras del mundo entero.

Utiliza assim as traduções como um facto objectivo legitimizador. Aquele argumento era difícil de contestar, ao não existirirem dados para outros produtores com os que poder comparar. E se outros narradores portugueses eram superiores a Eça (v. gr., Camilo Castelo Branco, Garrett ou o padre Vieira), como porventura defendia parte da crítica lusófona, por que não interessavam no estrangeiro? Além disso, as versões para outras línguas costumavam acompanhar-se de importante recepção crítica, como acontecera nos EUA e no Reino Unido poucos anos antes com ensejo do lançamento das versões de *Os Maias* e *O Mandarim*, e como comprovava na pesquisa que realizava em diferentes países e línguas para a *Bibliografia Queirociana*; ou como evidenciava a boa acolhida das versões castelhanas. Portanto, os produtos de Eça projectavam a literatura e a cultura portuguesa internacionalmente, o que favorecia a boa imagem e os interesses de Portugal, o que não acontecia com outros produtores. Da Cal mesmo colocou várias vezes Eça à par de Camões, o grande canonizado cuja centralidade se não discutia, frisando que porventura o produtor de *A Relíquia* tinha sido traduzido mais vezes que o d'*Os Lusíadas*, um facto que ficava sempre sem responder, porque se bem ele sim tinha dados a respeito das traduções queirosianas e oferecia informação quantificada do número de línguas e mesmo de edições, não havia estudiosos que

tivessem dados semelhantes da camoniana; embora a falta de resposta podia igualmente pela falta de interesse em entrar em discussões por parte dos camonianos, pelo facto de que Camões ja se encontrava no centro do cânone português e não precisava de argumentos como esse, que se enquadravam na luta para elevar Eça de Queirós para uma posição mais central. Aquele adiantamento na pesquisa acabará por impor-se, e Da Cal será artífice básico para consegui-lo. O trabalho radiofónico de 1969 estava naquela linha e contribuia para arvorar um discurso já muito próximo de triunfar.

III.2.3.6.1.2.-A reivindicação de nova textualidade de Eça de Queirós e o contágio com a referencialidade de outros produtores.

Em 1969 apareceram no mercado os primeiros volumes de uma nova edição de obras completas de Eça de Queirós, publicada por Livros do Brasil, em Lisboa, sob coordenação de Helena Cidade Moura, em 17 volumes. Moura forneceu uma versão mais cuidada que as precedentes, com a rectificação de textos.

No seu trabalho não faltam as referências a Da Cal. Assim, um fragmento de LEEQ aparece em 1969 na badana da edição difundida de *A Ilustre Casa de Ramires*. E esse ano, na mesma colecção, na "Nota Final" da edição de *A Relíquia*, a investigadora afirma que a produção queirosiana "estilisticamente é um apuramento das formas novas de linguagem que Eça de Queirós criou", e remete a LEEQ para verificá-lo.

Sem constituir ainda a edição crítica modelar reivindicada por Da Cal, preparada por uma equipa de especialistas, o contributo de Moura representava um avanço a respeito das versões precedentes, após investigação de mais de uma década, que contou com justo reconhecimento. Serviram de modelo para o lançamentos de nova colecção da produção queirosiana no Brasil, e nelas alicerçaram-se traduções. O publicitar que se tratava de versões mais fieis à escrita de Eça, com a eliminação de interferências, contribuia também para comunicar ao mercado que se tratava de um Eça mais autêntico e assim alertar das resistências vigorantes, que seriam provocadas em parte por uma desvirtuação dos textos que agora ela emendava.

Também em Portugal, Manuela de Azevedo publicou esse ano *À sombra de Eça de Camilo*, um estudo em que se salienta LEEQ. Esta investigadora e escritora é apresentada nesse volume por Jacinto do Prado Coelho como "camilianista fervorosa", e afirma que tencionava demonstrar a rede de relações entre Eça e Camilo para pôr em novos termos o problema das atitudes assumidas por cada um deles perante o rival; um

trabalho que contribui para situá-los na luta pela concorrência para o centro da narrativa no CL português.

Jacinto Coelho publicou a primeira edição de *A Letra e o Leitor*, com 23 estudos de Literatura Portuguesa. Recolhe "Garrett prosador", em que valoriza LEEQ (ver supra); e "A tese de *A Cidade e as Serras*", onde julga este romance como "uma obra reaccionária. Que ele, romancista, o não fosse, é outro problema...". Um juízo que revela outra resistência dentro do CEL para com este romance: a acusação de "reaccionária" em plena ditadura por parte de um vulto da crítica e da investigação considerado entre os progressistas supunha um entrave para a canonicidade do literato.

No entanto, o facto de se ocupar privilegiadamente de Eça estes dois nomes de referência dos estudos de Camilo Castelo Branco, e citarem LEEQ, contribuia para que Eça ultrapassasse este importante rival na concorrência para o centro do CL como narrador. De facto, Jacinto do Prado Coelho voltava de novo a argumentos de carácter ideológico e subjectivos, não objectivos como defendia o estudo de LEEQ, o que supunha dar vantagem a Eça, estudado com metodologia mais inovadora e actual. Camilo carecia de um estudo legitimador com novos instrumentos estilísticos e comparativos como fizera Da Cal com Eça. E não só: enquanto Da Cal salientava globalmente Eça nas suas diferentes facetas, a crítica camiliana colocava senões e o próprio Jacinto Coelho, como máximo representante dela, defendia sobretudo o Camilo contista (como fizera no DLPGB e em outros trabalhos), um reducionismo frente à amplidão que oferecia Da Cal de Eça, e que também era assumida por Gaspar Simões (que equiparava *Os Maias* na narrativa com *Os Lusíadas*) e por outros estudiosos, mesmo alguns que levantavam outras resistências para Eça. O autor de *A Relíquia* avançava assim para o centro, para o que contribuiam as carências que se observavam entre os que arvoravam outras alternativas. A ascendência no campo científico, para a qual contribuirá decisivamente Da Cal em 1970 e, sobretudo a partir de 1975 com a *Bibliografia Queirociana* (ver infra), decantará em favor de Eça as lutas que tão vivas estavam ainda aquele ano em Portugal no CEL.

III.2.3.6.1.3.-O revigoramento do modelo de Da Cal: as traduções de LEEQ.

O ano 1969 será fulcral para o fortalecimento do modelo queirosiano de Da Cal. Ajudam a recepção da tradução portuguesa de LEEQ, com novas recensões; e a versão publicada no Brasil pela editora Tempo Brasileiro, concretizando aquele projecto de uma década atrás. LEEQ deixará de ser um texto apenas conhecido pelos especialistas e

terá uma maior projecção no intersistema lusófono, o principal mercado que precisava atingir para favorecer a canonicidade de Eça de Queirós no CL e, conseguintemente, a maior centralidade dos seus canonizadores no CEL.

A tradução portuguesa terá duas críticas muito consagradoras. Na Checoeslováquia será valorizada por Zdenek Hampl; e em Portugal pelo brasileiro Euryalo Cannabrava.

Em *Philologica Pragensia*, revista da Academia de Ciências da Checoeslováquia, recenseia a tradução de Moura **Zdenek Hampl**. Indica que Da Cal analisou por vez primeira a suma dos traços característicos do estilo e a fala de Eça. Frisa que em LEEQ, que define de estudo "já clássico" e "obra sobressaliente", Da Cal se apoiou em rico material documental, e o seu bom conhecimento da prosa do romancista português, o talento crítico e a argumentação lógica conferiam-lhe a capacidade para chegar a consequências e conclusões originais, nas quais em grande parte toma posição contra opiniões até à altura repetidas e muitas vezes falsas, como a "pobreza vocabular" de Eça. Põe em destaque o estudo do adjectivo, e a bibliografia; qualifica o livro de "imprescindível" para os queirosianos, e finaliza com esta valorização:

> O autor conhece até o mais mínimo detalhe não só as obras de Eça de Queiroz, mas todos os estudos sobre o seu estilo e a sua linguagem, a literatura francesa do século XIX e os trabalhos teóricos significativos na esfera da arte do estilo. Além disso, o autor tem um delicado sentimento estético e utiliza-o para valorizar os valores estéticos da literatura. O seu livro, que animará para que surjam muitos novos trabalhos, está muito afastado dos habituais tratados estatísticos e puramente gramaticais; pode ser considerado um ensaio no melhor sentido da palavra.

A referência aos trabalhos estatísticos demonstra oposição a contributos do teor que se ofereciam aquele mesmo ano[196]. Insiste em se manifestar gratamente impactado por um estudo que ele julga ainda inovador e renovador da crítica queirosiana, oferecendo assim apoio estratégico a Da Cal para progredir no CEL.

A anunciada crítica na *Colóquio* publicou-se em Outubro, assinada por **Euryalo Cannabrava**[197]. O trabalho começa de uma maneira consagradora, oferecendo o maior destaque para o estudo dacaliano, ao afirmar (Cannabrava, 1969: 64):

---

[196] Como, v. gr., um realizado sobre o estudo quantitativo do estilo do *Crime do Padre Amaro* (Roche: 1969: 387-405), que visava também a objectividade no estudo textual alicerçado em dados estatísticos sobre a utilização dos verbos, adjectivos, substantivos, advérbios e outros recursos. Um método, no entanto, também muito textocentrista.

[197] H. Cidade (26-IX-1969), director da revista, confirma a Da Cal que o artigo de Cannabrava sairia no próximo número da *Colóquio*. En carta anterior, sem data, Cidade comunicava a necessidade de modificar esse trabalho, por ser muito extenso. Surpreende em todo o caso a demora em publicá-lo, talvez porque pensou muito a quem oferecer aquela oportunidade. Afinal decidiu-se pela proposta que lhe achegou Da Cal, que publicou parcelarmente, e não na secção de recensões, mas como artigo, o que

> O ensaio crítico de Guerra da Cal sobre Eça caracteriza-se pela profundidade de análise estilística. O autor não se cinge a orientações partidárias em matéria de crítica literária. Limita-se a registrar as suas reacções diante do texto queirosiano, introduzindo perspectivas e directrizes que permitem surpreender, ao vivo, o processo criador do prodigioso estilista.

Diferencia a proposta de Da Cal da estilística francesa e da escola anglo-americana esclarecendo que, através da análise da linguagem de Eça, "transforma as evidências, calcadas nas citações continuadas do texto, em componentes estruturais das suas hipóteses de trabalho. Entre elas, a mais fecunda, relativamente à adjectivação". Cannabrava aplica ao estudo do texto literário elementos trazidos de outros campos. Defende que, como Lawrence Gillman na estilística musical, Da Cal actuou com Eça como um regente de orquestra, que se impõe ao estilo individual de cada instrumentista; e ultrapassou Max Bense ao oferecer uma melhor alternativa para o estudo da comunicação da obra de arte. Conclui com a seguinte valorização (Cannabrava, 1969: 65):

> a estratégia da decisão estética do crítico Guerra da Cal se mostra cautelosa e acertada. A sua declaração de que os métodos científicos sòmente se aplicam à matéria literária de forma aproximativa, revela que Guerra da Cal não se deixa influenciar por fantasias mirabolantes ou propósitos inconsistentes. Embora ele não revele preocupações a esse respeito, o método de Guerra da Cal [...] fundamenta o mais profundo inquérito, até agora realizado, das raízes estéticas e estilísticas, na obra do romancista português. O ensaio crítico de Guerra da Cal surpreende aspectos, rigorosamente originais e inéditos, na linguagem e no estilo de Eça.
>
> É por isso que este estudo extenso e penetrante significa o redescobrimento de Eça de Queirós, através da revelação do seu poder criador a serviço de uma inventiva polivalente e multifacetada.

Cannabrava apoia assim os grupos que visavam uma renovação da crítica portuguesa e que eram oposição àqueles que, como Gaspar Simões, sustentavam lugares de privilégio com posicionamentos que valorizavam de passadistas. A renovação a que aspiravam muitas elites da sociedade portuguesa após tantos anos de ditadura espelhava-se no CEL e Da Cal era um dos vultos que se arvoravam como autoridade para atingir novas e melhores oportunidades e perspectivas. Da Cal encontrava-se assim no instante e no lugar precisos para conseguir os seus objectivos e para que prosperassem os seus interesses, como assim acontecerá, ao que ajudava de maneira decisiva a tradução do seu estudo realizada por Helena Moura.

---

lhe dava maior destaque. Ocupa duas páginas e vai precedido de uma nota da Redacção em que se esclarece que (N. da R., 1969: 64) após acordo nesse sentido, faziam "redução ao trecho que mais directamente se aplica ao livro [qualificado de "notável estudo"]", e que se publicaria inteira numa revista brasileira.

**Em 1969 publicou-se a tradução brasileira de LEEQ, versão de Estela Glatt**[198]**, sob a chancela da Tempo Brasileiro com a colaboração da Universidade de São Paulo**. Frutificava assim aquele projecto, anunciado já em 1958 e que se demorara no tempo por diferentes complicações[199]. Na badana do volume dá-se relevo a LEEQ e frisa-se como o estudo ultrapassava o ámbito do queirosianismo e tinha fortuna crítica internacional, sendo de interesse para a abordagem do fenómeno literário[200]. A edição saiu dos prelos no final do ano mas foi lançada em Janeiro de 1970, e até ao ano seguinte não apareceram reacções[201].

O volume inclui como "Apresentação" o trabalho de Euryalo Cannabrava[202], intitulado "Guerra da Cal e Eça". O texto começa e termina do mesmo modo que o artigo na *Colóquio*, embora se trate de trabalho muito mais extenso, que ocupa as páginas 15 a 38. Da Cal situava-se na tese que, diz Cannabrava, "venho defendendo, há anos, na minha obra de crítica" e considera LEEQ ilustração da mesma. Oferece a sua visão sobre o estilo e sobre a prosa e os contributos de Eça e compara-os com diversos modelos, como a Teoria da Decisão, a Teoria da Informação e a Estatística Subjectiva. "O grande mérito da análise estilística feita por Guerra da Cal, da obra queirosiana, consiste em demonstrar como a sua arquitectónica está subordinada ao processo criador", afirma. Cannabrava insiste no carácter modelar de LEEQ e na inovação que representa para o queirosianismo mas também para os estudos literários em geral. Assinala este especialista :

---

198 Glatt tinha-se ocupado (ver supra), em 1965, na revista *Tempo Brasileiro*, de *Rio de Sonho e Tempo*, numa recensão em que frisava que o público brasileiro conhecia Da Cal como "o estudioso fino, meticuloso e penetrante do estilo de Eça de Queiroz, já consagrado em meio mundo".

199 A tradução de LEEQ constitui o número 22 da colecção Biblioteca Tempo Universitário, dirigida por Eduardo Portella, Professor da UFRJ. Nos volumes anteriores encontram-se dois títulos de Martin Heidegger, dois de Sartre, e outros de Lévi-Strauss, Foucault ou H. Marcuse; e os números 23 e 24 correspondem a A. Martinet e a Jacques Guillamaud. Salienta-se a colaboração da Universidade de São Paulo, e nomeadamente do seu Reitor, Miguel Reale.

200 Essa apresentação qualifica LEEQ de "obra clássica" e Da Cal como "nome conhecido e admirado pelos círculos intelectuais brasileiros", salientando dele o "trabalho universitário extremamente rigoroso e criador. Reunindo a condição de poeta e crítico literário Da Cal pôde, ao articular o seu aparelho analítico, transpor os próprios limites da investigação estilística e elaborar, à luz do texto eciano, uma rica e matizada teoria da narrativa. Através dele, Eça de Queiroz recebe o seu primeiro tratamento globalizante, emergindo dêsse deslindamento como o titular de um denso e complexo universo novelístico, capaz de identificá-lo como um dos fundadores do romance moderno. Esta obra de Ernesto Guerra da Cal, hoje portadora de uma fortuna crítica internacional [...] é também o compêndio indispensável aos estudiosos das letras, a visão armada sôbre a própria estrutura do fenómeno literário. Tempo Brasileiro tem a perfeita consciência de que a sua publicação no Brasil é um inestimável serviço prestado ao nosso ensino".

201 Da Cal (4-X-1969) anuncia em carta para José Rubia Barcia que "está para sair dos prelos" a tradução de LEEQ no Brasil, e julga ser melhor a versão anterior de Helena Moura.

202 Cannabrava (30-VII-1969 e 17-IX-1969) confirma a Da Cal que Portella lhe tinha dito que publicaria a tradução brasileira de LEEQ com o seu ensaio como introdução.

> A parte mais importante desta obra de Guerra da Cal consiste em acusar a função do adjectivo, do advérbio e do verbo, na economia interna da linguagem queirosiana. [...]
> a estratégia de Guerra da Cal baseia-se em nos mostrar como Eça supera as condições restritivas impostas pela época, meio e valores tradicionais. Esta superação revela a originalidade do romancista, constituindo o cerne da nova tábua de valores por ele inaugurada.

Qualifica o trabalho de Da Cal como "magnificamente realizado" "crítica profunda" e "modelo de análise literária". Para Cannabrava, o estudo de LEEQ é "objectivo" pelas demonstrações que realiza das afirmações. Oferece destaque para a prosa de *A Relíquia* que (Cannabrava, 1969: 23) "adquire a transparência e a diafaneidade das imagens de santos nos vitrais coloridos da Catedral de Chartres", para além de citar outros produtos queirosianos, e vale-se no estudo de comparativas com (Cannabrava, 1969: 24 e ss.) Virgínia Woolf, Guimarães Rosa, Leonardo Da Vinci, Tolstoi, Dostoeievsky, Kafka, Malcolm Lowry, Zola, Flaubert, Homero. Afirma a respeito da proposta de Da Cal, a quem apresenta como "crítico espanhol" (Cannabrava, 1969: 32-33):

> O cerne do seu ensaio parece estar situado no capítulo sôbre as grandes estruturas rítmicas. [...]
> Neste trabalho exaustivo, Guerra da Cal maximiza, estatístìcamente, a probabilidade de acêrto do seu julgamento subjetivo a respeito da obra de Eça. Esta possibilidade de acerto é singularmente reforçada pela circunstância de que o crítico espanhol acumula, no seu livro, muito mais evidências e dados, do que pròpriamente conclusões.
> Não há proposição alguma, neste ensaio, que deixe de estar referendada pelas mais diversas citações de textos comprobatórios. Daí a alta qualidade dêste livro, em que se verifica verdadeira análise da prosa queiroziana, decomposta em seus elementos constituintes.

A principal diferença entre os materiais comuns das duas traduções está no título: na portuguesa, Moura opta por "Linguagem", e na brasileira de Glatt por "Língua"; mas sobretudo, na versão portuguesa não consta tratar-se do volume "I-Elementos básicos", como sim se indica na brasileira[203].

[203] Parece pertinente o respeito do título como na edição príncipe, pois Da Cal mantém as referências ao segundo volume e ao projecto da bibliografia, ao igual que em 1954, (Moura, 1967: 24, 28, 140 e 347; e Glatt, 1969: 50, 53, 134 e 276; em todos os casos em notas de rodapé).
Glatt (pp. 42 e 47) acrescenta informação de edições mais recentes de estudos de Vianna Moog e Clovis Ramalhete. Frisa a respeito do estudo do Padre Alírio de Melo que (p.48) "embora a posição do autor seja adversa à personalidade e à obra de Eça, oferece, contudo, uma análise aguda de certos aspectos no substrato ideológico do escritor", esclarecimento ausente da versão de Moura (que grafa Alyrio de Mello). Moura inclui duas notas a mais na "Introdução" (p. 22) para informações bibliográficas ausentes na versão de Glatt. Neste primeiro capítulo, a diferença de maior entidade está nas notas numeradas como 26-27 por Moura (p. 24) e 28-29 por Glatt (p. 50): nesta última há uma referência a edições brasileiras de Lelo-Aguilar e Brasiliense muito crítica, por julgar que reproduzem a versão tradicional "com todos os seus patentes defeitos", valorizando de "particularmente lamentável no caso da Brasiliense, visto ter esta editora recebido total liberdade de ação", referência ausente na tradução portuguesa. As duas acrescentam nova nota de Da Cal, em que sublinha o contributo da edição das três versões do *Crime do Padre Amaro* realizada por Helena Moura, mas na versão desta, para além de frisar

III.2.3.6.2.-Sucesso como hispanista nos Estados Unidos da América.

*Literatura del siglo XX* mantém-se como texto de referência em diferentes universidades dos EUA e contribui para a formação de especialistas segundo a proposta de cânone e metodológica que utilizava, o que contibuia para facilitar a reproducção desses elementos.

Na RHM correspondente ao primeiro semestre de 1969, Rafael Bosch, colega de Da Cal no Queens College da CUNY, ocupa-se da nova edição. Afirma que ao aparecer a primeira edição do volume, em 1954, "fue reconocido como la mejor antología de su clase. Los prefacios que introducen a cada autor, las notas, y sobre todo, la selección misma, mostraban excepcional conocimiento, sensibilidad y acierto de criterio". Refere as novidades da nova edição, revista e acrescentada, indicando os autores e textos novos, e valorizando:

> Las nuevas introducciones a todos estos autores españoles e hispanoamericanos muestran el mismo acierto que las que precedían las selecciones de la edición anterior. [...]
> Por todas estas razones consideramos la nueva antología como muy superior a su predecesora y creemos que tendrá una acogida todavía más amplia y favorable que aquella.

A recensão, breve mas bem favorável, difundia-se numa revista de interesse para renovar o sucesso do volume, pois a RHM continuava como uma das publicações de referência para os hispanistas, os principais destinatários de aquele texto orientado para o ensino da literatura em língua española.

Da Cal mantém o contacto epistolar e renova os laços com antigos aliados, exilados como ele e docentes em Universidades dos EUA[204]. A princípios de ano perdeu um deles, Homero Seris, morto em 26 de Janeiro, referência do hispanismo nos EUA e que também tinha ocupado responsabilidades (Beardsley Jr., 1969: 123) na HSA.

---

que se trata de uma "Nota do Autor para esta edição", acrescenta-se que tinha no prelo um trabalho similar sobre as variantes da *Correspondência de Fradique Mendes*.

No capítulo V, Moura introduz uma chamada (p. 49, nota 1) para recomendar a leitura do trabalho de Da Cal publicado em 1961 na *Revue de Littérature Comparée*; e no capítulo VI introduz outra (p. 175, nota 210) para um esclarecimento textual ausente em Glatt.

Há também variações nas escolhas para a tradução na ordenação das referências bibliográficas. Apesar da diferença de matiz e de informação, não representam de facto grande alteração, pelo que são duas traduções muito fieis ao original e com grande semelhança.

[204] Ricardo Gullón (5-VIII-1969) anuncia-lhe trabalhos e que desfrutará uma bolsa Guggenheim no próximo ano e que "iré a Perú, Ecuador, Chile y Argentina a disfrutarla".

Da Cal (4-X-1969) solicita de Rubia Barcia publicações que perdera por causa do divórcio, segundo explica, e notícias de Machado da Rosa.

III.2.3.6.3.-Internacionalização da produção literária de Da Cal: Espanha, Estados Unidos da América e o Brasil.

A produção literária de Da Cal será valorizada com destaque. Na Galiza foi incluída no programa de *Radio Nacional de España* sobre a poesia galega, e de novo o *Jornal de Letras* do Rio editou novas composições suas. No Brasil, Euryalo Cannabrava ofereceu o destaque a RST, e foi estudado nos EUA como referente do neotrovadorismo.

Aos 17 de Janeiro de 1969, Radio Nacional de Espanha dedicou o programa "Poetas de Galicia" a Da Cal, com reprodução das respostas a um questionário e mais o recitado de dois poemas. Da Cal coloca Rosalía no centro do cânone galego e mesmo hispânico, insiste na teoría de ser preservado o galego pela resistência de camponeses e marinheiros, e defende a necessidade de adaptá-lo para a ortografia do português, justificando que o idioma que se começara a resgatar no século XIX já não servia para as necessidades coevas nem dos produtores literários nem da sociedade, pois não respondia às realidades e exigências da nova sociedade[205]. Esta opinião podia funcionar

[205] As respostas de Da Cal conservam-se autógrafas, em cópia, na pasta de Martínez Anido da HSA, e foram enviadas, como se assinalou supra, na carta de 6-XII-1968.

1) À pergunta sobre o interesse pela poesia galega nos EUA responde que a poesia "viaja poco y mal, y la más reciente todavía menos", frisando que a francesa, italiana e a castelhana eram pouco conhecidas na altura "aquí (y en general fuera de sus respectivas áreas lingüísticas". No entanto, salienta que Bécquer e Espronceda não foram traduzidos nos EUA em volumes individuais, e Juan Ramón Jiménez e Antonio Machado só "recientísimamente", mas "Rosalia lo fue hace ya mucho tiempo y su obra ha sido objeto de constante atención en las universidades americanas. En una reciente e importante antología de poesía europea moderna, publicada en N. Y., Rosalía figura a la cabeza de todos los poetas ibéricos –con uno de sus poemas gallegos. El auge presente del portugués nos favorece, pues, como es natural, nuestra literatura vernácula es aquí agrupada con la portuguesa y la brasileña sus hermanas, tanto en la voz como en el espíritu. Por ahora, de la poesía gallega de hoy poco se sabe en los E.E.U.U.".
2) Sobre semelhanças e diferenças dos movimentos poéticos nos EUA e na Galiza da altura, responde: "la desproporción es enorme. La lírica americana de hoy tiene voces múltiples, que responden a las infinitas variedades de estímulos de toda índole que la vida del país ofrece –históricas, étnicas, geográficas, rurales, urbanas, políticas, sociales y religiosas. Es un enorme instrumento que tiene detrás todas las ricas tonalidades del opulento pasado lírico inglés. En él tocaron Poe, Whitman, Pund, Eliot, Sandburg, Frost, Amming, Williams y toda la hueste actual. La lírica gallega, silenciada durante cuatro siglos, alzó su voz delicada y renacida hace apenas cien años –rescatando su idioma de los labios de nuestros marineros y nuestros paisanos que lo preservaron religiosamente contra el viento y la marea de sus muchos enemigos propios y extraños. En esos cien años se ha revitalizado la lengua lírica y hemos dado a Iberia tres poetas mayores –Rosalía, Curros y Pondal, en un idioma minoritario, privado, y mirado con desdén por las clases llamadas 'finas' del país. No es poco, teniendo en cuenta las limitaciones del ambiente. Comparar ambos movimientos en conjunto sería injusto –para la lírica gallega. Más adecuado sería comparar poetas, individualidades, y encontraríamos entonces curiosas semejanzas de tonalidad con las de Emily Dickinson, la solitaria de Massachussets y nuestra musa del Sar –o el pastoralismo franciscano de R. Frost y la lírica montañesa y pura de Noriega Varela".
3) Agrupa duas perguntas, uma respeitante a como se deve trabalhar na poesia galega com a língua portuguesa e outra sobre o futuro do idioma, e responde: "Es evidente que la reconstrucción de nuestra lengua ha superado ya su simple fase lírica inicial. Las necesidades de hoy son mucho

más complejas –incluso para los poetas– de lo que eran, en el principio de nuestro renacimiento lingüístico. El desarrollo de las formas objetivas de la prosa, novela, drama, ensayo, periodismo, plantea exigencias inexcusables del vocabulario técnico y culto, científico y filosófico, de que ese idioma, rescatado de los labios devotos de labradores y mareantes carece. Ese léxico, en gran parte internacional, se crea por las exigencias de la vida estatal, en la administración, en la cátedra y el laboratorio, en la judicatura, en la iglesia y en el ejército –y lo imparte la escuela y el uso oficial. El gallego evidentemente está excluido de esas áreas vitales. Ahora bien, por fortuna, tiene al lado un idioma hermano, el portugués, con toda la riqueza de un uso estatal de ocho siglos en una expansión imperial en cuatro continentes. Y esa lengua hermana hablada por más de cien millones de almas pone a nuestra disposición todos los vocablos de esa índole que podamos necesitar –con la forma que tendrían en gallego si nuestra habla en vez de haber quedado restringida secularmente al uso familiar de las clases laboriosas hubiese tenido una evolución paralela a la lusitana. La adopción del vocabulario culto técnico-científico del portugués es natural y armónica y la única que proteje (sic) la pureza de nuestra expresión – además de ofrecer la ventaja de abrir a nuestra literatura amplísimos horizontes en el mundo luso-brasileño. Hablemos y sobre todo escribamos galaico-portugués. La solución de tomar nuestros cultismos del castellano –o lo que es peor y más frecuente, fabricar hibridaciones verbales galaico-españolas es indefendible, en mi opinión".

4) A respeito da sua própria poesia, temas e estilo, responde: "Es difícil y embarazoso responder a esta pregunta –nadie es crítico válido de la obra propia, y mucho menos de la poesía –creación sólo semi-consciente. Yo puedo decir mi poesía pero me es arduo decir algo sobre ella. No sé. Tal vez por el hecho de mi larga ausencia de la Tierra, primero en Castilla y después en el extranjero, haya tendido a ensanchar las fronteras temáticas habituales de nuestra lírica –por el influjo de estímulos ajenos. En lo lingüístico, eso sí, he tratado muy conscientemente de enriquecer el verbo poético –en el sentido a que antes de referí– esto es adaptando a nuestra peculiaridad expresiva giros, palabras y formas de estilo lusitanas. Empezando por adoptar la ortografía luso-brasileña para todos aquellos sonidos que nos son comunes e la base galaico-castellana de nuestra variedad lingüística. Esta novedad ya la preconizó el patriarca Murguía y otros como Correa Calderón la practicaron antes que yo. La ortografía presente del gallego es caótica y carece de base histórica o científica. La tarea más urgente de nuestra academia es la convocación (sic) de un congreso para la reforma e (sic) unificación ortográfica".
5) À questão sobre a sua trajectória como poeta e "intención de toda su obra en general y de cada una de ellas en particular, y proyectos que tiene de cara al futuro", responde: "No recuerdo a ciencia cierta cuando empecé a escribir poesía. Sé que cuando llegué a los E.E.U.U. en 1939 esa inclinación esporádica se transformó en una necesidad compulsiva. Por un fenómeno natural de expatriado fui al encuentro de mi infancia –y la lengua madre, nunca olvidada, apareció como otro imperativo ineludible. Nunca pensé en publicar hasta que Ramón Piñeiro, a quien un amigo común, Alberto Machado da Rosa, leyó un poema mío, me acució a salir al público. Así apareció Lua de Alen-Mar, mi primer poemario, editado por Galaxia en 1959. En él iba la recuperación y fijación lírica de mi niñez edénica en las Riberas del Sil. Después de esa catarsis apareció Rio de Sonho e Tempo, en 1963, colección a mi parecer de mayor hondura personal y artística, con sólo ocasionales evasiones pasadistas. En ambos he tratado de elaborar la tradición galaica a la luz de vivencias y formas universales. No sé si lo he conseguido. Tengo materia para otro libro pero es todavía solo materia –que aún no ha conseguido su forma inevitable. Ya veremos cuando madura".
6) À pregunta sobre se tinha experimentado a saudade por viver longe da Galiza e se "¿se refleja este particular sentimiento gallego en su producción poética?", responde: "Como acabo de decir, mi primer libro Lua de Alén-Mar es todo hecho de saudade inconcreta –y de concretísima morriña neoyorquina. Una de sus partes lleva esta epígrafe *Fiestra da Saudade* y el tema que permea (sic) todos los poemas es el goce doloroso del mal de ausencia, espacial y temporal –del verde paraíso perdido de la edad de la inocencia en la Tierra Matria".

Da Cal elimina uma pergunta, sobre tendências da poesia galega coeva e opiniões das mesmas, e recusa o oferecimento final de acrescentar valorizações respeitantes ao seu "quehacer poético o de la poesía gallega contemporánea".

Os dois poemas que gravou para esse programa foram "Rosario", de LAM; e "Rosalía –Perfil de sombra", de RST, frisando que esta última composição tinha sido premiada em Guimarães. Também juntava um extracto do seu currículo, e a resenha de Jacinto Coelho, de RST. No final fornece endereços de Anne Marie Morris, como lhe tinha solicitado Martínez Anido.

a alguns olhos como um intento de aplicar a estratégia de LEEQ para o CL galego: assim como Eça renovara a língua literária e ajustara-a para as necessidades do Portugal do século XIX a respeito dos modelos anteriores; ele propunha o mesmo para o galego, alicerçado no português, para ultrapassar a modelo vigorante, desactualizado na ortografia, e com as deturpações que se lhe acrescentavam pelo contacto com o castelhano.

A luta ortográfica que transparecia nestes pressupostos era assunto principal na preocupação do galeguismo da altura, quer de invididualidades quer dos grupos como Galaxia. Emergiam diferenças entre os defensores de uma aproximação ao português e aqueloutros que propugnavam o aproveitamento da alfabetização em castelhano. Através do contacto epistolar com Paz-Andrade Da Cal verifica como este advogado e intelectual se enfileirava na sua posição[206]; e um artigo de Carballo Calero evidencia

---

Em carta datada na Corunha, Ramiro Martínez Anido (6-II-1969) diz que "'Poetas de Galicia' está tocando a su fin cuando se cumple algo más de un año". Informa que participaram nesse programa "alrededor de 50 poetas", e que "Siento que hayan fallado algunos que viven en Sudamérica". Diz que o programa que lhe foi dedicado emitiu-se em 17 de janeiro. Informa Da Cal que "hace años" difundiam "Aquí Washington, a las 3,30 de la tarde".

Martínez Anido (10-II-1969), como Chefe de programas de Radio Nacional, avança que lhe fará chegar a gravação "al amigo Caldevilla para que la envíe"

Em nova carta, posterior, S/d, devolve materiais "salvo los poemas que me tomé la libertad de guardar para nuestro archivo". Diz que enviou tudo para Caldevilla.

Em carta posterior, Da Cal (21-IV-1969) questiona se o programa da *Voice of America* "Aquí Washington" não se emitia já na Galiza: diz que antes a sua mãe escutava a emissão em Vigo "pero desde hace ya más de un año esa estación tampoco lo transmite". Admite ter gostado do programa, embora sublinhe que "me apenó" que se não utilizasse nenhum dos dois poemas "grabados de mi propia voz".

Ramiro Martínez Anido (7-V-1969) indica que "*Aquí Washington* hace ya años dejó de emitirse por esta emisora por ajustes de programación" e justifica que "de 18 horas que teníamos de emisión hemos quedado en 3 o 4 al día".

Finaliza assim aquele relacionamento que supôs resgatá-lo como produtor literário na Galiza, onde não tinha publicado nada desde a edição de RST.

[206] Da Cal procurava um aliado em Paz Andrade, conhecedor da simpatia deste intelectual, advogado e economista pela causa do Galego-Português; um aliado de capital importância, pola influência que tinha entre a intelectualidade galeguista, que não avançava nesse direcção, como ele solicitara em LAM, RST e em outras ocasiões, como se indicou supra

a) Paz-Andrade (21-VI-1969) agradece a Da Cal "o seu luminoso libro", em referência a LEEQ. Lembra ter-se ocupado desse estudo dacaliano em *La anunciación de Valle Inclán* (ver supra), de que entregara exemplar à sua mãe. Manifesta a esperança de o conhecer persoalmente, e diz ter tratamento com um parente de Da Cal que trabalhava numa empresa de Vigo com a que tinha relação profissional constante. Estabelece-se assim um contacto em que Paz-Andrade procura a simpatia de Da Cal e oferece elementos para tentar a cumplicidade entre os dois.

b) Escreve de novo Paz-Andrade (10-X-1969) para Da Cal, como resposta à que dele recebera de 4-VIII-1969. Fala-lhe da recente morte do poeta brasileiro Guilherme de Almeida, a quem se refere como "afervoado galeguista do esprito, que morreu sen que a Galiza do esprito se decatara de canto perdemos". Informa-o de estar a passar uns dias com ele em Vigo Eduardo Blanco Amor "que lle profesa vella e fonda devoción". Há nessa carta ainda outros elementos de interesse: o anelo de se encontrarem no ano 1970 quando Da Cal visitasse de novo Galiza e que "na bagaxe da xeira veñan xa rematados os dous tomos finales do Eça, que completarán unha obra mestra da literatura galego-portuguesa"; e o seguinte parágrafo de Paz Andrade (Portela/Díaz Pardo, 1997:196): "Deixando a un lado o cativo merecemento do meu traballo

como este especialista, na altura já professor na USC e referência para assuntos de língua do Grupo Galaxia, estava na oposição àquele projecto[207].

---

sobre a lingoa, visto na sua carta coa ollada xenerosa demáis, non ten dúbida de que está no camiño certo en canto as posibilidades de fortalecimento e de expansión. O que non ten xeito é que sexamos poucos, antre a nosa xente de letras, con algunha contribución positiva a lle dar ao problema a sua verdadeira solución. Que sorte de cegueira pode aínda hoxe, co-a mellor intención, seguir pechando as portas do idiomas, abertas car-a sua máis grandiosa froración humán e literaria?. Cecais estamos diante do nô máis tolledor da cultura galega, aínda que moitos non teñan reparado n-el. Pouco poden os esforzos isolados pra lle dar outro alento a unha causa que demanda axuda de todos, mais eu teño por miña a obriga de santa teimosía. Agora recuncaréi no tratamento do problema n-unha parte que ten por título "La marginación de la lengua", incorporada ao libro "La Marginación de Galicia" que teño xa nas maos d-unha editora de Barcelona".

c) No final dessa carta de Paz-Andrade figuram estas letras de Eduardo Blanco Amor: "Querido Ernesto: eres un c., que lle escribes a tododiós menos a min, que che enseñei canzóns galegas, que te levei a Ortigueira e ao mar de Cariño, que te levo decote na memoria do corazón. Vivo -- ¿vivo?—en Capitán Cortés 43-Ourense. Eduardo".

Há, pois, cumplicidade na perspectiva de ambos, e simpatia, que acrescenta a mediação de Blanco Amor.

[207] A *Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque inclui em 1969 um contributo de Ricardo Carballo Calero, sob cuja assinatura aparece a indicação de "Cátedra de Lingüística y Literatura Gallega. Universidad de Santiago", intitulado "O galego que se escribe". Nele justifica as diferenças no uso gráfico do galego pela "liberdade" dos utentes. Trata-se de artigo esclarecedor pela informação valiosa que fornece e da qual merecem salientar-se diferentes aspectos. Afirma a respeito da situação da língua (Carballo Calero, XII:1969): "Hai que empezar no terreo da ortografía. É o máis facedeiro, e ao mesmo tempo o máis importante. O máis importante, porque asegura a identidade gráfica do idioma, a unidade da imaxe visual do mesmo, que é, naturalmente, o máis ostensible, e cuia ausencia resulta, pois logo, máis desacougante e feridora. O máis facedeiro porque neste campo temos avantado xa máis que noutro ningún. Hoxe, agás algún estravagante desvencellado do tempo e das circunstancias, todos empregamos a mesma ortografía, con lixeiras variantes. Compre, pois, codificar esta ortografía, deducindo as variantes a unidade, para que todo o mundo seipa escribir en galego. Téñase en conta que hoxe só un número limitado de alumnos universitarios recibe insino de galego no ámbito oficial. A maior parte dos galegos non son insinados a escribir a súa lingua, e uns poucos somente, desde hai algúns anos, asisten a cursos non oficiás de lingua galega. Se un sabio lingüista elaborase hoxe unhas normas ortográficas baseadas na fonoloxía do idioma, espúñase a que a inmensa maioría dos leitores, educados na ortografía castelá, non entendesen o que lían, anque aprenderan a lelo. Unha ortografía científica, que resultaría revolucionaria, é cousa de moita meditación, e, se se quer que prospere, de moita consulta e compromiso. Non se pode arbitrar con urxencia. E hoxe fannos falla urxentemente unhas normas oficiás que sexan de doada apricación. Na situación actual, a ortografía galega ten como supletoria a castelá. A realidade i[m]ponnos que partamos da ortografía castelá, que adoutemos esta ortografía no que non defira da fonética galega. Tradicionalmente vimos empregando determinados signos, que deben subsistir, para representar os fonemas galegos de que carez o castelán. [...] Unha modesta e sabia sistematización da ortografía usual é, pois, a misión que compre realizar á Academia Galega. [...] Non sería axeitado daquela un cientifismo aristocrático, nen un portuguesismo iñorante das diferencias fonéticas que hoxe afastan aos idiomas irmáns. Propomos un pragmatismo que aproveite, perfeicionándoo, o esistente, e que deixe para un futuro problemático a solución da problemática futura".

Esta posição de Carballo Calero indica diversos elementos a tomar em consideração para entender a situação do galego, um idioma testemunhal no que diz respeito do seu ensino; usado com total liberdade pela ausência de normas aceites; sem uma autoridade definida, pois enquanto a Academia Galega não resolvia, a cadeira da universidade delegava essa função. Cientes de que os tempos não eram favoráveis, declina-se uma intervenção a sério, que se deixa para o futuro. E há uma clara oposição para a aproximação do português. A afirmação "algún extravagante desvencellado do tempo e das circunstancias" no uso da ortografia podia ser dirigida também para Da Cal, por se difundir este texto em Nova Iorque, numa revista onde Da Cal precisamente defendera esse posicionamento favorável ao português e mesmo o levara à prática. Este artigo, em todo o caso, evidencia até que ponto havia luta e resistências muito sérias para com a doutrina de Da Cal, que conseguia adesões e simpatias no exterior, na periferia do galeguismo e sobretudo entre especialistas de Portugal e do Brasil, como se viu, mas não era aceite na Galiza pela elite cultural mais implicada na fortuna do idioma, o pequeno grupo que se

Enquanto na Galiza se mantêm as divergências, o posicionamento de Da Cal continua a espalhar-se no exterior. Assim o evidencia, aos 30 de Outubro, uma conferência proferida na Biblioteca Nacional do Uruguai por Gilberto Mendoça Teles, num ciclo promovido pelo Centro Galego de Montevideu, onde o professor, crítico e pesquisador brasileiro defende pressupostos alicerçados no trabalho dacaliano publicado em 1964 na *Luso-Brazilian Review*, utilizado como referência[208], e verifica-se como os especialistas o tinham em conta para falar da cultura da Galiza. A difusão numa revista como aquela da Universidade de Wisconsin servia para internacionalizar as suas teses.

No final desse ano Da Cal teve dois reconhecimentos pela sua produção literária no Brasil. Pode-se defender a hipótese de que fossem propositados, para preparar o lançamento da edição brasileira de LEEQ. Na revista *Tempo Brasileiro*, da mesma editora, Euryalo Cannabrava assinou o único trabalho que publicou na mesma, em que foca a poesia de Da Cal num trabalho de teor comparativo em que lhe oferece o máximo destaque[209]. E no *Jornal de Letras* difundiram-se duas composições dacalianas.

Em Dezembro de 1969, o *Jornal de Letras* de Rio de Janeiro publicou "Canto Quinto elementar" e "Paraíso da Memória". Na apresentação, após indicar que é professor na CUNY, afirma-se:

> Contudo, êste título não conseguiu apagar o galego empedernido, que se mantém fiel à lua de além-mar, constituindo, assim, um imenso rio de sonho e tempo. O seu livro – *Lingua y Estilo de Eça de Queiroz*— é considerado uma das maiores obras sôbre Eça, corrigindo as mutilações e pondo o escritor português no seu grande pedestal. Guerra da Cal é autor de dois admiráveis livros de poesia.

Este parágrafo sem assinar, lembra a apresentação realizada em 1965 por Eduardo Portella nesse mesmo meio. Os dois poemas serám incluídos em 1985 em *Futuro*

---

movimentava em redor da editora Galaxia, de que Calero era o máximo representante para questões sobre língua e literatura, e por isso apoiavam o seu labor na cadeira dessa disciplina na USC. Uma cadeira, por outro lado, que talvez se afiançasse com maior facilidade e tivesse menos problemas com as instituições do Campo do Poder Politico se partia de aqueles pressupostos que defendia Carballo Calero no artigo. Evidencia-se também como a estratégia de Galaxia era a de deixar a decisão sobre a ortografia para a RAG, instituição em que fora ganhando poder nos últimos anos e onde estava mais representada que na USC; buscava-se assim que a RAG fosse a máxima autoridade na língua, como acontecia com o espanhol e a Real Academia Española. Por isso, quando nos inícios da década de 70 surge o Instituto da Lingua Galega na USC e começa a impor a autoridade universitária para essa questão muda a situação de maneira talvez insuspeita em 1969, e levará a uma confluência entre essas duas instituições em que se imporá, já na década de 80, a doutrina do ILG (ver infra).

[208] O texto desta palestra conserva-se no Espólio EGC.

[209] O interesse em frisar Da Cal como produtor literário favorecia o funcionamento da tradução de LEEQ; e a revista apresentava também para os seus leitores Cannabrava, um produtor que não pertencia ao grupo que se movimentava em redor da Tempo Brasileiro, mas que era apreciado pela sua trajectória.

*Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes* (ver infra), com algumas variações[210].

Nos finais de 1969 a revista *Tempo Brasileiro*, dirigida por Eduardo Portella, ocupa-se de novo de RST, de que em 1965 publicara recensão Estella Glatt (ver supra). Nesta ocasião, o poemário resulta central para o ensaio de Euryalo Cannabrava[211] (1969: 57-78) "Comunicação poética: forma e ritmo vocabular"[212], que começa afirmando que Da Cal, "poeta e crítico" (Cannabrava, 1969: 57):

> soube captar a forma da canção galaica, submetendo-a a manipulações líricas que puseram a descoberto o conjunto de potencialidades da sua estrutura latente. É verdade que Guerra da Cal não esgotou mais potencialidades, mas o seu artesanato poético soube extrair o máximo de força expressiva, com o mínimo de esfôrço estilístico.
>
> A sua poesia brota de fontes imemoriais, conservando, na superfície das palavras, aquela pátina de sabor arcaizante, a que se associa o lastro drástico das imagens. Os versos curtos, em geral, comprimem o ritmo vocabular, reduzindo-o a dimensões moleculares, e reproduzindo efeitos sonoros de musicalidade intensa, na cadência gradativamente acelerada.

**É assim RST o ponto de partida, e o principal alicerce de Cannabrava para oferecer a sua doutrina sobre a comunicação poética, colocando privilegiadamente em diálogo Da Cal com o trovador J. Bolseiro e com García Lorca**, mas não só, porque também Martim Codax, Tolstoi, os críticos Vitali Nasarenko, Von Neumann e Donald Tovey, os escritores Piotr Palievski e Gerard Maley Hopkins, Marcel Proust, Celso Cunha, Cassiano Ricardo, Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto

---

210 No exemplar do *Jornal de Letras* conservado no Espólio de EGC só há uma emenda: no primeiro verso da última estrofe de "Paraíso da Memória", que apareceu grafado como "Poa" em lugar de "Por". Há alguma variação mais, pouco relevante. "Paraíso da memória" era um poema especialmente valorizado por Da Cal na altura, pois um ano antes fora já publicado na revista lisbonense *Colóquio*.

211 Cannabrava (20-VIII-1969) escreve para Da Cal: Informa que "Há mais de seis meses que completei o meu ensaio 'Aspectos da poética neo-galaica' e não tenho notícias da opinião de Da Cal", pelo que lha solicita de novo; fala da poesia de Da Cal em termos de "sua poética admirável", e diz no final que acabava de receber *Literatura del Siglo XX*.

Euryalo Cannabrava (17-IX-1969) encaminha nova carta para Da Cal: "O Afrânio Coutinho disse-me que você virá ao Brasil em fevereiro do outro ano. Somente assim terei a oportunidade de conhecer persoalmente a pessoa que admiro e já estimo como se fosse um velho conhecido", afirma, e num P.S., assinala: "Vou mandar o ensaio [sobre a poesia de Da Cal] para a revista que você me indicou".

Na HSA figura uma carta autógrafa de Da Cal para Cannabrava, mas que talvez não fosse nunca enviada, sem data, que deve corresponder a uma primeira reacção perante o artigo de valorização da sua poesia a que se refere esta epístola de Cannabrava. Nessa carta Da Cal reagia positivamente perante aquela elogiosa crítica poética e manifestava que esperava conhecê-lo talvez com ocasião do lançamento da tradução brasileira de LEEQ.

212 Este estudo figura no número duplo 19-20, dedicado a "Comunicação e cultura de massa", em que assinam também trabalhos o próprio Eduardo Portella, Luiz Costa Lima e outros da intelectualidade brasileira. É o único contributo de Cannabrava na revista: só aquela dedicação preferente por Da Cal, apesar de o não conhecer pessoalmente, e o texto prefacial da edição brasileira de LEEQ, favoreceram que fosse incluído nas páginas de uma publicação que se tornaria uma referência para a cultura brasileira do século XX.

aparecem neste ensaio para arvorar a sua teoria[213] a respeito do estudo da poesia, como fez com LEEQ para a sua teoria a respeito dos estudos literários em texto que nessa mesma altura se difundia com a tradução brasileira da LEEQ. A referência às "fontes imemoriais" coloca a Da Cal na esteira de uma tradição galaico-portuguese que ele assume. Este pesquisador brasileiro apoiava-se assim em Da Cal para difundir a sua doutrina crítica; e esse contributo puxava por Da Cal para posições mais centrais neste caso no CL, pela privilegiada relação que estabelece com Lorca e Bolseiro, nomes da Literatura Espanhola e dos Cancioneiros Galego-Portugueses internacionalmente reconhecidos. *Tempo Brasileiro* contribuia assim para a maior projecção de Da Cal.

Em 1969 **William Myron Davis defendeu na NYU a dissertação de doutoramento subordinada ao título *Neo-Troubadourism in Galicia, Portugal and Brazil*, um texto académico em que Da Cal tem muito importante presença**. É citado já nos agradecimentos, pelas sugestões e apoio para desenvolver o trabalho. Também é utilizado como fonte principal, e indigitado como um dos principais produtores do movimento investigado.

Davis utiliza o estudo sobre (Da Cal, 1958) "Glosas superficiais...", não segundo o original publicado por Galaxia no volume de homenagem a Otero Pedrayo, mas seguindo a tradução para espanhol difundida em Porto Rico anos mais tarde (Da Cal, 1960), sem fazer referência àquele primeiro texto. Esse trabalho dacaliano serve para sustentar muitas partes deste pioneiro estudo sobre o neo-trovadorismo (é citado em Davis X, XII, XIII, 9[214], 23, 37, 38, 103, 126, 166). O pesquisador norte-americano põe em diálogo cantigas de mais de 20 produtores dos Cancioneiros Medievais com

---

213 Analisa vários poemas de Da Cal e põe em destaque que, em RST (Cannabrava, 1969:59) "obtém, assim, com apurado manuseio, consonâncias, dissonâncias, aliterações, entrechoques vocálicos e consonantais que têm qualquer coisa de bárbaro e refinado, ao mesmo tempo"; e onde (Cannabrava, 1969:60) "a palavra 'rio' simboliza o fabulário das horas flutuantes, no bôjo dos anos e dos séculos". Acrescenta que (Cannabrava, 1969:61) "O que se observa, nas fontes em que se inspirou a poética dacaliana, se condensa em estilística de cunho e de expressividade folclóricas, mas de refinada estratégia na decisão estética. O que interessa pôr em relêvo, neste ensaio, são as determinantes dêsse lirismo galaico-português. E mais ainda, explicitar ramificações". Conclui que a estruturação depende da organização das sequências rítmicas e assim se verifica (Cannabrava, 1969: 65-66) "no cancioneiro medieval, transitando de Juião Bolseiro para os *Seis Poemas Galegos* de Garcia Lorca, e dêste para Guerra da Cal", oferecendo destaque para este produto lorquiano que, segundo assinala nesta mesma página foram "estilizados sob a assessoria técnica de Guerra da Cal". Analisa com destaque o poema "Hai só uha vida" e conclui que tentou demonstrar como era uma das finalidades principais da crítica, como campo experimental da estética, não emitir juízo de valor, nem se preocupar com teorias axiológicas ou metafísicas mas (Cannabrava, 1969:78) "ela se esforça por criar um vocabulário básico, onde figuram têrmos precisos pelo método, e exatos pela penetração analítica".

214 Nesta página faz referência a um artigo de Robert Penn Warren publicado na *Saturday Review*, em 22 de Março de 1958, amparando-se para isso no estudo dacaliano.

produtos do século XX. Da Cal encontra-se relacionado com Paio Gomes Charinho: a composição "A volta", de LAM, é comparada com (Davis, 1969: 24-27) a cantiga 429 do Cancioneiro da Vaticana, de Charinho, que começa "Ay Santiago, padrón sabido"; e as "Triadas a D. Paio Gomes Charinho" de LAM são colocadas em diálogo com (Davis, 1969: 32-36) o "Poema a António Machado" de Cecília Meireles e com uma composição de "Nao senlleira" de Bouza Brey. Ampara-se também nessa epígrafe na crítica de Helena Moura (1960) a LAM.

Põe em diálogo (Davis, 1969: 166-168) a composição "Cantar", igualmente de LAM, com Airas Nunes. Alude (Davis, 1969: 244) a "Cantiga antiga" de RST entre as de "Contemporary *Marinhas* and *Cantigas de Amigo*".

Em nota informativa, ao oferecer dados dos poetas de que se ocupa no estudo, apresenta Da Cal como (Davis, 1969: 266) "Professor, poet, critic. Lives in U.S.A. World authority on the style of Eça de Queiroz. Author in Spanish, Galician, Portuguese, English. Has written two works of verse in Galicia: LAM (1958) and RST (1962) [sic]".

Da Cal é assim objecto de estudo por um aluno a que orientava e que o colocava à par de produtores consagrados das literaturas portuguesa e brasileira, puxando pela sua maior centralidade como produtor científico e literário.

### III.2.3.7.-Assalto ao centro do queirosianismo: O novo discurso de *A Relíquia*, em 1970

Da Cal realiza em 1970 viagem ao Brasil, em que principiou o assalto ao centro do queirosianismo, com a defesa de um novo discurso sobre *A Relíquia,* que reiterará em Nova Iorque, Luanda, Lourenço Marques; e, em 1971, em Lisboa e em Coimbra. Contribuirá para banir uma forte resistência que suportava Eça por essa narrativa, indigitando-a de singular acerto já não só nos CL português ou ibérico, mas europeu.

A comunicação social brasileira reavivou o projecto de estudo sobre Machado de Assis e fez público o seu anelo de residir no Brasil ao se aposentar na CUNY[215]. Da Cal

[215] Os dois assuntos constam já em Janeiro no *Jornal de Letras* do Rio, na "entrevista especial" do director, Elysio Condé: A respeito da possibilidade de estudar Machado afirma ser "um projecto que acalento há muitos anos e venho me debruçando sôbre o grão mestre do romance brasileiro e universal. Julgo que o estilo de Machado de Assis, mais hermético e difícil de analisar e dissecar do que o eciano, está pedindo uma análise em profundidade". Diz ter sentido interesse pela literatura brasileira à par da portuguesa, e "considero-as autónomas e complementares –originalidade européia de um lado e americana do outro, formam um maravilhoso espelho de duas faces da presença universal da grande

desfrutou um ano sabático e o "The Council for the International Exchange for Scholars" ("State Department", Washington D.C.), concedeu-lhe um "Fulbright-Hays Lecture Grant", para financiar pesquisas relativas à Eça na Europa, o que o levará a Portugal, Galiza, Angola e Moçambique.

A intensidade da dedicação queirosiana fez que esse ano os projectos galegos ocupassem um plano mais secundário, mas **realizará alguma iniciativa de destaque, como a proposta de Otero Pedrayo para a HSA de Nova Iorque**[216], e manterá ligações com a intelectualidade galeguista[217], que se ocupa da sua produção[218].

---

literatura de língua portuguêsa; a galega, irmã menor, também faz parte". A respeito dos dois ciclos de conferências que esse mês ia proferir na UFRJ, assinala que numa delas focará "as quatro grandes revelações da ficção brasileira nos meios literários [dos EUA]: Machado de Assis, Erico Veríssimo, Jorge Amado e Guimarães Rosa". Indica que pretende aposentar-se ao cabo de sete anos e "nessa altura, os meus projetos são de residir metade do ano em Portugal e metade na maravilhosa terra de Santa Cruz, dedicando o resto de minha vida a contribuir, modestamente, para as letras luso-brasileiras. [...] Os brasileiros são a minha gente. Tenho elos de amizade fundamentais para minha vida neste país que adoro". Também fala de Lorca e aspectos biográficos e profissionais, indigitando-o de "grande figura galega, que [...] tanto trabalhou e engrandeceu a cultura mundial". Este jornal, referência para o CL brasileiro, prepara deste modo a presença de Da Cal e tenta favorecer o sucesso da mesma.

216 A iniciativa prosperou, e Otero Pedrayo (12-I-1970) reconhece: "Debo a Vd. a proposta e acollida do meu nome na Hispanic Society. Infindas graciñas".

217 Ramón Piñeiro (7-I-1970) informa-o da morte de Virgínia, esposa de Castelao, em Madrid.

Da Cal (26-IV-1970) recomenda a Paz Andrade o brasileiro José Honório Rodrigues que: "Foi a instâncias minhas que ele resolveu visitar a Galiza, em cuio movimento de afirmaçom cultural autóctone está vivamente interesado", afirma. Também indica os nomes de Piñeiro, Filgueira, Blanco Amor e Otero Pedrayo para que o atendessem e tenta acertar encontros com Paz Andrade e Otero com ensejo da sua visita a Galiza.

Piñeiro (9-VI-1970) comunicar-lhe-á que Honório não tinha aparecido, mas sim Agostinho da Silva e Machado da Rosa. Anuncia viagem aos EUA e esclarece desconhecer as causas "de que non recebes o GRIAL e demais cousas".

Assessorou Eduardo Blanco Amor, sobre um convite que lhe fizeram da Universidade de Albany, para ir dar um curso. Da Cal lembra na resposta Xavier Fernández como "viejo amigo y compañero de doctorado" da CU e que, além disso, era "de S. Clodio" e oferece as referências de Albany. Emergem nesta epístola os SPG de García Lorca, mas sem interesse para Da Cal, que anuncia a chegada a Lisboa em 3 de Julho e vê difícil poderem-se encontrar nos EUA, por ter projectada uma viagem a Europa "desde Julio a fines de Enero del año entrante. Tengo conferencias en universidades inglesas, escandinavas y alemanas, durante Septiembre y Octubre", com deslocação a Vigo em Agosto para ver a mãe. Refere-se à "viaje de conferencias al Brasil –que fue una delicia!" de pouco antes.

Eduardo Blanco-Amor (24-VI-1970) agradece a rápida resposta de Da Cal e afirma ter recibido a tradução de LEEQ, que valoriza: "Precioso libro [...]. Me acuerdo el goce de la edición coninbrigensis, tan rico y duradero. Siempre he deseado para mí el padrinazgo estilístico y ambiental de Eça […]. Mi "la catedral y el niño" está llena de él, mejor dicho de EL. Hace muchos años he publicado en La Nación de Bs. As. un falso reportaje: 'Mi pueblo y Eça de Queiroz', cuya traza era escandalosamente queiroziana, casi un pastiche, pero muy graciosa. Te lo voy a buscar"; trabalho este que Da Cal incluirá na *Bibliografia Queirociana*.

No verão, em Vigo, encontrou-se com Paz-Andrade, segundo confirmou a Blanco-Amor em carta que lhe encaminha em Novembro, em que lamenta não ter coincidido com ele.

218 Em 14-VI-1970 *Faro de Vigo* noticiou da nova edição do DLPGB. Assinada por L. (talvez Landeira [Yrago]), indica-se ter Da Cal coordenado a parte galega e de estar (L., 14-VI-1970:23) "siempre vinculado –no obstante la distancia— a nuestra cultura". Na Galiza difundia-se assim aquele produto, que internacionalizava com as suas sucessivas reedições a literatura autóctone.

Também se publicou *La marginación de Galicia*, em que (Paz Andrade, 1970: 91-122) se defendem posicionamentos semelhantes aos que assinalava Da Cal desde a década de 40 para o galego.

Também não descura a promoção do português nos EUA e segue com atenção as iniciativas que se realizavam, com implicação muito activa da fraternidade Phi Lambda Beta, a CUNY e outras instituições[219]. Mantém a ascendência no intersistema hispânico[220], em que se empenha em algumas realizações, por vezes relacionadas com pessoas do lusófono como Montezuma de Carvalho.

III.2.3.7.1.-Apresentado no Brasil como o maior especialista em Eça de Queirós e em Cervantes.

Da Cal tem duas intervenções na UFRJ, que finalizam com o lançamento da edição brasileira de LEEQ. Desde 1958-1960, aquando a fundação do Brazilian Institute na NYU, o Doutoramento Honoris Causa na Bahia e o a presença no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, quando também anunciou a intenção de estudar Machado de Assis, não tivera tanta centralidade brasileira.

Do 5 ao 15 de Janeiro **participou no "Seminar on American Literature and English Language"**, patrocinado pela Faculdade de Letras da UFRJ e a Fulbright Comission[221]. Proferiu duas conferências: a inaugural, "A Imagem do Brasil na Mente Norte-Americana"; e outra mais, intitulada "Brazilian Literature in the United States:

---

Inclui-se (Paz–Andrade, 1970: 103) um mapa onde se singularizavam Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Galiza, Guinea portuguesa e "otros territorios", afirmando que "en la escala de los grandes idiomas neo-latinos, al galaico-portugués corresponde el tercer lugar. Pero tras el inglés […] es también el tercer sistema lingüístico de las Américas", e assinalando que (Paz-Andrade, 1970: 105) "Si quisiéramos poner linderos al territorio lingüístico, básicamente uniforme, del gallego-portugués, tendríamos que situar el del Norte en Navia y el del Oeste en Corumbá, con el Atlántico en medio", indicando pouco mais para a frente que a comunidade falante (Paz-Andrade, 1970: 111) "se extiende desde el Navia al Paraná" e defendendo maior confluência com a língua de Portugal, de que também, afirma "saldría beneficiada la cultura hispana".

219 Num relatório datado aos 20-I-1970, Phi Lambda Beta dava conta das suas actividades desde o 1-1-68. O documento é enviado para Da Cal por Norwood Andrews Jr., da Universidade de Vanderbilt. O programa "Why Study Portuguese?" aparece muito citado, o que demonstra a actividade para atingir uma maior presença nos EUA**.** Da Cal implicava-se nessa estratégia. Na primeira das conferências que fez em Janeiro no Brasil referiu-se a ela, salientando esforços em 1964 da *Modern Language Association*; do Departamento de Espanhol e Português da Vanderbilt University, que organizou a *Vanderbilt Invitacional Conference on High School Portuguese* em Junho de 1967, e que favoreceu implantar aulas experimentais de português num certo número de High Schools; o papel da Fundação Calouste Gulbenkian, com a criação da Cadeira Gulbenkian de Estudos Luso-Brasileiros, no Queens College da CUNY, com amplo programa desde 1965; e a criação da Sociedade Nacional *Phi Lambda Beta*, organismo fraternal para promover a expansão cultural luso-brasileira na vida académica dos EUA, em 1966. Também se referirá a esse assunto numa entrevista finais de ano, na África (ver infra)**.**

220 Prova disso é a carta que lhe encaminha Sami Cömert (5-I-1970), hispanista turco, solicitando-lhe ajuda para escrever um livro sobre espanhol e *Literatura del Siglo XX*. Elisa Pierre (12-I-1970), da CUNY, responde-lhe comunicando que Da Cal se encontrava viajando no Brasil. Meses mais tarde, Cömert (22-V-1970) agradecerá a Da Cal o exemplar do livro**.**

221 O secretário executivo da Fulbright Comission no Brasil era Guilherme Figueiredo, um dos nomes principais do CL brasileiro e amizade de Da Cal.

Teaching, Research, Scholarship"[222]. Essa intervenção colocava-o em posição preeminente[223], como grande especialista no estudo da cultura do Brasil nos EUA.

Da Cal participava assim com o maior reconhecimento neste seminário, e a primeira das suas conferências será promocionada pela Embaixada dos EUA com a distribuição a jornais[224], o que demonstra o relevo que se lhe conferia para conseguir uma maior aproximação e influência no Brasil, onde tantos interesses tinham os EUA[225].

Do 19 ao 23 de Janeiro, também na UFRJ, **focou a centralidade de Cervantes no cânone da narrativa e a sua influência no intersistema lusófono**[226] **e apresentou a tradução brasileira de LEEQ**[227]. A comunicação social dedicou mais atenção a este

---

222 Destas duas palestras, a primeira foi publicada duas vezes na altura (Da Cal, 25 e 29-X-1970), e conservam-se várias cópias no Espólio EGC, com o título "O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos". Da Cal refere o interesse pela língua e pela tradição literária luso-brasileira nos EUA desde 1808, e a presença de ilustres brasileiros em universidades norte-americanas desde inícios do século XX, reivindicando "uma compilação metódica numa *Bibliografia Geral da Pesquisa Norte-Americana sobre o Brasil*, tarefa essa a que haverá que pôr ombros em breve". A segunda palestra deve corresponder-se com o texto "O Ensino do Português e das Literaturas Lusa e Brasileira nos EE. UU.", conservado também no Espólio EGC, em que revisitou os principais acontecimentos desde os inícios do século XIX, a 1970, e conclui: "Aqueles de nós que somos membros da geração veterana, a dos velhos combatentes vitalícios da batalha moderna em prol da causa da cultura luso-brasileira no Jardim de Academos norte-americano, olhamos hoje para o futuro com satisfacção e tranquilidade. Ele está garantido, viçosamente, pelas gerações de novos guerreiros que sairam –e continuam a sair—das nossas aulas –e que estão a espalhar-se pelo país [...] é talvez aquilo de que mais nos orgulhamos os velhos de ter transmitido aos novos –visto o Amor ser entre todas as formas do conhecimento humano a mais alta, a mais funda e a mais larga –e a mais nobremente duradoura". Nesta palestra reivindicava o seu labor, visando assim preparar o futuro que almejava no Brasil.

223 Neste seminário houve participação de destaque de representantes de universidades dos EUA, do Brasil e do Canadá; para além de música; filmes, e outros actos sociais e culturais.

224 Montezuma de Carvalho (27-XII-1970) enviou-lhe o *Jornal do Comércio*. Da Cal (31-XII-1970) assinala dessa referência "que me era desconhecida. Só sabia que a Embaixada americana tinha distribuido aos jornais a versão impressa pelos serviços culturais da mesma –e conhecia outra inserção, a do *Correio do Povo*, de Porto Alegre". No Currículo de Da Cal assinala-se que a Comissão para o Intercâmbio Cultural entre os EUA e o Brasil fez uma edição de 30 páginas deste estudo.

225 A respeito do impacte na imprensa brasileira, *O Estado de São Paulo* (Sem Autor, 16-I-1970) referenciou a palestra de Da Cal.

O *Diário de Minas* (Sued, 17-I-1970: 6) salientou que Da Cal manifestara não haver nos EUA "machadólogos, mas machadólatras". No Espólio EGC conserva-se um recorte que alguem lhe enviou, em que em letras vermelhas indica: "Isto é a glória, prezado amigo. Aqui não há consagração maior do que aparecer na coluna deste turco petulante", em alusão ao impacte social das crónicas de Sued.

Meses mais tarde na coluna social do jornal *O Globo* (Sued, 3-VII-1970), conclui da conferência o ter sido instalada em Manhattam "uma verdadeira religião: a Machadolatria". Sued aspirava a ingressar na Academia Brasileira de Letras, de que foi rejeitado anos mais tarde, de aí o interesse em destacar aspectos de Machado, o que também contribuia para popularizar o seu trabalho.

226 No Espólio EGC conserva-se um cartaz em que se anunciava esse ciclo de conferências, na Faculdade de Letras. Nele figuram mais de 90 assinaturas dos assistentes, entre eles docentes de universidades (Cleonice Berardinelli ou Leodegário Azevedo Filho), pessoas de destaque da comunidade portuguesa no Rio (Braz da Silva) ou da imprensa especializada (Elysio Condé); e alunado. Há também no Espólio EGC uma circular, na qual se indica uma quarta conferência, intitulada "Eça na tradição cervantesca", de que não existe constância.

227 Esta tradução era um velho projecto, anunciado onze anos antes (Sem Autor, XII-1958; ver supra). O *Boletim Informativo* nº 1 da editora Tempo Brasileiro avançava uma "Biblioteca de Estudos Literários", que se inciaria com a os *Anais do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária* e, na

ciclo de conferências, entre as quais proferiu por vez primeira a dedicada à narrativa *A Relíquia* como picaresca e cervantesca[228], e apresentou-o como o maior especialista em Eça de Queirós e em Cervantes[229] (Sued, 17-I-1970: 2; e Maurício, 29-I-1970).

Em 4 de Fevereiro, o Embaixador de Portugal, José Manuel Fragoso, participou num jantar em "petit-comité" em homenagem a Da Cal (Swann, 1970: 4) "espanhol, professor da Universidade de Nova York e um dos maiores estudiosos de Eça de Queiroz", segundo se informava na "Reportagem Social" do jornal *O Globo*.

Da Cal realizou estada de mês e meio no Rio (*Voz de Portugal*, 14/15-II-1970). Com ensejo de alguma visita à Academia Brasileira de Letras, ou nos contactos com membros desta instituição, deveu emerger a hipótese da sua designação para formar

---

continuação, a versão brasileira de LEEQ. Alicerçado nesse boletim apareceu referência na imprensa (Arroyo, s/d), conservada no Espólio EGC, e em que refere LEEQ como "celebrado trabalho" de Da Cal.

228 Do conteúdo destas conferências ver infra, com ensejo da sua polémica e publicação.

229 O *Diário de Notícias* do Rio (Sem Autor, 16-I-1970), informou que nos dias 19 e 21 as palestras seriam precedidas de filmes de temas hispânicos, obtidos através da Embaixada de Espanha; e incluiu notícias posteriores (Sem Autor, 21-I-1970; e Rezende, 25-I-1970: esta informa que "por ocasião da última, autografou a versão brasileira" de LEEQ). Talvez fosse quando "re-dedicou" LEEQ-1954 a Cunha, ao igual que a edição brasileira.

*O Globo* apresentou Da Cal (Sued, 17-I-1970: 2) como "a maior autoridade mundial em Cervantes e Eça de Queiroz".

O *Jornal do Commercio* do Rio indigitou-o de (Sem Autor, 17-I-1970) "consagrado nos círculos intelectuais brasileiros [...] por um trabalho universitário extremamente rigoroso e criador". Acrescenta sobre LEEQ que "A obra sôbre Eça, pela maneira como é focalizada, está fadada de um êxito completo e se reveste de particular significação para os estudiosos do grande romancista português".

Em 22-I-1970 o *Jornal do Brasil*, em informação intitulada "Eça redescoberto", cita trechos do texto introdutório de Euryalo Canabrava, e frisa a colaboração da editora Tempo Brasileiro e da Universidade de São Paulo na versão brasileira.

Esse mesmo dia, a "Vitrine de livros" de *O Jornal*, igualmente do Rio, apresenta LEEQ como (Souza, 22-I-1970) "obra clássica", frisando a editora, a apresentação de Cannabrava e a colaboração da Universidade de São Paulo e do seu Reitor, Miguel Reale.

*Diário de Minas* informou da próxima chegada de Da Cal a Belo Horizonte (Maurício, 29-I-1970) "para o ciclo do ouro e possível contato con escritores e intelectuais da cidade". Apresenta-o como "português que há anos reside em Long Insland, e que é considerado a maior autoridade do mundo em Eça de Queiroz e Cervantes", assinalando que "virá ciceronizado pelo escritor Euriolo (sic) Canabrava"

Muito especial atenção prestou *Voz de Portugal*, hebdomadário porta-voz dos interesses portugueses no Rio. Inclui (Sem Autor, 31/I-1/II-1970) comentário sobre as conferências queirosianas: "Temos vivido uma deslumbrada semana, na companha real, autêntica, aliciante de Eça de Queiroz", r acompanhados do "maior e mais encantador dos cicerones. [...] chama-se Ernesto Guerra da Cal, hoje, por universal aceitação e reconhecimento, a maior autoridade sôbre Eça de Queiroz, galego de nascimento, português de coração e de devoção queiroziana, professor da Universidade de Nova Iorque, um dos espíritos mais brilhantes e mais comunicativos que se nos depararam ao longo da vida. Muito falaremos ainda sôbre êle". No mesmo exemplar, é apresentado como (Braz da Silva, 1970) "mestre de larga experiência" e LEEQ: "no assunto, a melhor obra de consulta". A respeito da conferência sobre *A Relíquia* frisa que "procurou, com pleno êxito, provar-lhe o sentido picaresco. [...] durante hora e meia, discorreu fluentemente e com excepcional agrado. Prendeu a atenção e despertou reações naturais, ao salientar pontos de flagrante interesse e expressivamente. Saímos da conferência sob o signo de Eça. É ele, ainda, o fascinador, o mágico, o cativante escritor da língua portuguesa. [...] A mocidade que lá estava riu quando pressentia, nas palavras do orador, aquele jeito eciano incomparável, aquela malíci[a] irónica, tão vinculada aos maiores humoristas da língua e a eles superior. Os alunos –moças na maioria— de lápis em punho, copiavam, registravam, anotavam, fixavam pormenores e conotações".

parte da mesma[230], embora esta escolha não se confirmará. No entanto, a repercussão de aqueles dias ainda continuará.

Da Cal é indigitado de português, pois por causa do estado do campo uma pessoa que se dedicava àqueles interesses logicamente teria de ser portuguesa; mas ele consegue também aparecer como galego, e que se fale da Galiza e da sua literatura, que assim vincula com o intersistema lusófono.

III.2.3.7.2.-A recepção da tradução de LEEQ no Brasil.

A tradução de LEEQ de Estella Glatt ecoará no Brasil. Na comunicação social oferece-se destaque ao estudo, recomenda-se a sua leitura, e **Da Cal é indigitado como figura central do queirosianismo**. Como tinha contecido com ensejo da versão portuguesa, revigora o interesse por um estudo julgado de modelar.

Em 14-III-1970 no *Jornal do Commércio* do Rio de Janeiro, **Corrêa de Sá** qualifica a tradução de "grande livro". Queixa-se pela demora de 15 anos para esta versão brasileira, e salienta a "benemérita colaboração da Universidade de São Paulo". Afirma que Da Cal analisa o estilo de Eça "com um carinho sem par, capaz de desculpar o crítico dos rigores anatômicos com que disseca o autor", e com o "objetivo permanente" de "buscar, e demonstrar, a integração do autor na sua linguagem [...] para nos mostrar como se tornou possível a incomparável formação do estilista que mais seiva injetou na literatura portuguesa depois de Vieira". Assume e explicita muitas teses de Da Cal, faz comparativa Machado de Assis-Eça e, na parte final, refere a valorização de Eça de Queirós em *La Casa de la Troya*, de Pérez Luguín, livro "muito significativo para os que vivem na adorável Galiza", que leva a concluir Corrêa de Sá:

> Por sermos todos do mesmo nobilíssimo, nada mais natural e desejável que, via Portugal, o galego Guerra da Cal acabe se tornando também nosso. [...] Seja bem vindo, como todos os que, provindos daquela chuvosa, sentimental, encantadora província hispânica, tanto têm contribuido para fazer grande este país. Estendendo a nós o seu afeto pela cultura portuguesa, ele encontrará aqui, a começar por Machado de Assis,

[230] Assim se deduz de um relatório da altura, depositado na HSA, em que se indica que Da Cal fora eleito membro da Academia Brasileira "replacing Padre Serafim Leite, s. J.". Esse documento parece ser anterior a uma nota de Jean R. Longland, de 5-III-1970, em que se esclarece que Da Cal lhe oferecera uma "correction: He has not been elected to the Academia Brasileira de Letras. Foreigners can only be elected to corresponding membership. He has been assured by the President of the Academia that at the next meeting he will be elected to the seat vacated by the death of Corresponding Member Serafin Leite, S. J.". Essa mesma nota de Longland informa da estada no Brasil e de projectos.

Em III-1970 o boletim *The City University of New York Graduate Newsletter* informava que Da Cal "was elected a corresponding member of the Brazilian Academy of Letters during is recent visit to Brazil". Acrescenta ter participado na convenção patrocinada pela Comissão Fulbrigth e a UFRJ, na qual "Professor Da Cal presented the keynote address", e se desenharam projectos para o ensino.

> férteis pretextos para a sua investigação que, sendo rigorosamente de crítico, traz sempre a marca de um artista superior. Venha pois para o nosso convívio, que de amigos assim compreensivos estamos muito precisados.

Este comentário ajuda para a difusão de LEEQ. Talvez alguma informação deste contributo se devesse mesmo ao contacto directo com Da Cal. A referência à "adorável Galiza" reflecte uma simpatia antiga pela Galiza que permanecia na ideia de muitos portugueses e brasileiros, como aqui evidencia Corrêa de Sâ.

Em 19-III-1970, **Artur de Almeida Torres,** crítico e professor universitário, igualmente no *Jornal do Commercio* do Rio, afirma:

> Uma das características desse trabalho de Da Cal é a visão ampla com que estudou e pesquisou a produção literária do festejado estilista lusitano, desobrigando-se, para isso, de qualquer compromisso partidário com escolas ou correntes de crítica. Levando em conta que o artista criador concretiza as suas ideias e emoções através de rigorosa seleção dos recursos que a língua lhe fornece, recorreu não só à moderna Estilística, entendida como ciência do estilo, como também a outros meios que lhe pareceram valiosos para a melhor compreensão do fenómeno literário, uma visão mais ampla e mais profunda de conjunto.

Assinala ter ele próprio seguido "orientação análoga, embora de modo menos ambicioso" no estudo de Raul Pompeia. Refere-se a Da Cal como "ilustre" e "eminente crítico", e frisa "a sua admirável capacidade de intuir e empatizar". Cita Guy Michaud, apresenta os diferentes capítulos do livro, e conclui Torres aguardar "ansiosamente" o segundo volume de LEEQ "com o qual o atilado crítico completará os seus estudos sobre o imortal criador do Primo Basílio, realizando assim uma obra que não é só de paciência e sabedoria, mas também de carinho e amor"[231].

Em 2-IV-1970 **Renato Bittencourt**[232] publica no jornal *O Globo*, o trabalho intitulado "Arte é estilo", em que valoriza LEEQ como

> um dos melhores estudos no vasto repertório consagrado ao grande escritor. Opulento de ensinamentos, não cai no rigor pedagógico; erudito, nunca chega ao pedantismo; sutil na análise, nem por isso perde, no conjunto, a singeleza de tom. Assinale-se ainda, por extraordinário e raro, que em nenhum momento o crítico dá a impressão de se sentir superior ao autor que disseca.

Põe em destaque a consciência de Da Cal a respeito das limitações da crítica literária "com humildade de inteligência"; salienta que se ocupe do estilo de Eça, que não tinha sido bem estudado com anterioridade, e coloca numerosos exemplos de LEEQ,

---

231 Torres deixa constância da sua discordância com Silveira Bueno, pela crítica de LEEQ de (ver supra) 1956, onde assinalava ser "velharias" encontradas em Sá de Miranda e outros muitas das "pretensas criações de Eça" e ampara-se em Pierre Giraud para valorizar a perspectiva dacaliana.

232 No Espólio EGC conserva-se um recorte deste comentário. A pessoa que lho enviou escreveu na parte de acima da página, a mão, que "Este é o cronista mais 'Eça' do Brasil".

coincidindo com Da Cal no papel de renovador da língua do produtor português. Frisa que Da Cal "mostra como Eça soube dar um cunho eminentemente pessoal aos fatôres que marcavam a sensibilidade de sua época". Conclui ser "livro estimulante, proveitoso" e reprova "incorreções" na tradução que atribui "à negligência da revisão tipográfica". Valoriza acertos do trabalho literário de Eça, que colocam este produtor em posição superior a respeito de Herculano, Camilo ou Júlio Diniz, e compara com Flaubert. No artigo encontram-se duas significativas alíneas: "Revolução estilística" e "Perfeição da arte", assumindo o crítico brasileiro o discurso de Da Cal.

Entre Março e Junho publicaram-se[233] três entrevistas na imprensa do Rio de Janeiro com informações do maior interesse para conhecer a trajectória de Ernesto Guerra da Cal. A primeira delas, assinada por **Leonardo Jorge**, é certamente um documento jornalístico extraordinário e nada habitual, pois difundiu-se em oito entregas, em Março e Abril, com grande destaque. A coerência do discurso canonizador queirosiano é constante, tira proveito do seu método, a que por primeira vez reconhece singularidade, acrescentando novos dados e projectos, e evidenciando grande erudição. Insiste na necessidade de empreendimentos como a edição crítica, falando com convencimento. Por vezes parece como se Eça fosse Deus e ele o seu melhor exegeta[234]. Jorge oferece

[233] No mercado brasileiro publicou-se esse ano, em dois volumes, com ilustrações e 1.440 páginas de texto, a segunda edição do DLPGB, sob a chancela da Companhia Brasileira de Publicações. A nova edição para o Brasil demonstrava como funcionava aquele produto como repositório de referência; e para influir ainda mais, agora o título levava já de imediato a *Dicionário de Literatura Portuguesa* o termo de *Brasileira*, na vez de *Galega*, que passava para terceiro lugar. O novo discurso queirosiano de Da Cal também se espalhava privilegiadamente por este meio no Brasil.

[234] O artigo inicial (Jorge, 7/8-III-1970) referencia um encontro de Da Cal e António Pedro Rodrigues, na livraria Livros de Portugal, no Rio: Rodrigues, sem o conhecer, apresentou-lhe LEEQ como uma obra "profunda, completa, definitiva. Não deixa nada de fora, no estudo da língua e do estilo de Eça de Queiroz. Observa tudo, analisa tudo, espiolha tudo, com uma riqueza de pormenores e uma profundidade de conceitos, que nos estonteia e deslumbra". O encontro produzira-se no final da década de 50, em que Da Cal se lhe afigurou a Leonardo Jorge como "um homem a entrar na casa dos quarenta, amplo, alourado, de ampla testa em melancólico e irreversível crescimento e de vastas lentes denunciadores de um saber vasto [...] Até fisicamente, havia nêle qualquer coisa que denunciava uma presença queiroziana. Que seria? Mas, claro: era êle! –inteirinho, escarradinho, completo, o Príncipe de Grã-Ventura, o mosso amigo Jacinto [...] Falava um português corretissimo, mas o Antônio Pedro notou-lhe um certo sotaque estrangeiro, que não conseguia facilmente localizar no espaço. [...] o seu português era o de Portugal. [...] tinha doçura, havia naturalidade, quase espontaneidade na forma como fechava as vogais. O pensamento talvez fôsse tolo; viera-lhe, porém, de repente e definia, com feliz precisão, aquela fala, a um tempo estranha e familiar: era como um português, a falar português, tentando sotaque espanhol".

O segundo artigo (Jorge, 14/14-III-1970), intitulado "Testamento de Mecenas", reproduz a primeira e a última páginas do manuscrito queirosiano desse trabalho e refere como Da Cal o conheceu, por mediação de Rodrigues.

No terceiro, assinala-se (Jorge, 21/22-III-1970) a organização de um almoço entre os três, aquele Fevereiro de 1970, que originou a longa entrevista-reportagem. Descreve a sua impressão: "Corado, risonho, feliz, com mais testa e mais bigode, Guerra da Cal estava esplêndido, magnificamente,

jacinticamente esplêndido: muito menos 202 e muito mais Tormes". Fala-se da Galiza, lembrando os amigos brasileiros, a "Nota Prévia" de LAM, e Agostinho da Silva.

Os seguintes trabalhos são intitulados genericamente "Um Passeio a Tormes". Indica-se que os três combinaram para um encontro no Real Gabinete Português de Leitura para falar de Eça com liberdade e valoriza-se Da Cal como (Jorge, 28/29-III-1970) "o homem que melhor conseguiu, até hoje, pensar Eça com o coração, sentindo-o com a inteligência".

Recolhe-se o seguinte depoimento de Da Cal (Jorge, 4/5-IV-1970): "É evidente que Eça, como todo o grande clássico, resistiu a ação do tempo e ao elemento de caducidade que toda a obra, mesmo grande, leva dentro de si. Até em Cervantes, até em Sakhespeare há elementos de caducidade, que morreram com a sua época. Isto é evidente. Porque todo grande artista reflete, primeiramente a sua época, e depois, então, é que nele aparecem os valores que hão-de ficar fora do tempo. É isto que distingue um grande clássico dos que o não são. Como bem disse Pedro Salinas, um grande clássico é aquele que é capaz de apresentar, constantemente, a sua carta de atualidade intemporal". Frisa que Eça suportou maior oposição em Portugal que no Brasil e, em 1970 era "depois de Camões, o mais forte elemento de ligação". Refere-se à repercussão no mundo hispânico, para concluir: "Durante aquele período [entre 1890 e o fim da primeira Grande Guerra], a mocidade argentina, mexicana, chilena, venezuelana criou-se no estilo do Eça e o Eça passou a constituir um culto até ao ponto de que há ainda hoje muitas pessoas que imaginam Eça de Queiroz um romancista de fala espanhola". Isso apesar das "ínfamérridas traduções", acrescenta. Relata a tese da influência na Geração do 98 e no Modernismo hispano, num instante histórico em que, do ponto de vista cultural "Portugal realmente tomou a dianteira e marcou rumos à cultura espanhola". Julga que "Felizmente, o português vai hoje entrando no concerto das nações, graças às grandes revelações como Eça de Queiroz e Machado de Assis, figuras que, evidentemente, nada têm a invejar às maiores da Europa, em qualquer língua, embora eu saiba que as línguas são imperiais pelo poder dos couraçados ou da energia atómica —e não pelo poder interno que as culturas possam manifestar". Esgrime que Eça fora talvez mais traduzido que Camões, qualifica-o de "clássico imorredouro [...] um romancista que oferece uma validade para qualquer homem de qualquer latitude, em termos universais, ou melhor, em termos de condição humana. E eu, humildemente, julgo ter contribuido para tirar Eça do encerramento nacional, ou mesmo luso-brasileiro, ou ainda luso-hispânico, onde sempre foi reconhecido, a despeito dos detratores nacionais, dos inimigos gratuitos que ao festejar-se o centenário já se não atreveram a negar a sua validade". Diferencia o acontecido com Fernando Pessoa, cuja produção graças a "uma editora muito inteligente, como a Ática" e a colaboração da família já tinha edição crítica quase completa; e com Eça, "não temos sequer nem o início de uma edição crítica. Julgo que também vou contribuir para sanar esse mal, com a minha catedralícia, maciça e maçadora Bibliografia".

Na sexta entrega, ao ser perguntado sobre LEEQ, responde (Jorge, 11/12-IV-1970): "O livro alcançou êxito e mostrou-me que estava a trilhar o caminho certo. Não me filiei, para o escrever, às tendências da nova crítica, nem mesmo a Dámaso Alonso, por quem tenho, aliás, a maior das considerações. Há elementos de método na escola linguística espanhola com os quais não compartilho. Usei o meu método, que foi julgado novo pela crítica internacional e que já estabeleceu os seus alicerces", palavras que supõem, pela primeira vez em público até onde se pôde documentar no presente estudo, que Da Cal assuma a singularidade da sua metodologia; e avança o conteúdo da *Bibliografia Queirosiana*. Orgulha-se Da Cal de "ter sido o elemento impulsionador de estudos comparativos das obras do Eça, como, por exemplo, o que foi feito brilhantemente por Helena Cidade Moura" e anuncia investigações que orientava na CUNY, de "três estudantes doutorados americanos a preparar teses referentes a diversos aspectos da obra queiroziana [...] Não tenho a veleidade de afirmar que esgotei o assunto. Por certo, alguma coisa faltou. Há, por exemplo, no Instituto de Literatura de Moscou, uma carta do Máximo Gorki que não consegui ver. A prova da sua existência foi-me comunicada por Jorge Amado" [Esta informação, que referencia na BQ, assinala ter a sua procedência num depoimento de Jorge Amado. O próprio Amado (10/16-IV-1984) repetirá o dado anos mais tarde], e continuava nas gestões para consegui-la..

No penúltimo capítulo da entrevista refere-se à influência de Eça em produtores como (Jorge, 18/19-IV-1970) Rodrigues Miguéis, e a textos localizados por ele, como "O Tesouro". Assegura que Eça "ficou sempre muito acima dos seus modelos", ultrapassando Zola e Flaubert. Insiste na actualidade "intemporal" queirosiana por ter criado "elementos de eternidade" e opina que Eça: "Era um homem bom, dessa bondade latina, especialmente lusitana, que constitui umas das características essenciais dos costumes portugueses, dessa altíssima civilização do respeito mútuo, que Portugal transmitiu no Brasil e que fez com que toda a história deste povo se desenrolasse incruentamente. Todo o estrangeiro que chega a Portugal logo fica fascinado por esse tradicional carácter amorável dos costumes portugueses".

Na última entrega da entrevista surge o nome de um queirosiano do Rio morto recente, Arnaldo Faro e Da Cal, que o tinha conhecido pessoalmente e tinha conseguido dele ajudas para os seus estudos, faz

uma imagem muito favoravelmente impactante de Da Cal que, com 59 anos, era uma pessoalidade já assente e com prestígio consolidado para ele. Esta entrevista foi comentada pouco depois por **Fausta Herrera**[235].

Em IV-1970, no *Jornal de Ipanema*, publica-se entrevista de **Lilia Pandolfi**[236], que confirma a dedicação próxima de Da Cal a Machado de Assis, e assinala entre os seus planos o de adquirir um departamento em Ipanema[237] "para ficar mais próximo de todos meus amigos desta terra que tanto me atrai".

---

considerações a respeito da sua (Jorge, 25/26-IV-1970): "devoção queiroziana". Acrescenta que um dos grandes temas de Eça que pensava apontar e que não tinha sido posto em destaque pela crítica não era **o amor,** mas "a amizade"; e salienta igualmente a grande colaboração que lhe tinha oferecido Antônio Pedro para a sua pesquisa queirosiana, que fazerá constar nos agradecimentos da BQ (ver infra).

[235] Em 15-V-1970, Fausta Herrera escreve na *Folha do Norte*, de Belém de Pará, um comentário a respeito dos artigos de Leonardo Jorge. Herrera lembra as críticas ainda vivas contra Eça, e afirma "A validade da obra queiroziana, sentimo-la palpitante no cavaquear delicioso de Guerra da Cal, Leonardo Jorge e outros mas, principalmente dos dois primeiros, que nos fazem compreender a influência de Eça no mundo hispânico, como no mundo luso-brasileiro, Portugal e Brasil". Após comentário em que reproduz citações dos artigos de Jorge, Herrera conclui que Da Cal "nos dará em breve seu segundo volume sobre Mestre Eça, o que esperamos con ansiedade".

[236] A jornalista demonstra admiração pelo entrevistado, a quem assinala de "uma figura humana que supera qualquer tentativa de definição", afirmando que "trouxe o encanto da sua presença multivalente e a alegria simpática da sua espôsa Elsie". Lembra as conferências proferidas na UFRJ e ter sido "recebido pelos expoentes da Crítica e Literatura Brasileira: Eduardo Portela, Waldemar Cavalcânti, Celso Cunha, Leodegário Azevedo Filho, Antônio Chediak, Elísio Condé –todos amigos de letras e de muito coração". Relata Pandolfi que o casal Da Cal "—mundialmente querido e admirado— estêve presente nas escolas de samba, nos salões e na Avenida" e recolhe de Da Cal esta definição do Carnaval: "é um movimento erótico do ritual orgiástico baseado numa total castidade". A respeito dos estudos, recomenda "amor pela matéria" e "atingir um estágio de humanismo. E procuro dirigir minha ação neste sentido". A ideia da "obra de amor" que sublinhou na "Nota prévia" de LEEQ continuava assim presente no seu modo de proceder.

[237] Da Cal anunciara esta intenção numa entrevista que concedera ao semanário *Mundo Português* naquela altura, reproduzida em Março no *Diário de Notícias* de Lisboa, ao afirmar que "ao aposentar-me dividirei o meu tempo entre Portugal e o Brasil, duas expressões máximas do mundo cultural". O dar publicidade a este projecto, que se não confirmará, evidencia até que ponto acreditava na possibilidade de que poderia prosperar.

Nessa altura, em 14-IV-1970, Da Cal e a sua esposa Elsie escrevem carta conjunta para o Professor Leodegário A. de Azevedo Filho e mais à sua esposa Ilka. Exprimem a feliz lembrança do Rio e anunciam intenção de nova viagem em 1971. Elsie indica que valorizam mesmo a compra de um apartamento na cidade. Da Cal solicita de Azevedo Filho a "referência completa" de um trabalho para incorporar à "catedralícia *Bibliografia Geral Queiroziana*". A amizade com Azevedo Filho será frutífera.

Em carta que Da Cal encaminha a Eduardo Blanco-Amor, sem datar mas muito possivelmente de VI-1970 (ver infra), comunica-lhe estar "contando los minutos" que lhe restam para se aposentar, ao cabo de 7 anos, da docência, e o projecto de nesse instante passar meio ano em Portugal e outro meio no Brasil, entre a morada que têm no Estoril e mais um apartamento que pensavam comprar no "Rio (Ipanema o Leblon)" pois "Yo puedo hacer cursos cuando me apetezca en cualquiera de los dos países. Todas mis relaciones están en ellos y –fuera de Galicia. Mis vínculos con España son, en lo personal, inexistentes". Esse projecto, portanto, era muito firme na altura.

Em VI-1970 **Edilberto Coutinho** publica entrevista com Da Cal no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, intitulada "Livros: Guerra e Eça –Machado é mais difícil". Neste trabalho Da Cal é utilizado como modelo para o CL brasileiro[238].

Ainda no Rio, em 1970 aparecem os dois únicos volumes da colecção de obras completas de Eça editados pola empresa José Aguilar, ao cuidado de **Gaspar Simões e Helena Moura**. Moura faz referências a LEEQ, semelhantes às da edição de Livros do Brasil; não assim Gaspar Simões, o que reflecte a conhecida rivalidade.

Na Universidade de São Paulo, **Elza Miné** defendeu a Tese de Doutoramento, subordinada ao tema *As Crónicas de Londres e as Cartas de Inglaterra de Eça de Queirós (Uma visão crítica da Inglaterra vitoriana)*, na qual LEEQ aparece entre os estudos que a alicerçaram.

Em Porto Alegre, o juiz **Lenine Nequete** publica *Itinerário Poético de Eça de Queiroz*, com referências a LEEQ.

LEEQ mantém assim a referencialidade para especialistas e para novos queirosianistas e estudiosos que se aproximavam a Eça. A produtividade do estudo multiplica-se, favorecida pelas duas novas edições em língua portuguesa.

III.2.3.7.3.-O novo discurso queirosiano nos EUA, Angola e Moçambique.

Em 1970 publicam-se novos trabalhos de Da Cal sobre Eça de Queirós, em dois importantes respositórios dos EUA e em Portugal.

Na ***The Encyclopedia Americana,*** no último verbete sobre Eça em produções deste teor, apresenta-o como "Portuguese author, who was the outstanding master of the

---

238 Refere a visita recente ao Rio, indicando: "dedica-se agora a estudos que visam um levantamento de igual envergadura sobre Machado de Assis". Afirma Da Cal: "Julgo que o estilo de Machado de Assis, mais hermético e difícil de analisar e dissecar do que o eciano, está pedindo uma análise em profundidade". Coutinho admite ser Da Cal "o homem indicado para realizar o que propõe, aparelhado, culturalmente, e dispondo de bastante lazer [...] vai lançar-se a uma tarefa da maior importância para o prestígio da imagem cultural do Brasil no exterior". Explica Da Cal que o seu interesse pela literatura brasileira correu paralelo ao da literatura portuguesa: "considero-as autónomas e complementares [...] a galega, irmã menor, também faz parte". Na entrevista valoriza-se LEEQ como "uma teoria da narrativa, à luz do texto eciano, da maior importância em nossa bibliografia crítica, em meio à tão lamentada omissão ou falência da crítica estética no Brasil". Salienta-se a origem galega de Da Cal, o labor profissional e o facto de ser a sua residência "uma espécie de Consulado Geral da Amizade para os brasileiros que passam por Nova York. Inestimável o serviço de difusão cultural que êsse homem, desinteressadamente, vem fazendo em favor do Brasil", e julga também "inestimável serviço prestado ao ensino de letras no Brasil" a publicação de LEEQ, que para Coutinho era"Livro indispensável; e venha o Machado, mestre Ernesto, com a mesma fôrça criadora, que nunca está ausente da melhor crítica". Neste trabalho, o jornalista e escritor Edilberto Coutinho admite a ausência de um estudo sobre Machado do teor do realizado por Da Cal para Eça, realçando o interesse que para a cultura brasileira teria que o fizesse, e manifestando-se em favor da "crítica estética", cuja presença vê insuficiente no Brasil.

Edilberto Coutinho (1-VII-1970) escreve a Da Cal e fala da edição brasileira de LEEQ, que lhe tinha enviado E. Portella.

modern Portuguese novel". Após indicar dados biográficos e assinalar a sua pertença à Geração de 70, frisa que "Eça de Queiroz wanted to replace the oratorical, conventional, and (to him) hypocrital Portuguese tradition with a literature dealing realistically with the issues of life". Repassa as principais produções e, a respeito de *A Relíquia*, afirma que "a delightful picaresque story of cupidity and religious hypocrisy, he constantly intertw ines opposites –caricature and truth, crudeness and lyricism, irreverence and piety, fancy and reality", na linha da conferência que proferia esse ano sobre essa narrativa. Na assinatura do verbete é apresentado como autor de LEEQ.

Valorizando os contributos nos dous dicionários de literatura e nas quatro enciclopédias dos Estados Unidos em que colaborou entre 1947 e 1970, e onde Da Cal escreveu trabalhos específicos sobre Eça de Queirós, ou a respeito de Literatura Portuguesa [a: no *Columbia Dictionary of Modern European Literature* (1947); b: em *Colliers Encyclopedia* (1949-50); c: na *Encyclopedia International Grolier* (1963); d: em *European Authors* (1967a); e: em *New Catholic Encyclopedia* (1967b); e f: em *The Encyclopedia Americana* (1970)] obtêm-se, entre outras, estas conclusões:

1) Nos verbetes sobre Eça de Queiroz (a, c, d, e, f):

-Salienta a sua representatividade como um dos produtores portugueses mais canonizados: "mestre indiscutível do romance português" (a), "o mais grande romancista português" (c), ou "o mestre principal do romance português" (f). Em (d) e (e) apresenta-o como "romancista português".

-Fornece dados da biografia: nascimento na Póvoa de Varzim (em todos menos em c), formação em Coimbra e actividade no corpo consular português (em todos), e valoriza as crenças religiosas (e).

-Refere as relações com a "Questão Coimbrã" (a), Geração de 70 (f), ou Geração de Coimbra (d, e,). Só em c, o verbete mais breve de todos, não há alusões a grupos.

-Informa da sua adscrição ao Naturalismo (a, f) e ao Realismo (a, c, d, e, f).

-Manifesta que foi considerado "O Zola Português" (a, d, e, f), advertindo da injustiça deste juízo (a, d, e), pois valorizava que Eça de Queirós tinha ultrapassado o produtor francês e que os seus repertórios eram diferentes, não tinha havido seguidismo de Eça apesar das semelhanças que se tinham apontado.

-Põe em destaque o seu contributo para a renovação da prosa portuguesa e o seu estilo (a, c, d, e, f).

-Põe em diálogo Eça com Hoffman (a), Poe (a), Baudelaire (a), Heine (a), Flaubert (a, e, f), Bernard Shaw (a), Anatole France (a), Maupassant (a), Balzac (a, e), Dickens

(a), Thackeray (a), Renan (a, e), e D. Strauss (e); e com produções literárias como *Madame Bovary* (a, d, e) e *Fausto* (d,e,f).

-Assinala como principais produções *Prosas Bárbaras* (a, d, e, f), *As Farpas* (a, d, e, f), *O Crime do Padre Amaro* (a, c, d, e, f), *O Primo Basílio* (a, c, d, e, f), *Os Maias* (a, c, d, e, f), *O Mandarim* (a, c, d, e, f), *A Relíquia* (a, c, d, e, f) , "O Suave Milagre" (a, d, e), *Contos* (a, d, e), *A Ilustre Casa de Ramires* (a, c, d, e, f), *A Cidade e as Serras* (a, c, d, e, f), "Lendas de Santos" (a, d), *Últimas Páginas* (a, d, e), *Correspondência de Fradique Mendes* (a, c, d, e, f), *O Mistério da Estrada de Sintra* (d,e), "A morte de Jesus" (e), *Cartas de Inglaterra* (e), *Ecos de Paris* (e), *Cartas e Bilhetes de Paris* (e) e *Notas Contemporâneas* (e).

-Faz referência à sua influência em literaturas de outros países (a, e, f) e às traduções das suas produções para inglês e para outros idiomas (a, c, e).

2) Nos verbetes "Portuguese Literatura" (b,c):

-Na *Columbia Dictionary of World Literature* aborda-a exclusivamente a partir das transformações produzidas no terceiro quartel do século XIX, e a presença de Eça é mais central. Na *Colliers Encyclopedia* faz uma visão geral, desde a Idade Média

-No dicionário editado pola CU, ao se referir ao grupo de Coimbra assinala Eça como o tipo ideal da geração. Alude às Conferências do Casino, às polémicas das primeiras produções, e ao posicionamento a respeito delas de personalidades. Referencia a oposição de Pinheiro Chagas ao romance *A Relíquia* em 1987 e faz constar a tradução para inglês no ano 1925.

-Apresenta como principais vultos da Geração de Coimbra Quental em poesia, Eça na prosa e Oliveira Martins no ensaio histórico; e que o romance alcançou o seu apogeu nessa época com Eça. Na abordagem da primeira metade do século XX, afirma que o romance em Portugal estava sob a influência de Eça de Queirós, e assinala Aquilino Ribeiro como o mais consistente seguidor de Eça.

-Na *Colliers Encyclopedia*, relaciona Eça com a *Questão Coimbrã* e é apresentado como indiscutível mestre da ficção. Faz constar que, no romance, a sua influência continuou a se sentir no século XX, especialmente em autores como Fialho de Almeida, Abel Botelho e Aquilino Ribeiro.

Em todos os registos salienta a focagem estilística e comparatista, e o afã canonizador, mesmo aproveita o valor simbólico de produtores de outras literaturas em favor de Eça.

Oferece a máxima valorização dele como narrador, procurando uma apresentação atractiva, e frisa a sua actualidade e productividade como modelo.

São do maior interesse estes verbetes, pois contribuiram para a difusão da sua visão nos EUA[239] e no intersistema anglófono, pois esses compêndios circulavam no mercado de outros países de fala inglesa. Os consumidores recebiam assim a informação filtrada segundo a ideologia e interesses de Da Cal, para formarem-se a imagem e valorização da literatura e da cultura de Portugal.

**Também colaborou, em Portugal, no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João José Cochofel**[240]. Nele figuraram verbetes de Da Cal, sobre dois dos mais celebrados personagens da ficção queirosiana, "Acácio" e "Basílio", de *O Primo Basílio*[241]. Observa-se nestes contributos continuidade metodológica e canonizadora, ao enfatizar o bom trabalho literário de Eça na construção de personagens, e como fora reconhecido por esse labor[242].

---

239 No Espólio EGC encontra-se um trabalho de Rafael Bosch, em que este professor e hispanista, colega de Da Cal no Queens College da CUNY, se ocupava da tradução de LEEQ para português, mas que não se conseguiu confirmar na sequência da presente pesquisa onde se difundiu, talvez em alguma publicação dos EUA, como no ano anterior fizera com respeito à nova edição de *Literatura del Siglo XX* (ver supra). Valoriza Bosch nessa recensão que "Da Cal se interesa por el estilo como efecto del pensamiento y como arquitectura de la obra literaria o novelística, pero sobre todo como uso sutil del lenguaje para producir resultados expresivos y bellos que hagan la prosa especialmente literaria. Y este aspecto se manifiesta central y abundantemente en Eça, de modo que pudiera ser captado por una mentalidad no solamente analítica sino además poética, porque sin una gran sensibilidad poética hubiera sido imposible el descubrimiento y exacta valoración de tantos fenómenos que había que interpretar y sistematizar". Conclui Bosch que "la crítica ha señalado ya, con referencia a la edición en español, que éste es el mayor estudio con que contamos sobre el gran novelista portugués". Trata-se, em todo o caso, da única crítica em espanhol que lhe dedicam os seus colegas hispanistas nos EUA, o que contrasta com a receptividade do estudo de 1954, redigido em castelhano. Talvez fosse esperável que os hispanistas, como já se tinham pronunciado, não o fizessem de novo, por mais que Da Cal distribuísse a tradução, que não adicionava nada especialmente novo, como sim poderia ser com certeza a frustrada segunda parte do estudo.

240 Este projecto, muito ambicioso, começou a publicar-se em Outubro, em fascículos. Ficou incompleto. João José Cochofel (1917-1982) está ligado nas letras portuguesas muito especialmente através da colecção de poesia do Novo Cancioneiro, da qual foi um dos organizadores; e do movimento do neo-realismo. Serviu em cargos políticos e o seu nome (ver infra) ficou ligado a um importante projecto queirosiano. Neste empreendimento procurava emular o do *Dicionário de História de Portugal*, da mesma editora.

241 Em "ACÁCIO, Conselheiro" (pp.11-12; com uma gravura de página inteira na p.10) assinala esta personagem como "talvez o tipo satírico mais bem logrado de toda a obra queirosiana e revela a singular acuidade do A. para dar forma artística ao 'sentimento cómico da vida'". Afirma que nunca antes fora plasmada num tipo literário essa "espécie psicosocial", representativa "da imbecilidade grave e solene, e da vacuidade mental categorizada e respeitável", pertencente à "fauna social lisboeta". Para Da Cal, "esta caricatura, como personalização tipológica, atinge validade intemporal e universal". Salienta a iconografia e o léxico que originou, e insiste em argumentos semelhantes ao DLPGB.

242 Não tem a quase exclusividade sobre Eça, como no DLPGB, pois o projecto também é diferente. Nesse primeiro volume, da personagem Tomás de Alencar ocupou-se F. Castelo Branco; e de *Alves&C$^a$* e *A Capital* Maria Lúcia Lepecki e João Gaspar Simões, respectivamente.

Em 5-V-1970 **proferiu na CUNY, em português, a conferência sobre *A Relíquia*** (Sousa, 1970) que tinha oferecido no Rio de Janeiro, em acto organizado pelo The Luso-Brazilian Graduate Club e o The Gamma Chapter of Phi Lambda Beta.

Em Julho, Da Cal e a esposa Elsie **aterram em Portugal**. Descansam na morada familiar do Estoril, a Melrose, de onde **se deslocam à Galiza**. A ideia de uma gira europeia modificar-se-á por um deslocamento do casal a Angola e Moçambique, convidados pelo Governo português[243]. Eça e *A Relíquia* estarão presentes nessa expedição pela África portuguesa, e será como uma preparação para a grande disputa em redor dessa narrativa no ano seguinte.

Os Da Cal chegam a **Angola** nos primeiros dias de Novembro. O apoio do Governo propícia que a comunicação social se ocupe da sua estada: informa (Sem Autor, 7-XI-1970) que fora acolhido na Universidade de Luanda "que percorreu demoradamente" e de que "a convite do ministro do Ultramar [...] até 16 do corrente, a visita alargar-se-á a Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Moçâmedes, Lobito, Benguela, Lunda, Malanje e Cambambe, depois do que será feita pelo professor Ernest[244] Cal, em Luanda, uma conferência sob a égide da Universidade, aguardada já com grande interesse". Nas epístolas que escreve desde a África Da Cal reage com entusiasmo por ter ocasião de conhecer aquele mundo novo, em guerra contra Portugal pela independência. Comunica esta viagem a Rodrigues Lapa, quem em 11-XI-1970 confirma ter recebido postal de Angola; ou a Eduardo Blanco-Amor, a quem Da Cal (13-XI-1970) escreve em papel carimbado do "Grande Hotel da Huíla": indica-lhe que ao regressar da Galiza para Lisboa "me esperaba la agradable sorpresa de una invitación (dos, mejor dicho) de las

---

243 Leonardo Mathias (3-VIII-1970) assina uma "Informação de serviço" para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em que solicita se faculte a Da Cal a possibilidade de visitar Angola e Moçambique. O relatório apresenta uma imagem muito positiva, e vai acompanhado do curriculum de Da Cal. Afirma dele que "tem prestado à valorização e expansão da cultura portuguesa no mundo uma excepcional colaboração [...] No decurso de sua vida profissional, como professor catedrático, conferencista, congressista, encarregado de programas radiofónicos, etc. o Prof. Da Cal teria multiplas oportunidades de se referir à presença de Portugal no Ultramar e o seu profundo conhecimento da História e da Cultura portuguesas muito valorizariam o seu testemunho. Por conhecer de longa data o Prof. Da Cal e ter tido oportunidade de o ouvir a este respeito, sei do interesse com que tem acompanhado os assuntos relativos à política ultramarina de Portugal e como desejaria conhecer as nossas províncias de África" e conclui que "só haveria vantagem" em corresponder esse interesse.
Em 16-IX-1970 o Director dos Serviços de Informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros confirma a Da Cal ter-se marcado para o 2 de Novembro "a data da partida", indicando que as "competentes autoridades portuguesas" elaboravam o programa da visita a Angola e Moçambique, em que se incluiriam conferências sobre Eça de Queiroz.

244 Também no título da notícia aparece o nome grafado como Ernest, e o mesmo acontece na notícia que insire no mesmo dia o jornal *O Comércio*, da mesma cidade, o que faz concluir que o erro teve origem em nota oficial distribuída para informar do acontecimento. No entanto, em nova notícia, no dia seguinte, já figura certo Ernesto, e acrescenta-se estar acompanhado da esposa.

universidades de Luanda y Lourenço Marques para dar unas conferencias –y con esa invitación otra de Marcello Caetano para que aprovechase la ocasión y visitase las provincias de Angola y Mozambique, con Elsie, por el tiempo que quisiese, como huésped de honor del Gobierno". Perante essa perspectiva decidira anular conferências agendadas em Inglaterra, Holanda e Escandinavia, e acrescenta: "y vamos a estar hasta el día 26 de este mes. Tratados principescamente y viéndolo *todo*, lo bueno y lo malo sin cortapisas ningunas. Esto es tan extraordinario –un Brasil en gestación— que no se puede ni comenzar a tratar del asunto epistolarmente. Espero a nuestro encuentro próximo que ojalá no falle. Iremos a Vigo otra vez –para unos 6 o 7 días en la 2ª o 3ª semana de Diciembre. Ojalá puedas desplazarte alli. [...] Acabamos de volver de una visita de 3 días al maravilloso desierto de Namibe –nos ofrecieron un Safari, con noches de campamento admirables, rebaños de gacelas, caza de leopardos, antílope asado en churrasco –en fin Julio Verne o G. Salgari estarían satisfechos. Ahora vamos a volar al norte para ver las Cascadas del Duque de Bragança, las minas de diamantes de Portugalia en la frontera congolesa y el maravilloso museo de Arte Negra del Dundo – que es el mejor del mundo (perdona la similicadencia involuntaria). El día 19, después de mi conferencia en la Universidad (Sobre *A Reliquia*) salimos para Mozambique[245]".

O acto da conferência sobre *A Relíquia* foi anunciado em lembretes publicados na imprensa (Sem Autor, 17-I-1970) nos dias prévios. Em 19 de Novembro de 1970, o jornal *A Província de Angola* inclui fotografia de um instante da intervenção de Da Cal, indicando no pé que "O bem elaborado trabalho do conferencista foi escutado com grande interesse". Outras referências da altura assinalavam ter transcorrido a sua intervenção "perante uma assistência numerosa e interessada".

Também em **Moçambique** a sua presença será seguida com interesse pela comunicação social[246]. A presença de um conhecido aliado como Montezuma de Carvalho, na altura

[245] Pouco depois, Da Cal envia outra carta a Blanco Amor, sem data, em que lhe anuncia de novo a deslocação a Vigo e pede para se poderem encontrar em Vigo em 9 de Dezembro, pois vai ver à sua mãe e resultar-lhe-ia dificultoso ir até Ourense. "No quiero de manera alguna dejar de verte y de que conozcas a Elsie", afirma, ao tempo que lhe confirma que "El viaje a África fue fenomenal".

[246] Em 20 de Novembro, o jornal *Notícias*, de Lourenço Marques, publica entrevista com Da Cal. Salienta em titulares que o português era "a terceira língua ecuménica do mundo". Põe-se em destaque ter afirmado que "A civilização não é pôr um homem na Lua, é pôr um homem no lugar do homem". Salienta o sucesso das traduções de Eça nos Estados Unidos, na Rússia ou na Checoslováquia. Julga como "a grande lição portuguesa ao mundo" as potencialidades da "África portuguesa" e do Brasil; afirma que "só me sentirei realizado quando verificar que ela [a língua portuguesa, que já entrada nos padrões universitários norte-americanos] também faz parte nos estabelecimentos de ensino secundário de aquele país", colocando-se assim na primeira linha de trabalho para atingir o objectivo

em Lourenço Marques, a capital da colónia portuguesa, contribuirá para um maior destaque àquela estada, ao intervir directamente na imprensa para oferecer expectativa e interesse a respeito da sua intervenção.

Em 20 e 21-XI-1970, o jornal *A tribuna*, de Lourenço Marques, publica o "Elogio do escritor galego Ernesto Guerra da Cal"[247], de Joaquim Montezuma de Carvalho. Nas primeiras linhas afirmava-se que Da Cal "no dia de hoje, pela primeira vez pisará a terra quente e generosa de Moçambique", o que indica a ideia do autor de publicá-lo como recebimento. Salienta o labor como poeta, ensaista, professor e embaixador de destaque de Portugal e do Brasil em Nova Iorque[248].

Em 22-XI-1970 publica-se entrevista com Da Cal no jornal *Notícias* da Beira, dessa cidade, assinada por A. Caetano de Sousa, e com fotografia em que se encontram entrevistador e entrevistado, para além da esposa deste, Elsie Allen da Cal. Espelha importantes tomadas de posição do entrevistado e representa um documento de relevo para conhecer a sua ideologia quer sobre assuntos respeitantes à sua profissão, quer sobre a política e a vida cultural em geral. Alude mais uma vez ao racismo, preocupação nele de tempo atrás. Da Cal fala com a visão de uma autoridade científica num grande país como os EUA, sem os problemas de luta pela independência como na altura estava empenhada grande parte da sociedade moçambicana, um conflito que em todo o caso conhecia de preferência pela imagem que podia chegar aos EUA filtrada pelas agências noticiosas internacionais, para além dos contactos, restritos pela atenção que lhe prestavam os membros da Administração portuguesa na colónia, que pudesse

---

que perseguia a Fraternidade Portuguesa dos EUA (ver supra). É assim um depoimento com certa ambiguidade a respeito do colonialismo português.

247 Datados aos 18-XI-1970, o texto publicou-se em dous dias. Este mesmo trabalho editou-se no *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, no número 164-165 correspondente a Julho/Dezembro desse ano, como prefácio ao texto da conferência.

248 Sublinha como o seu pai, Joaquim de Carvalho, apoiou a edição de LEEQ pela UC. Deste ensaio queirosiano, valoriza: "Como galego o prof. Da Cal teve a soberana astúcia de deitar abaixo o cretino e rígido conceito de realismo e de libertar das suas masmorras o génio transcendente de Eça de Queiroz. Devemos a Da Cal um Eça português, um Eça feito de sonho e realidade, um escritor que antes de mais nada foi um temperamento e um temperamento nutrido pelo afã de ver nas coisas mais do que as coisas. E, sobretudo, um português lírico por ser um saudoso, um homem que preencha vazios com a febre de esperança desesperada, melhor, da desesperança esperançada". Afirma divergir de Da Cal em só uma coisa: "quando afirma que a troça, a ironia de Eça são profundamente lusitanas". Refere ser o lar de Da Cal em Nova Iorque "já conhecido como o Consulado-Geral da Amizade Luso-Brasileira". Afirma ter-se inteirado de quem era por um comentário elogioso que dele fizeram Concha e Isabel García Lorca. Refere ainda a tradução de Langston Hughes realizada por Da Cal; indica que ao se aposentar da cátedra na CUNY pensava dividir o tempo entre Portugal e o Brasil e "pretende estudar Machado de Assis como estudou superiormente Eça de Queiroz", e finaliza elevada valorização e "Louvor de Moçambique a tão grande visitante". Além de como cientista valoriza-o como produtor literário, afirmando que os teus alunos ianques já perceberam que não podes deixar de ser galego".

ter estabelecido aqueles dias sobre o próprio terreno. As suas palavras espelhavam uma solidaridariedade geral para com o homem, um reconhecimento dos valores próprios de aquela terra, frisando angariar simpatias, mas sem compromisso no testemunho a respeito de uma situação que não conhecia bem, pelo ostracismo que impunha o poder político português a respeito da situação de repressão, e que igualmente não se ia permitir, pela censura, que se divulgasse[249].

Em 23-XI-1970, **o jornal *Notícias*, de Lourenço Marques, publica o poema de Da Cal "Canto quinto elementar"**. Em nota introdutória indica-se ser tirado o texto da revista *Colóquio*, de 1965, e apresenta o autor como "professor e homem de letras". A sua poesia difundia-se assim no continente africano.

Em 24-XI-1970 publica-se uma entrevista com ele no *Diário de Moçambique*, da Beira, com um fotografia em que aparecem ele e mais o entrevistador (cuja assinatura não aparece no trabalho), sob o título "Orgulho-me de ser uma espécie de S. Paulo na introdução da língua portuguesa nos Estados Unidos"[250].

---

[249] Trata-se de trabalho jornalístico com o máximo destaque, com manchete a cinco colunas. Da Cal fala da sua profissão, da literatura, de assuntos gerais sobre a civilização e a actualidade, da visão da África, num documento biográfico certamente de interesse. Informa da situação na CUNY e do repto da implantação da língua portuguesa nos programas não universitários dos EUA. Admite conhecer "mal" a literatura moçambicana, mas que se iria preocupar pelo seu estudo, o que evidenciava um reconhecimento da mesma, singularizada da portuguesa, e ao respeito indica: "Interessa-me mais e mais porque estou vendo nestes projectos de países uma consciência que já implica a existência de uma literatura que, fatalmente, pelas próprias circunstâncias determinantes e diferenciativas deste mundo, terá de ser uma literatura em língua portuguesa, mas tão diferente da Metrópole como é hoje a brasileira, como é o romance baiano do gaúcho". Dos escritores em língua portuguesa vivos manifesta a sua "preferência por Jorge Amado e Ferreira de Castro". A respeito das diferenças entre Angola e Moçambique, adverte que "A aculturação (em Moçambique) vai-se tornar mais complexa. Porque em Angola é apenas o africano e o europeu. Aqui entram outros elementos que vão tornar a miscigenação ainda mais rica". Apesar do forte conteúdo literário da entrevista, o grande manchete que a intitula é: "A nova geração está alienada da sociedade que herdou porque está longe de satisfazer as apetências do homem", ideia que se repete duas vezes no próprio texto. Da Cal esclarece essas palavras sublinhando estar baseada a sociedade "no princípio de lucro, no princípio do desenvolvimento económico de fazer do homem –tanto no comunismo como no capitalismo—uma entidade principalmente produtora, susceptível de ser submetida a estatísticas e definida em termos de rendimento e de lucro é uma sociedade que está longe de satisfazer as apetências essenciais do homem [...]; aquele equilíbrio que há entre o mundo interno e o externo e que se pode chamar tranquilidade, o que seria, talvez, a única forma de felicidade, ou, pelo menos, de não ter demasiada infelicidade –a única felicidade que o homem pode atingir".

[250] Explica nesta entrevista como progrediu o ensino do idioma após a II Grande Guerra Mundial, como uma das línguas, junto da chinesa, a russa, a japonesa e a indi que "a política e a diplomacia necessitavam muito delas". Informa nesse lugar que, nos EUA, "Felizmente o Português está estabelecido no ensino superior. Mas resta-nos agora a missão de o introduzir nos liceus e escolas primárias, pois os estudantes chegam à Universidade sem qualquer preparação". Salienta os apoios do Governo português e da Fundação Gulbenkian, e refere-se ao desenvolvimento de Moçambique e de Angola, que qualifica de "fantástico". A entrevista refere ainda que a presença de Da Cal e a sua esposa devia-se "a convite do governo"; salienta condecorações recebidas no Brasil e em Portugal e as publicações LEEQ, LAM e RST, indica a ser "Natural da Galiza" e que se deslocava "a Cabora-Bassa,

Em 25-XI-1970, no jornal *A tribuna*, Joaquim de Montezuma de Carvalho escreve extenso artigo "a propósito" da conferência de Da Cal sobre *A Relíquia*, agendada para esse dia na Sociedade de Estudos de Moçambique. Apresenta-o como

> um dos mais categorizados hispanistas da América do Norte, um dos mais lúcidos escritores da Galiza e um dos mais brilhantes mestres que a cátedra ibérica tem dado, o prof. Ernesto Guerra da Cal. Um mestre de literatura que também é criador e não só intérprete de literatura. Um homem bem enraízado nos problemas vitais da Iberia. E, acima de tudo, o escritor que melhor conhece Eça de Queirós.

Montezuma de Carvalho coloca já assim Da Cal no centro do queirosianismo e adianta-se a esse reconhecimento em Portugal[251].

Esse 25 de Novembro Da Cal ofereceu a conferência sobre *A Relíquia* na sede da Sociedade de Estudos de Moçambique, em Lourenço Marques[252]. Finalizava um episódio biográfico certamente relevante, pelas vicissitudes favoráveis que nele aconteceram, pessoais e académicas, pois ter proferido mais duas vezes a conferência sobre *A Relíquia*, esta vez perante público português, e a boa receptivade conseguida, supunham um primeiro contacto de privilégio antes de se enfrentar, em breve já, com os grandes queirosianos de Lisboa e de Coimbra, onde dará a batalha definitiva em favor da restauração desta narrativa queirosiana, tão cara para si, com a qual tentará cerrar um novo discurso canonizador sobre este produtor e sagrar-se como o máximo especialista

---

seguindo depois para o Norte, para visitar a ilha de Moçambique e Nampula", pois a visita ao Parque Nacional da Gorongosa fora cancelada por causa da adversa climatologia".

[251] Tenta dar atractivo à conferência e salienta a dificuldade do método de Da Cal. Insiste no difícil do assunto escolhido como tema da conferência, sublinhando que a intervenção dacaliana será "a lição dum grande mestre da literatura e da hispanidade. Os Himalaias também são vencidos". E acrescenta: "Felizmente que o mestre Da Cal, um nome na estilística, não se deixou enfaixar nos estreitos redutos da estilística, ou da crítica histórica positivista. Está atento, sobretudo ao fenómeno de que uma literatura aponta para a averiguação da intimidade e do sentido da vida como sujeito histórico. Está atento aos conflitos da história, ao ser real mais do que ideal, à conversão dos símbolos em categorias vitais. E por aqui é que o seu génio, pressinto-o, irá buscar o velo de ouro dos parentescos ocultos. Julgo que será aqui que cimentará por que "A Relíquia" é picaresca e cervantesca, isto é, peninsular além de portuguesa. [...] Só Da Cal, com a transcendência de seu saber, nos dirá. Que ninguém perca uma só das suas palavras. Esta tarde ficará famosa na história intelectual da Moçambique".

[252] Desse acto informou o *Notícias*, em 26-XI-1970: indica que a sala estava "completamente cheia"; e para além do apresentador do conferencista, Montezuma de Carvalho, na mesa de honra estavam o presidente da entidade organizadora, engº João Fernandes Delgado e mais o Doutor Carlos Soveral. Este último proferiu umas palavras, segundo as quais "a exposição do prof. dr. Guerra da Cal constituiu uma autêntica lição sobre Eça de Queirós, numa nova dimensão sobre o extraordinário romance que é *A Relíquia*, o qual, segundo o conferencista, tem sido muito traduzido nos países eslavos, transformando-se rapidamente em 'best seller'". Após um resumo da conferência, a crónica finaliza indicando que "A terminar o seu brilhante trabalho, o prof. dr. Guerra da Cal disse ainda: *A Relíquia* é uma triunfante ilustração da supremacia da Arte sobre a Vida. Por isso vive e viverá como tenra, risonha e melancólica sátira das ilusões humanas".

Em 27-XI-1970, o *Notícias* publicou breve nota informando do seu regresso no dia anterior, acompanhado da esposa Elsie. Indica essa informação, sem assinar: "À partida o prof. dr. Guerra da Cal afirmou-nos ir maravilhado com o que viu em toda a província, onde afirmou existir uma autêntica democracia humana, a 'única democracia verdadeira que conduz à paz e ao progresso'".

e estudioso dele, ocupando o centro do queirosianismo, como se verá[253]. Não descura também na África a ocasião de se apresentar como galego, e assim o recolheu a comunicação social, e de sublinhar a pertença da Galiza ao intersistema lusófono.

III.2.3.7.4.- Contactos nos campos do poder político e universitário em Portugal.

De regresso a Portugal, Da Cal prepara as duas últimas intervenções em que propagará a nova visão da narrativa *A Relíquia*, em Janeiro de 1971. Será o instante da luta com Gaspar Simões em que ia começar a ultrapassar o veterano crítico e a colocar-se no lugar central dos estudos queirosianos porque tanto se tinha batido, e trabalhado.

Aos 7 de Dezembro, do Estoril, Da Cal dirige cartas a Joaquim da Silva Cunha e Rui Patrício, ministros do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros de Portugal. Nas duas agradece as atenções que tinha recebido na viagem por África, e as atenções para com ele e a esposa de diferentes serviços, autoridades locais, e da Universidade de Luanda e as suas Escolas Técnicas[254]. Comunica nessas epístas que se toma a liberdade de enviar

[253] Consequência dessa viagem, Edith Arvelos, poeta africana, envia-lhe 3 poemas, para solicitar opinião, datados em 1970 e pede-lhe que: "na esperança de que me envie um dia cinco minutos do seu tempo e da sua paciência, na forma duma crítica dura, devida à sua imensa autoridade".

[254] Na epístola para Joaquim da Silva Cunha indica Da Cal: "Percorremos Angola desde o Dundo até ao deserto de Mossâmedes e Moçambique desde Lourenço Marques até Nampula e Vila Cabral. Tudo nos foi mostrado sem qualquer restrição –desde as instituições de ensino, públicas e privadas, e os organismos oficiais e instalações e vivendas de construção mais recente até às cubatas indígenas mais humildes rurais e suburbanas. Tive, portanto, ampla ocasião de verificar e apreciar horizontal e verticalmente a magnitude da obra civilizadora de Portugal em África, tanto passada como presente. Obra essa que, na minha opinião, terá indubitàvelmente uma positiva projecção futura no Continente e no mundo. Como humanista que sou –por pendor de espírito e por dedicação profissional—os aspectos que fizeram um mais vivo apêlo à minha atenção foram aqueles que têm a dizer com a problemática de acção dos homes sôbre o homem; sem por isso deixar de me interessar na acção do homem sôbre a natureza e sôbre a matéria inerte. Apesar da rapidez inevitável dos meus contactos humanos, a impressão que nìtidamente se desenhou no meu espírito é que a sociedade que Portugal estabeleceu e está a desenvolver em África –como a que estabeleceu no Brasil—se alicerça na tendência tradicional e espontânea do povo luso para construir formas harmónicas de convivência colectiva, que partem da aceitação natural das diferenças físicas ou psíquicas da espécie humana, e da funda convicção cristiã da igualdade e dignidade de todas as almas. O ritmo de desenvolvimento administrativo, institucional e económico é tão palpàvelmente evidente que não é necessário ser especialista nesses campos para avaliar a sua rica realidade hodierna e as suas consequências no porvir".

Na epístola a Rui Patrício, acrescenta: "O presente –e o futuro—daquela parte de Portugal é do mais empolgante interesse, e a lição que ela nos oferece do caldeamento duma sociedade "luso-tropical" cimentada em formas comunitárias de vida dum íntimo contacto racial, com todas as suas consequências bio-culturais, terá, forçosamente, que ser reconhecida como uma alta contribuição portuguesa para um mundo mais nobremente humano. Por outra, quem tiver a capacidade de emoção histórica não pode deixar de admirar a saga gloriosa, que essas terras africanas vivamente documentam, da descoberta e revelação do continente pelos navegadores portugueses. E ainda mais, a proeza inigualada dos grandes exploradores e soldados que na época moderna confirmaram e asseguraram com capacidade e heroismo épicos a presença de Portugal em África. Os nomes de Mousinho, Serpa Pinto, Capelo Ivens, João de Almeida, Norton de Matos, e tantos outros civilizadores, crescem ainda mais gigantescamente quando evocamos a sua acção no teatro das suas façanhas –realizadas de maneira assombrosa sem a abundância de recursos de poder humano e material das outras potências colonizadoras".

cópia das mesmas para o Presidente do Conselho, Marcello Caetano, com quem unia a Da Cal havia anos o interesse comum em Eça de Queirós. São cartas em que não há discordância antisistema. No entanto, não fez depoimento público em que transparecesse aquela valorização a respeito da realidade das duas colónias visitadas, como talvez anelasse o regime político, que com certeza veria com o maior agrado a divulgação do conteúdo de aqueles escritos em entrevistas jornalísticas ou por outros meios[255].

III.2.3.7.5.-As comemorações da Geração de 70 como estratégia para renovar o CL e influir no Campo do Poder Político português.

Aquele ano, diversos grupos das esferas opositoras da sociedade portuguesa ao régime da ditadura tentavam comemorar o centenário da Geração de 70. As actuações renovadoras das pessoas que havia cem anos anos iniciaram em Coimbra a defesa de uma modernização de Portugal com ideias mais progressistas e consoantes ao que acontecia na França como referente europeu de maiores avanços e conquistas de direitos eram um espelho em que visavam se visse o Portugal da altura para tentar uma reforma semelhante. Destarte, uma actividade cultural procurava consequências para a substituição das formas consolidadas da ditadura, com atitudes mais democráticas. As iniciativas do grupo coimbrã um século antes contribuiram para dar cabo à ordem da Monarquia e instaurar a República, agora o objectivo era uma democracia.

O regime do Estado Novo português ressentia-se da oposição interna, mas sobretudo pelo desgaste da guerra colonial. Aquele debilitamento, com consequências económicas e políticas, queria-se acentuar combatendo o autoritarismo vigorante e colocando os alicerces para um maior diálogo e abertura social. Entre as pessoas que trabalharam para atingir essa finalidade encontrava-se Machado da Rosa, empenhado numa campanha, iniciada anos antes,[256] em favor da celebração condigna de aquele

[255] Da Cal não viajou com condições, como parece ser era regra em concessões e favores de aquele teor por parte do régime político português. Essa é a impressão manifestada por Joaquim Montezuma de Carvalho, quem em Lourenço Marques observou que a sua atitude era mais de aproveitar a deslocação para conhecer paisagens, gentes e realizações, de grande atractivo para ele, pela novidade, alheio para qualquer compromisso. Montezuma, em entrevista pessoal, mesmo aponta a hipótese de Da Cal querer verificar in situ se as asseverações de Eça sobre as províncias portuguesas, defendendo nos seus escritos que fossem vendidas, tinham razão. Este professor e jurista diferencia nesta questão a atitude de Da Cal a respeito de outros visitantes convidados pelo regime da ditadura portuguesa, que sim se manifestaram depois publicamente, com opiniões favoráveis para os interesses do poder político da ditadura.

[256] Um depoimento central da campanha foi a entrevista publicada no *Diário Popular* em 19-III-1970, assinada por Jacinto Baptista onde lhe dedicam as páginas 1, 2 e 13. Nela aparece um destaque intitulado "As letras luso-brasileiras nos Estados Unidos", no qual se resenham umas declarações de Da Cal ao semanário *O Mundo Português*, do Rio de Janeiro.

acontecimento. Numa entrevista ao respeito, no *Diário de Notícias*, ao relatar a "confortante lista de adesões", refere Da Rosa (Carlos Pinto Coelho: 4-VI-1970): "Entre os portugueses, atrevo-me ainda a incluir um insigne filho da Galiza e mestre de queirosianos, Ernesto Guerra da Cal, que nada me prometeu até agora (por culpa minha), mas que não deixará certamente de juntar, aqui em Portugal, a sua voz à dos outros participantes nas comemorações". Da Rosa acertou: no final de aquele ano Da Cal fez parte de uma comissão, **em Coimbra**, para organizar a efeméride do centenário da Geração de 70 (*Biblos*, Sem Autor, 1970: 672), designada pelo Senado Universitário em 5 de Dezembro. Conformavam-na também os doutores Aníbal Pinto de Castro, Manuel Lopes de Almeida e Álvaro J. da Costa Pimpão. **Da Cal participou nas comemorações e** proferiu a conferência sobre *A Relíquia*, em Janeiro (ver infra).

*A Relíquia* era actualidade[257] aquele ano em Portugal, e a palestra favorecia mais o regresso para o primeiro plano da narrativa queirosiana ainda mais polémica.

III.2.3.7.6.-Montezuma de Carvalho, mediador queirosiano e no intersistema hispânico.

O encontro pessoal com Montezuma de Carvalho em Moçambique continuará nesse ano com mediações de aquele aliado para o avanço dos estudos queirosianos de Da Cal, e para a difusão da sua metodologia e produtos.

Nos finais de 1970, Da Cal agradece a carta que o escritor e crítico venezuelano José Nucete-Sardi lhe tinha enviado, por sugestão de Montezuma de Carvalho, em que se referia a assuntos respeitantes à pesquisa queirosiana. Confirma Da Cal que incluirá o artigo dele na *Bibliografía Queirociana* "que estoy ahora cerrando con más de 7.000 fichas en 21 lenguas", um dado que demonstra como avançava o trabalho, mas evidencia que ainda restava quase a metade mais dos verbetes para a conclusão. Interessa-se por produtos de Nucete e envia-lhe a tradução portuguesa "que es mejor que la brasileña" de LEEQ "que como queiroziano fervosoro que es Vd. (así lo confiere su magnífico artículo) talvez pueda interesarle". Um interesse que se confirmará, com efeito, pois o produtor venezuelano divulgará o estudo dacaliano no seu país (ver infra).

[257] Entre outras questões pela sua adaptação para teatro. Nesse Verão (Chorão, 20-VIII-1970) Artur Portela Filho alicerça-se nos estudos de "Ramalho, Fialho, Unamuno, Vergílio Ferreira e Ernesto Guerra da Cal, que procuraram captar a essência do humor queirosiano" para a adaptação para o palco.

Portela Filho também se manifestara sobre o assunto em Março desse ano, no artigo "Eça é que Eça", no *Jornal do Fundão*, no qual cita o artigo sobre *A Relíquia* do DLPGB.

Montezuma de Carvalho (27-XII-1970) enviou para Da Cal notícias queirosianas, para contribuir na elaboração na *Bibliografia Queirociana*. Diz que "Espero o texto da conferência aqui dada para sobre ele escrever para Brasil e México".

Da Cal (31-XII-1970) reclamou de Montezuma de Carvalho mais colaboração para a bibliografia de Eça, solicitando novos dados. Agradece-lhe o envio de materiais de imprensa, entre eles um "In Memoriam" sobre Jiménez de Asua, a quem se refere como

> pessoa extraordinária, mais um espanhol 'del exodo e del llanto' que morre no degredo e que era uma figura altíssima por tantos conceitos e que de facto conheci pessoalmente durante os meus anos de estudante revolucionário em Madrid –1929-1931— e depois durante a República. Ele e eu éramos muito amigos das filhas de Hernández Catá, Sara e Ubaldina".

Também *A Relíquia* aparece nessa correspondência: Da Cal afirma que "não sabia a lamentável notícia do roubo do exemplar de *A Relíquia* com as notas marginais do Camilo", de que o informara Montezuma. Confirma-lhe que ao regressar aos EUA "vou começar a pôr em andamento a publicação do filme do Lorca. Já escrevi à Society comunicando a extraordinária notícia –e o nosso projecto". Estas últimas palavras eram respeitantes ao filme de Lorca realizado pelo uruguaiano Enrique Amorín, que Montezuma procurava salvar com a ajuda de Da Cal, por se tratar de um singular testemunho sobre o poeta andaluz; um projecto de que já tinham falado (ver supra) e que frutificará enriquecendo os arquivos da HSA (ver infra).

III.2.3.8.-A luta pela canonicidade de *A Relíquia* e pelo centro do queirosianismo em Portugal, em 1971.

Da Cal começou 1971 com uma recepção oficial por Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros de Portugal[1]. O encontro com aquele político, também estudioso de Eça de Queirós, representava um reconhecimento público pela dedicação em favor da cultura portuguesa. Depois de tantos problemas com o salazarismo no tempo da NYU, agora chegava-lhe aquela aceitação.

Nos primeiros dias de Janeiro proferiu em Lisboa e em Coimbra a conferência sobre *A Relíquia*, emergendo a luta pelo centro do queirosianismo. A partir desse instante começará a triunfar a tese dacaliana: deixou de questionar-se essa narrativa, pela que tinha sido condenado Eça de Queirós desde o século XIX por causa de preconceitos morais, e quebrava-se aquela resistência que tanto empecera os interesses da sua canonicidade. Em Portugal e no estrangeiro vingará cada vez mais a metodologia e o discurso de Da Cal, que acrescenta assim a sua centralidade, ao tempo que avança na redacção da Bibliografia Queirociana, o produto que o consagrará.

Em Fevereiro, após finalizar a estada na Europa e na África, Da Cal reincorporou-se às aulas na CUNY (Sem Autor, VI-1971; e Andrews, IX-1971: 572)[2]. Os reiterados sucessos atingidos no queirosianismo fez com a continuidade dos estudos sobre o produtor português fossem principal prioridade aquele ano[3].

---

[1] Desse encontro noticiou a imprensa (Sem Autor, 5-I-1971) no dia seguinte. No Espólio EGC há um exemplar do livro *Cartas de Eça de Queiroz aos seus editores Genelioux e Lugan. 1887 a 1894*, de Marcello Caetano, dedicado, mas sem data. É possível que Caetano lho entregasse na altura, com ensejo da recepção oficial que lhe dedicou. Da Cal valorizou positivamente esse trabalho.

[2] O *Boletim* do Programa Fulbright-Hays (Sem Autor, VI-1971) informa de ter recebido Da Cal, a quem define de "lusófilo de nomeada e bem conhecido nos meios literários portugueses" como bolseiro no curso 1970-71, o que lhe possibilitara uma estada de três meses em Portugal "para proceder a investigações com vista à publicação dos segundo e terceiro volumes da sua obra sobre a Língua e Estilo de Eça de Queirós, assunto em que é reconhecida autoridade e que o ocupa há largos anos". Cita como pontos centrais as conferências em Angola, Moçambique e Portugal, informando de a do Grémio Literário lisbonense ter sido precedida "de um jantar a convite da Direcção, e constituiu uma excelente oportunidade para homenagear o nosso bolseiro, que proferiu uma notável lição". Inclui fotografia desse jantar, com a intervenção de Da Cal no instante de agradecer "as manifestações de apreço com que o Grémio Literário o distinguira".

Andrews (IX-1971) noticiou em *Hispania*, frisando que lhe foram outorgadas ajudas da CUNY e da Fulbright para se deslocar a Portugal e investigar para os volumes segundo e terceiro de LEEQ.

Nos EUA ecoava assim o sucesso da estada em Portugal e da conferência sobre *A Relíquia*, ao tempo que se reconhecia a sua autoridade no lusitanismo.

[3] Assim faz saber a dois veteranos docentes e aliados no mundo universitário dos EUA.
Pelo Natal retribui felicitações de **Rubia Barcia**. Afirma estar "feliz", no novo matrimónio e fala de vários projectos: anuncia ter comprado um pinhal com Elsie "para cando eu me retirar –deica 4 anos e meio—e neste ano vamos comezar a botar os alicerces da nosa nova casa que está nuha aldeia bucólica –a

Na Academia Brasileira de Letras ocuparam-se dos seus estudos, por mais que não se confirmasse a sua eleição como membro da instituição, como se tinha anunciado. Emergem igualmente dados de interesse respeitantes ao seu relacionamento com García Lorca, e atinge reconhecimento pela produção literária. Na Galiza publica-se esse ano *Gallego 1*, um método de aprendizagem para o ensino da língua elaborado pelo Instituto de la Lengua Gallega dependente do Departamento de Filología Románica da USC criado nesse mesmo, que supõe a primeira intervenção de uma actuação que se manteve no tempo e que (López-Iglésias Samartim, 2008) "nega a unidade linguística galego-luso-brasileira e mostra-se partidário dum desenvolvimento autónomo da língua galega baseado nas realizaçons fonéticas dessas falas populares [que por mandado estatutário tinha a encomenda de estudar] e, de maneira secundária a tradiçom literária". A intervençom deste Instituto influirá decisivamente nos anos seguintes nas iniciativas da Real Academia Galega e do Grupo Galaxia, bem como na concepção da relação com Portugal e com o cânone ortográfico e morfológico português (veja-se ao respeito, além desse trabalho de López-Iglésias Samartim, e o posterior deste mesmo produtor de 2005, os contributos de Torres Feijó: 2000 e 2005).

III.2.3.8.1.-*A Relíquia*: obra maior do Realismo europeu em que Eça adiantou estruturas literárias do século XX.

Da Cal proferiu a conferência "*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco" em 8 de Janeiro, no Grémio Literário de Lisboa, perante muito público, e de que se ocupou com destaque a comunicação social (Sem Autor: 8, e 9-I-1971; Tavares Rodrigues: 20-I-1971; além da polémica com Gaspar Simões n'*O Primeiro de Janeiro*)[4]. Apresentou-o Jacinto do Prado Coelho.

---

5 minutos da vila de Cascais e a 30 minutos de Lisboa"; indica estar finalizando a *Bibliografia Queirociana anotada* (sic) que publicará a UC e "xa tenho contrato para a versión portuguesa, com a 'Ática', de Lxa."; indica a próxima edição da conferência sobre *A Relíquia* pelo Gremio Literário, e afirma: "trabalho ativamente no vol. II do Eça". Também se refere à viagem "fenomenal pelas Áfricas, Angola e Moçambique –a convite das Universidades de Luanda e Lourenço Marques –por iniciativa do meu velho amigo o Marcello Caetano".

Em 11-II-1971 informa a **Lloyd Kasten** da viagem a Europa e a África, e dos projectos queirosianos. Entre Da Cal e Kasten haverá novos contactos, com a *Luso-Brazilian Review* como tema de fundo, perguntando aos 24-III-1971 o professor de Wisconsin se haveria possibilidades de colaboração da Fundação Gulbenkian com aquela publicação.

[4] Em 8-I-1971, ***A Capital***, o ***Diário de Notícias*** e o ***Diário Popular*** noticiam que o Grémio Literário inaugurava um ciclo sobre o centenário das Conferências do Casino da Geração de 70, apresentando Da Cal como "apaixonado admirador e perito competente en Eça de Queirós".

Em 9-I-1971, ***O Século*** destacou como, na apresentação, Jacinto do Prado Coelho "lhe enalteceu a obra de ensaísta e poeta", indicando que, no final "seguiu-se um debate em que se versaram diversos pontos de vista sobre este tema apaixonante [o da recepção do romance pela crítica lusófona e a

Na conferência[5] atacou a crítica tradicional queirosiana na procura de um discurso canonizador renovado. A sua intervenção visava quebrar resistências que persistiam respeitantes a esse produto, que provocava ainda controvérsias entre os críticos. A palestra representou um elemento marcante para a sua posição no CEL e, em especial, no queirosianismo. Nela[6] referiu-se à nova estética iniciada n'*O Mandarim*, que transparecia no lema d'*A Relíquia* e que (Da Cal, 1971: 7) "vai determinar as estruturas romanescas fundamentais de *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e as *Lendas de Santos*". Resume o argumento do romance, publicado em 1887, remetendo a sua génese para 1879 ou 1880. A seguir, inicia a contestação da tradição da crítica luso-brasileira, a qual (Da Cal, 1971: 10-11)

> Tem-se manifestado como negativa e desvalorizadora do romance —e, aparentemente desnorteada, mesmo nos queirozianos mais argutos, que parecem não saber que atitude tomar perante ele, afirmando numa inexplicável ambivalência, a inferioridade e a altíssima qualidade da obra. Pelo contrário, os críticos de fora do perímetro cultural da língua portuguesa sempre apontaram *A Relíquia* como uma das mais altas criações do romancista luso —e uma das obras mais originais da ficção moderna.

Da Cal delimita o campo de jogo e as regras. Critica que vigorassem pressupostos defendidos em 1889 por Pinheiro Chagas, representante dos posicionamentos mais conservadores, quando rejeitou o romance para o "Prémio D. Luiz I". Assinala (Da Cal, 1971: 12) que o problema deve colocar-se no plano literário "único ao qual ele pertence", não deslocá-lo para outros, como fizeram alguns críticos. E tece um discurso que conecta *A Relíquia* com a melhor tradição ibérica, ao tempo que lhe serve como argumentação contra os que tinham acusado Eça de "francesia e estrangeirice".

Insiste em que a crítica estrangeira (Da Cal, 1971: 12) "desde bem cedo sublinhou a atrevidíssima originalidade deste romance queiroziano". Mas também os leitores portugueses, que dissentiram dos críticos e favoreceram que o romance resultasse o mais editado de Eça; para

---

perspectiva de Da Cal], que o conferencista desenvolveu com intenso brilho e extraordinária vibração, estabelecendo-o de modo inteiramente original". O ***Diário de Notícias*** de Lisboa referiu a apresentação de Coelho, que evocou a amizade e colaboração entre os dois e valorizou LEEQ de "'indagação estilística renovadora e modelar' e que, completado com um segundo volume consagrado a aspectos estilísticos mais amplos, técnicas narrativas, etc., e por uma exaustiva bibliografia queirosiana, constituirá o maior monumento erguido até hoje pela crítica literária ao autor de 'Os Maias'", apontando-o "como paladim da literatura e da cultura portuguesas, em que vê o prolongamento da sua 'pátria chica' a Galiza". Salientava o jornal que "O orador foi muito cumprimentado, no final da palestra". O ***Diário de Lisboa*** noticiou em termos semelhantes, frisando o contraste na valorização da narrativa queirisoana entre a crítica lusófona, que a valorizava "medíocre e até fraca" enquanto "os estrangeiros a consideram um dos mais altos monumentos literários e uma maravilha de estilo". ***A Capital*** apresentou-o como "O ilustre especialista galego, a quem a cultura portuguesa deve assinalados serviços", indicando alguns pontos da conferência. ***O Primeiro de Janeiro*** recolheu a "brilhante dissertação" dacaliana, indicando que, no início, o conferencista lembrara como um ano antes falara de Eça naquele mesmo lugar D. Maria de Eça de Queirós.

Em 9-I-1971, o jornal ***Notícias***, de Lourenço Marques, informava da palestra, indicando ser repetição da proferida dias antes na capital moçambicana.

[5] Um estudo mais desenvolvido sobre esta conferência encontra-se em Gômez (2003 [2006]), trabalho especificamente dedicado a este assunto.

[6] Cita-se segundo a edição do estudo realizada em Lisboa pelo Grémio Literário (Da Cal, 1971).

além do mais traduzido. Na análise do produto salienta que, dos cinco capítulos, os I e II e os IV e V apresentam (Da Cal, 1971: 14) "a unidade temática e argumental dum romance picaresco, modelado no tipo clássico espanhol do género dos séculos XVI e XVII", como tinha advertido o crítico francês V. Larbaud em 1941, embora a produção de Eça de Queirós apresente claras diferenças. No entanto, compartilha diversos elementos como (Da Cal, 1971: 15) "o típico desdobramento do ponto de vista narrativo característico da picaresca". Em *A Relíquia*, Eça não pretendeu a verosimilhança, como de forma errada interpretara Pinheiro Chagas e continuavam a afirmar críticos lusobrasileiros. Julga como grande erro de Chagas e desses críticos ver *A Relíquia* segundo os cânones do Realismo e não reparar que se trata de uma fase posterior. Afirma que na estética do grotesco desta produção, Eça (Da Cal, 1971: 19) "bordeia e anuncia o expressionismo do século XX" além de ver na (Da Cal, 1971: 19) "desaforada deformação" da personagem da Titi um "antecedente claríssimo do chamado esperpento de Valle-Inclán". Valoriza, pois, Eça como adiantado a seu tempo, e reprova a crítica lusa por não o ver assim e insistir em posicionamentos para Da Cal passadistas e retrogradantes**.**

Sublinha *A Relíquia* como (Da Cal, 1971: 21) "romance picaresco de luxúria", que "deriva para o plano supra-nacional, filosófico, de validade universal", o que explicaria o sucesso das traduções. Divergência capital entre Da Cal e os críticos luso-brasileiros é a respeito da visão sobrenatural da personagem de Raposo na sua viagem aos Santos Lugares, com um salto retrogressivo de 19 séculos. Esse episódio tinha constituido um dos principais argumentos de Chagas para rejeitar o romance. Ele julga (Da Cal, 1971: 31) "opinião irreflectida afirmar que essa viagem ao passado seja sonhada"; pois esse "incidente sobrenatural" trata-se (Da Cal, 1971: 33) de um elemento "que lhe dá extraordinário e original destaque dentro das reconstruções do passado tão freqüentes na época (tais as de Gautier, Flaubert, Petrucelli della Gattina, etc)" ao não ser o protagonista contemporâneo com o mundo que apresenta. Para além de que a versão de Raposo-Eça da Paixão de Cristo, divergente das Escrituras, ao defender a "narcotização de Jesus, que teria assim planejado com os seus discípulos a própria Crucifixão para fingir a Ressurreição" (na linha de Petrucelli della Gattina) se situaria (Da Cal, 1971: 35-36) em antecedente de uma "tese histórica" defendida em 1965, num conhecido best-seller nos EUA, polo cristólogo inglês contemporáneo Hugh Schonfield, mais outro elemento para indigitar Eça como adiantado do seu tempo.

Insiste em salientar o iberismo de Eça e põe em destaque as críticas elogiosas de grandes vultos das letras espanholas, como Emilia Pardo Bazán e Miguel de Unamuno, entre outros, deste romance. O comparativismo leva-o a pôr em diálogo a produção queirosiana com Quevedo, Mateo Alemán, o autor do *Lazarillo*, Galdós, William James, Bergson, António Machado, Machado de Assis, Calderón, Shakespeare, Unamuno e o *Don Quixote*. Defende (Da Cal, 1971: 38-39) ser a tese do romance o "problema da incerteza de todo o conhecimento humano, ora seja ele fornecido pelos demorados caminhos da Razão analítico-científica, ora pelos directos e

imediatos da crença e da Fé". Refere (Da Cal, 171: 38) um trecho de uma carta de Eça ao conde de Ficalho, na qual, em 1885, manifestava que "a História será sempre uma grande fantasia". Acrescenta (Da Cal, 1971: 41) que "Tudo pode ser uma coisa ou outra, e sofrer toda a série de transubstanciações e transformações, segundo o ponto de vista e a vontade do observador. Toda a verdade é contingente". Salienta a simbologia das personagens e o tratamento da linguagem (lembra LEEQ, na p. 26), com estudo do tempo e do espaço. Conclui (Da Cal, 1971: 46-47) que neste romance Eça "cada dia se destaca mais na sua singularidade no panorama das letras internacionais" pois "criou estruturas novas no género fictivo que ainda hoje desorientam os críticos. [...] *A Relíquia* é uma triunfante ilustração da supremacia da Arte sobre a Vida. Por isso, vive e viverá como tenra, risonha e melancólica sátira das ilusões humanas expressa numa forma de perene perfeição".

Observa-se coerência no discurso crítico respeito a trabalhos anteriores. Aproveita os argumentos mais anatematizadores para revalorizar *A Relíquia* com um novo discurso. Da Cal tenta banir o preconceito que considerava esta narrativa como errada do ponto de vista do cánone realista. Não é assim, assinala Da Cal: antes pelo contrário, é ***A Relíquia*** **a produção de Eça de maior interesse e inovação**, e por isso acertou o público leitor português, e a crítica internacional, ao dedicar-lhe especial preferência. Fechava assim o círculo iniciado com LEEQ, em que esta narrativa era já a preferida nas exemplificações da renovação linguístico-estilística queirosiana.

Essa crítica lusófona, a que rebatia, deu-se por aludida e reagiu na defessa da sua legitimação. Em 12-I-1971, no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, **Gaspar Simões**, um dos alvos da palestra de Da Cal, após lembrar a reivindicação de *A Relíquia* o ano anterior no teatro Maria Matos e aquele no Grémio Literário, lugar frequentado por Eça e de preferência do escritor, afirma (Simões, 11-I-1971):

> apesar de haver, entre as gentes da república das letras quem queira matar o Eça, ele não morre nem à mão de Deus padre. [...]. O conferente, professor da Universidade de Nova Iorque, galego de origem, americano de nacionalidade, português de cultura, fez da obra menos prezada pelos especialistas portugueses da literatura queirosiana, como que o ponto máximo da sua genialidade literária. Para uso (sic) se baseou em parte no apreço em que essa obra é tida no estrangeiro, inclusivamente entre os povos de língua inglesa, não falando nos próprios espanhóis, que véem nela uma concepção da vida e do homem muito menos em evidência nas páginas queirosianas que nós, em geral, consideramos suas obras-primas.
>
> Terá razão Guerra da Cal? [...]
>
> Do ponto de vista estrangeiro tem-na, sem dúvida. Do ponto de vista nacional, não. E o certo é que, aconteça o que acontecer, ainda não há ninguém com mais direito a julgar do valor de uma obra literária que aquele que desde o berço fala a língua do autor.

Na continuação justifica que assim reagem os críticos ingleses, surpreendidos do favor dos estrangeiros para Edgar Allan Poe ou Somerset Maugham, que "não se comparam" com Walt Witmann ou Henry James. Como final da sua crónica, acrescenta Simões:

> Para nós, em verdade, *A Relíquia*, apesar da brilhante argumentação do professor da Universidade de Nova Iorque, não se compara com *Os Maias* ou com *O Crime do Padre Amaro*. Não se deve, mesmo, pensar em que seja superior a *O Primo Basílio*, não obstante os vícios de escola que eivam as páginas deste romance. Sustentar que *A Relíquia* é uma espécie de novela picaresca, que Cervantes não se envergonharia de ter escrito este novo *D. Quixote*, afigura-se-nos de uma importância exagerada. E repetimos que Pinheiro Chagas, o famoso "brigadeiro", teve razão quando sustentou, no seu parecer da Academia das Ciências de Lisboa, que a sobrenaturalidade da parte onírica de *A Relíquia* era uma inverosimilhança. Porquê? Porque contrasta flagrantemente com a estrutura realista do resto da obra. Afirmar-se que *A Relíquia* é um romance fantástico quando Eça fez dele um romance realista, cem por cento realista, releva de uma perspectiva errada. O fantástico da visão bíblica de Teodórico é ainda mais surpreendente na obra que a camisa da Mariquinhas em vez da coroa de espinhos.

No artigo[7], **Gaspar Simões polemiza nos pontos principais de discussão**: insiste no carácter de pertencer a narrativa à escola realista, como considerara a crítica lusitana tradicionalmente, e aferra-se à crítica tradicional, mesmo indigitando Pinheiro Chagas e dando-lhe a razão, e reitera ser *A Relíquia* obra de menos mérito que outros títulos de Eça, rejeitando o episódio do sonho de Teodorico, o que se enfronta ao defendido por Da Cal que considera essa parte da narrativa como acerto singular e do mais alto relevo dentro do realismo europeu.

A polémica revela um episódio principal da disputa pelo centro do queirosianismo no CEL português: entre Gaspar Simões que, entre boa parte dos lusitanistas, ainda era merecedor desse lugar; e Da Cal, que já o tinha conquistado para os de exterior (sobretudo no Brasil) e também para outra parte dos críticos lusitanos. A atitude de Simões é um sinal de debilidade; ao utilizar expressões que se podem julgar mesmo de depreciativas, e a que Da Cal não responderá. Outros o farão por ele, o que dará maior legitimidade à sua vitória nesta luta, muito avançada na altura[8].

---

[7] Na mesma secção, na semana seguinte, Simões ainda se referirá à conferência. No artigo "Camilo Visconde" inicia a referência a um acto posterior no mesmo lugar deste modo: "No Grémio Literário, depois da troca das relíquias –em vez da coroa de espinhos ou da camisa da Maricoquinhas, a metafísica estelar do professor Guerra da Cal, trazida directamente de Nova Iorque". Palavras que revelam o impacte da conferência de Da Cal e como a combatia, sem dúvida para reivindicar a defesa das suas teses.

[8] Simões insistirá e reiterará esse mesmo ano argumentos semelhantes no volume *A Geração de 70. Alguns tópicos para a sua História*, em que reedita trabalhos antigos e inclui outros novos. No último capítulo "Eça de Queirós contestado", ao se referir à polémica sobre *A Relíquia* afirma (Simões, 1971: 132-133): "Não há muito tempo, um professor de uma Universidade Americana, Guerra da Cal, citando, entre outras, opiniões tão respeitáveis como a de Unamuno, conferia ao romance queirosiano [...] loiros que não só Pinheiro Chagas lhe negou como o próprio Eça de Queirós e a crítica nacional lhe regatearam, julgando-a muito abaixo das obras-primas do mestre de *Os Maias*".

**Em 15 de Janeiro proferiu de novo a conferência, na Universidade de Coimbra**[9]. A imprensa noticiou o acto[10], assinalando (Sem Autor, 16-I-71) a presença de "numeroso público intelectual da cidade, nomeadamente estudantes e diversas autoridades locais[11]" e informando que "o orador, acolhido com prolongados aplausos, fora apresentado pelo prof. Lopes de Almeida". O acto foi presidido pelo Reitor, Gouveia Monteiro, que se encontrava ladeado pelos professores Américo da Costa Ramalho e Lopes de Almeida. Conclui a informação do *Diário de Coimbra* com este parágrafo: "O Prof. Ernesto da Cal, deliciou todos os presentes com uma extraordinária lição sobre Eça de Queirós, desenvolvendo os seus vastos conhecimentos sobre o tema do seu trabalho, pelo que no final recebeu prolongada salva de palmas, sendo muito cumprimentado e felicitado".

Em 20-I-1971, no *Diário de Lisboa*, **Urbano Tavares Rodrigues**[12], publica uma ampla entrevista com Da Cal, sob o título "A língua portuguesa tem um destino universal". Da Cal consegue assim projecção de relevo no jornal opositor ao regime da ditadura, e por parte de um jornalista e escritor, como Rodrigues, que já salientara no CL e que era um símbolo da oposição pela censura de que foram objecto algumas das suas produções. Oferece dimensão política à sua valorização do uso da ortografia portuguesa na Galiza e reafirma-se nos seus argumentos a respeito do futuro do português nos EUA. Observa-se o afã comparatista de Da Cal. Rodrigues refere-se à "conferência notável, criadora e subtil" sobre *A Relíquia*, e Da Cal defende, na linha do seu discurso queirosiano, não ter sido nunca Eça naturalista. Insiste no facto de estar a picaresca de *A Relíquia*, na linha de Cervantes ou de Rojas, em que "o protesto ou a visão unilateral da vida são

---

[9] O Reitor da UC comunica-lhe que por deliberação do Senado decidiram comemorar o centenário "da chamada Geração de 70" e, com tal ensejo "Sendo V. Exº. autor de um dos estudos mais notáveis sobre Eça de Queirós, que há anos tivemos o gosto de editar, teríamos muita honra em que essa celebração fosse inaugurada com uma conferência de V. Exº. acerca desse escritor". No Espólio EGC conserva-se um exemplar do convite oficial para a conferência, datado em 12-I-1971 e assinado pelo Reitor, o Director da Faculdade de Letras (Américo da Costa Ramalho) e o presidente da Comissão Executiva da UC (Lopes de Almeida), dois aliados de longa data de Da Cal. Neste documento indica-se como título "Picarismo e Quixotismo em 'A Relíquia' de Eça de Queirós".

[10] Provocou interesse mesmo a sua programação. Assim se infere, v . gr. da informação publicada pelo jornal *Notícias*, de Lourenço Marques, em 14-I-1971, recolhendo notícia da agência ANI. O ser material de agência demonstra a alta valorização que se outorgava ao acontecimento. Breve referência do acto de Coimbra aparece em *Biblos* (Sem Autor, 1971: 600): que assinala que a o Reitor, J. Gouveia Monteiro, "a abrir pronunciou algumas palavras sobre o alcance da chamada Geração de 70 e o alcance destas comemorações".

[11] Entre os presentes esteve Carlos Reis, que na altura se formava na UC. Rememorará o acontecimento 24 anos mais tarde, (Reis, 17-VIII-1994, ver infra) com ensejo da morte de Da Cal.

[12] Rodrigues afirma ser a CUNY, com 180.000 alunos a "segunda escola superior dos Estados Unidos", e apresenta o entrevistado como "ensaísta, erudito, poeta, que em 1939 se exilou da sua Galiza natal, em horas bem dramáticas", frisando ser "uma espécie de pioneiro do ensino do nosso idioma na América do Norte". Rodrigues pertencia ao Partido Comunista Português (que na altura tinha estabelecidos contactos com o nacionalismo galego).

superados"; e alude à revolução que Eça representou para a língua portuguesa, no facto de ter introduzido a oralidade, e em que "parece-me evidente que há uma prosa portuguesa antes de Eça e depois de Eça"[13].

Para além das questões respeitantes a Eça[14], Rodrigues pergunta sobre o prólogo de LEEQ e a afirmação de ser Portugal "desenvolvimento pleno da Galiza no plano cultural", ao que responde Da Cal informando da viragem de rumo na produção literária, pois na altura escrevia já poemas "em português" directamente, pois julgava ser esse o caminho para o galego, e oferecendo dimensão política à questão da ortografia da língua, destarte:

> Sem dúvida. O galego é hoje uma língua familiar. A realização do destino atlântico e o desenvolvimento perfeito das potencialidades lusíadas do nosso comum mundo medieval, do sentimento expansivo da aventura, encontram-se na identificação literária

---

13 Afirmação de teor semelhante ao que se tinha afirmado de LEEQ e de Da Cal, ao assinalar haver um Eça de Queirós antes e depois do seu estudo (ver supra).

14 Eis as perguntas e as respostas de interesse respeitantes ao queirosianismo:

"Pergunta de Urbano Tavares Rodrigues (U.T.R.).-Você tem insistido na acção decisiva de Eça de Queiroz na transformação da língua portuguesa. No seu livro "Língua e Estilo de Eça de Queiroz" procedeu a uma análise exaustiva da revolução operada pelo autor de "Os Maias", não só na sintaxe, como nas funções estéticas do adjectivo, do advérbio e do verbo. Ao invês de Max Bense, você não aplica os conceitos da entropia à análise da extensão e variedade da obra de arte, senão que inventaria, por exemplo, de um ponto de vista estilístico a força rítmica dos esquemas reiterativos.

"Resposta de Da Cal (D. C.).-É certo. De resto, parece-me evidente que há uma prosa portuguesa antes de Eça e depois de Eça. O que estava marasmado e letárgico na língua portuguesa pela cultura freirática desencarquilhou-se. As potências da língua libertaram-se.

"U.T.R.-Você, no Grémio Literário, focou a presença de aspectos da picaresca no romance queirosiano, pelo menos em "A Relíquia" e "O Mandarim", os "divertimentos" (ou tradicionalmente tidos como tais) em que o autor não observa as regras da verosimilhança psicológica, dado que tanto Teodoro como o Raposão por vezes se exprimem ou pensam numa linguagem refinada, que é a do narrador, sendo eles personagens toscas, de um estrato intelectual e moral baixo.

"D. C.-Exacto. Mas convém não esquecer que Eça, tal como Rojas, ou como Cervantes, usa a "picaresca" ou a retórica da moralidade, do conto exemplar, para a ultrapassar. O protesto ou a visão unilateral da vida são superados.

"U.T.R.-No estilo de Eça coexistem os reflexos do inquérito social, com suas exigências de rigor, e o fantástico, que lhe vem de Nerval, de Baudelaire, do romantismo germânico. Não é só nas "Prosas Bárbaras", não lhe parece?, que a linguagem de Eça tem essas tonalidades afectivas e líricas.

"D. C.-Sim. Mas olhe que ele nunca descola da realidade. Esta é sempre —e aí o paradoxo— em estado de levitação. É esse o segredo inefável do seu estilo, o azul da fantasia. De resto, Eça remontou às fontes, nunca será demais dizê-lo: fez entrar na língua as oralidades. Mesmo os que o contestaram, como Fialho, sofreram-lhe a influência. Eça internacionalizou o português. Regressando aos jazigos, aos filões da língua, abriu-a ao mundo. Os próprios cultores do neo-realismo, dando acesso na literatura aos elementos substandard da linguagem, ainda o continuaram. Foi uma janela que se abriu. O que para mim é fundamental em Eça —no seu estilo— é que a verdade cómica da vida desrealiza a realidade, tornando-a caricata. Assim ele nos dá a tragédia da existência como espectáculo esperpentesco.

"U.T.R.-Bem aí temos já a ironia, a caricatura como desvio da fotografia naturalista, que ele se propôs fazer (mas não realizou) no seu "levantamento" da sociedade portuguesa.

"D. C.-Lógico. Eça nunca foi naturalista: a sua visão da vida, a sua maneira de nela estar era, como disse, a procura da verdade cómica. Porém, no absoluto do riso palpita a mesma dor das grandes tragédias, a de não poder chegar a Deus. Porque Deus e a religião serão tudo menos cómicos, como não são cómicos nem a salvação nem a perdição. Unamuno estará no pólo oposto, o da verdade trágica, que leva ao divino e ao sobre-humano".

> do galego com o português. Já escrevi poemas em galego. Hoje faço-os em português. A língua portuguesa tem um destino ecuménico e universal. Ora o meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro. Eu, que acredito no futuro federal da Espanha, vejo a projecção da personalidade histórica da Galiza numa viragem linguística. Não quer isto dizer que o galego não perdure como "sermo quotidianus". Como língua literária, o português.

Nesta última frase adianta o que será a polémica formulação de Rodrigues Lapa nesse mesmo lustro (ver infra) Alude Urbano Rodrigues ao poema "Retorno", de RST, e ao prólogo de Otero Pedrayo, respondendo Da Cal que não se aceita como mestre da nova galeguidade e que não pensa "estar a trai-la [a galeguidade], mas a acrescentá-la, a enriquecê-la, ao escrever poemas em português". Na última pergunta Rodrigues interessa-se pela visão do futuro do português nos EUA, ao que diz: "o presente viçoso, o futuro frondoso. Partimos de zero. Hoje o português e a literatura portuguesa estão solidamente implantados nas Universidades norte-americanas, figudam (sic) nos programas de licenciatura e de doutoramento. Falta-nos só conquistar os programas e a clientela do ensino secundário".

**Em Abril de 1971 publicou-se o trabalho polémico de Allyrio de Melo contra Da Cal, no jornal *Novidades***, de Lisboa. Trata-se de um artigo de duas páginas, intitulado "Alguns comentos a um artigo do doutor Ernesto Guerra da Cal sobre Eça de Queirós, e algumas memorações do que escreveu o próprio Eça de Queirós", onde se refere a Da Cal como "eminente professor galego[15]". Comenta sobretudo as entradas "Eça de Queirós" e "*A Ilustre Casa de Ramires*", do *Dicionário de Literatura* da Figueirinhas[16].

---

[15] No uso de "galego" parece haver aqui, como no artigo de Gaspar Simões antes citado, carácter despectivo, ou pelo menos certa ambiguidade.

[16] No verbete biográfico, dissente ao julgar relevante o facto do "nascimento irregular" do literato, e ampara-se num trabalho de Pedro Luzes sobre *A Relíquia*, segundo o qual esse incidente "terá influído poderosamente na sua constituição psicológica e literária. Sobretudo depois que a crítica principiou a caminhar de braço dado com a psicanálise". No respeitante ao "desapaixonamento", De Melo —sacerdote católico em Aveiro e uma das vozes da crítica literária salazarista— assinala as "injustiças" de Eça em *O Crime do Padre Amaro*, e ampara-se numa carta de Teófilo Braga a Ramalho Ortigão. Escreve: "Não se duvida um instante que Eça amava a sua pátria, mas seria de desejar que a amasse um bocadinho menos —para a não insultar tanto. Da Cal não suportaria naturalmente impropérios dessa força (ou dessa fraqueza...) contra a sua terriña (sic), pois não? Então para que é que assevera a 'ternura' de Eça por Portugal —'em *A Ilustre Casa de Ramires* já se derrama liricamente'— sem nunca deixar a ironia —pelos valores portugueses essenciais: homem, paisagem, História". Da opinião do verbete sobre Gonçalo Mendes Ramires, questiona: "Ora, Guerra da Cal aceitaria que alguem personificasse a Galiza e a sua gente, por exemplo, na irmã desse G. Mendes Ramires, a miseranda Gracinha". Sobre a definição de Eça, por parte de Da Cal, como "consciente da sua incapacidade para a verdade trágica", comenta: "o douto crítico esqueceu, além da morte de Amélia e Luísa —apesar de nesta figura o conselheiro Acácio ainda mais a morte de Afonso de Maia—não obstante nela aparecer o Ega 'esguedelhado, embrulhado no robe de chambre' –e acima de tudo a novela *A Torre de Ramires*, da autoria de 'António' de G. Mendes Ramires e onde não transparece a mais mínima sombra de 'verdade cómica', senão para o quê é reler a tão dolorosa agonia do bastardo de Baião, sugado pelas sanguessugas, na qual não se descobre a sombra duma sombra de humorismo, e tão só verdade trágica, não é?". Da beligerância dos partidários de Eça e

Melo representa um exemplo das críticas que ainda persistiam em Portugal para com Eça, de aquelas "gentes da república das letras" a que se referia Gaspar Simões em Janeiro, que queriam "matar Eça". **A virulência dos ataques demonstra um estado de lutas avançado**. Não só critica Da Cal, mas uma das suas mais claras aliadas, Helena Moura; observam-se preconceitos por ser Da Cal —como Eça— um exilado (de "exilado da realidade" tinha qualificado Eça num dos seus livros contrários ao produtor). Este é dos trabalhos que evidencia com maior claridade como a luta e os interesses que estavam em jogo no queirosianismo eram políticos e morais, não exclusivamente literários; e como ainda persistiam em sectores da crítica portuguesa resistências muito adversas que reprovavam o trabalho literário de Eça de Queirós, e que eram o alvo das críticas de Da Cal.

Enquanto a polémica queirosianista continuava, **João José Cochofel e Jacinto do Prado Coelho, nomes legitimadores no CEL português, demandam de Da Cal novos contributos sobre Eça**. Os dois demonstravam assim o apoio à sua metodologia, e a sua preferência[17]. Cochofel reclama um artigo e propostas de ilustrações para o artigo sobre a personagem queirosiana "Basílio", para incluir no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Realizará esse contributo, que se incluirá no fascículo correspondente, na letra "B"[18]. Nele (pp.655-656), cita Camilo Castelo Branco, para quem este romance significava "o mais doutrinal que ainda saiu dos prelos portugueses". Afirma que Eça traça em Basílio "o tipo do Dom João reles, com perfis carregados, que às vezes tocam na caricatura. É um 'torna-viagem', novo rico, aperaltado, vulgar e devasso, com pretensões de requinte cosmopolita que deslumbra a pacatez alfacinha e romanesca da prima. [...] Eça dá-nos poucos dados directos,

---

Camilo, observa Melo: "sim, mas atende a que Eça, havia anos já, parodiara o *Amor de Perdição* no *Mistério da Estrada de Sintra*, ao descrever a morte de Carmen Puebla. [...] Nem Camilo escapou às intenções satíricas de Eça nos *Mistério da Estrada de Sintra*. Não acusou o toque, é certo. Mas, tão arguto como era, não daria por isso paródia ao seu mais célebre romance". E pede a Da Cal: "memore-se que a filha ilegítima duma dama nobre, a poetisa galega Rosalia de Castro, foi marcada para toda a vida pela descoberta que fez, ainda criança, desta situação anormal". Ainda sobre *A Ilustre Casa de Ramires*, acrescenta: "Da Cal entendeu graciosamente que nesse romance a ternura de Eça se derrama liricamente pela história de Portugal" e assinala que "nunca um exilado terá assim amaldiçoado os seus concidadãos, a sua Pátria". Questiona que na edição de Aviz de 1945 de *Cartas de Eça de Queiroz* se suprimiram vinte linhas de um Post-Scriptum de Eça no qual se insultava Portugal e os portugueses, e indica que existe "também essa lacuna na reedição recente das cartas, por Helena Cidade Moura".

17 Ambos encaminham epístolas com os seus pedidos na mesma data, aos 3-V-1971.

18 Da Cal (21-XII-1971) envia esse artigo para João José Cochofel. Afirma que "como sempre acontece fui um bocado além do número máximo de linhas adjudicado ao tipo de artigo ao qual este pertence. Peço desculpa, mas como disse não sei quem 'não tive tempo para o fazer mais curto' –o qual é uma verdadeiríssima verdade. Retalhe por onde entender –com a sua fina tesoura crítica", e oferece sugestões para possíveis ilustrações.

narrativos ou descritivos do personagem". Como no ano anterior no verbete dedicado a "Acácio", Da Cal estuda a técnica de desenho de personagens na narrativa de Eça, um assunto de que se ocupava na sua docência na CUNY, onde orientava uma tese de doutoramento sobre esse assunto.

Coelho recrimina por não ter correspondido aos compromissos de colaborar na revista *Colóquio/Letras*, e por se não ter despedido aquando a última estada em Lisboa[19].

III.2.3.8.2.-Os novos queirosianistas valorizam a metodología de Da Cal.

Em Portugal aumentam os estudos sobre Eça de Queirós e começam a aparecer novas perspectivas, polo que cada vez tem mais companheiros no trabalho em prol da canonicidade do produtor. Entre os novos queirosianistas portugueses também continuava a impor-se a metodologia de Da Cal, com citação de LEEQ e de outros trabalhos, por mais que alguns também começassem a colocar problemas.

Em Outubro, **Helena Cidade Moura**, num colóquio sobre a Geração de 70 organizado no Grémio Literário de Lisboa "chamou a atenção, uma vez mais, para a necessidade duma edição crítica das obras de Eça de Queirós, sobretudo no que respeita aos manuscritos editados postumamente", segundo noticiou *Colóquio Letras* (Sem Autor, XII-1971). Mantinha-se assim naquela linha em que coincidia com Da Cal e que tão bom resultado lhe dava nas novas edições de Eça em que estava empenhada. A alerta para as publicações pôstumas amparava-se em se conhecer as manipulações a que fora submetida, um assunto que ocupará vários verbetes na Bibliografia Queirosiana.

**Manuel dos Santos Alves** publicou em *Biblos* um estudo sobre a estética parnasiana de Leconte de Lisle e a crítica literária de Eça, onde se fundamenta em LEEQ e no ensaio "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*". Este último valoriza-o como (1971: 502) "trabalho modelar", e LEEQ de "notável estudo". Alves reivindica maior relevo na influência do produtor francês em Eça. Este trabalho amostra diversas investigações que começavam a publicar-se na primeira metade da década de 70, nas quais se apontam

[19] Escreve Coelho: "não enviaste para *Colóquio/Letras* os dois artigos de sensação que prometeras, com um SIM rotundo, aqui, na cidade de pouco mármore e nenhum granito. E fazes isso ao teu velho amigo, que contigo subira havia pouco as escadas dos imortais, que contigo bebeu do mesmo vinho e comeu do mesmo pão do Grémio Literário; ao teu velho amigo, que desde sempre torce por ti; ao teu velho amigo que, benigno e recalcando justos ressentimentos, te colocou na lista dos raros eleitos que recebem por oferta *Colóquio/Letras"*; expressões estas que indicam como formava parte de uma rede que se defendia e tinha interesses coincidentes. Coelho junta com essa epístola informação queirosiana para a bibliografia, uns verbetes que afirma ter coligido Luís Amaro, e insiste na despedida em reclamar os textos prometidos para a revista que dirigia.
Coelho (14-XII-1971) escreverá novamente a Da Cal, como director de *Colóquio Letras*: reclamar-lhe-á o artigo sobre Eça "tetraprometido".

défices diversos no trabalho de Da Cal, por mais que se reconheça o seu valor. O ambiente de mudança política que começava a viver-se em Portugal, onde já em muitos grupos existia o convencimento de que o final da ditadura estava próximo e fermentava o que ia ser a Revolução do 25 de Abril, tem efeitos nos diferentes campos, e entre eles no CEL, onde se principia a questionar a autoridade e a oferecer contributos que, desde outras metodologias às vigorantes, ou com pontos de vista divergentes, indicassem novos rumos. Eça de Queirós era uma figura atractiva para a pesquisa nesse revisionismo que já se detectava, como analista que foi da sociedade portuguesa na sua produção literária, o que dava ocasião para que emergessem temas que se valorizavam de valiosos, actualizando-os para os interesses da altura.

**Ulla Trullemans** publica na *Revue Romane*, da Université de Copenhague, o trabalho "*A Relíquia* d'Eça de Queiros. Notes sur la structure d'un anti-roman picaresque", trabalho que provocou polémica em revistas como *Colóquio Letras*. Nele cita argumentos de três produtos de Da Cal: LEEQ, o respeitante a *Le Parnasse Contemporain* e o artigo sobre *A Relíquia* do DLPGB. Defende (Trullemans, 1971:91):

> De toutes les études que ont été faites sur Eça de Queirós et son oeuvre, il y en a peu que concernent A Relíquia, et ce sont Guerra da Cal et Valéry Larbaud que attirent l'attention sur la forme picaresque de l'oeuvre. En effet, ce sont précisément les rapports entre A Relíquia et le roman picaresque espagnol qui ont provoqué les présents notes sur ce conte d'Eça de Queirós.

Trullemans referencia os dois críticos que indigita Da Cal como modelares no estudo d'*A Relíquia*, Edwin Björkman e Giuseppe Borgese, e põe em destaque a tese da picaresca, que considera acertada. Não cita a conferência dacaliana sobre essa narrativa, porque seguramente a desconhecia na altura.

Na França, nesse ano, **Dominique Sire** defendeu a Tese de Doutoramento, subordinada ao tema *Madame Bovary de Gustave Flaubert et O Primo Basílio de Eça de Queirós*, na qual se apoiou em LEEQ, ao se ocupar da génese dos dous romances estudados, insistindo na valorização da metodologia de Da Cal[20].

**Leodegário A. de Azevedo Filho**, na altura docente em Coimbra, publicou em *Ocidente* o artigo "Aspectos do romance queirosiano" (1971: 277-288), em que analisa

[20] Michelle Giudicelli (17-XI-1971), da Faculdade des Lettres et Sciences Humaines, de Lyon, dirige-se a Da Cal para lhe solicitar ajuda para o seu trabalho de Doutoramento, e interessa-se por publicações sobre Aquilino Ribeiro nos EUA. Giudicelli comunica-lhe que escreve por recomendação de Raymond Cautel, director do Instituto de Altos Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade Paris III, e afirma ser conhecedora de "vos éminents travaux sur Eça de Queiroz, pour lesquels j'eprouve la plus profonde admiration". Na carta, conservada na HSA, encontra-se nota a lápis, em que se indica: "Respondida 23/12/71", o que faz pensar que lhe prestou a ajuda requerida.

as principais narrativas de Eça, salienta elementos da língua e do estilo do produtor português seguindo LEEQ, de que cita a recente tradução brasileira. Afirma[21] que Da Cal (Azevedo Filho, XI-1971: 280-281) "analisa, com segura técnica de penetração nos valores estéticos do texto, a obra de Eça [...] trata-se, sem dúvida alguma, do mais penetrante estudo sobre o estilo de Eça de Queirós, sendo assim um livro de consulta obrigatória por todos que pretendem estudar a língua literária desse autor". Defende este especialista brasileiro que Da Cal demonstra em Eça uma maior variedade e abundância de recursos estilísticos, superior a Machado de Assis, como se verificava com a comparação de LEEQ com o estudo da expressão machadiana realizado por Maria Nazaré Lins Soares[22]. Julga Da Cal como (Azevedo Filho, XI-1971: 287) "o maior analista de seu estilo (de Eça)", e alicerça-se numha longa citação de LEEQ a respeito da originalidade estilística de Eça, para concluir: (Azevedo Filho, XI-1971: 288) "diante deste testemunho crítico não se pode mais pôr em dúvida o valor da revolução literária e estilística que Eça de Queirós instaurou dentro da língua e da literatura em Portugal", e coincide com a opinião dacaliana da influência de Eça em produtores portugueses e brasileiros[23].

No Brasil, Leodegário A. de Azevedo Filho preparou igualmente nesse ano uma edição de *A Relíquia* onde, entre a "Bibliografia selecionada sobre o autor", conclui ser LEEQ (Azevedo Filho, 1971:13) "o melhor estudo estilístico" sobre esse produto de Eça de Queirós.

Na *Revista Portuguesa de Filologia*, **M. Paiva Boléo** comentou no número de 1969-1971 a "tradução portuguesa da tão apreciada obra de Guerra da Cal". Trata-se de referência de relevo, de um dos grandes vultos da Linguística portuguesa que, na sua ampla produção, se tinha ocupado da investigação estilística e, com 67 anos, era autoridade da crítica em Portugal, que se somava aos que indigitavam LEEQ como modelo[24]. Em resenha de LEEQ, este prestigiado professor e crítico, da UC, assinala

---

[21] Foi reproduzido este trabalho no volume *Uma visão brasileira da Literatura Portuguesa*, editado em Coimbra, sob o título "Aspectos da ficção em Eça de Queirós" (Azevedo Filho, 1973:125-150).

[22] Refere-se Azevedo Filho à pesquisa *Machado de Assis e a análise da expressão*, em que Soares (1968) estudava recursos da produção do escritor brasileiro.

[23] No entanto, há discordâncias: assim afirma ser *A Cidade e as Serras* (Azevedo Filho, XI-1971: 284) "o menos representativo do estilo de Eça de Queirós", quando em LEEQ, como se assinalou supra, é dos principais textos que se vale Da Cal para as exemplificações, o que evidencia a elevada valorização que lhe conferia; e segue o ponto de vista de Gaspar Simões (Azevedo Filho, XI-1971: 284-285) a respeito de *Os Maias*, a que se refere como "o melhor dos seus romances, sem dúvida alguma".

[24] Nesse mesmo número, também Boléo se ocupa do artigo sobre o renascimento galego contemporâneo publicado em 1964 no volume de estreia da *Luso-Brazilian Review*. O professor de Coimbra indica que esse renascer, na altura, tinha "como um dos seus principais centros Buenos Aires". E põe em destaque,

que “apenas acrescentou algumas notas bibliográficas” à edição de 1954, e transcreve dois parágrafos da “Nota Prévia”, por valorizá-los palavras “muito expressivas do seu lusofilismo”.

III.2.3.8.3.-Novos produtos queirosianos: Ultimando a *Bibliografia Queirociana*.

Da Cal trabalha esse ano na preparação de novos produtos queirosianos. Na procura de elementos para a ***Bibliografia Queirociana*** contacta o professor e crítico português **Cruz Malpique,** para documentar uma realização em Angola.[25] Procura aquela ajuda numa pessoa de quem sabia se tinha manifestado em contra de Eça publicamente, mesmo na década de 50 tivera uma polémica com Machado da Rosa (ver supra). Para atingir o máximo sucesso da Bibliografia busca todos os dados e tenta angariar simpatias mesmo entre a presumível oposição, aqui frisando o facto de estar a utilizar um texto seu no ensino universitário dos EUA, um dado que com certeza seria do maior agrado de Malpique. Outros contactos para a Bibliografia são com o venezuelano **Nucete-Sardi**[26]**,** com o brasileiro **Lenine Nequete**[27]**,** e com **Joaquim Montezuma de Carvalho**[28]. Da Cal, pois, acrescenta e tenta consolidar os contactos, na segurança de

---

em forma de citação, o parágrafo de Da Cal em que se indicava que o meridiano da cultura galega renascida “tem de ser o eixo Lisboa-Rio” e que “felizmente cada dia os síntomas dessa reintegração se tornam mais evidentes e esperançadores”, bem como a aceitação da irmandade das letras galegas na família luso-brasileira por parte das “zonas mais alertes e sensíveis da vida intelectual” do Brasil e de Portugal.

25 Em carta, Da Cal (21-XII-1971) lembra a Malpique o encontro que tiveram dous anos antes na Biblioteca Municipal do Porto, e solicita-lhe dados da lápide em honra de Eça colocada na livraria Lello de Luanda, com ensejo do centenário, e do acto em que interviera Cruz Malpique, para acrescentar na BQ, na “Marginalia”: “Desculpe a maçadoria, mas não quereria, se for possível, que essa secção ficasse incompleta –particularmente, se considerarmos que, salvo erro, essa lápide é a única homenagem vissível da África portuguesa ao grande novelista”. Num P. S. pergunta se recebeu livros e escritos sobre Eça. Informa que o livro de Malpique sobre Pessoa “está sendo utilizado com óptimos frutos num seminário sobre doutorandos que dirijo este semestre”.
Malpique responde em carta sem datar (talvez de finais de 1971 ou inícios de 1972). “Os seus poemas são de uma beleza extraordinária”, valoriza. Diz que já conhecia LEEQ e louva também “a Antologia” (é de supor que *Literatura del Siglo XX*), além de oferecer indicações sobre a pergunta de Da Cal.

26 Nucete-Sardi (6-I-1971) comunica-lhe que ainda se não publicou o livro de *Correspondência* de Eça, pelo que Da Cal se tinha interessado para incluir na *Bibliografia Queirociana*.

27 Da Cal agradece a Nequete, director do Instituto Cultural Brasileiro Árabe de Porto Alegre o envio de *Itinerário Prático de Eça de Queiroz* “trabalho que já me era conhecido por conduto do nosso comum amigo António Pedro Rodrigues”. Em carta que lhe encaminha aos 8-II-1971, valoriza: “Achei-o de invulgar sagacidade, rigoroso no método de análise, sólido nas premissas e estimulante nas conclusões. Belo acréscimo para a minha colecção queiroziana. Fiquei sensibilizado com a oferta e espero que a vida nos propície ensejo de encontro pessoal”.
Nequete (19-II-1971) oferece-se a interceder para organizar vista de Da Cal como conferencista na Universidade de Porto Alegre.
Entre ambos haverá um posterior contacto nesse ano. Da Cal (18-X-1971) solicita-lhe uma ajuda para a Bibliografia que “já atingiu a cifra de perto de 6.000 verbetes em 18 línguas”. Nequete (19-XI-1971) responder-lhe-á afirmativamente ao pedido.

28 Em vários contactos epistolares encontram-se elementos sobre a Bibliografia.

que podiam contribuir para aquela empresa em que tantos anos e esforços tinha investido, e que avançava. A intenção era atingir um produto o mais acabado, exaustivo e completo, que servisse de guia seguro para os queirosianos e oferecesse mais datos que nenhum outro disponível, fiável para a pesquisa, para abrir novos caminhos e facilitar a anelada edição crítica do produtor de *A Relíquia*.

**Preparava também a edição da conferência de *A Relíquia*** em Portugal, em Moçambique e no Brasil. Da Cal (12-III-1971) envia por carta cópia da conferência proferida em Lourenço Marques para **Joaquim Montezuma de Carvalho**[29]. Afirma na epístola: "Deixo a questão da publicação enteiramente nas tuas mãos, mas exijo que vá precedida da tua apresentação –o 'Elogio' ou o que tu quiseres. Sendo a entidade publicadora a Sociedade de Estudos isso não é só exigência minha, é da praxe, visto teres sido tu meu apresentador".

Aos 21-IX-1971, o **Director do Grémio Literário de Lisboa** comunica-lhe ter sido aprovada a sua admissão como sócio efectivo na votação a que se procedera nessa data. O ingresso nessa entidade era também um modo de procurar apoio para a publicação.

Finalmente, as três edições prosperarão (ver infra): primeiro as de Lisboa e Moçambique, em 1972; e finalmente a do Rio, em 1973, demonstrando a alta valorização atingida como queirosiano e confirmando a sua centralidade, posição em que cada vez ficava mais em solitário ao deslocar outros concorrentes, nomeadamente Gaspar Simões.

III.2.3.8.4.-Mais duas manifestações de centralidade no CEL do Brasil.

No Brasil produzir-se-ão em 1971 dois acontecimentos que evidenciarão a centralidade atingida por Da Cal e os privilegiados contactos ao mais alto nível que tinha sabido angariar e consolidar em diferentes campos, bem como a alta valorização da sua pessoa e da sua trajectória profissional e literária.

Da Cal será incluído no volume de *Efemérides Luso-Brasileiras*, de **Heitor Lyra**, Embaixador do Brasil em Portugal e também queirosiano. A sua referência encontra-se na data correspondente ao seu nascimento, o 19 de Dezembro. Oferecem-se dados de

[29] O contacto entre os dois continuava muito estreito. Aos 2-II-1971, Joaquim Montezuma de Carvalho escreve para Da Cal: Acusa recibo das duas traduções de LEEQ, e confirma a publicação (Montezuma, 10-I-1971) do "Elógio" de Da Cal no jornal *O Estado de São Paulo*, indicando que, com tal ensejo, "Do Brasil recebi duas cartas de desconhecidos a felicitar-me pelo artigo". (Da Cal confirmar-lhe-á que já conhecia a publicação por amizades brasileiras). Também se publicou o "Elógio" na Galiza, em *Grial* (Montezuma, 1971:104-108).

interesse biográfico e profissional, e salientam-se como publicações principais LEEQ, *Literatura do Século XX* (sic), RST e *Estudos Cervantinos e Ensaios Ibéricos*. Este último título devia corresponder ao volume projectado no Rio com ensejo das conferências proferidas a princípios de ano na UFRJ, não publicado ainda[30].

Em 7 de Outubro Da Cal foi objecto de atenção de **Aurélio Buarque de Holanda, Adonias Filho e José Honório Rodrigues na sessão da Academia Brasileira de Letras**. Os três académicos intervieram para valorizar muito elogiosamente *Literatura del Siglo XX*[31], (Adonias Filho, Buarque de Holanda e Rodrigues: VII/XII-1971: 221), uma contribuição para que o estudo funcionasse como referência canonizadora das literaturas do intersistema hispânico. Três especialistas de campos diferentes frisavam o valioso de aquele volume.

III.2.3.8.5.-A interferência do processo de canonicidade de García Lorca.

O bem conhecido relacionamento de Da Cal com Federico García Lorca propicia nesse ano que lhe cheguem de maneira privilegiada dois produtos, os dois de relevo para o processo de canonicidade do poeta andaluz. Da Cal colaborava activamente na reivindicação de aquele produtor e encontrava-se entre os especialistas do intersistema hispânico que, desde o exílio, trabalhavam pela legitimação do escritor assassinado e

---

30 Lyra, para além de outros trabalhos no campo da História, tinha publicado em 1965 *O Brasil na vida de Eça de Queiroz*, um volume com documentação inédita, prefaciado pela filha do romancista, D. Maria d´Eça de Queirós. Lyra entregou um exemplar a Da Cal, dedicado, em 1966, pelo que o relacionamento entre os dois remetia-se a essa data, se não anterior.
Lyra (17-III-1971) tinha agradecido Da Cal a tradução portuguesa de LEEQ. Justifica a demora do contacto por ter estado a complementar os *Efemérides Luso-Brasileiros (1808-1970)*, que na altura ia enviar para a impressão, e acrescenta: "E a este propósito estimaria me disesse em que lugar nasceu, bem como a data do seu nascimento –dia, mês e ano— porque se ainda houver tempo, gostaria de inclui-lo".
Da Cal reponde e envia-lho o curriculum vitae, que Lyra (1-IV-1971) agradece, assinalando "que me surpreendeu pelo muito que tem escrito sobre as mais diferentes matérias, o muito que se tem escrito sobre as suas obras e as homenagens que tem recebido –merecidas— de seus admiradores e de quantos se têm ocupado de si. Com a sua natural modéstia, e na minha ignorância sobre a sua extensa obra de escritor e de professor, estava longe de saber o valor dela". Confirma que o vai incluir nos efemérides. Na epístola também pede de favor que ajude Yvonne de Tayde Gubenmam, uma brasileira que estudava em Zurique.

31 Da Cal continuava a promocionar este livro também entre os lusitanistas. Em 8-II-1971 anuncia-lhe o envio da segunda edição a Joaquim Montezuma de Carvalho, e esclarece que este volume "tem tido, desde 1954 considerável venda nos EE. UU., no Canadá, na Inglaterra e até nas longínquas Austrália e Nova Zelândia, com satisfacção também considerável das minhas algibeiras –e infelizmente das da minha ex-mulher, cujo nome aparece à direita do meu, como colaboradora, que nunca soube que é o que lá dentro ia até o livro se publicar— por triste generosidade deste teu triste amigo, que desde o meu divórcio me vem costando uma data de massa (50% dos proventos, to be exact). Os estudantes e professores do mundo anglo-saxônico evidentemente gostaram do livreco –oxalá tu também gostes". Essa crítica a Margarita Ucelay era despropositada porque, se bem a primeira esposa apenas colaborou para a revisão e redacção da segunda edição, segundo esclarece Elsie Allen da Cal (quem si trabalhou nela), na primeira versão sim participou muito directamente, e a ela se deve, v. gr., o texto teatral de García Lorca do *Dom Perlimplín*, que atingiu através dos arquivos da sua mãe Pura Maortua de Ucelay.

promocionavam internacionalmente a sua produção. De aí o interesse nos dois produtos que conhecia de primeira mão: a gravação que lhe entregou Montezuma de Carvalho em Moçambique e mais um estudo de um colega norte-americano sobre os SPG.

Em carta, Da Cal (8-II-1971) comunica a Joaquim Montezuma de Carvalho que em breve fará gestões com T. Beardsley, director da HSA, sobre o filme de Lorca que lhe tinha entregue, do uruguaiano E. Amorin. Encoraja-o para que escreva um prólogo, com o fim de facilitar para o mercado aquele produto com os máximos elementos para que pudesse funcionar, e contribuir assim para a canonicidade de Lorca. Em nova carta, sobre este mesmo assunto, acrescenta[32] Da Cal (12-III-1971):

> Tenho boas novas, que te darão alegria. Já entreguei o filme do Federico ao Theodore Beardsley, o nosso Director da *Hispanic Society of America*. Ficou espavorido. Vai fazer cópias (de graça) para ti e para mim. (A tua levá-la-ei comigo em Junho a Portugal, para mandar-ta por alguém que vá a Lº M. para não correr o risco de se perder). O plano é publicar o tal folheto, acompanhado de o meu breve prefácio contando como chegou às minhas mãos –e o teu "Prólogo" fazendo a história pormenorizada do filme. Põe-te já a escrevê-lo com datas pormenorizadas de quando foi feito, como foi feito, etc. –as pessoas que nele aparecem e tudo quanto ajude a documentar todas as circunstâncias dele e da biografia do poeta em relação ao filme – inclusivamente o que diz respeito às cópias feitas na Espanha para a família e a Academia de la Lengua Española. O folheto vai ir acompanhado de uma fita magnetofónica, lida, isto é, falada por mim, com o texto do meu breve prefácio e o do teu "Prólogo". Essa fita não se venderá, será apenas alugada pela Society, que fará copyright de tudo –film, folheto e fita. Que te parece? Diz a tua justiça sobre tudo isto.

Da Cal oferece a maior importância àquele produto. Montezuma não só era um aliado queirosiano, mas também para trabalhar no intersistema hispânico pela canonicidade de Lorca[33]. Prova do relevo que outorga a esse acontecimento é que, nessa mesma epístola, pede a Montezuma um curriculum vitae completo para o propor como sócio correspondente da Hispanic Society, uma iniciativa que com efeito prosperará. Montezuma de Carvalho (11-VIII-1971) achegar-lhe-á o curriculum vitae.

Os SPG lorquianos provocavam o interesse internacional pela sua singularidade na produção do escritor andaluz. Nos finais desse ano, Carlos Feal Deibe, professor na Universidade de Buffalo (Nova Iorque), publicou um trabalho intitulado "*Los Seis*

---

[32] Nesta epístola diz ter achado "engraçado" que Montezuma tivesse falado "com o meu velho amigo Gregorio Marañón", e interessa-se pelas circunstâncias desse encontro. Confirma ter recebido três cartas de Jorge Guillén, que tinha guardado nos arquivos e que "respiran entusiasmo filo-lusitano e serão históricas". Em carta anterior também se referirá a Jorge Guillén, a quem dava tratamento de "o meu velho amigo", frisando o interesse que este produtor espanhol demonstrava nos Vencidos da Vida.

[33] E não só, pois também se oferece Montezuma como mediador para divulgar produtos de Da Cal. Assim, em carta que lhe encaminha aos 2-II-1971 diz que vai enviar a separata sobre os navegadores portugueses na descoberta dos EUA para publicar no jornal *A Tribuna*, de Lourenço Marques, o que Da Cal lhe agradecerá; mas esse projecto não prosperou.

*Poemas Galegos* de Lorca y sus fuentes rosalianas", que se difundiu na Alemanha, na revista *Romanische Forschungen*, e de que lhe enviou separata dedicada[34].

Da Cal continuava muito atento para a fortuna de aquele produto de Lorca, sobre o qual se resistia a escrever um contributo comprido, por mais que lho tivessem pedido e que ele mesmo o tivesse oferecido como possibilidade (v. gr. para a revista portuguesa *Seara Nova*, como se indicou supra).

III.2.3.8.6.-Reconhecimento pela produção literária em Portugal, Espanha e Galiza.

Apesar da secundarização da produção literária, Da Cal consegue reconhecimentos neste âmbito, que lhe chegam de Portugal, Espanha e da Galiza.

**Foi incluído na antologia "Poesia Galega Contemporânea", publicada aos 30-IV-1971 no *Diário de Notícias* de Lisboa**. Trata-se de uma homenagem do jornal ao Ano Santo compostelano que se comemorava[35]. De Da Cal inclui-se o poema "Namoro Primeiro", e na breve nota biográfica destaca-se o "admirável e profundo estudo" que constitui LEEQ que "o situa entre os mais subtis exégetas da obra queirosiana", e que, segundo Oliveira Coelho:

> como poeta de expressão galega, embora se haja revelado tardiamente alcançou merecido destaque através dos poemários Lua de Alen Mar e Rio de Sonho e Tempo onde incorpora as graças estilísticas dos cancioneiros dando-lhes, depois, a fina elegância de uma poesia impregnada de todas as alquímias líricas da contemporaneidade. Reside, nessa fusão do antigo com o presente, o maior sortilégio da poética de Guerra da Cal.

Coelho apresenta-o como um produtor que se distingue por "rejuvenescendo o lirismo cancioneiril através da modernidade", e valoriza que a poesia galega "na essência está bastante próxima da nossa sensibilidade". Frisa a semelhança da língua que, julga, não deve dificultar a leitura, respeitando a ortografia de cada produtor. A antologia acompanha-se de caricaturas dos poetas seleccionados, além de um retrato de Rosalia, uma fotografia do Pórtico da Glória e outra do monumento a Rosalia no Porto.

---

[34] No contributo desse hispanista, apesar de citar o artigo de Blanco Amor publicado em *Ínsula* em 1959, não há qualquer referência a Da Cal, que faz algumas anotações de interesse nesse texto: indica ser "falso" a informação a respeito da leituras de tema galego e português de García Lorca; onde se diz que "Rosalía recitaba algunos fragmentos" ele matiza que "Follas novas entero"; e sublinha a afirmação de Blanco Amor de que aqueles poemas lorquianos "para nosotros, los gallegos, revisten importancia cardinal", e o ter-se mudado o título de "Vella Cantiga" pelo de "Canzón de cuna pra Rosalía Castro, morta".

[35] Consta de três trabalhos assinados: uma apresentação de António de Oliveira Coelho, quem em 1965 fizera recensão da poesia de Da Cal no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro (ver supra) e textos de Mário de Oliveira sobre o Pórtico da Glória, e de Natércia Freire sobre poesia galega. A par deles, incluem-se um poema, com uma apresentação prévia, de (pela ordem de aparição) Ricardo Carballo Calero, Ernesto Guerra da Cal, José María Castroviejo, Pura Vázquez, Eugenio Novoneyra, Julio Sigüenza, Álvaro Cunqueiro, Manuel Maria, Luís Pimentel, Amado Carballo e Valentín Paz Andrade.

Da Cal aparece portanto com o máximo destaque também como produtor literário galego, num dos principais meios de comunicação portugueses, talvez o mais central do ponto do CL português –nele escreviam habitualmente Gaspar Simões, Natália Correia, Natércia Freire, João Bigote Chorão e outros nomes de destaque dos CEL e CL— o que representava mais outro elemento para puxar pela sua referencialidade não só como representante do CEL, mas também do CL, o que era um valor acrescentado[36].

**Esse ano será escolhido para participar numa nova antologia de poesia, que se publicará no ano seguinte na Espanha** (ver infra). Anuncia-lha Francisco Carenas (em carta de 19-V-1971), da Boston University: "El profesor Rubia Barcia me facilitó su dirección. El motivo de estas letras es para pedirle unos poemas y una breve nota bibliográfica para incluirlo en mi segunda edición de *Poetas españolas en U.S.A*. Preferiría que estuvieran escritos en gallego" Diz que até aquela altura havia 22 antologados, e que se ia publicar em Adonais. Da Cal (26-V-1971) confirmar-lhe-á que contribuirá nesse projecto[37].

**Na Galiza, Da Cal encontra-se incluído em 1971 na *Historia da Literatura Galega* de Francisco Fernández del Riego, publicada por Galaxia**. Trata-se de um volume que tenta funcionar como manual generalista, que abrange desde a Idade Média, com mais peso para o século XX[38]. Da Cal encontra-se inserido no capítulo VIII, dedicado a "Os camiños da nova literatura", e dentro dele na epígrafe "Os independentes"[39] e é-lhe dedicado o espaço equivalente a uma página. Põe-se em destaque LEEQ, que se julga de (Del Riego, 1971: 229) "estudo estilístico acollido con unánime aplauso pola crítica universitaria de moitos países", valoriza LAM e RST, destarte (Del Riego, 1971: 229):

> Nos poemas destes libros domina ás veces a gracia, a tenrura, a pureza evocadora dos anos da infancia. Outras é unha tristura outonal, unha anguria do esistir a que trascende dos versos. E sempre unha melancónica ou ansiosa visión das cousas. Todo expresado a

---

36 Datada o mesmo dia da publicação, Luís dos Santos Ferro escreve carta para Da Cal, em que junta as páginas "Artes e Letras" do diário lisbonense devotadas para a cultura galega.

37 Nessa epístola inclui, dedicada, separata de *Papeles de Son Armadans* e anuncia o envio e uma selecção de LAM e RST para que Carenas escolha. Carenas confirma-lhe aos 3-VI-1971: "He recibido sus poemas y curriculum vitae". Anuncia a intenção de incluir um máximo de 3 poemas de cada antologado, porque o editor limitava a extensão do volume a 50 pp.

38 Esclarece esta opção porque (Del Riego, 1971: 8): "A época contemporánea cobra, quezáis, unha estensión desproporcionada en comparanza coas outras. Coidamos que compria darlla, porque ainda non fora comenentemente sistematizada esta época nosa, nin hai siquera unha monografía que a abranga por enteiro"

39 É colocado a par de Pimentel, Carballo Calero, Euxenio Montes, Otero Espasandín, Paz Andrade, Manuel Casado Nieto, que o antecedem; e depois Ánxel Sevillano, Eduardo Moreiras, Xosé María Castroviejo, Miguel González Garcés e "Outros poetas" uma alínea em que genericamente fala de Manuel Luís Acuña, Xesús Bal y Gay, Dictinio del Castillo Elejabeytia, Xoán Vidal Martínez, Manuel Fabeiro Gómez, Ánxel Johán e Lafuente Bermúdez.

> traveso dunha novedade rítmica que, de tempo en tempo, entronca coa tradición literaria das vellas cantigas de amigo medieváis.

Nesse mesmo capítulo, Da Cal é referenciado na seguinte epígrafe, dedicada a "Tres voces de fora", em que estuda a produção galega de Federico García Lorca, Xoán Pérez Creus e Anne Marie Morris, ao valorizar o volume desta autora norte-americana, em que se refere, citando-o, o assinalado sobre ela no texto de apresentação de Da Cal. Morris (Del Riego, 1971: 235-237) é, destes três[40], a quem se dedica maior espaço, quase duas páginas, superior por exemplo ao próprio Da Cal e a outros muitos galegos. Na "Bibliografía xeral" inclui-se (Del Riego, 1971: 295) o DLPGB, mas sem indicar ano de edição e sem qualquer referência a Da Cal nem ao seu conteúdo.

III.2.3.9.-Sucesso queirosiano em treze países, homenagem nos Estados Unidos da América, e produção literária na Europa e na África, em 1972.

Os estudos sobre Eça de Queirós serão o centro da actividade de Da Cal em 1972, e de treze países (Venezuela, Moçambique, Checoeslováquia, Angola, Portugal, EUA, Galiza, Alemanha, Brasil, França, Cuba, México e Espanha) chegam-lhe reconhecimentos por esta produção. O mais relevante será ver como no CEL português se aviva a disputa por *A Relíquia*, com novos ataques de Gaspar Simões, a que não responde, mas já outros o farão por ele. Pela edição desse estudo e as traduções de LEEQ[41] é já valorizado como referente principal do queirosianismo. Apura a *Bibliografia Queirociana* (BQ).

---

[40] A respeito de García Lorca, justifica-se a existência dos SPG deste modo (Del Riego, 1971: 234): "Un día calisquera o poeta granadino propúxose facer versos na nosa lingua e publicóu daquela *Seis Poemas Galegos*. Non son estes poemas –como di o seu primeiro prologuista– poemas eruditos elaborados por virtuosismo e fachenda en fala emprestada; son, pola contra, versos tan naturáis, tan irremediábeles e tan 'inspirados' como os que dexergaba na súa lingua habitual. En cada un deles, o seu liñamento anecdótico e a brétema que os difumina e crarexa, resultan obra da máis abraiante naturalidade, sin rastos de esforzo nin calcos de exercicio retórico. Federico García Lorca, que morréu dramáticamente en terras granadinas no 1936, chantóu no cerne da nosa espresión lírica máis caletrante, eses poemas cunha propiedade milagreira".

[41] O reconhecimento chegava-lhe também do editor português: Nuno C. Magalhães (2-III-1972, em carta), Director Comercial da Aster, consulta-lhe se autoriza apresentar a versão de Helena Moura ao XVIII Prémio Europeu Cortina Ulisse, convocado na Itália, que consistia num milhão de liras "concedido a uma obra que ilustre ou exemplifique os métodos e as tendências actuais da crítica literária".
Da Cal (8-III-1972) responde, autorizando, e acompanha o curriculum vitae e a lista de recensões do livro, caso serem necessários para concorrer àquela convocatoria italiana.
A empresa editora mostrava assim a maior confiança naquele produto, que funcionava no mercado, e que tão boa acolhida recebia no CEL.

Além disso, na Califórnia recebeu uma homenagem como pioneiro do lusitanismo nos EUA[42], um trabalho pelo que também teve reconhecimento em Portugal, onde é considerado mesmo como "português"[43]; e difundiu produção literária em Moçambique, Portugal e em Espanha. Também continuou as gestões na HSA para a edição do produto lorquiano que lhe tinha entregado Joaquim Montezuma de Carvalho[44]. Pessoalmente, já se colocava novas perspectivas para depois do aposentamento na docência, em Portugal, país que visitou no Verão, junto com a Galiza para estar com a mãe. Em carta que encaminha no Natal ao seu colega e conterrâneo Rubia Barcia, em que faz balanço de aquele ano, assinala Da Cal:

---

[42] Em 1972, a UCLA homenageou Da Cal como "Pioneiro dos Estudos Luso-Brasileiros nos E.U.A.". O acontecimento decorreu na seqüência de um simpósio comemorativo da Semana de Arte Moderna de São Paulo, celebrado entre 7 e 12 de Fevereiro. Com ele foram distinguidos (Sousa, V-1972: 357-358) Gerrit de Jong, Lloyd A. Kasten, Albert R. Lopes, Gerald M. Moser, Francis Rogers, James Taylor e Marion A. Zeitlin, das universidades Brigham Young, Wisconsin, New Mexico, Pennsylvania, Harvard, Stanford e UCLA, respectivamente. O Professor Claude L. Hulet (27-I-1972), como responsável da organização desse acontecimento esclarece em carta essa homenagem por "Your diligent labors on behalf of the dissemination of the Portuguese language and Luso-Brazilian culture in the United States are much appreciated by all of us who work int the field, and the organizers of the Symposium wish publicly to recognize the fact by placing your name in our printed program among our 'Honored Colleagues, pioneers in the development of Luso-Brazilian studies in the United States'. Also, we hope to do so further by presenting you personally to the assembled delegates, guest and friends of Brazilian culture attending the Symposium".

[43] Taborda de Vasconcelos, no *Diário de Notícias* de Lisboa, comenta elogiosamente o labor de Jean R. Longland na antologia *Contemporary Portuguese Poetry* e lembra outros contributos nos EUA respeitantes à difusão da Literatura Portuguesa, afirmando que "portugueses são alguns bem conhecidos professores do ensino universitário norte-americano: Machado da Rosa, Ernesto Guerra da Cal, Jorge de Sena". Refere-se à trajectória de Longland e a outros estudos sobre matéria lusófona, e acrescenta (Vasconcelos, 4-V-1972: 19): "mais o interesse, já latente, pela literatura portuguesa, nomeadamente pelos nossos poetas, esse mais lho avivou a insistência do prof. Guerra da Cal durante o curso de poesia medieval na NYU. Foi assim que Sá de Miranda e Garrett, João de Deus, António Nobre, Eugénio de Castro, além de outros, chegaram ao convívio do leitor de língua inglesa, conforme pode ler-se na antologia de Richard Mc Laughlin *Música do Espírito –Mil Anos de Poesia Europeia* (N.Y., 1963)". Apesar de se não fazer referência ao texto prefacial de Da Cal, esta recensão trabalha em favor do seu reconhecimento e maior centralidade no CEL ao considerá-lo mesmo português, e difundindo num lugar de tanto privilégio como era esse suplemento, de referência para o CL português na altura, a sua labuta em favor da literatura de Portugal nos EUA

[44] Montezuma anuncia-lhe o envio "por correio à parte [...] as 39 fotocópias das cartas de Enrique Amorin, que serão apêndice da edição com o filme de Lorca".
Acrescenta Da Cal (carta de 3-II-1972) que, desde Setembro, a edição estava "à sua espera", para que enviasse um texto de introdução, pois tinham feito pesquisas com resultado feliz, porque, segundo confirmava Da Cal: "Já averiguamos, por indicação da viúva, cujo endereço nos foi fornecido pelo Borges, que a pessoa que aparece no filme com o Federico é o marido da Lola Membrives. E também conseguimos saber por uma bibliotecária surdo-muda da Society, que sabe ler os lábios em inglês e em espanhol, o que o Lorca diz, quando lhe entrega ao dito marido da actriz um manuscrito, é 'Aquí está mi obra'! Será esse o original perdido da versão musical com canções e danças da *Zapatera Prodigiosa* que a Lola apresentou em Buenos Aires. Mande a sua "Introdução", please!".
Da Cal confirma a Montezuma que a sua eleição como membro da HSA levava bom andamento: já tinha apresentado a sua candidatura, ao haver uma vaga pela morte de Guillermo de Torre, que se decidiria na reunião de "Trustee" de Junho ou Setembro, e agradece-lhe as cartas de Amorin que lhe enviara para entregar à instituição. Montezuma responderá que "Apreciei saber que a minha candidatura a sócio correspondente da Hispanic Society of America está a seguir o seu curso, tendo já sido apresentada".

> o segundo volume [de LEEQ] está no forno e bastante adiantado, o terceiro, que terá tres tomos e que entregarei neste vrao aos prelos da universidade de Coimbra é uma catedralicia *Bibliografia Queirociana*, que é un subproduto, acumulado durante quase duas décadas. Tem mais de 8.000 verbetes em 23 lingoas. Vai ser um estoupido, como dizes ben, xa vamos ficando poucos da nosa fornada. Eu xubílome en 1975.

Este último dado, na linha do que afirmava no Natal anterior, indica que Da Cal tinha previsto a reforma no ensino dois anos antes do que acontecerá na realidade[45].

III.2.3.9.1.-*A Relíquia*, LEEQ e a BQ marcam um intenso ano queirosiano.

Da Cal intensifica os contactos com produtores de vários países para completar a BQ. Dados de edições, de traduções, de iconografia, de adaptações da produção de Eça, de críticas... são angariados através dos Correios e por contactos muito diversos para ir conformando o córpus de aquele compêndio, que o consagrará. Um trabalho duro, e mais se se tem em conta que, como ele sublinhará, não utilizou computador para o realizar, e que exigia continuadas reformas para acrescentar dados, o que demorava o final. A ajuda de Elsie na classificação das fichas e batendo a máquina, além da sua colaboração em centros de pesquisa como ele fará constar na edição, será muito valiosa para que prospere o "calhamaço", como ele o denominou em diferentes ocasiões, com a acumulação de centenares de fólios e milhares de verbetes, que aspiravam a ser uma espécie de "Bíblia do queirosianismo".

III.2.3.9.1.1-LEEQ

As traduções de LEEQ favorecem esse ano numerosas referências, com o que continua a progredir no CEL.

A primeira foi no jornal *El Nacional*, de **Caracas**, onde é apresentado como o "profesor gallego [...] queirozista de magnífica labor", que fazia circular as traduções portuguesa e brasileira de LEEQ, e onde o escritor e crítico **Nucete-Sardi** aproveita para evidenciar as motivações políticas pelas que Eça de Queirós tinha sido preterido, que começar a ser tornar mais públicas. Afirma (Nucete-Sardi, 11-I-1972):

> La larga dictadura portuguesa y la semidictadura que la ha sucedido han pretendido echar sombras sobre la obra de Queiroz porque, como todas las dictaduras, temen a los

[45] Da Cal (21-II-1972) avança a Rubia Barcia que, junto com Elsie, "comprámos um pinhal, para no ano vindouro comezarmos a edificazón da nosa casa –em Muches, um lugarcinho rústico e bucólico ao pe da serra de Sintra e a 5 minutos, de automóvel, do centro de Cascais –que é uma metrópole". Estava-se a alicerçar, pois, a deslocação para Portugal para quando o aposentamento da docência. Na despedida dessa epístola oferece "un abrazo esmagador" para Rubia Barcia e para Alberto Machado da Rosa "do teu velho amigo (velho, con xá 60 anos às costas)", despedida que parece prenunciar uma nova atitude vital, ao começar a assumir o fim da actividade profissional.
Na carta de Natal de 1972, pergunta a Rubia Barcia se pensa "ficar nesta 'canallocracia'? ou voltar às raízes?", o que demonstra como o desgostava o sistema político dos EUA e não se colocava a possibilidade de continuar naquele país ao se reformar, e sim mantinha o projecto de residir em Portugal, como assim com certeza acontecerá.

> ironistas y humoristas, aun después de muertos. […] los seguidores de Oliveira Salazar llegaron a sostener que la obra de Queiroz era inmoral, disgregadora, antinacional, mas la realidad es que esa obra lo que hizo fue atacar la ridiculez en todos sus aspectos, crear conciencia y burlarse de los santones y sicofantes de todas las tierras.

Nucete-Sardi lembra Montezuma de Carvalho, que fora quem estabelecera o contacto entre ele e Da Cal, ao lhe enviar este produtor venezuelano informações valiosas para a BQ. Pouco mais tarde escreve recensão de LEEQ[46]. No artigo, que intitula "El Regreso de Eça de Queiroz[47]", o estudo dacaliano é valorizado por Nucete-Sardi (28-III-1972) desta maneira:

> trabajo de clarificación, de exactitud. Esta crítica profunda, aguda y documentada en que el autor demuestra el gran conocimiento que tiene de la obra queiroziana de lo que significa la crítica en función de la comprensión nos revela la vigencia de la obra de Queiroz, su valor renovador de una literatura a la cual sacó de un marasmo de siglos.
> Guerra da Cal, erudito, hombre de vasta cultura, establece las influencias que recibió Queiroz de algunos escritores españoles y las que estos recibieron de Queiroz, situándolo como el unificador del espíritu español y el portugués, de lo cual resulta un escritor de unidad ibérica. […]
> Este interesante libro del profesor Da Cal hace conocer bien el pensamiento y el estilo de Eça de Queiroz y lo pone en vigencia en nuestro tiempo por encima de los eclipses que haya padecido su obra, la cual a la luz de este libro clarificador resulta de relieves modernos. De notable actualidad en lo que respecta a lenguaje y estilo.

Nucete-Sardi insiste na actualidade de Eça de Queirós e de Da Cal, num trabalho que faz atractivo e recomenda LEEQ pela acuidade da metodologia utilizada. O facto de ser o crítico venezuelano também produtor literário sem dúvida favorecia esta opinião tão elevada, pois para um escritor era de agradecer (e uma aspiração) um trabalho como o de Da Cal, centrado no texto e atento a pôr em destaque as inovações e os acertos de estilo, como ele fazia com Eça de Queirós.

Em Junho de 1972, a *Luso-Brazilian Review* publicou o estudo "The Returning Traveler and Portuguese Reality in Eça de Queiroz", de **Merlin H. Foster**. Este estudioso vale-se de LEEQ para a sua argumentação, e refere-se a este volume como "excellent study".

---

[46] Nucete-Sardi (27-II-1972) promete escrever na coluna dos martes do *El Nacional* sobre LEEQ e refere-se a Montezuma de maneira agradecida, pois: "a él debo también el haber entrado en relación intelectual muy grata con usted". En nova carta, Nucete-Sardi (18-IV-1972) diz ter lido "con mucho interés, placer y provecho intelectual su admirable libro [LEEQ], que me parece una obra maestra. Le envío mi artículo sobre su libro", e agradece os exemplares das duas traduções.

[47] Este trabalho, em tradução de Montezuma de Carvalho, foi reproduzido nos jornais *O Comércio de Póvoa de Varzim* e *A Tribuna* de Lourenço Marques. Em 27-IV-1972, a edição no jornal moçambicano estava acompanhada de nota de Montezuma, que lembra a presença de Da Cal em Novembro de 1970, e define-o como "o magnífico intelectual de estirpe galega", asseverando: "Também é verdade que são homens como José Nucete-Sardi e Ernesto Guerra da Cal que, por distantes terras e povos de outras línguas, lutam contra os eclipses e tornam ainda mais vivo o nome de Eça de Queirós". Com estas palavras referia-se às resistências que suportava Eça por parte da crítica e outros estamentos da sociedade portuguesa, que combatia o discurso renovado Da Cal.

Entre os novos nomes do CEL que se ocupam do intersistema lusófono continua a elevada valorização do contributo dacaliano, que ganha novos aliados[48].

**Guillermo Díaz-Plaja** em *Las estéticas de Valle Inclán* critica a investigação a respeito de Valle-Inclán que girou em redor dos plágios e as influências. Afirma nesse volume (Díaz-Plaja, 1972: 39-40): "los valores positivos y personales de la obra de Valle-Inclán han sido de tal calibre como para anular tanta y tan profunda artillería erudita", e indica, em clara referência a LEEQ: "conviene aclarar que, en muchas ocasiones, las deudas son más genéricas que específicas, y que los 'préstamos' corresponden a tópicos generales de época. Así, por ejemplo, en las influencias que establece Ernesto Guerra da Cal en su importante libro acerca de Eça de Queiroz, quien, a juicio del crítico, influiría sobre Valle Inclán". Díaz-Plaja, reputado crítico e académico espanhol, considerava um entrave para os interesses de Valle-Inclán reconhecer a influência queirosiana, por quanto supunha questionar a originalidade do autor galego, que ele procurava frisar, pois a originalidade acrescentava valor e favorecia a canonicidade; é por isso que questiona os argumentos de LEEQ.

Em 1972 cumpriu-se o centenário da primeira viagem de D. Pedro II do Brasil à Europa, que provocara uns escritos de Eça na revista *As Farpas*, acolhidos com polémica no Brasil. Com ensejo da efeméride publicou-se nova edição brasileira revista e aumentada (e a primeira portuguesa) do estudo de **Paulo Cavalcanti** *Eça de Queirós agitador no Brasil*, que recebera vários prémios. Cavalcanti refere no seu trabalho como as produções queirosianas tinham provocado consequências na vida social, ao desencadear diversos incidentes. Na badana desse volume ressalta-se Da Cal entre os 14 nomes de escritores e críticos literários que tinham saudado este livro[49] nas primeiras edições brasileiras. No "Prefácio à edição portuguesa" (Cavalcanti, 1972: 5-17) são várias as referências a LEEQ e a Da Cal, a quem inclui (Cavalcanti, 1972: 6) entre os autores de "sérios e documentados estudos" queirosianos editados após 1900. Salienta (Cavalcanti, 1972: 12) ter sido Eça o realizador da maior revolução da prosa portuguesa ao longo da sua história, tal como assinala "esse admirável crítico que é Ernesto Guerra da Cal, em sua obra *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, o mais completo estudo analítico da prosa queiroziana, em suas particularidades e características". Põe em

[48] Também perdia algum: aos 7 de Junho desse ano morria em Berkeley (Díaz, III-1973: 164) José Montesinos, especialista na narrativa dos século XIX e que tinha valorizado LEEQ (ver supra), bem como encorajado Da Cal para continuar os estudos queirosianos.

[49] Da Cal talvez se tivesse ocupado do estudo de Cavalcanti na programação de *Voice of America*.

destaque (Cavalcanti, 1972: 13-14) a opinião de Euryalo Cannabrava na "magnífica apresentação" à edição brasileira de LEEQ. Na contracapa do volume inclui opiniões das primeiras edições do livro, entre elas a de Da Cal, que assim legitima o estudo em Portugal.

Igualmente a 1972 corresponde o lançamento da quarta edição do *Diccionario de Literatura Española* dirigido por **Germán Bleiberg** e Julián Marías, publicado pela editora da Revista de Occidente. Nesse repositório dedica-se um verbete (Bleiberg, 1972:249) a Da Cal, que abre a letra "D", e onde se salientam vários trabalhos[50].

O modelo lingüístico-estilístico e comparativo de Da Cal foi aplicado pelo norte-americano **Irwin Stern** para o estudo da narrativa de Júlio Dinis. Aquele trabalho, defendido como Tese de Doutoramento na CUNY, tivera como orientador Da Cal com a colaboração de Gregory L. Rabassa e Raymond Sayers, e foi publicado pela Lello Editora, em tradução de Natércia Barros, sob o título *Júlio Dinis e o Romance Português*. A estrutura desta pesquisa lembra muito LEEQ[51], e a presença de Da Cal como modelo evidencia-se nas citações da tradução portuguesa, com referências muito concretas ao estudar o adjectivo, o advérbio, o discurso indirecto ou a estrutura da frase. Também se insurge Stern contra a crítica que se tinha ocupado de Dinis, e Gaspar Simões encontra-se entre os alvos dos seus ataques[52]. Contribui assim de maneira muito efectiva para a centralidade de Da Cal no CEL ao utilizar por um lado o seu modelo, e desprestigiar o principal contributo queirosiano do seu maior rival.

III.2.3.9.1.2.-*A Relíquia*

---

50 Em primeiro lugar cita-se LEEQ, e afirma-se, erradamente, que "es autor de una *Bibliografia metódica y anotada de Eça de Queiroz. Precedida de um esbozo biocrítico"* editada em "Coimbra, 1962". Talvez Bleiberg se alicerçasse num currículo antigo ou algum documento em que Da Cal indicava aquela publicação como projecto. Isto prova como era importante salientar a sua figura, ainda sem conhecer os pormenores da produção.

51 Stern estuda o romance português no século XIX; ocupa-se muito brevemente de dados biográficos, para salientar um episódio de estudantes da Universidade portuense com a polícia, que não fora referido por outras investigações. Frisa o interesse deste produtor nas ideias europeias, sobretudo as procedentes da França e a Inglaterra, com o intuito de melhorar a situação de Portugal, e sublinha o facto de não ter viajado nunca ao estrangeiro como limitador da sua perspectiva. Analisa na continuação os romances e os temas, focando a técnica narrativa, descritiva, a língua e o estilo. Conclui tratar-se de um produtor importante pela influência nos seus continuadores, sobretudo pelos temas abordados, embora também com alguns avanços técnicos, e assinala Eça de Queirós entre os devedores dos seus contributos na Literatura Portuguesa, em especial em *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires*, pela semelhança da personagem de Jacinto ou da Torre de Ramires com elementos dos seus romances, por mais que julgue também limitativo que a sua produção só atinja este género. Finaliza as quase 300 páginas deste volume com uma bibliografía de Dinis e referência dos estudos a ele dedicados.

52 Assim o faz ao indicar, v. gr. (Stern, 1972: 118-119) que a visão que Dinis tinha do mundo não era *cor-de-rosa*, como defendia Simões no estudo *Eça de Queirós: o Homem e a Obra*, pois "não era cego às circunstâncias da vida".

No Verão (*Colóquio Letras*, Sem Autor: VIII-1972) circulou o texto da conferência de *A Relíquia*, editado em Lourenço Marques e em Lisboa. Antes, aos 20-III-1972, no jornal lisboeta *A Capital*, **Artur Portela Filho** num artigo muito irónico sobre o Grémio Literário questiona o carácter de "literário" dessa entidade e pergunta a respeito do seu posicionamento em instantes como "quando os lobos uivavam a Aquilino Ribeiro"[53]. Questiona qual a "acção literária" que exercia e afirma que "não é chamando Guerra da Cal a explicar, do exílio e da memória ibérica, um Eça repisadíssimo a um Gaspar Simões póstumo –que se justifica uma designação tão grave, tão séria, tão responsabilizante". No artigo indica que "ainda que se consinta no alibi Tengarrinha e no alibi Guerra da Cal, ainda que se admita, à rua Ivens [em que se sedia a entidade], a palavra 'literário', ainda que se admita tudo isto há, pelo menos, uma coisa que temos o direito e o dever de averiguar –em que está usando, normalmente, basicamente, o Grémio a palavra 'literários'?". O artigo critica assim a orientação da entidade, mas salva Da Cal entre as excepções da que julga orientação passadista e alheia às necessidades do Portugal da altura.

Nos finais de Abril, Joaquim Montezuma de Carvalho[54] envia para Da Cal as duas primeiras **separatas do estudo sobre *A Relíquia*, editado em Lourenço Marques**[55].

---

[53] Portela Filho reprova a atitude de não apoio a Aquilino Ribeiro aquando fora repressaliado pela ditadura, o que suscitou um importante movimento de solidariedade em Portugal e no estrangeiro. Na altura já funcionava a Associação Portuguesa de Escritores, o que favorecia a luta contra instituições que se consideravam de outros tempos.

[54] A mediação de Montezuma favoreceu que, também de Lourenço Marques, outros produtores lhe enviassem contributos para a *Bibliografia Queirociana*. Em 1-V-1972, António da Silva Gonçalves, da Faculdade de Letras da Universidade de Lourenço Marques, encaminha para Da Cal um trabalho queirosiano da sua autoria que Montezuma lhe tinha indicado a Da Cal e que este lhe pedira, publicado no *Lourenço Marques Guardian*, o que fará que figure com verbetes na BQ. Este contacto demonstra a intensidade e a exaustividade na procura: Da Cal tenta conseguir todo quanto material conhecia, com o fim de engrandecer aquela bibliografia que o ocupava desde a década de 40.

[55] Previamente documentam-se diversos contactos epistolares para preparar aquela edição:

A) Da Cal (25-I-1972) comunica a Montezuma que tinha enviado uma fotografia, que lhe fora requerida da revista *Norte* de México, para incluir com a tradução do "Elogio", mas que não chegara a tempo. Afirma ter recebido "carta muito amável e proveitosa do Nucete-Sardi, graças aos bons ofícios do Joaquim", e interessa-se por se publicou os trabalhos sobre *A Relíquia* e sobre os navegadores portugueses em Lourenço Marques, como lhe prometera Montezuma (sobre este último responderá Montezuma que foi devolto pelo jornal por ser longo de mais), a quem deseja para o ano 1972 "que lhe traga saúde, amor, amizade e paz de espírito –que são as quatro coisas pelas quais vale a pena viver".

B) Montezuma (3-II-1972) anuncia-lhe o projecto de tirar 500 separatas do estudo de *A Relíquia. (*Na epístola inclui notícias queirosianas com destino para a Bibliografia Queirociana).

C) Da Cal (26-II-1972) responde: afirma ter ficado feliz pela notícia de que a conferência se publicará na revista da Sociedade de Estudos de Lourenço Marques, com apresentação do "Elogio" de Montezuma, e indica que lhe enviem o número de separatas que estimem oportuno.

Também o Grémio Literário publicou o texto da conferência[56]. Nas semanas seguintes circulam exemplares das duas edições, o que favorece que vários produtores se pronunciem sobre ele, publicamente e de maneira particular.

**Xosé Luis Franco Grande**, em *Faro de Vigo*, aos 23-VII-1972[57], ocupa-se do estudo, alicerçado na edição do Gremio Literário. Salienta o grande mérito de LEEQ[58], reclama a bibliografia sobre Eça, e sublinha o interesse do ensaio sobre *A Relíquia* por se tratar nele "aspectos de moito interese [...] Tan interesantes que mesmo resultan ser a chave da verdadeira comprensión dunha obra tan afervoadamente discutida e de tan trascendente contido". Afirma que Da Cal "coa sua grande autoridade e brilantez expositiva" valoriza a crítica sobre esta narrativa, frisando o seu iberismo, que julga de "orixinalidade do enfoque", qualificando de "moi brilante, aguda e intelixente a contraposición Coroa-Camisa". Assume o cervantismo e picaresco, cita parágrafos da conferência, e conclui Franco Grande[59]:

> A finalidade desta nota non é outra que chamar a atención dos queirozianos –dos ecianos— pra que teñan moi en conta este traballo iluminador, crarificador, guieiro pra

---

D) Montezuma (6-III-1972) encaminha mais dados para a BQ. E aos 7-IV-1972, confirma: "Dentro de uma semana já lhe envio duas separatas do seu magnífico estudo sobre *A Relíquia*".

E) Da Cal (10-IV-1972) agradece as informações bibliográficas e demanda outros dados. Comunica-lhe que, com Elsie "partimos rumo à civilização em 31 de Maio –como V. sabe 'andorinhamos' todos os anos. Lá ficaremos até meados de Setembro –com um pulinho de uma ou duas semanas até a 'bella Italia' na segunda parte de Junho". Afirma estar "aguardando ansiosamente a separata da minha conferência, do *Boletim* da Sociedade de Estudos, em que aparecemos 'reliquiando' juntos". Anuncia que em Portugal "vamos morar com o nosso sobrinho Manuel Bello", e para esse endereço lhe encaminha as separatas Montezuma.

F) Montezuma (2-V-1972) anuncia-lhe que "Hoje, por mar, ao cuidado de Manuel Bello envio 30 exemplares".

G) Da Cal (8-V-1972) agradece as duas separatas recebidas e o envio de 30 para Portugal, e indica que talvez precisasse de mais 20, a haver oportunidade. Qualifica de muito interessantes as notícias que lhe comunicava Montezuma sobre o centenário cubano de Eça, e afirma ao respeito que "já escrevi ao Portuondo –velho camarada dos tempos 'de-Onisíacos' da Columbia University— pedindo-lhe para me mandar tudo aquilo que apareça em letra redonda de tal simpática comemoração". Montezuma, pois, dá pistas valiosas para acrescentar verbetes à BQ.

[56] Esta edição lisboeta inclui nas badanas uma fotografia e uma referência biográfica de Da Cal, sem assinar, na qual destaca o capital simbólico atingido até à altura; refere o contributo de LEEQ como "trabalho metódico e revelador, assim contribuindo da maneira mais segura para a vasta e crescente curiosidade pela figura do grande romancista português"; e do estudo d'*A Relíquia* salienta a "sugestiva interpretação, integrando esta obra controversa numa das mais originais linhas da criação romanesca ibérica". Avança igualmente que estava a "concluir" a BQ.

[57] No verão desse ano Franco Grande indica num cartão a Da Cal "Non lle perdono que non veña por Vigo; canto me aledaría de ver ao amigo de Alén Mar –baixo a lúa da Terra".

[58] Afirma mesmo ter sido este estudo "traducido a todas as linguas europeas".

[59] Franco Grande (25-VII-1972) envia-lhe um exemplar desta recensão. Nessa epístola afirma ter-lhe produzido "grande impresión" o estudo, declarando-se ele um "afervoado eciano" por ter lido *A Relíquia* e outros textos queirosianos havia uns 16 anos com ensejo de uma estada em Lisboa, em casa de uns parentes. Na epístola também o convida para se encontrarem em Vigo.

> quenes queiran afondar no bosque mesto e profundo da narrativa queirozián. E de certo que se sentirán moi a xeito coa compaña cordial, fina, intelixente e penetrante do mestre queiroziano, Ernesto Guerra da Cal.

O relacionamento com o CL galego tira mais uma vez benefícios em favor da canonicidade de Eça e dos contributos de Da Cal[60].

Em 7 de Setembro ocupou-se **Gaspar Simões**, no *Diário de Notícias*, numa crítica conjunta, do estudo de Paulo Cavalcanti e do ensaio de *A Relíquia*. Começa com estas palavras: "É preciso lembrarmos que é de origem espanhola Ernesto Guerra da Cal", e frisa na continuação: "Em verdade, tanto a crítica de língua portuguesa como a investigação de ambiente luso não encaram *A Relíquia* com o optimismo com o que prof. Guerra da Cal. [...] em verdade, a crítica portuguesa, raramente de penetração excepcional, nesse caso se mostrou lúcida, apontando a Eça os deslizes de *A Relíquia* —coisa que a mesma crítica não fez, ou, por outra parte, coisa que fez, mas mal, ao apreciar a sua obra-prima *Os Maias*". Simões insiste em que só a crítica espanhola dedicara "exaltação tão desmedida" a uma produção que o próprio Eça "classificava entre as suas obras menores". E alicerça-se na carta de Eça a Luís de Magalhães, na qual não demonstrava entusiasmo sobre esta narrativa. Defende (Simões, 7-IX-1972):

> Não são os autores muitas vezes os melhores juízes das suas próprias obras? Sem dúvida. Mas não é o caso. Se tivemos o cuidado de ressalvar a nacionalidade de Guerra da Cal foi para que o leitor compreendesse que ninguém estaria em melhores condições para exaltar uma obra como esta, tão irregularmente composta, e tão acanhadamente concebida, como um temperamento espanhol. Em verdade, esta obra, no contexto a que ela se sujeita nos países do romance por excelência, a Inglaterra, a Rússia, a França, só encontra émulos de vulto em Espanha.

Assinala as alusões do estudo de Da Cal ao *D. Quijote*, de Cervantes, e defende que "a novelística picaresca espanhola permanecerá, através dos tempos, como uma criação, a tal ponto peculiar, que só lá, em Espanha, terá plena justificação". Assume Simões: "Pertencemos ao número dos críticos a quem Guerra da Cal alude, indirectamente, que cometeram o erro de considerar um fracasso *A Relíquia*" e insiste que "os espanhóis" são especialistas em "uma espécie de ficção de natureza híbrida, um pouco picaresca e um pouco fantástica" mas "têm em pouca conta o que mais conta na grande tradição novelística: a verdade do homem [...] enquanto representação fidedigna de uma verdade eterna, verdade incompatível com toda a espécie de hiperbolismos simbolizantes".

[60] Aos 18-VIII-1972, Da Cal agradece Franco Grande o artigo do *Faro de Vigo*. Afirma que tinha estado em Vigo em Junho, mas só 3 dias e sem sair apenas do centro da cidade, pois dedicara-se a acompanhar a mãe "que xa ten 83 anos –e a quen tinha prometido estar con ela todo o tempo", pelo que não contactara ninguém. Promete "para o mês de Junho, ou Julho, próisimos" ter mais tempo.

Atribui isto ao facto de em Espanha não haver "nenhum Flaubert, nenhum Stendhal, nenhum Proust, nenhum Tolstoi, nenhum Dickens, nenhum Tomas Hardy, nenhum George Eliot, nenhum Meredith, nenhum Eça". O fundo desta disputa deixa de ser *A Relíquia*: trata-se de desqualificar Da Cal e portanto a metodologia que representava no CEL com uma luta ética e política. Assim, afirma Gaspar Simões:

> Muito teríamos a dizer acerca do picaresco de *A Relíquia* comparado com o autêntico picaresco castelhano. E ainda nos assistiria acrescentar quanto é errada a noção que Guerra da Cal mostra ter. [...] Ah! o que havia ainda a dizer desta capacidade ingénita do espanhol —a que não escapa Unamuno— para *visionar*, para hiperbolizar! Tudo começa com o D. Quijote. E os próprios moinhos contra que esgrime o Cavaleiro da Triste Figura podem servir para mostrar como o *visionário* Guerra da Cal viu na *Relíquia* —fosse na cruz de espinhos, fosse na camisa de Maricoquinhas— aquilo que, em verdade, Eça de Queirós lá não pôs. As relíquias de *A Relíquia*: eis moinhos de vento tomados por gigantes por esse outro Quijote das letras que é o Prof. Alonso Quijano Guerra da Cal.

**A "batalha" de *A Relíquia* estava, pois, no instante fulcral, num estado de luta muito avançado**. Simões insistia na tese contrária ao romance; nos elementos que relacionavam a produção com a Literatura Espanhola, um assunto que deitava lume à polémica. Para ele, *A Relíquia* continuava a ser um romance errado, uma pedra que empecia a canonicidade de Eça.

Em 27-IX-1972, **Nuno de Sampayo**[61] recenseia no jornal lisbonense *A Capital* a edição do Grémio Literário. Refere-se ao estudo dacaliano como "original e profundo" e lembra ser *A Relíquia* um livro "nada estimado de portugueses, apoucado nos críticos de Eça". Sampayo assume as principais teses de Da Cal: frisa o sucesso internacional das traduções e defende ser picaresco e cervantesco por tratar, como no *Dom Quixote*, do problema da incerteza de todo o conhecimento humano; uma "projeção de sombras desorbitadas" como no *Lazarillo*. O crítico coloca, com Da Cal, *A Relíquia* na linha do celebrado romance de Cervantes e de outros clássicos espanhóis. Faz alusão às críticas contrárias recebidas por Da Cal. Insiste em que essa crítica, de que não cita nomes, se tinha referido a este produto queirosiano indigitando-o como "obra dita rasa, sacrílega, chata e frivolamente anatoleana" continuava sem entender a narrativa, na mesma linha que a crítica "terminante do terminado Pinheiro Chagas", por não a ter lido "com atenção e paixão" uma leitura em que, no respeitante a Eça "ninguém se emparelha a Guerra da Cal". Conclui tratar-se de "um trabalho cavado e definitivo" sobre *A*

[61] Este poeta e ensaísta, que tivera relacionamento com a Fundação Gulbenkian, já dera a lume títulos que o notabilizaram no CL e no CEL português. Aquele ano o Ministério da Educação publicou duas das suas produções, uma delas relacionada com as comemorações do centenário de *Os Lusíadas*.

*Relíquia*, advertindo no início e na conclusão que esta recensão tentava ser "uma homenagem singela" a Da Cal porque (Sampayo, 27-IX-1972):

> Portugal, sem Eça de Queirós que formosamente lhe avolumou o património literário, e lhe arejou e requintou a língua tarda e tosca –seria mais breve e mais parco; –e sem o estudo de Guerra da Cal, de metódologo e de poeta, que lhe desmonta o lhe desvenda o génio de estilista –o romancista de "Os Maias" não significaria o que hoje significa para nós, alguém muito íntimo e muito acessível, que não acoberta segredos, e cuja grandeza facilmente entendemos após Guerra da Cal a ter competentemente investigado. [...]
>
> Nenhum português (nem mesmo Camões) goza de foro como que o Guerra da Cal outorgou ao privilegiado Eça de Queirós: um estudo completo, uma devassa metodológica magnífica, uma lição profunda e perfeita. Estou falando de "Linguagem e Estilo".

Sampayo, nome ligado aos sectores renovadores e progressistas da crítica e da intelectualidade portuguesa, entre eles a *Seara Nova*, apoia com esta crítica a Da Cal e principia a inclinar a balança em favor dele nesta disputa.

Para além destas reacções públicas, Da Cal recebe outras respeitantes a este ensaio de produtores de Angola, Checoeslováquia, Portugal, Galiza, Alemanha e o Brasil, que confirmam como o estudo se revelava em mais um sucesso nos estudos queirosianos, que contribuiam também para a sua centralidade no CEL[62].

---

[62] Dos contactos e reconhecimentos epistolares, que não trascenderam e que se puderam documentar, merecem destaque os seguintes:

a) Com **Gilberto Moura**, a quem tinha conhecido em Luanda em 1970, tem correspondência de modo continuado. Moura (3-I-1972) solicita ser informado do aparecimento dos tomos II e III de LEEQ para os conseguir; diz ter saudades da Galiza "irmã amiga da terra portuguesa, berço de Rosalía, Curros, Castelao e Otero Pedrayo", nomes que conformavam o cânone galego que mais funcionava em Portugal. Da Cal (5-II-1972), na resposta, indica que do vol. II de Eça "no que conto completar o meu estudo estilístico do **nosso grande romancista (digo nosso, porque como galego ele também me pertence**), está bastante adiantado", e que estará pronto para os prelos de Coimbra "para fins de '73 'Deo volente'"; do vol. III diz que "terá 2 tomos talvez 3" e será "uma maçadora e catedralícia Bibliografia Queiroziana", que prevé estará pronta em fins do verão e que "Irá para além dos 6.000 verbetes em 12 línguas"; e solicita-lhe de favor informação biblográfica da placa da Lello em Luanda de que lhe falara Cruz Malpique. Moura (14-II-1972) indica que a Lello de Luanda lhe responderá e oferece informação iconográfica de Eça. Moura (16-III-1972) comunica-lher ter recebido os 2 primeiros volumes da *Obra Completa* de Eça publicados pela editora Aguilar no Brasil, e pergunta "por que não foi essa edição confiada ao cuidado de V. Exª, que é hoje, certamente, o melhor conhecedor do texto queirosiano e portanto a maior autoridade para a levar a bom termo?". Da Cal (28-III-1972) agradece a Moura informações de matérias queirosianas, diz que o Reitor de Luanda lhe tinha pedido o texto da conferência sobre *A Relíquia* para o publicar, mas não respondera, mas nesta epístola nada diz da pergunta sobre a editora Aguilar. Moura (9-XII-1972) agradece o exemplar da conferência da *Relíquia* que lhe tinha enviado Da Cal, que assim atendia solicitamente aquele aliado angolano, que tanto o valorizava e ajudava.

b) O iberista checo **Zdenek Hampejs** (11-II-1972) oferece a Da Cal nova informação queirosiana, que fará que este especialista seja dos que tenha mais verbetes dedicados na BQ, e representa um exemplo de fidelidade continuada no tempo para enriquecer com contributos de maneira ininterrupta durante  anos o repositório bibliográfico; e ao tempo também a vontade de estar presente nesse repositório.

c) De Portugal, **Luís dos Santos Ferro** (22-II-1972) encaminha-lhe dados a respeito de bibliografia, iconografia, numismática e outros elementos de interesse para a BQ. Enviar-lhe-á 9

III.2.3.9.2.-Produção literária em Portugal, Espanha e Moçambique.

Apesar de mais secundária, a produção literária de Da Cal acrescenta-se em 1972 com a **publicação de uma série de artigos no jornal *A Capital*, de Lisboa. A sua poesia emerge também para a actualidade numa homenagem a Camões, em Moçambique; e numa antologia publicada na Espanha**.

---

cartas nesse ano, e mais 10 em 1973. Em 1971 já lhe tinha encaminhado 7 cartas também com valiosas informações, que serão incorporadas por Da Cal na BQ em numerosos verbetes.

d) **Castelo Branco Chaves** (24-IV-1972), outro dos nomes com maior presença na BQ, redige carta para Da Cal: Diz que Luís dos Santos Ferro, comum amigo, lhe tinha entregado "um exemplar da sua magistral conferência sobre *A Relíquia*", e acrescenta: "De há muito, leitor e admirador de V. E., não faltei a ouvi-lo quando a conferência foi pronunciada no Grémio Literário, onde a aplaudi entusiasticamente, pois me pareceu o seu trabalho uma maravilha de entendimento e penetração crítica. Feita agora a leitura do texto dessa conferência, não só se confirmou como engrandeceu a minha admiração por esse subtilíssimo trabalho literário". Os queirosianistas decantavam-se assim por Da Cal, o que favorecia que a luta pelo centro em que concorria fosse cada vez mais favorável aos seus interesses.

e) **Armando Cortesão** (28-IV-1972) agradece a Da Cal o ensaio sobre *A Relíquia* "que recebi anteontem e acabei de ler ontem à noite. Infelizmente não pude ir ouvi-lo ao Grémio Literário em Janeiro do ano passado". Aquele aliado da UC, que defendera a sua candidatura para o ingresso na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, valoriza: "Depois de se lerem os seus trabalhos sobre o Eça descobrem-se-lhe novas e recônditas belezas até então despercebidas. [...] É um encanto, por todos os motivos, saborear a sua prosa límpida e profunda. Bem haja –é o que lhe devem dizer todos os seus irmãos portugueses".

f) Da Galiza, **Ramón Piñeiro** (20-VI-1972) agradece por carta que Da Cal lhe tivesse enviado separata do estudo sobre *A Relíquia*. Afirma tê-lo lido "con doble interés" por estar envolvidos nele Eça e Da Cal, e valoriza: "Resultoume engaiolante pola elegante craridade expositiva e pola lúcida agudeza das ideas. Cando remates coa bibliografía sin dúbida farás o gran libro que o Eça merece da crítica contemporánea. Seria moi bó que ese gran libro fose escrito por pluma galega". Da Galiza recebia assim também apoio naquele empreendimento, cientes de que servia para prestigiar Galiza no intersistema lusófono e sobretudo em Portugal, o que resultava estratégico na altura para os interesses do galeguismo.

g) O professor alemã **Heinz Kroll** (15-VII-1972) agradece o trabalho de *A Relíquia* e oferece-lhe marcar um encontro em Portugal. Os especialistas que se tinham ocupado de LEEQ eram pois escolhidos como destinatários de aquele ensaio, buscando assim Da Cal novas cumplicidades. Kröll valorizara muito positivamente LEEQ na edição de Coimbra e também na mais recente de Lisboa, de aí que estivesse entre os primeiros em receber o novo contributo.

h) O escritor brasileiro **Guilherme Figueiredo** (IX-1972) envia carta, autógrafa, para Da Cal: "é para me render aos seus pés pela beleza do seu ensaio sobre *A Relíquia*, beleza de lucidez, onde se confirma que afinal mestre Eça encontrou seu analista fundamental. Muito obrigado. Vou recomeçar a leitura da 'Relíquia' depois de iluminada por Você", afirma. Pergunta se recebeu obras que lhe tinha enviado e interessa-se por quando tinha previsto ir ao Brasil.

i) De Aix-en-Provence, onde leccionava, o professor e historiador português **João Medina** (XII-1972) envia para Da Cal um seu trabalho sobre "Eça de Queirós e o Anarquismo (1892-1894)", com a dedicatória: "Para Ernesto Guerra da Cal, agradecendo-lhe a amável oferta do seu excelente estudo sobre *A Relíquia*, oferece, com muita estima e admiração pelo grande estudioso do 'nosso' Eça". Medina também dedicava esforços a pesquisar sobre o produtor português. Aquele ano publicara *Eça de Queirós e o seu tempo*, um estudo em que defende (1972:243): "Um dos lugares-comuns mais gulosamente repetidos pela crítica portuguesa —como aliás o salientou com acerto Guerra da Cal no seu estudo sobre "*Linguagem e Estilo de Eça de Queiróz*— consiste em opor, como prova de superioridade, a opulência do léxico de Camilo à pretensa pobreza da linguagem de Eça", e argumenta com citaçons textuais do estudo dacaliano. Este produtor de outro campo, muito prestigiado já em Portugal entre os grupos opositores à ditadura, somava-se destarte aos seguidores de LEEQ pondo em destaque o contributo dacaliano.

j) Também envia separata do estudo de *A Relíquia* para **Rodrigues Lapa** (ver infra).

A série publicada no jornal *A Capital* sob o título *Relances nova-iorquinos*[63] supõe a intervenção de Da Cal em campo diferente, como era o das pintura e a escultura. Trata-se de contributos divulgativos a respeito da actualidade de Nova Iorque, que talvez constituíssem emissões da estação *Voice of America*. Em todo o caso, são trabalhos positivos para a sua projecção em Portugal, pelo destaque que se lhes outorga na apresentação no jornal, e em que também transparece a metodologia que aplicava para o CEL. É assim um modo de reivindicar a validade dessa metodologia para aplicar ao estudo de campos diferentes, ao enfatizar duas das principais características da mesma, como eram o estilo individual e o comparativismo.

Em 2-II-1972, no suplemento "Literatura e Arte" escreveu o artigo "Joan Miró volta a nova york". Da Cal define Miró como "talvez o artista plástico contemporâneo que soube impôr, internacionalmente, com maior intensidade, a sua singular visão do mundo". Ocupa-se dele com ensejo de recente exposição, segundo assinala[64].

Em 5-IV-1972 publicou "Calder criador da escultura animada", um trabalho em que analisa a evolução da produção de Alexander Calder, a quem apresenta como responsável de dar "nascimento a uma nova estética", e de como tinha sido reconhecido em Paris, cidade onde fez o seu primeiro grande contributo. por alguns dos grandes canonizados da arte do século XX, como Picasso, Léger, Miró ou Cocteau. Para Da Cal, "o *mobile* –nome dado por Marcel Duchamps aos mais conhecidos produtos de Calder— como todo o objecto artístico, tem a sua justificação em si mesmo"; e o surrealista Jean Arp dera a outros produtos de Calder o nome de *stabiles*[65].

---

63 Segundo assinala Da Cal no seu Curriculum Vitae, a série iniciou-se em 4 de Janeiro, com o artigo "A Toirada no mundo da arte americana". Este contributo, no entanto, não foi encontrado nessa data, nem em outras próximas, na sequência da presente pesquisa.

64 Fora na Galeria Lynn Epsteen, de Manhattan. Da Cal assina, com Baudelaire, que "o génio é a recuperação da infância", defendendo que, assim, Miró "é inequivocamente genial". Analisa a pintura, e mesmo discute algum assunto, como a discrepância a respeito do humor, e conclui o trabalho, de toda a página, frisando a liberdade de Miró por causa da elevada cotização atingida pela sua produção, assinalando (Da Cal, 2-II-1972): "E assim, vai criando com a sua fresca, fértil fantasia, o seu 'País das Maravilhas', estranho e fascinante, onde as coisas, sem deixar de ser o que são, estão sempre indicando que podem simultaneamente ser outras, divergentes ou contrárias a si mesmas –todas elas com a sua secreta carga mágico-poética. Com elas afirma o valor lírico do Sobrenatural, e reafirma a legitimadade do Mito, de cujo Reino, quase esquecido, ele tem as chaves. E, sábio e inocente, aponta, com o dedo mínimo, ao transcendente Absoluto". Defende pois o mesmo que assinalava para os produtos literários e a sua interpretação, que divergiam segundo a perspectiva dos produtores e da focagem com que se estudassem em diferentes épocas. Há assim uma transversalidade na produção artística ao ultrapassar a verossimilhança, e aponta ao conceito de "criação", que relacionava esta faculdade do artista com Deus.

65 Este artigo de Da Cal deve-se a ter "o imaginoso escultor" inaugurado nova exposição em Manhattan, na Perls Gallery, em que: "oferece-nos uma nova versão, esta mista, das suas originalíssimas visões da realidade. Esta responde a uma hibridação, permeada de tenro humor, os *mobiles* ou *stabiles*. A denominação que ele cunhou para esta nova categoria plástica é agudamente expressiva –*animobiles*: que

Em 3-V-1972 saiu a derradeira entrega, "'Miss Liberty' cumpriu 85 anos", com chamada na capa, e artigo na página 3, incluindo fotografia de Da Cal. Aí refere-se à simbologia nacional de certos monumentos, como a Torre Eiffel de Paris, as torres da catedral de São Basílio de Moscova, a do Parlamento inglês, o Coliseu de Roma, o Cristo Redentor do Rio ou a estátua da sereia de Copenhague, indicando não existir nada igual em Espanha nem em Portugal. O símbolo português para os norte-americanos estava a ser na altura o fado, acrescenta[66].

Projecta-se também como produtor literário na Espanha ao ser incluído, aos 15 de Maio de 1972 –data que figura no cólofon— em ***Poetas españoles en U.S.A.***[67], volume da prestigiosa colecção "Adonais"[68], organizado por Francisco Carenas, catedrático de Literatura na Universidade de Boston, e autor de estudos e ensaios sobre produtores hispânicos, tendo-se especializado no poeta exilado Max Aub. Inclui Da Cal e outros 19 produtores[69], todos eles docentes em universidades norte-americanas e a maioria

---

tem um carácter ironicamente engenhoso, como corresponde à natureza dessas esculturas, todas elas formas precedentes do reino animal", dando explicações a seguir do relacionamento que via nesses novos produtos com o Génesis e outros reportórios, e concluindo (Da Cal, 5-IV-1972): "Mais uma vez o velho mestre nos oferece um mundo de criação estética que sendo, na aparência, trivial é, apesar disso, profundo. Os animobiles de Calder, sem deixarem de ter perfeita validade como brinquedos –e temos a certeza de que como tais serão comercializados— são também obras de arte séria, imbuída dum franciscanismo zoófilo, humanisticamente irónico e enternecido". Apela assim ao comparatismo e ao diálogo entre produtores, e à intencionalidade de intervir em campos diferentes com propostas de trabalhos que inovavam e que, apesar do desvio que pudessem representar a respeito do cânone, inseriam-se no campo. Também espelha a surpresa e a divergência crítica na focagem dos produtos.

66 Relata a história da estátua da liberdade de Nova Iorque, oficialmente inaugurada em 1886, declarada monumento nacional em 1924 e grande atractivo turístico. Alude à ocupação militar de que fora objecto em Outubro do ano anterior, com ensejo do aniversário, por um grupo de ex-combatentes da guerra do Vietnam, contra a presença militar americana naquele conflito asiático, questionando qual seria a opinião da estátua respeitante a esse incidente em caso de poder falar. Oferece assim dimensão de actualidade política para aquele produto que, como os escritores canonizados no respeitante ao CL, projectavam de forma simbólica a cultura de um país para o estrangeiro.

Da Cal utiliza um estilo ameno, fácil para o jornal, tentanto prender o interesse não só dos mais especializados em arte, mas de qualquer leitor ao focar assuntos respeitantes a produtores ou produtos bem conhecidos e prestigiados internacionalmente. Através deste breve contributo jornalístico também se reivindica no CEL, ao frisar a variedade do seu conhecimento e pela maneira como aplicava os pressupostos que orientavam a sua metodologia.

67 No Espólio EGC conserva-se um exemplar deste volume, com esta dedicatória de F. Carenas: "Con sincera gratitud al Prof. E. Guerra Da Cal quien me facilitó tanto este trabajo".

68 Outra importante antologia para a projecção da poesia galega na Espanha foi a preparada por Basilio Losada (1972) para a também muito prestigiada na altura editora Seix Barral, de Barcelona: um produto de que se informava que se editavam 6.000 exemplares, devido à demanda que existia para conhecer a produção das literaturas mais periféricas do Estado. Nesse volume, no entanto, Da Cal é ignorado.

69 Classificam-se os produtores segundo a data de nascimento. Principia com Jorge Guillén, e seguem outros conhecidos intelectuais, como Joaquín Casalduero, Arturo Serrano-Plaja, Ildefonso Manuel Gil, José Rubia Garcia (sic, por Barcia), Germán Bleiberg, Odón Betanzos Palacios, Marina Romero, Rafael Millán, Manuel Durán, Tomás Segovia, Jaime Ferrán, Manuel Mantero, Julia Uceda, Luis Beltrán, Alfredo Gómez Gil, Lluis Alpera, Ana María Fagundo e Concha Zardoya. Em todos os casos oferece nota biográfica e uma selecção de poemas, que oscilam entre os 8 de Alfredo Gómez Gil e os 6 de Jorge Guillén e Da Cal, a só um de Arturo Serrano-Plaja ou Odón Betanzos Palacios. A nota

exilados. Trata-se de compilação que tenta a axaustividade, pois nele inclui (Carenas, 1972:7) "todos los poetas españoles residentes en Estados Unidos de los que tengo noticia", e reivindica a sua produção, reprovando que geralmente se excluíssem das antologias espanholas. Valoriza (Carenas, 1972: 11-12):

> Esta circunstancia [serem todos professores e poetas], junto con la ventaja de la amplitud de miras proporcionada por el distanciamiento y la fecundidad de las bibliotecas, les ha ayudado a descubrir mejor las llagas del pasado, a valorar en su justo medio el fantasma de la Guerra Civil, interpuesto entre la España real y la de sus aspiraciones culturales. Es en esa atmósfera de pesadilla en que mayores y jóvenes intuyen la frustración de su esperanza. Y a pesar del intento de dar un sello de universalidad a su expresión poética, no por eso han dejado de lado la común tarea de dar expresión a la realidad de España.

Da Cal aparece em igualdade[70], mesmo com certo privilégio num volume de valor quer pelo lugar onde aparece editado, talvez a editora referente por excelência para a poesia na Espanha do último franquismo; quer pela intencionalidade do produto, de reivindicar produtores do exterior, maiormente exilados, e prestigiar a língua e a literatura espanholas ao ressaltar os seus cultores nos EUA; e por ser indigitado de figura de prestígio intelectual à par de outros grandes vultos que, como ele, atingiram posições de relevo no mundo académico universitário norte-americano, altamente prestigiado internacionalmente. Também neste lugar, e perante os seus pares, Da Cal reivindica mais uma vez a pertença da língua da Galiza ao intersistema lusófono. A este respeito contrastam os seus poemas com os de Rubia Barcia, pelo fulcral aspecto ortográfico. A presença nesta antologia não só tem interesse para a projecção em Espanha, mas também para a Galiza, pois a colecção Adonais era também referencial para os produtores literários galegos coevos[71]. Uma colecção, enfim, muito prestigiada pela

---

biobibliográfica de Da Cal é das mais compridas. As composições estão em castelhano, excepto as de Da Cal e Rubia Barcia, em galego; e a de Alpera, em catalão.

[70] De Da Cal encontram-se na antologia "Non sum dignus" (pp. 41-42), "Voltas" (pp. 43-44), "Compaixon" (pp. 45-46), "Rosario" (pp. 47-48), "Sagrada Familia Marinheira" (p. 49) e "Pelerinaxe final" (pp. 50-51). Só neste último, e em "Compaixon" se indica a procedência, respectivamente, de LAM e RST, apesar de pertencerem os seis poemas a ambos os livros. A reprodução dos seis poemas é fiel à edição de Galaxia, excepto não colocar o til de nasalidade sobre o u, talvez por problemas da gráfica. São poemas certamente significativos: "Voltas", por levar na epígrafe uns versos do Marqués de Santilhana, em Galego-Português; e os outros cinco pelas dedicatórias –Cecília Meireles, Bandeira, Gullón, Carlitos de Piniés e Eduardo Portella–: quatro figuras dos campos literário e da crítica literária, referentes pela sua actividade para os intersistemas lusófono-brasileiro e hispanófono, e uma criança, filho de um médico espanhol exilado.

[71] O volume preparado por Carenas é duplo, e leva os números 292-293 da colecção, que no também duplo 265-266 incluira uma *Antologia Poética* de Manuel Maria, preparada por Basilio Losada. Outras presenças de galegos eram Uxío Novoneyra, nos números 235-235 com *Elegias del Caurel y otros Poemas*; uma *Antología de la Poesía Gallega Contemporánea*, preparada por Ramón González Alegre, no 161-162; ou José Angel Valente, este produtor em espanhol, que ganhara o prémio convocado pela colecção em 1954 com *A modo de esperanza*, editado no número 115. Dos seleccionados por Carenas tinham volumes editados na colecção Ildefonso Manuel Gil, Concha Zardoya e Arturo Serrano-Plaja.

selecção e apresentação dos produtos, pela sua especialização, pela continuidade, desde 1943; por contar com "suscriptores de honor" entre os quais se encontravam alguns dos mais reputados nomes dos CL e CEL espanhola[72], nomeadamente relacionados com a poesia; pela atenção ao panorama internacional, com a edição de poetas e antologias de diversos países; e por convocar um prémio de poesia anual que se consolidara como um dos principais da Espanha. Aparecer em Adonais era sinónimo da mais alta qualidade. Um dos lugares, pois, de maior interesse no campo, consagrador[73].

Em 4-VI-1972, nas "Páginas Selectas-Crítica de Libros" de *Faro de Vigo* publica-se trabalho respeitante a esse volume de Francisco Carenas[74], com o antetítulo "Dous nomes galegos nunha escolma", em referência a Guerra da Cal e a Rubia Barcia. Este trabalho, sem assinar, está ilustrado com a reprodução da capa de RST. Oferece dados biográficos de Da Cal e lembra os dois poemários editados em Galaxia salientando que "Guerra da Cal adoita empregar, no galego que escribe, a ortografía portuguesa". O autor da nota alude à apresentação deste volume, indicando serem todos os autores professores de língua e literatura "castelán" nos EE UU.

Em Maio, **Da Cal participou na homenagem que se organizou em Moçambique** com ensejo do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*. O seu mediador nessa colónia africana será mais uma vez Joaquim Montezuma de Carvalho, que lhe faz a proposta ao respeito que vai ser acolhida com entusiasmo por Da Cal[75]. Será o 31-V-

[72] Merece destaque como dinamizador principal da colecção Vicente Aleixandre, quem ocupava um dos centros literários da Espanha na altura, e que aparecia na relação de 58 "suscritores de honor" com o número IV.

[73] Na Galiza publica-se esse ano o estudo de Jerónimo Pablo González Martín, professor da Trent University Peterborough, de Ontário (Canadá), *Ensayo sobre la poesía gallega contemporánea*. Da Cal não se encontra entre os produtores citados. No entanto, na epígrafe "La poesía gallega durante la guerra civil" (González Martín, 1972: 135-141) põe-se em destaque que "es difícil encontrar, en las numerosas revistas que se publicaron durante nuestra guerra civil, poemas escritos en gallego. Solamente de forma esporádica, como en la revista *Nueva Galicia*, pueden encontrarse. Los poetas gallegos utilizarán el castellano", e também se salienta que se ocupam mais de temas gerais da Espanha que galegos, ao contrário do que acontece, v. gr., com os produtores catalães. O autor ocupa-se sobretudo dos contributos de Lorenzo Varela e Luís Seoane durante a guerra. Apesar de não aparecer o seu nome, Da Cal será segundo este estudo dos raros produtores que utilizou o galego na produção de poesia nesse tempo.

[74] Carenas (2-X-1972) envia-lhe um exemplar do livro, indicando que saira publicado em abril. Junta também curriculum vitae e solicita ajuda para encontrar trabalho.

[75] Da Cal (8-V-1972) afirma em carta para Montezuma: "Fico desvanecido com a ideia de que a minha humilde "Cantiga a Luís de Camões" vai ser ouvida em companhia das vozes poéticas da hierarquia das de [Jorge Luis] Borges e [Jorge] Guillén. Amanhã tenho que ir aos estudios da '**Voz de América**'**, em Nova Iorque, para gravar as minhas cinco palestras mensais dirigidas à Espanha** –e aproveitarei a ocasião para ler ao microfone o meu poema, e mandar-lho. Sobre o meu amigo Langston, eu não publiquei um estudo –apenas traduzi para galego alguns dos seus poemas. A 'Cantiga' irá já na próxima semana, pelo correio aéreo registado".

1972 a data em que a Sociedade de Estudos de Moçambique organize "um acto cultural de suprema importância dentro das homenagens internacionais a Camões e ao IV Centenário da 1ª edição de '*Os Lusíadas*'", segundo se referia no programa desse acontecimento. Da Cal foi apresentado como "ensaísta e catedrático galego" e professor de literatura portuguesa em Nova Iorque. A gravação da intervenção de Da Cal encerrou o acto, iniciado por Jorge Luís Borges e continuado por Jorge Guillén[76].

III.2.3.9.3.-A luta ortográfica na Galiza: Rodrigues Lapa apela a Da Cal.

Outro dos temas centrais da actividade de Da Cal, a sua defesa de uma nova canonicidade ortográfica da língua da Galiza, segundo o padrão comum ao intersistema lusófono, receberá esse ano o impulso de Manuel Rodrigues Lapa. Este professor português agradece-lhe aos 8-VII-1972 o envio do trabalho sobre *A Relíquia*, e ao conhecer a estada de Da Cal em Portugal e a sua actividade de viagens, aproveita para lhe fazer esta proposição:

> Quando vier para o Norte, peço-lhe que bata ao meu ferrolho. Tinha especial empenho em falar consigo sobre os problemas do galego, ameaçado muito gravemente com o êxodo maciço dos que eram o seu suporte, e com a disseminação temível dos meios audiovisuais de comunicação em castelhano. Tenho sobre isso opinião formada e lembro-me sempre do seu exemplo, que julgo deverá ser a inspiração de todo o literato galego: forjar uma "koiné", quanto possível apoiada no português, disciplinando, joeirando e urbanizando o velho e rústico idioma galego, que, tal como está, não pode ser uma língua de cultura. Essa fala está agora ameaçada, e só uma língua culta poderá acautelar a sua sobrevivência. Primeiro, foi o povo que salvou a língua; agora, compete aos escritores salvá-la de novo, por meio de adequado uso literário. Lembre-se que daqui a 50 anos haverá 400 milhões de Brasileiros a falarem a "nossa" língua. Por essa ocasião, o Brasil será uma das grandes potências mundiais, e a língua portuguesa já terá ultrapassado de longe a importância do castelhano.
>
> Gostaria de falar consigo acerca deste quadro futurológico, que deve estar sempre presente na consciência do homem galego de hoje, a braços com uma grave crise de cultura.

Estas ideias de Lapa serão exprimidas em letra redonda no trabalho que publicara no ano seguinte na *Colóquio Letras*, reproduzido posteriormente na *Grial* e em outros meios, e que resultará muito polémico (ver infra). Lapa colocará Da Cal no centro da luta ortográfica ao indigitá-lo de modelo, como avançava nessa epístola.

---

Da Cal (15-V-1972), em nova epístola, confirma o envio da gravação de aquele poema e pede-lhe que, caso "por alguma razão não prestasse" lhe demande outra cópia, pois estará até ao dia 31 em NY e ainda a poderia fazer.

[76] Um exemplar do convite oficial para o acto conserva-se no Espólio de EGC. Borges é apresentado como "candidato ao Prémio Nobel de Literatura" e escolheram dele o soneto "A Luis de Camoens"; e de Guillén, na altura docente da Universidade de Harvard, a gravação incluia a declamação dos poemas "De una elegancia" e "Al margen de Os Lusíadas". O acto fora anunciado na imprensa, em 29-V-1972, em breve nota do jornal *A Tribuna*, de Lourenço Marques, em que se frisava a "canção galega" de Da Cal e o facto de ser "dita pelo poeta galego e autor da cantiga", com o que se destacava a galeguidade do autor e da produção.

A respeito da situação da cultura galega, aquele mesmo Verão, na carta que lhe tinha encaminhado para agradecer o envio da conferência de *A Relíquia* (ver atrás) informa Ramón Piñeiro que "Vaise avanzando, inda que non ao ritmo que quixeramos, e desde logo non cesamos na empresa. Craro que os atrancos tampouco cesan", dando conta dos entraves com a censura para editar em Galaxia *Xente ao lonxe*, de Blanco Amor.[77] Comunica na mesma epístola que "xa hai catedrático de Lingüística e Literatura Galega", que era Ricardo Carvalho Calero, quem ganhara o posto na USC, com o que se conseguia um dos objectivos centrais reivindicados por Galaxia durante muitos anos; e anuncia-lhe que vai encorajar "o mais xoven narrador galego, Xavier Alcalá", que ia passar mês e meio em Lisboa, para que o visitasse, oferecendo bons informes sobre ele.

A situação, pois, parecia propícia para que Rodrigues Lapa tentasse intervir alertando ser oportuno virar o rumo da ortografia da língua. Acontecia, portanto, um instante fulcral, que se espelhará na luta directa no campo especializado em poucos meses.

III.2.3.10.-Finalização da *Bibliografia Queirociana*, e no centro da luta ortográfica da Galiza, em 1973.

No ano 1973 Da Cal terá protagonismo de relevo por duas questões principais da sua biografia: os estudos queirosianos e a ortografia da língua da Galiza. No queirosianismo finaliza um projecto de longa data que resultará central para a sua projecção e para a fortuna de Eça de Queirós; e na ortografia galega o que estará em jogo será o galeguismo, pois era um assunto político e cultural, não só de normativa, em que se dava a luta política.

No CEL português, entregou a *Bibliografia Queirociana* (BQ) na UC e anunciou-se na imprensa a sua publicação. Teve relacionamento com os herdeiros de Eça e colaborou com eles. Continuou o reconhecimento internacional aos seus estudos, e na UFRJ editou-se o volume com as suas conferências cervantino-queirosianas de 1970 no Rio, em que se reedita por terceira vez o estudo de *A Relíquia*, com os dados dos principais produtores do CEL com os que lutava pela legitimidade desta narrativa. Mantém a colaboração com a estação de rádio da Voz de América, que após mais de duas décadas caminhava para o seu final[78].

[77] Na carta junta dois livros, um de "lecturas escolares" e outro de Eduardo Moreiras, informando ser este de Quiroga, uma maneira de chamar a sua atenção e procurar cumplicidade.

[78] De Janeiro de 1973 conseguiu-se documentar mais um contributo, "Tombstone of California's discoverer 'found' in Museum" (a pesar do título em inglês, o texto do trabalho está redigido em

Em Portugal publicou-se pela primeira vez o estudo de Rodrigues Lapa sobre a recuperação literária do galego, e depois na Galiza, provocando polémica. Da Cal é indigitado como modelo, o que propicia disenso de produtores consagrados, como Álvaro Cunqueiro ou Ramón Piñeiro; e duros ataques, mesmo desqualificadores, entre os novos. Apesar de circunstâncias no quadro legislativo que em princípio poderiam favorecer aquela empresa, Lapa e Da Cal serão derrotados. Da Cal, no entanto, mantém-se na sua posição, num volume especial sobre a cultura galega editado em Porto Rico, onde só ele utiliza ortografia lusitanizante. *Grial* publicou uma entrevista de Carlos Casares com Eduardo Blanco Amor**, que se converterá em referência para o estudo dos SPG de García Lorca e em que reconhece a participação de Da Cal**[79]**.**

III.2.3.10.1.-Tensões no queirosianismo no tempo da finalização da BQ.

---

castelhano). Dedica este programa à gesta do descubridor Cabrillo, com ensejo de ter sido poucas semanas antes pelo Professor Robert F. Heizer, antropólogo do Campus de Berkeley, da Universidade de Califórnia, a lápide que indicava o lugar onde tinha sido enterrado Cabrillo. A respeito desta personagem, a quam qualifica de "arrojado argonauta ibérico", morto em 3 de Janeiro de 1543, valoriza Da Cal que o achado de aquela lápide "renueva ahora la gloriosa memoria del hombre que, heroicamente fracasando en la búsqueda del paso del Norte, llevó sin embargo a cabo una de las grandes hazañas de la navegación boreal, ligando los nombres de España y Portugal a una página áurea de la historia de la Civilización en la América del Norte. España olvidó a su navegante, pero no así los EE. UU. ni Portugal", referenciando como aquele mesmo ano o Senado estatal tinha aprovado uma Lei para estabelecer o dia 28 de Setembro "como fiesta patriótica del Estado, con el nombre de 'Día de Cabrillo'". É este o último trabalho de Da Cal para essa estação de rádio que se conseguiu encontrar la sequência da presente pesquisa.

[79] Nessa entrevista, Eduardo Blanco-Amor rememora a amizade com Da Cal e faz referência aos *Seis Poemas Galegos* e ao relacionamento com Serafín Ferro, nos seguintes termos (Casares, VII/IX-1973: 342-343): "Os *Seis poemas galegos* tiveron un primeiro reaxuste entre Federico e Ernesto Guerra Dacal, o máis íntimo amigo de Lorca e que daquela firmaba Ernesto Pérez Güerra [...] Supoño que a miña amistade de aqueles anos, que foi moi fermosa, remexéu nel o seu pouso de neno galego perdido en terras alleas. Tiven además a sorte de que un indiano, benia a el, que me convidóu aos romaxes de Santa Marta de Ortigueira e San Andrés de Teixido, me consintise traguer comigo ao Ernesto. Eso foi tan decisivo pra el, que á volta, mentras ensaiaba o *Lillion* de Frank Molnar, sacaba a armónica, púñase a tocar, e obligábame a que entonase o "San Benitiño do ollo redondo". Este é o Ernesto. El foi quen tivo o primeiro contacto cos manuscritos dos *Seis poemas galegos*. Queda sin revelar o primeiro que se publica que é *Madrigal á cibdá de Santiago*. [...] a miña intervención é puramente ortográfica, nalgúns casos métrica, onde un tan riguroso rimador como Federico non podía conocer a condición métrica de algúns diptongos ou sinalefas. Hai unha anécdota bastante emocionante, que nunca contéi, da composición tipográfica dos poemas. Compúxoos Casal a mau, con letra de caixa, e deume a min a compoñer o meu poema predilecto, *Danza da lúa en Santiago*, porque eu adeprendera de neno a caixa da imprenta. [...] Había un rapaz naquela pandilla de galegos, que se chamaba Serafín Ferro. Era amigo íntimo de Cernuda e tiña por libro de cabeceira –non sei se decir de cabeceira, porque nunca dormía na mesma cama— os *Cantos de Maldoro* e *Follas de erba* de Whitman. Serafín era pequeno, moreniño, unha mirada ferinte e un cabelo ensortixado que Federico chamaba "cartaginés". Este rapaz foi escollido por Malraux pra un papel de bastante releve na súa película. Morréu na miseria nun hospital de México, onde o Ernesto Guerra Dacal lle levaba laranxas, como Curros ao agoniante Añón. Morreu aos trinta e cinco anos. O Serafín aparece moi aludido no libro de Carlos Morla, que é un dos mais fideles pra conocer a vida de Federico e de aquela xeneración.".

**Blanco Amor reconhece a privilegiada participação de Da Cal na redacção dos SPG**, referindo-se a ele com simpatia, mas também com "dados a entender", habituais nele, que convidavam a "ler nas entrelinhas". Vale a pena frisar também a boa valorização que Blanco Amor faz do livro de Morla, em contraste com a má opinião desse volume de Da Cal e da sua primeira esposa Margarita Ucelay.

A situação no CEL entre os estudiosos de Eça de Queirós era de certa indefinição: surgiram novos apoios ao posicionamento de Da Cal, enquanto Gaspar Simões reeditou o seu estudo premiado de 1945 (com ensejo das celebrações do centenário do nascimento de Eça de Queirós), com reformas, mas mantendo os principais pressupostos contrários à canonicidade de Eça, nomeadamente elementos psicologistas e a valorização sobre *A Relíquia*. Entre os especialistas emergentes dá-se divisão: uns defendem a linha de Da Cal e outros questionam-a. Além disso, a família de Eça ampara-se nele para novos projectos. **Entrega por fim a BQ nos prelos da UC,** acontecimento que se espelha na imprensa com destaque: **era o assédio ao centro do queirosianismo**, que conseguirá banir as resistências que se alçaram contra ele e suporá, em poucos anos já, a sua consagração como o maior especialista.

III.2.3.10.1.1.-Projectos com os herdeiros de Eça de Queirós.

No espólio de Da Cal conserva-se correspondência da altura com a Quinta de Vila Nova, assinada por Maria da Graça Salema de Castro e o seu esposo António. Os principais assuntos focados são o projecto de pôr em andamento uma Fundação e a edição de um epistolário, preparado por Da Cal. De "Tormes" enviam-lhe pontual informação das gestões para reunir as cartas de Eça com os condes de Arnoso e Ficalho, e com Luís de Magalhães; dados sobre outras questões relacionadas com o património queirosiano, e informações para a BQ[80].

**Nos finais desse ano intensifica o relacionamento com os herdeiros de Eça de Queirós**. Ambas as partes trocam elementos de interesse e colaboram para novos empreendimentos em favor da canonicidade do produtor[81]. Esse relacionamento

[80] Os herdeiros de Eça (8-I-1973) fornecem-lhe dados sobre o epistolário de Eça com o Conde Arnoso e outras figuras e instituições, com o fim de "saber se já aí existem ou devemos copiar". O objectivo era completar a BQ, e a edição de um epistolário queirosiano em que Da Cal estava empenhado. Ao perguntarem se Da Cal já tinha os elementos que referenciavam, estavam a referir-se ao relacionamento anterior com a filha do romancista, D. Maria de Eça de Queirós, que lhe tinha facilitado a consulta do espólio e a comprovação de inéditos: morta D. Maria, os descendentes desconheciam sobre que materiais tinha trabalhado Da Cal.

Também em Tormes (9-I-1973), em carta assinada por Dominique Siré (com um Vº Bº de Maria da Graça Salema de Castro), enviam para Da Cal um inventário de manuscritos de *A Capital* e solicitam colaboração para os estudos que esta pesquisadora francesa realizava sobre essa narrativa.

Da Cal era, pois, por um lado devedor da colaboração que lhe prestavam de Tormes para completar com sucesso a BQ; mas também um referente valioso pela informação que entesourava, e peça central para projectos que se colocavam na altura, o que evidenciava confluência e cumplicidade por um objectivo comum: trabalhar pela canonicidade de Eça.

É pena que não fosse possível utilizar na presente pesquisa o epistolario de Da Cal com a família de Eça de Queirós. Maria da Graça Salema de Castro confirmou no ano 2000 que se tinha extraviado e assim se reiterou em posteriores consultas. Nesta investigação só se utilizam, pois, materiais conservados no Espólio EGC.

[81] As cartas que se puderam documentar provam essa importância e merecem destaque:

a) Maria da Graça Salema de Castro (14-X-1973) informa sobre a pesquisa de Eça e dados sobre a sua sogra e filha do escritor D. Maria. Também assinala, no final da epístola: "Obrigada por todas as preciosas ajudas que nos está dando e anunciando!"

b) Manuel (6-XI-1973), esposo de Maria da Graça Salema de Castro, escreve longa carta de Tormes, que tem no início data de 30-X-1973. Trata-se de um comprido documento, de 6 páginas, em que se afirma responder três cartas de Da Cal, de 6-IX-1973 e duas de 30-IX-1973. Indica-se que Da Cal tinha remetido na epístola de 6-IX-1973 o "Projecto da Fundação Eça de Queiroz" que lhe tinham enviado previamente "com as preciosas achegas à margem", para elaborar os estatutos da instituição que se planeava. Também oferecem dados do projecto de edição de uma Correspondência de Eça que preparava Da Cal, e informam a respeito dos destinatários das epístolas, e sobre o possível contrato a assinar com a empresa de Souza Pinto, que editaria. Há igualmente esclarecimentos de alguns aspectos da *Bibliografia Queirosiana*. A respeito do conteúdo de uma das cartas de Da Cal de 30-IX-1973, de Tormes confirmam que nela, por via marítima: "Vinham as cartas da minha Mãe –e fotocópias da carta do Eça e as 2 páginas da Cidade e as Serras. Li avidamente aquelas queridas cartas, vi aquela querida letra, e chorei, consoladamente... Já as reli e treli e sempre a mesma emoção, o mesmo encantamento, a mesma admiração... obrigado Ernesto. Como dizes *deve* haver mais, até pela sequência se percebe aqui e ali, que há lacunas nos acontecimentos. Seria formidável a *colecção* completa, e como creio ter aqui todas as tuas cartas para a Mãe, vou procurá-las e juntá-las e pensarmos em dar-lhe um destino digno. Veremos aqui os dois o caminho a seguir. Não achas que esta vossa correspondência –se estivesses de acordo–, daria um livro lindo? [...] através d'aqueis queridas páginas (por vezes quási Eceanas) aparece a "figura aristocratica da sua risonha inteligência, e macia tolerância do seu espírito e a cálida delicadeza da sua bondade". Palavras que definem, com a máxima verdade e a mais profunda realidade, aquela senhora admirável e senhora desta casa. A propósito, queria pedir-te um favor que me seria muito grato. Tinha um gosto especial em ter escrito com a tua linda letra, esta homenagem à Mãe que será publicada em dedicatória –que até já vi impressa— mas que manuscrita ...ainda gostava mais. [...] Oxalá encontres a *outra* pasta com mais cartas da Mãe; oxalá por tudo".

   O neto do romancista anuncia que preparavam um volume, que se pensava intitular *Novas Folhas Soltas*, e que publicariam depois da *Correspondência*. Outro assunto do maior interesse nessa epístola é quando comenta que, ao se aproximarem as datas centenárias da saída das obras queirosianas "tive a ideia, falei nela ao Souza Pinto que ficou encantado, e pergunto-te agora: que dizes fazermos uma edição comemorativa do centenário desse livro [o *Padre Amaro*], incluíndo a história do livro, nº de edições, traduções, mesmo correspondência sobre, críticas do tempo –enfim uma bibliografia quanto possível completa que antecedesse uma edição extra do livro... que dizes? queres ajudar? queres dirigir a publicação, em igualdade de contracto com o existente para as "Cartas"?". Existia já, pois, contrato para a edição da correspondência, e pensava-se em Da Cal para novos projectos, pois era tido para os herdeiros de Eça como privilegiado interlocutor e conselheiro.

c) Maria da Graça Salema de Castro (12-XI-1973) informa-o da pesquisa queirosiana e do epistolário. Pergunta quando sairá publicado o seu livro, o que justifica deste modo: "Além do interesse geral que já tinhamos estamos *mortos* por ter na mão a lista dos manuscritos que naquele verão tu e a Elsie aqui fizeram com a Srª. D. Maria. [palavra ilegível] porque é a mais segura prova do que aqui estava na altura, e um apoio para procurarmos o que não encontrámos numa primeira fase de buscas".

d) Salema de Castro (17-XI-1973) envia novas cópias de cartas, informando que "está pronto o 'grosso' do que tínhamos prometido. Ainda aqui se encontram, de proveniências as mais diversas, uma ou outra carta dispersa, que iremos fazendo chegar-te. Falta agora o problema das notas, que não fizemos para não demorar. Dirás o que precisas sobre este aspecto".

e) Manuel d'Eça de Queirós (20-XI-1973) responde carta de Da Cal (11-XI-1973). Aparece um elemento do maior interesse, pois Da Cal tentava confirmar que fora Eça e não Oliveira Martins quem assinara como Spectator o escrito "Novos Factores da Política Portugueza". Manuel assinala que seria "muito interessante" se se pudesse assim concluir, como com efeito acontecerá e aparecerá registado na *Bibliografia Queirosiana*.

f) Em 15-XII-1973, Maria da Graça e seu esposo Manuel respondem conjuntamente epístola de Da Cal (de 27-XI-1973). Esta resposta poderá conter, talvez, a prova definitiva para atribuir o texto "Novos factores de Política Portuguesa" a Eça. De Tormes escrevem ao respeito: "Quanto às fotocópias das páginas para comparação com a fotocópia manuscrita que tenho dos 'Novos factores da Política Portugueza', mando fotocópia da fotocópia, concluindo nós que o artigo deve

evidencia como Da Cal se implicava para que prosperassem os projectos dos herdeiros, de que também ele beneficiava com retribuição económica pelos direitos de autor, bem como com projecção no CEL.

III.2.3.10.1.2.-Novo episódio da luta com Gaspar Simões.

A canonicidade de Eça de Queirós enfrentava resistências e oposição de diversos grupos actuantes no CEL português, de que Gaspar Simões era o principal representante. Autor de um estudo premiado sobre Eça, que se tinha convertido em referência para os queirosianistas portugueses, Simões ainda desfrutava de uma posição de centralidade, por interesses em que influia um posicionamento de nacionalismo português, como ele tinha evidenciado nos seus escritos do ano anterior por causa da polémica sobre *A Relíquia*. A Livraria Bertrand de Lisboa publicou em Março de 1973 a **segunda edição de *Vida e Obra de Eça de Queirós*, aquele estudo referencial de Gaspar Simões**. Num prefácio, Simões explica que não abandonara a tese "estritamente psicanalítica" de 1945, mas "deixou de ser o cavalo-de-batalha" da sua argumentação. Indica que nos anos decorridos, e apesar do muito publicado, não encontrara nada que fizesse modificar os dados fundamentais. Incorpora muita matéria nova, mas Da Cal só é citado (Simões, 1973: 697) ao referir as "Principais obras" consultadas, entre as quais figura LEEQ-1954. Além disso, nas badanas do livro incluem-se 9 opiniões críticas sobre a primeira edição do estudo de Simões, com destaque para o que se afirmava em LEEQ dele, onde se salientava ser o melhor estudo biográfico disponível na altura sobre o produtor.

Dava-se assim novo capítulo na luta entre eles: Simões queria ignorar Da Cal, mas amparava-se em LEEQ para legitimar-se e para reforçar a sua posição.

III.2.3.10.1.3.-A *Bibliografia Queirociana*, nos prelos da Universidade de Coimbra.

**A entrega do original da BQ na UC** provocou surpresa, pela magnitude do contributo, de umas dimensões desacostumadas e que talvez estavam muito longe de suspeitar[82].

---

ser do Eça por não ser provável que este no copiar *emendasse* e *substituisse* palavras num texto de O. Martins; tu próprio verificarás pois o olho atento e habituado do investigador vê coisas únicas e escondidas nas entrelinhas". Nesta carta enviam também dados para as pesquisas e para a edição da Correspondência, e no final incluem "*Uma notícia*: acabo de receber telegrama do nosso advogado comunicando nova vitória contra os Lellos no Supremo Tribunal da Justiça; com este acabam as possibilidades de chicanas e vai ser finalmente *julgado* o processo de Execução e indemnização. É um enorme passo a mais".

82 Da Cal (21-V-1973) noticia por carta a Montezuma de Carvalho que tinha deixado a *Bibliografia* de Eça em Coimbra. Prognostica que dará para três volumes. Também indica que, ao entregar o original em Coimbra "A Comissão dos 'Acta' ficou boquiaberta –logo, in loco resolveu fazer uma edição de 2.500 exemplares, em vez dos 1.000 de praxe para essas tiragens".

Também pelo conteúdo, pois era um bibliografia diferente às existentes, mas mesmo internacionalmente, segundo frisarão diferentes especialistas ao valorizá-la (ver infra).

Aquele acontecimento reflecte-se na comunicação social. Em 26-VII-1973, *A Capital*, jornal de Lisboa de moderada oposição ao regime, dedica entrevista de duas páginas com Da Cal. Realizou-a Rogério Fernandes, nome importante da *Seara Nova*, que mesmo a tinha dirigido, e jornalista identificado entre os contrários à ditadura. Dedica quase oito colunas inteiras aos estudos queirosianos e muito em especial à BQ[83]. A

[83] Quase todo o espaço é ocupado pelas palavras do entrevistado, o entrevistador apenas coloca alguma questão e privilegia o depoimento, no qual as valorizações consagradoras sobre Eça sucedem-se.
Da Cal refere as vicissitudes da produção queirosiana, pelas continuadas emendas do autor em vida e pelas correcções após a sua morte. Salienta como parte da produção andou extraviada até aparecer um cofre em 1922 com manuscritos inéditos, quando se acreditava na edição já completa em 1912. Esclarece as diferentes partes dos três volumes da BQ entregues em Lisboa. Com grande precisão, a entrevista apresenta o levantamento geral da produção activa, e da que refere como "vastidão oceânica" da passiva. Frisa Da Cal o facto de não contarem Cervantes ou Camões com um repositório semelhante, com o que chama a atenção para a inovação que representa e ressalta assim Eça de Queirós, mas também ele próprio; põe em destaque as traduções de Eça para mais de vinte línguas, mesmo algumas para as quais não existiam versões de Camões; e insiste na sua influência como modelo em diferentes literaturas, sobretudo nas hispânicas, assinalando autores muito valorizados (em primeiro lugar os produtores de origem galega Valle-Inclán –de quem diz que nas *Sonatas de Otoño* há decalque de frases de *A Relíquia*, entre outros rastos— e Emilia Pardo Bazán, mas também Rubén Darío, Miguel Ángel Asturias, Unamuno, Pérez Galdós, Alfonso Reyes, Pablo Neruda, Mistral, Francisco Romero "e tantos outros, todos os grandes das literaturas espanhola e hispano-americana se referiram a Eça"). Manifesta que "Nos Estados Unidos, o melhor especialista de Flaubert declarou que Eça de Queiroz nada tinha a invejar ao autor da 'Bovary'"; e cita ainda a alta valorização de Gorki ou o sucesso em países como a Checoeslováquia. Refere-se a Camilo Castelo Branco, de quem diz ser escritor "raramente traduzido", o qual seria um défice na sua concorrência pelo centro da narrativa; e indica que Eça teve sucesso no "local" e ultrapassou os limites, afirmando que "há que tirar Eça de Queiroz do marco restrito de escritor português ou peninsular para o marco mais amplo de um grande escritor universal que salta de qualquer cacifo onde o queiramos arrumar".

Esclarece ter iniciado a BQ como "subproduto" de LEEQ, e qualifica a bibliografia de "ecuménica", pelos contributos recebidos e pelas suas próprias pesquisas em diversos países.

Rogerio Fernandes frisa ser Da Cal "o primeiro especialista mundial na matéria" e que "este seu trabalho, doravante, é o sistema de referência obrigatório para quem quer que, em qualquer parte do mundo, pretenda estudar o autor do *Crime do Padre Amaro* e de todas as outras obras-primas que singularmente enriqueceram a nossa literatura e as letras mundiais" por ser "o mais vasto acervo de informações de que se dispõe". Informa que constava de "1.800 páginas" dactilografadas e "perto de 10.000 verbetes". Depõe Da Cal: "Organizei cronologicamente o levantamento da obra inteira de Eça [...] acompanhado de outros factos nunca recolhidos: as traduções de Eça em línguas estrangeiras. [...] O segundo volume da "Bibliografia" é o que chamo bibliografia passiva [...] é de uma extensão oceânica [...] A "Bibliografia" vai organizada sistematicamente [...].Não se trata, porém, de uma bibliografia crítica, mas descritiva, toda ela travada numa rede de referências remissivas". Informa do terceiro volume que abrange, segundo relato-resumo de Fernandes: "o que chama elementos derivados da obra de Eça". O índice onomástico geral inclui perto de 4.000 nomes e o texto será profusamente ilustrado, acrescenta.
O depoimento de Da Cal e o relato de Fernandes, e apesar dos "etc.", servem para se formar uma ideia certa da BQ. Afirma-se que "não poderia ter feito este trabalho se não vivesse numa cidade como Nova York, onde as bibliotecas são pródigas", e assinala Da Cal que "deixei de lado mais de um milhar de verbetes relativos a espécies que não tive a possibilidade de ver pessoalmente ou de que não dispunha de duas abonações coincidentes e fidedignas".
Ao falar dos projectos afirma que "Preparo um trabalho sobre a projecção universal de Eça de Queiroz e a edição de um epistolário, com cartas inéditas e dispersas" e o segundo volume de LEEQ.
No parágrafo final refere-se a que continua a escrever poesia, e também afirma o jornalista terem falado "dos problemas da expansão da língua portuguesa nos Estados Unidos, da Galiza e da recuperação da sua

informação foi tratada com grande destaque, na capa e nas páginas centrais, com foto e apresentação em grandes manchetes, além de numerosos titulinhos para esclarecer os leitores do relevo da produção dacaliana**.** Recolhe informação preciosa sobre a BQ, um projecto que, como o próprio Fernandes assinala, se tornara famoso em diferentes países pelo seu reiterado anúncio. Ao reivindicá-lo como português e insistir no agradecimento dos portugueses para com o labor internacionalizante por ele realizado em favor da língua e da cultura lusas, coloca-o em lugar preeminente. Apenas entregue nos Acta Universitatis Conimbrigensis da UC[84]criava-se assim expectativa perante um produto tanto tempo aguardado e que esse Verão começou a se imprimir.

III.2.3.10.1.4.-Apoio no Brasil ao estudo sobre *A Relíquia*.

Em 11 de Agosto de 1973, no jornal *Correio do Povo,* de Porto Alegre, o professor e produtor literário **Guilhermino César dedica recensão de página inteira à conferência sobre *A Relíquia***, segundo edição do Grémio Literário de Lisboa[85]. Trata-se de crítica consagradora, em que novamente desde o Brasil, por parte de um crítico com autoridade no campo, se assume a centralidade queirosiana de Da Cal e o seu discurso sobre o romance e sobre o produtor português[86]. Afirma César serem "congruentes" os estudos de Da Cal, que "trazem até nós o que há de mais fino, e também de mais renovador, de mais profundo". Refere-se a LEEQ como "análise madura, decantada, que se abre para a estilística mas abrange igualmente o psicológico e o social", frisando os "muitos aspectos" de que se enriquece tal livro: "atualizando a obra de Eça, aliviou-a das interpretações gratuitas, meramente festivas ou ingenuamente

língua e cultura", concluindo ter direito Da Cal "não só à admiração como à gratidão dos homens de cultura portugueses". Na entrevista é apresentado como "galego pelo nascimento, português pelas afinidades da língua, cultura e sentimento", e citam-se ainda estudos que orientara nos EUA. Rogério Fernandes indica que "A encerrar esta entrevista, o prof. Guerra da Cal evoca os anos da meninice na sua Galiza, onde imperava um certo 'fradiquismo' entre as classes cultas e onde uma tradução de Eça de Queiroz lhe caiu nas mãos aos doze anos. Foi uma paixão que se continuou em Santiago e depois em Madrid, nos tempos de formação e que, decerto, não acabará".

[84] Da Cal (18-IX-1973) anunciou a Gilberto Moura, de Luanda, que : "A Bibliografia já entrou no prelo" e de que a tiragem seria de "2.000 exemplares".

[85] Da Cal enviou exemplar do texto da conferência a este crítico por indicação de Lenine Nequete, a quem o achegara previamente e que em 3-II-1973, ao agradecer o estudo, aconselha que o dedique ao professor Guilhermino César, e ofereceu-lhe o endereço. Nequete concorda na valorização de Da Cal dessa narrativa de Eça, e cumprimenta-o no final "pela excelência do trabalho".

[86] No âmbito particular, Ángel Crespo (25-XII-1973, por carta), da Universidade de Porto Rico-Mayagüez, valoriza LEEQ e a conferência sobre *A Relíquia* deste modo: "Creo sinceramente que nadie ha comprendido tan profunda y artísticamente a Eça como usted. Su libro y su folleto son admirables e invitan a releer y a estudiar al gran novelista. Es lo que haré estas no muy largas vacaciones". Pede-lhe colaboração para a *Revista de Letras* "que suponemos que seguirá recibiendo". Nessa epístola, Crespo diz ter-lhe enviado 2 exemplares de *Atenea*, e lamenta não ter sido convidado para participar no número monográfico dedicado à cultura galega (ver infra), apesar da sua dedicação "a las literaturas gallega, portuguesa y brasileña"**.**

turiferárias. Em suma, levou-a para outro clima, para um ambiente arejado onde ela possa resistir, por séculos afora, à corrupção inevitável dos estilos epocais".

Ao entrar no assunto da conferência, afirma: "Você e eu muitas vezes lemos *A Relíquia*. Vários, antes e depois de nós, a leram mal, ou não quiserem ler bem. Quantos passaram por ela distantes e vagos... Quantos! Como sucede a todo grande livro, sua fortuna literária vem sendo feita aos poucos". Conclui César que Da Cal "reabilita" a narrativa de Eça, que julga de "novela" e não de "romance", discrepando só neste ponto de Da Cal, quem "enumera uma série de polaridades esclarecedoras, como esta, fundamental, concebida com sofrimento: 'Razão e Fé'. E desta última, conseqüentemente, conforme sabe o leitor, se irradia todo o interesse dialéctico da novela". César assume a formulação de picaresco e cervantesco, a "linha ibérica" desse produto queirosiano; cita parágrafos do estudo dacaliano, salienta a recepção da crítica internacional, e conclui: "Raramente se tem a oportunidade de ler em língua portuguesa um trabalho como este; como nos cristais, a matéria aqui é feita para a luz".

III.2.3.10.1.5.-O sucesso do *Dicionário de Literatura* da editora Figueirinhas.

Nesse ano reeditou-se o DLPGB em três volumes[87]. Aquele repositório dirigido por Jacinto do Prado Coelho continuava o seu sucesso com milhares de exemplares distribuídos em diversos países, difundindo assim o novo Eça de Queirós, juntamente com a literatura da Galiza, segundo a metodologia de Da Cal, e contribuindo para o sua cada vez maior e mais indiscutível centralidade no CEL português.

Um exemplo da produtividade de aqueles verbetes, neste caso os queirosianos, será a utilização que faz **Pedro da Silveira**, quem no volume *Versos*, onde apresentava a produção de Carlos Fradique Mendes, afirma (Silveira, 1973): "Como muito bem observou Ernesto Guerra da Cal, Fradique é também 'a encarnação abstracta, e impossível, dum ideal de época, e mais concretamente do ideal da geração de Eça', —um seu paradigma, um seu arquétipo". Aquele pesquisador ampara-se, pois, no verbete de Da Cal naquele respositório, e cita-o. Não acontecerá sempre assim, pela tendência a não sempre citar os dicionários, ao considerá-los elementos de uso comum.

III.2.3.10.1.6.-Adesões e oposição no CEL.

[87] Este dado foi confirmado pela própria editora portuense que, no entanto, não tinha disponível nenhum exemplar dessa edição, que também não se pôde conseguir nas diferentes bibliotecas visitadas com ensejo da presente pesquisa.

Entre os novos produtores de diferentes campos que se ocupavam de Eça de Queirós continuava a tendência observada nos inícios dessa década de 70 a, por um lado, reagirem com admiração e como continuadores do modelo de Da Cal; e por outro a opor-se e reivindicar novos modos de trabalho para estudar Eça, por julgarem ultrapassada a metodologia da estilística. Dois exemplos encontram-se esse ano em João Medina e Margarida Mendes.

Aos 30-V-1973, o historiador e professor da Université de Provence (Aix-Marseille), João Medina, comunica-lhe que "tive imenso gosto em estabelecer enfim contacto com o distinto queiroziano que há vários anos admiro e cujo conhecimento directo me tem sido vedado pelos acasos das nossas respectivas vidas". Convida-o para se conhecerem nesse Verão em Portugal. Medina estava na altura numa linha de trabalho que coincidia com Da Cal no respeitante a estudar a produção queirosiana, e assim ganhava na altura um novo aliado para a sua rede de queirosianistas portugueses.

Por sua vez, Maria Margarida Vieira Mendes, na sua Tese de Doutoramento *A perspectiva narrativa n'Os Maias de Eça de Queirós*, defendida na Universidade de Lisboa, criticava LEEQ por partir (Mendes, 1973: 157) "do princípio apriorístico de que em todas as obras de Eça o modo de utilização da linguagem é sempre idêntico, correspondendo a um só modelo descriptível". Defende a "variação nos modos de enunciar" queirosianos, que se devem ter em conta. Este trabalho académico põe assim em questão LEEQ, como acontecerá com outros novos investigadores, que introduziam novas orientações nos estudos literários e que começam a posicionar-se no CEL.

III.2.3.10.7.-A publicação das conferências de 1970 na UFRJ: Cervantes, centro do cânone da narrativa.

O Centro de Letras e Artes da UFRJ publicou o volume *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projeção no Romance Ibérico*[88]. É um produto científico central. A autoridade crítica de Da Cal no âmbito brasileiro ficava em destaque mais uma vez, nesta ocasião em lugar de privilégio: um livro editado por uma Universidade, que fazia dele modelo para o ensino superior.

[88] Dos trabalhos incluidos neste volume encontram-se cópias na HSA: "*A Reliquia*, romance picaresco e cervantiano", dactilografado, 30 páginas, com correções; "*A Reliquia*, romance picaresco e cervantesco", digitado, 35 páginas, sem correções; "Fronteira de vida e ficção no *D. Quixote*", assinado na primeira página, batido a máquina, 24 páginas; e "A tentative Approach to the Problem of Time and Space in *D. Quixote*", em inglês, dactilografado, 32 páginas.

O volume inclui uma "Apresentação de Afranio Coutinho", director da Faculdade de Letras, intitulada (Coutinho, 1973: 7-8) "Ernesto Guerra da Cal, poeta e crítico"[89]; texto prefacial do mais alto destaque e proveniente de um dos principais elementos legitimadores do CEL brasileiro. Refere-se a LEEQ como "livro hoje clássico" em que "a obra e a história de Eça foram por ele redimensionadas" e anuncia que o seu queirosianismo "atinge agora o ponto culminante com a entrega aos prelos portugueses da sua monumental *Bibliografia* eciana". Dos ensaios do volume frisa o dedicado à narrativa *A Relíquia*, que define como (Coutinho, 1973: 8): "demonstração admirável da sua aguda percepção crítica, que recebeu sempre, da Linguística e da Filologia, novas aberturas"; acrescentando que o mesmo se constata nos outros dois ensaios. Atribui-lhe Coutinho o acerto do contributo como crítico ao facto de que "ao lado desse aparato técnico, proveniente sobretudo do conhecimento linguístico e filológico, está presente na sua visão crítica uma indiscutível sensibilidade poética". E afirma que "atualmente" projectava "ampliar as suas investigações pelo universo novelesco de Machado de Assis", aventurando Coutinho que este volume "vai entrar firme na bibliografia brasileira" [90]. Os elogios e o destacar o brasileirismo de Da Cal, bem como a intenção de se dedicar aos estudos machadianos, puxavam por ele e pela sua consideração não como estrangeiro, mas como um mais entre os estudiosos brasileiros, indigitando-o mesmo no último parágrafo como "homem da Faculdade de Letras".

Na continuação inclui-se o texto das três conferências: "Tempo e Espaço como Tema e como Técnica no *Dom Quixote*" (1973: 9-32)[91]; "Fronteiras de Vida e Ficção no *Dom*

---

89 Este texto, na partida, assinala Da Cal como "uma das expressões mais consagradas da poesia galega", para além de "profundo conhecedor" da literatura galega no passado e no presente. Define-o de "professor modelar" e "um dos legítimos representantes" e prestigiador dos estudos universitários ibéricos nos EUA, frisando a promoção de intercâmbios entre instituições brasileiras e norte-americanas. Acrescenta (Coutinho, 1973: 7): "É um grande amigo do Brasil, profundo conhecedor de nossa cultura, em especial da literatura brasileira, cuja difusão ele promove entre estudiosos e professores norte-americanos. É uma presença brasileira onde quer que apareça".

90 Também em 1973, em Coimbra, Livraria Almedina editou o volume *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*, de Leodegário A. de Azevedo Filho, em que sob o título (Azevedo Filho, 1973: 125-150) "Aspectos da ficção em Eça de Queirós" se reproduz o artigo publicado dois anos antes na revista *Ocidente* (ver infra), com o que este especialista brasileiro contribui para a maior legitimação de LEEQ, estudo basilar para a sua tese nesse trabalho.

91 Neste primeiro contributo, ampara-se na autoridade de produtores internacionais (Lionell Trilling, J. B. Priestley, Mc Caulay, Sainte-Beuve, na p. 8; Forster, na p. 13; Thomas Mann, na p. 21; Kenneth Burket, na p. 31; e de novo Priestley na p. 31) e hispanistas (Pedro Salinas na p. 8; Américo Castro nas pp. 18 e 31; Ángel del Río, na p. 31; e Ortega y Gasset na p. 31) para frisar o principal objectivo do estudo: a centralidade de Cervantes dentro do cânone da narrativa. O *Don Quijote*, afirma, (Da Cal, 1973: 9) "ainda não esgotou a sua capacidade de reflectir imagens novas e válidas do homen e da vida" e mantém grande "vitalidade". Assim acontece desde que se publicou (Da Cal, 1973: 10) "num instante crucial da história da Europa em que a cultura ocidental havia entrado numa crise que ia fazer mudar a perspectiva do homem, da vida e dos critérios de verdade. A síntese religiosa da Idade Média

abrira passo ao racionalismo e ao empirismo científico da Renascença. Cervantes, porém, escrevia em Espanha, na Espanha barroca e tridentina da Contra-Reforma, com a sua afirmação neo-medieval da fé e dos dogmas e da escolástica. Apanhado nessa encruzilhada ideológico-espiritual e muito consciente dela Cervantes projetará esse problema e todos os que dele se derivam na experiência vital, para o plano artístico".

Vê como a contribuição da originalidade de Cervantes "se manifesta de muitíssimas maneiras" e que o confirmam como clássico, ocupando-se de várias delas neste(s) ensaio(s), em que indigita Cervantes de antecedente de muitas descobertas e acertos narrativos de produtores coevos como Montaigne, Quevedo (Da Cal, 1973: 26), e outros posteriores, como Pirandello (Da Cal, 1973: 17, 18 e 31), Unamuno (Da Cal, 1973: 18 e 31), Balzac e Galdós (Da Cal, 1973: 29), Dostoievski, Melville, Proust, Gide, Machado de Assis, Eça de Queiroz (Da Cal, 1973: 31), e mesmo Freud pois em *El curioso impertinente* encontram-se elementos que fazem deste título a (Da Cal, 1973: 18) "primeira narração de psicologia anormal de Ocidente, freudiana 'avant la lèttre". Apesar disso, Cervantes não esgota todas as possibilidades, como se evidenciava v. gr. na história de Ginés de Pasamonte incluída no *Dom Quixote* onde se dá (Da Cal, 1973: 15) "a impossibilidade do heroi contar a sua própria morte –(milagre este realizado, porém, por Moisés na Biblia e por Brás Cubas)", pelo que o texto bíblico e mais o de Machado de Assis ultrapassariam o cervantino nesta questão.

Assinala (Da Cal, 1973: 12-13 e 19) o facto de Cervantes ter sintetizado e incorporado na sua narrativa os contributos anteriores do romance picaresco, pastoril, sentimental, italiano, mourisco e de cavalaria, e "também incorpora a esse cosmos de ficção obras individuais, que passam a ser matéria romanesca", às quais acrescentará outras de produtores diferentes, sendo a mais significativa de todas a segunda parte do *Don Quijote*, de Avellaneda. Salienta que Cervantes (Da Cal, 1973: 17) "baseia-se numa técnica de proliferação de todos os elementos de ilusão do livro, tanto internos como externos, incluindo o próprio livro. O alvo estético deste processo parece ser tratar de criar a impressão na consciência do leitor de ver desaparecer as fronteiras que separam o mundo da experiência vital da realidade diária, do da imaginação, efabuladora, do da literatura. Esta técnica dá resultados, como dissemos, mais facilmente captáveis pela intuição do que pela especulação". Parafraseia Pirandello ao indicar que nesta narrativa cervantina não só há (Da Cal, 1973: 22) "personagens à procura de autor", mas também "personagens em busca do livro no qual existem" e mesmo (Da Cal, 1973: 28) "personagem em troca de autor" como acontece com o de D. Alvaro de Tarfe, ao ser transferido do texto de Avellaneda para a segunda parte redigida por Cervantes. Esta personagem, secundária na produção de Avellaneda, serve a Cervantes para atingir (Da Cal, 1973: 29) "um caso único na história da efabulação, no qual uma entidade ilusória refaz, perante os nossos olhos mentais, a sua realidade, o seu ser interior, e atesta por escrito a sua livre vontade de passar de um livro a outro".

Isto converte o *Don Quijote* em (Da Cal, 1973: 12) "paradigma seminal da ficção moderna" com aspectos que adquirem "um relevo tridimensional" (Da Cal, 1973: 13), personagens com um "tríplice nível de realidade" (Da Cal, 1973: 14) ou com "tríplice experiência quixotesca" (Da Cal, 1973: 30). A originalidade de Cervantes, que o levará ao centro do cânone da narrativa, espelha-se em outros acertos, como no tratamento das personagens pela "sua realidade, os planos e níveis da sua identidade, e a sua relação com o autor e o leitor. Este aspeito do romance de Cervantes –que até agora não foi explorado em profundidade como se merece", e será esse o labor que realize Da Cal no estudo, para demonstrar como se produziu a "criação do 'personagem autónomo'—isto é, consciente de ser personagem e portanto liberado dos confins da ficção a que pertence". Outro achado da narrativa cervantina será, na concepção da metodologia estilística dacaliana, "um original processo de autofagia" que faz do *Don Quijote* "um livro de livros, literatura de literatura, na que o marco ficcional da história do Fidalgo traga e digere as obras do próprio Cervantes e as alheias" (Da Cal, 1973: 19), acrescentando a valorização de "romance bibliofagicamente omnívoro", que mesmo "se devora a si próprio" por conseguir mostrar, pela primeira vez na literatura ocidental "uns personagens contemplando desde fora, como pessoas vivas de carne e osso, o livro do qual surgiram para a vida, emitindo opiniões e temores a respeito dele –num plano de realidade paralelo ao do leitor, e julgando esse livro que pertence ao plano do *Real*, como a versão histórica das suas vidas" (Da Cal, 1973: 20-21). Com posterioridade (Da Cal, 1973: 25) utiliza o termo "bibliofagia" para se referir à vingança de Cervantes de Alonso Fernández de Avellaneda "incorporando o seu medíocre e transitório plágio na obra própria garantindo dessa maneira uma triste e subalterna posteridade". Porque se trata, acrescenta, de um romance com "tríplice fundo" em que Cervantes consegue que a literatura ultrapasse (Da Cal, 1973: 22) "as funções habitualmente atribuídas à arte e se torna uma forma revelatória de conhecimento humano –que nos sugere uma intuição do problema da natureza da relação da ficção com a vida— e consequentemente uma exploração do significado da existência da condição humana invidual e colectiva e do problema da sua última verdade". Esta conclusão tem enorme relevo porque, na sua concepção, (Da Cal, 1973; 10) "Toda a literatura confronta sempre

*Quixote*" (1973: 33-63)[92]; e "*A Relíquia*, romance picaresco e cervântico[93]" (1973: 65-94). As duas primeiras são complementares, e de facto há citações de uma para a outra.

---

duma maneira ou de outra o problema da realidade que é o problema da verdade, ou da equação ou oposição entre verdade vital e verdade artística; ou de outra maneira a relação coerente ou incoerente entre a aparência e a realidade das coisas", sendo esta formulação um ponto de partida fulcral para o desenvolvimento da sua teoria de teor estilístico-comparativo neste estudo fundamente textocentrista, no qual incorpora elementos de narratologia, como o estudo de tempo-espaço –assuntos mais desenvolvidos no seguinte estudo deste mesmo livro, mas dos quais salienta neste trabalho que, através do seu tratamento Cervantes produz (Da Cal, 1973: 16) "uma nova dimensão desses conteúdos de consciência"—e da focalização da narrativa. Concluirá que (Da Cal, 1973: 31) "O espetáculo de simultaneidades caóticas que a vida nos oferece em cada um dos seus instantes, e nas suas totalidades, e seu devir –é inexprimível, não cabe no verbo. E o grande artista apenas pode operar por alusão. Cervantes tentou, titanicamente, dar-nos a vivência desse panorama inefável, libertando o romance das peias bi-dimensionais que até então o entravavam, dando-lhe uma terceira –e mesmo uma quarta—dimensão, e estabelecendo-o como a forma literária de maiores possibilidades de ilimitação expressiva".

O facto de ser modelo da narrativa converte-o em referência inexcusável, segundo Da Cal, e provoca que cada tempo, do Iluminismo ao Romantismo, e outros períodos, lesse o *Don Quijote* de maneira diferente, segundo os pressupostos vigorantes, e que mesmo na altura em que Da Cal redige este trabalho existissem discrepâncias interpretativas contrárias, e fortes contrastes na percepção da crítica e dos estudiosos de Cervantes, contribuíndo ele com estes estudos editados pela UFRJ a oferecer mais uma visão que tenta insistir em aspectos pouco valorizados ainda, nomeadamente, como já se indicou, o respeitante ao estudo da construção da personagem.

[92] Neste estudo refere-se à partida à (Da Cal, 1973: 33) "melhor crítica hodierna", e não só se ocupará dela, mas também revisará e avaliará estudiosos de séculos anteriores, sempre com afã de colocar a produção cervantesca em perspectiva internacional. Insiste em questões formuladas no ensaio anterior. Afirma haver no (Da Cal, 1973: 33) "grande romance" [*Don Quijote*] uma "multiplicidade de ângulos" e transformações que levam a um "câmbio proteico" ou (Da Cal, 1973: 34) "transmutação proliferativa", que fazem deste produto um "livro imortal", defendendo o "intuito artístico de Cervantes de oferecer-nos um mundo problemático, onde toda a realidade é uma questão de percepção subjectiva", apresentando como "grandes temas do livro: a vida, a morte, o amor, o valor, a justiça, a fé e a razão" e sublinhando a dificuldade de que, como leitores, em ocasiões "possamos determinar as fronteiras que separam o real do fictivo". Julga um acerto e inovação que (Da Cal, 1973: 35) "o *tempo* e o *locus* do autor e os das suas criaturas perdem a sua independência tradicional na novelística, e começam a fluir confundidos", e explicita diversos exemplos de conflito tempo-espaço e a verificação real dos mesmos, não coincidentes, bem como conflitos provocados pela múltipla autoria ou do tratamento das personagens.

Salienta como Cervantes assinala a autoria de Cide Hamete Benengeli (1973: 40) "um historiador arábigo que escreve na sua língua, –língua proibida duma religião inquisitorialmente proscrita— na Espanha habsburguesa, um país imbuído dum ódio multissecular pela fé islâmica, e cuja monarquia, poucos anos mais tarde, haveria de expulsar todos os seus súditos de origem maometana, depois de mais de cem anos da sua forçada conversão ao cristianismo".

Coloca-se na linha de Américo Castro (Da Cal, 1973: 36), António Eximeno (Da Cal, 1973: 48) ou Lionel Trilling (Da Cal, 1973: 62); parafraseia de novo Pirandello indicando como inversamente ao produtor italiano há em Cervantes uma atitude de (Da Cal, 1973: 38) "um autor à procura dos seus personagens perdidos"; refere como produtores posteriores utilizaram recursos cervantinos, tais Unamuno em *Niebla*, onde empregou "formas, porém, mais simples", ou a técnica que (Da Cal, 1973: 41) Mendilow chamou de "split time" ou "Shift-time", também favorita de Sterne e cultivada por Machado de Assis ou Thomas Mann, defendendo como (Da Cal, 1973: 42) "Cervantes, no instante mesmo em que está dando rico início à ficção moderna, tem já consciência artística dessa terceira dimensão do tempo literário mencionado por Thomas Mann" ou como (Da Cal, 1973: 43) "as possibilidades ficcionais desse choque entre Passado e Presente, intrínseco na natureza humana, está na raíz da invenção cervantiana. Esse tema atraiu de tal maneira a Mark Twain que tentou usá-lo ao revés em *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court*".

Assinala entre as inovações de Cervantes o facto de ser (Da Cal, 1973: 44) "o primeiro ficcionista que, no *Dom Quixote*, escrupulosamente situa todos os acontecimentos da história sob o constante regulamento do tempo linear, o tempo do relógio e do calendário", mas no seu trabalho literário cria (Da Cal, 1973: 45) "um tal labirinto de desorientar e confundir aqueles que tratem de elucidar objectivamente" a cronometração do tempo, oferecendo vários exemplos. Indica que (Da Cal, 1973: 46) "os cervantistas neo-clássicos" não souberam ler o livro, ao lhe aplicar o "conceito racionalista de verossimilhança

artística" e não reparar nos (Da Cal, 1973: 46-47) "equívocos e ambiguidades de Tempo e Espaço", frisando assim como Cervantes se adiantou com a sua inovadora técnica. Ao respeito exemplifica com interpretações dos espanhóis Gregorio Mayans y Siscar, Clemencín e Pellicer, ou Vicente de los Ríos, e do inglês John Bowle, que apontaram "hipóteses" que eram "incompatíveis" e que tinham em comum "serem impossíveis" ao estudar a temporalidade do romance, ao não entenderem os (Da Cal, 1973: 48) "propósitos estéticos" de Cervantes. Porém, essas discrepâncias a respeito da temporalidade também se davam no século XX, e cita controvérsias entre (Da Cal, 1973: 48) Azorín e Álvarez Fernández Suárez. Frisa este estudo que, no início da segunda parte do *Don Quijote*, ao reducir dez anos de tempo real a (Da Cal, 1973: 49) "um mês de *tempo literário*", Cervantes provocou "uma confusão irremediável com os padrões do tempo fictivo da fábula. Com este simple ardil, Cervantes criou um fogo de artifício temporal verdadeiramente desconcertante", outro dos acertos da narrativa. Mais uma inovação será, respeito da segunda parte, ao denunciar o impostor Avellaneda, como faz que Cide Hamete, um dos autores da história, seja (Da Cal, 1973: 52) um "mágico encantador, que é capaz de escrever crônicas de proezas ainda não realizadas pelos seus herois" para o qual "ele não só teria que possuir o dom da onipresença no espaço como também o de habitar simultâneamente no passado, no presente e no futuro" conseguindo assim um (Da Cal, 1973: 53) "trecho –que é único na história da ficção mundial" e que resulta "muito mais fácil captá-la com a intuição estética do que por meio de raciocínios especulativos". Um trabalho literário, reitera, que Cervantes fez "com plena consciência artística" e que leva a propositados (Da Cal, 1973: 54) "'erros' e 'descuidos'" que se sucedem na narrativa. Encontra na personagem do *Don Quijote* elementos de (Da Cal, 1973: 55) "herói inquieto e itinerante, como Ulisses e como Enéias, como Amadis, ou como herói negativo da picaresca, a épica renascentista da fome"; insistindo em como na leitura desta narrativa há que ter presentes (Da Cal, 1973: 57) "dois critérios de verdade distintos: o subjectivo do sonho e da ilusão e o objectivo dos dados imediatos fornecidos pelos sentidos". A não se fazer assim, pode-se chegar a conclusões como a do crítico Álvaro Fernández Suárez, segundo quem Dom Quixote (Da Cal, 1973: 58) "tinha morrido duas vezes"; ou mesmo a de Priestley, para quem não se trata de "um romance em duas partes, mas dois romances diferentes que tratam das mesmas pessoas", afirmações estas que, segundo Da Cal, militam (Da Cal, 1973: 58-59) "não só contra a intenção de unidade artística da obra, patente nela, mas também contra o fato irrefutável de que desde 1615 até aos nossos dias, as duas partes –apesar do interregno de dez anos que separam as suas respectivas aparições— têm sido tratadas e consideradas, tanto pelos editores como pelo público, como um só romance, de argumento contínuo". Sublinha haver uma (Da Cal, 1973: 59) "morte duplamente datada" da personagem protagonista, que "parece sugerir que o manchego morreu e ressuscitou e voltou a morrer. Isto não é tão insólito tratando-se dum personagem literário: já aconteceu a Amadis, e em tempos menos arredados dos nossos, a Sherlock Holmes. Possibilidade esta que escapou à sagacidade de Unamuno em *Niebla*".

Refere traduções para inglês, como as de (Da Cal, 1973: 47) Tonston de 1738, ou (Da Cal, 1973: 51) a primeira de Shelton, para além de outras edições fora do âmbito do intersistema hispânico, como as de Lisboa, Bruxelas e Milão que sucederam as primeiras de Madrid e Valência; novos elementos que frisam a fortuna internacional deste produto já desde os primeiros tempos da sua publicação. Conclui ser Cervantes um (Da Cal, 1973: 61) "ironista mágico que parece ter na mão a varinha de condão, abre os segredos do tempo artístico, que no seu romance se revelam indissoluvelmente como uma técnica sutil de estruturação narrativa e como um grande tema basilar", sendo o tempo um dos "mais essenciais" dos "conflitos antinômicos e antitéticos" da narrativa cervantina, e afirmando (Da Cal, 1973: 61-62): "Cervantes constrói o seu romance com uma deliberada e cuidadosíssima indiferença quanto às relações temporais dos incidentes e partes do enredo. Propositadamente, faz colidir a fábula com a história e com a cronologia objetiva dela –ao mesmo tempo que a mistura inseparável e indiscernivelmente com a vida. Com isso parece estar a sugerir que a existência do homem não é para ser compreendida apenas através do nosso conhecimento prático e diário dela mas que temos que manter viva a consciência de que é também um mistério que diariamente provoca o nosso assombro e põe a prova a nossa coragem".

Actualiza a narrativa cervantina, ao relacioná-la com preocupações do homem do século XX. Outra conclusão, de relevo a respeito da labor da crítica literária é que (Da Cal, 1973: 62): "Infelizmente, as grandes criações imaginativas da literatura teimosamente resisten todos os tentames de as reduzirmos a nada que não seja a sua essência inefável. E talvez teremos que aceitar, com melancolia, que todos os nossos esforços críticos estão condenados a um lamentável fracasso. A única atitude possível é apontar humildemente que essa sua realidade, inapreensível e inexprimível, e tratar de cercar o "quid divinum" da sua última significação sabendo de antemão que é inexpugnável. Quando julgamos ter atingido esse último reduto, o único que encontramos nele é o enigmático sorriso da Esfinge do gênio". Destarte, como já indicara em LEEQ, reafirma o pessimismo da perspectiva da sua metodologia estilística, na linha do volume publicado em 1954. O estudo finaliza coincidindo, (Da Cal, 1973; 62) com Thomas Wolf e Stephen Spencer, na existência de "uma obsessão, quase diríamos uma 'assombração', pelo espectro do

III.2.3.10.7.1.-Da Cal intervém directamente na luta de *A Relíquia*.

O último trabalho é basicamente coincidente com o publicado com anterioridade pelo Grémio Literário de Lisboa e pela Sociedade de Estudos de Moçambique (ver supra).

No entanto, há algumas diferenças, entre elas uma de grande relevo: indigita, nas páginas 69 e seguintes, os três críticos alvo do seu trabalho, que eram o brasileiro José Maria Bello, a quem se referira como (Da Cal 1971: 11 e 12, segundo a edição lisboeta) "destacado queiroziólogo brasileiro"; Gaspar Simões, a quem qualificara de "crítico português igualmente exímio""; e Álvaro Lins, a quem definira de "outro perspicaz analista eciano do Brasil" mas que "atribui incompreensivelmente validade à crítica superficial e simplória do Chagas". Aponta contradições no discurso dos dois primeiros pois, além dos juízos desvalorizadores da narrativa, salientam que se dá ao mesmo tempo na prosa queirosiana uma "maravilha do estilo". Nesta edição brasileira, ao igual que na moçambicana, ao polemizar com Gaspar Simões teoriza que (Da Cal, 1973: 73) "uma obra de arte há de se julgar sempre pela harmonia e eficácia entre o que a sua intenção e a sua substância exprimem, e os meios empregados para essa expressão". Alude assim directamente a estes três críticos que combatia, como seguidores da opinião de Chagas, e oferece o episódio final da luta pela legitimação desta narrativa.[94]

---

tempo" na literatura e como (Da Cal, 1973; 62-63) "quando já contamos com vários estudos brilhantes sobre a sua função na arte e nas letras –especialmente no romance— Cervantes, o grande feiticeiro do tempo, o mais sutil experimentador com as suas possibilidades estéticas fictivas, não é nem mencionado na maioria deles –alguns tão perspicazes como os de Mendilow, Wyndham Levis, George Poulet, Meyerhoff e Pouillon. Contudo, o *Dom Quixote* contém toda uma rica dialética entre o Homem e o Tempo e o Homem e a história em todas as possíveis dimensões humanas físicas e metafísicas. E por ela Cervantes demonstra ser o maior artífice do tempo –e de todos os tempos".

Este parágrafo final conecta, pois, com o início do primeiro trabalho do livro, ao incidir na centralidade de Cervantes no cânone da narrativa e colocá-lo como modelo internacional. Trata-se de um parágrafo certamente de enorme significado, pois Da Cal através dele se reivindica como crítico, ao reprovar as supostas carências que indica em nomes cimeiros do CEL internacional coevo, pela ausência da referência a Cervantes nos seus trabalhos. Assim, ao mesmo tempo que se bate por Cervantes para o colocar no centro desse cânone ocidental, também ele tenta situar-se como figura cimeira da crítica internacional e ultrapassar o âmbito ibérico, em que já era conhecido e considerado.

93 "Cervântico" é como aparece (Da Cal, 1973: 4) no Índice. Na primeira página do estudo encontra-se (1973: 65) "cervantino". Diferem do "cervantesco" das edições anteriores de Lisboa e Lourenço Marques.

94 No texto brasileiro há outras variantes a respeito das versões precedentes: grafa Queirós em lugar de Queiroz; bane o nome de Antero (que figura em Da Cal, 1971: 35; e em Da Cal, 1970/72: 57) ao se referir aos "crentes, sem Deus" em que bebera Eça para alicerçar a sua nova versão da Paixão, mas mantém (1973: 86) Proudon e Renan; refere-se à utilização, por Álvaro Lins, de (Da Cal, 1973: 69-70) "um importante arsenal de tratadistas oníricos", quando nas edições precedentes (1971: 12, e 1970/72: 37) assinalava-o como "freudiano"; e bane (Da Cal, 1973: 67) *Lendas de Santos*, que figurava nas outras (Da Cal 1971: 7; e Da Cal, 1970/72: 34) entre as produções cuja estrutura resultou atingida pela nova estética iniciada em *O Mandarim* e *A Relíquia*. Outras diferenças são a respeito do título do ensaio, pois na brasileira aparecem os adjectivos "cervântico" e "cervantino" em lugar de "cervantesco"; para além das divergências ortográficas, e alguma mais que fazem pensar em lapsus da edição brasileira.

Neste volume Da Cal frisa a preeminência e centralidade de Cervantes no cânone da narrativa; e aplica a sua teoria a Eça de Queirós, para demonstrar como o produtor português estava na linha de outros de vários países, que seguira na sua produção pressupostos já enunciados por Cervantes. Fê-lo num foro privilegiado, de especialização universitária. Nos três estudos há referências a produtores brasileiros, quer literários como Machado de Assis, quer conhecidos críticos como Bello e Lins, com o que Da Cal se reivindica por um lado como autoridade em matéria de literatura brasileira, e reclama para ele uma centralidade no CEL; uma posição que já lhe era reconhecida no Brasil, mas não ainda em Portugal no instante de proferir aquela palestra nos inícios de 1970.

Outro importante elemento neste volume é que o primeiro estudo finaliza com alusão a como o *Don Quijote* tentava (Da Cal, 1973: 32) "apresar, no mundo da literatura, as enigmáticas cintilações do fluir alógico do rio de sonho[95] da existência humana"; e o segundo deles, como se indicou, conclui sublinhando Cervantes como "o maior artífice do tempo". Temos, pois, enunciado o título do seu segundo poemário, RST, com o qual relaciona por um lado narrativa e poesia, mas também coloca este produto literário próprio na linha do contributo cervantesco. Mais um modo, portanto, de se reivindicar através deste volume brasileiro também como produtor literário.

É este, pois, um volume central na produção científica de Da Cal, pela forma como esclarece a sua metodologia, e como recolhe estudos que difundiu em muito diferentes ocasiões, sobretudo em universidades dos EUA para se reivindicar como crítico e oferecer destaque a Cervantes no CEL do intersistema anglófono. No entanto, apenas teve fortuna crítica. Talvez errou na perspectiva, pois este volume quiçá funcionasse melhor em inglês e/ou espanhol. Assim como LEEQ, apesar de editado em espanhol originariamente apesar de focar um produtor português funcionou em várias línguas; neste caso, ao focar um produtor espanhol em português não aconteceu o mesmo[96].

III.2.3.10.8.-No centro da polémica sobre a ortografia da língua da Galiza.

Em Julho de 1973, *Colóquio Letras* publica **"A recuperação literária do galego"**, um estudo de **Rodrigues Lapa**[97] que provocará longa controvérsia durante os anos

95 Já com anterioridade se referira neste volume ao (Da Cal, 1973: 13) "rio artístico vital".

96 Talvez Da Cal se colocasse a ideia de difundir o conteúdo deste volume em inglês, como demonstra o facto de encontrar-se no seu Espólio traduzida uma das conferências.

97 Lapa (20-VI-1973) anuncia-lhe o artigo, e pergunta-lhe: "Está fundada a Associação Portuguesa de Escritores. Desejaria propô-lo como sócio, na companhia de Otero Pedrayo e de Álvaro Cunqueiro.

seguintes, e se constituirá em referente a respeito da ortografia da língua da Galiza. Indigita Da Cal de modelo, o que fará dele  centro da polémica que ocasionará ese trabalho.

Lapa salienta o acerto da revista por "abarcar num mesmo complexo os três ramos da nossa cultura: o galego, o portugués e o brasileiro, seguindo a ordem do seu respectivo surgimento", e lembra o precedente do director, Jacinto do Prado Coelho, pelo DLPGB. Na continuação, responde um artigo de Ramón Piñeiro publicado no número 8 de *Colóquio Letras* e, ao rebater o seu discurso "francamente optimista", argumenta em favor da reintegração, reprovando o ruralismo, apelando para a diferenciação de língua falada e língua escrita e frisando que, apesar de se ter separado do português após o período dos séculos XII e XIII em que esteve "plenamente identificado", o idioma da Galiza "nem por isso deixou de ser radicalmente a mesma língua". Aponta as possibilidades que oferecia a nova legislação educativa espanhola para o ensino do português, e adverte para que se aproveite essa oportunidade[98]. Na linha da "Nota Prévia" de LEEQ, defende ser "o português literário actual a forma que teria o galego se o não tivessem desviado do caminho próprio", e propõe que a Galiza aceite "uma língua que lhe é brindada numa salva de prata" e se insira no intersistema lusófono, para a partilhar com 200 milhões de indivíduos. No final **cita Da Cal,** assinalando-o como escritor e "cidadão do mundo" **que levava à prática aquele ideario**. Valoriza que "justamente" o chamou "mestre da nova Galeguidade" Otero Pedrayo no texto prefacial de RST, e cita por extenso a nota prefacial de LAM, incluindo o parágrafo em que afirmava que "o verdadeiro meridián espritoal da Galiza pasa por Lisboa e polo Rio". Referindo-se a esse texto dacaliano, conclui Lapa:

> Como se vê, a nossa longa explanação não fez mais do que glosar e concretizar o pensamento dum prestigioso escritor galego, hoje medianeiro autorizado entre a Galiza, Portugal e o Brasil, em cujo porvir cultural acredita religiosamente. Para que essa aliança fraterna dê os frutos que dela se esperam nos domínios da cultura, torna-se indispensável que o seu membro mais antigo faça um esforço de adaptação, se quiser vir a ser uma língua de cultura em todo o Noroeste hispânico, irradiando para o vasto mundo que o Português criou. É uma opção crucial, já agora, a que se não pode fugir, pela força incoercível das circunstâncias. E é quase um milagre ter sido um escritor galego, superiormente apetrechado, o primeiro a dar a esta ideia a forma justa e concreta por que todos esperávamos. Assim seja, pois.

---

Está disposto a aceitar? Sabe o significado que isso tem para nós". Esta iniciativa concretizar-se-á no ano seguinte (ver infra).

[98] Lapa estava a referir-se à nova Ley de Educación espanhola, pela posibilidade que abria para introduzir o ensino do português. A lei, nesse Verão será desenvolvida e reforçará ainda essa possibilidade através de uma Orden Ministerial de 23 de Agosto (ver infra, ao respeito, a reacção de Ben-Cho-Sey).

**Reconhece assim o labor de pioneiro de Da Cal, e a sua alta qualificação como produtor científico e literário para aquela tarefa**. Para além da intenção de querer fazer justiça, Lapa tenciona dessarte prevenir-se contra possíveis acusações, que com certeza haverá, de colonialismo linguístico, de querer impor desde Portugal uma alternativa estrangeirizante. Por isso insiste em que foi Da Cal, um galego, quem iniciou esse caminho, o mais certo que se deveria seguir para um melhor futuro do idioma.

Esse Verão, no volume correspondente a "Xullo-Agosto-Setembre", ***Grial*** **insire, na íntegra, este artigo de Rodrigues Lapa**. No domingo 19-VIII-1973 *Faro de Vigo* oferece longa referência do trabalho de Lapa, que alicerçará a polémica na imprensa.

Assim, no domingo seguinte, **Darío Xohán Cabana publica um artigo em *El Ideal Gallego* da Corunha e em *El Progreso* de Lugo, em que se opõe frontalmente às teses de Lapa**. Sob os títulos de "Decimos non a integración do idioma Galego no Portugués" e "Contra a falsa ortopedia lingüística" oferece diferentes argumentos para reafirmar que a língua da Galiza devia serguir caminho diferente, e considerar que estava a atravesar um bom momento. Questiona (Cabana: 26-VIII-1973):

> ¿Quen foi o irresponsable que dixo que o meridiano espiritual de Galicia pasa por Lisboa e por Rio de Janeiro? Quen dixo esto ben pouco sabe o que é un pobo, por moito que soupese de cousas secundarias. O meridiano espiritual de Galicia pasa por Galicia, e nin siquera por Compostela, senón por tódolos pobos, ciudades e aldeas de Galicia. Xa decía o guieiro Castelao que é propio de homes pequenos desexar patrias grandes. E propio é de escritores pequenos desexar áreas idiomáticas estensas[99]. ¿Pra qué queremos nós o "vasto mundo que o portugués criou", dito sexa de paso, coa violencia por bandeira?

Este produtor, que na altura se iniciava no CL galego e que pertencia à UPG, sendo um importante agente da actividade cultural dessa organização política nacionalista, não cita o nome de Da Cal, mas desqualifica a sua posição. Reage contra o colonialismo, neste caso o português, uma das linhas de força dessa organização nacionalista, o que o leva mesmo a menosprezar as possibilidades que poderia abrir o intersistema lusófono para o galego e a Galiza.

Nos dias seguintes **Xavier Alcalá responde a Cabana** em *El Ideal Gallego*. Fê-lo em forma de carta, e sai em defesa de Lapa e de Da Cal, citando-os. Afirma que "concordo con ambos os dous no que entendo que eles pensan. [...] non che sei con certeza por donde há de pasar o tal meridián cultural galego; agora, coido que máis perto de Lisboa e do Rio –como argumentara don Ernesto— que de Madrid e a Habana, por exemplo".

[99] Esta frase aparecia em destaque nos titulares do artigo.

Alcalá discrepa de que a língua galega goze de boa saúde, como argumentara Cabana, e valoriza: "Non tan boa, e te advirto que o momento que estamos a vivir non é para optimismos, sobor de todo mentras que o televexo siga a 'dictar normas no fogar' presentando 'un mundo cuase idílico que fala castelán' –como hai días me decía un mestre de Fisterra". Também reprova Alcalá que Cabana, no jornal corunhês, intitulasse o seu trabalho com um plural "Decimos non", questionando a que grupo representa e indicando que em todo o caso seria uma opinião pessoal.

Sem se referir directamente à polémica, Xosé Ramón Fernández-Oxea, com o seu pseudónimo de **Ben-Cho-Shey** (4-IX-1973), publica um artigo no jornal ourensano *La Región*, em que **defende o ensino do português e põe em destaque as possibilidades que oferecia a legislação espanhola**, pois a Orden Ministerial do 23-VIII-1973, abria portas que o propiciava. Este galeguista reage favorável para que assim aconteça, pois seria positivo mesmo para o galego, sem presença na altura no sistema escolar obrigatório, "en tanto en Madrid non lle perdan o medo á lingoa de Rosalia". Aquela Orden do Governo espanhol condicionava o ensino das línguas estrangeiras à demanda das mesmas, e não teve qualquer benefício para o português, pois os idiomas que de verdade se promocionavam a para os quais se formavam docentes para se incorporar ao sistema eram o francês e, cada vez mais, o inglês. Na Galiza, nada se fez para propiciar aquela possibilidade que assinalava Fernández-Oxea e que estava na linha de Lapa.

Em 9-IX-1973[100], de novo em *Faro de Vigo*, entra na polémica do artigo de Lapa um nome central do CL galego, **Álvaro Cunqueiro**, quem **também se posiciona em contra das teses do polígrafo português e de Da Cal**. Segundo Cunqueiro:

> Ao cabo o que lle pasa a Rodrigues Lapa é moi semellante ao que lle ocurre ao meu ademirado e benquerido Ernesto Guerra da Cal: que ao non teren vencello auténtico coa realidade galega tenden a ver o caso de Galicia con mentalidade lusitana, na que si están mergullados. Pero iso é tan grave e de tan funestas consecuencias pra nós como ver os problemas de Galicia con módulos casteláns. Tan imperialista é unha actitude como a outra. E as duas moi perxudiciales pra Galicia.

Cunqueiro coloca um dos argumentos de fundo desta polémica e interpreta, como boa parte dos contrários ao reintegracionismo, que utilizar a mesma grafia suporia ter que adoptar o mesmo sotaque, mas também porque ao adoptar ortografia coincidente com a portuguesa "xa non sería a miña lingua maternal, e nin xiquer a miña lingua culta, a ligoa [sic] de Vicente Risco, de Castelao de Manuel Antonio e da miña propia obra

[100] Aos 4-IX-1973 Otero Pedrayo, em carta que encaminha para Lapa, entra na polémica. Essa carta será publicada, e respondida em *Grial* em 1977, e incluída posteriormente em livro (Lapa, 1979: 79-98).

literaria que, valia o que valia, contribuiu a esa restauración literaria do galego que agora se nos propón por un camiño que hai de chamar foráneo, seña cal seña o parentesco lingüístico entre o galego e o portugués". Finaliza com este parágrafo o contributo de Cunqueiro:

> Porque o portugués, mui querido e ademirado Rodrigues Lapa, é outra lingua dende séculos, aunque fraterna, e servidor, un escritor galego, un intelectual que quere servir á fala do seu pobo i ao pobo con ela, non sabe por onde comezar a recoñecer a verdade que se nos afirma de que "o verdadeiro meridián espritoal de Galiza pasa por Lisboa e polo Rio". Non, non pasa. Gracias querido mestre por habernos feito pensar un pouco no presente e no sino do noso idioma. Ben está que estas cuestións se prantexen.

As últimas palavras de Cunqueiro há que as interpretar literalmente: muitos escritores galegos utilizavam na altura a língua da Galiza por afã reivindicativo, por questões ideológicas, por oposição ao que o franquismo representava, mas sem pensar no "sino" do idioma[101].

No número do último trimestre de 1973, **Ramón Piñeiro responde em *Grial* o artigo de Lapa**. Alude a diversos produtores citados, nomeadamente Carlos Durán e Xavier Alcalá, mas não a Da Cal. Insiste em argumentos referidos por Cunqueiro e por outros autores galegos, sublinhando que o galego estava a avançar muito, e que dera passos para a frente significativos desde a sua carta na *Colóquio Letras* que motivara o trabalho de Lapa; também argumenta que escritores como Castelao, Dieste ou Cunqueiro, entre outros, alicerçaram umas (Piñeiro, 1973:400) "páxinas literarias dunha calidade artística comparable ás dos notables escritores de outras literaturas".

Esta posição de Piñeiro significava que **o galeguismo, ao igual que os grupos nacionalistas de Galiza, se desligava de aquela proposta de Lapa e renunciava na altura a qualquer reforma ortográfica na linha que Da Cal defendia publicamente**

[101] **Lapa** (29-IX-1973) encaminha, de Anadia, carta para Fernández del Riego, em que lhe solicita que medeie para que Cunqueiro lhe enviasse (Lapa, 2001: 331) "sem falta os recortes do *Faro* em que vêm artigos da polémica"; e acrescenta: "Estou interessado pelo caso de Francisco Añón. Quero rastrear a sua presença em Portugal e conhecer as composições portuguesas que restam dele, incluindo o 'Hino dos povos'. Como as terá aí na Fundação, mande-me copiá-las, por favor. Aquele e Guerra da Cal aprenderam o português no exílio; mas há agora, segundo parece, mais risonha perspectiva: aprendê-lo na escola oficial e na própria Galiza. Este facto, a concretizar-se, pode ter extraordinária importância. O que levaria o Governo de Madrid a tal concessão? Resultado do meu artigo? Se assim fosse, teria prestado um grande serviço à Galiza, que é o meu profundo desejo; não duvidem disso. Outro facto promissor é aquele artigo em português de José Carlos González. Quem é esse moço? Um galego que estuda em París?". Lapa reafirma assim a sua posição com novos argumentos, de que o mais certo era um nome clássico e respeitado na historiografia literária galega como Añón, que coloca de modelo a par de Da Cal. Não deixa de resultar surpreendente que não conhecesse José Carlos González, produtor português, de ascendência galega, ideologicamente próximo a ele.

**nas últimas décadas**. Aquele posicionamento resulta derrotado, mas nem Lapa nem Da Cal se darão por vencidos e insistirão nessa reivindicação.

III.2.3.10.8.1.-Da Cal insiste na sua posição e fica só entre os galegos.

Nos enclaves galegos da América o trabalho político começa a enfraquecer a respeito das décadas anteriores, mas ainda prosperam iniciativas de defensa da língua e a cultura, que tentan dar visibilidade perante os entraves que se mantinham no interior por causa dos impedimentos do franquismo. Em 29-XII-1973, segundo data que consta no cólofon[102], publicou-se na Universidade de Porto Rico-Mayagüez um número especial, duplo, da revista *Atenea*, dedicado à cultura galega, em que Da Cal colabora com dois poemas[103], e também (Cores Trasmonte, 1973: 18) "axudou a eito dende o pirmeiro momentiño" para que prosperasse a iniciativa. O volume está coordenado por Baldomero Cores Trasmonte[104], na altura representante da diplomacia espanhola e docente de aquele centro, e reúne colaborações da intelectualidade galega que trabalhava na própria Galiza e no exterior[105].

No texto de apresentação, além de pôr em destaque a colaboração com o projecto, Cores Trasmonte lembra ter sido Da Cal docente em Porto Rico. E Myron Davis indigita Da

---

[102] Talvez uns dias antes, a atendermos à carta de Ángel Crespo citada supra. Em todo o caso, pelo Natal de 1973, pelo que não teve efeitos até os inícios do ano seguinte.

[103] Os dois poemas de Da Cal estão dedicados a figuras da crítica especializada universitária hispânica nos EUA: "Que paisaxen é esta?" a "Rafael e Anxeles Bosch, 'ex corde'"; e "Canto Quinto Elementar" a "Tony y Olga Tudisco, com velha amizade". O primeiro deles é de protesto contra a guerra e as consequências da trágica e desoladora paisagem que provoca, e nele encontram-se referências a Casandra, Rubens, Verlaine, Camões, Catulo, Afrodita ou a Bíblia, para além de alusões às guerras do Vietname, e Grande Guerra Mundial ou a de Espanha. Indica que (Da Cal, 1973: 282) "Eu xa estiven eiquí/ Conhezo esta paixón i-esta paisaxen./ Xa dormín i-acordei/ e tornei a dormir/ i-a despertar no mesmo amanhecer alucinado/ de pesadelo eterno/ marasmado/ Conhezo esta paisaxen/ C'os olhos invadidos de auga amarga/ De vergonha i-espanto/ Sulagados". Após denunciar "as mesmas orxias/ sanguinhentas" que puxavam para repetir os conflitos armados, assinala-se como poeta "rebelde" e "revoltado" que se insurge contra semelhante paisagem "macabra i asinina" e (Da Cal, 1973: 283): "pedindo a tregua/ o Fin definitivo e infinito/ pedindo o Absoluto indispensábel/ como o Pan, como o Vinho/ inadiábel como a madrugada/ pedindo a limpa Aurora/ que desterre pra sempre/ esta Noite abismal, incoerente/ sinistra e sen sentido/ monocorde e teimosa/ I-Eu desfilo con eles/ abrazado na espranza luminosa/ do Nascimento Intemporal da Rosa".

"Canto Quinto Elementar" é, segundo se assinala em nota de rodapé, a mesma versão que a publicada na revista *Colóquio*, de Lisboa, em 1965 (ver supra).

[104] Ao lembrar aquela colaboração, em entrevista realizada com ensejo da presente pesquisa, Cores lembra Da Cal como um homem de muito forte carácter e com especial preocupação pelas gralhas. Afirma que mesmo se dirigiu ao Reitor e, através do telefone, fez constar o seu protesto pela forma como tinham saído reproduzidos os seus poemas nessa publicação.

[105] Também inclui um poema de Salvador López González, de Porto Rico, dedicado à Galiza, ou estudiosos que tiveram dedicação a questões respeitantes à cultura galega que exerciam em universidades de Porto Rico e dos EUA, como Germán Delgado Pasapera, Luis Cartaña, María del Carmen Candau de Cevallos, Alberto Machado da Rosa e Willyam Myron Davis.

Cal no seu trabalho entre os representantes galegos do neotrovadorismo, salientando que, ao igual que Eduardo Blanco Amor, realiza esse labor desde o exílio[106].

Trata-se de um leque bem significativo, com nomes muito conhecidos no âmbito dos estudos universitários americanos, e figuras galegas que atingiram posições de certo relevo durante o franquismo ou que se encontravam entre os mais novos que se somavam a esse labor reivindicativo. Mas também existe na edição desta revista outro (Cores Trasmonte, 1973: 16-17) "intrés concreto": trabalhar para que o Departamento de Estudios Hispánicos de aquela Universidade de Porto Rico "calquer día ben poidera charmarse de Estudios Hispánicos e Galaico-Portugueses, ou si se quixer seguilo modelo de outros moitos que hai polo mundo, de Estudios Hispánicos e Portugueses, no que os estudios galegos quedaria facendo de ponte", insistindo na necesidade dessa proposta nos EUA pois "Con Brasil a veira da porta, coma quen di, isto faise a cada vez máis preciso e mais necesario". Um objectivo, pois, claramente na linha do defendido por Da Cal desde décadas antes, e para o qual ele tinha contribuido. Há portanto interesse em introduzir nas esferas institucionais a ideia de Galiza, para promocionar a sua cultura, um objetivo político que terá pouco sucesso.

De todos os que utilizam a língua autóctone da Galiza, com propostas muito incoerentes e denotando a falta de um cânone ortográfico comum, Da Cal é o único que emprega marcas ortográficas, morfológicas e mais léxico na orientação do Galego-Português. Reivindica-se, pois, como poeta da Galiza e persiste na defesa da concepção para a língua que confluísse com Portugal e o Brasil[107].

---

[106] Contributos dos estudiosos Antonio Fraguas, Emilio González López, Amado Ricón, Salvador Lorenzana, Benito Varela Jácome, Miguel A. Feal Deibe, Carlos Peregrín Otero, Enrique Santamarina, Manuel Fabeiro Gómez, Arturo Romaní; os produtores literários Celso Emilio Ferreiro, Manoel Maria, Uxio Novoneyra, Dario Xohan Cabana, Salvador García Bodaño, Xohán Pernas Leiras, Xavier Rodríguez Baixeras, Félix García Vilariño, Maria de los Ángeles Penas, Luz Pozo Garza, Xosé Rubia Barcia, Xosé María García Rodríguez, Dora Vázquez, Pura Vázquez, ou os assinalados Varela Jácome e Fabeiro Gómez; e os artistas plásticos Manuel Torres, Mercedes Ruibal, Agustín Pérez Bellas, Aurichu, Xulio Maside, Manoel Beiró Buxán e Ventura Cores, focam aspectos da língua, a literatura e a cultura galega, com o intuito de defender (Cores Trasmonte, 1973: 18) "que as nosas cousas teñan un sitio na cultura universal [...] e con afán de dar a coñecer un mundo cultural que pra moitos terá, sin dúbida, de ser unha grata sorpresa cultural i-espritoal".

[107] Trabalhos na misma linha de encontro Galego-Português eram também os de dois norte-americanos, os dois com relacionamento bem conhecido com Da Cal: o de Machado da Rosa (1973: 85-90) intitulado "Camões e Rosalia", e o de Myron Davis sobre o neotrovadorismo. Peregrín Otero, outro galego professor na UCLA, faz um trabalho reivindicativo do galego a respeito do castelhano, em que se defende que (Peregrín Otero, 1973: 178) "hasta por lo menos el siglo XIV los portugueses hablaron el gallego de la época (el dialecto portugués no aparece claramente escindido del tronco gallego hasta después del siglo XV, y al principio las discrepancias son mínimas)", mas apesar de insistir nessa origem comum com diversas argumentações não defende proposta de convergência.

Resulta paradigmática essa revista: Da Cal continua na defesa da orientação ortográfica convergente com o português para a língua autóctone da Galiza, mas fica só.

III.2.3.11.-Intensa pesquisa queirosiana e novos aliados para a luta da ortografia na Galiza, em 1974.

A intensa actividade na pesquisa queirosiana e os contactos para agilizar os projectos em andamento caracterizaram 1974. Da Cal continuou como ponto de referência e publica novo trabalho, em que emerge o comparatismo com Eça.

Mantém ligações dos últimos anos[108] e um dos seus principais aliados, **Alberto Machado da Rosa, morre de doença em Portugal**[109]. Nos EUA finaliza a colaboração na estação de rádio *Voice of America* após 22 anos[110] e consegue mais um reconhecimento ao ser incluído num novo repositório de personalidades[111].

Lapa e Da Cal conseguem novos aliados galegos no exterior, que apoiam a aproximação do galego ao português. Lapa indigita de novo Da Cal de modelo. Entretanto, na Galiza, o grupo Galaxia publica trabalhos sobre os SPG de Lorca, contribuindo a canonicidade do poeta andaluz para a tese contrária à reintegração, pois colocava-se como exemplo de como a lingua galega com aquela ortografia podia funcionar para produtores do exterior e tentava-se reforçar a validade da normativa mais utilizada e conhecida.

---

108 Documentam-se contactos com **Ángel Crespo** (aos 10-II-1974 aceita publicar na *Revista de Letras* da Universidade de Porto Rico "su ensayito sobre la Cruz de Calatrava", que difundirá só anos mais tarde na UC); **Armando Cortesão** (da UC, aos 27-II-1974 dá-lhe notícias da BQ: "Já por cá tenho ouvido do interesse com que se aguarda o seu novo 'calhamaço' queirosiano"); **Gilberto Moura** (aos 24-IV-1974 Da Cal envia-lhe para Luanda o artigo em francês sobre Eça e o Parnasse, e confirma-lhe que corrigia as provas do primeiro volume da BQ); **Jacinto do Prado Coelho** (aos 13-IX-1974, lamenta a falta de contacto nos últimos anos, mas continuava com interesse na sua colaboração); **Joaquim Paço D'Arcos** (aos 28-X-1974 pede-lhe endereço para enviar-lhe produção literária. Aos 3-XII-1974 diz que aguarda o primeiro tomo da BQ e envia-lhe mais trabalhos); **Leonardo Jorge** (em *Portugal em Palavras* recolhe intervenções públicas diversas. O livro leva apresentação de vultos dos campos político, literário, da crítica literária, do jornalismo ou da Universidade, entre eles Da Cal, quem lhe tinha indicado que [Jorge, 1974: 13] "Você está na posse dum belíssimo estilo [...] de alta craveira literária, candente, gráfica e sugestiva", como o que exercia como figura legitimadora pela sua autoridade na estilística).

109 *Grial* informou (Sem Autor, IV/VI-1975: 250-51) da última estada na Galiza, em 1974, com a inclusão de uma fotografía em que aparecia com Da Cal, Piñeiro, e com o casal Fernández del Riego.

110 Nesse tempo contribuiu com periodicidade semanal. Alguns trabalhos foram recensões, que se poderiam ter difundido em qualquer revista especializada. Aquela colaboração permitiu-lhe influências muito diversas: perante instituições para conseguir informação; com produtores, que lhe retribuiram o favor de diferentes maneiras; e para se aproximar privilegiadamente a campos diversos. A *Voice of America* foi um elemento de projecção e promoção nos intersistemas hispânico e lusófono.

111 Foi incluído no *Directory of American Scholars*. Na 6ª edição desse repositório, e no volume III, dedicado a "Foreing languages, linguistics&philology", um verbete ressalta alguns dos principais acontecimentos biográficos e da sua trajectória como professor e pesquisador, e indica-se dele o ter dedicação a "Portuguese, Spanish and Galician literatures; stylistics; modern novel".

Da Cal reage com cautela perante os acontecimentos políticos do 25 de Abril, e confiante de que se não repita um enfrentamento armado do teor que ele tinha testemunhado na Espanha em 1936[112]. No verão visita Portugal e manteve intenso contacto com Rodrigues Lapa[113] por causa da candidatura para ingressar na Associação Portuguesa de Escritores. O *Diário de Lisboa* noticiou (Sem Autor, 8-XI-1974) dessa "ideia de Rodrigues Lapa", e de que a proposta dele e de Otero Pedrayo fora apresentada[114]. Com tal ensejo, e **a pedido de Lapa, elabora uma autobiografia, datada aos 22-XI-1974[115], em que afirma Da Cal**:

> "Si licitus est" para parafrassear o nosso Eça poderia afirmar, com infinitamente mais razão do que ele, já se vê, que "sou um pobre homem de Quiroga" –lugar da minha infância. Sobre o escritor –que julgo ser o que principalmente conta para uma associação de escritores— já mandei o meu "curriculum vitae". Do homem, que quer que lhe diga? Homem público não sou, nem nunca fui, nem nunca quero ser, pois não tenho a vocação. Político, também não sou, no sentido público e profissional da palavra, se entende. Sou, porém, um fanático íntimo e privado da Liberdade –com maiúscula. Que quando foi necessário moralmente agir na acção em defesa da dignidade humana, não hesitei em entrar em combate com as armas na mão contra o Fascismo franquista. Com a triste derrota tive que me exilar e refazer a minha vida nos E. U. A., onde, como o meu Amigo sabe, dediquei todos os meus humildes esforços a pregar o Evangelho da cultura galaico-portuguesa "in partibus infidelium". Considero-me, pois, um anónimo e velho lutador anti-fascista cuja ideologia não mudou um ponto durante todos este anos. Continuo onde estava em 1936. Embora a vida, como é natural com o acréscimo dos anos e da experiência, não tenha deixado de me causar desilusões sobre a natureza humana em todos os seus aspectos, inclusivamente os políticos, mantenho-me ferrenhamente fiel à minha ideia, tão bem exprimida por Valle-Inclán, de que "de realidades vive o homem, mas de sonhos sobrevive" e eu sou perpètuamente "um sonhador teimoso em sonhos" –como D. Quixote.

---

112 Em carta para os herdeiros de Eça de Queirós, Da Cal (3-V-1974), afirma: "Estamos um bocado desinquietos com os acontecimentos políticos em Portugal –e daqui é difícil ter uma orientação de qual o caminho que as coisas poderão levar. O nosso desejo é que o que vier a passar-se se condicione dentro da ordem e a harmonia e que não se imponham os extremismos que levam sempre a situações de violência – como as que eu testemunhei na Espanha. O resultado final é que ninguém ganha nas contendas civis e as feridas fratricidas tardam imenso a cicatrizar. Deus o faça pelo melhor!".

113 Lapa (6, 112 e 29-VIII, e 1-IX-1974) comunica-lhe o propósito de candidatá-lo, juntamente com Otero Pedrayo e Cunqueiro. Agradece o curriculo que lhe tinha enviado Da Cal e pede-lhe publicações.

Da Cal (21-VIII-1974) agradece "novamente, e muito penhoradamente" a candidatura.

Lapa (6-IX-1974) solicita de Ramón Piñeiro que colabore para o ingresso de Cunqueiro e Otero Pedrayo, pois "Desejaria que a entrada dos 3 (eles e Da Cal) fosse feita para fins de Outubro".

Lapa (9-X-1974) fala-lhe da candidatura para a APE, com as de Otero e Cunqueiro, e afirma: "Estou plenamente convencido da sua aprovação".

114 O jornal referencia os seus méritos, citando de Da Cal ser "um mestre incontestável" no domínio dos estudos queirozianos e "poeta bissexto". A informação indigita Álvaro Cunqueira (sic) e Celso Emilio Ferreira (sic) "para um próximo processo de filiação".

115 Lapa (28-X-1974) solicita-lhe mais dados para a candidatura e diz que na APE "somos todos mais ou menos socialistas. Hoje, o pendor político vale muito para nós, nesta luta anti-fascista em que andamos empenhados".

Da Cal Justifica a demora na resposta por causa de duas defesas de teses de doutoramento por ele orientadas, e de ter estado "sepultado" por avalanches de provas da "minha montanhosa" BQ, cujo primeiro volume, de bibliografia activa, com 655 páginas, estava previsto para aquele ano.

> Quero mais uma vez patentizar-lhe o meu sensibilizado agradecimento pela sua bela iniciativa de, através da minha pessoa, que pouco vale, e da dos outros candidatos galegos que valem muitíssimo mais do que eu, querer dar entrada oficial no mundo das letras portuguesas, às da Galiza, cuja unidade espiritual com Portugal eu tenho vitaliciamente defendido. Bem haja, meu caro Amigo!

Da Cal definia-se assim pessoal e ideologicamente, frisando o posicionamento anti-fascista e de agradecimento pela acolhida naquela instituição, pelo que representava de reconhecer oficialmente as letras da Galiza em Portugal[116].

III.2.3.11.1.-O duplo interesse científico e profissional na BQ.

Continua as pesquisas para completar o volume de epistolário de Eça, o que supõe **estreito e continuado contacto com os descendentes** do produtor. Na permuta de correspondência encontram-se dados valiosos sobre os projectos e interesses comuns. Da Cal coloca questões para os seus trabalhos, e oferece sugestões e novas pistas para conseguir mais materiais; e os herdeiros de Eça achegam-lhe contributos e respostas. Nas cartas encontra-se a mediação de outros investigadores e pessoas interessadas ou implicadas directamente nesses assuntos, v. gr. o editor Souza Pinto, e emergem contrariedades como o não encontrar dados sobre o Espólio de Eça que Da Cal afirmava ter verificado em Tormes com D. Maria de Eça de Queirós[117].

---

[116] Lapa (3-XII-1974) comunica-lhe que o seu depoimento autobiográfico tinha chegado tarde para ser apresentado protocolariamente à APE "mas é um documento de tal modo valioso, que vou mostrar à Direcção logo que volte a Lisboa".

[117] Dos contactos documentados, merece salientar-se: cartas de Maria da Graça Salema de Castro e Manuel de Castro a Da Cal datadas em **8-I-1974**, **15-II-1974** (comunicam estar à espera de Dominique Sire, que iria da França com a intenção de os ajudar para fixar o texto de "A Prima Cristina" que julgavam "particularmente difícil"); **24-II-1974** (informam de pesquisas na Embaixada do Brasil, bem como o editor Souza Pinto, além de documentação de outros membros da família de Eça); **9-IV-1974** (Interessam-se por uma Tese de Doutoramento orientada por Da Cal, que "esperamos um dia, venha com outras, para a Fundação"; anunciam o projecto de publicar um volume sobre o labor consular de Eça, de Rego); **14-VII-1974** (indicam que o editor Souza Pinto reclamava detalhes sobre a Correspondência, indicando Outubro como o melhor mês para o lançamento. Advertem Da Cal "da vantagem de ires preparando com o teu advogado o contracto que deve ser assinado antes de ires embora, cujas bases vocês os dois já tinham acordado". Perguntam se vê oportuno solicitar mediação de Jacinto do Prado Coelho para angariar mais cartas de Eça); **2-VIII-1974** (insistem em detalhes da carta anterior, e perguntam: "se vês possibilidades de te ocupar tambem com a apresentação do volume dos tais "Dispersos", dos quais com princípio, meio e fim, creio que temos trez possíveis: O Baptisado de Artur, o episódio do médico vindo de Paris para ver a mãe de Jacinto, e o esquema da tão falada Batalha do Caia. Em caso de te poderes interessar por este trabalho não seria possível satisfazer o Souza Pinto com esse livro para Outubro de 74, deixando a Epistolografia que creio de maior trabalho e responsabilidade, para 75?"); **26-XI-1974** (parabenizam-se da disponibilidade de Da Cal para colaborar com eles, e informam "dos passos a favor da 'Casa Eça de Queiroz'" com as gestões realizadas na Gulbenkian e no Ministério da Educação e Cultura, de que indicam que "Pareceu-nos ter havido receptividade em ambos os lados. Como em ambos os lados tambem se falou do teu nome e obra, como apoio indispensável a tal empreendimento". Pedem-lhe sugestões para elaborar a "'memória descritiva' do que se pretende deste Centro de Investigação, nacional e internacional, para daí se poder concluir quais as adaptações necessárias: bibliotecas, arquivo, locais de estudo, etc." e "se te fosse possível mandares a tua opinião rapidamente".

Na procura de novos elementos para o epistolário, Da Cal **contacta os herdeiros de Guerra Junqueiro[118] e o Ministério de Negócios Estrangeiros**[119]. Isto evidencia a sua dinâmica de trabalho: tenta conseguir os máximos elementos e a maior exaustividade para atingir um produto completo, que esgotasse no possível o assunto; que não ficasse, até onde ele conhecesse, nenhuma fonte por consultar.

Também **está atento aos problemas para a impressão em Coimbra da BQ e tenta apressá-la** O seu interesse nessa publicação era muito: por um lado, para atingir definitivamente o centro do queirosianismo, pelo impacte que confiava teria aquele produto no CEL; mas também poder apresentá-la às instituições que tinham financiado os seus estudos, perante a iminente finalização da sua etapa profissional.

III.2.3.11.2.-Aliados e resistências no queirosianismo.

A focagem dos estudos de Da Cal pelos novos queirosianistas provoca na altura uma maioria de aliados, mas algumas novas resistências. LEEQ era utilizada como obra de consulta indispensável. Alguns frisam a sua admiração perante aquele produto.

**Consuelo Loureiro**, na sua Tese de Doutoramento *Eça de Queiroz and the Modern Portuguese Short Story*, defendida na CUNY, ressalta (Loureiro, 1974: 19) "aspect of

---

Juntam também um projecto de memorandum sobre o que pretendiam, com um programa que contemplava uma Fundação, em cuja administração interviera o Estado para quando a morte deles).

Cartas de Da Cal aos herdeiros de Eça datadas aos **9-I-1974**, **3-II-1974** ("Fiquei aflitíssimo pelo facto de vocês terem comprovado que o nosso levantamento dos manuscritos inéditos apresenta discrepâncias com a realidade"), **28-II-1974**, **30-III-1974**, **3-V-1974** (faz sugestão de contactar Beatriz Cinatti Batalha Reis, e os herdeiros de Guerra Junqueiro, na procura de nova correspondência de Eça. A respeito do espólio de Eça, informa: 'Sobre as *Cartas não Publicáveis* quero vos dizer que havia uma lista, com todas elas numeradas consecutivamente em letra, que D. Maria disse ser do irmão Alberto. Pelos vistos essa lista não figura entre os papeis do tal "dossier". Dessa lista é que eu tirei os dados das que comprovei ser ainda inéditas, para as incluir no apartado correspondente'").

[118] Da Cal (9-VII-1974) escreve para Maria Inês Diogo Costa, administradora da Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro a quem solicita informação da possível correspondênci, que não conseguia documentar, de Eça e Guerra Junqueiro, com o fim de se deslocar ao Porto para a examinar "com a autorização de V. Exa." E informa que lhe facilitou o contacto Manuel de Castro, neto do romancista "com quem de longo tempo me une fraternal amizade, como me uniu com a saudosa D. Maria Eça de Queiroz".
Costa (31-VII-1974) responde que "não posso afirmar" a existência dessas cartas. Após a morte de Maria Isabel, filha de Junqueiro, estavam a inventariar e organizar tudo. Pelo cuidado que a filha tinha com todo o relacionado com o pai "estou certa" que as cartas, a existirem, estariam bem guardadas, afirma. Promete contactá-lo caso de encontrar documentação de interesse.

[119] Da Cal (2-VIII-1974) solicita a Ferrin de Almeida, da Biblioteca do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, informação respeitante a "cartas, ofícios e relatórios" enviados por Eça "de Havana, Newcastle, Bristol e Paris –tendo em vista a utilização posterior de alguns deles noutras publicações sobre Eça que para data próxima planeio", além de para a BQ.
Da Cal (28-X-1974) agradece a colaboração de Ferrin de Almeida. Solicita novas informações dos anos que coincidem com o período em que Eça foi cônsul, indicando onze nomes.

Eça's literary art is so completely and excellenty analysed in Ernesto G. Da Cal's" referindo-se a LEEQ como "definitive".

**Mª da L. Ferraz**, no verbete "Queirós (José Maria Eça de)", que redigiu para o volume XV da *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, (Ferraz, 1974: 1.499-1.505) reproduz vários trechos de LEEQ para apresentar o estilo queirosiano, além de recomendar o estudo entre a bibliografia. Destarte o discurso de Da Cal difunde-se e reproduz-se num repositório de consulta de sucesso, e favorecia-se a transferência para a sociedade com maior amplidão. A centralidade reforçava-se com estas referências que o indigitavam de modelo para o estudo do produtor português.

O Grémio Literário de Lisboa publicou *Estética do Romanismo em Portugal*. No estudo "A prosa de Eça de Queiroz emendada pelos seus contemporâneos", **Helena Cidade Moura** estuda as alterações em *A Cidade e as Serras*, que atribui a Ramalho Ortigão, e defende uma nova texualidade, concluindo (Moura, 1974:167) que as "conquistas estilísticas" do produtor figuravam em LEEQ. Da Cal recebe assim novo apoio de aquela aliada, que insiste em indigitá-lo como autoridade.

Na Universidade portuguesa emerge uma nova voz crítica, **Maria Lúcia Lepecki**, que publica o estudo *Eça na ambiguidade*. No capítulo "O sentido de *A Cidade e as Serras*", julga (Lepecki, 1974:80-81) "limitativo" o argumento sobre essa narrativa exprimido por Da Cal no DLPGB, e também se ocupa da interpretação como (Lepecki, 1974: 93) "revelação de tendências antitéticas do próprio Eça". Lepecki também se opõe às teses de Jacinto do Prado Coelho, António José Saraiva ou Óscar Lopes, na procura de legitimação para o romance.

Da Cal não descura a relação com outros novos queirosianistas: A pesquisadora francesa **Dominique Siré** (9-IV-1974) agradece-lhe epistolarmente a colaboração para o estudo de *A Capital*[120] e valoriza positivamente LEEQ. E reata o contacto com **João Medina**[121], estabelecido em Lisboa após o 25 de Abril.

---

120 Afirma Siré: "depuis 4 ans que je me consacre à Eça de Queiroz c'est votre ouvrage sur le style qui m'a le plus eclairé –je pensais que pour écrire un tel livre il fallait être trés vieux, posséder une longue barbe blanche et être courbé pour les heures d'etude! Juguez de mon étonnement lorsque je vous ai rencontré!". Da Cal (3-V-1974) deseja-lhe "o merecido triunfo na próxima defesa da sua tese, e com a esperança de que o nosso Eça nos ofereça a possibilidade de novo encontro". Agradece-lhe a informação sobre trabalhos realizados na França "que já passaram a integrar-se na Bibliografia".

121 Medina (7-XII-1974) refere-se a 1974 como "Ano da Libertação Nacional". Estabelecido em Portugal, exercia na Universidade Nova de Lisboa e colaborava no *Diário de Notícias*, concluindo que "O País mudou, os portugueses não...". Pede-lhe opinião sobre o estudo *Eça e a Espanha*, e pergunta se

III.2.3.11.3.-Contributo em *Colóquio Letras* como autoridade do CEL.

Com o título "Da ambiguidade psicológica em 'Lusco-Fusco'", Da Cal publicou em *Colóquio-Letras*[122] um trabalho sobre a narração de Pablo la Noche (pseudónimo do diplomata Leonardo Mathias) *Lusco-Fusco (Vida e morte de um desconhecido)*[123]. Trata-se de um texto crítico que lembra a estrutura e a argumentação do estudo sobre *A Relíquia*[124]. Vale-se da metodologia estilística e compara este romance com Eça, Machado e outros produtores.

Da Cal não entra na polémica da autoria, que se originara em Portugal com ensejo da publicação. Ele com certeza conhecia bem de quem se tratava, e por isso escrevia tão generosa valorização em lugar de tanto privilégio, de que beneficiavam os dois: Mathias, por se ocupar do seu produto um crítico muito prestigiado e que se prodigava pouco em trabalhos de aquele teor; e Da Cal, porque era uma maneira de intervir numa polémica e colocar-se de novo num primeiro plano, lembrando os seus pressupostos e oferecendo-lhes projecção mais uma vez no CEL através da revista mais influente.

---

achou esse trabalho "demasiado 'apaixonado', anti-castelhano, quiçá nacionalista?. Cá fico aguardando (apreensivo) o seu veredicto".
Em Dezembro, Medina agradece cartão de Da Cal, e oferece "votos dum feliz ano novo luso-galaico-norte-americano acompanhado dos cravos simbólicos de 'divina surpresa' de Abril passado. E espero poder abraçá-lo aqui, neste Portugal renovado, por ocasião do centenário do 'Padre Amaro'".

[122] Ao ser o seu primeiro contributo, é objecto de apresentação em que se indica-se que, apesar de residir nos EUA "ficou sempre ligado à cultura-mãe –a luso-galaica— já como poeta, ja como lusófilo dos melhores especialistas queirosianos", qualificando LEEQ como "a sua obra fundamental, notável pela originalidade do método e pela finura da análise"; também salienta o estudo sobre *A Relíquia* e anuncia que "está a concluir uma completíssima *Biografia* (sic) *Metódica e Anotada de Eça de Queiroz*". Este trabalho de Da Cal figura não na epígrafe das recensões, mas na parte primeira da revista, dedicada a estudos, o que era uma maneira de frisar a sua autoridade no CEL.

[123] Julga que neste texto o autor (Da Cal, 1974:47) "—muito cervantinamente— quis situar a fábula na nevoenta fronteira que separa a vida da ficção", insistindo em que a narrativa evoca (Da Cal, 1974:48) "o *modus narrandi* de Cervantes no *Dom Quixote*". Analisa a técnica de um volume que trata a respeito da guerra civil espanhola, e da personagem que relata a sua "autobiografia", a quem qualifica como "um homem em busca da sua identidade". Põe em diálogo esta produção com outras de Kierkegaard, Unamuno, Kafka, Pirandello, Antonio Machado e Fernando Pessoa, para concluir que há na narrativa um "*humour*, de índole mais machadiana do que queirosiana, mais no conceito do que na verbalização, e que joga com as ideias, com os sentimentos e com os temas, o Autor paira sobre o seu cosmos de ficção, ironizando o narrador e a narração". Salienta as "ambivalências e equívocos" do texto, redigido em forma de memórias, que desenham a figura (Da Cal, 1974: 49) "de um anti-herói de perfis picarescos e donjuanescos". Valoriza que (Da Cal, 1974: 50) "A arquitectura temática do romance é perfeitamente harmónica" e frisa (Da Cal, 1974: 51): "A *peregrinatio* do herói é a matéria do romance. Ele surge 'da imprecisão duma névoa cinzenta' para mergulhar no 'lusco-fusco' da vida".

[124] No entanto, a ideia inicial era publicar um estudo de maior fôlego, e assim se conclui de um original dactilografado que se conserva no Espólio EGC, de 18 páginas. Nesse rascunho, a semelhança com o estudo da Relíquia é muito maior: começa por se referir à "desorientação crítica" com que foi em parte recebida a publicação, e bane várias páginas em que analisava a história com numerosas citações textuais, uma parte que ocupava quase tanto como o publicado. Também elimina este parágrafo de conclusão: "Pela novidade dos seus temas na arte de ficção portuguesa hodierna, pelos originais processos de narração e composição e pela beleza e eficácia expressiva do estilo, o *Lusco-Fusco* é, ao nosso ver, um romance magistral". Tanto na revista como neste original o artigo aparece datado aos "7-4-74".

III.2.3.11.4.-De novo no centro da polémica ortográfica da Galiza.

Através do contacto com Rodrigues Lapa, Da Cal defende o seu posicionamento a respeito da ortografia do galego, e será colocado outra vez no centro da polémica pelo professor português em novo trabalho difundido em Portugal. Os dois encontrarão um inesperado aliado: um grupo de galegos residentes em Roma.

Aos 6-VIII-1974, Lapa comunica-lhe ter recebido um "Manifesto para a supervivência da cultura galega" redigido por 13 galegos residentes em Roma, que valoriza de

> contribuição inesperada e preciosa, que vem reforçar as nossas teses. Aliás, é o preâmbulo e a síntese dum trabalho de maior envergadura, 'Em prol da integração linguística galego-portuguesa' (76 pp), que, pela coragem, lucidez e completa documentação, deverá estar na base de tudo quanto se escreva sobre o problema do galego. Recomendei ao Pe. Santalla que lhe mandasse o "Manifesto". Tê-lo-ia recebido?

Aquele interesse de Lapa contrastava com a atitude do Grupo Galaxia, que tinha rejeitado o Manifesto argumentando que não o aceitaria a censura[125]. O que será conhecido como Manifesto dos 13 de Roma foi publicado na (Montero Santalla et alii, IX-1974: 30-31) *Seara Nova* e, em tradução para espanhol (Montero Santalla et alii, 1974: 8-11) na revista *Cuadernos para el diálogo*. Nas notas encontra-se a maior diferença entre as duas versões.

Aos 6-IX-1974, Lapa indica a Ramón Piñeiro a respeito da questão ortográfica galega:

> Conheço e respeito as suas posições; mas havendo, sobretudo nas camadas mais novas, quem pense de outra maneira, menos suicida, e se aproxime das minhas teses, não estranhará por certo que eu me ligue aos mais jovens. Deles, sobretudo, nesta hora de esperança, dependerá o destino da Galiza. E Portugal, o irmão do Sul, não pode, não deve estar ausente; nem vocês podem passar sem ele.

Entre esses "jovens" estava o "Pe. Santalla", que lhe pedira divulgar o "Manifesto para a supervivencia da cultura galega" em Portugal; e Lapa mediava na *Seara Nova* mas também na *Vértice*, revista esta última de pensamento crítico, próxima de posições comunistas, que Lapa via mais apropriada para difundir textos "para estudar e discutir".

---

125 Assim o assinala Ramón Piñeiro em carta que encaminha aos 5-IV-1974 para Roma, dirigida a a José Martinho [sic] Montero Santalha, que se formava em Teologia no Collegio Spagnolo e que lhe enviara o texto para publicar em *Grial*. Piñeiro acusa recebimento, e valoriza: "está moi ben pensado e moi ben escrito. E, sobre todo, presentado con tensa sinceridade xuvenil. Nós estudamos as posibilidades da sua publicación no GRIAL, mas, tal como está redactado, resúltanos imposible. Os criterios da vosa libertade expresiva –ahí en Roma—non coinciden cos criterios da censura que aquí decide. O exemplo da homilia de Añoveros pode servir de proba obxectiva, pois na tal homilía non se facía mais que defender uns direitos que veñen ser os mesmos que vós reclamades no voso "manifesto". Afirma Piñeiro que o documento merecia ser publicado, e recomenda que o remetam para Rodolfo Prada, a Buenos Aires, quen fora "o máis íntimo amigo e colaborador de Castelao" e "a quen lle escribirei falándolle do asunto", pois julgava que podia favorecer a publicação. Piñeiro finaliza a epístola informando que "os escrituristas galegos están traballando en equipo na traducción da Biblia á nosa lingua".

Nessa altura, e como consequência da Revolução dos Cravos do 25 de Abril em Portugal, intensificam-se assim mesmo os contactos entre o nacionalismo galego, sobretudo o representado pela Unión do Povo Galego (UPG), com Portugal, num tempo em que na Galiza se vive (Torres Feijó, 2007: 690) "com a expectativa da queda do regime [da ditadura franquista], o que contribui para a geraçom dum importante acúmulo de energia"[126].

No Verão, na *Vértice*, Lapa publicou o artigo "Duas atitudes face ao problema do galego", em que assinala como Da Cal "ilustra de modo brilhantíssimo o processo da integração", com o que o indigita de novo de modelo, e coloca-o no centro da polémica ortográfica. Lapa afirma que o caminho era, como fizeram Da Cal ou um século antes Francisco Añón, o aprendizado do português, para recuperar a própria língua. Esse artigo está inserido num volume duplo da revista, dedicado à Galiza. Lapa tenta insistir na sua doutrina, esta vez através de um texto breve, em que contrapõe os trabalhos do Grupo de Roma a três artigos publicados de autoria anónima em *Rego*, um jornal de emigrantes galegos na Suíça, da órbita da UPG, em que se chegava a manifestar ser o galego uma língua facilmente restaurável pela sua semelhança com o castelhano. Da Cal é, pois, indigitado de modelo neste trabalho, colocado estrategicamente como primeiro dos contributos sobre a Galiza[127].

---

[126] Neste trabalho são estudados esses contactos entre pessoas e grupos de Norte e Sul do Minho neste trabalho, que foca sobretudo os anos 1974 e 1975, e conclui (Torres Feijó, 2007: 700) "o campo cultural português constitui um importante sistema receptor, de apoio e retroalimentaçom à actividade galeguista, mesmo produzindo-se umha forte assimetria relacional favorável ao campo galeguista". Salienta a repercussão dos interesses galegos em Portugal, onde contam com apoio de figuras como Rodrigues Lapa ou Jacinto do Prado Coelho; e a "praticamente nula" que se produziu em sentido inverso, ao não influir a actividade homóloga portuguesa em plataformas culturais na Galiza.

[127] Na continuação aparece uma escolma de poesia galega, com composições de Manuel Maria, Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Celso Emilio Ferreiro e Heriberto Bens, todos eles utilizando a grafia mais próxima da castelhana, que finaliza com um breve vocabulário de termos galegos para português. Depois inclui-se, em português, um comprido artigo de Xosé Manuel Beiras, professor catedrático da Faculdade de Ciências Económicas da USC; seguido de outro de Xosé Vilas Nogueira, também de carácter científico mas em galego-castelhano; um texto sem assinar, datado aos 28 de Maio desse ano, intitulado "O movimento de liberación nacional en Galicia", de que pelo seu conteúdo muito possivelmente fosse sido redigido por alguém da órbita do grupo nacionalista Unión do Pobo Galego. O número, que inclui trabalhos artísticos de Castelao e de Isaac Díaz Pardo, finaliza com um artigo de Camilo Gómez Torres sobre *Laio e cramor pola Bretaña*, poemário de Manuel Maria que tinha sido publicado em Lisboa; e mais outro de Lois Diéguez, que analisa a narrativa da Galiza na altura.
Um volume, portanto, em que Rodrigues Lapa elude um exclusivismo culturalista, e consegue reunir pessoas de muito relevo com projecção política na Galiza da altura, que na escolha dos contributos literários quer nos científicos. O professor de Anadia tenta oferecer um novo impulso à sua proposta claramente explicitada no seu trabalho de 1973 originalmente publicado na *Coloquio Letras*, esta vez acudindo a uma revista portuguesa de tradição democrática para colocar o conflito da língua num âmbito mais alargado que o cultural, e tendo em conta a nova situação política de Portugal a raiz da Revolução dos Cravos. Da Cal não participa directamente, mas sim é indigitado como modelo a seguir para

Da Cal escreve para Rodrigues Lapa carta datada em 21-VIII-1974, em que afirma que "há que dar o máximo apoio e publicidade a esse benemérito grupo dos '13 de Roma'". Como Lapa, acolhe pois com estusiasmo aquele grupo de galegos que partilhava o posicionamento favorável à orientação da ortografia do idioma. Aquele grupo estará presente no epistolário de ambos aquele ano.

Na *Memoria Anual* de Casa Galicia de Nova Iorque, publicou-se um contributo de Carlos Durán, representante das gerações galegas mais novas, claramente favorável à orientação de aproximação com o português defendida por Da Cal, e em que aludia à polémica do artigo de Rodrigues Lapa do ano anterior[128], confirmando-se assim mais um novo aliado. Durán em Londres, e os 13 de Roma, partilhavam estarem no exterior, e terem uma posição muito periférica no quadro do galeguismo. A doutrina lingüística de Lapa e Da Cal não encontrava eco na Galiza, a que se dirigia preferencialmente.

III.2.3.11.5.-Os SPG de Lorca, emblema para os opositores de Lapa e Da Cal.

O interesse sobre os SPG de García Lorca acrescentava-se internacionalmente, e muito em especial na Galiza. Este produto era do maior relevo para prestigiar a língua autóctone, ao colocá-los como emblema do uso que um produtor canonizado do CL espanhol. No primeiro trimestre, no número 43 de *Grial*, reproduz-se o artigo de **Carlos**

---

conseguir a reintegração e uma maior e melhor utilidade para a língua da Galiza, segundo as teses de Rodrigues Lapa.

[128] Alertava que (Duran, 1974: 48) "a batalla da lingua non se dará na emigración, senon na terra, que lle deu vida. Non parece que vaia 'morrer' o galego en 1980. Non é así de simples. Eu creo que se trata da calidade do galego que vai sobrevivir", e exprimia o seu posicionamento (Duran, 1974: 49): "Finalmente, non esquezamos un factor importante pra nós, e que non se da noutras linguas asoballadas da península: a veciñanza de Portugal e o espallamento intercontinental da lingua portuguesa. Debémonos considerar con dereito como parte desa grande comunidade lingüística, e a ela podemos aportar a nosa contribución. E tampouco debemos fuxir á comunidade cultural hispánica, na que nos temos desenvolveito até agora. En realidá niso consiste a nosa singularidade: en estar dacabalo das dúas culturas irmás, partillando das dúas sin sermos esmagados por ningunha". Duran assinava o seu artigo em "Londres, 1974", e aparecia assim como defensor de um posicionamento que não concordava com outras ideias, exprimidas nos anos anteriores (e nos seguintes), sobre esse assunto. Lembre-se, v.gr., o trabalho de Carballo Calero publicado nessa revista em 1968, aludido supra. Nesse mesmo número da *Memoria Anual* de 1973-74 incluia-se um artigo de Ramón Piñeiro, do teor de outro publicado na revista no exemplar de 1969-70, em que colocava a mudança que estava a experimentar o idioma, mas com critérios bem diferentes, sem acudir em nenhum dos dois à aproximação com o português, mas defender conceitos de oposição a essa doutrina. Assim, no primeiro deles manifestava que (Piñeiro, 1969-70: 44) "o centro fundamental da vitalidade da língua galega está pasando do campo á cidade. Trátase da maior revolución da súa historia. [...] A língua galega experimentará unha fonda trasformación. Compre aceptala e favorecela". Do mesmo teor era o seu contributo no mesmo número em que publicava Duran, ao considerar um avanço que significava optimismo o facto de que congressos da Igreja e de juristas (Piñeiro, 1973-74:23) "publiquen os seus acordos en castellano e máis en galego" e valorizar que "podemos considerar que os avances actuáis do galego en medios urbáns son claros signos da súa vitalidade cara ao futuro".

**Martínez-Barbeito** publicado na revista madrilena *El Español*[129]. Supriam assim a negativa de Da Cal, a quem como se indicou supra tão reiteradamente lhe solicitaram que escrevesse sobre o asunto, de capital importância para as pretensões do Grupo Galaxia, por quanto supunha a utilização do idioma da Galiza por um produtor muito admirado e divulgado na Galiza pelas pessoas que na altura se relacionavam com o CL.

Igualmente em 1974, ao cuidado de **Xesús Alonso Montero**[130], a editora madrilena Akal publica uma edição tetralingue dos SPG. No "Limiar", nas pp. 7-8, refere a participação de Blanco-Amor, mas não há alusão à participação de Da Cal. Julga Alonso Montero o produto lorquiano como "o homenaxe máis alto e, cecáis, o máis eficaz" para a "nosa marxinada Fala", e defende que "Lorca, no esencial, poetizou en galego"[131]. Alonso Montero acrescentava que aquele volume de Akal perseguia "abrirse á realidade cuatrilingüe de España". Foi um trabalho de sucesso, reeditado em 1978.

No exterior, no último trimestre, **María Teresa Babín** publica na revista *Sin Nombre*, de Porto Rico, um estudo sobre os SPG, no qual oferece a sua interpretação sobre esse produto, que define como (Babín, 1974:23) "un recodo de gran valor sentimental, una obra de puro amor, que sale impresa cuando la fama de Lorca está en su apogeo", e defende que, além de leituras galegas e de relacionamento com Galiza, contribuiu para a

---

129 Este trabalho de Barbeito publica-se num número especial da revista, pois nele comemorava o décimo aniversário. Numa nota de rodapé, salienta: "Con frecuencia recibimos en nuestra redacción cartas de estudiosos de la obra de Lorca, principalmente extranjeros, solicitando datos e informes sobre la estancia del poeta en Galicia y sobre sus poemas gallegos. Consideramos por ello interesante reproducir el presente artículo, publicado en un semanario de Madrid el 24 de marzo de 1945".
No volume de *Grial* correspondente ao terceiro trimestre de 1974, Xosé Luís Franco Grande e Landeira Yrago publicam uma cronologia galega de García Lorca. Estes produtores reconhecem os contributos para o melhor conhecimento do poeta andaluz de diferentes estudiosos nas duas últimas décadas, desde a publicação, em 1954, das *Obras completas* pela editora Aguilar, mas lamentam que nesses trabalhos não se prestasse a devida atenção ao que se referem como (Franco Grande/Landeira Yrago, VII-IX-1974:281) "un Federico García Lorca *siempre en Galicia*", itálico que lembrava o título da conhecida obra de Castelao. Nesse estudo, fornecem informações entre 1916 e 1938. Da Cal é aludido nas páginas 300 e 306: na primeira das ocasiões para referenciar a sua participação, em 1933, na estreia do *Amor de don Perlimplín*; e a segunda para, em base também àquele acontecimento teatral, argumentar a amizade de Da Cal com Lorca a que se referia Blanco-Amor para o ter indigitado, no artigo de *Ínsula* de 1959 como "incitador decisivo" dos SPG. Este segundo trabalho desse ano na revista demonstra o mais alto interesse que o grupo galeguista concedia ao produto lorquiano.

130 Nesse ano, Da Cal é citado por Anne Marie Morris num livro de X. Alonso Montero, em que inquire opinião sobre a língua e a cultura galegas a diversos produtores de diferentes países. A autora de *Voz Fuxitiva* ampara-se para a sua argumentação em trabalhos de Da Cal, com adaptação para a ortografia utilizada no volume de parte do artigo publicado em 1964 na *Luso-Brazilian Review* sobre o renascimento galego contemporâneo.

131 Afirma (Alonso Montero, 1974:8): "É mágoa, por outra parte, que unhos poemas coma estes non se teñan beneficiado dunha edición condigna. Pra acometer semellante edición habería que manexar, de novo, os manuscritos –no poder, seica, de Blanco-Amor— e sinalar en nota esa media ducia de erros lingüísticos que se atopan nos versos de Lorca ("soma" por "sombra", "sono" por "soño"...), alguns –aclaremos— abundantes onte e non escasos hoxe en certos autores indíxenas".

escrita “el estímulo que recibe de sus amigos gallegos, finos poetas como Ernesto, cuyo entusiasmo impulsa a Federico para la aventura lingüística que culmina en 1935 al aparecer la primera edición de los poemas”. Aquela professora de Porto Rico, que talvez tivesse escutado a história dos SPG relatada pelo próprio Da Cal, reconhecia assim a sua contribuição ao mesmo tempo que elogiava o seu bom fazer literário

Com a internacionalização do produto lorquiano também se divulgava o modelo da ortografia para o galego contrário à reintegração, que era o utilizado nos SPG. É por isso que Da Cal talvez não se entusiasmasse em contribuir para potenciar aquele poemário sem um esclarecimento ajeitado, pois na altura reforçava a posição oposta à que ele e Lapa defendiam. No entanto, para os seguidores do modelo de galego vigorante na Galiza, Lorca era um grande reforço, de aí os esforços na sua promoção.

III.2.3.12.-Capital simbólico em Portugal, expectativa pelo após-25 de Abril e o final do franquismo, e projectos para o Brasil em 1975.

Em 1975 Da Cal acrescentou o seu capital simbólico ao ser eleito membro da Associação Portuguesa de Escritores e da Academia das Ciências de Lisboa. Incrementou o relacionamento com os herdeiros de Eça de Queirós, e planeou a pedido deles o que deveria ser a Fundação que projectavam. Mantém um estreito contacto com Rodrigues Lapa, que por terceiro ano consecutivo insiste em indigitá-lo de modelo para o galego. Apesar desses reconhecimentos, a situação política que via confusa após a Revolução do 25 de Abril, desencoraja-o na altura para colocar-se a possibilidade de residir em Portugal após o aposentamento, e tenta ser acolhido no Brasil. Naquele distanciamento de Portugal, com certeza que influira o emperramento em que se encontrava a BQ nos prelos da UC. Entre os queirosianos, os estudos de Da Cal continuam a servir de referência, mas emergem contributos renovadores, entre eles os de Carlos Reis, quem em poucos anos exercerá como o seu maior aliado.

Com ensejo de uma estada no Brasil, no Verão, reiterará o projecto anunciado desde 1958 em diferentes ocasiões de dedicar esforços ao estudo de Machado de Assis. Fá-lo-á por última vez, e só nos inícios da década de 80 publicará um breve trabalho sobre esse produtor brasileiro (ver infra).

Duas novas e importantes perdas marcarão esse ano do ponto de vista pessoal: a da mãe, que morre em Vigo; e a de Hernâni Cidade, que falece em Lisboa. Produzir-se-á a sua despedida da revista *Grial*, com a publicação de um trabalho em que insiste em reivindicar a necessidade da confluência do galego com a ortografia padrão do

português, amparando-se nesta ocasião no estudo de Pero Meogo, e em que se reivindica como medievalista. É este um dos anos em que a produção literária está mais secundarizada[132].

Da Cal começa a preparar o aposentamento do exercício profissional. Na CUNY, finaliza a sua contribuição ao Doctoral Program in Spanish, mas mantém a actividade no City University Doctoral Program in Portuguese e no Doctoral Program in Comparative Literature. Estreia nova situação, como Professor Emeritus of Romance Languages do Queens College[133]. São as últimas tarefas nessa instituição. O afastamento que os seus colegas observam na CUNY[134] também se dará na HSA, apesar do intenso relacionamento que mantém com a instituição hispanista ao começar a ceder-lhe grande parte da biblioteca e outros haveres. Esta cessão era efectivada com uma contraprestação: a HSA valorizava as doações e fazia-as constar em documento oficial para os efeitos do fisco dos EUA. Destarte, Da Cal beneficiava de reduções nos impostos[135]. Para aquele labor terá como interlocutora principal a responsável da biblioteca, Jean R. Longland, mas também contactará outros funcionários[136].

---

132 A única referência ao respeito é uma carta de Alberto de Lacerda, de Boston, datada aos 3-I-1975, em que fala da revista *Maio*, que ele editava. Afirma Lacerda: "Gostei imenso do seu poema. É muito forte e extremamente comovente. Gostaria de o publicar. Pode dar-me mais dois meses?". Mas não conste que difundisse nenhum trabalho nessa publicação.

133 Estes dados constam no seu derradeiro currículo vitae, actualizado em 1988. Numa versão anterior, depositada na HSA, salienta ser membro da Associação Portuguesa de Escritores desde 1975 como "Representing Galician Letters".

134 Segundo depoimento do Professor Ottavio de Camilo, realizado em entrevista pessoal em Nova Iorque com ensejo da presente pesquisa, a melhor etapa de Da Cal na CUNY foi a primeira, depois verá como se aproveitavam os fundos que ele angariava com outras finalidades. Isso provocou que fosse ficando sem grandes amizades e reduzindo os contactos, concentrando-se no alunado e nos afazeres académicos.

135 Grande parte da documentação respeitante a esta doação conserva-se no Espólio EGC. Longland indica-lhe que podia doar à vontade, e que receberia justificantes dos envios.

136 Longland (9-I-1975) comunica-lhe que tinham recebido uma revista italiana, de VII-1974, em que "has an article on Eça", com o que mantém a colaboração bibliográfica com ele.

Longland (4-V-1975) elabora uma nota para a instituição, a respeito de um telefonema desse mesmo dia: Da Cal explicara-lhe que cancelara os planos para se retirar em Portugal por causa da situação política, e (Longland, 4-V-1975): "Some of his friends are in prision and have never been interrogated. Portugal is a police state, with the danger of a person's being arrested or searched for no reason. Much talk about this. He own land and a car in Portugal, and may not be able to recover their value. He is not thinking of retiring to Brazil and teaching part-time. He is planning to give the HSA a large collection of books, many of them autographed, and autographed letters from such persons as Manuel Bandeira and Cecília Meireles. They will be delivered in June because he is leaving for a lecture tour in Brazil early in July. For tax purposes, some of the material may be kept on deposit and presented to the Librarian in subsequent ear" He has been unanimously elected to the Associação Portuguesa de Escritores, with the tittle of Honorary Member Representing Galician Letters".

Longland (4-VI-1975) confirma a recepção dos primeiros materiais. Começa assim longo processo, de mais de uma década: doará livros, pinturas, revistas, panfletos, gravações, instrumentos musicais, discos e outros elementos. O primeiro envio constava de 39 caixas. O segundo, aos 21-VI-1975, mais 24 caixas.

III.2.3.12.1.-Eleição na Associação Portuguesa de Escritores e na Academia das Ciências de Lisboa.

Nos inícios de ano, Rodriges Lapa confirma-lhe a eleição, junto com Otero Pedrayo, como primeiros galegos membros da Associação Portuguesa de Escritores. Nos arquivos da instituição parece não ficar constância documental[137], mas os testemunos da altura não oferecem dúvidas. Aos 7-I-1975, comunica-lhe Lapa:

> Tenho o grande prazer de lhe comunicar que a Associação Portuguesa de Escritores o admitiu como sócio. Todos estamos de parabéns com esta resolução, que tem extraordinário alcance literário e até político, por ligar indivíduos que têm a mesma cultura tradicional e falam a mesma língua.
> Oportunamente, se é que já não o fez, a Associação lhe escreverá, a fim de o informar da sua admissão e dar-lhe instruções para que ela se concretize. Também desejaríamos prestar-lhe uma homenagem, na companhia de Ramón Otero Pedrayo, o outro sócio agora admitido.
> Fazendo votos porque o Ano Novo seja para si e para a Galiza cumulado de felicidade, abraça-o o velho e atento amigo[138].

Aos 9-III-1975, em nova epístola, acrescenta Lapa:

> Sucede que há uns dias recebi da Associação Portuguesa de Escritores uma carta do seu secretário, o escritor Casimiro de Brito, em que me diz textualmente o seguinte:
> "*Seria de facto agradável podermos saudar os novos sócios numa sessão convocada para esse fim –como sugere—mas como tal não tem sido norma da casa em relação a sócios portugueses, parece-me que poderíamos encontrar outra solução, sem dúvida de*

---

Longland (11-IX-1975) informa-o que tinham comprovado que havia poucos materiais duplicados com os fundos da HSA. Propõe-lhe que escolha algum elemento para o representar numa exposição sobre doações à HSA, cuja inauguração estava agendada para o 13-XI-1975. Nessa mesma data, Longland valoriza a doação recebida: 1.411 livros (14.110 dólares); 784 jornais (1.568 dólares) e mais um manuscrito (5 dólares), que representavam 15.683 dólares para a biblioteca; e um mapa e fotografias para o departamento de iconografia (mais 17 dólares). Em total, 15.700 dólares.

A responsável da iconografia da HSA, Barbara S. Max (26-IX-1975), agradece a doação do filme de Garcia Lorca: "It is an honor for us to have receive this treasured item for our collection", afirma. Junta cópia da valorização, da Robert Schoelkopf Gallery, em 2.000 dólares USA.

Longland (17-X-1975 e 9-XI-1975) redige relatórios de ligações com Da Cal e com a esposa Elsie. Afirma (Longland, 9-XI-1975): "The lecture tour in Brazil this summer was a great success, and they have decide to retire to Rio. Everything is much improved since their last visit in 1970, and many of their friends are there. He is retiring from CUNY in December 1976, and will be on terminal leave during the next semester. They plan to move probably in January 1977, depending on the sale of their house. He has several firm offers from Brazilian universities. I thanked him verbally for the first installment of his gift to the Library, and promised to send the formal valuation [...] The many American books on Hispanic subjects, already received, were sent to him for review on the Voice of America."

Longland (14-XI-1975) comunica-lhe o sucesso da exposição "Gifts to the Society". O filme inédito de Lorca, com fotografias de grande tamanho tiradas a partir da fita, ocupava quase uma sala e foram muito admirados. Lamenta a ausência de Da Cal, a quem enviaram convite aos 30-X-1975.

Longland (9-XII-1975) comunica-lhe que receberam como depósito na HSA duas caixas de livros tirados da casa de Margarita Ucelay. Lamenta que não acudisse à reunião anual da sociedade.

137 Membros do Grupo de Investigação Galabra da USC realizaram pesquisas nesse sentido e não conseguiram o texto do acordo, que parece estar extraviado.

138 Lapa (22-I-1975) escreve para Fernández del Riego. Reprova o galego utilizado por alguns escritores em publicações de Galaxia, e informa-o (Lapa, 2001: 341): "Participo-lhe que o Otero Pedrayo e o Guerra da Cal foram eleitos sócios da Associação Portuguesa de Escritores. Estamos todos de parabéns". Silicita o endereço de Otero Pedrayo, e duas fotografías para o cartão de sócio.

> *maior proveito para nós e para os nossos Camaradas. Estamos a pensar, mais concretamente, em aproveitar uma eventuar deslocação ao nosso País, para obter deles a colaboração activa num debate sobre temas que eles próprios poderiam escolher. Aberto a todo o público, como de resto vem sendo norma desta casa, e com excelentes resultados*".
>
> Afastada pois a hipótese de uma recepção banalmente académica, resta o convívio frutuoso num debate público, que poderia ser, precisamente o problema da língua e cultura galega. Sei que o pobre Otero Pedrayo está muito mal, com a mulher agonizando de mal de cancro num hospital de Orense; mas assistiria o meu Amigo sozinho, quando estivesse no Estoril, para junho ou julho[139].

Também foi eleito para a Academia das Ciências de Lisboa. Dessa instituição, aos 16-IV-1975 perguntam-lhe se aceitaria ser sócio correspondente, pois "teríamos grande empenho nesse acto de justiça". Aos 14-VI-1975, o secretário geral confirma-lhe ter sido "eleito por unanimidade" na sessão da Clase de Letras celebrada em 15 de Maio. Trata-se de um acontecimento importante, que acrescentava o seu capital simbólico e lhe oferecia importante projecção em Portugal. Da Cal participará activamente na vida académica após o seu aposentamento, no período de residência no Estoril (ver infra).

III.2.3.12.2.-Preocupação pelo Portugal após-revolucionário e expectativa perante o final do franquismo.

Decorrido pouco mais de um ano do 25 de Abril, Da Cal observava confusão na situação política de Portugal e reage com temor a que aqueles acontecimentos tivessem como final uma ditadura. Assim o testemunha em cartas que envia para Franco Grande e Rodrigues Lapa[140]. Na de 10-VI-1975, endereçada para Franco Grande, refere-se também à situação na Espanha. Justifica o facto de se não deslocar esse verão a Vigo, como tinha inicialmente previsto, porque o convidaram para proferir umas conferências no Brasil, aonde não viajava desde 1970, pelo que pensava passar Julho e Agosto "no delicioso trópico carioca, rítmico e sensual". E acrescenta Da Cal:

> Alén do mais, a situazón en Portugal non é das mais aliciantes. Os "pretorianos" son un fato de loucos, que non saben nen o que é ua revolución e que están fazendo as parvadas mais inconcebíbeis –que levan aquele pobre país à ruina, da qual sairá –que horror!—un

---

139 Da Cal (10-VI-1975) escreve para Franco Grande: afirma juntar notícia (talvez a do *Diário de Lisboa*, pois não se conserva) respeitante à sua eleição "imerecida como membro representante da Galiza" na Associação Portuguesa de Escritores, devida à generosidade "do bom amigo Lapa. Mais recentemente apresentou-se a minha candidatura para a Academia das Ciências de Lisboa, que me dizen que xa foi aprobada". Nesta apístola desculpa-se por não ter valorizado antes a *Cronología Gallega de Federico García Lorca*, realizada por ele e por Landeira Yrago, e oferece opinião muito favorável desse estudo.

140 Lapa (11-VII-1975) envia-lhe carta, em que concorda na análise da situação política portuguesa que tinha feito Da Cal, com palavras muito críticas para com o rumo que estava a tomar a Revolução do 25 de Abril. Lapa valoriza de "gratíssima e honrosíssima a dedicatória do seu belo poema, e tinha naturalmente gosto em que fosse publicado em qualquer jornal ou revista da minha terra", mas entende que a situação política não o favorece, pelo qual pede a Da Cal que o tente publicar na revista *Colóquio Letras*, enviando-o directamente ao Prado Coelho.

> Pinochet brutal, se Deus non o remediar, ou a relambida Virxe da Fátima! Aquilo está na total anarquia económica.[...] Enfin, un desastre!
> Na Espanha parece que se vai entrando no princípio do fin da Era Gloriosa do Paco ferrolán. Que irá acontecer? Cando tiveres un vagar que non preste para cousa melhor escrebe e conta. Eiquí só temos a informazón dos despachos da UP e da AP, que non dan pormenores, apenas os factos secos –embora nos editoriaes todos os dias se prognostica a súa iminente [desaparição] dese Paco valetudinario.

Havia, pois, expectativa a respeito do futuro, embora não confiasse numa melhora da situação que o convencesse para colocar-se a possibilidade do seu futuro em Portugal ou na Galiza

III.2.3.12.3.-Conselheiro dos herdeiros de Eça de Queirós.

Da Cal estreita o relacionamento com os herdeiros de Eça de Queirós. Continuadas epístolas com Tormes evidenciam como colaborava em empreendimentos que tinham como alvo a canonicidade do produtor de *A Relíquia*. Actua como conselheiro, ao mesmo tempo que apura as suas pesquisas. A preservação do legado e da memória de Eça começava a ser preocupação das instituições portuguesas, e ele era aludido nos contactos que se estabeleciam ao respeito, segundo lhe indicavam Manuel de Castro e Maria da Graça Salema de Castro. Da Cal fornece informações para o programa de actividades a desenvolver pela futura Fundação Casa-Museu de Eça, em seis pontos em que oferece o maior relevo para aquele empreendimento[141]. Aponta a BQ como alicerce para o trabalho a desenvolver, e indica que poderão modificar o que vierem e "Agora Deus nos ajude... e todos os Santos do Santoral, civil e religioso!", palavras com as quais indicava não ter toda a certeza de que esse ambicioso projecto prosperasse. Do

---

141 Este plano envia-o em carta datada aos 29-I-1975, em que responde à dos herdeiros de Eça de 10-I-1975, solicitando esse documento, em que estava interessado o Ministério de Assuntos Culturais, pois tinham comunicado os projectos de que Da Cal lhes falara no verão anterior a Freitas Branco que "o entusiasmaram e levou a considerar como uma pedra basilar para a formulação do pedido de aquisição dos manuscritos. [...] no fundo o que interessa são os contornos da ideia e do teu apoio como professor queiroziano, mundialmente conceituado e amigo dos que estão a meter ombros a essa tarefa, cada qual dentro das suas possibilidades ou cargos". O plano de Da Cal contempla seis pontos:
I.- Esta tarefa, evidentemente, tem que ser um trabalho de equipa orientado e dirigido por "scholars" queirosianos de prestígio e provada capacidade para chefiar esse labor. O plano geral terá que ser redigido por uma *Comissão Organizadora* da Edição crítica. [...] A Comissão fornecerá a cada equipe todos os elementos de que a "Casa-Museu E. de Q." disponha na sua Biblioteca e nos seus arquivos (manuscritos, edições, etc.). Ib.- Publicação da "Edição das Obras Completas de E. de Q.". Será editada como uma publicação oficial, pela Imprensa Nacional, so o Patrocínio conjunto do Estado (Ministerio da Educação e Cultura), a Fundação Gulbenkian e a Fundação E. de Q.
II.-*Projectos subseguintes.* A *Comissão Organizadora* [...] redigirá outro Programa relativo a projectos de investigação de aspectos da Obra de Eça de Queiroz até hoje mal conhecidos, tanto por desatenção da crítica ou por ter sido imperfeita, inadequada ou insuficientemente explorados.
III.-*Versões de E. de Q. a linguas estrangeiras.*
IV.-Trabalhos da Biblioteca, Arquivos e Museu da Fundação E. de Q.
V.-*Outros projectos*.
VI.-*Túmulo de E. de Q*. A Fundação promoveria, com o apoio oficial e a ajuda da Fundação Gulbenkian, a trasladação dos restos mortais do Romancista.

plano traçado, observa-se como Da Cal era considerado o centro do queirosianismo e assinalava os seus estudos como guia. Demonstra não só grande conhecimento do estado dos estudos queirosianos e dos labores necessários para conseguir um lugar certo de referência para pesquisadores sobre o escritor, mas também faz indicações de que se conclui ser bom conhecedor do realizado com outros produtores. A proposta resultava certamente atractiva pela sua ambição, mas precisava de um orçamento que só se poderia conseguir, e ele assim o frisava, com a ajuda do Estado e de uma instituição como a Fundação Gulbenkian, pois na altura era difícil pôr no mercado produtos de que obter as verbas necessárias para o empreendimento. No relacionamento desse ano surgem problemas pela intenção de Da Cal de publicar o epistolário de Eça no Brasil, embora afinal esse projecto não prosperará[142].

[142] A carta finaliza solicitando 19 informações, devidamente numeradas, para o "nosso *Epistolário*, que belamente vai avançando". Outros contactos com os herdeiros de Eça documentados nesse ano foram aos **8-II-1975** (Respondem de Tormes à carta de Da Cal datada aos 29-I-1975: "A tua carta espantou-nos –embora não minimizemos as tuas capacidades –pela forma rápida, concisa e vasta como, em dois dias, pudeste pôr em papela tanta coisa –que será tão interessante ver realizar!". Comunicam-lhe que respeitaram tudo "tendo apenas retirado o que diz respeito ao túmulo, com certo receio que lhes dê para achar *agora* que aquele amigo do POVO devia ir para o Panteón (entretanto temos já feito algo sobre esse assunto: terreno no cemiteriosinho de Tormes e a pedra trabalhada segundo o desenho que aqui viste)." Informam que Helena Cidade Moura tinha sido indicada para fazer o inventariado dos manuscritos e perguntam-lhe se sabe de alguém que possa encorajar essa investigadora para que agilize o trabalho e, a ser possível, aproveite "o que fizemos aqui, depois de verificado [...] pois de facto os nossos problemas económicos, são pressionantes e urgentes"). **2-V-1975** (Da Cal recebe resposta à que ele enviara em **14-IV-1975**. Afirma que a demora em responder esta vez foi por aquela carta "precisar de reflexão de outros membros da família, além da nossa" a respeito do projecto de publicar a *Epistolografia* no Brasil. A resposta não é satisfactória: "Percebemos muito bem as tuas conveniências praticas neste caso, mas atendendo a todas as conversas com o Souza Pinto, umas contigo presente outras só conosco, depois de terem sido transmitidos ainda recados teus quanto a possível entrega dos originais como resposta ao interesse manifestado pelo S. Pinto, não nos parece realmente possível dizer-lhe que se iria publicar a "Epistolografia" noutra Editorial –visto ele não ter editora sua no Brazil. Ainda muito recentemente ele perguntou pelo dito "Epist." Com empenho de o ter no próximo verão como tu tinhas julgado possível; parecendo que as presentes circunstâncias não o tinham de modo algum desencorajado e nem tão pouco reagiu desfavoravelmente perante a perspectiva de que o trabalho viesse compor trez volumes e não apenas um". Manuel de Castro afirma que Eça continuava a ser vendido e atribuia-o a que "o Editor tem sem duvida uma famosa rede de distribuição que habilidosamente tem sabido aproveitar juntando a isso a maior cordialidade nas relações com a família". E indicam outro obstáculo, o de "não termos direitos de Autor no Brazil depois da morte da mãe". Também informam que apesar das condições desfavoráveis da nova situação política, continuavam com as gestões para a Casa Eça de Queiroz, mas não viam viável que os serviços de Educação e Cultura participassem na altura na compra dos manuscritos, e questionam se ele "descobres no horizonte algum Mecenas (pessoa ou pessoas ou até entidade) que quizesse dar essa colaboração?"). E aos 15-VI-1975 (Maria das Graças Salema de Castro e seu esposo Manuel assinam conjuntamente outra carta a Da Cal, em que lhe comunicam pormenores a respeito do contrato com Souza Pinto para editar a Correspondência e ele perceber direitos pelo seu trabalho. E acrescentam: "Como novidade trazida de Lisboa, temos que a Casa Eça de Queiroz teve a promessa –desta vez muito perto da concretisação— da aquisição dos célebres manuscritos (a parte já publicada); em boa hora seja. Oxalá se possa agora abordar a Gulbenkian para outro empurrão na dita "Casa"...". Tudo parecia, pois, caminhar certo para que frutificassem projectos de longa data, e que porventura beneficiariam a promoção de Eça de Queirós e o converteriam em escritor identificador de Portugal. Da Cal aparecia como referente central para os empreendimentos em andamento).

III.2.3.12.4.-Os estudos de Da Cal, alvo dos queirosianistas.

LEEQ mantinha-se como alvo dos queirosianistas. Os novos pressupostos do CEL, em que se impunham com força as perspectivas da narratologia, com atenção a outros elementos textocentristas, provocavam algumas reacções contrárias. Matérias que tinha anunciado para o segundo volume de LEEQ, de que se ocupara no livro publicado em 1973 pela UFRJ ou que se focavam em investigações que orientava na CUNY, eram de preferência para novos pesquisadores, que viam e apontavam défices em LEEQ. Entre os novos nomes que emergiam encontrava-se **Carlos Reis**, de quem circulou esse ano a primeira edição do volume *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*, que introduzia nova orientação nos estudos respeitantes ao produtor, do ponto de vista da narratologia, com perspectiva estruturalista e semiótica. Na Introdução do volume afirma-se que o âmbito da estilística de Eça era "dominado amplamente por Ernesto Guerra da Cal". Refere-se a LEEQ (Reis, 1975: 118) como "uma obra já não muito recente, mas ainda hoje o mais completo e sistemático estudo do estilo de Eça de Queirós. Guerra da Cal chamou a atenção, com muita oportunidade, para a frustração da objectividade, nos romances da fase naturalista, devido fundamentalmente à irrupção de uma subjectividade mal dominada". Reis abria-se caminho no CEL e na UC, entra na polémica sobre *A Relíquia*, e a respeito do conflitivo sonho de Teodorico, afirma (Reis, 1975: 126):

> Embora concordemos com Ernesto Guerra da Cal, a quem "parece uma opinião irreflectida afirmar que essa viagem ao passado seja sonhada", cremos ser irrelevante discutir no âmbito da análise em que estamos empenhados, a verdadeira natureza do episódio da Paixão, já que apenas nos interessa analisar o processo de veiculação narrativa de tal episódio.

Reivindica, pois, outras regras de jogo[143]. Insiste em argumentos contrários à picaresca nesse romance, mas já não condena o trabalho de Eça nessa narrativa, ponto do conflito anterior. O estudo de Reis atingiu sucesso e funcionou como texto para formar especialistas. Assim ingressava com força nos estudos queirosianos e no CEL

---

[143] Já nas primeiras páginas do volume, Reis mostrava dissensão com Da Cal e com Machado da Rosa, ao afirmar: "Facilmente se verifica que ambos os críticos se regem por um mesmo princípio: levar em linha de conta quase exclusivamente os elementos da história desprezando os do discurso narrativo, cuja análise atenta revela claramente que *A Relíquia* não pode, de modo algum, ser enquadrada no género picaresco".

português. A produção de Da Cal continuava, entretanto, como fonte privilegiada para outros investigadores, bem díspares, nos EUA e no Brasil[144].

III.2.3.12.5.-Interesses pessoais e profissionais no Brasil.

Da Cal passou o Verão no Brasil. Na imprensa emerge a sua visita de maneiras bem diferentes: Ocupa-se dele Ibrahim Sued[145], na sua secção de ecos de sociedade, o que demonstra popularidade; mas também é objecto de duas entrevistas, de José Carlos Borba (VIII-1975) no *Jornal de Letras* e de António Carlos Villaça[146] (9-VIII-1975) no *Jornal do Brasil*, em que fala de projectos, e onde se espelha o seu interesse por leccionar no Brasil[147] após o aposentamento, e pesquisar sobre Machado de Assis; mas

144 **Norwood Andrews** Jr. (1975), da Texas University, cita LEEQ para argumentar o helenismo de Eça e o ritmo temático num trabalho sobre a narrativa queirosiana "A Perfeição", publicado num volume de homenagem a Lloyd Kasten. Na *Luso-Brazilian Review*, **Augusto Hacthoun** publicava "La doble figuración de la realidad: Revelaciones textuales en *A relíquia*", um trabalho que representa um grande reconhecimento de LEEQ, volume profusamente citado e do qual se salienta a sua validez e actualidade ao assumir a metodologia de Da Cal. Também se vale este investigador dos contributos sobre este romance incluídos no *Dicionário de Literatura* publicado pela editora portuense Figueirinhas.

No Brasil, **Jaime Bruna**, na *Revista de Língua e Literatura*, da Universidade de São Paulo, na investigação "Parataxe e hipotaxe no estilo de Machado de Assis e Eça de Queiroz" cita LEEQ como "substancioso e exaustivo ensaio" e refere-o várias vezes.

**Rodrigues Lapa** (9-III-1975) pede a Da Cal ajuda bibliográfica para um universitário brasileiro que, em Lisboa, trabalhava sobre *Os Maias*: "Tem dúvida em lhe indicar, só a respeito desse romance, os trabalhos publicados até agora, polo menos os que lhe pareçam mais notáveis? Desculpe esta minha intercessão, mas sempre procurei ajudar os rapazes". Essa ajuda que solicitava Lapa evidenciava o interesse que existia pela BQ, que solucionava essa e outras necessidades de informação sobre o produtor de *A Relíquia*. No entanto, da BQ não terá novidades nesse ano.

145 No jornal *O Globo* indigita-o de (Sued, 26-VII-1975) "o maior conhecedor mundial da obra de Eça de Queiroz, sobre quem, aliás, está montando uma grande bibliografia. Depois de publicá-la nos States, Da Cal virá morar no Brasil". E refere a despedida que lhe fizeram alguns dos principais vultos do CEL brasileiro e do queirosianismo, destarte (Sued, 14-IX-1975): "o casal Altair de Souza ofereceu um almoço em mesas de quatro lugares, puxado a fados e guitarradas, ao professor luso-brasileiro-galaico Ernesto Guerra da Cal e sua mulher Ela (sic), ambos de partida para Nova York. [...] Presentes imortais Luís Viana, Antonio Houaiss, Francisco de Assis Barbosa, Viana Moog [...]. E mais: Marcio Burlamaqui, Waldemar Cavalcanti, o casal Guilherme Figueiredo, o luso Luiz Forjaz Trigueiro[s], o ex-ministro de Educação de Portugal Adriano Moreira e Sra., Sras. Lucy Bloch e Betty Lage, Roberto da Silva Ramos e outros que ficam na geladeira".

146 Villaça inserirá este trabalho no volume *Literatura e Vida*, publicado em 1976.

147 Semanas antes da sua chegada, Guilherme Figueiredo (18-V-1975, em carta) informa-o de que "Não estou mais na Fulbright", e queixa-se do rumo da Fundação por causa da política do presidente Richard Nixon. Acrescenta Figueiredo: "Quanto aos nossos amigos Afrânio [Coutinho] e Eduardo [Portella], sei que farão tudo por sua vinda assim que tiverem suas posições asseguradas na Faculdade [da UFRJ]. Estarei atento e eles também o estarão. Se for possível um contrato, certamente todos nós faremos o impossível para que você e sua esposa tenham as passagens. Não estão fáceis, o governo brasileiro anda com a mania de auxiliar os técnicos e de dizer que nós, os literatos, não temos utilidade... Ainda não estão em idade de compreender que sem Homero a Grécia não teria existido. Mas quem lê Homero e quem sabe o que é Grécia neste mundo em que forças cada vez mais armadas bombardeiam forças cada vez mais desarmadas? Vamos fazer tudo por sua vinda". Novamente Figueiredo (4-VI-1975) escreve para Da Cal: "Que bom! Que alegria ter vocês aqui –e mais a perspectiva de ter vocês entre nós para sempre! Lucramos todos os brasileiros –e lucramos Alba e eu, com os amigos próximos de nós. Já falei ao Eduardo, ao Afrânio, que esperam vocês com o mesmo entusiasmo".

nenhum desses propósitos se concretizarão[148]. É apresentado como (Villaça, 9-VIII-1975) "a maior autoridade mundial" em Eça e afirma estar revisando, num apartamento de Ipanema, o segundo volume da *Bibliografia Queirosiana*, projecto de quatro volumes dos quais "o primeiro já saiu[149]" e que naquele ano sairia o segundo.

As esperanças de Da Cal a respeito do Brasil, em parte pelas dificuldades políticas que via na evolução de Portugal após o 25 de Abril, e a expectativa de mesmo se poder incorporar ao quadro docente universitário da UFRJ, através da mediação de Afrânio Coutinho, ajudam a entender este depoimento e a sua insistência em demonstrar bom conhecimento da matéria brasileira.

III.2.3.12.6.-A luta ortográfica na Galiza.

A respeito da luta ortográfica na Galiza, Da Cal publica o que será o seu derradeiro contributo em *Grial*, em que insiste na sua orientação favorável para a confluência com o padrão português. E em Portugal, Lapa indigita-o de novo como modelo.

Em *Biblos*, revista da UC, Rodrigues Lapa[150] publica "A Galiza, o Galego e Portugal". Como acontecera no polémico artigo de 1973, na conclusão do seu estudo Lapa ampara-

148 Nas duas entrevistas refere dados da sua trajectória e capital simbólico.

Na de Borba indica ser "representante de Galícia na Associação Portuguesa de Escritores" e finaliza com estas palavras de Da Cal: "Pesquisar e ministrar cursos está na linha da minha vocação e experiência. Não creio que vá interrompê-las, depois de aposentado".

Villaça afirma levar Da Cal seis anos dedicado ao estudo de Machado, e se voltar na altura para o estudo do escritor brasileiro "que considera maior do que Proust", após os esforços dedicados a Eça. Afirma que, na altura, de férias no Brasil "já sonha com a aposentadoria em fim de 1976", indicando a pretensão de morar no Brasil nesse instante, pois "adora o samba e o povo brasileiro, cuja inteligência afetiva elogia". Diz que "Da Cal vai falando devagar, no seu português mais de brasileiro, suave, quase doce", definindo-se de "um galego autonomista. Sou consciente da identidade nacional de Galícia. Há em nós um sentimento de aproximação com Portugal". Refere-se à sua infância: "na Galícia foi camponesa e céltica. [...] voltei sempre à Galícia, viagens de férias. Falávamos galego, em casa. Era uma atitude". Manifesta o seu "longo exílio", de 36 anos, interrupto em 1966, em que voltou a Madrid "uma semana. [...] E a partir daí todos os verões passo na Galícia. Minha mãe tem 84 anos. Uma das minhas alegrias é revê-la". Diz sentir-se "um apóstolo *in partibus infidelium* da língua e da literatura portuguesa". E poeta. A comparativa Eça-Machado de Assis ocupa grande parte desta entrevista e citam-se os nomes de Paulo Cavalcanti, Domício da Gama, Oliveira Lima, Eduardo Prado, Bilac, Nabuco, para dar conta da "vasta presença brasileira em Eça", afirmando Da Cal: "Três destinos que me fascinaram –Eça, Machado e Cervantes".

149 Esta afirmação merece esclarecimento: esse volume estava impresso, mas só se tinham brochado quatro exemplares, dois que tinham enviado a ele e mais dois para a Biblioteca da UC. Da Cal (27-VI-1975) escreveu carta a Braga da Cruz, da UC, antes de partir para o Brasil, com uma relação de pessoas para que lhes fizessem chegar um exemplar; mas excepto aqueles 4 exemplares iniciais, o resto da edição permanecia na gráfica à espera de ser brochada e, com posterioridade, poder-se distribuir, para o qual também havia problemas económicos na editora da UC. Na sua estada brasileira, Da Cal ignorava esta situação, e de aí a sua afirmação na entrevista. Sobre este assunto, ver mais abaixo a carta de Braga de Cruz de Fevereiro, de 1976. É por isto pelo que, no presente estudo, a BQ é estudada em 1976, que é quando chega ao mercado e influi nos CL e CEL.

150 Rodrigues Lapa (9-III-1975) solicita a Da Cal que escreva sobre a proposta ortográfica de Montero Santalha. Anuncia que pensava dedicar esforços ao galego após as eleições de 12 de Abril de

se novamente em Da Cal, e define-o como "esse galego cosmopolita, que reúne em si as três dimensões da nossa cultura: galega, portuguesa e brasileira". Conclui lembrando a afirmação de Da Cal a respeito de "o sentido ecuménico da nossa língua e da nossa cultura" que tinham marcado os cultores da língua galega que referia[151].

No volume correspondente ao terceiro trimestre do ano, Da Cal publica em *Grial* um trabalho medievalista[152] alicerçado na edição de *As Cantigas de Pero Meogo*, segundo o estudo realizado por Leodegário A. de Azevedo Filho[153]. Neste contributo observam-se formulações de interesse a respeito da sua concepção da poesia e da crítica literária, ao igual que da funcionalidade da lírica medieval, para além de defender e reiterar o seu posicionamento a respeito da língua[154]. Finaliza com esta asseveração (Da Cal, VII/IX-1975: 383):

---

aquele ano em Portugal, pois "Penso ser a altura, dada a situação política em Espanha, de tratarmos este assunto com seriedade e coragem".

[151] Indica-se ser texto da conferência proferida em 1971 em Coimbra, numa "Semana Cultural Galego-Portuguesa". Afirma Lapa estar Coimbra "nos confins da velha Galécia, somos galegos daquém-Minho", e faz percurso pela consideração do relacionamento entre a Galiza e Portugal em produtores de diferentes épocas (López-Aydillo, Portela Valadares, Correa Calderón, Martín Sarmiento, Castelao) e da focagem do problema por portugueses (Duarte Nunes de Leão, Diogo Barbosa Machado, Teixeira de Pascoaes, entre outros). Também se refere ao labor de Galaxia, com palavras de reconhecimento para Piñeiro, García Sabell, Franco Grande, Fernández del Riego, e outros galeguistas como José María Álvarez Blázquez. Neste trabalho alude à tradição medieval, a estudiosos da saudade, e a produtores de outros países que no século XX utilizavam a língua da Galiza ainda sem serem galegos, como García Lorca, Juan Pérez Creus, Maria Manuela Couto Viana ou Anne Marie Morris, que lhe dá pé para citar Da Cal.

[152] Da Cal enviou o trabalho a Fernández del Riego, quem aos 2 de Agosto encaminha carta para Da Cal. Afirma Del Riego: "Alédame moito que saises con ben da operación prostática que sofriche e de que nada sabía [...] entereime do pasamento da tua nai estando en Ourense", e fala-lhe de esquela no *Faro de Vigo*. Confirma a recepção artigo sobre Pero Meogo e confirma que se publicará no exemplar de setembro de *Grial*, como assim foi, com certeza.

[153] Era o volume número 2 da série Óskar Nobiling, com a que a Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, presidida por Azevedo Filho, honrava a memória deste medievalista brasileiro, tendo também promocionado uma medalha para distinguir persolidades que se destacaram nos estudos literários. Essa medalha será concedida em 1976 a Guerra da Cal.

[154] Na esteira do defendido já em LEEQ, insiste no seu pessimismo sobre a possibilidade de interpretação total de um texto literário, ao afirmar (Da Cal, VII/IX-1975: 279): "Leitura esa que, mesmo realizada sobre un testo "ideal", non deixara de apresentar dificuldades de interpretazón inerentes a toda materia de espresión lírica —que é, por natureza, uma declarazón ambigua, multidimensional e polívoca. A cuia penetrazón a distancia histórica acrescenta un oustáculo adicional. O caráter sibilino e oracular da declarazón poética abre paso, evidentemente, a interpretazóns estéticas moi variadas. E aí é que entra a atuar a crítica puramente literaria; cuia liberdade e límites son aqueles que o testo impón. Todos os significados que o poema admitir, sen violencia à letra, son lexítimos, porque nele están". Alude ao neotrovadorismo e ao culto que lhe dedicaram produtores lusos, brasileiros e galegos, bem como ao estudo de William Myron Davis, defendido em 1969 na NYU (ver supra). Diferencia entre os estudos iniciais da lírica medieval "de conxunto" e os dedicados a produtores individualmente, singularizando o caso de "'Mendinho', autor duma única trova como, talvez a mais singular e 'moderna' de toda esa seara lírica", com o que insiste na alta valorização assinalada para este produtor no trabalho de 1958 com que contribuira para o volume de homenagem a Otero Pedrayo (ver supra), trabalho que aqui cita, indicando que nele utilizara uma visão de conjunto sobre Charinho, Zorro e Codax na análise das cantigas sobre o tema do mar, como aqui fazia Azevedo Filho. Alude a Segismundo Spina, Méndez Ferrín, Peter Dronke, Eduardo Portella; e conclui que o "belo estudo" de Azevedo Filho demonstra mais uma vez o interesse no Brasil pela produção escrita que está na origem da língua comum.

> Porque Meogo, alto Poeta do século XIII, supón un acendramento deses vínculos do patrimonio común que no plano da cultura –língoa e esprito— ligan indisociábelmente o Brasil con Portugal e con a Galiza, pois ese Medioevo lírico fai parte desta lexítima heranza compartilhada polos tres Países irmaos.

Estas palavras finais supõem um regresso ao defendido em diferentes ocasiões anteriores. Insiste numa nova advertência para que se atendesse à origem comum e se actuasse em coerência, o que supunha a reintegração da língua e da literatura da Galiza no âmbito Luso-Brasileiro. Será esse o seu derradeiro contributo para a revista do Grupo Galaxia. Após a morte de Franco, a sua separação será progressiva, até se afastar por completo e escolher outros rumos, como se verá.

Em 1975 a situação da língua da Galiza encontrava-se muito secundarizada, fruto da política do regime da dictadura militar, que só permitira um certo ressurgir desde a década de 60[155].

III.2.3.13.-Eça de Queirós e Da Cal no centro do Polissistema: A publicação da Bibliografia Queirociana (BQ) em 1976.

Em 1976 chega ao mercado a *Bibliografia Queirociana* (BQ). Será um instante fulcral para a trajectória de Da Cal, pois suporá alcançar o centro do CEL, e situará Eça no centro do CL como modelo da narrativa. Trata-se, portanto, de um acontecimento principal. Os seis volumes de que finalmente constará eram insuspeitos[156] na altura.

---

155 Uma síntese de aquele estado oferecia-o Antón Santamarina, um jovem formado em Filologia, num artigo incluído na *Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque, sob o título "A evolución do galego é responsabilidade mutua de escritores e pobo". Afirma (Santamarina, 1974-75:29) "Estando como está hoxe o galego desterrado do ensino e de tantos outros sitios e tendo en conta que é a través das obras literarias por onde os galegos se familiarizan co galego e revivifican o seu depauperado estado coloquial, comprendémo-la grande responsabilidade que ten o escritor tocante á lingua". Defende que "a nosa literatura está en crisis", e especialmente a prosa, e reagia com pessimismo perante a produção dos mais novos, entre os quais não via "figuras con capacidade ou interés de someterse á disciplina, un pouco espartana pro inevitable" que exigia a literatura. Frisa que (Santamarina, 1974-75: 29) "naide pode pretender facerse escritor de oficio cando non é previsible vender por edición máis de 1.500 exemplares". Apesar de datar este artigo em "Outono de 1975", transparece uma sensação de imobilismo, de falta de esperança, de estar longe de imaginar um possível cenário de normalidade para o galego, o que o fazia partir da convicção de que o castelhano seria o idioma de preferência; um ponto de partida que talvez condicionará as decisões que ele, e outras pessoas com responsabilidade, adoptem no futuro.

156 Nas primeiras ocasiões que Da Cal se referirá à BQ falara de um único volume; depois de dois; na entrevista de 1973 com Rogério Fernandes, de três; e na do ano 1975 com Villaça avançava quatro. Mas serão precisos ainda dois mais. Este empreendimento, como Da Cal assinalava em carta a Rubia Barcia de 1972 (ver supra) suporá com certeza "um estoupido", pelo impacte no CEL.

Continua com a doação do espólio à HSA[157] e a outras instituições[158] dos EUA. Foi-lhe concedida a medalha Óskar Nobiling da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, mais uma distinção que aumentava o seu capital simbólico[159]. Também foi reconhecido, num trabalho redigido por Ramón Martínez López como figura do exílio nos EUA, num repositório de sucesso publicado na Espanha, em que o pósfranquismo começava a reconhecer a contributo dos perdedores da Guerra de 1936[160]; e nos EUA um novo directório que recolhia o seu nome e trajectória nesse ano era o *The Writers Directory (1974-1976)*[161], onde era apresentado como (AA. VV., 1976: 185) "Poet and literary critic"

III.2.3.13.1.-A editora da UC vence as dificuldades para a edição da BQ.

A edição da BQ estivera suspensa, por falta de orçamento, após a diminuição da verba para publicações da UC motivada pela nova situação política[162]. Porém, ultrapassados

---

157 Longland (19-III-1976) informa da recepção de mais materiais doados por Da Cal para a HSA. Valoriza nuns 30.000 dólares os regalos depositados. Em 30-III-1976 Longland confirma nova recepção, salientando: "The scholary value of the collection is enormous, and we are extremely grateful to you". Aos 28-IV-1976, Longland assinala ter chegado outras doações em 20 e 24-IV-1976.

Martha M. de Narváez (18-VI-1976), cuidadora de manuscritos e livros raros da HSA, confirma a taxação em 300 dólares do exemplar do touro de Fernando Bartolomé d'Avila.

158 A The American Numismatic Society (17 e 28-XII-1976) agradece-lhe também doações. É provável que tivessem finalidade fiscal semelhante à que realizava para a HSA.

159 A sociedade académica que lhe outorgava aquele reconhecimento tinha como principal impulsor Leodegário A. de Azevedo Filho. Esta distinção premiava a sua trajectória no CEL.

160 Martínez López dedica a Da Cal ampla referência no volume *El exilio español de 1939*, onde salienta (1976: 319-322) a produção científica e literária. Frisa os contributos no DLPGB; e de LAM e RST valoriza (Martínez López, 1976: 320-321): "Representan un momento de gran interés en la evolución de la poesía gallega de nuestro siglo. Como en otros casos, la distancia y el exilio, la lejanía de lo añorado, en vez de desdibujar los firmes trazos reales de Galicia, los sublima marchando en dos direcciones […]. Por un lado, un claro neotrovadorismo, que nada tiene que ver con la fácil reproducción. [...] Pero hay otra vía, la neopopular, que le viene dada por el constante revivir de su infancia, a la que se aferra con noble –y no tópicamente melancólica—saudade rosaliana". Oferece algum dado errado respeitante ao relacionamento Lorca-Da Cal. Este trabalho, reproduzido parcelarmente na *Gran Enciclopedia Gallega* e em outras ocasiões (ver infra), servirá para a difusão de Da Cal, para o que contribuiu também a autoridade do Martínez López, colega dele nos EUA.

161 O verbete informa das empresas editoras de Brasil, Portugal, Galiza e os EUA em que tinha publicado livros, e de cargos académicos na CUNY e na NYU.

162 Guilherme Braga da Cruz (1-II-1976), director da Biblioteca da UC e responsável dos Acta Universitatis Conimbrigensis, informa Da Cal das vicissitudes: Finalmente conseguira dinheiro para a impressão. Esclarece: "não foi possível fazer a brochura do seu 1º volume na altura em que foi concluída a respectiva impressão. Brocharam apenas os 2 exemplares que lhe mandaram e os 2 que, na altura, me enviaram para a Biblioteca. Essa, a razão por que a obra está ainda toda na Gráfica (que brochou propositadamente os exemplares cujo envio o meu Amigo solicitou) e por que nenhum exemplar mais foi distribuído. Como essa dificuldade de ordem técnica está superada, o Padre Valentim prometeu-me brochar imediatamente toda a edição e enviar tudo para os depósitos da Biblioteca. Deve isto demorar poucos dias; e dei ordem para nos serem entregues, ainda esta semana, uns 50 exemplares que lá tinha já brochados. Ficaremos, assim, em condições (só agora; e, antes, não tínhamos autoridade para fazer pressão sobre o Padre Valentim, uma vez que lhe estávamos a dever dinheiro) de enviar o livro às pessoas da lista que me enviou o ano passado, com a sua carta de 27 de Junho. E vamos, de seguida, fazer toda a distribuição deste 1º volume às entidades oficiais e aos habituais beneficiários das nossas ofertas, ao

os problemas económicos e técnicos, a editora da UC distribuiu os exemplares[163]. Nessa altura Da Cal era considerado em Portugal como um dos mais reputados especialistas em Eça de Queirós. Ocupava um lugar de relevo no âmbito dos estudos queirosianos, o centro mesmo para muitos. Após publicar esta investigação, ninguém lhe discutirá publicamente o centro. Esse primeiro tomo apareceu no mercado com o título *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra. Tomo 1º*; e na lombada especificava *Bibliografia Activa*.

A BQ exerceu um efeito surpresa, por não existir nas produções bibliográficas disponíveis em Portugal outra igual. Se em 1954 LEEQ foi estudo pioneiro, que marcou época no CEL, com a BQ aconteceu o mesmo, mas com maior magnitude. As recepções dos diferentes volumes mesmo frisaram que nenhum outro escritor dispunha de nada parecido, nem os mais canonizados como Shakespeare, Cervantes, Camões e outros. Foi um deslumbramento, sem críticas negativas, apenas sugestões de correcções, de completar algum dado. No seu dia LEEQ, como se viu, provocou reacções contrárias, que nesta ocasião não surgiram. Antes pelo contrário: não se pouparam mesmo hipérboles para valorizar este contributo.

Segundo consta no primeiro tomo, a edição é de 1975, mas como se assinalou supra na realidade demorou-se a sua saída[164]. Neste volume inicial, Da Cal visa abranger todo o *corpus* bibliográfico queirosiano, do primeiro escrito publicado em 1866, até as

---

mesmo tempo que poremos o livro à venda. Não é costume fazer assim, nas obras que abrangem vários volumes. Costumamos aguardar a publicação da obra completa, para fazer, então, a sua distribuição e a pôr à venda. Atendendo, porém, desta vez, a que se trata duma obra de publicação muito demorada (e que nem temos a certeza de poder levar a bom termo, dada a incerteza política e financeira da hora que passa), ficou resolvido proceder, já à distribuição do 1º volume e ao seu lançamento no mercado. Para tudo é necessário, bem entendido, um "despacho" reitoral; e temos um reitor, neste momento, que é tolo e mau. Mas espero que o Almeida e Sousa (pois eu não lhe falo) consiga para este efeito a sua aquiescência".

Braga da Cruz confirma ser a edição prevista de 2.000 exemplares, não 1.000 ou 1.200 como era habitual, pelo que tentaria de conseguir para Da Cal "250 ou mesmo 300" em lugar dos 200 prometidos.

[163] Em Março de 1976, a bibliotecária da HSA agradece o primeiro volume da BQ: "We are honored to receive one of your few copies of this tremendous work. It is a handsome book and a proper setting for your devoted labors". Isto confirma ter sido Fevereiro o mês em que começou a circular esse produto.

Rodrigues Lapa (31-VII-1976) agradece por carta "o magnífico vol. I da sua 'Bibliografia Queiroziana', verdadeiro monumento erigido à memória do nosso grande escritor. Sabe que tem grande significado para mim que tenha sido um galego o autor desse trabalho? E que isso o compromete grandemente para outro tipo de trabalhos?".

João Medina (29-X-1976) agradece a BQ. O historiador, que em 23-III-1976 tinha enviado cartão de apresentação a Da Cal na condição de Director Geral de Divulgação do Ministério da Comunicação Social**,** informa que "O Prof. Prado Coelho perguntou-me se eu queria fazer a crítica do 'opus magnum' sobre Eça. Respondi, claro, que sim", avançando essa recensão (ver infra)**.**

[164] Como de facto existiam 4 exemplares prontos em 1975, mantem-se essa data de edição.

sucessivas edições, reedições e traduções. Dedica uma epígrafe às fontes biográficas e documentais, em que inclui dados desde 1698. Há afã de rigor, verifica os dados e, quando não, fê-lo constar. As produções queirosianas de que se ocupa viram a luz em 37 títulos diferentes. O volume contém a "Opera Omnia" em 662 páginas sobre a bibliografia activa, que incluem 1.998 verbetes e quatro índices[165]. Nele explica as vicissitudes da publicação dos diferentes textos e como influiram na produção queirosiana os direitos de autor e a normativa legal a eles respeitante; e insiste em reivindicar uma edição crítica ao cuidado de uma equipa de especialistas. Na BQ há discrepâncias, emendas, correções ou críticas a numerosos produtores[166]. Também reprova diferentes aspectos das traduções, e plágios, questões em que é especialmente contundente com o trabalho de Pedro González Blanco nas versões para o espanhol. Outras vezes valoriza positivamente o trabalho realizado (v.gr. por Helena Cidade

165 Este tomo está dedicado "À memória de D. Maria de Eça de Queiroz de Castro". Numa página de "Acknowledgements", em inglês, agradece a ajuda e financiamento para o trabalho à The Simon Guggenheim Memorial Foundation e à CUNY, e à UC pela edição. Informa num Prefácio (Da Cal, 1975: XI-XXXII) das dificuldades do levantamento bibliográfico de Eça e reivindica a constituição de uma equipa de estudiosos, sob o patrocínio de uma instituição oficial, para revisar toda a produção queirosiana e facilitar versões melhores. Reconhece que o labor não seria simples, pelas dificuldades de trabalhar os textos, quer pela difícil letra do romancista, quer pelas contínuadas revisões a que os submeteu. Nos publicados sem ser revistos por ele, foram emendados por Ramalho Ortigão, Luís de Magalhães, Júlio Brandão e José María d'Eça filho, e este último (1975: XV) "se puede afirmar que 'reescribió' parcialmente algunas de las novelas póstumas de su padre". Esclarece o conteúdo dos diferentes tomos da BQ. Assinala (Da Cal, 1975: XXIII) que "la intención de esta 'Bibliografía' es informativa y no crítica". E finaliza com um amplo leque de colaboradores em vários países, enumeração que principia com Dª. Maria d'Eça de Queiroz (Da Cal, 1975: XXVIII) "que tan acogedoramente nos recibió repetidas veces en el bello solar de 'Tormes' y [...] nos ofreció esclarecedores e inolvidables informes". Finaliza com referência à sua segunda esposa, Elsie Allen da Cal (Da Cal, 1975: XXXIII) "sin cuya aportación de tiempo, paciencia, trabajo y eficiencia esta *Bibliografia* no habría llegado nunca a ver la luz". De por meio sucedem-se 46 nomes, de familiares de Eça a queirófilos muito diversos, docentes da UC e de outras universidades, intelectuais, escritores, editores, jornalistas, investigadores, diplomatas, e cargos públicos, que o ajudaram no labor de décadas, a maioria residentes em Portugal, Brasil e nos EUA.

Destaca a edição de vários inéditos, sob o cuidado de José Maria d'Eça de Queirós filho, encontrados num cofre enviado de Paris, após a morte do produtor. Nos verbetes respeitantes à produção publicada em vida de Eça, corrigida e revista por ele, apresenta a génese dos textos: quando se conceberam, como se elaboraram, publicações fragmentárias, primeiras edições completas. No caso de difundir-se em revistas ou jornais, indica o número e data em que apareceu cada capítulo, páginas de que constava e como fora apresentado, incluindo toda a produção num único verbete. Os problemas começam com os romances publicados com páginas não revistas por Eça, de carácter "(semi)póstumo". E acrescentam-se nas edições póstumas. Também se ocupa da produção jornalística, epistolários e das colecções de obras completas.

166 A Marcello Caetano (verbete.76), Helena Cidade Moura (v. 95, 682, 1.143, 1.172, 1.192, 1.210, 1.230, 1.249, 1.278, 1.301, 1.316, 1.367, 1.825), João Gaspar Simões (v.401, 1.356, 1.415), Alice Pestana (v. 614), Augusto de Castro (v.662), Manuel Khol de Alvarenga (v.681), Albino Forjaz de Sampaio (v. 701, 1.735, 1.736, 1.739-1.742), José Lopes de Oliveira (v.703, 1.356), Luís de Magalhães (v.755, 814, 888, 922, 934, 1.122, 1.157, 1.198, 1.217, 1.235, 1.410), Manuel Bandeira (v.767, 918, 945, 1.190), Ramos Paz (v.908), Gilberto Freyre (v.1.113), José M. d'Eça de Queiroz (v.1.255, 1.301, 1.327, 1.356, 1.377, 1.420, 1.805, 1.822), Lopes de Oliveira e Câmara Reys (v.1.256), Jaime Cortesão (1.262), Vianna Moog (v.1.327), Heitor Lyra (1.476), António Cabral (v. 1.661, 1.733, 1.883), Silva Pinto (1.748), M.A. Cardoso Martha (v.1.821), José Maria Henrique de'Eça de Queiroz (1.824), Miranda de Andrade (1.883), Machado da Rosa (1.916). Outras críticas são a trabalhos sem identificar.

Moura, José Maria d'Eça de Queiroz, D. Maria d'Eça de Queiroz, Beatriz Cinatti Batalha Reis, Machado da Rosa, Marcelo Caetano...). No verbete 1.835 anuncia que da correspondência de Eça com o conde Arnoso, em que ele trabalhava, "se planea su publicación para fecha próxima". Da Cal revisa numerosos textos, verifica originais, informa de operações comerciais respeitantes à produção queirosiana, revela e localiza trabalhos inéditos, e fornece dados desconhecidos, para além de sistematizar outros, oferecendo assim um repositório de enorme valor para investigar, editar e estudar Eça**,** focando a sua atenção no âmbito lusófono e no exterior. Entre as novidades, salientar as numerosas traduções a diferentes línguas, um assunto em que ele já tinha insistido e que agora, ao explicitá-las com datas e locais, resultam um contributo central para a canonicidade de Eça de Queirós.

**As primeiras recensões e valorizações da BQ publicam-se no Outono de 1976**. Marcarão já a tendência de frisar a importância e novidade desse trabalho dacaliano.

O director do *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, **Elysio Condé**, na que foi a primeira crítica publicada da BQ, afirma (Condé, IX-1976):

> Considero a bibliografia do trabalho de Eça uma verdadeira mare magnum. A sua obra era uma necessidade para que os especialistas e admiradores de Eça possam ter uma idéia real do que foi uma das figuras máximas de Portugal. [...] famoso livro, em que retrata a vida, os personagens e toda a universalidade do escritor português.

Salienta como na BQ se denunciam as edições clandestinas, em português e em outros idiomas, e finaliza com referência aos agradecimentos de Da Cal para com as pessoas que o ajudaram. Faz valorização muito positiva, descrevendo com pormenor as diferentes partes e anunciando os tomos seguintes.

**João Gaspar Simões**, no *Diário de Notícias* de Lisboa, julga que o volume LEEQ, do qual a BQ se apresentava como Apêndice, "se arrisca a ser ultrapassado" por este, tanto em dimensão como polo conteúdo. Insiste nas críticas a LEEQ[167], e julga que esse estudo poderá deixar de vigorar por otros posteriores, mas (Simões, 23-IX-1976):

> o que será práticamente impossível de levar mais longe é a tarefa, exaustivamente iniciada, que é o *Apéndice* agora dado a estampa, trinta [sic] anos depois de publicado o texto fundamental, *–Lengua y Estilo de Eça de Queiroz–* [...] É, pode dizer-se, um *vade mecum* indispensável para todos quantos, daqui para o futuro, queiram abordar o estudo da obra do nosso romancista, muito mais universal do que geralmente se pensa. [...] Com surpresa se verifica, ao compulsar a obra operosíssima de Guerra da Cal, que até

[167] Em quase a metade deste artigo combate LEEQ e reivindica a sua posição, apesar de admitir "importantíssimas achegas para o conhecimento dos elementos peculiares à linguagem do romancista". Na luta pela centralidade no CEL, afirma Simões que após comparar a edição príncipe e a tradução de LEEQ continua a encontrar "lapsos de relativa importância", e frisa que "Da Cal mostra desconhecer alguns dos elos da cadeia" da evolução da prosa portuguesa.

> alguns quase insignificantes escritos do Mestre –por exemplo, algumas das suas páginas jornalísticas— foram traduzidas na Europa e na América. [...]
> A universalidade de Eça de Queirós [...] fica bem assente depois da publicação desta obra exaustiva. E não só a sua universalidade, também a sua actualidade[168].

A autoridade da BQ fica assim clara, ao valorizá-la como obra de referência. É a primeira vez em que não coloca reservas na valorização do "indispensável" trabalho de Da Cal, embora se veja a ambivalência de avaliar muito positivamente a BQ como trabalho de erudição, mas não assim LEEQ, que bate com os interesses da sua interpretação de Eça, que ele tentará sempre legitimar. O "[sic]" que coloca para advertir dos 30 anos decorridos desde a edição príncipe de LEEQ podia porventura querer indicar que a demora era excessiva e injustificável e ter intenção de restar valor ao empreendimento.

O jornal lisboeta ***O Século*** informou, em 16-X-1976, na secção "O Tempo nas Letras", da publicação do "Apéndice" de LEEQ "que compreende, neste primeiro tomo, além de uma bibliografia queiroziana, uma iconografia artística do nosso grande escritor. Trabalho exaustivo —cerca de dois mil verbetes—, nele se inventaria tudo ou quase tudo que corre em língua portuguesa e em línguas estrangeiras —originais e traduções— da autoria do romancista. [...] Datado de 1975, só agora chegou às mãos dos críticos este trabalho monumental", e anuncia outro tomo de bibliografia passiva.

Em Outubro, **Leodegário A. de Azevedo Filho**, igualmente no *Jornal de Letras* do Rio, inicia recensão com alusão a LEEQ, a que oferece alta valorização, qualificando-o de "livro surpreendente"[169]. Refere-se na continuação à BQ como "obra de exaustiva pesquisa, a melhor existente no género, o rigor é a sua norma". E acrescenta:

> Repertório completo sobre a vida e sobre a obra de Eça de Queiroz, livro verdadeiramente magistral, trabalho de legítimo scholar, qualquer elogio que se lhe faça será ainda insuficiente, diante do seu excepcional valor. Nem em Portugal, nem no Brasil jamais se publicou nada, nesse género, com maior densidade e com maior rigor. E servirá de modelo, daqui por diante, a qualquer outra publicação congênere, sobretudo causando espanto tenha sido feito por uma pessoa apenas e não por uma equipa enorme de pesquisadores, embora o autor declare ter recebido ajuda de sua mulher, Elsie, e de vários amigos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Mas, na verdade, o livro foi

---

168 Agradece a referência à edição da obra completa pela editora Aguilar, do Rio, em que ele participara: esclarece que só se tinham publicado dois volumes, quando o projecto era de quatro e que, segundo Da Cal "é a única organizada com critério sistemático". Simões salienta a existência de *A Tragédia da Rua das Flores* e critica a atitude da família de Eça por não ter informado os queirozianos desse produto e pela negativa para que se editasse, reivindicando o "direito" do País a conhecer esse texto, ultrapassando a vontade dos descendentes do produtor.

169 Frisa que "foi lido avidamente por todos os que, naquela década, tinham nítida consciência da mudança por que passava a crítica literária brasileira. A sua influência, diga-se ainda, veio prestigiar e consolidar a luta aqui travada pela renovação metodológica da crítica. E foi tão duradoura que, em 1969, a Editora Tempo Brasileiro nos daria nova edição".

> planejado, elaborado e redigido por Ernesto Guerra da Cal, diretamente auxiliado por sua mulher, num esforço de pesquisa sem adjetivo em nossa língua, pois os que procuramos são insuficientes para dizer de sua excelência total. E se trata de uma excelência total e tão grande que, se a obra tem alguma falha, por menor que seja, a gente tem até vergonha de apontá-la, em respeito ao eminente pesquisador, que dedicou muito e muitos anos de sua vida ao estudo da obra de Eça de Queiroz, matéria em que se tornou a maior autoridade no mundo. [...]
>
> Tudo com rigor, precisão e anotações de carácter crítico verdadeiramente excelentes. Que melhor e mais completo serviço poderia prestar um estudioso à obra de Eça de Queiroz? [...]
>
> Ernesto Guerra da Cal apresenta-nos o mais penetrante e o mais cabal de todos os estudos até aqui realizados sobre o assunto. A rigor, nenhum autor da literatura de Portugal ou da literatura do Brasil dispõe de uma obra que supere esse monumental trabalho de pesquisa. Resta esperar, portanto, que Portugal dê início, a partir desse livro, à edição crítica das obras completas do seu maior romancista no século passado.

Como tinha acontecido com a maioria das recepções de LEEQ, a BQ volta a ter a consideração de modelo. O "Apéndice" representa assim uma renovação nos estudos queirosianos, a maior de todas pois, como se verá, será a mais produtiva. Simões, Condé e Azevedo Filho eram três das principais vozes do CEL português e brasileiro, e as suas recepções marcam a linha nas valorizaçõs desta investigação.

Da Gráfica de Coimbra enviam para Da Cal provas dos segundo e terceiro volumes da BQ no final do ano. Nessa altura o primeiro estava já no mercado, e o Pe. Valentim se encarregava da venda dos exemplares correspondentes a Da Cal[170].

Outros produtos de Da Cal sobre Eça de Queirós funcionavam em diferentes países. Das novidades desse ano merece salientar-se a **primeira tradução de umas Tese de Doutoramento que orientou na CUNY**[171], **defendida por Maria Luisa Nunes** em 1972, sob o título original *Techniques and Functions of Character Drawing in the Three Versions of O Crime do Padre Amaro*[172]. Defende este estudo que as técnicas e a função do desenho de personagem "constituem um campo pouco estudado entre os aspectos do romance" e (Nunes, 1976: 6):

---

170 Esses exemplares tinham preferência, segundo lhe indica Guilherme Braga da Cruz (15-XII-1976). Informa-o de que "O que se atrasou foi a distribuição do livro [...] pela 'prosaica' e simples razão de falta de verba orçamental para selos postais! [...] faremos a distribuição a partir de começos de Janeiro". Agradece-lhe as fotocópias "das apreciações feitas ao seu livro por 3 consagrados críticos literários".

171 Entre os queirosianistas que tentava formar também houve fracassos: António da Silva (em escrito datado em 20-X-1976), aluno de graduação da CUNY, comunica a Da Cal a decisão de abandonar o estudo sobre Eça. Reconhece "todo o apoio e encorajamento que me deu", e argumenta urgências profissionais e familiares. Da Silva junta cópia da renúncia enviada aquele mesmo dia ao centro de graduação da CUNY.

172 Editou-se como *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O Crime do Padre Amaro*. Em 1976 defendeu outra Carmela Magnatta Nuzzi, também traduzida (ver infra).

> como ninguém, que saibamos, estudou ainda, sistematicamente, o processo verbal de caracterização num determinado romance, parece chegada a altura para tal empreendimento. [...] Como não havia modelos a seguir, tive que criar os meus próprios métodos de análise, mas tenho a perfeita consciência de que eles podem ser defeituosos, sob pontos de vista que me possam ter escapado.

Como *corpus*, além das três versões do romance, focou outras produções de Eça "desde as *Prosas Bárbaras* até à publicação de *Os Maias*" e colocou-as em diálogo com Dostoievsky, Dickens, Flaubert ou Zola. Conclui (Nunes, 1976: 556): "O valor comparativo da obra de Eça, não precisa que se lhe atribua uma determinada posição entre os grandes escritores europeus com os quais o comparamos. Em nossa opinião, basta que Eça de Queirós tenha lugar entre eles"[173]. Esta investigação cobre uma das lacunas que alguns críticos apontaram a LEEQ e mesmo as ultrapassa pelo estudo exaustivo do romance e a perspectiva investigadora. O trabalho de Nunes serviu para posteriores estudiosos, com numerosas citações; algumas aludindo ao papel de Da Cal, como a publicada n'*O Comercio do Porto* em 30-IX-1976[174]. Com a edição insistia-se na validade da metodologia de Da Cal, e assinalavam-se novas possibilidades nessa linha.

**Carlos Reis** (1976) publicou *Técnicas de Análise Textual*[175], livro com grande influência no âmbito universitário. Nele foca os principais instrumentos metodológicos de análise do ponto de vista da estilística, do estruturalismo e da semiótica, além de situar conceitos de história literária, crítica psicanalítica e sociologia da literatura. Reis (1976: 25) julga "modelar, no âmbito da literatura portuguesa, o caso de Eça de Queirós, e as diferentes leituras a que tem sido sujeita a sua obra, encarada numa óptica biografista por João Gaspar Simões (*Vida e Obra de Eça de Queirós*, Amadora, Bertrand, 1973), estilística por Ernesto Guerra da Cal (*Linguagem e Estilo de Eça de Queirós*, Lisboa, Aster, s/d) e semiótico-estruturalista por nós próprio (*Estatuto e Perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Liv. Almedina,

---

173 Na pesquisa predomina a linha metodológica de LEEQ e partilha a mesma teoria sobre o estilo. Cita dados não publicados de estudos de Da Cal, que data em 1971: uma comparação do sonho de Amaro e um episódio da Divina Comédia de Dante (Nunes, 1976: 158 e passim), e para aludir ao conceito de (Nunes, 1976: 187 e passim) "núcleos espaciais", para determinar a hierarquia das personagens. Cita LEEQ ao focar questões como o o uso do estilo indirecto livre (Nunes, 1976: 12-13) ou o relacionamento de Eça com os poetas do *Parnasse Contemporain*. Posiciona-se contra Gaspar Simões, defendendo que *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias* têm (Nunes, 1976: 545) "uma estrutura de caracterização semelhante, embora a aplicação dos processos de caracterização varie entre eles", discrepando do defendido por Simões e reprovando a sua metodologia. Também se ampara no estudo das versões do romance de Helena Moura, com o que reforça a centralidade metodológica dacaliana.

174 Esclarece que Nunes (Sem Autor, 30-IX-1976) "teve por consultor o ilustre professor galego Ernesto Guerra da Cal" neste "estudo que nenhum admirador de Eça se deverá dispensar de ler".

175 O volume reedita-se em 1978 e em 1981, frisando nesta terceira edição que atingia os 14º milhar de exemplares. Pela novidade e utilidade da focagem, em 1981 traduziu-se para espanhol.

1975)". Compara (Reis, 1976: 37-38) um trecho do estudo de Simões com outro de Da Cal, e valoriza neste uma precisão e um rigor metodológicos ausente em Simões[176]. Insiste na nova metodologia consolidada desde o seu trabalho de 1975, e utiliza um argumento já conhecido no CEL, presente em anteriores valorizações de LEEQ: assinalar uma insuficiência na abordagem da produção queirosiana por parte de Da Cal ao nom abranger maior número de textos[177].

III.2.3.13.2.-Nova edição revista e acrescentada do DLPGB.

Ao se completarem duas décadas do lançamento, o DLPGB dirigido por Jacinto Coelho experimentou importantes transformações, com duas novas edições, uma de três volumes e outra de cinco. A situação política pós 25 de Abril favoreceu esta publicação, pois promocionou a sua difusão em centros de ensino, bibliotecas e outras instituições.

A nova versão apresentará acréscimos e iconografia[178], e tipografia mais moderna. Essas mudanças observam-se no contributo de Da Cal[179]. Nos verbetes de Literatura

---

176 Põe em destaque (Reis, 1976: 185 e 196) outros exemplos que considera acertos do trabalho dacaliano, que qualifica (Reis, 1976: 223) "sem sombra de dúvida, o mais completo e arguto estudo de conjunto sobre o estilo do autor d'*Os Maias*". No entanto, (Reis, 1976: 223-225) critica uma "deficiência metodológica" em LEEQ que "se não obscurece a agudeza crítica do seu autor, contribui, pelo menos, a retirar ao seu trabalho uma importante parcela de rigor"; tal deficiência tem relação com a falta de "verificações quantitativas precisas" para argumentar diversas facetas estilísticas salientadas da prosa queirosiana. Assim (Reis, 1976: 224-225): "Atente-se apenas, a título de exemplo, no que se passa com o tratamento do adjectivo, quando Guerra da Cal aborda as modalidades de aliança estabelecidas com o substantivo: incontestavelmente imbuídas de uma agudeza crítica que nos recusamos a sonegar, as observações emitidas unicamente a partir da citação de alguns exemplos destacados do conjunto dos textos de Eça, não nos permitem saber se, por exemplo, a adejectivação responsável pela hipálage se revela (no contexto dos restantes recursos estilísticos estudados) quantitativamente apta a fundamentar o importante significado estético que lhe é atribuído". E fundamenta-se com cinco citações de LEEQ.

177 Também em revistas se espalha o discurso de Da Cal. Em Maio, **Manuel da Costa Fontes**, da Kent State University de Ohio, num estudo comparativo de *A Relíquia* e o *Lazarillo de Tormes,* em *Colóquio Letras,* (Fontes, V-1976: 30-40) ampara-se na tese de Da Cal sobre *A Relíquia* como produção picaresca, segundo o texto da conferência publicado em Lisboa, que cita em diferentes ocasiões. Fontes afirma ter recebido ajuda de Eduardo Mayone Dias e Jorge de Sena para preparar este trabalho, dá também a razão a Machado da Rosa nesta questão, e discrepa de Carlos Reis. Agradece de Da Cal (Fontes, V-1976: 31, nota 4) "a gentileza de me ter enviado de Nova Iorque um exemplar do seu excelente trabalho". A doutrina de Da Cal encontra destarte aliados que a difundem.

Em *Convergência*, do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, **Leodegário A. de Azevedo Filho** publicou "Esquema para uma análise literária e estilística de um romance de Eça de Queirós". Estuda a narrativa de *O Crime do Padre Amaro*, e afirma (Azevedo Filho, VII/XII-1976: 37) ser LEEQ "o livro básico" para a análise do estilo de Eça.

178 A edição em cinco volumes consta de 1.526 (+3) páginas. O número de colaboradores ascende a 45, incorporando Guilhermino César (Universidade de Rio Grande do Sul), Gladstone Chaves de Melo (Universidade do Brasil), José-Augusto França (Doutor em Letras e escritor), Joel Pontes (NYU), José Palla e Carmo (escritor), João Palma Ferreira (escritor), José Vitorino Pina Martins (Universidade de Lisboa), Leandro Carré Alvarellos (escritor), Maria Vitalina Leal de Matos (Universidade de Lisboa), Paulo Mendes de Almeida (ex-director do Museu de Arte Moderna de S. Paulo), Pedro da Silveira (escritor), Ramón Lugrís (escritor) e Rolando Morel Pinto (Universidade de Assis- São Paulo).

179 Nos contributos de Literatura Galega verificam-se alterações nos verbetes dedicados a Amado Carballo, Francisco Añón, Manuel António, Bibliografia da Literatura Galega, os dois de Bilinguismo na Literatura Galega, Bouza Brey, Cabanillas, Caracteres da Literatura Galega, Contemporâneos na Galiza (em que, numa epígrafe, Jacinto do Prado Coelho valoriza con destaque a produção de Da Cal), Iglesia

Portuguesa Da Cal salienta os trabalhos dos nomes que visavam renovar o CEL no intersistema lusófono e introduz novas referências, como a *Luso-Brazilian Review*. Os acréscimos bibliográficos estão na linha da sua preferência metodológica. No verbete de *A Relíquia* não modificou nada, nem acrescentou o seu próprio estudo.

III.2.3.13.3.-Adesão de Joan Corominas na luta ortográfica da língua da Galiza.

Da Cal e Rodrigues Lapa[180] terão um novo aliado, consagrado, o catalã Joan Corominas, na luta ortográfica do galego. Na Galiza, Martinho Montero Santalha reafirmou a sua posição, e emergeu Francisco Rodríguez como opositor.

Em Março, Montero Santalha publicou em *Grial* o artigo "Unificación ortográfica galego-portuguesa", em que tenta oferecer uma solução conciliadora para a polémica entre Lapa e Ramón Pinheiro, mas defendendo uma posição reintegracionista, por valorizar que o isolamento do galego nem se justificava nem era de interesse. Montero coloca Da Cal entre os modelos a tomar de conta, por propugnar uma (Montero Santalla, 1976: 3) "conceición unitaria", junto com vultos históricos do galeguismo (cita Murguia, Viqueira, A. Vilar Ponte e Castelao) e outros coevos como eram Valentín Paz Andrade e Pilar Vázquez Cuesta; e também (Montero Santalla, 1976: 9) pola práctica que tinha desenvolvido na sua produção literária. Reafirma-se assim entre os principais

---

Alvariño, Lamas Carvajal, Vicente Risco, Murguia, Noriega Varela, Otero Pedrayo, Pondal, Renascimento Galego (século XIX) (Na bibliografia inclui o seu próprio trabalho sobre este mesmo assunto, com o que se estreara a *Luso-Brazilian Review* de Wisconsin, no ano 1964, ver supra), Castelao, Saudade, Teatro, e Lorenzo Varela.

Nos verbetes de Literatura Portuguesa, as mudanças principais são em Acácio, Alencar, *A Cidade e as Serras*, *O Crime do Padre Amaro*, João da Ega, Fradique Mendes, Gonçalo Mendes Ramires, *A Ilustre Casa de Ramires*, Jacinto, José Matias, Juliana, Luísa, *Os Maias*, O *Mandarim*, *O Primo Basílio*, Eça de Queirós, Questão Coimbrã, Realismo, Os Vencidos da Vida.

[180] Rodrigues Lapa (2-II-1976) envia de novo cópia da última carta que remetera a Da Cal, com notícia da reacção a respeito do poema que lhe tinha dedicado. Lapa valoriza que na altura a situação política de Portugal tinha evoluido para melhor, por mais que "os vampiros comunistas também estão sugando a Associação Portuguesa de Escritores. Isto me vai impedir, para já, de ser o patrono para a entrada de Álvaro Cunqueiro e de Celso Emilio Ferreiro". Na epístola, Lapa refere-se ao problema do idioma da Galiza e questiona a Da Cal se tem recebido os trabalhos de Martinho Montero Santalha, afirmando: "Temos todos o mais vivo empenho em que se junte a nós [Santalha] nesta luta, que é de vida ou de morte: está em causa o idioma galego em sua forma literária, representada evidentemente no português. Aliás, esta tese que defendemos vai rompendo caminho na Galiza, segundo me dizem amigos meus, um deles V. Paz Andrade e o próprio Santalla".

Montero Santalha (2-IV-1976) solicita por carta a Rodrigues Lapa que medeie perante Da Cal para que participe na polémica ortográfica, com ensejo da publicação em *Grial* de um artigo de Santalha respeitante a esta questão. Um artigo com o qual Ramón Piñeiro lhe comunicara em carta estar de acordo com as ideias nele exprimidas. Anunciava Piñeiro a intenção de intervir de Joan Corominas; e tivera acolhida favorável de Carballo Calero, e visava encorajar outras pessoas com autoridade sobre o assunto, nomeadamente Paz Andrade e Pilar Vázquez Cuesta. Da Cal, pois, era visto desde a Galiza como elemento fulcral para esta questão num instante que estava em pleno debate e polémica, favorecido pela nova situação política propiciada pela morte de Franco e a transição democrática que se iniciava.

representantes de aqueles que arvoravam a pertença de Galiza à comunidade linguística portuguesa.

Também em Março, no estudo *Conflito lingüístico e ideoloxía en Galicia*, **Francisco Rodríguez**, um nome importante do nacionalismo organizado em redor da Unión do Povo Galego (UPG), reprova as teses sobre o bilinguismo e a morte do galego, mas também as do Manifesto de Roma e a de Rodrigues Lapa. Esta última é por ele qualificada como "culturalismo e cosmopolitismo" e conclui que não soluciona o problema da Galiza, como povo, com o seu idioma, pelo que era uma proposta individualista e não válida. É este um trabalho de relevo do ponto de vista da influência que tinha Rodríguez entre o grupo nucleado em redor da UPG; contrário, pois, para as pretensões de Da Cal e Lapa.

Em *Grial* esse Verão participou activamente na polémica ortográfica **Joan Corominas**, com um trabalho em que apoia as teses dos defensores do Galego-Português. Afirma (Corominas, VII/IX-1976:277)

> Aos meus amigos galegos e portugueses dixen sempre o mesmo, e é precisamente o que se diz nese artigo[181]: o principal adianto a facer na direzón da unificazón lingüística galego-portuguesa é no campo da unidade ortográfica. Dixen sempre isto aos amigos R. Piñeiro, Rodrigues Lapa, Martínez López, Costa Clavell, Xosé L. Pensado, e outros, que poden prestar testemuño.

Corominas comenta o trabalho de Montero Santalha e julga que o galego devia "adoptar resoltamente" as grafias nh e lh, além de concordar nas principais propostas do estudioso galego. Da Cal e Rodrigues Lapa ganham assim um muito valioso aliado, com grande prestígio no campo científico; uma personalidade que também sofrera exílio e que exercera ensino nos EUA, na Universidade de Chicago.

Aos 6-XI-1976 **Rodrigues Lapa** profere conferência em Lisboa[182], na sede da Juventude da Galiza, sobre Otero Pedrayo e questões respeitantes à cultura, a política e o idioma da Galiza. Na sua intervenção (Sem Autor, 7-XI-1976; e Lapa, 1977 e 1979), salienta Da Cal entre os produtores que consagraram a língua galega como "veículo da comunicação e forma de expressão e criação literária", ao pé de Rosalia, Curros,

---

181 Refere-se ao de Montero Santalla publicado no número 51 da mesma revista, no primeiro exemplar de 1976, também sobre a unificação ortográfica galego-portuguesa.

182 A respeito das "coisas galegas", Lapa (31-VII-1976) anuncia a Da Cal esta conferência, para glosar uma carta de Otero Pedrayo (Talvez se trate da epístola de 4-IX-1973, que publicará no ano seguinte em *Grial* [ver infra]), valorizando que "nela, esse grande homem revela uma total incompreensão do que seja a criação duma língua literária, aliás, também o revela no modo como escrevia o seu galego, sem critério de escolha nem sombra de bom gosto, o que não sucedia, por exemplo, com Castelao". Lapa reage com agrado perante o anúncio por parte de Da Cal da intenção de visitar a Galiza, afirmando que ele também queria dar um salto pois "sempre que visito essa terra maravilhosa e infeliz, sinto-me mais português, mais próximo das velhas raízes. A sua, a nossa terra é para mim um feitiço".

Pondal, Manuel Maria, Castelao, Otero Pedrayo, García Sabell, Ramón Piñeiro e Elias de Tejada. Referiu-se à luta contra a ditadura, e ao exílio, e frisou a esperança na capacidade do povo galego, por ter demonstrado que "é capaz de fabricar, por suas próprias mãos, um destino glorioso. As suas reservas estão, por assim dizer, intactas".

III.2.3.14.-O derradeiro semestre na CUNY.

O primeiro semestre de 1977 será o derradeiro como profissional do ensino universitário[183]. Suporá também a sua despedida temporal de Nova Iorque. Da Cal acrescentará o seu capital simbólico com novos reconhecimentos nos EUA, e receberá boas novas do Governo português, que o requeria para empreendimentos com o Espólio de Eça de Queirós. Também começa a produtividade da BQ, com a publicação de trabalhos alicerçados no primeiro tomo.

Continuou a doação de materiais para a HSA[184]. No final desse semestre, com ensejo de se reformar, foi reconhecido como Professor Catedrático Emeritus de Literatura Comparada pela CUNY. Ao anunciar a sua partida para a Europa e, portanto, demitir-se do seu mandato como *Trustee*, a The Hispanic Society of America outorgou-lhe a medalha de prata à sua gestão[185]. Finalizava assim a sua etapa profissional, antes de iniciar um novo período da sua vida em Portugal.

III.2.3.14.1.-O início da produtividade da BQ.

No 29-IV-1976[186], o semanário *O jornal*, de Lisboa, oferece o máximo destaque para a recuperação de uma crónica de Eça sobre o Primeiro de Maio, pelo engenheiro e queirosianista Alfredo Campos Matos, amparando-se na BQ[187]. Este trabalho,

---

183 O ensino das línguas nos EUA estava a modificar-se desde o processo Lau versus Nichols, de 1974, que promocionava os ensino bilingue. Sobre esta questão veja-se Head (1985: 771-782).

184 Theodore S. Beardsley Jr. (18-III-1976), director da HSA, comunica-lhe a valorização dos produtos em 10 dólares por livro e 2 dólares por publicação periódica. Indica igualmente que materiais que Da Cal oferecera para os fundos da instituição nos anos 1967 e 1970, e outros, avulsos, foram já contabilizados no ano 1975 por valor de 25,17 dólares por volume. A epístola finaliza com um agradecimento "for your valuable contributions which have enriched our library holdings immeasurably".

185 Antes de partir, Da Cal apurou as doações para a HSA, como se infere de cartas de confirmação de recepção de materiais: aos 30-VI-1977, Jean R. Longland confirma ter recebido em 25-VI-1977 publicações periódicas, manuscritos e Iconografia; aos 8-VII-1977 Longland, no nome de T. Beardsley, presidente da HSA, agradece a doação que receberam datada aos 21-IV-1977, de manuscritos, publicações e mais slides; aos 9-VII-1977, de novo Jean Longland confirma ter recebido mais elementos.

186 No mês anterior, *Colóquio Letras* noticiava de diversas teses de doutoramento apresentadas no biénio 1975-76 e orientadas pelos profesores Raymond S. Sayers, Gregory Rabassa e Ernesto Guerra Da Cal. De Cal assinalam-se duas, intituladas (Sem Autor, III-1977:100) "A Comparison and Analysis of Two Versions of Eça's Ilustre Casa de Ramires', por Carmela Nuzzi, e A Arte de Ficção de Teixeira de Queirós, por Maria Odette da Silva".

187 Dedica quatro páginas destacáveis ao assunto, com referência na capa, e indica ser esse trabalho extraordinário, com ensejo do segundo aniversário da revista. Na apresentação, Matos informa de ter sido "graças à referência que encontramos nessa obra preciosa e monumental que é BQ do poeta e ensaísta

acompanhado de ilustrações de João Abel Manta, terá sucesso editorial[188]. Será essa a primeira publicação em que se evidencie a produtividade da pesquisa de Da Cal para outros investigadores, que a citarão de maneira constante. Haverá emendas e informações complementares, o que levará mesmo a publicar um tomo de addenda e corrigenda (ver infra). No entanto, não estava em discusão o reconhecimento do grande valor informativo, e de guia, de aquele trabalho de décadas.

III.2.3.14.4.-Publicação em *Colóquio Letras* de um poema dedicado a Rodrigues Lapa.

Em Maio, em *Colóquio Letras*, divulga-se a última produção literária da sua etapa em activo na docência, intitulada "Sonho vivo em paisagem morta". Trata-se de uma nova versão de um dos poemas que em 1973 se tinham incluído na revista *Atenea* de Porto Rico, apresentado na altura como *"Que paisaxen é esta?"*. Além da ortografia[189] e de mudar o título, introduz modificações no léxico e no conteúdo. Também a dedicatória é diferente[190]: em 1973 era "a Rafael e Anxeles Bosch", e quatro anos depois para Manuel Rodrigues Lapa[191].

---

galego Guerra da Cal" que tinha conseguido recolher o escrito na Biblioteca Nacional do Rio. Salienta como Da Cal advertia do esquecimento desse texto na pesquisa que Manuel Bandeira realizara na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde se tinha publicado pela primeira vez em 1892. Matos faz uma emenda, ao assinalar a data certa do exemplar em que se inseriu o texto o mês de Junho, não Julho.

188 Em 1979 *O Jornal* editou separata de 18 páginas. Em V-1980 publicou-se no *Jornal de Brasília*.

189 Na primeira versão, Da Cal utilizara nh, lh, o til de nasalidade e outras características que denotavam claramente a sua tendência reintegracionista; no entanto, a adaptação não era ainda total. Nesta nova publicação usa a norma padrão portuguesa.

190 A versão revisada, com data de 1975, será incluída no seu primeiro volume de poesia editado em Portugal, *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)* (ver infra). O tema do poema continua a ser a guerra, e a insurgência contra hábitos passadistas que aterrorizam a população e se querem preservar com imposições. Descrevem-se horrores e o eu poético intervém para exprimir a sua confusão, estar perdido perante aquela realidade, ao mesmo tempo que frisa a sua experiência também na guerra, e reage rebelde na procura de um futuro melhor e diferente. É um poema que convida a ultrapassar o passado e a propor-se novas e melhores metas, assunto que era com certeza do gosto de Lapa, que já assim o tinha reconhecido em epístolas nos meses precedentes.

191 Rodrigues Lapa (7-V-197) adverte em carta a Santos Simões da sua disponibilidade para participar numa Semana de Cultura Galega em Coimbra, sempre que não fosse do teor da celebrada no Porto "há uns dois anos", que se tinha convertido em "experiência muito desagradável" por ser o objectivo a "propaganda do Comunismo". Envia um ensaio ao doutor coimbrão, no qual esclarece: "já verá a tese que eu venho defendendo sobre a recuperação literária do galego, apoiado nos critérios da Linguística Geral e na opinião ilustrada dos grandes pioneiros da cultura galega: Castelao, Júlio Camba, Juan Viqueira, Villar Ponte, Guerra Da Cal, etc. Estou certo de que falaremos um dia linguagens um pouco diferentes, como sucede no Brasil, mas escreveremos substancialmente a mesma língua de cultura, como também sucede no Brasil e em toda a parte do mundo civilizado. O próprio Estaline reconhecia esta diferença capital entre língua escrita e língua falada". Lapa indigita assim Da Cal, pessoa bem conhecida em Coimbra, e situa-o como figura central da Galiza para a restauração da ortografia comum. Procurava por uma lado legitimização da sua posição, ao se amparar numa autoridade prestigiada em Coimbra e da máxima actualidade, e também dava maior dimensão à figura do próprio Da Cal perante aquela UC onde tão boa acolhida tinham os seus contributos queirosianos.

Após três anos sem publicar produtos literários, Da Cal volta assim para este campo, de especial interesse para ele, reivindicando-se de novo como poeta na revista de maior centralidade para o CL e CEL de Portugal[192].

III.2.3.14.5.-Reconhecimentos oficiais pelo Governo de Portugal.

Também em Portugal, naquele semestre, o Governo adoptou duas decisões do maior relevo para reconhecer Da Cal: um convite oficial para estudar o espólio de Eça de Queirós, e a inclusão de um texto seu para ser estudado no ensino obrigatório.

Através de ofício datado aos 7-VI-1977, Da Cal foi requerido pelo Governo de Portugal para organizar o espólio de Eça de Queirós, um assunto que se convertera, pois, em necessidade de Estado, ao assumir o significado de aquele produtor literário como um dos principais elementos identificadores da sociedade portuguesa. O apelo supunha o reconhecimento como máximo especialista e o claro triunfo das suas teses. Esse facto rememorou-o anos depois Luís Elias Casanovas, ao assinalar (1997:43-45):

> em 1977, por proposta de João José Cochofel, fui encarregado pelo então Secretário de Estado da Cultura, Dr. David Mourão Ferreira, de determinar a situação do espólio de Eça de Queiroz, adquirido pelo Estado em 1975, e de estudar as medidas a adoptar pela Secretaria de Estado para apoiar a criação da Casa-Museu e da Fundação Eça de Queirós.

Relata na continuação Casanovas ter sido ele quem redigiu aquele ofício "convidando-o formalmente para colaborar na concretização dos projectos relativos ao espólio de Eça de Queiroz". Na resposta, Da Cal comunicava-lhe a próxima deslocação para Portugal, uma vez reformado, e a sua "total disponibilidade [...] como consultor e conselheiro, mas recusando qualquer cargo formal".

A Secretaria de Estado de Ensino Superior acordou incluir o verbete de Da Cal do DLPGB sobre "O Realismo"[193] na programação do Ano Propedéutico 1977/78, num novo reconhecimento institucional, de especial significado, por reivindicar a sua produção como modelar para a formação do alunado português. Dessarte o seu discurso começa a espalhar-se como referência entre as novas gerações.

---

192 A sua ausência da Galiza, a não participação em revistas e a falta de contactos directos faz que seja ignorado em antologias como a preparada por Miguel González Garcés (1976), na qual o seu nome não é citado na alargada relação de produtores que inclui no estudo introdutório Benito Varela Jácome (1976). Nesse trabalho, em que se oferece uma visão bilingue da produção da poesia galega e se cita um elevado volume de autores com dedicação à escrita de poesia ou à crítica literária, não se encontrando citado Da Cal, apesar do critério alargadamente inclusivo que utiliza, e que mesmo o leva a considerar (Varela Jácome, 1976: 41) "algún caso, como el de Francisco Javier de la Colina, que tenemos que considerarlo como poeta gallego aunque no haya nacido en Galicia ni utilizado el idioma gallego".

193 Indica-se ser o artigo aparecido na terceira edição do *Dicionário de Literatura* [DLPGB], nas pp. 701-703.

III.2.3.15.-Síntese conclusiva.

Na etapa na CUNY, Da Cal acrescentou o capital simbólico com novos reconhecimentos. Alcançou o centro dos estudos queirosianos, espaço de privilégio dentro do CEL. Nestes 13 anos venceu nas diferentes lutas em que se empenhou no queirosianismo, apesar da oposição de figuras que concorriam e que visavam manter a centralidade. Impôs-se a teses vigorantes desde o século XIX, renovando o discurso com novos pressupostos que conseguiram quebrar as resistências que suportava Eça no CEL português. Com a BQ atingiu o máximo reconhecimento, num instante em que principiavam a aparecer vozes no âmbito universitário que questionavam aspectos de LEEQ, por mais que este estudo continuou como modelo produtivo. Um empreendimento como a BQ fora possível pelas ajudas que lhe outorgaram diversas entidades dos EUA e pela colaboração de produtores de muitos países.

A maior parte das lutas coincidiram com o tempo do salazarismo, e com elas Da Cal ajudou a desmontar a imagem que se visava do literato desde instituições relacionadas com o Campo do Poder Político e do Académico. Nos inícios da década de 70 o trabalho sobre *A Relíquia* combateu os pressupostos mais tradicionais e conservadores da crítica portuguesa contra Eça, e provocou polémica. A publicação da BQ forneceu materiais imprescindíveis para suprir défices que persistiam e que tinham impossibilitado empreendimentos tão almejados pelos especialistas como a edição crítica dos textos de Eça de Queirós, numerosas vezes reivindicada.

Da Cal continuou a bater-se em prol da renovação da ortografia do galego. Confirmou a Manuel Rodrigues Lapa como o seu maior aliado, e viu emerger alguns novos nomes que apoiavam a sua tese (Valentin Paz Andrade, o Grupo dos 13 de Roma, Carlos Durán, Joan Corominas) mas não conseguiu o apoio do Grupo Galaxia e de outros colectivos culturais e políticos da Galiza, que puxavam por manter uma orientação que, partindo da realidade da alfabetização na Galiza, se alicerçava na ortografia do castelhano, por valorizar que desse modo se facilitaria porventura o uso escrito do galego. O idioma autóctone da Galiza mantinha-se numa situação muito secundarizada e periférica, ausente do sistema de ensino, muito desprestigiado socialmente, e alheio à agenda política, com poucos especialistas formados para o seu estudo, apesar de ter-se posto em andamento uma Cátedra de Linguística e Literatura Galega na USC.

Este período profissional coincidiu com uma recessão da sua produção literária: não publicou nenhum novo livro, mas só contributos em revistas. No CEL renovaram-se as

valorizações, na Galiza e no exterior, de LAM e RST, que continuaram a ser aceites em vários países e por reconhecidos críticos que manifestavam sobre eles.

Da Cal despedia-se mantendo elos com as duas instituições nova-iorquinas com as que mais directamente tinha colaborado: a HSA e a CUNY, de que continuava como professor emérito, uma posição de prestígio que utilizará em diferentes instantes.

III.3.-Do aposentamento à morte (1977-1994).

No segundo semestre de 1977 Ernesto Guerra da Cal e sua esposa Elsie estabelecem-se no Estoril. Apesar do aposentamento, teve intensa actividade, com novas produções nos campos científico e literário até pouco antes da morte, acontecida em 1994. Também se deslocou por breves períodos para Londres e Nova Iorque, até fixar a derradeira morada em Lisboa.

Nesses 17 anos finais da vida publicou os tomos que restavam da *Bibliografia Queirosiana* (BQ) e novos trabalhos, que ajudaram para consolidar a centralidade de Eça de Queirós. Recebeu o prémio de Bibliografia Dom Manuel II e as medalhas de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, e participou em polémicas, como *auctoritas*, atingindo novos discípulos e continuadores das suas investigações. Afiançou um importante relacionamento com Carlos Reis, docente da UC, que progressivamente ocupará uma posição central no CEL e mesmo no de instituições do poder político, e que em diferentes ocasiões reconheceu o labor de Da Cal, outorgando-lhe tratamento de "mestre dos estudos queirosianos". Neste período vai-se formar um novo grupo de queirosianistas, integrado por especialistas de universidades de vários países, que levará a cabo o empreendimento da edição crítica da produção queirosiana, apadrinhado por Da Cal. Novas linhas de investigação se alicerçaram no seu trabalho, e as suas produções continuaram a vigorar como modelo metodológico produtivo no CEL.

Continou a bater-se por uma ortografia para a língua da Galiza, com lutas muito directas. Em muitas delas procurou e manteve o apoio de Rodrigues Lapa e dos principais aliados que conseguira nos últimos anos, acrescentando outros novos, e vendo nascer na Galiza os primeiros grupos que defendiam a reintegração, na linha por ele defendida.

Também nestes anos Da Cal intensificou o trabalho literário, com novos produtos; e continuou a cessão do seu Espólio para a HSA.

III.3.1-O tempo de residencia no Estoril.

Aos 15-VII-1977[194], Da Cal e mais a esposa Elsie deixam NY e mudam-se para Portugal. Fixarão a sua residência no Estoril. Com tal ensejo, começarão as notícias que

[194] Esta data consta numa carta de Jean R. Longland, bibliotecária de HSA, em que mais uma vez trata das doações de Da Cal para essa instituição. A epístola, datada em NY aos 20-VII-1977, vai encaminhada para o Estoril, para a Avenida de Nuno Alvarez Pereira número 33, para a casa conhecida como Melrose, onde os Da Cal habitarão mais de doze anos.

o relacionam com novos empreendimentos, para além de se publicarem novos reconhecimentos do seu contributo queirosiano, de que ainda faltavam muitos frutos.

Da Cal é recebido com expectativa, e com a aspiração de diferentes grupos e elites da sociedade portuguesa de que se implicasse mais no trabalho pela cultura de um país que, após as transformações propiciadas pela Revolução do 25 de Abril, avançava no estabelecimento da normalidade democrática. A presença de uma pessoa que tinha desempenhado as mais elevadas responsabilidades no ensino universitário dos EUA atingindo uma posição de destaque pela actividade científica, em que demonstrara clara lusofilia, supunha mais uma oportunidade de progredir através de um magistério que, pelo menos no queirosianismo, já se não discutia; e não só.

III.3.1.1.-Expectativa entre os queirosianistas e o triunfo da BQ.

A primeira notícia de relevo difundiu-se na revista ***Opção***. Em breve informação indicava-se que (Sem Autor, IX-1977a) "Os herdeiros de Eça de Queiroz planeiam uma edição crítica de toda a obra do grande escritor" e assegurava que "será dirigida pelo Professor Guerra da Cal, ensaísta e especialista em Eça". Também assinalava que se aguardava de Eça um inédito, *A Tragédia da Rua das Flores*, que apresentava como "romance inacabado onde perpassam algumas das figuras da ficção queirosiana". A maior proximidade e o contributo da BQ permitia colocar-se um grande empreendimento do teor da edição crítica, tão ambicionado, mas que se frustrará.

Igualmente em Setembro[195], a publicação da BQ foi noticiada pela ***Colóquio Letras***, com o significativo titular "Um monumento ímpar a Eça de Queirós". Lembrava-se a edição, em 1954, de LEEQ, e sublinhava-se de Da Cal que (Sem Autor, IX-1977b) "não deixou de trabalhar até hoje no mesmo terreno, com um misto de cálido amor e de espírito científico que fazem dele um dos mais extraordinários lusófilos". Anunciava-se "prevêem-se três tomos". A respeito do **primeiro volume da BQ**, era valorizado como "manancial de informações por vezes de surpreendente novidade, livro doravante de consulta indispensável, demonstração cabal, definitiva, da grandeza de Eça de Queirós pela sua projecção no mundo", adiantando que "na devida oportunidade se fará em *Colóquio/Letras* ponderada crítica deste 'Apêndice' gigantesco. Por ora, fica assinalado o acontecimento. E posto em relevo o sentimento luso-galaico que o

[195] Nesse número da revista recenseia-se o estudo de Maria Luísa Nunes, concluindo que nele se (Macedo, 1979) "faz um trabalho sistemático que é de inegável utilidade para todos os estudiosos da obra de Eça de Queirós".

ditou", citando um techo do "Prefacio" de Da Cal como demonstração disto último. O reconhecimento pelo labor da BQ continuava a engrandecer-se.

O semanário ***O Jornal*** noticiava a chegada a Portugal "para se fixar aqui" de Guerra da Cal. Apresenta-o como "Galego de nascimento e galaico-português de cultura e afecto, poeta na língua natal, o galego Guerra da Cal foi durante a sua carreira universitária grande impulsionador e brilhante entusiasta da cultura portuguesa entendida como irmã da sua Galiza, cuja livre evolução a História sempre até aqui contrariou". Lembra LEEQ e refere a publicação "recentemente" do primeiro tomo da BQ, a qual colocava "sob nova luz a projecção mundial da obra do autor de 'Os Maias', proporcionando assim, aos estudiosos vastíssima matéria de trabalho e investigação". E conclui com este parágrafo (Sem Autor, X-1977):

> A presença de Guerra da Cal no nosso país é mais uma razão para fazer esperar os trabalhos que ele irá sem dúvida empreender, como categorizado impulsionador dos estudos queirzianos [sic] em Portugal, nomeadamente a edição crítica definitiva da obra de Eça de Queiroz e a divulgação de dispersos e inéditos do grande escritor.

Um texto redigido quiçá por Francisco Assis Pacheco, que trabalhava nessa empresa e era bom conhecedor da sua trajectória.

**José-Augusto França**[196] publicou recensão da BQ na secção "Livros escolhidos" do suplemento de Letras de Artes do lisbonense *Diário Popular*. Frisa no início ser o autor "professor galego" e, após lembrar LEEQ e descrever o primeiro volume da BQ, julga de "interessante" a publicação dos inéditos queirosianos sobre a sua etapa consular em Paris, registados sob 30 verbetes, para "o estudo sociológico da figura". Afirma que a compilação facilitará o estudo de Eça, e salienta (França, X-1977):

> A descrição bibliográfica minuciosa das obras de Eça de Queirós permite-nos abordar a sua génese através de informações, algumas já conhecidas, outras inéditas, numa compilação clara que vai facilitar o seu estudo. A permanente e sistemática referência à correspondência do romancista com os seus editores situa a evolução de cada manuscrito, até à publicação ou ao abandono –e a sua recuperação póstuma,
> Aqui reside um dos principais interesses do trabalho do prof. Guerra da Cal, que critica pertinentemente os tratos que os originais inéditos de Eça sofreram.

Reivindica França "edições críticas, escrupulosamente analisadas, com registo de elementos conflituosos, como assinala o autor; e há que esperar que tal aconteça um dia, possivelmente por via universitária", afirmação que claramente defende a tese dacaliana. Descreve e salienta as informações respeitantes à "obra inédita ou perdida", e

196 França era reconhecido por intervenções nos campos científico e literário, além de colaborar em diferentes publicações. Tinha estudado na França, e fundara na Universidade Nova de Lisboa o Departamento de História da Arte. Estava relacionado com numerosas revistas, e era colaborador de jornais, crítico de arte notabilizado e homem de destaque da Fundação Calouste-Gulbenkian.

chama a atenção sobre o "manuscrito de *O Crime* (sic) *da Rua das Flores*" frisando serem as informações ao respeito da BQ "preciosas, que importa reter –ao mesmo tempo que se desejará ler, enfim, esta obra que se tem confundido com a génese de *Os Maias*, com os quais nada terá a ver". França, reputado especialista e crítico de arte, destaca ainda as estampas de iconografia publicadas no volume, que

> constituem uma galeria que haverá que completar. [...] dão exemplos de variado valor da maneira como os desenhadores seus ou nossos contemporâneos lhe visionaram as personagens. [...] num discurso a que a distância temporal imprime uma irrealidade quase mística, e um sabor guloso –que é aquela da leitura de Eça, num país que durante um século 'eça-de-queirosmente' viveu....

A BQ vai-se assim impondo, com críticas e notícias que salientam os seus muitos valores, e que nada questionam do seu conteúdo. Arvora-se portanto um produto modelar, pioneiro, de grandes dimensões físicas e pelo valioso das suas páginas, que ajuda para que Da Cal fique só no centro do queirosianismo. A residência em Portugal contribuia a reforçar aquela centralidade e fazia emerger a possibilidade de novos empreendimentos.

No que diz respeito à recepção de anteriores produtos de Da Cal, **Álvaro Manuel Machado**, num estudo sobre a Geração de 70 editado esse ano pelo Instituto de Cultura Portuguesa, cita na bibliografia as entradas publicadas no DLPGB. Aquele produto que começara a editar-se com mais de 20 anos de antecedência e que fora revisto em sucessivas edições não só era valorizado como modelar para o ensino obrigatório, mas continuava a arvorar-se como referente para o trabalho de novos especialistas no CEL. A mudança do tempo político em Portugal conferia ainda maior validação a um repositório de consulta que fora inovador no respeitante ao discurso queirosiano e que tinha experimentado um impulso ao ser recomendado como repositório de consulta para o ensino por aparecer alguns dos seus verbetes como modelares.

**Da Cal continuava entretanto absorvido na BQ, conseguindo novas informações para acrescentar** àquele repositório através de contactos com diversos especialistas[197].

III.3.1.1.2.-Reencontro com o passado: o tempo da Guerra de Espanha e García Lorca.

[197] Em 31-XII-1977, o Professor Luís Sousa Rebelo, do King's College londrino, envia carta para Da Cal com informações queirosianas para a BQ. Da Cal mantinha viva, pois, a pesquisa para ese empreendimento, apesar dos três tomos entregados na gráfica de Coimbra. Esta epístola é paradigmática de muitas outras que recebeu, com dados precisos da fortuna da produção de Eça, alguns solicitados propositadamente e outros que lhe faziam chegar ao ser conhecedores da sua dedicação para com o escritor português. Recopilava assim informação nova que permitia enriquecer o acervo ajuntado em mais de 20 anos, para completar ainda mais a documentação de aquela empresa tão ambiciosa.

Duas publicações desse ano, uma na Catalunha e outra na Itália, suporão para ele o reencontro com o passado. Por um lado, exuma-se a revista em que publicara o seu primeiro poema, durante a Guerra de Espanha de 1936; e de novo é indigitado pela sua participação na elaboração dos SPG lorquianos por um conceituado especialista italiano.

O Collectiu de Cultura Popular de Barcelona publicou uma antologia de ***Nova Galiza***, o boletín de escritores galegos antifascistas editado no tempo da Guerra de Espanha de 1936 naquela cidade, com apoio do Goveno da Generalitat de Catalunha. Nessa revista encontra-se "Mariñeiro fusilado", o primeiro poema de Da Cal, dedicado a Serafín Ferro, assinado como Ernesto Pérez Güerra (ver supra). A edição, preparada por Xosé Lois García, inclui (García, 1977: 52) este produto, e destaca-o (García, 1977: 2) no "Limiar" entre o "fato de poetas" que colaborou nessa publicação, embora não o identifica como Da Cal e mantém o seu nome anterior à nacionalidade norte-americana.

A nova situação política favorecida pela queda do franquismo permitia que emergessem produtos deste teor. Da Cal começa assim a ser mais conhecido e reconhecido por esta composição que fará que, com a passagem dos anos, seja valorizado por estudiosos da literatura entre os produtores que não descuraram a produção em galego nesse período.

Em Dezembro, o professor italiano **Paolo Caucci**, da Universidade de Perugia, publicou uma edição em italiano dos **SPG de García Lorca**. Neste trabalho apoia-se nas testemunhas de Blanco Amor na entrevista que tinha concedido a Carlos Casares, e no artigo de Martínez Barbeito em *El Español*, para aludir à participação de Da Cal.

O interesse internacional por este produto acrescentava-se, e o prestígio e projecção de Da Cal também ao ser relacionado de forma positiva com um poemário breve, mas muito singular e ao que se lhe oferecia o maior destaque na Galiza, mas também de maneira crescente no exterior.

III.3.1.1.3.-Novas tarefas para a HSA de Nova Iorque.

Nos dias finais de 1977, ou nos inícios de 1978, Da Cal envia carta ao director da HSA, Theodore S. Beardsley, em que agradece o novo nomeamento que lhe fizeram, como membro do "Advisory Board" da instituição. Indica que tentará desempenhar essa responsabilidade o melhor possível, como quando foi "Trustee".

Nessa epístola informa que no ano 1978 esperava vender a casa de Amytiville, e compensar fiscalmente o benefício com a importância das doações realizadas para a HSA. Indica que o valor dos regalos depositados até aos 28-IV-1976 ascendia a 33.628

dólares, quantidade à qual havia que acrescentar mais 2.859 dólares mais por 5 doações realizadas no ano 1977[198]. No final da carta indica que ele e Elsie se encontram felizes em Portugal, por mais que notavam a falta das amizades de Nova Iorque.

Apesar dos reconhecimentos como queirosiano, a inserção nos novos hábitos de vida que se juntavam à deslocação parecia ser lenta. Após quase quatro décadas de residência em Nova Iorque a adaptação a uma cidade muito mais pequena como era o Estoril, onde as comodidades que se ofereciam eram diferentes e que exigiam mudar os hábitos ou procurar novos modos de agir para poder manter prestações que antes facilitava a infraestrutura de uma das cidades mais desenvolvidas do mundo. Apesar disso, a felicidade chegava por outras vantagens e possibilidades que se abriam para as suas vidas pelo clima, o contacto familiar ou a proximidade; e sobretudo por uma maior disponibilidade de tempo para ele e para Elsie, e para os seus interesses.

III.3.1.1.4.-Os alicerces das "Normas lingüísticas do galego".

Pelo Natal de 1977, a editora madrilena Anaya, empresa muito virada para o livro de texto escolar, distribuia de graça entre os ensinantes galegos uma "primicia" de carácter "non venal": as *Bases pra Unificación das Normas Lingüísticas do Galego*[199]. Esta publicação pode ser considerada o alicerce do que, em poucos anos, serão as normas ortográficas e morfológicas do idioma galego. Com a difusão desse material a editora preparava a entrada no mercado do livro galego, que se apresentava como do maior interesse ao suspeitar-se que se generalizaria o ensino do idioma.

---

198 Também figura nessa carta que em 9-VII-1977 enviara duas caixas de manuscritos e papeis, a maioria colecções de cartas e manuscritos autografados por personalidades do mundo ibérico e iberoamericano, junto com mais duas caixas de iconografias, uma pasta de fotostatos e 97 gravações de música folk e popular. Como resumo da situação, Da Cal frisa que no IRS do ano 1976 declarara regalos valorizados em 17.318 dólares, pelo qual restavam na altura 19.169 dólares, mais os que não se encontravam ainda contabilizados.

199 Este volume, de 56 páginas, continha um "Resume dos seminarios celebrados na Universidade de Santiago de Compostela desde decembro de 1976 a xuño de 1977", e incluia um "Limiar" de Domingo García Sabell, Presidente da Real Academia Galega, em que assinalava o (García Sabell, 1977: 5) "valor fundamentalmente experimental das normas propostas" e frisava "a súa atinada flexibilidade", para concluir na confiança "en que a unificación definitiva, que terá que se basar na consagración polo uso, e na oficialización pola Xunta de Galicia, non tardará en chegar". García Sabell salientava como nesse trabalho se tomaram de conta "as normas que, hai anos e con carácter experimental, publicaron a Real Academia Galega e mailo Instituto da Lingua Galega, así como a tendencia lusista que nos últimos tempos defenderon algúns escritores e lingüístas". Apresenta assim a "tendencia lusista" próxima no tempo, sem valorizar as reivindicações e propostas que se davam de maneira continuada desde os tempos do padre Sarmiento, favoráveis à aproximação ou confluência (como v. gr. nos casos de Castelao e Da Cal) com o português. Começava a evidenciar-se a preferência por uma continuidade com a proposta ortográfica utilizada nesse mesmo volume.

III.3.1.2.-Centralidade lusófona, emergência hispânica e demandas galegas, em 1978

O estabelecimento no Estoril favoreceu os contactos de Da Cal em Portugal. Acompanhado da esposa Elsie, frequenta a Biblioteca Nacional, a Sociedade de Geografia, o Grémio Literário, a Academia das Ciências, a Fundação Gulbenkian, a Redacção da *Colóquio Letras*, e a Universidade. Participa da vida cultural lisbonense e estreita relacionamento com editores. Novos nomes substituem o professorado e alumnado que constituiram o seu círculo mais habitual nos EUA. Além disso, no Estoril, cidade com boa oferta de serviços e lazeres, comunica-se com gentes de muito diferentes campos. O seu aspecto, alto e elegante, que cuidava as formas, com bom humor e simpatia, fácil conversador, de grande cultura, propiciava os contactos. A casa da Melrose facilitará encontros e reuniões sociais. Da Cal evidenciava as suas condições para trabalhos manuais e domésticos muito diversos.

A situação económica que desfrutavam era muito boa, pois o bom ordenado da reforma via-se favorecido pelo alto valor de câmbio do dólar dos EUA. Isso permitia-lhes poupar e colocar-se possibilidades de viagens e de despesas extraordinárias. A tudo se somava uma boa saúde. Portugal oferecia uma qualidade de vida excelente para aquele descanso relativo, pois os Da Cal continuavam empenhados em pesquisas, e ele disciplinava-se dedicando horas ao estudo e a novos projectos, e a cuidar o epistolário. Nos relacionamentos destacarão dois grupos: os novos queirosianistas e produtores do CL e do CEL da Galiza. Receberá visitas de antigas amizades dos EUA o que lhe permite, juntamente com os diversos contactos e mais um consumo ávido de imprensa portuguesa e internacional, manter-se bem informado da actualidade. Da Cal é também atractivo para a comunicação social. A disponibilidade de tempo favorece poder responder às demandas que lhe faziam e ganhar aliados, que retribuirão as suas atenções.

É esta a imagem que resume o que muitas pessoas oferecem dele naqueles primeiros tempos de residência no Estoril. Com actividade por vezes frenética, pouco habitual numa pessoa aposentada, foi um período muito frutífero em que viu publicados numerosos produtos próprios, e de pessoas que o reconheciam e o indigitavam de modelo, e que só no final se complicará por problemas de saúde. Bateu-se em lutas nos dois grandes âmbitos do seu interesse: o queirosianismo e a ortografia do galego, intervindo em outros campos. Foram portanto anos de plenitude, para o que contribuiu o bom entendimento com Elsie, apoio certo e fiel.

III.3.1.2.1.- A centralidade queirosiana de Da Cal.

A centralidade queirosiana de Da Cal espelha-se em Portugal e transparece no exterior na comunicação social e em publicações especializadas.

Na revista ***Colóquio/Letras*** publicava-se uma informação fornecida no verão anterior na *Revista de Poesia e Crítica* de Brasília por Paulo Gerson: sob o título "Um romance inédito de Eça de Queirós?", evidenciava-se que (Sem Autor, I-1978)

> em informação pessoal do neto de Eça de Queirós, D. Manuel Resende, ao ensaísta brasileiro Paulo Malta Ferraz [tinha-lhe anunciado que] será publicado em breve um livro inédito do autor dos *Maias*. Título*: Caso Atroz de Genoveva*.[...] O neto de Eça admitiu, também, a possibilidade da edição, em breve, de edições críticas das obras do avô ilustre, entre as quais *A Capital*, que o próprio autor deixara na gaveta.

Do depoimento de Resende transparece o interesse dos herdeiros de Eça em usufruir a edição crítica, que começava a se dar por certa e próxima. A atenção da comunicação social evidenciava o interesse desse empreendimento. O título *Caso Atroz de Genoveva* secundarizava o que será o verdadeiro de aquela narrativa: *A Tragédia da Rua das Flores*, resenhada na BQ. Tudo parecia caminhar para efectivizar o que a *Opção* tinha adiantado no verão anterior, com múltiplos interesses que convergiam: os dos herdeiros de Eça, de Da Cal, e dos meios de comunicação.

Aos 26-II-1978, **João Medina** dedica a Da Cal o artigo "Eça de Queirós e o iberismo", em que foca como se abordava a integração de Portugal na Península, um dos temas, afirma, do maior interesse para conhecer o ideário do século XIX português. Na dedicatória assinala: "Para o Professor Guerra da Cal, ao mais eminente estudioso do nosso Eça". Medina mantinha assim o maior interesse no relacionamento com Da Cal.

No exemplar do 3/9-III-1978, Da Cal é levado à capa do semanário ***O Jornal***, de Lisboa[200], que lhe dedica as duas páginas centrais aos seus contributos queirosianos. Oferece entrevista realizada pelo arquitecto e queirosianista Alfredo Campos Matos; completada com a edição por Da Cal de um texto inédito de Eça[201]". Nessa entrevista – reproduzida em Junho no *Jornal de Letras* do Rio[202]– repassa a sua trajectória mas, sobretudo oferece-se grande destaque à sua autoridade queirosiana. Frisa-se ser Da Cal

---

200 Era um dos principais hebdomadários de Portugal, de ideologia progressista, de referência para a informação política e cultural.

201 Na página 3, onde se apresentavam para os leitores as principais propostas desse número, destaca-se o inédito de Eça, apresentado como "carta de enorme interesse e que tem a marca desse nome maior da nossa literatura".

202 A publicação no Rio terá uma reacção, aos 19-VI-1978, de João Duque Estrada Mayer, quem reprova a tradução brasileira de LEEQ e afirma tê-la deixado sem acabar de ler. Questiona quando se publicará a segunda parte e "quando pretende editar seu 'novo volume de cartas do Eça de Queiroz", o que evidencia a expectativa sobre este empreendimento, que resultará frustrado (ver infra).

**"**geralmente considerado o primeiro especialista contemporâneo da obra literária de Eça de Queiroz" e "autor de uma obra monumental, talvez única no género em qualquer literatura, a bibliografia crítica de Eça de Queiroz. [...] Da sua autoria, igualmente, o mais importante ensaio que se conhece sobre a estilística queirosiana". Esclarece que o segundo volume da BQ fora desdobrado e "será distribuído em breve", e o terceiro encontrava-se "em provas". Manifesta que revisava nova versão de LEEQ, na qual introduziria "muita matéria nova". Nesta entrevista com Matos evoca uma tradução que "por volta de 1924, tinha eu 12 anos" caiu nas suas maos de *O Primo Basílio*, que:

> estava na biblioteca de um tio meu, em Quiroga. [...] Mais tarde, comecei a descobrir em Madrid, na feira do livro, as edições portuguesas da Lello, que me foi fácil ler dado a minha condição de galego. A partir daí o Eça passou a ser para mim como que um santo de cabeceira.

Assinala Da Cal que "a visão queiroziana do mundo é uma visão cómica e não patética. [...] A perspectiva do Eça é a do cómico compensado pelo lírico, e por isso mesmo é profundamente galaico-portuguesa"[203]. Defende que "se Valle-Inclán e Unamuno mergulham com entusiasmo no Eça, é porque este tinha feito com vários anos de antecipação a fusão daquilo que em Espanha nunca se fundiu, ou seja, a visão positiva da realidade com o encanto lírico da fantasia estilística". E insiste no que começava a ser o centro do queirosianismo na altura: a necessidade de novas edições dos seus textos, revisados por especialistas. Um inédito, a "Carta a Manuel de Macedo", é reproduzido num destaque, sob o título "Um belo estudo crítico sobre a *padraria*", e precedido do antetítulo "Uma carta inédita de Eça sobre '*O Crime do Padre Amaro*'". Indicava assim Da Cal um modelo de trabalho para a anelada edição crítica[204].

---

[203] Assinala ter sido *A Relíquia* a produção mais original e traduzida, apesar da "crítica da língua portuguesa" e insiste na sua conhecida argumentação. Alude a uma carta de António Nobre, segundo a qual só se conhece uma versão desta narrativa, mas "ela representa a quarta forma" e põe em destaque ter sido traduzido para inglês por Aubrey Bell. Julga "Eça superior a Shaw, ou a Anatole France". Refere-se à actualidade de Eça, nas continuadas citações que diz observar em Portugal, e lembra como nos países de língua espanhola se reeditava continuamente. Lembra os seminários que leccionou "regularmente" a partir da década de 50, que "viriam posteriormente a tornar-se como que um viveiro de queirosianistas"; e salienta Teses de Doutoramento por ele orientadas, já editadas ou no prelo. Reitera o projecto de editar um epistolário de Eça, e um livro alicerçado na conferência sobre *A Relíquia*. Critica as edições vigentes e reivindica uma edição crítica como "verdadeira necessidade". Julga acertado que o Estado português adquirisse "recentemente os manuscritos de Eça de Queiroz, mesmo os inéditos, e está em processo de organização uma Fundação Eça de Queiroz, sob o patrocínio do Estado que, esperemos, poderá tornar realidade a tal edição crítica".

[204] Informa que o original autografado fora recentemente adquirido para a sua colecção eciana por "Altair de Souza, devotado queirófilo carioca". Esclarece como Eça propõe a Manuel de Macedo que estude a maneira de ilustrar *O Crime do Padre Amaro*, para um novo projecto do editor Chardron, em vista de o romance não ter escandalizado, nas primeiras edições, os ambientes católicos, como se tinha suspeitado previamente à sua difusão. Julga Eça que "não é um bom livro, certamente, mas oferece pitoresco bastante para uma série de desenhos" e indica a Macedo que "é o momento de fazeres realismo,

Este documento jornalístico cumpria muitas funções: oferecia Da Cal maior projecção social, pois apesar de ser uma celebridade entre produtores do CL e do CEL, e em diferentes âmbitos, estava longe de ser popular; informava-se do facto de residir no Estoril desde Julho, o que acrescentava a simpatia, por ter escolhido Portugal para viver; e frisava-se o ser o maior especialista em Eça. Da Cal ganhava simpatias ao indigitar Eça de modelo literário superior e de validade internacional, além de reconhecer a sua ascendência sobre escritores espanhóis, afirmações sem dúvida do maior agrado para o leitor português e mais procedendo de alguém como ele, de naturalidade galega (portanto espanhola no imaginário da maioria dos portugueses) e autoridade reconhecida no CEL; e finalmente dava-se audiência à sua doutrina sobre a textualidade e à sua reivindicação da necessidade de uma edição crítica. Era a entrevista que talvez anelasse qualquer entrevistado, em que nada se questionava e tudo era louvor e reconhecimento. Depois das amostras de simpatia das notícias publicadas no semestre anterior, completava-se um recebimento em Portugal com a maior honra e projecção[205].

Em Coimbra publicou-se ***Introdução à leitura d'Os Maias,*** **de Carlos Reis**, um estudo de grande sucesso, que atingirá sucessivas reedições[206]. Nele recomenda-se consultar LEEQ para conhecer a receptividade das inovações estilísticas de Eça; e o primeiro tomo da BQ para ter (Reis, 1978: 11-12) "referências mais sistemáticas" sobre os "três sectores" em que distribui a polifacetada produção eciana. Na bibliografia assinala (Reis, 1978: 167) o tomo segundo da BQ[*207*]. Este volume difunde sobretudo entre o público escolar e em formação a produção de Da Cal como modelar.

Quatro factos bem diferentes exemplificam como as investigações de Da Cal se impunham em âmbitos onde os especialistas universitários cobravam um progressivo destaque e como se reconhecia a sua centralidade queirosiana:

---

amigo", além de que tal edição "seria mais do que um *simples livro com estampas*: tu podes fazer dele um belo estudo crítico da *padraria*". Aclara-se ser o Alberto citado na carta o irmão do romancista, e informa-se que a edição que motivou a epístola "nunca chegou a realizar-se". Esses dados indicam o caminho das novas edições. Neste caso, ao ser um texto inédito, não há necessidade de confronto para estabelecer a versão certa e esclarecer as possíveis alterações; e oferece-se completo.

[205] Vale a pena reparar nestes três elementos: Campos Matos, autor da entrevista; Medina, que lhe dedica esse trabalho e fará recensão da BQ em 1979 (ver infra); e o anúncio da publicação de *A Tragédia da Rua das Flores*. Em pouco tempo, e por causa da edição desta narrativa, emergerá uma grande polémica, que recolherá Da Cal na BQ, e que suporá o afastamento desses dois aliados.

[206] A segunda edição já saiu em 1979, e em Março de 2000 publicar-se-á a 7ª edição, em que a editora Almedina frisa ter atingido "93.º milhar" de exemplares. Antes, num "Prefácio" à 5ª edição, Reis salientava que o estudo chegava ao "número de 60.000 exemplares".

[207] Reis cita os estudos de Helena Moura e María Luísa Nunes sobre *O Crime do Padre Amaro*, o que supõe um reconhecimento ao trabalho de Da Cal e destas duas discípulas.

a) Na CUNY, apresentou-se a Tese de Doutoramento de Concepción René sobre os elementos hagiológicos na obra queirosiana. Esta investigação amparava-se em LEEQ, com várias citações para analisar o estilo das *Lendas de Santos*.
b) Acontecimento queirosiano de especial relevo foi a exposição evocativa organizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa, do centenário de *O Primo Basílio*. Nesta acontecimento, a BQ foi utilizada como fonte de informação.
c) Em 24-VII-1978 editou-se na Galiza *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*, de Valentín Paz-Andrade. Neste estudo[208], o político e intelectual galeguista mais uma vez salienta LEEQ.
d) O jornal *Folha de São Paulo* publica o trabalho de Franklin de Oliveira "Rosa, o político e o escritor", com ensejo da edição desse livro de Paz Andrade. Nesse contributo figura este parágrafo (Oliveira,19-XI-1978):

> Da Galza [sic], talvez a região histórica mais antiga da Espanha, e cuja língua até o século 11 formava com o português o mesmo complexo idiomático, nos veio, nos meados dos anos 50, o melhor intérprete das formas estilísticas de Eça de Queirós: Ernesto Guerra da Cal. Foi Guimarães Rosa quem me chamou a atenção para esse livro[209].

Documenta-se destarte o interesse de Guimarães Rosa, nome central do cânone da narrativa brasileira, no modelo de LEEQ, como outros muitos produtores literários.

LEEQ mantinha portanto a sua referencialidade. E a BQ começava a ser tida em conta cada vez mais para um estudo completo do produtor. Os dois livros de Da Cal arvoravam-se como referências centrais para o estudo do produtor.

III.3.1.2.2.-Montero Santalha formula a "ortografia galego-portuguesa".

No domingo 10-IX-1978, o jornal *La Voz de Galicia* publica o artigo de Xosé-Martiño Montero Santalla "Esbozo dunha ortografía galego-portuguesa", em que se propõem 18 directrizes ortográficas para adaptar em diferentes etapas. Conclui que "Deste xeito, á volta de poucos anos a nosa lingua escrita, sen ter perdido nada auténticamente galego, encontraríase incorporada de pleno direito no idioma común galego-portugués-brasileiro"[210]. A publicação com tanto destaque supunha por um lado respeito a

[208] Este estudo leva "Introdução" (1978:5-7) do brasileiro Paulo Ronai e foi publicada uma edição brasileira posterior. Paz Andrade insiste na idea de se encontrarem elementos na produção de Guimarães Rosa que pudessem ter alicerces na Galiza; e isso teria explicação pela presença de galegos entre os colonizadores do sertão, e o isolamento deste território brasileiro, que teria favorecido a conservação de arcaísmos léxicos, e não só, de origem galega.

[209] Oliveira referencia outros estudos galegos sobre Guimarães Rosa, e põe em destaque os contributos da Galiza com perspectiva lusitanista.

[210] Reage em contra do "independentismo lingüístico" do galego face ao português e coloca-se claramente em favor das teses reintegracionistas.

Montero Santalha, mas também como havia ainda dúvidas a respeito do assunto por parte de certas elites da Galiza, e como não estava fechada a questão ortográfica. O novo quadro político emergido após a morte de Franco, com a implantação das autonomias e a evidência de que o galego ia ter maior protagonismo social e reconhecimento no ensino e em novos âmbitos, gerava aquelas dúvidas e facilitava que um texto como aquele pudesse sair à luz com destaque. Apesar do secundarizada que estava a opção defendida por Montero Santalha, periférica e com escassos defensores, atingem sucessos como aquele, na linha do que defendia Da Cal desde havia anos[211].

III.3.1.2.3.-Eduardo Blanco-Amor aviva a polémica sobre Lorca e Da Cal.

O jornal madrileno *El País* publica o extenso artigo "Federico, otra vez, la misma vez", de Eduardo Blanco-Amor, um trabalho em que se lhe concede o maior relevo a este escritor ourensano como autoridade sobre García Lorca. Da Cal terá importante presença nesse longo escrito, em que se reproduz o autógrafo de "Danza da lúa en Santiago", dos SPG[212]. Afirma (Blanco-Amor, 1-X-1978):

> Ernesto era un muchado absolutamente encantador, en facha y espíritu; y […] uno de los que podrían contarnos más cosas de Federico, por dentro y por fuera, pero no quiere. Y entre ellas, el origen de los *Seis Poemas*, en lengua gallega, de singular importancia en su lírica moderna, cuya publicación me encomendó y cuyos originales conservo salvados de tanta trashumancia. [...]
> También hay que decir que, a modo de compensación, mi amigo resultó un poeta de primera línea –dos libros por ahora— en su lengua natal. Y en cuanto a investigador literario, les añadió a los portugueses un decisivo conocimiento de Eça de Queiroz en un

[211] Montero Santalha (18-XII-1978) interessa-se, por carta enviada a Rodrigues Lapa, por se este recebera outra que lhe enviara em 3-XI-1978 com aquele artigo. Nesta nova epístola pede-lhe o endereço de Guerra da Cal, pois "Perdín o contacto epistolar con ele hai xa tempo, e quixera reanudá-lo, e animá-lo a que participe no debate sobre a língua". Montero Santalha buscava assim uma participação mais activa de Da Cal na polémica ortográfica, certo de que a sua autoridade e prestígio poderiam ser de ajuda num instante em que os defensores de aquela orientação para a língua se encontravam especialmente precisados de apoios e aliados. O prestígio intelectual de Da Cal, bem conhecido, e reconhecido, pelas pessoas do galeguismo contrárias à orientação do galego-português poderia ser muito valiosa. No entanto, Da Cal não intervém publicamente nesta altura. É difícil saber o por quê desta atitude: cansaço, pessimismo pelos precedentes que conhecia, o ter outros interesses urgentes que atender –revisão de LEEQ para nova tradução portuguesa, finalizar a BQ, o epistolário e a edição crítica de Eça, novos projectos poéticos... –, o não ver que servisse de algo a intervenção, ou talvez tudo junto. Talvez também a dificuldade para chegar aos meios de comunicação directamente. O certo é que naquele instante fulcral para a fortuna do idioma, em que Carvalho Calero já defendia abertamente a aproximação ao português e trabalhava para consegui-lo, ele não assumiu uma posição de destaque.

[212] Refere-se a ele como "Mi ya para siempre queridísimo Ernesto era un estudiantón, algo demorado, de no sé qué; lectorazo sin fondo, tañedor de armónica, gallego esencial jamás renegado, compañero de ruta de toda la generación del 27, y amigo entrañable de Federico... Me reapareció, después de unos confusos años de exilio, ya como *chairman* de Lenguas Romances con la especialización en portugués –hasta tal punto era gallego— en la Universidad de Nueva York, invitado por otras del país y brasileñas. Casado con una hija de Pura Ucelay, luego recasado con yanqui portuguesa, a fin de que todo fuese barrer para dentro del idioma hermano, se me fue perdiendo en su incurable galbana epistolar, jubilado quizá, arrullando sus melancolías en un larguísimo *fado* cultural".

> estudio excepcional sobre lengua y estilo, que le valió media docena de "honoris causa" en universidades del idioma hermano, una de las mil hazañas del exilio tan mal conocidas y agradecidas por la España sedentaria.

O artigo combina incorreções com hipérboles erradas. Mas trata-se de trabalho positivo para Da Cal, por ser apresentado como figura principal do exílio[213] e, sobretudo, como testemunha privilegiada sobre Lorca e, em especial, para a génese dos SPG; mas também dava a entender possíveis relações de tipo sexual entre Da Cal e Lorca: assim foi interpretado também por Da Cal, que o considerou injurioso (ver infra). Em todo o caso, o artigo oferecia a Da Cal projecção de muito destaque e tornava-o à actualidade na Espanha e na Galiza, além de indigitá-lo de referência central para o estudo de Lorca e oferecia uma muito elevada valorização da sua trajectória científica e literária.

Blanco Amor-Lorca-Da Cal começam a singularizar-se como o trio implicado nos SPG, aquele singular produto que internacionalizava a literatura galega. A novidade era aceitar Da Cal, pois de Lorca e de Blanco Amor (mesmo do editor Á. Casal), não havia dúvidas; mas a respeito de Da Cal, naquela altura em que se desconheciam os autógrafos dos SPG, o testemunho de Blanco-Amor era prova principal.

Para além do queirosianismo e da lingua e a literatura da Galiza, um terceiro tema se desenhava cada vez mais como central para Da Cal: aquele produto e o relacionamento com Lorca, que faziam dele também um produtor central para o CL e o CEL hispânico. Também era merecedor dessa consideração pelos estudos dedicados ao intersistema hispânico, mas encontravam-se secundarizados; por enquanto, a centralidade lorquiana aumentará, e trabalhos como o de Blanco Amor eram do maior relevo para afiançá-la.

III.3.1.3.-O Campo do Poder Político frustra projectos queirosianos em Portugal e acalenta a reforma ortográfica na Galiza, em 1979.

As decisões de instituições do Campo do Poder Político influirão notavelmente no ano 1979 nas principais dedicações de Da Cal. Nos estudos sobre Eça de Queirós frustram os projectos de edição em que estava empenhado com os herdeiros do escritor, por causa de entrar no domínio público a produção queirosiana e deixar de ter interesse ao perder os direitos de autor. No entanto, será um ano muito positivo pelas realizações no âmbito queirosiano.

---

213 Esse ano, a editora Taurus reeditou o volume sobre o exílio espanhol, com o trabalho de Ramón Martínez López em que estuda o contributo de Da Cal. Desta maneira vai-se consolidando também como referente dos exilados nos EUA e difunde-se a sua produção.

Na ortografia do galego, o Governo preautonómico aprovou umas normas, que tiveram como principal impulsor Carvalho Calero, que acalentavam a possibilidade de um reconhecimento da confluência com o padrão português. As pessoas que, na linha de Da Cal, trabalhavam por aquela aproximação, cresceram nos últimos anos por causa da defesa de Carvalho Calero desta alternativa, e a legitimidade que outorgava o facto de ser catedrático de Lingua e Literatura Galega na USC.

Uma carta para Euryalo Cannabrava, oferece dados de relevo respeitantes à sua trajectória nos últimos anos. Nessa epístola, datada aos 19-I-1979, afirma Da Cal:

> Como com certeza o meu Amigo sabe, a indecente conduta do latrinário Afrânio em relação à minha nomeação para a Faculdade de Letras tornou inviável o nosso projecto de residencia carioca, tão esperançosamente acarinhado. Não entro em pormenores por higiene, pois não se deve mexer em matéria excrementícia.
> Felizmente aqui em Portugal a minha reforma americana chega e sobeja para vivermos ao nosso gosto e ao nosso estilo. Tive por isto a possibilidade de declinar ofertas insistentes da Faculdade de Letras de Lisboa, que queria que eu colaborasse com o programa de doutorado. Estamos instalados no Estoril, lugar delicioso, na moradia que foi do meu sogro e da qual nós compramos as partes das duas irmãs de Elsie. Fizemos algumas obras e ficou muito confortável.

Esclarece assim o fracasso do projecto de ir residir para o Brasil. Da Cal reage com dureza contra Coutinho, com quem tivera amizade e estreito relacionamento. A oferta da Faculdade de Letras de Lisboa confirma a sua posição de centralidade no CEL.

III.3.1.3.1.- Os estudos queirosianos: projectos bem-sucedidos e abandonos.

Nos inícios do ano começa o processo para editar **nova tradução de LEEQ**[214] **em Portugal**. Demorará dois anos em sair ao mercado.

**A UC publicou mais dois tomos da BQ, em que Da Cal dá conta da bibliografía passiva de Eça de Queirós**. Trata-se, como se tinha adiantado, do maior contributo, por registrar múltiplas informações respeitantes à vida e à produção do escritor.

O tomo **2º A da BQ**[215] consta de 560 (+2) páginas e nele figuram os verbetes 1.999-5.247, em total 3.254 entradas, pois 6 encontram-se duplicadas. Nele informa de escritos sobre a vida e obra de Eça, elencos bibliográficos, fontes histórico-literárias, documentais e genealógicas, e a respeito da obra de ficção do romancista. Nos primeiros

[214] Aos 19-I-1979 na carta para Euryalo Cannabrava, comunica-lhe estar já no prelo "a terceira edição portuguesa de Língua e Estilo de E. de Q. Desta vez a Elsie é a tradutora [...] O que irá reproduzido sem alterar-lhe nem uma vírgula será o Prefácio do Euryalo –que é, como não podía deixar de ser, a análise mais arguta e delicada de todas as muitas que sobre o meu pobre libro já se escreveram, em três continentes e em sete línguas. Ninguém estudou com a sagaz penetração com que o Euryalo o fez os principios que regeram my 'critical approach' ao Eça –nem, de facto, as coordenadas essenciais da creação artística do romancista luso".

[215] Apesar de aparecer em 1979 no mercado, respeita-se a data do volume em 1976 para as citações.

registos valoriza 26 bibliografias (vv. 1.999-2025; Da Cal, pp. 15-22), a primeira delas em vida de Eça, em 1885; e as restantes entre 1901 e 1947, excepto uma, de 1968. Na continuação documenta dados biográficos de Eça, do nascimento à morte. Segue informação das fontes documentais, de 1698 a 1974. Encontram-se na continuação as "Fuentes de carácter general sobre el hombre y la obra" (vv. 2.964-4.074; Da Cal, 1976: 201-364), em que cita histórias da literatura, dicionários e valorizações gerais em jornais, revistas e livros sobre a vida e a produção de Eça: Aqui introduz edições de textos queirosianos, ataques que recebeu, discursos, inaugurações de monumentos, trabalhos sobre supostos modelos vivos de personagens das suas narrativas, etc. Nesta epígrafe inclui 7 verbetes com contributos dele próprio (vv. 3.249-3.255; Da Cal, 1976: 245-246). Finalmente refere as fontes sobre a obra de ficção de Eça de Queirós (vv. 4.075-5.247; Da Cal, 1976: 365-560).

O **tomo 2º B** compreende das pp. 561 a 1.207, e os verbetes 5.248-8.862[216]. Nele ocupa-se das fontes da obra não ficcional (produção jornalística, ensaios, prefácios, crónicas, artigos, cartas) publicada em vida e póstuma; refere 150 trabalhos em que diversos críticos acusam e/ou defendem Eça de plagiato e influências; e do relacionamento do produtor com invidualidades do seu tempo e com a sua época. Estuda projectos anunciados e que não prosperaram, o epistolário, os estudos textocentristas, a fontes e influências, e as "Fuentes sobre la expansión, la influencia y la vigencia de la obra de Eça (vv. 8.348-8.706; Da Cal, 1976: 1.105-1.163); "Artículos generales sobre Eça, sin firma, en Diccionarios y Enciclopedias" (vv. 8.707-8.812; Da Cal, 1976: 1.165-1.178); e, finalmente, "Publicaciones literarias y artísticas de homenaje o conmemoración" (vv.8.813-8.862; Da Cal, 1976: 1.179-1.193). Este volume finaliza com dois índices: um de lâminas e outro das materias gerais incluídas em ambos os nos tomos 2ºA e 2º B.

Estes dois tomos, publicados só em 1979, conformam um acervo de documentação sem precedente sobre qualquer escritor, com um volume importante de informações adicionais sobre a autoria e as circunstâncias de vários dos trabalhos.

**No Verão malograr-se-ão os projectos sobre novas edições da produção de Eça de Queirós que planeavam Da Cal e os herdeiros do produtor**. Aos 13 de Julho, a Assembleia da República aprovou um Decreto-Lei pelo que os direitos de autor da produção queirosiana passavam para o dominio público[217]. Essa intervenção suporá o

[216] Também há alguns verbetes duplos: 5.383 A, 7.176 A, 8.443 A.

[217] Alterava-se desse modo outra disposição anterior, de 27-IV-1966 que, atendendo uma decisão do Tribunal Supremo, reconhecia a partilha de aqueles direitos pelos descendentes do escritor e pela editora

abandono do projecto de edição do epistolario, bem como de outros produtos; além de supor a falta de interesse da editora Lello em qualquer acordo. O mesmo acontecia no Brasil já desde 1963, o que deixava os herdeiros, após a venda dos manuscritos ao Governo de Portugal, com importante quebranto económico. De facto, nos meses seguintes numerosas casas editoras portuguesas começaram a publicar novos produtos de Eça; também a Lello[218].

Em Setembro, **João Medina valorizou a BQ, na *Colóquio-Letras***. Ocupa-se dos três primeiros volumes da "colossal bibliografia", frisando que se previam mais dois da que qualifica " verdadeira floresta biobliográfica". A informação que fornece evidencia o contacto com Da Cal, a quem apresenta de "estudioso galego e 'luso-americano'" e frisa ser aquele trabalho "gaças a uma pertinácia única no nosso acanhado mundo lusista, a erguer esta impressionante coluna de erudição que, como no lendário repto de Babel, parece não ter mais fim"[219]. Salienta como incorrecta a informação da BQ sobre o argumento de *A Tragédia da Rua das Flores* (TRF), embora indique que "a responsabilidade de Da Cal fica completamente ilibada, uma vez que se baseou num informe errado que lhe foi dado pela filha do escritor, D. Maria d'Eça de Queiroz de Castro". Medina informa que lera o original e, ainda que não o adianta, estava a

---

Lello&Irmão, outorgando a esta os da produção publicada a partir de 1925, e a obra não póstuma à família. A Presidência da República promulgou aquele novo instrumento legislativo em 3 de Agosto, e foi publicado oficialmente no *Diário da República* de 6-IX-1979. O texto, breve, da Revogação, num artigo único, está assinado (Santos: 6-IX-1979: 2.216) pelo Presidente da Assembleia da República, Teófilo Carvalho dos Santos, com autorização do Presidente da República, António Ramalho Eanes; e da Primeira-Ministra, Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo.

[218] A edição de novos produtos já sem acordo com a família começara em Junho, quando Raúl Rego publicou *A Emigração como Força Civilizadora*, autógrafo de Eça de 1874, "em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura". Nele frisa tratar-se de "obra inteiramente desconhecida até dos queirosianistas mais informados", apesar de registar-se no primeiro tomo da BQ (v. 1992, Da Cal, 1975: 613-614). Em 1979, a Livraria Ler Editora publicou o *Dicionário de Milagres*, produto que segundo o primeiro tomo da BQ (v. 1.262; Da Cal, 1975: 353-356) "no pertenece en realidade al canon queirociano" e abriu assim a veda da publicação de muitos mais, que provocará posicionamento crítico de Da Cal na Addenda da BQ, em 1984 (ver infra). Isso propiciou numerosas polémicas na imprensa, a maior de todas em 1980 com ensejo da edição de *A Tragédia da Rua das Flores*. E também novas intervenções governamentais para tomar posicionamento sobre alguma edição mas, ao mesmo tempo, modificar aquele decreto-lei de 1979 e eliminar interpretações sobre censura prévia.

[219] Julga a tarefa realizada de "ciclópica para um só homem, mesmo ajudado por solícitos colaboradores eçólogos de Portugal e no Brasil". Valoriza que a BQ "dá desde logo o carácter definitivo e maciço de tamanho empreendimento, sem paralelo para qualquer outro escritor português, pois nem o tão estudado Camilo encontrou ainda quem lhe levantasse tão grande torre documental. [...] Espécie de **Hércules das bibliotecas**, G.D.C. não esmorece, porém, neste trabalho e prossegue na sua faina. [...] Perante tamanho gigantismo solitário, que pode o crítico senão render-se à grandeza do labor e pasmar?". Aponta alguma gralha e ausências, embora afirme fazê-lo "muito respeitosamente" e sublinhando que "todas estas nugas nada tiram ao valor do incomparável monumento erguido por Da Cal ao nosso maior escritor, e só esperamos que os restantes volumes previstos, além de recolherem as omissões naturais ou involuntárias, levem a bom termo esta **odisseia erudita**".

preparar a edição desse texto, de colaboração com Campos Matos, que originará muita polémica (ver infra).

**Editou-se a tradução para português da Tese que Carmela Magnatta Nuzzi defendera na CUNY em 1976, orientada por Da Cal**, com o título *Análise Comparativa de duas versões de A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz*. Como acontecera com a de Nunes, observa-se orientação estilística e comparatista, ocupando-se de elementos que Da Cal avançara para o segundo volume de LEEQ. Há presença de estudo de elementos linguísticos e de estilo nessa narrativa, e frisa-se a novidade da focagem do estudo, que se confirmou como um referente para investigações posteriores e foi objecto de valorizações por diversos queirosianistas[220].

O reconhecimento e consagração de Da Cal em Portugal firmava-se ao ser **incluído na *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura***, uma produção de consulta de referência de grande tiragem. **Dedica verbete a Da Cal** (Taborda de Vasconcelos,[221] 1979: colunas 634-635), e define-o como "um lusófilo de primeiro plano no âmbito da cultura galega e das letras hispânicas"[222].

III.3.1.3.2.-A luta ortográfica na Galiza: polémicas e intervenção política.

Na Galiza, o Governo da Junta da Galiza preautonómica encomendou a uma Comissão, na qual participam o catedrático da USC, Ricardo Carballo Calero, e outros conhecidos

[220] Em mais de 500 páginas, divide-se o estudo em cinco partes, com atenção às versões da *Revista Moderna* e à posterior em livro, focando a história principal e a inserida, explicando a "génese e evolução" das duas, visando os elementos da história (tempo, espaço, personagens, enredo, temas, símbolos), o foco da narrativa e da discrição, a apresentação de personagens e as características da linguagem, e comparando-as. Ocupa-se da "síntese das duas histórias", estuda a estrutura básica e o entrelaçamento do enredo, e finaliza com bibliografia. Vale-se de numerosas referências a LEEQ, o estudo mais citado (Nuzzi, 1979: 156, 162, 163, 167, 177, 194, 203, 227, 231, 232, 234, 240, 246, 249, 250, 253, 263, 267, 273, 335, 370, 426, 434 e 456), do DLPGB (Nuzzi, 1979: 26), e do estudo de Maria Luísa Nunes (Nuzzi, 1979: 81, 191, 202, 232, 241). Inclui a BQ (Nuzzi, 1979: 8, 10, 35, 37), indicando ser um produto (Nuzzi, 1979: 8, 500) "em publicação" e "a sair". Agradece que se lhe facilitassem cópias da primeira versão da narrativa, quando Da Cal (Nuzzi, 1979: 8) "estava então a preparar a sua Bibliografia". E informa (Nuzzi, 1979: 372) que Da Cal encontrou uma terceira e diferente versão de uma das cenas da narrativa, datada em 1896.

[221] Este médico e ensaísta está considerado entre os renovadores da crítica literária, à qual prestara dedicação muito preferente, com trabalhos publicados na altura sobre produtores portugueses e estrangeiros, e de médicos com actividade literária.

[222] Informa da sua Tese como "tema de lit[eratura]. port[uguesa]. contemporânea pela 1ª vez abordado nos E.U.A.". Refere-o como "autor do mais importante ensaio conhecido sobre a estilística queiroziana, e de uma monumental bibliografia crítica sobre Eça de Queiroz, dirigiu ainda regularmente seminários sobre este grande escritor port[uguês]. a partir dos anos 50. Conferencista conhecido em Portugal e Brasil". Anuncia que da BQ estavam prontos os volumes I e II, e os III e IV "em provas". Apresenta-o também como "poeta, inserindo-se os seus versos numa tendência subjectivista, dentro da poesia galega contemporânea", e cita a sua pertença à Academia das Ciências de Lisboa e o Doutoramento Honoris Causa pela Baía. Deixa constância de 10 publicações como "obras principais", e mais 18 sobre bibliografia respeitante à sua trajectória e produção.

intelectuais, a elaboração de uma normativa para a língua. Será a primeira vez que o campo do poder político apoie uma iniciativa desse teor. A proposta ficará pronta no final de ano e será assumida. Abria a possibilidade para uma ortografia mais aproximada ao português, em diferentes passos. Era uma maneira de acalentar aquela possibilidade. Foi um ano muito intenso no respeitante à luta ortográfica, assunto central que conseguiu fazer parte da agenda política.

Manuel Rodrigues Lapa dá um passo mais no seu trabalho em prol da aproximação da ortografia da Galiza ao conseguir que a editora lisbonense Sá da Costa impulsasse a **Colecção Noroeste**[223], com trabalhos respeitantes à cultura que valorizava de comum galego-portuguesa. Estreou-se na primavera de 1979 com o lançamento de ***Estudos Galego-Portugueses***[224] volume de 130 páginas com 12 trabalhos de Lapa respeitantes à questão. Dos quatro inéditos do volume, Da Cal aparece citado em dois[225], com valorização mais uma vez de modelo de actuação[226].

---

223 A Colecção Noroeste, sob coordenação dos professores Lapa e Carvalho Calero, buscava aproximar Galiza e Portugal por meio de textos sobre assunto antropológico, cultural e linguístico. Pretendia "escolher na Galiza e em Portugal um grupo de homens de boa vontade, experiência crítica e engenho literário, que procurem exprimir substancialmente os valores da cultura galego-portuguesa, como hoje dizemos, num propósito sadio de reconstituição". Entre eles estava Da Cal, segundo consta em carta de Rodrigues Lapa, com data de 4-VI-1979, na qual lhe reclama "que nos desse um voluminho para a Colecção Noroeste. E seria dar-nos quanto antes o título do trabalho, para o anunciar desde já".

224 Era este um volume esperado na Galiza. Assim o evidencia a carta que Montero Santalha (22-I-1979) envia para Lapa, em que afirma esperar com ânsia o seu livro de estudos galegos, e acrescenta: "Paréceme tamén magnífica a idea da selecta anotada sobre o reintegracionismo. Entre os nomes galegos non deben faltar Murguía, Viqueira, Villar Ponte, Castelao, Guerra da Cal, Paz Andrade, Carballo Calero". Da Cal, portanto, era uma referência de relevo para Santalha, que insistia em salientá-lo como modelo a respeito da questão da ortografia.

225 No intitulado "Sobre a lira lusitana de Curros Enríquez", refere-se a Da Cal como "galego, de altíssima cultura", que se pronunciara no mesmo sentido que o protagonista de um conto de Xavier Alcalá, só que Da Cal "em vez do castelhano, escolheu, mais naturalmente, o português". E no derradeiro trabalho, "António Sérgio e a língua literária", ao analisar a ortografia do galego, Lapa refere que Da Cal nos seus poemários utiliza a forma uha, com til de nasalidade no u, para grafar o artigo indefinido feminino, afirmando ser uma solução "que talvez agradasse a um e outro bando".

226 Em 1-VI-1979 Da Cal assiste em Lisboa ao lançamento deste livro. Lapa (4-VI-1979) escreve-lhe breve carta, em que se refere àquela participação, afirmando: "Ainda estou sob a grata impressão das palavras que proferiu na Livraria Sá da Costa em apoio das minhas teses sobre o galego. Elas comportam várias alternativas, que terão de ser reflectidas muito a sério e sem tardança: quando não, o galego é devorado pelo castelhano. É curioso que não me tenha lembrado da sua sugestão: a preparação de um vocabulário básico galego-português, para facilitar a aquisição do português literário e científico a todo o galego de boa vontade: é um verdadeiro ovo de Colombo, que me escapou totalmente, mas que seria utilíssimo. Ou sobre isso ou sobre outra matéria, desejaria que nos desse um voluminho para a Colecção NOROESTE. E seria conveniente dar-nos quanto antes o título do trabalho, para o anunciar desde já". Contava-se assim com Da Cal para aquela empresa que tentava ser referente para a reintegração da língua da Galiza, mas que fracassaria.

A imprensa portuguesa ocupou-se de aquele acto, nomeadamente o *Diário de Lisboa.* Isso provocou que a agencia de notícias española Efe se fizesse eco e transmitisse uma informação que foi reproduzida (Sem Autor, 2 e 12-VI-1979) no jornal *El Ideal Gallego*, onde provocou uma forte polémica: Intervieram Avelino Abuín de Tembra (3 e 17-VI-1979); responderam Maria do Carmo Vázquez e X. Ramón Pena (12-VI-1979), e José Luís González Cancela (16-VI-1979) propondo o uso do castelhano. Na corunhesa *Hoja del Lunes*, um reconhecido jornalista, A[ngel] Padín publicava um artigo aos 4-VI-1979 em que

Aquela situação favorável propiciou numerosos contactos[227] e vontade de intervir no repertório e no mercado, com produtos que modificassem a situação do galego.

Em Novembro publicou-se o opúsculo ***Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa*, de Xosé-Martiño Montero Santalla**, com a proposta que vinha defendendo, em que partia de que (Montero Santalla, 1979: 5) "a reintegración lingüística galego-portuguesa non poderá realizarse de modo súbito, de unha vez. Especialmente no terreno ortográfico, a reintegración terá que ser un proceso gradual,

---

reagia com simpatia perante as teses de Lapa e pedia que se tomassem de conta. A polémica estava muito viva como se espelha numa resposta de A. Gil Hernández (3-VI-1979), favorável ao reintegracionismo.

*La Voz de Galicia* informou, com fotografia em que estava Da Cal. Indicava (Sem Autor, 16-VI-1979): "Cónta-se, como posíbeis autores para a colección cos profesores Ernesto Guerra da Cal e António Rodrigues Baptista, e con numerosos ensaístas e narradores, entre eles Xavier Alcalá e Xosé Ramón Pena". Da Cal figura indigitado como primeiro nome entre os presentes, assinalando Magalhães Godinho, Prado Coelho, Baptista, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Xavier Alcalá, o presidente do centro galego em Lisboa Aser Castilho Pereiro e directivos da entidade, o agregado cultural da Embaixada Espanhola e representação do departamento de Filologia da Universidade de Lisboa.

[227] Montero Santalha (17-VI-1979) escreve a Lapa: junta cópia do seu artigo "Directrices para unha reintegración lingüística galego-portuguesa" e do trabalho que publicara em *La Voz de Galicia* "Esbozo dunha ortografia galego-porguesa", para "que teña a bondade de facelos chegar ao prof. Guerra da Cal, que supoño non os coñece. Interesaria-me, claro está, a opinión que a ele lle podan merecer as miñas propostas. Non deixe de animá-lo a que escreba algo sobre a reintegración".

Isaac Alonso Estravis (25-VI-1979) comunica a Lapa: "há quem esteja preparando um outro dicionário, galego-português: é o grande galego Guerra da Cal". Afirma que considera esse projecto "indispensável", embora assinale que outros especialistas favoráveis ao reintegracionismo, nomeadamente José Luís Rodríguez "entende que não seria oportuno neste momento, por poder dar uma ideia demasiado vincada das diferenças entre os dois idiomas".

Da Cal (29-VIII-1979) refere a Lapa os problemas do galego e giza dois projectos, que não frutificarão: "um Dicionário de Sinónimos Galego (ou Galaico)-portugueses", e um Dicionário Castelhano-Galego "de dimensão razoável" pensando nas necessidades da Administração autonómica galega, para lhe fornecer terminologia. Sobre este projecto valoriza Da Cal: "Tenho certeza de que teria ampla venda, porque viria a encher uma lacuna lexicográfica evidente, e a servir uma necessidade amplamente sentida. No prefácio falar-se-ia, sibilinamente, da identidade das duas variedades hodiernas da língua comum [...] e de que os termos técnicos do português seriam os que o galego haveria coincidentemente produzido se tivesse sido, o que não foi, língua de um Estado. [...] Tudo o que português, pertence ou *deve pertencer* ao galego, por lei natural –como tudo o que é autenticamente galego pertence ou *deve pertencer* ao português (como co-dialecto que dele é, segundo Leite de Vasconcellos)". No início desta carta Da Cal lamenta que José Luís Rodríguez não o encontrasse no Estoril, pois "estive infelizmente ausente", e oferece que o visite de novo. Afirma também Da Cal ficar feliz com a notícia da terceira edição das *Cantigas de Escarnho* na Sá da Costa e questiona "quem vai publicar o Cancioneiro de Joám Airas, do Prof [José Luís] Rodríguez?".

Lapa (13-IX-1979) comunica a Da Cal que tanto ele como José Luís Rodríguez "ficámos rendidos aos seus argumentos a respeito desse 'maquiavélico' Dicionário castelhano-galego, destinado a fazer engolir, através do castelhano, a pílula portuguesa. Mas perguntamo-nos, será isso suficiente?" e pede-lhe que lhe mande umas amostras. Acrescenta Lapa: "A verdade é que todo este problema se resolveria simples e perfeitamente com o ensino obrigatório do português na escola secundária galega durante dois anos apenas; mas o galego não tem a dureza do basco nem do catalão para impôr tal medida, perfeitamente legítima". Lapa intervinha desta maneira com o intuito de conseguir avanços naquele trabalho em que, como Da Cal, levava décadas empenhado. Aparecem novos nomes entre os galegos que se somam à causa. Entre eles é de relevo José Luís Rodríguez, secretário da Comissão que elaborava a primeira normativa ortográfica para a língua da Galiza, por encomenda do Governo da Junta pre-autonómica. Rodríguez era de confiança do catedrático Carvalho Calero e reagia favorável às teses reintegracionistas, sendo um dos principais animadores, e também com relação estreita com Lapa por causa dos interesses comuns na língua e na Literatura Medieval.

que avance progresivamente, en fases sucesivas. Defende que a "alternativa reintegracionista galego-portuguesa" representava a continuidade com a doutrina defendida (Montero Santalla, 1979: 4) "por algunhas das mais gloriosas figuras da cultura galega"; e entre os vivos alude como principais representantes Carballo Calero, Da Cal e outros, salientando vários filólogos, a que acrescenta Lapa e Joan Corominas entre os não galegos que se situavam na mesma posição.

**Em Dezembro ficava elaborada a primeira proposta de normativa ortográfica para o galego**, propiciada pelo Governo da "Xunta de Galicia" pre-autonómica. O documento fora redigido por uma comissão presidida por Ricardo Carballo Calero, com José Luís Rodríguez como secretário e integrada também pelo professor António Santamarina Fernández, os três docentes da USC[228]. Essa proposta será distribuída nos finais de Janeiro, antes da aprovação definitiva. Aquele ditame tinha especial significado, por ser a primeira vez que partia como iniciativa de uma Administração, com o objectivo de institucionalizar o uso social, perante a eventualidade do ensino obrigatório, que se impunha pela nova situação política. Apesar da liberdade que oferecia, na proposta contemplava-se a aproximação à escrita luso-brasileira, por considerá-la a área linguística em que genuinamente se situava o galego.

III.3.1.4.-Louvor pela BQ e internacionalização da luta ortográfica da Galiza, em 1980.

Em 1980, o quarto tomo da BQ continua a excepcional receptividade, com críticas de unánime louvor, entre elas de Gaspar Simões. Nos EUA, Alexander Coleman publica estudo queirosiano em que homenageia e expande a BQ. Em Portugal, o Estado esclareceu a reforma legislativa de 1979 que afectara os projectos queirosianos[229].

O outro principal âmbito de actividade de Da Cal, a ortografia do galego, internacionaliza-se: os defensores do Reintegracionismo recebem apoio no Brasil; e os

[228] A Comissão estava integrada pelo professor reformado da Universidade de Texas, Ramón Martínez López, como vicepresidente; e como vogais Antón Santamarina, Isidoro Millán González-Pardo, Xosé Luís Pensado Tomé e Manuel Vidán Torreira. Mas foram estes três professores da USC os autores da proposta, segundo assinalou Carvalho Calero num artigo publicado anos mais tarde (Carvalho Calero, 1985: 223-233), em que explica que todos os acordos foram aprovados por unanimidade, e num único caso em que houvera discrepância decidira-se não incluir o assunto e deixar liberdade. Indica igualmente que o Conselheiro de Educação e Cultura, Alejandrino Fernández Barreiro, contactara-o para esse labor em Julho de aquele ano.

[229] Um Decreto-Lei estabeleceu que (Balsemão, 25-IX-1980: 2.906) "Compete à Secretaria de Estado da Cultura a defesa da integridade e genuinidade das obras intelectuais nacionais caídas no domínio público". Foi aprovado pelo Conselho de Ministros aos 9-VII-1980, e promulgado aos 21-VIII-1980 pelo Presidente, Francisco Pinto Balsemão. A publicação no *Diário da República* autorizou-a o Presidente da República, António Ramalho Eanes.

contrários amparam-se num congresso organizado na Alemanha. Da Cal tem contactos com Lapa e com produtores galegos e insiste em propor actuações ao respeito.

Reivindicou perante Gaspar Simões a sua naturalidade galega; e tentou gestionar que se lhe reconhecesse uma ajuda económica pela sua participação na Guerra de Espanha de 1936, como estava a acontecer com Francisco Ayala e com outras pessoas[230].

A residência no Estoril oferece oportunidade para atender e estreitar contacto com amizades de Portugal, como Manuel Rodrigues Lapa, Luís Forjaz Trigueiros e Francisco José Velozo, em que emergem dados de interesse biográfico[231]. Aquele verão

---

[230] Em 1980 Da Cal interessou-se pelo direito a perceber uma prestação económica por ter pertencido ao Exército da República. Era uma possibilidade que abria a promulgação na Espanha da "Ley de Amnistía". A primeira notícia chegara-lhe numa carta de Pedro Escobal (companheiro de exílio em Nova Iorque), que o levou a averiguar que outras pessoas, como o galego Eloy Pérez Rey (como ele ex membro das Milícias Galegas), Francisco Ayala, o próprio Escobal ou o médico Manuel Conde já percebiam a ajuda. Da Cal contactará Isabel García Lorca, quem lhe responde, de Nerja, aos 30-VIII-1980, e lhe facilita os contactos para chegar a Eloy Pérez Rey, quem por sua vez se encontrara com Margarita Ucelay em Madrid e dixera-lhe que comunicara a Da Cal que devia solicitar essa ajuda. Da Cal escreve para Eloy Pérez aos 17-IX-1980 em que explica estes detalhes indicando que: "Eu xa tiña ouvido falar nese decreto, fai varios meses, nunha conversa que tiven no Clube de Golf do Estoril con D. Juan de Borbón, o Conde de Barcelona, pai do Rei actual, na que ele mencionou eses meus direitos, mais eu non lle fixen caso, coidando que eses beneficios referíanse sómente aos militares de carreira afectos à causa da República. Bon, cando recebín esas noticias tuas, trasmitidas pola Margarida, fun moi satisfeito á Embaixada Española de Lisboa, para formalizar a miña solicitude, pero encontreime que ninguén alí sabia nada".

A tramitação continuará em 1981, com intervenção de Ramón Bela y Armada, na altura secretário da Comission for Educational Exchange between the U.S.A. and Spain, segundo comunicará Da Cal a Eloy Pérez Rey, em 2-IV-1981. Em carta de Da Cal a Bela, (também posterior, de data 2-IV-1981) frisa que "Talvez tu puedas conseguir alguna cuña" em favor dos seus interesses, entre os "pertenecientes a UCD o al partido de Fraga, que como buen gallego estará dispuesto a ayudar a un paisano".

O Professor Enric Ucelay Da Cal, que na altura contactou com ele, confirma o interesse de seu pai naquelas gestões, mas não conseguira finalmente essa ajuda económica.

[231] Da Cal (13-I-1980) comenta um "belo artigo" de Lapa sobre W. Fernández Flórez, e comunica-lhe: "A posição do humorista galego em relação ao português não foi surpresa para mim. Sendo ainda rapaz conheci em Madride (sic) esse homem adorável —que era muito amigo do pai de um colega meu da Faculdade de Letras— e tive ocasião de falar com ele numerosas vezes. Era um galego de boa cepa, com profundo sentimento nacional e ligado às letras portuguesas, que conhecia muito bem, e em geral a Portugal, que afirmava amar 'como coisa própria' e não como 'nação vizinha'. Sabia o Eça de cor, coisa aliás, que se evidencia na sua obra, e de cuja influência nela ele se orgulhava". Documenta-se assim o relacionamento com Fernández Flórez. Nessa carta transparecem as dificuldades dos *Acta* para distribuir a BQ, indicando que "Escrevi ao Luís de Albuquerque pedindo-lhe para enviar-lhe o seu exemplar [...] Disse-lhe que se não havia fundos, eu pagava as despessas do correio".

O Vice-Secretário Geral da Academia de Ciências de Lisboa (22-VIII-1980), confirma por carta a Da Cal que receberá, através de Luís Forjaz Trigueiros "que se prontificou a ser ele o portador", o Diploma de Académico Correspondente da instituição, para a qual fora eleito em 1975.

Francisco J. Velozo (8-IX-1980) agradece a Da Cal o ensaio sobre *A Relíquia* e o volume editado pela UFRJ. Lembra ter assistido à conferência do Grémio Literário. Após a leitura do livro publicado no Rio, valorizava Velozo: "constitui para mim o 'fundo' da questão, que ilumina o anterior. Li e reli *Quixote* desde os 14 anos [...] Mas agora encontro alguma coisa de novo [...]. Os seus ensaios constituem, na minha modesta opinião, um marco fundamental, uma palavra que, entre tantas que já foram ditas, não se poderiam esperar, a não ser quem conhecesse o meu Amigo, incapaz de se embalar nas ondas de repetição em toda a sua magnífica obra. [...] creio que a sua tríplice qualidade de poeta máximo galego contemporâneo ("il miglior fabbro"), de filósofo da Galeguidade, e de longamente e profundamente experimentado nos problemas da História e da Crítica Literária, fizeram, graças ao seu talento, esse

teve problemas de saúde que interromperam a sua actividade, e após se recuperar de uma cirurgia retomou os antigos projectos e mesmo se colocou outros novos[232].

III.3.1.4.1.-O quarto tomo da BQ e outras realizações no CEL.

**O quarto tomo da BQ** indica ter tiragem de 2.000 exemplares, e ser impresso em "Janeiro, 1980". Consta de duas partes: a primeira (Da Cal, 1980, pp. 5-419) de adaptações para teatro, cinema, televisão, rádio, e outros produtos literários (narrativas, pastiches, entrevistas, poesias, poemas burlescos, etc., pp. 131-179), além do que qualifica de "sub-literatura" ("historietas de dibujos, adaptaciones condensadas, pedagógicas y de lectura infantil"; pp. 177-179), alicerçadas em produtos queirosianos, ao igual que artes plásticas e iconografia. E na segunda parte (Da Cal, 1980: 423-614), sob a epígrafe de "Marginalia", informa de monumentos e lápides, cenários, sociedades eçófilas, actos públicos de homenagem e comemoração, a propriedade intelectual da sua produção, tradutores e editores de Eça, esoterismo, astrologia, espiritismo e miscelánea relacionados com o produtor. O volume, de 614 páginas numeradas, contém os verbetes 8.863-11.675, e dois índices, um de lâminas e outro geral.

**Gaspar Simões** dedica-lhe nova recensão no *Diário de Notícias*. Refere-se à BQ como (Simões, 13-XI-1980) "colossal compilação [...]. Creio que nunca outro autor português mereceu de quem quer que fosse, e muito menos de um estrangeiro, atenção tão

---

milagre. [...] o seu estilo, a um tempo filosófico e literário, claro e profundo, é uma maravilha! Exemplo para tantos escrevinhadores que nos andam a estragar a língua". Este amigo e admirador de longa data, director de *Scientia Iuridica*, "revista bimestral portuguesa e brasileira", oferece assim mais uma alta valorização do trabalho de Da Cal.

[232] Da Cal (14-X-1980) explica a Lapa o atraso epistolar, deste modo: "tive que ser operado –a uma zona melindrosa, os testículos: um duplo hidrocele. Não foi, felizmente, nada sério, mas a convalescência foi longa, com algumas complicações, que por sorte, como a doença, pertencem ao passado". Informa-o de se ter debruçado de novo "sobre o **dicionário de sinónimos**, projecto esse que cada vez me parece mais válido e útil".

Da Cal (18-X-1980) escreve a Isaac Alonso Estravis. Após esclarecer a cirurgia, complicações e convalescência, afirma que trabalhava na **nova edição de LEEQ** "programada para sair dos prelos da Editora Almedina, de Coimbra, antes do fim do mes vindouro, 'Deo volente et juvante'". E anuncia que estava acabando "**uma colecçom de artigos dispersos**, en inglês, francês, castelhano, português e galego, espalhados por revistas de tres continentes, que tenho grande ilusióm em ver reunidos entre as duas capas de um libro". Parabeniza Estravis pelo artigo que publicara em *Grial* sobre Alfredo Guisado e frisa como nesse mesmo número da revista aparecia uma recensão de Paz Andrade "sobre um miravolante *Dicionário Galego-Português*, da autoria dum brasileiro. Viu?".

Jesús Couceiro Rivas (24-X-1980), da Livraria Couceiro de Santiago de Compostela, agradece Da Cal o **interesse pelo boletim *Bendado***, e junta o número 3 dessa publicação"

Da Cal (21-XI-1980) solicita de Lapa o endereço de José Luís Rodríguez, e pede que lhe pergunte se recebeu a carta e publicações que lhe tinha enviado.

Lapa (18-XII-1980) foca de novo por carta a Da Cal os problemas do idioma da Galiza e as lutas que se travavam a respeito da ortografia. Insiste em que "a língua de cultura natural do galego deve ser o português; o castelhano será a sua língua política. Eu pretendi ladear a dificuldade, sugerindo apenas o ensino do português ao lado do castelhano. A proposta galega, pelo seu radicalismo, pode agora fazer aceitável a minha sugestão. As coisas estão a mexer, no bom, no justo sentido". Refere-se Lapa a uma "proposta dos moços galegos".

inteligente e trabalho tão vasto naqueles aspectos da sua obra que, realmente, fixam as fronteiras da sua universalidade no tempo e no espaço". Salienta Simões que, 135 anos depois do nascimento de Eça "nunca, estou certo, a sua glória foi tão viva como hoje", pois em 1980 conhecera-se o inédito TRF[233], saíra a terceira edição de *Vida e Obra de Eça de Queirós*, dele próprio, e pela BQ. Critica que Da Cal, a quem alude como "eminente bibliógrafo queirosiano", não registasse "essa peça capital para o estudo do grande traumatismo que foi na vida do romancista o ter sido repudiado desde o berço pela mãe" e que não figure o seu trabalho "Da Superficialidade do Romance Queirosiano". Também assinala uma gralha no seu nome, no Tomo 2º (José em lugar de João)[234], e que apareça grafado "Sterne" em lugar de "Stern". Porém, conclui ser a BQ "obra de vastidão" e "sem dúvida alguma o trabalho bibliográfico mais sério, minucioso, rigoroso, aprofundado que ainda foi feito sobre qualquer escritor nosso". Insiste, pois, em teses biografistas e na perspectiva psicologista, embora a valorização deste trabalho de Da Cal seja muito elevada.

Nesse ano publicou-se a terceira edição "novamente revista" do seu estudo *Vida e Obra de Eça de Queirós* e, no Prefácio, salienta a BQ como um dos trabalhos com dados que pudessem dar lugar a "qualquer rectificação ou ajustamento" das duas edições anteriores. Embora no "Índice dos nomes citados no texto" (Simões, 1980: 747-756) não figure Da Cal, sim é citado várias vezes, e mesmo como referência principal no "Posfácio", no qual se ocupa de "O problema de *A Tragédia da Rua das Flores*", e onde admite os contributos da BQ.

Nos EUA publicou-se *Eça de Queirós and European Realism*, de **Alexander Coleman**, quem reconhece (1980: IX) que Da Cal revisara partes do estudo. Alicerça-se na BQ para se referir às "tesouras moralizantes de Antero na primeira edição d'*O Crime do Padre Amaro*". Posiciona-se (1980: 166 e passim) a favor da argumentação de Da Cal sobre *A Relíquia*, e cita também (1980: 275-276) a tese exposta no DLPGB sobre *A*

233 Refere-se à primeira publicação do romance, por quatro editoras portuguesas e uma brasileira, consequência da entrada da produção do literato no domínio público. Como se verificará infra, as edições levantaram enorme polémica e delas se ocupa Da Cal no volume de *Addenda* da BQ (ver infra).

234 Da Cal (24-XI-1980) agradece-lhe por carta esta crítica. Desculpa a gralha do nome, e anuncia emenda na secção de Addenda e Corrigenda. Esclarece Da Cal: "Eu não me considero espanhol de berço, embora no sentido estrictamente jurídico o seja. [...] Sou galego de nascimento, e, já se vê, galaico-português de vocação –e, por vicissitudes da Guerra Civil de 1936, americano de passaporte. De acordo com o presente mapa político da Península Ibérica, porém, nasci na Espanha, mas parafraseando Swift – que se referia à sua naturalidade irlandesa— poderia eu dizer que "Christ was worn a stable, but that does not make him a pig" e se alguma vez tiver a alta honra de outra referência da sua parte, peço-lhe encarecidamente, como favor de amigo, de não me fazer 'espanhol'". Reafirma assim o seu independentismo galego e, ao frisar a irmandade e a identidade galego-portuguesa, Da Cal reivindica o seu direito a participar como um mais no CEL português, não como estrangeiro.

*Cidade e as Serras*. No entanto, é na bibliografia onde há um maior reconhecimento, ao figurar (1980: 320-322), na epígrafe "World Bibliography of Eça de Queiroz" onde reproduz o índice dos volumes publicados da BQ, junto com um resumo deles. Também utiliza várias teses de LEEQ. Coleman assume assim o discurso de Da Cal, e divulga-o num volume canonizador para Eça, ao apresentá-lo como figura cimeira do realismo europeu, e frisando Da Cal como o seu principal estudioso. **A BQ começava assim a ultrapassar as fronteiras luso-brasileiras**.

No final do ano, no *Diário de Notícias*, **Gaspar Simões** comenta esse estudo de Coleman e posiciona-se mais uma vez contra a crítica universitária, dando continuidade àquela luta que tinha nas últimas décadas, reivindicando o seu queirosianismo. Afirma (Simões, 18-XII-1980: 17 e 19):

> Em verdade, para a crítica de hoje as estruturas importam mais do que traumatismos psíquicos. Ora toda a grande ficção queirosiana, no plano da nossa crítica, uma crítica banida da esfera das Universidades, como, aliás, toda a grande criação literária e artística, deve mais, muito mais, ao Homem do que à Sociedade em que surge. O humanismo da crítica de outrora, superado pelo materialismo da crítica reinante, pode levar muito longe os estudiosos de Eça de Queirós, mas é mais fácil que eles se enganem pelos caminhos que toman do que se enganavam aqueles que antes deles seguiam por outros caminhos, caminhos menos técnicos. [...]
> Alexander Coleman, que augura para Eça de Queiroz, no século XIX, um lugar idêntico ao do romancista russo de Pais e Filhos (Turgueniev), lisonjeia-nos muito com isso. Já não nos lisonjeia tanto quando atribui a Eça valores a que ele não aspirou ou quando lhe explica a obra por prismas antes dogmas da crítica de hoje –sobretudo da crítica hodierna universitária– do que postulados da crítica de todos os tempos, crítica de valorização dos elementos criativos na obra de arte, elementos esses que, sempre pertencerão mais ao Homem –ao seu génio criador– que às estruturas ou a quaisquer outros específicos ingredientes técnicos de uma gramática literária formalista, seja ela qual for, ou venha ela de onde vier.

Afirma que este trabalho Coleman coloca-se "num plano muito diferente" do de Da Cal: refere-se a LEEQ como "trabalho notável" e "de base erudita", mas frisa que o de Coleman "resulta mais amplo, isto é, menos rigorosamente para iniciados". Mais uma vez reafirma a sua tese d'*A Relíquia* como obra inferior a *Os Maias* e em contra de Da Cal e de Coleman[235].

A metodologia de Da Cal continuava a espalhar-se a ser produtiva para trabalhos de outros estudiosos do CEL[236].

---

[235] Nesta recensão frisa que Da Cal o informou da sua nacionalidade norte-americana e "não é espanhol de berço, como eu pensava, mas galego ou galaico-português, como se orgulha de dizer".

[236] Como exemplos, **Jorge Vieira Pimentel** (I-1980) apoiou-se em LEEQ, num trabalho em *Arquipélago*, de Ponta Delgada. E em *Colóquio Letras* **Irwin Stern** (V-1980) põe em destaque o contributo do estudo de Carmela Nuzzi e frisa ter sido orientado no seu trabalho por Da Cal.

III.3.1.4.2.-A polémica pelo domínio público da produção queirosiana: As edições de *A Tragédia da Rua das Flores*.

Estar no domínio público a produção de Eça de Queirós propiciou o lançamento de numerosos volumes em diversas editoras. A Lello&Irmão coloca no mercado progressivamente as "obras semi-póstumas" e as "póstumas"; também Livros do Brasil faz lançamento da "obra póstuma", incluindo nela mesmo alguma adaptação teatral de narrativas de Eça. Em 1980-81 acrescentar-se-á a colecção do Círculo de Leitores[237]. Merece destaque a edição de *A Tragédia da Rúa das Flores*, que provocou forte polémica: Sairam ao mercado duas edições diferentes, uma em Livros do Brasil, com fixação de texto por Mascarenhas Barreto; e outra, na Moraes Editores, preparada por João Medina e Alfredo Campos Matos[238]. Da Cal tentou desencorajar estes últimos da empresa, insistindo nos argumentos de ser um texto que não merecia ser incluído no cânone queirosiano, mas sem sucesso.

As versões da narrativa tinham divergências importantes, e provocou-se forte polémica no CEL e na comunicação social, que duraram vários meses.

III.3.1.4.3.-A luta ortográfica da Galiza: Projectos e posições na Alemanha e no Brasil.

Em 1980 Da Cal tem um intenso contacto com Rodrigues Lapa e, através dele, com Isaac Alonso Estravis e José Luís Rodríguez, além de manter relação com Xavier Alcalá. A luta ortográfica na Galiza é assunto principal desse relacionamento, em que transparecem projectos de elaboração de produtos para intervir activamente nela[239].

---

237 No volume XI, de *Contos*, inclui-se referência à BQ, uma excepção em aquela colecção que, como outras, será duramente criticada no volume de Addenda e Corrigenda da BQ, em 1984 (ver infra).

238 São estas as duas principais versões, que alicerçaram outras posteriores. Em 1981 a Moraes publicou nova versão, uma "edição diplomática" ao cuidado de Eduardo Borges Nunes.

239 Na carta que encaminha para Lapa, afirma Da Cal (13-I-1980) que tem seguido o debate entre "lusistas" e "dialectistas" através de Xavier Alcalá. Valoriza que lhe parece por vezes divertido, e que o que mais lhe interessava era "a progressiva 'lusitanização' do vocabulário da língua de jornais, revistas e livros. Um dia, não longínquo, far-se-á a história da recuperação escrita do galego e poder-se-á traçar a gráfica dessa penetração salvadora. A autonomia virá fatalmente pôr nas mãos dos universitários formados na disciplina filológica o destino dessa 'fala' regional, que para ser 'língua' nacional terá que chegar a fundir-se com a sua irmã 'culta', na sala da expressão escrita e oral refinada, reservando para o coloquialismo mais íntimo da rua e do agro todo o seu 'sabor' e 'riqueza' folclórica; acervo este que como o localismo dos falares do campo português, do sertão brasileiro e dos novos 'sertões' africanos, contribuirá um dia para o enriquecimento poético-literário da grande língua ecuménica luso-universal". A respeito do trabalho lexicográfico, informa que se o *Vocabulário Castelán-Galego* que tinha publicado recentemente a editora Galaxia era suficiente, embora ainda não o conhecesse na altura, ele abondonaria o plano de fazer outro, e dedicaria esforços para um *Dicionário de Sinónimos da Língua Galega* "confeccionado com o mesmo critério 'maquiavélico' que ia determinar o outro, isto é, meter de contrabando todos quantos vocábulos portugueses da língua culta normal for possível, assim bem como de termos técnicos –desterrando todos os espúrios em uso procedentes do castelhano".

Lapa (23-II-1980) indica a Da Cal que tinha sido convidado para participar num Colóquio Internacional, em Tréveris, sobre "Tradição, actualidade e futuro do galego", e que ele sugerira ao

Aquele conflito linguístico internacionaliza-se com participação de especialistas de vários países que, na Alemanha e no Brasil, manifestam a sua posição ultrapassando assim os confins ibéricos em que, até aquela altura, se tinha reducido preferentemente.

Uma figura da Universidade brasileira, **Gladstone Chaves de Melo, defende publicamente o posicionamento de Da Cal e Lapa no Rio de Janeiro**, numa conferência proferida aos 10 de Julho e publicada (Melo, VIII-1980: 33-44) na *Carta Mensal* da mesma cidade brasileira. Nesta intervenção, subordinada ao título "A Reintegração Galego-Portuguesa", Melo reivindica o grande relevo de garantir para a língua portuguesa o maior número de utentes, e que se conservasse nas colónias africanas e na Galiza. A conferência, perante um auditório conformado preferencialmente por pessoas do Campo da Economia, alertava da importância da língua para este âmbito[240]. Esta intervenção pública, e a edição posterior,

---

organizador, Dieter Kremer, o seu nome para que o convidassem, frisando que, numa eventual ausência sua por motivos de saúde, gostaria que o seu trabalho fosse lido por ele.

Lapa (6-IV-1980) encoraja a Da Cal para que elabore algumas rúbricas do *Dicionário* galego que ideava e lhas amostrasse em novo encontro no restaurante Leão de Ouro, em 21 desse mês, em que ele estaria em Lisboa; e indica que solicitara da Livraria Couceiro de Compostela as *Bases ortográficas do galego* do Instituto da Língua Galega da USC, pois "Estou de acordo em que haja certa prudência, para não ferir susceptibilidades; mas receio, por outro lado, que o combóio se perca, por já não ir a tempo: o castelhano de Madrid conhece a brandura mole do galego e joga com ela, tem sempre jogado, para alcançar os seus fins. O Unamuno conhecia-nos muito bem: somos demasiadamente humanos, bonzinhos, falta-nos uma certa dureza para impormos a nossa razão, quando é imperioso fazê-lo, como agora". (Também lhe pergunta "a sua opinião sobre a publicação da 'Tragédia da Rua das Flores', que acabei de ler: foi uma tremenda 'gaffe' editorial": reprovação em que coincidia com Da Cal).

Lapa (14-V-1980) confirma a Estravis ter estado com Da Cal, e "deu-me umas amostras do seu dicionário de sinónimos, em que anda muito empenhado. Para que não venham a sair dois dicionários muito semelhantes, quero pedir-lhe com alguma urgência que me envie a mim ou a ele cópia de 2 ou 3 artigos do seu Dicionário, para que ele veja se vale efectivamente a pena fazer o dele. Acho isto fundamental".

Estravis (9-VI-1980) informa a Lapa não ter ainda enviado para Da Cal as amostras de artigos, mas "amanhã ou depois de amanhã o faço. Tenho mesmo interesse em contactar com ele". Fala das lutas na Galiza pela questão idiomática, e que talvez só um milagre pudesse mudar a situação, mas ele acreditava no futuro. Afirma ter lido e gostado do *Soldado Pratico* de Diogo de Couto, e frisa que este autor, como Camões "estão mais próximos ao dialecto galego do que ao dialecto português oficial. Não se zangue. Pena é que os galegos não leiam esses textos e outros muitos que são deles com pleno direito".

Da Cal (18-X-1980) anuncia a Estravis estar a elaborar um *Dicionário de Sinónimos da Língua Galega* e encontrar-se "quase no fim do 'A'" , e propõe acertar o seu projecto com o Dicionário em que trabalhava Estravis. Afirma Da Cal: "Vejo que os vosos critérios som coincidentes com os das DIRECTRICES PARA A REINTEGRACIÓN LINGUÍSTICA GALEGO-PORTUGUESA do Padre Montero Santalla, que me parecem excelentes. A maneira de as apresentar também me parece boa, pois neste asunto temos de ir com cautela, para non dar armas aos inimigos, que de boa ou má fé, querem que o galego escorregue mais e mais no terreno malacento de 'castrapo', que é a maneira de o fazer morrer como veículo da nosa cultura ao son patriótico da gaita e ao cheiro forte do lacón com grelos; querem perpetuar um dialecto para fazer dele a tumba natural do idioma. Esa grafia do voso dicionário é, com pequenas diferenzas, a que eu empreguei nos meus dois poemários [LAM e RST]" [...] Diz ter-se inteirado pelo boletim *Bendado* da publicação de um *Dicionário Básico da Língua Galega*, do Instituto da Lingua Galega, que encomendara.

[240] Melo ocupou-se com erudição do assunto e fez um percurso pela história da língua, desde as primeiras manifestações escritas em textos latinos do século IX, com referência demorada para a situação

internacionalizava no Brasil a questão da ortografia do galego, ao ser um reputado especialista quem defendia aquele posicionamento.

De 13 a 15 de Novembro celebrou-se em **Tréveris o *Coloquio científico internacional sobre Tradición, Actualidade e Futuro do Galego***, presidido por Joseph M. Piel, sob organização de Dieter Kremer, da Universidade de Tréveris, em colaboração com Ramón Lorenzo da USC. Participaram 50 pessoas, 13 da Galiza[241] e o resto de diversas nacionalidades, deslocadas de Holanda, Portugal, Brasil, Itália, Espanha, e uma ampla representação da Alemanha. Neste encontro, a delegação galega defendeu e esclareceu a nova orientação, que se resume na intervenção final de Ramón Lorenzo, perante uma pergunta do professor alemã Harri Meier, a que respondeu (Kremer e Lorenzo, 1982: 248): "Hai a *Xunta de Galicia* e neste momento vai chegar á conclusión de que nada de lusismo, nada de portuguesismo, senón galego". Aquele depoimento significava avançar que se ia desistir da linha adoptada nos últimos anos por Ricardo Carvalho Calero, aposentado da sua cadeira da USC em Setembro de aquele ano[242], e adoptar uma nova orientação, como assim com efeito se fará. Além das intervenções de Alonso Montero e Lorenzo, outras que defendiam uma mudança da posição oficializada pelo Governo

---

da Galiza e a fortuna da língua comum –da qual oferece como modelo uma *Cantiga* de Afonso X– após a separação política. Data em 1828 o início da recuperação do galego, salientando o contributo de Rosalia de Castro, e põe em destaque o movimento de Reintegração, de que assinala como precedentes Manuel Murguia, Murias ou F. Tettamancy. Afirma (Melo, VIII-1980:41): "Entre os integracionistas, enfileiram-se hoje homens como Ernesto Guerra da Cal, professor da Universidade de Nova Iorque e mundialmente famoso por seu trabalho sobre o estilo de Eça de Queirós. Pilar Vásquez Cuesta, professora da Universidade de Madri e autora de uma excelente gramática portuguesa para espanhóis. Valentim Paz-Andrade, Carlos Durán, Isaac Alonso Estravis, Higinio Martínez Estéves, Xosé-Luis Rodríguez e muitos outros, que seria longo e fastidioso enumerar, sem esquecer, em todo caso, Ricardo Carballo Calero, que vem, com pertinaz insistência, há anos, escrevendo sobre a reintegração e defendendo-a". Demonstra um bom conhecimento da situação e alude à proposta de Montero Santalla. Insiste em que se abria com este posicionamento galego (Melo, VIII-1980:44) "uma recente possibilidade de se aumentar o número de falantes de português e, assim, aumentar-se a importância política do nosso idioma. E, para mim, tem um sabor a mais: o reencontro de dois irmãos, que se separaram há cerca de seiscentos anos".

[241] Segundo a relação incluída nas actas, foram elas (Kremer e Lorenzo, 1982: 259-261): dois representantes oficiais do Governo autonómico, o Conselheiro da Cultura Alexandrino Fernández Barreiro e o Secretário de "Relacións e Intercambios Culturais", Victorino Rosón Ferreiro; e os professores Xesús Alonso Montero, Xosé Filgueira Valverde e esposa, Constantino García e esposa, Ramón Lorenzo, Antón Santamarina e Benito Varela Jácome; e Ramón Piñeiro e esposa. Também esteve Xosé Luís Pensado (e esposa), da Universidade de Salamanca; e J. A. San Gil, Conselheiro Cultural da Embaixada de Espanha em Bona.

[242] Alonso Montero e Ramón Lorenzo fizeram referência a esta nova situação de Carvalho Calero e os dois atacaram a orientação que este tinha dado à cadeira, e igualmente criticaram Lapa, segundo consta (Kremer e Lorenzo, 1982: sobretudo nas pp. 236 e ss.) nas *Actas*. Lorenzo qualificou de (Kremer e Lorenzo, 1982: 247) "desgracia" a intervenção de Lapa e o posicionamento de Carvalho Calero, afirmando que a normativa promocionada desde a Cátedra de Lingüística e Literatura "fixo un mal gravísimo á lingua galega, con esta posición tan absurdamente portuguesa". Alonso e Lorenzo defenderam que devia continuar-se a tradição ortográfica iniciada no século XIX.

autonómico foram as de Constantino García, Ramón Piñeiro, Xosé Filgueira Valverde, Antón Santamarina e Benito Varela Jácome.

Não esteve presente Rodrigues Lapa[243], que enviou resumo de comunicação, como tinha anunciado a Da Cal, sob o título "Princípios básicos para a criação de uma língua literária comum"[244]. O principal defensor da posição Reintegracionista foi Celso Cunha[245], quem discordou com Alonso Montero porque (Kremer e Lorenzo, 1982: 244):

> uma ortografia é uma convenção em última análise. O Brasil e Portugal até hoje não chegaram a uma ortografia única, por mais que se tenham aproximado. Uma ortografia nunca pode ser fonética, é fonológica. De modo que essas pronúncias galegas, eu acho que caberiam num sistema assim flexível como é o sistema português. [...] De modo que também eu acho que o que se precisava é de estudar em profundidade a questão da ortografia.

Uma questão que se internacionalizava como nunca antes, e que na Galiza mudará de rumo com o apoio decidido dos galegos presentes naquelas sessões (ver infra).

III.3.1.4.3.1.-A "adaptação" ortográfica de Da Cal por Fernández del Riego.

Na primavera de 1980, Galaxia publicou uma *Antoloxía da Poesia Galega. Do Posmodernismo aos novos*, preparada por Francisco Fernández del Riego. Inclui Da Cal, escolhendo dele quatro composições (Del Riego, 1980: 230-236): "Morriña [sic] de río e lúa", "Mnemosyne", "Paisaxe viaxeira" e "Auto-retrato", de LAM e de RST. Neste volume, a ortografia de Da Cal é "adaptada" sem respeitar as marcas

---

243 Entre os ausentes, segundo assinala Kremer, estavam também (Kremer e Lorenzo, 1982: 7-8) M. C. Díaz y Díaz, Camilo José Cela, Lindley Cintra, A. Zamora Vicente, J. M. d'Heur, A. Moralejo Laso, Hans-Karl Schneider, Ricardo Carvalho Calero e Orlando Ribeiro, que foram convidados.

244 Neste trabalho o professor português lembra os seus contributos, em especial o volume de estreia da Colecção Noroeste, e insiste nas suas teses. Cita o decreto publicado em 1973 que possibilitava o ensino do português na Galiza, afirmando ter sido (Lapa, 1982: 236) "uma astúcia do governo espanhol: o ensino era condicionado pelo número de alunos de modo que não apareceu nenhum curso de português". Refere também o posicionamento de Julio Camba e W. Fernández Flórez, para concluir (Lapa, 1982: 236) "a necessidade e urgência de se promover o ensino do português na escola galega".

245 A organização decidira incorporar (Kremer e Lorenzo, 1982: 8) "no último momento" uma comunicação de Cunha sobre "A edição dos textos medievais galego-portugueses e alguns dos seus problemas", embora não se contasse em princípio com a sua presença pois, segundo assinalou Dieter Kremer (Kremer e Lorenzo, 1982: 7-8) "unha sorpresa moi agradable foi a chegada a última hora de Celso Ferreira da Cunha, como representante oficial do ministro E[duardo] Mattos Portela e do Ministerio de Educación e Cultura de Brasil e como eminente representante da Lusitanística". Kremer admite que "A tentativa de garantizar unha ampla difusión internacional non se viu coroada polo éxito", acrescentando que "é de lamentar especialmente a ausencia dos representantes franceses, aínda que tamén faltaban algúns especialistas de España, Portugal e Alemaña".

reintegracionistas[246]. Isso provocará um incidente com Da Cal, que se insurge contra aquela actuação, para a qual não se lhe tinha pedido autorização[247].

III.3.1.4.4.-Alonso Montero reclama esclarecimento de Da Cal sobre os *Seis Poemas Galegos* de Lorca.

Também esse ano a polémica sobre os *Seis Poemas Galegos* (SPG) de Federico García Lorca teve novo episódio, esta vez na revista madrilena *Triunfo*, uma publicação muito referencial pela sua defesa da democracia e das liberdades em que encontravam audiência produtores ligados ao Partido Socialista Obrero Español, Partido Comunista e outras organizações da esquerda. Manifestou-se sobre o assunto Alonso Montero, no artigo "Blanco Amor, los poemas gallegos de García Lorca y una incógnita". Põe em destaque o relevo dos SPG para a Literatura Galega, pois os versos deste produto lorquiano (Alonso Montero, 12-IV-1980: 42)

> Llevaron la voz gallega del poeta García Lorca a miles de lugares, sin excluir aquellos adonde aún no habían llegado los versos de Rosalía de Castro, ni los cantos de Curros Enríquez, ni las prosas de Castelao. El gallego, como idioma literario, llegó por primera vez a no pocos lugares del mundo culto en la voz de Lorca, en el encanto y en el prestigio, entonces casi mítico, de García Lorca.

Questiona se esses poemas os escreveu Lorca e afirma que a primeira palavra tinha-a Blanco-Amor, referenciando diversos depoimentos do escritor ourensano sobre o

---

246 Na antes citada carta de Da Cal a Estravis, a respeito deste proceder de Del Riego, afirma Da Cal (18-X-1990): "(Nuha recente antologia do meu amigo Paco del Riego, aparecem os meus poemas por ele selecionados serviçalmente vestidos com grafia indígena, imagine Vde.!)".

247 Fernández del Riego, em entrevista pessoal realizada com ensejo da presente pesquisa, justificou aquela actuação no intento de harmonização ortografica, pois Da Cal era o único que discordava. No entanto, o facto de proceder de aquela maneira servia também para silenciar a posição reintegracionista, inexistente segundo esta antologia, sendo assim um elemento mais, e muito significativo pela orientação deste manual para o ensino, da luta ortográfica.

Na apresentação biobibliográfica dos autores, Del Riego salienta de Da Cal (Del Riego, 1980: 28): "como crítico literario escribíu un libro fundamental sobre Eça de Queiróz"; cita LAM e RST como produtos de poesia, que valoriza deste modo: "Neles reviven, por obra e gracia da saudade, os dous lugares da infancia, de 'calma milenaria', as marxes encantadas do Sil, a 'vila verdemar' de casas brancas e rúas estreitísimas. Da Cal regresa deliberadamente ao 'clima' de sabia inxenuidade das medieváis cantigas de amigo" finalizando com uma citação do texto prefacial de Jacinto do Prado Coelho.

No volume incluem-se 67 produtores, de Manuel Antonio a Dario Xohán Cabana, ordenados cronologicamente, e concluindo que da sua leitura (Del Riego, 1980: 11) "chegarase á conclusión de que a vixencia da poesia no noso país obedece a unha natural inclinación dos seus homes, que sempre a cultivaron e que mesmo se aferraron a ela en momentos de crise".

Em todos os casos a antologia é uma colecção escolhida, excepto num: Federico García Lorca, de quem se incluem, íntegros, os SPG, sem justificar essa preferência. Afirma a respeito deste produto que (Del Riego, 1980: 26) "Un día calquera García Lorca propúxose facer versos na nosa lingua e publicóu entón o libro *Seis Poemas Galegos*, Santiago, 1935. Non son éstes –como dí o seu prologuista–, poemas eruditos elaborados por virtuosismo e presunción em fala emprestada; son, pola contra, versos tan naturáis, tan irremediables e tan 'inspirados', como os que dexergaba na sua súa lingua de sempre". O nome do prologuista encontra-se (Del Riego, 1980: 511) na "Cronoloxía histórico-literaria" do final do volume, mas sem qualquer referência à participação de Da Cal.

assunto, frisando o artigo em *Ínsula* em 1959 e a entrevista com Carlos Casares em 1973. E acrescenta (Alonso Montero, 12-IV-1980: 42):

> Aunque aparezcan los manuscritos, hasta hace meses en poder de Blanco-Amor, los investigadores necesitan una pormenorizada declaración de Guerra da Cal. Si no aparecen, su declaración sería aún más valiosa, pues aclararía, con más o menos precisión, la intervención real de Blanco-Amor en este pleito textual. [...]
> Sea o no así, Ernesto Guerra da Cal, pieza clave en este proceso textual, debería renunciar a su mutismo. Que los investigadores, por coherencia con el oficio, lo emplacen, no excluye que yo se lo pida con la mejor cortesía[248].

Da Cal continuava assim a ser interpelado por um assunto que se considerava na altura central para a língua galega, pelo prestígio do produtor andaluz e o facto de, como sublinhava Alonso Montero, ter favorecido a difusão do idioma. Havia interesse em que Da Cal falasse para acrescentar o interesse por aquele poemário, que tanta polémica levantava. Conhecedores da projecção internacional atingida por aquelas composições, queria-se estabelecer a génese certa e esclarecer definitivamente assuntos sobre os quais não existia consenso, sobretudo se é que Lorca sabia ou não galego, e se aqueles versos eram originais ou traduzidos. Da Cal aparecia assim como personagem central, em 1980 mais ainda que antes, ao estarem mortas as outras três pessoas com implicação directa no produto: Lorca, o editor Ánxel Casal, e também o prefaciador Eduardo Blanco-Amor.

Esse ano publicou-se a terceira edição da *Historia da Literatura Galega Contemporánea 1808-1936*, de Ricardo Carballo Calero, em que ao estudar os SPG (Carballo Calero, 1981: 728-730) descansa nos testemunhos de Martínez Barbeito (1945) e de Blanco Amor (segundo a entrevista concedida a Carlos Casares em 1973, não cita nenhum dos trabalhos próprios do produtor ourensano) para sublinhar a participação de Da Cal, sem entrar na polémica. Carballo Calero analisa o produto publicado em 1935 e aponta hiperenxebrismos que, afirma, (Carballo Calero, 1981: 730) "todos eles correntes no lésico poético dos novecentistas".

[248] Estes parágrafos do artigo encontram-se reproduzidos no verbete sobre García Lorca que Alonso Montero (1980: 183-190) realizou para a *Gran Enciclopedia Gallega*, e que possivelmente se publicasse num fascículo esse mesmo ano. Pelo tratamento que se lhe oferece, com amplidão de dados e inclusão de iconografia, Lorca é dos produtores literários melhor tratados nesse repositório, frisando-se a respeito da fortuna editorial dos SPG que (Alonso Montero, 1980: 187) "talvez se supere el centenar [de ediciones] si tenemos en cuenta su inclusión en obras completas, antologías, misceláneas, etc. [...] Docenas de veces apareció este poemario en boletines y revistas de la Galicia emigrante en los años en que no era fácil publicarlos en la Galicia interior", indicando também as traduções.

III.3.1.5.-Progressão no CEL em Portugal, e retrocessão na Galiza, em 1981.

O Governo de Portugal, por indicação de Da Cal, encomenda a Carlos Reis, em 1981, o estudo do espólio de Eça de Queirós. Alicerçar-se-á esse trabalho na BQ, repositório que recebe novas críticas, sempre favoráveis; e multiplica a produtividade. Esse ano também sairá a "edição definitiva" de LEEQ e publica dois novos trabalhos, um sobre Machado de Assis e outro sobre Lope de Vega, em que insiste na metodologia da estilística e a literatura comparada, apontando novas vias para o CEL. Tudo contribui para a sua elevada consideração e valorização, como se evidencia no convite oficial para participar nas "Festas e recepções em honra do Presidente João Figueiredo[1]".

Enquanto as instituições governamentais portuguesas o favoreciam, na Galiza (após a aprovação do Estatuto de Autonomia, em Dezembro de 1980) propõe-se mudar a normativa ortográfica promocionada por Carvalho Calero. Em Julho, na Real Academia Gallega, aprova-se uma alternativa apresentada pelo Instituto da Lingua Galega da USC, alicerce para a aprovada em 1982 e efectivizada em 1983, o que suporá uma retrocessão para o reintegracionismo. Em Outubro de 1981 legalizou-se a Associaçom Galega da Língua (Agal), após numerosas gestões e reuniões, que supõe por vez primeira a constituição de um grupo organizado para promocionar essa doutrina na Galiza. Da Cal segue a actualidade galega[2] e reata o contacto com Carvalho Calero[3]. Na *Gran Enciclopedia Gallega* foi-lhe dedicado um verbete, que contribuirá para uma

[1] Assim o testemunha a reportagem fotográfica publicada pelo jornal *A Tarde* (Sem Autor, 7-II-1981), em que Da Cal aparece na companhia de Leonardo Matias, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e com Manuel José Homem de Mello, conde de Águeda. Uma referência que demonstra a aceitação e a autoridade que se lhe reconhecia. O presidente brasileiro, que tivera como ministro Eduardo Portella, encontrava-se de visita oficial (Sem Autor, 2-II-1981) de 1 a 6 de Fevereiro.

[2] Em carta a Isaac Estravis, Da Cal (22-X-1981) indica que, além de *A Nosa Terra* também estava assinado e recebia as revistas *Encrucillada*, *Man Común* e *Grial*.

[3] Da Cal (31-X-1981), em carta para Carvalho Calero, lembra o encontro em Valença do Minho, na década de 50, ao qual acudiram outros galeguistas, e assinala: "É inconcebível que alguns dos nossos amigos daquela juntança minhota, onde pela primeira e única vez nos vimos, embandeirem hoje no campo oposto". Manifesta-lhe ter "falado muito de si" com Rodrigues Lapa. Afirma que leu em provas o volume *Problemas da Língua Galega*, e anuncia recensão do livro em *Colóquio-Letras*. Alude ao seu desgosto pela *Antologia* de Fernández del Riego, por incluir poemas seus com grafia modificada, sem lhe ter consultado: "Isso é uma tropelia", diz; e salienta que as correções ortográficas afectam "à própria natureza intrínseca dos poemas que forom concebidos em termos líricos galaico-portugueses tanto na essencia como na forma". Indica que, desde a morte da mãe, não voltou à Galiza e "sei portanto pouco da 'real realidade' das cousas –como diria Fradique Mendes". Afirma que "estou trabalhando num obeso *Dicionário de Sinónimos do Idioma Galego*", e que "morto o Cunqueiro, Vde. é da nossa geração a única pessoa com quem tenho uma identidade de posiçóns em relaçóm aos nossos problemas". Na sequência da presente pesquisa não se conseguiu documentar, apesar de a procurar, relação epistolar entre Da Cal e Cunqueiro, que talvez contribuísse para esclarecer a amizade entre eles que parece concluir-se desta carta a Carvalho Calero.

maior projecção na Galiza[4]; e Alonso Montero (9-I-1981) publica em *Faro de Vigo* um artigo que será arvorado como uma das provas principais para demonstrar a não participação de Da Cal na elaboração do primeiro dos SPG de García Lorca[5]. No plano pessoal, preocupava-se por cuidar a sua saúde, de colaboração com a esposa, Elsie[6].

III.3.1.5.1.-Eça de Queirós, questão de Estado em Portugal: O estudo do espólio.

O Presidente do Instituto Português do Livro, António Alçada Baptista, encomendou a Carlos Reis, Professor da UC, a execução do estudo do Espólio de Eça de Queirós, propriedade do Estado. Da Cal, a primeira opção para esse empreendimento, renunciara em favor de Reis, a quem só conhecia pela sua produção, não pessoalmente[7]. Eça de

---

[4] O trabalho publica-se nos finais desse ano, e está acompanhado de fotografia de Da Cal, Ramón Piñeiro e Fernández del Riego. Afirma que o seu nome era "seudónimo literário de Ernesto Pérez Guerra". Salienta LEEQ, frisando (Sem autor, 1981:15): "La decisión de Da Cal de dedicarse a la enseñanza de la literatura portuguesa obedece a que, como declara en el prólogo de su tesis, en ella vio realizado el destino que las circunstancias históricas impidieron que tuviese la literatura gallega. […] siempre mantuvo contacto con la cultura gallega de la cual hizo numerosos entusiastas, como son los casos de Machado da Rosa y Anne Marie Morris". De LAM e RST valoriza: "recogen una añorante melancolía de su Galicia natal, además de poner en práctica una aproximación ortográfica al portugués", e outros trabalhos científicos, com imprecisões. Como bibliografia sobre ele oferece-se só o estudo de Ramón Martínez López no volume *El exilio español* (ver supra), de que se reproduzem alguns erros.

[5] Neste trabalho, Alonso Montero refere um encontro, celebrado em 29-XII-1980 em Madrid, com Francisco Lamas, um dos organizadores da visita de García Lorca a Lugo em 1932, organizada pelo Comité de Cooperación Intelectual de Lugo, e que conservava um texto autógrafo do primeiro dos SPG pendurado na parede do seu escritório. Segundo depoimento de Lamas, aquele poema (Alonso Montero, 9-I-1981: 22) "foi escrito 'en menos de media hora', un día de novembro de 1932 na trastenda dun comercio de gramolas que tiña en Lugo Luis Manteiga, escritor que haberá que descubrir o día que o propio Lamas revele textos e pistas que ninguém parece ter. Testigos e 'asesores' idiomáticos da boa nova: Luis Manteiga e Francisco Lamas, a quen pertenece o autógrafo que reproducimos neste número. [...] Velahí está o texto autógrafo e tamén o cronista –Francisco Lamas– da súa xestación e das súas circunstancias". Este relato será utilizada nos anos seguintes em diferentes ocasiões por Alonso Montero em trabalhos sobre os SPG. Da Cal oferecerá uma versão diferente, publicada por Ian Gibson (1987, ver infra) de que se infere ter sido também ele colaborador nesta composição.

[6] Em carta para Carlos Reis, Da Cal (5-XI-1981) afirma serem "das 9 às 11:30 da parte da manhã ou das 5 até as 10 ou 10:30 da tarde e noite" as melhores horas para contactá-lo, pois "Habitualmente eu ocupo o centro do dia em nadar –uns 600 m. diários– e andar –entre 7 e 8 Km., em companhia da minha Mulher, que também é desportista. Nessas horas também tomamos dois cafés –um nas Arcadas estorilenses e outro em Cascais, e lemos a imprensa nacional e internacional". Mantinha-se portanto em forma, com exercício físico e actividade social.

[7] Da Cal (15-V-1981) comunica-se por vez primeira com Carlos Reis. Agradece o envio da segunda edição do estudo narratológico de Reis, frisando ser conhecedor da primeira, que lera "com o mais vivo interesse e com considerável enriquecimento pessoal", e põe em destaque o acerto "empolgante acréscimo do Capº III" [em que Reis privilegia três questões, sob as epígrafes "As facetas da autodiegese: *O Mandarim* e *A Relíquia*", "Homodiegese: do *Conde de Abranhos* à *Cidade e as Serras*", e "Niveis narrativos: *A Ilustre Casa de Ramires*", com o fim de exemplificar a esclarecer a metodologia narratológica que defendia nesse trabalho académico]. Da Cal retribui com o trabalho sobre *A Relíquia* e mais o volume publicado na UFRJ. Anuncia a nova edição de LEEQ, bem como o "IV, e último volume" da BQ. (Demora a resposta a Reis, porque "estive muito aflito a braços com uma persistente otite dupla", segundo esclarece).

Da Cal (13-X-1981) em carta a Carlos Reis, afirma: "E fico radiante de vaidade, pensando na parte que me possa caber, por mínima que ela seja, na sua vocação queirosiana –que já deu tão profícuos frutos e dará ainda muitos mais [...] Não tem que me agradecer nada a respeito da minha indicação, ao

Queirós convertia-se em questão de Estado, o que significava colocá-lo num lugar de centralidade para os interesses da identificação de Portugal.

Reis escolherá como guia para o seu labor a BQ, e mostrar-se-á agradecido quando saiba que fora Da Cal quem o tinha indigitado para essa tarefa, que representava uma promoção importante. Isso suporá que, a partir desse ano, se estreitem as relações e a aproximação entre eles. Inicia assim um novo contacto com uma pessoalidade que atingirá grande projecção na vida académica e política portuguesa.

A respeito da produtividade dos estudos queirosianos de Da Cal, em Janeiro, na *Colóquio/Letras*, **João Medina** recenseia as edições de *Dicionário de Milagres* e reprova a de *A Tragédia da Rua das Flores* realizada por Livros do Brasil. Exige "a dignidade, o rigor e os cuidados" para os textos de Eça, após o interesse editorial, uma vez que tinham caído no domínio público. Defende não pertencer o *Dicionário de Milagres* ao cânone queirosiano (Medina, 1981: 76) "como o diz com a sua abalizadíssima competência E. Guerra Da Cal", citando a BQ.

No *Jornal de Letras* (Lisboa), num contributo de **Alfredo Campos Matos** sobre Valery Larbaud apela-se Da Cal para assinalar ter sido o produtor francês (Matos, 28-IV-1981) "o primeiro crítico a relacionar *A Relíquia* com o romance picaresco do tipo clássico espanhol". Assume Matos a teoria de Da Cal e ajuda a difundi-la num meio privilegiado pela novidade[8] e importante difusão que tinha.

**Carlos Reis**[9] ocupou-se da tradução do estudo queirosiano de Carmela Nuzzi, na *Colóquio Letras* (V-1981: 84). Na recensão reprovou "o desconhecimento (cf. Pp. 8 e 155) relativamente a recentes estudos sobre a técnica narrativa de Eça, alguns dos quais

---

António Alçada, do seu nome como a pessoa mais altamente qualificada para realizar a organização e estudo dos manuscritos originais da obra do Eça, adquiridos pelo Estado, e depositados na Biblioteca Nacional, sob a alçada do Património Nacional. De facto, nessa minha indicação havia uma total isenção, e nenhum 'parti pris', visto nessa altura o único conhecimento que eu tinha do meu Amigo era a leitura dos seus trabalhos –e olhando à volta, quando o Alçada Baptista me pediu para eu me encarregar desses trabalho –que nem pela disposição nem pela idade podia aceitar— eu logo pensei em si como o único 'scholar' queirosiano idóneo para essa tarefa, –que é a longo prazo. Ora bem, o que posso acrescentar é que estou enteiramente ao seu dispor para o ajudar e será para mim imenso prazer recebê-lo na minha casa".

[8] É esta a primeira vez que Da Cal aparece referenciado nesta publicação, de periodicidade quinzenal, que se lançara em 3-III-1981, e que atingirá com a passagem dos anos uma posição central em Portugal para os CL e CEL, tendo bom acolhimento desde o início pela novidade com que tratava os temas respeitantes a esses campos e à cultura portuguesa e internacional em geral. No número 2, um anúncio de Edições Almedina publicitava 35 livros, entre eles *Linguagem e estilo de Eça* (sic), a nova versão de LEEQ, que ainda tardou uns meses em se publicar (ver infra). Na colecção assinalavam-se contributos de especialistas de relevo para os estudos literários, entre eles Vítor de Aguiar e Silva, Leodegário de Azevedo Filho, José Oliveira Barata, Clara e Andrée Crabbé Rocha, ou Carlos Reis. Também o estudo sobre Camões de José Filgueira Valverde.

[9] Em Junho publicou-se a terceira edição de Técnicas de *Análise Textual*, em que Reis mantém o mesma valorização a respeito de LEEQ que nas anteriores (ver supra).

mencionados já na respectiva secção da bibliografia queirosiana do Prof. Guerra da Cal"; palavras com as quais reivindicava respeito para o seu trabalho, e outros, ausentes nas citações, e contribui para sublinhar a referencialidade da BQ[10]como repositório de consulta para os especialistas em Eça de Queirós.

No jornal *O Primeiro de Janeiro,* **Gaspar Simões** relembra a efeméride, em Novembro, dos 135 anos sobre o nascimento de Eça de Queirós. Cita LEEQ como (Simões, 10-V-1981) "estudo notável sobre a língua e o estilo de Eça de Queirós, a que apensou uma série de volumes de exaustiva bibliografia" e refere-se a Da Cal como "galego de berço –ou luso-galego como ele costuma dizer— e norte-americano de passaporte". Simões defende ser o estudo de Coleman, "depois" do de Da Cal o de maior importância dos realizados no estrangeiro sobre Eça de Queirós; e insiste nos seus pressupostos metodológicos, em mais um intento de tentar manter a centralidade.

**José-Augusto França** recenseia no *Diário de Lisboa* o volume terceiro da BQ. Valoriza-o de (França, 3-VIII-1981) "utilíssimo". Esta crítica é um reconhecimento que oferecia um valor acrescentado para a BQ, que ultrapassava o interesse no CL e no CEL e era referência também para o da produção de artístas plásticos, um campo em que França era uma reputada autoridade em Portugal.

**Luís Forjaz Trigueiros,** em *O Primeiro de Janeiro,* julga modelares os estudos queirosianos de Da Cal, e solicita que se reconheça esse trabalho pelo seu pioneirismo e valor para a cultura portuguesa. De LEEQ, afirma (Trigueiros, 26-VIII-1981):

> não pode ser considerado uma obra pioneira porque julgo ser impossível a partir dele descobrir algo de novo na área da análise estilística da obra queiroziana. Guerra da Cal esgota-o, com a sabedoria do cientista literário, a devoção beneditina do místico e o amor ardente do apaixonado [...] Guerra da Cal –e a opinião não é minha, mas de muitos outros– desmontou neste livro-chave todo o mecanismo da prosa queiroziana e no que ela tem de 'revolucionário' (forma, conteúdo, técnica, mistério criacional e ao mesmo tempo obra-prima laboratorial) pôde encontrar ocultos –e revelá-los– muitos dos cânones da mais alta poesia.

Frisa o "estilo literário muito pessoal" desse trabalho, qualificando-o de "um grande prosador [...] O estilo de Guerra da Cal é claro e sóbrio e, ao mesmo tempo, musical e rijo", reivindicando LEEQ como referência para o ensino. Na continuação, ocupa-se da BQ, que julga "gigantesca", e conclui tratar-se de um (Trigueiros, 26-VIII-1981):

> empreendimento, único no seu género e em qualquer parte do mundo: se não estou em erro nenhum outro autor, por mais afamado e por mais relevante que seja a sua importância histórica e didáctica, como é o caso de Eça de Queirós, terá merecido assim

[10] Nesta recensão Reis coloca reparos de teor metodológico, mas frisa o "destaque conferido a um texto pouco acessível: a primeira versão d'*A Ilustre Casa de Ramires*", que lhe facilitara Da Cal.

> obra de informação, que implicitamente é obra de História, tão completa e tão sistematicamente organizada. É uma vida inteira de trabalho.

Solicita que "a nível nacional" se demonstre "gratidão" a Da Cal "pelo seu trabalho científico de investigador, crítico e historiador queiroziano e de doutíssimo estudioso de temas culturais portugueses". Apesar do grande número de queirosianos, conclui:

> A obra de Guerra da Cal, porém, é única no seu género e sobreleva a qualquer outra, não só pelo mérito intrínseco mas também pelas novas e até há pouco imprevisíveis pistas que sugere. É a obra de um professor que, por ser, além de puro 'scholar', escritor e poeta, realiza nos seus trabalhos a síntese da sua personalidade humana. Que a sua discrição natural que vem de uma consciência monástica do trabalho e de uma natural indiferença desportiva por certo tipo de glórias, que o seu alheamento deliberado das tertúlias, capelinhas e sacristias culturais, me perdoem ter pela minha parte cumprido, tão pobremente embora, o que entendo ser meu dever.

Oferece assim o maior destaque ao contributo dacaliano, num trabalho consagrador, que reproduzirá (Trigueiros, IX-1981 e X-1981) no *Jornal de Letras* do Rio.

Na revista *Iberoromania*, da Universidade de Tubinga (Alemanha), **Manfred Komorowski**, professor da de Duisburg, valoriza que o volume de bibliografia activa da BQ indica o caminho para edições mais autênticas. Diz ter ficado impressionado pela vasta bibliografia passiva, mesmo se questiona se não será excessiva a exaustividade. A BQ poupa muitos esforços aos seus utilizadores, acrescenta. Julga-a de produção exemplar, uma enciclopédia bibliográfica como não existe para outro autor português, e que deverá estimular empreendimentos semelhantes em Portugal e no Brasil.

Na "Introdução" a *Páginas de Jornalismo*, **Aníbal Pinto de Castro**, professor da UC, cita (Castro, 1981: XXIII- XXXI) o trabalho de Da Cal sobre o *Parnasse Contemporain*, LEEQ, e a BQ. Coincide com o trabalho de Da Cal no respeitante a valorizar a (Castro, 1981: XXXI) "sistematização, deslocações ou aglutinações de textos" proposta na "modelar *Bibliografia Queirociana*". Desde modo, desde a UC contribuia-se para promocionar este respositório.

Os tomos I, II e III da BQ servem de referência para **Joaquim Palminha Silva** (1981), no estudo *O nosso cônsul em Havana: Eça de Queiroz*, com o que a BQ confirmava a sua validade como guia para novos produtores, e afiançava-se como referência.

**Manuel dos Santos Alves**, em *Iberica III*, publicação da Universidade da Sorbona, alude à genese de Fradique indicada por Da Cal no verbete do DLPGB e no trabalho sobre *Le Parnasse Contemporain*. Reivindica maior presença de Leconte de Lisle na

produção queirosiana que a assinalada nesses trabalhos dacalianos, mas reconhece como Da Cal trilhou novos caminhos de que agora ele, como outros, beneficiavam[11].

No Brasil, no *Pequeno dicionário de Literatura Portuguesa*, **Francisco Maciel Silveira**, da Universidade de São Paulo, recomenda consultar, para a informação sobre Eça, LEEQ e o estudo de Maria Luísa Nunes que lhe orientara Da Cal.

Observa-se como em Portugal e no exterior produtores veteranos e bem assentes, junto com outros novos, coincidem em valorizar elogiosamente o contributo queirosiano de Da Cal, que se arvora assim como modelar para o estudo do produtor português.

III.3.1.5.2.-Tradução "definitiva" de LEEQ e novos contributos no CEL.

Esse ano publicou-se nova edição de LEEQ. No livro indica-se ter sido composto e impresso em "Novembro de 1981[12]". Informa na capa de se tratar da "terceira versão portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal". Inclui uma "Nota do Autor para esta edição", em que Da Cal justifica a reedição pela procura que ainda havia do mesmo, segundo lhe indicavam editores e livreiros, o qual demonstrava o interesse e validade didáctica "apesar do tempo decorrido e das novas correntes aparecidas no campo da análise literária –sujeito como qualquer outra área da actividade humana à tirania das modas"; mas também pelo desejo "de ver em letra redonda uma versão portuguesa que de maneira plena satisfizesse todas as nossas exigências de exactidão e de matização expressiva", que se consegue só, como nesta tradução da sua segunda esposa, por uma "situação de completa compenetração mental de autor e tradutor". Afirma que do texto de 1954 "não encontramos nada a rectificar", excepto na Bibliografia. Não varia o estudo[13] e destaca as críticas recebidas, como elemento legitimador. Enquanto Gaspar

---

11 Alves enviará o texto desse trabalho para Da Cal, com dedicatória muito elogiosa.

12 No entanto, já se anunciava muitos meses antes (Sem Autor, 17/30-III-1981; e em outros produtos da editora, como na contracapa da terceira edição do volume de Carlos Reis *Técnicas de Análise Textual*). O livro está inserido na "Colecção Novalmedina", em que figuram outros textos que visavam funcionar como referencialidade para as Humanidades, de portugueses como Reis, Mário Vilela, José Carlos Seabra Pereira, Maria Luísa Araújo Marchon, Carlos Filipe Moisés, António Simões ou José Oliveira Barata, mas também de especialistas estrangeiros.

13 Inclui como "Pórtico" (1981:9-36) o trabalho de Euryalo Cannabrava publicado na edição brasileira. As principais diferenças a respeito da versão de Helena Moura são informar (pp. 46-47, n. 12) da aquisição em 1976 pelo Estado do espólio de Eça, depositado na Biblioteca Nacional sob custódia da Direcção-Geral do Património; banir as referências ao projecto do segundo tomo de LEEQ; confirmar (pp. 51, nota 27; e 372, nota 7) a publicação da BQ, informando que o quarto volume se encontrava no prelo; na Bibliografia inclui (pp. 377-380) os índices dos tomos editados da BQ e avança-se que o tomo 4º incluiria a maiores cinco "Índices de Consulta" além da Addenda et Corrigenda. Mantém-se (pp. 380-387) o "Elenco das obras citadas neste estudo", e (pp. 387-391) acrescenta nova epígrafe, de "notícias, resenhas e recensões críticas sobre as edições anteriores do presente estudo". Na contracapa figura fotografia a cores de Da Cal, com destaque para a acolhida de LEEQ: "47 resenhas e recensões em 7

Simões e outros alteravam trabalhos, ele reclamava validade para o seu. Admitia o surto de novas metodologias[14], mas insistia na actualidade da sua investigação, cuja legitimadade fazia descansar na importante receptividade internacional.

**Nesse ano publicaram-se dois estudos de Da Cal, um sobre a narrativa *Missa do galo,* de Machado de Assis, e outro sobre *Fuenteovejuna,* de Lope de Vega.** Neles, reafirma a sua metodologia e reprova insuficiências da crítica universitária[15] ao se ocupar desses produtos. São dois trabalhos editados em colectâneas de homenagem a Ruben Andressen Leitão e a Armando Cortesão, um escritor e crítico, e um professor da UC, com os quais teve estreito relacionamento, e que o tinham apoiado para progredir no CEL, e no caso de Cortesão também para ganhar capital simbólico.

Os dois estudos são de feição muito diversa. O dedicado a *Missa do galo* trata-se de um texto breve, sem citação de bibliografia, mas o grande trabalho que tantas vezes anunciou no Brasil, porventura semelhante ao que tinha dedicado a Eça de Queirós, ficaria como projecto definitivamente abandonado[16] e também como lacuna na bibliografia machadiana[17]. O de *Fuenteovejuna*, pelo contrário, é um trabalho[18] mais

---

línguas, repartidas em três continentes"; e ressalta a trajectória científica e literária e o capital simbólico de Da Cal salientando que "aposentado da sua Cátedra novaiorquina" se radicara em Portugal".

[14] Os produtores que defendiam novas metodologias talvez fossem a causa de que desistisse do segundo volume de LEEQ, pois trabalhos como o de Carlos Reis focavam assuntos que anunciava como matéria do mesmo. Ao verificar como era reconhecido pelos novos queirosianistas, Da Cal tenta assentar a sua influência sobre eles. Em 13-X-1981, na já assinalada carta para Carlos Reis, há referências aos volumes da BQ e ao projecto de nova edição de LEEQ: cita Da Cal o envolvimento de Jacinto Machado e do Padre Valentim nesses empreendimentos, com o que procura a sua cumplicidade. Justifica a nova versão do estudo de 1954 como definitiva, realizada pela sua mulher Elsie, porque "a da Aster continha algumas infidelidades; a 'brasileira', --pois isso, era mesmo brasileira, com a aldrabice de ter sido 'revista pelo autor', revisão essa que nunca se realizou, infelizmente, pois aquilo saiu uma trapalhada".

[15] A situação de aposentamento facilita este distanciamento e esta crítica: ele já não estava na Universidade e por isso permite-se, desde o exterior, manifestar-se mais à vontade. Em trabalhos publicados quando estava em activo também se tinha insurgido contra a crítica universitária (mesmo em contra dos seus próprios editores, a UC, v. gr. contra Costa Pimpão no artigo sobre Eça e o Parnasse, defendido no Colóquio da Bahia em 1959 e publicado na França dois anos após, veja-se supra), mas então a situação era diferente, de luta pela centralidade. Agora, atingida aquela centralidade queirosiana, reage contra outros âmbitos do CEL, brasileiro e espanhol neste caso; mas sem insucesso no que diz respeito à sua (com certeza que procurada) influência nesses campos, pois os dois trabalhos passaram despercebidos na altura, sem reacções publicadas nem a favor nem em contra.

[16] A crítica brasileira acreditou nessa dedicação. Mesmo no ano 2003, em encontro pessoal com Eduardo Portella com ensejo da presenta pesquisa, este académico brasileiro questionou sobre a possibilidade de que o trabalho tão anunciado sobre a estilística machadiana se encontrasse inédito. No entanto, o mais provável é que não se fizesse.

[17] Em "Março de 1981", Da Cal envia para Rodrigues Lapa um exemplar dedicado deste trabalho, intitulado "A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: 'A missa do galo`". Nele Da Cal reitera o seu pessimismo a respeito dos estudos literários, afirmando que, apesar do muito que se tinha escrito sobre o ficcionista brasileiro (Da Cal, 1981: 139), "há na obra dele como que uma impossibilidade de nunca chegar a poder afirmar nenhuma teoria definitiva e inamovível. Sempre há muito mais a dizer. Ficamos com a impressão de que a crítica não nos satisfaz. [..] A grande arte guarda zelosamente o mistério da sua última significação; resiste-se sempre a entregar soluções definitivas do seu mais íntimo segredo. De facto, é talvez isso o que a torna grande arte". Acrescenta ser Machado "um grande artista"

comprido e em que sim inclui referências bibliográficas e um maior arsenal valorizativo de estudos de reconhecidos críticos, posicionando-se sobre eles[19]; um estudo que tem relevo por várias razões, entre as quais podemos citar:

---

que "ressalta entre os melhores romancistas do moderno mundo ocidental como talvez a [personalidade] mais afim com o criador da arte que ele cultivou: Cervantes". A respeito do conto, defende que "atingiu com ele a altura máxima nas modernas letras luso-brasileiras –e talvez nas universais", e acrescenta (Da Cal, 1981: 140): "Seria pretensioso da nossa parte tentar fazer aqui a teoria do conto machadiano, nem pretender referenciar os complexos parâmetros e coordenadas da sua *praxis*. Esse trabalho está ainda por fazer, e esta parte da obra do romancista merece sem dúvida um tipo de atenção crítica que ela ainda infelizmente não recebeu. Machado experimentou todas as formas, tanto as já estabelecidas como outras que ele inventou, desta difícil variedade da arte fictiva". Assinala possíveis parentescos de contos de Machado, e haver "alguns dos melhores, que qualificaríamos apenas de 'machadianos'"; indigitando como (Da Cal, 1981: 141) "um dos seus relatos magistrais, no qual a características que vimos apontando atinge os mais delicados matizes e a mais plena eficácia literária, é o chamado 'Missa do galo'".
Na análise argumental e estilística desse conto, que põe em diálogo com os "romances picarescos espanhóis do Século de Oiro" e com Sterne, defende que "Por este caminho, Machado está de facto reagindo contra o chamado 'realismo' de escola antecipando formas contingenciais de ficção que só viremos a encontrar em romancistas como Virgínia Wolf ou Faulkner". Refere-se a "Missa do galo" como (Da Cal, 1981: 142) "uma maravilha de brevidade. Com uma economia de meios totalmente cervantina [...] subtilmente empapada de ironia machadiana". Insiste na ambiguidade do final da história, o que o leva a concluir (Da Cal, 1981: 144): "Eis as notas essenciais da arte hermética, profunda, misteriosa e inquietadora de Machado de Assis, que, como no início dissemos, tão fortemente evoca as polivalências da conjecturabilidade do cosmos novelesco cervantino".
Deste trabalho infere-se como Da Cal continua a indigitar Cervantes como centro do cânone da narrativa; e utiliza um discurso altamente canonizador para com o produtor brasileiro, que indigita de adiantado a respeito de figuras posteriores e altamente canonizadas, neste caso do intersistema anglófono. Aponta insuficiências da crítica no tratamento da narrativa de Machado, exemplificando este seu trabalho uma das lacunas que estavam por cobrir a respeito desse conto.

[18] Dele fala Da Cal em carta que encaminha para Carlos Reis datada aos 5-XI-1981, em que solicita o favor de se inteirar da fortuna que correra um contributo que enviara para Luís de Albuquerque, bibliotecário da UC, para um volume da *Revista da Universidade*, de homenagem a Armando Cortesão, "meu saudoso amigo", ao lhe surpreender a demora na edição. Apresenta este produto como: "um artigo, relativamente longo sobre a 'comédia famosa' *Fuenteovejuna*, de Lope de Vega, que, como o meu amigo sabe, é a primeira peça do teatro mundial onde se põe a Revolução no palco, e sobre a qual há larga bibliografia internacional e sempre houve acesa polémica". Da Cal pede a Reis que se inteire de se se vai editar ou não, pois os dois primeiros tomos da homenagem sairam em 1978 e 1979, e em 23-IV-1981 dixera-se-lhe que ia ser publicado um terceiro "com data 1980", mas ainda demorava. Também anuncia que em "meados da semana próxima" estará nas livrarias a quarta edição de LEEQ, segundo lhe confirmaram na altura o editor Joaquim Machado e mais o impressor o Pe. Valentim.

[19] Intitulado "Novo asédio crítico a 'Fuenteovejuna'. A cruz de Calatrava como leitmotive cénico e estrutural" publicou-se na *Revista da Universidade de Coimbra*, e trata-se de um longo artigo, de 40 páginas, em que defende uma interpretação historicista-literária que reivindica como original para a conhecida peça teatral de Lope de Vega. Enquadra-a historicamente na disputa pela legitimidade do trono de Castela. Da Cal frisa como a Orden de Calatrava se posicionara em prol do rei português e portanto pela legitimidade de D. Joana, a opositora dos Reis Católicos. Adverte que Lope introduziu elementos do século XVII, bem como informações incertas e anacronismos, que favoreciam a causa real que ele defendia e "a 'lição' ortodoxa da historiografia oficial", e coloca exemplos. Frisa como, apesar de ser uma peça muito traduzida, tinha sido relativamente pouco conhecida na Espanha até ao século XX.
Posiciona-se sobre diversos críticos, mencionando insuficiências nos seus trabalhos, com argumentos em consonância com a reprovação que fez à crítica lusa por *A Relíquia*. Lembram esse ensaio sobre a narrativa de Eça as referências aos defeitos da estrutura assinalados por outros vultos da "crítica académica": Da Cal defende Lope, e indigita-o (como fizera com Eça, ou com Machado de Assis) como adiantado ao seu tempo por ter atingido (Da Cal, 1981b: 317-318) "uma movimentação de dinamismo quase cinematográfico da sequência argumental, entremeando em rápidas mudanças, verdadeiros 'takes' de câmara, o esquema dramático –num rápido ritmo de alternância entre os diferentes lugares da guerra e da Corte, duma parte, e Fuenteovejuna da outra".

a) A introdução desde o CEL de uma interpretação deste conhecido texto teatral, que valoriza de válida mas pouco e mal explorada pela crítica especializada, com a exaltação de elementos de interesse para a História de Portugal que tinham passado despercebidos no CEL e também no labor dos historiadores, o principal deles a Cruz de Calatrava a que alude no título.
b) A autoreivindicação como referência do hispanismo, ao apontar uma via sobre um produtor de referência que, por ter sido apenas tida em conta, se podia considerar nova, segunda assinala.
c) A demonstração de como o seu modelo estilístico tinha também validade para a dramaturgia. Da Cal, que já tinha teorizado em trabalhos anteriores sobre a

---

Há neste ensaio elementos de interesse de teoria literária e da dramaturgia. Assim, defende que (Da Cal, 1981b: 307) "a volição criativa é só parcialmente consciente, e que frequentemente o próprio artista não é totalmente ciente do alcance de muitas coisas que põe na obra de arte". Afirma: (Da Cal, 1981b: 317) "Poder-se-ia definir o génio artístico como a capacidade de relacionar e sintetizar em coerência estética nova e significativa os elementos mais díspares –pela intuição poética da unidade e harmonia subjacentes sob a múltipla diversidade do Ser. Pois bem, Lope possuia essa potência no máximo grau". A respeito da dramaturgia, afirma ser todo o texto teatral, como este de Lope de Vega, uma (Da Cal, 1981b: 319-320) "carcassa inanimada" que "só responde ao intuito do dramaturgo quando recebe o sopro vivificador da representação, a sua única realidade válida. [...] Daí, que muitas das perspectivas de abordagem da crítica universitária venham viciadas *ab initio* pelo facto mesmo de eles se dirigirem apenas a essa matéria residuária da arte dramática que é o texto escrito, como objecto de leitura individual; processo este que transforma a obra teatral numa narrativa de forma dialogada, percebida só, e a sós, através da recriação subjectiva da imaginação. Ora, o teatro impõe-nos a sua realidade objectiva, viva, na equação basilar do espectáculo, que é de índole social e colectiva: a do palco e a plateia –a da peça vivendo nos actores para o público e pelo público, num pacto tácito de ilusão".

Da Cal, um profissional do CEL com experiência na encenação teatral, demonstra bom conhecimento deste campo e marca as distâncias: não valem exclusivamente os elementos da crítica estilística, que tão bem ele conhecia, para valorizar o texto teatral, que requer outros critérios e com os quais se opõe também aos críticos que se tinham ocupado deste texto. Não é, pois, que Lope errase no seu texto: acontece que esses críticos não estavam preparados para a leitura dramática, um argumento que também lembra os utilizados contra a crítica lusófona, que não soubera ler *A Relíquia*. Como acontecia com o estudo que aquele mesmo ano publicava sobre o conto de Machado de Assis, assinala insuficiências da crítica sobre esta peça.

Encontram-se no ensaio valorizações de tipo histórico que visavam talvez angariar-se simpatias pelo leitor português, como a crítica ao "tempo dos Filipes", período em que Portugal perdeu a sua independência; e frisa a influência da censura política, como suposta causa do silenciamento desse texto de Lope. Estes elementos procuravam a polémica, além de tentar abrir novas pistas renovadoras do CEL.

Conclui que "Como verdade poética, e como verdade moral, a revolução medioeval e restrita de *Fuenteovejuna* desborda largamente por sobre as fronteiras demarcadoras do Tempo, e como Janus, sem deixar de encarar esse Passado da *Chrónica* onde teve origem, dirige para o Presente e para o Futuro um olhar profundo de validade intemporal. Por isso a peça imortal ficará para sempre plurivalente e paradigmática, com a sua vigência estética sempre vividamente actual, na sua perfeita totalidade artística, que –sem mutilações limitadoras e deturpadoras do seu sentido—abarca miticamente todas e qualquer uma revoluções populares de todos os tempos contra a Tirania –seja esta da cor e do sinal que for".

Observa-se como Da Cal continua com a sua teoria a respeito da superioridade da obra de arte a respeito da realidade, ao oferecer-lhe uma validade de intemporalidade que não atingiriam os acontecimentos históricos caso de não se ter ocupado deles Lope da maneira como o fez. Uma argumentação, ao igual que as dualidades que enumera, que igualmente evocam o trabalho sobre *A Relíquia*. Exibe também Da Cal os seus conhecimentos de Historia de Espanha, de Portugal e mesmo da Rússia; e emenda Menéndez Pelayo quando, ao referir uma citação dele sobre outras revoluções na Europa nas postrimerias da Idade Média e nos alvores da moderna acrescenta a dos (Da Cal, 1981b: 314n) "Irmandinhos na Galiza".

narrativa, a poesia, a crítica literária ou a tradução, posiciona-se também aqui mais demoradamente sobre a dramaturgia (já o tinha feito em alguns contributos, v. gr. sobre o teatro de Lorca ou no DLPGB), de que assinala Shakespeare como centro do cânone, pelo que visa arvorar-se em referente total para os estudos literários, com um eclecticismo e uma abrangência na sua focagem muito ampla, que não é fácil encontrar no CEL. No entanto adverte de ser insuficiente a metodologia aplicada aos estudos literários para o texto dramático, pois este requer conhecimento do palco e a encenação, uma experiência que ele (como no caso da produção de poesia ou da tradução) possuia.

Trata-se assim de dois estudos com os quais procura a referêncialidade para campos como o dos estudos literários brasileiro e hispânico para os quais tinha oferecido outros contributos, mas em que não tinha atingido a repercussão nem a centralidade que lhe eram reconhecidas no português e que afiançava cada vez mais.

III.3.1.5.3.-O instante decisivo da luta ortográfica galega: o Estatuto de Autonomia.

A luta ortográfica da Galiza viverá um instante decisivo. Por Real Decreto de 6-IV-1981 promulga-se o Estatuto de Autonomia, que suporá uma nova intervenção desde o Campo do Poder Político na língua e nos restantes âmbitos em que se conferiam competências por parte do Estado. O Governo galego adoptará um posicionamento contrário aos interesses do reintegracionismo.

No entanto, em 1981, ainda aparecia como institucional a proposta ortográfica auspiciada por Carvalho Calero e que vigorava desde dois anos antes com reconhecimento de oficialidade. Lapa defenderá na Galiza aquelas teses, que valorizava com optimismo, mas que eram minoritárias e não contavam com apoio político, pois só uma pequena parte dos elementos pertencentes ao nacionalismo galego (a parte substantiva dos utentes reais do idioma escrito), periférico na altura, adoptava a ortografia na linha que defendiam Carvalho Calero, Lapa, e Da Cal. A maior parte seguia os denominados mínimos reintegracionistas e outros, sobretudo os que se encontravam à margem do grupo político maioritário (BNPG/BNG), estavam abeirados das posições do ILG. Nenhum grupo político, legalizado ou não, assumia nos inícios da

década de 80 aquele cânone ortográfico como eles o defendiam[20] e que contava com apoio exterior de galegos e não galegos, mas muito fraco no interior[21].

[20] Por um breve período de tempo algumas pessoas pertencentes ao Bloque Nacional Popular (até 82)/Nacionalista (desde 82) Galego chegaram a assumir a proposta da Asociación Sócio-Pedagóxica Galega (AS-PG), um movimento de renovação pedagógica que agrupou a docentes, sobretudo do ensino não universitário, e que assumiu nos inícios o reintegracionismo dito de "máximos", com uso de ortografia coincidente com o português, adaptada para as peculiaridades galegas, semelhante ao modelo que adoptará a Agal, elaborado maioritariamente por Carvalho Calero e os seus discípulos. No entanto, houve uma divisão na AS-PG, que levou a que a maioria dos seus membros defendessem a estratégia dos denominados "mínimos reintegracionistas": era esta uma proposta ortográfica que prescindia na ortografia de "nh", "lh", "ç", "ss", til de nasalidade, o acento circunflexo, e de certas soluções morfológicas e léxicas propostas pela Agal; mas sim adaptava outras confluentes com o português, e que visavam ser um passo intermédio. Houve mais de uma proposta de "mínimos" (v. gr. a escrita da terminação 'bel' ou 'vel', chegando mesmo a denominar-se 'máximos mínimos' as soluções que eram utentes da posição julgada de mais avançada pela coincidência com o português). Na revista *O Ensino*, ou nos documentos da própria AS-PG e da Agal, encontra-se documentação sobre esta questão, para a qual é de especial valor a gramática elaborada por Xoán Xosé Costa Casas et alii (1988). Este posicionamento dos "mínimos" será o que maioritariamente utilize o nacionalismo do Bloque Nacionalista Galego (antes Bloque Nacional Popular Galego), e em parte Esquerda Galega, organizações que conseguirão representação parlamentar, e outras que não a conseguiram; por enquanto, os máximos serão adoptados pelo independentismo extraparlamentar. É esta uma questão complexa, que ultrapassa o âmbito da presente pesquisa. No entanto, há que sublinhar que o uso dos "mínimos" chegou a ser maioritário no ensino da língua, em especial na secundária, sendo assumido por milhares de docentes, embora o não reconhecimento institucional fez que a sua força fosse decaindo até quase desaparecer na actualidade, sobretudo após o último acordo normativo adoptado já no século XXI pela Real Academia Galega e o Instituto da Lingua Galega, que contemplou contributos de docentes das três universidades galegas (mas não do reintegracionismo). Nas organizações do nacionalismo político, sindical, e cultural conviveram, e convivem, pessoas com diferentes opções.

[21] Rodrigues Lapa endereçou para Da Cal cinco epístolas sobre o assunto nesse ano:

a) Em 27-I-1981, junta uma revista pedagógica galega (*O Ensino*) em que, sem o consultar "promoveram-me a assesor". Reage com "agrado" perante o seu "pendor claramente lusista".

b) Em 23-II-1981, encaminha-lhe o sumário da intervenção em Tréveris "que não chegou a efectuar-se, dada a minha ausência; mas foi transcrita nos documentos do Colóquio". Comunica ter sido contactado pelo secretário do Casino do Estoril sobre nomes de escritores da Galiza para intervir numa Semana Cultural, facilitando Carvalho Calero e Xavier Alcalá, e perguntando se podia dar o seu.

c) Lapa (22-VI-1981) comunica a Sá da Costa que conte com ele para participar em Lisboa no jantar em homenagem de Ricardo Carvalho Calero, com ensejo de ser recebido como sócio na Academia de Ciências de Lisboa. Propõe como pessoas para convidar à refeição o académico Norberto Lopes, Agostinho da Silva, Da Cal, Orlando Ribeiro, A. Rodrigues Baptista e o jornalista Fernando Assis Pacheco por ser conhecedor do problema galego.

d) Lapa (5-IX-1981) informa que, apesar das contrariedades de saúde, "tive coragem para ir a Santiago de Compostela ler uma alocução, com este título: 'Algo novo sobre o problema do galego' [...]. O pobre do Constantino [García], que presidiu à sessão, estava sucumbido, mas disfarçava a pena com um sorrisinho asturiano. Posso dizer-lhe que vim alentado pelo modo atento e participante como a juventude, muito numerosa, seguia as duas parlendas, a minha e a do Prof. Carvalho Calero. Talvez tenhamos a vitória assegurada; mas já não verei o raiar dessa aurora...". Proferiu a palestra com ensejo da apresentação do volume número 2 da Colecção Noroeste, *Problemas da língua galega*, de Carvalho Calero. Afirma que "tardou muito a aparecer, por várias circunstâncias, entre elas o problema ortográfico, de primacial importância para a indispensável atracção do leitor português. Felizmente, a Junta da Galiza adoptou em princípio um critério liberal para normas ortográficas, de modo que foi possível chegar a um acordo entre a ortografia galega e a luso-brasileira. O padrão ortográfico da 'Noroeste' é pois um ajustamento entre as Normas da Junta e as 'Directrizes' do Pe. Montero Santalla". Salienta que Carvalho publicasse em *Colóquio/Letras* quatro poemas "em ortografia luso-brasileira". Lembra no final que "o culto injustificado e abusivo da diferença, respeitável em si mesmo, só pode conduzir à desgraça".

e) Lapa (28-IX-1981) assinala que "Quando eu for desta para melhor (lembro-lhe que tenho 84 anos) gostaria que fosse você a continuar a minha obra do reintegracionismo galego-português. Não vejo aqui mais ninguém que me possa substituir, a não ser o meu caro Amigo. Queria ter uma resposta sua afirmativa, para transmitir ao Sá da Costa. Claro que não cuido morrer de hoje para amanhã; mas tudo é

III.3.1.5.4.-Regresso ao CL através de queirosianistas e de nacionalistas galegos.

Os novos queirosianistas e os jovens nacionalistas galegos exerceram de mediadores para que Da Cal publicasse novos produtos literários. Editou "Conto de fadas" e "Canção dos primeiros 70 anos": a primeira das composições na Galiza pela mediação de Pilar García Negro e Xosé María Dobarro, e em Portugal pela de Carlos Reis; e a segunda em Lisboa pelo empenho de Luís dos Santos Ferro.

O poema **"Conto de Fadas"** saiu[22] inicialmente no jornal nacionalista *A Nosa Terra*[23] do 28-X/5-XI-1981, e em Dezembro em *Cadernos de Literatura*[24], da UC. A ortografia

---

possível, e convém tomar a devida cautela. Sim, porque este nosso movimento não pode parar, sobretudo agora que está no seu ponto crucial".

[22] Finalizado o poema, que data em 9-IX-1981, Da Cal enviou-a para Rodrigues Lapa, e o processo que se documenta na continuação é o seguinte:

a) Lapa (28-IX-1981) valoriza que a "sua ode-panfleto [...] está destinada a fazer muito e proveitoso barulho", embora solicite que a encurte. Recomenda-lhe que a envie para "Montero Santalla, Xavier Alcalá, Grupo Facho, Teresa Maria Barro, Ricardo Palmás, Pilar Vásquez Cuesta, Ricardo Carballo Calero, Pe. Isaac Estravís e A. Gil Hernández".

b) Da Cal (13-X-1981) envia para Carlos Reis a "Ode panfletária", que apresenta como um trabalho literário "de carácter patriótico, que parece vai fazer barulho, caso a rapaziada nacionalista de *A Nossa* [sic] *Terra* a publicar". Justifica o envio por ter verificado que Reis integrava o Conselho Assesor da revista galega *O Ensino*, segundo assinala.

c) Lapa (15-X-1981) julga de "imprudência" publicar o "Conto de fadas" em *A Nosa Terra*, pela "orientação comunista" do jornal, que ia dar argumentos aos contrários ao reintegracionismo.

d) Da Cal (22-X-1981) envia a composição para Isaac Alonso Estravis. Esclarece que na primavera, pouco antes de partir para uma estada de um mês em Londres, recebera no Estoril Montero Santalha e Joaquim Campo Freire, dois dos assinantes do Manifesto dos 13 de Roma (ver supra); pouco depois do regresso encontrou à porta da sua morada um casal novo, de docentes, que o iam visitar por indicação de Estravis (não sabemos quem foram); e na continuação recebeu Mª Pilar Garcia Negro e Xosé Mª Dobarro, dois destacados representantes da UPG. E acrescenta: "Voltando à última visita a que acima me referim, essa, e as duas anteriores, provocarom em mim um estado de excitação poética militante que deu como resultado o "Conto de Fadas" panfletário, –de que aqui junto cópia– que mandei aos dous últimos visitantes e ao nosso comum amigo o Professor Rodrigues Lapa". Aconselha-se com Estravis sobre se seria oportuno publicar o poema em *A Nosa Terra*, pois Lapa era contrário, indicando Da Cal que ele "nunca tive um pelo de comunista, nem sequer de vago marxista", mas que não se importava.

f) Da Cal (31-X-1981), em carta para Carvalho Calero, relata as visitas (as mesmas que referenciara a Estravis) e afirma que em todas as conversas o nome de Carvalho Calero saiu "à baila". Assegura que "provocarom em mim o estado poético" e atribui-lhes a "ode panfletária", segundo a tinha qualificado do seu amigo Luís Forjaz Tigueiros, e esclarece os envios para publicar na Galiza e a opinião de Lapa. Da Cal define-se como "democrata pluralista com um vago anarco-socialismo de origem Proudhoniano juvenil. Sou, isso sim, nacionalista luso-galaico ferrenho. É a última crença sólida que me fica, aos meus quase 70 anos de muito mundo, muitas experiências e muitas desilusões político-sociais e humanas". Acrescenta a sua convição de que a revista *Grial* não aceitaria "Conto de Fadas".

g) Da Cal (5-XI-1981) exprime a Carlos Reis a "alegria [...] por meu Amigo ter gostado 'enormemente' do meu 'Conto de Fadas' panfletário, visto ser esse estilo de expressão poética um tanto alheio às minhas tendências anteriores, subjectivas e intimistas de LUA DE ALÉM-MAR (1959) e RIO DE SONHO E TEMPO (1963) e ter eu por isso uma certa insegurança a respeito de tal poema. Como tenho alta estima e respeito pelo seu sentido e gosto crítico fiquei radiante. E ainda muito mais em vistas dos seus 'tenebrosos planos' de o acolher nos prestigiosos *Cadernos de Literatura*. Desde já conta com a minha aprovação entusiasta. Junto aqui outra cópia com umas pequenas emendas de acentos e grafias [...] Acrescentei também um glossário de algumas vozes que podem interferir com a compreensão do leitor português. Sobre o problema que hoje se debate na Galiza, entre o reintegracionismo linguístico e cultural com 'o mundo que o português' criou, –no qual o galego tem que se amparar, se não queremos passar a

deste poema contém marcas que coincidem com a que ia ser a primeira proposta ortográfica da Agal, sendo um dos primeiros textos publicados da mesma[25].

Estamos, pois, perante outra demonstração de como Da Cal calculava muito propositadamente os seus produtos e procurava a maior rendibilidade. Este poema marca o início de novo estilo na sua poesia, de protesto social, de rebeldia, de proclamação do nacionalismo galego, que terá mais manifestações. O sentido social presente na sua produção anterior agora é mais contundente, num instante histórico em que a Galiza estreava a autonomia política pela que ele lutara, mesmo numa guerra.

---

ser uma espécie de mirandês em ponto maior, relíquia folclórica condenada a ser esmagada pelo castelhano –ou o galeguismo diferencialista, dialectista, que é o que, de boa ou má fé defendem os inimigos do nosso ressurgimento cultural e da nossa afirmação de identidade nacional".

[23] Apareceu acompanhado de texto de apresentação em que se indicava que, no sucessivo, aquela página (Sem Autor, 28-X/5-XI-1981: 20) "estará dedicada á creación literaria en galego, os problemas cos que se enfrentan os nosos excritores [sic], as diferentes tendencias lingüísticas e literarias, terán aqui un lugar de encontro, de exposición e de discusión", e convidavam para participar todos os autores "sexan nobeles [sic] ou consagrados", mesmo de banda desenhada. E acrescentava: "Esta é a escolma de un longo poema que nos enviou ou poeta portugues [sic] Ernesto Guerra da Cal". O texto do poema encontra-se mais completo que na versão publicada em Coimbra, e ocupa o resto da página.

[24] No número 10 da revista, que tinha Carlos Reis entre os membros da Redacção. Na secção "Discurso literário" encontra-se o poema de Da Cal, com outros de Casimiro de Brito e de Emanuel Félix.

[25] O poema, na edição de Coimbra, leva na epígrafe o seguinte texto, ausente em *A Nosa Terra*: "Contado por um velho à Mocidade galega de hoxe, representada por Mª Pilar Garcia Negro e Xosé Mª Dobarro –a quem este poema é dedicado". Dois nomes estes representativos da intelectualidade mais nova que na altura defendia o nacionalismo político galego, os dois na UPG. Trata-se do poema mais longo publicado por Da Cal, que se estende em sete páginas da revista da UC, com 250 versos no total.

Nesta composição encontram-se referências a produtores de Portugal e da Galiza (Miguel Torga, Celso Emílio Ferreiro, Pondal, Rosalia, Alfredo Brañas, Cabanillas e Teixeira de Pascoaes). Utiliza um tom épico e referências literárias (os contos de fadas, elementos bíblicos...), alude à emigração, e faz um acto de fé na mocidade que formaria uma "Nova Ordem de Cabalaria (que faz lembrar o trabalho sobre *Fuenteovejuna* e a Cruz de Calatrava)", cujas "flamexantes 'Armas'/ som as das 'Ferramentas e das Letras'", e com ela

virá a lume a só, a verdadeira
Galiza redimida
a soberana
A que nos foi roubada
de séculos atrás.

Louva a independência portuguesa, que qualifica de "espinha" e "exemplo singular e permanente". Nos últimos versos aparecem referências ao "meu val quiroguês" e ao Sil, que

Contém, pelo menos p'ra mim, no meu recordo
A bela profecia
Esperançosa
Para a nosa
Ideal Naçóm futura,

finalizando assim, com vírgula. Inclui "Glossário", com explicações lexicais para o leitor português (em concreto de 6 termos: "inxel", "ronsel", "bico", "obradoiro", "quirogués" e "Santa Companha").

O poema é um apelo para que a Galiza decida o seu futuro, sem dependências desnecessárias e sem imposições alheias; que siga o exemplo português. Uma maneira, pois, de solicitar compreensão e solidariedade portuguesa para com a causa galega. Mas também, ao se dirigir à mocidade galega, Da Cal pede-lhe que se forme para atingir esse objectivo, porque muitos jovens galegos ignoravam referências galeguistas desta composição; e um acontecimento histórico como Aljubarrota era alheio ao conhecimento de quase toda a população, excepto os especialistas e as pessoas com mais elevada formação, pois não era facto que se salientasse no ensino, como também não a Língua e a Literatura Galega, ainda não disciplinas obrigatórias.

Mistura biografia, literatura e ciência, num instante em que, em pleno sucesso e reconhecimento pelos primeiros volumes da BQ, se devotava ao trabalho como poeta, preparando um novo livro. Da Cal conhecia bem, pelos estudos queirosianos, que para afiançar a canonicidade resultava fulcral o reconhecimento entre os seus, objecto preferente da sua produção; por mais que, como acontecia com Eça, ele desfrutasse de reconhecimento exterior, não se completava o processo até ser aceite, sem resistências, no seu próprio país; e era ciente da divisão existente na Galiza, que se espelhava nas diferentes opções do galego. Ele escolhe a que sabe certo que o poderá reivindicar e canonizar no futuro, tentando indicar-lhe à mocidade o caminho do português, com certeza o mais favorável para os seus interesses, mas também, na sua concepção, para o próprio futuro da Galiza.

O teor do poema, o lugar e o tempo histórico em que se publica, e a dedicatória, são elementos para considerar conjuntamente e colocar em diálogo para verificar a intencionalidade e coerência de Da Cal na sua trajectória, na defesa de uma maior integração da língua da Galiza na Lusofonia, questão central da sua produção e actividade pessoal, científica, intelectual e mesmo política.

Em 19-XII-1981 a edição da **"Canção dos primeiros setenta anos"**, é uma oferta como presente, com ensejo da comemoração do seu 70 aniversário. Mais um queirosiano, pois, como Ferro —colaborador muitos anos para a BQ, e não só, com ele estreitava o relacionamento desde a estada no Estoril— promocionava a sua poesia. Esta composição leva como dedicatória "a todos os Amigos que me acompanham na comemoração deste Aniversário séptico e céptico"[26]. No final, para além da data,

[26] Trata-se de uma composição de 58 versos, divididos em duas estrofes e um verso final de conclusão. Na primeira estrofe, de 14 versos, queixa-se da velhice, afirma:

Como é difícil isto
De irmos apodrecendo devagar

e após considerações sobre esse novo estado vital finaliza afirmando:

(É duro de aceitar, cruzar a raia!).

Na segunda estrofe desenvolve aquela teoria inicial: frisa o "fácil" que é "ser moço" e, como contraste, como a velhice "é difícil". Descreve os reptos da velhice, pessimista pela presença da morte, assinalando:

É um desafio de honra com o Zero
que há que enfrentar
ineludivelmente
sem espada
sem braço
sem vontade de luta
sem espera de ajuda de outras cifras amigas.

Para concluir: "Enfim, uma chatice!".

informa-se pertencer a um "livro em preparação"[27], *Futuro Imperfeito. (Manual de Velhice para Principiantes).*

Os dois poemas avançam o teor da sua futura produção literária, e os dois, modificados, se incluirão nos novos poemários que edite em Portugal: por uma lado, a reivindicação da Galiza e da sua língua e cultura, em que pesarão as recordações e a imagem que guardava sobretudo da etapa da infância e primeira juventude; mas sobretudo, e como nesta última composição, tentar comunicar experiências, conclusões da sua vida, que exprime valendo-se da poesia, com ironia, procurando a originalidade, sem esquecer o diálogo com outros referentes literários[28].

[27] O livro publicou-se, com o título de *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*, em 1985 (ver infra). Como acontece com o título, a versão final tem variantes. Além disso, no Espólio EGC conserva-se um exemplar em que Da Cal corrigiu a dedicatória e um verso: aquela, em lugar de "acompanham" e "deste" escreveu "acompanharam" e "desse"; e no verso 29, em lugar de "de que a velhice é coisa" mudou por "de que a velhice é um mal".

[28] Pelo Natal, Da Cal data no Estoril o poema "Vitral", que com a epígrafe "Ecce Ancilla Domini..." envia para parabenizar o ano novo a Isaac Alonso Estravis.

No final do ano, Da Cal (28-XII-1981) comunica-se de novo por carta com Carlos Reis. Talvez nessa mesma epístola lhe fizera chegar –ou em todo o caso uns dia antes— um cartão de Natal, em que figurava igualmente o poema "Vitral". Esse cartão vai assinado por "Ernesto e Elsie Guerra da Cal", e nele indica ser composição "inédita". Reis também tem, dedicada, a "Canção dos primeiros 70 anos". Observa-se como Da Cal tenta reivindicar-se como poeta perante este crítico, nome central já na altura da rede que formava com os novos queirosianistas portugueses, para ser tomado de conta nesta faceta menos conhecida dele. Como em outras ocasiões precedentes, põe em conexão produção científica e literária.

III.3.1.6.-Novas relações, projectos e interesses em Portugal e na Galiza, em 1982.

No ano 1982, Da Cal estabelece laços com instituições portuguesas, e estreita amizades sobretudo com os novos queirosianistas. Entre estes merece destaque Carlos Reis, a quem conhece pessoalmente[29]. Continua a preparação dos últimos volumes da BQ e novos trabalhos, e começa a demonstrar maior pendor para a produção literária.

No relacionamento com a Galiza terá especial relevo o travar amizade com Xosé Estévez, do âmbito do nacionalismo galego do Bloque[30].

Reis e Estévez, pelo contacto especial que terá com ambos, até a morte, reflectem os novos interesses de Da Cal: pessoas com formação universitária, que intervêm em diferentes campos, e que serão mediadores para projectos e empreendimentos, além de fornecerem-lhe informações que precisava para estudos e produções literárias. Reis será cada vez mais um referente central do queirosianismo e do CEL português, e Estévez destacará na historiografia. A eles se unirão outros nomes nestes mesmos âmbitos e em outros, quer de campos científicos como do literário, em Portugal e na Galiza.

Mantém o relacionamento com os EUA, e a doação da biblioteca à HSA, à qual fornece as suas novas produções[31], e continua a aparecer o seu nome nos directórios de

---

[29] Da Cal (16-I-1982) manifesta a Reis a sua "alegria", e mais a de Elsie, pelo facto de o ter conhecido, junto com a esposa, e convida-os a que repitam a visita ao Estoril. Envia-lhe "o prometido poema 'Radiografia conjugal', além de uma nova versão do 'Vitral'", e pergunta-lhe: "Julga que os dois poeminhas poderiam ter a honra de aparecer nas páginas dos CADERNOS?". Insiste, pois, na proclamação como poeta perante Carlos Reis, e solicita-lhe outra mediação para publicar novas composições, com o que procura uma cumplicidade, que com efeito se estabelecerá entre os dois.

Em 29-IV-1982 começa uma série de epístolas com Reis, nas quais o assunto central são as provas da BQ. Da Cal faz alguma confidência a este novo colaborador e pede-lhe que vigile com atenção e tente de agilizar o processo de composição do "calhamaço". Outras cartas com o mesmo objectivo estão datadas aos 17 e 28-VI, 20-X e 7-XII-1982.

[30] Estévez (28-IV-1982) perguntara-lhe pelo "Galeuzka", o encontro da Galiza, Euskadi e Catalunha, antes da Guerra de 1936, em que tinha documentada a presença de Da Cal, e referia serem os dois de Quiroga. Da Cal (8-VI-1982) responde-lhe: "Eu nom nascim em Quiroga, mas é como se lá tiver vindo ao mundo, pois a minha infância ali decorreu desde os poucos meses do meu nascimento até aos 9 anos em que fum viver a Madrid. E até aos 16 lá voltei todos os veraos". Lembra a presença da infância em LAM e RST, e acrescenta: "Muito me sensibiliza a sua ideia de que Quiroga me dedique umha rua, mas a ideia de eu lá ir, nom me alicia. A explicação psíquica desta atitude está num poema de RIO DE SONHO E TEMPO, do qual lhe incluo cópia [é o "VII", na página 28. Nesta composição, que principia com uma epígrafe de Teixeira de Pascoais e começa com o verso "Non toques a lembrança", conclui-se com estas duas estrofes: "Nunca voltes do esilio/ en procura de aromas/ do remoto xardín dos anos idos/ –o teu retorno os tornará perdidos/ e xa mais nunca os poderás lembrar//. Deixa a memoria livre/ inventar a verdade/ das cousas que pasaron/ –sen pasar"]. Além disso, ninguém lá com certeza se lembra já de mim. Parentes só tenho a minha tia Flora". A respeito da reunião Galeusca, afirma que: "tenho apenas as lembranças que qualquer fonte jornalística lhe pode fornecer. Som tantos anos passados! Nesse intre eu era mui novo. Conhecim isso si, Castelao, Otero Pedrayo, Suárez Picallo, Vilar Ponte, Álvaro de las Casas –e outros que figuravam com destaque na política galeguista e nacionalista".
Anuncia-lhe os projectos de reedições (LAM e RST) e novo poemário "com grafia reintegrada, dacordo com as *Directrizes* do Pe. Martinho Santalha".

Em Estévez encontrará um aliado. Por ele memorará a infância, e mesmo produzirá poemas.

profissionais[32]. Também os bons tempos do Brasil regressarão, através do professor paulista Segismundo Spina[33]. Outro contacto de relevo, em que emergem novos projectos, será Isaac Alonso Estravis, quem, desde Madrid, intervinha na actualidade galega[34]. Observa-se o interesse na publicação de produtos e em dedicar a sua preferência à Galiza uma vez finalizada a BQ. Da Cal preocupa-se pela fortuna política,

---

[31] Jean R. Longland (6-I-1982) confirma a recepção da nova tradução de LEEQ e da "Canção dos primeiros setenta anos". Em cartão de inícios de 1982, Theodore S. Beardsley, Jr., presidente da instituição, envia-lhe documentação respeitante às doações, e indica "¿Cómo agradecerte? Salvo Huntington [o fundador da HSA] mismo, tú estás en la primera fila de donadores personales".

[32] No *Directory of American Scholars* é-lhe dedicado um verbete (AA. VV., 1982: 114) em que consta a sua situação de "Retired" e indica-se o seu novo endereço, no Estoril, referenciando-se igualmente, como .*Queirosiana*, os 4 volumes da BQ.

[33] A carta de Spina (19-VII-1982) esteve motivada porque uma antiga aluna lhe levara a nova edição de LEEQ, a que se refere como "obra clássica [...] irá para o céu celebrizado pelo livro monumental que marcou para sempre o seu nome". Spina lembra o convívio aquando o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros de Coimbra, e afirma: "Com Você não é preciso ter tido uma convivência de longos anos para encontrar em seu coração uma alma amiga. Os poucos dias que desfrutamos aí, em 1963, na York House, foram suficientes para conhecer a sua inteligência fulgurante, o humanismo doce e profundo, a bondade visceralmente galega. Trouxe de Você as melhores recordações". Informa que, após 28 anos com Soares Amora, ao se aposentar este, em 1972, deixara a Cadeira de Literatura e fizera concurso para a Cadeira de Filologia que regera Silveira Bueno "o de triste memória". Memora quando, em 1964, favoreceu a edição do dacaliano "Poema a Luís de Camões", no primeiro número da *Revista Camoniana*, e como Da Cal lhe enviara os seus dois volumes de poesia em correspondência.

[34] Da Cal (22-IX-1982) confirma-lha encontrar-se "embrenhado nessa maçadora tarefa", de correção de provas da BQ, com Elsie. Afirma não ter sabido dos projectos de reedição de LAM e RST, nem da edição de *Memória do Futuro*; nem da edição, por mediação de Estravis, de um volume com dispersos que inicialmente pensara em titular *Relances*, e para o qual sugere novo título: "ROSA DOS VENTOS. (Temas literários e artísticos euro-americanos. 1969-1981). A multiplicidade de rumos críticos e de áreas geográficas, Galiza, Portugal, Espanha, Brasil e América hispânica, estaria simbolicamente bem apreendida nessa expressom cartográfica". Interessa-se em se a editora em que estava implicado Estravis continuava para a frente, pois "Se este projecto se desmanchou, ou a Editora abortou, convinha-me saber, pois como lhe dixem, tenho editores portugueses interessados –e agora ainda mais polo sucesso da 4ª ediçom, 3ª versom portuguesa, de *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Confesso, como também lhe manifestei, que eu preferia prestigiar a cultura galega, do que ganhar mais honrarias –já tenho muitas— lusas, ou brasileiras". Frisa Da Cal as poucas notícias que tinha da Galiza, pois desde Junho não recebia *A Nosa Terra*. Interessa-se pelo "caso das normas gráficas" e pelo rumo da Agal, bem como pela situação política e por se se publicaram novos números de *Lóstrego*,um boletim sobre cultura galega que se editava em Madrid por uma associação com o mesmo nome, e de que Estravis era um dos principais promotores, e solicita que se lhe enviem.

Da Cal (29-X-1982) comunica a Estravis: "Tenho a impressom de que o melhor que eu podo fazer é desistir de publicar na Galiza, nom sem pena, e editar tanto a LUA e o RIO, como a ROSA e o novo poemário Memória do Futuro em Portugal, onde tenho todas as facilidades". Indica que continuava a finalizar a BQ, e depois "Ficarei tranquilo e pronto para dedicar a minha total atençom a eses outros livros, incluido outro de poemas ingleses escritos desde 1955 até 1982, cujo título é Armida's Garden revisited at Dusk, para o qual já tenho editor em Nova Iorque". Lamenta "o mal encaminhamento polo que enveredou a AGAL" [a associação reintegracionista tinha mudado de directiva, deixando a presidência Xavier Alcalá, o que tinha provocado discórdias de que talvez a ele lhe chegasse informação não suficientemente completa das diferentes partes] e o não ter recebido notícias de ninguém da Galiza Editora. Pede notícias de Lóstrego, e convida-o para visitar a Melrose. Em P.S. final, autógrafo, diz: "Adiei o envio desta carta, para mandar-lhe o meu último poema –que acabei hoje: poema de velho ainda teimosamente ligado ao amor, que nom sei se dará para o 'clima' do Lóstrego. Se nom der, e ainda houver tempo, envie este de volta e eu lhe mandarei outro também inédito (da Memória do Futuro)".

sabedor de que influiria no idioma, e demonstra interesse em estar bem informado através dos contactos com pessoas, e de publicações.

III.3.1.6.1.- Recepções queirosianas em Portugal e na França.

Produtos queirosianos de Da Cal evidenciam esse ano a validade e actualidade, apesar dos anos decorridos de muitos deles. É assim que LEEQ, verbetes do DLPGB, a conferência sobre *A Relíquia* e as restantes proferidas no Rio, o trabalho sobre Eça e os poetas de *Le Parnasse Contemporain*, e a BQ, estarão presentes em estudos e publicações na imprensa diária, revistas especializadas e em ensaios publicados.

Em 11 de Janeiro, **Francisco José Veloso**, no *Notícias de Guimarães* comenta o trabalho sobre *A Relíquia* publicado pelo Grémio Literário (afirma ter escutado a conferência) e pela UFRJ, e assume a doutrina dacaliana. Após este estudo, afirma, "já não será possível" opor reservas à filiação de Eça, nessa narrativa, na literatura picaresca. Segundo Velozo "na vasta bibliografia sobre o genial escritor castelhano de apelidos galegos (Cervantes Saavedra), o estudo deste Poeta e Crítico galego ocupa lugar cimeira pela sua penetração e actualidade"[35].

Em Março, **A. R. referencia em *Brotéria*** a nova versão de LEEQ. Afirma que talvez o ter sido "obra de amor" explicasse que "se tenha tornado um clássico da análise estilística de autores portugueses". Defende esta tradução "mais cuidada", e "longa a sua carreira", e lembra as versões anteriores, e o ter "acrescentado de quatro fortes volumes de *Apêndice* bibliográfico". Reconhece assim a trajectória de Da Cal numa revista que se mantinha como referência para o CEL português.

**A BQ alicerçou a primeira polémica pública**. No número de 27-IV/10-V-1982 do *Jornal de Letras* (Lisboa), **Alexandre Pinheiro Torres** analisa Tomás Ribeiro Colaço em *A Folha da Parra*. Justifica a releitura deste volume, 50 anos depois de publicado, e afirma Torres: "recorri aos grossos volumes da 'Bibliografia Passiva de Eça de Queirós' para averiguar se Guerra da Cal o incluiu no imenso repositório. Nem sombras. Uma das mais brilhantes especulações críticas sobre o autor de *Os Maias* tinha caído no buraco! Mais daqui chamo a atenção para o Estoril, onde penso que vive o eruditíssimo professor, para que dê à luz uma 'apostila'". Assim questionava a BQ, por não

[35] Salienta Veloso a origem galega de Da Cal, e o encontrar-se, no Estoril, "a trabalhar sempre, numa como que perene juventude". Informa da dedicação, na altura, "a enfeixar poemas dispersos, e em plena fase de criação poética, renovada com novos temas: a poesia de combate". Destaca o "labor presente do lúcido crítico e comentador" que demandara ficar no "nosso clima, ilustrando-o e enriquecendo-o de novos fulgores intelectuais". Veloso lembra o trabalho que lhe dedicara em 1962 (ver supra), também de Guimarães. Admiração e apologismo juntam-se pois neste artigo, e evidencia de relação de amizade.

exaustiva. **Da Cal** respondeu no exemplar de 25-V/7-VI-1982: valoriza o artigo de Torres como "uma questiúncula de coca-bichinhos", e critica-o porque "tão infrutiferamente consultou" a BQ. Indica que o trabalho de Colaço está duas vezes no Tomo II, assinalando os verbetes (5.087 e 9.409) e as páginas[36]. Assim o rectifica e reivindica e divulga o seu trabalho.

**Carlos Reis** utiliza produções de Da Cal, no livro *Construção de Leitura*. No trabalho intitulado (Reis, 1982: 117-130) "A temática do adultério n'*O Primo Basílio*", cita o verbete dedicado à personagem de Juliana no DLPGB.

**Manuel dos Santos Alves** publica em Paris o ensaio "De Eça de Queirós a Homero através de Leconte de Lisle" (1982: 253-333), em que estuda a génese da narrativa "A Perfeição". Cita LEEQ e mais o estudo "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*" e reitera que Da Cal não valorizara suficientemente a presença de Leconte de Lisle em Eça. Alves contesta neste trabalho **Duarte Mimoso-Ruiz**, quem na Tese de Doutoramento apontava a influência de Homero na narrativa "A perfeição", defendendo que Eça lera Homero em original por conhecer grego, tese que reprova Alves. Desqualifica a metodologia, semelhante à utilizada por Wolfang Kayser e Da Cal (Alves, 182: 258) "com proveito" mas de maneira errada por parte de Mimoso-Ruiz[37].

Nesse mesmo volume inclui-se (1982: 159-187) "La confrontation d'Ulysse et de Calypso dans *A Perfeição* d'Eça de Queiroz", de Duarte Mimoso-Ruiz, em que se assume que Eça adapta em "A perfeição" o Canto V da *Odisseia* de Homero (Ruiz, 1982: 159n) "à partir de la traduction de Leconte de Lisle", como frisava Alves. Ao

---

[36] Acrescenta que nesses registos havia referências remissivas para um trabalho do próprio Torres publicado em 1968 no *Diário de Lisboa* que "parece ser uma primeira versão" do publicado no *Jornal de Letras*. Da Cal refere-se nesse lugar à BQ como "maçador elenco" e "calhamaço".

[37] Frisa como (Alves, 1982:260) Da Cal salientou "o legado clássico e a originalidade de Eça" relativamente a diversos escritores franceses. Alves defende pontos de vista sobre *A Relíquia* e Fradique Mendes na linha de Da Cal, a quem se refere como (Alves, 1982: 283) "um dos bons estudiosos do nosso escritor", e sublinha "a posição secundária a que o relega, no artigo 'Queiroz, Baudelaire et le Parnasse Contemporain', onde realçou o papel de Baudelaire e demonstrou por A+B a influência de poetas menores, hoje esquecidos. Mas o chefe da sua escola, que exerceu uma influência muito mais ampla e profunda, embora não tão facilmente demonstrável, apenas aparece como que por acidente. Na epígrafe "O problema da originalidade", remete de novo para o contributo de Da Cal, no qual julga (Alves, 1982: 328) ficar "ultrapassada" a "velha questão da originalidade de Eça" por "tão sensatamente" se ter pronunciado sobre ela no trabalho publicado em 1961. Finaliza reconhecendo (Alves, 1982: 333) ter descoberto um trabalho de Norwood Andrews, de 1975, em que se relaciona Eça e Homero, no tomo 2ºA da BQ, produção que refere como "monumental obra de Ernesto Guerra da Cal".
Há, pois, reconhecimento de Alves ao contributo queirosiano de Da Cal, e uma crítica respeitosa e prudente às insuficiências que encontra nos estudos dacalianos, que mesmo trata de justificar. Não se põe em causa a sua centralidade, que se reforça ao indigitar a metodologia de LEEQ como modelar, a validade do artigo sobre Eça e Le Parnasse Contemporain, bem como da BQ. Produtos antigos e mais recentes colocam Da Cal num primeiro plano do queirosianismo por este pesquisador que enfileirava entre os novos nomes de destaque no CEL português dedicados ao estudo de Eça, sobretudo desde a perspectiva da produção dos clássicos gregos e latinos.

focar questões estilísticas da narrativa queirosiana faz referências (Ruiz, 1982: 162-163) a LEEQ[38].

Em 31 de Dezembro, de novo **Francisco José Velozo** se congratula, no *Notícias de Guimarães*, pela quarta edição de LEEQ, que julga de "trabalho altamente científico e do maior interesse para o conhecimento da Cultura Nacional, da 'forma espiritual' da Pátria". Acrescenta que o estudo de Da Cal convenceu

> indirectamente, a portugueses e brasileiros, da riqueza do seu tesouro cultural, em especial aos primeiros. Enfim, Guerra da Cal agiu em serviço e por amor da ciência exercitando o mais acabado método científico. [...] Usa de todos os instrumentos e meios de que a oficina do linguista hoje dispõe, todavia com a intuição do grande escritor, que é, em especial a sua intuição poética. Não admira portanto que, pela primeira vez, tenha posto em evidência os ritmos, os paralelismos, a harmonia, as aliterações, as cadências, o metro poético –por vezes próximo do latino— de muitas frases e trechos inteiros da obra queirosiana [...]

Conclui Velozo: "Qualquer leitor ficará maravilhado com a verdadeira pirotecnia verbal que o ilustre professor galaico-americano lhe põe diante dos olhos. Eça continua vivo, e viva a sua linguagem". Como fizera com antecedência, frisa o relacionamento do trabalho crítico e literário de Da Cal, insiste na novidade da investigação dacaliana e o seu interesse para Portugal, e reitera a ascendência galega. Este produtor, que exercia como juiz-conselheiro e que tinha grande autoridade pelas suas produções no âmbito jurídico, contribui assim para a legitimização de Da Cal desde um campo diferente.

Também nesse ano se publica a tradução realizada por Eça de *Philidor*, de Joseph Bouchardy, segundo edição de **Pedro da Silveira**. Num texto introdutório, "Ao Leitor", refere-se (Silveira, 1982: 5) que Da Cal descreveu este texto "na monumental BQ"[39].

III.3.1.6.2.-Relacionamento com instituições em Portugal e no exterior.

Da Cal mantém relacionamento com diversas instituições nesse ano, por causa de interesse dos seus estudos queirosianos e também como consequência da sua integração com plenitude na vida portuguesa.

Contacta com a **Fundação da Casa de Bragança,** com ensejo de concorrer ao Prémio de Bibliografia D. Manuel II[40].

---

[38] Ruiz põe em destaque o capítulo dedicado à poetização da prosa, mas erra na referência bibliográfica ao citar o nome da editora como "Auster" e indicar ser a tradução de 1954.

[39] O livro, nº 27 da colecção de Obras de Eça da editora Livros do Brasil, não tem data: Da Cal assinala ter saido ao mercado em 1982 (na BQ, p. 107, v. 307 do vol. de Addenda et corrigenda).

[40] O Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, João Gonçalo do Amaral Cabral (12-V-1982), envia para Da Cal o Regulamento do Prémio de Bibliografia Portuguesa

Da **Academia de Ciências de Lisboa** informam-no de diferentes actividades, que o convidam para participar da vida da instituição, a cujas sessões se soma com regularidade[41].

Também contacta com o **Consulado Geral de Portugal em Londres**, de onde lhe fornecem informação que evidencia a internacionalidade da BQ e como pesquisadores de outros países se alicerçavam nas informações do repositório dacaliano na procura de fontes para novas investigações, inéditas neste caso, para estudar o produtor português[42].

III.3.1.6.3.-Contactos com a Galiza: Intervenções sobre a língua.

Nos contactos respeitantes à Galiza aparecerão de novo, e com intensidade, referências à questão da ortografia, mantendo as suas posições. No entanto, as perspectivas

---

instituído para comemorar o Cinquentenário da morte de El-Rei D. Manuel II. Tinha um valor de 300.000 escudos e "podem concorrer autores nacionais e estrangeiros, com obras sobre Bibliografia Portuguesa, inéditas ou publicadas entre Janeiro de 1980 e Dezembro de 1982".

Cabral (29-XI-1982) confirma ter recebido 6 exemplares dos tomos 1º, 2ºA e 2º B, e 3º, da BQ para concorrer ao Prémio. Indica também que "Recebemos ainda um Requerimento dirigido ao Presidente do Conselho Administrativo contendo os elementos de identificação do candidato e da obra e um Documento comprovativo da data da entrada da obra no Depósito legal".

Da Cal (29-XI-1982), no "Requerimento" apresentado para concorrer ao prémio indicava que um último volume "auxiliar", com os índices de consulta e mais com addenda e corrigenda, fora entregue à Gráfica da UC "encontrando-se já no prelo, programado para vir a lume dentro do ano 1982, 'Deo volente et adjuvante'. Entretanto, permito-me apresentar a V. Exa. seis exemplares dos graneis até agora impressos". E acrescenta: "A *Bibliografia Queirociana* nasceu como resultado das pesquisas de âmbito internacional por mim empreendidas na preparação da minha obra *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* [...] daí a razão de haver-se mantido essa epígrafe na *Bibliografía*, apesar do seu carácter evidentemente autónomo, em relação àquele estudo de estilística queiroziana. A informação referente, tanto ao conteúdo como à estrutura e métodos do elenco bibliográfico com que me honro em concorrer ao Prémio instituído pela Fundação, estão pormenorizadamente explicitados no "Prefácio" do mesmo". Da Cal juntava igualmente a 4ª edição de LEEQ "em cuja contracapa aparece um esboço biográfico do autor no que se fornecem os dados pessoais e profissionais que consideramos talvez serem os necessários e suficientes", e juntava justificante da Biblioteca Nacional de ter entrado a obra no Depósito Legal, como exigia o prémio.

De novo Cabral (30-XI-1982) encaminha carta para Da Cal, indicando ter recebido o Tomo 4º da BQ, também com destino a concorrer ao prémio de bibliografia que convocara a instituição.

41 V. gr., aos 25-X e 5-XI-1982 informam-no de diferentes iniciativas da instituição.

42 Luís Pazos Alonso (19-XI-1982), dessa instituição, informa-o que tinha chamado a sua atenção o Professor Alan Freeland, da Universidade de Southampton, em verificar a existência de um "livro oficial" com documentos redigidos por Eça no tempo de cônsul em Newcastle, de que informava na BQ. Alonso comprovara que "o tal livro 'era apenas um livro de contabilidade (e só de contabilidade) escriturado pelo punho do célebre escritor e não um livro contendo documentos...'", como já comunicara a Freeland "mas pareceu-me que deveria escrever também a V. Exa. sobre o assunto".

Freeland interessara-se pela informação fornecida na BQ (Da Cal, 1975: 614; v. 1.993), onde se assinalava que as informações sobre o labor de Eça no consultado de Newcastle-On-Tyne foram fornecidas por João Furtado Coelho, a quem lhe foram comunicadas em 1972 por Sacadura Cabral.

Da Cal (26-I-1983) responde que a informação da BQ fora-lhe fornecida por Sérgio Sacadura Cabral, quando estava de Cônsul Geral em Londres, e solicita de favor informação mais pormenorizada. Assinala que, ainda sendo um livro de contabilidade, ao ser autógrafo "faz parte do património nacional português", e anuncia que fará o oportuno esclarecimento na *Addenda* da BQ, cujas provas revisava.

enfraquecerão[43], sobretudo ao aprovar-se em Julho pela Real Academia Gallega de parceria com o Instituto da Língua Galega um novo projecto de normativa ortográfica, que adoptará o Governo autonómico e promulgará para uso no ensino e nas suas publicações. Essa decisão deixará sem amparo o reintegracionismo, com a progressiva desaparição nos programas escolares da Literatura Portuguesa, que inicialmente se contemplava. Essa intervenção desde o Campo do Poder Político resultará marcante na polémica ortográfica da Galiza.

**Por duas vezes publica esse ano na Galiza um poema de homenagem a Pardo de Cela, que dedica a Ricardo Carvalho Calero[44].** No exemplar de 16/22-IV-1982, do semanário ***A Nosa Terra***, sai por vez primeira, e figurará reproduzido num volume de homenagem a Carvalho editado em Ferrol pela associação cultural Medúlio, outra associação cultural do âmbito do nacionalista e ligada ao BNG. Na dedicatória da epígrafe define Carvalho como "Capitam-Mor da Defensa da Língua Galaico-Portuguesa na Galiza de Hoje"[45].

De novo colabora com o nacionalismo político galego organizado. Da Cal insiste na esperança de um ressurgir galego "prometedoramente nacional". Convive a chamada ao

---

[43] Rodrigues Lapa (13-II-1982) escreve para Sá da Costa e reage com pessimismo sobre o futuro da colecção Noroeste, ao não se cumprirem expectativas sobre o seu funcionamento no mercado. Indica que ele também vai ter problemas para continuar à frente da mesma e que "já pensei no meu sucessor, que seria o escritor galego Guerra da Cal, radicado entre nós (Estoril)". No entanto, a colecção fracasará após a publicação do segundo volume e não haverá lugar para sucessões.

[44] Da Cal (17-II-1982) indica a Carvalho Calero ter-lhe enviado o poema "Preito mítico a D. Pedro Pardo de Cela" a Pilar García Negro, para ser publicado em *A Nossa Terra*, no caso de ele estar conforme. Faz constar o seu desgosto por como neste jornal se editou o "Conto de Fadas", que "apareceu eivado de gralhas", além de o terem considerado "poeta português".

Da Cal (5-VII-1982) confirma a Carvalho ter recebido o poemário *Futuro Condicional* e uma carta postal de data 29-V-1982. "O teu Futuro já tivo um impacte forte no meu", indica. "Eu sabia do teu *Pretérito Imperfeito* e do *Infinitivo Pessoal* de David Mourão Ferreira e ia titular o meu próximo livro *Futuro Imperfeito*", e decidira mudar e julga que será *Memória do Futuro.* Informa que alguns textos desse poemário de Carvalho "quase os sei de cor". Anuncia que o seu novo livro vai ser publicado na Galiza Editora ou pela Nós da Corunha; e que esta última projectava lançar, afirma, a reedição de LAM e RST, preparada por José Feijó e Ramón Pena, dois professores de galego que na altura se movimentavam no âmbito da Agal. Manifesta que por estes dois lhe enviará os quatro volumes da BQ. "Como gostaria de poder conversar contigo 'face to face'", conclui. Estreita assim o contacto com quem era o principal representante na Galiza do Reintegracionismo, por quem evidencia simpatia.

[45] O poema, datado em 17-XII-1981, comemora o 497 aniversário da decapitação de Pardo de Cela, "Heroi e Martir da Independéncia Galega", em 1484. Refere-se ao rei Fernando de Castela como "grande ladrom" e "falso", e à raínha Isabel como "víbora vil/ tão subtil e tão matreira" e como "traidora". Denuncia ter sido derrotado Pardo de Cela "por infame aleivosia/ que nom em luta leal/ por um bastardo sicário/ mercenário/ da absoluta felonia/ do torpe poder real". Após engrandecer a sua atitude e criticar a Igreja afirma que "Ainda hoje Galiza chora" o seu martírio "E sente a dor da ferida/ da Liberdade perdida/ até ao resurgir de agora/ que é prometedoramente/ nacional". Finaliza com versos em que se refere a Portugal como "esta Galiza livre/ sempre irmá na sua doçura", salientando que Pardo de Cela foi para Portugal "com bravura insigne/ permaneceste leal até ao final". Da Cal define-se como "humilde compatrício" e frisa a intenção de "incensar tua figura/ de gigantesca estatura/ no patíbulo/ e no Empireo sideral/ levantando reverente/ na Ara da Pátria/ presente/ a galeguidade ardente/ dum turíbulo/ ideal".

caminho galego-português com lembranças de desaires de Castela. Trata-se de um poema, pois, na linha social do "Conto de fadas". A segunda ocasião que o publique será no caderno *Homenaxe a Carballo Calero*, editado pela associação cultural Medúlio do Ferrol[46], outra entidade do âmbito do nacionalismo cultural organizado.

Além do poema, no mesmo exemplar do semanário nacionalista publica-se o artigo **"¿Quen foi Serafín Ferro"**, na secçom "Andando a Terra" de M. Hortas Vilanova, pseudónimo do produtor literário e político **Manuel María Fernández Teixeiro**. Neste escrito refere um poema publicado por Ferro em 1935, no número de *Nós* com que a Asociación de Escritores Galegos homenageava o editor compostelano e político galeguista Anxel Casal Gosende, e cita o depoimento de Blanco-Amor em 1973 em *Grial*, onde se aludia à amizade de Da Cal com ele[47].

Em 20-XII-1982[48] Da Cal responde a Pilar García Negro carta de "hai longos meses". Prolonga assim o contacto com uma pessoa que começava a ocupar uma posição de relevo no nacionalismo galego, sendo o seu melhor contacto directo com o BNG. Solicita que repitam ela e Dobarro a visita à residência de Melrose, pois "fiquei com saudades".

III.3.1.6.4.-A actualidade dos SPG: Alonso Montero, Landeira Yrago, Victoria Atencia.

A intervenção de Da Cal nos SPG de García Lorca será de novo actualidade no seu epistolário e em publicações sobre o assunto.

a) Da Cal (15-IV-1982) facilita a Alonso Montero o seu telefone do Estoril e pede-lhe que o ligue "quando vier a Lisboa"[49]. Alonso tinha interesse na génese dos SPG, como já solicitara dois anos antes nas páginas da revista *Triunfo* (ver supra). Após a morte de Eduardo Blanco Amor, Da Cal ficava como testemunha privilegiada sobre aquele produto, que tanto interesse gerava na Galiza (e no exterior) e sobre o qual Alonso,

---

[46] Nesse volume assinam trabalhos a junta directiva da entidade, Xosé Mª Dobarro, Fernández del Riego, Montero Santalha, Francisco Rodríguez, Araceli Herrero Figueroa, Xosé Anxo Fernández Roca, Pilar Garcia Negro, que contribuem com estudos; e Xohana Torres e Vicente Araguas, com poemas. Santalha e Da Cal são os únicos que utilizam o cânone ortográfico reintegracionista da Agal. Da Cal participa nesta publicação, novamente pela mediação de Dobarro e García Negro.

[47] Por isso assinala que "Sería moi de agradecer que Ernesto Guerra da Cal escribira o que sabe sobre Serafín Ferro, oxe completamente descoñocido. A sua figura e os seus versos teñen, indudablemente, un grande interés". Da Cal (ver infra) responderá com um artigo no mesmo semanário.

[48] A carta, redigida a mão num cartão de Natal, tem data de "20/XII/83", mas pelos dados que fornece corresponde ao ano anterior. Assim o confirma também o envelope, conservado pela destinatária, em que consta ter sido carimbada nos Correios em "27.12.82".

[49] Da Cal esclarece que na véspera lhe escrevera uma epístola e não lembrava se lhe dera o número, e indicava que o podia telefonar. Afirma que a carta do dia anterior era "resposta à sua de 25/III/1982".

como um dos principais estudiosos da historiografia literária galega, queria conhecer pormenores.

b) No volume correspondente ao segundo trimestre de 1982, X. Landeira Yrago escreve em *Grial* um artigo sobre García Lorca, em que tenta oferecer dados que esclareçam os SPG. Neste artigo Da Cal não é citado.

c) Em Junho, na revista madrilena *Ínsula*, Maria Victoria Atencia publica um trabalho sobre os SPG lorquianos[50]. Oferece tradução para espanhol dos SPG, com alguma incorrecção, que ela própria reconhecerá (ver infra), e utiliza referências a Da Cal segundo a versão que tinham oferecido Martínez Barbeito e Blanco Amor. No artigo de *Ínsula* Atencia refere a colaboração que tinha recebido de Ricardo Carvalho Calero para o estudo desses poemas.

Aquele interesse, mesmo polémica, em redor do produto lorquiano avivar-se-á em poucos anos ao encontrarem-se os autógrafos (ver infra). No entanto, a curiosidade e a pressão para saber mais dele continuavam e acrescentavam-se cada vez mais.

III.3.1.7.-Capital simbólico em Portugal e renuncia à nacionalidade espanhola, em 1983.

Em 1983 Da Cal acrescentou o seu capital simbólico ao ganhar o prémio D. Manuel II de Bibliografia, convocado em Lisboa, pela BQ, firmando assim a centralidade nos estudos queirosianos, que continuam a abrir-lhe portas e reconhecimentos[51]. Em 3 de Agosto foi admitido como sócio no Instituto Cultural Galaico-Minhoto[52].

---

[50] Trata-se do contributo desta produtora andaluza apresentado por vez primera entre os 24/26-XI-1981 em Toulouse, na sequência de uma homenagem a García Lorca organizada pela Universidade de Toulouse-Le-Mirail, e publicado também em volume (Atencia, 1982:165-172).

[51] Para além das críticas e referências publicadas em diferentes meios, estabeleceu contactos do maior interesse. É o caso, v. gr., de Dario M. de Castro Alves, Embaixador do Brasil em Lisboa, quem, em 7-I-1983, lhe solicita "sua bibliografia pessoal, de sua autoria, sobre Eça de Queiroz [...] a fim de ficar devidamente inteirado e consultar com o que tenho em casa. Espero breve ver o casal amigo". O relacionamento pessoal e amizade juntam-se à admiração da produção queirosiana.

Jacinto do Prado Coelho (23-VII-1983) agradece a Da Cal o interesse pela evolução da sua grave doença. Afirma que tivera ocasião de fazer "o balanço da minha vida", lembrando instantes em que estiveram juntos, e também "aproximações literárias: um comentário que escrevi, e republiquei em livro, à margem dos teus poemas; a colaboração no *Dicionário de Literatura*, cuja 3ª edição (fazendo a 4ª, por iniciativa do editor) tem sido vítima de sucessivos atrasos, em parte por doenças do editor –excelente homem, aliás— e de alguns dos seus nove filhos". O antigo amigo e aliado dava assim notícias do exitoso DLPGB, que tanto contribuira para difundir o discurso de Da Cal sobre Eça e a literatura galega.

Da Cal (23-XI-1983) comunica Teodore Beardsley Jr., presidente da HSA, que corrigia as provas dos dois últimos tomos da BQ. O de Índices, estava a dar muito trabalho, pois "el onomástico contiene la friolera de 7.821 nombres, acompañados cada uno de una cola de cifras remisivas al 'corpus' y a la 'addenda', que oscilan entre una y 600. Enfin, un trabajo aplastante y enloquecedor, que yo no podría hacer sin la ayuda inestimable de Elsie –a trained bibliographer—mucho más segura y paciente que yo". Refere-se à BQ como "rascacielos queirociano". Indica que o projecto finalizará nos inícios do ano 1984, embora os volumes aparecerão com data de 1983 por causa de lhe ter sido concedido esse ano

A iniciativa que visava a unificação ortográfica da língua portuguesa defendida em 1963 por Da Cal, Machado da Rosa, Pedro Calmon e Celso Cunha no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros de Coimbra (ver supra) emergia para a actualidade ao ser lembrada, e aprovada de novo, nas sessões do Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo[53], celebrado em Lisboa, onde foi rememorada e apoiada por Luís Filipe Lindley Cintra, figura central do Campo da Lingüística Portuguesa[54], quem esse mesmo ano frisava o seu interesse e a necessidade de retomá-la, num artigo publicado na França[55]. Nesse Congresso também foi assinalado o pioneirismo de Da Cal no estudos lusófonos nos EUA[56].

---

o prémio bibliográfico da Fundação Casa de Bragança. E acrescenta: "El 'Instituto Português do Livro' y la Universidad de Coimbra han resuelto que mi BIBLIOGRAFÍA QUEIROSIANA se institucionalice y que bi-anualmente se publique un volumen de 'Addenda', para eso se ha constituido una comisión universitaria, presidida por el Prof. Carlos Reis, de la Universidad Coninbrigense, que bajo mi consejo, mientras yo viva, se encargará de coordinar y publicar esos volúmenes suplementarios. Carlos Reis, que tiene sólo 36 años, es el queirosiano de más valía de las generaciones más jóvenes".

52 José Carro Otero (1-X-1983), professor da USC e presidente do comité organizador do II Colóquio Galaico-Minhoto, agendado em Compostela de 14 a 16-IV-1984, envia-lhe a primeira circular para convidá-lo, e "a efecto de que prevea la posibilidad de presentar alguna comunicación científica al mismo, dentro del área de trabajo por Ud. Cultivada". A redacção desta epístola em castelhano originará uma polémica (ver infra).

53 Embora ausente fisicamente das sessões, Da Cal foi protagonista desse congresso: pela proposta de Cintra, um artigo de Williams, e outros sobre a língua da Galiza e a ecdótica queirosiana (ver infra).

54 Lindley Cintra presidia ao Comité Executivo desse Congresso, celebrado no Verão (foi um grande acontecimento, que reuniu participantes de mais de 25 países. Intervieram o Presidente da República, António Ramalho Eanes; e Mário Soares, Primeiro Ministro, para além de integrarem a Comissão de Honra representações de outros países e da UNESCO; bem como de universidades e outras instituições académicas e de cultura de Portugal e do Brasil). Nele programou-se uma Mesa-Redonda subordinada ao título "Documentação e Informação sobre a Língua Portuguesa: Intercâmbio", na qual o próprio Lindley Cintra lembrou o acontecido em Coimbra, afirmando (Pontes, 1985: 526-527): "Eu tinha reservado para esta sessão uma proposta a fazer tendo em vista o futuro. Mas uma proposta que já vem do passado, uma proposta que foi feita há muitos anos, em 1965 [sic], no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Coimbra, por um grupo de professores, entre os quais estavam o Prof. Celso Cunha, Pedro Calmon, Ernesto Guerra da Cal e Alberto Machado da Rosa. Uma proposta que eu só não subscrevi porque não estava presente nesse Colóquio, mas à qual aderi, e os autores consideraram-me como um dos signatários. Só por isso me atrevo, na ausência deles (esperava que o Prof. Celso Cunha estivesse presente), a repetir essa proposta porque me parece ainda oportuna, modificando-lhe, naturalmente, a formulação" . Na continuação, Cintra expôs a sua moção, que aconselhava a posta em andamento desse centro, com sedes "em cada uma das capitais dos países de língua portuguesa". Esta intervenção foi muito bem acolhida. A moderadora, Maria Lourdes Belchior Pontes, afirmou ao respeito (Pontes, 1985: 528): "Ousarei recordar que esta proposta, realmente, mantém a validade que o Prof. Cintra pôs em evidência. Recordo perfeitamente que também não a assinei porque não estava nesse momento presente em Coimbra, mas queria, numa palavra de remate, propor-vos que, embora sejamos poucos, mas escolhidos, que, por aclamação, aprovássemos esta proposta do meu colega Lindley Cintra, que, penso, como disse há pouco, tem ainda muita validade. Isto será um primeiro ponto. [...]Adiro também à proposta e acho que ela, realmente, repito, desculpem-me a monotonia, podia ser aprovada por aclamação". Foi incorporada como moção conjunta assinada por Pontes, Celso Cunha e Cintra, e aprovada por unanimidade, como informou Cintra no seu discurso da sessão de encerramento (Cintra, 1985: 63).

55 Os *Arquivos do Centro Cultural Português* publicaram uma conferência proferida em Paris por Luís Filipe Lindley Cintra aos 27-X-1982, em que se lembrou aquele projecto de vinte anos antes. Ao revisitar a história do idioma e analisar a actualidade, referencia a necessidade de aquela iniciativa de

Enquanto em Portugal vivia um tempo de sucesso e plenitude, na Galiza triunfava a opção para a ortografia da língua autóctone contrária à que ele defendia. O reintegracionismo ficará preterido para situação periférica, secundarizado no âmbito das instituições políticas, do ensino e da comunicação social. Da Cal publica poemas nessa opção, mas no exterior, enquanto na Galiza se restringia o espaço.

Além disso, aos 7-IX-1983 acrescentou-se uma nota marginal na sua partida de nascimento: por meio de comunicação de 29-VI-1983, o Consulado Geral de Espanha em Lisboa fizera sabedor ao Registo Civil de Ferrol (Montero Santalha, 1995: 20 e 22) da oficialização da sua renúncia à nacionalidade espanhola. O seu filho, Enric Ucelay da Cal, tramitava na altura a nacionalidade espanhola, com ensejo de ingressar de professor na Universitat de Barcelona, mas o pai não lhe facilitou a documentação, segundo o próprio Enric Da Cal depoe[57]. Foi um ano em que também manteve a doação de materiais de interesse bibliográfico e de pesquisa para a HSA[58]. O Presidente da Câmara Municipal de Quiroga respondeu em Outubro a Xosé Estévez estar "totalmente de acuerdo y procuraré que se lleve a cabo" à proposta que o Professor da Universidade de Deusto lhe tinha feito em carta de 13-VI desse ano, para dedicar uma rua a Da Cal; mas não será efectivizada[59].

---

1963. Afirma (Cintra, 1983: 221-222): "Je crois qu'il vaut la peine de rappeler cette proposition, publiée dans les *Actes* du Colloque. C'est sans doute un Project qui mériterait d'être repris et actualize et que founirait les bases d'una manière d'agir en toute sécurité et objectivité, dans ce domaine délicat mais si important de ce que les hommes de la Renaissance auraient appelé la 'Défense et illustration de la langue portugaise'". Revalidava-se assim um assunto que ficara no esquecimento, apesar das gestões nos primeiros anos para tentar de que prosperasse. Com posterioridade ao Colóquio de Coimbra tentara-se já contactar Cintra para procurar apoios mais efectivos em Portugal.

56 Da Cal foi indigitado na intervenção de Frederick G. Williams, quem falou de "O ensino do português nos Estados Unidos". Ao (Williams, 1985: 758) "salientar algumas datas e alguns nomes importantes" referiu "1958-Estabelecimento do Instituto de Estudos Brasileiros, inaugurado em New York University, iniciativa de Ernesto Guerra da Cal". Também informou das (Williams, 1985: 770) "Dissertações sobre o português em Universidades Americanas", entre 1969 e 1983, 161 no total, indicando ser CUNY a segunda (após Wisconsin) com maior número de contributos, com 16, correspondendo 11 ao período 1969-1977, coincidente com a presença de Da Cal na instituição.

57 É por isso que, em 12-XII-1983, Eugenio Granell foi convocado para testesmunha no Registro Civil de Madrid, para favorecê-lo nessa questão, segundo se infere do documento desse organismo datado em 1-XII-1983.

58 Em carta, Da Cal (23-XI-1983) comunica T. Beardsley Jr., ter estado uma semana de férias em Londres, e informa de ter enviado para a Hispanic Society 742 livros, 975 publicações periódicas e 90 discos. Valorizava tudo em algo mais de 18.000 dólares, e oferece mais uma vez compensar essa quantidade com as suas obrigas fiscais nos EUA, de que envia cópia, como tinham concertado previamente em breve visita de Beardsley realizada ao Estoril. Anuncia-lhe Da Cal o projecto dele e de Elsie de visitar Nova Iorque em Junho.

59 Com a mudança de Governo Local em Quiroga, Estévez reiterará a proposta perante o novo presidente da Cámara, em carta que lhe envia em 3-VII-1987, e teve como resposta poucos dias após que "se tendrá en cuenta sus sugerencias, en el momento que haya una calle en construcción"; mas também não prosperou a iniciativa.

III.3.1.7.1.-Premio pelos “mais extensos e profundos estudos estilísticos e bibliográficos sobre Eça de Queirós”.

Nos inícios de ano, Da Cal ganhou o Prémio D. Manuel II de Bibliografia, convocado em única vez pela Fundação Casa de Bragança, uma instituição oficial do Estado português, para comemorar o 50 aniversário da morte de aquele rei, notável bibliólogo e bibliógrafo. Foi-lhe atribuído por unanimidade, por considerá-lo “notável investigador, autor dos mais extensos e profundos estudos estilísticos e bibliográficos sobre Eça de Queiroz”[60]. O prémio, no valor de 300 contos, distinguiu os quatro primeiros volumes da BQ[61].

Em Março, ***Colóquio Letras***, assinalava que (Sem Autor, III-1983: 112) “o júri contempla o mais completo trabalho bibliográfico até hoje realizado sobre um escritor português. [...] Crê-se que dificilmente terá similar, mesmo além-fronteiras, conjunto, no género, de tal magnitude”.

O prémio “pelo seu monumental estudo dedicado ao autor de ‘Os Maias’” foi destacado na **entrevista assinada por Fernando António de Almeida, no *Jornal de Letras* de Lisboa** de 12/25-IV-1983. Este documento tem relevo para a confirmação do seu papel como *auctoritas* no CEL português. Ocupa três páginas, e nas duas últimas inclui-se uma recensão da BQ, de Américo Guerreiro de Sousa, e dois poemas dele[62].

---

60 Assim consta na acta do júri, constituído por Justino Mendes de Almeida, do Instituto Português do Património Cultural, que presidiu; Humberto Baquero Moreno, da Universidade do Porto e Vice-Reitor da Universidade Livre; Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra; Fernando de Mello Moser, da Universidade de Lisboa e presidente do Instituto da Língua e Cultura Portuguesa; e por João Gonçalo de Amaral Cabral, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança. Salienta-se “que actualmente reside em Portugal” e “é, ainda, autor de outros importantes trabalhos de Cultura Portuguesa e prossegue intensamente as suas indagações sobre o Romancista”.

61 Atendendo ao valor dos restantes trabalhos concorrentes, instituiu-se um segundo prémio, de 200 contos, por unanimidade atribuído ex aequo a Frei Francisco Leite de Faria, da Academia Portuguesa da História, e a Maria da Graça Pericão de Faria, da Biblioteca Geral da UC.

62 É apresentado como “galego de nascimento (recusando voltar à Galiza nas actuais circunstâncias) e galaico-português de vocação”, além de “americano de nacionalidade” segundo o que diz ser “autorretrato”. Informa que nos EUA “também exerceu o jornalismo durante dez anos”. Afirma-se que “tem no prelo o volume dos índices da *Bibliografia Queirosiana*, à qual acrescenta ainda mais dois mil verbetes!”, e anuncia o projecto de “Continuar a Bibliografia, desta vez com a colaboração de dois queirozianos, o prof. Carlos Reis e o eng.º Santos Ferro”, para além de um estudo sobre *A Relíquia*.

O jornalista considera-o “o primeiro especialista de Eça de Queirós”. Da Cal refere-se às traduções de Eça, à influência nas letras hispanas ou ao disenso que mantinha com a crítica portuguesa por *A Relíquia*. Mas o centro da entrevista é TRF. Critica outras edições –*O Conde de Abranhos, Alves&C^a* e *A Capital* –, pelas modificações introduzidas pelo filho do romancista. “Mas estes tratos, tudo isto, não é nada, diz o professor Guerra da Cal, comparado com pretender dum manuscrito informe, duma obra má, duas vezes condenada pelo autor – primeira ao deixá-la na gaveta, a segunda ao usá-la como um *santón*, donde Eça tirou, personagens e frases para obras como *Os Maias, A Relíquia, O Primo Basílio, O Mandarim*... Para Guerra da Cal este tipo de obras não realizadas, só tem interesse para os estudiosos, mas não para o grande público. Na sua opinião elas apenas devem ser publicadas em edições fac-similadas, anotadas e comentadas. Considerando *A Tragédia da Rua das Flores* como uma obra ‘non

Aos 14 de Junho de 1983[63] o Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, João Gonçalo do Amaral Cabral, comunica-lhe estar agendada a Sessão solene para a entrega dos diplomas do prémio para o 2 de Julho, em Vila Viçosa, e solicita a sua presença. Assim será, com efeito.

**O reconhecimento e as recepções da produção de Da Cal continua com maior intensidade. De muitas maneiras se evidencia a centralidade atingida**.

**Manuel dos Santos Alves** insiste nas traduções para francês de textos clássicos como alicerce de produtos queirosianos. Refere-se ao trabalho publicado no ano anterior sobre o mesmo assunto, em Paris, num volume que também difundia um artigo de Mimoso Ruiz, e assinala a respeito deste pesquisador que (Alves, 1983: 396-397n) "a maior originalidade desse trabalho reside no plagiato a que o fraudulento *auctor* recorre, susurripiando literalmente, em correcta tradução francesa, uma frase de Ernesto Guerra da Cal (*Linguagem e Estilo de Eça de Queirós*) e copiando quase na íntegra o artigo de Marcus de Jong, cujo nome apenas menciona uma vez no corpo do seu (?) texto, para dizer que ele não tinha razão", valorizando Alves este proceder entre as "aventuras de pirataria intelectual". Isso mesmo comunica Alves (22-III-1983) em carta para Da Cal, em que confirma ter descoberto um autógrafo queirosiano e solicita-lhe ajuda[64].

---

nata', ilegível [...] acentua, noutro plano, que *A Tragédia* é, de todas as obras de Eça, aquela que tem a bibliografia contemporânea mais rica, sendo a obra mais pobre. 'Melhor: não é obra'". Acrescenta outras valorizações do mesmo teor que adiantam o volume de Addenda da BQ. Da Cal insiste em colocar o trabalho da edição como assunto central, reservado para especialistas. (Esse número do *Jornal de Letras* oferece grande destaque à análise de TRF. Na capa anuncia entrevista com Da Cal, e artigo de Carlos Reis. A série televisiva alicerçada nesse produto queirosiano finalizava, e os dois reprovam-no, por "incaracterístico da estética queirosiana" segundo Reis: e porque "não é 'obra' de Eça de Queiroz", que era o título da entrevista com Da Cal).

Em duas epígrafes finais, "A Galiza é um país semiconquistado" e "A língua galega", fala do posicionamento a respeito da política, a cultura e a língua galegas. Afirma (Almeida, 12/25-IV-1983:16-17): "Reformado, Guerra da Cal recusou voltar à Galiza. 'A Galiza é um país semiconquistado e eu não posso conviver com uma Galiza mediatizada pelo Estado central. Estou aqui numa Galiza livre, onde falo a minha língua, estou rodeado de pessoas que falam a minha língua e só tenho que ouvir de vez em quando um turista falando em castelhano. Mas se for à Galiza tenho que estar a ouvir os galegos a preferirem, muitos deles, serem espanhóis de quarta classe que galegos de primeira'. [...] realça o facto de ter sido –nos seus poemas– o primeiro escritor a utilizar o sistema gráfico português para transcrever o galego. [...] põe em relevo o contributo positivo dado pela Associação da Língua Galega que defende o escrever em *reintegrado* e a universidade que considera, 'apesar de tudo', como 'um foco de resistência'". Da Cal reitera o posicionamento de que deixara constância em numerosos foros e publicações. Demonstra estar informado dos acontecimentos, e a sua vontade de intervir. Aquela referência de ter sido o primeiro escritor galego que utilizou o sistema gráfico português não era exacta, pois com anterioridade já outros (v. gr. Bouza Brey) o fizeram: é uma afirmação que, como muitas vezes aconteceu na Galiza, lembra o mito de Sísifo: a vontade de reconstruir e começar de novo, porque não vai ficando memória das coisas.

63 Este documento está inserido fac-similarmente em FUN (Gômez, 2002: 274).

64 Informa a Da Cal de ter sido vítima de um plágio, e junta documentação para que o verifique.

A entrevista de Da Cal no *Jornal de Letras* está acompanhada de uma recensão de **Américo Guerreiro de Sousa** intitulada "Uma monumental *Bibliografia Queirosiana*". Afirma que a respeito de Eça, em Portugal, (Sousa, 12/25-IV-1983:16)

> a obra, apesar da quantidade impressionante de artigos e livros sobre ela, continua por descobrir. [...] Isto e mais se depreende da leitura desta monumental Bibliografia Queirosiana, organizada pacientemente, durante mais de trinta anos, pelo professor Guerra da Cal. Ela é *Os Maias* da bibliografia ibérica. [...] fascinou-nos sobretudo o espelho que é da cultura portuguesa. [...] O que choca e surpreende, quando desfolhamos a obra inestimável do professor Guerra da Cal, é isto: milhares de artigos e de livros sobre Eça de Queirós, mas tão poucos com interesse real. Ela mostra o fosso entre os objectivos de uma obra de arte e a sua apreensão por uma sociedade de pequena, falsa e distorcida cultura, que daquela capta apenas os acidentes secundários e o fogo de vistas, mas raramente a verdade profunda, que é muitas vezes deturpada, soterrada sob uma avalanche de polémicas medíocres, irrelevantes ou simplesmente idiotas.

Sob a epígrafe "Bibliografia exaustiva", afirma que ao existir a produção dacaliana "é tempo de conferir aos estudos queirosianos um rumo menos precário e mais sistemático", reiterando que "sem uma crítica decente não pode existir uma literatura decente"[65], e frisando (Sousa, 12/25-IV-1983: 17) "O que não aprendemos com essa imprescindível obra do professor Guerra da Cal!". Em mais de uma página comenta diversas questões a respeito de Eça e a cultura portuguesa, sugeridas pela BQ. E acrescenta: "também não deixa de ser interessante notar a paixão suscitada pela obra de Eça de Queirós, como tudo o que diz respeito ao autor e à sua obra, devidamente registada nesta maravilhosa BQ". Conclui Guerreiro de Sousa:

> Temos assim que uma obra de quatro volumes (o 5º já está no prelo), que reúne nada menos do que 14.000 fichas classificativas, de aparência árida mas afinal rica de sugestões, constituiu a leitura mais compensadora e de certo modo a mais aliciante que fizemos em tempos recentes. Da autoria de um galego e em castelhano –para nossa profunda gratidão e grande vergonha.

Preciosa valorização, portanto, neste número da revista em que Da Cal é reconhecido como vulto principal do CEL português, e em que Américo de Sousa o indigita como modelar, em contra da tradição crítica portuguesa.

De 28-VI a 3-VII-1983, em Lisboa, no "Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo", **Carlos Reis** reivindicou uma "vertente ética" na edição textual,

---

[65] Sousa comenta as acusações de plagiato, e reprova a "responsabilidade" do CEL pelo facto de a literatura portuguesa não estar à altura "de Eça de Queirós ou sequer de Camilo", bem como de não ter publicado uma edição crítica da produção queirosiana nem fixado bem os textos, exceptuando o "trabalho benemérito de Helena Cidade Moura" sobre *O Crime do Padre Amaro*.

referindo-se ao caso de TRF[66] com argumentos semelhantes aos exprimidos por Da Cal na entrevista antes citada no *Jornal de Letras*. Estendia-se assim esta opinião, de maneira que se visava a participação de especialistas para o labor de fixar a textualidade, pelo interesse do empreendimento para a identidade portuguesa.

**Taborda de Vasconcelos** valoriza LEEQ, na revista *O Médico*. Assinala carências apontadas no estudo, e afirma ser (Vasconcelos, XI-1983: 302) "livro notabilíssimo, de permanente validade didáctica não obstante o tempo decorrido sobre a versão original e as novas correntes da análise literária". Salienta o "exame penetrante, apoiado sempre na indispensável demonstração", além de revelar "aspectos mal conhecidos ou ainda ignorados" de Eça. Acrescenta (Vasconcelos, XI-1983: 303):

> Modelo de crítica literária, que logo se nos impõe pelo método, pela clareza de ideias, pela segurança da exposição, abre-nos pois o conhecimento da fisionomia artística do romancista, explica, a uma nova luz, o seu papel renovador nas letras ibéricas, e permite avaliar, ao mesmo tempo, o que a sua contribuição teve de original e de novo, e o que nela subsiste de actual e permanente. [...] Não há muitos livros como este no panorama dos estudos queirozianos. Porque Guerra da Cal [...] Laborioso e tenaz, foi acrescentando a essa obra de erudição muito particular, e continua a fazê-lo, uma gigantesca Bibliografia (activa e passiva) que, apesar de incompleta –pois, segundo ele, outros volumes se aguardam ainda— demonstra já o carácter definitivo e maciço de tão vultuosa e solitária actividade de mais de trinta anos, coisa como nunca se havia feito para nenhum outro escritor português.

Indigita Da Cal de "arquétipo" de Eça, e refere que em Tormes verificara como os herdeiros de Eça sentiam "um vago despeito" porque Gaspar Simões, ao contrário que Da Cal, nunca lhes tivesse pedido quaisquer informações. Julga que LEEQ (Vasconcelos, XI-1983: 304): "avulta no panorama crítico incessante, e ainda longe de esgotar-se, a que a obra do romancista tem sido submetida por toda a parte". Esta valorização, proveniente de um produtor que já despontava entre os novos nomes do CEL, tem também interesse por projectar LEEQ numa revista especializada de outro campo[67], o da Medicina, uma consequência da centralidade atingida, que se estendia para outros âmbitos.

---

[66] Reis referiu-se nesse lugar ao "affaire" (sic) das edições de TRF como "uma das maiores afrentas que jamais se fizeram à memória dum escritor. É preciso não se conhecer nada da história literária de Eça de Queirós para nos atrevermos a editar, nas circunstâncias e nas condições em que isso foi feito, um texto como o da *Tragédia da Rua das Flores*", segundo se recolhe nas *Actas* do acontecimento (Vol I, AA. VV., 1985: 511). Consta também como Reis (AA. VV., 1985: 68-69, ver infra) aderira uma proposta da Professora Maria do Carmo Henríquez, presidenta da Associaçom Galega da Língua, sobre o galego. Reis, que principiava a adivinhar-se como o sucessor de Da Cal como principal referência dos estudos queirosianos, filiava-se portanto às principais teses de quem era na altura o mestre indiscutível.

[67] O único trabalho específico sobre literatura neste número era esta crítica de Vasconcelos. Nesse exemplar incluiam-se outros contributos sobre bioquímica aplicada, obstetricia, adolescência e endocrinologia, além de notícias respeitantes ao campo da Medicina.

Em dois volumes sobre a *Correspondência* de Eça, **Guilherme de Castilho** faz numerosas referências à BQ como fonte principal de investigação. Edita 548 cartas e historia o epistolário queirosiano, com uma relação de um centenar de cartas dispersamente publicadas e inéditas[68]. A BQ emerge assim como fonte principal de informação para um trabalho que substituia em parte aquele projecto em que trabalhou Da Cal até que a produção de Eça entrou no domínio público (ver supra). A utilidade da pesquisa dacaliana serve para completar produtos de outros pesquisadores.

Nesse ano editou-se *A Vida de Eça de Queiroz*, do brasileiro **Luís Viana Filho**. Em "Nota Liminar" assinala que (Viana Filho, 1983:8) "Ainda em Portugal contei com a boa ajuda do Prof. Guerra da Cal, cuja importância nos estudos sobre Eça de Queiroz é desnecessário acentuar"[69].

O verbete do DLPGB dedicado ao romance *A Relíquia* foi referenciado na revista *Iberoromania*, num trabalho de **Klaus Pörtl**.

Em *Crítica V*, outro volume recompilatório de **Gaspar Simões**, reproduzem-se recensões referenciadas supra sobre LEEQ (Simões, 1983: 531-534), a BQ (Simões, 1983: 535-539), e *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*, (Simões, 1983: 685-691), em que se espelha a luta pelo centro do queirosianismo.

**Elysio Condé** rememorava velhos projectos (1983: 155-156), no livro de crónicas *O navegante solitário*, onde reproduz um trabalho difundido no *Jornal de Letras* do Rio em 1975 (ver supra), no qual Da Cal fazia a última referência ao estudo sobre Machado de Assis, anunciado desde a década de 50, um projecto fulcral para o seu reconhecimento no Brasil, pela expectação que gerou. Também Condé, em Setembro, no *Jornal de Letras* (Rio de Janeiro) publicou "Recordando: 1º Congresso Brasileiro de

---

[68] No primeiro volume é citado como fonte, v. gr. na página 49, na "Carta a Tomás de Carvalho", de 1870; nas pp. 85 e 100 em cartas a Jaime Batalha Reis, de 1874 e 1875; na p. 139, numa carta a Ramalho Ortigão, de 1878; na p. 255, numa carta a Oliveira Martins, com referência ao conhecido prólogo para *O Mandarim* enviada para a *Revue Universal*; e na p. 255, numa carta a João da Câmara.
No segundo volume há referências para informar das crises da *Revista de Portugal* (p.24), das traduções de *O Primo Basílio* (p.37) ou da adaptação para teatro de *O Crime do Padre Amaro* (p.85); explicar as modificações à produção queirosiana n'*As Farpas* quando a revisou para a reeditar como *Uma Campanha Alegre* (pp.144-145); para fornecer dados do *Dicionário de Milagres* (pp. 228-229), explicar as necessidades pecuniárias que levaram Eça a promover a edição de *Almanaques* (pp. 370-371), apresentar a *Revista Moderna* (p.387) ou para informar de um terceiro retrato de Columbano a Eça (pp.497-498).

[69] Alicerça (Viana Filho 1983:76) no tomo I da BQ a carta do pai de Eça ao editor quando lhe pediu que editasse *O Crime do Padre Amaro*. E ao analisar *A Relíquia*, refere (Viana Filho, 1983:179 e passim) o trabalho de Da Cal e o seu argumento em favor da tese do romance como "picaresco e cervantesco". No volume há referências também ao verbete "Fradique Mendes", do DLPGB.

Crítica"[70], em que memora o congresso de 1960 no Recife, em que Da Cal fora Convidado de Honra, juntamente com Jean Paul Sartre. O artigo[71] revela como Da Cal era figura apreciada e respeitada entre os principais vultos da intelectualidade brasileira.

III.3.1.7.2.-Na Bibliografia de Fernando Pessoa.

No Verão publicou-se *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*, de José Blanco. Da Cal encontra-se reconhecido em dois verbetes da bibliografia passiva: no 308 (Blanco, 1983: 349), em que se referencia a tradução para inglês e análise do poema "Autopsicografia"; e no 320 (Blanco, 1983: 351), em que se indica o mesmo labor com "Entre o sono e o sonho". No primeiro dos casos partilha o interesse pela composição com outros quatro produtores; mas no segundo é o único. As duas inclusões devem-se ao contributo em *The Poem Itself*, volume coordenado de Stanley Burnshaw (ver supra).

O reconhecimento neste repositório fazia dele também referência para os estudos pessoanos[72].

III.3.1.7.3.-O novo decreto da normativa da língua galega e as suas consequências.

Em Abril, no ***Diario Oficial de Galicia*** publicou-se o decreto que reconhecia a nova normativa da língua galega. Suprimia as orientações favoráveis para o reintegracionismo, vigorantes na primeira normativa elaborada sob a direcção de Ricardo Carvalho Calero e José Luís Rodríguez, e representava a derrota das teses que defendia Da Cal nas últimas décadas.

Entre os defensores da nova normativa há uma atitude de silenciamento e não reconhecimento dos derrotados. Um exemplo que atinge Da Cal é o verbete sobre poesia galega dedicado no número 25 da *Gran Enciclopedia Gallega*, publicado esse

---

[70] Esse trabalho, incluído no número 385, nas páginas 2-3, intitulava-se "Recordando o Primeiro Congresso de Crítica Literária. Jean Paul Sartre e Ernesto Guerra da Cal".

[71] O conteúdo deste artigo coincide com outro, assinado como "C. S.", publicado com o título "Caruaru e o bode", conservado no Espólio EGC, sem identificar onde foi inserido. Condé refere que na altura de aquele Congresso se encontrava como Director Geral da Biblioteca Nacional, e nessa condição tinha sido convidado para participar nas sessões. Lembra que após o encerramento dos trabalhos (Condé, IX-1983) "levamos para Caruaru alguns professores participantes, entre eles Guerra da Cal, Celso Cunha, Eduardo Portella, Mário Camarinha, José Carlos Lisboa, o escritor Fernando Salles, Marina Roxo e outros". Relata uma anedota, assinalando que Da Cal tinha "descoberto" que a carne que estavam a comer não era de bode, mas de cachorro, em referência a um cão que tinham visto ao chegar ao restaurante, e que aquela notícia "correu de Caruaru a Recife entre os congressistas com grande curiosidade" e dera lugar a uma dedicatória de José Carlos Lisboa aquando o lançamento da peça *A casa do bode*, em que escrevera uns versos para Da Cal sobre o acontecimento.

[72] Neste volume não consta o verbete dedicado por Da Cal a Pessoa no *Columbia Dictionary of European Literature*. No entanto, anos mais tarde citará esse trabalho e oferecerá a Da Cal consideração de "pioneiro pessoano", pela difusão do produtor dos heterónimos em língua inglesa (ver infra).

ano, em que (Monteagudo Romero, 1983: 74-75) não aparece citado entre o comprido relacionamento de produtores respeitantes ao século XX. **Da Cal era banido, e nem como poeta nem como estudioso merecia menção**. Uma atitude que se repetirá com ele, e com outros, em novos produtos editados nos anos sucessivos ao cuidado dos vencedores de aquela luta ortográfica[73].

Aquele virar de costas das instituições do Campo do Poder Político galego e a negativa de qualquer apoio ou reconhecimento, que muito activamente intervinha para tentar evitar que os produtos reintegracionistas fossem utilizados no ensino e em qualquer instituição pública, teve outras consequências, entre elas o **desaparecimento da Colecção Noroeste** que tinha impulsado Rodrigues Lapa na editora portuguesa Sá da Costa[74].

Perante as dificuldades no interior, o **reintegracionismo tenta ganhar reconhecimento no exterior**. Assim, em Julho, no Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no Mundo, celebrado em Lisboa, uma das moções aprovadas (Cintra, 1981: 63) "por maioria quanto ao seu ponto 1, unanimidade quanto ao seu ponto 3 e que obteve 32 votos a favor, 23 contra e 75 abstenções quanto ao ponto 2[75]" foi a defendida

---

[73] Também em 1983 Da Cal recebeu o número 8 do boletim *Bendado*, editado pela Livraria Couceiro de Santiago, no qual sublinhou diferentes editoras galegas. Nele noticiava-se do acordo solicitado pelo Parlamento de Galiza do Governo espanhol "dun tratado que establecera relacións culturais entre Galiza e Portugal, considerando que Galiza e Portugal constituin unha unidade étnica que se evidéncia, entre outras cousas, na língua".

[74] Lapa (10-IV-1983) encaminha carta para Da Cal, em que lhe comunica: "Há muito tempo que não nos vemos, nem sequer nos escrevemos. A culpa é inteiramente minha. Tenho andado bastante mal de saúde, e não espero, à beira dos 86 anos, grandes melhoras dos meus males. Elegi-o meu sucessor na campanha do galego, e é nessa condição que venho oferecer-lhe o derradeiro trabalho que escrevi sobre a matéria: é o meu testamento. Tem uma história um tanto curiosa. Dado o pouco interesse que a questão do galego tem despertado em Portugal (o próprio Sá da Costa desistiu da Colecção NOROESTE), resolvi sondar a gente culta do Brasil. Escrevi ao Prof. Leodegário de Azevedo Filho, director da 'Revista Brasileira de Língua e Literatura'. Ficou muito aprazido com o meu apelo, dizendo-me que punha a sua revista 'inteiramente à disposição da nobre causa da incorporação da Galiza, como nação, ao mundo luso-brasileiro'". Aquela oferta, no entanto, não prosperará, o que provocava o desassossego de Lapa, que finalizava a sua carta com este parágrafo: "Pobre de mim e pobre da Galiza, coitada: Não tem sorte nenhuma! Resta-me a consolação de saber que, pelo menos, você vai responder a esta carta".

Lapa (18-VII-1983) envia nova carta para Da Cal em que lhe solicita opinião sobre "um pequeno artigo meu em que tratava o problema das relações culturais entre Espanha e Portugal, numa postura negativa", publicado no sábado anterior na revista *Expresso*. Lapa reagia com pessimismo perante a nova situação, ao verificar como tinham sido derrotadas as propostas e o trabalho de tantos anos. Insistia em indigitar Da Cal como sucessor.

[75] Esses pontos eram, segundo se recolhe nas *Actas* (Henríquez et alii, 1985: 68-69): "1.-Atendendo à situação actual dos estudos linguísticos, o Congresso reafirma a tese de que o Galego e o Português são normas cientificamente reconhecidas de um mesmo sistema, que engloba as comunidades linguísticas luso-galego-brasileiro-africanas. 2.-Reconhece ainda o Congresso a existência e o labor de associações – legalmente reconhecidas dentro e fora da Galiza, que trabalham no sentido de reintegrar o Galego na área cultural que lhe é própria. 3.-Manifesta o seu apoio a iniciativas que propiciem uma aproximação cultural, científica e convivial entre as comunidades galega e portuguesa, nomeadamente, o intercâmbio iniciado entre escolas secundárias fronteiriças, e que se torne progressivamente possível entre outras instituições".

por Maria do Carmo Henriquez Salido e outros[76] respeitante à situação da língua da Galiza. Trata-se de um episódio de relevo na sequência da luta ortográfica, questão presente no congresso, sendo convidada para falar dela a Professora Pilar Vázquez Cuesta, cuja intervenção resultou polémica e foi contestada por outros galegos presentes, segundo se recolhe nas *Actas* (Vázquez Cuesta: 1985). A relatora, professora da Universidade de Salamanca, insistiu no quadro legal e na necessidade de (Vázquez Cuesta, 1985: 121) "prantexar a mellor política linguística para a nosa fala, nun futuro democrático". Posicionou-se contra o defendido por Rodrigues Lapa no polémico artigo de 1973, bem como os seus seguidores, por valorizar que (Vázquez Cuesta, 1985:122) "consideran o portugués como a forma culta do galego e tratan de restaurar a toda presa a unidade lingüística galaico-portuguesa da Edade Média cunha ortografia que menospreza por enteiro a nosa fonética"; um posicionamento que teve defensores e detractores entre os galegos e outros participantes no congresso.

Em Agosto, Da Cal foi objecto de uma conferência proferida em Buenos Aires, na sequência do "I Simpósio internacional da língua galego-portuguesa" celebrado os dias 12 e 13 desse mês, organizado pela associação Amigos do Idioma Galego da capital argentina. Nesse acontecimento (Henríquez Salido: III-1992: 37) "o jornalista Pedro Freire tratava o assunto 'Guerra da Cal, um exemplo de emigrado com 'língua'"[77]. Da Cal aparecia pois como modelo nessa actividade, promocionada pelos defensores do Galego-Português no enclave da emigração galega da capital da Argentina, que também se organizava com o amparo da Associaçom Galega da Língua. É, portanto, no exterior, onde encontra eco a proposta reintegracionista, quer com Lapa e outros especialistas, quer na colectividade de Buenos Aires, por enquanto na Galiza enfraquece.

Da Cal mantém contactos com os reintegracionistas da Galiza, e é convidado para actividades da AS-PG (sobretudo da secção galaico-portuguesa, que mantinha

[76] Assinavam a Moção, segundo as *Actas* (Henríquez et alii, 1985: 68-69) Isaac Alonso Estravis, Helena Mira Mateus, Maria Dores Arribs [sic, por Arribe] Dopico, Maria Helena Lopes de Castro, Jaime Ramalhete Neves, José Nogueira Gil, Maria de Lourdes Carita Silva, Maria José dos Santos, José Azevedo Ferreira, Maria Nazaré Félix Guedes Mesquita, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Gabriela Vitorino, Maria Luísa Segura da Cruz, Maria Isabel Hub Faria, Maria Isabel do Amaral Vaz N. Stephane, Carlos Reis, Fernanda Irene Fonseca e Evelina Verdelho.

[77] Esta informação, da professora Henríquez Salido (III-1992), é a única referência dessa intervenção que se pôde encontrar na sequência da presente investigação. O texto da conferência não se publicou.

actividade após ter-se separado do grupo que defendia os mínimos reintegracionistas, que era o maioritário entre aqueles que começaram juntos) mas não intervirá[78].

III.3.1.7.4.-Produção literária galega publicada em Portugal e em Madrid.

Da Cal publica esse ano quatro novos poemas, dois no *Jornal de Letras* português e outros dois na revista *Lóstrego*, editada pela Irmandade Galega de Madrid. Utiliza o cânone ortográfico que defendia a Associaçom Galega da Língua.

No *Jornal de Letras*, como já se assinalou, as suas composições encontram-se no mesmo número de 12/25-IV-1983, em que se inclui a entrevista com ele, além da recensão da BQ assinada por Américo Guerreiro de Sousa, o que evidencia como esta publicação lhe conferia o maior reconhecimento como vulto do CEL, mas também do CL. Intitulam-se "Suicídio" e "Guerra—ao longe"[79]. São poemas calculados e escolhidos propositadamente, com o fim de provocar reacções nos leitores. O primeiro, porque ao pé de uma entrevista em que tanto fala de Eça, aparece na epígrafe Camilo, o grande rival na concorrência para o centro da narrativa portuguesa; e o segundo talvez para funcionar provocando a simpatia e a solidariedade ao lembrar a sua luta contra o franquismo, a que se fazia referência na sua apresentação pelo jornalista que o entrevistou.

---

[78] De Paris, Da Cal (17-IX-1983) envia cartão postal para Isaac Alonso Estravis, Da Cal (18-IX-1983), também de Paris, escreve para Martinho Montero Santalha: agradece que lhe tivesse enviado um livro de Guisan Seixas (um novo escritor reintegracionista que começava a destacar) e outros "obséquios de matéria impressa galega", e esclarece ter ido passar um mês na França "para espairecer um pouco da pasmaceira cultural estorilense –aproveitando o convite de uns velhos amigos que tenhem umha quinta perto de Pierrefouds aonde iremos em breve desfrutar do campo francês por duas semanas". Afirma ter recebido um convite da AS-PG para participar num congresso em Santiago "mas foi tam encima da data que eu nom tinha tempo de mudar os meus planos desta viage", e acrecenta: "Da Galiza pouco tenho sabido ultimamente. Passei Junho enteiro em Londres e à volta tive que ir ao Palácio dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa para numa chatice dumha 'Sessão Solene' da 'Fundação da Casa de Bragança' (abomino solenidades) receber o 'Prémio D. Manuel II de Bibliografia Portuguesa', polo meu calhamaço (4 volumes publicados e outro nos prelos da Universidade Conimbrigense). Que aconteceu com *O Tempo e o Modo*? Morreu? Eu mandei um artigo para "O Ensino"; artigo esse que me foi pedido com urgência polo Gil Hernández –para um número de homenagem ao Professor Carvalho Calero e nunca mais soube do assunto nem do Gil Hernández. De quem também nunca mais tive notícias foi do Joaquim Campo Freire".

Da Cal (15-XII-1983) encaminha cartão de Ano Novo para Martinho Montero Santalha. Agradece que lhe tivesse enviado "o seu belíssimo *Método prático de língua galego-portuguesa*, que nom pode ser melhor e que forçosamente há de atrair para o nosso a fina flor da mocidade universitária", bem como uma "colecçom de ensaios de Carvalho Calero, a maioria dos quais era-me desconhecida". Deseja "PAZ, PAZ, PAZ" para o novo ano.

[79] Estes poemas, adaptados para o cânone do português, serão incluídos em *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para principiantes*, com os títulos "Autocídio" e "Guerra –no esquecimento". Nesse poemário, publicado no ano 1985 (ver infra), remete para esta publicação como primeira versão dos mesmos.Trata-se de dois trabalhos em que a morte é tema central.

Em Maio, na revista madrilena *Lóstrego* publicou "Ampulheta" e "Lamento", novamente com a mediação de Isaac Alonso Estravis, o principal promotor dessa publicação editada em Madrid por galegos que defendiam o reintegracionismo.

III.3.1.8.-Conclusão do maior projecto do CEL, e nova estratégia para o CL e para a língua galega, em 1984.

Em 1984 Da Cal começa a dedicar maior orientação para a actividade literária, uma vez concluído o seu principal projecto do CEL, ao completar a BQ. E após desencontros com o Reintegracionismo, decide priorizar o cânone ortográfico do português padrão na sua produção, deixando marcas galegas apenas no léxico.

Ao verificar a autoridade atingida no CEL, evidenciada nas referências aos seus estudos e na forma como contavam com ele os novos produtores, modifica a sua actuação, e intervém como guia e consultor. A poesia e as lutas pela ortografia galega passarão para o centro da sua actividade, e centraliza nesses âmbitos o resultado de muitos anos de leituras e contactos. Assim, se a BQ era assinalada como produção sem igual para qualquer escritor, e LEEQ era indigitado como modelo, agora o alvo, pelo seu modo de proceder, parece que era atingir uma consideração no CL de um impacte semelhante.

O primeiro passo nesse ano para alcançar reconhecimento no CL foi através do debute como D. C. Warnest, com o que procura aproveitar oportunidades do cinquentenário da morte de Pessoa e Lorca.

Na Galiza, estreita o relacionamento com Xosé María Álvarez Cáccamo e com Maria do Carmo Henríquez Salido, que favorecerão a materialização de novos produtos literários, contactar instituições, e encontrar mais aliados. Também se achega aos novos produtores que, na Corunha, publicavam *De amor e desamor*,[80] e à Casa de Rosalia de Castro[81], além de manter o diálogo com os reintegracionistas[82] e com os nacionalistas galegos[83], e restabelecê-lo com antigas amizades, como Xosé Luís Franco Grande.

---

[80] Da Cal (11-VIII-1984) agradece José Maria Monterroso Devesa o envio desse poemário, em que participavam dez jovens. Valoriza-o de "voluminho precioso, tanto pela intensidade do dizer poético como pola moça maturidade dos poetas. Ficam, portanto aqui os meus afervoados agradecimentos polo belo ramalhete que neste verao estorilense já me deu –e continuará a me dar –deliciosos vagares do espírito": vê-se reconhecido pelo presente e corresponde reivindicando-se também ele como poeta ao enviar-lhes uma plaquete de homenagem a García Lorca editada meses antes (ver infra).

[81] Em Novembro, Agustín Sixto Seco, presidente do Patronato Rosalia de Castro, solicita-lhe que se actualize a quota de sócio com o fim de poder "seguir coidando con dignidade aquel sagro lugar", e poder comemorar o melhor possível o centenário no ano 1985.

Da Cal sentia-se feliz em Portugal. E decidirá actuar com maior intensidade na Galiza e atingir um maior protagonismo, favorecido pola emergência de pessoas e grupos organizados que defendiam o seu posicionamento respeitante à língua, com os quais procurará cumplicidade. Será designado Presidente de Honra do Congresso da Agal, e outros reconhecimentos se sucederão até à sua morte, para além da difusão dos seus trabalhos, cada vez mais literários, embora também alguns científicos.

Nos EUA surgem dúvidas a respeito da doação para a HSA, mas também recebe reconhecimentos pela sua produção e mantém laços com antigas amizades e alunado[84]. A Professora Kathleen March ocupa-se de Da Cal no primeiro volume do *Dictionary of the Literature of the Iberian Peninsula*, editado por Germán Bleiberg, Maureen Thrie e Janet Pérez: dedica-se-lhe um verbete (March, 1984: 785-786) em que se refere sobretudo ao trabalho literário, embora cite LEEQ e contributos em enciclopédias e dicionários de literatura.

III.3.1.8.1.-O final de um projecto científico: os volumes derradeiros da BQ.

Em 1984 ficará completa a *Bibliografía Queirociana* (BQ). Finaliza assim aquele empreendimento, resultado de décadas de trabalho. Este repositório, que considerara em

---

82 Alguns começavam a assumir a nova realidade. É o caso de Xavier Alcalá, que o nformava da situação da Galiza e lhe enviava notícias de jornais sobre a actualidade do país. Em carta, Alcalá (20-VII-1984) junta um livro de contos, em ortografia de RAG-ILG, indicando que anteriormente fora rejeitado por Sá da Costa e sublinhando que "penso que o autor tem de estar por cima das ortografias". Alcalá, ao oferecer aquelas explicações, reconhecia a autoridade e o respeito que lhe merecia Da Cal, e demonstrava até que ponto lhe importava conservar a amizade e o contacto com ele.

83 Da Cal (17-VII-1984) agradece a Pilar García Negro a monografia *Rosalía Viva*, e solidariza-se com ela pelas desventuras que tivera na altura, entre elas um "processo disciplinar", pois fora expedientada pela utilização do galego no ensino (em aulas da matéria de literatura espanhola), na primeira actuação deste teor do Governo autonómico. Desta carta infere-se como persistia um interesse mútuo entre Da Cal e agentes do nacionalismo galego organizado politicamente.

García Negro (24-VIII-1984) discrepa com a estratégia da Agal e dá a entender que não pensava participar no Congresso desta associação (ver infra).

Pelo Natal, García Negro agradece o poema que lhe dedicara Da Cal e também o de Lorca, e deseja "un ano 1985 que supoña ventura para nós e nomeadamente para a nosa pátria ainda esmagada, ainda á espera dese 'Novo Testamento' (que impresionante poema!) que você augura para a nosa comun nación... Moitas gracias por este poema e por ese outro adicado a Lorca que, co teu permiso, quero ler ás miñas alunas cando falemos na aula do enorme escritor español...". A professora corunhesa revela-se assim uma importante aliada, e o elo para a mediação com o BNG.

84 Theodore Beardsley Jr. (24-I-1984) comunica Da Cal que tinham finalizada a valorização das suas últimas doações para a HSA. Informa que no futuro o imposto IRS para o qual Da Cal compensava a doação ia modificar-se. Avançavam-se dificuldades que se confirmariam no ano seguinte. Mais uma vez, decisões governamentais interferiam nos seus planos. A viagem, de mês e meio, realizada em Maio-Junho a Nova Iorque (em 1984 Da Cal também viaja a Madrid, Andaluzia e Marrocos), visava esclarecer aquele assunto e resolver as dúvidas.

Também lhe chegarão reconhecimentos do seu labor profissional nos EUA: uma ex aluna, Claudia Carlin (12-IV-1984), indica que "después de un cuarto de siglo, tal vez llegaré a ganarme la vida con lo que me enseñaste".

.

diferentes ocasiões "subproduto", assim secundarizando-o a respeito de LEEQ, será o seu principal trabalho e o que mais o consagrará no CEL. Esse mesmo ano comprová-lo-á, ao verificar como se sucedem as referências, provenientes de produtores de diferentes campos, enquanto a presença de LEEQ será cada vez menor, ao vingar outras metodologias. A BQ acabou de publicar-se num instante de transformação em Portugal, com o final de um processo iniciado décadas atrás e que tinha como consequência o apoderamento e a legitimação da crítica literária por parte dos especialistas universitários[85].

No Verão publicou-se o volume de "Addenda et corrigenda", e o derradeiro no final do ano, que será o de "Índices de consulta". Completavam-se entre os seis volumes 3.305 páginas e 13.951 verbetes numerados, para além da corrigenda, os índices e as lâminas, um produto certamente de tamanho invulgar, e novidade pela maneira como estudava Eça. A magnitude acrescentava-se, ao somar-se também LEEQ, e no projecto queirosiano havia igualmente outros produtos em revistas, dicionários de literatura, enciclopédias, e intervenções públicas e no âmbito particular, configurando uma produção de dimensões muito vultosas. Só aqueles sete tomos dos Acta Universitatis Conimbrigensis já representavam um conjunto sem igual entre os materiais disponíveis para qualquer outro escritor português. Os elementos para a pesquisa de Eça de Queirós multiplicaram-se com este trabalho dacaliano.

A **"Addenda et Corrigenda"** inclui uma "Nota", na qual amostra "nuestro sentimiento de profunda gratitud" a cinco especialistas que lhe apontaram erros dos tomos anteriores: Luís Amaro, da revista *Colóquio-Letras*; Luís dos Santos Ferro, de Lisboa; a jurista Lêda Rodrigues, do Rio de Janeiro; o Carlos Reis, professor da UC; e o letrado fluminense Roberto Reis da Silva Ramos. A Addenda consta de 535 páginas e 2.276 verbetes. A "Corrigenda" finaliza na página 571 e inclui 477 modificações. Como acontecera com o Tomo 1º da BQ, Da Cal critica as edições da produção queirosiana realizadas entre a data teórica da edição de aquele trabalho (1975) e este novo tomo[86].

---

[85] Eduardo Prado Coelho, ao valorizar a produção investigadora portuguesa anual, indica (III-984: 43-54) como se impunha progressivamente a crítica universitária, ao tempo que frisa o desaparecimento de um elemento como os suplementos literários dos jornais, muito marcantes nas décadas anteriores.

[86] A *Dicionário de Milagres* (1984a: 63-64), dedica os verbetes 209-213 e ocupa-se das edições de 1979, 1980 e 1981 por cinco empresas diferentes. Porém, serão as edições de TRF o principal alvo da sua crítica. A respeito da edição da prosa jornalística de Eça, frisa o volume *Eça de Queirós. Prosas Esquecidas*, organizado por Machado da Rosa e publicado em 1965-66, cuja organização (1984a:114 e passim; verbete 319) afirma ser "totalmente falta de rigor crítico, caótica e incompleta" além de "viciada tanto cualitativa como cuantitativamente.[...] esa edición defectuosa es, infelizmente, la que prevalece en colecciones de la obra eciana francamente orientadas hacia el negocio librero rápido y ajenas a cualquier

**O volume dos "Índices de consulta"** inclui seis tabuadas: uma (pp. 9-10) de siglas e abreviaturas de 39 produtos de Eça editados em volume utilizados na BQ; outra (pp. 11-43) didascálica da produção de Eça; outra (pp. 45-53) alfabética das 65 pessoas destinatárias das cartas de Eça; outra (pp. 55-66) geral das 95 lâminas, especificando o tomo em que se incluem e página do mesmo, bem como os verbetes em que se alude a elas; outra onomâstica (pp. 67-232) geral; e uma final (pp. 233-244) de matérias, em que aparecem relacionados os conteúdos, com as principais epígrafes, de todos os volumes[87]. Seis índices, em definitivo, que completavam seis tomos altamente canonizadores para Eça de Queirós, e do próprio Da Cal, pois acrescentavam e espalhavam o tamanho da produção do escritor português e também da própria pesquisa dacaliana.

**As recepções dos estudos queirosianos de Da Cal** continuam e alguns dos maiores especialistas de Portugal e do Brasil, do CEL e de outros, frisam os contributos sobretudo da BQ, mas também ecoa LEEQ apesar das três décadas da primeira edição. A BQ começa a tornar-se preeminente ao que contribui a sua novidade, mas também o ser um repositório alicerçado em muitos dados de objectividade e exaustividade

---

escrúpulo de seriedad o de simple respeto por la obra del gran escritor", manifestando-se assim pela primeira vez por escrito sobre esse produto de quem fora um dos seus grandes aliados, já morto (Entre as circunstâncias que propiciaram erros na edição de Da Rosa uma das principais talvez tenha sido o escrever a mão os textos de Eça, e com posterioridade transcrevê-los, segundo a documentação que conserva a viúva, Algedice Machado da Rosa, na sua morada de Évora, e que se disponibilizou para consulta na sequência da presente investigação). No mesmo verbete destaca a nova edição, de dois volumes, publicada por Lello&Irmão, ao cuidado de Aníbal Pinto de Castro, sob o título *Páginas de Jornalismo*, que "vienen a dignificar esa colección, estableciendo una nueva y rigurosa lección de 'scholarship' y de tratamiento crítico esmerado y concienzudo de unos textos cuya organización, dificultosa, está aquí por primera vez regida por criterios de orientación racionales y cuidadosamente eficaces", embora note em falta notas esclarecedoras.

Critica deficiências e insuficiências nas diferentes colecções da obra queirosiana. A última das referências é a mais contundente, e nela valoriza em parte as restantes: é a resenha às *Obras Completas* publicada em 1980-81 por Círculo de Leitores onde, após apontar ausências, afirma (verbete 322, 1984a:120-125): "De todos los editores, legales e ilegales, que en ambos lados del Atlántico han explotado y falseado la obra de Eça, el 'Círculo de Leitores' se lleva la palma". Inclui uma referência ao trabalho de Carlos Reis "Literatura e marketing", que julga de interesse para compreender os objectivos desta editora e do "fenómeno socio-económico de nuestros días" que representa o seu modo de comercializar o livro. Alude à BQ, onde se fornecem informações que ajudariam a paliar carências dessa colecção. E finaliza com o apelo, mais uma vez, para uma edição crítica, com os auspícios da Universidade. Da Cal parabeniza a "inteligente iniciativa" de António Alçada Baptista, director do Instituto Português do Livro, por patrocinar um plano de classificação metódica de todos os escritos de Eça, adquiridos pelo Estado: "Tarea —conclui— que es necesariamente previa a aquel proyecto y que tendrá que contar también con el apoyo de todos los organismos competentes de los Ministerios de Educación y de Cultura".

[87] No índice didascálico, com classificação alfabética e remetendo aos respectivos verbetes da BQ em que se ocupou deles, inclui 428 produtos diferentes, entre narrativas de ficção, relatórios consulares, epístolas, trabalhos jornalísticos e restantes textos atribuídos a Eça. O "Indice onomástico general" principia com umas (Da Cal, 1984b: 69-70) "Advertencias" de uso, e na continuação encontram-se nomes e abreviaturas, classificados ortograficamente, num total de 5.395 referências.

verificável, alicerce para investigadores de diferentes campos; enquanto LEEQ era uma metodologia que servia sobretudo como referente, mas diminuiam os produtores que a utilizavam de maneira produtiva.

Os estudos assinados por Da Cal **alicerçam cinco trabalhos sobre Eça de Queirós publicados esse ano por Carlos Reis**. Põe em destaque a BQ em quatro deles, e também há referências a LEEQ. Trata-se de produtos de interesse por abrir novos caminhos, por encontrar-se difundidos em publicações de referência para o CEL; por indigitar por vez primeira Da Cal de "mestre dos estudos queirosianos"[88].

Outros trabalhos em que se salienta o seu contributo foram publicados por **Guilherme de Castilho[89]**, **Joel Serrão[90]**, **Gaspar Simões**[91]**, Beatriz Berrini[92]**, **Leodegário A. de**

---

88 No *Jornal de Letras* (Lisboa), Reis (3/9-I-1984) editou três cartas inéditas de Eça a Luís de Magalhães, alicerçando o seu trabalho na BQ e agradecendo a Da Cal "as informaçons facultadas".
No trabalho "Fradique Mendes. Origem e modernidade de um projecto heteronímico", publicado em *Cadernos de Literatura*, de Coimbra, indigita a BQ como guia para explicar as cartas sobre *O Mistério da Estrada de Sintra* publicadas no *Diário de Notícias* de Lisboa.
Na "Introdução" a uma edição de *O Crime do Padre Amaro*, cita LEEQ, a BQ, e o estudo de Nuzzi (1979) que orientara Da Cal. Concorda Reis com a BQ sobre as diferenças nas três versões do romance.
No trabalho "Eça de Queirós: A procura do teatro perdido", que dedica "Ao Professor Ernesto Guerra da Cal, mestre dos estudos queirosianos", cita informações da BQ e qualifica-a como "exemplar e insustituível intrumento de trabalho" para estudar as adaptações de textos queirosianos para teatro.
Nesse ano, Carlos Reis publicou também uma edição ampliada e actualizada de *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*, em que continuava a reconhecer LEEQ e o estudo sobre *A Relíquia* e, numa "Nota Prévia" a essa terceira edição indicava como (Reis, 1984: 9) "o incessante aparecimento de estudos que visam a área queirosiana (o volume de 'Addenda et Corrigenda' da *Bibliografia queirociana* do Prof. Guerra da Cal, recentemente publicado, é eloquente a este propósito) demonstra que se mantém bem desperto o interesse suscitado por Eça de Queirós, em Portugal e no estrangeiro, assim se reforçando as razões que justificam o reaparecimento desta obra", aludindo também ao "incidente" das sucessivas edições d'*A Tragédia da Rua das Flores*, e pedindo respeito para o património literário "que deveria merecer o apreço de todos", uma crítica em que mais uma vez se colocava na linha de Da Cal na reprovação pública àquelas edições.

89 Numa recensão do volume de Viana Filho *A Vida de Eça de Queirós* refere-se à BQ (Castilho, 24-VI-1984) como "obra básica", na qual frisa que Da Cal "inventariou, com as suas respectivas datas, 45 cartas inéditas do romancista ao seu 'querido Bernardo'", algumas em parte transcritas por Viana Filho.

90 Em "Nas origens de Eça de Queirós. *O Réu Tadeu*", em *Colóquio Letras*, discute o significado de "L.M.", a quem Eça dedica essa narração. Esta citação evidencia como a BQ era referência para estudiosos de outros campos, neste caso do da História.

91 Faz nova valorização da BQ. Lembra ter já assinalado como LEEQ apresentava carências, mas (Simões, 25-X-1984) "já o mesmo se não pode dizer da matéria imensa que ocupa os cinco volumes de *Apêndices*. [...] Não creio que exista, mesmo para qualquer outro autor português, um trabalho tão completo, tão exaustivo, tão decisivo como aquele que Guerra da Cal organiza sobre a obra do grande escritor de *Os Maias*. Tudo lá figura, quer na bibliografia activa, quer na passiva. [...] Ao longo dos anos, para que o trabalho imenso do Prof. Guerra da Cal se não desactualize há que continuar a acrescentar-lhe novos *Apêndices*. Até a data, porém, nenhuma outra obra do género existe em língua portuguesa, sobre qualquer autor português, do rigor, da minúcia, da vastidão, desta obra monumental". Simões demonstra como mantinha a resistência a respeito de LEEQ, o seu ponto de conflito com Da Cal ao se tratar de um estudo que competia mais directamente com os seus estudos sobre o produtor e pela diferença de perspectiva metodológica, como já ficou assinalado supra.
O trabalho de Simões continuava a ser reconhecido por alguns produtores, v. gr. por Guilherme de Castilho na antes assinalada recensão do livro de Viana Filho; mas estava a passar cada vez mais para um segundo plano a respeito da produção queirosiana de Da Cal.

**Azevedo Filho**[93], além de reacções de maneira particular, como as de **Manuel dos Santos Alves**[94], **Natércia Freire**[95], ou o **Círculo Eça de Queirós**[96].

III.3.1.8.2.-Novos instrumentos para avançar no CL: D. C. Warnest.

Se no CEL o acabamento[97] da BQ representava um ponto de chegada, esse ano emerge outro elemento na sua produção literária, novo ponto de partida na procura da legitimação e a consagração: fez debutar D. C. Warnest, a modo de heterónimo, resultado da combinação do seu nome em idioma inglês. Começará a conhecer-se por um poema em honra de Federico García Lorca, *Homage to Federico García Lorca on the 30th Aniversary of His Death 1936-1966. Ritual Pavane for a Murdered Poet. Granada 1936* (HFGL), que se reeditará mesmo depois da sua morte. Inicia aí a tendência a assinar diferentes trabalhos com outros nomes, sempre resultado da combinação do seu próprio com tradução ou adaptação de preferência em outros idiomas. Neste caso, ortónimo e suposto heterónimo convivem, pois o poema original, em inglês, está acompanhado com tradução para português assinada por Da Cal[98].

---

92 Esta pesquisadora e queirosianista brasileira, em *Portugal de Eça de Queiroz*, cita LEEQ e alicerça-se na BQ para questões respeitantes a *Os Maias* e *A Ilustre Casa de Ramires*.

93 No contributo "Dimensões da Estilística" revisita a história desta metodologia no CEL. Assinala que Da Cal representou uma linha própria, e frisa a produtividade do seu contributo. Salienta (Azevedo Filho, 1984: 215): "multiplicaram-se os estudos estilísticos, não apenas os que se consagram à obra de um autor, mas também os que se relacionam com a noção de estilo de época, ou mesmo os que se voltam para a análise de elementos determinados (de ordem linguística ou não), tais como: a expressividade no uso de palavras (adjectivo, substantivo, verbo, advérbio, na linha de Guerra da Cal". Na continuação alude a outros modelos e orientações desta escola.

94 Alves (29-VI-1984) agradece-lhe informação queirosiana que lhe fornecera e confirma que a BQ lhe resultava "extremamente útil" e via-a muito superior à produção de Gaspar Simões.

95 Agradece-lhe o ensaio sobre *A Relíquia*, assinalando que esta narrativa "ganha louros, na sua original visão. Visão que é consumada numa espécie de casamento com a obra interpretada"; e conclui: "Como o espirito do Eça deve estar-lhe grato".

96 Aos 19-VII-1984 Da Cal é convidado pelo Círculo para uma conferência de João Bigote Chorão. Também a Academia das Ciências de Lisboa o informa da actividade que organizava.

97 Acabamento efectivo, pois serão os derradeiros volumes. Talvez Da Cal acreditasse no projecto de acrescentá-la como tinha indicado a Beardsley Jr. e na entrevista no *Jornal de Letras* lisbonense.

98 Em Fevereiro de 1984 data a tradução deste poema rubricado em 19 de Agosto de 1966, em New York City, por D. C. Warnest. Original e tradução conformam uma plaquette de oito páginas, impressa pela "The Crotchety Cricket Press, de Friendlyville-Nova Iorque": uma edição privada, de 200 exemplares, numerados, e inclui um desenho, do próprio Lorca, procedente do volume da primeira edição do *Poema del Cante Jondo* com que este produtor andaluz tinha presenteado Da Cal na década de 30.
No poema condena o assassínio do poeta granadino. A composição leva na epígrafe citação de George Santayana e contém referências bíblicas e histórico-artísticas, encontrando-se entre elas Picasso, Tartessos, Assíria, Guernica, Creta. Neste poema de teor épico refere "A heroica altura estoica da Tragédia" lorquiana, ao atingir a imortalidade. Assim engrandece o poeta-amigo, e não só. Na contracapa, em inglês, figuram dados de D. C. Warnest, indicando-se 1911 e 1977 como datas do nascimento e morte, que coincidem com os anos do nascimento de Da Cal e o do final da primeira residência nos EUA.Os dados oferecem paralelismo com a sua própria biografia. Warnest nascera, como ele, um 19 de Dezembro, mas na "Galicia" polaca; lutara na Guerra Civil espanhola; doutorara-se na CU, recebera uma ajuda Guggenheim Fellowship e publicara dois poemários, *The other Side of the Moon* e *No Time for Dreams of Rivers*, em 1959 e 1963, títulos que parafraseiam os de LAM e RST, frisando a boa acolhida

No ano anterior ao do 50 aniversário da morte de Fernando Pessoa, Da Cal apresenta um projecto de heterónimo próprio. A pequena plaquette foi distribuída a numerosas amizades: Rodrigues Lapa[99], Humberto Carlos Baquero Moreno[100], Leonardo Mathias[101], Carlos Reis[102], Manuel dos Santos Alves[103], Luís Amaro[104], Alonso Montero[105], Pilar García Negro[106], Xavier Alcalá[107], X. M. Álvarez Cáccamo[108], J. M.

---

internacional. Agradecia a permissão atingida para imprimir a "Pavane" e informava finalmente ser "Translator's Note", com referências à morte de Lorca pelos seguidores de Franco.

99 Lapa (19-II-1984) agradece "a tradução para português da poesia de D. C. Warnest".

100 Moreno (30-V-1984) agradece "oferta do exemplar autografado do seu poema".

101 Em 31-V-1984, Mathias (Embaixador de Portugal em Washington) agradece-lhe, e escreve com cumplicidade sobre esse produto "desse grande mestre que foi o Professor D. C. Warnest, que eu tive o privilégio de conhecer em Nova Iorque em 1959. [...] Aprendi muito com ele, com a vastidão da sua cultura e a enorme generosidade do seu coração. Era genuino o seu amor a Portugal e às coisas portuguesas ao mesmo tempo que havia nele um curioso fenómeno de rejeição em relação à Espanha de Castela. Mas tinha, como eu grande fascínio pelo Lorca, que como sabes, conheceu bem. E este poema do Warnest traduz em síntese a vida do poeta e o que foi o seu mundo. [...] Estranha magia dos destinos. Cada qual à sua maneira, o Lorca e o Warnest tinham uma idêntica visão peninsular da vida, como tu".

102 Reis (22-VI-1984) agradece o produto "do nosso saudoso Warnest, ficou um belo especimen, em todos os aspectos. [...] Como tenho a felicidade de possuir as várias versões que levaram a este texto final (o original e a tradução), julgo que um dia não resistirei à tentação de me debruçar sobre os 'incidentes' estilísticos que antecederam esta bela pavana".

103 Alves (29-VI-1984) escreve carta para Da Cal, em que afirma: "Muito penhorado e sensibilizado pela oferta da excelente plaquete que já é uma raridade bibliográfica, enriquecida com o seu autógrafo e ainda para mais numerada. Bem maior ainda é o valor do poema 'sério-lúdico' como diz. Brincando dizem-se verdades como punhos e descomprimem-se emoções que nos vêm lá dos abismos sério-trágicos do sempre insondável 'eu'. A sua (auto)biografia e (re)encontro do (pseudo)inventado D. C. Warnest é um achado maravilhoso que muito me divertiu o espírito. A vida é feita de opções e não sei até que ponto a sua imaginação prodigiosa não terá sido sacrificada nas aras da erudição".

104 Da Cal (5-VII-1984) envia HFGL a Luís Amaro, com dedicatória em inglês, desvendando que D.C.Warnest equivalia ao seu próprio nome. Amaro remeteu cópia deste produto para a presente pesquisa, aos 12-VII-2003, esclarecendo: "Muito curioso e significativo o empenho que ele manifestava em ser poeta. Quando esperávamos textos ensaísticos do admirável ensaísta que também era, mandava-nos poesia! Que era sempre bem recebida, claro!" Uma atitude que evidencia o interesse de Da Cal em ser reconhecido não apenas como ensaísta, mas também pela sua produção literária.

105 Alonso Montero mesmo se ocupou desse produto numa recensão jornalística, que lhe deu ocasião para reivindicar de novo um depoimento de Da Cal sobre os SPG. Da Cal (6-VII-1984) responde-lhe: "Gostei da sua breve resenha. Tenho somente um passo dela de que desejaria dar-lhe um esclarecimento, –pondo apenas um ponto num 'i', de pormenor. O poema inglês de meu amigo Warnest – que Deus haja! – foi de facto composto na data e lugar indicados, i.e. no 19 de Agosto de 1966, na cidade de Nova Iorque, no aniversário do crime. A datação da minha 'versão' portuguesa é igualmente verídica – se bem menos exata, visto eu ter trabalhado nela ao longo do mês de Fevereiro do ano em curso. A relação entre as duas pavanas é, porem mais complexa do que essa simples sequência cronológica", e assinava a epístola como "Ernesto Guerra Da Cal (D. C. Warnest)".

106 Da Cal (17-VII-1984) indica ter-lhe enviado "nom hai muito tempo umha 'plaquette' que publiquei em honra do Lorca –com um poema em inglês, de 1966 e a correspondente 'traduçom-adaptaçom' para português, com um jogo lúdico-sério de equívoco de 'autor' e 'tradutor'". Um parágrafo em que se evidencia como não visava a criação de um heterónimo, mas concebia esse produto como jogo. Aos 24-VIII-1984, García Negro agradece HFGL "que conservo como unha auténtica xoia que é; non sabe o que me honra a 'nova' amizade do D. C. Warnest (?), de verdade que me emocionou moito e agradezo-llo como todo o que de vocé ven".

107 Alcalá (20-VII-1984) agradece o produto, a que se refere como "deliciosa mostra de doble personalidade –da que gozou ainda mais ca mim a minha mulher".

108 Xosé María Álvarez Cáccamo (3-VIII-1984) frisa "son surpreendentes as coincidências biográficas e a cercania de alguns títulos entre Warnest e Guerra da Cal", e sugere uma edição bilingue inglês-português da produção de Warnest.

Monterroso Devesa e os restantes produtores que participaram no poemário *De amor e desamor*[109], Montero Santalha[110], Joaquim Montezuma de Carvalho[111], João Furtado Coelho, José Augusto França ou Natércia Freire[112]. Queirosianistas e reintegracionistas salientam nesta relação, junto com figuras de destaque da Galiza, além de pessoas como Luís Amaro ou Natércia Freire que tinham acesso a publicações centrais para o CEL português.

A HFGL, ao mesmo tempo que homenageava o poeta-amigo e se posicionava contra a ditadura franquista, oferecia-lhe ocasião de reivindicar o seu relacionamento privilegiado com figura tão canonizada da Literatura Espanhola, e com outros produtores do tempo da República espanhola. Apesar de se tratar de edição não venal, Da Cal tenciona influir no campo ao distribuir os exemplares entre amizades que sabia significativas pela sua posição como produtores e como críticos em âmbitos como as literaturas galega e portuguesa, o nacionalismo galego e o Reintegracionismo.

Em Junho, nos *Cadernos de Literatura*, editados pela UC, publicam-se os poemas de Da Cal "Vitral" (p. 5) e "Pavana Ritual para um Poeta Assassinado (Granada) 1936" (pp. 5-8). Assim materializa o seu anelo de publicar nessa revista o primeiro dos poemas, que enviara para Carlos Reis com esse fim em Janeiro de 1982 (ver supra), e mantém a datação da composição em Natal de 1981[113]; e a versão portuguesa da HFGL, embora sem mençionar Warnest, nem que se trata de tradução. Também não se data,

---

109 Da Cal (11-VIII-1984) responde a Monterroso Devesa, para agradecer o poemário *De amor e desamor*. E afirma: "como acontece que a Poesia –a semelhança do amor –paga-se com a mesma moeda, junto cá, para cada um de vós, a homenagem, com a tinta ainda fresca, que em duas línguas acabo de publicar para honrar a memória do genial andaluz cósmico. O poema original, em inglês, data de 1966. A 'adaptaçom' –(o poema é sempre aveso à traduçom –mesmo sendo feita pelo próprio autor) –que é recente, teve um certo impacto retroactivo sobre o original –que teve que dançar a sua "Pavane" ao novo ritmo ibérico que o português lhe impunha".

110 Em 12-VIII-1984 envia-lhe um exemplar, com deditória redigida em inglês.

111 Aos 12-IX-1984 envia-lhe exemplar dedicado e assina dedicatória em inglês.

112 No Espólio EGC conservam-se cartas de agradecimento, sem datar, destes três últimos produtores. Coelho, escreveu-lhe em inglês; França, do Centro Cultural Português da Gulbenkian em Paris, valoriza: "Belo poema, seja de quem for, morto ou vivo". A carta de Natércia Freire, autógrafa, vai acompanhada de outra da sua irmã Maria Graça Freire, esclarecendo ser a autora do estudo sobre Rosalia que assinara com o pseudónimo de Azambuja. Natércia Freire valoriza: "Como expressar-lhe a emoção que recebo, ao ler a *Pavana Ritual para um Poeta Assassinado* em Português? Você poderia ter escrito o poema em galego. [...] Mas assim, agradeço-lhe duplamente. Belíssimo Poema, carregado de enigmáticos e profundos mistérios [...] tão vasto quão doloroso, tão clamoroso como soluçado". Essa referência de Natércia Freire sobre que "poderia ter escrito o poema em galego" revela a dificuldade de compreensão de muitos portugueses (e também brasileiros) de entender a luta do reintegracionismo na Galiza.

113 Da Cal (6-VII-1984), na carta que escreve para Rodrigues Lapa, envia a versão publicada nos *Cadernos de Literatura* de Coimbra, junto com "Vitral", confirmando que "ambos poemas fazem parte da vertente portuguesa do *MEMORIAL DO FUTURO. Manual de Velhice para principiantes*, poemário que a Sá da Costa me pediu para publicar na Colecção Noroeste –e cujo manuscrito conto poder submeter à sua aprovação em fins de agosto, se Deus ou o Diabo quizerem".

mas no final, na p. 9, reproduz-se a página de *Poema del Cante Jondo* com o desenho e a dedicatória de Lorca[114]. Da Cal é reconhecido, ao ser escolhidos os seus poemas para abrir nesse número o "Discurso Literário" com que começava a revista, em cuja redacção figurava o nome de Carlos Reis. Além do investigador e crítico prestigiado e bem assente, reafirma esta nova capacidade, na procura de reconhecimento literário.

Naquela altura, **as especulações continuavam a respeito da autoria dos SPG**, um assunto central para muitos estudiosos, pelo significado que lhe atribuiam a esse produto para a promoção e internacionalidade da língua e a literatura galegas. Entre as pessoas que mais se preocupavam neste assunto estava Xesús Alonso Montero, que tinha manifestado o interesse em diferentes ocasiões[115]. Uma prova da centralidade desse produto de Lorca para o galeguismo é o trabalho do volume correspondente ao primeiro trimestre de 1984 em *Grial*, em que Xosé Landeira Yrago se ocupa do relacionamento de Lorca e Blanco-Amor. Cita Da Cal, amparando-se trabalhos e entrevistas do produtor ourensano, em que se salienta a (Landeira Yrago, III-1984:86) "incitación amistosa" de Da Cal para que Lorca escrevesse essas composições[116]. Sucedem-se pois os intentos de esclarecer a génese de aquele produto, com o problema acrescentado da morte de Blanco Amor, o que fazia de Da Cal testemunha privilegiada[117].

---

[114] Estes elementos levam a concluir que o envio do poema para a revista foi anterior à edição da plaquette, e que este produto se concebesse com posterioridade. A reprodução da revista de Coimbra é quase exata a HFGL. Carlos Reis (22-VI-1984), indica: "(à cautela mando-lhe, eu próprio, o nº 17 dos *Cadernos*, onde saiu a versão portuguesa, mas o desenho e autografo –sem a legenda que se impunha, por lamentável desorganização lusitana)", o que dá a entender problemas da composição publicada na revista.

[115] Assim o evidencia a informação que chega a Da Cal numa carta que lhe encaminha Xavier Alcalá (1-I-1984): relata um jantar em que coincidira com Alonso Montero, Fernández Ferreiro, Torres Queiruga, López Lourenzo e Díaz Pardo, e comunica que a respeito dos SPG "Hai quem prepara tese atribuindo-lhe a paternidade a Ernesto Guerra da Cal...". A centralidade que atingia essa questão no CL galego espelhava-se no facto de ser já tema de conversa entre pessoas com interesses muito diversos como as que referia Alcalá: já não se tratava só de assunto de iniciados, e a presença de Da Cal era cada vez mais recorrente, e puxava por ele de alguma maneira para um centro de atenção que o favorecia.

[116] Também se refere Landeira aos autógrafos e aos depoimentos de Blanco Amor, em quem adverte (Landeira Yrago, III-1984: 84n) "zonas de sombra", e afirma (Landeira Yrago, III-1984: 88) "Nada impide cuestionar a xestación dos poemas galegos à sombra da amistade Eduardo-Federico, e, de feito, o primeiro dos publicados, *Madrigal á cibdá de Santiago*, é anterior á relación persoal", concluindo que Blanco Amor "inflúe no granadino á hora de lle dar nome a cinco composicións inéditas".

[117] Em carta, Da Cal (6-VII-1984) indica a Alonso Montero: "Não deixou de me surpreender a sua renovada incitação –desta vez invocando coisas tão esmagadoras, meu Deus, como 'a Galiza, a Ciência da Literatura, os estudiosos da alofonia—a que eu fale 'em prosa' sobre a génese e autoria real dos poemas galegos do trágico Federico. [...] Na quase telegráfica conversa telefónica que eu tive consigo, aquando da sua visita a Lisboa, eu já disse ao meu Amigo que nesse assunto a minha boca não se podia abrir. Porque a lealdade é uma virtude que zelosamente cultivei durante toda a minha vida, e a inconfidência seria neste caso particularmente deselegante –coida que também não dá com a minha maneira de estar neste mundo. Deixemos Federico como "poeta galego", "at peace inside Death's vast confines"—como diz o meu chorado amigo Warnest. A História –e a da Literatura mais do que nenhuma

III.3.1.8.3.-Intervenção directa na luta ortográfica na Galiza: o uso do padrão português.

Da Cal intervém directamente na luta ortográfica da Galiza e mantém-se atento à actualidade cultural e política, que terá como um referente principal o regresso dos restos mortais de Castelao para serem soterrados no Panteão de Galegos Ilustres.

**Exige respeito para a sua opção ortográfica num contacto com o alunado universitário de Vigo**, que lhe solicita autorização para reproduzir um poema[118]; e tem um **desencontro com Xosé María Álvarez Cáccamo** por causa da ortografia, ao não ver incluídos na revista da Associação de Escritores em Língua Galega poemas que ele lhe solicitara, e que interpretava foram censurados pela sua opção gráfica[119]. Leva o conflito linguístico galego ao **Instituto Cultural Galaico-Minhoto**, onde se insurge contra o convite que tinha recebido no ano anterior, redigido em castelhano, para participar no II Colóquio agendado para esse ano pela instituição[120]. Também aceita

---

outra—umas vezes é feita, e outra contrafeita; umas vezes se escreve por linhas direitas e outras por linhas tortas. E daí o seu encanto lúdico, de espelho cóncavo-convexo. Que lhe perguntem a Fernando Pessoa. O meu silêncio está longe de ser 'duro e longo', como carrancudamente o qualifica o colega Alonso Montero. Bem ao contrário; ele é 'brando e breve': brando pelas razões que o motivam e breve porque todo silêncio humano é breve comparado com o 'granito vasto e seguro das mansões da Morte'. E desfigurar lápides de sepulturas, mesmo que seja partir só uma pontinha, não é comigo".

[118] Francisco Soto Gil (2-I-1984), estudante de terceiro curso de Filologia dessa instituição, solicita por carta a Da Cal autorização para reproduzir aquele poema numa antologia de composições amorosas galegas que estavam a preparar. Pede também que ceda os direitos de autor, para o financiamento da excursão de "paso de Ecuador" que organizavam aquele ano, pois "serìan realmente mìnimos [sic, os acentos]", e oferecem o envio de dois exemplares do livro.
Este volume editou-se e inclui 69 composições de 41 produtores. Segundo esclarecem o próprio Francisco Xavier Soto Gil e mais outros 15 estudantes num "Limiar" que assinam de parceria, conseguiram todas as autorizações, excepto do filho de Álvaro Cunqueiro. Justificam que (1984:4) "Fazía falta, na bibliografía galega, unha escolma da nosa poesía amorosa, e ésta ben poidera ser unha aportación a ter en conta [...] Verbo da grafía, respétase a das edicións tidas en conta, en xeral consoante coa dos autores. Nos casos de 'nh', 'lh', usamos 'ñ' e 'll', agás no poema de Ernesto Guerra da Cal, que o prohibiu moi expresamente".
Da Cal era ciente, pois, dessa possibilidade, apesar de não ser advertida na carta enviada pelo alunado, o que confirma mais uma vez como estava bem atento à situação da língua da Galiza e tentava intervir activamente na questão ortográfica.
O poema de Da Cal é reproduzido com uma só gralha a respeito de RST. A antologia, publicada com prólogos de Xesús Alonso Montero, Domingo García Sabell e Andrés Torres Queiruga, três figuras principais entre os defensores da normativa ortográfica imposta pelo decreto do Governo autonómico da Galiza (García Sabell presidia na altura à RAG e era o Delegado do Governo da Espanha na Galiza), Da Cal figura entre os preferidos de aquele alunado universitário, que julgavam a sua produção entre a merecente de centralidade entre respeitante ao tema amoroso realizada na língua da Galiza.

[119] Da Cal oferece-lhe dois poemas para publicar na revista *Escrita*, da "Asociación de Escritores en Lingua Galega" (AELG). Em 10-I-1984 informa-o de que "Parece que o *Futuro Imemorial* só para Março sairá dos prelos, portanto não há objecçom a que a revista os publique antes e mesmo depois do livro vir a lume". No entanto, aos 12-XII-1984 reclama-lhe os poemas, pois recebera o número 5 de *Escrita* e não apareciam. Lembra que "falei do vestido ortográfico da minha poesia e o José Maria garantiu-me que enquanto ele lá estiver não se discriminaria contra nenhuma colaboração por motivos de opção gráfica". Observa-se como participava muito propositadamente no conflito ortográfico da Galiza. No entanto, a sua poesia sim se incluirá no número 6 de *Escrita*.

[120] Da Cal exige coerência na utilização do (galego)-português na actividade do Instituto Cultural Galaico-Minhoto. Combate directamente a José Carro Otero, professor da USC e presidente do comité

participar no **I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza** organizado pela Agal, por mais que finalmente desistirá de acudir às sessões[121]. Mantém

---

organizador do II Colóquio, agendado de 14 a 16-IV-1984 em Santiago de Compostela, por lhe ter enviado convite para participar em castelhano. Procura ganhar as simpatias do lado luso e combater representantes da Galiza como Carro Otero pelas atitudes respeitantes ao idioma.

Da Cal (2-IV-1984), escreve Avelino de Jesus Costa, presidente do Instituto, protestando por aquela actitude e solicitando que se lesse um texto de reprovação seu na inauguração.
Artur Norton (11-V-1984), secretário do Instituto, confirma recepção da carta de Da Cal datada em 2-IV-1984.
Da Cal (20-V-1984) insiste em protestar perante Norton, a quem reprova não ter recebido resposta de Avelino Costa. Devolve o diploma de membro do Instituto e pede "que o meu nome seja eliminado da Lista de Sócios. Peço também a V. Exª o favor adicional de providenciar que me seja devolvido, com a brevidade possível, pelo correio registado, o meu 'Curriculum Vitae' –para cujo efeito incluo aqui o valor da franquia e do registo, (104$00 de acordo com as indicações da repartição local dos CTT)". Afirma que, como fez com a epístola de 2-IV-1984, "por motivos óbvios" envia cópia para Humberto Carlos Baquero Moreno, Catedrático da Universidade do Porto, quem "respondeu-me, textualmente, ao envio da primeira carta: 'Comungo inteiramente das observações feitas pelo meu Exmº Amigo, dado tratar-se de um Instituto de Cultura Galaico-Portuguesa'"[120].
Moreno (30-V-1984) responde a Da Cal e pede-lhe que continue na instituição.
Avelino Costa (3-VI-1984) justifica a demora na resposta e pede-lhe que reconsidere o pedido de demissão e "que aceite pertencer à Comissão Organizadora do futuro 3º Colóquio Galaico-Minhoto", agendado para 1985.
Da Cal (6-VII-1984) informa a Rodrigues Lapa de todo este processo.
Da Cal (7-VIII-1984) comunica a Avelino Costa que "retiro o meu pedido de demissão e aceito a honra de pertencer à Comissão Organizadora do III Colóquio Galaico-Minhoto".
Costa (22-VIII-1984) confirma que aos 11 de Agosto o Conselho Director do Instituto designara a comissão organizadora do III Colóquio Galaico-Minhoto "constituída por V. Exª, o Prof. Cat. Doutor Salvato Vila-Verde Trigo, José Rosa Araújo e Artur Norton".
Norton (23-VIII-1984) devolve-lhe "o diploma de sócio do I. C. G.-M., assim como os cento e vinte escudos recebidos, para pagamento dos portes de correio, a fim de se devolver o curriculum vitae". No resto da carta informa de detalhes do terceiro colóquio.
Norton (8-X-1984) envia-lhe o calendário do III Colóquio Galaico-Minhoto, e solicita dele "quaisquer correcções a fazer".

[121] A Associaçom Galega da Língua (Agal) crescia e difundia a sua proposta ortográfica. Em 1983 editara o *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*, em que combatia a proposta de ILG-RAG; e volumes de Ramom Lôpez-Suevos, professor da Faculdade de Económicas da USC e nome de destaque do movimento do nacionalismo político; de Ricardo Carvalho Calero, uma edição de Armando Cotarelo Valledor e um poemário de Manuel Maria.
Um novo instrumento para legitimar a sua opção ortográfica foi organizar o I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, para puxar pela validade académica da sua proposta.
Da Cal teve a primeira notícia através da carta que lhe encaminhou Xavier Alcalá (1-I-1984). A Professora Henríquez Salido (13-III-1984) convida-o formalmente para participar. Da Cal (26-III-1984) aceita, e anuncia dois possíveis trabalhos: um queirosiano e outro sobre o galego. Henríquez Salido (2-IV-1984) propõe-lhe dedicar a intervenção ao reintegracionismo, e também aceita Da Cal (10-IV-1984). Com posterioridade terá intenso relacionamento com pessoas da Galiza e do intersistema lusófono (como Lapa, Eduardo Portella e mesmo animando a alguns queirosianistas para que acudissem, como Manuel dos Santos Alves). Figurou como Presidente de Honra, junto com Carvalho Calero, Rodrigues Lapa, Óscar Lopes, Leodegário de Azevedo Filho e Celso Cunha. Da Cal (6-VII-1984) escreve a Rodrigues Lapa e põe em dúvida a sua participação por duas razões: por ter voltado dos EUA com muitas emoções e com vontade de não participar mais em congressos; e por não ter gostado como os filhos de galegos com que tratara falavam castelhano.
X. M. Álvarez Cáccamo (3-VIII-1984) confirma-lhe que participará no Congresso e que confia vê-lo.
Da Cal (12-VIII-1984) escreve para M. Montero Santalha, quem através do telefone tentara convencê-lo para participar, e convida-o a regressar pelo Estoril, porque "Você e o Alcalá são os únicos interlocutores que eu tenho sobre a Galiza –e estão tão longe!".

assim os contactos com muitos produtores galegos, e demonstra uma preocupação central pelo idioma, e um anelo de intervir directamente.

Da Cal parecia encontrar-se duvidoso, pois se bem utilizava formas coincidentes com a proposta da Agal desde que esta fora formulada, também começava a aplicar já o português padrão directamente, como fizera na HFGL, ou com anterioridade v.gr. nos contributos na revista *Lóstrego* de Madrid. **A partir dessa altura decide mudar definitivamente e adoptar o padrão português**.

Dois documentos de finais desse ano conservados no seu Espólio contribuem para conhecer a situação anímica de Da Cal nessa altura a respeito da Galiza. Um deles é o rascunho de uma carta encaminhada para Xavier Alcalá e datada em Madrid aos 5-X-1984[122]; e o rascunho de outra epístola, datada aos 29-XII-1984, encaminhada para um membro da comissão organizadora do I congresso internacional organizado pela Agal que lhe demandava o seu trabalho para incluir nas *Actas*. Nas duas ocasiões queixa-se pelo tratamento que recebia na Galiza e pela atitude da intelectualidade galega perante o galego. Na epístola para Alcalá afirma que "Eu já fiz a minha decisão. Possuindo creativamente as três línguas ecuménicas, o inglês, o português e o espanhol (este não me serve como veículo lírico, publiquei apenas 5 poemas em castelhano em toda a minha vida) seria inconcebível que continuasse agarrado à teimosia atávica do galego". Confirma que vai publicar FI "em português". E no texto para a Agal indica que

> cheguei à conclusão de que o futuro do galego como *língua literária*, não está nem no dialecto estapafúrdio que hoje funciona como 'koiné' silvestre na vida cultural da

---

Henríquez Salido (22-VIII-1984) comunica-lhe os últimos detalhes. Indica que do Brasil participarão Celso Cunha, Azevedo Filho e Sílvio Elia, para além de "alguma incorporaçom da Universidade de Barcelona e de Madrid". Reclama-lhe detalhes da sua deslocação para poder atendê-lo e indica que "aqui os esperamos com todo o carinho e admiraçom e com bom 'marron glacé'" (Esta alusão ao marron glacé deve-se a uma confusão na entrega de um presente por parte do casal Henríquez-Posada aos Da Cal, mas que inicialmente não foi bem entendido por Da Cal, como evidencia em cartas [v. gr. X. M. Álvarez Cáccamo, Pilar García Negro ou Xavier Alcalá], que enviou na altura e em que julgava o facto como uma afrenta e um desrespeito. No entanto, esclareceu-se tempo depois o acontecido e restabeleceu a sua relação com a presidenta da Agal).

Rodrigues Lapa (9-IX-1984) afirma que, por problemas de saúde, não se podia deslocar para o primeiro congresso da Agal e pede-lhe que lesse o seu trabalho.

O congresso celebrou-se do 20 ao 24 de Setembro. Acudiram representações institucionais da Câmara Municipal de Ourense e da USC; quatro presidentes de Honra (todos menos Da Cal e Lapa) bem como autoridades académicas e professores estrangeiros, e numerosos professores de galego (ver crónica de Luiz Fagundes Duarte, 25-IX/1-X-1984: 27).

[122] Na epístola transparece o desagrado que lhe produz essa cidade, que qualifica de "barulhenta, vaidosa e 'pueblerina'", lembra a sua estada em 1937 como "combatente" e lamenta a ausência do café Regina e outros estabelecimentos na Calle de Alcalá, bem como de pessoas como Vicente Aleixandre ou Dámaso Alonso, que se encontravam em deficientes condições físicas. Afirma ter quase pronto o poemário *Armida´s Garden*, de D. C. Warnest, que programava "para sair dos prelos em 1985".

Na sequência da presente pesquisa não se pôde confirmar se foi enviada o não, ao não se conseguir consultar o epistolário de Xavier Alcalá.

> Galiza, nem no galego reintegrado da AGAL. A única solução é a que eu já proclamei em 1971, numa entrevista que Urbano Tavares Rodrigues me fez para o *Diário de Lisboa*. E é a que o Prof. Rodrigues Lapa sempre defendeu: a adopção pura e simple do português escrito em Portugal e o Brasil, sem por isso renunciar –como não renunciam os brasileiros– a imprimir a essa norma o carácter galego 'interno' e mesmo vocabular.

Tinha decidido, pois, dar o último passo no seu posicionamento linguístico, que consistia em assumir directamente o português padrão, conservando peculiaridades galegas, sobretudo de léxico. A evolução desde 1937 representava portanto um giro completo, abandonando aqueles textos iniciais que não seguiam qualquer cânone ortográfico para assumir o cânone do português de Portugal, que reivindicava como próprio para o galego e o que julgava lhe devia corresponder se tivesse uma evolução normal, sem os condicionantes históricos adversos[123].

O movimento reintegracionista que representava a Agal começava o seu andamento organizado com grandes problemas, entre os quais os principais eram a falta de apoio e a oposição das instituições políticas, e de legitimação académica após o aposentamento Carvalho Calero. Os professores que o promocionavam eram minoria no ensino, e muitos abandonarão ao verificar as resistências e os entraves de defender essa posição; outros passarão para o reintegracionismo "de mínimos", que sim era maioritário no sistema de ensino. Da Cal, residente no exterior, com 73 anos que completava aquele ano, e assumindo cientemente que a morte estava próxima como demonstrava na sua

[123] Assim o revelará numa carta que encaminha para Franco Grande, em que Da Cal (12-XI-1984) se manifesta a respeito da ausência do congresso de Ourense e do seu posicionamento ortográfico e outras questões a respeito da sua visão da Galiza da altura. Afirma Da Cal: "A minha desilusão, como verá, das realidades presentes dessa nossa triste Pátria, é completa. Vejo-a mais colonizada do que nunca –e agora pelos próprios galegos, com Hino, Bandeira, Escudo e "nacionalidade", tudo oficial, tudo autonómico –e tudo Entrudo. É um País (?) esperpéntico e carnavalesco. Nem o próprio Valle Inclán poderia ter imaginado nada parecido, nem de longe, com o regresso da ossada do pobre Castelao. Foi um caso patente de a Vida imitando a Arte! Da nossa arrastada língua é melhor nao falarmos. De facto nunca se falou tanto dela e nunca ela foi menos falada". Refere três casos de famílias nacionalistas que, no relacionamento com os filhos reagiam "com uma total ignorância e indiferença perante o idioma vernáculo. Idioma esse, que fatalmente está condenado a desaparecer dentro da próxima geração.[...] Nestas formas de conduta as classes *cultas*, a mesocracia diariamente estabelece o seu distanciamento linguístico da 'fala' agreste das camadas humildes da população". Acrescenta novos argumentos pessimistas a respeito da realidade do idioma, acha que só se tenta imitar Euskadi e Catalunha e que, após uma "moda passageira" de reacção contra o franquismo "os galegos nunca se acharam a vontade com sê-lo. A maioria do nosso povo quere dissolver-se na cinzenta totalidade hispânica, ser mais uns provinciais, macacamente imitados do figurino madrileno. Que diferença com os bascos e catalães". A respeito do Congresso da Agal, acrescenta: "Resolvi, prudentemente, continuar sendo o perpétuo ausente, dessa Ínsula Baratária que é a Galiza de hoje. Talvez foi sempre assim.[...] Passei, pois, por um processo natural a ser um escritor galego que escreve em português –que de facto é a única norma culta que o galego possui. As minhas experiências com editoras galegas, e revistas, têm sido variadas, e todas cómicas. [...] Da Espanha, como nação, pouco sei e pouco me interessa. Não sou espanhol. Nunca o fui, em espírito. Agora nem sequer jurídicamente, pois, para evitar ambiguidades, fiz averbar, por conduto do consulado espanhol em Lisboa, no Registo Civil do Ferrol, a minha renúncia, em 1945, à nacionalidade e a minha adopção de cidadania americana. Sou, como costumo identificar-me, **Galego de nascença, Galaico-Português de vocação e Americano de nacionalidade**".

produção literária, age com energia nas ocasiões que se lhe apresentam quiçá alentado por aquela falta de tempo vital que suspeitava, e pelo anelo de aproveitá-lo para consolidar a consagração literária, uma hipótese que se deve ter presente pela ideologia que transparecia na metodologia que aplicava no CEL e na sua actuação.

Apesar do desencontro com a Agal, em Novembro, num volume de homenagem a Rodrigues Lapa editado pela Câmara Municipal de Anadia, Henríquez Salido contribui com um artigo de teor historicista sobre o reintegracionismo galego-português, em que refere os para ela principais acontecimentos e factos relacionados com o mesmo. Põe em destaque como (Henríquez Salido, 1984:28): "A partir dos anos 1950 hai na Galiza um ligeiro ressurgimento cultural, no qual podemos comprovar que o movimento reintegracionista segue vivo e está presente. As obras de Ernesto Guerra da Cal *Lua de além mar* (1959) e *Rio de sonho e tempo* (1962 [sic]) som umha boa prova disto".
Os dois poemários são assim valorizados e apresentados em Portugal como pioneiros do Reintegracionismo, num volume de especial relevo, como aquele de homenagem a Lapa, figura central no século XX em Portugal entre os defensores de aquele posicionamento de aproximação ortográfica a que se referia a presidenta da Agal.

III.3.1.8.4.-Méndez Ferrín valoriza a poesia de Da Cal: "distinta á de todo texto galego contemporáneo".

Neste ano de 1984 publicou-se um volume sobre a poesia galega do século XX que atingiu uma grande valorização desde o instante do seu lançamento e que ocupará um lugar central no CEL galego. Trata-se do intitulado *De Pondal a Novoneyra*, de Xosé Luís Méndez Ferrín. Da Cal encontra-se estudado, com breve nota biográfica em que se alicerça na autoridade de Blanco Amor para afirmar que (Méndez Ferrín, 1984: 105) "o seu nome civil verdadeiro é Ernesto Pérez Güerra[124]"; salienta a sua amizade com García Lorca e que "ó parecer, influiu decisivamente na elaboración e xénese dos *Seis Poemas Galegos*" e cita o exílio nos EUA e o seu labor profissional, frisando que "Desenvolveu um amplo labor –de expresión portuguesa, española e galega– de pescuda crítica, desde unha perspectiva estilística, sobre literatura peninsular". Frisa LAM e RST, e valoriza (Méndez Ferrín, 1984:106):

> A súa escrita, no plano da norma, amosa unha elaboración distinta á de todo texto galego contemporáneo. Independentemente da grafía utilizada, observamos nos seus

[124] Ferrín não conhecia a adaptação do nome ao sistema patronímico americano quando se nacionalizou nos EUA em 1945. É esta uma desinformação que se dará muitas vezes na Galiza.

> poemas a presencia dunha sintaxe, e mesmo dunha morfoloxía, claramente lusitanizante. A súa estilística non dialoga cos autores galegos anteriores a el e contemporáneos, se exceptuamos as fórmulas trovadorescas medievais. Todo esto explícase polos datos biográficos devanditos dos que se desprende un alonxamento completo do contexto social galego e do seu fluido cultural diario. Un esteticismo moi persoal e ligado ós produtos xeracionais dos poetas españois dos anos vinte, triunfa nas súas cancións e nos seus poemas de grande formato, de variada e habelenciosa complexidade rítmica, nos que –ás veces– ven converxer cos nosos neotrovadoristas. Mais, con todo, unhas certas vivencias, que se manifestan con desgarro, e cun automatismo surrealista en certos intres evidente, sitúano nun plano de sensibilidade que ultrapasa o esteticismo e o achega ós gostos humanistas dos anos cincuenta e sesenta. No fondo: un clima de enigma e unha inquedante indefinición sentimental.

Como bibliografia, para além do artigo de Blanco-Amor (1959), cita críticas de Ánxel Fole e de García-Bodaño sobre RST; o artigo de Ramón Piñeiro (1964); e as críticas de Rossi e Sayers, sobre LAM e RST.

Da Cal aparece inserido no capítulo (Méndez Ferrín, 1984: 69-210), "A Xeración de 1936", o mais amplo, em que se encontram as três figuras consideradas centrais: Álvaro Cunqueiro (pp. 151-172), Celso Emilio Ferreiro (pp. 173-198) e Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 129-151). No resto do volume só se encontra citado na bibliografia de Anne Marie Morris (p. 119). Na "Bibliografía Xeral" cita-se o *Dicionario de literatura* (sic) da Figueirinhas, segundo a edição de 1969, mas a única alusão que se faz a essa obra pertence a um trabalho de Coelho, não ao contributo de Da Cal.

Da análise deste volume observa-se, por um lado, ser Da Cal o poeta de que se citam mais trabalhos publicados por figuras críticas internacionais sobre a sua produção, junto com Cunqueiro. Mas com uma diferença: no caso de Da Cal indicam-se dois artigos publicados na Itália e nos EUA, por enquanto no de Cunqueiro citam-se trabalhos universitários não editados[125].

O estudo de Méndez Ferrín tenta legitimar o cânone ortográfico institucionalizado para o galego pelo Governo autonómico, consciente da sua autoridade no campo, que se espelha já na forma em como é apresentado nas badanas do volume como "a personalidade máis significativa, polifacética e controvertida do actual panorama literario galego [...] é hoxe o exemplo dunha forte personalidade que conquistou un

[125] Merece destaque igualmente a diferente maneira de valorizar as publicações dos diferentes produtores. Assim, de Celso Emilio Ferreiro citam-se (Méndez Ferrín, 1984: 191) "Algunhas poesías soltas editadas en galego", entre elas em *Vieiros* (en México, 1959) e en *Papeles de Son Armadans* (en 1957 e 1961), bem como de traduções realizadas para galego de poemas de produtores da Alemanha. E em diferentes produtores (como no caso citado de Morris) cita-se entre a bibliografia os prólogos dos poemários realizados por críticos reconhecidos, como Otero Pedrayo e outros. No caso de Da Cal não se citam Otero e Coelho; não se alude à sua produção de poesias avulsas nas mesmas revistas que se destacam para Ferreiro, e em muitas outras; e também se ignoram as suas traduções para galego e de produtores galegos, bem como o seu trabalho de divulgação e propagação internacional das letras galegas.

posto de primeira importancia no concerto da literatura contemporánea". Trata-se também de um livro de auto-reivindicação, pelas referências que utiliza, muitas delas em que ele oferece testemunhos presumivelmente de primeira mão pelo protagonismo pessoal no tempo de que se ocupa.

Não existe aqui simpatia por Da Cal, que ocupa um segundo plano e a quem se trata de apresentar como produtor desligado da Galiza e desconhecedor da realidade cultural, o que justificaria a sua discrepância ortográfica, pois, segundo se conclui da leitura desse volume de Méndez Ferrín, não parecia existir qualquer conflito normativo. No entanto, na valorização da poesia dacaliana aparecem alguns elementos positivos, que apesar do distanciamento do crítico conseguem emerger.

III.3.1.9.-Nos centros do reintegracionismo, do CL e do CEL, em 1985.

Da Cal viverá em 1985 um ano intenso, o mais activo do tempo de aposentamento, situando-se em posições de centralidade nos CL e CEL e no reintegracionismo[126]. Publicou o poemário *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para principiantes)* (FI) e a *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (APCR). Emerge de novo o par D. C. Warnest[127]/ Da Cal, e difunde poemas em revistas e jornais de Portugal e da Galiza, e um artigo em *A Nosa Terra* sobre Serafim Ferro[128]. Ao editarem-se os autógrafos dos *Seis Poemas Galegos* (SPG) lorquianos confirma-o no centro para esse produto[129].

---

126 Joám José Costa Casas (1985), coordenador do "Conselho de Redacçom" da *Agália*, que promocionava a Agal, convida-o para formar parte do "amplo Conselho Assessor". Carvalho Calero (12-II-1985) solicita-lhe colaboração para a revista "cujo primeiro número nom tardará em sair", e que se publicou no primeiro trimestre do ano. (Inicialmente a revista editou 4 números anuais. Ao não existir data concreta e variar a periodicidade, e com o fim de simplificar, no presente trabalho datam-se os exemplares como editados em Março, Junho, Setembro e Dezembro [III, VI, IX e XII, correspondendo respectivamente a Primavera, Verão, Outono e Inverno]. No entanto, quando se citarem trabalhos datados com posterioridade, assim se esclarecerá). Da Cal encontra-se entre os 43 membros do Conselho Assessor.

No primeiro número há referência ao primeiro Congresso da Agal e esclarece-se a ausência de Da Cal (Sem Autor, 1985:99) "por problemas surgidos uns dias antes" da celebração do mesmo. Participa desde o início num empreendimento de especial relevo da estratégia do Reintegracionismo. Difundirá até ao final da vida nesta publicação diferentes trabalhos; e será muito reconhecido e respeitado nas suas páginas, em vida e postumamente. Na altura, os defensores do Galego-Português encontravam-se sem divisões, integrados na Agal, ou simpatizavam claramente com ela, situação que durará pouco tempo.

127 Recebe cartas de agradecimento por HFGL de Xosé Estévez (22-I-1985), V. Paz Andrade (4-II-1985), Manuel Maria (5-II-1985), Carvalho Calero (12-II-1985), José Landeira Yrago (17-V-1985).

128 No número do 25-IV-1985, *A Nosa Terra* publica artigo de Da Cal intitulado "Evocaçom e testemunho. Quem foi Serafim Ferro". Manuel Maria (5-II-1985) tinha-lhe aconselhado que o encaminhasse para essa publicão para difundir aquele personagem "do que case ninguén sabe nada".

Justifica Da Cal este trabalho em resposta a M. Hortas Vilanova –pseudónimo de Manuel María— quem lhe demandara explicações respeitantes à pessoalidade de Ferro (ver supra). Afirma ter conhecido Ferro em Madrid em 1932. Apresenta-o como "inequívoco nacionalista galego"; refere como em 1934 os dois acabaram em Comisaria após um enfrontamento com um grupo de juventudes carrilhistas; afirma terem convivido regularmente até aos fins de 1935; informa que combateu obrigado ao pé das tropas de Franco

Foi um ano de muito relacionamento com produtores galegos de muito diferentes campos (José Posada[130], Xosé Estévez[131], Xoaquin Agulla, Joám José Costa Casas, Valentín Paz Andrade, Manuel María, Xan Carballa, Carvalho Calero, Alonso Montero, Franco Grande, Landeira Yrago, Sixto Seco, Xosé Luís Fontenla...). É reivindicado como vulto e como nacionalista num artigo publicado em *Faro de Vigo*[132], onde de

---

e se passou para as da República; como no tempo da guerra os dois se encontraram em Barcelona, na revista *Nova Galiza*, em cujas páginas Da Cal mesmo lhe dedicou um poema; e como, já exilados também os dois, o reencontrara no México; e a dedicatória de novo poema, em LAM, inteirando-se em Nova Iorque da sua morte. Em nota final reivindica uma edição da sua produção. Reprova a imagem que deram dele Carlos Morla e Eduardo Blanco Amor. Sobre Blanco Amor, acrescenta que também ele próprio tinha sido objecto (Da Cal, 1985:20): "da propensom blanco-amoriana de fazer a Vida imitar a Arte. Para poder mitificar-me, num 'pronto arcangélico', nom hesita em mistificar as minhas realidades físicas, enfeitando a minha mocidade com 'un alboroto dorado y ensortijado sobre la frente`' y [sic] uns nom menos fabulosos 'ojos azules'. Ora bem, o cabelo que eu tinha e que –ai!—perdim era castanho e apenas levemente ondeado; e os olhos que tinha –e graças a Deus ainda tenho— eram, e continuam a ser, também castanhos. Fai-me ver a luz 'en el Alto Sil, en cuya Pueblo del Brollón era nacido' –quando ele estava farto de saber que eu era ferrolano, recriado no Val de Quiroga. Nom param aí as suas fantasias, mas para amostras bastam estes botons".
Com este trabalho actua como referente no nacionalismo e responde uma demanda que lhe fizeram. É também valioso pela maneira como se posiciona a respeito de Blanco-Amor, como fará na *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (ver infra). Da Cal volta utilizar o cânone ortográfico da Agal na Galiza, mantendo-se assim na estratégia desta associaçom.
Xan Carballa (26-IV-1985), d'*A Nosa Terra*, convida-o para colaborar num número especial que programavam para dedicar a Eduardo Blanco-Amor.

129 Com a intervenção a respeito de Serafim Ferro, tenta deitar abaixo os que valorizava de "dados a entender" que prejudicavam o bom nome de aquele amigo; e ver-se-á ele envolto também em suposições que tentavam tecer uma rede entre Blanco Amor-Lorca-Da Cal para a elaboração dos SPG (ver infra).

130 Da Cal (18-I-1985) acusa recebemento de publicações editadas por Caixa Ourense, enviadas por José Posada (em 2-I-1985), acompanhadas com uma carta a respeito da qual manifesta: "nunca me afastei do serviço à causa nacional da minha Pátria. Galego da Diáspora, servi-a antes e durante a Guerra Civil. Servia-a, também com a acção e a palavra, ao longo de 40 anos dedicados à docência, à investigação e à criação literária nos E.U.A., em Portugal, no Brasil, na América hispânica, em África e em Europa –e continuo a servi-la dia a dia neste Portugal irmão. Por onde quer que eu passei, onde quer que eu estive, estou ou estiver, a presença da Galiza, prestigiada apenas na medida dos meus pobres merecimentos, foi, vai e irá comigo. Tenho a impressão, porém, de que essa minha devoção nem sempre foi reconhecida nem correspondida". Da Cal aceita que Caixa Ourense, de que Posada era dirigente, publicasse algum dos seus produtos (faz a sugestão da reedição de LAM e RST num só volume, que teria continuidade num outro "de poesia inédita e dispersa, *FUTURO IMEMORIAL (Manual de Velhice para Principiantes)* –agora pronto para sair dos prelos da 'Sá da Costa Editora', no início da primavera"). Ensaia assim novo intento de reeditar LAM e RST. Posada ocupava um lugar de relevo em Caixa Ourense, desde o que favorecia o Reintegracionismo (v. gr. com a publicação a *Escolma de Cantigas Galegas*, de Ricardo Flores, em 1984). Afirma que não se importa em que se utilize o cânone ortográfico da Agal, e reivindica para Da Cal o seu papel de pioneiro naquela tendência linguística.

131 O contacto epistolar com Estévez permitir-lhe-á recobrar a infância em Quiroga e alicerçar nessa rememoração uma composição de poesia.

132 O jornal publica o artigo "Guerra da Cal o mestre ignorado", assinado por Francisco X. Castelo, em que reivindica o seu labor e reclama que se lhe tenha em conta nas comemorações do Centenário de Rosalia. Castelo demonstra ter boa informação sobre Da Cal, ao anunciar projectos como APCR, a reedição de LAM-RST patrocinada por Caixa Ourense; ou relatar uma anedota que será repetida várias vezes por Xavier Alcalá (Castelo, 7-IV-1985): "O cosmopolita nacionalista galego ao que certo profesional da televisión brasileira presentaba nunha ocasión como 'o Profesor Ernesto Guerra da Cal, que insiste en ser chamado de galego' (apesar do pexorativo do termo naquelas terras)". Também indica que fora "condecorado por Oliveira Salazar (coa oposición de Franco, a tal nivel chegou a cousa)" e cita-se o seu relacionamento com Lorca, os estudos queirosianos, ou o labor profissional nos EUA. Conclui que Da Cal "ten unha vitalidade de vello profesor afeito a lidar con rapaces que se cada non resulta

maneira pública se reclama a sua presença na Galiza; e fracassaram os primeiros intentos de conseguir que se lhe homenageasse, em Ferrol e em Quiroga[133]. Também reatará a relação com pessoas conhecidas de longa data, como Manuel Fernández Montesinos, da Fundação García Lorca; ou o poeta catalã Felix Cucurull.

Novos investigadores aderem, em Portugal e no exterior, ao seu queirosianismo, e produtores que se ocuparam da sua poesia incluem referências de destaque ao mesmo. Nos EUA, finaliza a sua doação para a Hispanic Society of America nova-iorquina. Trata-se de um ano marcante, em que atinge posições de centralidade na Galiza e em Portugal[134], e em que se vê envolto em polémicas, com alguns resultados inesperados para ele, e outros que ajudou a provocar[135].

III.3.1.9.1.-Intervenção no CL e no Reintegracionismo: *Futuro Imemorial.(Manual de Velhice para principiantes)* (FI).

Na primavera publicou na editora Sá da Costa, de Lisboa, *Futuro Imemorial.(Manual de Velhice para principiantes)* (FI), poemário precedido de um "Antelóquio indispensável", em que utiliza a ortografia do português padrão, mas com

---

conveniente neste país de momias vivas (Xa se ve como lle vai con elas ao seu amigo Carballo Calero...) Se a iso unimos o seu nacionalismo sen concesións nen 'consensos', a sua convicción dura –de home que loitou con armas na man—sobre o monolingüismo, queda logo entendido que oficialmente se lle ignore, que non se aproveite o seu brillante curriculum internacional para promocionar o pouquiño que somos". Talvez esse Francisco X. Castelo fosse pseudónimo. É mais uma ocasião em que, esta vez de maneira pública, se reivindica a sua presença na Galiza.

133 Da Cal (22-I-1985) manifesta a Xosé Estévez que "talvez visite a Terra", a prosperar a homenagem que organizava o Grupo Cultural Medúlio no Ferrol, embora reage com cautela, pois "Eu sei que a intençom nom falta e vem sentida –como no seu caso em referência a Quiroga— mas também sei os obstáculos e empecilhos com que essas iniciativas tropeçam. Portanto, para crer, sempre espero ver".

Da Cal (23-XI-1985) voltará a referir-se a essas propostas de homenagem em Ferrol e em Quiroga: "A homenagem no Ferrol, planeada por Dobarro Paz aparentemente gorou. Eu disse que ia, mas que tinha que receber um convite oficial da Câmara Municipal, pois sabia que para darem o meu nome a uma rua e porem na casa do meu nascimento uma lápide, era condição indispensável o assentimento e consentimento maioritário dos representantes do Concelho. Houve um longo silêncio de parte desse amigo, e meses depois uma carta na que já não se falava para nada nem de rua nem de lápide, mas apenas duma homenagem privada da Sociedade Cultural Medúlio. Como achei essa conduta pouco clara –e além disso para a data do convite eu tinha o compromisso duma visita a uns amigos de Copenhague– desisti e mandei as informações que Dobarro me pedia sobre a minha vida profissional e literária –mandei-lhe um extracto do meu 'curriculum vitae'– e nunca soube mais nem do assunto, –nem do Dobarro".

134 Mantém-se integrado na vida cultural. Em 8-II-1985 é convocado para participar numa sessão da Academia de Ciências de Lisboa, pelo Secretário-Geral da instituição, José H. Saraiva.

135 No plano pessoal, Da Cal e a sua esposa Elsie reformam a morada do Estoril. Deixam a "Melrose" e até Agosto refugiam-se "na quinta duns amigos no Algarve" (assim o comunica a Xosé Estévez, em carta de 23-XI-1985). Isso evidencia como se encontravam satisfeitos e procuravam a maior comodidade para se assentarem em Portugal, após oito anos de residência. Eram um casal aberto e que oferecia simpatia, segundo depoimentos de diferentes pessoas que tiveram tratamento com eles.

particularidades lexicais galegas[136]. Neste volume Da Cal demonstra a aplicação no CL

136 Informa-se ser o desenho da capa de Raguer Caldas, mais outra maneira de escrever o seu nome; e utiliza de novo D. C. Warnest. Na contracapa inclui-se fotografia de Da Cal, e informações da sua trajectória e capital simbólico, além de frisar a sua atitude de defesa do Reintegracionismo.

No "Antelóquio indispensável" justifica a escolha do cânone do português padrão de Portugal. Afirma serem os poemas (p. 5) "galaico-portugueses". Interpreta a fortuna histórica da língua comum, na Galiza e em Portugal, com argumentos semelhantes a contributos anteriores (Da Cal, 1946 e 1964). Destaca Rosalia como figura central do cânone literário galego. A respeito do Reintegracionismo, esclarece os leitores não avisados como a língua derivara numa batalha na Galiza e existiam dois bandos que (p. 10) "se gladiam diariamente" por essa questão. Após frisar a diferença com Catalunha e Euscádi e o benefício que representava para a Galiza a proximidade de Portugal, aventura que será no terceiro milenio quando se conseguirá a reintegração, e finaliza destarte (Da Cal, 1985a: 12-13): "Como poeta, embora humilde, que sou, reclamo o que de jus me cabe: o direito a sonhar com uma estrutura da Hispânia mais em harmonia com a pluralidade dos povos que a compõem; o direito a sonhar que nessa nova ordenação o Minho deixe de ser uma linha de separação política para passar a ser apenas uma bela fita de prata numa paisagem comum; o direito a sonhar com a resposta de uma Galiza livre ao apelo lançado pelo poeta Lopes Vieira: 'Deixa a Castela e vem a nós!'; o direito, enfim, a sonhar com aquela 'Portugaliza' ideal dos dois Povos do Cabo da Europa". Reivindica a ascendência galega de Camões, Eça de Queirós e Fernando Pessoa, os vultos centrais do cánone literário português, e introduz um claro matiz político na sua reivindicação, num texto escrito em prosa polémica e para não deixar indiferente o leitor português, antes pelo contrário, para procurar propositadamenta a sua simpatia e, através da difusão do problema linguístico da Galiza, tirar rendimentos para a sua maior projeção.

As 87 composições de poesia estão repartidas em seis partes. Há 50 citações nas epígrafes de produtores e produtos procedentes da Bíblia, e autores de muito diferentes épocas, desde medievais a coevos, pertencentes aos intersistemas lusófono, hispanófono, francófono, anglófono e italiano, os que constituiram também as principais referências nos seus estudos literários. Em todos os poemas consta onde foram compostos e quando: nos EUA, Portugal, México, Brasil, Inglaterra, Porto Rico, Espanha, França e um na Galiza; entre 1945 e, a maioria, 1984. A respeito da temática, os poemas testemunham aspectos fulcrais da vida com predomínio da perspectiva da velhice. Começa com a autopresentação biográfica; e na última composição, respeitante à convivência conjugal, assume estar (p. 172) "neste crepúsculo de despedida/ que começa a inundar/ (também naturalmente)/ de sombra a minha vida/ já vivida", versos que evidenciam pessimismo, presente em muitas das páginas. Memora o tempo da infância; a Guerra, as amizades; a residência em Nova Iorque; instantes marcantes da biografia; conselhos. Vale-se de múltiplas referências culturais procedentes da literatura, da pintura, da música e de culturas, do passado e coevas; personagens e elementos religiosos (católicos, judaicos ou das da antigüidade). Vultos canonizados da Literatura ou da História; nomes geográficos; referências marítimas, à Matemática e outras disciplinas a que oferece interpretação muito pessoal desde a experiência vivida. O homem vive a vida, mas também muda e tem "mortes"; e há instantes em que se questiona se vale a pena a vida e se coloca o suicídio. Dialoga com a poesia de outros produtores. O Tempo, o Amor, a Velhice, estão presentes de maneira muito recorrente, com imagens e formulações que procuram ser impactantes (v. gr. no poema "Funeral adiado" em que se afirma: "O Coração do Homem/ é uma cova/ muito antes da sua Morte/ Quando ela chega/ nele estão sepultados/ Mocidade/ Beleza/ Desejo/ e Esperança/ Quando se enterra um Velho/ só se enterra/uma tumba/ noutra tumba", sendo esta umas das composições centrais do volume). Assume o "inesperado" da velhice e frisa vários pares opositivos entre mocidade-velhice para descrever o contraste entre a força que dá o ter a vida para a frente e a debilidade de ter que assumir "um desafio de honra com o Zero". No aspecto estilístico, Da Cal demonstra os seus conhecimentos de literatura, desde a disposição tipográfica até a rima, o ritmo, a medida e variados recursos. A reflexão sobre a produção literária é outro tema central: define a Poesia como "um Jogo/ complexo, divertido e salutar/ desporto expressional" mas que deve "ter as suas regras". Ou em "Mester de Poesia", em que oferece várias definições e conclui que "no fundo/ nunca deixa de ser/ um/ prazer solitário/ E/ mesmo em companhia/ um acto/ intransferivelmente/ pessoal/ celibatário". O recurso mais utilizado é a antítese. Há poesias que são só jogo, mas outras tentam atingir o conhecimento fruto da experiência e do convívio; uma dualidade marcante em todo o poemário. O diálogo do ser humano com outros elementos da Natureza, como os animais, os astros e outros (o rio, o mar, a pedra, a aurora, a noite...), está também nas composições. E encontra-se um diálogo com formulações de estudos, em especial os queirosianos. Assim, o questionamento da Verdade e da Realidade, ou os versos finais do poema "Pátria" em que se refere ao seu papel de "poeta evangelista" remetem para o ensaio sobre *A Relíquia*, por colocar os exemplos talvez mais evidentes, mas encontram-se outros, numa estratégia de diálogo entre literatura e ciência que será

dos diferentes intersistemas de que se ocupou no CEL. Apresenta-se como uma pessoa com estadas e viagens em muitos países. E a datação dos poemas contribuia a pôr ênfase em como a produção literária tivera continuidade na sua trajectória. Não se tratava, como porventura pudesse pensar um leitor não avisado, de um investigador e professor que só circunstancialmente se dedicasse àquela actividade. Maneiras todas elas, pois, de se reivindicar para o CL introduzindo elementos em que dificilmente se não reparará. Procura a simpatia do leitor ao introduzir referências culturais, religiosas e intelectuais que possam emocionalmente ligá-lo com o livro[137]. Nomes da cultura dos EUA como Bete Davis ou Bob Dylan têm igualmente esse objectivo. O resultado é um produto que demonstra um grande acervo civilizacional, leituras e conhecimentos, a curiosidade pela vida e as oportunidades que oferece, e a consciência plena do final da existência. Há uma defesa da cultura, do diálogo e da paz, e um apelo para a igualdade e a amizade, que resultam transversais. Um produto, pois, arquitectado propositadamente para buscar impacte no mercado, e com muitos elementos de interesse para a crítica e com o claro intuito de chamar a atenção e de se reivindicar no CL.

Da Cal deveu receber os primeiros exemplares por volta de meados de Abril[138], e distribuiu-os entre amizades e críticos, que lho agradecerão publicamente ou através de epístolas particulares[139]. **A primeira recensão do volume, de António Valdemar**[140]

---

mais acusada no seu seguinte poemário. A não utilização do ponto é outro elemento que bate na leitura dos poemas, em que sim emprega outros signos, o qual também lembra o assinalado em LEEQ a respeito da pessoal utilização dos signos de pontoação por Eça de Queirós. Apesar do testemunho pessoal predominante, há composições de teor social, entre as quais merecem salientar-se as dedicadas a Pardo de Cela e "Pátria". Outras almejam o final das guerras, a paz, uma maior solidariedade e igualdade.

Não há um vocabulário final como em produtos anteriores e esclarece 7 termos em todo o livro; o que reforçava a ideia de identidade entre a língua de Norte e Sul do Minho. Na Bibliografia (pp. 173-175) informa de LAM, RST, *Poemas* e *Motivos do Eu*; e de **críticos que se ocuparam da sua poesia em Portugal, Porto Rico, Brasil, EUA, Espanha, Galiza, França e Itália**.

Finalmente, em 22 notas informa onde foram publicadas originariamente 18 das composições, e informações sobre a estreia musical da intitulada "Colóquio", bem como de Juan José Tablada, e das figuras de Pardo de Cela e Meendinho, ao igual que do sino da Berenguela da Catedral de Santiago.

137 Na sequência da presente pesquisa houve ocasião de verificar como pessoas naturais do México ou do Brasil reagiram com surpresa agradável ao verificar poemas datados em cidades dos seus países.

138 Também na primavera publicou em *Carel*, "revista de creación do Ateneo Sta. Cecilia de Marín" dois poemas, "Mito" e "Longe", indicando-se a pertença dos dois ao "livro inédito", que frisam "a ponto de sair do prelo", *MEMORIAL DO FUTURO (Manual de Velhice para Principiantes)*. Correspondem-se com "Obscuro Mito", e "Hora de Hera". Existem alterações, que demonstram como Da Cal voltou sobre esses poemas, e como existiu uma versão do poemário segundo o cânone ortográfico da Agal, com posterior adaptação para português de Portugal. Ao contrário do acontecido com outros poemas de FI, nestes dois não há chamadas para indicar a sua publicação anterior. Da Cal tinha enviado este contributo no ano anterior. Aos 28-I-1985, Xoaquín Agulla, de Cangas, desculpa a demora na publicação.

139 A primeira reacção (23-IV-1985) é de Rodrigues Lapa. Da Cal (17-V-1985) envia exemplar para Alonso Montero; e para Urbano Tavares Rodrigues (s/d), Humberto Carlos Baquero Moreno (16-V-1985), Xosé L. Franco Grande (18-V-1985), a Redacção de *A Nosa Terra* (V-1985: o semanário reproduz [Sem Autor, 22-V-1985: 19] a capa, partes do "Antelóquio indispensável" e mais o índice, acompanhando

(13-V-1985), publicou-se no *Diário de Notícias* de Lisboa. Seguiram outras referências, no semanário *O jornal*, de **Fernando Assis Pacheco**[141] (17/23-V-1985); de **Luís Fagundes Duarte**[142] (28-V/3-VI-1985), no *Jornal de Letras*; **Jorge Listopad**[143] (18-VI-1985), no *Diário de Notícias* lisbonense; **Xesús Alonso Montero**[144], (8-VI-1985) em *Faro de Vigo*; na **Agália**[145] (Sem autor, VI-1985: 246); **Luís Forjaz Trigueiros**[146] (10-VII-1985), no portuense *O Primeiro de Janeiro;* **Natércia Freire**[147]

---

o endereço da editora); Miguel Torga (20-V-1985); Eugénio Lisboa (31-V-1985), Félix Cucurull (31-V-1985), o advogado portuense Antero Cochofel de Miranda Mendes (6-VI-1985) ou Ricardo Carvalho Calero (12-VI-1985), segundo datas de epístolas de Da Cal ou de respostas recebidas.

140 Salienta que "não há dúvida é que permanece sempre ligado ao *antergo* galego, que é a raiz e a seiva, a flor e o fruto de sua aventura inacabada nos caminhos da poesia e da vida". Valdemar demonstra conhecer bem Da Cal, e frisa a galeguidade do poemário, além do queirosianismo e elementos de interesse biográfico. A recensão visava o efeito que porvertura procurava Da Cal: acordar o interesse do leitor português pelo atractivo com que se ocupava de FI.
Segundo o curriculum vitae de Da Cal, Valdemar difundiu em 12-V-1985, no Programa 2 da Radiodifusão Portuguesa um trabalho sobre "Guerra da Cal e a sua poesia", em que também focou FI. Porém, esse estudo não se pôde documentar na sequência da presente pesquisa.

141 Apresenta-o como "muito mais do que un 'scholar'" e acrescenta que com o novo poemário "dá um novo passo, o da criação directa em Português". Oferece grande atractivo para este poemário e tenta criar cumplicidade do leitor português com aquele produtor "portugalego" a quem compara com Jorge de Sena, na altura no topo da sua melhor valorização como poeta em Portugal, o que contribuia para puxar por Da Cal como produtor literário.

142 Dedica grande parte do texto a analisar a situação da Galiza e o problema ortográfico, frisando tratar-se de um "problema político" e uma "questão cultural", e salientando o facto de ser FI "uma obra que me parece fundamental no esclareciento desta questão". Oferece o maior destaque para o trabalho de Da Cal e promociona este produto cujo conteúdo apresenta com atractivo.

143 Define-o de "poeta, scholar, galego, cidadão do mundo e, actualmente, vizinho do Estoril. Civilizado, isto é, homem de cultura e de ironia, inocente e requintado. Agora, para o seu e nosso prazer, publicou um livro de poesia, escrito em português. [...] Não se trata, pois, de um trabalho poético, de poesia elaborada dentro de si própria, mas da descoberta da intersecção do mundo e do eu".

144 Destaca o "estupendo poema" dedicado a Meendinho, e afirma: "Algún día comentarei o prólogo non excelente deste excelente libro de Guerra da Cal". Não cita outras referências do volume, num artigo em que transparece a luta ortográfica nessa alusão ao "Antelóquio indispensável".

145 No número 2 (VI-1985), a revista da Agal inclui o poema de Da Cal "Pátria", nas pp. 213-215, quase reproducção exacta do de FI (a principal diferença está no verso "O Espaço sempre acaba comido pelo Tempo", pois em FI aparece como "O Espaço dissolve-se no Tempo", o que evidencia como voltou sobre o poema, de que se informa pertencer a FI "programado para aparecer em Lisboa em Abril de 1985"). Noticia mais para a frente da recepção do poemário e indica: "Nada nos agrada mais que iniciar esta secçom de *Livros recebidos* com umha obra do professor Guerra da Cal, membro de honra da AGAL, que começa com este livro o seu caminhar como poeta em português". Esta valorização prova como a Agal não assumia na altura o cânone ortográfico do Sul do Minho e, pela situação da Galiza, propunha uma normativa própria, que caminhasse para o encontro progressivo com o intersistema lusófono.

146 Trigueiros assume a alta valorização de LAM e RST de Jacinto do Prado Coelho e Otero Pedrayo. Após citar poemas de FI, julga-a de "Obra assim tão cheia de sugestões, ela se insere bem nesse caudal de ideias –e não só isso: de ideias em acção—que tem sido a vida de Ernesto Guerra da Cal. Um extenso preceptorado universitário de muitas décadas nos Estados Unidos e que carregou para Portugal, é devido lembrá-lo, o conhecimento de duas ou três gerações escolares que ele catequizou, para a língua e para as letras galego-luso-brasileiras e também com seus estudos queirosianos" e salienta o "Antelóquio".

147 Refere-se a Da Cal como poeta-crítico, cita um trecho "Antelóquio indispensável" e várias poesias, para valorizar: "Esta grande Poesia dramática e surrealista, simbolista e lírica, como toda a Arte total, é a experiência dos arquétipos do próprio Poeta, a soma iluminada de várias existências, em vários continentes, em tempos de assombrações, em transições velozes entre a vida e a morte. O Poeta aqui é um centro da Terra". FI dá ocasião a Natércia Freire para evocar Heráclito, José Régio ou Einstein, além dos "ecos africanos nos ritos brasileiros de Yemanjá" ou "o 'tesouro escondido' que Jung Alfim promete

(2-VIII-1985) no semanário *Tempo*; **Xosé Luís Franco Grande**[148] (10-X-1985) em *Faro de Vigo*; **Leonardo Mathias**[149] (XI-1985) –que é apresentado como "Embaixador em Washington" – no *Semanário* (Lisboa); ou **José Landeira Yrago**[150] (7-XII-1985) em *La Voz de Galicia*.

A importante recepção crítica provava a expectativa existente perante este novo produto e o atractivo da sua personalidade e produção. Existe maior centralidade e reconhecimento em Portugal; por enquanto na Galiza não se assume o seu discurso ortográfico nem pelos claramente opositores ao mesmo, nem por aliados como a Agal.

III.3.1.9.2.-Os autógrafos dos SPG: Da Cal, no centro dos estudos lorquianos.

Acontecimento fulcral em 1985 será o **descobrimento dos autógrafos dos *Seis Poemas Galegos* (SPG) de Federico García Lorca**. Conservados por Eduardo Blanco-Amor, encontraram-se com ensejo da venda da sua biblioteca à Deputação Provincial de Ourense, e originaram um novo interesse[151], na Galiza e no exterior, a respeito desse produto. Ao evidenciar-se que a letra utilizada pelo menos em quatro deles coincidia com a de Da Cal, isso fará dele um centro para os estudos lorquianos, e contribuirá para

---

àqueles que souberam acertar-se com a sua própria dimensão e convergir nos contrários", num trabalho de grande valor para a projecção de Da Cal como poeta em Portugal.

148 No artigo "Ernesto Guerra da Cal, o magnífico" apresenta-o como "sen dúbida, unha das personalidades máis brillantes que Galicia ten producido en calquera tempo". Após análise de FI conclui ser "un poeta importante. Un poeta que aporta unha voz propia, moi sua, moi definida". A recensão está acompanhada da reprodução do poema "Posição vital", datado em "'Melrose', Estoril 24 de agosto de 1985" e que tem a dedicatória "De 'Ernesto do Sil' para Marian, Rosalia, Navia e Xose-Luis, 'With Love'"; um poema inédito (que lhe enviara por carta aos 6-IX-1985) em que Da Cal reflecte sobre o passado, o futuro e o presente, e em que novamente o tempo aparece como protagonista, e espelha o ser "septuagenario". Franco Grande anuncia que esta composição será incluída no novo poemário dacaliano.

149 Reivindica o trabalho literário de Da Cal, com citação de FI e do trabalho publicado como D.C. Warnest. Mathias lembra ter conhecido Da Cal "vai para mais de 25 anos, em Nova Iorque", e giza uma imagem dele muito positiva. Afirma: "Há no prefácio a síntese do seu permanente combate pela Galiza e a subjectiva presença de Portugal, que identifica Guerra da Cal connosco e o torna português na expressão poética, mística ou lírica, docemente trágica, tragicamente doce. [...] Sou dos que admiram nos seus poemas a poesia. [...] Guerra da Cal não é um poeta regional, por mais nobre que seja a fonte e o conceito, porque abarca temas universais e os trata com veia genuinamente criadora ora flexível e densa, ora irónica, leve, interrogativa ou melancólica. [...] São múltiplos os percursos e porventura, como poderia dizer D. C. Warnest, é nos sonhos ocultos que se esconde a realidade. Em Guerra da Cal é poética, e ergue-se plena, altiva e solitária, como compete".

150 Adverte de défices na Galiza, dando a entender que a aproximação para o português proposta no "Antelóquio indispensável", na linha do que tinha acontecido com o caso belga-holandês, era um possível exemplo a seguir para solucionar aquela situação que encontrava de inferioridade a respeito de outros idiomas, como mesmo o de Catalunha ou o País Vasco.

151 Exemplo do tratamento dos SPG até o aparecimento dos autógrafos é o volume *Literatura século XX, iniciación universitaria*, manual para o ensino de Maria Victoria Moreno e Xesús Rábade, em que os incluiam no capítulo "A poesia de avangarda" e dedicavam-lhes o "Comentario de texto", colocando como modelo a "Cantiga do neno na tenda". Estudam a forma, o conteúdo, e colocam-se em diálogo com outros produtos das literaturas galega e espanhola, defendendo que foram compostos por Lorca (Moreno/Rábade, 1985: 84) "na viaxe que fixo a Galicia en 1932", sem qualquer referência a Da Cal. No entanto, no capítulo seguinte reproduzem a entrevista de Carlos Casares (1973) a Eduardo Blanco Amor onde sim há referência (Moreno/ Rabade, 1985: 132-133) à intervenção dacaliana nesse produto.

que os especialistas o contactem. Também provocará um novo posicionamento dele, e efectuará revelações. O achado comunicou-lho **Manuel Fernández-Montesinos, secretário da Fundação Federico García Lorca**, quem aos 27-III-1985 e "después de tantísimos años" lhe solicita colaboração para "una biblioteca García Lorca", pois:

> Cuando se trata de estudiar la "Etapa Gallega" de mi tío, todas las pistas, indefectiblemente, llevan hacia tí. Hemos tenido acceso al archivo de Eduardo Blanco Amor que se encuentra custodiado, aún sin catalogar, en la Diputación de Orense. Adjunto te mando fotocopias (malas, perdona) de los "manuscritos" que menciona Eduardo Blanco Amor en su artículo de la revista "Insula" de 1959. En ellos la participación manuscrita de mi tío es mínima. Se pueden reconocer cuatro manos distintas. Todo esto sigue siendo un misterio y espero que, con tu colaboración, se pueda delucidar.
> Esto, la "Etapa Gallega" de mi tío, es un asunto que necesita de aclaración, de artículos y conferencias. Nos gustaría poder contar contigo para todas estas cuestiones.

Da Cal responde de imediato[152]. Reage com satisfacção e parece entusiasmar-se com este novo relacionamento, pelo valor pessoal e pelas possibilidades de projecção como especialista em Lorca, mesmo de ganhos económicos.

Em Março e Abril Da Cal contacta a **Ian Gibson** através da mediação de **Franco Grande**, a quem revela (carta de Da Cal, 18-V-1985):

> Perante a evidência dos meus próprios autógrafos –que o Blanco Amor sempre ocultou, terei que romper o meu longo silêncio. Coisa essa nada aliciante, porque me verei forçado a denunciar a trapalhice insidiosa de um morto, o dito Eduardo –que Deus haja! Terei agora que assumir –que remédio!—a parte que me coube na origem, na génese e na elaboração dos *Seis Poemas.* Confesso que teria preferido que o Blanco Amor tivesse destruido esses manuscritos, como era natural, visto o papel que ele se atribuiu nesse assunto, no que não teve arte nem parte. Minto, teve a parte de os dar à estampa praticamente à revelia do autor putativo. Eu calei durante todos estes anos, porque ou tinha que mentir ou tinha que aparecer em público tentando arrimar a minha pobre sardinha lírica à brasa deslumbrante do prestígio lírico do grande granadino universal. Mas a vida é assim! e o que começou como brincadeira é hoje assunto sério de repercussão mundial. Falarei quando der remate ao livro da Homenagem à nossa Rosalia –que Deo volante e adjuvante sairá no outono.

Os autógrafos das composições lorquianas publicaram-se[153] no "Cuaderno de Cultura" do jornal *La Voz de Galicia*, em 6-VI-1985[154], e mais em *Grial*[155] correspondente ao

---

152 Assim se conclui da nova carta que, aos 12-IV-1985, lhe encaminha Montesinos, que agradece essa rápida resposta, e que lhe enviasse a cópia da dedicatória do *Poema del cante jondo.*

153 Alonso Montero (10 e 11-V-1985) publicou dois artigos sobre os SPG em *Faro de Vigo*. Frisa que talvez fosse "o libriño máis coñecido de tódolos que se teñen escrito en galego moderno" e "un capítulo dos máis fermosos cultura literaria galega". Afirma precisar-se "un libro que se encare cos problemas que eses versos plantean [...] ainda hai persoas en Galicia que poden aportar pequenos textos, datos e pistas para enfrentármonos cun certo éxito a estas singulares páxinas de poesía galega. E eu petaría, delicadamente, no seu corazón". Refere-se ao "xesto xeneroso [de Lorca] que o levou a escribir esa peza de ouro da nosa poesía" e cita poemas de homenagem de produtores galegos a Lorca, dos quais "O último que coñezo é de Ernesto Guerra da Cal, publicado en 1984, nun pulquérrimo díptico, em portugués e en inglés". Não se refere aos autógrafos, que quiçá desconhecesse.

segundo trimestre do ano[156]. Nos dois casos é **José Landeira Yrago** quem assina a informação. Afirma (Landeira Yrago, 6-VI-1985):

> Sin miedo a desorbitar la noticia, el lector gallego se encuentra ante la novedad cultural del año, y todos los rosalianos del país sentirán en el centenario de Rosalía –si su pasión no es de nómina ni de conveniencia–, cómo les sube una luz al corazón al reparar en los renglones manuscritos de la "Canzón de cuna".

Em *Grial* frisa como (Landeira Yrago, III/VI-1985: 230) "A 'Cantiga do neno na tenda' remata ao dorso dun impreso da Sociedade de Autores dramáticos de España –o apógrafo amosa a adicatoria a Ernesto P. Guerra [Ernesto Guerra da Cal] –", e assim se verifica nas reproduções dos autógrafos. Nesses dois artigos, Landeira informa de como Andrew Anderson, professor da Universidade de Michigan (EUA), trabalhava numa edição crítica dos SPG, em que tentava esclarecer a sua génese e vicissitudes. Os autógrafos eram prova de relevo, que oferecia um destaque no assunto a Da Cal, pois a similitude da sua letra era evidente[157].

**Gualter Póvoas** (pseudónimo de Francisco José Veloso) noticia do achado em Portugal e relaciona os SPG com LAM e RST. Afirma (Velozo, 9-VIII-1985) "achamos profundas afinidades com o estilo, a linguagem, a forma e os temas"; e que "Não menos curioso é o poema de Lorca dedicado a Santiago, que parece um contraponto do poema 'Pelerinaxe final' de Ernesto Guerra da Cal"[158].

---

154 No Espólio EGC há várias fotocópias desta informação. Numa aparece sublinhado em vermelho a afirmação de Landeira de que "Blanco Amor jugó limpio", e parágrafos a respeito do modo como Blanco-Amor conseguiu os originais de Lorca "a puñados" poucos meses antes da Guerra Civil; a pergunta de por quê Blanco Amor se resistiu a divulgar os manuscritos antes e o facto de que, segundo o autor do artigo, "con él, aparentemente, descansa el secreto en la tumba, pero ha de saberse algún día".

155 *La Voz de Galicia* inclui no mesmo dia um artigo de Fernando Cabo Aseguinolaza, em que informa de um texto inédito de Lorca, "La Oda y burla de Sosostris y Sardanápalo", e centra-se em problemas textuais para o conhecimento da produção lorquiana. A proximidade do cinquentenário da morte de Lorca acrescentava o interesse sobre ele, e isso repercutia no mercado.

156 *Grial* continuava com o máximo destaque a questões lorquianas. Assim, no número do primeiro trimestre, incluiu um outro artigo (Landeira Yrago, I/III-1985: 76-88), sobre Galiza e "La Barraca".

157 Landeira Yrago (17-V-1985, em carta a Da Cal) assinala: "transcurrido medio siglo, la letra de Guerra da Cal trasciende de los pliegos cantores. Sometí la caligrafía de la dedicatoria del *Homage...* a parangón, 'e dá certo'. Naturalmente, es una hipótesis de riesgo mínimo, pero hipótesis al fin, que me encantaría elevar a certeza. Landeira Yrago acompanha a epístola de um "recorte leído días pasados en un periódico de La Coruña" (Talvez do artigo [F. Vidal, 11-V-1985] "Lor", numa secção divulgativa que *La Voz de Galicia* dedicava a toponímia, que finalizava com a reprodução de uns versos de Da Cal sobre esse rio).

158 Ocupa-se da HFGL e afirma: "Mais uma vez, diante da poesia de Guerra da Cal, verdadeiro apóstolo da aproximação galego-portuguesa (com a respectiva integração linguística), embora profundamente influenciado pela grande poesia americana, só podemos repetir: *Onorate l'altissimo poeta!* E esperar que o musical poema seja competentemente musicado um dia –poema que é, na essência, uma *cacida*, género literário árabe cultivado também por García Lorca e afim, no conteúdo, dos nossos antigos fados, –pequenas poesias trágicas.

Nos últimos meses do ano alastrará uma polémica, em que Da Cal será indigitado e se tentará esclarecer a sua participação. Ele intervirá, e propiciará que Franco Grande medeie em seu favor. Afiança-se a sua centralidade e difunde-se por muito diferentes vias a sua intervenção directa, o que supõe também um resgate e socialização da sua figura na Galiza, ultrapassando os âmbitos mais restritos do reintegracionismo. Eis os principais episódios dessa polémica:

1) Na segunda quinzena de Outubro a publicação quinzenal *Galicia Viva* destaca na sua capa que "Os 'Seis poemas galegos' de Lorca son de Guerra da Cal"; e no interior publica o artigo "Guerra da Cal compuxo con Lorca os 'Seis poemas galegos'", assinado por S. Corral. Afirma: "Consta que os escritores mantiveron unha boa amizade, pese a diferéncia de idade entre eles, pretendendo-se-lles suliñar aos tres a condición de homosexuais", e atribui palavras recentes de Da Cal sobre o assunto –"nun texto escrito o dia 6 de xuño", assinala, embora sem indicar de que texto se trata e onde se encontra[159]— "contribúen a acrescentar a dúvida". Apesar de incorreções e certa confusão em algumas partes, este artigo bane o mérito que se atribuia a Blanco-Amor e coloca na verdadeira dimensão a lenda criada ao respeito, alimentada por Blanco Amor durante anos, e que fez cair sobre Da Cal todos os preconceitos dessa orientação sexual, como uma resistência mais a vencer, para além das de exilado, republicano, lusista e pessoa que preterira a Galiza natal por Portugal.

2) Alonso Montero (6-XI-1985[160]) responde[161] o artigo de S. Corral, em *Faro de Vigo*. Cita trechos das cartas que Da Cal lhe tinha enviado e aponta a que entende ser uma contradição de Da Cal sobre os SPG, entre o que afirmara sobre esse produto no DLPGB, onde defendia não serem um jogo erudito mas "tentativa de interpretação poética da alma da Galiza" e o que informara "a persoa que eu trato tódolos dias que [...] eran, para o autor, 'unha brincadeira'". Insiste em que, em todo o caso, há um

[159] Talvez se tratasse de uma carta, pois oferece dados bem informados ao indicar que em Junho trabalhava na antologia de Rosalia e difunde parte do conteúdo desse projecto, entre eles a publicação da "Canzón de cuna pra Rosalia Castro, morta", dos SPG. Em todo o caso, também pode ser uma alusão à difusão dos autógrafos em *La Voz de Galicia*, acontecida nessa mesma data.

[160] Quatro dias antes, Alonso Montero publica um artigo, também em *Faro de Vigo*, em que refere como o semanário *Ser*, de Santiago de Compostela, publicou em 30-VI-1935 um artigo anunciando a edição dos SPG para o 25 de Julho desse ano e em que anunciava como, além do prólogo de Blanco Amor e das composições lorquianas o volume levaria (Alonso Montero, 2-XI-1985: 56) "de epílogo, unas líneas –en gallego también— del propio García Lorca". Alonso Montero questiona o que foi de aquele epílogo, e o facto de que o próprio Blanco Amor "que tantas veces ten falado do poemario" não mencionasse esse escrito, que talvez fosse de interesse para conhecer melhor a génese dos SPG..

[161] Afirma que "era urxente reaccionar publicamente" perante esse escrito, esclarece que "se non o fixen antes é porque chegou a min por camiño indirecto, no artigo de Manuel de la Fuente publicado onte no FARO DE VIGO". O de Alonso Montero está datado aos 4 de Novembro.

poema, o publicado por Lorca em 1932, em que Da Cal não interveio. Tenta assim questionar o papel de Da Cal e restar-lhe protagonismo neste assunto, pois não interessava que um reintegracionista com uma posição como a exprimida no "Antelóquio" de FI que a ele tanto desgostara poucos meses antes, atingisse um sucesso como aquele num produto ao qual ele dava tanto relevo para o CL galego.

3) *Faro de Vigo* (8-XI-1985) destaca na capa que "García Lorca non sabía unha palabra de galego. O dos Seis Poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra da Cal", palavras que atribui a Franco Grande, quem manifesta ter chegado a essa conclusão "a resultas de las largas conversaciones que sostuvo con Guerra da Cal, en su casa de Estoril, los días 20 y 23 de agosto último". Segundo Franco Grande " o dos seis poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra da Cal. Ninguén mais tuvo arte nin parte neste parto. Nin Blanco Amor, nin Manteiga, nin outro algún" e justifica não revelar detalhes do diálogo com Da Cal porque ele o tinha previsto fazer. Indica haver influência de Amado Carballo nos SPG e refere-se a "Pérez Güerra que por entón facía estragos entre as rapazas do "Club Anfístora", impenitente don Juan, xa daquela como despois... como sempre!)". Reitera que a intervenção de Da Cal aconteceu nos seis, no composto inicialmente em 1932 e nos outros que "son de 1934" frisando que "tan só Guerra da Cal, pois, tuvo arte e parte no polémico poemario". Vale a pena reparar na referência ao donjuanismo de Da Cal na altura, uma maneira clara de rebater as manifestações sobre a sua presumível inclinação para práticas homossexuais, com o que Franco Grande contribuia a derrubar essa resistência e o preconceito socio-cultural que supunha[162].

[162] Da Cal (carta de 12-XI-1985) envia para Franco Grande "um poema para a Navia" e outros presentes, entre eles "para ti umas provas da minha primeira declaração pública sobre os *Seis Poemas*, que só tu conheces em pre-publicação do 'Cancioneiro'". Essas provas correspondem ao seu depoimento sobre os SPG em APCR (ver infra). Desta carta parece concluir-se que Da Cal não conhecia o artigo publicado quatro dias antes em *Faro de Vigo*, e de como Franco Grande pressionava para conseguir informações dele, que pudessem utilizar-se para esclarecer aquele problema de textualidade.

Da Cal (19-XI-1985, em nova carta para Franco Grande), inclui cópia da epístola que com data de 3 dias antes remetera para o director de *A Nosa Terra*, Alfonso Eyré, e agradece o envio de *Os anos escuros I*. A respeito dos SPG defende que, apesar da sua intervenção na génese desse produto "não transfere a autoria de García Lorca para Guerra da Cal". Da Cal aventura a hipótese de que o nome S. Corral fosse pseudónimo de José Posada, justificando-a por um encontro que tiveram no Estoril, e utilizando fortes desqualificações. Refere uma carta do director de *A Nosa Terra* para convidá-lo a dar a versão sobre os SPG e lamenta que Alonso Montero publicasse, sem autorização, cartas privadas, embora manifeste que lha teria dado. De novo comenta que não teria entrado na polémica dos SPG a não aparecerem os autógrafos, e que a primeira versão sobre os mesmos será na APCR, no final desse mês; e mais pormenorizada, numa monografia "com um cancioneiro lorquiano de poetas lusíadas (incluo os galegos neste termo)."

4) Em 26-XI-1985, Fernández del Riego inaugurava em Vigo um ciclo sobre os SPG. Nas actividades participavam diferentes especialistas, entre eles Xesús Alonso Montero, de quem se anunciava palestra (Sem Autor, 27 e 28-XI-1985) sobre os SPG, sendo esta "a máis agardada"[163]. Não se convida Da Cal, apesar de estar já no centro da polémica, e o que se tentava parece ser que era justamente combater a sua possível participação nesse produto lorquiano.

5) O semanário viguês *Faro del Lunes* oferece em 2-XII-1985 grande destaque a um trabalho de Franco Grande, em que anuncia as primeiras revelações de Da Cal sobre os SPG. Franco Grande frisa a sua amizade de mais de 20 anos com Da Cal, e indica ter recebido por carta o contributo sobre Lorca que ia aparecer na APCR. Afirma:

> A información de primeira man que Guerra da Cal nos dá, despexa calquera dúbida, se algunha coubera despois da aparición dos apógrafos, sobre a imposibilidade de que Lorca os escribira directamente en galego. […]
> A aparición dos manuscritos de Guerra da Cal deixa moi mal parado a Blanco Amor – que para ironías conservóunos medio século no seu poder!—pois evidencia que, nisto como en tantas cousas, deu mostras da sua afición a novelar a realidade. […]

Franco Grande, pois, além de exercer como um grande valedor de Da Cal, também se reivindica a si próprio, ao lembrar os seus trabalhos sobre essa questão e exigir um reconhecimento que lhe estava a ser furtado, segundo entendía, por outros que se valiam do seu esforço para o reivindicar como próprio ocultando a fonte originária.

6) Nesse mesmo exemplar do jornal viguês, o jornalista e comentarista de opinião Manuel de la Fuente medeia na polémica, e valoriza (Fuente, 3-XII-1985:18): "Lo definitivo será saber si Guerra da Cal *se prestó* a hacer de *negro* de FGL, si sólo vertió al gallego lo que FGL escribió en castellano y por qué ha tardado medio siglo en revelar su *coautoría*". Que Fuente se ocupe deste assunto evidencia até que ponto atingira centralidade e ultrapassava o âmbito dos especialistas, e como também se posicionava em contra de Da Cal, por mais que utilizasse o termo "coautoría", que tentava questionar ao colocá-lo em itálico.

7) Em *Faro de Vigo*, Filgueira Valverde (3-XII-1985) escreve uma "lembranza" do seu relacionamento com Lorca. Dos SPG, e a respeito da autoría, defende que "Penso que a feitura propia non quita que os sometera ós íntimos galegos Guerra da Cal, Blanco

[163] Notícia publicada em *Faro de Vigo*. Esta jornal anunciou esse ciclo num lugar preferente como a última página (Sem Autor, 26-XI-1985), dedicada inteira ao acontecimento, completando-se com um artigo de Alonso Montero sobre alguma das principais datas do relacionamento do produtor andaluz com Galiza. Este trabalho, em forma de roteiro para uma conferência ou para um trabalho académico, inclui epígrafe intitulada "4.1 A amistade con Eduardo Blanco-Amor", mas não referências a Da Cal.

Amor...". Destaca o trabalho de Alonso Montero, firme aliado seu na defesa da normativa ILG-RAG, de que eram dois dos principais valedores.

8) Partilha a página de Filgueira o próprio Alonso Montero, num trabalho intitulado (Alonso Montero, 3-XII-1985:40) "A xestación dos 'Seis poemas galegos' (1935)" que afirma ser um "Capítulo, en esquema, de un libro inédito)" e em que fala do possível conteúdo e estruturação desse volume. Não faz referência a Da Cal.

9) Da Cal (5-XII-1985), em *A Nosa Terra*, afirma a respeito da polémica que "Venho agradecer a sua amável carta, datada a 8 do mês em curso[164], assim bem como os recortes referentes aos *Seis Poemas Galegos*, de Federico García Lorca e à minha intervenção da génese e elaboração dos mesmos. Nem de longe me passou pela cabeça entrar nessa polémica, até por precaução higiénica, pois já se registou nela alguma emissão de babugem purulenta". Acrescenta que fará esclarecimentos na APCR. Este contacto evidencia o interesse do nacionalismo por esclarecer esta questão, e como ele insiste em manter uma posição de defesa do direito a gerir aquela informação.

10) Em Dezembro, Da Cal publica em Portugal a *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano,* em que, com efeito, inclui (Da Cal, 1985: 193-199) as primeiras revelações sobre os SPG. Afirma ter sido esse breve poemário em língua galega "resultado duma colaboração linguístico-literária entre Lorca –nessa altura já no apogeu dum renome de âmbito internacional— e quem isto escreve, então estudante e inédito aprendiz de poeta". Dedica três páginas introdutórias, nas quais afirma ter Lorca pouco conhecimento do idioma da Galiza, que escuitara nas suas visitas à Galiza e "dois amigos galegos que habitualmente o falavam entre eles" que eram ele próprio e mais Serafín Ferro[165]. Era também "precário" o seu contacto com a lingua da literatura galega, acrescenta, que lhe provinha da leitura de Rosalia e de outros poetas medievais e modernos "alguns lidos em antologias que eu lhe emprestei", assinalando que sabia "de cor" um número considerável de letras de canções galegas, embora fosse "um tanto quanto infielmente, visto o facto, por ele reconhecido, da sua acentuada falta de aptidão para línguas", e através do *Cancionero musical popular español* do catalã Felip Pedrell. Entra na continuação na polémica com Blanco-Amor, quem "conheceu Lorca pelo nosso intermédio" e que se apossou "não sem resistência por parte dele" dos originais

[164] A carta tem data de 16-XI-1985 e, no final, Da Cal autorizava ao jornal para que a reproduzisse se o estimava oportuno, segundo cópia do escrito que enviou a Franco Grande e que se conserva no Epistolário de Da Cal a este, na Fundación Francisco Fernández del Riego.
[165] Deste coloca como interrogante a data da morte em 1958.

manuscritos de cinco dos seis poemas para os imprimir, o que aconteceu em 1935, na gráfica compostelana de Anxel Casal, "também assassinado em 1936". Informa serem quatro desses cinco originais completos e as duas estrofes do outro "do meu punho e letra" e o resto deste último "da mão de Federico", explicando isto por ter ele sofrido "um acidente de esquí". Após a publicação de Compostela "da qual poucos exemplares sobreviveram à destruidora fúria fascista" os autógrafos ficaram na posse de Blanco Amor, "facto este ao que ele nunca fez a mais leve referência pública" apesar das muitas vezes que se referiu a esses poemas em diferentes produções ao longo da sua vida, o qual representa (Da Cal, 1985:194) "conduta explicável, visto repetidamente ter-se atribuído uma participação implícita que nunca nele teve" embora tivesse participado na deturpação dos originais, acrescenta, como aconteceu com o intitulado "Velha cantiga", que é o seleccionado para o "Cancioneiro Rosaliano", atribuindo a Blanco Amor a frase entre parénteses "Canción de cuna para Rosalia de Castro, morta", que Da Cal considera duplamente infeliz: por conter o castelhanismo "cuna" e por lembrar um título da dramaturga Martínez Sierra "que era para o Federico dramaturgo uma *bête noire*", para além de conter "graves erros de leitura" e infidelidades "à clara lição do autógrafo", maltratos que se encontram também presentes nos outros poemas. A respeito dos seus "silêncios" sobre estes poemas "hoje objecto de interesse crítico internacional" afirma que, a recente descoberta dos autógrafos, no espólio de Blanco Amor, depositado na Biblioteca da Deputação Provincial de Ourense e publicado em fac-simile por José Landeira Yrago no jornal *La Voz de Galicia* e na revista *Grial* "fazem com que a natural reserva por mim até hoje guardada neste assunto já não se justifique". Indica ser esta nota um lugar não idóneo, pois "o esclarecimento circunstanciado e pormenorizado, agora imperativo, da minha parte" não "teria cabimento" nela, pelo que finaliza com esta afirmação: "Essa é coisa que fica para ser feita, como é devido, num futuro próximo". Inclui a seguir o texto da "Velha cantiga", com adaptação para português (Da Cal, 1985: 197) como fez com o resto dos poetas galegos, e reproduzindo (Da Cal, 1985:198-199) o autógrafo conservado em Ourense.

11) Em artigo publicado no jornal *Faro de Vigo*, Antonio Odriozola (7-XII-1985) afirma que "No entro en divergencia de opiniones sobre la elaboración de los textos en gallego pues el propio Alonso Montero reconocía en diversos sitios la importancia de la intervención de Guerra da Cal e insta a éste a que dé a luz los textos elaborados por él". Odriozola tenta estabelecer uma cronologia, que introduz alguma correcção sobre o que

se mantinha até a altura. Na mesma página o jornal reproduz a notícia sobre os SPG redigida por Álvaro Cunqueiro com ensejo da edição príncipe, a que se referira Alonso Montero dias antes.

12) Aos 11-XII-1985 mais uma vez *Faro de Vigo* dedica a contracapa à polémica dos SPG, esta vez com um artigo de Franco Grande que contesta alguns argumentos de Filgueira Valverde e de Odriozola a respeito da textualidade lorquiana, insistindo em posições que já exprimira com antecedência.

13) Alonso Montero (14-XII-1985) escreve novo artigo no *Faro de Vigo*, intitulado "Guerra da Cal e Lorca", em que tenta demonstrar posições contraditórias em Da Cal entre o afirmado sobre os SPG no DLGPB e as afirmações sobre a sua participação que difundira Franco Grande. Afirmando que, aquando a publicação dos SPG, Luís Manteiga e Cunqueiro davam por feito que eram da autoria de Lorca. Depois, acrescenta, soubo-se da intervenção de Blanco Amor e de Da Cal. E valoriza (Alonso Montero, 4-XII-1985: 45):

> 3-Un certo asesoramento lingüístico houbo, tivo que habelo, pero ese asesoramento non invalida que, no esencial, os poemas, como discurso literario, sexan de Lorca. [...]
> 5-Que agora, medio século despois da aparición do famoso e fermoso poemario, se suxira ou se dea a entender que os poemas teñen outro autor, está a suscitar inquedanzas moi graves.
> 6-O que menos se entende da extraña controversia de hoxe, suscitada, en realidade, por Guerra da Cal, é que este non faga, el, as revelacións ad hoc. A importancia do tema, o retraso (cincuenta anos) en desvelar este misterio literario e o rigor filolóxico esixen prescindir de portavoces. Debería falar coa sua voz.

Alonso Montero desconhecia portanto na altura o afirmado por Da Cal sobre o assunto em APCR, já no mercado. Continua a outorgar o maior valor à opinião dele, e tenta evidenciar contradições para desacreditá-lo. As "inquedanzas" tinham em parte a ver com a luta lingüística, por resultava difícil reconhecer naquela altura que um dos principais nomes do chamado "lusismo" pudesse ter que ser admitido com papel de destaque em aquele affaire literário, tão central para ele.

14) Iglesias Viqueira (15-XII-1985) escreve artigo em *Faro de Vigo* em que se refere à polémica pela autoria dos SPG lorquianos. Embora directamente não indigite Da Cal, este criador de opinião do jornal viguês interpela-o claramente para esclarecer a questão e dá a entender o interesse do assunto.

15) Em *Faro de Vigo*, Francisco F. del Riego (21-XII-1985) afirma que "Non hai dúbida" que o poeta andaluz teve "colaboradores" ou "asesores lingüísticos" para a

elaboração dos SPG, indigitando Da Cal e Blanco Amor. Del Riego cita Da Cal, Blanco Amor e Martínez Barbeito, por esta orde, como os "mellores amigos galegos" de Lorca.

16) Em *Faro de Vigo*, Franco Grande (28-XII-1985) publica o artigo "O 'galego' de García Lorca", em que tenta documentar que o produtor granadino não dispunha de conhecimentos suficientes para escrever em galego. Começa desta maneira:

> Todos aqueles que conoceron personalmente a García Lorca, os que foron os seus amigos de moitos anos e que, ademais, son xente da máxima solvencia intelectual –Dámaso Alonso, Martínez Barbeito ou Guerra da Cal–, deixaron moi claro no seus escritos, ben conocidos, que o granadino non sabía galego. Só agora, despois de máis de cincuenta anos, a ousadía de algúns empúxaos a emitir "xuicios" como estes: "Un certo asesoramento lingüístico tivo que habelo", ou que este consistiu en "correxir algún léxico, suxerindo algunha alteración ou rectificando algunha impropiedade". Por suposto, xentes tan ben informadas nin conoceron a Lorca, nin teñen a menor solvencia intelectual, nin fixeron a máis elemental investigación sobre o caso. Pero iso non importa: teñen as suas vísceras e abonda.
>
> Por se fora pouco, neste ano apareceron os cinco manuscritos de Guerra da Cal, do ano 1934 –un deles parcial, se ben para nós o máis interesante—que Blanco Amor ocultou sempre e que, como di Guerra da Cal, mellor fora que os tivese destruido. Destes autógrafos, que se conservan na Diputación de Ourense, apoderouse Blanco Amor contra a vontade de Lorca, e nin respetou siquera a dedicatoria a Ernesto Pérez Guerra do poema "Cantiga do neno na tenda". Había que eliminar rastros e fíxoo; había que crear misterios e fantasías e logrouno; había que ensarillar a verdade e consegiuno.
>
> Pero o azar xogoulle unha boa trasnada: os autógrafos de Guerra da Cal apareceron á morte do bo do Eduardo. E aí están como proba contundente da man de Guerra da Cal na sua elaboración.

Compara a seguir Franco Grande os versos de "Danza da lúa" atribuidos a Da Cal com os atribuídos a Lorca, e frisa a conclusão de que Lorca não conhecia nem minimamente o galego para escrever o poema, pois não se justificam erros graves de morfologia. Na última parte do artigo, combate a versão de Alonso Montero sobre o primeiro dos SPG , e conclui Franco Grande:

> Que os poemas son de Lorca é evidente. Penso que isto nunca o negou ninguén, con un mínimo de credibilidade. Pero hai outra custión que, hoxe, só Guerra da Cal pode aclarar: en qué medida éste necesitou colaborar na adaptación do texto ó galego, ainda introducindo versos enteiros. No completo traballo que prepara sobre isto daranos cumprida resposta. Traballo que, como el di, "será feito serenamente, longe de barafundas, no momento que eu considerar oportuno". Traballo indispensable para chegar a unha debida lectura dos textos, deturpados por Blanco Amor –incluida case toda a titulación—e que presentan certas dificultades e imprecisións. Proba disto é o exemplo que xa puxemos noutra ocasión: un acento indebido convirte unha estrofa nun disparate.
>
> Agardemos, pois, o traballo de Guerra da Cal, xa que, como tódolos seus, vai ser esclarecedor. E mentras non chega, certos plumitivos mellor farían en arrombar as suas péñolas e sachos de escribir. Que boa falta fai.

Apesar, pois, da marginalidade periférica a que se condenava Da Cal pelo seu posicionamento no respeitante à ortografia do idioma, aquela implicação na elaboração

dos SPG, que naquele ano se favorecia pela difusão pública dos autógrafos, contribuia a atrai-lo para uma posição preeminente e emergia de maneira continuada na actualidade; um privilégio de que não desfrutavam outros produtores reintegracionistas, silenciados ou minimizados na actualidade do país.

III.3.1.9.3.-Internacionalização no CEL: Portugal, Brasil, Inglaterra, Galiza.

Os estudos queirosianos de Da Cal continuam o processo de internacionalização, com citações dos seus trabalhos em Portugal, mas também no Brasil, Inglaterra e Galiza. Prossegue o predomínio da BQ na preferência dos críticos, mas mantêm-se as referências a LEEQ, que continua a oferecer produtividade. Também verbetes do DLPGB ou o trabalho (Da Cal, 1961) publicado na França, emergem como referências para estudiosos de diferentes idades e metodologias, novos e veteranos, que difundem o trabalho queirosiano de Da Cal.

Nesse ano documentam-se contributos: de **Juan Paredes Núñez**[166], **Wilson Martins**[167], **Fernando Assis Pacheco**[168], **Ofélia Paiva Monteiro**[169], **X. L. Méndez Ferrín**[170], **Luís**

[166] No primeiro número de *Colóquio Letras* estuda o conto "José Matias", amparando-se em LEEQ e no verbete dacaliano no DLPGB.

[167] Em 20-IV-1985, no *Jornal do Brasil*, publica "Monumento a Eça de Queiroz", recensão em que valoriza a BQ como "trabalho de toda uma vida que, por su vez, coroa o pioneiro *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*". Lembra o projecto inicial de LEEQ indicando que foi "modificado" ao substituir o segundo volume pela BQ, um "exaustivo levantamento biblio iconográfico cujos similares serão raríssimos em qualquer literatura e cuja importância para os futuros estudos sobre o romancista português será desnecessário acentuar".

[168] Pacheco, aos 17-V-1985, no semanário de Lisboa *O Jornal*, sob o título "Guerra da Cal, portugalego", refere-se a LEEQ como estudo "monumental".

[169] Em Julho, em *Colóquio Letras*, inicia um estudo de *O Mistério da Estrada de Sintra"*, remetendo para o segundo volume da BQ com o fim de conhecer a bibliografia crítica respeitante a este romance. A professora da UC contribui assim a difundir a BQ pelo seu valor para o melhor conhecimento da produção queirosiana e da crítica que se tinha ocupado dela.

[170] Aos 8-VII-1985, no *Faro del Lunes*, num artigo respeitante às relações políticas e culturais entre Galiza e Portugal. Questiona Ferrín: "¿Por qué ninguén, nen siquera coido eu que o magnífico Ernesto Guerra da Cal, analisou a deformación esperpéntica de Valle-Inclán á luz da caricatura cruel da que fora mestre Eça de Queiroz? ¿Por qué no capítulo final de 'La Casa de la Troya' de Pérez Luguín –tan odiada por Otero Pedrayo e despreciada por xeracións de intelectuais galegos– os pollos calaveras de Santiago xa licenciados, brindan por Eça de Queiroz e reivindican a sua galeguidade?". Aponta pois um relacionamento Valle-Eça de que já falara Da Cal em LEEQ e no trabalho sobre *A Relíquia*, e adverte que a "galeguidade" do literato português, outro assunto em que insistira Da Cal, não era nova. Valoriza de "magnífico" Da Cal, mas pondo em dúvida os seus estudos, sem realizar comprovações na produção dacaliana de todas as afirmações.

Da Cal (21-VII-1985, em carta) agradece a Franco Grande que lhe tivesse enviado o artigo do Méndez Ferrín "com o desorbitado adjectivo –só válido para Reitores de Universidades. Eu só fui Decano do Departamento de Românicas da NYU, pobre de mim!".

**Forjaz Trigueiros**[171], **Natércia Freire**[172], **Carlos Reis**[173], **Joel Serrão**[174], **Beatriz Berrini**[175], **Maria das Graças Moreira de Sá**[176], **Américo Guerreiro de Sousa**[177], **Luiz Fagundes Duarte**[178], e **Hernâni Cidade**[179].

---

171 Em 10-VII-1985 Trigueiros ocupa-se da poesia de Da Cal n'*O Primeiro de Janeiro*. Afirma que pouparia dados se a sua obra lírica "tivesse entre nós a divulgação que tão justamente tem a sua obra de ensaísta e, mais especialmente, *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, que vem conhecendo edições sucessivas, e esse monumental 'Apêndice' que é a bibliografia, sistemática e anotada do romancista e a sua iconografia artística, há pouco terminada com um 6º volume só para o índice. O mais completo levantamente feito até hoje em qualquer país sobre um escritor. Por outro lado, muito conhecido em Portugal como *scholar* da mais alta qualidade, cientista da literatura em tudo quanto esta perigosa designação conta de muito positivo, os que têm o privilégio de conviver com ele e portanto admira-lo em sua humanidade, sensibilidade e agilidade mental, não lhe ignoram a qualidade poética intrínseca".

172 Em Agosto, numa recensão da poesia de Da Cal em *Tempo*, de Lisboa, qualifica-o de "incomparável poeta, incomparável personalidade" e afirma: "Além do mais, muito temos a agradecer a Ernesto Guerra da Cal o seu papel de pioneiro, no desenvolvimento da lusofilia universitária norte-americana. E ainda o seu trabalho de paixão que, em várias edições e várias línguas, se tem espalhado pelo Mundo, e abre ao leitor desprevenido uma espécie de ovo de Colombo, ocluso no segredo encantatório que ele nos revela na prosa de Eça de Queiroz". Assinala Freire que "nenhum português interessado pela nossa Literatura devera ser alheio" àquele contributo dacaliano.

173 Numa recensão do tomo IV da BQ, em Setembro, em *Colóquio Letras*, assegura que "constitui um dos mais importantes empreendimentos jamais consagrados a um escritor português" e salienta a sua "monumentalidade". Esclarece as principais partes do repositório, quer desse volume de Addenda e corrigenda como dos anteriores, e afirma (Reis: IX-1985: 69-70) "é sobretudo quando se investiga e reflecte criticamente sobre a obra do grande escritor que se faz uma ideia mais justa da utilidade deste que é um guia constante e seguro no desbravar dos problemas colocados pela obra queirosiana. [...] E é também quando se estudam outros escritores, não contemplados por instrumentos de trabalho como esta bibliografia, que bem se avaliam, por contraste, os seus efectivos préstimos". Adverte que aquela bibliografia (Reis, IX-1985: 70) "não se restringe à função de inventário". Ressalta Reis as observações de Da Cal a respeito de edições como *Dicionário de Milagres*, TRF, ou a colecção do Círculo de Leitores. A respeito das afirmações sobre esta última, indica tratar-se de "um argumento mais e de peso, que evidencia a urgência de uma edição crítica das obras de Eça, que venha trazer alguma ordem a um cenário pouco menos que caótico". Salienta a "importância das sugestões metodológicas" por considerá-las "certamente de grande utilidade, quando um dia se tente reparar, com critério científico e seriedade cultural, este lamentável incidente" (refere-se à edição de TRF). E conclui (Reis, IX-1985: 70-71): "A fortuna literária de um escritor deve muito a obras deste teor; a partir delas, é possível rastrear com segurança temas de investigação em aberto e evitar o risco de duplicações; seguir de perto os acidentes de percurso e as metamorfoses sufridas pelos textos queirosianos; estabelecer conexões entre Eça e os cenários ideológico-culturais que o envolveram; observar a circulação de influências nas obras queirosianas e detectar a sua presença noutros escritores; tactear, nos planos quantitativo e qualitativo, a difusão de Eça no estrangeiro e a sua distribuição geocultural; estudar a fortuna do autor d'*O Crime do Padre Amaro* no plano das adaptações teatrais e audiovisuais; analisar problemas socioculturais atinentes à 'imagem' pública do escritor; e com estas, muitas outras questões cuja resolução é vigorosamente estimulada por um contacto estreito com a *Bibliografia Queirociana*. O que, a par dos méritos já assinalados, lhe atribui ainda um outro: o de instrumento precioso na salvaguarda desse valiosíssimo património que é a obra de Eça".

Reis alerta, portanto, do valor identificador que para a sociedade portuguesa tem a produção queirosiana, numa valorização altamente canonizadora. Oferece o maior destaque à BQ e alicerça-se nela para reivindicar mais uma vez uma edição crítica da produção de Eça de Queirós, um dos empreendimentos mais caros para os especialistas, mas que não frutificava.

174 O Instituto Português do Livro, dentro da colecção de obras do professor, historiador e crítico literário Joel Serrão, patrocinou esse ano a edição de *O Primeiro Fradique Mendes*, volume em que estuda a Geração de 70 e foca muito em especial Carlos Fradique Mendes como um heterónimo colectivo de Eça e outros produtores coevos. Nesse estudo Da Cal é, com um estudo de José Bruno Carreiro, a principal fonte documental, incluindo-se treze citações da BQ e de LEEQ. Serrão refere-se a Da Cal como "especialista de qualidade" e recomenda a leitura de LEEQ, estudo ao qual acode para justificar diferentes assuntos e que qualifica como "livro padrão"A respeito da BQ, este especialista, considerado como uma

III.3.1.9.4.-Intervenções no CL e no CEL no centenário de Rosalia de Castro.

Da Cal contribui para a comemoração do centenário da morte de Rosalia de Castro, com dois produtos publicados em Portugal, muito canonizadores da produtora, que o notabilizaram no CL e no CEL: um poema de homenagem, e sobretudo o volume *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (APCR)[180]. Durante o ano contactou pessoas de vários países para solicitar apoios[181] e autorizações para elaborar este produto, que foi anunciado na Galiza por Alonso Montero[182] e em Portugal por José Carlos González[183] e Natércia Freire[184]. Também segue o que se publica com ensejo dessa efeméride[185].

---

figura cimeira da investigação historiográfica do século XX em Portugal, descansa na autoridade dacaliana (Serrão, 1985: 139, 141, 142, 143, 216, 252, 341, 344, 352, 358, 364).

175 No volume *Eça e Pessoa*, a professora brasileira ampara-se no tomo primeiro da BQ (Berrini, 1985: 111, 119, 120, 424 e 442) para argumentar diversas questões. Também acode à autoridade de Da Cal para explicar o número 249 do Espólio de Eça de Queirós. Este trabalho demonstra como o repositório dacaliano começava a servir de referência para os novos estudos da podução de Eça, na procura de uma textualidade mais fiel.

176 No volume *Contos Escolhidos* de Eça, na "Bibliografia Crítica Sumária" (Sá, 1985: 183-184), numa chamada frisa que "Para uma bibliografia crítica mais completa" se consulte o tomo II da BQ. Da Cal é quem conta com mais títulos seleccionados: também cita LEEQ e os verbetes "Eça de Queirós", "Realismo" e "Questão Coimbrã" do DLPGB.

177 No primeiro número de *Portuguese Studies*, revista do Departamento de Português do King's Collegue de Londres, no trabalho "William Shakespeare in Eça de Queirós", Sousa alicerça-se na BQ para assinalar como, em "Singularidades de uma Rapariga Loura", é possível encontrar um eco frasal rítmico do conhecido monólogo de Hamlet "To be or not to be", e considera ser o mesmo fenómeno de transferência de frases de Shakespeare a Eça que se encontra em *Os Maias* ou em *Prosas Bárbaras*.

178 No estudo "A génese do texto queirosiano: uma vista de olhos sobre a correcção estilística do autor em *A Tragédia da Rua das Flores*", no *Boletim de Filologia*, ampara-se em LEEQ.

179 No volume "Eça de Queirós e a cultura do seu tempo", refere-se à intervenção de Da Cal no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros da Bahia, assinalando (Cidade, 1985:58): "O prof. Ernesto Guerra da Cal, que sobre o estilo do escritor escreveu um precioso volume [LEEQ] mostrou como nesse livro [em referência a *Prosas Bárbaras*] Eça chega na imitação até ao decalque, contentando-se de dissolver em prosa os versos de alguns dos poetas citados". Cidade lembra assim o trabalho defendido na Baía por Da Cal, publicado dois anos após na *Revue de Littérature Comparée* de Paris.

180 Da Cal (23-XI-1985) anuncia a Xosé Estévez estar programado para "fins do mês que cursa"

181 Com tal ensejo endereça epístolas para a Galiza, para Xesús Alonso Montero (25-II-1985); X. L. Franco Grande (1-IV-1985), Ricardo Carvalho Calero (12-VI-1985), A. Sixto Seco (16-VI-1985). De Portugal recebe contributos, v. gr., do advogado portuense Antero Cochofel de Miranda Mendes (cartas de 9-V-1985 e 6-VI-1985), com documentação rosaliana; ou de Pedro da Silveira (20-VI-1985), que lhe encaminha a versão definitiva do seu poema para APCR; como farão outros produtores por essa altura.

182 No volume *Coroa Poética para Rosalía de Castro* refere-se a Da Cal como pessoa (Alonso Montero, 1985: 20) "de cultura e sensibilidade literaria ben probadas", e reproduz parte da carta que lhe tinha encaminhado Da Cal (datada em 25-II-1985), em que se indica que o "Cancioneiro" incluido APCR (Alonso Montero, 1985: 20-21): "não deixará de ter interesse, mesmo nos poemas dos poetas menores, porque mostrará como Ela provocou um eco, uma ressonância lírica extraordináriamente invulgar. Desde o início Ela aparece não apenas exaltada, mas transfigurada, simbolizada –de facto elaborada e transformada em tema mitopoético. Acho que é um caso único neste momento só consigo lembrar-me de Macias –e do Lorca— mas em escala infinitamente menor estes, que, alem do mais tinham ao seu favor circunstâncias vitais, e mortais, alheias à sua criação literária, e propiciadoras de lenda mitificadora".

183 Em 27-V-1985, o poeta português José Carlos González noticia no *Diário de Lisboa* a publicação de *Rosalírica*, de Xosé Lois García; e adverte que "outra homenagem e menagem está na forja do nosso compatrício Guerra da Cal". Anuncia assim o que será a APCR.

Em Julho, **Da Cal participa na homenagem que *Colóquio/Letras* oferece a Rosalia de Castro**, com os poemas "A tragic celtic rose", de D. C. Warnest, (pp. 51-52); e "Trágica rosa céltica", nas (53-54), que se indica ser "Versão de Ernesto Guerra da Cal" do anterior[186], com o que reproduz a estratégia da HFGL. Também inclui a revista o poema "Rosa em Padrón", de António Manuel Couto Viana, de homenagem à poeta galega e dedicado para Da Cal.

A intervenção de Da Cal resulta pois do mais alto relevo: a sua mediação consegue que se reconheça Rosalia nessa importante revista, sendo ele o introdutor da produtora galega, muito protagonista, quer através de Warnest (com o que contribui a internacionalizar mais a poeta galega, pelo interesse deste suposto estrangeiro), quer com a sua versão para português (com o que divulga aquele "poeta americano" e a biografia apócrifa). A maiores, a dedicatória que lhe fai Viana engrandece a sua figura em Portugal. Mas não só: esta homenagem a Rosalia ajuda a preparar o caminho para a antologia em que estava a trabalhar sobre a poeta galega.

Em Novembro[187] (segundo informa o cólofon, mas na realidade em Dezembro) chegou ao mercado português a ***Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (APCR)**, sob a

---

184 Aos 27-IX-1985, no semanário português *Tempo*, Freire anuncia que Da Cal preparava uma antologia de textos inspirados na produtora galega, e transcreve o poema "Chamada a Ela no Apocalipse da Galiza", ao qual se refere como "litania desgarradora, ilustração visível e invisível de como a garra e descomunal figura de Rosalia, pulsando, ocultando-se, ressuscitando, jamais morrendo –como ela agónica previra". Indica a procedência deste poema de Da Cal de RST.

185 Entre as amostras dessa atenção, conservadas no Espólio EGC, artigos como o de Mauro Armiño (21-II-1985); o manifesto da "Asociación de Escritores en Lingua Galega" (24-II-1985); artigos de Ricardo Carballo Calero (15-III-1985 e 22-VII-1985, este último no caderno especial que o jornal madrileno *El País* dedica à produtora: AA. VV., 22-VII-1985).

186 O poema de Warnest está datado em "New York City, 1975"; e a versão assinada por Da Cal no "Estoril, 1985". O primeiro verso desta composição (Da Cal, VII-1985: 53) "Ninguém a compreendeu" lembra o título do conhecido artigo de Machado da Rosa (1954), a que Da Cal se referirá em APCR. No poema Da Cal refere-se ao problema da língua utilizada por Rosalia. A interpretação que faz, em maneira de um retrato biográfico de Rosalia, finaliza referindo-se à morte da produtora, ainda nova, para concluir que procurava Deus. No final (p. 54), figura breve referência biográfica de D. C. Warnest, como "Nota do Tradutor", em que reproduz dados da HFGL, aos que acrescenta que "combateu como voluntário no Batalhão Lincoln, das Brigadas Internacionais, em defesa da República espanhola, contra o Franquismo fascista. [...] Deixou um rico espólio lírico em que figuram dois poemários que tinha prontos para ser editados aquando do seu falecimento: *A Primer on Aging* e *No I in Myself*".

187 Em Novembro escreve Da Cal duas cartas de assunto rosaliano. Uma datada no 12-XI-1985, para Franco Grande; e outra aos 23-XI-1985, para Xosé Estévez. Nesta última informa: "Fui convidado para ir ao Congresso rosaliano de Santiago –e recusei. Primeiro porque já assisti a muitos congressos na minha vida e já não aturo essas 'vanity fairs'. Segundo porque aquilo tinha todo o cheiro de um 'jubileu' de hagiologia de 'Santa Rosa do Sar', com todas as benções apostólicas das autoridades *espanholas* (poder e oposição) da 'Xunta (Xugo?) de Galicia'. Que é tão galega, tão galega, que em toda a publicidade do Congresso escamoteou sistemáticamente o nome da nossa Pátria (que é oficial) e indecorosamente imprimiu 'Santiago de Compostela. España'. Na carta em que eu declinei o convite, apontava a esse facto, significativo. A Galiza continua, como sempre em processo de auto-colonização, hoje para mais ludíbrio, 'autonómica'. Enfim, paciência".

chancela da Guimarães Editores, na colecção "Poesia e Verdade". O volume, na capa, indica corresponder a Rosalia de Castro, e no interior esclarece dispor de "selecção e organização, adaptações do galego, versões do catalão e do inglês, apresentação e Notas de Ernesto Guerra da Cal". A sobrecapa especifica-se ter sido elaborada por Raguer Caldas, e o livro leva uma dedicatória "À memória do saudoso Amigo Francisco da Cunha Leão[188], cujo grande coração acarinhou sempre o sonho ideal da Portugaliza"[189].

Trata-se de um **trabalho central dentro da produção de Ernesto Guerra da Cal**, que lhe oferecerá ocasião de procurar um lugar referencial no rosalianismo. Se até aquela altura dedicara poemas para honrar à produtora, conseguindo por um deles o único prémio da sua produção literária, agora debruça-se sobre ela focando muito diferentes aspectos da sua vida, trajectória e produções, tentando renovar o discurso que mais vingava sobre ela para o âmbito lusófono, em especial em Portugal[190]. Um estudo, pois,

---

188 Leão (1908-1974) destacou na edição e em outros campos. Notabilizou-se com o lançamento da "Colecção Poesia e Verdade", e assim lhe será reconhecido (v. gr., no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*; Rocha, 1998:316). Esta colecção publicou *O enigma português*, do próprio Cunha Leão (1960; reeditado em 1973, 1992), texto referencial a respeito do "sonho ideal da Portugaliza" a que alude a dedicatória de Da Cal. Também prefaciou e editou o *Ensaio sobre a cultura galega*, de Otero Pedrayo.

189 O volume consta de várias partes: uma "Apresentação" (pp. XI-XLIV) assinada por Da Cal e datada em "Estoril, Julho de 1985", seguida de "Nótula bibliográfica" (pp. XLIV-XLIX) e uma página p. LI) de "Agradecimentos". Na continuação encontra-se a parte de "Antologia" (pp. 1-124), o "Cancioneiro Rosaliano" (pp. 125-354), "Iconografia" (p. 355 e passim) e finalmente "Índices" (pp. 359-366). No cólofon indica-se a impressão em Viseu, e aparece a legenda "Ad majorem Rosaliae Gloriam".

190 Na "Apresentação", Da Cal salienta a "estatura literária" de Rosalia pelas traduções, os estudos que lhe dedicavam em universidades, e o facto de se ocuparem dela críticos internacionalmente reconhecidos. Num tom canonizador, tudo trabalha neste estudo em favor de Rosalia, mesmo entraves biográficos. Assinala-a como a produtora que recuperou a "consciência nacional" e conseguiu que o povo galego se levantasse e começasse "a andar", e põe em destaque o "facto extraordinariamente invulgar" de ter conseguido sucesso de massa e minoritário simultaneamente. Apresenta-a de "rebelde" e "dissidente", como mulher, galega, escritora e do ponto social e de criatura humana. Reprova a utilização das diferentes "Rosalias", reprovando o ter sido "hagiologizada" e (Da Cal, 1985: XVI) "objecto de apropriação" por ideologias tão extremas como o franquismo e o comunismo". Defende não ser o "génio" da poeta susceptível de fraccionamentos. Após essa introdução, ocupa-se da biografia, e frisa os muitos interrogantes que persistiam, como acontecia com outros grandes canonizados, nomeadamente Shakespeare ou Cervantes. Indigita Carvalho Calero como (Da Cal, 1985: XVII) "o mais apurado" biógrafo; rebate críticos como Gerald Brennan (p. XVIII) ou Machado da Rosa (p. XIX), e indica que na deslocação do cemitério de Adina para São Domingos de Bonaval começou a (p. XXI) "canonização oficial" de Rosalia, a quem faz "irmã espiritual" de Emily Dickinson. Estuda na continuação a produção poética, julgando (p. XXIII) "tarefa urgente" realizar estudos linguístico e psicolinguístico da sua produção. Vale-se de contributos de J. F. Nims, José González Carbalho, Mary Tirrell, Ramon Pinheiro, Jacinto do Prado Coelho, Ezra Pound, Espronceda, Bécquer, C. H. Poullain, Marina Mayoral, Kierkegaard, Unamuno, Pondal, G. Morley, Florbela Espanca, Alfonsina Storni, Ángel Flores, Machado da Rosa, George Sand, Murguia, St. John Perse, Santa Teresa, Juan Valera, Menéndez y Pelayo, J. F. Kelly, Teófilo Braga, Aubrey F. Bell, Dámaso Alonso, Antonio Machado, Lorca, Rubén Darío e Teixeira de Pascoais, e conclui com este parágrafo (p. XLIV): "Este volume representa o preito renovado de Portugal à 'poética nudez esplendorosa' desta universal voz lírica da comunidade lusíada, vinda da mais antiga e a mais moderna das literaturas de expressão portuguesa".
Na Nótula biográfica que se segue à "Apresentação", Da Cal reivindica como "tarefa indispensável" uma edição crítica (p. XLIV) "principalmente a da obra poética, e ainda mais principalmente a da obra poética galega", reprovando por "caóticas infiéis e inservíveis", além de incompletas, as versõs disponíveis.

Critica o (p. XLV) “estarem eivadas de gralhas de toda a espécie –e viciadas pela intervenção de mãos extranhas”. Adverte da urgência de um levantamento das bibliografias activa e passiva, um empreendimento que, como o anterior, recomenda seja “trabalho para uma equipa universitária”, que beneficiaria da “ajuda eficacíssima das técnicas de computador”. Para contribuir para esse labor (pp. XLV-XLVI) regista “um certo número de trabalhos, principalmente norte-americanos hispano-americanos e porgueses que não nos parecem ser do conhecimento geral dos rosaliólogos galegos –e espanhóis— por não os termos visto citados”, e inclui 33 trabalhos publicados em Portugal, nos EUA, México, Porto Rico, Cuba e o Brasil. Nos “Agradecimentos” cita (p. LI) pessoas de Portugal, Galiza e Catalunha que o ajudaram para elaborar este volume, e a “todos os poetas portugueses e galegos que me autorizaram a incluir as suas composições”.

Segue a epígrafe de “Antologia Poética”, com texto introdutório (Da Cal, 1985: 3-8) em que indica ter seleccionado 62 (sic, mas são 68) poemas: de *Cantares Gallegos*, *Folhas Novas*, *En las orillas del Sar* (que traduz como *À beira do Sar*) e dois dispersos, com esclarecimentos. Ampara-se no manifestado pelo “poeta portugalego” José Carlos González, quem num artigo no *Diário de Lisboa* indicava que de Rosalia, em Portugal, muito se falava mas pouco se sabia, para justificar esta colectânea, que considera de interesse pelas deficientes edições que circulavam, atribuindo este facto ao “intercâmbio cultural entre os países ibéricos”, que qualifica de “famosamente fraco”, indicando como exemplo a “pobreza franciscana” dos fundos da Biblioteca Nacional de Lisboa, por não dispor nem uma página de bibliografia activa e passiva de Rosalia, apesar de ser “figura hoje internacionalmente reconhecida”. Afirma que (p. 4) “a literatura galega moderna, cada vez mais viçosa, é, como os portugueses bem informados sabem, uma variedade mais das letras lusíadas”. Relata que, desde que cem anos antes morrera a poeta, só houvera “uma mísera edição” da sua obra em Portugal, concluindo existir fraco conhecimento popular, que contrastava com o dos poetas portugueses, que demonstraram devoção, sendo por eles “não apenas lida e admirada mas cantada e recriada”. Frisa as dificuldades que apresentava a produção rosaliana para o leitor português por ter utilizado (p. 5) uma “grafia exótica [...], a irregularidade morfológica [...] e a presença de arcaísmos que o português médio não reconhece”, o que leva ao afastamento “como perante um texto em mirandês ou em crioulo”; exceptuando desta atitude os habitantes das áreas minhota e trasmontana. Apresenta o seu trabalho neste volume (p. 5): “para que ela possa aparecer na sua verdadeira dimensão de poeta lusíada universal –que é o que Rosalia é— resolvemos, nesta celebração do centenário da sua evasão do mundo, mudar de roupa a sua poesia. Assim, ei-la aqui pela primeira vez trajada com o vestido normal da comunidade linguística à que historicamente pertence. Não tivemos que traduzir Rosalia para português –coisa essa descabida, uma verdadeira *contradictio in terminis*. Trata-se apenas de regularizá-la adaptando-a aos padrões ecuménicos dessa comunidade. Para isso houve somente que des-dialectizá-la e des-hibridizá-la: substituír os arcaísmos, hoje compreensíveis apenas para filólogos e dialectólogos, pelos equivalentes actuais e eliminar os aberrativos castelhanismos de que ela se serviu no seu idiolecto –hoje desterrados da língua literária da Galiza. Transcrevê-la, enfim, não traduzi-la”. Acrescenta terem sido “contados os casos” em que esse seu trabalho afectou a rima ou a medida dos versos, resolvendo-os (p. 6) “recorrendo a outros elementos da totalidade estructural do poema” mas com “respeito absoluto”; uma Rosalia enfim “portuguesmente diáfana” mas “sem alienação, já se vê, da sua identidade galaica, sempre manifesta. Sem deixar de ser galega virou portuguesa –coisa esta perfeitamente natural. Porque esta haveria sido a forma em que a sua poesia se teria expressado se a nobre língua comum galaico-portuguesa, cujos trovadores e segreis imperializaram toda a lírica medieval ibérica, não tivesse sido espezinhada e proletarizada na Galiza pela brutal colonização de que foi objecto primeiro pela Castela e depois pela Espanha –pois Rosalia deixou inequivocamente patentes os seus sentimentos de indignada aversão patriótica por ambas”. Refere um precedente desse trabalho realizado no Brasil por Ecléa Bosi, que critica por “infelizmente não acompanhada do critério metodológico indispensável para uma tarefa da natureza desta”. Reitera Da Cal que Rosalia utilizou aquelas formas na língua da sua poesia porque a “*teve de usar*, porque outras não havia, naquela altura, para o seu propósito”, e com a adaptação que realizava (p. 7) “estamos a prestar um serviço à universalização da sua poesia, e da cultura galega, cujo único futuro reside na sua re-inserção cultural nesse mundo”. Previne-se contra os “sectários da hagiologia dialectal rosaliana” indicando que as críticas deles não lhe vão “tirar o sono” e insistindo ter preparado este volume “ad majorem Rosaliae gloriam”. Explica ainda que em notas de rodapé indica as formas originais de Rosalia alteradas e justifica o critério para titular os poemas, diferente das edições “todas a-críticas” precedentes. Refere-se finalmente ao trabalho com *En las orillas del Sar* e à dificuldade de traduzir poesia, nomeadamente de espanhol para português pela “enganosa facilidade” de “duas línguas irmãs”, questão que o leva a defender ser a palavra poética (p. 8) “se verdadeiramente poética –sibilina, oracular, revelatória e única” pelo que toda a versão que se possa fazer do poema “é no melhor dos casos uma aproximação”, citando Rilkee, e John Ciardi segundo quem ser a “ingrata actividade literária” de traduzir a “Arte de fracassar”. Os poetas seleccionados são Joaquim Rubió i Ors (pp. 131-

altamente canonizador, que apresenta Rosalia como inovadora e renovadora da poesia, inserindo-a no cânone ocidental ao colocá-la em diálogo com produtores literários e críticos internacionais. Da Cal reivindica-a mesmo como "poeta lusíada", com o que proclama a pertença da Galiza a esta comunidade linguística de pleno direito, não só pela língua, mas também pela literatura e mesmo pela crítica literária, ao assinalar Carvalho Calero e sobretudo Jacinto Coelho como os mais distintos críticos da poeta, e frisar o seu reconhecimento anterior em Portugal que não em Espanha. Da Cal emprega vários paralelismos com a reivindicação que realizara de Eça, o qual demonstra coerência e persistência na reivindicação do seu modelo metodológico.

---

135), Eduardo Pondal (pp. 137-139), Teodor Llorente (pp. 141-149), Lamas Carvajal (pp. 151-153), Curros Enríquez (pp. 155-157), Alfredo Brañas (pp. 159-161), Miguel de Unamuno (pp. 163-165), Ramón Cabanillas (pp. 167-169), Teixeira de Pascoaes (pp. 171-173), Juan Ramón Jiménez (pp. 175-181), Francisco Rodríguez Marín (pp. 183-185), Luís Pimentel (pp. 187-191), García Lorca (pp. 193-199), González Carbalho (pp. 201-106), Francisco L. Bernárdez (pp. 207-209), Cecília Meireles (pp. 211-213. O texto lírico dela selecciona é, segundo esclarece, "fragmento de uma entrevista jornalística no que a escritora brasileira responde a uma pergunta sobre a sua opinião acerca de Rosalia", parcialmente reproduzida no jornal *Faro de Vigo* [Sem Autor, 13-XI-1966]. Justifica esta actuação porque "Este depoimento, de carácter puramente oral, circunstancial, tem tão intensa emanação lírica, tem uma estrutura rítmica, e até rímica, tão bem desenhada, que constitui um verdadeiro poema em prosa". Por isso, decidiu incluir "esse 'poetic statement'" no "Cancioneiro Rosaliano", dando-lhe "a disposição tipográfica do verso e acrescentando-lhe apenas três palavras, semanticamente neutras, de suporte métrico", para favorecer o ritmo. Assinala ter sido honrado com a amizade da "grande Cecília" e afirma que "saberá perdoar-nos por dar aqui uma prova, com este 'poema natural', de até que ponto ela tinha como Rosalia, o dom divino de 'falar' poeticamente, mesmo na elocução despreocupadamente espontânea da conversa casual". Intitula esse depoimento "Rosalia"), F. Bouza Brey (pp. 215-217), Pedro Homem de Melo (pp. 219-221), Augusto Casas (pp. 223-226), Moreira das Neves (pp. 227-230), Guilherme de Faria (pp. 231-233), Delgado Gurriarán (pp. 235-237), Emilio Pita (pp. 239-240), A. Iglesia Alvariño (pp. 241-243), Carvalho Calero (pp. 245-247), D. C. Warnest (pp. 249-255), Hernâni de Lencastre (pp. 257-259), ele próprio (pp. 261-267), Celso Emílio Ferreiro (pp. 269-271), Salvador Espriu (pp. 273-275), Gualter Póvoas (pp. 277-279), Natercia Freire (pp. 281-285), Amândio César (pp. 287-290), Sofia de Mello Breyner Andresen (pp. 291-293), António Manuel Couto Viana (pp. 295-297), Pedro da Silveira (pp. 299-301) Luz Pozo Garza (pp. 303-307), Eugénio de Andrade (pp. 309-311), Ana Hatherly (pp. 313-315), Manuel Maria (pp. 317-319), Xohana Torres (pp. 321-324), Gilberto Mendoça Teles (pp. 325-328. Este produtor enviou uma primeira versão do seu poema, inédito, datada em 4 de Julho de 1985, mas na que se publica há uma estrofe a maiores), Salvador García Bodaño (pp. 329-334), Franco Grande (pp. 335-337), José Carlos González (pp. 339-341), Fernando Assis Pacheco (pp. 343-345), Joaquim Francisco Coelho (pp. 347-349), Arcádio López-Casanova (pp. 351-354). Encontram-se, pois, 20 produtores da Galiza, 15 de Portugal, 7 de estatalidade espanhola (3 da Andaluzia, 2 da Catalunha, 1 de Valência e 1 de Euskadi) 3 brasileiros, 2 da Argentina descendentes da Galiza, e mais D. C. Warnest. Na escolha encontram-se desde figuras canonizadas a um produtor que nem um livro tinha editado, com o qual Da Cal demonstra o seu conhecimento desta matéria rosaliana. As suas afirmações a respeito das línguas minorizadas, nomeadamente da Galiza e Catalunha, são claramente em favor da unidade (galego-portuguesa e catalã-valenciana), e aproveita para assinalar a repressão franquista. No que diz respeito aos produtores galegos, muda ortograficamente só os textos literários, mas respeita a grafia dos nomes. É evidente o destaque que merece a referência a Garcia Lorca, já assinalado supra.

O livro inclui uma parte de "Iconografia", também significativa. Como texto introdutório inclui uma página de Carvalho Calero. No respeitante a iconografia, inclui um fac-símile ampliado da assinatura da produtora, quatro retratos, e fotografias dos monumentos de Compostela, Porto e um retrato de Salvador Barata Feyo, documentando-os. Esta parte iconográfica consta no total de 12 páginas, não numeradas.

Finalmente figuram os "índices": um (Da Cal, 1985: 359-360) "alfabético de poetas do 'Cancioneiro Rosaliano'", e mais o (Da Cal, 1985: 361-366) "Índice geral".

Nesta edição da poesia  rosaliana Da Cal demonstra, pois, a sua erudição e trata de impor um modelo de como se deve trabalhar com a poesia galega e nomeadamente com a rosaliana na adaptação ortográfica dos textos para o padrão português. Ao contrário do acontecido com Eça, de quem Da Cal apenas editou uns poucos textos, e entre eles nenhuma das grandes narrativas que canonizaram o escritor português, com Rosalia ele escolhe e edita à vontade, com um trabalho muito reivindicativo e de feitio sempre altamente canonizador para os interesses da produtora. Isso é evidente na insistência nos continuados elementos para a singularizar e engrandecer, frisando a sua condição de "lusíada"[191]. Conforma-se assim uma obra central na trajectória de Da Cal. Ao igual que a visão que dera de Eça, não coloca nenhuma resistência a Rosalia: antes pelo contrário, trabalha para eliminar entraves que pudessem empecer a sua canonicidade, desde a defesa da beleza do seu físico a alguns problemas que se lhe tinham colocado no uso da língua e nos seus trabalhos literários.

Ao situar a poeta que ocupava o centro do cânone do CL galego como "lusíada" está a defender, de forma pioneira entre os produtores galegos coevos, que a Galiza pertencia ao âmbito lusófono. Trata-se, pois, de argumento fulcral em favor do posicionamento do Galego-Português, insistindo nos poemas em que Rosalia se manifestou em contra de Castela, embora Da Cal reivindique a sua pertença ao CL galego pela naturalidade galega. E tenta engrandecer esse CL galego de diversas maneiras: com a adaptação de textos de produtores como o basco Miguel de Unamuno, ou a brasileira Cecília Meireles; ao transformar em poesia produtos que inicialmente não o eram, com o fim de enaltecer e enobrecer Rosalia; e também ao incluir poemas inéditos, alguns redigidos por seu pedido, para homenageá-la.

Teoriza Da Cal sobre a poesia, a tradução, a lexicografia ou a edição de textos, insistindo na linha metodológica da estilística e comparatística. Como se indicou, o texto introdutório sobre García Lorca e o que indica a respeito do *Seis Poemas Galegos* constitui, na altura, o seu depoimento de maior relevo sobre assunto de tanto interesse na Galiza. Da Cal também se reivindica como produtor, e resulta especialmente significativa a inclusão de D.C. Warnest e o modo como o faz. A internacionalização de Rosalia, ao insistir na visão que dela ofereceram críticos estrangeiros, informando de

[191] No Espólio EGC conserva-se um rascunho deste texto, que experimentou emendas antes de ser publicado. Nele Da Cal escreveu, autógrafa, esta valorização: "Becquer ao lado de Rosalia mulher-poeta é um 'poetiso'". E também este esquema: "Voces poéticas: individuais-monologais, colectivas, dialogantes, coloquiais, pessoais (assumida), narrativas-descritivas, contemplativas, introspectivas", que tentava talvez sintetizar as características da poesia rosaliana, mas que também não utilizou.

vários estudos pouco –alguns talvez mesmo nada— conhecidos na Galiza até à altura; e ao indigitar a autoridade do português Jacinto Coelho, é outra forma de actuar que lembra a reivindicação que fez de Eça valendo-se da projeção internacional da sua produção através das traduções e da valorização da crítica. A escolha de Coelho aqui tem várias funções: indicar ao leitor português como uma das craveiras mais destacadas do CEL português se tinha ocupado privilegiadamente da produtora galega –ao igual que outros críticos e literatos, que ele cita–, e chamar a atenção ao leitor galego deste facto, muitas vezes ignorado, frisando o trabalho no DLPBG, repositório de inegável interesse para a internacionalização da língua e a literatura da Galiza, pouco valorizado na Galiza pelos críticos e literatos coevos.

Ainda outra função da APCR é a reivindicação de Portugaliza, ou união de interesses da Galiza e Portugal exercendo acção conjunta como um todo, assinalando ao respeito a figura de Francisco de Cunha Leão, também muito ignorada na Galiza.

No respeitante à textualidade, parece evidente o paralelismo, mais uma vez, Eça-Rosalia: por um lado ao reivindicar uma edição crítica que recupere com a maior fidelidade os textos rosalianos, banindo-os das deturpações, intromissões ou omissões, e outras variações que lhes introduziram e/ou ocultaram Manuel Murguia, García Martí e outros produtores; e também reclamar uma Bibliografia Rosaliana, que servisse de guia seguro, realizada por uma equipa de especialistas universitários, na linha do trabalho por ele realizado na BQ.

Estamos, pois, perante uma obra capital para Da Cal, anunciada muitos anos antes, na qual exprime a sua concepção da Literatura e da Crítica Literária, que tentava ser equiparável ao seu trabalho queirosiano e que, se bem ficava muito longe de atingir, quantitivamente, a dedicação a Eça, sim o ultrpassava em algum âmbito. Porque na APCR Da Cal, para além de se reivindicar como crítico, fê-lo também conjuntamente como produtor literário e como artista plástico, aspectos que não estava presente nos estudos queirosianos. E não só: se com o trabalho sobre Eça e as literaturas lusófonas em geral ele se firmou como autoridade crítica, neste de maneira mais decidida reivindica a pertença da Galiza ao campo lusófono, coloca em diálogo Galiza com o Brasil e Portugal e, ao figurar outros povos ibéricos, desmarca-se claramente destes ao colocar a Galiza e os galegos no âmbito lusíada, apesar de defender o diálogo, em igualdade, com a Espanha e os povos de estatalidade espanhola como Catalunha e Euscádi, que reconhece singulares.

A ideologia e o trabalho de décadas cristaliza assim num volume em que o Da Cal crítico e o Da Cal poeta, o produtor cientista e o literário, trabalham em prol de uma nova concepção da Galiza valendo-se da escritora galega mais canonizada com ocasião da comemoração do centenário. Volume, portanto, em que demonstra a sua erudição, a sua lusofilia e, sobretudo, a sua galeguidade e galeguismo.

III.3.1.9.4.1.-Recepções na Galiza e em Portugal.

O volume dacaliano contribui para uma maior internacionalização da produtora galega, ao oferecer pretexto para que a crítica, inicialmente a portuguesa e a galega e posteriormente outros países, saliente a sua figura e a projecte. Da Cal distribui exemplares entre os poetas que contribuiram para a parte do "Cancioneiro Rosaliano", e também entre outros produtores e amizades, como fizera com anteriores produtos. Recebe respostas confirmando a recepção, e agradecendo[192]. Aos poucos dias de se pôr no mercado a APCR começaram a publicar-se críticas e recensões que frisavam o impacto deste volume.

Aos 28-XII-1985, a primeira publicou-se no semanário *Expresso*, de Lisboa, onde o crítico **António Mega Ferreira** dedica um artigo ao centenário de Rosalia, em que põe em destaque a publicação da APCR. Assume argumentos exprimidos por Da Cal no texto de apresentação da antologia. Refere-se a Rosalia como "voz impar e pioneira na literatura espanhola, por ser voz singular da cultura galega, um emblema, uma bandeira, um mito durante tanto tempo".

Na Galiza, o primeiro a se manifestar foi, aos 31-XII-1985 **Franco Grande.** A sua elogiosa recensão de APCR ocupa uma página inteira do *Faro de Vigo*, que leva como epígrafe versos de D. C. Warnest. Neste trabalho valoriza, à partida, que o que se fez no ano rosalinao na Galiza foi "case toda obra de aficionados", e salienta o valioso que resultava o produto dacaliano, que julga de acertado, e um benefício para Rosalia e para a cultura galega. Valoriza-o deste modo (Franco Grande, 31-XII-1985: 50):

> A alegría ó comprobar que se trata dun libro [APCR] que, estou certo, abrirá fronteiras para o conocimento de Rosalía, xa que, por primeira vez, todo o ancho mundo de fala portuguesa vai ler sen dificultades a un poeta que agora poderá sentir como propio e descobrer tamén como verdadeiro poeta lusíada. Para esa finalidade o concebiu o [sic] organizou seu autor. [...] Escrito con esa elegancia, claridade, pulcritude e brillantez que acostuma o seu autor, estamos certos de que este traballo ó longoa das suas trinta

192 Aos 28-XII-1985 Eugénio de Andrade valoriza que "o livro ficou belíssimo".

> páxinas [refere-se à "brillante Apresentação"] e precisas notas, será para os lectores de fala portuguesa unha moi útil introducción a Rosalía. Que Rosalía chegue ó lector de fala portuguesa da man experta e prestixiosa de Guerra da Cal é un acontecimento que os galegos debemos celebrar, pois moi dificilmente podería atopar mellor padriño, guieiro ou embaixaor. Guerra da Cal fixo un meritorio traballo, no que calquera outro podería ter fracasado, ó *regularizar* a lingua de Rosalía. [...] Nós pensamos, e non somos sospeitosos de lusismo, que o acerto foi evidente. E tamén que, para quenes teñan a súa mente limpa, dará moito que pensar o resultado da tarefa que Guerra da Cal levou a cabo. [...] esta "Antologia" só poderá ser beneficiosa para Rosalia e para a cultura galega. [...] Poucas veces un libro das características deste vai ser tan polémico e, ó mesmo tempo, de tanta utilidade. Anque para moitos non sexa polémico, que non tiña porque sélo, non desconocemos que entre nós as vísceras poden máis que a cabeza e que a serenidade de xuicio está sendo un valor en crise. En calquera caso nunca unha embaixada cultural galega entrou no mundo de fala portuguesa mellor equipada: un traballo experto, brillante e esclarecedor.

Informa que Da Cal faz revelações nesse volume dos SPG, na linha do que ele próprio tinha adiantado semanas antes nesse jornal viguês, e destaca a bibliografia incorporada na APCR, assumindo que transcreveu e não traduziu os poemas galegos para português.

Um trabalho, portanto, polémico, em que mais uma vez Franco Grande sai em defesa pública de Da Cal e do seu trabalho. Em data especialmente agradecida –o exemplar do 31 de Dezembro do jornal tinha maior valor, ao não se editar no dia seguinte, e ser de referência para dois dias, pelo que era dos jornais do ano que chegava a mais público— difunde desta maneira privilegiada na Galiza esse produto, e assim ultrapassa Da Cal mais uma vez a barreira de censura contra o lusismo, e consegue que ressoe o seu posicionamento reintegracionista.

É, em todo o caso, um trabalho muito mais valioso em todos os aspectos que o que dedicará inicialmente a própria Agal ao volume dacaliano. No nº 4 da ***Agália***, correspondente ao final desse ano, noticiou (Sem Autor, XII-1985: 491) da recepção da APCR. Fê-lo numa breve referência da epígrafe "Livros recebidos", junto com outras publicações, fornecendo dados da edição mas sem nenhum comentário nem valorização[193].

III.3.1.9.5.-A recuperação da memória galega através da produção literária.

Em carta que encaminha para Xosé Estévez, Da Cal (31-XII-1985) oferece dados a respeito do seu trabalho literário. Evidencia nesse escrito uma das suas estratégias para

[193] No entanto, nem esse volume nem FI se encontram na relação de livros que se incluiam como modelos "Para ler num bom galego", incluída (Sem Autor, XII-1985: 483-486) nesse mesmo exemplar, o que denota como os dirigentes da Agal assumiam que Da Cal utilizava o cânone português e, por esta ou outras razões, não atendiam as considerações do "Antelóquio Indispensável" nem outras sobre a questão ortográfica.

o processo de "criação" literária: o uso de materiais respeitantes à memória da infância; além de utilizar a poesia para retribuir e consolidar a amizade pessoal. Tenta assim mesmo a imediata publicação da composição, neste caso para angariar ainda mais a simpatia de aquele aliado que tanto lhe interessava, pela dupla condição de quiroguês e de docente universitário[194]. Este modo de proceder esclarece como havia nele, pois, também uma necessidade de ser reconhecido como poeta. É este o trecho, de especial relevo ao respeito:

> O motivo principal desta missiva –além dos precedentes e muito mais importante do que eles[195]—é que a sua última carta, na que falava da emoção causada pelo facto de eu ter vivos e bons recordos do seu Avô Ricardo, teve a virtude de avivar ainda mais em mim as camadas profundas e sensíveis da lembrança infantil. E hoje, olhando para o mar, comecei a pensar no Sil de prata que levo em mim e nas minhas viagens clandestinas de ida e volta a São Clódio, acompanhado da figura avuncular do Sr. Ricardo, bondoso cúmplice dessas minhas escapatórias trans-fluviais, e surgiu, dum jacto, quase enteiro e definitivo, o poema que aqui junto.

Esse poema intitulava-se "Fuga", e levava como dedicatória "Ao Sr. Ricardo, da minha terna lembrança –e ao seu neto, e meu Amigo quiroguês, Xosé Estévez". Tinha também como data a mesma da carta[196].

Da Cal indicava a Estévez que podia utilizar esse poema numa revista local, pois ele com antecedência lhe tinha pedido um contributo para esse fim; e pede-lhe licença para enviar-lho também "ao Afonso Eyré para a sua publicação em A NOSA TERRA", ao mesmo tempo ou com posterioridade.

III.3.1.9.6.-Franco Grande destaca Da Cal na "resistencia cultural" antifranquista.

Em 1985 X. L. Franco Grande publicou um livro de memórias com o título *Os Anos Escuros, I. A resistencia cultural da xeración <u>da noite</u> (1954-60)*, em que oferece a sua versão e testemunha sobretudo da actuação do grupo Galaxia, mas não só, durante aqueles anos da ditadura franquista. Oferece grande destaque à actuação de Ramón Piñeiro, e assinala como Da Cal e Machado da Rosa se referiam a este agente do grupo como (Franco Grande, 1985: 160) "São Pinheiro", citando ao respeito um trecho de uma carta de Machado da Rosa. Pretende assim legitimar e justificar a actuação de Piñeiro, e

194 O interesse era mútuo, pois também Estévez procurava em Da Cal informações para as suas pesquisas respeitantes ao nacionalismo galego.

195 Esses "precedentes" eram as felicitações de Ano novo e interessar-se por se recebera o exemplar que lhe enviara da APCR.

196 Nessa composição, desde o Estoril, numa geografia e num tempo muito diferentes, rememora Da Cal como "velho e menino/ e impregnado/ de saudade subtil" a sua infância em Quiroga, e os passeios que dera com aquele "velho bondoso", a quem dedicava este poema, quem conduzia "um coche humilde" com "um triste cavalinho", e com quem dialogava no trajecto. Conclui o poema: "Tudo isso/ palpitantemente está em mim/ neste meu duplo instante mavioso/ que o sol-pôr epiloga/ no Estoril".

defendê-lo das críticas que recebía de Méndez Ferrín e de outras pessoas do âmbito do nacionalismo galego, que se manifestavam em público contra ele.

Da Cal é aludido em diferentes instantes (Franco Grande, 1985: 102, 117-118, 156, 158-160), informando da sua participação e colaboração activa nos planos de Ramón Piñeiro e do Grupo Galaxia. É também este volume o primeiro testemunho público dos encontros com pessoas relacionadas com aquele grupo em Portugal, ao fazer referência ao agendado (Franco Grande, 1985: 158) em 14 de Junho de 1959[197].

III.3.1.9.7.-O Acordo Ortográfico da Lusofonia na estratégia da língua da Galiza.

Nos finais de 1985 um novo elemento vai surgir na luta ortográfica da Galiza: o Acordo Ortográfico Comum da lusofonia, um projecto firme na altura em elites de Portugal e do Brasil, e que será arvorado como modelo pelo grupo movimentado em redor das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal[198], entidade impulsada por pessoas que se tinham cindido da Agal, e de que José Luís Fontenla, advogado e produtor literário, era o principal porta-voz.

Fontenla (9-XI-1985), em papel carimbado da revista *O Ensino*, encaminha carta para Da Cal, em que pergunta se autoriza a difusão nessa publicação do "seu magnífico 'Antelóquio Indispensável' do seu não menos magnífico 'Poemas de Futuro imemorial", que estava a reler, e anuncia projectos de novos números dessa revista. Mesmo junta um projecto de "Índice" com os conteúdos do número em que se ia incluir o trabalho do FI. Fontenla informa que o "fermossíssimo poema dedicado a Carvalho Calero [o de Pardo de Cela] tão pronto seja composto será enviado pola imprensa Barbosa para aí para corrigir as provas" e também, no final, anuncia: "Estamos preocupados com o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro e preparamos um Encontro da Língua para tratar disso em Dezembro. Já enviaremos programa".

---

197 Uma carta de Pilar Sampil (sem data, mas dos finais 1985/ inícios 1986), directora administrativa de Galaxia, comunica a Da Cal os preços da assinatura de *Grial* para 1986, e junta publicidade sobre a história e projectos da editora. Da Cal mantinha portanto contacto com o Grupo Galaxia, apesar das diferenças pelas lutas ortográficas, e continuava a contribuir economicamente.

198 Num intuito de evidenciar pluralismo, as mesmas pessoas envolveram-se na promoção de outras entidades: a Associação Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa, a Associação Pedagógica Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, e a Associação de Amizade Galiza-Portugal. Além de Fontenla, estavam inseridos nestas associações pessoas como Isaac Alonso Estraviz, Carlos Durão, Adela Figueroa, António Gil Hernández, Martinho Montero Santalha, José Paz, J. J. Santamaria Conde ou Xavier Vilhar Trilho, representantes de âmbitos como o ensino (universitário e não universitário), a Igreja ou a economia, o que dará pé para a constituição de diferentes comissões especializadas. É um grupo que crescerá com incorporações de jovens da Galiza e pessoas de Portugal e que terá grande actividade e publicações, mas sempre em posição periférica. Em alguns instantes haverá lutas intensas com a Agal, e o Acordo Ortográfico será um dos principais elementos de discordância (veja-se infra, sobre estas questões).

Fontenla fizera parte, após o congresso de Ourense, da primeira cisão que debilitava a Agal, e propunha-se novos projectos para competir com aquele grupo reintegracionista, na linha da defesa de aplicar o cânone ortográfico do português de Portugal directamente na Galiza, como fazia Da Cal em FI.

Por vez primeira emerge o tema do Acordo Ortográfico na Galiza, que será central para o novo grupo liderado por Fontenla, e em que se implicará muito decisivamente Da Cal, que observa com simpatia e apoia estas pessoas e as iniciativas que promovem.

Este grupo tentava organizar-se e vai ter no tema do Acordo Ortográfico o principal incitamento, pois com ensejo de participar nas conversações agendadas entre os países de língua oficial portuguesa contacta pessoas de Portugal, com o fim de atingir apoios. Da Cal desempenhará uma posição central na sua estratégia, como se verá.

Um acontecimento de relevo agendado nesse ano foi o "IV Encontro Internacional da Língua Galaico-Portuguesa", celebrado em Ponte-Vedra[199] em 6 e 7 de Dezembro de 1985 (Sem Autor, I-V-1986: 59)[200]

> sob a presidência do Prof. Dr. Fernando Alves Cristovão, Presidente do ICALP – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa—e do Prof. Dr. Ricardo Carvalho Calero, da Real Academia Galega, Academia das Ciências de Lisboa e Catedrático da Universidade de Santiago de Compostela.

Nesse encontro acordou-se constituir uma Comissão que se ocupasse da integração da língua da Galiza nesse Acordo Ortográfico Comum[201]. Começava assim o seu andamento este grupo, em que se inserirá e que apoiará com decisão Da Cal. Servirá para entusiasmar Da Cal, pois verifica como as boas perspectivas que anunciava no "Antelóquio Indispensável" tinham porventura possibilidades de progredir, ao haver outros galegos que se apontavam para continuar aquele caminho.

III.3.1.9.8.-O final da doação para a Hispanic Society of America.

---

199 Inicialmente mantinham afinidades com a Agal, que banirão progressivamente, até assumir o cânone ortográfico do português padrão e o dos acordos ortográficos de 1986 e 1990 (ver infra).

200 O acontecimento encontra-se referenciado em outras páginas do número 1 da revista *Nós*, publicada por este grupo em Abril de 1986 (veja-se infra). Observa-se a insistência em frisar as instituições a que pertenciam as pessoas participantes, como procura de legitimação, pois eram cientes da fraca representatividade, nula do ponto de vista oficial, e muito periférica na Galiza.

201 Fontenla (12-XII-1985), como Presidente das Irmandades da Fala, juntamente com o secretário dessa entidade, como representantes da "Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro" encaminham carta para os "Exmos. Srs. Presidentes e Académicos de Número da Real Academia Galega", em que informavam de gestões perante a Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, solicitando a participação da Galiza no Acordo. Indicavam que três académicos galegos, Carvalho Calero, Marinhas del Valle e Paz-Andrade participavam da sua estratégia, e solicitavam a adesão da Real Academia Galega.

Já nos inícios de ano, Da Cal (30-I-1985) encaminha outra carta para Theodore Beardsley Jr. com novos materiais para a HSA. O relacionamento pessoal de muitos anos na instituição com Beardsley Jr., Longland, e com outras pessoas contribuiram para aquela doação, que era assumida como muito generosa por parte dos receptores, e que chegava ao seu final. Nesta ocasião o envio consta de "468 libros (casi todos hispánicos), 537 revistas, catálogos, folletos, etc. y 409 periódicos diarios". Nessa epístola afirma que apesar de ser o valor desses materiais muito superior, só precisa que se lhe tenham em conta 3.800 dólares para equilibrar as suas contas fiscais. Acrescenta Da Cal:

> El resto queda en depósito con la esperanza de que las nuevas reformas, ominosas para las fundaciones, museos, etc., se queden en términos más razonables que los que se anuncian. El HERALD TRIBUNE decía hace unos días que esas propuestas relativas a donaciones eran tan negativas para la vida cultural de los EE.UU. y ya habían creado tanta conmoción, que se dudaba de que fuesen aprobadas tal como se habían propuesto.

Coincidindo com essas reformas ia finalizar a sua longa doação, iniciada em 1975. Milhares de elementos, entre livros, revistas, jornais, folhetos, cartas, colaborações para a estação de rádio *Voice of America*, materiais iconográficos, mesmo uma gaita galega, passaram a enriquecer naquela década a biblioteca e outras secções da entidade, que por sua vez dedicou destaque para Da Cal ao disponibilizar esses fundos de maneira privilegiada para a pesquisa sobre ele. Talvez fosse esse um dos objectivos que procurava Da Cal: que a prestigiosa instituição hispanista se convertesse também num lugar de referência para o estudo da sua pessoa, e que contribuísse para o seu reconhecimento; além do benefício imediato que representava a validação a efeitos fiscais da valorização económica da doação, que nesse ano se documenta por última vez.

Theodore Beardsley Jr. (14-III-1985) dirige epístola a Da Cal em que acusa recepção do derradeiro volume da BQ. Valoriza o professor e presidente da HSA a respeito desse trabalho: "Magistral! Este quinto tomo pone en relieve al manantial y también al modelo bibliográfico que has logrado. Felicitaciones en abundancia!!".

Na *Carta de Primavera*, um boletim enviado  para os seus membros, a HSA informava de presentes recebidos como doação, entre eles instrumentos galegos para o museu e (Sem Autor, 1985:7) "aportes valiosos de libros procedentes de las bibliotecas

particulares de Ernesto Guerra DaCal"[202], com o que divulgava e agradecia aqueles elementos que tinham recebido de graça e que contribuam para enriquecer os arquivos e as bibliotecas da instituição nova-iorquina, e também acrescentar a sua referencialidade como centro de pesquisa hispano-brasileira, ao possuir assim um maior volume de fundos.

III.3.1.10.-Projectos de grupo: a Ortografia da Galiza e a edição crítica de Eça, em 1986.

Se nos últimos anos Da Cal primara a actividade individual, com produtos como a HFGL, FI, APCR ou a promoção de D.C. Warnest e Raguer Caldas, em 1986 insere-se em duas ambiciosas empresas de grupo: a adesão da Galiza ao Acordo Ortográfico da Lusofonia, e a edição crítica de Eça de Queirós. São acontecimentos centrais na sua trajectória, que oferecem continuidade ao seu trabalho de décadas, em que perseguia esses objectivos. As duas iniciativas prosperarão, mas com resultado díspar: o projecto queirosiano contará com apoio institucional em Portugal e frutificará, mas o da ortografia fracassará pela falta de implicação das instituições do Campo do Poder Político nos países do intersistema lusófono, e também, é claro, na Galiza, onde o assunto nem chegou a ser tomado a sério na agenda política. Estes empreendimentos oferecer-lhe-ão contactos muito intensos, e conseguirá novamente emergir para o primeiro plano da actualidade[203].

Também destacou no lorquianismo, onde os SPG acrescentavam o relevo internacional[204], e alicerçarão importante relação com os produtores andaluzes María Victoria Atencia e Rafael León. As valorizações de FI e APCR confirmam o impacte desses produtos, e publica novos poemas em revistas de Portugal e da Galiza: *A Nosa Terra*[205], *Colóquio/Letras*[206], *Nós*[207], *Jornal de Letras*[208] e *Follas Secas*[209].

---

[202] Entre as notícias desse boletim informa também de ter-se dado no mês de Junho uma festa de homenagem a Jean R. Longland (Sem Autor, 1985:1) "jefe y guía de nuestra biblioteca, con motivo de su jubilación después de 48 años de fiel y brillante servicio a esta institución".

[203] Assim se explica, v. gr., o contacto que tem, aos 21-IV-1986, com Pedro Fernando Bretas Bastos, da Embaixada do Brasil em Lisboa, e com o próprio Embaixador. Da Cal cuidava essas relações, na procura de apoios que favorecessem a presença galega na reunião do Acordo Ortográfico.

[204] Prova do impacte internacional é o facto de que, numa exposição organizada pela The New York Public Library (Alonso Montero, 4-I-1986) "só figuram dous libros en galego: as 'Cantigas de Santa Maria' de Alfonxo X (Alfonso X) e os 'Seis Poemas Galegos' de García Lorca".

[205] Em 5-VI-1986 o semanário nacionalista inclui, na secção "Criación", o poema "Escapadela" (o que enviara aos 31-XII-1985 para Xosé Estévez, intitulado "Fuga", com algumas variações). *A Nosa Terra* salienta a "importáncia deste escritor galego" e lembra a sua presença na polémica dos SPG. Indica-se ser aquele poema "Inédito de 'Deus, Tempo, Espaço e outras bagatelas", o que evidencia estar

A actividade e a projecção social favorecem que se coloque novos empreendimentos. No contacto com a Galiza documenta-se relação epistolar com José Luís Fontenla, Franco Grande[210], Valentín Paz-Andrade[211], Ramón Piñeiro[212], Xan Carballa[213], X. M.

---

o novo poemário já desenhado, por mais que o título não coincidirá, como também não coincidirá a versão definitiva do poema, em que rememora os anos da vida em Quiroga. Da Cal (10-X-1986), em nova carta, manifesta a Estévez que "fiquei muito satisfeito sabendo que o seu Pai gostou do poema e evocação do avô Ricardo". Informa-o assim mesmo que Manuel Maria lhe enviara o último livro, *Oráculos para cavalinhos*, e afirma esperar que lhe envie também "a colecção de sonetos quirogueses". Quiroga afiançava os laços e a cumplicidade entre Da Cal e Estévez.

Da Cal (6-XII-1986) acusa recebimento, em carta que envia nessa data para Xan Carballa, dos exemplares que *A Nosa Terra* lhe tinha enviado, em que se inserira o seu perfil de Lorca (ver infra). Nesta epístola oferece nova colaboração, inédita, para o semanário galego, o poema "Toque de rebate", não publicado.

[206] Em Julho publica "Posicionamento" (pp. 49-50) e "Silêncio" (p. 51). O primeiro, dedicado "Para o quadrângulo familiar Franco Grande, whit love" e o segundo "A Natércia Freire". A morte é tema central das duas composições. Da primeira afirma, na carta que encaminha para Franco Grande aos 21-VIII-1986, que "além do título me parece ter umas leves variantes" da versão publicada o ano anterior em *Faro de Vigo* (ver supra): coincide com a parte "II" de *Colóquio/Letras*, embora com disposição dos versos diferente, e acrescenta a parte inicial, em que se manifesta a respeito de presente, passado e futuro. Nesta carta anuncia que outro poema que lhes tinha enviado, o "da Návia-Fénix está programado para publicação no 1º número de *Nó*". Fortalecia assim os laços com aquela família galega.

[207] Em Agosto publica "Poemas do tempo absoluto e relativo dedicados a um famoso funambulista defunto Henri Bergson" (pp. 93-95) e "Retorno a Tenochtitlan" (pp. 95-96). O primeiro, integrado por seis composições breves; o segundo, dedicado "A G..... (1955)". Estão datados no Estoril. Afirma-se pertencerem ao novo poemário. O tempo predomina no dedicado a Bergson, e o amor no outro.

[208] Em 29/IX-5/X publica "Divagação" e "Ambiguidade", no quadro da recensão de Luiz Duarte, de APCR (ver infra), sob o título genérico "Dois poemas inéditos". Vão acompanhados da sua apresentacão como "professor, ensaísta e queiroziano eminente [...] é também poeta", e lembra-se o seu relacionamento com Lorca e o trabalho publicado nessa mesma revista em Agosto (ver infra) "que teve larga repercussão em meios cultos de países de língua portuguesa e em Espanha". Anuncia-se que preparava novo poemário, em que se incluiriam. "Divagação" está dedicado a Carole e Ian [Gibson] "fondly" e versa sobre o "Ego"; e "Ambiguidade", dedicado "A Xosé Franco Grande, com velha amizade irmã".

[209] Em Setembro-Outubro, publica "Ambiguedade" e "Praia Velha", datados no Estoril. O primeiro mantém a dedicatória a Franco Grande. Acompanham-se da reprodução da assinatura de Da Cal. "Ambiguedade" afirma-se ser "Inédito", e há pequenas diferenças com a versão do *Jornal de Letras*.

[210] O relacionamento com Franco Grande é constante, e 19 cartas se documentam nesse ano. Da Cal foca assuntos da actualidade. A língua e a literatura galegas serão assuntos centrais. Franco Grande chega a utilizar o português de Portugal numa das epístolas, pelo que será parabenizado por Da Cal. Planeiam projectos, e Franco Grande oferece-se como mediador dele na Galiza, apresentando-o e defendendo-o em público.

Fruto desse relacionamento, no exemplar de VII/VIII-1986, a revista ourensana *Follas Secas* inclui ampla semblança biográfica de Xosé Luís Franco Grande sobre Da Cal. Afirma (Franco Grande, VII/VIII-1986: 3-4): "O Ernesto esfórzase por comprende-la súa lonxana Galicia. Resulta moi difícil. Vista dende Estoril, a nosa terra é un estraño país onde campean bandos rivais, mesmo verdadeiras tribus, e onde a insolidaridade semella se-la nota característica. Ernesto fala da rusticidade das nosas xentes, aínda da de quen non era previsible que o foran. Non comprende cousas que aquí son habituais" [...] Vexo, ao lonxe, a este home [...] Um home que arde de amor a Galicia, que se nega a falar castellano, pero para quen o galego nada é xa. O galego sucumbiu, ningunha vixencia culta ten. Só está vivo no portugués. Só éste existe realmente e só el poderá sobrevivir entre os imperios lingüísticos de hoxe. O portugués é unha necesidade para a sua salvación. Danme voltas nos miolos estas palabras súas: 'Eu sou separatista. E já há muito tempo que me separei'". A posição de Da Cal não era bem entendida nem por alguns dos seus mais próximos amigos, como neste caso.

Da Cal (19-VIII-1986) envia-lhe o poema "Ambiguidade", dedicado, indicando tratar-se de inédito. Afirma ter encaminhado "esse poema *teu*" para *Follas Secas*. Da Cal (21-VIII-1986) em nova carta, junta o poema publicado em *Colóquio Letras*.

[211] Paz Andrade (3-II-1986) informa a Da Cal que "Estiven o dia 30 en Viana do Castelo, na colocación da primeira pedra n-un monumento a Castelao. Os orgaizadores contaban con a sua presencia.

Álvarez Cáccamo[214], Xosé Estévez, Carvalho Calero[215], Landeira Yrago, Manuel María, Agustín Sixto Seco, e com o Presidente da Câmara Municipal de Lugo, Vicente Quiroga[216]: reata contactos (como o de Ramón Piñeiro), reafirma amizades, mantém

---

Foi lido o mensaxe que mandóu. Tampouco asistiu Rodrigues Lapa, con o que tamben contaban". A epístola finaliza com o desejo de poder ter algum encontro pessoal.

212 Afirma Da Cal (4-IV-1986): "Não deixou de me surpreender –temos o dever de ser mutuamente francos e sinceros– que não me acusasses recebimento, particular, do meu pálido *Futuro*, nem da Antologia rosaliana (que foi um dos best-sellers na quadra Natalícia em Lisboa.) Quero que me digas com toda a franqueza a tua justiça". Anuncia-lhe projectos e tenta reatar a amizade com aquele agente do Grupo Galaxia, de que se distanciara em grande parte por causa dos posicionamentos divergentes a respeito da língua. Fê-lo mantendo a escrita em português e, sobretudo, pela advertência de que o que estavam em jogo eram problemas "dramáticos" para o futuro da Galiza.

213 Da Cal (4-X-1986) responde a este jornalista, que lhe tinha solicitado colaboração com *A Nosa Terra*, numa epístola que espelha o seu dinamismo, ao anunciar vários projectos, após os quais afirma: "Não tenho tempo disponível, por enquanto, para mais nada –visto a minha vida não ser só escrever mas também nadar, jardinar, passear, trabalhar com as mãos (necessidade imperiosa) e cavaquear com os amigos". Parabeniza *A Nosa Terra* por ter atingido os 300 números e pelo "serviço da causa da identidade nacional galega e da nossa língua, que é o sinal essencial e o elemento medular da nossa alma e da nossa cultura". Oferece como possível colaboração algum trabalho já publicado. Um deles, o da rememoração de Garcia Lorca, será editado nessa publicação (ver infra).

214 Da Cal (8-IV-1986) reata o contacto epistolar com ele, e de novo lhe pede que faça de mediador em várias questões. Na epístola transparecem as diferentes lutas em que estava empenhado e o seu modo de participar directamente nos CL e CEL da Galiza, para além da luta ortográfica. Diz Da Cal: "Recebi há pouco o último boletim da A.E.L.G. –da qual sou membro com quota ao dia. Na última página aparece um pedido de colaboração para a nova revista NO (Que aconteceu com a ESCRITA, sumiu?). Respondendo a esse apelo, junto aqui um poema recente, destinado às anunciadas páginas de 'Criação literária' dessa publicação periódica. Suponho que a grafia e morfologia lusas (eu sou 'o primeiro escritor galego de expressão portuguesa') não será óbice para a sua aceitação. Caso o fôr, quero de antemão esclarecer que agradecia a devolução, sem mais, e sem atrito nem melindre algum da minha parte, pode ter certeza. Desculpe a minha sinceridade, mas, como lhe disse no nosso fugaz encontro do Estoril, eu sou gato escaldado e como tal mesmo da água fria fujo (O Paco del Rio [sic, por del Riego], na sua Antologia, há já anos, e agora recentemente o Xesus Alonso Montero, noutra antologia, esta rosaliana, 'endireitaram' para 'galego' poemas meus grafados, já em tempos longíquos, em formas lusitanizantes –sem a cortesia duma consulta, e sem dizer 'agua vai'. Fica por tanto amigávelmente esclarecido que o poema, ou se publica como ele foi escrito, ou não se publica". Aos 17-V-1986 oferece "colaboração entusiasta" para a revista *Nó*. Tenta assim regressar para a primeira linha da produção de literatura galega.

215 Da Cal (18-VIII-1986) valoriza por carta o poemário de Carvalho *Cantigas de Amigo.* Confirma que "Recebi também o número 6 da *Agália*", e queixa-se porque não noticiasse o "Antelóquio" de FI nem APCR. Assevera que "compreende-se" que *Grial* não informasse dele, porque o volume bate "em todo o colaboracionismo neo-colonialismo lingüístico –e não só– que eles representam". Apresenta APCR como "o livro mais importante reintegracionista publicado durante o centenário" da autora. Ressalva que "só o Franco Grande se ocupou de ambos livros". Refere-se a Victoria Atencia e afirma que não recebeu ainda a edição que ela fez dos SPG de Lorca. "A minha monografia sobre o assunto –que vai ser de facto um livrinho– já está em primeiro rascunho. Julgo estará pronta para o editor para os fins do ano", indica. Reivindica assim maior respeito para a sua produção por parte de aqueles que considera os seus aliados, através de quem sabia a maior autoridade do grupo que se movimentava em redor da Agal.

216 Aos 9-V-1986 morre Ánxel Fole. Numa notícia do jornal *A Nosa Terra*, escreveu, ao pé da caricatura de Fole conservada no Espólio EGC: "duplamente conterrâneo. Homem de Quiroga –da Veiguinha. Conheci-o em 1930 Lugo. Verão". No final de ano contribui num volume de homenagem póstuma, editado pelo Concelho de Lugo, com trabalhos de mais de 90 produtores. Publica aí uma carta (Da Cal, 1986: 105-106), datada em 23-X-1985, encaminhada para o presidente da Câmara Municipal, Vicente Quiroga Rodríguez. Nela agradece-lhe o facto de o considerar "lucense", e afirma que assim é, pois apesar de nascer no Ferrol, decorreu a sua infância e adolescência "no val de Quiroga, em Castroverde e Pol –com muitas estadias na capital da província, e no Corgo e Nadela". Refere aparecer pintado de marinheiro "num dos paineis do pincel de Arturo Souto no Círculo das Artes –num verão inesquecível passado na companhia de Luis V.-F. Pimentel, os irmãos Otero, Xesus Bal e Gay, Eugenio

diálogo com pessoas significativas na vida cultural e política, e vê como o procuram novos produtores[217], que promocionam a "Comissão para a integração da Língua de Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro". Completará assim outro ano capital para a sua trajectória, com reconhecimento como produtor científico e literário.

III.3.1.10.1.-Precursor e centro na Galiza para os defensores do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A "Comissão para a integração da Língua de Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro" iniciou o seu andamento em Janeiro[218] e terá sucesso ao conseguir que a Galiza fosse aceite, em Maio, nas reuniões celebradas no Rio de Janeiro. A implicação de Da Cal resultou fulcral para atingir esse objectivo, segundo reconheceram e ficou espelhado nas circulares e publicações do grupo. O facto de que Ricardo Carvalho Calero, a maior autoridade linguística que reconheciam na Galiza, não integrasse a Comissão, espelha a divisão sobre este assunto. Carvalho era o principal impulsionador da Associaçom Galega da Língua, que se mantinha afastada deste novo grupo; e embora

---

Montes, Joham Carvalheira, os irmãos Corrêa Calderom, e mais alguns que não me lembro", e diz conhecer a cidade "palmo a palmo".

[217] Entre eles, José Luís Fontenla, de que tinha um vago conhecimento, segundo se infere da epístola que Da Cal (17-I-1986) encaminha para Franco Grande: afirma ter recebido uma carta de "um rapaz, de nome José Luís Fontenla" que lhe pedia autorização para reproduzir um estudo.

[218] José Luís Fontenla (11-I-1986) comunica-lhe ter sido eleito na manhã de aquele dia presidente das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal. Indica que vai promocionar na Galiza APCR "e em breve escreverei para aí sobre a participação da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Queremos ir a Lisboa para falarmos na Academia das Ciências Secção de Letras sobre este importantíssimo assunto e também com Lindley Cintra, Malaca Casteleiro e consigo".

No Espólio EGC conserva-se um escrito com uma relação de "Personalidades convidadas a fazer parte da Comissão interviniente no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de Galiza em execução do Acordo do IV Encontro Internacional da Língua Galega Portuguesa", encabeçada por Da Cal, com Carvalho Calero, Marinhas del Valhe, Paz-Andrade, José Luís Rodrigues, Joám Carlos Rábade, Monteiro Santalha, Alonso Estravis, Gil Hernández, Henríquez Salido, Carlos Durão, Fontenla, José Paz, Vilhar-Trilho, Santamaria Conde, e Adela Figueroa. Tentavam envolver a Agal, mas não participou.

Fontenla (20-I-1986) comunica a Da Cal que aos 18-I-1986, em reunião celebrada em Ferrol, as Irmandades da Fala acordaram "designá-lo Sócio de Honra, juntamente com os professores José Augusto Seabra, Salvato Trigo e Fernando Alves Cristovão e os académicos da RAG reintegracionistas Paz Andrade e Marinhas del Valle que com Carvalho Calero e Rodrigues Lapa constituem, na actualidade, os Sócios de Honra". Além disso, "a 'Comissão para a integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro' acordou por unanimidade designá-lo Presidente polos méritos que concorrem na sua pessoa e como garantia de que seja aceitada a norma padrão luso-brasileira como norma-padrão para Galiza, em concordância com seu escrito de aceitação que teve um grande acolhimento e mereceu os parabéns de todos". Acordou ainda a Comissão "deslocar-se a Lisboa –uma delegação– a primeiros de Fevereiro para falar consigo dos pormenores que procedam e com os profs. Lindley Cintra e Malaca Casteleiro assim como na Secção de Letras da Academia das Ciências sobre a maneira melhor de integrar a Galiza quanto antes na Comissão Luso-Brasileira do Acordo Ortográfico". Transparece o entusiasmo com que Da Cal era acolhido naquele grupo, emergido ao cindir-se a Agal, e que via nele a ponte necessária para poder participar no Acordo Ortográfico. Da Cal aceitava liderar aquelas pessoas, a maioria delas desconhecidas pessoalmente.

A revista promocionada por esse grupo, *Temas de O Ensino*, no número múltiplo 6/10, publicado com data de final de Janeiro, faz um resumo da situação (Sem Autor, I-1986:245).

o catedrático da USC tentasse aparecer como figura integradora, optava pelo posicionamento da Agal, por considerá-la uma estratégia mais apropriada e com maior presença social. Da Cal aparecia assim mais estreitamente ligado ao novo grupo, que apostava por levar para a prática já o que ele defendia em FI.

Entre o 25 e o 28-I-1986, a Comissão envia as cinco primeiras circulares informativas. Na primeira juntam citação procedente da carta em que Da Cal tinha aceite integrar a Comissão, insistindo na necessidade de adoptar a língua comum do intersistema lusófono, pois "Como mirandês ou crioulo não poderemos sobreviver, nem sequer a curto prazo" [219]. Da Cal era um elemento central na estratégia, pelos bons contactos e o conhecimento directo que tinha de pessoas das Embaixadas, além dos professores com os que contactavam, o que ajudava a abrir caminho e facilitava o contacto, que talvez de outra maneira seria mais dificultoso, ou o não conseguiriam.

O número 1 de *Nós*, publicação que se apresenta como "Boletim filológico informativo" da Comissão e também como "Revista Galaico-Portuguesa de Cultura das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal", saiu dos prelos e foi distribuído na primeira quinzena de

---

[219] Este texto consta, assim reproduzido entre aspas, no número 1 da revista *Nós*, editada em Abril (ver infra), na página 35. A revista inclui todas as circulares, e é por ela que se citam.

Na circular número 5 (28-I-1986) confirma-se que esse dia (Fontenla, 28-I-1986b: 58) "ratificou-se que a Presidência da Comissão seja conferida ao Prof. Dr. Guerra da Cal, polos méritos extraordinários que concorrem na sua pessoa, e garantir a norma-padrão mais adequada para Galiza, como propõe no seu escrito de aceitação da pertença à Comissão, e por ser a pessoa mais idónea para negociar com portugueses e brasileiros em representação da Galiza, polo seu prestígio internacional".

Com data 30-I-1986 publica-se volume com os números 6/10 da revista *Temas de O Ensino*, que promovia o grupo impulsionador da Comissão. Da Cal encontra-se entre os integrantes do Conselho Asesor da publicação, que reproduz o "Antelóquio Indispensável" de FI. É reconhecido como o principal representante da (Fontenla, 1986: 55) "tendência precursora do reintegracionismo actual galego-português", por LAM, RST e FI.

A Circular nº 7 (4-II-1986) inclui relatório de teor histórico-linguístico sobre a Galiza. Frisam a respeito de Da Cal o seu "grande prestígio no seu país de origem, Galiza, e em todo o mundo lusófono".

A Circular nº 8 (12-II-1986) informa: "deslocou-se uma delegação da Comissão o passado domingo a Estoril para celebrar mais uma reunião da Comissão, sob a presidência do Prof. Dr. Ernesto Guerra da Cal"; e que Da Cal e Gil Hernández assinaram conjuntamente "uma carta dirigida à Academia das Ciências de Lisboa, já entregue no dia seguinte". Esse encontro na morada de Da Cal, em 9-II-1986, será referenciado nas seguintes circulares como "Reunião do Estoril".

A Circular nº 14 (14-IV-1986) informa que interessaram entrevista com António Houaiss, com o fim de "que se façam convites na Galiza, alem da Comissão, que preside o prof. Guerra da Cal" e indicava que na semana seguinte haveria novo encontro, em Lisboa, com Houaiss, Da Cal e outras personalidades "para determinar a intervenção da Galiza no Acordo Ortográfico". Também anunciavam a gestão de ter enviado um artigo de F. Cristovão para o jornal *La Voz de Galicia* (publicado em 27-III-1986, sob o título "Una visión desde Lisboa de la lengua luso-brasileira. O desacordo ortográfico"). Da gestão realizada em Lisboa informa-se na Circular nº 15, datada aos 15-IV-1986, de novo com contactos com Embaixadas e com Celso Cunha, que (Secretariado da Comissão, V/VIII-1986: 67) "Manifestaram grande interesse em que a Galiza esteja presente no Rio de Janeiro do 6 ao 12 de Maio proximo. Ficou combinado que o convite oficial há de ser endereçado para o Presidente da Comissão prof. Guerra da Cal que há de deslocar-se ao Rio de Janeiro no seu momento e apresentar um documento em nome da Comissão".

Abril. O novo grupo contava assim com um órgão de comunicação próprio, para influir e difundir a sua produção. No "Prefácio", finaliza este parágrafo (Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, I/IV-1986: 8):

> A nossa bandeira bem pode ser a que tão polida e galhardamente levanta o professor Guerra da Cal ao afirmar, como bom galécio, "O Português é a minha Ítaca perdida e achada", embora muitos pensemos que o Povo da Galiza, nosso Povo, nunca perdeu sua Ítaca, como o demonstra o facto de que, após séculos de aculturação espanhola, ainda fala uma língua de seu, o galego-português, embora com os limites próprios de uma língua oral ruralizada, por razões de todos conhecidas.
> A afirmação do professor galego Guerra da Cal há-de fazer-se bandeira de todo galego consciente da situação em que se encontra a sua língua neste momento da História; encontrarmos a Ítaca perdida é tarefa solidária e comunitária, para a qual ninguém bem nascido será incapaz desde já de negar seu apoio e colaboração.

"Bandeira", portanto, segundo esse texto: a Da Cal era oferecido o maior destaque, pelo convencimento de ser estratégico o seu apoio para que começasse a andar com bom pé aquela causa, tão minoritária na Galiza, até ao ponto de que nem todos os reintegracionistas aderiam à mesma, pois a maior parte deles, integrados na Agal, permaneciam alheios ou mesmo contrários.

Datado aos 24-IV-1986, Da Cal assina um documento de Adesão da Galiza ao Acordo Ortográfico, em qualidade de Presidente da Comissão galega[220]. Encena assim a sua posição à frente de aquele grupo. Esse escrito foi redigido para apresentar no Rio de Janeiro, segundo se informava na Circular nº 16, (datada em 25-IV-1986). Nesse documento insiste-se em que será Da Cal quem se desloque ao Rio, acompanhado dos secretários da Comissão e o das Irmandades da Fala, António Gil Hernández e Isaac Alonso Estraviz, acrescentando como se tinha informado "das últimas gestões realizadas com portugueses, brasileiros, países africanos de expressão portuguesa por parte de membros da Comissão prof. Guerra da Cal, Presidente das Irmandades Dr. J. L. Fontenla, Presidente de Escritores em Língua Galegoportuguesa Dr. Carlos Durão, deslocado expressamente de Londres a Lisboa para tal fim"[221].

---

[220] Assinam com ele Valentim Paz Andrade e Genaro Marinhas del Valle, da Real Academia Galega, como vice-presidentes primeiro e segundo; António Gil Hernández, da USC, secretário; José Luís Fontenla e Isaac Alonso Estravis, presidente e secretário das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, vice-secretários primeiro e segundo; e como membros da Comissão, Carlos Durão (presidente dos Escritores em Língua GalegoPortuguesa), Tiberio Feliz (presidente da Associação Pedagógica Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal), Monteiro Santalha (presidente da Secção de Textos Litúrgicos Unificados das Irmandades da Fala); Adela Figueroa (Catedrática de Ciências e Co-directora da revista *O Ensino*); José Paz, da USC e da Universidad Nacional de Educación a Distância e presidente da Associação Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa; J. J. Santamaria, da USC e presidente da Secção de Linguagem Técnico-Científica e Comercial, e Xavier Vilhar Trilho, da USC.

[221] Da Cal valorizou deslocar-se ao Rio, mas dessistiu finalmente por conselho da esposa Elsie, segundo esclarece na epístola que endereçou para Xosé Estévez, datada em 17-V-1986. Outras cartas

**De 6 a 12-V-1986 celebra-se na Academia Brasileira de Letras o Encontro para Unificação Ortográfica da Lingua Portuguesa. Pela Galiza participam desde o início José L. Fontenla, e Adela Figueroa, e aos dois dias soma-se Isaac Estraviz[222].** Finalmente, e segundo informarão numa comprida Circular informativa nº 17 (14-V-1986) Da Cal e Gil Hernández não se deslocaram, e como inicialmente Estraviz não tinha a documentação em regra decidiram "improvisadamente" realizar a viagem Fontenla e Figueroa. Entregaram uma bandeira galega ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Ataíde, além de diversas publicações. No Rio não esteve Guiné Bissau. A delegação da Galiza foi muito bem recebida e ofereceram-lhe oportunidade de participar nas discussões a respeito do Acordo Ortográfico e em outras actividades, no Rio e em Campos, segundo se documenta com destaque na publicações das Irmandades da Fala. Nas delegações portuguesa e brasileira havia pessoas que tiveram estreito relacionamento com Da Cal, algumas de longa data[223], e para quem era de relevo que ele avalasse os representantes galegos. O nome de Da Cal fez-se constar explicitamente[224].

Que a Galiza fosse aceite naquele encontro internacional lusófono do Rio de Janeiro não tinha precedentes. Chegara-se a isso como consequência de um grande esforço pessoal, de tempo e económico, das pessoas que integravam a Comissão. Porém, será na prática um acontecimento com poucas consequências, pois só aquele grupo assumirá na Galiza o Acordo, que além do mais não entrou em vigor. Na Galiza, não só não se lhes reconhecerão aqueles esforços, mas contribuirão para acrescentar a sua marginalidade, ao serem rejeitados mesmo por parte da associação mais representativa do movimento reintegracionista, a Agal, que em todo o momento se manteve à margem; e pelas restantes entidades e instituições, desde as de carácter oficial que em nenhum momento

---

nessa altura, como as que encaminhou a V. Paz-Andrade em 18-III-1986; ou a X. L. Franco Grande em 23-IV-1986, provam o seu entusiasmo com o trabalho na Comissão.

222 Estraviz representou na altura o grupo das Irmandades da Fala. No entanto, com a passagem dos anos, a Agal chegaria a reivindicar que também representava esta associação, por ser membro da mesma. Isto aconteceu sobretudo no ano 2008, quando algumas pessoas da Agal valorizavam como um erro estratégico não ter acudido ao Rio. No entanto, na altura, a Agal estava posicionada em contra do Acordo.

223 Por Portugal (Sem Autor, 1986: 281-282) participaram Lindley Cintra, Maria de Lourdes Belchior Pontes e Américo da Costa Ramalho; e pelo Brasil os académicos Austregesilo de Ahayde, A. Houaiss, Abgar Renault e Eduardo Portela; além de Celso Cunha, e Américo Jacobine Lacombe como representantes do Ministério da Cultura.

224 Consta num documento assinado pela Professora Maria Luísa Dolbeth Costa, da delegação de Angola e outros representantes oficiais, em que agradecem (Costa et alii, 12-V-1986): "o assíduo comparecimento às suas sessões dos observadores da Galiza, escritor José Luís Fontenla, professora Adela Figueroa e professor Isaac Alonso Estravís, em representação do professor Ernesto Guerra da Cal". Ao indicar dessa maneira tão manifesta o nome de Da Cal, reconhecia-se a sua autoridade e legitimidade.

ofereceram reconhecimento, a outras do âmbito da cultura e do nacionalismo[225], que não se importaram por aquele Acordo Ortográfico nem com os objectivos da Comissão.

Nos meses seguintes, e até ao final do ano, a Comissão teve grande actividade, com publicações, apresentações do Acordo na Galiza e em Portugal, e tentando reconhecimento institucional que em nenhum instante conseguiu. O deputado nacionalista Camilo Nogueira, representante minoritário, apresentou uma iniciativa, reproduzida no boletim *Nós* (com transcrição para o Acordo, como os restantes textos dessa publicação) interessando-se na questão e na posição oficial do Governo galego, no Parlamento da Galiza, cuja resposta negativa evidenciou a oposição das instituições do Campo do Poder Político às teses das pessoas que defendiam o Acordo. Perante aquela má receptividade galega, a Comissão colocou-se mesmo a possibilidade de estabelecer uma sede em Braga e procurou em Portugal e no intersistema lusófono o apoio que lhes faltava na Galiza. No verão acordaram que o Parlamento da Galiza não tinha competência e que o assunto correspondia ao Governo do Estado, encaminhando para ele as gestões. No entanto, Francisco Fernández Ordóñez, Ministro de Asuntos Exteriores de Espanha, em carta datada em Madrid aos 26-VIII-1986[226], afirmava compreender o interesse das pretensões e indicava que, para que prosperassem "exige que sea la Xunta de Galicia la que plantee esta iniciativa a través del Delegado del Gobierno, con una propuesta formal del Gobierno Autónomo". Frisava Fernández Ordóñez que o Ministerio "no puede hacer suya una iniciativa de este género, por muy interesante que sea, ya que un organismo de carácter privado como el que usted encabeza debe de encontrar en el ámbito autonómico un valedor útil para tramitar con el Gobierno Central cualquier iniciativa cultural en el extranjero".

Em finais de Agosto publicou-se o número 2-3 de *Nós*, agora apresentado como *Boletim Filologico Informativo da "Comissão para a Integração da Lingua da Galiza no Acordo da Ortografia Simplificada"*, em que já utilizam a ortografia do Acordo de Rio. A revista inclui dois poemas de Da Cal (Da Cal, V/VIII-1986: 93-96, ver supra)[227], com que se une à aplicação na prática de aquele documento.

[225] Desde o nacionalismo olhava-se com desconfiança para certos membros da Comissão, pelo seu pendor para o PSdeG-PSOE.

[226] A resposta fora dirigida a Fontenla, como presidente das Irmandades da Fala, que enviou cópia para Da Cal, conservada no Espólio EGC.

[227] Na parte final, *Nós* informa dos colaboradores: para Da Cal inclui (pp. 114-115) o texto da contracapa de FI, acrescentando o seu posto de presidente da Comissão.

No final do ano, a Comissão utiliza uma linguagem mais contundente no apoio das suas teses, e fala de "processo de aculturação e genocidio totalmente reprovavel" por parte das instituições e pessoas que na Galiza não aceitavam o Acordo (enfim: todas/os, menos eles). Estraviz, Figueroa, Fontenla e J. J. Santamaria, assinarão, datado em 24-X-1986, um amplo relatório (Fontenla et alii, III-1987: 121-130) sobre a participação no Rio, que enviaram para numerosas instituições, de novo com insucesso e com muito testemunhal repercussão na comunicação social galega (Sem Autor, 7/8-XI-1986)[228].

Da Cal participa portanto na primeira linha deste movimento em pró do Acordo Ortográfico, e é reconhecido e respeitado como figura principal do mesmo. Verifica como se tentava levar para a frente o que ele defendia, e como por vez primeira contava com um grupo que apoiava as suas teses de maneira organizada, embora desde situações periféricas, sentido-se apreciado, valorizado e mesmo considerado "bandeira" deles; e esse grupo procurava através dele influência e prestígio para poder intervir num processo que julgavam fulcral para os seus interesses e projecção cultural e política.

A luta ortográfica que se dava na Galiza transpareceu aquele ano no Congreso Castelao, organizado de 24 a 29 de Novembro pela USC, e onde os representantes do reintegracionismo conseguiram que fossem aceites os seus trabalhos e se respeitasse a sua proposta normativa, quer da Agal quer da própria Comissão que defendia o Acordo Ortográfico, ao defenderem que precisamente na produção de Castelao se indicava aquela tendência para a reintegração. Da Cal será indigitado nas sessões (Fontenla, 1989b: 18) como presidente dessa Comissão[229].

---

[228] Na imprensa portuguesa conseguem por vezes (v. gr., Sem Autor, 30-X-1986) que ecoem com algum destaque as iniciativas da Comissão. No Espólio EGC há documentação que demonstra o seguimento efectivo com que aderia a esse empreendimento, que o ocupará vários anos.

[229] O Professor Justo G. Beramendi, como coordenador desse congresso, destacaba na "Introducción" das *Actas* como se tinham incluído nos dois volumes das memas 80 trabalhos, que representavam (Beramendi, 1989: II) "máis do noventa por cento das comunicacións [...] respetándose tamén a lingua e a opción ortográfica de cadaquén. Esta ´libertade idiomática', que é máis visible no campo do galego, foi considerada tamén presuposto esencial para un axeitado desenvolvemento do propio Congreso". O também Professor Ramón Villares, na altura Reitor da USC, no discurso proferido na sessão inaugural salientou o acordo institucional entre a Xunta de Galicia, a Fundación Castelao e a USC para organizar aquele acontecimento, coincidindo com a declaração oficial de "Ano Castelao" por parte do Governo autonómico, e frisou como desde a USC "quixemos facer un congreso (Villares, 1999: 3-4) *aberto* [itálico no original]" de uma figura "tan 'completa' e mesmo polifacética", e com tal ensejo a USC se tinha esforçado na organização em organizar actividades paralelas que complementassem a análise científica da sua figura e da sua obra.

A questão da língua esteve também presente no trabalho apresentado nas sessões pelo historiador Enrique Ucelay Da Cal, o filho de Da Cal, sob o título "Castelao y Cataluña: semejanzas engañosas", em que concluia como, en finais da década de 1930 (Da Cal, E., 1989: 317) "En marcada desemejanza con Cataluña, Galicia no tenía un mercado cultural organizado en idioma propio, ni tampoco –en consecuencia— una estandarización lingüística (equivalente a la reforma de Pompeu Fabra en el idioma

III.3.1.10.2.-No centro do CEL: Da Cal apadrinha a edição crítica da produção de Eça.

Em 1986 constituiu-se uma equipa de especialistas para preparar a edição crítica da obra de Eça de Queirós. O projecto emergerá com protagonismo de Da Cal, que publicamente apadrinha esse empreendimento no *Jornal de Letras* lisbonense. Também continuarão os reconhecimentos para os seus estudos. Houve referências directas em ocasiões, e outras vezes a produção científica será assinalada ao focar trabalhos de teor literário, com o que se dá a interconexão entre os dois campos. Isto acontece com António Valdemar (5-I-1986, no *Diário de Notícias* de Lisboa), António Manuel Couto Viana[230], Taborda de Vasconcelos[231], Gilberto Mendoça Teles[232], Luiz Fagundes Duarte[233]ou X. L. Franco Grande[234].

---

catalán) que permitiese una expansión cultural hacia un público de masas (lo que fue el resultado algo paradójico de la represión anti-catalana bajo Primo de Rivera). Es por todo esto que Castelao objetivamente fue un fracaso político", acrescentando ainda nesse mesmo trabalho (Da Cal, E., 1989: 319) "vale la pena recordar otra vez, entre tanto elogio, que Castelao murió como un fracasado" e atribuindo que "Castelao *hoy* es un éxito [...] porque escribió libros [...] y porque dejó tras si un enorme legado de caricaturas y dibujos" em contraposição aos dirigentes catalães que não dispunham de produção semelhante que se lhe pudesse comparar.

230 No primeiro número do ano de *Colóquio Letras* publica "Um cantar de Rosalía de Castro num romance de Eça de Queirós", estudo que redigiu trás se aconselhar com Da Cal, segundo consta na documentação do Espólio EGC.

231 Em Fevereiro, na revista *O Médico*, num comentário sobre FI, refere-se a LEEQ e à BQ como "sem dúvida o mais original e exaustivo levantamento já efectuado sobre um escritor português".

232 Em Abril, no *Jornal de Letras* (Rio de Janeiro), numa recensão da APCR cita LEEQ como "um dos mais importantes estudos de estilística narrativa em língua portuguesa. Pela própria natureza metodológica da estilística, que encontrou um campo favorável no exame da microestrutura da linguagem poética, pouca coisa se fez no Brasil e em Portugal sobre análise de estilo dos discursos narrativos. É possível que isso tenha contribuído para o afastamento dos estudos estilísticos da área universitária, sobretudo quando o estruturalismo pôs em moda a análise dos diversos tipos de textos narrativos. Assim, o estudo de Guerra da Cal sobre Eça de Queiroz foi realmente um passo além, mostrando que a falência não eram bem a do método estilístico, mas dos vários filólogos e linguistas que, sem muita sensibilidade literária, terçavam armas com o texto poético, cujas estruturas pareciam mais ajeitadas às suas análises". Teles, professor e reputado crítico brasileiro, exalta ainda mais, com esta valorização, o contributo metodológico de Da Cal para os estudos literários no âmbito lusófono.

233 Em Maio, *Colóquio Letras* inclui uma recensão de Luiz Duarte de FI, na qual se refere à "monumental" LEEQ "com uma imponente e exaustiva bibliografia queirosiana, activa e passiva, em vários tomos". Em Outubro, no *Jornal de Letras* (de Lisboa), de novo Duarte foca Da Cal, ao se ocupar da APCR: Lembra que se "notabilizou como 'Professor Emeritus' da Universidade de Nova Iorque e como estudioso da obra de Eça de Queiroz (campo em que actualmente é a maior autoridade)".

234 No número de Julho e Agosto desse ano, na evocação de Da Cal realizada em *Follas Secas*, afirma: "Agora comprendo mellor o Ernesto. Todo o seu labor intelectual, a sua inmensa Bibliografia queirociana, sistemática e anotada, en catro volumes, cun quinto alfabético para podelos manexar; o seu coñecido libro sobre a língua e o estilo de Eça de Queiroz. [...] Mas tamém obra de amor. De amor gozoso de quen ve desenvolta libremente a súa Galicia lonxana. A Galicia da sua infancia no Sil aparécelle realizada, na súa plenitude, en Eça. Portugal e a cultura portuguesa realizaron o que a Galicia a historia lle impidiu. Toda a sua obra está presidida por este pensamento. E de maneira tal que el fala sempre de portugalego –non de portugués ou de galego aillados. Eça e Rosalía son portugalegos. Son lusíadas. O portugués, para o Ernesto, é a sua 'Ítaca perdida e achada'".

As citações pelos especialistas evidenciam a repercussão internacional. Entre os exemplos que se podem citar estão **Elza Miné**, que em *Eça de Queirós jornalista* alicerça-se em LEEQ e na BQ. **Garcez da Silva**, no estudo *A Pintura na obra de Eça de Queiroz* server-se-á de contributos de LEEQ. *Portuguese Studies*, inclui o estudo de **Alan Freeland** "Eça de Queirós: Consular Correspondence from Newcastle", que manifesta a intenção de explorar a reivindicação de Da Cal, na BQ, sobre a necessidade de conhecer escritos consulares de Eça na sua etapa nessa cidade inglesa. **João Medina**, em *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, refere a polémica entre Enes e Eça (Medina, 1986: 363 e passim) à qual aludira no ano 1979 na recensão da BQ, e valoriza a dimensão política de Eça que, como já tinha assinalado Da Cal na BQ, ultrapassava o campo literário, numa consequência da sua canonicidade.

Aos 26-VIII-1986 **Luís Forjaz Trigueiros**[235], n'*O Primeiro de Janeiro*, publica um estudo reproduzido em grande parte no *Jornal de Letras* (Rio de Janeiro), em Setembro e Outubro. Para Trigueiros –que elogia também LEEQ– a BQ é "gigantesca", julga a denominação de "Apêndice" ser modesta e "quasi parece ironicamente". Descreve o conteúdo e conclui que "este empreendimento, único no seu género e em qualquer parte do mundo: se não estou em erro nenhum outro autor, por mais afamado e por mais relevante seja a sua importância histórica e didáctica, como é o caso de Eça de Queirós, terá merecido assim obra de informação, que implicitamente é obra de História, tão completa e tão sistematicamente organizada. É uma vida inteira de trabalho". Acrescenta ser a BQ uma leitura fácil e chama a atenção para que "a nível nacional" se demonstre gratidão a Da Cal pela sua investigação. Para Trigueiros:

> A obra de Guerra da Cal, porém, é única no seu género e sobreleva a qualquer outra, não só pelo mérito intrínseco mas também pelas novas e até há pouco imprevisíveis pistas que sugere. É a obra de um professor que, por ser, além de puro 'scholar', escritor e poeta, realiza nos seus trabalhos a síntese da sua personalidade humana. Que a sua discrição natural que vem de uma consciência monástica do trabalho e de uma natural indiferença desportiva por certo tipo de glórias, que o seu alheamento deliberado das tertúlias, capelinhas e sacristias culturais me perdoem ter pela minha parte cumprido, tão pobremente embora, o que entendo ser meu dever.

Insiste em oferecer a máxima valorização para os trabalhos de Da Cal e difundi-los em Portugal, alertando do grande valor do contributo que realizara para a cultura pátria.

Em Outubro, **X. L. Méndez Ferrín**, escreve no *Faro del Lunes* viguês o artigo "Eça, Valle, Nós", que começa com esta afirmação, que atribui a Franco Grande: "Para

[235] Trigueiros enviou-lhe cópia do artigo, mecanografada, com emendas e dedicada, com o título "Guerra da Cal e os seus estudos queirozianos".

Ernesto Guerra da Cal, Eça de Queirós, é o cumio da literatura galega: sic[236]". Como anos antes fizera Otero Pedrayo ao comentar LEEQ, Ferrín também assume a sua inclinação por Eça, e oferece elevada valorização de aquele "xenio galegoportugués de Casimiro Barcala". O artigo vem demonstrar que, caso de ter existido na altura alguma reserva de Ferrín contra Da Cal, tinha desaparecido, possivelmente pela mediação de Franco Grande.

Em Novembro, em *Brotéria*, assinado por **A.R.**, publica-se referência sobre a BQ, mais uma vez considerada "obra verdadeiramente monumental". Manifesta-se que essa produção dacaliana "Concebida de início como um simples apêndice a um estudo estilístico (aliás magistral), acabou por constituir uma das mais ricas, completas e bem sistematizadas bibliografias dedicadas a autor português". Cita os tomos de "Addenda et corrigenda" e de "Índices", assinalando que "A bibliografia toma por vezes uma feição crítica, e bem acerada como quando, por exemplo, o A. toma clara posição perante a complicada questão da *Tragédia da Rua das Flores* (tomo 4º, p. 74-95) ou opina sobre as 'Obras Completas' do Círculo de Leitores (tomo 4º, p. 120-125)".

**Luís Amaro**, na *Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP)* correspondente ao segundo semestre, no trabalho "1936-1986. Resumo Bibliográfico de 50 anos de Literatura Portuguesa" inclui (Amaro, 1986: 114 e 120), LEEQ, e a BQ entre os produtos mais representativos desse período.

Merece destaque a publicação do tomo IV, e último, das *Obras de Eça de Queiroz*, de Lello&Irmão, preparado por **Aníbal Pinto de Castro**, da UC; um volume de mais de 1.750 páginas, magnificamente editado mas talvez já não esperado, pois o anterior aparecera em 1959. Das numerosas referências a Da Cal, as maiores são para a BQ, qualificada (Castro, 1986: XXVII) de "modelar" pela sua metodologia e alicerçando, sobretudo nos dois primeiros tomos, boa parte das informações respeitantes aos textos

[236] Num comentário talvez induzido pela referência do próprio Franco Grande em *Follas Secas*, assinala que antes de indicar-se isto por parte "do mellor crítico do mellor escritor portugués de todos os tempos [Da Cal e Eça], xa Casimiro Barcala afirmaba coisa semellante na sonada cea de pescada con erbillas, costeletas e queixo que tivera lugar na taberna das Crechas e que sae no capítulo VI de *La Casa de la Troya*", e cita um diálogo em que o mesmo Barcala responde que "Es nuestro gran novelista la tercera persona de la trinidad galaica: ¡Rosalía, Curros, Eça de Queirós!". Ferrín refere-se a Eça, que "ven acompañándome sempre" desde que descobrira "no despacho do meu avó um exemplar de 'O primo Bazilio' (ortografado así), que se atopaba moi agachado, dada a índole pecaminosa da ficción", e defende a possível influência do produtor português em Valle-Inclán ou em Gabriel Miró, além de aspectos estilísticos, assinalando que "foi quen de revoltar a totalidade da estilística da lingua portuguesa". Observa-se a insistência de Ferrín e a coincidência com teses de Da Cal a respeito da influência de Eça na primeira etapa literária de Valle-Inclán e do efeito revolucionário da sua escrita na língua portuguesa.

jornalísticos e às cartas de Eça. Mas também se apoia em LEEQ (Castro, 1986: XLV) e no trabalho "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*". Assegura ser Da Cal (Castro, 1986: XLVIII) "o mais profundo conhecedor da prosa de Queiroz". Na edição da correspondência, em numerosas notas de rodapé, Da Cal é continuamente citado, ao remeter para a BQ. Reconhece (Castro, 1986: LV) que "tomei para a base da minha recolha as indicações nunca assaz louvadas e agradecidas da *Bibliografia queirociana* de Ernesto Guerra da Cal [...] A citação de edições anteriores foi, em princípio, suprimida, visto que a sua indicação consta da meticulosa informação registada por Guerra da Cal". Mais uma valorização de enorme relevo para reconhecer a autoridade dacaliana por este significado docente da UC.

A BQ continuava a receber críticas positivas que a difundiam, e destacavam a sua metodologia, além da sua vultosa extensão. Publicações de orientação muito diversa, que respondiam a grupos bem diferentes, coincidiam em indigitar aquele produto dacaliano como modelar para os estudos de literatura portuguesa.

No entanto, **o maior destaque desse ano para Da Cal acontecerá no *Jornal de Letras* (Lisboa) de 15 a 21 de Dezembro, onde se produz o anúncio do projecto de edição crítica da obra de Eça de Queirós, e onde ocupa lugar preferente.** Partilha protagonismo com Carlos Reis e com Luiz Fagundes Duarte, num instante muito significativo, pois supunha materializar o que ele reivindicava desde a década de 40. Ao apadrinhar o empreendimento, reconhecia-se como autoridade legitimadora.

Da Cal publica nesse jornal o artigo "Um trabalho indispensável", em que afirma ser "urgente" a materialização do projecto, e anuncia ter manifestado a Carlos Reis, coordenador do acontecimento, "o meu apoio indefectível à iniciativa, mas também aquele que penso deve ser o espírito que a deve orientar: o de recuperar e salvaguardar um património cultural que, correspondendo à obra literária de um dos maiores escritores da língua portuguesa, exige a protecção e os cuidados que só uma edição crítica consciente e metódica pode propiciar". Salienta a que qualifica de (Da Cal, 15/21-XII-1986: 5) "absurda contradição" de ser Eça de Queiroz dos poucos escritores portugueses com efectiva projecção internacional e "no entanto, os textos queirozianos encontram-se num estado de degradação a que urge acudir [...] em muitos casos, os textos queirozianos encontram-se quase irreconhecíveis". Patenteia os "maiores louvores" para aquela empresa "pelo que ela representa" e reclama a convergência de apoios "que criem as condições necessárias para o bom êxito de uma acção tão meritória

como árdua". O seu contributo, na linha do que defendia na BQ, está acompanhado de fotografia, e inclui apresentação, que indica "é considerado o maior especialista de Eça de Queiroz" e atribuia-se "o seu prestígio no campo dos estudos queirosianos" a LEEQ, que se qualifica de "obra capital" salientando a quarta edição da mesma, e "em especial" à BQ, que valorizam de "monumental", e da qual salientam que "saíram até hoje seis volumes"[237]. Esse "até hoje" evidenciava esperança de continuidade.

A informação sobre o projecto de edição crítica ocupa lugar preferente na primeira página, sob o título "Vem aí o verdadeiro Eça". Com Da Cal escrevem Reis e Duarte, duas personalidades que, com este projecto, deslocam-se para posições centrais dos estudos queirosianos, em especial Duarte[238]. Anuncia-se que se tinha constituído "uma equipa de universitários com vistas a proceder à Edição Crítica da Obra Completa de Eça de Queirós, que deverá estar pronta até ao ano 2000". Fornece-se como exemplo do labor a realizar uma carta de Eça a Jaime Batalha Reis e fragmentos de *Os Maias* e *A Capital*, para atestar "não só o tipo de abusos que foram praticados na obra de Eça de Queiroz, mas também o espírito de revolta do escritor perante aqueles de que teve conhecimento". Carlos Reis apresenta o estado da questão; e apoia-se em citações da BQ, afirmando serem "preciosas as informações facultadas pelo prof. Ernesto Guerra da Cal" ao encontrar-se nelas "elementos rigorosos" a respeito da produção queirosiana. Duarte compara a situação das edições de Eça e Fernando Pessoa; alude mais uma vez ao acontecido com (Duarte, 15/21-XII-1986: 4-5) "umas tantas edições de um presumido romance inédito de Eça de Queiroz a que deram o nome de *A Tragédia da Rua das Flores*". A equipa alicerça-se assim na produção de Da Cal e assume o seu discurso para exigir a nova textualidade.

III.3.1.10.3.-No centro das comemorações do cinquentenário de García Lorca.

Por causa do cinquentenário da morte de García Lorca regressará Da Cal para a actualidade, pelos autógrafos dos SPG e por uma rememoração do produtor andaluz que publicou em Portugal na data certa da efeméride do seu assassínio. Continuava a elaborar a monografia dos SPG[239], da qual esse trabalho afirma ser o primeiro capítulo,

[237] Numa apresentação breve mas de grande atractivo, lembra-se ser "natural da Galiza, amigo de Lorca, membro das Milícias Galegas que defenderam a República na Guerra Civil de Espanha", e a dedicação profissional "durante cerca de 40 anos em importantes universidades americanas".

[238] Duarte era mais conhecido na altura pela sua participação na Equipa Pessoa, que preparava a edição crítica do poeta de *Mensagem*. Colaborará nos dois empreendimentos.

[239] Da Cal (15-I-1986) informa a Carvalho Calero: "Estarei ocupado até ao fim da Primavera", com esse projecto.

o que acrescentava a expectativa[240]. Estamos, pois, perante uma nova amostra do Da Cal director de tramóia, que aproveitava e geria a informação privilegiada que possuia[241].

O início do impacte mediático deu-se em ***A Nosa Terra***: em 16-I-1986 **X[an] C[arballa]** dedica uma página para as primeiras revelações sobre os SPG, na APCR. Indica que "Polo seu interés aclaratório reproducimos ese texto"[242].

***La Voz de Galicia*** propaga-se a tese da decisiva participação de Da Cal nos SPG. Frisa-se no jornal (**Costa Clavell**, 17-I-1986):

> Según parece, los *Seis poemas galegos* fueron escritos primero en castellano. Este primer manuscrito lorquiano estuvo en poder de Carlos Martínez-Barbeito, a quien se lo había facilitado personalmente el autor para que le diese su parecer. Más tarde, García Lorca reescribió los poemas en gallego en estrecha colaboración con Guerra da Cal, quien por cierto está escribiendo ahora un libro sobre este tema en su retiro de Estoril.

Testemunha que Blanco Amor, pouco antes de morrer, ensinara-lhe os originais dos SPG. Clavell era um conceituado jornalista galego residente na Catalunha, com acesso a importantes publicações, e dar-lhe a conhecer de primeira mão aqueles materiais, que guardara durante tantos anos, perseguia que se conhecessem para acrescentar a sua notoriedade e manter-se num primeiro plano[243].

No intenso epistolário que teve esse ano com **Franco Grande**, Da Cal refere-se em quinze ocasiões a García Lorca, e insiste nas suas posições, além de servir de pretexto para memorar vários assuntos. Posiciona-se nesse epistolário a respeito de especialistas em Lorca como Morla Linch, Anderson, Gibson ou Landeira Yrago. Oferece novas

---

240 Era razoável a hipótese de que finalizaria este empreendimento, para a sua maior projecção internacional nos CL e CEL.

241 Também a sua primeira esposa, Margarita Ucelay, intervém em actividades organizadas com ensejo da comemoração da morte de Lorca, como nas celebradas em Maio em Granada em que falou (García, 13-V-1986) do relacionamento do dramaturgo com o clube teatral Anfistora. Franco Grande (12-VI-1986) estreita os contactos com ela, para pesquisar sobre os SPG, e dedica-lhe um poema, ao tempo que lhe solicita novos dados dos SPG. Ucelay (20-VI-1986) responder-lhe-á, mas sem acrescentar novidades de interesse, segundo se recolhe nas duas epístolas, conservadas no Espólio EGC, aonde talvez as encaminhou Franco Grande para contribuir ao estudo que realizava Da Cal.

242 Carballa (13-II-1986) fornece-lhe dados da revista *Cuba Internacional*, em resposta a carta de Da Cal (de 23-I-1986), em que lhe solicitava a informação para procurar dados sobre Lorca. Na epístola agradece outros materiais que lhe tinha enviado Carballa, e estende os agradecimentos para [Afonso] Eyré e Tino Viz, este último pelas fotografias com que contribuira para a APCR.

243 Poucas semanas após, ao comentar APCR, refere-se às anotações que faz Da Cal sobre os SPG. Valoriza este conhecido jornalista e produtor em diferentes âmbitos do campo literário (Costa Clavell, 4-III-1986: 22): "Todas las notas bibliográficas son atinadas y en la que el antólo [sic] le dedica al poeta granadino que fuera su íntimo amigo llaman la atención las precisiones que Guerra da Cal hace a propósito de la elaboración de los poemas lorquianos en gallego y la acusación que le hace a Eduardo Blanco-Amor de haber corregido caprichosamente algunos versos de los *Seis Poemas Galegos*".

expectativas ao enviar-lhe o "Índice" da monografia[244]. Destas cartas conclui-se como Franco Grande se tinha oferecido como mediador para que a Caixavigo, entidade financeira em que trabalhava, publicasse a monografia dacaliana sobre Lorca, mais um serviço que recebia deste amigo. Da Cal acrescenta a expectativa sobre aquele projecto lorquiano, ciente do enorme interesse com que era esperado, que verificará em Agosto quando publicar um artigo sobre o produtor andaluz em Portugal (ver infra).

O eco da intervenção nos SPG propicia que a **Fundação Federico García Lorca** tente a sua participação nas actividades que organizava. Isto facilitará o relacionamento com **Manuel Fernández Montesinos**, directivo nessa instituição. Mas não haverá acordo nos contactos respeitantes a projectos de interesse para ambas as partes[245].

Aos 13-III-1986, a granadina **Antonina Rodrigo** dita na Corunha uma conferência sobre Lorca, organizada pela Associação Cultural Alexandre Bóveda. Com tal ensejo distribuiram-se entre o público programas com um depoimento dela, sob o título

---

[244] Esté "Índice" conserva-se no Espólio EGC e nele estuda-se com pormenor cada poema, esclarecendo as circunstâncias da sua composição. Também se dedica um capítulo para o clube teatral Anfístora. Numa das pastas dedicadas a estes materiais há mesmo uma capa para o livro, elaborada por ele; e fotocópias de fotografias de encenações de espectáculos alicerçados em textos lorquianos em Nova Iorque, em que participaram ele, Margarita Ucelay, e professorado hispanista nos EUA.

[245] Da Cal (3-II-1986) anuncia-lhe que a sua monografia "tiene el título tentativo de *Los Seis Poemas Gallegos de F. G. L. (Historia de una colaboración linguístico-literaria)* e, além de relatar como se escreveram essas composições "establecerá el texto crítico de ellas [...] acompañado de traducciones de los poemas al inglés y al portugués [...] El texto de mi monografía será también trilingüe […]. Irá ilustrado con fotografías inéditas de Federico, y con autógrafos y dibujos de su mano" e ofrece que seja a Fundação que a publique, sem pago de direitos de autor. "Pienso que el texto estará listo para el trabajo de impresión hacia el fin del verano", avança. Fernández-Montesinos (10-II-1986) comunica-lhe que estavam muito interessados em dispor do seu exemplar do *Poema del Cante Jondo* para uma exposição, e oferecem assegurar o volume na quantidade que Da Cal diga, além de garantir um transporte com as máximas garantias. F. Montesinos (14-II-1986) informa-o a respeito da monografia: "La Fundación desgraciadamente, aún no está en condiciones ni económicas ni administrativas para lanzarse a ese tipo de aventuras editoriales. Eso no quiere decir que no lo podamos estar dentro de algunos meses". Assinala que o único projecto firme era publicar um boletim, e oferece-lhe "las páginas de ese segundo número para que contribuyas con un artículo sobre **este importantísimo tema** de la verdadera génesis de los *SEIS POEMAS GALEGOS*. Podría incluso servir de anuncio para el libro". Faz novo oferecimento: "En los meses venideros se van a hacer actos académicos sobre la obra de mi tío, ¿no te interesaría poder participar en alguno de ellos como brillante conferenciante?". Apesar do interesse que admite a Fundação nos materiais lorquianos na posse de Da Cal, a edição da monografia sobre os SPG não emerge como prioridade.
Da Cal (25-II-1986) responde que não deixa o exemplar que lhe solicitavam para a exposição porque "el valor de ese libro para mí no es susceptible de cuantificación, no habría seguro, por altísimo que fuese, que me llevase a dejarlo salir ni a la esquina de mi calle. La Biblioteca Nacional de Lisboa, que está organizando una exposición sobre Federico, me lo pidió en préstamo, y le di la misma respuesta. Sobre mi colaboración con un artículo posible para el segundo número de vuestra revista, que tan simpáticamente me brindas, también me duele tener que declinar la invitación".
Da Cal (24-III-1986) solicita autorização a Fernández-Montesinos para reproduzir na monografia a carta de 27-III-1985, em que o informava da existência dos autógrafos dos SPG. Montesinos (7-IV-1986) respondeu, autorizando-o. Finaliza assim aquele relacionamento com a Fundação, que lhe dera ocasião de reatar contacto com uma antiga amizade, de atingir mais elementos para avançar na redacção da monografia, e de demonstrar o valor dos materiais que possuia.

"Federico Garcia Lorca na Galiza". Este texto refere-se aos SPG "que escreveu coa colaboración do poeta galego Ernesto Guerra da Cal". Assim se assume ese difunde cada vez mais o discurso dacaliano, e se transfere através de diferentes meios[246].

Nesse semestre, terá intensa relação epistolar com **José Landeira Yrago**, com interesse mútuo, pois os dois trabalhavam em monografias sobre os SPG. Em 22-III, 3-IV e 10-IV-1986 trocam informações e materiais. Em Abril publicou-se *Viaje al sueño del agua. El misterio de los poemas gallegos de García Lorca*, de Landeira. Da Cal encontra-se citado (Landeira Yrago, 1986: 7, 15-16, 33, 35, 37-38, 41-42, 49-50, 52-53, 57, 62-63, 67-69, 88, 90, 91-93) de diferentes maneiras nesse volume, em que o autor demonstra ser bom seguidor da sua trajectória[247]. Reforça a tese da participação de Da Cal e é um dos produtos que contribui a fixar o novo discurso sobre os SPG. O aparecimento dos autógrafos definitivamente supunha um antes e um depois a respeito da elaboração do poemário, e a tese da intervenção de Da Cal impunha-se progressivamente[248].

---

246 No Espólio EGC conserva-se um exemplar desse programa.

247 Landeira inicia o livro com citações de textos poéticos de Lorca, Blanco Amor e Da Cal, e reproduz fac-similarmente os SPG, encontrando-se (Landeira Yrago, 1986: 63) a dedicatória autógrafa "A Ernesto P. Güerra". Defende (Landeira Yrago, 1986: 16) que Lorca era partidário de "la tesis global del complejo lingüístico galaico-portugués"; frisa que (Landeira Yrago, 1986: 33) "La caligrafía es de Guerra da Cal"; destaca que na tradução francesa de Andrè Belamich (Landeira Yrago, 1986: 35) "se dice que la edición de Santiago, 1935, lleva la dedicatoria –impresa—a Guerra da Cal". Também cita (Landeira Yrago, 1986: 38) uma carta de Da Cal, datada aos 28-V-1985, segundo a qual "posso lhe adiantar –nos escribe desde el mar portugués—que de facto não confronta risco nenhum em elevar a certeza a sua hipótese grafológica", o que o leva a assumir que "de su mano salieron los apógrafos".
Na sinopse histórica dos SPG, entre 1932 e 1985, Da Cal encontra-se citado (Landeira Yrago, 1986: 52-53) ao aludir, em 1935 à "confidencia" que realizou em Madrid a Martínez-Barbeito "sobre su personal intervención en los SPG"; e em 1985 quando "identifica la caligrafía de los manuscritos". Frisa (Landeira Yrago, 1986: 68): "Sólo el pulso de Guerra da Cal late intermitente por los renglones de viejos papeles que no ocultan secretos. Vive, a Dios gracias, en Estoril […] Los poemas gallegos de García Lorca, sin misterio ("Es un misterio que no se aclarará probablemente nunca…", dijo en 1963 Blanco Amor), tuvieron en Ernesto Guerra da Cal su Ganimedes. Pero Ganimedes no era un dios, sino su copero".

248 Da Cal (27-VI-1986) agradece o envio de *Viaje al sueño del agua*. Indica um erro, que atribui a uma má informação de Carlos Morla que Landeira cita, pois ele não tinha reservado papel de protagonista no *D. Perlimplin*, que fora desempenhado pelo pintor e cenógrafo Santiago Ontañón. Acrescenta informações a respeito da sua participação em empreendimentos teatrais, e valoriza: "Sobre o resto do seu livro tenho apenas elogios a tecer, agitando as palmas verdes da homenagem. Quanto à imagem mitológica com que (na pág. 68) descomunalmente me mimoseia, e que não pode deixar de me envaidecer, só quero deixar bem claro, que eu nunca, nem oralmente nem por escrito, pretendi que o meu papel na elaboração desses famigerados poemas tivesse ido além dum simples turgimão poético –função de escanção linguístico da que também não deixo de me orgulhar, mas sem a mais remota pretensão de partilhar nos poderes líricos, jupiterinos, do autor do *Romancero gitano*. Vou permitir-me, com a sua licença, fazer outra observação de pormenor. Acho que (a págs. 69) o meu admirado Amigo comete uma pequena injustiça com o nosso Franco Grande, quando cita, desqualificando-a, uma afirmação dele: "Evidentemente Lorca *não sabia uma palabra de galego*" (o grifo é do Autor do livro). Porque, é claro que essa frase, que é idiomática, não pode interpretar-se literalmente. Lorca sabia, certamente, mais de *uma palavra* de galego; algumas activamente, poucas, e muitíssimas mais, passivamente –como sabia de inglês e de francês. Mas para escrever criativamente –e *poesia*, ainda por cima– numa língua adquirida, há que ter para começar um conhecimento objectivo *completo* de todos os mecanismos do seu funcionamento normal, de comunicação; e além, muito além, desses há que chegar a dominar,

Da Cal (10, 17 e 23-V-1986) foca questões dos SPG e da versão tetralingue publicada por Alonso Montero em Akal, em cartas com o historiador quiroguês **Xosé Estévez**. Em 10-X-1986 comunica-lhe os projectos lorquianos que abrigava, e para os quais este aliado também colaborava com informações.

A amizade com Lorca servir-lhe-á de pretexto para iniciar um novo contacto, que será muito produtivo, até à morte, em diferentes âmbitos: com **Maria Victoria Atencia**, poeta andaluza estudiosa do granadino, e com o esposo dela **Rafael León**, pessoa com múltiplos interesses, entre eles nos campos do poder político, da edição e da produção literária. Da Cal (2-VI-1986) começa[249] intensa correspondência com eles e nessa epístola há uma referência à edição que a poeta andaluza realizara dos SPG: segundo esclarece Atencia[250], quando começou a preparar esse trabalho contactou Ricardo Carvalho Calero para lhe solicitar orientações, e o professor da USC aconselhou-a para se dirigir a Da Cal, como assim fez (de facto nesta epístola Da Cal despede-se pedindo que "Cuando le escriba, mándele mis cariñosos recuerdos a nuestro común amigo, el Prof. Carvalho Calero"). Da Cal indica ter ouvido falar da edição realizada por Atencia, mas afirma desconhecê-la, e solicita um exemplar; e ele envia-lhe HFGL, indicando não poder juntar outro de APCR. A partir dessa data, o relacionamento com Atencia/León será muito activo e terá numerosos centros de interesse. Dele conservam-se 106 cartas em Málaga, alguma das quais resulta o único testemunho existente sobre realizações biográficas, profissionais e literárias[251].

---

*pessoalmente*, todas as suas potencialidades de expressão individualizada. Isto é, há que possuir "la langue" e, dentro dessa posse, criar "la parole" –para usarmos o binómio de Ferdinand de Saussure. Ora bem, Federico, em relação ao galego, não era, nem de longe, possuidor de nenhum dos dois termos da formula estilística saussuriana. Esse é o sentido, não literal, em que o nosso comum amigo Franco Grande usou o modismo *não saber nem uma palavra*. Que reflecte a realidade, como ele demonstrou no artigo do FARO viguês em que analisou a parte da 'Danza da Lua', autografada pelo grande granadino. Julgo, portanto –e espero que por este meu julgamento não me considere impertinente—que se lermos essa asseveração como ela deve ser lida –não é justo dizer-se que "ni se tiene en pie, ni se recibe". Num P.S. final afirma que "Suponho que não considerará indiscreto da minha parte o envio de cópia desta carta a Xosé Luis, visto em parte dizer-lhe respeito". Era esta uma decisão calculada pois, se por um lado representava uma cortesia para com Franco Grande ao fazer-lhe chegar um escrito em que era mencionado, também era uma maneira de fortalecer o relacionamento com este aliado certo, e de lhe demonstrar como correspondia à defesa que tinha feito dele em privado e publicamente.

249 A primeira carta que se conserva deste epistolário tem, no entanto, data de 18-IX-1984. Nela interessa-se porque pergunte a Francisco Giner de los Ríos notícias de Júlio Garcia, exilado em México, que chegou a ser director de CIBA, assinalando Da Cal que "Apadriné al mayor de sus hijos". Porém, será desde 1986 quando se produza o relacionamento mais intenso e continuado.

250 Assim o explicou em diálogo pessoal na sua morada de Málaga. Também o reconhece num trabalho de homenagem a Da Cal (ver infra) publicado em 1997 pela UC.

251 Atencia (19 e 26-VIII-1986) enviou-lhe duas cartas, em que indica que o seu livro sobre os SPG ainda se não distribuira, e que mudaria a introdução do mesmo, a ter ocasião, por novos elementos que tinha conhecido. Encontram-se nestas epístolas três dos que serão os principais centros de interesse entre

**Da Cal participará directamente nas comemorações do cinquentenário com um artigo no *Jornal de Letras* de Lisboa**. Esta publicação dedicou ao poeta andaluz espaço preferente com ensejo da efeméride, no número do 18/24-VIII-1986, coincidente com as datas do seu assassínio. Na capa salientava "O retrato (inédito) do poeta por Ernesto Guerra da Cal", com o anúncio do seu trabalho e de outros materiais. O texto de Da Cal encontra-se no lugar mais preferente: ocupa as páginas 2-3, com o título "Rememoração. Federico García Lorca", com dois retrados do produtor andaluz e mais a reprodução da dedicatória do *Poema del Cante Jondo*, especificando no pé da mesma que "foi amigo de Lorca nos anos 30"[252].

Encontramo-nos perante um trabalho com muitos centros de interesse e leituras: Da Cal reivindica-se bom amigo e conhecedor de Lorca, e aproveita para inserir elementos sobre ele próprio e as suas ideias sobre a poesia ou as relações pessoais. Procura a cumplicidade do leitor português, com alusões de teor pejorativo para Madrid ("uma

---

Atencia e Da Cal: Lorca, a produção e crítica de poesia, e a língua galega. O diálogo será muito frutífero, com conivência em muitos assuntos, e traduzir-se-á em novos produtos de colaboração, como se verá. Atencia (6-X-1986) publica no jornal *Sur*, de Málaga, um artigo sobre o primeiro dos SPG lorquianos. Emenda anteriores trabalhos e esclarece que, quando ultimava o livro que publicou esse ano, se inteirou da aparição dos originais e da primeira revelação de Da Cal, mas não teve tempo de a incorporar.
O volume sobre os SPG, editado pouco antes, com ensejo da Feira do Livro de Madrid, começa com uma "Nota" de Jorge Guillén, que defende que Lorca "se atrevió a redactar en aquel idioma unas poesías de tipo más o menos folklórico. Y lo fue realizando poco a poco, según las sucesivas circunstancias. Si la historia asesina no hubiese interrumpido su existencia, sus amistades y estancias en Cataluña se habrían manifestado en catalán". No epílogo, de Atencia, intitulado "Federico, autor o autorizante", resumem-se dados que vigoravam até a altura, afirma que sobre o produto publicado em 1935 pela editora Nós "habían pasado las manos de –siquiera– Manteiga, Lamas, Guerra da Cal y Blanco [Amor]. Un manuscrito del que Federico era, cada vez, menos autor que autorizante". Guillén e Atencia tentam passar para um segundo plano o relevo literário dos SPG no conjunto da produção lorquiana. No caso de Atencia, ao defender a tese de ser Lorca mais "autorizante" de que "autor" mesmo enfraquece o papel de Lorca e frisa a manipulação do texto por outras mãos. Nos primeiros dias de Outubro, Da Cal envia duas cartas para Maria Victoria Atencia em que insiste na sua posição e reprova a actuação de Blanco-Amor.

252 Nesse texto Da Cal fala do homem e das suas produções. Cita Emily Dickinson, Falla, Vicente Aleixandre, Luis Cernuda, Dali, Borges, Oscar Wilde, Quevedo, Lope de Vega, Ruiz de Alarcón, Rubén Dario, Antonio Machado, Buñuel, Pepín Bello, Rubio Sacristán, Ben Jonhson, Góngora, Pessoa, Juan Marinello e Herschel Brickell, para assinalar relações de Lorca, opiniões, ou valer-se de símiles a ele aplicáveis, com citações em espanhol e em inglês. Elabora uma imagem de grande atractivo e enigmática, apresentando Lorca como uma "presença", afirmando que nunca conhecera outra igual. Refere-se à questão da homossexualidade, aludindo a ela como "amor escuro". Da Cal teoriza sobre a poesia, que lhe permitiria a Lorca prognosticar e aventurar uma possível implicação da Guardia Civil na sua morte. Assinala: "Poder-se-ia dizer que o poeta representava a sua vida: a máscara era o homem, a 'persona' era a pessoa. E talvez o seu 'eu' mais autêntico fosse esse 'eu' artístico que ele tão genuina e generosamente representava, envolvendo os outros como público", defendendo que foi "o único impulso realmente renovador das artes do teatro de língua castelhana" e "Na poesia hispânica, depois de Góngora e Rubén Darío, foi o maior inventor de formas líricas, deixou um espaço vazio que ninguém até hoje encheu. Na ibérica só Pessoa pode ombrear-se com ele". Frisa que "brincava com a linguagem, inventando constantemente palavras que naturalmente usava sem nunca explicar o seu sentido". Conclui Da Cal que "a sua última metáfora mitificadora foi a sua morte, pendurado nos cornos do negro minotauro da Espanha negra. Foi a mesma morte violenta que ele tão repetidamente tinha imaginado para os seus heróis poéticos" e faz uma comparativa com a morte de uma das personagems lorquianas, "Antoñito el Camborio, o grande herói cigano do seu *Romancero*".

fosa séptica") e a Espanha como referente de oposição de Portugal, ciente de que poderiam funcionar e que ofereceriam um acréscimo de polémica. Este trabalho será acolhido com interesse[253]. Em carta que encaminha aos 21-VIII-1986 para Franco Grande junta o artigo e afirma: "Teve enorme sucesso: desde segunda-feira pasada que saiu o JL, o telefone não tem parado de tilintar. Toda a gente diz que nele está o Poeta 'vivo' e não empalhado". Também escreve, para Xan Carballa, do jornal *A Nosa Terra*, aos 4-X-1986, e oferece-lhe publicá-lo[254].

Em 11 de Setembro **Franco Grande** ocupa de novo a última página, inteira, de *Faro de Vigo* com o artigo "Crónica dun día en Estoril. Un García Lorca inédito e inaudito". Afirma ter estado o 25 de Julho[255] no Estoril para apresentar Guerra da Cal e Ian Gibson, biógrafo de García Lorca, que se não conheciam e eram amigos comuns dele. O diálogo abriu novos horizontes a Gibson, relata Franco Grande, pois o especialista irlandês não reparara em questões que testemunhara directamente Da Cal pela amizade que os unira. Acrescenta (Franco Grande, 11-IX-1986: 48):

---

253 Esse interesse durará vários meses, o que prova o impacte do trabalho.
**Joaquim Montezuma de Carvalho** (18-VIII-1986, em carta) refere-se a ele como "retrato definitivo, a um tempo físico e mental, com 4 olhos de ver: os carnais e os espirituais. [...] O José Luis Cano e tantos outros não foram tão longe como o Amigo em duas simples páginas. Pode dizer-se que, para além do convívio pessoal, o Dr. Ernesto conheceu a Lorca por fóra e por dentro –um dentro que ora revelou em todo o seu novelo complicado e unánime". Da Cal tinha reatado o contacto com Montezuma em Julho. Até ao fim desse ano, continuará um relacionamento em que, além de Eça de Queirós, o principal protagonista será Lorca, junto com outras figuras da intelectualidade ibérica (Teixeira de Pascoaes, Unamuno, A. Lopes Vieira, Ian Gibson e outros), mesmo produtores da Argentina que homenagearam Lorca. Recuperará também protagonismo o filme do uruguaiano Enrique Amorim sobre Lorca, que Montezuma entregara a Da Cal em 1970 e que com posterioridade fora para os arquivos da HSA. Montezuma (29-IX-1986) refere toda a história respeitante ao filme sobre Lorca do uruguaiano Enrique Amorín, num depoimento que redigiu para o festival de cinema de Arcos de Val de Vez, em foi projectada cópia dessa película e lido um seu escrito, conservado no Espólio EGC, em que faz ampla referência ao artigo dacaliano do *Jornal de Letras* de Lisboa, e reitera que em nenhum outro texto vira uma caracterização de García Lorca tão bem feita. Em 18-X e 11-XI-1986 de novo há matéria lorquiana no epistolário Montezuma-Da Cal.
**Franco Grande** (21-IX-1986) frisa que "essa imagem de Federico não nos tinha sido transmitida [...] Por isso que quando se queira saber como foi o Lorca, julgo que o teu artigo será material de consulta indispensável. (Por certo, o desenho a cor da primeira página, está na tua posse? Não me é conhecido e não o vejo em O. C. (Aguilar). É um belo desenho". Pergunta por quantos capítulos estão prontos da monografia lorquiana".
**Luís Amaro** (6-XI-1986), da revista *Colóquio/Letras*, parabeniza-o "pelo seu belo artigo lorquiano no JL!" e anuncia que a resenha sobre APCR "sairá, espero, no próximo número –ou seja, o deste mês, já atrasado". Acrescenta Amaro: "Quanto a um texto seu, queirosiano, é que nada sei, apesar de há muito prometido". Observa-se o interesse em satisfazê-lo, e também em demandar colaborações suas para aquela revista.

254 Afirma que havia interesse em *El País* de Madrid e no *Jornal de Letras* do Rio, mas em nenhuma destas duas publicações se divulgou. No caso do jornal madrileno, o próprio Ian Gibson fez de mediador, com insucesso apesar do seu prestígio. Novas versões publicar-se-ão em Outubro desse mesmo ano em *A Nosa Terra*, e na revista *Nós* correspondente ao período Setembro 1986-Março 1987.

255 No artigo deduz-se que também o 26, data da fotografia que acompanha a informação, em que estão Guerra da Cal e Ian Gibson.

> Pero o asombro de Ian foi cando o Ernesto, con toda a naturalidade, se puxo a cantar poemas armonizados por Lorca –armonizacións que hoxe xa non coñece ninguén–, poemas do propio Federico ou cancións populares. Ian decatouse ao momento de que ese mundo inmenso era un Lorca inédito, do que non queda constancia en parte algunha, verdadeiramente inaudito. O prodixioso ouvido musical do Ernesto, e a súa nada común memoria, salvaron do esquenzo estas armonizacións.

Franco Grande insiste no grande relevo de que Da Cal permitisse recuperar, com o seu testemunho, produções lorquianas, que Gibson gravou, indicando o fascínio do pesquisador irlandês por aquela descoberta. Para além da revelação das qualidades musicais e memorísticas de Da Cal, o artigo demonstra uma intimidade Da Cal-García Lorca que reforça a ideia da sua intervenção nos SPG, embora não se fale deles[256].

**X. L. Méndez Ferrín** (13-X-1986) dedica um artigo à "Rememoração" realizada por Da Cal no *Jornal de Letras* de Lisboa, que valoriza como "o que eu supoño a mais bela e veraz etopeia de Federico García Lorca, da mao do que fora seu amigo, o poeta e filólogo Ernesto Guerra da Cal, ferrolán de pro". Ferrín recomenda "a leitura deste texto conmovente e sincero", e afirma:

> De dar creto ao meu defunto amigo Eduardo Blanco Amor, que non poucas veces edificaba con primor torres de trolas, nunha excursión en automóvel a Galicia, desde Madrid, Guerra da Cal, moi noviño daquela, por pouco afoga nunha praia do norte, o que daría pé ao poema galego de Lorca sobre o "adoescente afogado". Digan o que queiran, parece que non hai dúbida ningunha de que Guerra da Cal e Lorca estiveron unidos por unha boa amizade e de que o profesor galego é principal responsable dos sete [sic] poemas do granadino aparecidos no noso idioma [...] Endemáis, poucos homes mellor dotados polo destino con atributos tais como os de Guerra da Cal para retratar a Lorca. El é o crítico da nova estilística que maravillara a Helmut Hatzfeld e que brilla coa mesma luz de Spitzer, o escritor galegoportugués entrañado na nostalxia dunha imposíbel patria perdida, o valente capitán republicano que serviu a causa da libertade no Quinto Reximento, o amigo persoal do grande poeta, aquel que como este posúe entre os dons da sua alma o de "homem bon". [...] Como sempre, Ernesto Guerra da Cal estivo magnífico. ¡Mágoa que demorara cincuenta anos para enteirarnos de cómo era aquel mozo chamado Federico García Lorca!

Da Cal (17-XI-1986), em carta que encaminha para Franco Grande, refere-se a os seus projectos lorquianos e valoriza positivamente este artigo de Ferrín.

***La Voz de Galicia*** (4-XII-1986) dedica um especial do seu "Cuaderno de Cultura" a Garcia Lorca, com ensejo do 54 aniversário da publicação do primeiro poema galego do produtor andaluz. Da Cal aparece citado em vários trabalhos, salientando-se a sua amizade e a intervenção na génese dos SPG[257]. A maior presença encontra-se no artigo

---

[256] Em *La Voz de Galicia*, José Landeira Yrago (3-X-1986) refere como Franco Grande lhe tinha comentado que aquele verão ouvira cantar a Da Cal uma "sevillana" lorquiana, no Estoril.

[257] X. Bouza Barcia entrevista a Carlos Martínez-Barbeito e alude a essa dupla condição de Da Cal. O maior espaço é ocupado por outra entrevista, realizada por Benjamín Prado a Rafael Alberti, em que estoutro poeta andaluz defende a tese da intervenção mais privilegiada de Blanco-Amor, indicando-se

"El intermezzo galaico" de **César Antonio Molina**, um trabalho bem documentado que se ampara em testemunhos de Martínez Barbeito, no estudo de Landeira Yrago, no contributo que supunha o aparecimento dos originais na biblioteca de Blanco Amor, e dedica generoso espaço para citar o artigo de Da Cal no *Jornal de Letras* de Lisboa. "Pero Ernesto Guerra da Cal –conclui Molina– en su larga 'Rememoração' no hace la más mínima mención a los poemas gallegos o a Galicia". Evidenciava-se como o ter-se encontrado os autógrafos dos SPG tinha contribuído para um maior conhecimento de Da Cal na Galiza, quebrando a marginalização pelo seu lusismo, e aparecendo como figura mesmo central, pelo seu contributo naquele produto lorquiano.

III.3.1.10.4.-A centralidade rosaliana e a internacionalização da APCR

Um outro centro que igualmente o manterá na actualidade será a recepção da APCR, que distribui a diferentes críticos e pessoas interessadas, e que lhe respondem com valorizações publicadas em diferentes meios, ou pessoalmente através de epístolas[258]. Este produto satisfará Da Cal, pelo sucesso público, ao encontrar-se entre os mais

---

nesse trabalho que (Prado, 4-XII-1985: 4) "en octubre de ese mismo año [1932], el poeta [Lorca] leyó la mayoría de los textos [dos SPG], posiblemente cinco de los seis poemas, en la librería de Luis Manteiga, de Lugo. El sexto, 'Cantiga do neno na tenda', debió de ser compuesto en 1934, durante la estancia de Lorca en Buenos Aires" (No Espólio EGC conserva-se um exemplar deste caderno cultural. Neste parágrafo há uma indicação e, escrito com lápis, a anotação "falso", redigida com letra de Da Cal. Também figura salientado com "*!" um trecho de uma resposta de Alberti a essa entrevista, em que afirma que em 1934 Lorca deveu colaborar com Blanco Amor em Buenos Aires na correção dos SPG.)
A jornalista Carmen Parada, no artigo "La biografía gallega de García Lorca" cita também a amizade de Da Cal com Lorca e a sua intervenção nos SPG. Parada alude a Alonso Montero, e afirma que "Finalmente Guerra da Cal hizo unas revelaciones sobre los poemas gallegos de García Lorca, asegurando que no sabía gallego ni es el autor de los poemas". Esta última frase está sublinhada a lápis no exemplar deste caderno conservado no Espólio EGC, e escrito "falso" a par da linha em que se encontra.

258 Assim obram **Manuel Maria** (aos 9-I-1986), **José Luís Fontenla** (11-I-1986), e **Paz-Andrade** (3-II-1986, afirma: "Penso que constitue a mais esgrevia ofrenda do Centenario, maiormente pol-a apresentação, as aportacións enriquecedoras que conten, sobor de todo as da lira lusitana. Enviolle a miña felicitación cordial por este novo alarde de visión e certeira matización crítica, virtudes das que por acá andamos ben escasos") ou **Ramón Piñeiro** (24-V-1986, em que valoriza: "A 'Apresentação' é unha boa introducción ao mundo rosaliano, tanto poético coma persoal, na que se van tratando con agudeza e claridade os temas esenciais que configuran ese mundo. Acho interesante a análise interpretativa do bilingüismo e coido que sinalas con suficiente claridade a riqueza e autenticidade radical do seu mundo poético, a sua orixinalidade dentro do panorama poético español, a profundidade e a forza poética de Rosalía na correlación tópica con Bécquer, e sua fidelidade permanente á Galicia popular, e en tantos outros temas que tratas. Eu concordo moi especialmente na importancia fundamental da 'sombra de Thanatos' como elemento condicionante –mesmo poderíamos decir *constitutivo*—da personalidade de Rosalía". A epístola dá pé a Piñeiro para longa digressão sobre a poeta, concluindo a respeito de *En las orillas del Sar* que "as observacións tuas e as de Poullain sobre as diferencias na expresión poética de Rosalía segundo a lingua que emprega son atinadas. Ti resúmelas moi felizmente ao decir que cando fai poesia en galego está *falando* e cando a fai en castelán está *escribindo*"). Também **Humberto Carlos Baquero Moreno** (24-I-1986), do Ministério da Educação e Cultura de Portugal.

vendidos[259]. O bom acolhimento espelhar-se-á nas **referências publicadas em Portugal, no Brasil, na Galiza e na Inglaterra, o que significava a internacionalização desse trabalho**. A realização deste volume ocasionou um desencontro com a Fundação Rosalia de Castro, que levou a Da Cal a reagir dando-se de baixa como sócio da instituição, mas que finalmente se solucionou[260].

**António Valdemar** (5-I-1986), no *Diário de Notícias* (Lisboa) afirma ser APCR, junto com um trabalho de Orlando Ribeiro, "o mais significativo contributo surgido entre nós no decurso do centenário da morte de Rosalia de Castro".

**Luís Miranda Rocha** (6-I-1986), no *Diário de Lisboa*, ocupa-se da APCR e do volume de *Rosalírica* de Xosé Lois García. Do de Da Cal afirma que o nome do organizador "é garantia de bom critério" por ser "mais do que um lusófilo". Compara os dois volumes, e conclui (Rocha, 6-I-1986:3) que "a antologia de Rosalia feita por Da Cal para a editora de Lisboa ganha, certamente, uma importância que *Rosalírica* não tem".

**Francisco Moreira das Neves** (8-I-1986), no *Jornal da Madeira*, realça "a importância" de APCR[261]. A respeito da dedicação rosaliana de Da Cal, acrescenta que foi "constantemente fiel à sua gloriosa memória, dá-nos agora o mais puro testemunho de comovida admiração e gratidão inalterável", e valoriza: "Não podia o centenário de

---

259 V. gr. na referência publicada no jornal *Semanário* aos 10-I-1986, em que APCR aparece como o terceiro volume, entre os não romances, mais vendidos nessa semana em Portugal, após um ensaio político de Diogo Freitas do Amaral e a *Fotobiografia* de Florbela Espanca, e por diante de volumes de Bruna Lombardi e de Maria Lourdes Pintasilgo (Pintasilgo e Freitas do Amaral estavam na altura no instante central da campanha para as eleições presidenciais em Portugal. Desempenharam importantes responsabilidades políticas em Governos anteriores, sendo ela a primeira mulher que atingira o posto de Primeira-Ministra). Da Cal assim o comunica a certas pessoas (v. gr., em carta de 15-I-1986 para Ricardo Carvalho Calero, em que ressalta a "excepcional acolhida" do volume, "sobretudo no *Jornal de Madeira* e no *Semanário*, onde foi considerado best-seller").

260 Da Cal (12-II-1986) escreve a Agustín Sixto Seco, presidente da Fundación Rosalía de Castro, em que junta um exemplar da APCR e reprova que se lhe não tivessem enviado os dados que solicitara na carta de 16-VI-1985, indicando que os recebera "nos fins de Agosto [...] enviados dos E.U.A., de fonte bibliográfica norte-americana". No final justifica a devolução, através do mesmo envelope, da "Tarxeta de Sócio, nº 136" fazendo o "pedido de que V. Exª. diligencie a eliminação do meu nome da lista dos mesmos, favor esse pelo qual ficar-lhe-ei muito penhorado".
Sixto Seco (25-II-1986) desculpa-se "po-la evidente descortesia", que atribui a um erro relacionado com o muito atafego do Patronato com ensejo da celebração do centenário. Seco devolve para Da Cal "o seu tarxetón de socio. Para nós é unha honra que vostede figure entre os que, dende sempre, honraron á nosa poeta", reiterando as desculpas, que serão aceites por Da Cal em epistolário posterior.
Através desta luta com Sixto Seco, médico, figura próxima ao presidente da Xunta de Galicia, Fernández Albor, e nome importante entre os defensores da normativa ortográfica ILG-RAG, Da Cal reivindica-se e exige respeito ao trabalho intelectual.

261 Frisa de Da Cal o "amor de sempre ao nosso país". Salienta a BQ e LEEQ: "afirma-se uma excepcional competência de erudito e a mais requintada sensibilidade de artista, profundo conhecedor dos segredos do idioma lusíada a que tem dedicado as melhores horas da sua vida". Referencia LAM, RST, FI e o ter sido "companheiro apaixonado do grande García Lorca". Afirma tê-lo conhecido em 1960, nos Jogos Florais de Guimarães em que, lembra, "foi ele uma presença dominadora de alto nível intelectual e um coração aberto a todas as simpatias humanas, sem prejuízo das suas preferências ideológicas".

Rosalia ter melhor consagração, capaz de excitar o interesse de novas gerações pela existência angustiada e fremente da suprema cantora da Galiza, tão intimamente ligada às raízes linguísticas e ao destino da Pátria de Camões".

**Francisco Assis Pacheco** (17-I-1986: 44), no semanário *O Jornal*, comenta três volumes editados por ocasião do centenário de Rosalia: APCR e dois publicados na Galiza por Alonso Montero e Xosé Lois García. Refere-se a Da Cal como "mestre galego radicado no Estoril". Conclui que APCR "a todos os títulos, incluindo o afectivo, reclama lugar na nossa estante", e indica insuficiências nos outros dois produtos a respeito do dacaliano, frisando a reprodução das "grafias diferentes para dar ao leitor uma ideia do problema com que se defronta o galego hoje em dia".

Em *Tempo*, **Natércia Freire** (31-I/6-II-11986: 9) afirma: "Penso que este livro se deveria guardar como um tesouro". Define Da Cal como "estelar poeta e crítico", e salienta o seu labor em diferentes âmbitos e a sua lusofilia, num artigo que contribuia a engrandecer a figura dacaliana em Portugal ao estar assinado por uma poeta que ocupava um lugar importante nos CL, CEL e no campo jornalístico. Uma recensão, sem dúvida, das mais aguardadas e valorizadas por Da Cal[262].

**José Carlos González** (10-II-1986), no *Diário de Lisboa*, afirma estar "cuidadosamente elaborada" e "não é um jazigo, nem coisa tumular. É memória e lembrança viva, operação de consciência e de verdadeira intelectualidade". Salienta "a coragem de E. Guerra da Cal, sobretudo, a de transpor alguns poemas de Rosalia para a *grafia* portuguesa. [...] Que dizer mais da "*Rosaliana*" de Guerra da Cal? Apenas que é uma obra essencial".

O quinzenário *O Vianense* inclui na capa um artigo do seu colaborador **Severino Costa** (15-II-1986) sobre o centenário de Rosalia, em que salienta APCR. Também em publicações de âmbito mais restrito que os grandes meios de Lisboa ecoa o trabalho de Da Cal, muito bem valorizado.

No jornal *La Voz de Galicia*, **Xavier Costa Clavell** (4-III-1986) qualifica-o de "precioso volumen" e valoriza-o como "el mejor homenaje que se le podría haber hecho

[262] Na epístola que endereça Da Cal (8-III-1986) para Xan Carballa, do jornal *A Nosa Terra*, junta este artigo de Freire e oferece-o para publicar no semanário galego, indicando que tinha solicitado autorização da autora. Fê-lo desta maneira: "Como do meu livro sobre Rosalia –que foi um dos 'best sellers' de Lisboa durante a quadra Natalícia, pouco se disse na imprensa galega (apesar de ser a publicação mais importante do Centenário –não sou eu a dizê-lo) junto aqui um dos melhores artigos, entre mais duma dúzia que até agora apareceram na imprensa portuguesa, pensando que, (aliás por tratar-se duma figura literária da importância de Natércia Freire) vos possa interessar reproduzi-lo".

a Rosalía en Portugal. Pero no deja de resultar curioso que los poemas en gallego, incluidos los de la propia Rosalía de Castro, hayan sido –a mi juicio—innecesariamente traducidos al portugués".

No balanço do ano literário de 1985, **João Almeida Flor** referencia com destaque, na **Prelo**, a APCR, ao se ocupar da tradução literária. Valoriza as versões de outros idiomas para português, e a respeito das composições em galego de Rosalia, afirma (Flor, 1986):

> não é propriamente de tradução interlinguística: trata-se, antes, de transcrever uma variedade regional e arcaica da língua portuguesa, normalizando-a e introduzindo-lhe as adaptações necessárias à sua imediata inteligibilidade. Na sua tripla qualidade de poeta, crítico e erudito, o organizador desta *Antologia Poética* de Rosalía de Castro realizou um trabalho valioso que poderá contribuir para dinamizar o nosso diálogo, tantas vezes adiado, com as literaturas ibéricas[263].

Flor assume assim a teoria de Da Cal a respeito do galego no estudo introdutório do volume, e contribui para divulgá-la em Portugal.

Em Abril, no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, **Gilberto Mendoça Teles** assinala que este novo trabalho "reafirma as qualidades críticas de Guerra da Cal e põe em cena para os leitores luso-brasileiros, os melhores momentos poéticos de que é a mais importante figura de toda a literatura da Galisa [sic]". Ao empregar esta forma em lugar da mais habitual no Brasil ("Galícia") este professor e crítico está a fazer seguimento do galeguismo de Da Cal e difunde-o no Brasil.

No *Jornal de Letras* de Lisboa, **Luís Fagundes Duarte** (29-IX/5-X-1986) salienta o trabalho linguístico de Da Cal com a poesia de  Rosalia. Afirma que "Guerra da Cal fornece-nos uma imagem de Rosalia enquanto mulher e escritor visceralmente galega a que não estamos habituados". Conclui que "Do conjunto, ressalta uma obra que é importante ler e comentar, e que passa a ocupar um lugar destacado na bibliografia rosaliana".

Na *Agália*, **Francisco Salinas Portugal** emprega o superlativo (Salinas, 1986:363) "utilíssima/o" para uma valorização de conjunto da parte inicial, por oferecer "umha aproximaçom nom mistificadora" de Rosalia. Afirma ser para ele "desconhecido" o poema dedicado a Camões. Discrepa de algumas adaptações do original rosaliano

[263] As literaturas em língua castelhana representaram (Flor, 1986: 88) o 14% das traduções do ano 1985, a mesma quantidade que as da área cultural de língua alemã, ambas ultrapassadas pelo 28% das traduções provenientes do intersistema francófono e do 42% do anglófono.

realizadas por Da Cal, e admite a polémica na Galiza pela questão da ortografia, a que Da Cal contribui para dar uma nova dimensão, mas a oposição das instituições do Campo do Poder Político não favoreciam uma discusão aberta, como era o objectivo de Da Cal, que queria fazer ver o valioso das adaptações que tinha realizado para a projecção dos produtores galegos.

**Catherine Davies**, em *Cá e Lá*, revista da Leeds University, afirma que Da Cal tentava aproximar o leitor em língua portuguesa da produtora galega, pois as edições portuguesa e brasileira de Rosalia tiveram circulação muito restrita, pelo que "esta antologia quere arremediar [sic] tal situación lamentable". Põe em destaque a "bibliografia escolmada" e alguns dos contribuidores para o "Cancioneiro", e finaliza valorizando que "este libro é unha boa introducción á literatura galega prós portugueses"[264].

III.3.1.10.5.-Projecção de FI em Portugal, Galiza e Inglaterra.

O poemário FI recebe críticas em publicações da Galiza, Portugal e do Reino Unido. Ocupam-se desse produto Manuel Maria, Taborda de Vasconcelos, Luiz Fagundes Duarte e Catherine Davies, nomes bem conhecidos dos campos literário galego e da crítica literária de Portugal e do Reino Unido. Trata-se portanto de valorizações de relevo da sua produção literária.

Na revista *O Médico* **Taborda de Vasconcelos** afirma que Da Cal (Vasconcelos, II-1986: 345) "completa, sem prejuízo da sua identidade nativa, o 'processo de integração' no mundo lusíada, processo já antes assinalado por Jacinto do Prado Coelho e Rodrigues Lapa". Afirma que LAM e RST foram editados "na feição galega da nossa língua" mas FI estava "redigido no nosso idioma", porém os poemas (Vasconcelos, II-1986: 344) "quer pela atitude lírica, quer por alguns temas e certos pormenores de forma, quer ainda pelos sentimentos que neles se agitam, e apesar do seu carácter afim do português, diferem deste. São galaico-portugueses". Cita a frase de Da Cal de que "O português é a minha Ítaca perdida e achada", e refere-se ao conflito ortográfico da Galiza, assumindo o discurso de Da Cal e de grupos como a Associação de Amizade

[264] Davies também se ocupa, embora de maneira muito mais breve, do volume *Rosalía de Castro. Unha obra non asumida*, em que produtores como Francisco Rodríguez ou Pilar García Negro tentavam divulgar uma nova interpretração da produção rosaliana com perspectiva do nacionalismo (Rodríguez e García Negro eram figuras culturais centrais da UPG-BNG) de que oferece também uma elevada valorização. A preeminência que oferece ao trabalho de Da Cal, ao colocá-lo primeiro e dedicar-lhe mais espaço, dá a entender que o considerava superior a estoutro notável contributo do centenário rosaliano. Na mesma secção anuncia-se recensão de FI no próximo número dessa publicação, mas também naquele próprio número Davies fala desse poemário em especial do "Antelóquio Indispensável" (veja-se infra).

Galiza Portugal. Salienta que na poesia dacaliana "compensam a mocidade perdida as vantagens que, em experiência, conhecimento e disciplina mental, a maturidade nos concede" e põe em destaque os "prudentes conselhos de amigo" que vê nos poemas.

Sob o pseudónimo de Manuel Hortas Vilanova, **Manuel Maria** (13-III-1986) em *A Nosa Terra*, demonstra admiração por FI e por APCR. Afirma que Da Cal fora para ele "–e ainda é–, dende hai moitos anos, unha lenda. Tíñannos falado dél Eduardo Blanco-Amor e Anxel Fole. Informa da residência em Quiroga, indicando que em LAM e RST "a súa poesía chamou poderosamente a nosa atención". Afirma de FI que "o livro non pode ser máis suxestivo e suxeridor", manifestando ser da sua preferência os poemas "Sina", "Pátria" e mais os dedicados a Pardo de Cela e a Meendinho. E valoriza:

> Nestas composicións vive e latexa un fondo e inevitable amor pola patria galega. Son unha testimuña conmovedora e apaixoante deica o delirio: palabras que firen pra sempre a nosa sensibilidade. [...]
> No concerto da poesía galega Guerra da Cal ten un rigor e unha música desusada, melodiosa e brusca. [...] Guerra da Cal leva, no máis fondo do seu ser, os rimos da súa infancia e da súa adolescencia.

Este agente do nacionalismo galego destacava assim este produto literário, que assumia como galego, por mais que discrepasse do cânone ortográfico em que estava redigido, e ao respeito resulta muito significativa a omissão de qualquer referência ao "Antelóquio indispensável".

Em *Colóquio Letras*, em Maio, **Luís Fagundes Duarte** recenseia de novo FI de maneira muito positiva, como com anterioridade no *Jornal de Letras* lisbonense. Julga que este volume "representa um novo avanço" no sentido de reintegrar a língua da Galiza no português. Lembra a trajectória nesta questão de Da Cal, a produção queirosiana, e a respeito deste poemário, valoriza (Duarte, V-1986: 86-87):

> trata-se de um grande livro de poesia escrito em português, com uma ou outra emergência lexical galega, através da qual o A. assume e defende –sobretudo no "Antelóquio indispensável", que é uma obra-prima de lucidez histórica e de clareza arguitiva– a sua condição de "portugalego" por nascimento, por formação e, finalmente, por opção. Para além deste "Antelóquio", o livro é constituído por seis partes, representando cada uma delas, a meu ver, diferentes estádios das experiências vividas pelo A. e por ele catalisadas poeticamente, e o conjunto o testemunho de um espírito que se recusa a envelhecer –pese embora o subtítulo. [...] Estilisticamente, o A. apresenta-nos composições bastante peculiares, muito diferentes –até pelo rigor formal [...] Para Guerra da Cal, a poesia é um jogo e a língua é uma paixão; e o *homo sapiens* é sempre um *homo ludicus*.

Duarte cita diferentes amostras da poesia dacaliana. A crítica indicava também a concepção que os novos críticos e queirosianistas lusos tinham do labor literário de Da

Cal: um jogo, manifestação da paixão pela língua; mas não uma actividade central nele, por mais que talvez fosse essa a maior aspiração de Da Cal, pela sua concepção estilística, para permanecer e se imortalizar, sabedor como era, e assim o tinha escrito, de que os estudos científicos eram passageiros e mais facilmente ultrapassáveis que a produção literária, como de resto ele tentara demonstrar em LEEQ.

Na revista *Cá e Lá*, da Universidade de Leeds, um meio especializado do intersistema anglófono **Catherine Davies** difunde o conflito normativo da Galiza e, ao contrário de Manuel Maria, obvia qualquer referência aos poemas, ocupando-se só do "Antelóquio". Neste trabalho frisa como Da Cal defende serem os seus poemas (Davies, 1986: 14).

> "galaico portugueses", mainly because they are written from a Galician perspective. This leads him to explain in some detail the arguments of the pro-Portuguese Galleguistas who, like himself, believe that modern Gallego should drop "a estapafúrdia grafia tradicional espanholizante" an adopt, as far as possible, a Portuguese orthography, vocabulary and grammar.

Esclarece o leitor anglófono não avisado da polémica ortográfica galega, que segundo ela datava de inícios do século, e refere posições dos grupos que se movimentavam em redor das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Rodrigues Lapa, mas também da Real Academia e do Instituto da Lingua Galega da USC.

O produto dacaliano conseguia assim aprofundar na polémica ortográfica e que ultrapassasse as fronteiras galegas, uma estratégia que buscava internacionalizar o assunto, procurando aliados no exterior, para ajudar a conseguir o objectivo da reintegração. Vasconcelos, Duarte e Davies davam-lhe a razão do ponto de vista do cientista; ao tempo que a valorização de Manuel Maria puxava por ele como literato.

Conclui assim um ano capital para Da Cal, dos mais importantes da sua intensa biografia, ao participar directamente em projectos longamente anelados, pelos quais tanto trabalhara na sua vida: presidir à Comissão do Acordo Ortográfico, com o que significava de que a Galiza era aceite entre a Comunidade Lusófona; e participar com reconhecimento de destaque na equipa que preparava a edição crítica da obra de Eça, tão reivindicada por ele durante décadas. Além disso era reconhecido como poeta em Portugal, e reivindicava-se a sua figura na Galiza. Com 75 anos mantinha-se pois plenamente activo e intervinha directa e decisivamente em muitos âmbitos arvorando os principais projectos que alentara sobretudo desde os inícios do seu exílio em Nova Iorque, relacionados com a língua da Galiza, a literatura de Portugal, e a inclusão da Galiza no âmbito da Lusofonia.

III.3.1.11.-Mundos paralelos: centralidade e periferia em 1987.

Em 1987, nos numerosos contactos e novos produtos, centrados em Portugal e na Galiza, verifica mundos paralelos: enquanto em Portugal recebe apoios e confirma a sua centralidade, na Galiza acusa decepções e fracassos na estratégia em prol da ortografia do galego, ao ser expulsa para a periferia a sua posição. Também é reconhecido pelo seu contributo nos SPG e pela produção literária. Publicou-se a **terceira edição portuguesa do DLPGB**, em cinco volumes. Inclui algumas mudanças no seu contributo[265], e no seu próprio reconhecimento[266].

Procura o reencontro com a memória do seu passado, como evidenciam os contactos que mantém com o poeta catalã Fèlix Cucurull, ou com o amigo português Joaquim Montezuma de Carvalho[267], em que revive passagens como a Guerra de 1936 e a edição de LEEQ.

---

[265] A maior transformação dos seus contributos dá-se nos verbetes "Acácio, Conselheiro" (pp. 18-19), "*Os Maias*" (pp. 596-597), "Queirós, José Maria Eça de" (pp. 886-890) "Realismo" (pp. 909-911), e "Vencidos (Os) da Vida" (pp. 1.136-1.137), em que se incluem ilustrações com as quais se oferece um maior impacte e atractivo. Há variações semelhantes no contributo de literatura galega, incluindo dois novos verbetes a respeito dos da edição príncipe (ver supra), que são os seguintes:

"Contemporâneos na Galiza. O movimento de regeneração da literatura galega" (vol. I, pp. 205-207), assinado de parceria com Ramón Lugris, com epígrafes para a poesia e a prosa narrativa: ocupam-se do labor realizado desde 1950, com destaque para Galaxia, afirmando que "em quinze anos, fez-se mais pela cultura galega que na primeira metade do século" e assinalando "a característica fundamental do movimento cultural galego é o seu anseio de europeísmo". Na poesia e prosa citam citam os produtores e produtos que julgam principais até 1965 e reproduzem a capa de um volume de *Contos* de Castelao e outros autores publicado por Galaxia.

"Pimentel, Luís" (vol. III, p. 827): cita o exercício da profissão de médico e a publicação de poesias em revistas galegas e de Portugal. Afirma que apesar de ter editado pouca produção em vida, tinha grande renome nos meios literários da Galiza e merecia "um lugar de alto destaque na poesia contemporânea da Galiza". Do volume *Sombra do Aire na Herba*, de 1959, assinala que "confirmou a singular qualidade do seu lirismo" e que "embora se tenham apontado as influências de Francis James, Juan Ramón Jiménez e Rilke, todas elas são luzes refractadas no seu prisma lírico, de identidade inconfundível". Cita como bibliografia um trabalho de Celestino Fernández de la Vega.

[266] No verbete "Impressionismo" (1987: 460), Jacinto do Prado Coelho indica que em LEEQ estám "largamente documentados" os meios impressionistas utilizados por Eça; também Coelho, em "Influência espanhola na literatura portuguesa" (1987: 478), remete para LEEQ. De novo Coelho, na epígrafe "Influência portuguesa na literatura galega" salienta (1987: 492), na poesia contemporânea, LAM *e* RST, como "testemunha de modo exemplar a integração na cultura portuguesa". Mais uma vez Coelho, em "Lusofilia" aponta Da Cal (1987: 584) entre a "pléiade de lusófilos" dos Estados Unidos. Hernâni Cidade no contributo "Portugal e as letras portuguesas nas literaturas estrangeiras" aponta (1987: 860) que "Da Cal dá os tópicos para o estudo da influência queirosiana em autores de língua espanhola". Em "Contemporâneos" da poesia galega citam-se LAM e RST e inclui-se fotografia sua.

[267] Aos 19-II-1987, Cucurull responde carta de Da Cal de 17-VIII-1986. Informa-o da morte de Maurici Serralima e de Batista i Roca e indica que "das pessoas por si citadas, só Jaume Miravitlles ainda vive". Afirma que suspeitara de que o historiador E. Ucelay Da Cal fosse filho dele, mas imaginara que não por esperar que aparecesse o apelido Guerra. E finaliza com este parágrafo: "quero agradecê[sic]-lhe as generosas palavras que, na sua carta, dedicou a *Catalunha Republicana i autónoma (1931-1936)*". Da Cal tentava manter aquele contacto que reatara com ensejo da elaboração da APCR e lembrar a estada em Catalunha nos tempos da Guerra da Espanha, aquele país em que agora exercia o seu filho.

III.3.1.11.1.-A internacionalização do discurso queirosiano.

Os seus estudos queirosianos continuam como fonte privilegiada para especialistas de Portugal, Brasil, França ou o Reino Unido, e a nova edição do *Dicionário de Literatura* da editora portuense Figueirinhas contribuirá para afiançar o seu discurso.

*Colóquio Letras* (Sem Autor, III/IV-1987) ocupa-se do **projecto da edição crítica da obra de Eça** e avança a equipa, com Carlos Reis como coordenador, Elza Miné, Beatriz Berrini, Luiz Duarte e Maria do Rosário Milheiro, dando-se já por feito "o apoio (assegurado, prometido ou esperado) de entidades com responsabilidade no panorama cultural português, e ainda avalizado por Ernesto Guerra da Cal". Na mesma revista, **Ofélia Paiva Monteiro** (VII/VIII-1987) remete para a BQ para estudar *O Mistério da Estrada de Sintra*; e **Carlos Reis** (XI/XII-1987), num estudo sobre *A Relíquia*, cita o estudo de Da Cal sobre essa narrativa, e a BQ, e já não discute que esse romance seja literariamente acertado, como faziam Pinheiro Chagas, Simões e outros críticos, questão que deixa de ser alvo de discussão.

De **João Gaspar Simões** publica-se volume recompilatório que recolhe (Simões, 1987: 379) a critica que tinha feito a LEEQ, por não ter estudado Da Cal o contributo de Júlio César Machado, como antecedente das inovações de Eça. O egiptólogo **Luís Manuel de Araújo** (1987) salienta contributos da BQ e LEEQ num trabalho da sua especialidade em que foca Eça de Queirós. A brasileira **Beatriz Berrini** em *Cartas inéditas de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Batalha Reis e outros*, defende (Berrini, 1987: 56):

> julgo que Ernesto Guerra da Cal não teve conhecimento desta missiva [uma em que Eça envia *O Crime do Padre Amaro*], conservada no espólio de Batalha Reis. Entretanto, parecia-lhe –e agora se vê com ampla justificação— que o parecer de Ramalho Ortigão muito contribuira para a reacção de Antero e Batalha, contrária ao romance, inserido nas páginas da *Revista Ocidental* com profundos e longos cortes.

A professora da Universidade de São Paulo cita a BQ, e agradece a Da Cal (Berrini, 1987:4): "as informações facultadas a propósito das cartas a seguir publicadas", nova mostra da ascendência e autoridade que exercia sobre os novos queirosianistas.

**Lucette Petit** (1987) cita também LEEQ num estudo sobre Eça publicado na França. **Campos Matos**, na segunda edição de *Imagens do Portugal Queirosiano* incorpora contributos dos tomos III e IV da BQ, inéditos quando a primeira edição. **Isabel Pires**

---

Aos 9-IX-1987, Da Cal agradece por carta a oferta do V volume da obra de Joaquim de Carvalho, que lhe tinha enviado o filho, Montezuma de Carvalho, e valoriza altamente aquela figura da UC. Pede a maneira de conseguir os 4 volumes anteriores, indicando que no Estoril não era simples.

**de Lima**, em *As Máscaras do Desengano. Para uma abordagem sociológica de "Os Maias", de Eça de Queirós* apela A LEEQ e reitera uma antiga crítica, que faz extensiva a outros produtores do CEL: o não ter investigado de modo "exaustivo, nem sequer preferencial" a multiplicidade de vozes presentes na produção queirosiana. Refere-se ao volume de Da Cal como "hoje clássico trabalho" e assinala (Lima, 1987: 246) que nele apenas no capítulo dedicado ao léxico se dá conta de tal característica "mas não avança nesta análise até porque o seu trabalho tem como linha básica orientadora o levantamento e a discrição das marcas estilísticas mais frequentes na prosa de Eça, genericamente considerada".

**Alan Freeland** (1987) num ensaio sobre *Os Maias,* traduzido em Portugal, cita a BQ, que recomenda como fonte de documentação. LEEQ está considerada entre as "Obras imprescindíveis" salientadas por **Álvaro Gomes** (1987:213 e passim) em *Iniciação activa ao texto literário,* um volume de orientação didáctica para o ensino português.

**Observa-se como está plenamente consolidado o reconhecimento da autoridade de Da Cal,** e como mesmo se tentam atenuar algumas referências a ausências de dados nos seus produtos, como faziam Berrini ou Lima.

III.3.1.11.2.-Novas revelações e centralidade sobre García Lorca.

García Lorca continua a ser tema central: Da Cal revisa a "Rememoração" e acrescenta novas revelações, sendo assinalado como referente principal dos SPG por Ian Gibson e Méndez Ferrín. Lorca estará presente também no seu epistolário desse ano[268].

Da Cal data no "Estoril, 27 de Novembro de 1986" uma **nova versão da "Rememoração" publicada o ano anterior**, intitulada "Federico, na lembrança", com modificações e mudanças estilísticas, embora respeitando a estrutura[269]. Esta versão,

[268] V. gr. nas cartas a Franco Grande (24-II, 23-IV e 16-XII-1987), Victoria Atencia (3-IV e VI-1987), X. M. Álvarez Cáccamo (11-VI, 2-VIII e 9-XII-1987) ou Manuel Fernández Montesinos (29-VII-1987). Da Cal mantém a expectativa sobre a monografia que redigia, e insiste em oferecer novos dados e depoimentos a respeito de aquela relação, que puxava por ele para a actualidade e para indigitá-lo num lugar central para os estudiosos de García Lorca.

[269] Em todas as páginas há acréscimos, emendas e nova redacção. Nas referências comparatistas alude a Wilde, Cocteau, J. Fernández Montesinos, Francisco García Lorca, Jorge Guillén, Dámaso Alonso, Pedro Salinas, Gerardo Diego Góngora, Will, Eça de Queiroz, Unamuno, Ignácio Sánchez Mejías, John Steinbeck e Andy Warhol. Compara Lorca com Cervantes e atribui-lhes o serem (Da Cal, III-1987: 59) "'ingenio lego'" pela sua bagagem de leituras "relativamente modesta", por mais que Lorca (Da Cal, III-1987: 60) "conhecia verdades que ainda não tinham atingido os recintos das aulas universitárias". Acrescenta mais características físicas na discrição de Lorca, e indigita a elegia a Sánchez Mejías como "extraordinária" e "talvez a mais alta de toda a literatura ocidental". No final, indica a morte de Lorca como (Da Cal, III-1987: 67) "a sua derradeira metáfora"

definitiva, publica-a na revista *Nós* (Da Cal, III-1987: 55-67)[270]. Mantém o tom canonizador e expõe outros elementos da sua concepção da literatura. Após a boa receptividade inicial do trabalho, tenta acrescentar a sua referencialidade.

Em *Faro del Lunes*, **Méndez Ferrín** a respeito dos SPG frisa que (Méndez Ferrín: 11-V-87: 2) "Non habería iso se non houbera Guerra da Cal. Se cadra, algún dia levaremos à imprenta unha nova edición que rece así, en portada: 'GARCÍA LORCA/ GUERRA DA CAL, 'Seis Poemas Galegos'. E non pasa nada". Admite a "profunda influencia de todo Lorca" sobre a poesia galega anterior à sua geração (cita Xulio Sigüenza, Iglesia Alvariño, Celso E. Ferreiro, Cuña Novás e Cunqueiro). O respeitado produtor insiste em pôr em destaque o contributo de Da Cal, até ao ponto de reivindicar uma coautoria. A intervenção de Da Cal consolida-se e impõe-se, banindo as dúvidas a respeito de Eduardo Blanco Amor, que nesta ocasião nem é citado. A autoridade legitimadora de Ferrín colabora para colocá-lo num lugar mais cimeiro, ultrapassando os entraves derivados de ser reintegracionista, ao que contribuia que, na altura, Méndez Ferrín já se tinha manifestado de maneira pública em contra do reintegracionismo.

Em medados de Outubro publicou-se *Federico García Lorca. De Nueva York a Fuente Grande (1929-1936)*, de **Ian Gibson**, a segunda parte da biografia do produtor andaluz. Da Cal é utilizado como fonte[271] para diferentes informações, e Gibson alicerça-se em depoimentos através de ligações telefónicas com ele, entre 1984 e 1987; na entrevista pessoal em Portugal, em Julho de 1986; e nos trabalhos sobre Serafín Ferro, FI e APCR. **A respeito dos SPG esclarece-se que foram os seis compostos com intervenção de Da Cal**. O primeiro, publicado em Lugo, começou-o a escrever após a viagem a Galiza em Maio de 1932 (Gibson, 1987: 180-182):

---

[270] Como tinha feito com outros trabalhos, envia este a amizades e pessoas interessadas, segundo se documenta no epistolário citado de Franco Grande, Fernández Montesinos ou X. M. Álvarez Cáccamo.

[271] Em várias páginas deste volume, que se constituiu em referencial para o estudo de Lorca, Da Cal aparece como fonte privilegiada para afirmar questões como, v. gr., que Lorca (Gibson, 1987: 77) "odiaba profundamente" *Canción de Cuna* de Martínez Sierra; ou que a esposa do doutor Marañón tinha abandonado uma encenação (Gibson, 1987: 232) "en protesta por el carácter 'escabroso' de la escena de los cuernos". O reverso do autógrafo de "Cantiga do neno da tenda", dos SPG, serve-lhe para esclarecer (Gibson, 249) um contrato de Lorca. O mais interessante são os depoimentos de teor autobiográfico e as explicações a respeito dos SPG. Afirma que Lorca (Gibson, 1987: 176) ouvira falar galego em Madrid a Da Cal com Serafín Ferro, e que durante a estada de Da Cal na capital de Espanha (Gibson, 1987: 177) "en el Instituto de San Isidro, donde fue compañero de clase del príncipe Juan de Borbón, hijo de Alfonso XIII, Ernesto tuvo que recurrir con frecuencia a los puños para defender el buen nombre de su amada Galicia, así como su propia hombría. Fue una dura, inolvidable lección, y allí el joven llegó a sentir un implacable odio por la cultura castellana". Da Cal diz ter conhecido Lorca em 1931 (Gibson, 1987: 178) "en los emotivos momentos en que se proclama la República", e defende-se que Lorca ficou fascinado "por su presencia física, por su vitalidad, por su inteligencia y por la pasión con que hablaba de Galicia y cantaba canciones gallegas. Sin duda también por la gracia con que tocaba la armónica".

> Y es entonces –o poco tiempo después– cuando nace la idea de componer, entre los dos, un poema, no ya en castellano sino en gallego. […]
> Lorca, si bien podía leer sin demasiados problemas los versos gallegos de Rosalía de Castro y de otros poetas, y aprender de memoria, más o menos fielmente, las letras de las canciones populares gallegas –tarea nada difícil para una persona con tan extraordinaria retentiva poética–, no conocía, ni podía conocer, el idioma, y, por supuesto, no lo hablaba. Según Pérez Guerra el conocimiento que tenía Lorca del gallego oral era puramente pasivo, mientras su contacto con el literario era "bastante precario", aunque, eso sí, "profundamente intuitivo" ¿Cómo, pues, pensar en la posibilidad de escribir él solo un poema en gallego? La única explicación es que Lorca se embarca en aquella aventura contando previamente con la incondicional amistad y la imprescindible colaboración de un amigo gallego. Y ese amigo es Pérez Guerra. Es más: parece claro que la intensa amistad que sentía Lorca por el joven gallego fue una de las principales circunstancias –y tal vez la más importante– que provocó la necesidad de componer un poema en aquel idioma. Como homenaje a un país y a una tradición poética que admiraba antes de conocer al muchacho, indudablemente. Pero también como homenaje a una amistad.
> Así, em mayo o junio de 1932, nació "Madrigal a la ciudad de Santiago" […]
> Compuesto el poema, Federico lo aprenderá de memoria. Y cuando aquel otoño vuelva a Galicia, esta vez con La Barraca, no sólo lo recitará ante la admiración de varias personas sino que lo entregará para ser publicado.
> De acuerdo con Guerra da Cal, el "Madrigal a la ciudad de Santiago" fue el único ensayo poético en gallego acometido por Lorca entonces. Hasta 1934, después de que el poeta volviera de su estancia argentina, no se reanudará aquella colaboración[272].

Insiste-se em que, aquando as primeiras publicações de aquela composição na Galiza e no jornal madrileno *El Sol*, Lorca não esclareceu (Gibson, 1987: 219) "que sin la colaboración de Ernesto Pérez Guerra no habría nacido aquel madrigal que, aprendido de memoria por el poeta, no dejaba de maravillar a gallegos y no gallegos". Os seguintes foram compostos em datas posteriores à morte de Ignacio Sánchez Mejías, acrescenta. Alude também ao papel (Gibson, 1987: 359) de Eduardo Blanco-Amor para favorecer a edição. Relata-se com pormenor a versão de Da Cal, que contribui para difundir a sua participação nas seis composições. O tempo intervém em favor dele, ao ser o único sobrevivente de todas as pessoas implicadas.

[272] No rascunho do trabalho sobre o "Madrigal" redigido para o seu livro sobre os SPG que ficou inédito, e que conservou a viúva Elsie Allen da Cal no Espólio EGC, Da Cal esclarece que Lorca decidiu compor poemas de agradecimento em homenagem à Galiza para reconhecer as atenções que tinha recebido com ensejo da viagem que realizou na primavera de 1932, de que tinha regressado muito feliz. Na ocasião, por volta de Junho de 1932, foi Da Cal quem lhe recomendou que fizesse aquelas composições, pois tinha pensadas inicialmente duas, em galego, oferecendo-se ele como tradutor, ideia que teve bom acolhimento por parte do granadino. Assim, segundo escreve Da Cal nesse texto inédito "Ele, 'homo ludicus', achou divertidíssimo, quando eu lhe propus que dissesse que os tinha feito ele directamente. Concordou e pusemo-nos de acordo, para pôr mãos à obra. Daí a poucos dias, na sua casa, fizemos a tradução simultânea, talvez único [caso?] na história da poesia". Esse primeiro poema foi o "Madrigal" e Da Cal diz ter destruido a versão por ele escrita, mas que Lorca redigiu outra. A respeito da redigida por Lorca e publicada por Alonso Montero (9-I-1981), que Da Cal pensava reproduzir no seu livro, afirma que "apresenta uma riscadura e uma omissão" e acrescenta: "Eu não sei onde ou quando Lorca fez o seu apógrafo. Do que posso dar fé é de que ele o transcreveu –com esas duas máculas– do autógrafo meu da versão oral final a que nesse dia se chegou".

III.3.1.11.3.-Valorizações da produção anterior e novos trabalhos.

Os dois livros que publicou em 1985 têm novos reconhecimentos. Em Portugal e na Inglaterra os recenseadores criticam o centralismo espanhol, amparando-se em informações fornecidas nesses volumes. Também se difunde nova valorização de LAM e RST, e Da Cal publica vários produtos literários.

Em *Colóquio/Letras*, **Albano Nogueira** (II-1987: 123-125), a quem Da Cal tinha conhecido em Nova Iorque quando representava Portugal em tarefas diplomática, escreve crítica em que afirma como em APCR "vem restituí-la [Rosalia] à sua dimensão exacta". Qualifica de "aspecto polémico" as versões para português de textos galegos, consignando "o *sucesso do exercício* proficientemente praticado por Guerra da Cal. [...] aqui ninguém porá razoavelmente em dúvida que a poética rosaliana permaneceu em português, genuína, límpida e *não perturbada*". Conclui tratar-se de uma antologia "organizada com autoridade e amor poético".

O professor **Carlos Jorge Pereira**, na revista *Cá e Lá*, da Universidade de Leeds (em que ele exercia, leccionando português), faz referência a vários produtos de Da Cal. Oferece destaque para a poesia de FI, e reproduz a composição "Conselho de amigo" e também, quase na íntegra, "Guerra –no esquecimento". Afirma que FI merece não passar despercebido pelo "Antelóquio" mas também (Pereira, 1987-28) "pela funda e irónica sabedoria" exprimida nas composições, salientando ainda a "Ária triste dos primeiros setenta anos".

Na primavera, **no volume 4-6 de *Nós***[273], Da Cal participa com a citada rememoração de García Lorca, revista e acrescentada; e reedição da HFGL.
*O Ensino* publicou número múltiplo, o 18-22[274], de homenagem a Carvalho Calero. Aí contribui com **nova apresentação**[275] **na Galiza de D. C. Warnest**: o poema "A Tragic Celtic Rose" (pp. 341-342), com aquela assinatura; e "Tragica Rosa Celtica" (pp. 343-

---

273 Aos 15 de Junho, da Livraria Minho enviam 10 exemplares desse volume 4-6 de *Nós* a Da Cal, que ele encomendara, com a correspondente factura. Da Cal comprava aquela publicação com a intenção de a divulgar entre as suas amizades portuguesas. Era também uma maneira de apoiar economicamente o grupo das Irmandades da Fala: Com certeza que se lhes pedisse exemplares lhos serviriam, mas Da Cal seria ciente das dificuldades que tinham para poder financiar as iniciativas que promocionavam, pela ausência de qualquer ajuda oficial.

274 Da Cal encontra-se entre os membros do Conselho Assessor da publicação e entre os 58 aderentes à "Tabula gratulatoria" de aquele volume.

275 Pode considerar-se o primeiro trabalho de Warnest na Galiza, pois o da revista *Nós* publicado na Primavera desse ano apareceu sem a assinatura de Warnest e sem indicações da sua biografia.

344) como "versão" de Da Cal, dedicada "Para Ricardo Carvalho Calero, amigo e profundo conhecedor de Rosalia". Em "Nota do tradutor" oferece novos "Dados biográficos" de Warnest[276]. Nessa revista incluem-se duas recensões, assinadas com diferentes pseudónimos por **António Gil Hernández**, de APCR e de FI[277].

No número múltiplo 2-4 de *Cadernos do Povo*, **publica "Toque de Rebate[278]" e uma versão do poema de Victoria Atencia "Saudade"** (Da Cal, XII-1987: 107). "Toque de Rebate" aparece sem dedicatória e ocupa três páginas (Da Cal, XII-1987: 101-103). O texto coincide com o que se reproduzirá no ano seguinte em DTMAB. Trata-se de um poema em que o tema de fundo é a desaparição da língua. Nele critica a atitude de galegos que agem de "algozes" para entregar a nação a Madrid, fazendo comparativa com passagens bíblicas. A composição leva como epígrafe versos de Octavio Paz. Outros contributos desse número (Silveira, XII-1987: 87-94; e Freire, XII-1987: 105) talvez fossem por ele angariados, ao se tratar de produtores com que tinha estreito

---

276 Assinala que este poema pertencia a *No in Myself*, um dos dois poemários que tinha deixado inéditos à sua morte, e que a composição se publicava "com autorização dos herdeiros", afirmando que o poema, datado por Warnest em "New York City, 1975", fora redigido com ensejo do 90º aniversário da morte de Rosalia "de cuja obra Warnest planeava publicar uma antologia em versão inglesa". Continua assim a ideia de um heterónimo, que ultrapassava por vez primeira nesta feição as fronteiras portuguesas.

277 Era esta uma estratégia para dar a imagem de serem muitas as pessoas aderentes ao grupo, na realidade muito reduzido, dos defensores galegos do Acordo Ortográfico. De APCR, valoriza (Vales de Oliveira, 1987: 374): "Considero o trabalho do professor galego-norteamericano bem projetado, bem realizado, e, por isto mesmo, modelico para iniciar e aprofundar a comunicação da Galiza com a lusofonia, para conseguir que todos os utentes da lingua portuguesa (que por este motivo são utentes de lingua galega) conheçam suficientemente os autores literarios, proprios e "alheios", para entender o possível diálogo dos escritores com os seus leitores críticos...".

Define na continuação FI como (Agil-Ulfo, 1987: 375) "laborioso [...] intenso e tenso poemario". Analisa a temática, oferecendo destaque ao poema "Guerra-No esquecimento", que reproduz, e a "Pátria", valorizando que neste último (Agil-Ulfo, 1987: 375-376) "O poeta ergue poderoso, vital, eternizante, o patriotismo, a gloria não alcançada mas de certo "conquerível" da Patria [...] De facto o Prof. Guerra da Cal segue incansavel a luitar pola Verdade da Galiza, "coitada, triste e bela Pátria minha", segundo bem prova o "Antelóquio indispensável" com que inicia o poemario. [...] Muito mudou a Galiza [desde LaM e RST], muito mudaram os notaveis (?) da Cultura galega desde então: mas o Prof. Guerra da Cal continuou constante e coerente o caminho iniciado, desinteressadamente, sem escravaturas por razão de "prestigio", sem claudicar perante tentações de fama ou de dinheiro".

Hernández difundia para o professorado galego, principal destinatário de aquela revista, e para o público reintegracionista, aqueles dois produtos, muito insuficientemente conhecidos na Galiza.

278 Da Cal (24-II-1987) comunica a Franco Grande que tinha enviado "Toque de Rebate" para ANT, e que Xan Carballa lhe tinha indicado que se publicaria em Março ou Abril, quando esse jornal incluisse de novo colaborações literárias. Indica que, caso contrário, autorizava que se publicasse em *Follas Secas*.

Da Cal (23-IV-1987), em carta para Franco Grande, inclui nova cópia de "Toque de Rebate", com a dedicatória "Para X. L. Méndez Ferrín, escritor e patriota exemplar", assinado de forma autógrafa "com um abraço amigo do admirador Ernesto Guerra da Cal". Afirma compartilhar a alegria de lhe ter sido outorgado o prémio do Pedrón de Ouro a Ferrín "e mais ainda por seres tu o arauto desse galardão, bem merecido.[...] Tive o intuito de dar-lhe os parabéns de alguma maneira, pessoal –e ocorreu-me a ideia de dedicar-lhe o 'Toque de Rebate' –que, tenho a impressão, que A NOSSA TERRA não vai publicar. [...] Em todo o caso pedir-te-ia o favor de comunicar 'at your earliest convenience' a dedicatória ao Xan Carballa, para, caso ANT resolvesse publicar o "subversivo" poema, apareça já".

relacionamento na altura, alheios aos restantes membros das Irmandades da Fala. Da Cal contribuia assim para dar maior projecção àquela revista.

Nos meados de ano a Fundación Otero Pedrayo publicou o volume *A Literatura Galega no Exílio*, de **Ramón Martínez López**, em que é oferecida ampla referência do labor de Da Cal. Quem fora colega nos EUA valoriza que os poemários LAM e RST (Martínez López, 1987: 55-58):

> representan un momento de gran interés para a evolución da poesía galega no noso século. Como noutros casos, a distancia e o exilio, a lonxanía do añorado, en troque de desdebuxar os firmes trazos reais de Galicia, sublimaos marchando en dúas direccións que xa se produciran antes, por razóns puramente estéticas, nalgúns poetas galegos escribindo na súa terra. Por unha banda, un claro neotrovadorismo, que nada ten a ver coa doada reprodución [...]. Pero hai outra vía, a neopopular, que lle ven dado polo constante revivir da súa infancia, á que se aferra con nobre –e non tópicamente melancólica— saudade rosaliana.

Sublinha que nos dois livros "Da Cal emprega a ortografía portuguesa, en canto é compatible coas esenciais peculiaridades do galego"[279].

**Isaac Alonso Estravis** publica o volume *Estudos Filologicos Galegoportugueses*. Num artigo em que visa a deslegitimação de Ramón Lorenzo, questiona a autoridade do catedrático de Língua e Literatura Galega da USC, tentando demonstrar que não acertava num dos seus principais trabalhos como medievalista, defendendo Estravis que galego e português não eram línguas com as diferenças que assinalavam ele e outros produtores contrários ao reintegracionismo, mas a mesma, com unidade estrutural. Vale-se da recensão de Lorenzo a LAM no jornal *La Noche*, defendendo que Da Cal não errava ao utilizar a forma "naçom", era condizente com o galego histórico[280]. Sai assim na defesa de Da Cal, para atacar um dos maiores opositores do Reintegracionismo. Nesse volume, Estravís reproduz fac-similarmente o escrito de Da Cal, datado em 1-V-1986 e encaminhado para o académico brasileiro Antônio Houaiss, presidente da Comissão para o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, em que afirma

[279] Nesta referência (em que há alguns erros sobretudo em datas) oferece-se uma valorização positiva do contributo de Da Cal por parte de outro exilado que, com ensejo da edição deste volume, receberá no Verão uma homenagem organizada pela Fundación Otero Pedrayo, um dos vários reconhecimento que terá na Galiza. Aderir à normativa ortográfica defendida pelas instituições favorecia estas honras, que retribuiam o contributo para difundir e legitimar aquele cânone ortográfico.

[280] Ao respeito reprova que Lorenzo afirmasse o contrário, e afirma (Estravís, 1987: 59) "Que erro [o de Lorenzo] a respeito do galego historico!!! Erro que tenta corrigir em parte ao editar o Glossario da Cr[onica]. G[eral]. e Cr[onica] de C[astilla]. Diz-nos ao falar de nação, p. 889: "en gall. mod. nación debería ser nazón, la forma dada por Carré y que puede hallarse en algunos escritores...)".

sentir-se “infelizmente impossibilitado, por indisposição” para se deslocar à reunião do Rio, e em que delegava em Estravis[281]para aquela representação.

III.3.1.11.4.-Decepção pela situação periférica na Galiza.

Da Cal exprimirá decepção com a Galiza através dos contactos epistolares que mantinha com diversas pessoas. Esclarecerá como era ciente de que, por causa do seu posicionamento linguístico, não tinha hipótese de conseguir reconhecimento, mas a situação poderia mudar se as circunstâncias políticas fossem outras e a Galiza atingisse estatuto de nação como ele almejava. A sua opinião a respeito do Grupo Galaxia será muito negativa, em especial de García Sabell (o agente do grupo que atingira posição de maior relevo, pois tinha sido designado Senador em representação directa por parte do Rei de Espanha Juan Carlos I, além de ser o Presidente da Real Academia Galega e o Delegado do Goberno de Espanha na Galiza, entre outras posições de projecção pública), a quem critica com dureza na carta que encaminha para Franco Grande aos 10-VIII-1987. Mas também chegará nova decepção com aliados e nomeadamente com Maria do Carmo Henríquez, ao não se dar leitura a um texto seu no segundo congresso da Agal, como se lhe tinha prometido; ou com *A Nosa Terra*, Méndez Ferrín, Carvalho Calero e com Carlos Durão, segundo exprime em cartas a Franco Grande. No entanto, mantinha grande actividade. Ultimava dois novos produtos literários, *6 Poemas a Rosalia e Castro* (6PRC) e *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas* (DTMAB), que serão entregues a editoras, e verão a luz em 1988. A poesia será o nexo de união pessoal também com Maria Victoria Atencia, com o casal Franco Grande, e com X. M. Álvarez Cáccamo: dialoga sobre estes e outros produtos, que frutificarão, com a edição em vários suportes; e também haverá ainda novas recensões para os seus livros de 1985. Anuncia a Atencia que trabalhava para reunir ensaios dispersos, com o intuito de editá-los num volume.

Mantém o relacionamento com os grupos reintegracionistas, e propicia que uma revista de Lisboa dedique um número monográfico para analisar o problema da língua na Galiza[282]. O Acordo Ortográfico impingirá grande energia aquele ano à Comissão

[281] É este um elemento legitimador para Estravís, que também inclui (Estravís, 1987: 80) reprodução fac-similar do escrito de Antônio Houaiss em que certificava a sua participação nesse encontro “em qualidade de observador, em representação da Galiza”, e uma fotografia dele e de Fontenla no Rio.

[282] Nos finais de ano, a revista especializada portuguesa do campo do Direito, *Scientia Iuridica*, dedica um número especial à Galiza. Embora não conste o nome de Da Cal, com certeza que teve influência para conseguir esse objectivo, pois o director da publicação era um bom amigo seu, o Juiz-

Galega, a que ele presidia, e os membros da mesma organizam numerosas actividades e gestões, ao mais alto nível, para conseguir que vingasse; mas sem sucesso[283]. Também continua com os laços com a AELG e reage com interesse perante a situação política da Galiza, solicitando de Franco Grande que medeie para o fazer membro do Clube Nacionalista Alén Nós.

De 23 a 27-IX-1987 celebrou-se em Compostela e em Ourense o **segundo congresso internacional da Agal**. Será um acontecimento que terá bom acolhimento por parte de Da Cal, mas que finalizará com um forte enfrontamento com os organizadores[284].

A **revista *Nó***, da Associação de Escritores em Língua Galega (AELG) **publicou o poema de Da Cal "Ars Poética"** [285]. Esta composição foi resposta de Da Cal a um

---

Conselheiro Francisco José Velozo, autor do texto prefacial (Velozo, VII/XII-1987: 5-7). Esse volume inclui um trabalho de Fontenla, advogado de profissão, sobre a língua (pp. 8-16) e outro do brasileiro Gladstone Chaves de Melo (pp. 17-20). As Irmandades da Fala de Galiza e Portugal atingiam assim importante presença e repercussão internacional, pois aquela revista, além de em Portugal tinha circulação no Brasil e outros países. O grupo da Comissão avança assim nos seus objectivos, embora o Acordo do Rio tivesse oposição e resistências nos países lusófonos, como admitia o contributo de Melo naquele mesmo volume.

283 Foi 1987 um ano de muitas gestões e lutas por causa da ortografia. A Comissão Galega do Acordo Ortográfico intensifica o trabalho perante a expectativa de que entre em vigor e visa que seja reconhecido o direito da Galiza a participar. Alheios à polémica que se dava sobretudo em Portugal, mas também nos outros países do intersistema lusófono, e apesar do desequilíbrio na Galiza pela oposição e a sua situação periférica, os membros da Comissão tentam que o Campo do Poder Político apoie aquela iniciativa e multiplicam a sua presença em foros que entendiam podiam ser decisivos para consegui-lo. A oposição ao Acordo na Galiza estava também no próprio movimento reintegracionista, e a Agal não o aceitava. Aquele desencontro propiciará uma ruptura no Reintegracionismo, que repercutirá em Da Cal, que adere às Irmandades. Entre as actividades dessde ano, a Comissão –que terá uma baixa importante, pela morte de Valentín Paz-Andrade; mas continua com a presença do outro membro da Real Academia Galega, Jenaro Marinhas del Valle, além de Fontenla, Estravis e outras pessoas do âmbito das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal– edita novos exemplares do boletim *Nós*; e das revistas *O Ensino*, *Temas do Ensino* e *Cadernos do Povo*, em que difundiam a sua actividade e projectos, e nos seus escritos utilizava a norma do Acordo de Rio com normalidade.

Aos 6 de Março promocionaram em Vigo um "Encontro Internacional Socialista da Língua", com a participação do PSdeG-PSOE e FETE-UGT da Galiza e o PS português; e esse ano mesmo conseguiram colocar a questão aos presidentes de Espanha e de Portugal, aproveitando uma reunião em Donhana.

284 Inicialmente comunica a Henríquez Salido que participaria, aos 26-II e posteriormente aos 28-VIII-1987, e assim se recolheu na *Agália* (III-1987), mas finalmente não foi, e enviou para ler em público "Toque de Rebate". As diferenças com a Agal surgirão ao se inteirar por Fontenla e Leodegário Azevedo Filho que o poema não fora lido, e assim se manifestam em cartas que envia a Henríquez Salido aos 10-X e 6-XI-1987. Também esclarece a sua frustração em carta para Franco Grande, de 16-XII-1987.

285 Aos 18-III-1987, Da Cal pergunta a X. M. Álvarez Cáccamo pelos materiais dele próprio e de Pedro da Silveira que tinha enviado para aquele número, que deveu sair dos prelos por aquela altura, pois aos 3-IV-1987, em carta a Cáccamo agradece que lhe tivesse enviado exemplares, para ele e para Pedro da Silveira, e reclama alguns mais, um deles para o fazer chegar autografado a Navia Franco (enviou-lhe a revista, com efeito, em 9-IV-1987; e o poema tinha-lho encaminhado aos 21-X-1985), filha de X. L. Franco Grande, a quem dedicara o poema. Insiste na sua disponibilidade para mediar e conseguir colaboração portuguesa para *Nó*. Manterá uma constante relação epistolar com Cáccamo, em que a poesia será tema central. Nessa mesma carta refere ao seu poema "Matemática dramática", incluído no novo poemário DTMAOb (ver infra), que leva na epígrafe uma citação de Jakob Bernoulli, e a coincidência com um trabalho de Cáccamo, assunto que se foca em epístolas posteriores (carta de Da Cal aos 28-IV-1987; e de Cáccamo aos 18-V e 11-VI-1987).

conto que lhe tinha enviado Navia, dedicado, e que ele agradeceu através de cartão postal, com um desenho semelhante ao do poema, e mais um livro de de Eça de Queirós[286].

Com **Maria Victoria Atencia** terá Da Cal esse ano mais colaboração. De "Saudade"[287], para além da publicação já indicada supra, editar-se-á em 1987 uma plaquette, cuidadosamente trabalhada e incluindo só a "versão galaico-portuguesa" de Da Cal, em cuidada separata de quatro páginas[288]. E com data 31.12.87 publicou-se em Lisboa a antologia *Os gestos usuais*, com poesias de María Victoria Atencia seleccionadas e traduzidas para português por José Bento. Este volume iniciava-se com o poema "Niké", de Da Cal, dedicado "A María Victoria, 'aviatrix'"[289]. A produtora andaluza e a editora Assírio e Alvim aproveitavam o capital simbólico de Da Cal em favor da produtora traduzida. Para além de demonstrar a autoridade de Da Cal, esta edição era também uma maneira de reivindicá-lo como poeta em Portugal[290]

Em cartão de Natal que encaminha em 9-XII-1987 para Xosé Maria Álvarez Cáccamo esclarece Da Cal a sua posição:

> Eu tenho plena consciência de que o facto de declarar-me "escritor galego de expressão portuguesa" é uma condenação ao silêncio crítico na Galiza, hoje. Se a nossa Terra

---

286 Trata-se do volume *Contos*, publicado por Europa-América. Da Cal escreveu uma dedicatória, datada aos 27-III-1986: "Em nome do meu amigo José Mª Eça de Queiroz (que do Além-Túmulo onde descansa, muito encarecidamente me pediu para o fazer) envio-te estes *Contos*, magistrais, da autoria dele –que são ponto cume da arte de novelar, não só em língua portuguesa (galaico-portuguesa) como em qualquer outra língua do mundo. Com um abraço muito amigo do teu 'tio'". A respeito do cartão postal, nele anima(m) (conjuntamente com Elsie), para que continue a escrever, pois o conto que lhes tinha enviado "é lindo, emotivo e conciso. Continua por esse caminho, para bem das letras galegas, para a tua satisfação creadora –e para a dos teus pais, que devem estar já babadinhos de vaidade, muito natural".
Aos 23-VII-1987, em carta para Franco Grande, inclui para Návia "apenas um conselho: disciplina a forma, impõe-te padrões justos de ritmo e rima (Só quem domina o uso desses marcos e balizas conquista o direito para prescindir deles –na altura própria", e junta versão de um poema a Rosalia de Victoria Aténcia, que diz lamentar não ter conhecido para incluir no "Cancioneiro Rosaliano", e que afirma dedicar a Rosalia (a outra filha de Franco Grande). Serve-se pois da poesia para estreitar os laços de amizade com aquela família que era um dos seus principais contactos e pontos de encontro com a Galiza

287 Em carta de Da Cal (3-IV-1987) para Victoria Atencia, data em "Janeiro de 1987" essa versão galaico-portuguesa de "Saudade". Com posterioridade a essa epístola, Victoria Atencia e Rafael León deslocaram-se a Estoril para conhecê-lo pessoalmente, e à esposa Elsie.

288 Esta publicação, não venal e para circulação particular, frisa na capa ter sido realizada na "Imprenta Sur" e "al cuidado de Rafael León". Atencia incrementava assim projecção da sua poesia numa nova língua, o que acrescentava o seu capital simbólico, esta vez valendo-se da autoridade de Da Cal, quem por sua vez com este trabalho mais uma vez fazia labores de tradutor. O poema consta de doze versos, distribuídos em duas estrofes; um poema que tem como motivo central Rosalia de Castro.

289 O tema faz referência àquela destreza de Atencia, e nos versos encontram-se alusões a Ícaro, à Ilha do Egeu, ao pendor religioso da produtora andaluza, cujo nome também se introduz na composição. Da Cal incluirá este poema em *Caracol ao Pôr-do-Sol* (ver infra).

290 O poema tinha-o enviado Da Cal para Atencia junto com a carta que lhe endereçara aos 29-VII-1987. Nessa epístola informa tê-lo escrito em 25 de Julho. Da Cal não datou o poema. Isso levará a que, aquando a sua publicação, póstuma (Da Cal, 2001: 24) ponha como data "Estoril, 1988?". Embora o tivesse revisto e modificado ligeiramente, pois há algumas breves diferenças com esta primeira versão.

> chegar a se salvar como entidade nacional diferenciada o futuro será diferente. Se afundar, e passar a ser uma triste e miseranda província espanhola, coisa essa tristemente possível, eu não serei atingido pela erradicação do galego como língua de cultura, pois há tempos me assumi como escritor de expressão portuguesa (e inglesa), para bem e para mal. Assumi-me como galego de nascimento, portugalego de vocação e americano de nacionalidade. Fui sempre, desde a adolescência, "separatista integral" –e consequentemente, desde 1939, separei-me, integralmente.

Tenta assim influir naquele aliado ao oferecer argumentos para justificar a sua posição e que visavam porventura convencr Álvarez Cáccamo.

III.3.1.12**.-**A consagração como cientista em Portugal, em 1988.

Em 1988, o queirosianismo consagrará Da Cal em encontros internacionais de referência, e apadrinhando-o para Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra (UC). Além disso, a Fundação da Casa de Bragança condecorou-o pelos seus méritos.

Editou dois poemários e outros produtos; prosperou o seu discurso sobre os SPG e foi reconhecido de "pioneiro pessoano". Teve contacto com Franco Grande[291], Victoria Atencia[292], Xosé Estévez[293], X. M. Álvarez Cáccamo, J. L. Fontenla, Carlos Reis, Aníbal Pinto de Castro, a lusitanista italiana Luciana Setegagno Pichio, Sixto Seco[294], Ramón Piñeiro ou o presidente da Câmara Municipal de Lugo, Vicente Quiroga[295], em

---

[291] Afirma Da Cal (12-V-1988): "tu és o meu cordão umbilical com essa Terra amada –da qual eu sou um desterrado vitalício– e que desperta em mim sentimentos tão dolorosamente conflictuosos".

[292] No epistolário com esta produtora revela por vezes questões biográficas que só nele se documentam. Da Cal (12-II-1988), a respeito do seu nome, esclarece: "Cal, en el caso de mi patronímico no es esa cal, la que se usa para las paredes, que en gallego, no en portugués, tiene género masculino, o cal. A cal, que procede de canale, es un canal o cañada en sentido general y más específicamente es el 'canal que conduce el agua a la rueda de la azeña', y que en portugués conserva la e y se dice cale. Hay muchos que defienden que ese 'cale', 'canalis' es de donde procede el segundo elemento del nombre 'Portus-Cale'".

[293] Estévez (13-IV-1988) informa-o de pessoas, lugares e tradições de Quiroga, como resposta ao interesse demonstrado por Da Cal em carta de 27-III-1988. Indica o professor da Universidade de Deusto que acabava de ler as memórias de Emílio González López, nas quais aparece "mencionado polo menos duas veces". E questiona-o mais uma vez sobre a reunião do Galeusca, pois mantinha o convencimento de que os irmãos Guerra citados na revista *Alento* eram Ernesto e mais Fernando. Novas epístolas com Estévez (de 5, 12 e 13, e 22-IX-1988) oferecer-lhe-ão ocasião de memorar Quiroga**.**

[294] Da Cal (26-II-1988) agradece um livro em que Carlos Baliñas historia a instituição rosaliana. Retribui com exemplares de LEEQ (edição de 1981) e FI, com dedicatórias "Para o Patronato Rosalia de Castro. Oferta do Sócio nº 136", demonstração de que a briga de dois anos antes estava esquecida.

[295] Quiroga (18-X-1988) informa-o do III Encontro de Escritores da Provincia de Lugo, agendado com ensejo das festas de São Froilão, a que fora convidado. Quiroga (4-XI-1988) convida-o para os actos comemorativos do 70 aniversário do Manifesto Nacionalista de Lugo, um acontecimento de relevo na história do nacionalismo galego em que se memorava aquele documento aprovado numa reunião de câmaras municipais.

que por vezes comunica novos projectos[296] e oferece colaborações[297]. Pesquisou sobre os galegos em Portugal[298] e sobre a Galiza nos escritores portugueses[299]. Actualizou por ultima vez o curriculum vitae[300] e teve um problema de saúde[301]. Continuou o relacionamento com o Reintegracionismo: promociona o Acordo Ortográfico, e será reivindicado como modelo pela Agal[302].

---

A essa altura deve corresponder a carta, sem datar, de Xulio Xiz Ramil, do Gabinete da Presidência do Concelho de Lugo: solicita-lhe o endereço de Anne Marie Morris para realizar um vídeo sobre esta produtora. Ramil afirma que lhe facilitou o contacto Francisco Fernández del Riego.

296 Da Cal (28-III-1988) informa a Atencia que preparava um livro com ensaios sobre literatura em diversas línguas. Volta, pois, sobre aquele projecto de que anos antes tratara com Isaac Alonso Estravis.

297 V. gr., envia informações que documentarão um trabalho de Atencia sobre sor Juana Inés de la Cruz; e outro de José Luis García Martín, da Universidad de Oviedo, sobre Serafín Ferro (ver infra).

298 A génese deste trabalho talvez fosse um artigo sobre galegos em Lisboa (Esteves, 18-VI-1988), publicado no *Diário de Notícias* com ensejo da inauguração do novo local sede da Xuventude de Galicia. Da Cal interessou-se por documentação de alguns galegos ilustres citados, que lhe enviou Luís Forjaz Trigueiros. Também atingiu fotocópias de um livro de Pedro de Merelim sobre a ascendência familiar de Pessoa, documentando como (Merelim, 1974: 34-35) "Caetano José Pinheiro, originariamente Caetano Dionísio de Lens, um dos trisavós de Fernando Pessoa, é natural da Galiza": isto fez-lhe escrever no final dessa fotocópia a frase "Os tres grandes de Portugal [Camões, Eça e Pessoa] eram de origem galega", como consta no "Antelóquio Indispensável" de FI.

299 O primeiro não prosperou, e do outro só se publicou um contributo, sobre Fialho de Almeida (Da Cal, 1989; ver infra, no volume de homenagem das Irmandades da Fala). Da Cal (8-VII-1988) anuncia a Franco Grande essas duas iniciativas. Aos 3-X-1988, em nova carta solicita-lhe o livro *Orensanos ilustres*, de Benito Fernández Alonso, editado em 1916, pela documentação que inclui sobre João da Nóvoa. Juntou documentação sobre este navegador e sobre outros galegos que residiram Portugal, que se conserva no Espólio EGC, e mesmo procurou editor para o volume de João da Nova (ver infra).

300 Utilizou como base o de 1975, a que acrescentou 18 páginas, com dados correspondentes aos 13 últimos anos. A actualização foi a pedido de Carlos Reis, para propô-lo como Honoris Causa pela UC.

301 Informa dele Da Cal (25-I-1988), a Atencia: consequência da poda de umas roseiras, caera e ferira-se no braço direito, e sofria "Dislocación de la muñeca y fractura, afortunadamente cerrada, del cúbito. Y escayolado estoy, todavía –espero para la semana que viene no estarlo– y estado todo este tiempo, casi un mes, de vida zurda", e assina a carta como "Ernesto el zurdo". Aos 16-II-1988 dirige-se a ela como "tu zurdo poeta admirador" e informa-a de que "me quitaron la escayola" resignando-se a que por causa de aquele problema "no podré hacer injertos –que es cosa que me pirra—ni podas de altura".

302 Em **carta datada em 26-IV-1988 para o director geral da UNESCO**, Federico Mayor Zaragoza, a Agal protestou contra a edição do *Correio da Unesco* em galego ILG-RAG. Na epístola, **Henríquez Salido** ampara-se em Da Cal entre os linguistas que valorizavam as teses da Agal. Da Cal é utilizado, pois, como autoridade legitimadora na sequências das lutas ortográficas na Galiza.

De 10 a 12-XI-1988, **num dos estudos apresentados no "II Congresso de Estudos Galegos", na Brown University**, defendido pela presidenta da Agal e Professora da USC, Maria do Carmo Henríquez Salido, analisou textos de vários produtores dos séculos XIX e XX. A Da Cal é dedicada epígrafe intitulada (Henríquez Salido, 1991: 464-465) "O pronúncio da uniom lingüística galego-portuguesa: o caso de Ernesto Guerra da Cal. O 'Discurso da ruptura do círculo exterminador do idioma'", em que foca o "Antelóquio Indispensável" de FI, salientando a "profetização" de que a união da língua acontecerá no século XXI. Dessa intervenção informou a *Agália* (Sem Autor, XII-1988: 491).

Outra figura de referência desse movimento, **José Posada**, em Julho, num artigo no *Diario de Galicia*, na qualidade de empresário, oferecia argumentos em favor do reintegracionismo. Refere-se aos "líderes e profetas" de aqueles que denomina "representantes da cultura oficial", e pela outra frisa "os trabalhadores da cultura Galego-Portuguesa", entre eles Da Cal, como "continuadores do dever que a história lhes impom. Estes nomes e outros muitos mais pretendem nom só dar testemunho de umha tradiçom galeguista que procura para a nossa língua um lugar honroso no concerto do mundo románico". Da Cal encontra-se também entre os principais modelos deste artigo.

Merece igualmente destaque a **ampla crónica do II Congresso da Agal**, na *Agália*, em que se afirma (Sem Autor, III-1988b) "Entre as numerosas adesons recebidas, [...] Ernesto Guerra da Cal (um

III.3.1.12.1.-Reconhecimento público como cientista pela UC.

Nesse ano pleno de actividade, com presença em vários países[303], chegar-lhe-á reconhecimento público como cientista respeitado, honrado e condecorado.

Aos 21-IV-1988 **Carlos Reis informa-o que o Conselho Científico da UC aprovara por unanimidade aquele mesmo dia a proposta do seu Doutoramento Honoris Causa** "acrescendo a essa unanimidade uma intervenção de apoio e confirmação da sua pertinência, por parte do Professor Costa Ramalho, que invocou os tempos do vosso conhecimento em Nova Iorque". Reis junta a sua proposta (reproduzida in Gômez, 2002: 311-313), em que salienta os "méritos indiscutíveis e internacionalmente reconhecidos", e finaliza com a seguinte valorização (Presidente do Conselho Científico da Universidade de Coimbra, 21-IV-1988):

> Não é, pois, apenas para um universitário distinto que se propõe a concessão do grau de Doutor "Honoris Causa", embora essa condição fosse só por si suficiente para o justificar. É também ao Poeta e ao intelectual que permanentemente e intensamente se questiona e questiona os outros, no exercício de um diálogo fecundado pela tolerância e pela nobreza que caracterizam o verdadeiro Homem de Cultura.

Reconhece o produtor cientista e literário, o profissional da docência e pesquisa universitária, e o lusitanista, incidindo no seu trabalho queirosiano e frisando a sua trajectória e a pertença dos idiomas galego e português "a uma mesma comunidade lusíada". Foi aprovada por unanimidade, ratificada pelo Reitor e, após ultrapassar todos os trámites, efectivizada com polémica no ano seguinte (ver infra)[304]. Da Cal aceitará com enorme satisfacção pessoal essa honra[305], que lhe incutia energia para novos

---

poema intitulado *Toque de rebate*, reproduzido hoje na revista *Cadernos do Povo*", com o que se lembrava o incidente pela não leitura e tentava-se uma satisfacção.

303 Mantinha-se atento às oportunidades do mercado. Assim o evidencia, v. gr., a cópia de um Catálogo da Livraria Barateira de Lisboa, de "Maio 1988", conservado no Espólio EGC: nele figura marcado o volume *Homenagem a Rosalia de Castro*, editado no Porto (1955).

304 Aníbal Pinto de Castro (13-VIII-1988) insiste nos parabéns pelo acordo, por unanimidade. Anuncia que também receberia reconhecimento na mesma sessão Alonso Zamora Vicente, e esclarece: "Foi justo e foi bom! Não apenas a concessão do grao em si, mas, para além disso, o coro de aplausos que acolheu a proposta e a consumou", afirma. Aos 8-IX-1988, Aníbal Pinto de Castro reponde carta de Da Cal, e salienta: "Pelo que diz de mim; pelo que diz do nosso saudoso Lopes de Almeida; pelo que diz do Luís de Albuquerque e do Zamora. Mas sobretudo pelo que diz de si –da sua magnífica generosidade, da sua cristalina amizade por tudo o que é bom, mesmo quando, como sempre acontece tem as marcas do barro humano que todos somos, pela sua nobreza, por tudo o que em si, num belo conjunto transforma o homem e o homem de ciência numa profunda sensibilidade e numa alma de poeta".

305 Da Cal (25-X-1988), em carta para Atencia e Rafael León, agradece-lhes a "doble enhorabuena" pelo Honoris Causa. Esclarece que "lo acepté porque fue iniciativa de los catedráticos jóvenes –algunos de los cuales son mis discípulos queirozianos", lembrando o que tivera no Brasil, pelo que julgava que o de Portugal "não era sem tempo!". Informa as amizades andaluzas de estar "muy ocupado con artículos que me pidieron de París, Oporto y Coimbra", pelas comemorações do centenário de *Os Maias*.

projectos[306]. Esse Doutoramento será principal na sua trajectória. O grupo das Irmandades da Fala decide homenageá-lo na revista *Nós*, e ele colaborará[307]. Também receberá reconhecimento público[308].

Em 22 e 23 de Abril, com ensejo de se **comemorar o centenário d'*Os Maias***, celebrou-se **em Paris um encontro queirosiano**, organizado pelo Centre Culturel Portugais da Fundação Calouste Gulbenkian. Reuniu especialistas[309] e **foi convidado Da Cal**, que enviou um trabalho que supunha uma auto-reivindicação e nova intervenção nas lutas do queirosianismo: um estudo sobre as traduções de Eça[310], incluído nas *Actas* (1988:11-21) sob o título "Mensagem", e no número 5-14 de *Cadernos do Povo* (volume desse ano, mas editado em 1989, ver infra). Verifica-se como insiste nas traduções como elemento canonizador central de Eça, e diz que ultrapasse talvez o mesmo Camões, mais uma chamada de atenção a respeito da não existência de um repositório como a BQ para os camonistas. Sublinha a maior validade

306 Em carta para Franco Grande, Da Cal (10-IX-1988) informa: "espero ter o estudo sobre *A Relíquia* pronto para o ano 89. O meu grau Honoris Causa, da Lusa Atenas, já saiu no *Diário do Governo*". Também lhe anuncia o volume de *Nós* e o anelo de que colabore.

307 Os preparativos desse volume deveram começar no Verão por parte de José Luís Fontenla e outras pessoas das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, em contacto com ele. Assim se infere de carta que Da Cal (5-IX-1988) escreve para Xosé Estévez, em que lhe solicita que colabore. Estévez (12 e 13-IX-1988) manifesta que "Xa respostei asentindo".

308 O juiz conselheiro **Francisco J. Veloso** (14-X-1988) escreve no jornal *Notícias*, de Guimarães, o artigo "O Profeta. (Carta a Ernesto Guerra da Cal)", que justifica para se associar à homenagem da UC "e assim testemunhar a minha admiração". Assinala que os seus argumentos (Velozo, 14-X-1988:8): "visam apenas a delinear o papel gigantesco, profético, que estás desempenhando, meu Amigo, Ernesto Guerra da Cal, professor, crítico, poeta, omnímodo talento, como chefe incontestado do valioso movimento cultural que, aproximando a Galiza da Cultura luso-brasileira, e esta da sua, há-de contribuir no futuro, decisivamente, para cada vez melhor entendimento entre Portugal e a Espanha também, entendimento desejável, óbvio, na Europa, na Latinidade, no Mundo, através das suas línguas cultas como do falar do povo de aquém e além Minho. Tu, Guerra da Cal, comprometeste o teu passado, o teu presente e o teu futuro, nessa missão gloriosa, sem olhar a incomprensões e a críticas, e renunciando a certas posições bem mais cómodas. Não ergues no braço uma espada, símbolo da guerra. Como Profeta, empunhas o bordão do romeiro de São Tiago, de audaz caminheiro com o símbolo da galeguidade, para que o teu Povo trilhe o caminho da inevitável Terra de Promissão, Terra de granito e brumas, porém Terra do Espírito".

309 No colóquio, *Eça de Queirós et la Culture de son temps*, contribuiram José Augusto França, como apresentador e coordenador, Ofélia Paiva Monteiro (UC), João Medina e Álvaro Manuel Machado (Lisboa); Pilar Vázquez Cuesta, (Salamanca); e os franceses Paul Teyssier (Paris IV), Marie-Hélène Piwnick (Bordéus), Albert-Alain Bourdon (Provence) e Daniel-Henri Pageaux (Paris III).

310 Esse trabalho está datado aos 13-IV-1988. Nele, Da Cal declara-se "eçófilo vitalício", e salienta que seja em Paris, "que o Eça muito amou" onde se lhe homenageie por primeira vez "fora do solo lusíada". Lamenta que em 1987 não se comemorasse o centenário d'*A Relíquia*, e mais uma vez patenteia a sua crítica "perante a pervivência de um míope preconceito da crítica luso-brasileira" a respeito deste romance. Este trabalho parisiense representa, como ele mesmo salienta, "um acto de auto-consulta" da BQ. Indaga a respeito de oito romances e conclui que a produção queirosiana tinha sido vertida em 419 ocasiões a 24 línguas diferentes, desde 1875, ano em que regista a primeira tradução. Justifica que *O Mandarim* e *A Relíquia* apareçam com mais versões, e salienta que Eça "deve ser o escritor português mais traduzido de todos os tempos". Faz um paralelismo de Camões e Eça com Cervantes e Lorca como "o mais alto contributo das duas grandes literaturas da Península Ibérica ao património universal", aos quais haveria que acrescentar o de Fernando Pessoa, indica.

literária de *A Relíquia* pela sua mensagem mais universal, permanente e válida, partilhada no exterior[311].

De 20 a 24 de Junho **celebrou-se na UC uma semana de estudos queirosianos**. Carlos Reis[312], Ofélia Paiva Monteiro e Américo Guerreiro de Sousa referiram-se a produções de Da Cal[313], que enviou também uma carta para esse acontecimento[314].

Em 23-VII-1988 ficou constituída, por Escritura Pública, a "**Associação dos Amigos de Eça de Queiroz**". Aponta como orientação (Reis, 1989: 7):

> fomentar o aparecimento e consolidação de uma outra Instituição, como será a Fundação Eça de Queiroz [...] que, a partir do património da Quinta de Vila Nova (Tormes), caberá desempenhar um relevante papel na salvaguarda da memória cultural de Eça de Queiroz, através de iniciativas diversificadas, mas articuladas entre si: do turismo cultural à recolha de bibliografia queiroziana, da promoção de encontros científicos à actividade editorial"[315].

Colocavam-se assim os alicerces para formalizar a Fundação, empreendimento em que anos antes colaborara Da Cal. Reis cobrava cada vez um maior protagonismo como figura central do queirosianismo e do CEL português, e outorgava o maior relevo a dar continuidade aos estudos de Da Cal. A promoção da nova instituição será fulcral para o processo de canonicidade de Eça, pois o objectivo será justamente trabalhar por essa finalidade.

No Porto celebrou-se o **I Encontro Internacional de Queirosianos**, de 22 a 25 de Novembro, onde os especialistas focaram com especial atenção *Os Maias*, com ensejo do centenário. Da Cal não participou. No entanto, na alocução de abertura, a presidenta

---

311 Nesse encontro, o director do Centre Culturel Portugais agradeceu (França, 1988:10) o contributo de Da Cal "dont les études bibliographiques queirosiennes font autorité, d'avoir bien voulu être present, en esprit, à nos travaux". E Paul Teyssier, no estudo "*Os Maias* cent ans après", salienta os trabalhos sobre Eça difundidos desde 1950, assinalando em primeiro lugar LEEQ. Assinala (Teyssier, 1988: 35): "Si nous considérons maintenant le *style* d'Eça de Queirós, nous constatons avec un certain étonnement que les études que lui ont été consacrées sont en nombre relativemente limité. Le seul ouvrage important, à cet égard, reste celui d'Ernesto Guerra da Cal: *Língua e estilo de Eça de Queirós*". No trabalho figuram várias citações da tradução de LEEQ de 1981.
Aos 28-IV-1988, José-Augusto França informou Da Cal que "A sua carta-'Mensagem' queirosiana e 'eçófila' teve o grande e merecido êxito". O acontecimento ecoou na imprensa (Sem Autor, 29-IV-1988).

312 Aos 21-IV-1988 Reis enviou-lhe um folheto relativo à Semana de Estudos Queirosianos, "apenas como confirmação do que já conversámos e combinámos a esse propósito".

313 Reis (1990: 10) referiu-se à *Bibliografia Queirociana* "que é, no seu género, talvez o mais completo e sistemático inventário bibliográfico suscitado por um escritor"; Monteiro utilizou também na BQ; e De Sousa apontou o estudo de LEEQ de "clássico", segundo as *Actas*, editadas em 1990.
**Reis** também se referiu a Da Cal no estudo "Fradique Mendes: da Terceira ao fim-de-século", num estudo publicado nos Açores, em que cita (Reis, 1988: 22) a BQ para justificar a consideração da Correspondência de Fradique Mendes como obra semi-póstuma, e para a edição das cartas de Fradique.

314 Assim se infere da carta que lhe enviou Aníbal Pinto de Castro aos 13-VIII-1988, em que o parabeniza pela carta que dirigira para a Semana de Estudos Queirosianos, que "foi um primor".

315 Nessa mesma publicação, editada só no ano seguinte, para além do trabalho de Reis figuram os Estatutos da Fundação, investimentos e custos previstos, planos diversos, e um depoimento da presidenta, Maria da Graça Salema de Castro, sobre os "principais objectivos".

da Comissão Executiva da organização, **Isabel Pires de Lima**, que colaborava com Carlos Reis, assinalou: "Neste momento não queremos deixar de referir o nome de alguém que, estando ausente, está presente, ao ter-nos feito veicular 'a mais calorosa saudação aos participantes do Encontro', alguém que é autor de uma magistral bibliografia queirosiana, instrumento de trabalho precioso e fundamental para qualquer estudioso de Eça de Queirós. Trata-se, com certeza, do Professor Ernesto Guerra da Cal. Para ele a nossa homenagem". Em vários dos trabalhos apresentados naquela pioneira reunião científica houve referências a Da Cal[316]. Este encontro foi acontecimento do maior relevo no processo de canonicidade de Eça de Queirós, ao congregar especialistas de diversos países e outros domínios que dedicavam estudos ao produtor[317]. Aquele processo continuava para o bom sucesso, que se concretizará no final do século (ver infra), e fora favorecido inicialmente desde a publicação de LEEQ e, em especial, pela BQ nos últimos anos, que facilitava o caminho para o melhor conhecimnento da produção queirosiana, como se verificava pelo teor dos trabalhos apresentados.

Outro acontecimento canonizador de relevo foi a primeira edição do ***Dicionário de Eça de Queiroz***, produção de equipa publicada sob coordenação de A. Campos Matos[318].

Além disto, o trabalho de Da Cal, "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*" figura entre a "Bibliografia comparativista" portuguesa destacada por **Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux** (1988: 197 e passim) no ensaio *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, onde incluem uma selecção de trabalhos que consideram modelares entre os publicados no CEL português.

No Brasil, na antologia *Os melhores contos de Eça de Queirós*, preparada por **Herberto Sales**, entre as "fontes para o estudo da vida e obra" citam-se LEEQ e o estudo sobre *A Relíquia*, sendo Da Cal o único com dous títulos entre as 22 produções relacionadas.

---

316 Segundo as *Actas*, publicadas em 1990, sob o título *Eça e os Maias*, assim aconteceu no defendido por Isabel Margarida Duarte (pp.73-80 das *Actas*), Luís Fagundes Duarte (pp.81-86), Teresa Martins de Oliveira, (pp. 183-190), Carlos Reis, (pp. 227-234), Alexandre Pinheiro Torres, (pp. 297-302) ou Ângela Varela (pp. 303-308).

317 Segundo referenciou a própria Isabel Pires de Lima, a maioria dos participantes eram ensaístas e investigadores ligados aos estudos literários, mas também contribuiram de outros âmbitos (Lima, 1988: 568) "Riqueza para o Encontro reverteu também do facto de nele terem investigadores e docentes de universidades europeias, dos Estados Unidos, do Brasil e mesmo do Oriente".

318 Trata-se de um repositório que se vale da colaboração de especialistas em estudos literários e de campos como a História, a Economia, a Egiptologia, a Psicanálise, o Jornalismo e a Medicina, com alguns trabalhos que supõem contributos para o queirosianismo e outros menos valiosos. Da Cal é referência em vários verbetes, vg. nos de Helena Cidade Moura (pp. 225-232); Maria Eduarda Vassalo (pp.242-256), A. Campos Matos (pp.373-374, 391-393, 527-532, 534-538, 538-540, 552-555), Luís dos Santos Ferro (pp.422-432), Paula Ochoa de Carvalho (pp.450-453).

No final de ano, **Da Cal participou numa polémica queirosiana, em Lisboa, com o artigo "Eça não queria ser enterrado em Lisboa", no jornal *Europeu*[319]**. Opina sobre o projecto de deslocar para Os Jerónimos os despojos do escritor, que vê como "novo agravo com que agora foi vitimado, funerário e oficial". Afirma (Da Cal, 8-XII-1988):

> Esta nova e incocebível injúria à sua memória —quando ainda está recente o vergonhoso escândalo d'*A Tragédia da Rua das Flores*— ultrapassa tudo quanto se poderia esperar. Não é todos os dias que se nos oferece o espectáculo de um organismo oficial pretendendo atirar, com ignara indiferença burocrática, os ossos de qualquer figura insigne da vida nacional para a vala comum. E esse espectáculo é ainda mais edificante quando esses ossos pertencem ao escritor português mais universalmente conhecido de todos os tempos (vertido até hoje —e reiteradamente— a 23 línguas de cultura ocidentais e orientais). Felizmente —e como não podia deixar de ser— a reacção pública perante esse acto de estulto barbarismo oficial tem sido salutar.

Da Cal defende como sede o "jazigo da família Queiroz, no campo-santo do Outeirinho, situado na freguesia de S. Pedro de Arada, em Vermedilho, distrito de Aveiro". Argumenta ter sido esse o desejo do escritor, pelo que apoiava a intervenção do Estado para o conseguir. Lembra o enterro e a oposição em Portugal à celebração do Centenário do seu Nascimento, que se espelhara em jornais da altura; e ao respeito, em nota final informa que "Tudo quanto aqui deixámos dito está convenientemente documentado na nossa Bibliografia Queiroziana"[320]. Para além destes produtos com repercussão pública, teve contacto epistolar com queirosianistas como Carlos Reis, Luiz Duarte, ou a romena Micaela Ghitescu[321].

---

319 Em 27-XI-1988, a principal notícia destacada na capa intitulava-se "Eça a dois passos da vala comum" e ocupava-se do abandono dos restos mortais de Eça de Queirós no Cemitério do Alto de São João. Começou assim uma polémica que seria levada de novo para a primeira página do diário em 1e 2-XII-1988, envolvendo o Presidente da República, Mário Soares, e a Câmara Municipal de Lisboa. Vítor Basto publicou em 4-XII-1988 reportagem de página inteira sobre a Fundação Eça de Queirós, com depoimentos de Maria da Graça Salema de Castro e de Carlos Reis. Em 6-XII-1988 os jornalistas Pereira de Almeida e Vítor Bastos difundiram um inquérito, com respostas de Agustina Bessa-Luís, Mário Cláudio, Luís Francisco Rebelo (na altura presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores), Óscar Lopes, Carlos Reis, e o Vice-Reitor da Universidade de Évora Carlos Braumann.

320 Na seqüência dessa polémica Helena Cidade Moura (12-XII-1988) publicou artigo, em que cita a BQ e LEEQ. Igualmente aos 12-XII-1988, o *Diário de Aveiro* fez-se eco do artigo de Da Cal, em informação que intitula "Eça deverá ser trasladado para Vermedilho –sua vontade expressa".

321 Luiz Fagundes Duarte (19-VIII-1988) anuncia-lhe que vai participar num encontro sobre crítica genética na Universidade de São Paulo, e que "enviar-lhe-ei o texto sobre Eça, para se tiver a bondade de o ler". Talvez a essa mesma altura corresponda uma carta de Carlos Reis, sem datar, em que anunciava um possível deslocamento para visitá-lo, no Estoril, junto com Luiz Fagundes Duarte, e em que lhe enviava um texto para lhe solicitar ajuda, sobre um manuscrito inédito, com o fim de completar o livro *A construçao da narrativa queirosiana* "de muito próximo aparecimento".

Ghitescu (27-X-1988) fornece-lhe informações sobre traduções de Eça e oferece-se para facilitar novos dados. Nesta carta transparece amizade e agradecimento desta tradutora de Eça pelas gestões que Da Cal fizera para lhe facilitar o seu trabalho no breve tempo que estivera em Lisboa. Afirma ter redigido

**Em 8 de Dezembro recebe a condecoração Grão-Mestre da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa**[322] com o que acrescenta o seu capital simbólico e completa um ano certamente excepcional na sua trajectória, no que diz respeito ao reconhecimento público atingido[323].

III.3.1.12.2.-Novos poemários e outros trabalhos literários.

Na primavera publicou *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas* (DTMAb), um conjunto de 51 composições, com estratégia semelhante a FI[324], com todos os poemas

---

um artigo "sobre Lisboa e os meus amigos de lá –entre os quais um lugar destacado ocupam os meus queridos Elsie e Ernesto", com destino a se publicar na revista *România literara*, que lhe promete enviar. De Ghitescu há mais duas cartas no Espólio EGC: uma felicitação de Natal, e outra em que afirma enviar-lhe a revista romena com o artigo, que diz ser "uma variante daquele enviado a *Nós*", e em que lhe encaminha quatro recensões publicadas sobre as suas traduções de Eça.

[322] Da Cal datará um poema do póstumo *Caracol ao Pôr-do-Sol* em (Da Cal, 2001: 102) "Vila Viçosa, Setembro 1988" o que faz pensar que nessa data esteve nessa cidade e talvez visitasse o herdeiro da Coroa portuguesa ou as instituições, e que daí surgisse esta iniciativa de o condecorar.
Marcello de Morães (12-XI-1988) comunica-lhe que Dom Duarte, Duque de Bragança, como Grão-Mestre da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa "Houve por bem Nomear Vossa Excelência para esta Sua Ordem". Morães (14-XI-1988) encaminha duas cartas para Da Cal: Na primeira informa que a ordem lhe fora concedida no Grau de Comendador; na segunda, que a cerimónia se estava agendada para o dia 8-XII-1988. Com essa mesma data lhe enviam os "emolumentos devidos" que devia pagar pela designação. Da Cal protestará formalmente perante o Presidente da Fundação da Casa de Bragança, João de Amaral Cabral, por esta solicitude de abonamento de dinheiro, e mesmo anunciou a sua disposição para declinar a aceitação do nomeamento. Cabral responder-lhe-á que se tratava de confusão da Secretaria, pelo que finalmente acudiu para receber a alta distinção.
Da Cal (23-XI-1988) esclarece a María Victoria Atencia: " Cuando me llamaron para preguntarme si aceptaba esa alta honra –extranjeros de nacimiento español sólo hay otro, D. Juan de Borbón y Watenberg, padre de vuestro Juanito y también comendador —me quedé patidifuso. Yo, republicano desde que me conozco, que fui castigado con amenaza de expulsión del instituto de San Isidro, antiguo convento de la calle de Toledo de Madrid por encabezar una huelga fotográfica contra el citado don Juan y su hermano don Gonzalo en la que toda su promoción rehusamos aparecer para la foto colectiva de fin de curso con nuestros condiscípulos los dichos 'infantitos'—, yo que combatí contra Franco en guerra civil, yo melancólico agnóstico por mis pecados, ser objeto de esa distinción por parte del príncipe brigantino y de su Casa Real! en principio me pareció que no tenía sentido y pensé declinar […]. Después lo pensé mejor, considerando que Dom Duarte, descendiente del Duque de Bragança, Dom João, que proclamado rey Dom João IV fue quien devolvió a Portugal su soberanía, acabando con los 60 anos negros de yugo español de los tenebrosos y prognatos Felipes. […] Por todo esto y por haber recibido mi *Bibliografía Queirosiana* en seis volúmenes el Premio Dom Manuel II de la Fundação da Casa de Bragança, el más obeso crematísticamente que entonces, en 1983, había en Portugal, resolví aceptar".

[323] Alberto Iria (26-VII-1988), Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, comunica a Da Cal ter-lhe remetido "sob registo postal, o Diploma de V. Exa. de Académico Correspondente Estrangeiro" da instituição, em que tinha ingressado na década anterior (ver supra).

[324] A respeito da estratégia compositiva, deve diferenciar-se: Como local dos poemas encontram-se Estoril (40) e Nova Iorque (11); Como datas dos poemas, de Julho 1974, a Dezembro 1987; Como dedicatória do poemário: "Para Elsie, naturalmente"; dedicatórias de capítulos: "Para a Nini e o Marcello [Mathias]" (p. 31) e Rosalia de Castro, (p. 79); e dedicatórias de poemas (Para a Návia Franco, Henri Bergson, o quadrângulo familiar Franco Grande, Para Luís Amaro, Ondina e o Zé, filhotes, Rosinha das Arábias, o Zé e o Luís, 'Pintaínhos', João Furtado Coelho, "A G.....(1955). México D. F., Maria Helena e o Luís Trigueiros, Carole and Ian Gibson, A Xosé Luís Franco Grande, Pina, Alda e o Albano Nogueira, Natércia Freire, Teresa Silva Carvalho, Leonardo Mathias, Sr. Ricardo e ao seu neto –e meu amigo quiroguês—José Estévez, Adela e José Luís Fontenla, José Pracana, Manuel Maria, Ricardo Carvalho Calero); Como epígrafes de poemas, textos de: Robert Frost (16), Jakob Bernoulli (41), Mark Twain (p. 51), Rosalia (p. 82), Octavio Paz (p. 87); Como epígrafes de capítulos, textos de: D. C. Warnest (p. 11);

datados, mas sem texto prefacial, vocabulário nem indicações de bibliografia. O livro é apresentado com duas capas; uma a cores, independente, que se pode tirar e individualizar, em que se diferencia a letra de Da Cal para a escrita do seu nome e para a elaboração: nela observa-se um grande sinal gráfico de interrogação conformado por 13 provérbios e máximas, das quais 8 em português, 4 em inglês e 1 em espanhol. No interior, a própria capa do livro, na linha do desenho habitual da empresa, consta pertencer à "Colecção Horizonte de Poesia". Indica-se corresponder a capa a Raguer Caldas. Nas primeiras páginas assinala-se como o número 34 dessa colecção de poesia, iniciada por José Saramago; e assinalam-se 5 títulos da "Obra Poética do Autor". Receberá esse ano muitas valorizações do novo poemário. A maioria chegar-lhe-ão particularmente, através da via epistolar[325].

Aos 20 de Maio, na revista *O jornal ilustrado* dedica-se amplo espaço para referenciar as novidades e as principais propostas para a feira do livro de Lisboa desse ano, que

---

Lope de Vega, Luís de Camões, Joseph Conrad (p. 17); Ausias March, Paul Valéry (p. 37); Albert Einstein, Nestore D'Alguecarra, Eugene O'Neill, Paul Claudel (p. 49); Juan Montalvo, William Blake (p. 63); Antonio Machado, D. C. Warnest (p. 71); Como epígrafe geral do volume, textos de: Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, Karl Shapiro, Rad Calaguer (p.9). No que diz respeito aos temas, os quatro indicados na capa estão espelhados em várias das composições, mas também há reflexão sobre a poesia, e a Galiza no poema que fecha o volume, o já conhecido "Toque de Rebate". Há tentativas de diálogo com epígrafes, v. gr. no poema "Initium Fidei" (p. 51) em que se fala do humor a partir de uma citação de Mark Twain. Verifica-se também o intento de fazer exprimir em poesia pressupostos da sua produção como cientista, e ao respeito o melhor exemplo talvez seja a composição intitulada "Congeminação" (p. 73) em que coloca o problema de aparência/ralidade e verosímil/verdade.

A ideia de que dentro do homem vivem ou ecoam outras pessoas antecedentes, como acontecia no poema "Ego sumos" de FI encontra-se de novo, numa formulação diferente, em "Divagação".

Nas badanas da capa elaborada com materiais de Da Cal há informação biográfica, do mesmo teor que na contracapa de FI, mas com algumas variantes, entre as quais merecem ser citadas duas: quando se refere a que a Galiza pertence ao mundo lusíada afirma ser "este sentimento de afinidade, profunda vivencia vitalícia", acrescentando pois estas três últimas palavras; e a respeito da sua autoridade nos estudos queirosianos agora indica-se que "é incontestada", o que dá uma maior contundência à afirmação. Também se indica ser autor de LEEQ e da BQ e é apresentado como "Conterrâneo de Rosalia de Castro".

Na contracapa encontra-se uma fotografia, da mesma série que a da contracapa de FI, mas aqui reproduzida a branco e preto. E um texto, em que se indica: "A presente obra, pela sua limpidez e harmonia da forma é, seguramente, o testemunho de uma rara sensibilidade poética, poucas vezes demonstrada com tanta segurança e recursos linguísticos. Heterogénea na sua temática, é, contudo, uma poesia que revela uma sólida unidade estilística. A utilização de imagens fortemente vivenciais de uma realidade sonhada ou vivida permitem aperceber a multiplicidade e a riqueza das fontes de inspiração do autor. Aqui se revela a simbiose de dois mundos culturais –a origem galega do poeta e a língua portuguesa— que, mais próximos que nunca, servem de pano de fundo a um discurso poético pleno de contemporaneidade".

[325] Como fizera com produtos anteriores, Da Cal distribui, desde Abril, este novo poemário entre amizades e críticos. Puderam-se documentar os envios efectuados para Celso Cunha e para Ricardo Carvalho Calero (também aos IV-1988) , Victoria Atencia (aos 16-IV-1988), Joaquim Montezuma de Carvalho (em 22-IV-1988 os dois), Leonardo Mathias (28-IV-1988), José Augusto França, Miguel Torga, A. Sixto Seco, Xosé Luís Franco Grande, Luciana Stegagno Picchio, Octavio Paz, Aquilino Duque, Ramón Piñeiro, Xosé María Álvarez Cáccamo, Aníbal Pinto de Castro, Luiz Fagundes Duarte e Xosé Estévez. Observa-se, portanto, a distribuição a amizades, críticos, queirosianistas, produtores literários, pessoas de Galaxia e da AELG. Da Cal tenta reatar amizades, mas também projectar-se como produtor literário e demonstra preocupação a respeito da evolução do seu trabalho literário.

começava esse dia e que por primeira vez demorava três semanas, mais do habitual, segundo se informava. **Francisco Assis Pacheco** salienta como os três principais títulos portugueses mais recomendáveis *As naus*, de António Lobo Antunes; DTMAOB, de Da Cal; e *O bosque harmonioso* [título publicado 6 anos anos e que mantinha grande sucesso], de Augusto Abelaira. Do volume de Da Cal comenta "do que logo nos damos conta é da translucidez destes versos em *Portugalego*, onde a reflexão e a memória têm a servi-las uma linguagem de subtileza –o simples subtil dos grandes trovadores medievais". Colocava assim Da Cal a par de duas figuras centrais do campo literário português e julgava-o como mais um produtor português, salientando o seu contributo linguístico e a sua trajectória. A ascendência galega de Pacheco favorecia esta simpatia, manifestada em lugar certamente de preferência, como o era aquela revista de grande circulação em Portugal e referencial para os CL e CEL. Em 28 de Maio Pacheco informou que *Cadernos do Povo* publicava poemas de Da Cal[326].

Aos 4 de Julho, no jornal *O Dia*, **Natércia Freire**[327], mais uma vez destaca o estudo sobre LEEQ "que nunca agradeceremos bastante". Salienta a sua pertença ao Reintegracionismo e a colaboração com as Irmandades de Fala de Galiza e Portugal. Freire concede relevo ao facto de se tratar de um poeta em várias línguas frisando que "é mistério de profundo significado". Num comentário muito elogioso, acrescenta:

> E através de todo o livro, E. G. Da Cal vive a estudar a Poesia, a sua alquímica divina, Num acto de sôfrega dissecação e de posse dos arquetipos essenciais entresonhados, partilha com o leitor os segredos desveladores e logo vestidos de paixão criadora que o possui. [...] Dir-se-ia que o Poeta Guerra Da Cal brinca "sensações que viram Deus" como dizia Pessoa; mas o que ele transporta (e defende sem belicismo) é a simbiose do ritmo e do corpo rítmico de uma expressão essencial que há-de ser sempre a eternidade da verdadeira Poesia.[...] Este é um livro de contas. As parcelas, que são as suas interrogaçoes abertas sobre o Universo, geradas na solidão de um pensamento ágil, vivido em mundos singulares, alimenta-se da génese de um sentido que jamais repousa, ousa interpelar Deus, vive por certo na sua intimidade.
>
> Poderia ser o livro de um jovem criador. É uma inquirição constante de um grande Poeta cuja aventura é uma ciência que diz Universo, uma Potência soberana que diz Deus, uma essência que se nutre de Beleza e de Amor.

Na recensão há também referências para a APCR. Esta crítica impactou muito favoravelmente nele, pela personalidade de Freire e pelo conteúdo[328].

---

326 Pacheco faz a referência na sua secção "Bookcionário".

327 O comentário tem como título o do livro mas, por erro tipográfico, na manchete em lugar de "Morte" aparece "Norte".

328 Informa a Victoria Atencia (6-VII-1988) que "las Bagatelas están teniendo éxito. En la feria del libro se vendieron mucho. Mando aquí un recorte de la reseña de Natércia Freire", aprensentando-a como "figura de relieve". Da Cal (8-VII-1988), em epístola para Franco Grande exprime-se em termos semelhantes e solicita-lhe uma recensão, que reiterará também aos 10-IX-1988.

**Da Cal não participa directamente em recitais, mas envia poemas para serem lidos em encontros literários que se celebram esse ano em Monção e em Amarante**[329], e que terão como consequência publicações dos produtos com os que contribuira. **Difunde também um poema nos Açores**[330], e merece destaque assim mesmo uma **intervenção num jornal de Cascais em que frisou a sua autoridade no CEL**[331].

Nos finais do ano, no número 7-12 da revista *Nós*, publicou ***6 Poemas a Rosalia de Castro* (6PRC)**[332] **que esse mesmo ano se reeditará em separata** com algumas alterações[333]. Este produto é apresentado com um desenho de Raguer Caldas, que

---

329 O poema será publicado por duas vezes nesse ano. Aos 9 de Junho, no *Correio do Minho*, e no final de ano será no número múltiplo 7-12 da revista *Nós* (Da Cal, XII-1988: 266-268), onde se faz constar no final, entre parênteses, "Do 'Encontro de Primavera de Amarante'".
Da Cal (26-IV-1988) comunica Victoria Atencia e Rafael León que "va a ser leido –y después publicado—, en un coloquio poético galaico-portugués, que se va a celebrar, mejor dicho, que se acaba de celebrar –22 a 24 de este mes—en Amarante, la tierra de Teixeira de Pascoais". O encontro, com efeito, celebrou-se e esse poema foi lido pela jovem poeta galega Iolanda Aldrei, pessoa muito activa do grupo das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal (assim lho confirma J. L. Fontenla, aos 23-IV-1988). Da Cal tinha enviado essa composição ao casal andaluz acompanhando a carta que lhes encaminhara datada aos 20-I-1988.
Da Cal (21-VI-1988) comunica ao casal Atencia-León que enviara o poema para a revista *Espacio-Espaço*, e para um encontro de poetas galegos e portugueses celebrado em Monção, no Minho, e com tal ensejo publicara-se no suplemento literário do *Correio do Minho*.

330 Em 28-IV-1988, no *Diário dos Açores*, de Ponta Delgada, Da Cal publica o poema "Encontro marcado". Este produto leva como epígrafe citação de Antero de Quental, tambem açoriano. A edição deveu-se à mediação de Joaquim de Montezuma de Carvalho. A publicação procurava a simpatia do leitor ao incluir a citação de Antero, vulto principal entre os produtores literários do arquipélago e nome canonizado do tempo de Eça de Queirós.

331 Em 5-X-1988 difunde-se carta de Da Cal a Carlos Teixeira, director do *Jornal da Costa do Sol*, de Cascais, em que comenta com admiração poemas de Isolina Alves Santos publicados nesse jornal em 18-VIII e 8 e 22-IX-1988. Na epístola indica ser Professor Emérito da CUNY e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Da Cal refere-se a Alves como "poeta popular [...], uma espécie em vias de extinção. [...] são produto da cultura camponesa, cujo processo de desaparecimento se torna cada dia mais patente". Em comentário elogioso conclui que "A criação poética desta cantora simples dessas verdades naturais, e outras mais singularmente subjectivas, é bem mais rica do que essas belas cantigas –que o *Jornal* publicou— amostram. Posso dizer que a leitura duma boa parte desse acervo manuscrito muito estimulou a minha sensibilidade". Ao mesmo tempo que reivindica o seu labor, Da Cal também se reivindica como poeta e crítico perante a vizinhança do Concelho em que morava, indicando não ser a torre solitária que só se comunicava com a alta cultura portuguesa, mas também atendia outras inquietações e mesmo aprendia delas. Premeia assim uma amizade, que por sua vez o tinha reconhecido como crítico, e firma a sua autoridade, que tenta achegar a um público mais alargado, o que justifica que se apresente como catedrático e académico, méritos de que era preciso informar no jornal local, para acrescentar o impacte e favorecer os interesses de Isolina Santos. Há, pois, um duplo benefício, de quem tem poder para reconhecer, mas que também procura reconhecimento.

332 As seis composições, todas publicadas antes, são: "Ladainha a Rosalia de Castro", de LAM (pp. 234-235), "Rosalia –Perfil de sombra" (pp. 236-238) e "Chamada a ela no Apocalipse da Galiza" (pp. 238-240), de RST; "A Tragic Celtic Rose" (pp. 241-243) e "Trágica Rosa Céltica" (pp. 244-146), indicando como lugar de edição a revista *Colóquio/Letras*, em 1985; e "Folha Velha" (p. 247) de que se cita como lugar de procedência DTMAb (dá como data de edição desse poemário 1988).

Desfaz o intento de heterónimo de D. C. Warnest, pois assume e apresenta como própria a composição "A Tragic Celtic Rose" e a correspondente tradução, sem qualquer indicação a respeito de Warnest (como sim acontecia em edições anteriores, ver supra).

333 V. gr., apresenta capa e paginação própria, e parece que Da Cal revisou provas e introduziu algumas modificações, pela que é esta a versão que se deve considerar definitiva do poemário.

reforça os traços do rosto de Rosalia tentando a imagem de uma mulher bela na idade madura. **Com este produto a homenagem a Rosalia ultrapassa a perspectiva oferecida ao próprio Eça**; porque Da Cal não só estudou a poeta galega, traduziu e adaptou a sua poesia, forneceu (embora de maneira bem mais modesta que no caso de Eça, certamente) materiais para a sua pesquisa e favoreceu que outros produtores a homenageassem, além de juntar inconografia dela e escrever os poemas de homenagem: agora acrescentava um desenho próprio, que tentava interpretar a imagem de aquela mulher galega. Este produto é também uma maneira de se reivindicar como poeta galego e rebater qualquer dúvida que pudesse colocar-se ao respeito, pela sua posição na questão da ortografia do galego. Trata-se, portanto, de um produto muito calculado, em que os SPG lorquianos talvez tivessem a ver, pois o ano 1985 em que aparecem datados os últimos poemas correspondia-se com o centenário de Rosalia, a cuja projecção ele tinha contribuído, mas também com o cinquentenário do produto lorquiano.

III.3.1.12.3.-Na estratégia da Comissão Galega pelo Acordo Ortográfico.

A Comissão Galega pelo Acordo Ortográfico mantém actividade na Galiza e no exterior e movimenta-se para chegar com as suas reivindicações aos governos autonómico, espanhol e mesmo à Comissão Europeia[334].

***Temas de O Ensino*** publicou o número 11-13 pela primavera desse ano[335], incluindo textos de conhecidos vultos da Linguística e outros campos de Portugal, bem como de membros da Comissão Galega do Acordo Ortográfico e colaboradores da mesma, com valiosa documentação escrita e iconográfica a respeito da participação galega no encontro do Rio de Janeiro. Reproduz-se (Da Cal et alii, III-1988: 128-129) mais uma vez fac-similarmente o documento de adesão da Comissão da Galiza à reunião de Rio datado aos 24 de Abril de 1986; e outro **enviado para a Comissão da Comunidade**

[334] Essa actividade encontra-se recolhida nas Circulares nº 27-30, assinadas por J. L. Fontenla e J. J. Santamaria e reproduzidas no nº 7-12 da revista *Nós*, nas pp. 393-403. Aí revelam cartas para altos cargos do Governo Galego, datadas aos 11-I-1988; a apresentação do Acordo na USC; a entrega de documentação ao presidente da Junta, González Laxe, e ao conselheiro e secretario geral do PsdeG-PSOE, A. Sánchez Presedo; nova entrevista com González Mariñas (a receptividade deste conselheiro favorecia-a o seu parentesco com Jenaro Marinhas del Valle) aos 26-II-1988; com o Vice-presidente da Junta, Xosé Luís Barreiro Rivas, aos 7-III-1988; um encontro cultural e educativo Galego-Cabo verdiano celebrado em Pontevedra e em Ourense na última semana de Março; e mesmo o envio de telegramas aos primeiros-ministros de Portugal e Espanha, Cavaco Silva e Felipe González, na reunião conjunta que tiveram no Coto de Doñana. O Acordo Ortográfico foi assunto principal em todas essas actividades da Comissão Galega, e em vários dos documentos Da Cal era aludido como presidente da mesma.

[335] A revista assinala na capa corresponder a 1987. Damos por data de publicação III-1988, por incluir documentos datados aos 29-I-1988, 15-II-1988 e 7-III-1988. Este problema de datação de revistas acontecerá várias vezes na sequência da presente pesquisa: sempre que foi possível, dá-se a data certa ou mais aproximada da edição, por ser esse o instante em que começou a ter influência.

**Económica Europeia** (CEE)[336]. Nessa revista, Da Cal encontra-se citado em dois trabalhos (Cristóvão, III-1988: 16; Fontenla, III-1988: 63)[337]. Aos 15-II e aos 7-III-1988, J. L. Fontenla e outros membros da Comissão enviam **relatórios ao Parlamento e ao Governo da Galiza** para solicitar que assumam o documento ortográfico. No primeiro deles indigita-se Da Cal como presidente da Comissão que (reproduzido in Fontenla et alii, 1988: 137) "têm feito diversas acções para a Galiza não ficar marginalizada no projeto de unificação da lingua comum".

Do 26 ao 29-IX-1988 organizaram na **Casa do Brasil de Madrid** o I Encontro Internacional da Lusofonia, com o apoio do Ministério de Educação da Espanha e do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Intervieram representantes de todos os países de língua oficial portuguesa, e contou com a participação de Embaixadores e representantes oficiais ao máximo nível. Na inauguração do acontecimento participou J. L. Fontenla, como presidente e máximo representante do grupo organizador de aquele acontecimento; e Da Cal, que fora também convidado, justificou (Sem Autor, XII-1988) a sua ausência, segundo noticiou *O Ensino*. Este revista, que tinha como um dos principais impulsores na altura o Professor José Paz, da USC, salientava o importante eco no meios de comunicação, que se ocuparam dessa reunião[338].

III.3.1.12.4.-No centro dos estudios sobre Lorca e Pessoa.

Da Cal será reconhecido como produtor de relevo nos estudos lorquianos e pessoanos por dois especialistas centrais na pesquisa sobre esses escritores: Andrew Anderson, da Universidade de Michigan, e José Blanco, dirigente da Fundação Gulbenkian.

---

336 Este texto (Santamaria Conde et alii, 29-I-1988: 151-155) é assinado em primeiro lugar por J. J. Santamaria Conde e na continuação por Da Cal e outros membros da Comissão Galega. Nele assinalam como objectivo "neste momento histórico conseguir a normalização nacional e internacional da nossa lingua [...] num só padrão grafico que supere as diferenças regionais para conformar uma lingua standard culta unificada de uso nos organismos e foros internacionais", solicita-se da Comissão da CEE que utilize o Acordo Ortográfico do Rio e que apoie a adesão da Galiza como eles reclamavam.

337 Além disso, os editores assinalam numa nota que uma oitava versão fac-similada do texto do Acordo (Costa et alii, 1988:109) "foi entregue pelo Secretario do Encontro da Unificação Ortográfica prof. Houaiss ao membro da Delegação da Galiza Dr. J. L. Fontenla, quem o fez chegar através da Comissão Galega com o exemplar entregue ao prof. e presidente Guerra da Cal –que o recebeu da Academia de Ciências de Lisboa –aos governos espanhol e galego. O governo espanhol está disposto a assinar o Acordo Ortográfico sempre que assim o solicite o Governo ou Parlamento da Galiza, segundo comunicação escrita do Ministro dos Negócios Estrangeiros Dr. Francisco Fernández Ordóñez ao presidente das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal". Esta referência evidencia mais uma vez como ele era valorizado como o principal interlocutor entre os defensores do Acordo Ortográfico da Galiza.

338 A situação da língua da Galiza e a luta ortográfica transparece na carta que datou Da Cal (12-V-1988) para Franco Grande, em que se refere a um artigo de Xenaro García Suárez publicado em ANT aos 5-V-1988, e em que este alude à virulência de um artigo de Franco Grande no *Diario de Galicia* (que Da Cal diz não conhecer e agradeceria poder ver) contra 'lusistas e semelhantes'.

Num volume de edição crítica da produção de Federico García Lorca preparado por Andrew A. Anderson, em que se incluem os SPG, é citado várias vezes, assumindo-se e difundindo (Anderson, 1988: 112-141 e 257-282) o seu dicurso sobre este produto[339]. Na edição crítica dos poemas alude várias vezes em notas (Anderson, 1988: 271, 274, 276, 280) à participação de Da Cal na génese desse produto lorquiano. Da Cal encontra-se pois indigitado no centro dos estudos desse produto de maneira preferente, e impõe-se progressivamente um discurso que assume a sua participação directa[340].

Aos 14 de Junho, o *Jornal de Letras* de Lisboa comemorou com um número especial o centenário do nascimento de Fernando Pessoa, com um volume de homenagem. Entre os contribuidores, José Blanco, dirigente da Fundação Calouste Gulbenkian que cinco anos antes tinha publicado um volume de bibliografia pessoana, redigiu o artigo (Blanco, 14-VI-1988: 6) "Os pioneiros de Pessoa", em que se refere e "aqueles que, fora de Portugal, foram os primeiros a pressentir o que hoje é universalmente aceite pela crítica: que Pessoa é um dos mais importantes criadores do nosso século"[341]. Após lembrar as referências que teve em vida, em inglês, acrescenta:

> Foi preciso, porém, esperar vinte e nove anos para que aparecesse, fora de Portugal, outra referência ao Poeta em língua inglesa. Por ironia do destino, tal referência pioneira deve-se a um professor e crítico galego, Ernesto Guerra da Cal, com um artigo publicado em 1947 no Columbia Dictionary of Modern European Literatura.

Da Cal encontrava-se assim entre aqueles que "souberam reconhecer pioneiramente o génio do poeta português mais universal depois de Camões", como concluia Blanco o seu artigo, um aspecto pouco conhecido dele, com o que também passava a ocupar um lugar de referência entre os estudiosos do poeta.

---

339 Anderson alude ao estudo de Gibson do ano anterior, mas não entra no primeiro dos poemas e na possível intervenção de Da Cal nele, assinalando que nos outros cinco sim participou. Dedica amplo espaço (Anderson, 1981: 121 e passim) à polémica pelos depoimentos de Blanco Amor e à nova situação propiciada pelo aparecimento dos autógrafos, e aventura hipóteses diversas. Cita a carta de 1949 de Da Cal a Blanco Amor; e o depoimento que lhe fizeram, de Margarita Ucelay, a respeito da intervenção de Da Cal quando a morte de Sánchez Mejías, amparando-se numa carta que Franco Grande lhe tinha encaminhado em 23-IV-1986.

340 O trabalho a respeito de Lorca continua presente em epístolas que Da Cal envia a diferentes produtores. Aos 12-V-1988 solicita colaboração de Franco Grande. E em 21-VI e 20-VII-1988 reclama ajuda de V. Atencia e Rafael León.

341 Este artigo conserva-se no Espólio EGC. Nele, Da Cal sublinhou a referência que se lhe fazia, e também as diferentes línguas assinaladas por Blanco, escrevendo no final "17 línguas e 2 dialectos", demonstração de que eram menos que as confirmadas por ele para Eça na BQ e reforçando assim a sua ideia de centralidade queirosiana pelo maior número de traduções.

No Espólio EGC guardam-se vários trabalhos editados esse ano na imprensa portuguesa com ensejo do centenário pessoano, bem como o exemplar de Março desse ano da revista *Livros de Portugal*, publicação da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, onde se referenciavam várias das principais celebrações da efeméride previstas e principiava com a epígrafe (Sem Autor, III-1988a: 17 e passim) "Novo Fernando Pessoa em edição crítica", frisando o projecto que coordenava Ivo Castro.

III.3.1.13.-Reconhecimento internacional e deslocação para Londres, em 1989.

Dois acontecimentos biográficos principais aconteceram Ernesto Guerra da Cal em 1989: o conflitivo acto do Doutoramento Honoris Causa pela UC, que representou reconhecimento internacional da sua trajectória científica e literária; e a deslocação para Londres, que significava pôr fim a 12 anos no Estoril. A mudança de residência produzia-se quando estava muito próximo dos 80 anos, e reagia com ilusão, com a esperança de desfrutar e melhorar a sua vida, com novas actividades e possibilidades[342]. Manteve esse ano colaboração muito activa com o grupo das Irmandades da Fala e com os queirosianistas, que materializavam em 1989 novos empreendimentos de relevo, entre os quais sobressaia o estudo do espólio de Eça. Também se publicou a tradução da "Rememoração" de Lorca, e de um poema em português, numa revista espanhola.

III.3.1.13.1.-O Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

O reconhecimento como Doutor Honoris Causa pela UC será acontecimento central na sua trajectória, pela consagração que significava, mas não participou. A ausência do acto decidiu-a nos últimos dias, pois nos inícios de Março a sua intenção era acudir[343].

Muitos elementos, pessoais e de organização, contribuem para esclarecer a ausência em data tão marcante e esperada com ilusão. Por um lado os problemas de saúde de Elsie e a morte, nas semanas prévias, de Manuel Rodrigues Lapa e Celso Cunha, dois dos seus maiores valedores, o que teria influenciado no seu estado de ânimo. Mas também na organização houve contratempos que favoreceram o seu incomodo nos instantes finais[344]. Na cerimónia, o 23 de Abril, receberam a distinção o filólogo espanhol Alonso

342 De novo os problemas de saúde interferem a vida dos Da Cal, esta vez uma doença de Elsie, que justificará a mudança. Em carta para V. Atencia, aos 9-III-1989, assinala Da Cal: "Yo quedé primero enloquecido y hasta ahora atontado con la idea de perderla, pues la vida sin ella carece para mí de sentido –y, por lo tanto, estaba habituando mi alma católica a dar el paso blasfemo. Yo solito en el mundo, con 77 años no me quedo. Chega!". Anuncia o projecto de viajar em Junho a Londres, para que a visse um bom especialista, e mesmo que "estamos con la idea de ir allí a residir, por estas y otras razones".

343 Preparava todos os detalhes, o que mesmo provocará um incidente respeitante à última condecoração que recebera: Da Cal (6-III-1989) dirige-se para Marcello de Morães, da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, com cópias para João de Amaral Cabral, presidente da Fundação da Casa de Braganza e para o Embaixador Renato Pinto Soares, em que anuncia a intenção de devolver a condecoração recebida em Dezembro no caso de lhe não ser entregue a Venera da Ordem ou oferecer-lhe resposta satisfatória ao respeito. Poucos dias antes interessara-se também pela Venera, com o fim de a luzir em Coimbra aquando o investissem Doutor Honoris Causa.

344 Aos 20-III-1989 tudo parecia certo para a sua presença, e Carlos Reis informa-o, em carta dessa data, que o discurso de apresentação seria da incumbência do historiador Carvalho Homem, o doutor mais novo. Frisa Reis que "independentemente dos rituais (ou a par deles), o seu doutoramento 'honoris causa' será para mim um momento de intensa vivência cultural e universitária, ao lado da confirmação da nossa amizade, essa sim, acima de todas as praxes". Reis era o padrinho, o que satisfazia Da Cal, por ser o discípulo predilecto no queirosianismo. No entanto, nos dias seguintes deram-se problemas: primeiro

Zamora Vicente, e o historiador belga Charles Verlinden[345]. O seu nomeamento, não obstante, ficou efectivo e assim consta na instituição. Aos 16-V-1989, Carlos José Luzio Vaz, Director dos Serviços Académicos da UC, enviou-lhe o diploma do grau de Doutor Honoris Causa pela instituição. Aos 24-V-1989 Da Cal agradeceu-lho, e acrescentava nessa epístola:

> Aproveito o ensejo para manifestar ao Magnífico Senhor Reitor, aos Excelentíssimos Membros do Conselho Científico, aos Ilustres Colegas da Faculdade de Letras, e a V. Exª., a minha gratidão pela alta distinção com que me agraciaram: -que representa para mim mais um elo a acrescentar a todos aqueles que fortemente me ligam, há já tantos anos, a essa veneranda Academia, para mim verdadeiramente uma segunda "Alma Mater"[346].

---

porque o convite só o incluia a ele mas não a Elsie, e depois por discordância a respeito do hotel em que se hospedar. Da Cal anunciou que, se não atender as suas condições, não se deslocaria, e concederam-lhe tudo. Em 18-IV-1989, o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da UC exprimia-lhe "desculpas formais", e acrescentava: "A alta estima e consideração pessoal por V. Exª. e pelo trabalho científico desenvolvido em prol da cultura e da literatura portuguesa leva-me a solicitar, com sentida humildade, a participação de V. Exª. na cerimónia a decorrer no dia 23 do corrente, pelas 15 horas, na Sala de Capelos da Universidade de Coimbra, pela honra e o prestígio que a presença de V. Exª vai conferir a acto tão solene". Incluia proposta de programa para a deslocação e frisava que, caso de querer alguma alteração, contactasse a Faculdade de Letras ou directamente Carlos Reis "para proporcionar uma estadia agradável a V. Exª. e Exma. Esposa". Aquele mesmo dia o Reitor da UC enviava-lhe convite oficial para uma recepção posterior no Palácio de S. Marcos o mesmo dia 23, pelas 19.00 horas.
Aos 19-IV-1989 Carlos Reis escreve-lhe e indica que o Presidente do Conselho Directivo lhe tinha apresentado desculpas, pelo que entendia que poderia reconsiderar a decisão de não acudir ao acto. Escreve Reis: "Repito o que já várias vezes lhe disse: o gosto que eu teria em vê-lo na minha Universidade [...] O que, no entanto, a minha consciência me obriga a transmitir-lhe é o sentido de uma certa decepção que a sua ausência provocaria. E não falo só por mim, porque (repito) é sabido e não quero fazer disso deselegante argumento de persuasão; falo também por pessoas que o Ernesto não conhece, mas que investem no seu doutoramento solene um entusiasmo e uma expectativa que devo comunicar-lhe. [...] compreenda que me senti no dever de o pôr ao corrente de um estado de espírito que, sendo o meu, é também compartilhado por outras pessoas. E asseguro-lhe igualmente que, independentemente de tudo o resto, saberei respeitar a decisão que vier a tomar".
Reis, em entrevista pessoal com ensejo da presente pesquisa, acrescenta que Da Cal não gostou da designação de Alonso Zamora Vicente para falar em nome dos homenageados. Esta eleição provocou disputa na UC, mas prosperou Zamora Vicente, apadrinhado por Aníbal Pinto de Castro, quem impunha a sua maior autoridade sobre um professor mais novo como Reis.
Outro elemento que porventura possa explicar essa ausência era o ser Alonso Zamora Vicente um filólogo que tinha apoiado a linha do galego da ILG-RAG, contrário portanto para os interesses de Da Cal e para a orientação do Galego-Português. Da Cal, que de longa data o conhecia, não ignorava esse facto e, junto com as outras argumentações apontadas, possivelmente pesasse e contribuise para aquela decisão.

[345] Do acto informou o *Diário de Coimbra* de 24-IV-1989 com destaque. Indica que Da Cal não compareceu, fazendo constar o jornal que oficialmente não se explicara a ausência.

No bi-semanário *O Despertar*, aos 28-IV-1989 Joaquim Montezuma de Carvalho escreveu artigo, intitulado "Ernesto Guerra da Cal e Alonso Zamora Vicente, doutores por Coimbra..." no qual assinala que "Portugal deve a Da Cal este favor de saber que o seu escritor mais conhecido no planeta é o 'pobre homem de Póvoa de Varzim'. Nenhum outro e por tantos países tem mais verbetes" referindo-se, é claro, à BQ. Montezuma de Carvalho tinha amizade com esses dois homenageados.

[346] Em carta, Da Cal (20-VI-1989) esclarece a Xosé Estévez a sua ausência deste modo: "Com motivo da doença da Elsie, e de uma desatenção de um senhor lente de Coimbra, recusei-me a comparecer na Lusa Atenas para o meu doutoramento H. C. Ficaram de boca aberta –era a primeira vez que isso acontecia. Mandaram-me as insígnias e o diploma, com profusos pedidos de desculpa".

Com ensejo de receber o título de Doutor Honoris Causa, as Irmandades da Fala de Galiza e Portugal homenagearam-no com o volume extraordinário, números 13-18, da revista *Nós*. Consta de 560 páginas, e a maioria incluem trabalhos científicos e literários sobre Da Cal ou a ele dedicados. Também figura (Da Cal, 1989: 169-182) uma produção dele. A publicação abre com uma foto sua, e um editorial em que o apresentam como "galego de nação". Nele, a direcção da revista (1989: 7-8) justifica a oportunidade para honrá-lo

> pela sua ciência, pela sua dedicação como professor e como autor de obras de crítica literária, poeta e escritor fiel à nossa língua, "Ítaca perdida e achada" em suas palavras. Era merecedor desta homenagem [...] não só no quadro da ação cultural desenvolvida pela revista, dita da Lusofonia, mas também pela actividade profissional e criativa do ilustre professor galego. [...] Se alguem conhece bem a Lusofonia in situ, país a país, continente a continente, de les a les, é o professor Guerra da Cal, que contribuiu poderosamente para conduzir o "estilo da lingua" portuguesa, para alem da literatura, ao ponto em que se encontra hoje, afirmando sempre a sua presença universal e universitaria.

O editorial finaliza com breve referência biográfica dele. Na continuação encontram-se as produções dos contribuidores, que focam muitos dos diferentes âmbitos a que se dedicara o homenageado, com as epígrafes de "Ensaios", "Literatura", "Linguística", "Sociolinguística", "Ensino", "História da Educação", "História", "Antropologia" e "Criação Literária". Finaliza com secções "Notícias" e "Documentos"[347].

---

[347] Na parte de ensaios, o leque de colaboradores inicia-o Luís Forjaz Trigueiros, que salienta o queirosianismo e a poesia de Da Cal. Seguem trabalhos de Isidro Juan Palacios (apresenta Da Cal como "um poeta, ao menos o que tenho conhecimento nos ultimos tempos, no escritor do retorno, no poeta nomada, no poeta do exilio, recobrado para as raizes lusogalaicas", e faz referências no final a Lorca "que portava em seu rosto escrita a morte toureira", além de uma manifestação de espanholidade), Xosé Estévez (de Da Cal e Quiroga), Micaela Ghitescu (traduz um poema de Da Cal, "Campanha", para romeno), Franco Grande (testemunha os encontros no Estoril), Natércia Freire (salienta a sua "paixão criadora"), Maria Teresa Babin (qualifica-o de "poeta de alto quilate"), Nechama Kramer-Hellinx (abre o seu contributo com poema dedicado "Ao Doutor Ernesto G. da Cal: Meu pai no espírito"), Theodore S. Beardsley (colabora com trabalho de teor bibliográfico), Taborda de Vasconcelos (diz que LEEQ "esgota o assunto"), José A. França (participa com artigo sobre Eça); Carlos Reis (salienta o "impressionante acervo de informações" da BQ e assinala ser LEEQ "ainda hoje, uma obra de referência indispensável no âmbito dos estudos queirosianos"); Luiz Fagundes Duarte (aponta novos elementos para a pesquisa de Eça); Carmela Nuzzi (afirma que "me inspirou a estudar e a gozar as obras de Eça"); Evanildo Bechara (frisa o "valor intelectual, artístico e humano" de Da Cal); Montero Santalha (estuda e edita seis vilancicos); Araceli Herrero Figueroa (contribui com texto sobre Cunqueiro e o Teatro); José Blanco (estuda-o como "pioneiro pessoano"); Maria Rosa Sil Monteiro, Jorge Dias e de novo Adela Figueiroa (com três contributos pessoanos). Esta parte finaliza com estudos de Luís F. Adriano Carlos (sobre "Filomena Cabral), Estela Pinto Ribeiro Lamas (sobre Sophia de Mello Breyner Andresen); José Luís Pires Laranjeira (sobre a narrativa de Leonel Cosme); e Yolanda Aldrei (sobre a Literatura Galega). Em muitos destes trabalhos observa-se relacionamente entre os estudos de Eça e a poesia de Da Cal (V.gr. nos de Natércia Freire, Trigueiros, Ghitescu, Franco Grande, Babín).
Na parte dedicada a Linguística participam Isaac Alonso Estraviz, J. L. Fontenla Rodrigues, Carlos Durão, Arsénio Mota, Alberto Garcia Vessada e José Luís Valinha Reguera. Na de Sociolinguística inclui-se um trabalho de Gil Hernández e Henrique Rabunhal, e outros de Angelo Brea, J. J. Santamaria Conde, e J. Fernando Fraguela do Canto. Na parte final inclui uma miscelânea, com trabalhos de Álvaro

O contributo de Da Cal intitula-se (1989: 169-182) "Textos e documentos. A Galiza nos escritores portugueses". Dedica-o a Fialho de Almeida e inclui-se na segunda das epígrafes, dedicada a "Literatura". Uma nota da Redacção indica que inicia "uma série de artigos" sobre o assunto, pois julgam ser (1989: 169) "sem dúvida a melhor homenagem a Guerra da Cal e seu país". No entanto, não houve continuidade[348]. Para além do privilégio de iniciar nova secção, Da Cal oferece um assunto muito do seu interesse. Lembra o seu trabalho de mais de quatro décadas antes no *Columbia Dictionary of European Literature*, uma maneira de chamar a atenção dos especialistas para esse repositório, pouco citado em Portugal, e de reivindicar para os não avisados o seu papel pioneiro de difusor da Literatura Portuguesa no intersistema anglófono. Além

---

Gomes, Angelo Serafim Porto Ucha, Manuel Afonso Costa, Alfredo Margarido, e Luís Polanah. Em muitos destes trabalhos há alusões à produção de Da Cal, ou são a ele dedicados.

A reprodução de uma gravura de Laxeiro, como "reconhecimento à obra do grande pintor galego", separa a parte ensaística e de estudos literários, em que se incluem textos de poemas e de narrativa. Começa com contributos de Cristina de Mello, a que seguem de José Alberto Oliveira, Manuel Afonso Costa, José Vieira Gomes; Jenaro Marinhas del Valle, José Ramom Rodrigues Fernandes, Arsénio Mota, Filomena Cabral, Beatriz Berrini, Eulália Moreno de Carvalho. No final desta parte concentram-se as homenagens a Da Cal, que principiam com poema de Ricardo Carvalho Calero, e na continuação outros de Franco Grande, Gil Hernandez, Yolanda Aldrei, Angelo Brea, M. Alguém, Hugo Beja, José Carlos González, José Ribeiro Ferreira, Pires Laranjeira e João Rodrigues do Padrão.

O volume finaliza com a secção de "Notícias", em que informa da morte de Rodrigues Lapa (pp. 524-525); indica que "A Comissão do Acordo Ortográfico que presidem Guerra da Cal e Marinhas consternada com a morte de Rodrigues Lapa" (pp. 526-527); inclui um "Im Memoriam" de Lapa redigido por Montero Santalha, em que analisa a polémica do artigo de 1973 sobre a recuperação literária do galego e insiste na consideração de Da Cal como referência não só do galego-português, mas também do galeguismo. Inclui na continuação um apelo das Irmandades da Fala para celebrar no 1 de Dezembro o "Dia da Lusofonia" (pp. 535-536); informa da "Apresentação do 'Parecer para unificação de galego, português e brasileiro' na Galiza e Portugal" (pp. 537) indicando diversos actos na Galiza e Portugal e incluindo o texto desse "Parecer" (Da Cal et alii, 1989: 539-545) assinado por Da Cal como presidente (Aquele "Parecer" estava datado aos 30-I-1989. Nele indica-se o desejo da Comissão de participar no próximo Encontro da Unificação Ortográfica, e agradece-se a todos os países lusófonos que convidem a "Comissão" como representante da Galiza "em qualidade de observadores, pola legitimidade que nos confere ter sido Terra Mãe e Berço da Lingua, que se orgulha em falar o nosso Povo e toda a Lusofonia". Lembram a participação no Encontro do Rio de 1986; indicando que os ofícios se encaminhassem para Da Cal e Santamaria Conde, presidente e secretário); e o volume encerra com a comunicação da "Conselleria de Cultura e Deportes da Xunta" denegatória de subsídios para a revista *Nós* (p. 547) e um recurso apresentado contra essa resolução (p. 547-556), assinado por José Luís Fontenla.

[348] No Espólio EGC encontra-se rascunho de um outro trabalho desta série, dedicado a Afonso Lopes Vieira. Este artigo leva por isso no princípio um "I", indicativo do início de série, que ele assume no parágrafo inicial, e o título "Fialho de Almeida". Da Cal faz breve introdução, que data no Estoril aos 14-VII-1988, em que afirma amparar-se em dados do verbete que elaborou sobre Fialho para o *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, em 1947, a primeira notícia que se ofereceu dele em língua inglesa. Não falta a referência a Eça de Queirós, embora muito de passagem. Apresenta Fialho afirmando que "era essencialmente um estilista. Muito menos interessado no que tinha a dizer do que na maneira de dizê-lo", e refere-se a ele como "mestre da crónica", pondo em destaque que parte da sua produção se publicou póstuma. É desta que escolhe um excerto, publicado em 1921, numa edição que critica por "desleixadíssima" e por não informar das viagens do escritor pela Galiza. Insiste em que estava "longe de ser um turista distraído". Actualiza a ortografia, e inclui no final reprodução de um apontamento de viagem de Fialho que, afirma, "estava na posse do Dr. Humberto de Araújo".

disso, para leitores galegos, Da Cal lembra o interesse de Fialho, pouco conhecido na Galiza excepto no âmbito dos especialistas em Português.

A publicação reivindica-o como produtor cientista e literário com projecção internacional, e visava demonstrar a validade da doutrina reintegracionista e reivindicar a plena identificação da língua da Galiza com a de Portugal; mesmo servir de vanguarda, ao assumir o Acordo Ortográfico e dar por feito que estava realizada a unidade da língua comum da Galiza e do intersistema lusófono. Em definitivo, observa-se como Da Cal participava de forma muito activa, intervindo directamente e facilitando o trabalho dos galegos membros dessa Comissão, que o retribuiam considerando-o um vulto principal entre as personalidades galegas e do exterior, históricas e coevas, que defendiam essa integração ortográfica. Dá, pois, mas também recebe reconhecimento, destes grupos galegos que o tinham como bandeira e como aliado principal para atingir uns fins que coincidiam com os defendidos por Da Cal desde a década de 50[349].

No *Jornal de Coimbra*, **Luís Miranda Rocha** ocupou-se desse volume em honra de Da Cal, e qualifica-o de o "mais conhecido e considerado estudioso de Eça de Queiroz"[350].

---

[349] Também a 1988-1989 corresponde o volume múltiplo 14-20 da revista *Temas de O Ensino*, em que se reproduz a capa do volume de homenagem a Da Cal nos números 13-18 da *Nós*, o que faz pensar que fosse posterior a este, possivelmente da primavera de 1990 (ver infra)..
Nesse volume da revista, José Luís Fontenla inicia uns comentários às Bases da Ortografia Unificada de 1988 manifestando que esta chegou às mãos da Comissão Galega (Fontenla, 1989: 11) "através do Presidente da CNALP (Comissão Nacional da Lingua Portuguesa) Prof. Doutor Aguiar e Silva, e do Prof. Doutor Guerra da Cal da Academia das Ciências de Lisboa". E ainda em trabalho posterior (Este trabalho, segundo esclarece em nota de rodapé, fora apresentado no Porto, em Maio de 1989, no Simpósio de Cultura Angolana. Nele utiliza o cânone ortográfico aprovado no Acordo de 1986) mais uma vez Fontenla afirma seguir (Fontenla, 1989: 86) "as linhas do ideario de Viqueira, Vilar Ponte, Castelão, Otero, Carvalho Calero, Marinhas del Valle, Guerra da Cal e de amigos lusófonos como o prof. Rodrigues Lapa e Celso Cunha, a quem dedico esta comunicação 'in memoriam', Houaiss, Azevedo Ferreira, Sílvio Elia, Azevedo Filho, Chaves de Melo e tantos outros amigos da "Lingua da Patria e da Patria da Lingua" (galegos, portugueses, brasileiros e africanos) eu faço votos pela Literatura Lusofona (ou Literaturas Lusofonas)". Neste número da revista inclui-se o trabalho "A língua na Galiza. Que política lingüística e para que?", de Adela Figueroa, quem assina como "Secretaria de Organização de FETE-UGT Galiza e Professora Catedrática de Ciências Naturais das Irmandades da Fala", pois informa-se que esse relatório fora apresentado na Comissão Executiva Nacional do sindicato aos 22 de Outubro de 1988. Figueroa, que era esposa de José Luís Fontenla, tentava assim a luta também pela via sindical através da UGT, a organização sindical mais representativa na altura na Galiza e directamente relacionada com o PSdeG-PSOE. Como com anterioridade através dos contactos entre o PsdeG-PSOE e o PS português, recolhido o primeiro número dos *Cadernos do Povo* no ano anterior, tentava-se a via de contacto político. No entanto, nenhuma delas frutificará.

[350] Esclarece que o Doutoramento Honoris Causa de Coimbra, cuja cerimónia "não chegou a realizar-se, por motivos que nos escapam" foi o "pretexto" para a publicação, por mais que houvesse outros, nomeadamente a lusofilia do autor, manifestada na opção ortográfica escolhida. Afirma que "qualquer estudante de Letras" conhece LEEQ, que é "um exercício crítico de rigor modelar nos domínios metodológicos da estilística, e uma peça de importância capital na bibliografia passiva de Eça", referindo as traduções do estudo. Reprova Rocha a "confusão" na apresentação dos estudos nesse número da revista, mas salienta ter visto a *Nós* em vários lugares de Portugal, para concluir: "Uma coisa é certa:

**O Doutoramento Honoris Causa pela UC, que dera lugar a esta publicação, culminava a consagração de Da Cal como cientista**. Um reconhecimento para o qual tinham contribuído os seus textos, mas também os projectos que promocionou, e outros em andamento, como a edição crítica da obra de Eça. Além disso, na publicação de *Nós* demonstrava-se o respeito que ganhara entre antigo alunado, especialistas de diferentes âmbitos, no CL, e como soubera fazer novos discípulos entre os grupos emergentes que trabalhavam para atingir posições de centralidade no CEL.

III.3.1.13.2.-Avanços no CEL para a edição crítica da obra de Eça de Queirós.

**No âmbito do queirosianismo produziram-se esse ano dois importantes acontecementos: a publicação do estudo do espólio de Eça, preparado por Carlos Reis e por Maria do Rosário Milheiro; e a defesa da Tese de Doutoramento de Luiz Fagundes Duarte, que focou a narrativa queirosiana *A Capital!*, e em que utilizou novos critérios de textualidade para a edição da produção do escritor.** Foram dois importantes avanços no CEL Português, que marcavam o caminho para a empresa da anelada edição crítica queirosiana. **Da Cal teve participação de destaque nas duas iniciativas**, e encontra-se citado nelas de diferentes maneiras, mas também por ser consultor dos autores e ter aconselhado directamente os trabalhos em andamento.

Reis e Milheiro publicaram[351] *A construção da narrativa queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*. Este estudo está dedicado a Da Cal, o especialista mais citado[352]. Neste volume aborda-se o problema dos póstumos de Eça, com especial referência ao caso de TRF. Incluem um apêndice documental, no qual se reproduzem e analisam originais de Eça, com referências a 29 autógrafos[353]. Esse estudo do Espólio oferecerá luz para

---

trata-se, esta revista, de um grande projecto. E vai-se realizando, pelo menos a este nível de divulgação de textos com o que de comunicação lhe anda obviamente associado".

351 Além do livro, os dois pesquisadores informaram das características e resultados do seu trabalho em revistas especializadas (v. gr., Reis e Milheiro, 13-VI-1989).

352 No "Prefácio" amostram "gratidão ao Professor Ernesto Guerra da Cal: figura de incomparável dedicação e competência no campo dos estudos queirosianos" e afirmam: "devemos-lhe a sempre disponível palavra de incitamento, o esclarecimento oportuno de dúvidas e a superação de indecisões. Para além, obviamente, do exemplo ético e científico de *scholar* a quem a cultura portuguesa muito deve". Indicam que na BQ encontraram (Reis e Milheiro, 1989: 27) "informações preciosas" e "elementos rigorosos", e referem que desde que Da Cal publicou esse repositório (Reis e Milheiro, 1989: 29): "minucioso inventário crítico de bibliografia activa de Eça dispomos de uma descrição praticamente exaustiva da constituição, erosão e transformações mais ou menos espúrias porque passou o campo bibliográfico queirosiano; desnecessário é dizer que um tal inventário surge aqui como precioso guia, num percurso do reconhecimento que se torna imperioso cumprir".

353 Entre as 32 citações da BQ ressalvam (p. 31) como de "inatacável pertinência a designação de semi-póstumos com que Guerra da Cal classificou *A Correspondência de Fradique Mendes, A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires*"; reivindicam (p. 35) uma edição crítica da produção queirosiana; destacam (p. 38) a opinião de Da Cal respeitante à edição de TRF; afirmam (p. 40) que Da Cal, Ivo Castro

conhecer melhor a maneira de trabalhar do escritor, e assim colocar-se com maior segurança as intervenções a realizar para atingir maior fidelidade textual.

Outro acontecimento marcante para o queirosianismo foi a apresentação da **Tese de Doutoramento de Luiz Fagundes Duarte**, na Universidade Nova de Lisboa, intitulada *A génese de um romance*. O maciço e exaustivo trabalho consolidava como queirosianista Duarte, já então muito conhecido neste âmbito. Após anos de dedicação, oferece o texto crítico do romance *A Capital! (começos duma carreira)*, nas páginas 409-899, mas também uma edição diplomática, nas páginas 35-374. No trabalho há citação de vários verbetes da BQ, e também se refere a LEEQ. Esta investigação confirmava na prática a funcionalidade da BQ para a edição crítica da produção queirosiana[354].

**Outros estudos editados nesse ano evidenciam a citação dos contributos dacalianos, cada vez mais conhecidos e difundidos**. Assim acontece em *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, de **Carlos Reis**, que afirma ser Guerra da Cal (Reis, 1989: 123) "o mais reputado estudioso do estilo queirosiano" e singulariza mais uma vez (Reis, 1989: 133), o verbete "Juliana", do DLPGB.

**Beatriz Berrini** utiliza as investigações de Da Cal no estudo *Eça de Queiroz. Palavra e Imagem*, em que se refere à BQ como "indispensável". Afirma (Berrini, 1989: 12):

> Julgo indispensável mencionar aqui o nome do maior pesquisador de Eça de Queiroz, cuja obra paradigmática se constitui em precioso acervo de informações, indispensável a qualquer estudioso do assunto. Refiro-me à *Bibliografia Queirociana* de Ernesto Guerra da Cal. Os seus cinco alentados tomos reúnem de forma sistemática todas as informações a respeito de Eça de Queiroz. [...] Talvez não exista no mundo uma Bibliografia semelhante, tão extensa e completa, sobre qualquer outro escritor. Todos nós, que de alguma forma nos debruçamos

---

e Luís Fagundes Duarte tiveram "os mais oportunos depoimentos" sobre a polémica de TRF. Reis e Milheiro valem-se da autoridade da BQ (p. 102) para assinalar a dedicação de Eça, nos últimos anos da vida (p. 102), na organização de *Almanaques* e para argumentar (p. 188) a adaptação para teatro de *O Crime do Padre Amaro* e outras narrativas; para indicar dados a respeito das emendas na prosa (p. 34), a edição de *O Conde de Abranhos* (p. 37), *O Egipto* (p. 99), *O Primo Basílio* (pp. 100 e 178), *A Capital* (p. 131 e 174), a direcção de *Distrito de Évora*, a hagiografia queirosiana (p. 162), a obra dispersa ou perdida (p. 82), a epistolografia (p. 74), a passagem de Eça por Leiria (pp. 156-157), ou *A Cidade e as Serras* (p. 175). Também referenciam LEEQ (pp. 97, 170 e 172) para alicerçar afirmações sobre o estilo; e os verbetes que Da Cal dedicou a "Juliana" no DLPGB (p. 152), e a "Acácio" no *Grande Dicionário de Literatura* dirigido por Cochofel (p. 179).

354 Na Introdução, Duarte (1989: xxvi) deixa constância de agradecimento para aqueles que lhe facilitaram a tarefa "com os poucos recursos e apoios disponíveis"; e entre os nomes figuram os "dos Professores Guerra da Cal e Carlos Reis, que se foram interessando pelo projecto, dando-me conselhos e informações de grande valia". Refere-se a Da Cal como "sem dúvida a maior autoridade na obra queiroziana, que não só me sossegou [...] como me apoiou inequivocamente", sobretudo a respeito das dúvidas existentes do trabalho da pesquisadora francesa Dominique Sire que anos antes se tinha debruçado sobre essa narrativa, e outras questões.

sobre a vida e a criação literária do romancista, somos devedores —e por isso gratíssimos—, a Ernesto Guerra da Cal.

A singularidade da investigação dacaliana é, pois, posta em destaque mais umha vez[355]. **O Círculo Eça de Queiroz de Lisboa** organizou um ciclo de conferências subordinado ao tema "Os Vencidos da Vida". Contou com depoimentos de 13 oradores, entre eles **Rafael Gomes Filipe**, quem proferiu uma palestra sobre "Carlos Lobo de Ávila e os Vencidos da Vida", na qual se amparou no verbete de Da Cal do DLPGB. São mais três amostras de como em Portugal e no exterior especialistas muito diferentes se amparavam nos diversos contributos queirosianos de Da Cal[356].

Foi pois un ano intenso para o sua consagração como queirosianista e para a reafirmação da sua centralidade no CEL Português. Porém, essa aceitação não será suficiente para a sua retenção em Portugal e, após pôr à venda a residência estorilense Melrose, acabará o ano na capital inglesa (ver infra).

III.3.1.13.3.-Tradução para espanhol da "Rememoração" de García Lorca.

Na revista madrilena *Punto y coma* correspondente ao inverno de 1988-1989 publica-se a tradução para castelhano da "Rememoração" de Da Cal sobre García Lorca publicada originariamente no JL de Lisboa em Agosto de 1986[357].

---

355 Berrini documenta na BQ informações sobre uma fotografia de Eça (p. 12), uma ilustração da casa onde nasceu Eça (p. 22), e outras a respeito de *A Relíquia* (p. 238), *Revista de Portugal* (p. 254), *Uma campanha alegre* (p. 266), a tradução de *As Minas de Salomão* (p. 270), *Dicionário de Milagres* (p. 294), *Revista Moderna* (p. 296), *Almanaque Enciclopédico para 1896* (p. 301), o segundo retrato de Eça por Columbano (p. 306), Eleonora Duse e a casa de Maria Amália Vaz de Carvalho (p. 307), *A Cidade e as Serras* (p. 311), *A Ilustre Casa de Ramires* (p. 322), ou o a respeito do túmulo de Eça no cemitério do Alto de São João (p. 345). Também a utiliza (pp. 361-365) como fonte para redigir uma cronologia.

356 Na correspondência de Da Cal merecem destaque duas cartas, uma encaminhada ao Professor francês **Paul Teyssier** e outra ao editor português **Vasco Quevedo Pessanha**.

Teyssier (6-IX-1989) escreve para Da Cal com informações a respeito da estada de Eça em París e aspectos da narrativa *A Relíquia*. A carta é resposta da enviada por Da Cal em 4 de Julho, segundo assinala. Teyssier, tradutor de Eça para francês e prestigioso lusitanista da França, oferece dados a respeito de lugares e personagens dessa produção queirosiana, e promete interessar-se por esse assunto e comunicar-lhe o resultado das pesquisas. A carta confirma como na altura Da Cal trabalhava activamente em novos estudos sobre um dos produtos queirosianos mais caros por ele.

Vasco Quevedo Pessanha (27-X-1989), director das Edições Inapa de Lisboa, confirma-lhe que "Na sequência das conversações havidas, vimos por este meio manifestar quanto satisfeitos e honrados nos sentimos pela perspectiva de virmos a editar as duas obras que V. Exa. tem em preparação, ou seja a Edição Crítica da Relíquia e o estudo sobre o Piloto João da Nova. Estaremos, assim, disponíveis para, quando o Sr. Professor DaCal o entender conveniente, acertar os detalhes relacionados com estas edições". Esta epístola evidencia que não só estava a trabalhar nesses assuntos, mas também preparava a publicação, e como mantinha bons contactos para dar saída a esses trabalhos.

357 A versão está assinada por Mariana de Albuquerque, e ocupa das páginas 49 e a 59. Na primeira delas inclui-se fotografia de Da Cal com Lorca "en un terraza madrileña, entre los años 1933 y 1934" frisando que se trata de uma "fotografía inédita", e informa-se que Da Cal foi amigo de Lorca por espaço

Esta publicação suporá um novo desencontro com a sua primeira esposa, filho, e família e amizades relacionados com eles pois, segundo explica Enric Ucelay da Cal, não entendiam que aceitasse publicar numa revista de ideário relacionado com a ultra direita espanhola.

III.3.1.13.4.-A produção literária: Novo poema dedicado para Rosalia de Castro.

Em 3-VIII-1989 Da Cal envia por carta a Xosé Estévez um novo poema, dedicado para ele e para a sua esposa Maribel. Trata-se de "um poema de tema Rosaliano (mais um!) com incidência quiroguesa (até à morte) que vos é dedicado", e que anuncia vai mandar "ao José Luís Fontenla para ser inserido em *Nós* –ou qualquer das outras revistas 'lusistas'". Esse poema intitula-se "Alucinação", e está datado no Estoril, em "28 de Julho 1989", o mesmo dia que, decorridos cinco anos, será o da sua morte. Trata-se de um poema muito significativo na sua produção, pois será o escolhido para fechar o seu derradeiro poemário, *Caracol ao Pôr-do-sol*, que estará pronto em 1991 mas que só se publicará, póstumo, no ano 2001. Esse poema será antes publicado e experimentará modificações, mesmo no título, que mudará para "Entressonho", como se verá infra.

---

de seis anos, avisando que nesse texto oferecia "una semblanza del poeta, ahondando y descubriéndonos su sensibilidad y sus tragedias humanas. Un trabajo único".
O artigo inclui outra iconografia sobre Lorca, entre a que se encontra a dedicatória do *Poema del Cante Jondo* a Da Cal, incluída na HFGL do ano 1984, e numerosos destaques.
A tradução evita as referências de "fossa séptica" a Madrid, e outros elementos que se encontram na versão portuguesa, que se adaptam de maneira que resultem menos impactantes para o leitor espanhol.
Na página final inclui-se fotografia de Da Cal e informação a respeito da sua personalidade e produção. Nesse lugar indica-se que conheceu Lorca em 1931 num piso de Madrid que tinha seu irmão Fernando na rua de Alcalá. Em nota da redacção acrescenta-se o facto de ter combatido em favor da República no frente de Madrid e justificam-se as alusões do artigo à Guardia Civil pois "No hay, pues, ánimo encendido, sino puro teatro solamente" e que que "cuando Federico quiso componer sus poemas gallegos, Ernesto fue su '*diccionario viviente y selectivo*', participando de un modo directo y concluyente en la redacción de tales *poemas*". Também se salienta nessa nota que "Durante su presencia en Madrid o fuera de sus tierras gallegas y antes de estallar la guerra Ernesto conoció estrechamente también a Juan Ramón Jiménez, a Vicente Aleixandre, a Emilio Prados, a Valle-Inclán, al inolvidable Machado... Después, **con la paz**, se exilia al continente americano y allí inicia su andadura americana de reconocido prestigio". Ainda nessa referência biográfica é anunciado o Honoris Causa da UC. Salientam várias das suas publicações e referências passivas sobre ele, e revistas em que tinha escrito, informado que "En estos momentos trabaja sobre *Materia y Manera de la "Reliquia" de Eça de Queiroz*; *Los seis poemas gallegos de Federico García Lorca*, y *Federico García Lorca y la Guardia Civil española*" e frisa-se que graças a ele Lorca figurava em *The Encyclopedia Americana*. Estes dados parecem ter sido facilitados por Da Cal quer à tradutora quer à redacção da revista, que dirigia Isidro-Juan Palacios (personagem da ultra-direita espanhola, que, como se assinalou supra, tinha contribuido no volume de homenagem a Da Cal da revista Nós), pois no exemplar conservado no seu Espólio, em que se encontram corrigidas algumas gralhas, não há emendas nem se apaga nenhum dos dados citados.

Em 30-VIII-1989 pede desculpas por carta a Victoria Atencia, pela demora em responder, que atribui à doença de Elsie, e junta o poema "Tetragrammaton", publicado no número 3 de *Espacio-Espaço*, no volume do Inverno de 1988.

III.3.1.13.5.-A despedida do Estoril.

No verão desse ano e no início do Outono o casal Da Cal organiza os preparativos da partida para Londres. Esta deslocação foi decisão muito pensada, em que tinha influido de maneira muito decisiva a doença de Elsie e o não se considerarem bem atendidos pela Medicina em Portugal. O medo à perda de anos de vida por causa de uma morte devida a problemas assistenciais convence-os da necessidade de ir à procura de umas instituições sanitárias mais eficientes, e as da Inglaterra parecem-lhes a solução. Conheciam bem a cidade londrina, o que restava impacte àquela resolução, apesar do avançado das suas idades.

Da Cal (em carta de 20-VI-1989) informa a Xosé Estévez que já tinham posto à venda a "Melrose". Para além da não satisfacção pelo problema cardíaco sofrido pela esposa, ou a pressão do excesso de turismo no Estoril, argumentava o facto de terem familiares na capital inglesa, e o quererem desfrutar da sua oferta cultural e serviços, pelo que "a ideia de Londres se apresenta como um câmbio de vida muito aliciante". Tem esta carta relevo por outras questões, como a rememoração que faz da sua estada em Quiroga[358] ao citar lugares, factos e pessoas da sua infância.

Também em carta (de 30 de Agosto) para Victoria Atencia, confirma a transferência para Londres e informa de que estavam encontrando problemas para vender a Melrose.

Afinal, a venda da residência do Estoril resultou satisfactória, pois foi aquirida por pessoas inglesas, que lhes ingressaram parte do dinheiro em Londres, o que era da maior satisfacção para eles. Para a mudança empacotaram também milhares de livros, junto com as restantes pertenças, o que supunha reunir muitos fardos, que foram transportados via marítima para Londres. Eles partiram antes, por avião, para aproveitar o tempo na cidade que de novo os entusiasmava.

[358] Da Cal agradece a Estévez que lhe tivesse enviado o livro de sonetos de Manuel Maria dedicado a Quiroga, e diz-lhe: "Fique sabendo sempre, que a minha relação consigo é sagrada, pois, além de resto, Você é o único elo que eu tenho com a realidade viva de Quiroga". Ainda nessa carta solicita que lhe envie uma fotografia dele e dos seus, por não os conhecer fisicamente, e agradece-lhe o trabalho com que contribuiu no número de homenagem da revista *Nós*, que considera acertado.

III.3.1.14.-Síntese conclusiva.

Em Novembro de 1989 finaliza o período de algo mais de 12 anos de residência dos Da Cal no Estoril, após o aposentamento. Foi um tempo de felicidade pessoal e de muita actividade e reconhecimento. Aquela cidade fora escolhida por dispor nela da Melrose, uma casa herdada por Elsie, ampla, com zona ajardinada e com boas prestações para as necessidades do casal na nova situação vital. Próxima da residência do pai do Rei de Espanha, Dom Juan de Borbón, quem fora companheiro de liceu de Da Cal em Madrid, a Melrose converter-se-á com o tempo em centro de reunião ao qual acudiram muitas pessoas da Galiza, de Portugal e de outros países na procura de Da Cal, muitas vezes por interesse em conhecê-lo, outras por cumprimentá-lo, mas também para procurar ajuda em estudos e trabalhos de pesquisa ao considerá-lo referência, pela sua experiência e trajectória, para as investigações queirosianas e em geral do âmbito da ciência filológica. Foi também a Melrose local para reuniões sociais, refeições e pequenas festas para as amizades, favorecidos pelas condições de Elsie para a cozinha, mas também pela disponibilidade dos dois para as atenções das visitas e pelo bom humor e a simpatia que os caracterizava.

Apesar da avançada idade, Da Cal materializou nestes doze anos importantes projectos científicos e literários: finalizou a *Bibliografia Queirociana*, com a elaboração de novos tomos, além de outros trabalhos críticos e divulgativos de menor fôlego mas também de interesse para a sua projecção no CEL; preparou e publicou a *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, oferecendo grande destaque à Literatura Galega em Portugal; editou três poemários, com sucesso; e difundiu numerosos poemas em publicações de vários países; recebeu o Prémio de Bibliografia D. Manuel II, o Doutoramento Honoris Causa pela UC, e uma condecoração pela Casa de Bragança; participou muito activamente na Comissão Galega para o Acordo Ortográfico..., o que lhe acarretou também reconhecimento e brilho social, e afiançou a sua centralidade no CEL português. Ganhou posições como referente nos estudos de García Lorca, Fernando Pessoa, e nos dedicados a outros produtores, testemunhando esses instantes de glória pessoal e mesmo participando activamente para os consolidar através da reivindicação, por diferentes vias, das suas intervenções.

Foi, pois, um período de velhice plenamente vivido, com muitas satisfacções, e que lhe permitiu além do mais manter relacionamentos com os EUA, o Brasil e outros países, e ganhar novas amizades e aliados internacionais. Da Cal desfrutou como ser humano,

pode-se dizer que levou para a prática aquilo que exprimia no seu poema "Conselho de amigo": tinha cultivado o seu futuro com amor, e passava nele o resto da sua vida com felicidade e com uma actividade muito gratificadora, apesar das chatices que por vezes se apresentavam. Muitas pessoas morreram mais novas do que ele; outras encontravam-se deterioradas ou com problemas e entraves diversos que lhes empeciam um desenvolvimento normal; enquanto Ernesto e Elsie da Cal estavam plenamente integrados socialmente e mesmo se colocavam, e levavam para a frente, uma mudança de residência para um país com uma maior carestia: não se tratava de umas férias prolongadas, era concebido pensando em que seria onde morreriam, e assim foi planificada, levando com eles tudo o que era significativo para as suas vidas, segundo esclarece Elsie Allen da Cal em entrevista pessoal.

III.3.2.-O périplo final da vida: residências em Londres, Nova Iorque e Lisboa.

Londres será o ponto de partida para um périplo final da vida com mais duas residências: Nova Iorque e Lisboa. Londres era para os Da Cal a cidade da Europa de maior nível de vida, onde poderiam encontrar mais oportunidades e um dinamismo social favorecido pela boa situação económica que desfrutavam. Só dificuldades inerentes à passagem dos anos, muitas vezes insuspeitas, aparecerão neste período vital, que oferecerá também satisfações e produções. Em Novembro de 1989 materializou-se a mudança de residência[359].

A instalação resultou mais dificultosa do previsto[360]. Porém, em 1990 desfrutam de museus, viagens, e outras propostas socioculturais londrinas.

III.3.2.1.-Novos produtos de poesia em Andaluzia e na Galiza em 1990.

[359] Da Cal (10-XII-1989) informa Franco Grande de ter encontrado vivenda "ao pé da Universidade de Londres e do Museu Britânico. É um 'flat' muito simpático no centro do bairro de Bloomsbury –tão cheio de ecos literários. Esperamos poder ocupá-lo no início do novo ano –e começarmos ali a nossa nova vida, que se nos aparece sorridente e luminosa –e incomparavelmente mais rica, em todos os sentidos, do que em Portugal, esse nosso Portugal que tem todos os inconvenientes do 'progresso', sem nenhuma das suas vantagens". Os primeiros dias resultaram com incomodidades, e com saudades de Portugal. No entanto, os melhores serviços culturais e de saúde da cidade eram especialmente importantes para eles. Da mudança Da Cal (11 e 29-XII-1989) informa igualmente a Victoria Atencia e Rafael León, em termos semelhantes.

[360] Da Cal (25-I-1990) comunica a Franco Grande: "Os nossos móveis e enseres só chegarão no dia 2 de Fevereiro", mas decidiram ocupar a vivenda com algum móvel "emprestado por parentes e amigos". Ultrapassados esses incómodos iniciais participam de museus, teatros, clubes, saídas nocturnas... segundo comunica a Atencia e León aos 15-VIII-1990, em carta em que afirma ter amizade de velho com o Embaixador de Portugal em Londres, Eugénio Lisboa. O entusiasmo pela nova situação transparecerá poucos dias após (9-IX-1990), em outra carta para Franco Grande: nela fala das boas possibilidades que oferecia Londres para pesquisar. Convida-o para realizarem-lhes uma visita.

Continuou como referência na Galiza para o Reintegracionismo e para os defensores do Acordo Ortográfico[361]. No entanto, a sua ausência impediu-o de ter protagonismo no encontro celebrado em Lisboa, em que participou de novo uma delegação da Comissão da Galiza e a que ele também fora convidado[362]. Continuava como Presidente da Comissão Galega, mas partilhava agora esse posto (Sem Autor, 1990c: 85) com Jenaro Marinhas del Valle. Não interveio no III Congresso da Agal, nem figurava entre os presidentes de honra[363]. **A mediação de Carlos Durão resultou decisiva para se reencontrar com a Agal, e colocou os alicerces para a reedição de LAM-RST**[364]. Foi

---

361 Da Cal mantém a colaboração com as IFGP, que editam vários produtos dele.
Em Março foi várias vezes aludido como modelo num ciclo de conferências organizado na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões pelo professor Herculano de Carvalho, segundo as intervenções, reproduzidas em *Temas de O Ensino* (Herculano de Carvalho, 1990:10; Fontenla, 1990a: 16 e 1990b:45; Valente, 1990:40). O "Antelóquio indispensável" de FI e o trabalho sobre Fialho de Almeida são incluídos (Cristovão, 1990:88) entre a "Bibliografia de sociolingüística lusófona" modelar. E foi (Da Cal, 1990a: 106-108) um dos "Quatro poetas galegos" seleccionados por Maria Rosa da Rocha Valente. E ainda na antologia "Incipit Liber da Lusofonia", em nova escolha da professora Valente, figura (Da Cal, 1990b: 140-142) adaptando os seus textos para o Acordo Ortográfico de 1986. Na mesma revista ser-lhe-á dedicado o poema "A espera", de Ricardo Carvalho Calero (1990:131-132).
Em *Cadernos do Povo* salientavam o seu contributo para atingir ao objectivo de ser admitida a Galiza na Lusofonia, num volume que publicou o seu estudo (Da Cal, 1990: 5-14) "Apontamentos sobre as traduções dos principais romances de Eça de Queiroz", que coincide basicamente com o apresentado em Paris (ver supra); e dois poemas assinados e outro novo de D.C. Warnest em inglês com tradução para português e "Nota do tradutor" com dados biográficos de Warnest; e encontram-se aludidos e reproduzidos outras personagens que creara com o seu nome: Red Calaguer (1990: 163 e 195), Ernst Limewar (1990: 192 e 194) e Raguer Caldas (1990: 193-194), para além do já indicado D. C. Warnest, de quem se reproduz em epígrafe mais uma citação (Da Cal, 1990:165). A maiores, Victoria Atencia reconhece a (Atencia: 1990:99) "informaçao –que muito agradeço—do Prof. Ernesto Guerra da Cal, tão querido amigo" para realizar um trabalho sobre Sor Juana Inés de la Cruz". Carlos Durão, em recensão de um livro de teatro de João Padrão (pseudónimo de José Luís Fontenla) afirma que nele (Durão, 1990: 214) "Rende o autor homenagem ao poeta Guerra da Cal ("A vida é rio de sonho e tempo", p. 23)".
Em Maio de 1990, o grupo das IFGP publica o poemário *As figuras de estilo e outras figuras*, de José Luís Pires Laranjeira: inclui o poema de homenagem a Da Cal (Laranjeira, 1990: 46) "O silêncio da morte". Da Cal é referenciado no prefácio desse volume, apresentando-o como (Gil Hernández, 1990:10) "prezado professor emérito da Universidade de Nova Iorque e poeta e curioso investigador, a sofrer tambem prazenteiramente a Galiza, mãe e senhora desapossada", indicando que em composições do livro notavam-se a "ecoarem aqueles Lua de Alem Mar e Rio de Sonho e Tempo, originais e quebradores".

362 Assim o assinala Da Cal (27-X-1990) em carta a Victoria Atencia. Atencia e León enviaram-lhe uma informação do jornal madrileno *ABC*, da reunião para o Acordo Ortográfico celebrada em Lisboa. Da Cal responde-lhes oferecendo dados da de 1986 e outros detalhes respeitantes ao Acordo. Os termos em que se exprime, em passado, fazem concluir que já se não considerava presidente da Comissão galega.

363 Dedicava-se a Carvalho Calero, morto em Março, e que supunha a perda do principal referente do Reintegracionismo na Galiza.

364 Aos 16-X-1990 anuncia Atencia a reedição dos dois livros publicados por Galaxia, que diz estar preparando. Aos XI-1990 agradece à Professora Henríquez Salido as *Actas* do II Congresso da Agal e o último número da *Agália*, que lhe foram entregues por Carlos Durão, quem "também me entregou a carta, datada em 11 do mês em curso, a ele dirigida, relativa à reedição pela *AGÁLIA*, dos meus dois poemários", LAM e RST. Afirma que muito lhe agradaram os termos dessa epístola e dá o seu consentimento para a reedição, com indicações de como se teria de materializar, com "a grafia hoje vigente no mundo lusíada. E só mudarei para outra quando o planeado *'Acordo Ortográfico'* vier a ser aprovado pelas Autoridades competentes portuguesas e brasileiras, e implementado". Afirma que não haveria quaisquer problemas com a Galaxia. Nesta reedição afirma renunciar também a direitos, embora exija a "entrega, livre de quaisquer despesas postais, no meu domicílio londrino, de 250 exemplares" e o desconto de um 30% nos exemplares que adquira a posteriori. Também reclama uma "leitura

aludido em três trabalhos editados na Galiza[365], onde começava a governar a Xunta de Galicia Manuel Fraga Iribarne, após ter ganhado o seu partido da direita as eleições autonómicas no outono do ano anterior, o que suporá acrescentar os entraves à acção do reintegracionismo, que desfrutara de algumas ajudas e reconhecimento na etapa anterior do governo tripartido conformado por PSdeG-PSOE, Coalicción Galega e Partido Nacionalista Galego[366]. Em Portugal, a autoridade queirosiana firmava-se em novos produtos que circulavam no mercado[367].

III.3.2.1.1.-Edição de *Espelho Cego*, em Málaga.

**Através das amizades de Málaga publica esse ano um poemário, *Espelho Cego***. Será um empreendimento acidentado, pois extraviaram-se a maior parte dos exemplares nos Correios e terá de fazer-se nova edição (ver infra). A ideia desse produto comunicou-a em carta de 16-X-1990 a V. Atencia: Da Cal afirma ter-se sentido gratamente impactado pelo "delicado manjar lírico vegetariano de *La Hoja*", um pequeno poemário com que Atencia o tinha presenteado, e propõe-lhe fazer "una edición análoga de media docena de poemas míos, inéditos naturalmente, bien en original galaico-portugués o en traducción española, o en texto bilingüe", em que incluiria o "poema aviatorio que le dediqué a María Victoria". Solicita que façam averiguações dessa possibilidade perante a editora, Plaza de la Marina. Atencia e León respondem-lhe afirmativamente, e aos 27-X-1990 envia-lhes os originais, respeitando as condições que lhe tinham indicado e com sugestões para solucionar possíveis problemas

profissionalmente meticulosa de provas" para evitar gralhas. Principiava assim o processo para concretizar a muito almejada reedição.

365 No *Diccionario de Escritores en Lingua Galega*, e no volume de memórias *O río do tempo. Unha historia vivida*, de Fernández del Riego: apesar de algum erro, difundem a sua produção na Galiza, num instante em que desde as instituições que defendiam a normativa ILG-RAG se silenciava o seu nome. Também *A Nosa Terra* difunde (Carballa/Cuñarro/Sánchez, 1990: 66) a fotografia de Da Cal com Castelao e com outras pessoas no exílio, em 1939, o que consolida o seu nome entre o nacionalismo

366 Uma consequência dos acordos deste Governo conformado por uma formação de esquerda e duas de centro-direita galeguista foi a segregação da Universidade em três, e desde 1990 já se diferenciam a USC, Universidade de Vigo e Universidade da Corunha.

367 Por colocar dois exemplos desse ano: na publicação, coordenada por Eugénio Lisboa, do Volume II do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, organizado pelo Instituto Português do Livro e da Leitura, no verbete dedicado a Eça de Queirós, entre as que se consideram "obras de referência fundamentais para o estudo da sua vida e obra" figuram LEEQ e a BQ, sendo Da Cal o único investigador de que se citam duas produções diferentes; e prova de como se impunha o seu novo discurso é o volume *O grande livro dos portugueses*, editado pelo Círculo de Leitores, em que Manuel Alves de Oliveira salienta (1990:424) formulações de LEEQ, que inclui na bibliografia.

na gráfica pela ortografia portuguesa. Em 9-XI-1990 acrescenta dados para a nótula biográfica que ia redigir Rafael León[368].

*Espelho Cego* (EC) [369] publicou-se com data de 24-XII-1990[370]. O volume, com páginas sem numerar, inclui uma "Nota a la edición", assinada por Rafael León, com dados bibliográficos, afirmando que este novo produto "permanecía inédito, fue escrito entre 1984 y octubre de 1990". Seguem-se seis poemas de Da Cal: "Binómio", "Unanimidade", "Otherness", "Velhice", "Ontologia óptica" e "Conselho de Amigo". Cada um ocupa uma página. Nenhum está datado[371]. Os til de nasalidade foram colocados finalmente à mão. A existência, a poesia, a morte, o tempo, o espaço, a individualidade e o destino do homem, com um pendor existencialista e pessimista de um ser humano que afinal enfrenta a solidão de diferentes maneiras, são os temas dessas composições. Aparece de novo o binómio vida-morte, relacionando a vida com o futuro; e a morte com Deus. Poesia, portanto, de pendor metafísico, de um homem que parece enxergar signos que indicam a aproximação do final da vida. Apresenta-se assim como um intelectual que reflecte perante a sua experiência e que se questiona o seu destino, que tenta explicações para enfrentar a morte.

A considerarmos que Da Cal era bom conhecedor do meio, que calculava muito as suas actuações, não podemos deixar de fazer referência a respeito dos SPG lorquianos: se o poeta andaluz elaborara essas seis composições de colaboração com Da Cal, agora era Da Cal quem publicava na Andaluzia em português. E García Lorca favorecia mais uma vez os seus interesses pelo relacionamento indicado na "Nota" de Rafael León[372].

---

368 Comenta-lhe Da Cal: ""Diría que colaboré con Federico en la elaboración de los *Seis Poemas Galegos* y en las andanzas teatrales y que él me apellidó de Ernesto do Sil por las cosas que yo le conté". Relata também outros aspectos do seu capital simbólico. Da Cal (12-XI-1990) envia-lhe "un cheque" equivalente às 14.000 pesetas para o abonamento das despesas da edição (impressão, encadernação e envio pelos Correios) de 150 exemplares.

369 Coincide com o título de um poemário de Salette Tavares (1957). Em 1992 Tavares reeditará esse poemário no volume *Poesia 1957-1971*, que lhe valeu o prémio do PEN Clube português.

370 Tem o número 35 da colecção "Plaza de La Marina", que tinha publicado títulos de Luis García Montero, García Lorca, Manuel Altolaguirre, Juan Ramón Jiménez, José Hierro, María Zambrano ou a galega Luísa Castro entre os poetas de língua espanhola; e entre os de outras línguas, T. S. Eliot, Eugénio de Andrade ou o catalã Joan Vinyoli, estes dois em edições bilingues.

371 A ausência da data é a única diferença dos que iniciam e encerram este poemário a respeito das versões anteriores, de DTMAOb (p. 15) e FI (p. 105). Os outros quatro não apareceram anteriormente.

372 No relacionamento com Atencia, Da Cal realiza nova revelação lorquiana, de interesse para os estudiosos de *Poeta en Nueva York*, após terem-no presenteado essas amizades com um exemplar desse volume. Aos 15-VIII-1990 afirma Da Cal: "Es curioso que el "Vals de las ramas" sea el único poema de ese libro que yo aprendí de memoria por habérselo oído recitar otras veces a F., y haberlo escrito a la tercera y que sea también aquel cuyo autógrafo está en vuestro poder". Refere na continuação que, ao pouco da sua instalação em Nova Iorque, "Mildred Adams me llamó para pedirme ayuda en una traducción al inglés que iba a publicar la editora Norton. En su casa me presentó al traductor, el poeta

Acrescentava, pois, um novo título à sua produção, em que se dava a interação de literatura e ciência e que lhe servia, além do mais, para se apresentar como valedor da língua portuguesa na Espanha, ao promover uma edição sem qualquer versão, facto muito extraordinário na Andaluzia. São muitas as leituras possíveis deste pequeno poemário; que espelham a intencionalidade para se projectar no CL, neste caso da Espanha, de Portugal, e da Galiza.

III.3.2.3.-Novos projectos literários em 1991.

O ano 1991 começou e finalizou com problemas de saúde para Da Cal: nas primeiras semanas recuperou-se da cirurgia de um cancro de colon muito precoce[373], e nos últimos dias comunicaram-lhe que se tinha de operar de uma hérnia abdominal[374]. Londres oferece-lhe muitos instantes de felicidade, mas no final do ano começará a se queixar pela carestia da vida, um dos argumentos que o levará a mudar-se em 1992[375].

---

Rolfe Humphries […] Mildred y yo tuvimos que rehacer las traducciones de Rolfe, que eran imposibles (I.E. que baila el papa!= "dance, dandy, dance!") […] en esa edición por primera vez, a la luz de nuestro manuscrito, aparece completo el texto del vals de las ramas, que en la famosa edición de Aguilar [a de 1962] está no sólo mutilado sino bárbaramente tergiversado y con heridas de erratas".

373 Da Cal (13-I-1991), em carta a Maria do Carmo Henríquez, indica que, coincidindo com o seu 79 aniversário fora **operado de um tumor do cólon** "felizmente benigno –que estragou totalmente essa festiva quadra do ano, que passei hospitalizado. Já entrei em franca convalescência –e, 'Deo volente', poderei começar a retomar o meu trabalho para a próxima semana". "Me salvé de milagro, pues la cosa fue cogida tan tempranamente que la posibilidad estadística de que se repita es de menos de un 5%", assinala em carta aos 3-II-1991, a Victoria Atencia. Em 2-V-1991 é mais explícito a respeito desses problemas de saúde e esclarece a Xosé Estévez "Não me tiveram que fazer mais nada, nem sequer quemo-terapia. Sinto-me, depois da convalescença, completamente restabelecido, e tão bem de saúde como antes da operação".

374 Assim o anuncia em carta de 12-XII-1991 para Franco Grande: afirma que em meados de Janeiro será operado de "uma pequena hernia abdominal" que apresenta como "*pecata minuta*".

375 Da Cal (4-III-1991) celebrou as bodas de prata matrimoniais com Elsie. Aos 28-II-1991, em carta para Atencia-León resume esse período da sua vida como "**25 años de completa armonía y felicidad**, y vamos a celebrarlos con una cena en el Ritz", um elitista hotel londrino, que nas sextas-feiras tinha sessões etiqueta com orquestra de baile. Da Cal (16-VII-1991) informará a Franco Grande da participação em actividades culturais da cidade, por vezes com convites das Embaixadas de Portugal e do Brasil; e comunica (em carta de 24-VII-1991) a Atencia que estavam muito bem em Londres, com vida social em restaurantes, bailes, teatros e outros espectáculos. Semanas mais tarde (22-VIII-1991) diz a Franco Grande: "Passam por cá a me visitarem como seu eu fosse um monumento galego de Londres, apresentados pelo Carlos [Durão], diferentes figuras e figurinhas da Galiza, que eu não conheço". Estiveram na sua morada Henrique da Costa e esposa (com ensejo da edição de LAM-RST), Luís Pérez Rodríguez (para falar dos SPG, ver infra) ou Margarita Ledo (Durão afirma que, além das visitas quase semanais, por vezes encontrava-se com ele em actividades culturais em Londres). Em 6-IX-1991, comunica Atencia ter recebido a visita de amizades dos EUA, Portugal e Espanha. O ano finalizou com outra celebração, a do seu 80 aniversário, de que informou em epístolas a Atencia-León e a Franco Grande: Em 10-XII-1991 descreve o acontecimento ao casal andaluz deste modo: "Fue una fiesta internacional: 17 personas, 6 matrimonios todos de la cuarentena, y dos hombres y tres mujeres sueltos. Había ingleses, americanos, franceses, argentinos, peruanos, portugueses y un español", que era a filha deles, Cuqui; e aos 12-XII-1991 depoe sobre o mesmo assunto na carta ao amigo galego, em que se queixa da carestia e da baixa qualidade da vida em Londres. Nestas duas epístolas anuncia viagem a Nova Iorque para "matar saudades" e fazer compras, embora na de Atencia já aventuava a possibilidade de se deslocar de novo para residir nessa cidade.

A produção literária foi central nesse ano. Ocupou-se dos pormenores da reedição de LAM e RST, difundiu outros produtos através da Agal; e projectou um novo poemário com as amizades de Málaga. Também esteve pendente da fortuna de *Espelho Cego*, pois extraviaram-se a maior parte dos exemplares nos Correios londrinos, pelo que se deveu realizar uma reimpressão[376].

Neste ano partilha o posto de presidente da Comissão para a Unificação da Língua da Galiza na Ortografia Portuguesa, com Jenaro Marinhas del Valle[377], e foi considerado figura referencial por todos os grupos que defendiam o Reintegracionismo na Galiza, estabelecendo contacto com produtores novos. No que diz respeito ao queirosianismo, continua o seu reconhecimento. Do relacionamento epistolar com amizades emergerão novas produções; bem como revelação de episódios biográficos e o anuncio de um novo produto, *Caracol ao Pôr-do-Sol*, que se publicará póstumo[378].

---

376 Da Cal (3-II-1991) indica a Atencia-León que o correio inglês lhe comunicara como na alfândega se desfizera o envoltório que levava os 150 exemplares de *Espelho Cego* e extraviaram-se. Pede que a gráfica Dardo imprima outros tantos, prévio pagamento "caso no tengan ya fundidas las planchas". Em nova carta ao casal amigo de Málaga (de 12-II-1991) acrescenta um pedido de mais 125 exemplares de *Espelho Cego* e pede a Rafael León que lhe faça saber as despesas do envio aéreo para "reembolsártelos con celeridad". Comunicar-se-á de novo esse mês com Atencia-León para acusar recibo da carta em que lhe anunciavam "la buena nueva de la reimpresión del infortunado *Espelho*".

Da Cal (7-IV-1991) informa a Franco Grande que lhe enviou um dos 10 exemplares que lhe tinham chegado de EC, pois o resto perderam-se nos Correios, embora lhe tinham enviado 50 mais de Málaga.

Da Cal (14-IV-1991) agradece a Atencia-León os incómodos pela edição frustrada de EC, e junta nota por via epistolar da Royal Mail, desculpando-se pela perda do envio, datada em 9-IV-1991. Em 8-IX-1991 acusa recibo do catálogo da editora Plaza de la Marina de Málaga, indicando que o segundo envio de EC chegara-lhe "debido sin duda al embalaje para la eternidad con que venía empaquetado".

Entre as pessoas que receberam um dos primeiros exemplares de EC encontram-se também Maria do Carmo Henríquez Salido (acompanha o produto em carta de 13-I-1991, "por mão do Carlos Durão"). Aos 2-V-1991 envia-o para Xosé Estévez. Também receberam exemplares José Maria Monterroso Devesa, Del Caño, Xohana Torres, Luz Pozo Garza, Luís Amaro (Amaro, na sequência das pesquisas realizadas para esta Tese de Doutoramento, em carta datada em Queluz em VII-2003, explica que o maior relacionamento que teve com ele foi através do telefone; poucas vezes se encontraram e nunca o visitou no Estoril, apesar de receber convites para ir, porque "é possível que a imponência física de Guerra da Cal me intimidasse um pouco. Ele era um gigante. A comunicação telefónica foi-me mais fácil, e do Estoril me convidou algumas vezes a ir a casa dele. Tímido, consciente das minha limitações culturais, não cheguei, porém a visitá-lo"; assinalando como Jacinto do Prado Coelho "meu director na revista *Colóquio-Letras*, recomendou-me o Prof. Da Cal para quaisquer achegas bibliográficas ecianas –e daí o início das nossas relações").

377 Assim se infere em notícia de *La Voz de Galicia*, em que se informa (Gómez [Xoel], 16-I-1991) da participação da Galiza nos acordos ortográficos, numa série de trabalhos jornalísticos.

378 Comunica Da Cal (28-IV-1991) a Franco Grande de ter pronto esse produto. O epistolário trazerá para o primeiro plano o seu filho, Enric Ucelay Da Cal, de quem lhe falam Xosé Estévez, que afirma tê-lo conhecido num congresso de História Contemporânea; e Franco Grande, que lhe envia um artigo que o seu filho, o historiador Enric Ucelay, publicou em *El País*: os comentários de Da Cal são de distanciamento (nas cartas de 2-V-191 a Estévez, e de 12-XII-1991 a Franco Grande. Enric Ucelay assinalou, em entrevista pessoal, que desde o contacto para a sua nacionalização como espanhol não volveu falar com ele). Em cartas Franco Grande (v. gr. nas de 16-VII e 12-XII-1991) preocupa-se pela situação política da Galiza e reage expectante perante o novo presidente, Manuel Fraga.

III.3.2.2.1.- Participando no campo de luta do Reintegracionismo.

Da Cal participa da actividade de diferentes grupos reintegracionistas, para os quais aparece como referência e modelo principal. **Os trabalhos para a reedição, pela Agal, de LAM-RST ocuparão todo o ano**[379]. A *Agália* informa do projecto em notícia (Sem Autor, III-1991: 489-490) que reproduzia a capa dos poemários editados por Galaxia, frisando o facto de encontrarem-se "esgotados desde há tempo, nom estám ao dispor dos leitores galegos, sem dúvida para riscar a nossa memória histórica", e referenciando a recensão de Ramón Lorenzo sobre LAM, em 1960, no jornal *La Noche*. Utilizava-se assim esse poemário como elemento de luta no conflito ortográfico, e começava a recuperar-se aquele aspecto pouco conhecido na altura por muitos aderentes à causa do Galego-Português[380]. Também **a *Agália* inclui recensão de *Espelho Cego***, assinada por Henríquez Salido, assumindo a presidenta da Agal o liderado no contacto com ele; e uma carta de Da Cal em que valoriza essa crítica[381].

---

379 Entre Da Cal e Henríquez Salido há cartas (de 13-I, 13 e 25-II, 21-III, 7 e 27-IV, 22-V, 5-VI, 29-IX e 7-XII-1991) respeitantes à edição. O projecto também está presente em cartas de Da Cal para Atencia (14-IV, 6-IX e 10-XII-1991), Franco Grande (28-IV e 16-VII-1991) e Estévez (2-V-1991)

380 Na página seguinte, a revista reproduzia a página de *El Progreso* de Lugo em que, em 1961, Uxío Novoneyra manifestava que (Novoneyra, 1961 [III-1991: 491]), para a língua da Galiza "debe ser adoptada la ortografía portuguesa". A história era utilizada, pois, como argumento privilegiado na defesa das suas teses por aquelas pessoas que mantinham a orientação do Galego-Português na Galiza.

Na *Agália*, esse mesmo ano Da Cal fora indigitado mais uma vez como autoridade de referência, numa resposta a Pilar Vázquez Cuesta por umas manifestações contrárias ao Reintegracionismo (a catedrática posicionava-se contrária desde que se incorporara na USC, proveniente da Universidade de Salamanca). Da Cal é indigitado entre as (Comissom de Meios de Comunicaçom da Agal, III-1990:94) "personalidades importantíssimas no mundo da filologia românica [que] fôrom ou som reintegracionistas", e o seu nome aparece depois de Lapa e Óscar Lopes, e precedendo os de Joan Corominas, Silvio Elia, Chaves de Melo, Leodegário A. de Azevedo Filho, Carvalho Calero e José Luis Rodrígues

381 Valoriza o título do poemário como (Henríquez Salido, VI-1991:143) "sintetizador-sugerido da mensagem do Poeta, susceptível de múltiplas leituras". Analisa e interpreta os seis poemas, frisando a citação de Erns Krieg von Kalk de "Velhice" um texto em que, acrescenta, "O poeta pergunta-se por razons essenciais como som a Vida, o Coração, Deus, a Carne, transformadas na Velhice em quatro aparentes sinónimos /Só Saudade/ Solitude/ Soledade/ Solidão! O texto é como umha confessom-balanço da existência do poeta, que perdeu a sua pátria (a Galiza?)".

Da Cal (18-VII-1991) agradece Henríquez Salido a "nótula" sobre EC "de que muito gostei". Nesta epístola, publicada fac-similarmente na *Agália*, afirma a respeito do trabalho crítico da presidenta da Agal (Da Cal, XII-991: 520): "A sua interpretação é arguta e válida. Embora eu –que sou quem menos sabe da minha poesia— tenha a impressão de que "pátria perdida" seja mais a minha vida, já no fim, do que a Galiza –que não sinto, no plano da consciência imediata, ter perdido, porque a minha Galiza –que é só minha, e construída vitaliciamente por mim, dessa nunca saí, pois vivo nela, miticamente. Mas como disse o meu saudoso amigo D. C. Warnest "Who dares the Poet's Wisdom –and all is foolish Words?". O poema, uma vez fora da nossa pena, torna-se capaz de aceitar variadíssimas leituras –e a do Autor não deija [sic] de ser uma de tantas, talvez a menos assumível, justamente por autorizada". Se anos antes (Da Cal, 1988) se declarara "eçófilo vitalício", agora indica novo tema vitalício, a reelaboração permanente da sua Galiza particular. E valendo-se da citação de D.C. Warnest, lembra o seu pessimismo a respeito das possibilidades dos estudos literários para conhecer bem um produto literário, na linha do que defendera em LEEQ, assim afastando-se de essencialismos e introduzindo uma relativização na produção literária que o faz diferenciar-se de outros críticos.

**Vale-se de *Cadernos do Povo* e da *Agália* para difundir um trabalho sobre José Jorge Letria**, e reproduz deste produtor português o poema "Castelao", procedente do livro *Carta de Afectos*. Valoriza que (Da Cal, IV-1991:96):

> Dificilmente se poderá encontrar outra homenagem a Castelao –e implicitamente à Galiza Martir—que se possa comparar com esta com a que Jorge Letria agora nos tornou tão devedores a todos os galegos que continuamos a sonhar com a Pátria liberada com que aquele sonhou.

É este o único contributo crítico que publicou nesse ano, mas a reprodução do trabalho na revista *Cadernos do Povo*, onde apareceu primeiramente, não respondeu às suas expectativas, pelo que solicitou a divulgação posterior na *Agália*[382].

**Manterá igualmente contacto intenso com as IFGP**, mas parece começar um certo distanciamento com este grupo que, ao igual que a Agal, principia a notar uma crise mais acentuada ao dispor de menos efectivos pessoais e económicos[383]". Ao final do primeiro trimestre ou inícios do segundo deve corresponder a edição do número 15-18 de *Cadernos do Povo*[384], que oferece nova antologia de poetas "Galego-Lusófonos" organizada por Maria Rosa da Rocha Valente, da Universidade do Minho, que inclui Da

---

[382] Da Cal (23-IX-1991) solicita de Henríquez Salido nova publicação do poema de Letria, tal como lhe tinha comentado através do telefone aquele mesmo dia, segundo frisa na epístola, ao julgar que aparecera "incongruentemente inserido" no volume de *Mátria da Palavra*, e temer que Letria atribuísse a problemas de senilidade o esquecimento da promessa de ocupar-se desse texto, pois não queria enviar-lhe o exemplar da revista das IFGP. Esta solicitude teve resposta positiva: o poema publicou-se na *Agália* desse outono (Letria, IX-1991:382), acompanhado de nota crítica do próprio Da Cal intitulada "Castelao", um trabalho em que valoriza a trajectória poética de Letria (Da Cal, IX-1991:400): "A lírica de J.J.L. parece exemplificar o "dictum" do crítico americano W. [sic] C. Warnest, que afirmou: "*For Poetry to survive in today's World it must be brought back, by its ears, within a prismatic speaking distance of the People*" [itálico no original]". Neste trabalho verifica-se a teoria que mantinha Da Cal sobre o trabalho poético, e como se posiciona contra as vanguardas e defende uma doutrina em que as regras da estilística e a claridade da mensagem seriam o centro. Também lembra a figura do seu pai e refere instantes da sua biografia pessoal em Madrid e em Barcelona, reivindicando-se como testemunha de privilégio sobre Castelao pelo tratamento directo com ele e pelo estudo e conhecimento da sua produção. Vale a pena frisar a citação de D.C. Warnest e o facto de que considere que neste poemário Letria leva à prática a sua doutrina poética, como no seu dia fizera E. Cannabrava a respeito de Da Cal no texto prologal da edição brasileira de LEEQ. A referência ao poema de Letria como "preito lírico" evoca também o "preito mítico" dacaliano a Pardo de Cela incluído em FI. Encontramo-nos pois perante um trabalho com informações muito valiosas e de diferentes âmbitos; uma síntese que testemunha muitos aspectos da ideologia de Da Ca. Neste comentário também se manifesta como nacionalista galego.

[383] No Espólio EGC conserva-se uma carta sem datar, de José Luís Fontenla, que deve corresponder a esta altura, em que lhe comunica projectos, relata desacordos com a Agal, e reprova que "nem toda a gente ajuda e asume responsabilidades: eis a questão mais grave, alem de deserções". No escrito transparece pessimismo, para que contribuia a nova situação política: se com o Governo autonómico presidido por González Laxe tinham hipóteses de conseguir alguns subsídios, com o presidido por Fraga Iribarne, que tinha ganhado as eleições autonómicas em Outubro de 1989, não havia qualquer hipótese de apoio, o que esclarecia as deserções a que se referia na carta, e os intentos de independizar aquele grupo em Portugal. As posições das instituições do Campo do Poder Político condicionavam portanto a actividade e as publicações, sobretudo num mercado tão fraco como era o galego.

[384] O "Editorial" da revista está datado aos 31.12.1990. Há certeza de estar distribuída em Abril.

Cal entre os produtores representantes do (Valente, IV-1991:10) "exílio exterior"[385]. No final da revista noticia-se a participação de representantes da Galiza no encontro celebrado dos 6 aos 12 de Outubro de 1990, na Academia de Ciências de Lisboa, e de que sairam as Bases da Ortografia Unificada da Lingua Portuguesa, e põe-se em destaque que a Comissão Galega (Sem Autor, IV-1991: 85) "que presidem o prof. Guerra da Cal e o escritor Marinhas del Valle, decidiram pôr em vigor desde já o Acordo 90 na Galiza e no âmbito da CEE, onde a nossa língua é oficial". Da Cal, no entanto, não participara activamente nas sessões, em que os representantes galegos foram Fontenla e Gil Hernández (Sem Autor, IV-1991: 86).

A 1991[386] corresponde o número múltiplo 19-28 de *Nós*, apresentado como *Atas do I Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas*, celebrado na USC esse mesmo ano "em homenagem aos professores Rodrigues Lapa, Celso Cunha e Carvalho Calero", em que também se encontram várias referências respeitantes a Da Cal[387].

Aos 11-VII-1991, o **Grupo Reintegracionista Autónomo Meendinho**, de Ourense, encaminha carta para Da Cal em que agradecem as "atenções" recebidas dele, em especial o que lhes enviasse o poema dedicado a Meendinho incluído em FI "do que faremos uso quando a ocasiom seja merecente", e acrescentam:

> Queremos, em fim, comunicar-lhe nom so o nosso agradecimento pola sua mensagem mas os ánimos, polo exemplo e forças, que faz reviver na comunidade reintegracionista a sua obra e mensagem. Assim, diremos-lhe que a reediçom pola AGaL dos seus poemarios está sendo acolhida com enorme carinho e expectaçom –mesmo entrega nalgumhas pessoas— como exige.

---

385 Contribui com os poemas "Navegando nas palavras" (Da Cal, 1990c: 27 e 32), duplamente inserido, e "Trágica Rosa Céltica" (Da Cal, 1990c: 28-29), com a dedicatória a Carvalho Calero e a epígrafe de Rosalia; "Toque de Rebate" (Da Cal, 1990c: 30-32) e "Eu posso contar de mim" (Da Cal, 1990c: 32), reivindicando-se como poeta de temática polifacética e preocupado pela Galiza.

386 Não figura data concreta da edição, que bem pudesse ter acontecido em 1992, mas na capa indica-se corresponder a "1990/91", incluíndo numerosas referências a esses anos.

387 A revista informa que, em 12-VII-1991, Da Cal figurava (Gil Hernández et alii, 1991: 478-482) entre os assinantes de um escrito de queixa apresentado no Tribunal Superior de Xusticia da Galicia contra o "Ministro/Conselheiro de Cultura do Governo Galego", a quem se acusa de "prevaricação" por negar subsídios para as publicações das IFGP. Com Da Cal assinam Ângelo Brea, José L. Fontenla, Gil Hernández, Iolanda R. Aldrei, Marinhas del Valle, Ângelo Cristovão, Carlos Durão, Pedro Casteleiro, João J. Varela Abeledo, Rita Carvalho de Dios, Henrique Rabunhal e Mário J. Herrero Valeiro.
Da Cal foi referenciado naquele congresso: No discurso de abertura, proferido por J. L. Fontenla (1991: 15) ; em estudo de Carlos Durão (1991: 227) sobre a "nova poesia reintegrada"; e também Carlos Durão (1991: 420), que salienta co contributo de Da Cal na "Voice of America". Na badana é assinalado como membro do "Conselho Consultivo" dessa publicação. Neste volume oferece-se destaque para informar do Acordo Ortográfico assinado em Lisboa aos 12 de Outubro de 1990, após reunião celebrada na Academia de Ciências entre os dias 6 e 12 desse mês. As IFGP incluem textos e iconografia que espelham a sua participação no acontecimento, também recolhida no *Diário da República* de Portugal quando, meses depois, se publicou o texto, em que consta a (Crespo, 23-VIII-1991: 4.370) "adesão da delegação de observadores da Galiza"; e há alusões a Da Cal como membro do grupo galego.

Contacta assim Da Cal com um grupo de jovens, que tinha muita actividade em Ourense na altura, e que contava como um dos membros mais destacados José Manuel Aldea, o autor da capa do volume de reedição LAM-RST, e desenhador de outros produtos de sucesso, embora sempre na periferia. Acrescenta os contactos com o movimento Reintegracionista e verifica novos apoiantes àquela causa entre a juventude.

III.3.2.2.2.-Produtividade activa e passiva como consequência da amizade.

O relacionamento com amizades vai propiciar esse ano a emergência de novos produtos realizados por Da Cal ou a ele dedicados (como aconteceu com o artigo de Henríquez Salido, antes assinalado). São trabalhos em que transparece a cordialidade, o aprezo mútuo, a cumplicidade.

No verão, **Franco Grande publica o volume *A Ilusión da Esperanza (de Cabanillas a Baixeras)***, em que oferece o retrato de 38 personagens. A pessoa mais presente no livro é Ramón Piñeiro, a quem dedica dois artigos. Da Cal também se encontra referenciado em dois: um próprio sobre ele (Franco Grande, 1991: 45-49), e mais no de (Franco Grande, 1991: 149-155) Ian Gibson[388]. Nos dois há muitos elementos que coincidem, como os respeitantes a Lorca. No artigo dedicado para Da Cal põe em destaque a sua capacidade de trabalhar com as mãos; e julga "produtos artesanais" D. C. Warnest –que apresenta como (Franco Grande, 1991: 46) "heterónimo" –, ou Raguer Caldas; mesmo a BQ, LEEQ, APCR ou os livros de poemas (Franco Grande, 1991: 48-49)

> todo vén ser, ademais, traballo artesanal. Quero dicir obra na que mans e mente semellan camiñar amorosamente á par. Mesmo a súa poesía non deixa de nos lembrar este amor artesanal, porque o resultado é semellante nun caso e noutro: o produto do traballo independizado xa deste, unha criatura nova. O seu culto á forma poética ten a mesma raigame que o seu amor á transformación da materia para crear unha nova forma. [...] um home que arde de amor a Galicia, que se nega a falar castellano, para quen o galego nada é xa. O galego sucumbiu, ningunha vixencia culta ten. Só está vivo no portugués. Só éste existe realmente e só el poderá sobrevivir entre os imperios lingüísticos de hoxe. O portugués é unha necesidade para a súa salvación.

No contributo sobre Gibson afirma que ele lhe facilitara o primeiro contacto com Da Cal, através do telefone, e como o pesquisador irlandês, após a ligação, lhe manifestara ter ficado (Franco Grande, 1991: 151):

> deslumbrado porque se atopou coa personalidade fulgurante de Guerra da Cal, algo que impresiona sempre –o seu impecable inglés impresionoulle a Ian–, e mosqueado porque se lhe negou a falar en castelán. "Vostede fálame inglés" díxolle Da Cal. E non houbo maneira de conseguir que lle falase castelán. Fálame logo das cartas que recibe de

[388] Além disso inclui fotografia (Franco Grande, 1991 s/n [237]) da cabeça da cama de Da Cal feita "personalmente polo poeta", segundo frisa; o único objecto que reproduz.

> Guerra da Cal e sempre con admiración polo seu inglés. "¡Cómo lo habla!" "¡Y cómo lo escribe" –dime o Ian cheo de asombro.

Apresenta Da Cal com simpatia e oferece dele imagem positiva. É a única pessoa do âmbito do Reintegracionismo singularizada, o que prova como a amizade vencia a ideologia, claramente contrária àquele doutrina linguística, que defendia Franco Grande, ideologia que este livro, como outros produtos dele, tentava justificar e legitimar[389].

Com Maria Victoria Atencia e Rafael León teve esse ano um muito intenso relacionamento epistolar. Em 19-VIII-1991 Da Cal **responde afirmativamente a uma proposta de contribuir na tradução de espanhol para inglês da poesia de Atencia.** Será o começo de um trabalho que demorará meses. O objectivo era ajudar à realização da Tese de Doutoramento de uma filha de Atencia-León. Afirma Da Cal:

> ya me he puesto a trabajar en ellos y creo que para el fin de esta semana te los podré devolver. No sólo son las correcciones puramente diacríticas, gramaticales, pero con numerosas enmiendas y sugestiones relativas a sinonimia, lengua poética y métrica. [...] Dedicaré esta semana a gozar como un topo recorriendo las galerías subterráneas, profundas, de la lírica mariavictoriana, que tan sabrosa me sabe siempre, y prometo "to give it my best" en lectura anglo española.

Em 6, 8[390], 20 e 25-IX; 8, 14 e 23-X; 8 e 24-XI-1991 envia para Málaga poemas de Atencia traduzidos. Em 10-XII-1991 informa de estar revisando o poemário *La llama*, que esperava remeter-lhe na semana seguinte. Em 27-XII-1991, de novo envia poemas traduzidos, e responde uma proposta de Atencia de publicar um novo poemário em Málaga, com estes termos:

> me engatusas. Pero como yo nunca he visto esos Cuadernos del Alabrén que mencionas no sé a que atenerme sobre la extensión máxima de esos textos, que también quedan en la duda si serán dos, tres o cinco, pues todas esas cifras

---

389 Franco Grande enviou-lhe um exemplar do volume, dedicado, aos 22-VII-1991. Aos 7-VIII-1991 Da Cal responde-lhe: "Fiquei muito envaidecido com o meu 'perfil' –ou, por melhor dizer, com o 'perfil' de Ernestelsie, que parcialmente conhecia, e sobretudo com a fotografia da minha cama que agora, por obra e graça tua, passa a pertencer à posteridade". Mais uma vez convida-o a visitar Londres. Consegue dessarte vencer mais uma vez a barreira de silêncio e de censura, cada vez mais forte contra o Reintegracionismo. Num livro de homenagem a alguns conhecidos produtores que se alinhavam na escrita do idioma segundo a ortografia defendida pelas instituições autonómicas, ou que eram referentes e modelos da mesma, ele imiscuiu-se, e difunde-se o seu pensamento a respeito da polémica questão, sendo apresentado de maneira respeitosa, embora Franco Grande discordasse e tentasse justificar que se devia a que não conhecia directamente a realidade da Galiza, a que mantinha uma imagem da Galiza desfasada e não válida para as lutas que se travavam na altura para a recuperação da língua e a cultura autóctones.

390 Rafael León (12-IX-1991) agradece-lhe as primeiras emendas. Afirma que ele e a filha (doutoranda, também Victoria de nome) "queremos pasarlo todo 'a limpio' para enviarte su versión definitiva. Saldrá hacia ti, air mail y que Dios la acompañe, mañana o pasado […] La revisión que has hecho es exactamente la que Vivi precisa". Anuncia-lhe que outra filha, Cuqui, ia viajar a Londres e levaria cumprimentos para ele e Elsie. E comunica a intenção de enviar novos cadernos de Atencia, embora sem compromisso de colaboração na versão para inglês, pois "no entran en el 'cupo' de tu aceptación". Da Cal, no entanto, aceitará. Em cartas que lhes envia neste tempo também junta produtos, como a sétima edição de *The Poem Itself*, aos 29-IX-1991, afirmando ser recente a saída dos prelos.

> mencionas. Lo que importa dices, es que no se nos salga de la colección. Pero asi mismo carezco de datos de qué colección se trata. Esclarece, please.

Esse parágrafo coloca os alicerces do que será o segundo poemário editado na Andaluzia e o derradeiro título em volume individual da sua produção poética em vida, no ano seguinte, como se verá.

Em 29-XI-1991, o dramaturgo brasileiro e amizade de Da Cal no Rio de Janeiro de longa data, **Guilherme Figueiredo, dedica a sua coluna do jornal *O Globo* a FI**. Descreve Da Cal como

> Poeta **galego**, dono do assunto Eça de Queiroz, exegeta e cantor das 'Cantigas de Santa Maria' do Rei Alfonso X, El Sabio [...] viajante de todos os mares, exilado na vida, Galiza, Portugal, Brasil, Estados Unidos, Inglaterra. Ten oitenta floridos anos agora, atira a todos os ventos a palavra (galega, sabem?) saudade, e me dá ganas de indagar minha experiência caçula.

Qualifica o poemário de "livro tenro" e põe em destaque a composição "Aria triste dos primeiros setenta anos". A velhice dá-lhe pé para enunciar sentenças, com referências a Jacques Brel, Victor Hugo, Paulo Autran, Rossini ou Bernanos. Da Cal regressa assim para a actualidade da comunicação social brasileira. Isso produz satisfacção que exprime (12-XII-1991) em carta para Franco Grande, com a qual junta cópia de aquele artigo. Esclarece que a Figueiredo lhe emprestara FI o romancista António Olinto "velho amigo que mora há muitos anos em Londres, na sua última visita a Londres".

III.3.2.2.1.-Num romance de Vázquez Montalbán.

Em Maio de 1991 publicou-se a nona edição do romance de Manuel Vázquez Montalbán ***Galíndez***, indicando-se na capa que tinha sido distinguido com o "Premio Nacional de Narrativa" da Espanha correspondente a esse ano. Trata-se de um best-seller, cuja primeira edição saira ao mercado em Abril de 1990. Montalbán centra-se em Jesús de Galíndez, representante do Governo Basco no exílio, desaparecido em Nova Iorque na década de 50 em extranhas circunstâncias. Nas páginas da narrativa encontram-se alusões à CU e à NYU, mesmo ao Washington Square College em que leccionava Da Cal; e referências aos encontros em que participava Galíndez (Vázquez Montalbán, 1991: 81) "en casa de Margarita Ucelay de Da Cal", junto com outros exilados. No texto, Montalbán dá a entender que se entrevistou com Margarita Ucelay, em Madrid para documentar este romance. A alusão ao tempo em que estava casada com Da Cal converte a este também em personagem dessa ficção.

Da Cal inteirar-se-á desta alusão a ele e à primeira esposa, segundo relatará em carta que encaminha para Franco Grande tempo mais tarde, de Nova Iorque, em que afirmará ter conhecido Galíndez, que esteve na sua morada poucos dias antes da trágica desaparição, mas não gostará de não ter sido consultado (ver infra).

III.3.2.2.3.-A produtividade dos estudos de Da Cal sobre Eça.

No respeitante à produtividade queirosiana de Da Cal, continua nesse ano com destaque. A realização de maior relevo do queirosianismo em 1991 foi a revista ***Queirosiana***, publicada em Dezembro, sob a responsabilidade da Associação de Amigos de Eça de Queirós e com o apoio da Fundação Eça de Queirós —cuja constituição e início de actividades se efectivara em 1990—, para "dinamizar o estudo do escritor". Como director figurava Carlos Reis, e no Conselho de Redacção encontravam-se nomes bem conhecidos do CEL de vários países. Na apresentação, Carlos Reis esclarece a oportunidade da publicação, e assinala:

> os estudos queirosianos conheceram nas últimas décadas um incremento notável. Não é possível ignorar que a publicação, em meados dos anos 50, da obra de Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*, incutiu aos estudos queirosianos um sentido de exigência e de rigor que outros trabalhos vieram a confirmar. **E** foi também graças à preparação e publicação, pelo mesmo estudioso, de um apêndice à obra mencionda (a inestimável *Bibliografia Queirociana*) que foi possível conhecer, em toda a sua extensão, o campo dos estudos queirosianos, nos seus aspectos mais visados pela crítica e também naqueles que mais lacunares se apresentavam.

As alusões a Da Cal serão continuadas nesta revista. Nesse número 1 é referenciada a BQ no estudo de Luís Fagundes Duarte, sobre a edição crítica d'*A Capital!*". Sobre o estado da questão do andamento da edição crítica publica-se um trabalho (Reis, XII-1991: 73-76), em que assinala como objectivo da iniciativa o de "restituir ao máximo grau de fidelidade possível os textos queirosianos" e indica o plano da edição, proposto em 1988 à Secretaria de Estado da Cultura. Tudo o que anunciava coincidia plenamente com os desejos de Da Cal, exprimidos em publicações como a BQ e por outros meios.

Como exemplos da presença e reconhecimento de Da Cal podem-se citar dois livros com orientação didáctica para o ensino da Literatura Portuguesa e também trabalhos difundidos em revistas especializadas, o que prova como se espalhava o seu discurso e metodologia. Assim acontece em *Leitura de um conto de Eça de Queirós* e em *Introdução à Leitura de Contos de Eça de Queirós*. O primeiro desses volumes, editado ao cuidado de **Maria Adelaide Coelho da Silva e Arlete Miguel**, apresenta de modo didáctico a que qualificam como "Uma perspectiva de leitura", com focagem

narratológica e estilística, na linha dos contributos sobretudo de Carlos Reis/Ana Cristina M. Lopes e de Da Cal. Citam LEEQ e verbetes do DLPGB. De índole semelhante é o outro volume, de **Henriqueta M. A. Gonçalves e Maria A. M. Monteiro**, em que citam LEEQ para justificar questões estilísticas. Também nesse ano, **Carlos Reis**, no estudo "António Sérgio queirosiano" publicado na *Revista da História das Ideias*, cita a BQ e a tese que Da Cal orientou na CUNY a Carmela Magnatta Nuzzi, para abordar *O Conde Abranhos*. Ou **Eduardo Mayone Dias**, em *Colóquio Letras*, cita LEEQ e a BQ num trabalho sobre traduções de Eça para espanhol.

III.3.2.3.-A edição crítica de Eça de Queirós e produtividade literária galega, em 1992.

Para o CEL português 1992 supõe uma baliza, ao iniciar-se a publicação da edição crítica de Eça de Queirós, lançada na sequência do Segundo Encontro Internacional de Queirosianos. Da Cal publicou o seu derradeiro estudo nesse âmbito, sobre "Testamento de Mecenas", texto de que conseguira esclarecer a génese no Rio de Janeiro, em 1959.

A produção literária continuava a ser central para ele[391]. Preparou a edição de dois produtos: a reedição de *Lua de Além Mar* e *Rio de Sonho e Tempo* (LAM-RST), na Galiza; e *Coisas e Loisas* (CL), em Málaga. Ultimou uma antologia para a revista *Agália*; e um poemário em honra de Carvalho Calero, editado póstumo. Deixou pronto outro poema rosaliano, para a *Agália*.

Foi também um tempo com problemas de saúde, que requeriram de nova cirurgia[392]. Manteve o interesse pela actualidade da Galiza, e um forte sentimento nacionalista que

---

391 Os epistolários testemunham visões da realidade da Galiza que construia em Londres. Em 1-I-1992 envia para Franco Grande uma notícia (Miguel, 5-XII-1991) do jornal *Público*, com esta declaração de Méndez Ferrín: "Pessoa é miserável, Saramago vulgar" [Com anterioridade Ferrín fizera depoimento de teor semelhante em *Faro de Vigo* (X. M. C., 24-IX-1991). Ambas as informações serão reproduzidas em 1992 no número 30 da *Agália*]. Da Cal por vezes não parece ver a questão ortográfica da Galiza como uma luta, mas como um desencontro por pequenas diferenças que podiam ter solução com boa vontade.

392 Na correspondência com Atencia e León, Da Cal (12-I-1992) indica que "mañana entro en la clínica para ser operado de una hernia abdominal [...] intrascendente [...] estaré sólo cuatro días". Semanas depois (1-II-1992), informa-os de se encontrar hospitalizado; e (1-III-1992) que tinha sido operado "hace cuatro semanas" e se apresentaram "complicaciones" mas que estava "ya en casita". No final de IV-1992 novamente problemas de saúde interpõem-se na sua vida: "estoy hace cinco días en cama", explica a Atencia (em 4-V-1992; em 23-V-1992 esclarecerá a Atencia ter sofrido um "accidente doméstico").

Da Cal (8-V-1992) relata a Xosé Estévez que esses contratempos o tiveram "bastante chateado": a cirurgia da hérnia abdominal complicara-se "com uma aparente trombose –que nunca chegou a ser localizada– [que] obrigou a uma série de testes".

Nos seus depoimentos **pressente a proximidade da morte**. Assim, em 27-I-1992 refere a Atencia-León o "gran disgusto" pela morte de Carvalho Calero: "Chamam à porta, como decían los viejos campesinos de mi valle casi natal quirogués", indica.

exprime de diferentes maneiras[393]. Também recebe novos reconhecimentos de amizades[394], e na Galiza é difundido o seu labor no exílio[395].

III.3.2.3.1.-O triunfo do modelo queirosiano de Da Cal.

Com a edição crítica da produção queirosiana Da Cal verá vingar o modelo que tanto tinha reivindicado, pela concepção crítico-genética que ele defendia e documentava na BQ. O ambicioso projecto revelar-se-á na sequência do Segundo Encontro Internacional de Queirosianos. Em Janeiro de 1992, na segunda circular de chamamento para essa reunião, iniciativa da UC, salienta-se como se observava nos últimos anos "o florescimento dos estudos queirosianos", e acrescentava-se (Sem Autor, I-1992):

> Parece hoje claro que a publicação, em meados dos anos 50, da obra de Ernesto Guerra da Cal *Lengua y Estilo de Eça de Queirós* (Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1954), incutiu aos estudos queirosianos um sentido de exigência e de rigor que trabalhos

---

393 Da Cal (7-I-1992) dá os pêssames a Luz Pozo Garza pela morte de seu esposo, o poeta Eduardo Moreiras, e valoriza a sua produção com simpatia. A morte de Eduardo Moreiras fê-lo memorar outra vez Quiroga.

Em 6-V-1992 solicita de Xan Carballa receber *A Nosa Terra* e, numa dedicatória, envia-lhe "forte abraço nacionalista do *velho* amigo".

Da Cal (18-V-1992) agradece a Franco Grande "o envio regular de todos os textos jornalísticos referentes às posições assumidas por Fraga Iribarne, como Presidente da Junta da Galiza". Da Cal reage com esperança perante decisões políticas do presidente do Governo autonómico, pois pareciam-lhe positivas para a visibilidade da Galiza e para conseguir avanços. Mantinha-se expectante a respeito de aquelas actuações que o surpeendiam, devido à trajectória política de Fraga Iribarne, como aqui manifestava. Em nova carta para Franco Grande (de 23-V-1992) afirma ter-se informado por *Diario 16 de Galicia* do Doutoramento Honoris Causa de Fernández del Riego pela Universidade de Vigo, e reage com alegria.

Da Cal (12-XII-1992), em carta a Henríquez Salido, pede pormenores "do arrebentamento do tal petroleiro", perguntando por um sinistro nas costas galegas.

394 Em 10-I-1992, de novo no jornal brasileiro *O Globo*, Guilherme Figueiredo ocupa-se de Da Cal, no artigo "Com mil perdões...". Escreve: "E cá estão os últimos livros do meu recuperado amigo Ernesto Guerra da Cal, que desponta em Londres, feliz, remunerado mensalmente, aposentado e livre [...] Que inveja, poeta Da Cal, que sadia inveja!". Ao igual que em Novembro, aparecer nas colunas de Figueiredo devolve Da Cal para a actualidade brasileira. Desta referência conclui-se que Da Cal reatara a comunicação com este amigo brasileiro, com quem se tinha reencontrado em Londres.

395 Na exposição *Galicia-América. Cinco siglos de historia* (Rodríguez Galdo, 1992) a trajectória de Da Cal foi reconhecida em trabalhos como os de Carlos Sixirei Paredes (1992: 93; cita-o entre os "ilustres docentes gallegos" que exerceram como professores universitários nos EUA); Xesús Alonso Montero (1992: 159; põe em destaque, nos EUA, "el trabajo crítico y erudito de cuatro exiliados (Emilio González López, Xosé Rubia Barcia, Ernesto Guerra da Cal y Ramón Martínez López" e "en el campo de la creación sería injusto no destacar dos libros de poesía de Guerra da Cal [LAM e RST] y algunos poemas sueltos de Otero Espasandín". Assinala o livro de Anne Marie Morris publicado por Galaxia (1965) e faz constar ter sido prologado por Da Cal); e Isaac Díaz Pardo (1992: 195; apresenta-o como professor nos EUA e indica que residia na altua no Estoril). Este volume pretendia impulsar a ideia de "galeguidade" em lugar de "emigração", por julgar-se na altura que era mais positiva. Nesse mesmo sentido também se editou na altura o estudo de Carlos Sixirei Paredes *Galeguidade e cultura no exterior*, que insistia justamente na ideia, assinalada na própria capa, de "A nosa diáspora. Da emigración á gleguidade". Nesse estudo encontra-se igualmente citado Da Cal, em que o inclui entre os "ilustres exiliados galegos" nos EUA, assinalando dele (Sixirei Paredes, 1992: 230) aspectos da sua trajectória profissional (com algum erro, como afirmar que dirigiu "desde 1959, o Programa de Estudios Doctorais en Portugués da Universidade de Columbia") e valorizando LAM e RST como livros de poesia em que "o afastamento da patria, lonxe de desdibuxa-los seus perfís, enfortece e sublima os trazos reais de Galicia".

> subsequentes vieram confirmar. E foi também graças à preparação e publicação, pelo mesmo estudioso, de uma *Bibliografia Queirociana* (Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975-1984, 6 vols.) que foi possível conhecer, em toda a sua extensão, o campo dos estudos queirosianos.

Esta valorização consagrava Da Cal como referência do CEL português. No entanto, **o seu contributo queirosiano ainda se acrescenterá esse ano com o estudo: "'Testamento de Mecenas'. (História do manuscrito de uma crónica póstuma de Eça de Queiroz)" publicado na *Revista da Universidade de Coimbra* (Da Cal, 1992: 369-387)**. Está datado em Dezembro de 1988, antes de efectivar-se a sua nomeação como Doutor "Honoris Causa" pela UC[396]. Este trabalho utiliza a metodologia do primeiro volume da edição crítica, pela sua concepção genética e de crítica textual, e pelos elementos esclarecedores que utiliza. Da Cal reafirma-se na sua metodologia estilística, e reivindica um tratamento rigoroso dos textos querosianos e nova classificação dos mesmos, que emendasse incorreções como a assinalada de Luís de Magalhães ao enquadrar este produto erradamente.

**De 1 a 3 de Julho celebrou-se em Coimbra o Segundo Encontro Internacional de Queirosianos**. No programa de mão incluia-se o mesmo texto antes citado da segunda circular, muito semelhante ao assinado por Carlos Reis no número de estreia de *Queirosiana*. A Comissão Organizadora encontrava-se encabeçada por Reis, com outros professores da UC e especialistas do CEL, ao igual que o Secretariado. Na programação

396 Neste produto informa das circunstâncias em que Eça redigiu um texto compilado por Luís de Magalhães e só publicado, póstumo, em *Últimas Páginas*, em 1912, e de como ele chegou a esse texto nas pesquisas realizadas no Rio. As 18 páginas de que consta este estudo têm especial relevância para conhecer o seu modo de investigar e verificar a persistência das suas ideias sobre a crítica literária na última etapa da sua vida. Conclui (Da Cal, 1992: 387) que esta narrativa oferece muita luz sobre a "genética de elaboração" dos textos de Eça. Lembra o facto de "Testamento de Mecenas" ser "um texto de criação não fictiva", que Eça pensava publicar mas deixou inédito, e esclarece os motivos. O autógrafo "é altamente convidativo para a análise literária –tanto no seu conteúdo temático e ideológico, como na sua vertente estilística", acrescenta (Da Cal, 1992: 383); pois julga que "Eça expõe conceitos basilares do seu ideário" e "desde uma perspectiva estilológica, este texto –sem dificuldades nenhumas de interpretação— é também extraordinariamente aliciante", além de que (Da Cal, 1992: 386) "oferece ao crítico textual um panorama genético que vai desde o rascunho inicial –primeira concretização escrita do discurso verbal mental, ainda indeciso, na página virgem, até às sucessivas etapas da estratégia de aperfeiçoamento, em procura da "forma ideal". Critica (Da Cal, 1992: 375) a inclusão desse texto por Luís de Magalhães (a quem se deve o título) em *Últimas Páginas*, ao julgar mais apropriado que fosse incluído no volume de *Cartas de Inglaterra*. Reprova que Magalhães não o datasse, e demonstra (Da Cal, 1992: 375-377) que oferece elementos suficientes para fazê-lo, em 1883.
Apoia-se na reprodução de páginas da *Gazeta de Notícias*, e mais uma vez reivindica a realização do (Da Cal, 1992: 386) "estudo comparativo dos diferentes autógrafos hoje disponíveis, e a sua classificação em relação aos seus respectivos níveis de dificuldade grafológica, e do número de abordagens de revisão a que o autor os submeteu", e uma edição crítica da produção queirosiana. Reclama "análise crítica textual –e literária" do texto, e finaliza com o anúncio de que (Da Cal, 1992: 387) "em ocasião futura", se dispor de espaço ajeitado, efectuará tal labor.

figuravam intervenções de nomes de relevo do CEL, de vários países[397]. Os trabalhos apresentados publicaram-se em dois números duplos da revista *Queirosiana*, os 5/6 e 7/8, após a morte de Da Cal[398], com várias referências a ele. **Na sequência das sessões do Congresso aconteceu o lançamento do primeiro volume da edição crítica de Eça, publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda[399]. A colecção estreou-se com *A Capital!*, onde há diversas citações da BQ por parte do editor, Luís Fagundes Duarte,** que faz constar (Duarte, 1992: 17) o apoio recebido de Da Cal[400].

Aos 23-VII-1992, Carlos Reis escreve para Da Cal e oferece-lhe notícias queirosianas, em datas tão intensas como aquelas. Afirma na epístola Reis:

> Aí está *A Capital*, em edição do nosso amigo Fagundes Duarte, naquilo que certamente é um belo início para a Edição Crítica; tratarei de confirmar se ele lhe mandou o exemplar que obviamente lhe cabe, como "patrono honorário" desta empresa e, sem favor, seu referencial constante. Segue-se-lhe *O Mandarim*[401] (já em composição) e o *Alves & Cia*., que tentaremos fazer aparecer ainda este ano.
>
> Por outro lado, acabo de sair da organização (longa, dura e cansada) do II Encontro Internacional de Queirosianos; foi uma iniciativa bonita, penso eu, em que foi possível reunir muita gente a falar de Eça, sem o pretexto de efemérides ou de celebrações políticas. Ao mesmo tempo (na mesma semana), apareceu o primeiro número da *Queirosiana* que segue juntamente, revistinha que desejo manter viva e actuante, como órgão da Associação dos Amigos de Eça de Queirós. Como vê, trabalho não falta –e os seus resultados vão aparecendo.

---

397 Anunciava-se a presença de Ofélia Paiva Monteiro, que inaugurava, e Elza Miné, Helena Santana, Mário Vieira de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues, Maria de Fátima Carvalho, José Oliveira Barata, Maria Lúcia Lepecki, Marie-Hélène Piwnick, Luciana Stegagno Picchio, Amina di Munno, Elena Losada Soler, Micaela Ghitescu, Maria Aparecida Ribeiro, Maria Manuela Delille, Laura Bulger, Daniel-Henri Pageaux, Alfredo Campos Matos, Ana Nascimento Piedade, Orlando Grossegesse, Osvaldo Silvestre/Américo Lindeza Diogo, Beatriz Berrini, Luis Manuel Araúdo, Manuel Cadafaz de Matos, Frank Sousa, Isabel Pires de Lima, Maria João Simões, Maria do Rosário Cunha, Ivo Castro, Luiz Fagundes Duarte, Aníbal Pinto de Castro e Walnice Galvão.

398 Para manter a orientação cronológica indicada para o presente trabalho, esses estudos focam-se no instante da edição da revista (ver infra).

399 Materializava-se aquela realização sobre cuja necessidade alertaram várias vozes, e em reiteradas ocasiões Da Cal. E ia fazer-se segundo o seu conselho: por uma equipa de especialistas, na qual estavam —estão— envolvidos conhecidos queirosianistas e estudiosos portugueses e de outras nacionalidades.

400 Entre os contributos que reconhece à BQ referencia a existência de um manuscrito intitulado "O Conspirador Mateus", o qual constituiria um plano de *A Capital!*; e a indicação de um fragmento do romance, publicado sob o título "A Herança", em *A Folha Nova*, jornal que não foi encontrado por Da Cal nem por Duarte. Ainda salienta um outro excerto do romance publicado na revista *Brasil-Portugal*, como homenagem por ocasião da morte, em 1900, e que, segundo Da Cal, teria sido enviado pelo próprio Eça, de que Duarte discrepa. Também agradece Duarte os apoios de Ivo Castro e Carlos Reis.

401 A edição crítica de O Mandarim publicou-se nesse ano, ao cuidado de Beatriz Berrini, com várias referências à producção de Da Cal. Assinala na "Introdução" (1992: 16) que "assevera o ilustre queirosiano Guerra da Cal que o romancista acrescentou cerca de trinta páginas aos originais jornalísticos, a proporcionou a *O Mandarim* um 'extraordinário enriquecimento estilístico'. Com o que, evidentemente, concordamos". Acrescenta (1992: 23) que "Para dados completos e pormenorizados a respeito das várias edições d'*O Mandarim*, em língua portuguesa ou em tradução, remetemos o leitor para o tomo 1º da *Bibliografia Queirociana*, de Ernesto Guerra da Cal, obra nunca demasiadamente louvada". Berrini (1992: 55) acode de novo à BQ, para assinalar uma estratégia do editor para alardear da aceitação do livro.

Reis, pois, indigita Da Cal como máxima autoridade queirosiana e implica-o mais uma vez directamente no sucesso dos estudos sobre o produtor[402].

**A revista Queirosiana editou esse ano dois novos números**, demonstrando vitalidade e disponibilidade de meios por parte dos seus promotores, que visavam aproveitar as celebrações de aquele ano para promocionar a publicação[403]. O número 2 inclui o texto da alocução de abertura de Carlos Reis ao Segundo Encontro Internacional de Queirosianos. Nele encontra-se um parágrafo em que se referiu à BQ como "marco incontornável" que (Reis, VII-1992: 102):

> baliza e orienta os rumos de toda a reflexão que em torno do grande escritor se leva a cabo [...] monumento de pesquisa e sistematização sem par nos nossos estudos literários, têm permitido conhecer, em toda a sua extensão, o domínio dos estudos queirosianos, nos seus aspectos mais visados pela crítica e também naqueles que mais lacunares se apresentam. Por isso mesmo, a *Bibliografía Queirociana* nunca será excessivamente louvada, crença que é tanto mais firme quanto maior é a frequência com que percorremos as suas páginas.

Nesse exemplar da revista encontram-se referências dacalianas em dois trabalhos[404]. O mesmo aconteceu no número 3, editado em Dezembro[405]. Nas citações Da Cal sobressai como o grande triunfador das lutas dos anos anteriores no queirosianismo.

Da Cal foi valorizado esse ano por diferentes produtores do CEL. Em *Colóquio-Letras*, **Eugénio Lisboa** publica "Rugas nas plantas dos pés. Nos oitenta anos de Albano Nogueira e de Ernesto Guerra da Cal". Este reputado ensaísta, crítico e literato assinala (Lisboa, VII/XII-1992: 249-253):

> Guerra da Cal é um fenómeno, um monstro da natureza, uma fonte de vida, de energia, de inspiraçao. Professor, crítico, ensaísta, poeta, ele é, sobretudo, um homem prodigiosamente vivo: poeta, operário (construiu uma casa com as suas próprias mãos), soldado (combateu, na Guerra Civil de Espanha, do lado republicano), ex-amigo de Lorca e de não sei quantos mais, Guerra da Cal é um daqueles homens a quem o imenso saber não arranja maneira de ressequir. [...] Seria fastidioso, interminável e pouco

---

402 Em Dezembro, em carta para Carlos Reis, Da Cal refere-se à edição crítica de *A Capital* "que me pareceu uma magnífica frontaria de entrada desse monumento que promete ser a *Edição Crítica das Obras de Eça de Queiroz*. O nosso Luís Fagundes Duarte tem razão para orgulhar-se de um trabalho modelar. Diga-lho da minha parte". Da Cal, pois, respalda aquela empresa que apadrinhara em 1986, e que via fazer-se realidade.

403 O dia 29-VI-1992, nas instalações da Delegação do Norte da Secretaria de Estado da Cultura, e nas vésperas do II Encontro Internacional de Queirosianos, fez-se o lançamento.

404 É citada a BQ no artigo de **Elena Losada Soler** (VII-1992: 65) "Eça de Queirós através de Valle-Inclán: el problema de las traducciones"; e em "A propósito d'*O Mandarim*", de **Beatriz Berrini**, que se refere a ele como "o ilustre queirosiano Guerra da Cal".

405 Neste novo volume, no trabalho "Para a edição crítica de *Alves&Cia*.", **Luiz Fagundes Duarte** acode à BQ para explicar os manuscritos e insiste (Duarte, 1992: 62) no "argumento irrefutável" de Da Cal ao assinalar que a marca de água do papel confirma que a narração "nunca poderá ter sido escrita antes de 1883", questionando outras teses. **Carlos Reis** (1992:76) apela ao tomo I da BQ para argumentar que a tradução de *O Primo Basílio* realizada por Roy Campbell é imperfeita.

> adequado a uma nota desta natureza, meramente aniversária, inventariar aqui, de modo exaustivo, a bibliografia deste grande trabalhador e dinamizador da cultura, deste galaico-português de dimensões universais, deste mestre supremo de língua e literatura, deste sage sedutor, deste grande civilizado que é também um invulgar mestre de viver.

Refere a "monumental contribuição para os estudos queirosianos", concluindo que LEEQ e a BQ representavam "instrumentos de trabalho indispensáveis para qualquer estudo que, de agora em diante, se faça sobre o autor de *Os Maias*". Uma valorização que prova a consagração de Da Cal em vida e contribui para agigantá-la, ao proceder de uma personalidade de grande destaque do CEL, e legitimadora.

No volume *Novos Contributos para a Edição da Correspondência de Eça de Queirós (Inéditos, Textos Integrais e Correções)* **Isabel de Faria e Albuquerque** serve-se dos tomos 1º e 2º da BQ, e referencia trabalhos de Da Cal numha trintena de ocasiões[406].

Esse ano publicou-se a **13ª edição da *História da Literatura Portuguesa,* de António José Barreiros**[407]. Nele (Barreiros, 1992: 223-273) estuda Eça em cinco aspectos, entre eles "Linguagem e estilo", em que (Barreiros, 1992: 262-273) sintetiza os que considera principais contributos de LEEQ, em oito epígrafes[408].

Em Novembro publicou-se a segunda edição do volume ***Didáctica do Português***, editado pela Universidade Aberta de Portugal, da autoria de **Carlos Reis e José Víctor Adragão** –com colaboração de Maria Aline Sousa Martins e Maria do Rosário Vaz—, que demonstrava sucesso de um trabalho no qual se incluiam novas estratégias e metodologias. Na parte dedicada à didáctica da literatura (Reis e Adragão, 1992: 153) indigitam como guia a BQ, o que favorece o alargamento da sua utilização já não só pelos especialistas, também para os ensinantes não universitários em exercício e em formação, indicando como o trabalho de Da Cal devia ter-se em conta para leccionar sobre Eça, e para partir dele em novos empreendimentos que visassem o estudo de escritores portugueses. Favorecia-se assim maior reconhecimento de Da Cal como referência para os estudiosos dos CL e CEL de Portugal, mas também para o do ensino.

---

406 Ampara-se na BQ para informar de *A Relíquia* (pp. 75 e 121), *O Crime do Padre Amaro* (p. 245), *Os Maias* (p. 124), *Almanaque de Senhoras para 1872* (p. 75), *Almanaque para 1896* (p. 156), *A Ilustre Casa de Ramires* (p. 62), *O Primo Basílio* (p. 118), *O Mandarim* (p. 121), *Revista de Portugal* (pp. 41 e 128), *O Serão* (p. 155), ou cartas a Mariano Pina (p. 42), à família Magalhães (pp. 35 e 36) ou a Ramalho Ortigão (p. 243); mesmo para documentar o termo "pshutt" (p. 86), entre outras questões. Os contributos de Da Cal são dos mais citados no volume, editado pela UC.

407 Também em 1992, o Instituto da Cultura e Língua Portuguesa editou *O Prélio Solitário*, selecção de trabalhos de Luís Forjaz Trigueiros. Inclui (1992: 65-69) "Os estudos queirozianos de Guerra da Cal", em que reproduz o artigo dado a lume no ano 1981 no jornal *O Primeiro de Janeiro*.

408 Estas epígrafes são "A frase" (pp. 262-264), "O adjectivo" (pp. 264-266), "O advérbio" (pp. 266-267), "O verbo" (pp. 268-269), "A música da linguagem queirosiana" (pp. 269-270), "As prosopopeias" (p. 271), "A ironia" (pp. 271-272), e "Caracterização de personagens" (p.278).

No volume XXXI de *Arquivos do Centro Cultural Português* editado em Paris, o politico e crítico **José Augusto Seabra,** publicou (1992:647-658) "Eça de Queirós et la Litterature 'Fin-de-siècle'", onde defende LEEQ, por apontar Eça como precursor da prosa poética e antecipador do esteticismo de fim de século no âmbito das literaturas ibéricas; e frisa (Seabra, 1992:648) como "dans ces prémices littéraires on peut déceler des restes du dernier romantisme, comme le remarque Ernesto Guerra da Cal".

Na 6ª edição da *História da Língua Portuguesa,* de **Serafim da Silva Neto**, assinala-se como (Neto, 1992: 580n) a respeito do estilo de Eça "existe o excelente livro de Ernesto G. da Cal"[409]. Também no Brasil, **Peggy Sharpe** publica *Espelho na Rua. A Cidade na Ficção de Eça de Queiroz*, onde estuda com preferência *O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, Os Maias, A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. Ampara-se em "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*" e em LEEQ.

III.3.2.3.2.-Intervenção no Campo Literário galego: A reedição de LAM-RST

Será 1992 outro intenso ano de produção literária, em que Da Cal viu reeditados na Galiza *Lua de Além Mar* e *Rio de Sonho e Tempo* (LAM-RST), além de *Coisas e Loisas* em Málaga. Elabora novos produtos, dos quais algum só sairá dos prelos póstumo[410]. Dedica muito tempo à poesia, na procura da forma e do conteúdo mais satisfatórios.

---

409 Eça figura como o principal modelo da lingua literária no século XIX e (Neto, 1992: 579-580) adere à doutrina de Da Cal ao salientar o seu labor para a "renovação no que toca à estética das letras (o que nos interessa agora) no que se refere à arte da prosa [...] conseguiu criar aquela estupenda prosa, cujo prestígio, longe de extinguir-se com o tempo, aumenta sempre". Este é um volume referencial da lingüistica portuguesa no Brasil, que evidencia como o discurso de Da Cal era valorizado neste âmbito.

410 Da Cal (13, 19, 23 e 24-VI-1992) acerta com Henríquez Salido detalhes do *Ramalhete de Poemas Carnais* (de homenagem a Carvalho Calero) e de *Mester de Poesia* (autoantologia para a *Agália*), que aos 29-VII-1992 lhe confirma enviar através de Carlos Durão. Aos 9-IX-1992 envia-lhe a versão definitiva do "poema rosaliano 'Entressonho'", também para a *Agália* e "Como acréscimo, junto também outro poeminha, dos breves do meu estilo 'paradoxal', que fará bom 'compango', com o comprimento do outro". Em carta de meses depois (2-XII-1992) interessar-se-á pela fortuna dessas composições.

Os epistolários evidenciam novos projectos, que terão fortuna díspar: Em carta a Xosé Estévez (23-VII-1992) comunica-lhe: "O que eu gostava era de **fazer uma plaquette** dos meus poemas que tratam directamente de Quiroga e do Sil": uma ideia que se não concretizará.

Da Cal (26-VII-1992) envia por carta a Atencia *7 Poemas Carnais*, que tinha encaminhado para o volume de homenagem a Carvalho Calero. Propõe a selecção de um poema por parte de Atencia para um novo produto, de colaboração, com poemas dos dois e que projectavam intitular "Menage-Quadrilátero".

Em posterior carta para Atencia-León (12-VIII-1992), junta "trece poemas algunos publicados y otros inéditos" do *Mester de Poesia*, indicando serem uma nova possibilidade de eleição para o projecto de *Menage*. Entre eles há "uno dedicado a ti, Rafael, que ya ha sido publicado".

**A anelada reedição de LAM-RST publicou-se em Março**[411]. Realizou-se com a adaptação plena da grafia para português padrão, e por primeira vez a Agal editava um livro sem respeitar a sua própria ortografia. O volume consta de "Apresentação" (pp. 11-14), de Henríquez Salido; o estudo "Guerra da Cal, Poeta de Aquém e Além-Minho" (pp. 15-28), de Carlos Durão; "Esboço biográfico" (pp. 29-39), de Elsie Allen da Cal; "Nota preambular" (pp. 41-52) assinada por Da Cal; LAM (pp. 53-146), RST (pp. 147-238); e três apêndices: um "glossário de galaicismos, para Leitores de outras Áreas da Lusofonia" (pp. 241-247), as partituras de quatro peças musicais compostas sobre poemas incluídos no volume e o programa do Festival da Canção Galega de Pontevedra (pp. 249-279), e uma "Bibliografia da Obra lírica de Guerra da Cal" (281-288). Finalizava uma "Tábula gratulatória" (pp. 289-290) e o cólofon aos 19 de Dezembro de 1991, como homenagem ao 80 aniversário de Da Cal[412].

411 Da Cal (21-I e 22-I-1992) envia para Henríquez Salido as últimas correções e indicação de gralhas, que detectara com Elsie. Aos 14-III-1992 manifesta-lhe que a edição "ficou belíssima e muito do meu agrado". Inclui mais gralhas, e afirma parecer-lhe "óptima" a ideia de imprimir uma "errata".

412 Na "Apresentação", justifica-se a edição destarte (Henríquez Salido, 1992: 13): "Se a grande Rosalia levantou umha bandeira numha época determinada da nossa Literatura, o Professor Ernesto Guerra da Cal, Membro de Honra da 'Associaçom Galega da Língua' desde o momento da sua criaçom, mais umha vez fazia agitar essa mesma bandeira em contra da inadequada situaçom da nossa escrita e da nossa língua. Só com a reintegraçom no ámbito cultural luso-brasileiro do galego é como se podia ultrapassar esse discurso provinciano e micro-regionalista". Henríquez reage com esperança perante o futuro, insiste em sublinhar o exemplo da trajectória de Da Cal.

Carlos Durão elabora um texto consagrador. Outorga a Da Cal um papel pioneiro e central pela sua trajectória literária. Afirma ter conhecido as primeiras edições dos poemários, assinalando (Durão, 1992: 17) que LAM "causou uma verdadeira sensação nas letras galegas, faltas como estavam de horizontes abertos além Minho e além mar", e que após a edição de RST "tudo fazia esperar uma consolidação do caminho aberto pelo pioneiro Da Cal [...] Os que então éramos estudantes novos tínhamos a impressão de presenciar um fenómeno fascinante, com um certo perfume do proibido, tão afeitos estávamos à grafia espanhola na nossa língua. Os prologuistas desses livros [...] e a nota limiar do primeiro poemário [...] reforçavam aquela sensação de borrar fronteiras linguísticas, e até questionar a filiação da língua, que oficialmente não existia". Lembra a repercussão dos poemários na Galiza e no exterior. Insurge-se contra o silenciamento de Da Cal, a quem valoriza de (p. 21) "o poeta galego que mais eco teve dentro e fora da Galiza". Analisa a sua poesia e conclui com (p. 24) longa citação do "Antelóquio indispensável" de FI. Das 66 notas, merece destaque a número 49: um escrito de José Feijó, de 1985, em que valorizava estes poemários quando preparava a sua reedição muitos anos antes.

O "Esboço biográfico" informa dos primeiros anos de vida. Data a permanência em Madrid dos 11 aos 25 anos (Da Cal, Elsie, 1992: 32): "porém, com longas estadias estivais, não apenas em Quiroga, mas também na Galiza atlântica". Enumera na continuação muitas realizações profissionais, que finalizam com este resumo (pp. 35-39): "visitou países de três continentes, como docente, como congressista, como bolseiro e como conferencista (nesta última capacidade falou em 26 instituições académicas dos E.U.A. [...] tinha ministrado cursos, dado conferências e feito palestras em 38 instituições educativas e de ensino superior nos E.U.A. e de outros 12 países, sobre temas de Literatura Ibérica e Ibero-Americana". Refere a sua produção, revelando a "sua produção lírica em língua inglesa [como 'D. C. Warnest']". Avança que, na altura, tinha (p. 39): "pronta para vir a lume uma nova coletânea poética: *Caracol ao pôr-do-sol*. E bastante adiantados dois estudos: um literário –a edição crítica de *A Relíquia*, de Eça de Queiroz; e outro histórico –a biografia do intrépido navegador galego João da Nova" e continuava "a sonhar com o seu irrenunciável ideal da grande 'Portugaliza'".

Na "Nota Preambular" Da Cal afirma que começou a fazer "versos galegos em Madrid, 'menino e moço'", mas apesar do "meu exílio madrileno" poucas vezes o castelhano o tentou como "instrumento

Esta reedição era vista pela Agal como um triunfo, ao entender que supunha uma vitória sobre Galaxia e o que representava esta editora; e também pelos defensores da integração plena do galego no português. Da Cal oferecia mais uma vez um feitio nacionalista, esclarecia a sua posição a respeito da língua, e redigia mais um texto que procurava a polémica e a intervenção directa, tentando reivindicar-se e legitimar-se, com a imagem de personalidade de relevo nos campos científico e literário, destaque profissional e reconhecimento internacional. Era assim mesmo uma aspiração pessoal de havia muitos anos, e fazia-a a seu gosto. Tudo era favorável excepto o tempo político: nos primeiros anos do Governo da Junta de Galiza presidida por Fraga Iribarne não haverá qualquer ajuda para o Reintegracionismo, antes pelo contrário, será combatido, com a eliminação da já escassa presença nos anos anteriores dos seus textos no ensino, e com outras resistências.[413]

---

lírico". Refere as primeiras edições dos poemários em Galaxia, e justifica o seu lusismo e como tinha sido aceite pelo Grupo Galaxia. Analisa a grafia de aqueles poemários, admitindo erros. Atribui "parte das irregularidades ao facto de um número não despiciendo de poemas terem originalmente sido escritos –e mesmo publicados, na grafia dialectal comum—nas décadas de 30 a 50". A respeito da valorização da sua produção literária, afirma (Da Cal, 1992: 47): "Tenho que confessar que a recepção dispensada a Lua e Rio, tanto pelo número como pelo renome das firmas de ambos livros se ocuparam –na Galiza, na Espanha, em Portugal, no Brasil, nos E.U.A., e em vários países da Europa e da América Hispânica– não pode deixar de me envaidecer –ou não seria eu tão francamente humano como sou. Outro motivo de aprazível vanglória veio-me da unanimidade de todos esses críticos no elogio literário. Quanto às inovações gráficas –e à doutrina que as sustentava— o acolhimento crítico foi igualmente concorde". Acrescenta que, pela sua experiência profissional na docência universitária nos EUA tinha percebido (pp. 49-50): "com diáfana evidência que a única maneira de obter um lugar no currículo para a nossa literatura era ensiná-la conjuntamente com a portuguesa". Esclarece os critérios da reedição, e finaliza destarte (pp. 51-52): "Para pôr ponto final, quero reiterar aqui –com a voz mais clara e sincera de que sou capaz– o meu propósito de contribuir, na medida das minhas humildes forças, à campanha de "*re-galeguizar a Galiza, tornando-a o mais galaico-portuguesa possível*. Porque acredito, a pé junto, que essa é a única âncora de salvação da nossa língua, esteio basilar da nossa identidade nacional ameaçada –pelos inimigos de fora e de dentro. Por isso é para mim tão gratificante esta iniciativa da AGAL. Pois com esta nova edição vou ver aparecer na amada Terra natal –única Pátria do meu espírito—esta já minha pálida Lua e este meu já cinzento Rio, desconhecidos para o público leitor das gerações mais novas, trajados agora com o vestido portugalego do resto da minha obra lírica. Isto é com a 'koiné' do mundo universal da Lusofonia, à qual –seja qual fôr o destino que Deus venha providenciar para a Galiza—eu, pela LÍNGUA –que é o crisol da ALMA –pertenço". O texto tem também uma data significativa: "25 de Abril de 1991", aniversário da Revolução dos Cravos portuguesa.

Na continuação encontram-se os dois poemários. Indica com chamadas os galeguismos léxicos; e no final de cada poema indica em que lugares foram publicados. Em LAM retira dedicatórias à sua primeira esposa, ao filho, a Maria Antonieta Azevedo e a César Pegado; e em RST, intitula "Aquela macieira" o poema III e "Conselho" o poema VII da primeira parte; retira a dedicatória a Domingo García Sabell; o poema XII; o poema III da última parte é intitulado "Pensamento", e os X e XI como "Desengano" e "Devaneio"; na dedicatória de "Instante" esclarece que é para "Matilde Ucelay de Ruiz-Castillo" (esta dedicatória não foi bem recebida, segundo testemunho de Enric Ucelay da Cal, em entrevista pessoal: afirma que resultou uma surpresa desagradável, pois as irmãs tinham muito bom relacionamento e não queriam saber dele).

Na "Bibliografia" acrescentam-se mais elementos, sobretudo críticas a FI e a APCR. E na "Tabula gratulatória" final encontram-se nomes de 80 pessoas e 4 de entidades do âmbito do Reintegracionismo.

[413] Isso dará lugar à constituição da associação "Docentes contra a Repressão Linguística", que utilizará o português para se exprimir. Aquela oposição propiciará que muitas pessoas abandonassem a

**A Agal tenta conseguir impacte na Galiza com aquela reedição**, que lhe permitirá atingir certa presença e chegar a pessoas com as quais lhe era difícil o contacto. No entanto, será um sucesso porventura inferior ao procurado com aquele esforço e aquele investimento de meios tão importante. O produto injectará energia num tempo difícil, de perda de influência entre pessoas e grupos que podia considerar de aliados esperáveis, em especial no nacionalismo político que se não queria contagiar da marginalidade e expulsão para situações periféricas a que se tentava conferir o Reintegracionismo.

**Em 23 de Março, LAM-RST tem o primeiro lançamento no Ateneu de Ourense**. Os poemários foram analisados por Henrique Dacosta[414] (Sem Autor, IX-1992: 414), na altura docente na cidade. A Agal organizava aquele acto onde contava com infraestrutura e alguma força[415]. **Aos 23 de Junho**[416] **aconteceu o lançamento na livraria Sargadelos de Vigo**. Participaram Franco Grande, X. M. Álvarez Cáccamo e Henríquez Salido. Franco Grande (Sem Autor, IX-1992: 435) "salientou o seu extraordinário valor [de Da Cal] como poeta, o seu compromisso firme com a língua e a cultura de um conjunto de 200 milhons de falantes e que se conhece mais habitualmente

---

militância, a perda de influência social, divisões e enfraquecimento. Da Cal passava a ser, juntamente com Marinhas del Valle, o referente principal num novo tempo em que as aspirações a respeito da ortografia também se verão obstaculizadas ao não ser aceite o Acordo Ortográfico nos países lusófonos, o que deixava sem um referente principal o grupo das IFGP, que ficava alheio à reedição de LAM-RST.

414 Dacosta tinha conhecido a Da Cal em Londres, como testemunhará no ano seguinte, e professava-lhe simpatia como natural do Ferrol e reintegracionista. Será dos produtores que mais difunda Da Cal na Galiza. Simbolizava os novos reintegracionistas, pois ele atingirá sucesso sobretudo no CL.

415 Da Cal (25-III-1992) reclama a Henríquez Salido 100 exemplares da "Corrigenda" de LAM-RST. Afirma que tinha recebido 17 livros: 5 entregues por um "simpático" casal que lhe apresentara Carlos Durão, (possivelmente Henrique Dacosta e a sua esposa Vitória Dielh); e reclamava mais 10.

Solicita (2-IV-1992) atenções para com os familiares que lhe restavam, residentes em Vigo.

Finaliza (11-IV-1992) o trabalho para a reedição de LAM-RST: Esse dia recebe 112 cadernos para assinar, que serão incluídos na edição luxuosa, numerada.

Em carta a Xosé Estévez (de 8-V-1992), exprime "grande alegria" por ver o seu nome na "Tábula gratulatória", e valoriza que edição "realmente ficou muito cuidada, com uma capa linda".

Pergunta a Franco Grande (em 18-V-1992) se já foram distribuidos os exemplares por ele assinados e se já tinha recebido o seu, e solicita-lhe que participe no lançamento em Vigo.

416 Da Cal (23-VI-1992) envia para Henríquez Salido uma relação de nomes para que lhes seja enviado LAM-RST: "X. M. Álvarez Cáccamo, Luz Pozo Garza, Johana [sic] Torres, García Bodaño, Xoaquin Agulla, Alonso Montero, Méndez Ferrín, A. López Casanova, Pilar García Negro e Xan Carballa". Esclarece a Henríquez Salido: "Não se estranhe perante os nomes de anti-lusistas tão ferrenhos como o Ferrín e o Alonso Montero. Tenho mantido com os dois relações de correspondência cordiais. E em todo o caso sempre é bom marcar posições com o inimigo, julgo eu. Incluo aqui, cartões com dedicatória para todos esses destinatários".

Da Cal (24-VI-1992), em nova carta, adverte: "Espero com ansiedade a 'Corrigenda'. E notícias sobre o lançamento de Vigo".

Só dois dias para a frente (26-VI-1992) confirma a Henríquez ter-lhe agradado os pormenores do lançamento de Vigo, indica que também Franco Grande lhe falara no assunto, e acrescenta os nomes de "Landeira Yrago, Margarida Ledo, Viale Moutinho e Pilar Palharés", para enviarem-lhes LAM-RST.

Em nova carta a Henríquez Salido, Da Cal (7-VIII-1992) demanda as 200 "Corrigendas" que tinha solicitado, e interessa-se pela repercussão na imprensa da reedição de LAM-RST.

com o termo de lusofonia" e após lembrar a presença de Da Cal em Vigo "finalizou fazendo votos para que os galegos podamos contar mais umha vez com a presença física desta imensa personalidade da cultura galego-portuguesa". Álvarez Cáccamo salientou o (Sem Autor, IX-1992: 435) "encontro com a obra de um dos mais interessantes poetas galegos da segunda metade de século, em plena e lúcida actividade e de quem se precisava na Galiza a ediçom da poesia completa". Henríquez referiu-se à dificuldade da publicação, acrescentando (Sem Autor, II-1993: 435):

> Para a AGAL constituía umha imensa honra re-editar os textos de umha das mais grandes personalidades vivas da cultura galego-portuguesa. Contodo os membros da AGAL eram conscientes de que esta honra e este esforço estavam amplamente compensados, pois Guerra da Cal era umha dessas luzes que nos guiavam para que "o galego-português volte a ser com todos os títulos da Gallaecia de Aquém-Minho, a língua nacional e se conjure destarte na aurora do segundo milénio o malefício da sua antinatural desintegraçom da pátria cultural e idiomática de que ela foi e deverá ser matriz com anovado vigor".

A personalidade de Da Cal juntava representantes de três tendências ortográficas: Franco Grande, como vulto da oficialidade ILG-RAG; Álvarez Cáccamo, que se alinhava entre os defensores dos "mínimos reintegracionistas"; e Henríquez Salido, presidenta da AGAL; um acontecimento muito infrequente[417].

**Em 11 de Julho publicou-se em *Diario 16 de Galicia* recensão de LAM-RST redigida por X. M. Álvarez Cáccamo**. Reivindica uma edição completa da poesia dacaliana. Álvarez Cáccamo considerava Da Cal parte do CL galego e alertava do seu contacto com ele, e da utilização da "escrita portuguesa", de que também informa[418].

---

417 A *Agália* reproduzia algumas notícias respeitantes ao lançamento da imprensa galega, bem como o artigo que Álvarez Cáccamo publicou poucos dias depois em *Diario 16 de Galicia* (ver infra).
Além desta reedição, Da Cal em 1992 emergeu em diferentes trabalhos na *Agália*. (v. gr. Monterroso Devesa, III-1992:111; e nesse exemplar há ainda a informação de Henríquez Salido de que fora objecto de um trabalho defendido em Agosto de 1983 num simpósio organizado pelos Amigos do Idioma Galego em Buenos Aires; e a referência que recebe [Montero Santalha, III-1992: 78] o trabalho de 1958 sobre o mar na lírica Galego-Portuguesa de 1958. No último número do ano Da Cal é indigitado de modelo num trabalho em que se conclui (Barbosa, XII-1992:524): "para a Galiza a existência de Portugal é positiva sempre do ponto de vista lingüístico como defendérom Rodrigues Lapa, Guerra da Cal e Carvalho Calero, pois fai que o nosso idioma tenha umha presença real em organismos internacionais".

418 Este trabalho crítico contém as referências assinaladas no acto de lançamento do volume em Vigo. Afirma que "o idiolecto poético de Guerra da Cal afasta-se notabelmente das opcións expresivas dos seus compañeiros de idade", com o que o singulariza no CL galego. Lembra o relacionamento com Lorca e com outros poetas da Geração de 27 espanhola e relaciona LAM com Baudelaire e Cesário Verde, a que acrescenta em RST Antonio Machado, frisando ser a disposição tipográfica dos poemas "a partir dun eixo central que provoca unha imaxe de simetria (técnica de representación habitual na poesia anglosaxona)" para atingir um produto "de notoria orixinalidade, valor que cumpre recuperar en tempos de mimética obediencia". No final do trabalho cita os poemas que fechavam ambos os poemários, de tema nova-iorquino e rosaliano, como "mostras de maxisterio no discurso de expresionismo crítico" .

Da Cal (20-VII-1992) perguntará a Franco Grande a respeito da sugestão de Cáccamo de publicar a obra poética completa.

Observa-se na sua maneira de actuar e no seguimento que faz, como se preocupava de todos os pormenores para procurar a maior fortuna deste produto, tão caro para ele. Não se fiava do andamento das coisas e insistia para que se materializasse a corrigenda e não se adiasse, talvez também com inquietação de que se não realizasse, pois julgava de interesse que as emendas acompanhassem o poemário para que ganhasse em qualidade e respeito ao leitor.

III.3.2.3.3.-*Coisas e Loisas*, novo produto editado em Málaga.

O projecto de publicar um novo produto de poesia, que tinha exprimido em carta para o casal Victoria Atencia-Rafael León nos finais do ano anterior, prosperará[419] em *Coisas e Loisas* (CL). Editou-se com data "19 de Febrero de 1992", em Málaga, segundo o cólofon, em tiragem reduzida de "100 ejemplares no venales". Inclui um "dibujo inédito de Federico García Lorca perteneciente a la colección de Ernesto Guerra da Cal", reproduzido na capa, a cores, e no interior a branco e preto[420]. Em CL tratam-se temas

---

Da Cal (24-VII-1992) agradece a Álvarez Cáccamo a participação no lançamento de LAM-RST e a recensão, que valoriza muito acertada "peça crítica de primeiríssima qualidade [...] Se alguma vez a sua sugestão final de uma possível edição da minha Obra lírica Completa puder vir a tornar-se realidade – coisa improvável, dado que a minha proposta ortográfica exclui qualquer subsídio oficial– gostava realmente (aparece uma palavra apagada) ordenação e apresentação fosse feita pelo meu Amigo".

Dois dias após (26-VII-1992) envia esta recensão para o casal Atencia-León. Rafael León fez uma tradução para castelhano, qualificada por Da Cal, em carta datada aos 12-VIII-1992 de "una sorpresa muy agradable. Está correctísima", embora assinale a necessidade de acrecentar algumas notas "sobre reintegracionismo y otra sobre Cesario Verde, que me parecen indispensables, si como parece piensas publicarlo, porque para lectores no familiarizados con la vida literaria galaico-portuguesa ambas cosas requieren esclarecimiento". León fará as emendas.

No mês seguinte (30-VIII-1992) Da Cal comunica Cáccamo essa versão para publicar num jornal andaluz.

Álvarez Cáccamo (15-IX-1992) agradece-lhe EC e os estudos queirosianos sobre *A Relíquia* e "Mensagem", bem como os elogios de Da Cal à critica que fizera da sua poesia. Afirma ao respeito: "fico satisfeito sabendo que ao próprio autor lle gustou o meu achegamento à sua obra. E sabendo que acertei na intuición das suas preferéncias estéticas e de algunhas das suas claves construtivas".

Da Cal (12-XII-1992) juntará cópia do artigo para Henríquez Salido, após a publicação "recentemente aparecida no jornal diário SUR".

Comunica (29-XII-1992) a Álvarez Cáccamo que a tradução se tinha publicado em 9-XII-1992 no jornal *Sur*, de Málaga.

[419] Da Cal (12-I-1992) encaminha nova epístola ao casal andaluz em que afirma que "mucho me ilusiona" aquele projecto, para a colecção dos Papeles del Alabrén e pede-lhe esclarecimentos ao respeito. Em 27-I-1992 agradece por carta a Victoria Atencia que lhe tivesse enviado o poema "Jardim de Portugal", indicando que "no me atrevo a pensar que haya tenido su inspiración en aquella vuestra efímera visita a nuestra Melrose". Nessa epístola refere-se ao projecto de publicação em Papeles del Alabrén, colecção de poesia que se editava em Málaga, indicando a respeito dos poemas que "Ya los seleccioné, ya los copié y ya les encontré un dibujo lorquiano inédito para mantener el formato del breve ramo", o que confirmava a firmeza desse projecto.

Da Cal (1-III-1992) devolve as provas de *Coisas e Loisas*, título desse novo poemário, com correcções, e lamenta, como fizera quando a edição de EC, "que no tengan la c cedillada" na gráfica de Málaga.

[420] Este volume, editado com grande cuidado e em muito bom papel e com paginação sem numerar, leva no início dedicatória geral, "À Elsie", e consta dos seguintes poemas: "'In vita esse'", dedicado para "Mª Victoria e Rafael" e datado em Londres, em Outubro de 1990; "Minimidade", dedicado a "Alba e Guilherme Figueiredo", datado em "Niagara Falls, N. Y.", em Abril de 1975; "As mãos", um poema sem

de que já se ocupara com anterioridade, como os contrastes na vida do homem, a falta de certezas, o destino, Deus, a verdade, a beleza da Natureza, e o amor como elemento vital e como erotismo, e relação com questões focadas na sua produção científica, o que indica uma continuidade na sua produção.

Da Cal fez chegar exemplares para Maria do Carmo Henríquez[421], Luís Amaro[422], Xosé Estévez[423], Franco Grande[424], Montezuma de Carvalho[425], X. M. Álvarez Cáccamo[426] ou Návia Franco[427].

III.3.2.3.4.-Reconhecimento como crítico em Portugal.

Em finais de Maio, recebe Da Cal[428] o poemário *Semeei rosas ao vento*, de Isolina Alves Santos, editado pelo boletim cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche. A edição concretizava a proposta que ele fizera no *Jornal da Costa do Sol* em 1988 (ver supra)[429], o que representava um reconhecimento como crítico pela sua vizinhança.

III.3.2.3.5.-Estudo de Claude Poullain sobre APCR, na França.

Claude Poullain, conceituado rosalianista francês, publica em Paris, nos *Arquivos do Centro Cultural Português*, o mais longo trabalho crítico sobre APCR, que em 26

---

dedicatória, que leva na epígrafe versos assinados por Rad Calager (outro dos nomes compostos a partir do seu), e está datado no Estoril, em Junho de 1989; "Pasmo carioca", dedicado a Zora e António Olinto, com dupla datação: "RIO DE JANEIRO [sic, com maiúsculas] Verão, 1955; e (Londres, Outubro, 1990) [sic, entre parénteses]"; "Astro-Lábio", sem dedicatória e sem epígrafe, datado em Londres em Janeiro de 1990; "Conhecimento", poema que leva na epígrafe uns versos de Don Sem Tob ben Isaac, Rabí de Carrión, e está datado em Londres, em 30 de Outubro de 1990; e "Sobrenaturalidade", com a dedicatória "Para a Pingas e o Vasco, ternamente", poema também datado em Londres, em 5 de Junho de 1991. Uma colecção, pois, de sete poemas, seis dos quais aparecerão no poemário póstumo *Caracol ao Pôr-do-Sol* no ano 2001.

421 Junta um exemplar, em carta (datada em 11-IV-1992).

422 Amaro (15-V-1982) agradece o "precioso regalo" de CL, que valoriza de "novo testemunho de uma genuína sensibilidade lírica mesclada de finíssimo e inocente humor (e quem se atreverá a dizer que o lirismo não pode conter humor –o sal da vida?)".

423 Da Cal (8-V-1992) esclarece a Xosé Estévez: "COISAS E LOISAS (ou LOUSAS) é uma expressão coloquial portuguesa que quer dizer 'conjunto de coisas variadas, díspares', 'tecos e tarecos', como eu ouvi dizer, na minha meninice, no galego ocidental do litoral ferrolano".

424 Em carta que envia (18-V-1992) para Franco Grande, afirma: "Há poucos dias mandei-te um poemariozinho intitulado COISAS E LOISAS e pede-lhe o endereço de Del Caño para fazer-lho chegar.

425 Envia-lho em carta (1-VII-1992).

426 Envia-o em carta (24-VII-1992). Da Cal tinha reatado o contacto epistolar com Álvarez Cáccamo em 20-VI-1992.

427 Envia-lhe um exemplar, com dedicatória datada em "Nova Iorque 4 de Fevereiro 1993".

428 O exemplar conservado no Espólio EGC tem uma dedicatória da autora, datada em 22-V-1992. Apesar de figurar 1991 na capa da revista, e mesmo no interior, inclui texto de "Apresentação" de José D'Encarnação datado em "Primavera de 1992", para além de outros elementos que remetem para 1992.

429 Assim se reconhece na "Apresentação", onde se faz referência ao (Encarnação, 1992: 5) "aplauso do Professor Ernesto Guerra da Cal" e à autorização que concedera para reproduzir aquele texto neste volume. O trabalho de Da Cal inclui-se nas páginas 7-10. O volume teve um lanzamento "lindo", segundo assinala a própria Isolina Santos (8-VII-1992) em carta a Da Cal, em que lamenta a sua ausência no acto.

páginas analisa as diferentes partes do trabalho de Da Cal. Principia com esta valorização (Poullain, 1992: 405):

> Livre intéressant d'abord par la personalité de son auteur, galicien établi au Portugal òu il a publié des poèmes et des études critiques sur la littérature portugaise, tous écrits en portugais. It était donc particulièrement placé por réaliser un ouvrage destiné à mettre en relief la proximité entre las langues et les cultures du Portugal et de la Galice, ainsi que la "fraternité" entre ces deus peuples.

Da "Apresentação" frisa que (Poullain, 1992: 406) "il fait una excellente synthèse, claire et dense, que montre qu'il est parfaitement au courant de l'evolution de la recherche sur Rosalía", salientando o seu bom fazer crítico. Põe em destaque os contributos da bibliografia que Da Cal aponta, admitindo que (Poullain, 1985: 410) "effectivemente, la plupart des études qu'il cite ne figurent dans aucune des bibliographies publiées jusqu'à présent, et Ernesto Guerra da Cal nous apporte donc quelque chose de réellement nouveau".

Discute a adaptação dos textos galegos de Rosalia para português, defendendo que deviam ter tratamento semelhante aos castelhanos, e sublinhando que essa solução não era aceite maioritariamente na Galiza. A maior parte do artigo (Poullain, 1992: 412-431) é dedicada ao "Cancioneiro Rosaliano". O professor e crítico francês, que até por três vezes (Poullain, 1992: 425, 426, 431) lembra que os produtores literários oferecem contributos "qu'il s'agit d'un poème et non d'une étude critique", mas que se bem estes seus trabalhos não têm base científica, si têm "une grande valeur sentimentale et esthétique"; e que "les poètes peuvent avoir una perception instinctive d'una réalité scientifique". Conclui (Poullain, 1992:431): "On voit donc bien qu'au delà de la personnalité et de l'oeuvre de Rosalía, c'est bien le sentiment d'une commune, d'une authentique 'fraternité' luso-galicienne, que cherchent à exprimer les poètes portugaises figurant dans l'anthologie". A amplidão com que se ocupa de APCR, o lugar em que o fez, e a autoridade que lhe era reconhecida internacionalmente, contribuem para fazer de Da Cal referente rosalianista por este volume.

III.3.2.3.6.-Interesses lorquianos em Portugal e na Andaluzia.

Os contactos com Joaquim Montezuma de Carvalho e com o casal Atencia-León fazem emerger interesses por produtos respeitantes a García Lorca. Da Cal rememora e refaz o seu relacionamento com o produtor granadino, e também trabalha num novo projecto que tentava oferecer uma maior projecção à "Rememoração" de 1986.

Nos inícios de ano reata o contacto com **Montezuma de Carvalho**, que de novo se lhe oferecerá como mediador para tentar difundir trabalhos seus[430], e durante o ano ocupa-se com aquele amigo para arvorar um novo produto lorquiano em redor do filme de Enrique Amorín. Os dias 13 e 19-VI, 1-VII e 8-VIII-1992, cruzam correspondência sobre esse projecto, que devia conter versão em inglês e em castelhano do texto de rememoração de Da Cal, que ele exigia rever.

Em 12 de Agosto **confirma por carta a Victoria Atencia o facto de ter recebido em Londres visita da filha desta, Viví[431], quem lhe entregara como presente o original do "Vals de las ramas" de García Lorca**[432]. Como já fizera com anterioridade em epístola de 15 de Agosto de 1990 (ver supra) refere-se a esta composição do *Poeta en Nueva York* lorquiano, afirmando Da Cal:

> Yo pienso publicar el poema autógrafo con su historia y la necesaria critica textual del manuscrito, restableciendo de una vez para siempre su interioridad, que coincide con la por mi recordada y su corrección también menoscabada. Para realizar este propósito preciso de tu ayuda. Regalo sobre regalo: ¿puedes tratar de saber, pero completamente, la historia del autógrafo hasta llegar a tu archivo?

Esse projecto de edição não prosperou. No entanto, a carta demonstra como Da Cal insistia em querer arvorar-se em autoridade de referência para o lorquianismo.

III.3.2.4.-O novo tempo de residência para Nova Iorque.

Em Setembro de 1992 os Da Cal mudar-se-ão para Nova Iorque[433]. Aquela decisão tardará, pelos trámites de vender o apartamento de Londres. Entre as razões que oferece cita o impacte negativo da violência provocada aquele ano pela organização nacionalista

---

430 Da Cal (6-I-1992) reata o contacto com Montezuma de Carvalho, quem lhe responde aos 11-I-1992 e lhe oferece contacto com António José Queirós, director da revista *Cadernos do Tâmega*. Aos 5-II-1992, António José Queirós, convida-o para participar no próximo número dessa publicação, dedicado a António Nobre, e envia-lhe o número 6, em que se encontravam reproduções de autógrafos de García Lorca a Teixeira de Pascoais, entre outros trabalhos.

431 Entre Junho e Agosto de 1992 Da Cal tem contacto epistolar continuado com o casal Atencia-León e encaminha-lhes o resto das traduções da produção poética dela, até a finalizar, para colaborar na Tese de Doutoramento que esta filha de Atencia estava a realizar sobre a poesia da mãe: em 2-VI-1992 informa do envio de versões de *Trances*; em 9-VI, de mais versões de *Trances*, e *Compás Binario*; em 20-VI, 11-VII e 26-VII afirma corrigir e ter pronto *Compás Binario*; nessa última refere-se a *Los Sueños*; e em 29-VII de novo a *Los Sueños*, frisando que restavam só para finalizar *El Mundo de Victoria Atencia* e *Arte y Parte*.

432 Da Cal tinha solicitado destas amizades uma fotocópia do vals de umas *Obras Completas* de Lorca, de Aguilar, posteriores à edição de 1962, por ser a que ele tinha, para verificar se se mantinham os erros e alterações que ele lhes referira em epístola anterior (ver supra).

433 Os detalhes de aquela decisão constam em várias cartas com Atencia e León, Xosé Estévez, X. M. Álvarez Cáccamo, Henríquez Salido, Franco Grande ou Carlos Reis.

irlandesa IRA na capital inglesa. Após resolver todas as dificuldades, em 23-IX-1992, desde o Hotel San Carlos de Nova Iorque esclarece para Victoria Atencia:

> Llegamos hace tres días. New York está mejor que nunca. […] Hoy vamos a comenzar a buscar casa. Las hay de a montón y a precios muy razonables. Todo, todo cuesta un tercio de Londres. En la TV del hotel tenemos 48 canales a la disposición del dedo, Londres tiene cuatro miserandos. Esta es la primera carta que escribo de aquí.

As primeiras impressões de Nova Iorque eram, já se vê, bem boas. Comunica (em 30-X-1992) a Victoria Atencia que, em dia 2 de Novembro, pensavam fazer a mudança para a nova residência, no edifício Hemisphere House "entre 5ª y 6ª avenida, frente a Tiffany's, a dos cuadras de Central Park"[434]. Nova Iorque oferecer-lhe-á oportunidade de contactos com pessoas e com instituições que lhe farão reviver o passado.

III.3.2.4.1.- A produção literária como centro de actividade vital.

O ano 1993 resultou muito accidentado. Após a ilusão pelos primeiros meses em Nova Iorque[435], surgirão problemas de saúde[436] e incómodos. Em Nova Iorque comunica-se

---

[434] Da Cal (19-XII-1992) indica a Henríquez Salido que só aquele dia, em que fazia 81 anos, acabava de instalar o novo apartamento, embora lhe restassem "umas ligações eléctricas, sem importância de mais. E fiz tudo sem ajuda mercenária. Eu sozinho. E fiquei satisfeito como Jeová –si licitus est!—no 7º dia". Confirma ter recebido o Programa-Projecto do IV Congresso internacional da Agal, que "está convidativo. Deus sabe! Se nessa altura eu estiver de saúde como estou agora [e a Elsie] ainda somos capazes de dar o pulinho. A homenagem ao ilustre Mestre da Linguística moderna [Ferdinand de Saussure] é um grande acerto". Era a última das 19 cartas que se conservam desse ano para Henríquez.

[435] Em 15-I-1993 informa V. Atencia que na véspera estivera com Elsie no baile do "Rockefeller Center" que apresenta como "el mejor 'dinner-dance' de N.Y.". Aos 18-I-1993, convida Henríquez a visitá-lo na "*Big Apple*, que "está mais maravilhosa do que nunca". Aquele entusiasmo inicial espelha-se ainda aos 27-I-1993, em epístola para Montezuma de Carvalho, em que afirma que estavam radiantes por se encontrarem com o passado, pois "Felizmente eu tenho muitos ex-alunos, agora catedráticos, advogados, empresários, que me têm afagado muito. Especialmente no dia do meu 81º aniversário, em 19 de Dezembro pasado". Em Fevereiro também reage com entusiasmo em cartas encaminhadas para Franco Grande, Henríquez e Carlos Reis, embora advirta a Reis que "só sentimos uma falta: os amigos portugueses. Os que eu tinha [entre eles o mais íntimo e querido, o Zé Rodrigues Migueis] já lá foram *in the dark wave*. Agora temos aqui [é o Cônsul Geral] o Marcello Duarte Mathias –mas para o ano será promovido a Embaixador e lá irá. Temos também o Jorge Felner da Costa, que acaba de ser transferido de Director da Casa de Portugal de Paris, para a de Nova Iorque –mas, também, por quanto tempo?".

[436] Comunica (29-I-1993) a Atencia: "la semana próxima tengo que ir a la clínica que me cosen una hernia inguinal que me salió aquí de algún movimiento mal hecho. Es cosa sin importancia con anestesia local, pero es una lata. Quedé en Inglaterra harto de médicos y enfermeras, vendas y suturas. Sólo tendré que pasar una noche fuera de casa".

Aos 28-II-1993 informa Carlos Reis das gestões que realizara com Elsie para a "regularização dos nossos seguros médico cirúrgicos" e acrescenta: "na semana passada, fui ao especialista e fui por ele 'colonoscopiado'. E embora não encontrasse nada anormal, tirou 4 espécimes e fez biopsias dos 4, com resultado negativo em todos eles. Aproveitou para me tirar dois pólipos benignos incipientes, como medida de precaução. E disse-me –como o cirurgião de Londres— congratulations, *you are clean!* A verdade é que esse era o prognóstico que eu esperava. Disse-me também que, só daqui a dois anos aparecesse para novo exame, mas que não tinha receio nenhum no meu caso, de recivida. Ficamos radiantes [ele e mais Elsie] e fomos jantar e dançar ao *Raimbow Room*, do *Rockefeller Center"*.

Aos 3-III-1993, em carta para Álvarez Cáccamo adverte: "na terça-feira próxima eu terei que sofrer uma pequena intervenção cirúrgica (hérnia inguinal, que não requererá pernoita hospitalar)". Aos 18-IV-1993 comunica-lhe que aquela intervenção cirúrgica "nem sequer me obrigou a pernoitar na clínica" e que "deu óptimos resultados. E logo retomei o meu rame-rame normal de vida"-

com gente nova, como González Millán, professor galego que de alguma maneira ocupava a vacante que ele deixara na CUNY, e cujo impacte positivo será manifestado por ele em diferentes epístolas. Apesar da avançada idade mesmo o convidam para leccionar[437]. Porém, as principais satisfações recebe-as pela receptividade da sua produção científica e literária em Portugal e na Galiza. E da Europa tiram por ele as amizades, como as de Francisco José Veloso ou Carlos Durão[438].

A homenagem a Eduardo Blanco Amor no Dia das Letras Galegas revitalizou o interesse pelos SPG e pela colaboração dos dois com o produtor andaluz, e contribuiu para que emergesse à actualidade galega e de novo quebrasse o silêncio que se impunha sobre o Reintegracionismo desde os grupos mais relacionados com o Campo do Poder Político[439] autonómico. Também começa a organizar-se a que será a homenagem em

---

437 Pergunta (7-II-1993) a Atencia quando pensam viajar a N.Y. E lisonjeia-se de que "Mucho me agrada, o no sería vanidosa mi flaca carne humana, que pasado el tiempo transcurrido mi nombre todavía se cotice en el mundo académico de aquí. He recibido dos propuestas como profesor extraordinario de las dos universidades locales donde yo tuve larga docencia "catedraticia". Rechacé ambas. Son cortesía agradecida porque felizmente I need to have the duties of a university professor as I need three holes in the head. Además aquí, como por todas partes, el nivel de la enseñanza ha descendido [...] a niveles que yo no toleraría".

Da Cal (1-VI-1993), em carta para Carlos Durão, também fala neste assunto, e indica: "tive a satisfação vaidosa (*homo sum... etc.*) de receber convites, —aos 81 anos e picos— e depois de uma ausência de 16 anos— bem pagos, para lecionar seminários, tanto da minha *alma mater (Columbia University)*, como da instituição da qual me jubilei em 1976 (*C.U.N.Y.*). Declinei, ufano".

438 Outros oferecem-lhe possibilidades de relacionamento. É o caso de X. M. Álvarez Cáccamo, que lhe facilita o contacto com o seu primo Darío Álvarez Basso, que se encontrava em Nova Iorque.

439 A sua produção emerge na Galiza de muito diferentes maneiras. Em Março de 1993, na revista *Labor Galego*, de Ferrol, Henrique Dacosta publica o artigo "A singular diáspora de Ernesto Guerra da Cal", em que evoca o encontro que ele e a sua esposa Victoria tiveram com os Da Cal em Londres, pela mediação de Carlos Durão, em 4 de Março de 1992, segundo refere, e que se demorou (Dacosta, III-1993: 43) "pouco máis dunha hora". Valoriza-o como (Dacosta, III-1993: 44) "un dándi". Apresenta-o de forma atractiva no seu Ferrol natal, onde só nos ambientes culturais do nacionalismo galego e do reintegracionismo era conhecido.

Aos 9-III-1993, o poema "Peregrinagem final", de LAM, é salientado na secção que a Professora Aurora Marco dedicava no jornal *La Voz de Galicia* a produtores que se tinham ocupado de Santiago de Compostela, com ensejo da celebração do Ano Jacobeu. Afirma que "vive en Londres e, con 80 anos, segue a escrever e a pensar no seu país". Qualifica o poema de "fermoso", reproduzindo-o segundo LAM-RST. Da Cal agradecerá esta citação: na carta que envia para Maria do Carmo Henríquez aos 6-VI-1993 informa-a de ter enviado um exemplar de CL para Aurora Marco.

No número de Maio de 1993 o *Boletín Galego de Literatura* publica a tradução do artigo de Soledad Fox Moura "Noticia de Anne Marie Morris", em que refere a situação dessa produtora norte-americana e rememora a publicação, em 1965, do poemário *Voz Fuxitiva*, e a participação de Da Cal.

Encontra-se citado em diferentes ocasiões na *Antoloxía da poesia neotrobadoresca* publicada por Galaxia em Maio, ao cuidado de Pilar Castro: assinala-se (Castro, 1993: 43-44) o poema "Adivinha", de LAM, na linha de Gil Vicente e de Airas Nunes; oferece-se destaque (Castro, 193: 54-55) para o poema "Meendinho", de FI; refere-se também a composição "Desencontro" de RST. Destaca (Castro, 1993: 66) "Cantar", de LAM, que põe em diálogo com a "Cantiga CIII" de Afonso X, numa composição do mesmo teor que outra de Cunqueiro, embora na de Da Cal "a novidade está na oposición que establece opoñendo dous estados de ánimo que resultan coa identificación co entorno máximo primaveral"; e frisa (Castro, 1993: 68) o poema de homenagem a Paio Gomes Charinho, de LAM. Apesar deste destaque, oferece como modelos desse movimento outros produtores galegos.

Quiroga, um acontecimento que representa a maior satisfacção para ele. De novo emerge a possibilidade de que lhe dediquem uma rua.

A produção de poesia e outros projectos literários continuavam no centro da sua actividade. Henríquez Salido, Victoria Atencia e X. M. Álvarez Cáccamo são as principais mediações para que elabore novos produtos, embora algum deles se edite póstumo. O estudo de Lorca que principiara a projectar na década anterior volta à actualidade, ao igual que a sua participação nos SPG ou o trabalho de recuperação do filme de Amorim de colaboração com Joaquim Montezuma de Carvalho; e também a sua participação no movimento do neotrovadorismo ou a sua intervenção na edição, quase três décadas antes, do livro de Anne Marie Morris na editora Galaxia.

**Da Cal verá publicadas esse ano na revista *Agália* uma autoantologia poética, com 13 trabalhos; e mais duas composições num volume de homenagem a Blanco Amor**. No número 31 da revista (correspondente ao "Outono de 1992", que sairá nos primeiros dias de Fevereiro), a *Agália* oferecerá a maior dedicação a Da Cal em vida. Na secção "Antologia" edita "Mester de poesia", conjunto de treze poemas procedentes de FI, DTMAb e EC, além de cinco inéditos[440]. As mudanças que introduz em alguns poemas evidenciam "ânsia de perfeição", como ele indicava em Eça[441].

---

A presença nessas revistas e as alusões aos SPG, bem como a centralidade que se lhe outorgava nas publicações do movimento do Reintegracionismo, indicam como Da Cal conseguia presença na Galiza, e a força que tinha para emerger, pela sua intensa trajectória vital.

[440] A palavra e a poesia são os assuntos centrais: Da Cal teoriza a respeito do trabalho literário, que concebe como "criação", e por isso o equipara com a criação do mundo por Deus, com referências continuadas a lugares-comuns da religião. O poeta deve procurar a verdade essencial, mas observar regras no seu labor, com mensagem clara, rima, ritmo, compasso, metro; despir o seu "véu de Realidade" para procurar a comunicação, amparando-se na música, na melodia, na beleza, na harmonia. Lembra a sua concepção estilística, exprimida em LEEQ, e mais uma vez relaciona o seu labor de cientista com o literário: o poeta deve agir com a palavra a semelhança do que fez Eça de Queirós, ser renovador e revolucionário para desvendar o "mistério" que esconde a palavra. O poeta através da palavra pode conhecer-se, mas também exprimir coisas que ele próprio ignora de si. A poesia "é uma solução/ que perdeu o seu problema" ao contrário da vida que "é um problema que não tem solução". Por isso o poeta tem de trabalhar para "sempre dizer/ aquilo que pretende/ –mas indo muito além/ do que se entende".

[441] Aos 6-IV-1993, após receber a revista, insiste em editar separata e sugere emendar algumas gralhas, como já indicara aos 22-II-1993. Acrescenta Da Cal: "Também me interessa muito receber as *ACTAS* do III Congresso [da Agal] e esses exemplares que me anuncia do Nº 30 da *AGÁLIA*. Obrigado por tudo!". Neste número da revista, recolhem-se sucessos do Reintegracionismo nas universidades de Vigo e Santiago de Compostela: em Vigo, ao conseguir que constasse nos Estatutos a não discriminação no uso da língua; e na USC pela organização do simpósio "Mulher e Cultura", inaugurado com a participação do Reitor Ramón Villares; e igualmente da recepção do livro editado pela Agal *Poder, Ideologia e Língua* pelo presidente da Generalitat de Catalunha, Jordi Pujol, o que era reprovação para a atitude contrária ao Reintegracionismo da Xunta de Galicia, ao não conceder-lhe nenhum apoio e mesmo pela repressão de pessoas que o defendiam sobretudo nas instituições do ensino. Também noticiava de discriminações, com reprodução fac-similar de notícias e originais (v. gr., Sánchez Gil, Pérez Rivas ou a notícia assinada por M. A.). O empenho em que recebesse este número da revista evidenciava o interesse em informá-lo da perspectiva da Agal a respeito da situação da Galiza e das lutas pelo conflito

Da Cal contribui para o volume de homenagem a Eduardo Blanco Amor publicado no verão[442] desse ano pela *Agália* com dois poemas, "Entressonho" e "Cavilação" [443].

**O relacionamento com X. M. Álvarez Cáccamo favorecerá a redacção nesse ano de uma "Autopoética"**, para um volume de antologia que preparava o produtor viguês[444].

---

ortográfico. Confirma que "muito me interessam" as apresentações programadas de LAM-RST "n'O Ferrol lugar da minha nascença e em Quiroga, que é o meu cordão umbilical com a Terra –nunca cortado". Aos 9-III-1993 já exprimira a sua alegria por esses dois lançamentos projectados. Da Cal (6-V-1993) informa do facto a Xosé Estévez. Mais uma vez admite que lhe agradaria que lhe dedicassem uma rua ou outra homenagem em Quiroga ou em Ferrol, mas duvida que se materialize. Também comentará esses assuntos com X. M. Á. Cáccamo.

[442] O volume corresponde, com certeza, à "Primavera" desse ano, mas só se publicou na estação seguinte, talvez mesmo mais tarde pela demora que começava a ter na altura a revista, contendo materiais datados em meados de Junho. Da Cal (2-V-1993) responde a Henríquez Salido a respeito de um pedido de colaboração para o número da *Agália* dedicado a Blanco Amor.

[443] "Entressonho" é adaptação de "Fuga", homenagem a Rosalia de Castro que dedicara a Xosé Estévez e à sua esposa Maribel no verão de 1989. A nova versão apresenta diferenças a respeito da datada aos 28-VII-1989 (ver supra). "Cavilação" trata-se de reflexão de teor existencial, em que tenta comunicar a ilusão da história da própria vida, ao estar amparada na memória que "nos mente/ verazmente", com esta antítese final e esse contraste entre realidade/ilusão tão característicos da sua produção literária.

Nesse mesmo número da *Agália* informa-se da sua intenção de participar no IV Congresso internacional organizado pela Agal, e mesmo se avança o assunto que focaria (Sem Autor, VI-1993:109) "Estudo do conto de Valle Inclán 'Mi hermana Antonia'". Da Cal reagira com entusiasmo ao receber o volume das *Actas* do III Congresso e valorizara: "A Mª do Carmo pode se orgulhar –mais uma vez—do contributo que essas *Actas* representam na batalha em prol da dignificação da nossa língua e da nossa cultura. Esses três Congressos e esses três memoriais hão-de ficar como padrões importantes da história da luta, dura, de afirmação da nossa identidade nacional, neste período crítico do destino da Galiza". Também manifestara o anelo de visitar a Galiza antes de morrer, mas reagia pessimista pelos problemas de saúde e pela sua "repugnância instintiva ao regime político da Espanha". Aos 6-VI-1993 acrescenta outros argumentos "de índole mais íntima, psíquica [...] tema reiterativo na minha obra lírica. A saber: a Galiza que eu levo no âmago do meu ser, sacralizada, já não é a da minha infância e adolescência, que há muito tempo que deixou de existir, –como deixou de existir o menino que a viveu. Essa constitui o elemento basilar dessa outra Galiza que sempre me acompanha na minha itinerância, que eu invento e reinvento dia a dia. É a minha Galiza poética, que só a mim pertence. É o meu paraíso secreto –e privativo– onde eu me defendo do mundo e das suas sórdidas realidades. E o que acontece é que, seu eu voltasse aí a imagem actual interferiria fatalmente com a de esse éden que eu criei com tantos ingredientes vitais e artísticos, tão díspares, que ser-me-ia impossível discriminá-los ou inventariá-los. Essa interposição seria grave para a minha vida anímica".

Também confirma a decisão de não participar no congresso em carta (de 1-VI-1993) para Carlos Durão: Justifica a decisão, apesar de numa determinada altura ter considerado essa possibilidade, e após discutir com Elsie "chegámos à conclusão de que seria um insigne dispautério. Há tantas coisas que me embezerram e me abespinham naquele nosso triste País", insistindo na sua defesa da República e no seu antifranquismo, e indicando que "não tenho paciência nenhuma para o 'bilinguismo' castrapista".

Não participará, com efeito, nesse acontecimento, celebrado do 28 de Outubro ao 1 de Novembro em Vigo, nem enviou comunicação, apesar de indicar Franco Grande (em carta de 12-VII-1993) que a estava a escrever, e solicitar-lhe dados de uma narrativa de Murguia, *Mi madre Antonia*. Da Cal (26-VII-1993), em carta para Carlos Reis afirma a respeito desse Congresso da Agal que "prometi enviar uma comunicação. E cá estou embrenhado com o conto de Valle-Inclán *Mi hermana Antonia*, que é verdadeiramente extraordinário, 100% galego, de tema, de ambiente e até de estilo".

[444] Nas primeiras epístolas desse ano entre ambos, Da Cal medeia para que Cáccamo desculpe e esqueça alguns elementos da tradução da sua crítica a LAM-RST publicada no jornal *Sur* de Málaga por Rafael León, e tenta salientar os pontos em comum entre os dois e a amizade que devia ultrapassar aqueles pormenores.

Álvarez Cáccamo (23-III-1993) solicita-lhe autorização para inclui-lo na Antologia que preparava de poesia galega de após-guerra. Consulta-lhe dúvidas a respeito da pertinência de incluir Pimentel e Bouza Brey e reclama-lhe opinião, assinalando que, com a reserva a respeito desses dois

Da Cal responde a todos os pedidos e sugestões que lhe fez Cáccamo, demonstrando enorme interesse em ser incluído, e da melhor maneira, no produto que se lhe anunciava. Um emprendimento que prosperará, mas que será póstumo.

**O contacto com o casal Atencia-León oferecerá-lhe ocasião de que prospere um novo produto**. A poesia e questões de interesse cultural e histórico estão muito presentes na correspondência com essas amizades andaluzas. Da Cal opina[445] e também ajuda para novos empreendimentos de Atencia. Com data de 7 de Maio de 1993, segundo o cólofon, publica-se na Imprenta Sur, de Málaga, **a plaquette *Ménage***, ao cuidado de Rafael León, concretizando assim aquela ideia dos últimos meses[446]. Culmina desse modo um projecto de amizade com a poesia como elemento de encontro principal, e afiança ainda mais o intenso relacionamento entre Da Cal e Atencia. Trata-

---

nomes, os restantes iam ser "María Mariño, Aquilino Iglesia Alvariño, Luis Seoane, Carvalho Calero, Álvaro Cunqueiro, Guerra da Cal, Celso Emilio Ferreiro, Eduardo Moreiras, Xosé María Alvarez Blázquez, Miguel González Garcés, Lorenzo Varela, Xosé María Díaz Castro, Pura Vázquez (PRIMEIRA PROMOCIÓN DE POSGUERRA). Antón Tovar, Luz Pozo Garza, Manuel Cuña Novás, Manuel María, Uxío Novoneyra (SEGUNDA PROMOCIÓN DE POSGUERRA)". E adverte: "Obviamente vai-se respeitar a grafia das últimas edicións feitas en vida do autor, e nengunha das delictivas 'versións' normativizadas recentemente polas editoriais obedientes á Xunta e ao ILG". Voltava assim a ser reivindicado como figura da poesia galega em concorrência com a totalidade dos nomes do campo, como ele aspirava. Banido de outras antologias e estudos por causa do seu posicionamento ortográfico, Da Cal regressava da mão de Álvarez Cáccamo, a quem respeitava especialmente.

Da Cal (18-IV-1993) oferece dados para Cáccamo, e refere-se ao projecto da antologia de poesia galega, idea que, afirma, "tem o meu aplauso. Concordo nas linhas mestras. [...] Quanto à tua dúvida a respeito de Pimentel e Bouza Brey [...] O meu conselho seria incorporar a obra deses autores e indicar no prefácio os critérios que nortearam o trabalho do antólogo, na selecção e no enquadramento cronológico". Confirma que lhe enviará um depoimento auto-poético.

Junta (7-VI-1993) a "Poética", restrita a um fólio como lhe fora solicitado, e apresenta-a deste modo: "Saiu-me um chisco dogmática. De facto, mais do que uma 'poética' do meu uso pessoal, resultou ser, sem eu querer, uma 'declaração de princípios' talvez um bocado carrancuda e 'decalógica' –mas é o que se pode arranjar. Tentei, na medida do possível, reduzir a prosa o meu 'Mester de Poesia' aparecido no Nº 31 (Outono de 1992) da *AGÁLIA*".

Cáccamo (8-VIII-1993) confirma-lhe ter finalizado a leitura da sua poesia, e seleccionado 19 poemas para incluir na *Antologia*. Da Cal (25-VIII-1993) comenta-lhe a escolha e finaliza com uma indicação a respeito das suas preferências poéticas, que descreve desta maneira: "Dir-lhe-ei que os meus poetas favoritos em língua inglesa são Shakespeare, Blake, Shelley, Yeats and Eliot. De língua portuguesa: Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, A. Nobre, Cesário Verde, Camilo Pessanha e Pessoa. Dos de língua castelhana: Manrique, Garcilaso, Juan de la Cruz, Rubén, A. Machado e César Vallejo– e na nossa: Rosalia, *needless to say*. Estes nomes, já se vê, indicam preferências de leitura. As influências: "hanlo de decir otros" –como dizia Gracián".

[445] Da Cal (7-II-1993) informa à poeta andaluza da projectada homenagem a Carvalho Calero por parte da AGAL e refere-se ao possível contributo de Atencia para esse empreendimento, com a sugestão de que "Yo preferiría que mandáseis el poema 'Rosas' con su versión castellana" e comenta as discrepâncias e convergências com Carvalho a respeito de aquele texto que Atencia tinha publicado por vez primeira num poemário, em 1988. De novo fala-lhe de editar uma plaquette com dois poemas atencianos e dois dacalianos, dedicados, com as respectivas versões em castelhano e em galego-português. Em 17-IV-1993 envia três poemas seleccionados (entre eles "Vitral", o escolhido) "para la edición de traducción recíproca atenciana/dacaliana". Sugere que seja original mais tradução. Aludirá de novo (30-IV-1993) ao projecto de publicar conjuntamente um pequeno volume de poesia com Atencia.

[446] O volume consta de 12 páginas, sem numerar, e inclui dois poemas: de Atencia, "Jardín de Portugal", com versão para português de Guerra da Cal; e de Da Cal "Vitral", com versão para castelhano de Atencia. Cada um dedica o seu poema ao outro. No final de cada tradução consta a autoria.

se de uma iniciativa certamente original, na qual o bom ofício editor de Rafael León tem papel de destaque. Tem uma dimensão de ultrapassar a individualidade no quefazer poético. O produto talvez fosse entregue pessoalmente por Atencia na viagem que realizou a Nova Iorque[447] aquele ano e em que se viu com ele e com Elsie[448]. Este poemário enviou-o para amizades como X. M. Álvarez Cáccamo[449] ou Návia Franco[450]. **No 29 de Outubro, na sequência do IV Congresso da Agal, o crítico brasileiro Gladstone Chaves de Melo e o docente de secundária galego Henrique Dacosta apresentaram em sessão plenária estudos da poesia de Da Cal**. Ao conhecer a programação Da Cal anunciou esse acontecimento a diversas amizades (Franco Grande e sua filha Návia, X. M. Álvarez Cáccamo) e solicitou-lhes que, a poderem, acudissem e o informassem; e também pediu o texto das intervenções a Henríquez Salido, que presidiu àquela sessão.

III.3.2.4.2.-O projecto da monografia lorquiana e a nova actualidade dos SPG.

Os SPG de García Lorca[451] emergem de novo para a actualidade com ensejo da efeméride do Dia das Letras Galegas, dedicada a Eduardo Blanco-Amor, ao referenciar-se por parte de diferentes produtores a participação deste intelectual nesse produto, que se assinalava como um dos principais contributos do homenageado. Isso oferecer-lhe-á

447 Em carta de 30-V-1993 Da Cal exprime a sua satisfação pelo anúncio de uma visita de María Victoria Atencia a Nova Iorque e informa da intenção de propô-la como "member of the Hispanic Society of America", pedindo-lhe conformidade e um resumo do currículo.
A visita de Atencia, com efeito, produziu-se, e dela fala na carta que escreve Da Cal (12-VII-1993) a Franco Grande. No final da epístola convida os Franco Grande para uma visita a NY.

448 Um outro produto poético em que participou por mediação de Atencia foi ter realizado "la corrección y normativización del poema de García Baena 'Gaita gallega'", como lhe tinham solicitado, e que lhe envia em carta (de data 14-VIII-1993). Da Cal (19-IX-1993) felicita a Atencia-León por serem avós, e junta versão corrigida de "Gaita gallega".

449 Encaminha-lhe um exemplar, datado em 20-V-1993.

450 Envia-lhe exemplar (datado em 9-VII-1993). Comunica-lhe que "últimamente, chegaram-me os livros da minha biblioteca, que eu tinha feito depositar na HISPANIC SOCIETY OF AMERICA, até ter armadas as estantes no apartamento para os receber [receber só cerca de 2.000, pois o resto até os 4.000 e picos que trouxe de Londres, lá ficaram na biblioteca da dita HSA, ao meu dispôr, para os consultar quando quiser, em prateleiras separadas. A isso há que acrescentar que a nossa vida novaiorquina tem muitas mais exigências do que a de Londres. Aqui conhecemos muitíssimas mais pessoas e, consequentemente, jantamos fora quase semanalmente". Na epístola agradece o texto que Návia lhe dedicou no livro *Historias de Edel*, afirmando Da Cal que "literariamente não é uma 'história', é um poema em prosa", e faz demonstração prática, colocando em forma de verso parte do texto.

451 Da Cal (27-I-1993) escreve Montezuma de Carvalho interessando-se pela edição de um volume sobre o filme de García Lorca feito por Amorín no Urugai e que tinha agendado editar na Atrio, de Lisboa. Para essa edição, lembra Da Cal "V. me pediu a minha *semblanza* do Lorca [...]. Muito me surpreende o seu mutismo. Particularmente, agora, depois de ter carta minha, com o meu novo endereço.[...] Estou a pensar que tenha acontecido ao Joaquim algum percalço –pois este silêncio epistolar não é nada do seu estilo. Será que houve desistência no projecto? Os planos eram lançar a edição em Setembro. Peço-lhe encarecidamente para me dizer alguma coisa –principalmente para me tranquilizar a respeito da sua saúde ou da da Júlia. Please!".

oportunidade de falar de novo do projecto da monografia sobre os SPG, esquecida desde os finais do década anterior.

De novo Da Cal volta receber um pedido que já era conhecido de muitos anos antes: que escreva para uma revista sobre esse assunto. Esta vez é da presidenta da Agal, Maria do Carmo Henríquez, que lhe demanda um contributo para o número que a *Agália* preparava para homenagear Blanco-Amor (para o qual, como já ficou assinalado, contribuiu com dois poemas). Da Cal (2-V e 6-VI-1993) comunica-lhe que já tinha dito tudo em vida, e que a sua monografia se publicaria após a sua morte.

Dos trabalhos divulgados na Galiza em que emerge o trio Da Cal-Blanco Amor-Lorca por causa dos SPG, vale a pena citar o estudo de Gonzalo Allegue *Diante dun xuíz ausente*, uma biografia de Blanco-Amor na qual se ocupa de Da Cal em várias ocasiões[452]. O grupo Anfistora, Serafín Ferro, Luís Cernuda, os galegos que frequentavam o café Regina de Madrid, Carlos Martínez Barbeito, Morla Lynch... encontram-se focados neste volume. Dedica mesmo uma epígrafe específica, que intitula (Allegue, 1993:136-139) "A proba do D.N.A. dos 'Seis Poemas Galegos'", onde afirma (Allegue, 1993:137):

> En todo caso, na enmarañada discusión aberta pola paternidade dos poemas, os contendentes remitían sempre a un home lendario: E. Guerra Dacal [sic]. El sabía. El era a Clave, a Sintonía e o Verbo. Todos os ollos miraban a Lisboa, onde vivía Guerra e agardaban o fadorevelación [sic]. Pero Guerra calaba e co seu silencio, animábanse os adversarios da autoría de Lorca e sorrían, pois entendían o silencio como a suprema ironía, o grande sarcasmo de quen posúe unha verdade cataclismática. Os partidarios de Lorca, mentres tanto, revolvíanse entre a espectación e a dúbida.
> Hoxe en día pódese dicir que se esaxerou demasiado o papel de Guerra Dacal. Quizais porque el mesmo o esaxeraba co seu silencio.

Cita a carta de Da Cal a Blanco Amor em que se manifesta "diccionario viviente" do produtor granadino e, na conclusão deste contributo, depois de se referir à participação assumida de Blanco-Amor como corrector linguístico, indica (Allegue, 1993:138-139):

> É estraño que a severa atención dun home tan ríxido con todo o castelán –pola súa extremosa conciencia galeguista— como Guerra Da Cal permitise calquera erro castelanista. ¿Non quedáramos en que evitalos era o seu papel? ¿Non dictaba Lorca e el traducía? ¿Escollería castelanismos sobre o castelán que utilizaba o poeta? É absurdo. A non ser que fora certo o que di EBA [Eduardo Blanco Amor] de que "Guerra Dacal non era un bo coñecedor do galego".
> Se EBA, logo dun proceso de traducción ao dictado no que Guerra Dacal era o "médium", aínda tiña que correxir castelanismos, Guerra Dacal non era o home idóneo e

[452] É justamente no capítulo (Allegue, 1993:124 e passim) "En Madrid con Lorca" onde se encontra mais citado Da Cal. Entre as referências podemos ler esta (Allegue, 1993:125): "Por riba do colorín e da festa, o escritor galego Guerra Dacal, por aqueles anos estudiante en Madrid, non via nesta cidade senón unha repugnante 'fosa séptica'. Calificado polos que o coñeceron como 'miope, intelixente e avinagrado', Guerra foi quen lle presentou a Lorca. A presentación debeu ocorrer no Café Gijón, no ano 1933".

> Federico García Lorca ben puido aforrarlle o traballo. Todos teriamos aforrados misterios, silencios e esperas.

Allegue posiciona-se assim claramente em contra de Da Cal, e não valoriza os seus depoimentos recolhidos por Ian Gibson e mesmo na APCR.

Em 1 de Junho, Da Cal refere-se ao assunto dos SPG lorquianos em carta para Carlos Durão, em que parece responder ao interesse deste amigo londrino pela polémica que se dava de novo na Galiza. Afirma nessa ocasião Da Cal:

> Eu tenho um livro completo, até com capa pronta, ilustrado com abundantes fotografias inéditas de grande interesse histórico, que se publicará quando eu deixar o mundo dos vivos. Entretanto, deixa os especuladores especular! E deixa esses poemas continuar contribuindo à lenda e glória do autor d'*A ESMORGA*!
> Nesse livro eu faço o meu ajuste de contas com o ourensano, que demonstrou –no que tem a dizer comigo— ter uma qualidade moral como criatura humana muito inferior a do escritor.

Em carta de Da Cal (12-VII-1993) para Franco Grande também se refere ao assunto e em especial a Allegue, talvez porque este amigo viguês o informasse do conteúdo desse livro. Afirma Da Cal que nunca o conheceu e nunca esteve na Melrose, apesar do que afirmava no livro sobre Blanco Amor, onde indicava que sim se tinham encontrado[453].

III.3.2.4.3.-A presença permanente de Eça e os estudos queirosianos.

As alusões a Eça de Queirós e aos estudos queirosianos continuará como uma constante nesta já parte fnal da vida[454]. Assume a centralidade queirosiana e assim se evidencia na cartas que endereça para Maria Victoria Atencia (em 15-I e 24-III-1993). Nesta última afirma Da Cal, num parágrafo que evidencia como era ciente de aquela posição

---

453 Afirma que outra pessoa de Oviedo também escreveu artigo sobre Da Cal indicando ser fruto de longa conversa com ele no Estoril e também não fora certo. Refere o livro de Vázquez Montalbán *Galíndez* e "O curioso é que eu nunca também ouvi o nome do autor até tu o mencionares –e com certeza nunca o conheci". (Afirma que Rafael Leónidas Trujillo, ditador da República Dominicana, organizou o sequestro de Galíndez em NY e que o "matou depois de o submeter pessoalmente às mais inimagináveis torturas físicas e psíquicas. Galíndez, que eu conheci muito bem, um nacionalista basco ferrenho, foi vitimado pela sua candura, de pensar que em N.Y. estava fora do alcance do monstro.").

454 Em carta, Da Cal (28-II-1993) desculpa-se perante Carlos Reis "que não lhe acusasse, agradecidamente, a recepção de toda a interessante informação sobre o Segundo Encontro Internacional de Queirosianos, –com as desvanecedoras referências à minha humilde pessoa no folheto de inscrição". Parabeniza Reis pela organização e afirma que "fico à espera impaciente das *Actas*", reclamando-lhe entretanto que lhe adiante o texto de três das intervenções: as de Elena Losada Soler, Beatriz Berrini e Óscar Lopes. Agradece o envio do número 1 da *Queirosiana* e oferece a sua colaboração; e envia a Reis o que afirma ser primeiro exemplar das separatas que aquele mesmo dia recebera do trabalho sobre o "Testamento de Mecenas"; e solicita endereço da queirosianista brasileira Beatriz Berrini.

Num volume de homenagem a Leodegário A. de Azevedo Filho, publicado no Rio pela Tempo Brasileiro, editora do seu velho amigo Eduardo Portella, Da Cal aparece (AA VV,1993: 663) na "Tábula gratulatória". Nesse lugar a sua metodologia de quatro décadas antes continua a vigorar, como o demonstra o contributo de Gládstone Chaves de Melo, nesse momento figura central da lingüística brasileira, intitulado (Melo, 1993:171-179) "Notas sobre a língua e o estilo de Antero de Quental".

de privilégio que o colocava por sua vez num local central no CEL português, culminando uma trajectória científica:

> Si yo tengo que saberlo todo sobre Eça, la verdad es que todo no lo sabe nadie, ni el propio Eça. Ahora bien, sin que me esté mal el decirlo, soy considerado por los conocedores como el fundador de los estudios científicos queirosianos. Y aunque me esté mal el decirlo soy el "guaja" que más sabe del pobre homem da Póvoa do Varzim. No en balde compilé el mamotreto bibliográfico de seis voluminosos volúmenes, con un total de tres mil y pico de páginas, como no lo hay ni para Cervantes, ni para Shakespeare.

Aquele trabalho de décadas e que tantos críticos julgavam de pioneiro terá também, como se verá, muitos reconhecimentos póstumos.

Em Março, na ***Revista Internacional da Língua Portuguesa,*** **Luiz Fagundes Duarte** escreve sobre o II Encontro Internacional de Queirosianos e testemunha tal reconhecimento ao afirmar (1993: 132) que o "grande pretexto" do encontro fora o lançamento da edição crítica de Eça, que constará de "31 volumes". Qualifica a tarefa de "tão merecida e tão necessária –e tão bem preparada por Ernesto Guerra da Cal, que gastou quase trinta anos da sua vida a reunir a monumental bibliografia".

Da Cal (26-VII-1993) envia a **derradeira carta para Carlos Reis**. Acusa recepção do volume de edição crítica de *O Mandarim* "que muito agradeço, que achei muito bem apresentado, e que me deu a alegria de ver que a edição crítica leva o andamento desejado, –e que a minha escolha de Carlos para dirigir e realizar essa empresa não podia ser mais acertada". Oferece a Reis os microfilmes de "Testamento de Mecenas" e "doutros manuscritos", e afirma que terá "o maior dos prazeres, já se vê, em pô-los ao seu dispor. Como confiar essas preciosidades às incertezas dos correios internacionais seria imperdoável tolice, eu, nessa carta sugeria a entrega em mão". Nessa epístola manifesta o seu agrado porque Reis fosse incumbido de redigir um verbete correspondente à sua biografia. Da Cal reitera o que nas primeiras epístolas datadas em 1981 a este professor e investigador: a feliz escolha que supôs a sua designação para estudar o espólio e posteriormente dirigir a edição crítica da produção queirosiana. Foi o seu "príncipe herdeiro", como ele lhe comentou pessoalmente em alguma ocasião.

A respeito das referências à produção queirosiana, datado em Julho publicou-se o número 4 de ***Queirosiana***, em que há alusões a Da Cal em vários contributos[455].

[455] Maria Helena Santana acode à BQ em "Para a edição crítica de *Textos de Imprensa-VI*", com considerações semelhantes às da introdução da edição crítica; e Frank F. Sousa, em "Zé Fernandes, personagem e narrador de *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós" compara esta personagem com Teodorico d'*A Relíquia* e cita um trecho do ensaio dacaliano sobre este romance, que julga pode ser

No **4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas**, organizado pela Universidade de Hamburgo dos 6 aos 11 de Setembro, Da Cal será especialmente mencionado em dois trabalhos, em ambos considerado modelo pela sua produção queirosiana: um de Carlos Reis e outro de Fernando Vernâncio[456]. Nos dois estudos defendidos nesse congresso, que já era referência para o lusitanismo internacional, Da Cal é pois aludido como modelo e o seu trabalho alicerçava novos estudos de especialistas, que por sua vez difundiam a sua produção perante um auditório privilegiado, que se alargará com a repercussão dos respectivos trabalhos nas *Actas*, o que contribui para acrescentar a sua influência no CEL.

No **IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, organizado pela Associaçom Galega da Língua**, houve em 29 de Outubro alusões aos estudos queirosianos de Da Cal[457].

Na segunda edição "revista e aumentada" do ***Dicionário de Eça de Queiroz***, organizada e coordenada por A. Campos Matos, os estudos de Da Cal aparecem como referência em mais verbetes que na anterior[458].

III.3.2.4.4.-Regresso para Lisboa, em Outubro de 1993.

---

aplicado a Zé Fernandes. No volume *A Fábrica dos textos. (Ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*) Luiz F. Duarte dedica ensaios a produções como TRF ou *A Capital!*, amparando-se em LEEQ.

456 No de Carlos Reis (1995a), em que se referiu à edição crítica das obras de Eça de Queirós e frisou como abundantes informações para se reconstituir a história editorial da produção de Eça se encontravam na BQ; e no de Fernando Venâncio, quem estudou a vigência do estilo folhetinesco, que começaria com Latino Coelho e pervivia em Portugal em produtores como Vasco Pulido Valente, um estilo que teria atingido nas *Prosas Bárbaras* de Eça, e na posterior reedição das mesmas como *Uma campanha alegre*, a sua máxima expressão, apesar de ser um produto que teve pouca fortuna entre a crítica; Venâncio (1995, 2002) ampara-se em LEEQ e na BQ para questões respeitantes a esse produto queirosiano, e mesmo aventura (Venâncio, 1995: 910) que a "tese aliciante" exprimida por Da Cal a respeito da influência da prosa de Antero de Quental em Eça se tivesse dado com antecedência à data assinalada em LEEQ.

457 Gladstone Chaves de Melo lembrou a "sua justa fama, culminada com a obra magistral e monumental sobre a língua e o estilo de Eça de Queirós"; e Henrique Da Costa citou a edição de LEEQ no ano 1954 como produção significativa.

458 No novo volume, que segue os critérios da edição anterior, figura aludido nos de "Castelo Branco, Camilo", redigido por Campos Matos; em " *(A) Cidade e as Serras*", de Matos; em "Colaboração europeia, 1º de Maio", sem assinar; em "Columbano", de Matos; em "(*Uma) conspiração na Havana*", artigo sem assinatura; em "Diálogo", de O. Grossegesse; em "Eça e os puristas", de Matos; em "*(As) Minas de Salomão* de Eça de Queiroz", de Guerreiro de Sousa; em "(Os) Póstumos", de Matos; em "'Testamento de Mecenas'", entrada sem assinar; em "Traduções", de G. Monteiro. Estes verbetes estão referenciados no "Índice remissivo onomástico". No entanto, há outros que não figuram nele e nos quais se cita Da Cal. Assim acontece, v.gr., em "(A) Duse", em artigo sem assinar; "José Matias", de Isabel Marnoto; ou "*'(A) Tragédia da Rua das Flores'*", de Matos, que refere a BQ, embora não entre no fundo da polémica dacaliana. Para além destes contributos, na "Bibliografia essencial" (1993: 1.011) remete-se para a BQ, qualificada de "exaustiva" e afirma-se que oferece "[relação] da vastidão de teses, estudos, ensaios, comentários, notícias, traduções, edições, etc. respeitantes à vida e obra de Eça"; e para questões de estilo recomenda-se LEEQ.

Aos poucos meses de estada em Nova Iorque começarão as saudades e o casal Da Cal coloca-se a possibilidade de uma viagem a Portugal, o que será o início de uma decisão mais drástica de regresso. Tinham passado três lustros da sua ausência da cidade, e a dinâmica nos EUA era diferente à dos seus tempos. Aos 14-VIII-1993[459] comunica a Victoria Atencia, desta maneira, a decisão de nova deslocação, esta vez para Lisboa:

> Reunidos en asamblea general, como tenemos por costumbre Elsie y yo antes de tomar decisiones, y después de luengas deliberaciones y la consecuente votación, tomamos el acuerdo trascendental de, en la primavera próxima, nuevamente empaquetar los bártulos y singlar con rumbo a la "occidental playa lusitana". En menos de un año hemos llegado a la conclusión de que estos no son nuestros Estados Unidos, que nos los han cambiado. Los sitios están ahí, aquí, pero las cosas son otras. Y esto es un imperio que ha empezado a desvencijarse y desde que el payaso de Clinton se presentó en la Casa Blanca el desvencijamiento se ha acentuado.

Problemas e desencontros com a vida na cidade levavam àquela decisão. Haverá também outro problema, e de grande peso, relacionado com a saúde, que será central na nova mudança para a Europa: o diagnóstico de un câncer de maneira que não o satisfez o que provoca descontentamento com o sistema de saúde[460]. Em 19-IX-1993 confirma de novo a Atencia-León terem ele e Elsie já decidido o regresso para Lisboa[461].

---

459 Justifica a demora epistolar com Atencia por uma visita que ele e Elsie realizaram ao Canadá, afirmando que Elsie tinha amigos em Toronto e ele em Quebec, e informando que, de passagem, realizaram a visita rito nupcial das cataratas do Niágara.

460 Da Cal (2-IX-1993) comunica por carta a Henríquez Salido aquela decisão: "há umas três semanas comecei a sentir um cansaço geral –que nos fez encurtar as nossas longuíssimas passeatas ao comprido e ao largo de Manhtattan" e decidira ir ao médico. Consultara vários especialistas e mesmo estivera hospitalizado. Um dos diagnósticos que lhe deram era que tinha "cancro de pulmão inoperável– e uns poucos meses de vida à minha frente". Preocupado fora a um sanatório especializado em oncologia, o Sloan Kettering Memorial Center em que, após fazer-lhe provas concluiram que "NADA, não havia tal cancro". E acrescenta: "Este penoso incidente serviu para nos confirmar num estado de espírito que já se vinha aposando de nós, desde que começamos a viver o dia a dia *destes E.U.A.* que não são os nossos, os de um passado 'gone with the wind'. Isto mudou como uma uma meia voltada para o avesso. Está irreconhecível. Nova Iorque está governada pelos pretos, com os resultados que isso supõe. Abriu-se a imigração e as cidades da periferia, tanto do Leste como do Oeste, encheram-se de gentes das Sete Partidas do Mundo, infimamente civilizados, que tornam a vida urbana uma aventura perigosa. E a administração duma metrópolis como Nova Iorque um caos indescriptível. O tráfico de armas é a olhos vistos –e no que vai de ano, só de balas perdidas, morreram na Cidade 26 pessoas. E a gente nunca sabe, quando sai à rua, se é que vai voltar, enteiro. [...] Tudo isto quer dizer, que, se Deus quiser, em meados de Outubro, a gente voará rumo à nossa Lisboa, para lá deixar, também quando Deus quiser, as respectivas carcassas".

Aqueles incidentes, e a mudança, impossibilitaram que redigisse o contributo que prometera para o Congresso da Agal.

461 Nessa epístola, e a respeito da saúde diz que, após revisão, indicaram-lhe "estar libre de cualquier toque maligno". Depois resolvera ir ao médico de cabeceira, porque se cansava mais do habitual, já que andavan uma media de 2 milhas por dia pois "Manhatan como sabéis es plano, como la palma de la mano, ideal para camineo". O médico não encontrou nada anormal, enviou-o para Radiologia no hospital, e aí indicaram-lhe que tinha de ser internado esse mesmo dia "e ingresé en el hospital ese mismo día. Seis días estuve allí, me hicieron toda clase de pruebas, exámenes, etcétera, sin que me diesen un diagnóstico. Yo, con el descanso cada vez me sentía mejor". Depois de umas provas afirma que outro médico indicou que três dias antes lhe fizera uma biópsia e não vira nada. Então Da Cal solicita a alta voluntária. Responderam-lhe que fizesse o que quiser, mas que tinha um câncer de pulmão "inoperable y

Em Dezembro de 1993, a publicação mensal ***Portuguese Heritage***, editada nos EUA, noticia do seu regresso em Outubro para Portugal. Em informação que inclui fotografia, oferece dados biográficos de Da Cal, e da sua trajectória como cientista nos EUA e em Portugal, salientado que dedicou grandes esforços durante as quatro décadas que exerceu nos EUA (Sem Autor, XII-1993: 7)

> to active promotion of the Galego-Luso-Brazilian language and literature in the U.S.A., South America, Africa and Europe. The autor of many books in Galician, Portuguese and English, he was a coordinator, consultant and collaborator on many importants encyclopedias of literary knowledge. […] Howewer, disappointed with what they found in that city, they returned to Portugal permanently last October.

Foi em Outubro, com efeito, quando o casal Da Cal realizou a derradeira deslocação de residência, para Lisboa. Em carta de Da Cal (1-X-993) para Franco Grande indica-lhe que Elsie e mais ele "Resolvemos completar o périplo vital e voltarmos à **ocidental praia lusitana**, para nela deixarmos as respectivas carcasas, quando Deus vier no-las reclamar. [...]. Aterraremos em Lisboa no dia 21[462]". Afirma que, apesar da ilusão do

---

unos pocos meses de vida por delante". Perante aquele diagnóstico "Volvimos a casa, reflexionamos sobre el asunto y decidimos consultar a un médico argentino, amigo de unos amigos, que trabaja en el SLOAN Kettering Center, es la gran clínica oncológica de Nueva York, que nos puso en contacto con uno de los mejores especialistas de los Estados Unidos. Ese indicó que quería ver toda mi documentación médica. Le extrañó que un diagnóstico de esa naturaleza con una biopsia recientísima negativa sin hacer el examen de túnel [cat-scan] y si este daba metástasis una biopsia pulmonar. [...] Bueno, para abreviar la historia, me hicieron el cat-scan y no tengo nada. Para que veas como se las gastan en la New York de hoy, que antes no era así ni mucho menos. Y cuando le llamé para decirle lo que venía al caso, el jijo de la gran chingada negó que me hubiese dado el dicho diagnóstico tétrico. Y como no había nada por escrito estaba libre de peligro de un malprocticesuit (no sé como se dice en castellano, en portugués no se dice, que ese tipo de traducción no existe en Portugal), en fin que pasé cinco días como el buen profeta Jonás en el vientre de la ballena. Él, de acuerdo con las escrituras, pasó sólo tres. Este simpático incidente colmó nuestras medidas e inmediatamente convocamos una asamblea general, pusimos en votación nuestro regreso al Jardim de Europa a beiramar plantado y por unanimidad de todos los accionistas de Ernestelsie Inc. se resolvió y completamos el periplo. Un amigo nuestro dijo con mucha gracia que de hecho nosotros lo que estábamos haciendo era acabar de mudarnos de Estoril a Lisboa y como estábamos a poca distancia hacíamos esa mudanza vía Londres- New York, lo cual probablemente es cierto. Yo como sabéis y como gallego tengo siempre un pie en la cuarta dimensión de la realidad. Por eso no creo [ilegível] como casualidad, coincidencia o suerte, que son rincones oscuros para donde se barre todo aquello que la triste y mísera ciencia empírica no puede explicar: el mismo día que el matasanos pronunció mi sentencia de muerte, cuando volvimos a casa, encontramos una carta de un matrimonio portugués, muy queridos viejos amigos nuestros; en la que ella nos contaba que él por tener unos dolores en el pecho había ido a que lo examinasen en el Bristish Hospital de Lisboa y le habían diagnosticado un cáncer de pulmón inoperable con [ilegível] en muy pocos meses. Tomaron inmediatamente el avión para Londres, donde le indicaron que no tenía nada en los pulmones y sí una deficiencia regular en el corazón perfectamente operable. Eso, como es natural, nos animó considerablemente. ¿Casualidad? Já, ja, ja y cien veces ja".

[462] Da Cal, em carta (12-X-1993) a Victoria Atencia, ainda de Nova Iorque, afirma que "Estamos con un pie en el estribo. El 17 comienza el trajín de empaquetamiento, el 20 partimos. El 21, de mañanita, veremos 'a ocidental praia lusitana'". Informa que reservaram quarto "en el hotel Tivoli Jardim, en la avenida da República, hasta que encontremos apartamento". Em 15 de Outubro comunica por carta a Xosé María Álvarez Cáccamo que a sua partida para Lisboa estava agendada para o dia 20 desse mês.

regresso para Nova Iorque, a cidade "é outra, não é a mesma. A nossa, essa **O vento levou** –**Gone with the wind, forever**, sem deixar rastro"[463]

III.3.2.5.-Homenagens da Galiza e derradeiros projectos em Lisboa.

O reencontro com Lisboa resultou bem sucedido: as amizades portuguesas exprimem alegria pelo regresso, foi noticiado, mesmo recebido com honras no Grémio Literário. Os primeiros dias acodem a um hotel, mas em pouco tempo passaram para um apartamento que lhes emprestaram, até instalarem-se num novo alugado, na rua Luís Bivar. Desde o início integram-se na vida lisboeta[464], num instante aliciante, pois a cidade preparava-se para ser a Capitalidade Europeia da Cultura no ano 1994. Em todo o caso, os primeiros meses são de tranquilidade, de integração sem problemas[465].

Da Cal continua a receber reconhecimentos pela sua poesia, pela defesa do reintegracionismo ou pelo queirosianismo. Agradou-lhe especialmente a homenagem que lhe tributaram em Quiroga, para a qual contribuiu. As grandes lutas da sua vida sintetizavam-se assim em actividades e publicações que terão continuidade nos anos seguintes, já depois da morte, reivindicando-o.

---

[463] Também lhe relata o problema do suposto falso diagnóstico de cancro e a má experiência no tratamento com profissionais da saúde de Nova Iorque.

[464] Comunica às amizades a nova situação e convida-as para visitá-lo em Lisboa. Aos 14-XI-1993 informa Victoria Atencia que "Hasta el *Olá* dio en letras gordas la noticia de nuestro retorno à pátria" e que "En el Gremio Literario, que es el club más antiguo y más chic de Lisboa, del cual tanto Elsie como yo somos 'membros de honra', nos ofrecieron una cena de gala, rimbombantísima, con discursos de 'pôr a lagrimazinha no olho'". Na mesma data comunica a Henríquez Salido "Na quarta passada assisti à sessão da Academia de Ciências de Lisboa na qual foi recebido, como Membro Correspondente, o Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo, que me fez uma longa e simpática referência. Eu julgava que não nos conhecíamos, mas ele me disse que já nos tínhamos encontrado, há bastante anos, no Brasil. Estou ansioso por saber como correu o Congresso [da Agal; em 20-XII-1993 solicita-lhe os textos de Chaves de Melo e Dacosta sobre a sua poesia]". Envia postal (22-XI-1993) para Franco Grande, confirmando que "Estamos radiantes: recebidos como se voltasse El-Rei D. Sebastião". Pelo Natal, encaminha cartão (23-XII-1993) para Návia Franco (a filha mais nova de Franco Grande), em que afirma: "Nós estamos bem – graças a Deus, envelhecendo, qué remédio! A velhice não é boa, mas, visto a alternativa ser ainda pior, há que resignar-se e... toca a andar". Em cartão de Natal enviado (25-XII-1993) para Xosé María Álvarez Cáccamo, pede-lhe que "quando não tiver coisa a fazer para melhor preste, escreva e conte sobre tudo quanto de bom e de mau acontece nessa Galiza, que sempre está a latejar no meu velho coração. Espero as suas sempre desejadas notícias".

[465] Assim se espelha na epístola que escreve (2-III-1994) para Carlos Durão. Mesmo depois dos primeiros problemas de saúde de Elsie, que o abalaram, recuperou o ânimo e encorajou-se, segundo se conclui da carta que encaminha (em 1-V-1994) para Xosé Luís Franco Grande, em que fala da vida em Lisboa, e afirma: "Estamos felizes" e acudiam à programação da Gulbenkian ou do Centro Cultural Franco-português, que tinham próximos: "Como vereis, não nos podemos queixar. Amigos não nos faltam e o nosso 'regresso à Pátria' foi celebrado com foguetes de três estalos", afirma.

Os dias 7 e 29 de Janeiro de 1994[466], a "Página Cultural" do jornal *Notícias de Guimarães* publicou o **estudo de Gladstone Chaves de Melo intitulado "A Língua Poética de Ernesto Guerra da Cal, Modelo de Reintegração"**. Trata-se do trabalho que defendera no congresso da Agal[467]. Analisa a língua da reedição de LAM-RST,[468] e conclui que consegue (Melo, 29-I-1994: 4) "mostrar o seguro conhecimento que tem Da Cal do vocabulário e das estruturas da língua comum, conhecimento que ele maneja com mestria e elegância e que faz dele, por isso, um paladino e um protótipo da reintegração". Este trabalho difundia mais uma vez em Portugal o trabalho literário de Da Cal, colocando-o como modelo para o Reintegracionismo.

**Em 23 de Abril celebrou-se na Casa da Cultura de Quiroga uma homenagem a Da Cal**. Foi ideia de Célia Díaz Núñez, quiroguesa que exercia a docência num liceu de Ourense, segundo noticiou *Agália* (Sem Autor, VI-1994[469]: 106-112). Com ela intervieram Luísa González Macia, também ensinante em Ourense, a presidenta da Agal, Maria do Carmo Henríquez Salido[470], e nove alunos do Colégio público de ensino primário da vila, que recitaram poemas de LAM-RST. Da Cal colaborou[471], enviando as

---

466 O primeiro exemplar corresponde a "Novembro-Dezembro-1993", o segundo a "Janeiro-1994".

467 A primeira entrega acompanha-se de texto em destaque, que apresenta o estudioso brasileiro e Da Cal. Apesar de não assinado, é provável que fosse redigido pelo juíz Francisco José Velozo, que foi quem enviou o artigo de Melo para o jornal. Indica que (Sem Autor, 7-I-1994): "Nessa conferência ocupou-se o sábio Mestre da personalidade ímpar das Letras Galegas actuais que é o galego-americano Professor Ernesto Guerra da Cal, focando em especial nele o grande poeta e a sua contribuição fundamental para a integração da Língua e Literatura Galegas no espaço comum luso-brasileiro, a que pertence de direito a Galiza, que com Portugal foi matriz inicial do idioma lusíada".

468 Na última parte do trabalho, Melo manifesta-se seguidor de Bally, Cressot e Marouzeau nos estudos estilísticos, e analisa a língua poética de Da Cal segundo ocorrências do léxico, e elementos de morfologia, sintaxe e construção poética. Qualifica-o "poeta de raça" e define-o deste modo: "É simbolista, de um simbolismo actual e surpreendente, mas um cantor da morrinha e da saudade, raramente conformado e tranquilo. Vário e saltitante em ritmos, surpreende e conquista". Do vocabulário de Da Cal, Melo afirma que alguns termos indigitados de galeguismos não o eram, pois encontravam-se em autores como Gonçalves Dias, Camões, Machado de Assis, Manuel Bandeira; com vocábulos dicionarizados, embora não fossem de uso habitual; e outros que se empregavam diatopicamente em Portugal ou no Brasil. Destaca (Melo, 29-I-1994: 4): "Muito boa é a construção de Ernesto Guerra da Cal. Talvez por ter lido muito Eça de Queirós e outros de igual categoria, assenhoreou-se fundamente dos esquemas da frase portuguesa. É escrito de escol. Chega a apresentar, aqui e ali, umas tinturas clássicas, que dão muito bom tom"; e reprova algum castelhanismo e alguma gralha.
Em carta para Henríquez Salido (8-II-1994), Da Cal desvenda que aquele trabalho fora enviado para o jornal "pelo Juiz Conselheiro Francisco José Veloso, velho amigo meu e grande amigo da Galiza".

469 Utiliza-se esta data, a teórica em que devia ter saído esse número da revista. Mas na realidade publicou-se após a morte de Da Cal, pois a *Agália* acumulava meses de atraso.

470 O acto concretizava a ideia anunciada no ano anterior pela presidenta da Agal de organizar um lançamento de LAM-RST em Quiroga, pela possibilidade de difundir a reedição. Era, pois, um acto esperado, que talvez a Agal não pudesse ter celebrado com anterioridade por falta de infraestrutura e apoios. Ao implicar alunado favorecia um melhor e maior acolhimento, e contribuia para uma maior presença da estratégia do grupo mais activo do Reintegracionismo.

471 A homenagem foi anunciada com cartaz e programa de mão, com a sua assinatura, e reproduzia-se o poema "Ontem de cor e água", de RST; além de destacar ums versos dedicados ao rio Sil, de LAM.

informações que Celia Díaz lhe pediu, para o lançamento de LUA/RIO, e para o livro que ela preparava sobre a 'matéria quiroguesa' na obra de vários escritores.

Luísa Gonçález proferiu uma conferência em que analisou os principais temas da poesia de Da Cal, salientando (Sem Autor, VI-1994:106-107):

> A paisagem, a vivência amorosa, a passagem do tempo, as lembranças da infância –o seu paraíso perdido–, a relaçom com Deus, a reivindicaçom e defesa da Galiza. Guerra da Cal manifesta também um grande conhecimento da poesia galega, tanto dos textos da literatura medieval, que el recria e glossa, mesmo seguindo a linha neo-trovadoresca, como dos poetas do XIX e XX, nomeadamente Rosalia.

Referiu também críticas que recebera, bem como reconhecimentos diversos na sua trajectória, frisando o ser "silenciado" na Galiza pelo seu posicionamento ortográfico, excepto pelo reintegracionismo. Lembrou a proposta de dedicar-lhe uma rua: "Pensamos que o feito de que uma pessoa da altura intelectual de Guerra da Cal nos leve sempre presentes, é um claro motivo de orgulho para Quiroga e merece algum reconhecimento. Por isso sugerimos a possibilidade ou a conveniência –como já José Estévez intentou tempo há— de que se lhe dê o seu nome a umha das nossas ruas, para assim perpetuar a sua memória e manifestar o nosso orgulho e reconhecimento".

Henríquez Salido destacou o "compromisso com a língua da Galiza". Referiu-se aos dois poemários reeditados, citando trechos dos prólogos, bem como do "Antelóquio indispensável" de FI. Celia Díaz acompanhou a sua palestra da citação de diversos poemas de LAM-RST, sublinhando que (Sem Autor, VI-1994: 109)

> todos os estudiosos que analisarom a obra poética de Guerra da Cal assinalarom a funda relaçom que o poeta estabelece com as terras quiroguesas. [...] apesar das incidências da sua biografia, Quiroga permanecerá inalterável na sua mente e será também presença reiterada na sua obra. [...] Quiroga tem um especial protagonismo nos versos de Guerra da Cal. Ela é o seu paraíso da infância e o seu jardim interior amorosamente cultivado dia a dia.

Henríquez Salido leu um telegrama enviado por Da Cal para esse acto, em que indicava (Da Cal, 23-IV-1994):

> Comovido por esta homenagem à minha criação lírica, venho enviar-vos caros conterrâneos os meus mais sinceros agradecimentos, evocando os dias, tão longínquos, da minha infância nesse feiticeiro vale que o Sil tão carinhosamente banha. Quiroga e a sua paisagem natural e humana ficarám para sempre ancorados no recanto mais íntimo do meu coração de galego errante, constituindo um refúgio mental, um jardim de lembranças sossegado que sempre me ofereceu um aconchegado paraíso interior, inexpugnável às investidas e dissabores da vida. Ainda que nascido no Ferrol, sempre me considerei quiroguês, pois foi aí que os meus olhos e a minha alma se abriram ao conhecimento consciente do mundo circundante –além de eu ser oriundo de lá pela minha linhagem materna–. Por isso Quiroga e o Sil vivem e viverão indelevelmente no fundo mais fundo do meu espírito, até Deus quizer daqui me levar a descansar na sua mão direita. Graças, mais uma vez, por esta honra que muito me sensibiliza e me obriga.

O acto foi seguido por numeroso público e suscitou interesse de alguns jornais (Sem Autor, 17-IV-1994, Angar 25-IV-1994). Em 8-V-1994, em carta para Xosé Estévez, Da Cal refere-se à homenagem[472], desta maneira:

> Foi para mim emocionante pensar naqueles miudos a recitarem os meus saudosos poemas sobre a minha infância naquele Vale enfeitizado que eu levo entesoirado no âmago da minha alma, ao longo desta já muito longa vida. A Célia mandou-me fotografias do acto e duas paisagens do Sil na sua passagem por Quiroga que me puseram os olhos rasos de água [...]. Mas voltando à homenagem, eu manifestei à Célia a minha concordância, com a sua mágoa pela descortesia de não o terem convidado a assistir, pois afinal V. é o único quiroguês com que eu tenho uma já antiga relação de amizade –e existir uma proposta sua, agora reiterada nesse acto, de atribuir o meu nome a uma rua da Vila[473].

Dias antes também manifestara a sua satisfacção por esse acto em cartas para Victoria Atencia e Franco Grande; e com posterioridade referiu-se a ele em epístolas para Xosé Maria Álvarez Cáccamo e de novo para Victoria Atencia, em que exprime a sua enorme satisfacção pelo acto.

O futuro da língua mantém-se como uma preocupação central para Da Cal nos seus últimos dias, quer no respeitante à questão da ortografia na Galiza[474] como nos países que tinham como oficial a língua portuguesa[475]. Ele **continuava a ser considerado um vulto central para os grupos do Reintegracionismo**, quer as Irmandades da Fala como a Agal. Segue com interesse as novidades que se produzem, sobretudo a posta em andamento no mercado de jornais redigidos na língua do país, impactando

---

[472] Em 4-III-1994, Da Cal tinha enviado carta para Xosé Estévez, em que lhe agradecia a ele "e também ao poeta Manuel Maria –os seus bons ofícios para conseguir que LUA/RIO fosse apresentado ou re-lançado em Quiroga".

[473] Na mesma epístola Da Cal refere-se a um acto que lhe comunicara Estévez, sobre Castelao, em que estava programado que interviesse "a Mª Pilar Garcia Negro, velha amiga, diga-lhe da minha parte, que sei que estou em dívida com ela, em relação à belíssima tese de Doutoramento dela –e que se Deus me der vida e saúde, ela receberá carta minha oportunamente, e que a minha vida de errabundez inter-continental é a minha desculpa". Mas não a chegou a escrever.

[474] Em carta para Atencia-León, Da Cal (22-IV-1994) afirma: "El asunto de la grafía de nuestro galaico portugués ya va despertando interés aquí, como podréis ver por la copia de un largo reportaje aparecido en la edición de Lisboa del diario *Público* bastante bien documentado. La cosa está que arde en el Noroeste y la lengua ¡e não só! es caballo de batalla". A informação do jornal *Público* a que se referia mas talvez fosse à assinada por Luís Miguel Queirós (5-III-1994) sob o título "Galiza: Um David entre Dois Golias", trabalho que provocou impacte na Galiza, onde era esperado por se ter deslocado o jornalista a Compostela e ter realizado pesquisas para redigí-lo com várias pessoas.

[475] Uma notícia do jornal *Público*, de 19 de Abril de 1994, chamou a atenção de Da Cal, até ao punto de recortar a página e guardá-la, conservando-se no Espólio EGC. No texto, sem assinar, dava-se conta de uma proposta de Isabel Hub Faria, presidenta da Associação Portuguesa de Linguística, lançada no dia 11 desse mês num congresso celebrado em Lisboa, para criar uma Associação Internacional de Linguística do Português, que teria como finalidade (Sem Autor, 19-IV-1994: 25) "constituir uma rede internacional [d]e instituições e investigadores, que abrirá portas à criação de um banco de dados sobre o português falado e escrito". Decorridos 30 anos da proposta conjunta defendida por Da Cal e outros no Colóquio Internacional de Coimbra, de novo se insistia na necessidade de instituições supranacionais para o estudo do idioma comum.

positivamente o receber e ver o primeiro exemplar d'*O Correo Galego*[476], e quando tem oportunidade oferece explicações do seu posicionamento a respeito da ortografia. Acreditava portanto num futuro melhor para a língua e estava confiante.

No volume múltiplo 29-34 da revista *Nós*[477] incluem-se os trabalhos do congresso internacional "A língua portuguesa no mundo, terceira língua de comunicação internacional, 200 milhoes de lusófonos" celebrado na USC e mais na Universidade do Minho e organizado pelo grupo das IFGP. Mais uma vez Da Cal encontra-se **aludido em trabalhos** como a intervenção de José Luís Fontenla, quem o indigita, junto com Rodrigues Lapa, Carvalho Calero e Celso Cunha entre os mestres que (Fontenla, 1993: 28) "apostavam pela unificação ortográfica de toda a Lusofonia", e não foram valorizados desde o Campo do Poder Político pelas pessoas que, na Galiza, legislaram sobre a língua após a restauração da democracia[478]. Esse grupo continua a defender o Acordo Ortográfico e a acreditar na sua aplicação[479]. A visão da situação é muito diferente: Da Cal, desde a distância, quer ver aspectos positivos e de esperança, enquanto os seus aliados continuam a luta activa para a defesa da renovação do

---

476 Na primeira carta do ano enviada para Cáccamo, sem datar mas possivelmente de Janeiro, afirma ter-se inteirado por Navia Franco da publicação de *O Correo Galego*, pois tinha enviado para ele um exemplar, e valoriza: "A qualidade linguística do tal *Correo*, não é de alta craveira [tudo cheira a tradução do castelhano], porém, mesmo em galego acastrapado, é congratulatório o facto da existência desses jornais". Da Cal (11-V-1994), na derradeira carta que escreve para este produtor, ao valorizar de novo este facto indica: "Parece que tudo não está, por enquanto, perdido".

Em carta para Henríquez Salido, valoriza Da Cal (23-II-1994): "parece-me importante, *per se*, o facto de haver jornais diários em galego, seja qual for a qualidade e pureza da língua e da grafia. Eu tenho a convicção de que eventualmente o triunfo é nosso".

Da Cal (2-III-1994) escreve para Carlos Durão em termos semelhantes.

Também escreve (em 11-III-1994) para Franco Grande: "É preferível um diário na nossa língua, mesmo dialectalizada, do que não termos nenhum. [...]. Há poucas semanas a **TVP**, num dos seus "Telejornais" apresentou o **Presidente da Xunta** [...]. o homem desenrascou-se lindamente falando o seu galego. E eu me lembrava de quando o pateta alegre do Fernández Albor, numa situação semelhante, no Porto, todo acomplexado, dirigiu-se aos jornalistas portuenses em 'castrapo'. Mudou-se **para melhor**, não há dúvida".

477 A revista encontra-se datada em "1992/93" e inclui trabalhos assinados em Setembro do 93. Deve corresponder aos finais de 1993 ou possivelmente aos inícios de 1994.

478 As IFGP, sem possibilidade de intervenção directa no âmbito dos detentadores do poder autonómico galego na altura, tentan conseguir alguma influência pela actuação académica na Galiza e em Portugal, como o demonstravam a dupla sede desse congresso, ou que os seus membros conseguissem algum sucesso de reconhecimento institucional, como acontecera com J. J. Santamaria Conde, conselheiro das Irmandades da Fala e secretário da Comissão para a Integração da Galiza no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa quem, na Universidade de Vigo (Santamaria, 1993:152) "foi o primeiro doutorando que, em 1992, usou a ortografia unificada a vigorar, para o 1º de Janeiro de 1994, segundo frisava uma "Nota da Redação" da revista no final de um artigo deste produtor.

479 Em 1994 celebrou-se em São Tomé e Príncipe uma cimeira de Chefes de Estado, em que aprovou um "Protocolo modificativo" para o Acordo, que tinha ratificado em 1990 o Governo de Portugal mas que não começara a vigorar. Ainda se tardará mais de uma década para que surjam as condições para a efectivização de aquele documento.

reportório, que terá por enquanto insucesso ao não contar com apoio do Campo do Poder Político, nem na Galiza nem nos países lusófonos.

**Em Junho Da Cal manterá o derradeiro encontro físico com uma representação da Agal**[480]. As gestões para conseguir a participação da Agal num acto em Lisboa (com ensejo da Capitalidade Europeia da Cultura que correspondia esse ano à cidade) concretizaram-se, e no primeiro fim-de-semana de Junho celebrou-se na Universidade Livre de Lisboa o encontro "O Português, língua da Galiza", coorganizado pela Agal, que visava assim ultrapassar a repressão e a censura dos seus membros na Galiza com um acontecimento internacional que difundisse o problema da língua e as tuas teses, aproveitando a celebração da capitalidade europeia da cultura em Lisboa. Os meios de comunicação portugueses dedicaram atenção às sessões[481]. Da Cal não participou, mas falou-se dele em diferentes intervenções, e mesmo ficou reflectido em algum trabalho jornalístico (v. gr. Adrião, 4-VI-1994) o seu labor pioneiro nos anos do franquismo para a aproximação de galego e português.

---

480 Aquele acontecimento foi longamente preparado. Em carta que encaminha para Henríquez Salido, Da Cal (8-II-1994) interessa-se por manter um encontro com ela e com pessoas da Galiza em Lisboa. O interesse era mútuo, e Henríquez (10-II-1994) responde-lhe e indica: "Estimamos que a AGAL deveria fazer em LISBOA algum acto importante. Lisboa é a capital europeia, por isso seria importante lançar a Europa a nossa imagem" e propõe-lhe um lançamento de LAM-RST. Em carta sem datar, Da Cal afirma esperar a sua visita, acompanhada do esposo José Posada "nos fins de Março. Altura essa na que espero entregar-lhe o artigozinho prometido para as *Actas* do Congresso". A respeito da consulta da presidenta da Agal de fazer qualquer acto reintegracionista em Lisboa, qualifica-a de iniciativa "muito digna de consideração [...] Acho que em vez de [re]lançar LUA/RIO, que já tem dois anos de idade impressa, seria preferível uma coisa nova" e oferece editar *Caracol ao Pôr-do-Sol*, avançando que "Eu, neste caso até falaria em público –coisa esta que não tenho feito nos últimos 17 anos, desde a data da minha jubilação, em 1977. Nem sequer, recentemente, em Nova Iorque, onde a minha Universidade [C.U.N.Y.] queria contratar-me para fazer um curso-seminário para doutorados, sobre Teoria da Ficção. Declinei, já se vê, mas não deixou de me envaidecer –com os meus 82 anos às costas".

481 Participaram Maria do Carmo Henríquez Salido, Isaac Alonso Estravis, Carlos Garrido e outros representantes da Galiza, junto com os portugueses António Cruz ou David Araújo, intelectuais de tendência pró-monárquica e que se situava em posição periférica, pelo que aquele acontecimento era uma maneira de tentarem conseguir influência ao regressar para a actualidade. Órgãos da imprensa como o *JL* (Sem Autor, 25-V-1994), *Público* (Barata, 3, 4 e 5-VI-1994), *Diário de Notícias* (Sem Autor, 3-VI-1994. Neste jornal a informação do acontecimento, oferecida em destaque, incluia-se numa página em que se informava dos actos da capitalidade europeia da cultura, com o qual de alguma maneira a Agal cumpriu um dos objectivos da organização desse encontro, em que também participavam outros grupos galegos como a Associação de Amizade Galiza-Portugal ou Docentes contra a Repressão Lingüística), *Jornal de Notícias* (Sem Autor, 2-VI-1994; e Martins e Sem Autor, 4-VI-1994), ou *Semanário* (Adrião, 4-VI-1994) dedicaram na altura espaços, alguns deles certamente amplos, para informar das palestras e discussões, realizar entrevistas e reportagens, mesmo algum artigo de opinião.

A Universidade Livre de Lisboa não ocupava um lugar central, e também aproveitava para emerger com força na actualidade, pois o encontro ecoou na comunicação social porque aquele assunto da língua sim interessava. Os estreitos contactos e amizade de Estravis com Cruz e Araújo foram decisivos para conseguir concretizar aquela iniciativa.

Além disso, a presidenta da Agal teve contacto directo com Da Cal e com Elsie, e organizou um jantar com eles na noite do 3 de Junho[482]. Na sequência dessa refeição, Da Cal referiu-se às políticas galegas com a língua e a contradições na actuação de personagens como o ex-ditador Francisco Franco ou o na altura presidente da Xunta de Galicia, Manuel Fraga. Essa intervenção propiciou que comprometesse escrever um artigo, que enviou para a revista *Agália*, datado aos 13 de Junho de 1994. Foi o seu derradeiro produto pensado para publicar, e difundiu-se póstumo (ver infra).

**Navia Franco Barreiro estreou-se esse ano no CL galego com o livro de narrativa *Historia de Edel*.** Um dos capítulos, intitulado "Á porta", tem dedicatória (Franco Barreiro, 1994: 119) "Para meu tío Ernesto Guerra da Cal. Para que Edel un día me queira", uma homenagem pelo relacionamento que tinham. Da Cal recebe assim o reconhecimento de uma muito jovem produtora literária, que entrava na casa dos 20 anos, por mais que ela se situasse no  respeito às normas ortográficas do ILG-RAG e não atendesse à sua orientação reintegracionista.

III.3.2.5.1.-A centralidade no queirosianismo.

A centralidade atingida pelos estudos queirosianos de Da Cal continua a manifestar-se, com reconhecimento em Portugal no Brasil e outros países. Os especialistas aludem à BQ como repositório básico para conhecer melhor a produção de Eça. Merecem destaque dois importantes livros de referência para o estudo da Literatura Portuguesa, que espelham de maneira paradigmática aquela centralidade: a *História Crítica da Literatura Portuguesa,* ambicioso projecto editorial dirigido por Carlos Reis; e a *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes.

Em Janeiro de 1994 publicou-se o **volume VI da *História Crítica da Literatura Portuguesa***[483]. Dedica o capítulo 4 a Eça de Queirós, singularizando-o entre os

---

[482] Participaram os Da Cal, Henriquez, Carlos Garrido, Alexandre Banhos, Joel Gômez e Mercedes Pardo. Gômez (1994, ver infra) escreveu pouco depois na *Agália* crónica de aquele encontro, no número que essa revista dedicou para homenagear Da Cal com ensejo da sua morte. E Garrido (2000) lembrou aquela refeição na dedicatória de um volume sobre galego científico.
Na derradeira carta que encaminha para Henríquez, Da Cal (16-VI-1994) refere-se a esse encontro, às pessoas que lhe foram apresentadas, e solicita referências para lhes enviar "uma pequena lembrança literária". Finaliza assim uma relação de mais de 50 epístolas conservadas que, além de numerosos telefonemas e outros contactos, alicerçaram a sua amizade e serviram para projectar Da Cal na Galiza.
Da Cal (20-VI-1994) escreve para Joel R. Gômez breve missiva em que lembra o encontro de dias antes em Lisboa com uma delegação da Agal. Junta um exemplar dos 6PRC, dedicado.

[483] Na "Apresentação" desse volume indica-se que a "função" pretendida por este produto era (Reis, 1994: 7) "Fundamentalmente a de facultar ao estudante de Literatura Portuguesa, num estádio pré-universitário ou mesmo universitário da sua formação, o contacto com diferentes abordagens críticas sobre autores, obras, períodos e gerações". O estudo com pormenor em vários volumes visava uma aprofundação nos assuntos. Tentava, pois, atingir uma posição central no CEL português.

instantes mais representativos do período do Naturalismo e Realismo. O discurso de Da Cal está muito presente nesse estudo[484].

Pouco antes da morte de Da Cal publicava-se a 16ª edição, corrigida e actualizada, da ***História da Literatura Portuguesa,* de António José Saraiva e Óscar Lopes**. Nesse volume, muito referencial para essa disciplina em Portugal e no exterior, na epígrafe de Bibliografia sobre Eça afirma-se ser (Saraiva e Lopes, 1994: 948) "fundamental para informação bibliográfica completa e crítica" a BQ; e valoriza LEEQ como (Saraiva e Lopes, 1994: 949): "o principal estudo do estilo queirosiano". Destaca-se igualmente *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*. É este um reconhecimento do mais grande relevo, num produto de enorme sucesso, que renovou a historiografia literária em Portugal no século XX.

**A edição crítica da produção queirosiana teve novo lançamento, *Alves&Cª*, ao cuidado de Luís Fagundes Duarte**. Este produtor reitera mais uma vez o acerto do "argumento irrefutável" de Da Cal na BQ, ao reparar na marca de água do papel como critério de datação. E ressalta, entre outras citações da BQ, as críticas ao "pouco rigor posto pela casa Lello&Irmão na numeração e datação das suas edições".

Em tradução de José Moura Carvalho, publicou-se ***Eça de Queirós. Correspondência Consular,* estudo realizado pelo especialista inglês Alan Freeland**. Este pesquisador foca a etapa de Eça como cónsul em Cuba e Inglaterra, e há numerosas referências e citações ao volume I da BQ (Freeland, 1994: XLVIII, LI, 16, 26, 35, 37. 45, 47, 58, 62, 67, 75, 79, 95, 99, 103, 119, 121, 132, 148)[485].

Encontrar-se-ão igualmente referências aos seus estudos em *Línguas e Literaturas*, revista da Faculdade de Letras do Porto, em que **Isabel Pires de Lima publica "Entre primos: O Primo João de Brito' a '*O Primo Basílio*'"**[486]; ou no Brasil, onde **Dagoberto Carvalho Jr**., médico, historiador e membro da Academia Piauiense de

[484] Cita-se o ensaio sobre *A Relíquia* e assumindo a sua interpretação. Também salienta os estudos de Maria Luísa Nunes e Carmela Nuzzi, bem como LEEQ e a BQ.

[485] Freeland emenda e precisa alguma informação da BQ, que atribui à deficiente organização de alguns documentos no Ministério de Negócios Estrangeiros e também à informação errada de outros produtores como Archer de Lima. Outorga à BQ a maior referencialidade para o estudo de Eça.

[486] A estudiosa ampara-se na BQ para explicar a génese dos manuscritos e a sua datação e julga (Lima, 1994: 230) que a hipótese de Da Cal, ao assinalar 1875 como data, "parece plausível, pois, no ano seguinte *O Primo Basílio* já devia estar numa fase avançada de elaboração, visto que, a 20 de Fevereiro de 1878, referindo-se ao romance recém-publicado, Eça "desabafa com Ramalho Ortigão", pondo em destaque nesta questão outros trabalhos de Carlos Reis e Maria Rosário Milheiro, e de Dominique Siré, reprovando o relacionamento com outros produtos como fizera Helena Cidade Moura. Este trabalho reproduziu-se no ano seguinte no Brasil (Lima, 1995), num volume de homenagem a Cleonice Barardinelli editado no Brasil.

Letras, editou *A Cidadela do Espírito. Considerações sobre a Arte Sacra na Obra de Eça de Queiroz*[487].

Em 9 de Junio, o semanário *O Arrais*, de Peso da Régua, publicou o artigo "Rosalía festeja Camões", de **Joaquim Montezuma de Carvalho**, em que refere o poema de Rosalia dedicado a Camões, com que Da Cal abrira a APCR em 1985 (ver supra). Relata a peripécia para encontrá-lo, manifestando que, depois de algumas pesquisas, quem lho amostrou foi "o mais ilustre galego que vive entre nós, o doutor Ernesto Guerra da Cal e a quem Eça de Queirós deve os principais estudos sobre o seu estilo e toda uma bibliografia monumental que o põe à frente de qualquer outro autor português"[488]. Da Cal é assim reconhecido como queirosianista, rosalianista[489], e intelectual de destaque, e difunde-se a sua centralidade queirosiana.

São demonstrações de como se espalhavam os seus estudos, valorizados por produtores de vários países. A BQ consolida cada vez mais a sua referencialidade para os especialistas, mas outros estudos, como LEEQ ou o trabalho sobre *A Relíquia*, continuam na primeira linha, apesar dos anos decorridos desde a sua formulação. O discurso de Da Cal impõe-se e é assumido para o estudo de Eça.

III.3.2.5.2.-Derradeiros projectos, no primeiro semestre de 1994.

Nos derradeiros meses da vida, o epistolário de Da Cal anuncia outros projectos, que evidenciam confiança e interesse em participar nos CL e CEL, mas que se não materializam. Continua com o pressentimento da proximidade da morte[490].

---

487 O prefácio, de Paulo Cavalcanti, salienta como a bibliografia queirosiana "ganha vulto em Portugal" e indica que "desse portentoso trabalho encarrega-se o ensaísta e professor Carlos Reis, o mais percuciente estudioso da obra de Eça, ao lado de Ernesto Guerra da Cal". Cita-se LEEQ como modelar.

488 O mesmo artigo foi reproduzido, em 30 de Junho desse ano, pelo *Diário dos Açores*. Esclarece Montezuma que este poema lhe causara curiosidade ao ler um volume da Xunta de Galicia dedicado a Bouza Brey, pois não o conhecia. Frisa que figura incluído na APCR, indicando que, segundo a opinião dacaliana, tratava-se do "poema maior do vínculo de Galiza a Portugal ou vice-versa, como lhe queiram chamar. O poema união. O poema enlace. Um génio canta outro génio", e reprodu-lo.

489 Nas Actas do *III Colóquio Galaico-Minhoto*, publicadas pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, inclui-se o artigo "Um cantar de Rosalia de Castro num romance de Eça de Queiroz", de **António Manuel Couto Viana**, em que esclarece a presença de uns versos da produtora galega no romance *A Capital*. Não há alusões a Da Cal, mas este texto foi supervisado por ele, e uma cópia encontra-se no Espólio EGC.

490 Da Cal (17-I-1994) em carta a V. Atencia refere-se ao "tiempo ya un tanto reducido que nos queda de este lado del espejo". No entanto, convida o casal amigo de Málaga para que os visite, pois tinham humor e disponibilidade. Em carta posterior (11-II-1994) informa a Atencia que "vino a visitarnos desde Madrid Ted Beardsley y Jane su mujer", o que lhe dera ocasião de oferecer explicações de um projecto que deixara pendente em Nova Iorque: Beardsley informou que Atencia não entrara na Hispanic Society of America por não ter morrido ninguém (em 22-XI-1993 comunicara-lhe que fora tramitada a proposta e "no espero problemas". Atencia, com efeito, será aceite na instituição). O ingresso produzir-se-á depois da sua morte.

Em carta para Maria do Carmo Henríquez Salido (23-II-1994), faz a sugestão de **publicar *Caracol ao por do sol*** numa editora galega [Espiral Maior] que, segundo verificara na *Agália*, acolhia produtos reintegracionistas. Não desistia desse projecto, mas era ciente das dificuldades, e procurava pontes, neste caso através da presidenta da Agal. Deixou, com efeito, pronto aquele poemário, editado póstumo.

Anuncia a Atencia-León (27-II-1994) **planos de deslocação a Espanha**, favorecidos por ser o embaixador de Portugal em Madrid Leonardo Mathias. Nesta epístola alude a produções em que trabalhava, como num poema de Jorge Guimarães que lhe tinham enviado as amizades de Málaga, e acrescenta Da Cal:

> Tengo además que pedir algún favor biográfico, mejor dicho dos si fuera posible al servicialísimo [...] Rafael. La cosa se relaciona con la publicación de una edición crítica del Vals en las ramas del Poeta en Nueva York, que entrará en el volumen proyectado aquí sobre la película única existente que el novelista Enrique Amorim (uruguayo) rodó durante la estancia de Federico en Montevideo y que aquel escritor envió a Joaquim Montezuma de Carvalho y de la que éste me regaló a mi el original cuando estuve en Lourenço Marques (hoy Maputo), capital de Mozambique, dando conferencias en 1970. En ese volumen, que incluirá mi artículo de evocación del poeta, que vosotros conocéis, y otros trabajos de portugueses, va a aparecer la tal edición crítica del manuscrito del vals. […]

Solicita de Rafael León ajuda bibliográfica, e também que o informe do que ele tinha escrito na carta que lhes enviara aos 20-VIII-1992, pois "estoy perdiendo a pasos angustiosos parcelas enteras de mi memoria. […] si tu te acuerdas de algo de eso que yo te escribí largamente, please, recuéntamelo para que yo pueda escribirlo. Lo único que yo recuerdo es que Federico me leyó ese poema y el 'Paisaje con dos tumbas y un perro osirio' a Serafín Ferro y a mí en su piso de la calle Ayala una tarde de otoño del 31? Y punto. Al diablo se fue ese especial recuerdo. Y punto porque ese asunto me pone de mal humor" [491].

Da Cal (11-III-1994) comunica a Xosé María Álvarez Cáccamo estar "reorganizando um *último poemário* [?], *Caracol ao Pôr do Sol*, cuja publicação não se realizou na data programada, por falência da editora em causa". E anuncia-lhe mais um projecto:

[491] As alusões a esses problemas já se encontram na carta que aos 17-I-1994 encaminhou para Atencia, em que esclarece Da Cal: "Yo también he andado en manos de médicos, por fortuna amigos y muy fieles. Tengo un cansancio inexplicable. Me levanto de la cama por la mañana y [...] noche hubiese jugado un partido de fútbol. Me han visto y revisto y no encuentran nada, solamente que el diafragma izquierdo está en una posición un poco más alta que el derecho y eso parece que ejerce una cierta presión sobre la base del pulmón, lo que explicaría. [...] Todos los médicos saben y comprueban que no tengo dolencia ninguna identificada que me pueda extender el pasaporte para el camposanto. Pero sigo jadeando. La verdad es que tengo ya 82 años y que jadear no es nada que parezca extraño a un octogenario. Pero no me conformo con que los médicos no sepan la causa".

> [...] saber se te interessaria colaborar na Edição Revista que se prepara [para ser lançada nos fins deste ano ou no início de 95] do *DICIONÁRIO DE LITERATURA: Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega* [...]. Há que actualizar alguns dos artigos, como o de *Contemporâneos*. E dar registo em artigos individuais àqueles que já foram para o além do espelho e deixaram marca, v. gr. Blanco Amor, Carvalho Calero, Cunqueiro, Celso Emilio Ferreiro, prosadores (ficção e ensaio), poetas e dramaturgos. É trabalho remunerado, não magnanimamente, já se vê.

A carta demonstra a ilusão que tinha aos 82 anos, com capacidade para novos empreendimentos, quer de produção literária quer de pesquisa. A oferta de actualização do *Dicionário de Literatura*[492] demonstra também como, apesar das diferenças e rivalidades, mantinha uma visão abrangente e não excluinte, num instante em que ele era ignorado por muitos estudiosos da literatura na Galiza. Da Cal, ao oferecer colaboração a Álvarez Cáccamo, mais uma vez confirma a elevada estima em que o tinha como crítico e estudioso, embora também fosse uma maneira de encomendar esse trabalho a um aliado, pelo estreito relacionamento que tinham, e bem sucedido; e pela confiança nele, para que a Literatura Galega não ficasse ausente de aquela actualização.

Em 1 de Maio opina por última vez num escrito da situação política da Galiza, em epístola que envia para Franco Grande. Afirma Da Cal, em que confia que "o Bloco possa vir a ter novo avanço" e que trave o triunfo de Fraga Iribarne[493]. Pergunta a Franco Grande notícias da sua prima Chelo. Num PS final indica: "Quando vires o Xan Carballa, dá-lhe o meu endereço e lembra-lhe que eu sou colaborador –já três vezes publicaram coisas minhas—e que **gostava de receber o jornal** [*A Nosa Terra*]. Se for necessário pagamento de assinante, é so dizer: eu pago".

Em 1 de Junho junta através de carta para Atencia-León copia de un poema que **Jorge Guimarães** lhe tinha dedicado. Afirma que, a partir do relacionamento entre ambos, favorecido pelas amizades de Málaga "nos hemos hecho bastante amigos, pues tanto él

---

492 Na derradeira carta conservada das que escreve para Cáccamo, também aludirá Da Cal (11-V-1994) ao projecto de actualizar DLPGB, em que lhe tinha oferecido colaborar (ver supra) e cuja responsabilidade tinha descurado "pois a minha disposição não dava para concentrar-me num empreendimento tão complexo. [...] Em qualquer caso, eu vou dar o teu nome –se para isso me autorizares—para figurar na lista de colaboradores tentativos que eu sugeri ao Editor". Nessa epístola interessa-se ainda por novos projectos, lembra a *Antologia* para a que enviara a "Autopoética", e finaliza com estas palavras: "Conto poder mandar-te em breve o arranjo *definitivo* do lento *Caracol*".

493 Na epístola, Da Cal informa de problemas de saúde de Elsie. Critica o livro de Gonzalo Allegue sobre Blanco Amor, qualificando-o de injusto. Atribui grande valor a *A Esmorga* e a *Xente ao Lonxe*. Critica "esse opaco senhor Allegue" e escreve Da Cal: "[Blanco Amor] tinha alto talante de prosador em língua galega, tinha uma invulgar cultura, o co mérito específico de ser fruto de um continuado esforço autodidáctico. E tinha, de acréscimo, a capacidade de ser, quando queria, de trato cativante, com fino sentido do humor. O que era grave para ele é que levava na barriga um sarrabulho de gatos: [palavra apagada] sociais, crematísticos e universitários [nunca se consolou de não possuir um título académico]. Felinos esses que constante e ferinamente lhe arranhavam as entranhas. E que o Sr. Allegue –que parece ter alguma conta que saldar com o ourensano –saca cá para fora e acirra ao longo do livro [...]. Essa é a impressão que a leitura nos impõe".

como su mujer María Matilde son alegres, cultos y graciosos, con un índice de convivencia muy elevado. Él tiene gran admiración por la serenísima [refere-se a M. V. Atencia], aumentada ahora porque nosotros hablamos constantemente de nuestros queridos de Málaga"[494]. Acrescenta nessa epístola que "aunque todavía me canso fácilmente, voy restableciendo mis energías agotadas de casi un año de médicos con condenas a muerte, etc., etc", e na continuação fala nun novo projecto, que retomava uma idea de muitos anos antes: "Hasta he comenzado a trabajar en un libro fácil: la **colección de veinte trabajos dispersos por revistas de Europa y las américas en cuatro lenguas**. Se titula *Bússola Ibérica (Roteiros por cinco literaturas)*. Elsie es la coordinadora y la traductora de los artículos en inglés, francés y castellano". Trata-se, portanto, do que anos antes fora o projecto de *Rosa dos Ventos*, que se colocara no relacionamento com Isaac Alonso Estravis.

São, pois, muitos projectos em andamento e muito díspares para uma pessoa com 82 anos e com sérios problemas de saúde. A preparação de aquelas iniciativas supunha infundir energia, para uma vida que se apagaria no mês seguinte.

III.3.2.6.-Síntese conclusiva.

Os quase dezassete anos do tempo de aposentamento foram importantes para Ernesto Guerra da Cal, que desfrutou um período de muita plenitude e em que materializou novas realizações em diferentes âmbitos.

Na primeira etapa, no Estoril, editou os derradeiros volumes da BQ, que alicerçaram definitivamente a canonização de Eça de Queirós, a quem dedicou novos produtos nos anos posteriores, apadrinhando o anelado projecto de edição crítica da produção de Eça, o que também se espelhou na sua consagração como cientista no Campo dos Estudos Literários, com reconhecimentos como o Prémio de Bibliografia D. Manuel II e o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. A sua metodologia vingou, com novos trabalhos na linha marcada em LEEQ, e com a aceitação unánime da BQ como modelo de investigação —além do estudo sobre "Testamento de Mecenas", onde assinala o caminho seguido na edição crítica da obra queirosiana— e dos novos

[494] Em carta para Atencia-León, Da Cal (22-IV-1994) afirma: "También os envío la versión castellana del lindo poema de Jorge de Guimarães. No se la he dado a él aún, por causa de la indisposición de Elsie, pero pensamos tenerlos a él y a su mujer Matilde la semana que viene para cenar". O contacto com o casal andaluz derivava assim em novas amizades.

discípulos que soube ganhar entre os novos produtores do CEL. Isso explica a sua centralidade no queirosianismo.

Em 1985, após publicar *Futuro Imemorial*, ganhou reconhecimento como produtor literário em Portugal, que se acrescentou em 1988 com a saída dos prelos de DTMAb. À consideração atingida no CL ajudaram-no muitas das pessoas com ele relacionadas pelo queirosianismo, em clara demonstração do relacionamento entre os campos. Também se situou numa posição central nos estudos lorquianos, ao se evidenciar a sua participação na elaboração dos *Seis Poemas Galegos*; e foi salientado como "pioneiro pessoano" pela divulgação de Pessoa em língua inglesa, ao igual que de outros produtores. No Brasil, foi homenageado como medievalista e estudioso de literatura ao lhe ser outorgada a medalha Oskar Nobiling.

Impulsou a participação da Comissão Galega nas negociações do Acordo Ortográfico para a Língua Portuguesa, celebradas nos anos 1986 no Rio de Janeiro e em 1990 em Lisboa, tendo presidido essa instituição e apoiando a presença de galegos nesses acontecimentos. Nos últimos anos da vida reeditou *Lua de Além Mar* e *Rio de Sonho e Tempo*, os seus dois primeiros poemários, materializando assim um projecto de longa data e especialmente caro para ele. E a amizade com os produtores andaluzes Victoria Atencia e Rafael León frutificou em novos relacionamentos e em diferentes produções de poesia e tradução. Nos derradeiros meses da vida deixou prontos um artigo, dois poemários e uma autopoética, que se publicaram pôstumos.

No período de aposentamento, Ernesto Guerra da Cal demonstrou de maneira continuada interesse pela actualidade da Galiza, e o anelo de intervir nela, através dos contactos com amizades como Xosé Luís Franco Grande, Xosé María Álvarez Cáccamo, Xosé Estévez ou, no âmbito do Reintegracionismo, José Luís Fontenla, Maria do Carmo Henríquez Salido ou Isaac Alonso Estravis[495].

[495] Foram muitos outros os seus contactos, e alguns intensos, como os que teve com Xavier Alcalá, António Gil Hernández ou o Professor Doutor José Luís Rodríguez, segundo eles próprios manifestaram. No entanto, na sequência da presente pesquisa não foi possível consultar o epistolário com esses e outros produtores galegos (como o fotógrafo Tino Viz), que lhes não foi possível disponibilizar para esta investigação.

III.4.-A morte de Ernesto Guerra da Cal.

A morte de Ernesto Guerra da Cal estará precedida de meses de preocupações por questões de saúde dele e da esposa Elsie[496]. O óbito aconteceu nas primeiras horas do 28 de Julho de 1994, consequência de uma cirurgia de câncer de pâncreas realizada dias antes. O conhecimento da sua morte demorou, por vontade da família, e algumas informações indicaram a data do 27 de Julho, o que contribuiu para que desse lugar a confusão. No entanto, Elsie Allen da Cal testemunha ter sido no dia 28. Assim o comunicou em cartas para Franco Grande (de 15-VIII e 28-VIII-1994). Nesta última afirma que "exactamente há um mês o nosso querido Ernesto deixou-nos, para sempre", e esclarece:

> O nosso Ernesto foi operado de emergência no dia 8 de Julho na Clínica de S. Lucas, sendo o cirurgião, o nosso amigo Dr. Luís Vaz Pinto. Dias antes dessa operação ao Ernesto aparecera-lhe uma ictericia –aparentemente obstructiva— o que levou o Dr. Vaz Pinto a mandar fazer várias análises que confirmaram a sua suspeita. A operação que deveria durar mais ou menos uma hora, durou cinco! Foi complicada, mas o Ernesto saiu dela bastante bem. Diagnóstico: cancro de pâncreas. Perguntei ao nosso amigo Luís quanto tempo teria ele de vida. Disse-me que mais ou menos teria uma vida normal entre um e dois anos. [...] a morte do nosso querido Nestinho realizou-se exactamente como êle a desejava: no seu sono tranquilo. Ele não deu por nada (pela expressão plácida do seu rosto e pelo aspecto tranquilo do seu corpo. Eu também não. E quando acordei às 8.30 da manhã, pensei que estava a dormir. Até que à 1 hora, achei anormal ele não dar acordo de si. Enchi-me de coragem, fui lá, já não tinha pulso. Tinha partido. Estava gelado. Chamei imediatamente o Luís. E nesse mesmo dia já mo levaram.

A notícia conheceu-se com dias de atraso. Na imprensa galega e na portuguesa, bem como em publicações especializadas, difundiram-se informações e valorizações. Até ao final do ano continuarão as reacções, também no Brasil.

**O *Jornal de Letras* de Lisboa**, no dia 3 de Agosto, informou da doença, de o seu corpo ser cremado "não tendo a notícia sido dada até agora, por sua expressa vontade". Faz referencia à entrevista de Abril de 1983 publicada, qualifica-o como "**eminente lusófilo e especialista de Eça de Queirós**" e valoriza de "clássico" o volume LEEQ. Também

---

496 Uma "hinchazón del tobillo izquierdo de Elsinha: trombosis, perigo de embolia" fizera dele "amo de casa" de forma quase permanente [...] enfermero, cocinero, ayo, etc", segundo comunica a Victoria Atencia (em 22-IV-1994). Os problemas de saúde da esposa provocaram um "estado de depressão que teve que ser tratado, com drogas que me tiraram o apetite. Enfim, uma chatice. Felizmente, recuperei a tranquilidade de espírito e o desejo e gosto da comida –que em mim, que sou o que se diz 'um bom garfo', é prazer de alta estimação –particularmente agora que a idade, implacável, pôs os da carne fora do nosso alcance", comunica a X. M. Álvarez Cáccamo (11-V-1994). Em 25-VI-1994 escreve a Atencia que Elsie estava recuperada, mas "yo todavía tengo una cierta inapetencia [se conoce clínicamente por el nombre griego pedante de anorexia], que supone una repugnancia total [grave] hacia los alimentos, a una repugnancia [parcial, la mía] hacia aquella cosas que más le gustan. Ahora hace ya tres días que como de todo, pero sin gran apetito. Yo que era un comilón de campeonato olímpico. Mi médico Luís Vaz Pinto dice que lo que tengo que hacer es congraciarme con mi edad y a la idea de una comida frugal al día [...] La verdad es que no me resigno a comer poco".

cita “a sua imensa *Bibliografia Queirosiana*” e a produção literária. Nessa infomação dá-se como data da morte o 27 de Julho.

Em 5 de Agosto, o ***Diário de Notícias*** de Lisboa publica a notícia “Ernesto Guerra da Cal morreu com 82 anos”, na qual alude ao labor de queirosianista e de poeta.

Em 11 de Agosto ***A Nosa Terra*** noticia em duas páginas da morte. Põe em destaque: “Morreu Ernesto Guerra da Cal, escritor e ensaísta galego exilado. Residia en Portugal, onde é considerado un dos meirandes estudosos de Eça de Queiroz”, e abria a secção cultural do semanário nacionalista, com comprida documentação de Xan Carballa. Refere um trecho de uma carta encaminhada por Da Cal ao jornal em 1985. Carballa afirma que, a respeito do “patriotismo indeclinável”, Da Cal indicava na ocasião (Carballa, 11-VIII-1994: 19):

> o meu livro *Futuro Imemorial* tem um *Antelóquio* bastante combativo em relação à problemática da língua na Galiza e às suas relações históricas com Portugal. O carácter nacionalista dessa matéria prefacial fez com que a Embaixada Espanhola, que foi convidada, não enviasse representante ao lançamento. Antes deste se realizar o António Valdemar, apelidárame num artigo de espanhol, coisa essa que nem espiritualmente, nem sequer juridicamente, sou.

Esse artigo salientava a doutrina de aproximação do galego e o português. Acrescenta um trecho de um artigo sobre Da Cal publicado em 1986, de Manuel Hortas Vilanova (pseudónimo do poeta Manuel Maria). Na segunda página difundia trechos da entrevista concedida ao *Jornal de Letras* de Lisboa em Abril de 1983, realizada por F. Almeida. Reproduz parte do texto dedicado a Eça, mas com maior destaque para o referido à Galiza, como assinalam as frases que se salientan: “Non podo vivir nunha Galiza mediatizada polo estado central”, “Hai que aproximar galego e portugués” e “Se for à Galiza teño que estar a ouvir os galegos a preferiren, moitos deles, seren españois de cuarta clase que galegos de primeira”.

No dia 13 de Agosto, **António Manuel Couto Viana** publica no jornal *O Dia*, de Lisboa, o artigo “Em memória de Ernesto Guerra da Cal”, uma página inteira na qual noticia da morte e frisa tratar-se de uma personalidade “a quem a memória de Eça de Queiroz tanto deve”. O jornal especifica que o texto reproduz as palavras proferidas em 4 de Agosto, no almoço mensal dos Homens de Letras do **Círculo Eça de Queiroz**. Afirma Viana: “Entendiamo-nos bem. Ambos apaixonados pela Galiza e pela obra de Eça de Queiroz, salvaguardadas as devidas distâncias, pois ele era um fecundo defensor da sua pátria cultural portugalega (como dizia) e feliz autor dessas obras monumentais”. Cita LEEQ, a BQ e o ensaio sobre *A Relíquia*, e assinala: “Este seu admirável labor queiroziano é mais do que suficiente para o recordarmos aqui e agora”. Destaca o

trabalho poético de Da Cal e D.C.Warnest, e reproduz a "Cantiga a Luís de Camões", que afirma ter recitado no acto do Círculo, memorando quando se encontrou de novo com ele, após o seu regresso a Portugal: "sentia-se só e doente, esquecido pelos antigos amigos e admiradores, fruindo, quase apenas, da intimidade agradável e culta de Luís Forjaz Trigueiros. [...] Em nós sempre estará vivo através da sua palavra sábia, da elevação da sua poesia e no seu amor a Portugal e à cultura portuguesa, que não nos cansaremos de louvar em voz alta".

Em 13 de Agosto, o jornalista **Joel Gómez** escreve em *La Voz de Galicia* artigo, com referências a LAM-RST e ao encontro que tivera com ele em junho em Lisboa (ver supra), junto com outros membros da Agal, a que alude indicando que (Gómez, 13-VIII-1994) "Guerra da Cal mostraba una excelente vitalidad, lucidez y humor; nada hacía prever un fatal desenlace tan próximo". E acrescenta "El veterano profesor y creador insistía, convencido, en sus ideas sobre el gallego, felizmente expresadas en la "nota preambular" incluida en la última reedición de sus textos, de AGAL". Refere a amizade com Blanco Amor e aos SPG de García-Lorca.

Em 17 de Agosto, o *Jornal de Letras* de Lisboa incluiu o artigo de **Carlos Reis** "Evocação e louvor", em que lembra o encontro com ele, após Da Cal ter dado o seu nome para se responsabilizar do espólio de Eça de Queiroz, apesar de se não conhecerem. Comenta Reis:

> por isso sensibilizou-me que se tivesse lembrado do jovem assistente que eu era – sensibilizou-me e também, permitam-me confessá-lo, algo me envaideceu, por vir a lembrança de quem vinha. […] Alguns anos antes desse nosso primeiro encontro, em 1970, eu vira e ouvira Guerra da Cal, numa conferência que proferiu na Faculdade de Letras de Coimbra. Assinalava-se então —de forma quase envergonhada, porque nesses tempos cinzentos mais não se consentia— o centenário da Geração de 70. [...] Guerra da Cal falou sobre *A Relíquia*, obra de Eça que especialmente admirava, e foi escutado por um auditório que, mais do que encher, literalmente desbordava o maior anfiteatro da minha faculdade. Deixem-me dizê-lo: esse era também o tempo em que os estudantes percebiam, por vezes apenas intuitivamente, quando valia a pena e quando não valia a pena ouvir uma conferência. Guerra da Cal valia a pena, e por isso o escutámos, percebendo com nitidez que aquela palavra inteligente, vigorosa e serena era bem diferente de outras a que estávamos habituados. […] A verdade é que não mais pude dispensar a sua amizade e o seu saber, as suas sugestões estimulantes, o seu incentivo constante. A esse incentivo se deve a empresa a que, depois de estudado o espólio de Eça, me tenho consagrado, juntamente com uma equipa de queirosianos: a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, cujo projecto e primeiros desenvolvimentos muito ficaram a dever ao imenso saber de Guerra da Cal.

Define-o como "homem admirável, galego por nascimento, americano por adopção, português por devoção. Era assim —e também por isso fez discípulos. Honro-me de ter sido um deles: e de, parafraseando Eça, para sempre assim me ter conservado na vida".

Valoriza ainda Carlos Reis: “Para mim, Guerra da Cal ficará, pelos anos fora, sempre o mesmo: a personalidade cativante de amigo hospitaleiro, o estudioso exemplar a quem a cultura portuguesa debe muito do que são os modernos estudos queirosianos”.

Em 19 de Agosto, de novo *A Nosa Terra* dedica-lhe mais duas páginas. Numa incluiu-se um artigo de José Martinho Montero Santalha que, a respeito de LEEQ conclui: “Tornou-se um clássico esse livro, modelo desde entom para outros estudos do género, e deu a conhecer polo mundo a obra do autor”. Cita a “Nota Prévia” de LEEQ e acrescenta Montero Santalha:

> Ademais, Guerra sustinha que Eça devia ser considerado como um escritor verdadeiramente “galego”, nom só por ser nativo da zona mais setentrional de Portugal, que formou parte da antiga Gallaecia romano-sueva e medieval com a mesma plenitude que qualquer zona da Galiza actual, mas também por possuir ascendência da Galiza nortenha (com efeito, no apelido Eça oculta-se seguramente um Deça, indicando procedência da terra do Deça).

**Montero Santalha indica que Da Cal avançou para a unificação ortográfica com Portugal como nunca antes ninguém tinha feito**, apesar de ser uma doutrina aceite desde o século XVIII, com diferentes tentativas, como as de Sarmiento e Viqueira. E frisa: “Nunca, porém, essa atitude foi tam sistemática como nos dous primeiros livros de Guerra da Cal. [...] Pode, pois, ser considerado com todo o direito como o principal pioneiro nessa ‘reconquista’ da nossa identidade linguística”. Como testemunha de excepção das luitas ortográficas na Galiza, e activo participante nelas nas últimas décadas, Santalha lembra posicionamentos de Ramón Piñeiro, Carvalho Calero, Ramón Lorenzo (na já célebre crítica a LAM) e do próprio Da Cal, de quem também salienta os seus estudos sobre literatura galega e a APCR, sublinhando o interesse e mesmo o carácter pioneiro desses produtos. Para Montero Santalha,

> como tantos outros pioneiros, Guerra da Cal morreu fora da sua pátria, amada e sonhada constantemente. Como um desterrado: foi-se sem medalhas nem nenhum outro reconhecimento da Galiza oficial, silenciosamente (a maioria dos meios de comunicaçom galegos nem sequer derom a notícia).

Finaliza dando a razão ao posicionamento defendido por Da Cal, afirmando estar certo de que “as suas ideias sobre a reintegraçom linguística da Galiza na lusofonia, acabarám por convencer e por vencer” questionando se, quando tal aconteça, não será porventura tarde pela substituição massiva dessa língua autóctone pela castelhana. Santalha qualifica de “aventura suicida” o intento de fazer uma língua independente que defendiam os opositores às teses dacalianas.

**Xosé Maria Álvarez Cáccamo**, no mesmo jornal, escreve o artigo "Ensurdecedor siléncio do poeta Guerra da Cal". **Reivindica o seu trabalho literário**, salienta dele "as múltiples facetas de investigador, profesor universitário, poeta, esforzado artesán gráfico, conversador infatigábel, nacionalista 'portugalego', 'separatista integral' (en exacta pincelada de autorretrato), defensor da unidade gráfica, cultural e política da Galiza con Portugal, republicano permanente, amigo xeneroso". Reivindica Da Cal como poeta e fornece diversas informações procedentes do epistolário que dele recebera, entre elas a dos poetas de outras literaturas que eram seus preferidos, como lhe indicara na epístola de 25-VIII-1993. Também indica que estava a corrigir *Caracol ao Pôr-do-Sol* e dá notícia dos últimos poemários. Apresenta-o como "escritor galego de expressão portuguesa" indicando ser uma das "frecuentes lápidas de autodefinición" e analisa assim a sua produção literária (Álvarez Cáccamo, X. M., 19-VIII-1994: 25):

> Intelixéncia e grácia para aliar unha aparente levidade do discurso lírico (moi lonxe de calquera frívola redacción musical de base anecdótica, como a que está de moda entre bastantes poetas españóis, con cativa incidéncia sobre os galegos) coa fondura do sentimento existencial, a ironia desmitificadora e matizadamente maldita, dirixida sempre contra o mal gosto ou a chatice da moral e da estética burguesa. Movimento de raiz, este da belixeráncia activa contra a estreitez de óptica da moral dominante, que explica, sen xustificar, a cativa presenza do seu nome na história escrita da nosa Literatura. Porque tanto a opción gráfica de Guerra da Cal como o seu craro posicionamento político ("fui, sou e morrerei republicano", declara nunha carta; "separatista integral", namorado da Galiza do Sul, independente, que se chama Portugal) son pontos de partida ideolóxicos que, inevitábelmente, deberon resultar incómodos para os poderes do galeguismo cultural actuante desde os 60, en paradóxico contraste cos afervoados saúdos de louvanza con que fora recibida neses mesmos médios em 1959 a aventura lusista de LAM e logo en 1963 a de RST, mesmo por parte de quen hoxe son doentes promotores e vixiantes férreos da norma gráfica oficial.

Álvarez Cáccamo volta a ideias sobre a originalidade dos primeiros poemários de Da Cal, que o afastariam de outros produtores coevos, e insiste em sublinhar características de que já advertira dois anos antes no artigo que lhe dedicara em *Diario 16 de Galicia* com ensejo da reedição de LAM-RST. No final afirma que "descansa tamén, acarón de Federico [G. Lorca] e de outros cidadáns da nación irredenta da Poesia Universal" e conclui que "do outro lado do espello estás a escoitar a nosa queixa de amigos orfos, e a tua soidade de dono da morte e outras bagatelas está-se a povoar de voces saudosas que te botan de menos, benquerido Ernesto".

Aos 27 de Agosto, **Víctor F. Freixanes** lembra Da Cal na sua secção de *La Voz de Galicia*[497]. Refere a notícia da morte publicada no *Jornal de Letras* de Lisboa, e alude a Xavier Alcalá e a Xosé Luís Franco Grande como os escritores galegos que mais relacionamento tiveram com ele. Freixanes insiste em que, após o exílio, Da Cal "nunca volveu ó seu país. Aínda que non deixase de amalo. E esa foi se cadra a súa íntima traxedia, o seu fracaso: cada vez máis distante e, polo tanto, máis distinto daquelas terras luguesas do val de Quiroga onde pasara parte importante da súa mocidade". Reproduz depoimentos de Da Cal assinalados por Alcalá e no JL lisbonense a respeito do seu posicionamento sobre a língua da Galiza, e finaliza com a seguinte valorização (Freixanes, 27-VIII-1994):

> Era [o de Da Cal] un dobre exilio: o que os bárbaros acontecementos de 1936 impuxeron a boa parte da súa xeración e o que el mesmo se impuxo, enfrontado á realide histórica do idioma.
> Outros escolleron unha postura diferente e ficaron dentro, ou volveron cando puideron: Carballo Calero, Fernández del Riego, Ramón Piñeiro, Martínez López, Eduardo Blanco Amor... por falar só da súa mesma xeración. O soño lusitano anuncia para algún día –talvez para outra idade—170 millóns de falantes. O soño galego intenta responder antes unha pregunta fundamental: ¿que queremos ser de maiores, dende a soberanía das nosas propias palabras?

Em Agosto de 1994, **a revista *Don Camilo***, editada pela Irmandade de Fillos de Quiroga, rememora a homenagem de 23 de abril de aquele ano na vila, e inclui um trabalho de **Ramón Estévez** sobre Da Cal. Afirma tê-lo redigido no Dia das Letras Galegas e aventura que Da Cal "nunca protagonizará un evento similar. A súa particular concepción do noso idioma e da Galicia necesaria, afastaronno para sempre da 'cultura galega' de raiz oficial, cecais por mor do seu lusismo". Atribui ao "reordenamento cultural que protagonizaron os vencedores do 36" o pouco conhecimento dele, e define-o como "individuo polifacético no senso renacentista da palabra. O poeta, o crítico literario, o erudito, o home comprometido, o poliglota e mailo artesano nunha soa persoa. Descobrimos tamén a ledicia dunha infancia –sempre irrecuperable— nun val lucense cando o presente século escomenzaba a agromar". Lembra a estada de Da Cal na vida "ata os once anos", a tia Teteyo, LAM e RST, e oferece dados biográficos e da sua produção, para finalizar deste modo (Estévez [Ramón], 1994: 29):

> E, dende logo, **o poeta que mais eco tuvo dentro e fora de Galicia, como testemuña a abundante bibliografía internacional a que deu orixe a sua obra**.

[497] Amparando-se na informação publicada no JL lisbonense, dá como data da morte o 27 de Julho, afirmando que após a Guerra de Espanha "nunca máis volveu a Galicia, aínda que a levaba no corazón. Tiña 83 anos". Este artigo está acompanhado de uma ilustração de X. Freixanes.

> A lingua é quen nos salva de nada. Esa é para nós a mensaxe do poeta. A lingua nativa ficou privada de norma culta. El negouse a asimilación castelá e convertese en portugués. Toda a sua obra esta presidida pola certeza de que Portugal e a cultura portuguesa realizaron o que a Galicia a historia impediulle.

Redigida ainda em vida de Da Cal, é esta uma das mais altas valorizações da sua pessoa publicadas na Galiza, por mais que ele já não a chegasse a ler.

Na sessão do 1 de Setembro da **Academia Brasileira de Letras**, presidida por Josué Montello, o académico Eduardo Portella propôs um voto de pesar polo falecimento "do ensaísta e poeta Guerra da Cal, ocorrido recentemente. O presidente falou, também, sobre Guerra da Cal, associando-se ao voto de pesar[498]".

Aos 3 de Setembro, a vereadora municipal de Cultura do Concelho de Ferrol, **Nona Inés Vilariño**, em artigo no jornal *La Voz de Galicia*, afirma ter-se inteirado da morte de Da Cal através de um amigo durante as férias, e que (Vilariño, 3-IX-1994):

> Penso nel e noutros ferroláns que teñen cabida, polos seus sobrados méritos, para estar no proxecto de recuperación histórica e cultural no que está empeñada esta Concellería e por elo, non podo deixar de escribir esta pequena reflexión agora que non poderei escribirlle á sua casa na Av. Luis Bivas [sic] de Lisboa tal como tiña previsto, na intención de invitarlle ó reencontro coa súa cidade.

Refere-se a ele como "ilustre ferrolán" e lamenta não ter "a posibilidade de recuperalo para a lembranza colectiva da cidade". Afirma ter lido RST e salienta dele o seu queirosianismo e o relacionamento com Lorca, finalizando com a "expresión da miña morriña tinxida de dor e rabia por non devolvermos ó non saber recuperar na vida a homes ferroláns que estaban e chispeaban culturalmente en Londres, EE. UU., Francia ou Portugal. É un tristeiro feito para aprender a historia con rabia".

De 15 a 17 de Setembro celebrou-se na Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da USC o **Congresso Internacional** de Língua, Cultura e Literaturas Lusófonas, organizado pelas IFGP, o Conselho Internacional da Lusofonia e a Associação de Amizade Galiza-Portugal, **em homenagem a Guerra da Cal**. O acontecimento teve escassa repercussão e assistência, sendo ignorado pela imprensa galega, apesar dos intentos dos organizadores. Sim se fez eco a imprensa portuguesa, como uma notícia do jornal *Público*, que afirmava (Queirós, 17-IX-1994:24):

> Apesar do título insuspeito, a sugerir tratar-se de mais um inócuo congresso académico, este encontro reveste-se de evidentes intenções políticas, como se depreende de alguns dos principais temas em discussão, entre os quais se conta a proposta de adesão do

[498] A viúva, Elsie Allen da Cal, recebeu comunicação oficial do acordo, que conserva. Nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* correspondentes a Julho-Dezembro de 1994 recolhe-se informação ao respeito.

> galego ao Acordo Ortográfico de unificação da língua portuguesa. O texto de divulgação enviado à imprensa é suficientemente elucidativo. [...]
> O que mais surpreende neste congresso não são, pois, os seus declarados objectivos, mas antes os apoios de que logrou dispor, já que os trabalhos são patrocinados, entre outras entidades, pelo Ministério da Educação e Cultura espanhol, pelo Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho e pela Fundação Calouste Gulbenkian.
> A circunstância de o encontro ser dedicado a Guerra da Cal poderá, porventura, ajudar a explicar tais apoios. [...] foi um assumido adversário da castelhanização do galego e, nos exílio nos EUA, tornou-se num símbolo da resistência ao franquismo. Poeta de reconhecidos méritos, com livros redigidos em galego e em português, os portugueses devem-lhe ainda um notável estudo da obra de Eça de Queiroz, ainda hoje considerado de referência.

O congresso deu pé a que se editasse um volume de *Actas* no ano seguinte (ver infra). As grandes dificuldades que enfrentavam os defensores da orientação Galego-Portuguesa da língua da Galiza reflectiu-se na colaboração deste volume, inferior à de 1989 e com menor presença galega.

No exemplar correspondente a Setembro de 1994 a revista *Latexo*, editada por empregados de Caixavigo, inclui homenagem a Da Cal, com reprodução do poema "Janela na noite" dedicado a X. L. Franco Grande, de quem se salienta a sua condição de "asesor xurídico de Caixavigo", e uma referência biográfica de **Xoán Bernárdez**, director dessa publicação, que em breves linhas sublinha como (Bernárdez, IX-1994:3) "Da sua amistade con Federico García Lorca xurdiron os *Seis Poemas* que en galego nos deixou o grande vate andaluz".

Na *Agália* correspondente ao "Verao 1994", publicado nos finais de Setembro desse ano[499], inclui-se o derradeiro escrito por ele redigido, "Dois lusistas insólitos" (Da Cal, IX-1994:189-192)[500]. A revista abre-se com um texto assinado pelo Conselho de Redacçom, em que define Da Cal como "tantos homes excepcionais" que se adiantou "aos seus contemporâneos", pois muitos anos decorreram das primeiras edições de LAM e RST "para que um grupo de gente assumisse o reto de defender as raízes da nossa língua, a natureza galaico-portuguesa da nossa fala galego-castelhana". Lembra os contributos de Lapa, Carvalho Calero e Marinhas del Valle, e acrescenta (Conselho de Redacçom, IX-1994:131):

> Voz de fora o nosso Guerra, polo seu exílio voluntário, nom sempre de ouro, que tam poucos entendérom: nós pensávamos que as suas palavras e o seu prestígio eram portas adentro onde mais falta faziam-

499 Talvez mesmo mais tarde. A Setembro correspondem os últimos elementos datados incluídos nesse exemplar da revista.

500 A revista reproduz fac-similarmente uma epístola em que (Presidência da Agal, 7-III-1994) Maria do Carmo Henríquez Salido se ampara em Da Cal, numa carta encaminhada ao presidente da Junta de Galiza, Manuel Fraga Iribarne para qualificar de "aberrantes" as normas ortográficas e morfológicas para o idioma galego defendidas pelo Governo autonómico galego.

> Nesse mundo luso-anglo-americano no qual se desenvolveu nom fijo mais que **ganhar renome para si e para a sua Terra**, através da criaçom poética e, sobretodo, do magistério literário, quase re-descobrindo, por exemplo, al grande Eça, esse galego minhoto: o triángulo em flecha Lisboa-Londres-Nova Iorque marcando o fundamental da vivência de GUERRA DA CAL e outorgando-lhe os galardons que o seu intelecto merescia.
> Mas sempre levaremos na conciência a sombra da sua ausência, a jeito de acusaçom para a nossa atitude remissa, irresoluta, pousona verbo da identidade e do idioma que constitui a alma do ser da Galiza, apenas atenuada com iniciativas e actividades de resistência como a da Associaçom Galega da Língua.

E finaliza anunciando um monográfico no próximo número para lembrar Guerra da Cal. **O trabalho de Da Cal, "Dois lusistas insólitos", refere em quatro páginas comportamentos do presidente da Junta de Galiza, Fraga Iribarne, e do ex Chefe do Estado da Espanha, Francisco Franco, de teor "lusista"**, segundo o qualificativo que ele própria utiliza. O escrito, datado aos 13 de Junho de 1994, relata a visita que o presidente autonómico galego realizara a Lisboa nos finais do mês anterior, em que se exprimira num galego que propositadamente visava a aproximação da língua de Portugal, e mesmo nos depoimentos realizados para a imprensa portuguesa transparecera essa atitude, bem diferente da (Da Cal, IX-1994:190) "acirrada –e por vezes grotesca e maldosa—perseguição, profissional, social e até pessoal a que são submetidos na Galiza todos aqueles cidadãos que, no uso do seu direito, de qualquer maneira propugnem a aproximação linguística galego-portuguesa". A respeito de Franco, refere a entrevista que teve com Salazar em 1942 em que, segundo dois volumes, publicados em 1967 nos EUA, dos historiadores Brian Crozier e George Hill, Franco se exprimiu em galego no diálogo com o ditador português, em parte para se desmarcar do ministro filo-nazi Serrano Suñer, quem mesmo se chegara a queixar perante as amizades de que fora posto de parte. A atitude de Franco de facto supôs (Da Cal, IX-1994:192)

> dar estatuto diplomático a uma língua pela que ele devia nutrir profundo desprezo classista, foi com certeza uma manobra da raposia que o caracterizava. Teve consciência de que Salazar apreciaria favoravelmente a dispensa de intérprete e a mudança para o galego como um acto de aproximação amiga, como, aparentemente, de facto aconteceu.

E independentemente da motivação psíquica que tivesse Franco na altura, agiu como um "lusista 'avant la lettre', mas lusista à mesma", ao igual que 52 anos mais tarde Fraga Iribarne.

Em Novembro de 1994 a revista *Eco* inclui um artigo de **Xavier Alcalá** em que relata a visão dacaliana sobre Valle-Inclán e Eça de Queirós e sobre a narrativa de Cunqueiro.

Afirma que após a sua morte é o instante de perguntar de novo como é que se deve escrever o galego, e finaliza deste modo (Alcalá, XI-1994:81):

> Gloria haxa que se quixo chamar Ernesto Guerra da Cal, quen fica retratado unha anécdota:
> profesor nos Estados Unidos (fuxido da barbarie no 39) foi convidado ao Brasil a explicar a obra de Eça de Queiroz, que el coma ninguén coñecía. Fixéronlle ir á televisión e, ante de saír á pantalla, o presentador do programa preguntoulle de onde era quen tanto sabía do xenio portugués. Don Ernesto Guerra respondeu que era galego. O presentador torceu o fuciño e perguntou: "¿Quer dizer espanhol?"
> Guerra da Cal reiterou que era galego. E de súpeto acendeuse a luciña que indica a cámara activa e o locutor saiu con esta: "Cá á miña direita, o professor Ernesto Guerra da Cal, que insiste em ser chamado de galego".

Este mesmo trabalho, com algumas variantes, foi publicado com posterioridade no volume do *Ateneo Ferrolán*, dedicado a "Xentes de Ferrolterra", onde por sua vez se informa de ter sido incluido com antecedência nas páginas do jornal *O Correo Galego* e mais da revista *Galicia en el mundo*.

Em Dezembro de 1994, de novo a revista ***Don Camilo***, de Quiroga, inclui artigo, de Alfonso Álvarez, en que informa da morte de Da Cal. Afirma que quando enviaram o número anterior para a morada de Lisboa não sabiam da sua morte, que lhes comunicara pouco depois por carta Elsie Allen da Cal[501], com um exemplar do JL. O artigo faz referência a que "conservaba costumes da Quiroga que correteou de neno: O trasno Martiño, personaxe fantástico desaparecido fai tempo entre nos, co que discutía moi a menudo e a quen culpaba cando non atopaba algo, os canouros, os remedios máxicos que deixan a un novo...". Salienta o seu "lusismo", para finalizar com o seguinte parágrafo (Álvarez, 1994:6):

> Non entro a comentar niste recordatorio póstumo, a semellanza de Don Ernesto con Eça de Queiroz, en canto a interpretación da realidade social, porqué ó home é, case sempre, un resultado das circunstancias co envolven, e porque penso co único importante a ter en conta é o que permanece sempre, ou sexa, a excepcional cualidade artística do escritor, cualidade cos quirogueses admiramos e da qué, valoramos muy [sic] especialmente os poemarios *Lua de Alem Mar* e *Rio de sonho e Tempo*, que recordan os paisaxes do Val de Quiroga e as veiras do rio Sil.

III.4.1.-Síntese conclusiva.

Nas notícias e comentários publicados após a morte, na Galiza ressaltou-se a sua produção literária própria e de colaboração com Garcia Lorca, para elém do seu posicionamento reintegracionista. Em Portugal, a visão oferecida foi mais abrangente e

[501] Também Radio Monforte lhe dedicou um programa especial, que Elsie Da Cal agradece na carta que encaminha a Xosé Estévez para lhe mostrar gratidão pelos pêsames.

destacou-se muito em especial a centralidade da investigação sobre Eça, salientando também o poeta e a sua galeguidade pelo compromisso com a terra natal.

IV.-A valorização de Ernesto Guerra da Cal após a sua morte (1994-2009).

A acreditarmos no depoimento de Ernesto Guerra da Cal publicado por Ian Gibson em 1987 e atribuirmos-lhe a génese do primeiro dos SPG de Federico García Lorca, em 1932, até 1994, em que se manteve activo no respeitante à produção até poucos dias antes da morte, foram 62 anos de actividade plena e constante. Mesmo mais, a se valorizarem outras iniciativas de anos anteriores, como os acontecimentos durante o seu período de formação ou os relacionamentos que travou com vultos do Campo Literário, da Política e de outros âmbitos, que favoreceram o encontro em Madrid com o próprio García Lorca e com outras pessoas, e que ajudam a entender a sua trajectória.

No entanto, desde os finais da década de 30, por causa da residência em Nova Iorque, multiplicarão-se as oportunidades que facilitava o morar numa das principais capitais do mundo, o centro de numerosas actividades e mercados. Será sobretudo desde inícios da década de 50, quando consegue postos de responsabilidade administrativa na NYU, que se lhe oferecem maiores possibilidades de projecção e se lhe apresentarão ensejos de mergulhar nas mais elevadas esferas de diversos campos de actividade, muitas vezes de maneira privilegiada. Isso repercutirá numa muito intensa relação social e produtividade de teor intelectual, sendo pioneiro em algumas realizações. Da Cal teve muitas oportunidades por causa da sua posição nos EUA e, se não todas sim muitas delas pôde aproveitá-las, sendo muito conhecido e sabendo estar na actualidade. Se houvesse hipótese de que alguma vez esteja disponível para a pesquisa a sua produção na estação de rádio *Voice of America*, nela vão ser esclarecidos porventura muitos mais contactos e influências que favoreceram essa privilégio de dispor de uma tribuna semanal com projecção nos países ibéricos, objecto da sua dedicação profissional, o que propiciou que fosse mesmo procurado e que muitos produtores amostrassem interesse em chegar a ele para que se ocupasse de produtos próprios, ou que promocionavam, em aquela emissão. Nas páginas prévias do presente estudo ficaram algumas evidências, nas escassas testemunhas que se conseguiram documentar.

Esse dinamismo espelhar-se-á após a sua morte na maneira como se ocuparam dele muitas pessoas. Da Cal manteve-se na actualidade pela revelação de novos produtos inéditos, que se conheceram póstumos; mas sobretudo pela incidência e recepção dos seus contributos em vida e pelo vigoramento dos mesmos.

Após a morte, só as figuras canonizadas conseguem manter-se e ressurgir, pois uma consequência da canonicidade é a nova perspectiva com que são usadas as suas produções pelos grupos emergentes para se situarem nas lutas de poder, e com posterioridade ao chegar a posições de maior centralidade. Enquanto as produções das pessoas falecidas servem para os interesses de novos grupos e elites, são utilizadas e rendibilizadas, o que por sua vez reforça a canonicidade atingida ou favorece o processo para alcançar posições de maior centralidade; caso contrário são deslocadas para um segundo plano, até que apareça uma ocasião que permita a sua actualização, a dar-se o caso. Um exemplo disso podem ser muitos dos produtores a que, na Galiza, se dedicou o Dia das Letras Galegas que, por causa dessa comemoração, conseguiram situar-se num primeiro plano depois de anos de esquecimento. No caso de Ernesto Guerra da Cal, essa ausência do tempo presente não se chegou a dar: manteve-se como referência no CEL, consolidando a centralidade nos estudos queirosianos até se completar um duplo processo de canonicidade, muito paradigmático, no final do século XX; mas também na Galiza, apesar de se manter em situação não central por causa dos seus posicionamentos, que em todo este tempo continuaram periféricos no Campo Literário, conseguiu emerger, sendo protagonista directo ou indirecto, da actualidade. Muitas das suas actividades bem sucedidas em vida favoreceram esse ressurgir e o ser alvo de preocupação não só pelos seus antigos aliados, que nunca deixaram de o valorizar e julgá-lo de modelo, muito especialmente no âmbito do reintegracionismo; mas também para produtores que, sendo opositores pela sua actividade ao que ele defendeu, acudiram a ele. Exemplos se verão nas seguintes páginas. Nesta última parte do estudo será objecto de atenção preferente a valorização na Galiza, por ser onde se dão as lutas mais activas em redor dos seus posicionamentos, que vigoram de diferentes maneiras, em processos em andamento.

Porém, além de em Portugal e na Galiza, também nos EUA, no Brasil, ou na Espanha, Da Cal despontou, de maneira por vezes privilegiada e em posições centrais.

O tempo dirá se estamos perante uma produção ainda carregada de futuro e produtividade, que dependerá também da legitimidade que desde o Campo do Poder Político se outorgue às teses que arvorou, sobretudo na Galiza, onde estão mais em discussão. Porque os seus estudos queirosianos, lorquianos, cervantinos,

rosalianos, machadianos, medievais, e de outros produtores dos diferentes sistemas de que se ocupou, bem como a sua produção literária, parecem posssuir elementos de interesse que tirarão por ele para a actualidade e o manterão num primeiro plano, como se evidencia pela receptividade e valorização atingidos desde a sua morte.

Se a trajectória pressupõe um movimento, é claro que no caso de um ser humano todo o movimento finaliza com a morte. Portanto, nesta parte final do estudo será focado Da Cal precisamente segundo a incidência que teve nos diferentes repertórios e campos após a sua morte. Focar-se-á a produtividade mais directa, quer em forma de publicações da sua produção inédita quer a reedição dos seus trabalhos, e as homenagens que lhe foram tributadas. Será analisado o impacte atingido, e a maneira como muito diferentes agentes se ocuparam dele neste período.

IV.1.-Presença nas lutas pela mudança linguística e cultural da Galiza.

Da Cal teve presença na Galiza após a sua morte, dando-se a conhecer novos produtos e reeditando outros, emergendo para a actualidade de diferentes maneiras, e sendo reivindicado nas lutas travadas desde diferentes grupos, sobretudo relacionados com o nacionalismo político, na procura da mudança linguística e cultural do país. São muito diversos os elementos que se encontram, desde livros e homenagens a publicações de teor científico e especializado, edições institucionais, pesquisa académica, trabalhos críticos e literários, e outras formas de intervenção que tiveram repercussão social. Verifica-se igualmente a intenção de puxar pela sua canonicidade desde os âmbitos mais relacionados com o reintegracionismo, que o consideraram um valor firme para atingir o sucesso das suas reivindicações.

Nesta epígrafe vai-se manter a disposição cronológica que caracteriza o presente estudo para comprovar a evolução no tempo dessas iniciativas e como se espelharam nas actuações nos Campo do Poder Político e de outros, nomeadamente o CL e o CEL.

O primeiro reconhecimento não ligado às notícias da sua morte foi a publicação, em Novembro de 1994, da **antologia *50 Anos de Poesia Galega*, preparada por**

**Xosé M. Álvarez Cáccamo**[1], e para a qual ele colaborou em vida. Da Cal oferecem-se um "Decálogo Lírico" (inédito) e 17 composições (4 de LAM, 5 de RST, 3 de FI, 3 de DTMAOB, 1 de EC e 1 de CL).

No estudo introdutório, assinala-se que, em Da Cal, o neotrovadorismo deitou (Álvarez Cáccamo, 1994: 5) "sombras de cativo volume", a se comparar com o acontecido em produtores coevos, e encontra na sua poesia (Álvarez Cáccamo, 1994: 6) "algunhas aportacións á poética de compromiso" que "establecen diálogo con códigos que non son os do socialrealismo senón os da tradición do epigrama moral". Cita a defesa da "escrita galega en norma gráfica portuguesa" ou o ser um exilado, e acrescenta (Álvarez Cáccamo, 1994: 10):

> A distancia física de Galiza, a opción lingüística e a independencia estética da súa obra son factores que explican –sen xustificar— a cativa presenza de Guerra da Cal en antoloxías e estudos de grupo. Saudade, procura existencial da identidade propia, anceio de ataraxia, reflexións irónicas sobre o tempo e a morte, crítica social de factura expresionista, son os contidos básicos sobre os que inflexiona unha fala intensamente persoal.
>
> As estructuras rítmicas e a disposición imaxinativa do neopopularismo conformaron o ponto de partida histórica para o particular sistema de desviación expresiva que usa este poeta, fundamentado na ruptura en unidades breves dos metros clásicos, no contraste entre a levedade aparente da expresión e a trascendencia do sentido ou no uso dunha ironía de aguda sensibilidade crítica que lembra o sarcasmo antiburgués de Cesário Verde.
>
> O que mais seduce do seu código moral é o poder desmitificador, a belixerancia activa contra a vulgaridade e o tópico. E da linguaxe o dominio dos recursos fónicos e musicais.

A respeito do "Decálogo Lírico", aparece datado em "1933" (evidente erro, por 1993). Trata-se de um contributo certamente de relevo, pela maneira de reflectir sobre o poeta e a sua produção, onde se combinam as perspectivas estilística e estruturalista. Para Da Cal, neste trabalho de apenas uma página, "Não há poesia sem o irreprimível imperativo interior de verbalizar o Inefável". Diferencia poesia de prosa, em que esta conta e aquela canta. Defende que entre os usuários da Palavra (assim, com maiúsculas) "o Poeta é o único que não pretende comunicar" ao ser o seu alvo "apreender aquelas fracções do Ideal e do Eterno que latejam sob as aparências efémeras do Real imediato". A linguagem da poesia tem uma dimensão "que os dicionários desconhecem", ao estarem ligadas ao "âmago do nosso Espírito" pelo que "só se revelam quando magnetizadas pelo mágico uso

[1] Ocupa-se da que denomina "A Xeración do 36", na qual inclui Da Cal, juntamente com María Mariño, Aquilino Iglesia Alvariño, Ricardo Carvalho Calero, Álvaro Cunqueiro, Celso Emílio Ferreiro, Eduardo Moreiras, Xosé María Díaz Castro, Xosé María Álvarez Blázquez, Miguel González Garcés, Pura Vázquez, Antón Tovar e Luz Pozo Garza. Cita toda a produção dacaliana editada em volume, excepto *Poemas.*

lírico". Afirma que na poesia fundo e forma, matéria e maneira "são consubstanciais: constituem um Tudo uno e indeslindável". A respeito da "Mensagem lírica", indica que "desborda sempre o texto linguístico, criando uma nova realidade verbal e com ela, uma nova Paisagem anímica, vislumbre de uma Mundividência inédita". Da "Expressão poética" diz ser "de natureza ambígua e metafórica. Cada metáfora e cada imagem se disparam numa pluralidade de evocações significativas que permite tantas Leituras como Leitores mesmo aquelas que o Poeta nunca sentiu nem pensou". Define Da Cal o "Poema" deste modo (Álvarez Cáccamo, 1994: 73):

> O Poema é um edifício verbal, e como tal precisa de uma armação interna e externa. Ritmo, metro, rima, etc. etc. são os alicerces e esteios, visíveis, que seguram a estrutura invisível. Quando o poema atinge a sua "irrealidade essencial", nenhum desses artifícios pode ser isolado nem quantificado. Nessa ponte transcendente, o Verbo poético torna-se intraduzível para Prosa.

Reivindica liberdade e disciplina como "os dois Princípios que devem reger, polarmente, o afazer lírico", e finaliza defendendo: "O verdadeiro Poeta não desdenha o Leitor, mas também não precisa dele. Compõe porque não pode deixar de o fazer".

Observa-se, portanto, uma visão do labor poético como um facto de teor romântico, individual, que ultrapassa a própria vontade do poeta. Fala de "Milagre Poético", com o que dá uma dimensão transcendentalista, defendendo a "criação", numa linha coerente com a escola da Estilística Idealista. Não há uma intencionalidade social, nem a identificação do poeta com grupos e elites na procura de uma finalidade; não há portanto lutas nesta óptica essencialista. Neste "Decálogo lírico", Da Cal parece abstrair-se para pensar numa poesia "pura", em que o homem procura o conhecimento da vida própria e do mais próximo, com a ajuda da linguagem, e que chega a ultrapassar o próprio poeta[2].

[2] Essa visão da poesia espelha-se nos 17 poemas seleccionados para esta antologia, os mesmos que lhe indicara a Álvarez Cáccamo em carta de 8-VIII-1993, excepto "Elegia I" e "Crepúsculo". Nesta escolha predomina o eu lírico, a voz individual que reflecte sobre si próprio e instantes marcantes da sua vida, como a infância, a iniciação e o gozo pleno do amor, o sentimento da morte e outros elementos da própria existência, sobre os quais interroga Rosalia e García Lorca, os nomes principais da poesia para ele, com os quais pretende dialogar sobre o passado, a incompreensão do presente e a incerteza do futuro.
Na antologia só se incluem mais poemas de Álvaro Cunqueiro e de Celso Emílio Ferreiro; Da Cal tem o mesmo número de composições que A. Iglesia Alvariño, X. M. Álvarez Blázquez e Antón Tovar; e menos os restantes produtores antologados.

Este produto[3], talvez o derradeiro trabalho poético em vida, ajuda para compreender a sua concepção da poesia nos instantes finais da vida. Um texto porventura muito pensado e calculado, enviado a um amigo e para um projecto de publicação que conhecia bem, com clara intencionalidade portanto de intervir no CL galego e de procurar nele melhores posições.

**Em 1995**, Ernesto Guerra da Cal teve presença na Galiza através da publicação de textos e depoimentos inéditos: entrevistas, poemas, e cartas. Também se editaram volumes de homenagem pela Associaçom Galega da Língua e as Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, em cujas revistas diversos estudiosos salientaram aspectos da sua biografia e produção. No âmbito do nacionalismo foi reivindicado em estudos de literatura galega e de história, e solicitou-se que em Ferrol e em Quiroga fosse reconhecido publicamente.

Nos dias finais de Maio de 1995, a *Agália* (número 39, correspondente a Outono de 1994) publica homenagem a Da Cal. Reproduz diversos poemas dele, um inédito, ao igual que epístolas e outros elementos desconhecidos na altura. Também inclui fac-similarmente diversos contributos publicados em jornais e revistas da Galiza e Portugal com ensejo da sua morte, bem como o trabalho de Eugénio Lisboa publicado na *Colóquio-Letras* em 1992.

Maria do Carmo Henríquez Salido elabora um trabalho do epistolário recebido dele, e reproduz fac-similarmente a primeira epístola, de 26-III-1984, e mais a última, de "16-VI-1993" (sic, mas correspondente a 1994), e diferentes trechos de outras cartas, bem como o poema, inédito, "Eucaristia blasfema", enviado para o volume de homenagem a Carvalho Calero. Na continuação, inclui-se o trabalho "Crónica de um encontro em Lisboa", de Joel Gomes, que relata o jantar partilhado em 5 de Junho de 1994 com Da Cal e mais a esposa Elsie com ensejo da celebração em Lisboa das jornadas "O português, língua da Galiza", em que participaram Maria do Carmo Henríquez Salido, Carlos Garrido, Alberto Garcia Vessada, Alexandre Banhos e Joel Gomes e mais a sua esposa Mercedes Pardo, recolhendo várias opiniões de Da Cal sobre a sua trajectória e produção, alicerçados na gravação dos últimos instantes do diálogo, que se apresentam em cinco epígrafes: "A Galiza de hoje", "A língua, o reintegracionismo", "Os meios

[3] Em 2-VI-1995 Elsie Allen da Cal agradece por carta a X. M. Álvarez Cáccamo a antologia, e afirma ter-se emocionado pelas palavras que o estudioso dedicou ao seu defunto esposo.

de comunicação", "A homenagem de Quiroga" e "Eça de Queirós[4], Portugal". José Posada[5] transcreve uma conversa que teve no Estoril com Da Cal, no Hotel Albatros, em 9 de Fevereiro de 1985, assistindo também o empresário de origem galega Pedro Cabo e mais o engeheiro e escritor Xavier Alcalá: Da Cal fala do projecto de reedição de LAM-RST e evoca as circunstâncias da edição de Galaxia, rememora quando acudiu à Embaixada de Espanha em Lisboa para renunciar à nacionalidade espanhola em 1982 e o confronto que teve com o embaixador, critica atitudes de Fraga Iribarne e de Fernández del Riego para com o galego, e lembra o affaire com a Associação Cultural Galaico-Minhota e com Carro Otero; refere a sua amizade com León Felipe e com Jorge Guillén, declara-se "ateu, graças a Deus"; e justifica instantes biográficos em Quiroga, Nova Iorque, Porto Rico ou Madrid. Um trabalho de Joaquim Reis conclui (V-1995:341) ser "tremendamente gratificante conhecer este portugalego de primeira apanha, a quem os bons Portugueses devem prestar homenagem, nem que seja no íntimo das suas almas".

Na parte final, a *Agália* evoca o encontro em Lisboa de 1994, e inclui diversos materiais, entre eles um autógrafo de Da Cal, com a dedicatória de FI para o Grupo Meendinho de Ourense, "com um grande abraço portugalego" e datado em "Londres, 14 de Abril (Dia da implantação da 2ª República 1931) 1991"[6].

---

[4] Na ocasião Da Cal fez esta revelação: "tenho provas de que Valle-Inclán não traduziu, mas assinou, Eça para espanhol. Quem traduziu foi a sua mulher, Josefina Blanco, que não sabia português. Valle-Inclán conhecia o galego suficientemente para não fazer tantos erros de tradução".

[5] No início, esclarece (Posada, V-1995:329): "Durante o tempo em que durou a minha etapa de Presidente do Conselho de Administraçom de Caixa Ourense propugem-me trazer à Galiza ao Professor Ernesto Guerra da Cal e, no ano 1984, mesmo se lhe chegarom a fazer propostas tanto económicas como de reconhecimento pessoal muito importantes, para que vinhesse impartir algumha conferência a Compostela. O professor, porém, nunca aceitou. [...] Mantivem esta conversa guardada, inédita, pois num determinado momento da mesma proclamou: "isto é privado, isto é confidencial". Agora, quando o Amigo já está no Além-Mar, damos à luz as suas palavras esclarecedoras para compreender melhor ao intelectual e ao amigo".

[6] Poucas semanas depois, no número 40 da *Agália*, João Guisan Seixas memorava o seu relacionamento com Da Cal e como o visitara na sua morada do Estoril. Valorizava (Guisan Seixas, VI-1995:449-455): "Guerra da Cal foi também, por assim dizer, para nós, como um rei destronado, essa sensaçom de 'exílio' interior em que vivemos os reintegracionistas e que ele encarnou mais que ninguém. [...] Se o escritor e estudioso que foi Guerra da Cal nom som como para a Galiza poder prescindir deles olimpicamente, o homem Guerra da Cal, a personagem Guerra da Cal, nengumha cultura digna a teria deixado perder-se graciosamente".

Em Outubro, Da Cal é objecto de várias páginas do número 41 da *Agália*. Carlos Durão memora os encontros que tiveram em Londres, com referências de interesse e relatando algum trecho da sua correspondência; afirma que Da Cal (Durão, X-1995:62) "dizia ter atravessado aquele imenso país [os EUA] em carro, parando em povos índios, sem ter que usar uma palavra de inglês". Indica que também falava (Durão, X-1995:63) "saudosamente de velhos amigos também, como o romancista José Rodrigues Miguéis, de pais galegos; do seu professor Américo Castro (e das suas

A revista *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguísta e Literatura* dedica o seu número 27-38 como "Homenagem ao Professor Ernesto Guerra da Cal". Promovida pelo grupo das IFGP são as *Atas* do congresso internacional celebrado em Setembro do ano anterior em Compostela, em que figuram como patrocinadores da edição a Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho e a Direção Geral de Cooperação Cultural do Ministério de Cultura da Espanha; e como patrocinadora a Faculdade de Ciências Económicas da USC. Reproduz mensagens de adesão dos embaixadores do Brasil em Portugal e na Espanha, 41 produções científicas e 25 literárias, além de "Notícias e documentos"; no total 452 páginas[7]. No congresso declamou-se o poema "Ernesto Guerra da Cal", do português Amadeu Torres.

---

diferenças com Sánchez Albornoz); do célebre físico Einstein, que el conhecera na sua universidade nova-iorquina; do foneticista Navarro Tomás, para quem fizera umas gravações em cuidado castelhano, etc. [...] Naturalmente eu procurava atraí-lo às tarefas das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, da Associação Galega da Língua, da Associação de Amizade Galiza-Portugal; e ele às vezes contribuía, ou deixava fazer cousas no seu nome, facilitava-nos o contato com os seus amigos através da Academia das Ciências de Lisboa (onde fomos ter com ele numa ocasião, quando se preparava o Acordo): Celso Cunha, Antônio Houaiss, Rodrigues Lapa, Lindley Cintra. [...] Derradeiramente estava a fazer um trabalho sobre a personagem histórica de João da Nova ou João Galego"; e cita entre os amigos e/ou conhecidos de que falava Da Cal nas conversações os nomes de Vicente Aleixandre, Valle-Inclán, Antonio Machado, Cernuda, Álvaro das Casas, Arturo Cuadrado, Ramón Valenzuela, entre outros já citados na presente pesquisa.
Giuseppe Guasco di Celle refere nesse número da *Agália* a ascendência italiana de quatro nomes das letras galegas, entre eles Da Cal, com reprodução fac-similar da partida de baptismo.
Neste mesmo número da *Agália* salienta-se a "Nota Preambular" de LAM-RST, indigitando-o (Outeiro, X-1995: 121) como autoridade no âmbito da lexicografia galega.

[7] No volume publicam-se mensagens de adesão (1995:13-14 e 15) dos embaixadores do Brasil na Espanha e em Portugal, Luís Felipe de Seixas Corrêa e José Aparecido de Oliveira; um discurso de abertura (1995:9-12) de José Luís Fontenla, como presidente do Conselho Internacional da Lusofonia e das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal; estudos e comunicações de José Martinho Montero Santalha (1995: 19-22, 137-150 e 232-249), Beatriz Weigert (Universidade de Évora, 1995: 23-25), Maria Victoria Atencia (1995: 26-29), Natércia Freire (1995: 30-34), Carlos Durão (1995: 35-42), Esther Lorenzo Varela (1995: 43-64), José Luís Fontenla (1995: 65-76), Helena Nikolaeva (Universidade de São Petersburgo, 1995: 77-79), António Fernandes da Costa (das universidades Agostinho Neto de Angola e do Minho, 1995: 80-90), Carmen Vidal Bouzón (1995: 91-100), Rocío Martínez Espada (1995: 101-107), José Luís Maceira (1995: 108-132), João Padrão (1995: 133-136), Cristina Fontenla Figueroa (CEU-Universidade Complutense de Madrid) e José Luís Fontenla (1995: 151-168), Ana Fontenla Rodríguez e José Luís Fontenla (1995: 169-194 e 376-379), Xavier Vilhar Trilho (Universidade de Santiago, 1995: 195-205), António Gil Hernández (1995: 206-213), Álvaro Jaime Vidal Boução (1995: 214-225), José Carlos Venâncio (Universidade da Beira Interior, 1995: 226-231), Ângelo José Brea Hernández (1995: 251-260), Nechama Kramer-Hellinx (Universidade de Nova Iorque, 1995: 261-280), Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade Federal Fluminense, 1995: 281-285), Jorge Dias (Universidade de Kyoto, 1995: 287-290), Joaquim Montezuma de Carvalho (1995: 291-296), Miguel Cupeiro Frade (1995: 297-300), Jenaro Marinhas del Valle (1995: 301-305), Jorge Figueroa Dorrego (Universidade de Vigo, 1995: 306-313), Iolanda Aldrei (1995: 315-327), Arsénio Mota (1995: 329-332), Luís Polanah (1995: 333-339), Inocência Mata (Universidade de Lisboa, 1995: 340-343), Francisco Soares (Universidade de Évora, 1995: 344-351), Paulo Vitor Feytor Pinto Sampaio de Faria (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnológicas de Lisboa, 1995: 352-361), Pierrette e Gérard Chalendar (1995: 362-365), Dorine Daisy Pedreira de Cerqueira (1995:

A revista inclui um (Da Cal, 1995: 389) "Poema inédito de Guerra da Cal"[8], sem título e datado em "Janeiro, 1979. Nova Iorque". Embora não se indique a procedência, trata-se de um dos poemas que Da Cal tinha enviado para Nechama Kramer-Hellinx e que ela cedeu, segundo afirma em entrevista realizada com ensejo da presente pesquisa, a pedido de José Luís Fontenla.

Numa entrevista de Beatriz Weigert (1995:23-25), da Universidade de Évora, indica-se que Da Cal respondeu perguntas formulada por José Luís Fontenla no ano 1989. Ao ser perguntado pelo seu labor como profissional docente e investigador, e por Fernando Pessoa e Rosalia de Castro, responde (Wiegert, 1995: 24):

> Orgulho-me de ter sido uma espécie de Evangelista das Letras galegas, portuguesas e brasileiras no mundo da anglofonia. Quanto a Pessoa, que era de sangue galego na sua origem –como Camões e Eça– tudo quanto eu dissesse seria pouco. Acho porém que tudo está muito tristemente banalizado num culto oculto e inculto. Rosalia, uma mulher que, sozinha, conseguiu despertar a alma letargada de um povo, dando-lhe, pela primeira vez, depois de muitos séculos de sono, consciência viva de si próprio.

Ao ser inquirido sobre o "espaço lusófono", afirma haver três "com um longo e valioso passado: Galiza, Portugal e Brasil. Os espaços lusófonos são possivelmente, por enquanto, um valioso futuro. Os africanos representam apenas o futuro que completa o grande ecumenismo da Língua Portuguesa no mundo do porvir". A respeito da integração da língua da Galiza no espaço lusófono e ao seu

366-375), J. J. Santamarina Conde (Universidade de Vigo, 1995: 380-382). Na continuação figuram (1995: 383-385) as "Conclusões" do congresso. Seguem-se de "Textos de criação literária do Congresso. Poesia e Prosa" (1995: 387 e passim) em que figuram contributos de Lourdes Magalhães (uma pintura a cores, em lámina independente e sem numerar, que corresponderia com 1995: 389); o já indicado poema inédito de Da Cal, e outros de João Padrão (1995: 390), Linda Coelho (1995: 391), Vánia Cosme (1995: 392), José Ribeiro Ferreira (1995: 393-394), Cristina de Mello (1995: 395), João José Varela Aveledo (1995: 396-397), Júlia do Pico Vale (1995: 398), António Gil Hernández (1995: 399), Amadeu Torres (1995: 400), Mário J. Herrero Valeiro (1995: 401-403), Luís Maçãs López (1995: 404-405), Kiko Castro (1995: 406-407), Pires Laranjeira (1995: 408-410), Cristovão de Aguiar (1995: 411-413) e Luís Polanah (1995: 414-419). Nova epígrafe da revista está dedicada a "Textos poéticos traduzidos da nossa língua ou para a nossa língua" (1995: 421 e passim), com contributos de Nechama Kramer-Hellinx/João Padrão (1995: 423-424), Akiko Matsuzawa/Linda Coelho e João Padrão (1995: 425-426), M. Alguém/Galina Neoustroeva (1995: 427-430); mais uma lâmina, em página sem numerar, que corresponderia à 431, com desenho de Rosa Úbeda; poema de João Padrão traduzido por Nechama Kramer-Hellinx, André Rodosky e André Melnikol (1995: 431-442).

[8] Poema dedicado a uns olhos verdes, é mais uma demonstração de como o labor do lexicólogo e do gramático se misturam com o literário, sem esquecer outro elemento de relevo na sua poesia como a disposição tipográfica dos versos, para além da importância do ritmo. Uma poesia coerente com outras da sua produção, em que se confirma mais uma vez como Da Cal aplica no trabalho literário conhecimentos e saberes provenientes do seu labor profissional.

papel como pressidente da Comissão constituída para esse labor, responde (Weigert, 1995: 25)

> Evidentemente, há uma diferença entre língua falada que tem uma trajectória autónoma e diversificada, e língua escrita que é um factor de unificação e de universalidade. A Galiza só poderá manter a sua validade universal, ligada –na língua escrita de criação— ao mundo lusíada, ao qual de direito pertence, sendo lugar histórico onde a língua comum teve a sua origem.

Finalmente, e a respeito de se a Lusofonia em geral é mais proclive para a arte poética que para outras, responde que a vê válida para tudo e, afirma Da Cal:

> O processo poético é misterioso. O verdadeiro poeta nunca corrige a sua poesia. Deixa que ela se corrija a si própria, porque o processo de criação lírica é só parcialmente consciente. Uma grande parte da poesia é inspiração, nome que os românticos deram a esse mistério. O trabalho que a prosa pode aceitar, na poesia vem por outras vias.

Uma entrevista em que se confirma o que defendera em ocasiões precedentes sobre os mesmos assuntos e em que talvez merece destaque o último depoimento, sobre a poesia, em que, embora reitere algumas formulações, acrescenta a afirmação a respeito da correcção que resulta novo, mas coerente com a sua concepção estilística. Poesia como mistério, poeta que "é só parcialmente consciente" da sua produção, diferenciação com a prosa, são elementos certamente centrais para entender esses produtos e essa ligação tão presente entre o cientista e o literato. Merece destaque a referência a Quiroga e a reivindicação da sua galeguidade, a consideração da Galiza como "projecção natural". Da Cal manifesta-se, pois, galego, e como tal, e por motivações principalmente históricas e de tradição lingüística, reivindica um posto para a Galiza no espaço lusófono. Martinho Montero Santalha reproduz (1995:19-22), fac-similar, a "Acta de nascimento de Guerra da Cal" Deste professor são também outros dois estudos (Montero Santalha, 1995: 137-149): "A Lusofonia e a Língua Portuguesa da Galiza: Dificuldades do Presente e Tarefas para o Futuro", onde propõe constituir uma Academia Galega da Língua Portuguesa, que properará em 2008 e (Montero Santalha, 1995: 237-249) "Um traço de união entre a Galiza e Portugal: o Tema da Saudade", no qual referencia o verbete de Da Cal sobre a saudade, do DLPGB. No discurso de abertura, José Luís Fontenla dirige-se a Da Cal definindo-o como "patrono maior da lusofonia militante, ilustre galego universal, poeta tocado pelos deuses, republicano da vida, das artes e das letras" e salienta o seu papel como "presidente de Honra" das comissões para a integração da Galiza nos acordos

ortográficos da lusofonia de 1986 e 1990. Põe em destaque o facto de ter formado discípulos "nos EUA, no Brasil, em Portugal... e foi facho luminoso, numen, de galegos e lusófonos em toda a parte". A respeito da presidência das comissões ortográficas, afirma Fontenla que Da Cal (1995:10):

> animou a todos e apoiou e facilitou contactos com membros das Delegações brasileiras e portuguesa, que inicialmente haviam de negociar o Acordo; assim apresentou ao escritor Carlos Durão e a mim próprio na Academia das Ciências de Lisboa, a Lindley Cintra, Jacinto Nunes, Celso Cunha, solicitando apoio máximo para a causa galega; orientou contactos com o Brasil, nomeadamente António Houaiss, como também fizera Paz Andrade; enfim, a generosidade de Guerra da Cal e a sua honestidade intelectual foram os maiores apoios que nós tivemos para intervirmos honrosamente na negociação dos Acordos Ortográficos. Seja-lhe feito jus ao nosso caro amigo falecido. Ele que não se sentia linguista entendeu a importância do assunto e que a Galiza não devia ficar excluída, como não deviam também ficar de fora os PALOPS, marginalizados de tão importante negociação ortográfica.

Afirma que, apesar do sucesso nos EUA, "nunca renega das suas raízes galegas, senão que as proclama publicamente de maneira reiterada" acrescentando que Da Cal "faz parte dos ilustres vultos galegos que outorgam consciência nacional ao país, como Viqueira, Vilar Ponte, Castelão, Paz Andrade, Carvalho Calero, entre outros, em momentos difíceis da nossa história". Nesta alocução, o presidente das IFGP afirma que os lusófonos "não podemos deixar de sentirmo-nos cidadãos do mundo, com raízes no mundo em que tivemos nascença; assim o entendia também o professor Guerra da Cal, pelo que melhor figura não há para presidir espiritualmente este evento cultural e científico".

Podem-se classificar os contributos da revista em quatro áreas: produtos do próprio Da Cal; trabalhos sobre ele, com contributos biográficos, documentais, e de valorização e análise da sua produção; produtos a ele dedicados; ou de miscelânea respeitantes a outras questões. Um volume, em definitivo, em que o principal objectivo é vindicar o posicionamento de Guerra da Cal como presidente das comissões que trabalharam pela inclusão da Galiza nos acordos ortográficos para a língua portuguesa negociados em 1986 e 1990, frisando o seu papel muito activo. Mas também um volume em que se espelha por um lado a debilidade dos organizadores do congresso e editores da revista-volume de *Actas*, e também as lutas existentes na Galiza entre os diferentes grupos defensores do ideário de aproximação e confluência da língua autóctone com a de Portugal: por um lado, aquele congresso de 1994 não teve repercussão nos meios de comunicação galegos, que ignoraram a sua finalidade; também não houve participantes da

Faculdade de Filologia da USC, apesar da sua proximidade (mesmo física) com a sede onde se celebrava o acontecimento e de ter vários professores defensores do galego-português e que mesmo em ocasiões anteriores tinham colaborado com os organizadores deste congresso; a Agal e as pessoas que se movimentavam em redor deste grupo, maioritário, estiveram ausentes, se se exceptua o caso de Martinho Montero Santalha, mas que também na altura se encontrava distanciado dessa organização e mais próximo dos grupos em que estava inserido José Luís Fontenla. Um José Luís Fontenla que aparece como centro deste acontecimento, como organizador e como produtor, ao assinar vários dos trabalhos, e que demonstra o esforço que dedicou para atingir o melhor sucesso, talvez com a esperança de que Da Cal ajudasse ao relançamento da causa que defendia num tempo muito difícil, pela beligerância que encontrava nos poderes públicos da Galiza. A excepção era a USC, que incluia este congresso nas efemérides do seu quinto centenário, pela mediação de Xavier Vilhar Trilho, docente da Faculdade de Ciências Económicas, que fora quem trabalhara para conseguir esse reconhecimento e que figura como presidente da Associação de Amizade Galiza-Portugal. Da Cal aparece como figura central para estes grupos que promocionavam o Conselho Internacional da Lusofonia como um novo intento de procurar a saída da marginalidade na Galiza através da projecção internacional[9].

Outra revista, ***Nordés*****, publicada por "Ediciós do Castro"**, homenageou Da Cal no volume duplo, nº 21-22, correspondente a "Nadal 1994-Outono 1995". Reproduz fac-similarmente cartas de Da Cal a Franco Grande e a Luz Pozo Garza,

[9] Também datada em 1995 (mas editado em 1996) no número 41-50 da revista *Nós*, recolhem-se as *Atas do III Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas*, celebrado em Santiago de Compostela na sequência das comemorações do V Centenário da USC entre os dias 23 e 25 de Setembro desse mesmo ano. (Nele figuram apoios para a publicação do "Ministério da Educação e Ciência. Direção Geral de Investigação Científica e Ensino Superior", de Espanha; além da Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, USC, Conselho Internacional da Lusofonia e Instituto Camões). Da Cal encontra-se referenciado em contributos de José Luís Fontenla (1995: 25-29), da professora russa Galina Neustroeva (1995: 294-299), e na análise que dedica à sua poesia a professora eborense Beatriz Weigert, que analisa os volumes de FI e DTMAOB. São três trabalhos em que aparece reconhecido pela sua doutrina a respeito da língua da Galiza, e também pelo seu labor como queirosianista e sobretudo como poeta, por três especialistas nos respectivos âmbitos.
Vale para este congresso o mesmo que se assinalou para o anterior: a celebração na Faculdade de Económicas, pela intercessão do Professor Xavier Vilhar Trilho, e a ausência de representantes de Filologia de Compostela e de membros da Agal, o que evidenciava mais uma vez a divisão entre os defensores da solução do (Galego-)Português para a língua autóctone da Galiza. Também não teve repercussões nos meios de comunicação galegos este acontecimento, que deu lugar a um volume de *Atas*, de 538 páginas, com trabalhos abrangentes da lusofonia em diferentes países através de contributos científicos e literários.

datadas aos 22-VIII-1991 e 7-I-1992 (ver supra, as duas), e incluia assim mesmo o poema "Rosalia. Tempo I. Perfil de Sombra"[10].

Também entre as homenagens, a imprensa recolhia que a associação Artábria de Ferrol parabenizava a criação na cidade do Centro de Estudios Históricos e reivindicava (Sem Autor, 6-IV-1995) "que se realizase un reconocimiento público a Ernesto Guerra da Cal"[11].

Em Julho, a editora A Nosa Terra publica o volume *O nacionalismo galego*, de Justo G. Beramendi e Núñez Seixas. Da Cal aparece referenciado, com Martínez López, entre os galeguistas que desenvolviam actividade na zona republicana e que encontraram trabalho cualificado como docentes universitários entre os que se enfrentaram a (Beramendi/ Núñez Seixas, 1995: 175) "un longo exilio" após a Guerra Civil de Espanha. O reconhecimento de Da Cal como nacionalista galego

[10] Com estes elementos dacalianos iniciava-se este número duplo, comemorativo do vigésimo aniversário da revista, em que também tinham presença outros nomes como Manuel María, Bernardino Graña, Isidro Conde, Rafael Dieste, Otero Pedrayo, Gerardo Diego, Eusebio Lorenzo ou Ramón Villar Chao, todos eles em destaque na capa, ao igual que Da Cal. Recebia assim um reconhecimento de uma revista muito valorizada pelos produtores literários, sobretudo de poesia, seguidores do cânone ortográfico para a língua galega institucionalizado pela "Xunta de Galicia", com apoio de uma das editoras mais antigas.

[11] No verão desse ano, e com ensejo do primeiro aniversário da morte, corresponde o folheto editado en Ferrol pela "Associaçom da Língua Artábria", intitulado "Ernesto Guerra da Cal (1911-1994). Um ferrolano 'Mestre da Galeguidade'". Difunde-se aí como data da morte o 27 de Julho, diferenciam-se três epígrafes, intitulados "Vida", "Pensamento" e "Bibliografia" e afirma-se: "Guerra da Cal viveu longe da sua Pátria, mas nom perdeu em nengum momento o contacto com ela, sendo um grande conhecedor dos problemas do nosso país, e uma pessoa de fundas conviçons nacionalistas –as que o levam a renunciar à nacionalidade espanhola como plena (re)integraçom da Galiza no mundo lusófono. Com o fim das ditaduras fascistas peninsulares (Salazar em Portugal, e Franco no Estado Espanhol), Guerra da Cal volve dos E.U.A., trás se jubilar, e instala-se em Portugal. As suas ideias levam-no a escolher Portugal e nom a Galiza, já que se negou a viver numa Pátria colonizada política, social, cultural e linguísticamente. [...] O desconhecimento de figuras como Guerra da Cal e tantas outras na nossa pátria, deve-se, em grande parte, à política educativa e informativa vigente, desprezativa coa auténtica realidade social, cultural e histórica do país, quando mais com posicionamentos como os do nosso autor, de teoria e prática reintegracionista e nacionalista, muito incómodos para a "nossa" oficialidade autonómica actual, o que explica o seu silenciamento –mantendo-o no desterro—e o nulo reconhecimento na Galiza; enquanto noutros países, nom só nos da nossa área linguística, como o Brasil, Angola ou Portugal, senom nos E.U.A., Inglaterra ou na Suécia, é reconhecido polo seu grande valor como investigador, crítico e, sobretodo, como poeta. [...] Nós, como galegas e galegos, temos a obriga moral de restituir Guerra da Cal no lugar que lhe corresponde dentro das nossas letras, um lugar que já ocupa nas "outras" nossas letras, mas que lhe falta entre nós. Somos muitos as galegas e galegos que estamos certos de que as suas ideias linguísticas acabarám por convencer e vencer. A única dúvida quiçá é se de, quando esse momento chegar, nom será já demasiado tarde: isto é, se a castelhanizaçom e a substituiçom masiva da língua que a actual política de afastamento do galego das duas variantes luso-brasileiras, chegará a um extremo no que resulte impossível detê-las. Polo menos entom os que agora se empenham na aventura suicida de fazer da língua da Galiza umha língua independente reconhecerám quiçá que Guerra da Cal tinha razom –desgraçadamente". É esta uma imagem que começará a impor-se no independentismo galego, em cujo âmbito actuava a associação editora.

neste primeiro estudo científico sobre este movimento político tem relevo, por quanto começavam a se ouvir vozes que questionavam o seu galeguismo ao acusá-lo de "lusista", pelo que uma reivindicação realizada por dois reputados especialistas da USC no estudo do nacionalismo galego supunha um importante apoio para puxar por ele para esse campo, por mais que seja essa breve referência a única que lhe concedem, mas que também reforça o seu significado como intelectual universitário.

No âmbito do nacionalismo, publica-se nesse ano o estudo de Xosé Manuel Maceira Fernández *A literatura galega no exilio*, no qual Da Cal ocupa lugar de relevo[12]. Encontra-se no capítulo V, intitulado (Maceira, 237 e passim) "Estados Unidos, o exilio de elite". É o primeiro dos produtores analisados, e são-lhe dedicadas (Maceira, 1995: 239-259) 20 páginas. Começa afirmando (Maceira, 1995: 239):

> Ernesto Guerra da Cal é o paradigma do exiliado descoñecido; esquecido na terra natal e condecorado, distinguido, en todo o mundo. A súa obra científica e literaria sumou múltiplos eloxios de firmas senlleiras en países europeos e

[12] O autor, ensinante na secundária, defende: (Maceira, 1995:10) "coincide este traballo cun clima de incipiente recoñecemento institucional do labor feito no exilio", frisando como primeiro acontecimento ao respeito a homenagem que a USC ofereceu em 1991 a Dieste ou Seoane; o ter sido designado nesse ano Emílio González López como cronista oficial da Galiza pelo Governo autonómico, ou o prémio da Fundación Otero Pedrayo concedido a Luís Tobío. Assinala que a orientação do livro é (Maceira, 1995:12) "dar unha panorámica globalizadora do exilio", e que uma versão do mesmo fora apresentada na USC como estudo académico, tendo apadrinhado a a edição deste monográfico o professor Anxo Tarrío Varela.
Estuda LAM e RST, com uma metodologia textocentrista. Ao primeiro dos poemários dedica maior espaço (Maceira, 1995: 239-251). Sublinha o reconhecimento da crítica internacional e galega a esse produto salientando como (Maceira, 1995:240): "Todos os críticos confirman o acabado exquisito e a perfección poética do libro, destilado coa parsimonia dun artesán ao longo de vinte anos". Analisa demoradamente as diferentes partes e poemas de LAM, salientando na produção dacaliana (Maceira, 1995:241) "unha estética innovadora", frisando exemplos. Alude ao estudo de Méndez Ferrín (1984), indicando que (Maceira, 1995:248) as "acertadas palabras" desse crítico –coincidentes com a valorização de Sayers, segundo assinala—podiam ser aplicadas a coetáneos como Bouza Brey, Blanco Amor "ou á mesma Rosalía. A sensibilidade afiada e problemática lévaos a reflexións case metafísicas". De "Nouturnio de Nova-Iorque", após indicar as "afinidades" con *Poeta en Nueva York* de Lorca, conclui (Maceira, 1995:251) "o poema é un broche de ouro a un libro que contemporiza o humano coa modernidade formal. Sen dúbida, unha das mellores apostas da poesía galega contemporánea". Ao apresentar os poemas, Maceira afirma como em LAM se encontram evocações e pegadas de Rosalia, de Lorca, dos trovadroes, dos (Maceira, 1995:244) "vilancicos dos séculos escuros", ou de Castelao. Na continuação, e com perspectiva semelhante, analisa RST, onde de novo salienta as evocações na poesia dacaliana de Rosalia, do neotrovadorismo, de Juan Ramón Jiménez, de Bouza Brey, de Luís Cernuda ou da Bíblia. Insiste numa valorização muito positiva e frisa novas inovações. Os dois poemas rosalianos que encerram o volume são (Maceira, 1995:258-259) "de nidia resonancia patriótica". O outro poeta de que se ocupa no exílios dos EUA é Rubia Barcia, em muito menos espaço. O trabalho de Maceira resulta do maior interesse para a valorização de Da Cal como poeta galego, por mais que não cite outros volumes de poesia, e só referencie muito parcelarmente as publicações de poemas em revistas, citando apenas a *Memoria Anual da Casa de Galicia* de NY, *Papeles de Son Armadans*, *Lorca* ou *Cidade Nova*. Evita qualquer alusão à proposta ortográfica de Da Cal.

> americanos. O poeta acepta cun chisco de vaidade o éxito de crítica, unha pequena compensación ao esquecemento na Pátria.

Apesar de citar a reedição de LAM-RST realizada de 1991, Maceira insiste na idea de ser o nome (Maceira, 1995: 239) "pseudónimo de Ernesto Pérez Guerra, o nome verdadeiro", acrescentando a morte em Lisboa "hai tan só uns meses; fiel á elegancia e discreción que o caracterizaba pediu que a noticia non se difundira ata que pasaran varios dias". Valoriza-o nesse parte inicial do estudo como "un autor de recoñecida calidade"[13].

Dolores Vilavedra, Professora da USC, coordenou esse ano o primeiro volume de um *Diccionario da Literatura Galega* editado por Galaxia, que se dedicou a "Autores" e em cuja elaboração colaboraram nove especialistas. No verbete dedicado a Da Cal (Vilavedra, 1995) difunde-se mais uma vez o seu labor teatral nos anos do pré-guerra juntamente com Lorca, indicando-se a "participación en La Barraca", em lugar de em Anfistora, e reconhece-se dele o ter desempenhado "un papel significativo nos poemas galegos do devandito autor granadino". Cita a revista em que publicou o primeiro poema como "*Nova Galicia* [sic]" e apresenta-o como um dos "firmes defensores do movemento reintegracionista" salientando a colaboração no DLPGB, e os estudos medievais, rosalianos e queirosianos. Erra essa entrada ao referenciar "heterónimos" como "Etore D'Alencarra [sic] ou Roger [sic] Caldas", o que evidencia não ter entendido o jogo de Da Cal com o seu nome nesses contributos. Dá como data de edição de LAM "1958" indicando para aquele ano o título de 1992; e valoriza que neste poemário e mais em RST "presenta composicións de elaborada e rica complexidade rítmica, con contidos próximos, por veces, a un sentido humanismo". Cita também outros poemários: os publicados em Palma de Maiorca (1966), Lisboa (Da Cal, 1985 e 1987) e em

[13] Nos âmbitos do nacionalismo político e cultural transparecia aquele ano uma defesa de posições reintegracionistas. Assim, em Abril, a deputada Pilar García Negro e Xoán Xosé Costa Casas publican *O Ensino da Língua: por un cámbio de rumo*, onde se defende a existência de um "sistema galego-portugués" e mesmo se convida o alumnado a reflectir sobre ideias de Castelao como (García Negro/ Costa Casas, 1995: 96-97) "A nosa lingua expande-se en Portugal onde triunfa, reina e florece", "Galego e portugués son duas polas da mesma árbore", "O galego é pois un idioma estenso e útil" ou "Castelao fala de 60 millóns de falantes. Cantos falantes ten hoxe o sistema galego-portugués?". Em 17-V-1995, Xavier Alcalá aludiu, em Madrid, à sua relação com Da Cal, num acto público organizado pela "Casa de Galicia" com ensejo do Dia das Letras Galegas, em que afirmou (Sem Autor, XII-1995: 245) que "a actual escrita do galego nom tem qualquer futuro, mas o seu valor é o de ser umha escrita demótica, de facilimo uso para qualquer pessoa" e apesar de oferecer argumentos em contra "optou por defender o seu uso, insistindo repetidamente no seu nulo futuro e esquivando o problema que lhe fora imposto, que nom era outro que o da imposiçom da normativa ILG-RAG às editoras, publicações periódicas e escritores galegos", segundo recolheu a *Agália*.

Málaga (Da Cal, 1992), mas sem os valorizar, e oferece como bibliografia sobre ele a biografia de Elsie Allen da Cal (1992) e trabalhos de X. M. Álvarez Cáccamo (1994) e Hortas Vilanova (1986). Repetem-se assim alguns erros num repositório que tentava ser um referente especialmente para a legitimização da produção no cânone ortográfico ILG-RAG, esquecendo o impacte da poesia de Da Cal na Galiza e internacionalmente.

Nos finais do ano[14] a imprensa fazia-se eco da proposta do BNG de Quiroga de colocar placas para distinguir as casas em que residiram os escritores Eduardo Moreiras e Da Cal. De Da Cal frisava-se que (Sem Autor, 7-XI-1995:38) "é case seguro o intelectual máis sobranceiro deste século do que Quiroga desfrutou". O grupo nacionalista valorizava que, a se efectivizar essa iniciativa "enchería cun pouco máis de atractivo e significado a Praza Maior". Aos 28-XI-1995 o pleno municipal de Quiroga aprovava por unanimidade a colocação de placas nas casas em que residiram Moreiras e Da Cal, conforme a proposta do BNG. Segundo a imprensa (Sem Autor, 29-XI-1995:38):

> El portavoz del PSOE, Luis Quiroga, matizó que en su opinión sería más conveniente dar el nombre de estos dos literatos a dos calles de la villa. El conservador José Rodríguez Rodríguez intervino para comentar en tono irónico: "paréceme ben o da plaquiña, e así dámoslle contento á intelectualidade de esquerdas".

Aos 30-XI-1995 o acordo municipal de Quiroga ecoava na imprensa[15], através de um artigo de opiniom que censurava a atitude do vereador conservador, pertencente ao grupo que governava o Concelho. Salientava-se a unanimidade do acordo e lembrava (Fidalgo, 30-XI-95)[16]:

---

[14] Em Dezembro apresentou-se na Faculdade de Filologia da USC a Tese de Doutoramento de Elias Torres, intitulada *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, em que se cita (1995: 2.269) dentro da "Bibliografia para o estudo do relacionamento Galego-Português (1888-1936)" o trabalho de Da Cal sobre Fialho de Almeida (Da Cal, 1989), para além de referências de matéria queirosiana na Galiza (ausente na BQ).

[15] O correspondente do jornal voltaria a ocupar-se do assunto em 1-XII-1995, num longo trabalho mais centrado em Eduardo Moreiras, mas que também referenciava a distinção a Da Cal. Nesse novo trabalho frisava (Sem Autor, 1-XII-1995: 37): "Curiosamente, el grupo municipal del BNG constató hace poco tiempo que la biblioteca pública de Quiroga no contaba con ningún ejemplar de la obra de Moreiras y recomendó al ayuntamiento que las adquiriese para ponerlas a disposición del público. Lo mismo ocurre con obras de otros escritores que han hablado de Quiroga en sus páginas, como el conocido *Pauto do demo* de Ánxel Fole. No obstante, el concejal de Cultura ha puntualizado que el ayuntamiento piensa subsanar este olvido y adquirir estos libros para la biblioteca".

[16] Este mesmo autor referia-se de novo ao assunto em artigo posterior (Fidalgo, 20-XII-1995), em que indigitava Da Cal e Moreiras como "dos importantes escritores gallegos ya fallecidos", reprovava o "improcedente comentario despectivo" do vereador, e reivindicava maior atenção e investimento em cultura.

> Dicho concejal es el mismo que hace algún tiempo dejó caer otro comentario ilustre. Se hablaba en el pleno de los nombres de las calles de la villa, dos de los cuales conservan los del general Franco y del general Aranda. Vino a decir entonces este edil que cada uno es libre de tener sus propios ídolos.

Nesse mesmo jornal recolhia-se como durante a celebração do pleno houvera polémica e intervenções do público[17].

Aos 18 de Janeiro de **1996**, no salão de graus da Faculdade de Filologia da USC celebrou-se o acto de **homenagem** "Guerra da Cal Poeta galego: A memória Presente", organizado pela Associaçom Nacional de Estudantes de Letras. Foi a principal actividade promocionada por este grupo. Participaram Carlos Quiroga, professor de Literatura Portuguesa da USC, Maria do Carmo Henríquez Salido, presidenta da Agal e professora da Universidade de Vigo, e os escritores João Guisan Seixas, Ângelo Brea, Marta Dacosta, Henrique Rabunhal e Rafa Vilhar. Segundo a referência publicada na *Agália* (Sem Autor, VI-1996: 497) "O Salom de Graus estava cheio de público, que seguiu durante as mais de duas horas que durou o acto, com extraordinário interesse, as palavras dos participantes". Na revista ecoaram contributos dos participantes (Henríquez Salido, VI-1996: 495, Rabunhal, VI-1996: 496). Na imprensa (Fernández, 16-I-1996; Gómez, 18-I-1996; bem como no boletim *Gralha*: Sem Autor, II-1996), teve pouco destaque. Da Cal é assim reivindicado na Universidade, mas pelos estudantes. Nesse âmbito está secundarizado, na periferia, por mais que participem docentes da USC e da de Vigo, além de produtores bem reconhecidos, de diferentes tendências, entre os nomes mais novos da literatura galega da altura. As intervenções tentaram advertir ao público presente, maioritariamente alunado universitário, de uma figura muito valorizada no exterior mas de quem na Galiza se falava sobretudo para se referir a outros, e que se encontrava preterida.

É no âmbito do Reintegracionismo, com o qual estava muito relacionado a associação de estudantes organizadora da homenagem, onde tem maior reconhecimento. Na *Agália* foi indigitado em trabalhos de luta contra a oficialidade lingüística (Henríquez Salido, III-1996:300; Sem Autor, IX-1996:

[17] Na informação salientava-se que o Presidente da Câmara Municipal, Julio Álvarez, mesmo advertira à polícia e ao secretário do Concelho (Sem Autor, 30-XI-1995): "pidiendo que tomaran nota de las personas que hacían los comentarios, para efectuar denuncias en el juzgado de Monforte o para expulsarlos de la sala. Ninguna de las advertencias de Julio Álvarez tuvo consecuencias". Mariano Fidalgo (20-XII-1995) escreveu novo artigo de opinião do mesmo teor que o anterior sobre aqueles acontecimentos no pleno municipal.

92). Também a Agal publica, em Novembro, as *Actas* do IV Congresso Internacional, celebrado 3 anos antes, em que se incluem os trabalhos sobre a poesia de Da Cal defendidos por Gladstone Chaves de Melo (pp. 233-240) e Henrique da Costa (pp. 241-251)[18]. Aos 22 de Dezembro, as Irmandades da Fala de Galiza e Portugal apresentaram (Gil Hernández et alii, XII-1997: 97-100) "queixa-crime contra o Conselheiro de Cultura e contra o Director Geral de Promoção Cultural do Governo da Junta de Galiza, Jesús Pérez Varela e Homero Pérez Quintana", pela denegação de subsídio para editar as *Actas* do Congresso que organizaram em Setembro do ano anterior, em homenagem a Da Cal. A Conselharia respondera em ofício de 16 de Dezembro e justificava a decisão pela não utilização do "galego normativo".

No Verão, a Real Academia Galega acordou dedicar o Dia das Letras Galegas de 1997 a Anxel Fole. Isso provocou numerosas referências sobre o produtor lucense, e nelas (Sem Autor, 9-VIII-1996: 6) aparecerá Da Cal, reivindicado em Quiroga. Nessa vila, na revista *Don Camilo* recolhe-se entrevista onde (Sem Autor, 18-VIII-1996): "Díaz Pardo también recomienda a los quirogueses que organicen algún acto o iniciativa en memoria del poeta y escritor Ernesto Guerra da Cal, una destacada figura de la cultura gallega".

Na comunicação social emergeu para a actualidade ao ser indigitado com destaque, ao pé de Cunqueiro, Blanco Amor e Bouza Brey, ao referenciar (Gómez, 11-I-1996) o movimento literário do neotrovadorismo; em artigos de Xosé Vázquez Pintor (11-IV-1996), que o reivindica como nome importante para o relacionamento Galiza-Portugal; ou Fernández del Riego (1-XI-1996), que o refere como uma das principais figuras da cultura galega na diáspora. Por causa de notícias respeitantes a García Lorca é citado numa entrevista com o docente Luís Pérez Rodríguez (Blanco, 25-I-1996: 6), e com ensejo de uma exposição (Vilas, 1-VIII-1996) sobre o produtor granadino e os SPG.

[18] Existem curiosos paralelismos nestes dois artigos. Ambos valorizam Da Cal, mas enquanto Melo dá por feito que se trata de uma figura suficientemente conhecida para o auditório, Da Costa insiste em considerá-lo de desconhecido. Também os dois se referem à colaboração nos SPG, de maneira diferente. Dois trabalhos, em todo o caso, do maior interesse para difundir a poesia de Da Cal, mas incluídos numa publicação muito periférica e que apenas teve impacte mais que para os membros da Agal e para alguns estudiosos do exterior interessados no reintegracionismo.

Nesse ano começa a publicar-se em vários fascículos e volumes uma *Historia da Literatura Galega* pela editora A Nosa Terra, dirigida por Alberte Ansede e Cesáreo Sánchez Iglesias, pessoas de referência do Campo da Cultura, do BNG. Está redigido na normativa de ILG-RAG, a que começavam a aderir muitos sectores do grupo nacionalista, que com anterioridade tinham defendido outras opções, de teor reintegracionista. Nesse repositório, editado com fundos da Comissão das Comunidades Europeias, e que visava arvorar-se em referência para influir no ensino com novos elementos reportoriais, não haverá qualquer referência a Guerra da Cal.

Em Janeiro de **1997**, a *Agália* publica os trabalhos defendidos no congresso internacional "Identidade cultural e cooperaçom transfronteiriça. O exemplo de Galiza-Portugal Norte", celebrado em Vigo dos 7 ao 9 de Dezembro de 1995. Da Cal aparece indigitado no trabalho de abertura desse número da revista como o primeiro que, da parte galega, após 1936 (Alonso Estravis, I-1997: 139) "defenderam a necessidade de chegar a uma unidade ortográfica, entre eles alguns hoje furibundos antilusistas"[19].

Também regressa para a actualidade em trabalhos sobre outros produtores galegos, como os dedicados a García Lorca (Valcárcel, 8-III-1997, que discrepa com Luís Pérez da génese dos SPG; Lombardero, 16-V-1997, com ensejo de uma exposição em Lugo; Alonso Montero[20], 13-VI-1997 de novo sobre os SPG); Á. Fole, por causa de se lhe ter dedicado o Dia das Letras Galegas (Sem Autor, 27-III-1997: 7; Fernández López: 1997: 3, que em Agosto, na revista *Don Camilo*, editada em Quiroga, lembra a homenagem a Fole na vila, e refere-se a uma conferência de Celia Díaz Núñez, quem manifestou que "temos máis autores que o merecen como son Eduardo Moreiras ou Ernesto Guerra da Cal"); ou V. Paz-

[19] Como em outros trabalhos, também neste lugar Alonso Estravis cita Ramón Piñeiro como "promotor de que se fizesse uma obra conjunta das literaturas portuguesa, brasileira e galega, sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho", em referência ao DLPGB, o que deve ser uma confusão com o próprio Da Cal.
Também no seguinte número da revista, publicado por volta de Março, Da Cal é aludido como um (Barbosa, III-1997: 397) "autor arriscado" que optou no tempo do franquismo "polas formas históricas galegas e a filosofia do achegamento ao galego do sul".

[20] Em 19-XI-1997 a Real Academia Galega valorizou uma proposta de dedicar a Lorca o Dia das Letras Galegas do ano seguinte, segundo testemunha Alonso Montero (1998a: 7), como "autor 'literario' dos *Seis Poemas Galegos* (1935)", uma proposta que, acrescenta "acolleu algunhas importantes adhesións", mas não prosperou; assinalando que no entanto Lorca estaria presente nos fastos do 17 de Maio do 98 pois seria rememorado como em 1932 em Compostela "interpretou ó piano e cantou cántigas populares e cantigas medievas, as de Martín Codax, concretamente".

Andrade[21], ao se comemorar o décimo aniversário da sua morte, e ao existir a expectativa de que lhe fosse dedicado o Dia das Letras Galegas do ano seguinte (entre os actos organizou uma homenagem a Agal, referenciada em Sem Autor, II-1998: 244; também se publicou um epistolário de Paz-Andrade, que inclui duas cartas [Portela Yáñez / Díaz Pardo, 1997]: uma de Paz Andrade a Da Cal, de1969; e outra de Da Cal a Paz Andrade, de 1986, a primeira reproduzida segundo a cópia conservada no espólio de Paz-Andrade, e a segunda fac-similarmente).

Nesse ano, (Sem Autor, 23-VII-1997) o BNG de Quiroga comemorou o Dia da Patria Galega com uma palestra sobre Da Cal, proferida por Xosé Estévez, e subordinada ao título "Un paraíso da memoria".

Em **1998**, com ensejo da comemoração do centenário de Federico García Lorca, Da Cal será assinalado em diferentes trabalhos pelo seu relacionamento de amizade com o produtor andaluz e pela génese dos SPG. Assim acontece em contributos de Valcárcel (5-I-1998 e 5-VI-1998), Somovilla (15-I-1998: 74, uma entrevista com Ian Gibson, intitulada com destaque "Sin Guerra da Cal no existirían los poemas gallegos"), Ponte Far (16-II-1998: 5, num suplemento orientado para escolares galegos), Prieto (28-V-1998), Fonte (6-VI-1998), Casas (7-VI-1998), Alonso Montero (14-VII-1998; 17-VII-1998, num trabalho de rememoração de Serafín Ferro; 27-XI-1998), Paz Gago (14-VII-1998), e outros Sem Assinar (28-III-1998: 48; 16-VI-198: 43, e 6-XII-1998).

Aos 13, 14 e 15 de Julho celebrou-se o congresso *Garcia Lorca em Galiza. Garcia Lorca, poeta en lingua galega*, organizado pela USC na Faculdade de Filologia. Com tal ensejo editou-se um volume com textos e documentos, preparado por Xesús Alonso Montero e pelo docente de ensino secundário e investigador Miro Villar, em que Da Cal tem protagonismo ao se reproduzir (pp. 31-32) a carta de 15 de Dezembro de 1949 a Eduardo Blanco Amor, em que fala da colaboração com Lorca para a elaboração dos SPG; bem como a versão (p. 42) de "Velha cantiga", frisando-se a procedência de APCR; e mais a (pp. 65-67)

[21] Também no número 51 da *Agália*, dedicado em homenagem a Paz-Andrade, encontram-se referências ao relacionamento Da Cal-Paz Andrade nos trabalhos de Henríquez Salido (V-1998:275-286) e Montero Santalha (V-1998:287-296). No último número da *Agália* correspondente a 1997, mas publicado só em Julho de 1998, o 52, encontra-se nova referência a Da Cal, esta vez num estudo da professora portuguesa Maria da Assunção Morais Monteiro (sobre o nome certo da pesquisadora ver Monteiro:1998:256), que se ampara no tomo primeiro da BQ para um trabalho comparatístico entre as *Viagens* de Garrett e *Os Maias* de Eça e para salientar que *Os Maias* era, para Eça, a única das suas produções susceptível de uma boa encenação.

.

"Pavana Ritual para um Poeta Assassinado. (Granada) 1936", indicando ser tradução de Da Cal do poema de D. C. Warnest. Parece começar a assumir-se a privilegiada participação de Da Cal nesse produto.

De 30 de Novembro a 5 de Dezembro, a Câmara Municipal de Ourense promocionou um conjunto de actividades com ensejo do centenário do nascimento de Lorca, em que também se honraram Eduardo Blanco Amor e Da Cal, com ensejo da participação dos três nos SPG. Da Cal foi especialmente lembrado por Franco Grande, quem (Sem Autor, XI-1999:492[22])

> reivindicou, além da obra de Federico, a obra de Ernesto Guerra da Cal, escritor e investigador com quem a Galiza tem umha enorme dívida, um escritor silenciado na Galiza e que, significadamente, é um dos grandes vultos da língua e da cultura galego-portuguesa.

Também a presidenta da Agal, Henríquez Salido, (Sem Autor, XI-1999: 493), destacou Da Cal, que recebia assim a primeira homenagem promocionada por instituições públicas na Galiza, com ensejo de se falar também de outras duas figuras, sem ser ele o centro.

No volume *Homenaxe a Eduardo Blanco Amor*, patrocinado pela Câmara Municipal de Culleredo, inclui-se o trabalho de Luís Pérez Rodríguez "E. Blanco-Amor e F. García Lorca", em que se ocupa da composição dos SPG, e refere ter-se entrevistado em 14 de Agosto de 1992 com Da Cal em Londres, concluindo (Pérez Rodríguez, 1998: 52) "se Guerra da Cal era o incitador da súa escritura, Blanco-Amor convertíase no incitador da súa publicación".

A Câmara Municipal de Santiago de Compostela editou *Os poetas de Galicia cantan a García Lorca*, sob coordenação de Xesús Alonso Montero, que reproduz fac-similarmente a HFGL, segundo o exemplar enviado para ele, frisando ser o único poema em inglês e português. **A Real Academia Galega** publicou um volume sobre os três poetas medievais a que se lhe dedicara aquele ano o Dia das Letras Galegas: Martin Codax, Meendinho e Johan de Cangas, preparado por Xesús Alonso Montero, que inclui (Alonso Montero, 1998a: 131-134) reprodução de parte do estudo de Da Cal sobre a literatura medieval difundido em 1958 no

[22] Recolhida a notícia na revista *Agália* do Inverno de 1998, só publicada em Novembro de 1999, num instante em que a revista levava já especial demora. Nessa informação indica-se que na organização do acontecimento participaram também a Deputación Provincial de Ourense, a Universidade de Vigo e a própria Agal. No cartaz anunciador dos actos figuram os nomes dos três homenageados.

volume de homenagem a Otero Pedrayo; e reproduz (Alonso Montero, 1998a:145-146) o poema de Da Cal sobre Meendinho de FI.

Da Cal será indigitado (Gómez, 2-I-1998:38) entre os "renovadores da nosa literatura" por **Xosé Manuel Maceira, estudioso do exílio** galego. **C[arme] Vidal (2-VII-1998) noticiou com destaque em *A Nosa Terra*** do volume de homenagem da Universidade de Coimbra (ver infra), intitulando "Ernesto Guerra da Cal, a ponte máis sólida entre Galiza, Portugal e Brasil". Num artigo sobre Rodrigues Lapa e a Galiza, Isaac Alonso Estraviz, ao se referir à polémica com ensejo do trabalho sobre a recuperação literária do galego, de 1973[23], testemunha que (Alonso Estraviz, XII-1998: 11-12) "[Ramón] Pinheiro foi partidário de uma ortografia comum com o português. Ele mostrou-me com orgulho os livros de E. Guerra da Cal: LAM e RST num primeiro intento de adaptação ortográfica", bem como os primeiros fascículos do DLPGB. Nessa revista reproduz-se fac-similarmente (p. 126) uma carta de José Gonçalo Herculano de Carvalho à presidenta da Agal, Maria do Carmo Henríquez Salido, em que o Professor português anuncia o envio de um trabalho intitulado "Contribuições para a História da Língua Galaico-Portuguesa" e propõe que "acrescente, à cabeça, as palavras *À saudosa memória do meu querido amigo Ernesto Guerra da Cal* amigo que foi, e para sempre continuará sendo essa figura excelsa da cultura comum de Aquém e Além Minho"[24]. Documenta-se assim mais um relacionamento com um outro vulto português, que também oferece a maior valorização para o trabalho e a personalidade de Da Cal.

Em 2 e 3 de Março de **1999**, no Centro Cultural Caixavigo homenageou-se o quadragésimo aniversário da edição de LAM[25], organizado pela Agal. Participaram Joám Bernárdez Vilar, escritor e pertencente ao quadro de pessoal de Caixavigo; Óscar Díaz Fouces e Henríquez Salido, da Universidade de Vigo; José Luís Rodríguez, da USC; e Xosé Luís Franco Grande, da Real Academia Galega,

[23] Neste ano publicou-se a quarta edição do estudo de Francisco Rodríguez *Conflito lingüístico e ideoloxía na Galiza*, em que mantém os mesmos pressupostos que na primeira edição de 1976 (ver supra) contra as teses exprimidas por Rodrigues Lapa no trabalho de 1973, em que as qualificava de (Rodríguez, 1994: 49) "falsa alternativa", no entanto admitir que (Rodríguez, 1998: 48) "desde unha perspectiva lingüística, galego e portugués son a mesma lingua".

[24] Embora se anuncie a publicação dos seus textos para próximos número, não será realidade esse contributo.

[25] A efeméride também foi lembrada no jornal *La Voz de Galicia* no artigo (Gómez, 26-X-1999) "*Lua de Alén Mar*, regreso tras cuatro décadas", um contributo inserido na sequência da polémica na imprensa na altura sobre a normativa ortográfica do galego (ver infra).

também relacionado profissionalmente com Caixavigo[26]. Ao mesmo tempo que lembrava aquele poemário, pioneiro na após-guerra para o reintegracionismo, a Agal valia-se de Da Cal para tentar ultrapassar a marginalidade periférica a que a condenava a política autonómica, e emerger nos meios de comunicação, quebrando o silenciamento[27].

As homenagens lorquianas de 1998 continuam a favorecem novas referências a Da Cal (Pallas, 22-I-1999: 41, uma entrevista em que mais uma vez Ian Gibson defende a sua participação nos SPG; e Sem Autor, 2-II-1999, sobre o livro editado pelo Concelho de Compostela com composições de homenagem de produtores galegos).

Será reivindicado em diferentes ocasiões na cidade do Ferrol (Vilanova, 2-III-1999, com ensejo de uma geminação com Vila do Conde [ver infra]; R. C., 15-V-1999: 45, defende que se lhe dedique o Dia das Letras Galegas; Sem Autor, 26-VIII-1999: 35, Vilanova, 27-VIII-1999 e Sem Autor, 5-XI-1999: 46, com ensejo de materiais no espólio de Rubia Barcia cedido à cidade; Sem Autor, 28-VIII-1999: o relator municipal de Cultura, Bonifacio Borreiros, anuncia para o ano 2000 uma homenagem a Da Cal; e Alcalá, 12-X-1999, em artigo em que se refere a ele como "ferrolán novaiorquino ao que a cultura portuguesa debe a presencia de Eça nos entornos literarios e universitarios anglosaxóns").

Na USC organizou-se de 16 a 18 de Março um congresso internacional sobre os escritores do exílio republicano, em comemoração dos 60 anos do início desse acontecimento, em que colaborou o Grupo de Estudios del Exilio Literario (Gexel) da Universitat Autònoma de Barcelona. A presença de Da Cal, segundo as *Actas* desse encontro, estivo em dois dos trabalhos: o da professora Matilde Albert Robatto (1999: 237-247), da Universidade de Porto Rico, em que se centrou no posicionamento de Federico de Onís em favor dos republicanos, em que citou o estudo de Da Cal (1964) dedicado a quem foi o seu professor e orientador na

[26] A Agal distribuiu no acto uma breve nota biográfica de Da Cal em que, além de salientar alguns dos principais acontecimentos e ressaltar a pertença como membro de honra à Agal finalizava indicando que (Sem Autor, XI-1998: 497) "visitou a cidade de Vigo em várias ocasions, onde residia e reside o seu grande amigo, o escritor José Luís Franco Grande".

[27] A actividade foi noticiada por *Faro de Vigo*, que pôs em destaque (Sem Autor, 3-V-1999: 8) "la catedrática Maria do Carmo Henríquez relató la concepción que tenía el escritor de la lengua como la principal seña de identidad de un pueblo, 'la lengua limpia de toda contaminación castellana, es decir la lengua gallego-portuguesa, que es lo mismo que pensaba Castelao y Otero Pedraio'. En este sentido recordó cómo para él Lisboa era la ciudad que le llenaba, pues era en donde el gallego se realizaba con mayor naturalidad y pureza". Esta notícia foi reproducida no número 56 da *Agália* (Sem Autor, XI-1998: 496).

NYU; e mais intensamente num estudo de Miguel Longo Formoso (1999a: 421-438)[28] sobre Serafín Ferro, em que se ampara como uma das principais fontes sobre esse produtor no trabalho de Da Cal (25-IV-1985) publicado em *A Nosa Terra*, bem como na referência que lhe faz na APCR, e cita o poema que lhe dedicou segundo a versão incluída em LAM-RST. Também lembraram o seu contributo X[osé] L[uís] Axeitos, Isaac Díaz Pardo e Franco Grande (16-III-1999), num monográfico do jornal *La Voz de Galicia* respeitante ao exílio, publicado com ensejo desse congresso na USC. Franco Grande escreve o artigo "Os dous exilios de Guerra da Cal", em que refere o relacionamento de anos entre os dois, salienta o seu trabalho científico e literário, e valoriza (Franco Grande, 16-III-1999):

> O seu obrigado exilio nos EE UU encheuno cun denso labor de scholar, de difusor das culturas galega e portuguesa, que para el eran unha, xunto coa brasileira, con traballos de investigación imprescindibles. E no seu exilio voluntario en Estoril, con breves parénteses en Londres e nos EE UU, creou unha obra poética que, estou certo, co tempo haberá de ser valorada.
> Por unhas e por outras cousas, con Ernesto Guerra da Cal perdimos un referente para este país, que non anda sobrado deles. Vivindo anos e anos nunha Galicia tan poética como irreal –a da súa infancia en Quiroga, no val do Sil–, e lonxe das raíces nutricias, foi en certa maneira, como el mesmo dixo nun dos seus máis fermosos poemas, fillo perdido da súa nai e mozo arrincado da súa terra.
> Co seu primeiro libro de poemas inicia o emprego dunha grafía entre histórica e portuguesa actual. E andando o tempo decídese de cheo pola segunda, concordando con Rodrigues Lapa en que por ese camiño virá a salvación do galego como lingua de cultura. En dous libros seus –*Futuro Imemorial* e *Homenagem a Rosalia*– deixou por escrito as súas convicción sobre a súa grafía ideal.

Franco Grande[29] refere a relação epistolar e a amizade com ele, indicando que "Nin a máis viva memoria pode enche-lo baleiro da súa ausencia"[30]. Da Cal e o

---

28 Este mesmo trabalho, acrescentado com outros materiais que tentavam dar visibilidade à produção de Ferro e a pessoas como Da Cal que se tinham ocupado dele, foi incluído esse ano numa outra publicação de Longo Formoso (1999b), que reproduz os trabalhos de Da Cal. Longo Formoso segue a tese de Alonso Montero sobre os SPG, e esclarece o nome de Da Cal após a sua nacionalização nos EUA.

29 No mesmo jornal, este produtor publica artigo intitulado "Portugal, tan preto e tan lonxe", em que afirma (Franco Grande, 28-IX-1999): "desaparecidos os homes de *Nós* nunca máis houbo un movemento amplo de irmandade de dúas culturas tan afíns, que para moitos son só unha. Guerra da Cal puido sé-lo grande aglutinante dunha nova idea de comunidade portugalega, como el dicía; pero está claro que, ou ben a idea que tiña desa comunidade, ou ben a posta en práctica da súa idea, ou as dúas cousas xuntas, non callaron máis alá de sectores marxinais, tanto nesta banda do Miño como na outra banda do sul. Penso que isto é así por máis que quixera que non fose". Franco Grande refere-se nesse artigo ao desconhecimento mútuo existente entre a Galiza e Portugal, concluindo que os tempos estavam a mudar "e neste caso penso que para ben. Porque coido que Galicia vai camiño de ir formando con Portugal, ó menos co Norte, unha unidade económica e social tan interrelacionada, tan interdependente e con características tan propias que,

produtor literário, jornalístico, artístico e empresarial Luís Seoane são os vultos mais valorizados nessa publicação, que difundia o conhecimento do exílio galego.

Aos 9-X-1999 Da Cal volta de novo na actualidade galega (Sem Autor, 9-X-1999: 82 e Alonso Montero, 15-X-1999:17) com ensejo da morte de **Anne Marie Morris**. O seu estudo sobre o tratamento do mar nos **produtores medievais galego-portugueses** é referenciado (Polin, 1999) com ensejo de se dedicar a efeméride do "Día das Letras Galegas" a Meendinho, Martim Codax e Joham de Cangas. No último trimestre o seu nome aparece também várias vezes citado com ensejo da **polémica nas páginas da imprensa galega a respeito da ortografia do idioma galego**. Dois acontecimentos serão detonantes do cruzamento de opiniões, que volta a primeiro plano o velho debate sobre a língua: o facto de o deputado Camilo Nogueira, do BNG, utilizar o galego no Parlamento Europeo, e o ter-se referido Carlos Casares, presidente do Conselho da Cultura Galega e nome central dos defensores da normativa oficializada desde as instituições autonómicas, que essa ortografia resultava (Barral, 3-IX-1999; Vidal, 30-IX-1999) "extravagante". A polémica alastrou sobretudo desde o 6-X-1999, após a publicação, com destaque, nas páginas de opinião do jornal *La Voz de Galicia* do artigo de Elias Torres "O futuro do galego", que provocou respostas e contrarréplicas até aos inícios do ano seguinte. Da Cal aparece aludido como modelo v. gr. em artigos de Reimunde, 21-X-1999; Porto, 14-X-1999; Posada, 30-X-1999; Penabade, 13-X-1999, ou o já referido trabalho de Gómez 26-X-1999.

Nos finais de ano a USC publicou dois volumes[31] de homenagem ao Professor Alonso Montero. Da Cal é objecto central de dois trabalhos: um de Xosé Manuel Dasilva, professor de tradução galego-português da Universidade de Vigo, quem se vale da APCR para o estudo da tradução da produção de Rosalia de Castro para português: defende a necessidade de traduzir os textos galegos para português e valoriza muito positivamente o volume dacaliano, afirmando ser (Dasilva, 1999: 386) "exemplo sobressalente" desse labor, bem como "um capítulo decisivo na recepção de Rosalia além-Minho, e até da sua difusão internacional, constitui um

ó mellor, polo camiño da economía vaise producir unha integración real, na que os homes da cultura fracasaron".

30 No final de ano, e nesse mesmo caderno jornalístico, Da Cal será de novo referenciado entre as figuras do exílio num artigo sobre o asunto de Fernández del Riego (7-XII-1999: 5).

31 A controvérsia pela ortografia da língua da Galiza influi nestes volumes, com uma polémica ao entregar os seus trabalhos segundo a normativa da Agal os professores da USC Carlos Quiroga, Elias Torres Feijó e José António Souto Cabo.

vestígio assinalado de renúncia a alguns traços inerentes à língua de partida para ser aceite uma obra literária em Portugal, o que não deixa de supor, em último termo, uma acção traslativa para português". Julga de (Dasilva, 1999: 38n) "testemunho zombeteiro" a afirmação dacaliana de que autorizava algum fanático galego, ao haver, dizer que tinha traduzido Rosalia, e valoriza que a acomodação que fez dos poemas galegos para português (Dasilva, 1999: 388) "chega a equivaler, ao menos, a uma certa forma de tradução para evitar o risco de espantar os leitores portugueses e facilitar o sucesso de Rosalia". No mesmo volume Andrés Pociña, da Universidade de Granada, estuda o conceito de saudade em Ramón Cabanillas e Teixeira de Pascoaes e referencia o verbete de Da Cal no DLPGB em que se ocupa da saudade.

Nesse ano 1999 publica-se a *Historia da Literatura Galega* de Dolores Vilavedra, em que não é estudado Da Cal: esta ausência nesta obra da professora da USC, em que sim se incluem outros produtores reintegracionistas, é outra evidência de como se pretende excluir Da Cal do campo literário galego, sem atender a sua produção literária e de estudos literários.

No ano **2000** o Parlamento de Galiza e a USC editam em dois tomos a homenagem a Carvalho Calero que começara a preparar a Agal em vida de Da Cal, e que esta associação finalmente não pudera levar para a frente. No primeiro dos volumes publicam-se, fac-similarmente, o ***Ramalhete de Poemas Carnais***[32] que ele tinha enviado como contributo para esse repositório. O professor José Luís

[32] Dedica Da Cal este produto " 'In Memoriam' de Ricardo Carvalho Calero Velho Amigo e grande poeta amatório". Trata-se de uma colectânea de sete composições, que se iniciam com uma epígrafe geral (Da Cal, 2000: 73) de Rad Calaguer, e que se encontram com a seguinte disposição:

I-"Esfinge": datada no "Estoril, Primavera 1990", p. 74.

II-"Fado chorado sobre um amor passado": com epígrafe de Jorge Luís Borges, "Estoril, Janeiro 1989", p. 75.

III-"Desencontro", com epígrafe de "Copla popular andaluza", "Londres 6 de Outubro 1990", p. 76.

IV-"Eucaristía Sacrílega": com epígrafe de Camilo Pessanha, "Nova-Iorque Abril 1977", p. 77.

V-"Nudez Muda" (Soneto desnorteado), "Estoril. Alta Noite. 14 de Setembro 1987", p. 78.

VI-"Imago Floris" : dedicatória "Para Lena Koruma, flor de Dai Nippon –na Quarta Dimensão do Sonho"; epígrafe de Néstore d'Alguecarra; "Londres 1 de Agosto 1990", p. 79.

VII-"Bombardeamento (Barcelona, 1938)": "Londres: Fevereiro, 1992".

A relação sexual é o nexo comum destas sete composições, em que se encontram fortes imagens e a demonstração de um domínio no uso da metáfora e recursos linguísticos e estilísticos. Em todo o caso, observa-se uma intenção de ultrapassar os límites, de tentar ir além do poema amoroso habitual introduzindo elementos muito impactantes, sobretudo as alusões a depois da morte e reivindicando a singularidade e um reconhecimento pelo trabalho literário. Uma procura ciente, pois, por um produtor que sabia muito bem pelos seus estudos e experiências que essa singularidade, esse trespassar-os-limites podia ser um caminho para com efeito atingir a canonicidade.

Rodríguez, da USC, como compilador e editor refere-se a ele valorizando-o como (Rodríguez, 2000: 24) "amigo e conterrâneo de D. Ricardo, personalidade projectada e realizada, como nengumha outra galega, nos vastos horizontes da lusofonia (e da lusofilia) além-minhota"[33]. Nesse mesmo tomo é aludido em estudos de Alonso Montero (2000: 94) sobre os testemunhos da participação de produtores literários galegos na Guerra de Espanha de 1936; e de José Luís Fontenla, que o lembra (Fontenla, 2000: 538) como presidente da Comissão Galega do Acordo Ortográfico.

Com o apoio do Concelho do Ferrol, a associação cultural Medúlio reeditou a homenagem a Carvalho Calero que publicara em 1982, acrescentando novos materiais e revisando actualizando outros, e de novo aparece (pp. 33 a 35) o poema de Da Cal, de homenagem a Pedro Pardo de Cela, que dedicara a Carvalho Calero.

Tem presença de Da Cal nos meios de comunicação nos inícios de ano (Gómez, 6-I-2000; Durão, 20-I-2000) com ensejo da morte de Jenaro Marinhas del Valle; ou com ocasião de se noticiar da cessão do espólio pela família de Rubia Barcia ao Liceo Rubia Barcia de Ferrol (Sem Autor, 6-III-2000: 9, indicava que se estavam a catalogar os fundos cedidos, entre eles materiais de Da Cal)[34].

Na *Agália* é valorizado como precedente do reintegracionismo num trabalho do vice-presidente da Agal, Luís Gonçales Blasco (III-1999)[35]. A Agal editou o volume de Carlos Garrido e Carles Riera *Manual de Galego Científico*, que tentava ser uma alternativa ao léxico científico vigorante na Galiza, com perspectiva do Reintegracionismo, e que leva como dedicatória "Ao saudoso professor Ernesto Guerra da Cal, que nos dixo, num lúcido entardecer lisboeta, que o galego dispunha já até de gíria militar...". A dedicatória é com certeza de Carlos Garrido, que se refere ao encontro celebrado em Lisboa em Junho de 1994 por ele e outras pessoas da Galiza com Da Cal e a esposa Elsie (ver supra).

---

[33] Nessa parte do estudo, ao indicar que uma das composições não era inédita, indica-se que tinha sido publicada num número da revista *Agália* dedicado como homenagem a Da Cal (Rodríguez, 2000: 24n) "falecido havia pouco (4 de Julho) em Lisboa", confusão na data da morte.

[34] Na imprensa, Da Cal é indigitado (F[rancisco]. A[lbo]., 14-V-2000: 45) entre os produtores da comarca lucense de Lemos com maior presença na Internet.

[35] Inicialmente, e segundo se assinala, foi publicado na revista *Informaçom Obreira*, porta-oz de um grupo independentista, com ensejo da celebração do Dia da Pátria Galega, em 25 de Julho de 1998. A revista, clandestina, de distribuição muito restrita, não pôde ser consultada na sequência das pesquisas realizadas para o presente trabalho.

As comemorações em Portugal da morte de Eça de Queirós faz que ecoe com ensejo (Sem Autor, 4-VIII-2000: 43) da convocatória do premio internacional de ensaio Guerra da Cal (ver infra), ou assinalando-se ser (J. G., 16-VIII-2000: 44) "el máximo especialista en la investigación sobre el narrador, a quien dedicó miles de páginas de investigación".

Esse ano Galaxia editou um epistolário de Ramón Piñeiro a Fernández del Riego, em que Da Cal se encontra mencionado em 13 epístolas, datadas entre 1957 e 1963, o tempo em que trava relacionamento com Galaxia e publica os dois livros com essa editora. As epístolas evidenciam a centralidade que representou Da Cal para o grupo nesses anos[36].

Aos 31 de Maio de **2001** aconteceu em Compostela (Afa, 1-VI-2001) o lançamento do poemário pôstumo de Da Cal, *Caracol ao Pôr-do-Sol*[37], publicado pela Agal. Foi apresentado pelo professor Carlos Quiroga, da USC, e mais por Joel Gômez. Quiroga valorizou (Afa, 1-VI-2001) "a estructura central dos seus poemas e a sua temática culturalista 'moi próxima se tivesemos que buscarlle un referente en Galicia a Carvalho Calero', bem como 'temas dunha sexualidade moi explícita para a época en que foron escritos'". Também se ressaltou dele o exílio e o facto de ser "pouco coñecido aínda que foi pioneiro en levar a poesía galega ata EEUU, Inglaterra ou Porto Rico". Da publicação do poemário informava-se dias

[36] Assim, aos 5-XI-1957 Piñeiro informa de ter recebido carta de Nova Iorque, em que Da Cal [Del Riego, 2000: 126] "me informa que van constituír de contado a Asociación de Amigos de Galaxia. Tamén acolle con entusiasmo a idea de colaborar no tomo-homaxe a Otero", como se lhe tinha solicitado. As outras epístolas têm data de 7-XI-1957, 3-IV-1958, 15-VII-1959, 11- VII-1959, 12-VII-1959, "Sem data", 12-I-1960; 18, 22 e 24-VIII1960, 14-IX- 1960, e 31-VIII-1963: nelas referem-se questões respeitantes à edição de produções de Da Cal, ao seu pendor para a confluência do galego com a ortografia portuguesa, aos encontros com ele na fronteira, ou à sua participação para favorecer apoios a Galaxia em Portugal.

[37] Trata-se de uma colecção de 63 poemas, distribuídos em 11 epígrafes, muitos deles publicados com antecedência. O volume leva um prólogo de Carlos Reis (pp. 7-9), intitulado "Ernesto Guerra da Cal e a poesia no crepúsculo da vida", em que define Da Cal de (Reis, 2001: 8) "espírito superior", assinalando ser a sua uma (Reis, 2001: 9) "poesia de superior cultura [...] pagou, com ela, o tributo de entrega, de persistência e de generoso empenhamento cultural que foi a sua vida, repartida pelo mundo e por apelos vários, não raro de sinal antagónico". No livro, mais uma vez um produto muito calculado, encontram-se temas recorrentes na sua produção (Deus, o tempo, o amor, os contrastes e contradições da existência, Galiza, a palavra, a morte...) e inclui contributos de Raguer Caldas, Rad Calaguer, D. C. Warnest, René G. du Regraastal, Ernest Limewar, Ernst Krieg von Kalk e Nestore d'Alguecarra. Na sobrecapa encontra-se a datação "Lisboa 1991", correspondente ao primeiro projecto de edição. O poemário está dedicado a Elsie Allen da Cal, contém numerosas epígrafes de produtores de diversos sistemas literários; os poemas estão datados em vários países (Brasil, Catalunha, EUA, França, Inglaterra, México, Noruega, Portugal) e entre 1938 a 1991. Também há dedicatórias a pessoas de vários países. No final do livro consta uma "Tabula gratulatoria", com 47 nomes de pessoas que contribuiram economicamente para a edição. Um estudo pormenorizado é o de Gômez (2004, ver infra).

depois em notícia que lembrava que a edição coincidia quando Da Cal (J. G., 24-VII-2001) "obtiene el máximo reconocimiento internacional por su labor investigadora".

O mesmo 31 de Maio, na Faculdade de Filologia da USC, teve lugar a defesa da Memória de Licenciatura (Fernández, 1-VI-2001; Albo, 5-VI-2001) *A produção queirosiana de Ernesto Guerra da Cal e o Polissistema Literário Português (Estudo de um duplo processo de canonização)*, de Joel R. Gômez[38], orientada pelo Professor Elias Torres Feijó. Os primeiros elementos dessa pesquisa foram difundidos (Gômez, 2001: 79-80) no volume *Do músculo da boca*, que recolhia contributos de diferentes produtores de vários países que no ano anterior participaram em Compostela no encontro *Galego no Mundo. Latim em Pó*, organizado com ensejo das celebrações na cidade por ter sido escolhida Capitalidade Europeia da Cultura sob coordenação geral de Elias Torres Feijó; volume editado pela Câmara Municipal de Santiago e pela USC, em que Da Cal se encontra aludido igualmente em contributos de Ângelo Brea (p. 18) e Henrique Dacosta (p. 61).

Em Ferrol foi lembrado com ocasião de uma geminação com Guimarães (Sem Autor, 16-II-2001: 13; ver infra); como representante das pessoas nascidas na cidade que (Sem Autor, 20-III-2001: 7) "destacaron polo seu compromiso con Galicia e a súa cultura'"; com ensejo do estudo do espólio de Rubia Barcia (Sem Autor, 8-XI-2001: 4); por causa de uma exposição sobre Eça de Queirós inaugurada no Ateneo de Ferrol em 26-XI-2001, organizada pela associação cultural da cidade (do âmbito do independentismo político) Galiza Solidária, de colaboração com o Instituto Camões e a Câmara Municipal (Zebral, 25-XI-2001; Sem Autor, 26-XI-2001, 27-XI-2001: 13, 28-XI-2001, 30-XI-2001a, 30-XI-2001b, 2-XII-2001, 4-XII-2001, 6/12-XII-2001 e 11-XII-2001, 12-XII-2001, 13-XII-2001)[39]. Em Dezembro lembrou-se (Sem Autor, 18-XII-2001) a efeméride do

[38] Na sequência da pesquisa para esse trabalho foi como surgiu a possibilidade de editar *Caracol ao Pôr-do-Sol*, que conservava Elsie Allen da Cal, sem esperança de o ver publicado após o fracasso da editora e a morte de Da Cal. Ao comentar a existência do poemário à presidenta da Agal, esta acolheu o projecto de edição sem reservas e agilizou a sua publicação. Foi também Gômez quem solicitou o prólogo de Carlos Reis.

[39] A exposição esteve acompanhada de um ciclo de conferências em que participaram como relatores António Gil Hernández, Martinho Montero Santalha, Xavier Alcalá e Joel Gómez. Também se celebrou um acto musical, em que participou Paloma Suanzes. Na inauguração da amostra intervieram o presidente da Câmara Municipal de Ferrol, Xaime Bello, do BNG; o director do Instituto Camões em Vigo, Manuel Barroso; e o presidente do Ateneo de Ferrol, Eliseo

90 aniversário do nascimento de Da Cal, numa informação que teve continuidade no dia seguinte com a reacção do vereador de Cultura, Bonifacio Borreiros, do PSdeG-PSOE, ao afirmar que a Câmara Municipal da cidade (Sem Autor, 19-XII-2001: 7) "tiene la intención de dar un giro de ciento ochenta grados al olvido que sufre en Galicia el poeta e historiador de la literatura Ernesto Guerra da Cal", e manifesta que "ha sido una de las grandes figuras de la Galicia del siglo XX, y que es necesario que su país reivindique su legado con la misma intensidad, como mínimo, que Portugal y los Estados Unidos de América"[40].

Num congresso internacional sobre o exílio galego celebrado em Santiago de Compostela entre os dias 24 e 29 de Setembro desse ano, sob coordenação de Xosé Manuel Núñez Seixas e Pilar Cagiao Vila, Da Cal será mencionado em diversos trabalhos, embora nenhum se dedique específico ao seu estudo. Este congresso pretendia ser o primeiro centrado no exílio galego exclusivamente, segundo esclarece Isaac Díaz Pardo (2006: 507) o editor das *Actas* do acontecimento, nas quais se encontram estudos que focam diferentes aspectos da produção dacaliana (ver infra, 2006, com ensejo da edição dos materiais do congresso).

Galaxia editou um epistolário de Rodrigues Lapa a Fernández del Riego, em que Da Cal se encontra aludido em várias cartas[41]. As informações fornecidas são do

---

Zaera, entre outras representações. No acto, Xaime Bello e Barroso referiram-se a Da Cal como (Sem Autor, 27-XI-2001: 13) "o mellor crítico e estudioso de Eça de Queirós". A respeito das intervenções no ciclo de conferências de Gómez, Montero Santalha e Alcalá ver Sem Autor, 4-XII, e 11-XII-2001: 15) Na véspera da inauguração da exposição, Alcalá publicou um artigo no *Diario de Ferrol*, em que se referia à colecção de livros que Sá da Costa publicara em Lisboa "en que tres grandes lingüistas coincidiron (Rodrigues Lapa, Carvalho Calero e Guerra da Cal", reivindicando-o assim como lingüista.

[40] Borreiros anuncia que encomendará "a un grupo de especialistas una investigación sobre la trayectoria vital de Ernesto Guerra da Cal, y potenciará, desde Ferrol, los intercambios con todas aquellas instituciones que trabajan, desde hace años, en la obra de quien universidades de ambas orillas del Atlántico consideran una de las máximas autoridades de todos los tiempos en el ámbito de la literatura comparada", acrescenta a informação. Da Cal começa a ser assumido como vulto principal da cidade natal, onde se salienta sobretudo o seu labor como pesquisador e estudioso da literatura, mas obvia-se o seu posicionamento sobre a língua da Galiza e o seu nacionalismo político. No entanto principia um maior reconhecimento e suscita-se um interesse por estudar a sua trajectória.

[41] Em concreto nas datadas em 15-XI-1958, 19-III-1960, 15-VIII- 1960, 27-III-1965, 29-IX-1973 e 22-I-1975. Nelas alude a questões como o interesse de Da Cal num acordo ortográfico para a língua portuguesa, em que participasse a Galiza; elogia LAM; aconselha Galaxia que peça mediação de Da Cal para conseguir apoios; informa da recepção da poesia dacaliana no Brasil, com o intuito de convencer o Grupo Galaxia do positivo da aproximação da cultura galega ao intersistema lusófono; interessa-se por Da Cal e Francisco Añón como produtores literários galegos que aprenderam o português; e informa de terem sido eleitos Da Cal e Otero Pedrayo membros da Associação Portuguesa de Escritores.

maior interesse para conhecer a trajectória dacaliana e o seu relacionamento com o Grupo Galaxia. A primeira das epístolas evidencia como Da Cal tinha já em 1958 a ideia de um acordo ortográfico conjunto da Galiza com o resto dos países de língua portuguesa; não foi, portanto, uma influência de Lapa nele, como por vezes se tem dito na Galiza. A última confirma a eleição na Associação Portuguesa de Escritores, ao igual que outras cartas assinaladas supra[42].

Da Cal foi lembrado por Xavier Alcalá aos 27 de Março no jornal *La Opinión A Coruña* numa entrevista intitulada "Valle Inclán copiaba a Eça de Queiroz": afirma ser Eça o seu produtor favorito e que "de él copiaba Valle-Inclán, como demostró Ernesto Guerra da Cal en su obra *Linguagem e estilo* y también hizo otro tanto Clarín". Aos 11 de Maio, o Instituto Camões comemorou em Vigo o centenário da morte de Eça de Queirós, com a inauguração de uma exposição e com uma conferência de José Valle Figueiredo (Sem Autor, 12-V-2001: 27) "que abordó la estrecha relación que el escritor mantuvo siempre con Galicia, auspiciada en gran parte por Valle Inclán y por Ernesto Guerra da Cal, que se encargaron de divulgar su obra".

Aos 17 de Novembro o pleno da Real Academia Galega rejeitava a reforma da normativa ortográfica proposta após alcançar um consenso especialistas das três universidades galegas, num processo promocionado pela Asociación Socio-Pedagoxica Galega[43]. Aquele documento tentava um maior achegamento da normativa ILG-RAG a soluções que aproximassem o galego do português, mas sem contar com participação do reintegracionismo. Semelhante decisão provocou controvérsia, com defensores e detractores, e mais uma vez aparecerá o nome de Da Cal colocado como modelo pelos reintegracionistas[44].

---

[42] É pena que faltem epístolas respeitantes aos anos de maior intensidade da polémica ortográfica, pois talvez nelas houvesse mais referências a Da Cal e à questão da língua da Galiza de interesse, mas não se esclarece o por quê dessa ausência: se por extravio das cartas ou por outros motivos, mas elementos das últimas epístolas de Lapa fazem pensar que existiram.

[43] A decisão foi acolhida com desilusão e decepção por muitos grupos que esperavam que prosperasse a anelada reforma, após (Vidal, C./ Estévez, A., 22-XI-2001) "Unha reunión tensa e unha saída silenciosa" segundo frisou *A Nosa Terra*, que informava de terem votado em contra Ferro Ruibal, Alonso Montero, Ramón Lourenzo e Luz Pozo e a favor Ferrín. Na capa desse jornal incluia-se uma fotografia do académico Constantino Garcia com Paulo González Moreiras e Xosé Antón Pombo Mosquera, dois altos cargos do Governo autonómico, que se opunha a que prosperasse aquela iniciativa de reforma. A imprensa informava que os académicos (Sem Autor, 18-XI-2001: 29) "consensuaron a permanencia da ortografia vixente".

[44] Assim aconteceu numa polémica nas páginas do jornal lucense *El Progreso*, que se iniciou com o artigo do jornalista Fernando Ramos (19-XI-2001) intitulado "Escribir como os

No ano **2002** Da Cal atingirá o reconhecimento da sua cidade natal[45] onde, em 12 de Abril, a Comissão informativa de Cultura ditaminou favoravelmente dar o seu nome a uma rua da cidade, o que acontecerá em 2006 (ver infra). Já nos inícios do ano foi memorado mais uma vez (Sem Autor, 4-I-2002: 17) com ensejo do seu 90 aniversário e do legado de Rubia Barcia (Sem Autor, 5-I-2002: 8) e como um dos principais laços (Sem Autor, 16-I-2002: 9) de Ferrol com Portugal. Foi indigitado igualmente como (Loureiro, 1-II-2002: 7) uma das principais figuras literárias galegas, por causa do ingresso de Xoana Torres na Real Academia Galega. Em Fevereiro anunciava-se (Sem Autor, 2-II-2002: 8) que a Colecção Tempo de Historia, da Câmara Municipal, lhe dedicaria um monográfico, lembrando que se tinham recuperado textos seus pelo historiador Roberto Casteleiro no espólio de Rubia Barcia cedido à cidade.

O boletim *Artábria Informaçom*, editado pela Fundaçom Artábria, anunciava que estava a preparar "desde o ano passado a ediçom dum novo caderno sobre a figura de Ernesto Guerra da Cal" e informava da homenagem celebrada em Dezembro no Ateneo de Ferrol com colaboração da associação Galiza Solidária, afirmando (Sem Autor, II/III-2002: 3):

> Temos que assinalar que neste encontro o representante do Instituto Camões [refere-se ao Professor Feio Barroso, representante em Vigo dessa instituição portuguesa] revelou que esta entidade vai criar a Cátedra ou Grupo de Estudos Guerra da Cal. A Artábria apoia esta iniciativa e já se dirigiu ao citado representante do Camões neste sentido. Aliás, a Artábria também apoiamos a iniciativa que visa o urgente reconhecimento institucional de Guerra da Cal, reconhecimento já por Nós solicitado há cinco anos, aquando a morte em Lisboa do ferrolá e que daquela foi rejeitado.

---

portugueses, só na desesperación", que incluia fortes desqualificações dos partidários da reforma da normativa ortográfica. Três dias mais tarde o mesmo diário publicava o artigo "Em português desesperado", do Professor Ramón Reimunde, em que também utilizava desqualificações para contestar Ramos, afirmando (Reimunde, 22-XI-2001): "Gostaria que me considerassem incluído entre os *pailanes ilustrados* que defenden o reintegracionismo, nessa honrosa lista encabeçada por Carvalho Calero e Castelao, com centos de nomes entre os que poderíamos salientar os Sarmiento, Feijoo, Pintos, Murguia, Pondal, Viqueira, Correa, Risco, Bouza Brei, Guerra da Cal, Jenaro Marinhas, Alonso Estravis, Montero Santalha, Rodríguez, Henríquez, Penabade...". Respondeu de novo Ramos (3-XII-2001), acrescentando novas desqualificações, e finalmente interveio Gonzalo Vázquez López (12-XII-2001) com um contributo intitulado "Ventosidades desesperadas" em que, se bem discrepava de ambos, reagia "en desacordo total" com Ramos e assinalava "cuestións estratéxicas ou de matiz" que o afastavam de Reimunde.

Para além desta polémica jornalística, diferentes grupos revoltaram-se contra a decisão da RAG e iniciaram de imediato pressões para conseguir que a reconsiderasse e assim se espelhou na comunicação social, v. gr. em informações sem assinar de 29-XI-2001 e 15-XII-2001: 17.

[45] O relacionamento com Quiroga também será lembrado no volume *A lagoa da memoria*, de Xosé Estévez, editado em Euskadi (ver infra).

Esta associação era o principal referente do Reintegracionismo na cidade, e movia-se no âmbito do independentismo político.

As cartas de Da Cal a Rubia Barcia, inéditas na altura, facilitadas pela viúva a Joel Gómez, são objecto de um novo trabalho na imprensa de Ferrol (Loureiro, 1-V-2002: 15), que lembra os dois exilados nos EUA como hispanistas e lusitanistas, amizades do cineasta Luis Buñuel. Nos finais de Maio, Da Cal, Rubia Barcia e Torrente Ballester alicerçam (Sem Autor, 25-V-2002: 2) "los lazos culturales entre Ferrol y Portugal", ao noticiar que a Universidade do Minho tinha anunciado à Câmara Municipal do Ferrol a intenção de apoiar a candidatura da cidade galega para ser declarada pela Unesco Patrimonio da Humanidade; como assim confirmará uma representação da instituição docente ao participar (Sem Autor, 16-VI-2002) nas "Xornadas Atlánticas" organizadas pelo Liceo Rubia Barcia.

Em Agosto, a revista *Ferrol Análisis*, do Club de Prensa de Ferrol, dedicava na capa e na parte central (pp. 61-132) homenagem a Da Cal[46]. Inclui treze trabalhos e elementos iconográficos valiosos[47]. Esses elementos, acrescentados, figuram no

[46] Trata-se do número da revista mais ambicioso dos publicados até a altura, ao incluir separata sobre o buque Galatea, emblemático para a cidade pelo significado que teve para as forças militares navais. O volume, de facto, para além de um multitudinário acto de lançamento em Ferrol, nos dias finais de Agosto, teve posterior apresentação em Madrid.

[47] São: "O brillante escritor na memoria", de Francisco Fernández del Riego (pp. 62-65); "Poesia de Ernesto Guerra da Cal posterior a 1962", de X. L. Franco Grande (pp. 66-69); "Despedida ao portugalego Ernesto Guerra da Cal, nosso amigo", de Joaquim Montezuma de Carvalho (pp.70-75); "Ernesto Guerra da Cal: Recuerdos entrañables", de Theodore S. Beardsley Jr. (pp. 76-77); "Resposta apurada a Ernesto Guerra da Cal", de Xavier Alcalá (pp. 79-81); "Un edén no Sil da memoria", de Xosé Estévez (pp. 83-84); "Ernesto Guerra da Cal: Um cientista e literato galego para o século XX", de Joel R. Gômez (pp. 84-87); "Ernesto Guerra da Cal, poeta galego", de Luís Gonçáles Blasco (pp.88-95); "Ernesto Guerra da Cal Poeta de Posguerra", de Armando Requeixo (pp. 96-99); "As poesías galegas de Federico García Lorca", de Luís Pérez Rodríguez (pp. 100-103); "Ernesto Guerra da Cal, *in memoriam*", de María Pilar García Negro (pp. 105-106); "Cartas de Ernesto Guerra da Cal a Otero Pedrayo", de Isabel Seoane (pp.106-113); e "Lembranzas dun amigo ilustre e un epistolario americano", de Xosé María Dobarro (pp. 114-125). Na continuação reproduz documentos como a "Partida de bautismo de Guerra da Cal" (p.126); cartas da viúva de Da Cal, Elsie Allen da Cal (p.127) e de Odón Betanzos Palacios (p.128) à Redacção de *Ferrol Análisis* com ensejo desta homenagem; três escritos de Joaquim Montezuma de Carvalho (um a Elsie Allen da Cal e dois a Xulia Díaz Sixto, directora de *Ferrol Análisis*, p.129).

Como iconografia encontram-se uma caricatura de Da Cal, realizada por Juan J. Veiga (p.62); várias fotografias dele só ou com diferentes pessoas (pp. 64, 66, p. 67, 68, 69, 73, 75, 79, 80, 89, 97, 100, 105); retrato de García Lorca (p. 77); reprodução do poema "Fuga", de Da Cal, datilografado e assinado por ele, tal como lho enviou em carta a Xosé Estévez (p. 83); reprodução das capas de vários produtos científicos e literários dacalianos (pp. 85, 86, 130, 131); reprodução dos poemas "Mariñeiro fusilado" (p. 91), "Pátria" (pp. 92-93) e "Preito mítico a D. Pedro Pardo de Cela" (pp. 94-95); dedicatória de García Lorca a Carlos Martínez Barbeito (p. 101); reprodução de "Danza da lua", de Federico García Lorca (pp. 102-103) e do autógrafo deste poema (p. 103); reprodução da parte inicial do poema "Pátria" com dedicatória para Pilar García Negro e Dobarro (p. 105); 8 cartas de Da Cal a Otero Pedrayo (pp. 106-112; nas duas últimas páginas aparecem

volume *Ernesto Guerra da Cal Lonxe da súa terra matricial*, editado pela Câmara Municipal do Ferrol em Dezembro "con motivo da homenaxe conmemorativa do seu nacemento" na cidade, segundo se assinala no cólofon do livro, editado pela "Concellería de Cultura" na colecção "Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria história"; consta de 223 páginas, diferenciando 176 de estudos e as restantes de documentação[48]. O coordenador destas publicações foi o professor X. M. Dobarro, da Universidade da Corunha, com colaboração de Luís Mera e Fernando Bores. Nos conteúdos salientam as referências ao relacionamento de Da Cal com Galaxia (Del Riego); uma elevada valorização como cientista (Gômez, Reis) e produtor literário (Franco Grande, Montezuma de Carvalho, Gômez, Gonçales Blasco, Requeixo, López, Seoane, Dobarro), evocação da amizade e destaque da sua personalidade (Montezuma de Carvalho, Beardsley Jr, Estévez, García Negro, Reis), o exílio (Montezuma de Carvalho), o seu labor como hispanista (Beardsley), queirosianista e lusitanista (Montezuma de Carvalho, Alcalá, Reis), ou especialista em Literatura Galega (Gômez, García Negro) e em García Lorca (Pérez Rodríguez, Escrigas) e actor (Beardsley Jr., Betanzos Palacios). É também assinalado como o (Alcalá, 2002: 42) "máis universal de todos os ferroláns, aquel cujo nome aparece máis vezes nos servidores de páginas electrónicas da rede de redes"[49]. Odón Betanzos-Palacios, Presidente da Academia Norteamericana de la Lengua Española, salienta que aos muitos méritos de Da Cal

---

também os poemas "Pergunta tola" e "Plegaria"; 9 cartas de Da Cal a José Rubia Barcia (pp. 118-124); capa de *Voz Fuxitiva* de Anne Marie Morris, do número 13 da revista *Nova Galiza* e mais reprodução de um desenho dedicado por García Lorca a Guerra da Cal (p.130); capa do número 39 da revista *Agália* (p. 131); e partitura inicial de "Desespero" (p.132).

[48] Começa com fotografias de Da Cal e com uma citação do poema de LAM dedicado a Paio Gomez Charinho, ao que segue como prefácio o texto "Lonxe da súa terra matricial", assinado por Bonifacio Borreiros, relator municipal de Cultura da cidade. Este político, do PSdeG-PSOE na altura, afirma que os trabalhos incluídos "dan idea dunha vida inserta nunha época que non é aventurado calificar de segundo Século de Ouro da Literatura Española". O volume inclui todos os trabalhos de *Ferrol Análisis*, e a maiores acrescenta "Oito cartas de Ernesto Guerra da Cal a Eduardo Blanco Amor", de Luís Pérez Rodríguez (pp. 89-110); "García Lorca y Galicia. Ernesto Guerra da Cal y Lorca", de Guillermo Escrigas, Marta González, Gloria López, Alfonso Mato, Charo Portela e Xosé Vizoso, do Instituto Galego de Información (pp. 111-112); "En ilustre compaña: os trobadores galego-portugueses na poesía de Ernesto Guerra da Cal" (pp. 117-128), de Teresa López; e "Evocação e Louvor de Ernesto Guerra da Cal", de Carlos Reis (pp. 129-132). Na documentação inclui trabalhos publicados em jornais galegos e portugueses sobre Da Cal; reproduz dois trabalhos de Da Cal (25-IV-1985 e VI-1994) publicados originariamente em *A Nosa Terra* e na *Agália*; e no final uma referência bibliográfica (pp.209-211), para finalizar com (pp. 217-221) uma currícula dos colaboradores. Também figura mais iconografia, entre a qual merece destaque uma nova caricatura, original, de Da Cal realizada por Juan J. Veiga (p.150). Em todos os trabalhos se valoriza positivamente e se reivindica a sua personalidade e a sua produção.

[49] O contributo de Alcalá está redigido em forma de carta e nele utiliza a normativa ortográfica da Agal.

(p. 182) “Habrá que agregar su decidida voluntad y acción en defensa de la libertad”.

Trata-se, pois, de um volume consagrador e em que se reivindica a figura de Da Cal desde diversos âmbitos, com contribuição internacional, mas voltado sobretudo para a Galiza. O relacionamento com diversas gerações da intelectualidade galega espelha-se através de cartas, produtos literários e o contacto directo que revelam as fotografias. A sua defesa da orientação favorável à confluência da língua galega com a portuguesa e o silêncio sobre a sua produção por parte de alguns estudiosos da literatura galega são outros assuntos também salientados; por mais que em certas valorizações galegas, de pessoas que defendem a orientação do Galego-Castelhano, se obvie o seu contributo e trabalho em favor do Galego-Português e se insista mais no seu labor queirosiano. Alguns dos trabalhos de contribuidores galegos, e na própria biografia incluída no final, têm erros, ausência de dados de relevo e confusões, que evidenciam até que ponto era, nesses inícios de século, insuficientemente conhecido. As lembranças de amizades (Montezuma de Carvalho, Beardsley, Betanzos, Reis) mostram-no como uma pessoa com uma conduta ética exemplar e de excelente carácter; muitos talentos; grande conversador, afável. O lançamento deste volume editado pela Câmara Municipal de Ferrol aconteceu aos 2 de Dezembro no Centro Cultural Torrente Ballester (Vilanova, 3-XII-2002: 15). Com tal ensejo foi organizada uma homenagem, em que ofereceu um concerto o Grupo de Metales Santa Cecilia (Sem Autor, 5-XII-2002: 2) para honrar Da Cal[50].

Em meados de Novembro publicou-se o estudo *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: um duplo processo de canonicidade na segunda metade do século XX*, de Joel R. Gômez, fruto do trabalho de pesquisa académica na USC (ver supra). A edição deste volume[51] suporá ocasião para difundir a produção de

[50] Ainda nesse ano, e com ensejo da edição, póstuma, de um produto literário de Antón Risco, é lembrado Da Cal (Sem Assinar, 4-XII-2002: 5) como “una de las grandes personalidades gallegas intelectuales que alcanzaron prestigio en todo el mundo a través de la docencia en universidades americanas”. O mesmo acontecerá poucos dias depois num artigo em que se põe em destaque a presença de Gabriel Rei-Doval, mugardês, em Oxford, onde ia pôr em andamento uma secção galega na livraria Blackwell’s, que dá pé a salientar a sua produção.

[51] Consta de 483 páginas mais 16 de Apêndice iconográfico, e inclui o texto prefacial “Guerra da Cal, Eças, e os valores da Naçom”, do Professor Elias J. Torres Feijó (pp. 7-12), director do Grupo Galabra e da pesquisa académica realizada na USC. O volume reproduz fac-similarmente textos de Machado da Rosa, Tomás Navarro, João Gonçalo de Amaral Cabral e Carlos Reis, e valoriza o contributo de Da Cal no queirosianismo, com análise dos estudos

Da Cal por Galiza, com ensejo das apresentações realizadas e notícias sobre o livro[52]. O lançamento teve lugar (Sem Autor, 27-XI-2002 e 29-XI-2002; Benito, 28-XI-2002, e ANT, 5/11-XII-2002) em 28 de Novembro no "VII Congreso Internacional" da "Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura", celebrado na Faculdade de Ciências da Educação da USC, e em que participaram o autor, Elias Torres e Aurora Marco. Nesse mesmo congresso de didáctica foi defendido um estudo de Joel Gómez (ver infra) sobre o poemário pôstumo de Da Cal, *Caracol ao Pôr-do-Sol*, em que se defendia que este produto representava a culminação de um projecto de internacionalização para a língua e a literatura da Galiza, pela maneira como estava concebida a sua organização e pelos elementos que integrava.

No tomo de Literatura do *Proyecto Galicia*, uma iniciativa enciclopédica da editora corunhesa Hércules que visava abranger os diferentes aspectos da cultura galega e que se promocionava com uma estratégia de márqueting muito intensa para ter presença em bibliotecas, instituições e domicílios particulares, são-lhe dedicados dois artigos a Da Cal: um, muito breve, (Rodríguez Fer, 2002: 103) a respeito da sua participação como produtor na Guerra de Espanha; e outro em que é assinalado (Raña Lama, 2002: 177-178) entre os representantes da "Generación

---

queirosianos anteriores a Da Cal, a novidade metodológica introduzida por LEEQ, as novas orientações posteriores no queirosianismo alicerçadas também numa metodologia textocentrista, a canonicidade de Eça e como por sua vez contribuiu para a consagração de Da Cal como cientista e para o seu reconhecimento literário; e os estudos queirosianos após a morte de Da Cal e como continuava a vingar nos finais do século XX, acrescentando a referencialidade com ensejo da convocatória, no ano 2000, do prémio de pesquisa "Professor Ernesto Guerra da Cal" patrocinado por instituções governamentais portuguesas, além de outros reconhecimentos com ensejo das comemorações do Centenário da Morte de Eça de Queirós. Revisita-se toda a produção conhecida de Da Cal sobre Eça, analisando como influiu nos estudos queirosianos e como foi modificando o discurso vigorante sobre o produtor português até configurar um novo Eça, e consolidar um duplo processo de canonicidade, que situou Eça no centro do CL português, como principal modelo narrativo; e a Da Cal no centro do CEL pelos seus contributos queirosianos. A perspectiva metodológica utilizada nos estudos de Torres e Gômez representam também o primeiro intento de esclarecer como aconteceu o processo de canonicidade através das valorizações de que foi objecto Eça, com o uso como guias das teorias do Polissistema de Itamar Even-Zohar e a do Campo Literário de Pierre Bourdieu, e as suas respectivas escolas. Na contracapa afirma-se que "O presente estudo mostra como Ernesto Guerra da Cal chegou a ser o cientista galego mais reconhecido internacionalmente, para além do poeta do século XX na língua da Galiza com maior destaque por parte da crítica literária especializada internacional, e o investigador que mais trabalhou polo conhecimento e difusom da Língua e da Literatura da Galiza no mundo".

[52] O livro foi anunciado (Sem Autor, VIII-2002: 25-26) na revista *Em Movimento*, publicação do Movimento Defesa da Língua, que se ocupava em duas páginas do conteúdo, com um resumo muito comprido, e anunciava a publicação próxima. Após o lançamento agendaram-se em Dezembro as primeiras apresentações públicas: em Ourense (Sem Autor, 13-XII-2002 e 14-XII-2002; e Rodríguez, Xosé Manoel, 14-XII-2002); Santiago de Compostela (Sem Autor, 20-XII-2002); Quiroga (Albo, 19-XII-2002; Sem Autor, 21-XII-2002; Lemos, 24-XII-2002).

de la República", e em que só se referenciam dele LAM e RST segundo as primeiras edições, salientando no primeiro dos volumes que a sua poesia "resulta unitariamente neopopular, monocorde. Sus composiciones contienen frecuentes enumeraciones de severa indolencia poética, donde, a veces, brilla alguna imagen surreal" e o "neotrovadorismo claramente diseñado"; e de RST conclui que "Se trata de una poesia de declamación realista exornada con escasos recursos estilísticos", e em que se reproduz a capa deste volume. Além de alguma gralha, como dar 1915 como data de nascimento, só se limita a essa análise literária.

Também Carlos Fernández Santander (2002: 322-323) valoriza LAM e RST como "poesías en lengua gallega que denotan un lirismo nostálgico de gran calidad", nun volumen sobre o exílio, incluído no projecto de biblioteca do exílio da editora O Castro. Num trabalho intitulado "Ernesto Guerra da Cal, el amigo de García Lorca" alicerça-se em Ian Gibson para afirmar que, sem a sua participação os SPG "no hubieran sido posibles". O trabalho erra nas datas de nascimento (diz ser "22 diciembre de 1911" e muito em especial na da morte (que indica ter acontecido em "27 de julio de 1977"); e também em dados como afirmar que trabalhou "al frente del Programa de Estudios Doctorales en Portugués en la Columbia University", ao confundir este centro com a CUNY; ou indicar que colaborou em La Barraca com Lorca "con la representación de 'El amor de don Perlimplín'", confundindo o grupo com o de Anfístora. É assim mais um trabalho que privilegia o relacionamento Da Cal-García Lorca e o exílio para a sua projecção.

Da Cal foi memorado também esse ano em diferentes contributos na comunicação social (Alcalá, 5-I-2002: 14, assinala-o como "sempre fiel ao galaico-portugués que superara fronteiras e oceanos"; Gómez, 9-II-2002: 2, reivindica uma rua para Da Cal em Santiago; Gómez, 1-III-2002: 2, indigita-o representante do "mejor galleguismo y tradición filológica" da Galiza; Alcalá, 12-V-2002, ao lembrar Erneste Sábato afirma: "Dicía este poeta filólogo [Da Cal], amor de Federico, que Valle Inclán fora dabondo xenial como para inventar "un trampitán por medio do cal os casteláns coidan que están a ler en galego…".

No volume múltiplo 59-65[53] da revista *Nós*, Da Cal está presente em dois contributos: no de José Luís Fontenla (2002: 9-28), que começa com uma

[53] Afirma-se pertencer ao biénio 1999-2000, mas no trabalho de José Luís Fontenla, de facto, há referências a diversos textos publicados em 2001 e 2002. Neste volume, entre as

dedicatória de homenagem a ele a outros vultos de diversos países "defensores da Lusofonia da Galiza, in memoriam", e em que indigita como o modelo da Galiza para atingir a reintegração linguística defendida por Fontenla e os grupos envolvidos em redor dele. O outro trabalho, assinado por Carlos Durão (2002: 47-48), insiste no carácter de guia e modelo de Da Cal, focando uma outra perspectiva menos salientada dele: a ortofonia. Após indicar que Da Cal é "propositadamente ignorado (quando não acirradamente combatido) pelo espanholismo hoje arraigado na nossa sofrida terra galega", ampara-se na sua experiência pessoal, pelo estreito tratamento quando Da Cal residia em Londres, e salienta "o padrão ortoépico por ele escolhido, consequente com a norma escrita[54]".

O reconhecimento atingido em Ferrol consolida-se no ano **2003** ao aprovar a Câmara Municipal novos nomes para ruas da cidade, entre eles um para Da Cal (R. S., 3-IV-2004). Além disso o Departamento Municipal de Cultura e a Fundación Carlos Casares acordaram assinar um convénio de colaboração, que teria como alvo a promoção da literatura galega na cidade e, entre as actividades que preparavam estava o de celebrar (Sem Assinar, 3-IV-2004) "el papel de Ernesto Guerra da Cal". Assim se confirmará em datas posteriores e será recolhido na imprensa (Sem Assinar, 6-IV-2004; Sem Assinar, 29-IV-2004; Sem

associações que o promovem, para além das conhecidas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, Conselho Internacional da Lusofonia e Associação de Amizade Galiza-Portugal soma-se mais uma, Círculos Republicanos Lusófonos.

[54] Neste trabalho, Durão exprime por escrito em publicação o que já defendera em ocasiões diversas sobretudo nos foros da Internet da Agal e mais da Assembleia da Língua, em que também tinha indigitado Da Cal como modelo ortofónico em debates vários na altura sobre o assunto aos que se refire nesta alusão. Neste breve artigo frisa (Durão, 2002: 47-48): "para os meus ouvidos, o que ele falava era efetivamente português padrão, mas também reconhecivelmente 'galego'. Explico-me: evidentemente pronunciava, como os da sua zona da costa ártabra, com 'sesseio' (que era nuns pontos dorsal, noutros apical, segundo a colocação na sílaba e na palavra) mas também com a sonoridade da fricativa palatal (j, g (e,i)) e da sibilante (z, s intervocálico) que, na Galiza administrativa quadriprovincial, já só se regista hoje na zona limega (concelhos de Lóvios e Entrimo). Mas o que o tornava "galego" (ou melhor dito português do norte: "portugalego" como ele gostava dizer), para os ouvidos lisboetas, era a sua clara pronúncia dos ditongos *ou*, *ei*, que no sul de Portugal convergem para ô, ê (ouro-ôro, ferreiro-ferrêro) e mais do e final ou não acentuado: sede, que, pequeno, etc". Faz outras considerações de teor semelhante e defende que, além de dar exemplo do caminho a seguir na ortografia "também na igualmente debatida ortofonia, além da sua sempre digna e valente atitude cívica e republicana, que lhe custou o exílio permanente até à morte, mas não o esquecimento aquém e além Minho entre os bons e generosos". Acrescenta como bibliografia o "Antelóquio indispensável" de FI e mais a entrevista concedida ao *Jornal de Letras* em 1983, e indica ainda em nota de rodapé breves considerações a respeito do léxico e da conjugação utilizados por Da Cal. Da Cal, pois, mantém-se como figura máxima da Galiza, pela sua prática linguística, para os grupos envolvidos em redor das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, que insistem em argumentos já conhecidos e mais utilizam outros novos para frisar o seu carácter modelar para a língua da Galiza.

Assinar, 29-VII-2004; Sem Assinar, 8-IX-2004; Sem Assinar, 6-X-2004; Sem Assinar, 4-XII-2004; Loureiro, 7-XII-2004; Sem Assinar, 22-XII-2004). Aos 23 de Abril[55], de novo na imprensa de Ferrol, ao noticiar da apresentação na cidade da empresa Biblos, um clube de leitores galegos, assinala que no acto participaria o ensaista e crítico literário Armando Requeixo quem preparava uma selecção de ensaios e críticas sobre autores de Ferrol ou relacionados com a cidade (Loureiro, 23-IV-2003: 2) "Una obra en la que comentará textos de autores como Ricardo Carballo Calero, Ernesto Guerra da Cal o Xavier Alcalá, además de recuperar textos como los que Cunqueiro dedicará a Ferrol".

Os lançamentos do livro *Fazer(-se) um nome* em vários lugares da Galiza, bem como em Portugal e no Brasil, e as recensões e notícias que apareceram desse estudo nestes dois países, contribuiram de novo no ano 2003 para que Da Cal ecoasse na imprensa galega[56] e em alguns meios especializados, reafirmando a sua centralidade no queirosianismo.

A actualização do DLPGB em Portugal (ver infra) oferece ocasião para memorar a sua participação nesse empreendimento. Assim o fez Xosé Neira Vilas (8-VI-2003), que lembra como na década de 50 se produzia uma aproximação galego-luso-brasileira através da revista *Quatro Ventos*, mas sobretudo pelo *Dicionário de Literatura* editado pela Figueirinhas. A respeito deste produto, frisa Neira Vilas:

> Nese Diccionario representábanos Guerra da Cal, e entre outros colaboradores galegos achábase Emilio González López.

[55] Também em Abril, a imprensa memorava como dez anos antes (Sem Assinar, 6-IV-2004) se tinha organizado em Quiroga uma homenagem a Da Cal. A efeméride dá pé para lembrar a presença de Quiroga na poesia de Da Cal e como tinha contribuído àquela homenagem (ver supra), celebrado pouco antes da morte, frisando que "su figura sigue gozando hoy de un enorme prestigio intelectual".

[56] Como acontecera nos actos de apresentação do ano 2002, em todas as cidades se relacionou Da Cal com questões locais e, junto com o autor, participaram pessoas bem conhecidas pela sua actividade científica, literária ou docente. Houve lançamentos em Lugo, com o vereador de Cultura, Ignacio Rodríguez Eguíbar e o presidente da Agal, Bernardo Penabade (Sem Autor, 6-III-2006; Becerra, 8-III-2006; e S. V., 8-III-2006), Vigo, com o membro da Real Academia Galega Xosé Luís Franco Grande e mais a Professora da Universidade de Vigo María do Carmo Henríquez Salido (Sem Autor, 25-III-2003a; Sem Autor, 25-III-2003b; Quian, 26-III-2003 e Sem Autor, 26-III-2003), Ferrol, com Martinho Montero Santalha, professor da Universidade de Vigo e Henrique Dacosta escritor e professor em Ferrol (Loureiro, 23-II-2003,Vilanova, 26-III-2003; Sem Autor, 28-III-2003a; Sem Autor, 28-III-2003b; Vilanova, 29-III-2003; Sem Autor, 29-III-2003), Pontevedra, com Martinho Montero Santalha e com o professor pontevedrês Firmino Martínez (Sem Autor, 6-V-2003, Sem Autor, 8-V-2003; Sem Autor, 10-V-2003) e na Corunha, com participação de Pilar García Negro e João Guisan Seixas (Sem Autor, 4-VI-2003a e Sem Autor, 4-VI-2003b). A respeito das recepções em Portugal e no Brasil, ver infra.

> Em 1957, nin ben fundamos a organización "Follas novas", en Buenos Aires, comenzamos a recibir os fascículos que, ademáis de suscriptores diversos, incluidas varias asociacións galegas, facíamolos chegar a Caracas, Montevideo, México... A nosa lingua e a nosa literatura reprimidas, acantoadas, proxectábanse internacionalmente através desta obra.
> Ó mesmo tempo, nas sesións de estudio que tiñamos cada sábado, con outros galegos e con estudiantes arxentinos de ascendencia galega, utilizabamos con frecuencia estes materiais e iamos ensanchando os nosos coñecementos da literatura luso-brasileira. [...]
> En 1970, cando o actor e director de teatro portugués Rogelio Paulo me preguntou que obra poderia levar á Habana para a Casa das Américas, díxenlle que o Diccionario das tres literaturas. Agora, segundo Méndez Ferrín, vai reeditado e actualizado este Diccionario da Guigueirinhas [sic]. ¡Que ben! e incorporáronse os autores de países africanos de expresión portuguesa.

O artigo testemunha até que ponto o DLPGB influiu na intelectualidade galega já desde a primeira edição, e não só na Galiza, mas também no exterior, sendo conhecido e utilizado como texto de referência por grupos muito activos. Outra notícia sobre essa edição (Gómez, 11-VIII-2003: 42) acrescenta que incluia cem novas entradas galegas e que, para ocupar-se da produção galega "Viale Moutinho releva em esa labor de proyección internacional de la literatura gallega a Ernesto Guerra da Cal".

Em Março, Da Cal foi incorporado à Biblioteca Virtual Galega, um projecto da Universidade da Coruña que difunde através da Internet a Literatura da Galiza. Trata-se de um recurso orientado para os centros de ensino galegos, mas também para difundir no exterior a produção da Galiza. De Da Cal inclui biografia e principal bibliografia activa, e reproduz o poema "Pátria" segundo tinha sido publicado na *Agália* em 1985. No volume 4 da *Revista Galega de Filoloxía*, editado por essa universidade, o Professor da USC e membro da Real Academia Galega, Francisco Fernández Rei, cita o estudo de Da Cal (1958) incluido no volume de homenagem a Otero Pedrayo ao analisar a presença do mar na poesia galega, mas não analisa Da Cal entre os produtores que contribuiram para essa temática.

Em 20 de Março, a Fundación Caixa Galicia editou em Santiago o volume *Unha viaxe poa rúa Vilar*, de Baldomero Cores Trasmonte, com ensejo da inauguração nessa rua compostelana da sua sede. Nesse trabalho afirma-se (Cores Trasmonte, 2003: 86):

> Polas rúas de Santiago, por exemplo, pasou emocionado Federico García Lorca e trazou un poema sobre a chuvia na rúa, sen especificar en cal delas, se é que tinha algunha en concreto no seu pensamento. Forma parte dos Seis poemas galegos e

> leva o título "Madrigal á Cibdá de Santiago". Se o fixo en galego, en castelán, en galego-castelán ou en castelán-galego, non é cousa que agora veña a conto, pois é disputa doutro nivel literario. Coido, pola relación telefónica que tiven con Guerra da Cal cando a sua colaboración na *Atenea*, que na Universidade de Porto Rico diriximos, que foi moita a súa intervención na preparación do poema.

Este depoimento de Cores Trasmonte está na linha do recolhido por Ian Gibson e publicado no volume biográfico de Lorca do pesquisador irlandês em 1987 (ver supra): Da Cal assumiria a participação na primeira das composições dos SPG, a publicada em 1932[57].

Da Cal foi referenciado pelo professor e escritor português Hélder Macedo, com ensejo da sua presença como professor visitante na Faculdade de Filologia da USC. Este especialista português, docente do King's College londrino, referiu-se a ele como (Bom, 3-IV-2003: 2) "o grande queirosianista e crítico". Xesús Alonso Montero ocupa-se com louvor da iniciativa da Deputación Provincial de Ourense de dedicar uma biblioteca específica a produtores da província, em que além de livros recolhia cartas, manuscritos, inéditos e outros produtos respeitantes, e afirma que (Alonso Montero, 7-VI-2003) "Destes universos, o máis rico é o de Eduardo Blanco-Amor", salientando os autógrafos dos SPG e as cartas de Da Cal que, frisa, estavam já publicadas. Na imprensa de Ourense, Da Cal é referido com ensejo de noticiar-se que o Professor Isaac Alonso Estraviz tinha sido eleito como secretário da Agal, ao indicar-se (Sem Assinar, 9-VII-2003: 10) que ele era um dos membros de honra da entidade. E Xavier Alcalá num artigo de opinião refere como, com ensejo de uma estada em Coimbra, um viajante galego (Alcalá, 10-VIII-2003: 5) "recorda que 'todo o idioma galego está contido no portugués', frase de Ernesto Guerra da Cal".

Mais uma vez será em Ferrol onde atingiu um maior reconhecimento, no ano 2004: Em 22 de Dezembro, a Fundación Carlos Casares e mais o Concelho da cidade organizaram uma homenagem com ensejo do décimo aniversário da morte de Da Cal[58]. No programa de mão do acto[59], para além de dados biográficos e de publicações do homenageado, constava esta valorização:

---

[57] O texto dessa composição é reproduzido (Cores Trasmonte, 2003: 87) nesse volume. Cores Trasmonte, em entrevista com ensejo da presente pesquisa, lembra que tivo em 1973 várias conversações com Da Cal por causa da preparação de aquela revista de Porto Rico (ver supra), e que lhe pareceu um home muito exigente. De facto, segundo testemunha, publicada a revista Da Cal ligaria para o Decano da Faculdade para protestar por alguma gralha do seu contributo.

[58] Celebrou-se no Centro Cultural Torrente Ballester e foram convocados como oradores Xosé Estévez, da Universidade de Deusto, para falar de "A Galicia de Ernesto Guerra da Cal"; o escritor Xavier Alcalá e o catedrático Xosé María Dobarro, da Universidade da Corunha,

> Coa celebración desta xornada, a Fundación Carlos Casares[60] quere chamar a atención sobre unha importante pero aínda pouco coñecida figura das letras galegas e portuguesas do pasado século. O ferrolán Ernesto Guerra da Cal, de quem se cumpren agora dez anos da súa morte e medio século desde a publicación do seu extraordinario estudo sobre Eça de Queiroz, foi unha ponte entre Galicia e o mundo lusófono, cuxa unidade lingüística e cultural defendeu sempre vehementemente. Unha Galicia integradora e plural non pode deixar à marxe a homes como Guerra da Cal. De aí esta contribución nosa a un maior e mellor coñecemento deste ferrolán ilustre que non merece ficar na sombra e no silencio.

Da jornada ocuparam-se os meios de comunicação audiovisuais e escritos, que a anunciaram (Sem Autor, 4 e 22-XII-2004) e dedicaram-lhe importantes espaços (Loureiro, 23-XII-2004, rivindicou o seu legado; Sem Autor, 23-XII-2004, salientou a projecção da cultura galega realizada por Da Cal). Poucos dias depois, o Professor Dobarro, no *Diário de Ferrol*, destacava que todos os oradores do programa conheceram (Dobarro, 26-XII-2004) "o home e/ou o escritor, investigador, estudioso, pensador e soñador da Galiza. Dunha Galiza incardinada no mundo que se podía albiscar desde Nova Iorque, Lisboa, Londres...". Pouco depois, a revista *Agália* também se ocupava do acto no seu número correspondente ao segundo semestre do ano (Sem Autor, XII-2004: 291-292). O acto representava novo impulso em prol do reconhecimento de Da Cal na Galiza, por mais que o seu ideário linguístico distasse do dos patrocinadores desse acto, defensores da oficialidade ortográfica.

Em Maio de 2004 acontece na Galiza um novo capítulo dos SPG lorquianos, com ensejo de se anunciar o leilão de um novo autógrafo dos mesmos, em Paris.

---

para se referirem a "Ernesto Guerra da Cal na lembranza lisboeta"; Joel Gómez, do Grupo de Investigaçom Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, para focar "A obra científica de Ernesto Guerra da Cal: Eça de Queiroz"; e mais José Martinho Montero Santalha, professor da Universidade de Vigo, para proferir a última palestra, "A poesia de Ernesto Guerra da Cal". Também se anunciava a leitura de um escrito do Professor Doutor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra. Todas, pessoas com relacionamento diverso com a sua pessoa e produção.

5959 Também foi publicitado na imprensa, com notícias e mesmo publicidade no mesmo dia, e com trabalhos como o de R[amón] L[oureiro] (7-XII-2004), publicado dias antes com destaque.

60 Foi esta entidade a que organizou, na sequência do convénio de colaboração que assinara meses antes com a Câmara Municipal de Ferrol e anunciara em diferentes ocasiões esta homenagem nos meses anteriores (Sem Autor, 3, 6 e 29-IV, 29-VII, 8-IX e 6-X-2004). A "Fundación Carlos Casares" funcionava desde o ano 2002, em que foi fundada por iniciativa dos familiares e amigos do escritor. Está patrocinada pela "Xunta de Galicia", Real Academia Galega, Consello da Cultura Galega, Deputação Provincial de Ourense, as cámaras municipais de Vigo e Ourense, a "Fundación Caixa Galicia", Caixa Nova e o jornal *La Voz de Galicia*. A Câmara Municipal tinha orientação política diferente a 2002, ao ser governada pela coligação da direita Partido Popular-Independientes de Ferrol; quando dois anos anos eram nacionalistas e da esquerda: o BNG e o PsdeG-PSOE.

Oferece ocasião para que Da Cal emerja de novo para a actualidade, v. gr., na reportagem que dedicou ao assunto o jornal *La Opinión de A Coruña*, em que afirma (Bugallal (12-V-2004):

> el manuscrito de Ourense [dos SPG] lleva el puño y letra de su gran amigo Ernesto Guerra da Cal y algunas frases son del propio García Lorca. Sin embargo, el que ahora acaba de aparecer en París es de su escritura y tiene dibujos inéditos del poeta granadino. Pero hay otras "rarezas" en este hallazgo, que ha dejado asombrado tanto al académico Xesús Alonso Montero, como al presidente de la Fundación García Lorca, Manuel Montesinos, familiar del poeta.

Um depoimento de Alonso Montero recolhido pela jornalista assinala que o Governo autonómico da Galiza devia adquirir esse documento. Julga o professor da USC que "No es mucho el dinero que cuesta –215.000 euros–, puesto que si es mejor que el de Ourense, su valor es incalculable. Me dolería especialmente que la Xunta no lo adquiriese. Algún día habría que reprochárselo". Na informação também se indica que se lhe atribuia "una colaboración decisiva" a Da Cal nesse poemário. No entanto, aquele documento foi rejeitado ao verificar Fernández Montesinos, secretário da Fundación Federico García Lorca, a sua falsidade.

Em Junho, Xavier Alcalá refere a recente publicação de um produto do brasileiro José Mauro de Vasconcelos na Galiza, em "versión galega", e conclui (Alcalá, 13-VI-2004): "Despois, lembrando a Guerra da Cal, o lector reflexivo pódese preguntar por que o portugués que enche o mundo non se estudia en Galicia. De ser así, probablemente Primerapersona [a empresa editora de aquele produto] tería publicado a obra na súa versión orixinal, anotando a penas algún brasileirismo raro".

O Professor Xosé Manuel Dasilva, da Universidade de Vigo, publica na revista *A Trabe de Ouro* correspondente ao segundo trimestre do ano o artigo "En torno da difusión literaria de Eça de Queirós en Galicia", uma versão do contributo apresentado no IV Congresso Internacional de Queirosianos (Dasilva, 2002; ver infra, no estudo dessas *Actas* publicadas em Coimbra)[61]. Destarte contribui para difundir na Galiza os estudos queirosianos de Da Cal e o relevo dos mesmos, ao indigitá-lo de (Dasilva, 2004: 237) "o maior investigador queirosiano ata hoxe", e referir três dos seus mais importantes contributos, seguindo a citação de

[61] Esta nova versão será também incluída num volume que recolhe diferentes contributos deste produtor (Dasilva, 2004).

Leodegário de Azevedo Filho, um professor brasileiro com quem Dasilva tinha intenso relacionamento na altura por causa dos estudos camonianos.

No Verão, *Grial* publica um artigo do professor norte-americano Víctor Fuentes sobre as constantes galegas no desterro intelectual em Norteamérica, centrado nos contributos de Da Cal, González López, Granell, Martínez López e Rubia Barcia. Esse trabalho tinha sido defendido em 2001 no congresso sobre o exílio galego, cujas *Actas* se publicaram em 2006 e 2007, e em que se incluirá de novo. Evoca o encontro de Da Cal com Castelao e assinala as dificuldades deste exílio, contestando a afirmação de "exilio de elite" arvorada por Xosé Manuel Maceira. Fuentes cita várias composições de LAM e RST, e salienta Da Cal como lusitanista, afirmado que (Fuentes, 2004: 40) "a súa figura medra, nos nosos días, como un punto de unión entre Galicia e Portugal e viceversa"[62].

O historiador Ramón Villares assinala-o igualmente entre as (Villares, 2004a: 194) "figuras notables de la política y la cultura de la época republicana" nos EUA, junto com Basilio Álvarez, Osorio-Tafall, EmilioGonzález, Rubia Barcia e R. Martínez López. Consolida-se assim a sua consideração como um dos grandes vultos do exílio galego, sobretudo entre aqueles que actuaram nos EUA.

---

[62] Alude aos volumes de homenagem publicados pelas IFGP e pela UC após a morte de Da Cal, bem como à recensão de Natércia Freire sobre FI, e cita os "seminarios de doutoramento na Universidade de Nova Iorque" em que se ocupava de Valle-Inclán. Refere também o seu labor como rosalianista, e assinala (Fuentes, 2004: 42) "a case totalidade da crítica literaria destes hispanistas galegos está escrita en castelán (agás a maior parte da de Guerra da Cal, escrita en portugués e sobre temas de literatura portuguesa)". Põe em destaque igualmente (Fuentes, 2004: 43) "o labor destes intelectuais galegos a prol do achegamento entre os intelectuais do exilio e os do interior, que se comezou a dar nos anos cincuenta e principios dos sesenta". Cita *Literatura del siglo XX* pela edição de "1956", afirmando que "os textos que figuran nela poderían terse publicado na España republicana", bem como a colaboração com Galaxia, frisando que a sua produção poética conta "cun extenso recoñecemento crítico", lembrando como segundo González López LAM era uma das vozes poéticas mais originais da poesia galega moderna e como "este xuízo afianzouse cos seus posteriores libros poéticos e a atención critica que suscitaron", assinalando influências de Camões, Rosalia, Lorca ou Antonio Machado. Segundo este estudioso (Fuentes, 2004: 46): "Se o primeiro poemario foi toda unha revelación, o segundo é unha mostra inequívoca dunha madureza poética, e tamén, dunha crise persoal que seica experimentou o autor naqueles anos de 1959 a 1962, anos en que están datados os poemas. No primeiro libro de poemas, ata case chegar ao final, dábase algo propio da literatura do exilio e moi acentuado na obra dos exiliados galegos: vívese no país do exilio, pero o que se conta ou canta sucede na Galicia natal. [...] Só ao final aparece un 'Negro Spiritual' e un 'Nocturno de Nova-Iorque'". Põe em diálogo este último poema com *Poeta en Nueva York* de García Lorca, e frisa "Broadway very late" como "un poema moi propio da nova voz poética de Guerra da Cal, enfrontado no exilio a unha crise de identidade persoal e tamén, posiblemente, nacional", frisando entre os temas a "angustia existencial", e julgando-o de "unha das voces máis expresivas da creación poética do exilio". Tambén encontra relacionamento entre um poema de RST e Luís Cernuda. No final do seu contributo verifica relacionamento entre as poesias de Rubia Barcia e Da Cal.

No final de ano, e com ensejo da morte de Sixto Seco, presidente da Fundación Rosalia de Castro, Da Cal emergerá de novo, num artigo de opinião em que se lembra como este médico (Gómez, 31-XII-2004) "se encuentra (con Carvalho Calero, Guerra da Cal, Ramón Piñeiro, Machado da Rosa, Francisco Rodríguez...) entre quienes de verdad contribuyeron para que la autora de *En las orillas del Sar* ocupe el privilegiado lugar, que hoy no se le discute, en la Historia del país". E numa recensão de *Fazer(-se) um nome*, valoriza-se esse estudo de (López-Iglésias Samartim, XII-2004: 273)

> um sério contributo do ámbito académico para desvendar o funcionamento, as motivaçons e as estratégias com que opera a crítica literária e, neste sentido, ajuda a entender também as razons polas quais a crítica que ocupa por enquanto a posiçom central na Galiza nom tem focado praticamente Ernesto Guerra da Cal, umha figura com enorme capital simbólico.

Acrescenta López-Iglésias Samartim que esse trabalho supõe "discutir a perversidade que significa que Ernesto Guerra da Cal seja tratado quase como matéria inerte pola crítica literária da sua terra natal e o início do regresso do professor galego à sua pátria perdida". Também se mantêm as referências ao seu relacionamento com Galaxia na reedição das memórias-testemunho[63] *Os anos escuros*, de Xosé Luís Franco Grande.

A comemoração de três efemérides, sobre o exilado Lorenzo Varela, Álvaro Cunqueiro e Inês de Castro serão a principal ocasião no ano **2005** para que Da Cal seja lembrado na actualidade galega[64].

O Dia das Letras Galegas, dedicado a Lorenzo Varela, servirá para aludir ao artigo que Da Cal lhe dedicou no DLPGB, e citá-lo como um dos críticos que se ocuparam do homenageado, quer em publicações especializadas como na imprensa (v. gr., X. M. R., 17-V-2005: 4)[65]. No 17 de Maio, o jornal *Galicia*

---

[63] É o próprio Franco Grande quem esclareceu na imprensa que (Lamas, 15-XII-2004) "máis que unhas memorias eu escribín un testemuño", em que relatou a sua experiência "dende 1954 até a Transición"..

[64] Aos 26 de Abril, a associacção cultural O Facho organizou na Corunha uma palestra sobre (Sem Autor, 21/27-IV-2005) "A poesia de Guerra da Cal: um projecto de internacionalidade para a língua, a literatura e a cultura da Galiza", proferida por Joel R. Gómez, único acto sobre ele nesse ano.

[65] Também, nas propostas de novas figuras a que dedicar essa efeméride, a imprensa da comarca de Lemos propunha o nome de Da Cal. No artigo citavam-se vários nomes, entre eles Gómez Ledo quem, segundo Alonso Montero, estava muito esquecido, acrescentando-se: (Albo, 22-V-2005: 3) "non é este o caso de Ernesto Guerra da Cal, escritor nado en Ferrol pero criado en Quiroga, quen se considerou sempre como nativo desta comarca lucense. A súa obra como poeta, crítico e historiador da literatura goza dun considerable prestixio internacional, sobre todo no ámbito dos países de lingua portuguesa. Falecido en 1993 [sic], xa pasou tempo suficiente para que se lle poidan dedicar as celebracións do 17 de maio. Pero o feito de que fose un partidario decidido

*Hoxe* editou o volume *trasterrados. Dicionario do exilio galego*, em que Da Cal é apresentado como (Bilbao, Noia, Lopo, 2005: 84-85) "case descoñecido en Galicia e un dos intelectuais que máis loitou pola proxección exterior da súa cultura"[66]. Os três autores desse repositório eram profissionais do jornal.

Com antecedência, nos inícios de ano, Xavier Alcalá utilizou Da Cal para reivindicar o cincuentenário de *Merlín e familia*, de Álvaro Cunqueiro: relata um jantar organizado pelo editor lisboeta Sá da Costa, com a participação de Da Cal, Carvalho Calero e Rodrigues Lapa. Afirma que Da Cal, quando se falou de Cunqueiro (Alcalá, 9-I-2005):

> mostrouse críptico, nun ton agresivo: O Cunqueiro inventou um prato e viveu toda a vida disso'. [...] a cousa era de narrativa: o realismo máxico. Guerra, ferrolán intransixente, republicano antifascista, home de acción 'com pistola na mão', desdeñaba a personalidade de Álvaro Cunqueiro, 'empregado de franquistas'. Levado da súa paixón, tentaría logo rebaixar o invento cunqueirano.

Alcalá apresenta Da Cal como homem de forte carácter e convicções, por mais que com esta valorização, em nada coincidente com a realizada por Da Cal no único artigo que assinou sobre Cunqueiro na terceira edição do DLPGB (1972: 206, em verbete assinado de parceria com R. Lugrís) a sua opinião fosse bem diferente. A amizade de longa data com Guerra da Cal servia-lhe mais uma vez a Alcalá como matéria da sua produção[67].

Com ensejo do 650 aniversário da morte de Inês de Castro, um artigo de opinião publicado na imprensa frisa o despercebido que estava a passar o acontecimento na Galiza, lembrando uma Tese de Doutoramento defendida em 2002 pela portuguesa Rosa Maria Pais Ribeiro na USC e assinalando (Gómez, 16-VIII-2005: 7) "intelectuales insignes del siglo XX, como Ernesto Guerra da Cal o Ramón Otero Pedrayo, le dedicaron atención (y recordaron a su hermana Juana, enterrada en la Catedral de Santiago)", e alguns outros trabalhos, mas concluindo

---

da unificación ortográfica do galego e o portugués fai complicado que a Real Academia Galega tome tal decisión".

[66] Assinalam LAM e DTMAb como poemários que "abriron novas portas para a nosa literatura e iniciaron o camiño do reintegracionismo moderno. [...] os seus fondos coñecementos da lírica galego-portuguesa quedaron plasmados en importantes enciclopedias americanas". Aludem ao casamento com "Margarita Ucelay, outra exilada española" e ao facto de que "instala en Estoril o retiro desde o que defender a lingua e a cultura galega, obsesión ata a súa morte en Lisboa en 1994".

[67] Amizade que Alcalá reivindicou em diferentes ocasiões, alguma já recolhida no presente estudo. Essa passagem referente a Cunqueiro fora por ele relatada poucos dias antes no Ferrol, com ensejo da homenagem a Da Cal organizada pela Fundación Carlos Casares e a Câmara Municipal.

que “pocos gallegos pueden escribir un folio sobre ella: una omisión formativa que dice mucho”.

Também se falou de Da Cal por causa da escolha de Camilo Nogueira e José Posada, (os dois primeiros deputados que, como representantes de Coalicción Galega e o BNG utilizaram o galego no Parlamento Europeu) como novos membros de honra da Agal, lembrando (Sem Assinar, 16-I-2005: 8) personalidades da Galiza que tinham atingido aquela designação; numa recensão do volume *Contos*, de Eça de Queirós, segundo a tradução para castelhano realizada por Maria Tecla Portela Carreiro, com prólogo de Carlos Reis, afirmando que a tradutora (Gómez, 29-I-2005: 5) “agrega un nombre más a la larga nómina de *queirosianistas* gallegos, entre los que se encuentran figuras tan dispares como el ferrolano Ernesto Guerra da Cal, considerado por la crítica como el estudioso central de este productor luso” e na continuação cita nove mais numa relação que principia com Valle-Inclán e finaliza com Elías Torres Feijó, e divulgando a doutrina exprimida em LEEQ.

Aos 7-III-2005 o jornal *La Voz de Galicia* estreou nova secção, “La cara b”, nas segundas-feiras, ainda em vigor. Nesse primeiro trabalho entrevistou o deputado do BNG no Congresso dos Deputados de Madrid, Francisco Rodríguez, líder da UPG. Ao perguntar-lhe pelo topónimo “El Ferrol del Caudillo”, responde Rodríguez (Mirás, 7-III-2005): “Aí mestúrase todo, a marca colonial coa inxustiza histórica. Ferrol existe por si mesmo e, en todo caso, para min sería Ferrol de Carvalho Calero ou de Guerra da Cal”.

Aos 26 de Março, o pregão da Festa do Vinho de Quiroga, lido por José Manuel Parada, foi outra oportunidade para citar Da Cal, pois leu textos literários de (Sem Assinar, 27-III-2005: 3) “Fole, Cunqueiro, Manuel María, Novoneyra y el poeta quirogués Ernesto Guerra da Cal”.

O facto de que num congresso da Midwest Modern Language Association celebrado na Universidade de Milwaukee, nos EUA, se dedicasse um painel sobre a Galiza foi noticiado como facto singular e pioneiro, e lembrou-se o antecedente de outras figuras galegas nos EUA: González Millán, Rubia Barcia, Emilio González López e (Fraga, 10-XI-2005: 47) “o lusitanista Ernesto Guerra da Cal”.

Do 14 al 16 de Outubro celebrou-se em Goiam (Tominho) e em Vilanova da Cerveira o primeiro simpósio internacional Letras na Raia, organizado pela

Asociación de Escritores en Lingua Galega e a Associação Portuguesa de Escritores, sob o lema "As palabras voan por riba das fronteiras". Da Cal foi protagonista da mesa redonda de encerramento, na intervenção de Joel Gómez (trabalho publicado em 2007 nas *Actas*), que falou da presença de Portugal na produção dacaliana.

Nos dias finais do ano publicou-se o estudo de Alberto Machado da Rosa *Rosalía de Castro, a mulher e o poeta*, em edição preparada por Elias J. Torres Feijó e Joel R. Gômez, do Grupo Galabra da USC. No texto incluído como "Prefácio" referem-se (Torres/ Gômez, 2005: 7-25) ao relacionamento com Da Cal na promoção de diferentes iniciativas conjuntas no tempo de ensino de ambos, como exilados, no sistema universitário dos EUA[68]. Essa publicação contribuiu também para que a imprensa galega noticiasse (Sem Assinar, 14-I-2006: 48) o relacionamento do produtor açoriano "co exiliado galego Guerra da Cal, cos membros do Grupo Galaxia e con outros intelectuais galegos do século pasado".

No entanto, Da Cal foi ignorado esse ano num estudo de Xoán Pastor Rodríguez Santamaría sobre *Cervantes e o Quixote en Galicia*, um trabalho em que atende (Rodríguez Santamaría, 2005: 10) "máis ao cervantismo que chega ata a década de 1980", mesmo com citações posteriores a essa data, e em que cita produções publicadas na Galiza e no exterior de autoria galega.

Aos 23 de Fevereiro de **2006**, a Câmara Municipal de Ferrol, em sessão plenária, aprovou o acordo de (Sem Autor, 26-II-2006) denominar uma rua da cidade com o nome de Ernesto Guerra da Cal. A Comissão Informativa de Cultura apoiara favoravelmente essa proposta aos 17 de Fevereiro, e acordou-se que fosse (Moure García, 7-III-2006) "unha rúa de nova apertura que discorre paralelamente ó vial 'Acceso Norte' dende a glorieta da Estrada de Castela que dá entrada ó Polígono da Gándara (Avda de Nicasio Pérez) e ata a rúa rio Xubia preto da vía do ferrocarril." Nesse acordo indica-se que em 2002 já se tinha ditaminado favoravelmente, e estava-se desde a altura "pendente de atopar unha rua interesante" para materializar aquele acordo, que agora se aprovava por unanimidade e passou a ser efectivo.

[68] Esta publicação surgiu de facto como consequência da pesquisa sobre Da Cal no Grupo Galabra, por causa dos contactos com a viúva de Da Rosa, Aldegice Machado da Rosa, na procura de elementos dacalianos.

Esse ano Da Cal foi citado várias vezes com ensejo das celebrações do Ano da Memória, em lembrança do início da Guerra de Espanha de 1936 e da sua participação na contenda. Aos 8 de Abril, a Consellería de Cultura apresentou na ilha de São Simão o volume *Poemas pola memoria (1936-2006)*, com estudo e edição de Manuel Fernández Rodríguez, para honrar "a memoria de todos os que sofriron a represión en Galiza", segundo consta no cólofon. Inclui o poema (pp. 30-31) "Mariñeiro fusilado", publicado em *Nova Galiza*, assinalando a assinatura como Ernesto Pérez Güerra. De 3 de Novembro de 2006 a 31 de Janeiro de 2007 no Auditorio de Galicia de Santiago celebrou-se a exposição *Memorial da Liberdade. Represión e resistencia en Galiza 1936-1977*, que teve como comissário Xosé Enrique Acuña, também apoiada pola Consellería de Cultura. Ao referenciar a vida política no exílio incluem uma fotografia da celebração, em 1946, do 25 de Julho em Nova Iorque, num acto organizado pela Casa Galicia, em que Da Cal se encontra como orador no uso da palavra[69].

Na edição de um volume com parte dos trabalhos[70] apresentados nas *Actas* do congresso sobre o exílio galego celebrado em Santiago de Compostela no ano 2001, Da Cal é referenciado em trabalhos de Matilde Albert Robatto (2006: 153-174) sobre o exílio em Porto Rico, onde confirma existir no Archivo Federico de Onis conservado em Porto Rico correspondência de Da Cal, além de citar o seu trabalho (Da Cal, 1964) sobre essa figura; no de Nancy Pérez Rey (2006: 189-197) que estuda o exílio galego em Nova Iorque (os dois citados supra); e também no de Ramón Villares (2006: 523-527) como um dos (Villares, 2006: 524)

[69] A Conselleria de Cultura da Xunta de Galicia aprovou em Outubro do 2006 uma ajuda, dentro da (Bugallo Rodríguez, 19-VI-2006) "Orden do 8 de xuño de 2006" que visava a realização de actividades culturais relacionadas com a recuperação da memória histórica, que possibilitou um deslocamento de Joel R. Gômez para pesquisa em Nova Iorque sobre Ernesto Guerra da Cal.

Dentro das actividades relacionadas com o Ano da Memoria, o jornal eletrónico *Vieiros* difundiu na Internet (4-XII-2006) o relatório "Profesorado galego exiliado arredor de 1936. Profesionais do ensino que tiveron que deixar o país", em que se citam 64 nomes, com destaque para 45 deles, de que se oferecem dados a respeito da sua trajectória. Entre estes figura Ernesto Guerra da Cal, que se diz ser "pseudónimo de Ernesto Pérez Guerra" e dá-se como data da morte "Lisboa en 1977". Afirma-se dele que "desenvolveu logo a súa actividade nos EE. UU, fundamentalmente na Universidade de Columbia de Nova York, como catedrático de literatura portuguesa".

[70] Os conteúdos desse congresso foram divulgados em diferentes materiais: este livro publicado por Ed. do Castro e o Arquivo da Emigración do Consello da Cultura Galega, com 33 artigos em algo mais de 528 páginas. E esses mesmos artigos, juntamente com outros apresentados no acontecimentos conformando em total mais de 2.000 páginas; e mais o *Repertorio Bibliográfico do Exilio Galego. Unha achega*, com 2..253 verbetes em 643 páginas além de uma ampla relação de referentes bibliográficos, encontram-se num CD editado pelo Arquivo da Emigración do Consello da Cultura Galega no ano 2007 (ver infra).

"grandes investigadores [que] botaron moitos anos fóra de Galicia sen deixar de traballaren sobre asuntos e temas galaicos".

Aos meados de Março, segundo o cólofon, Galaxia publicou o volume *Memoria de Poeta*, de Xosé María Álvarez Cáccamo, em que cita a viagem que realizou a Lisboa para encontrar-se com Da Cal e alude ao seu relacionamento com ele, sobretudo através da correspondência. Em longo depoimento, valoriza (Álvarez Cáccamo, 2006: 354-355):

> Ernesto Guerra da Cal, ferrolán de nacemento aínda que de infancia quiroguesa, foi un poeta de escrita moi firmemente fondeada: expresionismo crítico e irónico para o tecido dun discurso de intención social ou de sentido existencial. O seu acento lembra o sarcasmo antiburgués de Cesário Verde, parentesco que lle sinalei e que aceptou con moito pracer. A súa opción gráfica e idiomática e un posicionamento político "incorrecto" –republicanismo, independentismo– foron as causas da marxinación que sufriu en Galiza a súa obra. Relativamente recuperada a súa figura desde a reedición por AGAL de *Lua de além mar* e *Rio de sonho e tempo* em 1991, en cuxa presentación participei, a literatura creativa e crítica –a do mais importante especialista en Eça de Queiroz– de Ernesto Guerra da Cal continúa a demandar recoñecemento e atención lectora e analítica. [...] En carta de 1993 pídeme: "escreva e conte tudo quanto de bom e mau aconteça nessa Galiza que sempre está a latejar no meu velho coração". Nunha do 87 retratábase así: "Fui sempre, desde a adolescência, 'separatista integral' e consequentemente, desde 1939, separei-me integralmente". Lamento e cúlpome de non ter visitado a Ernesto Guerra da Cal en Melrose máis que naquela ocasión de 1984. Perdín unha magnífica oportunidade de gozar coa intelixencia, a cultura e a amizade vivida en directo cun home de tan atractiva e completa humanidade. Foi unha mágoa tamén que el non chegase a ver editada a escolma *50 anos de Poesía*, obra en dous tomos, o primeiro da miña autoría e o segundo de Carlos López Bernárdez. Para o meu volume, dedicado á xeración galega de 1936, enviara unha autopoética inédita titulada "Decálogo lírico". Coñecía os poemas seus que eu seleccionara, concordaba coa escolla e estaba moi contento de verse representado nunha antoloxía poética galega. Pero o libro saiu do prelo catro meses despois da súa morte. Elsie da Cal, a súa muller, recibiuno con alegría e completou o meu tesouro epistolar con dúas garimosas cartas nas que vibra a presenza de Ernesto.

Em Março de 2006 a Associação de Amizade Galiza-Portugal publica *Temas de Linguística Política*, de António Gil Hernández, que salienta Da Cal como figura máxima e modelo principal entre os galegos que defenderam o Reintegracionismo[71].

Por volta de Abril publicou-se o número duplo 13/14 da revista *Queirosiana* com um trabalho de Joel Gômez sobre Da Cal (ver infra), de que noticiou a imprensa

[71] Este estudo de Gil Hernández teve lançamento público em Compostela num Seminário de Políticas Linguísticas organizado pela Associação de Amizade Galiza-Portugal. No programa desse acontecimento incluia-se a "Bibliografia completa" de Gil Hernández, com trabalhos assinados como Agil Ulfo ou Roi Vales de Oliveira mas, surpreendentemente, não se encontram os trabalhos que dedicou aos poemários de Da Cal editados em Portugal nem a APCR.

de Ferrol (Sem Assinar, 20-IV-2006: 2) [72]. O relacionamento com García Lorca será lembrado num artigo sobre a conferência que proferiu Lorca aos 8 de Maio de 1932, ao afirmar (Fernández, 3-IX-2006: 7):

> De vuelta a Madrid, García Lorca hablará con entusiasmo a su amigo el diplomático Morla Lynch de su visita a Galicia. Y a otro amigo, el ferrolano Ernesto Pérez Guerra (Guerra da Cal) le apuntará un poema inspirado en Santiago, naciendo entre los dos la idea de componer otro poema, en gallego, sobre la ciudad compostelana que comenzaría así: *Chove en Santiago/ meu doce amor,/ Camelia branca do ar/ brila entebrecido o sol*).

A informação, muito provavelmente tirada do estudo de Gibson (1987) contribui para difundir como Da Cal participou também na redacção do primeiro dos SPG.

Com ensejo do novo curso escolar 2006-2007, os docentes Rosário Fernández Velho e Xesús Sambade (Bom, 15-X-2006: 2) publicaram o manual *Literatura Galega do Século XX*, orientado para o ensino secundário, em que se inclui Da Cal entre os poetas estudados, seleccionando dele um poema. Aos 2 de Dezembro, Xesús Alonso Montero evocava num artigo o programa sobre poesia galega de Radio Nacional de Espanha de 1968-1969 em que interviera Da Cal[73].

Em 2006, no *Anuario Brigantino*, Concepción Delgado Corral, professora de Literatura no IES Francisco Aguiar de Betanços, publica um trabalho sobre um livro que Joaquim Montezuma de Carvalho editado em Portugal, de homenagem a Eugénio de Andrade, em que colaboraram vários produtores galegos. Alude ao relacionamento de Montezuma com galegos, e salienta a amizade com vários produtores galegos, entre os quais inclui Da Cal.

A Da Cal é dedicado um capítulo no estudo *O proceso de codificación do galego moderno (1950-1980)*, de Serafín Alonso Pintos[74], um trabalho académico realizado na USC sob a orientação do Professor Henrique Monteagudo. Alonso

---

[72] Em 11-V-2006, Joel R. Gômez participa em Redondela no ciclo "Recursos do galego", organizado pela Câmara Municipal, em que profere palestra intitutlada "Outro galego no mundo: o prof. Guerra da Cal", em que refere os principais aspectos da biografia e produção de Da Cal.

[73] Afirma que foram 53 os poetas galegos convocados "de moi distintas tendencias e xeracións", entre eles Manuel Luís Acuña, que dera pé à utilização desse programa, realizada pelo crítico Ramón Nicolás com ensejo de participar nun congresso sobre Acuña. Alonso Montero exprime surpresa, ao afirmar que aquela gravação aparecia "Cando moitos pensabamos que xa estaba todo investigado ou descuberto", e propõe que se edite "en libro-disco" aquele programa, por ser "a única antoloxía de poesía galega (radiada e consultada) da era de Franco".

[74] Num trabalho anterior (Alonso Pintos, 2002) este mesmo produtor se tinha ocupado do mesmo assunto no volume *Para unha historia do estándar galego. As propostas do período 1966-1980*, em que também utiliza como objecto de estudo os poemários de Da Cal LAM e RST, segundo só a edição príncipe dos mesmos.

Pintos assinala que Da Cal[75] realiza no prólogo de LAM uma (Alonso Pintos, 2006: 141) "viaxe cara ao portugués" afirmando que "O lusismo de Guerra da Cal é tan claro como distante dos presupostos en que se movía o galeguismo na época" e defendendo que (Alonso Pintos, 2006: 143) "o lusismo de Guerra xustifícase na necesidade imperiosa de renunciar de maneira definitiva à nosa ortografia, que carece por completo de xustificación científica ou histórica e, seguindo o consello do patriarca Manuel Murguía, mergullarnos na cultura luso-brasileira, que é onde reside verdadeiramente o noso espírito auténtico". Refere-se na continuação à (Alonso Pintos, 2006: 144) "bricolaxe grafemática" de LAM, afirmando que "non é tan conforme ao portugués como podería deducirse" da declaração na "Nota" inicial do volume, e (Alonso Pintos, 2006: 145-146) "o resultado, como comentamos, dá a impresión dun documento escrito en galego, pero non no galego acostumado na época senón *noutro galego*, deseñado para 'sobardar os límites rexionaes e dialeitaes que ainda estreitan a espresión cultural galega'. A imaxe do conxunto provocada pola ortografía do noso autor é a dun texto galego con incrustacións ortográficas portuguesas, deliberadamente afastado da convención ortográfica galega pero bastante lonxe do estándar oficial vixente daquela en Portugal e no Brasil", concluindo na sua análise que a proposta dacaliana (Alonso Pintos, 2006: 148) "convida a pensar nun proceso non estritamente ortográfico, nin siquera lingüístico, senón nunha iniciativa máis ampla, destinada a inserir o galego nun novo espazo xeocultural, de centralidade lisboeta-fluminense ('O verdadeiro meridián espritoal da Galiza para por Lisboa e polo Río')". Da Cal é citado em diferentes partes deste estudo, que conclui (Alonso Pinto, 2006: 301) em indigitá-lo como o primeiro dos "grandes lusistas", junto com "Paz-Andrade, Montero Santalla e o derradeiro Carballo Calero" e indica como "risco distintivo" de todos eles "a súa inclinación a favor de manter o que eles denominaban 'valores básicos' da lingua a salvo. Tomaríase do portugués todo o que fose preciso e tolerable pola nosa sociedade, pero manteríanse sempre cláusulas de enxebreza autóctona que impedirían unha disolución total do galego

[75] Estuda também Alonso Pintos como "propostas normativas do galego moderno" a "primeira normativa de Galaxia (1952)", a única antecedente a Da Cal; e posteriores as que denomina "A Gramática de Galaxia (1966)", "Valentín Paz-Andrade (1968)", "As normas da Academia (1970, 1971)", "*Gallego 1, 2, 3* (1971-1974)", "Manuel Rodrigues Lapa (1973)", "Xosé-Martiño Montero Santalla (1976)", "As *Bases prá unificación das normas lingüísticas do galego* (1977)", "*Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa* (1979"), "As normas da Cátedra de Lingüística", "As normas da Comisión de Lngüística da Xunta (1980)" e "Orientacións para a escrita do noso idioma (1980), 13 propostas no total.

no estándar lusitano. O portugués seguiría actuando, polo menos a nivel teórico, como unha especie de arma privilexiada coa que nos enfrontar ao castelán, máis que como a lingua meta que tempo despois pasaría a constituír para algúns". Finaliza este estudo com uma "Coda" (Alonso Pintos, 2006: 303) em que afirma finalizar o seu trabalho "co convencemento de que, moi probablemente, non sempre saímos vitoriosos do noso intento de distanciamento crítico a respecto do material utilizado. [...] Outra persoa, sobre o mesmo corpus, establecería puntos distintos de atención preferente, organizaría doutra maneira a exposición e chegaría a conclusións total ou parcialmente diferentes". Este trabalho resulta de utilidade pela amplidão com que foca a questão, por mais que não conciba a estandarização ortográfica como um processo e, no caso da análise de Da Cal, nota-se em falta informação a respeito da recepção de LAM e RST na Galiza (como no exterior) e da positiva valorização da sua proposta por agentes de relevo do galeguismo da altura, de que só cita (Alonso Pintos, 2006: 298) Otero Pedrayo. Também é discutível, a valorizarmos o conteúdo do epistolário de Ramón Piñeiro com Da Cal (ver supra, sobretudo cartas de 1958) e outros documentos da altura, que os pressupostos fossem tão distintos aos do galeguismo, seria talvez mais acertado falar de diferentes estratégias, mas o galeguismo defendeu a aproximação ao português até a década de 70 (ver ao respeito o estudo de López-Iglésias Samartín, 2004), por mais que as circunstâncias da não presença no ensino não lhe aconselhassem avançar nessa direcção. Certamente Da Cal sempre defendeu que se mantivessem peculiaridades do galego, sobretudo no léxico. Também teria encontrado Alonso Pintos esclarecimentos valiosos se tomasse de conta as explicações de Da Cal sobre o seu modo de actuar com a língua em 1959 e 1963, oferecidas na reedição de LAM-RST.

Os contributos de Da Cal sobre o galego começam a ser recolhidos igualmente nesse ano na edição da (García Gondar et alii, 2006) *Bibliografía analítica da lingua galega*[76], que referencia parte do contributo, disponível para consulta na rede, Internet, da *Bibliografía Informatizada da Lingua Galega* (Bilega), onde também se encontram diversas referências a Da Cal.

[76] O mesmo acontece no volume segundo (García Gondar/ Castro García, 2008).

No ano **2007** será de novo em Ferrol[77] onde se reivindique mais a Da Cal, com importante reconhecimento para a sua produção literária. Aos 8 de Abril, o *Diario de Ferrol* propõe que se lhe dedique o Dia das Letras Galegas[78], numa comprida reportagem de 4 páginas do jornalista José Gómez, quem entrevista Xavier Alcalá, Xosé María Dobarro, José-Martinho Montero Santalha, Armando Requeixo e Joel Gômez. Salienta-se nesse trabalho jornalístico que "ata hai pouco, varias universidades dos EE UU utilizaban un trabalho seu como libro de texto sobre literatura española", e publicam fotografias do relacionamento directo com Pilar García Negro, Federico García Lorca e Xosé Luís Franco Grande. Assinala (Gómez [José], 8-IV-2007: 2)

> Pasan os anos e o recoñecemento en forma de Día das Letras segue sen lle chegar a un dos galegos máis internacionais do século XX. O ferrolán Ernesto Guerra da Cal, profeta en medio mundo pero non na súa terra, foi o filólogo, escritor e crítico literario que máis fixo pola súa lingua materna no exterior. O seu legado, tan inxente como as loubanzas que recibiu ao longo da súa vida alí por onde pasou, é dunha vixencia fóra de toda dúbida.

Pouco depois, por volta de meados de Maio, publicou-se na cidade *Ferroláns na Historia da Literatura Galega*, de Henrique Dacosta, um volume que tenta a exaustividade ao incluir, da Idade Média à actualidade, todos os produtores que nasceram na cidade, ou relacionados com ela embora a sua origem fosse outra. Da Cal é (Dacosta, 2007: 105-120), com Carvalho Calero, o mais valorizado, e refere-se a eles como (Dacosta, 2007: 78) "os grandes literatos ferroláns". Apresenta Da Cal como (Dacosta, 2007: 105) "home dunha enorme e acreditada estatura intelectual"[79]. Conclui (Dacosta, 2007: 120):

---

[77] Também em Quiroga é lembrado, e figura entre os produtores literários da comarca postos em destaque por causa de (Albo, 4-I-2007) ter textos disponíveis para consulta na Internet. A notícia era provocada pela edição do primeiro volume na íntegra através da rede, realizada por Xosé Lois García, produtor natural de Chantada.

[78] No boletim de língua *Constantinopla*, publicado em edição digital, ao comentar a dedicatória do Dia das Letras Galegas a Maria Mariño afirma-se que (Sem Autor, V-2007) "Agenda da Real Academia Galega subordina-se à do Estado espanhol. Carvalho Calero e Guerra da Cal no ostracismo" frisando a respeito de estes dois vultos que "muitos mais antifranquistas nom há entre o 'galeguismo' tornado oficial por esta monárquica Academia Galega".

Em 2 de Julho, a Real Academia Galega acordou dedicar o Dia das Letras Galegas do ano 2008 a José María Álvarez Blázquez. Entre os produtores que se estudaram como candidatos esteve Da Cal, segundo noticiou (Sem Autor, 2-VII-2007) o Consello da Cultura Galega.

[79] Após dados biográficos foca a sua produção poética, centrando-se em LAM, RST, *Poemas*, *Motivos do Eu*, FI, DTMAb, 6PRC, EC, CL e *Caracol ao Pôr-do-Sol*. No estudo, salienta como principais os mesmos temas da produção literária dacaliana que tinha destacado na comunicação defendida no Congresso da Agal em 1993 e publicada em 1996 nas *Actas* (ver supra), acrescentando alguns elementos e exemplificações dos últimos livros. Inclui alusões aos SPG tentando esclarecer a génese, e recolhe diferentes valorizações da crítica sobre a produção poética de Da Cal. O volume inclui também iconografia, alguma inédita, cedida por Elsie Allen da

> practicamente toda a poesia de Ernesto Guerra da Cal é a procura do vacío existencial a encher, do grande oco da saudade, do exilio primitivo forzoso que marcou profundamente o poeta até facelo renunciar ao entorno. É isto, pois, como unha especie de idealismo neorromántico e angustiante que o converteu nun exiliado da súa patria –fisicamente polo menos— por propio desexo.

E assinala o poema "Conselho", de RST, como demonstração dessa afirmação. Este livro servirá também para a citação de Da Cal na imprensa galega (Antón, 17-V-2007 e 1-VI-2007; Sem Assinar, 29-V-2007; Albo, 5-VI-2007; Piñeiro, 9-VI-2007)[80].

Por volta de Maio a Asociación de Escritores en Lingua Galega editou as Actas dos I e II Simposio Internacional Letras na Raia. Entre os trabalhos encontra-se o intitulado "[Portugal] Um tema central de repertório na Literatura Galega dos últimos séculos", em que alude à presença de Portugal na produção literária galega desde o século XIX, e indica (Gômez, 2007: 89):

> Seriam muitos os autores a que aludir neste século XX. Mas entre todos eles há um que, sem sombra de dúvida, sobranceia sobre todos os outros, e que entendo justifica a minha participaçom nesta sessom, por ter-me devotado ao seu estudo nos últimos anos no Grupo de Investigaçom Galabra da Universidade de Santiago de Compostela: Ernesto Guerra da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994), certamente. Muito representa Portugal na trajectoria deste grande vulto do século XX, insigne membro da Associaçom de Escritores em Língua Galega, até chegar a ser eixo principal da sua existência vital. Mesmo fisicamente passou mais tempo em terras portuguesas que na Galiza natal, por mais que nunca renunciasse à galeguidade, sempre estreitamente unida a Portugal, até ao extremo de se considerar portugalego em repetidas ocasions.

---

Cal e por Joel R. Gômez, segundo indica. Para além dos seis poemas que reproduzia no estudo de 1993, agora acrescenta mais cinco nas exemplificações: "Peregrinagem fatal", de LAM; "Educação física", de FI; "Binómio", de EC; e "Eu posso contar de mim" e "Navegando nas palavras" de DTMAb.

Apesar da alta valorização que ofrece para a poesia de Da Cal há neste trabalho algum erro, como não identificar o poema "Peregrinagem fatal" de LAM e afirmar que fosse essa composição "talvez o derradeiro texto" de Da Cal enviado para publicar na revista *Agália*. São muito escassas as referências à produção científica, e à respeitante à Galiza, que sem dúvida enriqueceriam o que é um dos trabalhos críticos de maior interesse dos publicados na Galiza.

[80] Dacosta reivindicou Da Cal na imprensa com ensejo do lançamento do livro. Numa entrevista afirma (Albo [*La Voz de Galicia*, da comarca de Lemos], 5-VI-2007: 2): "Guerra da Cal aínda segue a ser o grandísimo descoñecido das letras galegas. Desde o principio posicionouse dunha forma clara e belixerante a favor da reintegración do galego e o portugués e iso continúa pesando como unha lousa sobre a súa figura e a súa obra, a pesar do seu enorme prestixio intelectual. O curioso é que cando publicou os seus primeiros libros escritos coa grafía reintegrada foi saudado con hurras e vivas por algúns intelectuais galegos que máis tarde se converteron en furibundos antilusistas. Debido á persecución contra o reintegracionismo, Guerra da Cal chegou a caer no máis absoluto dos esquecementos. [...] A obra de Eça de Queirós estivo mal vista durante moito tempo polo seu anticlericalismo, debido á forte influencia do catolicismo en Portugal. Guerra da Cal tamén sufriu ese rechazo, así que dun lado e do outro encontrouse con muros".

Na continuaçom, esse trabalho revisita alguns dos principais contributos da trajectória de Da Cal para justificar aquela afirmação; cita parte do "Poema a Luís de Camões" e outras composições, com alusões a outros contributos de Galabra.

O Museo do Pobo Galego editou o número 2 da sua revista *Adra*. Inclui o trabalho "Un Presente de Castelao a Ruth Matilda Anderson", que refere a contribuição de Castelao, de que se fizera eco o jornal *La Voz* de Nova Iorque aos 30-XI-1939, para uma "velada de arte y cultura", esclarecendo que (Vilar, 2007) "esa velada estaba organizada polo crego Leocadio Lobo e celebrada no teatro McMille da Universidade Columbia. No acto, presentado por Ernesto Guerra da Cal, actuou o coro do 'Frente Popular Antifascista de Nueva York y Brooklyn'".

No Verão, a revista *Agália* publica o estudo de Joel R. Gômez "O Ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como Modelo para Machado de Assis", que consiste no trabalho apresentado com anterioridade no Rio de Janeiro, acrescentado com novos dados, que tentam evidenciar como durante anos no Brasil existiu interesse em que se realizasse um estudo do teor de LEEQ dedicado a Machado[81]e a influência que teve a não realização desse trabalho anunciado no CEL brasileiro.

Aos 11-XI-2007 Xosé Neira Vilas, em *El Correo Gallego*, no artigo "Vencello con Portugal", lembra os relacionamentos de "hai cincuenta anos" com iniciativas como as revistas *Quatro ventos* e *Celtica*, ou o DLPGB, assinalando que neste "Galicia estaba representada por Ernesto Guerra da Cal". Refere produtores que defenderam os vínculos com Portugal, que julga de "múltiples, e agardamos que vaia[n] a máis. Lembremos os pronunciamentos de Castelao, Teixeira de Pascoaes, Rodriges Lapa, e tantos outros"[82].

A discussão em Portugal da adesão ao Acordo Ortográfico será no ano **2008** o ensejo que mais contribuirá para trazer Da Cal para a actualidade em Portugal (ver

[81] Uma referência a este trabalho, distribuido em separatas, teve tratamento de destaque no *Diario de Ferrol*, que lhe dedicou a contracapa do jornal afirmando (Gómez [José], 16-I-2008) "E mentres se van publicando cousas sobre o célebre ferrolán, moitos, entre os que está Joel Gómez, seguen reclamando un Día das Letras para el: 'Ninguén o merece máis, pois foi o intelectual que máis traballou pola proxección da lingua e da literatura galega internacionalmente. Dedicarllo sería un acto de xustiza".

[82] A respeito da rememoração do passado, também Galaxia reeditou *Olladas no futuro*, de Ramón Piñeiro, que inclui a intervenção nos EUA com ensejo do derradeiro Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em cujo comité organizador participou Da Cal, que favoreceu o seu convite, mas sem fazer qualquer referência a ele.

infra) e na própria Galiza. É citado (v. gr., López[83] [Gómez], 8-IV-2008: 48 e Gómez, 14-IV-2008: 31) em notícias respeitantes à participação galega numa sessão da Assembleia da República, mas também por causa da sessão inaugural da Academia Galega da Língua Portuguesa[84] (Gómez, 7-X-2008), celebrada em Compostela em 6 de Outubro, e em que foi aludido por vários oradores, em especial por Carlos Reis, quem lhe dedicou a parte central da sua intervenção, memorando os posicionamentos de Da Cal a respeito da língua galega e dos estudos queirosianos segundo o seu próprio testemunho. Também no número 1 do *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, cujo lançamento aconteceu na sessão inaugural, Da Cal é referenciado com destaque no trabalho de Carlos Durão (2008: 35-56), em que faz um percurso pelas posições de diferentes produtores a respeito do Reintegracionismo, salientando de Da Cal as publicações LAM, RST e FI, bem como a sua presidência na Comissão Galega do Acordo Ortográfico e outros elementos. A revista inclui (pp. 206-211) as intervenções de Alexandre Banhos e Ângelo Cristóvao, dirigentes da Agal e da Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, como representantes galegos na sessão da Assembleia da República de Portugal sobre o Acordo Ortográfico, as duas com alusões a Da Cal. Desde este mesmo âmbito, Montero Santalha (XI-2008: 35-36) assinala-o entre os principais produtores galegos com "consciência lusófona", num estudo em que esclarece o significado da Academia Galega da Língua Portuguesa na revista *Longa Lingua*, da Mesa pola Normalización Lingüística.

No Verão editaram-se as *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, celebrado em 2005 em Santiago de Compostela. Os dois volumes, publicados pela USC, coordenados pelos professores Carmen Villarino, Elias Torres e José Luís Rodríguez, foram lançados no IX Congresso da entidade,

[83] Na realidade como autor dessa informação devera figurar Gómez, que foi o enviado especial do jornal a Lisboa, como se pode verificar nos dias precedentes e posteriores. A assinatura como López foi uma confusão na própria Redacção.

[84] As perspectivas favoráveis para que prosperasse esse acordo foi um dos elementos que contribuiu para a formação desta organização, presidida pelo professor Martinho Montero Santalha, e integrada por 29 pessoas do âmbito académico e externo a ele, às quais se uniria com posterioridade Celso Álvarez Cáccamo, da Universidade da Coruña. Com ensejo da reunião na Assembleia da República de Lisboa, e num posterior encontro da CPLP com jornalistas extrangeiros, transcendeu que o Governo Galego se tinha interessado perante esta instituição supranacional da possibilidade de adesão da Galiza, e assim se recolheu também na imprensa galega (J. G., 9-IV-2008: 48; Sem Autor, 11-VII-2008a e b). Esta consulta representava uma nova posição desde o Campo do Poder Político da Galiza, que nunca com antecedência tinha testado essa possibilidade e que, caso de chegar a prosperar, poderia supor um progredir no processo para materializar as aspirações reintegracionistas defendidas por Da Cal.

celebrado na Madeira, e nele é-lhe dedicado um estudo específico a Da Cal (Gômez, 2008: 369-381), em que se estuda a BQ e se coloca como exemplo de campo de lutas "que repercutiu decisivamente no processo de canonicidade de Eça de Queirós e, conseqüência disso, na ediçom crítica da sua produçom, actualmente em andamento, além de contribuir para consolidar um novo discurso do produtor de *A Relíquia*, pola sua capacidade de legitimaçom".

Nos finais do ano a revista *Grial* inclui uma entrevista do professor Henrique Monteagudo, da USC, com Víctor Fuentes, em que este professor norte-americano mais uma vez salienta com grande destaque o labor de Da Cal no âmbito académico e universitário dos EUA[85].

Em inícios de 2009 os estudos queirosianos de Da Cal são referenciados ao noticiar (Gómez,) de uma edição da novela *O Mandarim* na Galiza orientada para escolares de secundária, numa publicação pioneira no campo do ensino.

## IV.2.-A consolidação da centralidade no Campo dos Estudos Literários português.

Os estudos queirosianos consolidarão a centralidade de Da Cal no Campo dos Estudos Literários de Portugal, com referências continuadas em que a BQ terá a primacia, mas também terão produtividade outros estudos, apesar da passagem do tempo. O lusitanismo, a poesia ou o seu labor de mediação e abertura para com

---

85 Vale a pena referenciar mais dois acontecimentos desse ano em que o nome de Da Cal não foi indigitado, mas que lembra a sua produção. Aos 2-VI-2008 o jornal *El Correo Gallego* noticiava na capa o ingresso de Darío Villanueva na Real Academia Española, e em entrevista com ele inserida em páginas interiores esclarece que o seu discurso de ingresso, que será proferido no dia 8 desse mês, e segundo depõe (Martínez, K., 2-VI-2008: 68): "El discurso se titula *El Quijote antes del cinema*, y aunque ahora casi me parece una temeridad hablar sobre *El Quijote* en la RAE, lo cierto es que sobre este tema en concreto no hay nada. […] Parto de que *El Quijote* tiene un planteamiento narrativo y estético que el cine aprovechará después". Da Cal, nos estudos que dedicou à narrativa de Cervantes editados pela UFRJ em 1973, fez alusão à técnica cinematográfica empregada no *Quijote* (como com posterioridade no estudo sobre *Fuenteovejuna* publicado na *Revista da Universidade de Coimbra*), uma linha de pesquisa que agora era impulsionada por Villanueva, sem ter relacionamento com a dele, e com outra perspectiva metodológica.

Aos 5-VI-2008, o jornal *La Voz de Galicia* publica um anúncio publicitário, de página inteira, da empresa Chamartín Imobiliária (em que há elementos como o a reprodução da capa do Relatório Anual de Sustentabilidade, e outros, respeitantes a Portugal, o que faz pensar que pôde ter sido elaborado por uma agência portuguesa, o que ajudaria a entender a escolha) que tem como lema, em letras de grande destaque, a frase "El futuro nos interesa porque es el lugar donde vamos a pasar el resto de nuestras vidas". Um lema que, com efeito, não pode deixar de lembrar o "Conselho de amigo" de FI e os versos (Da Cal, 1985: 105) "Cultiva o teu futuro/ com amor/ porque ele é o lugar/ onde tens que passar/ o resto da tua vida". A publicidade está inserida em páginas especiais dedicadas à efeméride do Día do Meio Ambiente e evidencia a transferência para este campo do discurso poético dacaliano.

outros povos e culturas serão questões que também se colocarão em destaque nas reacções após a sua morte.

Em **1994** publicou-se *Cervantes no Romantismo Português*, de Maria Fernanda de Abreu. Num prólogo a esse volume, afirma **Claudio Guillén**, indiscutível referência da Literatura Comparada:

> As diferenças tradicionais entre Espanhóis e Portugueses são a melhor ilustração imaginável da prioridade da História sobre a Geografia. Mas os exemplos de Fidelino de Figueiredo, entre tantos outros, de Eduardo Lourenço, de Ernesto Guerra da Cal, que Maria Fernanda de Abreu põe em relevo, mostram-nos que aquilo é história pretérita, muito pretérita, e superável. Os que vivemos, tempos atrás, no exílio americano e passámos por Nova Iorque, ou depois pelo Estoril, tivemos a oportunidade de ser amigos de Da Cal e admirar o seu espírito brilhante, a sua coerência a sua vontade de trabalho. Da Cal, inesquecível, exemplificou a entrega completa de um espanhol, porque o era, à cultura de língua portuguesa. Bem sabia ele que entre Espanhóis e Portugueses podia e costumava haver a mais pertinaz ignorância, mas não estranheza, nem remota distância humana, nem improbabilidade de comunicação plena, livre e verdadeira.

**O mestre do comparatismo homenageia Da Cal**, salienta assim o seu espanholismo, e iberismo, num volume que privilegia esta perspectiva. Abreu (1994: 330) cita o estudo de Da Cal sobre *A Relíquia*, e valoriza:

> Com uma visão ao mesmo tempo de fora e de dentro, tem podido olhar, simultaneamente, a literatura portuguesa e a espanhola e nesse olhar tem posto engenho e arte. E como exemplo de uma extraordinária imaginação crítica e comparativista deu-nos um exímio exercício num estudo sobre *A Relíquia*.

Aos 18 de Janeiro de **1995** Marcello Duarte Mathias publica no *Jornal de Letras* o artigo "Um homem vivo", em que se reivindica o contributo de Da Cal à cultura portuguesa, solicitando que fosse lembrado com a edição da sua poesia completa, uma rua com o seu nome ou um In Memoriam "que nos restituisse na sua fulgurante verdade caleidoscópica os mil e um Ernestos dessa tão cativante personalidade que foi Ernesto Guerra da Cal". Este diplomata refere no artigo diversos aspectos do seu relacionamento de 25 anos com Da Cal, a quem apresenta com enorme simpatia e como um grande vulto e amigo de Portugal[86],

[86] Salienta os estudos queirosianos; o tempo de férias "em casa de meus pais, ou em Sintra na de Becas e do Joaquim Luís Gomes. Sempre com o mesmo grupo de amigos, entre outros, o Luís Santos Ferro, o João Furtado Coelho, a Zé, o Luís Vaz Pinto que como médico o acompanhou até ao fim". Lembra também o encontro com ele na última etapa de residência em Nova Iorque, como se encontravam semanalmente e lhe levava a imprensa portuguesa, e onde detectara a sua insatisfacção pela nova situação da cidade. Põe em destaque as habilidades manuais, e lembra a conferência do Grémio Literário de 1970, a que assistira, "sobre a *Relíquia*, em que a sua verbe e fantasia se juntavam à do Eça e ambas faziam maravilhas. A sua paixão pelo Eça –sublimação duma vida!— vinha-lhe de longe. Aos 16 anos já lhe conhecia a obra toda, pelo que decidiu

num bem documentado e emocionado contributo, um texto consagrador pela personalidade do assinante e pelo lugar em que se publicava, em que afirma (Mathias, 18-I-1995: 45):

> De tudo, porém, era a Galiza da sua infância (chega a Madrid pela primeira vez aos doze anos estranhando ouvir a língua espanhola) e a guerra civil espanhola (combatera pela república nas milícias galegas) que ele evocava com fervor inesgotável –episódios, diálogos, amizades, perigos, ressuscitavam intactos da sua memória prodigiosa. [...] Galego, nunca foi espanhol, nem jamais o quis ser, tão-pouco se sentia americano apesar de lá ter passado o essencial da sua existência. Eis porque, para ele, Portugal fora o melhor substituto da pátria que perdera. O que nem sempre constituiu uma relação fácil. Daí alguma exasperação, ou talvez mesmo, aqui e ali, algum ressentimento.

Aquelas reivindicações de Mathias, com efeito, serão materializadas. De facto, aos 3-VI-1995, em carta que encaminha para Xosé Luís Franco Grande[87], Elsie Allen da Cal confirma que

> Está agora em preparação um livro de homenagem ao Ernesto para o qual já recebeste comunicação do Carlos Reis, da Univ. De Coimbra, e vai ser subsidiado pela Gulbenkian. Tive no outro dia uma notícia que muito me agradou. Uma amiga de uma amiga minha, que é pintora, leu um dos poemas que foram integrados naquele livrinho Coisas e Loisas –que eu acho uma pérola e ficou muito impressionada e inspirada, e disse à minha amiga que iria pintar um quadro usando como tema esse poema de Ernesto, que eu ainda não sei qual é. Seria pois atempado tirar uma foto e incluí-la no In Memoriam.

Porém, a concretização desse projecto demorará mais dois anos. No segundo semestre de 1995, na apresentação do número 5/6 de *Queirosiana*, **Carlos Reis** (Dezembro 1993-Julho 1994: 10) salienta ser o primeiro volume da revista editado após a morte de Da Cal, a quem se refere como "um homem cuja actividade transformou radicalmente os estudos queirosianos" e qualifica-o de "personalidade de invulgar estatura humana, cultural e científica, a quem muito devem todos os que fazem do autor d'*Os Maias* o seu campo de trabalho privilegiado". A revista inclui um "In Memoriam", sem assinar, no qual se indica: "No campo dos estudos queirosianos —domínio em que o Prof. Ernesto Guerra da

---

escrever sobre ela para com ela continuar a dialogar". Indigita-o como um conversador interessante e culto, o relacionamento com Lorca, Buñuel e algumas figuras das gerações espanholas de 98 e 27, bem como as opiniões do tempo do McCartismo e "as cavaqueiras até tarde com o Rodrigues Migueis"; afirma que conhecera Orwell e Hemingway, lembra a participação na Guerra de Espanha em Valência, e reivindica para ele "o relevo que lhe era devido" e que não tivera ainda depois da morte.

87 Elsie da Cal também comunica a Franco Grande: "Atendendo a tua pergunta: o bisavô do Ernesto era o Conde de Scopoli e que renunciou ao título por se ter juntado a Garibaldi. Portanto o nome completo do Avô é: Carlo Güerra Scopoli".

Cal se afirmou como autoridade incontornável—, a sua obra de maior projecção é a *Bibliografia Queirosiana*, trabalho impressionante de erudição e rigor, constituido por cerca de 14.000 verbetes, abrangendo praticamente todos os domínios da vida, obra e fortuna cultural de Eça de Queirós". O volume, duplo, publica os trabalhos apresentados no já citado segundo Encontro Internacional de Queirosianos[88].

No Verão, *Colóquio/Letras* publicou o número duplo 137/138, monográfico dedicado à Galiza, sob coordenação de Pilar Vázquez Cuesta, da USC. Colaboravam com estudos alguns dos principais representantes da cultura galega mais respaldados e reconhecidos pelas instituições galegas. O volume estava patrocinado pela Xunta de Galicia, e os trabalhos encontravam-se redigidos segundo o cânone ortográfico ILG-RAG, o que visava funcionar como uma demonstração de força e autoridade, difundindo numa das publicações mais valorizadas do mercado português os posicionamentos ditos "oficiais" a respeito da língua, sem qualquer contribuição do reintegracionismo, e evidenciando na Galiza como podiam conseguir aquele objectivo. As referências à produção do reintegracionismo eram muito secundárias, sendo silenciada em muitos dos contributos. No entanto, mais uma vez Da Cal atingia um lugar central, ao ser-lhe dedicado o artigo "Guerra da Cal poeta e filólogo Galego-Portugués", assinado por Francisco Fernández del Riego, em que este estudioso e membro da Real Academia Galega oferece dados biográficos e da produção científica e literária, demonstrando ser bom conhecedor da mesma[89] ao citar um trecho de uma carta de Cecília Meireles a Da Cal em que a poeta brasileira valorizava muito elogiosamente LAM. Um artigo que podia aparecer como demonstração de que se

88 F. Sousa e Beatriz Berrini aludem Da Cal para o estudo de *A Capital!* e *A Relíquia*.

89 Põe em destaque a relação Da Cal-Lorca e emenda um erro de trabalhos anteriores ao assinalar a participação de Da Cal em Anfistora e não em La Barraca. Afirma ter sido LEEQ "a obra que o consagrou" e que "amaba a lingua portuguesa. Nela ollaba realizado o destino que as circunstancias históricas impediron que tivese a literatura galega", e assinala que as relações pessoais entre eles "encetáronse en Lisboa. Presentóunos o Dr. Rodrigues Lapa, co que eu pasaba uns días na súa residencia de verán da Costa da Caparica", alusão com que procurava angariar a simpatia do consumidor português não avisado de quem era Del Riego, ao sublinhar o relacionamento com aquele vulto tão valorizado da cultura portuguesa. Del Riego evoca o jantar com ensejo do Colóquio Internacional de Coimbra do ano 1963, em que participaram eles dois com Machado da Rosa e Celso Cunha, e a carta que com posterioridade lhe enviara Da Cal memorando aquele encontro emocionadamente, e finalizava com esta valorização (Del Riego, VII/XII-1995: 225): "A cultura galega e a de Portugal constituiron dous afervoados amores do filólogo amigo que se nos foi. Nestes momentos en que evocamos a súa figura, goréntanos rememorar aquela afirmación que tanto gosta de facer: 'Síntome galego de nacemento e galego-portugués de vocación".

respeitava a doutrina que ele representava, e com o que procurava uma maior legitimação em Portugal (onde deveu ser uma surpresa ver aquela revista escrita de aquela maneira e com aqueles conteúdos, numa linha bem diferente à que era habitual desde a fundação da publicação; para os leitores que acompanhavam a trajectória da *Colóquio/Letras* o nome de Da Cal era dos mais conhecidos e que podia resultar de atractivo) desde aquela posição de privilegiado apoio institucional[90].

Entre os reconhecimentos queirosianos, a Tese de Doutoramento de Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves, apresentada na Universdade do Minho, sobre *A imagem de França na obra queirosiana pós 1888*, referencia LEEQ, BQ e "Eça, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*"; trabalhos de Carlos Reis e Fernando Venâncio recolhidos nas *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* (celebrado em 1993 em Hamburgo, mas editadas em Portugal); o verbete "CAL (Ernesto Guerra da)", redigido por Carlos Reis para o primeiro volume da *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literatura em Língua Portuguesa*[91]; o volume comemorativo dos 150 anos do nascimento de Eça, editado na Póvoa de Varzim ao cuidado de A. Campos Matos; a quarta edição de *A Cidade e as Serras*, publicada pela Ulisseia, com estudo de Carlos Reis; nessa mesma empresa a edição de *A Ilustre Casa de Ramires*, ao cuidado de Maria Ilda Leitão e Francisco Santana, que aludem a Da Cal para explicar o adjectivo e o estilo indirecto livre em Eça; um estudo de Manuel dos Santos Alves (1995), da Universidade do Minho, publicado em *Humanitas*, que utiliza uma metodologia comparatista semelhante à que empregara Da Cal (1961) no contributo sobre Eça e os produtores franceses do Parnasse Contemporain; e nesse mesmo volume de *Humanitas*, Ricardo Olmos, especialista do Consejo Superior de Investigaciones

[90] Entre os assinantes dos trabalhos encontravam-se dois cargos da Xunta: Manuel Guede Oliva, director do Centro Dramático Galego; e Xabier Senín, da Consellería de Cultura. Os outros assinantes, destacados na capa, eram Pilar Vázquez Cuesta, Ramón Villares, Xosé Filgueira Valverde, Pegerto Saavedra, Henrique Monteagudo, M. C. Ríos Panisse, Carmen Blanco, Xosé M. Salgado, Claudio Rodríguez Fer, Helena González e Dolores Vilavedra, X. L. Axeitos, Víctor F. Freixanes, Justo G. Beramendi, Xosé Luís Barreiro Barreiro, Anxo Tarrío Varela, Blanca-Ana Roig-Rechou e Margadita Ledo Andión; a maioria eram professores da USC, mas não foram convidados outros de orientação claramente reintegracionista, como José Luís Rodríguez, Carlos Quiroga, José António Souto ou Elias Torres, apesar da sua já importante produção na altura.

[91] Afirma (1995:843) ser LEEQ "ainda hoje o mais importante estudo estilístico" sobre Eça; e refere-se à BQ como "monumental e insubstituível inventário bibliográfico, enriquecido com minuciosas e eruditas informações de diversa índole: daí decorre (e também de outros trabalhos sobre o mesmo autor) o justo prestígio grangeado por Guerra da Cal como o maior especialista dos estudos queirosianos".

Científicas de Madrid, ampara-se também na BQ para assinalar fontes documentais sobre *A Relíquia,* num estudo em que tenta uma aproximação a essa narrativa queirosiana desde a arqueologia.

Nos primeiros dias de **1996**, da UC[92] enviam-se cartas aos colaboradores convidados para participar no volume de homenagem a Da Cal. Indica-se (Reis, 8-I-1996) que o primeiro pedido de originais formulara-se em 14 de Abril do ano anterior e decidiram ampliar até ao final de Janeiro "para que o volume possa ser editado até ao final deste ano".

Em 1996 editou-se o *Dicionário de Literatura Portuguesa*, sob organização e direcção de Álvaro Manuel Machado. A Da Cal é dedicado o primeiro verbete da letra "D", redigido por **Carlos Reis**, que salienta a "notável actividade como professor, ensaísta e também como poeta" nos EUA. Ressalta a Tese de Doutoramento, os trabalhos sobre diferentes literaturas e a BQ, assinalanado-o mais uma vez de (Reis, 1996:159) "a maior autoridade no campo dos estudos queirosianos". Acrescenta que "sendo menos conhecido como poeta, Guerra da Cal deixou também uma apreciável produção lírica", que analisa. A inclusão neste produto, como a antes citada de *Biblos*, representa reconhecimento de Da Cal como integrante também dos CL e CEL português. Trata-se, pois, de contributos marcantes, nos quais tem relevo a personalidade do autor do verbete, cuja valorização do labor queirosianista nestes meios **consagra-o definitivamente**. Na colecção da **edição crítica de Eça de Queirós** publicou-se *Textos de Imprensa VI,* ao cuidado de **Maria Helena Santana**, que no seu trabalho salienta o facto de ter Da Cal identificado como de Eça, na BQ, o texto "Novos factores da política portuguesa" e qualifica a BQ de "obra de referência imprescindível nesta edição"[93].

No volume XXXV de Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian publicou-se o trabalho "À propos du *Mandarin*", de Luís dos Santos Ferro,

[92] Nesse ano na UC estreou-se uma Cadeira de Estudos Queirosianos.

[93] O texto publicara-o Eça sob o pseudónimo "Um espectador", na *Revista de Portugal*. "A identificação –indica Santana— é da responsabilidade de Guerra da Cal, que teve acesso ao original autógrafo, único testemunho factual da autoria do texto. De acordo com a discrição deste investigador, na *Bibliografia Queirociana* (1975) o manuscrito foi inequivocamente escrito por Eça e apresenta correcções do autor coincidentes com a versão impressa, em presumível revisão de provas". Santana não conseguiu o autógrafo e assinala desconhecer onde se encontra desde 1975, apesar das suas pesquisas.

dedicado "In Memoriam Ernesto Guerra da Cal, em saudade e admiração perenes"[94]. Frank. F. Sousa publica *O Segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em A Cidade e as Serras*, com prólogo de Carlos de Reis, que inclui a dissertação de Doutoramento defendida na Universidade de Califórnia quatro anos antes. Neste volume há repetidas citações de LEEQ, BQ e do ensaio sobre *A Relíquia*[95]. A *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, no número correspondente a 1995-1996, foca com preferência Eça em vários trabalhos, e em eles encontra-se a referencialidade dacaliana[96]. O mesmo acontece no número 6 de *Estudos Portugueses*, dedicada pola Universidade de Pernambuco aos "150 anos de Eça de Queirós"[97]. Outros exemplos da produtividade dos trabalhos de Da Cal nesse ano são o estudo de **Maria Teresa Pinto Coelho**, em *Apocalipse e Regeneração. O Ultimatum e a mitologia da pátria na literatura finissecular*, que **cita os cinco volumes da BQ** (1996:307) na epígrafe da bibliografia "Estudos literários e socioculturais"; ou no novo volume, com os números 7/8, de *Queirosiana*, no trabalho de Elena Losada Soler "Os anos dourados de Eça de Queirós em Espanha (1910-1925)", onde se alude à tese de Da Cal a respeito da influência do romancista português em Wenceslao Fernández Flórez ou Julio Camba.

Em 1996 publicou-se em Lisboa o volume *Receitas de Gala*, um trabalho de culinária de Salvador Dali, de homenagem à sua companheira Gala. Publicado

[94] Este colaborador da BQ informa (1996:867-874, além de reprodução fotográfica) do original do conhecido prólogo do romance, que se encontra em Paris, na Bibliothèque Polonaise. Assinala edições que não foram ao original, e admite (1996:871) que em conversa com Da Cal, descobriu a pista desse lugar, e posteriormente verificou-a em diálogo com a viúva de Adam Zielinski, que num artigo manifestara ter descoberto a carta que Eça enviara à *Revue Universelle*, onde se difundiu primeiramente. Ferro apoia-se na BQ (1996-873) para dar conta de diferentes textos teóricos sobre a Literatura, redigidos por Eça durante o tempo em que exerceu o consulado em Bristol, referenciando os verbetes em que são recolhidos por Da Cal.

[95] Explica Sousa (1996:75) que Da Cal estudou o grotesco na *Relíquia*, produção de afinidades consideráveis com *A Cidade e as Serras*; ampara-se em LEEQ para frisar questões estilísticas e afirma que juízos de Da Cal sobre Todorico Raposo podem (1996:97) "perfeitamente aplicar-se a Zé Fernandes". Valoriza como acerto o relacionamento entre *A Relíquia* e o *D. Quixote*. Destaca igualmente que (1996:130), como sugere Da Cal, "Eça cada vez mais se entrega ao prazer de jogar com a linguagem".

[96] Assim, no de Frank F. Sousa, intitulado "Da errância como atitude estética em Eça de Queiroz: Do conto 'Perfeição' a *A Cidade e as Serras*", cita LEEQ (na ed. de 1981) e a BQ. Insiste em argumentos assinalados no volume publicado em 1996 e refere-se a LEEQ como "clássico estudo". Num trabalho sobre *As Farpas*, do director dessa revista, João Medina cita a BQ e discrepa de que Da Cal julgasse ver no primitivo demónio de *As Farpas*, de 1871, o "diabinho coxo" de Vélez de Guevara em lugar do elaborado por Manuel de Macedo. Ainda no trabalho "La fortuna literaria de Eça de Queiroz en España", Elena Losada Soler, refere-se à "extraordinaria bibliografia queirosiana del Prof. Ernesto da Cal" e fornece contributos para a complementar.

[97] Inclui o trabalho de Carlos Reis "Eça de Queirós e o Romantismo" (1996:13-19), no qual se cita LEEQ na "Bibliografia passiva" como estudo de referência.

originariamente em inglês, em edição reduzida de apenas 100 exemplares, saía agora em português, com versão de Elsie Allen da Cal. Segundo esclarecia a viúva de Da Cal na apresentação, ela assumiu realizar a tradução por ter sido indigitada para esse labor por Rosa Castanho, uma amiga especialista em gastronomia a quem tinha ido visitar ao hospital, e pelo editor Assírio Bacelar, assinalando que esse livro de Dali, que na edição príncipe não se encontrava à venda em Portugal (Allen da Cal, 1996: 8) "lhe foi oferecido postumamente por um amigo de longa data, o Professor Ernesto Guerra da Cal". Surpreende destas informações que Da Cal tivesse na sua biblioteca tão raro exemplar, muito luxuoso, pela sua restrita edição. Segundo depoimento de Elsie Allen, em entrevista realizada com ensejo da presente pesquisa, isso foi assim porque lhe tinha sido oferecido a ele para que o difundisse na programação da *Voice of America*. Este dado evidencia como era conhecido e apreciado aquele contributo radiofónico, e como lhe abriu portas e lhe permitiu chegar a muitos âmbitos que porventura permaneceriam fechados para ele caso de não dispor de aquela tribuna semanal.

O Professor da Universidad Autónoma de Madrid, Juan Carlos Gómez Alonso, publica em *Diacrítica*, revista da Universidade do Minho, um estudo sobre a estilística em Portugal e em Espanha, onde não faz qualquer referência a Da Cal: nem ao estudo fundador de LEEQ, nem a nenhum outro dos seus contributos. Uma ausência mais surpreendente de se tomar de conta que se marca como objecto de estudo (Gómez Alonso, 1996: 555) "las diferentes marcas de unidad y diferencia de la Estilística desarrollada en Portugal y en España, o para ser más precisos, en el mundo hispánico y en de la lengua portuguesa", sendo Da Cal mesmo uma figura ponte entre ambos os países e favorável ao diálogo entre eles, como julgamos ter ficado demonstrado no presente estudo.

Aos 4 de Agosto de **1997** o Presidente da Câmara Municipal de Cascais, José Luís Judas, data uma proposta para dar nome a três ruas, e responder à petição que lhe fora feita em 18 de Maio desse ano pela Junta de Freguesia do Estoril. A proposta, apresentada formalmente em 27 desse mês e que será aprovada, propunha que um desses nomes fosse "Rua Prof. Ernesto Guerra da Cal (Investigador) [...] inicia-se na Rua de Angola e termina s/ saída"; um claro exemplo da sua maior consagração em Portugal pelo seu trabalho de pesquisa.

A Câmara Municipal de Anadia e outras instituições patrocinam **dois volumes fulcrais sobre Manuel Rodrigues Lapa**: uma selecção da sua *Correspondência* entre 1929 e 1985 e uma *Fotobiografia*, ambos com referências e reconhecimento de Da Cal[98].

Nos estudos queirosianos, no volume *Eça de Queirós. Consul de Portugal a Paris 1888-1900*, de Carlos Reis (1997), figuram LEEQ e a BQ; na Faculdade de Letras da UC, na Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa intitulada *Os "tempos simples do indicativo" nos discursos directo e indirecto livre n' O Primo Bazílio de Eça de Queirós*, Ana Paula Oliveira Loureiro, baseia-se em LEEQ-1981; Na revista *Millenium*, editada pelo Instituto Superior Politécnico de Viseu, Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes estuda *A cidade e as serras*, e o modo como essa narrativa de Eça foi valorizada pela crítica, e cita LEEQ e o verbete sobre esse produto realizado por Da Cal no DLPGB. Orlando Grossegesse, no prefácio de *Chineses e Japoneses, de Eça de Queirós* ampara-se na BQ.

Em Janeiro de 1998[99], a UC publicou na colecção dos *Acta Universitatis Conimbrigensis* o volume *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, um dos reconhecimentos principais. Consta de 366 páginas e inclui trabalhos de 30 produtores de vários países[100].

---

[98] No de *Correspondência* figura uma carta de Lapa, do ano 1981 (ver supra), e encontra-se também indigitado em epístolas de Lapa a Montero Santalha, de 10-VII-1974 (pp.346-347), e mais em outra a J. Santos Simões (p. 355); e é apresentado como (p.422) "Professor e ensaísta galego. Queirosiano eminente e estudioso de filologia românica. Poeta. Professor Emeritus da Universidade de Nova Iorque". Na *Fotobiografia* é uma das personalidades, ao lado de Adolfo Coelho, Carolina M. de Vasconcelos, José Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Rodrigo de Sá Nogueira, Manuel de Paiva Boléo, Joaquim Matoso Câmara Jr., Celso Cunha, Serafim da Silva Neto, Óscar Lopes, António José Saraiva, Jacinto do Prado Coelho e Luís Filipe Lindley Cintra, que consta entre os vultos do "Contexto Universitário. Filologia, Linguística, Literatura" em que se enquadra Lapa; e dedica-se-lhe a página 329, com valiosa iconografia. Outorga-se-lhe, pois, a mais elevada valorização.
Além disso, no Colóquio Internacional em homenagem a Lapa, organizado esse ano em Curia, sobre Filologia, Literatura e Lingüística, Da Cal também foi lembrado, segundo se infere das actas desse acontecimento editadas no ano 2000 (ver infra).

[99] Na capa do volume figura "1997"; no entanto, no cólofon indica-se ter sido "composto e impresso" em 1998, e a esse ano corresponde também o Depósito Legal.

[100] O volume abre-se com a reprodução de uma tela de Jacqueline Kiang elaborada sobre versos de Da Cal. No sumário diferenciam-se um trabalho de Aníbal Pinto de Castro, director da Biblioteca Geral da UC; outro de Francisco J. Veloso, sobre a biobibliografia dacaliana; a epígrafe de "Evocações", com trabalhos de Álvaro Manuel Machado, Carlos Durão, Helena Cidade Moura, Joaquim de Montezuma de Carvalho, José Blanco, José Manuel Fragoso, Luís Elias Casanovas, Marcello Duarte Mathias, María Victoria Atencia, Micaela Ghitescu e Xosé L. Franco Grande; e a

**Aníbal Pinto de Castro** (1997: 9-12) esclarece na apresentação como a diversidade de conteúdo e de perspectivas "visam homenagear a vincada personalidade do Doutor Ernesto Guerra da Cal, cuja obra de professor, investigador, poeta e ensaísta de grande envergadura se projectou, desde a sua Galiza natal, a algumas das mais prestigiosas Universidades norte-americanas, durante décadas de sério e persistente trabalho". Informa que a "feliz iniciativa" de editar o volume fora de Carlos Reis, e salienta que a decisão de inclui-lo nos *Acta* deveu-se a que a UC "não pode deixar de sentir-se particularmente feliz e honrada por fazer desse acolhimento um testemunho de grata lembrança para a memória de um dos seus mais prestigiosos colaboradores". Qualifica LEEQ de "estudo fundamental"; e "monumental" a BQ, cujos volumes

> representaram um trabalho tão moroso quanto oneroso, pelos múltiplos acrescentos e alterações que o Autor, sempre na senda de um novo documento, por menor que fosse a sua importância, constantemente pedia, mas que os sucessivos responsáveis pela colecção, entre os quais se contaram os Doutores Guilherme Braga da Cruz, Álvaro J. da Costa Pimpão e Luís de Albuquerque, o Bibliotecário-Chefe Dr. César Pegado e, na parte final, eu próprio, nunca deixámos de atender, conscientes como estávamos das suas razões e da importância daquele magnífico repositório bibliográfico que, para além da sua exaustividade, constituia um guia seguro dos estudos queirosianos, pelo juízo crítico, sempre objectivo, certeiro e desassombrado, que acompanhava a grande maioria das espécies registadas.

Rememora Pinto de Castro a "forte personalidade" de Da Cal por causa de ter **coincidido com ele na comissão que tivera a encomenda de comemorar o centenário da Geração de 70** na UC. E acrescenta: "Ouvi-lhe então, na Faculdade de Letras, com verdadeiro encanto, a conferência que viria depois a publicar sob o título de *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*. E a partir de então as nossas relações não mais deixaram de dar lugar a um enriquecimento mútuo que só a morte viria interromper". Referencia este Professor outras facetas de Da Cal, como a produção literária[101].

---

parte final de "Estudos", com contributos de Américo da Costa Ramalho, Amina di Munno, Ana Luísa Vilela, Ana Teresa Peixinho, Beatriz Berrini, Carlos Reis, Celia Díaz, Elena Losada Soler, Eugénio Lisboa, Isabel Pires de Lima, Leodegário A. de Azevedo Filho, Luiz Fagundes Duarte, Maria do Carmo Henríquez, Maria Fernanda de Abreu, Mário Vieira de Carvalho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva e Xosé Estévez.

[101] No entanto não deixa de resultar surpreendente que, apesar de ampla referência que faz ao relacionamento de Da Cal com a UC, não aluda ao Doutoramento Honoris Cousa que lhe tinha sido outorgado em 1989, talvez porque ainda ficasse a memória do incidente da sua não apresentação no acto.

**Francisco J. Velozo** (1997:13-20) redige o perfil bio-bibliográfico do homenageado. Põe em destaque "a famosa" LEEQ e os "cinco grossos volumes" da BQ como "conjunto, ao parecer, não superado por obra semelhante, relativo a algum escritor universal de qualquer língua no que toca a originalidade, acurado critério científico e pesquisa minuciosa através de numerosas bibliotecas e arquivos de várias nações". Ressalta os contributos do *Columbia Dictionary of Modern European Literature* e do DLPGB, frisando que "as suas predilecções, e a sua incontestável competência sobre assuntos queirosianos, a par de igual afeição ao génio de Miguel de Cervantes Saavedra (dois apelidos galegos), dita-lhe a notável conferência feita em Lisboa, em 1971, no Grémio Literário, *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco"*. Foca com muita preferência a produção poética de Da Cal[102].

[102] Dos restantes contributos que focam especificamente questões respeitantes a trabalhos científicos e literários ou à biografia de Da Cal, **Álvaro Manuel Machado** (1997: 21-22) defende ser LEEQ umha "incomparável obra-prima de análise estilística" que abriu "desde a versão original castelhana de 1954, perspectivas absolutamente novas para os estudos queirosianos" e acrescenta que Da Cal "para lá das tendências teóricas da sua época, entre Bousoño, Dámaso Alonso e o nosso Jacinto do Prado Coelho, era aquilo a que rigorosamente se poderá chamar um *homem de estilo*. Como tal o conheci e como tal o guardo na memória".

**Helena Cidade Moura** salienta ser a produção dacaliana "um método científico bem aculturado; a enorme persistência dum trabalho cuidadoso, intelectualmente criativo mas atento à mais insignificante parcela de informação, viesse ela donde viesse, que deram corpo à enorme, exemplar obra de reconstrução, de clarificação, de aprofundamento dos mecanismos de criação, que Guerra da Cal nos legou". Assinala que "a sua grande amiga, Senhora D. Maria Eça de Queiroz de Castro [...] disse-me várias vezes e escreveu-me mesmo, numa carta, da sua grande satisfação por reconhecer em Ernesto da Cal, para além dum universitário completo, um artista à *procura da verdade e da beleza*". Conclui Moura que faltam focagens de Eça na esteira do assinalado por Da Cal, por mais que "o caminho foi aberto e já alguns o seguiram. Ao evocarmos Da Cal, como ao evocar Eça, fazemo-lo num contexto de inter-relações, de *inter-amizades*, alicerçadas no sentido da responsabilidade individual e colectiva que Eça nos legou e Ernesto da Cal personalizou; por isso também hoje a memória é viva, credível e à sua volta crescem, perduram, rejuvenescem estudos, trabalhos e ideias transformadoras". Este contributo de Moura é um reconhecimento da sua capacidade de trabalho, do seu contributo metodológico, e da exemplaridade da sua conduta.

**Joaquim de Montezuma de Carvalho** (1997: 33-37) define-o como "um intelectual no vero significado da palavra, a de homem que anela mais hombria de bem, a honradez. Limpos por fora e sujos por dentro existem muitos, muitos. O Ernesto era limpo por fora e limpo por dentro. Viveu honrado e morreu honrado. E existiu para honrar muitos valores capitais". Qualifica LEEQ de "monumental livro, sem rival" e lembra a intervenção de seu pai, Joaquim de Carvalho, para conseguir a sua publicação em 1954.

**José Manuel Fragoso**, em "O canapé rejeitado" (1997: 41) memora como, após ter sido designado Cônsul-Geral de Portugal em Nova-Iorque, reuniu na sua morada, num encontro informal, alguns amigos e "se alguma vez se verificou um amor a primeira vista, certamente esse encontro em nossa casa, entre a Elsie e o Ernesto, foi exemplo; e o canapé ficou tomado por ambos, muito para além da saída dos últimos convidados. [...] A Elsie ficou sua única musa na busca da pátria terrena".

**Luís Elias Casanovas** (1997: 43-45) lembra o relacionamento com Da Cal quando, em 1977, por proposta de João José Cochofel, foi encarregado pelo secretário de Estado de Cultura, David Mourão Ferreira, para determinar a situação do espólio de Eça de Queiroz, adquirido pelo Estado,

e apoiar a criação da Casa-Museu e da Fundaçom Eça de Queirós, como se indicou supra. Rememora o convívio que durou "pouco mais de meia dúzia de meses, mas que marcou de forma muito clara toda a intervenção da Secretaria de Estado da Cultura na recuperação, e posterior valorização do espólio do autor de *Os Maias*. [...] Em momento algum dos nossos frequentes encontros ou durante as reuniões em que participou, ele me fez sentir que o meu papel era o de um mero operacional, como hoje sói dizer-se. Em momento algum o vi lembrar aos outros quem era... Ajudou-me muito, aturou-me no sentido literal do termo, e quando a criação da Fundação desembocou num beco, à data, sem saída à vista limitouse a dizer-me: "Luís, eu já o tinha avisado de que me parecia que isso iria acontecer." Com a suspensão do projecto o nosso convívio interrompeu-se. [...] Não foi ele o responsável pelo trabalho realizado no estudo da obra de Eça de Queiroz de 1977 para cá. Mas creio que sem ele tudo teria sido diferente, porque ele que tudo iniciou ao confessar que ia falar do Eça com amor".

**Marcello Duarte Mathias** contribui com o interessante testemunho publicado em Janeiro de 1995 no *Jornal de Letras* de Lisboa.

**Xosé L. Franco Grande** refere (1997: 75-90) o impacto do início da "Nota Prévia" de LEEQ na Galiza, e assinala: "Na década dos cincuenta, Ramón Piñeiro cóntame a impresión, mesmo arrepío, que lle produciu ler a 'Nota Prévia', e máis ainda sen saber quen era o autor. Na indixencia cultural de entón, nun momento no que era prioritario xuntar ós que andaban afastados e buscar novos nomes, ¿quen era o brillante autor daquel libro tan ben construido (que dicía era 'obra de amor', de 'um amor já antigo'?) [...] Podo asegurar que estas liñas que acabo de transcribir significaron o reencontro de todos nós (e nós eramo-la mocidade galeguista universitaria de entón) cun dos mestres naturais que nos negara a realidade política que nos tocou vivir. E tamén o seu con Galicia. [...] Moitas e moi longas cartas escribiu nestes derradeiros anos da súa vida, desde Estoril, desde Londres, desde Nova York e xa, ó final, desde Lisboa. E moi longas conversas telefónicas mantivo comigo. Cartas e conversas nas que Galicia era a súa máxima e case teimosa preocupación. Pero para el Galicia, na actualidade, seguía sendo un país –como el escribira na Nota Prévia do seu libro sobre Eça— 'transvirado do seu destino natural', e decátase do imposible que lle sería vivir en Galicia".

**Amina di Munno**, (1997: 97-111) reconhece como, na BQ, "Aprendemos de Ernesto Guerra da Cal". **Ana Teresa Peixinho**, (1997: 125-154), acode à BQ para apresentar o texto de Eça "Onfália Benoiton" e para assinalar a edição de "Um poeta lírico" no jornal *O Atlântico*.

**Beatriz Berrini** (1997b: 155-165) reconhece que o estudo de Da Cal a levou "à re-leitura d'*A Relíquia*". Afirma que as produções de Da Cal ajudaram-na a "apreciar as qualidades da escrita deste romance". Berrini inicia este trabalho com uma cita de Da Cal: "A ilusão é a única, basilar realidade na existência do Homem".

**Eugénio Lisboa** (1997: 235-240) frisa: "E se fôssemos todos promover o Eça? Não com simpósios, não com "encontros", não com foruns. Decididamente, não. Fora das universidades, fora dos anfiteatros, mas junto dos editores estrangeiros, torturando-os com a nossa insistência até eles *repararem* –e se encherem de uma vergonha boa, forte e construtiva. Seria, julgo eu, a melhor homenagem que prestaríamos ao Ernesto Guerra da Cal, que se desunhou a dar-nos razões claras e inteligentes e vistosas para não termos vergonha do nosso amor ao autor de *Os Maias*. Um amor que merece ser partilhado mesmo por aqueles que não podem lê-lo em português".

**Leodegário A. de Azevedo Filho** (1997: 253-261) assinala que "na década de 50, os estudos da estilística queirosiana atingiram a sua plenitude", sobretodo com LEEQ. Julga que Da Cal penetrou "no coração da linguagem de Eça, para analisar exaustivamente a reforma estilística por ele implantada em nossa língua comum, uma reforma orientada no sentido da própria *forma*, e sempre em busca da perfectibilidade ou da possível perfeição". Como fizera em 1984 (ver supra) insiste em que Da Cal representa umha linha metodológica própria dentro da Estilística; nom é discípulo de ninguém, mas um companheiro de viagem cujo contributo ombreia à par dos Vossler, Bally, Hatzfeld, Alonso e restantes produtores desta metodologia. Diz o crítico brasileiro que "se me pedissem uma obra representativa do período mais festejado da análise estilística nos domínios da língua portuguesa, sem desconhecer outras contribuições importantes, como a de M. Rodriges Lapa, eu não teria nenhuma dúvida em indicar o excelente livro desse extraordinário poeta e crítico" que "terá sempre o seu nome ligado a Eça de Queiroz exactamente por ter escrito e publicado este delicioso livro sobre a língua e sobre o estilo do grande romancista português".

**Maria do Carmo Henríquez Salido** (1997:277-299) refere-se a Da Cal e a Rodrigues Lapa, como "dous cientistas honestos que tivérom como princípios máximos da sua vida e da sua actividade científica e intelectual a revisom permanente das suas hipóteses e do seu trabalho e a defesa na liberdade das suas ideias e das suas doutrinas sem obediência a nengum poder nem político nem

Entre estes trabalhos resulta de relevo a observação a respeito dos **novos caminhos assinalados por Da Cal para os estudos literários; e a reivindicação do seu contributo queirosiano**[103].

Em 18 de Janeiro de **1999,** Elsie Allen da Cal assinala a Maria Manuela Luís Gomes, uma das suas testamenteiras que "em referência ao meu testamento feito com o Dr. Martin Reynolds: os livros que estão no meu apartamento –na ocasião da minha morte— devem ser divididos entre a Mary (Maria da Conceição Bello) e o Prof. Dr. Carlos Reis, o que, de resto, já mencionei numa carta à Mary". No envio de cópia desta carta a Carlos Reis, acrescenta que "Todas as condecorações e diplomas vão para o Prof. Carlos Reis, além de outros objectos em que possa ter interesse". A viúva começa assim a providenciar o futuro do espólio.

Em Março celebraram-se em Vila do Conde umas jornadas de geminação com Ferrol. No programa contemplava-se uma palestra de Xavier Alcalá, agendada para o dia 13, sobre Da Cal (Vilanova, 2-III-1999). A programação de aquele encontro tinha sido organizada pelo Círculo Católico de Operários de Vila do Conde.

O Professor da Universidade do Minho Amadeu Torres publicou *Em Louvor de Viana e outros Poemas*. Nele encontram-se duas composições dedicadas a Da Cal, intituladas (Torres, 1999: 156-159) "Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)" e "Da Cal —Retrato breve". A primeira é a declamada em Setembro de 1994 no Congresso que organizaram as IFGP na USC (ver supra), e em que havia referências à sua queirofilia. A segunda centra-se na poesia, com referências à

económico". Conclui que "a Ernesto Guerra da Cal sim o poderíamos considerar 'lingüista'" julgando como "dado verificável e incontestável" o ter sido "o autor dessa obra monumental" que é LEEQ.

**Célia Díaz Núñez** (1997: 187-213), docente e uma das organizadoras da homenagem de Quiroga em 1994, fornece dados biográficos de interesse, inclui mesmo uma árvore genealógica elaborada pelo próprio Da Cal, e salienta dele o (1997: 191) "seu nível intelectual como professor, conferencista, investigador e crítico literário, convertendo-se na máxima autoridade nos estudos sobre Eça de Queirós".

**Xosé Estévez** (1997: 347-366) analisa a presença de Quiroga na poesia de Da Cal e reproduz vários trechos e composições. Assinala este professor que (1997: 357): "a xestión para dedicarlle unha rúa obtivo unha resposta positiva pola banda do Presidente e Alcalde do Concello, pertencente ao Partido Socialista, en carta remesada o 13 de outubro de 1983. A mesma resposta me comunicou a nova Corporación, do Partido Popular, anos máis tarde, anque tenho [sic] mágoa de non gardar a resposta. Mas a rúa ainda fica sen adicar e áchase mergulhada [sic] no pozo do silenzo, como diría a Historia Compostelana".

[103] Um contributo que é completado com novos achados, como fez Matos (1998, org), ao editar esse ano *Cartas de amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queiroz, cônsul de Portugal em Havana (1873-1874)*, em que oferece epistolário inédito de estas duas mulheres com Eça.

condição de exilado e à reivindicação de "Portugalego", bem como a elementos religiosos. Num volume em que tenta ressaltar a comunhão galego-portuguesa, com homenagens a poetas de ambos os povos[104], Da Cal é o único a que dedica especificamente duas composições, com elementos mais abrangentes da sua produção científica e literária.

Carlos Reis publicou esse ano *Estudos Queirosianos*, 15 trabalhos de 25 anos, dispersos em revistas e volumes colectivos. Da Cal está presente na maioria, muito em especial a BQ e o estudo sobre *A Relíquia*, mas também outros que ajudaram para a (1999:68) "pluridiscursividade crítica" que assinala[105]. Reis (X-1999:169) frisa, num outro trabalho, na revista *Leituras*, como "com o estímulo científico dessa figura inesquecível dos estudos queirosianos que foi o Prof. Ernesto Guerra da Cal e com o apoio institucional da Secretaria de Estado de Cultura e agora do Ministério da Cultura, constitui uma equipa de trabalho" para a edição crítica da obra de Eça. Desse empreendimento, em 1999 publicou-se a *A Ilustre Casa de Ramires*, ao cuidado de **Elena Losada Soler:** na "Introdução" apoia-se nos tomos I e III da BQ e no estudo Doutoramento que orientou Da Cal a Carmela Magnatta Nuzzi na CUNY[106]. E o Professor Ernesto Rodrigues cita Da Cal num trabalho sobre TRF (Rodrigues, 1999: 267-276. Em concreto nas pp. 270 e 275 alude à BQ e à crítica exprimida por Da Cal, Reis, Rodrigues Lapa e João Conde Veiga a respeito da polémica pela textualidade das edições da narrativa queirosiana).

Para celebrar o centenário da morte de Eça de Queirós, em Portugal e no exterior organizaram-se nos anos **2000 e 2001** um volumoso número de actividades, como nunca antes. Na promoção envolveram-se pessoas, instituições e entidades muito diversas, do Presidente da República a crianças em centros de ensino, para favorecer um maior e melhor conhecimento e assinalá-lo de elemento

---

104 Além de dedicar uma composição genérica aos "Trovadores minho-galaicos", inclui outras sobre "Eduardo Pondal", "Rosalia de Castro", "Ramom [sic] Cabanilhas [sic]", "Paz Andrade", "Iglésia [sic] Alvarinho [sic]", "Carvalho Calero" e "D. Jenaro Marinhas". Há outras referências a Da Cal, nomeadamente no poema dedicado (Torres, 1999:154-155) em homenagem a Carvalho Calero.

105 Persiste Reis na discrepância sobre *A Relíquia*. No entanto, na valorização da BQ insiste no relevo deste (1999:187) "minucioso inventário crítico", que continuamente cita.

106 Já na primeira página do estudo, Elena Losada Soler (1999: 15) indica que vai seguir a "linha genética" estabelecida por Da Cal, de que se vale para esclarecer (1999:27-28) dados de um autógrafo. Da Cal e Nuzzi são a principal referência para Losada Soler na comparação das versões de 1897 e 1900 do romance. Concorda também em que (1999: 62) esta produção deve ser considerada "semi-póstuma".

identificador de destaque para a sociedade portuguesa. Da Cal acrescentará ainda mais a sua sagração através de eventos como a convocatória do **prémio internacional de investigação "Professor Ernesto Guerra da Cal"**, ou a reafirmação —e posterior efectização— pelo Concelho de Cascais da decisão de dedicar-lhe uma rua no Estoril[107].

Em Janeiro, por decreto-lei do Conselho de Ministros, foi criada a Comissão Nacional do Centenário da Morte de Eça de Queirós, presidida por Carlos Reis, em representação do Ministério da Cultura, com António Brás Teixeira, da Presidência do Conselho de Ministros; Jorge Couto, presidente do Instituto Camões, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros; Helena Cidade Moura, pelo Ministério da Educação; e Isabel Pires de Lima, da Fundação Eça de Queirós. Uma entidade, pois, do mais alto nível institucional, que demonstrava o relevo de Estado que se lhe outorgava às comemorações. Em 16 de Fevereiro, a Comissão Executiva dessa Comissão Nacional acordou, entre as actividades do programa a realizar, a convocatória de "um prémio de ensaio, a que será dado o nome de Ernesto Guerra da Cal, o qual distinguirá, de acordo com regulamento a elaborar, um trabalho inédito cuja publicação será também assegurada". Figura esta informação num muito ambicioso projecto, em cujo primeiro ponto se assinalava a intenção de "incutir uma dimensão verdadeiramente nacional" às comemorações, com "contactos privilegiados" com entidades "vocacionadas para a reflexão em torno da obra de Eça e para a valorização do seu imaginário", mas

---

[107] Em 12-IV-2000, o vereador de Cultura da Câmara Municipal de Cascais, José Jorge Letria, apresenta proposta para a atribuição do nome de Da Cal a uma rua do Estoril. Argumenta que Da Cal morara no Monte Estoril (Letria, 12-IV-2000) "aqui tendo escrito muitas páginas sobre o autor de 'Os Maias'". Amparava-se em que "a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da morte de Eça de Queiroz, na pessoa do seu presidente, Prof. Carlos Reis, director da Biblioteca Nacional, também diligenciou no sentido de que o seu nome fosse consagrado na toponímia local" e acrescentava que "a Câmara de Cascais tinha, desde a morte do investigador, este propósito". Carlos Reis, após breve contacto telefónico, encaminha carta para Letria, datada em 19-IV-2000. Na resposta, do dia 28, Letria confirma ter apresentado proposta "que colheu o apoio unânime dos eleitos presentes na sessão" mas "acabou, no entanto, por ser retirada, uma vez que ja existia uma decisão no mesmo sentido tomada por unanimidade em Agosto de 1997. Deste modo, sai ainda mais reforçada a decisão em que tanto V. Exa. como eu nos encontramos tão fortemente empenhados, no quadro das comemorações do centenário da morte de Eça de Queirós. [...] Fico, pois, na expectativa de uma informação que nos permita programar, adequadamente, esta cirimónia de homenagem a alguém que tanto fez pela cultura portuguesa e que ficou para sempre ligado à memória cívica e cultural do concelho de Cascais. Cumpre-me ainda informar V. Exa. da minha intenção de promover em breve uma realização de uma conferência sobre a obra e a vida do Prof. Ernesto Guerra da Cal, atrevendo-me a convidar o Prof. Carlos Reis para ser o responsável por essa intervenção".
A rua, com efeito, foi inaugurada esse ano, mas sem acto oficial, e sem a conferência.

"numa perspectiva de descentralização cultural". O prémio foi apresentado na seqüência de uma roda de imprensa, na qual Da Cal foi distinguido como (Leme: 3-III-2000) "o mais reputado especialista da obra do autor de *Os Maias"*, segundo depoimento de Carlos Reis.

O próprio Carlos Reis[108], de colaboração com Maria do Rosário Cunha, responsabilizou-se da edição crítica de *O Crime do Padre Amaro*, que esteve nas livrarias nos inícios do ano. Na introdução, ao comparar as versões segunda e terceira do romance, Da Cal é mais uma vez referência principal[109]. Manifestam-se a favor (2000:39) de "rastrear o processo da escrita (ou reescrita), os seus acidentes, hesitações e avanços", tese em concordância com a que Da Cal defendia, o que reafirma a validade e a actualidade do seu método[110].

Em Junho o Presidente da República, Jorge Sampaio, inaugurou a exposição *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, na Biblioteca Nacional. Carlos Reis, director da instituição e comissário, elaborou um volume-catálogo, cujos primeiros contributos são do Ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, e do escritor português vivo mais internacional, distinguido com o Prémio Nobel, José Saramago. Nesse volume as referências são numerosas e continuadas à BQ. Põe-se em destaque (Reis, 2000:18) que esta produção dacaliana constitui um "precioso instrumento de trabalho que nunca louvaremos suficientemente"[111], e

---

[108] Ainda no primeiro semestre de 2000, Reis assinala LEEQ e a BQ como obras de referência para o período do Realismo, na *Historia de la Literatura Portuguesa* publicada em Madrid.

[109] Assinala-se a suposição que consta na BQ de ter existido um manuscrito intitulado *Uma conspiração em Havana*; julga-se acertado o critério de Da Cal de que a primeira versão deveu começar a ser redigida por volta de 1870, em contra de outras opiniões como a de Beatriz Berrini. Qualifica-se de "testemunho rigoroso que lhe é habitual" a BQ no respeitante aos dados fornecidos sobre edições e reedições desta e outras produções queirosianas. Reis e Cunha concordam com Da Cal, e divergem de Helena Moura, para escolher como ne variatur a edição de 1889 para o texto-base. Salientam os contributos a respeito deste produto do trabalho de Maria Luísa Nunes (1976) alicerçado na tese de doutoramento orientada por Da Cal na CUNY. Como demonstração da exaustividade que conferem ao trabalho de Da Cal pode-se citar uma nota (2000:24) na qual indicam que "Embora Guerra da Cal o não diga, o que parece certo é que Eça tenha deixado logo *todo* o texto do *Crime* em Lisboa, quando partiu para Inglaterra". Reis e Cunha, sobre as diferentes teorias respeitantes a este romance reivindicam "uma rápida revisão crítica do que se escreveu, desde o tempo de Eça" e defendem que se ponha em diálogo com *La Conquête de Plassans*, de Zola.

[110] O indicado por Reis e Cunha para outras questões, nomeadamente o melindroso assunto do plagiato, não difere de teses arvoradas por Da Cal Esta actualidade dos seus estudos resulta capital para compreender a sua posição central. Reis e Cunha fazem referência ao Polissistema (2000:65), sendo a primeira vez que se aplica esta focagem aos estudos queirosianos.

[111] Apoia-se em Da Cal para indicar (2000:25) que *O Primo Basílio* não experimentou as transformações que se conhecem de *O Crime do Padre Amaro* porque os editores Lugan&Genelioux apressaram a terceira edição, de 1887. A datação conjectural de "O

nos 440 verbetes sobre o conteúdo da exposição (2000: 156-277) a BQ é citada com profusão como fonte[112].

Em Agosto celebraram-se as actividades mais solenes, com participação das mais altas representações institucionais. O acto central acolheu-o a Fundação Eça de Queirós, em 16 de Agosto, data dos cem anos da morte de Eça e em que, oficialmente, começava o Ano Queirosiano. Maria da Graça Salema de Castro, presidenta da Fundação, proferiu discurso em que lembrou o processo de

---

Francesismo" é outro assunto para o qual se apela à BQ. Da Cal é dos onze produtores referenciados (2000:280) na "Bibliografia Citada" deste livro-catálogo, julgado por S.M. em Junho, no *Jornal de Letras*, de "magnífico".

[112] Assim acontece nas explicações fornecidas para os números 4 ("Uma Carta a Carlos Mayer"), 8 ("Notas Marginais"), 9 ("*Prosas Bárbaras"*), 10 ("Sinfonia de Abertura"), 11 ("O Milhafre"), 14 ("Leituras Modernas I"), 15 ("Correspondência do Reino I"), 16 ("Comédia Moderna"), 22 ("Serenata de Satã às estrelas"), 32 ("*O Egipto*"), 35 ("Notas Contemporâneas"), 41 ("Folhas Soltas"), 42 ("A Mortes de Jesús I"), 43 ("Palavras sobre o Jornalismo Constitucional"), 49 ("*O Mistério da Estrada de Sintra* I"), 51 ("*O Mistério da Estrada de Sintra* XXX"), 52 e 53 *("O Mistério da Estrada de Sintra*"), 56 ("*As Farpas*. Lisboa, 1871"), 79 ("Singularidades de uma rapariga loira"), 80 ("*Contos*"), 96 ("*O Crime do Padre Amaro* I"), 97 ("O Primo João de Brito"), 101 ("*O Crime do Padre Amaro*"), 112 ("Crónicas de Londres"), 118 ("João Resgate conta sua própria história"), 121 ("Plano de novela com cinco personagens"), 123 ("*O Primo Basílio*: Um chá de família"), 126 ("*A Capital*"), 133 ("*O Primo Basílio*"), 140 ("*O Primo Basílio*. 2ª edição"), 147 ("*A Tragédia da Rua das Flores*"), 152, 168 e 369 ("Carta a Ramalho Ortigão"), 154 ("Ramalho Ortigão: Biografia"), 172 *("Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*"), 173 ("Reflexões"), 177 ("*O Crime do Padre Amaro*. 2ª edição"); 178 ("*O Crime do Padre Amaro*. Anotado por Camilo Castelo Branco"), 180 ("*O Mandarim* I"), 181 ("*O Mandarim*"), 187 ("Um poeta lírico"), 188 ("No Moinho"), 192 ("*Cartas de Inglaterra*"), 195 ("*A Capital*. Herança I"), 196 ("*Le Cousin Basile* I"), 198 ("*A Capital!*. Extracto"), 202 ("Carta a Oliveira Martins"), 203 ("A propos du *Mandarim*"), 206 ("A Inglaterra e a França"), 208 ("*O Mistério da Estrada de Sintra*. 2ª edição"), 211, 256 e 293 ("*Os Maias*. Excerto"), 213 e 214 ("Outro amável milagre"), 224 ("Uma carta sobre Victor Hugo"), 229 ("*Alves&C*ª"), 257 ("*A Relíquia*"), 263 ("A Academia e a Literatura"), 265 ("Ainda sobre a Academia"), 266 ("*O Primo Basílio*. 3ª edição"), 268 ("A Europa"), 274 ("Redacção e A Ida para os Touros"), 276 *("Os Maias*"), 282 ("*Os Maias*: Um Passeio a Sintra"), 297 ("*A Correspondência de Fradique Mendes* II"), 299 ("*A Correspondência de Fradique Mendes* VI"), 302 e 304 ("Consulado de Portugal em Paris"), 307 ("*Revista de Portugal*: Prospecto-Programa"), 309 ("Tomás de Alencar: Uma Explicação"), 314 ("Os Vencidos da Vida"), 330 ("*Revista de Portugal*. Porto, 1889"), 338 ("Fradique Mendes: Memórias e Notas"), 340 ("*O Crime do Padre Amaro*. 3ª edição"), 342 ("*O Mandarim*. 5ª edição"), 346 ("*As Minas de Salomão* (início))", 351 ("El Rei Dom Luís"), 354 ("Notas do Mês"), 355 ("Fraternidade"), 364 ("*As Minas de Salomão* (conclusão)), 365 ("*As Minas de Salomão*"), 366 ("Cartas de Fradique Mendes: A Ramalho Ortigão"), 367 ("*A Correspondência de Fradique Mendes*"), 377 ("Carta a sua Mulher"), 380 ("Cartas de Fradique Mendes...: A Clara"), 383 ("Costumes e Crenças"), 384 ("Aldeias"), 385 ("Castelos"), 391 ("*Ecos de Paris* VII"), 392 ("*Ecos de Paris*"), 393 ("*Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*"), 395 e 396 ("Um génio que era um santo"), 407 ("*A Ilustre Casa de Ramires*: Excerto"), 409 ("Um novo plano de *Almanaque*"), 410 ("Adão e Eva no Paraíso"), 412 ("A Revista"), 415 ("*A Ilustre Casa de Ramires* I"), 420 ("*A Ilustre Casa de Ramires*"), 422 ("A Rainha"), 425 e 427 ("*A Cidade e as Serras*").

Outras exposições que percorreram numerosos lugares foram "Eça de Queirós: Marcos biográficos e literários 1845-1900", auspiciada polo Instituto Camões, que teve como comissária científica Isabel Pires de Lima, e A. Campos Matos responsável do texto e selecção de imagens; ou "Eça de Queirós, jornalista crítico", promocionada pelo Museu Nacional da Imprensa, com diversos textos, acessíveis também na Internet através do Museu Virtual da Imprensa no site da instituição.

constituição da entidade e as vicissitudes pelas que atravessou a herança de Eça no século XX. Leu a dedicatória de Da Cal a D. Maria D'Eça de Queiroz, incluída no início da BQ, e afirmou:

> Poucos eram os estranhos que demandavam Tormes. Um dos primeiros veio do lado de lá do Atlântico —Alberto Machado da Rosa e a sua mulher Aldegice— um luso-americano que ensinava nos Estados Unidos. No ano seguinte veio Ernesto Guerra da Cal. Esta sua vinda tinha por objecto microfilmar o espólio e tempos mais tarde voltou para recolher dados para a bibliografia queirosiana da sua célebre obra. Pelos anos fora continuámos uma intensa correspondência sobre o projecto da Fundação e foi assim que um dia lhe pedimos que escrevesse no livro de honra desta casa a dedicatória que fizera à minha sogra.

A imprensa ocupou-se da efeméride com grande destaque, já desde a véspera[113]. Longe da troça que provocaram os seus primeiros escritos, vencidas as resistências sobre a sua produção, Eça gozava no final do século XX de unanimidade e aplauso. Relacionado com o seu nome aparecia o de Da Cal, o crítico que mais trabalhou para situá-lo na posição de privilégio atingida.

De 6 a 8 de Setembro celebrou-se em Coimbra o IV Encontro Internacional de Queirosianos, que reuniu 400 estudiosos. Foi organizado pelo Instituto de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e na Comissão de Honra figuravam o Presidente da República, Jorge Sampaio; o Primeiro Ministro, António Guterres; e os ministros Oliveira Martins e Manuel Maria Carrilho. À frente da Comissão Organizadora encontrava-se Carlos Reis.

---

[113] Personalidades como Jorge Sampaio, José Saramago, Carlos Reis, Isabel Pires de Lima, António Valdemar, Baptista Bastos, Carlos Câmara Leme, Paula Freitas Ferreira, Leonardo Mathias, Inês Nadais, Maria João Caetano, Dario de Castro Alves, Maria Augusta Silva, Elisabete França, Sérgio Almeida, Viale Moutinho... bem conhecidas da política, da intelectualidade, do jornalismo, da literatura e, é claro, do queirosianismo, patenteavam a sua visão sobre o acontecimento com uma perspectiva muito ampla. Reavivavam-se velhas polémicas, mas como anedotas; acudia-se a teorias da genialidade, vigorando a estilística e o comparatismo, dando a Eça dimensão nacional e/ou nacionalista, fazendo-o partícipe mesmo de oportunidades a que não teve acesso como o Prémio Nobel; procurava-se "o Eça actual" entre os narradores portugueses; parafraseiavam-se os seus títulos; reivindicava-se a sua herança; salientava-se o seu "olhar crítico" sobre Portugal; interessadamente aludia-se à sua colaboração em jornais como o *Diário de Notícias*, con fins propagandísticos... Um produtor como Saramago admitia-o como mestre e afirmava ter aprendido da narrativa queirosiana.
Entre esses trabalhos nos diários, uma entrevista difundida no *Público*, realizada por Carlos Câmara Leme a Maria Filomena Mónica, do campo dos estudos sociológicos em Portugal, e que anunciava o lançamento para Novembro de uma nova biografia de Eça de Queirós. Nesse lugar, à pergunta do jornalista sobre a sua opinião da biografia de Gaspar Simões, respondeu: "Eu vou fazer uma confissão: o meu herói é Ernesto Guerra da Cal [o grande especialista na obra do Eça, o galego que se dizia português], para além do Eça, claro"

Um acontecimento, pois, com o mais alto respaldo científico, institucional e político[114].

No *Suplemento do Dicionário de Eça de Queiroz*, organizado e coordenado por A. Campos Matos e que também circulou no Congresso de Coimbra, figura (2000: 317-319) o verbete "Guerra da Cal, Ernesto", sem assinar, no qual se apresenta LEEQ com estas palavras:

> Este estudo notável, apresenta uma linguagem de grande acessibilidade para o leitor comum, ainda que se trate de uma tese de doutoramento. A sua concepção beneficia da circunstância de o seu autor ser poeta, de raiz galega, o que lhe permitiu penetrar com mais facilidade no âmago do estilo queiroziano e nele captar com acuidade a qualidade rítmica e os acordes de teor poético. Outra virtude fundamental nela se descortina, o ser resultado de uma obra de amor, "Um amor já antigo", palavras com que abre a "Nota Prévia" que o antecede[115].

---

[114] Na pasta que se entregava aos participantes figuravam as bases do prémio Guerra da Cal e uma saudação de Carlos Reis, na qual se referia ao acerto na escolha da sede do encontro, pelos merecimentos de Coimbra e o seu relacionamento com Eça. Entre eles citava que "[...] à Faculdade de Letras de Coimbra estão ligados diversos investigadores que colaboram na Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. E, recuando um pouco mais, deve sublinhar-se ainda o significado da publicação, pela Universidade de Coimbra, da monumental Bibliografia Queirociana, da autoria de Ernesto Guerra da Cal". A BQ foi lembrada em diferentes ocasiões, mesmo na entrevista que o *Diário de Coimbra* publicava com o próprio Carlos Reis o dia do início das sessões; ou na capa do número 25 do suplemento "Camões" editado também em 6-IX-2000 pelo *Jornal de Letras*, onde se qualificava de "exaustivo" o trabalho de Da Cal. No livro de resumos dos contributos apresentados ao congresso aparece citado Da Cal no de Beatriz Berrini, intitulado "Viagem em torno de uma obra: riscos e recompensas", em que a investigadora, mais uma vez, põe em destaque que "Nunca se louvará suficientemente o Prof. Guerra da Cal pela sua *Bibliografia Queirociana*, verdadeira entidade tutelar de todos os investigadores queirosianos. Com confiança, portanto, julguei possível a publicação da Obra Completa. Munida de muita paciência e tenacidade, cheguei ao fim dessa tarefa meio insana".
Nas intervenções dos oradores houve mais referências às produções de Da Cal. A elas aludiu Luiz Fagundes Duarte em "A obra inacabada de Eça: uma síntese"; Alfredo Campos Matos em "A efeméride do discurso crítico. João Gaspar Simões, intérprete e biógrafo de Eça de Queirós", em que citou a polémica sobre *A Relíquia*, secundando a tese de Da Cal; ou Elena Losada Soler em "As colaborações queirosianas na *Revista Moderna*: notas de um fim de século", na qual avança que na edição crítica da *Revista Moderna* discute questões de organização, por citar três nomes de relevo do queirosianismo da altura e três dos intervenientes que suscitaram maior interesse.

[115] Do estudo sobre *A Relíquia*, assinala-se que "constitui, por assim dizer, a reabilitação de uma obra tradicionalmente mal interpretrada pela crítica de língua portuguesa". E valoriza-se a BQ como "um trabalho de vastas proporções e de fundamental importância para os estudos queirozianos. [...] Esta colossal fonte de informação, exemplo inigualável em qualquer literatura, perfaz 13.945 entradas". No resto do verbete há referências a outros trabalhos queirosianos e à sua produção poética.
Da Cal encontra-se citado em artigos como "Autocrítica", "Cartas de Lisboa, Correspondência do Reino.", "Bell, Aubrey", "Cervantes-Eça", "Eça e Mário de Sá Carneiro", "Cinema, telenovela brasileira e Eça", "Eça de Queiroz. Obra completa", "Eça lido por João Gaspar Simões", "Emília de Castro, sua presença na obra de Eça de Queiroz", "Erotismo queiroziano", "Gouveia, Francisco da Silva", "Ideário estético de Eça de Queiroz", "Jesus e o Diabo", "Pereira, António Maria", "Prestage, Edgar", "*(O) Primo Basílio*: uma sensação nova na imprensa carioca em 1897", "Recepção literária", "Relações de família", "*A Relíquia*: do realismo/naturalismo a uma 'estética da imperfeição'", "*Revista Ocidental*", "Textos autobiográficos", "Topsius II", "Cavalcanti, Paulo", "Crónicas dos anos parisiense da *Gazeta de Notícias* do Rio", "Édipo em Eça". São entradas na linha dos volumes precedentes deste *Dicionário*. Não obstante, contém uma

O sucesso desta iniciativa demonstra como manter-se no centro do cánone favorece trabalhos deste teor ou semelhantes. As instituições do Campo do Poder Político também participaram desse sucesso, ao subsidiar o Ministério da Cultura esta publicação.

No último trimestre do século a Imprensa Nacional-Casa da Moeda deu a lume *O essencial sobre Eça de Queirós*, número duplo da colecção *O essencial sobre*, e mais um contributo de Carlos Reis. Neste trabalho de síntese aparecem a BQ e mais LEEQ dentro da "Bibliografia essencial". E há um indiscutível reconhecimento de LEEQ, assinalado de (2000:107) "estudo fundador sobre o estilo queirosiano"[116].

No final do ano, em 19 de Dezembro, na sede do instituto Camões, em Lisboa, apresentou-se o número duplo da Revista de Letras e Culturas Lusófonas *Camões*[117], dedicado a Eça. Principia com um "Editorial" de Jorge Couto, responsável político da instituição, no qual Da Cal é qualificado como "grande queirosiano". Outros trabalhos, de Américo Guerreiro de Sousa, António Garcez da Silva, Elena Losada Soler, António Valdemar, Maria Teresa Pinto Coelho, Ferenc Pál ou Carlos Reis[118], salientam diferentes aspectos de Da Cal. Na mesma revista, Ana Madureira publicou (pp. 274-284) "Eça no estrangeiro. Os últimos 25 anos. Tradução e crítica"[119], em que assinala a respeito à BQ (Madureira, 2000: 274)

---

informação de especial interesse, no verbete "Fundação Eça de Queiroz", trabalho sem assinar, no qual se indica (2000: 311): "Em projecto está o apoio à actualização da *Bibliografia Queirociana* (Guerra da Cal)".

116 No terreno da edição, pode-se salientar ainda um volume como *O Grande Maia. A Recepção imediata de Os Maias de Eça de Queirós*, ao cuidado de António Apolinário Lourenço, ou o volume *Retratos de Eça de Queiroz*, que inclui "40 olhares" sobre Eça, com prefácio e coordenação de Isabel Pires de Lima.

117 Na seqüência desta actividade apresentou-se um livro de Elza Miné sobre Eça e o jornalismo.

118 Reis ocupa-se da edição crítica da produção de Eça, e assinala (p. 268) o trabalho realizado em base a diferentes disciplinas como a história literária, a crítica genética, a narratologia, a estilística e outras, durante vários anos, para conhecer "a intimidade da oficina do escritor e os processos de trabalho que o caracterizavam. A partir daí, tornou-se evidente —como em seu tempo sugeriu Ernesto Guerra da Cal— que a investigação e a análise realizadas deveriam ser o suporte para a edição crítica agora em desenvolvimento".

119 Este trabalho de Madureira regista traduções a 18 idiomas, e bibliografia passiva. Com ele realizaram-se pequenos volumes bilingues, em português e outros idiomas, nos quais se junta um trabalho de Jorge Couto, presidente do Instituto Camões, quem justifica que com esta iniciativa (2000:3), "pretende-se actualizar com o rigor que o autor exige a recolha bibliográfica realizada pelo Professor Ernesto Guerra da Cal, por forma a assegurar a um público interessado o máximo de informação disponível nesta área".

> É unánime entre os ecianos que o inventário crítico elaborado pelo Professor Guerra da Cal pode ser considerado exemplar, como realização tendencialmente exaustiva e que não tem paralelo. Seria pretencioso, pois, querer, mesmo que nos assistissem as reconhecidas qualidades do Professor, dar continuidade no mesmo plano ao vultoso trabalho realizado. Apesar disso, tentámos organizar, ao menos, as bases de um levantamento a partir de 1975, ano da edição do Tomo 1º (referente à tradução) da obra acima referida.

Inclui valiosa iconografia (Eça com pespectiva psicológica, biografista, artística, textocentrista, com apontamentos de geografia, sobre investigadores, tradutores, críticos, adaptações audiovisuais, emblemática, gastronomia...), talvez uma amostra do auge de Eça de Queirós mercê ao contributo de Da Cal na BQ.

Uns dias mais tarde[120] publicou-se o número 7 de *Leituras*, a revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, também monográfica sobre Eça. Nela inclui-se o trabalho "Queirosiana académica. Subsídios para uma actualização da bibliografia queirosiana", de Luísa Ducla Soares e Miguel Castelo-Branco, que visa completar a (2000:177) "monumental obra de uma vida", como qualificam a BQ, com um contributo "que versa apenas dissertações de licenciatura, mestrado e doutoramento" recolhidas em vários países, com colaboração de Carlos Reis e Ana Madureira. Outro trabalho da mesma revista, de Irene Fialho, (2000:37-46) parte da BQ e oferece um contributo de novidade sobre *A Capital!*

[120] Ainda no ano 2000, há que aludir ao trabalho "Eça devolvido a Eça", de Miguel Real, publicado no número do 27 de Dezembro do *Jornal de Letras* de Lisboa. Nele, ao referenciar os volumes *Eça de Queirós: A Escrita do Mundo* e *O Essencial sobre Eça de Queirós*, os dois de Carlos Reis, faz notar as diferênças entre a perspectiva do CEL sobre Eça até meados de século e posteriormente que, afirma "reside justamente na atitude hermenêutica face aos textos de Eça evidenciada em primeiro lugar por Guerra da Cal –uma análise dos textos pelos textos segundo metodologias rigorosas, apresentando resultados escudados em provas irrefutáveis extraídos dos textos de Eça". Salienta igualmente a "atmosfera de cientificidade" dos trabalhos de Carlos Reis nos 25 anos que dedicou à pesquisa "prosseguindo o afã queirosiano de Guerra da Cal e de Helena C. Moura", que "desideologizou a obra de Eça de elementos apenas presentes na mente e no tempo histórico dos comentadores. Ou seja, devolver Eça à sua obra".

Estes acontecimentos do ano 2000[121] evidenciam por um lado a canonicidade de Eça, e também o acrescentamento da centralidade de Da Cal nos CEL e mesmo no CL[122]. Uns empreendimentos comemorativos, em definitivo, em que se envolveram muito diferentes instituições públicas e particulares, demonstrando como a Literatura é actividade fulcral para a construção, definição e identificação de uma sociedade, neste caso a portuguesa, que evidencia que tem em Eça de Queirós um dos vultos mais singulares para lográ-lo. Isso explica a sua canonização, para a qual tanto contribuiu Da Cal, e que se promocione o seu conhecimento no exterior como um dos principais símbolos que oferece valor acrescentado à sua cultura e ao seu património.

Na maioria das publicações desse final de século, vigoravam os contributos metodológicos de Da Cal[123], sendo centrais as investigações dos próprios textos

---

121 Outros estudiosos que nesse ano utilizaram estudos de Da Cal foram Apolinário (2000), que num estudo sobre *Os Maias* alude a artigos de bibliografia passiva queirosiana não referenciados por Da Cal na BQ; João Medina, (2000), em "As Farpas ou 'o riso que peleja': As Farpas queirosianas (1871-1872)", que refere artigo publicado inicialmente na *Revista da Faculdade de Letras* lisbonense e cita a BQ, reiterando a discrepância com Da Cal a respeito do primitivo demónio de Manuel de Macedo; e Manuel dos Santos Alves, na *Revista Portuguesa de Humanidades*, que ao falar da fortuna cultural de Eça de Queirós e das diferentes maneiras em que se exprimiu, em nota, afirma: (Alves, 2000: 249):"Neste contexto, deve ser assinalada a obra de Guerra da Cal, LEEQ, que, publicada em 1953, marca uma data e cujo apêndice bibliográfico foi sendo actualizado em vida do Autor –e deve continuar a sê-lo para além dela --, até atingir proporções de monumentalidade e o valor de uma referência obrigatória", e também assume (Alves, 2000: 260-261) a diferenciação entre textos ficcionais e não ficcionais estabelecida por Da Cal "por motivos de ordem não apenas semântica, mas também, pragmática, conscientes como estamos do carácter difuso das fronteiras que separam em certos casos uns e outros num escritor como Eça de Queirós".

122 É claro que foram muitos outros os acontecimentos e as alusões a Da Cal. Encenações como a de *A Relíquia*, por companhias diferentes; produtos televisivos; encontros e sessões queirosianos em Évora, Vila do Conde, Leiria, Cascais, Caldas da Rainha, Lisboa, Porto, Angra do Heroísmo, Vila Nova da Gaia, Sintra, Castelo Branco... por citar alguns em Portugal, a que haveria de acrescentar outros em Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Pernambuco ou Praia, entre os celebrados na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, ou ainda na Itália, EUA, Alemanha, França, Espanha....; actividades como o colóquio *Hora d'Eça*, organizado pola Câmara Municipal de Celorico do Basto; o "pequeno almoço queirosiano" oferecido pola Companhia de Teatro de Braga; a representação lúdica itinerante de *Os Maias* que a empresa "Há Cultura" apresentou em várias autarquias do país; páginas da Internet (entre as quais merecem destaque as da Biblioteca Nacional de Lisboa, Instituto Camões ou da Fundação Eça de Queirós); sem esquecer o "Ano Queirosiano" na Biblioteca Nacional de Lisboa, anunciado já em Fevereiro no número 7 do boletim *Informação BN*; para além da edição de moedas oficiais, descerramento de placas, bustos e outros monumentos com carácter comemorativo; e um longo etcétera.

A Fundação Eça de Queirós, consolidada, ofereceu numerosas prestações: palestras, seminários, colóquios, roteiros, edições e muito diversos produtos para levar a cabo a "vocação cultural, sem fins lucrativos" e a "divulgação nacional e internacional da figura e obra de Eça de Queiroz", para além de dinamizar o desenvolvimento da região, segundo assinala numa publicação promocional.

123 A este respeito resultam muito elucidativos os volumes 3 e 5 de *Leituras*, publicados no Outono de 1998 e de 1999, respectivamente, monográficos, o primeiro deles sobre Arquivística Literária e Crítica Textual, e o segundo a respeito de diferentes âmbitos da Comparação. Nos

de Eça e o comparatismo. O projecto de edição crítica em andamento demonstra a actualidade das suas teses, apesar dos anos decorridos desde a sua formulação.

Nesse ano 2000 publicou-se também o volume de actas de um encontro de homenagem a Rodrigues Lapa celebrado em Curia no ano 1997, com ensejo do centenário desse polifacético vulto da cultura portuguesa. Da Cal encontra-se aludido num trabalho do professor José Luís Rodríguez, da USC, quem lembra como Lapa se referiu a ele como "galego cosmopolita, que reúne em si as três dimensões da nossa cultura: galega, portuguesa e brasileira".

Em **2001** continuaram as actividades do Ano Queirosiano[124]. Em Março conheceu-se (Leme, 25-III-2001) ser a Professora Doutora Ana Nascimento Piedade[125], da Universidade Aberta, a ganhadora do Prémio Guerra da Cal, pelo estudo "Ironia e Socratismo em *A Cidade e as Serras*". A decisão partiu de um júri constituído por Luiz Fagundes Duarte, António Manuel Machado Pires, Almeida Faria, José Manuel Mendes e Luís Santos Ferro. A cerimónia de entrega do galardão celebrou-se no 27 de Março na sede da Fundação Luso-Americana de Lisboa, entidade patrocinadora dos dois mil contos com que estava dotado.

No acto de entrega do prémio Luís dos Santos Ferro, director da Fundação Luso-Americana proferiu um discurso em que lembrou a trajectória científica e literária de Da Cal, aludindo e citando a "Nota Prévia" de LEEQ, poemas de LAM, FI e DTMAb, e oferecendo informações que evidenciam um conhecimento muito próximo e de amizade com Da Cal. Começou o seu seu discurso afirmando que Da Cal por vezes se identificava como "Sou espanhol de nascimento, americano de passaporte e galaico-português de coração", e lembra a amizade e as valorizações de Rodrigues Lapa e da Professora italiana Luciana Stegagno Picchio

---

diferentes trabalhos encontram-se contributos na linha do defendido por Da Cal para a edição de textos literários e sobre Literatura Comparada. De especial relevo ao respeito são os contributos do italiano G. Tavani no primeiro, e de Helena Carvalhão Buescu no segundo.

[124] Em Agosto finalizaram as actividades oficiais. No encerramento houve uma mensagem do Presidente da República, Jorge Sampaio; e, Carlos Reis, como Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações valorizou (Leme, 18-VIII-2001) "Nunca a evocação de uma efeméride levou tão longe a tanta gente, fora do mundo académico e das instituições oficiais, a memória e a celebração de um escritor".

[125] Piedade tinha-se doutorado no ano 2000 com a pesquisa "Fradiquismo e Modernidade no último Eça" e, com ensejo do prémio, manifestou-se (Leme, 25-III-2001) "particularmente satisfeita" e "honrada e gratificada já que o Professor Guerra da Cal foi um notabilíssimo especialista da obra de Eça de Queirós e constitui um exemplo para todos os estudiosos do romancista e da literatura", segundo noticiou o jornal *Público*. Na informação, o jornalista Carlos Leme valoriza que Da Cal "é considerado uma figura incontornável dos estudos queirosianos. A sua obra [...] continua a ser de consulta, investigação e estudo mais do que absolutamente obrigatórios".

que se encontram na contracapa de FI. Entre as passagens dessa intervenção, afirmou (Ferro, 27-III-2001)[126]:

> Vista de Nova Iorque, na correspondência para os amigos, a terra lusa (que ansiava reencontrar) era ... "essa saudosa banda atlântica" ou "Portugal luminoso e deleitoso", entre outras designações.[...]
> Aos que o encontravam, aos que beneficiavam da fortuna do seu convívio, Ernesto Guerra da Cal revelava-se como um homem de grande inteligência e vastíssima cultura, com informação variada em todos os domínios e uma ágil capacidade de relacionar, comparar, avaliar, de tudo aferir perante a experiência e reflexão da sua vida vivida. Decerto modesto e mesmo humilde na recolha e procura de informação, na interpretação, era afirmativo e seguro nas conclusões, vigoroso na defesa dos pontos de vista. Olhava com certa altivez divertida alguns aspectos de universitários e intelectuais portugueses. Era capaz de admirar com grande respeito. Por exemplo, entre queirosianos considerava muito Castelo Branco Chaves. Irónico e certeiro, bem sabia que há intelectuais pouco inteligentes... e especialistas muito pouco cultos. Poeta mas também hábil em ofícios manuais, enaltecia a intuição. [...]
> Sem blasfemar, antes com ironia amiga e meditada, ao fim das noitadas de conversa, dizia: "Vai com Deus –porque, se Ele existir, é melhor ir com Ele do que sem Ele".

No final da sua intervenção lembra a "Canção dos primeiros setenta anos"[127], um trecho do artigo de Marcello Duarte Mathias (I-1995), e frases do escrito de homenagem de Eugénio Lisboa com ensejo dos 80 anos de Da Cal[128].

---

[126] No depoimento de Ferro, e a respeito da produção de Da Cal, afirmou: " Foram naturalmente prolongados e trabalhosíssimos os anos –mais de vinte—em que preparou, corrigiu, acrescentou, apurou os calhamaços, ecritos à máquina e à mão, que vieram a constituir, editados, o volumoso *Apéndice Bibliográfico* de seis volumes (e cerca de 3.400 páginas) que completa as 300 p. da obra inicial –"Língua e Estilo". As maçudas pastas do manuscrito, na gíria íntima adoptada, eram chamadas "o baby". Correspondência assídua com amigos próximos completava as investigações feitas em Portugal, durante férias –verões ou períodos sabáticos. "Nos EUA encontrava o predominante material, que também acrescentava em viagens ao Brasil. As cartas para Lisboa pediam minuciosas cotas, números de páginas, correção nas datas, confirmação de formato –dados sobre antigas ou novas espécies de interesse queirosiano.
"Visitas à Quinta de Vila Nova, no Douro –a quase lendária "Tormes"—foram de insubstituível proveito por ali se encontrar o espólio de EQ que ainda pertencia à família. Mas, não menos, porque em Tormes vivia a *filha* do escritor (que faleceu em Janeiro de 1970). Da Cal tinha pela primeira vez visitado a casa, acompanhado por Helena Cidade Moura, creio que nos inícios dos anos sessenta. D. Maria EQ dizia que Da Cal era o estudioso da obra do pai que com mais prazer e proveito lia. Achava-o pessoalmente encantador e admirava-lhe a poesia. [...]
"Receava que em Portugal não se entendesse bem a completa utilidade e a correcta forma de consulta da sua "Bibliografia queirosiana". Manifestava claramente a vontade de entre nós –onde se sentia feliz—viver à margem das actividades literárias e intelectuais –as quais, todavia, acompanhava com interesse e comentava com vivacidade. Aceitou ser sócio correspondente da Academia das Ciências (convite formulado por Jacinto do Prado Coelho)... desde que não tivesse que lá comparecer. Afirmava que "antigamente ia às conferências dos outros; depois só ia às minhas –agora, nem às minhas conferências vou!".

[127] Composição que o próprio Ferro editara para comemorar a efeméride, e que depois, revista, foi incluida em FI (ver supra).

[128] No respeitante à repercussão da produção queirosiana de Da Cal, Paulo Castilho (2001: 115), cita LEEQ (1954) entre os títulos mais significativos sobre Eça; Pedro Luzes, num novo estudo sobre Eça com perspectiva da psicanálise, nos capítulos XIV (Luzes, 2001:327-349) intitulado "A Tragédia da Rua das Flores: o mais incestuoso dos incestos" e XV (Luzes, 2001: 351

Em 16 de Fevereiro, uma delegação da cidade de Ferrol, integrada por representações do Concelho, da Universidade da Coruña e do Liceo Rubia Barcia participou em Guimarães num acto de geminação com a Universidade do Minho, que comemorava o seu 26º aniversário. Tentava (Sem Autor, 16-II-2001: 13) "recordar los lazos que unen a Ferrol con el norte de Portugal. Una relación que, según apuntó la comisaria del encuentro, Esperanza Piñeiro, se remonta a la Edad Media". Como exemplos da proximidade colocava-se "el acercamiento cultural impulsado por los intelectuales ferrolanos Ernesto Guerra da Cal y Carvalho Calero".

Em Setembro, num volume coordenado pelo professor Onésimo Teotónio de Almeida, da Brown University, sobre José Rodrigues Miguéis em Nova Iorque, reproduz-se fac-similarmente uma carta para Jorge de Sena, datada em 1-IX-1965, em que Miguéis lhe fornece informações de utilidade com ensejo da sua chegada à Universidade de Wisconsin e alude a como Da Cal se tinha sabido promocionar melhor nos EUA que os exilados portugueses. Esse ano, Da Cal encontra-se incluído no *Dicionário das biografias*, publicado pela Porto Editora[129].

Em **2002** Da Cal atinge o maior reconhecimento em Portugal nas *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, publicadas por volta de Maio, e que recolhem intervenções do Congresso celebrado na Universidade de Coimbra dois anos antes. No discurso de Carlos Reis, como presidente da Comissão Organizadora de aquele acontecimento académico, já é referenciado como autor da (Reis, V-2002: XX) "monumental" BQ e como "saudoso mestre de todos os queirosianos, a quem rendo a homenagem de quem nele conheceu um admirável

---

e passim) "A Ilustre Casa de Ramires. O último Eça" cita a BQ como fonte para informar do projecto de primeira edição, de 300 páginas, na década de 20, da (p. 327) Tragédia, bem como das (p. 351) referências sobre a ICR, muito menos que de outros produtos de Eça, o que o leva a concluir que essa narrativa póstuma era "uma obra semiesquecida". Também se vale (Luzes, 2001: 355 e 356) do verbete sobre ICR no DLPGB. Luzes cita igualmente os estudos de Maria Luísa Nunes e Carmela Magnatta Nuzzi dirigidos por Da Cal.

Afredo Campos Matos cita a BQ (Matos, 2001: 22) entre a bibliografia consultada num estudo sobre ilustradores da obra de Eça, e reproduz a carta a Manuel de Macedo de 2-V-1978, que tinha sido editada por Da Cal (ver supra).

[129] Nesse repositório dá-se (Monteiro, coord., 2001: 108) como data da sua morte o ano 1977, é apresentado como "escritor galego que se torna, nos anos da Segunda República Espanhola, uma das figuras mais proeminentes da literatura nacional" e salienta-se dele o relacionamento com Lorca e os SPG, o labor profissional nos EUA, que "defendeu toda a vida a independência da Galiza e a dignificação da sua língua, como a variante mais antiga da Língua Portuguesa" e citam-se entre os seus contributos LEEQ, a colaboração no DLPGB além de outros trabalhos "para enciclopédias, antologias, dicionários e revistas de vários continentes" e referências à sua poesia.

*scholar*, mas um *scholar* não isento de elegância e do gosto que fazem os homens superiores". Os estudos de Da Cal são citados como fonte em  em cinco contributos do primeiro volume (de Ofélia Paiva Monteiro, Karl Heinz Delille, Manuel dos Santos Alves, Elena Losada Soler e Luiz Fagundes Duarte)  e mais nove do segundo (Guia Boni, Helen Kelsh, Isabel Margarida Duarte, Jordi Cerdà, Manuela Nunes, Marcia Arruda Franco, Maria da Conceição Maltez, Maria Luísa Leal e Xosé Manuel Dasilva), evidenciando como o seu discurso se firmava entre especialistas de Portugal, Brasil, Galiza e outros países. A BQ, LEEQ e o estudo sobre *A Relíquia* foram os trabalhos mais referenciados[130].

Alfredo Campos Matos editou um volume em que inclui vários trabalhos publicados com antecedência, desde a década de 80, no JL de Lisboa, nas sucessivas edições do *Dicionário de Eça de Queiroz* que coordenou, bem como em alguns volumes editados pela Fundação Eça de Queirós, vários desses contributos com referências a Da Cal referidos supra. O maior interesse deste livro está no trabalho intitulado (Matos, 2002: 135-138) "Subsídios para a história da edição de *A Tragédia da Rua das Flores*", que avisa ter redigido em Abril desse mesmo ano e que (Matos, 2002: 138) "foi submetido a ligeiras precisões introduzidas por Maria da Graça Salema de Castro, actual Presidenta da Fundação Eça de Queiroz"). Nesse texto esclarece que Alberto Machado da Rosa tentara assumir a responsabilidade da publicação do polémico romance e D. Maria Eça de Queiroz "prometera-lhe a organização da edição, se algum dia viesse a admitir que ela se publicasse. Tal não se verificou, até à data da sua morte em Tormes, em 1970". E acrescenta (Matos, 2002: 136-137):

> A posse do manuscrito passou então para Manuel de Castro, filho único de Maria Eça de Queiroz e para a sua mulher Maria da Graça Salema de Castro, hoje presidente da Fundação Eça de Queiroz. Entretanto, em 1975, publicava-se a Bibliografia Queirociana, de Ernesto Guerra da Cal, que no tomo 1º, artigo 1419, dedicava quatro páginas à *Tragédia*, onde informava que em 1927 se haviam imprimido 300 páginas do romance, de acordo com uma carta existente no arquivo de Tormes, de 27 de Maio desse ano, da autoria da editora Lello. Nessa carta, pedia-se a José Maria, filho do escritor, a devolução das provas corrigidas.

[130] Dasilva cita também o estudo sobre as traduções de Eça publicado (Da Cal, 1989) nos *Cadernos do Povo*, e reproduz valorizações a respeito dos contributos dacalianos, como as de Otero Pedrayo e Leodegário de Azevedo Filho, defendendo que não se chegou a conclusões definitivas a respeito da influência assinalada em LEEQ de Eça em Valle-Inclán, ao existirem autores que a discutiam. Refere-se a Da Cal como (Dasilva, V-2002: 894) "o maior pesquisador queirosiano até hoje". Uma versão para a normativa da RAG-ILG deste mesmo trabalho foi reeditada duas vezes nos anos posteriores (Dasilva, 2004 e 2008).

> Tendo em conta a pressão provocada pelos protestos de João Gaspar Simões, que pretendia a publicação de todos os manuscritos na posse da família, foi esta consultar o prof. Guerra da Cal, que havia mantido com a Maria Eça de Queiroz excelentes relações de amizade. O seu parecer, foi no sentido de se publicar a reprodução do manuscrito, conjuntamente com a sua interpretação, de modo a poder cotejar-se ambos, em edição para estudiosos. Não se conseguiu, porém, editor para um tal projecto, tendo decidido o casal de Tormes, Manuel e Maria da Graça, fazer tão somente uma edição legível do romance, da responsabilidade de um especialista.
> Manuel de Castro, numa vinda a Lisboa, avistou-se novamente com Guerra da Cal para materializar tal ideia. De regresso a Tormes, a sua mulher recordou-lhe, todavia, o compromisso que sua mãe assumira para com o Prof. Machado da Rosa –ainda que este tivesse falecido em finais de 1974. Considerou então o casal que se deveria consultar previamente Algedice Machado da Rosa, sua mulher, para indagar se o marido teria deixado a indicação de algum nome que o pudesse substituir. A resposta não se fez esperar –Machado da Rosa teria indicado o Prof. João Medina, nome até então ignorado em Tormes. Assim veio a acontecer e, em Março de 1980, a editora Moraes publicada a 1ª edição da Tragédia da Rua das Flores, da responsabilidade deste "scholar".

Um novo episódio, pois, a respeito de aquela polémica de duas décadas antes, e uns esclarecimentos com que Matos quer justificar aquela edição. Não se esclarecem, no entanto, quais as motivações de Da Rosa para essa preferência por Medina.

Esse mesmo ano, o Instituto Camões editou o estudo *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*[131], de Ana Nascimento Piedade, ganhador do Prémio Guerra da Cal de estudos queirosianos[132].

Em Abril (segundo o cólofon), a Biblioteca Nacional publicou *Almanaques*, de Eça de Queirós. O livro vai precedido de dois breves textos introdutórios, de Carlos Reis e de Irene Fialho, e nos dois é referida a BQ para conhecer a génese do texto, bem como as alterações que lhe deu Eça.

---

131 Neste estudo, Piedade (p. 89) ampara-se em Da Cal para esclarecer que Manuel Bandeira reproduz excertos de escritos de Eça para a *Gazeta de Notícias* do Rio não incluídos por Luís de Magalhães –o que se explicará, segundo Guerra da Cal, 'quer por inadvertência, quer por preconceitos ideológicos –quando organizou a compilação destas cartas. E cita (p. 92) "Mensagem" e a afirmação de Da Cal neste contributo de 1988 a respeito do "carácter contingente de toda e qualquer forma de conhecimento humano e, por extensão, [sobre] a natureza movediça das nossas noções básicas de Realidade e Verdade".

132 Na badana do volume adverte-se: "Prémio de Ensaio Ernesto Guerra da Cal. Instituído pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da Morte de Eça de Queirós e pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento".

O livro leva um "Prefácio" de Jorge Couto, presidente do Instituto Camões (pp. 5-7) em que se refere ao "ilustre queirosiano Ernesto Guerra da Cal" e cita o elevado número de traduções de Eça que estudou na BQ.

Em Maio publicou-se o volume *Objectos Achados. Ensaios Literários*, de Fernando Venâncio, professor português da Universidade de Amsterdão. Recolhe 20 estudos, a maioria publicados em diferentes revistas e livros. Quatro estão dedicados a Eça de Queirós, e neles emergem LEEQ e a BQ, assinalando Da Cal como estudioso de referência sobre este produtor. Também se publicou o trabalho da dissertação de Doutoramento em Ciências da Literatura, de Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira, (XI2002), sobre *A dimensão fantástica na obra de Eça de Queirós*, com várias referências Da Cal[133].

Aos 26 de Fevereiro de **2003**, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett do Porto teve lugar o lançamento dos volumes de actualização do DLPGB, agora coordenado por Ernesto Rodrigues, Pires Laranjeira e Viale Moutinho. Nesta nova etapa, este repositório abre-se à inclusão com entradas de numerosos produtores jovens, que em edições anteriores se estudavam no registo "Contemporâneos", numa clara estratégia por acrescentar as vendas. São actualizados vários verbetes de que se tinha ocupado Da Cal, e é-lhe dedicado um artigo[134].

---

[133] A estudiosa ampara-se (Sequeira, 2002: 15, 22, 90, 166, 167, 170, 196, 249, 35) em LEEQ (ed. Aster) e no estudo de Da Cal sobre *A Relíquia*. Refere (p. 15) Da Cal entre os "importantes estudiosos de Eça"; aceita (p. 22) a classificação de obras de Eça como semi-póstumas, tal como assinala Da Cal, (que cita amparando-se em Reis e Milheiro, 1989); cita de novo a BQ (p. 90) através de Castilho, para aludir à Correspondência; refere-se a Da Cal como (p. 166) "o grande estudioso da obra de Eça de Queirós" ao focar a reforma da língua efectuada por Eça; cita (p. 167) LEEQ para indicar o que faltava por pesquisar sobre a língua e o estilo de Eça, tal como refere Da Cal; ampara-se de novo em LEEQ (p. 249). E também no estudo sobre *A Relíquia* (pp. 196 e 253).

[134] Nele é apresentado como (Moutinho, 2002: 397) "Poeta, da Geração de 36, porém é escassa a sua obra publicada", indicando que participou em Madrid "no grupo de animação teatral La Barraca, dirigido por Lorca" e assinalando a sua participação nos SPG, e a colaboração na "revista antifascista *Nova Galicia* [sic]". Frisa a publicação em Portugal de "várias obras, algumas delas sob bizarros pseudónimos (D. C. Warnest, Etore d'Alencarra [sic] e Raguer Caldas, entre outros" e cita os poemários publicados após 1966 excepto EC e os póstumos. Valoriza de "importante a sua colaboração, sobretudo com temas galegos, deste Dicionário de Literatura, dirigido por Jacinto do Prado Coelho. Aí assinou a entrada de Eça de Queirós, a sua paixão de sempre, sendo internacionalmente reconhecido o seu ensaio [LEEQ-1954]", sem qualquer referência à BQ nem a outras produções e intervenções. Oferece-se como bibliografia sobre ele o repositório de Vilavedra (1995, coord.).
Sem entrar mais nos erros, por vezes repetidos, e nas omissões, vale a pena frisar duas diferenças desta nova edição do DLPGB a respeito das precedentes: em primeiro lugar, a maioria das entradas contêm informações resumidas de estudos publicados na Galiza, nomeadamente de Vilavedra e Méndez Ferrín (Moutinho mantém estreita amizade de longa data com este produtor); está ausente a inovação metodológica que representara o contributo de Da Cal sobretudo na primeira edição, ao utilizar a perspectiva da estilística e da literatura comparada de maneira pioneira para os estudos literários galegos. Além desse seguidismo, não há uma orientação de confluência entre as literaturas da Galiza e o intersistema lusófono, que era o caminho seguido por Da Cal: aqui marcam-se as diferenças e segue-se o discurso dos especialistas galegos que toma como referência. Não pode deixar de aludir-se à escassa alusão à pesquisa sobre literatura

Em Junho, Ana Nascimento Piedade, publicou *Fradiquismo e modernidade no último Eça*, em que há continuadas referências a estudos de Da Cal[135], sendo este volume talvez, de entre os publicados no século XXI, onde mais presente está Da Cal. Piedade compara Eça com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, e vale-se como fonte privilegiada para as suas informações da BQ, mas também de LEEQ, que tem continuada presença nas páginas desse volume[136]. Prova como, quase 50 anos após a primeira edição, o estudo estilístico e comparativo de LEEQ continua a ser produtivo para pesquisadores que elaboram novas propostas partindo de pressupostos semelhantes.

Em 6 de Junho, o livro *Fazer(-se) um nome* foi apresentado[137] em Portugal, no VII Encontro Internacional de Reflexão e Investigação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) [138]. Com tal ensejo nesse acontecimento foi

---

portuguesa realizada por Da Cal, mesmo ao seu queirosianismo, num verbete que supõe uma minusvalorização de Da Cal a respeito da maioria dos produtores galegos.

135 Este volume principia com um "Prefácio" de Isabel Pires de Lima (pp. VII-IX) quem, como Da Cal na "Nota Previa de LEEQ", afirma que (Lima, 2003: VII) "Eu tenho mantido um amor literário da juventude que me levou, nos idos de oitenta, a fazer uma tese de doutoramento sobre Eça de Queirós". No volume adverte-se, na contracapa, ter sido Piedade a ganhadora do Prémio de Ensaio Ernesto Guerra da Cal. Esta referência começa a acompanhar a investigadora portuguesa como parte importante do seu capital simbólico, e assim contecerá v. gr. também em 2004 num volume que coordena sobre Eça (Piedade, Ana Nascimento/ Vasconcelos, Ana Isabel/ Matos, A . Campos, 2004, coord.).

136 Na pesquisa é referenciada a BQ para fornecer informações respeitantes a (Piedade, 2003: 18, 19, 20) *O Mistério da Estrada de Sintra*; bem como de (Piedade, 2003: 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 54, 55) *A Correspondência de Fradique Mendes*, a edição dos (Piedade, 2003: 50) *Contos* de Eça e também de (Piedade, 2003: 215) *Os Maias*; e elementos sobre (Piedade, 2003: 37) as cartas de Eça aos editores Genelioux e Lugan; a (Piedade, 2003: 40) "Revista de Portugal"; ou a consideração de (Piedade: 2003: 43) "obra póstuma" de parte da produção eciana . Utiliza esta Professora quatro verbetes queirosianos de Da Cal, do DLPGB, os intitulados (Piedade, 2003: 73 e 231) "Queirós, Eça de", e também os de (Piedade, 2003: 185) "A Relíquia", (Piedade, 2003: 187) "O Mandarim" e (Piedade, 2003: 234, 235, 237) "Fradique Mendes".

A investigadora portuguesa fez uma verdadeira reabilitação de LEEQ, a que dedica citações também em numerosas páginas do estudo (Piedade, 2003: 107, 108, 126, 127, 131, 134, 135, 136, 151, 164, 165, 168, 169, 175, 199, 202, 205 e 302) amparando-se nesta última página, já nas conclusões, no estudo dacaliano para afirmar que Eça foi o primeiro na península a inaugurar o género da prosa poética. Ana Nascimento Piedade assume algumas das principais formulações de Da Cal, qualificando LEEQ de (Piedade, 2003: 164) "imprescindível livro-padrão" e, nessa mesma página, Da Cal de "estudioso espanhol", e referindo-se a ele de forma elogiosa como quando afirma (Piedade, 2003: 199) que Da Cal "oferece com grande pertinência e brilho" a respeito da prosa eciana.

Piedade também oferece como bibliografia de consulta para este trabalho o estudo (Da Cal, 1988) "Mensagem" sobre as traduções da produção queirosiana.

137 A organização deste lançamento, em Vila Real, teve lugar após assistirem alguns docentes da UTAD ao Congresso da Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura celebrado em Novembro na USC, em que se apresentou o livro por vez primeira, e após contactos em que mediou a professora Aurora Marco.

138 Aos 9 de Dezembro organizou-se outro lançamento, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, num acto em que FUN foi apresentado conjuntamente com o

programada a intervenção de Elias Torres e de Joel Gômez. Esclareceu Gômez como se realizara aquela pesquisa na USC, assunto que foi focado num trabalho editado com posterioridade nas *Actas* desse encontro. Nele relatam-se os principais factos do processo de canonicidade de Eça no século XX, insistindo (Torres e Gômez, XII-2003) no contributo de Da Cal na construção de um novo discurso queirosiano, alicerçado nas suas pesquisas e nos novos instrumentos metodológicos e materiais de investigação que forneceu, bem como na promoção de uma nova textualidade, e na implicação de instituições. Também se editou nas *Actas* a intervenção da professora da UTAD, Henriqueta Gonçalves, quen analisou o estudo de Gômez (2002) e salientou o queirosianismo de Da Cal e o seu trabalho de promoção dos estudos portugueses nos EUA. Esta professora ressalta (Gonçalves, XII-2003: 185) "o incontestável mérito e a ímpar sobranceria de Guerra da Cal nos estudos queirosianos" e refere-se à BQ como (Gonçalves, XII-2003: 186) "peça imprescindível" para estudar Eça de Queirós.
Em Julho, Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte publica *O relato discursivo na ficção narrativa. Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós,* em que se ampara em LEEQ[139].

Em 1 de Outubro, Carlos Reis publica no *Jornal de Letras* (Lisboa) uma recensão conjunta de dois estudos queirosianos, de Ana Teresa Peixinho (2003) e Joel R. Gômez (2002), sob o título "Fazer um escritor". Ao analisar o estudo de Gômez, Reis refere-se a Da Cal como "o maior estudioso da obra de Eça [...] que foi o fundador dos modernos estudos queirosianos, bateu-se também pelo desenvolvimento do que eram os incipientes estudos portugueses nos Estados Unidos, numa luta travada em território às vezes hostil e com a cumplicidade de um outro grande queirosiano emigrado, Alberto Machado da Rosa"[140].

---

estudo de Roberto López-Iglesias Samartim (2003) e que supunha a apresentação em Portugal de algumas das principais linhas de trabalho de pesquisa do Grupo Galabra da USC, organizado pela professora Ana María Sánchez Tarrío.

[139] Cita (Duarte, 2003: 270) a p. 241 de LEEQ-1981 afirmando que "Da Cal sublinha justamente o modo exemplar como Eça comunica 'vida às suas criações humanas"; também (Duarte, 2003: 384) cita a p.227 de LEEQ-1981 para oferecer explicações respeito da "deformação caricatural" "com efeito cómico extramemente inovador" realizada por Eça; e como (Duarte, [Isabel] 2003: 388) Da Cal tinha já notado o uso do discurso directo sem verbo dicendi.

[140] Alude a LEEQ e à BQ como os "marcos fundacionais da obra queirosiana de Guerra da Cal", e afirma (Reis, 1-X-2003): "não menos certo é que foi a opção metodológica emprendida por Da Cal na sua tese, sob o signo da estilística modelada por Charles Bally e Karl Vossler, que decisivamente contribuiu para resgatar Eça do cativeiro do anedotário biografista (ainda hoje vivo e activo, nalguns casos pontuais, diga-se de passagem) e dos preconceitos ideológicos que

Em Outubro, Maria Filomena Mónica publica *Eça de Queiroz jornalista*, volume em que se ampara na BQ (Mónica, 2003: 23, 40 e 50) para alicerçar questões sobre a tradução de *As Minas de Salomão* por Eça, a *Revista de Portugal* ou a datação de "O Francesismo".

Num estudo sobre as ressonâncias anglo-americanas na produção de Eça de Queirós, Maria João Pires cita "Mensagem" (Da Cal, 1988) para se referir às traduções da produção queirosiana para inglês, numa revista editada pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa. A Professora brasileira Beatriz Berrini (2003, org.), dá conta, em volume editado em Portugal, de cartas de Eça não registadas na BQ, conservadas no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, mais outro complemento ao trabalho dacaliano.

Em **2004**, Alfredo Campos Matos publica *Sete Biografias*, livro em que fez recensão de sete biografias sobre Eça de Queirós e, para 3 delas, ampara-se em dados da BQ[141].

Maria do Rosário Cunha edita em Outubro o estudo *A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós*, em que se ampara na BQ (Cunha, 2004: 97, 103, 286, 295, 335) para datar as *Crónicas de Londres*, *Ecos de Paris*, um texto publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, ou uma das cartas de Fradique Mendes.

Em Maio de 2005 a editora Quasi publicou *O Livro de Natércia*, uma homenagem e reivindicação de Natércia Freire, iniciado com um Prefácio do Presidente da República, Jorge Sampaio. No volume inclui-se o poema de Da Cal (pp. 68-74)

---

pertubavam a efectiva valorização crítica dos admiráveis textos do grande romancista". Reis conclui que o estudo de Gômez "passa a ser uma referência que não pode ser ignorada, se quisermos conhecer a actividade dos que se consagram ao estudo de um grande escritor, ajudando a consolidar o seu legado cultural, com o suporte daquele sério e fecundo labor que distingue os verdadeiros *scholars* –expressão que Ernesto Guerra da Cal tanto apreciava e que é tão difícil de traduzir em Português como escassa é a sua prática na nossa vida universitária".

[141] Assim, informa (Matos, 2004: 24) que Miguel Melo levou um prémio no Brasil pela sua biografia de Eça; reprova (Matos, 2004: 54 e 66) de Gaspar Simões que não citasse o estudo de Da Cal sobre *A Relíquia* ao citar esta narrativa; e a Maria Filomena Mónica (Matos, 2004: 86, 87, 89, 97) que não tratasse de actualizar a informação da BQ pois, apesar de se tratar de uma obra "monumental, excepcional em qualquer literatura" levava anos sem actualizar; além de que Mónica julga de "contributo menor" a narrativa de *A Relíquia*, que Da Cal considerava "um grande livro".

"Entressonho", com a epígrafe da homenageada, a mais longa composição dessa colectânea, indicando ser poema "póstumo"[142].

Por volta de Abril do ano 2006, após anos ausente do mercado, editou-se o número duplo 13/14 da revista *Queirosiana*, correspondente aos anos 2002 e 2003. Nesse volume inclui-se o artigo "O estudo de Guerra da Cal sobre *A Relíquia* e a luta por um novo discurso canonizador queirosiano", de Joel Gômez, em que se analisa o trabalho de Da Cal sobre a narrativa de Eça defendido em 1970-71 no Brasil, EUA, Portugal, Angola e Moçambique[143].

Em Novembro publicou-se *O último Eça*, de Miguel Real, em que se faz sugestão de uma nova periodização e classificação da obra de Eça de Queirós, e defende uma visão humanista revolucionária dos últimos anos da vida do produtor. Cita LEEQ, a BQ e o estudo sobre *A Relíquia*, assinalando LEEQ como o primeiro grande contributo do que qualifica de "Período crítico" que foi (Real, 2006: 28) "muito importante" pois "revolucionou totalmente os estudos queirosianos em Portugal"[144].

Outros contributos desse ano são o de Alfredo Campos Matos, que publica por volta de Março o *Dicionário de citações de Eça de Queiroz*, em que cita a BQ; e Maria de Lurdes Sampaio, quem em *Aventuras literárias de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão*, Coimbra, Ângelus Novus ampara-se na BQ (Sampaio, 2006: pp. 20, 83, 207) onde afirma que se encontra a "recensão exaustiva das várias edições [de *O Mistério da Estrada de Sintra*] publicadas até 1961, para aludir à

---

142 Os editores justificam (Nave/Duque/Sena-Lino, 2005: 10): "Não quisemos deixar de invocar a ligação que tinha Natércia à Galiza e à poesia galega, pelo que convidámos Carlos Quiroga, Ernesto Guerra da Cal e Fran Alonso para integrar o grupo de poetas que, até então, era composto somente por portugueses".

143 Assinala-se (Gômez, [2003] 2006: 67): "este estudo fechava o novo discurso de Da Cal sobre Eça de Queirós, no qual contestava as principais teses que persistiam sobre o escritor, com profundas implicaçons político-morais polo teor da narrativa, e que empeciam a sua canonicidade; e ajudou a colocá-lo como o produtor modelar das Letras Portuguesas, puxando por ele para o centro do cânone, um lugar que claramente ocupa e nom se discute nos inícios do século XXI". Nesse mesmo número da revista há outras valorizações de Da Cal, de Carlos Reis ([2003] 2006: 7) quem no "Editorial", afirma: "é sabido que o inesquecível Mestre dos estudos queirosianos tinha pel'*A Relíquia* uma predileção especial; e o ensaio que há trinta anos lhe consagrou e que agora é relido constitui um expressivo testemunho do que era a argúcia crítica de quem conhecia como ninguém a língua literária queirosiana". E ainda há citações de LEEQ (Vilela, [2003] 2006: 98); e da BQ (Losada Soler [2003] 2006: 75-80; e Reis [2003] 2006: 180).

144 Acrescenta este estudioso como (Real, 2006: 37) "rompendo com inúmeros amadorismos literários, deveu-se a Ernesto Guerra da Cal a primeira grande análise científica da obra de Eça de Queirós" em referência a LEEQ; e ainda valoriza esse trabalho dacaliano de (Real, 2006: 73) "o primeiro estudo crítico rigoroso e neutral sobre a totalidade da obra de Eça".

tradução de Pedro González Blanco; e acrescenta as traduções dessa narrativa posteriores a 1975 e não recolhidas no primeiro tomo da BQ.

Em **2007**, Carlos Reis publica na revista *Veredas*, da Associação Internacional de Lusitanistas, o estudo "O cânone da literatura queirosiana", em que se refere ao projecto em andamento de edição crítica da produção de Eça de Queirós. Oferece as explicações das dificuldades dessa empresa, pelas emendas que Eça introduziu nos textos publicados em vida, e pelos problemas que se derivavam dos póstumos e semi-póstumos. Ao se referir à denominação de "semipóstumos" alicerça-se na que qualifica de (Reis, 2007: 192) "fundamental" BQ afirmando ser Da Cal quem "cauciona esta designação [que] parece justificar-se".

Em Maio, Maria Filomena Mónica publica *Ensaios sobre Eça de Queirós*, em que cita a BQ (Mónica, 2007: 30, 31, 34, 106, 115, 124, 131, 145, 169) para esclarecer questões respeitantes à caligrafia de Eça, à viagem ao Egipto, à tradução de *As Minas de Salomão*, à textualidade de *Últimas Páginas*, à datação de "O Francesismo", às edições que preparou de *Eça de Queirós, jornalista*, *As Farpas* e *Contos Escolhidos*, e julga de "prudente" que Da Cal "preferisse não datar o manuscrito de *A Catástrofe*".

Em Setembro, a Câmara Municipal de Bragança publica as *Actas* dos Colóquios da Lusofonia celebrados nessa cidade entre os anos 2003 e 2006, sob organização do professor Chrys Chrystello. Neste último Da Cal foi colocado como modelo em dois trabalhos (Banhos, 2007: 541; Da Silva, 2007: 631) que frisam o seu labor favorável ao Reintegracionismo[145].

De 9 a 12 de Outubro celebrou-se na Universidade Católica do Porto o Congresso Internacional "O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000", em que foi defendido um trabalho sobre Da Cal (Gômez, 2007) "O pensamento de Guerra

[145] Nesse mesmo colóquio, Alonso Estraviz (2007: 611) reiterou que "Ramom Pinheiro [sic] naquela altura [1978] tinha certa simpatia para os portugueses e mesmo sentia certo orgulho de ter conseguido que a literatura galega tivesse cabida no Dicionários das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira" uma afirmação que, como se assinalou supra, talvez seja devida a uma confusão, pois toda a documentação existente evidencia que quem teve interesse na presença galega foi o director desse repositório, Jacinto do Prado Coelho, quem desde o primeiro momento contou com Da Cal para elaborar a parte galega, sem pensar outras possibilidades. Também nesse encontro, Montero Santalha (2007: 671-672) reiterou a proposta de constituir uma Academia Galega da Língua Portuguesa, como tinha assinalado em 1995 (ver supra) num trabalho de homenagem a Da Cal, e que nesta ocasião encontrará circunstâncias propícias para prosperar (ver supra).

da Cal sobre a Lusofonia". Nele documenta-se como, desde os primórdios da sua actividade profissional na docência de línguas e literaturas ibéricas em universidades de Nova Iorque, a Lusofonia, entendida como o conjunto de comunidades que partilham o que ele qualificou em diferentes ocasions como o terceiro idioma ecuménico do mundo, foi referente de integraçom principal para ele, como galego. Mantinha-se assim na linha da doutrina predominante nos defensores da identidade galega desde o século XVIII, até que sobretudo no terceiro quartel do XX também se começou a valorizar Portugal como referente de oposição na Galiza; mas ele continuou até ao final da vida na defesa do seu discurso arvorando-se em referente principal do reintegracionismo.

Em Novembro, A. Campos Matos publica uma *Fotobiografia* de Eça de Queirós, em que se vale da BQ (Matos, 2007: 298) para informar de uma estátua de Eça elaborada por Francisco da Silva Gouveia em Paris, e de que se fundiram uns 50 exemplares em bronze no Porto. Inclui a BQ (Matos, 2007: 425) entre as "referências bibliográficas de particular uso nesta obra". Além disso, na relação de "Obras essenciais sobre o escritor (Matos, 2007: 423) inclui também a BQ, avisando estar "desactualizada", bem como LEEQ, para o estudo do estilo; e o trabalho sobre *A Relíquia* entre os "estudos de interpretração crítica"

Aos 7 de Abril de **2008**, na Assembleia da República, celebrou-se uma Audição Internacional sobre o Acordo Ortográfico, em que representantes de diversas entidades e instituições manifestaram-se sobre a intenção de aprovar essa reforma ortográfica, um assunto que provocava forte polémica na sociedade portuguesa os últimos anos. Entre os oradores convidados encontraram-se Ângelo Cristóvão (2008: 209-211) e Alexandre Banhos (2008: 206-209), como representantes da Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa e da Associaçom Galega da Língua, respectivamente. Os dois fizeram alusões a Da Cal nas suas intervenções, lembrando a persistência durante décadas na defesa de um acordo lingüístico para  o instersistema lusófono, bem como a Comissão Galega pelo Acordo Ortográfico que ele presidira nos finais da década de oitenta.

José Blanco edita esse ano *Pessoana. Bibliografia Passiva, selectiva e temática*, em 2 volumes, nos quais refere o contributo de Da Cal como "pioneiro" na

divulgação de Fernando Pessoa para o intersistema anglófono, como já tinha feito com anterioridade (ver supra)[146].

A sociedade Xuventude de Galicia, de Lisboa, comemorou o seu primeiro centenário com a edição de um volume, coordenado pelo jornalista português Rodrigues Vaz, intitulado *Os galegos nas letras portuguesas*. O trabalho é apresentado pelo autor como o primeiro projecto, a que seguirão mais dois, de tema semelhante, e neste contributo incial inclui o poema de Da Cal (Rodrigues Vaz, 2008: 187) "Rosa Velha", que se diz proceder de 6PRC, entre os exemplos da presença galega na poesia portuguesa. Da Cal é aqui considerado como um produtor português mais, e encontra-se junto com outros (todos eles portugueses)[147], sendo assim asumido como nacional português.

A respeito dos estudos queirosianos, A. Campos Matos editou dois volumes com a Correspondência de Eça de Queirós, em que cita a BQ como fonte de estudo do epistolário. Numa recensão deste volume, Carlos Reis (20/V-2/VI-2009) afirma que "muito bem me lembro de Ernesto Guerra da Cal por várias vezes me ter sugerido a pertinência de um estudo profundo da epistolaridade queirosiana, considerando-se aqui o epistolar como uma espécie de *modo derivado* que atravessa toda a escrita queirosiana: a ficcional, a cronística, a ensaística, a epistolar propriamente dita, etc.[148]". Este depoimento prova como Da Cal tentou

[146] Neste repositório, no vol. I, verbete 876 (Blanco, 2008a: 137) afirma: "Foi EGC o primeiro crítico pessoano en língua inglesa, ao publicar em 1947 um verbete sobre FP no "Col. Dic. of Mod. Eu. Lit"; a ele se deve também, na mesma obra, as duas primeiras traduções completas em inglês, publicadas fora de Portugal, de poesias de FP". No verbete 890 (Blanco, 2008a: 139) cita o artigo "Fernando Pessoa's First English Poems and his First Disertatiors in English", publicado no volume Portugal Newsletter, II, 4, Nova Delhi, Embaixada de Portugal, Centro Cultural, 4/ 1995, pp. 33-39). No verbete 2499 (Blanco, 2008a: 372), refere o artigo de Da Cal no Columbia Dictionary, na p. 622, que descreve . E no verbete 2500 (Blanco, 2008a: 372-373), referencia *The Poem Itself*, e descreve os dois contributos dacalianos. No vol. II, Da Cal aparece referenciado no "Índice dos nomes citados" (Blanco, 2008b: 154). Este mesmo estudioso informa desse mesmo contributo de Da Cal num artigo que publica na revista (Blanco, 2008b) *Portuguese Studies*, sobre essa questão.

[147] São eles Sá de Miranda, Almeida Garrett, Leite de Vasconcelos, João Verde, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoaes, Alfredo Guisado, Pe. Firmino Augusto Martins, Miguel Torga, Amândio César, António Lousada, Oliveira Guerra, A. Garibaldi, Pedro Homem de Mello, Laurinda Araújo e António do Paço, Fátima Hasse Pais Brandão, José Carlos González, Maria Manuela Couto Viana, António José Queirós, Firmino Mendes e Joaquim de Carvalho.
Vaz anuncia, na "Nota Prévia" de início deste livro, mais dois volumes, intitulados (Vaz, 2008: 13) "A Galiza nas Letras Portuguesas e Dicionário dos Galegos em Portugal".

[148] Reis julga que teria sido mais acertado agrupar as cartas públicas em secção própria, na linha defendida na BQ e por pesquisadores mais recentes como Ana Teresa Peixinho na sua tese de doutoramento; e assinala, também na esteira da BQ, que a carta da Fialho de Almeida que se

que os seus discípulos continuassem linhas de trabalho que ele tinha iniciado e que, no caso do epistolário, ja se tinha concretizado em algum trabalho (v. g., o já citado de Reis, de 3/9-I-1984, das cartas a Luís de Magalhães).

IV.3.-Nos EUA, Espanha, Brasil, Inglaterra e França.

Nos **EUA** a maior presença da memória de Da Cal encontra-se na The Hispanic Society of America de Nova Iorque (HSA), que organizou os fundos do contributo doado à instituição, trabalho realizado pela Professora Alison Maginn, da Monmouth University. Na biblioteca disponibilizam a quase totalidade dos produtos publicados por Da Cal em vida, mesmo alguns que se podem considerar raros e não se encontram com facilidade, como a antologia *Três Poetas em Auto-Leitura*, HFGL ou a edição de 1971 da "Canção dos primeiros 70 anos".

Além disso, em 163 pastas disponibilizam-se numerosos materiais do seu epistolário e outros elementos biográficos de interesse respeitantes a instituições com as que teve relacionamento, e que permitem esclarecer a sua produção e trajectória.

No ano 2008, Nechama Kramer Hellinx, ex aluna de Da Cal na universidade nova-iorquina, depositou nessa instituição um conjunto de 44 poemas, (3 em português, 18 em castelhano e 23 em inglês), datados nas décadas de 70 e 80, quase todos eles inéditos. Desmente esta produção a afirmação de Da Cal de ter redigido só dois poemas em castelhano, pois verifica-se como empregou esta língua nesta produção em muitas mais ocasiões com esse teor. Nechama Kramer Hellinx conserva também cartas em que Da Cal manifesta o interesse em que essas composições se editem.

Nos finais do ano 2000, a Casa Galicia de Unidad Gallega de Nova Iorque dedicava a sua *Memoria Anual* a comemorar o seu LX aniversário. Nessa publicação, ao memorar contributos publicados no passado, reproduzem os poemas de Da Cal "Procura" e "Barcarola", lembrando que apareceram no ano 1946, e incluindo a mesma apresentação da altura. Esses poemas encontram-se no final de um trabalho sobre a história da associação redigido por Manuel Zapata,

tem publicado parcelarmente não se pode considerar pública, pois as partes divulgadas não são suficientes para lhe conferir tal estatuto.

um dos sócios mais antigos da entidade e que conheceu e teve tratamento durante anos com Da Cal[149].

O professor e investigador Josiah Blackmore (2000), num estudo publicado na *Revista Hispánica Moderna* da CU, ampara-se no ensaio de Da Cal sobre o romance[150]. Outro estudo queirosiano em que é citado como referência queirosiana é o verbete dedicado ao produtor português pela professora brasileira Maria do Amparo Tavares Maleval (2003) em *Portuguese Writers*, o primeiro grande repositório especializado em literatura portuguesa editado nos EUA, sob coordenação de Monica Rector e Fred Clark (2003).

Foi igualmente incluída a notícia da sua morte na actualização de alguns repositórios biográficos, v. gr. em (Moore, 1999) *Contemporary Authors*[151].

Em **Espanha**, em 1996, a editora madrilena Cátedra publicou uma edição de *Amores de Don Perlimplín con Belisa en su jardín*, de Federico García Lorca. Num muito documentado e erudito estudo introdutório, Margarita Ucelay memora a estreia do espectáculo alicerçado nesse texto, realizada em Madrid, em que tinha participado Da Cal, bem como das edições realizadas por ela e por Da Cal. A respeito destas, afirma que a publicada em 1955 (Ucelay, 1996: 241[152])

> No puedo menos de mencionar aquí que no se trata de una publicación de la que podamos sentirnos orgullosos, dado que los editores –y Dryden Press era una

149 Na sequência da presente pesquisa, e com ensejo da deslocação a Nova Iorque em Outubro de 2006, tentou-se contactar com Zapata, mas na altura não se encontrava com disponibilidade para poder ser entrevistado, segundo esclareceram os dirigentes da sociedade galega, em cujos arquivos e biblioteca se encontraram poucos elementos de interesse para a investigação. Mesmo não se conseguiu nenhum testemunho de pessoa que tivessem tratamento com ele directo, só algum dos mais velhos manifestavam ter uma lembrança difusa e afirmava ter assistido a uma discussão em que Da Cal defendia o uso do português pelos galegos. O facto de que Da Cal deixasse de frequentar essa sociedade em 1965, como se indicou, e os novos rumos da mesma, com outras pessoas que ocuparam responsabilidades (de facto, nenhum dos directivos do ano 2006 conheceu Da Cal, segundo afirmavam, e mesmo tinham muita escassa ou nenhuma informação a respeito dele; não acontecia assim com Emílio González López, mais presente na lembrança de muitas pessoas, porque prolongou mais tempo o contacto com a sociedade. Na biblioteca da Casa Galicia conserva-se um exemplar de LEEQ [tradução de Helena Moura] dedicado por Da Cal a Emílio González López).

150 Este investigador indigita Da Cal e A. Coleman como críticos que (2000:50) levantaram a possibilidade de ler a personagem de Titi como fetichista, mas não apresentam esse fetichismo explicitamente em termos sexuais; salienta a interpretação dacaliana do sistema de antíteses e oposições que estruturam este romance e as direcções semânticas diferentes que adverte no uso da relíquia e cuja associação é sacrílega.

151 Para além dos directórios que se referenciaram na presente pesquisa, Da Cal (1991: 287-288) afirma ter sido incluído em alguns outros produtos deste teor editados nos EUA e na Inglaterra, que se não puderam consultar na sequência do presente trabalho de pesquisa.

152 Ucelay (1983: 236) tinha defendido argumentos semelhantes num trabalho anterior sobre este produto lorquiano.

> editorial de mucho prestigio–, por miedo a que la obra pudiese ser juzgada escandalosa con detrimento del nivel de venta, mutilaron el texto expurgándolo de todo aquello que consideraron atrevido, curiosamente excediendo en celo al primitivo censor de la dictadura del general Primo de Rivera. La autocensura de los editores norteamericanos es por naturaleza de signo económico, no político; pero en los años cincuenta, la larga sombra del senador Joe McCarthy podía alcanzar cualquier reducto relacionado con la enseñanza pública. El Perlimplín se consideró, pues, obra arriesgada, cuya explicación de texto podía ser embarazosa para los maestros de los colegios católicos o, aún peor, podía escandalizar a los familiares de los estudiantes.

Acrescenta que aquele libro (Ucelay, 1996: 241) "tuvo éxito" embora "quedó desprovisto de todo interés por los cortes que la precaución puritana le había impuesto"[153].

Em 17-I-1998 Elsie Allen da Cal inicia relacionamento com Manuel Fernández-Montesinos, da Fundación Federico García Lorca, a quem oferece a doação dos volumes que Federico tinha dedicado a Ernesto "que contienen unos dibujos preciosos también de la mano de tu tío"[154]. José María Moreiro publica em finais de novembro no jornal *ABC*, de Madrid, informaçao intitulada "Um estudio inédito de Guerra da Cal cambia la historia de los poemas gallegos de Lorca". Afirma que a viúva, Elsie, tinha doado para a Fundación Lorca os livros

---

153 A respeito da versão posterior, incluída na edição revista do volume publicada em 1968, esclarece que (Ucelay, 1986: 241) "respetó el texto", mas "A pesar de haber sido anotada y corregida con cuidado, no dejó de filtrarse alguna que otra equivocación en esa edición de Holt. No podemos, pues, considerar totalmente verdadera la nota (pag. 25, nota 15) que asegura ser versión exacta del texto A de Anfistora".

Em 1998, na mesma editora, Margarita Ucelay publicou um estudo de teor semelhante para a edição de *Así que pasen cinco años*. Não se encontra no texto qualquer referência a Da Cal. No entanto, em entrevista pessoal realizada com ensejo da presente pesquisa, Ucelay afirmou que Lorca pensava em Da Cal para um dos papeis, o do "Joven", segundo assinalara nos trabalhos prévios aos ensaios, programados para o Verão de 1936, e que se não realizaram por causa da Guerra de Espanha.

154 A viúva afirma que já lhe manifestara essa intenção a José María Moreiro, comum amigo e correspondente do jornal ABC de Madrid em Lisboa, quem "me dijo que habrá un homenaje a tu tío Federico en Cascais en el mes de Abril y creo que esa ocasión será la mejor adecuada" para fazer aquela entrega.

Manuel Fernández-Montesinos (27-I-1998) agradece a Elsie Allen da Cal a doação de materiais que lhe confirmava na carta do dia 17 desse mês. Lembra a amizade que o uniu com Ernesto no exílio, e afirma que contactará Moreiro para o acto de Cascais. A respeito do destino do material da doação, explica: "Inmediatamente lo vamos a incorporar a la gran exposición que se inaugurará en el Reina Sofía y, naturalmente, daremos siempre noticia de la generosa procedencia".

José Maria Moreiro (23-III-1998), correspondente em Lisboa do jornal ABC de Madrid, comunica por carta a Manuel Fernández-Montesinos que, caso não se celebrar a homenagem a Federico programada em Cascais, a entrega da doação anunciada por Elsie seria com posterioridade, num acto em Madrid, que servisse também como homenagem de reconhecimento para com Ernesto, indicando que á viúva "incluso le agrada más esta idea". Moreiro anuncia o envio por correio separado do volume de homenagem a Ernesto "aun no presentado, que Elsie te dedica", em referência ao volume editado pela UC.

dedicados pelo produtor andaluz “cuatro ilustrados con dibujos, uno de los cuales, es inédito”, desenho esse que reproduz e acompanha a notícia. E acrescenta (Moreiro, 29-XI-1998):

> Entre los papeles que Da Cal dejó inconclusos figura la explicación sobre la redacción de los “Seis Poemas Galegos”. Los estudiosos lorquianos tienen la palabra.
> Entre los textos, incompletos, que Ernesto Guerra da Cal dejó a su fallecimiento en Lisboa en 1994, figura éste, cuya redacción, por lo que se deduce, debe datar de 1985 o 1986, destinado a formar parte de su libro, en preparación: “’Os Seis Poemas Galegos’ de Federico García Lorca”. Precisamente, la génesis y el proceso creador seguido por Lorca, quien no sabía escribir correctamente en gallego, ha sido tema muy debatido. La importancia y rigor de este testimonio radica en que aporta una explicación extremadamente útil para el definitivo estudio de este poemario.

Moreiro, na continuação, transcreve parte do contributo de Da Cal sobre o assunto publicado na APCR.

Elsie Allen da Cal (29-XI-1998), em nova carta que endereça para Fernández-Montesinos, indica que a sua ideia era entregar os livros dedicados por Federico a Ernesto na sua morada de Lisboa, e que não interviesse o jornalista Moreiro, pelo que algum desencontro deveu existir entre eles. Pede-lhe que a telefone para acertar os detalhes, e que lhe junte uma certificação da doação[155].

Isabel García Lorca (14-IV-1999) escreve carta para Elsie Allen da Cal, em que agradece a doação “de los seis ejemplares de ediciones históricas de las obras poéticas y dramáticas de mi hermano” para a Fundação Lorca. O contributo representava “un valiosísimo enriquecimiento de nuestros fondos”[156]. O Secretario de Fundación Federico García Lorca, Manuel Fernández Montesinos (15-IV-1999), certifica a doação de seis produtos realizada por Elsie Alle da Cal. Em Dezembro de 1999 o boletim FGL, da Fundação Lorca, informa (Sem Autor, XII-1999: 69) dessa doação de livros e desenhos por parte da viúva. Dedica um espaço a Da Cal, em que reproduz dois poemas: “Auto-retrato” (p.71,

---

[155] Nos finais de Novembro de 1998, a revista *Nós*, das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, publica um trabalho em que Beatriz Weigert, da Universidade de Évora, se ampara na APCR organizada por Da Cal num trabalho sobre poéticas de diversos produtores galego-luso-brasileiros. A Professora eborense cita o texto de “Apesentação" dacaliano, bem como a versão do poema de Rosalia dedicado a Camões adaptada para português por Da Cal e incluída no volume.

[156] Esses exemplares, segundo certificação (com data 15-IV-1999) de Manuel Fernández-Montesinos García, secretário da Fundação, eram: *Livro de Poemas* (edição de 1921, com dedicatória e um desenho); *Poema del Cante Jondo* (1931, com dedicatória e um desenho), *Canciones (1921-1924)* (exemplar da segunda edição, de 1929, com dedicatória), *Primer romancero gitano (1924-1927)* (exemplar da segunda edição, de 1929, com dedicatória e um desenho), *Oda a Walt Whitman* (1933, com dedicatória e um desenho), e *Llanto por Ignacio Sánchez Mejías* (1935).

incompleto); e mais a "Pavana ritual para um poeta assassinado (Granada) 1936" (pp. 73-77) na versão portuguesa, indicando a publicação inicial desta composição como D.C. Warnest no ano 1966. Entre outros elementos de interesse, para documentação sobre Da Cal rementem para o volume de homenagem da UC[157].

Em Maio de 2002[158] publica-se em Trintxerpe *A lagoa da memoria*, de Xosé Estévez. No volume deste professor da Universidad de Deusto está muito presente Da Cal. Assim, nas páginas iniciais, ao lembrar vultos que tiveram relacionamento com a sua Quiroga natal, afirma (Estévez, 2002:17)

> Guerra da Cal ficaria xunguido para sempre á Patria galega ó traveso da señardade matricial da corda embigal quiroguesa, a vila Verdemar. Ernesto, de quen conservo como ouro en pano unha ricaz e íntima correspondencia epistolar, escribiu poemas tan emocionantes e telúricos como istes.

Inclui na continuação (Estévez, 2002:18-21) trechos de quatro poemas dacalianos[159]. Na última epígrafe contribui com um poema em que define "Patria" de diferentes maneiras, e entre elas (Estévez, 2002: 118)

---

157 Na apresentação biográfica, sem assinar, salienta-se que aos onze anos deslocou-se para Madrid, onde se formou na Faculdade de Filosofía y Letras e onde, para além das aulas (Sem Autor, 1999: 70) "asiste a las reuniones en la casa del diplomático chileno, Carlos Morla Lynch, en las que conoce a gentes tan distintas como Federico García Lorca, los Condes de Yebes, Gitanillo de Triana... También está presente en las reuniones de la 'Casa de las Flores' de Pablo Neruda, con Guillén y otros poetas, y participa en las actividades del grupo teatral Anfistora, dirigido por Pura Ucelay donde se estrecha su amistad con García Lorca. Muchas tardes acude también al Ateneo, y siempre se reserva para sus tertulias en los cafés con los galleguistas. [...] A final de 1938 es enviado a los Estados Unidos en misión oficial del Gobierno de la Segunda República para recabar fondos de las asociaciones de emigrados españoles, sobre todo gallegos, en previsión de una ingente ola de exiliados al final, ya previsible, del conflicto bélico. Estando en estas negociaciones sobreviene el fin de la Guerra Civil y ya no vuelve a España hasta después de muchos años de exilio. En Nueva York se reúne con su esposa". Apesar de não assinado, é provável que esta informação, que inclui outros elementos mais conhecidos –além de algum erro surpreendente, como datar a sua morte em 1995— fosse fornecida pela sua primeira esposa, Margarita Ucelay, do Conselho de Redacção dessa revista.

Manuel Fernández-Montesinos (14-II-2000) responde carta de Elsie Allen da Cal, frisando que "me agrada mucho que te haya gustado el pequeño homenaje a Ernesto y en agradecimiento a ti por tu generosidad", como se recolhia no Boletim da fundação.

158 Neste volume, o Professor da Universidade de Deusto, escreve umas memórias e agradece a acolhida que recebeu na (2002:124-125) "patria adoptiva, Euskal Herria". O livro tem uma apresentação prefacial de Koldo Izagirre, nome de referência do nacionalismo e do movimento cultural basco, que evidencia como este intelectual galego é apreciado e valorizado.

159 Estes poemas correspondem-se, respectivamente, com "Morrinha de Rio e Lua" (LAM, 1991: 73-74), "A vila Verdemar" (LAM, 1991: 76), "Saudade líquida" (RST, 1991: 164) e "Ontem de cor e agua" (RST, 1991: 168). Valoriza que, após o "canto lírico ó rio" do primeiro dos poemas, no segundo deles (Estévez, 2002: 19) "descrebe Guerra da Cal, con habelenciosa concisión, a vila de San Martiño, grorificándoa coas cores dun Verdemar"; e frisa que no último deles (Estévez, 2002:20) "conxuga Ernesto Guerra da Cal o simbolismo acougante e vitalista da auga dos rios Sil e Lor co cromatismo galador da primavera". Nas primeiras palavras respeitantes a Da Cal, Estévez cita o prólogo de Otero Pedrayo em RST.

A Patria é Ernesto Guerra do Sil
recendo a mil lúas en abril.

O impacto de Da Cal permanecia bem presente, segundo indicam estes parágrafos, no historiador e professor basco, estudioso referencial para o nacionalismo galego sobretudo pelos estudos que realizou sobre o movimento Galeusca. Também aqui aparece presente o relacionamento Da Cal-García Lorca, e Estévez apela à privilegiada influência de Da Cal para que o poeta andaluz tivesse presente o rio Sil num dos SPG, o que também puxa pela reivindicação da privilegiada função de Da Cal na elaboração desse poemário.

Em 2003, a Biblioteca del Exilio da Universidade de Barcelona acrescenta biografias de Da Cal e da primeira esposa Margarita Ucelay, da autoria do filho de ambos, o Professor Enric Ucelay da Cal, docente da mesma instituição. Nos dois trabalhos há numerosos elementos de interesse sobre Da Cal (referidos supra) sobretudo respeitantes ao tempo de estada em Madrid e a Guerra de Espanha de 1936, alguns dos quais só aí se podem documentar.

Em 2004, Carmen Mejía Ruiz, da Universidade Complutense, publica na revista *Madrygal* um estudo sobre o exílio de Castelao nos EUA, e anuncia que visa levar a cabo (Mejía Ruiz, 2004: 79) "una línea de investigación sobre el exilio gallego en Norteamérica". Cita os poemários de Da Cal LAM e RST e finaliza reproduzindo parte da composição "Isolamento", e valorizando (Mejía Godoy, 2004: 90): "Guerra da Cal –poeta exiliado en Norteamérica– en su libro *Lúa de Alén Mar* (1959) describe de forma emotiva la terrible soledad del exilio y la desesperanza como consecuencia. El poema 'Isolamento' nos aproxima a Castelao y lo reproduzco como homenaje a todos los exiliados".

Em 2007 publica-se no País Basco mais um trabalho de Xosé Estévez sobre Da Cal, nas *Actas* do congresso Exilio y Universidad (1936-1955), que se tinha celebrado o ano anterior. Centra-se preferencialmente na rememoração da infância na poesia, defendendo que (Estévez, 2007: 877) "La estancia de Guerra da Cal en Quiroga resultaría determinante en la articulación de su estructura vital y mental, como el mismo apadrina con el testimonio de su poesía y su rica correspondencia.

---

Estévez assinala a citação do rio Sil no "Nouturnio do adoescente morto", um dos SPG de García Lorca que foi, afirma (Estévez, 2002: 23) "cicais inspirado polo seu amigo Ernesto Guerra da Cal". E com posterioridade, ao memorar como jogava fútebol com outros meninos nos anos infantis, lembra que o faziam (Estévez, 2002:36) "a carón da Tabacalera, rexida por Dona Flora, lanzal muller de cabelos brancos, parente de Guerra da Cal".

Após fazer percurso por instantes biográficos, pelos productos literários, e por elementos da correspondência que tinha recebido de Da Cal conclui (Estévez, 207: 887):

> Ernesto Guerra da Cal es sin ninguna sombra de duda una de las principales figuras de la Historia de Galiza, una personalidad extraordinaria del nacionalismo gallego desde la perspectiva republicana e independentista, un personaje cimero de la Literatura gallega y un activo innegable en el Reintegracionismo.

O estudo do exílio, pois, bem como os respeitantes a García Lorca foram os principais focos de atenção sobre Da Cal na Espanha neste período. No ano do centenário do *Don Quijote* o contributo dos seus estudos passou despercebido, talvez por desconhecimento dos especialistas espanhóis, ao estar editados os seus três principais trabalhos (Da Cal, 1973) na UFRJ do Rio de Janeiro.

Os estudos queirosianos foram a principal produção pela que se lembrou Da Cal no **Brasil** após a sua morte, mas também se referenciaram outros acontecimentos em que participou e teve relacionamento com o país ou com brasileiros.

Em 1995 celebrou-se em São Paulo o III Encontro Internacional de Queirosianos. Nas sessões houve alusões à produção de Da Cal, que alicerçou vários trabalhos[160].

Em 1997, a editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro, apresentou os primeiros volumes de uma nova colecção de *Obras Completas de Eça de Queirós*, com organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. O primeiro volume principia com esta "Homenagem a Ernesto Guerra da Cal":

> Nesta página de abertura da edição da *Obra Completa* de Eça de Queiroz não poderiam faltar a expressão de nossa admiração e algumas palavras de agradecimento ao Prof. Ernesto Guerra da Cal, uma vez que, graças às suas pesquisas, estudos, orientação, publicações –em especial a monumental Bibliografia queirociana,-- contribuiu de maneira ímpar para o avanço dos estudos queirozianos. Eis a razão desta dedicatória, a que se junta o testemunho de apreço e amizade de todos quantos o conheceram.

[160] Segundo recolheram os *Anais*, publicados em 1997 Amina di Munno, António Braz de Oliveira, Elza Miné, Maria Eduarda Vassalo Pereira, Maria João Simões e Maria José Moreira França citaram a BQ nos seus estudos; e Ana Luísa Vilela, Ana Maria Almeida Martins, Lucette Petit, Maria das Graças de S. Arrebola ampararam-se em LEEQ.

Em estudos incluídos nesses volumes iniciais a produção de Da Cal é também citada pelos investigadores, todos eles de referência, que se ocupam da produção queirosiana[161].

Em Fevereiro de 1997 editou-se em Brasília *Poesia-I*, de Cassiano Nunes. Na referência das "Obras Principais" deste produtor referencia-se o volume *Três Poetas em Auto-Leitura (Dora Vasconcellos, Ernesto da Cal e Cassiano Nunes)*, publicado na NYU em 1964. Esta alusão por parte de um intelectual na altura já reconhecido mesmo com prémios de ensaio e literatura da própria Academia Brasileira de Letras, indica como aquele volume, embora tivesse circulação muito restrita, continuava a ser valorizado, por mais que Da Cal não o incluísse nunca entre as suas produções. Nesse ano, o Professor **Claudio Cezar Henriques** inclui Da Cal entre os "teóricos da literatura" no estudo *Literatura: esse objeto de Desejo. Quando as visões lingüístico-gramatical e teórico-literária se encontram*[162].

Em 1998 publica-se no Brasil um volume de memórias de Guilherme Figueiredo, em que este intelectual relata (1998: 228 e 332) encontros com Guerra da Cal e Heitor Villa Lobos em Nova Iorque; e também (1998: 228) na casa de Jaime de Barros com ele e com Olga Praguer Coelho, Andrés Segovia, Quarteto Juilliard e Leonard Bernstein, acrescentando ainda (1998: 322) Marcos Romero e Dora Vasconcellos.

Em nova edição de *O Primo Basílio*, Paulo Franchetti (1998) recomenda LEEQ como estudo de referência sobre este volume.

No ano 2000, sob organização de Beatriz Berrini, publicou-se *A Ilustre Casa de Ramires. Cem Anos*, um volume que procura revisar questões críticas deste

[161] No Volume I, Berrini (1997:41) cita a BQ e (1997:51-52) LEEQ; e Orlando Grossegesse (1997: 767-780) apoia-se no ensaio sobre *A Relíquia*. O Volume II principia com um estudo de Luiz Fagundes Duarte (1997: 639-648), em que se alude a LEEQ.

[162] Trata-se de um estudo em que pretendeu, no dizer de José Luís Jobin no texto de apresentação (1997: XIII) "tratar da literatura como objecto submetido a perspectivas diferentes de abordagem". Este trabalho privilegia a estilística, e foca os contributos de filólogos, gramáticos e linguistas. Da Cal encontra-se (1997:160) junto com Affonso Romano de Sant'Ana, Alfredo Bosi, Gilberto Mendoça Teles, Luís Costa Lima e Roberto Schwarz, para exemplificar como o crítico "pode inclusive expandir-se contra o outro recorte académico ou contra seu próprio recorte, desde que isso reforce a autoridade do seu comentário pessoal canonizador". Henriques vale-se de LEEQ e cita um trecho para explicar como Da Cal combatia a resistência que Eça suportava no instante de realizar o seu estudo pelo uso de francesismos, argumentando como já estavam integrados na língua.

romance ao se comemorar o centenário da sua primeira edição, e onde não falta Da Cal[163].

A revista *Tempo Brasileiro* publicou um número especial, correspondente ao período Outubro-Dezembro de 2002[164], para comemorar "40 anos de vida". Trata-se de um volume consagrador da figura do seu director, Eduardo Portella[165], com trabalhos que salientam a sua trajectória e que, com ensejo da efeméride, avaliam as transformações do país no período. Nesse lugar, César Leal, poeta e crítico, e professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco, ao lembrar a organização do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, relata como Portella (Leal, 2002:38)

> ao preparar a relação dos convidados, coloca entre os primeiros Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, José Cardoso, Ernesto Guerra da Cal, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, René Wellek, Maria de Lourdes Belchior, os espanhóis Dámaso Alonso e Carlos Bousoño e quase todos os militantes na crítica brasileira daquele período.
> Nem todos os convidados puderam comparecer, mas o Congresso foi o grande acontecimento literário do ano, no Brasil. [...] Foi nesse Congresso que as disciplinas Teoria da Literatura e Lingüística foram propostas ao Governo para constar do currículo mínimo dos cursos de letras das universidades brasileiras.

Lembra-se assim aquele tempo em que Da Cal atingia a maior repercussão no Brasil, pelo estudo de LEEQ, mas também por ter favorecido a constituição do Brazilian Institute na NYU, instituição central na altura para os interesses culturais, mas também políticos e económicos do Brasil.

Aos 28 de Janeiro de 2003, César Leal escreve no *Diário de Pernambuco* um artigo sobre o volume de homenagem a Portella da revista *Tempo Brasileiro*. Nesse trabalho também lembra o Congresso do Recife de 1960 e a presença de Da Cal e de outros especialistas, além de "todos os críticos em actividade nos principais periódicos do Brasil", frisando as "conseqüências" que esse

---

163 Nos contributos da própria Beatriz Berrini, e no de Cecília Almeida Salles, há citações da informação sobre esta produção queirosiana que figura no volume I da BQ; e Carmela Magnata Nuzzi, antiga aluna de Da Cal na CUNY (veja-se supra) homenageia o seu mestre amparando-se em LEEQ.

164 Nesse volume também se encontra um índice desses 40 anos da revista, realizado por Graça Coutinho (X/XII-2002: 165-331), em que se recolhem os trabalhos de Euryalo Cannabrava (p. 186, o único contributo deste produtor na revista) e de Estella Glatt (p. 216, só se referencia mais outro trabalho dela) sobre a poesia de Da Cal nessa publicação, que se constituiu numa referência para os CL e CEL, entre outros (como os da filosofia e a educação) do Brasil na segunda metade do século XX.

165 Sobre a trajectória de Portella tem especial valor o contributo de Vamireh Chacon (2002: 153-160), em que se refere à vida intelectual na geração de Portella e põe em destaque a sua formação na Universidade de Madrid, bem como a intervenção do Instituto de Cultura Hispánica.

acontecimento "iria trazer para a elevação do nível de nossos estudos lingüísticos e literários"[166].

Aos 29 de Novembro de 2003, Wilson Martins dedicou a sua secção de crítica literária no jornal *O Globo* a uma recensão de *Fazer(-se) um nome*, de Joel R. Gômez[167]. O estudioso brasileiro afirma que LEEQ "foi desde logo considerada um clássico da matéria, condição que ainda conserva, indispensável e, na verdade, insuperado, não só no que se refere ao seu objeto, mas, ainda, como modelo para qualquer outro da mesma natureza". Ao comentar as reacções da crítica ao estudo dacaliano, acrescenta Martins: "Assim como custou a digerir Eça de Queiroz, o estabelecimento da crítica portuguesa relutou en engolir Ernesto da Cal, ou só o engoliu de má vontade, por meio das pequenas concessões a que se viu obrigada por sua reputação internacionalmente crescente", detendo-se nas resistências do brasileiro Silveira Bueno ou do português Gaspar Simões, e contrapondo-as à boa receptividade internacional como a de Heinz Kroll na Alemanha[168]. Salienta igualmente Martins:

> O trabalho ciclópico de Guerra da Cal, com poucos ou, talvez, sem similares na literatura universal, publicado como "Apêndice" (!) de "Língua e Estilo de Eça de Queiroz", é a "Bibliografia queirociana sistemática y anotada e Iconografia artística del hombre y la obra", com publicação inicialmente projetada para 1950 em um volume de 450 páginas. Foram, afinal, milhares de páginas, completadas nos seis volumes de 1984, unanimente aceita, diz Joel R. Gómez, "como modelo de investigação" [...]
> Essa foi a trajetória da sua canonicidade, paralela e decorrente da canonicidade de Eça de Queiroz por ele promovida, e tanto mais meritória quanto enfrentava a resistência das idéias feitas, das verdades aceitas e dos persistentes rancores que se foram acumulando desde "O crime do padre Amaro", fazendo com que o autor fosse muito mais estimado no Brasil e na Espanha do que no seu próprio país. Rancores e resistências semelhantes aos que Da Cal encontraria no estabelecimento crítico português.

O célebre crítico e professor, ex colega de Da Cal na docência universitária de Nova Iorque, mais uma vez destacava assim a sua produção queirosiana no Brasil.

---

166 Leal põe em destaque neste contributo que o objectivo de Portella era propiciar no Brasil "uma crítica nova" que "não podia nascer nos jornais. Esse poder estava na Universidade. Só a Universidade poderia dar novos rumos aos estudos literários no Brasil", salientando que contasse com a Universidade do Recife para tal empreendimento, apesar de residir no Rio.

167 Aos 25 de Agosto, *Fazer(-se) um nome* teve um lançamento no Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, num acto organizado pela professora Gilda Santos, da UFRJ, Coordenadora-Geral do Polo de Pesquisa de Relações Luso-Brasileiras da instituição. Assistiram professores de diversas universidades e o autor centrou-se especialmente no assunto "A produção intelectual de Ernesto Guerra da Cal e o Brasil".

168 Martins conta ao leitor brasileiro a anedota de Da Cal quando insistiu em declarar-se de "galego" na televisão brasileira, relatada por Xavier Alcalá, bem como o encontro com o livreiro José Pedro Rodrigues quando este lhe queria apresentar LEEQ como livro novo e insuperável sobre Eça, segundo referira Leonardo Jorge na entrevista que lhe fizera em 1970 (ver supra).

João Décio, no volume *Quatro Autores de Literatura Portuguesa. Luís de Camões. Eça de Queirós. Fernando Pessoa. Vergílio Ferreira*, no estudo "O tempo n'Os Maias de Eça de Queirós" (pp. 49-174) ampara-se em LEEQ (Aster), (Décio, 2003: 119).

Em Abril de 2006, dentro do projecto de realização de um dicionário de escritores luso-brasileiros organizado pelo Pólo de Pesquisas de Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, a revista *Convergência Lusíada*, publicada por esta instituição, incluiu o verbete (Gômez, IV-2006: 313-316) "Da Cal, Ernesto Guerra", em que se foca de preferência o relacionamento de Da Cal com o Brasil.

Para além deste reconhecimento continuado nestes países, também na **França**, no exemplar correspondente a Janeiro-Março de 2004, a *Revue de Littérature Comparée*, Daniel-Henri Pageaux, ao valorizar o livro de Gômez (2002) sobre Da Cal, assinala que os "longues décennies" de "travail exemplaire" dedicados por Da Cal para estudar Eça representa um exemplo de"dialogue intrapéninsulaire". Lembra a publicação do ensaio de Da Cal nessa revista francesa em 1961, e salienta que "Un nouveau discours critique a pu naître à partir dùna thèse magistrale sur la langue et le style d'Eça de Queirós (1954)", e cita também os contributos do estudo sobre *A Relíquia* e a "monumentale" BQ em seis volumes.
Na **Inglaterra**, em *Portuguese Studies*, Alan Freeland publica um novo contributo queirosiano, "Imagined Endings: National Catastrophe in the Fiction of Eça de Queirós", no qual (1999:110) cita o verbete que Da Cal dedicou na BQ a "A Batalha do Caia" (1975:430-432, v.1.422) e alicerça-se nele para explicar os manuscritos e o projecto que representou.

E nessa mesma revista, José Blanco volta indigitar Da Cal como pioneiro pessoano num volume específico sobre as perspectivas de futuro dos estudos sobre Fernando Pessoa. Afirma que em 1947 (Blanco, 2008: 14) "Pessoa crossed the North Atlantic for the first time, introduced to American readers in the *Columbia Dictionary of Modern European Literature*. Ernesto Guerra da Cal wrote in his entry that Pessoa 'is the master of intellectual lucidity in the realm of emotion, but beneath the apparent coldness of lyric cerebralism, which at times appears to be a clever game, one detects a sentimental energy that impels the poet

toward direct communication, toward the liberation of verbal expression and at times toward irrational intuition".

IV.4.-Síntese conclusiva.

Nos três lustros decorridos após a morte de Da Cal, a sua produção e trajectória foram lembradas e reivindicadas de diferentes maneiras em espaços sociais com que teve um maior relacionamento e em que estabeleceu relações de amizade e profissionais durante a vida.

Os estudos queirosianos foram centrais neste período, atingindo importante reconhecimento sobretudo em Portugal, mas também em todos os restantes países em que emergeu a sua personalidade, por mais que por vezes, como aconteceu v. gr. na Espanha, França ou Inglaterra, de maneira muito secundária.

Na Galiza foi onde mais produtos seus se difundiram póstumos, com a edição de dois poemários e outras composições avulsas, e também vários epistolários; mesmo reeditando-se alguns dos seus contributos total ou parcialmente, mas sempre em publicações periféricas. Nos EUA é onde está documentada a existência de um maior volume de elementos da sua produção inéditos, literários e científicos, entre os quais têm relevo as composições depositadas por Nechama Kramer-Hellinx na HSA, bem como epistolários e trabalhos diversos conservados nesta instituição nova-iorquina.

O teor das produções que se puderam verificar confirma a canonização como queirosianista, sendo um ponto de inflexão a convocatória do prémio internacional de pesquisa sobre Eça de Queirós "Professor Ernesto Guerra da Cal", convocado no ano 2000 com ensejo das comemorações oficiais da morte do escritor português. Esta efeméride trouxe à actualidade de muitas maneiras e em diferentes formatos Da Cal, graças ao empenhamento de Carlos Reis, um discípulo que insistiu em reivindicá-lo nas celebrações de maior relevo, e que deu continuidade aos seus projectos. Consolidou-se assim mesmo como referente para os estudos sobre Garcia Lorca (em especial os SPG e o teatro), Fernando Pessoa (como pioneiro na sua divulgação em língua inglesa, com estudos e traduções), Rosalia de Castro e, em menor medida, para outros produtores.

Pôde-se comprovar igualmente a persistência de confusões e dados errados a respeito da sua biografia e trajectória, mesmo alguns elementares como v. gr. a própria data da morte, apesar de ser relativamente recente. Da Cal emerge com frequência, sobretudo na Galiza mas também em Portugal e no Brasil, nos estudos culturais e literários sobre acontecimentos e produtores muito diversos com os quais teve relacionamento e actuação directa na sua produção (Castelao, Paz-Andrade, Carvalho Calero, Jenaro Marinhas, Anne Marie Morris, Machado da Rosa, Natércia Freire, o DLPGB, o I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, Eduardo Portella...), ultrapassando mesmo na Galiza situações de censura, o que prova o sucesso de muitas das suas produções, que mantêm capacidade para o trazer à actualidade e para que continue a ser citado como figura referencial.

Através sobretudo de volumes de homenagem editados na Galiza e em Portugal, da equipa dedicada à edição crítica da Obra Completa de Eça de Queirós (em Portugal e no Brasil) do estudo *Fazer(-se) um nome* e outros do Grupo Galabra da USC, ou trabalhos de amizades como Franco Grande, Álvarez Cáccamo, Xosé Estévez ou Henrique Dacosta, foi objecto nestes anos de estudos centrados na sua produção, na quase totalidade dos casos assinados por pessoas que o conheceram e tiveram algum relacionamento directo com ele. Exceptuando esses casos são poucos os estudos que focaram o seu labor, e mesmo foi esquecido, ignorado, ou tratado com pouca preocupação em produtos promocionados pelos defensores da normativa ortográfica aprovada pelas instituições oficiais da Galiza.

V.-Síntese conclusiva final.

Nos 82 anos, 7 meses e 9 dias de existência, Ernesto Guerra da Cal viveu numerosos incidentes (morte do pai no primeiro ano de vida, separação da mãe até aos 12 anos, mudanças a lugares que o obrigaram a aprender idiomas diferentes como o espanhol e o inglês, exílio, renovação de nome e de nacionalidade, ruptura matrimonial, conflitos laborais, deslocações de residência, doenças graves...). Teve a possibilidade de realizar uma importante produção em galego-português, espanhol e inglês, e de participar em numerosas lutas de maneira activa e directa até semanas antes da sua morte, um instante ao qual chegou com lucidez e conservando as faculdades intelectuais.

No que diz respeito ao saber construído até à data sobre ele, queremos notar a existência de faltas de concretização e erros que entorpecem um bom conhecimento da sua pessoa e da intencionalidade das suas actuações e produtos. Por citarmos apenas alguns dos mais significativos:

-Do seu relacionamento com García Lorca tem-se confundido a sua participação em projectos teatrais com o granadino, que foram só no grupo Anfistora mas não em La Barraca, como v. gr. se afirma no verbete que lhe é dedicado na *Gran Enciclopedia Gallega*. E a respeito da sua participação ou não na elaboração dos *Seis Poemas Galegos* lorquianos têm-se escrito muito, e por vezes muito contraditoriamente, e as versões vão desde aqueles que negam qualquer intervenção sua aos que o indigitam como instigador principal desse produto ou mesmo (v. gr. Méndez Ferrín) coautor, a outros que mesmo detentaram diferentes posicionamentos.

-Da sua renúncia à nacionalidade espanhola, tem-se dado a data de 1944 (v. gr., Dobarro, 2002), em lugar de 1945 como figura no Registo Civil, e ignora-se a segunda renúncia na década de 80.

-Dos lugares em que lecionou há confusões sem esclarecer-se suficientemente em quais foi profissional e em quais orador e/ou professor visitante ocasional.

-A sua vultosa produção é estudada muito parcelarmente, sem ter em conta a dupla dedicação científico/literária, privilegiando em ocasiões uma delas e ignorando mesmo a outra (como na rua que lhe dedicaram no Estoril, onde só figura como

"investigador"), ou limitando o objecto de estudo a só os poemários de 1959 e 1963 sem valorizar os restantes nem a reedição desses produtos (v. gr. Maceira, 1995).

-Problemas na datação do ano e dia da sua morte: Carlos Fernández dá 1977 como data da morte, e há também diferentes atribuições aos dias 27 e 28 de Julho de 1994.

-Ausente em histórias da literatura galega (v. gr. as de Dolores Vilavedra e Mercedes Queixas).

Os desencontros e lutas que teve em diferentes entidades às quais pertenceu (Associaçom Galega da Língua, Instituto Cultural Galaico-Minhoto) ou reconhecimentos que recebeu (Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa) conformam também uma pessoa certamente complexa, difícil de estudar pelos muitos países em que teve dedicação e produção e pelos múltiplos meios em que interveio (revistas, jornais, livros, emissões radiais, televisão, universidades, academias, congressos e encontros diversos de teor científico e literário...) bem como das instituições com que teve relacionamento.

Nessa ampla trajectória apresentaram-se-lhe numerosas oportunidades nos campos científico e literário, que foram a sua principal dedicação, e muitas delas pôde e soube aproveitá-las ao serviço dos seus objectivos. Viu-se favorecido pela ajuda de varios grupos em diferentes episódios da vida, participando em redes de interesses que contribuiram para atingir as suas finalidades, e em compensação com retribuições pela sua parte no âmbito profissional do ensino; no institucional de fundações e entidades governamentais a que teve acesso e em que interveio com possibilidade de decidir sobre ajudas diversas; ou na produção num meio informativo com projecção internacional, como era a estação de rádio *A Voz de América*. Essa colaboração com outras elites nos EUA teve também como privilegiada plataforma de lançamento a actividade numa entidade como a Hispanic Society of America nova-iorquina, que lhe outorgava poder projectar-se nos intersistemas hispânico e lusófono, e favorecia contactos que o punham em conexão com elites culturais norte-americanas. Também visava com essas actividades o propalar metodologias como a Estilística e a Literatura Comparada, linhas que pugnavam pela centralidae no campo dos estudos literários internacionais, ou um discurso iberista, favorável para a confluência de actuação de hispanistas e lusitanistas, duas elites periféricas no sistema de ensino dos EUA a

respeito de outras com as que deviam competir. Na sequência dessas iniciativas, e frente a dois sistemas dominantes como o hispano (com predomínio de Espanha sobre os restantes países do intersistema, um predomínio favorecido pela influência dos exilados) e o lusófono (com maior concorrência entre os interesses de Brasil e nomeadamente do Ministério de Negócios Estrangeiros e do Consulado do Brasil em Nova Iorque, de que Da Cal conseguiu maior proveito na etapa da NYU pelo apoio do Governo brasileiro, e que frutificou em iniciativas como o Instituto Brasileiro, em que se implicaram com financiamento multinacionais dos EUA; e os de Portugal, predominante no tempo da CUNY, pela ajuda financeira da Fundação Calouste-Gulbenkian e também do Governo de Portugal, e que frutificou em realizações como o programa de Doutoramento em Português na universidade nova-iorquina), Da Cal tentou introduzir a Galiza, uma comunidade dependente e periférica dentro do quadro da Espanha, conseguindo alguns sucessos como a projecção da língua, a literatura e a cultura da Galiza no intersistema anglófono. Esta actuação de Da Cal lembra as lutas que se estão a dar no âmbito da Literatura Comparada nos últimos anos, que reivindicam centros diferentes aos da Europa Ocidental e a América do Norte, e trabalham activamente para colocar em posições mais privilegiadas os estudos respeitantes a Latinoamérica, África, China ou a Índia, como indica Eduardo Coutinho (1995 e 2003): nessa esteira, Da Cal tentou ultrapassar o etnocentrismo desses sistemas dominantes e introduzir a Galiza com a promoção dos seus produtores, entre os quais ocupava o centro na sua concepção do cânone Rosalia de Castro; e promocionou outras alternativas para a língua, como a confluência da ortografia do galego com a do português, para o que se empenhou na defesa de um Acordo Ortográfico, que ele defendeu desde a década de 50 segundo se conseguiu documentar. Entre essas élites com que colaborou e se coordenou em diferentes instantes da sua trajectória, as principais foram as seguintes:

- Exilados espanhóis nos EUA, Latinoamérica, França
- Hispanistas e lusitanistas nos EUA e em outros países como a França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Checoeslováquia, Turquia.
- Defensores das metodologias da Estilística e da Literatura Comparada nos EUA e também em vários países sobretudo do intersistema hispánico como Espanha, México, Porto Rico, mas também do instersistema lusófono como Brasil e Portugal.

- Opositores aos régimes franquista da Espanha e salazarista de Portugal.
- Queirosianistas em Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, França, Checoeslováquia, Venezuela, Moçambique, Angola.
- Galeguistas na Galiza e em enclaves da emigração e do exílio da Argentina, México, EUA.
- Reintegracionistas na Galiza, Portugal, Brasil, Inglaterra, Itália.
- Nova crítica no Brasil.
- Lorquianistas na Espanha, Galiza, EUA.
- Produtores literários da Galiza, Espanha, EUA, Portugal, Brasil, França.
- Produtores de outros campos, como o da pintura, a comunicação social, o teatro e o cinema, também em vários países, como EUA, Porto Rico, França, Galiza, Espanha, Portugal, Brasil.

Essas relações tão alargadas foram consequências dos contactos que estabeleceu, maiormente através do conhecimento e o contacto pessoal, e por uma presença física e um carácter agradáveis a muitas pessoas, favorecidos pela sua formação e em viagens, participação em congressos e actividades científicas diversas. A sua actividade aconteceu num tempo em que nos EUA se começaram a promocionar os estudos sobre língua, literatura e cultura de Espanha e de Portugal e em que, da actuação de Da Cal e outros produtores pode inferir-se a pujança por um "(macro)polissistema ibérico" ou de um "espacio geocultural ibérico de una comunidad interliteraria, o con mayor reserva de una comunidad interliteraria específica, en el seno de un determinado centrismo interliterario", segundo assinala Casas (2003); e em que desde a política dos Estados se acrescentou a intervenção no sistema escolar (Torres Feijó, 2004a: 222) "no objectivo de inscrever, primeiro em determinadas elites da comunidade, depois no conjunto da mesma regida por esse aparelho, um repertório de imaginários e, também, de normas, modelos e materiais que alicercem a sua coesom" (Também são de interesse para compreender melhor esta questão os estudos de Torres Feijó: 2000, 2001 e 2006). Pelo que se conseguiu documentar na presente pesquisa[1], resultou também de grande proveito a este respeito a sua intervenção,

[1] Duas dificultades para a elaboração deste estudo foram, por um lado, a não fácil compreensão do funcionamento do sistema universitário e cultural dos EUA, bem diferente do vigorante na Galiza; e também os problemas para incorporar a volumosa informação que se conseguiu inicialmente no Espólio EGC, segundo a disponibilidade da viúva, Elsie Allen da Cal, para a sua consulta em

durante 22 anos, em programas semanais na estação de rádio *Voice of America*, com espaços que eram acompanhados em países dos intersistemas hispânico e lusófono, que lhe permitiram ganhar simpatias e agradecimentos, e por sua vez deram ocasião a fortalecer as redes de relações efectuadas, ou estabelecer outras novas, e favoreceram muitos dos seus projectos e a difusão dos seus produtos. Quando se disponibilizar para a pesquisa esta produção radiofónica, um projecto da The Hispanic Society of America segundo confirmaram nesta instituição em Outubro de 2006, é de esperar que emerjam novos dados de interesse para esclarecer melhor instantes da sua trajectória e a evolução favorável de muitos dos seus projectos e empreendimentos.

As múltiplas e diferentes tomadas de posição de Guerra da Cal evidenciam, igualmente, estados de campo e interesses em jogo diversos e mudáveis em função das variações que possam vir a ter lugar.

A trajectória de Da Cal foi francamente exitosa nos campos de estudos literários português e brasileiro, atingindo mesmo um valor modelar que chega em ocasiões até aos nossos dias. O vazio de estudos luso-brasileiros num espaço social (os USA) crescentemente apetecido por sectores dos campos culturais e político; a capacidade de mediação progressivamente importante de Guerra da Cal, numa estratégia reticular bem sucedida; a irrupção em assuntos dominados por um forte conservadorismo, ético e político (caso de Eça de Queirós no campo dos estudos literários em Portugal) ou que podiam conhecer uma importante projecção internacional na centralidade do cânone literário ocidental (é o caso do prometido estudo sobre Machado de Assis), estão entre as razões desse sucesso

Também, embora menos, atingiu notoriedade no âmbito dos estudos literários espanhóis, mais na vertente didáctica do que na científica e mais no núcleo externo ao espaço social espanhol, onde no entanto teve algum aliado no

diferentes deslocações realizadas a Lisboa para esse fim; e com posterioridade a vultosa documentação encontrada no Rio de Janeiro e, muito especialmente, na HSA nova-iorquina, que provocaram o ter que fazer continuadas revisões dos pressupostos que se tinham à partida para a investigação. Nesta altura, no entanto, parecem estar desenhadas as principais linhas da actividade, produção e trajectória de Da Cal. Da totalidade da sua produção só não se conseguiram consultar três verbetes (Da Cal, 1967c), que ele afirma no seu currículo ter redigido para um repositório publicado dos EUA, mas que não coincidem com os trabalhos incluídos no mesmo segundo as consultas que se puderam realizar na HSA.

Instituto de Cultura Hispánica e em produtores como Camilo José Cela, mas a distância política não o favorecia, como natural do Estado espanhol.

Igualmente a sua aludida capacidade de tecer redes está na base do seu êxito. A rede de socorro mútuo que o exílio espanhol nos USA e áreas de influência consolidou e que estava bem nutrida por professores centralmente situados, propiciou-a extraordinariamente, a que também não parece alheia Margarita Ucelay, de uma família prestigiosa do Madrid republicano e ela mesma igualmente, figura relevante dos estudos hispânicos. A acção pioneira de Da Cal, primeiro *ibérico* a desenvolver os estudos luso-brasileiros nos USA era capital. significada no campo dos estudos literários hispanófonos.

As redes lusa e brasileira tiveram também radical importância: a portuguesa, menos estruturada do que a hispanófona, assentava no conjunto disperso de exilados políticos e nos seus contactos no Brasil e nos USA. E, igualmente, nas alianças estabelecidas com professores que procuravam progresso académico, sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta, e mantinham interesses convergentes com Da Cal no Portugal da altura.

Parece tornar-se evidente que o envolvimento das suas duas esposas, Margarita Ucelay e Elsie Allen da Cal, em diferentes projectos científicos e literários, e contribuindo ambas, como tradutoras, para a difusão da sua produção, foi decisivo. No caso de Elsie, a sua viúva, a quem dedicou vários trabalhos, ele reconheceu que foi fundamental no seu contributo para poder arvorar e conseguir que prosperasse a *Bibliografia Queirociana*, a sua produção científica central, a que dedicou mais de três décadas da vida

A sua boa formação e estratégia de comunicação pessoal, junto com a inovação e a actualidade das metodologias que aplicou, favoreceu que muitos dos produtos que elaborou tivessem sucesso nos EUA e funcionassem internacionalmente, convertendo-se em referência para diferentes campos:

- Para os estudos queirosianos, apoiado em tendências ideológicas progressistas, em que conseguiu uma posição de centralidade, que hoje se mantém, e que abriu passo a novas metodologias, em parte

alicerçadas nos seus estudos. Foi o principal artífice da consecução de um novo discurso sobre o produtor de *A Relíquia*, contribuindo para vencer algumas resistências que suportava desde o século XIX, e fornecendo instrumentos de pesquisa como LEEQ e a BQ, abrangentes de toda a produção queirosiana e com perspectivas pioneiras nos estudos literários internacionais.

- Para os estudos de outros produtores literários, entre os quais os principais Fernando Pessoa, Rosalia de Castro, García Lorca, Cervantes, Lope de Vega, alguns produtores medievais (Afonso X, Meendinho, os que focaram o mar nas suas composições), Machado de Assis, Serafín Ferro, Eduardo Blanco-Amor, e Anne Marie Morris. Este alargamento na sua dedicação profissional favorece que o seu nome continue a emerger na actualidade de diferentes maneiras nos estudos desses –e outros muitos—produtores.
- Pelo seu trabalho literário Da Cal conseguiu reconhecimento nos EUA, Galiza, Portugal, Brasil, Porto Rico, Itália, Inglaterra, França, Moçambique, e outros países. Ocuparam-se da sua produção primeiros nomes da crítica especializada, podendo-se afirmar que foi o poeta do século XX na língua da Galiza que atingiu um maior impacte na crítica literária especializada internacional nessa centúria.
- Foi pioneiro na internacionalização em língua inglesa de produtores das literaturas portuguesa e brasileira, através de repositórios especializados e da instituição universitária dos EUA. Também da galega, difundindo-a no intersistema lusófono e trabalhando muito activamente nos EUA, Brasil e Portugal, mas também na Galiza e enclaves da emigação galega, para que se considerasse conjuntamente com as outras literaturas do intersistema lusófono, sendo neste âmbito o DLPGB a principal produção que, ainda actualizada e reeditada no século XXI, é a publicação especializada que mais contribuiu (e contribui) para internacionalizar a literatura da Galiza e os seus produtores.
- Também pelo seu trabalho literário está considerado, por produtores de vários países, como representante do neotrovadorismo, atingindo o reconhecimento de numerosos especialistas.

- É um raro caso de escritor com produção (científica e literária) própria em três línguas, (galego)-português, espanhol e inglês.
- Pelo seu trabalho linguístico, é valorizado de referente principal do reintegracionismo, sobretudo na Galiza e em Portugal (também em outros países, em menor medida), contribuindo decisivamente para internacionalizar esta opção que visa a inclusão da língua da Galiza no intersistema lusófono. Da Cal foi o primeiro produtor que, na Galiza da após-guerra, partindo do cânone ortográfico comum que tinha vigência na década de 30, evoluiu com diferentes propostas favoráveis a essa integração, até atingi-la plenamente ao assumir o português padrão nos seus produtos. Defendeu o Acordo Ortográfico para a Lusofonia, uma opção que ele arvorou desde os inícios do seu labor profissional nos EUA, e muito em especial desde 1958, segundo se pôde documentar.

Observa-se também nas suas tomadas de posição uma mistura e contaminação positiva entre as sua produções científica e literária, tentando aproveitar para exprimir em forma poética muitas conclusões e pressupostos que defendia na produção científica e ensaística.

Na sua produção verifica-se um paralelismo no respeitante ao pessimismo da estilística (pela impossibilidade de chegar ao fundo do conhecimento da produção literária, segundo sublinhou em LEEQ e em outros trabalhos) e também da poesia (pela proximidade da morte). Mergulha em diferentes intersistemas como crítico (luso, hispano, anglófono, francófono, germanófono, italiano), que aplica depois como produtor literário.

Está reconhecido internacionalmente como cientista, muito em especial como queirosianista, mas também pelos outros estudos a que se dedicou, na Galiza, Portugal, EUA, Brasil e outros países em que ainda na actualidade são citados os seus contributos, que continuam a oferecer grande produtividade. Como queirosiano conseguiu um duplo processo de canonização pois, além de resultar os seus trabalhos decisivos para a canonização de Eça, também ele se

canonizou como estudioso, com produções de sucesso, que ainda continuam a vingar nos estudos sobre Eça de Queirós. Parece claro que a posição de Eça não seria a mesma sem os contributos de Da Cal e sem os trabalhos que favoreceu e as lutas em que participou em seu benefício. Mas também Da Cal atingiu um enorme reconhecimento pela receptividade das suas propostas, e pela feliz escolha dos seus colaboradores, renovando o discurso e o modo de actuar com a passagem dos anos.

Da Cal evidencia a intenção ciente de intervir para a mudança de diferentes repertórios, sobretudo na Galiza e em Portugal, mas também no Brasil; e utiliza os seus pressupostos nas ocasiões, muitas vezes privilegiadas (emissões da Voz de América, revistas, enciclopédias e dicionários de literatura, além das suas aulas universitárias), de que desfrutou nos EUA para difundir os seus modelos. Nos EUA não teve problemas, ao se ocupar de repertórios estrangeiros. No entanto, quando tenta firmar as suas posições na Galiza e em Portugal será contestado e encontrará oposição por parte de pessoas e grupos contrários às mudanças que ele propõe, e os resultados das lutas em que se implicou serão díspares: no queirosianismo vingou (ainda está a acontecer na actualidade, com a publicação da edição crítica da Obra Completa de Eça de Queirós, em andamento desde 1992; e com outros muitos estudos, como se viu) o novo repertório de que ele foi o principal valedor, e isso situou-o no centro dos estudos queirosianos; mas na Galiza, o seu trabalho pela mudança da ortografia da língua não foi por enquanto bem sucedido, e isso expulsou-o para a periferia, até ao punto de ser esquecido e não se lhe reconhecer pelos vencedores méritos que em situações precedentes, quando ele se empenhava nas mesmas lutas, sim lhe eram valorizados.

Como produtor literário está muito secundarizado e mesmo esquecido, excepto entre os defensores do reintegracionismo da Galiza. A opção que ele defendeu para a língua galega, de confluência ortográfica com o restante intersistema lusógrafo, não prosperou, e mesmo foi e é combatida desde a dominância dos campos do Poder Político e da Cultura na Galiza, apesar de algumas ténues aproximações como o interesse demonstrado por uma das partes do Governo autonómico bipartido (a Vicepresidencia de Igualdade e

Benestar, e dentro dela a Secretaria Xeral de Relacións Exteriores, geridas por políticos do BNG) nos três últimos anos pela possível pertença da Galiza à Comunidade de Países de Língua Portuguesa, com algumas gestões concretas ao respeito. No entanto, utilizando os instrumentos legitimadores próprios dos referentes de oposição do reintegracionismo, Da Cal configura-se como agente principal no sistema literário galego por mais que seja propositadamente ignorado nas programações oficiais[2], sobretudo por pela sua intervenção na elaboração dos *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca, considerado o produto literário galego mais traduzido, e a mais línguas[3].

Ganhou Da Cal espaços inéditos para os produtores galegos na sua centúria e foi pioneiro em difundir a Literatura Galega no intersistema anglófono, mas também no lusófono, levando-a a foros especializados da Modern Language of America, dos lusitanistas dos EUA (encontro de Wisconsin de 1962), e a repositórios especializados como a *Encyclopedia of World Literature*. Publicou também literatura galega nos EUA (mesmo num volume como *Três Poetas em Auto-Leitura*, editado pela New York University), e em países dos intersistemas lusófono (Portugal, Brasil, Moçambique) e também hispanófono (revistas universitárias de Porto Rico; e em publicações promocionadas nos enclaves do exílio e da emigração galega em Cuba, nos EUA ou no México).

A situação de conflito da língua da Galiza ofereceu-lhe oportunidade de lutar pela transformação e mudança durante décadas, em especial desde que começou o exílio, mantendo uma posição de defesa da pertença ao intersistema lusófono. Da Cal era ciente, e assim o testemunhou em diferentes produtos, de que pelo rumo em que virara a situação da política e cultural

[2] Diversos estudiosos têm salientado a sua poesia ao estudar a produção científica, defendendo algum deles que a posição de centralidade atingida pelos seus estudos obscureceu a sua poesia, ainda por descobrir e com grande potencialidade de reconhecimento como têm assinalado alguns críticos mesmo contrários ao reintegracionismo (v. gr., Franco Grande)

[3] Isto faz que emerja e seja citado continuadamente mesmo em âmbitos centrais dos representantes da oficialidade linguística galega. Em Março de 2009, num desses actos, o lançamento da tradução de 29 poemas de *Cantares Gallegos*, de Rosalia de Castro, em língua japonesa realizado pelo Professor Takekazu Aska, num acto organizado pela Secretaria Xeral de Política Línguística e em que participaram alguns dos vultos principais do Instituto da Língua Galega (Ramón Lorenzo, Francisco Fernández Rei, Antón Santamarina) e do Centro Ramón Piñeiro (Manuel González, Luís Alonso Girgado), o Professor Xesús Alonso Montero aludiu mais uma vez a essa intervenção de Da Cal nos SPG.

desde a década de 80, tão diferente ao que ele defendia, os que mantinham aquela posição reintegracionista, como derrotados, seriam, como se adiantou, expulsos para a periferia por parte de quem detentavam a autoridade nos diferentes campos, e só com a restauração de aquela doutrina poderiam regressar para posições de centralidade. Portanto, para consolidar uma posição de relevo no CL galego necessitava que triunfasse a opção reintegracionista.

Uma hipótese que se deve valorizar é que Da Cal, como bom conhecedor da estratégia que se seguira no processo de canonização de Eça de Queirós, anelasse aplicar uma actuação semelhante para o seu próprio benefício, e havia circunstâncias que aconselhavam para pensar que naquela altura era possível. Assim, para o reconhecimento dos seus estudos queirosianos, que em 1984 se coroavam com o final da BQ, ele conseguira apoios em muitos países (Brasil, EUA, intersistema hispânico, além de lusitanistas e hispanistas de diferentes lugares como a Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Tchecoeslováquia...), mas também desde os primórdios em Portugal: em primeiro lugar de certos nomes da UC, que favoreceram a publicação de LEEQ; depois de Jacinto do Prado Coelho e os discípulos deste, sem esquecer a influência favorável para os seus interesses que representou Machado da Rosa; além do contacto com o CL português e através dos herdeiros de Eça de Queirós. Esse reconhecimento inicial no âmbito académico e do CEL, e depois no CL, acrescentou-se progressivamente até atingir o de instituições do campo do poder político, sobretudo a partir de 1971 quando foi recebido em audiência pública por Marcello Caetano; e se solidificou depois do 25 de Abril quando o Estado comprou o espólio de Eça de Queirós e favoreceu o seu estudo, alicerçado de maneira privilegiada na produção dacaliana. Isso levava a rematar o processo de canonização de Eça de Queirós como figura central da narrativa. Fora necessário, pois, o reconhecimento *nacional*, em Portugal, para alcançar aquela situação tão favorável; não era suficiente que Eça desfrutasse de reconhecimento internacional e traduções, por mais que isso contribuísse para a estratégia canonizadora, ao ser um argumento principal e que ele tinha utilizado em muitas ocasiões. No próprio caso de Da Cal, e com as diferenças lógicas, acontecia algo semelhante: era figura bem reconhecida em Portugal e em outros países, mas secundarizada na Galiza

natal. Não obstante, uma circunstância mudara na Galiza: começavam a existir pessoas e grupos organizados, nomeadamente a Agal[4], com certa força e que defendiam a sua orientação para a língua; a partir de aí era possível uma influência no poder político, que era o campo ausente até aquela altura na defesa do reintegracionismo na Galiza. Da Cal assumia que a estratégia que defendia para a língua da Galiza era boa, pois supunha internacionalizá-la e fazer dela um instrumento que servisse melhor para o conhecimento e para o relacionamento das pessoas, e que contribuísse à sua melhor felicidade e mesmo porventura para uma melhora da economia ao permitir estreitar laços com outros países que partilhavam aquela língua que ele valorizava de comum, e isso alicerçar sinérgias e desenvolvimento. Podia arvorar-se num valor acrescentado do maior relevo, ao unir num mesmo povo, o galego, dois idiomas com grande projecção internacional, ecúmenicos, como eram o castelhano e o (galego)-português. No entanto, para que isso prosperasse era indispensável a implicação do poder político, e ele assim o manifestará. Portanto, defendendo o reintegracionismo, Da Cal tinha motivos para suspeitar que, por um lado, conseguiria uma maior influência em Portugal, acompanhada de maior reconhecimento naquele país que o acolheu, em que morreu, e que lhe demonstrou tanta generosidade; mas também na Galiza através das pessoas e dos grupos que tomavam de consideração e defendiam a causa do reintegracionismo de 'mínimos', entre os quais havía produtores como Pilar García Negro ou Xosé María Dobarro com presença activa no nacionalismo político organizado no BNG.

Ora, no caso galego, esse sucesso não se produziu ou, melhor, em parte produzindo-se, não se manteve. Se, boa parte da exitosa trajectória de Ernesto Guerra da Cal, assenta no seu capital cultural galego e galeguista forjado na Galiza, que lhe permite achegar-se com facilidade ao mundo luso-brasileiro e ter um conhecimento prévio da literatura lusa favorecedor, esse mesmo capital

[4] Esta associação encontrava-se no instante de mais força na década de 80: com a participação activa de Carvalho Calero e os seus discípulos, concentrava as pessoas mais activamente comprometidas com o reintegracionismo, que não dão por perdida a batalha ortográfica e organizam-se para procurar alternativas de sobrevivência e sucesso. Consequência disso será organizar o Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, em 1984 e 1987; e a publicação da revista *Agália* em 1985. Depois da morte de Carvalho Calero acontecerão divisões e o enfraquecimento.

não poderá pô-lo em valor nas circunstâncias do proto-sistema cultural galeguista.

Guerra da Cal, que significou e foi utilizado como um alto capital simbólico para o grupo dominante no proto-sistema galeguista desde a segunda metada da década de cinquenta, o denominado Grupo Galaxia, deixa de sê-lo, quase fulminantemente, quando a posição de Galaxia se transforma para continuar ocupando o centro do sistema cultural. A importante rendibilidade da sua produção científica, como elemento de prestígio e projecção internacional na altura em que esta estava quase interdita na Galiza dos cinquenta e depois; os seus textos poéticos, de tendência reintegracionista, publicados e louvados pelos membros do grupo, que abrem caminhos nessa internacionalização e os próprios contactos e redes de Da Cal, que ajudam a essa projecção, deixam de ser eficazes perante aos objectivos de Galaxia na década de setenta. A sua projecção galeguista atinge espaços nunca antes conseguidos pelo galeguismo (em espaços académicos distantes ou através de plataformas influentes, caso do *Dicionário das Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega* da Figueirinhas).

E, assim, Da Cal deixa de poder usufruir a eventual centralidade no Campo Literário (de que praticamente desaparece), e também, do reconhecimento nos Campos Científicos e dos Estudos Literários no espaço social galego: a dominância gerada pela questão normativa em todos os âmbitos de uso escrito vinculados à cultura estão na génese dessa impossibilidade.

Um dos maiores empecilhos à progressão de Da Cal no espaço social galego está na pouca relevância da Universidade de Santiago nas décadas de quarenta, cinquenta e sessenta, e a ausência absoluta dos estudos lusos, brasileiros ou galegos, em que Da Cal se desenvolvia. Quando essa estrutura se produzir, a partir de setenta, Da Cal estará já fora da actividade académica, com parceiros em situação similar e, em algum caso, que, pelas razões que foram, não desenvolveram essa estrutura (caso de Carvalho Calero). No caso da normativa para a língua, por exemplo, a única autoridade que podia impor de alguma maneira critérios normativos na altura com reconhecimento do poder político, conservador, era a Universidade, pois Galaxia ou a RAG

careciam de legitimidade suficiente e outras entidades estavam radicadas no nacionalismo político. E só o ILG poderá fazê-lo, à revelia da maioria dos agentes activos no campo e com a aliança decisiva de sectores dominantes do campo do poder político.

Colocado já, em posição periférica, como a proposta reintegracionista progressivamente estará, qualquer centralidade, polo efeito contaminante que ele gera e pola própria contaminação de todos os campos culturais, será impossível.

Da Cal também parece ter sido ciente que, caso de atingir a canonização literária desde o reconhecimento na Galiza, poderia porventura chegar a ser uma figura ibérica muito canonizada, mesmo ombreando com vultos para cuja canonização ele contribuiu, como Garcia Lorca ou Fernando Pessoa, pois estes só atingiram projecção no campo literário, e no seu caso no científico e (a se confirmar) no literário. No entanto, para a canonização no campo literário a produção de Da Cal é muito desconhecida e muito pouco valorizada, além de contar com poucas traduções para outras línguas (também aqui ele quis contribuir com a produção em língua inglesa, talvez anelando que desde esse trabalho surgisse maior interesse pelo resto da sua produção e que fosse traduzida e publicada, o qual não aconteceu).

O presente estudo utilizou como uma fonte privilegiada de estudo as informações jornalísticas, provando o seu interesse para atingir um melhor conhecimento nos diferentes campos, e nomeadamente no literário, no dos estudos literários e no cultural. Apesar dos problemas que possam presentar, os documentos jornalísticos permitem comprovar a influência e a centralidade atingidas, que se espelha na capacidade de conseguir protagonismo na actualidade que reflectem. Neste sentido, a Da Cal foram-lhe dedicados espaços nos EUA, em publicações universitárias e na imprensa diária, pela sua actividades; em países como o Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, ou Suécia, apesar da sua condição de estrangeiro;  e na Galiza e na Espanha, ainda quando já estava posicionado em favor do reintegracionismo e postergado para a periferia, pelo sucesso de algumas das suas produções, nomeadamente as respeitantes a Federico García Lorca ou Rosalía de Castro.

Esse interesse para a actualidade conservou-o na Galiza mesmo depois da sua morte, e nos 15 anos decorridos desde que se produziu, sempre se publicaram notícias e opiniões, muitas vezes com espaços privilegiados, que focavam a sua trajectória.

As metodologias do Polissistema e do Campo Literário revelam-se de grande utilidade para o estudo de Ernesto Guerra da Cal e para poder compreender a complexidade da sua produção e intervenções em diferentes campos. Merece pôr-se em destaque como o estudo de Da Cal permite mesmo abrir algum rumo novo para avançar em algum dos pressupostos, em especial no respeitante ao conceito de produto, pois no seu caso verificou-se como um *não-produto*, quer dizer um produto que anunciou reiteradamente no tempo mas não chegou a realizar como o estudo de Machado de Assis com a perspectiva de Eça de Queirós, também teve influência e repercussões no Campo Literário (brasileiro, neste caso), embora fosse por omissão, e contribuiu igualmente de maneira decisiva para o progresso e reconhecimento da autoridade de Da Cal.

Santiago de Compostela, Junho de 2009.

VI.-BIBLIOGRAFIAS.

VI.1.-BIBLIOGRAFIA METODOLÓGICA

**AA. VV.**
(Outono 1998), "Comparação", *Leituras*, revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, nº 3.

(1998) *Diccionario de termos literarios*, Equipo Glifo, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Vol. II.

(1999), *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco Libros.

**Armas García, Celia María.**
(2002), *As mulleres escritoras (1860-1870). O xenio de Rosalía*, Santiago de Compostela, Laiovento.

**Bello Vázquez, Raquel.**

(2005), *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga. Osmia de Teresa de Mello Breyner no sistema literário português* (1788-1795), Santiago de Compostela, Laiovento.

**Bloom, Harold.**
(1995), *The Western Canon*, Londres, Mcmillan General Books.

**Bourdieu, Pierre**
(1991), "Le champ littéraire", in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 89, Paris, pp. 4-46.
(1992), *Les Règles de l'art. Gènese et structure du champ littéraire*, Paris, Éditions du Seuil.

(1994), *Raisons Pratiques. Sur la théorie de l'action*, Paris, Éditions du Seuil.

**Buescu, Helena Carvalhão**
(1998), "Comparação e Literatura", Lisboa, *Leituras*, nº3, pp. 109-115

**Cabral, António.**
(s/d), *Morfologia Literária*, Porto, Porto Editora.

**Casas, Arturo.**
(2003), "Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico", *Interliteraria*, nº 8, pp. 68-97.

**Coelho, Eduardo Prado.**
(1987), *Os universos da crítica*, Lisboa, Edições 70.

**Coutinho, Eduardo F.**
(1995), "Do Uno ao Diverso: Breve Histórico Crítico do Comparativismo", in Gilda Santos et alii, *Cleonice clara em sua geração*, Rio de Janeiro, UFRJ, pp. 155-164.

(2003), *Literatura Comparada na América Latina*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

**Escarpit, Robert.**
(1970) "La definition du terme 'littérature', projet d'article por un dictionnaire international des termes littéraires", in Escarpit, Robert (direcção), *Le Littéraire et le Social*, Paris, Flammarion, 1970, pp. 259-272.

**Even-Zohar, Itamar.**
(1990), "Polysystem Theory", *Poetics Today* 11 (1), pp.29-76.

(1994), “La función de la literatura en la creación de las naciones de Europa”, in *Avances en Teoría de la Literatura*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, pp. 357-377.

(1999a), “Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas”, in *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco Libros, pp.23-52. [Tradução de Montserrat Iglesias Santos, revista pelo autor]..

(1999b), “Planificación de la cultura y mercado”, in *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco/Libros, pp.71-98. [Traduçom de Montserrat Iglesias Santos, revista pelo autor].

(1999c), “El nacimiento de una cultura hebrea nativa en Palestima: 1882-1948”, in *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco/Libros, pp. 183-206. [Tradução de Montserrat Iglesias Santos, revista pelo autor].

(1999d), “La posición de la literatura traducida en el polisistema literario”, in *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco Libros, pp.223-232. [Traduçom de Montserrat Iglesias Santos, revista pelo autor].

(2007), *The Complexity of Culture*, www.cultplan.org (ultimo acessamento: 24-VI-2008).

**Guillén, Claudio.**
(1985), *Entre lo uno y lo diverso*, Barcelona, Crítica.

**Iglesias Santos, Montserrat.**
(1994), “El sistema literario: Teoría empírica y teoría de los polisistemas”, in *Avances en Teoría de la Literatura*, Darío Villanueva (compilador), Santiago, Universidade de Santiago, pp. 309-356.

(1999), “La Teoría de los Polisistemas como desafío a los estudios literarios”, in *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco Libros.

**López-Iglésias Samartim, Roberto.**
(2003), *A dona do tempo antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*, Santiago de Compostela, Laiovento.

(2005), “Ideia de Língua e Vento Português na Galiza do Tardofranquismo: o caso de ‘Galaxia’”, *Agália*, nº 83/84, pp. 9-50.

(VIII-2008), “O princípio da inércia. A fabricaçom de possibilidades no final do franquismo”, *Longa Língua*, nº 19, pp. 18-25.

**Loureiro Vilarelhe, Eva.**
(2004), “A penitência de uma transgressão: o processo à autoria de *Máximas de Virtude e Formosura* de Teresa Margarida da Silva e Orta (1752)” in *Mulheres Más. Percepção e representações da Mulher Transgressora no Mundo Luso-Hispânico*, Volume I, pp. 243-254.

**Machado, Álvaro Manuel/Pageaux, Henri.**
(1981*), Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70.

(1988), *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70.

**Mouralis, Bernard.**
(1975), *Les contre-littératures*, Vendôme, Press Universitaires de France.

**Pozuelo Yvancos, José María**
(1994), *Teoría del Lenguaje Literario*, Madrid, Cátedra.

**Reis, Carlos.**
(1995), *O conhecimento da Literatura*, Coimbra, Almedina.

**Ricciardi, Giovanni.**
(1971), *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Europa-América.

**Sheffy, Rakefet.**
(1999), "Estrategias de canonización: la idea de la novela y de campo literario en la cultura alemana del siglo XVIII", in *Teoría de la Literatura*, Madrid, Arco Libros, pp. 125-146, (Tradução de Amelia Sanz Cabreriza, revista pela autora).

**Silva, Vítor Manuel de Aguiar e.**
(1990), *Teoria e Metodologia Literárias*, Lisboa, Universidade Aberta.

(1994), *Teoria da Literatura*, Coimba, Almedina (8ª ed.).

**Tezza, Cristovão.**
(2003), *Entre a Prosa e a Poesia: Bakhtin e o Formalismo Russo*, Rio de Janeiro, Rocco.

**Torres Feijó, Elias.**
(1995), *Portugal na Galiza, Galiza em Portugal através das revistas literárias (1900-1936)*, Santiago de Compostela, USC, (Tese de Doutoramento inédita),

(1999), "Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891), *Ler História*, nº 36, pp.273-318.

(2001), "O Fim do Milénio que começámos juntos. A Galiza como material repertorial central no romance português contemporâneo, de 1991 a 1994: Literatura de autognose?", *Nova Renascença*, nº 72/73, pp. 291-313.

(2000), "Norma lingüística e (inter)-sistema cultural. O caso galego", in Carrasco González, Juan M. et alii, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera- 1º Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 967-996,

(2002), "Guerra da Cal, *Eças* e os valores da Naçom", in Gômez, Joel R., *Fazer(-se) um nome*, Sada-A Corunha, Ed. do Castro, pp. 7-12.

(2003), "Introducción", in Castelo Branco, Camilo, *La brasileña de Prazins*, Madrid, Cátedra, pp. 9-155.

(2004), "Sobre objectivos do ensino e da investigaçom da literatura", in Sousa, Carlos Mendes de / Patrícia, Rita (orgs.), *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vitor Aguiar e Silva*, Braga, Universidade do Minho- Centro de Estudos Humanísticos, Vol. I, pp. 221-249.

(2005), "Portugal, para quê?", acessível in *O Portal Galego de Língua*, www.pglingua.org.

(2006), "Para uma revisom da historiografia literária: objecto de estudo e métodos", in Moreira, Maria Eunice / Cairo, Luiz Roberto Velloso (orgs.), *Questões de crítica e historiografia literária*, Rio de Janeiro, Nova Prova, pp. 121-133.

**Villanueva, Darío.**
(1994), (coord.). *Curso de Teoría de la Literatura*, Madrid, Taurus.

**Villarino Pardo, M. Carmen.**
(2000), *Aproximação à obra de Nélida Piñon: A república dos sonhos*, Santiago de Compostela, USC, (Tese de Doutoramento inédita).

(2002), "A trajetória de Nélida Piñon entre 1961 e 1980", *Brasil/Brazil*, nº 27, pp. 42-72.

**Yahalom, Shelly.**

(1980), "Du non-littéraire au littéraire. Sur l'elaboration d'un modèle romanesque au XVIIIº siècle", *Poétique*, nº 44, pp. 406-421.

VI.2-PRODUÇÃO DE ERNESTO GUERRA DA CAL

a) Produção editada

**Da Cal, Ernesto Guerra.**

(V-1942), "Williams, Edwin B, *An Introductory Portuguese Grammar*", Cincinnati, *The Modern Language Journal*, vol. XXVI, nº 5, p. 395.

(1944), "*Eça de Queiroz e o século XX*, de Clodomir Vianna Moog", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Columbia University.

(I/IV-1945), "*Presença de García Lorca*. Florilégio", "*Brazilian Portuguese from Thought to Word*", "*A Graded Work Book of Brazilian Portuguese*" e "*Catalan Grammar*" Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XI, pp. 62 e 106-107.

(II-1946), "Ensaios de Crítica. Por Guilherme Moniz Barreto", Nova Iorque, *The Romanic Review*, Vol. XXXVII, pp. 96-97.

(1946), "Galician Literature", in *Encyclopedia of Literature*, J. Shipley (ed), Nova Iorque, Philosophical Library, Vol. I, pp. 324-327.

(1946), "Procura", "Barcarola" e "Sagrada Familia", Nova Iorque, *Memoria Anual de Unidad Gallega (Casa Galicia)*. [Os dois primeiros poemas, reproduzidos na Memória Anual dessa instituição no ano 2000, p.67].

(1947), "Camilo Castelo Branco", "Eugénio de Castro", "Abel Botelho", "João de Deus", "Abílio Guerra Junqueiro", "Fialho de Almeida", "Magalhães Lima", "Wenceslau de Morais", "António Nobre", "Oliveira Martins", "Camilo Pessanha", "Fernando Pessoa", "Portuguese Literatura", "Eça de Queiroz", "Antero de Quental", "Ramalho Ortigão", "Teixeira de Queiroz", "Trindade Coelho", in *Columbia Dictionary of Modern European Litertura*, Horatio Smith (ed), Nova Iorque, Columbia University Press.

(1947) "Canto de Ribeira", "Ladaíña a Rosalía de Castro", Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa Galicia*.

(1948), "Traxedia para namorados sen coraçón" e "A Volta", Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa Galicia*.

(IX/X-1948), "*Don Segundo Sombra*, Teoría y Símbolo del Gaucho", Mexico, *Cuadernos Americanos*, Vol. VII, 5, pp. 248-259.

(1952-1953), "J. M. de Alencar", "Casimiro de Abreu", "Aluízido de Azevedo", "A. de Castro Alves", "Euclides da Cunha", "Gonçalves Dias", "Machado de Assis", "Portuguese Literatura", Nova Iorque, *Colliers Encyclopedia*.

(X-1954), "*Siete ensayos sobre Rosalía*", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XX, nº 4, pp. 328-329.

(1954), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, Coimbra, Por Orde da Universidade.

(I-1955), "Bibliografia de la nueva Estilística", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXI, nº 1, pp.44-46.

(IV-1955), "La iniciación literaria de D. Ramón", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXI, nº 2, pp. 143-146.

(V-1955), "Adivinha", Universidad de Puerto Rico, San Juan, *Lorca, Hojas de Poesía*, nº 2, p. 8.

(VII/IX-1955), "Dos tiempos del amor", Universidad de Puerto Rico, San Juan, *Asomante*, nº 3, pp- 50-53.

(1956-1960), “Acácio”, “Alencar”, “Amado Carballo”, “Manuel Antonio”, “Francisco Añón”, “Bibliografia Geral da Literatura Galega”, “Bilinguismo Galego”, “Bilinguismo Castelhano”, “Fermín Bouza Brey”, “Ramón Cabanillas”, “Caracteres da Literatura Galega”, “Alfonso R. Castelao”, “*Cidade (A) e as Serras”*, “Escritores Contemporâneos na Galiza”, “*Crime (O) do Padre Amaro*”, “Ega, João da”, “Fradique Mendes”, “Gonçalo Mendes Ramires”, “Aquilino Iglesia Alvariño”, “*Ilustre (A) Casa de Ramires*”, “Jacinto”, “Jose Matias”, “Juliana”, “V. Lamas Carvajal”, “Lorenzo Varela”, “Luísa”, “*Maias (Os)*”, “*Mandarim (O)*”, “Manuel Murguía”, “Noriega Varela”, “Otero Pedrayo”, “Eduardo Pondal”, “*Primo (O) Basílio*”, “*Relíquia, A*”, “Eça de Queiroz”, “Realismo”, “O Renascimento Galego”, “Geração de 70”, “Questão Coimbrã”, “A Saudade na Literatura Galega”, “O Teatro na Galiza”, e “Vencidos (Os) da Vida”, *in Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Jacinto do Prado Coelho (dir.), Porto, Figueirinhas.

(Edição Brasileira: Rio de Janeiro, M. Aguilar, 1961).

(I-1957), “*Poet in New York*”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXIII, nº 1, pp. 50-51.

(1957), “King Alfonso X, the Wise”, in *Las Cantigas del Rey Alfonso el Sabio*, Nova Iorque, Experiences Anonymes (“Music of the Middle Ages”), pp. 1-2.

(8-III-1958), “Artes Plásticas. Esteban Vicente, Pintor Español”, Puerto Rico, *El Mundo de San Juan de Puerto Rico*.

(I/III-1958), “Galicia al trasluz”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, pp. 54-55.

(8-V-1958), “El pintor espanhol Esteban Vicente”, San Juan, Puerto Rico, *El Mundo*.

(1958), “Glosas superficiaes ao tema do mar da nosa lírica primitiva”, in *Homenaxe a Otero Pedrayo*, Vigo, Galaxia, pp.145-172. (Com versão para espanhol por Margarita Ucelay, in *La Torre*, Revista General de la Universidad de Puerto Rico, Río Piedras, 1960, VIII, 1931, VII/XII, pp. 67-106, subordinada ao título “Glosas superficiales al tema del mar en la lírica medieval galaico-portuguesa”).

(IV-1959), “Serán mística”, Rio de Janeiro, *A Ordem*, Vol, LXI, nº 4, pp. 53-54.

(VII/VIII-1959), “Frol de Mágoa, minha Terra!”, Madrid, *Ínsula*, Vol. XIII, nº 152-153, p. 25.

(VIII-1959), “Colóquio”, Savador-Bahia, *Programa do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, p.2 (reproduzida no dia 9 desse mesmo mês e ano no *Diário de Notícias*, da cidade de Salvador, na p.9; interpretada em dia 20, com música de Camargo Guarnieri)

(IX-1959), “Disparate miniado da morte do rei sábio”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7.

(1959), *Lua de Alén Mar*, Vigo, Galaxia.

(XII-1959), “Chamada a Rosalía na Derradeira Noite da Galiza”, Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa de Galicia*.

(V-1960), “Depoimento”, in “Guerra da Cal, Casais Monteiro, Jorge Amado e a Universidade do Ceará”, *Clã* (“Revista de cultura”), Fortaleza, pp. 102-104.

(IX/X-1960), “El arte de Eugenio Granell”, Paris, *Cuadernos*, nº 44, pp. 31-32. (Reproduzido in *España Libre*, Nova Iorque, 2-IX-1960, Vol. XXII, nº 17, p. 2).

(1960), “Eternidade”, “Non sum dignus”, Lisboa, *Cidade Nova*.

(1959-1960), “J.M. de Alencar”, “Casimiro de Abreu”, “Aluízio de Azevedo”, “A. de Castro Alves”, “Euclides da Cunha”, “Gonçalves Dias”, “Machado de Assis”, in *Colliers Encyclopedia*, Nova Iorque, P.F. Collier&Son. Corp.

(1960), “Rosalia. Perfil de Sombra”, Lisboa, *Jogos Florais Galaico-Portugueses*. Paço dos Duques em Guimarães, pp. 15-16

(1960), "Os navegadores portugueses na descoberta e exploração dos Estados Unidos" in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, *A Luta*, pp. 10-22; (reproduzido como separata do volume por A Luta, com os textos prefaciais do Embaixador Luis Esteves Fernandes e do cônsul J. M. Fragoso, 13 páginas.

(1960), "Manuel Bandeira-Cecília Meireles-Fernando Pessoa", in *The Poem Itself: 45 Modern Poets in a New Presentation*, Stanley Burnshaw (ed), New York, Rinehart and Winston, pp. 191-197 e 222-226 (edição europeia em 1964: *The Poem Itself: 150 European Poems Translated and Analyzed*, Middlesex, Pelican, pp. 194-201 e 228-231).

(1961), "Os navegadores portugueses na descoberta e exploração dos Estados Unidos" publicado parcialmente em Lisboa, *Revista dos Estados Unidos de América*, Embaixada Americana 1961, vol. V, nº 1, Março, pp. 13-16; e como separata de 23 páginas, também pela própria Embaixada em Junho 1961.

(VII-IX-1961), "Eça de Queiroz, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*", Paris, *Revue de Litterature Comparée*, pp.401-420.

(1961), *Poemas*, (este volume inclui "Visión dela en dous tempos", "Trasmundo", "Luar de Morte", "Onte de Cor i-Auga" e "Broadway very late...", publicados em Junho desse ano nas pp. 267-290 da revista, com versão em espanhol de Celso Emilio Ferreiro), Madrid-Palma de Mallorca, *Papeles de Son Armadans*

(1962), "Cantiga a Luís de Camões", Guimarães, *Gil Vicente*, Vol. XIII (2ª série), nº 5-6, pp.71-72.

(X-1962), "Broadway, very late..." e "Carta a *Vieiros*", México, *Vieiros*, nº 2, p. 34.

(XI-1962), "Federico de Onis: Maestro de Maestros", Nueva York, *La Voz*, pp. 20-21.

(1963a) *"Cantigas de Santa Maria" of King Afonso X*. English version from medieval Galician by Professor Ernesto Guerra da Cal, New York. N.Y., Pro-Musica Antiqua, Decca.

(1963b), *Rio de Sonho e Tempo*, Vigo, Galaxia.

(1963c), "Almeida Garret", "Luís de Camões", "Camilo Castelo-Branco", "Eugénio de Castro", "Inês de Castro", "Júlio Diniz", "J. M. Eça de Queiroz", "António Ferreira", "Alexandre Herculano", "*The Lusiads*", "Abílio Guerra Junqueiro", "Francisco de Moraes", "António Nobre" e "Garcia de Resende" in *Grolier International Encyclopedia*, Nova Iorque, Grolier.

(1963d), "Dos tiempos del amor", "Broadway, very late...", "Sede", "Elexía II", in Alejandro Finisterre (org.), *Poesía de Galicia. Antología*, México, Menhir.

(1963e), "Duas traduzóns ao galego de dous poemas de Langston Hughes: 'Eu también canto a América' e 'O Negro'"; e "Dous poemas de Ernesto Guerra da Cal: 'Pregunta Tola', 'Vieiro", Nova Iorque, *Memoria Anual. Casa de Galicia*.

(V/VI-1964), "Cantiga a Luís de Camões", São Paulo, *Revista Camoniana*, Ano I, nº 1, pp. 197-200.

(VI-1964), "O Renascimento Galego Contemporâneo", *Luso-Brazilian Review*, Vol I., nº I, The University of Wiscosin Press, pp. 5-18.

(VII/IX-1964), "Ela", "Vida", Vigo, *Grial*, pp. 386.

(1964), "Apresentazón", in Morris, Anne Maríe, *Voz Fuxitiva*, Vigo, Salnés.

(1964), (direcção editorial), *The New Appleton-Cuyas Dictionary English-Spanish& Spanish-English*, Doubleday&Company, Inc., Garden City, New York.

(1964), *Três poetas em Auto-Leitura: Cassiano Nunes, Dora Vasconcelos, Ernesto Guerra da Cal*, Nova Iorque, Brasilian Institute-New York University, pp. 39-64.

(11-VI-1965), "A 'Autopsicografia' de Fernando Pessoa comentada pelo Professor Dr. Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Diário de Lisboa*, Página Literária (tradução do comentário de Da Cal a partir da edição europeia de *The Poem Itself*, ver supra).

(VIII-1965), "Compaixón", "Enigma" (com versões de Manuel Bandeira), Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7.

(XII-1965), "Canto Quinto Elementar", Lisboa, *Colóquio*, nº 36, p.55. (poema reproduzido no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro em Dezembro de 1966, p. 16; no jornal *Notícias* de Lourenço Marques em 23 de Novembro de 1970, na página 4; e na revista *Atenea* de Puerto Rico, no Vol X, nº 1-2, p.284).

(XII-1965), "Enigma", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), p. 34.

(VI-1966), "Seis Motivos do Eu", Madrid-Palma de Mallorca, *Papeles de Son Armadans*, Tomo XLI, nº CXXIII, pp. 282-291. (Reeditado em separata de 50 exemplares numerados pela mesma revista).

(12-VII-1966), "Instante", "Desespero", "Cantiga antiga", *VII Festival de la Canción Gallega. Jornada de Estrenos*, Pontevedra, Peón.

(X/XII-1966), "Adivinha", "Alva em maneira de Proençal", Lisboa, *Perspectivas*, III. Nº 12, p. 273-274.

(1966), *Seis Motivos do Eu*, *Papeles de Son Armadans*, Madrid-Palma de Maiorca. (Publicados com anterioridade no volume da revista de Junho desse ano).

(1966), "Foreword", in Longland, Jean R., *Selections from Contemporary Portuguese Poetry. A Bilingual Selection*, by Jean R. Longland, New York, Harvey House, Inc.

(1966), *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*, Lisboa, Aster (tradução de Helena Cidade Moura).

(1967a), "J.M. Eça de Queiroz", Nova Iorque, *European Authors*.

(1967b), "J.M.Eça de Queiroz", Washington, *The New Catholic Encyclopedia*.

(1967c), "Madrid", "Portugal", "Spain", *The Book of Knowledge, Grolier International Encyclopedia*, Nova Iorque, Grolier, Vol. XIV, XVII e XXI.

(XII-1968), "Paraíso da memória", Lisboa, *Colóquio*, p.65.

(1968), "Observaciones sobre 'Mi hermana Antonia'", in Zahareas, Anthony (General Editorship), Ramón del Valle-Inclán. An Appraisal of his Life and Works, Nova Iorque, Las Américas Publishing Co.

(XII-1969), "Dois poemas de Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.14.

(1969), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (Tradução de Estella Glatt).

(1969), "Federico García Lorca", *The Encyclopedia Americana*, Nova Iorque, 9ª edição, Vol. XII, pp. 680-681.

(18/25-X-1970), "O Impacto da Cultura Brasileira nos EUA", Porto Alegre, *Correio do Povo*, pp. 33 3 79. (Reproduzido também em 29-X-1970 in Recife, *Jornal do Commercio*, Caderno IV, pp. 2-3).

(23-XI-1970), "Canto Quinto Elementar", Lourenço Marques (Moçambique), *Notícias*,, p. 4.

(1970a), *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*, Lourenço Marques Sociedade de Estudos de Moçambique. (reeditado em separata, com um prefácio de Joaquim Montezuma de Carvalho, Lourenço Marques, 1972).

(1970b), "J.M.Eça de Queiroz", Nova Iorque, *Encyclopedia Americana*.

(1970-1971), “Acácio”, “Basílio”, “*As Farpas, Uma campanha alegre*”, in *Grande Dicionário de Literatura e Teoria Literária*, J. José Cochofel (coord.), Lisboa, Iniciativas Editoriais.

(30-IX-1971), “Namoro Primeiro”, Lisboa, *Diário de Notícias*, Revista de Artes e Letras.

(1971), *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*, Lisboa, Grémio Literário.

(6-I-1972), “Relances Novaiorquinos. A Toirada no Mundo da Arte Americana”, Lisboa, *A Capital*, Suplemento Literatura e Arte, pp. 1-3.

(2-II-1972), “Relances Novaiorquinos. Joan Miró volta a Nova Iorque”, Lisboa, *A Capital*, Suplemento Literatura e Arte, pp. 1-3.

(5-IV-1972). “Relances Novaiorquinos. Calder, criador de escultura animada”, Lisboa, *A Capital*, Suplemento Literatura e Arte, pp. 1-3.

(3-V-1972), “Relances Novaiorquinos. ‘Miss Liberty’ cumpriu 85 anos”, Lisboa, *A Capital*, Suplemento Literatura e Arte, pp. 1-3.

(1972), “Non sum dignus”, “Voltas”, “Compaixon”, “Rosario”, “Sagrada Familia Marinheira”, “Pelerinaxe final”, in Francisco Carenas, *Poetas españoles en U.S.A.*, Madrid, Rialp (colecção Adonais), pp. 39-51.

(III/VI-1973), “Que paisaxen é esta?”, “Canto Quinto Elementar”, Puerto Rico, *Atenea*, Año X, nº 1-2, pp.280-284.

(1973), *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecção no Romance Ibérico*, Rio de Janeiro, Universidade Federal de Rio de Janeiro.

(VII-1974), “Da ambiguidade psicológica em *Lusco-Fusco*”, Lisboa, *Colóquio Letras*, pp. 47-53.

(1975), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana. Tomo I. Bibliografía Activa*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(VII/IX-1975), “As cantigas de Pero Meogo”, *Grial*, nº 49, pp. 378-383.

(1976a*), Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndide. Bibliografía Queirociana. Tomo II A. Bibliografía Pasiva*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(1976b), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana. Tomo II B. Bibliografía Pasiva*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(1976c), Revisão de verbetes no *Dicionário de Literatura. Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária*, Jacinto do Prado Coelho (dir), Porto, Figueirinhas, 5 vols.

(V-1977), “Sonho vivo em paisagem morta”, Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 37, pp. 69-73.

(1977), “Realismo”, in *Língua Portuguesa*. Lições 21 e 22, Ano Propedêutico 1977-78, Lisboa, Secretaria do Estado do Ensino Superior, pp- 290-294.

(1978), “O Realismo”, lições 21 e 22, in *Ano Propedéutico 1977-1978, Língua Portuguesa*, Lisboa, Secretaria de Estado de Ensino Superior.

(1978), “Cantiga antiga”, in Do Barro, Xosé María (ed.), *Mostra de Poetas Ferrolanos de Expresión Galega*, Ferrol, Dia das Letras Galegas.

(1980), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana. Tomo III. Bibliografía Pasiva*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(1980), “Morriña de Rio e Lua”, “Mnemosine”, “Paisaxen viaxeira”, “Auto-retrato”, in Fernández del Riego, Francisco (ed.), *Antoloxía de Poesía Galega. Do pós-Modernismo aos Novos*, Vigo, Galaxia, pp. 230-236.

(28/X-5/XI-1981), “Conto de Fadas”, Vigo, *A Nosa Terra*, p. 20.

(XII-1981), “Conto de Fadas” Coimbra, *Cadernos de Literatura*, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 67-72.

(19-XII-1981), “Canção dos primeiros 70 anos”, Lisboa, Ferro, Luís dos Santos (ed.), Tipografia Bras Monteiro.

(1981a), “Novo assédio crítico a ‘Fuenteovejuna’. A Cruz de Calatrava como leitmotive cénico e estrutural”, Coimbra, *Revista da Universidade*, pp. 301-341.

(1981b), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Almedina (3º versom portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal).

(1981c), “A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: ‘A Missa do Galo’”, in *In Memoriam. Ruben Andressen Leitão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 138-154.

(16/22-IV-1982), “Preito mítico ao Mariscal Dom Pedro Pardo de Cela, Herói e Mártir da Independência Galega, no 497º Aniversário da sua decapitação”, Vigo, *A Nosa Terra*, p. 20. (reimpresso nesse mesmo ano no volume *Homenaxe a Carballo Calero*. *Cadernos do Medúlio*, Pontedeume, Sociedade Cultural Medulio, pp. 43-44; e na reedição deste volume de homenagem, em 2000, nas pp. 33-35. Incluído em *Futuro Imemorial*).

(V-1982), “Vitral”, Madrid, *Lóstrego. Irmandade Galega. Homenagem a José Rifón*, nº 2, p. 15.

(12/25-IV-1983), “Dois poemas inéditos de Guerra da Cal. ‘Suicídio’, ‘Guerra na distância’”, Lisboa, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 36, p. 17.

(17-V-1983), “Ampulheta”, “Lamento”, Madrid, *Lóstrego*, Irmandade Galega, pp. 11-12.

(II-1984), “Pavana ritual para um Poeta Assassinado. Granada 1936”, in Warnest, D. C., *Homage to Federico García Lorca*, Friendlyville, Nova Iorque, The Crotchety Cricket Press (reproduzido in *Nós*, nº 4-6, pp. 76-78; Alonso Montero (org), *Os Poetas de Galicia cantan a García Lorca*, 1998, Concello de Santiago, pp.160-166).

(VI-1984), “Vitral” e “Pavana Ritual para um Poeta Assassinado”, Coimbra, Universidade de Coimbra, *Cadernos de Literatura*, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica, nº 47, pp. 5 e 6-8.

(XI-1984), “Venus hermética e nua”, Cascais, *Identidade*. Revista de Arte, nº 2, pp. 2-3.

(1984a), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Tomo IV. Addenda et Corrigenda*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(1984b*), Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Tomo V. Índices de consulta*, Coimbra, Por Ordem da Universidade.

(1984c), “Fim”, in *O Livro do Amor. 69 Poemas do Século XX*, Vigo, E. Vicente, p. 24.

(25-IV-1985), “Guerra da Cal lembra ao poeta Serafim Ferro. Evocação e Testemunho: Quem foi Serafim Ferro”, Vigo, *A Nosa Terra*, pp. 1 e 20.

(8-VI-1985), “Meendinho, jogral galaico-portugués do Medievo”, Vigo, *Faro de Vigo, Suplemento Cultural Artes y Letras*, nº 122, p. 192.

(11-VI-1985), “Ontem cor e água”, Corunha, *La Voz de Galicia*, p. 2.

(VI-1985), “Mito”, “Longe”, Marim (Ponte Vedra), *Carel*, Revista de Creación do Ateneu Santa Cecília, nº 2, p. 27.

(VI-1985), “Rosalia, Visão em Dois Tempos”, Cascais, *Identidade*, Revista de Arte, nº 4, pp. 8-9.

(VI-1985), “Pátria”, A Corunha, *Agália*, Revista da Associaçom Galega da Língua, nº 2, pp. 213-215 (reproduzido pelas mesmas datas in *Escrita*, revista da Asociación de Escritores en Língua Galega, nº 6, pp. 20-21)

(10-VII-1985), “Conselho de Amigo”, Porto, *O Primeiro de Janeiro*, p. 9. (Reproduzido nesse mesmo ano em Lisboa, no semanário *Tempo*, nº 334, p.7; e em Leeds, in *Cá e Lá*. A Bilingual Magazine, Leeds University “Galician Section”, p. 16).

(VII-1985), “Trágica rosa céltica” (versão do poema de D.C.Warnest), Lisboa, *Colóquio-Letras*, pp.53-54.

(2-VIII-1985), “Fé”, Lisboa, *Tempo*, Semanário Liberal e Independente, Ano XI, nº 534, p. 7.

(27-IX-1985), “Rosalia. Chamada a ela no Apocalipse da Galiza”, Lisboa, *Tempo*, Ano XI, nº 266, p. 15.

(10-X-1985), “Posição Vital”, Vigo, *Faro de Vigo*, p. 4.

(1985), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*. Lisboa, Guimaraes Editores. (Inclui o seu poema “Rosalia” e breve nota autobiográfica nas pp. 261-267. Ver também Warnest, D. C.).

(1985), *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

(I-1986), “Antelóquio Indispensável”, Braga, *Temas de O Ensino*, nº 6/10, pp. 13-21.

(5-VI-1986), “Um poema inédito de Guerra da Cal. ‘Escapadela’”, Vigo, *A Nosa Terra*, “Guieiro” p.18.

(VII-1986), “Posicionamento”, “Silêncio”, Lisboa, *Colóquio-Letras*, nº 92, pp. 49-51.

(V/VIII-1986), “Poemas do tempo absoluto e relativo, dedicados a um famoso funámbulo defunto, Henri Bergson” e “Retorno a Tenochtitlan”, *Nós*, Revista Galaico-Portuguesa de Cultura, nº 2/3, pp. 93-96.

(18/24-VIII-1986), “Federico Garcia Lorca. Rememoração”, Lisboa, *Jornal de Letras*, ano VI, nº 215, pp. 1-3. (Reimpresso in *A Nosa Terra*, nº 302, Vigo, 23-X-1986, pp. 18-19).

(29-IX/5-X-1986), “Divagação” e “Ambiguidade”, Lisboa, *Jornal de Letras*, Ano VI, nº 221, p.8.

(IX/X-1986), “Ambiguedade” e “Praia Velha”, Ourense, *Follas Secas* “revista de información, creación, humor”, nº 10, pp. 26-27.

(15-21-XII-1986), “”Um trabalho indispensável”, Lisboa, *Jornal de Letras*, p.5.

(1986), “Anxel Fole. Homenagem”, in *Os Escritores Lucenses Arredor de Fole*, Lugo, Concello de Lugo, pp. 105-106.

(III-1987), “Federico, na lembrança”, “Ritual Pavane for a Murdered Poet” e “Pavana Ritual para um Poeta Assassinado” Pontevedra-Braga, *Nós* nº 4-6, pp. 55-67, 73-75 e 76-78.

(V/XII-1987), “Toque de Rebate”, Ponte Vedra-Braga, *Cadernos do Povo*, Revista internacional de Lusofonia, nº 2/3/4, pp. 101-103.

(1987), “Saudade” (versão galaico-portuguesa do poema de Maria Victoria Atencia), Málaga, Imprenta Sur, ao cuidado de Rafael León, 4 páginas, ed. não venal. (Reproduzido in *Cadernos do Povo*, nº 2/3/4, Ponte Vedra-Braga, V/XII-1987, p. 107).

(1987), “Trágica Rosa Celtica”, *O Ensino*, nº 18-22, pp. 343-344.

(XII-1987), “Um poema de Guerra da Cal: ‘Ars Poética’”, Ourense, *Nó*, revista da Asociación de Escritores en Lingua Galega, nº 2, p. 55.

(31-XII-1987), “Niké”, in Atencia, Maria Victoria, *Os Gestos Usuais*, Selec. e trad. de José Bento, Lisboa, Assírio e Alvim, pp. 9-10.

(1987 [1988]), *Deus, Tempo, Morte, Amor e Outras Bagatelas*, Lisboa, Livros Horizonte.

(28-IV-1988), “Encontro Marcado”, Ponta Delgada, *Diário dos Açores*, “Letras”, p. 3.

(9-VI-1988), “Tetragrámmaton”, Braga, *Correio do Minho*, Sup. “Literatura e Arte”, p. 6. (reproduzido in *Nós*, XII-1988, nº 7-12, pp. 266-268).

(13-X-1988), “Isolina, Poeta Popular”, Cascais, Jornal da Costa do Sol (reproduzido in Santos, Isolina Alves, 1988, *Semeei Rosas ao Vento, Al-Qabdaq-Boletim Cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche*, nº 2, pp. 7-10).

(8-XII-1988), “Eça não queria ser enterrado em Lisboa”, Lisboa, *Europeu*, p.8

(1988), “Mensagem”, Paris, *Revista da Foundation Calouste Gulbenkian*, pp. 11-21 (reproduzido em separata).

(XII-1988), *6 poemas a Rosalia de Castro*, *Nós*, nº 7-12, pp. 232-247 (reproduzido em separata, Pontevedra-Braga, 1988, Fundação Europeia Viqueira-Instituto de Estudos Lusogalaicos, 20 páginas).

(1989), “Textos e documentos: A Galiza nos escritores portugueses. I. Fialho de Almeida”, Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 13-18, pp.169-182.

(1990), “Apontamentos sobre as traduções dos principais romances de Eça de Queiroz”, “Evadão”, “Estória simples e patética acontecida a Leste do Paraíso”, “Amor desabitado” e “Nota do Tradutor”, *Cadernos do Povo* 5-14, pp. 65-74, 163-166 e 194-195.

(1990a), “Meendinho”, “Miragem” e “Fado chorado sobre um amor pasado”; e “Optica ontologica”, “Balada tristemente badalada”, “Fado chorado sobre um amor pasado” e “Documento” in Valente, Maria Rosa da Rocha, “Quatro poetas galegos”, *Temas de O Ensino*, nº 21-26, pp. 106-108 e 140-142.

(1990b), “Optica ontologica”, “Balada tristemente badalada”, “Fado chorado sobre um amor pasado” e “Documento”, in Valente, Maria Rosa da Rocha, “Incipit Liber da Lusofonia”, *Temas de O Ensino*, nº 21-26, pp. 140-142 (reeditado em separata).

(1990d), *Espelho Cego*, Málaga, Plaza de la Marina.

(1991), *Lua de Além-Mar, Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Agal.

(IV-1991), “Navegando nas palavras”, “Trágica rosa céltica”, “Toque de Rebate”, “Eu posso contar de mim”, “Navegando nas palavras” e “José Jorge Letria”, in Valente, Maria Rosa da Rocha (org), “Matria da Palavra. Antologia de Poetas Galego-Lusofonos. Incipit Liber da Lusofonia”, *Cadernos do Povo*, nº. 15-18, pp. 27-32 e 96.

(IV-1991), “Castelao”, in *Cadernos do Povo*, nº 15-18, p. 96 (reproduzido in *Agália*, nº 27, IX-1991, pp. 399-400).

(1992), “’Testamento de Mecenas’ (História do manuscrito de uma crónica póstuma de Eça de Queiroz”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, pp. 369-387.

(1992), *Coisas e Loisas*, Málaga, Plaza de la Marina.

(II-1993), “Mester de Poesia”, *Agália*, nº 31, pp. 393-410.

(VI-1993), “Entressonho”, “Cavilação”, *Agália*, nº 33, pp. 58-62 e 63.

(VI-1994), “Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos”, A Corunha, *Agália*, nº 38, pp. 189-192.

(1994), “Decálogo Lírico”, “Domingo”, “Janela na Noite”, “Partida”, “Outono”, “Enigma”, “Namoro Primeiro”, “Desencontro”, “Auto-Retrato”, “Chamada a Ela na Apocalipse da Galiza”, “Autocídio”, “Iniciação”, “Pavana Ritual para um Poeta Assassinado”, “Retorno a Tenochtitlán”, “Silêncio”, “Amanhecer Seródio”, “Otherness” e “Astro-Lábio”, in Álvarez Cáccamo, Xosé M., *50 Anos de Poesia Galega. Antoloxía. A Xeración do 36*, A Corunha, Penta, pp. 72-96.

(Nadal 1994/Outono 1995), “Rosalía. Tempo I. Perfil de Sombra”, *Nordés*, nº 21-22, pp. 9-10.

(1995), “Poema inédito”, CILCLL, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, Pontevedra-Braga, p.389.

(V-1995), "Eucaristia blasfema", *Agália*, nº 39, p. 307 (reprod. fac-similar).

(XII-1999), "Auto-retrato" (fragmento) e "Pavana Ritual para um Poeta Assassinado (Granada) 1936", Madrid, FGL (*Boletin de la Fundación Federico García Lorca)*, nº 25, pp. 73-77.

(2000), "Ramalhete de Poemas Carnais", in *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia/Universidade de Santiago de Compostela, pp.71-80 (ed. fac-similar).

(2001), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua.

(2002), "Non toques a lembranza", "Fuga" "Mariñeiro fusilado", "Patria", "Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela" "Pergunta tola", "Plegaria", "Evocaçom e Testemunho. Quem foi Serafim Ferro", "Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos" in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da sua terra matricial*, Ferrol en tempo de Historia, Concello de Ferrol, pp. 47,49, 65-66, 67-70, 71-74, 145, 145-146, 183-188, 189-193. Ver (infra) também Correspondência publicada: Eduardo Blanco Amor, Ramón Otero Pedrayo, José Rubia Barcia.

(2003), "O Impacto da Cultura Brasileira nos Estados Unidos", Santiago de Compostela, *Agália*, nº 73-74, pp. 206-222.

b) Produtos para estações de rádio.

(21-VII-1952), "*Epitaph for a Small Winner*, by J. M. Machado de Assis", para A Voz de America, Espólio EGC.

(I-1956a), "'Buffalo Bill and the Wild West' a book by Henry Blackman sell and Victor Weybright", para *A Voz de América*, Nova Iorque, HSA.

(I-1956b), "'Cervantes Life', by Juan Arbó, translated by Isla Barea", para *A Voz de América*, Nova Iorque, HSA..

(VIII-1956), "The American West: An Artistic Myth", para *A Voz de América*, Nova Iorque, HSA.

(IV-1967), "The Historia de la Conquista de México by Francisco López de Gomara translated in the USA", para *A Voz de América*, Nova Iorque, HSA..

(17-I-1969), "Poetas de Galicia. Ernesto Guerra da Cal", para *Radio Nacional de España*, Nova Iorque, HSA.

(III-1969), "Eça de Queiroz, A Great Hispanic Writer", para *A Voz de América*, Lisboa, Espólio EGC.

(I-1973), "Tombstone of California's Discoverer 'found' in Museum", para *A Voz de América*, Lisboa, Espólio EGC.

c) Produtos de colaboração editados.

**Livy, Bernard/ Da Cal, Ernesto Guerra, et alii.**
(1959), *A Grammar of Everyday Spanish*, Nova Iorque, The Dryden Press.

**Da Cal, Ernesto Guerra/ Ucelay, Margarita.**
(1955), *Literatura del siglo XX*, Nova Iorque, The Dryden Press. (2ª edição revista e aumentada em 1968, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston).

**Da Cal, Ernesto Guerra/ Atencia, Maria Victoria**
(1993), *Ménage*, Málaga, Imprenta Sur.

**Da Cal, Ernesto Guerra, et alii.**
(24-IV-1986), "Adesão da Comissão da Galiza", documento da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, reproduzido in *O Ensino*, 1986, nº 14-17, pp.278-279; *Temas de O Ensino*, II-1988, nº 11-13, pp. 128-129.

(29-I-1988), "À Comissão da C. E. E. Relatório sobre a língua da Galiza, uma língua maioritaria minorizada em territorio espanhol", in *Temas de O Ensino*, II-1988, nº 11-13, pp. 151-155.

(30-I-1989), "Parecer da 'Comissão para Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada' e da Fundação Europeia Viqueira-Instituto Internacional da Lusofonia sobre 'As Bases da Ortografia Unificada' de 1988. Da Academia das Ciências de Lisboa, com Vistas ao Reinício de uma Negociação Comum entre os Países Lusófonos, a Galiza Inclusive", reproduzido in *Nós*, 1989, nº 13-18, pp. 539-544 e 545 (esta última página, reprod. autógrafa de uma do original do documento); in *Temas de O Ensino*, 1990, nº 14-20, pp. 75-79.

(12-VII-1991), Escrito ao Tribunal Superior de Justiça da Galiza, assinado junto com António Gil Hernández e outros.

d) Produtos sob outras assinaturas.

**Pérez Güerra, Ernesto.**
(15-XI-1937), "Mariñeiro Fusilado", Barcelona, Generalitat de Catalunya, *Nova Galiza*. (Reproduzido na antologia dessa revista publicada pelo Collectiu de Cultura Popular, Barcelona, 1977, em edição de Xosé Lois García, p. 52)

(IX-1940), "Mariñeiro fusilado", Habana (Cuba), *Loita*, nº 9, p. 2. (Reproduzido em 1999 na edição fac-similar dessa revista realizada pelo Centro Ramón Piñeiro, Santiago de Compostela).

**D.C. Warnest.**
(1984*), Homage to Federico Garcia Lorca on 30th Anniversary of his Death*. 1936-1966, Friendlyville, New York, The Crotchety Cricket Press. (Reproduzido in *Nós*, nº 4-6, pp. 73-75; *Os Poetas de Galicia cantan a García Lorca*, 1998, Concello de Santiago, pp.160-166).

(1985) *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, (epígrafe do poema "Mistagogia", pp. 52-53), Lisboa, Sá da Costa Editora.

(VII-1985), "A tragic celtic rose", *Colóquio Letras*, nº 86, pp. 51-52.

(1985), "Trágica rosa céltica", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (nota biográfica e versão do inglês), pp. 249-255.

(1987), "A Tragic Celtic Rose", *O Ensino*, nº 18-22, pp. 341-342.

(1987 [1988]), *Tempo, Morte Amor e outra bagatelas* (epígrafe do primeiro capítulo, p. 11; epígrafe do capítulo "Silva de vária lição", p. 71).

(1990), "Citaçao" e "Un poema inédito de D. C. Warnest (1911-1977). Uninhabited Love", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 165 e 192-193.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe dos poemas "Mulher", p. 35; "História simples e patética acontecida a Leste do Paraíso", pp. 49-50; "Dança da morte", p. 91), A Corunha, Agal.

(XII-1999), Ver Da Cal, Ernesto Guerra.

**Ernst Krieg von Kalk.**

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe do poema "Velhice", p. 83), A Corunha, Agal.

**Ernst Limewar**.

(1990), "Epígrafe", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 192 e 194.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe do poema "Amor desabitado", pp. 44-45), A Corunha, Agal.

**Nestore d'Alguecarra**.

(1987 [1988]), *Deus, Tempo, Morte Amor e outras Bagatelas* (epígrafe do capítulo "Teleologia banal", p. 49)

(1991 [2002]), "Epígrafe" do poema "Imago Floris", in *Caracol ao Pôr-do-Sol*, A Corunha, Agal, p. 112.

(2000), "Epígrafe" do poema "Imago Floris" de *Ramalhete de Poemas Carnais*, in Rodríguez, José Luís (Ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Tomo I, p. 79.

**Rad Calaguer**.

(1987 [1988]), *Tempo, Morte Amor e outras Bagatelas* (epígrafe do livro).

(1988) capa de 6 Poemas a Rosalia de Castro, *Nós*, nº 7-12, pp. 232-247 (reproduzido em separata, Pontevedra-Braga, Fundação Europeia Viqueira-Instituto de Estudos Lusogalaicos, 20 páginas).

(1990), "Citaçao", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 163 195.

(1991 [2002]), capa do poemário *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Neste mesmo poemário, epígrafe do poema "As mãos", p. 31; e epígrafe do capítulo X, "Três poemas carnais", p. 107), A Corunha, Agal.

(1992), *Coisas e Loisas* (epígrafe do poema "As Mãos")

(2000), "Epígrafe" de *Ramalhete de Poetas Carnais*, in Rodríguez, José Luís (Ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Tomo I, p. 73.

**Raguer Caldas**.

(1985) capa de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Sá da Costa Editora.

(1987 [1988]), capa de *Deus, Tempo, Morte Amor e outras Bagatelas*.

(1990), "Desenhos", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 193-194.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe dos poemas "EvAdão", pp. 52-53; "Nihil Scitur", p. 77), A Corunha, Agal.

e) Textos editados de outros autores.

-- De Eça de Queiroz

(1954), "À Duse", in *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, p.539.

(XII-1960), "Um milagre", Lisboa, *Escola Portuguesa*, p. 12, com apresentaçom de Da Cal redigida por Helena Cidade Moura.

(3-III-1978), "Carta de Eça de Queirós a Manuel Macedo", Lisboa, *O Jornal*. (Reproduzido em *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Junho 1978)

-- De Federico García Lorca

-Don Perlimpín. In *Literatura del siglo XX*.

-- De Afonso X.

Selecção das *Cantigas de Santa Maria* para um disco e uma actuação em Nova Iorque, traduzidas para inglês.

-- De Rosalia de Castro.

Poemas incluídos na APCR.

f) Produtos traduzidos publicados.

-De Afonso X

Selecção das *Cantigas de Santa Maria* para um disco e uma actuação em Nova Iorque, traduzidas para inglês.

-De Langston Hughes

Dois poemas traduzidos de inglês para galego, publicados na Memória anual de Casa Galicia, de Nova Iorque

-De María Victoria Atencia

Versão para galaico-português de "Saudade".

-De Rosalia de Castro

Poemas de *En las orillas del Sar*, traduzidos para español.

g) Produtos adaptados publicados.

-De Rosalia de Castro

Poemas de *Cantares Gallegos*, *Follas Novas* e avulsos incluídos na APCR.

-De Cecília Meireles.

Poema incluído na APCR.

h) Trabalhos inéditos consultados e citados.

(1941), "Miguel de Molinos", trabalho apresentado na NYU, inédito, Espólio EGC.

(s/d, 1960?), " 'Sugestão' (Mar Absoluto), 1945"; poesia de Cecília Meireles, Espólio EGC.

(s/d, década de 60), Texto, em inglês, sobre o teatro de Federico García Lorca, Espólio EGC.

(1967), (s/t), Texto, em inglês, da conferência proferida em Junho no encontro celebrado na Universidade de Vanderbilt sobre o ensino do português nos EUA, Espólio EGC.

(1970), "O Ensino do Português e das Literaturas Lusa e Brasileira nos EE. UU.", Texto de palestra proferida no Rio de Janeiro, Espólio EGC.

(s/d, década de 80), Textos sobre os SPG de Federico García Lorca, Espólio EGC.

(s/d, década de 80?), "Textos e documentos. A Galiza nos Escritores Portugueses. I. Afonso Lopes Vieira", Espólio EGC.

Poemas inéditos e outros textos conservados no Espólio EGC.

i) EPISTOLÁRIOS e outros documentos autógrafos citados.

Classificação alfabética das pessoas a quem escreveu Ernesto Guerra da Cal. O número indica a sua ordem segundo a classificação por data. O (P) indica estar publicada.

A Nosa Terra- 5-P; 12-P
Almeida, António de- 82
Almeida, Ferrin de- 40
Alonso, Luís Pazos- 103
Alonso Estravis, I.- 44
Alonso Montero, X. 48
Álvarez Cáccamo, X. M. 52
Andrews, Andrew A..- 110
Andrews, Norwood Jr.-88
Arce de Vázquez, Margot-68
Atencia, María Victoria-55
Azevedo Filho, L.-89
Bandeira, Manuel-29
Beardsley, T.-42
Bela y Armada, R.- 101
Biblioteca HSA-47
Blanco Amor, Eduardo-18 (P)
Cabral, João G.-102
Cannabrava, E.-35
Carballa, X.-57
Carenas, Francisco-94
Carvalho Calero, R.-46
Cela, Camilo J.-27
Cidade, Hernâni-87
Cochofel, João J.-15
Coelho, Jacinto-85
Costa, Avelino-54
Couto, Maria Inês Diogo-99
Cunha, Celso-80
Cunha, Joaquim da Silva-91
Cutler, Charles-78
Da Rosa, Alberto Machado-17 (P), 22
Durão, Carlos-61
Echéverri, Jorge-76
Estévez, José-49
Eyre, Alfonso-108
Fernández Montesinos, M.-58
Ferro, Luís dos Santos-86
Figueiredo, Fidelino-23
Finisterre, Alejandro-73
Franco, Navia-60
Franco Grande, Xosé Luís-13 (P), 26
Gaos, Vicente-65
García Negro, Pilar-51
Gibson, Ian-109
Gômez, Joel R.-113
Granell, Eugenio-67
Gullón, Ricardo-81
Hedberg, Nils-72

Henríquez Salido, M. do C.- 4 (P), 8 a 11 (P), 53.
Horton, Rod-79
Jiménez, Juan Ramón-64
Kasten, Lloyd-33
Landeira Yrago, José-59
Lapa, Manuel Rodrigues-16 (P), 40
Libraría Couceiro (Santiago de Compostela)-114
Librería Studium-México-77
Longland, Jean R.-28
Machado, José e Joaquín-62
Magalhães, Nuno C. de-97
Malpique, Cruz-96.
Martínez Anido, Ramiro-34
Mayer, Alice M.-74
Miguéis, José R.-70
Montero Santalha, Martinho-50
Monterroso Devesa, José Mª-104
Montezuma de Carvalho, Joaquim-36.
Morães, Marcello de-111
Moreira, Adriano-84.
Morris, Anne Marie-32
Moura, Helena Cidade-24
Moure, Gilberto-38
Nequete, Lenine-37
Northup, Helen-63
Norton, A.-105
Nucete-Sardi, J.-93
Onís, Federico de-75
Otero Pedrayo, Ramón-20 (P), 30.
Palés, Angélica de-83
Patrício, Rui-92
Paz-Andrade, V.- 15 (P), 90
Penney, C. L.-69
Pérez Rey, Eloy-69
Pérez Rey, Estanislao-100
Piñeiro, Ramón- 1 (P), 25
Pollock, T. C.-71
Portella, Eduardo-31
Posada, José-106
Pozo Garza, Luz-14 (P)
Puente, Manuel-65
Quiroga Rodríguez, Vicente-6 (P)
Ray, Gordon N., 107
Reis, Carlos-45
Rubia Barcia, José-19 (P)
Simões, J. Gaspar-21
Siré, Dominique-98
Sixto Seco, Agustín-56.
Teixeira, Carlos- 7 (P)
Tormes-39
Torres, Alexandre Pinheiro- 3 (P)
Vaz, Carlos José Lúcio-112
*Vieiros*-2 (P)

-Correspondência/Epistolários (classificada por data. Os números correspondem-se com os indicados supra, na classificação alfabética dos destinatários).

Publicada.

1.-(1958), "Carta a Ramón Piñeiro", com data 14-II-1958, in *Homaxe a Ramon Otero Pedrayo*, Vigo, Galaxia, p.145.

2.-(1962), "Carta a *Vieiros*", México, *Vieiros*, nº 2.

3.-(25/V-7/VI-1982), "A Apostila Inútil. Resposta a Alexandre Pinheiro Torres", Lisboa, *Jornal de Letras*, p. 22.

4.-(26-III-1984), "Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido", reprod. fac-similarmente in *Agália*, nº 39, V-1995, p. 300.

5.- (5-XII-1985), "Carta de Guerra da Cal", Vigo, *A Nosa Terra*, p.2.

6.-(1986), "Carta a Vicente Quiroga Rodríguez, Alcalde de Lugo", in *Os escritores lucenses arredor de Fole*, Lugo Concello de Lugo, pp. 105-106. A carta está datada aos 23 de Outubro de 1985.

7.-(13-X-1988), "Carta a Carlos Teixeira, director do *Jornal da Costa do Sol*", Cascais, *Jornal da Costa do Sol*.

8.-(1990), "Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido", datada aos 28-VIII-1987, in *Actas II Congresso Internacional Galiza 1987*, A Corunha, Agal, p. 29.

9.-(XII-1991), "Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido", datada aos 18-VII-1991, *Agália*, nº 28, p. 520.

10.-(23-IV-1994), "Telegrama a Maria do Carmo Henríquez Salido, presidenta da Agal, com ensejo da homenagem de Quiroga a Guerra da Cal", *Agália*, nº 37, pp. 111 e 112 (nesta última, reproduzido facsimilarmente).

11.-(16-VI-1994), "Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido", reprodução facsimilar in *Agália*, nº 39, V-1995, p. 314.

12.-(11-VIII-1994) "Carta a *A Nosa Terra*" (fragmento), Vigo, *A Nosa Terra*.

13.-(Nadal 1994-Outono 1995), "Carta a Xosé Luís Franco Grande", datada aos 22-VIII-1991, *Nordés*, nº 21-22, p. 5.

14.-(Nadal 1994-Outono 1995), "Carta a Luz Pozo Garza", datadas aos 6/7-I-1992, *Nordés*, nº 21-22, pp. 6-8.

15.-(1997a), "Carta a V. Paz-Andrade", in Portela Yáñez, Charo/ Díaz Pardo, Isaac, *Valentín Paz-Andrade*. Epistolario, Sada, Ed. do Castro, p. 295. A carta está datada aos 18 de Março de 1986.

16.-(1997b), "Carta a Manuel Rodrigues Lapa", 28-IX-1981, in Marques, Maria Alegria, et alii, *Correspondência de Rodrigues Lapa*, Coimbra, Minerva.

17.-(2002), "Carta a Alberto Machado da Rosa", in Gômez, Joel R., *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada, Ed. do Castro, pp. 95-96.

18.-"Cartas a Eduardo Blanco Amor". Oito cartas, de datas 20-VIII-1940, VII-1941, 15-XII-1949, 14-VII-1958, 13-XI-1970, e três mais sem data. Conservadas na Biblioteca Blanco-Amor, da Deputação Provincial de Ourense. Reproduzidas in Pérez Rodríguez, Luís (XII-2002).

19.-"Cartas a José Rubia Barcia". Nove cartas, de datas 9-IV-1955, 25-XII-1960, 23-II-1964, 25-III-1964, 23-VII-1964, 4-X-1969, 21-II-1972, e duas mais sem data. Conservadas por Eva L. de Barcia, viúva de José Rubia Barcia, na California. Reproduzidas in Dobarro, Xosé María (VIII e XII-2002).

20.-“Cartas a Ramón Otero Pedrayo”. Sete cartas, de datas [Verão?] 1957, 28-II-1960, 12-III-1960, 15-I-1962, 20-II-1962, “Nadal de 1962”, 23-IV-1963. Conservadas na Biblioteca da Fundação Penzol (Vigo). Reproduzidas in Seoane, Isabel (VIII e XII-2002).

4b) Inédita.

4ba) Epistolários de Ernesto Guerra da Cal consultados para a presente pesquisa, classificados por ordem cronológica segundo a data da primeira epístola:

21.-A João Gaspar Simões. Duas cartas, de 13-VII-1945 e de 24-XI-1980. Conservadas na Sala de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

22.-A Alberto Machado da Rosa. Conservam-se 39 cartas, no Espólio de Alberto Machado da Rosa, guardado em Évora pela sua viúva, Aldegice Machado da Rosa. Estão datadas aos 27-IX-1953, 14-V-1956, 16-VIII-1956, 23-XII-1956, 26-I-1957, 14-V-1957, s/d-1957, 21-VII-1957, 30-VII-1957, 7-VIII-1957, 17-VIII-1957, 26-IX-1957, 28-X-1957, 6-I-1958; 17-II-1958, 9-I-1959 (1958 no original, por erro), 18-III-1959, 1-IV-1959, 7-IV-1959, 24-IV-1959, 5-VI-1959, 17-IX-1959, 20-IX-1959, 111-III-1960, 12-V-1960, 29-XII-1960, 14-I-1962, 26-II-1963[1], 20-VI-1963,11-VII-1963, 31-VII-1963, 15-XI-1963, 15-V-1964, s/d-1964, 15-VII-1964, 11.II-1965, 1-I-1966, s/d-1968.

23.-A Fidelino de Figueiredo. Duas cartas, datadas em 25-IV-1954 e XII-1957, conservadas no Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.

24.-A Helena Cidade Moura, 12 cartas: 10-XI-1957, 28-III-1959, 3-VII-1960, 7-VII-1960, 19-VII-1960, e as 7 restantes sem datar, Cascais, arquivo da destinatária.

25.- (a) A Ramón Piñeiro, 4 cartas: s/d (1957), 7-V-?(1959?), 20-v-1959 e 4-IV-1986, conservadas em Vigo, na Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

-(b) A Ramón Piñeiro (conservado em cópia), 4 cartas: s/d (X-1958), 3-IV-1963, 12-IX-1963 e 26-IV-1970, Nova Iorque, HSA.

26-.A Xosé Luís Franco Grande: 73 cartas (ver também carta editada): 2-II-1959, 12-III-1960, 18-VIII-1972, 10-VI-1975, 12-XI-1984, 4-III-1985, 1-IV-1985, 18-V-1985, 21-VII-1985, 5-VIII-1985, 6-IX-1985, 12-XI-1985, 19-XI-1985, Natal 1985, 17-I-1986, 25-I-1986, 5-III-1986, 27-III-1986, 23-IV-1986, 5-V-1986, 7-VI-1986, 20-VI-1986, 25-VI-1986, s/d (1986), 5-VII-1986, 14-VII-1986, s/d (VIII-1986), 21-VIII-1986, 29-IX-1986, 17-XI-1986, 10-XII-1986, s/d (Natal 1986), 24-II-1987, 26-III-1987, 10-IV-1987, 23-IV-1987, 23-VII-1987, 10-VIII-1987, 26-VIII-1987, 10-X-1987, 5-XII-1987, 16-XII-1987, 12-V-1988, 8-VII-1988, 10-IX-1988, 3-X-1988, 25-I-1990, 3-IX-1990, 9-IX-1990, 7-IV-191, 28-IV-1991, 16-VII-1991, 7-VIII-1991, 22-VIII-1991, 12-XII-1991, 1-I-1992, 18-V-1992, 23-V-1992, 20-VII-1992, 30-IX-1992, 20-XII-1992, 1-V-1993, 12-VII-1993, 1-X-1993, s/d (1993), 3-XII-1993, 23-XII-1993, 11-III-1994, s/d, s/d, 9-VI-?, Cartão Natal s/d, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

27.-A Camilo José Cela. Cinco cartas, datadas aos 7-II-1959, 22-II-1961, 23-III-1961, 18-I-1965 e 1-IV-1965, conservadas na Fundación Camilo José Cela, em Iria Flávia.

28.-A Jean R. Longland, bibliotecária da HSA, 22 cartas, datadas em 12-XII-1959 (manuscrita), 29-IV-1960 (manuscrita), 7-VI-1961 (postal, autógrafa), 2-V-1974, S/d (1976?), S/d, 29-V-1978 (autógrafa), 13-VI-1978, S/d (1978?), 12-I-1979, S/d (resposta carta 23-I-1979), 11-IV-1979, 27-IV-1979, 29-IX-1979, S/d (1979?), 8-VIII-1979, 21-VIII-1979 (aut), 21-III-1980, 21-IV-1980 (aut), 9-XII-1980, 10-III-1981, 19-III-1981, 26-XI-1981, conservadas em Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

[1] Cópia desta carta, e também das datadas aos 15-V-64 e 15-VII-64, estão disponíveis em Nova Iorque, na HSA, numa das duas pastas que contém a correspondência de Da Rosa a Da Cal.

29.-A Manuel Bandeira, 2 cartas, datadas aos 30-I-1960 e 10-III-1961. Nova Iorque, HSA.

30.-A Ramón Otero Pedrayo (ver correspondência publicada por Isabel Seoane. Em negrito, a única que coincide), 4 cartas (em cópia): **12-III-1960**, IV-1960, 2-V-70, 12-I-1970, Nova Iorque, HSA.

31.-A Eduardo Portella, 3 cartas: 2-X-1962, 14-X-1963, 22-XII-1967 (cópias), Nova Iorque, HSA.

32.-A Anne Marie Morris, 4 cartas, datadas aos 26-II-1963, 7-III-1963 e 2 mais s/d (1963-1964?), Nova Iorque, HSA.

33.-A Lloyd Kasten, professor da Universidade de Wisconsin, 2 cartas (cópias): 9-III-1964 e 11-II-1971, Nova Iorque, HSA.

34.-A Ramiro Martínez Anido, de Radio Nacional de España-A Corunha. 4 cartas (cópias), datadas aos 30-V-1968, 6-XII-1968, 27-I-1969 e 21-IV-1969. Nova Iorque, HSA.

35.- (a) A Euryalo Cannabrava, 2 cartas: 19-X-1968, Nova Iorque, HSA (em cópia. Também figura outra carta, autógrafa e sem datar, mas sem que conste que fosse enviada).

-(b) A Euryalo Cannabrava: 19-I-1979 (cópia), Espólio EGC.

36.-A Joaquim Montezuma de Carvalho, 19 epístolas. Conservadas pelo receptor e guardadas na biblioteca municipal de Figueira da Foz. Têm data de 31-XII-1970, 8.II.1971, 12-III-1971, 25-I-1972, 26-II-1972, IV-1972, 8-V-1972, 15-V-1972, 21-V-1973, s/d-1973, 12-IX-1984, 18-X-1986, 11-XI-1986, 9-IX-1987, 6-I-1992, 13-VI-1992, 1-VII-1992, 8-VIII-1992, 27-I-1993. (Da epístola de 8-V-1972 e mais de outra datada aos 10-IV-1972 conservam-se cópias em Nova Iorque, HSA).

37.-A Lenine Nequete, 2 cartas (cópias): 8-II-1971, 18-X-1971, Nova Iorque, HSA.

38.-A Gilberto Moure, de Luanda, 5 cartas (cópias): 5-II-1972, 28-II-1972, 28-III-1972, 18-IX-1973, 24-IV-1974, Nova Iorque, HSA.

39.-"Cartas a Tormes: dirigidas a Maria da Graça Salema de Castro e seu esposo António Eça de Queiroz". Foram consultadas três cartas, datadas aos 3-II-1974, 3-V-1974 e 29-I-1975, a primeira delas incompleta. As três encontravam-se, em cópia, no Espólio EGC. Das respostas dos destinatários infire-se a existência de mais epístolas, e também de um amplo epistolário entre Da Cal e a filha do romancista, D. Maria de Eça de Queirós, com as respostas de Da Cal que ele próprio enviou de Nova Iorque, segundo consta numa das cartas que recebeu de Tormes. A própria Maria da Graça Salema de Castro confirmou, na sequência da presencia investigação, que esse epistolário, que era muito amplo, foi prestado a um investigador, que o extraviou, pelo que não pôde ser utilizado para esta Tese de Doutoramento, excepto estas três cartas e mais as enviadas desde Tormes, citadas no lugar correspondente desta Bibliografia.

40.-Ao Dr. Ferrin de Almeida, da Biblioteca do Ministério de Negócios Estrangeiros de Lisboa. Duas cartas, datadas aos 2-VIII-1974 e 28-X-1974, conservadas em cópia no Espólio EGC.

41.-(a) A Manuel Rodrigues Lapa. Oito cartas, conservadas na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia, de datas 21-VIII-1974, 29-VIII-1979, 13-I-1980, 21-XI-1980, 21-X-1980, s/d-IX-1981, s/d-IV ou V-1984, e 6-VII-1984. Esta última tem anexas cópias de cartas a Avelino de Jesus da Costa e a Artur Norton, presidente e secretário do Instituto Cultural Galaico Minhoto (ver infra).

-(b) A Manuel Rodrigues Lapa, 22-XI-1974 (cópia), Nova Iorque, HSA.

42.-A Teodore Beardsley Jr., director da Hispanic Society of America, 8 cartas: s/d (1977), s/d (1982), 21-I-1982, 29-VII-1982, 30-I-1983, 9-V-1983, 23-XI-1983, 27-V-1993

43.-A Eloy Pérez Rey, 3 cartas: 17-IX-1980, 17-XII-1980, 2-IV-1981 (cópias as 3), Espólio EGC.

44.-A Isaac Alonso Estravis, 6 cartas: 18-X-1980, 22-X-1981, XII-1981, 22-IX-1982, 29-X-1982, 17-IX-1983, Ourense, Arquivo do destinatário.

45.-A Carlos Reis. 12 cartas conservadas pelo destinatário, de datas 13-V-1981, 13-X-1981, Natal-1981, 28-XII-1981, 16-I-1982, 29-IV-1982, 17-VI-1982, 28-VI-1982, 20-X-1982, 7-XII-1982, XII-1992, 26-VII-1993.

46.-A Ricardo Carvalho Calero, 6 cartas, conservadas em Santiago de Compostela, na Biblioteca de Carvalho do Parlamento de Galiza: 31-X-1981, 17-II-1982, 5-VII-1982, 12-VI-1985, 15-I-1986 e 18-VIII-1986.

47.-Para a Biblioteca de The Hispanic Society of America, 4 cartas: I-1982, 16-II-1982, 22-III-1982, 26-III-1982

48.-A Xesús Alonso Montero, 4 cartas, de datas: 15-IV-1982, 6-VII-1984, 25-II-1985 (ver Correspondência publicada) e 17-V-1985, Vigo, Arquivos de Alonso Montero.

49.-A Xosé Estévez. 21 cartas conservadas pelo destinatário, Professor da Universidade de Deusto, de datas 8-VI-1982, 22-I-1985, 23-XI-1985, 31-XII-1985, 10-V-1986, 17-V-1986, 10-X-1986, Natal 1987, 5-IX-1988, 20-VI-1989, 3-VIII-1989, 2-V-1991, 19-XII-1991, 8-V-1992, 23-VII-1992, Natal 1992, 6-V-1993, 8-V-1993, 4-III-1994 e mais uma sem data.

50.-A Martinho Montero Santalha, 3 cartas: 18-IX-1983, 15-XII-1983 e 12-VIII-1984, Arquivo do destinatário.

51.-A Maria Pilar García Negro. Duas cartas conservadas pela Professora da Universidade da Corunha, redigidas a mão, de datas 20-XII-83 (mas correspondente à mesma data do ano anterior) e 17-VII-1984.

52.-A Xosé María Álvarez Cáccamo. 28 cartas, conservadas no seu arquivo particular. Datadas aos 10-I-1984, 10-VI-1984, 12-XII-1984, 18-IV-1986, 26-IV-1986, 17-V-1986, 18-III-1987, 3-IV-1987, 28-IV-1987, 11-VI-1987 26-IX-1987, 9-XII-1987, 20-VI-1992, 24-VII-1992, 30-VIII-1992, 29-XII-1992, 30-XII-1992, 3-III-1993, 18-IV-1993, 20-V-1993, 7-VI-1993, 25-VIII-1993, 15-X-1993, 19-XI-1993, 25-XII-1993, s/d (I-1994), 11-III-1994, 11-V-1994.

53.-A Maria do Carmo Henríquez Salido. 53 cartas, 52 conservadas no Arquivo pessoal da destinatária e 1 publicada nas *Actas* do II Congresso da Agal. Datas: 26-III-1984, 10-IV-1984, 16-II-1987, 11-III-1987, 28-VIII-1987, 10-X-1987, 6-XI-1987, 25-XI-1990, 13-I-1991, 25-II-1991, 27-IV-1991, 22-V-1991, s/d (1991), 23-IX-1991, 29-IX-1991, 7-XII-1991, 21-I-1992, 22-I-1992, 14-III-1992, 25-III-1992, 2-IV-1992, 11-IV-1992, 3-V-1992, 13-VI-1992, 19-VI-1992, 23-VI-1992, 24-VI-1992, 26-VI-1992, 2-VII-1992, 7-VIII-1992, 9-IX-1992, s/d (1992), 2-XII-1992, 19-XII-1992, 18-I-1993, 13-II-1993, 22-II-1993, 18-III-1993, 6-IV-1993, 2-V-1993, 17-V-1993, 21-V-1993, 6-VI-1993, 2-IX-1993, 14-XI-1993, 20-XII-1993, XII-1993, 8-II-1994, II-1994, 23-II-1994, 11-IV-1994, 16-VI-1994. (Ver também Correspondência publicada).

54.-A Avelino de Jesus da Costa, Presidente do Instituto Cultural Galaico Minhoto, 2 cartas: 2-IV-1984, conservada em cópia na Casa Rodrigues Lapa e no Espólio EGC; e 7-VIII-1984 conservada no Espólio EGC.

55.-A María Victoria Atencia e a Rafael León. É o maior epistolário que se conserva de Da Cal. Consta de 106 cartas, guardadas pelos destinatários nos arquivos particulares da sua morada de Málaga. Todas elas foram consultadas para realizar a presente investigação e da maioria delas estão citados dados, de interesse biográfico, profissional e literário, em especial da última década de vida, mas não só. Muitas realizações de Ernesto Guerra da Cal só se puderam documentar, como se assinalou no estudo, nos testemunhos que figuram nesta correspondência. As datas desse epistolário, são: 18-X-1984; 2-VI-1986; s/d (talvez X)-1986; 6-X-1986; 3-IV-1987; 15-V-1987; VI-1987; 29-VII-1987; 30-X-1987; 7-XI-1987; 25-XI-1987; 5-XII-1987; 25-I-1988; 16-II-1988; 8-III-1988; 15-III-1988; 28-III-1988; 16-IV-1988; 26-IV-1988; 19-V-1988; 27-V-1988; 21-VI-1988; 6-VII-1988; 20-VII-1988; 6-VIII-1988; 12-IX-1988; 25-X-1988; 31-X-1988; 23-XI-1988; 21-XII-1988; 9-III-1989; 30-VIII-1989; 11-XII-1989; 29-V-1990; 15-VIII-1990; 16-X-1990; 27-X-1990; 9-XI-1990; 12-XI-1990; 3-II-1991; 12-II-1991; 28-II-1991;

14-IV-1991; 1-V-1991; 24-VII-1991; 19-VIII-1991; 6-IX-1991; 8-IX-1991; 20-IX-1991; 25-IX-1991; 29-IX-1991; 2-X-1991; 8-X-1991; 14-X-1991; 23-X-1991; 11-XI-1991; 24-XI-1991; 10-XII-1991; 27-XII-1991; 12-I-1992; 27-I-1992; 1-II-1992; 1-III-1992; 14-III-1992; 19-III-1992; 4-V-1992; 23-V-1992; 2-VI-1992; 9-VI-1992; 20-VI-1992; 11-VII-1992; 16-VII-1992; 23-VII-1992; 26-VII-1992; 29-VII-1992; 12-VIII-1992; 25-VIII-1992; 29-VIII-1992; 5-IX-1992; s/d-1992; 23-IX-1992; 30-X-1992; 15-I-1993; 20-I-1992[3]; 23-I-1992[3]; 27-I-1993; 7-II-1993; 15-II-1993; 17-II-1993; s/d-1993; 24-III-1993; 17-IV-1993; 30-IV-1993; 30-V-1993; 14-VIII-1993; 19-IX-1993; 12-X-1993; 14-XI-1993; 22-XI-1993; 17-I-1994; 11-II-1994; 27-II-1994; 22-IV-1993[4]; 1-VI-1993[4]; 25-VI-1994.

56.-A Agustín Sixto Seco, presidente do Patronato Rosalía de Castro. Três cartas, conservadas na Casa-Museu Rosalia de Castro de Padrón, datadas em 16-VI-1985, 12-II-1986 e 26-II-1988.

57.-A Xan Carballa, do jornal *A Nosa Terra*. Cinco cartas: 23-I-1986, 8-III-1986, 4-X-1986, 6-XII-1986, 6-V-1992 Vigo, Arquivo de *A Nosa Terra*.

58.-A Manuel Fernández-Montesinos García, secretário da Fundación Federico García Lorca, 3 cartas: 3-II-1986, 25-II-1986, 24-III-1986. Conservadas em cópia no Espólio EGC.

59.-(a) A José Landeira Yrago, 22-III-1986, Espólio EGC (cópia).
-(b) A José Landeira Yrago, VI-1986, conservada em cópia no Epistolário com Xosé Luís Franco Grande, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

60.-A Návia Franco, 4 cartas, datas: S/d (27-V-1986), 4-II-1993, 9-VII-1993, 27-XII-1993. Arquivo da destinatária.

61.-A Carlos Durão. Foram consultadas para a presente pesquisa duas, datadas em 1-VI-1993 e 2-III-1994, facilitadas por Durão, quem afirma dispor de mais no seu próprio arquivo, muitas delas manuscritas, desde 1986.

4bb) Outra correspondência

62.-A José e Joaquín Machado, herdeiros de Antonio Machado. 1-III-1953 (assinada conjuntamente com Margarita Ucelay). Nova Iorque, HSA.

63.-A Helen Northup, da biblioteca da University of Wisconsin. 9-VII-1953. Conservada em cópia no Espólio de Alberto Machado da Rosa.

64.-A “Juan Ramón Jiménez y Sra.” 10-VI-1953, conservada na Sala Juan Ramón Jiménez y Zenobia Camprubí, na Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras.

65.-A Vicente Gaos, 14-II-1955, cópia no Espólio EGC.

66.-A Manuel Puente e Francisco Regueira, presidente e secretário geral do I Congreso da Emigración Galega e Conmemoración do Banquete de Conxo, s/d (1956), Nova Iorque, HSA.

67.-A Eugenio Granell, 22-X-1957, Washington, Arquivo Natalia Granell.

68.-A Margot Arce de Vázquez, da Universidade de Porto Rico, 11-I-1958, Nova Iorque, HSA.

69.-A C. L. Penney, da HSA. 6-III-1958. Conservada em Nova Iorque, Expediente Da Cal da HSA.

70.-A José Rodrigues Miguéis. 11-IX-1958. Facilitada pelo Professor Onesimo T. Almeida, da Brown University.

71.-A Thomas C. Pollock, da NYU, 9-XII-1958, Nova Iorque, HSA.

72.-A Nils Hedberg, director do Institut Ibero-Americano de la Escuela de Altos Estudios Mercantiles de Gotemburgo, 15-IV-1959 (cópia), Nova Iorque, HSA.

73.-A Alejandro Finisterre. 7-I-1960. Arquivo particular do destinatário.

74.-A Alice M. Mayer, da HSA. I-1962. Conservada em Nova Iorque, Expediente de Da Cal na HSA.

75.-A Federico de Onís, 28-II-1963 (cópia), Nova Iorque, HSA.

76.-A Jorge Echevarri, Reitor USC, 19-IV-1963 (cópia), Nova Iorque, HSA.

77.-À "Librería Studium", de México D. F., 22-XI-1963, Espólio EGC.

78.-A Charles Cutler, da Embaixada Americana em Lisboa, 23-VII-1964, Nova Iorque, HSA.

79.-A Rod Horton, da Embaixada Americana em Lisboa, s/d (1964), Nova Iorque, HSA.

80.-A Celso Cunha, 24-III-1965 (cópia), Nova Iorque, HSA.

81.-A Ricardo Gullón, 22-V-1965 (cópia), Nova Iorque, HSA.

82.-A António de Almeida, Secretário Perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa. 5-IV-1966. Conservada cópia no Espólio EGC.

83.-A Angélica de Palés, irmã do escritor, 26-III-1967 (cópia), Nova Iorque, HSA.

84.-A Adriano Moreira, Presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. 5-VI-1967. Conservada cópia no Espólio EGC.

85.-A Jacinto do Prado Coelho, 18-VI-1967 (cópia), Nova Iorque, HSA.

86.-A Luís dos Santos Ferro, 18-X-1968 (cópia), Nova Iorque, HSA.

87.-A Hernâni Cidade, 18-X-1968.

88.-A Norwood Andrews Jr., da Vanderbilt University e da Phi Lambda Beta, Portuguese National Honor Fraternity, 20-I-1970, Nova Iorque, HSA (em cópia).

89.-A Leodegário A. de Azevedo Filho e mais à sua esposa Ilka. 14-IV-1970 e elaborada de colaboração com a esposa Elsie Allen da Cal, assinando uma parte cada um deles. Conservada no Rio de Janeiro, no arquivo dos destinatários.

90.-A Valentín Paz-Andrade (ver também cartas de Da Cal publicadas), 26-IV-1970 (cópia), Nova Iorque, HSA.

91,-A Joaquim da Silva Cunha, Ministro do Ultramar de Portugal. 7-XII-1970. Conservada cópia no Espólio EGC.

92.-A Rui Patrício, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal. 7-XII-1970. Conservada cópia no Espólio EGC.

93.-A José Nucete-Sardi, escritor e crítico venezuelano, 23-XII-1970 (cópia), Nova Iorque, HSA.

94.-A Francisco Carenas, da Universidade de Boston, 26-V-1971 (cópia), Nova Iorque, HSA.

95.-A João José Cochofel, director do *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. 21-XII-1971, conservada em cópia no Espólio EGC, junto com o artigo dedicado a "Basílio".

96.-A Cruz Malpique, 21-XII-1971 (cópia), Nova Iorque, HSA.

97.-A Nuno C. De Magalhães, Director Comercial da Editorial Aster. 8-III-1972. Conservada, em cópia, no Espólio EGC.

98.-A Dominique Siré, da Universidade de Paris III, 3-V-1974 (cópia), Espólio EGC.

99.-A Maria Inês Diogo Couto, administradora da Casa-Museu Guerra Junqueiro e da Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro, do Porto. 9-VII-1974. Conservada em cópia no Espólio EGC.

100.-A Estanislao Pérez Rey, 17-IX-1980 (cópia), Espólio EGC.

101.-A Ramón Bela y Armada, 2-IV-1981 (cópia), Espólio EGC.

102.-A João Gonçalo do Amaral Cabral, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança. 29-XI-1982. Conservada cópia no Espólio EGC.

103.-A Luís Pazos Alonso, do Consulado Geral de Portugal em Londres. 26-I-1983. Conservada em cópia no Espólio EGC.

104.-A José Maria Monterroso Devesa. 11-VIII-1984, e destinada para todos os poetas da colectânea *De amor e desamor*, Arquivo José Maria Monterroso Devesa.
105.-A Artur Norton, Secretário do Instituto Cultural Galaico-Minhoto. 20 de Maio de 1984, conservada em cópia na Casa Rodrigues Lapa e no Espólio EGC.

106.-A José Posada. 18-I-1985. Conservada no Arquivo de Maria do Carmo Henríquez Salido.

107.-A Gordon N. Ray, presidente da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, 14-II-1985 (conservada em cópia no EGC).

108.-A Alfonso Eiré, director de *A Nosa Terra*, 16-XI-1985 (ver correspondência editada), conservada em cópia no Epistolário com Xosé Luís Franco Grande, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

109.-A Ian Gibson, 16-I-1986, conservada em cópia no Epistolário com Xosé Luís Franco Grande, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

110.-A Andrew A. Anderson, V-1986, conservada em cópia no Epistolário com Xosé Luís Franco Grande, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

111.-A Marcello de Morães, da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, 6-III-1989, Espólio EGC (cópia).

112.-A Carlos José Luzio Vaz, Director dos Serviços Académicos da Universidade de Coimbra, 24-V-1989, Espólio EGC (cópia).

113.-A Joel R. Gômez, 20-VI-1994, Arquivo do destinatário.

4bc) Cartas sem datar

114.-Para a "Livraria Couceiro", de Santiago de Compostela. Carta possivelmente dos inícios da década de 80. Conservada pela empresa destinatária.

j) Outros documentos autógrafos citados.

Publicados

(V-1995), Dedicatória de FI ao Grupo Reintegracionista Meendinho; reprodução fac-similar datada aos 14-IV-1993, in *Agália*, nº 39, p. 370).

Inéditos

(IX-1948 [erro, por 1958]), Dedicatória de "Glosas superficiais..." a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(XI-1958), Dedicatória de LEEQ-1954 a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(Junho, 1960), Dedicatória de *Lua de Alén-Mar* a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

(Natal, 1961), Dedicatória de *Poemas* a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

(Verão, 1963), Dedicatória de *Rio de Sonho e Tempo* a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

(Outono 1963), Dedicatória de LAM a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(1963), Proposta apresentada na HSA para designação de novos membros.

(Outono, 1966), Dedicatória de *Seis Motivos do Eu* a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

(I-1970a), “Re-dedicatória” de LEEQ-1954 a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(I-1970b), Dedicatória de LEEQ-1969 a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(1970), Dedicatória de “Os Navegadores Portugueses...” a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(1974), Dedicatória a Del Riego do artigo mecanografado “Que paisagem é esta?”, que por sua vez aparece dedicado “A Mestre Rodrigues Lapa, ‘ex toto corde’” e datado em “Amityville, NY. Março 1974”.

(III-1981), Dedicatória de “A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: ‘A Missa do Galo’” a Manuel Rodrigues Lapa.

(5-VII-1984), Dedicatória de HFGL a Luís Amaro, Arquivo do destinatário.

(3-VIII-1984), Dedicatória do “Discurso Literário” dos *Cadernos de Literatura* de Coimbra (“Vitral” e “Pavana”) a Francisco Fernández del Riego, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

(5-X-1984), Rascunho de carta a Xavier Alcalá, Espólio EGC.

(29-XII-1984), Rascunho de carta a um membro da organizaçao do I Congresso Internacional organizado pela Associaçom Galega da Língua, Espólio EGC.

(V-1985), Dedicatória de FI a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(21-X-1985), Poema “Ars Poética”, dedicado para Návia Franco.

(s/d, 1985), Plano para o trabalho *A History os Galician-Portuguese Poetry (From the 12th to the 20th Centuries)* e rascunho do capítulo “The trobadours influence travelled far and wide”, Espólio EGC.

(21-II-1986), Dedicatória de APCR ao Patronato Rosalia de Castro, conservado, como os restantes volumes dedicados, no Centro de Estudos Rosalianos da Casa-Museu de Rosalia de Castro, em Padrón.

(27-V-1986), Dedicatória a Návia Franco do volume *Contos*, de Eça de Queirós, s/d, Lisboa, Europa-América.

(9-IV-1987), Dedicatória a Návia Franco do poema “Ars Poética”, publicado na revista *Nó*.

(II-1988), Dedicatória de LEEQ-1981 ao Patronato Rosalia de Castro.

(IV-1988), Dedicatória de DTMAeOB[2] a Celso Cunha, Espólio Celso Cunha, UFRJ.

(IV-1988), Dedicatória de DTMAOB ao Patronato Rosalia de Castro.

(IV-1988), Dedicatória de DTMAOB a Ricardo Carvalho Calero, Biblioteca Carvalho Calero, Santiago de Compostela, Parlamento de Galiza.

(VI-1991), Dedicatória de EC a Isaac Alonso Estravis e ao Patronato Rosalia de Castro.

(22-XII-1991), Dedicatória de EC a Luís Amaro.

(s/d, 21-II-1986?), Dedicatória de FI ao Patronato Rosalia de Castro.

(s/d), Dedicatória de 6PRC ao Patronato Rosalia de Castro.

(4-II-1993), Dedicatória de *Coisas e Loisas* para Návia Franco.

(9-VII-1993), Dedicatória de *Ménage*, para Návia Franco.

(20-VI-1994), Dedicatória de 6PRC a Joel R. Gómez.

[2] Inclui também dedicatória “do artista gráfico Raguer Caldas”.

k) Entrevistas.

Almeida, Fenando António de, (12-IV-1983), "A '*Tragédia*' não é 'obra' de Eça de Queiroz....", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 15 -16 (reproduzida em parte in *A Nosa Terra*, Vigo, 11-VIII-1994, p.20; e na revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p.364; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de hisoria. Recuperación da nosa memoria história, Concello de Ferrol, p. 200).

Borba, José Carlos, (VIII-1975), "A expansão da cultura Luso-Brasileira nos States. Guerra da Cal, poeta e crítico literário, autor de notável estudo sobre Eça de Queiroz vai fazer pesquisas sobre a língua e estilo de Machado de Assis", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.2.

Condé, Elysio, (I-1970), "Entrevista especial para JL: Professor Guerra da Cal da City University of New York", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.5

Coutinho, Edilberto, (18-VI-1970), "Guerra e Eça—Machado é mais difícil", Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

Fernandes, Rogério, (26-VII-1973), "Hai que tirar Eça de Queiroz do marco restrito do escritor português ou até mesmo peninsular", Lisboa, *A Capital*, pp. 12 e 21.

Jorge, Leonardo, (7, 14, 21 e 28-III e 4, 11, 18 e 25-IV-1970), "Ernesto Guerra da Cal: O Primeiro Encontro, Testamento de Mecenas, Outras histórias autênticas, Um passeio a Tormes", Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*.

Matos, A. Campos, (3-III-1978), "Já em '*Os Maias*' se discutia o empréstimo...", Lisboa, *O Jornal*, pp.16-17. (reproduzida em *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Junho 1978).

Pandolfi, Lília, (IV-1970), "Guerra da Cal. O Maior Conhecedor da obra de Eça de Queiroz", Rio de Janeiro, *Jornal de Ipanema*, p.4.

Posada, José, (V-1995), "Conversa no Estoril com Ernesto Guerra da Cal", *Agália*, nº 39, pp. 329-336.

Rodrigues, Urbano Tavares, (20-I-1971), "A língua portuguesa tem um destino universal", Lisboa, *Diário de Lisboa*, pp. 11-12.

Sem Autor, (20-XI-1970), "A língua e a cultura portuguesas entraram definitivamente nos padrões universitários dos Estados Unidos", Lourenço Marques, *Notícias*, p.2

----------, (24-XI-1970), "Orgulho-me de ser uma espécie de S. Paulo na introdução da língua portuguesa nos Estados Unidos", Beira, Notícias de Moçambique.

Sousa, A. Caetano de, (22-XI-1970), "A nova geração está alienada da sociedade que herdou porque está loge de satisfazer as apetências do homem", Beira, *Notícias de Beira*.

Villaça, António Carlos, (9-VIII-1975), "Ernesto Guerra da Cal entre Eça e Machado", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, Caderno B, p.5, (reproduzido in *Literatura e Vida*, 1976, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 95-102).

Weigert, Beatriz, (1995), "Entrevista ao Prof. Guerra da Cal", Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino*, Nº 27-38, pp. 23-25

VI.3.-BIBLIOGRAFIA SOBRE O OBJECTO DE ESTUDO

2a) Trabalhos assinados

**AA.VV.**
(1953), *Atas do [I] Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, The Vanderbilt University Press, Nashville.

(1954), *Denuncia diante da Unesco da perseguizón do idioma galego polo Estado Hespañol*, Buenos Aires.

(1959), *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*; Bahia, Fundação Gonçalo Moniz (volume de aditamento ao programa oficial, ao cuidado da Comissão Organizadora), Bahia, Universidade da Bahia..

(VII/VIII-1959), "Letras Gallegas", Madrid, *Ínsula*, nº 152-153.

(1960), *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta.

(1961), *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

(1963), *Who's Who in America*, Chicago, Marquis Publications Building.

(1964), *Crítica e História Literária. Anais do I Congresso Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (ed. de Estella Glatt).

(1968a), *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Coimbra-1963. Volume V*, Coimbra, Universidade de Coimbra.

(1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios.

(1976), *The Writers Directory 1974-76*, London-New York, St. James Press-St. Martin's Press.

(1977), *Bases pra unificación das normas lingüísticas do galego*, Madrid, Anaya.

(1982), *Directory of American Scholars*, New York & London, R. R. Bowker Company (18 ª ed.).

(1984), *O Libro do Amor. 69 Poemas do Século XX*, A Guardia, Imp. V. Sobrino (edição preparada por alunado do Colégio Universitário de Vigo).

(1985), *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (2 vol.).

(22-VII-1985), "Rosalia de Castro. En el centenario de la muerte de la autora de 'Cantares Gallegos' (1837-1885)", Madrid, *El País*, (caderno especial de 8 páginas).

(1989), *Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófonas* (Homenagem ao professor Ernesto Guerra da Cal), Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino*, nº 27-38.

(1988, 1993, 2000), *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho (org. e coord.: Alfredo Campos Matos).

(1990), *Eça e os Maias. Actas do Primeiro Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa.

(1993), *Estudos Universitários de Língua e Literatura. Homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

(1997), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional* de Queirosianos, São Paulo.

(1997), *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal* [HEGC], Coimbra, Por Ordem da Universidade.
(Outono 1999), Arquivística Literária e Crítica Textual, *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, nº 5.

(2000), *Retratos de Eça de Queiroz*, Fundação Eça de Queiroz.

**A.I.**
(VII/XII-1959), "*Lua de Alén-Mar*, poemas, por Ernesto Guerra da Cal", Braga, *Quatro Ventos*, pp. 10-11.

**A. L.**
(31-III-1954), "Comentario Cultural. A oralidade da prosa eciana", Lisboa, *Diário Popular*, pp. 4 e 11.

**A.N.T.**
(5/11-XII-2002), "Joel Gómez. 'Guerra da Cal deulle unha visión de internacionalidade a Galiza", *A Nosa Terra*, p. 41.

**A.R.**
(III-1982), "*Língua e Estilo de Eça de Queirós*. Elementos Básicos. Versão portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal", Lisboa, *Brotéria*, Vol. 114, p. 341.

(XI-1986) "*Bibliografia Queirociana*", Lisboa, *Brotéria*, Vol. 123, Nº5.

**A.S.**
(26-XI-1971), "Conferência na Sociedade de Estudos. 'A Relíquia é uma triunfante ilustração de supremacía da Arte sobre a Vida', afirmou ontem o Professor Guerra da Cal, na exposição sobordinada ao título '*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco'", Lourenço Marques, *Notícias*, pp. 1-2.

**A.V.**
(28-VI-2003), "Exposição. Gaspar Simões na Biblioteca Nacional", Lisboa, *Diário de Notícias*, p. 42.

**Abizanda Losada, Carmen.**
(27-III-2001), "Entrevista con Xavier Alcalá, escritor. 'Valle-Inclán copiaba a Eça de Queiroz'", *La Opinión A Coruña*, contracapa.

**Abreu, Maria Fernanda de.**
(1994), *Cervantes no Romantismo Português*, Lisboa, Estampa.

(1997), "Del romance medieval hacia el cuento romántico: A Dama Pé-de-Cabra de Alexandre Herculano", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 301-315.

**Abuín de Tembra, Avelino.**
(3-VI-1979), "Resposta de urxencia a Rodrigues Lapa. Sobre a supervivencia da lingua galega, a fusión co portugués e unha bandexa de prata", *El Ideal Gallego*, p. 4.

(17-VI-1979), "Lapistas, lapelistas e todos os lusistas: a morte do galego a prazo fixo", *El Ideal Gallego*,

**Acácio.**
(19-III-1970), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, Belém, Pará, *Província de Belém*.

**Acuña, X. Enrique.**
(22-XI-2001), "Retratos do grande sedutor da vangarda literaria. Os rostos de Serafín Ferro", *A Nosa Terra*, p.32.

(2007, dir), *Memorial da Liberdade. Represión e resistencia en Galiza 1936-1977* (catálogo da exposição), Santiago de Compostela, Consellería de Cultura e Deportes.

**Adonias Filho.**
(VII/XII-1971), "'Literatura del Siglo XX', de Ernesto G. da Cal", Rio de Janeiro, *Revista da Academia Brasileira de Letras. Anais*, Vol. 122, p. 221.

**Adrião, Daniel.**
(4-VI-1994), "Galiza: Somos todos portugueses", Lisboa, *Semanário*, pp. 53-54.

**Afa.**
(1-VI-2001), "Preséntase *Caracol ao Pôr-do-sol*, poemário inédito de Ernesto Guerra da Cal", *O Correo Galego*, p. 32.

**Agil Ulfo, ver Gil Hernández, António Pedro.**

**Albert Robatto, Matilde.**
(1999), "Federico de Onís, compañero de exilio", in Axeitos, X. L. e Portela Yáñez, Charo (1999, eds.), pp. 237-247. (reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp. 450-485).

(2003), *Federico de Onís: Cartas con el exilio*, Sada (A Corunha), Ediciós do Castro.

**Albo, Francisco.**
(14-V-2000), "Los escritores del sur lucense se asoman al ciberespacio", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 45.

(5-VI-2001), "Estudio sobre Guerra da Cal. Entre la poesía y la filología. Una figura que da nombre a un premio en Portugal. Prestigio internacional de una personalidad poco conocida en su propio país", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 4.

(19-XII-2002), Quiroga rememora a Ernesto Guerra da Cal ó cumplirse 91 anos do seu nacemento. Por segunda vez é homenaxeado na vila onde pasou a infancia", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), pp. 1 e 6.

(22-V-2005), "O 17 de maio no sur lucense. Obras á espera dunha homenaxe", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 3.

(4-I-2007), "Unha forte dose de cultura chantadina en Internet", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 2.

(5-VI-2007), "En directo. Henrique Dacosta: "Guerra da Cal aínda é un grandísimo descoñecido", *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 2.

**Albornoz, Aurora de.**
(VII/IX-1961), "*Lua de Alén-Mar*, de Guerra da Cal", Universidad de Puerto Rico, Rio Piedra, *Asomante*, nº 3, pp. 86-88.

**Albuquerque, Isabel de Faria e.**
(1992), *Novos contributos para a correspondência de Eça de Queirós*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.

**Albuquerque, Moacyr de.**

(4-VIII-1957), "Eça de Queirós e a Estilística", Recife, *Diário de Pernambuco*, (reproduzido in *O Jornal*, Rio de Janeiro, em 22-IX-1957)

(18-VIII-1957), "Eça: A Estilística", Recife, *Diário de Pernambuco* (reproduzido in, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29-IX-1957*)*

**Alcalá, Xavier.**
(VIII-1973), "Carta a Dario Xohan Cabana", *El Ideal Gallego*.

(XI-1994), "Adeus a Guerra da Cal", *Eco*, nº 81.

(1994), "Ernesto Guerra da Cal", *Xentes de Ferrolterra*, Cadernos do Ateneo Ferrolán.

(12-X-1999), "Eça e Castelao", Ferrol, *Diario de Ferrol*, p. 64.

(26-XI-2001), "A voapluma. O Corte Inglês", *Diario de Ferrol*, p. 48.

(2002), "Resposta apurada a Ernesto Guerra da Cal", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 41-46.

(5-I-2002), "Ao lector disidente", La *Voz de Galicia* (Suplemento Biblioteca Galega 120), pp. 12-15.

(12-V-2002), "Caderno de viaxe. O trampitán de Valle", *La Voz de Galicia*, p. 14.

(10-VIII-2003), "Caderno de viaxe. Do estrume ao lume", *La Voz de Galicia*, p. 5.

(13-VI-2004), "Caderno da vida. O Zezé no Impaís", *La Voz de Galicia*, p. 6.

(9-I-2005), "Caderno da vida. Merlín, Guerra e Cunqueiro", *La Voz de Galicia*, p. 7.

**Aldrei, Yolanda.**
(1989), "As Literaturas Lusófonas: O caso da Literatura Galega", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 277-279.

(1989), "Perdemos cada alva", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 502-503.

**Alguém, M.**
(1989), "De Lyrios", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 506-509.

**All Right, (ver Magalhães, Aderson)**

**Allegue, Gonzalo.**
(1993), *Eduardo Blanco Amor. Diante dun xuíz ausente*, Vigo, Nigra.

**Allen Jr., J. H. D.**
(III-1942), "Portuguese Studies in The United States", *Hispania*, Vol.25, pp. 94-100.

**Almeida, Fernando António de (ver Bibliografia activa de Ernesto Guerra da Cal: Entrevistas)**

**Almeida, Fialho de.**
(1996), *Cadernos de Viagem. Galiza 1905*, Santiago de Compostela, Laiovento (ed. de Lourdes Carita).

**Almeida. Onésito Teotónio.**
(2001, coord.), *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*, Lisboa, Estampa.

**Almeida, Pereira de/ Bastos, Vítor.**

(6-XII-1988), “Comentários ao abandono dos restos mortais de Eça: ‘Não basta respeitar a obra do escritor’”, Lisboa, *Europeu*, p.9.

**Almeida, Sérgio.**
(16-VIII-2000a), “Polémica centenária. Póvoa, Vila do Conde, Viana e Vermedilho reclamam a paternidade do escritor”, Porto, *Jornal de Notícias*.

(16-VIII-2000b), “Tinta permanente. O país celebra hoje o centenário da morte de um dos seus filhos pródigos, mais actual do que nunca”, Porto, *Jornal de Notícias*.

(16-VIII-2000c), “Um programa à medida do génio”, Porto, *Jornal de Notícias*.

(17-VIII-2000), “Os políticos à volta de Eça”, Porto, *Jornal de Notícias*.

**Alonso, Amado.**
(1937), *La lengua poética de Góngora*.

**Alonso Estraviz, Isaac.**
(1987), *Estudos Filológicos Galegoportugueses*, Madrid, Alhena.

(1989), “Achegas para a história do pronome ‘che’ no Galegoportuguês”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 281-292.

(27-X-1991), “Carta ao Prof. Guerra da Cal”, Espólio EGC.

(I-1997), “Identidade lingüística galego-portuguesa”, *Agália*, nº 46, pp. 133-141.

(XII-1998), “A Galiza, os galegos e a língua segundo Rodrigues Lapa”, *Agália*, nº 53, pp. 3-15.

(2007), “O dicionário electrónico E-Estraviz”, in *Colóquios Lusofonia. Diversidades culturais. Línguas, culturas e dialectos minoritários. Actas do Congresso*, Bragança, Câmara Municipal, pp. 611-616.

**Alonso Fernández, Bieito.**
(2006), “Castelao, un político nacionalista no exilio”, in Núñez Seixas, Xosé Manoel / Cagiao Vila, Pilar, 2006 (eds.), pp. 347-357.

**Alonso Girgado, Luís.**
(1999, ed.), “*Loita* versus *Lar*”, in ed. fac-similar das revistas *Loita* e *Lar* (Cuba), Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñeiro.

**Alonso Montero, Xesús.**
(1968), “Tres incisiós na problemática do galego”, in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 7-11.

(1974), *Encuesta mundial sobre la lengua y la cultura gallegas y otras áreas conflictivas: Cataluña, Puerto Rico…*, Madrid, Akal Editor.

(1974), “Limiar”, in García Lorca, *F., Seis Poemas Galegos. Edición Tetralingüe*, Madrid, Akal.

(1977), *Lengua, literatura e sociedade en Galicia*, Madrid, Akal.

(12-IV-1980), “Blanco-Amor, los poemas gallegos de García Lorca y una incógnita”, *Triunfo*, nº 898, p. 42.

(1980), “García Lorca, Federico”, *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón, Silverio Cañada, pp. 183-190.

(9-I-1981), “A eira das palabras-34. Encontro, en Madrid, con García Lorca e Francisco Lamas”, *Faro de Vigo*, pp. 22-23.

(18-VII-1984), “No eido da palabra. Outra homenaxe poética a García Lorca”, Vigo, *Faro de Vigo*, Cultura, p. 1.

(1985), *Coroa Poética para Rosalía de Castro*, Vigo, Xerais.

(10-V-1985), “No cincuentenário [sic] dos ‘Seis poemas galegos’ (I)”, *Faro de Vigo*, p. 48.

(11-V-1985), “No cincuentenario dos ‘Seis poemas galegos’ (II)”, *Faro de Vigo*, p. 48.

(8-VI-1985), “Guerra da Cal e Mendiño”, Vigo, *Faro de Vigo*, Cultura, “No eido da palabra”, p. 192.

(2-XI-1985), “O ‘epílogo’ dos ‘Seis Poemas Galegos’”, *Faro de Vigo*, p. 56.

(6-XI-1985), “Sobre os ‘autores’ dos ‘Seis poemas galegos’ de Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 58.

(26-XI-1985), “Lorca en Galicia-Lorca e Galicia”, *Faro de Vigo*, p. 48.

(3-XII-1985), “A xestación dos ‘Seis Poemas Galegos’ (1935)”, Vigo, *Faro de Vigo*, p. 40 (última).

(14-XII-1985), “Guerra da Cal e Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 45.

(4-I-1986), “Os ‘Seis Poemas Galegos’ en Nova Iorque”, *Faro de Vigo*, p. 46.

(1992), “La literatura gallega en América”, in Rodríguez Galdo, María Xosé (dir.), 1992, pp. 156-159.

(13-VI-1997), “García Lorca: a gran celebración”, *La Voz de Galicia*, p. 15.

(14-VII-1998), “Un Lorca políticamente incorrecto”, *La Voz de Galicia*, Culturas, pp. 1-2.

(17-VII-1998), “García Lorca e Serafín Ferro”, *La Voz de Galicia*, p. 16.

(27-XI-1998), “García Lorca, de novo, en Compostela”, *La Voz de Galicia*, p. 16.

(1998a, ed.), *Homenaxe ós tres poetas medievais da Ría de Vigo. Martín Codax, Mendiño, Johán de Cangas*, A Corunha, Real Academia Galega.

(1998b, ed), *Os poetas de Galicia cantan a García Lorca*, Santiago, Concello de Santiago.

(15-X-1999), “Anne Marie Morris”, *La Voz de Galicia*, p. 17.

(17-XII-1999), “Morrer en Madrid”, *La Voz de Galicia*, p. 17.

(2000), “Carballo Calero e algúns dos seus camaradas na guerra civil: vida e literatura”, in Rodríguez, José Luís, Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia-USC, pp. 85-96.

(2003), *A batalla de Montevideo. Os agravios lingüísticos denunciados na UNESCO em 1954*, Vigo, Xerais.

(7-VI-2003), “Escritores ourensáns”, *La Voz de Galicia* (Culturas), p. 15.

(2-XII-2006), “Beatus qui legit. Versos de Manuel Luís Acuña na súa voz”, *La Voz de Galicia* (Sup. Culturas), p. 15.

(2006), *Ánxel Fole, García Lorca e os Seis Poemas Galegos*, Lugo, Concello de Lugo.

**Alonso Montero, Xesús/ Villar, Miro.**
(1998, eds.), *Textos e documentos para o congreso sobre García Lorca en Galicia. García Lorca, poeta en lingua galega*, Santiago de Compostela, Dirección Xeral de Política Lingüística-USC.

(2006, coords.), *Guerra Civil e Literatura Galega (1936-1939)*, Vigo, Xerais.

**Alonso Montero, Xesús/ Ramos de Castro, Epifanio.**
(1968), "Bibliografía de Lingüística Galega", in AA. VV., (1968b), *O Porvir da Lingua Galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 135-159.

**Alonso Pintos, Serafín.**
(2002), *Para unha Historia do Estándar Galego. As Propostas do Período 1966-1980*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia.

(2006), *O Proceso de Codificación do Galego Moderno (1950-1980)*, A Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza (Biblioteca Filolóxica Galega).

**Alvarenga, Octávio Melo.**
(1964), "Contribuição crítica à elaboração de uma enciclopédia oficial brasileira, em face das Universidades e da atualidade brasileira", in *Anais do I Congreso Brasileiro de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 89-112.

**Álvarez, Alfonso.**
(XII-1994), "Fóisenos Ernesto Guerra da Cal", Quiroga, *Don Camilo*, nº 6, p.6.

**Álvarez, Fernando.**
(19-XI-2002), "¿Quién era el ferrolano Serafín Fernández Ferro?", *Diario de Ferrol*, p. 30. (Reproducido in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 208)

**Álvarez, Rosario/ Vilavedra, Dolores.**
(1999), *Cinguidos por una arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, Santiago de Compostela, USC, vol. II.

**Àlvarez, Santiago.**
(1984), *Castelao y nosotros los comunistas*, Sada-A Corunha, Ed. do Castro.

(1989), *Las Milicias Populares Gallegas. Un símbolo de la Galicia antifranquista. Ensayo histórico*, Sada-A Corunha, Ed. do Castro.

**Álvarez-Cáccamo, Xosé Maria.**
(1987), "O poema lírico, spira mirabilis", *Nó*, nº 2, pp. 29-30.

(11-VII-1992), "Irónica música clásica", *Diário 16 de Galicia*, Galicia Literaria. (reprodozido in *Agália*, nº31, IX-1992:433).

(19-VIII-1994), "Ensurdecedor siléncio do poeta Guerra da Cal", Vigo, *A Nosa Terra*, Nº 635, p.25. (Reproduzido in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p. 366; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 203).

(1994), *50 Anos de Poesia Galega. Antoloxía*, A Corunha, Penta.

(2006), *Memoria de Poeta*, Vigo, Galaxia.

**Alves, Clara Ferreira.**
(27-IX-1983), "Ministro de Cultura ao 'JL': 'Cortes orçamentais vão ser dolorosos...", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 18 e 19.

**Alves, Dario Moreira Castro.**
(1992), *Era Tormes e Amanhecia*, Rio de Janeiro, Nórdica.

(17-VIII-2000), "A farta mesa literária do escritor bom garfo", Lisboa, *Diário de Notícias*.

**Alves, Manuel dos Santos.**
(1971), "A estética parnasiana de Leconte de Lisle e a crítica literária de Eça de Queirós", Coimbra, *Biblos*, Vo. LVII, pp. 467-503.

(1981), "Fradique Mendes e Leconte de Lisle", Paris, *Iberica III*, pp. 169-185.

(1982), "De Eça de Queirós a Homero atavés de Leconte de Lisle", Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, *Arquivos do Centro Cultural Português (Homenagem a Léon Bourdon)*, Volume XVII, pp.253-333.

(1983), "O legado clássico em Eça de Queirós através da Cultura Francesa", in *Les Rapports Culturels et Litteraires entre Le Portugal et La France. Actes du Colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, pp. 393-410

(1995), "O intertexto de Plutarco no discurso literário do século XIX", *Humanitas*, vol. XLVII, pp. 953-985.

(2000), "O lugar das Humanidades Clássicas nos Estudos Queirosianos", *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. IV, pp. 247-270.

(V-2002), "O lugar do intertexto clássico nos estudos queirosianos: grandezas e misérias de uma (des)fortuna cultural", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp. 201-219.

**Alves, Ricardo António.**
(1975), *Eça e os Vencidos da Vida em Cascais*, Cascais, Câmara Municipal.

**Amado, Jorge.**
(10/16-IV-1984), "Eça, mais uma vez", Lisboa, *Jornal de Letras*, p.16.

**Amado Silvar, Mª Xesús.**
(1995), *Anxel Fole. Parlamento de las Letras Gallegas. 1961*, Sada, Ed. Do Castro.

**Amaral, Eloi do/ Martha, Cardoso.**
(1947), *Eça de Queiroz. In Memoriam*, Coimbra, Atlântida.

**Amaro, Luís.**
(VIII-XII-1986), "Resumo bibliográfico de 50 anos de Literatura Portuguesa", Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, *Revista ICALP*, pp. 108-129.

(2003), "João Gaspar Simões 1903-1987. Esboço de uma bibliografia crítica, com *presença* dentro", in *presença de João Gaspar Simões*, Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 27-215.

**Anderson, Andrew A.**
(1988) (ed.), *Federico García Lorca. Diván del Tamarit. Seis Poemas Galegos. Llanto por Ignacio Sánchez Mejías*, Madrid, Espasa-Calpe.

**Andrade, Carlos Santarém.**
(2000), *Eça Coimbra*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra.

**Andrade, Eugénio de.**
(1985), "Dez ou doze versos para Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 311.

**Andresen, Sofia de Mello Breyner.**
(1985), "Estátua de Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 293.

**Andrews Jr., Norwood.**
(1970, ed), *Proceedings of the Vanderbilt Invitational Conference on High School Portuguese*, Nashville, Tennessee, Phi Lambda Beta (The Portuguese National Honor Fraternity).

(IX-1971), "Notes and news. The City University of New York", *Hispania*, Vol. 54, p.573

(1975), "An Esay on Eça de Queiroz 'A Perfeição' and Book V of the *Odysssey*", in *Studies in honor of Lloyd A. Kasten*, Wisconsin, Universidade de Wisconsin.

**Angar.**
(25-IV-1994), "Quiroga adicou unha homenaxe ó poeta ferrolán Guerra da Cal", Santiago de Compostela, *El Correo Gallego*, p. 47. (Reproduzido in *Agália*, nº 37, p. 110; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 199).

(25-IV-1994), "Homenaxe a un poeta errante", Santiago de Compostela, *O Correo Galego*.

**Angel, Juvenal L.**
(1959, dir.), *National Register of Scholarships and Fellowships*, (Vol. I), New York, World Trade Academy Press.

**Ansede Estraviz, Alberte/ Sánchez Iglesias, Cesáreo**
(1996, dir.), *Historia da Literatura Galega*, Vigo, A Nosa Terra.

**Antón, B[eatriz].**
(17-V-2007), "Henrique Dacosta saca á luz o primeiro estudo de escritores en galego da comarca de Ferrol", *La Voz de Galicia* (Ferrol- Especial Dia das Letras Galegas), p. 7.

(1-VI-2007), "La Mirilla. Henrique Dacosta, en Pontedeume", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 16.

**Apolinário, António.**
(2000), *O Grande Maia. A recepção imediata de Os Maias de Eça de Queirós*, Braga, Ângelus Novus.

**Araújo, Luís Manuel.**
(1988), *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico*, Lisboa, Comunicação.

**Arcos, Joaquim Paço d'.**
(X-1959), "Depoimento", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*.

**Armiño, Mauro.**
(21-II-1985), "Rosalía: Cien años para nada", *La Voz de Galicia*, Cuaderno de Cultura, p. 1.

**Arrebola, Maria das Graças de S.**
(1997), "A inquietude do olhar", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 622-628.

**Arroyo, Leonardo.**
(s/d), "Livros&Autores. Dois Temas. Estudos de Literatura".

**Assis, Machado de.**
[1878 (2000)], "Literatura Realista. O Primo Basílio romance de Eça de Queirós", "Lisboa, *Jornal do Comércio*", in *Eça de Queirós: a escrita do mundo,* Lisboa, Buiblioteca Nacional-Edições Inapa, 2000, pp. 126-132.

**Asociación de Escritores en Lingua Galega**
(24-II-1985), "Manifesto dos Escritores Ealegos sobre Rosalía", *La Voz de Galicia*, (texto inserido como publicidade).

**Associated Press**
(5-XII-1958), "Universidade de Nova York homenageou, ante-ontem, cinco personalidades brasileiras", Recife, *Jornal do Commércio*, p. 10.

**Athayde, Tristão de.**
(X-1967), "Pela anistia", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 7, pp. 45-52.

**Atencia, María Victoria.**
(1982), "Los Seis Poemas Galegos de F. G.L.", in *Hommage a Federico Garcia Lorca*, Université de Toulouse-Le-Mirail, pp. 165-172.

(VI-1982), "Los Seis Poemas Gallegos de Federico García Lorca", Madrid, *Ínsula*, nº 427.

(1986), "Versión y Epílogo" in García Lorca, Federico, *Poemas Galegos*, Madrid, El Observatorio.

(6-IX-1986), "El 'Madrigal a la ciudad de Santiago' de Federico García Lorca", *Sur* (Málaga)

(1-XI-1986), "Los 'originales' de los seis poemas gallegos de García Lorca", *Sur*. (Málaga).

(III-1987), "A imaginaria de Garcia Lorca nos seus *Seis Poemas Galegos*", *Agália*, nº 9, pp. 41-44.

(1987), *Os gestos usuais*, Lisboa, Assírio e Alvim.

(1989), "Notícia malaguenha do Cisne de Avis, Pedro Lopes de Santiago", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 87-94.

(1990), "Sor Juana Inês de la Cruz: Os versos do português", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 97-99.

(1995), "Post-data para Ernesto", *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, nº 27-38, pp. 26-29.

(1997), "De un dulce trasiego", in *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 53-70.

**Axeitos, X.L.**
(16-III-1999), "Estudiar o exilio. Aprender liberdade", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

**Axeitos, X. L. / Portela Yáñez, Charo.**
(1999, eds.), *Sesenta anos despois. Os escritores do exilio republicano. Actas do Congreso Internacional celebrado na Universidade de Santiago de Compostela*, Sada, Ed. do Castro.

**Azevedo, Manuela de.**
(1969), *À sombra de Eça e Camilo*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira.

**Azevedo Filho, Leodegário A. de.**
(1971), "Introdução" in *O Primo Basílio*, Rio de Janeiro, Bruguera.

(1971), "Aspectos do romance eciano", Lisboa, *Ocidente*, nº 403, pp. 277-288.

(1973), *Uma visão brasileira da Literatura Portuguesa*, Coimbra, Almedina.

(X-1976), "Ernesto Guerra da Cal. A fortuna crítica de Eça de Queiroz", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 308, pp. 2-3.

(VII/XII-1976), "Esquema para uma análise literária e estilística de um romance de Eça de Queirós", Rio de Janeiro, *Convergência (Revista do Real Gabinete Português de Leitura)*, Ano I, nº 1.

(1984), "Dimensões da Estilística", Coimbra, *Revista da Universidade de Coimbra*, nº 31, pp.211-222-

(1989), "Crítica idealista e crítica realista na lírica de Camões", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 67-72.

(1997), "Guerra da Cal e a estilística queirosiana", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 253-261.

**Babín, Teresa.**
(IV-VI-1955), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Puerto Rico, *La Torre*, revista general de la Universidad de Puerto Rico, pp. 162-164.

(X/XII-1974), "La poesía gallega de García Lorca", San Juan de Puerto Rico, *Sin Nombre*, Volumen 5, nº 2, pp. 21-42.

(1989), "Ernesto Guerra da Cal, Amigo no novo e velho mundo da Poesia", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 13-18, pp. 49-52.

**Balsemão, Francisco José Pereira.**
(25-IX-1980), "Presidência do Conselho de Ministros. Secretaria de Estado da Cultura. Decreto-Lei nº 393/80 de 25 de Setembro", *Diário da República*, p. 2.906.

**Bandeira, Manuel.**
(19-VI-1960), "Uma antologia diferente", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 3.

(22-VI-1960), "Uma antologia diferente (II)", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 3.

(25-VI-1960), "Carta a Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, Espólio EGC.

(21-XII-1960), "Um poeta galego", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 3.

(VIII-1965), "'Tradução' de 'Compaixão' e 'Enigma' de Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 85, p. 7.

(1966), *Andorinha, andorinha*, Rio de Janeiro, Olympo.

**Banhos, Alexandre.**
(2007), "A língua da Galiza no quadro jurídico estatutário e as suas perspectivas num novo Estatuto Autonómico", in *Colóquios Lusofonia. Diversidades culturais. Línguas, culturas e dialectos minoritários. Actas do Congresso*, Bragança, Câmara Municipal, pp. 539-564.

(X-2008), "Comunicado das entidades lusófonas galegas na Conferência Internacional de Lisboa sobre o Acordo Ortográfico", *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº 1, pp. 206-209.

**Baptista, Jacinto.**
(19-III-1970), "Portugal não pode dar-se ao luxo de ignorar a Geração de 70" –diz-nos o prof. Machado da Rosa", Lisboa, *Diário Popular*, pp. 1, 2 e 13.

**Barata, Clara.**
(3-VI-1994), "Associações galegas promovem encontro sobre a língua em Lisboa. Os perigos do 'castrapo'", Lisboa, *Público*, p. 32.

(4-VI-1994), "A polémica entre Galiza e Galícia", *Público*, p. 33.

(5-VI-1994), "Encontro sobre o português na Galiza. Problemas de uma língua orfã", *Público*, p. 43.

**Barbosa Álvarez, José Manuel.**
(III-1993), "Galiza e Portugal: Umha ou duas naçons?", *Agália*, nº 32, pp. 513-524.

(III-1997), "Um contributo ao diálogo e à concórdia normativa", *Agália*, nº 47, pp. 397-400.

**Barral, Serxio.**
(3-IX-1999), "Casares afirma que la literatura gallega está en su nivel más alto. Una 'ortografía sensata' que nos una a Portugal", *La Voz de Galicia*, p. 31 (reproduzido em *Agália*, nº 59, p. 381).

**Barreiros, António José.**
(1992), *História da Literatura Portuguesa*, Braga, Ed. do autor, 13ª edição.

**Barreto, Guilherme Moniz.**
[1889 (1940)], "A Literatura Portuguesa Contemporânea", Porto, *Revista de Portugal*, in *A Literatura Portuguesa no Século XIX*, Cadernos Culturais Inquérito, 1940.

[1897 (2000)], "O Sr. Eça de Queirós. Estudo de Psychologia", Rio de Janeiro, *Revista Brasileira*, in *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional-Edições Inapa, 2000, pp.133-154).

**Basto, Vítor.**
(4-XII-1988), "Vinho Verde lança Fundação Eça de Queirós", Lisboa, *Europeu*, p.18.

**Bastos, Baptista.**
(16-VIII-2000), "Um Escritor da Modernidade do Jornalista", Lisboa, *Público.*

**Bastos, João Pereira.**
(2000), "A digressão pelo mundo de um humanista irrequieto", in *Agostinho*, Rodrigo Leal Rodrigues (editor), São Paulo, Green Forest do Brasil Editora, pp. 201-204.

**Beardsley Jr., Theodore S.**
(1969), "Homero Serís", *Hispania*, vol. LII, nº 1, p. 123.

(1989), "Traduções hispano-clássicas impressas em Portugal (1521-1657)", *Nós* nº 13-18, pp. 105-112.

(2002), "Ernesto Guerra da Cal: Recuerdos entrañables", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 37-40.

**Becerra, Marta.**
(8-III-2003), "Un nuevo libro sobre Guerra da Cal", *El Progreso*, p. 12.

**Bechara, Evanildo.**
(1989), "Epifânio Dias e Eça de Queiroz", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 140-147.

**Beja, Hugo.**
(1989), "Primeiro tríptico para a Galécia", "Tui à vista" e "Auriense", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 511-513.

**Belamich, Andre.**
(1961), "Poèmes Galiciens" in *Oeuvres completes de Federico Garcia Lorca, Tome II, Poèsies*, Paris, Gallimard, pp. 204-209.

**Ben-Cho-Shey (Fernández Oxea, Xosé Ramón)**
(4-IX-1973), "A lingoa portuguesa nas escolas", Ourense, *La Región*. (Reproduzido in *Agália*, nº 36, XII-1993, p.496).

**Benito, Sofía de.**
(28-XI-2002), "Patio de vecinos. Congreso de didáctica", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 15.

**Beramendi, Xusto G.**
(1989), "Introducción às *Actas Congreso Castelao*", in Beramendi, Justo G. / Villares, Ramón (1989, eds), *Actas Congreso Castelao*, pp. I-IV.

(1990), "Estrutura e evolución da ideoloxía política de Castelao", in *Castelao, as Cartas de América. Documentación e Fotografía*, Vigo, *A Nosa Terra*, Esp. A Nosa Cultura, nº 12, pp. 3-14.

**Beramendi, Justo G./ Núñez Seixas, Xosé Manoel.**
(1995), *O Nacionalismo Galego*, Vigo, A Nosa Terra.

**Beramendi, Justo G./ Villares, Ramón.**
(1989, eds.), Actas Congreso Castelao, Santiago de Compostela, USC-Xunta de Galicia-Fundación Castelao.

**Bermejo, J. C., et alii.**
(1981), *Historia de Galicia*, Madrid, Alhambra (2ª ed.)

**Bernárdez, Francisco Luís.**
(1985), "Oración a Rosalía"-"Oração a Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 208-209.

**Bernárdez, Xoán (X. B.)**
(IX-1994), "Escolma poética de Guerra da Cal", Vigo, *Latexo*, p. 3.

**Berrien, William.**
(III-1942), "The future of Portuguese Studies", *Hispania*, Vol. 25, pp. 87-93.

**Berrini, Beatriz.**
(1984), *Portugal de Eça de Queiroz*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

(1985), *Eça e Pessoa*, Lisboa, A Regra do Jogo.

(1987), *Cartas inéditas de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Batalha Reis e outros*, Lisboa, Cadernos O Jornal.

(1988), *Eça de Queiroz, palavra e imagem*, Coimbra, Ed. INAPA.

(1989), "Colagem Rosaliana", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 489-491.

(1992a), "Introdução, comentário e notas de *A arte de ser pai (Cartas de Eça de Queirós para os seus filhos)"*, Lisboa, Verbo.

(1992b), "Introdução" de *O Mandarim*, (ed. crítica), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 15-69.

(VII-1992), "A propósito d'*O Mandarim*", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nº 2, pp. 79-90

(XII-93/VII-94), "Teodorico Raposo: o peregrino, o historiador, o memorialista", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nº5/6, pp.39-59.

(1995), *Comer em Beber em Eça de Queiroz*, São Paulo, Index.

(1997a), "Eça de Queiroz, uma vida, uma obra", in *Obra Completa de Eça de Queiroz*, vol. I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, pp. 17-63.

(1997b), "Sobre *A Relíquia*. Fragmentos", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp.155-165.

(2000a), "O arruinado solar de uma ilustre casa", in *A Ilustre Casa de Ramires. Cem Anos*, São Paulo, PUC, pp. 27-56.

(2000b), "Viagem em torno de uma obra: riscos e recompensas", Coimbra, comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Queirosianos, Livro de resumos das comunicações.

(2003, org.), *Brasil e Portugal: A Geração de 70*, Porto, Campo das Letras.

**Besso, Henri V.**
(1967), "Causas de la decadencia del judeo-español", in Sánchez Romeralo, Jaime / Polussen, Norbert, *Actas II Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Nimega, Instituto Español de la Universidad de Nimega, pp. 207-215.

**Bilbao, Conchi/ Noia, Soedade/ Lopo, Antón.**
(2005, coord), *Transterrados. Dicionario do Exilio Galego*, Santiago de Compostela, *Galicia Hoxe*.

**Bittencourt, Renato.**
(2-IV-1970), "Primas e comentários. Arte e estilo" (recensão de *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, ed. brasileira), Rio de Janeiro, *O Globo*.

**Blackmore, Josiah.**
(VI-2000), "'Essa minha devoção complicada': Relics and the devotional life in *A Relíquia*", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, v.LIII, pp. 47-58.

**Blanco, José.**
(1983), *Fernando Pessoa. Esboço de uma Bibliografia*, Lisboa, Imprensa Nacional-Cada da Moeda/ Centro de Estudos Pessoanos.

(14-VI-1988), "Os pioneiros de Pessoa", *Jornal de Letras* (Lisboa), nº 310, p.6.

(1989), "Ernesto Guerra da Cal, pioneiro pessoano", *Nós* 13-18, pp.188-190.

(1997), "Conselho de Amigo", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, p. 39.

(2008a), *Pessoana. Bibliografia Passiva, selectiva e temática*, 2 vol., Lisboa, Assírio&Alvim.

(2008b), "Fernando Pessoa's Critical and Editorial Fortune in English: A Selective Chronological Overview", *Portuguese Studies*, Volume 24, 2, pp. 13.32.

**Blanco, Lois.**
(25-I-1996), "Entrevista a Luís Pérez Rodríguez. 'Agardo que haxa un Día das Letras Galegas adicado a García Lorca", *La Voz de Galicia*, p. 6

**Blanco Amor, Eduardo.**
(1935), "Prólogo", in García Lorca, Federico, *Seis Poemas Galegos*, Santiago de Compostela, Nós.

(1948), "Sobre los poemas gallegos de García Lorca", *La Hora de Chile*.

(VII/VIII-1959), "Los poemas gallegos de Federico García Lorca", Madrid, *Ínsula*, nº 152-153, p. 9.

(XII-1964), "A esmorga", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), pp. 33-34.

(1-X-1978), "Federico, otra vez, la misma vez", Madrid, *El País*, Suplemento "Arte y pensamiento", pp. I, VI e VII.

**Bleiberg, Germán e Marías, Julián (dir)**
(1972), "Da Cal, Ernesto Guerra", in *Diccionario de Literatura Española*, Madrid, Revista de Occidente, p. 249.

---

**Boer, Josephine de.**
(1964), "*Rio de Sonho e Tempo* de Guerra da Cal", Norman, Oklahoma, Oklahoma University, *Books Abroad*. An International Literary Quartely.

**Boléo, Manuel Paiva.**
(1941), "O realismo de Eça de Queiroz e a sua expressão artística", Coimbra, Universidade de Coimbra (Separata de *Biblos*, vol XVII, Tomo II).

(1964-1965), "Appleton-Cuyas (The New)—Dictionary English-Spanish & Spanish-English, Coimbra, *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XIII, Tomos I e II, p.572.

(1969-1971), "*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*" e "O renascimento galego contemporâneo", *Revista Portuguesa de Filologia*, Tomos I e II, pp. 504 e 679.

**Bom, José Xavier.**
(3-IV-2003), "El cronómetro. Hélder Macedo: 'A grafía dificulta coñecer mellor a literatura galega'", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 2.

(15-X-2006), "Un cento de nomes para cen primaveras das nosas letras", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 2.

**Bonet, Juan Manuel.**
(1995, dir.), *Diccionario de las Vanguardias de España*, Madrid, Alianza Editorial, p. 318.

**Boni, Guia.**
(V-2002), "A fortuna italiana de Eça de Queirós", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 479-489.

**Borba, José César. (Ver Bibliografia Activa de Guerra da Cal, Entrevistas)**

**Borreiros, Bonifacio.**
(2002), "Lonxe da súa terra matricial", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 9-10.

**Bosch, Rafael.**
(1969), "DA CAL-UCELAY: *Literatura del Siglo XX*", *Revista Hispánica Moderna*, vol. XXXV, nº 1-2, p. 160.

**Bouchardy, Joseph**
(1982), *Philidor*, (Ed. de Pedro da Silveira), Lisboa, Livros do Brasil.

**Bouza Barcia, X.**
(4-XII-1986), "Carlos Martínez-Barbeito: con García Lorca en Compostela", *La Voz de Galicia*, "Caderno de Cultura", p.3.

**Bouza-Brey, Fermín.**
(1985), "A Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 217.

**Brañas, Alfredo.**
(1985), "À boa memória de Dona Rosalia Castro de Murguia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 161.

**Brea Hernandez, Ângelo José.**
(1989), "A Interação dos grupos linguísticos de indivíduos e a recuperação de usos numa comunidade pseudobilingue", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 389-408.

(1989), "O Verso desta noite" e "Credo Poetico", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 504-505.

(2001), "Depoimento", in Quiroga Díaz, Carlos/ Torres Feijó, Elias J./ Cordeiro Rua, Gonçalo, *Do músculo da boca*, Santiago de Compostela, Concello de Santiago-USC, pp. 16-18.

**Bruna, Jaime.**
(1975), "Parataxe e hipotaxe no estilo de Machado de Assis e Eça de Queiroz", São Paulo, *Língua e Literatura*, Ano IV, v.4, pp. 267-284.

**Bueno, Silveira (S. B.).**
(I-III-1956), *Lingua e Estilo deEça de Queiroz*, São Paulo, *Jornal de Filologia*, Vol. IV, Fascículo 1, pp. 67-69.

**Bugallal I[sabel].**
(12-V-2004), "El misterioso manuscrito de Lorca. Viaje a Galicia y 'flechazo' coruñés", *La Opinión de A Coruña*, p. 55.

**Bugallo Rodríguez, Ánxela.**
(19-VI-2006), "Orde do 8 de xuño do 2006 pola que se convocan subvencións a particulares, asociacións e institucións culturais para a realización de actividades relacionadas coa recuperación da memoria histórica", *Diario Oficial de Galicia*, pp. 9.779-9.782.

**Burguer, Chester.**
(25-X-1939), "Two Spanish Instructors Are Franco Refugees", Nova Iorque, *Brooklyn College Vanguard*.

**Burnshaw, Stanley.**
(1960), *The Poem Itself: 45 Modern Poets in a New Presentation*, Stanley Burnshaw (ed), New York, Rinehart and Winston, pp. 191-197 e 222-226 (edição europeia em 1964: *The Poem Itself: 150 European Poems Translated and Analyzed*, Middlesex, Pelican, pp. 194-201 e 228-231).

**C. S.**
(1960), "Caruaru e o bode", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*.

**Cabana, Dario Xohan**
(26-VIII-1973), "Decimos non a integración do idioma Galego no Portugués", A Corunha, *El Ideal Gallego*; o mesmo artigo sob o título "Comento a un traballo do profesor Rodrígues Lapa. Contra a falsa ortopedia lingüística", Lugo, *El Progreso*.

**Cabanillas, Ramón.**
(1985), "Ofrenda floral a Rosalia de Castro diante do monumento de Santiago", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 168-169.

**Cabo Aseguinolaza, Fernando.**
(6-VI-1985), "La Oda y burla de Sesostris y Sardanápalo", *La Voz de Galicia*, Cuaderno de cultura, p. 2.

**Cabral, Filomena.**
(1989), "Canto a Rosalia", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 485-488.

**Cacella, José.**
(1960), "Dedicatória", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta.

**Caetano, Marcello.**
(1961, ed.), *Cartas de Eça de Queiroz aos seus editores Genelioux e Lugan. 1887 a 1894*, Lisboa, Panorama.

**Caetano, Maria João.**
(17-VIII-2000), "Letras de Eça apanhadas na Rede", Lisboa, *Diário de Notícias*.

**Campbell, Roi.**
(1954, trad), *Cousin Basil*, de Eça de Queirós, Nova Iorque, Noonday Presse.

**Cannabrava, Euryalo.**
(1969), Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz, Lisboa, *Colóquio*, Nº 55, pp. 64-65.

(1969), "Comunicação Poética. Forma e ritmo vocabular", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 19-20, pp. 57-78.

(1981), "Pórtico", in *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, Coimbra, Almedina, 4ª ed., pp. 9-36 (também na trad. brasileira, de Estella Glatt, 1969).

**Cantel, Raymond,**
(1991), "Eça de Queirós, J. M.", *Gran Lorousse Universal* (ed. espanhola), Vol. VII., p. 4034.

**Capote, José.**

(1960), "Alocução proferida pelo Rev. José Capote durante o Te Deum realizado na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Newark, no dia 24 de Abril de 1960, para início das comemorações", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta, pp. 40-46.

**Carballa, Xan.**
(16-I-1986), "Primeiras revelacións de Guerra da Cal sobre os 'Seis Poemas Galegos' de Federico García Lorca", *A Nosa Terra*, nº 284, p. 18.

(8-X-1987), "II Congreso Internacional da Lingua Galego-Portuguesa", *A Nosa Terra*, nº 321.

(11-VIII-1994), "Morreu Ernesto Guerra da Cal, escritor e ensaista galego exiliado", Vigo, *A Nosa Terra*, Nº 634. (Reproduzido in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p. 363; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 207).

**Carballa, Xan/ Cuñarro, Fernando/ Sánchez, Cesáreo.**
(1990), *Castelao, as cartas de América. Documentación e Fotografía*, Vigo, *A Nosa Terra*, Esp. A Nosa Cultura, nº 12..

**Carballo Calero, Ricardo. (ver também Carvalho Calero, Ricardo)**
(25-III-1961), "Parlamento de las Letras Gallegas", *El Progreso*.

(1968), "O galego na Universidade", in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 39-46.

(XII-1969), "O galego que se escribe", Nova Iorque, Memoria Anual, Unidad Gallega (Casa de Galicia), s/n.

(1973), *Historia da Literatura Galega Contemporánea*, Vigo, Galaxia (2ª ed.).

(1979), *Gramática elemental del gallego común*, Vigo, Galaxia (7ª ed.).

(1981), *Historia da Literatura Galega Contemporánea*, Vigo, Galaxia (3ª ed.).

(15-III-1985), "O legado de Rosalía", *La Voz de Galicia*, p. 3.

**Carenas, Francisco.**
(1972), *Poetas Españoles en USA*, Madrid, Rialp (colecção Adonais).

**Carlos, Luís F. Adriano.**
(1989), "Filomena Cabral: 'Maldamor' ou a estereografia das paixões", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 247-253.

**Carter, Henri Hare.**
(1953), "The development of Luso-Brazilian Studies in The United States, 1920-1950", *Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, The Vanderbilt University Press, pp. 293-335.

**Carvalho, Joaquim de Montezuma de.**
(20/21-XI-1970), "Elogio do escritor galego Ernesto Guerra da Cal", Lourenço Marques, *A Tribuna*, pp. 5 e 10 (o mesmo trabalho também reproduzido in *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, Lourenço Marques, 1970, nº 164-165, pp.23-31, reeditado em separata em 1972; *O Estado de SãoPaulo*-Suplemento Literário, São Paulo, 10-I-1971, p. 4; *Grial*, Vigo, 1971, nº 31, pp. 104-108; *Norte*, México, Septiembre-Octubre 1971, pp.47-49)

(25-XI-1971), "A propósito da conferência '*A Relíquia*, Romance Picaresco e Cervantesco' que hoje pronunciará o Prof. Ernesto Guerra da Cal", Lourenço Marques, *A Tribuna*, pp. 5 e 10.

(27-IV-1972), "Nota do tradutor", in Nucete-Sardi, José, "O regresso de Eça de Queirós", Lourenço Marques, *A Tribuna*.

(27/28-IV-1972), Ver Nucete-Sardi, José.

(7-IX-1986), "Apresentação do filme sobre García Lorca para o Festival Internacional de Cinema de Arcos de Valdevez", Espólio EGC.

(28-IV-1989), "Ernesto Guerra da Cal e Alonso Zamora Vicente, doutores por Coimbra...", Coimbra, *O Despertar*, pp. 1, 2 e 12.

(1995), "Rosalia de Castro Festeja Camões-Nota do Autor", Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, pp. 291-296.

(1997), "Despedida ao portugalego Ernesto Guerra da Cal, nosso amigo", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 33-37.

(2002), "Despedida ao portugalego Ernesto Guerra da Cal, nosso amigo", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 25-35.

**Carvalho Jr., Dagoberto.**
(1994), *A Cidadela do Espírito. Considerações sobre a arte sacra na obra de Eça de Queiroz*, Recife, Editora Universitária da UFPE.

**Carvalho, Eulália Moreno de.**
(1989), "Ulisses", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 493-495.

**Carvalho, Mário Vieira de.**
(1997), "Romance como *Offenbachiade*: um exemplo de 'intertextualidade' entre música e literatura", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp., 317-333.

**Carvalho, Paula Ochoa de.**
(1988), "Naturalismo", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, pp. 450-453.

**Carvalho Calero, Ricardo. (ver também Carballo Calero, Ricardo)**
(Ver Conselho de Redacçom da *Agália*).

(III-1985), "Para umha história da ortografia galega. A ponência de 1979", *Agália*, nº 2, pp. 223-233.

(1985), "Madrigal a Rosalia" e "A Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 246-247.

(1989), "À Espera", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 497-498.

**Casanovas, Luís Elias.**

(1997), "Recordando Ernesto Guerra da Cal", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 43-45.

**Casares, Carlos.**
(VII/IX-1973), "Leria con Eduardo Blanco-Amor", *Grial*, nº 41, pp. 337-353.

**Casas, Álvaro das.**
(1934), "Diario de unha viaxe de nazonalistas. Galeuzca", *Alento*, nº 1-2, pp. 19-32.

**Casas, Augusto.**
(1985), "Nova elegia a Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 224-226.

**Casas, Digna.**
(7-VI-1998), "Lorca encontró entre sus amigos gallegos la inspiración para muchos de sus poemas. Entre la admiración y la relación personal con el poeta", *La Voz de Galicia*, p. 38.

**Casas, Manuel (et alii).**
(1952), "Exposición de la Real Academia Gallega al Consejo Superior de Investigaciones Científicas, para transmitir a Don Manuel Sanchís Guarner, Profesor Lingüísta, encargado de los trabajos del '*Atlas Lingüístico*' del Consejo", *Mundo Gallego* (Buenos Aires), p. 19. (reed fac-similar. Em 2007, Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades)

**Castelao, A. Daniel Rodríguez.**
(IX-1940), "Páxinas Escolleitas. A vaca, o albre, o peixe", Havana (Cuba), *Loita*, nº 9, p. 2.

(27-XI-1945), "Telegrama a Casa Galicia de Nova Iorque", reproduzido in Zapata, Manuel, "La Historia de Casa Galicia", Nova Iorque, *Memoria Anual* de Casa Galicia de Unidad Gallega, p. 62.

**Casteleiro, João Malaca.**
(1985, Moderador), "O ensino do português como língua segunda e como língua estrangeira. Debate", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 576-588.

**Castelo, Francisco X.**
(7-IV-1985), "No eido da palabra. Guerra da Cal, o mestre ignorado", Vigo, *Faro de Vigo*.

**Castilho, Guilherme de.**
(1983), (coord.), *Eça de Queirós: Correspondência*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, vol. I e II.
(24-VI-1984), "Luis Viana Filho. *A Vida de Eça de Queirós*", Lisboa, *Diário de Notícias*, p.15.

**Castilho, Paulo.**
(2001), "Toda a gente sabe", in Lima, Isabel Pires de (coord.), *Retratos de Eça de Queirós. 40 olhares de escritores e artistas sobre a prosa de Eça de Queirós, "um dom e dos dos deuses como a beleza"*, Porto, Campo das Letras.

**Castro, Aníbal Pinto de.**
(1981), "Introdução" a *Páginas de Jornalismo* de Eça de Queirós, Porto, Lello&Irmão.

(1986), "Introduão" e "Correspondência (Suplemento)", in *Obras de Eça de Queiroz*, vol. 4, Porto, Lello&Irmão, pp. V-LVIX e 1.119-1.754).

(1997), "*In Memoriam* de Ernesto Guerra da Cal", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 9-12.

**Castro, Maria da Graça Salema de.**
(1989), "Fundação Eça de Queiroz", Porto, Ambar.

(16-VIII-2000), "A minha homenagem a Maria d'Eça de Queiroz de Castro no dia do centenário da morte de seu pai José Maria d'Eça de Queiroz", Tormes (Baião), Fundação Eça de Queiroz.

**Castro, Pilar.**
(1993), *Antoloxía da poesía neotrobadoresca*, Vigo, Galaxia.

**Castro, Rosalia de.**
(1880 [1985]), *Folhas Novas*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua (edição crítica de E. Souto Presedo, com Prólogo de F. Salinas Portugal).

(1985), Antologia poética de *Cantares Gallegos*, *Follas Novas*, *En las orillas del Sar*, e inéditos, in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 9-124.

**Castro Gil (ver Torres, Amadeu)**.

**Castroviejo, Concha.**
(9-III-1960), "Las cosas que pasan. 'Disparate miniado...' y otros versos", Madrid, *Informaciones*.

**Cattell, Jaques.**
(1957, ed.), *Directory of American Scholars. A Biographical Directory*, New York, R. R. Bowker Company.

**Caton, Albano Pereira.**
(1969), *Eça de Queiroz, Dicionário icos dos seus Personangens*, Dorsoi.

**Caucci, Paolo G.**
(1977), *"Seis Poemas Galegos" di Federico García Lorca*, Perugia, Volumnia, Università degli studi di Perugia.

**Cavalcanti, Paulo.**
(1972), *Eça de Queiroz agitador no Brasil*, Lisboa, Livros do Brasil.

**Cerdà, Jordi.**
(V-2002), "Eça de Queirós recriador de lendas de santos. A hagiografia: um velho género para uma nova estétita"**,** *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 557-568.

**César, Amândio.**
(1985), "Verão de São Martinho", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 288-290.

**César, Guilhermino**.
(IV-1965), "Diante da nova crítica: Eça de Queirós", Lisboa, *Colóquio*, nº 33, pp. 53-55.

(11-VIII-1973), "Ilusão/Realidad", Porto Alegre, O *Correio do Povo*, p.3.

**Chacon, Vamireh.**
(X/XII-2002), "A vida intelectual na geração de Eduardo Portella", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 151, pp. 153-158.

**Chaves, Fernando Castelo Branco .(ver Remédios, Maria dos e Chaves, Fernando Castelo Branco).**

**Chorão, João Bigotte.**
(20-VIII-1970), "Literatura polémica", Lisboa, *Diário de Notícias*.

**Cidade, Hernâni.**
(1985), *Século XX. A Revolução Cultural em Portugal e alguns dos seus mestres*, Lisboa, Presença.

(1987), "Portugal e as letras portuguesas nas literaturas estrangeiras", in *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, Porto, Figueirinhas, pp. 854-861).

**Cintra, Luís Filipe Lindley.**
(1983), "Présence et problématique actuelle de la langue portugaise dans le monde", Lisboa-Paris, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XX, pp. 207-223.

(1985), "Sessão de Encerramento. Discurso do Prof. Luís F. Lindley Cintra, Presidente da Comissão Executiva", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 61-66).

**Claro, Rogério.**
(1958), *Eça de Queirós e a Europa*, Setúbal, s/e.

**Coelho, António de Oliveira.**
(II-1965), "A Lírica de Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p. 11.

(30-IX-1971), "Poesia Galega Contemporânea. Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Diário de Notícias*, Revista de Artes e Letras, p.1.

**Coelho, Carlos Pinto.**
(4-VI-1970), "Machado da Rosa, um intelectual empenhado numa celebração condigna do Centenário da Geração de 70", Lisboa, *Jornal de Notícias*, Suplemento Artes e Letras, pp. 1 e 2.

**Coelho, Eduardo Prado.**
(III-1984), "Dez anos de literatura portuguesa 1974-1984. Ensaio", *Colóquio Letras*, nº87, pp. 43-54.

**Coelho, Jacinto do Prado.**
(1954)," *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*", Lisboa, *Universidade*, revista da Faculdade de Letras, Vol. XX, Nº 1, pp. 170-173.

(1955), "Garret prosador", Lisboa, *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo XXI, 2ª série, nº 1.

(1956-60, 1987), (dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega e Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas.

(1959), "Limiar", in Da Cal, Ernesto Guerra, *Lua de alén Mar*, Vigo, Galaxia, pp. 9-11.

(II-1964), "Ernesto Guerra da Cal. *Rio de Sonho e Tempo*", Lisboa, *Colóquio*, nº 27, pp. 55-56.

(XII-1967), "*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*", Lisboa, *Tempo* (jornal universitário), nº 12, p.9.

(1968), *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Portugália.

(1987), "Impressionismo", "Influência espanhola na literatura portuguesa", "Influência portuguesa na literatura galega" e "Lusofilia", in *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, Jacinto do Prado Coelho (dir), Porto, Figueirinhas (pp. 460-461, 476-478, 492 e 583-586).

**Coelho, Joaquim-Francisco.**
(1985), "Rosalíada", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 349.

**Coelho, Maria Teresa Pinto.**
(1996), *Apocalipse e Regeneração. O Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*, Lisboa, Cosmos.

(IV-IX-2000), "Eça de Queirós e Edgar Prestage", revista *Camões*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 235-248.

**Colectivo Meendinho.**
(1990), "A 'Editorial Galaxia': de Partido Galeguista na sombra a empresa mercantil", in Gil Hernández et alii (ed), *II Congresso Internacional Galiza 1987. Actas*, A Corunha, Agal, pp. 709-717.

**Colemam, Alexander.**
(1980) *Eça de Queirós and European Realism*, Nova Iorque, New York University.

**Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Simplificada.**

(I/IV-1986), "Prefácio", *Nós*, nº 1, pp. 5-8.

**Comissom de Meios de Comunicaçom da Associaçom Galega da Língua**
(III-1990), "A respeito de uns insultos 'científicos' da Professora Vázquez Cuesta", *Agália*, nº 21, pp. 93-95.

**Condé, Elysio.**
(I-1970), Ver Bibliografia Activa de Guerra da Cal-Entrevistas.

(IX-1976), "*Bibliografia de Eça de Queiroz*, por Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 308, p. 3.

(IX-1983), "Recordando o Primeiro Congresso de Crítica Literária: Jean-Paul Sartre e Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 385, pp. 2-3. (reproduzido in *O Navegante Solitário*, Rio de Janeiro, Instituto do Livro, Fundação Pró-Memória, pp. 155-156)

**Conselho de Redacçom da revista *Agália*.**
(III-1985), "Saudaçom", *Agália*, nº 1, pp. 3-4).

(IX-1994), "Aos nossos leitores", *Agália*, nº 38, p.131.

**Cores Trasmonte, Baldomero.**
(III/VI-1973), "Limiar", in *Atenea*, Año X, nº 1-2. Puerto Rico, Universidad de Puerto Rico-Mayagüez, pp. 13-18.

(2003), *Unha viaxe pola rúa do Vilar*, Santiago de Compostela, Fundación Caixa Galicia.

**Cornejo Serrano, Alex.**

(2006), "El exilio galleguista de Ramón Suárez Picallo en Chile 1940-1956", in Nuñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar, 2006 (eds.), pp. 375-394.

**Corominas, Joan.**
(VII/IX-1976), "Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa", *Grial*, nº 53, pp. 277-282 (reprod. fac-similarmente in *Agália*, nº 48, VII-1997: 411-416).

**Corral, S.**
(X-1985), "Guerra da Cal compuxo con Lorca os 'Seis Poemas Galegos'", *Galicia Viva*, nº 13.

**Correa Calderón, Evaristo.**
(19-IV-1961), "Parlamento de las letras gallegas", *El Progreso*.

**Cortes, Cândida.**
(31-VIII-1967), "Uma sugestão do Prof. Alberto Machado da Rosa", Lisboa, *Diário de Notícias*, Suplemento Artes e Letras, pp. 1 e 2.

**Cortesão, Jaime.**
[1947 (1970)], *Eça de Queirós e a Questão Social*, citado segundo a re-edição de Portugália Editora, Lisboa, 1970.

**Cortezón, Daniel.**
(1960), "Lendo *Lua de Alén-Mar*, de Guerra da Cal. Pequenas refreusios encol do espello", Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa de Galicia*, s/n [pp. 17-18].

**Costa, Césio Regueira.**
(12-VIII-1959), "Telegrama de convite oficial ao Recife ao Professor Da Cal", Espólio EGC.

**Costa, Manuel Afonso.**
(1989), "A Reforma dos Forais em Portugal", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 443-451.

**Costa, Maria Luísa Dolbeth e, et alii.**
(12-V-1986), "Protocolo do Encontro de Unificação Ortográfica da Lingua Portuguesa. Rio de Janeiro, de 6 a 12 de Maio de 1986", reproduzido in *Temas de O Ensino*, nº 11-13, pp. 105-112, 1988.

**Costa, René de.**
(1968), "The Mythic Quest Theme in *A Cidade e as Serras*", Wisconsin, *Luso-Brazilian Review*, Vol. V, nº2, pp.71-79.

**Costa, Severino.**
(15-II-1986), "Centenário de Rosalia de Castro", *O Vianense*, p. 1.

**Costa Casas, Xoán Xosé, et alii.**
(1988), *Nova Gramática para a aprendizaxe da língua*, A Coruña, Vía Láctea.

**Costa Clavell, Xavier.**
(17-I-1986), "De Sol a Sol. García Lorca y Galicia", *La Voz de Galicia*.

(4-III-1986), "Temas del País. Rosalía de Castro en Portugal", *La Voz de Galicia*, p. 6.

**Costa Rico, Antón.**

(1989), *Escolas e Mestres. A educación en Galicia: da Restauración á Segunda República*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia-Consellería de Presidencia e Administración Pública.

(2004), *Historia da educación e da cultura en Galicia*, Vigo, Xerais.

(2007), "Profesores galegos exiliados: a luz do porvir que se mantivo acesa", in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp.1.423-1.453).

**Coutinho, Afrânio.**
(IX-1960), "O congresso de crítica e história literária", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.3.

(3-IV-1966), "Literatura Luso-Brasileira".

(1973), "Ernesto Guerra da Cal, poeta e crítico", in DA CAL, Ernesto Guerra, *Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, pp. 7-8.

**Coutinho, Edilberto.**
(18-VI-1970), "Guerra e Eça— Machado é mais difícil", Rio de Janeiro, *Diário da Manhã*, p. 6.

**Coutinho, Graça.**
(X/XII-2002), "Revista *Tempo Brasileiro*: Índice 1962-2002. 40 anos", *Tempo Brasileiro*, nº 151, pp. 165-331.

**Couto, Jorge.**
(2000), Apresentação de *Eça no Estrangeiro*, de Ana Madureira, Lisboa, Instituto Camões.

(IV-IX-2000), "Editorial", revista *Camões*, nº 9, Lisboa, Instituto Camões, p.1.

(2002), "Prefácio", in Piedade, Ana Nascimento, *Ironia e Socratismo en A Cidade e as Serras*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 5-7.

**Crespo, Vítor Pereira**
(23-VIII-1991), "Resolução da Assembleia da República. Nº 26/91. Aprova, para ratificação, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa", Lisboa, *Diário da República*, pp. 4.370-4.388 (reproduzido fac-similarmente na revista *Nós*, nº 19-28, em páginas sem numerar anteriores à 473, 1991).

**Cristóvao, Ângelo.**
(X-2008), "Intervenção do Presidente da Associação Cultural Pró-AGLP na Conferência Internacional/ Audição Parlamentar de Lisboa", *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº 1, pp. 209-211.

**Cristóvão, Fernando.**
(27-III-1986), "Una visión desde Lisboa de la lengua luso-brasileira. O desacordo ortográfico", *La Voz de Galicia (Caderno de Cultura)*, p. 1.

(II-1988), "A hora e a vez da língua portuguesa", *Temas de O Ensino*, nº 11-13, pp. 13-16.

**Cunha, Celso.**
(1970), *Língua Portuguêsa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

**Cunha, Maria do Rosário.**
(X-2004), *A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós*, Lisboa.

**Cunqueiro, Álvaro**
(9-IX-1973), "A recuperación literaria do galego", Vigo, *Faro de Vigo*.

(7-XII-1985), "Troba oxe Federico García Lorca na nosa lingua anterga", *Faro de Vigo*, p. 52.

**Curros Enríquez, Manuel.**
(1985), "A Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 157.

**Da Cal, Elsie Allen.**
(1992), "Biografia de Ernesto Guerra da Cal", in *Lua de Além-Mar, Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Agal, pp. 29-39. (Reproduzida in *Agália* nº 39, V-1995, pp. 354-361).

(1996), "Apresentação", in Dali, Salvador, *Receitas de Gala*, Lisboa, Vega, pp. 7-8.

(I-1999), "Cartas a Carlos Reis e a Maria Manuela Luís Gomes", Arquivo Carlos Reis.

**Da Cal, Enric Ucelay.**
(1989), "Castelao y Cataluña: semejanzas engañosas", in Beramendi, Justo G. / Villares, Ramón, (1989, eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 295-319.

(2003a), "Guerra da Cal, Ernesto (1911-1994)", Barcelona, Biblioteca del Exilio-Universitat de Barcelona.

(2003b), "Ucelay Maortua, Margarita (1916-?)", Barcelona, Biblioteca del Exilio-Universitat de Barcelona.

**Da Cal, Margarita Ucelay.**
(1951), *Los Españoles Pintados por si mismos (1843-1844): Estudio de un Género Costumbrista*, México, El Colegio de México.

(1983), "Amor de Don Perlimplin con Belisa en su Jardín, de Federico García Lorca. Notas para la historia de la obra: textos, ediciones, fragmentos inéditos", in *Essays on Hispanic Literature in honor of Edmund L. King*, Londres, Tamesis Book, pp. 233-239.

(1996), "Introducción", in García Lorca, Federico, *Amor de don Perlimplín con Belisa en su jardín*, Madrid, Cátedra, pp. 9-248.

(1998), "Introducción", in García Lorca, Federico, *Así que pasen cinco años*, Madrid, Cátedra, pp. 9-184.

**Da Costa, Henrique. (ver também Dacosta, Henrique)**
(1992), *Mar para todo o sempre*, Santiago de Compostela, Laiovento.

(III-1993), "A singular diáspora de Ernesto Guerra da Cal", Ferrol, *Labor Galego*, nº2, 3ª época, pp. 43-45.

(1996), "Contributos para a análise da poesia de Ernesto Guerra da Cal", in *Actas do IV Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, A Corunha, Agal, pp. 241-251.

**Dacosta, Henrique (ver também Da Costa, Henrique).**
(2001), "Enquanto haja vida...", in Quiroga Díaz, Carlos/ Torres Feijó, Elias J./ Cordeiro Rua, Gonçalo, *Do músculo da boca*, Santiago de Compostela, Concello de Santiago-USC, pp. 16-18.

(2007), *Ferroláns na Historia da Literatura Galega*, Ferrol, Nigra.

**Da Silva, Lino Moreira.**
(2007), "Integração linguística e desenvolvimento dos povos: o caso das interacções do galego com o português", in *Colóquios Lusofonia. Diversidades culturais. Línguas, culturas e dialectos minoritários. Actas do Congresso*, Bragança, Câmara Municipal, pp. 625-637.

**Dali, Salvador.**
(1996), *Receitas de Gala*, Lisboa, Vega.

**Daniel, Fran.**
(20-X-1964), "Foundation Asists Romance; Portuguese Study Gets Grant", Nova Iorque, *Phoenix*.

**Dasilva, Xosé Manuel**
(1999), "Uma tradução de Rosalia para português", in Álvarez, Rosario/ Vilavedra, Dolores, *Cinguidos por una arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, Santiago de Compostela, USC, vol. II, pp. 381-401.

(V-2002), "A presença de Eça de Queirós no sistema literário galego", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 885-908.

(IV/VI-2004), "En torno da difusión literaria de Eça de Queirós en Galicia", *A Trabe de Ouro*, Tomo II, Ano XV, pp. 231-247.

(VIII-2008), "As traduções da poesia de Curros Enríquez em Portugal", in Rebelo, Helena (coord.), *IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Resumos*, pp. 180-181.

(2008), *O alleo é noso. Contribucións para a historia da tradución en Galicia*, Noia, Toxosoutos.

**Davis, Catherine.**
(1986), "Galegoportuguês? Portugalego?. Letras Galegas-Rosalía de Castro", Leeds, *Cá e Lá*, A bilingual magazine, Leeds University, Vol. VIII, pp. 14-17.

**Davis, William Myron.**
(1969), *Neo-Trobadourism in Galicia, Portugal and Brazil*, New York University, Ph. D., Ann Arbor, Michigan, University Microfilms, Inc.

(III/VI-1973), "Neo-Troubadourism in the poetry of Galicia", *Atenea*, Ano X, nº 1-2, Porto Rico, Universidade de Porto Rico-Mayagüez, pp. 113-123.

**Décio, João.**
(1997), "O tempo de tragédia n'*Os Maias*, de Eça de Queirós", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 563-571.

(2003), *Quatro Autores de Literatura Portuguesa. Luís de Camões. Eça de Queirós. Fernando Pessoa. Vergílio Ferreira*, FURB, SC, edifurb.

**Delgado Corral, Concepción.**
(2006), "Montezuma de Carvalho e as mellores rosas galegas para Eugénio de Andrade", *Anuario Brigantino*, nº 29, pp. 491-498-

**Delgado Gurriarán, Florencio (F.D.G.).**
(1962), "Galicia como tarea", México, *Vieiros*, nº 2.

(1985), "Resposta a Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 236-237.

(1980 [1989]), "Os galegos no Exército da República e no exilio", in Álvarez, Santiago, (1989), *Las milicias populares gallegas*, Sada-A Corunha, O Castro, pp. 179-187.

**Delille, Karl Heinz.**
(V-2002), "Os inícios da recepção de Eça na Alemanha", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp. 191-200)

**Dias, Eduardo Mayone.**
(VII-XII 1991), "De como Eça foi assassinado em Espanha. As primeiras traduções queirosianas", Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 121-122, pp.131-141.

**Dias, Jorge.**
(1989), "As comemorações do cinquentenário de Fernando Pessoa: notas marginais", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 197-240.

**Díaz, Janet W.**
(III-1973), "Death of José Montesinos", *Hispania*, Vol. LVI, 1, p. 164.

**Díaz Núñez, Celia.**
(1995), "Ernesto Guerra da Cal", in *Voces da Terra. Quiroga e os seus escritores*, Lugo, Concello de Quiroga-Diputación Provincial, pp. 54-82.

(1997), "Quiroga, Paraíso da Memória de Ernesto Guerra da Cal", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 187-211.

**Díaz Pardo, Isaac.**
(1989), "Castelao no exilio en New York", in Beramendi, J. G. / Villares, Ramón, (1989 eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 119-130.

(1992), "El exilio, una nueva presencia de Galicia en América", in Rodríguez Galdo, Maria Xosé (dir.), 1992, pp. 193-199.

(16-III-1999), "Exilados galegos. 60 anos despois" (Ilustração), *La Voz de Galicia* (caderno Culturas), p. 1.

(2006), "O exilio galego", in Núñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar, (2006, eds) *O Exilio Galego de 1936: Política, Sociedade, Itinerarios*, Sada, Ediciós do Castro.

**Díaz-Plaja, Guillermo.**
(1972), *Las estéticas de Valle Inclán*, Madrid. Gredos.

**Diogo, Américo António Lindeza e Silvestre, António Manuel.**
(1993), *Les Tours du Monde de Fradique Mendes: A roda da história e a volta da manivela*, Sintra, Câmara Municipal.

**Diogo, José Ferraz.**
(1997), *Manuel Rodrigues Lapa. Fotobiografia*, Anadia, Câmara Municipal de Anadia-Casa Rodrigues Lapa.

**Dobarro, Xosé María.**
(2002), "Lembranzas dun amigo ilustre e un epistolario americano", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 151-176.

(26-XII-2004), "Outravolta. Honras", *Diário de Ferrol*, p. 21.

**Dolbeth e Costa, Maria Luisa, et alii.**
(12-V-1986), "As delegações ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa", reprod. fac-similar in *Temas de O Ensino*, n 11-13, Pontevedra-Braga, 1987, p. 127.

**Duarte, Isabel Margarida.**
(1990), "Eça de Queirós: vivacidade do oral repescado para a narrativa (estudo de três partículas)", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp.73-80.

(V-2002), "O diálogo em *Os Maias*: Encadeamento dos diferentes modos de relatar discurso", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 535-543.

(VII-2003), *O relato discursivo na ficção narrativa. Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Cieência e a Tecnologia, Ministerío da Ciência e do Ensino Superior.

**Duarte, Luiz Fagundes.**
(25-IX/1-X-1984), "Congresso. Língua galega: a madrugada", Lisboa, *Jornal de Letras*, p. 27.

(1985), "A génese do texto queirosiano: uma vista de olhos sobre a correcção estilística do autor em *A Tragédia da Rua das Flores*", Lisboa, *Boletim de Filologia*, XXX, pp. 134-165.

(28/V/-3/VI-1985), "Guerra da Cal. O Passado Imemorial duma cultura", Lisboa, *Jornal de Letras*, nº 151, p.6.

(V-1986), "Ernesto Guerra da Cal. *Futuro Imemorial*", *Colóquio Letras*, nº91, pp.86-87.

(29-IX/5-X-1986, "A Rosalia de Guerra da Cal: Uma mulher total", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 1, 8 e 9.

(15/21-XII-1986), "A floresta de enganos", Lisboa, *Jornal de Letras*, p.4.

(1989a), *A génese de um romance*, Lisboa, Universidade Nova, Tese de Doutoramento policopiada.

(1989b), "Um novo inventário dos autógrafos d'*A Capital*! De Eça de Queirós", *Nós* 13-18, pp.133-137.

(1990), "À espera d'*Os Maias*: *A Capital!* como bastidores", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp. 81-86.

(XII-1991), "Para a edição crítica d'*A Capital*", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nª1, pp. 77-83).

(1992), "Introdução" d´*A Capital*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda (Edição Crítica das obras de Eça de Queirós), pp. 19-83.

(1993), *A fábrica dos textos. (Ensaios de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz)*, Lisboa, Cosmos.

(III-1993), “Ao encontro d’Eça de Queirós”, Lisboa, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº8, pp. 131-132.

(1994), “Introdução” de *Alves&Cª*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda (Edição Crítica das obras de Eça de Queirós), pp. 15-29.

(1997), “Um autor em busca do seu texto”, in *Obra Completa de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, pp. 639-638.

(2000), “A obra inacabada de Eça: uma síntese”, Coimbra, comunicaçom apresentada ao IV Congresso Internacional de Queirosianos, Livro de resumos das comunicaçons.

(V-2002), “A obra inacabada de Eça: uma síntese”, *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp. 257-269).

**Duarte, Luís Fagundes, e Fialho, Irene.**
(1997), “À pesca do Conde de Abranhos”, *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 263-276.

**Durán, Carlos (ver também Durão, Carlos).**
(XII-1974), “Sobre a situación da lingua”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia), pp. 48-49.

**Durão, Carlos. (ver também Durán, Carlos)**
(I-1986), “A ortografia comum galego-portuguesa. Para um acordo ortográfico galego-luso-brasileiro-africano da língua portuguesa, uma proposta galega”, *Temas de O Ensino*, nº 6-10, pp. 79-88.

(1989), “A Lingua que vai em nós”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 311-313.

(1990), “Recensoes Críticas. Teatro, por João Rodrigues do Padrão”, *Cadernos do Povo*, 5-14, p. 214.

(1991), “A nova poesia reintegrada: Iolanda Aldrei, Ângelo Brea” e “Notícia das emissões galegas da BBC”, Pontevedra-Braga, *Nos*, nº 19-28, pp. 227-232 e 418-422.

(1992), “Guerra da Cal, Poeta de Aquém e Além Minho”, in *Lua de Além Mar-Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Agal, pp. 15-28).

(X-1995), “Impressões de Guerra da Cal em Londres”, *Agália*, nº 41, pp. 61-66.

(1995), “A poesia ‘metafísica’ de Guerra da Cal”, *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 35-42.

(1997), “Tertúlia com Ernesto Guerra da Cal”, *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 23-29.

(20-I-2000). “In Memoriam do Jenaro Marinhas”, *A Nosa Terra*, nº 918, p. 23.

(2002), “Nota sobre a ortofonia de Guerra da Cal”, Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 59-65, pp. 47-48.

(X-2008), “Síntese do Reintegracionismo contemporâneo”, *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº 1, pp. 35-56.

**E. G. (ver Granell, Eugenio)**

**Editores de *Temas de O Ensino*.**
(II-1988), “Nota sobre uma versão fac-similada do Acordo Ortográfico do Rio de Janeiro”, *Temas de O Ensino*, nº 11-13, p. 109.

**Elia, Sílvio.**
(VI-1955), *"Lengua y estilo de Eça de Queiroz"*, Rio de Janeiro, *Revista de Filologia Brasileira*, Vol. I, Tomo I, pp. 70-73.

(VI-1955), "*Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa* de Jesús Belo Galvão", Rio de Janeiro, *Revista de Filologia Brasileira*, Vol. I., Tomo I, pp. 66-70.

(1964), "Sílvio e Sílvia. Uma aproximação estilística", in *Crítica e História Literária. Anais do I Congresso Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 141-151.

**Ellison, Fred P.**
(1967), "Portuguese in the first fifty years on the AATSP", *Hispania*, pp. 863-871.

**Encarnação, José D'.**
(1992), "Apresentação", in Santos, Isolina Alves, *Semeei Rosas al Vento, Al-Qabdaq-Boletim Cultural da Freguesia de Alcabideche*, nº 2, pp. 5-6.

**Engle, Constance.**
(25-III-1951), "Profesor Ernesto Da Cal Enjoys Life in America", Nova Iorque, *The Cuny Courier*.

**Englekirk, John E. e Herman, J. Chalmers.**
(III-1955), "Report of the committee on resolutions", *Hispania*, Vol. 38, p.6.

**Escrigas, Guillermo et alii.**
(2002), "García Lorca e Galicia. Ernesto Guerra da Cal y Lorca", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 111-112.

**Espriu, Salvador.**
(1985), "Cançó tópica de les dones gallegues a Rosalia"-"Canção tópica das mulheres galegas a Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 274-275.

**Esteves, José (ver Estévez Rodríguez, Xosé)**.

**Esteves, Juvenal.**
(18-VI-1988), "Galegos em Lisboa: da Madalena ao Torel", *Diário de Notícias*, p. 8.

**Estévez, Ramón.**
(VIII-1994), "Ernesto Guerra Dacal. Un poeta para un futuro", Quiroga, *Don Camilo*, nº 5, pp. 27-29.

**Estévez Rodríguez, Xosé.**
(1989), "Ernesto Guerra da Cal e o Vale de Quiroga", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 23-27.

(1997), "As xerfas dun paradiso na praia da memoria", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 347-366.

(2002a), *A lagoa da memoria*, Trintxerpe, Fato Cultural Galego Daniel Castelao.

(2002b), "Un Edén no sil da memoria", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 47-50.

(2004), "A Galiza de Ernesto Guerra da Cal", in Homenagem a Ernesto Guerra da Cal organizado na cidade de Ferrol, em 22 de Dezembro, pela Câmara Municipal e a Fundação Carlos Casares (8 páginas, texto inédito).

(2007), "Ernesto Guerra da Cal: Jardín patrio en memoria edénica", in Ascunce, José Ángel et alii (Coord.), *Exilio y Universidad (1936-1955)*, San Sebastián, Ed. Saturraran-Hamaika Bide-Universidad de Deusto, pp. 875-889.

**F. A. (ver Albo, Francisco).**

**F. D. G. (ver Delgado Guarriarán, Florencio).**

**F.M.S. (ver Silveira, Francisco Maciel).**

**Faria, Guilherme de.**
(1985), "À alma de Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 233.

**Feal Deibe, Carlos**.
(1971), "Los Seis Poemas Galegos de Lorca y sus fuentes rosalianas", *Romanische Forschungen*, vol. 84, nº4, pp. 555-587.

**Fernández, Carlos.**
(1999), "A xeración Galaxia: entre o romanticismo e a ilustración", in Gondar Portasany, Marcial (Coord.), *O Feito Diferencial Galego. III. Antropoloxía*, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego, pp. 71-80).

**Fernández, Carlos.**
(2002), *El exilio gallego de la guerra civil*, Sada, Ediciós do Castro.

(3-IX-2006), "Lorca en Marineda", *La Voz de Galicia* (A Coruña), p. 7.

**Fernandes, Luiz Esteves.**
(1960), "Comemorações Henriquinas em Nova York. A Sua Excelência o Embaixador de Portugal em Whasington, Senhor Doutor Luiz Esteves Fernandes", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta.

**Fernández, Lois.**
(16-I-1996), "Nombres propios. Homenaje de ANEL a Guerra da Cal", *La Voz de Galicia* (Santiago).

(1-VI-2001), "Por méritos propios. Tesina de licenciatura sobre Guerra da Cal", *La Voz de Galicia* (Santiago).

**Fernández del Riego, Francisco.**
(1951), *Manual de historia de la literatura gallega*, Vigo, Galaxia.

(1957), "Notas sobre la cultura gallega", Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(23-VI-1960), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Santiago, *La Noche***.**

(XII-1960), "Panorama da cultura galega", Nova Iorque, *Memoria Anual* de Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(16-III-1961), "Parlamento de las Letras Gallegas", *El Progreso*.

(7-VI-1963), "Saudade líquida. O novo libro de Guerra da Cal", Santiago, *La Noche*.

(IV-VI-1968), "*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*", Vigo, *Grial*, nº 20, pp. 235-237.

(1971), *Historia da Literatura Galega*, Vigo, Galaxia.

(1980), *Antoloxía da Poesía Galega. Do Posmodernismo aos novos*, Vigo, Galaxia.

(1990a), *Diccionario de Escritores en Lingua Galega*, Sada, Ed. Do Castro.

(1990b), *O Río do Tempo. Unha historia vivida*, Sada, O Castro.

(VII-XII-1995), "Guerra da Cal Poeta e Filólogo Galego-Portugués", Lisboa, *Colóquio-Letras*, nº 137-138, pp. 223-225.

(1-XI-1996), "A cultura galega na diáspora", *La Voz de Galicia*, p. 8.

(7-XII-1999), "As xentes galegas da diáspora", *La Voz de Galicia* (Culturas), p. 5.

(2000), *Un epistolario de Ramón Piñeiro,* Vigo, Galaxia.

(2002), "O brillante escritor na memoria", in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 13-18.

**Fernández López, Luis.**
(VIII-1997), "As artes. Quiroga lembra a Fole no Día das Letras Galegas", Quiroga, *Don Camilo*, nº 14, p.3.

**Fernández Oxea, Xosé Ramón (ver Ben-Cho-Shey)**

**Fernández Rei, Francisco.**
(2003), "O mar e a poesia galega. Singraduras na construcción da patria da lingua", *Revista Galega de Filoloxía*, nº 4, pp. 11-57.

**Fernández Rodríguez, Manuel.**
(2006, ed.), *Poemas pola memoria (1936-2006)*, Santiago de Compostela, Consellería de Cultura e Deporte.

**Fernández Teixeiro, Manuel Maria.**
(16/22-IV-1982), "Quén foi Serafín Ferro", *Vigo, A Nosa Terra* (assinado como M. Hortas Vilanova)

(1985), "A Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 318-319.

(13-III-1986). "Andando a Terra. Guerra da Cal", *Vigo, A Nosa Terra*, p. 19. (Reproduzido neste mesmo semanário em 11-VIII-1994; in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p. 363; in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 207).

**Fernández Velho, Pedro.**
(1990), "Relatório urgente sobre a problemática do galego anos 80", in *II Congresso Internacional Galiza 1987. Actas*, A Corunha, Agal, pp. 95-110.

**Fernández Velho, Rosário/ Sambade, Xesús.**
(2006), *Literatura Galega do Século XX*, Vigo, A Nosa Terra.

**Ferraz, Mª de L.**
(1974), "Queirós (José Maria Eça de)", *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, pp. 1499-1.505.

**Ferreira, António Mega.**
(28-XII-1985), "À Volta da Escrita. A Voz clara de Rosalia", Lisboa, *Expresso*, p.8-R.

**Ferreira, José Ribeiro.**
(1989), "Existe na vida um ritmo", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 516-517.

**Ferreiro, Celso Emílio.**
(VI-1961), "Tradução para espanhol de poemas de Ernesto Guerra da Cal", *Ínsula*, pp. 279-290.

(1962), *Longa noite de pedra*, Vigo, Salnés.

(1985), "Dizemos Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 270-271.

**Ferro, Luís dos Santos.**
(1988), "Música", in *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho, pp.422-432.

(1996), "A propos du *Mandarin*", Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Vol, XXXV, pp.867-874.

(2002), "Depoimento para a entrega do Prémio Guerra da Cal", Arquivo Luís Ferro.

**Fialho, Irene.**
(Outono 2000), "Uma 'Herança' perdida... e um filho pródigo", Lisboa, *Leituras*, nº 7, pp. 37-46.

(2002), "Nota prévia ao manuscrito 'Almanaques' [BN, Lisboa, E1/308]", in Queirós, Eça de, *Almanaques*, Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 19-25.

**Fichter, William L.**
(VII-XII-1956*), "Lengua y estilo de Eça de Queiroz"*, México, *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, Vol. X, Nº 3-4, pp. 445-447.

**Fidalgo, Mariano.**
(30-XI-1995), "Comentarios intempestivos", *La Voz de Galicia* (Ed. Terras de Lemos), p. 38.

(20-XII-1995), "Fobia hacia la cultura", *La Voz de Galicia* (Ed. Terras de Lemos), p. 38.

**Figueiredo, Guilherme.**
(29-XI-1991), "Só o vinho sabe a arte de envelhecer", Rio de Janeiro, *O Globo*, p. 3.

(10-I-1992), "Com mil perdões", Rio de Janeiro, *O Globo*, p. 3.

(1998), *A bala perdida* (Memórias), Rio de Janeiro, Topbooks.

**Figueroa, Adela.**
(I/IV-1987), "A demanda da ortografia na Galiza", *Cadernos do Povo*, nº 1, pp. 15-20 (reproduzido in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 158-161.

(1989), "Uma visão biologico-psicologica de Pessoa, a minha homenagem no centenario do Poeta", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 241-245.

(1989), "A lingua na Galiza. Que politica linguistica e para quê?", *Temas de O Ensino*, nº 14-20, pp. 111-115.

**Figueroa, Adela et alii.**
(I/IV-1987), "Conclusões do Encontro Internacional Socialista da Língua", *Cadernos do Povo*, nº 1, pp. 15-20 (reproduzido in Nós, nº 4-6, pp. 162-163.)

**Figueroa, Antón.**
(1996), *Lecturas alleas*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.

**Filgueira Valverde, Xosé.**
(3-XII-1985), "Lembranza de Federico García Lorca", Vigo, *Faro de Vigo*, p. 40.

**Filipe, Rafael Gomes.**
(1989), "Carlos Lobo de Ávila e os Vencidos da Vida", in AA. VV. *Ciclo de Conferências sobre Os Vencidos da Vida*, Lisboa, Círculo Eça de Queiroz.

**Flor, João Almeida.**
(I/III-1986), "Tradução literária", in *Prelo*, nª 10, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 87-92.

**Flores, Emilio**
(1946), "Nuestra portada" e "Telegrama a Alfonso R. Castelao", in *Memoria anual Unidad Gallega* (Casa Galicia), Nova Iorque, s/n.

**Flores, Ricardo.**
(1984), *Escolma de Cantigas Galegas*, Buenos Aires, Caixa Ourense.

**Fole, Ángel.**
(26-XII-1959), "Crisol. Tiempo de Trovar", Lugo, *El Progreso*, p. 2.

(15/III-19/IV-1961), "Parlamento de las Letras Gallegas", *El Progreso*.

(IX/XII-1963), "Leva saudades o río", Vigo, *Grial*, nº 2, p. 219.

**Fonseca, Gondin da.**
(1970), *Eça de Queiroz. Sua vida e sua obra vistas sob novo aspecto. Uma biografia pioneira*, Borsoi, Rio de Janeiro.

**Fonseca, Paulo M.**
(1969), "Comunicação estética (Fragmentos)", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 19/20, pp. 51-56.

**Fonte, Ramiro.**
(6-VI-1998), "Lorca, sempre en Galicia", *La Voz de Galicia*, p. 34.

**Fontenla, José Luís et alii.**
(III-1987), "Alguns documentos enviados. Relatório sobre o 'Protocolo de Unificação Ortografica da Lingua' do Rio de Janeiro da Delegação da Galiza interveniente no Encontro de Unificação Ortografica da Lingua", *Nós*, nº 4-6, pp. 121-143.

(15-II-1988), "Relatorios enviados ao Governo Galego e Parlamento de Galiza sobre a questão da Língua", reproduzido in *Temas de O Ensino*, nº 11-13, pp. 133-141.

(1988), "Sobre a unificação ortográfica. Novos comentários ao Acordo Ortográfico", *Temas de O Ensino*, nº 11-13, pp. 63-72. (reproduzido in *II Congresso Internacional Galiza 1987. Actas*, A Corunha, Agal, pp. 83-93).

(1989) "A Nossa Homenagem a Guerra da Cal", *Nós*, Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura, nº 13-18, pp. 7-8.

(1990), "Editorial. Um passo à frente da Lusofonia", *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 5-7.

**Fontenla, José Luís/ Santamaria, J. J.**
(XII-1987), "Circular informativa nº 27", reproduzida in *Nós*, nº 7-12, pp. 391-393.

(I-1988), "Circular informativa nº 28", reproduzida in *Nós*, nº 7-12, pp. 393-398.

(9-II-1988), "Circular informativa nº 29", reproduzida in *Nós*, nº 7-12, pp. 398-400.

(5-IV-1988), "Circular informativa nº 30", reproduzida in *Nós*, nº 7-12, pp. 400-403.

**Fontenla Figueroa, Cristina/ Fontenla, J. L.**
(1995), "A Planificação Linguística: A ausência de um Projecto de Ensino Multilingue na Reforma do Ensino do MEC Espanhol", *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 151-167.

**Fontenla Rodrigues, Ana/ Fontenla, José Luís.**
(1995), "O Problema das Línguas Nacionais e da Língua Portuguesa em África Lusófona. Cultura Africana e Identidade Nacional na Comunidade Africana Lusófona dos PALOPS", *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 169-183.

**Fontenla Rodrigues [ou Rodríguez], José Luís.**
(Ver Padrão, João; Fontenla Figueroa, Cristina/ Fontenla, J. L.; Fontenla Rodríguez, Ana/ Fontenla, José Luís)

(I-1986), "Breve história do conflito linguístico na Galiza: a normativa do galego desde a II República até hoje", Braga, *Temas de O Ensino*, nº 6/10, pp. 51-68.

(III-1987), "O Motociclista", *Nós*, nº 4-6, pp. 101-104.

(VII/XII-1987), "Linguagem jurídica e uniformização linguística", *Scientia Iuridica*, Tomo XXXVI, nº 208/210, pp. 8-16.

(II-1988), "Sobre a unificação ortográfica: Novos comentarios ao Acordo Ortografico", Temas de O Ensino, nº 11-13, pp. 63-72.

(1988-1989), "Comentários às bases da Ortografia Unificada de 1988, da Academia das Ciências de Lisboa. Da simplificação à unificação gráfica?" e "Sobre o conceito da lusofonia e a nossa literatura", Pontevedra-Braga, Temas de O Ensino, nº 14-20, pp. 11-18 e 83-90.

(1989a), "A Lingua Galegoportuguesa, Castelão e o novo Acordo Ortográfico" e "Recurso de Reposição interposto contra a Resolução do Conselheiro de Cultura e Desporto", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 293-309 e 546-556.

(1989b), "Castelao e a lingua galego-portuguesa", in Beramendi, Justo G. / Villares, Ramón (1989, eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 13-25.

(1991), "Discurso de abertura do I Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas", Pontevedra-Braga, *Nós*, 19-28, pp. 13-17.

(1993), "Ciência, cultura e política da Lusofonia", *Nós*, nº 29-34, pp. 21-29.

(1995), "Discurso de abertura do Congresso", "As Ideias Linguísticas de Guerra da Cal e o Novo Acordo Ortográfico", "Mesa Redonda sobre 'Comunidade dos Países de Língua Portuguesa', um Projeto", in *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 9-12, , 65-76 3 376-379.

(1995), "Língua da Lusofonia, o Português da Galiza", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 41-50, pp. 25-32.

(2000), "Língua portuguesa e Acordo Ortográfico", in Rodríguez, José Luís (ed), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia-USC, pp. 537-550.

(2001), "Problemas da língua portuguesa", *Cadernos Vianenses*, Tomo 30, pp. 39-54.

(2002), "O Mito de Babel: Contra a desagregação da Língua Portuguesa", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 59-65, pp. 9-28.

**Fontes, Manuel da Costa.**
(V-1976), "*A Relíquia* e o *Lazarillo de Tormes*: uma análise estrutural", *Colóquio/Letras*, nº 31, pp. 30-40.

**Forster, Merlin H.**
(VI-1972), "The Returning Traveler and Portuguese Reality in Eça de Queiroz", Wisconsin, *Luso-Brazilian Review*, vol. IX, nº1.

**Fox Maura, Soledad.**
(V-1993), "Noticia de Anne Marie Morris", in *Boletín Galego de Literatura*, nº 9, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 85-88.

**Fraga, Xesús.**
(10-XI-2005), "O galego entra nos congresos dos lingüistas de Estados Unidos. Unha presenza grazas ao esforzo e vontade dun grupo de persoas", *La Voz de Galicia*, p. 47.

**Fragoso, José Manuel.**
(1960), "Prefácio", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta.

(1997), "O canapé rejeitado", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, p. 41.

**Fraguela do Canto, J. Fernando.**
(1989), "A Informatica e a lingua Galegoportuguesa", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 415-420.

**França, Elisabete.**
(15-VIII-2000), "O nosso 'enviado especial' ao Suez", Lisboa, *Diário de Notícias*.

**França, José Augusto.**
(17-XI-77), "Livros Escolhidos. *Bibliografia Queirociana*", Lisboa, *Diário Popular*.

(3-VIII-1981), "Folhetim Artístico. Iconografia artística [de Eça de Queirós, por Guerra da Cal]", Lisboa, *Diário de Lisboa*, pp. 3 e 5.

(1988), "Apresentação" de *Eça de Queirós et la Culture de son Temps. Actes do Colloque*, Paris, Centre Culturel Porugais, Fondation Calouste Gulbenkian, pp. 9-10.

(1989), "Eça em Angers—'Hotel du Cheval Blanc'", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 121-126.

**França, Maria José Moreira.**
(1997), "A transgressão no conto 'Singularidades de uma rapariga loura', de Eça de Queirós", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 634-639.

**Franchetti, Paulo.**
(1998), "Introdução" de *O Primo Basílio*, São Paulo, Atelié.

**Franco, Márcia Arruda.**
(V-2002), "A estética não realista de Eça de Queirós em *A Relíquia*", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 657-677.

**Franco Barreiro, Navia.**
(1994), *Historias de Edel*, Vigo, Ed. do Cumio (Narrativa).

**Franco Grande, José Luis/ Landeira Yrago, José.**
(VII/IX-1974), "Cronología gallega de Federico García Lorca y datos sincrónicos", Vigo, *Grial*, nº 45, pp. 280-307.

**Franco Grande, Xosé Luís.**
(Ver Franco Grande, José Luís/Landeira Yrago, José)

(26-II-1960), "El poeta de Nueva York", Santiago de Compostela, *La Noche*.

(XII-1965), "Eu sinto que algo falta no que eu son", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), p.34.

(23-VII-1972),"O Eça de *A Relíquia*", Vigo, *Faro de Vigo*.

(1985a), *Os anos escuros, I. A resistencia cultural da xeración* da noite *(1954-1960)*, Vigo, Xerais.

(1985b), "A Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 337.

(10-X-1985), "Ernesto Guerra da Cal, o magnífico", Vigo, *Faro de Vigo*, p. 4.

(8-XI-1985), "García Lorca non sabía unha palabra de galego" e "Nin misterios nin segredos. O galego de García Lorca-Guerra da Cal", Vigo, *Faro de Vigo*, pp. 1 e última (52).

(2-XII-1985), "Sobre os Seis Poemas Galegos. Primeira revelación de Guerra da Cal", Vigo, *Faro del Lunes*, pp. 1 e última (40).

(11-XII-1985), "Tres precisións a Filgueira Valverde e a Antonio Odriozola", Vigo, *Faro de Vigo*, p. 44 (última).

(28-XII-1985), "O 'galego' de García Lorca", Vigo, *Faro de Vigo*, p. 44 (última).

(31-XII-1985), "Ad majorem Rosalia gloriam. Rosalia da man de Guerra da Cal", Vigo, *Faro de Vigo*, p. 50.

(VII/VIII-1986), "Ernesto Guerra da Cal", Ourense, *Follas Secas*, nº 9, pp.3-4.

(11-IX-1986), "Crónica dun día en Estoril. Un García Lorca inédito e inaudito", Vigo, *Faro de Vigo*, Última página (48)

(1989a), "Ernesto Guerra da Cal", Pontevedra-Braga, *Nós* 13-18, pp.35-39.

(1989b), "Ernesto Guerra da Cal" (poema), *Nós* 13-18, pp. 499-500.

(1991), *A Ilusiòn da Esperanza*, Vilaboa, Edicións do Cumio.

(1996), "Ernesto Guerra da Cal, unha guerra de identidade", Compostela, *A Trabe de Ouro*, nº26, pp. 255-265.

(1997), "Ernesto Guerra da Cal na sua Ítaca achada", *Homagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 75-90.

(16-III-1999), "Os dous exilios de Guerra da Cal", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

(28-IX-1999), "Portugal, tan preto e tan lonxe", *La Voz de Galicia*, Culturas, p. 3.

(2002), "A poesia de Ernesto Guerra da Cal posterior a 1962", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 19-24.

(2004), *Os anos escuros*, Vigo, Galaxia.

**Freeland, Alan.**
(1986), "Eça de Queirós: Consular Correspondence from Newcastle", *Portuguese Studies*, vol. II.

(1987), *O leitor e a verdade oculta. Ensaio sobre Os Maias*, Lisboa, IN-CM (Tradução de José Moura Carvalho).

(1994), *Eça de Queirós. Correspondência Consular*, Lisboa, Cosmos.

(1999). "Imagined Endings: National Catastrophe in the Fiction of Eça de Queirós", Londres, *Portuguese Studies*, Vol. XV.

**Freire, Natércia.**
(2/8-VIII-1985), "Ernesto Guerra da Cal. "O português é a minha *Ítaca* perdida e achada", Lisboa, *Tempo*, p.7. (Reproduzido em 1995 in *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 30-34).

(27/IX-3/X-1985), "Rosalia de Castro. A natureza e a liberdade", Lisboa, *Tempo*, p.15.

(1985), "Saudade nossa, comoção galega" e "Ah Rosalia! Ah *mulher*!", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 282-285.

(31/I-6/II-1986), "Ressuscitar Rosalia por Obra e Graça de Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Tempo*, p. 9.

(XII-1987), "Filhas", *Cadernos do Povo*, nº 2-4, p. 105.

(4-VII-1988), "Em Ernesto Guerra da Cal. Deus, Tempo, Norte, Amor e outras bagatelas", Lisboa, *O Dia*, p. 2.

(1989), "*Futuro Imemorial* de um grande poeta. Ernesto Guerra da Cal", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 13-18, pp. 41-48.

**Freitas, João da Costa.**
(15-V-1967), "Carta a Ernesto Guerra da Cal", Espólio EGC.

**Freixanes, Víctor F.**
(27-VIII-1994), "Dende as varandas. Guerra da Cal", *La Voz de Galicia*. (Reproduzido in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 205).

**Freyre, Gilberto.**
(31-VII-1954), "O estilo de Eça de Queiroz", Rio de Janeiro, *O Cruzeiro*, p. 24.

(1960), *O Luso e o Trópico*, Lisboa, Comissão das celebrações do IV Centenário do Infante D. Henrique.

**Friess, Horace L.**
(31-III-1961), "Carta ao Professor da Cal", Espólio EGC.

**Fugarolas, Walter (W.F.).**
(1968), "*Galicia: Exodo y Desarrollo*. Por Alberto Míguez", México, *Vieiros*, nº 4.

**Fuente, Manuel de la.**
(3-XII-1985), "Hoy, a las ocho de la tarde, a las ocho en punto de la tarde", *Faro de Vigo*, p. 18.

**Fuentes, Víctor.**
(VII/IX-2004), "Constantes galegas no desterró intelectual en Norteamérica. Guerra da Cal, González López, Granell, Martínez López e Rubia Barcia", in *Grial*, nº 163, VII/IX-2004, pp. 38-49. (reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp.519-542).

**G. M. M., (ver Moser, Gerald).**

**Gallego Morell, Antonio.**
(15-I-1956), "*Lengua y estilo de Eça de Queiroz*", Madrid, *Ínsula*, Año XI, Nº, 121, p.7.

**García, Alejandro V.**
(13-V-1986), "Granada conmemora a Lorca como escritor universal y símbolo de la libertad". *El País*, p. 37.

**García, Xosé Lois.**
(1977, ed), *Nova Galiza. Boletín Quincenal dos Escritores Galegos Antifascistas* (escolma, limiar e notas), Barcelona, Collectiu de Cultura Popular.

(1985, ed), *Rosalírica, Homenaxe de 27 poetas portugueses a Rosalía*, Sada (A Corunha), Ed. do Castro.

**García Barros, Manuel (Ken Keirades).**
(Outono, 1965), "O poeta Guerra da Cal", *Vieiros*, nº 3.

**García-Bodaño, Salvador.**
(8-XII-1963), Arte y Letras. Libros. "*Rio de Sonho e Tempo*, por Ernesto Guerra da Cal", Vigo, *Faro de Vigo*.

(1985), "A Rosalia" e "A Rosalia de Castro camponesa na eternidade", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 330-334.

**García Gondar, Francisco, et alii.**
(2006), *Bibliografía analítica da lingua galega (2004)*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.

**García Gondar, Francisco/ Castro García, Silvana**.
(2008), *Bibliografía analítica da lingua galega*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.

**García Lorca, Federico.**
(1935), *Seis Poemas Galegos*, Santiago de Compostela, Nós.

(1985), "Velha cantiga", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 197-199.

**García Martín, José Luis.**
"La verdadera historia de Serafín Ferro", in *Gente Conocida*, Gijón, Llibros del Pexe, pp. 77-85.

**García Negro, María Pilar.**
(2002), "A Ernesto Guerra da Cal, *in memoriam*", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 113-115.

**García Negro, Maria do Pilar/ Costa Casas, Xoán.**
(1995), *O Ensino da Língua: Por un cámbio de rumo, A Corunha*, Asociación Sócio-Pedagóxica Galega.

**García Sabell, Domingo**.
(1977), "Limiar", in AA. VV., *Bases pra unificación das normas lingüísticas do galego*, Madrid, Anaya, p. 5.

**Garcia Vessada, Alberto.**
(1989), "A Galiza e Portugal em Ramon Pinheiro", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 331-342.

**Garganico, Jonh F.**
(1966), "'Gaucho Tierra' y 'Don Segundo Sombra': Dos idealizaciones gauchescas", RHM, Vol. XXXII, pp. 198-205.

**Garrido, Carlos.**
(2000), *Manual de Galego Científico*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua.

**George, João Pedro de Avellar.**
(2001), "Campo Literário Português? O caso da extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965", *Revista de História das Ideias*, Vol. 21, pp. 461-499.

**Ghitescu, Micaela.**
(2-I-1989), "Lisabona, Calea Poetilor", *România literara*, p. 22.

(1989), "A Lisboa dos meus amigos", Pontevedra-Braga, *Nós* 13-18, pp. 29-33.

(1997), "Três poemas traduzidos [de Ernesto Guerra da Cal]", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 71-74.

**Gibson, Ian.**
(1987), *Federico García Lorca, (Vol. II: De Nueva York a Fuente Grande (1929-1936)* Grijalbo, Madrid.

**Gil, Ildefonso-Manuel.**
(II-III-1960), *"Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Madrid, *Cuadernos Hispanoamericanos*, Nº 122, pp. 248-251.

**Gil Hernández, Antonio Pedro.**
(3-VI-1979), "Honestidade, autenticidade e lusismo", *El Ideal Gallego*, p.4.

(1987, "Roi Vales de Oliveira"), "Rosalia de Castro, por Ernesto Guerra da Cal", Ponte Vedra-Braga, *O Ensino*, nº 18-22, pp. 372-374.

(1987, "Agil Ulfo"), "*Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*", Ponte Vedra-Braga, *O Ensino*, nº 18-22, pp. 374-376.

(1989), "De 'Luzes e Espinho'", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, p. 501.

(1990), "Prefácio", in Laranjeira, J. L. Pires, *As Figuras de Estilo de Outras Figuras*, Pontevedra-Braga, Cadernos do Povo/Poesia.

(1995), "Mais sobre Língua Literária da 'Galegofonia'", *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 206-213.

(2006a), *Temas de Linguística Política*, Santiago de Compostela, Associação de Amizade Galiza-Portugal.

(2006b), "Bibliografia completa de António Gil Hernández" in *III Seminário de Políticas Linguísticas. Programa e Bibliografia*, Santiago de Compostela, Associação de Amizade Galiza-Portugal.

**Gil Hernandez, António e Rabunhal Corgo, Henrique Manuel.**
(1989), "O Conceito de 'Diglossia' segundo Ch. Ferguson e a sua pertinência para a Comunidade Lusofona da Galiza", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 361-388.

**Gil Hernández, António, et alii.**
(1990) (ed), *II Congresso Internacional Galiza 1987. Actas*, A Corunha, Agal.

(31-VII-1991), "Ao Tribunal Superior de Justiça da Galiza", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 19-28, pp. 478-482.

(XII-1997), "Ao Tribunal Superior de Justiça da Galiza. Queixa-crime de 22 de Dezembro de 1996 contra ofício da Conselharia de Cultura da Junta da Galiza de 16 de Dezembro de 1996", Pontevedra-Braga, *Cadernos do Povo*, nº 39-42, pp. 97-100.

**Girodon, Jean.**
(1966), "Fiches Queiroziennes", BEPI, XXVII.

**Glatt, Estella.**
(X-1965), "Ernesto Guerra da Cal. *Rio de Sonho e Tempo*", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 7, pp. 169-172.

**Gomes, Alvaro.**
(1989), "Pedagogia da ortografia: Missão (im)possível?", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 421-434.

**Gomes, Joel (ver Gômez, Joel. R.)**

**Gomes, José Vieira.**
(1989), "Aparição", "Litania" e "As Ceifeiras", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 467-470.

**Gómez, Joel. (ver Gômez, Joel R.).**
(7-XII-1993), "Guerra da Cal, Lorca y Blanco Amor", *La Voz de Galicia* (ed. Santiago), (reprododuzido in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Colecção "Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria história", Concello de Ferrol, 2002, p. 198).

(13-VIII-1994), "De sol a sol. Muere un poeta", *La Voz de Galicia* (ed. Santiago), (reproduzido in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p. 362; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, 2002, p. 201).

(11-I-1996), "Ocho siglos de Letras Gallegas. El auge de la lírica gallego-portuguesa. Neotrovadores en Galicia, Brasil y Portugal", *La Voz de Galicia*, Cultura, pp. 1-4.

(18-I-1996), "Guerra da Cal y Compostela", *La Voz de Galicia*, Santiago, p. 42.

(2-I-1998), "Xosé Manuel Maceira reclama que se ordene la literatura gallega en el exilio", *La Voz de Galicia*, Santiago, p. 38.

(26-X-1999), "*Lua de Alén Mar*, regreso tras cuatro décadas", A Corunha, *La Voz de Galicia* (Culturas), p.3.

(6-I-2000), "Un reto", *La Voz de Galicia* (ed. Santiago de Compostela).

(16-VIII-2000), "Portugal conmemora el centenario e la muerte de Eça de Queirós", *La Voz de Galicia*, p. 44.

(24-VII-2001), "Publican el poemario póstumo de Guerra da Cal, *Caracol ao Pôr-do-Sol*", *La Voz de Galicia*, p. 28.

(9-II-2002), "Mi calle. Rúa García Lorca", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 2.

(1-III-2002), "Sin intención. Practicar", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 2.

(11-VIII-2003), "El diccionario de literaturas lusófonas incluye cien nuevas entradas gallegas", *La Voz de Galicia*, p. 42.

(31-XII-2004), "Rosalía de Castro y los médicos", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 11.

(29-I-2005), "Un singular Eça de Queirós", *La Voz de Galicia* (Culturas), p. 5.

(16-VIII-2005), "Sin intención. Omisión inesiana", *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 7.

(8-IV-2008), “Portugal apoiará economicamente a reforma da súa ortografía. Os galegos reivindicaron as súas peculiaridades”, *La Voz de Galicia*, p. 48. (assinado como López, Joel).

(9-IV-2008), “A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa defende unha vía galega para a relación con España”, *La Voz de Galicia*, p. 48.

(14-IV-2008), “Entrevista con Carlos Reis. ‘O Acordo Ortográfico lembra os medos pola invasión hai 20 anos das empresas españolas”, *La Voz de Galicia*, p. 31.

**Gômez, Joel R.**
(1991), *A Desforra* , A Corunha, *Cadernos* da Escola Dramática Galega, nº 91.

(V-1995), “Crónica de um encontro em Lisboa”, *Agália*, nº 39, pp. 317-322.

(IX-2000), *Ernesto Guerra da Cal e o âmbito dos estudos queirosianos*, Universidade de Santiago de Compostela, Trabalho de Investigaçom Tutelado, Inédito.

(IV-2001), *A produção queirosiana de Ernesto Guerra da Cal e o Polissistema Literário Português. (Estudo de um duplo processo de canonização)*, Universidade de Santiago de Compostela, Memória de Licenciatura, Inédita (revista e acrescentada, ao igual que o trabalho anterior no volume *Fazer(-se) um nome* [ver 2002c]).

(2001), “Ernesto Guerra da Cal, galego no mundo”, in Quiroga Díaz, Carlos/ Torres Feijó, Elias J./ Cordeiro Rua, Gonçalo, *Do músculo da boca*, Santiago de Compostela, Concello de Santiago-USC, pp. 79-80.

(2002a), “Ernesto Guerra da Cal: Um cientista e literato galego para o século XX”, *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, 2002, pp. 51-58.

(2002b), “Ernesto Guerra da Cal”, O Portal Galego da Língua, Biografias, www.agal-gz.org.

(2002c), *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada, Ed. do Castro.

(I/VI-2003), “Ernesto Guerra da Cal e o Brasil: um reconhecimento mútuo e frutífero”, *Agália*, nª 73-74, pp. 203-205.

(30-I-2003), “Discurso de presentación de *Fazer(-se) um nome*. Texto íntegro”, A Corunha, Universidade da Corunha, Biblioteca Virtual Galega.

(2004), “Um projecto de internacionalidade para a Língua e a Literatura da Galiza: Estratégias para a didáctica de *Caracol ao Pôr-do-Sol*, de Ernesto Guerra da Cal”, *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de la Lengua y la Literatura*, Aurora Marco et alii (ed.), A Corunha, Diputación Provincial, Tomo I, pp. 325-333.

(2003 [2006]), “O estudo de Guerra da Cal sobre *A Relíquia* e a luta por um novo discurso canonizador queirosiano”, *Queirosiana*, nº 13/14, pp. 53-72. (assinado como Joel Rodríguez)

(2006), “Da Cal, Ernesto Guerra”, *Convergência Lusíada*, nº 22, pp. 313-316.

(2007), “Portugal: Um tema central de repertório na Literatura Galega dos últimos séculos”, in *Escrita Contemporânea. I e II Simposio Internacional Letras na Raia*, Vigo, Asociación de Escritores en Lingua Galega, pp. 87-97.

(2007), “Estratégicas de canonização. O ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como modelo para Machado de Assis”, *Agália*, nº 89-90, pp. 101-127.

(VIII-2008), “Ernesto Guerra da Cal na dupla estratégia de um acordo ortográfico para a lusofonia e a restauraçom da língua da Galiza”, in Rebelo, Helena (coord.), *IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Resumos*, p. 67

(2008), " A *Bibliografia Queirociana* de Guerra da Cal como campo de luitas no processo de canonicidade de Eça de Queirós", in Villarino Pardo, Carmen/ Torres Feijó, Elias J./ Rodríguez, José Luís (eds), *Da Galiza a Timor. A Lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Santiago de Compostela, USC, 2008, pp. 369-381.

**Gómez, José.**
(8-4-2007), "Un Día das Letras para Guerra da Cal", *Diario de Ferrol* (Sup. Nordesía), pp. 1-4.

(16-I-2008), "O proxecto pendente de Guerra da Cal", *Diario de Ferrol*, p. 72.

**Gómez, Xoel**
(16-I-1991), "Los observadores gallegos, dispuestos a implicarse más en el proyecto de unificación del portugués", *La Voz de Galicia* (reproduzido fac-similarmente in *Agália*, nº 24, 1991, p.504).

**Gómez Alonso, Juan Carlos.**
(1996), "La estilística en Portugal y en España: Unidad y diferencia", *Diacrítica*, nº 11, pp. 555-568.

**Gómez Yebra, A.**
(1989), "Proposta de leitura para uma cantiga de Pero Meogo", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 62-66.

**Gonçález Blasco, Luís.**
(III-2000), "O galego é umha língua e tem a sua ortografia própria", *Agália*, nº 58, pp. 245-253.

(2002), "Ernesto Guerra da Cal, poeta galego", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 59-74.

**Gonçalves, Henriqueta Maria de Almeida.**
(1995), *A Imagem da França no Portugal Queirosiano pós 1888*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento policopiada).

(XII-2003), "Apresentação de *Fazer(-se) um nome* de Joel R. Gômez", *Revista de Letras* (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Série II, nº 2, pp. 183-187.

**Gonçalves, Henriqueta M.A./Monteiro, Maria A.M.**
(1991*), Introdução à Leitura de Contos de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina.

**González, José Carlos.**
(27-V-1985), "Rosalia de Castro, homenagem a uma torre de menagem", *Diário de Lisboa*, p. 2.

(10-II-1986), "Rosalia de Castro –antologia e estudo de Ernesto Guerra da Cal", *Diário de Lisboa*, p. 24.

(1985), "Lição de Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 341.

(1989), "Dois poemas" e "Poema para o Tempo da Oblata", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, p. 514-515.

**González Cancela, José Luis-**
(16-VI-1979), "Falemos o castelán", *El Ideal Gallego*.

**González Carbalho, José.**
(1985), "Rosalia", "Cementerio de Adina"-"Cemitério de Adina" e "Todavía"-"Ainda", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 202-206.

**González Garcés, Miguel.**
(1976, ed), *Poesía gallega de posguerra* (1939-1975), A Corunha, Ed. do Castro.

**González López, Emilio.**
(XII-1946), "Alfonso el Sabio y las Cantigas a Santa María", Nova Iorque, *Memoria Anual Casa Galicia*, s/n.

(XII-1956), "Galicia en 1956", Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(1956-1960, 1987), Verbetes no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas.

(XII-1958), "Gallegos ilustres en las artes y en las letras fuera de España", Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(XII-1959), "La cultura gallega en 1959", Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(XII-1960), "Las instituciones culturales gallegas: la Academia Gallega, Galaxia y Citania", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), s/n.

(IV-1961), "*Lua de alén mar*", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, XVIII, nº 2, pp. 158-159.

(XII-1963), "La Literatura Gallega en las Universidades Norteamericanas", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia).

(XII-1965), "Veinticinco años de Historia", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), pp. 6-7.

(1989), "O comezo do exilio", in Beramendi, Justo G./ Villares, Ramón, (1989, eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 131-138.

(1973), "La plural actividad literaria gallega en los países de lengua inglesa", *Asomante*, Año X, nº 1-2, Universidad de Puerto Rico, pp.35-50.

(1990), *Memorias de un diputado republicado en la Guerra Civil Española (1936-1939)*, Sada-A Corunha, Ed. do Castro.

**González Martín, Jerónimo Pablo.**
(1972), *Ensayo sobre la poesía gallega contemporánea*, A Coruña, Ediciones del Castro.

**Granell, Eugenio (E. G.).**

(III/IV-1961), "*Lua de Alén-Mar*, de Ernesto Guerra da Cal", Paris, *Cuadernos para la Libertad de la Cultura*, nº 47, pp. 126-127.

**Grossman, Lois.**
(V-1967), "Brazilian and Portuguese Studies", *Hispania*, Vol. L, nº 2, p. 363.

**Grossegesse, Orlando.**
(1993), "Diálogo", in *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª edição), Lisboa, Caminho, pp. 267-269.

(1997a), "Das leituras do Oriente à aventura da escrita. A propósito de *O Mandarim* e *A Relíquia*", in *Eça de Queirós, Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, pp.767-780.

(1997b), "Prefácio" de *Chineses e Japoneses, de Eça de Queirós*, Lisboa, Cotovia.

**Guasco di Celle, Giuseppe.**
(X-1995), "Inmemoriam Guerra da Cal. Quatro nomes italianos nas letras da Galiza", *Agália*, nº 41, pp. 67-70.

**Guillén, Claudio.**
(1994), "Prólogo", in *Cervantes no Romantismo Português*, de Maria Fernanda de Abreu, Lisboa, Estampa.

**Guillén, Jorge.**
(1986),"Nota", in García Lorca, Federico, *Poemas Galegos*, Madrid, El Observatorio.

**Güiraldes, Ricardo.**
(1967), *Don Segundo Sombra*, trad. para inglês de Harriet de Onís, Nova Iorque, Farrer & Rinehart, Inc.

**Hacthoun, Augusto.**
(1975), "La doble figuración de la realidad: Revelaciones textuales en *A relíquia*", Wisconsin, *Luso-Brazilian Review*, Volume 12, nº 1, pp. 100-107.

**Hampejs Zdenek. (ver Hampl, Zdenek).**
(XII-1957), "Lengua y Estilo de Eça de Queiroz", Torino, *Quaderni Ibero-Americani*, vol. III, fasc. 21, pp. 377-379.

(III-1958), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Berlin, *Deutsche Literaturzeitung*, Nº 79, pp. 219-222.

**Hampl, Zdenek. (ver Hampejs, Zdenek).**
(1967), "A Lingüística no VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros", *Ibero-Americana Pragensia*, I, pp. 184-190.

(1968), "Galicijska Literatura, E. G. Da Cal", *Slovnik Spisovalelú Spanelsko, Portugalsko, Literatura Spanelska, portugalska, katalanska, galicijska, baskicka*, Praha, Odeon, p.63.

(1969), "*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*", Praga, *Philologica Pragensia*, Nº 3, pp. 191-192.

**Hatherly, Ana.**
(1985), "Diálogo do poeta com seu eco", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 315.

(1989), "'El Curioso Impertinente' e 'El Celoso Extremeño'", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 73-86.

**Hatzfeld, Helmut.**
(1955), *Biobliografía Crítica de la Nueva Estilística aplicada a las Literaturas Romances*, Madrid, Gredos.

**Head, Brian F.**
(1985), "Factores sociais e linguísticos no ensino do Português em programas bilingues nos Estados Unidos", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 2, pp. 770-782.

**Hempel, Wido.**
(1958), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Frankfurt, *Romanische Forschungen*-70, Band 3/4, Helft, pp. 465-470.

**Henriques, Claudio Cezar.**
(1997), *Literatura: esse objecto do desejo. Quando as visões lingüístico-gramatical e teórico-literária se encontram*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Henríquez, Maria do Carmo, et alii.**
(1985), "Moção Nº 3. De um grupo de congressistas, galegos e portugueses, reunidos para abordagem dos problemas do 'Galego hoje', in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, vol. 1, pp. 68-68..

**Henríquez Salido, Maria do Carmo.**
Ver Sem Autor, IV-1988.

(XI-1984), "O reintegracionismo cultural e linguístico galego-português", in *Colectânea de Estudos em Homenagem a Rodrigues Lapa*, Anadia, Câmara Municipal, pp. 21-35.

(1986), "Discurso pronunciado pola Presidenta da Associaçom Galega da Língua na sessom solene de encerramento do "I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza", in *Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua, pp. 819-820.

(1987), "Problemática da Língua Galego-Portuguesa na Galiza", *O Ensino*, nº 18-22, pp. 231-241.

(VI-1991), "Saudade, Solitude, Soledade, Solidão de Ernesto do Sil", *Agália*, nº 25, p. 143.

(1991), "Análise do Discurso sobre a Língua nos Prefácios e Prólogos de Escritores Galegos", in *Actas do Segundo Congreso de Estudios Galegos*, Vigo, Galaxia, pp. 457-465.

(1992), "Apresentação desta edição", in Da Cal, Ernesto Guerra, *Lua de Além Mar-Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Agal, pp. 11-14.

(III-1992), "Dom Ricardo Carvalho Calero na vida da 'Associaçom Galega da Língua'", *Agália*, nº 29, pp. 25-60.

(II-1993), "Apresentaçom das publicaçons da Agal em Ourense" e "Apresentaçom do livro 'Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo' na cidade de Vigo", *Agália*, nº 31, pp. 414 e 432-435.

(V-1995), "Ernesto Guerra Da Cal através da sua correspondência", *Agália*-39, pp. 297-315.

(III-1996a), "Língua e direitos lingüísticos na Galiza", *Agália*, nº 43, pp. 299-327.

(IX-1996b), "Dous países com língua descontrolada: a Galiza e o País Valenciano, justamente", *Agália*, nº 45, pp. 53-65.

(1996c, ed.), *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1993*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua.

(1997), "Caracterizaçom da língua em Ernesto Guerra da Cal", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 277-299.

(V-1998), "Umha leitura de 'Castelao na luz e na sombra'", *Agália*, nº 51, pp. 275-286.

**Herrera, Fausta.**
(15-V-1970), "Ernesto Guerra da Cal e Eça de Queiroz", Belém do Pará, *Folha do Norte*.

**Herrero Figueroa, Araceli.**
(1989), "Cunqueiro e o teatro. O texto de uma representação", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 183-187.

**Hill, Emma May.**
(1957), *Irony in the novels of Eça de Queiroz*, Wisconsin, University of Wisconsin (Tese de Doutoramento policopiada).

**Hollanda, Aurélio Buarque de.**
(VII/XII-1971), "'Literatura del Siglo', de Ernesto G. da Cal", Rio de Janeiro, *Revista da Academia Brasileira de Letras. Anais*, Vol. 122, pp. 220-221.

**Hortas Vilanova, Manuel, (ver Fernández Teixeiro, Manuel Maria).**

**Houaiss, Antônio.**
(1964), "Nota Prévia" a *Três Poetas em Auto-Leitura. Cassiano Nunes, Dora Vasconcelos, Ernesto da Cal*, Nova Iorque, Brazilian Institute da New York University, pp. 5-7.

**Hourcade, Pierre.**
[1936 (1978)], "Eça de Queiroz et La France", in *Temas de Literatura Portuguesa*, (Tradução portuguesa de Castelo Branco Chaves sob o título "Eça de Queirós e a França"), Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 58-86.

**Iglesia Alvariño, Aquilino.**
(2-II-1960), "Memorias de libros de versos. Tres años de poesía gallega. 1959, alzan el vuelo las ediciones de Galaxia", Santiago de Compostela, *La Noche*, pp. 3 e 7.

(1985), "Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 243.

**Iglesias Viqueira**
(15-XII-1985), "Federico, aclaréate axiña", *Faro de Vigo*, Dominical, p. II.

**J. G. (ver Gómez, Joel).**

**Jato Macías, Manuel.**
(1961), "*Lua de Alén-Mar*, por Guerra da Cal", Oklahoma, Norman, *Books Abroad*, An International Liteerary Quartely, University of Oklahoma, nº 2, pp. 137-138.

**Jiménez, Juan Ramón.**
(1985), "Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 176-181.

(ver também Camprubí, Zenobia/ Jiménez, Juan Ramón).

**Jobin, José Luís.**
(1997), "Quando Muitas Visões Se Encontram", in Henriques, Claudio Cezar, *Literatura: esse objecto do desejo. Quando as visões lingüístico-gramatical e teórico-literária se encontram*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Jorge, Leonardo.**
(7/III-26/IV-1970), ”Ernesto Guerra da Cal”, Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*. (Ver Bibliografia activa, entrevistas).

**Judas, José Luís.**
(4 e 27-VIII-1997), “Proposta de designações para três artérias sitas na localidade e freguesia do Estoril”, Cascais, Câmara Municipal.

**Júlio, Maria Joaquina Nobre.**
(X/XII-1963), “Ernesto Guerra da Cal. Um trovador galaico-português do século XX”, Lisboa, *Perspectivas*, nº 12, pp. 270-274.

**Kelsh, Helen.**
(V-2002), “*O Primo Basílio* no mundo anglo-saxónico”**,** *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 491-502)

**Klein Jr, Walter J.**
(1959), “Lua de Alén-Mar (1939-1958), “NYU Authors”, *The New York Universitary Alumni News*.
(XI-1963), “Rio de Sonho e tempo”, in “NYU Authors”, *The New York Universitary Alumni News*, p.5.

(IV-1964), “The New Appleton-Cuyas Dictionary, English-Spanish, Spanish-English”, “NYU Authors”, *The New York Universitary Alumni News*, p. 4.

**Komorowski, Manfred.**
(1981), “*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*. Apêndice: Bibliografia queirociana sistemática y anotada e iconografia del hombre y la obra. T 1; 2A; 2B”, *Iberoromania*, nº 13, pp. 102-104.

**Kramer-Hellinx, Nechama.**
(1989), “Antonio Rodriguez Gomez: Lagrimas e Poesia”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 95-104.

(1995), “Dedicatória In Memoriam de Guerra da Cal da Versão Hebraica do ‘Romance al Divín Mártir, Judá Creyente de Antonio Enríquez Gómez (1600-1663)” e “Despedida a Ernesto Guerra da Cal”, Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, pp. 261-280 e 423-424.

**Kremer, Dieter/ Lorenzo, Ramón.**
(1982), *Tradición, actualidade e futuro do galego. Actas do Coloquio de Treveris*, Vigo, Xerais.

**Kröll, Heinz.**
(1955-1956*),* “*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*”, *Romanistiches Jahrbuch*, Hamburgo, VII, Band, pp. 381-383.

(1968), “*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*”, *Romanisches Forschungen*, Frankfurt, 80. Band, Heft 4, p.552.

**L.**
(14-VI-1970). "Rueda de vecindad. Diccionario de Literatura Portuguesa-Brasileña-Gallega", *Faro de Vigo*, p. 23.

**L. M. Q. (ver Queirós, Luís Miguel).**

**L. S. F. (ver Soto Fernández, Luis).**

**Lamas, Jorge.**
(15-XII-2004), "Entrevista con Xosé Luís Franco Grande", *La Voz de Galicia* (ed. Vigo), p. 10.

**Lamas, Estela Pinto Ribeiro.**
(1989), "O Fazer-se febril do texto *A Tempestade* de Sophia de Mello Breyner Andresen", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 254-267.

**Lamas Carvajal, Valentín.**
(1985), "À rola da Galiza Rosalia de Castro de Murguia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp.152-153.

**Landeira Yrago, José.**
(Ver Franco Grande, José Luís/Landeira Yrago, José)

(IV/VI-1982), "Con Federico García Lorca por Galicia. Viaxe da letra ao sangue", *Grial*, nº 76, pp. 155-164.

(I/III-1984), "O encontro de Eduardo Blanco Amor con García Lorca", *Grial*, nº 83, pp. 82-92.

(I/III-1985), "Galicia e o momento estelar de 'La Barraca'", *Grial*, nº 87, pp. 76-88.

(IV/VI-1985), "Os manuscritos de cinco poemas de García Lorca", *Grial*, nº 88, pp. 229-242.

(6-VI-1985), "Los Poemas Galegos al margen de Federico García Lorca", *La Voz de Galicia*, Cuaderno de Cultura, p. 1.

(7-XII-1985), "Folio menos cuarto. Esperando al 'linguaxeiro'", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

(1986), *Viaje al sueño del agua. El misterio de los poemas gallegos de García Lorca*, Sada, Ed. do Castro.

(3-X-1986), "'Sevillanas' en Estoril", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

**Lapa, Manuel Rodrigues.**
(1973), "A recuperação literária do galego", *Colóquio Letras*, nº 13, pp. 5-14 (reproduzido in *Grial*, nº 41, pp. 278-287).

(VIII/IX-1974), "Duas atitudes face ao problema do galego", Coimbra, *Vértice*, nº 367-368, pp. 580-583.

(1975), "A Galiza, o galego e Portugal", Coimbra, *Biblos*, vol. II, pp. 45-64.

(7-XI-1975), "A importância da Galiza no presente e futuro da Espanha posta em relevo pelo Prof. Rodrigues Lapa", *O Primeiro de Janeiro*, pp. 1 e 5.

(1977), "Otero Pedrayo e o problema da língua", *Grial*, nº 55, pp. 32-46.

(1979), *Estudos Galego-Portugueses*, Lisboa, Sá da Costa, Colecção Noroeste, número 1.

(1979), “A Colecção Noroeste”, texto lido em 1 de Junho de 1979 na Livraria Sá da Costa de Lisboa, com ensejo do lançamento do primeiro volume dessa colecção. Conservado em Anadia, Casa Rodrigues Lapa.

(1981), “Algo novo sobre o problema do galego”, texto da palestra proferida em Santiago de Compostela com ensejo do lançamento do número 2 da Colecção Noroeste. Cópia enviada a Da Cal, junto com carta de 5-IX-1981. Conservada no Espólio EGC.

(1982), “Princípios básicos para a criação de uma língua literária comum”, in Kremer, Dieter e Lorenzo, Ramón, *Tradición, actualidade e futuro do galego. Actas do Coloquio de Treveris*, Vigo, Xerais, 1982, pp. 235-236.

(X-1983), “A Reintegração Linguística Galego-Portuguesa. Um drama que nos afecta a nós todos”, Porto, *Nova Renascença*. (Reproduzido em I-1986 in Braga, *Temas de O Ensino*, nº 6/10, pp. 23-33).

(1984), *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora (11ª ediçom).

(2001), *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*, Vigo, Galaxia.

**Laranjeira, José Luís Pires.**
(1989), “A Narrativa de Leonel Cosme: Um testemunho sobre a colonização”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 269-275.

(1989), “A Ernesto Guerra da Cal/ Oferenda”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, p. 518.

(1990), *As figuras de estilo e outras figuras*, Pontevedra-Braga, Cadernos do Povo/Poesia.

**Leal, Cesar.**
(X/XII-2002), “Fundamento da investigação literária: um marco na história das teorias críticas do século XX”, Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 151, pp. 33-44.

(28-I-2003), “Tempo Brasileiro”, *Diário de Pernambuco*.

**Leal, Maria Luísa.**
(V-2002), “Carlos Fradique Mendes: De Eça aos romances do século XX”, *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 779-788.

**Leão, Francisco da Cunha.**
(1960, 1973, 1992), *O enigma português*, Lisboa, Guimarães.

(s/d), “Prefácio”, in Otero Pedrayo, Ramón, *Ensaio sobre a cultura galega*, Lisboa, Guimarães.

**Leão, Francisco da Cunha/ Mourão Ferreira, David.**
(s/d), *Antologia de Cecília Meireles*, Lisboa, Guimarães.

**Leão, Francisco da Cunha/ O’Neill, Alexandre.**
(s/d), *Antologia de Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Guimarães.

**Leavit, Sturgis E.**
(XII-1967), “The AATSP: A History”, *Hispania*, Vol. 50, nº 4, pp. 806-822.

**Ledo Andión, Margarita.**
(22-V-1986), “Tamén nos deixou Fole”, *A Nosa Terra*, pp. 10-11.

**Ledo Cabido, Bieito.**
(2002, ed. e dir.), "Guerra da Cal" e "Pérez Guerra, Ernesto", *Enciclopedia Galega Universal*, Tomo X, p. 120.

**Leitão, Maria Ilda/ Santana, Francisco.**
(s/d), "Introdução" de *A Ilustre Casa de Ramires*, Lisboa, Ulisseia.

**Leitão, Ruben Andresen.**
(1-VIII-1968), "*Línguagem e Estilo de Eça de Queiroz*", Lisboa, *Diário Popular*.

**Leme, Carlos Câmara.**
(3-III-2000), "O ano d'Eça", *Público*, p.27.

(16-VIII-2000a), "Entrevista com Maria Filomena Mónica, autora de uma biografia de Eça de Queirós. 'Ele amava Portugal à sua maneira'", *Público*.

(16-VIII-2000b), "Portugal ao reencontro de Eça", *Público*.

(25-III-2001), "Ana Nascimento Piedade ganha Prémio Guerra da Cal", *Público*.

(18-VIII-2001), "Comemorações da Morte de Eça chegam ao fim com espectáculo confrangedor", *Público*.

**Lemos, Lorenzo.**
(24-XII-2002), "Terra adentro. Presentación en Quiroga de libro sobre Guerra da Cal", *La Voz de Galicia* (ed. Terras de Lemos), p. 15.

**Lencastre, Hernâni de.**
(1985), "Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 259.

**Lepecki, Maria Lucia.**
(1974), *Eça na Ambiguidade*, Jornal do Fundão.

**Letria, José Jorge.**
(IX-1991), "Castelao", *Agália*, nº 27, p. 382.

(12-IV-2000), "Proposta à Câmara Municipal de Cascais para dedicar uma rua a Ernesto Guerra da Cal na Freguesia do Estoril", Cascais, Câmara Municipal.

(28-IV-2002), "Carta a Carlos Reis", Lisboa, Arquivo Elsie Allen da Cal.

**Lima, Isabel Pires de.**
(1987), *As máscaras do desengano. Para uma abordagem sociológica de "Os Maias", de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho.

(1988), "I Encontro Internacional de Queirosianos. Eça e *Os Maias* cem anos depois", *Revista da Faculdade de Letras* (Universidade do Porto), Vol. V., pp. 567-569.

(1990), "Alocução de abertura", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp. 9-12.

(1994), "Entre Primos: D''O Primo João Brito' a 'O Primo Basílio'", Porto, *Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. XI, pp.229-245. (Reproduzido in Santos, Gilda, et alii, *Cleonice clara em sua geração*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1995, pp. 271-289)

(1997), "Exotismo e olhar em *Alves&C*ª", Coimbra, *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 241-251.

(16-VIII-2000a), "Eça hoje", Porto, *Jornal de Notícias*.

(16-VIII-2000b), "Nomadismos queirosianos", Lisboa, *Público*.

(2001), (Prefácio e coordenação) *Retratos de Eça de Queiroz, 40 olhares de escritores e artistas sobre a prosa de Eça de Queirós, "um dom e dos dos deuses como a beleza"*, Porto, Campo das Letras-Fundação Eça de Queiroz.

**Lima, José Alfredo G. da Costa**.
(12-II-1960), Carta a Ernesto Guerra da Cal, Lisboa, Espólio EGC.

**Lima Filho, Luís da Costa.**
(VII-1961), "*Lua de Alén-Mar*, de Guerra da Cal", Madrid, *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 39, pp. 163-168.

**Lisboa, Eugénio.**

(1990), (dir.) *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses. Volume II*, Lisboa, Europa-América.

(VII/XII-1992), "Rugas nas plantas dos pés. Nos oitenta anos de Albano Nogueira e de Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Colóquio/Letras*, pp. 249-253. (Reproduzido in *Agália*, nº39, V-1995, pp. 323-327).

(1997), "Eça de Queirós no mundo da língua inglesa", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 235-240.

**Listopad, Jorge.**
(18-VI-1985), "Secos e molhados", Lisboa, *Diário de Notícias*, DN Jovem, p. 48.

**Llorente, Teodor.**
(1985), "A la bona memoria de la poetia Rosalia de Castro"-"À boa memória da poetisa Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 142-149.

**Lombardero, Xavier**
(16-V-1997), "Sargadelos estrea sala. Exposición sobre Lorca", *La Voz de Galicia*, Lugo

**Longland, Jean**.
(2-VIII-1969), "Relatório para The Hispanic Society of America sobre diálogo telefónico com Da Cal", Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

(5-III-1970), "Relatório para The Hispanic Society of America sobre diálogo telefónico com Da Cal", Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

(4-V-1975), "Relatório para The Hispanic Society of America sobre diálogo telefónico com Da Cal", Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

(17-X-1975), "Relatório para The Hispanic Society of America sobre diálogo telefónico com Da Cal", Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

(9-XI-1975), "Relatório para The Hispanic Society of America sobre diálogo telefónico com Da Cal", Nova Iorque, HSA, Expediente Da Cal.

**Longo Formoso, Miguel.**
(1999a), "Tralas pegadas de Serafín Ferro", in Axeitos, X. L. / Portela Yáñez, Charo, 1999 (eds), pp. 321-438.

(1999b), *Serafín Ferro. Obra atopada*, A Coruña, Ed. autor.

**Loos, Dorothy.**
(1957), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Syracuse, New York, *Symposium*, University of Syracuse, Vol XI, Nº1, pp. 156-158.

**Lopes, A. R.**
(III-1941), "The importance of the study of Portuguese in The United States", *Hispania*, 69-70.

**Lopes, Fernando Alexandre de Matos Pereira.**
(X-1997), "A propósito das teses sobre *A Cidade e as Serras*-: Será esta obra de Eça um 'Romance de Tese'?", Viseu, *Millenium*, nº 8, pp. 74-90.

**López, Joel (ver Gómez, Joel).**

**López-Casanova, Arcádio.**
(ver Carta a Da Cal).
(9-XI-1963), "Notas: *Rio de Sonho e Tempo*, de Ernesto Guerra da Cal", Santiago de Compostela, *La Noche*.

(1985), "Palavras na tarde para Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 353-354.

**López Fernández, Teresa.**
(1997), *O neotrobadorismo*, Vigo, A Nosa Terra.

(2002), "En ilustre compaña: Os trobadores galego-portugueses na poesía de Ernesto Guerra da Cal", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 117-128.

**López Fernandez, Xaime.**
(III-1993), "Editorial", *Labor Galego*, nº 2, 3ª época, p. 3.

**López-Iglésias Samartim, Roberto.**
(XII-2004), "Construir o (Re)conhecimento", *Agália*, nº 79-80, pp. 271-273.

**López Zebral, Manuel.**
(25-XI-2001), "Ernesto Guerra da Cal", *Diario de Ferrol*, p. 16.

**Lorenzana, Salvador (ver Fernández del Riego, Francisco).**

**Lorenzo Fontenla, Esther.**
(1995), "Os Poemas Ingleses de Guerra da Cal, D. C. Warnest, Pseudonímia ou Heteronímia?", *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 43-64.

**Lorenzo Vázquez, Ramón.**
(12/15-II-1960), "Consideraciones a *Lua de Alén-Mar*. La poesía gallega en el siglo XX", Santiago de Compostela, *La Noche*. (reproduzido fac-similarmente em parte in *Agália*, nº 24, p.490).

(IV-1961), "Parlamento de las Letras Gallegas", *El Progreso*.

(1962), "Problemas da lingua", *Vieiros*, nº 2.

**Losada, Basilio.**
(1972), Poetas gallegos contemporáneos, Barcelona, Seix Barral.

**Losada Soler, Elena.**
(VII-1992), "Eça de Queirós através de Valle-Inclán: el problema de las traducciones", *Queirosiana*, nº2, pp. 61-65.

(XII-94/VII-95), "Os anos dourados de E. de Queirós em Espanha", *Queirosiana*, nº 7/8, pp. 73-84.

(1996), "La fortuna literaria de Eça de Queiroz en España", *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), pp. 89-96.

(1997), "Seda, popelín y merino. La importancia del vestido en la novela realista", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 213-233.

(1999), "Introdução" de *A Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.15-69.

(2000), "As colaborações queirosianas na *Revista Moderna*: notas de um fim de século", Coimbra, comunicaçom apresentada ao IV Congresso Internacional de Queirosianos.

(IV-VII-2000), "Eça de Queirós em Espanha", *Camões* (revista do Instituto Camões), pp. 220-227.

(V-2002), "As crónicas de Eça de Queirós na *Revista Moderna* (1897-1899). Evolução finissecular de um género jornalístico", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp. 243-256.

([2003] 2006), "Introdução de *Textos de Imprensa V*: da *Revista Moderna*", *Queirosiana*, nº 12-13, pp. 169-178.

**Loureiro, Ana Paula de Oliveira.**

(1997), *Os "tempos simples do indicativo" nos discursos directo e indirecto livre n'*O Primo Bazílio *de Eça de Eça de Queirós*, Coimbra, Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa, policopiada).

**Loureiro, Consuelo.**
(1974), *Eça de Queiroz and the modern portuguese short story*, Nova Iorque, CUNY (Tese de Doutoramento, policopiada).

**Loureiro, R[amón]**.
(1-II-2002), "A Crónica. A Academia achégase a Ferrol", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 7.

(1-V-2002), "As cartas de Barcia a Guerra da Cal confirman a súa paixón por Galicia", *La Voz de Galicia* (ed. Ferrol), p. 15.

(7-XII-2002), "Tribuna. Unha illa ferrolá en Oxford", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

(23-II-2003), "El recuerdo de Guerra da Cal", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(23-IV-2003), "Biblos, el club de los lectores", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(7-XII-2004), "Ferrol reivindica el legado intelectual de Guerra da Cal", *La Voz de Galicia* (ed. Ferrol), p. 2.

(23-XII-2004), "Filólogos, historiadores y lingüistas reivindican el legado de Guerra da Cal", *La Voz de Galicia*, p. 75.

**Lourenzo, Ramón. (ver Lorenzo Vázquez, Ramón).**

**Lugris, Ramón.**
(1963), Vicente Risco na Cultura Galega, Vigo, Galaxia.

(1987), Verbetes no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas.

**Luzes, Pedro.**
(2001), *Sob o manto diáfano do Realismo. Psicanálise de Eça de Queirós*, Lisboa, Fim de Século.

**Lyra, Heitor.**
(1972), "Ernesto Guerra Da Cal", *Efemérides Luso-Brasileiras*, Lisboa, Sociedade Gráfica do Restelo, pp. 306-307.

**M. A.**
(10-I-1992), "La Universidad de Vigo no discriminará opciones ortográficas distintas a la del gallego oficial", *Diario 16 de Galicia*, p. 10 (reprod. fac-similar in *Agália*, nº 30, Verão 1992, p. 297).

**M. B.**
(11/17-V-2006), "Xosé Ramón Freixeiro Mato: 'Manuel María contribuíu á creación dun modelo de lingua literaria'", *A Nosa Terra*, p. 34.

**M. M. (ver Meira, Mauritônio).**

**Macedo, Helder.**
(IX-1977), "Maria Luísa Nunes. *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de 'O Crime do Padre Amaro'*", *Colóquio/Letras*, pp. 85-87.

**Maceira Fernández, Xosé Manuel.**
(1995), *A Literatura Galega no exilio. Consciencia e continuidade cultural*, Vigo, Edicións do Cumio.

**Machado, Álvaro Manuel.**
(1996), (dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença.

(1977), *A Geração de 70. Uma revolução cultural e literária*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.

(1997), "Guerra da Cal, um homem de estilo", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 21-22.

**Machado, Ebelardo Telles.**
(1960), "Portugal e o caminho dos mares", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta, pp. 47-56.

**Madureira, Ana.**
(2000), *Eça no estrangeiro. Os últimos 25 anos. Tradução e crítica*, Lisboa, Instituto Camões. (também na revista *Camões*, da mesma editora, IV-IX-2000, nº 9-10, pp. 274-284).

**Maia, João.**
(VII-1966), "Vida Literária", Lisboa, *Brotéria*, Vol. 85, pp.117-118.

(VII-1967), "*Selections from Contemporary Portuguese Poetry*", *Brotéria*, vol. LXXXV, pp.117-118.

**Magalhães, Aderson ("All Right").**
(30-IV-1959), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, *Correio da Manha*.

**Maiz Vázquez, Bernardo.**
(1983?), "Milicias gallegas", *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón, Silverio Cañada Ed., Tomo 21, p. 46a.

**Maleval, Maria do Amparo Tavares.**
(2003), "Eça de Queirós", in Rector, Mónica & Clarck, Fred, *Portuguese Writers*, USA, Bruccoli Clark Layman, pp. 230-240.

**Maltez, Maria da Conceição.**
(V-2002), "Da modernidade técnico-narrativa em *A Ilustre Casa de Ramires*"**,** *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 703-718.

**Manuel Maria (ver Fernández Teixeiro, Manuel Maria).**

**Marco, Aurora.**
(9-III-1993), "Antoloxia. ¡Ultreia e sus eia!", *La Voz de Galicia*, p. 31.

**March, Kathleen.**
(1984), "Da Cal, Ernesto Guerra", *in Dictionary of the Literature of the Iberian Peninsula, Vol I*, Bleiberg, Germán, Thrie, Maureen e Pérez, Janet (eds.), pp. 784-785 (Reeditado em 1993, pp. 785-786).

**Margarido, Alfredo.**
(1989), "A Couve: Raíz e alimento das nacionalidades portuguesa e galega", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 453-458.

**Marinhas del Valle, Jenaro.**
(1989), "O Nó", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 471-177.

**Mariño Davila, Esperanza.**
(1999), "O espello dunha amizade. De Ramón Suárez Picallo a Eduardo Blanco-Amor: Epistolario (1931-1946)", in Axeitos X. L. / Portela Yáñez, Charo, 1999 (eds.), pp. 439-474.

**Marnoto, Isabel.**
(1993), "José Matias", in *Dicionario de Eça de Queiroz* (2ª ediçom), Lisboa, Caminho, pp. 538-543.

**Marques, Maria Alegria, et alii.**
(1997), *Correspondência de Rodrigues Lapa*, Coimbra, Minerva.

**Martínez, K.**
(2-VI-2008), "Entrevista con Darío Villanueva", *El Correo Gallego*, p. 68.

**Martínez-Barbeito, Carlos.**
(24-III-1945), "García Lorca, poeta gallego. Un viaje a Galicia del cantor de Andalucía", Madrid, *El Español* (reproduzido in Vigo, *Grial*, nº 43, I/III-1974, pp. 90-98.).

**Martínez López, Ramón.**
(1976), "La Literatura gallega en el exilio", in *El exilio español de 1939*, vol. VI, Madrid, Taurus.

(1987), *A Literatura galega no exilio*, Trasalba, Fundación Otero Pedrayo.

**Martínez Ruiz, José (Azorín).**
(Ver Outra Correspondência a Da Cal)

**Martins, Ana Maria Almeida.**
(1997), "Antero admirador de Eça", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 65-71.

**Martins, António Coimbra.**
(s/d), "Queirós, José Maria Eça de", in Serrão, Joel (coord), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Figueirinhas, Vol. V, pp. 208-211, 1965-1971.

(1967), *Ensaios Queirosianos*, Lisboa, Europa-América.

**Martins, Fernando.**
(4-VI-1994), "A lição que vem da Galiza", *Jornal de Notícias*, p. 6.

**Martins, Hélcio.**
(1963), "Como Eça de Queirós elabora seus personagens", Assis, *Actas do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*.

**Martins, Wilson.**
(23-VII-1960), "Uma reedição", São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, p.2.

(27-VII-1963), "1878", São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, p.2.

(19-VI-1965), "Eça ao trabalho", São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, p. 2.

(16-IX-1973), "Fradique, Pessoa", São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, p.2.

(20-IV-1985), "Monumento a Eça de Queiroz", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, caderno B, p.1 e 8.

(1992, 1993, 1995), *História da Inteligência Brasileira*, São Paulo, T. A. Queiroz Editor.

(29-XI-2003), "O grande galego", *O Globo* (Sup. Prosa & Verso), p. 4.

**Mathias, Leonardo.**
(3-VIII-1970), "Ministério dos Negócios Estrangeiros. Informação de Serviço", Espólio EGC.

(XI-1985), "Ernesto Guerra da Cal— Um percurso poético", Lisboa, *Semanário*, nº 102, p. 3.

**Mathias, Marcello Duarte.**

(18-I-1995), "Um homem vivo", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 44 e 45. (Reproduzido in *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 47-52).

(17-VIII-2000), "Vou Vezes Sem Conta Ver o Eça a Neully", Lisboa, *Público.*

**Matos, A. Campos.**
(Ver Bibliografia de Guerra da Cal: Entrevistas).

(29-IV-1977), "Eça de Queiroz escreve sobre o 1º de Maio", Lisboa, *O Jornal*, pp.15-18. (trabalho reproduzido como separata de 18 páginas por O Jornal, em Dezembro de 1979; e na secção "Leitura" de *Jornal de Brasília*, em 4-V-1980, pp. 25 e 26).

(28/IV-11/V-1981), "Valéry Larbaud, queiroziano", Lisboa, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 5, p. 6.

(1987), *Imagens do Portugal queirosiano*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2ª ediçom.

(1988), (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho (2ª ed. 1993; *Suplemento*, 2000).

(1988), "Larbaud, Valery", "O Mandarim", "Queiroz de Castro, D. Maria", "Queiroz, José Maria de Eça de", "*A Relíquia*", in *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho, pp. 373-374, 391-393, 527-532, 534-538 e 552-555.

(1993), "Castelo Branco, Camilo", "*(A) Cidade e as Serras*", "Columbano", ""Eça e os puristas" e "Os Póstumos", in *Dicionário de Eça de Queirós* (2ª edição), Lisboa, Caminho, pp. 181-189, 200-202, 223-224, 348-350 e 737-740.

(1995), "Eça de Queirós, José Maria (1845-1900)", in *Comemorativo 150 Anos do Nascimento*, Junta da Freguesia de Póvoa de Varzim, p.2.

(1998), *Diálogo com Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho.

(1998, org), *Cartas de amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queiroz, cônsul de Portugal em Havana (1873-1874)*, Lisboa, Assírio&Alvim.

(2000), (texto e selecçom de imagens), E*ça de Queirós, marcos históricos e literários*, 1845-1900, Lisboa, Instituto Camões.

(2000), "A efemeridade do discurso crítico. João Gaspar Simões intérprete e biógrafo de Eça de Queirós", Coimbra, comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Queirosianos.

(2001), *Ilustrações e Ilustradores na obra de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte.

(2002), *Sobre Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte.

(2004), *Sete Biografias*, Lisboa, Livros Horizonte.

(III-2006), *Dicionário de citações de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte.

(XI-2007), *Eça de Queiroz. Fotobiografia*, Lisboa, Caminho.

(2008), *Eça de Queirós. Correspondência*, Lisboa, Caminho (2 vol).

**Maurício, José.**
(29-I-1970), "Em Sociedade. Arte & Visitas & Callas", Belo Horizonte, *Diário de Minas*, p. 15.

**McPheeters, D. W.**
(1973), "Nota del editor", in Seris, Homero, *Guía de Nuevos Temas de Literatura Española*, Madrid, Castalia, 1973, pp. 7-8.

**Mead, Robert G.**
(1957), "Third International Luso-Brazilian Colloquium", *Hispania*, p. 489.

(1958), "NYU Junior Year in Spain", "The New York University Junion Year in Spain", e "NYU Conference on Brazil", *Hispania*, pp. 224-225 e 523.

(IV-1958), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Norman, Oklahoma, *Books Abroad*, An International Literary

(1960), "Portuguese at NYU", *Hispania*, pp. 121-122.

**Medina, João.**
(1972a), *Eça de Queirós e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte.

(1972b), Eça de Queirós e o Anarquismo (1892-1894), *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fundação Calouste Gulbenkian.

(1973), Eça de Queiroz e o iberismo (Reflexos da questão ibérica na obra de Eça de Queiroz, de 1867 a 1888", *Sillages*, nº 3, pp. 9 e ss.

(XI-1972), "À margem dum ensaio de Eça de Queirós. Nótulas sobre 'O Francesismo', sua cronologia e fontes", *Colóquio Letras*, nº 10, pp. 34-45.

(IX-1979), "Eça de Queiroz. *Bibliografia Queirociana*", Lisboa, *Colóquio/Letras*, nº 51, pp. 92-94.

(I-1981), "Eça de Queirós. Dicionário de Milagres", *Colóquio/Letras*, nº 59, pp. 76-77.

(VI-1988), " 'A Relíquia' romance de peregrinação e descoberta", *A Cidade* (Portalegre), nº 1 (nova série), pp. 7-13.

(1996), "O 'Riso que Peleja': *As Farpas* de Eça de Queiroz (1871-1872)", Lisboa, *Revista da Faculdade de Letras*, pp. 9-74

(1999), *A Geração de 70, uma geração revolucionária e europeísta*, Cascais, Câmara Municipal, Instituto de Cultura e Estudos Sociais.

(2000), *Reler Eça de Queiroz. Das Farpas aos Maias*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 16-76.

**Meira, Mauritônio (M.M.).**
(21-XI-1958), "Vida Literária. Professor espanhol (doutor em Eça) está no Rio: até a voz é boa", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p.8.

**Meireles, Cecília.**
Ver Leão, Francisco da Cunha/Mourão Ferreira, David.

(1985), "Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 213.

**Mejía Ruiz, Carmen.**
(2004), "El exilio de Castelao en Norteamérica (Textos y documentos), *Madrygal*, nº 7, pp. 79-92.

**Melo, Alírio de.**
(1945), *Eça de Queiroz, o exilado da realidade*, Porto, Tavares Martins.

(24-IV-1971), "Alguns comentos a um artigo do doutor Ernesto Guerra da Cal sobre Eça de Queirós, e algumas memorações do que escreveu o próprio Eça de Queirós", Lisboa, *Novidades*, Suplemento Artes e Letras, pp. 1 e 2.

**Melo, Gladstone Chaves de.**
(VIII-1980), "A Reintegração Galego-Portuguesa", Rio de Janeiro, *Carta Mensal*, nº 305, pp. 33-44.

(VII/XII-1987), "Nota sobre o 'acordo' ortográfico", *Scientia Iuridica*, Tomo XXXVI, nº 208/210, pp. 18-20.

(1993), "Notas sobre a língua e o estilo de Antero de Quental", in *Estudos universitários de Língua e Literatura. Homenagem ao Professor Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

(7 /29-I-1994), "A Língua Poética de Ernesto Guerra da Cal, Modelo de Reintegração", Guimarães, *Notícias de Guimarães*, Página Cultural, pp. 1-4 e 3-4.

(1996), "A língua poética de Ernesto Guerra da Cal, modelo de reintegração", in *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, A Corunha, Agal, pp. 233-240.

**Mello, Cristina de.**
(1989), "As Cinzas" e "Outono", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, p. 465.

**Melo, Pedro Homem de.**
(ver carta a Da Cal)
(1985), "Homenagem a Rosalia" e "Saudação à Galiza", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 220-221.

**Mendes, João.**
(VII-1955), "Dois estudos estrangeiros sobre autores portugueses" (recensão de *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*), Lisboa, *Brotéria*, Vida Literária, Vol. XL, nº 7, pp. 74-77.

**Mendes, Margarida Vieira.**
(1973), *A perspectiva narrativa n'Os Maias, de Eça de Queirós*, Lisboa, Faculdade de Letras (tese de doutoramento policopiada).

**Méndez Ferrín, X.L.**
(1968), "Unidade lingüística galega", in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 13-18.

(1984), *De Pondal a Novoneyra*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia.

(8-VII-1985), "Viale Moutinho", Vigo, *Faro del Lunes*, p.36.

(13-X-1986), "O perfume escusado de Anfistora", Vigo, *Faro del Lunes*, p. 2.

(27-X-1986), "Eça, Valle e nós", Vigo, *Faro del Lunes*, p.2.

(11-V-1987), "Outra vez García Lorca", Vigo, *Faro del Lunes*, p. 2.

**Menton, Seymour.**
(XII-1963), "Luso-Brazilian Book Club", *Hispania*, Vol. 46, p.840.

(IX-1965), "*Junior Year in Lisbon*", *Hispania*, Vol. 48, nº 3, p.606.

**Merelim, Pedro de.**
(1974), *Fernando Pessoa e a Terceira. Figuras do ramo materno do poeta*, Angra do Heroísmo, Col Ínsula, nº 7.

**Miguel, João Dias.**
(5-XII-1991), "Semana da Galiza: Bertrand apresenta livro de Méndez Ferrín. 'Pessoa é miserável, Saramago vulgar'", *Público*, p. 38. (reprod. fac-similar in *Agália*, nº 30, Verão 1992, p. 292).

**Míguez, Alberto**
(1968), "Galiza, País Colonial", México, *Vieiros*, nº 4.

**Mimoso-Ruiz, Duarte.**
(1982), "La confrontation d'Ulysse et de Calypso dan *A Perfeição* d'Eça de Queiroz", Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, *Arquivos do Centro Cultural Português (Homenagem a Léon Bourdon)*, Vol. XVII, pp.159-187.

**Miné, Elza.**
(1970), *As Crónicas de Londres e as Cartas de Inglaterra de Eça de Queirós*, São Paulo, Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

(1986), *Eça de Queirós jornalista*, Lisboa, Livros Horizonte.

(1997), "Eça de Queirós e a *Gazeta de Notícias*: uma esquecida página 2", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 175-183.

**Ministerio de Educación de España.**
(1-IV-1955), "Decreto del Ministerio de Educación Nacional, de 4 de marzo de 1955, por el que se crea en la Universidad de Madrid la Cátedra Rosalía de Castro", *Boletín Oficial del Estado*.

**Mirás Fole, Nacho.**
(7-III-2005), "La cara b. Francisco Rodríguez, secretario xeral da UPG e deputado do BNG no Congreso", *La Voz de Galicia*, p. 80.

**Molina, César Antonio.**
(4-XII-1986), "El intermezzo galaico", *La Voz de Galicia*, "Caderno de Cultura", p.6.

**Mon, Fernando.**
(5-II-1960), El Rincón de los Libros. "*Lua Alén-Mar*", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

**Mónica, Maria Filomena.**
(2001), *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal.

(X-2003), *Eça de Queiroz jornalista*, Cascais, Principia.

(V-2007), *Ensaios sobre Eça de Queirós*, Lisboa, Relógio d'Água.

**Monteagudo Romero, Enrique.**
(1983), "Poesia gallega de posguerra", *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada Ed., pp. 74-75.

(IX/XII-2008), "Entrevista con Víctor Fuentes", *Grial*.

**Monteiro, Adolfo Casais.**
(26-IX-1959), "A retórica da naturalidade", *O Estado de São Paulo* (suplemento literário, p.3).
(20-V-1961), "As hipotéticas Obras Completas de Eça", *O Estado de São Paulo* (suplemento literário, p.3).

**Monteiro, George.**
(1993), "Traduções", in *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª edição), Lisboa, Caminho, pp. 906-908.

**Monteiro, José de Gouveia**
(I-1971), Carta a Ernesto Guerra da Cal, Espólio EGC.

**Monteiro, Manuela.**
(2001, coord.), Dicionário de biografias, Porto, Porto Editora.

**Monteiro, Maria Assunção Morais.**
(VII-1998), "*Viagens* de Garret: um caminho para *Os Maias* de Eça", *Agália*-52, pp.533-444.

(1998), "Correio", *Agália*-54, p. 256.

**Monteiro, Maria Rosa Sil.**
(1989), "O Universo de Pessoa", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 191-196.

**Monteiro, Ofélia Paiva.**
(VII-1985), "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca. *O Mistério da Estrada de Sintra. I.*", Lisboa, *Colóquio Letras*, pp. 15-23.

(VII-VIII-1987), "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca. *O Mistério da Estrada de Sintra (III)*", *Colóquio Letras* nº 98, pp. 38-52.

(1990), "A poética do grotesco e a coesão estrutural de *Os Maias*", in *Leituras d'Os Maias*, Coimbra, Minerva, pp. 15-42.

(XII-1993/VII-1994), "Sobre a excentricidade humorística de Fradique", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nº 5/6, pp. 193-199.

(V-2002), "Variaciones ecianas em torno da santidade", *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp.43-58.

**Montero Santalla, Xosé-Martiño, et alii.**
(IX-1974), "Manifesto para a supervivencia da cultura galega", *Seara Nova*, pp. 30-31. (reproduzido in X-1974, em versão para castelhano, in *Cuadernos para el Diálogo*, pp. 8-11).

**Montero Santalla, Xosé-Martiño.**
(III-1976), "Unificación ortográfica galego-portuguesa", *Grial*, pp. 1-13.

(10-IX-1978), "Esbozo dunha ortografía galego-portuguesa", *La Voz de Galicia*, p. 34.

(1979), Directrices para reintegración lingüística galego-portuguesa, Ferrol (ed. não comercial).

**Montero Santalha, Martinho.**
(1989), "Texto de seis vilancicos de Natal cantados na catedral de Mondonhedo no primeiro quartel do século XIX", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 149-168.

(III-1989), "In Memoriam. Na morte de Rodrigues Lapa", *Agália*, nº 17, pp. 109-111,

(1989), "Rodrigues Lapa-In Memoriam", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp.

(III-1991), "Re-ediçom dos livros do professor e escritor dom Ernesto Guerra da Cal", *Agália*, nº 24, pp. 489-490.

(VI-1991), "Leitorado de galego na subfaculdade de espanhol da Universidade de Oxford ou umha modalidade de fazer turismo", *Agália*, nº 26, pp. 257-259.

(IX-1991), "O desencontro de escritores galegos e portugueses", *Agália*, nº 27, pp. 385-387.

(III-1992), "A cantiga 'Dissérom-m'hoj', ai amiga, que nom' (Bc 838, V 424), de Paai Gómez Charinho (+ ca. 1295) e a sua expressom jogar bem/mal (a alguém)", *Agália*, nº 29, pp. 61-102.

(19-VIII-1994), "Ernesto Guerra da Cal, pioneiro do reintegracionismo", Vigo, *A Nosa Terra*, p. 24. (Reproduzido in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p. 367; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 204).

(1995), "Acta de Nascimento de Guerra da Cal", "A Lusofonia e a Língua Portuguesa da Galiza: Dificuldades do Presente e Tarefas para o Futuro", "Un 'Traço de União' entre a Galiza e Portugal: o Tema da Saudade", Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, pp. 19-22, 137-149 e 232-249.

(V-1998), "Paz-Andrade e a língua portuguesa na Galiza", *Agália*, nº 51, pp.287-296.

(2007), "Um novo projecto: A Academia Galega da Língua Portuguesa", in *Colóquios Lusofonia. Diversidades culturais. Línguas, culturas e dialectos minoritários. Actas do Congresso*, Bragança, Câmara Municipal, pp. 671-672.

(XI-2008), "A Academia Galega da Língua Portuguesa", *Longa Língua*, nº 22, pp. 31-37.

**Monterroso Devesa, Xosé Maria.**
(1992), "Apontamentos para a 4ª ediçom da *História da Literatura Galega Contemporánea*, de Ricardo Carvalho Calero", *Agália*-29, pp.103-114.

**Montesinos, José F.**
(IV-1956), *"Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Nº 2, pp. 144-147.

**Montezuma de Carvalho, Joaquim (ver Carvalho, Joaquim Montezuma de).**

**Moore, Jerry.**
(1999, coord.), *Contemporary Authors*, Gale Group Inc.

**Moreiro, José María.**
(20-XI-1998), "Un estudio inédito de Guerra da Cal cambia la historia de los poemas gallegos de Lorca", Madrid, ABC, Cultura.

**Moreno, Mª Victoria/ Rábade, Xesús.**
(1985), *Literatura Século XX. Iniciación universitaria*, Vigo, Galaxia-SM.

**Morris, Anne Marie**
(1965), *Voz Fuxitiva*, Vigo, Salnés.

(1966), tradução de poemas de Rosalia de Castro para inglês (inéditos, conservados na HSA, na pasta a ela dedicada entre os materiais de Da Cal).

**Moser, Gerald M.**
(1948), "Recent Portuguese Language and Literature Publications", *Hispania*, Vi. 31, pp. 387-397.

(1951), "International Colloquium on Luso-Brazilian Studies" e "*La lengua literaria de Eça de Queiroz*", *Hispania*, pp. 97 e 102.

(1952), "Portuguese Literature in Encyclopedias", *Hispania*, p. 231.

(1953), "Eça's style" e "Travel plans", *Hispania*, pp. 363 e 365.

(1956), *"Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Philadelphia, *Hispanic Review*, The University of Pennsylvania,Vol. XXIV, pp. 173-175.

(1957), "Third International Luso-Brazilian Colloquium", *Hispania*, pp. 489-490.

(1958), “New Dictionary of Literature” e “Followship for Da Cal”, *Hispania*, p. 376, 377.

(III-1959), “Conference on Brazil”, *Hispania*, Vol. 42, p.119.

(XII-1959), “Thesis on Rodrigues Lobo”, *Hispania*, Vol. 42, p. 623.

(1960), “Luso-Brazilian Studies”, “Brazilian Visiting Lectures”, “Da Cal’s Publications” e “New Portuguese Institute”, *Hispania*, pp. 118, 282 e 284.

(1961), “Junior Year in Brasil”, “Prince Henry Celebrations in New York City”, *Hispania*, p. 169 e 345.

(1962), “Luso-Brazilian Symposium”, “Eça de Queiroz and the Parnassians”, *Hispania*, nº 1, p. 149.

(VI-1964), “Contemporary Portuguese Scholarship in North America”, *Luso-Brazilian Review*, Vol I, nº 1; The University of Wiscosin Press, pp. 19-42.

(V-1965), “New Seminar of Portuguese Studies” e “A message to all Teachers of Spanish and Portuguese”, *Hispania*, Vol. 48, nº 2 pp. 377 e 380.

(III, V, IX e XII-1966), “Fortcoming Colloquium on Luso-Brazilian Studies”, “Forthcoming Luso-Brazilian Colloquium”, “Luso-Brazilian Colloquium” e “The Sixth International Colloquium on Luso-Brazilian Studies, Second Part”, *Hispania*, vol. 49, pp. 152, 315, 502-503 e 873-874.

(IX-1967), “Portuguese in high schools”, *Hispania*, Vol. 50, nº 3, p. 583.

(III-1968), “Portuguese in High School”, *Hispania*, Vol. 51, p. 154.

**Mota, Arsénio.**
(1989), “A Língua como instrumento de opressão”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 315-330.

(1989), “A Exploração do Buraco”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 481-484.

**Moura, Helena Cidade.**
(1960), “Um poeta galego”, *Cidade Nova*, Lisboa, Editorial Império. (Trabalho reproduzido em saparata da revista pela Editorial Império, 23 páginas).

(XII-1960), “Apresentação de Ernesto Guerra da Cal”, *Escola Portuguesa*.

(XII-1961), “Três versões do Crime do Padre Amaro. Algumas variantes”, *Ocidente*, Vol. LXI, pp. 271-283.

(1964), “Introdução” de *O Crime do Padre Amaro*, ed. crítica, Porto, Lello&Irmão.

(X-1966), “*A correspondência de Fradique Mendes*”, Lisboa, *Colóquio*, nº 40, pp. 52-55.

(XII-1967), “*Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*”, Lisboa, *Tempo*, jornal universitário, Nº 12, p. 10.

(1969), “Nota Final”, in *A Relíquia* de Eça de Queirós, Lisboa, Livros do Brasil.

(1974), “A prosa de Eça de Queiroz emendada pelos seus contemporâneos”, in *Estética do Romantismo em Portugal*, Lisboa, Grémio Literário, pp. 163-167.

(1988), “Emendas na prosa de Eça de Queiroz”, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, pp.225-232.

(12-XII-1988), “Querer Queiroz verdadeiro”, Lisboa, *Europeu*, p.19.

(1997), “Ernesto e Eça. A procura sem fim”, *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp.31-32.

**Moure García, Leopoldo.**
(7-III-2006), "Certificación de Acordo do Pleno do Exmo. Concello de Ferrol de 23 de Febreiro de 2006", Ferrol, Concelho de Ferrol.

**Moutinho, José Viale.**
(9-VIII-2000), "Um feliz quarto de século!", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(16-VIII-2000), "Valia mais que um Nobel", Porto, *Jornal de Notícias*.

(17-VIII-2000), "Tudo menos uma relíquia!", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(2003), "Guerra da Cal, Ernesto" (e outros verbetes de Literatura Galega), in Rodrigues, Ernesto/ Pires Laranjeira/ Viale Moutinho (2002, 2003, coord.), *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana, Estilística Literária. Actualização.*, Porto, Figueirinhas (3 volumes).

**Munno, Amina di.**
(1997), "*S. Frei Gil*: ecos românticos nas *Últimas Páginas* de Eça de Queirós", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 97-111.

(1997), "Eça de Queirós e a narrativa breve: uma leitura do conto 'No Moinho'", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 52-56.

**N. da R.**
(X-1969), "Nota ao artigo de Euryalo Cannabrava sobre LEEQ", *Colóquio*, Nº 55, p. 64.

**N. P.**
(20-VIII-1959), "Notas avulsas", Bahia, *Estado da Bahia* (reproduzido in 1-IX-1959, Recife, *Jornal do Comércio*.)

**Nadais, Inês.**
(17-VIII-2000), "'Eça está cada vez mais na moda'", Lisboa, *Público*.

**Nave, Alexandre/ Duque, José Félix/ Sena-Lino, Pedro.**
(2005, org. e ed.), *O livro de Natércia*, Vila Nova de Famalicão, Quasi.

**Neira Vilas, Xosé.**
(1960), "Seminario de Cultura Gallega de Bahia", Mar del Plata, *Galicia*.

(8-VI-2003), "Achegamento literario", *El Correo Gallego*, p. 2.

(11-XI-2007), "Lóstregos. Vencello con Portugal", *El Correo Gallego*, p. 2.

**Nequete, Lenine.**
(1970), *Itinerário Poético de Eça de Queiroz*, Porto Alegre, Instituto Cultural Brasileiro-Árabe.

**Neustroeva, Galina.**
(1995), "Inovações sintáticas na obra de Eça de Queirós", Pontevedra-Braga, *Nós*, nº 41-50, pp. 294-298.

**Neves, Francisco Moreira das.**
(1985), "Versos feitos de azul melancolia" e "Rosa de cem folhas", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 228-229.

(8-I-1986), "Ao veio do tempo. Paixão e glória de Rosalia de Castro", Funchal, *Jornal da Madeira*, p. 1.

(I-1986), “A alma galaico-portuguesa de Rosalia”, Porto, *A Ordem*, nº 39, pp. 1-2.

**Nogueira, Albano.**
(I-II-1987), “Rosalia de Castro. *Antologia Poética*”, Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 95, pp.123-125.

**Nogueira Román, Camilo.**
(4-IV-1986), “Interpelação oral ao Governo Galego”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V/VIII-1986, pp. 85-86.

**Northup, Helen.**
(9-VII-1953), “Carta a Alberto Machado da Rosa”, Espólio de Alberto Machado da Rosa.

**Novoneyra, Uxio [Eugenio].**
(17-III-1961), “Una encuesta de *El Progreso*. Parlamento de las Letras Gallegas. Novoneyra”, Lugo, *El Progreso*. (reproduzido fac-similarmente em *Agália*, III-1991, p. 491; e em Amado Silvar, María Xesús [ver supra])

**Nucete-Sardi, José.**
(11-I-1972), “En otros lados del mundo”, Caracas, *El Nacional*, p.4.

(28-III-1972), “El regreso de Eça de Queiroz”, Caracas, *El Nacional*, Suplemento Literário, p.6. (reproduzido, em tradução de Joaquim de Montezuma de Carvalho, em 27-IV in *A Tribuna*, de Lourenço Marques; e 28-IV in *O Comercio da Póvoa de Varzim*)

**Nunes, Cassiano.**
(1947), *O Lusitanismo de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil.

(1962), *Prisioneiro do Arco-Íris*, São Paulo, Massao Ohno.

(1997), Poesia-I, Brasília, Galo Branco.

**Nunes, Manuela.**
(V-2002), “Algumas considerações sobre as traduções alemãs de O Primo Basílio”, *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. II, pp. 647-656.

**Nunes, Maria Luísa.**
(1976), *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O Crime do Padre Amaro*, Porto, Lello&Irmão.

**Núñez Domínguez, Albino.**
(1959), “Grandezas e miserias da nosa terra”, México, *Vieiros*, nº 1.

(1965), “O pondalismo a fala ia liturxia”, México, *Vieiros*, nº 3.

**Núñez Seixas, Xosé Manuel.**
(2006), “Itinerarios do desterro: sobre a especificidade do exilio galego de 1936”, in Núñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar, 2006 (eds.), pp. 11-51). (reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp. 19-71).

**Núñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar.**
(2006, eds.), *O exilio galego de 1936: Política, sociedade, itinerarios*, Sada, Ed. do Castro-Consello da Cultura Galega. (Todos os textos, juntamente com outros trabalhos,

reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital).

(2007, eds), "Serafín Fernández Ferro", "Ernesto Guerra da Cal" e "Ramón Mosteiro", in *Repertório bibliográfico do exilio galego. Unha achega*, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, verbetes 643, 1.000 e 1.365).

**Nuzzi, Carmela Magnata.**
(1979), *Análise comparativa de duas versões de A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz*, Porto, Lello&Irmão.

(1989), *Análise comparativa de duas versões de A Ilustre Casa de Ramires, de Eça de Queiroz*, in *Nós*, nº 13-18, pp. 138-139.

(2000), "Papeis sociais e formas de tratamento em *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirz, in *A Ilustre Casa de Ramires. Cem Anos*, São Paulo, PUC, pp.85-110.

**Obregón, Antonio de.**
(26-I-1935), "Un acontecimiento artístico. 'Peribáñez y el Comendador de Ocaña', de Lope de Vega", Madrid, *Diario de Madrid*, p. 4.

**Odriozola, Antonio.**
(7-XII-1985), "Sobre los Seis Poemas Galegos de García Lorca", Vigo, *Faro de Vigo*, p.52.

**Ohio State Luso-Brazilian Club.**
(V-1972), "Portuguese in the ascendant". *Hispania*, vol. LV, p. 356.

**Oliveira, António Braz de.**
(1997), "São Cristóvão: sonho e sentido da Geração de Setenta", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 83-112.

**Oliveira, Franklin de.**
(19-XI-1978), "Rosa, o Político e o Escritor", São Paulo, *Folha de São Paulo*, 1º Caderno, p. 3.

**Oliveira, José Alberto.**
(1989), "O corpo adormecido" e "A Casa", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 466-467.

**Oliveira, Manuel Alves de.**
(1990), *O grande livro dos portugueses*, Lisboa, Círculo de Leitores.

**Oliveira, Teresa Martins de.**
(1990), "*Eine wie Tausend* –A primeira versão alemã d' *O Primo Basílio*", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp. 183-190.

(2000), *A mulher e o adultério nos romances O Primo Basílio de Eça de Queirós e Effi Briest de Theodor Fontane*, Coimbra, Livraria Minerva.

**Olmedilla, Juan G. (J. G. O.)**
(VI-1934), "El Club Teatral Anfistora dio en el Español una fervorosa interpretación a 'Lilión', de Franz Molnar", Madrid, *Heraldo de Madrid*, p. 5.
(26-I-1935), "Los del Club Anfistora honran a Lope. Una magnífica reconstitución escénica de 'Peribáñez y el Comendador de Ocaña' en el Capitol", Madrid, *Heraldo de Madrid*, p. 4.

**Olmos, Ricardo.**
(1995), "*A Relíquia*, de Eça de Queiroz: una aproximación desde la ficción en arqueología", *Humanitas*, Vol. XLVII, pp.935-951.

**Onís, Federico de.**
(1954), "Introduction", in *Cousin Basil* (trad. de R. Campbell), Nova Iorque, Nonday Press, pp. V-VIII.

(1960), *España en América*, Universidad de Puerto Rico.

(1-V e 22-XI-1937, e 1-IV-1939), "Cartas a Américo Castro", in Albert Robatto, Matilde, (2003) *Federico de Onís: Cartas con el Exilio*, Sada (A Corunha), Ed. do Castro, pp. 97-98, 141-142 e 149.

**Onís, Harriet de**
(1966), "Afterword" in Güiraldes, Ricardo, *Don Segundo Sombra*, Nova Iorque, The New American Library (trad. para inglês por Harriet de Onís), pp. 215-222.

**Ortigão, Ramalho.**
[23-X-1874 (2000)], "Eça de Queirós", Lisboa, *Diário Ilustrado*, in *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional-Edições Inapa, 2000, pp. 88-101.

**Otero, Carlos-Peregrín.**
(III/VI-1973), "Primacía del gallego", Porto Rico, *Atenea*, Ano X, nº 1-2, pp. 177-187.

**Otero Pedrayo, Ramón.**
(Ver Leão, Francisco da Cunha).

(13-V-1957), "El gran libro de un orensano", Ourense, *La Región*.

(1-II-1960), "Poemas de un filólogo. *Lúa de Alén-Mar*, versos de Ernesto Guerra da Cal", Santiago de Compostela, *La Noche*.

(3-III-60), "El Poeta Guerra da Cal", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

(1963), "Limiar", in *Rio de Sonho e Tempo*, Vigo Galaxia, pp. 9-14.

**Outeiro, José Manuel.**
(X-1995), "O *Dicionário Galego* de Isaac Alonso Estravís", *Agália*, nº 41, pp. 121-123.

**Pacheco, Francisco Assis.**
(17/23-V-1985), "Guerra da Cal, portugalego", Lisboa, *O Jornal*, nº 534, p.5.

(1985), "O meu avó não lia versos", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 345.

(17/23-I-1986). "Chegam os nossos vizinhos", Lisboa, *O Jornal*, "Bookcionário", p. 44.

(20-V-1988), "O livro de todo o ano nos dai hoje", Lisboa, O Jornal Ilustrado, pp. 36-37.

(28-V-1988), "Moçambique 1925-1975", Lisboa, O Jornal, *Bookcionário*, p. 39.

**Padín, A.**
(4-VI-1979), "Hoy, mañana, ayer todavía. Las lenguas portuguesa y española. El gallego un idioma silenciado", A Corunha, *Hoja del Lunes*.

**Padrão, João Rodrigues. (Ver Fontenla, José Luís)**
(1989), "Orpheu" e "Homenagem a Rodrigues Lapa", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 519-521 e 519-523 (sic).
(1995), "A Lusofonia Galega é Inteligível?", "Poemas", *Temas de O Ensino*, Pontevedra-Braga, nº 27-38, pp. 133-136, 390, 425-426, 445-442.

**Pagueaux, Daniel-Henri.**
(I/III-2004), "Étude critique. Iberica III", *Revue de Littérature Comparée*, nº 309, pp. 93-112.

**Paiva, Maria Helena de Novais.**
(1961), *Contribuição para uma estilística da ironia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

**Pál, Ferenc.**
(IV-IX-2000), "Um século de Eça na Hungria", revista *Camões*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 258-265.

**Palacios, Isidro Juan.**
(1989), "Ernesto, Num só dos seus momentos", Pontevedra-Braga, *Nós*, 13-18, pp. 19-21.

**Pallas, Beatriz.**
(22-I-1999), "Entrevista. Ian Gibson, hispanista experto en García Lorca. 'Las biografías son la salud de un país'", *La Voz de Galicia*, p. 41.

**Parada, Carmen.**
(4-XII-1986), "La biografía gallega de García Lorca", *La Voz de Galicia*, "Caderno de Cultura", p. 8.

**Paredes Núñez, Juan.**
(I-1985), "José Matias de Eça de Queirós. Tentativa de descrição estrutural", *Colóquio Letras* nº 83, pp. 34-45.

**Pascoaes, Teixeira de.**
(1985), "Dedicatória" de *Marânus* e "A Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 171-173.

**Paz Gago, Chema.**
(14-VII-1998), "Lorca e o teatro galego"**,** *La Voz de Galicia*, Culturas, p. 2.

**Paz-Andrade, Valentín.**
(1959), *Galicia como tarea*, Buenos Aires, Ediciones Galicia.

(1967), *La anunciación de Valle-Inclán*, Buenos Aires, Losada.

(1968), "A evolución tras-continental da lingua galaico-portuguesa", in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 115-132.

(1970), *La marginación de Galicia*, Madrid, Siglo XXI.

(1978), A Galecidade na obra de Guimarães Rosa, Sa, Ed. do Castro, 1978. (reprod. Parcelarmente "A fonte galega de Guimarães Rosa", in *Temas de O Ensino*, nº 6-10, pp. 219-233, I-1986).

**Peixinho, Ana Teresa.**
(1997), "Prosas Bárbaras e a génese do tipo queirosiano", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 125-153.

**Penabade, Bernardo.**
(13-I-2000), "No caminho da concórdia. (Estamos a tempo)", *A Nosa Terra*, nº 917, p. 30.

**Perdew, Richard M.**
(III/VI-1943), "Portuguese courses in the colleges and universities of The United States", *Hispania*, Vol. 26, pp. 100-106 e 243.

**Perdigão, José de Azeredo.**
(XII-1965), "Discurso do Doutor Azeredo Perdigão na cerimónia da Estátua de Calouste Gulbenkian", *Colóquio*, nº 36, pp. 3-7.

(1966), *III Relatório do Presidente*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 224-225.

**Pereira, Carlos Jorge.**
(1987), "Um Portugalego em Acção. Nota de leitura de *Futuro Imemorial*, de Guerra da Cal", Leeds, *Cá e Lá*, A bilingual magazine, University of Leeds, Vol. 9-10, Summer, pp. 27-28.

**Pereira, Lídia.**
(6-IX-2000), "A palavra de Eça de Queirós nas 'outras' artes. Escrita renovada para outros públicos", Coimbra, *Diário As Beiras*.

**Pereira, Maria Eduarda Vassalo.**
(1997), "Condições da ficção literária: A propósito de 'José Matias' e 'A perfeição'", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 361-373.

(1988), "Estilo", in *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho, pp.242-256.

**Pérez Güerra, Fernando.**
(25-VII-1929), "Chove na eira", Ourense, Nós, nº 67, p.130.

(1955), *Inicua Rueda*, Madrid, 1955.

**Pérez Rey, Nancy.**
(2006), "Panorama do exilio galego republicano en Nova York", in Núñez Seixas, Xosé Manuel / Cagiao Vila, Pilar, 2006 (eds), pp. 189-198. (reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp.602-616).

**Pérez Rivas, Francisco.**
(27-IV-1992), "Resolución de apercibimento" (reproduzida in Agália, nº 30, Verão 192, p. 289).

**Pérez Rodríguez, Luís.**
(1998), "E. Blanco-Amor e F. García Lorca", in *Homenaxe a Eduardo Blanco Amor 1998*, A Corunha, Espiral Maior.

(2002), "As poesías galegas de Federico García Lorca", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 81-88.

(2002), "Oito cartas de Ernesto Guerra da Cal a Eduardo Blanco Amor", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 89-110.

**Pociña López, Andrés Xosé.**
(1999), "Ramón Cabanillas e Teixeira de Pascoaes: dúas formas de ve-la saudade", in Álvarez, Rosario/ Vilavedra, Dolores, *Cinguidos por una arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, Santiago de Compostela, USC, vol. II, pp. 1.163-1.178.

**Prieto, Luís.**
(28-V-1998), "Terra Adentro. La casa de cultura de Monforte: Espectáculo sobre Lorca"**,** *La Voz de Galicia*, Terras de Lemos.

**Pessoa, Alfredo de Belmont.**
(X/XI-1958), "Machado de Assis destratado", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.6.

**Petit, Lucette.**
(1987), *Le champ du signe dans le roman queirosien*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.

(1997), "Eça baroque: un itinéraire ou una constante?", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 298-305.

**Piedade, Ana Nascimento.**
(2002), *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras*, Lisboa, Instituto Camões.

(VI-2003), *Fradiquismo e modernidade no último Eça*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

**Piedade, Ana Nascimento/ Vasconcelos, Ana Isabel/ Matos, A . Campos.**
(2004, coord.), *Diálogos com Eça no novo milénio*, Lisboa, Livros Horizonte

**Pimentel, Jorge Vieira.**
(1979), "As metamorfoses do herói e as andanças do trágico em *Os Maias* de Eça", Ponta Delgada, *Arquipélago (Série Ciências Humanas)*, nº 1.

**Pimentel, Luís V. F.**
(1985), "A Rosalia" e "Outra vez Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 190-191.

**Pimpão, Álvaro J. da Costa.**
(1946), *As ideias de Eça*, Coimbra.

**Piñeiro, D.**
(9-VI-2007), "As Letras de Ferrol, máis alá do tempo", *La Voz de Galicia* (Culturas), p. 12.

**Piñeiro, Ramón.**
(1960), "*Lua de Alén Mar*", Madrid, *Insula*, nº 159, p.10.

(XII-1962), "A Língoa Galega Na Nosa Universidade", Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia).

(VII/IX-1964) "Galegos fora de Galicia. Ernesto Guerra da Cal", Vigo, *Grial*, pp. 383-386.

(XII-1964), “Galegos fora de Galicia. I.-Emilio González López. II.-Ernesto Guerra Da Cal”, Nova Iorque, *Memoria Anual* da Unidade Gallega (Casa de Galicia), 3 pp.

(1965), “Galaxia e a Cultura Galega”, México, *Vieiros*, nº 3.

(XII-1970), “Unha nova revolución na nosa lingua”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia), p. 44.

(VII-1972), “Carta de Santiago de Compostela” e recensão de “F. Fernández del Riego. *Historia da Literatura Galega*”, *Colóquio/Letras*, nº 8, pp. 75-77 e 100.

(X/XII-1973), “Carta a don Manuel Rodrigues Lapa”, *Grial*, nº 42, pp. 389-402.

(XII-1974), “A Polémica Actual Encol da Nosa Lingua”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia), p. 22.

(1974), *Olladas no futuro*, Vigo, Galaxia. (reedição em 2007).

**Pires, Maria João.**
(2003), “Um longo abraço *Acrossthe Water*, como dizem os Americanos: Ressonâncias Anglo-Americanas em Eça de Queirós”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, pp. 105-116.

**Pita, Emílio.**
(1985), “Cantigas a Rosalia”, in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 240.

**Polanah, Luís.**
(1989), “Dia de Santa Águeda em Lameida de Sayago”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 459-464.

**Pondal, Eduardo.**
(1985), “Rosalia Castro”, in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 138-139.

**Ponte Far, José A.**
(16-II-1998), “Encuentros con Lorca. Madurez y plenitud”**,** *La Voz de Galicia*, Sup. La Voz de la Escuela, p. 5.

**Pontes, Maria de Lourdes Belchior.**
(1985, Moderadora), “Documentação e Informação sobre a Língua Portuguesa: Intercâmbio. 4ª Mesa-Redonda”, in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 489-528.

**Pontes, Maria de Lourdes Belchior, et alii.**

(1985), “Moção Nº 4. Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa Contemporânea”, in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 69-70.

**Portela, Eduardo (ver Portella, Eduardo).**

**Portela Filho, Artur.**
(1970), “Eça é que é Eça”, *Jornal do Fundão*.

(20-III-1972), “O Grémio Literário”, Lisboa, *A Capital*, p. 4.

**Portela Yáñez, Charo/ Díaz Pardo, Isaac**
(1997,eds) *Valentín Paz-Andrade. Epistolario*, Sada, Ed. do Castro.

**Portella, Eduardo.**
(VIII-1965), "A poesia galega. A palavra (sôbre e de) Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.7.

(VII/XII-1994), "Voto de pesar pelo falecimento do ensaísta e poeta Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Anais da Academia Brasileira de Letras*, Vol. 168, p. 136.

**Portl, Klaus.**
(1983), "*A Relíquia*, eine Bühnenbearbeitung von Lúis Ramos alias *Luís* de Sttau Monteiro und Artur *Ramos* nach dem Roman von Eça de Queiroz", *Iberorromania*, nº 18, pp. 129-138.

**Porto, José André.**
(14-X-1999), "Reintegracionismo hoje", *A Nosa Terra*.

**Porto Ucha, Anjo Serafim.**
(1989), "Bernardino Machado e a 'Institución Libre de Enseñanza'", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 435-442.

**Posada, José.**
(Ver Bibliografia Activa de Guerra da Cal: Entrevistas).

(6-VII-1988), "Reintegracionistas ou parvos", *Diario de Galicia*, p. 2.

(30-X-1999), "Umha língua extensa e útil", *La Voz de Galicia*, p. 16.

**Poullain, Claude.**
(1992), "Un temoignane intéressant sur la 'fraternité' Luso-Galicienne", Lisboa-Paris, Fundação Calouste-Gulbenkian, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Volume XXXI, pp. 405-431.

**Póvoas, Gualter. (Ver Veloso, Francisco)**
(9-VIII-1985), "Preparando o cinquentenário de Federico Garcia Lorca. A homenagem de Guerra da Cal", *Notícias de Guimarães*.

(1985), "Fado galego", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 279.

**Pozo Garza, Luz.**
(1985), "Perguntas a Rosalia" e "Falando a Rosalia", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 304-307.

**Prado, Benjamín.**
(4-XII-1986), "Evocación con Rafael Alberti", *La Voz de Galicia*, "Caderno de Cultura", pp. 4-5.

**Predmore, Michael P.**
(1961), "The function and symbolism of water imaginery in 'Don Segundo Sombra", *Hispania*, nº 3, pp. 435.

**Presidência da Agal (Henríquez Salido, Maria do Carmo).**
(26-IV-1988), "Carta a Federico Mayor Zaragoza, Director Geral da UNESCO", reproduzida in *Agália*, nº15, IX-1988, p. 351.

(7-III-1994), “Carta a Manuel Fraga Iribarne, presidente da Xunta de Galicia”, reproduzida fac-similarmente in *Agália*, nº 38, IX-1994, p. 211.

**Presidente das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal (Fontenla Rodrigues, José Luís).**

(12-12-1985), “Carta à Excelentíssima Srª Presidente da Associação Galega da Língua”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V/VIII-1986, pp. 80-81.

(25-I-1986a), “Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Circular informativa nº 1”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 54-55.

(25-I-1986b), “Circular Informativa nº 2”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I//IV-1986 pp. 55-56.

(27-I-1986), “Circular Informativa nº 3”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 56-57.

(28-I-1986a), “Circular Informativa nº 4”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, p. 57.

(28-I-1986b), “Circular Informativa nº 5”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, p. 57.

(4-II-1986), “Circular Informativa nº 7”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 60-65.

(12-II-1986), “Circular Informativa nº 8”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986- pp. 65-67.

(28-IV-1986a), “Carta ao Excelentíssimo Sr. Presidente do Governo Galego, Dr. Fernández Albor”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V/VIII-1986, pp. 82-83.

(28-IV-1986b), “Carta ao Excelentíssimo Sr. Conselheiro de Cultura, Prof. Alexandrino F. Barreiro”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V/VIII-1986, p. 83.

(28-IV-1986c), “Carta ao Excelentíssimo Sr. Conselheiro de Educação, D. Vítor Vasquez Portomenhe”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V-VIII-1986, p. 84.

(28-IV-1986d), “Carta aos Excelentíssimos Srs. Membros da Mesa de Portavozes do Parlamento Galego”, reproduzida in *Nós*, nº 2/3, V-VIII-1986, pp. 84-85.

(30-IV-1986), “Carta ao Dr. Domingos García Sabell”, reproduzida in Nós, nº 2/3, V/VIII-1986, pp. 81-82.

**Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.**
(21-IV-1988), “Proposta do Professor Ernesto Guerra da Cal para a concessão do grau de Doutor Honoris Causa”, reproduzida fac-similarmente in Gômez (2002), *Fazer(-se) um nome: Eça de Queirós Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada. Ed. Do Castro, pp. 311-313.

**Presidente e Secretário das Irmandades da Fala (José Luís Fontenla e António Gil Hernández)**
(12-XII-1985), “Carta aos Exmos. Srs. Presidente e Académicos de Número da Real Academia Galega”, reproduzida in *Nós*, nº 1, I//V-1986, pp. 77-78.

**Prieto, Domingos.**
(1989), “Sobre ‘Leliadoura’, cantiga medieval de Pero Anes Solaz”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 53-61.

**Queirós, Luís Miguel [L.M.Q.].**
(5-III-1994), " 'Lusistas' contestam 'galego da Xunta'. Galiza: Um David entre Dois Golias", *Público*, suplemento "Leituras", pp. 1-4. (reproduzido fac-similarmente in *Agália*, nº 37, Primavera 1994, pp. 100-103).

(17-IX-1974), "Galegos e portugueses discutem unificação linguística. Em memória de Ernesto da Cal", Lisboa, *Público*, p.24.

**Quian, Alberto.**
(26-III-2003), "Entrevista. Guerra da Cal é o galego máis recoñecido no mundo", *Faro de Vigo*, p. 46.

**Quiroga Díaz, Carlos/ Torres Feijó, Elias J./ Cordeiro Rua, Gonçalo.**
(2001, eds.), *Do músculo da boca*, Santiago de Compostela, Concello de Santiago-USC.

**R. C.**
(15-V-1999), "O filólogo Ernesto Guerra da Cal foi un defensor do lusismo. Ferrol aportou importantes escritores ás letras galegas", *La Voz de Galicia*, Especial, p. 45.

**R. K.**
(1958), "Tro prózy mistra portalské literatury", Praga, *Knizní novinky*, p. 1.

**R. L. (ver Loureiro, Ramón).**

**R. S.**
(3-IV-2004), "Los nuevos nombres de avenidas en la ciudad", *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 4.

**Rabanal, M.**
(9-XII-1959), "Nebulosa. Regreso a lo galaico-portugués", Santiago de Compostela, *La Noche*.

**Rabassa, Gregory.**
(VII-X-1946), "*Columbia Dictionary of Modern European Literature*", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, vol. XII., p.294.

**Rabunhal, Henrique.**
(VI-1996), "Ernesto Guerra da Cal, o Extraterrestre", *Agália*, nº 44, pp. 496-497.

**Ramalho, Américo da Costa.**
(1960), "O Infante e o ambiente cultural dos Descobrimentos", in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, A Luta, pp. 23-39.

(1963), "Carta a Ernesto Guerra da Cal", Espólio EGC.

(1997), "Uma carta inédita de D. Marcelino Menéndez y Pelayo a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 91-95.

**Ramos, Fernando.**
(19-XI-2001), "Escribir como os portugueses, só na desesperación", *El Progreso*, p. 11

(3-XII-2001), "Recuerdos de Cunqueiro y Castroviejo", *El Progreso*, p. 15.

**Raña Lama, Román.**
(2002), "Ernesto Guerra da Cal", Villanueva, Darío (coord.), *Proyecto Galicia*, Tomo XXIII, Literatura, p. 177-178.

**Real, Miguel.**
(27-XII-2000), "Carlos Reis. Eça devolvido a Eça", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 26 e 27.

(2006), *O último Eça*, Lisboa, Quidnovi.

**Rector, Mónica & Clarck Fred.**
(2003), *Portuguese Writers*, USA, Bruccoli Clark Layman.

**Régio, José.**
(10-III-1927), "Literatura viva", *Presença*, nº 1, pp. 1-2.

**Reimunde, Ramón.**
(21-X-1999), "O Fado Galego", *El Progreso*, p. 75.

(22-XI-2001), "Em português desesperado", *El Progreso*, p. 13.

**Reis, Beatriz Cinatti Batalha.**
(1966), *Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis. Cartas e Recordações do seu convívio*, Porto, Lello&Irmão.

**Reis, Carlos.**
(1975, 1981,1984), *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina,

(1978), "Fradique Mendes. Origem e modernidade de um projecto heteronímico", Coimbra, *Cadernos de Literatura*, nº 18, pp. 45-60

(1979), *Introdução à leitura d'Os Maias*, Coimbra, Almedina.

(XI-1980), "Leituras de Flaubert em Eça", Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 58, pp. 66-68.

(V-1981), "Carmela Magnatta Nuzzi. Análise comparativa de duas versões de *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queiroz", Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 61, pp. 83-84.

(1981a), *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Almedina (3ª ediçom).

(1981b), *Fundamentos y Técnicas del Análisis Literario*, Madrid, Gredos (tradução para espanhol de Ángel Marcos de Dios).

(1982), *Construção de leitura*, Coimbra, INIC.

(12-25/IV/1983), "Um produto incaracterístico da estética Queirosiana", Lisboa, *Jornal de Letras.*

(3/9-I-1984), "Cartas de Eça a Luís de Magalhães", *Jornal de Letras*, nº 78, p.4.

(1984a), "Eça de Queirós: A procura do teatro perdido", in *Os Maias. Adaptação teatral do original de Eça de Queirós*, de José Bruno Carreira, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

(1984b), "'Introdução' a *O Crime do Padre Amaro*", Lisboa, Livraria Civilização.

(1984c), "Fradique Mendes: Origem e Modernidade de um projecto heteronímico", *Cadernos de Literatura*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, nº 18, pp. 45-60.

(1985), "Moção nº 3" e "Depoimento", in *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 68-69 e 511-512.

(1985), "Sobre a *Bibliografia Queirociana* de Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 87, pp. 69-71.

(15/21-XII-1986a), "Para uma edição crítica das obras de Eça de Queiroz", Lisboa, *Jornal de Letras*, p.5.

(15/21-XII-1986b), "Entrevista com Carlos Reis: Salvaguardar um património cultural", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 6-7.

(XI/XII-1987), "Estratégia narrativa e representação ideológica n'*A Relíquia"*, *Colóquio Letras*, nº 100, pp. 51-60.

(1988), "Fradique Mendes: da Terceira ao fim-de-século", in *Conhecimento dos Açores através da Literatura*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 15-30.

(1989a)"Associação dos Amigos de Eça de Queiroz", in *Fundação Eça de Queiroz*, Porto, Ambar.

(1989b), *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Lisboa, Universidade Aberta.

(1989c), "Ernesto Guerra da Cal e os estudos queirosianos: sobre a bibliografia Queirociana", Pontevedra-Braga, *Nós* 13-18, pp. 127-131.

(1990a), "Para a edição crítica das obras de Eça de Queirós", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp.227-234.

(1990b), "Preâmbulo", in *Leituras* d'*Os Maias*, Coimbra, Minerva, pp. 7-12.

(1991), "António Sérgio Queirosiano", Coimbra, *Revista de História das Ideias*, Vol XIII, pp321-352

(XII-1991), "*Queirosiana* e a AAEQ (Associação de Amigos de Eça de Queirós)" e "Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: Estado da Questão", Coimbra, *Queirosiana*, nº1, pp.9-11 e 73-76.

(VII-1992a), "Abertura" do Segundo Encontro Internacional de Queirosianos, Coimbra, *Queirosiana*, nº 2, pp. 102-106.

(VI-1992b), "Queirosiana, segundo número", Coimbra, *Querosiana*, nº2, pp. 9-10.

(Dez./Julho de 1993/94), "*Queirosiana* e a AAEQ", Coimbra, *Queirosiana*-5/6, pp. 9-10.

(1994), "Apresentação", in Ribeiro, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*. *Vol. VI. Realismo e Naturalismo*, Lisboa, Verbo, pp. 7-9.

(17-VIII-1994), "Ernesto Guerra da Cal. Evocação e louvor", Lisboa, *Jornal de Letras.* (Reproduzido in revista *Agália*, nº 39, Outono 1994, p365-366; *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 129-132 e 202-203).

(1995a), "Escrita literária e posteridade cultural. Sobre a edição crítica das obras de Eça de Queirós", in *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa, Lidel, pp. 793-802.

(1995b), "CAL, Ernesto Guerra", Lisboa, *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. I, pp. 842-843.

(8-I-1996), "Carta a colaboradores de um volume de homenagem a Ernesto Guerra da Cal organizado pela Universidade de Coimbra", Lisboa, Arquivo Elsie Allen da Cal.

(1996a), "Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Dicionário de Literatura Portuguesa* (Álvaro Manuel Machado, director), Presença.

(1996b), “Eça de Queirós e o Romantismo”, Pernambuco, *Estudos Portugueses*, nº 6, pp. 13-19.

(1996c), “Prefácio”, in *O Segredo de Eça*, de Frank F. Sousa, Lisboa, Cosmos.

(1997a), *Eça de Queirós consul de Portugal à Paris 1888-1900*, Paris, Centre Cultural Calouste Gulbenkian.

(1997b), “Sobre a génese d’*O Crime do Padre Amaro*: Eça e Zola”, *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 167-185.

(1999), *Estudos Queirosianos*, Lisboa, Presença.

(X-1999), “Reflexões acerca da edição crítica das obras de Eça de Queirós”, Lisboa, *Leituras*, nº 5, pp.167-172.

(2000a), “El Realismo”, in *Historia de la Literatura Portuguesa*, Madrid, Cátedra, pp. 425-461.

(2000b), *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional-Edições INAPA.

(2000c), “Texto de saudação aos participantes no IV Congresso Internacional de Queirosianos”, Coimbra

(2000d), *O essencial sobre Eça de Q ueirós*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda..

(15-VIII-2000), ver Silva, Maria Augusta.

(16-VIII-2000a), “Eça, sempre”, Porto, *Jornal de Notícias*.

(16-VIII-2000b), “Padre Amaro”, Lisboa, *Público*.

(16-VIII-2000c), “Quem É o Eça Actual?”, Lisboa, *Público.*

(17-VIII-2000), “Gonçalo Mendes Ramires”, Lisboa, *Público*.

(IV-IX-2000), “Eça renovado: fundamentos e objectivos de uma edição crítica”, Lisboa, Revista *Camõe*s, Instituto Camões, pp. 266-272.

(2001), “Ernesto Guerra da Cal e a poesia no crepúsculo da vida”, in *Caracol ao Pôr-do-Sol*, A Corunha, Associaçom Galega da Língua, pp. 7-9.

(V-2002), “Discurso do Presidente da Comissão Organizadora”, *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina-ILLP, Vol. I, pp. XIX-XXVI.

(2002), “Almanaque: o amigo fiel”, in Queirós, Eça de, *Almanaques*, Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 9-18.

(2003), “Prólogo”, in Eça de Queirós, José Maria, *Cuentos Completos*, Madrid, Siruela, pp. 9-13.

(1-X-2003), “Trabalho de Casa. Fazer um escritor”, *Jornal de Letras* (Lisboa), pp. 22 e 23.

([2003] 2006), “Editorial” e “O regresso de Fradique”, *Queirosiana*, nº 12-13, pp. 7-8 e 179-182.

(2007), “O cânone da literatura queirosiana”, *Veredas*, nº 8, pp. 185-199.

(20/V-2/VI-2009), “Eça e o discurso epistolar”, *Jornal de Letras*, nº 1.008, p. 26.

**Reis, Carlos e Adragão, José Victor.**
(1992), *Didáctica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

**Reis, Carlos/ Cunha, Maria do Rosário.**
(2000), "Introdução" a *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós), pp.15-91.

**Reis, Carlos /Milheiro, Maria do Rosário.**
(1989), *A construção da narrativa queirosiana*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

(13-VI-1989), "O espólio de Eça e a construção da narrativa", *Jornal de Letras*, p.5.

**Reis, Jaime Batalha.**
[1903 (2000)], "Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós", texto de introdução a *Prosas Bárbaras*, in *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional-Edições Inapa, 2000, pp. 102-125.

**Reis, Joaquim.**
(V-1995), "Ernesto Guerra da Cal, galego ilustre", *Agália* nº 39, pp. 337-341.

**Reis, José.**
(4-I-1986), "Editada en portugués una *Antologia Poética* de Rosalía", Madrid, *Ya*, Suplemento Cultura, p. 1.

**Remédios, Maria dos, e Chaves, Fernando Castelho Branco.**
(9-IV-1954), "Ecos Literários. Ernesto Guerra da Cal: *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*", Lisboa, Rádio Universidade (texto manuscrito conservado no Espólio EGC).

**René, Concepción.**
(1978), *The hagiological elements in Eça de Queiroz*, Nova Iorque, CUNY, (Tese de Doutoramento policopiada).

**Requeixo, Armando.**
(2002), "Ernesto Guerra da Cal poeta de postguerra", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 75-80.

**Reys, Luís da Câmara.**
(IV-1956), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Lisboa, *Seara Nova*, Nº 1.317-1.318, pp. 45-46.

**Reys, Luís da Câmara/ Pereira, L.M.**
(1945), (coord.) *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa-Rio de Janeiro, Dois Mundos.

**Rezende, Cely de Ornellas.**
(25-I-1970), "Feira de Livros", Rio de Janeiro, *Diário de Notícias* (4ª Seção, p. 4).

**Ribas, Tomaz.**
(5-IX-1957), "O ambiente intelectual dos Estados Unidos, segundo entrevista com o Professor Machado da Rosa", Lisboa, *Diário de Notícias*, pp. 1 e 8.

**Ribeiro, Maria Aparecida.**
(1994), *História Crítica da Literatura Portuguesa. Realismo e Naturalismo*, Lisboa, Verbo, Vol VI.

**Ribeiro, Maria da Fátima Maia**
(1999), "IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: Relações culturais, identidade, alteridade", Universidade da Bahia, Tese de Doutoramento (inédita).

**Ricón, Amado.**
(1989), "Castelao, propagandista da República e organizador galego", in Beramendi, Justo G. / Villares, Ramón (1989 eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 139-146.

**Risco, Sebastián.**
(1968), "Función da Academia no futuro da lingoa", in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega*, Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, pp. 21-25.

**Risco, Vicente.**
(21-IV-1960), En medio de la semana. Suplemento a Índice de lecturas "*Lua de Alén-Mar*", Ourense, *La Región*.

**Rocha, Ilídio.**
(1998, 2000), (coordenação), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Volumes IV e V, Mem Martins, Europa-América.

**Rocha, Luís Miranda.**
(6-I-1986), "Rosalia. Centenário", Lisboa, *Diário de Lisboa*, p. 3.

(1989), "*NÓS*: Galiza, Portugal, Lusofonia", *Jornal de Coimbra*.

**Roche, Jean.**
(1969), "Introduction à l'étude quantitative du style de Eça de Queiroz dans *O Crime do Padre Amaro*", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. I, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.387-406.

(1973), "Sur deux pages d'Eça de Queirós", Paris, *Bulletin des Etudes Portugaises et Bresiliennes*, tomos XXXIII e XXXIV, pp.281-286.

**Rodrigues, Ernesto.**
(1999, setembro), *Cultura Literária Oitocentista*, Porto, Lello Editores.

**Rodrigues, Ernesto/ Pires Laranjeira/ Viale Moutinho.**
(2002, 2003, coord.), *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana, Estilística Literária. Actualização*, Porto, Figueirinhas, 3 vol..

**Rodrigues, José Honório.**
(VII/XII-1971), "'Literatura del Siglo', de Ernesto G. da Cal", Rio de Janeiro, *Revista da Academia Brasileira de Letras. Anais*, Vol. 122, p. 221.

**Rodrigues, Rodrigo Leal.**
(2000), (ed.), *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Editora.

**Rodrigues Fernandes, José Ramom.**
(1989), "O Mariscal", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 479-480.

**Rodríguez, Francisco.**
(1976), *Conflito Lingüístico e Ideoloxía en Galicia*, Monforte de Lemos, Xistral. (Reeditado como Conflito lingüístico e ideoloxia na Galiza, Santiago de Compostela, Laiovento, 1991 e 1998).

**Rodríguez, Joel (ver Gômez, Joel R.).**

**Rodríguez, José Luís.**
(2000a), "A Galiza, 'raiz anterga da nossa cultura' ou a 'portugaleguidade' de Rodrigues Lapa", in *Filologia, Literatura e Linguística* –Colóquio Internacional. Curia 1997, Maia, Fundação Eng. António de Almeida.

(2000b), "História do volume, cronobiografia, Carvalho Calero e a Universidade, bibliografia activa e passiva", in Rodríguez, José Luís (ed)., *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia-Universidade de Santiago de Compostela, pp.21-70.

**Rodríguez, Xosé Manoel.**
(14-XII-2002), "El cronómetro. 'Guerra da Cal tivo moita relación con Vicente Risco e Blanco Amor", *La Voz de Galicia* (Ourense), p. 2.

(17-V-2005), "Lorenzo Varela: Unha traxectoria ideolóxica e poética recoñecida polos creadores", *La Voz de Galicia* (Ourense-Especial Letras Galegas), p. 4.

**Rodríguez-Alcalá, Hugo.**
(1979), "Críticos Españoles y 'Don Segundo Sombra'", Toulouse, *Caravelle*, Vol. XXIX, pp. 53-64.

**Rodríguez Castelao, A. Daniel (ver Castelao, A. Daniel Rodríguez).**

**Rodríguez Fer, Claudio.**
(2002), "Ernesto Guerra da Cal", in Villanueva, Darío (coord.), *Proyecto Galicia*, Tomo XXIII, Literatura, p. 103.

**Rodríguez Galdo, María Xosé.**
(1992, dir.), *Galicia-América. Cinco siglos de historia*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia

**Rodríguez Marín, Francisco.**
(1985), "Rosalia Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 185.

**Rodríguez Santamaría, Xoán Pastor.**
(2005), *Cervantes e o Quixote en Galicia*, Noia, Toxosoutos.

**Rodrigo, Antonina.**
(21-III-1986), "Federico García Lorca na Galiza", programa da conferência proferida na Corunha, organizada pela Associação Cultural Alexandre Bóveda, Espólio EGC.

**Rosa, Alberto Machado da.**
(VII-1954), "Rosalía de Castro, poeta incompreendido", *Revista Hispánica Moderna*, ano XXX, nº 3, pp. 181-223.

(II-1956), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz I: Elementos Básicos*", *Romanic Review*, vol XLVII, Nº 1, pp. 72-74

(1957), "Heine in Spain (1856-57). Relations with Rosalia de Castro", Wisconsin, *Monatshefte*, pp. 65-82.

(5-IX-1957), ver RIBAS, Tomaz.

(II-1958), Ver Sem Autor.

(1960), *Uma experiência pioneira. (Relatório do primeiro Junior Year in Brazil da Universidade de Nova York na Universidade da Bahía),* Bahía, Universidade da Bahía.

(1963), *Eça discípulo de Machado?*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.

(1964), *Eça, discípulo de Machado?*, Lisboa, Presença.

(1965), "Mensagem para a Modern Language Association", ver Moser (1965 :377).

(1965-1966), Eça de Queirós. *Prosas Esquecidas*, vol. I-V, Lisboa, Presença.

(1966), "A Cultura Portuguesa nos Estados Unidos", *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 2, pp. 264-279.

(31-VIII-1967), Ver CORTES, Cândida.

(19-III-1970), Ver BAPTISTA, Jacinto.

(4-VI-1970), Ver COELHO, Carlos Pinto.

(III/VI-1973), "Camões e Rosalia", *Atenea,* Ano X, nº 1-2, pp. 85-90.

**Rosaldo, Renato.**
(V-1967), "The President's Corner", *Hispania*, Vol. L, nº 2, pp. 327-328.

**Rose, Stanley B.**
(V-1973), "Portuguese Language Development Group Newsletter XV (Dezember 1972)", *Hispania*, Vol. 56, 473-476.

**Rossi, Giuseppe Carlo.**
(9-VI-1957), *"Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Roma, *Idea*, Nº 23, p.4.
(II-1964), "Ernesto Guerra da Cal. *Lua de alén Mar. Rio de Sonho e Tempo*", Roma, *Idea*.

**Rubió i Ors, Joaquim.**
(1985), "A la memoria de nana Rosalia de Castro"-À memória de Dona Rosalia de Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 132-135.

**S.**
(26-I-1935), "Homenaje a Lope de Vega por el Club Anfistora. Representación de 'Peribáñez y el Comendador de Ocaña", Madrid, *El Sol*, p. 2.

**S. B., (ver Bueno, Silveira).**

**S. L.**
(15-III-1959), "Homenajes. Homaxe a Ramón Otero Pedrayo", *Insula*, p. 8.

**S. L.**
(16-VIII-1960), "Vida Literária. Da Cal, um poeta galego", São Paulo, *O Jornal do Comércio*, pp. 1 e 7.

**S M.**
(14-VI-2000), "Eça na biblioteca", Lisboa, *Jornal de Letras*, p.2

**S. V.**
(8-III-2008), "Entrevista. Guerra da Cal tivo presente a Lugo na súa poesía", *La Voz de Galicia* (Lugo), p. 2.

**Sá, Correia.**
(14-III-1970), "A salutar permanência de Eça" recensão de *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, p.7.

**Sá, Maria das Graças Moreira de.**
(1985), "Introdução" *de Contos Escolhidos de Eça de Queirós*, Lisboa, Ulisseia.

**Sá, Pedro de Moura e.**
(15-I-1958), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz"*, Lisboa, *Diário de Notícias*, (reproduzido in *Vida e Literatura*, Lisboa, Bertrand, 1960. Pp. 327-331).

**Sacramento, Mário.**

(1944), *Retrato de Eça de Queiroz*, Porto.

(1945), *Eça de Queiroz, Uma Estética da Ironia*, Coimbra, Coimbra Editora.

**Sales, Herberto.**
(1988), "Algumas fontes para estudo da vida e obra de Eça de Queirós", in *Os Melhores Contos de Eça de Queirós*, São Paulo, Global, p. 126.

**Salinas Portugal, Francisco.**
(X-1986), "*Ad majorem Rosaliae gloriam*. Um centenário que pervive", *Agália*, nº 7, pp. 362-364.

**Salles, Cecília Almeida.**
(2000), "Faço muito Ramires", in *A Ilustre Casa de Ramires. Cem Anos*, São Paulo, PUC, pp. 57-84.

**Sánchez Gil, Ignacio.**
(24-II-1992), "Notificación trámite de audiencia" (reproduzido in *Agália*, nº 30, Verão 1992, p. 287).

**Sampaio, Jorge.**
(16-VIII-2000), "Deixou-nos Um Olhar Crítico Sobre Nós Mesmos", Lisboa, *Público*.

**Sampaio, Maria de Lurdes.**
(2006), *Aventuras literárias de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão*, Coimbra, Ângelus Novus.

**Sampayo, Nuno de.**
(27-IX-1972), "Crítica Literária. '*A Relíquia*, Romance Picaresco e Cervantesco'", Lisboa, *A Capital*, suplemento Literatura e Arte.

**Santamaria Conde, J. J.**
(1989), "A linguagem administrativa numa perspectiva interdisciplinar", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 409-414.

(1993), "Juízes com lei, gramáticos sem norma. Reflexoes linguística", *Nós*, nº 21-24, pp. 147-152.

**Santamaria Conde, J. J. et alii**

(I/IV-1987), “Achegas socialistas às Bases Analíticas da Ortografia Simplificada para a Língua da Galiza, Portugal, Brasil e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, *Cadernos do Povo*, nº1.

(29-I-1988), “À Comissão da Cee”, *Cadernos do Povo*, II-1988, nº 11-13, pp. 151-155.

**Santamaria Conde J. J./ Fontenla, J. L.**
(25-IX-1986), “Escrito enviado ao III Encontro de Escritores”, reproduzido in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 142-143.

**Santamarina, Antón.**
(XII-1975), “A evolución do galego literario é responsabilidade mutua de escritores e pobo”, Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), pp. 28-29.

**Santamarina, Leonardo.**
(XII-1958), “María Casares a través de la crítica teatral Norteamericana”, Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

**Santana, Maria Helena.**
(VII-1993), “Para a edição crítica de *Textos de Imprensa -VI*”, Coimbra, *Queirosiana*, nº4, pp. 65-69.

(1995), “Introdução” a *Textos de Imprensa- VI* (*da Revista de Portugal*), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós), pp. 15-48.

**Santos, Edgar.**
(VII-1959), “Carta a Ernesto Guerra da Cal”, Espólio EGC.

**Santos, Gilda, et alii.**
(1995, org.), *Cleonice clara em sua geração*, Rio de Janeiro, UFRJ.

**Santos, Isolina Alves.**
(1992), *Semeei rosas ao vento*, Al-Quabdaq (Boletim cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche).

(8-VII-1992), “Carta a Ernesto Guerra da Cal”, Espólio EGC.

**Santos, Teófilo Carvalho dos.**
(6-IX-1979), “Lei nº 29/79 do 6 de Setembro. Revogação do nº 2 do artigo 37º do Código do Direito de Autor”, *Diário da República*, p. 2.216.

**Saraiva, António. José.**
(1947), *As ideias de Eça de Queiroz*, Lisboa, Centro Bibliográfico.

**Saraiva, António José/ Lopes, Óscar.**
(1994), *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora (16ª edição).

**Saramago, José.**
(16-VIII-2000), “Carta Aberta ao Exmº. Sr. José Maria Eça de Queiroz por Causa dos Suaves Milagres”, Lisboa, *Público*.

**Sayers, Raymond.**
(1963), “Um artista do indefinido e do impreciso”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, vol. XXIX, pp. 306-307.

(XII-1966), “The Sixth International Colloquium on Luso-Brazilian Studies: General view”, *Hispania*, vol. 49, 4, pp. 872-873.

(1967, ed.), *Portugal and Brasil in Transition*, Universidade de Minnesota.

**Schwartz, Raymond.**
(23-VI-1948), "Carta a Ernesto Guerra da Cal", Espólio EGC.

**Schwebel, Meyer.**
(13-IV-1942), "Latin Music Progress Not An Accident Says Da Cal", *Evening News* (Washington Square College-NYU).

**Seabra, José Augusto.**
(1992), "Eça de Queirós et la Litterature 'fin de siècle'", Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XXXI, pp. 647-658.

**Secretariado da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro (José Luís Fontenl).**

(24-VII-1986), "Circular Informativa nº 21", reproduzida in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 145-146.

**Secretariado da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro (António Gil Hernández, José Luís Fontenla, Isaac Alonso Estraviz).**

(4-IV-1986), "Circular informativa nº 14", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986, pp. 65-66.

(15-IV-1986), "Circular informativa nº 15", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 67-68.

(25-IV-1986), "Circular informativa nº 16", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 68-70.

(14-V-1986), "Circular informativa nº 17", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 70-73.

(26-V-1986), "Circular informativa nº 18", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 73-74.

(5-VI-1986), "Circular informativa nº 19", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 75-76.

(16-VI-1986), "Circular informativa nº 20", reproduzida in *Nós*, nº 2-3, V/VIII-1986 pp. 76-80.

(25-VIII-1986), "Circular informativa nº 22", reproduzida in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 147-148.

(5-XI-1986), "Circular informativa nº 23", reproduzida in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 148-150.

(30-XII-1986), "Circular informativa nº 24", reproduzida in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 150-151.

(11-III-1987), "Circular informativa nº 25", reproduzida in *Nós*, nº 4-6, III-1987, pp. 151-153.

**Secretariado da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro (J. J. Santamaria Conde).**

(VII-1987), "Circular informativa nº 26", reproduzida in Nós, nº 7-12, pp. 389-390.

**Secretário da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro (António Gil Hernández).**

(15-II-1986), "Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Circular informativa nº 9", reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 67-68.

(26-II-1986), "Circular informativa nº 11", reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 69-70.

(I/IV-1986), "Carta ao Exmo. Sr. Presidente e Srs. Académicos de Número da Real Academia Galega da Corunha", datada aos 4-II-1986, reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, pp. 78-79.

**Secretário das Irmandades da Fala (Isaac Alonso Estraviz).**
(6-III-1986), "Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Circular informativa nº 12", reproduzida in *Nós*, nº 1, I/IV-1986, p. 70.

**Seijo, Ramón.**
(1954), "Un saludo y agradecimiento", Nova Iorque, *Memoria Anual Unidad Gallega*, (Casa Galicia).

**Seixas, João Guisán.**
(1994), "Sem Guerra da Cal", *Agália* 40, pp.447-455.

**Seoane, Isabel.**
(2002), "Cartas de Ernesto Guerra da Cal a Otero Pedrayo", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 133-149.

**Sequeira, Maria do Carmo Castelo Branco de.**
(XI-2002), *A dimensão fantástica na obra de Eça de Queirós*, Porto, Campo das Letras.

**Serís, Homero.**
(1973), *Guía de nuevos temas de literatura española*, Madrid, Castalia.

**Serrão, Joel.**
(1965-1971), (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Figueirinhas.

(VII-1984), "Nas origens de Eça de Queirós. 'O Réu Tadeu", *Colóquio Letras* nº 80, pp. 56-66.

(1985), *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte.

**Sharpe, Peggy.**
(1992), *Espelho na Rua. A Cidade na Ficção de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Presença.

**Silva, A.M. Braz da**
(31-I/1-II-1970), "Sempre o Eça", Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*, p.2.

**Silva, Garcez de.**
(1986), *A pintura na obra de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho.

(IV-IX-2000), "Eça e o Impressionismo", revista *Camões*, nº 9-10, Lisboa, Instituto Camões, pp. 127-133.

**Silva, Maria Adelaide Coelho da /MIGUEL, Arlete.**
(1991), *Leitura de um conto de Eça de Queirós*, Lisboa, Presença.

**Silva, Maria Augusta.**
(15-VIII-2000), "A ironia contra o cabotinismo [Entrevista com Carlos Reis]", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(16-VIII-2000), "Um rebelde na arte da palavra", Lisboa, *Diário de Notícias*.

**Silva, Joaquim Palminha.**
(1981), *O nosso cônsul em Havana: Eça de Queiroz*, Lisboa, A Regra do Jogo.

**Silva, Lino Moreira da.**
(2007), "Integração linguística e desenvolvimento dos povo: o caso das interacções do galego com o português", in Nunes, António Jorge (dir.), *Colóquios/Lusofonia. Diversidades Culturais. Línguas, Culturas e Dialectos Minoritários, Actas*, Bragança, Câmara Municipal, pp. 625-637.

**Silva, Teresa Cristina Cerdeira da.**
(1997), "A Cidade e as Serras: romantismo extemporáneo?", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp.335-345.

**Silveira, Francisco Maciel.**
(1981), "Eça de Queirós" in *Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa*, São Paulo, Cultrix, pp. 123-124.

**Silveira Bueno (S. B.), Ver Bueno, Silveira.**

**Silveira, Pedro da.**
(1959), "Glosas superficiaes ao tema do mar na nosa lírica primitiva", Lisboa, *Seara Nova*, nº 1.319, pp. 20-21.

(1973), *Carlos Fradique Mendes. Versos*, Lisboa, Edições 70.

(1982, ed.), "Ao leitor", in *Philidor*, de Joseph Bouchardy, Colecção de Obras de Eça de Queirós, Lisboa, Livros do Brasil.

(1985), "A Rosalia Castro", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 301.

(1987), "A respeito das versões portuguesas de alguma poesia chinesa", *Nó*, nº 2, pp. 42-45.

(XII-1987), "Duas cartas de Noriega Varela a João Verde", *Cadernos do Povo*, nº 2-4, pp. 87-93.

**Simões, João Gaspar.**
(1945), *Eça de Queiróz. O Homem e o Artista*, Lisboa-Rio de Janeiro, Dois Mundos.

(1957), *Eça de Queirós. Trechos Escolhidos*, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora.

(23-VII-1964), "*Eça, discípulo de Machado?*", Lisboa, *Diário de Notícias*, pp. 15 e 16.

(17-X-1964), "*Eça, discípulo de Machado?*", São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, p.1.

(1967), *Novos Temas, Velhos Temas. Ensaios de Literatura e Estética Literária*.

(25-IV-1968), *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*, Lisboa, *Diário de Notícias*, pp. 6-7.

(12-I-1971), "Dia a dia Alfacinha. Eça e *A Relíquia* no Grémio Literário", Porto, *O Primeiro de Janeiro*.

(19-I-1971), "Dia a dia Alfacinha. Camilo Visconde", Porto, *O Primeiro de Janeiro*.

(1972), "*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco", Lisboa, *Diário de Notícias*, Suplemento Artes e Letras, Ano XVI, Nº 918, pp. 18-19.

(7-IX-1972), "Paulo Cavalcanti: 'Eça de Queirós, agitador no Brasil'. Ernesto Guerra da Cal: 'A Relíquia'", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(1972), "Os contestadores. Eça de Queirós contestado", in *A Geração de 70. Alguns tópicos para a sua história*, Lisboa, Cadernos Culturais Inquérito, nª 100, pp. 115-161.

(1973), *Vida e Obra de Eça de Queirós*, Amadora, Livraria Bertrand (2ª edição).

(23-IX-1976), "Crítica Literária. *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Bibliografia Queirociana.....* Autor Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *Diário de Notícias*, Suplemento Cultural, pp. 15-16.

(1980), *Vida e Obra de Eça de Queirós*, Amadora, Bertrand (3ª edição).

(13-XI-1980), "Crítica Literária. *Bibliografia Queirociana*. Nunca outro autor português mereceu de quemquer que fosse, e muito menos dum estrangeiro, atenção tão inteligente e trabalho tão vasto", Lisboa, *Diário de Notícias*, caderno Cultura, pp. 15 e 17.

(18-XII-1980), "A crítica norte-americana descobre Eça de Queirós", Lisboa, *Diário de Notícias*, Segundo Caderno, pp. 17 e 19.

(10-V-1981), "Uma efeméride queirosiana", Porto, *O Primeiro de Janeiro*, Magazine, p.5.

(1983), *Crítica V*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

(25-X-1984), "Estudos sobre Eça de Queiroz", Lisboa, *Diário de Notícias*, Cultura, p. 31.

(1984), "Crítica Literária. Estudos sobre Eça de Queiroz. Em Literatura, seja crítica, seja histórica, a observação pessoal desprendida de normas teóricas importa mais do que a observação apoiada em teorias previamente concebidas para tal fim", Lisboa, *Diário de Notícias*, ano 121º, 2º Caderno, Cultura, pp. 3 e 4.

(1987), *Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa. Das Origens ao Século XX*, Lisboa, Dom Quixote.

**Simões, Maria João Albuquerque.**
(1997), "A estética positivista e o texto 'Positivismo e idealismo'", São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 391-401.

(1971), "*Madame Bovary* de Gustave Flaubert et *O Primo Basílio* de Eça de Queirós", (tese policopiada).

**Shipley, Joseph T.**
(1946), (ed.), "Preface" e "Contributors", *Encyclopedia of Literature*, New York, Vol. I, Philosophical Library, pp. VII-IX.

**Sixirei Paredes, Carlos.**
(1992), "Gallegos en la vida pública americana", in Rodríguez Galdo, María Xosé, 1992 (dir.), pp. 84-92.

(1995), *Galeguidade e cultura no exterior*, Santiago de Compostela, Tórculo.

**Soares, Luísa Ducla/ Castelo-Branco, Miguel.**
(Outono 2000), "Queirosiana académica: subsídios para uma actualização da bibliografia queirosiana", Lisboa, *Leituras*, nº 7, pp.177-185.

**Soares, Maria Nazaré Lins.**
(1968), *Machado de Assis e a análise da expressão*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.

**Soler, Elena Losada (ver Losada Soler, Elena).**

**Somovilla, Miguel.**
(15-I-1998), "Entrevista Ian Gibson. 'Sin Guerra da Cal no existirían los poemas gallegos'", *La Voz de Galicia*, p. 74.

**Soto Fernández, Luís (L.S.F.)[1].**
(1959) "A doenza das dúbidas", México, *Vieiros*, nº 1.

(1962), "Portugal", México, *Vieiros*, nº 2.

(1965), "Esgrevios colabouradores", México, *Vieiros*, nº 3.

(1993 [data depósito]) "Espólio, Sobre 14623", Ourense, Arquivo Histórico Provincial.

**Sousa, A. Caetano de** (Ver bibliografia de EGC, Entrevistas).

**Sousa, Américo Guerreiro de.**
(11-IV-1983), "Uma monumental *Bibliografia Queirociana*", Lisboa, *Jornal de Letras*, pp. 16-17.

(1985), "William Shakespeare in Eça de Queirós", Londres, *Portuguese Studies*, vol. I.

(1989), "Microestruturas em Eça de Queirós: jogos de luz e sombra n'*Os Maias*", in *Leituras dos Maias*, Coimbra, Minerva, pp.55-68.

(1993), "*(As) Minas de Salomão* de Eça de Queiroz", in *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª ediçom), Lisboa, Caminho, pp.590-593.

(IV-IX-2000), "Eça de Queirós e a Inglaterra –uma relação ambivalente", revista *Camões*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 27-33.

[1] No caso dos elementos citados procedentes do Espólio de Luís Soto, guardado no Arquivo Histórico Provincial de Ourense, figura como data 1993, ano em que fôrom doados pela família de quem fora secretário de Castelao e desde a qual, portanto, estão disponibilizados para consulta pública. O conteúdo concreto utilizado de cada 'sobre' ou 'folder' especifica-se no lugar correspondente e, nesta bibliografia, apenas se enumeram indicativamente os assuntos incluídos em cada uma das caixas consultadas.

**Sousa, Frank M.**
(VII-1993), "Zé Fernandes, personagem e narrador de *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nº4, pp. 13-42)

(XII-93/VII-94), "O conto 'Um dia de chuva'", Tormes-Baião, *Queirosiana*, nº 5/6, pp. 81-99.

(1996a), "Da errância como atitude estética em Eça de Queiroz: Do conto 'Perfeição' a *A Cidade e as Serras*", Lisboa, *Revista da Faculdade de Letras*, pp. 75-88.

(1996b), *O Segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em A Cidade e as Serras*, Lisboa, Cosmos.

**Sousa, Thomas F.**
(IX-1970), "Notes and News. Lectures. Dr. Ernesto Guerra da Cal", *Hispania*, Vol. 53, p. 537.
(V-972), "Notes and News. UCLA Semana de Arte Moderna Symposium", *Hispania*, Vo. 54, pp. 357-358.

**Souza, Remy.**
(15-VIII-1959), "O colóquio por dentro", Salvador, *A Tarde*, p. 11.

**Souza, Wilson.**
(25-I-1970), "Vitrine de Livros", Rio de Janeiro, *O Jornal*.

**Sprague Smith, Carleton.**
(3-XII-1958), "Carta a Ernesto Guerra da Cal", Espólio EGC.

(1966), "Recollections of Five Luso-Brazilian Colloquia", Nova Iorque, *The Journal of the American-Portuguese Society*, pp. 1-23.

**Starr, Wilmarth H.**
(7-IX-1962), "Carta ao Professor DaCal", Espólio EGC.

**Stavrou, Christopher.**
(XII-1964), "The New Appleton-Cuyas Dictionary", *Hispania*, Vol. XLVII, nº 4, pp. 892-893.

**Stern, Irwin.**
(1972), *Júlio Dinis e o romance português*, Porto, Lello&Irmão Editores.

(V-1980), "Eça de Queirós 'versus' Pinheiro Chagas", *Colóquio Letras*, nº 55, pp. 72-75.

**Stewart, Charles T.**
"Portuguese Courses in the colleges and universities of The United States, 1943-1944", *Hispania*, 351-355.

**Stoudemire, Sterling A.**
(25-III-1958), "Carta Professor Ernesto da Cal", Espólio EGC.

**Sued, Ibrahim.**
(17-I-1970), "Hoje esta coluna é literária", Rio de Janeiro, *O Globo*, p.2.

(17-I-1970), "Ibrahim Sued informa", Belo Horizonte, *Diário de Minas*, p. 6.

(3-VII-1970), "Machadolatria", Rio de Janeiro, *O Globo*.

(26-VII-1975), "Jornal de Ibrahim Sued", Rio de Janeiro, *O Globo*.

(14-IX-1975), "Jornal de Ibrahim Sued", Rio de Janeiro, *O Globo*.

**Suter, Betty.**
(27-X-1964), "Da Cal Discusses El Sueño", Nova Iorque, *Phoenix*.

**Swann, Carlos.**
(4-II-1970), "Reportagem Social", Rio de Janeiro, *O Globo*, p. 4.

**T.**
(16-X-1976)., "O Tempo nas Letras. Em Portugal, *Bibliografía Queirociana*. Apêndice *de Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*", Lisboa, *O Século*.

**Tavani, Giuseppe.**
(1999), "Edição genética e edição crítico-genética", Lisboa, *Leituras*, nº 5, pp. 143-149.

**Tavares, Hernâni.**
(17-IV-1969), "Ernesto Guerra da Cal", São Paulo, *Visão*, pp. 20-24.

**Teles, Gilberto Mendoça.**
(1985), "Paisagem galega" e "Nome, nume", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 326-328.
(IV-1986), "Rosalia no mundo", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 413, p.2.

**Terroso, M. António.**
(1995), *Livro Comemorativo dos 150 anos do nascimento de Eça de Queirós*, Póvoa de Varzim, Junta da Freguesia.

**Teyssier, Paul.**
(1955), "*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. I: Elementos Básicos*", Bourdeaux, *Bulletin Hispanique*, Tomo 57, Nº 1-2, pp. 181-182.

(1985), "Lição Final", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 45-55.

(1988), "Os Maias, cent ans après", in *Eça de Queirós et la culture de son temps, Actes do Colloque*, Paris, Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, pp. 23-47.

**Torres, Alexandre Pinheiro.**
(27/IV-10/V-1982), "Memória infiel. A Jacinta figura, os companheiros de Belzebú e Eça à lupa de Tomás Ribeiro Colaço", Lisboa, *Jornal de Letras*, nº 31, p.16.

(1990), "Incidências huysmanianas n'*A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós", in *Eça e Os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Asa, pp.297-302.

**Torres, Amadeu.**
(1995), "Ernesto Guerra da Cal", Pontevedra-Braga, *Temas de O Ensino- Actas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófona*, Pontevedra-Braga. p. 400.

(1999), *Em Louvor de Viana e outros Poemas*, Braga, Humanitas.

**Torres, Artur de Almeida.**
(19-III-1970), "Livros novos. Eça, por Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *O Jornal do Commércio*, pp. 4 e 6.

**Torres, Xohana.**
(1985), "Rosalia" e "Mulher, figura intacta...", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, pp. 322-324.

**Torres Feijó, Elias.**
(1995), *Portugal na Galiza, Galiza em Portugal através das revistas literárias (1900-1936)*, Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento inédita),

(6-X-1999), "O futuro do galego", *La Voz de Galicia*, p. 16.

(2007), "O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no Protossistema Cultural Galeguista", in González, Helena e Lama, María, Xesús (eds.), *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*, Sada, Ed. do Castro/ Asociación Internacional de Estudos Galegos/ Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), pp. 689-701.

**Torres Feijó, Elias/ Gômez, Joel R.**
(XII-2003), "1900-2000: Um século para o processo de canonicidade de Eça de Queirós. A intervençom de Ernesto Guerra da Cal", UTAD-Vila Real, *Revista de Letras*, Série II, pp. 103-112.

(2005, Dezembro), "Prefácio", in Machado da Rosa, Alberto, Rosalía de Castro, a mulher e o poeta, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 7-25.

(VII/XII-2008), "Estudar Machado com a perspectiva queirosiana de Guerra da Cal: a necessidade de um projecto canonizador 'à procura'", Matraga, Vol. XV, nº 23, pp. 11-26.

**Trigueiros, Luís Forjaz.**
(26-VIII-1981), "Os estudos queirosianos de Ernesto Guerra da Cal", Porto, *O Primeiro de Janeiro*, pp. 3 e 6.

(X-1981), "Estudos Queirocianos", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.5.

(XI-1981), "Letras de Portugal. *Bibliografia Queirociana*, de Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, segundo caderno, p.1.

(10-VII-1985), "Guerra da Cal. Poesia, inspiração e inteligência", Porto, *O Primeiro de Janeiro*, p.10.

(1985), "Guerra da Cal e a Inteligência da Poesia", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 409, 2º caderno, p. 2.

(1989), "Guerra da Cal. Poesia, Inspiração e Inteligência", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 9-17.

(1992), "Os estudos queirozianos de Ernesto Guerra da Cal", in *O Prélio Solitário*, Lisboa, *Identidade*, pp. 65-69.

**Trota, Teresa.**
(7-XII-1958), "Ernesto da Cal: Eça e Machado", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, suplemento dominical, p.1.

**Trullemans, Ulla.**
(1971), "*A Relíquia* d'Eça de Queirós. Notes sur la structure d'un anti-roman picaresque", Copenagge, *Revue Romane*, Tomo VI, Fascicule I, pp. 85-113.

**Tudisco, Anthony.**
(I-1955), "*Literatura del Siglo XX*", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXII, 1, p.57.

**Tunick, Roberta.**
(27-IV-1960), "Da Cal Cites Shifts In Novel's Dimensions", *Vassar Miscellany News*.

**Turk, L. H.**
(I-1955), "The Thirty-Sixth Annual Meeting of the American Association of Teachers of Spanish and Portuguese", *Hispania*, Vol. 38, pp. 3-6.

**Tyre, Carl A.**
(1961), "The Study of Portuguese", *Hispania*, nº 2, p. 333.

**Ucelay, Enric (ver Da Cal, Enric Ucelay).**

**Ucelay, Margarita (ver Da Cal, Margarita Ucelay).**

**Unamuno, Miguel de.**
(1985), "Galiza (Fragmento)", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 165.

**Uslar-Pietri, Arturo.**
(16-V-1949), "Parecer sobre la tesis presentada por Ernesto Dacal para optar al título de doctor en Filosofía por la Universidad de Columbia", Lisboa, Espólio EGC.

**Valcárcel, Marcos.**
(8-III-1997), "Lorca e os poemas galegos", *La Voz de Galicia*, (Ourense e Valdeorras).

(5-I-1998), "De García Lorca e 'El Miño' ás Xornadas do Cine", *La Voz de Galicia*, Especial, p. 18.

(5-VI-1998), "Homenaxe ó poeta de Granada", *La Voz de Galicia*, Ourense, p. 42.

**Valdemar, António.**
(13-V-1985), "*Futuro Imemorial* de Guerra da Cal", Lisboa, *Diário de Notícias*, p.52.

(5-I-1986), "Rosalia de Castro tal e qual", Lisboa, *Diário de Notícias*, Suplemento Cultura, p. VIII.

(15-VIII-2000a), "Eça e o *Diário de Notícias*", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(15-VIII-2000b), "Histórias nos bastidores do 'Mistério'", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(15-VIII-2000c), "Nova escrita e dimensão para a língua portuguesa", Lisboa, *Diário de Notícias*.

(IV-IX-2000), "Frazao Pacheco, tradutor de Eça", revista *Camões*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 228-234.

**Valente, Maria Rosa da Rocha.**
(1990a), "Quatro poetas galegos", *Temas de O Ensino*, nº 21-26.

(1990b), "Incipit Liber da Lusofonia", *Temas de O Ensino*, nº 21-26.

(IV-1991), "Apresentação", *Matria da Palavra. Antologia de Poetas Galego-Lusofonos. Incipit Liber da Lusofonia, Cadernos do Povo,* nº 15-18, pp. 7-11.

**Vales de Oliveira, Roi (ver Gil Hernández, António Pedro).**

**Valinha Reguera, José Luís.**
(1989), "Sobre a quest do traço na moderna ortografia do galego", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 343-360.

**Valle-Inclán, Ramón (ver Blanco, Josefina).**

**Varela, Ângela.**
(1990), "A prosa lírica de Eça ou o 'quadro' da Natureza n'*Os Maias*", in *Eça e os Maias. Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos,* Porto, Asa, pp.303-308.

**Varela Jácome, Benito.**
(1976), "Introducción", in González Garcés, Miguel (ed), *Poesía gallega de posguerra (1939-1975),* A Corunha, Ediciones del Castro, pp. 7-59.

**Varela Méndez, Ramón.**
(1968), "Verbas a maneira de presentación", in AA. VV., (1968b), *O porvir da lingua galega,* Lugo, Círculo de las Artes Instituto de Estudios, p.3.

**Vasconcelos, Taborda de.**
(4-V-1972), "O Livro da Semana. Poesia Portuguesa Contemporânea. Antologia traduzida e organizada por Jean Longland", Lisboa, *Diário de Notícias,* Sup. "Artes e Letras", nº 900, pp. 1 e 19.

(1979), "Cal, Ernesto Guerra da" in Enciclopedia *Verbo,* pp. 634-635.

(1983), "*Língua e Estilo de Eça de Queiroz"*, Porto, *O Médico,* vol. 109, nº 1.668, pp. 302-306.

(27-II-1986), "Notícias do Galego. *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes*)", Porto, *O Médico,* vol. 114, pp. 342-346.

(1989), "*Língua e estilo de Eça de Queiroz*", *Nó*s 13-18, pp. 113-120.

**Vasconcellos, Dora Alencar de.**
(1960), "O Infante Dom Henrique e o Brasil", in *Comemorações Henriquinas em Nova York,* Nova Iorque, A Luta, pp. 1-9.

**Vassalo, Maria Eduarda, Ver Pereira, Maria Eduarda Vassalo.**

**Vázquez, Benxamín.**
(XII-1985), "Ramón Piñeiro: o núcleo dunha espiral de sentimentos galeguistas", *Outeiro, Revista da Caixa de Aforros de Galicia,* nº 15, pp.9-16.

**Vázquez, Maria do Carmo/ Pena, X. Ramón.**

(12-VI-1979), "Carta aberta ao señor don Avelino Abuín de Tembra", *El Ideal Gallego,* p. 4.

**Vázquez Cuesta, Pilar.**
(1985), "Situacion e perspectivas do galego", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 1, pp. 109-135.

**Vázquez López, Gonzalo.**
(13-XII-2001), "Ventosidades desesperadas", *El Progreso*, p. 25.

**Vázquez Montalbán, Manuel.**
(1991), *Galíndez*, Barcelona, Seix Barral, Biblioteca Breve.

**Vázquez Pintor, Xosé.**
(11-IV-1996), "Turquía e Portugal", *La Voz de Galicia*, p. 8.

**Veiga, Francisco/ Da Cal, Enrique U./ Duárte, Ángel.**
(2001), *La paz simulada. Una historia de la guerra fría (1941-1991)*, Madrid, Alianza.

**Velo Cobelas, Carlos (C.V.C.).**
(1962), "Symposium Luso-Brasileiro", Mexico, *Vieiros*, nº 2.

**Veloso, Francisco J. (ver Velozo, Francisco J.).**

**Velozo, Francisco J.**
(1962), "Galeria de Lusófilos: Ernesto Guerra da Cal, um lusófilo Galaico-Americano", Guimarães, *Gil Vicente*, vol. XIII, 2ª série, nº 5/6, pp.67-73.

(1962), "Carta a *Vieiros*", México, *Vieiros*, nº 2.

(11-I-1982), "Guerra da Cal: acerca de Eça e de Cervantes", Guimarães, *Notícias de Guimarães*.

(31-XII-1982), "Eça redivivo", Guimarães, *Notícias de Guimarães*, pp. 1-2.

(16-V-1986), "Reaparição de Rosalia de Castro", Guimarães, *Notícias de Guimarães*, pp. 17-18.

(13-VI-1986), "'A Luís de Camões', um poema desconhecido de Rosalia de Castro", Guimarães, *Notícias de Guimarães*, Página Literária, nº 27, p. 8.

(VII/XII-1987), "Número especial dedicado à Galiza", *Scientia Iuridica*, Tomo XXXVI, nº 208/210, pp. 5-7.

(14-X-1988), "O Profeta (Carta a Ernesto Guerra da Cal)", Guimarães, *Notícias de Guimarães*, Página Literária.
(1997), "Para uma biobibliografia de Ernesto Guerra da Cal", *Homenagem a Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 13-20.

**Venâncio, Fernando.**
(1995), "O estilo 'Campanha Alegre': de Latino Coelho a Vasco Pulido Valento", in *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa, Lidel, pp. 905-914.

(2002), *Objectos Achados. Ensaios literários*, Porto, Caixotim.

**Viana, António Manuel Couto.**
(VII-1985), "Rosa en Padrón", *Colóquio Letras*, nº 86, p. 55.

(1985), "Rosa em Padrón", in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, p. 297.

(1986), "Um Cantar de Rosalia de Castro num romance de Eça de Queiroz", Liboa, *Colóquio Letras* nº 86, pp. 21-27 (reproduzido in *Actas do III Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, pp. 531-537, 1994).

(13-VIII-1994), “Em memória de Ernesto Guerra da Cal”, Lisboa, *O Dia*.

**Viana Filho, Luís.**
(1983), *A Vida de Eça de Queirós*, Porto, Lello&Irmão.

**Vice-Secretários da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. (Paz Andrade, Valentín e Marinhas, Genaro).**
(20-II-1986), “Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Circular informativa nº 10”, *Nós*, nº 1, pp. 68-69.

**Vidal, Carme.**
(2-VII-1998), “Ernesto Guerra da Cal, a ponte máis sólida entre Galiza, Portugal e Brasil”, Vigo, *A Nosa Terra*, Nº 837,p.32.
(30-IX-1999), “Os escritores apoian a proposta de Carlos Casares de reforma da normativa”, A Nosa Terra, nº 902, p. 25 (reproduzido in *Agália*, nº 59, p. 382).

**Vidal, C./ Estévez, A.**
(22-XI-2001), “Frustración e sorpresa pola decisión da Academia”, “A Academia desilusiona ao rexeitar o acordó normativo”, *A Nosa Terra*, capa e 2.

**Vidal, F.**
(11-V-1985), “Toponimia. Lor”, A Corunha, La Voz de Galicia.

**Vidigal, Luís.**
(13-VI-1989), “Os últimos combates de Aquilino Ribeiro”, Lisboa, JL, pp. 16-17.

**Vilanova, Sofía.**
(2-III-1999), “Ferrolanos en Vila do Conde”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

(27-VIII-1999), “Con nombre propio. El presidente del Liceo explica la donación de la familia de Rubia Barcia al Concello”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

(13-XII-2001), “Con nombre propio. Poderío Cultural: Música de Paloma Suanzes para Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol).

(3-XII-2002), “Con nombre propio. Libro sobre Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

(26-III-2003), “Guerra da Cal, un puente entre culturas”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

(29-III-2003), “Guerra da Cal en el recuerdo”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 15.

**Vilar Álvarez, Manuel.**
(2007), “Un presente de Castelao para Ruth Matilda Anderson”, Santiago de Compostela, *Adra*, nº 2, pp. 113-118.

**Vilariño, Nona Inés.**
(3-IX-1994), “Plaza de Armas. Na morte de Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (ed. Ferrol); reproduzido in *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, p. 206.

**Vilas, Xesús.**
(1-VIII-1996), “Poeta en Compostela”, *La Voz de Galicia*, Cultura, p. 13.

**Vilavedra, Dolores.**
(1995, coord.), *Diccionario da Literatura Galega.I. Autores*, Vigo, Galaxia.

(1999), *Historia da Literatura Galega*, Vigo, Galaxia.

**Vilela, Ana Luísa.**
(1997), "Primatas e carnívoros n'*Os Maias*: elementos do discurso erótico queirosiano, a propósito de um ananás comido na 'Toca'"; São Paulo, *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, pp. 57-64.

(1997), "A imagem da casa nos livros de viagens de Ramalho Ortigão", *Homenagem Ernesto Guerra da Cal*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, pp. 113-124.

([2003] 2006), "Uma gramática erótica d'*Os Maias*", *Queirosiana*, nº 12-13, pp. 73-99.

**Villaça, António Carlos** (ver Bibliografia Activa: Entrevistas)

**Villanueva Prieto, Darío.**
(2002, coord.), *Proyecto Galicia*, A Corunha, Hércules, Tomo XXXIII, Literatura.

**Villares, Ramón.**
(1980), "Galicia no século XX", in *Historia de Galicia*, Madrid, Planeta, Vol. II, pp. 255-300.

(1981), "Edad contemporánea", in Bermejo et alii, *Historia de Galicia*, pp. 225-299.

(1989), "Discurso de inauguración do Congreso Castelao", in Beramendi, Justo G. / Villares, Ramón (1989 eds.), *Actas Congreso Castelao*, pp. 3-5.

(2004, dir), *Galicia siglo XX*, A Corunha, La Voz de Galicia.

(2004), *Historia de Galicia*, Vigo, Galaxia.

(2006), "Memoria recobrada do exilio", in Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar (1999, eds.), pp. 523-527. (reproduzido in *Actas do Congreso Internacional O Exilio Galego*, Núñez Seixas, Xosé Manuel/ Cagiao Vila, Pilar, 2007, Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, CD realizado por Unidixital, pp.10-17).

**Villaverde García, Elixio.**
(IV/VI-1995), "A República en guerra: O Goberno Cardenista, Castelao, Soto e as comunidades galegas dos EE UU e Cuba", *A Trabe de Ouro*, Tomo II, Ano VI, pp. 263-276.

**W.F. (ver Fugarolas, Walter).**

**W. J. K., (ver Klein Jr., Walter J.)**

**Watland, Charles D.**
(V-1955), "*Literatura del siglo XX*", *Hispania*, Vol. XXXVIII, nº2, pp. 248-249.

**Weigert, Beatriz.**
(Ver Bibliografia Activa: Entrevistas)

(1995), "Recolhas sobre a poesia de Ernesto Guerra da Cal", Pontevedra-Braga, Nós, 41-50, pp. 394-399.

(XI-1998), "Poéticas da língua –e fala mãe", *Nós*, nº 51-58, pp. 151-160.

**Williams, Frederick G.**
(1985), "O ensino do português nos Estados Unidos", in *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Actas.*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Vol. 2, pp. 751-770.

**Wirsen, J. B.**
(4-V-1959), "Känd spansk föreläser i Stockholm", Stockholm, *Swenska Dadbladet*, p. 1.

**Wolf, Bill.**
(24-XI-1964), "DaCal Views Amigo Lorca", *Phoenix* (Queens College-CUNY).

**Wolkstein, Diane.**
(29-X-1963), "Studio Theatre Play Cast Against Type", Northompton, *The Hampshire Gazette*.

**Wolf, Bill.**
(24-XI-1964), "DaCal Views Amigo Lorca", Nova Iorque, *Phoenix*.

**X.**
(19-III-1970), "Página Aberta. *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, por Guerra da Cal", Belém (Pará), *A Província do Pará*.

**X. A.**
(21-XII-1985), "Inquérito a Francisco F. del Riego", *Faro de Vigo*, "Semanario Cultural", p. 326.

**X. B. (ver Bernárdez, Xoán).**

**X. M. C.**
(24-IX-1991). "Méndez Ferrín: 'Pessoa é un escritor detestable, e Saramago vulgar'", *Faro de Vigo* (reprod. fac-silimar in *Agália*, nº 30, Verão 1992, p. 292).

**Y.**
(22-I-1970), "Das Letras: Eça Redescoberto", Rio de Janeiro, *O Jornal do Brasil*, p.3.

**Zahareas, Anthony**

(1968, ed), *Ramón del Valle-Inclán. An Appraisal of his Life and Works*, Nova Iorque, Las Américas Publishing Co.

**Zapata, Manuel**
(2000), "La historia de Casa Galicia", *Memoria Año 2000. LX Aniversario*, Nova Iorque, Casa Galicia de Unidad Gallega, pp. 62-67.

**Zdenek Prag, Hampl**
(1969), "*Lenguagem e estilo de Eça de Queiroz*", Praha, *Philologiga Pragensia*.

2b) Trabalhos Sem Autor / Sem Assinar

(30/31-V e 1/VI-1926 [1-VI-1976]) “Los Infantes Don Juan y Don Gonzalo, en el Instituto de San Isidro”, *ABC*.

(4-VI-1934), “El Club Teatral ‘Anfistora’ presentará ‘Lilión’, de Franz Molnar, interpretado por una magnífica compañía”, Madrid, *Heraldo de Madrid*, p. 5.

(30-VI-1935), “Para el próximo Día de Galicia. Seis Poemas Gallegos del Gran Poeta Andaluz Federico García Lorca”, Santiago de Compostela, *Ser* “Semanario Gallego de Izquierdas”.

(6-VII-1935), “Poemas galegos de García Lorca”, *A Nosa Terra*.

(30-XI-1939), “Grandiosa velada de arte y cultura”, *La Voz* (Nova Iorque), p. 12.

(2-III-1942), “DaCal Explains Spanish Civil War”, *Commerce Bulletin* (New York University).

(27-IV-1942), “Language and Cultura of Iberia Will Be Topic. Spanish Club Hears DaCal”, *Evening News* (Washington Square College-NYU).

(11-V-1942), “Commerce Musikers Revel in Latin American Songs”, *Phoenix*.

(4-I-1943), “Da Cal Discusses Portuguese”, *Evening News*.

(I-IV-1945), “Centenario de Eugenio de Castro”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XI, p.181.

(I-IV-1946), “Centenario de Eça de Queiroz”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XII, p176.

(VII-X-1946), “Asociación norteamericana de profesores de español y portugués”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, vol. XII, “Notas variadas sobre hispanismo”, p.401.

(1946), “Sección de Instrucción y Cultura”, “Celebración del Día de Galicia”, “Poetas gallegos”, in *Memoria Anual Unidad Gallega (Casa Galicia)*, Nova Iorque, s/n.

(I-XII-1949), “Noticias”, Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, vol. XV, p.364.

(8-III-1952), “Dois novos programas da ‘Voz de América’ dedicados a Portugal”, Lisboa, *O Século*.

(9-III-1952), “Dois novos programas da ‘Voz de América’ dedicados aos ouvintes de Portugal serão inaugurados, respectivamente, amanhã e depois”, Coimbra, *Diário de Coimbra*, pp. 1 e 5.

(9-III-1952), “’Revista Literária’ e ‘Factos Históricos’. Dois novos programas da ‘Voz de América’ dedicados aos ouvintes de Portugal serão inaugurados, respectivamente, na segunda e terça-feira”, *Diário do Sul*.

(12-III-1952), “Dois novos programas da ‘Voz de América’ dedicados aos ouvintes de Portugal”, Évora, *A Defesa*, p.4.

(1952), “Actividades sociales. Cultura”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia).

(25-II-1954), “Spanish Department Presents Plays for Scholarship Fund”, *Barnard Bulletin*.

(1955), “Día de Galicia”, Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa de Galicia), s/n.

(1956), “Banquete del Dia de Galicia”, Nova Iorque, *Memoria Anual* Unidad Gallega (Casa de Galicia), s/n.

(21-VI-1957), “Música. Cantigas alfonsinas. Un disco 700 años después”, Nova Iorque, *Visión*.

(5-IX-1957), “O prof. Ernesto Guerra da Cal visitará o nosso país”, Lisboa, *Diário de Notícias*.

(9-IX-1957), “Dois professores americanos em Coimbra”, Coimbra, *Diário de Coimbra*, pp. 1 e 8.

(16-XII-1957), “Phi Beta Kappa Choses Sixteen in Special Election”, *Square Journal*.

(X/1957-I/1958), “Notas e Informações”, *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portugueses*, nº 5, p.4.

(XII-1957), “Exhibición de películas en ‘Casa Galicia’” e “Recordando a nuestros socios fallecidos”, Nova Iorque, *Memoria anual* Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(II-1958), “A Literatura Portuguesa vista por um professor americano (Machado da Rosa)”, Lisboa, *Gazeta Musical e de todas as artes*, Ano VIII, 2ª série, nº 83, pp. 23 e 34.

(28-IV-1958), “Guggengheim Fund Gives 322 Awards”, Nova Iorque, *New York Times*.

(VI-1958), “O Livro Inédito. Machado visto por Agripino”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*.

(10-X-1958), “Operação Panamericana. Brasil assume liderança de América Latina”, *Visão*.

(21-XI-1958), “Vida Literária. Professor espanhol (doutor em Eça) está no Rio”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*.

(21-XI-1958), “20 estudantes em NY”, *Visão*, p. 16.

(25-XI-1958), “Aéroporto”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 9.

(25-XI-1958), “Universidade de Nova Iorque promove conferência para mostrar cultura do Brasil”, Recife, *Diário de Pernambuco*, 1º caderno, p. 9.

(26-XI-1958), “Universidade da Bahia faz convénio com Porto Rico”, Bahia, *Diário de Notícias*.

(26-XI-1958), “’Junior Years Abroad’ na Universidade da Bahia”, Bahia, *Estado da Bahia*.

(28-XI-1958), “Instituto Brasileiro nos EUA. Inauguração com um ciclo de conferências e debates”, *Visão*, pp. 9, 31 e 32.

(29-XI-1958), “Diário Social: Umas&Outras. Visita de Guerra da Cal”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 8.

(29-XI-1958), “Estudantes Pernambucanos Estagiarão (6 Semanas) na ‘New York University’”, Recife, *Jornal do Commércio*.

(XII-1958), “Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 113, p.1.

(XII-1958), “Conferências de Ernesto da Cal na University of Puerto Rico”, Nova Iorque-NYU, *nyu notebook*.

(3-XII-1958), “Semana do Brasil nos EUA”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, primeiro caderno, p. 16.

(4-XII-1958), “Lucas Lopes pessimista sôbre as relações do Brasil e EUA”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, primeiro caderno, p. 18.

(5-XII-1958), “Inauguração do Instituto Brasileiro em Nova York”, *Visão*, p. 75.

(7-XII-1958a), “Editorial”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, primeiro caderno, p. 3.

(7-XII-1958b), “Chegou de N.Y. o contista Nelson Coelho”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, Suplemento dominical, p. 1.

(12-XII-1958), “Instituto inaugurado”, *Visão*, p. 14.

(1958), “’Junior Year’ Students in Spain Proving Good Will Ambassadors”, *New York University Alumni News*.

(VI/1958-I/1959), “Notas e informações”, São Paulo, *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portugueses*, nº 7-8, p.6.

(XII-1958), “Agasajo a la Actriz María Casares”, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia de Nova Iorque), s/n.

(2-I-1959), “Instituto Brasileño. Un mayor conocimiento mutuo”, *Visión*, Revista Internacional.

(II-1959), “Homenaje al Profesor de la U. de N. Y., Ernesto G. Da Cal”, Nova Iorque.

(IV-1959), Nota sobre “Serán Mística”, de Ernesto Guerra da Cal, Rio de Janeiro, *A Ordem*, Vol. LXI, pp. 53-54.

(17-IV-1959), “Na Universidade de Nova York: Da Cal e Sprague-Smith criaram o Instituto Brasileiro”, *Visão*, capa e pp. 20-24.

(30-IV-1959), “*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*”, Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

(14-V-1959), “Känd spansk forskare föreläser i Stockholm”, Estocolmo, *Svenska Dagbladet*.

(V-1959), “Agripino enfrenta Machado. Celeuma no meio literário”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*.

(I/VI-1959), “A Delegação Portuguesa no IV Congresso da Baía”, “Alceu Amoroso Lima, Dr. Honoris Causa pela Universidade de Nova Iorque”, “Visita do Professor Ernesto Guerra da Cal”, e “Editorial”, São Paulo, *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portugueses*, nº 9, pp. 4, 10, 12 e 32.

(26-VI-1959), “Na trilha de Eça de Queiroz. Junto ao Instituto Brasileiro nasce o o Português em Nova Iorque”, New York-São Paulo, *Visão*, revista semanal, p. 67.

(13-VII-1959), “Semana de Estudos Americanos terá repercusão diz Reitor Clark Pollock”, Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, p. 1.

(14-VII-1959), “Inaugurada a Semana de Estudos Americanos na Universidade do Brasil”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p.9

(15-VII-1959), “Relações Brasil-EUA: tema que Embaixadores discutem hoje na Semana Americana”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 9.

(16-VII-1959), “Ministro Negrão de Lima apresenta relatório sobre Brasil-EUA” e “’Relações Brasil-EUA são simples e compreensíveis’, diz Embaixador João Neves”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, pp. 1-4 e 9.

(17-VII-1959), “Editorial: Relações Brasil-EUA” e “Ministro Negrão de Lima falará encerrando Semana de Estudos Americanos”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, pp. 1-4 e 8.

(18-VII-1959), “Americano leva na flauta”, “ Editorial: Melodia e Harmonia” Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, pp. 1, 3 e 5.

(18/19-VII-1959), “Negrão ouviu flauta e não quis falar sem violão acompanhando”, Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, p. 5.

(27-VII-1959), “Chegam coloquistas”, Salvador, *A Tarde*.

(31-VII-1959), “Alceu Amoroso Lima”, *Visão*, p. 61.

(2-VIII-1959), “Da Cal, Professor galego de Nova Iorque, depois de Eça fará crítica de Machado”, Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

(7-VIII-1959), “A cultura luso-brasileira em 11 dias de debates”, Salvador, *A Tarde*, p. 2.

(8-VIII-1959), “Brasil e Portugal unidos novamente para importante debate cultural-artístico”, Salvador, *Estado da Bahia*, p. 1 e 2.

(9-VIII-1959), “Reitor da Universidade de Lisbôa preside delegação portuguêsa: Colóquio” e “Editorial” Salvador, *Diário de Notícias*, p. 1-3 e 4. Também fotos do presidente da Assembleia Legislativa do Estado e do Prefeito com mensagem para o Colóquio nas pp. 7 e última.

(9/10-VIII-1959), “Atenção do mundo cultural convergidas para Salvador: Instala-se o ‘IV Colóquio’” e “Entrevista a Ernesto Guerra da Cal”, Salvador, *Jornal da Bahia*, p. 5.

(10-VIII-1959), “Entrevista Ronald Hilton” e “IV Colóquio”, Salvador, *A Tarde*, p. 2 e 3

(10-VIII-1959), “Gaspar Simões: Depoimento”, “Instalou-se ontem o IV Colóquio Luso-Brasileiro”, Salvador, *Diário de Notícias*, p. 1.

(11-VIII-1959), “Instalado oficialmente IV Colóquio”, Salvador, *Estado da Bahia*, p. 1.

(11-VIII-1959), “Instalado, ontem, o IV Colóquio”, “Editorial” e “IV Colóquio Luso-Brasileiro inicia hoje suas atividades”, Salvador, *Jornal da Bahia*, p. 1, 2 e 5.

(11/14-VIII-1959*), Boletim Informativo do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Barsileiros*, Baía, Universidade da Bahía.

(12-VIII-1959), “Com movimentação e debates. Colóquio atrai público: Faculdade de Odontologia”, Salvador, *Estado da Bahia*, p. 3.

(12-VIII-1959), “IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros”, Salvador, *Diário de Notícias*, p. 4.

(13-VIII-1959), “Roteiro do Quarto Colóquio: Na secção de Literatura, maior concorrência de público”, Salvador, *Estado da Bahia*, pp. 1 e 3.

(14-VIII-1959a), “Honoris Causa pela Universidade da Bahia”, Salvador, *Diário de Notícias*.

(14-VIII-1959b), “Congressistas falam ao JB. Machado continua sendo o maior escritor do Brasil e mais profundo que Eça”, Salvador, *Jornal da Bahia*.

(14-VIII-1959c), “Guerra da Cal deu uma lição”, *Jornal da Bahia*.

(14-VIII-1959), “Exposição obra Jorge Amado em 30 idiomas”, Salvador, *Estado da Bahia*.

(15-VIII-1959), “Páginas especiais IV Colóquio”, Salvador, *A Tarde*, pp. 9, 10 e 11.

(15/16-VIII-1959), “Coloquistas procuram organizar bibliografia luso-brasileira” e “Adolfo Casais Monteiro: A grande hipocrisia da comunidade”, Bahia, *Jornal da Bahia*, p.5 e Segundo Caderno p. 4.

(17-VIII-1959), “Governador recepcionou coloquistas”, Bahia, *Estado da Bahia*.

(17-VIII-1959), “O Governador ofereceu um coquetel ao participantes do ‘IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros’”, Bahia, *Diário de Notícias.*

(19-VIII-1959), “Programa extra, no Coloquio, Sprague Smith com flauta e Ernesto Guerra da Cal com poema: são do Inst. Brasileiro (N.Y.)”, Bahia, *Diário de Notícias.*

(19-VIII-1959), “Programa extra no Colóquio, Sprague Smith com flauta e Ernesto Guerra da Cal com poema: são do Instituto Brasileiro (N.Y.)”, Salvador, *Estado da Bahia*, p. 4.

(20-VIII-1959), Programa do “Concerto de Música de Câmara”, Universidade da Bahia, IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.

(20-VIII-1959), “Sessão honoris causa: às 18.00 horas de ontem”, Salvador, *Diário de Notícias*, p. 3.

(21-VIII-1959), “Congressistas falam a JB. IV Colóquio Distinguiu-se Muito Pela Afluência Incomum de Personalidades”, Bahia, *Jornal da Bahia*.

(21-VIII-1959), “Na trilha de Eça de Queiroz. Junto ao Instituto Brasileiro nasce o Português em NY”, São Paulo, *Visão*, p. 67.

(21-VIII-1959), “IV Colóquio termina hoje na Reitoria: JK não comparecerá”, “Eduardo Portella: “Crítica brasileira estêve atrasada em pelo menos 30 anos” e “Alunos da Escola de Belas Artes brilharam ontem no IV Colóquio”, Bahia, *Jornal da Bahia*, pp. 1, 3 e 5.

(22-VIII-1959), “Encerrou-se solenemente o Colóquio Luso-Brasileiro”, Salvador, *Diário de Notícias*.

(22-VIII-1959), “Festa de encerramento ontem na Reitoria”, Salvador, *Estado da Bahia*, pp. 1 e 3.

(29-VIII-1959a), “Conferência do Professor Guerra Bacal [sic]”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 2.

(29-VIII-1959b), “Prof. Da Cal, de N.Y., de passagem pelo Recife”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 7.

(30-VIII-1959), “Professor Da Cal falará sobre Eça de Queiroz no Gabinete Português de Leitura”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 15.

(VIII-1959), “Um Profesor da Universidade de New York”, Recife.

(VIII-1959), “Um Americano no Recife”, Recife.

(VIII-1959), “VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.1

(VIII-1959), “Cantata de Câmara em homenagem ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”.

(IX-1959), “Conferências de Guerra da Cal em Estocolmo e Bahia”, Nova Iorque-NYU, *nyu notebook*.

(IX-1959), “*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*”, University of Kentucky, *Kentucky Foreing Langage Quarterly*, p.151.

(1-IX-1959), “*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*”, Recife, *Jornal do Comércio*.

(2-IX-1959), “Ernesto da Cal em Fortaleza”.

(IX/X-1959), “Ernesto Guerra da Cal fala sôbre Eça de Queiroz”, Fortaleza, *Boletim da Universidade do Ceará*, V. 4, N. 5, p. 399.

(X-1959), “Nota editorial”, in *Lua de alén Mar*, Vigo, Galaxia.

(XI-1959), “Honors”, Nova Iorque, *New York University Alumni News*.

(S/d, 1959?), “*Lua de Alén-Mar*, por Ernesto Guerra Da Cal”.

(1959), “Alicerce”, México, *Vieiros*, nº 1.

(VII/XII-1959), “Êxito do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, *Boletim Bibliográfico e Informativo do Instituto de Estudos Portuguêses* (Universidade de São Paulo), nº 10, p. 8.

(XI-1959), “Honors”, *University Alumni News*.

(XII-1959), “En la Casa Galicia. Con brillante acto cerró su concurso literario”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia), s/n.

(I-1960), “Articulados e sistematicos. Estudos luso-brasileiros nos Estados Unidos. Declarações do prof. Machado da Rosa, da Universidade de Wisconsin”, São Paulo, *A Gazeta*.

(II-1960), “NYU’s Foreing Faculty”, “The CIAD” e “Two Junior Year Abroad Programs”, Nova Iorque, *NYU Notebook*.

(5-II-1960), “Curso de Estudos Portugueses na Univ. de N. Y.”, New Bradford, *Diário de Notícias*, p. 1.

(11-II-1960), “Curso de estudos portugueses na Universidade de New York”, Newark, *Luso Americano*.

(31-III-1960), “Brazil Honours 2 at N.Y.U.”, *New York Times*, p. 25.

(6-IV-1960), “Recepción de la cónsul general de Brasil”, Nova Iorque, *El Diario de Nueva York*.

(10-IV-1960), “Brazil Honors University of New York Teachers”, *Brazil Herald*, p. 12.

(15-IV-1960), “Agraciado”, *Visão*, p. 17.

(IV-1960), “Agraciados com o Cruzeiro do Sul-Nova York”.

(IV-1960), “Honors”, *New York University Alumni News*.

(IV-1960?), “Spanish Department Da Cal Talk on ‘Don Quixote’” (publicação da Universidade de Chicago).

(9-V-1960), “Seminário de Cultura Galega na Universidade da Bahia”, Bahia, *A Tarde*.

(9-V-1960), “A saudade existencial e os fundamentos da cultura galega”, Bahia, *Jornal de Notícias*.

(V-1960), “Guerra da Cal, Casais Monteiro e Jorge Amado na Universidade do Ceará”, Fortaleza-Ceará, *Clã* (revista de cultura).

(12-VI-1960a), “Os jogos florais galaico-portugueses”, Porto, *Jornal de Notícias*, pp. 1 e última.

(12-VI-1960b), “Jogos Florais Galaico-Portugueses”, Porto, *O Comércio do Porto*, pp. 1 e 7.

(12-VI-1960c), “Os jogos florais galaico-portugueses”, Porto, *O Primeiro de Janeiro*., pp. 1-2.

(14-VI-1960a), “Los juegos florales galaico-portugueses”, Lugo, *El Progreso*.

(14-VI-1960b), “En el grandioso escenario del palacio de los duques de Braganza en Guimarais se celebraron el sábado los Juegos Florales Galaico-Portugueses”, Ourense, *La Región*, pp. 5 e 3.

(14-VI-1960c), “Los juegos Florales Galaico-Portugueses”, *El Pueblo Gallego*.

(2-VII-1960), “As comemorações nos Estados Unidos”, Lisboa, *O Século*.

(7-VIII-1960), “Chegam intelectuais para o congresso de crítica literária”, “Instala-se hoje o I Congresso de Crítica e História Literária” e “Acontecimento cultural importante o congresso de crítica e história literária (depoimento do Professor Nilo Pereira)”, Recife, *Diário de Pernambuco*, pp. 11, 14 e 11 do Segundo caderno.

(9-VIII-1960), “Prosseguem trabalhos do congresso de crítica literária: Inaugurada exposição de pintura”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 3.

(10-VIII-1960), “Concepção literária suscita intensos debates no Congresso”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 5.

(11-VIII-1960), “Tristão de Athayde salienta o primeiro congresso”, Recife, *Diário de Pernambuco*, Segundo caderno, p. 8.

(12-VIII-1960), “Prof. Guerra da Cal Exalta Importância Do Congresso de Crítica Literária”, (com fotografia); e “’Nasceu no Recife crítica literária científica’, diz Barbosa Melo”, Recife, *Diário de Pernambuco*, p. 5 e Segundo caderno p. 8.

(13-VIII-1960), “Depoimentos: Peregrino Junior, presidente da União Brasileira de Escritores e Membro da Academia Brasileira de Letras, e Jean Paul Sartre”; “Poesia espanhola: Dámaso Alonso”; e “Depoimento: Afrânio Coutinho”, Recife, *Diário de Pernambuco*, pp. 3, 4 e 6.

(16-VIII-1960), “Êxito do Congresso de História e Crítica Literária”, Recife, *Diário de Pernambuco*.

(VII/VIII-1960), “Congresso de Crítica: Recife”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, pp. 2 e última.

(VIII-1960), “Da Cal no Rio volta para o ano”.

(20/21-VIII-1960), “Guerra da Cal, Lições no Brasil”, Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*.

(IX-1960), “Em Recife: I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, pp. 1 e 10.

(1-IX-1960), “I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”, *Diário Popular*.

(X-1960), “Honors”, Nova Iorque, *New York University Alumni News*.

(XII-1960), “Professor Da Cal”, Nova Iorque, *A Luta*, capa.

(10-XII-1960), “Em São Paulo Professor da Universidade de Nova York”, São Paulo, *O Estado de São Paulo*, p. 11.

(11-XII-1960), “O Prof. Guerra da Cal veio informar-se sobre o movimento literario brasileiro”, São Paulo, *Folha de São Paulo*, p. 7.

(18-XII-1960), “Fatos e Autores. Guerra da Cal em São Paulo”, São Paulo, *Folha de São Paulo. Folha Ilustrada*, p. 4.

(XII-1960), “’Cachelada’ en nuestra sociedad”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), s/n.

(1-III-1961), “Os Portugueses foram os primeiros”, Lisboa, *Diário da Manhã*, p.1

(s/d, 1961), “Biblioteca de Estudos Literários”, *Boletim Informativo nº 1*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.

(15-I-1961), “O Prof. Guerra da Cal veio informar-se sobre o movimento literário brasileiro”, *São Paulo*, O Estado de São Paulo.

(X-1962), “Honors”, Nova Iorque, *The New York University Alumni News.*

(1962), “Alicerce”, “Seminario de cultura galega”, México, *Vieiros*, nº 2.

(26-III-1963), “Blanco Amor hablará hoy sobre ‘García Lorca y los poemas gallegos”, *Faro de Vigo*, p. 4.

(5-IX-1963), “No meio de grande interesse continuaram ontem os trabalhos do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, Coimbra, *Diário de Coimbra*, pp. 1 e 9.

(6-IX-1963), “Terminaram ontem as reuniões ordinárias das várias secções do V Colóquio Internacional dos Estudos Luso-Brasileiros”, Coimbra, *Diário de Coimbra*, pp. 1 e 3.

(XII-1963), “Da Cal, Ernesto G.”, “NYU Notebook”, *New York University Alumni News*,

Vol. 7, nº 3.

(XII-1963), “Sección de Cultura y Colaboradores”, “Homenaje a Rosalía de Castro”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa Galicia).

(21-III-1964), “Newly Published Books”, *New York Times*, p. 23.

(1964), “Alocução resumida do Professor Ernesto Guerra da Cal, que falou em nome dos Congressistas Estrangeiros”, in *Anais do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 63.

(V/VI-1964), “Guerra da Cal” (apresentação do “Poema a Luís de Camões”), São Paulo, *Revista Camoniana*, Ano I, nº 1, p. 197.

(VI-1964), “A Statement from the Editor”, Wisconsin, *Luso-Brazilian Review*, nº 1, pp. 3-4.

(20-X-1964), “Foundation Asists Romance: Portuguese Study Gets Grant”, *Phoenix*.

(27-X-1964), “Da Cal Discusses El Sueño”, *Phoenix*.

(XII-1964), “Cachelada a Beneficio de la Fundación Penzol y Homenaje a Camilo José Cela”, e “Dia das Letras Galegas”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), 2 pp.

(II-1965), “Professor Guerra da Cal. O seu estudo sobre Eça de Queirós vai ser traduzido para Português”, Lisboa, *Seara Nova*.

(IX-1965), “Junior Year in Lisbon”, *Hispania*, Vol. 48, p.606.

(1966), “Segunda circular do VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”.

(VII-1966), “La ‘canción gallega’”, Ponte Vedra, *Diario de Pontevedra*.

(VII-1966), “Con gran brillantez. Dio comienzo el VII Festival de la Canción Gallega”, Vigo, *Faro de Vigo*.

(10-VII-1966), “VII Festival de la canción gallega”, Vigo, *El Pueblo Gallego*.

(13-VII-1966), “Pontevedra y la canción gallega. Desde el I Festival han sido estrenadas 88 canciones”, Vigo, *Faro de Vigo*.

(13-XI-1966), “Memoria de Cecilia Meireles. Cecilia e Rosalia”, in “Arte y Letras” *Faro de Vigo*, p. 8.

(V-1967), “Honors and awards to cuny graduate division”, *The City University of New York graduate newsletter*, vol. 3, nº 2.

(24-VIII-1967), “Guerra da Cal, en Galicia”, Vigo, *Faro de Vigo*.

(X-1967), “Editorial. Como dizíamos ontem”, Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 7, pp. 3-4.

(18-XII-67), *Linguagem e estilo de Eça de Queiroz*, emissão radiofónica digitada, Espólio EGC.

(1968), “Cumio”, México, *Vieiros*, nº 4.

(XII-1968), “Professor Da Cal awarded order of prince Henry the navitator by the portuguese government” e “Executive Officers of the Doctoral Programs”, Nova Iorque (CUNY), *graduate newsletter*, Vol. 5, nº 1, pp. 3 e 6.

(XII-1969), “Dois poemas de Guerra da Cal”, Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p. 15.

(1970), “Centenário da Geração de 70”, Coimbra, *Biblos*, Vol. XLVI, p.672,

(16-I-1970), “Mestre de Nova Iorque fará conferências da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, p.3.

(16-I-1970), “Brasil influencia os EUA”, São Paulo, *Estado de São Paulo*.

(17-I-1970), “Eça de Queiroz. Edições Tempo Brasileiro”, Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*.

(21-I-1970), “Encontro Matinal. Notícias Literárias. Conferências de Guerra da Cal na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, p.2.

(22-I-1970), “Das Letras. Eça Redescoberto”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*.

(31-I/1-II-1970), “Ronda Semanal V.P.”, Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*, p. 2.

(14/15-II-1970), “Ronda Semanal V. P.”, Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*, p. 8.

(III-1970), “Honors and Awards to the Doctoral Faculty. Ernesto G. Ca Cal”, *The City University of New York Graduate Newsletter*, p. 8.

(28/29-III-1970), “Ronda Semanal V.P.”, Rio de Janeiro, *Voz de Portugal*, p. 8.

(III-1970), “Honors and Awards to the Doctoral Faculty”, Nova Iorque, The City University of New York Graduate Newsletter, Vol. 6, nº 2.

(7-XI-1970), “Visita Angola o Prof. Ernst Cal”, Luanda, *A Província de Angola*, p. 4.

(7-XI-1970), “Prof. Ernest Guerra Cal”, Luanda, *O Comércio*.

(8-XI-1970), “Um professor cineasta dois cineastas e um escritor visitam Benguela e Lobito”, Luanda, *A Província de Angola*.

(17-XI-1970), “Dia a Dia. Conferência sobre Eça”, Luanda, *O Comércio*, pp. 1 e 14.

(19-XI-1970), “Conferência do Professor Guerra da Cal sobre *A Relíquia*”, Luanda, A *Província de Angola*.

(19-XI-1970), “Conferência do Professor Guerra da Cal sobre Eça de Queiroz”, Luanda, *O Comércio*.

(21-XI-1970), “Catedrático americano falou em Eça de Queiroz”, Lourenço Marques, *Notícias*, pp. 1 e 5

(22-XI-1970), “Conferência pelo Prof. Ernesto Guerra da Cal na Sociedade de Estudos”, Lourenço Marques, *Notícias*.

(22-XI-1970), “Na Sociedade de Estudos. Conferência pelo Professor Ernesto Guerra da Cal”, Lourenço Marques, *Diário*, p.2.

(26-XI-1970), “*A Relíquia* é uma triunfante ilustração da supremacia da arte sobre a vida”, Lourenço Marques, *Notícias*.

(27-XI-1970), “Regressou ontem à metropole o prof. dr. Guerra da Cal”, Lourenço Marques, *Notícias*.

(29-XI-1970), “Conferência do Professor Guerra da Cal sobre ‘*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco’”, Lourenço Marques, *Diário de Notícias*.

(1971), “Centenário da Geração de 70”, Coimbra, *Biblos*, Vol. XLVII, p.600.

(5-I-1971a), “Ecos. Presidência do Conselho”, Lisboa, *Diário de Notícias*, p. 2.

(5-I-1971b), “Presidência do Conselho”, Lisboa, *A Capital*.

(8-I-1971), “Ciclo de Conferências no Grémio Literário. *A Relíquia* comentada por um especialista em Eça de Queirós”, Lisboa, *Diário de Notícias*.

(8-I-1971), “Conferência sobre *A Relíquia* no Grémio Literário”, Lisboa, *Diário Popular*.

(8-I-1971), “’*A Relíquia’* --tema da palestra do Prof. Guerra da Cal no Grémio Literário”, Lisboa, *A Capital*, p.6.

(9-I-1971), “Conferência do Professor Guerra da Cal sobre *A Relíquia*”, Lisboa, *A Capital*, p.5.

(9-I-1971), “Comemorações do Centenário da Geração de 70. Conferência pelo Professor Guerra da Cal”, Lourenço Marques, *Notícias*.

(9-I-1971), “Conferência do Prof. Guerra da Cal sobre Eça de Queiroz”, Lisboa, *Diário de Lisboa*, p.2.

(9-I-1971), “Comemorações do Centenário da Geração de 70. ‘Conferências do Casino’ pelo Professor Guerra da Cal”, Lourenço Marques, *Notícias*, pp. 1 e 3.

(9-I-1971), “No Grémio Literário. Conferência do prof. Ernesto da Cal sobre Eça de Queirós”, Lisboa, *Diário de Notícias*, p.72,3.

(9-I-1971), “Sobre Eça de Queiroz”, Lisboa, *Diário de Lisboa*.

(9-I-1971), “O Professor Guerra da Cal falou de *A Relíquia* de Eça de Queirós no Grémio Literário”, Porto, *O Primeiro de Janeiro*.

(9-I-1971), “Conferências. Do prof. Guerra da Cal sobre ‘A Relíquia’”, Lisboa, *A Capital*, p. 5.

(14-I-1971), “Conferência do Prof. Guerra da Cal”, *Notícias*, Lourenço Marques, p. 15.

(16-I-1971), “Comemorações do Centenário da Geração de 70”, Coimbra, *Diário de Coimbra*.

(VI-1971), "O professor Rod Horton novamente em Portugal" e "Outros bolseiros americanos em Portugal", *Boletim do Programa Fulbright-Hays. Comissão Cultural Luso-Americana*, nº 16 (s/n, p. 2).

(29-V-1972), "Homenagem a Camões na Sociedades de Estudos", Lourenço Marques, *A Tribuna*.

(4-VI-1972), "Poetas españoles en U.S.A.", *Faro de Vigo* (Páginas selectas-crítica de libros), p. 26.

(VIII-1972), "*A Relíquia*, Romance Picaresco e Cervantino", Lisboa, *Colóquio Letras*, Nº 8, p.8.

(1974), "Da Cal, Ernesto Guerra", in *Directory of american scholars*, 6ª Ed. Vol. III., edited by Jaques Cattell Press, New York-London, R. R. Bowker Company, A Xerox Education Company, p. 103.

(II-1974), "Novos colaboradores", *Colóquio Letras* (badana).

(8-XI-1974), "Ideia de Rodrigues Lapa. Galegos na Associação Portuguesa de Escritores", Lisboa, *Diário de Lisboa*.

(IV/VI-1975), "O Profesor Machado da Rosa", *Grial*, nº 48, pp. 250-251.

(7-XI-1975), Ver Lapa, Manuel Rodrigues.

(30-IX-1976), "As técnicas e a função do desenho de personagem nas tres versões de '*O Crime do Padre Amaro*'", Porto, *O Comércio do Porto*.

(16-X-1976), "O Tempo nas Letras. Em Portugal. 'Bibliografia Queirociana, Apêndice a Lengua y Estilo de Eça de Queiroz' por Ernesto Guerra da Cal", Lisboa, *O Século*.

(III-1977), "Teses sobre literaturas de língua portuguesa", *Colóquio Letras* nº35, p.100.

(IX-1977a), "Fundação Eça de Queiroz", *Opção* (Lisboa).

(IX-1977b), "Informação literária. Um monumento ímpar a Eça de Queiroz", Lisboa, *Colóquio Letras*, nº 39, pp. 103-104.

(X-1977), "Guerra da Cal em Portugal", Lisboa, *O Jornal*.

(8/14-X-1977), "Luneta. Fundação Eça de Queirós", Lisboa, *Opção*, p.1.

(I-1978), "Um romance inédito de Eça de Queirós?", *Colóquio Letras*, nº 41, pp. 100-101.

(3/9-III-1978), "Diálogo com o leitor. Um inédito de Eça", Lisboa, *O Jornal*, p. 3.

(1978), "Centenário de *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz. 1878-1978. Exposição Evocativa", Lisboa, Biblioteca Nacional.

(12-VI-1979), "Dice Rodrigues Lapa. "El idioma gallego, si quiere sobrevivir, deberá fundirse con el portugués", *El Ideal Gallego*.

(16-VI-1979), "Foi presentado en Lisboa o primerio (sic) libro da colección 'Noroeste'", A Corunha, *La Voz de Galicia*.

(2-II-1981), "A alegre chegada de Figueiredo a Lisboa", São Paulo, *Jornal da Tarde*, p. 10.

(7-II-1981), "Festas e recepções em honra do Presidente João Figueiredo", *A Tarde* (ditos&factos), p. 14.

(3/16-III-1981), “Editorial”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 1, p. 2.

(17/30-III-1981), “Livros. Edições Almedina-Coimbra”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 2, p. 26.

(28-X/5-XI-1981), “Nota de apresentação de ‘Conto de Fadas’”, Vigo, *A Nosa Terra*, p. 20.

(1981), “GUERRA DA CAL, Ernesto”, *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada Ed., Vol. XVII, p. 15.

(III-1983), “Ernesto Guerra da Cal, prémio de bibliografia”, *Colóquio Letras* nº 72, p.112.

(26-VI-1984), “Unos 8.000 manifestantes pidieron soberanía nacional para Galicia” e “’Non queremos apropiarnos da figura de Castelao’, dijo Camilo Nogueira”, *La Voz de Galicia*, pp. 19 e 20.

(28-VI-1984), *Castelao volta a Galiza*, Ourense, *La Región*, suplemento especial de 8 páginas.

(29-VI-1984), “Galicia viviu unha xornada histórica coa chegada á terra dos restos mortáis de Castelao”, *La Voz de Galicia*, pp. 1 e 15-17.

(30-VII-1984), “Publicidade da Xunta de Galicia: A noticia do dia en galego diario”, *La Voz de Galicia*, p. 23.

(27-X-1984), “La Literatura Gallega, obligatoria en las Facultades de Letras de Portugal”, *La Voz de Galicia*.

(III-1985), “I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza”, *Agália*, nº 1, pp. 97-101.

(22-V-1985), “Libros. Ernesto Guerra da Cal. *Futuro Imemorial*”, *A Nosa Terra*, p. 19.

(VI-1985), “Livros recebidos”, *Agália*, nº 2, p. 246.

(6-XI-1985), “Sobre los ‘Seis Poemas Galegos’ de García Lorca. Alonso Montero sale al paso de unas manifestaciones atribuidas a Guerra da Cal”, *Faro de Vigo*, p. 1.

(26-XI-1985), “Homenaxe de Galicia, en Vigo, a Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 48.

(27-XI-1985), “Comenzó en Vigo un ciclo cultural en torno a los polémicos poemas gallegos de Lorca”, *La Voz de Galicia*, p. 19.

(27-XI-1985), “Castelao tendrá un monumento en Viana do Castelo”, *Faro de Vigo*, p. 21.

(28-XI-1985), “Cincoentenario dos Seis Poemas Galegos. Comezou o homenaxe a García Lorca no Centro Cultural da Caixa”, *Faro de Vigo*, p. 24.

(XII-1985), “Para ler num bom galego” e “Livros recebidos”, *Agália*, nº 4, pp. 483-486 e 491

(1985), *Carta de Primavera*, Nova Iorque, The Hispanic Society of America.

(10-I-1986), “Uma semana de livros”, Lisboa, *Semanário*, p. 48.

(I-1986), “Apresentação do trabalho de António Gil Hernández”, Braga, *Temas de O Ensino*, nº 6/10, pp. 245-246.

(1-II-1986), “Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro. Circular informativa nº 6”, *Nós*, nº 1, pp. 59-60.

(30-X-1986), “Cultura. Acordo Ortográfico: Galiza pede a Madrid adesão simplificada”, Porto, *Jornal de Notícias*, p. 9.

(7-XI-1986), “El Gobierno central aceptaría la inclusión del gallego en el área lusa si lo propusiera la Xunta”, A Corunha, *La Voz de Galicia*.

(8-XI-1986), “Para el idioma gallego. Los reintegracionistas insisten en que se asuma la norma lusófona”, *Faro de Vigo*, p. 21.

(15/21-XII-1986), “O regresso de Eça”, Lisboa, *Jornal de Letras*, p.4.

(1986), “III Colóquio Galaico-Minhoto”, “Constituida a ‘Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro”, “Concessões ao poder estabelecido e as normas castelhanistas de AP” e “Participantes do Encontro do Programa de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa do Rio de Janeiro”, *O Ensino*, nº 14-17, pp. 246-247, 254-255, 261 e 281-282.

(III-1987), “Edição crítica da obra completa de Eça de Queirós”, *Colóquio Letras* nº 46, pp. 140-141.

(III-1987), “II Congresso”, *Agália*, nº 9, pp. 95-96.

(III-1988a), “Um século de Pessoa. Efeméride”, *Livros de Portugal*, pp. 17-22.

(III-1988b), “II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza”, *Agália*, nº 13, pp. 106-113.

(29-IV-1988), “Síntese. Eça e o seu tempo evocados em Paris”, Lisboa, *Diário de Notícias*, p. 23.

(V-1988), “Catálogo nº 8. Livraria Barateira, Lda”, Lisboa, Espólio EGC.

(IX-1988), “II Congreso de Estudos Galegos”, *Agália*, nº 16, pp. 491-492.

(27-XI-1988), “Eça a dois passos da vala comum”, Lisboa, *Europeu*, p.1

(XII-1988), “I Encontro Internacional da Lusofonia”, *O Ensino*, nº23-28, pp. 341-342.

(1-XII-1988), “Eça de Queirós no Panteão Nacional”, Lisboa, *Europeu*, p.1.

(2-XII-1988), “Caso Eça de Queirós comociona o Brasil, Lisboa, *Europeu*, p.1

(1988), “Quental, Antero de”, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, pp.538-540.

(12-XII-1988), “Eça deverá ser trasladado para Vermedilho –sua vontade expressa”, Aveiro, *Diario de Aveiro*.

(24-IV-1989), “Coimbra doutorou espanhol e belga honoris causa”, Coimbra, *Diário de Coimbra*, pp. 1 e 5.

(1989a), “Morreu um dos ‘bons e generosos’ o Prof. Manuel Rodrigues Lapa”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 524-527.

(1989b), “No Dia da Lusofonia, 1 de Dezembro”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 535-536.

(1989c), “Apresentação do ‘Parecer para Unificação de Galego, Português e Brasileiro’ na Galiza e Portugal”, Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, p. 537.

(1989d), “Parecer da ‘Comissão para a Integração da Lingua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada’ sobre ‘As Bases da Ortografia Unificada’ de 1988, da Academia de

Ciências de Lisboa, com vista ao reinicio de uma negociação comum entre os paises lusofonos, a Galiza inclusive", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18, pp. 539-545.

(1989e), "Conselho Consultivo", Pontevedra-Braga, *Nós* nº 13-18.

(IX-1989), "Um contencioso supresivo contra a Universidade de Santiago" e "XIX Congresso de Lingüística e Filologia Románicas: Um congresso seqüestrado", *Agália*, nº 19, pp. 387-393 e 400-404.

(IV-1991), "Notícias. Elaboração por todos os países lusófonos em Lisboa das Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa que unifica a escrita de galego, português e brasileiro", *Cadernos do Povo*, nº 15-18, pp. 85-86.

(I-1992), "II Encontro Internacional de Queirosianos. Segunda Circular", Instituto de Língua e da Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(VI-1993), "IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Homenagem a Ferdinand de Saussure", *Agália*, nº 33, pp. 106-111.

(1993), "A Duse", "Testamento de Mecenas", "*Uma Conspiração em Havana*", in *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª edição), Lisboa, Caminho.

(XII-1993), "Who's who. Ernesto Guerra da Cal", *Portuguese Heritage*, p. 7.

(7-I-1994), Texto de apresentação de Da Cal e de Gladstone Chaves de Melo para apresentar o artigo dese "A poesia de Ernesto Guerra da Cal, modelo de reintegração", *Notícias de Guimarães*, Página Cultural, p. 1.

(17-IV-1994), "Guerra da Cal, poeta de Quiroga" e "El perenne recuerdo del Sil", *La Voz de Galicia*, ed. Terras de Lemos.

(19-IV-1994), "Linguistas lusófonos unem-se em associação internacional", Lisboa, *Público*, p. 25.

(25-V-1994), "Em destaque. O português da Galiza", Lisboa, *Jornal de Letras*, p.3

(VI-1994), "Homenagem ao Professor Ernesto Guerra da Cal em Quiroga", *Agália*, nº 37, pp. 106-112.

(2-VI-1994), "'O português, língua da Galiza'. Razões de uma reunião que hoje começa em Lisboa", *Jornal de Notícias*, p. 33.

(3-VI-1994), "A guerra linguística da Galiza", *Diário de Notícias*, p. 33.

(4-VI-1994), "Espanhóis e portugueses em defesa do 'galego'. Encontro em Lisboa contra castelhanização", *Jornal de Notícias*, p. 8.

(1993-1994), "In Memoriam", Coimbra, *Queirosiana*-5/6, pp.13-14.

(3-VIII-1994), "Morreu Guerra da Cal", Lisboa, *Jornal de Letras*.

(25-IV-1994a), "Quiroga adicou unha homenaxe ó poeta ferrolán Guerra da Cal", Santiago de Compostela, *El Correo Gallego*.

(25-IV-1994b), "Homenaxe a un poeta errante. Quiroga lembrou o sábado a Ernesto Guerra da Cal, o exiliado eterno das letras galegas", Santiago de Compostela, *O Correo Galego*.

(I-IX-1994), "Acordo da Academia Brasileira de Letras", Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

(6-IV-1995), "Buena acogida al Centro de Estudios Históricos", *La Voz de Galicia*, Ferrol.

(V-1995), “In Memoriam. Foi-se-nos o Professor Ernesto Guerra da Cal”, *Agália*-39, p. 353-369.

(7-XI-1995), “Piden que sean distinguidas las casas que habitaron en Quiroga Moreiras y Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia*, Correspondente em Quiroga, Ed. Terras de Lemos, p. 38.

(29-XI-1995), “El Ayuntamiento pondrá placas en las casas donde vivieron Ernesto Guerra da Cal y Eduardo Moreiras”, *La Voz de Galicia*, Correspondente em Quiroga, Ed. Terras de Lemos, p. 38.

(30-XI-1995), “Gentes y Hechos”, *La Voz de Galicia*, Ed. Terra de Lemos.

(1-XII-1995), “Eduardo Moreiras: una relación constante y estrecha con la comarca natal”, *La Voz de Galicia*, Correspondente em Quiroga, Ed. Terras de Lemos, p. 37.

(XII-1995), “O Dia das Letras em Madrid”, *Agália*, nº 42, pp. 244-245.

(II-1996), “Anel homenagea a Guerra da Cal”, *Gralha*, nº 10, capa.

(VI-1996), “Mais sobre ‘Autos’ e sentenças da Sala do Contencioso-Administrativo da Corunha”, *Agália*, nº 44, p. 487.

(VI-1996), “Guerra da Cal. Poeta Galego: A memória presente”, *Agália*-44, pp. 495-497).

(9-VIII-1996), “Ánxel Fole, un vecino de Quiroga”, *La Voz de Galicia*, Especial, p. 6.

(18-VIII-1996), “La Irmandade de Fillos de Quiroga publicó el undécimo ‘Don Camilo’”, *La Voz de Galicia*, Terras de Lemos, p. 28.

(IX-1996), “Um lusista insólito, o Sr. Fraga Iribarne” e “Eleito o novo Conselho da Associaçom Galega da Língua”, *Agália*, nº 45, pp. 92 e 101-102.

(27-III-1997), “Ánxel Fole, protagonista del Día das Letras Galegas. Una calle en la villa”, *La Voz de Galicia*, Especial, p. 7.

(23-VII-1997), “El BNG de Quiroga conmemora hoy el Día da Patria con una charla sobre Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia*, Terras de Lemos, p. 29.

(II-1998), “Homenagem a Valentim Paz Andrade”, *Agália*, nº 50, pp. 239-248.

(28-III-1998), “Una muestra recuerda en Bendaña la estancia de García Lorca en Galicia”, *La Voz de Galicia*, (Santiago), p. 48.

(16-VI-1998), “Muestra sobre García Lorca y Galicia en la galería Sargadelos”, *La Voz de Galicia* (Pontevedra), p. 43.

(6-XII-1998), “El Concello de Compostela reúne en un libro poemas dedicados a García Lorca”, *La Voz de Galicia*, p. 40

(2-II-1999), “Alonso Montero reúne os poemas dos autores galegos que choraron a Lorca”, *La Voz de Galicia*, p. 34.

(14-II-1999), “Agal celebra el 40 aniversario de ‘Lua de além-mar”, el poemario de Guerra da Cal”, Vigo, *Faro de Vigo*.

(3-V-1999), “Profesores de Universidad realzan el perfil humano e intelectual de Guerra da Cal”, Vigo, *Faro de Vigo*, p.8. (Reproduzido in *Agália*, nº 56, p. 496).

(1999), “La generosidad de Elsie Allen da Cal” e “Semblanza de Ernesto Guerra da Cal”, Madrid, *FGL* (Boletín de la Fundación Federico García Lorca) 25, pp.69-72).

(26-VIII-1999). “Palabras para Rubia Barcia”, *La Voz de Galicia*, (Ferrol), p. 35.

(28-VIII-1999), “El Concello rendirá homenaje a la memoria del poeta Ernesto Guerra daa Cal”, A Corunha, *La Voz de Galicia*, (Ferrol), p. 34.

(9-X-1999), “Morreu Anne Marie Morris, poeta norteamericana”, *La Voz de Galicia*, p. 82.

(5-XI-1999), “El Liceo pondrá a disposición de los investigadores el legado de Xosé Rubia Barcia”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 46.

(XI-1999), “No centenário do nascimento de Federico Garcia Lorca-Três Poetas” e “No quadragésimo aniversário da ediçom de Lua de Além-Mar”, *Agália*-56, pp. 492-495 e 496-497.

(II-2000), “Ano Queirosiano na BN”, Lisboa, Biblioteca Nacional, *Informação BN*, p.2

(6-III-2000), “El Liceo insta al Concello a gestionar la cesión del legado de Rubia Barcia”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 9.

(4-VIII-2000), “Convocado en Portugal un premio de ensayo en honor de Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia*, p. 43.

(16-VIII-2000), “A má sorte de *Os Maias* na escola”, Lisboa, *Diário de Notícias.*

(16-VIII-2000), “Como Joyce, Eça Sentia Que a Pátria Destruía Os Seus Filhos”, Lisboa, *Público*, p.2.

(6-IX-2000a), “Carlos Reis ao JC sobre o Congresso de Estudos Queirosianos. ‘Não organiza congressos desta dimensão quem quer, mas sim quem pode”, Coimbra, *Jornal de Coimbra*, p. 5.

(6-IX-2000b), “Eça de Queirós, sempre”, Lisboa, *Jornal de Letra*s, Suplemento Camões nº 25, pp. 1-2.

(8-IX-2000), “Busto descerrado pelo presidente da República. Eça voltou a Coimbra”, Coimbra, *Jornal As Beiras*, Suplemento Gente p.2.

(6-IX-2000), “Eça de Queirós, sempre”, Lisboa, JL (secção *Camões*, edição mensal do Instituto Camões para o JL, nº 25, p. 1).

(16-II-2001), “Ferrol se une a Portugal para festejar el Día de la Universidade do Minho”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 13.

(20-III-2001), “Cultura califica la obra literaria de Xohana Torres de ‘orgullo para tódolos ferroláns’”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 7.

(12-V-2001), “El Instituto Camões de Vigo rinde homenaje a Eça de Queirós en su centenario”, *La Voz de Galicia*, p. 27.

(8-XI-2001), “El Liceo proyecta ceder al Ayuntamiento la biblioteca del escritor Rubia Barcia. Valle Inclán, Quintanilla, Guerra da Cal, Xil o Américo Castro”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 4.

(18-XI-2001), “A Real Academia decide rexeita-lo cambio na normativa do galego”, *Diario de Ferrol*, p. 29.

(26-XI-2001), “O Ateneo e Galiza Solidária únense nunha homenaxe ó escritor Eça de Queirós”, *Diário de Ferrol*, p. 7.

(27-XI-2001), “Ferrol e Portugal únense na mostra do Ateneo dedicada a Eça de Queirós”, *Diario de Ferrol*, p. 13.

(28-XI-2001), “Joel Gómez subraya el prestigio científico de las investigaciones de Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(29-XI-2001), “Traballadores de Normalización da Lingua piden unha nova normativa”, *Diario de Ferrol*, p. 30.

30-XI-2001a), “Ábrese no Ateneo un ciclo acerca da obra de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós”, *Diário de Ferrol*, p. 16.

(30-XI-2001b), “Breves. Conferencia sobre Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(2-XII-2001), “O Ateneo inaugurou onte una exposición colectiva de carácter benéfico. Eça e Guerra da Cal”, *Diario de Ferrol*, p. 13.

(4-XII-2001), “Gomes afirma que Guerra da Cal é a figura galega com maior recoñecemento”, *Diario de Ferrol*, p. 15.

(6/12-XII-2001), “Lembranza de Guerra da Cal”, *A Nosa Terra*.

(11-XII-2001), “Alcalá fala mañá no Ateneo sobre Eça de Queirós e Guerra da Cal”, *Diario de Ferrol*, p. 15.

(12-XII-2001), “Concierto de Paloma Suanzes en homenaje a Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(13-XII-2001), “Xavier Alcalá: ‘Eça de Queirós foi o mellor escritor realista”, *Diario de Ferrol*, p. 15.

(15-XII-2001), “Solicitan da Academia Galega que retome o debate sobre a normativa”, *Diario de Ferrol*, p. 17.

(18-XII-2001), “Cultura. Expertos en Guerra da Cal critican el olvido del escritor en Galicia” e “Los expertos en la obra de Guerra da Cal lamentan el olvido que sufre en Galicia, *La Voz de Galicia*, (Ferrol), pp. 1 e 6.

(19-XII-2001), “Cultura reivindica los legados de Canalejas y Guerra da Cal. El Ayuntamiento asume el compromiso de difundir la obra de Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia*, (Ferrol), pp. 1 e 7.

(4-I-2002), “La literatura, una ventana al mundo”, *La Voz de Galicia* (Ferrolterra. Especial Nuevo Ciclo), p. 17.

(5-I-2002). “El nuevo Centro de Estudos Ferroláns dispondrá del legado de Rubia Barcia. Textos de Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(16-I-2002), “La Semana Literaria del Esquío”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 9.

(2-II-2002), “La colección Tempo de Historia abre una nueva etapa”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(II/III-2002), “Lembrando Guerra da Cal”, *Artábria Informaçom*, nº 7, pp. 1 e 3.

(25-V-2002), “Ferrol tiende nuevos puentes para la cultura atlántica entre Galicia y Portugal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(16-VI-2002), “Minho respalda a Ferrol como Patrimonio de la Humanidad”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(VIII-2002), “Letras de câmbio... Câmbio de letras. Joel R. Gomes. Especialista em Guerra da Cal”, *Em Movimento*, pp. 25-26.

(27-XI-2002), “Suso de Toro y un recital de poesía abren el congreso de didáctica”, *La Voz de Galicia* (ed. Santiago), p. 9.

(29-XI-2002), “Joel Gómez recolle nun libro o traballo do científico galego máis internacional”, *La Voz de Galicia*, p. 51.

(3-XII-2002), “El Concello de Ferrol rinde homenaje a la figura de Ernesto Guerra da Cal” e “Ferrol lembrou a figura do seu ilustre fillo Ernesto Guerra da Cal”, *Diario de Ferrol*, pp. 1 e 18.

(4-XII-2002a), “Música para recordar a Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2 e 5.

(4-XII-2002b), “Galaxia edita la novela póstuma de Antón Risco, ganadora del Cidade de Ferrol”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 5.

(5-XII-2002), “La Imagen. El Grupo de Metales Santa Cecilia recordó a Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(13-XII-2002), “Presentación. Como ‘Facer(-se) un nome, a partir de la obra de Joel Gómez”, *La Región*, p. 75.

(14-XII-2002), “Joel Rodrigues explica como ‘Fazerse un home [sic]’”, *La Región*, p. 13.

(20-XII-2002), “Joel Gómez recupera a Guerra da Cal como investigador”, *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 10.

(21-XII-2002), “Quiroga. El grupo ‘Amencer quirogués’ presentará un libro sobre el poeta Guerra Dacal”, *El Progreso*, p. 20.

(2002), “Biografía”, *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica, Concello de Ferrol, pp. 209-211.

(6-III-2003), “Cultura. Mañana se presenta un libro sobre Ernesto Guerra da Cal”, *El Progreso*, p. 6.

(25-III-2003), “El periodista Joel R. Gómez reivindica la figura del investigador Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (ed. Vigo), p. 10.

(26-III-2003), “Reivindicando a Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Vigo), p. 5.

(28-III-2003), “Guerra da Cal en el recuerdo”, *Diario de Ferrol*, p. 3 (Editorial do jornal) e 13.

(29-III-2003), “Joel Gómez salienta a dimensión internacional de Guerra da Cal”, *Diario de Ferrol*, p. 15.

(8-V-2003), “Libro sobre Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Pontevedra e Arousa), p. 5.

(10-V-2003), “Con Ernesto Guerra da Cal”, *Diario de Pontevedra*, p. 89.

(1-VI-2003), “Joel Gómez revisa en su última obra los trabajos del poeta gallego Guerra da Cal”, *El Ideal Gallego*, p. 18.

(4-VI-2003a), “Una obra reivindica a Guerra da Cal como el ‘gran científico gallego’ del siglo XX. De Federico García Lorca al ‘crimen del padre Amaro’”, *El Ideal Gallego*, p. 22.

(4-VI-2003b), “Joel Gómez habló de la obra de Guerra da Cal en la presentación de su libro”, *La Voz de Galicia* (A Corunha e Carballo), p. 6.

(3-IV-2004), “El Concello y la Fundación Carlos Casares acuerdan fomentar el Día das Letras”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 6.

(6-IV-2004), “Hemeroteca. En 1994 se organizó en Quiroga un homenaje a Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Lemos), p. 8.

(6-IV-2004), “La Fundación Carlos Casares debatirá sobre la cultura de Ferrol”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(29-IV-2004), “La Fundación Carlos Casares impulsará ‘a proxección da cultura ferrolá’”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(29-VII-2004), “Cultura. Recuperación de la figura de Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(8-IX-2004), “La Fundación Carlos Casares prepara unas jornadas. Interculturalidad”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 5.

(6-X-2004), “Actividades de la Fundación Carlos Casares. Conferencia de César Antonio Molina. Acto sobre Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(XII-2004), “Homenagem institucional a Guerra da Cal em Ferrol”, *Agália*, nº 79/89, pp. 291-292.

(4-XII-2004), “Literatura. Jornada [de Fundación Carlos Casares] dedicada a Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 8.

(22-XII-2004), “Jornada sobre Guerra da Cal en el Centro Torrente Ballester”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(23-XII-2004), “Guerra da Cal fixo a maior proxección da cultura galega”, *Diário de Ferrol*, p. 13.

(16-I-2005), “La Associaçom Galega da Língua nombra miembros de honor a José Posada y a Camilo Nogueira”, *La Voz de Galicia* (Santiago), p. 8.

(27-III-2005), “El pregón de José Manuel Parada inauguró la edición número 23 de la Feira do Viño de Quiroga”, *La Voz de Galicia* (Terras de Lemos), p. 3.

(21/27-IV-2005), “A Coruña. Actos. Guerra da Cal”, *A Nosa Terra*, p. 36.

(14-I-2006), “Editado íntegro o polémico estudo de Machado da Rosa sobre Rosalía. O profesor Elías Torres defende a actualidade da investigación”, *La Voz de Galicia*, p. 48.

(26-II-2006), “Nuevos nombres para calles de la ciudad”, *Diario de Ferrol*, p. 2.

(20-IV-2006), “La Imagen. Nuevo estudio sobre Ernesto Guerra da Cal”, *La Voz de Galicia* (Ferrol), p. 2.

(4-XII-2006), “Vieiros da escola: memoria do 36. Profesorado exiliado arredor de 1936. Profesionais do ensino que tiveron que deixar o país”, *Vieiros* (jornal eletrónico), www.vieiros.com/nova.php?Ed=1&id=54386 (último acessamento: 7-VI-2008).

(V-2007), “Editorial. Quem é Maria Marinho?”, *Contantinopla* (ed. digital), II Época, nº 20, p. 1. (disponível em O Portal Galego da Língua, www.agal-gz.org.

(29-V-2007), “Henrique Dacosta publica la historia de la literatura ferrolana”, *La Voz de Galicia*, p. 48.

(2-VII-2007), “O Día das Letras Galegas do 2008 será para José María Álvarez Blázquez”, culturagalega.org (jornal eletrónico do Consello da Cultura Galega), http://culturagalega.org/noticia_arquivo.php?id=10260 (ultimo acessamento: 7-VI-2008).

(5-VI-2008), “El futuro nos interesa porque es el lugar donde vamos a pasar el resto de nuestras vidas” (publicidade), *La Voz de Galicia*, especial “Dia Medio Ambiente”, p. 20.

(11-VII-2008), “Galicia solo podrá ser observador asociado en la comunidad de países de lengua portuguesa”, *La Voz de Galicia*, p. 8.

(11-VII-2008), “La unión de Galicia a los países lusófonos pasará por Madrid”, *El Correo Gallego*, p. 19.

2c).- Correspondência consultada.

Classificação alfabética das pessoas que escreveram para Ernesto Guerra da Cal. O número indica a sua ordem segundo a classificação por data. O (P) indica estar publicada.

Academia das Ciências de Lisboa-96, 223
Adams, Mildred-26
Agulla, Xoaquín-228
Albornoz, Aurora de-61
Alcalá, Xavier-94

Alonso, Luís Pazos-215
Álvarez Cáccamo, Xosé María-104
Alves, Dario-216
Alves, Manuel dos Santos-97
Amaro, Luís-122
Andersen, Hilda-43
Andrade, Eugénio de-235
Andrews, N. Jr.-69
Arce de Vázquez, Margot-31
Arvelos, E.-190
Atencia, V.-121
Ayala, Francisco-86
Azorín (José Martínez Ruiz)-135
Babín, Teresa-166
Bandeira, Manuel-54
Baroja, Pío-137
Bastos, Pedro F. B.-241
Bataillon, Marcel-57
Beardsley Jr, T.-92
Bernárdez, A.-176
Berrien, W.-19
Binns, J.-150
Blanco, Josefina-6
Blanco Amor, E.-21
Boléo, M. Paiva-172
Bousoño, Carlos-12
Brown, R. F.-141
Buckler, W.-175
Burnshaw, S.-41
Cabral, João G. de Amaral-95
Calmon, Pedro-44
Campanell, Camila P.-46
Canito, Enrique-139
Cannabrava, Euryalo-73
Capdevila, A.-142
Carballa, Xan-114
Carenas, Francisco-88
Carlin, Claudia-217
Carro Otero, José-218
Carvalho Calero, Ricardo-110
Castro, Aníbal Pinto de-124
Cautel, R.-178
Cela, Camilo J.-37
Celaya, Gabriel-68
Chasca, Edmund de-20
Chaves, Castelo Branco-196
Cidade, H.-35
Círculo Eça de Queirós de Lisboa-227
Cochofel, J. J.-191
Coelho, Jacinto do Prado-17
Coelho, João Furtado-224
Cömert, S.-76
Correa Calderón, Evaristo-181
Cortesão, Armando-65
Costa, Avelino de Jesus-102

Costa, Césio R. da-156
Costa Casas, J. J.-229
Couceiro Rivas, J.-213
Coutinho, Edilberto-188
Couto, Maria I. D.-199
Cranell, Eugenio-87
Crespo, Ángel-90
Cruz, Guilherme Braga da-91
Cucurull, Félix-117
Cunha, Celso-85
Cutler, Charles-177
Da Rosa, Alberto Machado da- 3 (P), 8
Dasilva, António-204
Del Río, Ángel-132
Donna, G. delle- 177
Doty, R.-206
Dufour, Lydia A.-221
Embaixador Portugal em Washington-130
Escudero, Vicente-173
Estévez, Xosé-123
Ewald, E. L- 207
Fernández del Riego, F.-51
Fernández Montesinos, José-15
Fernández Montesinos, Manuel-113
Fernández Teixeiro, Manuel María-109
Ferreira, Manuel Cavaleiro de-184
Ferro, Luís dos Santos-70
Figueiredo, Fidelino de-11
Figueiredo, Guilherme-89
Fonseca, Edson Nery da-182
Fontenla, José Luís-119
França, José Augusto-106
Franco Grande, Xosé Luís-56, 198.
Freire, Maria da Graça-225
Freire, Natércia-107
Frye, Irene S.-218
Fundação Casa de Bragança-4
Gamallo Fierros, Dionisio-187
Gaos, Vicente-14
García Lorca, Isabel-211
García Martín, José Luis-244
García Negro, María Pilar-105
García Sabell, Domingo-157
Ghitescu, Micaela-127
Gibson, Ian-112, 231
Giudicelli, Michelle-193
Gomes, Francisco Casado-53
Gómez de la Serna, Gaspar-140
Gonçalves, António da Silva-197
González, José Carlos, e outros-234
González López, Emilio-143
Granell, Eugenio-148
Grémio Literário de Lisboa-192
Gullón, Ricardo-33
Hampejs, Z.-30

Harrison, John-149
Hatzfeld, H.-9
Hedberg, Nils-42
Henríquez Salido, Maria do Carmo-98
Hester, J. M.-131
Hispanic Society of America (Periodicals Librarian)-220
Holland, K.-58
Horton, Rod-60
Instituto Iberoamericano Gotemburgo-162
Iria, Alberto-243
Ivey, John-152
Jiménez, J. Ramón e Camprubí, Z.-138
Kasten, Lloyd-10
Kröll, Heinz-71, 186
Lacerda, Alberto de-200
Lacombe, Américo J.-29
Laguerre, Enrique-36
Landeira Yrago, José-115
Lapa, Manuel Rodrigues-45
León, Rafael-129
Lida, Raimundo-18
Lima, Alceu Amoroso-47
Lisboa, Eugénio-233
Longland, Jean-84
Loos, D. S.-144
Lyra, Heitor-79
Machado, José e Joaquín-7
Magalhães, Nuno C. de-195
Malpique, Cruz-194
Manresa, Josefina-67
Martínez Anido, Ramiro-72
Matute, Ana María-183
Medina, João-83
Mathias, Leonardo-101
Max, Barbara S.- 201
Mayor, A. H.-168
Mead Jr., Robert G.-153
Meendinho, Grupo Reintegracionista-250
Meireles, Cecília-62
Mendes, Antero C. de Miranda-108
Meyer, Adelaide M.-34
Meyer, João Duque Estrada-209
Miguéis, José Rodrigues-55
Midlin, José E.-169
Miner, Eunice Thomas-151
Ministério Negócios Estrangeiros de Portugal-189
Monteiro, Adolfo Casais-160
Montezuma de Carvalho, Joaquim-38
Morães, Marcello de-125
Moreira, Adriano-59
Moreno, Humberto C. Baquero-100
Mörner, Magnus-40
Morris, Anne Marie-64
Moser, Gerald-
Moura, Gilberto-80

Namora, Fernando-23
Narváez, Martha M.-203
Navarro, Tomás-2 (P), 5
Nequete, Lenine-78
Neto, Serafim da Silva-158
Norton, Artur-99
Nucete-Sardi, José-77
Onís, Federico de-22
Onís, Harriet de-133
Ortega y Gasset, José-134
Otero Pedrayo, Ramón-25
Otero Pedrayo, Ramón, et alii-147
Paço d'Arcos, Joaquim-63
Palés, Angélica de-66
Paz-Andrade, V.- 1 (P), 75, 238
Pereira, Pedro Theotónio-174
Pérez Rey, Estanislao-212
Pessanha, Vasco Quevedo-248
Phi Lambda Beta-74
Pimpão, Álvaro J. da Costa-48
Piñeiro, Ramón-27
Pollock, Thomas C.-154
Portella, Eduardo-39
Presidente Conselho Directivo Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-128
Puente, Manuel / Regueira, Francisco-145
Queirós, António José-249
Quintanilla, Luis de-155
Quiroga, Vicente-126
Ray, Gordon W.-111
Rebelo, Luís Sousa-208
Reis, Carlos-103
*Revista de Occidente*-165
Reys, Luís de Câmara-32
Ribeiro, Joaquim-163
Ricard, Robert-13
Rodrigues, Urbano Tavares-236
Roggiano, Alfredo-146
Rossi, G. Carlo-24
Rossi, Nelson-50
Rubia Barcia, José-170
Sampil, Pilar-237
Samuel, R. W.-205
Saraiva, José H.- 230
Schoelkopf, Robert-202
Sena, Jorge de-52
Serís, Homero-16, 185
Seiso Peiró, Antonio-159
Silva Junior, J.- 240
Silveira, Pedro da-118
Siré, Dominique-82
Sixto Seco, Agustín-120
Soto Gil, Francisco-222
Spencer, R. K.-180
Spina, Segismundo-214
Stark, Ruth-167

Stegagno Picchio, Luciana-242
Tanselle, G. T.-226
Teyssier, Paul-247
Torga, Miguel-116
Tormes (herdeiros Eça de Queirós)-81
Trigueiros, Luiz Forjaz-239
Vallejo, Georgette-161
Vaz, Carlos José Luzio-246
Velozo, Francisco José-93
Vianna, Alfredo Marques-179
Willi, Raymond-164
Wodlinger, David-49
Woodbridge Jr., Benjamin-136
Xiz Ramil, Xulio-245.

**2ca) Epistolários**

**Cartas a Da Cal publicadas**

1.-De Valentín Paz-Andrade. Datada em Samil, aos 10 de Setembro de 1969, in Paz-Andrade, Valentín, *Epistolário* (ed. ao coidado de Charo Portela Yáñez e Isaac Díaz Pardo), Sada, Ed. do Castro, 1997, pp. 196-197.

2.-De Tomás Navarro, in FUN.

3.-De Alberto Machado da Rosa, in FUN.

4.-Da Fundação Casa de Bragança, in FUN.

**Cartas inéditas.**

5-De Tomás Navarro, 3 cartas: 30-VI-1950, 20-XI-1961, 5-XII-1963, Espólio EGC.

6-De Josefina Blanco, viúva de Ramón del Valle-Inclán: 2 cartas, datadas aos 8-II-1952 e 1-III-1955, Nova Iorque, HSA.

7-De José e Joaquín Machado, irmãos e herdeiros de Antonio Machado, 5 cartas, datadas aos 12-II-1953, 7-III-1953, 31-III-1953, 6-I-1954 e 2-V-1955. Nova Iorque, HSA.

8- (a) De Alberto Machado da Rosa, 63 cartas (veja-se também o verbete seguinte), de datas 9-X-1953, 28-X-1953, 12-IX-1956, 6-II-1957, 10-IV-1957, 13-IV-1957, 14-VII-1957, 1-VIII-1957, 6-VIII-1957, 26-VIII-1957, 13-IX-1957, 30-IX-1957, 23-XI-1957, 13-I-1958, 16-II-1958, 29-VII-1958, 31-VIII-1958, 16-IX-1958, 29-XI-1958, 26-XII-1958, 14-I-1959, 15-II-1959, 18-II-1959 (2 cartas), 21-III-1959, 3-IV-1959, 9-IV-1959, 3-IV-1959, 9-IV-1959, 11-IV-1959, 19-IV-1959, 21-V-1959, 23-VII-1959, 18/26-IX-1959, 3-XI-1959, 1-I-1960, 11-II-1960, 16-II-1960, 14-III-1960, 18-IV-1960, 13-VII-1960, 3-XII-1960, 4-VI-1962, 14-II-1963, 11-IV-1963, 22-IV-1963, 21-V-1963, s/d (VI/VII-1963?), s/d (1963?), 8-VII-1963, 22-VII-1963, 29-VII-1963, 2-VIII-1963, 1-XII-1963, 7-I-1964, 3-VII-64, 11-VII-64, 20-VII-64, 2-II-1965, 11-VI-65, 21-XII-65, 19-X-1966, 26-XI-1967, 20-XII-1968, 30-III-1973. Nova Iorque, HSA.

- (b) De Alberto Machado da Rosa. 23 cartas. A maior parte delas foram recuperadas, em cópia, no espólio de Machado da Rosa, conservado em Évora pela viúva, Aldegice Machado da Rosa. Os originais de algumas dessas cópias, plenamente coincidentes e só com a assinatura de Machado da Rosa a maiores, apareceram também no Espólio EGC. As 10 que se assinalam em carregado encontram-se na versão original em Nova Iorque, na HSA, como se assinalou no verbete anterior. As datas desse epistolário são 30-V-1954, 29-III-1955, 16-V-1955, 16-VII-1956, 12-I-1957, 17-VII-1957, 30-IX-1957, 16-II-1958,

16-IX-1958, 26-XII-1958, 7-II-1959, **15-II-1959**, **18-II-1959**, **21-III-1959a**, **21-III-1959b**, **9-IV-1959**, **11-IV-1959**, **19-IV-1959**, **21-V-1959**, **16-II-1960**, **14-III-1960**, **14-II-1963**, 18-XII-1968, Évora, Espólio Alberto Machado da Rosa.

- (c) De Alberto Machado da Rosa, 24-IX-1957. Espólio EGC.

9-De Helmut A. Hatzfeld, da The Catholic University of America de Washington, 2 cartas: 10-IV-1954 e 31-V-1955, Espólio EGC.

10- (a) De Lloyd Kasten, da Universidade de Wisconsin-Madison. 8-VII-1954, Espólio EGC.

- (b) De Lloyd Kasten, 6 cartas: 13-X-1958, 9-III-1959, 24-II-1964, 24-VIII-1964, 4-II-1971, 24-III-1971, Nova Iorque, HSA.

11-(a) De Fidelino de Figueiredo. 2 cartas, autógrafas. 6-IV-1954 e 9-VI-1954. Espólio EGC.

-(b) De Fidelino de Figueiredo, 5 epístolas: S/d (1955?), 29-XI-1959, 8-VI-1960, 21-X-1963 e s/d (1966?), Nova Iorque, HSA.

12-De Carlos Bousoño. 2 cartas. 9-V-1954 e 12-XI-1954. Espólio EGC.

13-De Robert Ricart, do Institut D'Etudes Hispaniques de L'Université de Paris, 2 cartas: 10-VIII-1954 e 10-X-1955, Espólio EGC.

14-(a) De Vicente Gaos, 3 cartas: 18-XI-1954, 30-IV-1955 e 28-II-1960, Espólio EGC.

-(b) De Vicente Gaos, 2 cartas: 11-X-1958 e 9-VI-1960, Nova Iorque, HSA.

15-De José Fernández Montesinos a Guerra da Cal. 4 epístolas, no Espólio EGC. As 4 sem datar. Uma foi enviada segundo o carimbo postal, aos 8-IV-1954. Respeito às outras 3, a primeira deve corresponder a Maio de 1955; a segunda a finais de 1955 ou inícios de 1956; e a terceira de meses mais adiante, possivelmente de finais de 1956 ou mesmo de 1957.

16-De Homero Serís, da Syracuse University, 4 cartas: 30-I-1955, 4-III-1956, 17-I-1957 e 20-VIII-1957. Espólio EGC.

17- (a) De Jacinto do Prado Coelho, 55 cartas: 20-IV-1955, 4-V-1955, 20-V-1955, 3-VI-1955, 30-IX-1955, 20-I-1956, 9-II-1956, 20-II-1956, 12-III-1956, 15-III-1956, 25-III-1956, 11-IV-1956, 23-IV-1956, 2-V-1956, VI-1956, 12-X-1956, 27-XI-1956, 18-XII-1956, 29-I-1957, 9-V-1957, 22-V-1957, 4-VI-1957, 3-VII-1957, 24-IX-1957, 17-X-1957, 18-I-1958, 25-V-1958, cartão s/d, outro cartão s/d (1958 os dois?), 29-VI-1958, 3-X-1958, 31-X-1958, 1-II-1959, 16-II-1959, 28-X-1959, 27-IV-1960, 10-XI-1960, 11-III-1961, 28-X-1962, 18-II-1964, 2-VI-1964, 24-VII-1964, 2-I-1965, 22-II-1965, 3-V-1965, 9-VI-1965, 31-VIII-1965, 5-X-1965, 6-XI-1965, 23-IV-1967, 7-VI-1967, 112-X-1967, 14-XII-1971 e 13-IX-1974, Nova Iorque, HSA.

- (b) De Jacinto do Prado Coelho. 2 cartas. 3-V-1971 e 23-VII-1983. Espólio EGC

18-De Raimundo Lida, da Harvard University, 2 cartas: 5-II-1956 e 21-II-1956, Espólio EGC.

19-De William Berrien, da University of Southern California. 2 cartas: 7-III-1956 e 27-XII-1956. Da primeira delas só se conserva a página 3. Espólio EGC.

-20-(a) De Edmund de Chasca, da State University of Iowa, 3 cartas: 30-XI-1956, 28-II-1958 e 12-IV-1959, Espólio EGC.

-(b) De Edmund de Chasca, 2 cartas: 7-IX-1967 e 11-III-1968, Nova Iorque, HSA.

21-De Eduardo Blanco-Amor, 4 cartas: 20-XII-1956, 20-I-1959, 11-VI-1970 e 24-VI-1970, Nova Iorque, HSA.

22-De Federico do Onís (ver também "Outra Correspondência"), 5 cartas: 19-I-1957, 28-X-1957, 10-I-1961, 27-XI-1961, 24-V-1963, Nova Iorque, HSA.

23-De Fernando Namora, 3 cartas: 28-IV-1957, 28-VII-1957, 5-X-1957, Nova Iorque, HSA.

24-De Giuseppe Carlo Rossi, da Universidade de Roma, 2 epístolas: 12-VI-1957 e 31-X-1960. Espólio EGC.

25-De Ramón Otero Pedrayo (ver também Outra correspondência: Otero Pedrayo et alii), 9 cartas: 22-VIII-1957, 15-VI-1958, 15-VII-1958, 8 antroido 1962, 25-III-1962, 4-I-1963, entroido 1964, 22-I-1968, 12-I-1970, Nova Iorque, HSA.

26-De Mildred Adams, tradutora, 2 cartas: 6-IX-1957 e 1-III (sem indicar ano, mas anterior a 1966), Nova Iorque, HSA.

27-(a) De Ramón Piñeiro, 63 cartas: 16-X-1957, 7-XI-1957, 1-I-1958, 21-I-1958, 28-III-1958, 18-IV-1958, 28-IV-1958, 12-VI-1958, 14-VI-1958, 17-VII-1958, 25-X-1958, 2-I-1959, 17-II-1959, 2-III-1959, 23-III-1959, S/D (IV-1959?), 8-VI-1959, 18-VI-1959, 21-VI-1959, 3-VII-1959, 26-VII-1959, 3-IX-1959, 23-IX-1959, 3-XI-1959, 24-XI-1959, 9-XII-1959, 23-I-1960, 16-II-1960, 26-II-1960, 8-III-1960, 24-III-1960, 6-VI-1960, 21-VI-1960, 17-VIII-1960, 1-IX-1960, 12-IX-1960, 15-IX-1960, S/D (Natal 1960?), 12-IV-1962, 8-V-1962, 25-V-1962, 26-VIII-1962, 23-I-1963, 22-II-1963, 13-IV-1963, IV-1963, 28-V-1963, 12-IX-1963, 7-I-1964, 4-III-1964, 17-XII-1964, 8-I-1965, 23-I-1965, 2-VI-1965, 29-IX-1966, XII-1967, 7-I-1970, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Ramón Piñeiro, 3 cartas. 20-VI-1972, 24-V-1986 e 3-VI-1988. Espólio EGC.

28-De Harriet de Onís, 4 cartas: 29-X-1957, 7-III-1963, 15-I-1968, 24-I-1968, Nova Iorque, HSA.

29-De Américo J. Lacombe, 2 cartas: 9-XI-1957 e 29-XI-1958, Nova Iorque, HSA.

20-(a) De Zdenek Hampejs, professor e crítico tcheco, 18 cartas: 29-XI-1957, 7-I-1958, 28-I-1958, 15-II-1958, 7-IV-1958, 8-V-1968, 23-V-1968, 12-VI-1958, 10-VII-1958, 30-VIII-1958, 7-X-1958, 11-X-1958, 9-XII-1958, 5-III-1959, 17-I-1960, 25-V-1964, 24-XII-1967. 11-II-1972, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Zdenek Hampejs, 15-II-1960, Espólio EGC.

31-De Margot Arce de Vázquez, da Universidade de Porto Rico, a Da Cal, 9 epístolas, datadas aos 31-XII-1957, 4-III-1958, 23-V-1958, 26-V-1958, 25-IX-1958, 21-X-1958, 21-XI-1958 e 18-III-1960. Nova Iorque, HSA.

32-De Luís de Câmara Reys, da revista Seara Nova, 2 cartas: I-1958, conservada em Lisboa, no Espólio EGC; e 6-II-1959, Nova Iorque, HSA.

33-De Ricardo Gullón, 33 cartas: 26-II-1958, 19-VIII-1958, 26-VIII-1958, 18-IX-1958, 21-X-1958, 5-XI-1958, 7-I-1959, 3-II-1959, 23-III-1959, 4-IV-1959, 21-IV-1959, 6-V-1959, 12-IX-1959, 1-X-1959, 21-XI-1959, 24-II-1960, 17-III-1960, 18-V-1960, 26-X-1960, 12-XII-1960, 6-IX-1963, 21-X-1963, 11-XII-1963, 8-I-1964, 5-III-1964, 20-I-1965, 2-V-1965, 7-I-1966, 21-III-1966, 22-V-1966, 25-III-1967, 21-I-1968, 5-VIII-1969, Nova Iorque, HSA.

34-De Adelaide M. Meyer, curator of Publications da HSA a Da Cal. 5 epístolas, datadas aos 19-III-1958, 4-XI-1958, 22-XII-1961, 9-II-1962, 9-I-1962. Nova Iorque, HSA, Expediente de Da Cal.

35-(a) De Hernâni António Cidade, 13 cartas: 17-IV-1958, 13-VII-1958, 4-VIII-1958, 31-VIII-1958, 14-III-1959, 30-III-1965, 9-X-1968, 28-XII-1968, 20-VI-1969, s/d (1969), 20-XI-1969, S/d, S/d, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Hernâni António Cidade, 26-III-1960, Espólio EGC.

36-De Enrique Laguerre, de Porto Rico, 4 cartas, datadas aos 16-IX-1958, 20-IX-1958, 8-X-1958 e 18-VI-1960, Nova Iorque, HSA.

37-De Camilo José Cela, 11 cartas: 18-XI-1958, 14-II-1959[2], 7-III-1961, 30-VIII-1961, XII-61, 28-I-1964, 16-II-1964, 8-III-1964, 2-V-1965, 28-VII-1966 e s/d, Nova Iorque, HSA.

38-(a) De Joaquim Montezuma de Carvalho, 19 cartas: 14-XII-1958, 2-I-1959, 25-II-1959, 15-V-1959, 7-III-1961, 9-XII-1963, 27-XII-1970, 2-II-1971, 11-VIII-1971, S/d, 3-II-1972, 11-II-1972, 6-III-1972, 12-III-1972, 24-III-1972, 1-IV-1972, 2-V-1972, s/d (1972), S/d (1972), Nova Iorque, HSA.

-(b) De Joaquim Montezuma de Carvalho, mais 11 cartas: 31-I-1960, 18-VIII-1986, 31-VIII-1986, 15-IX-1986, 26-IX-1986, 14-X-1986, 21-X-1986, 9-XII-1986, 22-IV-1988, 11-I-1992 e 19-VI-1992; Espólio EGC.

39-De Eduardo Portella a Da Cal, 8 cartas: 22-XII-1958, 2-III-1959, XII-1959, 17-IX-1962, s/d (1963?), 8-IV-1964, 3-VII-1967, 17-VII-1968, Nova Iorque, HSA.

40-De Magnus Mörner, hispanista sueco, a Da Cal, 11 cartas, datadas aos 31-XII-1958, 30-I-1959, 17-II-1959, 17-III-1959, 3-IV-1959, 10-IV-1959, 21-IV-1959, 26-VII-1960, 19-IX-1971, 20-X-1971, s/d (1972?), Nova Iorque, HSA.

41-De Stanley Burnshaw, 16 cartas, datadas aos 18-I-1959, 23-IX-1959, 2-X-1959, 1-XI-1959, 27-XI-1959, 18-XII-1959, 29-XII-1959, 20-I-1960, 22-I-1960, 28-I-1960, 15-II-1960, 2-III-1960, 5-III-1960, 18-III-1960, 18-IV-1960, 13-V-1960, Nova Iorque, HSA.

42-De Nils Hedberg, director do Instituto Ibero-Americano de la Escuela de Altos Estudios Mercantiles de Gotemburgo, 6 cartas: 10-III-1959, 2-IV-1959, 23-IV-1959, 2-II-1960, 10-X-1962 e 15-X-1962, Nova Iorque, HSA.

43-De Hilda Andersen, do Institute of International Education, 3 cartas: 24-III-1959, 2-IV-1959 e 27-V-1959, Nova Iorque, HSA.

-(a) De Gerald Moser, 2 cartas: 24-III-1959 e 27-I-1960, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Gerald Moser, do State College Pennsilvanya, 9-IV-1954, Espólio EGC.

44-De Pedro Calmon, 2 cartas: 28-IV-1959 e s/d. Nova Iorque, HSA.

45-(a) De Manuel Rodrigues Lapa, 15 cartas: 11-VI-1959, 26-XII-1967, 11-XI-1970, 20-VI-1973, 6-VIII-1974, 12-VIII-1974, 29-VIII-1974, 1-IX-1974, 9-X-1974, 28-X-1974, 3-XII-1974, 7-I-1975, 9-III-1975, 23-V-1975, 11-VII-1975, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Manuel Rodrigues Lapa. 21 cartas, a maior parte delas no Espólio EGC, e as restantes, em cópia, na Casa Rodrigues Lapa. Encontraram-se no Espólio EGC as datadas aos 8-VII-1972, 11-VII-1975, 2-II-1976, 31-VII-1976, 13-IX-1979, 23-II-1980, 6-IV-1980, 18-XII-1980, 27-I-1981, 23-II-1981, 5-IX-1981, 28-IX-1981, 15-X-1981, 10-IV-1983, 18-VII-1983, 19-II-1984, 9-IX-1984 e 23-IV-1985; e foram enviadas para a presenta investigação desde a Casa Rodrigues Lapa as de data 6-VIII-1974, 12-VIII-1974, 4-VI-1979.

46-De Camila P. Campanell, esposa de José Rodrigues Miguéis, 2 cartas: 15-VII-1959 e 15-X-1959, Nova Iorque, HSA.

[2] Desta carta, e das datadas aos 7-III-1961 e 2-V-1965 conserva-se cópia na Fundação Cela, em Iria Flávia.

47-De Alceu Amoroso Lima, 2 cartas: 9-XI-1959 e 2-I-1960. Nova Iorque, HSA.

48-De Álvaro J. da Costa Pimpão, 3 cartas: 12-IX-1959, 18-X-1959, 14-I-1964, Nova Iorque, HSA.

49-De David Wodlinger, do Institute of International Education, 2 cartas: 17-IX-1959 e 9-VIII-1960, Nova Iorque, HSA.

50-De Nelson Rossi, da Universidade da Bahia, 3 cartas: 26-XI-1959, 16-XII-1959, 17-XII-1959, Nova Iorque, HSA.

51-De Francisco Fernández del Riego, 18 cartas: 5-I-1960, 11-III-1960, 23-IV-1960, 11-V-1960, 30-V-1960, 19-VIII-1960, 19-XII-1960, 2-X-1961, 29-I-1963, 19-II-1963, 9-III-1963 [mas é de 1964, ou em todo o caso posterior a essa data], 29-IV-1963, 21-V-1963, 8-VI-1963, 18-X-1963, 11-XI-1963, 12-XI-1964, 2-VIII-1975, Nova Iorque, HSA.

52-De Jorge de Sena, 2 cartas: 15-I-1960 e 13-II-1963, Nova Iorque, HSA.

53-De Francisco Casado Gomes, director do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia de Rio Grande do Sul (Porto Alegre), 2 cartas: 1-II-1960 e 2-I-1968, Nova Iorque, HSA.

54-De Manuel Bandeira, 4 epístolas: Uma datada aos 10-II-1960, convservada em Nova Iorque, HSA; e outras 3 datadas aos 25-VI-1960, XII-1960 e 13-XII-1966 no Espólio EGC.

55-De José Rodrigues Miguéis, 3 cartas: 15-II-1960, 25-II-1960 e s/d, Nova Iorque, HSA.

56- (a) De José Luís Franco Grande, 3 cartas: 4-IV-1960, s/d, 1972 (s/d), Nova Iorque, HSA.

-(b) De José Luís Franco Grande, 1 carta: 21-IX-1986 (cópia, dupla), Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

57-De Marcel Bataillon, 3 cartas: 14-VI-1960, 20-X-1960, 28-V-69. Nova Iorque, HSA.

58-De Kenneth Holland, presidente do Institute of International Education, 2 cartas: 25-VII-1960, conservada em Nova Iorque, HSA; e 18-VII-1961, no Espólio EGC.

59-De Adriano Moreira, da Academia Internacional de Língua Portuguesa, 2 cartas: 19-VIII-1960) e 15-V-1967, Espólio EGC.

60-De Rod Horton, da Embaixada Americana de Lisboa, 2 cartas: 10-II-1961 e 6-III-1961, Lisboa, Espólio EGC.

61-De Aurora de Albornoz, da Universidade de Porto Rico, 2 cartas: 12-III-1961 e 28-IV (sem indicar ano, mas posterior à anterior), Nova Iorque, HSA.

62-De Cecília Meireles, 2 cartas: 17-IX-1963 e outra sem datar, Espólio EGC.

63-De Joaquim Paço D'Arcos, 3 cartas: 2-X-1963, 28-X-1974, 3-XII-1974, Nova Iorque, HSA.

64-Morris, Anne Marie, 11 cartas: 3 delas s/d (1963-1964?), 27-VIII-1963, IX-1964, 27-IX-1964, 3-X-1964, 8-X-1964, 10-X-1964, 30-XII-1964 e 7-II-1966, Nova Iorque, HSA.

65-De Armando Cortesão, 16 cartas: s/d (1966?), 30-IX-1966, 2-XI-1966, 19-XI-1966, 30-XII-1966, 21-IV-1967, 16-V-1967, 30-V-1967, 18-IX-1967, 15-XII-1967, 29-XII-1968, 15-XII-1969, 28-IV-1972, 15-V-1972, 28-II-1974 e s/d (1974?), Nova Iorque, HSA.

66-De Angélica de Palés, irmã do escritor, 2 cartas: 2-III-1967 e 2-IV-1967, Nova Iorque, HSA.

67-De Josefina Manresa, viúva de Miguel Hernández, 4 cartas: 5-III-1967, 20-V-1967, 24-VI-1967 e 24-V-1968, Nova Iorque, HSA.

68-De Gabriel Celaya, 2 cartas: 11-III-1967 e 23-IV-1967, Nova Iorque, HSA.

69-De Norwood Andrews Jr., da Vanderbilt University e da Phi Lambda Beta: 3 cartas: 13-IV-1967, 20-IV-1967 e 12-VI-1967. Nova Iorque, HSA.

70-De Luís dos Santos Ferro, 39 cartas: 29-II-1968, 22-X-1968, 11-XI-1968, 17-III-1969, 30-III-1969, 1-VI-1969, 17/18-VIII-1969, 21-XII-1969, 29-I-1970, 3-V-1970, 21-III-1971, 18-IV-1971, 9-V-1971, 30-IX-1971, 9-X-1971, 6-XI-1971, 24-XI-1971, 22-II-1972, 16-III-1972, 6-IV-1972, 7-V-1972, 21-V-1972, 27-IX-1972, 17-X-1972, 29-X-1972, 4-XII-1972, 27-I-1973, 11-II-1973, 18-II-1973, 28-II-1973, 23-IV-1973, 6-V-1973, 7-X-1973, 27-X-1973, 6-XI-1973, 2-XII-1973, 20-I-1974, 5-V-1974, 19-V-1974, Nova Iorque, HSA.

71-(a) De Heinz Kröll, professor e crítico alemã, 2 cartas: 2-IV-1968 e 6-V-1968, Nova Iorque, HSA.

-(b) De Heinz Kroll (15-VII-1972, Espólio EGC)

72-De Ramiro Martínez Anido, de Radio Nacional de España-A Corunha: 7 cartas, datadas aos 21-V-1968, 2-VI-1968, 9-XI-1968, 6-II-1969, 10-II-1969, s/d e 7-V-1969.

73-De Euryalo Cannabrava, 8 cartas: 20-V-1968, 24-X-1968, 31-X-1968, 20-XII-1968-30-VII-1969, 20-VIII-1969, 17-IX-1969 e 6-XI-1970, Nova Iorque, HSA.

74-De Phi Lambda Beta, Portuguese National Honor Fraternity: 2 cartas, uma s/d correspondente a 1968, e outra de 20-I-1970. Nova Iorque, HSA.

75-(a) De Valentín Paz-Andrade (ver cartas a Da Cal publicadas), 3 cartas: 21-VI-1969 e 10-IX-1969 Nova Iorque, HSA.

-(b) De Valentín Paz Andrade: 4-II-1985, Espólio EGC.

76-De Sami Cömert, hispanista da Turquia, 2 cartas: 5-I-1970 e 22-V-1970, Nova Iorque, HSA.

77-De José Nucete-Sardi, escritor e crítico venezuelano, 4 cartas: 6-I-1971, 2-XII-71, 27-II-1972, 8-IV-1972, Nova Iorque, HSA.

78-De Lenine Nequete, Director do Instituto Cultural Brasileiro Árabe de Porto Alegre, 3 cartas: 19-II-1971, 19-XI-1971, 3-II-1973, Nova Iorque, HSA.

79-De Heitor Lyra, Embaixador do Brasil em Lisboa, 2 cartas, datadas aos 17-III-1971 e 1-IV-1971, Nova Iorque, HSA.

80-De Gilberto Moura, de Luanda, 11 cartas datadas aos 3-I-1972, 14-II-1972, 16-III-1972, 27-VII-1972, 9-X-1972, 4-VI-1973, s/d (IX ou X-1973?), 7-XI-1973, 2-I-1974, 25-II-1974, s/d, Nova Iorque, HSA.

81-De Tormes (Herdeiros Eça de Queirós), de Maria da Graça Salema de Castro seu esposo António. 19 epístolas[3]: 8-I-1973, 14-X-1973, 30-X-1973, 12-XI-1973, 17-XI-1973, 20-XI-1973, 15-XII-1973, 23-I-1974, 15-II-1974, 24-II-? (1974?), 9-IV-1974, 14-VII-1974, 27-VIII-1974, 26-XI-1974, 10-I-1975, 8-II-1975, 2-V-1975 25-V-1975 e 15-VI-1975, Lisboa, Espólio EGC.

82-De Dominique Siré, da Universidade da Sorbona, 2 cartas: 14-I-1973 e s/d (9-IV-1974?), Espólio EGC.

[3] Também se encontram no Espólio EGC outros elementos recebidos de Tormes, sem datar, que talvez sejam partes de alguma destas cartas, embora nao se pôde confirmar. E igualmente Maria da Graça Salema de Castro assina conjuntamente com Dominique Siré uma nota sobre o inventário dos manuscritos de *A Capital*, segundo a pesquisa que esta estudiosa francesa realizaba na altura em Tormes.

83-De João Medina, historiador e professor, 7 cartas: XII-1972, 30-V-1973, 7-XII-1974, XII-74, 23-III-1976, 29-X-1976 e 14-I-1977.

84-a) De Jean R. Longland, Bibliotecária da The Hispanic Society of America, um total de 91 cartas. 46 delas, datadas aos 9-I-1975, 14-VI-1975, 21-VI-1975, 11-IX-1975, 30-X-1975, 14-XI-1975, 9-XII-1975, 3-III-1976, 13-III-1976, 19-III-1976, 30-III-1976, 20-IV-1976, 28-IV-1976, 18-VI-1976, 3-XII-1976, 1-VI-1977, 25-VI-1977, 30-VI-1977, 8-VII-1977, 9-VII-1977, 20-VII-1977, 18-VIII-1977, 20-XII-1977, 31-III-1978, 2-VI-1978, 6-VII-1978, 10-VIII-1978, 23-VIII-1978, 9-XI-1978, 12-IX-1978, 6-I-1979, 18-VII-1979, 21-VIII-1979, 24-VIII-1979, 14-IX-1979, 8-XI-1979, 8-XII-1979, 21-I-1981, 31-III-1981, 6-I-1982, 19-I-1982, 22-I-1982, 13-IV-1982, 29-X-1982, 28-IV-1983, 9-VII-1983, conservadas em original, Lisboa, Espólio EGC.

b) Mais 45 cartas de Jean R. Longland, datadas aos 2-IV-1960, 21-XI-1961, 2-II-1962, 3-III-1962, 5-V-1962, 10-I-1964, 25-I-1964, 12-III-1964, 12-III-1965, 10-VII-1965, 8-XI-1965, 22-XI-1967, 25-III-1969, 6-VIII-1969, 8-XI-1969, 25-XI-1969, 22-II-1970, 7-I-1971, 12-XI-1973, 27-IV-1974, 9-V-1974, 9-I-1975, 12-VI-1975, 11-IX-1975, 7-X-1975, 23-XII-1975, 15-I-1976, 29-I-1976, 25-IV-1978, 2-VI-1978, 10-VII-1978, 23-I-1979, 24-III-1979, 15-V-1979, 9-VI-1979, 30-VI-1979, 4-IX-1979, 6-XII-1979, 28-III-1980, 9-IV-1980, 21-XI-1980, 18-XII-1980, 22-I-1981, 6-III-1981, 21-XI-1981, conservadas em cópia em Nova Iorque, na HSA, no expediente de Da Cal.

85-De Celso Cunha, 4 cartas: 30-VIII-1964, 19-IV-1965, 14-V-1966 e 7-II-1968, Nova Iorque, HSA.

86-De Francisco Ayala, da Universidade de Chicago. 3 cartas: 24-XI-1967, 28-XII-1967 e 26-VIII-1968. Nova Iorque, HSA.

87-De Eugenio Cranell, 2 cartas: 7-IX-1968, 9-XI-1968, Nova Iorque, HSA.

88-De Francisco Carenas, da Universidade de Boston, 3 cartas: 19-V-1971, 3-VI-1971 e 2-X-1972, Nova Iorque, HSA.

89-De Guilherme Figueiredo, 4 cartas: 7-VI-1971, IX-1972, 18-V-1975 e 4-VI-1975, Nova Iorque, HSA.

90-De Ángel Crespo, da Universidade de Porto Rico-Mayagüez, 2 cartas:25-XII-1973, 10-II-1974, Nova Iorque, HSA.

91-De Guilherme Braga da Cruz, da Universidade de Coimbra. 2 cartas: 1-II-1976 e 15-XII-1976, Espólio EGC.

92-De Theodor S. Beardsley Jr., Director de The Hispanic Society of America, 30 cartas: 18-III-1977, 10-VI-1977, 21-XI-1981, 5-XII-1981, s/d (1982), 29-I-1982, 24-II-1982, 19-III-1982, 20-IV-1982, 21-IV-1982, 26-VI-1982, 10-VIII-1982, 1-X-1982, 29-X-1982, 18-XI-1982, 20-XII-1982, 8-I-1983, 12-VII-1983, 20-VII-1983, 7-XII-1983, 24-I-1984, 14-II-1984, 27-XI-1984, 11-XII-1984, 14-II-1985, 20-II-1985, 14-III-1985, 2-VII-1985, 10-X-1986, 11-XII-1987, 8-IV-1988, Lisboa, Espólio EGC.

93-De Francisco José Velozo, 2 cartas: 8-IX-1980 e 18-I-1993. Espólio EGC.

94-De Xavier Alcalá, 2 cartas: 1-I-1984 e 20-VII-1984, Espólio EGC.

95-De João Gonçalo de Amaral Cabral, presidente do Conselho Administrativo da Fundação Casa de Bragança. 4 cartas. 12-V-1982, 29-XI-1982, 30-XI-1982, 14 de Junho de 1983. Espólio EGC.

96-Da Academia de Ciências de Lisboa, 3 cartas: 25-X-1982 e 5-XI-1982 (2 desta data), Espólio EGC.

97-De Manuel dos Santos Alves, 3 cartas: 22-III-1983, 9-V-1984 e 29-VI-1984, Espólio EGC.

98-De Maria do Carmo Henríquez Salido, da Universidade de Vigo e presidenta da Agal. 11 cartas: 13-III-1984, 2-IV-1984, 22-VIII-1984, 26-X-1987, 13-II-1991, 21-III-1991, 7-IV-1991, 5-VI-1991, conservadas em cópia em Arquivo da destinatária. S/d 1986, 20-X-1992, 10-II-1994: Espólio EGC.

99-De Artur Norton, secretário do Instituto Cultural Galaico-Minhoto, 6 cartas: 9-IV-1984, 11-V-1984, 23-VIII-1984 (2 cartas nesta mesma data), 8-X-1984 e 13-XI-1984, Espólio EGC.

100-De Humberto Carlos Baquero Moreno, do Instituto Cultural Galaico-Minhoto, 4 cartas: S/d (V-1984), 16-V-1985, 30-V-1984 e 24-I-1986, Espólio EGC.

101-De Leonardo Mathias, (Embaixador de Portugal em Washington na primeira vez, e perante as Comunidades Europeias), 2 cartas: 31-V-1984 e 28-IV-1988, Espólio EGC.

102-De Avelino de Jesus Costa, Presidente do Instituto Cultural Galaico-Minhoto, 2 cartas: 3-VI-1984 e 22-VIII-1984, Espólio EGC.

103-De Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, 9 cartas: 22-VI-1984, s/d (1986), s/d (1988), s/d (1988?) 21-IV-1988, 20-III-1989, s/d (III-989), 10-IV-1989 e 23-VII-1992, Espólio EGC.

104-De José María Álvarez Cáccamo. 12 cartas, datadas aos 3-VIII-1984, 18-V-1987; 2-VIII-1987, 21-VI-1988, 15-IX-1992, 30-I-1993, 11-II-1993, 23-III-1993, 12-V-1993, 27-VI-1993, 8-VIII-1993, 26-XII-1993, conservadas em Lisboa, no Espólio EGC, por Elsie Allen da Cal.

105-De Maria Pilar García Negro, 3 cartas: 24-VIII-1984, s/d (1985), Nadal 1985, Espólio EGC.

106-De José-Augusto França, do Centro Cultural Português de Paris da Fundaçao Calouste Gulbenkian, 2 cartas: s/d (1984) e 28-IV-1988, Espólio EGC.

107-De Natércia Freire, 2 cartas: s/d (1984), s/d (1985), Espólio EGC

108-De Antero Cochofel de Miranda Mendes, advogado do Porto, 3 cartas: 9-V-1985, 6-VI-1985, s/d (1985?), Espólio EGC.

109-De Manuel María Fernández Teixeiro, 2 cartas: 5-II-1985 e 9-I-1986, Espólio EGC.

110-De Ricardo Carvalho Calero, 2 cartas: 12-II-1985, 14-V-1988, Espólio EGC.

111-De Gordon N. Ray, presidente da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, 2 cartas: 22-II-1985 e 15-VIII-1985, Espólio EGC.

112-De Ian Gibson, 3 cartas: 1-IV-1985, 8-VII-1986 e 5-IX-1986, Espólio EGC.

113-De Manuel Fernández Montesinos, secretário da Fundación Federico García Lorca, 6 cartas: 27-III-1985, 12-IV-1985, 10-II-1986, 14-II-986, 7-IV-1986, 29-VII-1987, Espólio EGC.

114-De Xan Carballa, do jornal *A Nosa Terra*, 2 cartas: 26-IV-1985 e 13-II-1986, Vigo, Arquivo *A Nosa Terra* (em cópia).

115-De José Landeira Yrago, 3 cartas: 17-V-1985, 3-IV-1986, 10-IV-1986,Espólio EGC.

116-(a) De Miguel Torga. 20-V-1985, Espólio EGC.

-(b) De Miguel Torga, 2-V-1988, conservada em cópia no Epistolário com Xosé Luís Franco Grande, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

117-De Félix Cucurull, 2 cartas: 31-V-1985 e 19-II-1987, Espólio EGC.

118-De Pedro da Silveira, 2 cartas: 20-VI-1985 e s/d (1985), Espólio EGC.

119-De José Luís Fontenla, 4 cartas: 9-XI-1985, 11-I-1986, 20-I-1986, 23-IV-1988, Espólio EGC.

120-(a) De Agustín Sixto Seco, presidente do Patronato Rosalía de Castro (25-II-1986, segundo cópia conservada na Casa-Museu de Rosalia em Padrón).

-(b) De Agustín Sixto Seco, presidente do Patronato Rosalía de Castro, 2 cartas: XI-1984 e 3-V-1988, Espólio EGC.

121-De Victoria Atencia. 2 cartas. 19-VIII-1986, 26-VIII-1986. Espólio EGC.

122-De Luís Amaro, da revista *Colóquio/Letras*, 2 cartas; 6-XI-1986, 15-V-1992, Espólio EGC.

123-De Xosé Estévez, da Universidade de Deusto. 4 cartas: 23-V-1986, 13-IV-1988, 12/13-IX-1988, 22-IX-1988, Espólio EGC.

124-De Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra, 2 cartas: 13-VIII-1988 e 9-IX-1988, Espólio EGC.

125-De Marcello de Morães, da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, 3 cartas: 12-XI-1988 e 14-XI-1988 (2 nesta data), Espólio EGC.

126-De Vicente Quiroga, presidente da Câmara Municipal de Lugo. 3 cartas: s/d (Setembro ou Outubro 1988?), 18-X-1988, 4-XI-1988. Espólio EGC

127-De Micaela Ghitescu, da Universidade de Bucareste. 3 cartas: 27-X-1988 e 2 mais posteriores, uma delas de Natal desse ano.

128-Do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 cartas: 16-III-1989 e 18-IV-1989, Espólio EGC.

129-De Rafael León, 2 cartas: 12-IX-1991, 30-VIII-1992, Espólio EGC.

**2cb) Outra correspondência**

130-“Cartas do Embaixador de Portugal em Washington a Ernesto Guerra da Cal”, Lisboa, Espólio de Guerra da Cal conservado por Elsie Allen da Cal.

131-De James M. Hester, 27-VIII-1962, Lisboa, Espólio de Ernesto Guerra da Cal, conservado por Elsie Allen da Cal.

132-De Ángel del Río. 3-VII-1950. Espólio EGC.

133-De Harriet de Onís. 1-VIII-1950. Espólio EGC.

134-De José Ortega y Gasset, 9-I-1952 (também a Margarita), Nova Iorque, HSA.

135-De José Martínez Ruiz, Azorín, 26-I-1952, Nova Iorque, HSA.

136-De Benjamin M. Woodbridge, Jr., professor de português da Universidade de Califórnia, 25-X-1952, Espólio EGC.

137-De Pío Baroja, 18-III-1953, Nova Iorque, HSA.

138-De Juan Ramón Jiménez e Zenobia Camprubí (7-IV-1953, conservada em cópia na Sala Juan Ramón Jiménez y Zenobia Camprubí, na Universidad de Puerto Rico-Recinto de Río Piedras).

139-De Enrique Canito, da revista *Ínsula*, 10-IV-1954, Espólio EGC.

140-De Gaspar Gómez de la Serna, da revista *Clavileño*. 26-IV-1954, Espólio EGC.

141-De Reginald F. Brown, da The University Leeds 2, 30-V-1954, Espólio EGC.

142-De Arturo Capdevila, 17-III-1955, Nova Iorque, HSA.

143-De Emilio González López, do Hunter College de Nova Iorque, 13-VII-1955, Espólio EGC.

144-De Dorothy S. Loos, professora de The New Lincoln School. 22-II-1956. Espólio EGC.

145-De Manuel Puente e Francisco Regueira, da comissão organizadora do I Congresso da Emigração Galega e Comemoração do Banquete de Conxo, 7-V-1956, Nova Iorque, HSA.

146-De Alfredo Roggiano, da University of Iowa e da *Revista Iberoamericana*. 27-X-1956. Espólio EGC.

147-De Ramón Otero Pedrayo et alii, 16-III-1957, Nova Iorque, HSA.

148-De Eugenio Granell, 22-IX-1957, Washington, Arquivos de Natalia Granell.

149-De John Harrison, da The Rockefeller Foundation, 18-X-1957, Nova Iorque, HSA.

150-De J. Binns, de Phi Beta Kappa, 27-XI-1957, Espólio EGC.

151-De Eunice Thomar Miner, Executive Director da The New York Academy os Sciences;. 28-III-1958. Espólio EGC.

152-De Ivey Jr., John E, 1-V-1958, Espólio EGC.

153-De Robert G. Mead, Jr, da University of Connecticut, 23-V-1958, Espólio EGC.

154-De Thomas C. Pollock, da NYU, 9-XII-1958, Nova Iorque, HSA.

155-De Luís de Quintanilla, pintor, 12-III-1959.

156-Telegrama de Césio Regueira Costa, Director do Departamento de Documentação e Cultura do Recife. 12-VIII-1959. Espólio EGC.

157-De Domingo García Sabell, 2-XII-1959, Nova Iorque, HSA.

158-De Serafim de Silva Neto, s/d (1959).

159-De Antonio Sieso Peiró, livreiro de Barcelona, 8-I-1960, Espólio EGC.

160-De Adolfo Casais Monteiro, 14-I-1960, Nova Iorque, HSA.

161-De Georgette Vallejo, viúva de César Vallejo, 23-II-1960, Nova Iorque, HSA.

162-Do Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo (Suecia). 28-III-1960. Espólio EGC.

163-De Joaquim Ribeiro, secretário do Sport Club Português de Newark, datada em 21-IV-1960. Espólio EGC

164-De Raymond Willi, da Princeton University. 4-V-1960. Espólio EGC.

165-De José (apelido ilegível), da *Revista de Occidente*, 21-V-1960, Espólio EGC.

166-De Teresa Babín, da NYU, 28-V-1960, Espólio EGC.

167-De Ruth Stark, para a edição da antologia de S. Burnshaw, 30-V-1960, Nova Iorque, HSA.

168-Do presidente da Hispanic Society of America, A. H. Mayor, 28-X-1960; Espólio EGC.

169-De José E. Mindlin, da Universidade de São Paulo. 29-VIII-1960. Espólio EGC.

170-De José Rubia Barcia. 20-IX-1960. Espólio EGC.

171-De Giovanna delle Donne, do Institute of International Education, 9-XII-1960, Nova Iorque, HSA.

172-De Manuel Paiva Boléo, 20-II-1961, Espólio EGC.

173-De Vicente Escudero, 7-VII-1962, Nova Iorque, HSA.

174-Carta de Pedro Theotónio Pereira (2-VIII-1962), Espólio EGC.

175-Carta de William E. Buckler (21-VIII-1962), Espólio EGC.

176-De A. Bernárdez, secretário de Galaxia: 9-III-1963, Nova Iorque, HSA.

177-De Charles Cutler, da Embaixada Americana de Lisboa, 24-II-1964, Nova Iorque, HSA.

178-De Raymard Cautel, de Poitiers, 6-VI-1964, Nova Iorque, HSA.

179-De Alfredo Marques Vianna, superintendente da Tempo Brasileiro: 3-VII-1964, Nova Iorque, HSA.

180-De Robert K. Spencer, da editora Appleton-Century-Crofts, 14-XII-1965, Espólio EGC.

181-De Evaristo Correa Calderón, 2-V-1966, Nova Iorque, HSA.

182-De Edison Nery da Fonseca, de Brasília: 13-II-1967, Nova Iorque, HSA.

183-De Ana María Matute, 17-II-1967, Nova Iorque, HSA.

184-De Manuel Cavaleiro de Ferreira (8-VI-1967).

185-De Homero Serís, 14-I-1968, Nova Iorque, HSA.

186-De Heinz Kröll, 14-II-1969, Espólio EGC.

187-De Dionisio Gamallo Fierros, 25-VI-1968, Nova Iorque, HSA.

188-De Edilberto Coutinho, 1-VII-1970, Nova Iorque, HSA.

189-Carta do Director dos Serviços de Informação do Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal (16-IX-1970), Espólio EGC.

190-De Edith Arvelos, de Luanda (1970?), Espólio EGC.

191-De João José Cochofel, director do *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária*, (3-V-1971, Espólio EGC).

192-Do Director do Grémio Literário de Lisboa (21-IX-1971).

193-De Michelle Giudicelli, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Lyon, (17-XI-1971, Nova Iorque, HSA)

194-De Cruz Malpique, s/d (finais 1971 ou inícios 1972), Nova Iorque, HSA.

195-De Nuno C. De Magalhães, Director Comercial da Editorial Aster, a Da Cal (8-III-1972, Espólio EGC)

196-De Castelo Branco Chaves, 24-IV-1972, Nova Iorque, HSA.

197-De António da Silva Gonçalves, da Faculdade de Letras da Universidade de Lourenço Marques, 1-V-1972, Nova Iorque, HSA.

198-De Xosé Luís Franco Grande. 25-VII-1972, Espólio EGC.

199-De Maria Inês Diogo Couto, da Casa Museu Guerra Junqueiro (31-VII-1974, Espólio EGC).

200-De Alberto de Lacerda, 31-I-1975, Nova Iorque, HSA.

201-De Barbara S. Max, da Biblioteca de The Hispanic Society of America. 26-IX-1975

202-De Robert Schoelkopf. 26-IX-1975.

203-De Martha M. Narváez, da The Hispanic Society of America. 18-VI-1976

204-De Antonio DaSilva, doutorando da CUNY, 20-X-1976, Espólio EGC.

205-De Samuel R. W., presidente de The American Numismatic Society. 17-XII-1976.

206-De Richard G. Doty, de The American Numismatic Society. 28-XII-1976

207-De Elin Lake Ewald, da National Association of Review Appraisers, s/d (VI-1977)

208-De L. S. Rebelo, do King's College de Londres, datada aos 31-XII-1977. Espólio EGC.

209-De João Duque Estrada Meyer, queirosiano do Rio, de 19-VI-1978. Espólio EGC.

210-De Florence L. May, de The Hispanic Society of America. 5-IV-1979.

211-De Isabel García Lorca, 30-VIII-1980, Espólio EGC.

212-De Estanislao Pérez Rey, 3-X-1980, Espólio EGC.

213-De Jesús Couceiro Rivas, da Livraria Couceiro de Santiago de Compostela, 24-X-1980, Espólio EGC.

214-De Segismundo Spina, da Universidade de São Paulo, 19-VII-1982, Espólio EGC.

215-De Luís Pazos Alonso, do Consulado Geral de Portugal em Londres, datada aos 19-XI-1982, Espólio EGC.

216-De Dario M. de Castro Alves, da Embaixada de Brasil em Lisboa, 7-I-1983, Espólio EGC.

217-De Claudia Carlin, ex discípula de Da Cal, 12-IV-1983, Espólio EGC.

218-De José Carro Otero, presidente do Comité Organizador do II Colóquio Galaico-Minhoto, 1-X-1983, Espólio EGC.

219-De Irene S. Frye, da Biblioteca de The Hispanic Society of America, 8-XII-1983.

220-De (nome ilegível, encarregado de "Periodicals Librarian" de The Hispanic Society of America), 8-XII-1983

221-De Lydia A. Dufour, de The Hispanic Society of America. 8-XII-1983

222-De Francisco Soto Gil, da Comissão do Alunado de Terceiro ano de Filologia do Colégio Universitário de Vigo. 2-I-1984. Espólio EGC.

223-Da Academia de Ciências de Lisboa (assinatura ilegível), 5-II-1984, Espólio EGC.

224-De J. Furtado Coelho (s/d-1984), Espólio EGC.

225-De Maria da Graça Freire (Maria da Graça Azambuja), s/d-1984, Espólio EGC.

226-De G. Thomas Tanselle, Vice-Presidente da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, 7-VI-1984, Espólio EGC.

227-Da "Direcção do Círculo Eça de Queiroz de Lisboa" (assinatura ilegível), 19-VII-1984, Espólio EGC.

228-De Xoaquín Agulla, da revista *Carel*, 28-I-1985, Espólio EGC.

229-De Joám J. Costa Casas, Coordenador do Conselho de Redacçom da revista *Agália*, 30-I-1985, Espólio EGC.

230-De José H. Saraiva, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa: 8-II-1985, Espólio EGC.

231-De Ian Gibson, 1-IV-1985, Espólio EGC.

232-De Wilson Martins, IV-1985, Espólio EGC.

233-De Eugénio Lisboa: 31-V-1985, Espólio EGC.

234-De José Carlos González, Pedro Homen de Mello, Arcádio López Casanova, Hernâni de Lancastre, Gilberto Mendoça Teles, todas elas sem data, com assuntos respeitantes para a APCR, s/ (1985), Espólio EGC.

235-De Eugénio de Andrade: 28-XII-1985.

236-De Urbano Tavares Rodrigues: s/d (sobre FI, 1985-1986?), Espólio EGC.

237-De Pilar Sampil, da Editorial Galaxia (s/d, 1986), Espólio EGC.

238-De Valentin Paz Andrade. 3-II-1986. Espólio EGC. (Ver também cartas a Da Cal publicadas).

239-De Luis Forjaz Trigueiros, da Academia de Ciências de Lisboa, 17-II-1986, Espólio EGC.

240-De J. Silva Junior, director adjunto do *Diário dos Açores* (s/d [Abril de 1988])

241-De Pedro Fernando Bretas Bastos, da Embaixada do Brasil em Lisboa, 21-IV-1986, Espólio EGC.

242-De Luciana Stegagno Picchio, da Universidade La Sapienza de Roma, 18-V-1988, Espólio EGC.

243-De Alberto Iria, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, 26-VII-1988, Espólio EGC.

244-De José Luís García Martín, da Universidade de Oviedo. 13-X-1988, Espólio EGC.

245-De Xulio Xiz Ramil, de Ophiusa Productora de vídeo. S/d (1988?). Espólio EGC.

246-De Carlos José Luzio Vaz, Director dos Serviços Académicos da Universidade de Coimbra: 16-V-1989, Espólio EGC.

247-De Paul Teyssier, datada aos 6-IX-1989. Espólio EGC.

248-De Vasco Quevedo Pessanha, das Edições Inapa, datada aos 27-X-1989. Espólio EGC.

249-De António José Queirós, director da revista *Cadernos do Tâmega*, datada aos 5-II-1992, Espólio EGC.

250-De Meendinho, Grupo Reintegracionista Autónomo, 11-VII-1991, Espólio EGC.

OUTROS EPISTOLÁRIOS E CORRESPONDÊNCIA CONSULTADOS.
Publicados

-(1985), Carta de Ramón Piñeiro a Xosé Luís Franco Grande, de 1-VII-1959. Reproduzida fac-similarmente in Franco Grande, X. L., *Os anos escuros, I. A resistencia cultural da xeración da noite (1954-1960)*, Vigo, Xerais, p. 156.

-(XII-1998), Carta de José Gonçalo Herculano de Carvalho à Presidenta da Agal, Maria do Carmo Henríquez Salido, de 18-IV-1998. *Agália*, nº 53, p. 126.

Inéditos

-Carta de Susana Redondo, Secretária de Redacção da RHM a Alberto Machado da Rosa, (23-XII-1954), conservada no Espólio de Machado da Rosa.

-Carta de Thomas F. Sousa, da Universidade de Wisconsin, a Elaine S. Anderson, da editora musical Experiences Anonymes (14-VI-1957), Nova Iorque, HSA.

-Carta de Adolfo Casais Monteiro a Câmara Reys (em cópia) (23-IX-1958), Nova Iorque, HSA.

-Carta de José Landeira Yrago a Francisco Fernández del Riego, (Rio de Janeiro, 19-IV-1959), Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

-Carta de Alberto Machado da Rosa a Thomas C. Pollock, da NYU, s/d (1959?), Nova Iorque, HSA.

-Carta enviada de Roma (de autor sem identificar) a Francisco José Velozo, (20-IX-1960). Conservado o original no Espólio EGC.

-Carta de Francisco Espadinha, da Editorial Presença de Lisboa, a Alberto Machado da Rosa ( 26 de Agosto de 1965), conservada no Espólio de Alberto Machado da Rosa.

-Epistolário de Henrique Saraiva, director editorial de Tempo Brasileiro, a Osvaldo Aguiar, da Editora Aster, 2 cartas: 5-VII-1967 e 23-VIII-1967, Nova Iorque, HSA.

-Epistolário de Osvaldo Aguiar, da Editora Aster, a Henrique Saraiva, da Tempo Brasileiro, 3 cartas: 3-VIII-1967, 12-IX-1967 e 16-XI-1967, Nova Iorque, HSA.

-Carta de Manuel Rodrigues Lapa a Ramón Piñeiro (6-IX-1974), conservada em cópia na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia.

-Carta de Antonio DaSilva para a CUNY Graduate School, 20-X-1976, Espólio EGC (cópia enviada pelo doutorando).

-Epistolário de Martinho Montero Santalha a Manuel Rodrigues Lapa. Foram consultadas 4 cartas, conservadas na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia, datadas aos 2-IV-1976, 18-XII-1978, 22-I-1979, e 17-VI-1979.

-Carta de Manuel Rodrigues Lapa a J. Santos Simões (7-V-1977), conservada em cópia na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia.

-Carta de Manuel Rodrigues Lapa a Isaac Alonso Estravis (14-V-1980), conservada em cópia na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia.

-Epistolario de Isaac Alonso Estravis a Manuel Rodrigues Lapa. Foram consultadas 2 cartas, conservadas na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia (25-VI-1979 e 9-VI-1980).

-Carta de Manuel Rodrigues Lapa a Ricardo Carballo Calero. Sem data, mas de Junho de 1981. Consultada cópia conservada na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia. O escrito fora enviado a Sá da Costa para que lho entregara, com ensejo da recepção de Carvalho Calero na Academia de Ciências de Lisboa.

-Epistolário de Manuel Rodrigues Lapa a Sá da Costa. Foram consultadas 2 cartas, conservadas em cópia na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia, de datas 22-VI-1981 e 13-II-1982.

-Documento do Registro Civil de Madrid (Distrito de Buenavista) de requerimento a Eugenio Fernández Granell para que declare no processo de nacionalização de Enrique Ucelay Da Cal, conservado no Arquivo Granell, em Washington, por Natalia Granell.

-Carta do alcalde de Quiroga a Xosé Estévez (13-X-1983), Arquivo de Xosé Estévez.

-Carta de Maria do Carmo Henríquez Salido a Manuel Rodrigues Lapa, conservada na Casa Rodrigues Lapa, sem data (mas possivelmente do primeiro semestre de 1984), convidando para o I Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza organizado pela AGAL.

-Carta de Joám Costa a Manuel Rodrigues Lapa (30-I-1985), conservada na Casa Rodrigues Lapa, em Anadia, sobre a edição da revista *Agália*.

-Carta de Xosé L. Franco Grande a Margarita Ucelay, 12-VI-1986, Espólio EGC (cópia).

-Carta de Margarita Ucelay a Xosé L. Franco Grande, 20-VI-1986, Espólio EGC (cópia).

-Carta de Francisco Fernández Ordóñez, Ministro de Asuntos Exteriores de Espanha, a José Luís Fontenla, presidente das Irmandades de Fala de Galiza e Portugal, 26-VIII-1986, Espólio EGC (cópia).

-Carta de Mário Gaspar Leite de Barros Pinto, do Grupo de Estudos do Património Arcuense e do Festival Internacional de Cinema de Arcos de Valdevez a Joaquim Montezuma de Carvalho (29-IX-1986), Espólio EGC (cópia).

-Carta do Alcalde de Quiroga a Xosé Estévez (10-VII-1987), Arquivo de Xosé Estévez.

-Epistolário de Elsie Allen da Cal a Xosé Luís Franco Grande: 15-VIII-1994, 28-VIII-1994, 3-VI-1995, Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

-Cartas de Elsie Allen da Cal a Manuel Fernández Montesinos, da Fundación Federico García Lorca: 17-I-1998, 29-XI-1998, conservadas em cópia nos arquivos pessoais de Elsie Allen da Cal, em Lisboa.

-Carta de José María Moreiro, correspondente em Lisboa do jornal ABC de Madrid, a Manuel Fernández Montesinos (23-III-1998); conservada em cópia no arquivo de Elsie Allen da Cal, em Lisboa.

-Carta de Isabel García Lorca, da Fundación Federico García Lorca, a Elsie Allen da Cal, 14-IV-1999, Lisboa, arquivo Elsie Allen da Cal.

-Certificaçao de Manuel Fernández Montesinos, da Fundaçao Federico Garcia Lorca, de doaçao de originais doados por Elsie Allen da Cal, 15-IV-1999, Arquivo Elsie Allen da Cal.

-Cartas de Manuel Fernández Montesinos, da Fundación Federico García Lorca, a Elsie Allen da Cal, 27-I-1998 e 14-II-2000, Lisboa, arquivo da destinatária.

-Carta de Luís Amaro a Joel R. Gômez, 12-VII-2003, Arquivo do destinatário.

2d) Outros Documentos.

-Parecer de Arturo Uslar-Pietri sobre a Tese de Doutoramento de Ernesto Da Cal. Datado 16-V-1949. Conservado no Espólio EGC.

(s/d, 1954), Dedicatória da recensão de LEEQ de Jacinto do Prado Coelho, publicada na *Revista da Universidade de Lisboa* a Da Cal, Espólio EGC.

-(29-X-1955), Carta autógrafa de Fidelino de Figueiredo a Homero Serís, da revista *Symposium*. Conservada no Espólio EGC.

-VI-1956: Programa da Comissão de Festas de Sada, redigido em galego; Nova Iorque, HSA.

-(2-VIII-1958), Dedicatória da recensão de LEEQ de Zdenek Hampejs, publicada em *Deutsche Literaturzeitung*, a Da Cal, Espólio EGC.

-Nota, datada em 3-XII-1958, de Carleton Sprague-Smith respeitante à cantata de Da Cal para o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros da Bahia, Espólio EGC.

-Programa do "Concêrto de Música de Câmara" celebrado na Universidade da Bahia em 20-VIII-1959, na sequência do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Espólio EGC.

-Programa de "*Don Juan Tenorio*, de José Zorrilla. Función a cargo de los profesores del Departamento de Español del Barnard College", 19 e 20 de Fevereiro de 1960.

-Catálogo *Washington Square College is...*, correspondente a 1961, Espólio EGC.

-Programa do concerto *Spanish Medieval and Renaissance Music*, Nova Iorque, 29-IV-1962; Lisboa, Espólio EGC.

-Carta de José Rodrigues Miguéis para Jorge de Sena, datada aos 1-IX-1965, reproduzida fac-similarmente in Almeida, Onésimo Teotónio (coord.), *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*, pp. 261-263.

-Tradução para inglês de poemas de RST realizada por Jean R. Longland e William Myron Davis, s/d (possivelmente década de 60), Lisboa, Espólio EGC.

-Carta de Celso Cunha a Jean Longland, 14-XII-1965, Nova Iorque, HSA.

-Programa do *VII Festival de la Canción Gallega. Jornada de Estrenos*, Pontevedra, 12-VII-1966, Espólio EGC.

-Texto dactilografado da conferência "Três Poetas Galegos", de Gilberto Mendoça Teles, proferida aos 30-X-1969 no salom de actos da Biblioteca Nacional do Uruguai, Espólio EGC.

-(5-V-1970), Carta-Programa que anuncia conferência de Da Cal esse dia, às 20.00, na CUNY, organizada pelo Club de Graduados Luso-Brasileiros e o The Gamma Chapter of Phi Lambda Beta, sobre "*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco", Espólio EGC.

-Carta de Elisa Pierre, secretária da CUNY, a Sami Cömert, hispanista turco, 22-V-1970, Nova Iorque, HSA.

-"Informação de Serviço" de Leonardo Mathias, do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Datada aos 3-VIII-1970. Espólio EGC.

-Cartão de convite da Direcção da Sociedade de Estudos de Moçambique para assistir à conferência de Guerra da Cal sobre *A Relíquia* aos 25-XI-1970, Espólio EGC.

-Carta de Ramón Piñeiro a Martinho Montero Santalha, datada aos 5-IV-1974, arquivo do destinatário.

-Artigo mecanografado, dedicado com data "Agosto 81", de Luís Forjaz Trigueiros, intitulado "Guerra da Cal e os seus estudos queirozianos". Publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 26 de Agosto de 1981, e no *Jornal de Letras* do Rio nos números de Setembro e Outubro desse mesmo ano. Espólio EGC.

-Artigo mecanografado, "Algo novo sobre o problema do galego", de Manuel Rodrigues Lapa, enviado a Da Cal junto com carta de 5-IX-1981. É o texto lido por Lapa com ensejo do lançamento, em Compostela, do volume nº 2 da Colecção Noroeste, Espólio EGC.

-Separata do trabalho de Maria Teresa Babin "La poesia gallega de de García Lorca", pubicado em *Sin Nombre*, Vol. V, nº 2, X/XII-1974, San Juan de Puerto Rico, dedicado a Maria Victoria Atencia (s/d, talvez 1982, pois faz referência ao artigo de Atencia sobre os SPG publicado em *Ínsula*), Espólio EGC.

-Boletim *Bendado*, da Livraria Couceiro de Santiago de Compostela, 1983, Espólio EGC.

-Programas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, agendado em Ourense aos 20/24-IX-1984.

-Tradução para inglês de *Cinco* [sic] *poemas a Rosalia de Castro*, de Ernesto Guerra da Cal, realizada por William Myron Davis, s/d (década de 80), Lisboa, Espólio EGC.

-Documento "Personalidades convidadas a fazer parte da Comissão Interveniente no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de Galiza em execução do acordo do IV Encontro Internacional da Língua Galaico-Portuguesa", anterior a 11-I-1986, Espólio EGC.

-Dedicatória de *Estudos Filologicos Galegoportugueses* de Isaac Alonso Estravís para Ernesto Guerra da Cal, datada aos 31-X-1987, Espólio EGC.

-Factura da Livraria Minho, acompanhada de cartão de agradecimento pela compra de 10 exemplares de *Nós*, nº 4-6. 15-VI-1987. Espólio EGC.

-Declarações de motoristas e outros documentos da TWA respeitantes ao envio de livros, revistas, jornais e outros elementos por Da Cal, do Estoril, para a Hispanic Society of America. De datas 10-IX-1982, 19-X-1982, 20-X-1982, 25-XI-1983, 28-XI-1983, 29-XI-1983, 29-I-1985, 30-I-1985. Espólio EGC.

-(III-1993), "Dedicatória da separata do artigo 'Comentario dun poema de Álvaro Cunqueiro', publicado no *Boletín Galego de Literatura*", de Xosé María Álvarez Cáccamo, conservado em Lisboa, no Espólio EGC.

-Programa do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, agendado pela Agal em Vigo dos 28 de Outubro ao 1 de Novembro de 1993.

-Cartaz anunciador a programa de mão da homenagem a Guerra da Cal na Casa de Cultura de Quiroga, celebrado aos 23-IV-1994; Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

-(s/d, 1995?) Folheto da "Associaçom da Língua Artábria", de Ferrol: "Ernesto Guerra da Cal (1911-1994). Um ferrolano 'Mestre da Galeguidade'", Vigo, Fundación Francisco Fernández del Riego, Casa Galega de Cultura.

-(27-III-2001), Texto da alocução proferida por Luís dos Santos Ferro, na Fundação Luso-Americana de Lisboa, "Ernesto Guerra da Cal. (Ferrol, 19.12.1911-Lisboa, 28.7.1994)", no acto de entrega do Prémio Ernesto Guerra da Cal (Arquivo do interessado).

-(22-XII-2004), Anúncio publicitário "Ernesto Guerra da Cal (1911-1994). Programa da Xornada", assinado pela Fundación Carlos Casares e o Concello de Ferrol-Cultura, *La Voz de Galicia*, p. 45.

-Texto do relatório "A Galicia de Ernesto Guerra da Cal", de Xosé Estévez, da Universidade de Deusto, lido na jornada de homenagem a Da Cal organizada em Ferrol pela Fundação Carlos Casares e pela Câmara Municipal do Ferrol em 22-XII-2004.

-Programa de "Recursos do galego", ciclo organizado pela "Concellaría de Normalización Lingüística" da Câmara Municipal de Redondela, Maio de 2006.

-Publicidade da empresa Chamartín Imobiliária, *La Voz de Galicia*, 5-VI-2008.

VII.-APÊNDICES.

(Ver Volume II).

VII.-Apêndices.

1.-Actor no grupo Anfistora.

2.-Refugiado em Nova Iorque.

3.-Actor de *La Zapatera Prodigiosa* (1953) de García Lorca, e em *Don Juan Tenorio*, de Zorrilla (1960) no grupo de Barnard College (Columbia University).

4.-Relações com hispanistas e lusitanistas, no desmpenho profissional: cartas de G. Moser (1954), R. Ricart (1954), Vicente Gaos (1955), Edmund de Chasca (1956), H. Seris (1957), Z. Hampejs (1960), T. Navarro (1963).

5.-Relação com revistas especializadas: *Ínsula* (1954), *Revista de Occidente* (1960), *Colóquio* (1960), *La Voz* (1962).

6.-Publicações: trabalho sobre os navegadores portugueses (*Revista dos E.U.A.*, 1960) e poemas próprios e traduções de Langston Hughes (*Memória Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque, 1963).

7.-Carta de Otero Pedrayo et alii (1957).

8.-Contactos com Galaxia: Cartas de Ramón Piñeiro (21-I-1958, 21-I-1959, 6-VI-1960).

9.-Conferencista em Estocolmo (14-V-1959).

10.-Contactos com o Brasil: poesia galega na revista *A Ordem* (IV-1959), impacte do Instituto Brasileiro em *Visão* (IV-1959), participação no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros da Bahia (musicação de poema de Da Cal e valorização dos congressistas, VIII-1959).

11.-Posição na NYU (Oferta do Washington Square College para o ano lectivo 1960-1961).

12.-Condecoração do Governo de Portugal (1962).

13.-Notícia do início da actividade na CUNY (*Phoenix*, 1964).

14.-Poesia de *Rio de Sonho e Tempo* traduzida para inglês por Jean R. Longland (“Discovey”).

15.-Impacte de Da Cal no Brasil: Eduardo Portella e Manuel Bandeira (*Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, VIII-1965).

16.-Três poemas musicados no VII Festival de la Canción Gallega de Pontevedra (12-VII-1966).

17.-Eleito membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (V-1967).

18.-Da Cal na Galiza (*Faro de Vigo*, VIII-1967).

19.-Conferência em Moçambique (XI-1970) e recepção oficial por Marcello Caetano em Lisboa (I-1971).

20.-Honrado na UCLA como pioneiro dos estudos portugueses nos EUA (Carta de Claude L. Hulet, 1972).

21.-Edição, pela UFRJ, de *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projeção no Romance Ibérico* (1973).

22.-Eleito como representante galego na Associação Portuguesa de Escritores (autobiografia de Da Cal enviada para Rodrigues Lapa, 20-XI-1974; cartas de Lapa: 7-I-1975 e 9-III-1975).

23.-Carta de Da Cal a Francisco Fernández del Riego (13-III-1980).

24.-Publicação de "Conto de Fadas" em *A Nosa Terra* (com emendas de Da Cal) e em *Cadernos de Literatura* (Coimbra), em finais de 1981.

25.-Carta do Presidente da Câmara Municipal de Quiroga a Xosé Estévez, confirmando rua para Da Cal (que se não concretizará): 13-X-1983.

26.-Reivindicação do uso do galego no Instituto Cultural Galaico-Minhoto (Carta de Da Cal, 2-IV-1984; de Artur Norton, 30-V-1984; de Avelino de Jesus Costa, 3-VI-1984 e 22-VIII-1984; de Artur Norton, 23-VIII-1984).

27.-Polémica a respeito da génese dos *Seis Poemas Galegos*, de Federico García Lorca (artigo de Fracisco J. Castelo, 7-IV-1985; artigo de S. Corral, X-1985; artigos de Franco Grande, 8-XI-1985 e 11-IX-1986; capa, rascunho de capítulo sobre o "Madrigal a la ciudad de Santiago" e Índice do livro preparado por Da Cal sobre o produto lorquiano).

28.-Duas versões de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*: dois poemas publicados em *Carel* (Marim) e edição definitiva em livro (1985).

29.-Recepção de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*: (Luiz Fagundes Duarte, 28-V-1985; Alonso Montero, 8-VI-1985; Natércia Freire, 2-VIII-1985; Leonardo Mathias, XI-1985).

30.-Recepção de *Futuro Imemorial. Manuel de Velhice para Principiantes*, e de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, por M. Hortas Vilanova (Manuel María): *A Nosa Terra*, 13-III-1986.

31.-Recepção de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*: Gilberto Mendoça Teles no *Jornal de Letras* de Rio de Janeiro, IV-1986; e Luiz Fagundes Duarte no *Jornal de Letras* de Lisboa, 29-IX-1986, crítica acompanhada de dois poemas de Da Cal).

32.-Elementos queirosianos: entrevista de Rogério Fernandes (*A Capital*, VII-1973) com ensejo da entrega da *Bibliografia Queirosiana* à Universidade de Coimbra; valorização de Luis Forjaz Trigueiros (*O Primeiro de Janeiro*, VIII-1981), polémica por *A Tragédia da Rua das Flores* (IV-1983), lançamento da edição crítica de Eça de Queirós em Portugal (XII-1986), publicação de "Testamento de Mecenas", em separata da *Revista da Universidade de Coimbra* (1992).

33.-Da Cal na homenagem a A. Fole (carta ao Alcalde de Lugo, 23-X-1985, editada no volume *Os Escritores Galegos arredor de Fole* [1986]).

34.-Diploma de membro da Academia das Ciências de Lisboa (VII-1988).

35.-Designado membro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (XI-1988).

36.-Diploma do grau de "honoris causa" da Universidade de Coimbra (16-V-1989).

37.-Da Cal, na sua oficina de produtor literário: 4 fases de “Unihabited Love-Amor Desabitado”, de D. C. Warnest.

38.-Colaboração com Maria Victoria Atencia: tradução de “Saudade” (1987).

39.-Presidente da Comissão para Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada (1989).

40.-Gladstone Chaves de Melo valoriza produção poética de Ernesto Guerra da Cal (1993).

41.-Morte de Ernesto Guerra da Cal (“Evocação e louvor”, por Carlos Reis, 17-VIII-1994).

42.-Organização do volume de homenagem a Da Cal na Universidade de Coimbra (8-I-1996).

43.-Doação de livros de García Lorca dedicados a Da Cal, para a Fundación Federico García Lorca, por Elsie Allen da Cal (viúva de Da Cal, 15-IV-1999).

44.-Acordo de dedicatória de uma rua da cidade pelo Pleno do Exmo. Concello de Ferrol (23-II-2006).

45.-Homenagem a Da Cal organizado pela Fundación Carlos Casares e o Concello de Ferrol (XII-2004).

46.-Elementos na The Hispanic Society of America: 163 pastas com materiais sobre Da Cal, e doação de poemas dedicados a Nechama Kramer Hellinx (para além dos 43 que se referem, há um mais, intitulado “Two to Canaan, on the sunset”, que ela juntou com posterioridade).

47.-Publicidade em *La Voz de Galicia* alicerçada num poema de Da Cal (5-VI-2008).

VIII.-ÍNDICE GERAL.

Agradecimentos .. I

**I.-Introdução. 1**
I.1.-Lista de Abreviaturas utilizadas no presente estudo 6

**II.-Pressupostos metodológicos. 8**
II.1.-Um campo em movimento, luta e transformação 8
II.2.-Legitimação e cânone. 11
II.3.-Trajectória e complexidade do campo 14
II.4.-Fabrico de ideias e intervenção institucional. 17
II.5.-O estado do campo e o posicionamento de Ernesto Guerra da Cal. 18
II.6.-O estudo da trajectória de Ernesto Guerra da Cal 21

**III.-A trajectória de Ernesto Guerra da Cal. 23**
III.1.-Do nascimento ao exílio. 24
III.1.1.-Os inícios da vida na Galiza: Ferrol e Quiroga. 24
III.1.2.-Deslocamento para Madrid. 30
III.1.2.1.-Actor de teatro e contactos com Federico García Lorca. 35
III.1.2.2.-Na Guerra de Espanha: Com a República e início da produção literária. 39
III.1.3.-Chegada a Nova Iorque em 1938. 42

III.2.-A etapa profissional universitária nos EUA. 48
III.2.1.-Primeiros trabalhos: Brooklyn College e Columbia University 46

III.2.2.-A New York University (NYU): Lançamento como produtor nos campos científico e literário (1941-1964) 52
III.2.2.1.-As produções do Doutoramento. 53
III.2.2.2.-A primeira publicação: reivindicação de materiais para o ensino. 55
III.2.2.3.-Os inicios como queirosianista. 58

III.2.2.4.-Nacionalização, novo nome e avanço profissional nos EUA. Início da polémica dos *Seis Poemas Galegos* de García Lorca, em 1945. 59

III.2.2.5.-Internacionalização da literatura galega e produção de poesia, em 1946. 63

III.2.2.6.-Projecção da Literatura Portuguesa no intersistema anglófono, em 1947. 67

III.2.2.7.-Sucesso pessoal e profissional no final da década: 1948-1950. 70
III.2.2.7.1.-Explicações a Blanco Amor sobre os *Poemas Galegos* de Lorca. 75

III.2.2.8.-A promoção profissional em 1951-1953. 78
III.2.2.8.1.-Colaboração com a *Voz de América*, desde 1952. 79
III.2.2.8.2.-O contacto com Machado da Rosa, em 1953. 82

III.2.2.9.- Intervenção no intersistema lusófono: o assalto ao centro do queirosianismo com *Lengua y estilo de Eça de Queirós* (1954)... 86
III.2.2.9.1.-Fabrico de ideias com introdução de nova metodologia. 89
III.2.2.9.2.-As repercussões no CEL: primeiras críticas legitimadoras no intersistema

lusófono. ..... 94
III.2.2.9.3.-Impacte social e profissional em Nova Iorque como actor e crítico. ..... 99

III.2.2.10.-Especialização no intersistema hispano e consolidação no lusófono em 1955. ..... 102
III.2.2.10.1.-Renovando o reportório para o ensino nos EUA: *Literatura del Siglo XX*. ..... 103
III.2.2.10.1.1-Repercussão no CEL: As revistas hispanistas dos EUA. ..... 105
III.2.2.10.2.-Consolidação como lusitanista pela receptividade de LEEQ. ..... 107
III.2.2.10.3.-Actividade política em Nova Iorque: Na celebração do Dia de Galiza. ..... 113
III.2.2.10.4.-Produção literária própria e do irmão Fernando. ..... 114

III.2.2.11.-A internacionalização das ideias fabricadas por Da Cal em 1956. ..... 114
III.2.2.11.1.-LEEQ vinga nos EUA, Espanha, Brasil, Portugal, México e Alemanha. ..... 115
III.2.2.11.2.-Internacionalização da Galiza: O *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira.* ..... 120
III.2.2.11.3.- Convidado para o primeiro congresso da emigração galega. ..... 129
III.2.2.11.4.-A projecção pela divulgação na *Voz de América*. ..... 130

III.2.2.12.-A mediação de Machado da Rosa com a Galiza e com Portugal, em 1957. ..... 131
III.2.2.12.1.-O contacto com os agentes do galeguismo na Galiza. ..... 132
III.2.2.12.2.-Firmando a autoridade no Colóquio Luso-Brasileiro de Lisboa. ..... 137
III.2.2.12.3.-Recepções de LEEQ nos EUA, Galiza, Itália, Checoeslováquia, Brasil e Portugal. ..... 139
III.2.2.12.4.-Produtos para o intersistema hispánico nos EUA sobre Lorca e Afonso X. ..... 143

III.2.2.13.-Consagração profissional nos EUA e projecção luso-brasileira (1958). ..... 145
III.2.2.13.1.-O Junior Year in Spain da NYU. ..... 146
III.2.2.13.2.-Na The New York Academy of Sciences, na The John Simon Guggenheim Memorial Foundation e na The Hispanic Society of America. ..... 147
III.2.2.13.3.-O Instituto Brasileiro da NYU: Impacte social, profissional e académico. ..... 148
III.2.2.13.4.-Reconhecimentos e iniciativas para firmar a autoridade em Portugal. ..... 153
III.2.2.13.5.-Recepção de LEEQ em Portugal, EUA, Brasil, Checoeslováquia e na Alemanha. ..... 155
III.2.2.13.6.-Implicação e apoio directo para a cultura galega desde Nova Iorque. ..... 159
III.2.2.13.7.-Convidado na Universidade de Porto Rico e na Suécia. ..... 166

III.2.2.14.-Consagração internacional como cientista e reconhecimento no campo literário, em 1959. ..... 169
III.2.2.14.1.-A projecção do Instituto Brasileiro da NYU no Brasil e nos EUA. ..... 170
III.2.2.14.2.- Reconhecimentos, apoios, novos aliados e discípulos de Portugal. ..... 172
III.2.2.14.3.-O sucesso no Brasil como produtor científico e literário. ..... 177
III.2.2.14.4.-O regresso para os EUA: inícios da crise na NYU. ..... 185
III.2.2.14.5.-Contactos com a Galiza: Incitador dos *Seis Poemas Galegos* de Lorca, segundo Blanco Amor; e publicação de *Lua de Alén-Mar*. ..... 186

III.2.2.15.-Crise na NYU, internacionalização como produtor literário, e novos sucessos em Portugal e no Brasil em 1960. ..... 195
III.2.2.15.1.-Novas oportunidades nos EUA: ingresso na Hispanic Society of America e produtos para os intersistemas lusófono e hispânico. ..... 196

III.2.2.15.2.-Reconhecimento internacional como poeta galego. ..... 203
III.2.2.15.3.-Caminho do centro dos estudos queirosianos: No Congresso de Crítica e História Brasileira, com Jean-Paul Sartre. ..... 214

III.2.2.16.-Promoção nos EUA, e produção no estrangeiro, em 1961..... 223
III.2.2.16.1.-Cargos na HSA e no Instituto Internacional de Educação. ..... 224
III.2.2.16.2.-Internacionalização de LAM: EUA, França, Porto Rico. ..... 225
III.2.2.16.3.-Presença no CL: editado por Cela e traduzido por Celso Emilio Ferreiro. ..... 226
III.2.2.16.4.-Luta no queirosianismo: Da Cal contra Costa Pimpão e Gaspar Simões. ..... 228
III.2.2.17.-Capital simbólico em Portugal e reivindicação do galego, em 1962. ..... 230
III.2.2.17.1.-Na estratégia da organização dos lusitanistas dos EUA. ..... 231
III.2.2.17.2.-Produções culturais em Nova Iorque. ..... 231
III.2.2.17.3.-Reconhecido pelos “relevantes serviços prestados à cultura portuguesa”. ..... 233
III.2.2.17.4.-Valorizações da sua produção no intersistema lusófono. ..... 234
III.2.2.17.5.-Intervenção na cultura galega: em *Vieiros* e projecto com Galaxia. ..... 235

III.2.2.18.-Envolvido numa dupla estratégia: Um acordo ortográfico para o português e a recuperação do galego, em 1963. ..... 241
III.2.2.18.1-Trabalho com Galaxia para ultrapassar a situação periférica da língua e a cultura da Galiza. A edição de *Rio de Sonho e Tempo* (RST). ..... 242
III.2.2.18.2.-Iniciativas para o intersistema lusófono: a necessidade de reformar a ortografia e uma nova revista especializada nos EUA. ..... 249

III.2.2.19.-Últimas actividades na NYU ..... 252

III.2.2.20.-Síntese conclusiva ..... 260

III.2.3.-O período da City University of New York (CUNY): 1964-1977 ..... 263

III.2.3.1.-Desenvolvimento dos estudos portugueses. ..... 263

III.2.3.2.-A consolidação na CUNY em 1965. A funcionalidade das revistas ..... 265
III.2.3.2.1.-Intervenção no CL galego: Apoio a Galaxia para editar Anne Marie Morris. ..... 269
III.2.3.2.2.-Valorização como produtor literário galego no Brasil. ..... 271
III.2.3.2.3.-A luta ortográfica na Galiza: *Ken Keirades* contra Da Cal em *Vieiros* ..... 276
III.2.3.2.4.-Impactes no CEL português: a reivindicação de um “novo Eça”. ..... 278

III.2.3.3.-Progresso na CUNY e capital simbólico em Portugal em 1966. ..... 282
III.2.2.3.1.-Reorganização da vida pessoal: O casamento com Elsie Allen da Cal. ..... 283
III.2.3.3.2.- Trabalhando pelo intersistema lusófono nos EUA. ..... 283
III.2.3.3.3-Capital simbólico com reconhecimentos académicos em Portugal. ..... 286
III.2.3.3.4.-A projecção de Eça de Queirós no intersistema anglófono. ..... 287
III.2.3.3.5.-A referencialidade para o intersistema hispânico ..... 288
III.2.3.3.6.-Novos produtos literários para a Galiza. ..... 289

III.2.3.4.-Nova projecção no instersistema lusófono e visita à Galiza, em 1967. ..... 290
III.2.3.4.1.-A reafirmação do discurso renovador de Da Cal sobre Eça de Queirós. ..... 291
III.2.3.4.1.1.-Projecção do discurso queirosiano no intersistema anglófono. ..... 292

III.2.3.4.1.2.-A tradução de LEEQ em Portugal..... 294
III.2.3.4.2.-Capital simbólico: Na Academia Internacional da Cultura Portuguesa..... 302
III.2.3.4.3.-Na defesa da implantação do português no ensino secundário dos EUA. ..... 303
III.2.3.4.4.-Intervenções para o intersistema hispánico..... 304
III.2.3.4.5.-Regresso à Galiza após o exílio. ..... 306

III.2.3.5.-Renovação da influência nos intersistemas lusófono e hispânico (1968). ... 308
III.2.3.5.1.-A tradução de LEEQ reaviva o interesse internacional pelo estudo. ..... 309
III.2.3.5.2.-Capital simbólico em Portugal e nos EUA. ..... 315
III.2.3.5.3.-Intervenção no intersistema hispánico: Reedição de *Literatura del Siglo XX*. ..... 316
III.2.3.5.4.-Reconhecimento como produtor literário em Portugal e na Galiza. ..... 318
III.2.3.5.5.-Outros contactos e iniciativas no Brasil e em Porto Rico. ..... 320

III.2.3.6.-A produção queirosiana e literária e a política da língua da Galiza no centro da actividade em 1969. ..... 321
III.2.3.6.1.-Produtos para a canonicidade de Eça de Queirós..... 323
III.2.3.6.1.1-As traduções como elemento legitimador..... 324
III.2.3.6.1.2.-A reivindicação da nova textualidade de Eça de Queirós. ..... 325
III.2.3.6.1.3.-O revigoramento do modelo de Da Cal: as traduções de LEEQ..... 327
III.2.3.6.2.-Sucesso como hispanista nos Estados Unidos da América..... 331
III.2.3.6.3.-Internacionalização da produção literária de Da Cal: Espanha, EUA, Brasil. ..... 332

III.2.3.7.-Assalto ao centro do queirosianismo: O novo discurso de *A Relíquia*, em 1970 ..... 340
III.2.3.7.1.-Apresentado no Brasil como o maior especialista em Eça de Queirós e em Cervantes. ..... 342
III.2.3.7.2.-A recepção da tradução de LEEQ no Brasil. ..... 345
III.2.3.7.3.-O novo discurso queirosiano nos EUA, Angola e Moçambique. ..... 350
III.2.3.7.4.- Contactos com os campos do poder político e universitário em Portugal. ..... 358
III.2.3.7.5.-As comemorações da Geração de 70 como estratégia em Portugal..... 360
III.2.3.7.6.-Montezuma de Carvalho, mediador queirosiano e no intersistema hispânico. ..... 361

III.2.3.8.-A luta pela canonicidade de *A Relíquia* e pelo centro do queirosianismo em Portugal, em 1971..... 363
III.2.3.8.1.-*A Relíquia*: obra maior do Realismo europeu em que Eça adiantou estruturas literárias do século XX. ..... 364
III.2.3.8.2.-Os novos queirosianistas valorizam metodología de Da Cal..... 373
III.2.3.8.3.-Novos produtos queirosianos: Ultimando a *Bibliografia Queirociana*. ..... 376
III.2.3.8.4.-Mais duas manifestações de centralidade no CEL do Brasil. ..... 377
III.2.3.8.5.-A interferência do processo de canonicidade de García Lorca. ..... 378
III.2.3.8.6.-Reconhecimento pela produção literária em Portugal, Espanha e Galiza..... 380

III.2.3.9.-Sucesso queirosiano em treze países, homenagem nos Estados Unidos da América, e produção literária na Europa e na África, em 1972. ..... 382
III.2.3.9.1.-*A Relíquia*, LEEQ e a BQ marcam um intenso ano queirosiano. ..... 384
III.2.3.9.1.1-LEEQ ..... 384
III.2.3.9.1.2.-*A Relíquia* ..... 388
III.2.3.9.2.-Produção literária em Portugal, Espanha e Moçambique. ..... 393
III.2.3.9.3.-A luta ortográfica na Galiza: Rodrigues Lapa apela Da Cal..... 398

III.2.3.10.-Finalização da *Bibliografia Queirociana*, e no centro da luta ortográfica da Galiza, em 1973..... 399

III.2.3.10.1.-Tensões no queirosianismo no tempo da finalização da BQ..... 401
III.2.3.10.1.1.-Projectos com os herdeiros de Eça de Queirós. ..... 401
III.2.3.10.1.2.-Novo episódio da luta com Gaspar Simões. ..... 403
III.2.3.10.1.3.-A *Bibliografia Queirociana*, nos prelos da Universidade de Coimbra. ..... 403
III.2.3.10.1.4.-Apoio no Brasil ao estudo sobre *A Relíquia*. ..... 405
III.2.3.10.1.5.-O sucesso do *Dicionário de Literatura* da editora Figueirinhas. ..... 406
III.2.3.10.1.6.-Adesões e oposição no CEL. ..... 407
III.2.3.10.7.-Publicação na UFRJ: Cervantes, centro do cânone da narrativa. ..... 407
III.2.3.10.7.1.-Da Cal intervém directamente na luta de *A Relíquia*. ..... 412
III.2.3.10.8.-No centro da polémica sobre a ortografia da língua da Galiza. ..... 413
III.2.3.10.8.1.-Da Cal insiste na sua posição. ..... 418

III.2.3.11.-Intensa pesquisa queirosiana e novos aliados na Galiza, em 1974. ..... 420
III.2.3.11.1.-O duplo interesse científico e profissional na BQ. ..... 422
III.2.3.11.2.-Aliados e resistências no queirosianismo. ..... 423
III.2.3.11.3.-Contributo em *Colóquio Letras* como autoridade do CEL. ..... 425
III.2.3.11.4.-De novo no centro da polémica ortográfica da Galiza. ..... 426
III.2.3.11.5.-Os SPG de Lorca, emblema para os opositores de Lapa e Da Cal. ..... 428

III.2.3.12.-Capital simbólico em Portugal, expectativa pelo pós-25 de Abril e o final do franquismo, e projectos para o Brasil em 1975. ..... 430
III.2.3.12.1.-Eleição na Associação Portuguesa de Escritores e na Academia das Ciências de Lisboa. ..... 432
III.2.3.12.2.-Preocupação pelo Portugal pós-revolucionário e expectativa perante o final do franquismo. ..... 433
III.2.3.12.3.-Conselheiro dos herdeiros de Eça de Queirós. ..... 434
III.2.3.12.4.-Os estudos de Da Cal, alvo dos queirosianistas. ..... 436
III.2.3.12.5.-Interesses pessoais e profissionais no Brasil. ..... 437
III.2.3.12.6.-A luta ortográfica na Galiza. ..... 438

III.2.3.13.-Eça de Queirós e Da Cal no centro do Polissistema: A publicação da Bibliografia Queirociana (BQ) em 1976. ..... 440
III.2.3.13.1.-A editora da UC vence as dificuldades para a edição da BQ. ..... 441
III.2.3.13.2.-Nova edição revista e acrescentada do DLPGB. ..... 448
III.2.3.13.3.-Adesão de Joan Corominas na luta ortográfica da língua da Galiza. ..... 449

III.2.3.14.-O derradeiro semestre na CUNY. ..... 451
III.2.3.14.1.-O início da produtividade da BQ. ..... 451
III.2.3.14.4.-Publicação em *Colóquio Letras* de um poema dedicado a Rodrigues Lapa. ..... 452
III.2.3.14.5.-Reconhecimentos oficiais pelo Governo de Portugal. ..... 453

III.2.3.15.-Síntese conclusiva ..... 454

III.3.-Do aposentamento à morte (1977-1994). ..... 456

III.3.1-O tempo de residencia no Estoril. ..... 456
III.3.1.1.-Expectativa entre os queirosianistas e o triunfo da BQ. ..... 457
III.3.1.1.2.-Reencontro com o passado: o tempo da Guerra de Espanha e García Lorca. ..... 460
III.3.1.1.3.-Novas tarefas para a HSA de Nova Iorque. ..... 460
III.3.1.1.4.-Os alicerces das “Normas lingüísticas do galego”. ..... 461

III.3.1.2.-Centralidade lusófona, emergência hispânica e demandas galegas,

em 1978 ..... 463
III.3.1.2.1.- A centralidade queirosiana de Da Cal. ..... 464
III.3.1.2.2.-Montero Santalha formula a "ortografia galego-portuguesa". ..... 467
III.3.1.2.3.-Eduardo Blanco-Amor aviva a polémica sobre Lorca e Da Cal. ..... 468

III.3.1.3.-O campo do poder político frustra projectos queirosianos em Portugal e acalenta a reforma ortográfica na Galiza, em 1979. ..... 469
III.3.1.3.1.- Os estudos queirosianos: projectos bem-sucedidos e abandonos ..... 470
III.3.1.3.2.-A luta ortográfica na Galiza: polémicas e intervenção política. ..... 474

III.3.1.4.-Louvor pela BQ e internacionalização da luta ortográfica da Galiza, em 1980. ..... 476
III.3.1.4.1.-O quarto tomo da BQ e outras realizações no CEL. ..... 478
III.3.1.4.2.-A polémica pelo domínio público da produção queirosiana: As edições de *A Tragédia da Rua das Flores* ..... 481
III.3.1.4.3.-A luta ortográfica da Galiza: Projectos e posições na Alemanha e no Brasil. ..... 481
III.3.1.4.3.1.-A "adaptação" ortográfica de Da Cal por Fernández del Riego. ..... 484
III.3.1.4.4.-Alonso Montero reclama esclarecimento de Da Cal sobre os SPG ..... 486

III.3.1.5.-Progressão no CEL em Portugal, e retrocessão na Galiza, em 1981. ..... 487
III.3.1.5.1.-Eça de Queirós, questão de Estado em Portugal: O estudo do espólio. ..... 488
III.3.1.5.2.-Tradução "definitiva" de LEEQ e novos contributos no CEL. ..... 492
III.3.1.5.3.-O instante decisivo da luta ortográfica galega: o Estatuto de Autonomia. ..... 496
III.3.1.5.4.-Regresso ao CL através de queirosianistas e de nacionalistas galegos. ..... 497

III.3.1.6.-Novas relações, projectos e interesses em Portugal e na Galiza (1982). ..... 502
III.3.1.6.1.- Recepções queirosianas em Portugal e na França. ..... 504
III.3.1.6.2.-Relacionamento com instituições em Portugal e no exterior. ..... 506
III.3.1.6.3.-Contactos com a Galiza: Intervenções sobre a língua. ..... 507
III.3.1.6.4.-A actualidade dos SPG: Alonso Montero, Landeira Yrago, Victoria Atencia. ..... 509

III.3.1.7.-Capital simbólico em Portugal e renuncia à nacionalidade espanhola, em 1983. ..... 510
III.3.1.7.1.-Premio pelos "mais extensos e profundos estudos estilísticos e bibliográficos sobre Eça de Queirós". ..... 513
III.3.1.7.2.-Na Bibliografia de Fernando Pessoa. ..... 518
III.3.1.7.3.-O novo decreto da normativa da língua galega e as suas consequências. ..... 518
III.3.1.7.4.-Produção literária galega publicada em Portugal e em Madrid. ..... 521

III.3.1.8.-Conclusão do maior projecto do CEL, e nova estratégia para o CL e para a língua galega, em 1984 ..... 522
III.3.1.8.1.-O final de um projecto científico: os volumes derradeiros da BQ. ..... 523
III.3.1.8.2.-Novos instrumentos para avançar no CL: D. C. Warnest. ..... 527
III.3.1.8.3.-Intervenção directa na luta ortográfica na Galiza: o uso do padrão português. ..... 531
III.3.1.8.4.-Méndez Ferrín valoriza a poesia de Da Cal: "distinta á de todo texto galego contemporáneo". ..... 535

III.3.1.9.-Nos centros do Reintegracionismo, do CL e do CEL, em 1985. ..... 537
III.3.1.9.1.-Intervenção no CL e no Reintegracionismo: *Futuro Imemorial.(Manual de Velhice para principiantes)* (FI). ..... 539
III.3.1.9.2.-Os autógrafos dos SPG: Da Cal, no centro dos estudos lorquianos. ..... 543

III.3.1.9.3.-Internacionalização no CEL: Portugal, Brasil, Inglaterra, Galiza. ..... 553
III.3.1.9.4.-Intervenções no CL e no CEL no centenário de Rosalia de Castro. ..... 554
III.3.1.9.4.1.-Recepções na Galiza e em Portugal. ..... 562
III.3.1.9.5.-A recuperação da memória galega através da produção literária. ..... 563
III.3.1.9.6.-Franco Grande destaca Da Cal na "resistencia cultural" antifranquista. ..... 564
III.3.1.9.7.-O Acordo Ortográfico da Lusofonia na estratégia da língua da Galiza. ..... 565
III.3.1.9.8.-O final da doação para a Hispanic Society of America. ..... 566

III.3.1.10.-Projectos de grupo: a ortografia galega e a edição crítica de Eça (1986). . 568
III.3.1.10.1.-Precursor e centro na Galiza para os defensores do Acordo Ortográfico. ..... 571
III.3.1.10.2.-No centro do CEL: Da Cal apadrinha a edição crítica da produção de Eça. ..... 577
III.3.1.10.3.-No centro das comemorações do cinquentenário de García Lorca. ..... 581
III.3.1.10.4.-A centralidade rosaliana e a internacionalização de APCR ..... 589
III.3.1.10.5.-Projecção de FI em Portugal, Galiza e Reino Unido. ..... 593

III.3.1.11.-Mundos paralelos: centralidade e periferia em 1987. ..... 594
III.3.1.11.1.-A internacionalização do discurso queirosiano. ..... 596
III.3.1.11.2.-Novas revelações e centralidade sobre García Lorca. ..... 598
III.3.1.11.3.-Valorizações da produção anterior e novos trabalhos. ..... 601
III.3.1.11.4.-Decepção pela situação periférica na Galiza. ..... 604

III.3.1.12.-A consagração como cientista em Portugal, em 1988. ..... 607
III.3.1.12.1.-Reconhecimento público como cientista pela UC. ..... 609
III.3.1.12.2.-Novos poemários e outros trabalhos literários. ..... 614
III.3.1.12.3.-Na estratégia da Comissão Galega pelo Acordo Ortográfico. ..... 618
III.3.1.12.4.-No centro dos estudios sobre Lorca e Pessoa. ..... 619

III.3.1.13.-Reconhecimento internacional e deslocação para Londres, em 1989. ..... 621
III.3.1.13.1.-O Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. ..... 621
III.3.1.13.2.-Avanços no CEL para a edição crítica da obra de Eça de Queirós. ..... 626
III.3.1.13.3.-Tradução para espanhol da "Rememoração" de García Lorca. ..... 628
III.3.1.13.4.-A produção literária: Novo poema dedicado para Rosalia de Castro. ..... 629
III.3.1.13.5.-A despedida do Estoril. ..... 630

III.3.1.14.-Síntese conclusiva. ..... 630

III.3.2.-O périplo final da vida: residências em Londres, Nova Iorque e Lisboa. ..... 632

III.3.2.1.-Novos produtos de poesia em Andaluzia e na Galiza em 1990. ..... 632
III.3.2.1.1.-Edição de *Espelho Cego*, em Málaga ..... 634

III.3.2.2.-Novos projectos literários em 1991. ..... 636
III.3.2.2.1.- Participando no campo de luta do reintegracionismo. ..... 637
III.3.2.2.2.-Produtividade activa e passiva como consequência da amizade. ..... 641
III.3.2.2.2.1.-Num romance de Vázquez Montalbán. ..... 643
III.3.2.2.3.-A produtividade dos estudos de Da Cal sobre Eça. ..... 644

III.3.2.3.-A edição crítica de Eça de Queirós, e a produtividade literária galega em 1992. ..... 645
III.3.2.3.1.-O triunfo do modelo queirosiano de Da Cal. ..... 646
III.3.2.3.2.-Intervenção no Campo Literário galego: A reedição de LAM-RST ..... 651
III.3.2.3.3.-*Coisas e Loisas*, novo produto editado em Málaga ..... 656

III.3.2.3.4.-Reconhecimento como crítico em Portugal. ..... 657
III.3.2.3.5.-Estudo de Claude Poullain sobre APCR, na França. ..... 657
III.3.2.3.6.-Interesses lorquianos em Portugal e na Andaluzia. ..... 658

III.3.2.4.-O novo tempo de residência para Nova Iorque. ..... 659
III.3.2.4.1.- A produção literária como centro de actividade vital. ..... 660
III.3.2.4.2.-O projecto da monografia lorquiana e a nova actualidade dos SPG. ..... 665
III.3.2.4.3.-A presença permanente de Eça e os estudos queirosianos. ..... 667
III.3.2.4.4.-Regresso para Lisboa, em Outubro de 1993. ..... 670

III.3.2.5.-Homenagens da Galiza e derradeiros projectos em Lisboa. ..... 672
III.3.2.5.1.-A centralidade no queirosianismo. ..... 678
III.3.2.5.2.-Derradeiros projectos, no primeiro semestre de 1994. ..... 680
III.3.2.6.-Síntese conclusiva. ..... 683

III.4.-A morte de Ernesto Guerra da Cal. ..... 685
III.4.1.-Síntese conclusiva. ..... 694

IV.-A valorização de Ernesto Guerra da Cal após a sua morte (1994-2008). ..... 696
IV.1.-Presença nas lutas pela mudança linguística e cultural da Galiza ..... 698
IV.2.-A consolidação da centralidade no Campo dos Estudos Literários Português ..... 753
IV.3.-Nos EUA, Espanha, Brasil, Inglaterra, França ..... 787
IV.4.-Síntese conclusiva ..... 798

V.-Síntese conclusiva final ..... 801

VI.-Bibliografias ..... 816
VI.1.-Bibliografia Metodológica ..... 817
VI.2.-Bibliografia de Ernesto Guerra da Cal ..... 820
VI.3.-Bibliobrafia sobre o objecto de estudo ..... 843

VII.-Apêndices ..... 981

VIII.-Índice Geral

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

# TESE DE DOUTORAMENTO

# A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário

**TOMO II**

José Manuel Rodríguez Gómez (Joel R. Gômez)

Director: Elias J. Torres Feijó

# Índice

Agradecimentos ..... ... I

I.-Introdução. ..... 1

II.-Pressupostos metodológicos..... 8

.

III.-A trajectória de Ernesto Guerra da Cal. ..... ..23

IV.-A valorização de Ernesto Guerra da Cal após a sua morte (1994-2008). ..... 696

V.-Síntese conclusiva final ..... 801

VI.-Bibliografias..... 816

VII.-Apêndices ..... 981

VIII.-Índice Geral

# VII.-APÊNDICES.

VII.-Apêndices.

1.-Actor no grupo Anfistora.

2.-Refugiado em Nova Iorque.

3.-Actor de *La Zapatera Prodigiosa* (1953) de García Lorca, e em *Don Juan Tenorio*, de Zorrilla (1960) no grupo de Barnard College (Columbia University.)

4.-Relações com hispanistas e lusitanistas, no desempenho profissional: cartas de G. Moser (1954), R. Ricart (1954), Vicente Gaos (1955), Edmund de Chasca (1956), H. Seris (1957), Z. Hampejs (1960), T. Navarro (1963).

5.-Relação com revistas especializadas: *Ínsula* (1954), *Revista de Occidente* (1960), *Colóquio* (1960), *La Voz* (1962).

6.-Publicações: trabalho sobre os navegadores portugueses (*Revista dos E.U.A.*, 1960) e poemas próprios e traduções de Langston Hughes (*Memoria Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque, 1963).

7.-Carta de Otero Pedrayo et alii (1957).

8.-Contactos com Galaxia: Cartas de Ramón Piñeiro (21-I-1958, 21-I-1959, 6-VI-1960).

9.-Conferencista em Estocolmo (14-V-1959).

10.-Contactos com o Brasil: poesia galega na revista *A Ordem* (IV-1959), impacte do Instituto Brasileiro em *Visão* (IV-1959), participação no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros da Bahia (musicação de poema de Da Cal e valorização dos congressistas, VIII-1959).

11.-Posição na NYU (Oferta do Washington Square College para o ano lectivo 1960-1961).

12.-Condecoração do Governo de Portugal (1962)

13.-Notícia do início da actividade na CUNY (*Phoenix*, 1964).

14.-Poesia de *Rio de Sonho e Tempo* traduzida para inglês por Jean R. Longland ("Discovery").

15.-Impacte de Da Cal no Brasil: Eduardo Portella e Manuel Bandeira (*Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, VIII-1965).

16.-Três poemas musicados no VII Festival de la Canción Gallega de Pontevedra (12-VII-1966).

17.-Eleito membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (V-1967).

18.-Da Cal na Galiza (*Faro de Vigo*, VIII-1967).

19.-Conferência em Moçambique (XI-1970) e recepção oficial por Marcello Caetano em Lisboa (I-1971).

20.-Honrado na UCLA como pioneiro dos estudos portugueses nos EUA (Carta de Claude L. Hulet, 1972).

21.-Edição, pela UFRJ, de *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projeção no Romance Ibérico* (1973).

22.-Eleito como representante galego na Associação Portuguesa de Escritores (autobiografia de Da Cal enviada para Rodrigues Lapa, 20-XI-1974; cartas de Lapa: 7-I-1975 e 9-III-1975).

23.-Carta de Da Cal a Francisco Fernández del Riego (13-III-1980).

24.-Publicação de "Conto de Fadas" em *A Nosa Terra* (com emendas de Da Cal) e em *Cadernos de Literatura* (Coimbra), em finais de 1981.

25.-Carta do Presidente da Câmara Municipal de Quiroga a Xosé Estévez, confirmando rua para Da Cal (que se não concretizará): 13-X-1983.

26.-Reivindicação do uso do galego no Instituto Cultural Galaico-Minhoto (Carta de Da Cal, 2-IV-1984; de Artur Norton, 30-V-1984; de Avelino de Jesus Costa, 3-VI-1984 e 22-VIII-1984; de Artur Norton, 23-VIII-1984).

27.-Polémica a respeito da génese dos *Seis Poemas Galegos*, de Federico García Lorca (artigo de Fracisco J. Castelo, 7-IV-1985; artigo de S. Corral, X-1985; artigos de Franco Grande, 8-XI-1985 e 11-IX-1986; capa, rascunho de capítulo sobre o "Madrigal a la ciudad de Santiago" e "Índice" do livro preparado por Da Cal sobre o produto lorquiano).

28.-Duas versões de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*: dois poemas publicados em *Carel* (Marim) e edição definitiva em livro (1985).

29.-Recepção de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*: (Luiz Fagundes Duarte, 28-V-1985; Alonso Montero, 8-VI-1985; Natércia Freire, 2-VIII-1985; Leonardo Mathias, XI-1985).

30.-Recepção de *Futuro Imemorial. Manuel de Velhice para Principiantes*, e de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, por M. Hortas Vilanova (Manuel María): *A Nosa Terra*, 13-III-1986.

31.-Recepção de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*: Gilberto Mendoça Teles no *Jornal de Letras* de Rio de Janeiro, IV-1986; e Luiz Fagundes Duarte no *Jornal de Letras* de Lisboa, 29-IX-1986, crítica acompanhada de dois poemas de Da Cal).

32.-Elementos queirosianos: entrevista de Rogério Fernandes (*A Capital*, VII-1973) com ensejo da entrega da *Bibliografia Queirosiana* à Universidade de Coimbra; valorização de Luis Forjaz Trigueiros (*O Primeiro de Janeiro*, VIII-1981), polémica por *A Tragédia da Rua das Flores* (IV-1983), lançamento da edição crítica de Eça de Queirós em Portugal (XII-1986), publicação de "Testamento de Mecenas", em separata da *Revista da Universidade de Coimbra* (1992).

33.-Da Cal na homenagem a A. Fole (carta ao Alcalde de Lugo, 23-X-1985, editada no volume *Os Escritores Galegos arredor de Fole* [1986]).

34.-Diploma de membro da Academia das Ciências de Lisboa (VII-1988).

35.-Designado membro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (XI-1988).

36.-Diploma do grau de "honoris causa" da Universidade de Coimbra (16-V-1989).

37.-Da Cal, na sua oficina de produtor literário: 4 fases de “Uninhabited Love-Amor Desabitado”, de D. C. Warnest.

38.-Colaboração com Maria Victoria Atencia: tradução de “Saudade” (1987).

39.-Presidente da Comissão para Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada (1989).

40.-Gladstone Chaves de Melo valoriza a produção poética de Ernesto Guerra da Cal (1993).

41.-Morte de Ernesto Guerra da Cal (“Evocação e louvor”, por Carlos Reis, 17-VIII-1994).

42.-Organização do volume de homenagem a Da Cal na Universidade de Coimbra (8-I-1996).

43.-Doação de livros de García Lorca dedicados a Da Cal, para a Fundación Federico García Lorca, por Elsie Allen da Cal (viúva de Da Cal, 15-IV-1999).

44.-Acordo da dedicatória de uma rua pelo Pleno do Exmo. Concello de Ferrol (23-II-2006).

45.-Homenagem a Da Cal organizado pela Fundación Carlos Casares e o Concello de Ferrol (XII-2004).

46.-Elementos na The Hispanic Society of America: 163 pastas com materiais sobre Da Cal, e doação de poemas dedicados a Nechama Kramer Hellinx (para além dos 43 que se referem, há um mais, intitulado “Two to Canaan, on the sunset”, que ela juntou com posterioridade).

47.-Publicidade em *La Voz de Galicia* alicerçada num poema de Da Cal (5-VI-2008).

# TEATRO ESPAÑOL

**función de gala del club teatral ANFISTORA, el jueves 7 de junio de 1934, a las diez y media de la noche.**

**federico garcía lorca, manuel fontanals y pura maórtua de ucelay**

presentan

**el club teatral ANFISTORA con**

# liliom

de

## franz molnar

traducción de gregorio martínez sierra

### reparto

| | | | |
|---|---|---|---|
| julia | germaine heygel. | tornero, capitán, bien vestido, médico | xavier del arco. |
| moscatel | leonor g. villamarín. | pedro | josé maría rapallo. |
| maría | margarita ucelay. | bercovich, agente, detective 1.° | antonio calero. |
| marta | señora de higueras. | cajero | manuel mangas. |
| luisa | matilde del barco. | mal vestido | alejandro fuentes. |
| liliom | severino mejuto. | | |
| fiscur | ernesto p. guerra. | | |
| vladimiro, detective 2.° | enrique mejuto. | | |
| secretario del cielo | roberto yavar. | | |

guardias, criadas, paseantes, etc.

### precio de las localidades

| | | | |
|---|---|---|---|
| palcos plateas, con entradas | 60,— ptas. | butacas de anfiteatro principal | 4,— ptas. |
| palcos entresuelo, ídem | 60,— » | delanteras de anfiteatro segundo | 4,— » |
| palcos principales, ídem | 40,— » | butacas de anfiteatro segundo | 3,— » |
| palcos segundos, ídem | 20,— » | delanteras de paraíso | 3,— » |
| butacas | 10,— » | butacas de paraíso | 2,— » |
| delanteras de butacas entresuelo | 8,— » | delanteras laterales de paraíso | 2,— » |
| butacas de entresuelo | 6,— » | entrada a palco | 2,— » |
| delanteras de anfiteatro principal | 5,— » | | |

**horas de taquilla: de 11 a 1 y de 4 a 7** **teléfono 12121**

gráficas reunidas, s. a.—madrid.

# Two Spanish Instructors Are Franco Refugees

## Exiled By Threats Of Firing Squad, Prison, Both Condemn British, French Attitudes Toward Loyalist Forces

By Chester Burger

Torn from the war-devastated land in which they were born and raised, two Loyalist Spanish Catholic refugees paused between classes to express deep appreciation for their appointment to the faculty of Brooklyn College. They hope to remain here indefinitely, because the Franco terroristic government which rules their homeland has threatened them; one with a firing squad; the other with a long prison term.

The men are Dr. Miguel Pizarro Zambrano, B.A., M.A., Ph.D., aged 40, dark, swarthy, smiling, typically Spanish in appearance, and Senor Ernesto Perez DaCal, B.A., M.A., aged 27, tall, mustached, and handsome. Both have attained wide reputations in academic circles.

Both Dr. Pizarro and Senor DaCal have been appointed to the college as teachers of Spanish and Spanish Literature. Dr. Pizzaro's initial appointment was for one year, with the rank of tutor, while Sr. DaCal holds "indefinite" tenure as an instructor in evening session classes.

**Neither was ever interested in politics, or belonged to any political party. Dr. Pizarro will shrug his shoulders when you mention it, telling you that the subject never 'bothered" him.**

Like Dr. Pizzaro, Senor Ernesto Perez DaCal had a scholarly background. Prior to the war, he had studied and received degrees from the Instituto Nacional de Segunda Ensenanza and from the University of Madrid. He had taught at the Escuela de Artes y Oficios and the Fomento de les Artes. Senor DaCal specialized in Spanish literature and Classical Languages, and had contributed many articles on these subjects to Spanish magazines. His native tongue is the Galician language.

Sr. DaCal too was never interested in politics, but proudly recalls that as a young student years before, he had been a member of the Spanish Student Organization, the F.U.E., which was struggling against the military dictatorship of Primo de Rivera. "We wanted only freedom to think and to speak," he explains. He was only 24 when a month after the University of Madrid granted him an M.A. degree, the fascist rebellion broke out in July 1936. He immediately volunteered for army service and joined the Galician People's Militia.

**Both Dr. Pizarro and Sr. DaCal strongly condemned Great Britain and France, "who strangled the Spanish people by their refusals of aid in our stuggle for national independence against fascist invasion. For seven months, we waited behind Madrid's street barricades for the British and French help that never came!" said DaCal.**

This statement was substantiated by Dr. Pizarro, who added, "Conservatives in Britain and France didn't want to help Spain. They didn't do a thing when Hitler attacked our people." Asked who was responsible for this, he replied slowly, "I am not sure. I do not know very much about politics. But Mr. Chamberlain prevented us from getting aid from Great Britain."

**Sr. DaCal confirmed the statement that Britain and France "didn't help Spain in any way. England was much more sympathetic to Franco," he declared. "We soldiers knew as we fought, that victory would only come with the help of the peoples of the other countries. But assistance never came from the 'democracies.'"**

"What about the arms embargo?" both Dr. Pizarro and Sr. DaCal were asked. Both had the same reply, and used almost identical language, although interviewed separately.

"Every Spaniard looked to America for help," they told me. "We thought that America would lift the arms embargo and help our people. but somehow, the law never was repealed. We never knew why. Now, it's too late."

**These characters** are Carmen del Rio '53, Professor Ernesto DaCal of New York University's Spanish department, and Professor Eugenio Florit of Barnard's Spanish department, and they are straight out of Federico Garcia Lorca's play "The Prodigious Shoemaker." Barnard's Spanish department presented it in McMillin Theater on Feb. 26, 27, and 28. At the two evening performances and Sunday matinee the department also put on "The Magic Theater" by Miguel de Cervantes.

# DON JUAN TENORIO

*drama romántico en dos partes y siete actos*

## PERSONAJES

(en el orden en que aparecen en escena)

| | |
|---|---|
| Don Juan Tenorio | Camilo Delgado |
| Buttarelli, *hostelero* | Angel del Río |
| Ciutti, *criado de Don Juan* | Eugenio Florit |
| Miguel, *mozo* | Enrique Da Cal |
| Don Gonzalo de Ulloa, *Comendador de Calatrava* | Aníbal Casás |
| Don Diego Tenorio, *padre de Don Juan* | José A. Fernández |
| Don Rafael de Avellaneda | Gustavo Umpierre |
| El Capitán Centellas | Pedro Rivas |
| Un Caballero | Fred Courtney |
| Don Luis Mejía | Ernesto Da Cal |
| Gastón | Demetrio Delgado de Torres |
| Alguacil I | José Moreno |
| Alguacil II | Rafael Nardo |
| Doña Ana de Pantoja | Teresa Castroviejo de Escobal |
| Brígida, *dueña de doña Inés* | Amelia Agostini de del Río |
| Lucía, *criada de doña Ana* | Margarita U. Da Cal |
| La Abadesa | Laura de los Ríos de García Lorca |
| Doña Inés de Ulloa | Carmen del Río de Piniés |
| La Tornera | Lulú Bonelli de Hastings |
| El Escultor | Francisco García Lorca |

Máscaras, estudiantes y pueblo.

*La acción en Sevilla, por los años 1545. Los cuatro primeros actos pasan en una sola noche. Los tres restantes, cinco años después, en otra noche.*

## PRIMERA PARTE

Acto I *Libertinaje y escándalo*
(en la Hostería del Laurel)

Acto II *Destreza*
(frente a la casa de doña Ana)

Acto III *Profanación*
(en el convento de las Calatravas)

Acto IV *El Diablo a las puertas del cielo*
(en la quinta de Don Juan a orillas del Guadalquivir)

## SEGUNDA PARTE

Acto I *La Sombra de doña Inés*
(en el cementerio)

Acto II *La Estatua de don Gonzalo*
(en el comedor de Don Juan)

Acto III *Misericordia de Dios y Apoteosis del Amor*
(en el cementerio)

Descanso de diez minutos entre
Actos II y III de la Primera Parte
y
entre Primera y Segunda Parte

| | |
|---|---|
| Dirección | Amelia Agostini de del Río |
| Escenografía | Fernando Texidor |
| Ejecución y luces | Marcial |
| Vestuario | Margarita U. Da Cal<br>Amparo Granell |
| Maquillaje | Margarita U. Da Cal<br>Elizabeth Lesch<br>Ernesto Da Cal |
| Publicidad | Benjamin Arnaldo Meyners<br>Elizabeth Lesch |
| Traspuntes | Laura R. de García Lorca<br>Margarita U. Da Cal |

205 S. Osmun
State College Penna.

9 de abril de 195-

Prezado Colega,

Recebi esta tarde o primeiro volume da sua bela obra sobre Eça de Queiroz, que teve a grande gentileza de dedicar-me. Faço-lhe muito e muito obrigado: é um livro que logo me despertou a maior curiosidade. Já o folheei, lendo desde logo as páginas sobre a reforma estilística de Eça. As citações de Camilo são decisivas; já conhecia uma ou outra.

Para quando lhe prometeram a publicação da Bibliografia? Quanta paciência se lhe exige! Também gostaria

de saber onde pararam os seus projectos para um centro de estudos luso-brasileiros. Depois do desaparecimento do centro em Nashville urge criar outro.

Aqui, na Pennsylvania State University, se continua a ensinar o português apesar de dificuldades que vão em aumento, pois que aqui também pretendem tomar medidas de parcimónia. Não se pode esperar mais da gloriosa era atómica. O domingo que vem esperamos ter a alegria de ver entre nós o Érico Veríssimo, recem-chegado da Conferência de Caracas. Êle fará duas conferências, uma sobre de "Confissões de um Contador-de-histórias", e outra sobre "Latinos e Gringos: um paralelo. Assim festejaremos como de justo o dia panamericano.

Com muito prazer chamarei a atenção dos leitores de Hispania à publicação da sua obra, esperada desde há tanto.

Receba os parabens e as saudações muito cordiais de

Frei Gerald,
da Irmandade Lusitanista.

INSTITUT
D'ÉTUDES HISPANIQUES
DE
L'UNIVERSITÉ DE PARIS

Tél. : Odéon 38-18

Vattetot-sur-mer
(Seine-Inférieure)
~~Paris~~, le 10 - VIII - 954

31, RUE GAY-LUSSAC (V^e)

Señor Prof. D. Ernesto
Guerra da Cal
Nueva York.

Mi distinguido colega:

Recibí normalmente su amable carta de 10 de mayo y siento no haber podido darle antes las gracias por su apreciación tan simpática y benévola acerca de mi modesto trabajo sobre Eça de Queiroz. Es que en París los exámenes de fin de año empiezan muy temprano - a mediados de mayo - y terminan muy tarde, a consecuencia del gran número de candidatos. Por ello me he encontrado muy atrasado en todas mis cosas, pero, aunque tarde,

no quería dejar de agradecerle de todo corazón el testimonio de amistad que ha tenido la bondad de darme. Recibí su libro _Lengua y estilo de E. de Q._, pues la Universidad de Coimbra acostumbra remitirnos las _Acta_, y también lo recibimos para el _Bulletin hispanique_. Desgraciadamente, el colaborador que debía hacer la reseña ha caído enfermo de alguna gravedad, y no sabemos aún cómo vamos a arreglar el asunto; pero puede Vd. tener la seguridad de que haremos todo lo posible, ~~por~~ teniendo en cuenta la importancia de su libro.

Celebro mucho esta oportunidad de haber entrado en relaciones con Vd. y quedo gustoso a su entera disposición en París, a donde pienso regresar a mediados de septiembre. Le reitero la expresión de mi gratitud y le mando un cordial y afectuoso saludo

D. Ricard

Valencia, 30 de abril de 1955

Mi querido Da Cal: Recibí tu carta de 14 de febrero. Me interesa en principio que cuentes conmigo para el curso de verano de 1956, ya que me dices que entonces habrá ocasión. Pero, de todos modos, como yo al fin voy a regresar ashí, en agosto lo más tarde, tiempo tendremos de hablar del asunto.

Acabo de estar en Madrid un mes, y te he hecho el "pequeño favor" que me pedías, a saber, lo de las críticas a tu "mamotreto quevediano". Para "Insula" hablé con su secretario, José Luis Cano. Me dijo que no recordaba haber visto ejemplar de tu libro, pero quedó en hablar con Canito, y si en efecto hay ejemplar, en hacerte en seguida una amplia crítica. - Con respecto a "Clavileño", revista prácticamente inexistente porque sale cuando Dios quiere y apenas circula, no pude ver a Gaspar Gómez de la Serna (que, por lo demás, ha cesado en su puesto), pero hablé con Germán Bleiberg, que trabaja con Javier Conde (Director de "Clavileño"), para que se interesara por el asunto. En cuanto tenga noticias, te las daré. Y har´e que te lleguen ejemplares de ambas revistas.-- ?Mandaste tu libro a "Indice"? Es una buena revista, donde yo escribo, y donde, si no has mandado tu libro (dímelo) podré yo escribir algo sobreél.

Saluda cordialmente a tu mujer. Espero tus noticias. Y esperando verte ya pronto, te abraza tu amigo y humilde colega,

Vicente Gaos

...an Vía Germanías, 2, Valencia (Spain)

Vicente Gaos

STATE UNIVERSITY OF IOWA
IOWA CITY, IOWA

DEPARTMENT OF
ROMANCE LANGUAGES

30 de noviembre de 1956

Muy distinguido señor mío:

No bien llegó a mis manos su precioso libro Lengua y Estilo de Eça de Queiroz me encerré para empezar a leerlo, lo que hice con gran satisfacción, pues aun lo poco (el primer capítulo) que vi de su brillante labor bastó para que no me cupiera duda que ella sería de grandísima importancia para mi propia orientación. Antes de que pudiera volver a sus páginas descendieron sobre mí múltiples tareas. Durante las vacaciones de Navidad terminaré su lectura y luego pienso publicar mi juicio en alguna parte, acaso en el Philological Quarterly de esta universidad.

El común amigo Raggiano me ha pasado sus tan generosas palabras sobre mi librejo. Cualquier acierto o mérito que tenga puede ser considerado sólo por personas como usted. Y no hay que decir que ha sido motivo de gran gozo para mí el que usted haya decidido hacer la noticia del libro por medio de la voz de América. Espero ansioso el "script."

Le agradezco en extrema

en relación directa con usted,
por lo cual le saluda muy
afectuosamente

Edmund de Chesca

SYRACUSE UNIVERSITY
SYRACUSE 10, NEW YORK

, 17 de enero de 1957

CENTRO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS

Muy querido amigo Ernesto:

En contestación a tu grata del 14, me complazco en anunciarte, según me comunica el Dr. McPheeters, encargado de la sección de reseñas de Symposium, que la de tu hermoso y erudito libro, redactada por la Sra. Loos, se halla en la imprenta y se publicará en el próximo número de nuestra revista, es decir el que seguirá al que se repartirá en este mes.

Agradezco vuestra felicitación de año nuevo, y yo, a mi vez, os deseo a Margarita y a ti, muchas venturas y prosperidades en el 1957.

Un abrazo de

Homero Serís

P.S. – Ya habrás visto la Métrica española de Navarro Tomás, publicada por el Centro de Est. Hisp. Ahora le vamos a editar los Documentos lingüísticos del Alto Aragón.

Vale

PhDr Zdeněk Hampejs
Praha I, Dlouhá 39

Praga, 15 de Febrero de 1960

Mi querido Amigo:

Le agradezco sinceramente su carta, así como su bella colección de poesías gallegas. Este aspecto suyo - el de poeta - desconocido para mí hasta poco tiempo, es un gran descubrimiento que hice en Bahia y que vuelvo a hacer ahora leyendo sus versos.

Ahora comprendo como Ud. ha podido comprender tan bien nuestro común amigo Eça de Queiroz. Sólo el alma del poeta puede ccomprenderlo tan bien, como Vd. lo hizo.

Cordial es poco para caracterizar los saludos que le mando.

Su gran admirador

Zdeněk Hampejs

Northampton, 5 de diciembre, 1963

Querido Da Cal:

Hemos leído su libro "Río de Sonho e Tempo", y hemos comentado con admiración, una vez más, este aspecto lírico de la rica y fecunda personalidad de usted. Dolores, Joaquina y yo le felicitamos por esta nueva obra y le agradecemos el ejemplar que nos ha dedicado. Voy a cuidar de que esta carta no se me trapapele y retrase como la que le escribí en otra ocasión.

En su poesía hay melancolía y nostalgia de auténtica estirpe gallega. La lleva usted muy bien disimulada bajo su animado y expresivo trato personal. Nadie que piense y sienta hondo puede ser verdaderamente alegre.

He leído en voz alta algunas de sus composiciones y nos han sonado muy bien, a pesar de lo mal que yo debo pronunciar el gallego. Hubiéramos querido oírselas a usted. Se per-

cibe muy bien su ritmo y armonía por debajo de la libre y variada disposición tipográfica en que aparecen muchos versos. Habría que oirlos de su voz para ver como se combinan en ellos el ritmo óptico y el musical.

Nos dejó muy buen sabor su visita relámpago. Esperamos que vengan algún día Margarita, usted y su hijo.

Reciban cariñosos afectos de Dolores y Joaquina, y de su amigo.

Tomás Navarro

# INSULA

REVISTA BIBLIOGRAFICA DE CIENCIAS Y LETRAS

CARMEN, 9 -:- TELEFONO 22 14 66

MADRID, 10 de Abril 1954

DIRECTOR: ENRIQUE CANITO


Sr. Prof. Ernesto Guerra Da Cal
200 W. 108th Street
NEW YORK, 25. N.Y.

Mi distinguido amigo:

He recibido y agradezco mucho el ejemplar de su "Lengua y Estilo de Eça de Queiroz", que me dispongo a leer con detenimiento cuando una persona competente haga una reseña para INSULA.

Entretanto, para la librería, nos convendría estar informados de los detalles de precio y distribuidor para poderlo anunciar a nuestros clientes. Le agradeceré a Vd. mucho que, si no le sirve de molestia, nos suministre esta información.

Es para mí particularmente grata esta oportunidad de ponernos en relaciones que ojalá sean frecuentes.

Reciba mis saludos muy atentos y cordiales,

Enrique Canito

EDICIONES DE LA Revista de Occidente S. A.

Oficinas: Bárbara de Braganza, 12
Tel. 31 30 43
Madrid - 4

21 de mayo de 1960

Sr. D. Ernesto Guerra Da Cal
Chm. Span & Port.
New York University
New York 3, N.Y.

Querido Ernesto:

Acabo de recibir el ejemplar que tan amablemente me envías de tu "Lua". Me interesa puntualizar la fecha para que no interpretes como negligencia mía el no haberte acusado recibo hasta hoy.

¡Qué gran lengua la galaica para la poesía! ¡Qué suaves, pulidas y melancólicas resultan las palabras! Comprendo que tú patria chica te parezca tan grande.

No esperaras de mí una crítica de tu libro. Soy bastante remolón para la poesía y juzgo de ella elementalmente: me gusta o no me gusta. Si te sirve de elogio te diré que tu libro me gusta.

Sé que vienes en Septiembre a Portugal, y que Pepe va a ir a verte. Mucho me gustaría acompañarle si hay ocasión para ello.

Con muchos recuerdos para Margarita, recibe un fuerte abrazo de tu "nuevo" y buen amigo,

Pepe

PS/ Te remito un ejemplar del libro de Marías sobre mi padre que creo importante y del que podrías hablar, si te parece, en una de tus charlas radiofónicas.

*Fundação Calouste Gulbenkian*
*Revista "Colóquio"*
*Lisboa*

Lisboa, 26 de Março de 1960.

*Proc.*
*N.*

Meu caro Ernesto Da Cal:

V. mandou-me o seu cartão de Boas-Festas e, logo a seguir, a sua Lua de Além-Mar. Isto dificultou a operação da resposta de agradecimento. Não quis agradecer-lhe as Boas-Festas, sem lhe agradecer os belos poemas, e eis o que, segundo os meus péssimos hábitos, só costumo fazer depois da leitura. Mas a leitura para mim é actividade subordinada ao mais tirânico dirigismo: não posso ler o que me der na realíssima gana, senão às furtadelas de obrigações ciumentas, que bàrbaramente se vingam, quando as ponho de lado...

Ora cá estou, depois da leitura, E contente de a ter feito. V. recolheu no seu livro, como num búzio, a zoada da sua terra, a folclórica e a sábia, mas tudo sai dele com finura e claridade tais que, sem deixarem de ser um encanto para a sensibilidade, o são também para a inteligência - em geral excluída pela poesia moderna de participar no prazer estético que oferece. E muito juntou da sua riqueza espiritual!

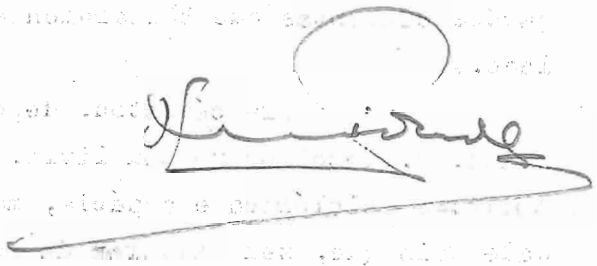
Aquilo resulta de uma admirável colaboração do que em V. persiste de Cherinho ou João Airas e do crítico subtil do estilo de Eça. Os seus símbolos são de transparência pouco usada, e tem-se a impressão de que a suas emoções, sob a vigilância da razão crítica, como certas nuvens ao sol poente, assumem um nítido e gracioso perfil, análogo ao que, a seu mando, o tipógrafo deu a alguns dos seus poemas.

Botas de elástico, pertence ao número daqueles que na poesia se não contentam de ritmos e vagas emoções: procuram, como quando se voa para além das nuvens, rasgões nelas que deixem entrever, pelo menos, o mundo do homem. Que ela seja, como nos tempos de Homero, Dante ou Goethe, oferecida ao homem total - inteligência e sensibilidade. V. é assim dos meus poetas. Daí o agradecimento duplo - pelo que me deu e porque mo deu.

Para terminar: quando é que V. me dá um ensaio para

o "COLÓQUIO"? Ensaio ou carta. Coisa de 5 páginas dactilografadas, a 2 espaços. Peça a mesma coisa - faz-me favor - ao Costa Ramalho, a quem mando um grande abraço. Viram ambos a notícia no último número da revista sobre a inauguração do Instituto de Estudos Portugueses?

Lembre-nos a sua Senhora e Filhos e um grande abraço para si do muito amigo e admirador



# LA VOZ

NOVIEMBRE, 1962 35¢

Número

## *Homenaje a Jorge Luis Borges*

También

ERNESTO GUERRA DA CAL

***Federico de Onis: Maestro de Maestros***

ANGEL BERMEJO

***Saboreando el Castellano***

VICTOR M. VALENZUELA

***Carlos Fuentes: Novelista Mexicano***

Also

ROBERT O'BRIEN

***Selections from a Drama Encyclopedia***

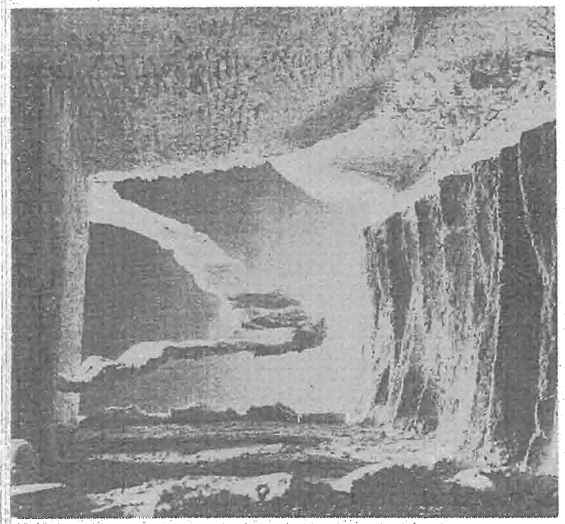
BOOK NEWS

BEGINNERS' PAGES

O grande arquitecto americano, já falecido, Frank Lloyd Wright — um dos poucos arquitectos que soube reconciliar na prática a visão com a realidade — no seu jeito tìpicamente elegante, aconselhou, certa vez, os cidadãos de Pittsburgh a abandonarem sem demora a sua comunidade infestada de fumo. Chegou ao ponto de, em 1947, projectar um novo centro cívico para a cidade, uma rampa espiral em torno duma estrutura em cúpula, que acomodaria um planetário, jardim-zoológico, estádio, museu, ópera, sala de concertos, e teatros, tudo encimado por jardins e fontes.

*

Uma década mais tarde, o francês Jean-Claude Mazet desenhou uma Cidade Ideal com a forma duma montanha cónica. Era uma metrópole completa, com o interior oco encerrando, ao centro, fábricas; acompanhando o perímetro, habitações e, cercando o cone, sulcos exteriores que funcionariam como arruamentos.



A «Casa sem Fim» de Frederick Kiesler

Outros dos trabalhos de maior interesse aqui apresentados foram os do americano Paolo Soleri, com uma ponte de características revolucionárias e o projecto da Cidade Biotécnica no deserto do Arizona, formada por enormes balões de concreto.

Entre os projectos de arquitectos estrangeiros presentes neste certame, contava-se um intitulado «Cidade Marinha», da autoria do japonês Kiyonori Kikutake que, na convicção de que o aumento constante da população mundial acabará por forçar o Homem a aproveitar os oceanos para estender as suas cidades, imaginou uma série de pontões que levam uma plataforma de cimento funcionando como jangada. Dessa plataforma partem cilindros gigantescos de cimento, contendo habitações e outras edifícios, os quais mergulham a cem ou mais pés abaixo da superfície das águas.

No seu estilo inconfundível, Buckminster Fuller oferece-nos uma cobertura parcial para a Ilha de Manhattan, por meio duma das suas enormes cúpulas geodésicas, o que possibilitaria, segundo o autor, um controle completo das condições atmosféricas.

Dos projectos *menos* arrojados destacamos o conceito de «casa sem fim» de Frederick Kiesler, em que os pavimentos se curvam para as paredes e estas para os tectos, com cada área de habitação fluindo para a seguinte.



# OS NAVEGADORES PORTUGUESES
## NA DESCOBERTA E EXPLORAÇÃO DO ACTUAL TERRITÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS

Pelo DR. ERNESTO DA CAL

Eu não vou tratar da gloriosa personalidade do Infante. Já sobre ele dissertaram em palestras anteriores os dois ilustres oradores a quem antes aludi. Porém, como não podia deixar de ser, visto o motivo que hoje nos reúne, falarei da gesta lusa das descobertas na parte em que elas tocaram nestas livres e acolhedoras terras norte-americanas em que moramos e em que os filhos de muitos de nós nasceram. Ao fazer isto, julgo estar prestando homenagem directa e fervorosa à sublime figura do Infante de Sagres, pois todos os arrojados e façanhosos navegadores portugueses que durante os séculos XVI e XVII desvendaram novos horizontes, alargando o mundo conhecido, dando mundos ao mundo, não fizeram senão seguir na esteira da divina visão henriquina, que poderíamos comparar a uma refulgente nau ideal que ele fez partir um dia da Lusitânia, rumo a todos os aléns ignotos, com a Cruz de Cristo a vermelhejar nas velas, e com a sua mão segura de Príncipe dos Navegantes ao leme, espalhando «por mares nunca dantes navegados» a civilização, e a imorredoura glória do génio lusíada.

Eu não sou historiador — não é esse o campo em que eu poderia falar com a necessária autoridade mínima — portanto não vou fazer história. Entretanto, vou atrever-me a contar umas breves histórias. Histórias já sabidas por muitos de vós, mas que talvez valha a pena contar novamente. Histórias de navegadores lusos, que nos atingem em certo modo duma maneira directa, visto o cenário delas ser o território desta América que é nossa Pátria de adopção. Histórias trágico-marítimas, reduzidas aos seus traços essenciais em que homens intrépidos de Portugal desafiam as forças escuras da natureza indómita, pagando por vezes com a vida o seu denodo.

«Era uma vez um pai que tinha três filhos... O pai chamava-se João Vaz Corte-Real, grande piloto

---

*O dr. Ernesto Da Cal é professor catedrático da Universidade de Nova Iorque. O artigo que hoje inserimos foi extraído duma palestra proferida no Sport Clube Português de Newark, Nova Jersey, no dia 26 de Junho de 1960, a qual será publicada na íntegra, em folheto, pelos Serviços de Informação dos EUA.*

## Duas traduzóns ao galego de dous poemas de Langston Hughes

LANGSTON HUGHES, (1902). E talvez o poeta de raça negra mais eminente dos EE. UU. Sua obra poética compreende *The Weary Blues* (1921), *Dear Lovely Death* (1931), *The Negro Mother* (1931) *The Dream Keeper* (1932), *A New Song* (1938), *Shakespeare in Harlem* (1942), *Scottsboro Limited* (1932) e *Fields of Wonder* (1947).

### I, TOO, SING AMERICA

*LANGSTON HUGHES*

I, too sing America

I am the darker brother.
They send me to eat in the kitchen
When company comes
But I laugh
And grow strong

Tomorrow
I'll sit at the table
When company comes
Nobody'll dare
Say to me
"Eat in the kitchen."
Then.

Besides,
They'll see how beautiful I am
And be ashamed.

I, too, am America.

### EU TAMBEN CANTO A AMERICA

Traduzón de ERNESTO GUERRA DA CAL

*Eu también canto a America*

*Sou o irmao mais escuro*
*Mandan-me a comer na cozinha*
*Cando chega visita*
*Mas eu río*
*E cómo ben*
*E fago-me forte*

*Manhán*
*Sentarei-me à mesa*
*Cando chega visita*
*Ninguén se atreverá*
*A me dizer*
*"Come na cozinha"*
*Entón.*

*Ademáis*
*Verán que belo sou*
*E se envergonharán*

*Eu también sou América.*

### THE NEGRO

*LANGSTON HUGHES*

I am a Negro:
Black as the night is black,
Black like the depths of my Africa.

I've been a slave:
Caesar told me to keep his door steps clean.
I brushed the boots of Washington.

I've been a worker:
Under my hand the pyramids arose.
I made mortar for the Woolworth Building.

I've been a singer:
All the way from Africa to Georgia
I carried my sorrow songs.
I made ragtime.

I've been a victim:
The Belgians cut off my hands in the Congo.
They lynch me now in Texas.

I am a Negro:
Black as night is black.
Black like the depths of my Africa.

### O NEGRO

Traduzón de ERNESTO GUERRA DA CAL

*Eu sou un negro:*
*Negro como a noite negra.*
*Negro como o fondo da miña Africa.*

*Tenho sido escravo:*
*César mandou-me limpar a entrada da sua porta*
*Eu lustrei a botas de Washington.*

*Tenho sido obreiro:*
*Baixo as minhas maos ergueran-se as pirámides*
*I-eu fixen o morteiro para o Woolworth Building*

*Tenho sido cantor:*
*Por todos os caminhos de Africa á Georgia*
*Trouxen meus tristes cantos*
*e criei o "jazz".*

*Tenho sido vítima:*
*Os belgas cortaron-me as maos no Congo.*
*Hoxe linchan-me no Texas:*

*Eu sou un negro:*
*Negro como a noite negra.*
*Negro como o fondo da miña Africa.*

## Dous Poemas de Ernesto Guerra Da Cal

### PERGUNTA TOLA

*I*

*Porquê*
*será que sempre*
*ven ao labio o cantar*
*cando o coraçón sente*
*vontade*
*de chorar?*

*E porquê*
*sempre*
*o verso ven nascer*
*cando a alma triste sente*
*vontade*
*de morrer?*

*II*

### VIEIRO

*Filho perdido*
*da minha Mai*
*Moço perdido*
*da minha Terra*

*Morto soldado*
*desconhecido*
*da minha escura*
*aborrida guerra*

*Onde hai*
*un leito*
*un cadaleito*
*para o fantasma*
*do pelerinho?*

*Ónde está o fin?*
*Ónde o começo?*
*Ónde o caminho?*

Juanucho López

les invita a escuchar su NUEVO DISCO de larga duración titulado:

AHA! LET'S PACHANGA with "JUANUCHO LOPEZ"

Grabado en Discos "ESTACY" LP777 #LP777

Se puede adquirir en cualquier Casa de Discos.

JUANUCHO LOPEZ

210 E. 59th STREET HY 8-0572 BROOKLYN 3, N. Y.

Sant Jago de Compostela
16 do marzal do 1957

Sr. Dn. Ernesto Guerra Dacal.

Noso querido amigo: Hoxe temos pensado moito en Vde, sen o
coñecer, mais a concencia e consolo de un outo esprito nado no fogar
das Burgas vivindo e alentando no desterro como Vde. foi pra
nos a millor e mais santosa presencia neste raioso dia de
marzal parolando – o doutor A. Machado da Rosa, Ramon Pi-
ñeiro, Felipe Cordero Carrete, Fermin Bouza Brey e mais Ra-
mon Otero Pedraio que é quen escrebe – na Quintán dos Mor-
tos, nos pórticos da Rua Nova de Sant-Jago, nas romante-
cas alamedas do Padron e na soleira, bicada por o poen-
te de primaveira da casa onde foi o pasamento de Ro-
zalia.... No noso pensamento brilaba como unha perla
irradación trascendente a Galiza emigrada como a su-
til esencia inmorrente da Nova Terra, abonanda en
amor e esperanza.. E a Vde, fillo das nébo as e dos
merlos, do humorismo e da saudade ourensán, a-
dicamos as millores lembranzas do serán.. Van
sobre do soante acento do Atlántico levando a Vde
a seguranza de unha nova mocidade serena e vi-
diamente adventurante, a que deben ser encamiñada pro
as Precursores.. Noso amigo o Dr. Machado da Rosa
tera istes nosos sentimentos e aclaranzas esprei-
tando na fidalga figura de Vde o simbolo e pre-
zensa da grande Galiza raiolante a través da sua
dôr por o mundo cara o futuro.. de Vde sempre

amigos

Fermín Bouza Brey

Antonio Rubal Moar

F. R. Cordero Carrete

En nome das novas xeracións

R. Otero Pedrayo

Ramón Piñeiro

J. M. López Nogueira

Jesús Alonso Montero

Compostela,21 de xaneiro de 1.958

Meu caro Da Cal:

Acabo de recibir a sua carta e de lles dar unha primeira leitura ós poemas que dela xurdiron,enchéndome o esprito desa sorprendente ledicia que debe invadir a quen lle froreza nas maos un inagardado tesouro. Hainos de unha finura sentimental tan sotil e velaíña que mesmamente estremece. Gostei de todos iles,dígollo sinceramente. Algúns -por exemplo: VIAXE ARREDOR DE MIN, PROCURA,A VOLTA,TRES MORTES PEQUENAS,FROL DE MÁGOA,MINHA TERRA,CANTO DA RIBEIRA- impresionáronme moi fondamente. Reparei tamén no índice. Coido que poderá quedar un libro fermoso,que non hai millor modo de conquerir a plena presencia espritoal ouxetiva no mundo galego que navegando nun fermoso libro. E iste seu será fino,lanzal e lixeiro coma unha dorna espritoal que Galaxia botará a navegar mar adentro cara ás praias da inmortalidade. Comprácenos moito que leve prefacio do noso moi bó amigo Prado Coelho. Tampouco temos reparo que lle pór ó seu criterio ortográfico e respetarémolo de boa gana. Tocante ás consideracións que fai sobre dise problema,eu [illegible] estou de acordo -e tamén o están outros- co seu ponto de vista. O que ocurre é que se procedeu de xeito tan anárquico e tan embarullado dende o XIX pra acó que se tiña chegado a unha situación totalmente caótica,na que cada un seguía unha grafía persoal. Pra remediar tal estado de cousas,Galaxia tomou unha medida moi radical: a simprificación máisima. Diste xeito vaise anulando no ánimo da xente aquela impresión de galimatías que producía o galego escrito. Certo que a simprificación adoitada por Galaxia ten un caraiter puramente transitorio e terá que dar paso a unha futura grafía con certa base científica,da que hoxe en día carece evidentemente. Confiamos en que dentro de uns poucos anos poderase abordar iste problema con seriedade i eficacia,apoiándonos,naturalmente,na autoridade "oficial" da Academia pra lexislar nesta materia. Mais niste intre a Academia é pouco máis que un sartego de respetábeles fósiles e levará algún tempo o vitalizala no grado necesario pra tales empresas.

Dende logo,teña a certeza de que compartimos as suas inquedanzas por iste im-

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED. PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

portante problema cultural.

O noso interés pola sua presencia no homaxe a D.Ramón é,como lle dixen anteriormente,moi grande. Tanto por nós como polo mesmo D.Ramón. Estamos dispostos,e isto demostraralle con feitos a sinceridade do noso interés,a retrasar hastra meiados de febreiro a posta en marcha da pubricación pra dar tempo a que chegue o seu traballo ¡Polo que máis queira faga porque nos chegue o traballo pra esa data!

Moito celebramos a iniciativa que tomaron vostede,o Emilio,o Mosteiro, o Veciño e os demáis irmáns. Eso danos alento pra seguíremos loitando eiquí con enerxía e con fe contra tantos e tan penosos atrancos como decote se nos presentan. Pouco a pouco imos cubrindo as etapas do noso plan. Agora dentro de poucos días sairá o primeiro número de unha Revista de Economía de Galicia na que se tratarán e se discutirán os problemas económico-sociás da nosa Terra percurando sinalar os camiños máis comenentes pra a sua solución. Cobizamos chegar a ter unha revista cultural na que tratar axeitadamente as nosas cousas. Polo de agora non pode ser. Xa o temos percurado inutilmente. Pro chegará o dia èn que tamén eso se conquerirá.

Por certo que niste ano temos mentes de editar a "Obra Completa" de Manuel Antonio,pois resulta que hai dous libros de poemas inéditos,moito epistolario,artigos,traducións do inglés e do francés,etc.que darán pra dous tomos e que compretarán moito a imaxe diste poeta. A edición será preparada,con un estudo crítico preliminar,por D. García-Sabell,que foi amigo persoal de Manuel Antonio.

Bueno,querido Da Cal,non se me esquenza por nada do mundo de mandar puntualmente o seu traballo. Quedamos a agardar contando os días.

Unha aperta moi forte do seu bó amigo

Ramón Piñeiro

REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED
THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA

Compostela, 21 de xaneiro co 1959

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
PHOTOGRAPHS PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

Meu benquerido Da Cal:

Acabo de recibir a sua carta do dia 9, datada en Puerto Rico. Por ela vexo que unha sua anterior, escrita en Río de Xaneiro no mes de Novembro, non chegou ó meu poder. Moito sinto que se tena estraviado, posto que nela me contaba as suas impresións brasileiras e sei que habían ser certamente interesantes. Por unha carta de Rodrigues Lapa que recibimos sabía da sua estanza no Brasil e por outra de Emilio sabía da sua viaxe nadaleña a P.Rico. Como ve, dende iste corazón da Galiza que é Compostela vaise seguindo paso a paso a sua vida e milagres, pois sabemos, con esa fonda sabencia dos presentimentos, que na sua vida e milagres está implícita unha boa parte do destino futuro da nosa cultura. Por certo que non quero desaproveitar a oportunidade de lle decir que o Lapa quedou fondamente impresionado, mesmo podería decir fascinado, do seu encontro con vostede. Recolleu moi ben esas ideas de achegamento galego-luso-brasileiro que están a arder no espírito afervoado do amigo Da Cal.

De contado se lle enviará a Celso Cunha o tomo de Homaxe a Otero Pedrayo. Non faltaría outra cousa. Xa sabe, e se nono sabe dígollo eu en nome de todos, que en Galaxia vostede non ten senón mandar.

Contrariamente ó que ocurríu coa carta enviada dende Río, o seu libro sobre Eça, con garimosa adicatoria, recibino puntualmente. Con tal motivo escribinlle á NYU. Gosto moito de ter iste libro, que garda pra min a lembranza dunha viva emoción. Esperimenteina nunha librería madrileña unha mañán que estaba eu curioseando novedás bibliográficas e, atraguido polo tema, púxenme a ler a "Nota Previa" dun libro tiduado "Lengua y estilo de Eça de Queiroz" e, xa nas primeiras liñas, decía: "Portugal era o desenvolvimento cultural, pleno, da miña Galiza natal. Era o que a Galiza debería ter sido se as vicisitudes e os caprichos da Historia nâo a tivessem transviado do seu destino natural..." Tan inagardado e sorprendente resultou pra min ise texto que, de súpeto, o corazón comenzou a bater con forza, mesmo como si diante de min, nas mismas miñas maos, acabara de ocurrir un miragre. Quizáis non sena doado, dende lonxe, comprender ben todo o fondo siñificado desa súpeta emoción, mais téñase en conta que eu leía alí, espresados en fermosas verbas i estampados ó frente dun libro importante, os meus propios sentimentos íntimos, uns sentimentos que eu, na miña terra, non podía espresar, e que, por defendelos, poucos anos antes tivera que comparecer ante un consello de guerra e sofrir tres anos de cárcele en terras de Castela. Así naceu no meu espírito un fraternal sentimento de amistade cara o pra min desconecido autor do libro, amistade que agora se ve ben corroborada coa posesión diste exemprar adicado.

Como é natural, cando veña o amigo Portella será acollido con toda a cordialidade que corresponde e faremos que leve un conocemento axeitado da Galiza aitual. Alégrome moito de que tivese a feliz iniciativa de traducir ó portugués o seu Eça, pois o nono facer demostraría unha incomprensibel insensibilidade cultural lusitana.

D.Ramón está ben e moi rexo. Pasa o inverno en Ourense, con frecuentes subidas a Trasalba, que está a 17 kilómetros da capital. Máis adiante virá dar un "cursillo" de Historia da Xeografía á Universidade, en conmemoración do centenario de Humboldt e, a comenzos do mes que ven, irá á Coruña pra asistir ó ingreso de García Sabell na Academia Galega, a cuio discurso terá que responder D.Ramón. Cabanillas, en cambio, está moi acabadiño e moi enguruñado co frio. Non sal da casa e moitos dias nin siquer se ergue. Acabamos de sacar o seu libro inédito SAMOS, que é unha especie de poema litúrxico que il compuxo en gran parte naquela célebre abadía galega antes de que o mosteiro ardese (xa está, por certo, reconstruído) e que tiña ilusión pola ver publicada. O Centro Galego de B.Aires quixo editar eiquí as suas "Obras Completas", mais tropezaron coa censura. En vista deso, decidiron editalas en B.Aires.

Estivo por eiquí uns meses Eduardo Blanco Amor.

Estamos preparando pra meter na imprenta un libro galego de Luis Pimentel. Estou seguro que lle gostará moito. Temos xa impreso o primeiro tomo do "Diccionario enciclopédico gallego-castellano" de D.Eladio Rodríguez González, que é de gran utilidade pola gran riqueza de datos léxicos, folklóricos, etnográficos, históricos, etc. que foi axuntando. Non é obra científica, pro enche unha lagoa bibliográfica importante como pri-

meiro intento de enciclopedia galega.

Alegrámonos moito do anuncio da sua Lua, que será moi ben recibida "aquen-mar".

Agradézolle por anticipado ise disco que me anuncia coas cantigas de Alfonso X, e trataremos de que sexa escoitado polos devotos da música. Non sabía que existise.

Tocante á miña saúde, o ano pasado non foi nada bó. Afortunadamente trátase dunha cousa máis molesta que grave (un "ulcus pilórico") e axúdame bastante a miña natural paciencia. Agardo que no 59 millorarei bastante.

Non sabe canto me alegro dos seus plans en favor do gran Alberto, pois é home de gran corazón e alá en Wisconsin debe sofrer bastante a mágoa da soedade. Nada podería facelo máis feliz que esa final incorporación ó equipo luso-galego de New York. Non creio que il soñe outra cousa millor.

Celebro moito que tivese oportunidade de falar co Sebastián de todolos problemas familiares, pois il, como estivo eiquí hai uns anos, ten bastantes elementos de xuicio pra valorar a carta coleitiva e moitos dos seus fundamentos. Como además é home moi intelixente e asisado, a sua opinión é sempre do meirande interés. Por certo que alguén me dixo que tiña mentes de vir iste ano á terra, mais polas miñas contas non me parece que xa teña unha nova licencia sabática.

O poeta Franco Grande é estudante na Facultade de Direito eiquí en Compostela. O seu enderezo é: Gelmírez, 26-3ª. Como ve vivimos na mesma rua. Certamente é rapaz de moito talento. As suas inquedanzas literarias son fundamentalmente poéticas, e mesmo semella que vai pouco a pouco cara unha especie de poesía metafísica. Tamén lle interesa bastante o teatro, mais sempre con unha crara tendenza ó teatro poético.

Andamos a preparar a edición de toda a obra de Manuel Antonio, de quen temos moitísimo material inédito. Resulta particularmente interesante o seu epistolario. Prepara a edición e fará o estudo preliminar D. García Sabell, que foi amigo persoal do poeta. Miste ano queremos pubricar tres libros de poesía: o de Pimentel, a Lua de alen-mar e máis a obra de Manuel Antonio. Queremos, igualmente, pubricar tres importantes albums de arte galego que sirvan pra universalizar a imaxe espritoalizada de Galicia. Además, o tomo II da "Escolma" (que comprende dende o século XIV ó XVIII), un tomo de ensaios de García Sabell, o tomo II do "Diccionario" de D. Eladio e quizáis o primeiro tomo da "Historia Crítica da Literatura Galega" que está facendo moi escrupulosa e metódicamente o poeta e crítico Carballo Calero.

Xa vexo que vostede é un home de aición de pasmosa eficacia. Moito arelamos que chegue axiña o dia en que teña completamente orgaizados e funcionando os Institutos Brasileiro e Portugués na NYU, dotados do correspondente equipo de persoal, e que poida consagrar as suas enerxías creadoras preferentemente á cultura galega ¡Necesita tanto de homes coma vostede!

En certa ocasión anuncioume que niste ano, coincidindo coa sua vacación ~~sabática~~ sabática, tiña intención de se achegar ás ribeiras do Miño ¿Sigue co mesmo proieito?

Unha aperta moi forte e cordial do seu devoto amigo

Ramón Piñeiro

P.D. ¿Sabe que o noso comun amigo Joaquim de Carvalho morreu dun cancro hai poucos meses?

Compostela, 6 - VI - 60

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

L. D. Ernesto Guerra Da Cal
New York.

Benquerido e lembrado Da Cal:

Durante o tempo que levo sin che escribir estivo aqui o Rodrigues Lapa. Pasou tres dias en Vigo. Ali falamos moito e de moitas cousas. Tamen foi o Martinez López. Il viña a trocar impresions en col da publicación da edición crítica das Cantigas de escárneo e maldicer, na que traballou nos derradeiros anos e xa a ten moi avanzada. Ten un entusiasmo afervoado pola cultura galega. Preguntaba por todo. Desexa axudar decididamente en todo o que il poida.

Falando co il dixémoslle que nos arquivos hai moitos milleiros de documentos galegos medievás que están inéditos. Quedou asombrado. Dixémoslle que o noso gosto seria editar unha serie de tomos con documentos de distintas épocas e de distintas zonas, cousa que non tiñamos feito pola carencia de medios económicos. Entusiasmouse coa ideia. Apuntou que seria facedeiro conquerir que a Gulbenkian apoiase económicamente a iniciativa por se tratar de materiás de interés comun. Pareceulle que ti e máis Jacinto do Prado Coelho podíades ser os máis calificados intermediarios e padrinos da xestión. Como no agosto pensas vir a Portugal, seria gran oportunidade de o intentar. Dende logo é evidente que toda investigación referente os orixes, desenvolvemento i evolución da lingoa na Edade Media ten o mesmo interés pra os portugueses que pra nós mesmos. Lapa coida que a mesma edición das cantigas de escárneo debería ser empresa de colaboración galego-luso-brasileira. No Brasil pensa recabar axuda no senso de que merquen certa cantidade de exemprares.

Tamen falamos do problema da ortografía. Il está moi preocupado e moi interesado en que lle percuremos alguna solución. Como primeira medida, propuxo que, aproveitando a visita a Portugal do Celso Cunha e máis de outro importante romanista brasileiro agora en xullo ou agosto, entre ises dous, o Prado Coelho, o Lapa e tres galegos celebrar unha xuntanza pra ver de chegar a unhas bases mínimas.

Estivemos un dia en Viana co Emilio, que andivo pelexiñando polo Norde de Portugal coa emoción de andar pola terra.

Unha aperta moi forte do ten amigo

Ramón

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

SVENSKA DAGBLADET *Torsdagen den 14 maj 1959*

LA BIBLIOTECA E INSTITUTO DE ESTUDIOS IBERO-AMERICANOS

en colaboración con

EL SEMINARIO DE ESPAÑOL DE LA UNIVERSIDAD DE ESTOCOLMO

y

EL CLUB SE HABLA ESPAÑOL

se complace en invitar a Usted
a honrar con su presencia la
conferencia que ofrecerá

el Dr ERNESTO GUERRA DA CAL,

eminente hispanista y Catedrático de
la Universidad de Nueva York,

sobre el tema:

"Algunas notas características de la cultura española"

el jueves 14 de Mayo de 1959 a las 20 horas.

Obsérvese que la conferencia tendrá lugar en
el Hotel Apollonia, Nybrogatan 53, Teatro.

Después de la conferencia tendrá posibilidad quien lo desee de asistir a la reunión del Club se Habla Español. Para la asistencia a la conferencia únicamente no se exige ninguna entrada.

★

## *Känd spansk forskare föreläser i Stockholm*

En pigg spanjor i förskingringen, dr Ernesto Guerra Da Cal, dekanus för spanska språksektionen vid New York-universitetet, dök på onsdagen upp i Stockholm tillsammans med sin maka. Som "speaker" på kulturkanten i sändningarna som "Voice of America" gör på de spansk- och portugisisktalande länderna har han de senaste åren gjort sig ett känt namn. Till Stockholm har han nu kommit på inbjudan av Iberoamerikanska institutet vid Handelshögskolan, där han på torsdagen kl. 20 talar om några karaktäristiska drag i den spanska kulturen.

*E. Guerra Da Cal*

God vän till den under spanska inbördeskriget bortgångne författaren Garcia Lorca har han speciellt gjort sig känd som expert på den galiciska litteraturen i norra Spanien, där ett speciellt språk utvecklats, i mångt och mycket påminnande om portugisiskan. Da Cal har själv skrivit en del poesi på galiciska och givit ut flera läroböcker på riksspanska. Även hans maka är som akademiker och lärare inriktad på sitt hemlands tungomål.

★

# A ORDEM

## ABRIL

HENRIQUE J. HARGREAVES — Existencialismo kierkegaardiano — VII

ANTONIO CARLOS VILLAÇA — Quarenta anos de crítica

PE. TEOFANES DE BARROS — Pio XII e a questão social

ANDRÉ LEBOISSET — Etapas e metamorfoses do amor

FREI PAULO DENIS, O.P. — Primícias de um filósofo da História

JOSÉ CARLOS BARBOSA MOREIRA — Balada do encontro

ERNESTO GUERRA DA CAL — Serán mística

REGISTRO

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL

LIVROS

CINEMA E TEATRO

## 1959

VOL. LXI N.º 4

Rua Araújo Pôrto Alegre, 70 - Grupo 105/111 — Caixa Postal, 249 — RIO

## Serán mística

ERNESTO GUERRA DA CAL

A Alceu Amoroso Lima

Os sinos do distante
devoto campanario
na serán plena
manselinha, errante
chaman para a Novena
chaman para o Rosario.

A paz se espalha suave
oleosa
deslizante
polas labras de Deus.
Tornan do monte as cabras
e van-se abrindo lilios polos céus
E se amortece o día
co'a palidez pacata e vespertina
das Filhas de María.

Nosa alma antiga i-erma
molhada de saudades
se debruça na calma milenaria
verde-amarela da tardinha pía
en procura arelante
por leiras e cortinhas
das verbas esquecidas
da plegaria.

(*) — Pela primeira vez publica "A ORDEM" um poema em língua galega.

A literatura galega é da maior importância e não apenas histórica. A grande poetisa Rosalia de Castro a renovou no século passado. Hoje prosseguem na mesma linha trovadores, críticos, poetas, um dos quais e dos maiores, Ernesto Guerra Da Cal, é o autor dêste belo poema. O lirismo religioso da poesia galega é incomparável. Ernesto Da Cal — cuja obra já hoje clássica sôbre o estilo de Eça de Queiroz, (com o 1.º volume publicado e o segundo quase pronto, está sendo traduzida para o português por Eduardo Portela) — é um dos mestres do renascimento literário galego nos nossos dias. "A ORDEM" se sente desvanecida de abrir suas colunas, pela primeira vez, a uma voz poética tão alta e tão ìntimamente ligada à nossa alma e à nossa língua (N. da R.).

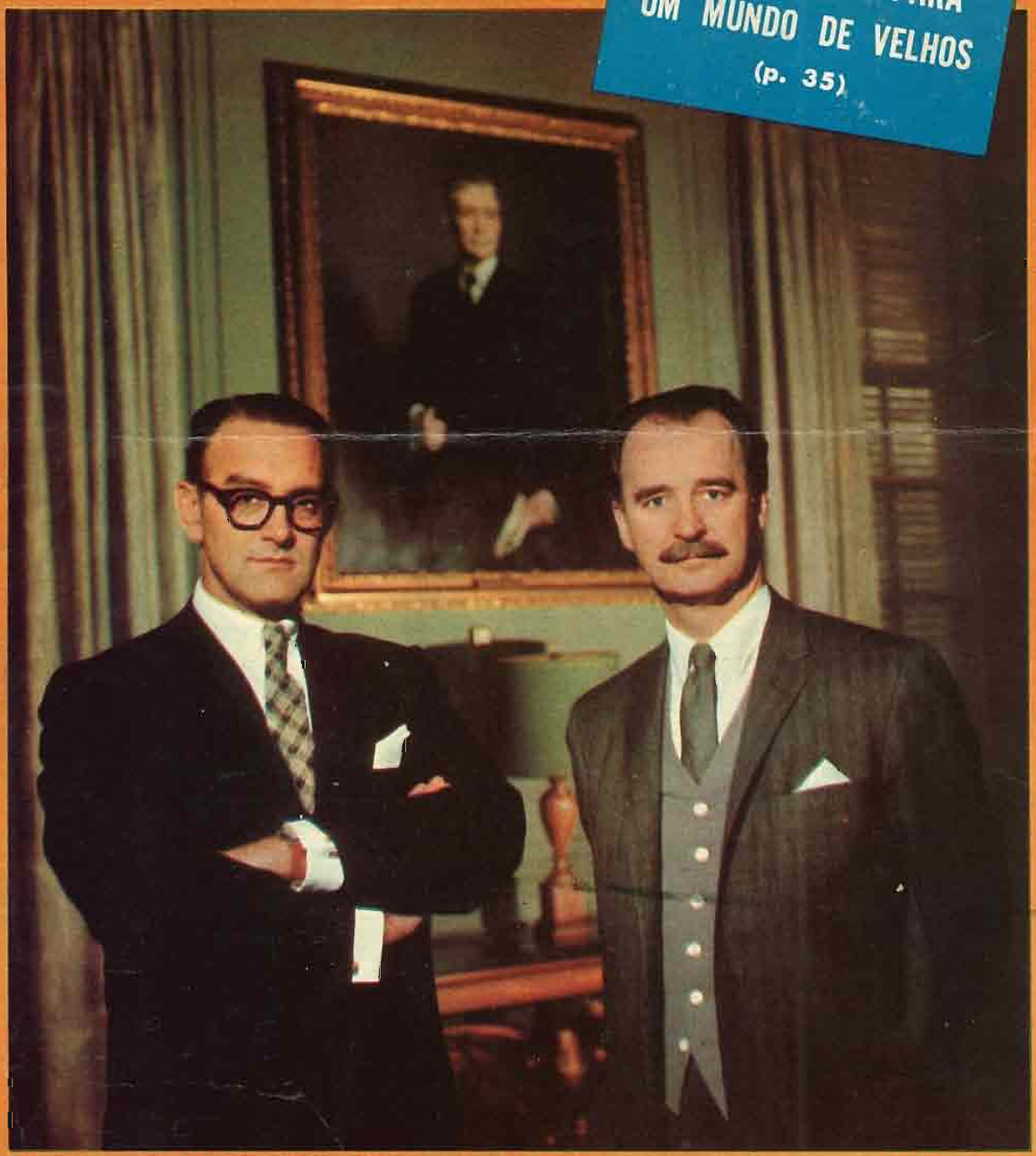
CR$ 20,00

# Visão

*Revista semanal — 17 de abril de 1959*

INFORME ESPECIAL:
PAZ NO PÔRTO DO RIO
(p. 52)

GERIATRIA:
JOVEM CIÊNCIA PARA UM MUNDO DE VELHOS
(p. 35)



NA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK:

DA CAL E SPRAGUE-SMITH CRIARAM O INSTITUTO BRASILEIRO (p. 20)

# COLÓQUIO

No começo
falou apenas Deus
E a sua voz sem eco
sem fim
e sem princípio
rolava no vasio
sôbre o império das águas
como enorme trovão
do Verbo do Absoluto.

Depois
apareceu a voz do Homem
inédita
inocente
e ainda quente do sôpro criador
procurou a Verdade
no seu corpo.
E encontrou o Pecado e a Mentira

E Deus não respondia!

E o Homem
exilado
desolado
buscou o seu irmão.
E o diálogo mortal
sanguinolento
o levou a fugir pelos caminhos
monologando tenebrosamente
com a sua sombra longa e fratricida.

E Deus nada dizia!

Mas afinal os Homens
agora os Homens todos
babélicos
inúmeros
as centenas
milhares
e milhões
quiseram encontrar-se
procurando a Verdade:
nos outros
no colóquio.

E abraçados
juntaram uma voz
unánime e diversa
e gigantesca
que chegou às alturas.

Retombou o trovão
e a voz do Pai
sorriu
entre barbas de nuvens
falando às creaturas.

The City University of New York

Graduate Center: 33 West 42 Street, New York, N.Y.

Progra

UNIVERSIDADE DA BAHIA

**IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS**

## CONCÊRTO DE MÚSICA DE CÂMARA

Salão Nobre da Reitoria - Dia 20 de agôsto de 1959 às 17 hs.

Olga Maria Schroeder — soprano
Carleton Sprague Smith — flauta
H. J. Koellreutter
Georg Meerwein — oboé
Georg Zeretzke — clarineta
Volker Wille — trompa
Adam Firnekaes — fagote
Pierre Klose — piano

### PROGRAMA

| | |
|---|---|
| G. P. HAENDEL | Trio de Câmara em Do menor, para 2 flautas e piano<br>Largo — Allegro<br>Andante — Allegro |
| H. PURCELL | Recitativo e ária da ópera "Dido e Enéas" |
| C. SEIXAS | 2 Sonatas para piano |
| FREI JACINTO | Sonata para piano |

---

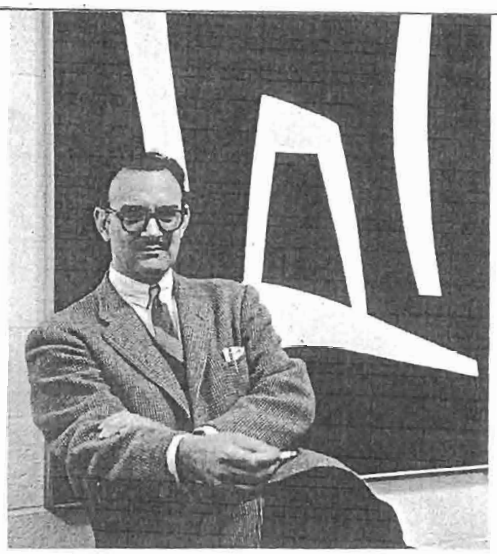
| | |
|---|---|
| H. VILLA LOBOS | Chôro n. 2, para flauta e clarineta |
| CL. DEBUSSY | Syrinx, para flauta solo |
| C. GUARNIERI | "COLOQUIO", poema de Ernesto Guerra Da Cal, para soprano, conjunto coral e quinteto de sôpro. |

# QUADRO DE HONRA DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL LUSO-BRASILEIRO

PARANINFOS: Dr. Edgard Santos
Dr. Marcelo Caetano
Dr. Azeredo Perdigão

| HONRA AO MÉRITO | DEDICAÇÃO E CULTURA |
|---|---|
| Marcel Bataillon | Heron de Alencar |
| Ernani Cidade | Marita Frank |
| O mais bonito | Ernesto Guerra Da Cal |
| O mais amigo | Nelson Rossi |
| O mais gentil | Soares Amora |
| O mais diplomata | Joseph Maria Piel |
| O mais falador | Eugenio Coseriu |
| O maior piadista | Israel Révah |
| O mais crítico | Jorge de Sena |
| O sorrizo do Colóquio | Diégo Catalán |
| O mais exigente | Joaquim Paço D'Arcos |
| O mais reclamador | Eduardo Faria |
| O mais animado | Celso Cunha |
| O mais misterioso | Eugenio Asencio |
| O mais inquieto | Helio Simões |
| O mais simpatico | Henrique Martinez |
| O maior dançarino | Bernard Pottier |
| A mais eficiente | Nadja Maria Andrade |
| A colaboração mais expontânea | Laura Figueiredo |
| O mais preocupado | Pedro Moacyr Maia |
| O mais jovial | Waldir Oliveira |
| O mais satisfeito | Raimundo Bomfim da Silva |
| A inteligência mais jovem | Eduardo Portella |
| O casal mais simpatico | José Pedro Rona |
| A mais paciente | Maria Angelica de Matos |

# Washington Square College is...



## Ernesto G. Da Cal

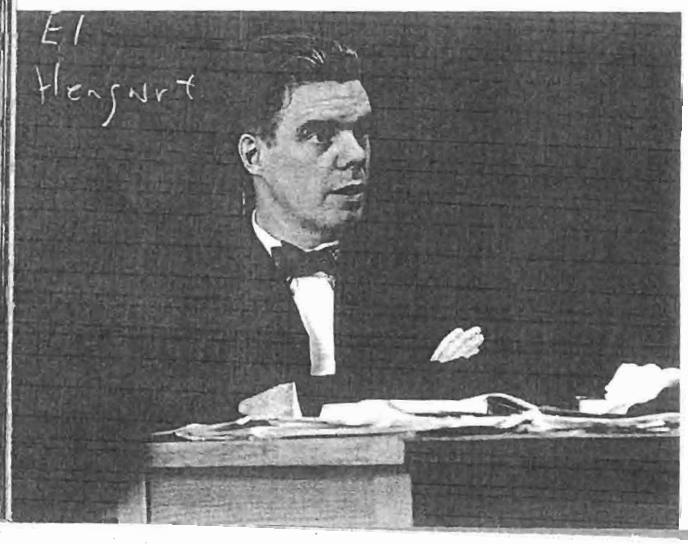
*Spanish and Portuguese*

CHAIRMAN (1960-1961)
Fulbright Selections Committee for Spain and Portugal

OFFICER
National Order of the Southern Cross (Brazil)

SUPERVISOR
New York University Junior Year in Spain

AUTHOR
*The Language and Style of Eça de Queiroz* and other books



## Charles W. Dunn

*English*

MEMBER
Mediaeval Academy of America

EDITOR
*A Chaucer Reader* and other books

The JUNIOR YEAR IN SPAIN at the University of Madrid provides Junior Year students with an opportunity to spend a year in Spain. This program, which is offered co-operatively by New York University and the University of Madrid, virtually constitutes another campus of Washington Square College in Spain. The courses are organized and supervised by Washington Square College, and for the most part the courses are taught by the regular faculty of the University of Madrid.

The JUNIOR YEAR IN BRAZIL recognizes the importance of Brazil in cultural and political affairs. Washington Square College has dedicated itself to the development in the United States of an awareness of Brazil's importance and the promotion of increasingly stronger ties between the two countries. During 1959-1960, a pioneering group of American students from areas as widely diverse as Massachusetts, Florida, and California attended the first Junior Year in Brazil at the University of Bahia. A second group pursued their studies during 1960-1961 at the University of São Paulo.

EMBAIXADA DE PORTUGAL
WASHINGTON, D.C.

EMBAIXADOR

2 de Agosto de 1962

Meu Caro Professor Da Cal

Pela mala do Ministerio dos Negócios Estrangeiros agora recebida acabam de me chegar às mãos o diploma e as insignias duma condecoração que lhe é destinada.

Soube, com a maior satisfação que o Governo resolveu premiar os seus altos méritos, a sua amizade por nós e os relevantes serviços prestados à cultura portuguesa, concedendo-lhe a Ordem Militar de Sant Iago da Espada.

Parto amanhã para Portugal com demora de algumas semanas e como não quero demorar a comunicação e a entrega destas nobres insignias, recorro a este meio para lhas enviar.

Muito me alegra esta distinção da parte do meu Governo. Sant Iago da Espada é uma condecoração para si com profundo significado pois até no titulo traduz uma intenção que lhe deve ser profundamente grata.

Enquanto não tenho o prazer de o ver e de lhe dizer de viva voz as minhas felicitações, creia-me com a maior consideração e muita estima

Pedro Theotonio Pereira

Embaixador de Portugal

Vol. VI, No. 9

phoenix

Queens College, Flushing 67, N. Y.

Tuesday, November 24, 1964

**Spanish Scrapbook:**

# DaCal Views Amigo Lorca

By BILL WOLF

A lecture on Federico Garcia-Lorca and his theatre was given yesterday by Prof. Ernesto Guerra DaCal (Rom. Lang.). DaCal joined the College faculty this term; he formerly was chairman of the romance language department and of the Brazilian Institute at New York University.

In 1929 when DaCal was a student, he met Lorca in Madrid. They were friends until 1936, shortly before Lorca went to Granada. Lorca was murdered there during the "Franco revolt."

DaCal, who was born in the Spanish province of Galicia, fought in the Spanish Civil War with the Republicans against the Falangists for three years. His reasons for fighting, he says, were his liberal orientation and his desire for Galician autonomy. As a result of his activities in Spain he emigrated to the U.S. in 1939.

Ernesto Da Cal

The acquaintance between DaCal and Lorca began after Lorca had returned to Spain from his trip to New York. Lorca's friends were thus the first to hear selections from the "Poet in New York."

From the friendship with Lorca, DaCal was "privileged to have an intimate knowledge of how the plays were growing." He noted the alterations in the plays as Lorca wrote and rewrote them. He heard "Blood Wedding" prior to its world premier production.

DaCal was affiliated with Lorca in two theatrical enterprises. Both men were instrumental in forming an experimental theatre group known as the Anfistora. In this group DaCal acted in a Lope De Vega play under the direction of Lorca. DaCal cited Lorca's magnificent directing abilities. This group also conducted the world premier of Lorca's "The Love of Don Perlimplin" in 1935.

The two collaborated in forming the first Spanish ambulant university theatre group, La Barraca.

Lorca's place in Spanish Drama is very significant. DaCal commented on the consequence of Lorca's approach to the Spanish Classical Theatre: "Lorca had the mind of a 20th century director—assuming time affects works of art, though the validity of what is eter[illegible] does not change." Lorca cut Classical plays to speed the pace of acti[illegible] Classical Drama.

to which modern audiences are accustomed. He trained actors so their diction was "not an elevated stage lingo." A reduction of props—allowing only three or four for mental allusions—modernized the plays as did modern costumes. Another new technique consisted of performing the play on different physical stage levels. Lorca did not use all these techniques in all Classical plays; however, without changing the themes or the language, he succeeded in updating the classics of 16th and 17th century Spanish drama. DaCal stated that this kind of modernization is being continued in Spain now despite government opposition.

DaCal is also a poet. Two volumes of his verse have been published in his native Galician. He maintains that "there is only one poetical language; . . . the first word learned for a certain term carries its emotional quality." He thus considers the numerous other languages he speaks as academic languages.

His first book of poems written between 1929 and 1958, "Lua de Alen-mar" (Moon From Beyond the Sea), "recaptures a Galician childhood. It is the recovery of lost times through an artistic form—hence there is no need to go back and physically remember."

The poetical works from 1959-1962 which comprise the second published volume, "Rio de Sonho e Tempo" (River of Dream and Time), deal with his present life. "The critics have called them metaphysical, amatory and erotic."

He has also published books on Eca de Queiroz, 20th century literature, Spanish grammar, and an abridged dictionary of Spanish and English.

DaCal was associated with NYU for 23 years. He has also taught at Brooklyn College, The City College, Columbia, Princeton, and the University of Puerto Rico.

The College secured a $90,000 grant for Portuguese Studies from the Gulbenkian Foundation of Lisbon, chiefly because of DaCal's presence on the faculty. The grant will pay for Portuguese books for the Library. From the funds the College will initiate a program in Portuguese studies leading to an M.A. and Ph.D.

DaCal stated that he was glad to be at the College, "I like the atmosphere, colleagues, and students. I am enthused with the interest and eagerness of the students."

This semester he is conducting a Spanish 4 lecture, a course in Cervantes, and a graduate course in Spanish Renaissance prose. Next spring he will lead a seminar in Portuguese poetry, a course in Cervantes, and a graduate course in Spanish Classical Drama.

# DISCOVERY

In search of India
redolent with the cinnamon and clove
of Love one day I embarked
in the crazy caravel
of my virgin heart
A wind of adventure
propelled me

I sailed the Seven Seas
of Sin; I anchored for many days
in luminous carnal bays
and knew the dusky nights
of violent storms
of desire
I rounded the Cape Bojador
of disillusioned years
and pleasurable tears
My white sails
enveloped my many avatars
as adventurer and navigator
I was wrecked
I was a slave
and a rich trader in Roses and Stars
and with them
I sadly decked
the silent towers
of the tall castles of my dejection
where I retired
tired of horizons
only escorted
by the wind

One fine
sunny day
unexpectedly
my breast reflowered
with the former flower
of longing for the Beyond
and the Good Hope
of discovery

I calked my old ship
and launched myself on the sea
with all my anxiety
renewed once more
and went straight to port
in your Cathay of Love
by eyes I never sailed before!

Río de sonho e tempo. pages 72-73
Translated by Jean R. Longland.

# A POESIA GALEGA

## A PALAVRA (SÔBRE E DE) ERNESTO GUERRA DA CAL

**EDUARDO PORTELLA**

*Deseja o meu bom amigo Elysio Condé que traga uma palavra à homenagem que JORNAL DE LETRAS presta a Ernesto Guerra Da Cal. Não será uma palavra de apresentação porque, para sorte nossa, Ernesto Guerra Da Cal já não precisa ser apresentado no Brasil. Sua lição de crítico, sua voz de poeta, seu calor humano, fizeram dêle uma extraordinária legenda que preservamos conosco, e onde se mistura, numa estranha e perfeita combinação, o mestre que seguimos e o irmão que amamos.*

*Ernesto Guerra Da Cal é professor do Queen College, da City University of New York. Esta condição super-metropolitana não apagou nêle o cidadão da sua província natal, o galego impedernido que carregou consigo as rias claras e os campos verdes da sua Galiza, que se manteve fiel à lua de além mar, e construiu um imenso rio de sonho e de tempo. A êle, navegador e troveiros, parente próximo de Don Palo Gomes Charinho, e de todos os construtores da tradição galaico-portuguêsa, reverenciamos aqui, agora e sempre.*

*O seu livro* Lengua y Estilo de Eça de Queirós *significa uma verdadeira revolução no nosso modo de entender o fenômeno romanesco. A fortuna crítica do criador dos Maias vinha sendo submetida à visão minúscula ou simplesmente monocromática, que desconhecia na sua insuficiência o universo vário do grande romancista português. Poucos percebiam o quanto de deficitário havia naquele vasto acêrvo crítico. As frágeis kodacs críticas não faziam mais do que improvisar fotografias de emergência. E só o livro de Ernesto Guerra Da Cal pôde corrigir as mutilações que se processavam, só êle pôde restaurar o nosso verdadeiro Eça, restituí-lo à nós e à sua grandeza original.*

*Lengua y Estilo de Eça de Queirós, ao mesmo tempo em que redime a crítica ciclana, oferece-nos um modêlo de trabalho, onde a sensibilidade criadora se junta ou se completa com o saber aprofundado do fato estilo. E não será difícil antever nessa crítico criador, na superior forma literária do seu Eça, o poeta que logo nos daria dois admiráveis livros de poesia.*

*Lua de além mar* (1959) e *Rio de Sonho e Tempo* (1963) *dilata o horizonte expressivo dêsse território comum e múltiplo da lírica luso-galego-brasileira. A arregimentação apropriada de recursos idiomáticos novos e velhos, o tratamento renovado dos nossos temas de sempre, a saudade, a mesma da sua Rosália de Castro, a angústia do tempo, o sortilégio do mar, fazem dêsse trovador antigo e moderno, navegador e astronauta, um patrimônio nosso que nos cabe preservar. E por ser nosso é que acertou Elysio Condé ao escolher Manuel Bandeira, poeta estruturalmente brasileiro, para traduzir êstes poemas que o infatigável JORNAL DE LETRAS oferece aos seus leitores. Êles serão compreendidos pelos brasileiros, correrão mundos, e multiplicarão essa palavra mágica e presente: Ernesto Guerra Da Cal.*

## COMPAIXÓN

A MANUEL BANDEIRA, MESTRE I — AMIGO

Hoxe estou con vontade de chover
Una úmida vontade
de nuvem prenhe
a pairar sôbre as coisas
sôbre a xente
Una vontade mansa
morna
ineludíbel
de chover docemente
un orvalho de bágoas inconcretas
sôbre todo-los seres
falidos
e infelizes!
Sôbre os meninos feios
Sôbre as frores sen cheiro
Sôbre as mulheres de matrizes secas
Sôbre as bonecas velhas
sen olhos nem cabelos
as abelhas sem mel
I-os amores casados I-amarelos
em baús e gavetas olvidos
Quero también, enfin,

lagrimexar un poueo sôbre min
Sôbre o meu pobre Eu de cada día
que paulatinamente
vou deixando ficar
sôbre a herba de tempo
como pel de serpente
valdeiro
abandonado
transparente.

## ENIGMA

A ELYSIO CONDÉ

Na minha alma iaz un morto
I-é un mistério
saber cómo ali chegou
ou quén ali o deixaria
O caso é que alí ficou
hirto e serio
envolveito en seu sudario
senhor do seu cemiterio

No sei de qué morreria...
Se calha
morreu nalguha batalha
ou num assassinamento..
Ou de amor
como Macías
— ou do puro aborrimento
de viver, día tras día.

Quén sexa non sei dizer
Será talvez un recordo
de além-bêrço
ou de ultra-tumba?
Será ninguém?
— Serei eu
à espera do cerpo meu
xá na minha catacumba?

## TRADUÇÃO DE MANUEL BANDEIRA

## COMPAIXÃO

Hoje estou com vontade de chover
Uma úmida vontade
de nuvem prenhe
a pairar sôbre as coisas
sôbre a gente
Uma vontade mansa
morna
ineludível
de chover docemente
um orvalho de gôtas inconcretas
sôbre todos os sêres
falidos
e infelizes!
Sôbre os meninos feios
Sôbre as flôres sem cheiro
Sôbre as mulheres de matrizes sêcas
Sôbre as bonecas velhas
sem olhos nem cabelos
as abelhas sem mel
e os amôres casados e amarelos
em baús e gavetas olvidados
Quero também, enfim,
lacrimejar um pouco sôbre mim
Dobre o meu pobre Eu de cada dia
que paulatinamente
vou deixando ficar
sôbre a erva do tempo
qual pelo de serpente
vazio
abandonado
transparente.

## ENIGMA

Na minha alma jaz um morto
E'é um mistério
saber como ali chegou
ou quem ali o deixaria
O caso é que ali ficou
hirto e sério
envolto no seu sudário
senhor do seu cemitério

Não sei de que morreria...
Quem sabe
morreu em algum combate
eu morreu assassinado...
Ou de amor
como Macias
— ou simplesmente entediado
de viver dia após dia...

Quem seja não sei dizer
Porventura
recordação de além-bêrço
ou de além-túmulo?
Será ninguém?
— Serei eu
à espera do corpo meu
já na minha sepultura?

# VII.º Festival de la Canción Gallega

## JORNADA DE ESTRENOS

12 julio 1966

Palacio de la Diputación
Salón Noble
8 tarde

## PRIMERA PARTE

DIEZ CANCIONES GALLEGAS.—*Federico de FREITAS*

Temas da fonte agachada *(Fermín Bouza Brey)*
Temas en corazón *(Fermín Bouza Brey)*
Amiga *(José M.ª Alvarez Blázquez)*
Muiñeira *(Luis Amado Carballo)*
Canta, paxariño, canta *(Faustino Rey Romero)*
Cantiga do vento *(María del Carmen Kruchenberg)*
As sete ondas *(Ramón Vidal)*
Da noite ó día *(Ramón Cabanillas)*
Soledade *(Emilio Alvarez Blázquez)*
Cantiga da tecedeira *(Ramón Cabanillas)*

## SEGUNDA PARTE

CANTIGA (Alvaro de las Casas).—*María Teresa PRIETO*
CANZON DA NOITE DO AFIADOR (Augusto de las Casas).—*María Teresa PRIETO*
INSTANTE (Ernesto Guerra da Cal).—*Jose María EVANGELISTA*
DESESPERO (Ernesto Guerra da Cal).—*Vicente ASENCIO*
CANTIGA ANTIGA (Ernesto Guerra da Cal).—*Matilde SALVADOR*

## HOMENAJE A VALLE INCLAN

EN EL CAMINO.—*María del Carmen SANTIAGO DE MERAS*
SON DE MUIÑEIRA.—*María del Carmen SANTIAGO DE MERAS*

Todas las canciones de este programa se ofrecen como estreno.
Las firmadas por María Teresa Prieto están dedicadas a Antonio Ferrández Cid.

ACADEMIA INTERNACIONAL
DA CULTURA PORTUGUESA
Rua das Portas de Santo Antão, 100
LISBOA - 2

Nº 63-Cap.I
Artº. 2º

Exmo. Senhor
Prof. Ernesto Guerra Da Cal
Queen's College - The City University of New York
65-30 Kissena Boulevard - Flushing
NEW YORK - N. Y. 11367 - U S A

Lisboa, 15 de Maio de 1967

Tenho a honra de informar V. Exª. que, na reunião de 9 do corrente, foi V. Exª. eleito académico correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Apresentando a V. Exª. calorosas felicitações, desejo exprimir ainda a honra que temos na admissão de V. Exª..

Apresento a V. Exª. os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE,

Adriano Moreira

# GUERRA DA CAL, EN GALICIA

El ilustre romanista y poeta, profesor Guerra da Cal, quien desarrolla sus actividades docentes en Nueva York, se encuentra, en compañía de su distinguida esposa, en Galicia, su tierra natal. Nos ha visitado en FARO DE VIGO, donde cuenta con tantos amigos y admiradores de su obra. — (Foto Bene.)

FARO DE VIGO. agosto, 1967

A Direcção da Sociedade de Estudos de Moçambique tem a honra de convidar V. Exa. a assistir à conferência que, subordinada ao tema "*A Relíquia,* Romance Picaresco e Cervantesco", será pronunciada pelo Exmo. Senhor Prof. Ernesto Guerra Da Cal, da Universidade de Nova York, pelas 18 horas do dia 25 de Novembro de 1970, na Sede da Sociedade de Estudos.

"Diário de Notícias"

**PÁGINA 2 — 5-1-1971**

## ecos

**Presidência da República**

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o dr. Supico Pinto, presidente da Câmara Corporativa; o eng. Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, com o eng. José Alves, director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas; o contra-almirante Joaquim Teixeira, e o actor Joaquim Miranda.

**Presidente do Conselho**

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os ministros da Defesa Nacional e do Exército e da Justiça.

O prof. dr. Marcello Caetano recebeu o embaixador dr. Rodrigues Afra; o deputado dr. Ulisses Cortês, e o prof. Guerra da Cal.

"A Capital," 5.1.1971 (p.2)

NOTÍCIAS

22-11-1970

# Presidência da República

O Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o actor Joaquim Miranda, o presidente da Câmara Corporativa, o secretário de Estado da Agricultura, o director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e o contra-almirante Joaquim Teixeira.

# Presidência do Conselho

Com o Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano, trabalharam os ministros da Justiça e da Defesa Nacional.

~~O Presidente do Conselho~~ recebeu o embaixador Afra de Rodrigues, ~~o prof. Guerra da Cal, a~~ direcção da Casa dos Portugueses de Madrid e o dr. Ulisses Cortês.

# CONFERÊNCIA PELO PROF. ERNESTO GUERRA DA CAL NA SOCIEDADE DE ESTUDOS

Na próxima quarta-feira, dia 25, pelas 18 horas, o Prof. Ernesto Guerra da Cal, da Universidade de Nova Iorque, pronunciará, na Sede da Sociedade de Estudos, uma importante conferência subordinada ao tema «*A Relíquia*, Romance Picaresco e Cervantesco».

A entrada é livre.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE
LOS ANGELES, CALIFORNIA 90024

January 27, 1972

Professor Ernesto Da Cal
Department of Spanish and Portuguese
Queens College
Flushing, New York 11367

Dear Professor Da Cal:

It is my distinct pleasure to convey to you this special invitation to attend the UCLA Semana de Arte Moderna Symposium (1922-1972) which, under the sponsorship of the Department of Spanish and Portuguese and the Latin American Center, will take place on this campus the week of February 7-12, 1972. Your diligent labors on behalf of the dissemination of the Portuguese language and Luso-Brazilian culture in the United States are much appreciated by all of us who work in the field, and the organizers of the Symposium wish publicly to recognize the fact by placing your name in our printed program among our "Honored Colleagues, pioneers in the development of Luso-Brazilian studies in the United States." Also, we hope to do so further by presenting you personally to the assembled delegates, guests and friends of Brazilian culture attending the Symposium.

The Symposium will be preceded by a contemporary Brazilian movie festival on the evenings of February 7, 8 and 9. The Symposium itself will begin at 8:30 the morning of February 11th. Scholarly papers will be presented throughout the day on February 11th and 12th. The Plenary Session will take place on the evening of February 11th; it will feature an address by His Excellency, The Ambassador of Brazil, Mr. João Augusto de Araújo Castro, and will be followed by a reception. The highlight of the evening of February 12th will be the presentation of selections from Ariano Saussuna's Auto da Compadecida.

We very much regret that there are no funds to defray your expenses to participate in the Symposium, but we want you to know that we shall be honored by your presence if you can arrange to attend. Our best efforts to provide you transportation proved fruitless. Undaunted, the organizers of the Camões Commemoration at UCLA later in the Spring hope to be able to pay your way here to participate in that event. Of course, we would be honored to have you take part in both of these cultural celebrations.

Included herewith is information concerning hotels, airport limousine service, and a map of the campus. The printed program will follow.

I am sure you will understand that I cannot promise to meet you at the airport, but I would appreciate your taking the trouble to inform me of the details of your planned arrival in Los Angeles, including the company and flight number if you come by plane.

Sincerely yours,

Claude L. Hulet

Claude L. Hulet
Chairman, Organizing Committee
UCLA Semana de Arte Moderna Symposium

CLH:lrc
Enclosures

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

# PROBLEMAS DO ROMANCE CERVANTINO E A SUA PROJEÇÃO NO ROMANCE IBÉRICO

ERNESTO GUERRA DA CAL

RIO DE JANEIRO
1973

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

22 de Novembro de 1974

Querido Amigo:

Desculpe o enorme atraso desta resposta à sua carta de 28 de Outubro: tenho tido duas defesas de teses de douroramento, por mim orientadas, o que fez com que toda a minha correspondência sofresse uma lamentável demora. Além disso tenho estado sepultado sob avalanches de últimas provas da minha montanhosa Bibliografía de Eça de Queiroz, que, "Deo volente", sairá à rua, com o seu 1º volume, ainda este ano -- volume esse, de Bibliografía Activa, que atingiu 655 páginas.

Sobre a minha biografia, que lhe poderei eu dizer, triste de mim, além da carreira profissional. "Si licitus est" parafrasear o nosso Eça poderia afirmar, com infinitamente mais razão do que ele, já se vê, que "sou um pobre homem de Quiroga" -- lugar da minha infância. Sobre o escritor -- que julgo ser o que principalmente conta para uma associação de escritores -- já mandei o meu Humrriculum vitae". Do homem, que quer que lhe diga? Homem público não sou, nem nunca fui, nem nunca quero ser, pois não tenho a vocação. Político, também não sou, no sentido público e profissional da palavra, se entende. Sou, porém, um fanático íntimo e privado da Liberdade -- com maiúscula. Que quando foi necessário moralmente agir na acção em defesa da dignidade humana, não hesitei em entrar em combate com as armas nammão contra o Fascismo franquista. Com a triste derrota tive que me exilar e refazer a minha vida nos E.U.A., onde, como o meu Amigo sabe, dediquei todos os meus humildes esforços a pregar o Evangelho da cultura galaico-portuguesa "in partibus infidelium". Considero-me, pois, um anónimo e velho lutador anti-fascista cuja ideologia não mudou um ponto durante todos estes anos. Continuo onde estava em 1936. Embora a vida, como é natural com o acréscimo dos anos e da experiência, não tenha deixado de me causar desilusões sobre a natureza humana em todos os seus aspectos, inclusivamente os políticos, mantenho-me ferrenhamente fiel à minha ideia, tão bem expressa por Valle-Inclán, de que "de realidades vive o homem, mas de sonhos sobrevive" e eu sou perpètuamente "um sonhador teimoso em sonhos" -- como D. Quixote.

Quero mais uma vez patentizar-lhe o meu sensibilizado agradecimento pela sua bela iniciativa de, através da minha pessoa, que pouco vale, e da dos outros candidatos galegos que valem muitíssimo mais do que eu, querer dar entrada oficial no mundo das letras portuguesas, às da Galiza, cuja unidade espiritual com Portugal eu tenho vitalìciamente defendido. Bem haja, meu caro Amigo!

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

Um abraço muito forte do seu
muito amigo,

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED
PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

Anadia, 7 de Janeiro de 1975.

Meu bom e prezado Amigo

Tenho o grande prazer de lhe comunicar que a Associação Portuguesa de Escritores o admitiu como sócio. Todos estamos de parabéns com esta resolução, que tem extraordinário alcance literário e até político, por ligar indivíduos que têm a mesma cultura tradicional e falam a mesma língua.

Oportunamente, se é que já não o fez, a Associação lhe escreverá, afim de o informar da sua admissão e dar-lhe instruções para que ela se concretize. Também desejaríamos prestar-lhe uma homenagem, na companhia de Ramón Otero Pedrayo, o outro sócio agora admitido.

Fazendo votos por que o Ano Novo seja para si e para a Galiza cumulado de felicidades,

abraça-o o velho e atento amigo

[illegible signature]

P.S. – Quando regressa a Portugal?

PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED
THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

Anadia,9 de março de 1975.

Meu estimado Amigo

Também lhe estou devedor de carta,em resposta à sua de 11 do passado mês.Foi um grande prazer que tive em receber a sua aberta adesão ao caso das nasais.O Pe.Santalla,em princípio,também está de acordo; mas terá de comunicar primeiro com o seu grupo de trabalho,antes de tomar qualquer decisão.Vou escrever-lhe,pois queria voltar ao assunto logo depois das eleições,que são no dia 12 de abril;mas também confesso que desejaria primeiro ler alguma coisa sua sobre o assunto,para me apoiar em sua opinião.Penso ser a altura,dada a situação política em Espanha,de tratarmos este assunto com seriedade e coragem.

Sucede que há uns dias recebi da Associação Portuguesa de Escritores uma carta do seu Secretário,o escritor Casimiro de Brito,em que me diz textualmente o seguinte:

"Seria de facto agradável podermos saudar os novos sócios numa sessão convocada para esse fim - como sugere - mas como tal não tem sido norma da casa em relação a sócios portugueses,parece-me que poderíamos encontrar outra solução,sem dúvida de maior proveito para nós e para os nossos Camaradas.Estamos a pensar,mais concretamente,em aproveitar uma eventual deslocação ao nosso País,para obter deles a colaboração activa num debate sobre temas que eles próprios poderiam escolher.Aberto a todo o público,como de resto vem sendo norma desta casa,e com excelentes resultados".

Afastada pois a hipótese de uma recepção banalmente académica,resta o convívio frutuoso num debate público,que poderia ser,precisamente,o problema da língua e cultura galega.Sei que o pobre Otero Pedrayo está muito mal,com a mulher agonizando de mal de cancro num hospital de Orense;mas assistiria o meu Amigo sozinho,quando estivesse no Estoril para junho ou julho.Ora,nessa altura,já devia estar impresso o folheto do Grupo dos 13 de Roma.Que pensa de tudo isto?Diga-mo,por favor.

Agora,um pedido sobre bibliografia queiroziana.Está em Lisboa um universitário brasileiro trabalhando sobre "Os Maias".Falei-lhe da sua Bibliografia,que devia estar a rebentar e lhe interessaria muitíssimo.Tem dúvida em lhe indicar,só a respeito desse romance,os trabalhos publicados até agora,pelo menos os que lhe pareçam mais notáveis?Desculpe esta minha intercessão,mas sempre procurei ajudar os rapazes.

Abraça-o cordialmente o amigo certo e obrigado

THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA
REPRODUCTION PROHIBITED: PERMISSION TO PUBLISH REQUIRED

Estoril, 13 de Março de 1980

Benquerido Paco:

Fai longos séculos que non temos tido contato -- nen sequer epistolar. E é ũa vergonha! De feito, desde o pasamento da minha querida Mai nunca mais vóltei a Vigo ( que sen a presença dela me resultaba difícil a visita) - e nunca mais voltei à Galiza. Agora hai xá cinco anos que estou xubilado, e tres que estou residindo no Estoril, onde temos ũa casa que a Elsie herdou do seu Pai. Fazemos ũa vido moi pacata. Rara vez vamos a Lisboa, nen a parte ningũa - pois adoramos este lugar privilexiado. Xogamos golf, nadamos todo o ano, damos longos paseios a beiramar. Elsie costura e cozinha e eu, como sempre, fago xardinaxe, carpintaría - e como sempre tambén, escrebo. A minna Bibliografía Queiroziana xá vei no terceiro volume, e ainda ten mais dous no forno da Universidade de Coimbra - programados para viren a lume, se Deus quiser, neste ano de graza de 1980. Onte fun a lisboa, a almozar con o Mestre Rodrigues Lapa, que veu, como adoita, pasar as suas ferias na Costa da Caparica, onde ten ũa casinha. Falamos de todos os amigos da Galiza, e especialmente de ti, e ao voltar a casa resolvín escreber-te.(O Lapa está, rexo e lúcido, a despeito dos seus oitenta e tal anos). Tenho acompanhado o preceso pre-autonómico da Terra e as larpeirices da UCD e do lampantín do Suárez, en relazón à Galiza, e a Andaluzía, etc. etc. Recebo regularmente o Grial e un semanario que se edita en Compostela, de caráter marxista de esquerdas, intitulado A NOSA TERRA. De vez en cando comunico-me con un rapaz enxenheiro e escritor, o Xavier Alcalá, que conhecín na Livraria Sá da Costa de Lisboa, no ensexo do lanzamento do último libro do Mestre Lapa, primeiro dũa colizón de aproximazón luso-galaica, a "Noroeste". Mas, mesmo asín, estou bastante desactualizado sobor do movimento cultural galego, que parece ter dadó un surto realmente moi esperanzador en relazón ao futuro da nosa língua. Surxiran moitas forzas novas e o panorama parece ter mudado considerábelmente. Polo Lapa e polo Alcalá sei da controversia travada entre lusistas e "indixenistas", que por vezes se apresenta con matizes de grande inxenuidade. Agora non hai quen non sexa galeguista (no sentido xeral do termo), porén, ainda moito dese galeguismo de nova cunhaxe continua a ser do tipo foclórico de "gaita e lacón con grelos".

Souben que publicaste um Vocabulário Castellano-gallego, cousa que moito me aledou, pois era un instrumento lingüístico que estaba fazendo moita falta. Gostaria imensamente de o receber. Serias capaz de pedir a Galaxia para mo remesar. En xusta correspondencia, logo eu receber resposta tua, pra ter a seguranza de que este enderezo está certo, e que non hai perigo de o envio se transviar, mandar-te-ei os tres tomos xá publicados do meu calhamazo queiroziano (un total de 2.224 páxinas). Atrás deles, cando sairen, irán os dous restantes. Cando me libertar deste mamotreto, vou debruzar-me sobre outro proxecto, este galego, no que xá tenho moito trabalho feito (e para o cal o teu vocabulario ser-me-á de valiosísima utilidade). Trata-se dun Dicionario de Sinónimos da Lingua Galega, o primeiro, segundo me parece, e que não deixará de contribuir para a recuperazón da expresión culta no noso idioma, falado e escrito. Dize-me a tua xustiza a respeito deste emprendimento. O Lapa achou óptimo.

Também che agradecería o favor de me dizeres aonde me debo dirixir para asinar as seguintes publicazóns galegas, de cuia existencia me informou o meu tio Manuel Taboada, residente en Vigo, mas que non me forneceu os dados de enderezos, prezos, etc.. E como ele é homen provecto (vai xá pra os oitenta e nove) non quero molestá-lo mais:

-- O Ensino. Revista Galega de Socio-Pedagoxía.

-- Encrucilhada. Revista Galega de Pensamento Cristián.

-- Galiza 80 .

Acrescenta a esta lista calquera outra publicazón galega de que tenhas notícias. Fiquí em Lisboa, é praticamente imposíbel obter-se publicación da Galiza. A Livraria Sá da Costa ten alguns livros, poucos, da Galaxia - e mais nada. Até ese ponto son tristemente exiguos os contatos culturais entre os dois pobos irmaos.

Bon, fico na espera impaciente das tuas novas - despois deste longuísimo tempo e largo espazo de incomunicazón. Con lembranzas moi afetuosas da Elsie e minhas para a tua Dona, vai ũa saudosa apreta do teu velho

# CONTO DE FADAS

De agora en diante, esta páxina estará adicada á creación literaria en galego, os problemas cos que se enfrentan os nosos escritores, as diferente tendencias linguísticas e literarias, terán aqui un lugar de encontro, de exposición e de discusión. Invitamos a colabourar nela a todos os autores sexan nobeles ou consagrados. Os creadores de comic galego terán tamen un currunchо aqui, na páxina vinte. Esta e a escolma de un longo poema que nos enviou o poeta portugues Ernesto Guerra da Cal.

Galiza, Terra-Mai de Portugal
"órfa de pátria num recinto alheio"
como certeiramente se doeu de Ti
o Torga
irmao poeta da banda Sul do Minho
o rio que nom foi nem é fronteira

Galiza, Mai e Aboa
de nacóns
que falam a tua fala
ecuménicamente
polos cantos do Mundo

Porém,
orfa Tu Foste sempre, encarcerada
na cadeia espinheita da Castela
Orfa de Sal, de Pam, de Fogo e Vinho
Até chegaste a ser
orfa tam absoluta
que foste mesmo orfa de Ti mesma

Tal como Branca-Neves
so tiveste Madrasta
(a fera "Madre Pátria", á que eles chaman grande pára apequentar as outras que avasalam)
Esa Madrasta bruxa
"negra sombra" infernal
fixo de Ti umha escrava borralheita
para a sua cozinha emporcalhada
e com sanha feroz espezinhou-te
querendo destruir a tua beleza
tua xentil figura
pola lóxica invexa de quem sé tem deserto
na paisaxe e na alma

Perante a sua impoténcia
pretendeu extinguir-te por feitigo
faderdo-te comer
macám pecoubeata do letargo
E asim ficaste
Bela Adormecida

Longo sono de pedra
foi a teu!
"Longa noite de pedra"!
Mas pedra celta dura
come as pedras do dolmen de Dombate

Xamais, mesmo dormente
perdeste a tua imagem
virxinal e insubmisa;
e a violéncia demente, xenocida
o teu feroz algoz
nom logrou violar-te

O teu brilho imutábel
diamantino
arrostou o martírio
e quedaste intocada
inxel
ensimesmada
a sénhar o teu sono
de séculos a eito

Sonhabas nos ronséis
de todos os navios, negreiros e sombrios
que levaban teus Homes para os portos amargos do Universo
como mercadoria
rica e preveitosa
de trabalho e de fel
de fame e de revolta

Sonhabas com as viuvas
dos vivos e dos mortos
fémeas de forcosa varonia
matriarcas saudosas de lares amputados
que co'as maos poderosas
na enxada e no foucinho
faxiam sós a labra do Agro dos ausentes
Sonhabas como a Diáspora galega
Santa Companha infinda
de sombras emigrantes para os aléns lonxincuos
de terras e de mares
salgados de misérias
e podres de penúrias

Sonhabas como o acerbo suor dos segadores
nos inhóspitos ermos de Castela;
com os amoladores
sempre atrás da sua roda
aos trancos e barrancos nos caminhos da Europa;
como as maos calexadas des pedreiros;
co'as costas anchas dos carregadores;
de pianos e baús;
com todos os artistas
da pena
do pincel
e do cinzel
degradados, errantes, espalhados
por todos os confins do Orbe inteiro
audaces, bravos, fortes e teimosos
refazendo Galizas pequeninhas
nos Brasis e Arxentinas
nos Trópicos ardentes das Antilhas
criando día a dia
no coracom e os olhos da lembrarica
sulagados de bágoas de morrinha
esa Pátria remota
colónia conculcada
venida por traidores
por un preco tam vil
que nom chegou a ser sequer Trinta Dinheiros

E Tu
a doce Terra nosa e amorosa
acordabas ás vezes do teu Sonho
-tráxico pesadelo
e querias afirmar a reconquista
da tua libertacóm.
Mas a bota brutal, sanguinolenta
obrigaba o teu Povo
a novamente por a testa ao xugo
do Estado inepto, estulto e implacábel
que com Aguia imperial
ou Coroa real
ou mural
ou calquer outro símbolo
dinástico, político ou social
foi sempre para Ti
e ainda é
o grilhóm opresor, degradante e bestial
que nos fere no espírito e na carne
E a Madrasta voltaba
a aguilhoar-te o corpo
a asaetá-lo com *frechas* heráldicas grotescas
e a sugar-te
insaciavel vampiro desumano
o sangue das tuas veias
com maior avidez
se iso é posíbel
de que o das suas outras colonias interiores
(Só lhe quedou pára sempre
fundamente espetada no costado
a multisecular
espinha portuguesa. Bendita Aljubarrota,
exemplo singular e permanente!)

Muito suor e sangue
muita lágrima
muito nefando ultraxe
aguentou a tua Grei, Galiza mártir!
Qué terríbel Calvário
qué Gólgota infamante
com que longa Paixón
e emigué sinistra Cruz
foi teu Povo encravado
pola "Patria Oficial"
suposta e sobreposta
tam fátua e sobranceira
non seu inícuo
interno
Império anano

Mas agora xa nom!
Todo iso pertence xa ao Passado
porque o noso Presente é xa um Futuro
eos dias do cativeiro
estám contados!
Porque num albor novo
Umha Estrela surxiu no Firmamento
e com ela na fronte
apareceu o Príncipe do Conto
e beixou-te nos labios
com bico meigo e vivificador
E Tu
abrindo devagar
os olhos de turquesa
miraste para os delá
num despertar de Aurora deslumbrante
que inaugurá um Porvir iluminado
afuxentando para sempre as trebas

Ese Príncipe
que leva no seu rosto
Luzeiro com fulgor de manhá viva
é a nova Mocidade da Galiza
que vive, e sente, e pensa, e fala
no seu inalienável Verbo próprio
E que sabe o que quere
e que o sabe dizer
ferrenhamente
vibrante como a Fé do seu Destino
E está pronta a luitar
p'ra que a Bela Dormente
nunca mais adormeca

E a nova dourada Xuventude
que berra "Liberdade!" polas ruas
que estuda
que trabalha
nas fábricas
nos campos
nas escolas
e que organiza folgas contra o Demo
porque sabe que tem Deus do seu lado
e constroe
diariamente
e devotadamente
a sua afirmacóm irrevogábel
de nom tolerar mais a servidume

Ese Príncipe-Estrela
é paladino nobre e destemido
que com claro clarim fai a chamada
ás hostes de combate
da Nova Ordem de Cabalaria
para a batalha
final, encarnicada
contra o solagbo infiel que nos subxuga
As suas flamexantes Armas
som as das Ferramentas e das Letras!

Com esa Nova Ordem
virá a lume a só e verdadeira
Galiza redimida
A soberana
A que nos foi roubada
de séculos atrás

Os tempos som chegados..!"
Hoxe xa nom se chora
Xa Rosalia "chorou por todos nós e para sempre" –cómo dixo o Poeta.
Agora nom se chora nem se implora
para obtermos
aquilo que de Lei sempre foi noso
E a Nove Mocidade
a do libro
a da espiga
a do obradoiro
ouviu a voz do Vate, de outros tempos
que, como Cristo a Lázaro,
dixo á Galiza exánime
"Ergue-te e anda...!"
E Ela ergueu-se do leito
onde xazia prostrada
puxo-se em pé e comecou a andar
a aclamar
com seu Povo
de punho alto e convicto:
..."como em Irlanda!"
"A nosa Terra é Nosa!"
sob o olho torvo das metralhadoras
com a calma serena
da segurança da victória certa
de quem sabe luitar
vencer
e convencer

Fis a nova versón
do conto popular da Bela Adormecida
que eu ouvín cando neno
ao pé dumha lareira camponesa
no meu val quirogués
que o Sil dourado banha
e contém, polo menos p'ra mim, no meu recordo
a bela profecia
esperancosa
para a nosa
ideal Nacóm futura.

Estoril, 9 de setembro de 1981

Ernesto Guerra da Cal

# CONTO DE FADAS

ERNESTO GUERRA DA CAL

*Contado por um velho à Mocidade galega de hoxe, representada por M.ª Pilar Garcia Negro e Xosé M.ª do Barro — a quem este poema é dedicado.*

Galiza, Terra-Mai de Portugal
«*órfã de pátria num recinto alheio*»
como certeiramente se doeu de Ti
o Torga
irmão poeta da banda Sul do Minho
o rio que nom foi nem é fronteira

Galiza, Mai e Aboa
de naçóns
que falam a tua fala
ecuménicamente
polos cantos do Mundo

Porém,
orfa Tu foste sempre, encarcerada
na cadeia espinhenta da Castela
Orfa de Sal, de Pam, de Fogo e Vinho
Até chegaste a ser
orfa tam absoluta
que foste mesmo orfa de Ti mesma

Tal como Branca-Neves
so tiveste Madrasta
(a fera «Madre Pátria», à que eles chamam grande p'ra apouquentar
as outras que avasalam)
Esa Madrasta bruxa
«*negra sombra*» infernal
fixo de Ti umha escrava borralhenta

AYUNTAMIENTO
DE
QUIROGA
(LUGO)

Núm. .....

13 - 10 - 83

Sr. D. X. Estévez

Deusto

Querido amigo:

Con un poco de retraso, por lo cual pido disculpas, contesto la carta que recibí con fecha 13-6-83, en la que se me pedía la dedicación de una calle a Ernesto Guerra Da Cal y otra a Ruxel Frole. Es una propuesta con la que estoy totalmente de acuerdo y procuraré que se lleve a cabo.

Gracias por el interés que demuestra y que espero siga siendo así y más en el futuro, para que, con el apoyo de todos, hagamos una buena labor.

Un saludo de la Corporación y mío.

Fdo.

Ernesto Guerra da Cal
"Melrose"
Av. D. Nuno Alvares Pereira, 33-A
2765 Estoril
Portugal

2 de Abril de 1984

Exmo. Sr.
Dr. P. Avelino de Jesus da Costa
Presidente do
INSTITUTO CULTURAL GALAICO MINHOTO
Universidade do Minho
BRAGA

Exmo. Senhor:

Recebi não há muito tempo, gentilmente remetida pelo Sr. Dr. Arthur Norton, uma PRIMERA CIRCULAR DE CONVOCATORIA para o II COLÓQUIO GALAICO-MINHOTO, - programado para ter lugar em Santiago de Compostela durante os dias 14 a 16 do mês em curso - assinada pelo Sr. Dr. José Carro Otero, Presidente do COMITÉ ORGANIZADOR do dito COLÓQUIO.

Não posso deixar de manifestar a surpresa que experimentei perante o facto - para mim escandaloso - de essa convocatória proveniente evidentemente de Santiago, Capital da Nacionalidade autónoma Galega - segundo os termos da Constituição do Estado Espanhol - aparecer redigida em castelhano. O Dr. Carro Otero faz referência ao "legado cultural común" da Galiza e do Portugal Minhoto. Ora bem, o elo mais evidente e significativo desse património comum - e ninguém de boa fé poderá sonegar o facto inegável - é a língua galaico-portuguesa, nas suas duas feições, de aquém e além Minho. Ainda por cima a particularidade galega dessa língua comum, é hoje - pelo menos na letra da Lei - oficial, na "España de las Autonomías". E o orgão de soberania da "Galicia" (sic), a sua Xunta, pretende, não com um zelo excessivo, defender, normalizar e normativizar o galego como sinal de identidade irrenunciável da Pátria, agora reconhecida como "nacionalidade histórica". Sinal esse que é ainda, graças à teimosia do nosso Povo, estatisticamente maioritário - e com um uso artístico e científico cada vez mais extenso - apesar da aberta e perene colonização linguística - e não só - a que foi pluri-secularmente submetida a Galiza, juntamente com a Catalunya e Euzkadi. Política na que, desgraçadamente, muitos galegos, vitimados por complexos de identidade, colaboraram - e ainda colaboram. O veículo linguístico infelizmente escolhido pelo Dr. Carro Otero para a sua CIRCULAR é prova evidente desse conflito psíquico; coisa que seria um assunto pessoal, noutras circunstâncias, mas que nas presentes não o é. Porque a comunicação vem encimada pelo timbre INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO. Ora, perante este facto, eu tenho, como Sócio Correspondente, uma proposta a fazer, que me parece lógica. De duas uma: ou a língua, - cifra e cálix da herança comum que o nosso Instituto pretende preservar e enriquecer, - é a galaico-portuguesa, nas suas duas modalidades, ou então o nome da instituição deve ser alterado para Hispano-Minhoto. Opção esta perfeitamente coerente para

aqueles membros galegos que, abjurando do tal legado cultural que lhes é próprio, queiram assumir uma "hispanidade" que se lhes antolha mais categorizada.

Quero, porém, esclarecer que nesta minha posição não há a mais leve sombra de hostilidade em relação à língua castelhana, cuja literatura - que admiro e conheço - professei nas minhas Cátedras e tribunas de Academias e instituições de cultura superior não apenas nos E.U.A. mas em três continentes. Parece-me, no entanto, que num organismo cultural que se denomina "Galaico-Minhoto" a nobre língua de Castela, se aparecer, terá, como qualquer outra, de ocupar um lugar secundário. Porque é manifesto que qualquer equívoco nesta questão deturpa e contraria os fins do Instituto. O uso oficial da língua do Estado Espanhol num colóquio desta natureza cria uma ambiguedade que só pode ser interpretada como oriunda de um sentimento de inferioridade - ou, ainda pior, como um desejo, encoberto, de diminuir o galego como língua de cultura, recusando-lhe a dignidade necessária para ombrear com a língua irmã, mais favorecida pelas vicissitudes da História. Como escritor que sou em ambas feições da língua galaico-portuguesa - assim bem como em castelhano e em inglês - não posso aceitar sem protesto a aberrante e humilhante intromissão linguística que a CIRCULAR do Dr. Carro Otero significa, nas relações culturais galaico-minhotas e luso-galegas.

Peço a V. Exa. a gentileza - que tenho a certeza que de antemão posso agradecer - de diligenciar que esta carta seja lida publicamente na Sessão de Abertura do "II COLÓQUIO CULTURAL GALAICO MINHOTO".

Com os protestos da minha mais alta consideração, subscrevo-me,

De V. Exa.
At. e v.or.

Ernesto Guerra da Cal

INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO

Ex^mo. Senhor
Prof. Cat. Doutor Ernesto Guerra da Cal
Av. D.Nuno Alvares Pereira, 33-A
2765 ESTORIL

OFÍCIO N.º SG-125/84 DATA 3-VI-1984 S/ REFERÊNCIA S/ DATA 2-IV-1984

Ex^mo. Senhor Prof. Cat.
Doutor Ernesto Guerra da Cal

Acusa-se a recepção e agradece-se a carta de V. Exª. acima referenciada.

Não foi possível responder de imediato, se bem que a secretaria desta instituição tivesse enviado, para Coimbra, onde resido, a citada carta.

Devido à minha idade, sou Prof. Catedrático jubilado, com mais de setenta anos, encontrava-me nessa altura ausente, nas Caldas da Raínha, onde fui fazer um tratamento.

Quando regressei a Coimbra, já o 2º Colóquio Galaico-Minhoto se tinha realizado, como ainda convalescente e em tratamento, pouco ou nada podia fazer.

Li com toda a atenção a carta de V. Exª.. As cosiderações sobre as Circulares são pertinentes e deveriam ter sido tomadas em cosideração, na altura própria.

A minha saude não me permitiu actuar, nem contactar com o Secretário ou com um dos Vice-Presidentes, para se tratar do assunto, como deveria ter sido feito. Pelo facto apresento as minhas sinceras desculpas, pedindo-lhe que compreenda nada ter havido para ferir V. Exª. e muito menos, para tirar qualquer brilho ao 2º Colóquio Galaico-Minhoto.

Vai realizar-se o 3º Colóquio, em Viana do Castelo, na úl

INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO

tima semana de Setembro de 1985.

Nesta sequência, solicito a V. Exª. que seja reconsiderado o seu pedido de demissão do I.C.G-M. e simultâneamente, pedir-lhe que aceite pertencer à Comissão Organizadora do futuro 3º Colóquio Galaico-Minhoto.

Com os meus respeitosos cumprimentos

O PRESIDENTE

(Prof. Cat. Doutor Avelino de Jesus Costa)

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

# ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO

Exmº. Senhor
Prof. Doutor Ernesto Guerra da Cal
Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A

2765 E S T O R I L

Caro amigo:

30. MAI 1984

Muito grato pela sua carta de 22 de Maio, bem como pela oferta do exemplar autografado do seu poema.

Ainda não recebi o 4º volume da "Bibliografia Queirociana", espero contudo que o mesmo seja enviado directamente pela Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Lamento o sucedido com o Instituto Cultural Galaico-Minhoto, pois nada custaria que lhe tivessem dado uma satisfação. Pela minha parte gostaria que continuasse a pertencer a essa Instituição, pois a mesma poderia muito beneficiar com o seu muito saber e profundos conhecimentos da Cultura Galaico-Portuguesa.

Tenho andado muito ocupado com as aulas e outros trabalhos afins, pelo que só poderei estar em Lisboa, com alguns dias de permanência, possívelmente em fins de Julho. Oportunamente escrever-lhe-ei a fim de combinar-mos um encontro.

Seu amigo que muito o estima e admira, envia-lhe um cordial abraço

Humberto Carlos Baquero Moreno

(Humberto Carlos Baquero Moreno)

Mod. 2

INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO

Ex^mo. Senhor
Prof. Cat. Doutor Ernesto Guerra da Cal
Ave. D. Nuno Álvares Pereira, 33 - A

2765 ESTORIL

OFÍCIO N.º SG-174/84 DATA 22-VIII-1984 S/ REFERÊNCIA S/ DATA 7-VIII-1984

Ex^mo. Senhor
Prof. Cat. Doutor Ernesto Guerra da Cal

Acusa-se a recepção e agradece-se a sua carta, acima referenciada.

Agradece-se ter reconsiderado favorávelmente a sua posição, em relação a esta instituição, informa-se que na sessão ordinária do Conselho Director de onze do corrente mês de Agosto foi confirmada a Comissão Organizadora, do 3º Colóquio Galaico-Minhoto, constituida por: V. Ex^a., o Prof. Cat. Doutor Salvato Vila-Verde Trigo, José Rosa Araujo e Artur Norton.

Tem esta Comissão poderes, para agregar os membros desta instituição que forem considerados necessarios, para os seus trabalhos.

Junto os estatutos desta instituição, assim como a sua oficialização no "Diário da República", e o seu regulamento interno.

Quanto às fotocópias das suas cartas, sobre o 2º Colóquio, para o Prof. Doutor José Carro, solicitei ao Secretário do I. C. G-M., para providenciar a sua concretização.

Agradecendo a sua colaboração, para os verdadeiros fins, para que esta instituição foi criada, apresento os meus respeitosos cumprimentos

O PRESIDENTE

A. Avelino de Jesus da Costa

(Prof. Cat. Doutor Avelino de Jesus da Costa)

Sede provisória:
Instituto Cultural Galaico-Minhoto
Torre da Cadeia Velha
4990 PONTE DE LIMA

INSTITUTO CULTURAL GALAICO-MINHOTO

Ex^mo. Senhor Professor Catedrático
Doutor Ernesto Guerra da Cal
Ave. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A

2765 ESTORIL

OFÍCIO N.º SG-180/84 DATA 23-VIII-1984 S/ REFERÊNCIA S/ DATA

Ex^mo. Senhor Professor Catedrático
Doutor Ernesto Guerra da Cal

Foi com a maior alegria que fomos informados, de que V. Ex^a. continuaria a pertencer a esta instituição. Gratíssimos.

Nesta sequência envia-se o diploma de sócio do I.C.G-M., assim como os cento e vinte escudos recebidos, para pagamento dos portes de correio, afim de se devolver o curriculum vitae.

Espera-se, para a próxima semana, ou na primeira de Setembro, ter-se uma reunião com o Doutor Salvato Trigo, para se escrever a primeira circular e poder vir a ser distribuida, no mês de Outubro. Logo que esteja dactilografada será enviada a V. Ex^a., e só irá para a tipografia, depois de ter tomado conhecimento.

Espera-se poder organizar duas Comissões: uma, a de Honra, com os Reitores das Universidades do Porto e de Santiago, Director do Instituto Superior Politecnico de Viana do Castelo (anfitrião); Presidentes das Academias das Ciências de Lisboa e da Real Academia das Ciências da Galisa, e da História (portuguesa), para além dos Ministros da Cultura e da Educação; Presidentes da República,e das Fundações Gulbenkian e ... (do Porto), dos Institutos Cultural Galaico-Minhoto e dos Estudos Galegos P^e. Sarmiento.

Quanto à Comissão para trabalhar, já há quatro pessoas, como é do seu conhecimento, mas falta-lhe agregar mais os elementos da Galisa, (aí residentes).

Sobre este assunto haveria que contactar com V. Ex^a. e, uma vez que as distâncias são em tempo útil e financiamento muito elevadas, solicitamos o seu acordo, para se tratar deste assunto, pela via telefónica. Caso esteja de acer

do, qual é o período melhor, para se tentar a ligação telefónica, durante as horas úteis do dia ?

Agradecendo desde já a atenção ao presente ofício, presenta-se os mais respeitosos cumprimentos.

O SECRETÁRIO

A. Norton

(Artur Norton)

Sede provisória:
Instituto Cultural Galaico-Minhoto
Torre da Cadeia Velha
4990 PONTE DE LIMA

*no eido da palabra*

# Sobre unha escolma de Pablo Iglesias

XESUS ALONSO MONTERO

Na historia do socialismo europeo moi poucas figuras concitan tanta adhesión moral como a de Pablo Iglesias, unha biografía austera, coherente, abnegada, exemplar tantas veces. En 1910 José Ortega y Gasset, pensador moi lonxe de calquera militancia socialista, opinaba: "Si hoy consideramos como aspiración profunda de la democracia hacer laica la virtud, tenemos que orientarnos buscando con la mirada, en las multitudes, los rostros egregios de los santos laicos. Pablo Iglesias es uno; don Francisco Giner es otro: ambos, los europeos máximos de España". Don Antonio Machado, que non era, no sentido estricto, socialista, escribía en 1938: "La voz de Pablo Iglesias tenía para mí el timbre inconfundible –e indefinible– de la verdad humana". Un intelectual ben alleo ás doctrinas socialistas escribía en 1930: "Luego le vi cuando estaba muy grave, en su cama de moribundo; pero ungido ya de la serenidad inmortal que aún le rodea".

Creador do Partido Socialista Obrero Español, do que foi dirixente máximo tanto tempo, son moitos os que, admirando a súa vida, a súa exemplar conducta, descoñecen os seus escritos, o que, a estas alturas, é grave. De feito, non é doado atopar libros ou opúsculos de Pablo Iglesias, e ninguén ten acometido a necesaria tarefa de publica-la totalidade das súas páxinas.

Por sorte acaba de aparecer un volume antolóxico, hoxe por hoxe o corpus máis representativo e vivo do pensamento de Pablo Iglesias. Titulado "Escritos y discursos. Antología crítica", non é consecuencia dunha iniciativa do Partido Socialista ou da Fundación Pablo Iglesias senon dunha humilde editorial de Santiago de Compostela, "Sálvora", que dirixía intelectualmente Arturo Reguera. Foi Reguera quen instou ó socialista Enrique Moral Sandoval, profesor de Dereito Constitucional na Universidade de Madrid, para que fixese a escolma que reseñamos. O libro, certamente, e a compilación máis valiosa de escritos de Pablo Iglesias, recolleita enriquecida cunha rigurosa bibliografía e unhas orientadoras introduccións do profesor Moral Sandoval. O presente volume, arranxado por quen é unha autoridade moi precisa no pensamento e na biografía de Pablo Iglesias, amosa novedades tan importantes e sorprendentes como o epistolario Engels-Iglesias, un capítulo onde o profesor Sandoval ofrece outras cartas inéditas.

Asombra, de feito, que unha obra desta entidade –a máis representativa do pensamento de Pablo Iglesias– xorda dunha iniciativa intelectual tan periférica ó PSOE, asombro que nos leva a pensar que as organizacións e os historiadores socialistas non parecen estaren "motivados" pola voz daquel home que dictou a Ortega, Machado e Marañón palabras tan fermosas.

Aquí, en Vigo, o volume do que hoxe damos noticia non suscitou achegamento ningún, nin siquera do Departamento de Cultura do Concello, onde probablemente non hai noticia dunha obra de teatro de Lauro Olmo, recentemente impresa en Edicións do Castro, digna de mellor sorte.

E xa que de bibliografía **de e sobre** Pablo Iglesias se trata, mencionemos o número, tamén recente, da revista "Anthropos", que é un número extraordinario non só polo grosor.

Pero en Vigo os socialistas parecen estaren rifados con Pablo Iglesias, o que resulta extraño pois Pablo Iglesias foi sempre un debelador de mediocridade moral e intelectual.

*o impaís*

# Guerra da Cal o mestre ignorado

FRANCISCO X. CASTELO

Alguén (¿Cuevillas talvez)) dixo que a Galiza, impaís por antonomasia, leva vinta mil anos tentando destruirse.... Outrén máis próximo (¿Benxamín Casal?) decía que era un país de ex pertos en desaproveitar recursos....

O certo e verdade é que aquí se eleva a categoría de santo oficial no oficial santoral a xente de valía contrastada apenas nos nosos estreitos límites e sen embargo imos ignorando persoas de nome e sona internacional.

Tal é o caso de Ernesto Guerra da Cal, home de pluma a e espada, poeta nacionalista galego, militar republicano, exiliado, profesor emérito nos Estados Unidos que nos gobernan, condecorado por Oliveira Salazar (coa oposición de Franco, a tal nivel chegou a cousa) pola súa defesa da literatura ibérica mundo adiante....

Guerra da Cal, de quen Alonso Montero sospeita paternidades nos poemas galegos de Garcia Lorca, vive retirado nunha linda casiña do Estoril, a "Melrose" con nome e detalles ingleses, dedicado a un traballo intelectual que produce obra – ou sexa, o que non teñen moitas das vacas sagradas que hoxe se reparten os honores da nosa pseudoautonómica administración. Por exemplo, agora está a ordenar unha escolma de poemas sobre Rosalía escrita por autores da máis varia procedencia.

E aquí ninguén se inteira. Habería que perguntarse se o home que quizais máis saiba de Eça de Queiroz e Valle-Inclán estará ou non convidado aos actos académicos do Ano Rosaliano....

Ernesto Guerra da Cal ten unha vitalidade de vello profesor afeito a lidar con rapaces que se cadra non resulta conveniente neste país de momias vivas (Xa se vé como lle vai con elas ao seu amigo Carballo Galero....). Se a iso unimos o seu nacionalismo sen concesións nen "consensos", a súa convicción dura– de home que loitou con armas na man– sobre o monolingüismo, queda logo entendido que oficialmente se lle ignore, que non se aproveite o seu brillante curriculum internacional para promocionar o pouquiño que somos.

Pero como o noso é así e hai excepcións para todo (Niso vése que non somos terceiro mundo), alguén xa se decatara da importancia de Guerra e dispúxose a defendela. Un libro cos seus poemas comentados por xente nova, profesores que ainda non "teñen o voto comprometido", está no prelo, patrocinado pola obra social dunha entidade de crédito popular que nutre o seu pasivo na nosa diáspora infinita.

Guerra o poeta, o primeiro exintegracionista activo, práctico, da nosa literatura, defensor cos seus versos do que daquela parecía simplicísima tolemia, vai voltar a estar entre nós. O cosmopolita nacionalista galego ao que certo profesional da televisión brasileira presentaba nunha ocasión como "o Profesor Ernesto Guerra da Cal, que insiste em ser chamado de galego" (apesar do pexorativo do termo naquelas terras) vai vir presentar ese libro, e se cadra o de Rosalía.

Será momento para que os que nos desgobernan se inteiren. E para que vexamos quen lle é fiel e quen o nega, dos que epistolarmente foron os seus amigos nun período da historia da España que soñábamos era terminado para sempre.

*todo ben*

# Apache fala galego

MANUEL RIVAS

–Un cigarro, un café, ¿qué máis necesita un home?

O dia en que **Johnny Guitar,** ese filme extraordinario de Nicholas Ray, sexa falado en galego todo seguirá igoal e, noustante, todo será diferente. A creación da televisión galega –disque en xullo comenzan as emisións– faranos, de súbito, a todos máis vellos ou máis novos ou deixaranos como estabamos, pero en todo caso situaranos noutra órbita, como se un grande espello –plano, cóncavo ou convexo, dependerá dos artífices– entrara na casa gris.

Crear unha televisión é, posiblemente, das poucas revolucións que se lle están permitidas a un goberno conservador. A tecnoloxía da fascinación fai posible revolucionar sen revolución, anque ainda non se inventou o xeito de comer sen comer. Pero o certo é que no actual estado de cousas, ese estado das autonomías en 1985, eu non encontro semellante de tan radical significación cultural, entre os decretos que se poden firmar e os proxectos que se poden aprobar.

Felicitarnos agora da creación dunha televisión galega pode parecer a algúns inxenuidade provinciana. E non me refiro aos cavernícolas políticos que morrerán de infarto o dia en que o xefa Xerónimo fale galego –como se toda a vida falara castelán!– senón aos que consideran que a televisión é intrinsecamente alineante, deformadora da percepción, opio do pobo, omnipresente garda. Haberá alguén, non sen certa razón, que diga no ágora intelectual:

–¿Non queriades caldo? Pois tomade duas tazas.

A televisión, como medio de comunicación e espacio creativo, vive certamente a sua infancia paleolítica. E o grande cabalo de Troia da industria da simulación. Pero de ahí a concluír nunha perversidade orixinaria hai un treito. Pode ser un vehículo democratizador do disfrute cultural. Logo está o factor galego, compoñente, aquí e agora, do noso factor humán. O dia en que Johnny Guitar fale galego pode ser un acto de desacomplexamento colectivo. ¿Ou o dia en que fale o grande xefe Xerónimo, o máis bravo dos apaches?

# Guerra da Cal compuxo con Lorca os "Seis poemas galegos"

O profesor Ernesto Guerra da Cal colaborou con García Lorca na composición dos "seis poemas galegos", segundo asegura el mesmo nun texto escrito o día 6 de xuño deste mesmo ano. Por ese tempo (último de primavera), o profesor Guerra da Cal dedicaba-se a estudar a lingua e o estilo de Rosalía de Castro, traballo que deberá de ser publicado en portugués ao comezo deste outono. O libro comprendería talvez comprenda, versos de diversos autores sobre a poeta galega, entre eles o titulado, "Canzón da cuna pra Rosalía Castro, morta", cuxa autoría é de Lorca, e Guerra da Cal di, no escrito do dia 6 de xuño, que tamén del. Estas son as suas palabras textuais: "No libro de "Rosalía" vai ser revelado, con bae nos autógrafos, a miña mao, a colaborazón Lorca-da Cal nos seis poemas galegos, sobre a que eu gardei silencio até hoxe". Mais, agora mesmo nada se sabe na Galiza sobre o libro "Rosalía", de Guerra da Cal, senón que probábelmente xurdiran diferéncias có editor

Os "seis poemas galegos" de Federico García Lorca imprentaron-se por primeira vez a finais do ano 1935 na editorial "Nós", que enton dirixía en Compostela Anxel Casal. O libro, breve, contaba cun prólogo de Eduardo Blanco Amor, grande amigo de Lorca, quen á sua vez confesara,

no número 41 da revista Grial, que el intervira só na corrección ortográfica e métrica dos versos do poeta granadino. Sen embargo, o poemário cárrega con meia ducia de erros lingüísticos, así "soma" por "sombra", "sono" por "soño", e mais. Outra nota que apuntan algúns observadores, e que leva tamén á extrañeza, é que, coñecidos os dous poemários compostos por Guerra da Cal, "Lúa de além-mar" (1958) e "Rio de sonho e tempo" (1963), tenta-se moi distinto o seu pulso criador do de Lorca.

Consta que os escritores mantiveron unha boa amizade, pese a diferéncia de idade entre eles, pretendendo-se-lles suliñar aos tres a condición de homosexuais.

Agora, a curiosidade, a inquedanza, ven-se sorprendidas polas palabras do profesor Guerra da Cal, que contribúen a acrescentar a dúvida, ainda que acredite unha prolongada, estimábel labor na investigación literaria, unhos precisos, amplios, coñecimentos, sen esquecer as suas enseñanzas.

Ernesto Guerra da Cal, nasceu no Ferrol en 1911. Participou na Guerra Civil Española como militar republicano. Despois, exilou-se nos Estados Unidos, doutorando-se en Filoloxía na Universidade de Columbia, sendo o ano 1939. Cursou ademais estudos nas Universidades de Princeton, Puerto Rico, e na federal de Rio de Janeiro. Durante varios anos dirixio o Departamento de Estudos Hispánicos da Universidade de New York. El dou entrada á literatura portuguesa e brasileira en norteamérica; tamén á galega. Alcanzou grande prestíxio como crítico literário polo disciplinado rigor dos seus métodos de investigación e polo cuidado da sua análise estética. Comprobe-se lendo o seu ensaio mais coñecido, que trata da lingua e o estilo de Eça de Queiroz. El redescobrio ao esquecido narrador portugués. Guerra da Cal ten sido galardoado con as mais honrosas distincións nos Estados Unidos, en Portugal e no Brasil. Nomearo-no Doutor Honoris Causa da Universidade de Bahía. Desde 1977, vive permanente-

A Blanco Amor tamén se lle adxudicaban os "Seis poemas galegos".

mente en Portugal, exilado voluntario desta Galiza, a cuxas circunstáncias ainda se sente alleo.

Si añadir, que nas páxinas que conforman o libro de "Rosalía", o profesor Guerra da Cal, na sua análise, distingue os erros nos que cae a propria Rosalía ao expresar-se en castelán, e como ela os escritores da orixe galega. Explica como o mesmo Valle-Inclán, consciente deses defeitos case inevitábeis, perspicaz, disimulou-nos cunha linguaxe criada por el, procurando o esperpento.

S. Corral

Galiza Viva Nº 13 Outubro 1985

Mentres é festa en Compostela

# Palabras para unha noite como esta

**Por Miguel SANDE**

Nada.

Agora mesmo acaba de ir-se aquel, aquela, que te quixo. Pa-

mentira. Trataba-se de desfalecer o instante. O vafo no cristal, onde aniña a tristeza. Iso é o

non, palpitando. O chama-me, con raiba entre os dentes. A súplica que tragas coa saliva. O

de a inutilidade dun pretexto. O alívio, ao frotar a espalda dos personaxes dos libros. Ti nunca

imensidade. Perde-te, ouves, perde-te. Deixa de viver nas perguntas. Ti es agora quen precisa.

# FARO DE VIGO

VIERNES, 8 NOVIEMBRE 1985 | DIARIO DECANO DE LA PRENSA NACIONAL | FUNDADO EN 1853, POR D. ANGEL DE LEMA | PRECIO 50 PTAS. En Portugal 50 Esc.

AÑO 133 N.º 47.109 EMPRESA: FARO DE VIGO, S.A. Director: José Francisco ARMESTO FAGINAS


Artículo de Franco Grande

## "García Lorca non sabía unha palabra de galego"

### "O dos Seis Poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra da Cal"

"García Lorca non sabía unha palabra de galego". Tan contundente afirmación la hace el abogado y escritor José Luis Franco Grande, coautor, con Landeira Yrago, de un trabajo sobre la estancia del poeta granadino en Galicia, primera parte de uno más extenso que tienen en elaboración ambos estudiosos de la obra y personalidad del autor de "Poeta en Nueva York". Esta afirmación la hace Franco Grande a resultas de las largas conversaciones que sostuvo con Guerra da Cal, en su casa de Estoril, los días 20 y 23 de agosto último. Rotundamente también, Franco Grande afirma que "o dos Seis Poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra da Cal".

Como recordará el lector el pasado día 6, el profesor Alonso Montero escribió, también en FARO DE VIGO, un artículo, acerca de las contradictorias manifestaciones del doctor Guerra da Cal sobre el gallego del autor de "Romancero gitano".

Viernes, 8 de Noviembre de 1985 / 52 páginas

# FARO DE VIGO

FARO DE VIGO, S.A., calle Colón, 30. Apartado de Correos 91, Vigo. Redacción Local y Recepción de anuncios. Teléfono: 43.43.44. Factoría en Chapela-Redondela. Teléfonos: 27.64.62, 27.64.66, 27.65.54, 27.65.58 y 27.65.62. Cierre 45.01.76. Télex: 83011 FARO E. Depósito Legal PO/151958.

OJD

**DELEGACIONES**

**Santiago:** Rodrigo Padrón, 2. Teléfonos (981) 58.10.76 y 58.47.98. **La Coruña:** Linares Rivas, 30-4.º Teléfono (981) 21.38.53 y 22.50.50. **Lugo:** Río Chamoso, 3-2.º Teléfonos (982) 22.00.07. **Orense:** Bedoya, 8. Teléfonos (988) 24.12.12 y 24.12.32. **Pontevedra:** Plaza de Galicia, 2-2.º derecha. Teléfonos (986) 85.24.97 y 85.00.58. **Villagarcía:** Conde Vallellano, 11. Teléfono (986) 50.35.14. **Ferrol:** Real, 50-1.º Teléfonos (981) 32.61.03 y 32.61.04.
**Barcelona:** Urgel, 280-1.º Teléfono (93) 259.13.38. **Madrid:** Andres Mellado, 50-3.º Dcha. Teléfono (91) 449.68.10.

**CORRESPONSALIAS MAS IMPORTANTES**

**El Barco-La Rúa:** Gonzalo Rodríguez Alvarez, Penas Forcada, 28-3.º Teléfono (988) 32.02.97. **Tuy:** Plaza de San Fernando. Teléfono (986) 60.14.08. **Marín:** Apartado de Correos, 56. Teléfono (986) 88.38.05. **La Estrada:** Ulla, 10. Teléfono (986) 57.00.88. **Santa Eugenia de Riveira:** Linares Rivas, 1-2.º Teléfono (981) 87.23.52 y 87.24.01. **Monforte de Lemos:** Valle Inclán, 52. Teléfono (982) 40.04.32. **Ponferrada:** Avda. de España, 16. Teléfono (987) 41.07.74. **Ribadavia:** Avda. Rodríguez de la Fuente, 1. Teléfono (988) 47.07.92. **Carballino:** Martínez Avellánosa, 51. Teléfono (988) 27.11.37. **Lalín:** Buenos Aires, 92. Teléfono (986) 78.03.51. **Verín:** Xosé Luis Rua Núñez (Cambalan), Avda. Portugl, 18-2.º Izqda. Teléfono (988) 41.00.39. Jesus Portela Medraño. Corresponsal de la Península de Morrazo. Apartado 5, de **Bueu.** Telf.: 32.12.13. Antonio de Mauricio de **Bayona.** Telf.: 35.51.56.

Decano de la prensa nacional

**Nin misterios nin segredos**

# O galego de García Lorca-Guerra da Cal

□ X. L. FRANCO GRANDE

Cando se analiza o idioma galego de García Lorca, o que máis chama a atención é que a súa linguaxe poética bate xusto coa dos poetas galegos do primeiro tercio deste século. E aínda dentro deste panorama xeral, o galego dos seis poemas presupón a linguaxe poética de Amado Carballo. Certas correlacións só se explican, ó noso ver, pola previa existencia da linguaxe poética do pontevedrés. E natural que así sexa, pois a linguaxe poética daquela, en Galicia, era a de Amado Carballo.

A estes fins, o galego ofrécenos unha grande facilidade para constatarmos ese feito, xa que ó non ser daquela unha língua normalizada, bótase de ver con máis claridade a *predilección* por determinadas formas dunha mesma palabra, a cal, moitas veces, atopa claro predominio nun determinado momento. Así, por exemplo, podemos sentar que a forma **nubens,** usada por García Lorca, é a que con máis frecuencia se rexistra na linguaxe dos nosos poetas coetáneos do andaluz, teimosamente usada por Amado Carballo en dez das suas composicións, así como por Bouza-Brey, Augusto Casas, Correa Calderón –éste en poema dedicado a Amado Carballo–, etc. Aínda dertas incorreccións que entraron nos seis poemas son tamén doadas de atopar nos nosos poetas dos anos trinta. Termos como **arume, soma,** etc., son tamén rexistrables nun e noutros.

Entre soster que o granadino non sabía nada de galego –como escribiron os seus coetáneos e amigos Martínez-Barbeito e Dámaso Alonso, e como sostén Guerra da Cal–, ata consignar –como Blanco Amor, anque a sua relación con Lorca foi superflua e nunca de amistade– que nada houbo que correxir nos textos orixináis, media o abismo que vai da verdade á trapallada. Evidentemente, García Lorca non sabía unha palabra de galego. E o dos seis poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra da Cal. Ninguén máis tuvo arte nin parte neste parto. Nin Blanco Amor, nin Manteiga, nin outro algún.

Detéctase en cada verso do granadino o vocabulario preferido de Amado Carballo, así como as formas máis caras a éste entre as varias posibles opcións: **choiva, nubens, trema, brila, romaxe, pombas, montana, salaio, silandeiro...** Anotemos tamén a solución **–bel** do sufixo **–bile,** ou a forma arcaizante **canzón,** todo o cal está en Amado Carballo. Sin esquecer que algunhas formas poideron ter entrada no seu vocabulario polos cancioneiros ou a través de Rosalía, tan presente nos seis poemas e en Guerra da Cal (o Pérez Güerra que por entón facía estragos entre as rapazas do "Club Anfistora", impenitente don Juan, xa daquela, como despois... como sempre!)

Por veces, aínda témo-la tentación de establecer relacións máis ou menos estreitas –quezáis ecos ou simples casualidades– entre Lorca e Amado Carballo: **soma e cinzado teu mar,** do granadino, está moi perto de **no ceo morno e cincento,** do pontevedrés. Lorca escrebe **verde lúa** e Amado Carballo **lúa verde.**

Guerra da Cal con Xosé Luis Franco Grande, en Estoril, el pasado mes de agosto.

Os días 20 e 23 de agosto último sostuven duas longas conversas con Ernesto Guerra da Cal, na sua casa de Estoril, nas que me revelou con certa amplitude o que se podería chamar o segredo dos seis poemas galegos. Pero teño que corresponder á sua confianza e maistade coa elegancia de non dar publicidade ó que me confiou e só él debe revelar. Como o vai facer moi logo, agardemos un pouco e todo quedará claro. Pola contra, podo revelar a súa confirmación plena da miña teoría: que o galego dos seis poemas é o de Amado Carballo, pois trátase de algo moi evidente para quen teña leído a un e a outro poeta, e porque, no conxeito daquelas conversas, xa tiña estudiado con gran amplitude este curioso problema. Guerra da Cal mostrouse surprendido polas miñas observacións e asegorou que algo tan claro non fora suliñado por ninguén. E confirmoume que Amado Carballo era, non só o seu poeta, senón tamén o de García Lorca, único que lle interesaba verdadeiramente entre os galegos, pois nin Manuel Antonio nin Pondal –tamén aquí Blanco Amor nos mentiu–, nin Curros, merecían o seu aprecio.

Agora vaise romper o silencio de Ernesto en relación con este asunto. Silencio que mantuvo, moi celosamente para non deixar en mal lugar a Blanco Amor (as "trapalhices" do Eduardo, como él dí), quen non tuvo arte nin parte na xénese, orixe e elaboración dos seis poemas, agás na sua publicación, feita ca oposición do propio García Lorca. Silencio que Guerra da Cal vai romper por mor da aparición dos seus propios apógrafos de hai medio século, única razón que o move agora a decir "toda a verdade e nada máis que a verdade" en asunto sobre o que tantas parvadas se veñen decindo. As novas realidades impóñenlle unha nova actitude.

A colaboración Lorca-Da Cal extendeuse á totalidade do poemario, incluído o "Madrigal á cibdade de Santiago", composto no ano 1932. Os demais son de 1934. García Lorca sabía de memoria o primeiro, non os outros, razón pola que algunha vez simulou repentizar para a sua publicación aquel poema. De ahí que algúns, inocentemente, chegaran a pensar que acababa de compoñelo. Lorca, por outra banda, era moi aficionado a gastar estas bromas, como está moi ben documentado. Tan só Guerra da Cal, pois, tuvo arte e parte no polémico poemario.

Por outra banda, Guerra da Cal informaranos dunha vez da parte que a él corresponde na elaboración dos poemas –dos seis, non o esquezamos–, pois calquera que os teña leído con atención, sin necesidade de ser un experto, terase decatado de que algúns versos non poden ser de Lorca, senón por forza de alguén esencialmente identificado con Galicia. ¿Cómo van ser de Lorca estes versos: **mortos e mortas de néboa/polas congostras baixaban?** Estas e outras interrogantes só poden ser contestadas por Guerra da Cal. E vai facelo moi logo, como decimos.

Anotemos agora que esta identificación co país galego levou a xogarlle verdadeiras faícatruadas ós traductores. A **mortalla** do poema a **Nosa Señora da Barca** levou ó traductor francés, André Belamich, a ver unhas **fleurs funéraires** que non existen na imaxe de Lorca: e prends ces fleurs funéraires entre les plis de ta cape!

E o mesmo lle pasou ó traductor italiano:

e prendi sopra il tuo manto
i fiori funebri

Está claro que os dous traductores identificaron **amortallada** con "amortajada", termos que distan de ser equivalentes, pois en galego esa **mortalla** nada ten que ver coa vestidura na que se envolven ós mortos para enterralos, como é sabido.

Guerra da Cal, pois, ten aluciantes aspectos que explicar. Debemos celebrar que a recente aparición dos seus apógrafos o decidira a rompelo mutismo no que se encastelara. Se antes había razóns sobradas para calar, agora é tempo de falar. O menos para que se calen aqueles que nada teñen que decir.

Jueves, 11 de Septiembre de 1986 / 48 páginas

# FARO DE VIGO

DELEGACIONES
Santiago: Rodrigo Padrón, 2. Teléfonos (981) 58.10.76 y 58.47.98. La Coruña: Compostela, 8-1.º C. Teléfono (981) 21.38.53. Lugo: Río Chamoso, 3-2.º Teléfonos (982) 22.00.07. Orense: Bedoya, 8. Teléfonos (988) 24.12.12 y 24.12.32. Pontevedra: Virgen del Camino, 2 (entresuelo). Teléfonos (986) 85.24.97 y 85.00.58. Villagarcía: Conde Vallellano, 11. Teléfono (986) 50.35.14. Ferrol: Real, 50-1.º Teléfonos (981) 32.61.03 y 32.61.04. Miño: c/Ramón y Cajal, 3-1.º Teléfono 356616. Baiona. Barcelona: Urgel, 280-1.º Teléfono (93) 259.13.38. Madrid: Andres Mellado, 50-3.º Dcha. Teléfono (91) 449.68.10.
CORRESPONSALIAS MAS IMPORTANTES
El Barco-La Rúa: Gonzalo Rodríguez Alvarez, Penas Forcada, 28-3.º Teléfono (988) 32.02.97. Tuy: Plaza de San Fernando. Teléfono (986) 60.14.08. Marín: Apartado de Correos, 56. Teléfono (986) 88.38.05. La Estrada: Ulla, 10. Teléfono (986) 57.00.88. Santa Eugenia de Riveira: Linares Rivas, 1-2.º Teléfono (981) 87.23.52 y 87.24.01. Monforte de Lemos: Valle Inclán, 52. Teléfono (982) 40.04.32. Ponferrada: Avda. de España, 16. Teléfono (987) 41.07.74. Ribadavia: Avda. Rodríguez de la Fuente, 1. Teléfono (988) 47.07.92. Carballino: Martínez Avellanosa, 51. Teléfono (988) 27.11.37. Lalín: Buenos Aires, 92. Teléfono (986) 78.03.31. Verín: Xosé Luis Rua Nuñez (Cambalan), Avda. Portugal, 18-2.º Izqda. Teléfono (988) 41.00.39. Jesus Portela Medrano. Corresponsal de la Península de Morrazo. Apartado 5, de Bueu. Telf.: 32.12.13.

FARO DE VIGO, S.A., calle Colón, 30. Apartado de Correos 91. Vigo. Redacción, Local y Recepción de anuncios. Teléfono: 43.43.44. Factoría en Chapela-Redondela. Teléfonos: 45.30.00. 4531.00. 45.32.00. 45.33.00. 45.34.00. 4533.45 y 45.34.24. Cierre 45.01.76. Télex: 83011 FARO E. Depósito Legal PO 151958.
TELEFAX (automático) (986) 452005 - 452006.

Decano de la prensa nacional

Crónica dun día en Estoril

# Un García Lorca inédito e inaudito

No día de Galicia deste ano, lonxe das pequeneces e miserias autonómicas, coincidin en Estoril con dúas personalidades nada comúns: Ian Gibson, o hispanista e historiador irlandés, e Ernesto Guerra da Cal, un dos grandes especialistas mundias en Eça de Queiroz, como é sabido. Ben analizado o feito, non deixa de ser revelador que sexamos os tres tan amigos, e xa de vello, habendo entre nós tantas diferencias como hai. Por exemplo, Guerra da Cal é lusista e eu non, lévame uns vintecinco anos e temos sobre Galicia pontos de vista diverxentes. Ian Gibson é un irlandés que non exerce, a que lle dá noxo o nacionalismo –a súa orixe protestante convírteo en minoría oprimida no seu país– e que trasladá a Galicia a súa personal visión de Irlanda: un mundo pequeniño onde non se pode vivir, onde se vería obrigado a ler a noveliña ou o poemiña do viciño, un mundo, como el dí, do que o mesmo Joyce tivo que fuxir. E entre Ian e o Ernesto eu penso que as afinidades son aínda máis escasas.

Por iso é aliciante comproba-la verdadeira amistade que nos une, por riba de certas diferencias de bulto. E que nos une ilusionadamente, como ten que ser nunha amistade verdadeira. Penso que a Guerra da Cal facíalle ilusión coñecer personalmente ó "mirabolante" Ian, como el dí. E Ian non podía deixar de coñecer personalmente a un dos poucos amigos de Lorca que lle quedaban por entrevistar, xa que o segundo volume da súa biografía anda agora polos anos trinta. Eu era feliz, fondamente feliz, compartindo con estes dous amigos horas que nunca se esquecen. ¡Qué diferencia coa Galicia de cada día, con esa Galicia que Ernesto viu con tanto acerto nun dos seus poemas como "rústica e probrezinha"! Porque, como el dí, antes producía Galicia grandes caciques e agora tan só caciquiños que son os mesmos de antes, pero capitidisminuidos pola autonomía. Elsie da Cal sorría abertamente e Carole Gibson facíao con cautela británica; Ian non se sentía ben ubicado, sen saber como se desenvolvería a conversa, e eu, calado, observaba.

Ian Gibson e Guerra da Cal, en Estoril, o 26 de xulio.

Indo ó que importa, a miña misión era poñer en contacto a estes dous homes –que se ollaban un tanto de esguello e que, aínda admirándose recíprocamente, tiñan certas pequenas reservas un respecto do outro. Pero que moi axiña se foron esvaendo, desaparecendo por enteiro. O primeiro problema, para máis, foi poñerse de acordo na língua que se falaría. Porque Guerra da Cal, antes de coñecer personalmene a Ian, en conversas telefónicas, negóuse a falarlle en castelán. Pero Ian non podía falar galego nin portugués e eu non falo o inglés. O cabo, Guerra da Cal, despois de empregar por algún tempo tan só o inglés –ese elegante inglés seu que tanto chama a atención do Ian–, decidiu, e supoño que por cortesía conmigo e moi mal a gusto, falar en castelán. Fíxoo como quen se traiciona, como se estivera cometendo una falta, como se se sentira desleal á bandeira da República.

Ian quería saber cousas vivas do Lorca vivo dos felices, e tamén dramáticos, anos trinta. E penso que tiña unha idea moi clara de qué circunstancias, feitos e noticias podía facilitarlle o Ernesto. Mais a vida non é lóxica –por iso é tan rica–, e ó longo da conversa, con xantar á beira do mar e baixo o ceo limpo de Estoril, o Ian ía de surpresa en surpresa. Xordían feitos, noticias e suxerencias nas que non tiña pensado sequera. Atopaba na conversa, na amena e aliciante conversa do Ernesto, un Lorca vivo, ó poeta e artista en carne e óso, como se de súpeto se puxera do comensal connosco, naquel día de xullo, á beira do mar do belo Estoril.

Pero o asombro do Ian foi cando o Ernesto, con toda a naturalidade, se puxo a cantar poemas armonizados por Lorca –armonizacións que hoxe xa non coñece ninguén–, poemas do propio Federico ou cancións populares. Ian decatouse ó momento de que ese mundo inmenso era un Lorca inédito, do que non queda constancia en parte algunha, verdadeiramente inaudito. O prodixioso ouvido musical do Ernesto, e a súa nada común memoria, salvaron do esquenzo estas armonizacións das que hoxe, case seguro, ninguén ten noticia certa, ou que permita a súa transcripción musical.

Ian pediulle que lle cantara algunhas. Timidamente preguntoulle: "¿Me cantas alguna para que yo la pueda grabar? E o Ernesto, resolutivo, contestoulle: "Te canto todo lo que tú quieras". E puxose a cantar, con esa voz única que Deus lle deu e que tan ben lle conserva. Ian graboulle "Arbolé arbolé/seco y verdé", as seguidillas festivas a D. Fernando de los Ríos e algunha outra. Se Ian insistira, eu sei que lle podería ter grabado as tres diferentes armonizacións de "Los pelingrinitos", que lembra íntegramente.

O Ian estaba fascinado. E dísolle: "Te das cuenta de que todo este mundo se morirá contigo?". Pero o Ian xa terá a transcripción musical das composicións cantadas por Guerra da Cal, rescatando do esquenzo, e de morte segura, salvándoas para sempre, esas armonizacións de Federico. Porque se ven hai moitas noticias sobre o feito da súa composición –M. Auclaire indica varias, entre elas as seguidillas a Fernando de los Ríos, dándonos a letra pero non a música–, ésta poucas veces chegou a nós. E agora que o Ian continuará grabándolle máis cancións ó Ernesto por teléfono: éste cantará no Estoril –digo eu, porque esa breva non a deixará pasar o Ian–, e Gibson, en Madrid, grabará golosamente. Os dous teñen sentido do humor bastante para que así aconteza.

Nada máis chamativo que o mundo inédito, aínda hoxe, do poeta granadino. Cada día xorde unha serie de poemas, unha peza teatral, un epistolario, ou agora esas armonizacións. Un xa non pode pensar nunca que un inédito de Lorca sexa o derradeiro. Sempre aparecerá outro. Digo chamativo se pesamos que a vida literaria de Lorca redúcese a uns doce anos. Unha intensidade tal é verdadeira miragre en toda a literatura universal. Chamativo porque esas armonizacións proban unha vez máis, reforzando o que xa se sabía, que gran parte da obra poética de Lorca ten raíz musical, que moitísimas das suas composicións naceron improvisadas ó piano ou rabuñando a guitarra, e que, por veces, resulta moi difícil ou imposible caletra-lo seu xenio poético isolado do seu xenio musical. Por iso estas armonizacións son material moi estimable para a comprensión global da poesía de García Lorca e do seu raro talento musical.

Non sei se o día 27 o Ian grabou máis cancións ó Ernesto. Moi ó meu pesar tiven que sair para Vigo, con toda a présa do mundo, nese tren rápido que os portugueses moi gráficamente chaman "Foguete". Pero sí sei, iso sí, que os tres amigos, desde eses días, o somos un pouco máis. E coa música inédita de Lorca como fondo, na voz única do Ernesto, volvo a esta empequenecida Galicia autonómica, "rústica e probrezinha" –como a vé o Ernesto– pequena Irlanda onde xa non se pode vivir –como lle semella a Ian. Pero que é, para ben e para mal, onde un ten que estar.

X.L. FRANCO GRANDE

Ernesto Guerra da Cal
OS SEIS POEMAS galegos!
DE
Federico García Lorca

Na primavera de 1932, em início do Maio, Federico partia para a Galiza, para fazer conferências. A viagem era patrocinada pelo 'Comités de Cooperación Intelectual', que Arturo Soria, como principal animador vinha organizando desde ~~1931~~ o ano anterior, com o propósito de estimular os contactos intelectuais e artísticos entre as diversas regiões e centros de cultura da periferia e do centro da Espanha. Lorca foi convidado para deslocar-se à Galiza, convite que acolheu com grande entusiasmo, pois tinha um vivo interesse em reavivar as fundas impressões que guardava da sua já longínqua visita de 1916 a colher outras novas. Lembro que o encontrei em fins de Abril, na "Calle de Alcalá"(onde toda a gente naquela altura se encontrava), na porta do Negresco e me deu a grande notícia - dentro de alguns dias partia para a Galiza. E agora ia ~~empapar-se~~ embeber-se. Ia ver tudo, com olhos renovados. Falamos um bocado, transbordava dequela sua alegria que lhe enchia a cara. Deu-me um dos seus abraços ~~grandes~~, e despediu-se. Não sabia quanto TEMPO IA ESTAR, "o mais possivel!". E lá foi. Voltou em Junho. Telefonou-me. Estava radiante. Desta vez a viagem tinha sido muito diferente. Tinha, como ele dizia,"comungado" com aquela terra que ele profundamente amava. Não tinha sido como da outra vez uma visita de grupo, de uns estudantes, acompanhados de uns mentores, que são recebidos academicamente como tais. Agora tinha sido ele, sozinho, festejado por admiradores, professores, artistas, pintores, homens de letras e estudantes que lhe tinham demonstrado não apenas admiração mas amizade, agora "tinha amigos na Galiza!" Falou-me de Seoane, de Maside, de Arturo Cuadrado, de Feliciano Rolán - e ~~especialm~~ enfim, de Carlos Martínez Barbeito - ~~que era com que tinha tecido - a la sazón~~ joven estudantes de Letras que era com quem tinha estabelecido laços de maior amizade, continuada mais tarde em Madrid. Tinha adorado toda a Galiza e tinha sido visitado pelo "Anxo molhado" do espirito galego. ~~Santiago~~ que o tinha empapado de chuva santiaguesa. ~~Disse-me que tinha já na cabeça dois poemas sobre santiago~~ Poucos dias depois encontramonos novamente e mostrou-me uma carta que tinha recebido do grupo de Santiago. Era, se bem me lembro, uma mensagem breve, de uma ~~pagina~~ folha, toda de elogios e agradecimentos - ~~[illegible]~~ a segunda ~~folha~~ pagina era ocupada, na metade superior por um desenho constituido por muitos pares de mãos ~~e aplaudir~~ desmembradas, a aplaudirem e a metade inferior ~~por~~ assinaturas. Disse-me nessa altura que ele queria corresponder a todas as amabilidades e gentilezas que aquele grupo de Santiago - que ele destacava como aquele com que ele se tinha mais profundamente identificado. ~~tinha na cabeça~~ Levava - disse - na cabeça dois poemas uma delas quase pronto - o outros já ~~desenhado~~. E começou a recitar o "Madrigal!"Ainda precisa de acepilhação e polimento". Eu achei-o terminadíssimo. ~~Sugeri timidamente - disse~~ Esses dois poemas ~~seriam~~ a resposta lírica a esse grupo encantador de homens e rapazes que lhe tinham tornado ~~Santiago uma verdadeira revelação~~ a sacra Compostela uma verdadeira revelação, poeticamente deslumbrante. O outro era também de tema santiaguês, centrado na"Quintana dos Mortos". Esse estava ainda a lhe ferver na cabeça. Eu sugeri, tímidamente, que o melhor que poderia ~~fazer era~~ mandar os dois poemas em galego, para maior efeito. Eu oferecia-me para fazer de tradutor. E assim foi. Ele achou divertidíssimo, "homo ludicus", quando eu lhe propus que dissesse que os tinha feito ele directamente. Concordou e pusemos ~~já nesse momento~~ mãos à obra. ~~Um projecto~~ de tradução simultanea tal vez único na história da poesia.

E ainda mais outros de tema rosaliano do qual recitou a primeira estrofe - em forma algo diferente de que depois ela tomou

membro da F.U.E

ainda con algumas hesitações

---

1. Para informação pormenorizada sobre as viagens ~~de F.G.~~L. à Galiza, consulte-se a Cronologia gallega de Federico Garcia Lorca y datos sincrónicos, compilada por José Luís Franco Grande e José Landeira Yrago. Grial, Vigo, 1974, Nº 45, Xulio-agosto-Setembro. ~~Separata~~: Id.,Ibid, 29 pags. Para ~~un relato~~ detalhado da primeira visita a Santiago, vid. "Garcia Lorca,Poeta Gallego. El Español, Madrid, 1945, 24 de Marzo. Reprod. en Grial, Nº 43, Xaneiro-Febreiro-Marzo, págs. 90-98

1974

Junho, parece-me.

O "Madrigal" foi realizado por tanto ~~na~~ primavera de 1932/ Federico tinha regressado da sua primeira viagem de maturidade à Galiza. Voltava enfeitiçado, encandeado. Telefonou-me - encontramo-nos, e falou, falou, falou: das gentes, das paisagens, do céu, das árvores, do mar, da chuva - e do mistério, do Anjo... permeável e molhado daquele País que o estremecia e o inebriava. "Santiago, ah, Santiago!" Falou de poemas de inspiração santiaguesa que levava na cabeça. Tinha que dar forma lírica às suas impressões, particularmente sobre aquela Compostela que cujo "duende" pétreo obsessivamente o desinquietava. Separamo-nos. De despedida disse-me, mais ou menos, isto: " Galicia es lo más inexplicable de España; yo la siento y no la entiendo. Me desafia con su nublado hermetismo. Me desafía como andaluz - desde el polo opuesto de mi mundo, por eso me intriga". Poucos dias depois, novamente nos encontrámos - ele ainda desbordante de entusiasmo galaico. Convidou-me para ir com ale ao seu apartamento da rua de Ayala. Queria cantar e tocar. Logo de entrada sentou-se ao piano ~~e tocou~~ abriu o seu Pedrell e tocou canções galegas. E repetiu a sua intenção de plasmar poeticamente ~~algumas~~ algumas das suas impressões líricas galegas que dentro dele fervilhavar. Disse que estava em dívida com os amigos. ~~Tocando-me teclado começou a recitar "Llueve en Santiago, mi dulce amor"~~ Com os dedos gordinhos no teclado começou a recitar os primeiros versos do "Madrigal", toda a primeira estrofe sen hesitação. Estava o poema já escrito? Sabia-o já de cor? Não sei. Nunca soube. Então eu incitei-o ao por em galego - e traduzi oralmente os dois primeiros versos- coisa facílima. Ficou radiante. Eu tirei de caneta e apanhei um bloco que havia sobre a mesa e ~~começamos~~ pusemos mãos à obra. (Para maior pormenor, vid. "Anotações"). Acabado o poema, no mesmo bloco eu passei o rascunho para limpo. Falamos mais. Eu fui-me embora, e não soube mais - até à sua volta da nova viagem desse outono à Galiza. Foi, se bem me lembro em Dezembro. Eu já tinha visto o "Madrigal" em Resol e em El Sol. Federico /Vinha radiante. ~~Tinham acreditado~~ os galegos acreditaram mesmo que ele possuia o galego como língua lírica e ria, ria, ria. Adorava essas simulações (1). Eu lembro-me ter destruido o rescunho inicial, com grande depois de o copiar. Do / Que aconteceu com esse primeiro apógrafo meu não faço ideia. O de Federico que aqui reproduzimos - e que apresenta uma riscadura e uma omissão - chegou ao meu conhecimento por ter sido publicado pelo Prof. galego Xesus Alonso montero num artigo aparecido em 1981 num jornal da Galiza (2). Nesse ano estava na posse do/ distinto/galego médico/A.M. Francisco Lamas, na altura já longamente radicado em Madrid, que declarou ao articulista que o "Madrigal" fora escrito por Lorca "em menos de media hora", num dia de Novembro de 1932, na Loja que tinha em Lugo o jornalista Luís Manteiga - com a assessoração/ linguística/ deste e de Lamas. Esta tese, e/ mesmo até a existencia da mencionada loja, tem sido contestados. (Vid. Franco Grande Faro de Vigo, 1986.) Eu não sei onde ou quando Lorca fez o seu apógrafo. Do que posso dar fé é de que ele o transcreveu - com essas duas máculas - do autógrafo meu da versão oral final a que nesse dia se chegou. Mencionou nesse mesmo dia outra poema no que estava a trabalhar mentalmente - também de tema compostelano - mas que "ainda não estava" ~~maduro~~ para la traducción." Vid. Textos II (Dança da Lua")

Reprod. na ed. de Alianza Edit. Marin Herrero

Apresenta outra mudança, que, aliás ele tinha todo o direito a fazer, esta evidentemente propositada. Onde eu escrevera Sant-Iago ele ~~[illegible]~~ alterou para a forma moderna [Santiago].

---

1. Nessa mesma viagem tinha feito um semelhante simulacro de "improviso" em Pontevedra, onde pretendeu "repentizar" numa mesa do Café Moderno um soneto em castelhano, que com leves variantes tinha sido publicado dois anos antes em Havana - cujo original tinha ficado na posse do ensaísta cubano Juan Marinello. Vid. José Luís Franco Grande e José Landeira Yrago, "Cronologia gallega de Federico Garcia Lorca e datos sincrónicos". Grial. Revista galega de Cultura. Vigo, 1974, Nº 45, /Xúlio-Agosto-Setembro, ~~pág. 22~~. Separata: A.G. Galicia, S.A. Vigo, 1974 29 págs. (pág. 22)

2. "Areira das Palavras, 34". Encontro em Madrid com Francisco Lamas". Faro de Vigo. Vigo, 9 de janeiro de 1981, págs. 22-23. Fac-símile sem transcrip-

pouco dias após encontrei-o e restituiu-me o poema ... com uma tradução para galego ... castelhano ... como suspeito que escovara quando original castelhano

Apógrafo de Lorca, feito sobre uma cópia passada a limpo do nosso autógrafo original, que pelas muitas correcções ~~se tinha tornado~~ era de leitura dificultosa. Esse primeiro autógrafo foi por mim destruido. ~~logo a seguir~~ ~~logo após a composição do poema~~ ~~Não sabemos se o apógrafo lor--este apógrafo lorquiano foi escrito em~~ destino final O segundo ficou na posse de Federico. Não sabemos se esta cópia foi feita por ele/em Madrid ou ~~se decorou~~ o poema desse autógrafo passado a limpo que depois "improvisou" o poema ~~"em meia hora" (1) in situ~~ e o "escreveu" in situ em Lugo, como cómo fez com o soneto "Yo sé que mi perfil será tranquilo" em Pontevedra. Ignoramos também o tamanho ~~tanto do texto escrito como do papel~~ e caracteristicas desse manuscrito, que aqui reproduzimos ~~de~~ tirada de um artigo de Xesus Alonso Montero,(1) que, julgamos, foi quem pela primeira vez o publicou. Esse manuscrito, segundo esse estudioso, estava, em Janeiro de 1981, na posse do médico e escritor galego, Francisco Lamas, nesse ano residente em Madrid é a quem se atribui, ~~nesse~~ no mesmo artigo, a afirmação de que Lorca compôs o "Madrigal", ~~no quarto traseiro duma~~ "em menos de meia hora" num dia de Novembro de 1932, no quarto traseiro duma loja de fonógrafos e discos que tinha em Lugo o jornalista galego Luís Manteiga. ~~Supostamente Lamas e Manteiga teriam assessorado~~ assessorado linguisticamente por este e pelo próprio Lamas, que foi um dos fundadores do "Comité de Cooperación Intelectual", que organizou a conferência de Lorca nessa cidade em 22 de Novembro. Esta afirmação de Lamas tem sido contestada (2) afirmando-se que mesmo que essa loja de Manteiga nunca existiu. Em todo o caso há dous erros de cópia neste ~~autógrafo~~. Nos (Vid anot. ao texto) O poema ficou sem título, por lapso, e foi (versos 8, 16) Lorca que lhe acrescentou o título ~~em castelhano~~ do que o/meu apógrafo careciam autógrafo e
Este foi o único poema édito - e amplamente - que passou a integrar-se com os outros cinco inéditos na publicação de "Nós". Saiu em letra de molde ~~Apareceu primeiro em~~ Resol (publicação literária/que era uma/folha volante, colorida, distribuida gratuitamente e dedicada em especial à poesia. ~~apareceu~~ entre 1932 e 1936, irregularmente. No Nº 6, de Dezembro de 1932, inclue, na terceira página, ladeado ~~por~~ um poema de Gerardo Diego e embos encimados por um belo desenho de Maside, aparece o "Madrigal.

Na revista Yunque, (no nº 6, "Otoño") de Lugo. Foi reproduzida pouco após em Resol, de Santiago de Compostela, (Nº 6, de Dezembro) desse mesmo ano. Nos fins de 1933 o Madrigal aparece reimpresso no Noticiario Español, de Buenos Aires (Nº ~~de~~ 6, ~~de~~ Novembro) e no ~~Correo de Galicia de mesma cidade~~ também da Capital argentina ( Nº ~~de~~ 19 ~~de~~ Novembro) Nº 1.452, Ano XXVI, Domingo, 1933, pág. 1
Diario El Sol, de Madrid, (No. 4.708, sábado, 10 de Dezembro) com uma caricatura do poeta y uma breve nota introdutória. (Evidente tomado de Resol, 1ª estrofe do poema citado de Gerardo Diego)

Existe ainda outra reprodução, na pág. de "Lectura" de El Pueblo Gallego, de Vigo. (num número 7 de Dezembro de 1932) Aparece num recorte ~~sem data~~ no que a continuação do texto do poema faz-se referência à publicação de Yunque. Este recorte, faz parte do espólio de Blanco Amor, conservado na Biblioteca e Arqquivo da Diputação Provincial de Ourense. ~~Quem o recortou~~ Não se respeitou nenhuma seindicação alguma de título da publicação, ou de datação. Porém, escrito a mão, logo a seguir ao título do poema aparece: "1932. Pueblo Gallego". O carácter de letra parece ser o da do próprio Federico. Pouco antes do aparecimento da colecção dos SEIS POEMAS GALEGOS, organizada e prefaciada por E.B.Amor ainda houve outra reprodução do "Madrigal". Foi na revista catalã Quaderns de Poesia, de Barcelona 1935 ( Nº 4, Novembro), Onde curiosamente - segundo informa Mário Hernández em

---

2. Vid Franco Grande. "Da fantasia à realidade. O 'galego' de F.G.L." Faro de Vigo. 1986, Sabado 28 de Dezembro, p. 44. Bal e Gay afirma que essa loja nunca existiu.

---

(1) "A eira das palavras. Encontro em Madrid con Francisco Lamas". Faro de Vigo. Vigo, 1981, 9 de Janeiro, pág. 22/23. O autor dá o título do poema errado en galego. A apógrafo que publica tem o tútulo em castellhano, naturalmente



Margin notes: ramos o seu / ainda / a mesma / em / ongamente / ingue / ao lado com / recorte / gmento de / una

... apógrafo lorquiano foi reproduzido por Mario Hernández ... Alianza Editorial, vol. V 1981, p. 182 ... "Obra de F.G.L., Madrid ...

lo poema/tradu
ido

"Cronología de Seis Poemas gallegos"(1) esta publicação, que não vimos, apresenta, a diferença de todas as outras, o título em Galego, tal como B. Amor o verteu: "Madrigal â cibdá de Santiago". ~~[illegible]~~ Não seria totalmente descabida a hipótese de que tivesse sido esse poema entregue à revista ~~por Bla~~ pelo prosador galego, talvez atravez da escritora ~~Galega~~ Maria Luz Morales, ~~xxxxxxxxxxx~~ jornalista também galega ~~residente~~ em Barcelona radicada que conheceu F. nesse inverno, altura da estreia de D. Rosita por M. Xirgu na Cidade Condal. Com certeza ~~xxxxxxxxxxx~~ já nesse ~~então~~ os Seis Poemas Galegos ~~já~~ deviam estar em graneis ou mesmo talvez em provas de página.

talvez

Em todas estas edições a puntação varia, em relação à de SPG e mais ainda em relação ao ~~autógrafo~~ lorquiano manuscrito. ~~Em~~ Yunque (~~e~~ em Resol e em El Sol que reproduziram o texto da revista lucense) houve um erro de leitura no segundo verso da terceira estrofe: em vez de laio apareceu ceio, suposta forma de ceo ou céu (cielo) que nenhum dicionario galego regista e que na nossa experiência nunca ouvimos abonada pelo uso oral. Nas versões do Noticiário Español ~~há que apontar~~ e dos Quaderns de Poesia: no primeiro achamos, que no verso ~~oitavo~~ 8º, a palavra final, "lua" foi por ~~XXXX~~ lapso evidente substituida por ~~"XXX~~ "rua"; ~~Nos Quader~~ na segunda dessas publicações, nesse mesmo verso ~~a forma "valeira"~~ "valeira" (vazia) foi mudada para "valdeira", variante morfológica desse adjectivo. A assinatura do poeta, em Resol ~~foi~~ abreviada ~~a "Federico G. Lorca"~~ aparece como patronímico.

alhas adicio-

A acentuação e o uso de maiúsculas e minúsculas no início dos versos – muito irregular no apógrafo lorquiano – provavelmente o seria no seu autógrafo – apresente tambem variações nestas reimpressões – excepto a de Yunque que segue fielmente o manuscrito. Algumas destas alterações representam caprichosas intromissões na estetica do poema – como seja a vírgula que em Resol aparece separando a palavra "Madrigal" do resto do título e a mudança de ponto para virgula no fim do 2º verso da 1ª estrofe; lúa é ali acentuado à espanhola mas não rua. Bastem estes exemplos. ~~Blanco Amor em SPG, fez numerosas~~ As alterações diacríticas e ortográficas, assim bem como as morfológicas e estilísticas que B.A. introduziu na ~~sua~~ edição de SPG(2) serão tratadas nas "Notas" ao texto.

, de Crespo
ZO, . . .

1. Obras de Federico García Lorca. Madrid, Alianza Editorial, 1981, vol. V, pág. 221. Debemos ~~buena~~ parte de ~~toda~~ esta información e cópia del texto de El Sol, ao nosso amigo o notável lorcólogo José Landeyra Yrago,

2. a partir deste ponto referimo-nos a edição de Nós com esta sigla.

ERNESTO
GUERRA DA CAL
"Os 'Seis poemas galegos'
de Federico García Lorca.

# ÍNDICE


I. Memória de Federico.

II. Blanco Amor e os Seis poemas galegos. O "mistério" dos manuscritos e a sua publicação.

III. Os "seis poemas galegos". A sua movência.

1. Os textos. Cronologia e elaboração.

A. "Madrigal a la ciudad de Santiago".

B. "Vella cantiga".

C. "Danza da lua".

D. "Ay, ruada, ruada, ruada..".

E. "Noiturno do adolescente morto".

F. "Cantiga do neno da tenda".

IV. Novas versões espanholas e primeiras versões inglesas e galaico-portuguesas normativizadas.

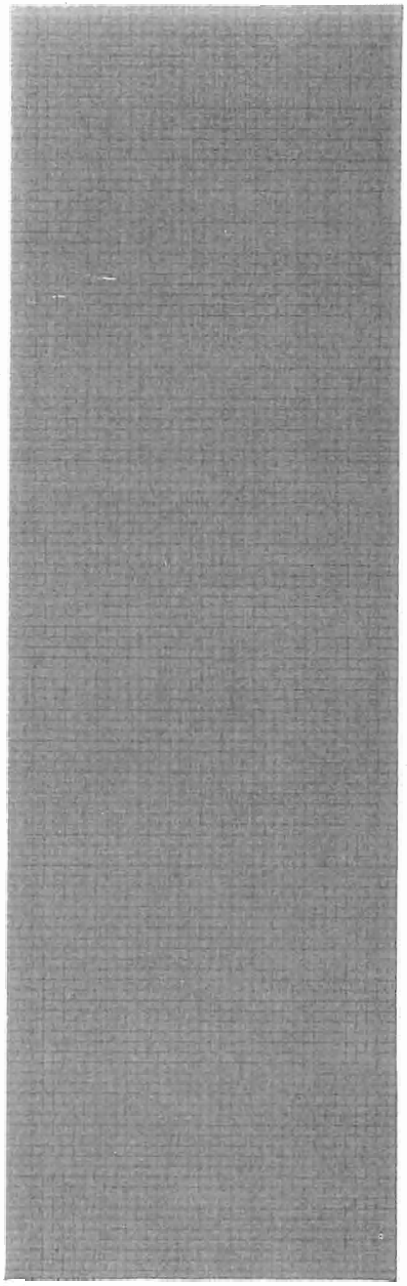
V. Apêndices.

1. Breve história do "Club Teatral Anfistora".

2. Seis autógrafos e desenhos inéditos de Federico García Lorca.

3. Fotografias e outros elementos documentais.

corel



Mar Ferrero Saúl Otero Manolo S
oto Susana Trigo
Helena de Carlos Alfonso Arma
da Malena.
Barreiro
Guerra da Cal José
Tuvilla C
asimiro de Brito Alfredo
Fre
ssía
Paco Tizón Xo
aquín
Agulla Marcelo Leonard An
a Romaní
Claudio Murilo José M.ª
de
la
Pezuela Gabriel Calvar Ux
ío Diz Antonio Zamora Cándi
do Barros Or
fila Manuel Ig
lesias Nimo Si
to Juan M.ª
Fortunato

# Ernesto Guerra da Cal

*ERNESTO GUERRA DA CAL, poeta e ensaista, naceu no Ferrol no ano 1911. Exerceu como catedrático de Linguas e Literaturas Románicas na Universidade de New York.*

*Ten publicados traballos en inglés, en castelán e en galego de temas literarios.*

*Da súa obra poética destaca «Lúa de alén mar» e «Río de soño e tempo».*

*Da súa fonda amistade con Federico García Lorca, a quen axudou nalgunhas formalidades a redactar os Seis poemas galegos, naceu o brioso e inspirado poema Pavana Ritual Para un Poeta Assasinado, traducido ó inglés por D.C. Warnest. Dun libro inédito, a ponto de saír do prelo, MEMORIAL DO FUTURO (Manual de Velhice para Principiantes), son estes dous poemas que amosamos con lecer para nós de agroma-las nosas páxinas.*

## MITO

Venus preta da Bahía!
Anfitrite ecuatorial!

De entre os coqueiros
eu via
a tua figura triunfal
que das espumas surgia
na sua perfeita escultura
de mistura
afro-helénica
de tropical pagania

Despois
num leito de areia
tua oceánica negrura
de escorregadia sereia
nupcial
a minha carne envolvia
dumha tórrida ventura
numha cópula ultra-humana
mitológica e ritual

«Oh! Iemanjá, Iemanjá! (§)

Mas tu nem sequer me ouviste
Sumiste em salto de ninfa
na linfa pura das ondas
da tua moradia escura
deixando-me no areal
co á saudade irremisíbel
desa olímpica aventura
valdeiro, desabitado:
umha simples criatura
branca e só
de triste barro mortal

Do livro inédito MEMORIAL DO FUTURO. (Manual de Velhice para Principiantes).

Cidade do Salvador, Bahía, 1970.

(§) Iemanjá: Divindade afro-brasileira, Raínha do Mar, Padroeira do Amor e a Deusa mais prestigiada no Olimpo do candomblé da Bahia e do Rio de Janeiro.

## LONGE

Fugida sem limites
polo céu núbil
antergo e impoluto
Com lenta presa
eu vou indo
e ouvindo
bem ao longe de min
as limpas badaladas bronzeadas
e devotas
como gotas do sino
da ermida da tua festa
E o siléncio de giesta
e malva-rosa
me revela a distáncia
irremediabelmente oca
da tua auséncia
de cinza tenebrosa
de riada de de páxaros
que nunca desemboca
de baixel de saudade
que naufraga
num temporal de pétalas de lábios adiados
e cartas sem idade
e adeuses transviados
E a fosca e espectral
e macilenta e lenta
lua
cá está sempre conosco
a separar-nos
num firmamento
invadido de nuvens bolorentas
e horizontes de noite fria e nua
Ai!
Neste instante de sal
cómo os dedos recordam
palmo a palmo
o ensalmo de sésamo
dos escuros segredos esquecidos
da vaga geografía do teu corpo
sem pontos cardinais
do teu sexo à deriva
tua cintura de onda
mercurial
os teus seios sem rumo
desatados
a tua voz posesiva
equívoca e redonda
na fondura poliédrica abismal
do espelho, dos teus olhos
sem rédeas
dosbocados
Tudo está aqui no seu lugar
comigo
em vida ardente
palpitante e fósil
e mineralmente soterrado
E Tu
moras remota
no centro do jardim teimosamente meu
involuntário
da memória olvidada
do consuetudinário
E alheia como um lírio
que fose como um dardo
vulneras o meu «eu»
—feito de duas letras diminutos—
e com mao absoluta e distraída
atiras-me o pasado
como pedra banal
E eu o vejo afundar-se
no lago do meu mundo cancelado
com um grito ferido
musical e profundo
como um heroico arcanjo sideral
vencido e mergulhado

Do livro inédito MEMORIAL DO FUTURO. (Manual de Velhice para Principiantes).

Estoril, Dezembro, 1982

# HORA DA HERA

A G...

«Mas quem pode algũa hora
medir o mal com lágrimas
e gritos.»

*LUÍS DE CAMÕES*

Fuga
além dos limites
pelo céu núbil
antigo da promessa

Com suave pressa
eu vou indo
e ouvindo
bem ao longe de mim
as limpas badaladas bronzeadas
e devotas
como gotas do sino
da ermida da tua festa

E o silêncio de giesta
e malva-rosa
me revela a distância
irremediavelmente oca
da tua ausência
de cinza tenebrosa
de ríade de pássaros
que nunca desemboca
de baixel de ansiedade
que naufraga
num temporal de pétalas de lábios
adiados
e cartas sem idade
e adeuses sem saudade
transviados





# OBSCURO MITO

A I...

Vénus preta da Baía!
Anfitrite equatorial!

De entre os coqueiros
eu via
a tua figura triunfal
que das espumas surgia
na sua perfeita escultura
de mistura
afro-helénica
de tropical pagania

Depois
num leito de areia
tua oceânica negrura
de escorregadia sereia
nupcial
a minha carne envolvia
duma tórrida ventura
numa cópula ultra-humana
mitológica
e ritual

«Oh, Iemanjá, Iemanjá!»

Mas tu nem sequer me ouviste
Sumiste em salto de ninfa
na pura linfa das ondas
da tua moradia escura
deixando-me no areal
co'a saudade irremissível
dessa olímpica aventura
vazio, desabitado:
uma simples criatura
triste e só
de barro branco
mortal

CIDADE DO SALVADOR
Baía
1970

JL jornal de letras, artes e ideias

Feira do Livro do Porto
8 páginas destacáveis

Ano V n.º 151 De 28 de Maio a 3 de Junho de 1985 Preço 50$00 Semanalmente, às terças-feiras Director José Carlos de Vasconcelos

Letras

*«Futuro imemorial»: manual decorrente de uma longa experiência de mestre; o amor da terra e da língua; lição de um passado imemorial.*

Língua galega

# O passado imemorial de uma cultura

*Luiz Fagundes Duarte*

Na Babilónia mental que é a Galiza de hoje em dia, qualquer que seja o passo que se dê no sentido do esclarecimento da situação linguística terá que ser extremamente cuidadoso. À primeira vista, porque se trata de um problema **político.** Mas a uma vista mais aprofundada, porque se trata de uma questão **cultural:** e se a política está dependente de circunstancialidades e de quereres enquadrados por estratégias de poder imediatas, geralmente vindas de cima para baixo, a cultura representa o que de mais sagrado existe na memória e na consciência de um povo; porque lhe é intestina e básica. Porém, não se vá com isto entender que a cultura é algo de imperecível: o demónio que ata e desata os cordelinhos do poder é teimoso e persistente; dê-se-lhe tempo, e é capaz de fazer uma nação inteira vomitar e esquecer as coordenadas da sua história cultural: a velha Dalmácia é disso exemplo, e a língua dálmata é uma triste memória já com cem anos de ausência.

Ora, a língua galega está viva. Mas corre um grande perigo de morte. Na Galiza, os demónios do a-histórico estão a servir-se de uma arma terrível: a da **confusão.** A melodiosa língua de pescadores e pastores que resistiu tantos séculos como língua materna e falada, abandonada pelo ramo irmão que é o português fortemente apoiado numa importante literatura multinacional, e paralelamente assediada pelo primo rico e interesseiro que é o castelhano, a partir do momento em que começou a levantar a cabeça para reclamar o seu direito histórico de «sermo politus» tem sido objecto de partilhas entre filhos desavindos: os «centralistas», que encaram o galego como dialecto do castelhano, porque afinal o «castelhano» que na Galiza se fala nem é castelhano nem galego; os «isolacionistas», que branda e ingenuamente acreditam num galego com o estatuto de língua europeia; e os «lusistas», que acham que o galego é afinal uma língua oral que tem no português a sua dimensão literária e histórico-cultural. E, afinal, desta triste cena de partilhas, o único herdeiro eminente e lucrador, mas estranho, é o castelhano que jamais esqueceu ou abandonou a sua vocação de guerreiro e conquistador.

*Guerra da Cal: a si próprio se apresenta como escritor galaico-português*

Acaba de vir a lume uma obra que me parece fundamental no esclarecimento desta questão. Não é um livro de ensaios, nem um manifesto político-cultural «stricto sensu» — é um livro de poemas: **Futuro Imemorial (Manuel de Velhice para Principiantes),** de Ernesto Guerra da Cal. Galego que assumiu a Diáspora, Guerra da Cal apresenta-se como um escritor galaico-português, ou portugalego, pioneiro do reintegracionismo e do lusismo integral. As quase nove páginas do «Antelóquio Indispensável» a este livro constituem, na minha opinião, uma das mais lúcidas e informadas, mas também apaixonadas, análises da situação actual do galego: partindo da dimensão histórica da faixa linguística galego-português, o autor dá-nos um retrato da Galiza que hoje existe, e da «Portugaliza» que se não cansa de sonhar.

Um retrato colorido, sem dúvida — por oitenta e sete poemas escritos num português que não enjeita a tal cultura intestina e básica, e que representa um grande passo em frente no sentido da união linguística entre Portugal e Galiza. No dizer do próprio poeta, «a fusão do galego com o português trará, além do mais, um alargamento dos nossos horizontes culturais, com o conseguinte incremento da nossa produção intelectual e artística — e a abertura para ela de um imenso mercado potencial» (p. 12). Como, de certo modo, aconteceu já com o «neerlandês», que representa uma solução para a defesa do flamengo face à prepotência do francês, na Bélgica.

«Manual de velhice para principiantes» se apresente este **Futuro Imemorial:** manual decorrente de uma longa experiência de mestre a quem o amor da terra e da língua tornou sábio, e afinal dedicado àquela «mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega» (p. 10) e que num futuro memoriável obstará à partilha derradeira da língua que é a língua-mãe de todos nós.

Como reza a história de um passado, esse sim, imemorial. ■

*Ernesto Guerra da Cal*
*Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*
*Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985*

## no eido da palabra

(106)

# Guerra da Cal e Meendiño

XESUS ALONSO MONTERO

Meendiño, o autor desa peza única (única pola calidade e única por se-la única canción que chegou a nós deste noso autor da Idade Media) sigue suscitando comentarios, glosas, gabanzas e notas, que algún día recollerei para os devotos, miles, daquela extraordinaria queixa amorosa que unha rapaza emitiu, no século XIII, na illa de San Simón. Hai pouco referíase ó inmortal poema e poeta e crítico catalán Pere Gimferrer.

Mais, o que hoxe queremos ofrecer ós nosos lectores é un poema, estupendo poema, do noso paisano Ernesto Guerra da Cal, datado en 1973 e que figura no seu recente libro, en portugués, "Futuro inmemorial (manual de velhice para principiantes)". Velaquí o texto:

Mendo
Mendinho
pequenininho
Jogral obscuro:
cítola, fome
e duro caminho
Jogral mendigo
do mar de Vigo

Ficou de ti
só essa cantiga
duma donzela
*virgo que espera*
e desespera
pela delonga
do seu amigo
numa ermidinha
do mar de Vigo

Que desespera
cheia de ardência
de mal de ausência
do seu amado
que nunca chega
E ela se anega**
nas altas ondas
do mar maior
mortal perigo
sem ter barqueiro
nem remador
para a salvar
no mar de Vigo

Mendinho
mínimo
diminutivo
poeta antigo
tenso e intenso
superlativo
poeta imenso
poeta vivo
do ardor de morte
e
morte de amor
no mar de Vigo

Algún día comentarei o prólogo non excelente deste excelente libro de Guerra da Cal, prólogo no que lemos formulacións deste xeito e cariz: "Fui pioneiro do «reintegracionismo» e hoje dou um novo passo á frente: como primeiro escritor galego a abraçar o «lusismo integral»..."

Guerra da Cal, varias décadas brillante profesor de Literatura Portuguesa nos Estados Unidos, residente hoxe, "lonxe de barafundas", en Estoril, acaba de dar un paso "á frente" sen decatarse do precipicio.

Pero non é esta a linguaxe que reclaman os versos de ouro de Meendiño, tan ben evocado no poema de Ernesto Guerra da Cal.

# Cien años de Américo Castro

ANTONIO ODRIOZOLA

**Nos encontramos ante el centenario de Américo Castro, una conmemoración que no debe pasar inadvertida, así como su visita a Galicia.**

Los pasados 3 y 4 de mayo fue grato ver en los diarios El País y ABC un amplio recuerdo para la gran figura de Don Américo Castro, el segundo con una portada rotulada con el primer título de este artículo y en la que se veía la venerable mano del maestro, que el día 4 hubiese cumplido 100 años desde su nacimiento en la pequeña población de Cantagalo (en el estado de Río de Janeiro) de no haber fallecido hace trece años. En el interior de ABC, un artículo de Julián Marías, varias fotografías, un editorial un cuadernillo del "Sábado Cultural" dedicado a su figura y obra.

Fue una sorpresa, pues en ningún otro diario madrileño he visto recordada esa fecha centenaria que no debe pasar inadvertida. Como corresponde a mi modesto quehacer de bibliógrafo, quiero mencionar aquí los importantes libros suyos que recogen su gran aportación a la cultura española y recordar una visita a Galicia hace más de un cuarto de siglo.

En el mencionado número de ABC se dedica una página a su bibliografía, pero aparte algunas equivocaciones, es un lamentable ejemplo de un concepto bibliográfico inadecuado (a mi entender) y que consiste en presentar, por orden cronológico una relación única con un batiburrillo de libros independientes, de obras en colaboración o ediciones de textos ajenos y de trabajos publicados en revistas y periódicos que considero deben figurar en apartados distintos. Fiel a mi concepto, presento aquí una relación de libros independientes (que son los que tienen mayor intereses para el lector corriente y muchos de fácil adquisición) y los he clasificado en los tres grupos que se verán con ordenación cronológica dentro de cada grupo, dando así una visión clara y ordenada de su obra fundamental.

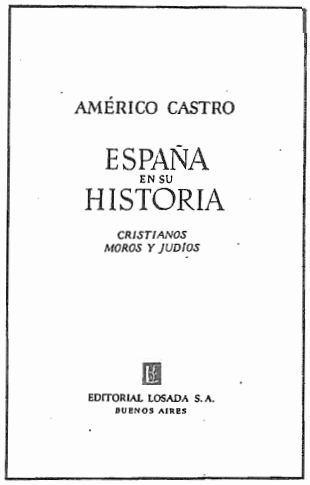
En mis tiempos de estudiante en Madrid sólo había cambiado unas palabras con él en una ocasión, para preguntarle algún dato concreto; su impecable figura y su abundosa barba, nos imponía a todos y especialmente a quienes entonces éramos jóvenes, un extraordinario respeto. Pero, un cuarto de siglo después, tuve ocasión de conversar con él en la oportunidad que voy a relatar.

Fue en la primavera o verano de 1957. Estaba anunciada una visita al Museo de Pontevedra de un buen amigo mío Jesús Rubio y García Mina, en aquel momento ministro de Educación Nacional y que en mis tiempos de estudiante era ayudante de la Cátedra de Derecho Mercantil del famoso D. Joaquín Garrigues y había adornado mi expediente académico en aquella asignatura con algún suspenso, debo confesar que totalmente merecido, por lo que tal detalle no había empañado nuestra amistad. En conversación telefónica con el director del Museo don José Filgueira Valverde, para inquirir si tenía alguna noticia de la llegada del ministro, me confirmó que era esperado por la tarde y a continuación me dijo: ¿a qué no sabes quien va a visitarnos también esta tarde? y después de fallidos intentos míos para acertar, me sorprendió: –¡Don Américo Castro!– Pero si no está en España y no la ha pisado desde que se marchó en 1936, le repliqué. Sí que está en Santiago pasando unos días con Domingo García Sabell, que es quien me ha anunciado su visita.

Creo recordar que el día era festivo o de sábado y como la visita del ministro no tenía carácter oficial, sino que era debida a su interés por las actividades culturales y musicales del Museo, sólo estaba el director y algún alumno colaborador, aparte de mi modesta persona, muy frecuentador del centro, pero al que no nombraron del Patronato hasta diez años después.

Y llegó el ministro y transcurría la visita con toda cordialidad y normalidad, cuando fue avisado Filgueira Valverde de que estaba abajo don Américo en compañía de Ramón Piñeiro. El director se disculpó un momento y fue a saludarlos y a explicar que estaba atendiendo a la visita del ministro y don Américo con toda naturalidad y campechanía le dijo estas palabras: "Mire, Filgueira, baza mayor quita menor, así que siga Ud. atendiendo al Sr. ministro". Así fue como quedó en mi compañía el famoso don Américo, con un para mí sorprendente aspecto, sin su clásica barba. La visita y la conversación fueron muy gratas comentando algunos aspectos de **España en su Historia** (Buenos Aires 1948), libro al que siempre tuve mucho afecto, incluido su bello aspecto tipográfico. En un momento determinado, viendo desde la escalinata la plaza de la leña comentó don Américo que le recordaba mucho a Valladolid y al observar mi cara de asombro, me aclaró que no se trataba de la ciudad española, sino de la Valladolid mexicana que ahora recibe el nombre de Morelia.

Filgueira Valverde con mucho tacto, le había dicho al ministro que se encontraba en aquellos momentos en el Museo don Américo Castro y si le gustaría saludarlo y




Jesús Rubio que siempre fue más culto e inteligente que político, dijo que con mucho gusto y así mantuvieron una breve pero cordial conversación. Lo curioso es que días después, al trascender la coincidencia en Pontevedra, algún imaginativo habló de una entrevista secreta entre un ministro del Gobierno de Franco y una destacada personalidad de la oposición.

### I.– LOS LIBROS FUNDAMENTALES Y FAMOSOS

**1.–El Pensamiento de Cervantes.** Madrid 1925. Junta para Ampliación de Estudios. Nueva edición ampliada y modernizada con notas de J. Rodríguez Puertolas. Barcelona 1972. Ed. Noguer.

**2.–España en su Historia.** Buenos Aires 1948. Ed. Losada. Reedición del mismo texto en Barcelona 1983. Ed. Crítica.

**3.–La realidad histórica de España.** México 1954. Ed. Porrúa. Viene a ser una reelaboración muy aumentada del libro anterior. Ed. renovada en 1962 y con nueva introducción en 1965.

**4.–De la edad conflictiva.** Madrid 11. Taurus Eds. (Col. Persiles). 2.ª Ed. renovada en 1963, 3.ª muy ampliada en 1972 y 4.ª en Madrid 1976. Taurus.

**5.–Cervantes y los casticismos españoles.** Madrid-Barcelona 1966. Ed. Alfaguara. Reedición popular en Madrid 1974. Alianza Ed. (El libro de bolsillo, 494).

**6.–Sobre el nombre y el quién de los españoles.** Madrid 1972. Taurus Eds. (Col. Ensayistas, 100). Es una reunión de los libros 14 y 16, con algunas adiciones.

### II.–ESTUDIOS MONOGRAFICOS

**7.–La enseñanza del español en España.** Madrid 1922. Victoriano Suárez.

**8.–La peculiaridad lingüística rioplatense y su sentido histórico.** Buenos Aires 1941. Ed. Losada. 2.ª Ed. renovada en Madrid 1960. Taurus Eds. (Col. Persiles).

**9.–Iberoamérica. Su presente y su pasado.** New York 1941. 4.ª Ed. revisada New York 1971.

**10.–Castilla, la gentil.** México 1944. Ed. Cultura.

**11.–Ensayo de historiología. Analogías y diferencias entre hispanos y musulmanes.** New York 1950. Feger.

**12.–Santiago de España.** Buenos Aires 1958. Emecé.

**13.–Origen ser y existir de los españoles.** Madrid 1959. Taurus Eds.

**14.–Los españoles: cómo llegaron a serlo.** Madrid 1965. Taurus Eds. Fundamentalmente es el libro anterior.

**15.–La Celestina como contienda literaria.** Madrid 1965. Ed. Revista de Occidente.

**16.–"Español", palabra extranjera: razones y motivos:** Madrid 1970. Taurus Eds.

### III.–TRABAJOS REUNIDOS

**17.–Lengua, enseñanza y literatura.** Madrid 1924. Victoriano Suárez.

**18.–Santa Teresa y otros ensayos.** Madrid 1929. Historia Nueva. Reedición ampliada con título más amplio en Madrid 1972. Ed. Alfaguara. Reed. popular en Madrid 1982. Alianza Ef. (El libro de bolsillo, 869).

**19.–Aspectos del vivir hispánico.** Santiago de Chile 1949. Cruz del Sur. Reed. popular y revisada en Madrid 1970. Alianza Ed. (El libro de bolsillo, 252).

**20.–Dos Ensayos: Descripción, narración, historiografía.** México 1956. Ed. Porrúa.

**21.–Semblanzas y estudios españoles.** Princeton-Madrid 1956. Ed. Insula.

**22.–Hacia Cervantes.** Madrid 1957. Taurus Eds. 2.ª Ed. revisada en 1960, 3.ª Ed. más renovada en 1967.

**23.–De la España que aún no conocía.** México 1971. Ed. Finisterre, 3 tomos.

**24.–Españoles al margen.** Selección de P. Carrero. Madrid 1973. Ed. Jucar y 2.ª Ed. en 1975.

ERNESTO GUERRA DA CAL

# "O português é a minha *Ítaca* perdida e achada"

NATÉRCIA FREIRE

GRANDE importância tem, na sobrevivência de um povo, a sua linguagem. E essa, já o dizia Heidegger, «é dádiva da Poesia (...) é a própria Poesia que possibilita a linguagem. A Poesia é a primordial linguagem de um povo na História. Eis porque, em vez de se compreender a Poesia a partir da ciência da linguagem, deve-se compreender a linguagem a partir da ciência da Poesia».

Penetrar no livro de um poeta galego que na nossa língua se liberta, e em português canta em grande, é empresa que na aventura do Tempo tem lumes de muitos sóis.

Estou-me a referir ao *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)* de Ernesto Guerra Da Cal e de pronto atribuir-lhe o valor que uma tal entrega vem ocupar no mapa da nossa literatura.

O seu título é a proposta da função reguladora dos contrários, a que Heráclito deu realidade no equilíbrio das leis psicológicas. E assim o Futuro é sempre Futuro, sem memória, *mas com manual de velhice para principiantes* pleno de presente e estável juventude. Após ter passado pelos estádios de luta entre a sombra e a luz, de ter ganho o direito à liberdade de quem, órfão de Pai desde pequeno, soube viver, enfrentar a morte, acolher, escolher e metamorfosear o real e o sonho em diversos tempos e lugares, nessa vivência e no encontro de muitas revelações, se descobre e firma na Primeira Pessoa, sem abolir a perigosa conexão com o exterior nem a essencialidade dos contactos cósmicos que interiormente o transcendem e o transportam.

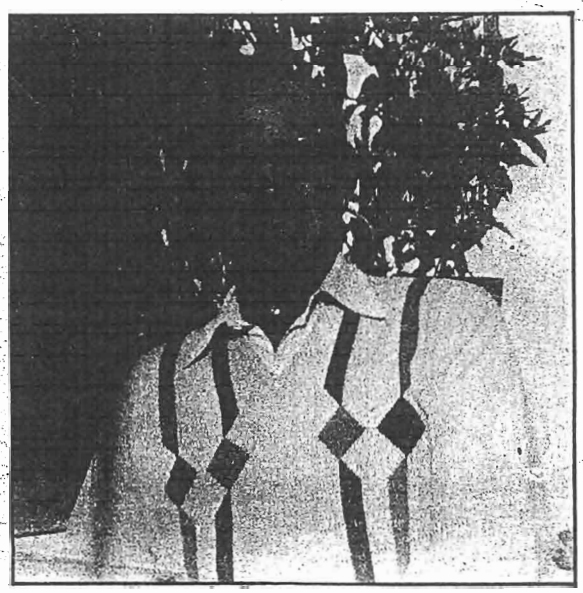
*Dizia José Régio*, que a nossa Literatura era uma Literatura de personalidades.

Incomparável Poeta este, incomparável personalidade de quem, sendo galego de nascimento, se exprime num português muito rico e sedutor, porventura figuração de sereia que abraça, quando canta, a misteriosa alma do Norte da Ibéria, e com ela conluía a multissecular ansiedade, e quasi insularidade, da *ratio* portuguesa.

Além do mais, muito temos a agradecer a Ernesto Guerra Da Cal o seu papel de pioneiro, no desenvolvimento da lusofilia universitária norte-americana. E ainda o seu trabalho de paixão que, em várias edições e várias línguas, se tem espalhado pelo Mundo, e abre ao leitor desprevenido uma espécie de ovo de Colombo, ocluso no segredo encantatório que ele nos revela na prosa de Eça de Queiroz.

## *Amor portugalego*

Foi necessário que o seu amor portugalego acendesse neste Professor e crítico de subtilíssimas antenas, uma espécie de lâmpada mágica de musicais componentes e amplitudes, para que a poesia e o ritmo dos textos de Eça saíssem das águas da celebridade, onde desde há muito o bebemos, em versos definidos, cantantes, tão subtis como brincados, tão subtis como profundos, na harmonia dessa subtileza – e nos explicassem o porquê da enigmática atracção que tem exercido em muitas gerações, tanto portuguesas como brasileiras. Quase quimicamente, sem todavia descortinarmos, nesse atractivo, as proporções, estavelmente oscilantes dos seus compostos. É um empreendimento raro, porventura filho da sabedoria do milagre, esta decifração da estilística queirozziana. Mas é sobretudo, para o leitor português, uma aventura soberba e gratificante, na desmedida dádiva que cortesmente nos faz, oferecendo-nos uma orquestração que o seu ouvido privilegiado, o pulsar do seu coração poético, a compassada viagem do seu Pensamento, pode desvelar lucidamente, geometricamente, numa desmontagem perfeita e verdadeiramente original. Desmontagem que nada tem a ver com divisões. Pelo contrário: com a arrebatadora paixão do seu estudo alargou, de forma inesperada, a obra que parecia exacta, concluída, de Eça de Queiroz.



**Ernesto Guerra Da Cal ou a compreensão da linguagem a partir da Ciência da Poesia**

Por via deste sibilino livro (*O Estilo na Obra de Eça de Queiroz*), a que nenhum português interessado pela nossa Literatura deverá ser alheio, vai-se adiando o entusiasmo com que me achei possuída na leitura do *Futuro Imemorial (Manual de Velhice Para Principiantes)*, de Ernesto Guerra Da Cal. Livro a que apetece dar uma côr de veigas e vergéis: a cor verde. Já Goethe dizia que «a teoria é cinzenta. Eternamente verde é a árvore da vida».

## *Galego é uma forma de português*

Professor universitário na América, da Língua e das Letras Luso-Brasileiras, ao mesmo tempo que ensinava ia cantando em português.

Já que perfilha a afirmação do ensaísta João Viqueira: «O galego é uma língua irmã do português – é uma forma do português» numa espécie de descoberta e refúgio que o fazia escapar às cadeias do quotidiano para se alçar aos espaços criados para a eternidade.

Nas páginas a que chama *Antelóquio Indispensável*, Ernesto Guerra Da Cal, escreve: «*É um facto geralmente aceite que se os poetas têm alguma função na Sociedade é a de sonhar. Como Poeta, embora humilde que sou, reclamo o que de jus me cabe: o direito a sonhar com uma estrutura da Hispânia mais em harmonia com a pluralidade dos povos que a compõem; o direito a sonhar que, nessa nova ordenação, o Minho deixa de ser uma linha de separação política para passar a ser apenas uma bela fita de prata numa paisagem comum; o direito a sonhar com a resposta de uma Galiza livre ao apelo lançado pelo Poeta Lopes Vieira: 'Deixa a Castela e vem a nós!', o direito, enfim, a sonhar com aquela 'Portugaliza' ideal dos dois povos do Cabo da Europa que visionaram Pondal e Teixeira de Pascoais – e Mestre Lapa, vitalício sonhador, que graças a Deus, continua a nutrir sonhos animadores de realidades. A 'Portugaliza' que Rodrigues Miguéis e eu imaginávamos no turbilhão nova-iorquino. A que corria ancestralmente pelas veias de Camões, de Eça, de Pessoa – que é a mesma que esteve sempre presente no sangue deste país desde o seu nascimento. A mesma 'Portugaliza' que levou Alfredo Guisado, João Verde e Maria Manuela Couto Viana, a procurar, em viagem inversa à minha, no uso do galego como língua poética, as raízes pessoais transminhotas. Outra missão dos vates é vaticinar. Será que já estão próximos os tempos 'que os bardos anunciaram' segundo a mensagem profética de Pondal? A voz da fé profética e misteriosa e augural».*

## *O retrato do poeta*

Postas em relevo estas afirmações de Guerra Da Cal devemos transcrever o retrato que o Poeta faz de si próprio no *Museu do Eu*: «*Eu fui na Galiza nado / Reino que tem por orago / o Irmão de Cristo, Sant'Yago / Apóstolo padroeiro / de todos os viageiros / e romeiros...*

Cidadão de estrelas várias e do *magno evangelizador*, vai «*na gaitinha assobiando / e afiando / facas / tesouras / cutelos / de sonhos e pesadelos / à roda / do mundo todo / vagamundo / amolador*. Tal como o lusíada de uma Pátria de pequenas dimensões europeias ele se reparte pelo Mundo, ensinando a novos países da Terra, a transmissão navegada e aventurosa de uma língua cujo sol e cujo ritmo foi claridade de missões e missionários, de seculares osmoses e infinitas sequências.

A Pátria viaja com ele, Pátria de Alma, Penélope que o espera e a que sempre dá o seu amor: *Amo-a / Amei-a sempre, / porque nunca deixei / de estar ligado a Ela / pelo umbigo / Porque Ela foi meu berço / e onde quer que eu morrer / Ela há-de ser / o meu íntimo / e último jazigo.*

É pois com um ser que, como Einstein participa da ideia essencial de que o mundo real é independente do Conhecimento, que estamos em Comunicação. Daí depreendermos que o seu *conhecimento* abarca mais que o real, cria *outro* real, vê *outro* real. Por isso, Guerra Da Cal jamais desperdiça as instruções do *caminho do Todo: Sei que cairei na Terra / como folha de Outono / E sumirei no nada / do não-ser do Além. / Entrarei no silêncio / Como se entra no sono / devagar ou de chofre / passando a ser ninguém. / Sem vislumbre da luz / que revelou a Paulo / o caminho do Todo / Sem Princípio nem Fim / Acredito na Morte / P'ra acreditar na Vida / E em ambas para poder / acreditar em mim.*

Tentemos neste *Resto* bíblico, carismático, divino, ponteado de chagas e de Esperança, na Arte deste Poeta portugalego e universal, profundamente cristão: *Cultiva o teu futuro / Com Amor / Porque ele é o lugar / onde tens de passar / o resto da tua vida / Cultiva Deus com um Amor / Ainda maior / Porque / com Sorte / com Ele irás passar / o Resto da tua morte.*

## *Amigo de Lorca*

Amigo pessoal de Lorca, ouçamo-lo num pequeno excerto da *Pavana Ritual Para Um Poeta Assassinado*. Ouçamo-lo, na tragédia que o arrebata e faz cantar, num cerimonial de sangue e martírio, muito semelhante ao que usa com a bem-amada Rosalía de Castro, de quem prepara uma Antologia, no centenário da sua morte: *Na noite inexorável que a Morte já escolhera / para selar teu canto com seu beijo sombrio / ouviram-se na Alhambra / e entre os ciprestes do Generalife / os soluços das fontes / afogados / E as colunas morunas / nos seus arcos de lua rendilhada / tremeram com um forte calafrio. Doze leões em roda no seu Páteo / rugiram um trovão vulcânico / de pedra / que abafou / em Viznar / A descarga sinistra dos morcegos tricornes / inimigos da Luz e da Beleza / E todas as guitarras de Picasso / E as da Hispania infinita / arranharam a cara num pranto em carne viva / arrepanharam às cabeleiras órficas querendo para sempre emudecê-las (...) Leopardos e pombas / Arcanjos e demónios / Ancestrais minotauros de Tartessos / e Touros milenários / de Assíria e de Guernica / De Creta e do Zodíaco / E as outras creaturas / humildes do bom Deus / todas se inteiriçaram / naquele infindo instante em que a mão gris de chumbo / te arrebatou do teu jardim moreno (...). Federico, estás morto! / Ouves o que te digo? Mataram-te bem morto / De uma morte total / perpétua, irrevogável. / O apetite de sangue saciou-se: O Cordeiro morreu / morreu o Rouxinol.*

Assistimos a um espectáculo de maremotos e terramotos, depegando das entranhas do Mundo as figurações angélicas e demoníacas, de cataclismos concertados entre o Céu e a Terra.

Esta grande Poesia dramática e surrealista, simbolista e lírica, como toda a Arte total, é a experiência dos arquétipos do próprio Poeta, a soma iluminada de várias existências, em vários continentes, em tempos de assombrações, em transições velozes entre a vida e a morte. O Poeta aqui é um centro da Terra.

Então o Livro é a cidade Permanente de Deus bem vivo. Guerra Da Cal não foge à magia, à alquimia, à revoluta fortuna de se deslocar, àvida e subtilmente, entre os tormentos do homem e os desígnios a que vem. À decifração, à luz da letra, de um Ser plural. *Talvez não seja Eu / o Eu que me acredito / Talvez eu seja apenas um mito à superfície (...) Talvez seja um notário de rabona (...) ou aquele arquitecto perdulário / de Verona, um dos meus dois avós / o da linha materna / Quem sabe? / De facto ninguém sabe quantas são as pessoas / e com que obscuro objecto? / que andam dentro de nós.*

## *Uma presença desdobrada*

É o *Futuro Imemorial*, dedicado a Elsie. Devocacionário de conjugal harmonia e Amor.

Uma presença que se desdobra em transparências. Também deste modo o Poeta, neste *Manual de Velhice para Principiantes* é um original, amante do seu tempo no nosso Tempo. Apesar de augure, teve de estudar profundamente as cifras, talvez traçadas com tinta invisível, em misteriosas imagens.

«O Português é a minha Ítaca, perdida e achada» di-lo o Poeta. Como receber este Ulisses, de tão esfusiante lusitanidade? Porque a sua voz tem os céus dos nossos mares, sons do nosso arvoredo, e traz ecos africanos nos ritos brasileiros de Yemanjá. Tudo vem sonhado e redivivo na memória em brasa de uma eterna manhã ou filtrado na teia antiga de célticas paragens, de gregas erosões, enfim, de templos actuais de «colunas morunas» aéreas e reais. Encontro completo com o «tesouro escondido» que Jung Alfim promete àqueles que souberam acertar-se com a sua própria dimensão e convergir nos contrários.

Recolhendo no poema, o que há de universal, revelando no abstracto o concreto, exprimiu o Poeta, o que de mais profundamente intuitivo existe na Humanidade. E ao fazê-lo na nossa Língua, dilatou-a.

Alistado nas milícias galegas para combater na Guerra Civil de Espanha, depois exilado nas Américas, onde faz vingar o seu prestígio de intelectual no mundo académico, o poeta Ernesto Guerra da Cal vê-se agora retratado por Leonardo Mathias

# Ernesto Guerra da Cal — um percurso poético

por LEONARDO MATHIAS *

Eu conheci, vai para mais de 25 anos, em Nova Iorque, o Ernesto Guerra da Cal, por quem logo se prendeu a minha amizade. Ao longo destes anos mais numerosos foram os períodos em que estivemos separados do que juntos, e nem sempre puderam ser tão cheios como eu ambicionaria os encontros que o acaso nos foi proporcionando. Andámos afastados pela distância como curiosamente tanto acontece aos que gostamos uns dos outros. Mas permaneceu intacta a minha admiração pela sua inteligência e a sua cultura, e a valentia e a generosidade e o talento e a irreverência que tão perfeitamente o caracterizam. Se não bastasse a riqueza da personalidade, havia também a paixão comum pelo Eça, que ele conhece tão bem, e esse convívio, que tanta curiosidade desperta, com Lorca e Buñuel. E ainda o ter-se alistado, apenas adolescente, nas milícias galegas, para combater na guerra de Espanha, simples soldado em 36, capitão em 39 e exilado a iniciar novo e rico capítulo de aventura nas Américas, fazendo vingar agora o seu prestígio de intelectual para se afirmar no mundo académico desse outro lado do Atlântico, nada mais nada menos de que com uma tese, a primeira numa universidade americana, sobre literatura portuguesa. O Ernesto que eu então conheci mantém para mim o mesmo fascínio. — «É como o mar», observou há anos uma amiga. Eu também sempre achei que ele era intraduzível. É preciso conhecê-lo, ouvi-lo falar, cantar ou recitar, para avaliar os conhecimentos, a ironia, o coração. Ei-lo que agora publica «Futuro Imemorial» e com um piscar de olhos acrescenta: «Manual de Velhice para Principiantes».

Há no prefácio a síntese do seu permanente combate pela Galiza e a subjectiva presença de Portugal, que identifica Guerra da Cal connosco e o torna português na expressão poética, mística ou lírica, docemente trágica, tragicamente doce. O poema, variado e vasto, fala-nos desse «confuso náufrago», «versátil e difuso», amante da «vaga geografia», «remota» de um corpo com a «proa sempre a Barlavento». Vai de viagem «numa íntima e serôdia partida para a ilha de Citera», onde talvez «triunfam as sombras litúrgicas dos instintos». Perdoe-se-me por mutilar versos e os juntar ao sabor do meu prazer.

Na parte dedicada aos «Paraísos Perdidos e Achados», que é um itinerário de amores, Guerra da Cal sabe ser original na inconstante e voluptuosa versatilidade que o tema permite. Desdobra numa série de poemas um preito de homenagem à mulher, porque é afinal na unidade que se reflectem as sucessivas imagens que apresenta, ou não fossem essas imagens, no seu conjunto, a síntese da paixão ou do desejo, mesmo se diversos os testemunhos. As circunstâncias podem matizar os episódios e eventualmente alterar a identidade dos sentimentos mas não afectam a vertigem, a febre ou a explosão dos sentidos. É porém no seu «Catavento Interior» que talvez melhor condense, passo a passo, uma experiência de certezas e dúvidas, de lembranças e promessas, de crenças ou desesperanças que iluminam as marés do seu mais íntimo vai-vém. Aí é bem fecundo e a obra contém dispersas as rotas que apontam os caminhos lúcidos ou simbólicos do tempo, da ternura, da distância, da morte. O poeta encara-os sem amargura, mesmo se uma ponta de tristeza ensombra a sua alegria de viver. O que pode parecer paradoxal corresponde apenas à consciência da fragilidade e ao que há de circunstancial na existência, mas se deve aproveitar, na brevidade eterna de cada momento «porque a vida canta sem cessar», mesmo quando se anuncia crepuscular a sua luz.

Eu não creio, ao contrário do que já foi dito, que nos devamos demorar a apreciar a obra poética de Guerra da Cal em função da sua origem galega e estabelecer paralelos entre a originalidade da criação literária em Portugal e na Galiza, para situar identidades históricas e culturais e afirmar autonomias. Embora o assunto interesse e valha bem os sérios mas parcos e poucos divulgados trabalhos que a ele se consagraram e embora convenha estudá-lo nas suas múltiplas perspectivas, para tirar ilações que me parecem óbvias, ele não assume, em meu entender, senão aspectos marginais na poesia de Guerra da Cal. Sou dos que admiram nos seus poemas a poesia. Se desperta por vezes a sua inspiração em heróis, paisagens ou saudades da infância ou da terra natal, Guerra da Cal não é um poeta regional, por mais nobre que seja a fonte e o conceito, porque abarca temas universais e os trata com veia genuinamente criadora ora flexível e densa, ora irónica, leve, interrogativa ou melancólica. Não é o próprio autor a reconhecer que «ninguém jamais regressa do desterro à terra que deixou?» Se em todos nós perdura a marca do que fomos, e do que fomos sendo, não cabe ao poeta transformar em versos a riqueza de uma experiência para a moldar e a fazer sentir em cada um? São múltiplos os percursos e porventura, como poderia dizer D.C. Warnest, é nos sonhos ocultos que se esconde a realidade. Em Guerra da Cal é poética, e ergue-se plena, altiva e solitária, como compete.

* *Embaixador em Washington*

13-3-1986.



## andando a terra

M. HORTAS VILANOVA

# Ernesto Guerra da Cal

**Ernesto Guerra da Cal** pra este que escrebe foi —e ainda é—, dende hai moitos anos, unha lénda. Tíñannos falado dél Eduardo Blanco-Amor e Anxel Fole. Referíanse a unha época na que se chamaba Ernesto Pérez Guerra. Según Blanco-Amor, Guerra da Cal era un mozo outo, lanzal, deportista e de grande simpatía persoal.

Sabemos que Guerra da Cal se criou na vila luguesa de Quiroga. Viviu alí cunhos parentes que rexentaban a Tabacalera: os Taboada. Desa familia tratamos a Alfonso Taboada, noso compañeiro de servicio militar, casado cunha filla do señor Uxío do Vilaverde, pai de familia numerosa e, na actualidade, veciño de Madrid onde ocupa un posto importante na asesoría xurídica da RENFE, sigla que se traduce, se non estamos trabucado, por **Red Nacional de los Ferrocarriles Españoles.**

Cando Guerra da Cal, hai anos, publicou os seus primeiros libros de poemas **Lua de Alem-Mar** e **Río o Sonho e Tempo** a súa poesía chamou poderosamente a nosa atención. Sobor de todo as composicións adicadas ao río Sil e ao Val Quirogués polo que este cronista ten unha especial debilidade pois súa aboa materna era nativa do Hospital. Se Anxel Fole é o narrador de Quiroga, Guerra da Cal é o seu poeta e Xosé Estévez —oxe en terras de Donostia— ten de ser o seu historiador. Guerra da Cal e Anxel Fole escribiron palabras fermosas, fondas, suxestivas, esclarecedoras e emocionadas sobor dese paradiso que é a bisbarra quiroguesa.

Nos anos da anteguerra o noso poeta viviu a aventura madrileña. Foi a época da súa amistade con Federico García Lorca, con aquel ourensano increíbel chamado Serafín Ferro cuia vida, milagres, aventuras e desventuras tan ben contou Guerra da Cal nestas páxinas de A NOSA TERRA e do seu trato con Eduardo Blanco-Amor. Remata de poñerse en claro como Guerra da Cal e Blanco-Amor foron os responsabeis dos **Seis poemas galegos** lorquianos aínda que cada ún deles con responsabilidade diferente, cuestión na que non imos entrar nen saír.

A guerra civil levou a Guerra da Cal —na que foi combatente— ao esilio. Andivo por Norteamérica onde enseñou literatura portuguesa, da que é un importantísimo especialista. Xubilado na actualidade vive en Estoril. Non quixo voltar a Galicia. Según él mesmo ten confesado prefire ser un galego de primeira a un español de cuarta.

Ernesto Guerra da Cal

No pasado ano publicou, na Editora Sá da Costa, de Lisboa o seu singular poemario **Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)**. O libro non pode ser máis suxestivo e suxeridor. Preferimos catro composicións: a que abre o volume, titulada **Sina**, rabiosamente autobiográfica; **Pátria; Ao Mariscal Pardo de Cela** e **A Mendinho jogoral galaico-portugués do medievo**. Nestas composicións vive e latexa un fondo e inevitabel amor pola patria galega. Son unha testimuña conmovedora e apaixoante deica o delirio: palabras que firen pra sempre a nosa sensibilidade. Non nos resistimos a transcreber a primeira estrofa do poema **Patria**:

A Galiza
é para mim
um mito pessoal
maternal e nutricio
com longa teimosia elaborado
de louco amor filial
de degregado
(E de facto é também
—porquê não confessalo—
um execrável vicio
sublimado)

No concerto da poesía galega Guerra da Cal ten un rigor e unha música non usada que diría frai Luís de León. Unha música desusada, melodiosa e brusca. É como se se xuntara a dozura do Val Quirogués coa bravura impoñente dos montes do Caurelk: os tesos cumes onde se sinte ben o pouco que é un home, pra decilo con palabra de Novoneyra, a voz daquela inmensidade. Guerra da Cal leva, no máis fondo do seu ser, os rimos da súa infancia e da sua adolescencia: a música do Sil, que ten a libertade das serras, a consistencia da pedra e a ledicia pagana dos viños do Val de Orras, de Quiroga e de Amandi, además do inquedante misterio da Riveira Sagrada.

Cumpría dar noticia do máis recente libro de Ernesto Guerra da Cal: unha escolma da poesía de Rosalía e un cancioneiro no seu louvor, cun prólogo interesantísimo, dado a luz por unha importante editora lisboeta.

Maxinamos ao poeta Ernesto Guerra da cal en Estoril frente ao Atlántico das ousadas navegacións e das clásicas descobertas —un poderoso poema de Fernando Pessoa— contemprando nèboas sotiles e arrolado coa música das ondas namoradas dos versos de Martin Codax. Pro tamén con fondas saudades do seu Cantábrico ferrolano e nativo: o mar polo que os celtas botaron, pra sempre, a navegar os seus ensoños.

## músicos de galiza

XOÁN M. CARREIRA

# Ramón Cuéllar y Altarriba

(Zaragoza, 20-IX-1770 / Santiago, 7-I-1833)

Compositor e organista. Tivo como mestre na catedral de Zaragoza a Javier García Fajer "Il Spagnoletto", o máis influinte músico desa época en España. No 1792 é nomeado contrabaixista da capela de Zaragoza. No 1795 organista na de Roda (Huesca). No 1798 do Pilar e ao ano seguinte mestre de capela e organista de Huesca, por méritos; ali profesa como sacerdote no 1805.

No 1812 gaña as oposicións ao maxistério do Pilar, mais unha série de problemas, dos que non era ausente o apoio á causa constitucional, obrigouno a deixar Zaragoza. Aínda así compre subliñar que no 1815 solicita ser nomeado músico honorário da Real Capela e se lle concede; o seus biógrafos Guy Bourligueux escrebe: "Siempre manifestó Cuéllar fidelidad a la Familia Real y repetidas veces afirmó el Patriarca de Indias que le hubiera gustado tener a nuestro músico como maestro de capilla u organista de la Real Capilla del Palacio de Oriente en Madrid". Doutra banda, cando deixa Zaragoza segue a manter excelentes relacións co Cabildo que lle pede cópias das suas composicións.

En Xaneiro de 1817 gaña o maxistério de Oviedo tras dunha oposición moi dura na que formaban tribunal Melchor López e Gaspar Schmidt. Nesta oposición compite con Ramón Palacio, quen lle sucederá no Pilar e a quen atopará logo en Santiago. Unha vez en Oviedo gaña a estima do Cabildo pero no Triénio Constitucional o seu pro-liberalismo o leva a graves enfrentamentos que rematan co seu despido no outono do 1823; despido seguido dun longo e complexo pleito.

Aspira ao maxistério de Santiago e ao de Córdoba e finalmente, o 18 de Novembro de 1828 toma posesión da praza de organista de Santiago que ocupará até a morte. Mais tarde confíaselle o cargo de vice-mestre de capela, sen salário complementário, causa do grande volume de composicións conservadas en Santiago. Porén desapareceu a sua obra de Oviedo, posibelmente destruída por represálias ideolóxicas, de seguir a tese de Emilio Casares.

O republicano Saldoni ensalza a Cuéllar pola sua ideoloxia e grande parte do interés despertado polo autor provén do seu credo liberal. Surprendentemente é moito menos estudado Bros, o mestre de León que vai ser alcalde constitucional da cidade no Triénio. De todos xeitos e á marxe da grande importância das liortas ideolóxicas nas capelas, Cuéllar é un compositor que compre publicar e interpretar. A sua recuperación será o recoñecimento da transición estética na música da época da man dun temperamento apaixonado e dun músico de excelente formación técnica. Non é moi comprensíbel as razóns do esquecimento da música dun autor tan estudado na sua biografia, ainda cando existe unanimidade nos autores sobre a grande calidade das composicións de Cuéllar. É de esperar que López-Calo inclua música deste autor nas edicións de Zamora, Santiago, La Rioja, etc. previstas para os próximos anos.

**Catálogo:** *En Santiago:* 3 Misas, 9 Salmos (2 son miserereres), 2 Magníficats, 8 composicións várias en latín e 3 en castellano. En *Burgo de Osma:* 1 Misa e 1 Miserere. *En Calahorra:* 2 Misas máis uns fragmentos; 1 Salmo e 1 Motete. *Na Capela Real de Madrid:* 1 hino ao nascimento da infanta Mª Isabel. *En Salamanca:* 1 Misa. *En Santo Domingo de la Calzada: 1 Misa, 5 Salmos (2 son miserereres) e 1 Magnificat. En Oviedo:* 1 Misa. *En Zamora:* 1 Miserere. *Atribucións: 1 Salmo en Burgo de Osma e o "Himno a Espartero".*

***Bibliografía:*** *Raúl Arias del Valle:* "Expulsión y proceso del maestro Cuéllar. (Oviedo, 1823-1836)". En Revista de Musicología. II. Madrid 1979. *Guy Bourligueux:* "El compositor don R.C.A. Organista de la catedral de Santiago de Composterla (1777-1833)". En "Compostellanum XV, 2º; Santiago, 1970. *Id.*—"Unas oposiciones al magisterio de capilla de la catedral de Oviedo". En "Boletín del Instituto de estudios asturianos" XXIV. Oviedo, 1970. *Id.*— "Apuntes sobre los maestros de capilla de la catedral de Oviedo (1724-1823)". En "Bol. Del Inst. de Est. Ast.". XXV. Oviedo, 1971. *Emilio Casares:* "L a música en la catedral de Oviedo". Col. "Ethos". Música. Oviedo, 1980. *Hilarión Eslava:* "Lira Sacro-hispana". Siglo XIX. Madrid. 1869. *José López-Calo:* "Catálogo mujsical del archivo de la Santa Iglesia Catedral de Santiago". Cuenca, 1972. *Id.*— "La Música en la Catedral de Zamora". Zamora 1985. *François-Joseph Fétis:* "Biographie Universelle des Musiciens". Paris. 188. *Rafael Mitjana:* "La musique en Espagne" Paris, 1920. *Felipe Pedrell:* "Diccionario biográfico y bibliográfico... Barcelona. 1897. *José La Puente y Vilanúa:* "Biografía del presbítero D.R. Félix C.A., músico honorario... "Oviedo. 1854. *Baltasar Saldoni:* "Efemérides de músicos españoles...". Madrid 1860. *Id.*— "Diccionario bio-bibliográfico...". Madrid, 1880. *Mariano Soriano Fuertes:* "Calendario histórico musical para el año 1873". Madrid 1872. *José Subirá.* "Historia de la música española e hispanoamericana". Barcelona 1953. *Dámaso García Fraile:* "Catálogo del Archivo de música de la Catedral de Salamanca". Cuenca, 1981. *Miguel Gómez Uriel.*— "Bibliotecas Antigua y Nueva de escritores aragoneses de Latassa...". Zaragoza, 1884.

EDICIONS.— *H. Eslava.* Op. Cit.

## os nomes dos lugares

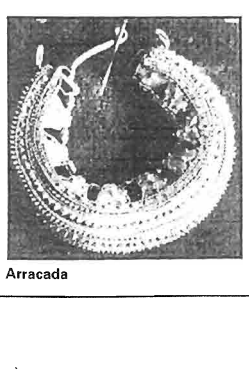
CESAR VARELA

# O Irixo: un trasacordo a tempo

Hai xa tempo ocupámonos nesta sección do nome deste montesío concello da parte ourensán, fronteiro xa coas terras pontevedresas de Montes.

Recolliamos daquela a opinión que circulaba na literatura usual que se ocupa destes temas, era esta: os nomes do *Irixoo* mesmo que *Irixoa* no Ferrol e máis os lugares de nomes *Grixoa* ou *Grixó* procedian da evolución da palabra *Ecclesia* e estarian pois, referidos ás primitivas igrexiñas que inzarian polo noso país como xuntanza ou asamblea das comunidades labregas baixo a primitiva ideoloxia cristián.

Posteriores lecturas e cavilacións sobre nomes semellantes como: *Eirexe, Airexe* ou *Eirexado* en lugares onde non hai memória de ter habido igrexa nengunha, fainos pensar que aqueceria máis postular que tales nomes proceden todos dunha evolución do latin ao galego da palabra *Agro* que orixinaria nomes como *As Airas* como procedente de *As Agras*; aplicando este esquema xenerativo, xunto co feito de existir no mesmo concello do *Irixoo* lugar da *Ponte Irixe*, resultaria máis doado a procedéncia da voz *Agridio*, que non teria problemas para chegar a *O Irixo* pasando por *Airixo* e respondería ben á fisonomia destas terras cheas de agros.



Arracada

Esta procedéncia de *Agridio*, presentaria menos dificuldades evolutivas que a sua pretendida orixe de *Ecclesia*, que precisaria explicar algun paso intermédio adicional.

Por outra banda, o *Ager* latino á forza ten que ter sido un tema fecundo no nomeamento de moitos lugares galegos como corresponde á estrucura fortemente agrícola do noso país.

Este tema do agro daranos resultados moito máis abondosos en próximos traballos.

José Lívio Dantas

# AS MEMÓRIAS DO SENHOR EMBAIXADOR

Memórias existem de todo tipo: realistas e românticas, impressionistas e expressionistas, biográficas e historiográficas, místicas e confessionais, e até memórias cartorárias. É um território literariamente amplo, fecundo mas atidentado, onde cabem, em seus níveis mais altos, as confissões, e, la pelas baixadas, os depoimentos e as narrativas de viagem. No meio ficam as memórias autobiográficas propriamente ditas, que não se pretendam habitar nem as culminâncias de exomologeses, tipo Santo Agostinho ou Jean-Jacques Rousseau, nem descer às platitudes de guias turísticos como certos livros de viagem. Sejam quais forem os terrenos palmilhados, memórias são memórias, isto é, coisa necessariamente do passado que, como um fluido, tende a se tornar cada vez mais rarefeito até se perder na chamada noite dos tempos. Bem entendido, quando não adequadamente preservado. A preservação de alguma forma - e o livro é uma delas - é que significa a concretude do fato subjetivo, da situação memorizada ou da verdade histórica, por mais que um cético como Aldous Huxley tenha dito que "**the is no such thing as historical truth; there are only more or less probable opinions about the past, opinions which change from generation to generation**". Embora cético demais da conta, Huxley não o foi a ponto de descrer de sua verdade histórica, concretizada nas próprias antimemórias de que "As Portas da Percepção" chega a ser um exemplo.

*Embaixador Jayme de Barros*

Por ser um gênero literário que coabita, repito, o mesmo território das confissões, dos depoimentos e das narrativas de viagem, as memórias pertencem ao reino da não-ficção por excelência, onde se supõe que tudo tenha sido real, desde personagens com nome, sobrenome e atestado de registro civil até situações históricas passadas em julgado. Zonas crepusculares, só mesmo as que o processo mnemônico fisiológico traira e que, por isso mesmo, se tornam desculpáveis.

No Brasil, os memorialistas mais assíduos nas prateleiras das livrarias têm sido, de longe, os diplomatas. Afora as marcantes exceções contemporâneas de um Antônio Carlos Villaça e de um Pedro Nava, todos os nossos grandes cultivadores do gênero foram e são da carrière: Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Rodrigo Octavio, Gilberto Amado, Raul Bopp e, em nossos dias, Aurélio de Lyra Tavares cujo "O Brasil de Minha Geração" tem um forte sopro diplomático em meio às evocações políticas e militares.

Agora é a vez, oportunissima vez, do Embaixador Jayme de Barros com seu **Chão da Vida** (Leo Christiano Editorial Ltda., Rio de Janeiro, 1985, 570 páginas), talvez a mais peculiar de nossas memórias diplomáticas por unir no mesmo entrelaçamento inconsútil as diversas experiências de vida do Autor social, literária, política, artística sim, e artista também o amante da arte e, sem hierarquia de ordem, diplomática. A trajetória narrada pelo Embaixador Jayme de Barros, desde os verdes canaviais de Campos até o brilho ofuscante dos salões de Paris, Nova York, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Praga, se traduz realmente numa vida cheia e bem vivida, tão cheia e bem vivida que até parece algo previamente planejado com esmero e precisão de cálculos, como uma obra de arquitetura.

O Embaixador Jayme de Barros decidiu-se, desde as primeiras páginas de "Chão da Vida", a não se deter demasiado nas possíveis memórias amargas, que certamente também as teve. Por isso, a algum leitor menos avisado poderá perpassar a impressão de que ele só conheceu o lado **dois de rose**, os privilégios e as mordomias da vida. Mas não. Sobre os privilégios e mordomias de um mundo feérico, que a outros teria deslumbrado sem remissão, o Autor transita com a naturalidade de um grande senhor e de um brasileiro de fidalga estirpe. Narrador de primeira água, apostilando suas descrições com referenciação sacada de uma vasta cultura humanística, o Sr. Jayme de Barros sabe como estabelecer de imediato a empatia com o leitor, levando-nos pela mão à presença de vultos históricos e personalidades célebres que povoam a mitologia particular de muitos de nós. Vlaminck, Raoul Dufy, Utrillo, Portinari, Villa-Lobos, Getulio Vargas, Bernanos, Guiomar Novais, Bidu Sayão e muitas outras figuras da hagiografia deste século, algumas ainda vivas, felizmente, como a admirável Bid Sayão.

"Chão da Vida" é todo um desfilar de lugares, situações e personalidades que despertam no leitor um vivo interesse. E se existem no livro algumas zonas crepusculares, como atribuir a Washington Luiz a criação do cruzeiro para substituir o mil-réis (pag. 71) ou colocar Tancredo Neves no Ministério da Justiça em 1945 (pag. 222) quando só lá chegou em 1954, elas não chegam a toldar a beleza do mural que é "Chão da Vida". De leitura absorvente, inclusive pela técnica de grande estilista que possui o Autor, "Chão da Vida" passa a integrar a galeria de nossas memórias na melhor tradição de Nabuco, Oliveira Lima, Amado e Rodrigo Octavio.


37 anos - de julho de 1949 a dezembro de 1984

*As Universidades e Bibliotecas*

**MICROFILME DO "JORNAL DE LETRAS"**

Adquira para as Universidades e Bibliotecas o microfilme do JORNAL DE LETRAS em 8 rolos, de acordo com o tipo internacional 100 pes sem perfuração. Telefonar para 236 0727 ou procurar a redação na Rua Barata Ribeiro 774 Grupo 1 001 Copacabana



*JORNAL DE LETRAS*

MENSARIO DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

**EXPEDIENTE**

**Correspondência:** Caixa Postal 44068
CEP 22051 - Rio de Janeiro - 236-0727
**Redação:** Rua Barata Ribeiro 774 sala 1001
CEP 22051 - Copacabana - Rio de Janeiro
**Direção:** ELYSIO CONDE
**Assistente:** Fernando Sales.
**Redator-Chefe:** Carlos Fonseca
**Redação:** José Lívio Dantas, Deiso Renault
**Diagramação:** Claudio Prudente de Moraes.
**Comunicação Social:** Maurilio Augusto Silva
**Departamento Jurídico:** Dr. José Martins dos Anjos e Adonias Teto.
**Circulação:** Antônio Carlos de A. Vulcão
**Contabilidade:** Manvaldo de Araujo.
**Publicidade:** Eliete Agaraz.
**Conselho Fiscal:** Antônio Olinto, Carlos Drummond de Andrade, Jaiso Cunha, Fernando Segismundo.
**Representante em Portugal:** Luis Forjaz Trigueiros
Rua da Imprensa à Estrela 19 1º - Lisboa
**Preço do Exemplar:** Cz$ 4,00.
**Assinatura Semestral:** Cz$ 25,00.
**Exterior Anual Aérea:** US$ 80.
**Distribuição:** Distribuidora Imprensa.

O Jornal de Letras é publicado onze vezes ao ano, circulando na 2ª quarta-feira de cada mês.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores



O DIA
mãos dadas com o povo

**A direção do JORNAL DE LETRAS agradece a colaboração de O DIA no preparo desta edição. É o apoio ao desenvolvimento cultural em nosso País. O JORNAL DE LETRAS é composto e impresso nas oficinas da Editora O DIA Ltda. Rua Riachuelo, 359, RJ.**


## *Pernambuco, carioca e goiano ganham Prêmio Guararapes, da UBE*

O Prêmio Guararapes de 1985 da União Brasileira de Escritores - UBE - e que tem o apoio da Prefeitura Municipal do Jaboatão, Pernambuco, destinado a obras de ficção, dividido em três categorias e no valor total de Cz$ 15 000,00 - quinze mil cruzados - foi ganho pelos livros As lagrimas das coisas, de Maria Stella de Faria, do Rio (Categoria A); O contemplado com Cz$ 6 672,00, **Giramundo**, de Lamartim Scandiuzzi, de Cristalina, Goias (Categoria B) que receberá Cz$ 5 004,00, e **O romance da Besta Fubana**, de Luiz Berto, pernambuca radicado em Brasília (Categoria C), premiado com Cz$ 3 336,00.

Na Categoria A são premiados livros inéditos de qualquer autor; na B, livros inéditos de autores inéditos em livro, e na Categoria C, livros publicados em 1984 e 1985. Fizeram parte da comissão julgadora Stella Leonardos, João Climaco Bezerra e Renard Perez. Os premios serão entregues na Academia Brasileira de Letras, as 16 horas do dia 18 de abril próximo, ocasião em que serão entregues os diplomas de menções especiais e honrosas e de Personalidades e Méritos Culturais.

MENÇÕES

Na Categoria A, obtiveram menções especiais os livros **O sangue da liberdade**, de Everaldo Moreira Veras, de Olinda, Pernambuco; **Fuga Mágica**, de José Edson Gomes, cearense radicado no Rio; e **A Espectadora**, de Amélia Sparano, do Rio; e menções honrosas **Hóspedes da Chuva**, de Sandra Lyon, de Belo Horizonte, MG; **Mais uma boca**, de Orlando Pereira dos Santos, de Salvador, BA; **A primeira vez**, de Sepúlgio da Rocha Kleinsorge, de Juiz de Fora, MG; e **A pedra enferma**, de Wanda Fabian, do Rio de Janeiro, RJ.

Na Categoria B, as menções especiais foram para **O romance de H...**, de Eugênio Tucci Neto, do Rio; **Tolices**, de Argemiro de Figueiredo, também do Rio; e **Imagens**, de José Antonio Moreno D'Almeida, da mesma cidade; e as menções honrosas para **O umbuzeiro e outros contos**, de Vera Siqueira, da capital de São Paulo; **Eu cego**, de Luiz Gustavo Grandinetti Castanho de Carvalho, do Rio.

As menções especiais da Categoria C couberam aos livros publicados **Pau Brasil** de Dinorath do Valle, de São José do Rio Preto, SP; **A voz submersa**, de Salim Miguel, de Florianópolis, SC; e **O pendulo do relógio**, de Charles Kiefer, de Porto Alegre, RS; e as menções honrosas a **O diabo se chega ao meio dia**, de Cicero Sandroni, **O pais da cachaça**, de Gilson Rebello, do Rio; **RJ Uma sombra nas ruas**, de Cleonice Rainho, de Juiz de Fora, e **Helena do Borel**, de Clair de Matos Santos, do Rio de Janeiro, RJ.

PERSONALIDADES E MERITOS

Como faz todos os anos por ocasião da entrega dos seus premios literarios, a UBE vai homenagear aqueles que, nos diversos campos da cultura, se destacaram por sua atuação, sejam pessoas, sejam instituições. Receberão diplomas de Sócio-Honorario o Prefeito Municipal do Jaboatão, PE, Jose Fagundes de Menezes, e os escritores venezuelanos Ramon Urdaneta, Heli Colombani e Oscar Mora Contreras, responsáveis principais pelo êxito do I Congresso da Federation Latinoamericana de Sociedades de Escritores, realizado no ano passado em Caracas, e Pascual Venegas Filardo, um dos expoentes da cultura venezuelana. Serão homenageados Especiais Fernando Lobo, Mário Lago e Radamés Gnatalli. Os diplomas de Personalidade Cultural vão ser concedidos a Antônio Nassara, Amaury Vasconcellos, Alberto Cunha Melo, André Carvalho, Antônio Gomes da Costa, Beatriz Segall, Carlos Lima, Dinorath do Valle, Edino Krieger, José Raymundo Martins Romêo, Manuel Higino dos Santos, Roberto Pereira, Ronaldo Cunha Lima e Telênia Hill. Caberão os diplomas de Mérito Cultural a Aleixo Leite Filho, Celestino Sachet, Dylmo Elias, o programa Galpão, da TVE, Gino Takahashi, Nélio Pinheiro, o jornal **Mulherio**, a OLAC, dirigida por Afrânio Coutinho, Paula Saldanha, Roberto Werneck, Rolando Boldrin, Wanderley Cabral Xavier e Washington Novaes.

# ROSALÍA DE CASTRO

Antologia poética

*Cancioneiro rosaliano*

organização de Ernesto Guerra da Cal

# *ROSALIA NO MUNDO*

*Gilberto Mendonça Teles*

A coleção "Poesia e Verdade", da Guimarães Editora, de Lisboa, acaba de lançar, num mesmo volume, uma **Antologia poética** e um **Cancioneiro rosaliano**, em homenagem ao centenário da morte da grande poetisa galega Rosalía de Castro, comemorado o ano passado.

A organização e de Ernesto Guerra da Cal, ilustre estudioso das literaturas galega, portuguesa e brasileira. A sua notavel experiência de poeta, de crítico e de pesquisador das literaturas ibéricas, bem como a sua atividade de professor em várias universidades americanas (inclusive na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde esteve como professor visitante), estão patenteadas em livros como **Lingua e estilo de Eça de Queiroz**, um dos mais importantes estudos de estilística narrativa em língua portuguesa.

Pela propria natureza metodologica da estilistica, que encontrou um campo favoravel no exame da microestrutura da linguagem poetica, pouca coisa se fez no Brasil e em Portugal sobre análise de estilo dos discursos narrativos. É possivel que isso tenha contribuido para o afastamento dos estudos estilisticos da area universitaria, sobretudo quando o estruturalismo pôs em moda a análise dos diversos tipos de textos narrativos. Assim, o estudo de Guerra da Cal sobre Eça de Queiroz foi realmente um passo além, mostrando que a falência não era bem a do método estilistico, mas dos vários filólogos e linguistas que, sem muita sensibilidade literária, terçavam armas com o texto poético, cujas estruturas pareciam mais adequadas às suas análises. Guerra de Cal soube sondar as estruturas lingüísticas do estilo do grande romancista português, anotando as suas principais tendências expressivas, seus torneios de elegância e de ironia e a sua força criadora diante das possibilidades da língua portuguesa. Tudo isso feito com clareza, numa linguagem crítica de inegável bom gosto.

A publicação da **Antologia poética** de Rosalía de Castro, seguida do **Cancioneiro rosaliano**, reafirma as qualidades críticas de Guerra de Cal e põe em cena, para leitores luso-brasileiros, os melhores momentos poéticos de quem é a mais importante figura de toda a literatura da Galisa.

Ao escrever em galego os seus dois primeiros livros de poemas (**Cantares galegos**, 1863, e **Folhas novas**, 1880), Ropsalía de Castro tomou corajosamente uma atitude literária que, além de reativar em tom maior o lirismo de uma não tradicionalmente poética, deu a seu povo a consciência politicas e cultural que durante anos o centralismo espanhol procurou esvaziar.

Voltando-se para as coisas comuns de sua terra, Rosalia de Castro pôs em relevo a força telúrica e a nostalgia céltica de um povo que se via estrangeiro na sua própria terra, que ia deixando de falar a "doce lingoaxe", pátria lírica dos trovadores e mátria de todos nos, falantes do português.

O **Cancioneiro rosaliano** reúne quarent a e nove poetas da Galiza, de Portugal, da Catalunha, do Brasil e da America do Norte, espécie de horizonte de recepção do talento lírico de Rosalia, prova de que a sua poesia tem o dom de enternecer todos os que têm o privilégio de a ler no original. A nossa Cecilia Meireles chega a escrever que gostaria de fazer ressuscitar e conhecer pessoalmente Rosalia: "**E que Santa Teresa me perdoai, mas é assim, naturalmente... tratando-se de poesia e não de santidade**". E eu mesmo, ouvindo na Galiza certos traços lingüísticos quase idênticos aos do falar do interior goiano, pude escrever que "**No teu cantoou no teu conto; no teu 'timbre virinal', vou soletrando soidades vou navegando este mar, quero ouvir lá d'outra banda/ nas 'lonxuras' de Goiás,/ aquele 'fondo sin fondo' de Brasil e Portugal**".

Para Jacinto do Prado Coelho, Rosalia de Castro é "um dos mais altos valores da poesia universal". E para Gerald Brennan, citando na apresentação de Ernesto Guerra de Cal, ela é "the greatest woman-poet of modern times".

JL
jornal de letras, artes e ideias

Ano VI n.º 221 De 29 de Setembro a 5 de Outubro de 1986 Preço 60$00 Semanalmente, às segundas-feiras Director José Carlos de Vasconcelos Director adjunto Luís Almeida Martins

TORGA: "Respiro todo o ar peninsular" pág. 28

# Agustina: 'A escrita é uma religião'

• Um "policial" na gaveta

Entrevista págs. 2/4

Fernando Dacosta lido por Melo e Castro

## "O Viúvo vai causar agitação cultural..."

Pág. 5

Festival de Cinema da Figueira

## Morrer (mais) um pouco?

Pág. 13

A coluna de Freitas do Amaral

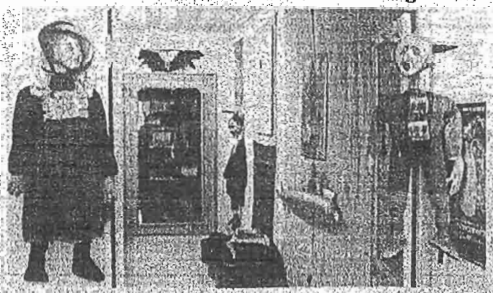
## Um certo elogio do Setembrismo

Pág. 19

Museu, encontro, espectáculos

## O regresso das marionetas

Pág. 14/17



## A Rosalía de Guerra da Cal

Págs. 8/9

Antologia

# A Rosalía de Guerra da Cal: uma mulher total

*Uma antologia organizada pelo prof. Ernesto Guerra da Cal contribui para uma mais ampla divulgação entre nós da poesia de Rosalía de Castro, a mais significativa e talvez universal das vozes líricas da Galiza. Completa o volume uma selecção de poemas dedicados a Rosalía ou inspirados pelas suas figura e obra.*

*Luiz Fagundes Duarte*

Que para mais não seja, a morte de um poeta serve — tanto em situações de crise de identidade de um povo, como de exaltação dessa mesma identidade — de pretexto para comemorações de cariz étnico-cultural. Comparado com qualquer outro tipo de personalidade (cientista, político, artista plástico, pensador), o poeta é aquele que apresenta maiores possibilidades de, uma vez morto, ser alçado à categoria de símbolo nacional, quase sempre na proporção directa da marginalização a que em vida foi sujeito.

Rosalía de Castro (1837-1885), poeta geralmente conhecida como a «mãe» da poesia galega moderna, porque foi a primeira que, desconhecendo provavelmente a rica poesia galego-portuguesa medieval, pegou na língua agráfica e aliterária dos camponeses e pescadores galegos e a reelevou à categoria de língua gráfica e literária — Rosalía não poderia fugir a essa fatalidade, e não foram poucas as iniciativas levadas a cabo ao longo do ano de 1985 como forma de comemoração do centenário da sua morte. Uma dessas iniciativas foi da responsabilidade do «JL» (cf. n.º 155).

Mas a memória de um poeta não vive apenas de comemorações: a melhor forma de o manter vivo é estudar-lhe e divulgar-lhe a obra, de modo a que esta não seja uma mera referência passiva, mas sim um objecto concreto de fruição e consumo colectivo. Como acontece em regra com todos os escritores que não dominaram em vida a máquina da política cultural e editorial, a obra de Rosalía tem sido sujeita a uma contingência tal que chegou aos leitores actuais traída e deformada: por razões **políticas**, dado o estatuto de subalternidade da nação galega no âmbito do Estado espanhol, que vive em grande parte da predação cultural sobre as nações distintas que o integram; por razões **filológicas**, porque o completo aniquilamento a que o idioma galego foi levado por séculos de sujeição político-cultural teve como consequência a sua relegação para o grande grupo das línguas agráficas, o que fez com que Rosalía, que não tinha conhecimentos linguísticos, tivesse que usar um sistema de escrita próprio, eivado de castelhanismos de toda a espécie, situação essa que ainda não foi tratada da melhor maneira pelos filólogos que lhe estudam e editam a obra, e que na sua maior parte se têm mostrado incompetentes na matéria.

Em jeito de comemoração do seu centenário, e esquecendo os congressos, colóquios, seminários e outras amáveis iniciativas do género (o que Eduardo Prado Coelho classificou, recentemente, como «maravilhosas invenções» a cuja sombra intelectuais e investigadores dão passeios internacionais) a esse propósito realizados um pouco por todo o mundo de expressão ibérica, vou referir aqui duas iniciativas úteis com vista à divulgação da obra rosaliana: a edição crítica das **Folhas Novas** realizada por Elvira Souto Presedo (Ourense: Associaçom Galega da Língua, 1985, de que já dei conta no «JL», n.º 172, p. 19), e a **Antologia Poética** com um **Cancioneiro Rosaliano**

*Rosalía de Castro, retrato da maturidade*

organizados por Ernesto Guerra da Cal (Lisboa: Guimarães Editores, 1985), de que a seguir falarei.

## A antologia

Ernesto Guerra da Cal, galego da diáspora que se notabilizou como «Professor Emeritus» da Universidade de Nova Iorque e como estudioso da obra de Eça de Queiroz (campo em que actualmente é a maior autoridade), seleccionou para esta Antologia 63[1] poemas de Rosalía: 6 extraídos do primeiro livro escrito em galego pela autora, os **Cantares Galegos** (1863), 38 de **Folhas Novas** (1880), 17 de **En las Orillas del Sar** (1884), e 2 que apareceram avulsos e que servem de abertura («Poema a Luís de Camões», publicado pela primeira vez no ***Almanach das Senhoras para 1885***, Lisboa: 1884) e de fecho («A Pilar Castro Alván», de 1882, escrito em castelhano e publicado em fac-símile em **Homenagem a Rosalía de Castro**, Porto: Câmara Municipal, 1955) à Antologia. Temos, assim, 45 poemas em galego e 18 em castelhano.

O facto de Rosalía ter sido bilingue levantou problemas ao organizador, que se viu obrigado a escolher entre duas alternativas possíveis — mas ambas problemáticas — para apresentar a obra aos leitores portugueses: ou transcrevia os textos na língua original, adoptando um comportamento de regularização linguística sempre que fosse necessário, o que colocaria grandes obstáculos ao leitor comum a quem se destina a Antologia; ou então «traduzia» os poemas para português e arrostaria com os problemas inerentes a todo o acto de traduzir poesia. Questão delicada, que Guerra da Cal resolveu através de uma solução de compromisso: os poemas em galego (entendido como variedade dialectal do português) foram linguisticamente adaptados à norma da comunidade linguística a que historicamente pertencem, sendo todas as alterações lexicais da responsabilidade do organizador indicadas em nota de rodapé; os poemas em castelhano são dados em versão bilingue, aparecendo o texto original na página da esquerda e a tradução portuguesa na da direita correspondente. No que diz respeito a estes últimos nada há a dizer, Guerra da Cal limitou-se a adoptar um comportamento já consagrado em trabalhos deste tipo; porém, no respeitante aos poemas em galego, o organizador tomou uma série de decisões que poderão não ser bem vistas pela crítica da especialidade, mas que ele assume como as melhores para tornar Rosalía acessível aos «leitores do mundo lusíada» — sempre norteado pelo lema **ad majorem Rosaliae gloriam.**

## O cancioneiro

Trata-se, segundo Guerra da Cal, de um «coro unissono de mortos e vivos, em preito

*Ernesto Guerra da Cal, além do professor, ensaísta e queirosiano eminente, de que se fala nestas páginas a propósito da sua antologia de Rosalía, é também poeta, com livros publicados. Homem da geração de Federido García Lorca, de quem foi companheiro e amigo chegado — e o JL na sua edição de 18 de Agosto publicou um seu notável texto sobre o poeta, texto que teve larga repercussão em meios cultos de países de língua portuguesa e em Espanha — Guerra da Cal prepara, aliás, um novo livro de versos, que se intitulará «Deus, Tempo, Espaço, Morte e outras bagatelas», e no qual se incluirão os dois poemas inéditos que de seguida publicamos.*

# Dois poemas inéditos

## *Divagação*

For Carole and Ian, fondly

O Ego é um átomo
Compõe-se de partículas
em movimento e colisão constantes
Todas — e cada uma delas — impessoais:
electrões, protões e neutrões
leptões e mesões
e outros «ões» não nucleares
que podem ser até animais:
dragões e escorpiões
Todos em desconhecimento mútuo e total
E em perpétua antagónica harmonia:
amigos figadais
fraternais inimigos
a orbitar
no cerne da matéria do ser nosso

O Ego se dissolve dia a dia
nesse Cosmos astral
em que vagamos
que tal vez seja o Deus que o imaginou
(e que raios o partam!)
Eu cá só sei de mim
neste momento certo
um facto: **«Ego scribo, ergo sum»**
e apenas isso
E acho esquisito
e até cabalístico
que as letras do meu nome
sejam
SETE —
número primo
e místico

## *Ambiguidade*

A Xosé Franco Grande,
com velha amizade irmã

TUDO
o que nos acontece nesta vida
é milagre

Mas
ainda é mais milagre
o que não nos sucede
Que é matéria infinita
de outras vidas possíveis
também incompreensíveis
que nós vamos armando
dia a dia
com a livre vontade trans-humana
da franquia
da singular
varinha de condão
de virtude
satânica
da imaginação

E Deus
com a sua sempiterna
refalsada ironia paternal
— que é o seu natural modo —
desde o cume
da sua imensidade
astral e eterna
sorri
com majestade terna
do nada
e do
TODO

# ERNESTO GUERRA DA CAL

# "HÁ QUE TIRAR EÇA DE QUEIROZ DO MARCO RESTRITO DO ESCRITOR PORTUGUÊS OU ATÉ MESMO PENINSULAR"

**Ernesto Guerra da Cal, professor da City University of New York, acaba de entregar aos «Acta Universitatis Conimbrigensis», a prestigiosa colecção da Universidade de Coimbra, os originais da sua monumental «Bibliografia Geral de Eça de Queiroz», fruto de laboriosas e cuidadas investigações que têm nos anos 50 a sua data de começo. Galego pelo nascimento, português pelas afinidades de língua, cultura e sentimento, Guerra da Cal é o primeiro especialista mundial na matéria. Este seu trabalho, doravante, é o sistema de referência obrigatório para quem quer que, em qualquer parte do mundo, pretenda estudar o autor do «Crime do Padre Amaro» e de todas as outras obras-primas que singularmente enriqueceram a nossa literatura e as letras mundiais, constituindo, por outro lado, o primeiro passo para uma edição crítica das obras de Queiroz. «É uma catedral», teria dito alguém, ao tomar contacto com as 1800 páginas em que Guerra da Cal arquivou o mais vasto acervo de informações de que se dispõe sobre o «pobre homem da Póvoa de Varzim»: perto de 10 000 verbetes.**

**NO PRELO A BIBLIOGRAFIA GERAL DE EÇA DE QUEIRÓS: 1800 PÁGINAS DACTILOGRAFADAS, INCLUINDO PERTO DE 10 000 VERBETES**

Entrevista de Rogério Fernandes — Fotos de João Ribeiro

Procurámos Guerra da Cal, que aproveitou a sua peregrinação anual ao nosso (e seu) País para acompanhar o começo dos trabalhos tipográficos da edição. O que é, ao certo, essa já famosa bibliografia, da qual já se falava desde há anos, aqui, no Brasil, em França e em muitos outros lados onde chegara notícia de que Guerra da Cal a preparava?

— Trata-se, como sabe, de uma bibliografia geral de Eça de Queiroz que é uma bibliografia metódica, sistemática e anotada. Tem três volumes, o primeiro dos quais é dedicado à bibliografia activa da obra de Eça de Queiroz, da qual fiz, julgo, o levantamento mais completo que até agora se tem feito. Visto que, infelizmente, as circunstâncias em que a obra de Eça foi publicada, o seu gosto da perfeição — para ele nunca houve obra finda, era o desespero dos editores e dos impressores — tornam sempre incerta a sua bibliografia. Para começar temos versões repetidas da mesma obra: é difícil apurar qual delas é a «ne varietur». Há, por exemplo, três versões do «Crime», três «Relíquias» — duas perdidas —, duas «Casas de Ramires», três redacções do «Suave Milagre», dois «Mandarins» e várias «Capitais». ...De facto, «A Cidade e as Serras» não é senão um reescrito do conto «Civilização». Há áreas sacrificadas neste livro, não se sabe por quem, existindo mesmo, em Tormes, um longo trecho autógrafo onde aparece uma visita de Jacinto a Lisboa.

## Uma obra conflitiva

O prof. Guerra da Cal prossegue:

— A obra de Eça de Queiroz é já de per si conflitiva. Veja o caso da epistolografia de Fradique Mendes, que só depois apareceu em volume. (De facto algumas dessas cartas apareceram como crónicas independentes e diferentes nos jornais) e só mais tarde foram transformadas em «Cartas» de Fradique. O Brasil, mercado óptimo, deu origem a várias contrafacções da obra de Eça. O espólio tem sofrido factores detrimentais da sua unidade. Houve o naufrágio do vapor «Santo André», em que se perderam livros e papéis e o melhor dos três retratos do Columbano. Depois, em 1910, a família exilou-se. Só ficaram em Portugal objectos pessoais e o resto da biblioteca de Eça, ao cuidado de uma irmã. O genro da criada, um tipógrafo cujo nome era Danton, entregou-se ao roubo sistemático da casa. Os inéditos existentes, não excluindo da sua pesquisa os campos já lavrados por outros: aí ficaram desapercebidas várias peças importantes que Da Cal veio, para sua glória, a referenciar. É o caso, por exemplo, da «Gazeta de Notícias», que passou pelas mãos de tanta gente, desde Francisco Ramos Paz, e onde o prof. Guerra da Cal localizou uma crónica esquecida sobre o 1.º de Maio, da maior importância para o conhecimento do ideário social de Eça.

Foi um trabalho de tanto maior projecção quanto é certo que as tarefas árduas da bibliografia a têm lançado para fora das preocupações gerais na Península: Guerra da Cal observa-nos a inexistência de bibliografias gerais desse tipo quanto a Camões, a Cervantes. E prossegue:

— Organizei cronologicamente o levantamento da obra inteira de Eça: romances publicados em vida, epistolário (indo à cata de cartas publicadas isoladamente e que não foram acolhidas nos assistemáticos e anárquicos epistolários que têm aparecido), etc. Tudo isso vai acompanhado de outros factos nunca recolhidos: as traduções de Eça em línguas estrangeiras.

## Trinta e seis traduções em castelhano

Só o ponto de vista de traduções Eça está publicado em 23 línguas, nas quais se incluem as principais línguas europeias cultas e depois várias outras em que nem Camões foi traduzido: lituano, estoniano, eslavo do Sul, esloveno, servo-croata, eslovaco, búlgaro, húngaro, e em dinamarquês, holandês, catalão e até em japonês. Eça empalha com os outros três grandes da literatura peninsular: Camões, Cervantes e Garcia Lorca.

— Nas literaturas de língua castelhana, Eça de Queiroz tem sido uma das mais fortes influências na época moderna. Dei-me conta da existência de 134 tradutores diferentes de Eça para espanhol, com um total de 36 traduções, entre os quais figuram personalidades de primeira grandeza nas literaturas espanhola e hispano-americanas. Ainda em vida, em 1882 foi traduzido para castelhano, e desde então sempre o tem sido, ininterruptamente: a última colecção de obras de Eça de Queiroz traduzida para espanhol data de 1971. A edição da «Relíquia», em Barcelona, que data de 1902, atingiu em pouco tempo os 20 mil exemplares! A primeira tradução do mesmo livro em Cuba aparecida em 1901 teve enorme influência na estrutura estilística do «modernismo» hispano-americano, fusão do parnasianismo e do simbolismo. A primeira tradução chilena data dos alvores do século (1901). Valle Inclan assinou várias traduções que duvido tenham sido dele. Mas nas «Sonatas», (por exemplo na «Sonata do Outono»), há o decalque de frases inteiras da «Relíquia».

## Vastidão oceânica

— O segundo volume da «Bibliografia» é o que chamo bibliografia passiva, sendo dos três o mais volumoso, incluindo trabalhos sobre a obra pessoal de Eça de Queiroz. Esse campo é de uma extensão oceânica, não só pelo grande número de trabalhos em língua portuguesa como por todo o acervo de estudos que se segue ao reviver do interesse por Eça de Queiroz, no Brasil: no pós-guerra, que produziu os livros de Viana Moog, Álvaro Lins, Clóvis Ramalhete e de muitos outros (a contribuição brasileira não fica por baixo da portuguesa; o primeiro livro sobre Eça de Queiroz é de um brasileiro, Miguel de Melo). Mas depois vem a contribuição hispânica, que é extraordinária. Quase desde a época de Eça, não há figura da literatura castelhana, de aquém e além mar, que de algum modo não se tenha referido a Eça. A primeira é a romancista galega, D. Emilia Pardo Bazán, que introduziu o naturalismo na Espanha e parece ter tido relações epistolares com Eça de Queiroz, a quem conheceu pessoalmente em Paris, quando visitou a Exposição Universal. Nesse artigo, D. Emilia Pardo Bazán descreve o seu encontro com Eça, refere-se à «Relíquia», obra original que abria novos caminhos à ficção, e diz que em Espanha não encontrava ninguém que o igualasse. É o primeiro, e muito sagaz, artigo sobre Eça de Queiroz em Espanha. Mas, depois dela, desde Ruben Darío a Miguel Angel Astúrias, passando por Unamuno, Perez Galdós, Alfonso Reyes, Pablo Neruda, Mistral, Francisco Romero e tantos outros, todos os grandes das literaturas espanhola e hispano-americana se referiram a Eça — Neruda dedica-lhe um poema. Como disse Miguel Angel Astúrias, em Lisboa, todos nós, artistas de ficção, os escritores de não ficção, crescemos e nos desenvolvemos à sombra dessa grande árvore que é Eça de Queiroz.

«Faço o levantamento de todos esses trabalhos, quer se trate de ensaios, artigos, crónicas, trabalhos de natureza crítica assim como biográfico ou genealógica, etc. A «Bibliografia» vai organizada sistematicamente, com secções relativas a aspectos específicos da obra queiroziana, mediante um trabalho de classificação que nem sempre foi fácil. Há também os trabalhos críticos aparecidos em diversas línguas, artigos de enciclopédias, etc. Não se trata, porém, de uma bibliografia crítica mas descritiva, toda ela travada numa rede de referências remissivas.

## Elementos derivados

Mas a pesquisa do prof. Ernesto Guerra da Cal ultrapassou em muito o plano literário, para abranger também o que se não enquadra no âmbito da bibliografia activa ou passiva. O 3.º volume do seu trabalho será constituído pela recolha do que chama elementos derivados da obra de Eça: adaptações teatrais e cinematográficas, os pastiches, as imitações, as falsas entrevistas, os poemas baseados na obra e, finalmente, a riquíssima iconografia pessoal de Eça de Queiroz, desde os retratos à caricatura, à estatuária, passando pela iconografia artística da obra, monumentos, lápides, e, numa secção de miscelânea, as comunicações mediúnicas atribuídas a Eça, os roteiros, as supostas localizações de cenários reais, etc.

— São 1800 páginas, incluindo perto de 10 000 verbetes. O índice onomástico geral inclui perto de 4000 nomes. O texto será profusamente ilustrado, a preto e a cores, incluindo farta representação da iconografia queiroziana.

## Um escritor universal

— Uma das contribuições desta «Bibliografia» — diz-nos o prof. Guerra da Cal — será a demonstração de que Eça é um escritor universal. Como já lhe disse, figuras de grande prestígio literário em todo o mundo dedicaram atenção a Eça de Queiroz, através dos mais diversos tratados críticos. Gorki, por exemplo, classificou Eça de Queiroz entre os grandes romancistas do século XIX (leu-o em italiano e depois em russo). Eça de Queiroz está traduzido em alemão, em checo, em italiano. Só em checo, da segunda versão do «Crime do Padre Amaro», que já atingiu quatro edições, se venderam 25 000 exemplares, rapidamente esgotados, indo agora lem perto de meio milhão. Nos Estados Unidos, o melhor especialista de Flaubert declarou que Eça de Queiroz nada tinha a invejar ao autor da «Bovary».

E o prof. Guerra da Cal acrescenta:

— Como explicar, por exemplo, o êxito do «Crime» na Checoslováquia? Poderia basear-se no atractivo deológico de uma pequena intriga de padres e de beatas na província portuguesa de 1871? O anticlericalismo é uma atitude hoje ultrapassada. É evidente que esse sucesso do «Crime do Padre Amaro» se apoia na existência na obra de elementos de carácter universal que fazem apelo ao leitor de hoje. Para além dos temas portugueses, Eça levanta questões estéticas como qualquer outro grande escritor de projecção mundial. Ao contrário de Camilo, raramente traduzido — já Unamuno disse que Camilo não viaja bem... — Eça de Queiroz começa no «local» mas depressa ultrapassa esses limites. Há que tirar Eça de Queiroz do marco restrito de escritor português ou peninsular para o marco mais amplo de um grande escritor universal que salta de qualquer cacifo onde o queiramos arrumar.

Perguntámos quando começara o prof. Guerra da Cal a realizar este trabalho:

— Praticamente é um subproduto de «Língua e Estilo de Eça de Queiroz». Comecei a fazer este levantamento na década de 50. Depois realizei uma campanha internacional, efectuando muitas viagens, com bolsas e subsídios de várias fundações.

No seu roteiro incluem-se as bibliotecas do Rio de Janeiro, Madrid, Paris, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Suécia e uma larga rede de contactos com queirozianos de todo o mundo:

— Embora eu seja o agente coordenador, esta bibliografia é ecuménica. Só de agradecimentos tem três páginas a pessoas que vivem ao longo e ao largo da Europa, Brasil, América Hispânica, Espanha, Portugal. Aqui, entre outros, a saudosa D. Maria Eça de Queiroz, que me recebeu com fidalga hospitalidade em Tormes e me mostrou o espólio de seu pai, tão amorosamente organizado por ela, a Helena Cidade Moura, e Luís Ferro. (Pouco antes a entrevista fora interrompida por um telefonema: era uma informação do eng.º Luís Ferro sobre o paradeiro de um icone de Eça de Queiroz.) Mas há também que agradecer a hispanizantes, checos, escandinavos, franceses, brasileiros. Trata-se, pois, de uma bibliografia colectiva e, repito, ecuménica. Mesmo assim, e apesar de todas as fontes de informação de que dispus (não poderia ter feito este trabalho se não vivesse numa cidade como Nova York, onde as bibliotecas são pródigas), deixei de lado mais de um milhar de verbetes relativos a espécies que não tive a possibilidade de ver pessoalmente ou de que não dispunha de duas abonações coincidentes e fidedignas.

## Planos para o futuro

Universitário com larga carreira, começou em Columbia, onde se doutorou em Literatura Portuguesa (o primeiro doutoramento em literatura portuguesa moderna numa universidade dos Estados Unidos) e foi professor da New York University durante 23 anos. Presentemente é director de estudos na City University de Nova York e, entre as numerosas teses que tem dirigido, predominam, claro está, os temas queirozianos: as técnicas de caracterização das personagens nas três versões do «Crime do Padre Amaro», a cristologia na obra de Eça de Queiroz, a análise estilística da «Ilustre Casa de Ramires». Mas, desse grupo de doutorandos que tem beneficiado da sua orientação, também salu um trabalho sobre Júlio Diniz, outro sobre Gil Vicente, outro sobre Anrique da Mota, sinal de que a devoção a Eça de Queiroz não é condição obrigatória. Várias dessas teses já foram impressas ou estão no prelo em Portugal.

A encerrar esta entrevista, o prof. Guerra da Cal evoca os anos da menince na sua Galiza, onde imperava um certo «fradiquismo» entre as classes cultas e onde uma tradução de Eça de Queiroz lhe caiu nas mãos aos doze anos. Foi uma paixão que se continuou em Santiago e depois em Madrid, nos tempos de formação e que, decerto, não acabará:

— Preparo um trabalho sobre a projecção universal de Eça de Queiroz e a edição de um epistolário, com cartas inéditas e dispersas. Trabalho também no segundo volume de «Língua e Estilo de Eça de Queiroz» (temas, relações, visão e caracterização do homem, visão da natureza, técnicas novelescas, etc.). Pretendo chegar mesmo à teoria queiroziana do romance, de que ele nunca falou muito claramente e que, por isso, tem de ser estudada endogenamente, através dos livros que escreveu. No 1.º volume de «Língua e Estilo» estudaram-se os elementos basilares, linguísticos. No 2.º volume vou demonstrar que Eça foi fiel a si próprio. Há uma enorme coerência em toda a construção romanesca do Eça. Projecto ainda recolher em volume vários dos meus dispersos artigos sobre literatura ibérica, portuguesa, espanhola clássica e galega.

— E os seus poemas?

— A poesia não se pode apressar. Vou acumulando poemas e no dia em que eles «falarem entre si» terão a forma de livro.

Ainda falamos dos problemas da expansão da língua portuguesa nos Estados Unidos, da Galiza e da recuperação da sua língua e cultura. Haveria que escrever, talvez, outra entrevista para recolher tudo o que nos disse este grande investigador que, mercê de um trabalho persistente, probo e verdadeiramente científico, nos deu agora a primeira bibliografia de Eça de Queiroz e cujo nome tem direito não só à admiração como à gratidão dos homens de cultura portugueses.

## Novo horário de abertura ao público dos estabelecimentos bancários

**Nos termos do Contrato Colectivo dos Empregados Bancários, publicado no Boletim do I. N. T. P. do dia 22 de Julho corrente, o Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias faz saber que no Continente:**

**1) A partir do próximo dia 28 de Julho (inclusive) os Bancos estão encerrados ao sábado;**

**2) Em consequência do encerramento ao sábado e, enquento porventura não for publicada qualquer providência legislativa que venha a regular definitivamente o problema, AS LETRAS, CUJO ÚLTIMO DIA DE PROTESTO SEJA O SÁBADO, TERÃO DE SER PAGAS OU APRESENTADAS A PROTESTO À SEXTA-FEIRA (O QUE SUCEDERÁ JÁ NO PRÓXIMO DIA 27 DO CORRENTE MÊS DE JULHO);**

**3) A partir de segunda-feira (30 de Julho) o horário de abertura ao público dos estabelecimentos bancários passará a ser o seguinte:**

**De 2.a a 6.a-feira, das 9 às 12 horas e das 14 às 15,30 horas.**

**Lisboa, 25 de Julho de 1973.**

**A DIRECÇÃO**

# OS ESTUDOS QUEIROZIANOS DE ERNESTO GUERRA DA CAL

Por LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

CREIO ser legítimo pensar que não há em Portugal ninguém de cultura um pouco acima da média (e na verdade que é isso de cultura média, em termos reais, hoje em dia?) que desconheça o nome do Professor Ernesto Guerra Da Cal. E, decerto, muitos que não atingiram esses níveis igualmente o conhecem, pois o ligam aos trabalhos de investigação, análise, interpretação e crítica que com rigorosa metodologia científica vem dedicando desde há dezenas de anos à obra de Eça de Queirós. Criou-se mesmo uma situação ligeiramente absurda — se é que o absurdo pode ser ligeiro — e que consiste em ser Eça de Queirós o nome que imediatamente se liga ao de Guerra Da Cal quando se fala neste. De facto, talvez não tão absurda quanto parece, pois bem se pode dizer, mal comparado na relatividade dos temas, como Toynbee disse a propósito da História das Civilizações, haver um mundo pré-gâmico (anterior a Vasco da Gama) e outro posterior. O que equivale a dizer que uma nossa leitura, crítica (ou não) do nosso romancista, nunca mais pode ser a mesma depois dos primeiros ensaios do mestre galego. É de 1954 o seu estudo «Lengua y Estilo de Eça de Queiroz», publicado pela Universidade de Coimbra na língua original e pouco depois traduzido e editado no Rio de Janeiro, pois, como se sabe, nestas matérias, como em muitas outras, os Brasileiros não andam a dormir. Foi, porém, na edição portuguesa, da Aster, em tradução de Helena Cidade, que li esse estudo pela primeira vez. Ele só não pode ser considerado uma obra pioneira porque julgo ser impossível a partir dele descobrir algo de novo na área da análise estilística da obra queiroziana. Guerra Da Cal esgota-o, com a sabedoria do cientista literário, a devoção beneditina do místico e o amor ardente do apaixonado. Como até há pouco era mau hábito em edições nossas, não trazia esta os «créditos» indispensáveis. Pouco mais, além do prudente «copyright by» do autor (folheei agora mais uma vez o livro e de novo me interroguei por quê o «by» em tradução portuguesa... Adiante). No entanto, a edição é posterior a 1960, pois na respectiva badana se esclarece — e tem interesse reproduzi-lo — que a sua primeira publicação em castelhano na edição «forçosamente restrita» das «Acta Universitatis Conimbrigensis» teve entre 1954 e 1960, nada menos de 31 artigos críticos em 11 países, desde Portugal e o Brasil, até à Alemanha Oriental e à Checoslováquia. Pois apesar disso, foi esta a primeira versão em língua portuguesa, publicada em Portugal. E terá saído outra?

Guerra Da Cal — e a opinião não é minha, mas de muitos outros — desmontou nesse livro-chave todo o mecanismo da prosa queiroziana e no que ela tem de «revolucionário» (forma, conteúdo, técnica, mistério criacional e ao mesmo tempo obra-prima laboratorial) pôde encontrar ocultos — e revelá-los — muitos dos cânones da mais clássica poesia. As duas partes iniciais dessa obra abordam a situação dos estudos queirozianos ao tempo da sua publicação e logo o problema do estilo, que terá sido a atracção primeira do eminente professor — durante perto de 40 anos: — da Universidade de Nova Iorque. E talvez não seja despiciendo recordar que a tese de doutoramento de Guerra Da Cal na Faculdade de Filosofia da Columbia University, no início da sua carreira, fora já a obra de Eça de Queirós, possivelmente o ponto de partida do investigador para tudo quanto nesse campo analítico viria depois. Por quê? Guerra Da Cal o diz: «**Ele talvez melhor que nenhum outro escritor do período contemporâneo exemplificaria a continuidade da inter-influência das duas grandes literaturas peninsulares e ajudaria a esclarecer certos aspectos do ritmo histórico que rege as osmoses mútuas de ambas as culturas, as suas afinidades e diferenças, o seu curioso sitema de «paralelidades e assincronias», as atracções e repulsões das suas respectivas modalidades espirituais — tão próximas e, porém, tão distantes**». Para examinar a «situação» dos estudos queirozianos, Guerra Da Cal como que mergulha no passado relativamente próximo, a prosa portuguesa no tempo de Herculano, Garrett, Camilo e Castilho e demonstra a **necessidade** da reforma estilística queiroziana, a sua novidade e necessidade: «**A renovação estilística de Eça não foi resultante de uma atitude programática, mas uma consequência natural dos seus conceitos estéticos fundamentais ...**». E depois: «**Eça, em luta com uma língua arcaizante e verbosamente rica, conseguiu dominá-la, dela extraindo esquemas expressivos, de uma qualidade completamente inédita...**». (...) «**Ele sabia que o idioma não é criação, mas recriação**». Mas o livro trata exaustivamente o seu tema, num estilo literário muito pessoal — Guerra Da Cal é, na verdade, um grande prosador, qualidade, como se sabe, que os cientistas literários, agora muito em voga, raríssimamente possuem. Pelo contrário: têm, em geral, a arte (e o gosto) do ininteligível. O estilo de Guerra Da Cal é claro e sóbrio e, ao mesmo tempo musical e rijo.

Os pontos desenvolvidos nesse seu livro já antigo são fundamentalmente, aqui o registo para os que o não conhecem, e a partir do tema «A palavra» o léxico e a sintaxe em geral na obra queiroziana e, ainda, o adjectivo, o adverbio de modo, o verbo. E depois, num extenso capítulo sobre «A frase» os caracteres gerais, a ordem das palavras, o ritmo binário e o ritmo ternário, as combinações e os cruzamentos rítmicos. Finalmente: a poetização da prosa: harmonia imitativa, aliteração, a repetição como agente lírico, a assonância e a consonância, a combinação de ritmos métricos e tónicos, etc. Resumo apenas: o livro, repito, não é recente e não pretendo fazer-lhe aqui uma nota serôdia de recensão. Advertir, isso sim, os muitíssimos interessados, para a existência desta obra, invulgar no seu género, que francamente duvido faça parte dos programas oficiais, liceais ou universitários, ao contrário de algumas outras que não é por quaisquer possíveis méritos em primeiro lugar, que ali figuram agora, antes por motivos inteiramente alheios, senão contrários, à arte literária ou aos estudos de literatura.

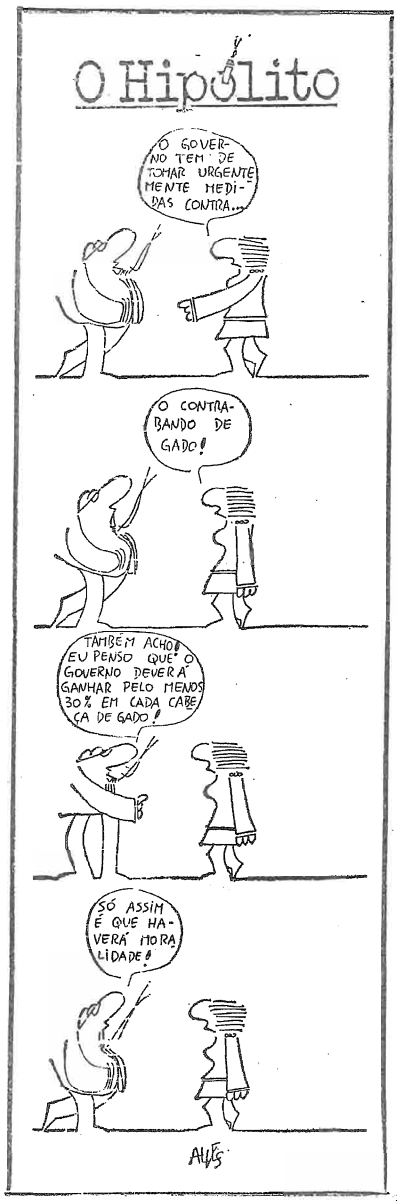
Recordo hoje esta obra por uma razão que lhe anda muito próxima, a publicação, há meses (onde o artigo crítico onde a simples recensão jornalística? onde o ensaio substancial que seria justo?) de mais um volume, o 4.º, embora seja o 3.º Tomo (pois o Tomo 2.º tem dois volumes, A e B) da gigantesca — e não encontro realmente outra palavra — **Bibliografia Queiroziana**, pois a obra está publicada na língua original, a que Guerra Da Cal chama, modestamente mas quasi parece ironicamente, «Apêndice» a «**Lengua y Estilo de Eça de Queiroz**». Acontece que este notabilíssimo trabalho tem, na edição portuguesa que citei, 350 páginas de texto e na brasileira 279, enquanto este **Apêndice**, nos 4 volumes publicados atinge a linda soma de 3033 páginas... E o mestre queiroziano quem nos explica na Introdução ao 1.º volume, qual o programa da obra no seu conjunto, obra que chega agora ao seu termo: a apresentação sistemática da bibliografia activa de Eça, (e pela primeira vez se regista a cronologia ordenada de todas elas, com dados completos sobre cada uma); a compilação anotada das fontes de informação sobre a vida e a obra do escritor, uma Bibliografia passiva rigorosamente classificada, na qual figuram todas as «fontes» necessárias, genealógicas e biográficas, biocríticas gerais, obra póstuma inédita ou perdida, epistolografia particular, poesia, Eça tradutor, etc. No Tomo 3.º — **Iconografia artística del Hombre y La Obra** vem a relação pormenorisada das adaptações da sua ficção ao teatro, cinema, televisão e rádio. E ainda uma abundantíssima iconografia artística, repositório único de reproduções de quadros, pinturas, retratos, desenhos, esculturas e também caricaturas e tantas obras de arte, de valor diferente embora, que as suas personagens e o próprio Eça de Queirós tem sugerido. Na parte final desse volume entram elementos informativos e fichas bibliográficas que não teriam cabimento sob rúbricas específicas: dados relativos a monumentos e lápidas à memória do escritor, estudos sobre as diferentes localizações dos seus cenários narrativos, sociedades constituídas em diferentes países sob o signo queiroziano e — vai até esse ponto obra tão meticulosa em seus registos! — litígios ocorridos em torno dos direitos de autor de Eça de Queirós, páginas vividas que, em alguns casos parecem, pelos seus iados mais pitorescos, passos de uma qualquer obra do grande escritor! Triste sestro o nosso, não o dele que nos soube ver como eramos e, parece, continuamos sendo, este de volta-e-meia, na vida social, na política, na literatura ,nos encontrarmos frente a frente com situações tipicamente queirozianas! A que não escapou, sequer, a lastimável polémica em torno das recentes edições de «A Tragédia da Rua das Flores», como todos nos lembramos ainda. E que a sua funda análise do carácter português foi tão longe que, como está dito, redito e em cada dia se prova, os seus tipos humanos não estavam, afinal, tão datados como pareciam. Mas voltemos à obra de Guerra Da Cal: o 1.º tomo apresenta um utilíssimo índice didascalico das obras de Eça de Queirós». No último, dois índices, o das matérias contidas em todos eles e o onomástico geral deste empreendimento, único no seu género e em qualquer parte do mundo: se não estou em erro nenhum outro autor, por mais afamado e por mais relevante seja a sua importância histórica e didáctica, como é o caso de Eça de Queirós, terá merecido assim obra de informação, que implicitamente é obra de História, tão completa e tão sistematizadamente organizada. É uma vida inteira de trabalho árido por vezes — «**o trabalho de investigação bibliográfica é por sua natureza lento, tedioso e exigente**», escreve Guerra Da Cal na referida Introdução. Sem dúvida, mas a lentidão e a exigência posta na elaboração deste só para o autor terão sido — se é que foram — «tediosas».

Não é de tédio, pelo contrário, o sentimento que o leitor experimenta ao percorrer ou ao consultar estas páginas, que são evidentemente para consulta e elucidação mas que, afinal, se folheiam, primeiro com curiosidade, continuamos depois a ler com interesse crescente, interrompemos para logo na primeira oportunidade as retomar e que, ao cabo, nos transmitem pela soma de pormenores, de notas, até em muitos casos de breves referências remissivas, que são pequenos ensaios, a propósito de uma ficha mais curiosa, de um verbete mais sugestivo, de um pormenor que nos havia escapado por mais assíduos leitores de Eça sejamos. Guerra Da Cal fez um trabalho efectivamente monumental. À altura do tema imenso e também do seu próprio talento e da sua competência.

Que o 1.º volume tenha aparecido nos idos de 1975 pode justificar (e com muitas razões a não esquecer!) que ele não tenha tido a audiência pública e até oficial que logo de início mereceria em tempo normal. Acontece, porém, que os dois tomos do 2.º volume saíram em 1976. Bom. Ainda, enfim... O 3.º tomo, porém, já de 1980 e não o vi celebrado como merece, acolhido como se impunha, pelo menos em Portugal. É muito possível que neste momento já no Brasil, sempre tão atento a tudo quanto diz respeito a Eça de Queirós, ele tenha tido repercussão, pelo menos — ou pelo mais... — nos meios universitários onde o Professor Guerra Da Cal tem também muito prestígio. E evidentemente nos Estados Unidos. E na América Latina.

E aqui? De que estamos à espera em Portugal para testemunhar a Guerra Da Cal, a nível nacional, a nossa gratidão pelo seu trabalho científico de investigador, crítico e historiador queiroziano e de doutíssimo estudioso de temas culturais portugueses? Será que já nem Eça de Queirós motiva as entidades oficiais, culturais ou não, mas sobretudo aquelas, imersos todos no imediatismo provinciano da picuinha pessoal?

Ou literariamente já só restam os grupos de pressão acodados na supervalorização tribal que a muitos confunde e engana? Há bastantes queirozianistas felizmente, por esse mundo fora. A obra de Guerra da Cal, porém, é única no seu género e sobreleva a qualquer outra, não só pelo mérito intrínseco mas também pelas novas e até há pouco imprevisíveis pistas que sugere. É a obra de um professor que, por ser, além de puro «scholar», escritor e poeta, realiza nos seus trabalhos a síntese da sua personalidade humana. Que a sua discrição natural que vem de uma consciência monástica do trabalho e de uma natural indiferença desportiva por certo tipo de glórias, que o seu alheamento deliberado das tertúlias, capelinhas e sacristias culturais, me perdoem ter pela minha parte cumprido, tão pobremente embora, o que entendo ser o meu dever.




1868 1968

CHEFE DE REDACÇÃO
Carlos Alberto Lourenço
CHEFE DA REDACÇÃO-ADJUNTO
Mário Figueiredo
SUBCHEFES
A. Marques Pinto
António Magalhães
Fernando Antunes
Sérgio Mourão
COORDENADORES LITERÁRIOS
Alberto Serpa
Salvato Trigo
REDACTORES COORDENADORES
Américo Magalhães
Freitas e Silva
José Vale
Mário Alexandre
Pereira da Silva
Raul Almeida
REDACTOR PRINCIPAL E COORDENADOR
Manuel Dias
CORPO REDACTORIAL
A. Valle Fernandes ★ Alfredo Maia ★ Amâncio Frias ★ António Lage ★ António Rosas ★ Armando Fonseca Júnior ★ Armando Veloso ★ Armindo Cachada ★ Barata Camões ★ Dinis Sottomaior ★ Duarte Fontes ★ Eduardo Corte Real ★ Fernando Cardoso ★ Fernando DaSilva ★ Froufe Andrade ★ Hélder Baeta ★ Ilídio Pinto Cardoso ★ Joaquim Pacheco ★ Jorge Alves ★ Jorge Gonçalves ★ Jorge Lorga ★ Júlio Rodrigues ★ Júlio Santos ★ Júlio Sereno ★ Justino Lopes ★ Leopoldo Gonçalves ★ Luís Folhadela ★ Luís Santos ★ Manuel Giraldes ★ Manuel Tavares ★ Mendonça Prada ★ Nuno Godinho ★ Pinto Soares ★ Ribeiro Soares ★ Rogério Gomes ★ Rui Severino ★ Santos Mota ★ Teixeira e Castro ★ Viriato Dias ★ Vítor Carvalho
REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS
Adélio Santos ★ Bruno Neves ★ António Tavares ★ Sérgio Granadeiro
ILUSTRAÇÃO E MAQUETAGEM
Artur Ferreira ★ Fernando Saraiva ★ José Filipe Rocha Ferreira
SECRETARIA
Maria Bilitilda ★ Álvaro de Faria
COLABORADORES PERMANENTES
Abel do Moinho ★ Adalberto Sampaio ★ Albano Melo ★ Almeida Lopes ★ Ana Cristina Macedo ★ António Barbosa ★ António Mega Ferreira ★ António José da Silva ★ António Lopes Ribeiro ★ Arnaldo Frias ★ Artur Silva ★ Daniel Constant ★ Elina Guimarães ★ Eloy A. Pinho ★ Eurico de Campos Gondim ★ Francisco Lucas Pires ★ J. Martins Pereira Coutinho ★ João Alves das Neves ★ João Conde Veiga ★ João Gaspar Simões ★ Joaquim Pereira da Silva ★ Júlio Valente ★ J. Rodrigues Canedo ★ Manuel Silva Carvalho ★ Maria Clara ★ Mário Dorminsky ★ Mário Raposo ★ M. Vitorino Silva ★ Norberto Lopes ★ Paulo Ferro ★ Paulo Pina ★ Ramos de Almeida ★ Rogério Martins ★ Rogério Reis ★ Sant'Anna Dionísio ★ Valentim Campos ★ Zilda Cardoso
SERVIÇO INTERNACIONAL
das agências ANOP France Press e London

JL jornal de letras, artes e ideias

Ano II n.º 56 De 12 a 25 de Abril de 1983 Preço 30$00 Quinzenalmente, às terças-feiras Director José Carlos de Vasconcelos

# A "Tragédia" de Eça de Queiroz

## Um artigo de Carlos Reis

## Entrevista com Guerra da Cal

# "Balada" premiada a todas as vozes

## Textos de Óscar Lopes e José Cardoso Pires

Escândalo

# Os Dalis pinto-os eu...

## O depoimento de Manuel Pujol

Dossier

# EUA: o que se vê e ouve do lado de lá

JL
jornal de letras, artes e ideias

Ano VI n.º 232 De 15 a 21 de Dezembro de 1986 Preço 60$00 Semanalmente, às segundas-feiras Director José Carlos de Vasconcelos Director adjunto Luís Almeida Martins

Manuel Alegre: poemas inéditos págs. 10/11

# Vem aí o verdadeiro Eça

● Dossier sobre a próxima edição crítica da obra completa do escritor, com textos de Carlos Reis, Guerra da Cal e Luiz Fagundes Duarte

págs. 3/8

## Natália Correia Para uma cultura de esquerda

pág. 21

## A estética de Lopes-Graça

● Ensaio de J. M. Bettencourt da Câmara no 80.º aniversário do compositor

págs. 14/15

## Mário de Carvalho: "A literatura é um faz-de-conta..."

págs. 2/3

## Quando Pirandello esteve em Lisboa

● Artigo de Luiz Francisco Rebello pág. 19

Sugestões para o Natal
• Destacável

ERNESTO GUERRA DA CAL

# "TESTAMENTO DE MECENAS"

(HISTÓRIA DO MANUSCRITO DE UMA CRÓNICA PÓSTUMA
DE EÇA DE QUEIROZ)

COIMBRA
1 9 9 2

Era polo Día das Letras Galegas do ano 72 e daquelas, dínlle a don Anxel un conto meu por ver si tiña acollida na páxina de *"Táboa Redonda"* que dirixía en El Progreso. Non só mo publicou sinon que, andando o tempo, serían moitos os contos que na Táboa —como lle chamabamos cariñosamente a esta páxina— iría eu publicando. Por elo, non é extrano que para min supuxera unha grande alegría o día en que, xa estando de estudante en Compostela, fun dar unha volta pola redacción de El Progreso. Alí estaba don Anxel e achegueime a saudalo. Cando o fixen, díxome: *"Hai moito tempo que vostede non me trae un conto para a Táboa"*. Fole pedíame un conto para publicar! Nin que dicer ten que llo levei de contado.

***Antón Grande***



*23 de outubro de 1985*

*Sr. D. Vicente Quiroga Rodríguez*
*Alcalde de Lugo*
*G A L I Z A*

Prezado amigo:

Acuso a recepcom da tua amável carta (s/d) chegada às minhas maos no dia 13 do mês em curso. O carimbo postal indicava que tinha saído de Lugo em dia 4. (Nove dias, Deus Santo, para chegar de Lugo ao Estoril som dias a mais; nem a lombo de caracol!). Em todo o caso, "too late!". Sinto ñao ter estado presente nessa merecida homenagem ao decano da nossa literatura cujas qualidades de prosador e de narrador deixarom umha marca idelével nas letras galegas —e numha hora particularmente dura para a nossa Naçao e a sua cultura. Se alguén merecia uma homenagem hoje na Galiza era Anxel Fole. Bem haja essa Alcaldia pela iniciativa desse justo preito, longamente protelado, a uma figura cuja significacom literária é universalmente reconhecida e cuja dedicaçom a causa da nossa recuperaçom linguística e nacional foi vitalícia. Embora tardiamente, por causas alheias à minha vontade, quero que fique patente a minha entusiasta adesom ao tributo com que essa Alcaldia, honrando-se a si mesma, honrou Anxel Fole —homen que altamente respeito e escritor que profundamente admiro.

Quero agradecer também a essa Alcaldia o pormenor —que muito me sensibiliza— de me considerar lucense, apesar de nascido no Ferrol. Nefeito, sou lucense, pois a minha infância e primeira adolescência decorrerom no val de Quiroga, em Castroverde e Pol —com muitas estadias na capital da província, e no Corgo e Nadela. Até apareço pintado de marinheiro num dos paineis do pincel de Arturo Soto no Círculo das Artes —num verao inesquecível passado na companhia de Luis V.-F. Pimentel, os irmaos Otero, Xesus Bal e Gay, Eugénio Montes, Joham Carvalheira, os irmaos Corrêa Calderom, e mais alguns que ñao me lembro. Conheço a cidade palmo a palmo e todos esses palmos estam entesourados no fundo mais fundo da minha alma. Sou, portanto, luguês até ao caroço. E daí que muito me comova que o Alcalde de Lugo me considere como tal. Obrigado e moitas graças.

**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA**

Nº 451/88 Lisboa, 26 de Julho de 1988

Prof. Ernesto Guerra da Cal

Prezado Confrade e querido Amigo

Tenho a honra de remeter, sob registo postal, o Diploma de V. Exa. de Académico Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa.

Aos cumprimentos desta Academia, junto as minhas saudações pessoais.

De velha consideração

O Secretário-Geral

(Alberto Iria)

AI/EV

V

ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILA VIÇOSA

Excelentíssimo Senhor
Professor Doutor Ernesto Guerra da Cal
Avenida D. Nuno Álvares Pereira 33
2750 Estoril

Lisboa, aos 12 dias do mês de Novembro do 1988º. ano de N.S.J.C.

Excelentíssimo Senhor,

Por Ordem de Sua Alteza Real.

Cumpre-nos a grata missão de comunicar que Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, como Grão-Mestre da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Houve por bem Nomear Vossa Excelência para esta Sua Ordem.

A Solene Cerimónia de Investidura terá lugar no Palácio Real de Vila Viçosa, no próximo dia 8 de Dezembro, Dia da Padroeira, e acêrca da mesma serão dadas, em devido tempo, as indicações necessárias.

Com as mais cordiais saudações,

Que Deus Guarde a Vossa Excelência e Nossa Senhora o proteja.

Anto. Marcello de Mendes
M.C.O.N.S.C.V.V.

ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILA VIÇOSA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SECRETARIA - GERAL

*DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS ACADÉMICOS*

Exmº. Senhor
Prof. Doutor Ernesto Guerra da Cal
Melrose
Av. D. Nuno Alvares Pereira, 33-A
2765 ESTORIL

| Sua referência | Sua comunicação | Nossa referência | Paço das Escolas — COIMBRA — Portugal |
|---|---|---|---|
| | | H-9/255/89 | 16 Maio 1989 |

ASSUNTO:

Tenho a honra de enviar a V. Exª. o diploma do grau de doutor "honoris causa" que foi conferido a V. Exª. pela Faculdade de Letras desta Universidade.

Com os melhores cumprimentos.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS ACADÉMICOS,

(Carlos José Luzio Vaz)

# UNIHABITED LOVE

"A Woman's Love of being loved —
the most feminine Way of loving back!"
ERNST LIMEWAR

Your naked form
shot wild against the walls
drinking avidly itself
in the spring of Narcissus
of the yellowing silver
of our private mirror

That's why
your flesh and mine
made only a moony
ritualistic meeting
in the eerie nowhere of airy dreams

All went
before it came
You destroyed all my angels
on the ground
denying them their chance
to get their flight aloft
and soar to Heaven
— as is their trade and pleasure

The carnal smell of love
was left unused and neatly folded
hanging in the closet
overcome by mothballs
locked up in darkness
with all the oblique reboundings
of your cruel and cold
nude self-absorption

New York City
Hallowe'en
1968

# UNINHABITED LOVE

********

For Moruca and Luís, fondly.

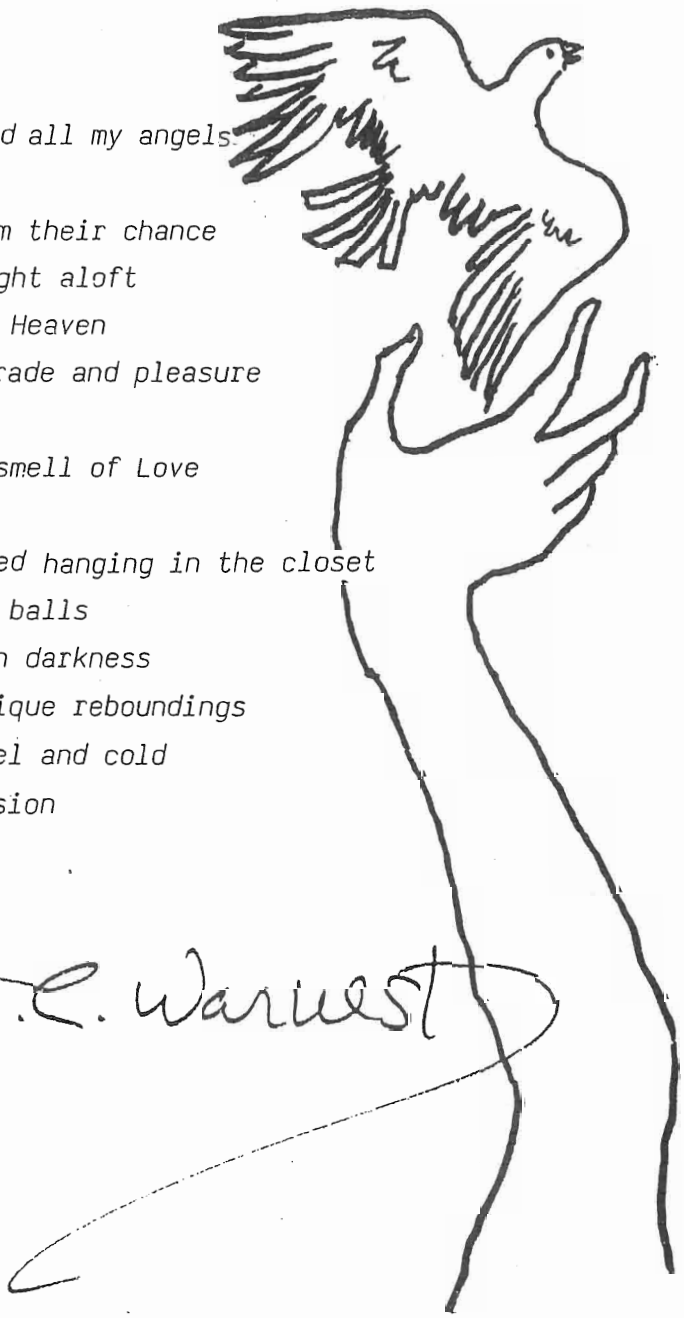
"A woman´s love of being loved:
the most feminine way of loving back".
E. LIMEWAR

Your naked form
shot wild against the walls
drinkind avidly itself
in the Narcissus pond
of sad yellowing silver
of our alien mirror

That's why
your flesh and mine
made only a moony ritualistic meeting
in the eerie nowhere of airy dreams

All went
before it came
You destroyed all my angels
on the ground
denying them their chance
to get their flight aloft
and soar to Heaven
— as is their trade and pleasure

The carnal smell of Love
was left unused
neatly folded hanging in the closet
overcome by moth balls
locked up in darkness
with all the oblique reboundings
of your cruel and cold
nude self-possession



Estoril, Portugal
July 9, 1989

D.E. Warwest

# UNINHABITED LOVE

********

"A woman´s love of being loved:
the most femenine way of loving back".
E. LIMEWAR

Your naked form
shot wild against the walls
drinkind avidly itself
in the Narcissus pond
of sad yellowing silver
of our alien mirror

That's why
your flesh and mine
made only a moony ritualistic meeting
in the eerie nowhere of airy dreams

All went
before it came
You destroyed all my angels
on the ground
denying them their chance
to get their flight aloft
and soar to Heaven
— as is their trade and pleasure

The carnal smell of Love
was left unused
neatly folded hanging in the closet
overcome by moth balls
locked up in darkness
with all the oblique reboundings
of your cruel and cold
nude self-possession

Kalamazoo, Michigan
July 9, 1989

D.E. Warnest

AMOR DESABITADO

"A Woman Love of being loved -
the most feminine way of loving back!"
ERNST LIMEWAR

A tua forma ~~nua~~ despida
disparou-se
selvagem
contra as quatro paredes
bebendo avidamente
a sua própria beleza
na fonte de Narcisso
do nosso amarelado
velho espelho

Eis porquê
a tua carne e a minha
encontraram-se só
de maneira lunática e ritual
no nenhures sonhado
etéreo
do misterio

Tudo acabou
antes de ~~começar~~
Destruiste os meus anjos
ainda em terra
tornando-os incapazes
de voar
e subir p'ra as alturas
rumo ao Céu
— como ~~têm por~~ é do seu ofício
e ~~por~~ prazer do seu gosto

O odor carnal do amor
~~não foi usado~~ ficou intacto
~~Ficou~~ muito bem dobradinho
e pendurado
no armário
encerrado no escuro
vencido pelo cheiro a naftalina
da tua fria e cruel ~~[illegible]~~ auto-absorção
com o eco oblíquo

"If well translated, a poem becomes another"
D.C. [illegible] (1911-1975)

MARÍA VICTORIA ATENCIA

# SAUDADE

Versão
galaico-portuguesa
de
ERNESTO GUERRA DA CAL

*En la Imprenta Sur, de Málaga, 1987,*
*al cuidado de Rafael León*

*A janela abre a um mar gris prata, com seu barco,*
*e nesta sala há música de Haendel e Corelli.*
*Revejo a tua tristeza, amiga Rosalía.*
*Se pudesses ceder-me teu correlato justo*
*de saudade, eu podia livrar-me deste peso*
*e aos poucos ir subindo as tuas altas ternuras.*

*Que resseco este ar e a tua terra, que húmida!*
*Em Padrom dir-me-ás de cada flor o nome.*
*Conferiremos épocas e releremos cartas,*
*vasculharei sem fim todas as tuas gavetas.*
*Deixa que o teu espelho me mostre a minha imagem*
*e não falte ao meu canto a palavra precisa.*

# *Parecer da «Comissão para Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada» sobre «As bases da Ortografia Unificada» de 1988. da Academia das Ciências de Lisboa, com vista ao reinício de uma negociação comum entre os Países Lusofonos, A GALIZA inclusive*

FUNDAÇÃO EUROPEIA VIQUEIRA
INSTITUTO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA

GALIZA - PORTUGAL — 1989

COMISSÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA LINGUA DA GALIZA
NO ACORDO DE ORTOGRAFIA UNIFICADA

Apartado 12 • 36080 PONTEVEDRA (Galiza)
Apartado 1037 • 4700 BRAGA (Portugal)
Telef. (986) 852279 (PONTEVEDRA)
(981) 270604 (A CORUNHA)
(986) 436172 (VIGO)

O GALEGOPORTUGUÊS NO MUNDO

1-Portugal e Galiza. 2-Açores. 3-Madeira. 4-Cabo Verde. 5-Guiné Bissau. 6-Brasil. 7-S. Tomé e Principe. 8-Angola. 9-Moçambique. 10-Diu. 11-Damão. 12-Goa. 13-Ceilão. 14-Malaca e Singapura. 15-Java. 16-Timor. 17-Macau.
Lingua oficial da CEE, da OUA e da OEA

galego, português e brasileiro, como se recolhe nos Estatutos ou Regulamentos de algumas das Associações que integram esta "Comissão".

Existindo o antecedente do "Encontro da Unificação Ortografica da Lingua" de 1986, em que comparecemos como observadores, e sendo continuação o proximo Encontro de aquele realizado no Rio de Janeiro, na Academia Brasileira de Letras e a seu convite, Esta"Comissão" quer participar mais uma vez no proximo "Encontro da Unificação Ortografica" da nossa lingua, em que se aprovem as futuras "Bases da Ortografia Unificada" a fim de alcançar a tão desejada unidade, na escrita, da segunda lingua romanica mais importante do mundo.

Agradecemos a todos os paises lusofonos que intervirão nesse tão importante "Encontro da Unificação Ortografica da Lingua", comuniquem à nossa"Comissão" o correspondente convite em qualidade de observadores, pola legitimidade que nos confere ter sido Terra Mãe e Berço da Lingua, que se orgulha em falar o nosso Povo e toda a Lusofonia, alem de termos intervido no anterior "Encontro da Unificação" de 1986, no Rio de Janeiro, devendo enderegar os correspondentes oficios ao Presidente Prof. Dr. Ernesto Guerra da Cal (Avda. D. Nuno Alvares Pereira 33 A, 2765 Estoril, Portugal, telefone 2687850) e ao Secretario Prof. Dr. J.J.Santamaria Conde, da Universidade de Santiago (Rua Rosalia de Castro, 5-1º dtº, 36201 Vigo, Galiza, Espanha, telefone 436172).

Com confiança no futuro da Lingua da Patria e na Patria da Lingua.

Na Galiza, a 30 de janeiro de 1989.

O Presidente da Comissão,

Prof. E. Guerra da Cal, Universidade N.Y.

Os Vicepresidentes,

Genaro Marinhas del Valhe, da Real Academia Galega

Os Secretarios 1º e 2º,

Prof. J.J.Santamaria Conde, da Universidade de Santiago

Dr. José Luis Fontenla
Presidente das Irmandadesxda Fala da Galiza e Portugal, Diretor de NOS, da Delegaçao da Galiza ao Encontro de Unificação do Rio de Janeiro

Prof. Isaac Estraviz, do Instituto Otero Pedraio, da Delegação da Galiza ao Encontro da Unificação do Rio de Janeiro

Prof. Antonio Gil Hernandez, da Universidade de Santiago

A Comissão para a integração da Lingua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada esta integrada por Organizações não governamentais legalmente constituidas, com capacidade juridica para [illegible] linguis-ticos que visem [illegible] do Galego Português [illegible] Brasileiro

Notícias de Guimarães, nº 3237, Ano 62º (1994), 7-1-1994



Página Cultural

3.ª Série — n.os 35/36
Novembro/Dezembro — 1993
Ano III

# A Língua Poética de Ernesto Guerra da Cal, Modelo de Reintegração

*Gladstone Chaves de Melo*

Não vou dizer a galegos cultos quem foi Ernesto Guerra Da Cal. Se me atrevo a duas palavras a respeito dele, é só para tornar patente àqueles que me ouvem ou leiam o grande apreço que tenho por essa figura cimeira, indiscutivelmente uma das mais altas da Galiza de hoje.

Nasceu no Ferrol — lá vão 82 anos — e desde cedo se fez notado nas lides do espírito, assim como, por um tempo, nas campanhas políticas e guerreiras, combatendo, de armas na mão, seu patrício, também nascido no Ferrol dezanove anos antes. Por isso, foi obrigado a exilar-se nos Estados Unidos da América, não sem antes conquistar um Garcia Lorca para a causa galega, do que ficaram, para lembrança e documento, seis poemas encerrados com a «Dança da lua em Santiago»: «(...) É a lua, é a lua / na Quintana dos mortos. / Si, a lua, a lua / coronada de toxos, / que baila, e baila, e baila / na Quintana dos mortos!»

Nos Estados foi professor na famosa Columbia University, de onde começou a irradiar sua justa fama, culminada com a obra magistral e monumental sobre a língua e o estilo de Eça de Queirós.

A par de longa pesquisa e aturado estudo, que o levaram a fazer conferências em mil lugares do mundo ocidental, tem prestado culto às musas, tornando-se poeta de raça. Desde os verdes anos. É simbolista, de um simbolismo actual e surpreendente, mas um cantor da morrinha e da saudade, raramente conformado e tranquilo. Vário e saltitante em ritmos, surpreende e conquista.

Sua língua poética, renovada para os olhos nesta nova edição de *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo* (Nova edição, revista e anotada pelo autor. Associação Galega da Língua, 1991), devida ao zelo apostolar de Maria do Carmo Henríquez Salido — que lhe faz extensa e erudita apresentação — essa língua é que será objecto de algumas considerações neste encontro de hoje.

Não há dúvida que Da Cal, fervoroso adepto da reintegração, construiu de propósito sua mensagem na língua comum do espaço luso-brasílio-africano, pedindo para tal a bênção do patriarca Murguia, «que já recomendou a unificação linguística com Portugal, apontando que nela estava o porvir do nosso

Segue na página II

## Ernesto Guerra da Cal, paladino da Linguagem Galego-Luso-Brasileira

No 4.º Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa, promovido pela Associação Galega da Língua (AGAL) e celebrado ultimamente em Vigo, na Galiza (Espanha), proferiu uma importante conferência o Professor Dr. Gladstone Chaves de Melo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro de várias Academias do Brasil e do estrangeiro, e das nossas Academia das Ciências de Lisboa e Academia Portuguesa de História, antigo Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa (por duas vezes) e uma das figuras máximas da Filologia e Linguística Brasileiras, que tem empenhado grande parte do seu magistério e numerosas publicações a defender a Língua Portuguesa como idioma do seu país. Nessa conferência ocupou-se o sábio Mestre da personalidade ímpar das Letras Galegas actuais que é o galego-americano Professor Dr. Ernesto Guerra da Cal, focando em especial nele o grande poeta e a sua contribuição fundamental para a integração da Língua e Literatura Galegas no espaço comum luso-brasileiro, a que pertence de direito a Galiza, que com Portugal foi matriz inicial do idioma lusíada, que não tem outro nome senão o de *Língua Portuguesa*.

## Roteiro do Fundo Documental da Colegiada de Guimarães

Com este título, a Dr.ª Maria José Meireles acaba de editar um importante estudo que serve não só de instrumento de trabalho para investigadores mas também de alerta para a preservação de tão importante acervo patrimonial instalado em condições que não oferecem quaisquer garantias de conservação e menos ainda de segurança.

Refere a Autora que *tentamos com este trabalho dar uma breve panorâmica da documentação existente, para que a conheçamos, e para que algum dia possa surgir uma História da Real e Insígne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.*

Depois de uma bem elaborada introdução, onde refere a forma como organizou o seu trabalho e dá conta da riqueza patrimonial do Arquivo, oferece ainda uma resenha histórica da *Colegiada de Guimarães* num texto que é coerente com o primeiro porque ambos são marcados por um notável poder de síntese, que em nada prejudica uma informação rica e rigorosa sobre a matéria.

A primeira parte é constituida pelas *Fontes Manuscritas, desenraizadas* do arquivo vimaranense para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e para o Arquivo da Universidade de Coimbra, seguidas de um *Índice Cronológico.*

A segunda parte é preenchida com as *Fontes Impressas (Obras de referência e Monografias),* concluindo o trabalho com o *Índice de Títulos.*

Felicitamos vivamente a Autora por mais este trabalho que atesta bem da capacidade da investigadora, da lúcida persistência e do seu devotado amor a *papéis velhos* que tanto necessitam de quem vele por eles, já que no domínio da investigação histórica ainda está quase tudo por fazer num país que possui tão rico património documental.

# ESTANTE

## ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS

Tendo sido, salvo erro, dos primeiros doutorados portugueses em Sociologia, José Madureira Pinto tem-se progressivamente imposto como um dos nossos mais prestigiosos especialistas da matéria e das Ciências Sociais (de cujos «Cadernos», revista também editada pela Afrontamento, é director). Neste livro — que tem na base trabalhos efectuados em função do seu labor universitário, e pode interessar muito em particular aos estudantes — o autor sublinha uma preocupação primeira: a da introdução às Ciências Sociais «poder contribuir, em termos efectivos, para o enriquecimento da formação, geral e específica, dos futuros economistas», a quem primordialmente se destina.

*José Madureira Pinto*
***PROPOSTAS PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS***
*Edições Afrontamento. 204 págs./2000$00*

## A NOVELÍSTICA DE MANUEL LOPES

Manuel Lopes, nome de primeiríssima linha da ficção cabo-verdiana e do famoso grupo que se congregou em torno da revista Claridade, tema de um estudo que serviu de tese de mestrado à sua autora (como o foi também da dissertação do nosso colaborador António Cândido Franco). As principais obras de M.L., «Chuva Brava» e «Os Flagelados do Vento Leste», são aqui analisadas numa perspectiva estrutural, e o escritor, situado na literatura cabo-verdiana, que «não entronca em linha directa na cultura africana, mas, antes, se organiza em traços autonómicos numa equidistância afro-euro-americana».

*Maria Luísa Baptista*
***VERTENTES DE INSULARIDADE NA NOVELÍSTICA DE MANUEL LOPES***
*Edições Afrontamento. 188 págs./ 1810$00*

## TEXTOS FILOSÓFICOS DE PESSOA

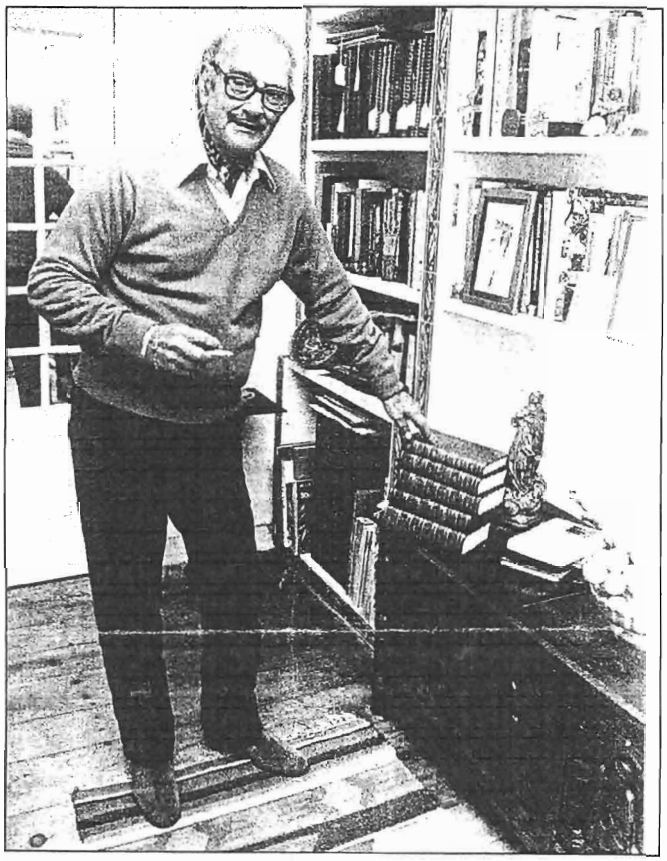
A Ática, a editora «original» de Fernando Pessoa, graças a Luís de Montalvor, lança, nas «Obras Completas» do poeta, o 2.º volume dos seus «Textos Filosóficos», estabelecidos e prefaciados (no 1.º) por António de Pina Coelho. Neste 2.º vol. incluem-se os textos «Perspectivas Cosmológicas», «Superfísico», «Ensaios epistemológicos», «O problema no ético» e «O vencedor do tempo». A finalizar um índice onomástico.

*Fernando Pessoa*
***TEXTOS FILOSÓFICOS (2.º VOL.)***
*Edições Ática. 275 págs./3200$00*

## ERNESTO GUERRA DA CAL

# Evocação e louvor

CARLOS REIS



ERNESTO GUERRA DA CAL

Lembro-me como se fosse hoje do dia em que pela primeira vez que nos encontrámos — e no entanto passaram mais de dez anos. Nesse tempo, Ernesto Guerra da Cal morava na sua casa do Estoril, no primeiro andar de uma sossegada vivenda que ele mesmo reconstruíra e decorara, com o trabalho das suas mãos e também com muito do que fizera ainda a sua vida intelectual, em mais de meio século como professor, investigador e poeta: livros, quadros, gravuras, manuscritos, diplomas, condecorações, rastos de uma memória que Guerra da Cal mantinha desperta e activa, como só o conseguem os homens que viveram a vida como ele a viveu — intensamente e apaixonadamente.

Procurei-o então, porque me chegara um convite formulado por António Alçada Baptista — outro dos seus incontáveis amigos e admiradores —, no sentido de eu me responsabilizar pelo estudo do espólio de Eça de Queirós, depositado na Biblioteca Nacional. Alçada Baptista, nessa altura director do Instituto Português do Livro, ouviu uma indicação de Guerra da Cal e achou por bem encarregar-me dessa tarefa, origem de um livro, **«A Construção da Narrativa Queirosiana»**, depois publicado em co-autoria com a minha querida amiga e colaboradora certa Maria do Rosário Cunha. Um livro que, naturalmente, dedicámos a Ernesto Guerra da Cal.

Quando aceitei essa tarefa, não conhecia ainda pessoalmente Guerra da Cal. Também por isso sensibilizou-me que se tivesse lembrado do jovem assistente universitário que eu era —sensibilizou-me e também, permitam-me confessá-lo, algo me envaideceu, por vir a lembrança de quem vinha. Eu conhecia então Guerra da Cal apenas dos seus trabalhos: um **apenas** que é já dizer bastante, porque esses trabalhos — e em especial os de temática queirosiana, que mais directamente me interessavam — revelavam já muito do que depois, em longas conversas e cartas, pude conhecer de perto: a argúcia do investigador, a vastíssima cultura, a seriedade profissional do *scholar* que se honrava de ser.

Alguns anos antes desse nosso primeiro encontro, em 1970, eu vira e ouvira Guerra da Cal, numa conferência que proferiu na Faculdade de Letras de Coimbra. Assinalava-se então — de forma quase envergonhada, porque nesses tempos cinzentos mais não se consentia — o centenário da Geração de 70. Essa mesma a que o seu nome ficará para sempre ligado, através da devota atenção que consagrou a Eça de Queirós, vulto maior duma plêiade de intelectuais como outra não houve na nossa cultura, tão escassa de personalidades em que o desassombro se caldeie com o talento artístico. Guerra da Cal falou sobre **«A Relíquia»**, obra de Eça que especialmente admirava, e foi escutado por um auditório que, mais do que encher, literalmente desbordava o maior anfiteatro da minha faculdade. Deixem-me dizê-lo: esse era também o tempo em que os estudantes percebiam, por vezes apenas intuitivamente, quando valia a pena e quando não valia a pena ouvir uma conferência. Guerra da Cal **valia a pena**, e por isso o escutámos, percebendo com nitidez que aquela palavra inteligente, vigorosa e serena era bem diferente de outras a que estávamos habituados.

Depois de o conhecer, aí por 1982, rapidamente se fez entre nós uma amizade sólida, devida também à sua generosidade, que era inesgotável. De então para cá, muitas vezes nos encontrámos, não tantas, contudo, como ambos desejávamos. A verdade é que não mais pude dispensar a sua amizade e o seu saber, as suas sugestões estimulantes, o seu incentivo constante. A esse incentivo se deve a empresa a que, depois de estudado o espólio de Eça, me tenho consagrado, juntamente com uma equipa de queirosianos: a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, cujo projecto e primeiros desenvolvimentos muito ficaram a dever ao imenso saber de Guerra da Cal. Um saber feito também da capacidade para o diálogo, para ouvir o outro e as suas razões. Muito bem me lembro de uma tarde em que, juntamente com o Luiz Fagundes Duarte, discutíamos questões relacionadas com a edição crítica d'**«A Capital!»**; Guerra da Cal ouviu uma minha opinião diferente da sua, ponderou os meus argumentos e, aceitando-os, disse apenas: «Touché!» Era assim este homem admirável, galego por nascimento, americano por adopção, português por devoção. Era assim — e **também por isso** fez discípulos. Honro-me de ter sido um deles: e de, parafraseando Eça, para sempre assim me ter conservado na vida.

Nos últimos anos, por razões da sua vida particular que só a ele respeitavam, deixou Portugal. Viveu durante algum tempo em Londres, depois de novo em Nova Iorque, onde passara a maior parte da sua vida profissional. Enfim, já depois de cumpridos os oitenta anos, regressou a Portugal, que era para ele uma segunda pátria — ou talvez uma pátria especial.

Reencontrei-o em Lisboa, no final do ano passado, e pareceu-me, nessa altura, que empalidecera alguma coisa daquela energia que eu tão bem conhecia: a mesma que o fizera combater o franquismo, nos anos da guerra civil espanhola, exilando-se depois nos Estados

Instituto de Língua e Literatura Portuguesas
D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
TEL. 4109900 : FAX - 36733
3049 COIMBRA CODEX - PORTUGAL

07-3T1-39 | Ent.º 4257 | 33303

Coimbra, 8.1.1996

Senhora Professora,

O pedido de colaboração para o volume de homenagem ao Prof. Ernesto Guerra da Cal (pedido formulado em 14 de Abril passado) recebeu a resposta favorável de um número considerável de amigos e admiradores do homenageado, que me enviaram já textos destinados ao referido volume.

Entretanto e por terem sido recebidos diversos pedidos nesse sentido, foi decidido alargar o prazo de recepção das colaborações até ao dia 31 do corrente mês. Venho, pois, solicitar-lhe que, no caso de ainda pretender enviar um texto para publicação, o faça até àquela data, para que o volume possa ser editado até ao final deste ano.

Queira aceitar os meus melhores cumprimentos.

a) Carlos Reis

Fundación Federico García Lorca

Manuel Fernández-Montesinos García, como Secretario de la Fundación Federico García Lorca, mediante la presente,

C E R T I F I C A :

Que Dª. ELSIE ALLEN DA CAL, domiciliada en Lisboa (Portugal), Av. Luis Bivar nº 93, ha hecho donación a la Fundación Federico García Lorca de los siguientes libros:

- **Libro de poemas**. Federico García Lorca. Madrid: Imprenta Maroto. 1921. 299 p.

Con dedicatoria de Federico García Lorca a Ernesto Guerra Da Cal: "A Ernesto. Con un abrazo de Federico. 1921-1931".

Dibujo de un payaso a tinta negra en la pág. 10.

- **Poema del cante jondo**. Federico García Lorca. Madrid: Ediciones Ulises, 1931. 171 p.

Con dedicatoria de FGL, a plumilla en tinta: "A Ernesto. Recuerdo cariñoso de Federico García Lorca. 1921-1931".

Dibujo de una guitarra (nº cat. 269) en tinta negra, en página de portadilla.

- **Canciones (1921-1924)**. Federico García Lorca. Madrid: Revista de Occidente, 2ª edición, 1929.

Con dedicatoria de FGL a plumilla: "Para Ernesto. Recuerdo de Federico García Lorca. 1921-1924-1931".

- **Primer romancero gitano (1924-1927)**. Federico García Lorca. Madrid: Revista de Occidente, 1929. 2ª edición. 149 p.

Con dedicatoria de FGL a plumilla en tinta negra: "A Ernesto. Con la amistad de Federico García Lorca".

Dibujo de unas ramas con limones a tinta negra en página de portadilla.

../..

RESIDENCIA DE ESTUDIANTES • C.S.I.C.
Pinar, 23 28006 MADRID España
Telfs.: 91 563 64 11 y 91 561 57 79 Fax: 91 561 57 79

- **Oda a Walt Whitman.** Federico García Lorca. México: Alcancía, 1933. 11 hojas.

Con dedicatoria de FGL a plumilla tinta negra: "Para Ernesto de su amigo Federico García Lorca".

Dibujo a plumilla en tinta negra de unas ramas con limones y pruebas de lápices de colores.

- **Llanto por Ignacio Sánchez Mejías.** Federico García Lorca. Madrid: Ediciones del Árbol, 1935. 22 páginas.

Con dibujos de José Caballero.

Lo que certifico en Madrid, a quince de Abril de mil novecientos noventa y nueve.

El Secretario:
Manuel Páez Hortelanos García

Concello de Ferrol

Don Leopoldo Moure García, **SECRETARIO XERAL DO EXCMO. CONCELLO DE FERROL.**

C E R T I F I C O : Que o Excmo. Concello Pleno, en sesión celebrada o día 23 de febreiro de 2006, adoptou, entre outros, o seguinte acordo:

17. PROPOSTA DE APROBACIÓN DE DENOMINACIÓN DUNHA RÚA CO NOME DE "ERNESTO GUERRA DA CAL".- Examinada a proposta que eleva o Presidente da Comisión Informativa de Cultura e Campus, que textualmente di: "Con data 17 de febreiro de 2006 a Comisión Informativa de Cultura dictaminou favorablemente nomear unha rúa de nova apertura que discorre paralelamente ó vial "Acceso Norte" dende a glorieta da Estrada de Castela que da entrada ó Polígono da Gándara (Avda de Nicasio Pérez) e ata a rúa río Xubia preto da vía do ferrocarril.= Visto que con data 12 de abril de 2002 a Comisión informativa de Cultura dictaminou favorablemente nomear unha rúa como "Ernesto Guerra da Cal", pendente de atopar unha rúa interesante.= Visto o Regulamento de Honores e Distincións de 1979, o presidente da Comisión informativa de Cultura proponlle ó Concello Pleno que acorde o seguinte:= Nomear como rúa "Ernesto Guerra da Cal" á rúa de nova apertura que discorre dende a glorieta da estrada de Castela e comezo da Avda. Nicasio Pérez, ata a rúa Río Xubia, quedando a numeración impar á marxe esquerda do Acceso Norte e a numeración par á marxe dereita."

A Corporación, en votación ordinaria e por unanimidade dos Sres/as. asistentes, acordou aprobar a proposta transcrita, nos seus propios termos.

E para que conste e ós efectos correspondentes, expídese a presente, de orde e co Visto e Prace do Iltmo. Sr. Alcalde, coa reserva á que fai referencia o artigo 206 do Regulamento de Organización, Funcionamento e Réxime Xurídico das Corporacións Locais, no Pazo Municipal de Ferrol, a 7 de marzo de 2006.

V° e Pr
ALCALDE

ALCALDÍA

Concello de Ferrol
SECRETARÍA

Ferrol acogió un encuentro sobre la vida y la literatura del autor de «Futuro inmemorial»

# Filólogos, historiadores y lingüistas reivindican el legado de Guerra da Cal

*Los especialistas sitúan al investigador entre los grandes intelectuales del siglo XX*

**R. Loureiro**
FERROL

Sostienen los expertos en la obra de Ernesto Guerra da Cal, que aunque parezca una paradoja, lo cierto es que uno de los intelectuales que más trabajó por proyectar la cultura gallega al mundo, sigue siendo, a día de hoy, poco menos que un desconocido para los gallegos. «Si, é así —señalaba ayer en Ferrol el filológo y periodista Joel Gómez—, a pesar de que Guerra da Cal foi a máis importante personalidade científica que deu a Galicia de todo o século XX».

«A verdade é que non contamos —apuntó, además, Joel Gómez— cunha figura comparable á de Ernesto Guerra da Cal, que malia ter traballado en tan diferentes campos, publicou, en relación a todos eles, obras que xa están consideradas como de auténtica referencia».

El Centro Cultural Torrente Ballester acogió ayer, por iniciativa del Ayuntamiento de Ferrol y de la Fundación Carlos Casares, un encuentro dirigido a «chamar a atención» sobre una figura fundamental, «pero aínda pouco coñecida», de las «letras galegas e portuguesas». Y lo hizo coincidiendo con el décimo aniversario de la muerte del intelectual ferrolano y al cumplirse el medio siglo de la publicación del estudio dedicado por Guerra da Cal a Eça de Queiroz, del autor de títulos como *Os Maias* y *O crime do padre Amaro*.

### Frente a la distancia

El profesor de la Universidad de Deusto Xosé Estévez, que en el congreso de ayer analizó la visión que de la realidad gallega tenía Ernesto Guerra, apuntó que el intelectual ferrolano, que ejerció la docencia tanto en Portugal como en los Estados Unidos, «soñaba cunha Galicia liberada, democrática e republicana». Y subrayó, también, hasta qué punto las experiencias acumuladas durante la niñez de Guerra tuvieron una importancia capital en la construcción de su universo poético.

El profesor de la Universidade de Vigo Martinho Montero Santalha lamentaba, por su parte, que una figura de la importancia de Ernesto Guerra da Cal siga sin contar en Galicia con la consideración que merece su trayectoria intelectual y creativa, a la vez que denunciaba el olvido en el que se ha sumido a su poesía. Él lo recuerda, en lo personal, como un hombre a pesar de la lejanía siempre permaneció permanentemente atento a todo cuando sucedía en Galicia.

El catedrático de la Universidade da Coruña Xosé María Dobarro Paz resaltó, en su ponencia, la importancia de la labor llevada a cabo por Guerra da Cal para proyectar internacionalmente la cultura gallega. Una labor —apuntó Dobarro— que comenzó, de forma decisiva, con su aportación, en los años cincuenta, a la historia de la literatura gallega, portuguesa y brasileira coordinada por Jacinto de Prado Coello.

CÉSAR TOIMIL

**Varios de los expertos que participaron en el encuentro, ayer en Ferrol**

**LA FRASE**

*«Guerra da Cal segue a ser unha figura insuficientemente valorada»*

**MARTIÑO MONTERO**
Profesor da Universidad de Vigo

Parking Gratuito
Castellano
Asador Castellano
GRUPO SOUSANTOS
NUESTRA ESPECIALIDAD
* Lechazo y Cochinillo *
Del horno... a la mesa
En su punto... y a Su hora
981 25 07 70
Variedad de Pescados y Nuestra Joya
** BACALAO AL HORNO **
No olvide una llamada y todo en su punto
Encargue su Lechazo o Cochinillo
Para estas Fiestas
Ultima Recogida de Encargos 6 de la Tarde
Gómez Zamalloa 5 - La Coruña (Zona Juan Flórez)
Telf.: 981 25 07 70 Fax: 981 14 84 57

Vivienda Comunitaria
Segundos Padres
Centro 24 Horas para la Tercera Edad
Tel 981 622 321

golfiño
guardería
Abierto todo el año
Tel 981 136 647

Les desean
¡¡¡Felices Fiestas!!!

II encuentro de CINE y TEATRO infantil
María José Jove

exposición
MONICREQUES
25 ANIVERSARIO
del 10 de diciembre
al 15 de enero 2005
ENTRADA LIBRE
Sede de la Fundación María José Jove
abierta de lunes a viernes
de 9:30h. a 14:00h. y de 16:30h. a 20:00h

domingo /26/12/04/ teiteres CUATRO CUENTOS DE CHINA Compañía de Títeres Cachirulo (Santiago de Compostela) Salón de Actos de la Fundación 17:30h
cine HARRY POTTER Y LA PIEDRA FILOSOFAL Salón de Actos de la Fundación 19:00h.
lunes /27/12/04/ teatro y títeres A TODO TRAPO!!! Compañía Pizzicatto (Argentina) Salón de Actos de la Fundación 17:30h.
cine LA ISLA DEL TESORO dibujos animados Salón de Actos de la Fundación 19:00h.
martes /28/12/04/ teatro y títeres HISTORIA DE FORMAS Compañía Plan Teatro (Argentina) Salón de Actos de la Fundación 17:30h.
cine LAS NAVIDADES DE CASPER dibujos animados Salón de Actos de la Fundación 19:00h.
miércoles /29/12/04/ cine POKE MON: la película Salón de Actos de la Fundación 19:00h.
jueves /30/12/04/ títeres CUENTOS DO VENTO ACATARRADO Os monicreques de Kukas (Santiago de Compostela) Salón de Actos de la Fundación 17:00h.
cine SCOO BY-DOO Salón de Actos de la Fundación 19:00h.

entrada libre
aforo limitado
Edificio WorkCenter. C/Galileo Galilei,nº4-A
Polígono de A Grela. 15008 A Coruña
www.fundacionmariajosejove.org
981 160 265

Fundación María José Jove
trabajamos por la infancia

PASTAS EXISTENTES NA HISPANIC SOCIETY OF AMERICA DE NOVA IORQUE COM MATERIAIS DE ERNESTO GUERRA DA CAL DISPONÍVEIS PARA A PESQUISA EM OUTUBRO DE 2006 (Numeração da própria entidade).

1.-S.A. Auto La Sibila Casandra
2.-Copies of tuped canciones in Spanish54 pages papers.
3.-Adams, Mildred
4.-Idem
5.-Albornoz, Aurora de
6.-Idem
7.-Amoroso Lima, Alceu
8.-Idem
9 a 12.-Andrews, Norwood
13 a 21.-Arce de Vázquez, Margot
22-25.-Francisco Ayala
26-27.-Manuel Bandeira
28.-Baroja, Pío
29-30.-Bataillon, Marcel
31-35.-Blanco Amor, Eduardo
36.-Burnshaw, Stanley
37.-Cabral de Melo Neto, João
38-39.-Calmon, Pedro
40.-Câmara Reys, Luís de
41.-Cannabrava, Euryalo
42.-Capdevila, Arturo
43-45.-Carenas, Francisco
46.-Carvalho, Joaquim de Montezuma
47.-Cautel, Raymard
48-53.-Cela, Camilo José
54-55.-Celaya, Gabriel
56-57.-Chasca, Edmund de
58.-Chaves, Castelo Branco
59.-Cidade, Hernâni Antóno
60.-Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, VI
61.-Cömert, Sami
62.-Contribución dos Galegos de America
63.-Correa Calderón, Evaristo
64.-Coutinho, Evaristo
65-66.-Cranell, Eugenio
67-68.-Crespo, Ángel
69.-Cruz Malpique
70.-Cunha, Celso
71.-Cutler, Charles
72-74.-D'Arcos, Joaquim Paço
75-80-Da Cal, Ernesto
81.-Dordick Vieira, Mildred
82.-Ernesto Sábato
83.-Escobal, Pedro
84.-Escudero, Vicente
85.-Ferro, Luís dos Santos

86.-Figueiredo, Fidelino de
87-89.-Figueiredo, Guilherme
90.-Florit, Eugenio
91-92.-Franco Grande, José L.
93.-Gamallo Fierros, Dionisio
94-95.-Gaos, Vicente
96.-García Sabell, Domingo
97.-Giudicelli, Michelle
98-99.-Gomes, Francisco Casado
100.-Gonçalves, António da Silva
101.-Greifa, Rosalinda
102-108.-Gullón, Ricardo
109.-Hampejs, Zdenek
110.-Harrison, John
111-112.-Hedberg, Nils
113.-Hernández, Miguel & Manresa Josefina, Viuda de
114.-Hulet, Claude
115.-Iduarte, Andrés
116.-Institute of International Education
117.-Kasten, Lloyd
118.-Kröll, Heinz
119.-Lacerda, Alberto de
120.-Lacombe, Américo J.
121.-Laguerre, Enrique
122.-Lyra, Heitor
123.-Machado da Rosa, Alberto
124.-Machado, José y Joaquín
125.-Martínez Anido, Ramiro
126.-Martínez Ruiz, José Azorín
127.-Masure, Ralf H.
128.-Matute, Ana María
129.-Medina João
130.-Miguéis, José Rodríguez
131.-Mörner, Magnus
132.-Morris, Anne Marie
133.-Moser, Gerald
134.-Moura, Gilberto
135.-Namora, Fernando
136.-Nequete, Lenine
137.-Nery da Fonseca, Edison
138.-Nucete-Sardi, José
139.-Onís, Federico y Harriet de
140.-Ortega y Gasset, José
414.-Otero Pedrayo, Ramón
142.-Palés, Angélica de
143.-Paz- Andrade, Valentín
144.-Pimpão, A. J. da C.
145.-Piñeiro, Ramón
146.-Portella, Eduardo
147.-Prado Coelho, Jacinto

148.-Press Clipping s.a.
149.-Quintanilla, Luís de
150.-Rees, Mina
151.-Revista Hispánica Moderna
152.-Riego, Francisco Fernández del
153.-Rodrigues Lapa, Manuel
154.-Rossi, Nelson
155.-Sena, Jorge de
156.-Serís, Homero
157-158.-Serrano Plaja, Arturo
159.-Silva Neto, Serafim da
160.-Simões, Hélio
161.-Valle-Inclán, Ramón & Josefina BlancoViuda de
162.-Vallejo, César &Georgette de Viuda
163.-Various.

Encontra-se também no Arquivo da HSA mais outra pasta com o seu "Expediente", em que se conservam cartas endereçadas para a entidade e outros dados respeitantes ao su relacionamento com ela (datas de ingresso e postos desempenhados, algumas propostas, notas a respeito de projectos). E está disponível na sua biblioteca a quase totalidade da produção de Da Cal, mesmo alguns produtos que é difícil encontrar em bibliotecas, v. gr. HFGL (1984) ou a *Cancão dos primeiros 70 anos* (1981) editada em Lisboa por Luís Ferro.

List of DaCal's poems sent to Joel Gómez /Lista de los poemas mandados a Joel y unas cartas 30 de marzo de 2008

1. A fleeting Chord of Thought on our Love
2. A Song Naturally Rhymed while looking at a lock of your hair
3. Amor es algo inconcreto / post card
4. Amor!Amor!Amor!
5. Andante en Verde Maior Para Violino de Coração
6. Cifra de Amor, Número místico
7. Comunión
8. Décimas del Amor Solo
9. Doble Imagen de Gozo
10. En el agudo filo de la noche
11. En el Castillo te espero / post card
12. Eva, Eviterna
13. Eucarittic Onesness
14. Glosa
15. Japanese Haiki-a mirror for my love to see herself
16. Love´s not Time´s Fool / post card
17. Memor Floris
18. Mortal Absence and Silence
19. Multiple Answer to a Simple question about my love for You
20. Our Nuptials
21. Poema Nuestro
22. Prayer of Love by the shore
23. Proclamation of Faith
24. Queja / tu amor que en mi alma vivía/ post card
25. Regusto de tu esencia
26. Sagitaria
27. Sayonara!
28. Sin Título, lleno de mi
29. Sir Hashirim or Song of Songs of my Shulamite
30. Soneto Barroco (Quevedesco y cifrado a unos Ojos Verdes)
31. Soneto Barroco (Quevedesco y cifrado a unos Ojos Verdes) with his drawings
32. Song of Love Eternal with you nude in my lap
33. String Music in the Evening Played en your Hair
34. Sueño Ideal
35. That´s what she was
36. Theory of the Night
37. Tiger, Tiger Burning Bright
38. Trepidation
39. Triste Paloma/post card
40. Untitled Tu sexo es una flor de raro aroma
41. Visitation
42. Your Persian thighs
43. Your Soul

Cartas mostrando que Ernesto quería que yo publicara un día sus poemas

# ANDANTE
# EM
# VERDE MAIOR
# PARA
# VIOLINO E CORAÇÃO

No fundo azar dos teus olhos
sinto que vou me afogar
por ser verde
bem mais verde
que as verdes ondas do mar

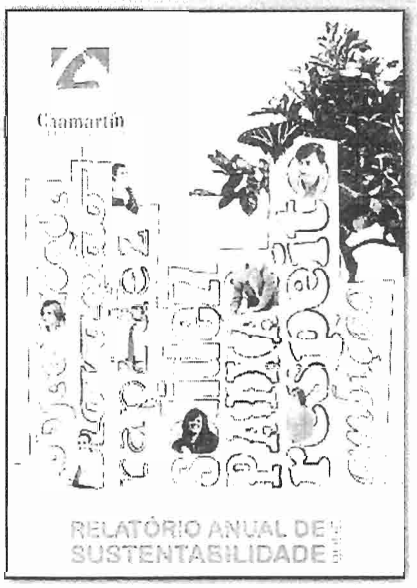
Afundo nas águas verdes
do teu limpo verde olhar
penetrando
o mundo verde
da tua alma
a
verdejar

Teu corpo é verde paisagem
de primavera a brotar
uma flor verde
teu sexo
Teus seios
verdes maçãs

Todo o teu amor é verde
verde de nunca secar
Verde perene
de vida
Verde...
para me matar!

1979

"El futuro nos interesa porque es el lugar donde vamos a pasar el resto de nuestras vidas."




www.dolcevitashopping.eu
DOLCE VITA SHOPPING

CR ReportingAwards

Chamartín

Para conocer mejor la política de sostenibilidad y las prácticas implementadas por Chamartín en sus proyectos, consulte el apartado de sostenibilidad de la empresa en www.Chamartinimobiliaria.com/Sustentabilidade.

Para informaciones detalladas sobre los premios CCRA 2007 consulte el www.corporateregister.com

VIII.-Índice Geral.

Agradecimentos .....I

**I.-Introdução. .....1**
I.1.-Lista de Abreviaturas utilizadas no presente estudo.....6

**II.-Pressupostos metodológicos. .....8**
II.1.-Um campo em movimento, luta e transformação.....8
II.2.-Legitimação e cânone.....11
II.3.-Trajectória e complexidade do campo.....14
II.4.-Fabrico de ideias e intervenção institucional. .....17
II.5.-O estado do campo e o posicionamento de Ernesto Guerra da Cal. .....18
II.6.-O estudo da trajectória de Ernesto Guerra da Cal .....21

**III.-A trajectória de Ernesto Guerra da Cal. .....23**
III.1.-Do nascimento ao exílio. .....24
III.1.1.-Os inícios da vida na Galiza: Ferrol e Quiroga. .....24
III.1.2.-Deslocamento para Madrid. .....30
III.1.2.1.-Actor de teatro e contactos com Federico García Lorca. .....35
III.1.2.2.-Na Guerra de Espanha: Com a República e início da produção literária. .....39
III.1.3.-Chegada a Nova Iorque em 1938. .....42

III.2.-A etapa profissional universitária nos EUA. .....48
III.2.1.-Primeiros trabalhos: Brooklyn College e Columbia University.....49

III.2.2.-A New York University (NYU): Lançamento como produtor nos campos científico e literário (1941-1964) .....52
III.2.2.1.-As produções do Doutoramento.....53
III.2.2.2.-A primeira publicação: reivindicação de materiais para o ensino.....55
III.2.2.3.-Os inicios como queirosianista.....58

III.2.2.4.-Nacionalização, novo nome e avanço profissional nos EUA. Início da polémica dos *Seis Poemas Galegos* de García Lorca, em 1945. .....59

III.2.2.5.-Internacionalização da literatura galega e produção de poesia, em 1946. .....63

III.2.2.6.-Projecção da Literatura Portuguesa no intersistema anglófono, em 1947. .....67

III.2.2.7.-Sucesso pessoal e profissional no final da década: 1948-1950. .....70
III.2.2.7.1.-Explicações a Blanco Amor sobre os *Poemas Galegos* de Lorca. .....75

III.2.2.8.-A promoção profissional em 1951-1953. .....78
III.2.2.8.1.-Colaboração com a *Voz de América*, desde 1952. .....79
III.2.2.8.2.-O contacto com Machado da Rosa, em 1953. .....82

III.2.2.9.- Intervenção no intersistema lusófono: o assalto ao centro do queirosianismo com *Lengua y estilo de Eça de Queirós* (1954)... .....86
III.2.2.9.1.-Fabrico de ideias com introdução de nova metodologia. .....89
III.2.2.9.2.-As repercussões no CEL: primeiras críticas legitimadores no intersistema lusófono. .....94

III.2.2.9.3.-Impacte social e profissional em Nova Iorque como actor e crítico. .....99

III.2.2.10.-Especialização no intersistema hispano e consolidação no lusófono em 1955. .....104
III.2.2.10.1.-Renovando o reportório para o ensino nos EUA: *Literatura del Siglo XX*. .....105
III.2.2.10.1.1-Repercussão no CEL: As revistas hispanistas dos EUA. .....107
III.2.2.10.2.-Consolidação como lusitanista pela receptividade de LEEQ. .....109
III.2.2.10.3.-Actividade política em Nova Iorque: Na celebração do Dia de Galiza. .....115
III.2.2.10.4.-Produção literária própria e do irmão Fernando. .....116

III.2.2.11.-A internacionalização das ideias fabricadas por Da Cal em 1956. .....116
III.2.2.11.1.-LEEQ vinga nos EUA, Espanha, Brasil, Portugal, México e Alemanha. .....116
III.2.2.11.2.-Internacionalização da Galiza: O *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*. .....122
III.2.2.11.3.- Convidado para o primeiro congresso da emigração galega. .....131
III.2.2.11.4.-A projecção pela divulgação na *Voz de América*. .....132

III.2.2.12.-A mediação de Machado da Rosa com a Galiza e com Portugal, em 1957. .....132
III.2.2.12.1.-O contacto com os agentes do galeguismo na Galiza. .....133
III.2.2.12.2.-Firmando a autoridade no Colóquio Luso-Brasileiro de Lisboa. .....139
III.2.2.12.3.-Recepções de LEEQ nos EUA, Galiza, Itália, Checoeslováquia, Brasil e Portugal. .....141
III.2.2.12.4.-Produtos para o intersistema hispánico nos EUA sobre Lorca e Afonso X. .....145

III.2.2.13.-Consagração profissional nos EUA e projecção luso-brasileira (1958). .....147
III.2.2.13.1.-O Junior Year in Spain da NYU. .....148
III.2.2.13.2.-Na The New York Academy of Sciences, na The John Simon Guggenheim Memorial Foundation e na The Hispanic Society of America. .....149
III.2.2.13.3.-O Instituto Brasileiro da NYU: Impacte social, profissional e académico. .....150
III.2.2.13.4.-Reconhecimentos e iniciativas para firmar a autoridade em Portugal. .....155
III.2.2.13.5.-Recepção de LEEQ em Portugal, EUA, Brasil, Checoeslováquia e na Alemanha. .....157
III.2.2.13.6.-Implicação e apoio directo para a cultura galega desde Nova Iorque. .....161
III.2.2.13.7.-Convidado na Universidade de Porto Rico e na Suécia. .....168

III.2.2.14.-Consagração internacional como cientista e reconhecimento no campo literário, em 1959. .....171
III.2.2.14.1.-A projecção do Instituto Brasileiro da NYU no Brasil e nos EUA. .....172
III.2.2.14.2.- Reconhecimentos, apoios, novos aliados e discípulos de Portugal. .....174
III.2.2.14.3.-O sucesso no Brasil como produtor científico e literário. .....179
III.2.2.14.4.-O regresso para os EUA: inícios da crise na NYU. .....187
III.2.2.14.5.-Contactos com a Galiza: Incitador dos *Seis Poemas Galegos* de Lorca, segundo Blanco Amor; e publicação de *Lua de Alén-Mar*. .....188

III.2.2.15.-Crise na NYU, internacionalização como produtor literário, e novos sucessos em Portugal e no Brasil em 1960. .....197
III.2.2.15.1.-Novas oportunidades nos EUA: ingresso na Hispanic Society of America e produtos para os intersistemas lusófono e hispânico. .....198
III.2.2.15.2.-Reconhecimento internacional como poeta galego. .....205

III.2.2.15.3.-Caminho do centro dos estudos queirosianos: No Congresso de Crítica e História Brasileira, com Jean-Paul Sartre. ....217

III.2.2.16.-Promoção nos EUA, e produção no estrangeiro, em 1961....225
III.2.2.16.1.-Cargos na HSA e no Instituto Internacional de Educação. ....226
III.2.2.16.2.-Internacionalização de LAM: EUA, França, Porto Rico. ....226
III.2.2.16.3.-Presença no CL: editado por Cela e traduzido por Celso Emilio Ferreiro. ....228
III.2.2.16.4.-Luta no queirosianismo: Da Cal contra Costa Pimpão e Gaspar Simões. ....230
III.2.2.17.-Capital simbólico em Portugal e reivindicação do galego, em 1962. ....232
III.2.2.17.1.-Na estratégia da organização dos lusitanistas dos EUA. ....233
III.2.2.17.2.-Produções culturais em Nova Iorque. ....233
III.2.2.17.3.-Reconhecido pelos "relevantes serviços prestados à cultura portuguesa". ....235
III.2.2.17.4.-Valorizações da sua produção no intersistema lusófono. ....236
III.2.2.17.5.-Intervenção na cultura galega: em *Vieiros* e projecto com Galaxia. ....237

III.2.2.18.-Envolvido numa dupla estratégia: Um acordo ortográfico para o português e a recuperação do galego, em 1963. ....243
III.2.2.18.1-Trabalho com Galaxia para ultrapassar a situação periférica da língua e a cultura da Galiza. A edição de *Rio de Sonho e Tempo* (RST). ....244
III.2.2.18.2.-Iniciativas para o intersistema lusófono: a necessidade de reformar a ortografia e uma nova revista especializada nos EUA. ....251

III.2.2.19.-Últimas actividades na NYU ....255

III.2.2.20.-Síntese conclusiva ....262

III.2.3.-O período da City University of New York (CUNY): 1964-1977 ....265

III.2.3.1.-Desenvolvimento dos estudos portugueses. ....265

III.2.3.2.-A consolidação na CUNY em 1965. A funcionalidade das revistas ....267
III.2.3.2.1.-Intervenção no CL galego: Apoio a Galaxia para editar Anne Marie Morris. ....271
III.2.3.2.2.-Valorização como produtor literário galego no Brasil. ....273
III.2.3.2.3.-A luta ortográfica na Galiza: *Ken Keirades* contra Da Cal em *Vieiros* ....278
III.2.3.2.4.-Impactes no CEL português: a reivindicação de um "novo Eça". ....280

III.2.3.3.-Progresso na CUNY e capital simbólico em Portugal em 1966. ....284
III.2.2.3.1.-Reorganização da vida pessoal: O casamento com Elsie Allen da Cal. ....285
III.2.3.3.2.- Trabalhando pelo intersistema lusófono nos EUA. ....285
III.2.3.3.3-Capital simbólico com reconhecimentos académicos em Portugal. ....288
III.2.3.3.4.-A projecção de Eça de Queirós no intersistema anglófono. ....289
III.2.3.3.5.-A referencialidade para o intersistema hispânico. ....291
III.2.3.3.6.-Novos produtos literários para a Galiza. ....292

III.2.3.4.-Nova projecção no instersistema lusófono e visita à Galiza, em 1967. ....293
III.2.3.4.1.-A reafirmação do discurso renovador de Da Cal sobre Eça de Queirós. ....294
III.2.3.4.1.1.-Projecção do discurso queirosiano no intersistema anglófono. ....294
III.2.3.4.1.2.-A tradução de LEEQ em Portugal ....296

III.2.3.4.2.-Capital simbólico: Na Academia Internacional da Cultura Portuguesa. ....304
III.2.3.4.3.-Na defesa da implantação do português no ensino secundário dos EUA. ....305
III.2.3.4.4.-Intervenções para o intersistema hispánico. ....307
III.2.3.4.5.-Regresso à Galiza após o exílio. ....309

III.2.3.5.-Renovação da influência nos intersistemas lusófono e hispânico (1968). ....310
III.2.3.5.1.-A tradução de LEEQ reaviva o interesse internacional pelo estudo. ....311
III.2.3.5.2.-Capital simbólico em Portugal e nos EUA. ....316
III.2.3.5.3.-Intervenção no intersistema hispánico: Reedição de *Literatura del Siglo XX*. ....317
III.2.3.5.4.-Reconhecimento como produtor literário em Portugal e na Galiza. ....320
III.2.3.5.5.-Outros contactos e iniciativas no Brasil e em Porto Rico. ....322

III.2.3.6.-A produção queirosiana e literária e a política da língua da Galiza no centro da actividade em 1969. ....323
III.2.3.6.1.-Produtos para a canonicidade de Eça de Queirós. ....324
III.2.3.6.1.1-As traduções como elemento legitimador. ....325
III.2.3.6.1.2.-A reivindicação da nova textualidade de Eça de Queirós. ....327
III.2.3.6.1.3.-O revigoramento do modelo de Da Cal: as traduções de LEEQ. ....328
III.2.3.6.2.-Sucesso como hispanista nos EUA. ....333
III.2.3.6.3.-Internacionalização da produção literária de Da Cal: Espanha, EUA, Brasil. ....334

III.2.3.7.-Assalto ao centro do queirosianismo: O novo discurso de *A Relíquia*, em 1970 ....341
III.2.3.7.1.-Apresentado no Brasil como o maior especialista em Eça de Queirós e em Cervantes. ....343
III.2.3.7.2.-A recepção da tradução de LEEQ no Brasil. ....346
III.2.3.7.3.-O novo discurso queirosiano nos EUA, Angola e Moçambique. ....351
III.2.3.7.4.- Contactos com os campos do poder político e universitário em Portugal. ....360
III.2.3.7.5.-As comemorações da Geração de 70 como estratégia em Portugal. ....361
III.2.3.7.6.-Montezuma de Carvalho, mediador queirosiano e no intersistema hispânico. ....362

III.2.3.8.-A luta pela canonicidade de *A Relíquia* e pelo centro do queirosianismo em Portugal, em 1971. ....364
III.2.3.8.1.-*A Relíquia*: obra maior do Realismo europeu em que Eça adiantou estruturas literárias do século XX. ....365
III.2.3.8.2.-Os novos queirosianistas valorizam metodología de Da Cal. ....377
III.2.3.8.3.-Novos produtos queirosianos: Ultimando a *Bibliografia Queirociana*. ....378
III.2.3.8.4.-Mais duas manifestações de centralidade no CEL do Brasil. ....379
III.2.3.8.5.-A interferência do processo de canonicidade de García Lorca. ....381
III.2.3.8.6.-Reconhecimento pela produção literária em Portugal, Espanha e Galiza. ....383

III.2.3.9.-Sucesso queirosiano em treze países, homenagem nos EUA, e produção literária na Europa e na África, em 1972. ....383
III.2.3.9.1.-*A Relíquia*, LEEQ e a BQ marcam um intenso ano queirosiano. ....385
III.2.3.9.1.1-LEEQ ....385
III.2.3.9.1.2.-*A Relíquia* ....388
III.2.3.9.2.-Produção literária em Portugal, Espanha e Moçambique. ....394
III.2.3.9.3.-A luta ortográfica na Galiza: Rodrigues Lapa apela Da Cal. ....399

III.2.3.10.-Finalização da *Bibliografia Queirociana*, e no centro da luta ortográfica da Galiza, em 1973 ....400
III.2.3.10.1.-Tensões no queirosianismo no tempo da finalização da BQ ....401

III.2.3.10.1.1.-Projectos com os herdeiros de Eça de Queirós. ....402
III.2.3.10.1.2.-Novo episódio da luta com Gaspar Simões. ....404
III.2.3.10.1.3.-A *Bibliografia Queirociana*, nos prelos da Universidade de Coimbra. ....404
III.2.3.10.1.4.-Apoio no Brasil ao estudo sobre *A Relíquia*. ....406
III.2.3.10.1.5.-O sucesso do *Dicionário de Literatura* da editora Figueirinhas. ....407
III.2.3.10.1.6.-Adesões e oposição no CEL. ....407
III.2.3.10.7.-Publicação na UFRJ: Cervantes, centro do cânone da narrativa. ....408
III.2.3.10.7.1.-Da Cal intervém directamente na luta de *A Relíquia*. ....413
III.2.3.10.8.-No centro da polémica sobre a ortografia da língua da Galiza. ....414
III.2.3.10.8.1.-Da Cal insiste na sua posição. ....419

III.2.3.11.-Intensa pesquisa queirosiana e novos aliados na Galiza, em 1974. ....421
III.2.3.11.1.-O duplo interesse científico e profissional na BQ. ....423
III.2.3.11.2.-Aliados e resistências no queirosianismo. ....424
III.2.3.11.3.-Contributo em *Colóquio Letras* como autoridade do CEL. ....426
III.2.3.11.4.-De novo no centro da polémica ortográfica da Galiza. ....427
III.2.3.11.5.-Os SPG de Lorca, emblema para os opositores de Lapa e Da Cal. ....429

III.2.3.12.-Capital simbólico em Portugal, expectativa pelo pós-25 de Abril e o final do franquismo, e projectos para o Brasil em 1975. ....431
III.2.3.12.1.-Eleição na Associação Portuguesa de Escritores e na Academia das Ciências de Lisboa. ....433
III.2.3.12.2.-Preocupação pelo Portugal pós-revolucionário e expectativa perante o final do franquismo. ....434
III.2.3.12.3.-Conselheiro dos herdeiros de Eça de Queirós. ....435
III.2.3.12.4.-Os estudos de Da Cal, alvo dos queirosianistas. ....437
III.2.3.12.5.-Interesses pessoais e profissionais no Brasil. ....438
III.2.3.12.6.-A luta ortográfica na Galiza. ....439

III.2.3.13.-Eça de Queirós e Da Cal no centro do Polissistema: A publicação da Bibliografia Queirociana (BQ) em 1976. ....441
III.2.3.13.1.-A editora da UC vence as dificuldades para a edição da BQ. ....442
III.2.3.13.2.-Nova edição revista e acrescentada do DLPGB. ....449
III.2.3.13.3.-Adesão de Joan Coromines na luta ortográfica da língua da Galiza. ....450

III.2.3.14.-O derradeiro semestre na CUNY. ....452
III.2.3.14.1.-O início da produtividade da BQ. ....452
III.2.3.14.4.-Publicação em *Colóquio Letras* de um poema dedicado a Rodrigues Lapa. ....453
III.2.3.14.5.-Reconhecimentos oficiais pelo Governo de Portugal. ....454

III.2.3.15.-Síntese conclusiva ....455

III.3.-Do aposentamento à morte (1977-1994). ....457

III.3.1-O tempo de residencia no Estoril. ....457
III.3.1.1.-Expectativa entre os queirosianistas e o triunfo da BQ. ....458
III.3.1.1.2.-Reencontro com o passado: o tempo da Guerra de Espanha e García Lorca. ....460
III.3.1.1.3.-Novas tarefas para a HSA de Nova Iorque. ....461
III.3.1.1.4.-Os alicerces das "Normas lingüísticas do galego". ....462

III.3.1.2.-Centralidade lusófona, emergência hispânica e demandas galegas, em 1978 ....463

III.3.1.2.1.- A centralidade queirosiana de Da Cal. .....464
III.3.1.2.2.-Montero Santalha formula a "ortografia galego-portuguesa". .....467
III.3.1.2.3.-Eduardo Blanco-Amor aviva a polémica sobre Lorca e Da Cal. .....468

III.3.1.3.-O campo do poder político frustra projectos queirosianos em Portugal e acalenta a reforma ortográfica na Galiza, em 1979. .....469
III.3.1.3.1.- Os estudos queirosianos: projectos bem-sucedidos e abandonos. .....470
III.3.1.3.2.-A luta ortográfica na Galiza: polémicas e intervenção política. .....473

III.3.1.4.-Louvor pela BQ e internacionalização da luta ortográfica da Galiza, em 1980. .....476
III.3.1.4.1.-O quarto tomo da BQ e outras realizações no CEL. .....478
III.3.1.4.2.-A polémica pelo domínio público da produção queirosiana: As edições de *A Tragédia da Rua das Flores*. .....481
III.3.1.4.3.-A luta ortográfica da Galiza: Projectos e posições na Alemanha e no Brasil. .....481
III.3.1.4.3.1.-A "adaptação" ortográfica de Da Cal por Fernández del Riego. .....484
III.3.1.4.4.-Alonso Montero reclama esclarecimento de Da Cal sobre os SPG .....485

III.3.1.5.-Progressão no CEL em Portugal, e retrocessão na Galiza, em 1981. .....487
III.3.1.5.1.-Eça de Queirós, questão de Estado em Portugal: O estudo do espólio. .....488
III.3.1.5.2.-Tradução "definitiva" de LEEQ e novos contributos no CEL. .....492
III.3.1.5.3.-O instante decisivo da luta ortográfica galega: o Estatuto de Autonomia. .....496
III.3.1.5.4.-Regresso ao CL através de queirosianistas e de nacionalistas galegos. .....498

III.3.1.6.-Novas relações, projectos e interesses em Portugal e na Galiza (1982). .....502
III.3.1.6.1.- Recepções queirosianas em Portugal e na França. .....504
III.3.1.6.2.-Relacionamento com instituições em Portugal e no exterior. .....506
III.3.1.6.3.-Contactos com a Galiza: Intervenções sobre a língua. .....507
III.3.1.6.4.-A actualidade dos SPG: Alonso Montero, Landeira Yrago, Victoria Atencia. .....509

III.3.1.7.-Capital simbólico em Portugal e renuncia à nacionalidade espanhola, em 1983. .....510
III.3.1.7.1.-Premio pelos "mais extensos e profundos estudos estilísticos e bibliográficos sobre Eça de Queirós". .....513
III.3.1.7.2.-Na Bibliografia de Fernando Pessoa. .....518
III.3.1.7.3.-O novo decreto da normativa da língua galega e as suas consequências. .....518
III.3.1.7.4.-Produção literária galega publicada em Portugal e em Madrid. .....521

III.3.1.8.-Conclusão do maior projecto do CEL, e nova estratégia para o CL e para a língua galega, em 1984. .....522
III.3.1.8.1.-O final de um projecto científico: os volumes derradeiros da BQ. .....523
III.3.1.8.2.-Novos instrumentos para avançar no CL: D. C. Warnest. .....527
III.3.1.8.3.-Intervenção directa na luta ortográfica na Galiza: o uso do padrão português. .....531
III.3.1.8.4.-Méndez Ferrín valoriza a poesia de Da Cal: "distinta á de todo texto galego contemporáneo". .....535

III.3.1.9.-Nos centros do Reintegracionismo, do CL e do CEL, em 1985. .....537
III.3.1.9.1.-Intervenção no CL e no Reintegracionismo: *Futuro Imemorial.(Manual de Velhice para principiantes)* (FI). .....539
III.3.1.9.2.-Os autógrafos dos SPG: Da Cal, no centro dos estudos lorquianos. .....543
III.3.1.9.3.-Internacionalização no CEL: Portugal, Brasil, Inglaterra, Galiza. .....553

III.3.1.9.4.-Intervenções no CL e no CEL no centenário de Rosalia de Castro. .....555
III.3.1.9.4.1.-Recepções na Galiza e em Portugal. .....562
III.3.1.9.5.-A recuperação da memória galega através da produção literária. .....563
III.3.1.9.6.-Franco Grande destaca Da Cal na "resistencia cultural" antifranquista. .....564
III.3.1.9.7.-O Acordo Ortográfico da Lusofonia na estratégia da língua da Galiza. .....565
III.3.1.9.8.-O final da doação para a Hispanic Society of America. .....566

III.3.1.10.-Projectos de grupo: a ortografia galega e a edição crítica de Eça (1986). ..568
III.3.1.10.1.-Precursor e centro na Galiza para os defensores do Acordo Ortográfico. .....571
III.3.1.10.2.-No centro do CEL: Da Cal apadrinha a edição crítica da produção de Eça. .....577
III.3.1.10.3.-No centro das comemorações do cinquentenário de García Lorca. .....581
III.3.1.10.4.-A centralidade rosaliana e a internacionalização de APCR .....589
III.3.1.10.5.-Projecção de FI em Portugal, Galiza e Reino Unido. .....593

III.3.1.11.-Mundos paralelos: centralidade e periferia em 1987. .....596
III.3.1.11.1.-A internacionalização do discurso queirosiano. .....597
III.3.1.11.2.-Novas revelações e centralidade sobre García Lorca. .....598
III.3.1.11.3.-Valorizações da produção anterior e novos trabalhos. .....601
III.3.1.11.4.-Decepção pela situação periférica na Galiza. .....604

III.3.1.12.-A consagração como cientista em Portugal, em 1988. .....607
III.3.1.12.1.-Reconhecimento público como cientista pela UC. .....609
III.3.1.12.2.-Novos poemários e outros trabalhos literários. .....614
III.3.1.12.3.-Na estratégia da Comissão Galega pelo Acordo Ortográfico. .....618
III.3.1.12.4.-No centro dos estudios sobre Lorca e Pessoa. .....619

III.3.1.13.-Reconhecimento internacional e deslocação para Londres, em 1989. .....621
III.3.1.13.1.-O Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. .....621
III.3.1.13.2.-Avanços no CEL para a edição crítica da obra de Eça de Queirós. .....626
III.3.1.13.3.-Tradução para espanhol da "Rememoração" de García Lorca. .....628
III.3.1.13.4.-A produção literária: Novo poema dedicado para Rosalia de Castro. .....629
III.3.1.13.5.-A despedida do Estoril. .....630

III.3.1.14.-Síntese conclusiva. .....631

III.3.2.-O périplo final da vida: residências em Londres, Nova Iorque e Lisboa. .....632

III.3.2.1.-Novos produtos de poesia em Andaluzia e na Galiza em 1990. .....632
III.3.2.1.1.-Edição de *Espelho Cego*, em Málaga. .....634

III.3.2.2.-Novos projectos literários em 1991. .....636
III.3.2.2.1.- Participando no campo de luta do reintegracionismo. .....638
III.3.2.2.2.-Produtividade activa e passiva como consequência da amizade. .....641
III.3.2.2.2.1.-Num romance de Vázquez Montalbán. .....643
III.3.2.2.3.-A produtividade dos estudos de Da Cal sobre Eça. .....644

III.3.2.3.-A edição crítica de Eça de Queirós, e a produtividade literária galega em 1992. .....645
III.3.2.3.1.-O triunfo do modelo queirosiano de Da Cal. .....646
III.3.2.3.2.-Intervenção no Campo Literário galego: A reedição de LAM-RST .....651
III.3.2.3.3.-*Coisas e Loisas*, novo produto editado em Málaga. .....656
III.3.2.3.4.-Reconhecimento como crítico em Portugal. .....657

III.3.2.3.5.-Estudo de Claude Poullain sobre APCR, na França. .....657
III.3.2.3.6.-Interesses lorquianos em Portugal e na Andaluzia.....658

III.3.2.4.-O novo tempo de residência para Nova Iorque. .....659
III.3.2.4.1.- A produção literária como centro de actividade vital. .....660
III.3.2.4.2.-O projecto da monografia lorquiana e a nova actualidade dos SPG. .....665
III.3.2.4.3.-A presença permanente de Eça e os estudos queirosianos. .....667
III.3.2.4.4.-Regresso para Lisboa, em Outubro de 1993. .....669

III.3.2.5.-Homenagens da Galiza e derradeiros projectos em Lisboa.....672
III.3.2.5.1.-A centralidade no queirosianismo.....678
III.3.2.5.2.-Derradeiros projectos, no primeiro semestre de 1994.....680
III.3.2.6.-Síntese conclusiva. .....683

III.4.-A morte de Ernesto Guerra da Cal. .....685
III.4.1.-Síntese conclusiva. .....694

IV.-A valorização de Ernesto Guerra da Cal após a sua morte (1994-2008). .....696
IV.1.-Presença nas lutas pela mudança linguística e cultural da Galiza.....698
IV.2.-A consolidação da centralidade no Campo dos Estudos Literários Português ...753
IV.3.-Nos EUA, Espanha, Brasil, Inglaterra, França .....787
IV.4.-Síntese conclusiva .....798

V.-Síntese conclusiva final .....801

VI.-Bibliografias.....816
VI.1.-Bibliografia Metodológica.....817
VI.2.-Bibliografia de Ernesto Guerra da Cal.....820
VI.3.-Bibliobrafia sobre o objecto de estudo .....843

VII.-Apêndices .....981

VIII.-Índice Geral